



*E-book digitalizado e doado por: Michel de Oliveira
Com exclusividade para:*



<http://ebooksgospel.blogspot.com>
www.ebooksgospel.com.br

O Novo Comentário da Bíblia

Editado pelo Prof. F. Davidson, MA, DD

Colaboradores Rev. A. M. Stibbs, MA, DD Rev. E. F. Kevan, MTh

Editado em português pelo Rev. Dr. Russell P. Shedd, MA, BD, PhD

©1953, 1954 de Inter-Varsity Press (Londres, Inglaterra) Título do original:
The New Bible Commentary

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA Caixa Postal 21486, São Paulo, SP. 04698-970

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.). Permitida a reprodução parcial somente em citações breves em obras, críticas ou resenhas, com indicação de fonte.

1a edição: 1963 Reimpressões: 1972, 1976, 1979 2a edição: 1980 Reimpressões: 1983, 1987, 1990 3a edição: 1995 Reimpressão: 1997

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta hora decisiva, na qual os cristãos se vêem envolvidos por tantas e tantas literaturas, cada qual trazendo em seu conteúdo conceitos, doutrinas e ideologias, é-nos grato trazer ao povo brasileiro a presente edição. Este comentário por certo irá preencher uma sensível lacuna no campo da literatura evangélica em língua portuguesa. Devemos considerar que, até agora, não existia nenhum tratado comentado parágrafo por parágrafo todos os livros do Antigo e Novo Testamento. A presente obra permite aos estudiosos e àqueles que desejam caminhar por uma estrada segura, com guia sério, uma fonte de informações e conhecimentos coligidos pelos maiores nomes dentro da literatura evangélica. Escrito originalmente em inglês, traduzido para o japonês, árabe e chinês, e agora para o português, o Novo Comentário da Bíblia já se tornou um "best-seller" mundial, com mais de 100.000 exemplares vendidos! É uma obra que mostrará claramente verdades que muitas vezes estão obscurecidas pela falsa interpretação ou falta de entendimento. É portanto, com muito prazer que colocamos nas mãos do povo brasileiro este comentário iluminante e básico. É nossa oração que Deus use este livro elucidativo para estabelecer centenas de cristãos nas sãs doutrinas da Palavra de Deus. Nesta oportunidade, agradecemos a casa editora, Tyndale Press, de Londres, que tão amavelmente nos concedeu os direitos de publicação na língua portuguesa. Agradecemos, ainda, a valiosa cooperação dos tradutores Dr. Antônio J. Fernandes, Sra. Isabel Freire Messias, Sr. Jorge A. P. Rosa e Sr. João Bentes. Finalmente, expressamos nossa gratidão a todos os que nos ajudaram na árdua tarefa de revisão das provas e preparação dos manuscritos.

Os Editores de EDIÇÕES VIDA NOVA

PREFÁCIO AO NOVO TESTAMENTO

Esta parte do Novo Comentário da Bíblia foi a primeira a ser vertida em português. O pequeno grupo de tradutores e datilógrafos que encetou a obra representa quase todas as denominações do evangelismo brasileiro no Nordeste e Norte do Brasil. Cooperaram na tradução elementos das Igrejas Presbiteriana, Batista, Congregacional, Cristã Evangélica e Anglicana. Seria impossível agradecer o esforço individual de cada um. Entretanto, merecem agradecimentos especiais o Major Jovelino de Carvalho, de Manaus, que datilografou as primeiras páginas deste Comentário a serem traduzidas; o Sr. David Mendonça, do Recife, que não poupou esforços em carregar uma grande parte do serviço; o Rev. João Dias, do Seminário Presbiteriano em Recife; o Rev. Edgar Leitão, pastor e autor evangélico; o Pastor Jorge Macedo, de Natal, de volta da Universidade de Oxford, Inglaterra; e o Dr. Juarez Brasil, de Fortaleza, que ajudou muito na tarefa cansativa de corrigir alguns erros de português. Aos demais cooperadores do Norte e Nordeste brasileiro, região pobre em recursos materiais, mas rica em fé, o nosso sincero agradecimento.

Dionísio Pape Fortaleza, CE

Também não podemos deixar de mencionar o Sr. Wangles Breternitz e esposa que deram sua incansável colaboração na leitura das provas e o Sr. Dionísio Pape pela iniciativa e visão na preparação e tradução. Nossos Agradecimentos e apreço. *Os Editores de* Edições Vida Nova

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO INGLESA

Este Comentário foi produzido para satisfazer uma exigência generalizada entre os estudantes sérios da Bíblia, os quais desejavam um tratamento novo e atualizado do texto que combinasse fé irrestrita em sua inspiração divina, em sua fidelidade histórica essencial e em sua positiva utilidade Cristã com uma erudição sã e cuidadosa. A atenção foi orientada principalmente para o entendimento do texto conforme existente em nossas versões comuns. Conseqüentemente, e por preferência deliberada, tem sido sentido ser desnecessário devotar qualquer extensão considerável de espaço à análise das fontes, ao criticismo arbitrário e às teorias especulativas que de tal modo dominam muitas publicações. Igualmente não tem sido alvo do Editores produzir um volume que contenha extensivas anotações devocionais ou homiléticas. As Santas Escrituras possuem um modo todo especial de aplicar sua própria mensagem aos corações e às consciências dos homens, quando apropriadamente compreendidas. Os Editores e Publicadores se sentem grandemente endividados para com os muitos contribuidores deste volume, que tão espontaneamente nos ofereceram seus serviços. Representam alguns dos elementos de proa da erudição evangélica do presente e, conforme se pode verificar pela Lista de Contribuidores, vieram de uma extensa gama de afiliação eclesiástica. Sua cooperação voluntária para satisfazer os requerimentos um tanto minuciosos de um comentário desta espécie, é reconhecida com profunda gratidão. É natural que tenham diferido entre si no que tange a questões secundárias de interpretação. Por conseguinte, talvez devesse ser salientado que cada contribuidor é responsável somente pelo artigo ou artigos por si assinado, e que não se deve considerar que esteja necessariamente a endossar qualquer coisa que tenha sido escrito alhures. A oração de todos os envolvidos na composição deste comentário é que Deus ponha seu selo de aprovação sobre esta obra, cujo espírito é a lealdade suprema à verdade revelada de Deus. Que sua leitura seja usada pelo Espírito de Deus para ajudar muitos a obterem da Palavra escrita de Deus, uma nova e crescente compreensão sobre os caminhos de Deus e sua vontade para com os homens.

FRANCIS DAVIDSON ALAN M. STIBBS ERNEST F. KEVAN

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO INGLESA

Esta segunda edição do The New Bible Commentary é lançada ao público, pelos editores e publicadores, com agradecido louvor a Deus por suas bênçãos sobre a primeira edição. Os editores querem aproveitar esta oportunidade para se valerem de algumas das críticas construtivas que lhes têm sido enviadas; e um número de pequenas modificações em declarações também foi incorporado. Um novo artigo foi preparado sobre "Revelação e Inspiração". Substituí o que foi escrito pelo falecido Dr. Lamont. Algumas das revisões da primeira edição parece terem sido feitas sem uma clara elucidação quanto ao propósito deste Comentário, pelo que pode ser útil repetir que o alvo desta obra é prestar auxílio na compreensão do conteúdo da Bíblia e não cair em discussões de caráter especulativo da espécie introdutória e crítica. Este Comentário é publicado novamente na confiança que Deus confirmará sua Palavra nos corações daqueles que o lerem.

ALAN M. STIBBS ERNEST F. KEVAN

EXPLICAÇÕES

Os artigos sobre os livros bíblicos contêm, cada qual, uma Introdução e um esboço do conteúdo, bem como o comentário sobre o texto. As notas se baseiam nas secções e parágrafos nos quais se divide naturalmente o texto. Isso torna necessário desconsiderar, certas ocasiões, as divisões escritas por capítulos. O Plano do Livro consiste dos principais títulos empregados na divisão do texto nessas secções, juntamente com os subtítulos usados sempre que necessários. Tais esboços não só ajudarão o estudante a estudar cada livro como um todo, mas servirão de útil índice para o próprio Comentário. Palavras e frases que são o assunto dos comentários aparecem em negrito, seguidas pelo número do versículo entre parênteses. Na tradução portuguesa do comentário foi empregada a Bíblia Sagrada, traduzida em português por João Ferreira de Almeida-Velho Testamento, Edição Revista e Corrigida; Novo Testamento, Revisão Autorizada -da Sociedade Bíblica do Brasil. Essa serviu de base para o Comentário; mas, onde houve variações importantes, foram empregadas outras versões, especialmente inglesas, mas vertidas para o português pelos tradutores. Extratos dessas outras versões aparecem em tipo ordinário, mas dentro de aspas.

Foram empregadas as seguintes abreviações:

Livros do Antigo Testamento: Gn, Êx, Lv, Nm, Dt, Js, Jz, Rt, 1Sm, 2Sm, 1Rs, 2Rs, 1 Cr, 2Cr, Ed, Ne, Et, Jó, Sl, Pv, Ec, Ct, Is, Jr, Lm, Ez, Dn, Os, Jl, Am, Ob, Jn, Mq, Na, Hc, Sf, Ag, Zc e Ml.

Livros do Novo Testamento: Mt, Mc, Lc, Jo, At, Rm, 1Co, 2Co, Gl, Ef, Fp, Cl, 1Ts, 2Ts, 1Tm, 2Tm, Tt, Fm, H, Tg, 1Pe, 2Pe, 1Jo, 2Jo, 3Jo, Jd, Ap.

-A.C. - Antes de Cristo

-ARA - Versão da Bíblia Almeida Revista e Atualizada

-ARC - Versão da Bíblia Almeida Revista e Corrigida

-Aram. - Aramaico

-AV - Authorized Version (1611-ínglês)

- c. - cerca de
- cfr., cf. - compare-se
- conf. - conferir
- cap. - capítulo
- D.C., A.D. - Depois de Cristo
- e segs.(s) - versículo(s) seguinte(s)
- gr. - Grego
- H. A. C. - Hastings' Dictionary of the Apostolic Church
- H. D. B. - Hastings' Dictionary of the Bible
- Heb. - Hebraico
- Her. - Heródoto
- I. B. B. - Imprensa Bíblica Brasileira
- I. C. C. - International Critical Commentary
- I. S. B. E. - International Standard Bible Encyclopaedia
- J. B. L. - Journal of Biblical Literature
- LXX - Versão da Septuaginta
- Moff. - Moffatt's translation of the Bible
- Moff. Comm. - The Moffatt Commentary on the Bible
- Ms(s) - Manuscrito
- n. - nota

-N. T. - Novo Testamento

-pág. - página

-RSV - Revised Standard Version (1952)

-RV - Revised Version (1885)

-Sir. - Versão Siríaca

-S. B. B. - Sociedade Bíblica do Brasil

-Targ. - Targum

-v.g., e.g. - por exemplo

-vers. - versículo(s)

-Vulg. - Versão Vulgata (latina)

-V. T. - Velho Testamento

LISTA DE CONTRIBUIDORES

*Um * após o título de um artigo indica autoria composta.*

J. T. H. ADAMSON, M.A. B.D., Ministro da Scotstoun East Church (Igreja da Escócia), Glasgow. Malaquias.

O. T. ALLIS, D.D., PH.D. Ex-Professor do Antigo Testamento, Westminster Theological Seminary, Filadélfia, EE. UU. Levítico.

BASIL F. C. ATKINSON, M.A., PH.D., Sub-Bibliotecário da Biblioteca da Universidade de Cambridge. O Evangelho de Mateus.

C. R. BEASLEY-MURRAY, M.A., M.TH., PH.D., Instrutor de Linguagem e Literatura do Novo Testamento, Spurgeon's Theological College. A Literatura Apócrifa e Apocalíptica, Ezequiel, Apocalipse.

HUGH J. BLAIR, B.A., Ministro de Ballymoney Church (Igreja Reformada Presbiteriana da Irlanda), Co. Antrim. Josué.

G. W. BROMILEY, M.A., PH.D., LITT., Professor de História Eclesiástica, Fuller Theological Seminary, Pasadena, Califórnia, EE. UU. A Autoridade das Escrituras.

F. F. BRUCE, M.A., D.D., Rylands, Professor de Criticismo Bíblico e Exegese da Universidade de Manchester. A Poesia do Antigo Testamento, A Literatura de Sabedoria do Antigo Testamento*, Os Quatro Evangelhos, Juízes, Atos dos Apóstolos, I e II Tessalonicenses.

JOHN H. S. BURLEIGH, B.LITT., D.D., Reitor do New College e Professor de História Eclesiástica na Universidade de Edinburgo. A Igreja Primitiva.

O. BUSSEY, M.A., PH.D., Ministro da Kent Road St. Vicent Church (Igreja da Escócia), Glasgow. Amós.

W. J. CAMERON, M.A., B.D., Professor de Linguagem e Literatura do Novo Testamento no Free Church College, Edinburgo. A Literatura Profética do Antigo Testamento, Cantares de Salomão.

J. T. CARSON, B.A., Ministro da Trinity Church (Igreja Presbiteriana da Irlanda), Bangor, Co. Down. Joel, Sofonias.

F. CAWLEY, B.A., B.D., PH.D., antigamente Reitor de Spurgeon's Theological College, Londres. Jeremias.

G. N. M COLLINS, B.A., B.D., Ministro da St. Columba's Church (Igreja Livre da Escócia), Edinburgo. Zacarias.

J. CIEMENT CONNELL, M.A., Instrutor de Teologia Bíblica e História Eclesiástica. The London Bible College. Êxodo.

Falecido FRANCIS DAVIDSON, M.A., D.D., ex-professor do Antigo Testamento e da Linguagem e Literatura do Novo Testamento, United Original Secession Church of Scotland e Reitor do Bible Training Institute, Glasgow. A Literatura de Sabedoria do Antigo Testamento*, Romanos*, Filipenses.

Falecido R. J. DRUMMOND, D.D., ex-Ministro da Lothian Road Church (Igreja da Escócia), Edinburgo, I, II e III João*.

H. L. ELLISON, B.D., B.A., antigamente Instrutor de Estudos no Antigo Testamento, The London Bible College. I e II Reis, I e II Crônicas.

G. C. AALDERS, D.THEOL., Professor Emérito do Antigo Testamento na Free University de Amsterdam. A Literatura Histórica do Antigo Testamento.

W. FITCH, M.A., B.D., PH.D., Ministro da Knox Church (Presbiteriana), Toronto, Canadá. Isaías.

A. FRASER, M.A., B.D., Ministro da Kirkhill Church (Igreja da Escócia), Inverness. Miquéias*, Naum.

G. A. HADJANTONIOU, LL.B., M.A., PH.D., Ministro da Segunda Igreja Evangélica Grega, Atenas. Oséias*.

E. S. P. HEAVENOR, M. A., B.D., Ministro da Abbey Church (Igreja da Escócia), North Berwick. Jó.

G. S. HENDRY, M.A., D.D., Professor de Teologia Sistemática no Princeton Theological Seminary. Eclesiastes.

J. ITHEL JONES, M.A., B.D., Reitor e Professor de Doutrina Cristã e Filosofia no Solth Wales Baptist College, Cardiff. Colossenses.

W. A. REES JONES, M.A., B.SC., Cônego de Lincoln, Vigário de North Somercotes, Louth. Provérbios*.

E. F. KEVAN, M.TH., Reitor do London Bible College. Gênesis, Nota sobre as aparições de nosso Senhor Ressurreto.

LESLIE S. M'CAW, M.A., Reitor do All Nations Bible College, Taplow, Maidenhead. Salmos.

A. MACDONALD, M.A., Ministro da Duke Street Church (Igreja Livre da Escócia), Glasgow. Rute, Ester.

J. MCILMOYLE, M.A., Ministro da Dublin Road Church (Igreja Reformada Presbiteriana da Irlanda), Belfast. Ageu.

A. J. MACLEOD, M.A., B.D., Capelão da Igreja da Escócia na Iraq Petroleum Co., Kirkuk. Evangelho de João.

A. MCNAB, M.A., Superintendente da Shankill Road Mission, Belfast. Tiago, I e II Pedro.

Falecido J. MCNICOL, B.A., B.D., D.D., antigamente Reitor do Toronto Bible College. Evangelho de Lucas.

A. A. MCRAE, PH.D., Presidente da Faculdade do Faith Theological Seminary, Filadélfia, EE. UU. Números.

G. T. MANLEY, M. A., Algum tempo Associado do Christ's College, Cambridge. Deuterônômio.

W. G. M MARTIN, B.A., Ministro da First Presbyterian Church (Igreja Presbiteriana da Irlanda), Carrickfergus. Efésios.

LEON MORRIS, B.SC., M.TH., PH.D., Responsável Tyndale House, Cambridge. I, II e III João*.

J. I. PARKER, M.A., Bibliotecário, Latimer House, Oxford. Revelação e Inspiração.

W. C. G. PROCTOR, B.A., B.D., Pároco de Harold's Cross, Dublin; Conferencista Assistente no Dinity School, Trinity College, Dublin. I e II Coríntios.

A. M. RENWICK, M.A., D.D., D.LITT., Professor de História Eclesiástica no Free Church College, Edinburgo. I e II Samuel.

R. ROBERTSON, M.A., Ministro da College Church (Igreja da Escócia), Perthshire. Judas.

T. E. ROBERTSON. M.A., B.D., Reitor da O. S. Mission High School, Seoni, M.P., Índia. Filemon.

D. W. B. ROBINSON, M.A., Vice-Reitor no Moore Theological College, Sydney, Austrália. Obadias, Jonas.

ALEXANDER ROSS, M.A., D.D., Ministro da Burghead Church (Igreja Livre da Escócia); ex-Professor de Exegese do Novo Testamento no Free Church College. Edinburgo. As Epístolas Paulinas. Gálatas.

L. E. H. STEPHENS-HODGE, M.A., Capelão e Instrutor no London College of Divinity. Lamentações, Oséias*, Miquéias*, Habacuque.

A. M. STIBBS, M.A., Vice-Reitor do Oak Hill Theological College, Londres. I e II Timóteo, Tito, Hebreus.

C. E. GRAHAM SWIFT, M.A., Ministro da Wale Street Baptist Church, Cape Town. Evangelho de Marcos.

G. T. THOMSON, M.A., D.D., Professor Emérito de Dogmática Cristã na University of Edinburgh. Romanos.

J. STAFFORD WRIGTH, M.A., Reitor de Tyndale Hall, Bristol. Esdras, Neemias.

ANDREW F. WALLS, M.A., Conferencista em Teologia, Fourah Bay College, Sierra Leone. Provérbios*.

E. J. YOUNG, PH.D., Professor do Antigo Testamento do Westminster Theological Seminary, Filadélfia, EE. UU. Daniel.

I PARTE: INTRODUÇÃO GERAL

A AUTORIDADE DA ESCRITURA

I. O TESTEMUNHO BÍBLICO

Ao pretendermos abordar o assunto da autoridade e da inspiração da Sagrada Escritura, convém não esquecer que é na própria Bíblia que freqüentemente se alude ao fato de se tratar duma mensagem diretamente outorgada por Deus. Vamos, de seguida, aprofundar a questão, não obstante as dificuldades que possam surgir.

Quando se fala da autoridade da Bíblia, poderemos sem mais nem menos apelar para o testemunho da mesma Bíblia, a confirmar a nossa afirmação? Não será demasiado recorrer logo de início a tal argumento com que possivelmente teremos de terminar, supondo a Bíblia "juiz em causa própria"? Não irão porventura julgar-nos a pressupor uma coisa que se pretende explicar?

A primeira resposta leva-nos naturalmente a confessar, que o recurso à Bíblia visa apenas uma informação e não a uma prova cabal. Poderiam ser apresentados argumentos racionais a favor duma autoridade da Escritura, mas em última análise aceitamos a autoridade que se baseia na fé. Mas só a aceitamos enquanto a mesma Bíblia a supõe. Por outras palavras, se a inspiração e a autenticidade do testemunho fizerem parte, -e parte integrante- da revelação, nada obsta a que a Bíblia se nos apresente como regra de fé e de vida. Se assim não for, em vão será a nossa fé no Livro Sagrado; em vão a confiança que depositamos nos seus ensinamentos. Considerando-o, porém, como autêntica Palavra de Deus, a reclamar por si própria uma autoridade decisiva, nada obsta a que nela depositemos toda a confiança, aceitando essa Palavra e a autoridade que ela implica.

Mas, dar-se-á o caso que seja a própria Bíblia a reconhecer essa autoridade? Caso afirmativo, no que implicará essa afirmação? No primeiro caso é tão vasta a resposta, que dificilmente a poderemos abranger. Tanto no Velho como no Novo Testamento, não raro se alude implicitamente a uma autoridade mais que humana e, em muitos passos, até se vislumbram alusões claras e diretas. Diz-se, por exemplo, que Moisés recebeu de Deus não só as tábuas da Lei, mas ainda outras recomendações rituais relativas à manutenção do tabernáculo. É notória a insistência dos profetas em afirmarem que não são autores daquilo que pregam, mas que se trata duma mensagem recebida diretamente de Deus. Jesus Cristo falou com autoridade, porque tinha a

consciência de agir como Filho Eterno de Deus, e não apenas como um pregador vulgar. Os apóstolos não duvidaram da autoridade das suas decisões, quer no que se referia a Cristo, quer no que importava à expansão do Cristianismo sob a orientação do Espírito Santo.

Poderá julgar-se que a maioria destes casos supõe uma autoridade apenas a favor duma mensagem recebida e não dum testemunho escrito, em que a mensagem nos é entregue. É talvez o caso de os profetas ou Jesus Cristo falarem com autoridade divina; mas, por vezes, as suas palavras não chegaram até nós em primeira mão. Essa espécie de inspiração não é, todavia, a mesma que se supõe nos compiladores do testemunho da sua atividade e das suas doutrinas. Nesse caso, não se pode garantir que o conteúdo da Bíblia seja uma exposição literal e perfeita das mensagens que na realidade foram comunicadas.

Contra esta objeção seja-nos lícito afirmar que, sobretudo no Novo Testamento e em referência ao Velho, exige-se uma autoridade definida para os escritos bíblicos. É doutrina que facilmente se depreende dos ensinamentos do próprio Cristo. Recorde-se como peremptoriamente responde ao tentador com o tríplice "está escrito". No Monte da Transfiguração faz ver aos discípulos que está escrito do Filho do Homem ter de sofrer muito e até ser reduzido ao nada. Aos judeus, que se embrenhavam nas Escrituras, lembra-lhes que estas "testemunhavam d'Ele". Logo após a ressurreição e em sessão magna com os discípulos, alude a todos os passos das Escrituras que a Ele faziam referência, "Na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos", insistindo no cumprimento das profecias. Estas e outras afirmações levam-nos à conclusão de que Jesus Cristo aceitou a inspiração e a autoridade da Bíblia, sobretudo quando davam testemunho profético da Sua Morte e Ressurreição. Depreende-se ainda de [#Jo 14.26](#) e [#Jo 16.13](#) que o Senhor prometeu semelhante inspiração no caso do testemunho apostólico, que iria continuar.

Ao lermos os escritos dos apóstolos, de igual modo se verifica que admitiram o testemunho da autoridade divina. Em todos os Evangelhos é dado certo relevo às profecias inspiradas da Obra e da Pessoa de Cristo. Paulo cita com freqüência o Velho Testamento, a cujas profecias recorre para provar aos judeus que Cristo é o verdadeiro Messias. Vejamos como [#2Tm 3.16](#) resume toda a doutrina de Paulo, levando-nos a supor que, tendo em mente o Velho Testamento, considera-o, sem dúvida, inspirado por Deus. Outros escritos dos apóstolos aludem inúmeras vezes ao Velho Testamento, servindo de exemplo frisante 2Pedro seguindo na esteira de 2Timóteo no mesmo testemunho a

favor da inspiração da Bíblia. Em [#2Pe 1.21](#), por exemplo, diz que a palavra da profecia provém do seu autor originário-o Espírito Santo: "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo". Do mesmo Apóstolo em [#2Pe 3.16](#) parece provável uma alusão à autoridade divina das Escrituras, de que nos devemos aproximar com reverência e humildade. Trata-se dum versículo particularmente interessante, pois coloca em paralelo as Epístolas de Paulo com as outras Escrituras, o que significa que os autores apostólicos agiam conscienciosamente ao completarem o Cânon autorizado do Velho Testamento.

Rigorosamente, é certo serem pouco numerosas as alusões diretas à inspiração das Escrituras, e nenhuma se refere com precisão à autoridade de cada um dos livros em particular. Por outro lado, se excetuarmos Esdras, Neemias, Ester, Eclesiastes, Cantares de Salomão, Obadias, Naum e Sofonias, observamos que todos os livros do Velho Testamento são diretamente citados no Novo; e quando se toma em consideração a atitude do Novo Testamento em tais citações, poucas dúvidas nos restam de que expressões como esta: "Assim diz o Senhor", que encontramos na boca dos profetas, eram aplicadas aos testemunhos da atividade profética, assim como às mensagens orais proferidas em determinadas ocasiões. A palavra escrita era tratada como forma categórica e inspirada em que se exprimia e transmitia o conteúdo da revelação divina.

Quando se nos apresentam objeções a este testemunho, convém precisar os seguintes pontos básicos: -Antes de nada mais, queremos frisar que não se trata duma teoria específica acerca da inspiração. De [#Jo 14.26](#) e [#2Pe 1.21](#) fácil é descobriremos uma dupla atividade: a do autor humano dum lado e de outro, a do Espírito que inspira, orienta e dirige. Por certo que ninguém duvida que no fim de contas a supremacia é do Espírito; mas também é de admitir que não se verifica qualquer alteração da personalidade e da individualidade do autor humano. Em seguida, repare-se que a inspiração é considerada pelos escritores do Velho Testamento em atenção, sobretudo, à futura atividade de Deus. O profeta prevê, não há dúvida; mas a última prova da profecia era a exatidão com que a enquadrava no futuro plano divino. Já no Velho Testamento caía em descrédito o profeta que não previa com a devida exatidão, e no Novo, o valor do Velho é precisamente o testemunho profético que se dá de Jesus Cristo. Se é verdade que esse testemunho apóia as prerrogativas messiânicas de Jesus, também é verdade que a obra messiânica de Jesus supõe e exige a autenticidade das profecias do Velho Testamento.

Uma grande porção das citações desta parte da Bíblia relaciona-se com as diferentes formas daquele testemunho profético.

Em terceiro lugar, aceita-se geralmente como autêntico, o trecho histórico do Velho Testamento. Jesus Cristo, por exemplo, alia Moisés à Lei e atribui a Davi o [#Sl 110](#). Os apóstolos aceitaram todos os acontecimentos de vulto do Velho Testamento desde Adão e da queda ([#1Tm 2.13-14](#)) até à travessia do Mar Vermelho ([#1Co 10.1](#)), desde a história de Balaão ([#2Pe 2.16](#)) e da queda de Jericó ([#Hb 11.30](#)) à libertação sob os Juízes ([#Hb 11.32](#)) e aos milagres de Elias ([#Tg 5.17](#)). Em presença de testemunho tão evidente, há quem afirme que Nosso Senhor e os apóstolos nada mais fizeram que limitar-se aos costumes do tempo, servindo-se dos acontecimentos históricos apenas para melhor explicarem a sua doutrina. Não se pode pôr de parte a idéia de que no Novo Testamento a crença na autoridade do Velho implica a aceitação da verdade histórica, religiosa e doutrinal desse Livro Sagrado.

Mas é justo lembrar também, que, se essa aceitação se refere só à intervenção sobrenatural do Deus Onipotente, em parte alguma teremos mais vivo exemplo de tal intervenção do que nos fatos centrais do Evangelho cristão, tais como a Vida, a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo.

Chama-se, por vezes a atenção para a aparente liberdade ou até arbitrariedade do Novo Testamento nas citações que apresenta do Velho. Por um lado, utiliza-se e vulgarmente a edição grega dos Setenta (a Septuaginta), o que não raro implica sérias divergências do texto hebraico massorético. Por outro, os versículos do Velho Testamento referem-se, com freqüência, profeticamente a Cristo, quando uma interpretação atenta lhes dá uma aplicação original completamente diferente. A razão baseia-se no fato de que esta liberdade sugere um conceito de inspiração mais amplo do que aquele que tradicionalmente anda associado à Bíblia e aos seus autores. Lembre-se, todavia, o seguinte: Quanto à Septuaginta é muito provável que em certos casos a tradução grega seja mais pura e fiel ao original do que o texto massorético. Em seguida, o principal objetivo duma tradução não se limita a apresentar equivalências literais, mas sim manter o sentido original. Logo, em presença de diferenças inevitáveis na estrutura lingüística, é possível que uma tradução mais livre seja mais fiel do que a literal. Na Septuaginta os autores do Novo Testamento utilizaram na tradução uma terminologia especial, familiar a uma grande parte dos seus leitores. Finalmente, nalguns casos, o Espírito Santo pode ter-se servido da Septuaginta para apresentar novos aspectos da Verdade divina, ou então dar-lhes uma aplicação mais enfática. Se

necessário for, certamente que não devem ser menosprezados os mais leves pormenores do texto original (cfr. #Gl 3.16).

O problema dos testemunhos proféticos não é menos importante, uma vez que, parece que se alteraram por completo o significado e a aplicação. Com efeito, houve quem lembrasse que, conscienciosa ou inconscienciosamente, os versículos não foram devidamente utilizados na intenção de procurar provas pormenorizadas da profecia do Cristo-Messias. À primeira vista é racional a objeção, já que no seu contexto original muitos dos versículos parecem não ter a mínima referência àquela prerrogativa de Jesus. Mas, embora seja uma compilação de diferentes obras, a Bíblia mantém-se como livro uno e único em que o contexto pode ter um sentido imediato e outro mais amplo. Ultimamente toda a história de Israel se concentra em sua plenitude no único verdadeiro Israelita, podendo-se observar através de toda aquela história os mesmos modelos da atividade divina. Para além da referência aparentemente artificial em #Mt 2 à Raquel do Velho Testamento, fácil é descobrir um movimento de agressão, de morte e de exílio. Este, um exemplo entre muitos. Tomados meramente como textos comprovativos, as citações podem não ser convincentes, mas no contexto mais amplo dos divinos arcanos, põem-nos em presença de tipos e modelos que só encontram a sua plenitude na história de Jesus Cristo.

Cuidado, porém, com a leitura desses textos, para que não se ultrapassem os limites impostos pela realidade. Com respeito a autores e a datas, por exemplo, é uso recorrer-se à tradição oral, quando a Bíblia não se pronuncia. É por vezes surpreendente a extensão do silêncio bíblico! Pouco se sabe acerca da compilação dos livros históricos do Velho Testamento; nada de concreto sobre a data e circunstâncias dalguns livros proféticos, como Malaquias; desconhece-se o autor de muitos salmos e do livro de Jó; não sabemos se foi Paulo o autor da Epístola aos Hebreus; se Lucas escreveu o terceiro Evangelho e os Atos; se o quarto Evangelho pertence ao Apóstolo João, etc. Embora legitimamente se possa inferir a autoria, por exemplo, de Lucas e João, todavia só dos textos nada se depreende. Não se esqueça, porém, da existência duma linha entre o testemunho direto da Bíblia e a evidência segura da tradição. De resto não é difícil identificar a autoridade da Escritura com a das citações históricas, já que são bem diferentes os seus objetivos.

Há ainda a acrescentar, que a Bíblia não cessa de insistir na origem e na autoridade divinas, afirmando claramente que a sua mensagem é de Deus.

Embora através de instrumentos humanos, o autor é apenas o Espírito Santo. Admite-se o sobrenatural tanto nas falas proféticas como nos acontecimentos históricos. Nada há de distinções artificiais entre o conteúdo interior da Palavra de Deus e a sua forma exterior. Ao apresentar-se-nos como a autêntica Palavra de Deus, a Bíblia põe-nos diante dum problema: ou cremos ou não cremos. Se bem que outras dificuldades possam surgir em ulteriores contatos com a Bíblia, o problema básico fica de pé, e por certo que ninguém pode ignorá-lo.

II. A DOCTRINA DOS REFORMADORES

Foi sobre a tese do auto-testemunho da Bíblia que os Reformadores arquitetaram a sua teoria da Sagrada Escritura, precisamente porque antes e acima de tudo a sua teologia era uma teologia de fé-uma teologia revelada. Daí, o ponto de partida: a resposta da fé ao problema da mensagem bíblica, que aceitaram *ipsis verbis* e, em obediência à mesma, procuraram compreender a Bíblia, tal como a Bíblia se compreendia a si própria. Como se viu, o método da Reforma é considerado ilegítimo e fútil por todos os que julgam que a teologia deve assentar em bases puramente racionais. Mas os Reformadores foram teólogos da fé, utilizando apenas a razão em resposta e em obediência à revelação divina. Isto queria dizer que esses teólogos se comprometiam na fé a receber o testemunho da Palavra de Deus, mesmo no que se refere à sua existência e à sua natureza.

Os Reformadores acreditavam, pois, que a Bíblia fora outorgada por Deus, e nessas condições pelo mesmo Deus inspirada, tanto no conteúdo como na forma. Não que dessem qualquer passo fundamental, pois a Igreja da Idade Média seguia o mesmo ponto de vista; mas o certo é que em todas as suas obras, fácil é verificar uma aceitação total da inspiração e da autoridade da Bíblia. É o que se verifica, mesmo no caso de Lutero, assaz livre na utilização dos textos e na crítica de algumas seções individuais. Procura saber-se agora se Lutero era um crítico primitivo ou então o que aceitou, como inspirada, era não a redação da mensagem, mas apenas a mensagem, e nada mais. Diz-se que a opinião de Lutero era dos autênticos Reformadores, mas que pouco a pouco adulteraram-na alguns sucessores legalistas. Contra este modo de ver, porém, é de notar que Lutero freqüentemente exaltava a letra da Escritura e que, na maioria dos casos, a liberdade de crítica se estendia aos livros de cuja canonicidade tivesse sérias dúvidas. Dum modo geral, Lutero não foi além dos seus colegas Reformadores em matéria de assuntos bíblicos.

Apesar da inspiração e da autoridade, a Bíblia era já por si só suficiente em matéria de fé e de conduta. Seria exagero afirmar-se que os Reformadores arvoraram a Bíblia em única autoridade da Igreja; mas pode dizer-se que a consideraram suprema autoridade, da qual derivaram todas as outras autoridades, que por isso lhe estão sujeitas. Como outorgada por Deus, nada lhe é estranho no que respeita à salvação e à vida dos cristãos. Toda a base da doutrina e da crença da Igreja deve assentar num texto bíblico, ou em nítida dedução do mesmo. Os calvinistas foram mais longe, aproveitando-se da Bíblia para a organização do culto da Igreja, coisa que não fizeram os luteranos e os anglicanos, negando autoridade aos livros sagrados em tal matéria, ou seja, admitindo apenas o que não repugnasse às Escrituras.

A razão da insistência em tal supremacia da Bíblia, residia na preocupação em eliminar a doutrina medieval da autoridade da tradição e da Igreja em pé de igualdade com a Sagrada Escritura. Deu-se um outro passo em frente e na mesma direção, ao afirmar-se que a Bíblia tem de ser interpretada somente no sentido literal e não em conformidade com o quádruplo esquema da exegese medieval. Isto não quer dizer que seja impossível introduzir um outro sentido metafórico ou simbólico naquilo que, na realidade, não passa dum metáfora ou dum símbolo. Apenas se pretendia evitar um sentido literal exagerado nas afirmações vulgares da Escritura, a não ser que a própria Bíblia o determinasse expressamente, como por exemplo, interpretando a passagem do Mar Vermelho como uma figura do batismo, ou referindo a Cristo o sacerdócio do Velho Testamento. Permitiam-se comparações e imagens para edificação do espírito, mas não lhes era reconhecida qualquer autoridade em matéria de fé e de prática. Se, porventura, surgissem dificuldades de interpretação, buscar-se-ia uma solução adequada dentro das próprias Escrituras, de maneira que os textos mais obscuros pudessem ser compreendidos à luz de outros de mais fácil interpretação. Por duas razões era de certo relevo esta exegese: primeiro, porque se evitavam muitas confusões originadas pelo esquema medieval, de maneira a tornar possível a criação dum teologia genuinamente bíblica; em segundo lugar, porque eliminavam os intérpretes oficiais da Bíblia, os únicos que sabiam manejar a complicadíssima máquina do esquema quádruplo.

Os Reformadores aceitaram a inspiração e a autoridade de todas as partes da Bíblia canônica, embora a cada uma delas não fosse atribuído o mesmo grau de importância. O fato de se insistir na inspiração de toda a Bíblia canônica, tinha em vista alguns anabatistas, que não admitiam a inspiração de alguns livros do Velho Testamento. Mas os Reformadores depressa

compreenderam que o Velho Testamento é uma parte essencial e importantíssima que dá testemunho de Jesus Cristo e da Verdade que nos salva. Daí o lembrarem que a doutrina moral do Velho Testamento é eternamente válida como expressão da vontade de Deus ao Seu Povo. Os princípios teológicos em que se assentam as relações de Deus com Israel são as mesmas em que se baseiam as Suas relações com os cristãos e com a Igreja Cristã. O Velho e Novo Testamento completam-se: um é a preparação, o outro a realização.

Todas as partes da Bíblia são dotadas de inspiração e de autoridade, - afirmam os Reformadores-mas nem todas do mesmo modo. A legislação mosaica do Levítico não tem o mesmo valor espiritual ou teológico que o Evangelho de João, ou até mesmo o Decálogo. De certo modo a Bíblia, podemos afirmá-lo, é semelhante à Igreja, como o corpo de Cristo. Todos os membros constituem o corpo e pertencem-lhe necessariamente, embora seja diferente a importância de cada um deles. Uns são mais utilizados que outros; uns de maior importância vital que os outros, de maneira a serem indispensáveis à subsistência do corpo. O mesmo se dá com a Bíblia. Embora sejam prejudiciais possíveis alterações, há que concordar que umas partes não são tão indispensáveis como outras. Recebida a mensagem do Evangelho, podemos ser cristãos só com um fragmento da Escritura; mas cristãos perfeitos, completos, totais, só por mercê e graça de Deus.

Surge, todavia, uma dificuldade, ao procurarmos distinguir entre a maior ou menor importância dos diferentes textos, pois algumas considerações meramente subjetivas ameaçam restringir ou talvez falsear a nossa maneira de ver. Tanto Zuínglio como Lutero foram autores de preciosas regras, que não diferem muito entre si: a importância dum texto depende da medida em que serve para aumentar a glória de Deus e revelar e exaltar Jesus Cristo. É por isso, que algumas partes da Bíblia fazem-no mais claramente que outras, em princípio consideradas como textos importantes da Escritura. Em resumo, todo o Livro Sagrado é de certo modo orientado para este duplo fim.

Os Reformadores acentuaram a importância da letra da Bíblia, mas não à custa da soberania do Espírito Santo na aplicação e no uso da sua mensagem. Na opinião dos Reformadores o Espírito Santo não era apenas o autor da Escritura, pois também determinou a aplicação da mesma àquele duplo fim, e deu ao crente uma persuasão interior da autoridade daquela mensagem como verdade revelada. Quanto ao primeiro destes pontos nada há a acrescentar, a não ser o seguinte: enquanto se admite a clareza dum texto

bíblico, de fácil compreensão, portanto, por outro lado, para uma compreensão mais profunda, mais íntima, algo mais é necessário que a simples inteligência racional. Para bem se apreender a Escritura, requer-se aquela luz do Espírito Santo, que é para o indivíduo o complemento indispensável da revelação exterior de Deus.

Alguns teólogos modernos consideraram esta luz como verdadeira inspiração de acordo com a opinião dos Reformadores, ou seja, que a Bíblia é inspirada apenas enquanto o Espírito Santo se serve deste ou daquele texto para iluminar o crente. Mas na mente dos Reformadores parece haver mais de um vestígio que possa identificar a iluminação individual com a inspiração como tal. A Bíblia é um documento inspirado da revelação divina, quer este ou aquele indivíduo receba ou não o seu testemunho. A revelação e a sua manifestação numa forma escrita constituem ações objetivas. A iluminação pelo Espírito Santo é o complemento subjetivo destas ações no íntimo do crente e para a salvação deste. E como é Deus o Espírito Santo que nos dá o documento objetivo, também é Ele que efetua a iluminação subjetiva. Daí que a mensagem e a aplicação da mensagem pertencem ambas a Deus.

O fato de existir aquela iluminação interna é a suprema garantia da autenticidade do documento, quer na doutrina geral, quer no testemunho que apresenta de si próprio. Embora os Reformadores aceitassem a Bíblia pela fé, não desconheciam os problemas racionais que poderiam surgir, se bem que em nada se parecessem com os que atualmente se levantam. Muitas razões podiam já ser apresentadas a comprovar o bom acolhimento dado aos Livros Sagrados. Como Calvino, recorreriam às características que os assinalam como documento inspirado: a dignidade, o estilo literário, a antiguidade, a combinação da profundidade e simplicidade de conceitos, o poder de narração, a exatidão na previsão do futuro, etc.. Mas em última análise a razão profunda e real da crença é aquele conhecimento íntimo da verdade da Escritura, que necessariamente se encontra presente quando o Espírito Santo aplica à alma essa verdade. Quanto ao testemunho pessoal da Bíblia há a acrescentar a garantia íntima do Espírito Santo. Mas aquele argumento é racional apenas para o crente. Por outras palavras, a verdade do testemunho bíblico não pode ser apenas questão de debate intelectual ou acadêmico. É a experiência, é o íntimo de cada um que fala. É a fé, que supõe o Espírito Santo.

E foi assim, ao aceitar a supremacia do Espírito Santo, que os Reformadores se defenderam do literalismo morto e do racionalismo escolástico na sua interpretação das Escrituras, mantendo um alto conceito da

Bíblia e da sua inspiração. É que acreditavam na Bíblia como verdade inspirada, e como a Palavra que o Espírito Santo nos confiou; palavra essa, que merece todo o nosso respeito e obediência. Sempre frisavam que Deus é Autor da Escritura, e a Voz divina que ouvimos, ao lermos os Sagrados Livros. É que a Bíblia é mais que um simples livro acadêmico da verdade divina, um Euclides da Fé Cristã. O texto não é apenas dado por Deus, mas por Deus, seu Autor, é aplicado. Devemos, pois, respeito e obediência à Bíblia, não por ser letra fixa e estática, mas porque, sob a orientação do Espírito Santo, essa letra é a Palavra viva do Deus vivo dirigida não só ao crente individual mas à Igreja em geral.

III. AS TEORIAS MODERNAS

a) O Pensar da Igreja Católica

Há três grandes escolas que hoje se opõem ao que julgamos ser a posição ortodoxa, bíblica e apostólica dos Reformadores em relação à autoridade e à inspiração da Sagrada Escritura. A primeira é a da Igreja Católica, cuja doutrina remonta ao Concílio de Trento (1545-63), e até hoje se mantém quase inalterável, apesar de a podermos considerar atual, já porque é defendida pelos teólogos romanos modernos, já porque parece mais firme que a teoria liberal, e que em princípio não deixa de ser perigosa.

No primeiro caso, da Escritura como regra de fé, os católicos parecem adotar uma posição muito semelhante à ortodoxa, porquanto, para eles a Palavra de Deus é também regra absoluta, indiscutível: não admite interpretações privadas; é diretamente inspirada por Deus; é em absoluto fidedigna, não somente sob o aspecto histórico, mas também doutrinal. Apenas não se discutem os estudos textuais e o seu valor, uma vez que os textos originais corrigem erros de transcrição, apresentam leituras corretas, iluminam passos obscuros e dão força às expressões em uso. A Igreja Católica não aprova a crítica racional ou histórica, considerando-a até aborto da heresia luterana, quando pretende insurgir-se contra a liberdade de interpretação.

Até esta altura não haveria qualquer divergência com os católicos, mas três novas questões se levantaram, em que se evidenciam mais uma vez os erros da Igreja Romana. Em primeiro lugar, os católicos afirmam que na Sagrada Escritura devem ser incluídos os chamados apócrifos. Por conseguinte, os livros que não devem ser incluídos na lista dos inspirados gozam da mesma autoridade em matéria de doutrina que os autênticos livros

canônicos. Mais do que isso, admite-se que Jerônimo consultou os mais antigos e autênticos documentos e é autor duma obra aprovada por séculos de uso-a Vulgata, que passa por único texto autorizado. Conseqüência: qualquer doutrina se pode basear no texto latino, mesmo que não corresponda rigorosamente ao original.

Em segundo lugar, no capítulo da interpretação, os católicos supõem que o texto da Escritura é demasiado obscuro e de difícil compreensão, para o que se requer uma outra autoridade que decida em caso de dúvida. Já no Velho Testamento a Lei era interpretada por Moisés e pelos sacerdotes. Hoje é a Igreja a suprema autoridade em assuntos bíblicos, quer através das declarações formais *ex cathedra* proferidas pelo Papa, quer pelas decisões dos concílios gerais, quer pelas exposições dos Pais da Igreja Primitiva. Em verdade a Bíblia é a autoridade básica, fundamental, mas lado a lado segue outra autoridade interpretativa, a que todos os cristãos têm de submeter-se. Para o católico romano não pode haver recurso à Escritura, lida e interpretada privadamente, mas apenas à Escritura devidamente joeirada pela interpretação oficial. É regra de fé tudo o que a Igreja ler dentro ou fora da Bíblia, mas não a mesma Bíblia.

Em terceiro lugar os católicos não consideram a Bíblia como única regra de fé, pois não chega a tanto o seu conteúdo. Antes da Palavra escrita havia uma Tradição oral. Hoje ainda se admite uma tradição (no que se refere a doutrina e a costumes) derivada diretamente dos apóstolos, e em pé de igualdade com a Bíblia. A autoridade dessa tradição inclui doutrinas universalmente aceitas (por exemplo, a virgindade de Maria), e costumes admitidos e praticados por muitos, como o batismo das crianças; outros, antiquíssimos, embora posteriores aos apóstolos, como o jejum quaresmal; outros, seguidos por muitos doutores e não discutidos por outros, como os ritos do batismo ou o culto das imagens; outros ainda, que foram seguidos pelas Igrejas apostólicas, de que Roma é hoje a única representante, como doutrina da Imaculada Conceição. Isto significa, com efeito, que é posto de parte o recurso à Escritura, já sem autoridade para nada.

Os efeitos perniciosos desta doutrina não deixam de ser evidentes, quer na teoria, quer na prática. E note-se que tal doutrina ainda hoje supõe outros princípios, de efeitos não menos perniciosos. Examinemo-los:

O primeiro refere-se ao texto. Por que atribuir uma autoridade aos livros canônicos e outra aos apócrifos? Qual o texto autêntico? E até onde se pode dizer inspirado? E de que gênero, e qual será o alcance dessa inspiração?

O segundo diz respeito à doutrina. Como poderá definir-se com exatidão a doutrina do Espírito Santo expressa nas Escrituras, de maneira a evitarem-se os perigos do monopólio eclesiástico por um lado, e por outro lado o individualismo fanático? Em que sentido é que se fala de interpretação pública das Escrituras? Até que ponto chegam as exposições, por exemplo, dos Pais da Igreja ou dos Reformadores, que sabemos acompanharam com oração os seus trabalhos e investigações, para os tomarmos em conta na nossa leitura pessoal da Bíblia?

O terceiro princípio relaciona-se com a ordem. Até que ponto se compreende o alcance da Tradição? Estender-se-á não só a assuntos relativos à fé, mas também à ordem e à disciplina? Poderá a vida da Igreja ser modelada exclusivamente por práticas determinadas pela Escritura, de tal modo que se deva excluir tudo o que não vem nelas expresso? Poderá uma Igreja qualquer manter cerimônias e tradições enquanto estiverem de acordo com os princípios da Bíblia e possam ser valiosas para a vida cristã?

Três princípios que não podem ficar sem resposta, se queremos manter a verdadeira doutrina acerca da autoridade da Bíblia. Essa resposta limita-se a mais uma vez frisar o perigo que pode advir da doutrina de Roma, ao admitir apenas uma tradução como Palavra infalível; exposições desnecessárias, consideradas autoridades infalíveis e não guias úteis; e finalmente a necessidade de relacionar os princípios do Cristianismo com o desenvolvimento histórico da Igreja, justificada ou injustificadamente.

b) Teoria do Protestantismo Liberal

Uma segunda doutrina, que também não é ortodoxa, é a do moderno protestantismo histórico e liberal, que nos últimos dois séculos tem ocupado quase exclusivamente as atenções dos defensores da autoridade da Bíblia, em virtude das proporções que tomou a questão. Trata-se dum movimento moderno em todo o sentido, de grande projeção no mundo protestante, não só por parte dos teólogos, mas também dos ministros, que sem dúvida, dão diferentes aspectos ao assunto. Roma ataca e destrói a autoridade da Bíblia, não pelo fato de lhe negar inspiração divina, mas por admitir outra autoridade, que a priva da que lhe é devida. O liberalismo histórico nada sabe destes

métodos sutis de penetração pacífica, pois ataca a Bíblia de frente, ao negar em absoluto a divina natureza da sua autoridade, concedendo apenas uma autoridade limitada e relativa, de caráter meramente humano.

É impossível fazermos aqui uma análise detalhada deste complexo movimento liberal, em que se nos apresentam tão diversas formas de pensar. Apenas nos é possível sublinhar os diferentes pontos que divergem da doutrina ortodoxa, e que podemos reduzir a cinco, representando outras tantas teorias:

1-O Racionalismo que, com o Neologismo alemão, pensou reduzir o Cristianismo revelado ao nível duma religião racional, ou então, como Voltaire, supor a religião de Cristo contrária à razão.

2-O Empirismo ou Historicismo, cujo principal objetivo foi estudar o Cristianismo e todos os seus fenômenos apenas à luz da observação histórica.

3-O Poetismo, com Herder e outros críticos, que vêem na Bíblia um livro de poesia primitiva em que as verdades religiosas, em parte racionais, em parte emocionais, são apresentadas sob uma forma estética.

4-O Pietismo sentimental, com Schleiermacher à frente, a admitir as doutrinas do Cristianismo (incluindo a da Sagrada Escritura) como interpretáveis à luz da experiência sentimental do indivíduo, e não à luz da razão, da história ou da poesia.

5-O Idealismo filosófico, representado por Hegel, que admitiu uma nova interpretação baseada numa filosofia diferente: a filosofia do "eu" pensante.

Isto não significa que não surgissem tendências opostas a estes movimentos, ou que necessariamente fossem seguidos por todos os teólogos liberais; mas, dum modo geral, e admitindo as diferentes divergências, são estes os movimentos que no seu conjunto constituem a oposição liberal à doutrina ortodoxa sobre a autoridade da Bíblia.

Em que consiste, pois, essa oposição? Primeiramente na negação da Divindade transcendente e dos atos sobrenaturais de Deus, o que quer dizer que a Bíblia deve ser interpretada como razão, história, poesia, religião, mas não como Palavra de Deus. A Bíblia é reduzida à condição de simples livro de caráter humano, embora fora do vulgar, mas não superior a qualquer outro

livro. Como tal, a Bíblia deve ser estudada à luz de outros livros de religião, de poesia, de história ou mesmo da verdade racional. Inspirada? Sim, mas do mesmo modo que o são todos os outros livros, pelo Deus imanente em todas as coisas. Como tudo o que é humano a Bíblia está sujeita a erro; portanto não pode ser apreciada como mensagem divina, como Palavra da salvação, mas apenas como obra da inteligência humana. Ao investigá-la, interessam mais as questões da autoria, da data, das circunstâncias, do estilo, do desenvolvimento do pensamento, que a questão fundamental, a do conteúdo da revelação do Criador, Nosso Senhor e Salvador.

A oposição do humanismo liberal à doutrina ortodoxa da Bíblia, consiste ainda na compreensão da Bíblia dentro do esquema do progresso humano, embora este na atualidade seja contrário aos ensinamentos da própria Escritura. Não podemos analisar agora convenientemente os importantes aspectos da doutrina do progresso, embora considerados como opostos à mensagem revelada da Bíblia. Queremos, no entanto, frisar que, em conformidade com esta doutrina, o pensamento da Bíblia e a história que o registra, bem como a cultura que representa baseiam-se num ponto de vista meramente humano e geraram um esquema universal humanista.

São de registrar pelo menos duas graves conseqüências originadas nesta doutrina. Primeiramente implica a negação da história da Bíblia, tal como ela no-la apresenta; porque infelizmente não condiz com a interpretação evolutiva. Os fatos devem ser selecionados das supostas alterações ou adições da fantasia religiosa, de maneira a formarem um novo esquema. Em segundo lugar, supõe que a mensagem bíblica tem de sofrer as alterações necessárias, para que se verifique um nítido progresso do pensamento religioso. Mesmo que se concordasse, como muitos, que nos ensinamentos de Jesus Cristo se atingiu o mais alto nível do pensamento religioso, esses ensinamentos fazem ainda parte desse mesmo desenvolvimento dos instintos e das faculdades religiosas da raça, e a Bíblia não tem outra autoridade, senão a maior autoridade humana em matéria de religião até hoje. Veremos que este modo de ver faz parte do repúdio solene de um Deus transcendente e de uma transcendente Palavra de Deus.

A oposição do humanismo liberal consta ainda do subjetivismo individual, que se opõe ao objetivismo da doutrina ortodoxa da Palavra de Deus. A autoridade externa que se rejeita passa a ser substituída pela autoridade interna do pensamento e da experiência de cada um. Aqui a razão, acolá o sentimento, tudo na mira de usurpar o lugar de Deus. O pensamento e

a experiência podem ter valor, é certo, não por se relacionar com um modelo externo da verdade divina, mas por ser individual, e a manifestação do espírito divino imanente e operando através de todas as coisas. O pensar e o sentir dos que se dedicam aos estudos bíblicos têm certamente o mesmo valor, valor este que pode variar em função da capacidade desses estudiosos, mas que não passa de manifestação mais ou menos comum a todos eles. Isto supõe que não somente se rejeita a autoridade básica da Bíblia, mas admite que o indivíduo se pode constituir em lei em matéria religiosa. Deus é destronado em favor da humanidade, que passa a reinar como soberana, e, na prática, essa humanidade tem ainda menos valor que o indivíduo, ou até que o pensar e o sentir de cada um.

É esta a oposição; e, em face desta poderosa heresia adentro da Cristandade protestante, é evidente que urge pensar em algo de mais sério e mais definido em matéria de tão transcendente alcance. Haveria, pois, a considerar: a questão da revelação e da autoridade, como absolutas; a mesma questão, mas relacionada com a história, com Israel, com Jesus Cristo, com a própria Bíblia, como obra literária; ainda a questão da revelação nas suas relações com o mundo religioso, ou então com a chamada religião natural; a questão, não menos importante, da inspiração da Bíblia, relacionada depois com a inspiração poética vulgar; e finalmente, a questão da ação especial do Espírito de Deus comparada com a ação geral nas obras que podem ser consideradas como produto da graça comum.

Tais eram as matérias tratadas outrora. Hoje, porém, a nova oposição, sem pensar em abandonar ou modificar as velhas doutrinas, deu-lhe nova feição, mais cuidadosa, mais refinada. Mas, enquanto rejeitamos, em princípio, as doutrinas liberais sobre a Bíblia, urge enfrentar as conseqüências. Então não haverá algo de mais que história ou literatura na sublime mensagem evangélica? A Bíblia é acima de tudo o Livro de Deus, tal como Jesus Cristo é acima de tudo Filho de Deus. Mas a Bíblia é, no entanto, também um livro humano, o livro de Deus escrito para os homens, para o mundo, assim como Jesus é o Filho do Homem, a Palavra encarnada. Naturalmente, quem aceitar a autoridade da Bíblia como Palavra de Deus, não se limitará a estudar a História do Mundo através da mensagem revelada, mas acaso não poderá investigar o fundo histórico com a finalidade de obter uma melhor compreensão dessa mensagem? Não haverá possibilidade de se admitir uma crítica sincera e reverente, construtiva (e não destrutiva), mesmo quando incompreensivelmente se lhe opõe a crítica racionalista?

c) A Teologia de Carlos Barth

A terceira teoria, que também não nos parece ortodoxa, e que nos últimos anos se insurgiu contra o humanismo contemporâneo, está baseada na teologia de Carlos Barth, ou pelo menos nos comentários dos seus discípulos. Não é fácil pronunciarmo-nos definitivamente quanto à doutrina do famoso teólogo, não só porque se trata duma teologia que ainda não ganhou raízes, mas ainda porque é demasiado cedo para emitir uma opinião verdadeiramente imparcial. Além disso, em muitos aspectos de vital importância, sente-se uma falta de coesão entre os sequazes da doutrina de Barth. Quanto à possibilidade de esta se poder harmonizar com a doutrina tradicional, sem falar na maneira de a apresentar, é assunto que por agora não nos interessa; mas, se a virmos a tomar um rumo diferente da doutrina ortodoxa, convém estudá-la o melhor possível.

Muitos dos aspectos reais ou prováveis que apresentam divergências entre a doutrina de Barth sobre a autoridade da Bíblia e a que foi sugerida pelos Reformadores, têm sido focados por autores ortodoxos, que os comentaram devidamente. Vamos resumi-los, também.

O primeiro refere-se à revelação da Escritura ou à Bíblia como livro. A grande preocupação de Barth consiste em frisar que a Bíblia é um livro humano, como outro qualquer, se considerado apenas na sua forma externa. Daí a falibilidade que podemos admitir nas suas afirmações. Deus não é o Seu autor no sentido de determinar cada uma das suas palavras, frases ou expressões. Daí o admitirmos erros históricos ou científicos. Objetivamente, não é a verdade que a Bíblia nos apresenta, pois não a pode transmitir ao espírito humano fora do ato divino de revelar.

A Bíblia é, na realidade, a única base em que Deus opera na revelação, o que deve ser considerado como um paradoxo da graça. Barth não discute nem desaprova uma Palavra de Deus objetiva, mas tende a desacreditar essa Palavra, vendo nela uma obra humana imperfeita, desproporcionada, paradoxalmente e até talvez arbitrariamente escolhida para a revelação, e não um instrumento preparado expressamente para esse fim.

Deve admitir-se, que já nos nossos dias estas e outras doutrinas têm sido difundidas, quer por causa do receio dum culto da forma externa da Bíblia à custa do conteúdo interno, quer porque muitos liberais julgaram que nestas condições se poderia regressar a uma fé autoritária sem o sacrifício das suas

decisões críticas "asseguradas". Se tais considerações são ou não resultado do pensamento real de Barth, é assunto que de momento não nos interessa, e podemos, sem dúvida, segui-lo em muitos outros capítulos sem menosprezar a forma externa da revelação.

O segundo grupo de possíveis erros refere-se ao conteúdo da Bíblia, mas da Bíblia como revelação divina. O primeiro, supõe a Bíblia inspirada, apenas enquanto o Espírito Santo a aplica à alma do crente, iluminando-a. Ora, aqui confunde-se inspiração com iluminação, fazendo supor que a Bíblia é apenas inspirada quando o Espírito Santo através dela se dirige a cada um de nós. A revelação é, pois, uma ação divina, e não um produto da mesma, como revelação que aos homens foi dada. Barth distingue ainda revelação de possibilidade de revelação, e inspiração verbal de possibilidade de inspiração. Ora, só no primeiro caso estaria de acordo com a doutrina dos Reformadores. Admitir-se-iam, no entanto, tais distinções, se supuséssemos que não é possível a Palavra de Deus sem a aplicarmos à alma do crente. Doutro modo é perigoso ir mais além, pois poderia julgar-se que a autoridade da Bíblia se baseia no "eu" individual, ou seja, na experiência íntima, e não numa lei externa. Sendo assim, ao insistir-se nos acontecimentos históricos em que se apoia o Cristianismo e ainda na transcendência de Deus, em última análise iríamos só admitir uma fé que depende da experiência subjetiva, e com a autonomia substancial do "eu" do indivíduo. Há ainda o perigo de autênticos paradoxos degenerarem em completos absurdos. Pois não só é um paradoxo supor-se que a verdade eterna é revelada em acontecimentos temporais e em testemunhos através dum livro humano, como é um absurdo dizer-se que a verdade é revelada através daquilo que é errôneo.

As questões levantadas por esta teologia são, sem dúvida, de vital importância no capítulo da autoridade da Sagrada Escritura. São mesmo o ponto culminante do problema. Barth prestou relevantes serviços ao mostrar que são insuficientes as categorias duma ortodoxia morta, em oposição a uma ortodoxia viva. Um objetivismo abstrato ou uma concepção mecânica da revelação estão tão longe da verdade por um lado, como do outro se encontra um subjetivismo puro ou uma teoria naturalista da revelação. É por isso, que o último problema é o da revelação relacionada com a história, por um lado, e por outro, com o crente individual. Poderemos pensar que a Bíblia é fidedigna apenas porque é possível demonstrar a sua fidelidade histórica? Que a autoridade bíblica depende do fato de conhecermos a verdade da sua mensagem através do Espírito Santo? Que não nos será possível procurar a autoridade da Bíblia na relação duma forma perfeita (a Palavra, em sentido

objetivo) e dum conteúdo perfeito (a Palavra aplicada subjetivamente pelo Espírito Santo), a forma a sustentar o conteúdo, e o conteúdo não aplicado senão através da forma?

IV. UMA COMPARAÇÃO COM A ENCARNAÇÃO

Concluindo, poderá afirmar-se, que uma verdadeira doutrina da história e da revelação da Bíblia somente será formulada, quando o problema for estudado à luz duma comparação com a encarnação. Na Palavra revelada-Cristo-há dois aspectos: o divino e o humano; a revelação e a história, que, no entanto formam um só, sendo distintos. Assim, com a Palavra escrita, que é o testemunho de Cristo. Não basta negar o divino, para se considerar um homem aqui e um livro acolá. Mas também não basta ignorar o humano, para se ver aqui um Deus, acolá um oráculo. É um autêntico paradoxo o admitirmos o homem Jesus como Filho de Deus; mas graças ao Espírito Santo a fé não hesita em admiti-lo. Do mesmo modo é um paradoxo o aceitarmos a Bíblia como revelação de Deus, já que a fé no-lo confirma, baseada no Espírito Santo. São aspectos que se completam um ao outro. Todavia não se deve exagerar, nem forçar a comparação, pois Jesus é Deus, o Criador em pessoa, enquanto que a Bíblia, apesar do seu extraordinário valor, não passa de criatura, que dá testemunho desse Deus. Se virmos a questão por este prisma, à luz da encarnação, é fácil que alcancemos uma maior compreensão a que é ortodoxa e que salvaguarda a autoridade e a integridade das Escrituras, não só quanto ao seu conteúdo, mas também quanto à sua forma histórica.

[G. W. Bromiley.](#)

REVELAÇÃO E INSPIRAÇÃO

A teologia cristã, como a Bíblia a apresenta, é uma unidade orgânica; e, como tal, deverá ser estudada, atendendo-se ao todo, e não a cada uma das partes em separado. Nenhuma doutrina poderá ser convenientemente estudada e aprofundada, sem a enquadrar-mos no sistema geral a que pertence. O nosso objetivo é, pois, tratar da revelação e da inspiração, de acordo com a doutrina bíblica. É necessário, no entanto, começarmos por distinguir esta doutrina das restantes verdades do Cristianismo. A doutrina da inspiração bíblica é, como veremos, uma parte da doutrina geral da revelação que, por sua vez, se baseia nas doutrinas fundamentais da criação e da redenção. Nas páginas que se seguem serão expostas estas diferentes relações, de maneira a compreendermos melhor a doutrina que se pretende inculcar.

I. A REVELAÇÃO

A palavra "revelação" pode ser tomada em dois sentidos: ativo e passivo. No primeiro caso significa a atividade de Deus, enquanto se dá a conhecer aos homens; no segundo, o conhecimento que lhes é comunicado. A idéia bíblica de revelação deve partir duma indução da evidência, para o que julgamos bastarão as páginas que se vão seguir.

a) O Velho Testamento

É freqüente o Velho Testamento afirmar que a existência e a história de Israel, como nação, e a sua religião como a Igreja, foram o resultado evidente da revelação divina. Deus revelou-Se na aliança efetuada com Abraão como seu Deus, comprometendo-Se a continuar essa aliança com a sua descendência (#Gn 17). Foi assim que os conduziu do cativo para a Terra Prometida, transformando-os num povo que passou a servi-Lo (#Êx 6.2-8; #Êx 19.3-6; #Sl 105.43-45). Deu-lhes a Sua "Lei" (*torah*, lit. "instrução"), e ensinou-lhes como deviam prestar-Lhe culto. Levantou uma série de intérpretes para lhes anunciarem "a Palavra do Senhor". Vezes sem conta e em momentos decisivos da sua história, esse Deus demonstrou o completo domínio que possuía das circunstâncias, revelando o que por eles iria fazer antes do acontecimento (cfr. #Is 48.3-7).

Israel tinha a consciência de ser o único povo a travar tais relações com Deus (#Sl 147.19-20), para quem a religião significava precisamente o conhecimento de Jeová, e supunha a revelação do Mesmo na aliança que

fizera. A não ser assim, os gentios cairiam na idolatria. A religião revelada de Israel iria reparar as blasfêmias proferidas por outra religião qualquer. Por isso, quando Deus Se manifestou a outras nações, com quem não tinha efetuado qualquer aliança, foi exclusivamente para os julgar pelos seus pecados (#Êx 7.5; #Ez 25.11,17; #Ez 28.22-24).

O que o Velho Testamento supõe da Sua revelação é que não a considera total, perfeita, mas apenas preparatória para algo de maior. Os profetas anteviam aquele dia em que Deus iria revelar-Se de maneira mais prodigiosa com o aparecimento do Messias, que iria reunir o povo disperso e estabelecer o Seu reino entre os novos habitantes desse reino. Os céus e a terra renovar-se-iam (#Is 45.17-25); seria transformada a religião de Israel; enfim, todas as nações veriam e compreenderiam a glória de Deus em Israel (#Is 40.1-4; #Ez 36.23). É o que dá a entender o fecho do Velho Testamento (#Mt 4).

b) O Novo Testamento

Os escritores do Novo Testamento estavam convencidos de que só em Cristo se encontrava o significado da história judaica e do Velho Testamento. Por outras palavras, que o desenrolar dos acontecimentos em Israel, desde o seu início e através de todos os tempos, bem como a composição do Velho Testamento foram orientados por Deus, tendo em vista a encarnação. As deduções desta doutrina levaram, naturalmente, à idéia teológica fundamental pela qual se entende a revelação. A idéia é esta: Deus, Criador Onipotente, que "faz todas as coisas segundo o conselho da Sua vontade" (#Ef 1.11), previu a queda do gênero humano pelo pecado. Determinou, então, glorificar-Se através da Igreja; e, para isso, designou Seu Filho, que iria salvá-la, na qualidade de Ministro e Medianeiro de Deus. A história do mundo foi, e será sempre, nada mais nada menos que a execução do Plano divino, infalível sem dúvida, nos seus objetivos. Desde que o Filho de Deus apareceu para instaurar o Seu reino messiânico, foi enviado por Deus o Espírito Santo cuja missão no mundo era não só completar a revelação já começada na terra, em conformidade com os desígnios divinos, mas também, através da fé, conduzir o Seu povo à salvação prometida. A revelação do Plano de Deus era, pois, completada pelo Espírito, que o deu a conhecer aos apóstolos. Mas a plena execução só em Cristo se realizará com o Seu "aparecimento" (*parousia*), quando a Igreja obtiver a sua perfeição.

Esta é, a traços largos, a doutrina do Novo Testamento acerca da revelação. Embora mais explícita nas Epístolas Paulinas (cfr. #Rm 8.28-39; #Ef 1.3-14; etc.) e no Evangelho de S. João (cfr. #Jo 6.37-45; #Jo 10.14-18; #Jo 10.27-29; #Jo 16.7-15; 17), não é difícil notá-la mais ou menos em todos os livros, podendo ser reduzidos a três classes os principais textos que a eles aludem.

1. TEXTOS REFERENTES À PESSOA DE CRISTO-O Filho é a imagem do Pai (#2Co 4.4; #Cl 1.15; #Hb 1.3), sendo assim a perfeita revelação do Pai aos que têm olhos para ver (#Jo 1.18; #Jo 14.7-11). Toda a "plenitude" de Deus habita no Filho encarnado (#Cl 1.19; #Cl 2.9). Todos aqueles que compreendem o significado da vida e morte de Cristo, reconhecerão os desígnios ou "a sabedoria" de Deus relativos à salvação da Igreja (#Cl 2.2-3; #1Co 1.24; #1Co 2.7-10). Ninguém pode compreender a revelação sem uma luz espiritual vinda do alto (#Jo 3.3-12; #Jo 6.44-45; #Mt 16.17; #Gl 1.16).

2. TEXTOS REFERENTES AO PLANO DIVINO-O Plano divino para a salvação do Seu Povo escolhido, tanto judeu como gentio, era "o mistério", a divina "sabedoria", que Deus concebeu antes da criação, mas conservou oculta até ao tempo dos apóstolos. Só então veio a lume o verdadeiro significado da eleição e da história de Israel, e bem assim da revelação do Velho Testamento. A finalidade de Deus foi sempre, não a salvação de uma das muitas nações do mundo, mas a criação duma nova nação, cujos membros seriam recrutados de todas as outras, e passariam por um novo nascimento espiritual (cfr. #1Pe 2.9-10). Os regenerados seriam glorificados, tal como o seu Chefe ("as primícias" do novo povo, #1Co 15.20,23), de sorte que, ao chegar ao Céu no Seu corpo glorioso, fosse um penhor e uma garantia para os que um dia partilhassem com Ele dessa glória. Várias vezes Paulo alude à revelação deste mistério (#Ef 1.8-12; #Ef 3.3-11; #1Co 2.7-10; #Rm 16.25-26; #Rm 11.25-36; #2Tm 1.9-11). A fonte desta revelação é Deus; o Mediador, Cristo (#Gl 1.12; #Ap 1.1); o veio de transmissão, o Espírito Santo (#1Co 2.10-12; #2Co 3.15-18; #2Co 4.6; #Ef 3.5). Para que pudesse ser transmitido intato à Igreja, o Espírito inspirou as palavras do testemunho apostólico (#1Co 2.13), tal como inspirou as palavras de Cristo (#Jo 3.34; #Jo 12.48-50), de maneira a formarem um "corpo de doutrina" (typos; lit. "modelo" #Rm 6.17; #2Tm 1.13). Esta é, sem dúvida, a "sã doutrina" (#1Tm 1.10; 6.3; #2Tm 4.3; #Tt 1.9; #Tt 2.1), a "tradição" apostólica (#2Ts 2.15; #2Ts 3.6), a orientadora da fé e a vida das Igrejas.

3. TEXTOS REFERENTES À EXECUÇÃO DO PLANO DIVINO-Deus manifesta os Seus desígnios através de palavras e de ações; e cada uma destas

ações, que marca um passo além no Seu Plano da história redentora pode chamar-se, apropriadamente, uma "revelação". O Novo Testamento conhece duas revelações deste gênero, que devem ainda realizar-se: a aparição do anticristo (#2Ts 2.3-8) e a **parousia** de Jesus (#1Co 1.7; #2Ts 1.7-10; #1Pe 1.7,13). Esta última encerra a história e precede o dia do Juízo Final. Cristo revelará, então, os eternos desígnios de Deus relativos aos impenitentes e aos santos, a manifestação da ira para aqueles e a glória para estes (#Rm 2.5-10; #Rm 8.18; #1Pe 1.5).

Tal é, em resumo, o material bíblico em que assenta a doutrina teológica da revelação.

c) A Revelação Original

A doutrina da revelação baseia-se no fato de Deus ter criado à Sua imagem e semelhança o homem, que O devia conhecer, amar, servir e glorificar. Para ser verdadeira, a religião do homem tem de ser baseada na revelação de Deus. Foi assim que Deus Se revelou a Adão, para que este vivesse em amizade com Ele. O primeiro conhecimento da Divindade, teve-o Adão através da restante criação, que acabava de sair do nada. O mundo que contemplava oferecia-lhe testemunho eloqüente do poder e da sabedoria do Criador. Não obstante a queda de Adão, (#Gn 3.18; #Rm 8.19-22), o Universo ainda proclamava a glória de Deus (#Sl 19; #Rm 1.19-20). E antes, como seria? Mais eficazmente, sem dúvida. Adão conheceu ainda Deus pelo conhecimento de si próprio, pois como mais nobre e mais perfeita criatura contribuía para revelar e proclamar mais alto a glória de Deus. A Providência divina deu-lhe ainda a conhecer a bondade do Criador. Se, apesar do caos que sobreveio ao mundo após o pecado, o decorrer dos acontecimentos ainda dá este testemunho (#At 14.17), o que não seria quando Adão só conhecia o paraíso, os animais que Deus lhe dera para dominar, e a esposa que criara para ele! (#Gn 2.18-24). Finalmente o testemunho das obras de Deus foi suplantado pela revelação verbal, quando necessária (embora não saibamos como transmitida) (#Gn 2.16-17).

Talvez não compreendamos devidamente esta doutrina. O conhecimento que Adão tinha de Deus no Éden, antes da queda, está tão fora da nossa compreensão, como o conhecimento de Deus que a Igreja gozará nos Céus depois da Ressurreição. Mas as características permanentes da auto-revelação divina merecem ainda mais algumas considerações:

1. A FINALIDADE DA REVELAÇÃO-Deus deu-Se a conhecer ao homem, a fim de que este atingisse o objetivo para que foi criado: para O conhecer, amar e adorar. O Criador é transcendente e inacessível às Suas criaturas, até ao momento que Se revele a elas; e o conhecimento que o homem tem de Deus é correlativo e conseqüente à primeira auto-revelação divina. Adão no Paraíso necessitava da revelação para viver em amizade com Deus.

2. OS MEIOS DA REVELAÇÃO-Revelação é a manifestação pessoal de Deus às Suas criaturas racionais. A afinidade que ela inicia é comparada, na Escritura, à do marido com a mulher, do pai com o filho, do amigo com amigo (cfr. #Jr 3; #Os 11.1; #Is 41.8; #Mt 7.11; #Jo 15.15; #Ef 5.25-27). Tal afinidade ou parentesco não poderia ser criado sem que Deus Se dirigisse pessoalmente ao homem. É Deus quem deve abrir-Se, quem deve falar. Agir sem uma explicação não é meio normal para se dar a conhecer. Adão não podia limitar-se em ver Deus apenas nas Suas obras; necessitava de O ouvir, de receber a Sua revelação verbal.

Certamente, revelação é mais do que uma simples informação comunicativa, tal como a fé é algo mais que o mero conhecimento das verdades. Nas revelações humanas as atitudes pessoais não podem, por natureza, exprimir-se numa forma verbal. Pode indicar-se a sua existência, definir-se-lhe a natureza, por meio da palavra, mas só através da ação, podem-se exprimir e manifestar devidamente. Por isso, quando Deus revela o Seu amor pela humanidade, o significado profundo contido nas palavras que pronuncia só será compreendido à medida que forem conhecidas as ações divinas. A atitude pessoal de Deus para com o homem requer, portanto, palavras e obras em matéria de revelação. O que importa, é frisar que dificilmente se pode admitir a revelação sem palavras.

3. A EFICÁCIA DA REVELAÇÃO-Que insondável mistério este, o de um Deus infinito dar a conhecer os Seus pensamentos ao homem, criatura mortal e finita! Não se imagine, todavia, que, de forma alguma, Deus é impedido na Sua ação reveladora por qualquer obstáculo humano. É certo, porém, que o conhecimento que o homem teve e tem acerca de Deus é imperfeitíssimo e, em muitos casos, não se adapta convenientemente ao seu objeto. Mas Deus, Criador da inteligência humana, preparou-a de maneira a poder compreendê-Lo perfeitamente no caso de lhe fazer qualquer revelação, sobretudo no que respeita à religião. Adão podia assim compreender Deus, quando Este Se dignasse revelar-Se-lhe. É assim que, ao manifestar-Se ao homem pecaminoso, Deus concede-lhe a faculdade de reconhecer a Sua Palavra e de a

receber tal como é. Ao ato de confiança que resulta do exercício desta faculdade, dá a Escritura o nome de fé. Em #Hb 11.3 é a própria faculdade que assim é denominada. Pode-se, pois, afirmar que Adão no Paraíso tinha fé, e que quando o Espírito concede a faculdade da fé àqueles a quem Deus pretende dar-Se a conhecer, isto nada mais é que a restauração daquilo que o homem perdeu com a queda. Após a queda, o homem arriscou o seu estado primitivo e corrompeu a sua natureza. Deus adaptou-Se, por isso, à nova situação, integrando-o no processo redentor que logo iniciou, de maneira a remediar os efeitos do pecado. Mas os três aspectos da revelação, que notamos, ficaram e ficam constantes e firmes.

d) Deus revelou-se como Redentor Por causa do pecado o homem perdeu a possibilidade de apreender e compreender o testemunho que a criação dava de Deus. O significado e a mensagem do livro permaneceram os mesmos, mas ele é que não sabia lê-lo. E os Céus proclamavam a glória de Deus a ouvidos surdos. "Não se importaram de ter conhecimento de Deus" (#Rm 1.28). O homem deixou de amar e servir naturalmente o Criador, "porque a inclinação da carne é inimizade contra Deus" (#Rm 8.7). Apenas no coração lhe ficou uma ligeira idéia de Deus, isto é, uma noção de que havia algo ou alguém superior a ele, merecedor de que se lhe preste o devido culto; mas o homem não se dignou atribuí-lo ao seu criador. Sob a influência da descrença agora, contrariamente à Escritura que a condena, reina a cegueira e negação absoluta do verdadeiro Deus (cfr. #Rm 1.21-32; #Ef 2.2,3; #Ef 4.17-19).

Nestas condições é clara a insuficiência da auto-revelação na criação e da Providência de Deus. Mas Deus ainda Se manifesta nas Suas obras (#Rm 1.19-20), embora os homens fechem os olhos "detendo a verdade em injustiça" (#Rm 1.18). Ora, a continuação da revelação original não leva ao conhecimento de Deus e apenas serve para não se poder desculpar a ignorância do mundo. Supondo mesmo que o homem conseguisse ler bem "o livro das criaturas", essa leitura só e levaria ao desespero. Porque esta chamada **revelação geral** traz o conhecimento dum Deus que não admite mas castiga a desobediência e a ingratidão do homem (#Rm 1.18). Odiando, todavia, o pecado, Deus ama o pecador. Só o sabemos através duma **revelação especial**, cujo centro é ocupado pela figura de Jesus.

Desde a queda que o Criador se deu a conhecer como Redentor, a surgir numa determinada época da história humana, mas sempre envolto naquilo que os apóstolos consideravam um "mistério". Todo o plano girava em torno da

missão terrena do Filho encarnado. Em Cristo, apenas, se cumpriram todos os símbolos, figuras e representações a que aludem as profecias das Escrituras do povo de Israel (cfr. #Mt 5.17; #Lc 24.27; #Jo 5.39; #At 13.26-33; #Hb 7.10). É nesta missão que se baseia toda a atividade redentora de Cristo. Quando subiu ao Céu, por exemplo, o Senhor entrou na posse do Seu ministério celestial, de onde passou a conceder aos crentes, através do Espírito, as graças que prometera nesta terra, embora esse ministério só tenha o seu epílogo quando da segunda vinda de Mestre. Os desígnios de Deus a respeito da redenção, bem como a Sua plena e definitiva manifestação, só serão revelados quando a Igreja atingir a plenitude de perfeição, que lhe permitirá manifestar a glória de Deus (#Ap 21.11), e aparecer com o seu Salvador glorificado (#Ap 21; 22.5). Entretanto, continuará a manifestar-se a graça de Deus. A nova criação, por isso, tanto ou mais que a antiga, e a graça especial, tanto ou mais que a providência comum, são motivo de revelação, a manifestar mais uma vez a glória de Deus.

e) A revelação verbal

No âmbito da Redenção que abrange a salvação da Igreja, a revelação verbal tem um lugar primordial. Antes de nada mais, era um elemento importante na série de atos pelos quais a Redenção foi operada. Sem a revelação verbal nunca Abraão teria entrado em Canã, nem Moisés conduzido Israel do Egito, e ainda a vida de Jesus teria corrido risco logo nos primeiros anos da Sua infância (cfr. #Gn 12.1-5; #Êx 3.6-13; #Mt 2.13-15). Em seguida, a revelação verbal foi sempre necessária como fundamento da fé. Neste aspecto salienta-se tal importância, sobretudo quando se analisa o significado soteriológico da fé. Como atividade, a fé não é só o instrumento que une o pecador a Cristo, mas, como faculdade, é o órgão daquele conhecimento e daquela amizade com Deus, outrora perdida, que pode, no entanto, reaver-se através da Redenção.

Ora, o objeto que movimenta esta faculdade é a Palavra de Deus como tal (cfr. #1Ts 2.13). A fé "ouve a Sua voz" e responde à Sua Palavra de promessa confiada e obedientemente. Sem uma palavra proferida por Deus, a fé não pode subsistir (#Rm 10.17). O motivo é evidente. Sem uma palavra de explicação, a obra redentora de Deus não seria facilmente reconhecida. Como vimos, sem se pronunciar, as intenções do Criador não poderão ser compreendidas pela criatura. O caso da encarnação dá a entender que a mais compreensiva das revelações divinas é a de mais difícil compreensão por parte do homem. Cristo, a Palavra de Deus em pessoa, realizou totalmente os

desígnios redentores do Pai. Em Cristo, Deus manifestou-se claramente na Sua obra redentora, e por isso mesmo, o caso de Cristo transcende em absoluto o poder de interpretação do homem. "Não é de crer", escreve B. B. Warfield, "que a suprema revelação de Deus em Jesus Cristo fosse conhecida e compreendida, sem uma preparação, e esta sem ser acompanhada de revelações explicativas por palavras". Ainda não é tudo. Como poderíamos, sem ninguém no-lo dizer, acreditar numa verdade misteriosa e quase absurda, qual é a de Jesus-Deus encarnado, que veio a este mundo morrer numa cruz para resgatar o homem do pecado? Para crermos, outorgou Deus uma explicação verbal desse caso miraculoso do Homem-Deus, que vem a ser o evangelho, ou o **kerygma** dos apóstolos, a anunciar o dom de Deus da Palavra viva e das promessas de vida eterna aos que O receberem. Assim, parece que a revelação verbal relativa à ação redentora de Deus na história não é um mero apêndice a essa ação, mas parte integrante da mesma, como elo da cadeia de acontecimentos a que dizem respeito aquelas revelações. Se bem que o programa da redenção implique a salvação do homem, isso não basta. É necessário que os pecadores voltem à fé e ao conhecimento de Deus através do Evangelho, cujas promessas se mantêm idênticas em toda a história da redenção, desde Adão e Abraão até aos nossos dias, isto é, uma aliança em que Deus se prontifica a ser o Deus do Seu povo, Deus protetor e justo Juiz, não somente neste mundo mas também no outro, em especial para premiar os que n'Ele crêem e esperam. A fé salvadora tem sido a mesma, desde Abel até hoje (**#Hb 11.4**). Quanto ao seu conteúdo, porém, a promessa vai-se tornando cada vez maior. É que, adentro do plano dessa aliança, Deus vai revelando novas bênçãos particulares, já incluídas nesse plano, e o fundamento objetivo em que se baseia, que é a Sua obra redentora. É um processo que Deus vai utilizando sem cessar através dos séculos. Trata-se dum progresso, não no sentido de que cada nova revelação venha considerar a anterior como antiquada ou descabida, mas no sentido de que Deus vai ampliando aquilo que já ensinara, explicando aquilo que pretende fazer, até se aperfeiçoar o modelo da verdade que tem a sua plenitude em Cristo. Foi assim que, na devida altura enviou o Seu Filho para executar a Obra da Redenção, coroando em seguida o plano da revelação com o Evangelho. Em princípio, esse plano esteve sempre intimamente ligado ao plano de Deus acerca da história da Redenção. A cumular esse plano, a figura do Homem-Deus, Jesus Cristo.

A revelação verbal manifestou-se de múltiplas maneiras. Por vezes, casos anormais, como visões, sonhos, e a inspiração profética, que podia ir desde as mais prolongadas meditações aos arrebatamentos do êxtase. Noutros casos Deus servia-Se apenas do Seu divino **concurso**, isto é, cooperando no

exercício dos dotes naturais, e assim levando-os ao conhecimento da verdade através dos processos normais do pensamento: a investigação histórica, a exegese das Escrituras Canônicas, a meditação e a oração, o raciocínio lógico e teológico. Os livros históricos e da Sabedoria do Velho Testamento, bem como todo o Novo Testamento, exceto o Apocalipse, parece que supõem uma revelação deste gênero. Limitações do espaço não nos permitem tratar mais pormenorizadamente os diversos modos de revelação mas é importante notar antes de prosseguirmos que na Escritura não há indicação de diferença da integridade e pureza da revelação obtida por aqueles processos. Embora pareçam limitados em si mesmos, todos os órgãos de revelação são, na mão de Deus, um instrumento eficaz para o Seu desígnio.

f) A revelação bíblica

Deus quis deixar escrito aquilo que revelou. Mas o livro que escolheu para tal fim não contém todas as revelações verbais (cfr., por exemplo, a referência em [#2Cr 9.29](#) aos livros proféticos que desapareceram), mas apenas as que se relacionavam com a finalidade do livro, que era não somente apresentar um fundamento para a fé pessoal e um guia para o crente, mas também permitir à Igreja que o compreendesse, que interpretasse a sua história, que reformasse e purificasse continuamente a sua vida e repelisse todos os assaltos, -quer lhe venham de dentro, pelo pecado e pela heresia, - quer de fora, pela perseguição e pelas ideologias rivais. Todos os problemas que a Igreja enfrentou, ou virá ainda a enfrentar, têm em princípio a sua resolução nas Escrituras. É porque a Bíblia, apesar de ser um livro humano, que fala de pecado e do erro e em muitos lugares da fraqueza dos seus autores, não deixa de ser, acima de tudo, uma obra divina, cujo autor primário é Deus.

Como prová-lo? Primeiramente pelo testemunho de Cristo e em seguida pelo testemunho de Espírito; sendo o primeiro uma prova externa, enquanto o segundo poderemos considerá-lo como uma prova interna. Examinemo-los:

1. O TESTEMUNHO DE CRISTO-Em primeiro lugar a autoridade de Cristo considera o Velho Testamento como inspirado por Deus. Trata-se dum testemunho firme e categórico, pois para Cristo a "Escritura" é uma unidade (cfr. [#Jo 10.35](#)), cuja autoridade, permanente e absoluta, supõe uma origem divina (cfr. [#Mt 5.17-20](#); [#Lc 16.17](#); [#Mt 19.4-6](#)). Os argumentos da Escritura são duma força extraordinária ([#Mt 22.32,41](#) e segs.; [#Jo 10.34,35](#)). Quem não se apercebe da ênfase com que Cristo pronunciou aquele "está escrito"? Por isso todo o Seu ministério foi um testemunho contínuo a confirmar a

autoridade divina do Velho Testamento, pregando e morrendo em obediência ao que estava escrito (cfr. #Mt 8.16,17; #Mt 26.24,54; #Lc 4.18-21; #Lc 18.31-33; #Lc 22.37). O Mestre, a quem a Igreja se submete, em tudo Se sujeitou à Palavra do Pai expressa no Velho Testamento. São os apóstolos os primeiros a confirmar tal testemunho (cfr. #2Tm 3.16; #2Pe 1.20-21; #Rm 3.2). Outros textos referem-se a palavras proferidas por Deus ou pelo Espírito Santo (cfr. #Mt 19.4,5; #At 4.25,26; #At 13.34-35; #Hb 1.6; #Hb 3.7).

Em segundo lugar a autoridade de Cristo supõe que o Novo Testamento tem o mesmo caráter do Velho. Jesus ensinou os discípulos a ler o Velho Testamento "cristologicamente", isto é, a considerá-lo como uma revelação profética de acontecimentos relativos a Si próprio (#Lc 24.24,25,44-45; #Jo 5.39,46). Os apóstolos assim procederam (cfr. #At 3.18,24; #1Pe 1.10-12), admitindo-o como se fosse escrito em primeiro lugar para benefício dos crentes (cfr. #Rm 4.23,24; #Rm 15.4; #1Co 9.10; #1Co 10.11; #2Tm 3.16), ainda que só o poderiam vir a compreender os que o lessem à luz de Cristo (#2Co 3.14-16).

Ora, visto que Deus escrevera as Suas revelações proféticas para que pudessem ser continuamente acessíveis e numa forma inviolável para benefício, não só de Israel, mas também da Igreja Universal, preparou-as com tal sabedoria, que nada mais se poderia esperar senão o Novo Testamento para as cumprir. Há, no entanto, algumas considerações a fazer a este respeito. Em primeiro lugar, Cristo prometeu o Espírito aos apóstolos para que recordassem e compreendessem aquilo que já lhes ensinara (#Jo 14.25,26), e bem assim recebessem novas revelações, que Lhe diziam respeito, mas que eles ainda não podiam "suportar" (#Jo 16.12-14). Assim preparados, poderiam ser legítimos intérpretes do Mestre junto da Igreja, em todos os tempos e em todas as partes do mundo (#Jo 17.20; #Mt 28.19). Qual teria sido, pois, a intenção de Cristo, senão a de lhes impor a obrigação de deixarem por escrito esse testemunho que iriam perpetuar? Em segundo lugar, os apóstolos afirmam que, sob o impulso do Espírito Santo, ensinam e escrevem a verdade pura. É a inspiração verbal (#1Co 2.13), que só quem é "espiritual" pode compreender em toda a sua extensão e profundidade (#1Co 14.37; G1 1.8; #2Ts 3.6,14). O que não se pode negar é que os apóstolos exigiam para as suas obras uma autoridade tão categórica, como a que atribuíam ao Velho Testamento. Em terceiro lugar, veja-se como Paulo cita Deuteronômio juntamente com Lucas, e como Pedro se refere às epístolas paulinas, como parte integrante do Cânon das Escrituras (#1Tm 5.18; #2Pe 3.16). Finalmente, diversos séculos de exegese cristã demonstraram que, sob o ponto de vista teológico, os dois Testamentos

formam uma unidade orgânica, que se completam mutuamente num harmonioso testemunho a Cristo.

Concluindo, seja-nos lícito afirmar que, à luz da intenção evidente de Cristo de escreverem os apóstolos os seus testemunhos, a autoridade que eles para si e para os outros reclamam, levam-nos, sem dúvida a admitir, que o Novo Testamento veio completar o Velho.

2. O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO-Se é pelo uso da faculdade da fé que distinguimos a Palavra de Deus por aquilo que ela é, deve ser também a fé que vê a natureza real daquilo que contempla. Assim o interpretou a Igreja através dos tempos. Já que é o Espírito que infunde a fé, operando no íntimo dos crentes, a presença desta convicção é o que se chama o testemunho do Espírito.

A Bíblia é, pois, a Palavra de Deus revelada aos homens, enquanto nessas páginas Deus manifesta as Suas intenções relativas aos planos que traçou para salvação do Seu Povo. Chamar à Bíblia uma narrativa ou um testemunho é pouco, porque é muito mais. É uma narrativa, sim, não só daquilo que Deus disse, mas também daquilo que Deus ainda diz presentemente. É um elo na cadeia da ação redentora de Deus. O seu conteúdo, lido ou ouvido, é o meio pelo qual os pecadores chegam ao conhecimento do Pai e do Filho, baseados no ministério histórico de Cristo, que ele lembra e explica, e através da ação regeneradora do Espírito, que opera com a Palavra. Não é, todavia, a Palavra de Deus, no sentido em que cada frase separada, incluindo as palavras proferidas pelos perversos, exprime a intenção de Deus ou reflita a Sua divina vontade. A Bíblia é a "Palavra de Deus Escrita", mas considerada no seu todo, ou, com mais precisão, a teologia da Bíblia é uma unidade orgânica, que os nossos antepassados tão sugestivamente denominaram "corpo da divindade". Aqui se encontra a imagem da mente Divina, a transcrição dos Seus pensamentos, a declaração da Sua graça, a personificação verbal de todos os tesouros de ciência e sabedoria ocultos no Seu divino Filho. Aqui assenta toda a nossa fé.

II. A INSPIRAÇÃO

a) O significado da inspiração

A palavra inspiração, não sendo bíblica, significa, normalmente, uma influência sobrenatural do Espírito de Deus sobre os autores bíblicos,

garantindo que, aquilo que escreveram era precisamente o que Deus pretendia que eles escrevessem para a transmissão da verdade divina, podendo, por isso, dizer-se realmente "inspirados" ou **theopneustos**, literalmente, "soprados por Deus" (#2Tm 3.16). Como já não é novo para nós este assunto, limitar-nos-emos agora a corrigir alguns equívocos.

A "inspiração" que garante a comunicação infalível da verdade revelada é bem distinta da "inspiração" do artista criador. Nada de confusões. A inspiração não só não implica estado anormal do espírito do escritor, -por exemplo, visões ou audição de vozes estranhas, -como não supõe, também, a aniquilação da sua personalidade. Deus providencialmente preparou os meios humanos de inspiração para que os escritores pudessem cumprir a sua tarefa; e, na maior parte dos casos, apenas através das faculdades normais. Muitos estados de espírito são na realidade compatíveis com a inspiração. Não é necessário supor-se que os autores tinham sempre a consciência de que estavam a ser inspirados, quer dizer, que sabiam estar a escrever as Escrituras Canônicas. Nem há razão para afirmar-se que um documento inspirado não possa, na providência divina, ter sido compilado ou extraído de fontes por um processo vulgar de composição histórica, passando por várias edições até atingir a sua forma definitiva. O que deve admitir-se é que no fim de contas a obra foi **theopneustos**, e que através dela Deus quis comunicar aos homens a Sua graça salvadora. Sendo assim, só podemos admitir a inspiração verbal. E se as palavras da Escritura são inspiradas por Deus, é quase uma blasfêmia não admitir a infalibilidade da sua doutrina, e a ausência de erro nessas palavras. São prerrogativas que não podemos aprovar, ou desaprovar, através da argumentação vulgar; porque as consideramos artigos de fé, baseadas que são na doutrina de Cristo e no testemunho do Espírito a confirmarem que as Escrituras Canônicas foram inspiradas por um Deus que não pode mentir. Quem as nega rejeita o testemunho de Cristo, dos apóstolos e da própria Igreja Cristã relativo à natureza da "Palavra de Deus" escrita, e com certeza não possui nem compreende o **testemunho interno do Espírito Santo**.

b) O problema da inspiração

Nenhuma doutrina cristã está isenta de problemas, e isto porque Deus quis que a Sua verdade fosse um objeto de fé. Ora, o fundamento da fé é o testemunho e a autoridade do próprio Deus; donde se segue que são coisas distintas o acreditar numa autoridade e o acreditar em face duma demonstração racional. O pecado original do homem foi um desejo de evidenciar a sua sabedoria auto-suficiente, uma vontade de não admitir

qualquer autoridade externa, capaz de agir por si própria (cfr. #Gn 3.5,6); e Deus deliberadamente apresenta a verdade salvadora aos pecadores e de tal forma que, ao aceitá-la, supõe-se um ato de arrependimento intelectual de sujeição à doutrina de Deus. Daí a renúncia à própria sabedoria (cfr. #Rm 1.22; #1Co 1.19-25) a fim de que só possa sobressair aquela outra sabedoria, que é apanágio dos que ouvem a Palavra do Senhor. Para ser mais completa essa renúncia, Deus determinou, ou melhor, garantiu, que nem um só artigo de fé pudesse ser demonstrado, tal como qualquer teorema geométrico. O homem deve contentar-se com o conhecimento que adquire pela fé, conhecimento esse que, no fim de contas, jamais poderá atingir a perfeição neste mundo. Não conseguiremos, pois, eximir de dificuldades a doutrina da Inspiração Bíblica, tal como sucede com a doutrina da Trindade ou da Encarnação. Nem esperemos neste mundo resolver todos os problemas. Não é de admirar, portanto, que muitos cristãos caiam na heresia, a respeito desta ou outras doutrinas. Convém, no entanto, indicar qual a atitude a tomar perante os erros que se nos apresentem.

Em primeiro lugar, esta doutrina não raro é amesquinhada por aqueles que dizem professá-la, e afirmam que a Bíblia é produto da inspiração em certo sentido, mas nunca inspiração verbal. Deus inspirou ou revelou a verdade aos escritores, que sendo criaturas falíveis e pecaminosas, poderiam falsificá-la. Por isso, é possível admitirmos erros nas Escrituras. Mas não foi assim, como vimos, o pensar de Cristo e dos apóstolos. É errado o pensamento de que nem todos os livros da Bíblia estão ao mesmo nível de profundidade espiritual e finalidade de doutrina; mas, na Sua providência soberana, podia Deus preparar e dirigir os instrumentos humanos apenas para escreverem precisamente aquilo que entendesse, nem mais nem menos. Por outras palavras, segundo esta teoria, a Bíblia não é aquilo que Deus pretendia, nem aquilo que Cristo pensava e ensinava. É evidente que tal teoria é inadmissível.

Em segundo lugar, rejeita-se por vezes a nossa doutrina, recorrendo-se a pretensos argumentos internos da Bíblia. Tais objeções, todavia, supõem fundamentalmente uma idéia humana *a priori* daquilo que provavelmente será a Bíblia inspirada. E, só o fato de as apresentar como argumentos válidos para duvidar do que Deus afirma desse livro, é já um sinal de impenitência intelectual, inconsciente talvez, mas não menos real por isso. O melhor é, na realidade, começar por aceitar o testemunho de Deus sobre a inspiração verbal, e só depois examinar os argumentos internos da Escritura para se chegar à conclusão da probabilidade da inspiração verbal. Por mais rigoroso e profundo que seja o exame, verificar-se-á que a inspiração se adapta

perfeitamente a todas as formas do pensamento, a todos os métodos literários, a todas as figuras estilísticas e a todas as características vocabulares dos escritores. Estes são os canais condutores da verdade inspirada. Desconhecê-los, pode ser um perigo, pois é possível não se conhecer a intenção de Deus, e nesse caso descobrir erros onde na realidade não existem. Ao estudar-se a Bíblia, deve seguir-se o princípio, baseado na fé, de que a Escritura, em parte alguma é capaz de adulterar a verdade, sendo inspirada para no-la transmitir, e de que todos os acontecimentos bíblicos têm um significado que só a Igreja pode conhecer perfeitamente. Neste caso, é conveniente apreciar o texto a analisar à luz do contexto bíblico da Escritura, considerada no seu todo. Trata-se dum princípio de importância fundamental para a interpretação bíblica, que nunca se deve perder de vista, mesmo no meio das dificuldades que possam surgir a este respeito. Vamos citar aqui um exemplo apenas.

Várias vezes se diz que certas atitudes, ações e reflexões teológicas são uma refutação da doutrina duma Escritura inspirada. É uma objeção que só revela incompreensão da natureza da Bíblia. Já frisamos que a Bíblia é mais do que um simples amontoado de textos separados; é um organismo, um conjunto homogêneo, cujas partes não se podem explicar isoladamente. Ora, Deus recolheu diferentes materiais para a Sua obra; por isso não admira, que muitos dos exemplos apontados sejam maus. É que tudo serve para nossa instrução, embora tais exemplos possam ser interpretados de diferentes modos. Fala-se em erros teológicos e práticos, supondo-se que pelo fato de aparecerem na Bíblia têm a aprovação de Deus. Os princípios da teologia bíblica devem interpretar os fatos da história e da biografia bíblicas, uma vez que estes também explicam aquela. A Escritura interpreta-se com o auxílio da mesma Escritura. Já se disse que a Bíblia constitui uma unidade orgânica, que a Palavra de Deus é um todo, e que cada texto deve ser compreendido à luz da verdade que se encontra em Jesus.

Impossível aqui apresentar mais argumentos a favor da nossa tese. Limitar-nos-emos a afirmar, em conclusão, que a atitude da fé para com a doutrina da inspiração bíblica, bem como para com outras doutrinas, é a de aceitar única e simplesmente o testemunho de Deus. Nada, por isso, poderá abalar a nossa fé, já que nada pode abalar o testemunho em que se apóia. Quando tiver de enfrentar as dificuldades e as objeções, que implicam com a sua fé, o crente deve lembrar-se mais da sua possibilidade de falhar do que da infalibilidade do testemunho de Deus, ao apresentar-nos a verdade. Recorra-se, nesse caso, a uma cuidadosa retrospectiva à luz dum estudo mais profundo e mais eficaz da evidência bíblica. Foi assim que se fizeram progressos

doutrinários através da história da Igreja. Será assim que também nos nossos dias se conseguirá uma compreensão mais fiel e mais perfeita da doutrina da inspiração da Bíblia, aceitando-a como a Palavra de Deus, isenta de erro e infalível.

J. I. PACKER

A LITERATURA HISTÓRICA DO VELHO TESTAMENTO

Quando se fala da literatura histórica do Velho Testamento, supomos tratar-se dos livros que vão do Gênesis ao livro de Ester. Mas isso não quer dizer, que não haja textos de natureza histórica nos restantes livros bíblicos. Citem-se, por exemplo, o prólogo e o epílogo do livro de Jó, os fragmentos históricos dalguns livros proféticos como os capítulos 36-39 de Isaías, vários capítulos do livro de Jeremias e a primeira metade do livro de Daniel. Limitar-nos-emos, porém, a estudar os livros de Gênesis a Ester, vulgarmente considerados, dum modo especial como livros históricos.

I. O PENTATEUCO

"Pentateuco" é uma palavra grega que significa "conjunto de cinco livros"; e emprega-se, normalmente, como sinônimo do grupo dos cinco primeiros livros do Velho Testamento. Na Bíblia hebraica estes livros formavam um grupo à parte intitulado "a Lei", porque apresentam um caráter legal, embora tenham um número considerável de narrativas históricas. Por várias vezes se emprega este termo no Novo Testamento, referindo-se àqueles cinco livros (cfr. [#Mt 12.5](#); [#Jo 1.45](#); [#At 13.15](#); [#At 24.14](#); [#1Co 14.34](#)). Foi assim que deliberamos analisar primeiro o Pentateuco separadamente, e em seguida os outros livros históricos.

a) A revelação fundamental

É sabido que o Pentateuco nos fornece os principais fatos da revelação divina. Precisamente nos primeiros capítulos é que ficamos a saber que foi Deus o Criador do mundo onde vivemos. Segue-se a descrição da queda do homem, revolta da criatura contra o Criador, por meio da qual a humanidade, e com ela toda a criação, teve de suportar a maldição divina. Vem depois a promessa do Salvador ("a Semente da Mulher" em [#Gn 3.15](#)), com a indicação das circunstâncias em que este Salvador aparecerá no mundo. Primeiramente há um quadro geral do universo, em que o pecado leva o Senhor a destruir o homem pelo dilúvio, fazendo-o desaparecer da face da terra. Depois desse dilúvio, de que só escapou a família de Noé, surge um período de apostasia, cujo cúmulo leva o homem a construir uma torre capaz de enfrentar as nuvens e o próprio Deus ([#Gn 11.4](#)).

Deus, porém, na Sua bondade infinita, propõe-Se preparar um povo, de que há de sair o Salvador. De Ur dos Caldeus chama Abraão, um dos

descendentes de Sem (#Gn 11.26), e através dele promete a bênção a todas as famílias da terra (#Gn 12.3). Os filhos de Jacó emigram para o Egito, onde após anos de tranqüila estada, se transformam numa grande nação. Surge a escravidão e uma tentativa para restringir o progresso desse povo, mas o Senhor liberta-o e com ele realiza uma aliança no Monte Sinai. É a Lei mosaica, que lentamente vai sendo explicada. Mas a libertação do Egito, por meio de Moisés, não passa dum símbolo da obra redentora de Cristo (cfr. #Jo 1.17; #Cl 2.17). Narrações que não podem ser tomadas como mera representação dos acontecimentos históricos, pelo seu significado espiritual, que podemos e devemos atribuir-lhes.

b) A teoria dos documentos

Há muitos autores que negam categoricamente a origem mosaica destes primeiros livros, dividindo o Pentateuco em diferentes "fontes" ou "documentos", e admitindo que esses livros só começaram a aparecer unidos no tempo do escriba Esdras. Era esta a teoria corrente ainda no fim do século passado. A partir daí, todavia, sérias dúvidas se têm levantado contra a chamada "teoria dos documentos", dando origem a divergência de opiniões. Como ainda se segue esta teoria em muitas escolas, será útil fazermos alusão aos principais argumentos aduzidos, e bem assim provar como são insustentáveis.

1) OS NOMES DIVINOS. Logo de início se reparou na variedade dos nomes atribuídos a Deus. Daí o falar-se em fontes "jeovaístas" e "eloístas" conforme Deus é denominado Jeová ou ' Elohim. Mas temos observado que o Corão dos maometanos apresenta um caso idêntico. Uns textos falam de "Allah" (heb. ' Elohim) e outros de "Rab" (heb. Yahweh = Senhor). Quanto à reunião dos dois termos Yahweh-Elohim, que só aparece no Gênesis (#Gn 2.4-3.24) e no Êxodo (#Êx 9.30), não é caso para supor tratar-se dum autor diferente. Em conclusão, os partidários desta teoria não podem sustentar a infalibilidade dos seus argumentos, baseando-se apenas nos diferentes nomes de Deus.

2) LINGUAGEM E ESTILO. Fala-se ainda em diferenças de linguagem, de estilo, e até do aspecto teológico, se bem que tais maneiras de pensar, sendo meramente subjetivas, não são de grande importância. É de notar, que um dos defensores da "teoria dos documentos", após um exame rigoroso, chegou à conclusão de que são pequeníssimas as diferenças lingüísticas das

várias fontes e acabou por admitir que se trata de ligeiras diferenças, meramente acidentais.

3) AS NARRAÇÕES EM DUPLICADO. De maior importância é o fato de o mesmo acontecimento ser, por vezes, narrado de duas maneiras. Seria o caso da criação, do dilúvio, da esposa de Abraão, da ida de José para o Egito, das dez pragas, e ainda da rebelião de Coré, Datã e Abirã. Não raro as descrições são apresentadas em separado (por exemplo, a história da criação); noutros casos afirma-se que as descrições foram habilmente reunidas numa só história por um redator, (por exemplo, a história de José). Em nenhum destes casos, todavia, há realmente uma narração em duplicado do mesmo acontecimento.

Quanto à história da criação, convém distinguir entre a revelação da obra criadora de Deus no primeiro capítulo do Gênesis e a história do mundo criado do capítulo imediato. Quanto ao dilúvio, que é um dos casos mais discutidos, é uso afirmar-se, que primeiramente Noé foi incumbido de introduzir na arca um casal de cada espécie de animais e, mais tarde, sete de cada espécie "pura" e dois de cada espécie "impura". Mas, por que considerar este exemplo um caso de contradição? O fato de ser aconselhado a tomar um casal de cada espécie, o que não passava duma regra geral, porventura poderá impedir que se sigam outras instruções relativas aos animais "impuros"? No caso da esposa de Abraão, a quem o marido negou, não parece tratar-se duma narração em duplicado do mesmo acontecimento (ou até em triplicado, se considerarmos a intervenção de Isaque no [#Gn 26.6-11](#)), mas sim de vários acontecimentos. Quanto à resposta de Abraão em [#Gn 20.13](#) é possível que se trate dum ardil empregado, não só por Abraão, mas também por Isaque.

É freqüente imaginar-se, também, duas versões diferentes da narração relativa à ida de José para o Egito. Segundo uma, José foi vendido pelos irmãos a uma caravana de ismaelitas; segundo outra, eram midianitas os que o levaram para o Egito. Mas quem não vê que se trata duma falsa interpretação do texto bíblico? O leitor imparcial facilmente descobrirá, que mercadores midianitas em trânsito retiraram José do poço onde os irmãos o tinham lançado, e esses é que o venderam aos ismaelitas, que por sua vez o levaram para o Egito. Assim, foram eles que realizaram o que os irmãos tinham em vista.

No que respeita à história das dez pragas do Egito, os partidários da "teoria dos documentos" também não deixam de encontrar vestígios de descrições em

duplicado bem vincadas por uma série de diferenças sistemáticas, mas que, na realidade, não passam de ligeiras variantes de linguagem, se atendermos, sobretudo, aos traços característicos que se encontram tão intimamente ligados. No caso da rebelião de Coré, duas novas versões se apresentam: uma, referente à oposição dos leigos contra a autoridade civil de Moisés, chefiada por Datã e Abirã; a outra, aludindo à discórdia que surgiu entre a tribo de Levi e as outras tribos, sob o comando de Coré. Trata-se, todavia, duma suposição totalmente contrária ao texto, pois não só encontramos os três conspiradores atuando em conjunto em [#Nm 16.1-3](#), onde se diz que se opuseram à autoridade de Moisés e de Arão, mas também os vemos juntos nos versículos [#Nm 16.24,27](#). É de notar, no entanto, como no que se refere ao castigo que sofreram, ou seja, de serem tragados pela terra, o texto apenas fala de Coré (cfr. [#Nm 16.32](#)), sem mencionar o destino que tiveram os restantes conspiradores.

4) A DISCORDÂNCIA ACERCA DE DISPOSIÇÕES LEGAIS. Como explicar, por exemplo, que [#Nm 35.13](#) e segs. se refira a seis cidades de refúgio, enquanto em [#Dt 19.2,7](#) não vão além de três? Assim interrogam os nossos adversários, não vendo que no primeiro caso as cidades se situam, três na terra de Canaã, e três na Transjordânia. E como Moisés já tinha indicado três cidades na Transjordânia ([#Dt 4.41-43](#)), não admira que ordenasse a separação de outras três na terra de Canaã. É certo, que em face de [#Dt 19.8](#) e segs., podem supor-se outras três cidades nas fronteiras de Canaã, mas isto em nada afeta o nosso caso, a admitir a manifesta discordância de textos.

E o caso das leis relativas às grandes festas? Em conformidade com [#Êx 23.14](#) e segs.; [#Êx 34.22](#) e segs.; [#Dt 16.16](#) eram três as grandes festas de Israel: a dos pães asmos, a das semanas e a das colheitas. Mas o [#Lv 23.27](#) e segs. menciona ainda o dia da expiação, o que leva a supor que o código levítico é de data posterior. Que dizer? Simplesmente que se trata dum argumento sem consistência, se lembrarmos que as leis do Êxodo e do Deuteronômio apenas lembram a obrigação de todo o israelita do sexo masculino aparecer diante do Senhor três vezes por ano. A nada é obrigado, porém, no dia da expiação. E são estas as ligeiras diferenças.

5) SACERDOTES E LEVITAS. De maior importância a diferença nítida entre o Deuteronômio e o chamado "Código Sacerdotal" no que se relaciona com os sacerdotes e os levitas. Quem segue a "teoria dos documentos" afirma que o Deuteronômio não faz qualquer distinção entre estas duas categorias,

distinção essa que só mais tarde se verificou. Não é, contudo, o que se deduz de #Dt 18, pois nos versículos #Dt 18.3-5 fala-se do "direito dos sacerdotes a receber do povo", e de #Dt 18.6-8 continua: "e quando vier um levita dalguma das tuas portas...".

c) A Lei mosaica

Os partidários da "teoria dos documentos" são de opinião que o Deuteronômio foi escrito no reinado de Josias. Mas, se folhearmos cuidadosamente aquele livro, ficaremos surpreendidos por verificar que o narrador, sem uma única exceção, supõe que o povo de Israel ainda não vive em Canaã. Acentua, por exemplo, em #Dt 11.2-7 que se dirige aos que pessoalmente foram testemunhas das maravilhas do Senhor no Egito, não só no Êxodo, como na travessia do deserto. Várias são também as alusões indiretas ao período mosaico: todos os acontecimentos históricos mencionados são anteriores à morte de Moisés; as descrições de Canaã como "terra, cujas pedras são ferro, e de cujos montes tu cavarás o cobre" (#Dt 8.9), só se compreendem antes de Israel entrar na Terra Santa, visto que o povo nunca se preocupara com os tesouros que essa terra escondia. Além disso, o Deuteronômio contém determinações cuja prática seria impossível no tempo do rei Josias. Recordem-se, por exemplo, as medidas drásticas contra a idolatria e falsas profecias (cfr. #Dt 13; 15). Como pensar em tais determinações numa época em que o culto dos ídolos alastrava assustadoramente em Israel, a par do grande número de falsos profetas a exercer poderosa influência nos espíritos?

Ao examinarmos atentamente o corpo de leis do Pentateuco, não é difícil descobrirmos uma séria de normas acidentais de fundo real. É o caso das freqüentes alusões aos animais domésticos, como por exemplo, ao "boi" e ao "burro" no décimo mandamento do Êxodo, enquanto não se fazem outras referências análogas, como aos "campos" ou à vida agrícola em geral. Mas repare-se como já se alude ao "campo" na transcrição que o Deuteronômio apresenta do Decálogo. Tudo a indicar que Israel estava prestes a entrar em Canaã.

Entre os materiais empregados na construção do tabernáculo, encontra-se o "linho fino", que era um produto exclusivo do Egito; "pêlos de cabra", utilizados apenas pelos nômades para tecerem as coberturas pretas das tendas; "peles de texugo", provavelmente peles duma vaca marinha do Mar Vermelho, que os habitantes da Península do Sinai utilizavam na confecção de sandálias;

e finalmente, "madeira de shittim", uma espécie de acácia do Egito e da Península do Sinai. (Repare-se, que no caso do Templo de Salomão não foi utilizada aquela madeira de "shittim", mas apenas madeira de cedro, abeto ou oliveira).

Quanto aos materiais empregados na confecção do incenso, citam-se as "ônicas", que eram uma espécie de caramujo freqüente no Mar Vermelho, e cuja concha, depois de queimada, produzia um aroma agudo e penetrante. São numerosas as referências a pedras preciosas não existentes na Palestina, mas muitas delas encontram-se com freqüência no Egito, ou nas vizinhanças do Mar Vermelho e da Península do Sinai. O "linho entrelaçado" para as cortinas do tabernáculo lembra-nos ainda o Egito e os seus hábeis artífices.

Quanto às listas dos animais "puros" e "impuros", é de notar que, embora muitos se encontrem tanto na Palestina como no Egito e na Península do Sinai, todavia abundam com mais freqüência no Egito. O "porco", por exemplo, é próprio das regiões úmidas; o "milhano" aparece mais na zona do Nilo e nas margens do Mar Vermelho; o "pelicano" freqüenta os lagos egípcios; por fim o "pavoncino" ou "poupa" é sem dúvida uma ave essencialmente africana. No que se refere à "cabra montês" ou "camurça" do [#Dt 14.5](#), e que não aparece na lista do [#Lv 11](#), parece tratar-se do "argali" oriental, espécie de "carneiro selvagem" proveniente da Ásia Menor, da Transcância ou da Pérsia, mas nunca do Egito. Para explicar a presença deste animal no Código Deuteronomico, basta lembrar que este livro foi publicado na terra de Moabe.

Em conclusão, todas as práticas de idolatria mencionadas na Lei só se observavam na Fenícia e em Canaã. Deuses de metal fundido, imagens esculpidas, colunas sagradas, o terrível costume de fazer passar as crianças pelo fogo, são práticas da religião de Canaã, que recentes escavações vieram confirmar. Quanto ao costume de sacrificar aos demônios ([#Lv 17.7](#)), trata-se duma velha superstição, que supunha o deserto infestado por legiões de demônios transformados em bodes.

d) O autor e a data

Muito mais se poderia dizer; mas o que ficou exposto é suficiente para demonstrar, que a Lei não supõe diferentes épocas da história de Israel, mas uma só: a de Moisés. É a própria Bíblia a reclamá-lo. Por várias vezes Deus disse a Moisés: "Assim dirás aos filhos de Israel", mas não em sentido

figurado, como noutros códigos antigos do Oriente (por exemplo, no famoso código de Hamurábi). O Senhor entregou realmente ao Seu povo, na pessoa de Moisés a Lei, que deveria ser escrita (cfr. #Êx 24.4; #Êx 34.27; #Dt 31.9,24), abrangendo a coleção completa de todas as ordens emanadas do Senhor. É natural que o legislador queira que as suas leis sejam escritas. Moisés, porém, foi mais longe e não se limitou a escrever as leis. No #Êx 17.14, o Senhor ordena-lhe: "Escreve isto para memória num livro, e relata-o aos ouvidos de Josué". De que se tratava? De registrar o crime de Amaleque e o castigo que Deus lhe infligira, juntamente com o acontecimento histórico que deu origem àquele crime, ou seja, o assalto de Amaleque às posições dos filhos de Israel. Quanto ao itinerário de #Nm 33.2, é muito possível que Moisés não só anotasse as diferentes localidades por onde os israelitas passaram, mas também os principais acontecimentos que tiveram lugar durante a viagem. Tendo sido educado na corte egípcia, Moisés sabia muito bem que os acontecimentos importantes devem registrar-se dia a dia, tal como faziam os escribas do Egito. Fala-se ainda dum "cântico" de Moisés, que escrevera e ensinara aos filhos de Israel (#Dt 31.22) e que vem registrado em #Dt 32.1-43.

No que respeita à história pré-mosaica, não há dúvida que o autor teve de recorrer a documentos escritos já existentes, a servirem de fontes às diferentes genealogias, como a que vai de Adão a Noé: "Este é o livro das gerações de Adão" (#Gn 5). O uso da palavra "livro" implica, sem dúvida, que esta genealogia deve ter sido extraída dum documento escrito, cujo título podia ser aquele e que passou a ser introduzido no Gênesis. #Gn 14 deve basear-se também num antigo documento. O fato de Abraão ser cognominado o "hebreu", dá a entender que o documento deve ter uma origem não-israelítica. Também não é provável, que até ao tempo de Moisés toda a história da humanidade antidiluviana e dos patriarcas se tenha mantido apenas através da tradição oral. O mais certo é que os relatos desses tempos primitivos fizeram parte dos tesouros que os israelitas levaram consigo quando saíram do Egito.

Em mais do que um caso há vestígios de ligeiras alterações ao texto original, como na descrição da morte de Moisés e na introdução de nomes de localidades modernas para auxiliar o leitor a identificar as do texto sagrado (cfr. "Dã" em #Gn 14.14 e "Ramessés" em #Êx 1.11).

Tomando em consideração estes fatos, apresentam-se duas hipóteses sobre a questão da autoria do Pentateuco. Para uns, é Moisés o seu autor, embora tenham de admitir-se leves modificações na transcrição ou na

tradução, e até um ou dois aditamentos, como no caso da morte de Moisés, aliás evidente. Os cinco livros foram, pois, escritos e coordenados pelo próprio Moisés. Outros admitem um compilador muito posterior, talvez dos últimos tempos da monarquia, que se aproveitou da literatura mosaica e doutros materiais anteriores. Seja como for, uma coisa é certa: é que, em qualquer dos casos, há que admitir a inspiração divina nestes livros, que fazem parte da Bíblia e constituem para nós uma mensagem de Deus.

II. DE JOSUÉ A ESTER

a) O Livro de Josué

O caráter da literatura histórica é determinado pelo lugar que ocupa nos planos da revelação de Deus para a redenção da humanidade. A finalidade é, portanto, revelar o que o Senhor, na Sua misericórdia determinou para salvar o homem. É deste modo que ao Pentateuco se pode chamar a base da revelação, desde a criação do mundo até ao estabelecimento duma aliança com Israel, em que se expõem as condições dessa aliança. O livro de Josué mostra como o Senhor leva o povo escolhido à Terra Prometida, em conformidade com aquela aliança. A história que se segue, todavia, vai dizer-nos que só pela Lei não é possível a salvação. Como então? A redenção dos pecadores só poderia ser efetuada pelo Filho de Deus encarnado. Os livros dos Juízes, de Samuel e dos Reis lembram a apostasia de Israel, a que já os últimos versículos de Josué fazem referência: "Serviu, pois, Israel ao Senhor todos os dias de Josué, e todos os dias dos anciãos que ainda viveram muito depois de Josué, e sabiam toda a obra que o Senhor tinha feito a Israel" ([#Js 24.31](#)). Nestas palavras se resume a história da religião de Israel, que assim abandonava o seu Deus.

b) O Livro dos Juízes

A isto se pode resumir o livro dos Juízes: "Os filhos de Israel deixaram ao Senhor, Deus de seus pais, e prestaram culto aos deuses pagãos de Canaã, Baal e Astarote. Pelo que a ira do Senhor se acendeu contra Israel, e os deu na mão dos seus inimigos. Todavia levantou o Senhor juízes que os livraram desses inimigos. Mas quando morreu o juiz, voltaram à idolatria e de novo foram castigados e oprimidos" (cfr., por exemplo, [#Jz 2.11-23](#)). Assim, até [#Jz 15](#) sucedem-se com mais ou menos pormenores diferentes narrações da atividade dos doze juízes. Os últimos capítulos limitam-se a registrar o estado deplorável durante este período da história de Israel.

c) O Livro de Rute

A nossa Bíblia interrompe agora a história com o pequeno livro de Rute, e bem que a Bíblia hebraica o apresente na terceira e última parte do Velho Testamento, num grupo separado, a que os judeus dão o nome de "Escritos". O livro conta a história da moabita Rute, casada com um rico proprietário, de nome Boaz, um dos antepassados de Davi. A introdução dum gentia na sagrada descendência de Davi, de quem havia de nascer o Messias, vem demonstrar que a eleição de Israel não exclui os pagãos da salvação do Senhor. Donde se infere, que o Salvador será o grande Redentor não só de Israel, mas de todas as nações.

d) Os Livros de Samuel, dos Reis e das Crônicas

Os livros de Samuel e dos Reis contam o ressurgimento do país, sobretudo nos reinados de Davi e Salomão, e por fim o seu declínio após a morte deste último. Na divisão do país sob Roboão e Jeroboão, apresenta-se a história paralela dos reis de Judá e de Israel, terminando com a apostasia que levou à destruição do norte do país e depois à catástrofe final do exílio no ano 586 a.C. O cronista resume toda a história desde Adão em diante. Até à morte de Saul é, por assim dizer, uma breve genealogia; mas a partir daí segue quase a par e passo os livros de Samuel e dos Reis. Após a divisão do reino, limita-se quase só a descrever os acontecimentos relativos ao reino de Judá. Quando os livros das Crônicas, porém, se cingem a relatar os mesmos acontecimentos que os livros de Samuel e dos Reis, não os reproduzem literalmente. É o que se verifica com as narrações da vida de Jesus Cristo pelos quatro evangelistas. A "crítica" nem sempre é favorável ao autor das Crônicas. Mas o fato de mencionar certos acontecimentos que Samuel e os Reis passam em silêncio, ou então omitir outros que aqueles livros registram, leva-nos a colocá-los ao lado dos evangelistas, de cuja probidade ninguém duvida. Dum modo especial note-se como o cronista se interessa principalmente por tudo o que se relaciona com as cerimônias do culto, deliciando-nos com inúmeros pormenores interessantes, que os outros livros passam em silêncio.

e) Os Livros de Esdras e Neemias

A tomada de Jerusalém e o cativo dos seus habitantes em Babilônia, de modo algum frustrou o plano redentor de Deus; pois a nação, da qual havia de nascer o Salvador, não podia ser completamente abandonada. Dá-se então o regresso do exílio, como lembra o cronista no seu último capítulo, referindo-se

ao decreto do rei da Pérsia, Ciro, que autoriza os cativos a voltarem à terra de seus pais, se assim o desejassem e a reconstruírem o templo do Senhor em Jerusalém. É o que podemos constatar nos livros de Esdras e Neemias, que vão ao ponto de relatar minuciosamente todos esses trabalhos, sem esquecer as dificuldades que tiveram de vencer os filhos de Israel, há pouco vindos do exílio. Estes livros demonstram claramente que, apesar dos revezes da ruína de Jerusalém e do que sofreram no exílio, os filhos de Israel não prestaram o devido culto ao Senhor. Por isso aguardam a "plenitude dos tempos" em que Deus enviará o Seu Filho (#GI 4.4-5).

f) O Livro de Ester

Resta-nos agora considerar o livro de Ester. Trata-se duma maravilhosa exposição, habilmente descrita, do que parece ter sido a mais perigosa ameaça ao futuro de Israel-a sua extermínio total, levada a efeito pelo monstruoso plano de Hamã. O Senhor, porém, preserva o Seu povo, assegurando assim o cumprimento da promessa Messiânica feita aos nossos primeiros pais no jardim do Éden. Muitos comentadores têm dúvidas da historicidade e do caráter religioso do livro, embora não haja motivo para duvidar dos fatos que nele são descritos. Há um pormenor, observado pelos entendidos, a salientar neste livro: é que o autor mostra um perfeito conhecimento dos costumes persas. Quanto ao crime hediondo planeado por Hamã, não nos parece incrível, se pensarmos nos massacres perpetrados durante a última guerra mundial pelos nazistas alemães contra os indefesos judeus. Embora não se cite o nome de Deus, não se pode negar que o livro proclama a intervenção providencial do Altíssimo. Quanto a estar o livro eivado dum nacionalismo exagerado, vingativo e fanático, o que se descreve é a pura verdade. Os fatos são relatados objetivamente, e a atitude dos judeus, que não quiseram tocar nos despojos dos inimigos, embora o pudessem fazer, fala por si. Quem, pois, ousará censurar o autor, por exprimir a sua satisfação no dia em que viu os inimigos opressores passarem a oprimidos?

III. OS MILAGRES

Uma vez que nos relatam a história do plano redentor de Deus, não admira que os livros históricos do Velho Testamento contemham um certo número de milagres, especialmente o Pentateuco e outros livros posteriores. Sirvam de exemplo a travessia do rio Jordão, a queda dos muros de Jericó relatados em Josué, as façanhas de Sansão descritas no livro dos Juízes, e os milagres dos profetas Elias e Eliseu tão pormenorizadamente narrados nos

livros dos Reis. Ainda que muitos críticos ponham em dúvida a historicidade de tais narrações, não passa de subjetiva a argumentação que apresentam. O Senhor é um Deus que "opera maravilhas", sem que por isso vá de encontro às leis da Natureza. Já que a redenção da humanidade é o Seu maior milagre, não seriam de esperar outros milagres para que se realizasse essa magnífica obra? Nada melhor para conhecermos Deus que esses sinais e manifestações do Seu poder, que se faz sentir, sobretudo, nas grandes crises da história do Seu povo. Em muitos casos, é possível que os acontecimentos resultassem de causas naturais; efetivamente, assim por vezes o indica a Bíblia. Mas, supondo que se apresentassem semelhantes explicações, há sempre a considerar o milagre da precisão do acontecimento.

IV. O ELEMENTO HUMANO

Um traço característico desta literatura histórica é o fato de não incluir qualquer alusão ao culto dos heróis, à divinização das criaturas. Os homens e as mulheres, desempenhando o simples papel de testemunhas (#Hb 12.1), são apresentados tal como eram, com suas virtudes e seus defeitos, a sua fé e as suas dúvidas, a sua justiça e os seus pecados. Abraão é retratado não só como o homem que acreditou no Senhor (cfr. #Gn 15.6), mas também como o homem que duvidou (cfr. #Gn 17.17). Embora Davi fosse o homem "segundo o coração de Deus", não deixa de narrar-se o seu comportamento escandaloso com a esposa de Urias, (adultério e homicídio) que, sendo notório, desagradou aos homens e "pareceu mal aos olhos do Senhor" (#2Sm 11.27). O objetivo principal é dar-nos a entender, que a fé destas "testemunhas" não é fruto de méritos próprios, mas exclusivamente um dom de Deus. E assim como o Senhor fez destas criaturas arautos infatigáveis da fé, o mesmo fará conosco, não obstante a nossa fraqueza de espírito. Não há, pois, motivo para desespero.

O elemento humano verifica-se ainda na seleção dos escritores e no uso dos materiais existentes. Os livros históricos abrangem um período muito mais extenso do que a vida normal dum homem. Não admira que tenha de admitir-se a tradição oral ao lado de documentos escritos. Sabemos que foram várias estas fontes. Nos livros de Josué e de Samuel alude-se ao "livro do Reto" (#Js 10.13; 2Sm 1.18). Os livros dos Reis referem-se uma vez a um "livro dos sucessos de Salomão" (#1Rs 11.41), e freqüentemente ao "livro das Crônicas dos reis de Judá" ou "dos reis de Israel". Não se confundam estas obras com os livros bíblicos das Crônicas, podendo considerar-se aquelas como uma espécie de anais da corte. O cronista cita um grande número de fontes, como, por

exemplo, "as Crônicas do Rei Davi" (#1Cr 27.24); "as Crônicas de Samuel, o vidente" (#1Cr 29.29), que não se devem confundir com os livros de Samuel; "as Crônicas do profeta Natã" e "as Crônicas de Gade, o vidente" (#1Cr 29.29); "as profecias de Aías, o silonita" (#2Cr 9.29); "as visões de Ido, o vidente" (#2Cr 9.29 e #2Cr 12.15) ou "a história do profeta Ido" (#2Cr 13.22); "os livros de Semaías, o profeta" (#2Cr 12.15); e, finalmente, uma obra do profeta Isaías, filho de Amós (#2Cr 26.22), diferente do livro bíblico de Isaías. São ainda freqüentes as alusões ao "livro dos reis de Judá e Israel", que não é o mesmo que o nosso livro bíblico dos Reis, mas pode ser a mesma fonte a que o autor dos Reis se refere freqüentemente, isto é, aos anais da corte.

Em muitos casos, parte das fontes utilizadas foram copiadas literalmente e assim introduzidas na narração, como as seguintes passagens, que podem servir de exemplo: A distribuição das heranças das tribos de Israel em Canaã (Js 14-19); as listas dos heróis de Davi (#2Sm 23.8 e segs.; #1Cr 11.11 e segs.) e dos que voltaram do cativeiro de Babilônia (#Ed 2; #Ne 7.6 e segs.); cartas de oficiais ao rei da Pérsia (#Ed 4.11 e segs., #Ed 5.6 e segs.) e do rei aos oficiais (#Ed 6.6 e segs.).

Noutros casos recorrem os autores à sua experiência pessoal, sobretudo quando tomam parte na ação que estão descrevendo. Sirvam de exemplo #Js 5.1 "até que passamos"; #Js 5.6 "a terra... que jurara dar-nos"; e em especial Ed 7; 9, e a maior parte do livro de Neemias.

Tem-se afirmado, que a literatura semítica revela geralmente uma acentuada tendência para a formação de grandes unidades. É o que se observa na literatura histórica do Velho Testamento. Deste modo o Senhor utiliza esta predisposição natural do povo de Israel, que pertencia à raça semítica, para realizar o grande corpo de narrações de caráter histórico, que nos dá uma perspectiva de toda a obra da redenção desde o princípio do mundo até à restauração de Israel depois do exílio. Em virtude da finalidade e do caráter destes livros, admite-se que não apresentem uma narração pormenorizada de todos os acontecimentos duma determinada época. Temos, no entanto, todas as informações que o Senhor julgou necessárias para nos revelar a Sua obra redentora.

V. QUALIDADES ESTILÍSTICAS

Antes de mais, é de admirar o colorido das descrições, de que é exemplo frisante o ataque noturno de surpresa efetuado por Gideão e os seus trezentos

homens contra os midianitas (#Jz 7). Repare-se na preparação dos três esquadrões. Cada soldado empunha uma buzina, um cântaro vazio e uma tocha. Prepara-se o assalto. De repente a cidade é acordada pelo som estridente das buzinas e pelo ruído dos cântaros partidos, que mais se salientam ao clarão das tochas e ao grito uníssono dos soldados: "Eis a espada do Senhor e de Gideão". Segue-se uma breve, mas expressiva descrição da confusão e do terror verificados no seio das hostes midianitas. Outros exemplos: o duelo Davi-Goliias (#1Sm 17); o tribunal de Salomão (#1Rs 3); a prova do Monte Carmelo (#1Rs 18); e a situação de Hamã (#Et 7). O uso freqüente do discurso direto vem dar realce e certa vida a algumas das descrições. O motivo da ação é reproduzido muitas vezes sob a forma duma deliberação pessoal, como em #1Sm 17.1. Em certos casos há um diálogo, por vezes, circunstanciado a dar mais colorido e mais vivacidade à narração. Registrem-se os diálogos entre Davi e Saul (#1Sm 24) e do mesmo Davi e a mulher de Tecoa (#2Sm 14). A este propósito cite-se ainda o uso freqüente de expressões como "eis que", "eis aí", "vede" (cfr. #Js 8.20, Jz 3.24, 2Rs 7.6). É assim que o narrador bíblico nos fixa a atenção nos acontecimentos que apresenta, a ponto de nos tornarmos, por assim dizer, testemunhas oculares destes acontecimentos.

Em segundo lugar, havemos de notar que nem sempre se observa uma rigorosa e precisa ordem cronológica, como no livro dos Juízes, onde nos vemos a braços com uma situação complicada. Se admitirmos que todos os juízes mencionados no livro sucederam uns aos outros por ordem cronológica, e lhes contarmos os anos de exercício, vamos ter um número muito mais elevado, que não corresponde à afirmação de #1Rs 6.1: "Sucedeu que no ano de quatrocentos e oitenta, depois de saírem os filhos de Israel do Egito, Salomão... começou a edificar a casa do Senhor". Há que supor uma contemporaneidade nos períodos de atividade de alguns juízes, o que aliás a Bíblia admite na maneira como #Jz 10.7 combina a opressão dos filisteus e dos amonitas, embora nos capítulos seguintes se mencione primeiro a guerra com os filhos de Amom (Jz 11-12) e só depois a entrega nas mãos dos filisteus (#Jz 13.1).

Como segunda característica dos livros históricos do Velho Testamento, note-se ainda a extensão de certas narrativas a par da concisão e da brevidade de outras. Como exemplo do primeiro caso é de frisar a história pormenorizada do cerco de Samaria em #2Rs 7, em especial as repetições que parecem acentuar o cumprimento das profecias. #Js 10.18 e segs., apresentam-nos um exemplo de concisão ao descrever o caso dos cinco reis escondidos

numa cova em Maqedá. Josué, sabedor do caso, assim falou aos seus homens: "Arrojai grandes pedras à boca da cova, e ponde sobre ela homens que os guardem; porém vós não vos detenhais; segui os vossos inimigos" (#Js 10.18-19). Nem mais uma palavra a indicar que o povo obedeceu prontamente às ordens do seu chefe. Logo a seguir, porém, após o regresso da batalha, narra-se a morte dos reis, que ainda se conservavam prisioneiros na dita covasinal evidente de que haviam sido cumpridas as ordens de Josué.

VI. VALOR PRÁTICO

A finalidade dos livros históricos não é apenas a de demonstrar como Deus levou a cabo a Sua obra redentora. Esses acontecimentos não passavam de "figuras... escritas para aviso nosso" (#1Co 10.11). A oração de Elias, por exemplo, é sinal de que "a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos" (#Tg 5.16); e os castigos de Israel aconselham-nos a fugir do pecado (cfr. #1Co 10.7-10).

Em conclusão, os livros históricos são a Palavra de Deus, que nos estimula através de exemplos edificantes a seguir o caminho do bem. Sigamolo, pois.

G. CH. AALDERS

A POESIA DO VELHO TESTAMENTO

A poesia da Bíblia não se limita aos chamados "livros poéticos", que compreendem os livros de: Jó, Salmos, Cântico dos Cânticos, Lamentações, Provérbios e Eclesiastes; porque uma parte também dos "livros proféticos" apresenta-se sob forma poética, sobretudo num ou outro passo, por vezes brevíssimo. Há quem suponha, que essa poesia se inspira no "livro das guerras do Senhor" (#Nm 21.14), ou no "livro do Reto" (#Js 10.13; 2Sm 1.18; 1Rs 8.12-13) que eram coleções de poesia contemporânea. Alguns autores foram mais longe, e chegaram até a delinear os elementos duma métrica primitiva, que se encontraria desde o Gênesis até aos livros de Samuel. Outros ainda descobriram uma espécie de métrica saturnina nesses primeiros livros da Bíblia. São casos muito discutidos, a que neste resumido estudo não podemos dar o devido desenvolvimento.

Não só o Velho, mas também o Novo Testamento inclui um elemento poético, nem sempre estudado com atenção. São bem conhecidos os cinco cânticos natalícios de Lucas, e melhor ainda o prólogo de João, provavelmente baseado num hino cristão. Os sermões e as sentenças de Jesus refletem, também, a métrica hebraica, no dizer de vários entendidos. C. H. Dodd, por exemplo, afirma que "mostrando-se Jesus como profeta, é fácil de crer que falasse em verso, como os profetas ao proferirem seus oráculos".

Também as Epístolas do Novo Testamento parece conterem fragmentos de poesia. Primitivos cânticos cristãos inspiraram talvez #Fp 2.6 e segs., #Ef 5.14 (dum hino batismal?) e o "mistério da piedade" em #1Tm 3.16.

Finalmente, encontra-se também cheio de cânticos o último livro do Novo Testamento, mas não podemos, por agora, estudar "a métrica do Apocalipse", que exigiria um trabalho mais profundo.

I. FORMAS POÉTICAS

As duas características da poesia bíblica são: o ritmo do pensamento e o ritmo do som. Quanto a este último, é o que normalmente se usa na nossa língua, e que aparece quase sempre na forma regular de sílabas acentuadas ou não, numa ou várias linhas, chamados versos, as mais das vezes rimadas. Na poesia bíblica, o ritmo do som depende quase exclusivamente da seqüência regular de sílabas acentuadas. No que respeita às não acentuadas, é difícil pronunciarmo-nos, pois se desconhece que papel poderiam desempenhar essas

sílabas. "A questão mais difícil da métrica hebraica", escreve o douto A. Bentzen, "é o problema do **número de sílabas não acentuadas permitidas** num texto". Aquilo a que chamamos rima é largamente compensado na poesia hebraica por outra espécie de ritmo-o ritmo de pensamento ou de sentido, que é o paralelismo, já utilizado pelos poetas do Egito, da Mesopotâmia e de Canaã.

São clássicas duas obras de autores ingleses que, como ninguém, aprofundaram este assunto. Trata-se de **Leituras acadêmicas sobre a poesia sagrada dos hebreus**, obra publicada em latim em 1753 por Robert Lowth, professor de poesia em Oxford e mais tarde bispo de Londres; e **Formas da poesia hebraica**, devida a Jorge Buchanan Gray, professor de hebraico no Colégio Mansfield, e que apareceu em 1905.

O paralelismo hebraico toma várias formas, que só exemplos práticos poderão demonstrar. Seja o primeiro caso o do paralelismo perfeito, que se dá quando uma linha ou dístico se compõe de duas partes perfeitamente correspondentes. Repare-se em

"Israel não tem conhecimento,

O meu povo não entende" (**#Is 1.3**),

onde **Israel** corresponde a **meu povo** e **não tem conhecimento** a **não entende**. Como as duas partes são sinônimas, tem esta forma de paralelismo o nome de paralelismo idêntico. Outro caso é o paralelismo antitético, em que uma das partes é contrária à outra. **#Pv 15.20** apresenta-nos um exemplo concreto.

"O filho sábio alegrará a seu pai,

Mas o homem insensato despreza a sua mãe."

Outro caso de paralelismo é o chamado "simbólico", porque uma das partes utiliza o sentido literal e a outra o figurado. Veja-se o **#Sl 103.13** (com três sílabas acentuadas em cada parte):

"Como um pai se compadece de seus filhos,

Assim o Senhor se compadece daqueles que O temem".

Podemos ainda considerar um outro paralelismo, mais extenso, cruzado ou quiástico, como no [#Sl 30.8-10](#):

"A Ti, Senhor clamei, e ao Senhor supliquei. Que proveito há no meu sangue quando desço à cova? Porventura Te louvará o pó? Anunciará ele a tua verdade? Ouve, Senhor, e tem piedade de mim, Senhor; sê o meu auxílio".

Aqui, a primeira parte corresponde à quarta, e a segunda à terceira. É o que mais ou menos se verifica nas palavras de Jesus, a que [#Mt 7.6](#) faz referência:

"Não deis aos cães as coisas santas, Nem deiteis aos porcos as vossas pérolas, Não aconteça que eles (os porcos) as pisem com os seus pés, E, voltando-se, eles (cães) vos despedacem."

Citamos apenas casos de paralelismo perfeito, de versos com o mesmo número de sílabas acentuadas. Mas há que admitir ainda o paralelismo imperfeito, onde, por exemplo, uma das unidades de pensamento numa parte não tem correspondência na outra. Vejamos o caso do [#Sl 1.5](#), em que o verbo "não subsistirão" da primeira parte não tem correspondência na segunda:

"Pelo que os ímpios não subsistirão no juízo,

Nem os pecadores na congregação dos justos".

Conserva-se, todavia, o número de sílabas acentuadas, porquanto "juízo" tem uma sílaba nessas condições, e "congregação dos justos" duas. Do mesmo modo em [#Is 1.3](#):

"O boi conhece o seu possuidor, E o jumento a manjedoura do seu dono",

onde, na segunda parte não há correspondência do verbo da primeira, mas dá-se a lei da compensação, pois, enquanto "manjedoura do seu dono" tem duas sílabas acentuadas, "o seu possuidor" não tem mais que uma. Este fenômeno, também chamado "paralelismo imperfeito com compensação", é com frequência usado na poesia bíblica. Por vezes o paralelismo é tão imperfeito, que nos fica apenas a compensação, ou melhor, como lhe chama Lowth "o paralelismo sintético" ou, no dizer de Gray, "paralelismo formal".

Na realidade não se trata de qualquer paralelismo; há somente ritmo de som e não ritmo do pensamento. Sirva de exemplo o [#Sl 27.6](#):

"Também a minha cabeça será exaltada. Sobre os meus inimigos que estão ao redor de mim".

Neste caso são três as sílabas acentuadas em cada parte, mas sem qualquer espécie de paralelismo de sentido.

De outras vezes, com o paralelismo imperfeito e sem compensação, são de observar os versos de extensão desigual, seguindo no entanto determinadas regras, mais ou menos equivalentes à nossa métrica e em que as sílabas acentuadas se alternam na razão de 4 por 3. É o que podemos constatar na descrição do caos em [#Jr 4.23-26](#):

"Observei a terra, e eis que estava assolada e vazia;

e os céus, e não tinham a sua luz.

Observei os montes, e eis que estavam tremendo;

e todos os outeiros estremeciam.

Observei e vi que homem nenhum havia,

e que todas as aves do céu tinham fugido.

Vi também que a terra fértil era um deserto,

e que todas as suas cidades estavam derribadas diante do Senhor".

Mas a forma mais corrente do "paralelismo imperfeito sem compensação" é a que alterna 3 por 2 versos, e toma o nome de [qin'ah](#) ou métrica "de endecha", freqüente no livro das Lamentações. Admire-se o seguinte caso em [#Lm 3.1](#):

"Eu sou o homem que viu a aflição

pela vara do seu furor".

Mas não se limita só a este tipo de poesia, pois pode servir para exprimir uma esperança confiante, como no [#Sl 27.1](#):

"O Senhor é a minha luz e a minha salvação;

A quem temerei?

O Senhor é a força da minha vida;

de quem me recearei?".

Nas palavras de Jesus não raro se encontram casos destes.

Há ainda a considerar o "paralelismo gradativo", quando um membro (ou parte dum membro) dum linha é repetido na outra, sendo este, ponto de partida para um novo membro. Veja-se como se iniciam os primeiros versículos do [#SI 29](#), com a repetição do "Dai ao Senhor", ou ainda o [#SI 92.9](#):

"Pois eis que os teus inimigos, Senhor, eis que os teus inimigos perecerão; serão dispersos todos os que praticam a iniquidade".

Este caso não deixa de ter um interesse particular, pela semelhança que apresenta com o poema épico dedicado a Baal, descoberto entre as inscrições do Ras Shamra:

"Eis que os teus inimigos, ó Baal, eis que os teus inimigos destruirás, eis que tu destruirás os teus inimigos".

Há um autor que a este propósito cita um trístico do poema de Aqhat ou Dan'el, cujo conteúdo lembra o do [#SI 21.4](#):

"Pede vida a Aqhat, meu filho; pede vida e eu ta darei, Vida imortal, e eu ta concederei".

O caso do [#SI 92.9](#) é digno de registro, não só como exemplo de paralelismo gradativo, mas como modelo de trístico e não dístico. O esquema rimático é 3 por 3 por 3. É o que se dá no [#SI 24.7-10](#):

"Levantai, ó portas, as vossas cabeças;

Levantai-vos, ó entradas eternas,

E entrará o Rei da Glória..."

Apresenta-se-nos aqui uma série de quatro trísticos, formando duas curtas estrofes.

A presença de estrofes na poesia bíblica tem sido muito discutida, pelo fato de se encontrarem aqui e ali vestígios duma disposição estrófica. É o caso dum estribilho repetido, como no [#Sl 42](#) e no [#Sl 43](#) (que em princípio formavam um só), mostrando que as estrofes terminam respectivamente nos versos 5 e 11 do primeiro e no 5 do segundo. Outro exemplo é a profecia de [#Is 9.8](#); [#Is 10.4](#) (com [#Is 5.25](#) e segs.), onde se destaca o estribilho: "Com tudo isto não se apartou a Sua ira, mas ainda está estendida a Sua mão". Também nas palavras de Jesus poderíamos encontrar exemplos deste caso.

A disposição estrófica é também freqüente noutros esquemas acrósticos da poesia bíblica, como no [#Sl 119](#), que consta de vinte e duas estrofes, tendo cada uma oito "dícticos".

II. CASOS PARALELOS FORA DA BÍBLIA

Já fizemos alusão ao paralelismo de alguns exemplos de poesia bíblica, relacionados com trechos de poemas de Canaã descobertos em Ras Shamra. Foi o estudo destes documentos (de cerca do ano 1400 A. C.), que veio esclarecer as circunstâncias em que se desenvolveu a poesia hebraica. Tais documentos vieram pôr de lado a teoria de Gunkel, segundo a qual os trechos de poesia bíblica foram compostos numa data relativamente posterior, uma vez que já passara o período da poesia-balada. Admite-se que o cântico de Débora ([#Jz 5](#)) seja praticamente contemporâneo dos acontecimentos que descreve (cerca do ano 1150 A. C.). Quanto aos outros poemas, a que a Bíblia atribui uma data anterior, é de supor que pertençam a essa data, sobretudo à luz dos documentos de Ras Shamra. É assim, que na sua forma original tais poemas devem ter sido escritos no séc. XIII A. C., como o cântico de Moisés ([#Êx 15](#)) e as profecias de Balaão ([#Nm 23-24](#)).

A propósito ainda do paralelismo da poesia bíblica com a de outras civilizações, convém destacar as numerosas semelhanças entre o [#Sl 104](#) e o [Hino a Aton](#) do rei do Egito Akhnaton (c. 1377 -1360 A. C.). Mas, a par destas e doutras semelhanças, abundam as diferenças, particularmente a que distingue de todas as outras poesias a nossa poesia bíblica, que vem a ser o monoteísmo de Israel.

III. O TEXTO E A EXEGESE

Tem-se procurado corrigir os textos poéticos do Velho Testamento, para adaptá-los a um determinado esquema métrico. Mas, atendendo às múltiplas combinações métricas que se nos apresentam, não é fácil formular uma regra que agradasse a todos, se bem que, no caso dos acrósticos alfabéticos seja de admitir, que em princípio fossem completos, apesar de qualquer alteração. Quanto à possibilidade de restaurar o texto original no que se refere ao número de sílabas acentuadas nos membros, como no caso de #Jr 4.23-26, em que as palavras finais "diante do furor de Sua ira" se omitem muitas vezes por não se adaptarem ao ritmo de 4 por 3, e serem consideradas como um acréscimo em prosa. Nada, porém, se pode afirmar de positivo.

Por outro lado, o reconhecimento das formas básicas da poesia bíblica, sobretudo do paralelismo, ajuda-nos a melhor interpretar o texto, quando o autor faz duas afirmações não contraditórias.

Mas, o que acima de tudo convém frisar no estudo da métrica bíblica, é que ficamos a compreender melhor o texto das Escrituras, quer dizer, mais perfeita será a exegese da Bíblia.

F. F. BRUCE

OS LIVROS DA SABEDORIA DO VELHO TESTAMENTO

Os livros canônicos da Sabedoria do Velho Testamento abrangem os livros de Jó, Provérbios, Eclesiastes e bem assim alguns Salmos, como: #SI 1; #SI 10; #SI 14; #SI 19; #SI 37; #SI 49; #SI 73; #SI 90; #SI 112. Nos apócrifos a Sabedoria é representada, sobretudo, pelo livro do Eclesiástico (a Sabedoria de Jesus, filho de Siraque, obra escrita em hebraico cerca de 200 A. C., e traduzida em grego pelo neto do autor em 132 A. C.), e ainda o livro da Sabedoria (escrito provavelmente no primeiro século da era cristã por um judeu alexandrino). O livro de Baruque e os quatro livros dos Macabeus contribuíram também para a literatura apócrifa.

A sabedoria prática dos antigos resumia-se, em princípio, a máximas de caráter popular (Heb. *mashal*, no plural *meshalim*) a exprimirem em termos expressivos certos fenômenos observados ("Um céu vermelho à noite faz as delícias do pastor". "Não há ninguém tão surdo como aquele que não quer ouvir" -e outros mais). Uma forma mais desenvolvida é a das parábolas, e até dos enigmas. Neste caso podemos citar o enigma de Sansão (#Jz 14.12 e segs.), as parábolas de Jotão (#Jz 9.7 e segs.) e de Jeoás (#2Rs 14.9), e, sobretudo, as parábolas dos Evangelhos, que atingem a sua perfeição.

Deu-se, porém, o caso que a pouco e pouco se foi refletindo sobre os fenômenos da natureza e da vida, chegando-se à conclusão de que as generalizações populares não abrangem todos os fatos observados. O sofrimento dos justos, por exemplo, e o significado da vida preocupavam os espíritos, como os autores dos livros de Jó, do Eclesiastes e de alguns Salmos.

A verdadeira sabedoria (heb. *hokhmah*) para os pensadores hebreus, não era unicamente um raciocínio intelectual, mas acima de tudo prático, e em sentido moral e religioso. Sendo o "temor do Senhor o princípio da sabedoria", o verdadeiro sábio (heb. *hakham*) era aquele que encarava a vida num espírito de reverência a Deus. Pelo contrário, o insensato (heb. *nabal*) era insensível em matéria religiosa, ao afirmar solenemente no seu íntimo: "Não há Deus", ou pelo menos ao comportar-se como se Deus não existisse.

I. O MOVIMENTO QUE ORIGINOU OS LIVROS DA SABEDORIA

Convém frisar, antes de mais, que os livros da Sabedoria do Velho Testamento não constituem um caso à parte; são antes a expressão dum

movimento intelectual e moral que data dos primeiros tempos da história da religião hebraica. Os livros da Sabedoria registram a história de honestos investigadores da verdade, que se vêm a braços com problemas antigos e modernos, o que aliás sucedia com pensadores de outros povos, dado que a orientação da mentalidade humana não era apanágio do povo de Israel. Diz-se da sabedoria de Salomão, que "era superior à de todos os orientais e egípcios, mais sábio que todos os homens, mesmo que Etã, o Ezraíta, e Hemã, Calcal e Darda, filhos de Maol" (#1Rs 4.30-31). Em Obadias, versículo #Ob 8, podemos ler: "E não acontecerá naquele dia, diz o Senhor, que farei perecer os sábios de Edom, e o entendimento na montanha de Esaú?" Com este compare-se o texto de #Jr 49.7: "Acaso não há mais sabedoria em Temã? Já pereceu o conselho dos entendidos? Corrompeu-se a sua sabedoria?" Por isso a sabedoria dos hebreus e dos povos orientais tem sido comparada à filosofia das outras nações.

É certo que não surpreende o fato de se encontrarem generalizações da experiência quotidiana repetidas na sabedoria proverbial de muitos povos. "Até o tolo, quando se cala, será reputado por sábio; e o que cerrar os seus lábios por entendido" (#Pv 17.28). Quem não vê aqui um provérbio, que se encontra em quase todos os países e todas as línguas? Vejamos o correspondente a este na literatura sânscrita: "Até o tolo, que use rico vestuário, é bem visto em público; sim, é bem visto o tolo que não diz palavra".

Mas, não é só nestes casos que a Sabedoria bíblica se pode comparar à dos outros povos orientais, pois até no Egito, na Mesopotâmia e mais tarde na Grécia vamos encontrar exemplos paralelos. Tal como sucede noutras formas literárias do Velho Testamento, também os livros da Sabedoria não constituem um caso à parte, mas encontram casos paralelos na literatura da antiguidade. No Egito, por exemplo, sabe-se dum sacerdote, médico e arquiteto, chamado Imhotep, famoso como autor de provérbios, que podem remontar à Terceira Dinastia (c. 2700 A. C.), enquanto que dois ou três séculos mais tarde as máximas de Ptah-hotep constituem as mais antigas normas de conduta que se encontram escritas. A queda do Império Antigo, (c. 2200 A. C.), inspirou outros sábios que começaram a ter da vida uma concepção mais pessimista, a julgar pelo modo como consideram as riquezas materiais, embora um deles, Ipuwer, veja nos males presentes um indício da vinda dum rei justo, que será para o seu povo, o que um pastor é para as suas ovelhas, rei esse descrito em termos idênticos aos do #SI 72 e aos outros passos messiânicos do Velho Testamento.

Uma aproximação mais íntima com a literatura bíblica vai descobrir-se ainda nas obras do sábio Amenémope (c. 1150-930 A. C.), contemporâneo de Salomão, e cuja doutrina se aproxima, por exemplo de #Pv 22.17-23.12. Há um caso até em que a sabedoria de Amenémope parece que vem explicar o texto bíblico de #Pv 22.20. Aquela obra do sábio egípcio consta de 30 capítulos, conforme se diz algures: "Considera estes trinta capítulos". No caso do texto dos Provérbios há quem leia a palavra hebraica *sh-l-sh-m* como *sheloshim* ("trinta") e não *shalishim* ("excelentes coisas"); e, nesse caso, estaríamos em presença dum exemplo paralelístico dos dois livros. Mesmo que esta leitura seja inadmissível, são freqüentes os casos de paralelismo.

Passando agora às obras da literatura da Mesopotâmia, havemos de notar que em muitas, como por exemplo na *Ludlul bel nemeqi* ("Louvarei o Senhor da sabedoria") se encontra já a alusão ao problema do sofrimento dos justos, descrevendo-se um caso idêntico ao de Jó, embora essa descrição seja inferior à da Bíblia.

O pessimismo do Eclesiastes encontra eco em passos do poema épico Gilgamesh, e ainda do "Diálogo do Pessimismo", em que um professor e um escravo de Babilônia chegam à conclusão que tudo é vaidade.

Tal pessimismo, no entanto, não se restringe a uma época ou a uma nação; por isso não admira, que muitos pensamentos tenham paralelos nas obras dos filósofos gregos, em especial Teógnis (c. 500 A. C.). Note-se, todavia, que tais casos não implicam qualquer dependência literária daquelas obras. E isto, porque as mesmas causas produzem os mesmos efeitos sempre e em toda a parte.

As obras de Sabedoria-tanto do Egito como da Mesopotâmia- remontam a épocas anteriores às obras congêneres da Bíblia. Os escritores hebraicos partilharam da literatura comum aos povos orientais, deixando-se influenciar pelas produções literárias dos países circunvizinhos, sem que, por isso, se possam chamar plagiários. Trata-se de composições originais que, sendo inspiradas por Deus, atingem um plano de pensamento e de expressão mais elevado que o das congêneres dos outros povos.

Apesar de numerosas semelhanças, os livros de Sabedoria dos hebreus apresentam características inconfundíveis, que os distinguem dos livros idênticos dos outros países; porque, sendo inspirados, têm a garantia dum

Deus vivo e verdadeiro. A sabedoria da Bíblia é a sabedoria Divina. Nos mais variados aspectos da vida humana brilha uma luz, clara e segura, que vem da nação que Deus escolheu para Se manifestar ao mundo.

O movimento que originou os livros da Sabedoria hebraica estava intimamente ligado ao nome de Salomão, o rei-sábio por excelência. A probabilidade histórica combina-se com a tradição fidedigna, ao atribuir ao período do reinado de Salomão um notável desenvolvimento da vida nacional, que se manifestou no comércio, na arte, na literatura, e em tudo aquilo, enfim, que chamamos civilização. E seja qual for a extensão das obras de Salomão e dos Provérbios "que transcreveram os homens de Ezequias, rei de Judá" (#Pv 25.1), o certo é que a partir dessa data começou a tomar incremento a doutrina que costuma designar-se pelo nome de "Sabedoria". Podemos, pois, considerar Salomão como o pai da literatura de sabedoria dos hebreus, se bem que não falem exemplos fragmentários anteriores ao seu reinado.

II. OS AUTORES DA SABEDORIA

Sabe-se, que surgiu entre os judeus uma classe de sábios, encarregados de transmitir a sua sabedoria de geração em geração, e que para isso possuíam escolas, onde os discípulos entravam em contato com as doutrinas dos mestres (#Pv 1.6; #Pv 22.17; cfr. #Pv 24.23; #Ec 9.17; #Ec 12.11). Estes formavam um grupo aparte, como parece inferir-se de #Jr 18.18: "Não perecerá a lei do sacerdote, nem o conselho do sábio, nem a palavra do profeta", onde se alude a três classes diferentes. Cada uma delas tinha uma missão diferente: o sacerdote interpretava a Lei, anunciava a vontade de Deus; quanto ao sábio, esse dava conselhos práticos sobre os problemas da vida quotidiana. Um era ritualista, outro teólogo e o terceiro moralista. É grande a diferença, pelo menos entre o segundo e o terceiro. Enquanto os profetas eram reformadores práticos e irradiavam a mensagem divina no âmbito da conduta individual e social, agindo deste modo, partiam dum nível de altos princípios para descerem à expressão de ideais de conduta moral. Os sábios, esses eram mais vulgares e partiam de princípios menos elevados, como eram os que se relacionavam com a vida de todos os dias. Aqueles eram críticos, estes moralistas. Uns divulgavam a mensagem de Deus; outros, perante os acontecimentos da vida, e servindo-se da sabedoria humana, formulavam máximas e aforismos de grande profundidade moral.

Assim poderíamos resumir as funções destes sábios ou autores da sabedoria:

- a) Transcendem os limites do nacionalismo. Eram, por assim dizer, os humanistas do povo hebraico. Ao contrário dos sacerdotes e dos profetas não nutriam tendências para um particularismo racial. Somente nos livros de Sabedoria pós-canônicos começa a aparecer esta idéia, e a Sabedoria quase sempre identificada com a Lei.
- b) Tornam-se autores, desenvolvendo os seus conhecimentos literários e condensando-os em obras de notável valor.
- c) Eram sobretudo práticos; filósofos, mas não por amor à filosofia; pensadores, mas visando sempre à vida de todos os dias; realizadores, não meros especuladores.
- d) Continuaram a função da revelação, quando se calou a voz dos profetas e dos sacerdotes de Israel.

III. A DOCTRINA DA SABEDORIA

A origem da Sabedoria explica-se à luz dos problemas prementes, cuja solução tinha de ser encarada com urgência. Surge, então, a revelação da verdade. Os sábios de Israel têm um lugar no Plano Redentor de Deus dentro da história humana, que os distingue dos sábios das outras nações.

Os primeiros exemplos vamos buscá-los aos Salmos, onde fácil é descobrir dois aspectos característicos: o primeiro baseia-se num sentimento otimista (#SI 14; #SI 19; #SI 90), que contempla o mundo criado por um Deus bondoso, a glória do **cosmos** e a consciência e o mistério do homem mortal, cuja alma se encontra em frente das grandes realidades da vida; o segundo, apóia-se num sentimento de dúvida e de temor (#SI 10; #SI 37; #SI 49; #SI 73). Veja-se como o Salmista exclama, ao considerar a situação do ímpio arrogante: "Por que estás longe, Senhor? Por que Te escondes nos tempos de tribulação?" A prosperidade dos malfeitores e a adversidade do justo são temas correntes nos livros de Sabedoria, que os autores aprofundam e procuram solucionar. O #SI 37 responde: "a prosperidade dos ímpios não perdurará". O #SI 49 insiste: "O malfeitor terá na morte um castigo condigno". Finalmente o #SI 73 conclui: "A verdadeira prosperidade só pertence aos bons".

A questão magna do livro de Jó resume-se nestas palavras: "Por que será que o inocente sofre tanto?" A primeira resposta vem confirmar que o

pecado e o sofrimento se encontram sempre a par. É o princípio divino da retribuição no governo moral do Universo. O pecado e o sofrimento são, sem exceção, causa e efeito. Para contrariar esta dura verdade, não na sua essência, mas na maneira inflexível como sucede, aparece a figura de Eliú, que começa por dizer que o sofrimento não é um castigo, mas uma disciplina, cuja finalidade é purificar, e não castigar. Após isto Jó vai à presença de Deus e conforma-se com a Sua divina vontade.

O livro dos Provérbios vem comprovar, que os escritores inspirados da Sabedoria do Velho Testamento visavam, antes de mais, à vida prática, sem qualquer vislumbre de especulação filosófica. O autor do Eclesiastes, por exemplo, corrige, na sua doutrina, o materialismo, o fatalismo e o pessimismo daquele tempo, frisando os três elementos que contribuem para a felicidade relativa deste mundo: a ciência, os prazeres e o dinheiro. O verdadeiro, porém, é o da Sabedoria.

Ao procurar solucionar os mais urgentes problemas da vida, os livros da Sabedoria limitam-se quase só aos problemas da vida terrena presente. Só relativamente mais tarde aparecem doutrinas mais profundas como a da imortalidade.

O conceito da divina Sabedoria tem ainda outra finalidade: a de preparar a vinda de Cristo. Além da doutrina do Logos no prólogo de João, por exemplo, não será difícil descobrir a Sabedoria personificada, sobretudo em [#Pv 8.22](#) e segs., onde a Sabedoria assiste à criação do mundo. Por este e outros processos se preparou a vinda de Quem havia de ser a Sabedoria de Deus e a nossa Sabedoria. Quando iluminados pela encarnação de Jesus Cristo, os livros da Sabedoria do Velho Testamento apresentam-nos a Sabedoria de Deus em pessoa, Aquele que, ao proclamar-se "O Caminho, a Verdade e a Vida" vai ser a solução final para todos os problemas do homem e do mundo.

[F. F. Bruce](#)

[F. Davidson](#)

OS PROFETAS DO VELHO TESTAMENTO

Os livros dos profetas, formando quase um terço do Velho Testamento, contêm a doutrina e, em certos casos, a história pessoal dos profetas que apareceram isolados, a intervalos ou contemporaneamente, desde o séc. VIII ao séc. IV A. C. Este período é notável pelo largo desenvolvimento do pensar humano, e pelo aparecimento de ilustres orientadores do espírito em todos os países do globo.

Quando Sofonias previa a desgraça que devia cair sobre Jerusalém, e Naum descrevia a ruína de Nínive, Zoroastro, segundo um cálculo provável, empenhava-se a fundo na reforma da antiga religião iraniana. Quando Jeremias e Ezequiel insistiam na pregação do culto interior e puro a Deus, na conduta sincera e na responsabilidade pessoal, Confúcio dava à religião da China uma forma definitiva, enquanto Sidarta na Índia lançava os fundamentos do Budismo.

Na era dos profetas que surgiram depois do exílio, encontrava-se em elaboração a antiga religião grega, enquanto os filósofos da Jônia concebiam novos e elevados conceitos do universo e os dramaturgos da Ática representavam os mistérios da vida humana, sem esquecerem o espírito de justiça a que devia subordinar-se.

Atravessava-se, então, um período de grandes acontecimentos políticos: Israel, deixava de existir; a Assíria perdia a sua independência; Babilônia era submetida pelos persas; Jerusalém, após ter sofrido uma destruição total, vivia um período de ressurgimento nacional. A Grécia, depois de se libertar galhardamente do inimigo invasor, via-se a braços com a praga das lutas internas. Roma, a expandir-se avassaladoramente. Enfim, uma época brilhante em todos os ramos da ciência, da política e da estratégia, sem que todavia nenhum sábio, nenhum político, nenhum herói tenham superado esses homens de poder e de visão, que foram os profetas de Israel e de Judá.

I. A VOCAÇÃO PROFÉTICA

Os pregadores do séc. VIII não foram os primeiros profetas, no sentido que normalmente lhe atribuímos. Vêm de longe, pois desde os tempos remotos de Abraão se vêm verificando esses testemunhos duma doutrina fixa, que, revelada gradualmente, se baseou, sobretudo, na pregação de Moisés. Os

profetas, tal como este patriarca, foram "chamados" por Deus, que os encarregou duma missão altamente espiritual.

Os diferentes nomes que a Escritura atribui aos profetas dizem algo do caráter e da natureza da obra desses homens excepcionais. O que vinha a ser então o profeta? Primeiramente um "homem de Deus", quer dizer mais intimamente ligado a Deus do que os outros homens, e, portanto, mais reto e mais justo do que eles. Em segundo lugar o profeta é um "servo de Jeová", com uma missão especial a cumprir, a de entregar uma mensagem aos povos. Daí ser o profeta o "mensageiro de Jeová". As suas palavras tinham uma autoridade e uma força que só podiam advir de Deus. Finalmente o profeta é um "homem de Espírito", no dizer de Oséias (#Os 9.7). Isto no que se refere ao poder e à autoridade do profeta. Mas, se atendermos ao fato de que era esse homem que explicava aos povos a mensagem divina, podemos ainda acrescentar aos epítetos do profeta o de "intérprete".

Mais três nomes vêm-nos indicar como o profeta recebia a sua mensagem, e a seguir como a tornava conhecida. Dois deles **roeh** e **chozeh** significam "vidente". O profeta vê o que não é dado ver aos restantes homens, mas não por mérito próprio devido a uma excepcional perspicácia, ou a um poder de penetração, que são apanágio de inteligências agudas e experientes. Também não se trata do emprego de meios semelhantes aos que se utilizavam na adivinhação ou no ocultismo. A "visão" do profeta resulta exclusivamente dum dom sobrenatural, independente da vontade do mesmo profeta, pois o objeto dessa visão é revelado por Deus. Não vá julgar-se, porém, que tal submissão a Deus pode implicar uma passividade absoluta. O uso das faculdades normais do profeta não fica em suspenso, como se pode deduzir da palavra "vidente", já que, quando mais não seja, a visão exige não pequeno esforço da parte do profeta, preparando-se para ela, as mais das vezes, com oração e com rogos (cfr. #Dn 9.3).

A terceira palavra em questão, mais freqüente e que se traduz por profeta, é **nabi**, e dá a entender que a pessoa assim designada é um verdadeiro intérprete.

Ao contrário de Elias e Eliseu, os últimos profetas não operavam milagres. Confiavam inteiramente nas palavras escritas ou proferidas, e reforçadas de vez em quando por uma ação simbólica (cfr. #Jr 28.10). Embora unidos ao passado, interessavam-lhes, sobretudo, as circunstâncias do presente. Por isso, as suas obras refletem a vida política, econômica, social,

moral e religiosa da época em que viveram. Assim se explicam algumas das descrições de reinados sucessivos dos livros dos Reis e das Crônicas.

II. O FUNDO HISTÓRICO

Durante os vários séculos da atividade dos profetas, a história de Israel e de Judá foi largamente afetada pelas ambições de três grandes países: Assíria, Babilônia e Pérsia. E de tal modo o domínio foi exercido pelos vencedores, que podemos agrupar os acontecimentos conforme o período desse domínio exercido. As datas são, por vezes, apenas aproximadas, e por isso não admira que nem sempre concordem as cronologias apresentadas.

a) O período assírio

Durante a maior parte do reinado de Jeroboão II (783-743 A. C.) a Assíria encontrava-se plenamente absorvida com os seus assuntos internos, de maneira a não incomodar as pequenas nações, que prosseguiram tranquilamente na sua política individualista. Jeroboão estendera as fronteiras do norte até aos limites do reinado de Davi, com exceção de Judá. Este acontecimento, já foi anunciado por Jonas (#2Rs 14.25), foi seguido por um longo período de prosperidade material, como se depreende da pregação de Amós e Oséias. Estes profetas não deixam, todavia, de acentuar o declínio espiritual e a corrupção dos costumes que então atingiram um nível nunca alcançado.

Em 745 A. C. Tiglate-Pileser III, após uma série de campanhas militares, procurou infiltrar-se na Ásia ocidental, acontecimento também previsto por Amós e Oséias, mercê dos pecados de Israel. Amós, por exemplo, profetizou a destruição da corte real, profecia que se cumpriu quando Zacarias, sucessor de Jeroboão, foi assassinado pelo usurpador Salum, após um efêmero reinado de 6 meses. Com a queda da dinastia de Jeú a história de Israel sofreu novas alterações. Cinco reis subiram ao trono e em breve espaço desapareceram. Ao cabo de um mês Salum foi assassinado por Menaém, que passou a reinar dez anos, embora durante quase cinco pagasse tributo à Assíria. Quando, porém, subiu ao trono seu filho Pecaías, uma revolta substituiu-o por Peca que, não concordando com a política da Assíria, formou uma aliança com a Síria e atacou Judá, possivelmente por não querer aderir àquela aliança. Foi nesta altura que Isaías previu a queda de Samaria e Damasco. Não obedecendo aos conselhos do profeta, o rei da Judéia, Acaz, pediu socorro à Assíria, a que Tiglate-Pileser III respondeu com a invasão

duma grande parte de Israel, levando a população dos territórios invadidos e reduzindo o reino do norte a estreitas fronteiras. Peca foi assassinado por Oséias, e Israel mais uma vez passou a pagar tributo à Assíria. Em 732 A. C. Damasco sofre a invasão da Assíria, o mesmo sucedendo dez anos mais tarde à Samaria. Oséias, encorajado pelo Egito, revolta-se contra a Assíria, mas falhou a tentativa de atingir a liberdade. A cidade foi cercada pelo exército de Salmaneser V e, após três anos, capitulou ao seu sucessor Sargom II. Os sobreviventes foram exilados e o reino do norte deixou de existir.

Como Israel, no reinado de Jeroboão, Judá no tempo de Uzias aproveitou a relativa liberdade e independência para desenvolver o poderio militar e intensificar o comércio. Coroadas de êxito tais tentativas, não deixou, todavia, esta prosperidade material de conduzir ao esquecimento de Deus. Isaías, que começou a sua missão profética no ano da morte de Uzias (cfr. [#Is 6](#)), oferece-nos uma descrição real dos males sociais e religiosos do tempo de Jotão. Em virtude de Acaz, seu sucessor, não ouvir as advertências do profeta na altura da guerra entre a Síria e Efraim, Judá perdeu a sua independência, o que veio trazer conseqüências desastrosas para a vida religiosa da nação.

Durante algum tempo, Ezequias continuou a política de sujeição de seu pai e, quando o Egito pensou em fomentar uma revolta entre as nações mais pequenas, Isaías opôs-se a uma aliança e previu a queda do país. Associou, todavia, o usurpador babilônico a Merodaque-Baladã, depois do que profetizou o cativo de Babilônia (cfr. [#2Rs 20.12-21](#)). Morto Sargom II em 705 A. C., Ezequias revoltou-se contra a Assíria e atacou os filisteus, que eram seus tributários. A invasão de Senaqueribe, que terminou pela libertação miraculosa de Jerusalém, causou uma profunda impressão, e passou-se a confiar no Senhor, pelo amor que dedicava à Cidade Santa. Durante o período difícil, Isaías encorajou o rei e o povo a confiarem sempre no Senhor. Mais tarde, porém, vai censurar a nação por não dar glória a Deus, que acabava de derrotar o inimigo. A reforma de Ezequias, efetuada no tempo de Isaías e Miquéias, eliminou as práticas introduzidas por seu pai Acaz (cfr. [#2Rs 16.2-4,10-12](#)). Seu filho Manassés, porém, prestou vassalagem à Assíria e voltou ao paganismo, desta vez acompanhado dum série de perseguições e de atos de violência, que tornaram detestável o seu reinado.

Sofonias, ao profetizar o reinado de Amom, filho de Manassés, apresenta-nos também um esboço da sociedade do seu tempo. Após dois anos de governo, Amom foi assassinado pelo chefe dum partido, que poderíamos chamar reformador. Entretanto, o poder da Assíria entrava no seu declínio. Ao

findar o reinado de Assurbanípal (668 -630 A. C.), a atenção do rei de tal modo se concentrava nos acontecimentos do oriente e do sul, onde as invasões citas se tornavam um perigo ameaçador, que o Egito podia à vontade consolidar a sua posição de reino independente. Só depois da morte daquele rei em 625 A. C. Nabopolassar fundava o Império neo-babilônico. Como causa destes acontecimentos, em Judá, o filho de Amom, Josias, podia executar a reforma indicada no livro que encontrou no templo e estender a sua atividade até Samaria. Como Naum previra, Nínive foi conquistada pelos medos e pelos babilônios em 612 A. C. O império assírio perdia-se irremediavelmente, seguindo-se o domínio evidente de Babilônia.

b) O período neo-babilônico

Em 608 A. C. Faraó Neco levou a cabo uma expedição ao Eufrates, e Josias, receando talvez pela liberdade do seu povo, saiu-lhe ao encontro e deu-lhe batalha em Megido. Os acontecimentos que se seguiram em Judá têm uma estranha semelhança com a de Israel nos últimos anos. Só um dos quatro restantes reis de Judá morreu de morte natural. Tal como os profetas Oséias e Isaías-um dentro e outro fora do reino-estiveram em contato com os acontecimentos de Israel, assim Jeremias e Ezequiel na luta final de Judá foram os mensageiros da palavra de Deus ao povo.

Depois da morte de Josias subiu ao trono seu filho Jeocaz, num reinado de curta duração, pois após três meses foi deposto, e exilado por Faraó Neco, que entregou o trono a seu irmão Jeoaquim. Jeremias compara a injustiça deste com o reto proceder do pai em relação aos pobres e necessitados ([#Jr 22.13-19](#)). E das suas palavras se conclui, que neste reinado também se levantou uma onda de paganismo gigantesca e avassaladora. A série de reformas promulgadas não alteraram o espírito da nação. Quem se beneficiou foi o Egito, que imediatamente aproveitou a sua supremacia para influir nos ânimos mais tímidos.

Em 605 A. C. Neco perdeu a vida na batalha de Carquémis em luta com os babilônios. Judá foi subjugada e durante três anos Jeoaquim prestou vassalagem a Nabucodonosor, filho de Nabopolassar. Pouco depois Judá revoltou-se, mas, antes que Nabucodonosor interviesse para dominar a situação, faleceu Jeoaquim e subiu ao trono Joaquim, seu filho. Três meses mais tarde, em 597 A. C., capitulou e Nabucodonosor levou-o cativo para Babilônia, juntamente com as pessoas mais destacadas do país. Esse cativo durou trinta e cinco anos.

A capitulação do rei de Judá veio, no entanto, prolongar a vida de Jerusalém por mais dez anos. Matanias, tio do rei cativo, foi colocado no trono por Nabucodonosor que lhe mudou o nome para Zedequias. Em 594 A. C. surgem embaixadores dos pequenos estados vizinhos a solicitarem apoio para uma revolta comum. Isto deu azo à discussão travada entre Jeremias e Hananias, em virtude de o primeiro não ser favorável à dita revolta (#Jr 28.1-7). No momento o motim não chegou a realizar-se, vindo, porém a suceder mais tarde no tempo de Faraó Hofra com um novo cerco a Jerusalém. Faraó, porém, foi derrotado pelos homens de Nabucodonosor, e em 586 A. C., após uma resistência tenaz, a cidade foi tomada e deportados quase todos os seus sobreviventes.

Entre os que ficaram no país contava-se Jeremias, que os babilônios libertaram, pelo fato de aconselhar a rendição (cfr. #Jr 39.1-14). O governador Gedalias, nomeado por Nabucodonosor, não conseguiu, todavia, manter a paz e a ordem, pelo que foi assassinado por um grupo de conspiradores chefiados por Ismael (#Jr 41.2), que fugiu para junto do rei de Amom. O resto do povo, conduzido por Joanã, dirigiu-se para o Egito e com ele seguiu Jeremias. Estabelecendo-se nas cidades fronteiriças, depressa foi posto de lado o culto de Jeová. É que os espíritos ficaram completamente transtornados após a destruição de Jerusalém. Quando Jeremias protestou contra o culto da Rainha do Céu, então freqüente entre os judeus no Egito, as mulheres logo replicaram que não podiam abandonar tal culto, uma vez que só a adversidade as perseguia, desde que seus pais deixaram de o praticar.

Dos primeiros cativos levados para Babilônia salientaram-se Daniel e seus companheiros, que, apesar de viverem na corte pagã, ficaram sempre fiéis ao culto de Jeová. De dois passos de Ezequiel (#Ez 14.14,20) muitos concluem ser familiar a história de Daniel aos outros exilados, que lhes servia de exemplo.

O livro de Ezequiel fala-nos largamente dum grupo de judeus cativos que, levados com Joaquim, se tinham estabelecido num lugar chamado Tel-Abibe. O profeta era um membro desta colônia. Da carta que Jeremias lhes dirigiu (#Jr 29) pode deduzir-se que gozavam de grande liberdade, pois é provável que vivessem em bairros próprios ou então num extenso território demarcado, onde não poderiam considerar-se prisioneiros no sentido rigoroso da palavra. Foram os anciãos que aí organizaram a vida social e religiosa, enquanto outros se entregavam livremente ao comércio, que prosperava cada

vez mais, como podemos verificar pelos impostos que mais tarde foram lançados para a reconstrução do templo. Sob o aspecto religioso foi maior ainda o progresso. Longe de Canaã, nunca mais se deixaram seduzir pelos seus Baals. Nada poderia conduzi-los ao culto dos deuses dos vencedores assírios e egípcios. Graças à eficiente pregação de Ezequiel, e esquecidos os deuses de Babilônia, depressa era fácil regressar ao Deus de seus antepassados. Os sacrifícios não poderiam com facilidade ser oferecidos a Jeová, mas a oração substituí-los-ia. Guardava-se o sábado. Provavelmente lia-se a Bíblia com regularidade e em público, o que vinha fortificar os espíritos e contribuir para a divulgação da verdade. Era o princípio da sinagoga.

Em 561 A. C. morreu Nabucodonosor. Os três reis que lhe sucederam reinaram por períodos relativamente curtos. Julga-se que o último, Nabonido, se tenha retirado para a Arábia, depois de ásperas contendas com os sacerdotes. Tornou-se co-regente seu filho Baltasar. Alguns anos antes Ciro, governador de Chuchan, pequena província do Elã, revoltou-se contra Astíages, rei da Média, e iniciou uma série de conquistas. Espreitava-o, porém, a ambição desmedida da Lídia, da Babilônia e do Egito, que se apressaram a formar uma coligação contra ele. Creso, rei da Lídia, todavia, atreveu-se sozinho a enfrentá-lo e em 546 A. C. viu a sua capital Sardes invadida e todo o reino devastado. Ciro então voltou a Babilônia, que submeteu sem esforço, em 539 A. C. O gênio militar e outras virtudes guerreiras deste monarca entusiasmaram a imaginação dos escritores antigos. E assim termina o período babilônico com a subida ao poder do grande rei.

c) O período persa

Inicia-se este período por um fato importante: o do cumprimento das profecias da restauração. Ciro simpatizava-se com as aspirações religiosas dos diferentes povos do seu império. Conta Josefo, que chegou a proteger os judeus, só porque lhe tinham sido apresentadas as profecias de Isaías. Em 538 A. C. publicou mesmo um decreto autorizando-os a voltar e a reconstruir a sua cidade. Partiram nesse ano os primeiros cinquenta mil, chefiados por Sesbazar.

Após sete meses de trabalhos intensos, estava restaurado o altar e já ali se ofereciam sacrifícios ao Senhor. Dois anos depois cavavam-se as fundações para a reconstrução do templo. Mas, devido à oposição da população local, as obras foram interrompidas até 520 A. C., e só se iniciaram de novo graças aos

estímulos dos profetas Ageu e Zacarias. Zorobabel, neto de Joaquim, passou a governar o reino de Judá. O império persa via-se agora a braços com diversas revoltas que vieram ofuscar o alvorecer do reinado de Dario. Todas as atividades invulgares passaram então a ser objeto de suspeita. Tatenai, governador persa da Síria, mandou abrir um inquérito acerca da reconstrução do templo, e os judeus viram-se obrigados a recorrer à autoridade do decreto de Ciro, uma vez que a notícia confirmada chegara à corte persa. Dario, porém, atendeu às reclamações dos judeus, por serem justas e conformes à lei, e o templo ficou concluído em 516 A. C.

Nada mais se sabe dos restantes exilados, até que em 458 A. C. chega Esdras com um novo grupo vindo de Babilônia e portadores de consideráveis presentes para o culto do templo. É talvez melhor colocar o ministério de Malaquias neste período desconhecido antes do aparecimento de Esdras, do que propriamente na altura em que Neemias se encontrava ausente na Pérsia. Sendo assim, facilmente se compreende que a missão de Esdras e a obra reformadora de Neemias vêm completar a doutrina que encerram os livros, cujos autores são aqueles profetas.

Artaxerxes encarregara Esdras de organizar o culto do templo e de instruir o povo em conformidade com a Lei de Moisés. Catorze anos após a sua chegada, Neemias era nomeado governador da província e conseguiu restaurar as muralhas da cidade no curto espaço de cinquenta e dois dias. Era o início da campanha reformadora, em que se empenhara, exterminando os abusos e fazendo uma aliança solene com o povo. Esta implicava, em princípio, a guarda da Lei Mosaica, a supressão dos casamentos com estrangeiros e do comércio ao sábado, e finalmente uma contribuição pecuniária para o culto do templo. A relação entre estas reformas, a que o povo se submetia, e as que Malaquias lhe pregava, dão a entender que aquela aliança pode ser considerada como o fruto da pregação do profeta.

III. A DOCTRINA DOS PROFETAS

a) A natureza de Deus

Podemos considerar a religião como uma tentativa eficaz para estarmos de boas relações com o supremo Poder do Universo. O caráter e o valor dessas relações, dependem muito do conceito que formamos do objeto do culto. Ao tempo da morte de Josué, embora Israel já tivesse entrado na Terra de Canaã, os seus habitantes ainda não tinham sido completamente dominados. As

grandes tribos e muitos outros grupos organizados continuaram a lutar por mais algum tempo, com mais ou menos êxito. Mas gradualmente os invasores estabeleceram-se lado a lado com as outras populações e, esquecendo as ordens de Jeová, com elas se misturaram em casamentos e começaram a adorar os seus deuses. Ainda mesmo quando conservavam pura a idéia do monoteísmo, os seus pensamentos começavam a deixar-se influenciar pelas opiniões que os vizinhos pagãos formavam das suas divindades. É muito possível que alguns adorassem o verdadeiro Deus, apenas enquanto era um dos muitos a quem podia prestar-se culto. Pensavam, por exemplo, que para obter o auxílio divino era suficiente transportar a arca para a batalha (#1Sm 4.5), ou então oferecer sacrifícios, embora com a consciência manchada por uma conduta irregular (#Os 8.12-13). Sendo estes os frutos da primeira apostasia, a missão dos profetas era a de tornar conhecida a natureza de Deus, ou antes dirigir de novo a atenção para ela e considerá-la melhor. Cada um utilizava um processo diferente, porque as mensagens dos profetas variavam conforme a sua experiência pessoal, as circunstâncias particulares de cada caso e a cultura daqueles a quem eram dirigidas. Mas há um conjunto de verdades primordiais, que mais ou menos constituem a doutrina dos profetas.

1) DEUS É O LEGISLADOR ONIPOTENTE DO UNIVERSO. É o Deus ou o Senhor dos Exércitos (#Am 5.27). Quanto ao significado original desse epíteto, não é fácil descobrirmos se se relaciona com o comando das tropas de Israel ou com os exércitos celestes. Nos últimos tempos, todavia, é possível que se refira a este último caso. As miríades de estrelas simbolizavam os exércitos dos céus, e o comando de tais estrelas implicava naturalmente a Onipotência (#Is 40.26). A tradução da Septuaginta dá um equivalente exato: **pantokrator**. O poder de Deus não se manifestou só na criação. Todos os dias o podemos admirar espalhado pela natureza. Ele é o Criador dos confins da terra e não se esgota a Sua energia criadora (#Is 40.28). Ele formou os corpos celestes e as massas rochosas das montanhas. Ele aciona os ventos, dirige a luz e orienta a chuva. O prado verdejante é um precioso dom de Deus. O míldio, os gafanhotos e outras forças ocultas de destruição obedecem às Suas ordens (#Am 4). O poder do Senhor manifesta-se ainda, e em larga escala, em todos os acontecimentos da história humana. Foi Ele quem retirou os israelitas do Egito e os levou para além de Damasco; (#Am 5.27), quem levou o povo da Síria para Quir, de onde o tinha retirado (#Am 1.5; #Am 9.7). A Assíria é a vara da Sua ira (#Is 10.5). Foi Ele quem suscitou os caldeus para realizar os Seus desígnios, (#Hc 1.6), e quem cinge Ciro para realizar o que Lhe agrada (#Is 44.28; #Is 45.5).

- 2) **DEUS É QUEM GOVERNA MORALMENTE O MUNDO.** Ele é santo, reto, justo e misericordioso. A palavra "santo", referindo-se a Deus, atinge nos profetas um significado moral, enquanto O distingue do homem na sua existência e na sua essência como criatura. A intervenção de Jeová na vida dos homens e nas nações nada tem do capricho que freqüentemente se atribui aos deuses pagãos. Tudo contribui para o desenvolvimento do plano que desde a eternidade tem em vista. Todos os homens são iguais perante Ele. Ele está presente em toda a parte a observar a conduta dos homens, cujos segredos conhece, mesmo os mais íntimos pensamentos (#Am 4.13). Quando castiga um país ou um indivíduo, é porque existe uma causa grave e não por mera bagatela como sucedia com os deuses olímpicos, que por uma insignificância, dizia-se, se iravam contra os homens. Há sempre um motivo: a violação da lei da justiça, que é comum a Deus e aos homens.
- 3) **É O DEUS DA ALIANÇA COM ISRAEL.** Enquanto criou e governa todas as criaturas Deus quis um parentesco especial e único com Israel e os seus habitantes. Vejamos: Escolheu-os de entre todas as nações da terra (#Am 3.2); chamou-os do Egito e instruiu-os paternalmente (#Os 11.1-4); deu-lhes a Lei para os orientar (#Os 8.12); exortou-os a obedecerem aos mandamentos (#Jr 11.7), etc. Mas o Seu povo revoltou-se contra Ele, expondo-se a sofrer graves conseqüências. Mesmo assim não o abandonou e manteve firme o plano previsto (#Is 6.13; #Mq 5.7-8). Deus só deseja o bem do Seu povo. Por isso não o entrega nas mãos dos inimigos, senão após inúmeros conselhos (#Jr 25.4,11).

b) O pecado e o arrependimento

Os profetas denunciam o pecado em termos decisivos, mas não deixam de insistir no valor do arrependimento. Amós, apesar do realce que dá à justiça inexorável, em nome de Deus incita Israel a procurá-lo para viver (#Am 5.4). Oséias alude à bondade divina e apela continuamente para que voltem para Aquele que é todo bênção e todo perdão (#Os 14). Jeremias, seguindo as pisadas de Oséias, proclama em termos ameaçadores a condescendência e a compaixão de Deus (#Jr 3.12). Isaías, cujo conceito de Deus é o mais elevado, declara que o Alto e o Sublime, que habita na eternidade, habita também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e para vivificar o coração dos contritos (#Is 57.15). Noutro lugar frisa que Deus é grandioso em perdoar (#Is 55.7). Também Ezequiel, que tão profundamente descreveu a majestade e a santidade de Deus para os exilados, assevera-lhes

que esse Deus não deseja a morte do ímpio, mas que se converta dos seus pecados e viva (#Ez 18.23). Tais mercês nem só a Israel são reservadas. Estranhos, como Ebede-Meleque, podem entrar na aliança e participar das bênçãos divinas (#Jr 39.15 e segs.; #Is 56.4-7) e até os confins da terra são convidados a procurar a salvação de Deus (#Is 45.22).

Como orientadores ou chefes espirituais e religiosos, os profetas não tinham que escolher entre o seu Deus e a bondade. A doutrina que pregavam acerca do homem e dos seus problemas dependia diretamente da maneira como criam em Deus. Antes de tudo eram teólogos; e só em segundo lugar mestres e orientadores morais. Como Isaías, todos eram pecadores que alcançaram misericórdia e obtiveram o perdão, graças ao poder divino nele manifestado. Depois de pregarem Deus, a sua principal missão era a de convencer os homens de que eram pecadores, que deviam arrepender-se e deixar-se guiar pelo caminho da justiça. Por isso, as obras dos profetas não se apresentam como tratados sistemáticos, tal como os dos moralistas gregos. A doutrina dos profetas era de caráter acidental, a maior parte das vezes apresentada negativamente, na descrição e na denúncia do pecado. São, todavia, numerosos os casos de afirmações positivas, por exemplo em #Mq 6.8, onde se resumem os principais deveres a cumprir.

Ao tratarmos do aspecto moral dum corpo de doutrina, é costume considerar-se o que se entende por sumo-bem, ou ideal; por virtude e por dever. Observando a doutrina moral dos profetas, fácil será verificar, que o sumo-bem é apresentado sob várias formas. Uma vez, parece ser o conhecimento de Deus, outras a justiça, ou a graça divina concedida aos justos. Seja como for, há uma relação íntima entre todas estas formas. Sem o conhecimento de Deus, não é possível a justiça. Ora, enquanto a justiça implica a idéia do comportamento do homem perante o seu semelhante, na doutrina pagã não passa dum virtude de fundo muito variável; mas nos profetas, tem um sentido religioso. Ser justo é obter um voto favorável no tribunal de Deus. Em alguns casos a palavra chega quase a ter o significado de "prosperidade". Daí, o condizer com o sumo-bem, que vem a ser a graça divina ou seja uma bênção não só espiritual, mas material também.

O pecado é que impede de se procurar e atingir o sumo-bem; afeta o culto e a conduta dos povos; conduz à idolatria e afasta as almas do caminho do bem apontado por Jeová. Entre as personagens de maior destaque, merecedoras dum especial censura devida aos pecados cometidos, contam-se reis, políticos, sacerdotes, falsos profetas, comerciantes e chefes de família.

Passemos agora a enumerar os principais pecados a que se faz alusão com frequência:

- 1) PECADOS DO CULTO DE ADORAÇÃO. Estes pecados incluem a idolatria e todas as práticas que com ela andam associadas, a negligência no cumprimento dos deveres do culto, ou então uma atenção meramente externa com prejuízo do espírito da Lei (#Ml 1.13; #Os 6.6), e a profanação do sábado (#Jr 17.19 e segs.).
- 2) PECADOS DE ORGULHO. Estes conduzem à descrença e à indiferença em relação às ordens de Jeová, originando nos tempos difíceis uma confiança ilimitada nos chefes políticos e no poderio das nações, com desprezo absoluto pelo poder que vem do alto (#Jr 13; #Is 9.9).
- 3) PECADOS DE VIOLÊNCIA E OPRESSÃO. Os profetas defendem a causa das classes desprotegidas: os pobres, os órfãos, as viúvas, os escravos, e falam contra as prepotências dos ricos e dos poderosos.
- 4) PECADOS DE LUXÚRIA E INTEMPERANÇA. Estes pecados, que por um lado levam ao não cumprimento dos deveres, por outro incapacitam os homens de os cumprir devidamente.
- 5) PECADOS DE MENTIRA E DE IMPUREZA. Pelo primeiro desaparece a confiança política, comercial e social; pelo segundo, arruinam-se os fins da vida familiar.

Segundo os profetas, as virtudes máximas do crente resumem-se a três: o arrependimento, a fé e a obediência a Deus. O arrependimento, que os profetas tanto pregam, implicando conhecimento do pecado, supõe um pesar por havê-lo cometido, que ao mesmo tempo obriga o homem a voltar-se para o bom caminho de Deus, enquanto se desvia do caminho da iniquidade. A confiança em Deus é a fonte de energias para o cumprimento do dever, é o guia nas horas incertas, o conforto nas horas tristes, a prosperidade da vida espiritual. O conhecimento de Deus como Aquele que executa a paz, a justiça e a bondade na terra e se compraz nessa execução, é o que se recomenda acima de tudo (#Jr 9.24). Em seguida, lembra-se que a prática da justiça, da misericórdia e da humildade (#Mq 6.8) deve ser também do agrado do homem em obediência à vontade de Deus.

Quanto aos deveres a cumprir, poder-se-ia resumir a doutrina dos profetas com as palavras de Malaquias, que são o fecho do Velho Testamento: "Lembrai-vos da Lei de Moisés, Meu servo, a qual lhe mandei em Horebe para todo o Israel, e que são os estatutos e juízos" (#MI 4.4).

c) Profecias Messiânicas

Há a registrar ainda um aspecto importante da obra dos profetas, que não deve ser esquecido, se porventura queremos analisar até que ponto os profetas contribuíram na preparação de Israel para poder participar na redenção da humanidade. Além de lembrarem o passado e o presente, não deixaram de dirigir a atenção do povo para o futuro. A idéia de um "dia do Senhor" em que Ele havia de manifestar-Se em todo o Seu poder não era nova no séc. VIII. Na crença popular, todavia, significava um tempo quando Israel triunfaria de seus inimigos. Os profetas, por outro lado, acentuavam que para um povo desobediente seria um dia de trevas e não de luz. Deus seria vingado pelo castigo de todas os transgressores, fossem pagãos ou israelitas, embora os privilégios e as bênçãos prometidos aos cumpridores da Lei não sejam distribuídos senão com um critério justíssimo.

Os profetas, no entanto, consideravam ainda outro aspecto, ao terem em vista o futuro que apontavam. É que não o faziam com o fim de aterrorizar os pecadores, lembrando-lhes a justiça retributiva de Jeová, mas por outro lado, revelava-lhes o plano de Deus em relação ao povo escolhido. Como as outras nações, também Israel tinha um ideal em vista, pelo qual lutava com todas as suas energias. Era necessário que a sua vida moral fosse estimulada, não só pela esperança mas também pela lembrança. Houve períodos na sua história em que se tornou notável a influência exercida pelos países circunvizinhos. Era de ver como se aplicava em preparar o exército e desenvolver o comércio e a indústria. Mas uma série de desastres e de revezes vieram desfazer o sonho dourado desta supremacia mundana, embora a chama de esperança se mantivesse viva ainda por muito tempo. A pregação dos profetas chamou a atenção para a verdadeira vocação do país e procurou exaltar os ânimos com a visão dum futuro glorioso, que de longe ultrapassaria a história do passado. Embora, por causa do pecado, o país tivesse de sofrer a perda do território nacional, do templo e da própria independência, não tardaria a oportunidade em que o povo seria purificado e enriquecido, após uma restauração vitoriosa, e iria instruir os outros povos no conhecimento do Senhor, orientando-os no caminho da justiça e da paz. Ora, o cumprimento de tais promessas vem quase sempre associado a uma Pessoa, apresentada sob diferentes formas, e

ultimamente designada por Messias (#Dn 9.25-26). Já tinha havido uma série de profecias relativas a essa Pessoa a começar pelas do Proto-evangelho (#Gn 3.15), mas as que haviam de aludir mais diretamente ao Messias eram, sem dúvida, as dos profetas do séc. VIII em diante, que não se cansam de O apelar Profeta, Sacerdote e Rei. É sobretudo nos últimos capítulos de Isaías que mais se desenvolvem os dons proféticos do Messias: É chamado desde o ventre (#Is 49.1); a Sua boca é uma espada aguda, uma frecha limpa na aljava do Senhor (#Is 49.2); Jeová dá-lhe uma língua erudita, para saber dizer a seu tempo uma palavra e todas as manhãs Lhe desperta o ouvido para que ouça, como aqueles que aprendem (#Is 50.4); a Sua mensagem é dirigida aos mansos (#Is 61.1), porque foi enviado a restaurar os contritos de coração e a proclamar a liberdade aos cativos, não só de Israel mas também dos gentios, pois levará a salvação até à extremidade da terra (#Is 49.6); finalmente, confiado no braço do Senhor, o Messias prosseguirá tranqüilamente a missão de que é incumbido, apesar do desprezo e das perseguições (#Is 49.7; #Is 50.5-7).

Ser profeta entre as nações era, sem dúvida, a vocação de Israel, e o profeta por excelência só poderia sair de Israel. Mas há ainda outro aspecto a considerar. É que o Servo sairá vitorioso através do sofrimento e da dor. Ninguém Lhe dará crédito; será desprezado e incompreendido; levado à morte, mas sem um protesto; considerado um malfeitor, mas sem se opor nem defender; será atormentado pelos pecados do povo de Deus, e por eles oferecerá a alma ao Deus que o ressuscitará dos mortos para a justificação de muitos; pela morte será, pois, glorificado (#Is 52.13-53.12). O Novo Testamento atribui estas palavras a um único indivíduo-Nosso Senhor Jesus Cristo-e não a uma nação inteira (cfr. #At 8.35).

Depois do exílio, Zacarias fala dum sacerdote, que será ao mesmo tempo rei. É muito natural que se trate da mesma pessoa, embora os outros profetas não desenvolvam tão largamente esta idéia. Ela aparece, todavia, no #SI 110 e é o tema geral da Epístola aos Hebreus.

O rei Davi simboliza dum modo especial o Messias-Rei. Como? O Messias nasce dum dos ramos da árvore de Davi, embora em circunstâncias humildes (#Is 11.1); é cumulado dos sete dons do Espírito, por isso só julga em conformidade com a conduta moral; como Juiz, é justo, reto e fiel; como Rei, subordinará as forças do mal, que irão sendo eliminadas à medida que o conhecimento de Deus se for espalhando pela terra; finalmente será o Salvador das nações e a Esperança de Judeus e de Gentios (#Is 11). Ao

contrário dos reis da terra, não usará da força para obter e defender o seu império. Não cavalgará sobre ginetes de luxo, nem utilizará carros imponentes. Montará um simples jumentinho e o Seu império estender-se-á de um mar a outro mar, e desde o rio até às extremidades da terra (#Zc 9.9-10).

Muitos outros passos das obras dos profetas aludem às excelsas virtudes desse grande Legislador. Isaías chama-Lhe o Deus Forte (#Is 9.6); Jeremias "O Senhor, Justiça Nossa" (#Jr 23.6); Miquéias declara que as Suas saídas são desde os tempos antigos (#Mq 5.2); Daniel vaticina-Lhe um domínio eterno, que não passará (#Dn 7.14). Outros textos falam-nos da missão divina do Messias, sem que por isso impliquem uma realeza no sentido humano. Zacarias descreve-O como o companheiro do Senhor dos Exércitos (#Zc 13.7) e Malaquias chama-Lhe o Anjo da Aliança que de repente virá ao Seu templo (#Ml 3.1).

Acabamos de examinar algumas das muitas alusões ao Salvador nas obras dos profetas, mais que suficientes para provarem os traços gerais das profecias messiânicas, que a partir do séc. VIII começaram a trazer à luz, embora veladamente, a glória e esplendor celestial do Messias.

W. J. CAMERON

OS LIVROS APÓCRIFOS E APOCALÍPTICOS

I. SIGNIFICADO DA PALAVRA "APÓCRIFO"

Com o nome de "apócrifos" designamos, normalmente, os livros que a Vulgata Latina contém, mas que não estão incluídos no Velho Testamento Hebraico. A presença de tais livros na Vulgata, exceção feita a 2Ed, deve-se à tradução grega da Septuaginta, fonte da versão latina destes livros. Afirma-se, geralmente, que este fato demonstra que os judeus de Alexandria versados na língua grega lhes deram plena canonicidade, e que a Igreja primitiva adotou pura e simplesmente a Bíblia Grega. Nada de certo, porém. Os livros em questão são de origem palestiniiana, escritos na maior parte em hebraico ou aramaico. Embora populares tanto na Palestina como na Dispersão, é provável que não estivessem no mesmo plano que os outros livros canônicos em todas as regiões. O termo "apócrifo" pode, então, significar "estranho" ou "de fora". Mas não se trata dum significado rigoroso, pois a palavra grega *apocryphos* quer dizer "escondido" e aplicava-se aos livros que se ocultavam do público, para serem consultados apenas por uma classe privilegiada. Nada de ultrajante encerra o termo, já que os livros, pelo contrário, dispunham de um certo valor, nem por todos compreendido. Parece que assim se denominavam as obras dos videntes judeus do século II A. C. até ao século I da era cristã, e que, publicados com os nomes de heróis e profetas de Israel, se conservaram escondidos até àquela altura. Sendo assim, nem todo o público conhecia a existência de tais livros. Em 2Ed 14 conta-se como Esdras ditou a cinco escribas noventa e quatro livros, vinte e quatro dos quais eram os livros do Velho Testamento (os Profetas Menores formavam um só livro), e nos setenta restantes "encontravam-se a origem da compreensão, a fonte da sabedoria e a torrente da ciência" (2Ed 14.46-47). Do exposto se infere, que estes livros eram mais conceituados que o Velho Testamento, e que os apócrifos eram em muito maior número do que os que compreende a atual coleção. Tratava-se talvez de livros apocalípticos como o próprio livro 2Ed. Orígenes empregou o termo "apócrifo" para designar as obras apocalípticas, enquanto considerava a coleção de "apócrifos" como canônica. Seja como for, parece que os apócrifos, no sentido de livros estranhos, abrangiam em princípio todos os livros sagrados não incluídos no Cânon. Desses, uns eram mais populares que outros, e naturalmente os mais populares é que chegaram até nós através da Vulgata Latina. Mas os chamados "pseudepígrafos" (isto é, livros publicados com o nome dum autor antigo) foram considerados também de valor especial, e podemos incluí-los no mesmo grupo dos "apócrifos".

II. OS LIVROS APÓCRIFOS

a) Os apócrifos propriamente ditos

O livro **1 de Esdras** é uma narração fragmentária dos acontecimentos lembrados no livro canônico de Esdras, juntamente com a história dos três cortesãos, um dos quais se chama Zorobabel e que teve papel preponderante na festa de Dario. O livro **2 de Esdras** não passa dum apocalipse do primeiro século da era cristã, de certo modo o mais trágico de todos os apocalipses. **Tobias** é uma história romântica que nos fala da sepultura dos mortos e do casamento de Tobias. Foi escrito provavelmente nos fins do século III A.C. **Judite** é outra obra de ficção a propósito da libertação duma cidade do exército assírio. Não vai além da época dos macabeus (cerca de 150 A. C.). **O descanso de Ester** é um apêndice ao livro canônico, e inclui orações e decretos, que vêm tornar mais explícito o caráter religioso do livro. **A sabedoria de Salomão** é considerado um dos livros mais representativos e mais sublimes da sabedoria hebraica, do período que decorre entre os dois Testamentos, pois supõe-se escrito entre 150 A. C. e o ano 40 da nossa era. O **Eclesiástico**, também chamado "Sabedoria de Jesus, filho de Siraque", é uma obra do gênero da anterior, embora se julgue ser da autoria dum saduceu e publicada cerca do ano 180 A. C. **Baruque** forma um livro só com **A Epístola de Jeremias**, datando o primeiro do século III A. C. e o segundo do século II A. C. Ambos se destinam a combater a heresia. Apêndices ao livro de Daniel conhecem-se três: **A história de Susana** condenada à morte e defendida pelo jovem Daniel; **A oração de Azarias** e o **Cântico dos três santos mancebos** lançados à fornalha ardente; e por fim **Bel e o Dragão**, duas narrativas separadas contando como Daniel desacreditou os sacerdotes de Bel e desmascarou o deus-dragão. **A oração de Manassés**, é um grito de arrependimento proferido pelo rei que tem este nome e baseado em **#2Cr 23.12** e segs., escrito provavelmente no século II A. C. O livro **1 Macabeus** narra a luta dos judeus, chefiados pelos filhos de Matatias, contra Antíoco Epífanes e seus sucessores. Há quem suponha que o autor é contemporâneo dos acontecimentos que relata. O **2 Macabeus** continua o anterior e expõe, num estilo primoroso, as façanhas de Judas Macabeu.

b) Os livros pseudepígrafos

O mais importante apocalipse deste gênero de obras é, sem dúvida, o **Livro de Enoque** (1 Enoque), embora não se saiba se atribui-lo a uma determinada época ou a uma acumulação gradual de tradições atribuídas a Enoque entre o ano 200 A. C. e as primeiras décadas do século I da nossa era.

O certo é que se trata duma obra que trouxe uma contribuição especial ao conceito do Messias celeste e o Filho do Homem. **O Livro dos Jubileus** comenta o Gênesis, frisando que a Lei foi observada desde os mais remotos tempos e dividindo a história em períodos de jubileus, isto é, quarenta e nove anos (sete semanas de anos). Data aproximadamente de cerca do ano 100 A. C. **Os testamentos dos doze patriarcas** devem ser uma obra contemporânea da anterior, cujo objetivo é apresentar os últimos conselhos e profecias de cada um dos doze filhos de Jacó, quando moribundos. **Os oráculos sibilinos** são obras judaicas que, à imitação das profecias pagãs de Sibila, pretendem divulgar o pensamento hebraico entre os gentios. Não vão além do século II A. C. **A Assunção de Moisés** deve ter sido publicada no tempo de Cristo e procura narrar a história do mundo, em forma de profecia, desde Moisés até ao tempo do autor. **O livro dos Segredos de Enoque** (2 Enoque) supõe o 1 Enoque e, embora se apresentem outras datas posteriores, não deve ir além do ano 50 da nossa era. Descreve pormenorizadamente os sete céus e antecipa em mil anos o reinado de Deus na terra. **O Apocalipse Siríaco de Baruque** (2 Baruque) depende, sem dúvida, de 2Ed, e há quem pretenda atribuí-lo ao escriba de Jeremias. Foi escrito nas últimas décadas do século I da nossa era. **O Apocalipse Grego de Baruque** (3 Baruque), se bem que tenha certas afinidades com o anterior, é completamente independente e atribui-se-lhe uma data posterior. **Os Salmos de Salomão** abrangem dezoito salmos que no fim de contas são da autoria dum fariseu, e remontam à segunda metade do século I da era cristã. O estilo não difere do dos salmos canônicos. O **3 Macabeus** fala-nos da tentativa de massacre dos judeus no reinado de Ptolomeu Filopator (222-205 A. C.) e termina com a vingança triunfante do povo escolhido. O **4 Macabeus** é um tratado filosófico a ilustrar a tese do autor no caso dos mártires macabeus. **A Carta de Aristeas** descreve as supostas circunstâncias em que se fez a tradução da Bíblia hebraica para o grego. **O Martírio de Isaías**, como o título sugere, afirma que Isaías foi serrado ao meio. Há quem julgue ter sido escrito no século I da nossa era, mas é muito provável que a obra que o inspirou - **A Ascensão de Isaías** - seja inteiramente cristã e, portanto, muito posterior. **Os Livros de Adão e Eva** prestam inúmeras informações acerca da vida dos nossos primeiros pais e supõe-se terem sido publicados no século I da era de Cristo. **Pirke Aboth**, ou "As Sentenças dos Pais" são uma coleção de provérbios da autoria de rabis célebres, compilados desde o século III A. C. até ao século III da nossa era. **A História de Aicar** contém uma lenda do século V A. C. acerca das aventuras daquele sábio, muito em voga naquele tempo. **Os fragmentos Zadoquitas**, são relatos dum partido judaico que teve origem numa separação dos saduceus. Datam dos últimos anos A. C. ou dos primeiros da nossa era. **O Apocalipse de Abraão** e o **Testamento de Abraão**, do século I da

era cristã, São obras judaicas com passos de literatura do Cristianismo. **As Vidas dos Profetas**, conforme o título, são narrações biográficas dos profetas, da mesma data que os dois livros anteriores, e do mesmo modo divulgado pelos cristãos. O **Testamento de Jó**, se bem que de somenos importância, supõe-se ter sido escrito no século I A. C.

III. A DOCTRINA DOS LIVROS APÓCRIFOS

a) A doutrina de Deus

À medida que o tempo avança, nota-se uma tendência em toda esta literatura para se frisar a transcendência de Deus. Parece evidente a relutância em mencionar o nome de Deus, para o que se empregam diferentes perífrases. Em 1 Macabeus, por exemplo, nunca se fala de Deus diretamente, mas em regra alude-se ao "Céu". Vejamos o seguinte passo: "A vitória não depende da multidão dos exércitos, pois a força vem do Céu". Deste modo compreendemos como é que o escritor judeu Mateus usa constantemente no seu Evangelho a expressão "reino do Céu" em vez de "reino de Deus", tanto do agrado dos outros evangelistas. Os rabis não raro se referem a Deus, com expressões como esta: "Vais agora prestar contas ao Rei dos reis, o Único Santo, bendito seja Ele" (Pir. Ab. 4.29).

Pelo mesmo motivo se dá relevo à doutrina dos anjos, para evitar a necessidade da intervenção direta de Deus nos destinos do mundo. No Velho Testamento o Senhor é um "guerreiro" que luta ao lado de Israel. Em 2 Macabeus são os anjos que desempenham esse papel. Mas em 1 Macabeus nem Deus nem os anjos. É Judas em pessoa quem leva de vencida os poderosos inimigos, a salientar que não se exige uma intervenção direta de Deus, sobretudo em assuntos deste gênero. Do mesmo modo o contato direto de Deus com a criação no Velho Testamento é substituído por multidões de anjos, que se ocupam de todos os fenômenos da Natureza: da chuva, da neve, da luz, das trevas, etc. Por outro lado, naturalmente evoluiu também a doutrina dos demônios embora as causas sejam diferentes.

Não admira, pois, que se desenvolvesse extraordinariamente a doutrina da soberania de Deus. A consumação não só foi prevista, mas determinada com precisão. Os indivíduos participam deste processo de predestinação, mas sem qualquer prejuízo da sua liberdade. O autor dos Salmos de Salomão acreditava na absoluta soberania de Deus sobre o homem, mas não deixava de exclamar: "As nossas obras estão sujeitas à nossa alternativa e o poder de

fazer o bem ou o mal estão nas obras das nossas mãos" (9.7). Do mesmo modo a transcendência de Deus não exclui completamente as Suas relações com os homens, e admite-se com frequência a Paternidade divina. A frase: "O teu Pai que está no Céu" aparece em Pir. Ab. 5.23. Repare-se ainda nesta outra: "O Senhor alegrar-se-á nos Seus filhos e agradar-se-á dos Seus amados para sempre". (Test. Levi 18.13 e 4.2; Or. Sib. 3.702; 3Mc 6.28; Pir. Ab. 3.19).

b) A Lei

A lei é eterna e da máxima importância para o homem. Nos jubileus dizia-se que todos os justos observaram a Lei, tal como os anjos do Céu, de tal sorte que a missão de Moisés no Sinai não era apresentá-la pela primeira vez, mas sim promulgá-la de novo. É a súpula da revelação divina. Para muitos judeus, a Lei (**Torah**) incluía a tradição oral, que se dizia ter origem em Moisés e se propagou graças aos profetas e aos homens da Grande Sinagoga. Esta tradição admitia uma infinidade de aplicações da Lei a todas as circunstâncias possíveis (o **Mishnah**) juntamente com outras explicações (o **Gemara**), formando ambos o **Talmude**, de que se conhecem duas coleções: a de Jerusalém e a da Babilônia. É bem conhecida a atitude de Jesus Cristo para com estas tradições, mas a observância delas é fundamental para muitos judeus ortodoxos. Tanto os rabis como os autores dos apocalipses, eram unânimes em concordar que a salvação só dependia da obediência aos preceitos da Lei.

c) A Sabedoria

Os atributos da Sabedoria, como os apresentam os **#Pv 8.22-31**, eram bastante divulgados nesta época, tanto mais que a filosofia grega já fazia sentir no judaísmo a sua influência. Uma das mais belas referências à Sabedoria encontra-se na Sabedoria de Salomão (7.22-8.1), onde se diz ser o "espírito do poder de Deus, a emanção do Altíssimo, a irradiação da luz eterna, o espelho imaculado da obra de Deus, a imagem da divindade benéfica".

Ao mesmo tempo aumentou a especulação do conceito da "Palavra de Deus", desenvolvida sobretudo na Sabedoria 18.15-16: "Toda a Tua palavra poderosa saiu do trono real como um soldado valoroso, que, no meio da terra condenada, empunha a espada dos Teus mandamentos, fere de morte tudo o que encontra e, enquanto aponta o céu, o seu lugar é a terra". Trata-se duma alusão à mortandade dos primogênitos no Egito. No mesmo livro a "Palavra" é

identificada com a "Sabedoria": "Ó Deus dos nossos antepassados, que pela palavra tudo criastes, e pela sabedoria formastes o homem..." (9.1-2).

Em face desta doutrina, podemos chegar à conclusão de que Lei e Sabedoria são uma e a mesma coisa. Reconhece-mo-lo facilmente em todos os livros, em especial no Eclesiástico e no Pirke Aboth. É o caso de Ben Sira com a sua pormenorizada descrição da Sabedoria no capítulo 24, dizendo: "Tudo isto compõe o livro da aliança do Deus Altíssimo, a Lei que Moisés nos confiou..." (Eclesiástico 24.23). O mesmo se passa com a Lei e a Palavra em Pir. Ab. 3.19: "Bem-aventurado é Israel, a quem foi confiado o instrumento que serviu para criar os mundos...". Quem se dedica ao estudo do Novo Testamento não deixará de reconhecer a importância destes conceitos, que serviram de fundo ao Quarto Evangelho. E assim a Sabedoria, a Palavra e a Lei dos judeus cumpriram-se, segundo João, em Jesus encarnado.

d) O pecado

Foi muito discutida a origem do pecado, tendo sido apresentadas várias soluções, em especial no que se refere ao grande desastre do Éden. Em alguns casos a culpa é atribuída a Eva (Eclesiástico 25.24), em outros a Adão (2Ed 7.118), ainda noutros ao Demônio (Sabedoria 2.24), e finalmente aos Anjos Maus (1 Enoque 10.7-8). Por outro lado, o autor de 2 Baruque não concorda com a atribuição da culpa aos nossos antepassados: "Embora Adão fosse o primeiro a pecar, por ele a morte se transmitisse a todos os seus descendentes, cada um de nós preparou no seu íntimo tal acontecimento... Adão é, pois, apenas o responsável pelo seu pecado, enquanto cada um de nós responde pelo seu, por sermos cada um o seu Adão em espírito" (2 Baruque 54.15 e 19).

Quanto à expiação por esse pecado, recorre-se aos sacrifícios, tal como no Velho Testamento. Mas não se dispensam as obras: "Aquele que honra o pai fará sacrifícios pelos pecados" (Eclesiástico 3.3); "A esmola livra da morte e purifica do pecado" (Tobias 12.9). É contra estas teorias que Paulo se insurge veementemente.

Recorre-se, ainda, aos méritos dos santos (2Ed 8.28-29), e o martírio dos confessores fiéis pode vir a expiar os pecados (4Mc 6.28-29).

e) A Moral

A principal finalidade do homem é compreender e cumprir a Lei. Como disse um rabi: "Se praticares muito a **Torah**, não confies em ti, pois para isso foste criado" (Pir. Ab. 2.9). Numa época em que se considerava a Lei como a súpula da Revelação Divina, não admira que fosse geral essa maneira de pensar. Infelizmente, foram desastrosas as conseqüências desta doutrina da salvação pelas obras. É de ver como certo rabi chega a comparar Deus a um comerciante que dá crédito aos que guardam a Lei, e exige o pagamento das dívidas aos que não a guardam (Pir. Ab. 3.20). Há a frisar, todavia, um certo progresso relativamente à literatura moral do Velho Testamento. Várias vezes nos Testamentos dos doze patriarcas se faz a seguinte afirmação: "Ama o Senhor e o teu próximo" (por exemplo, no Test. de Issacar 5.2), antecipando-se assim à doutrina básica de Jesus.

Sobre o perdão das ofensas leia-se no mesmo livro o Test. de Gade 6.3-7: "Amai-vos uns aos outros de coração; e se alguém pecar contra vós, falai-lhe brandamente, não guardando contra ele rancor, e perdoando-lhe, se se arrepender e se confessar. Se o não fizer, porém não vos exalteis nem blasfemeis, para não pecardes também. Nem o censureis, porque pode ainda vir a reconciliar-se convosco. E mesmo que seja persistente no erro, perdoai-lhe de coração e deixai a vingança nas mãos de Deus".

Textos deste teor são tão semelhantes à doutrina de Jesus, que há quem avente a hipótese de que o divino Mestre tenha conhecimento desses Testamentos. Nada de concreto, todavia. As máximas que versavam temas de moral não eram privilégio deste ou daquele rabi, sobretudo numa época em que era corrente a pregação.

f) A Escatologia

É neste capítulo que mais se nota o desenvolvimento da doutrina da literatura apócrifa, em especial no que se refere à imortalidade pessoal, ao reino de Deus e ao Messias.

1) A IMORTALIDADE PESSOAL. Segundo o que podemos apurar, foi sempre corrente entre os israelitas a crença na vida além-túmulo. Tratava-se duma existência vaga, onde teriam acesso as almas, mas sem esperança de gozar da amizade de Deus. O **#SI 88** é claro a este respeito, representando o Além como a "terra do esquecimento", zona de "trevas" onde os mortos não gozam da amizade de Deus, porque foram "excluídos da mão divina". Com tal conceito da outra vida, aquela existência não tem razão de ser: "Poupa-

me, até que tome alento, antes que me vá, e não seja mais" (#SI 39.13). Atingiu-se, porém, uma noção mais clara desta doutrina, quando os santos de Deus refletiram mais a fundo na sua amizade com Deus e na experiência que alcançaram acerca da vinda do reino de Deus. Jó acredita por isso que depois da morte verá vingada a sua inocência (#Jó 19.25-27) e o autor do #SI 139.8 afirma que se "fizer a sua cama no Seol", ali encontrará Deus. Asafe no #SI 73.24-25, referindo-se à amizade de Deus, deseja-a não só no outro mundo, mas também neste. Tal doutrina, porém, não era geral. O saduceu Bem Sira, por exemplo, escreveu: "Dez, cem, mil anos, nada são comparados com o Seol, onde não há esperança de vida" (Eclesiástico 41.4). Segundo este texto não restam dúvidas que após a morte Deus se esquece das almas. Foram os antepassados dos fariseus que desenvolveram a doutrina dos filhos mais espirituais de Israel. Compare-se a doutrina de Cristo com 4 Macabeus 7.18-19: "Todos aqueles que de coração fazem da justiça o seu primeiro pensamento estão aptos a dominar a fraqueza da carne, podendo crer que não morrerão em Deus, como os nossos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó, que não morreram mas viveram para Deus". Voltemo-nos agora para a opinião oposta expressa por um rabi no Pir. Ab. 4.21: "Este mundo é como um pórtico diante do outro mundo que há de vir. Preparemo-nos para ultrapassar esse pórtico e entrar na sala do festim".

Tais são as teorias dos apocalipses largamente espalhadas entre os judeus, mesmo no tempo de Cristo.

2) O REINO DE DEUS. No Velho Testamento é antecipado o Reino de Deus, passando a ser consumado nesta terra. É característica a famosa profecia messiânica de #Is 11.1-9. Os autores de apocalipses anteriores desenvolveram indefinidamente esses textos e conceberam narrações fantásticas. Em 1 Enoque 10.17 e segs. diz-se que os justos terão uma velhice feliz e gerarão milhares de filhos. As sementes produzirão mil por um, etc., etc. Recorde-se a descrição do milênio de Papias baseado nesta fonte.

Em #Is 65.17-22 fala-se duma renovação do céu e da terra, mas não nos é indicado o sentido dessa renovação, quer sob o ponto de vista físico, quer moral. Alguns autores de apocalipses do século I A. C. e do século I da nossa era supõem que o reino messiânico, embora estabelecido na terra, é de pouca duração e dará lugar ao reino eterno dos céus.

Em 2 Enoque diz-se que a história do mundo durará 7.000 anos, sendo os últimos mil o reino milenário, depois dos quais começará o reino eterno com uma nova criação (2 Enoque 32.2-33.2). Para este escritor é de grande importância o reino temporário. Mas em 2 Esdras já é menor essa importância, devido ao pessimismo do autor a respeito deste mundo; por isso restringe-o a 400 anos, no fim dos quais o Messias e todos os seres vivos morrerão (2 Esdras 7.26 e segs.).

Em presença deste último desenvolvimento, não admira que alguns autores tivessem abandonado a idéia do reino temporário messiânico e pensassem apenas no reino eterno dos novos Céus. O autor de 2 Baruque achou que esta terra era indigna do Reino de Deus: "O que agora existe nada é; o que há de vir, sim, é algo de grande valor. Porque tudo o que é corruptível terá um fim, e tudo o que morre desaparecerá, sendo esquecido todo o presente, de que não ficará qualquer lembrança, porque nele só há maldade" (2 Baruque 44 e segs.).

Em qualquer teoria que venha a ser adotada e relacionada com a natureza do reino, a vinda deste reino é geralmente considerada "catastrófica", como no sonho de Nabucodonosor (#Dn 2). Em alguns livros, todavia, a idéia geral é de que o reino atingiria a sua plenitude gradualmente (cfr. Jub 33 e 2 Baruque 73-74). No livro dos Jubileus, por exemplo, o Reino é concebido em moldes que levam à conclusão que a sua plenitude aumentará à medida que se conhecer e cumprir a Lei.

Do mesmo modo todos os autores de apocalipses esperam que o Rei apareça em **breve**, porque o fim está próximo. Em vários livros afirma-se mesmo que o grande dia será antecipado pelo arrependimento: "No dia em que Israel se arrepender, terá fim o reino do inimigo" (Test. Daniel 6.4). Por isso na Assunção de Moisés 1.18 o último dia é considerado "o dia do arrependimento, dia da visita do Senhor no fim dos tempos".

Estes diferentes aspectos do Reino de Deus, como não podia deixar de ser, vieram afetar muito a teoria da imortalidade. Já que Deus pretendia estabelecer o Seu reinado, que abrangia não só a geração dos últimos dias mas também as de todos os tempos, veio a lume outra doutrina: a da ressurreição, já em vislumbre no Velho Testamento (cfr. #Is 26.19 e #Dn 12.2-3). Surgiram depois as modificações. Se a ressurreição antecipada é para um reino de glória terrestre, naturalmente o corpo da ressurreição é da mesma natureza que o corpo atual. É assim que lemos nos Or. Sib. 3.179-192: "Deus reunirá os ossos e as cinzas dos homens e pela ressurreição torná-los-á como dantes". Este

fenômeno terá lugar no começo do reino; mas se se estivesse à espera do reino temporário, a ressurreição só poderia verificar-se no fim do mesmo. Tal é o caso do livro dos Segredos de Enoque, onde Deus diz a Adão que o levará da terra quando da "Sua segunda vinda" (32.1), isto é, ao cabo de 7.000 anos de história do mundo. Este autor parece que supunha a ressurreição como sendo espiritual e não meramente material. Ouçamo-lo: "O Senhor disse a Miguel: - Vai e despe Enoque dos seus vestidos terrenos, unge-o com o meu óleo suave e impõe-lhe o vestuário da minha glória" (22.8). Assim o autor da Sabedoria de Salomão, que não aguardava a realização terrena do reino, ocasionalmente supunha a ressurreição logo a seguir à morte. Não se tratava, porém, de teoria normalmente aceita entre os judeus da Palestina.

3) O MESSIAS. É curioso como alguns dos profetas do Velho Testamento não fazem qualquer alusão ao Messias (por exemplo, Amós, Sofonias, Naum, Habacuque, Joel). O mesmo sucede com alguns livros apócrifos, nomeadamente os 4 livros dos Macabeus, Judite, Tobias, 1 Baruque, Sabedoria, Assunção de Moisés e 2 Enoque. Segue-se na opinião de R. H. Charles, que nos livros proféticos e apocalípticos dos judeus, o Messias não era um fator fundamental no reino. Assim podia ser, embora não se admita em todos os casos mencionados que o silêncio dos autores supõe, necessariamente, que não esperem a vinda do Messias. A grande diferença entre a escatologia do Velho e do Novo Testamento é a relativa importância do Messias. Neste último, a escatologia anda inteiramente ligada à Pessoa e à obra de Cristo.

Nos textos do Velho Testamento em que o Messias desempenha um papel preponderante no reino, Ele só entra em atividade depois deste estabelecido, pois nem sequer é Ele quem o inicia. O #SI 110.1 resume perfeitamente essa posição: "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à Minha mão direita, até que ponha os Teus inimigos por escabelo dos Teus pés". Assim, em muitos dos apocalipses o Messias não inicia a Sua atividade, enquanto o reino não estiver fundado. Apenas o livro de Enoque faz exceção a esta regra.

Quanto à origem do Messias segue-se a doutrina geral do Velho Testamento, fazendo-O descender da casa de Davi. Só os Testamentos dos doze patriarcas afirmam que a salvação provém de Levi e de Judá, e não apenas de Judá. Muitos comentadores apóiam a primeira opinião, tal como o Test. Rúben 6.7-12. Se bem que no Test. Judá 22 e 24 se insista em que o Messias nasce de Judá, os Testamentos dão a entender geralmente que a salvação vai surgir de Levi e Judá, e não apenas duma só tribo. A única

interpretação satisfatória parece ser a que leva o autor a esperar dois Messias, e não um só. Baseia-se esta afirmação na narração pormenorizada das façanhas dos macabeus, que pertenciam à tribo de Levi, e também na importância ligada ao sacerdócio: "A mim deu-me o Senhor o reino e a ele (Levi) o sacerdócio, submetendo aquele a este... Assim como o céu é superior à terra, assim o sacerdócio de Deus é mais elevado que o domínio terrestre..." (Test. Judá 21.1 e segs.). A importância deste comentário, tão relacionado com o nascimento de Cristo, deve ter favorecido muito a pregação do Messias entre os judeus.

Quem mais se afasta, porém, da doutrina tradicional sobre o Messias é o autor das Comparações de Enoque (1 Enoque 37-71). O Messias já não é uma simples figura humana; é um ser transcendente, preexistente e superior a todas as criaturas, que surgirá no fim dos tempos para estabelecer um reinado. Aqui pela primeira vez se ouve falar de Cristo, do Justo, do Eleito, do Filho do Homem (cfr. 1 Enoque 52.4; 38.2; 45.3; 46.1-6), atributos tão freqüentes nos livros do Novo Testamento.

Muitos foram os meios utilizados por Deus para preparar os caminhos do Senhor e atingir aquela "plenitude dos tempos" para a vinda do Seu Filho, conforme dizem as Escrituras. Neste sentido tais obras, referindo-se a esse Libertador, tiveram certa importância, porque contribuíram para explicar o grandioso plano de Deus.

G. R. BEASLEY-MURRAY

OS QUATRO EVANGELHOS

I. A COLEÇÃO DOS EVANGELHOS

Dá-se geralmente o nome de "Quatro Evangelhos" aos primeiros livros do Novo Testamento. Antes do século IV, todavia, a coleção era designada apenas pelo nome de "O Evangelho", distinguindo-se as diferentes formas por "segundo Mateus", "segundo Marcos", etc. Além do Evangelho escrito, recordado pelos quatro Evangelistas, havia ainda o Evangelho falado ou oral, a boa nova (**euangelion**) proclamada por Cristo e pelos discípulos. O emprego da palavra e seus derivados provém do verbo **euangelizomai** da Septuaginta nas seguintes passagens do Velho Testamento: **#Is 40.9**; **#Is 52.7**; **#Is 61.1** (veja-se como Cristo aplicou a Si próprio este último texto-**#Lc 4.18**).

Irineu, bispo de Leão, na Gália, escrevendo cerca do ano 180, considera os quatro Evangelhos como um dos fatos mais incontestáveis do universo. "Assim como a terra consta de quatro continentes", -escreve o famoso bispo, - "assim como os ventos são quatro, assim também é natural que a Igreja Universal se baseie em quatro fortes colunas, que são os quatro Evangelhos".

Para assim falar tão categoricamente acerca do número dos Evangelhos, é porque no seu tempo e em todas as igrejas se admitiam esses quatro Evangelhos. Tal idéia, no entanto, levou tempo a concretizar-se, como é fácil verificar, ao traçar a história dos Evangelhos desde o tempo de Irineu até ao princípio do século II. O "Cânon Muratoriano" fala-nos do reconhecimento dos quatro Evangelhos pela Igreja Romana ainda no tempo de Irineu, o mesmo podendo dizer-se dos prólogos antimarcionitas aos Evangelhos escritos alguns anos antes. Taciano, cristão assírio, cerca do ano 170 formou dos quatro Evangelhos uma narrativa contínua ou "Harmonia dos Evangelhos", conhecida pelo nome de **Diatessaron**, e que durante muito tempo foi a versão siríaca favorita, embora não oficial, dos quatro Evangelhos que a Igreja da Assíria lia aos seus fiéis.

Taciano era discípulo do mártir Justino, em cujas obras se alude às "Memórias dos Apóstolos". Justino não fala de Mateus, Marcos ou Lucas, nem se refere a João como evangelista, mas é mais que certo ter utilizado todos os Evangelhos, referindo-se a Marcos como Memórias de Pedro, e revelando manifesta influência em toda a obra dos quatro Evangelhos, se bem que por vezes se note um ou outro apontamento talvez inspirado nos Evangelhos pseudônimos de Pedro ou de Tomé.

Enquanto Justino assim escrevia em Roma, publicava-se na Ásia Menor uma obra com o título "[Epístola dos Apóstolos](#)", que vem confirmar os quatro Evangelhos.

Em 1935 foram publicados pelo Museu Britânico fragmentos duma obra que se supõe ser um manual para instruir os crentes sobre a história dos Evangelhos. O que nos interessa sobremaneira, é que essa obra remonta à primeira metade do século II e deve ter sido composta por alguém que tinha ao lado os quatro Evangelhos, obra bem conhecida sua, que segue par e passo nas suas considerações.

Ainda da mesma época podemos citar outra obra de origem docética, o [Evangelho de Pedro](#), escrito na Ásia na primeira década do século II, a demonstrar também que o autor possuía um conhecimento perfeito dos Evangelhos Sinópticos, e possivelmente também do Quarto Evangelho.

Nas primeiras décadas do mesmo século, Papias, bispo de Hierápolis, na [Frígia](#), escreveu as suas [Exposições dos Oráculos do Senhor](#) em que se refere expressamente ao Evangelho de Marcos e à compilação das palavras do Senhor feita por Mateus.

Provavelmente teve presente a obra de Lucas e, se dermos crédito ao [Prólogo ao quarto Evangelho](#) antimarcionita, Papias falou de João ditando o seu Evangelho "ainda em vida", para que as Igrejas o conhecessem.

Eusébio, a cujas citações devemos quase todo o conhecimento que temos desta última obra de Papias, nada afirma das referências feitas por este autor acerca do Evangelho de João, mas salienta que Papias utilizou "testemunhos" (textos autênticos?) da primeira epístola de João; e em presença da profunda relação entre aquela Epístola e o Quarto Evangelho, é muito provável que Papias tivesse também conhecimento do Evangelho. Há razão, portanto, para pensarmos que o ajudou a divulgar e que por isso o reconheceram as igrejas da Ásia.

Já que nos é lícito provar a existência e o reconhecimento dos quatro Evangelhos nos primeiros anos do século II, nos é lícito também admitir, que as referências de Inácio (cerca de 110) ou da [Didache](#) ao "Evangelho", implicam, não um só Evangelho, mas a coleção dos quatro Evangelhos.

Em suma, é de supor que os quatro Evangelhos comecem a aparecer juntos, logo a seguir à publicação do Evangelho segundo João. Há um autor que supõe terem sido os mesmos coligidos, em Éfeso, quinze ou vinte anos após o aparecimento do Evangelho de João, de maneira que esta obra tivesse a mesma divulgação que os outros Evangelhos. Quanto a #Jo 21, julga-se que é um epílogo, que serve de conclusão ou remate aos quatro Evangelhos.

Seja como for, podemos ter a certeza de que a coleção dos quatro Evangelhos data de cerca do ano 100, data em que se forma uma outra grande coleção do Cânon do Novo Testamento-as Epístolas de Paulo.

II. O EVANGELHO ORAL.

E que dizer da história destes quatro Evangelhos no século I? Precisamos antes de nada mais de remontar à época que se seguiu aos grandes acontecimentos do ano 30, em que Cristo morreu, ressuscitou, subiu ao Céu e enviou o Seu Espírito sobre os discípulos no dia de Pentecostes. Essa época passou a testemunhar um outro Evangelho. É certo que rigorosamente nada havia a acrescentar, pois Jesus e os discípulos já tinham anunciado "a boa nova do Reino de Deus". Mas o sentido exato dessa boa nova só poderia revelar-se após aqueles acontecimentos. Jesus e os apóstolos anunciaram que o Reino de Deus estava próximo, evidentemente referindo-se à própria Pessoa de Jesus, pois o reino de Deus não é mais que o conjunto dos acontecimentos relacionados com a vida, morte e ressurreição de Jesus. Pregar estes acontecimentos é, pois, pregar o Evangelho do Reino de Deus. Ficará ainda por realizar-se a consumação do Reino, associada com o aparecimento de Jesus como filho do Homem "em poder e grande glória" para o juízo final. É esta consumação o último dos grandes acontecimentos iniciados com a vida terrena de Jesus.

O Deus da Bíblia é o Deus que Se manifesta em ações poderosas; o Deus dos antepassados, que Se manifestou a Israel nos grandes acontecimentos do Êxodo e do "Eisodo", através de ações ainda mais poderosas, manifestas e que agora Se revelou na Pessoa de Cristo para nos vir trazer a redenção. Esta era a força da original proclamação apostólica da mensagem cristã. E é para os registos dessa proclamação que nós agora precisamos voltar para saber o que era o Evangelho atrás dos quatro Evangelhos.

a) As epístolas paulinas e dos outros apóstolos

Paulo dirigiu as suas epístolas a um público já habituado a ouvir a pregação das verdades relativas à salvação e ao Salvador, se bem que nem sempre se faça qualquer alusão a essas verdades. Vejamos, no entanto, dois casos bem concretos em: [#1Co 15.3](#) e segs. e [#1Co 11.23](#) e segs. (Lembremos que esta epístola foi escrita no ano 54). No primeiro caso Paulo lembra aos seus leitores a mensagem que lhes trouxera a salvação: "que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras; que foi visto por Cefas e depois pelos doze; depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também; depois foi visto por Tiago e por fim por todos os apóstolos...". É esta a mensagem que, embora resumida, Paulo diz ter recebido de outros ([parelabon](#)) antes de a entregar ([paredoka](#)) aos coríntios. Não é difícil acreditar que Paulo aproveitara bem aqueles quinze dias que passou junto de Pedro, quando foi a Jerusalém para o interrogar ([historesai](#)) cerca do ano 35 (cfr. [#Gl 1.18](#)).

Por muito breve que seja aquela mensagem, não parece que se trate duma simples descrição da morte, da sepultura, da ressurreição e do aparecimento de determinada pessoa. Tais acontecimentos têm uma interpretação superior: a pessoa em questão era, nem mais nem menos, que o tão desejado Messias dos judeus-o "Cristo"; a morte sofreu-a Ele pelos pecados da humanidade; e essa morte juntamente com a ressurreição estavam de acordo com o plano de Deus revelado nas sagradas Escrituras do povo judaico.

Quanto ao segundo caso ([#1Co 11.23](#) e segs.) é de notar a presença das mesmas duas palavras-[parelabon](#) "recebi por tradição" (do Senhor), e [paredoka](#) "entreguei". Nesta mensagem o Apóstolo lembra um episódio ocorrido na noite em que o "Senhor Jesus" foi traído: a instituição da cerimônia de partir o pão e beber o vinho em memória do mesmo Jesus, cerimônia essa que, a conselho de Paulo, devia ser repetida pelos cristãos com a "anunciarem a morte do Senhor, até que Ele venha". Esta última cláusula dá a entender que ainda não terminara tudo. Pelo menos esperava-se um grande acontecimento.

De outras referências acidentais da mesma epístola sabemos que a morte do Messias tomou a forma de crucifixão, um fato que serviria de pedra de escândalo para muitos ouvintes do Evangelho. De outras epístolas paulinas vemos que Jesus nasceu judeu e como judeu viveu sob a lei judaica; que não

só era descendente de Abraão mas também membro da casa real de Davi; que, embora o gênero de morte fosse romano, a responsabilidade pertencia única e exclusivamente aos chefes judeus. De [#1Tm 6.13](#) ficamos a saber que Jesus apareceu em presença de Pôncio Pilatos a dar "testemunho duma boa confissão", se bem que, de acordo com [#2Tm 4.1](#), fosse designado por Deus juiz dos vivos e dos mortos. Enquanto Paulo escrevia, Cristo estava exaltado à mão direita de Deus (cfr. [#Sl 110.1](#)) preparando-se para "julgar todos os que comparecerem diante do Seu tribunal" ([#2Co 5.10](#)). É possível que este julgamento se relacione com o futuro aparecimento de Cristo, quando da ressurreição dos mortos e da imortalidade, que será concedida aos que ainda viverem, apenas seja tocada a última trombeta ([#1Co 15.52](#) e segs.; [#1Ts 4.16](#)).

Não pode duvidar-se de que esta tradição se faz notar na doutrina de Paulo acerca da consumação da redenção divina, quando Cristo Se manifestar. Ao escrever aos tessalonicenses, lembrando-lhes a hora da conversão, assim conclui: "Como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro, e esperar dos Céus a Seu Filho, a quem ressuscitou, isto é, Jesus, que nos livra da ira futura" ([#1Ts 1.9](#) e segs.). Este elemento escatológico é freqüente na tradição oral do Novo Testamento, tal como nas mensagens dos profetas do Velho.

Paulo insiste ([#1Co 15.11](#)) no fato de pregar o mesmo Evangelho que os outros apóstolos. Não admira, pois, que encontremos na primeira epístola de Pedro (certamente autêntica) os mesmos fatos que se verificam na doutrina pregada pelos outros apóstolos: a morte e a ressurreição do Messias: a Sua exaltação à mão direita de Deus; por fim a glória numa futura revelação-tudo isto apresentado como cumprimento das profecias do Velho Testamento e como base indispensável para a salvação. O autor apresenta-se como testemunha dos sofrimentos do Messias, narra os acontecimentos, frisando sobretudo o modo como o padecente suportou todas as afrontas, em especial a morte. Não há dúvida que se trata de vestígios da pregação apostólica oral então freqüente, embora não possa falar-se de "influência paulina", como pretendem alguns autores. É apenas um eco claro e distinto da pregação que servia de base a Paulo e a todo o Novo Testamento.

Na Epístola aos Hebreus supõe-se, do mesmo modo, que os leitores estão a par desses acontecimentos fundamentais.

Distingamos, então, os seguintes elementos na primitiva pregação dos apóstolos, deduzidos das epístolas paulinas e dos outros discípulos:

- 1) Deus visitou e remiu o Seu Povo enviando-lhe o Messias, como cumprimento do Plano revelado no Velho Testamento.
- 2) Em conformidade com as profecias, esse Messias nasceu da descendência de Israel, da tribo de Judá, da casa real de Davi, e identificou-Se como Jesus de Nazaré.
- 3) Como anunciaram os profetas, morreu numa cruz pelos pecados dos homens.
- 4) Depois de sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, fato esse presenciado por muitas testemunhas.
- 5) Foi exaltado à mão direita de Deus.
- 6) Enviou o Seu Espírito a todos os crentes.
- 7) Terminada a Sua missão na terra, o Messias voltará mais tarde à terra para completar a obra da redenção, para julgar os vivos, e os mortos e inaugurar, na sua plenitude, o Reino visível de Deus na terra.
- 8) Com base nestes fatos, a todos os que se arrependeram e creram nesta boa nova foi-lhes oferecido o perdão dos pecados e a vida eterna; e todos os que creram, foram batizados em nome de Cristo formando uma nova comunidade-a Igreja Cristã.

b) A pregação da Primitiva Igreja Cristã

Se examinarmos os sermões de Pedro e de Paulo, resumidos nos primeiros capítulos dos Atos, fácil é chegar à conclusão de que não são fruto da invenção livre dum simples historiador, mas propositadas sùmulas da doutrina então pregada na Primitiva Igreja Cristã. Os mais importantes destes sermões são os que Pedro proferiu em Jerusalém no dia de Pentecostes ([#At 2.14-36](#)) e em Cesaréia em casa de Cornélio ([#At 10.34-43](#)), e bem assim o de Paulo na sinagoga de Antioquia ([#At 13.16-43](#)). Podemos ainda encontrar vestígios evidentes daquela pregação noutras passagens, como em [#At 3.13-26](#); [#At 4.10-12](#); [#At 5.30-32](#); [#At 8.32-35](#). Compare-se agora essa doutrina

com a das epístolas. A mensagem é a mesma "boa nova", a anunciar o cumprimento das profecias do Velho Testamento. O personagem principal é o mesmo: Jesus de Nazaré, descendente de Davi, cuja vida pública datava do tempo do precursor João Batista e cuja missão era divinamente comprovada por inúmeros milagres, a que muitos dos pregadores assistiram. Esse Jesus fora entregue aos romanos pelos próprios judeus, que insistiram em matá-lo, apesar de Pilatos julgá-lo inocente. Foi preferido um assassino, a quem se deu liberdade, e a Jesus, em troca, a crucifixão-morte amaldiçoada já desde tempos remotos (cfr. #Dt 21.23). Retirado da Cruz e sepultado, Deus ressuscitara esse Jesus ao terceiro dia, e os apóstolos de novo foram testemunhas desse maravilhoso acontecimento, afirmando que, por ele, o Messias confirmava a Sua missão na terra. Seguiu-se a Sua ascensão aos céus e um lugar privilegiado à mão direita de Deus, que Lhe permitiu enviar o Espírito sobre os discípulos. Dali voltará um dia para concluir a Sua divina obra e julgar os vivos e os mortos. Entretanto, a chamada para aquele que ouve o Evangelho é para arrepender-se, crer, ser batizado e receber a remissão dos pecados e o dom do Espírito Santo.

É, pois, evidente que os Atos e as epístolas contém a mesma doutrina. Nas suas linhas gerais a mensagem era sempre a mesma: uma doutrina invariável, que naqueles tempos se propagava aos quatro ventos e constituía a "boa nova" do Evangelho.

c) O esboço de Marcos

Um esboço semelhante sobre o **kerygma** pode ser discernido como o esqueleto em torno do qual a obra de Marcos foi edificada. Ver especialmente C. H. Dodd, em **The Expository Times**, XLIII (1931-32), págs. 396 e segs.. É digno de nota que Marcos começa onde o esboço do **kerygma** começa-com a atividade de João Batista -e termina com um relato sobre a paixão e ressurreição de Cristo, o que, tal como nos outros Evangelhos, recebe aquilo que talvez pareça um espaço desproporcionadamente grande, do ponto de vista puramente biográfico. Porém, essa é uma característica proeminente do **kerygma** em todas as formas em que podemos descobri-lo. Geralmente é reconhecido que o relato da paixão é contado com considerável detalhe como uma unidade, desde os mais primitivos dias da pregação apostólica.

Marcos, pois, consiste principalmente do **kerygma** -da mensagem sobre Jesus. A pregação Cristã primitiva dizia respeito mais com o que Cristo fez do que com o que Ele disse. De fato, Marcos nos fornece uma idéia

maravilhosamente exata daquela pregação primitiva. O esboço que forma seu esqueleto liga um breve sumário sobre o ministério do Batista (#Mc 1.1-13) à narrativa da paixão (#Mc 14.1 e segs.) por eles que podem ser representados pelas seguintes secções: #Mc 1.14 e segs., #Mc 1.21 e segs., #Mc 1.39; #Mc 2.13; #Mc 3.7-19; #Mc 4.7-12 e segs., #Mc 4.30 e segs., #Mc 6.53-56; #Mc 7.24,31; #Mc 8.27-9.13; #Mc 9.30-33; #Mc 10.1,32-34; #Mc 11.1-11,19).

Essas secções correspondem perfeitamente com o esboço reconstruído de outras passagens do Novo Testamento que conduzem à narrativa da paixão. Por ocasião da própria pregação, o esboço certamente era expandido por meio de material ilustrativo, e especialmente quando o Evangelho era proclamado entre gente que não estava anteriormente familiarizada com a história de Jesus. Por exemplo, aquela declaração que diz que Jesus foi "varão aprovado por Deus... com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele", ou que: "o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo" (#At 2.22; #At 10.38), certamente era amplificada, na prática, por instâncias de curas e de outras obras realizadas por Ele. As secções independentes ou *pericopae* que compõem o cerne do livro de Marcos, nos fornecem uma boa idéia sobre as ilustrações empregadas na pregação primitiva. Algumas dessas secções tomam a forma de "paradigmas" (segundo M. Dibelius as chama), exemplos citados na pregação primitiva, incidentes que levam a alguma notável afirmação de Jesus, por causa da qual os incidentes foram lembrados e relatados. Esses paradigmas mui geralmente envolvem um elemento de controvérsia, e a afirmação notável para a qual conduzem é justamente a resposta de Jesus às objeções levantadas contra algo que Ele ou Seus discípulos disseram ou fizeram. Em Marcos existem dois grupos notáveis de incidentes de controvérsias-um de cinco incidentes, em #Mc 2.1-3.6, e outro de três incidentes, em #Mc 12.13-34. Esses dois grupos provavelmente existiram como "tais em estágio oral, antes de serem incorporados no trabalho de Marcos; realmente, mediante a menção de uma combinação de fariseus e herodianos tanto em #Mc 3.6 como em #Mc 12.13", B. S. Easton concluiu que houve tempo em que formavam um só grupo, mas que foi dividido em dois grupos a fim de serem inseridos em dois contextos diferentes no esboço de Marcos.

III. OS EVANGELHOS ESCRITOS

Os quatro Evangelhos dividem-se naturalmente em dois grupos: os primeiros três formando um, e João outro. Os três primeiros são geralmente conhecidos pelo nome de Evangelhos Sinópticos, nome com que a partir do

século XVII se designam, porque é tão idêntico o seu conteúdo, que os poderíamos colocar em três colunas paralelas, formando uma "sinopse", que muito facilita o nosso estudo.

Uma vez que Marcos parece representar melhor o **kerygma** primitivo, e Pedro nos Atos ser o principal pregador do mesmo, é provável que seja autêntica a tradição recebida e recordada por Papias, de que Marcos, agindo como intérprete de Pedro, foi encarregado posteriormente de escrever a sua pregação. Não é grande a diferença entre, a teoria de Alford, Westcott e outros, que atribuíram o conteúdo dos Sinópticos a uma dependência comum da primitiva pregação oral, e a opinião geral mais corrente segundo a qual Marcos é a principal fonte de Mateus e de Lucas, já que a Marcos é que foi confiada a missão de escrever a pregação oral. É de supor, que esta fosse feita primeiramente em aramaico, e só mais tarde em grego, em virtude da grande expansão que teve a atividade dos apóstolos. Repare-se nos frequentes "aramaísmos" do texto grego dos Evangelhos.

Marcos, todavia, engloba a doutrina e os milagres de Jesus, enquanto os outros Evangelhos insistem mais na doutrina. É que as obras de Jesus formavam a base do **kerygma**, e a doutrina (**didache**) servia de fundamento à instrução que se ministrava aos que acreditavam na "boa nova". As epístolas do Novo Testamento insistem mais na doutrina do que na pregação, e a instrução moral que contêm está em perfeita harmonia com a doutrina de Jesus recordada nos Evangelhos. Comparemos, por exemplo, a doutrina moral de Paulo em **#Rm 12.1-15.6** com a do Sermão da Montanha em **#Mt 5.1-7.29**.

Além da pregação oral ou **kerygma** havia, pois, a doutrina oral ou **didache**, e destas são formados os nossos Evangelhos. Reparemos em Lucas a falar do seu Evangelho como sendo uma história "de tudo o que Jesus começou não só a fazer (**kerygma**), mas a ensinar" (**didache**) (**#At 1.1**). Distingue-se, pois, um corpo de doutrina comum a Mateus e a Lucas, que não se encontra em Marcos. Os textos que encerram essa doutrina (mais de duzentos) são vulgarmente designados pela letra "Q", e quando estudados em separado, especialmente pela ordem que aparecem em Lucas, apresentam uma notável medida de homogeneidade e continuidade, embora não ofereça garantias a suposição de que a fonte seja idêntica às reconstituições que alguns fizeram, isolando estes textos ou colocando-os por ordem. Os textos "Q" foram provavelmente extraídos duma coleção de sentenças de Jesus, a princípio escritas em aramaico e depois circulando em várias versões gregas, formando aquilo que Papias provavelmente chamou "Os oráculos do Senhor"

e atribuiu a Mateus. Parte desta coleção pode ter-se conservado em Mateus e parte em Lucas. Quanto a Marcos, também é possível que a conhecesse (cfr. #Mc 4).

O **kerygma** de Marcos e a **didache** das fontes "Q" são o fundamento da tradição dos Sinópticos, embora haja outros, como a fonte valiosa de Lucas, que designamos pela letra "L", e que deve ter origem no círculo de Filipe em Cesaréia (#At 21.8). As narrações do nascimento de João Batista e de Jesus Cristo, representam o mais antigo fragmento ou documento evangélico do Novo Testamento, e em qualquer caso o que há de mais antigo em todo o volume. Podem muito bem ter origem na lembrança de alguns membros da Igreja de Jerusalém, que Lucas visitou no ano de 57 (#At 21.15 e segs.). Uma teoria provável encara a possibilidade de Lucas ter ampliado a sua coleção de sentenças de Jesus (a sua fonte "Q") com ulteriores informações orais recebidas em Antioquia, Jerusalém e sobretudo em Cesaréia. Mais tarde ter-lhe-ia acrescentado novas informações obtidas através de Marcos, talvez quando se encontraram com Paulo em Roma (#Cl 4.10-14).

O discurso escatológico de #Mc 13 (reproduzido em #Mt 24 e #Lc 21), talvez circulasse independentemente por escrito, se não no todo, pelo menos em parte, muito tempo antes de ser introduzido no Evangelho, possivelmente por volta do ano 40. Foi aliás o que serviu de fundo à doutrina escatológica de Paulo em Tessalônica no ano de 50 (cfr. #2Ts 2.1-11 e especialmente #2Ts 2.5). Provavelmente também o primeiro evangelista se inspirou nesta fonte (cfr. #Mt 10.17-23).

Note-se, todavia, que Mateus dispõe de muitos materiais que lhe são peculiares, incluindo a descrição do nascimento de Cristo, bem diferente da de Lucas; outras narrativas que aparentemente se conservaram nos círculos nazarenos ou judaico-cristãos; e, por fim, um corpo de doutrina "M", semelhante ao "Q" que mais faz sentir a influência judaica. Há quem suponha tratar-se dum corpo de doutrina isolado, mas é possível que se trate apenas dum parte da fonte "Q", incorporada em Mateus e não em Lucas. Outra fonte de que Mateus se serviu foi uma coleção de testemunhos messiânicos extraídos do Velho Testamento, testemunhos esses que Jesus cumpriu, nem sempre com a mesma forma grega dos textos na Septuaginta e representando uma tradução independente do hebraico.

Segundo o ponto de vista geralmente aceito sobre os métodos seguidos pelo primeiro e pelo terceiro evangelistas, Lucas arranhou suas fontes de

material em blocos alternados, especialmente inserindo blocos de material de Marcos em seu próprio material não existente naquele (Q-L) o que, conforme muitos eruditos sustentam, já existia na forma de "Proto-Lucas", enquanto que Mateus fundiu as suas fontes de material, isto é, selecionou delas porções que moldou para formar novas unidades. A consideração sobre o arranjo de Mateus referente às declarações de Jesus sugere que ele as reorganizou de conformidade com o assunto em cinco grandes grupos de discursos, cada qual tratando, de alguma maneira, sobre algum aspecto do Reino dos Céus: Discurso I (#Mt 5-7), a Lei do Reino; Discurso II (#Mt 10), a Proclamação do Reino; Discurso III (#Mt 13), O Desenvolvimento do Reino; Discurso IV (#Mt 18), A Comunhão no Reino; Discurso V (#Mt 24-25), a Consumação do Reino. No grande Sermão da Montanha, por exemplo, (5-7), encontramos não apenas a substância do discurso paralelo que aparece em #Lc 6.20-49, mas igualmente muitos outros dizeres de "Q" encontrados em outros contextos do livro de Lucas, juntamente com alguns dizeres peculiares a Mateus. A verdade, porém, é que nem sempre devemos concluir que duas passagens razoavelmente semelhantes em Mateus e Lucas devam derivar-se de uma fonte comum; muito daquilo que é atribuído a "Q" pode ter chegado ao conhecimento de Lucas derivado de uma de suas fontes especiais de material, especialmente quando não existe verdadeira identidade verbal com os paralelos encontrados em Mateus. Ainda assim, permanece forte a possibilidade que em Mateus o material foi reagrupado segundo a maneira já indicada; e que as secções narrativas (quase todas elas de Marcos), que precedem os vários grupos de discursos em Mateus, também tiveram seu material rearranjado para adaptar-se à ordem por tópicos. Não que ocasionalmente Lucas não se tenha desviado da ordem de suas fontes; por exemplo, ele coloca a visita de Nosso Senhor a Nazaré mais cedo do que é cronologicamente razoável, provavelmente tendo assim feito para que o programa de Sua missão messiânica, proclamado no Seu sermão na sinagoga, fosse posto logo no início do relato a respeito de Seu ministério. A seleção e o arranjo feitos por Lucas também indicam que ele tinha um muito maior interesse "biográfico" sobre Cristo que os outros evangelistas; e isso é o que já se poderia esperar do único grego entre os escritores do Novo Testamento.

Acrescente-se ainda, que alguns autores não vêem necessidade de se recorrer a outras fontes, considerando suficiente supor que Lucas foi a Mateus buscar os seus textos "Q". Não se trata, porém, duma teoria que explique devidamente a orgânica de Lucas através de toda a sua obra.

Mas quando pensamos ter descoberto as fontes orais ou documentais dos nossos Evangelhos, não julguemos ter na mão a chave para os interpretar e compreender devidamente. Este breve estudo não passa duma simples introdução a uma obra de envergadura extraordinária, como é a coleção dos nossos Evangelhos, tendo cada um características próprias e apresentando a Pessoa de Cristo com aspectos particularmente diferentes. Note-se, todavia, que os Sinópticos juntamente com o quarto Evangelho dão-nos uma visão completa dessa grande figura. Apenas uma pequena parte das palavras e das ações de Jesus chegaram até nós por intermédio desses quatro autores, mas essa seleção foi realizada com tanta sabedoria, que O conhecemos mais perfeitamente, mesmo como Pessoa histórica, que qualquer outro personagem de quem se conhece a vida pormenorizadamente. Esta seleção forma não pequeno elemento daquela inspiração dos Evangelhos, que ajudou a cumprir a promessa de Nosso Senhor aos discípulos, segundo a qual o Espírito havia de trazer-lhes à memória o que lhes havia ensinado, com uma maior compreensão dos acontecimentos.

Durante os últimos trinta anos, não se tem deixado de estudar os Evangelhos à luz da chamada "Crítica das formas", que, além das fontes escritas, admite nos Evangelhos outros modelos ou "formas", segundo os quais teriam sido moldados os vários tipos de episódios e de sentenças doutrinárias da primitiva pregação oral. O valor desta aproximação foi exagerado, é certo; mas não deixou de prestar bons serviços, ao lembrar-nos a insuficiência de teorias documentais, que só explicam os fenômenos dos Evangelhos. Por outro lado, salienta a importância de considerar as formas da primitiva pregação e doutrina da Igreja nascente, revelando ao mesmo tempo que a figura de Jesus como Filho de Deus se destaca essencialmente, perpassando todos os Evangelhos. Mesmo nas mais primitivas formas da tradição evangélica, Jesus não deixa de fazer as Suas reivindicações e manter a Sua autoridade, ao perdoar e julgar. Não admira, por isso, que a famosa fonte "Q" de [#Mt 11.27](#) e [#Lc 10.22](#) seja designada pelo nome de "Quarto Evangelho resumido": "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar". Este é o tema geral da doutrina expressa no quarto Evangelho. Índícios do mesmo, existem também nas epístolas paulinas e aos Hebreus, no hinário da primeira metade do século II intitulado "Odes de Salomão", nas cartas de Inácio, e mesmo no papiro de Ossirinco com o nome de [Ditos de Jesus](#). Houve quem afirmasse, e não sem razão, que pelo menos dois textos cristológicos do Novo Testamento ([#Fp 2.4](#) e segs. e parte do Prólogo de João) foram baseados em primitivos hinos

cristãos. Em qualquer caso, o aspecto da Pessoa de Cristo, que apresentam, remonta ao tempo do próprio Cristo. Note-se que o quarto Evangelho insiste neste aspecto da humanidade real de Jesus, de certo por causa das tendências docéticas daquele tempo. Todavia, apesar das diferenças que distinguem este Evangelho dos outros, todos se baseiam no mesmo primitivo **kerygma**, começando pelo batismo de João e incluindo os principais acontecimentos, a saber: a descida do Espírito Santo sobre Jesus, os Seus milagres, o Seu ministério na Galiléia e em Jerusalém, a Sua prisão, os tribunais do Sinédrio e de Pilatos, a Sua crucifixão, sepultura, ressurreição, ascensão, exaltação nos céus e finalmente a Sua última vinda para julgar os vivos e os mortos.

Uma tradição que remonta ao século II, supõe que o quarto Evangelho foi escrito em Éfeso e não em Alexandria, ou qualquer outra cidade como muitos afirmam. O que é de considerar é a relação existente em cada um dos Evangelhos com determinado núcleo de cristãos: Marcos com Roma, Mateus com Antioquia, Lucas possivelmente com qualquer cidade da Grécia e João com Éfeso. Sabe-se, que outros evangelhos circularam, embora temporariamente, na primitiva cristandade, mas estes quatro, já pelo valor intrínseco, já pela autoridade apostólica (direta ou indireta), transcenderam os limites do espaço e do tempo e em breve foram aceitos pela Igreja Universal. É que cada um deles adaptava-se primorosamente à missão da Igreja no mundo. E assim poderíamos aplicar aos quatro Evangelhos o que João afirma no seu: "Estes foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em Seu nome" (#Jo 20.31).

F. F. BRUCE

A IGREJA PRIMITIVA

(Ver também a Introdução ao Comentário sobre Atos)

Em sua inteireza o Novo Testamento pode ser chamado, em certo sentido, de a literatura da Igreja Primitiva. Além disso, naturalmente, é a revelação que tem a autoridade de Deus bem como a norma da fé e da prática cristãs; porém, no que tange a nosso presente propósito, devemos considerar o Novo Testamento como uma coleção de documentos históricos da qual podemos derivar informação referente aos primórdios da Igreja Cristã. É verdade que os Evangelhos raramente mencionam a Igreja. Não obstante, explicam como ela veio a existir mediante a pregação de Jesus Cristo. Além disso, contém o que Seus discípulos originais julgaram importante relembrar a respeito de seu Senhor, e o que transmitiram, primeiro oralmente e então em forma escrita, aos seus seguidores. Não são meramente biografias, no sentido moderno da palavra. Mas são obras que visam a edificação dos crentes. Até mesmo Lucas, que teve mais interesse e dá mais material biográfico que os outros, e que talvez tenha escrito para um público mais geral, se preocupa em esclarecer aqueles fatos que "entre nós se cumpriram" (#Lc 1.1), e que "nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio" (#Lc 1.2). O que Jesus fez e ensinou, obviamente era a porção mais importante da instrução cristã, e a preservação e transmissão desse registro é um dos maiores legados da Igreja Primitiva, mostrando sobre o que se preocupava mais o seu coração. A idéia do discípulo foi perpetuada.

As epístolas de Paulo foram escritas, em sua maioria, a igrejas, e fornecem vívidos quadros sobre as comunidades que ele fundou e supervisionava amorosamente. Vemos as questões que se levantaram, tanto quanto à fé como quanto à prática, vemos as tentações que tinham de ser vencidas, vemos a fidelidade e o fracasso ocasional de seus convertidos, vemos tudo isso não menos que a terna solicitude do apóstolo. Especialmente no que respeita à igreja de Corinto, podemos observar um quadro claro. Porém, é ao livro de Atos dos Apóstolos que devemos recorrer se desejamos possuir um relato compreensivo sobre a história da Igreja apostólica, desde a ressurreição até o ano 62 D. C. Este foi escrito por Lucas, o médico amado, convertido e companheiro de Paulo, um erudito crente gentio. Já tendo explicado, em seu evangelho, a origem do movimento no qual se envolvera, seu propósito, no livro de Atos, foi mostrar como, em tão pouco tempo, o movimento tomara tais proporções de âmbito mundial. No que dizia respeito à missão entre os gentios, ele permite que as cartas de Paulo falem por si

mesmas, ainda que nos ajude a traçar as viagens missionárias do apóstolo. Porém, buscou cuidadosamente toda a informação que pôde encontrar no concernente aos acontecimentos que antecederam à conversão de Paulo-um importante período que ele salvou do esquecimento. Ao traçar nosso quadro sobre a Igreja Primitiva, portanto, devemos começar pelo livro de Atos, e preencher com minúcias e colorido tirados das epístolas.

I. A PREGAÇÃO APOSTÓLICA

Jesus surgiu proclamando que o Reino de Deus estava próximo. Não afirmou abertamente ser o Messias, mas aceitou o título quando este Lhe foi conferido por Seus discípulos, e foi crucificado nesse fundamento. Para a mente judia um Messias crucificado era algo inconcebível, e a própria crucificação foi considerada como suficiente para anular todas as Suas reivindicações. Até mesmo os discípulos, que O haviam confessado como o Cristo, ficaram abalados, e somente Sua ressurreição lhes pôde restaurar a fé. Então entenderam que Jesus aceitara a cruz por ser aquela a vontade de Deus, e então descobriram, nas Escrituras, evidências de que ao Messias competia sofrer. Por conseguinte, a cruz fazia parte do determinado desígnio e presciência de Deus. Nenhum homem sentiu com maior agudeza a ofensa da cruz que o apóstolo Paulo, talvez até mesmo depois de receber a visão do Senhor ressurreto: mas justamente por esse motivo se gloriava ele na mensagem de Cristo crucificado. Aquele foi o ato da incrível misericórdia de Deus, pelo qual reconciliava homens pecaminosos consigo mesmo. A crucificação não significou que a proclamação do Reino fora inútil. Pelo contrário, abriu o Reino para todos os crentes.

Apesar de todas as riquezas e da individualidade do pensamento do apóstolo Paulo, apesar de toda a sua insistência sobre o fato que recebera a verdade por direta revelação divina, o âmago central de sua pregação corresponde exatamente aos discursos dos primeiros capítulos do livro de Atos. Conforme os profetas predisseram, Jesus de Nazaré, da descendência de Davi, foi enviado por Deus. Foi crucificado pelos judeus por autoridade de Pôncio Pilatos, e morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras. Mas ressuscitou dentre os mortos ao terceiro dia, e acha-se exaltado à mão direita de Deus, de onde retornará para julgar a humanidade e inaugurar seu Reino Visível. A todos quantos se arrependam e confiarem, é prometida a remissão de pecados, o dom do Espírito Santo e a vida eterna. Esses são os fatos do Evangelho, o Evangelho pregado por todos os apóstolos, que logo haveria de tomar forma de confissão no Credo dos Apóstolos.

II. A ECCLESIA

Desde o princípio o Evangelho conquistou crentes. Individualmente são eles chamados de "discípulos", "irmãos", "santos", "eleitos", "os que iam sendo salvos". Coletivamente formam o novo Israel, a Igreja de Deus. O crente é adicionado à Igreja **ipso facto**. Torna-se membro dela em virtude de sua fé. No Novo Testamento há o fato simples que fora da Igreja não existe salvação. Além disso, a Igreja é uma. É verdade que o vocábulo é usado no plural para denotar grupos locais de crentes cristãos, mas as igrejas não são partes confederadas da Igreja, mas antes, corporações locais da mesma. Paulo estava disposto a contemplar dois campos missionários mutuamente exclusivos, um para os judeus e outro para os gentios, nos quais costumes diferentes tinham de ser seguidos; mas isso não subentendia a existência de duas Igrejas. A epístola aos Efésios expressa em termos arrebatados o conceito primitivo sobre a Igreja.

O epíteto "santo" não é aplicado à Igreja, no Novo Testamento. Essa é sempre uma designação dada aos membros da Igreja, e denota primariamente o fato que são pessoas consagradas a Deus. Porém, tal dedicação implica num alto grau de pureza moral. Inevitavelmente havia falhas quanto a isso, e daí a necessidade de muita exortação moral para pessoas que tinham saído recentemente do paganismo, e que não se podiam livrar com facilidade das faltas deste. Em último recurso, quando as exortações mostravam-se ineficazes, não havia outro remédio senão a exclusão do membro impenitente do rol das igrejas locais; e, se tal membro permanecesse impenitente, parece não haver dúvida que nunca pertencera à Igreja. A Igreja é a comunhão dos santos, e não pode tolerar pecado grosseiro entre seus membros.

III. O ESPÍRITO SANTO

A Igreja é também a comunhão do Espírito Santo. O livro de Atos começa com o relato do dom do Espírito, no dia de Pentecostes, e igualmente, em pontos mais adiante fala sobre Sua concessão a indivíduos, de maneiras inesperadas. É o Espírito que inicia novas aventuras e dirige os crentes a novos campos missionários. O batismo em água é comumente associado ao dom do Espírito, visto representar aquele o aspecto exterior da experiência interior. No livro de Atos, a manifestação do dom do Espírito segue-se normalmente imediatamente após o batismo. Uma vez porém, no caso de Cornélio, essa experiência precedeu o batismo. Os convertidos pela pregação

de Filipe, em Samaria, tiveram de esperar que os apóstolos viessem de Jerusalém, entretanto, e lhes impusessem as mãos, "porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles (o Espírito Santo), mas somente haviam sido batizados em nome do Senhor Jesus" (#At 8.16). Não saber que "existe o Espírito Santo" (#At 19.2) é sinal de um Cristianismo defeituoso.

É nas cartas do apóstolo Paulo, todavia, que vemos mais claramente o que significa a experiência do Espírito. A vida cristã inteira é uma vida no Espírito. Todos os dons mediante os quais a Igreja é edificada—pregação, ensino, cura—são operações do Espírito Santo. Semelhantemente são as virtudes cristãs distintivas, bem como suas graças e experiências. Até mesmo os fenômenos anormais, tais como falar em línguas, o que talvez não pareça muito edificador, não devem ser desprezados, embora também não devam ser considerados como dotados de um valor exagerado, e precisem ser controlados no interesse da decência e da ordem. Permanece, contudo, a regra: Não extingais o Espírito. Pois o Espírito Santo é o próprio dom de Deus, para vitalizar Seu povo fiel, tanto em suas vidas individuais como na vida comum e na adoração.

IV. VIDA DA IGREJA

A vida interna da Igreja era paralelamente intensa e entusiástica. Isso se torna evidente, onde quer que possamos vê-la, quer em Jerusalém, em Antioquia ou em Corinto. Em Corinto, por exemplo, podemos observar que as reuniões de adoração tinham a inclinação de ser desordenadas. Os profetas dificilmente podiam esperar sua vez para declarar a candente mensagem que lhes tinha sido dada. O fenômeno de falar em línguas ocorria, conforme têm sucedido desde então, em ocasiões de excitação religiosa. Até mesmo sentimentos de partidarismo apareciam. Paulo teve de apelar para o estabelecimento da ordem, ainda que o fizesse com muita gentileza. A ordem não deve ser imposta às expensas da vitalidade. A comunidade em Jerusalém também foi profundamente agitada. Pentecostes foi a primeira, mas não a última de tais experiências. Mas ali, talvez a presença dos apóstolos, e mais tarde de Tiago, irmão do Senhor, tenha assegurado uma adoração mais ordeira. "E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações" (#At 2.42).

Mas a vida da Igreja não se supunha abarcar apenas as ocasiões de adoração pública. A vida diária dos crentes, em todos os seus aspectos, era incluída. Os crentes de Jerusalém provavelmente viviam em casas separadas,

mas mantinham a mais íntima comunhão uns com os outros. Faziam suas refeições em comum, e durante algum tempo, à semelhança do Senhor e Seus discípulos, tinham uma bolsa comum. Ninguém chamava qualquer coisa sua mesma. Alguns, como Barnabé, que possuíam propriedade em lugares distantes, vendiam-na e traziam o apurado para o sustento da irmandade. Tal ação, contudo, era inteiramente voluntária, e não parece ter-se prolongado por muito tempo. O doloroso incidente de Ananias e Safira indicou como se podia abusar dessa prática, e, de qualquer modo, os recursos de capital da comunidade certamente cedo se exauriram. Uma sociedade cristã precisa providenciar para que produza, tanto quanto precisa providenciar para que haja distribuição. Seja como for, o apóstolo Paulo não fez esforço algum para introduzir esse sistema primitivo de partilha em comum no seio das igrejas dos gentios. Ele reconhece que os crentes cristão não podem desligar-se inteiramente das atividades deste mundo. Até certo ponto precisam compartilhar da vida política, social e econômica de seus semelhantes, ao mesmo tempo que lhes compete evitar suas idolatrias, seus pecados grosseiros do paganismo. Por enquanto serão sempre uma ínfima minoria e não podem embalar a esperança de alterar as circunstâncias externas da vida. Não obstante, não devem apelar para a lei, em questão entre si, perante juízes pagãos, sobre questões de propriedade. Mas devem ser capazes de encontrar árbitros dentre seu próprio número, para que resolvam as disputas em verdadeira maneira fraternal.

Por isso é que, embora a Igreja Primitiva não tenha proclamado qualquer nova ordem cristã social e econômica, em realidade instituiu uma tal ordem dentro de suas próprias fronteiras-a ordem do amor fraternal. O escravo não era obrigatoriamente libertado, mas era considerado como verdadeiro irmão em Cristo. A viúva e o órfão, o pobre e o necessitado, o estrangeiro e o perseguido, tornaram-se alvos do cuidado especial das comunidades cristãs. Em meio a um mundo duro e cruel, as igrejas formavam uma teia de caridade e socorro mútuo, a ponto dos próprios pagãos reconhecerem: "Vede como os cristãos amam-se uns aos outros".

V. O MINISTÉRIO CRISTÃO

A forma mais primitiva do ministério cristão, naturalmente se tem tornado motivo de muito debate e controvérsia, para o que aqui não é lugar de tratar delas. Quase inevitavelmente nos lembramos de [#1Co 12](#) com sua lista de operações e manifestações do Espírito, os variados mas complementares [charismata](#) concedidos pelo Espírito para a edificação da Igreja. Aqueles que

recebem e exercem tais dons não formam um ministério oficial. De fato, nas primeiras cartas do apóstolo Paulo há apenas três referências possíveis a esses ministros: [#1Co 16.15](#) e seg.; [#1Ts 5.12](#); e [#Fp 1.1](#). Nesta última passagem, bispos e diáconos são mencionados, cujas qualificações ideais são apresentadas nas epístolas chamadas pastorais.

No alto da lista dos ministérios dotados pelo Espírito, destacam-se três tipos bem definidos-apóstolos, profetas e mestres. Profetas são aqueles que recebem mensagens urgentes, de verdade para transmitirem-nas ao povo. Mestres talvez sejam aqueles que, à semelhança de Apolo, expõem o Antigo Testamento e o aplicam às necessidades da apologética cristã. Desses, o apóstolo é o mais importante. Ele é um missionário ao mundo externo, mas também exerce autoridade moral sobre as igrejas por ele fundadas. O apóstolo Paulo viu-se obrigado a defender sua reivindicação de ser um apóstolo, contra alguns que negavam tal autoridade. Talvez ele não fosse digno de ser chamado apóstolo; porém, tinha contemplado o Senhor ressurreto e d'Ele recebera sua comissão. Todos os sinais de um apóstolo tinham sido operados nele, e ele pôde apelar para seus mais abundantes labores, sofrimentos e realizações, nessa defesa.

No livro de Atos também lemos sobre apóstolos, profetas e mestres, sendo que os apóstolos, naturalmente, eram proeminentes. Eles são os porta-vozes na missão aos incrédulos, e têm honras especiais e exerciam a liderança dentro da Igreja. Supervisionavam novas comunidades e, em consulta com os irmãos, tomavam decisões quando surgiam novos problemas. Em [#At 1.21-22](#) encontramos um interessante relato sobre o que era necessário para que alguém estivesse qualificado para ser apóstolo. Tinha de ter acompanhado Jesus em todo o Seu ministério terreno, desde o batismo de João Batista até a ascensão, a fim de que pudesse ser testemunha da ressurreição do Senhor. Não obstante, o título de apóstolo é atribuído pelo menos uma vez a Barnabé e Paulo.

Mas, que dizer sobre Estêvão, Filipe e seus companheiros? Em [#At 6](#) é dado um relato sobre sua eleição pela comunidade e sobre sua consagração pelos apóstolos para que servissem às mesas, a fim de que os apóstolos tivessem seu tempo livre para se dedicarem à oração e à pregação da Palavra. Porém, não são chamados de diáconos (pelo menos em [#At 6](#)). Eram homens controlados pelo Espírito, e Estêvão e Filipe pregavam com notável efeito. De fato, mais tarde Filipe aparece como evangelista, e a pregação de Estêvão foi um degrau para a conversão de Paulo.

O título característico do ministério local, no livro de Atos, é presbítero ou seja, ancião. Paulo e Barnabé fizeram escolher anciãos nas igrejas que tinham fundado (#At 14.23). Existem anciãos desde o começo da igreja em Jerusalém, e quando os apóstolos se afastaram, aquela igreja passou a ser liderada por Tiago, irmão do Senhor, juntamente com um concílio de anciãos. Sem dúvida tal prática foi herdade da organização das sinagogas. Em vista da natureza da evidência dada pelo Novo Testamento, é um tanto surpreendente encontrar que, pelos começos do segundo século cada congregação local era organizada com um ministério do bispo, presbíteros e diáconos.

VI. A MISSÃO CRISTÃ

Durante o período apostólico, houve uma propagação admiravelmente rápida da nova fé, partindo de seu centro original, em Jerusalém, estendendo-se por Samaria, indo a Cesaréia e a Antioquia, e de Antioquia entrou na Ásia Menor, daí espalhando-se para as costas do mar Egeu, e daí até a Macedônia e a Acaia. Cerca de 57 D. C. Roma, igualmente, contava com uma importante comunidade cristã, suficientemente grande para receber a maior das cartas do apóstolo Paulo, onde estavam muitos de seus amigos pessoais. Curiosamente, ainda não havia missão para Alexandria.

Essa expansão não se deveu inteiramente ao apóstolo Paulo, ainda que ele pudesse afirmar com justiça ter sido o maior dos missionários. Todo crente cristão se considerava um missionário, ansioso para propagar o Evangelho, quer fosse pregador por chamada divina ou não. Antioquia foi atingida por crentes que não são nomeados, empurrados até ali pela perseguição, e ninguém sabe quem foi que fundou a igreja de Roma. O método de Paulo de passar rapidamente de uma cidade para outra, tão diferente dos métodos das modernas missões, foi bem sucedido pois implantou a fé nos centros estratégicos do império romano, dos quais subseqüentemente se irradiou. Precisamos lembrar-nos que então as circunstâncias eram bastante diferentes das de hoje em dia. Em todas as cidades do império havia sinagogas dos judeus, com seu grupo de prosélitos e aderentes, cada um deles em contato próximo com Jerusalém. Dentro de poucos meses, a contar da crucificação, a notícia das reivindicações de Jesus Cristo seria recebida e discutida, e uma impressão seria deixada. No ano de 49 D. C. o imperador Cláudio expulsou os judeus da cidade de Roma, devido a contínuos tumultos provocados por um certo Cresto. Assim escreveu Suetônio. Provavelmente ele se enganou quanto ao nome exato, e de fato estava se referindo às origens da igreja cristã de

Roma. De qualquer modo, as sinagogas eram um convite aberto para os pregadores cristãos. Como oportunidade, não menos que como tarefa, o campo era o mundo.

Essa missão desde logo levantou um sério problema. Na igreja de Jerusalém, alguns mantinham que permanecia obrigatória a observância da lei de Moisés, não apenas para os judeus que se convertessem ao Cristianismo, mas até mesmo para os cristãos gentios. O apóstolo Paulo defendeu a tese que Cristo abrogara a lei como tal. Alguns pensam que o apóstolo Pedro tomou uma posição que representa um meio termo. Uma espécie de transigência foi assumida, permitindo as duas missões, uma para os judeus e outra para os gentios. Mas isso dificilmente poderia ter sido bem sucedido. O sucesso da missão aos gentios resolveu a questão e a epístola aos Efésios se gloria na derrubada do muro de separação entre judeus e gentios, os quais, conduzidos a Cristo sob condições idênticas, formam um corpo que é a Igreja. É verdade que alguns judeus cristãos se mantiveram afastados, mas a Igreja, como um todo, encontrara o caminho certo.

VII. OPOSIÇÃO

Já se deveria esperar que um movimento propagandista de tal escala acabasse encontrando oposição, e o apóstolo Paulo muito se queixou disso, especialmente às mãos de seus compatriotas, que se ressentiam de sua apostasia do judaísmo, conforme lhes parecia o seu Cristianismo. Por onde quer que ele fosse, agitavam turbulências algumas vezes organizando tumultos contra eles. "Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um... uma vez fui apedrejado..." (#2Co 11.24-25). Não obstante, sua missão não foi seriamente obstaculizada por eles.

No livro de Atos, igualmente, lemos a respeito de perseguições movidas pelos judeus, as quais lançaram fora de Jerusalém primeiramente os seguidores de Estêvão, e então até os próprios apóstolos. Os judeus foram igualmente responsáveis pelos tumultos dos pagãos que se mancomunaram contra Paulo, em Corinto e Éfeso. Mas Lucas nos mostra que se tratava meramente de agitação popular, e que a atitude dos oficiais do governo foi bastante protetora. O rei Agripa, um **rex socius**, ansiava por ouvir o apóstolo Paulo. Os asiarcas (principais oficiais do governo, na Ásia-#At 19.31) mostraram-se seus amigos, e o escrivão da cidade de Éfeso estava mais preocupado em abafar o levante do que em perseguir ao apóstolo. Em Filipos, para dizer a verdade, as autoridades municipais espancaram-no e

aprisionaram-no, mas soltaram-no depois de muito se desculparem, ao ficarem sabendo que ele era cidadão romano, Gálio, procônsul senatorial da Acaia, não quis aceitar as queixas dos judeus contra a pregação de Paulo sob a alegação que não queria envolver-se naquela questão (#At 18.12 segs.). E Festo, o legado imperial da Síria, declarou que não encontrara falta na missão cristã como tal. É claro que o apóstolo falava por experiência pessoal quando escreveu: "... os magistrados não são para temor quando se faz o bem, e, sim, quando se faz o mal... visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem" (#Rm 13.3-4). E Paulo não alterou seu tom quando foi aprisionado em Jerusalém, Cesaréia e Roma.

Porém, o livro de Atos termina um tanto abruptamente em 62 D. C., pelo que não sabemos exatamente qual foi o resultado do apelo de Paulo a César. A voz unânime da tradição afirma que ele morreu martirizado em 67 D. C., durante a selvagem perseguição de Nero contra os cristãos de Roma. Por aquela altura, talvez, estava ficando claro para as autoridades que os cristãos deviam ser distinguidos dos judeus, e não podiam reivindicar a proteção da lei que reconhecia o judaísmo como religião tolerada. Seja como for, daquele ponto em diante começou um tempo em que ser crente cristão era sujeitar-se ao perigo de perseguição. Por aquele tempo, entretanto, o Evangelho já estava implantado tão larga e seguramente que nenhum poder humano era capaz de desenraizá-lo. A nova fé e a nova vida que o Evangelho engendrava estavam destinados a virar o mundo de cabeça para baixo.

J. H. S. BURLEIGH

AS EPÍSTOLAS DE PAULO

I. O CARÁTER E A PERSONALIDADE DE PAULO

No dizer de um autor consagrado as epístolas paulinas "diferem das mensagens das simples folhas de papiro do Egito, não como cartas, mas simplesmente como cartas de Paulo". É, na realidade, espantosa a diferença, já que Paulo como amanuense e intérprete do Espírito Santo anunciava nas suas epístolas as verdades eternas. Essas epístolas fazem parte da Palavra de Deus, do Deus que vive e permanece para sempre. A missão de Paulo ia assim abrir um caminho à verdade de Cristo na consciência e no entendimento do mundo gentio.

Mas, enquanto se destinam à edificação dos crentes e só, raramente, revestem o caráter de tratados teológicos, (como no caso da epístola aos Romanos), as epístolas são escritas com toda a liberdade da correspondência epistolar, revelando, por isso, a personalidade do autor, que assim poderíamos resumir: Tato e presença de espírito; ternura e simpatia; retidão de consciência e integridade; ação de graças e oração; coragem e perseverança. Só pela leitura das epístolas não é difícil verificar que todas estas qualidades são apanágio do grande Apóstolo.

O fato mais chocante acerca do temperamento de Paulo, tal como no-lo descrevem as epístolas, é aquele misto de austeridade e de ternura que tanto o caracterizam. Vejamos a dureza com que por vezes se dirige aos gálatas e aos coríntios na segunda carta! Nesta última epístola revela-se também profundamente sensível perante a ingratidão e a apostasia de alguns convertidos menos satisfeitos; e de tal modo, que poderíamos afirmar que essa epístola deixava entrever a fina sensibilidade de Paulo e constitui uma agitada autodefesa dum coração ferido e amoroso perante a ingratidão e o erro de almas ainda não totalmente perdidas. Mesmo que por vezes não deixasse de ser áspero e desabrido para com os promotores de desordens e devassos dalgumas das suas Igrejas, podia ainda garantir que tratara carinhosamente os tessalonicenses, "como a ama que cria os seus filhos" (#1Ts 2.7) e comportara-se com cada um deles "como o pai a seus filhos" (#1Ts 2.11). Em suma, na alma do Apóstolo a lógica e o sentimento, a paixão e a severidade fundiam-se numa combinação de flexibilidade, que formavam uma ternura e um vigor sem par.

Paulo revela-se-nos nas epístolas como uma alma cristocêntrica. Para ele "o viver é Cristo" (#Fp 1.21), e a vida "vivo-a na fé do Filho de Deus" (#Gl 2.20). Como ele se eleva nas asas do entusiasmo ao apresentar-nos a glória soberana do Filho de Deus! A propósito da palavra "Senhor" que aparece mais de vinte vezes em 1Ts, uma das suas primeiras cartas, houve quem ousasse afirmar que "nunca a sonda do dogma descera tão fundo; nem subiram tão alto as asas da adoração". E agora, numa das últimas cartas, precisamente aos colossenses, descreve-nos o Cristo "que é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação" em Quem foram criadas todas as coisas e por Quem todas as coisas subsistem (cfr. #Cl 1.15-17). Mas tal doutrina já se encontra implícita em cartas anteriores, bem como na revelação do Filho de Deus nele (#Gl 1.16), quando "o Senhor da glória" (#1Co 2.8) lhe falou da "excelente glória" que vem a ser a Sua morada eterna.

Há ainda outro contraste a frisar na mentalidade e no pensamento de Paulo. É que ele era não só o maior dos teólogos cristãos, mas também o mais profundo dos moralistas do Cristianismo. Em estreita relação com a doutrina teológica pululam as exortações a uma vida santa, a demonstrar que o Apóstolo não era um teórico, nem um sonhador. Com os pés em terra firme, não deixa de ser consistente com a sã doutrina, que anda sempre aliada à santidade da vida. Por outro lado a moralidade será morta, se não mergulhar profundamente as raízes na terra firme da sã doutrina.

Era de fato extraordinária a mentalidade deste "gênio de amor", que tão humanamente se dedicava às almas. Pensemos nas muitas saudações aos seus amigos de Roma (#Rm 16); não são meras formalidades, inexpressivas e frias, mas algumas delas reveladoras duma profunda ternura. Cultivando a simpatia pessoal, vemo-lo à procura de Tito, apesar de perder uma oportunidade de pregar o Evangelho em Trôade: "Não tive descanso no meu espírito, porque não achei ali meu irmão Tito" (#2Co 2.13). Na sua última carta, ouvimo-lo lamentar-se amargamente "porque" -dizia ele-"os que estão na Ásia todos se afastaram de mim" (#2Tm 1.15) e até Demas acabou por desampará-lo (#2Tm 4.10). Comovedor o seu último apelo: "Procura vir ter comigo depressa... Procura vir antes do inverno"! (#2Tm 4.9,21). Finalmente lembrem-se as lágrimas deste coração sensível (#At 20.19,31; #2Co 2.4; #Fp 3.18), lágrimas viris, que só se derramam nos grandes momentos duma vida!

II. A COLEÇÃO DAS EPÍSTOLAS

Impossível saber-se ao certo quando foram coligidas as epístolas paulinas. Nos meados do século II, Justino mártir dá-nos a entender, que, no "dia do sol", se liam à hora do culto os Evangelhos, juntamente com as Escrituras do Velho Testamento. Mas, muito antes de terem sido publicados os Evangelhos, já eram lidas as epístolas de Paulo pelo menos nas igrejas, a quem se dirigiam. Quanto à união dessas cartas dispersas é muito possível que tenhamos de admitir uma data muito recuada.

Se admitirmos que Simão Pedro é o autor da 2Pe, como grandes eruditos, Bigg, Zahn e Warfield, afirmam, então é fácil concluir que cerca do ano 67 já se encontravam reunidas as epístolas de Paulo, segundo #2Pe 3.16 nos sugere. Ignora-se, todavia, o número de cartas que faziam parte dessa coleção.

No ano de 140, aproximadamente, o herege Marcião preparou e organizou um Cânon do Novo Testamento, que continha as epístolas de Paulo, com exceção das Pastorais. Tal Cânon, porém, era muito limitado pois apenas continha um Evangelho, o de Lucas, e mesmo esse muito truncado. Marcião não pode ser considerado como um porta-voz da opinião da Igreja Ortodoxa do seu tempo, mas seu Cânon parece provar que na primeira metade do século II os próprios hereges tinham por autênticas as epístolas de Paulo, e estas já se encontravam reunidas num volume.

O Cânon Muratoriano, datado de cerca do ano 180, faz menção duma coleção de epístolas paulinas em número de treze, já nesse tempo conhecidas da Igreja de Roma e até doutras Igrejas.

III. O ESTILO LITERÁRIO DE PAULO

Se é verdade que "o estilo é o homem" então podemos considerar o estilo literário de Paulo como a expressão franca e espontânea de seu temperamento. Pois a verdade é que ele manifesta a intensidade de sua mente. Há aquilo que pode ser descrito como uma espécie de tempestuosidade em seus escritos: por vezes e vezes seguidas ele corre célere de um ponto a outro, impulsionado por alguma poderosa onda de pensamento e sentimento. A notável descrição do dr. G. G. Findlay pode ser citada. Com clamores interrompidos e declarações pausadas, ainda que impetuosas, ele nos deixa esbaforidos por meio de seus longos períodos, enquanto vai até o cume de algum exaltado pensamento, enquanto que a linguagem a todo momento ameaça partir-se sob o peso que é compelida a carregar; até que, finalmente

ele chega a seu magnífico clímax, e o caminho confuso, pelo qual forçou passagem, jaz sob nossos pés".

Algumas vezes, quando Paulo força passagem por algum "caminho confuso", ele presta bem pouca atenção às regras e leis da gramática. A construção de suas sentenças algumas vezes é complicada, e a conexão exata entre uma idéia e outra pode ser ocasionalmente incerta. Isso se deve à pressa tempestuosa com que seus pensamentos avassalam sua mente, mas os próprios pensamentos brilham com um esplendor que nunca pode desmaiar, apesar de todas as complexidades e as não infrequentes obscuridades de seu estilo. Tais obscuridades geralmente requerem, para ser elucidadas, a mais aguda habilidade exegética, bem como às vezes o mais profundo discernimento espiritual sobre a própria visão de Paulo a respeito das realidades eternas. Se perseverarmos em nosso estudo sobre Paulo, logo descobriremos que estamos assentados aos pés de alguém que, mais que qualquer outro ser humano, penetrou longe nas maravilhas e glórias daquele "segredo aberto de Deus" que é "Cristo em vós, a esperança da glória" (#Cl 2.2; #Cl 1.27).

IV. CRONOLOGIA DAS TREZE EPÍSTOLAS DE PAULO

Ante as dificuldades que apresenta toda e qualquer cronologia, não admira que no caso das epístolas de Paulo seja difícil atingirmos aquela certeza que todos desejariam. Vejamos:

a) A primeira epístola: Gálatas

Supunha-se, outrora, que esta epístola tivesse sido escrita cerca do ano 57, ou seja na mesma altura em que foi a de Romanos, e talvez Coríntios. Não faltou quem reunisse casos paralelos de doutrina e de estilo em Gálatas e Romanos, mas não se trata de prova convincente de maneira a concluir-se que essas epístolas são contemporâneas, pois os temas comuns a ambas, nomeadamente o da justificação, adaptam-se a qualquer época. Julgou-se, ainda, que Gálatas fosse uma espécie de "rascunho" que Romanos aperfeiçoou, uma vez que se admitem alguns anos de diferença entre a publicação ou aparecimento das duas cartas. Do mesmo modo poderíamos também frisar, que alguns anos medeiam entre a doutrina da crucificação com Cristo e do batismo "em Cristo" dos Gálatas com os mesmos temas mais desenvolvidos em #Rm 6.3-11.

Há, no entanto, um caso que pode levar-nos a supor que a epístola aos Gálatas foi escrita antes de 57, e dirigida aos crentes da Galácia do Sul. Supõe-se, na realidade, que Paulo a destinou às igrejas de Antioquia da Psídia, de Icônio, de Listra e de Derbe, -regiões evangelizadas pelo Apóstolo durante a sua primeira viagem missionária. Ora Paulo regressou desta viagem a Jerusalém provavelmente no verão do ano 49, e a carta tinha por fim impedir as atividades de certos doutrinadores judaizantes entre os neoconvertidos da Galácia, sendo, portanto, escrita ainda nesse mesmo ano. Assim, tudo leva a crer, que esta carta foi a primeira que Paulo escreveu.

b) Epístolas da segunda viagem missionária: 1 e 2 Tessalonicenses

Durante a segunda viagem missionária Paulo partiu da cidade de Trôade, na Ásia Menor, para a Europa, com o fim de evangelizar as cidades de Filipos, Tessalônica, Beréia, Atenas e Corinto, onde chegou por fins do ano 51. Nesta última cidade encontrou-se com Timóteo e Silas, que lhe narraram pormenorizadamente a situação dos neoconvertidos de Tessalônica (#At 18.5), aos quais Paulo logo dirigiu a sua 1Ts, possivelmente durante o ano de 52. A 2Ts deve ter sido escrita pouco depois, também de Corinto.

c) Epístolas da terceira viagem missionária: 1 e 2 Coríntios e Romanos

Nesta viagem Paulo passou cerca de 3 anos em Éfeso (53-56), de cuja cidade escreveu a 1 aos Coríntios, talvez no ano de 55 (#1Co 16.8). Depois seguiu para a Macedônia, onde redigiu a 2 aos Coríntios, talvez só em 56 (#2Co 7.5). Percorrendo, em seguida, diversos lugares da Grécia (Acaia), permaneceu perto de três meses em Corinto, sendo hóspede de Gaio (#Rm 16.23; #1Co 1.14), e aí teve oportunidade de dirigir a sua epístola aos Romanos, possivelmente cedo no ano 57.

d) Epístolas escritas na prisão em Roma: Efésios, Colossenses, Filemom e Filipenses

Após tormentosa viagem marítima, Paulo chega a Roma, talvez no ano 60. No ano seguinte, ou seja em 61, escreveu Efésios, Colossenses e Filemom, com pequenos intervalos. As duas primeiras contêm vários passos paralelos e foram enviadas pelo mesmo mensageiro, Tíquico (#Ef 6.21; #Cl 4.7). A Carta a Filemom foi dirigida a um cristão de destaque, que se encontrava em

Colossos. Também deve ter tido o mesmo portador que as precedentes, embora desta vez o acompanhasse um escravo de nome Onésimo (#Cl 4.7-9). Só mais tarde, provavelmente em 62, apareceu a epístola aos Filipenses, em que Paulo aguarda para breve a sua libertação (cfr. #Fp 1.25; #Fp 2.23-24).

e) Epístolas pastorais: 1Timóteo, Tito e 2Timóteo

É muito possível que realmente só no ano 62 se tenha verificado a libertação do Apóstolo, seguindo-se depois uma viagem à Espanha, que planejara há muito (#Rm 15.24), e mais tarde a Colossos (#Fm 22), e outras cidades, sobretudo a Filipos (#Fp 2.24) e a Éfeso (#1Tm 1.3). Pelo menos é certo, que visitou a ilha de Creta, onde deixou Tito, que até então o acompanhava (#Tt 1.5). Talvez em 64, da Macedônia, tenha escrito a sua primeira carta a Timóteo, que deixara em Éfeso (#1Tm 1.3). Da mesma data deve ser a epístola a Tito. A 2Timóteo foi enviada de Roma, quando da segunda prisão de Paulo (#2Tm 1.8,16; #2Tm 2.9), na companhia de Lucas (#2Tm 4.11), entre 66 e 67. O Apóstolo sabe que não tarda a hora do martírio, aguardado com serenidade e confiança (cfr. #2Tm 1.10-12; #2Tm 4.6-8).

V. A DOCTRINA DE PAULO COMPARADA COM A DE CRISTO

Quanto à questão da relação de Paulo para com Jesus, pontos de vista mais sãos prevalecem atualmente do que aqueles que em determinado período obcecaram as mentes de certos estudantes do Novo Testamento. O estudo cuidadoso de todos os fatos relevantes tem demonstrado, conclusivamente, que a idéia de que Paulo tenha sido corruptor da mensagem original de Jesus é uma ilusão completa. Ninguém acredita seriamente, agora, que Paulo tenha criado do nada uma nova teologia. A mente original e originadora, na era do Novo Testamento, é atualmente percebido, com mais ou menos clareza, foi a do próprio Senhor. Paulo foi um fiel intérprete do que está mais profundamente envolvido na vida e ensino de Jesus.

No momento de sua conversão, Paulo se tornou imediatamente, e para sempre, um homem cuja vontade era dominada pela vontade de Cristo. Cristo o conquistou, afirma ele em uma de suas referências incidentais à sua conversão (#Fp 3.12); e se isso significou, como já dissemos, que daí e para sempre Paulo era homem centralizado em Cristo, também significa que ele sempre procurava ser um homem dominado por Cristo. A primeira pergunta por ele feita, para Quem tão subitamente raiou em sua vida com um novo

poder criativo, foi "Quem és tu, Senhor?"; e a segunda, foi "Que farei, Senhor?" Essa atitude de absoluta submissão a Cristo era a atitude de sua mente, de princípio a fim, pelo que, a idéia dele haver inventado dogmas relativos ao seu divino Senhor e Mestre teria sido uma abominação para ele. Paulo não tinha o menor desejo de desenvolver e promulgar uma teologia sua própria, mas tão somente de pregar as "insondáveis riquezas de Cristo" (#Ef 3.8), conforme o Espírito da verdade o capacitasse a fazer. Em todos os instantes podia fazer aquela declaração com boa consciência: "não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor" (#2Co 4.5).

Por meio de ilustração, podemos espiar no ensino de Paulo sobre dois temas-a deidade de Jesus, e a morte de Jesus como expiação pelo pecado.

Jesus reivindicava uma relação sem igual para com Deus (#Mt 11.27 etc.). A linguagem mais exaltada de Paulo, sobre a pessoa de Jesus, como em #Fp 2.5-11 e #Cl 1.15-19, é apenas um desdobramento do que está altamente subentendido nas declarações de nosso Senhor sobre Si mesmo. As epístolas de Filipenses e Colossenses contam-se entre as últimas cartas de Paulo, mas numa carta mais anterior (#1Co 8.6) temos, latente, a grandiosa doutrina de #Cl 1.15-19. Ambas as passagens estabelecem a doutrina da dupla Soberania de Cristo, que baseia Sua soberania redentiva sobre Sua soberania criativa, sendo que a passagem em Corinto afirma essa verdade de modo mais simples, enquanto que a passagem em Colossenses a afirma de modo mais completo. Realmente, a verdade da deidade de Jesus ficou indelével na mente de Paulo desde o momento de sua conversão. Foi da "glória excelente" que Jesus lhe falou, e desde aquele momento Paulo compreendeu que a luz do conhecimento da glória de Deus resplandecia na face de Cristo (#2Co 4.6). Escreve o dr. D. M. McIntyre, em seu livro *Christ the Lord*: "Enquanto a experiência do apóstolo ia aumentando, seus conceitos se estenderam até uma terra de largas distâncias. Enquanto ele meditava sobre o Deus-homem e entrava numa comunhão cada vez mais íntima com Ele, novas glórias, adornando Aquele que é inteiramente amável, foram sendo percebidas". E o ponto é que essas glórias não foram sonhadas ou inventadas pela engenhosa mente de Paulo, mas são glórias que por direito pertencem a Cristo, glórias que justificam cada uma de Suas estupendas reivindicações, que, segundo os evangelhos sinópticos tão claramente de acordo com o quarto evangelho, Jesus fez a respeito de Si mesmo.

Algumas vezes ainda ouvimos dizer que Paulo foi o único originador da doutrina de que a morte de Jesus foi uma expiação pelo pecado. Mas,

novamente, a posição mais sã é aquela que afirma que Paulo é um fiel expositor do ensino de Jesus. O germe de tudo quanto Paulo escreveu concernente a morte de Jesus, em sua relação para com o pecado, pode ser encontrado nas duas notáveis declarações do Senhor referente à significação de sua morte, a saber, Suas palavras sobre o "resgate por muitos" (#Mt 20.28; #Mc 10.45) e Suas palavras sobre a nova aliança que foi estabelecida em Seu sangue, e que contém, como sua bênção fundamental, o perdão dos pecados (#Mt 26.28; #Mc 14.24). Diz Denney, em seu livro *The Death of Christ*; no tocante à declaração sobre o resgate: "Se encontrarmos o mesmo pensamento em Paulo, não deveríamos dizer que o evangelista paulinizou seu escrito, mas antes, que Paulo se assentou aos pés de Jesus".

Aqui temos a relação de Paulo para com Jesus em forma sumarizada. Jesus é o Mestre e Senhor; Paulo é o humilde erudito, assentado aos Seus pés; e ele foi usado por seu divino Senhor para dar-nos a mais rica revelação que possuímos sobre a sabedoria e o conhecimento que estão ocultos em Cristo (#Cl 2.3).

ALEXANDER ROSS.

II PARTE: O VELHO TESTAMENTO

GÊNESIS

INTRODUÇÃO

Uma introdução ao livro do Gênesis, teria de ser muito extensa e, neste caso, abranger a maior parte das questões relativas à origem e ao autor, ou então demasiadamente concisa de forma a deixar a crítica dos principais pontos ao lugar que lhe compete no respectivo texto. No nosso caso a única solução possível é optar por esta última alternativa.

I. TÍTULO

O nome "Gênesis" foi dado ao primeiro livro da Bíblia pelo tradutor grego, e significa "origem" ou "princípio". Sem qualquer título especial, os hebreus indicavam-no pela frase inicial: "No princípio", a caracterizar perfeitamente o conteúdo do livro, ou seja, o princípio do universo, o princípio do homem, o princípio do pecado, o princípio da salvação, o princípio do povo hebraico, e bem assim o princípio de muitos outros acontecimentos e fenômenos ocorridos na história do mundo.

II. AUTORIA

Ainda que não é opinião geral atribuir-se o livro a Moisés, esta é a nossa posição. Mesmo porque não foi ainda apresentada qualquer outra teoria bem fundada que nos levasse a pensar o contrário. Não quer isto dizer, no entanto, que Moisés não se tenha servido de fontes de qualquer espécie para a elaboração da sua obra. É até muito provável que a frase tão freqüente **toledoth** "estas são as gerações de", admitam a utilização de fontes históricas por parte do autor. Comparem-se: **#Gn 2.4; #Gn 5.1; #Gn 6.9; #Gn 10.1; #Gn 11.10,27; #Gn 25.12,19; #Gn 36.1,9; #Gn 37.2**. Ninguém, pode dizer com certeza que esta frase constitua um subtítulo que indique a fonte da qual a informação foi derivada, embora seja de admitir, com reservas, naturalmente, que Moisés teve presente essas fontes, talvez gravadas em tábuas de barro, e procedentes de Noé, Sem, Terá e outros. Mera possibilidade, é certo, mas admissível.

Gn-1.1

I. OS PRINCÍPIOS DA HISTÓRIA. Gn 1.1-11.32

A majestosa linguagem da sentença inicial do livro de Gênesis indica o lugar que a Bíblia dá a Deus de princípio a fim. A revelação põe Deus no centro, e seu capítulo primeiro não apresenta tanto uma doutrina sobre a criação, mas antes, a doutrina do Criador. Todas as coisas ali aparecem em sua relação para com Deus e na dependência d'Ele.

a) A Criação do Universo (Gn 1.1-2.3)

Como considerar a descrição em causa? Ciência, fábula ou revelação? Se, por ciência, entendermos a disposição sistemática dum ramo do saber, diremos, então, que a descrição nada tem de "científico". E ainda bem, pois se fosse utilizada a linguagem científica do século XX, como a entenderiam os leitores dos séculos precedentes? E mesmo os atuais necessitariam duma adequada preparação científica. Nesse caso ainda, não seria de prever que passados cem ou duzentos anos fosse já considerada antiquada aquela linguagem? A narração do Gênesis não foi, portanto, redigida em moldes científicos, talvez para melhor mostrar a sua inspiração divina. Poderíamos, no entanto, fazer a seguinte interrogação: -Não sendo científica quanto à forma, será a descrição do Gênesis científica quanto à substância, ou quanto ao conteúdo? Serão de admitir erros ou pelo menos inexatidões na narração bíblica. Graves conflitos têm surgido entre prematuras conclusões da ciência e supostas deduções científicas da Escritura. Mas estudos ulteriores têm vindo provar que, por um lado, não eram válidas as conclusões científicas, ou, então, por outro, eram mal interpretadas no texto as afirmações científicas.

Quanto a supor-se uma fábula a narração do Gênesis, quer no sentido popular, quer no sentido clássico, não é fácil de admitir-se. Pois no primeiro caso tratar-se-ia duma obra puramente imaginária, e no segundo duma exposição simbólica dum fato com certas verdades abstratas, que de outro modo seriam incompreensíveis. Trata-se, sim, duma narração dos acontecimentos que não seriam compreendidos, se fossem descritos com a precisão formal da ciência. É neste estilo simples mas expressivo que a divina sabedoria se manifestou claramente aos homens, indo assim ao encontro das necessidades de todos os tempos. Os fatos apresentam-se numa linguagem abundante e rica, que é possível incluir todos os resultados das pesquisas científicas.

O primeiro capítulo do Gênesis não há dúvida que supõe a revelação divina. Pelas muitas versões, algumas delas correntes já entre os pagãos da antigüidade, é fácil concluir-se que esta revelação é anterior a Moisés. Não deve, no entanto, considerar-se como uma nova versão das tradições politeístas dos fenícios ou dos babilônicos; porque acima de tudo a obra criadora de Deus só por Deus poderia ser revelada. E essa revelação não deixou de ser preservada de qualquer contaminação pagã ou corrupção supersticiosa, encontrando-se perfeita e inviolável nos cinco livros de Moisés.

Sob o aspecto científico nada se sabe acerca da origem das coisas. Mas o certo é que a Geologia, através do estudo dos fósseis, vem confirmar, cada vez mais, as diferentes fases da criação que #Gn 1 nos descreve pormenorizadamente. Baseados em motivos meramente teóricos, vários comentadores supõem que a criação original de Deus foi destruída por uma terrível catástrofe. Assim o verso 1 descreve o ato inicial de Deus, que deu a existência ao universo; o verso 2 o estado desse universo arruinado "sem forma e vazio", se bem que não se faça qualquer alusão à catástrofe provocadora dessa ruína; os restantes versos fazem uma análise da obra de Deus na reconstituição desse universo. Trata-se duma teoria, ainda hoje muito seguida, para resolver certos problemas que, no fim de contas, continuam insolúveis, e é contestada por fortes argumentos lingüísticos. A chamada teoria da "lacuna" não assenta em bases firmes e é desmentida pela própria Geologia.

São duas as palavras com que a Escritura designa a ação criadora de Deus: **bara'** (criar) e **'asah** (fazer). A primeira é, sem dúvida, a mais importante, e aparece sobretudo nos versículos 1,21,27, ou seja, quando se pretende frisar o início de todos os seres em geral, dos seres animados e dos seres espirituais, respectivamente. O certo é que não há possibilidade de exprimir, por palavras humanas, essa obra maravilhosa de Deus, que transcende toda a ciência, por muito profunda e completa que seja. O significado exato de **bara'** não é fácil de determinar. Numa das suas formas significava originariamente "cortar, separar" e passou a ser utilizada apenas para indicar a ação divina de trazer à existência algo inteiramente novo. No vers. 1 a idéia de criação exclui materiais já existentes, podendo então dizer-se que as coisas foram produzidas "do nada". Mas nos vers. 21 e 27 nada obsta a que se tenham utilizado materiais preexistentes. O principal é sublinhar o significado de **bara'** que apenas supõe a produção dum ser, completamente novo, que antes não existia.

E que dizer dos "dias" em que se operou a criação? Há quem suponha tratar-se de dias de 24 horas, uma vez que se mencionam tardes e manhãs, ou então admitir-se apenas uma visão dramática, já que a história se apresentou a Moisés numa série de revelações, que duraram seis dias. Sugestões interessante e curiosas, sem dúvida, mas que não passam de conjeturas, o mesmo sucedendo à teoria moderna, segundo a qual o "dia" representaria uma idade geológica. Para isso supunha-se que o sol, supremo regulador do tempo planetário, não existia durante os primeiros três dias; de resto, a palavra "dia" em **#Gn 2.4** estende-se aos seis dias da criação; por outro lado, em diferentes textos da Escritura o mesmo vocábulo refere-se a períodos de tempo ilimitado, como no **#Sl 90.4**. A principal dificuldade que se levanta contra esta última interpretação é a alusão a "tarde" e a "manhã", mas pode admitir-se que a obra da criação figuradamente seja caracterizada por épocas bem definidas.

É espiritual e religioso o objetivo da narração de **#Gn 1**. A formação dos seres vem manifestar as relações entre Deus e as criaturas de sorte que só a fé as compreenderá devidamente: "Pela fé entendemos que os mundos pela Palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente" (**#Hb 11.3**). Só o crente, portanto, compreenderá o alcance da narração; mas não admira que por vezes surjam hesitações, perante as dificuldades de interpretação.

Mas a narrativa tem ainda um segundo objetivo: o de pôr o homem em contato com toda a criação, ou melhor, o de colocá-lo em posição de primazia perante todos os seres criados. Por isso vemos Deus a agir gradualmente na Sua obra criadora, que atinge, com a formação do homem, o ponto culminante dessa obra-prima de Deus.

Deus (1). ' **elohim**. Muitas derivações têm sido sugeridas para esta palavra. Sua significação parece ser "aquele que deve ser reverenciado por excelência". O termo plural, ' **elohim**, é um plural de intensidade, algumas vezes chamado de plural de "majestade".

>Gn-1.2

Sem forma e vazia (2). A expressão hebraica (**tohu wabohu**) contém algo de onomatopéico que parece significar: desolação e vacuidade. Em **#Is 45.18**, onde aparece o termo **bohu** não contradiz aquele significado e dá a entender que Deus não abandonou a terra que criou: "Não a criou vazia, mas formou-a para que fosse habitada". O caos era um meio, não um fim. **Disse Deus** (3).

"Pela palavra do Senhor foram feitos os céus" (#Sl 33.6). Cfr. #Jo 1.1-3. **Luz** (3). O caráter primário da luz, mesmo antes do sol, é um dos postulados da ciência moderna. **A tarde e a manhã** (5). Atendendo à linguagem poética do texto, "manhã" não deve significar, aqui, a segunda metade do dia. O dia começava de manhã; seguia-se a tarde, e depois a manhã que seguia a tarde era o começo do segundo dia, que por isso terminava o primeiro. **Expansão** (6). É a formação da atmosfera. **Produza** (11). Embora se trate da criação intermédia, não se exclui a intervenção divina. **Segundo a sua espécie** (11). Comparando este vers. com os 12,21,24-25, fácil é interpretá-lo como se dissesse: "em todas as suas variedades", duma variedade dentro de certos grupos gerais. **Para sinais** (14). Tomem-se aqui estes sinais no sentido astronômico e não astrológico, pois os corpos celestes determinam as estações e dividem o tempo.

>Gn-1.26

Façamos o homem (26). A criação do homem é, como vimos, o apogeu da obra criadora de Deus. É a Trindade quem delibera, sem qualquer intervenção ou consulta feita aos anjos. **À nossa imagem, conforme à nossa semelhança** (26). São sinônimos os substantivos, e compreendem-se à face do paralelismo da poesia hebraica. Trata-se duma semelhança natural e moral. **E domine** (26). É dessa semelhança com Deus que deriva todo o domínio do homem sobre as criaturas. **Macho e fêmea os criou** (27). Uma descrição mais pormenorizada vai encontrar-se no capítulo seguinte. **Enchei** (28). Heb. **male**, que, como no vers. 22, significa apenas "encher", mas não no sentido do encher um mundo que antes estivera vazio. **E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou** (#Gn 2.3). Em presença deste texto somos levados a concluir que a instituição do sábado é anterior a Moisés, talvez motivo duma revelação especial.

Gn-2.4

b) O lugar do homem (Gn 2.4-25)

1. OS PRINCÍPIOS DA HISTÓRIA DO HOMEM (#Gn 2.4-7). **Estas são as origens** (4). Pela primeira vez se nos depara o vocábulo **toledoth**, de que na Introdução se fez larga referência. Nesta narração da origem de todos os seres a atenção vai concentrar-se no homem. Houve quem julgasse tratar-se duma segunda narrativa da criação, mas em vão, pois estamos em presença apenas duma versão mais pormenorizada de #Gn 1, embora possa admitir-se que Moisés, divinamente inspirado, escrevesse a sua história sagrada baseado em

várias relações já existentes. Sabemos que a inspiração não exclui a utilização de fontes. Nada impede, portanto, que uma segunda narração venha completar a primeira. Vejamos: Na primeira atende-se mais ao universo; na segunda ao homem, centro desse universo. Não admira, portanto, que em [#Gn 1.1-2.3](#) se descreva sobretudo, a criação dos céus e da terra, e que a partir daí a origem do homem seja apresentada numa forma mais humana e mais íntima, o que não quer dizer que as ações sejam menos divinas, mas o estilo é mais pormenorizado.

O Senhor (4). Pela primeira vez aparece o nome de **Yahveh**, com que Deus a Si-próprio se designou na História e na Redenção. O uso das duas palavras em conjunto identificam o Criador com o Deus histórico, como na expressão "Jeová teu Deus". No comentário a [#Êx 3.14](#); [#Êx 6.2](#) fácil será verificar, que as diferentes formas do nome de Deus não se empregam indiferentemente. **Toda a planta... que ainda não brotava** (5). Melhor: "Nenhuma planta do campo germinara ainda...". **Formou** (7) Heb. **yatsar**, rigorosamente "formou" ou "fez". O corpo do homem não é certamente diferente à restante criação material, e Deus aparece agora a formar esse corpo numa substância já existente. A semelhança entre a estrutura física dos animais e a do homem deve atribuir-se, não a uma espécie de desenvolvimento natural, mas a um ato especial de Deus em conformidade com os Seus eternos desígnios, e que poderiam ter sido muito diferentes. A finalidade desta narração é explicar melhor o significado do ato divino indicado por **bara'** em [#Gn 1.27](#), sobretudo para frisar que, ao contrário do que se passara com a criação dos outros seres, Deus formou o homem "soprando-lhe nos narizes o fôlego da vida" ([#Gn 2.7](#)). E assim o formou à Sua imagem e semelhança. **Pó da terra** (7). Heb. **'adamah**, que significa a terra ou solo arável, que se encontra à superfície da terra. E daí deriva o nome do homem. Excetuando os casos do [#Gn 1.26](#) e [#Gn 2.5](#), onde o artigo seria inadmissível, a narração hebraica emprega sempre o artigo ("o Adão") até [#Gn 2.20](#), onde o termo passou a ser um nome próprio, sem artigo, portanto. **Alma vivente** (7). Heb. **nephesh**. Cfr. "criatura vivente" ([#Gn 1.20](#)) e "alma vivente" ([#Gn 1.24](#)). Não se veja nestes textos qualquer alusão à teoria tricotomista, que supõe o homem composto de três partes distintas: corpo, alma e espírito. Mas o homem difere de todas as outras "criaturas viventes", precisamente pelo modo como recebeu a vida, ou seja, do sopro de Deus. O homem é, pois uma alma.

>Gn-2.8

2. O JARDIM DO ÉDEN (#Gn 2.8-17). **Da banda do oriente** (8). Não sendo fácil localizar o famoso Jardim, supõe-se que aquela localização tenha sido determinada pela posição do narrador. **Éden** (8). A palavra significa "delícia", e o vocábulo "Paraíso" é de origem persa, significando esse lugar de delícias, que era o Jardim do Éden. **Árvore da Vida. Árvore da Ciência** (9). Não se trata de árvores misteriosas, capazes de comunicar a vida ou a ciência, mas sim de símbolos das realidades espirituais. **Árvore da Ciência do bem e do mal** (17). Foi a árvore que serviu de prova à lealdade e à obediência do homem a vontade do seu Criador, dando-lhe pelo menos a entender a diferença entre o bem e o mal. Mas, à luz de #Gn 3.22, pode muito bem admitir-se que, tratando-se duma prova, o homem tenha atingido a maturidade moral, com o conhecimento do bem e do mal, à medida que continuasse na obediência ou na desobediência.

>Gn-2.17

Certamente morrerás (17). É de notar que a "morte natural" não estava em princípio destinada ao homem, pois Deus determinara transferi-lo para um modo de existência superior através de novos processos que não implicam corrupção, destruição ou violência. As palavras "no dia" não supunham a morte dentro de pouco tempo, apenas que o momento da queda marcava o início do reino da morte na vida humana (cfr. #Rm 5.12-21). Só à misericórdia divina se deve o fato de não sobrevir ao homem a morte imediata. E não se julgue que essa morte era apenas material; não. O pecado trazia também a morte à alma, de sorte que só graças ao Espírito Santo pudesse reviver para Deus.

>Gn-2.18

3. A CRIAÇÃO DA MULHER (#Gn 2.18-25). **Todo o animal do campo** (19). Não se trata de nova descrição da criação, desta vez apresentada numa ordem diversa da do capítulo primeiro do Gênesis. Agora são as criaturas inferiores que se apresentam sujeitas ao homem-a criatura por excelência. **Adão** (20). O nome de Adão passa a ser um nome próprio, e o "homem" passa a desenvolver a sua personalidade, até então latente, que contrasta com os restantes seres animados, indispensáveis, no entanto, à vida do homem. Faltava-lhe, porém, aquela companheira de que fala o vers. 20. **Uma das suas costelas** (21). É fácil concluir que macho e fêmea formavam de início um só. Mas agora, separados os seres, não deixa de ser evidente uma íntima interdependência. A personalidade é, pois, superior à individualidade, já que a humanidade a

princípio se limitava a uma unidade pessoal. **Portanto deixará o varão o seu pai** (24). É difícil determinar se tais palavras pertencem a Deus ou ao narrador. O certo é que são de inspiração divina, a julgar pelas palavras do Senhor em **#Mt 19.4-5**. Seja como for é evidente a posição do homem como chefe da família, uma vez que "o varão não provém da mulher, mas a mulher do varão" (**#1Co 11.8**).

Gn-3.1

c) A entrada do pecado no mundo (Gn 3.1-4.26)

1. TENTAÇÃO E QUEDA DO HOMEM (**#Gn 3.1-7**). Em porção alguma a Bíblia provê um relato filosófico ou especulativo sobre a raiz, a origem, do mal. Na qualidade de livro da redenção, a Bíblia descreve o modo pelo qual o pecado entrou na esfera da experiência humana. Trata-se de um relato histórico sobre a queda do homem. Alguns expositores invocam o conceito de mito ao explicarem essa passagem: mas mito, mesmo em seu sentido técnico e legítimo, não é requerido na narração de acontecimentos históricos. A idéia do fruto proibido é familiar nas histórias antigas, mas essas histórias podem ser consideradas como memórias sobre o modo como ocorreu a queda do homem. O ponto teológico importante, neste registro, é que ele ensina que a tentação veio do exterior e que o pecado foi um intruso na vida do homem. Portanto, o pecado não pode ser considerado como latentemente bom: pelo contrário estragou um mundo que foi criado como "bom" (**#Gn 1.31**).

A serpente (1). Em parte alguma do relato do livro de Gênesis o tentador é chamado de diabo ou Satanás. É impossível, entretanto, não ver mais do que a serpente aqui, pois o evento envolve muito mais do que poderia ser praticado por uma criatura irracional sozinha. A identificação com o diabo é feita em **#Jo 8.44; #2Co 11.3,14; #Ap 12.9; #Ap 20.2**. O maligno empregou o caráter excepcional da serpente para alcançar seu propósito destruidor. **Astuta** (1). Cfr. "prudentes como as serpentes" (**#Mt 10.16**). Essa sagacidade já devia ter sido observada pela mulher, pois não demonstrou sinais de alarma quando a serpente realmente falou com ela. **Disse** (1). Cfr. **#Nm 22.28**. O fato do jumento ter falado a Balaão foi um milagre divino; o fato da serpente ter falado à mulher foi um milagre diabólico. **Deus disse...?** (1). Uma dúvida e uma insinuação. **Sereis como Deus** (5). No original hebraico, a palavra para "Deus" é 'el que, na qualidade de substantivo comum, tem forma análoga em todas as línguas semíticas. O plural, 'elohim, portanto, pode significar "deuses", como em **#Gn 31.30**, ou "Deus" (**#Gn 1.1**).

A mentira incluía certo elemento de verdade, o que a tornava ainda mais enganosa (ver versículo 22). É verdade que o participar da fruta proibida levaria à fixidez moral, no qual estado, naturalmente, Deus existe; porém, a semelhança com Deus, nesse caso, era de espécie contrária àquela que Deus tencionava para o homem. Da posição de contrapeso moral, embora esta palavra seja um tanto insuficiente, visto que o homem foi criado em retidão e com tendências inclinadas para Deus, o homem, supostamente, avançaria para uma posição avançada de perfeição moral e seria confirmado em seu caráter, num caráter santo. Quanto a esse respeito, a intenção divina é que o homem fosse como Deus. Mediante o pecado, porém, o homem atingiu uma diferente espécie de fixidez moral: foi confirmado em caráter, mas esse caráter era mau em sua qualidade.

>Gn-3.6

VENDO A MULHER QUE AQUELA ÁRVORE ERA BOA PARA SE COMER (6). O tentador desviara então a mente da mulher do propósito de Deus envolvido na proibição. A palavra divina ensinara que a proibição visava a proteger o homem do mal; o pensamento de dúvida, na mente da mulher, era agora que o fruto proibido não era danoso, afinal de contas. A psicologia da queda da mulher é significativamente demonstrada em [#1Jo 2.16. Foram abertos os olhos de ambos](#) (7). Até aquele instante não passavam de crianças, mas agora o estado adulto lhes sobreviera num momento.

>Gn-3.8

2. DEUS INTERROGA OS PRATICANTES DO MAL ([#Gn 3.8-13](#)). [Deus, que passeava no jardim](#) (8). A descrição, neste ponto, não deve ser considerada como inteiramente antropomórfica. Havia algum modo sem igual de intercurso entre Deus e o homem, que o jardim do Éden pressupõe e que a subsequente encarnação de nosso Senhor até certo ponto confirma. [Onde estás?](#) (9). "Deus o busca, não porque ele esteja separado de Seu conhecimento, mas de Sua comunhão" (Delitzsch).

>Gn-3.14

3. O JULGAMENTO DIVINO CONTRA O PECADO ([#Gn 3.14-24](#)). O castigo é primariamente, retributivo: somente em certo sentido secundário é correto falar do castigo como algo corretivo ou restrigente. O castigo é uma

retidão vindicativa, e não uma paixão vindicativa, e é a reação da santidade de Deus contra toda violação a esta. O pecado e o castigo não estão arbitrariamente ligados mas estão entrelaçados pelas leis espirituais segundo as quais o homem foi divinamente constituído. O castigo, todavia, não é simplesmente o processo natural que é posto em movimento por uma ação pecaminosa; em outras palavras, é mais que uma penalidade natural, como o dano que um homem recebe se colocar sua mão no fogo. O sofrimento por causa do pecado é uma penalidade judicial, uma penalidade infligida pelo julgamento divino, e pertence ao terreno moral.

À **serpente** (14). Faz parte da ordem divina que, embora um animal não seja moralmente responsável por suas ações, este deve sofrer por qualquer dano que venha a fazer ao homem. Ver **#Gn 9.5**; **#Êx 21.28**. Tudo foi criado para contribuir para a perfeição moral do homem, e sempre que a criação animal ou inanimada deixa de atingir essa finalidade, fica sujeita ao julgamento de Deus. Note-se a maldição contra a "terra", no versículo 17, e ver **#Rm 8.21-22**. Sobre o teu ventre andarás (14). A degradação da forma da serpente fez parte da maldição que lhe foi imposta. **Inimizade** (15). Isso explica, no terreno natural, a profunda hostilidade que parece haver entre as serpentes e o homem, mas certamente se liga ao conflito que também pertence ao terreno espiritual.

>Gn-3.15

Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar (15). Há uma sugestividade natural na figura aqui empregada. A serpente mata ferindo o calcanhar do homem, mas o homem destrói a serpente esmagando-lhe a cabeça. Mas, a sentença divina ultrapassa o animal e atinge o próprio diabo. Essas palavras proclamam que a vitória estará do lado do homem: visto que foi o homem que foi vencido, assim será o homem que efetuará o triunfo. Essas palavras contêm, em primeiro lugar, um sentido coletivo; é a raça humana que esmaga o maligno. Mas também contêm uma significação individual. Note-se a transição da "semente" da serpente para a própria "serpente", e igualmente o fato que a "semente" da mulher está no singular. Somente em Cristo, "a semente da mulher" é que essa vitória poderia ser realizada (ver **#1Jo 3.8**), e daí haverá de tornar-se uma realidade para a humanidade que está n'Ele (**#Rm 16.20**; **#1Co 15.57**). É digno de nota o fato que a promessa foi precisamente verdadeira em relação ao seu cumprimento. A palavra é proferida especificamente a respeito da mulher, e quando o Redentor veio, Ele foi "nascido de mulher" (**#Gl 4.4**) de forma exclusivamente miraculosa. Não é correto inferir o nascimento virginal do Proto-evangelho, mas certamente é

perfeitamente legítimo olhar, do ponto de vista do nascimento virginal e verificar quão maravilhosamente próximas foram as palavras da promessa do modo de sua realização. Não deve passar despercebido o fato que o Proto-evangelho, como são chamadas essas palavras, não foi dirigido aos pecadores, mas ao tentador. A obra de Cristo, em sua base, é a vindicação e a vitória de Deus sobre o maligno.

>Gn-3.16

À mulher (16). O castigo particular da mulher é duplo. Primeiramente, sua vida sexual já não seria uma alegria para ela, porém, um motivo de sofrimento; e, em segundo lugar, ela foi posta em sujeição a seu marido. A verdadeira subordinação que se deriva do fato da mulher ter-se originado do homem, tornou-se em sujeição. Uma das bênçãos do Evangelho às mulheres dos países ocidentais é a mitigação dessa sujeição.

>Gn-3.17

A Adão (17). No julgamento imposto a Adão foi chamada atenção particular ao caráter de seu pecado como uma transgressão contra o mandamento de Deus. Ver **#1Jo 3.4**. Se foi o incidente do pecado que foi tratado no caso da mulher, foi o princípio do pecado que foi posto em consideração no caso de Adão, na qualidade de cabeça da raça. O julgamento foi: "Porquanto... comeste da árvore de que te ordenei dizendo: "Não comerás dela". **Maldita é a terra** (17). Trata-se de um relato sobre o pecado de Adão. Não é possível, por conseguinte, julgar pelo presente estado da terra como seriam as coisas quando saíram da mão do criador. **Com dor** (17). No hebraico é a mesma palavra do versículo 16. Com o fim do pecado chegará ao fim a dor. Ver **#Ap 21.4**. **És pó, e em pó te tornarás** (19). Por ocasião de sua criação, o homem foi feito glorioso, com semelhança moral com Deus. Quando o pecado entrou em sua vida a glória o deixou, e o homem passou a ser considerado em termos dos aspectos materiais de sua constituição. Isso não significa, naturalmente, que o homem deixou de ser um espírito vivo, ou que ele tenha perdido qualquer "parte" de sua natureza, e, sim, que agora ele passaria a viver de conformidade com o que é material e terreno, e não de conformidade com o que deveria ter sido seu alto destino. **Eva** (20). Esse nome significa "viva" ou "vida". Assim como Adão foi rebaixado sob a sentença de morte, a presença da mulher, que era sua esposa, era o penhor da vida. Através da mulher é que a semente conquistadora haveria de vir e que a vida seria restaurada. **Túnicas de peles** (21). É possível que, oculta por detrás deste versículo, esteja alguma indicação

sobre a origem divina do sacrifício. Ou mediante algum mandamento direto, ainda que não registrado, ou talvez mediante uma convicção divinamente inspirada dentro dele, é possível que Adão tenha sido impelido a oferecer a vida de um animal em sacrifício, de cuja pele ele e sua mulher foram orientados para usar como cobertura de sua vergonha. É impossível, contudo, dogmatizar a maneira pela qual o Senhor "fez" as túnicas de peles, ou ser dogmático sobre se esta passagem provê ou não um relato sobre a origem do princípio de holocausto.

>Gn-3.22

É como um de nós (22). Isso significa que o homem tinha adquirido um estado de determinação moral. Para que não estenda... (22). A sentença foi retoricamente deixada por terminar. E tome também da árvore da vida (22). Existe quem pense que a árvore era alguma espécie de meio sacramental para transferir o homem a um estágio mais elevado de vida física, sem passar pela morte: porém, o reaparecimento dessa árvore, no livro de Apocalipse, não encoraja essa interpretação. Não há a menor indicação, em parte alguma da narrativa, que Adão e Eva soubessem qualquer coisa quanto à existência dessa árvore como uma das árvores do jardim. Note-se com atenção o que Eva diz, nos versículos 2 e 3. A despeito do fato que o argumento baseado no silêncio é notoriamente perigoso, parece haver alguma significação na ausência de alusão a essa árvore, na narrativa das ações e pensamentos de Adão e Eva. A interpretação sobre o caráter dessa árvore constitui um dos pontos obscuros das Escrituras. Em #Ap 22.2 reaparece "a árvore da vida", mas desta vez numa passagem altamente simbólica (conf. #Ap 2.7). É possível que essa árvore tenha sido qualquer árvore, tão somente simbólica da "vida" que o homem, se não tivesse pecado, poderia ter desfrutado em comunhão com Deus. E coma e viva eternamente (22). O tomar e comer são expressões simbólicas da maneira de como desfrutamos da vida eterna. Mas dessa vida não podia Adão agora desfrutar; por conseguinte, em figura, a "árvore" é posta fora do alcance do homem, ainda que ela, durante sua inocência, tivesse sido símbolo de sua bênção.

>Gn-3.23

O Senhor Deus, pois, o lançou fora (23). Qualquer que seja a verdadeira explicação sobre a árvore, não há dúvida sobre a significação da ação de Deus ao remover o homem do jardim. O homem estava agora cortado de Deus e, portanto, no sentido mais real estava cortado da "vida": isso foi simbolizado

mediante a separação entre ele e a "árvore da vida". Somente quando a redenção aparece consumada é que a árvore da vida reaparece dentro do alcance do homem. Note-se que a "árvore da vida" era símbolo do estado abençoado do homem; enquanto que a "árvore da ciência do bem e do mal" simbolizava o teste a que foi sujeitado o homem. **Querubins** (24). O assunto dos querubins é um estudo à parte por si mesmo, mas parece razoavelmente verdadeiro afirmar que não são anjos. Noutras passagens Deus aparece a cavalgar sobre eles (ver, por exemplo, **#Sl 18.10**). Melhor é considerá-los como figuras simbólicas, ainda que não de natureza estática, pois sempre são representados como ativos e em movimento. Podem ser definidos como o "símbolo animado da proposital atividade de Deus". **E uma espada inflamada** (24). Dessa maneira, por causa do pecado, o homem é mantido fora do Paraíso, de conformidade com o propósito de Deus e em execução à Sua ira. Note-se que o caráter simbólico e pictórico da árvore da vida, dos querubins, e da espada, se verifica no fato que não temos registro histórico a respeito de sua remoção deste mundo.

Gn-5.1

d) A genealogia de Adão a Noé (Gn 5.1-32)

Adão... gerou um filho (3). O propósito das genealogias bíblicas é traçar a linha da primogenitura e não tem ligação alguma com a provisão de uma cronologia completa de seus respectivos períodos. Há um certo acento poético quanto às listas genealógicas das Escrituras que nos proíbe de usá-las para efeito de cálculos cronológicos. Note-se os dois "dez" nas gerações de Adão (**#Gn 5**) e de Sem (**#Gn 11**); a omissão de nomes na genealogia de Moisés (conf. **#1Cr 6.1-3**), e os três "catorze" em **#Mt 1.1-17**, um plano que exigia a omissão dos nomes de três reis (Acazias, Joás e Amazias) no versículo 8. O estudante das Escrituras também deve estar consciente do fato que não é fácil estar certo sobre quais seriam os números, originalmente, visto que nas três fontes principais de evidência textual do Antigo Testamento (o texto hebraico, o pentateuco samaritano, e a Septuaginta) existe não pequena divergência.

>Gn-5.5

Todos os dias que Adão viveu, novecentos e trinta anos (5). A longevidade dos patriarcas antediluvianos tem sido negada por diversas explicações. Tem sido sugerido que os nomes não representam indivíduos, mas sim, tribos; que os anos provavelmente eram mais curtos; que aqueles personagens foram

mitológicos; que tais números não são históricos e servem apenas para exemplificar as teorias semíticas sobre cronologia. Todas essas tentativas de evitar a significação clara dessas passagens são igualmente desnecessárias e insatisfatórias. Existe uma tradição quase universal de que os pais da raça humana eram dotados de longevidade, e isso pode ter estado de acordo com o propósito divino em Seu governo providencial sobre a raça. Também parece ser coerente com a condição do homem, na qualidade de ser caído, o fato que ele agora já não possui o poder de viver por tão longo tempo. **E andou Enoque com Deus** (24). Cfr. **#Hb 11.5**.

Gn-6.1

e) A perversidade e o castigo do velho mundo (Gn 6.1-9.29)

1. A MALDADE CADA VEZ MAIS PROFUNDA DO HOMEM (**#Gn 6.1-8**). **Os filhos de Deus** (2). Não há dificuldade em compreender esse título como designação dada à ordem mais alta de seres espirituais sobrenaturais que cercam o trono de Deus. Noutras passagens, a expressão "filhos de Deus" ('**elohim**) se refere a seres angélicos, bons ou maus (**#Jó 1.6; #Dn 3.25**); e alguns pensam que temos aqui o registro sobre uma misteriosa união entre anjos maus e as filhas dos homens. Outros consideram que isso se refere à união entre os descendentes de Sete (filhos de Deus) e os descendentes de Caim. **Não contenderá o meu espírito para sempre com o homem** (3). O significado da palavra hebraica aqui traduzida como "contenderá" é alvo de muita controvérsia. Também pode significar governar, agir, habitar, ou presidir. Esta sentença, portanto, seria melhor traduzida como: "O espírito que tenho dado a ele nem sempre agirá no homem". "Espírito", aqui é a respiração animadora referida em **#Gn 2.7**; não se trata do Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, mas, estando aquele relacionado ao Espírito, representa uma presidência especial ou governo dentro do homem. O espírito de um homem, dado por Deus, age nele enquanto anima e governa sua natureza corpórea. **Porque ele também é carne** (3). "Carne", neste contexto, pode sugerir meramente o aspecto animal ou sensual do ser do homem. A significação do versículo é que Deus retiraria o governo do "espírito" do homem, visto que o próprio homem, de sua parte, também já se tinha feito meramente "carne" que perece. O homem se tornara sub-humano e, portanto, uma raça espiritualmente dominada não existiria mais. Não haveria mais raça humana. Essa palavra de Deus, por conseguinte, foi uma ameaça de destruição. Ver **#Sl 104.29** e cfr. **#Gn 6.17; #Gn 7.22**. **Porém os seus dias serão cento e vinte anos** (3). Deus estava prestes a destruir a raça humana, mas

concedeu um adiamento de 120 anos. Alguns consideram que essa expressão indica o encurtamento da duração da vida humana para esse número de anos; porém, as alusões à "longanimidade" de Deus, em #1Pe 3.20, e a Noé como "pregador da justiça", em #2Pe 2.5, comparadas com a indicação de um último aviso com sete dias de antecedência, em #Gn 7.4, parecem favorecer a opinião que considera os 120 anos como um período de adiamento. Gigantes (4). Heb. nefilim pode significar "gigantes" (cfr. #Nm 13.33), ou pode ser derivado do verbo cair, assim significando "os caídos". Visto que a etimologia é difícil de precisar, provavelmente é melhor tomar essa palavra no primeiro sentido. Os valentes que houve na antigüidade, os varões de fama (4). Nesta frase é feita alusão às bem conhecidas lendas tradicionais.

>Gn-6.5

A maldade do homem (5). Ver #Rm 1.18-32. Arrependeu-se o Senhor (6). Falar de Deus como capaz de arrependimento e de experimentar tristeza é, admitidamente, o uso de linguagem antropomórfica, mas tal linguagem, a despeito disso, em realidade fala de uma real experiência da parte de Deus. A discussão sobre a passividade de Deus tende a ser um tanto abstrata; porém, o Deus revelado nas Escrituras é capaz de sentir tristeza e de ser entristecido. Ele tem reações reais para com a conduta humana. Não obstante, é impossível conceber o Deus onisciente a lamentar-se por algum falso movimento por ele feito. O arrependimento de Deus não é uma alteração quanto aos propósitos, e, sim, uma mudança de atitude. Tal mudança, quando ocorrida no homem, usualmente implica numa mudança operada na mente, pelo que também a palavra arrependimento, na linguagem humana, representa tal mudança. Deus, entretanto, nunca muda de mente: Sua mente é constante, tanto no que diz respeito ao amor como no que tange à santidade. Quando o homem muda em seu comportamento, então Deus muda em Sua atitude para com ele. A expressão "arrependeu-se o Senhor" é simplesmente uma indicação, em linguagem humana, de que a atitude de Deus para com o homem a pecar é necessariamente diferente da atitude de Deus para com o homem a obedecer. Desde o homem até o animal (7). Esta frase indica não destruição total, mas o seu alcance. Noé porém achou graça (8). A graça estendida a Noé por sua vez se tornou a causa dele ser justo e perfeito entre seus contemporâneos. A escolha de Noé foi outro passo no propósito divino da redenção, e revela que esse propósito é de "graça" não merecida.

>Gn-6.9

2. A CONSTRUÇÃO DA ARCA POR NOÉ (#Gn 6.9-22). **Justo e reto** (9). Essas palavras não ensinam que Noé fosse impecável, mas que era homem que prezava a retidão e a integridade. **Corrompida diante da face de Deus... encheu-se a terra de violência** (11). Nada existe de surpreendente na íntima ligação entre a corrupção e a violência; uma coisa segue imediatamente a outra, e a razão pelo qual os homens acham-se em conflito entre si é que estão em conflito com Deus. **Uma arca** (14). Trata-se da uma palavra hebraica arcaica, mas mui possivelmente indica nada mais que uma caixa feita para flutuar. Noé não edificou um navio no sentido literal; mas a arca era uma espécie de jangada coberta, cuja intenção era meramente flutuar. Foi construída de ciprestes e vedada com betume, um dos produtos naturais da Assíria. Considerando o cúbito como 45 cm, a arca teria mais ou menos 150 metros de comprimento e 25 metros de largura. Foi construída com três conveses, e com a altura de mais ou menos 15 metros. **A janela**, que aparece em versículo 16, é chamada da **sohar**, que significa uma "luz", e deve ser distinguida da abertura mencionada em #Gn 8.6, também como janela. Até onde é possível compreender a construção, a **sohar** parece ter sido um espaço aberto de profundidade de 45 cm que corria ao redor do topo da arca, permitindo a entrada da luz e ar. **Meu pacto** (18). Essa é a primeira ocorrência dessa importante palavra bíblica. Note-se que foi uma aliança baseada na graça (8), e observe-se a provável ligação com #Gn 3.15.

Gn-10.1

f) As antigas famílias da humanidade (Gn 10.1-11.32)

1. GENEALOGIAS DO MUNDO ANTIGO (#Gn 10.1-32). Este capítulo é mais estritamente uma genealogia de povos que de indivíduos. O arranjo é tríplice: os filhos de Jafé (2-5); os filhos de Cão (6-20); e os filhos de Sem (21-31). A ordem aqui segue o plano usual do livro de Gênesis, que é de tratar da linha escolhida por último, depois de já haverem sido tratados os ramos colaterais. A genealogia camita é colocada junto à dos semitas porque, na história, foram os povos camitas que sempre estiveram mais intimamente ligados com os descendentes de Sem. Outras listas antigas de nações têm sido encontradas, pertencentes à Assíria e à Babilônia ou a outros povos antigos, mas nenhuma tão completa como esta. A tábua das nações, porém, não é completa, e parece incluir somente aquelas que caíram dentro das investigações dos compiladores. Identificar muitos dos povos nomeados não é tarefa fácil, mas alguns dos fatos anteriormente controversos estão recebendo notável confirmação por meio das pesquisas arqueológicas. Os habitantes de

Canaã são aqui nomeados como pertencentes à linha de Cão, mas sempre foram conhecidos na história como possuidores ao modos de vida semíticos. Esse caráter histórico, parecia antigamente ser negação da descendência camita, mas as investigações arqueológicas têm demonstrado que as características semitas foram provavelmente adquiridas devido a séculos de domínio por parte dos hicsos e outros povos semitas. A declaração detalhada sobre as fronteiras da terra dos cananeus parece ter sido dada em vista de mais tarde vir a ser possuída pelos israelitas. Observe-se a inclusão de Sodoma e Gomorra, no versículo 19, assim demonstrando a recuada data desta lista. **O princípio do seu reino** (10). Os fatos geográficos contidos nesta passagem são confirmados por antigas inscrições. Pouco se sabe sobre Ninrode, entretanto. Por motivo de suas habilidades como **poderoso caçador** (9) parece que Ninrode conseguiu alguma ascendência sobre seus semelhantes e conseguiu uni-los num tipo mais vasto de comunidade organizada. A frase, **diante da face do Senhor** (9) é meramente um forte superlativo.

>Gn-10.21

Sem... pai de todos os filhos de Éber (21). Esta observação é feita em vista do fato que os descendentes de Pelegue, filho mais velho de Éber, são omitidos desta tábua e são reservados para ser enumerados adiante. **Pelegue, porquanto em seus dias se repartiu a terra** (25). Com Pelegue houve uma divisão que podemos chamar de famílias abraâmica e árabe da linha semita. Os joctanitas, descendentes do irmão de Pelegue, são enumerados imediatamente em seguida, e parecem ser os ancestrais das tribos semitas que ocuparam a Arábia. É mais provável, contudo, que a "divisão" aludida no nome de Pelegue seja aquela grande divisão da humanidade que ocorreu em conexão com a edificação da cidade e da torre de Babel.

Gn-12.1

II-A HISTÓRIA DE ABRAÃO (Gn 12.1-25.18)

a) A fé e a obediência de Abrão (Gn 12.1-14.24)

1. A CHAMADA DE ABRÃO (#Gn 12.1-9). Neste ponto ocorre uma brusca mudança no teor da história, e daqui por diante ela se preocupa mais particularmente com a "semente" prometida. Essa linha tem início proeminente com Abrão, cuja data exata é desconhecida mas que provavelmente foi no século XX antes de Cristo. **Disse a Abrão** (1). O heb.

não exige o uso do mais-que-perfeito aqui (dissera), mas o sentido geral da passagem o exige. #Gn 15.7 e #At 7.2-4, comparados com este versículo, levantam a questão se houve duas chamadas, uma em Ur e outra em Harã. As Escrituras parecem requerer que certamente devemos considerar a chamada como pertencente a Ur; e então é bem possível que a ordem tenha sido repetida em Harã. É possível que a chamada se tornou mais explícita em Harã. Uma chamada divina havia ordenado a Abraão que se reunisse a uma migração (possivelmente geral) de Ur para Harã, que estava de partida naquela ocasião. Terá é apresentado como o líder desse movimento do clã de Abrão. Em Harã, então, após alguns anos, Deus novamente falou a Abrão, desta vez em termos mais explícitos. Quando ele veio a Harã, na Mesopotâmia, ele obedeceu a chamada no que tangia a sair da sua terra e parentela (1). Mas quando partiu de Harã a fim de ir para Canaã, ele deixou a casa de seu pai (1).

A terra que te mostrarei (1). Pareceria, por estas palavras e por #Hb 11.8, que Abrão não conhecia seu destino. Em #Gn 11.31 ficou declarado que era Canaã, mas isso poderia ter sido escrito pelo historiador somente à luz dos eventos subseqüentes, e não como revelação da mente consciente de Terá ou Abrão. Em ti serão benditas todas as famílias da terra (3). A linha de Abrão dali por diante seria medianeira, e a bênção dada aos homens haveria de fluir por intermédio de sua descendência. Essa promessa foi completamente cumprida na pessoa de Cristo. O carvalho de Moré (6), deveria ser "o carvalho do mestre" e provavelmente era um bem conhecido lugar onde um instrutor religioso costumava sentar-se. Os cananeus (6). Isso significa que por ocasião da chegada de Abrão os cananeus já se tinham apossado da terra. A ocupação dos cananeus sobre aquela terra é confirmada pela história egípcia. Portanto, não existe qualquer anacronismo, como às vezes é alegado. Todos os alegados "anacronismos" do livro de Gênesis são capazes de razoável explanação dessa e de maneiras semelhantes.

>Gn-12.10

2. ABRÃO NO EGITO (#Gn 12.10-20). Fome (10). Fome na terra prometida. Foi realmente uma grande prova para a fé de Abrão. Uma "fome" de caráter local poderia ser imediatamente provocada por falha nas chuvas sobre a Palestina, o que no Egito não seria sentido. Desceu Abrão ao Egito (10). Abrão agiu corretamente ao assim fazer? Visto que as Escrituras não fazem comentário adverso, parece que Abrão fez algo perfeitamente razoável. Dize... que és minha irmã (13). Comparados com os camitas mais escuros, os semitas eram claros (formosa -11) e isso tornava suas mulheres extremamente

atrativas. Torna-se claro, por [#Gn 20.13](#), que essa era uma orientação sempre seguida por Abrão. Dizer que Sarai era sua irmã era uma meia-verdade ([#Gn 20.12](#)). Era verdade até certo ponto, mas era uma falsificação intencional. Aqui temos as dúvidas do pai dos fiéis. Ele "não temeu" as coisas maiores, mas receou em vista das questões menores. [Por que não me disseste...?](#) (18). A retidão natural e a moralidade reveladas nestas palavras não devem passar despercebidas.

Gn-15.1

b) Aliança de Deus com Abraão (Gn 15.1-17.27)

1. DEUS PROMETE UM FILHO A ABRÃO ([#Gn 15.1-6](#)). A ocasião da promessa é destacada na frase [Depois destas cousas](#) (1). A reação natural de Abraão foi confrontada com um "Não temas". [Grandíssimo galardão](#) (1). Abraão recusara o despojo, mas Deus não haveria de permitir que ele saísse perdendo. [Ando sem filhos](#) (2). Essa expressão significa "ir-se" ou "morrer" sem filhos. A tristeza de Abrão é que Eliezer, segundo as leis debaixo das quais viviam, tornar-se-ia o herdeiro de sua casa. [Nascido na minha casa](#) (3). Lit. "filho de minha casa", e, portanto, representante e herdeiro de Abrão. [Foi-lhe imputado isto por justiça](#) (6). Na Septuaginta, "por" é traduzido pela preposição grega "eis" que significa "para". Não significa que, em lugar de justiça, Abrão ofereceu fé. A fé de Abrão não foi considerada como outra forma de justiça ("obras") mas, no plano divino é o meio pelo qual um homem pode atingir "a" ([eis](#)) justiça (conf. [#Rm 4.3](#)).

>Gn-15.7

2. O SOLENE PACTO RELATIVO A CANAÃ ([#Gn 15.7-21](#)). [Eu sou o Senhor](#) (7). Heb., [Yahveh](#). À base de qualquer pacto feito por Deus, acha-se o Seu caráter, e é a isso que Deus se refere, quando começa essa afirmação com Seu nome [Como saberei...?](#) (8). Abraão não está aqui a exigir um sinal a fim de poder acreditar. Não foi a dúvida que solicitou esse sinal, mas a fé. Deus concedeu a Abrão um sinal relacionado à fé, e essa é a verdadeira natureza do sacramento. Os pactos antigos eram algumas vezes confirmados partindo-se ao meio as vítimas do sacrifício e passando as duas partes aliançadas entre as metades. Jeová graciosamente condescendeu em confirmar Sua promessa a Abrão acomodando-se a esse costume. Este parágrafo, por conseguinte, descreve o "partir de uma aliança" entre Jeová e Abrão. Note-se que apenas um símbolo foi visto a passar entre os pedaços, a saber, "a semelhança de um

forno de fumo do qual saía chamas de fogo" (17). Isso indicou que apenas Jeová estava tomando parte no cumprimento de todas as condições que estavam ligadas ao pacto. O pacto da graça, conforme se vê, não é um pacto entre dois, mas é uma promessa confirmada por formas de pacto. No que tange ao fogo como símbolo de Jeová, ver #Êx 19.18, 24.17; #Sl 18.8. Deus faz uma revelação de quatro aspectos: privação, libertação, paz e triunfo (13-16). **Quatrocentos anos** (13). Trata-se de uma cifra em números redondos, pois o número preciso de anos foi 430 (#Êx 12.40-41). **Injustiça dos amorreus** (16). Foi isso que justificou sua extirpação da terra. **O rio Egito** (18). Trata-se ou do Wady el Arish (ribeiro do Egito) o limite entre o Egito e o deserto do sul da Palestina, ou o próprio rio Nilo.

Gn-18.1

c) O livramento de Ló de Sodoma e Gomorra (Gn 18.1-19.38)

1. **ABRAÃO RECEBE OS VISITANTES CELESTIAIS (#Gn 18.1-15).** **Apareceu-lhe o Senhor** (1). A expressão "anjo de Jeová" não é usada nesta narrativa particular, mas não pode haver qualquer dúvida que um dos três que estiveram com Abraão era esse "anjo". Sua linguagem e maneiras são precisamente aquelas do "anjo" que é nomeado em outras ocasiões semelhantes. A linguagem dos versículos 10,13-14,17-22, e a grande intercessão de 23-33, juntamente com o emprego da palavra "anjos", em #Gn 19.1, corroboram a sugestão que aqui temos novamente o "anjo de Jeová". O fato que a história começa com a afirmação categórica que foi o "Senhor" que apareceu emprega forte apoio à sugestão que o "anjo" pode ser identificado com a Segunda Pessoa da Trindade. Abraão a princípio julgou que os "três homens" fossem viajantes ordinários (conf. #Hb 13.2) e lhes ofereceu as costumeiras cortêsias orientais, a fim de que então passassem "adiante" (5). **Porta da tenda** (1). A tenda era usualmente dividida em duas metades, uma metade fechada e a outra metade aberta. A metade aberta, ou "sala de estar" era a "porta da tenda". Era nessa porção, ou defronte dela, que os hóspedes eram entretidos. A observação no versículo 9, de que Sara estava "na tenda" diz respeito à porção fechada da tenda, separada da "porta da tenda" apenas por cortinas. Sara, entretanto, estava se movendo pela tenda inteira, conforme o versículo 10 indica. **Riu-se Sara** (12). Em defesa de Sara (embora seu riso não tivesse sido menos pecaminoso que o de Abraão) deve-se dizer que ela não tinha razão para pensar que os "homens" fossem mais que três simples visitas cortêsas que estavam trocando polidas mas extravagantes saudações. O erro de Sara foi ter negado que se rira.

>Gn-18.16

2. INTERCESSÃO DE ABRAÃO POR SODOMA E GOMORRA (#Gn 18.16-33). **Ocultarei eu a Abraão...?** (17). O motivo para relatar aquilo a Abraão não era que ele tinha um parente em Sodoma, mas porque "nele serão benditas todas as nações da terra" (18). A bênção que deveria ser dada a uma pequena família, que foi salva de Sodoma, viria por intermédio da intercessão de Abraão; por conseguinte, era preciso contar a Abraão sobre a ameaça de julgamento. **Porque eu o tenho conhecido** (19). O hebraico para esta sentença seria melhor traduzido como: "Pois eu o tenho conhecido a fim de que ele venha a ordenar...". A confiança de Deus seria posta em Abraão não por causa do que ele era (apesar de sua integridade ser excelente), mas por causa daquilo que Deus tencionava fazer por meio dele. **Descerei... e verei** (21). O propósito da descida não era estritamente "descobrir", mas proporcionar aos sodomitas a oportunidade de provarem a si mesmos. "Sabê-lo-ei" significa que Ele sujeitaria o povo a um teste. Foram-se para Sodoma (22). Os que foram são descritos como "dois" em #Gn 19.1, enquanto que um deles foi detido por Abraão.

>Gn-18.23

O justo com o ímpio (23). Abraão tinha uma clara concepção sobre o caráter moral de Deus. Conf. sua exclamação: **Não faria justiça o Juiz de toda a terra?** (25), na qual revelou seu conhecimento sobre a soberania universal de Deus. Abraão não era um chefe tribal a adorar um deus tribal. Mas, por grande que fosse a fé e a coragem de Abraão sua intercessão se baseou em um princípio insuficiente. Abraão pensava em termos de comunidades; mas a salvação de Deus opera em termos de indivíduos. Deus não foi capaz de salvar a cidade nem mesmo segundo as mais baixas condições do raciocínio de Abraão. Consigo, mas poderia ser gracioso para quem quisesse ser gracioso, e exibiu isso na salvação de Ló e sua família, tirando-os da cidade que, como um todo, estava destinada à destruição.

Gn-20.1

d) Abraão e Abimeleque (Gn 20.1-18)

É minha irmã (2). Esta passagem não é uma duplicação literária da de #Gn 12.10-20. Os detalhes são notavelmente diferentes e, acima de tudo, a própria

narrativa nos conta por que tal incidente ocorreu pela segunda vez. Era uma orientação pactuada (#Gn 20.13). **Eis que morto és** (3). Deus havia ferido Abimeleque com uma enfermidade mortal. **Em sinceridade do coração** (5). As palavras de Abimeleque não significam que ele nunca praticara aquela espécie de coisa, pois os registros antigos mostram que era fato freqüente, mas que neste caso ele não sabia que assim estava agindo. **Também eu te tenho impedido de pecar** (6). Sem dúvida isso foi feito mediante a enfermidade referida nos versículos 3 e 17. **Profeta** (7). Embora não deva ser alistado estritamente entre os profetas-mestres do Antigo Testamento, não obstante, Abraão estava numa relação especial para com Jeová, e assim podia servir de mediador em casos daquela espécie (7). A repreensão de Abimeleque a Abraão deixa o "profeta" numa situação bem vexatória, e Abimeleque falou em termos mais fortes que os de Faraó (#Gn 12.18 e segs).

>Gn-20.10

Que tens visto...? (10). Que perigo previste? **Temor de Deus** (11). Sabendo que o povo era geralmente de baixa moral, Abraão e Sara tinham pensado a mesma coisa sobre a corte de Abimeleque. Abraão foi perfeitamente franco com Abimeleque. **Filha de meu pai, mas não filha de minha mãe** (12). Evidentemente Sara era filha de Terá, mas por meio de outra esposa. Casamentos com uma meia-irmã, dessa maneira, foram mais tarde proibidos; ver #Lv 18.9; #Lv 20.17; #Dt 27.22. **Todo o lugar** (13). Participando Abimeleque que tinha concordado agir assim em todo lugar Abraão abrandou até certo ponto seu comentário sobre o temor de Deus que dizia respeito até a corte de Abimeleque. **Véu dos olhos** (16). O pensamento aqui, provavelmente, é que pela doação daqueles presentes ele faria emendas pelo erro que involuntariamente havia cometido. Conf. #Gn 32.20, onde a frase hebraica "cobrir a face" é traduzida como "aplacarei". Abimeleque tinha a esperança que seu presente encobrisse os olhos de Abraão e de seus amigos quanto a qualquer injúria que ele tivesse feito a eles. A frase estás advertida (16), ou melhor "estás reabilitada" parece conter a sugestão que, na mente de Abimeleque, também havia a esperança que, mediante a aceitação do presente por parte de Abraão, a castidade de Sara, em todo aquele episódio, seria tanto reconhecida como vindicada.

Gn-21.1

e) O filho prometido (Gn 21.1-24.67)

1. NASCIMENTO DE ISAQUE (#Gn 21.1-8). **Da idade de cem anos** (5). Comparar #Gn 12.4 com #Gn 16.3 quanto à, evidência que Ismael tinha cerca de treze ou catorze anos de idade quando Isaque nasceu. **Deus me tem feito riso** (6). Essa é a terceira vez que é feita referência ao riso que se ligou ao nascimento de Isaque. Ver #Gn 17.17 e #Gn 18.12. O riso anterior de Abraão e Sara tinham sido motivados pela incredulidade. Tudo fora alterado agora, e aquilo que era quase inacreditável havia acontecido. Enquanto Sara, deitada em seu leito, pensa sobre como todas as mulheres se ririam quando ouvissem contar a notícia (6), ela também se ri, mas desta vez devido a um trasbordante júbilo. Sara percebe o lado humorístico da questão, mas também se regozija como somente uma mulher com tal desejo como ela poderia regozijar-se. **Foi desmamado... um grande banquete** (8). As crianças eram normalmente desmamadas com cerca de dois ou três anos de idade, e freqüentemente essa se tornava uma ocasião de um banquete da família.

>Gn-21.9

2. HAGAR E ISMAEL DEIXAM A CASA DE ABRAÃO (#Gn 21.9-21). **O filho de Hagar... zombava** (9). Observa-se como o próprio desprezo a Ismael, que havia na mente de Sara, é maravilhosamente fotografado no relato histórico-"o filho de Hagar" (conf. "esse teu filho", em #Lc 15.30). Zombava significa "gracejava a respeito". Paulo se refere a isso com a palavra "perseguiu" (#Gl 4.29), o que demonstra que o comportamento de Ismael era de provocação, para dizer o mínimo. **Deita fora esta serva e o seu filho** (10). Até parece que Abraão não tinha outra opção senão fazer isso, embora isso tivesse parecido uma palavra "muito má", para ele (11). Sara queria que Abraão tomasse alguma providência legal, mediante a qual Ismael fosse excluído de toda reivindicação sobre a herança. A confirmação desse ato seria mandar embora Hagar e o menino. Quanto à posição de Isaque, compare-se os versículos 12 e 13 com #Gn 17.19-21. Ismael seria verdadeiramente abençoado, mas Abraão não podia esquecer-se que a aliança fora firmada com Isaque.

>Gn-21.15

Lançou o menino debaixo de uma das árvores (15). Não existe necessidade de supor-se aqui qualquer incoerência com as outras porções do livro de Gênesis; ou imaginar-se que aquele menino de dezessete anos estivesse sendo levado nos braços por sua mãe, como se fosse um infante. As privações do deserto tinham exaurido as forças da mãe e do filho, mas a juventude, em crescimento,

abateu-se antes do físico da mãe, que já se tornara acostumada à vida no deserto. Ismael deve ter desmaiado de exaustão. Hagar fez o melhor que estava ao seu alcance para sustentá-lo, mas afinal não pôde mais segurá-lo e o lançou debaixo da sombra de um arbusto. Naquela fraqueza extrema, o desmaio de Ismael só podia ter um fim, mas isso a mãe não podia tolerar em testemunhar. De conformidade ao nome Ismael ("Deus ouviu"), é por duas vezes registrado no versículo 17 que Deus ouviu a voz do jovem. Quão grande é o cuidado de Deus pelos exilados e solitários! **O anjo de Deus** (17). Conf. **#Gn 16.7**. A alteração no título se deve à mudança da posição de Hagar. Na primeira ocasião ela estava dentro da aliança na qualidade de membro da família de Abraão; mas agora estava fora do concerto no que tangia à sua posição oficial. A discriminação no uso de Deus ('Elohim) e Senhor (Jeová) é profunda demais no livro para ser ignorada. **Tomou-lhe mulher da terra do Egito** (21). Que poderia haver de mais natural que Hagar agir dessa maneira? Hagar e Ismael servem de propósito alegórico na discussão de Paulo sobre a natureza do verdadeiro povo de Deus (**#Gl 4.21** e segs.); mas suas reais experiências com Deus nos provêm uma grande instrução espiritual.

>Gn-21.22

3. O ACORDO COM ABIMELEQUE, EM BERSEBA (**#Gn 21.22-34**). Alguma espécie de dificuldade deveria estar fermentando entre os servos de Abraão e os de Abimeleque. Na costumeira maneira indireta do antigo oriente, Abimeleque se aproximou de Abraão para certificar-se da continuação da amizade. Abraão interpretou corretamente o motivo de Abimeleque e foi diretamente à questão, levantando a questão do poço "que os servos de Abimeleque haviam tomado por força" (25). Parece que Abimeleque não tinha consciência dos detalhes sobre isso, e a questão foi amigavelmente solucionada. Nesta narrativa podemos descobrir ainda outro dos modos antigos de estabelecer-se um pacto, a saber, o de dar e receber "sete coisas". Desse costume se originou o termo hebraico "fazer o sete" (**shaba'**, de **sheba'**, sete). O pacto dos "sete" podia ser efetuado com o uso de sete objetos de qualquer espécie. Em comemoração àquele pacto o local foi denominado de Berseba (31-"poço do sete"). Conf. **#Gn 26.32**. **Plantou um bosque** (33). Uma tamareira. Era costume, em Canaã, adorar a Deus debaixo das árvores e plantá-las em memória de algum ato de significado religioso. **Terra dos filisteus** (34). O poder dos filisteus pertence a um período posterior: naquela ocasião não passavam de mais eu menos uma colônia militar.

Gn-25.1

f) A família de Abraão (Gn 25.1-18)

1. OUTROS DESCENDENTES DE ABRAÃO (#Gn 25.1-4). **Quetura** (1). O melhor ponto de vista sobre esse casamento é o que o considera como tendo tido lugar depois do falecimento de Sara. O fato que Abraão, cujo organismo podia ser considerado como "morto" quando ele tinha 100 anos de idade (#Gn 17.17; #Rm 4.19), agora gerara seis filhos de Quetura, deve ser explicado como devido à nova força generativa que lhe foi dada com o dom de Isaque. **Midiã** (2). Observe-se a origem dos midianitas, de Abraão (conf. #Gn 37.28; #Êx 2.15); e as atividades dos midianitas, registradas no livro de Juízes. Observe-se mais um elo com o livro de Jó, na referência ao suíta (2; conf. #Jó 2.11).

>Gn-25.5

2. MORTE E SEPULTAMENTO DE ABRAÃO (#Gn 25.5-11). **A Isaque** (5). Esta é mais uma indicação que a linha de Isaque devia ser considerada como a verdadeira família de Abraão. A doação de "presentes" (6) aos filhos das concubinas foi acompanhada por uma significativa despedida, que os mandou embora. **Cento e setenta e cinco anos** (7). Observe-se a tríplice maneira (8) de referir-se à plenitude de vida que o patriarca atingiu. **Estas porém são as gerações** (12). Se esse **toledoth** for um título, então provavelmente deve ser aceito juntamente com o do versículo 19, sendo que esses dois marcam juntamente o fim de uma série de tabletes ou registros conservados a respeito de seu pai, por Ismael e Isaque, respectivamente. A significação dessas ocorrências de **toledoth**, entretanto, ainda é uma questão aberta. (Ver anotação na Introdução).

>Gn-25.12

3. OS FILHOS DE ISMAEL (#Gn 25.12-18). Note-se como o livro dispõe primeiramente da linha colateral de Ismael.

>Gn-25.19

III. A HISTÓRIA DE ISAQUE (Gn 25.19-26.35)

a) Nascimento de Esaú e Jacó (Gn 25.19-28)

O maior servirá ao menor (23). A mensagem inteira é poética em sua forma e os paralelismos são bem claros. O domínio de Israel sobre Edom se originou aqui. Edom ("o mais velho") foi subjugado por Davi ("o mais moço"); ver **#2Sm 8.14. Como um vestido cabeludo** (25). Mediante **#Gn 27.16** temos alguma idéia da extraordinária aparência da pele de Esaú. Ocasionalmente se noticia o nascimento de uma criança com pele de vaca, mesmo nos anos recentes. Alguma coisa parecido com isso deve ter sido o caso de Esaú. **Jacó** (26). Lit. "que segue os calcanhares de outro", isto é, "suplanta". A idéia transmitida é a de um perseguidor determinado e incansável que, uma vez alcançando seu adversário, derruba-o por terra. Ver **#Gn 27.36; #Jr 9.4; #Os 12.3. Era Isaque da idade de sessenta anos** (26). Esses dois netos de Abraão conheceram seu avô por quinze anos.

>Gn-25.29

b) Esaú vende sua primogenitura para Jacó (Gn 25.29-34)

Por isso se chamou o seu nome Edom (30). O historiador não quer dizer que por causa desse incidente solitário Esaú recebeu o nome de "Vermelho". Desde antes ele já devia ter esse nome ligado à sua pessoa, por causa de sua aparência (25). A outra característica adicional, entretanto, de sua incontrolável paixão pelo "guisado vermelho" proveu ocasião para o narrador comentar que ele fora apropriadamente chamado de "Vermelho". O caráter de Esaú deveria ser estudado à luz da estimativa que lhe é feita em **#Hb 12.16**. Ele é considerado nessa passagem como símbolo da mente materialista. **Primogenitura** (31). Significava a posição superior e a herança em dupla porção que usualmente pertencia ao filho mais velho.

Gn-26.1

c) Isaque e Abimeleque (Gn 26.1-16)

Além da primeira fome (1). Em vista da opinião de alguns comentaristas que esta fome foi apenas uma triplicata do incidente único que pertenceu à vida de Abraão, é significativo observar esta frase que definitivamente separa o tempo e o lugar desta história de aquela que está registrada no capítulo 12. No que concerne ao incidente no capítulo 20, é instrutivo notar-se o curso totalmente diferente da narrativa, naquele e neste presente capítulo. **Abimeleque** (1). Certa incerteza existe quanto ao uso desta palavra: possivelmente não era um

nome próprio, mas um título como "Faraó". Tem o significado de "o rei, meu pai". **Filisteus** (1). Ver **#Gn 21.34. Não desças ao Egito** (2). Enquanto ele estivesse na "terra prometida" não havia necessidade de temor nem de mudança. Se isso tem um mau reflexo sobre a conduta de Abraão, em circunstâncias semelhantes, é difícil dizer. **Serei contigo** (3). Trata-se aqui da repetição do concerto abraâmico, desta vez, porém, aos ouvidos de Isaque, a semente da promessa. Parece que esta foi a primeira ocasião em que Deus apareceu a Isaque e lhe falou do modo tão direto.

>Gn-26.7

É minha irmã (7). Comparar isso cuidadosamente com **#Gn 12.13; #Gn 20.2,13**. Isaque estava seguindo o precedente estabelecido por seu pai, mas com menor justificação. **Brincando** (8). Delitzsch traduz essa palavra como "acariciando". **Delito** (10). O primeiro Abimeleque (**#Gn 20.3**) tinha sido ensinado pelo Senhor que tomar a esposa de outro homem era um ato pecaminoso. Esse pode ter sido ou não o ponto de vista do rei filisteu e de seu povo previamente. A lição continuava lembrada na corte, e o Abimeleque do tempo de Isaque estava consciente que se alguém tivesse tomado Rebeca como mulher teria trazido um delito sobre o povo. **Certamente morrerá** (11). Essa estrita penalidade mostra o alto código moral que existia no reino de Abimeleque. **Cem medidas** (12). Uma notável produção num período de fome (ver versículo 1), o que provava a bênção de Jeová sobre Isaque. **Os poços... os filisteus entulharam... de terra** (15). O entulhamento dos poços foi um ato de hostilidade pelo qual os direitos de propriedade ou residência foram repudiados.

>Gn-26.17

d) Disputa a respeito de poços (Gn 26.17-33)

Vale de Gerar (17). Isaque foi expellido da cidade, mas continuou vivendo na localidade. **Também porfiaram sobre ele** (21). Esse tolo conflito entre os pastores era, mais profundamente, um conflito entre Abimeleque e Isaque que dizia respeito a onde este último teria permissão de estabelecer-se. Por essa dura política Isaque ia sendo empurrado cada vez mais para longe de Gerar. **Naquele mesmo dia** (32). A nomeação deste lugar como Berseba não é uma duplicata literária contraditória da nomeação em **#Gn 21.24-32**. A doação deste nome à localidade foi especialmente associada ao fato que naquele mesmo dia da ratificação do juramento prestado entre Isaque e Abimeleque foi

encontrada a água. Abraão chamou o lugar de "poço do sete" (*sheba'*), aludindo ao pacto feito por intermédio dos sete cordeiros (#Gn 21.29-31). Isaque agora dava ao mesmo lugar o mesmo nome que seu pai lhe havia dado (#Gn 26.18), mas devido a sua própria adicional e notável razão, a saber, a descoberta de água no dia em que o juramento (*shaba'*) foi feito. Para Abraão aquele era o "poço do sete", mas para Isaque era o "poço do juramento", ambas as quais idéias são expressas pelo mesmo nome, "Berseba".

>Gn-26.34

e) Os casamentos de Esaú (Gn 26.34-35)

Esse casamento, com mulheres fora da linha da família, foi uma brecha na pureza de linhagem para a qual Abraão tinha sido chamado. Ver #Gn 24.7,47-48.

Gn-27.1

IV. AS HISTÓRIAS DE JACÓ E ESAÚ (Gn 27.1-37.1)

a) Jacó na casa paterna (Gn 27.1-46)

1. JACÓ CONSEGUE A BÊNÇÃO DE SEU PAI POR MEIO DE ENGANO (27.1-29). *Isaque envelheceu* (1). Comparando-se #Gn 25.26 com #Gn 26.34, parece que então Isaque já tinha mais de cem anos de idade, mas ele viveu até os 180 anos (ver #Gn 35.28). Isaque deve ter pensado que estava prestes a morrer (4,41) mas parece ter-se recuperado. *Para que minha alma te abençoe* (4). Apesar da profecia (#Gn 25.23), parece que Isaque estava determinado a dar a bênção a Esaú. *Diante da face do Senhor* (7). Essas palavras, proferidas por Rebeca, eram cheias de significado para Jacó, dotado de mente religiosa, e sua adição, por sua habilidosa mãe, não deixaram de ter seu desígnio. Emprestando uma solenidade a mais. *Vestidos de gala* (15). Provavelmente aqui é indicada uma veste oficial como a que seria usada pelo primogênito de uma família nas ocasiões festivas ou solenes. *Porque o Senhor teu Deus a mandou ao meu encontro* (20). O enganoso plano de Jacó não foi habilidoso bastante. Não era costume de Esaú apelar para frases pias daquela espécie, e Isaque, que conhecia o caráter geral de Esaú, ficou incerto e preocupado em sua mente (21,22). *Sirvam-te povos* (29). A essência da bênção da primogenitura consiste justamente nesse domínio.

>Gn-27.30

2. ENTREVISTA DE ESAÚ COM ISAQUE (#Gn 27.30-40). **Abençoei-o: também será bendito** (33). A bênção patriarcal era irrevogável. Essa é a significação de #Hb 12.17: "não achou lugar de arrependimento". Por mais que o tentasse, Esaú não podia conseguir uma mudança na atitude da mente de seu pai. Isaque percebeu que, a despeito de seus esforços para torcê-la, a vontade de Jeová tinha sido feita, e que a bênção certamente deveria permanecer sobre Jacó. **Me enganou** (36). Mais apropriadamente "conseguiu primeiro": ver 25.26n. **Quando te libertares** (40). A despeito dessa frase hebraica incerta, tem havido dúvidas, mas aqui está razoavelmente bem traduzida. Haveria de haver ocasiões quando Edom se livraria temporariamente do jugo do domínio de Israel.

>Gn-27.41

3. REBECA CONSEGUE QUE JACÓ ESCAPE DE ESAÚ (#Gn 27.41-46). **Desfilhada também de vós ambos** (45). Observe-se o interesse próprio de Rebeca. Ela deixa subentendido que, se Esaú viesse a matar Jacó, ele seria banido da casa, e ela acabaria perdendo ambos os filhos. **Por causa das filhas de Hete** (46). O plano de Rebeca era remover Jacó para fora do alcance de Esaú. Ela não podia mandar Jacó embora sem consultar Isaque. Mas, quando ela falou com o cabeça da família, apresentou uma razão bem diferente da verdadeira para a partida de Jacó.

Gn-28.1

b) A viagem de Jacó (Gn 28.1-22)

1. JACÓ PARTE DE CASA (#Gn 28.1-9). **Vai a Padã-Arã** (2). O único motivo apresentado para a partida de Jacó nesta parte da história é o de arranjos para casamento, e coisa alguma é dita concernente ao conflito entre os dois irmãos. Não há necessidade aqui de supor-se a existência de narrativas duplicadas e divergentes. A psicologia do incidente inteiro é suficientemente esclarecida acima. **Foi-se Esaú a Ismael** (9). Esaú se esforçou para conquistar o favor de seu pai conformando-se aos regulamentos da família sobre o casamento, pois os ismaelitas eram verdadeiros descendentes de Abraão.

>Gn-28.10

2. O SONHO DE JACÓ (#Gn 28.10-15). **Uma escada** (12). Essa talvez tenha sido sugerida à mente de Jacó devido a configuração do terreno local. **Os anjos de Deus subiam e desciam por ela** (12). Não haverá alguma significação no fato da palavra "subiam" aparecer em primeiro lugar? Talvez Deus tencionasse dar a entender a Jacó que sua necessidade era realmente subir até Sua presença, e que em resposta Ele faria descer a Sua ajuda. O que quer mais que aquela escada significasse, tinha a intenção de revelar que a terra e o céu estão verdadeiramente ligados e que existe um constante intercâmbio entre os dois. Note-se a alusão, em #Jo 1.51 e conf. #Jo 14.6. **Eu sou o Senhor** (13). A promessa da aliança, que tinha sido feita a Abraão e a Isaque, agora era transmitida ao próprio Jacó. Aquela deve ter sido uma experiência de incalculável valor para Jacó naquela ocasião. Sem dúvida ele já sabia a respeito da revelação feita sobre sua pessoa por ocasião de seu nascimento. Foi esse motivo religioso que o impeliu a fazer sua ação menos religiosa enganando seu pai. Por muitas vezes, entretanto, Jacó deve ter desejado ansiosamente possuir a certeza que lhe seria transmitida diretamente da parte de Jeová, conforme ele sabia ter sido o caso com seu pai e seu avô. O doce prêmio da bênção da primogenitura talvez já estivesse amargando em sua boca, em vista das memórias que o perseguiram sobre a maneira como ele forçara a bênção ser-lhe concedida. Mas agora, a despeito de todo seu próprio pecado e indignidade, Jacó ouviu a graciosa voz de Jeová transmitindo-lhe a promessa da aliança, até seu próprio coração.

>Gn-28.16

3. A CONSAGRAÇÃO DE BETEL (#Gn 28.16-22). **Quão terrível** (17). Um lugar de profunda reverência inspirada pelo senso da presença de Deus. **E a pôs por coluna, e derramou azeite em cima dela** (18). A "coluna" tinha o propósito de servir de memorial ao fato que Jeová se manifestara naquele local. A ação de Jacó esteve em harmonia com um antigo costume semítico quanto a esse respeito, ainda que sem os motivos animistas que algumas vezes sublinham tal costume. "Colunas" dessa espécie foram subsequentemente proibidas, porque se prestavam facilmente a serem usadas nos aviltantes ritos dos santuários cananeus. Ver #Lv 26.1; Dt 16.22. **-Betel** (19). Betel era o lugar onde ocorreu o sonho, e Luz era o nome da cidade próxima. O nome Betel mais tarde foi transferido para a cidade (#Jz 1.23). **O dízimo** (22). Ver 14.20n; #Lv 27.30-33; Dt 14.22-29.

Gn-29.1

c) Jacó na Síria (Gn 29.1-33.15)

1. JACÓ SE ENCONTRA COM RAQUEL (#Gn 29.1-14). Não podemos, até todos os rebanhos se ajuntem (8). Parece que havia algum acordo entre os pastores para que dessem de beber aos seus rebanhos todos ao mesmo tempo. Revolveu a pedra (10). Onde estavam "todos os rebanhos", nessa ocasião, não temos meios de saber. A narrativa dá a impressão de ter sido um ato impetuoso de Jacó. E chorou (11). O caráter emocional de Jacó se manifestava constantemente, embora todos os orientais fossem e continuem sendo expressivos dessa maneira. Jacó foi claramente dominado de alegria devido ao feliz término de sua viagem.

>Gn-29.15

2. CASAMENTO DE JACÓ COM LÉIA E RAQUEL (#Gn 29.15-30). Olhos ternos (17). Isso provavelmente indica alguma inflamação ocular que a desfigurava. Sete anos te servirei por Raquel (18). Jacó ofereceu seu serviço em lugar do costumeiro dote dado aos pais da noiva. Por que me enganaste? (25). O enganador fora enganado! Jacó que suplantara seu irmão e enganara seu idoso pai, agora era enganado por sua vez. Nesse engano, Labão tirou vantagem do fato que a noiva era trazida vendada para o marido. Que a menor se dê antes da primogênita (26). O inescrupuloso caráter de Labão é desvendado aqui. Honroso ter-lhe-ia sido explicar isso, antes do acordo ter sido feito. Cumpre a semana desta (27). Refere-se à festa nupcial de sete dias (#Jz 14.12), e Labão pediu a Jacó que aceitasse o arranjo sem fazer perturbação, e prometeu que no fim das festividades lhe daria Raquel, quietamente, e sem cerimônias. Aplacado por essa promessa, Jacó se submeteu à miserável e degradante situação à qual Labão o forçara. Então lhe deu... Raquel (28). Jacó não teve de esperar por ela até que se completassem outros sete anos de serviço (30), como #Gn 31.41 talvez pareça sugerir.

>Gn-29.31

3. NASCIMENTO DOS FILHOS DE JACÓ (#Gn 29.31-30.24). Léia era aborrecida (31). Esta palavra é empregada apenas num sentido relativo. Conf. #Mt 1.3; #Lc 14.26. Parece, entretanto, que Jacó se mostrava positivamente aborrecido dela. Agora me amará o meu marido (32). Essas palavras, e as dos

versículos 33-35, revelam o coração de Léia. Quem pode lê-las sem ficar comovido?

Gn-33.1

11. ESAÚ E JACÓ SE ENCONTRAM (#Gn 33.1-15). **Raquel e José os derradeiros** (2). Observe-se a disposição dos membros da família. **Ele mesmo passou adiante deles** (3). Jamais Jacó foi um covarde, mas agora mostrava-se notavelmente corajoso, depois de ter recebido a bênção da noite anterior. **Sete vezes** (3). As saudações orientais começam de grande distância e ocupam longo tempo para ser efetuadas. Parece haver certa indicação aqui, entretanto, de uma excessiva deferência. Talvez isso se devesse ao fato que Jacó reconhecia o erro que havia feito contra seu irmão, e também era um modo tácito, ainda que sincero, de honrar a Esaú com o respeito devido a um irmão mais velho. **Esaú correu-lhe ao encontro... e choraram** (4). Os poderosos sentimentos da irmandade surgiram e varreram para o lado o amargor e a separação de vinte longos anos. O nobre caráter de Esaú não deve ser ignorado neste incidente: observe-se a grandeza de coração e o genuíno interesse amigável (5-8). As Escrituras não escondem as faltas dos "santos"; e nem ocultam as virtudes das pessoas "profanas". A "depravação total" significa que cada porção (total) da natureza do homem está contaminada pelo pecado; mas não quer dizer que cada homem é tão ruim como é possível alguém ser ruim.

>Gn-33.9

Eu tenho bastante, meu irmão (9). Sem dúvida alguma foi um gesto afetoso da parte de Esaú; embora ele soubesse perfeitamente que não aceitar o presente oferecido seria uma indicação de hostilidade contra seu irmão. Foi esta última consideração que finalmente compeliu Esaú a aceitar o presente (11). Enquanto o presente não fosse aceito Jacó não poderia ter certeza, segundo os costumes antigos, que tudo estava bem entre ele mesmo e Esaú. **O rosto de Deus** (10). Jacó falou em linguagem hiperbólica, ainda que autenticamente oriental, para expressar quão aliviado estava que Esaú estivesse pronto para agir favoravelmente para com ele. Mas também havia, provavelmente, o elemento mais profundo e religioso de que, no rosto amigável de Esaú, Jacó tenha reconhecido que Deus também estivera operando nele, e assim aprendeu uma vez mais que a própria face de Deus estava verdadeiramente voltada para ele, disposta a abençoá-lo.

>Gn-33.16

d) Jacó na terra prometida (Gn 33.16-35.20)

1. JACÓ SE ESTABELECE EM CANAÃ (#Gn 33.16-20). Jacó... **partiu para Sucote** (17). No versículo 14 Jacó prometera seguir até Seir, mas a viagem que ele fez para Sucote não foi na direção de Seir. Com isso Jacó não estava iludindo Esaú; mas ele necessitava de descanso, tanto para seu grupo como para si mesmo, e assim propôs-se a seguir **pouco a pouco** (14), ou seja, fazer uma viagem lenta, fazer uma parada em Sucote, e então visitar seu irmão mais tarde. **Comprou uma parte do campo** (19). Essa foi a segunda compra de terra registrada, feita pela família de Abraão. Conf. #Jo 4.5. **Deus, o Deus de Israel** (20). Em heb., "El-elohe-Israel". Jacó apropriou-se do nome que lhe fora dado pelo "anjo" em Peniel, e comemora a primeira experiência de sua realidade espiritual.

Gn-35.1

3. UMA REFORMA RELIGIOSA NA FAMÍLIA DE JACÓ (#Gn 35.1-15). **Sobe** (1). De Siquém a Betel havia uma subida de cerca de 300 metros. Há uma profunda significação na referência que diz **quando fugiste**, pois Jacó estava fugindo novamente. Sua posição em Siquém tornara-se por demais perigosa para que ele permanecesse ali. **Os deuses estranhos** (2). Os servos da casa de Jacó eram todos de Padã-Arã e eram idólatras. E também havia os terafim que Raquel tinha trazido consigo, desde a casa de seu pai. **Levantemo-nos** (3). Jacó inicia suas esposas e filhos, juntamente com toda a multidão de seus servos, nos caminhos e na adoração de Jeová. Note-se que Jacó conduziu sua família a Jeová por testemunho (3). **Debaixo do carvalho** (4). O fato que ele não destruiu as imagens, mas enterrou-as debaixo de uma árvore, sugere que as considerava com certo temor supersticioso. **Terror de Deus** (5). Um temor tomou conta das tribos circunvizinhas, e Jacó pôde escapar antes de recuperarem seu senso de proporção.

>Gn-35.7

El-Betel (7). A aparente redundância nesta frase significa que ele dedicou aquele lugar à glória do Deus que lhe aparecera naquele crítico momento de sua vida quando ele pela primeira vez deu nome àquele lugar. **Débora** (8). Durante sua permanência em Siquém, Jacó talvez tenha visitado seu idoso pai, em Hebrom, trazendo de volta Débora, consigo. É possível que os versículos 27-29, aparecendo como nota detalhada, e referindo-se provavelmente a um

ponto histórico mais antigo, possa prover informação acerca da ocasião em que Jacó trouxe Débora consigo. **Apareceu Deus** (9). Na ida, e agora na volta, Deus se encontrou com Jacó em Betel. A promessa inicial da aliança é ratificada, e a mudança de caráter é confirmada (10-12). **Betel** (15). Isso não significa que naquela ocasião Jacó tivesse nomeado de "Betel" o lugar, pela primeira vez. O nome permaneceu desusado (pois quem tinha sabido, naquela localidade, e anteriormente, que Jacó lhe tinha dado tal nome?), mas Jacó agora ensinou esse fato à sua família.

>Gn-35.16

4. MORTE DE RAQUEL COM O NASCIMENTO DE BENJAMIM (**#Gn 35.16-20**). Este triste episódio explica a afeição particular de Jacó por Benjamim. O nome eivado de tristeza, "Benoni", não foi aceito pelo pai, mas ele preferiu chamá-lo de "Benjamim" -filho de esperança e encorajamento.

>Gn-35.21

e) Descendência de Jacó e Esaú (Gn 35.21-37.1)

1. OS DOZE FILHOS DE JACÓ (**#Gn 35.21-26**). **Rúben** (22). Por causa desse pecado Rúben perdeu o direito de primogenitura (ver **#Gn 49.4**). **Os filhos de Léia** (23). Os filhos aparecem agrupados em torno de suas respectivas mães. Estude-se o relato em **#Gn 30.1-24**.

>Gn-35.27

2. MORTE E SEPULTAMENTO DE ISAQUE (**#Gn 35.27-29**). **Isaque... morreu** (29). Ele viveu mais do que era esperado (ver **#Gn 27.2,41**). Esta anotação sobre a morte de Isaque talvez seja uma anotação formal. Na ordem real de acontecimentos talvez tenha ocorrido antes, em ocasião anterior à morte de Débora (versículo 8).

Gn-37.1

6. JACÓ EM CANAÃ (**#Gn 37.1**)

>Gn-37.2

V. A HISTÓRIA DE JOSÉ (Gn 37.2-50.26)

a) A infância de José (Gn 37.2-36)

1. OS SONHOS DE JOSÉ (#Gn 37.2-11). **Uma túnica de várias cores** (3). Os tradutores fizeram um equívoco aqui, por causa do uso da Septuaginta. Apropriadamente trata-se de uma "túnica de extremidades", isto é, uma túnica que quanto ao comprimento atingia até os pés e possuía mangas compridas que passavam das mãos. A túnica costumeira era sem mangas, e descia somente até os joelhos. O presente da túnica era uma marca de distinção, mas o que Jacó tenciona exatamente com tal presente é difícil de dizer. Ele não podia querer dar os plenos direitos de primogênito a José, pois esses ele concedeu a Judá (ver #Gn 49.8-12). Alguma explicação pode ser encontrada no fato que José era o primogênito de sua esposa favorita, Raquel. Ver também a significação de #Gn 48.5, e ver 49.8 nota.

>Gn-37.5

Sonhou... José um sonho (5). Os dois sonhos aqui registrados tiveram ambos seus cumprimentos respectivos nos acontecimentos subsequentes. Note-se a importância essencial dos sonhos na carreira de José.

>Gn-37.12

2. O CONLUIO CONTRA JOSÉ (#Gn 37.12-22). **Vê como estão teus irmãos** (14). Observe-se o motivo da ansiedade de Jacó: os irmãos e os rebanhos estavam "em Siquém" (12), um lugar onde seu nome ficou a "cheirar mal entre os moradores" daquela terra (#Gn 34.30). **Numa destas covas** (20). Eram cisternas artificialmente preparadas, usualmente consistindo de uma grande perfuração na terra, mas com apenas uma estreita abertura. Em muitas partes das redondezas a água ficava justamente abaixo da superfície da terra, e aquelas "cisternas" arredondadas continham um bom suprimento pronto para dar de beber aos rebanhos. **Rúben** (21). Havia uma tendência de generosidade em Rúben, e não há motivo para duvidarmos da sinceridade de seus motivos.

>Gn-37.23

3. JOSÉ VENDIDO COMO ESCRAVO (#Gn 37.23-36). **De Gileade... ao Egito** (25). Um exame no mapa mostrará que caminho Canaã era para os camelheiros. **Judá disse** (26). O curso da narrativa e os motivos de Rúben e Judá são perfeitamente auto-esclarecedores. A análise crítica, que divide este

relato em duas narrativas discordantes, assim inventando dificuldades, é completamente improvável. **Midianitas... ismaelitas** (28). Esses negociantes são chamados em nossa versão de midianitas e ismaelitas. Mas a palavra traduzida também como midianitas, no versículo 36, no original é outra palavra, diferente das que são usadas no versículo 28. Todos esses três grupos, pois, descendiam de Abraão, e parecem ter tido a mesma ocupação. É possível que houvesse homens de todas as três famílias naquela caravana comercial. Alguns eruditos interpretam esses versículos como que dando a entender que os irmãos venderam José aos ismaelitas, que o venderam por sua vez aos midianitas, os quais, então, venderam-no a Potifar. **Tornando pois Rúben à cova** (29). Observe-se que Rúben estava ausente quando José foi vendido. **Vinte moedas de prata** (28). Conf. **#Lv 27.5; #Êx 21.32**.

Gn-38.1

b) Judá e Tamar (Gn 38.1-30)

Trata-se de um interlúdio na história principal. Serve a dois propósitos históricos: primeiro, mostrar a origem das três famílias da tribo de Judá (**#Nm 26.20**); e segundo, estabelecer a santidade da lei do levirato (**#Dt 25.5-10**). **Sua** (2). Esse é o nome do pai da jovem (ver versículo 12). Observe-se a entrada desse sangue estrangeiro na linha de Judá, e, portanto, de nosso Senhor, desde bem cedo em sua história. **Suscita semente a teu irmão** (8). É claro, por este incidente, que a "lei do levirato", conforme ela é chamada, era consideravelmente anterior ao tempo de Moisés. Ver **#Dt 25.5** nota. **Porquanto disse** (11). Isso foi o que Judá disse a si mesmo. **Assentou-se à entrada das duas fontes** (14). Tamar suspeitou que Judá, seu sogro, não estava sendo fiel à sua palavra. Por conseguinte, ela tomou a questão nas mãos e, por meio desse artifício, compeliu o próprio Judá a realizar o dever do levirato. **Prostituta** (15). Por razões óbvias Tamar tinha coberto com véu. As meretrizes comuns não punham véu, e, adotando aquele disfarce, ela ficou parecida com uma prostituta-religiosa. **Tome-o ela** (23). Uma maneira um tanto brusca de dizer: "Ela pode vir buscar". **Que seja queimada** (24). Legalmente Tamar pertencia a Selá, mas Judá não tinha cumprido o arranjo (14). Na qualidade de esposa legal de Selá, Judá considerou que ela cometera adultério. **Perez** (29). Zerá esforçou-se para ser o primogênito, mas Perez "rompeu" e foi chamado "rotura". É importante observar que a linha davídica passa por Perez.

Gn-39.1

c) Promoção de José no Egito (Gn 39.1-41.57)

1. A PROSPERIDADE DE JOSÉ NA CASA DE POTIFAR (#Gn 39.1-6). **Eunuco** (1). Esse termo pode descrever somente uma posição oficial, ou pode realmente indicar o que Potifar era. Não era fato desconhecido que os eunucos então se casassem. **Varão egípcio** (1). Alguns pensam que essa designação foi inserida para distinguir-lhe a raça dos Faraós então governantes, os quais, se eram os famosos reis hicsos, não eram egípcios. Muita incerteza envolve as datas ligadas ao domínio dos hicsos no Egito, ainda que seja bem possível que se achassem no poder na época de José. Os cortesãos dos hicsos em sua maioria eram semitas, pelo que Potifar, "varão egípcio", tornar-se-ia notavelmente conspícuo. **A não ser do pão que comia** (6). Alguns têm pensado que o egípcio Potifar entregou nas mãos de José tudo excetuando seu alimento, pois, sendo egípcio, não podia comer das mãos de um semita. Provavelmente essa não passa de uma maneira pitoresca de dizer que Potifar tinha entregue a José a administração de toda a sua casa (ver versículos 8-9).

>Gn-39.7

2. JOSÉ É FALSAMENTE ACUSADO E APRISIONADO (#Gn 39.7-23). **A mulher de seu senhor** (7). As mulheres egípcias não viviam em reclusão como as semitas. **Como faria eu tamanho mal, e pecaria contra Deus?** (9). Essas palavras revelam uma alta concepção moral sobre Deus em José, e são uma evidência contra o ponto de vista que tais concepções morais foram um desenvolvimento posterior. **Deixou o seu vestido na mão dela** (12). A experiência contrária a de Judá e Tamar. **Para escarnecer de nós** (14) ... **para escarnecer de mim** (17). Em seus gritos perante os "homens de sua casa", aquela abjeta mulher insinuou que outras mulheres tinham sido igualmente assaltadas; porém, na presença do julgamento mais crítico de seu marido ela falou com mais reserva. **A sua ira se acendeu** (19). Potifar teria crido na história de sua mulher, ou aquela foi apenas uma espécie de ira "apropriada"? Se realmente tivesse acreditado na história, teria mandado matar José. **Na casa do cárcere** (20). José não foi lançado na masmorra comum, conforme a frase seguinte deixa claro. A primeira parte daquele período deve ter sido difícil de tolerar (#Sl 105.18), mas, mediante o simpático discernimento do carcereiro, parece que logo ficou encarregado de uma boa medida de autoridade (ver #Gn 40.4).

Gn-42.1

d) José e seus irmãos (Gn 42.1-45.15)

1. JACÓ MANDA SEUS FILHOS BUSCAREM COMIDA NO EGITO (#Gn 42.1-5). **Por que estais olhando...?** (1). Parece que os irmãos mostravam-se hesitantes. Provavelmente estava sendo formada uma caravana, e Jacó repreendeu a evidente despreparação de seus filhos. Haveria uma desinquietante memória à menor referência ao Egito? **A Benjamim... não enviou Jacó** (4). Jacó não queria confiar Benjamim aos seus irmãos. Teria ele alguma suspeita oculta? Ver o que ele diz em versículo 36.

>Gn-42.6

2. JOSÉ TRATA DURAMENTE A SEUS IRMÃOS (#Gn 42.6-24). **Ele vendia** (6). Isso não significa que ele fizesse as vendas a todo possível freguês. Somente casos especiais, sem dúvida, eram levados à sua presença, e uma tão numerosa companhia de semitas, como a dos irmãos e de seu grupo de servos, exigiria cuidadoso exame. **Inclinaram-se ante ele** (6). Ver #Gn 37.5-8. Aqui temos o cumprimento do primeiro sonho. **Falou com eles asperamente** (7). "Asperamente" significa asperamente, e é irreal colocar José atrás de uma janela com vidro fosco! **Eles não o conheceram** (8). Vinte anos se tinham passado (treze de humilhação e os sete anos de fartura) desde que o tinham visto pela última vez; agora ele se vestia de modo diferente; e não estavam esperando encontrar-se com ele: todos esses fatores contribuíram para tornar José irreconhecível por seus irmãos mais velhos. **A nudez** (9). Por isso José queria dizer a condição indefesa e empobrecida do Egito. **Pela vida de Faraó** (15). Um juramento que significa "tão certamente quanto vive Faraó". **Vimos a angústia da sua alma** (21). Essa sentença nos faz penetrar nos rogos de José naquela ocasião. **Seu sangue também é requerido** (22). Os irmãos não tinham morto José, mas tinham dito a seu pai que uma fera o havia devorado. A mentira se tornara parte da mente de Rúben: ele por tantas vezes tentara convencer-se que assim acontecera, que agora tal pensamento se apegara à sua mente.

>Gn-42.25

3. A VOLTA E O DESÂNIMO DOS IRMÃOS (#Gn 42.25-38). **Restituíssem o seu dinheiro a cada um** (25). Essa ação, tencionada como sinal de boa vontade, tornou-se motivo de um grande temor. **No seu saco** (25). No hebraico

"saco" é representada por três palavras diferentes, ainda que todas tenham o mesmo sentido. Parece que o dinheiro fora depositado numa espécie de bolsa (a segunda palavra, no versículo

27) que cada irmão possuía diversas. Somente um dos irmãos ocasionalmente abriu o saco particular onde estava seu dinheiro. Ou é possível que o dinheiro estivesse empilhado no alto de apenas um dos sacos (na boca do saco, versículo 27) enquanto que nos outros sacos ele estivesse no fundo. **Que é isto que Deus nos tem feito?** (28). Quão fortes eram as operações daquelas consciências convictas de pecado! **Cada um tinha a trouxinha com seu dinheiro no seu saco** (35). Note-se que essa descoberta foi feita em casa e ocorreu quando os sacos foram esvaziados. **Não descera meu filho convosco** (38). Jacó rejeita o gesto extravagante e teatral do instável Rúben.

Gn-45.1

8. JOSÉ SE DÁ A CONHECER POR SEUS IRMÃOS (#Gn 45.1-15). O efeito cumulativo do discurso sobre José era mais do que Judá, naturalmente, podia calcular. **Não se podia conter** (1). Aqui temos uma palavra enfática, que significa forçar a si mesmo. José não podia continuar forçando a si mesmo a fazer um papel fingido. Tudo quanto havia de "irmão" nele, e tudo quanto nele havia de "filho", levantou-se subitamente e dominou suas mais poderosas resoluções. **Levantou a sua voz com choro** (2). Certamente na costumeira forma demonstrativa do antigo oriente. **A casa de Faraó o ouviu** (2). Ouviram o choro em voz alta, ou isso talvez signifique apenas que ouviram a notícia que aqueles homens eram irmãos de José. **Vive ainda meu pai?** (3). Ele já tinha sabido disso, mas esta agora é a ansiosa pergunta de um filho separado de seu pai. **Por pai de Faraó** (8). Foi ou uma figura de linguagem para indicar o modo pelo qual José tinha cuidado de todos os negócios de Faraó, ou, segundo muitos eruditos pensam, era um exaltado título empregado entre os egípcios. Terra de Gósen (10). Era o lugar escolhido por José para sua família. Ficava a leste do rio Nilo, e provavelmente era um distrito ainda não explorado, frouxamente ligado ao Egito.

>Gn-45.16

e) José recebe seu pai do Egito (Gn 45.16-47.26)

1. FARAÓ E JOSÉ MANDAM BUSCAR JACÓ (#Gn 45.16-24). **Tornai a vosso pai... e vinde a mim** (18). Era de grande valor que a família de Jacó se deslocasse para o Egito por convite do próprio Faraó. **Da terra do Egito carros** (19). Numa terra plana como era o Egito, era muito apropriado o emprego de carros. **Não vos pese coisa alguma das vossas alfaias** (20). Isso significa que

não precisavam carregar consigo seus pesados móveis e utensílios. O caráter detalhado da narrativa, em 39-43, e seu forte tom egípcio, são evidências sobre a autenticidade e caráter contemporâneo da narrativa.

>Gn-45.25

2. JACÓ RECEBE AS NOTÍCIAS (#Gn 45.25-28). **E o seu coração desmaiou** (26). Lit., "gelou". Parecia bom demais para ser verdade. Jacó acostumara-se a viver num estado de constante expectativa pelo pior, e por isso "não os acreditava". É possível que aqui seja o lugar onde devemos encontrar espaço para uma provável completa confissão, por parte dos irmãos, a respeito de toda a miserável história do tratamento que deram a José.

Gn-47.1

6. JOSÉ APRESENTA JACÓ A FARAÓ (#Gn 47.1-12). **Estão na terra de Gósen** (1). O propósito de José, ao instalar ali sua família, foi tanto mantê-la geralmente separada do resto do Egito, como porque a região era apropriada para a criação de ovelhas. A permissão é formalmente solicitada no versículo 4. **Cinco varões** (2). O número cinco parece surgir bem freqüentemente nesta narrativa: note-se sua ocorrência adiante. **Os porás por maiores do gado, sobre o qual eu tenho** (6). Nem todo o gado havia sido destruído por causa da fome: conf. também versículos 16 e 17. **Jacó abençoou a Faraó** (7). Esta entrevista entre Jacó e Faraó parece ter-se verificado depois da entrevista formal com os cinco filhos, e ter tido lugar de modo mais livre e amigável. Visto que os egípcios não viviam até tão avançada idade, Jacó deve ter parecido um homem maravilhosamente idoso em realidade, perante quem até o próprio Faraó demonstrava respeito. **Ramessés** (11). Provavelmente essa é uma referência ao nome que posteriormente foi dado àquela região. Quanto à discussão sobre a importância desse versículo no tocante à possível data do êxodo, ver Introdução aos livros de Josué e Juízes.

>Gn-47.13

7. POLÍTICA ECONÔMICA DE JOSÉ (#Gn 47.13-26). **Vieram a ele no segundo ano** (18). Não necessariamente o segundo ano da fome, mas possivelmente da situação desesperadora do povo. **Compra-nos a nós e à nossa terra** (19). José entrou em grande negócio com a população e grandemente aumentou o poder e as riquezas dos governantes do Egito.

>Gn-47.27

f) Últimos dias de Jacó (Gn 47.27-50.14)

1. PEDIDO DE JACÓ SOBRE SEU SEPULTAMENTO (#Gn 47.27-31). **Israel inclinou-se sobre a cabeceira da cama** (31). O grego, em #Hb 11.21, segue uma diferente pontuação vogal da frase hebraica, e por isso traduz cabeceira da cama como "extremidade do seu bordão". Esta última tradução deve ser preferida, porque é muito mais provável que esse tenha sido realmente o caso.

Gn-50.2

4. MORTE DE JACÓ E SEU SEPULTAMENTO EM CANAÃ (#Gn 49.28-50.14). **Os médicos, que embalsamassem a seu pai** (#Gn 50.2). Isso era a mumificação completa do corpo de Jacó. **Setenta dias** (3). Esses incluíram os dias de embalsamamento. **Além do Jordão** (10). De conformidade com a posição ou com o ponto de vista mental do escritor essa frase é capaz de significar o leste ou o oeste do Jordão (ver #Dt 1.1 nota). O local da "eira do espinhal" não pode ser identificado segundo o presente estado de nosso conhecimento. É possível que tenha havido duas "lamentações"; uma a leste e outra a oeste do rio Jordão, uma à entrada de Canaã e outra em Macpela (ver versículo 13).

>Gn-50.15

g) José cuida de seus irmãos (Gn 50.15-26)

1. JOSÉ DEBELA OS TEMORES DE SEUS IRMÃOS (#Gn 50.15-21). **Teu pai mandou** (16). Essas palavras talvez revelem uma incerteza que se aninhara na mente de Jacó quanto ao que José faria a seus irmãos depois de seu pai desaparecer. Seria muita suspeita, entretanto, perguntar se ao dizer isso os irmãos não estavam mentindo ou meramente criando um caso? Aquela astuciosa família parecia capaz de qualquer coisa. **Porventura estou eu em lugar de Deus?** (19). José queria dizer que não era juiz. **Vós bem intentastes mal contra mim** (20). José fez seus irmãos verem um lado bem feio da questão, mas então mostrou como Deus supervisionou todo o acontecido.

>Gn-50.22

2. MORTE DE JOSÉ (#Gn 50.22-26). **Fareis transportar os meus ossos daqui** (25). Ver #Êx 13.11; #Js 24.32.

E. F. Kevan

ÊXODO

INTRODUÇÃO

I. AUTORIA

"Segundo Livro de Moisés chamado Êxodo" é o título que introduz este livro aos leitores de nossa versão. Aceitamos esse título como uma descrição exata. Aqui desejamos mencionar apenas que a tradição da autoria mosaica do livro de Êxodo já era bem estabelecida no terceiro século A.C., conforme evidenciado pela referência ao fato no livro de Eclesiástico (45.5). Que a lei foi escrita por Moisés, é fato ensinado por Jesus Cristo (#Mc 1.44; #Jo 7.19-22), e por Seus discípulos (#Jo 1.45; #At 26.23). A afirmação que certas porções do livro foram escritas por Moisés aparece no próprio livro (#Êx 17.14; #Êx 24.4)

Dentro do livro nada entra em conflito com essa reivindicação da autoria mosaica. A freqüente menção do nome de Moisés, na terceira pessoa do singular, tem seus paralelos nos livros de Isaías e Jeremias, enquanto que o registro de sua chamada, em #Êx 3, traz as mesmas marcas de autenticidade como os relatos daqueles dois autores.

II. ESCOPO E PROPÓSITO

O livro de Êxodo é o livro da redenção. O nome grego "Êxodo" (lit. "saída") descreve aqui como Deus tirou os filhos de Israel da escravidão no Egito; mas por redenção compreendemos que o Redentor não apenas livra Seu povo da escravidão mas também coloca esse povo em relação especial Consigo mesmo, fazendo dele Sua própria possessão adquirida, sua "propriedade peculiar" (#Êx 19.5).

O início do livro descreve, portanto, a grande libertação do povo de Deus, Israel, o que culmina com a Páscoa e prefigura a redenção ainda maior operada no Calvário. Desse ponto o livro passa para o concerto estabelecido no monte Sinai, no qual Deus declarou que Israel era Seu povo, dando-lhes os dez mandamentos, enquanto que por sua vez eles aceitaram Jeová como seu Deus, comprometendo-se a obedecê-lo. Esse concerto foi o fundamento do sua existência nacional, do qual a nova aliança (#1Co 11.25; #Hb 8.6-13) forma o antítipo, com a chamada da Igreja. Finalmente, a história do estabelecimento

do tabernáculo e de sua adoração provê a base sobre a qual a vida do povo redimido, em sua relação para com Deus, precisava ser mantida. Na nova aliança a base da comunhão com Deus é Cristo. O tabernáculo e sua adoração, portanto, provêm muitos tipos e prefigura Cristo (ver, por exemplo, #Hb 8.5; #Hb 9.1-11; #Hb 10.1).

As referências no Novo Testamento justificam plenamente nossa posição que vê Cristo como o "cumprimento" deste livro. Nos milagres registrados vemos "sinais" da operação divina (conf. #Jo 2.11), no concerto do Sinai vemos um precursor da nova aliança, e na adoração do tabernáculo vemos uma "sombra dos bens vindouros" (#Hb 10.1).

III. SEU LUGAR NO PENTATEUCO

A segunda palavra em nosso texto, "pois" (em heb. aparecendo em primeiro lugar como conjunção copulativa "e") marca o livro de Êxodo como uma seqüência ao livro de Gênesis. O primeiro livro é composto de narrativas patriarcais, que parecem autobiografias; aqui, no segundo livro, temos a manifestação do poder de Deus no livramento de Seu povo e temos seu nascimento como nação. A adoração no tabernáculo é então elaborada no livro de Levítico. O livro de Números vê o povo como nômades no deserto e registra a adição de certas leis. O livro de Deuteronômio encontra-os olhando para a terra prometida, do outro lado do Jordão, recebendo de Moisés suas exortações finais e sua constituição nacional. Dessa maneira vemos que o livro de Êxodo é uma parte integral do plano do Pentateuco.

Êx-1.1

I. A OPRESSÃO NO EGITO (Êx 1.1-22)

Israel... Jacó (1). Não parece haver qualquer significação nos dois diferentes nomes aqui usados, bem como nos versículos subseqüentes. Setenta almas (5). Conf. #Gn 46.8-27. Somente duas mulheres são nomeadas na lista, Diná e Sara. A esse número deve ser adicionada a "casa" (versículo 1), isto é, as esposas e empregados de cada filho e neto, totalizando, talvez, diversas centenas.

>Êx-1.7

Frutificaram (7). Uma multiplicação anormal é aqui indicada, conforme fora prometido em **#Gn 22.17. A terra** (7), isto é, Gósen. Conf. **#Gn 46.1-7. Um novo rei** (8). Provavelmente os primeiros de uma nova dinastia. Se os "hicsos", os reis-pastores, estavam reinando na época da entrada de José e Jacó no Egito, teriam sido favoráveis para com os recém-chegados, visto que também tinham sangue semita. Isso subentende, naturalmente, a adoção do sistema de datas mais recuadas para a opressão e o êxodo. Quanto aos detalhes, ver a Tábua Cronológica, e quanto à discussão sobre essas questões de data ver as Introduções aos livros de Josué e Juízes. **Não conhecera a José** (8). Talvez tenha ouvido falar em José, mas não se sentia sob obrigação pessoal para com ele. Além disso, talvez ele se tivesse mostrado hostil para com a dinastia anterior, de cujo governo os verdadeiros egípcios se ressentiam, como também, naturalmente, daqueles que tinham sido favorecidos pelos hicsos. **Muito, e mais poderoso do que nós** (9). Melhor tradução seria: "demais, e poderoso demais para nós". Numericamente a população egípcia era muito maior. **Suba da terra** (10). Embora odiassem aos israelitas, os egípcios não estavam dispostos a prescindir dos serviços de quaisquer dos povos por eles dominados. **Maiorais de tributos** (11). Os egípcios empregavam em suas obras públicas grupos de trabalhadores, coagidos e não-pagos, controlados por duas patentes de supervisores, que marcavam as tarefas e forçavam a execução do trabalho mediante o uso do chicote. **Cidades de tesouros** (11). Ou "cidades-celeiros". Conf. **#1Rs 9.19**. Depósitos próximos da fronteira, para acúmulo tanto de equipamento militar como de provisão de boca, que serviam tanto na defesa como no ataque. **Ramessés** (11). A mesma que aparece em **#Gn 48.11**, onde ver anotação. **Tanto mais se multiplicava** (12). Devido à miraculosa providência de seu Deus. **Com dureza** (13). Podemos reconhecer quão severas eram as condições daquele trabalho forçado pela declaração de Heródoto (2.158) que Faraó Neco perdeu 120.000 homens (possivelmente uma cifra exagerada) na construção de um canal do mar Vermelho até o Nilo.

>Êx-1.15

Parteiras (15). Provavelmente mulheres hebréias. Quanto a "Sifrá" não há dúvida; "Puá" talvez; mas, quer fossem egípcias ou hebréias sua qualidade é que **temeram a Deus** (17). Respeitaram Sua vontade e Seu propósito para com Seu povo. **Se for filho** (16). Dessa maneira a raça hebraica desapareceria, pois as suas mulheres seriam absorvidas pelas famílias egípcias mediante casamento. **As mulheres hebréias não são como as egípcias** (19). Essa declaração provavelmente era verdadeira-mas não expressa o verdadeiro

motivo por que salvaram os meninos. As Escrituras registram mas nunca recomendam as faltas das pessoas tementes a Deus. (Conf. a mentira de Raabe, #Js 2.4-5). Portanto Deus fez bem... (20). Não porque tivessem enganado Faraó, mas porque tinham temido a Deus e se tinham recusado a obedecer ao decreto sanguinário. A lealdade a Deus vem antes da sujeição ao rei estipulada em #Rm 13. Conf. #1Pe 2.13-17. Estabeleceu-lhes casas (21). Conf. #1Rs 2.24. Deu famílias e descendentes àquelas que tinham preservado em vida as famílias de Seu povo.

Êx-2.1

II. NASCIMENTO, TREINO E CHAMADA DE MOISÉS (Êx 2.1-7.7)

a) Os primeiros oitenta anos de Moisés (Êx 2.1-22)

Note-se a simplicidade e o tom de veracidade neste relato, em contraste com as lendas elaboradas que registram o nascimento dos heróis da mitologia. Um varão... uma filha (1). A omissão de seus nomes não indica que o autor não os conhecesse. Mas trata-se antes de um sinal da modéstia de Moisés. Compare-se isso com as referências de João a si mesmo, em seu evangelho. Filha de Levi (1), isto é, descendente de Levi. Arca de juncos (3). A palavra *tebah*, uma "caixa" ou "baú" (provavelmente um termo egípcio), é usada somente aqui e para designar a arca de Noé. Os "juncos" eram canas de papiro, um material empregado para muitas finalidades no Egito, até mesmo para a construção de grandes barcos. Conf. #Is 18.2. Nos juncos (3). Na vegetação da margem, onde a arca seria menos notada e onde ficaria impedida de flutuar rio abaixo. Sua irmã (4). Miriã é a única irmã de Moisés mencionada nas Escrituras. Ver #Nm 26.59. A julgar pelas suas ações, aqui registradas, ela deve ter tido doze anos ou mais de idade naquela ocasião.

>Êx-2.6

O menino chorava (6). Naturalmente, em tais circunstâncias! Mas o choro do infante foi usado, na providência de Deus, para comover o coração da princesa. Dos meninos dos hebreus é este (6). Crianças egípcias talvez também costumassem ser rejeitadas, mas aquele menino "famoso", tão cuidadosamente aninhado, não podia ser senão um dos meninos dos hebreus. Tomou o menino, e criou-o (9). A mãe de Moisés foi capaz de criar seu próprio filho em sua própria casa, até desmamá-lo, no fim de seu primeiro ano

de vida, ou, talvez, de seu segundo ou terceiro ano (conf. II Mac. 7.27), quando então o trouxe de volta à filha de Faraó, para ser educado no palácio real. Não somos informados se ela continuou em sua companhia ali, mas bem podemos acreditar que ela implantou nele as raízes da fé no verdadeiro Deus, que orientou sua conduta posterior. **O adotou** (10). Ele desfrutou dos privilégios e da educação de um filho adotivo da princesa. Esses privilégios ele mais tarde renunciou (**#Hb 11.24**) mas nunca perdeu os benefícios de sua educação (**#At 7.22**). **Chamou o seu nome Moisés** (10). A palavra hebraica, **Mosheh**, provavelmente é uma forma do termo egípcio **mesu**, que significa criança, filho, substantivo esse derivado de um verbo que quer dizer "produzir", "retirar". Daí a explicação, dada neste versículo, sobre a razão pela qual ela lhe deu esse nome. A palavra hebraica **mashah** também significa "retirar", e o jogo de palavras, portanto, podia aparecer no hebraico, o que não pode aparecer na versão portuguesa.

>Êx-2.11

Sendo Moisés já grande (11). De acordo com Estêvão (**#At 7.23**), tinha "quarenta anos" completos. **Saiu a seus irmãos** (11). Ele não permanecera na ignorância sobre sua verdadeira raça. "Foi este o primeiro sinal daquela poderosa simpatia e terna afeição pelo seu povo que o caracteriza" na narrativa inteira, e que culmina no patético grito: "Perdoa o seu pecado, se não risca-me, peço-te, do teu livro" (**#Êx 32.32**), (Rawlinson). **Feriu ao egípcio** (12). Moisés não tinha justificativa para esse ato, nem pela lei da terra nem aos olhos de Deus. Ele tinha boas intenções, mas mesmo suas melhores intenções eram produto de um espírito ainda não sintonizado à vontade de Deus. Daí a necessidade de mais quarenta anos de disciplina, antes que seu coração e mente estivessem plenamente habilitados para receber a revelação dos propósitos e leis de Deus. **Na areia** (12). Note-se a minúcia de detalhe. Moisés escreveu sobre aquilo que viu. Os homens de Israel atribuíram a Moisés um ofício que ele realmente não demonstrou (14). Não podiam entender seus verdadeiros motivos (**#At 7.25**). Sua precipitada ação do dia anterior fez com que suas ações posteriores ficassem sujeitas a tais errôneas interpretações. **Procurou matar a Moisés** (15). Na execução razoável da justiça. **Midiã** (15). O território aqui referido provavelmente era a porção sudeste da península do Sinai.

>Êx-2.16

Sacerdote de Midiã (16). Ver **#Êx 18.12**. Quanto à relação entre os midianitas e israelitas, ver **#Gn 25.2**. Adoravam ao mesmo Deus verdadeiro. **Reuel** (18) significa "Deus é amigo". Quanto ao nome Jetro ver anotação sobre **#Êx 3.1**. **Um homem egípcio** (19). A julgar por sua aparência e vestuário. **Gérson** (22). Nome derivado de **ger**, "um estrangeiro", e de **sham**, "ali".

>Êx-2.23

b) A chamada de Moisés (Êx 2.23-4.17)

Depois de muitos destes dias (23). Quarenta anos depois de sua fuga do Egito. Ver **#Êx 7.7**. **Suspiraram por causa da servidão** (23). O novo Faraó não tinha aliviado o rigor da opressão. De conformidade com a data mais provável, o Faraó da opressão foi o poderoso Tutmés III, mas alguns pensam que foi Ramsés II. Muitas edificações de ambos os monarcas existem até hoje. **Conheceu-os Deus** (25). Conf. **#Sl 31.1**; **#Os 13.5**. Deus prestou atenção a eles e com simpatia entendeu os sofrimentos e sentimentos de Seu povo. Contrastar com **#Mt 7.23**.

Êx-4.18

c) Moisés retorna ao Egito (Êx 4.18-31)

Meus irmãos (18), isto é, parentes. Essa era uma parte, mas não o total, do propósito de Moisés ao retornar ao Egito. **Vai, volta** (19). Moisés ainda estava se demorando em cumprir a comissão dada por Deus. **A vara de Deus** (20), isto é, seu antigo cajado, ainda que agora dotado do poder divino.

>Êx-4.21

Endurecerei o seu coração (21). É dito que Faraó endureceu o seu próprio coração, ou que seu coração foi endurecido, em **#Êx 7.13** (ver anotação), **#Êx 7.14-22**; **#Êx 8.15,19,32**; **#Êx 9.7,34-35**; e também que Deus endureceu o coração de Faraó, em **#Êx 9.12**; **#Êx 10.1,20,27**; **#Êx 14.4,8**. Essa ação é predita em **#Êx 4.21**; **#Êx 7.3**. Note-se que esse endurecimento é primeiramente atribuído principalmente ao próprio Faraó, e mais diretamente a Deus só mais tarde. Deus não causa positivamente a rebeldia do homem contra Si, mas Ele conformou de tal maneira o coração do homem que, cada vez que ele se recusa a fazer a vontade de Deus torna-se menos responsivo à próxima chamada ou mandamento. A consciência, assim, torna-se menos

sensível, e o coração se vai endurecendo. O homem endurece seu próprio coração, mas na linguagem bíblica, "os acontecimentos, quer físicos ou morais, que são o resultado inevitável do arranjo divino do universo, são referidos como se fossem operação direta de Deus" (Hertz). Em adição a essa significação da frase devemos notar que, tendo Faraó uma vez endurecido seu próprio coração, Deus o feriu diretamente com um endurecimento do qual era-lhe impossível ser renovado para o arrependimento (conf. #Hb 6.4-6), tanto como uma penalidade como a fim de demonstrar sobre ele o Seu poder (#Rm 9.17-18), conforme também ficou demonstrado tanto na queda do Faraó como na libertação do povo de Deus.

>Êx-4.22

Israel é meu filho, meu primogênito (22). Isso não subentende a suposta paternidade universal de Deus, como se as outras nações também fossem Seus filhos, mas significa que Israel foi primeiramente eleita para receber filiação espiritual "para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios" (#Gl 3.14). Ver #Rm 8.14-17.

>Êx-4.24

Numa estalagem (24). Simplesmente um lugar de descanso. E o quis matar (24). Talvez por meio de uma enfermidade. Parece que isso foi um castigo por ele ter negligenciado quanto ao dever de circuncidar seu filho. Antes que Moisés pudesse apresentar os mandamentos de Deus perante Faraó e os israelitas, ele mesmo não podia omitir qualquer deles. Daquela maneira drástica Deus levou Moisés ao ponto da total obediência, a preparação necessária para poder ser ele usado em Seu serviço. Um esposo sanguinário (25). Em heb. *hathan-damim*, lit., "cortado com sangue". Essa expressão era aplicada a um jovem noivo, circuncidado antes do casamento. Estas palavras foram dirigidas a seu filho, denotando o cumprimento do rito do concerto, ou a seu marido, que assim lhe era restaurado como noivo. Qualquer que tenha sido a significação exata, seu ato anulou o divino desprazer. E desviou-se dele (26). Deus poupou Moisés. Foi provavelmente nessa altura que Moisés mandou de volta a Jetro sua esposa e seu filho (ver #Êx 18.2-3). Os sinais (30) eram os milagres dos versículos 3-9.

Êx-5.1

d) A primeira petição a Faraó e seu resultado (Êx 5.1-6.1)

Uma festa (1). Ver 3.18 nota. **Quem é o Senhor?** (2). Uma expressão de desprezo; mas Faraó, à semelhança até de muitos israelitas, talvez ignorasse o nome. **O Deus dos hebreus** (3). Essa descrição tinha mais probabilidade de ser entendida por Faraó. **Por que fazeis cessar o povo...?** (4), isto é, por que os distraís com essa conversa sobre peregrinação? etc. **O povo da terra** (5). Heb., ' **am ha-ares**. Este termo usualmente denota pessoa comum, mas aqui, como também em **#Gn 23.7**, provavelmente significa "o concílio dos anciãos" que tinha vindo com Moisés e Arão. Faraó deixa subentendido que muitos deles não estavam trabalhando. **Palha** (7). Ou para reforçar a massa, ou para impedir que se pegasse nos moldes. **Estão ociosos... não confiem em palavras de mentira** (8,9). Satanás freqüentemente apresenta a adoração a Deus como uma coisa vã, própria somente para aqueles que nada mais construtivo têm a fazer. **Rastolho** (12). No Egito apenas as cabeças das espigas eram cortadas, deixando longas tiras de palha para os israelitas cortarem, carregarem e esmiuçarem, antes de usá-las na fabricação dos tijolos. A palavra também pode incluir todas as outras espécies de refugo do campo.

>Êx-5.19

Estavam defronte deles (20). **Os oficiais** (19) estavam esperando por eles, quando vieram da presença de Faraó, para saber qual o resultado da entrevista. **Tornou Moisés ao Senhor** (22). Como quem constantemente repetia sua comunhão com Deus. **Por que...?** (22). Será que Moisés ter-se-ia esquecido da advertência de **#Êx 3.19**? Contudo, existia agora um outro problema, pois, em lugar de uma negação franca, Faraó havia aumentado as cargas dos israelitas além da tolerância humana. **Agora verás** (**#Êx 6.1**). Quanto maior fosse a violência de Faraó, maior seria a manifestação do poder de Deus em livrar. **Por uma mão poderosa** (1), isto é, compelido pela forte mão de Deus. Ver **#Êx 3.19**.

Êx-6.2

e) As promessas e a comissão renovadas (Êx 6.2-13)

Eu sou o Senhor... (2,3). Contrariamente às afirmações da moderna crítica, Deus não estava aqui anunciando a Moisés um novo nome pelo qual Ele deveria ser chamado. Mas os versículos que seguem demonstram que Deus estava declarando que tinha chegado o tempo d'Ele cumprir a aliança feita com seus pais, e de fazer aquilo que Ele tinha prometido. Portanto, Ele

fortaleceu a fé de Moisés e dos israelitas, reafirmando Seu caráter (ver anotação sobre [#Êx 3.14](#)). Ele é o Deus observador de Suas alianças, e foi nesse aspecto de Seu caráter que Ele agora se revelava especialmente ao Seu povo, cumprindo as promessas do concerto feito com seus pais, pelo que também o nome "Jeová" deveria, dali por diante, ser associado à relação de aliança entre Deus e Seu povo. Seus pais também empregaram este nome, "Jeová", mas o aspecto de Seu caráter que Ele então revelara particularmente a eles foi o aspecto de Seu poder, no que tangia especialmente à multiplicação de sua descendência ([#Gn 17.1-2](#); [#Gn 28.3](#); [#Gn 35.11](#)).

>Êx-6.3

Deus Todo-poderoso (3) não significa um nome de Deus (as palavras "pelo meu nome" não se encontram no original hebraico), mas trata-se de uma frase descritiva, "o Deus que é todo-poderoso". Os israelitas, nos dias de Jeremias e Ezequiel, continuavam conscientes do nome "Jeová", mas [#Jr 16.21](#), "saberão que o meu nome é o Senhor (Jeová)" -uma frase freqüentemente encontrada em Ezequiel -prova que era o caráter de Deus, subentendido por esse nome, que eles não conheciam. Assim, em [#Êx 6.7](#), o significado é que eles viriam a conhecer que Ele era Jeová, Deus deles, não por ouvir anunciado esse nome, mas por experimentar Seus atos de poder e amor. Outra maneira legítima de traduzir o versículo 3, mas que dá uma diferente significação, é, "Permiti-me aparecer a Abraão, a Isaque e a Jacó como El Shaddai, e nem mesmo a eles me permiti ser conhecido pelo meu nome Jeová?" Ver também anotações sobre [#Gn 2.4](#); [#Gn 17.1](#); [#Dt 5.11](#).

>Êx-6.4

Meu concerto (4). Ver anotações sobre [#Gn 6.18](#); [#Gn 15.7-21](#); [#Dt 4.13](#). **Resgatarei** (6). Essa é a primeira instância do uso desta palavra na Bíblia, a qual expressa um dos elementos fundamentais do ato divino da salvação. A redenção de Israel, tirando-o do Egito, figura proeminentemente, nas Escrituras, como um tipo de nossa redenção do pecado. O termo heb. **gaal**, significa "reivindicar" ou "resgatar", especialmente como o parente resgatava a propriedade ou a pessoa de um parente incapaz de fazê-lo. Dessa maneira Deus, o divino Parente, cujos recursos são inexauríveis, resgata Seu povo incapacitado, ao custo do exercício de Seu poder sobrenatural tornando-o Sua própria propriedade peculiar (versículo 7). Conf. [#Is 43.1](#). **Juízos** (6). Os atos de poder eram um julgamento contra o opressor. Ver [#Dt 4.1](#) nota. **Eu vos tomarei por meu povo** (7). Conf. [#Êx 19.5-6](#), etc. Israel foi escolhido para ser

o meio pelo qual Deus trouxe ao mundo a Sua revelação sobre Sua própria Pessoa e sobre Sua salvação. **E serei vosso Deus** (7). Ele tinha uma relação especial para com Israel; todavia não deixou de ser o Deus da terra inteira. **Eu sou o Senhor** (8). A mensagem se encerra com as mesmas palavras com que teve início. É selada em ambas as extremidades com a autoridade do Deus vivo e fiel.

>Êx-6.11

Que deixe sair (11). Uma exigência maior que a primeira. Ver 3.18 nota. **Incircunciso de lábios** (12). Não se trata de qualquer admissão de pecaminosidade, mas uma repetição de sua queixa em **#Êx 4.10**, que ele era pesado de língua. Semelhantemente a "os seus ouvidos estão incircuncisos" (**#Jr 6.10**), que quer dizer alguém que "não pode ouvir". Conf. **#Lv 26.41**.

>Êx-6.14

f) As genealogias de Moisés e Aarão (Êx 6.14-27)

Casas de seus pais (14). Um termo técnico para "clãs" ou "famílias". Rúben e Simeão são incluídos aqui possivelmente para mostrar a posição relativa de Levi na família de Israel, e para mostrar que na dispensação de Deus nem sempre aquele que nasce primeiro é o "primogênito" em lugar de honra e liderança. **Joquebede, sua tia** (20). Esse nome significa "Jeová é minha glória". É mais uma prova do conhecimento do nome Jeová desde antes do tempo de Moisés. Ver 3.14-15 nota. O casamento de um homem com sua tia era algo permitido até ser dada a lei de **#Lv 18.12**. **Corá** (21). Portanto, ele era primo de Moisés. Ver **#Nm 16.11**. Seus filhos não pereceram juntamente com ele, e seus nomes são dados no versículo 24 como cabeças de importantes famílias sacerdotais. **Eliseba** (23). Um nome melhor conhecido em sua forma helenizada: Isabel. **Seus exércitos** (26), isto é, organizados em arranjo ordeiro, por suas tribos, famílias, etc.; não uma multidão desordenada. Não há sugestão aqui a estarem equipados de armas militares.

>Êx-6.28

g) A comissão retomada (Êx 6.28-7.7)

A narrativa dos versículos 2-12, interrompida pelas genealogias, é retomada neste ponto.

Êx-7.8

III. AS PRAGAS, A PÁSCOA E O ÊXODO (Êx 7.8-15.21)

a) A Faraó é dado um sinal (Êx 7.8-13)

Fazei por vós algum milagre (9). Provai vossas reivindicações mediante algum ato sobrenatural. O mesmo com os seus encantamentos (11). Mediante hipnotismo e diversos outros truques, podiam fazer uma cobra ficar rígida como uma vara. Nenhum poder sobrenatural é subentendido aqui.

>Êx-7.14

b) As primeiras nove pragas (Êx 7.14-10.29)

As pragas não apenas provocavam grande aflição física; mas eram um julgamento contra os deuses do Egito. O rio Nilo era um dos principais objetos de adoração; a rã era sagrada como símbolo da fertilidade; dentre o gado, o carneiro, o bode e o boi eram sagrados; o deus-sol, Rá, foi eclipsado e provado como impotente mediante a praga das trevas. "Sobre todos os deuses do Egito, farei juízos: Eu sou o Senhor" (#Êx 12.12).

1. O NILO TRANSFORMADO EM SANGUE (#Êx 7.14-25). Ele sairá às águas (15). Ou para banhar-se ou para atender alguma festa religiosa. O milagre foi anunciado com antecedência (17) a fim de que Faraó pudesse perceber que não se tratava de uma maravilha desconexa, mas uma prova que o Senhor tem o poder de cumprir Seus desígnios e decretos. Tornar-se-ão em sangue (17). Em #Jl 2.31 o sangue é usado em sentido metafórico, mas aqui provavelmente deve ser considerado em sentido literal. O rio ocasionalmente se tornava avermelhado devido à presença de certas matérias vegetais, mas aqui não aconteceu puramente a intensificação de um fenômeno natural; foi um milagre por causa do qual os próprios peixes morreram e a água se tornou nojenta. Os magos... fizeram o mesmo (22). Talvez por meio de truques ilusórios; mas ver 8.18 nota. Água limpa era obtida provavelmente como no versículo 24. Cavaram... para beberem água (24). O versículo 19 indica que toda água derivada do rio Nilo se transformara em sangue. Mas água obtida de outras fontes continuava pura. Sete dias (25). Depois disso Deus permitiu que fluísse água pura do alto rio para limpar o baixo curso do rio.

Êx-11.1

c) Advertência sobre a última praga (Êx 11.1-10)

O Senhor disse (1). Melhor tradução: "O Senhor dissera", pois o verbo está no mais-que-perfeito, registrando uma palavra de Deus a Moisés, antes de sua entrevista com Faraó. Peça (2). Ver 3.22 nota. Moisés era mui grande... aos olhos do povo (3). Em resultado das maravilhas que ele operara, a sua consideração para com o povo, dando-lhes a devida advertência. Moisés escreveu assim sobre si mesmo, não sem modéstia, mas a fim de explicar por que o povo esteve tão pronto a dar suas jóias, etc. Disse mais Moisés (4). A continuação do discurso de Moisés a Faraó. À meia-noite (4). Qual noite, não foi especificado. Todo o primogênito (5). A palavra hebraica significa a descendência masculina. O primogênito dos animais (5). Diversos desses animais eram considerados como objetos de adoração. Nem ainda um cão moverá a sua língua (7). Uma expressão proverbial. Para que as minhas maravilhas se multipliquem (9). Conf. #Êx 7.3. A voluntariedade de Faraó, agora intensificada pelo julgamento de Deus, serviu para atrair o exercício do poder de Deus, a fim de impressionar tanto os egípcios como os israelitas com Sua justiça e Seu poder.

Êx-12.1

d) A instituição da Páscoa (Êx 12.1-28)

O princípio dos meses (2). O Êxodo foi, espiritual e nacionalmente, um acontecimento que marcou época. Conf. #Nm 1.1. Até então o ano judaico tinha começado com o mês de Tisri, perto do equinócio do outono. O mês em que sucedeu a saída, o mês de Abibe, era no equinócio da primavera. Os judeus começavam agora seu ano civil no mês de Tisri, mas seu ano sagrado começava no mês de Abibe. Um cordeiro (3). Essa palavra pode significar igualmente bem tanto um cordeiro como um cabrito (ver versículo 5), mas parece que eram quase universalmente empregados cordeiros. As casas dos pais (3), isto é, a família. O primeiro e básico festival de Israel foi um festival em família. A pureza da vida familiar é o fundamento tanto da prosperidade espiritual como da prosperidade nacional. Pequena (4). Dez homens, além das mulheres e crianças, eram considerados o mínimo para consumir um cordeiro. Sem mácula (5). Conf. #1Pe 1.19; #Hb 7.26; #Hb 9.14. Não apenas todas as ofertas a Deus devem ser tiradas do melhor, mas aquele cordeiro também deveria tipificar o imaculado Cordeiro de Deus. De um ano (5), isto é, não

mais que um ano de idade, a idade da inocência. **Guardareis** (6). Para permitir perfeita inspeção. Os negócios pertencentes a Deus nunca devem ser feitos às carreiras. **À tarde** (6). Lit., "entre as tardes". Isso significa ou "entre o pôr do sol e o fim do crepúsculo" ou então "entre o arrefecer do dia, cerca das 15 horas, e o pôr do sol". De qualquer maneira, de acordo com Josefo, o cordeiro era morto entre as horas nona e décima primeira, ou seja, entre as 15 e as 17 horas. Note-se que foi na hora nona (15 horas) que Jesus clamou com alta voz e entregou o espírito (**#Mt 27.45-50**).

>Êx-12.7

Tomarão do sangue... (7). A explicação dos detalhados requerimentos, nos versículos 7-10, só pode ser visto se percebermos neles um tipo sobre Cristo. Somente pelo sangue é que há livramento da destruição; o cordeiro era assado no fogo para simbolizar o fogo da ira de Deus que foi tolerado pelo Salvador; aqueles que se alimentam d'Ele devem pôr de lado o fermento da malícia e da maldade (**#1Co 5.8**), e devem comê-Lo com as ervas amargas do arrependimento; tudo deveria ser consumido: se é fisicamente impossível fazer isso comendo-o, então pode ser feito pelo fogo, visto que a oferta de Cristo foi completa e Ele deve ser recebido em Sua inteireza.

>Êx-12.11

Assim pois o comereis (11). Isso se aplica somente à Páscoa realizada no Egito, e não às celebrações subseqüentes; todavia, os redimidos sempre devem ser como aqueles que não têm habitação permanente neste mundo. Ver **#Lv 23.4-5**; **#Nm 28.16-25** quanto às celebrações da Páscoa no deserto: e ver **#Dt 16.1-8**, que reafirma as regras, em vista de sua observância na terra prometida. **Os vossos lombos cingidos** (11). Amarrando de encontro ao corpo suas longas vestimentas soltas. **Apressadamente** (11). Como prontos para atender a qualquer momento a chamada para a partida. **É a páscoa do Senhor** (11). A palavra "páscoa", referindo-se usualmente ao ritual inteiro, é aqui aplicada somente para o cordeiro pascal, tal como em **#1Co 5.7**. "Páscoa" se deriva do verbo **pasah**, "passar por cima", incluindo a idéia de "poupar e proteger". Ver versículo 13. **Todos os deuses do Egito** (12). Cada deus egípcio era representado por algum animal, e estaria impotente para proteger seu próprio representante. **Eu sou o Senhor** (12). Conf. **#Êx 6.2,6,8,29**, etc. **Vos será** (13). Em vosso interesse. **Por sinal** (13). O sangue, nas vergas e ombreiras das portas, seria uma evidência, para Deus, que o sacrifício tinha sido efetuado, e que os moradores exerciam fé em Suas promessas. Aos tais Ele libertaria.

Memória... por estatuto perpétuo (14). Da mesma maneira que a Ceia do Senhor é um memorial que deve ser observado perpetuamente, "até que Ele venha".

>Êx-12.15

As instruções dos versículos 15-20 se referem não à ocasião imediata, mas às futuras observações dessa festividade. **Fermento** (15). Usualmente um símbolo de corrupção e pecado, mas nem sempre. Ver **#Mt 13.33**; também versículo 34 nota. **#Lv 2.11** nota. **Cortada** (15). Não morta, mas banida da congregação de Israel. Ver **#Gn 17.14** e nota. **Ao primeiro dia... santa convocação** (16). Esse primeiro dos sete dias era o dia seguinte ao do abatimento do cordeiro pascal, isto é, o dia 15 de Abibe. O termo "convocação" provavelmente se deriva do fato do povo ser convocado juntamente para reunir-se no tabernáculo, talvez por meio das trombetas de **#Nm 10.2**. **Nenhuma obra se fará** (16), isto é, nenhum trabalho servil. Conf. **#Lv 23.7**. **Estrangeiro** (19). Em heb. **ger**. Os estrangeiros que aceitassem o rito da circuncisão e a lei do Senhor eram incluídos na congregação e considerados como israelitas. Ver **#Dt 1.16** nota. **Natural da terra** (19). Israelita por descendência natural.

>Êx-12.21

Tomai (21), isto é, dentre o rebanho. **Um molho de hissopo** (22). O formato dessa planta tornava-a particularmente apropriada para aspergir o sangue da expiação, e, devido o seu freqüente uso para esse propósito, veio a tornar-se um símbolo de purificação espiritual. Conf. **#Sl 51.7**. **Nenhum de vós saia** (22). Somente debaixo da cobertura de sangue é que há proteção. **O Senhor passará aquela porta** (23). Conf. versículo 13. **Destruidor** (13). O anjo destruidor (**#2Sm 24.16**), chamado de "praga" no versículo 13. **Isto** (24). O sacrifício do cordeiro (17,27), e não a aspersão do sangue nas vergas e ombreiras das portas, que se aplicou somente a esta ocasião. **Como tem dito** (25). Ver **#Gn 12.7**, etc. **Quando vossos filhos...** (26). A educação espiritual no lar é o fundamento do caminho de Deus para a vida do homem. A observância do rito provia oportunidade dos pais recontarem a história dos poderosos atos e promessas de Deus. Semelhantemente, as duas ordenanças cristãs fornecem ocasião para nos lembrarmos, na mente e no coração, da obra e das palavras do Senhor Jesus Cristo.

>Êx-12.29

e) A décima praga e a partida para fora do Egito (Êx 12.29-51)

De noite (31). Tão grande era a aflição dos egípcios que Faraó fez um apelo imediato a Moisés. Provavelmente Moisés em realidade não se apresentou a Faraó. Ver **#Êx 10.29. O primogênito de Faraó** (29). A praga culminante cumpriu a primeira advertência de Deus a Faraó (**#Êx 4.23. Abençoai-me também** (32). Para evitar maiores calamidades. Note-se a extrema humilhação de Faraó, ainda que sem contrição de coração. Ver **#Êx 14.5. Sua massa, antes que levedasse** (34). Naquela ocasião o pão ainda não estava levedado, devido à pressa. Conf. versículos 11,39. O pão asmo, nas celebrações subseqüentes, servia de lembrete sobre isso e também incluía a noção de liberdade da corrupção. Ver versículo 15 nota. **Pediram** (35). Ver 3.22 nota. **Emprestavam-lhes** (36). Melhor ainda, "deixavam-nos ter". **Ramesses** (37). Ver **#Êx 1.11** e segs. **Cousa de seiscentos mil de pé** (37). Uma cifra arredondada, representando os 603.550 de **#Nm 1.46. Varões, sem contar os meninos** (37). Uma anotação para indicar que apenas os adultos masculinos foram incluídos naquela cifra. Fica subentendido, naturalmente, que as mulheres não foram contadas. **Uma mistura de gente** (38). Ver **#Nm 11.4**. Vários estrangeiros, não incluídos na "congregação de Israel", também saíram com os israelitas; contrastar com versículo 19. **Grande multidão de gado** (38). Nem todos os israelitas tinham sido obrigados a prestar trabalho escravo.

>Êx-12.40

Quatrocentos e trinta anos (40). Isso corresponde à cifra arredondada de 400 anos, em **#Gn 15.13-14**. É natural ler as palavras, aqui e no livro de Gênesis, como a referir-se à duração do tempo de permanência no Egito; porém, a Septuaginta, Paulo (**#Gl 3.17**), e a tradição rabínica contam os 430 anos a partir do tempo da promessa feita a Abraão, e, nesse caso, devemos entender a palavra "habitaram" (peregrinaram) como incluindo também o período anterior de peregrinação na terra de Canaã. **Nenhum filho do estrangeiro** (43). Não o **ger** do versículo 19, mas o estrangeiro não circuncidado, tais como o da "mistura de gente" (38,45). Conf. **#Cl 2.11**. Mas todos, quer servos ou vizinhos, que estivessem dispostos a aceitar o Deus de Israel como seu próprio Deus, seriam bem recebidos e convidados para a festa da páscoa (44,48-49). **Nem dela quebrareis osso** (46). Ver **#Jo 19.33-36**. Nada pode destruir o caráter completo de Cristo e daqueles que, n'Ele, são um com o Pai. **Uma mesma lei...** (49). O povo de Israel era o povo escolhido de Deus e também os mediadores de Sua salvação para com o mundo, mas Ele nunca tencionou que fossem uma

raça exclusiva. #Is 56.3-8 mostra quão aberta estava a porta para os outros, mesmo sob a antiga aliança.

Êx-13.1

f) Santificação e redenção dos primogênitos (Êx 13.1-16)

Santifica-me todo o primogênito (2). "Separa como sagrados". É razoável que a vida que Deus tinha poupado fosse devotada a Ele (#Rm 12.1). Assim como a celebração anual da Páscoa relembra a nação a respeito de sua grande redenção, igualmente a dedicação dos primogênitos conservava fresca a memória disso em cada lar. **Lembrai-vos deste mesmo dia** (3). A santificação dos primogênitos foi associada ao dia do livramento; por conseguinte, Moisés prefaciou suas instruções referentes aos primogênitos com uma renovada exortação concernente a observância da Páscoa, o memorial daquele dia. Ver #Dt 5.15 nota. **Quando o Senhor te houver metido na terra** (5). Conf. #Dt 6.3-15. A prosperidade tende a fazer com que o homem se esqueça das misericórdias passadas; daí a necessidade desses vívidos memoriais.

>Êx-13.9

Sinal sobre tua mão (9). "Tephillin" ou "filactérias" eram usados pelos homens judeus, quando empenhados em oração. Pergaminhos, sobre os quais eram escritas três passagens da lei (#Êx 13.1-10; #Dt 6.4-9; #Dt 11.13-21) eram dobrados metidos em caixinhas que eram seguras ao pulso esquerdo e à testa por meio de fitas. Conf. #Mt 23.5. Dessa maneira contavam com um perpétuo lembrete sobre as lições do êxodo. **Este estatuto** (10), isto é, a páscoa. **Jumenta** (13). Sendo um animal impuro, não podia ser sacrificada, e, portanto, tinha de ser redimido, isto é, seu lugar era ocupado por um substituto. **Cortar-lhe-ás a cabeça** (13). Ninguém podia escapar da lei. Se o dono do animal não estivesse disposto a sacrificar um cordeiro, o jumento estava condenado; se não fosse devotado a Deus, então era destruí-lo. Na prática essa era uma salvaguarda eficaz da lei, visto que um jumento era muito mais valioso, comercialmente falando, que um cordeiro. **Teus filhos resgatarás** (13). Não com um cordeiro, mas mediante dinheiro (#Nm 3.46-47). Nenhuma sugestão de sacrifício infantil jamais mancha as páginas da lei. **Será por sinal** (16). Ver versículo 9 nota.

>Êx-13.17

g) A travessia do mar Vermelho (Êx 13.17-14.31)

Pelo caminho... dos filisteus (17). A rota direta, ao longo da costa, que teria demorado uma quinzena. **Armados** (18), isto é, provavelmente não, equipados com armaduras ou armas de guerra, mas sim, "organizados". **Numa coluna de nuvem** (21). Como sinal e orientação para a marcha do povo, mas também como sinal visível da presença de Deus. Eles marchariam parte da noite e também parte do dia, descansando nas horas mais quentes.

Êx-15.1

h) O Cântico de Moisés (Êx 15.1-21)

As palavras, ao Senhor (1), ferem a nota chave desse cântico. Nos versículos 1-12 Moisés atribui ao Senhor a glória exibida na vitória acabada de conquistar; nos versículos 13-18 ele profetiza a vindicação da soberania do Senhor, introduzindo Seu povo na herança que Ele lhes prepara. **O Senhor** (2) é a fonte de seu poder, o tema de seu cântico, o autor de sua libertação e preservação; conseqüentemente, Ele é o objeto de sua adoração e de seu louvor; o mesmo Deus, tanto para ele como para seus antepassados.

>Êx-15.2

Portanto lhe farei uma habitação (2). Melhor ainda: "Portanto, louvá-lo-ei". **O Senhor é varão de guerra** (3). A vivacidade poética dessa descrição não nos deveria deixar cautelosos quanto à verdade desse fato, tão evidentemente provado pelos acontecimentos do capítulo anterior, e pelas visões do último livro da Bíblia (**#Ap 19.11**). **Tua destra** (6). Nesta altura o cantor se volta e dirige o cântico diretamente para Deus. Nenhuma expressão abstrata seria mais apta que esta frase antropomórfica para descrever o poder ativo de Deus. Ela é freqüentemente usada nas Escrituras, tanto neste sentido como também como a sede da autoridade divina.

>Êx-15.8

Os abismos coalharam-se (8). Não sólidos como gelo, mas em formação vertical contrária à natureza. **Entre os deuses** (11). A superioridade de Deus sobre aqueles que não são deuses, e que Ele acabara de derrotar, é declarada de três maneiras: o imaculado brilho de Sua santidade, a reverência que Ele

inspira naqueles que O adoram e louvam, e a maravilha de Seus atos miraculosos. Ver #Dt 6.14 nota; 32.21 nota.

>Êx-15.13

O versículo 13 marca a transição para a passagem profética. A força do tempo verbal, no hebraico, neste versículo, é presente, e os verbos seriam melhor traduzidos como: "guias" e "levas". **À habitação de tua santidade** (13) pode referir-se ao monte Sinai, a Canaã ou ao monte Sião. **Os povos** (14), ao redor, conforme exemplificados no versículo 15. Ouvindo falar na miraculosa derrota dos egípcios, temeriam a vinda dos israelitas. Exemplo disso #Js 2.9-11.

>Êx-15.16

Adquiriste (16). O heb. tem a idéia de tempo presente neste verbo. O sacrifício da páscoa é um sinal que o livramento de Seu povo não foi feito sem custo para Deus. O êxodo foi um ato de redenção, e prefigurou o custo, para o Pai de redimir a humanidade por intermédio do Seu Filho. **No monte da tua herança** (17). Provavelmente se refere à terra prometida de Canaã, em sua totalidade, pois, na intenção de Deus, já se tratava de um país montanhoso na posse de Israel, tal como, em Seu irresistível propósito, o Seu santuário foi com efeito estabelecido no monte Moriá. **O Senhor reinará** (18). A vitória sobre o Egito, que forma o tema do cântico, servia apenas de exemplo quanto ao reino eterno de Deus.

O cântico termina no versículo 18. O versículo 19 é um sumário dos acontecimentos que ocasionaram o cântico. **Miriã, a profetisa** (20). Miriã foi a primeira das mulheres, referidas nas Escrituras, a exercer um ministério especial. Conf. #Jz 4.4; #Lc 2.36, etc. **Danças** (20). Danças solenes como expressão de adoração, embora apropriadas para os tempos de Moisés e dos salmistas, são capazes de abusos, e nunca encontraram um lugar geralmente aceito na adoração da Igreja Cristã. Miriã **lhes respondia** (21). O coro, usando um estribilho, empregava as palavras iniciais do cântico de Moisés (1).

>Êx-15.22

IV. A VIAGEM ATÉ HOREBE Êx 15.22-18.27

a) Mará e Elim (Êx 15.22-27)

Deserto de Sur (22). A parte norte de uma tira de região estéril, ao longo do golfo de Suez. A parte sul é o deserto de Sim. **Mara** (23). A palavra heb. significa "amargor". A água tornou-se potável por meio de um milagre divino, no qual Deus lançou mão de um elemento natural, tal como em muitos dos milagres do Antigo e do Novo Testamento. **Ali os provou** (25). A falta de água potável era um teste para sua confiança em Deus de que Ele supriria as necessidades materiais. Isso, por sua vez, tornou-se a base dos **estatutos** (25) que dizem que a obediência confiante à vontade de Deus é a condição básica para o suprimento de saúde física e espiritual. O paciente precisa obedecer a seu médico, caso queira ficar curado.

Êx-16.1

b) A provisão do maná (Êx 16.1-36)

Panelas da carne (3). Seu alimento, no Egito, provavelmente não tinha sido tão abundante como diziam, mas o espírito de murmuração ampliava a comparação entre o presente e o passado suprimidos, e obliterava a memória dos labores da escravidão. **A porção para cada dia** (4). Melhor: "A porção diária para cada dia". **Para que eu veja se anda em minha lei ou não** (4). Os meios sobrenaturais pelos quais era providenciado o alimento, bem como os preceitos ligados ao mesmo, serviam de teste para verificar se confiariam no poder e obedeceriam à lei de um Deus invisível. **Sabereis** (6). O Senhor haveria de mostrar que foi Ele (6) e não Moisés e Aarão (3) que os tinha tirado do Egito, dando-lhes carne naquela tarde, miraculosamente (8; conf. 12-13), e maná pela manhã. Portanto, visto que a resposta de suas murmurações viria da parte de Deus, o povo ficaria convencido que suas queixas contra Moisés em realidade eram feitas contra o Senhor, que era o único responsável pela situação em que então se encontravam (#Êx 7.8). **A glória** (7). Não é a mesma glória referida no versículo 10, mas antes, a revelação de Deus vista na doação do maná: ver #Jo 6.32. **Na nuvem** (10), isto é, a coluna de nuvem, que era o sinal visível da presença do Senhor, da qual agora brilhava alguma espécie de luz divina.

>Êx-16.13

Codornizes (13). Estariam migrando em travessia do mar Vermelho em grandes números, naquela época do ano, e, exaustas pelo longo vôo, podiam ser facilmente apanhadas quando passavam perto da superfície. Nesse caso, o

milagre consistiu não tanto da aparição das codornizes em tão grande número, mas sim, em sua vinda exatamente no tempo predito por Deus. **Que é isto?** (15). Em heb. **man hu**. Uma tradução possível. Mas melhor seria "É um presente", ou "**É man**", aplicando o nome, àquela substância desconhecida, de algo que já conheciam no Egito. Todas as circunstâncias da doação e do uso do maná demonstram que se tratava de uma substância sem igual, completamente diferente de qualquer produto natural, provida pelo Criador para um propósito especial e numa ocasião especial. **Medindo-o com o gômer** (18). Recolheram o maná segundo estimativas gerais, mas, ao medi-lo em casa, descobriam que, por meio de um milagre, perfazia exatamente um gômer por pessoa, ou seja, cerca de três litros. A natureza miraculosa do maná também é vista no fato que, se guardado para o segundo dia; bichava (20), mas isso nunca acontecia em dia de sábado (24). Isso servia para ensinar completa dependência de Deus, para o suprimento de cada dia, bem como para ensinar obediência à Sua lei relativa ao sábado. O sábado já era uma instituição, pelo que, quando os dez mandamentos foram transmitidos, o sábado não foi proposto como se fosse uma nova lei.

>Êx-16.1

Embora escritos por Moisés, os versículos 32-33 se referem a um tempo posterior, quando o tabernáculo já tinha sido erigido, e quando o vaso de maná foi posto, juntamente com as tábuas da lei (ou testemunho, ver **#Êx 25.22**; **#Êx 31.18**) na arca. Moisés escreve sobre a continuação do suprimento de maná até os israelitas chegarem às fronteiras de Canaã, onde então Moisés faleceu. O maná não cessou senão quando atravessaram o Jordão (**#Js 5.10-12**). **Um gômer** (36). Uma palavra que não é usada fora deste capítulo. Esta anotação, por conseguinte, foi escrita ou por Moisés ou por um escriba, a fim de explicar sua significação a uma geração posterior, para a qual tal palavra não estava então em uso.

Êx-17.1

c) A rebelião em Refidim e a batalha com Amaleque (Êx 17.1-16)

Suas jornadas (1). Ver **#Nm 33.12-14**. **Dá-nos água** (2). Não esperavam poder receber água, pelo que tais palavras foram ditas num espírito de ira e incredulidade. **Tentais ao Senhor?** (2). Melhor ainda: "experimentais ao Senhor?" Em português moderno tentar significa "incitar ao mal". A palavra aqui tem o sentido de "testar", isto é, provar se realmente Ele faria conforme

tinha dito que faria (ver versículo 7). Aqui fica subentendida a incredulidade, mas não em **#Gn 22.1. Toma contigo alguns dos anciãos** (5). Como representantes do povo, para que testemunhassem o milagre divino (6) e transmitissem a lição aprendida ao povo. **Estarei ali diante de ti** (6). "Estarei presente com minha onipotência" (Dillmann). **A rocha em Horebe** (6). Já conhecida por Moisés (ver 3.1). **Massá... Meribá** (7). Esses nomes, que significam "a tentação" e "a contenda", tal como muitos outros termos descritivos, pertencem mais ao acontecimento que ao lugar onde ocorreu o acontecimento. Portanto, se o acontecimento se repetiu, assim pode repetir o nome descritivo. Assim, houve mais de uma "contenda", pelo que também Meribá foi aplicado a mais de um lugar e ocasião. Ver **#Nm 20.13** e conf. **#Nm 14.45; #Nm 21.3; #Dt 1.44.**

>Êx-17.8

Então veio Amaleque (8). Provavelmente como castigo divino por causa de suas murmurações. Os amalequitas eram um ramo da raça edomita, descendentes de Esaú (**#Gn 36.12,16**), uma tribo nômade que vivia principalmente no deserto ao sudoeste da Palestina, e que se mostrava especialmente hostil contra Israel. Eles atacaram primeiramente os fracos, que iam na retaguarda da multidão (**#Dt 25.17-18**). **Josué** (9). Seu nome original era Oséias (salvação), mas foi chamado de Jehoshua (Jeová é salvação) por Moisés (**#Nm 13.16**). **Escolhe-nos homens** (9). Soldados selecionados combateriam melhor que uma multidão desajeitada. **Hur** (10). Descendente de Judá por meio de Perez e Hesrom; e avô do habilidoso Bezaleel (**#1Cr 2.19-20**). Ele compartilhou da liderança com Aarão, quando Moisés subiu ao Sinai (**#Êx 24.14**). **Quando Moisés levantava a sua mão...** (11). Esta passagem não ensina necessariamente que os combatentes pudessem ver as mãos de Moisés, ou que a bênção de Deus sobre eles variava com a posição física de suas mãos; mas, visto que as mãos elevadas eram símbolo do coração elevado em oração intercessória, serviram para ensinar o valor da oração e da inteira dependência de um homem de Deus exclusivamente. **Sustentaram as suas mãos** (12). Sustentando seu corpo também fortaleciam sua mente e espírito para o exercício da oração.

>Êx-17.14

Num livro (14). Talvez devêssemos ler "em o livro". Parece que os cinco livros de Moisés já tinham começado a ser preparados. Ver **#Dt 17.18** nota e conf. **#Êx 24.4-7; #Êx 34.27**. A severa condenação de Amaleque (ver **#Dt**

25.19; #1Sm 15.3; #1Cr 4.43) foi um julgamento por se terem recusado a reconhecer que o Senhor é que era o Deus que operava maravilhas a favor de Israel, e que O tinham provocado mediante seu ataque temerário contra a débil retaguarda de Seu povo (#Dt 25.18) e por causa das abominações que compartilhavam com os cananeus. **O Senhor é minha bandeira** (15). Em heb., "Jeová-Nissi". Provavelmente não é feita referência à "vara de Deus" como se fosse uma bandeira na mão de Moisés. O próprio Senhor, na qualidade de seu capitão e libertador, era a bandeira deles. **Porquanto jurou o Senhor** (16). Em heb. "Uma mão está levantada sobre o trono de JÁ", isto é, porque Amaleque levantou sua mão contra o Senhor, Ele combateria contra ele.

Êx-18.1

d) A visita de Jetro (Êx 18.1-27)

Ora Jetro... ouviu (1). Após o incidente registrado em #Êx 4.24-26 precisamos supor que Moisés mandou buscar sua esposa e seus dois filhos da companhia de seu sogro, Jetro. Impressionado pelo grande livramento que Deus operara por meio de Moisés, Jetro agora veio ao seu encontro, no deserto, trazendo consigo a esposa de Moisés e os dois filhos deste (2-3). Eliézer provavelmente era o menino a quem Zípora circuncidara com a pedra aguda (#Êx 4.25). Se isso foi assim, o livramento referido no versículo 4 provavelmente foi o de #Êx 2.15. **Ao monte de Deus** (5). Horebe, ou Sinai, ficava próximo de Refidim, onde Moisés fez sair água da rocha (#Êx 17.6). Ver #Êx 9.2. **Inclinou-se** (7). Conf. #Gn 23.7-12. Era a etiqueta usual, mas o fato que Moisés foi quem se inclinou, sem dúvida é um sinal da humildade daquele líder de uma nação. **O Senhor é maior que todos os deuses** (11). Jetro, o midianita, embora descendente de Abraão (#Gn 25.1-4), ainda não era monoteísta. Sua declaração aqui talvez signifique que ele agora reconhecia Jeová como o único verdadeiro Deus, ou possivelmente que ele meramente O via como o maior dentre os outros deuses. **Tomou Jetro... holocausto** (12). Seu ofício sacerdotal talvez fosse devido à sua posição como chefe de uma tribo. Moisés, Aarão e os anciãos se juntaram a Jetro na refeição do sacrifício.

>Êx-18.13

Moisés assentou-se para julgar (13). Entre as tribos semitas nômades, o líder era também o legislador e o árbitro das disputas. Conf. #1Sm 7.15-17. Ver #Dt 1.16 nota. **Por que te assentas só...?** (14). Moisés apresentou a Jetro duas boas razões por que ele resolvia sozinho todos os casos. Primeira, o povo requeria

decisão que pudessem confiar ser a resposta do próprio Deus. Segunda, além de resolver a disputa imediata, ele podia usar o caso como base para transmitir princípios morais, **estatutos** (ver #Dt 4.1 nota), bem como **leis** específicas que diziam respeito a circunstâncias especiais. **Totalmente desfalecerás** (18). Não apenas aquilo era demais para as forças de Moisés, mas o povo ficava insatisfeito por não receberem toda a atenção de que necessitavam. **Ouve agora...** (19). Jetro oferece sua solução para o problema. Em primeiro lugar, Moisés devia continuar a agir claramente como representante de Deus para com o povo, ensinando-os os princípios dados por Deus, pelos quais os muitos casos detalhados poderiam ficar decididos, e levando todos os casos especialmente difíceis diretamente a Deus (conf. #Nm 9.6-8). Porém o trabalho poderia ser aliviado se fossem nomeados oficiais legais que ouvissem separadamente as disputas, segundo o grau de gravidade dos casos. **Homens capazes** (21). A qualificação para os sub-juízes é que eles deveriam preocupar-se exclusivamente com a aprovação de Deus, e não do homem (conf. #Êx 1.17), que fossem cãndidos em seus vereditos, e que não se encurvassem aos subornos. **Se... Deus to mandar** (23). Jetro submete seu próprio conselho à aprovação final da orientação de Deus. Não somente aquele plano aliviaria Moisés, mas o povo retornaria satisfeito para suas tendas, sempre que tivessem trazido algum caso perante os oficiais locais. **Cem... cinqüenta... dez** (25). Essa enumeração militar correspondia com sua condição nômade. Conf. #Dt 16.18.

Êx-19.1

V. A ENTREGA DA LEI, NO SINAI (Êx 19.1-24.18)

a) Preparação para a recepção da lei do concerto (Êx 19.1-25)

Moisés lembrou a promessa de #Êx 3.12 e, sob orientação de Deus, levou o povo ao monte (2), no qual ele mesmo subiu (3) na expectativa de receber uma revelação especial. **Deserto de Sinai** (1) é a vasta região defronte do monte. O Sinai tem sido identificado como o Jebel Musa. **Do monte** (3). Provavelmente do meio da coluna de nuvem, que então descansava sobre o monte; conf. versículo 9. **Sobre asas de águias** (4). Ver #Dt 32.11-12. Uma frase que expressa o terno cuidado de Deus por Seu povo, livrando-o de seus inimigos. **Vos trouxe a mim** (4). Para longe da influência pervertedora do Egito e para o conhecimento e a adoração do verdadeiro Deus.

>Êx-19.5

Minha propriedade peculiar (5). Em heb., segullah, que é traduzida em **#1Cr 29.3** como "o ouro e a prata particular", aquilo que alguém tornou sua propriedade especial por meio de compra ou de outro esforço. Ver **#Dt 7.6** nota. Essa tornou-se uma freqüente designação de Israel, e então também da Igreja Cristã. Conf. **#Tt 2.14**; **#1Pe 2.9**. Dando a Israel um lugar especial, em Seus propósitos, por causa disso Deus não rejeitou o resto de todos os outros povos, pois tudo é possessão Sua. **Um reino sacerdotal** (6). Mediante **#1Pe 2.9** e **#Ap 1.6** compreendemos que pelo termo "reino" ficou entendido que cada pessoa em Israel deveria ser dotada de prerrogativas reais, sob um Soberano, o Senhor. Cada qual tinha igual privilégio de acesso a Deus, como sacerdotes, mas isso não evitava a nomeação de sacerdotes oficiais para os deveres do tabernáculo. Pela palavra "sacerdotal" talvez também ficasse subentendido que Israel devia agir como mediadora para conduzir as outras nações a Deus. **Povo santo** (6), isto é, separado das outras nações pelo fato de estar devotado ao Senhor, que é santo. Conf. **#Lv 11.44**; **#1Pe 1.16**.

>Êx-19.7

Expôs diante deles... (7). Pelo lado humano, o concerto entre o Senhor e Israel estava baseado no consentimento voluntário do povo inteiro. Não lhes foi imposto. **Para que o povo ouça** (9). O próprio povo deveria tanto ver a manifestação da presença de Deus, na nuvem, como ouvir a Sua voz, a fim de que recebesse uma impressão duradoura e direta sobre a majestade do Senhor, e também a fim de que a lei que Moisés estava prestes a transmitir viesse como resultado de uma comunicação imediata da parte do próprio Deus.

>Êx-19.10

Santifica-os (10). A infinita santidade de Deus também deveria impressionar o povo mediante duas coisas. Primeira, a própria santificação deles: as ordenanças exteriores de lavagem de seus corpos e de suas vestes, e a abstinência de contacto sexual (conf. **#1Co 7.5**), simbolizavam a santidade interior sem a qual nenhum homem pode ver a Deus. Segunda, havia a cerca que os impediria, mesmo santificados, de tocarem no monte enquanto ele servisse de "santo dos santos", ou seja, o local da presença imediata de Deus (12). **Diante dos olhos de todo o povo** (11). Contudo, tudo quanto podiam suportar ver era a nuvem espessa que circundava a inaproximável glória de Deus (9). **Tocará nele** (13). "Nele", aqui, se refere ao homem ou animal que ultrapassasse o limite. Pondo as mãos sobre o tal, teriam de tocar na

montanha. Portanto, o homem ou animal deveriam ser mortos à distância, com pedras ou flechas. **A buzina** (13). Esse era o sinal para Moisés e Aarão subirem ao monte (24). Uma chamada por meio de trombeta é o prelúdio normal de uma proclamação especial, particularmente de uma proclamação real. Aquele somido particularmente terrível de buzina (16,19), acompanhado como foi por fenômenos sobrenaturais espantosos, anunciou uma manifestação divina, igualada em seu aspecto de efeito cataclísmico somente pela aparição do Senhor, no último dia. Conf. **#1Ts 4.16; #1Co 15.52. Todo o monte de Sinai fumegava** (18). Não se tratava meramente de nuvens com aparência de fumaça, mas da fumaça do fogo com o qual toda a montanha queimava. Ver **#Dt 4.12** nota.

>Êx-19.21

Desce... (21). O Senhor, tendo chamado Moisés até o alto da montanha, mandou-o novamente descer, para repetir de modo ainda mais enfático a advertência para que ninguém ultrapassasse as barreiras que tinham sido erigidas, a fim de olhar mais de perto o monte. Moisés disse que a repetição dessa ordem era desnecessária (23), mas Deus conhecia a intenção do povo, especialmente dos sacerdotes, que tinham a tendência de julgar-se mais santos que o resto; e Moisés obedeceu (25). **Os sacerdotes** (22). O sacerdócio levítico ainda não tinha sido instituído, mas certos indivíduos, provavelmente os primogênitos, tinham sido nomeados para os deveres sacerdotais; ver **#Êx 24.5**.

Êx-20.1

b) Os Dez Mandamentos (Êx 20.1-17)

Os quatro primeiros incluíam os deveres do homem para com Deus, e os demais seis diziam respeito aos seus deveres para com seus semelhantes. Os dez mandamentos são repetidos, em forma um tanto diferente, em **#Dt 5**, e as anotações a respeito devem ser comparadas com as que estão abaixo. Tem sido feita a conjectura que "as palavras" (**#Êx 34.28**), conforme originalmente anunciadas e escritas nas tábuas de pedra, consistiam cada qual de uma sentença, como, por exemplo, "Honra a teu pai e a tua mãe", "Não cobiçarás". Se assim foi, as formas expandidas representariam então o comentário inspirado de Moisés, ao declará-las ele ao povo, nas duas ocasiões (ver **#Êx 19.9; #Dt 5.5**). A tradução "mandamentos" para aquilo que as Escrituras chamam de "dez palavras" impõe uma tonalidade por demais severa a elas.

Foram dadas para que o povo cresse (#Êx 19.9), andasse nelas e por meio delas fosse abençoado (#Dt 4.40, 5.1 nota).

>Êx-20.2

Eu sou o Senhor teu Deus (2). Os expositores judaicos consideram que esse foi o primeiro dos dez mandamentos, "para acreditar na existência de Deus" (Hertz), mas ainda é melhor considerar essas palavras como uma declaração de autoridade sobre a qual repousam todos os dez mandamentos. A soberania de Deus sobre Seu povo é a sanção para Sua exigência de que obedecessem aos mandamentos que seguem. Ele aparece aqui como um Deus pessoal que já tinha estabelecido uma relação íntima com Seu povo, livrando-o do Egito.

>Êx-20.3

1. O SENHOR É SEM IGUAL (#Êx 20.3). Seu povo, por conseguinte, não deveria adicionar a adoração a deuses falsos à sua adoração ao Senhor, conforme tentaram fazer mais tarde, quando, por exemplo, introduziram o culto de Baal como adição. A unidade de Deus requer devoção total.

>Êx-20.4

2. O SENHOR É ESPÍRITO (#Êx 20.4-6). Conf. #Jo 4.24. Ele não pode ser adorado sob a forma de qualquer representação material, quer fosse produto da arte plástica, quer da pictórica. Tais coisas não apenas desviam a mente do conhecimento da espiritualidade pura de Deus, mas inevitavelmente são transformadas em objetos de veneração, e também provocam o aparecimento de muitas práticas sensuais. O mandamento do versículo 4 não proíbe qualquer escultura ou pintura. Conf. a serpente de metal, em #Nm 21.8. **Deus zeloso** (5). Isso significa que somente Ele tem o direito de ser amado pelo Seu povo. Por causa deles mesmos, e para que santificassem e reverenciassem Seu nome, é que eles deviam fugir de toda idolatria. O zelo de Deus preserva a pureza da adoração de Seu povo. **Visito a maldade...** (5). Mediante #Dt 24.16 (ver anotação) fica claro que Deus não pune os filhos por causa das ofensas de seus pais, mas se os filhos cometerem o mesmo pecado de seus pais, serão punidos da mesma maneira ("daqueles que me aborrecem"). Mas, além disso, os pecados dos pais influenciam seus filhos para o mal, e certos pecados atraem castigo que é inevitavelmente compartilhado pela descendência do pecador, como por exemplo, as enfermidades que são o resultado direto da imoralidade, e a pobreza, que resulta da extravagância. O temor destas últimas

consequências exerce um freio saudável na conduta dos pais. Porém, enquanto a má conduta afeta apenas três ou quatro gerações, as consequências de uma vida pura beneficia a posteridade até um ponto quase ilimitado. A ira de Deus se estende somente até à terceira ou quarta geração; mas Sua misericórdia se estende até mil gerações. Ver [#Dt 5.9-10](#) nota.

>Êx-20.7

3. A SANTIDADE DO NOME DE DEUS ([#Êx 20.7](#)). A proibição foi contra o juramento falso, isto é, usar o nome de Deus para atestar uma declaração mentirosa. Também pode incluir juramentos frívolos. Tão séria era essa ofensa que de modo algum podia ser perdoada sem punição. "O Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão". Este mandamento não exclui o uso do nome de Deus em juramentos verazes e solenes. Ver [#Dt 5.11](#) nota.

>Êx-20.8

4. O SÁBADO ([#Êx 20.8-11](#)). O sábado (em heb. shabbath, do verbo sabath, "cessar" ou "descansar") era para ser principalmente um dia de descanso de todo trabalho exceto o inevitável, e devia incluir todos os membros da família e até os animais (a lei de Deus é sem paralelo entre as leis antigas, devido sua consideração para com as criaturas irracionais). Era chamado de "sábado do Senhor" (10), porque era dia santificado (8), dedicado à adoração a Deus e às coisas a Ele pertencentes. Sua observação foi sancionada pelo próprio exemplo de Deus (11: ver [#Gn 2.2-3](#)). Podemos inferir que sua instituição é tão antiga como a criação, e parece já ter sido conhecido mesmo antes dela (ver, por exemplo, [#Êx 16.23](#)); porém, é possível que seus detalhes específicos tenham sido estabelecidos pela primeira vez no Sinai. A palavra **Lembra-te** (8) deve ser entendida não como "recorda aquilo que já sabes", mas "conserva em lembrança perpétua". O repetido desprezo do sábado por parte de gerações posteriores ilustra e confirma a necessidade desse mandamento ser "relembrado". A bênção do Senhor, quanto a esse dia (11), se estende àqueles que observam Seu mandamento de observá-lo como dia santo. Ver [#Dt 5.12](#) nota.

>Êx-20.12

5. A HONRA DEVIDA AOS PAIS ([#Êx 20.12](#)). O melhor comentário sobre este versículo é o livro de Provérbios e [#Ef 6.1-3](#). O respeito aos pais inclui não somente atenção às suas ordens, desejos e conselhos, mas também o

cuidado por eles em suas necessidades (#Mc 7.10-12) e o disfarçar de suas faltas (#Gn 9.23; #Pv 30.17). A promessa que diz: para que se prolonguem os teus dias, não pode ser considerada como garantia para todo indivíduo, mas assevera que a ordem correta no seio da família é a base tanto da continuação e prosperidade da nação como do indivíduo, e, em geral, seu cumprimento literal era de ser esperado. Ver #Dt 5.16 nota.

>Êx-20.13

6. A SANTIDADE DA VIDA HUMANA (#Êx 20.13). Uma salvaguarda geral aqui é feita em relação à santidade da vida humana. Adiante provisão é feita no tocante ao homicídio desculpável (#Êx 21.13), acidental (#Nm 35.23), ou justificável (#Êx 32.2). A guerra, para os israelitas, quer ofensiva ou defensiva, era sempre feita por mandamento direto ou permissão de Deus. Ver #Dt 5.17 nota.

>Êx-20.14

7. A SANTIDADE DO CASAMENTO (#Êx 20.14). Outra lei que salientava a inviolabilidade do laço da vida em família, a base de toda ordem e sociedade humana. Essa lei torna o homem que a desobedece não menos culpado que a mulher. Para os judeus "ela envolve a proibição de linguagem imoral, conduta imodesta, ou associação com pessoas que zombam do caráter sagrado da pureza" (Hertz). Ver #Dt 5.18 nota.

>Êx-20.15

8. A SANTIDADE DA PROPRIEDADE (#Êx 20.15). Essa lei implica no direito de posse de propriedade privada. Furtar subentende não só o roubo direto, mas também a aquisição de propriedade mediante o tirar vantagem da ignorância ou da fraqueza de outrem. Ver #Dt 5.19 nota.

>Êx-20.16

9. A SANTIDADE DO BOM NOME DO PRÓXIMO (#Êx 20.16). Teu próximo inclui todos os nossos semelhantes. A difamação de caráter é proibida, não apenas formalmente, em tribunal de lei, mas por qualquer declaração falsa. Ver #Dt 5.20 nota.

>Êx-20.17

10. CONTRA A COBIÇA (#Êx 20.17). O último mandamento jaz à raiz dos quatro anteriores. O homem é responsável perante Deus não apenas no tangente às suas ações, mas também no tocante aos seus pensamentos, e a observância disso o salva de quebrar aqueles outros mandamentos. Dessa maneira, a palavra de Cristo (#Mt 5.27-28) era apenas, como Ele mesmo disse, um cumprimento da antiga lei divina. Ver #Dt 5.21 nota.

>Êx-20.18

c) O temor de Deus cai sobre o povo (Êx 20.18-21)

Todo o povo viu... (18). As manifestações da majestade de Deus de tal modo aterrorizaram o povo (até Moisés temeu, #Hb 12.21) que se retiraram do sopé do monte e rogaram que o resto da lei fosse transmitida somente aos ouvidos de Moisés, para então ele comunicar a mensagem de Deus a eles (19). Deus acedeu a esse pedido e só Moisés ouviu o resto das comunicações divinas (21). **Não temais... para que o seu temor esteja diante de vós** (20). Não deviam temer ser atingidos pelos raios, etc., mas deviam temer continuamente para que não viessem a ofender a Deus. O temor de ofender a Deus tanto se origina no amor à Sua Pessoa como cria o mesmo. **Para provar-vos** (20). Conf. #Êx 16.4. "Para testar-vos se respeitareis Seus mandamentos".

>Êx-20.22

d) O altar a ser erigido (Êx 20.22-26)

Tendes visto... (22). O mesmo Deus que aparecera para dar os dez mandamentos também lhes deu as leis que se seguem. Portanto, deviam ser observados com igual cuidado. **Não fareis outros deuses comigo** (23). Uma advertência contra a adoração de ídolos ao mesmo tempo que adoravam a Jeová, ou contra a adoração de Jeová sob a forma de um ídolo, como em #Êx 32.5. Os Israelitas eram particularmente inclinados ao uso de imagens fundidas de prata ou ouro. **Um altar de terra** (24). Tal simplicidade adaptava-se à ocasião, em contraste com a adoração idólatra. Suas ofertas deveriam ser trazidas somente ao altar de Jeová. Ver #Dt 12.5-6. **Em todo o lugar** (24). Algumas versões fazem com que essas palavras se refiram ao que antecede a elas; outras fazem com que elas se refiram ao que segue a elas. Alguns acham que se referem à terra prometida; mais provavelmente, referem-se a

todo lugar de revelação especial. Conf. #Gn 35.1. Um altar de pedras (25). Ver #Dt 27.5 nota.

Êx-21.1

e) Vários julgamentos (Êx 21.1-22.20)

Os estatutos (1). Ver #Dt 4.1 nota. Os que se seguem incluem antigas leis sobre costumes, agora divinamente sancionados para uso pelos juízes recentemente nomeados (#Êx 18.20). **Servo** (2). No mundo antigo, a escravidão era universalmente a base do sistema trabalhista. A lei mosaica permitia que os israelitas também tivessem seus escravos; mas essa lei era sem paralelo porque não permitia que o servo fosse considerado um mero bem móvel, mas eram-lhe preservados seus direitos de personalidade individual, e recuperava a liberdade após seis anos de trabalho (2), ou por ocasião do ano de jubileu, caso este ocorresse antes do término dos seis anos (#Lv 25.10). Caso o servo desse início a esse período como homem casado, sua esposa e seus filhos seriam libertados juntamente com ele (3), mas se ele se casasse com uma das servas da casa de seu senhor, sua esposa e filhos permaneceriam como propriedade do senhor, presumivelmente até o término de seu período de seis anos de serviço. O escravo também tinha o direito de escolher se permaneceria definitivamente no serviço de seu senhor, em qual caso sua declaração devia ser testemunhada pelos oficiais da justiça e selada pela marca de uma sodela feita em sua orelha (6). A orelha era o símbolo da obediência voluntária, e a porta de encontro à qual era feita a operação representava a família à qual ele se ligava.

>Êx-21.7

Serva (7). Os direitos de uma jovem, vendida por seu pai como escrava, não eram como... os servos, mas ainda eram mais estritamente observados. Caso não se casasse, sairia livre após seis anos, mas, se fosse vendida a fim de tornar-se esposa de seu senhor ou do filho de seu senhor, seus direitos eram iguais aos de uma esposa livre, e tinham de ser estritamente salvaguardados. **Usando deslealmente** (8), isto é, se não fosse cumprida sua intenção original. **Estas três cousas** (11). Isso talvez se refira aos três deveres detalhados no versículo 10, ou aos três cursos nomeados acima, isto é, casar-se com ela, casá-la com seu filho, ou transferi-la para outro hebreu.

>Êx-21.12

Quem ferir (12). Assassinato em resultado de premeditação (14) é distinguido do homicídio involuntário (13). Para este último caso havia a provisão dos lugares de refúgio, onde o homicida involuntário estaria a salvo dos parentes vingativos, até que seu caso fosse julgado. Para o primeiro, nem o altar de Deus poderia salvá-lo do justo castigo devido ao seu crime. Conf. #1Rs 2.28-34. **O que ferir a seu pai** (15). Tão sagrados eram os pais que se alguém ferisse pai ou mãe, mesmo sem causar-lhes injúria séria, cometia um crime capital. **Quem furtar algum homem** (16). O rapto era considerado igual ao assassinato, visto que furtava um homem de sua liberdade pessoal. Uma regra semelhante se encontra no código de Hamurabi, feito séculos antes. **Quem amaldiçoar a seu pai** (17). Tal ato invocaria o nome de Deus em apoio à sua rebelião contra seus pais. Daí se deriva a severidade da punição.

>Êx-21.18

Se alguns homens pelejarem... (18). Se algum golpe viesse a ser fatal, então as leis de assassinato ou homicídio involuntário eram aplicadas, mas, se não houvesse morte envolvida, então a compensação equivalente não era que o culpado deveria levar um golpe igual, mas que deveria pagar pela perda do tempo de trabalho e pelas despesas com o médico. **Se alguém ferir a seu servo...** (20). Em todas as outras nações os senhores têm tido o direito absoluto de vida ou morte sobre seus escravos. Mas a lei divina aqui preserva o direito dos escravos viverem. O grau de punição pelo homicídio, em tais casos, era deixado à discricção dos juízes. Se o escravo sobrevivesse um ou dois dias ao castigo, nenhuma punição era infligida ao seu senhor, porque isso era evidência que este não tivera a intenção de matá-lo. Não seria de seu próprio interesse perder um escravo que representava valor pecuniário para ele. O caso, aqui, diz respeito a escravos estrangeiros, e não a escravos hebreus.

>Êx-21.22

Se alguns homens... ferirem uma mulher grávida... (22). Se não houvesse algum outro dano além do aborto, então era imposta uma multa, cuja quantia era estipulada pelo marido mas que os juízes teriam de sancionar; porém, se a mulher grávida viesse a perder a vida, nesse caso era aplicada a lei do homicídio. **Juízes** (22), neste caso, significa "árbitros". **Vida por vida, olho por olho...** (23-25). O princípio geral de Talião é aqui introduzido devido a instância especial notada no versículo 22. O requerimento que o ofensor deveria sofrer uma injúria equivalente, mesmo na época mosaica era reduzida

a uma multa em dinheiro, excetuando os casos de assassinato (ver #Nm 35.31), e essa multa tornou-se o procedimento costumeiro. Ver #Dt 19.21 nota. **O olho do seu servo** (26). A antiga lei semita considerava os escravos como propriedade absoluta de seus senhores. Aqui suas pessoas são respeitadas, e é-lhes dado o direito de reivindicarem sua liberdade como compensação pela injúria recebida.

>Êx-21.28

Se algum boi... (28). Embora um animal não tivesse senso moral, esta lei foi ordenada a fim de salientar a extrema santidade da vida humana. Até mesmo o boi que matasse um homem tinha de ser abatido, e sua carne era considerada tão amaldiçoada que não podia ser comida; mas, como seu proprietário merecia muito mais a morte, se soubesse que se tratava de um animal perigoso e permitisse que ficasse solto. Não obstante, a lei era misericordiosa, permitindo que uma compensação em dinheiro tomasse o lugar da vida do homem. Isso faz contraste com o código de Hamurabi, que requeria igual por igual, e, se um filho ou filha fossem mortos, semelhantemente o proprietário do boi deveria perder sua vida, ou então seu filho ou sua filha deveriam ser mortos. **Se alguém abrir uma cova...** (33). A cova seria uma fonte ou tanque de guardar água, a qual sempre deveria ser mantida cuidadosamente coberta por motivo de segurança. O proprietário não deveria ser considerado culpado se um homem viesse a cair na cova, pois o tal deveria olhar para onde estava indo. E, no caso de um animal ter caído ali, uma vez pago o preço total do animal, ele podia ficar com a carcaça. **Se o boi de alguém ferir...** (35). O proprietário do animal perigoso seria culpado se soubesse dos hábitos do boi. Doutra maneira, a perda deveria ser igualmente compartilhada pelos dois proprietários.

>Êx-21.1

A minar (#Êx 22.2), isto é, a penetrar sorrateiramente na casa. O dono da casa era justificado se resistisse à penetração do ladrão pela força, mesmo chegando a ponto de matá-lo se tal acontecesse à noite; mas, se ocorresse de dia, quando ficava subentendido que o ladrão não tinha a intenção de matar, e quando facilmente se encontraria ajuda, matá-lo seria considerado como assassinato. **Se o furto for achado vivo** (4). Se o ladrão não tivesse vendido ou morto o animal, então teria de restaurá-lo juntamente com mais um animal. **Se alguém fizer pastar...** (5). Se o gado, vagando, entrasse acidentalmente na plantação de algum homem, presumivelmente o proprietário dos animais não

era culpado. **Se rebentar um fogo** (6). Tal incêndio teria sido provocado sem intenção, como, por exemplo, a queima de mato; mas o descuido permitira que o incêndio se espalhasse ao redor. **Sobre todo o negócio de injustiça** (9). No tangente a depósitos entregues, tal como nos versículos anteriores. Caso um homem afirmasse poder identificar algo seu na posse de outro, e se os juízes reconhecessem sua reivindicação, então o acusado deveria restaurar o furtado juntamente com outro artigo equivalente; mas, caso os juízes rejeitassem sua reivindicação, então o acusador deveria dar dupla porção como penalidade por causa de uma falsa acusação. **Se lhe for furtado** (12). O guardador não podia evitar que um animal fosse "afugentado" (10) por bandos assaltantes, mas deveria ter tido o cuidado de impedir que fosse furtado por um indivíduo, e, portanto, era responsabilizado e obrigado a fazer devolução.

>Êx-21.14

Se alguém... pedir alguma cousa (14). Um homem pede algo emprestado para seu próprio benefício, e, portanto, os Israelitas estavam responsabilizados em devolver o emprestado ao seu dono, acontecesse o que acontecesse, a não ser que o dono estivesse na posse do objeto emprestado e fosse capaz de guardá-lo (15). **Se foi alugada** (15). O risco de perder a coisa alugada estava incluído no preço do aluguel. Nenhuma restituição, portanto, era necessária. **Enganar** (16), isto é, conseguir seu consentimento para o crime. Embora ela consentisse, ele tinha a responsabilidade de protegê-la de uma vergonha pela vida inteira, resultante de um momento de pecado, casando-se com ela, não sem dar o pagamento do dote regular. Se o pai da jovem não quisesse dar sua filha àquele homem particular, então o culpado teria de pagar o equivalente a um dote, (cinquenta ciclos de prata, **#Dt 22.29**), a fim de dar-lhe oportunidade de casar-se com outro homem. **A feiticeira** (18). Essa lei também se aplicava ao "adivinho" ou "encantador" (**#Lv 20.27**). Este versículo não prova a realidade da comunhão com os maus espíritos, com os quais eles afirmavam comungar; porém, a própria profissão, real ou falsa, era uma negação da autoridade suprema de Deus, e era um crime tão grave como o pecado da rebeldia ou da idolatria. A realidade dos demônios é ensinada no Novo Testamento. **Será morto** (20). Lit., "devotado", isto é, condenado à destruição. Ver **#Lv 27.29**.

Êx-22.1

f) Vários estatutos morais (Êx 22.21-23.19)

Aqui tem início uma nova série de ordenanças morais e religiosas, das quais Deus, e não o homem, é o juiz. Note-se como os sofrimentos do povo, no Egito, servem como apelo pedindo misericórdia, em #Êx 22.21; #Êx 23.9. Ver #Dt 10.19 nota. **O estrangeiro não afligirás** (21). O que é afirmado aqui negativamente, concernente ao "estrangeiro" (em heb., *ger*) recebe uma ênfase positiva em Deuteronômio. Ver #Dt 1.16 nota. Os israelitas eram uma raça escolhida, mas isso não lhes dava direito exclusivo da proteção de Deus. **A nenhuma viúva nem órfão afligireis** (22). O próprio Deus vindicaria aqueles que estivessem privados de seu guardião humano, caso alguém presumisse tirar vantagem de sua condição indefesa. Conf. #Mt 23.14. **Se emprestares dinheiro...** (25). Usura, aqui, significa simplesmente "juros". Naquela ocasião somente os pobres haveriam de querer fazer empréstimos, e era terminantemente proibido tirar lucro de um empréstimo feito a um israelita. Isso era permitido no caso de empréstimo feitos a estrangeiros (#Dt 23.20). O empréstimo de dinheiro para empreendimentos comerciais foi um desenvolvimento posterior. Nenhum artigo de uso essencial para quem solicitasse um empréstimo podia ser usado como penhor. A capa grossa que era usada à noite como um cobertor, podia ser usada como penhor durante o dia, mas nunca à noite. A misericórdia desta lei faz vívido contraste com as leis da dívida de outras nações.

>Êx-22.28

Os juízes (28). Em heb., ' *elohim*. Três traduções são possíveis: "os deuses", "Deus" ou "os poderosos", ou seja, os "juízes". Dessas possibilidades a segunda é a melhor. Um governante era associado a Deus por derivar d'Ele a sua autoridade. Ver #Gn 1.1 nota; #Êx 15.11 nota. O primogênito de teus filhos (29). Ver #Êx 13.2-13. **Ser-me-eis homens santos** (31). Conf. #Êx 19.6. Na lei, o pronome plural é sempre usado em conexão com a santidade dos homens. Era somente no cumprimento de sua parte, no corpo, que era a nação, que um homem podia cumprir o propósito de santidade, de Deus. Esse princípio permanece sob a nova aliança, para os membros da Igreja, o corpo de Cristo. A santidade requerida é a interior, mas naquele estágio só podia ser apresentada mediante a atenção dada às obrigações externadas da lei, das quais a exigência feita neste versículo serve como exemplo. **Carne despedaçada no campo** (31) era considerada imunda tanto por não ter sido morto o animal segundo a maneira prescrita, como porque o próprio animal morto era imundo.

Êx-23.1

Não admitirás falso rumor (#Êx 23.1). Melhor: "não receberás falso rumor". Isso segue, naturalmente, o princípio de **#Êx 20.16. Testemunha falsa** (1), isto é, alguém que toma o partido do lado culpado, num julgamento. **Não seguirás a multidão** (2). Em todas as circunstâncias o homem devia permanecer firme sobre o que acreditava estar direito, não movido pela opinião de outros, simplesmente por formarem a maioria ou o partido mais popular. **Ao pobre** (3). A justiça tinha de ser imparcial, evitando-se as falsas simpatias por causa da pobreza de um homem e evitando-se o temor por causa das riquezas do rico. **O boi do teu inimigo** (4). A antipatia que um homem sentia em relação a outro, e nem mesmo um erro realmente feito, não absolvía a parte injuriada dos deveres costumeiros de bondade e gentileza, tanto para o homem como para seu animal. O Senhor cumpriu essa lei em Suas palavras "Amai os vossos inimigos..." (**#Mt 5.44**; conf. **#Pv 25.21-22**). **O direito do teu pobre** (6). Isso contrabalança a injunção do versículo 3. **Palavras de falsidade** (7). Quer uma falsa acusação, quer uma sentença incorreta baixada em juízo, que poderia levar à execução de uma pessoa inocente. Era melhor errar, absolvendo o acusado (se houvesse alguma dúvida) e deixar nas mãos de Deus o castigo (se ele fosse realmente o culpado). **Presente não tomarás** (8), isto é, suborno. Esse foi um pecado contra o qual os profetas freqüentemente tiveram de protestar, como, por exemplo, em **#MI 3.11. O estrangeiro** (9). Ver 22.21 nota.

>Êx-23.10

Seis anos... ao sétimo... (10-11). O principal propósito do ano sabático, quando então a terra não devia ser nem semeada nem colhida, segundo é dito aqui era para beneficiar ao pobre, que podia ficar com tudo quanto fosse então produzido naturalmente. E também servia para salvar o solo da exaustão, e para proporcionar ao povo mais tempo para melhor atenção às coisas de Deus. **Ao sétimo dia** (12). A ênfase recai aqui igualmente sobre os servos, os estrangeiros e o gado, como sobre o sábado. **Nem se ouça da boca** (13). Assim como o nome do verdadeiro Deus deveria ser proferido com a maior reverência, igualmente os nomes dos deuses falsos deveriam ser abomináveis a ponto de nem ao menos serem proferidos, excetuando, por exemplo, pelos pregadores ou historiadores. Ver **#Dt 12.3**.

>Êx-23.14

Três vezes... festa (14). Essas três peregrinações festivas anuais são descritas com mais detalhes em **#Lv 23** e **#Dt 16. A festa dos pães asmos** (15). Ver **#Êx**

12.14-20. **Ninguém apareça vazio...** (15). Ver **#Dt 16.16-17**, onde essa expressão prática de ação de graças é ligada a todas as três festas. **A festa da sega** (16). Pentecostes, chamada em **#Dt 16.10** de "a festa das semanas", que se realizava sete semanas completas após o primeiro dia da Páscoa. Celebrava a primeira colheita do trigo maduro, enquanto que "**a festa da colheita**" (16) era um agradecimento, no fim do ano agrícola, quando todas as colheitas já tinham terminado. **Todos os teus varões** (17), isto é, todos os homens adultos fisicamente capazes. As mulheres freqüentemente também iam à festa (conf. **#1Sm 1.7**), mas não estavam na obrigação de fazê-lo devido seus deveres domésticos. **Não... pão levedado** (18). Isso se aplica somente ao sacrifício da Páscoa. **A gordura da minha festa** (18). Ver **#Êx 12.10**. **Não cozerás** (19). Palavras repetidas em **#Êx 34.26**. Ver **#Dt 14.21** nota.

>Êx-23.20

g) As recompensas da obediência (Êx 23.20-33)

Um anjo (20). A mesma palavra significa ou "anjo" ou "mensageiro". Este anjo, portanto, pode significar um mensageiro humano divinamente comissionado, à semelhança de Moisés ou Josué; ou pode ser o misterioso anjo de Jeová. Ver **#Gn 16.7** nota. **Meu nome está nele** (21), isto é, estava investido de autoridade divina. **Estátuas** (24). "Pilares". Ver **#Dt 16.22** nota. **O número dos teus dias** (26). Conf. **#Êx 20.12**. A duração de uma vida inteira. **Meu terror** (27). Conf. **#Nm 22.2-3**. As nações, conhecendo com antecedência o poder do Deus de Israel, temeriam sua aproximação.

>Êx-23.28

Vespões (28). Enxames desses insetos ferreadores ajudariam materialmente aos soldados israelitas em seus ataques ao inimigo, ou talvez a frase seja metafórica, significando algum poder invasor como bandos de egípcios, cujo distintivo era uma espécie de vespão. Os perigos de ter terra demais para ocupar de uma vez só (29-30) são exemplificados pelo grande número de leões que apareceu na Síria (ver **#2Rs 17.25**). **Teus termos** (31). Esta promessa, feita primeiramente a Abraão (**#Gn 15.18**), e aqui renovada, não foi completamente cumprida senão nos dias de Salomão, não apenas pela razão dada no versículo 30, mas também por causa da infidelidade dos israelitas. **Até ao rio** (31). Refere-se aqui ao Eufrates. **Não farás concerto...** (32). Os israelitas falharam não cumprindo essa condição, designada para preservar a pureza de

sua adoração e serviço a Jeová. Ver, por exemplo, [#Js 9.15](#); [#Jz 1.27-36](#), com o resultado aqui predito (33). Ver 34.12-16 nota.

Êx-24.1

h) A ratificação do concerto (Êx 24.1-11)

Sobe (1). Moisés estava ainda no monte, tendo recebido todas as leis da aliança. Então descera ao encontro do povo, transmitira a lei para eles (3), selara o concerto com o sangue do sacrifício, e retornara ao monte com Aarão, Nadabe e Abiú, os dois filhos de Aarão, e com os setenta anciãos, que eram os cabeças das tribos e das famílias. **Os estatutos** (3). Ver 21.1 nota; [#Dt 4.1](#) nota.

As condições mediante as quais foi ratificado o concerto eram como segue. O Senhor prometera ser Deus deles ([#Êx 20.2](#)), e, conseqüentemente prometera ser-lhes favorável, se, por sua vez, aderissem aos Seus mandamentos e se submetessem aos Seus estatutos. Isso prometeram de todo coração que fariam (3,7), e o concerto foi então selado mediante sangue. O altar (4) representava a presença do Senhor, e o sangue, sendo metade aspergido sobre o altar (6) e metade sobre o povo (8), simbolizava a união entre o Senhor e Seu povo, neste concerto. O sangue era necessário porque, por disposto que estava o povo em obedecer aos mandamentos, sua presente natureza pecaminosa e seu subsequente quebrar da lei, como fato, barrava-o de uma união real com o santo Deus, excetuando pela instrumentalidade de um sacrifício expiatório. Assim, o primeiro concerto, baseado como estava sobre a lei, não obstante prefigurava a nova aliança, baseada exclusivamente sobre a graça de Deus através dos méritos expiatórios de Seu Filho. Ver [#Jr 31.31-34](#).

>Êx-24.4

Doze monumentos (4). Representavam a presença das doze tribos. Ver [#Gn 28.18](#). O sacerdócio ainda não fora estabelecido, porém mesmo mais tarde o próprio povo, à semelhança dos **mancebos** do versículo 5, podia abater os animais em sacrifício, enquanto que só os sacerdotes tinham o direito de apresentar o sacrifício sobre o altar. **Obedeceremos** (7). Lit., "ouviremos". A palavra expressa extrema atenciosidade para com a vontade de Deus.

>Êx-24.9

Anciãos (9). Ver **#Dt 19.12** nota. O sacrifício envolvia uma refeição, e Moisés, seguindo o mandamento do versículo 1, levou os anciãos até o monte, para ali comerem a carne do sacrifício e assim terem comunhão com o Deus a quem fora oferecido o mesmo. Enquanto estavam comendo, Deus lhes proporcionou, como sinal de Seu favor, uma visão sobre si mesmo, que O revelou não só como o Deus que treme de ira por causa de toda iniquidade, mas cuja glória também se manifesta em beleza sem igual (10). Deus tem dito: "Homem nenhum verá a minha face e viverá" (**#Êx 33.20**), e portanto aquela visão deve ter sido apenas algum reflexo de Sua pessoa, visto por aqueles homens, mas mesmo assim foi um notável favor que receberam, por terem sido capazes de vê-Lo daquela forma e contudo não morreram (11). Conf. **#Gn 32.30**; **#Jz 13.22-23**.

>Êx-24.12

i) Moisés delega sua autoridade e sobe novamente ao monte Sinai (Êx 24.12-18)

Sobe (12). Moisés e os anciãos provavelmente tinham voltado à planície, depois da visão dos versículos anteriores, e subseqüentemente Deus chamou novamente a Moisés para que comparecesse à Sua presença, no cume do monte. Josué, seu servo de confiança, o acompanhou, mas provavelmente só até certo ponto (13). Sabendo que estaria por longo tempo ausente do povo, delegou sua autoridade a Aarão e Hur, até sua volta (14). A lei (12). Em heb., **torah**. Ver **#Dt 1.5** nota; 4.44 nota. A revelação divina dada a Moisés foi feita apenas gradualmente. **A nuvem** (15). Ver **#Êx 19.9,16**. **Seis dias** (16).

>Êx-24.17

Passados por Moisés na preparação para a comunhão com Deus. **Glória do Senhor** (17). A manifestação da presença divina, conforme vista da distância da planície abaixo. **Quarenta dias** (18). Durante esse período ele nada comeu nem bebeu (**#Dt 9.9**).

Êx-25.1

VI. O PLANO DIVINO PARA O TABERNÁCULO (Êx 25.1-31.18)

a) Dádivas para o tabernáculo (Êx 25.1-9)

De todo o homem cujo coração se mover voluntariamente (2). Os tesouros enumerados nos versículos que se seguem tinham sido acumulados por seus antepassados, dos egípcios (#Êx 12.35-36) e dos amalequitas (17). Azul, e púrpura, e carmesim (4), isto é, tecido tingido com essas diversas cores. Peles de texugos (5). Heb., tahah. O texugo não se encontra naquelas terras, e o nome, provavelmente, é de algum animal marinho, como a foca ou a toninha. Madeira de cetim (5). A madeira da acácia, dura e de grão fino.

>Êx-25.8

Um Santuário (8). Heb., miqdash, "um lugar separado", derivado da mesma raiz que qadosh, "santo". E habitarei no meio deles (8). Note-se que Ele não disse "Habitarei dentro do santuário". O Senhor nunca ensinou que estivesse preso a uma estrutura terrena (ver #1Rs 8.27), mas o tabernáculo, e mais tarde o Templo serviram para focalizar a atenção de Seu povo no fato que o Senhor se achava entre eles, e particularmente que Sua presença era infinitamente santa, pelo que também o acesso a Ele só podia ser efetuado por meio de sacrifícios expiatórios e da mediação do Sumo Sacerdote. Para modelo (9). Dado, possivelmente, por meio de uma visão. Tabernáculo (9). Ver 29.42 nota. O heb. aqui diz mishkan, "uma habitação", derivada da mesma raiz que o verbo "habitar", no versículo anterior. A palavra portuguesa "tabernáculo" é também usada ocasionalmente para traduzir o termo heb., ' ohel, "uma tenda". Por meio de #Hb 9.1-5 aprendemos que os objetos sagrados, descritos nesses capítulos, tinham um valor espiritual real, ainda que temporário.

>Êx-25.10

b) Os móveis do tabernáculo (Êx 25.10-40)

1. A ARCA (#Êx 25.10-16). Uma arca (10). Em heb., ' aron, uma palavra diferente da que é empregada em #Gn 6.14 e #Êx 2.3. Era usada para descrever uma caixa ou cofre. Tal era o formato da arca, cujo principal propósito era conter as duas tábuas da lei. Media 115 cm de comprimento por 68 cm de largura e altura (10). Foi usado apenas o mais puro ouro para cobrir a estrutura de madeira da arca, provavelmente em chapas finas, tanto pelo lado de fora como pelo lado de dentro (11), embora essa porção não pudesse ser vista, o que ensina que a parte interna da vida do povo de Deus deve ser tão pura e bela como aquilo que é visto externamente. A coroa (11) era uma

beirada ao longo das quatro esquinas da superfície superior. **Nos quatro cantos** (12). As argolas foram colocadas nos quatro cantos da base da arca para que, quando era carregada, ficasse elevada acima dos ombros dos carregadores e não tocasse em seus corpos. **O testemunho** (16). As tábuas de pedra que continham a lei eram chamadas de "o testemunho" porque prestavam contínuo testemunho acerca de sua instituição divina e acerca da promessa de obediência, feita pelo povo. Ver **#Dt 4.45** nota. O fato que o sagrado santuário deles não continha qualquer imagem, mas apenas as tábuas da lei, lembrava-os que o Deus deles era ao mesmo tempo espiritual e santo.

>Êx-25.17

2. O PROPICIATÓRIO (**#Êx 25.17-22**). Um **propiciatório** (17). Em heb., **kapporeth**. A palavra se deriva do verbo heb. **Kaphar**, cujo sentido original é "cobrir". Porém, o tempo verbal do qual esse substantivo é derivado sempre é empregado no sentido de "fazer expiação". Eis porque a Septuaginta usa **hilasterion**, sendo que a expressão "sede da misericórdia", usada em algumas versões de outros idiomas que não o português, fornece exatamente o sentido do original. Embora o propiciatório tivesse exatamente a mesma área que a superfície superior da arca, não é correto dizer que aquele fosse apenas uma cobertura. Em **#1Cr 28.11** o santo dos santos é chamado de "casa do propiciatório", assim chamado por causa do mais sagrado objeto que havia em seu interior. **De ouro puro** (17). Tratava-se de uma única peça de ouro puro, e não de madeira recoberta de ouro, pois seu grande valor indicava a posição suprema que esse objeto tinha entre todos os móveis do tabernáculo. **Dois querubins** (18). Melhor ainda, "querubim", sendo que o singular é "querube". A forma daquelas figuras é desconhecida, sabendo-se apenas que tinham duas asas. Talvez fossem figuras humanas. Estavam nas duas extremidades do propiciatório, não como peças separadas deste, mas formando uma única peça com o propiciatório (19). Suas asas eram levantadas e encurvadas para a frente, a fim de cobrir o propiciatório, enquanto que seus rostos estavam inclinados para baixo, como que a olhar para o centro do propiciatório (20). Tão santo é Deus que nenhum olho humano podia olhar ao menos para aquilo que representava Sua presença, mas as asas daquelas figuras protegiam a representação do olhar até mesmo do Sumo Sacerdote. **Ali virei a ti** (22).

No propiciatório, onde Deus se mostrava propício e misericordioso, Deus aceitava o representante do povo, o Sumo Sacerdote, quando este se aproximava mediante o sacrifício expiatório, e ali respondia suas perguntas referentes à vontade de Deus para com eles. Visto que esse encontro entre

Deus e Seu povo era o objetivo supremo do tabernáculo inteiro, este é chamado de "tenda da congregação" (#Êx 27.21).

>Êx-25.23

3. A MESA E DIVERSOS UTENSÍLIOS (#Êx 25.23-30). Uma mesa (23). A mesa dos pães da proposição foi feita de material semelhante ao usado na confecção da arca. Media 90 cm de comprimento e 45 cm de largura, e tinha a altura de 68 cm. À semelhança da arca, tinha igualmente uma coroa (24) ou beirada ao longo da beira superior. A julgar pela representação dessa mesa, no Arco de Tito, tinha quatro pernas que eram mantidas juntas, a meia-altura, por uma faixa de cerca de 8 cm de largura, a moldura do versículo 25. Tal como a arca, as argolas para os varais de carregar eram colocadas aos pés da mesa (26). Os pratos (29). Nesses pratos os pães eram postos na mesa e tirados dela. As colheres, ou melhor, as taças, continham o incenso (ver #Lv 24.7), as cobertas continham o vinho para as libações, e as tigelas eram cálices para fazer o derramamento do vinho. Com que se hão de cobrir (29) deveria ser traduzido: com que se hão de "derramar". Pão da proposição (30). Ver #Lv 24.5-9 nota.

>Êx-25.31

4. O CASTIÇAL (#Êx 25.31-40). Um castiçal (31). A representação do mesmo, no Arco de Tito, mostra que era formado de uma hastea central (chamada de "castiçal mesmo", em versículo 34), com três projeções de cada lado, todas encurvadas e chegando à mesma altura, assim formando sete lâmpadas todas na mesma altura (32). As próprias lâmpadas tinham a forma de um lírio aberto segurando uma taça. Cada projeção era enfeitada com ornamentos que consistiam de um botão de amêndoa, uma maçã (botão, como o capitel de uma coluna), e uma flor de lírio, sendo que as projeções laterais tinham três desses ornamentos, enquanto que a hastea central tinha quatro (33-35). Os ornamentos não eram fixados externamente, mas formavam uma só peça com o todo (36). Os espevitadores serviam para aparar o murrão, enquanto que os apagadores serviam para guardar os pedaços queimados dos murrões (38). Seu modelo (40). Ver versículo 9. Se Moisés teve uma visão sobre esses objetos e o tabernáculo, então saberia como essas medidas deveriam adaptar-se mutuamente.

Êx-26.1

c) O tabernáculo, o altar e o pátio (Êx 26.1-27.21)

O tabernáculo deveria ser uma estrutura portátil, com 15 metros de comprimento, 5 metros de largura e 8 metros de altura, formado por uma armação de tábuas postas de pé em três de seus quatro lados, enquanto que no lado da frente havia colunas; e era coberto com uma cobertura de tecido e de peles.

1. A COBERTA (#Êx 26.1-14). A primeira cobertura (1-6) era formada de dois jogos de cortinas de linho fino, cada cortina com vinte e oito cúbitos de comprimento por quatro cúbitos de largura. Cada cúbito equivale a aproximadamente 50 cm. Cada jogo de cinco cortinas era costurado juntamente formando duas grandes cortinas, as quais podiam ser abotoadas, quando juntas, mediante cinqüenta laçadas, que havia na beirada de cada grande cortina, e que eram mantidas no lugar por colchetes de ouro (6), que eram retirados quando por ocasião de alguma viagem. Provavelmente as cortinas eram esticadas por cima da armação do tabernáculo, formando assim um teto chato. Os vinte e oito cúbitos, cobririam então os dez cúbitos da largura da estrutura, e caíam pelos lados nove cúbitos de cada lado, deixando um cúbito à mostra, perto do chão. As dez cortinas de quatro cúbitos de largura cobririam todo o comprimento da estrutura (30 cúbitos) e também as tábuas da extremidade ocidental (10 cúbitos). Essas cortinas eram feitas de linho fino com fios torcidos em três cores, bordadas por habilidosos operários com um modelo de querubim (1).

>Êx-26.7

A segunda camada da cobertura (7-13) consistia de cortinas de pêlos de cabras tecidos, sendo que um dos jogos consistia de cinco cortinas, enquanto que o outro consistia de seis cortinas (9), reunidas da mesma maneira que as cortinas de linho, mas com colchetes de cobre, em lugar de colchetes de ouro (11). Tendo dois cúbitos mais de comprimento que as cortinas de linho, ultrapassariam estas e protegeriam as tábuas até o chão. Cada cortina particular era da mesma largura que as cortinas de linho, mas a cortina extra adicionava um total de quatro cúbitos. Metade desta ficava defronte do tabernáculo e era dobrada para dentro, formando uma espécie de anteparo (9); os outros dois cúbitos formavam uma cobertura extra, na extremidade posterior ou ocidental (12). Como proteção extra, essas cortinas eram cobertas com mais duas cobertas, uma de peles de carneiro, tingida, e a outra de peles

de texugo (animais marinhos), provavelmente do mesmo tamanho que as cortinas de pêlos de cabras (14).

>Êx-26.15

2. AS PAREDES (#Êx 26.15-30). Os lados e o fundo do tabernáculo eram formados de tábuas postas de pé, cada qual com 5 metros de comprimento por 68 cm de largura (16), feitas de madeira de cetim (acácia) e recoberta de ouro (15-29). Cada tábua descansava sobre duas bases de prata (19,21,25) por meio de encaixes, havendo pinos (couceiras) que se projetavam das tábuas, e que de algum modo se adaptavam uns aos outros (17). Vinte tábuas de cada lado formavam um comprimento total de trinta cúbitos ou 15 metros. O fundo era feito com seis tábuas (22) perfazendo nove cúbitos, e o cúbito extra era preenchido por duas tábuas que ultrapassavam as outras e fortaleciam as esquinas (23-24).

Todas as tábuas eram mantidas firmemente no lugar, lateralmente, por meio de longas barras que eram colocadas em argolas que saíam de cada tábua (26-28). Os dois lados e o fundo tinham cada qual cinco dessas barras. A barra do meio das cinco, corria por todo o comprimento do lado, e havia duas barras mais curtas acima e duas barras mais curtas abaixo dela (28). **Conforme ao modelo** (30). Moisés haveria de requerer alguma concepção visual do formato do tabernáculo, mesmo em adição às instruções detalhadas dadas anteriormente.

>Êx-26.31

3. O VÉU E A COLOCAÇÃO DOS MÓVEIS (#Êx 26.31-35). O santuário interno, o **lugar santíssimo** (34), no qual estava colocada a arca, era separado do santuário frontal por uma cortina entrelaçada em uma só peça, semelhante à coberta mais interna do tabernáculo (31; conf. versículo 1). Era sustentada por quatro colunas, cada qual apoiada em bases de ouro, havendo colchetes de ouro no alto, pelos quais a cortina (ou véu) era dependurado (32).

>Êx-26.36

4. A CORTINA DA ENTRADA (#Êx 26.36-37). A extremidade aberta do tabernáculo era fechada por uma cortina, feita de material semelhante ao da coberta mais interna e do véu (36), e era dependurada em cinco colunas. Estas colunas se apoiavam em bases não de prata, mas de cobre (37). O próprio véu

tinha quatro colunas, mas aqui na entrada eram necessárias cinco colunas, pois esse fortalecimento extra provavelmente era necessário devido ao fato dos sacerdotes entrarem por ali continuamente.

Êx-28.1

d) As vestes do Sumo Sacerdote e seus filhos (Êx 28.1-43)

A significação das vestes do Sumo Sacerdote não pode ser entendida sem ligá-las ao Senhor Jesus Cristo, cujas perfeições elas tipificam. Uma explicação de tal ligação não está dentro do escopo deste comentário, mas seu objetivo certamente está implícito na frase **para glória e ornamento** (2); isto é, não para glorificar Aarão, mas para exibir a glória e a beleza de Deus; revelada completamente só na Pessoa de Seu Filho.

>Êx-28.3

Sábios de coração (3). Homens dotados por Deus com a habilidade requerida para essa obra especializada. **Para santificá-lo** (3). A idoneidade de Aarão para o sacerdócio não dependia dele mesmo, mas repousava naquelas qualidades que eram representadas e tipificadas pelas vestes sacerdotais. **O éfode** (6). A veste externa, cujo principal propósito era levar as pedras de memorial e o peitoral, era feita do mesmo material que a coberta interna e o véu do tabernáculo, com a adição de fios de ouro (6). As funções do Sumo Sacerdote e do tabernáculo próprio estavam, dessa forma, intimamente ligadas. Parece que o éfode era uma veste curta, talvez não chegando abaixo da cintura. Era junta apenas nos ombros (7), deixando abertos os dois lados, mas que eram mantidos juntos mediante uma cinta bordada que formava uma peça só com o éfode (8).

>Êx-28.9

Duas pedras sardônicas (9). Algumas versões dizem "ônix". Mediante um duplo emblema, Aarão apresentava o povo inteiro à presença do Senhor-pelas pedras nos ombros do éfode (12), e pelo peitoral (21). No versículo 12 notamos que o memorial era a favor dos **filhos de Israel**. Aarão aparecia continuamente perante Deus, como representante, em sua própria pessoa, de todo o povo do Senhor. A sua presença no tabernáculo, a usar o éfode, era um ato contínuo de intercessão a favor deles; conf. **#Hb 7.25. Os nomes... segundo as suas gerações** (9-10). Visto que havia doze nomes gravados nas pedras, as

tribos de Efraim e Manassés devem ter sido representadas pelo nome único de José. Esses nomes eram arrançados na ordem da idade, do mais velho para o mais novo. **Engastadas** (11). Tal como nos versículos 13 e 14, os engastes, provavelmente, eram uma espécie de broche formando uma figura onde eram engastadas as pedras e as argolas para as cadeiazinhas (correntes).

>Êx-28.15

O peitoral (15). Uma peça quadrada de pano, do mesmo material que o éfode (15), dobrada para trás pela parte inferior, a fim de haver uma dupla grossura, com cerca de 23 cm em quadrado (16). Em alguns casos é incerto que espécie de pedras as palavras em hebraico significam para essas doze jóias. É suficiente dizer que todas eram pedras preciosas. **Cadeiazinhas** (22) são a mesma coisa que no versículo 14, e serviam para segurar a parte superior do peitoral aos ombros do éfode, enquanto que a parte inferior, ou a parte de trás, era segura por argolas de ouro seguras por um laço azul e argolas semelhantes no corpo do éfode, que ficavam justamente acima da cinta (26-28). **Levará os nomes... sobre o seu coração** (29). Ver versículo 9 nota. As pedras em seus ombros mostram que o verdadeiro Sumo Sacerdote tem forças para sustentar Seu povo, e as pedras sobre seu coração mostram que o verdadeiro Sumo Sacerdote traz Seu povo bem próximo de Suas afeições. Assim é que o povo era levado à presença do Senhor. Os **Urim e Tumim** (30). Lit. "luzes e perfeições". Poderíamos dizer "Iluminação e Verdade". O Sumo Sacerdote, que usava esse **peitoral do juízo** (29), que continha os Urim e Tumim, era dotado do poder de pronunciar os julgamentos ou decisões de Deus a respeito de todas as questões que lhe fossem trazidas para consulta. Alguns pensam que esses termos se aplicavam ao próprio peitoral; porém, mais provavelmente eram pedras engastadas no peitoral. Ver **#Dt 33.8**; **#1Sm 28.6** nota e **#Ed 2.63**.

>Êx-28.31

O manto do éfode (31); isto é, aquela parte imediatamente debaixo do éfode; uma veste que provavelmente atingia um pouco abaixo dos joelhos, sem mangas, e com uma abertura somente no alto, provavelmente tecida sem costura (32). Era completamente feito de material azul (31). Ao redor da fímbria inferior havia romãs feitas de material vivamente colorido, alternando-se com campainhas de ouro (33-34), as primeiras significando frutificação, e as últimas proclamando que o Sumo Sacerdote estava oferecendo as orações do povo no altar do incenso (não quando ele penetrava no santíssimo lugar, pois ali entrava somente com as vestes de linho; **#Lv 16.4**). Ao ouvirem as

campainhas, o povo, do lado de fora, podia ajuntar suas orações àquelas feitas por seu representante, que se encontrava no interior do santuário. **Para que não morra** (35). Assim cuidadoso deveria ser até o próprio Sumo Sacerdote, a fim de observar cada detalhe das ordenanças divinamente prescritas.

>Êx-28.36

Uma lâmina... que esteja na mitra (36-37). A mitra era uma forma distinta de turbante, usada apenas pelo Sumo Sacerdote. Assim como o éfode servia principalmente para levar as jóias, igualmente, o principal propósito da mitra era levar a lâmina de ouro sobre a testa de Aarão (36-37). Coroando todas as outras peças do vestuário do sumo sacerdote, ela proclamava que a santidade é a essência da natureza de Deus e que é o fim e o objetivo de toda a adoração do sacerdote e do povo. Mesmo as melhores ofertas estavam maculadas por alguma imperfeição, ou em si mesmas ou nos ofertantes. Essa imperfeição ou iniquidade era levada pelo próprio sacerdote (38), o que garantia a aceitação do povo por parte do Deus santo. **Continuamente** (38), isto é, sempre que ele oficiasse.

>Êx-28.39

Túnica de linho fino... de obra de bordador (39). A túnica era uma veste longa, com mangas, e que chegava até aos pés. Portanto, era visível nos braços e abaixo do nível do manto azul do éfode. **O cinto** (39). Um cinto interno para essa peça, feita de linho branco, com fios coloridos, não entrelaçados nele, como o éfode, mas bordados sobre ele. **Túnicas aos filhos de Aarão** (40). Os sacerdotes comuns usavam a simples túnica branca e sua cinta, provavelmente sem qualquer bordado. Embora simples, sua simplicidade de branco puro era, em si mesmo, **para glória e ornamento** (40). **Tenda da congregação** (43). Esta denominação inclui o pátio onde se encontravam o altar das ofertas queimadas. **E morram** (43). Ver vers. 35 nota.

Êx-29.1

e) Ordenanças para a consagração dos sacerdotes (Êx 29.1-37)

Ver anotações sobre **#Lv 8**. A consagração de Aarão e seus filhos foi consumada por cinco atos simbólicos: lavagem (4) para purificar; vestidura (5-9) para que ficassem vestidos de suas funções sacerdotais; **unção** (7) para proporcionar-lhes graça divina; sacrifício (10-21) para expiação e dedicação;

colocação de ofertas nas suas mãos (22-28) para investi-los de autoridade para fazer sacrifícios. **A coroa da santidade** (6), isto é, a lâmina de ouro de **#Êx 28.36**, prefigurando a dignidade real de nosso grande Sumo Sacerdote.

>Êx-29.10

O ato de sacrifício era tríplice: Um novilho para o sacrifício pelo pecado (10-14), um carneiro para a oferta queimada (15-18), e outro carneiro para a consagração (19-22). Quanto à forma e à significação das ofertas pelo pecado e queimada, ver anotações sobre **#Lv 1** e **#Lv 4. Suas mãos sobre a cabeça** (10). Ver também os versículos 15,19. O ofertante se identificava com o animal que era sacrificado, como aquele que levava seu pecado (10), ou como oferta dedicada a Deus (15), ou como símbolo de sua consagração para sua sagrada incumbência (19). A substituição é clara e repetidamente ordenada no Antigo Testamento, pelo que não deve haver dúvida sobre a maneira pela qual nosso Senhor se tornou uma oferta por nós. **O outro carneiro** (19), isto é, o carneiro para a consagração (**#Lv 8.22**). Essa ordenança constitui o clímax sem igual do ato de consagração inteiro. Quando os sacerdotes se tivessem identificado com o carneiro, seu sangue, isto é, sua vida, dada em expiação pelo seu pecado, era aplicado aos corpos daqueles e às suas vestes, dessa maneira purificando toda a consagração para o serviço de Deus santo, em tudo quanto fossem e fizessem. Note-se especialmente, no versículo 20, a consagração de sua atenção à palavra de Deus, do serviço de suas mãos, e de seu andar no caminho da Santidade. **Sangue... azeite da unção** (21). A consagração é dupla-pelo sangue expiador, que leva o homem a Deus; e pelo azeite que é o símbolo do Espírito Santo, e que traz o poder de Deus ao homem. Conf. **#Ef 1.7,14**.

>Êx-29.22

Pelo símbolo da colocação de ofertas (22-28) as porções mais sagradas do carneiro da consagração eram postas nas mãos dos sacerdotes pelo ministro da consagração (Moisés, neste caso) para que aqueles fizessem sua primeira oferta da sacrifício, e assim fossem investidos em sua incumbência como sacerdotes. Conf. **#Êx 28.41**. A oferta era "movida", isto é, apresentada em direção a todos os quadrantes do céu, para significar sua apresentação ao Deus onipresente. **Santificarás** (27), isto é, separarás para o uso de Aarão e seus filhos.

>Êx-29.29

Os versículos 29 e 30 são um desvio para falar a respeito dos direitos permanentes dos sacerdotes. O versículo 31 retorna ao serviço da consagração. **Aarão e seus filhos comerão** (32). A refeição de comunhão entre Deus e o adorador. **Sete dias** (35). Os ritos da consagração (provavelmente inteiros) devem ser repetidos em cada sétimo dia sucessivo. Além disso, diariamente, o altar tinha de ser primeiramente purificado por meio de um sacrifício expiatório (36). **Será santíssimo** (37). Aqui o tempo futuro tem, conforme geralmente sucede em hebraico, a força do imperativo.

>Êx-29.36

f) O sacrifício diário e a promessa da presença do Senhor (Êx 29.36-46)

A expiação, a dedicação, a ação de graças, e a oração, deviam ser continuamente renovadas. Daí a ordenança do sacrifício diário e as ofertas de manjares e de libações, com o incenso (**#Êx 30.8**). **Para falar contigo ali** (42). A **tenda da congregação**, portanto, é o lugar não onde o povo se congregava mas o lugar onde Deus vinha encontrar-se com o povo, particularmente por meio do representante deles, o Sumo Sacerdote. Note-se, nesse versículo, a alteração de "vós" para "ti" (contigo), pois este último representava o Sumo Sacerdote, representava daqueles (o povo). **Habitarei no meio** (45). Pessoas santas e coisas santas são santificadas não por ordenanças exteriores (que meramente simbolizam a graça interior), mas mediante a presença habitadora do próprio Deus. As variadas manifestações da presença de Deus proporcionam o conhecimento sobre Ele mesmo, e são aqueles que aceitam e tiram proveito de tal conhecimento que podem estar certos da continuação de Sua presença.

Êx-30.1

g) Mais instruções sobre o tabernáculo (Êx 30.1-31.11)

1. O ALTAR DO INCENSO (**#Êx 30.1-10**). O altar do incenso ficava diretamente defronte do véu que ocultava a arca, que estava dentro do santo dos santos; aquele altar estava intimamente associado ao lugar santíssimo, pois a arca, sobre a qual ficava o propiciatório, era o lugar onde Deus se encontrava com Seu povo (6), e, visto como o incenso representa oração (**#Sl 141.2**), o altar do incenso era apropriadamente colocado próximo da arca,

ainda que do lado de fora do véu, pois o sacerdote tinha de usá-lo diariamente. Conf. #Hb 9.4. **Incenso estranho** (9), isto é, não preparado da maneira prescrita, ou então oferecido impropriamente. Quanto aos versículos 1-10, conf. #Ap 8.3-5, e ver anotações sobre #Lv 10.

>Êx-30.11

2. **DINHEIRO PARA O SERVIÇO DO TABERNÁCULO (#Êx 30.11-16)**. Nenhuma menção é feita, nesta passagem, a forças militares, e o significado simples parece ser que todas as pessoas adultas (14) de ambos os sexos, deveriam ser incluídas no censo da população. Mediante a arrecadação de meio siclo (cerca de US\$ 30), não apenas era suprido o serviço do tabernáculo (16), mas todo o povo era lembrado que sua grande população não era uma glória para si mesmos, mas que cada qual era preservado em vida exclusivamente por causa da misericórdia de Deus (12), e que suas almas pecaminosas eram uma perda para Ele. Davi se esqueceu de ambas essas lições (#2Sm 24). Mas a contribuição pessoal era tão pequena que deixava claro que, apesar da expiação ser necessária, tratava-se aquela importância apenas de um sinal sobre o fato, e que nenhuma soma em dinheiro poderia redimir a alma. A mesma quantia, para ricos e pobres igualmente (15) evitou que os ricos se orgulhassem e se vangloriassem, e fê-los lembrar-se que, aos olhos de Deus, todas as almas têm igual valor. Ver #Êx 38.25-28 quanto ao uso que foi feito dessa primeira arrecadação.

>Êx-30.17

3. **A PIA (#Êx 30.17-21)**. A frase, duas vezes repetida, **para que não morram** (20-21) mostra que o lavar tinha certa significação cerimonial. Quanto a uma aplicação do Novo Testamento sobre isso, ver #Hb 10.22.

>Êx-30.22

4. **O AZEITE DA UNÇÃO (#Êx 30.22-33)**. Por todas as páginas do Antigo Testamento a unção preenche um importantíssimo lugar nas ordenanças de Deus para seu povo, e significa a doação do Espírito Santo com propósitos divinamente apontados. Os profetas, sacerdotes e reis eram ungidos, e todos esses ofícios se encontram focalizados na pessoa de Cristo. (Em grego, "Cristo", equivalente ao hebraico "Messias", significa "ungido"). O unguento ou azeite era para ser preparado dos melhores ingredientes, e tinha de ser composto por indivíduos especialmente habilidosos; e era exclusivo, não

sendo usado para nenhum outro propósito senão aquele especificado, nas ordenanças sagradas. **Para que sejam santíssimas** (29), isto é, "devem ser santas" tal como em **#Êx 29.37. A carne do homem** (32). A não ser os sacerdotes.

>Êx-30.34

5. O INCENSO SANTO (**#Êx 30.34-38**). Cautela semelhante tinha de ser tomada na composição do incenso, e restrições semelhantes às impostas sobre o azeite da unção foram impostas sobre o incenso.

Êx-31.1

6. OS ARTÍFICES A SER EMPREGADOS (**#Êx 31.1-11**). Para o desempenho desse sagradíssimo trabalho, não eram requeridos apenas homens de rara habilidade, tais como Moisés mesmo poderia conhecer e ter nomeado, mas eram requeridos homens cujos corações fossem retos para manusear coisas santas. Somente Deus poderia conhecer e nomear tais homens, e ele destacou por seus nomes aqueles que Ele escolheu e capacitou para essa honra. Aquelos dois homens deveriam ambos empregar sua própria habilidade numa variedade de tarefas, e também deveriam supervisionar outros artífices que não são chamados por seus nomes (6), os quais foram igualmente equipados por Deus, mas cuja nomeação foi deixada a cargo de Moisés. **Enchi do espírito de Deus** (3). Antes do dia de Pentecoste, lemos sobre o fato do Espírito Santo ter sido proporcionado a indivíduos com finalidade de se desincumbirem de tarefas especiais, e de várias maneiras; conf. **#Jz 6.34; #Jz 14.6; #1Sm 10.10; #1Sm 16.13; #1Cr 12.18; #Sl 51.11. Os vestidos do ministério** (10). Talvez fossem as capas para os vasos sagrados, quando estavam sendo transportados (**#Nm 4.6-13**), ou então uma descrição geral das vestes dos sacerdotes, particularizadas na frase seguinte.

>Êx-31.12

h) O sinal do sábado (Êx 31.12-17)

Muito mais importante que a circuncisão, como sinal do concerto estabelecido entre o Senhor e Israel, era o sábado, uma instituição que se originou no começo do mundo (**#Gn 2.2-3**). O sábado foi usado por Deus como sinal especial de Sua relação para com eles. Destacava Israel dentre todas as outras nações. A observância do sábado foi considerada pelos profetas como o teste

crucial da obediência dos israelitas a seu Deus, como, por exemplo, em [#Jr 17.19-27](#); [#Ez 20.12-24](#).

>Êx-31.18

i) As tábuas do testemunho (Êx 31.18)

Duas tábuas... escritas (18). A culminação da promessa dada em [#Êx 24.12. Pelo dedo de Deus](#); devemos entender não uma mão literal, mas algum poder divino invisível. Ver [#Lc 11.20](#). É usualmente entendido que somente os dez mandamentos foram inscritos nas tábuas de pedra.

Êx-32.1

VII. A IDOLATRIA DOS ISRAELITAS E A INTERCESSÃO DE MOISÉS (Êx 32.1-33.23)

a) A fabricação do bezerro de ouro (Êx 32.1-6)

Durante sua permanência no Egito, os israelitas tinham caído na idolatria (ver [#Lv 17.7](#); [#Js 24.14](#); [#Ez 20.8](#)) e tão profundamente enraizado em seus corações era seu desejo por uma imagem visível para adorar, que nem bem se passaram seis semanas, durante as quais a influência imediata de Moisés foi removida, e já estavam fazendo clamor, exigindo um deus ídolo. Tão intimamente estava Moisés em comunhão com Deus que para eles deve ter parecido que, sem Moisés, estavam sem Deus, e precisavam apelar para uma imagem criada. **Deuses** (1). Deveria ser traduzida no singular, "um deus". **Arrancaí os pendentes** (2). Provavelmente Aarão esperava poder refrear seu frenesi por meio daquela ordem, esperando que relutassem em desfazer-se de seus ornamentos, mas a paixão deles não parava diante de coisa alguma. **Formou o ouro com um buril** (4). Provavelmente uma melhor tradução seria: "colocou o ouro numa saca, e fez dele um bezerro fundido". **Estes são teus deuses** (4). Melhor tradução seria: "Este é teu deus". Essa representação era comum no Egito. Foi renovada por Jeroboão ([#1Rs 12.28-32](#)) e se tornou um gravíssimo pecado no reino do norte, Israel. **Que te tiraram** (4). Melhor: "Que te tirou". Não substituíram Jeová pelo ídolo, mas pensaram em adorá-Lo mediante a forma da imagem; ver também versículo 5, onde a festa ao Senhor se transformou uma festa ao bezerro. **Edificou um altar** (5). Aarão agravou a ofensa adicionando ele mesmo o altar, rodeando o blasfemo objeto com um ar

de santidade religiosa e abrindo caminho para o povo adorar à obra de suas próprias mãos.

>Êx-32.6

A comer e a beber... a folgar (6). A idolatria envolve a sensualidade. Era vão para eles dizerem que em realidade estavam adorando ao Senhor (uma afirmação freqüentemente feita hoje em dia por aqueles que professam não adorar as imagens, mas que dizem que as imagens os ajudam a imaginar e a adorar o Deus invisível), pois estavam adorando suas próprias concupiscências. O comer e o beber era justificável na adoração a Jeová (#Dt 12.18), mas o regozijo deles não era espiritual, mas carnal. Deram rédeas soltas às suas paixões no "folgado", a dança orgíaca que se seguiu, e que quase invariavelmente era acompanhada de ritos idólatras. Ver o vers. 25 e conf. #1Co 10.6-7.

>Êx-32.7

b) Moisés intercede pelo povo (Êx 32.7-14)

Teu povo (7). Tinham-se alienado do Senhor, mas ainda pertenciam a Moisés. **Depressa se tem desviado** (8). A despeito da profissão de seus lábios (#Êx 24.3), quão longe do Senhor estivera o coração do povo durante todo aquele tempo! **Obstinado** (9). Como um boi ou cavalo que resiste às rédeas. **Deixa-me** (10). Por meio dessas palavras o Senhor estava testando Moisés, conforme o Senhor Jesus testou os dois discípulos em Emaús (#Lc 24.28). Não se tratava de uma proibição final, a respeito do que Moisés não devesse interceder, mas de um teste quanto ao seu caráter e sua reação à sugestão de Deus fazer a ele (Moisés), e não Abraão, o pai do povo escolhido. Mas a humildade e a fidelidade de Moisés passou no teste e, negando a si mesmo, persistiu em orar a favor dos israelitas. **Moisés suplicou ao Senhor...** (11). Conf. as reminiscências de Moisés em #Dt 9.8-21. Os três argumentos de Moisés todos apelam em favor da honra do Senhor: A continuada presença daquela gente ali, perante o Sinai, era em si mesma uma evidência do grande poder de Deus (11). Os egípcios atribuiriam, falsamente, más intenções da parte de Deus, ao tirar os israelitas do Egito (12). Deus certamente deveria manter-se fiel às Suas promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó (13).

>Êx-32.14

O Senhor arrependeu-se (14). Uma expressão antropomórfica adaptando os caminhos infinitos de Deus às mentes finitas dos homens. Deus não se arrepende como o homem, como se tivesse errado ou fosse fraco de mente para realizar Seus propósitos. Quando Deus se "arrepende", Ele altera, não Seus propósitos eternos, mas o curso dos eventos que Ele anteriormente declarara, porque as orações ou a conduta alterada de Seu povo alteram as condições sob as quais Ele fizera originalmente aquela declaração.

>Êx-32.15

c) O povo é castigado (Êx 32.15-29)

Obra de Deus (16). Tanto a construção das tábuas de pedra como a inscrição nelas, foram feitas por direta agência divina. **Josué** (17). Ele estivera esperando na montanha, mais abaixo (#Êx 24.13) mas agora Moisés reunira-se a ele. **Alarido... alarido... alarido...** (18). No heb. o verbo é o mesmo em cada caso, e não um alarido de vitória ou de derrota, mas um alarido indefinido. **Furor** (19). Não uma paixão incontrolável, como esta palavra parece dar a entender, mas uma justa indignação. **Arremessou as tábuas... e quebrou-as** (19). A maior punição que um povo pode sofrer é a perda da lei de Deus. Conf. #Am 8.11-12.

>Êx-32.21

Que te tem feito este povo...? (21) Moisés teve discernimento para ver que o pecado se originara entre o povo, mas que igualmente Aarão, que estava encarregado deles, por seu consentimento, também se tornara responsável pelo pecado. Semelhante foi o caso de Adão, o cabeça de sua mulher, ao consentir na sugestão de Eva, foi responsabilizado por trazer o pecado sobre toda a raça humana. #Rm 5.12 diz corretamente que "por um só homem entrou o pecado no mundo", e não "por uma só mulher". **Sabes que este povo é inclinado ao mal** (22). À semelhança de Adão, Aarão lançou a culpa sobre os ombros de outrem, e adicionou a absurda desculpa que o bezerro surgiu automaticamente (24). Constrangimento e acidente são freqüentemente desculpas apresentadas pelo pecado.

>Êx-32.25

Despido (25). Algumas versões dizem "desenfreado", mas esta tradução está de acordo com o sentido original. Ver versículo 6 nota. **Seus inimigos** (25).

Possivelmente amalequitas, escondidos nos recessos das montanhas, que veriam tudo quanto transpirasse. **Mate cada um a seu irmão** (27). Deveriam matar instantaneamente quem quer que ainda encontrassem no ato da idolatria. A despeito da ação de Moisés (20), muitos dentre o povo persistiram em seu ritual orgíaco. Aqueles que se apresentassem como voluntários para aquela matança não deveriam poupar nem irmãos nem filhos (29). **Consagrai hoje** (29). Em heb., "Enchei vossas mãos"; conf. **#Êx 28.41**; **#Êx 29.24**. O uso, aqui, deste termo técnico para a instalação de um sacerdote em seu ofício, indica que, por causa de seu zelo pelo Senhor, a tribo de Levi naquela ocasião se colocava numa posição em que estavam a caminho de se tornar uma tribo de sacerdotes. Conf. **#Nm 25.11-13**.

>Êx-32.30

d) Moisés intercede novamente, e é-lhe mostrada a glória divina (Êx 32.30-33.23)

Porventura farei propiciação (30); isto é, oferecendo-se em lugar deles (32). **Perdoa o seu pecado** (32). Seria aconselhável suprir aqui palavras como "Seria bom", no início desta frase. Estas foram palavras não de uma petição formal, mas de um coração sobrecarregado pelo desejo que o povo fosse salvo e que o Senhor fosse honrado (conf. **#Rm 9.2-3**). A idéia de punição e expiação vicárias se encontra desde o princípio mesmo da revelação divina. Nenhum mero homem pode expiar pelo pecado de seu semelhante (**#Sl 49.7**), mas Deus estava ensinando o povo a esperar isso de Seu Filho. **Aquele que pecar** (33). Deus teve misericórdia da nação, mas reservou-se o direito de castigar os indivíduos culpados, sempre que alguém desobedecesse. Contudo, a própria nação inteira foi punida pela remoção da própria presença imediata de Deus, substituindo-se por um anjo (34).

Êx-34.1

VIII. A RENOVAÇÃO DO CONCERTO (Êx 34.1-35)

A visão que acabara de ser prometida deveria ser concedida quando Deus renovasse a aliança, que o povo havia quebrado por sua idolatria. Dessa maneira Deus fez com que a própria rebelião de Seu povo redundasse em Seu favor, pois proveu a oportunidade de Moisés requerer seus pedidos, em **#Êx 23**, e para uma revelação, em resposta, a respeito das excelências da natureza de Deus, que ultrapassou qualquer coisa conhecida até então. **Lavra-te** (1).

Conf. 32.16 nota. Dessa vez Moisés preparou as tábuas de pedra, mas novamente Deus escreveu sobre elas. A lei continuou tão completamente divina como antes; contudo o pecado perdeu algo que lhe tinha sido concedido anteriormente.

>Êx-34.6

Passando (6). Conforme prometido em #Êx 33.19-23. **Apregou o nome do Senhor...** (5-7). Deus já tinha feito Seu nome, isto é Sua natureza, conhecido a Moisés, em #Êx 3.14; #Êx 4.3, e novamente no Sinai, #Êx 20.5-6 (ver anotação), mas aqui Ele revelou mais ainda sobre Seu caráter. Em #Êx 20.6 Ele falara sobre misericórdia, mas agora a infinita graça de Deus é revelada. Melhor seria traduzir a declaração do Senhor, nestes versículos, como: "Jeová, o Senhor, um Deus cheio de compaixão e gracioso, tardio em irar-se, é abundante em misericórdia e verdade". **Verdade** (6). Ele é eternamente veraz para Consigo mesmo e para com Sua palavra. **Iniquidade** (7). Heb., 'awon. Pecados cometidos devido a uma perversa disposição. **Transgressão** (7). Heb., peshah'. Rebelião contra Deus. **Pecado** (7). Heb., hata'ah, derivada de hata', errar o alvo; a palavra mais geral para pecado, no Antigo Testamento. Note-se que a ordem de #Êx 20.5-6 aqui aparece revertida. Aqui a misericórdia e o perdão são declarados em primeiro lugar, e finalmente, como corretivo contra a presunção, são lembrados que Deus continua mantendo Sua justiça. **Moisés apressou-se... encurvou-se...** (8). Apesar de estar tão ansioso em contemplar a glória divina, o coração de Moisés nunca deixou de estar pleno de reverente adoração. Contraste-se isso com o espírito dos idólatras, que fizeram um deus para seus olhos verem, e folgaram defronte dele. **Se agora** (9). Melhor: "Visto que agora...".

>Êx-34.10

Eu faço um concerto (10), isto é, Deus renova a aliança já feita, mas que já tinha sido violada pelos israelitas. Nos versículos seguintes são apresentadas tanto as promessas que Deus incluiu em Seu concerto como as condições sobre as quais o povo estaria em posição de aceitar as promessas, isto é, **Guarda...** (11); após isso, é dado um sumário das principais observâncias, representando todos os mandamentos transmitidos antes. **Maravilhas** (10). Exemplos: a travessia do Jordão, a destruição de Jericó. **Guarda-te** (12). Conf. #Êx 23.24-25,32-33. Detalhes adicionais são dados aqui (12-17). **Laço** (12). Conf. 23.33 nota. O laço é descrito nos versículos 15 e 16. **Estátuas** (13). Ver 23.24 nota. **Bosques** (13). Em heb., 'Asherim. Árvores sagradas ou postes

estabelecidos como símbolos da deusa cananéia Asera. Ritos grosseiramente imorais eram praticados em conexão com os postes-ídolos e os bosques, e essas coisas eram uma fonte de tentação para os israelitas, continuamente, até o exílio. **Zeloso** (14). Ver **#Êx 20.5** e segs. **Suas filhas... teus filhos** (16). O casamento entre crentes e incrédulos até este dia é quase invariavelmente um "laço" para os primeiros. Salomão e Acabe são exemplos proeminentes (conf. **#1Rs 11.1-4; #1Rs 16.31; #Nm 25**).

>Êx-34.18

A festa dos pães asmos (18). Ver **#Êx 12.14-20; #Êx 13.3-10; #Êx 23.15**. **O que abre a madre** (19-20). Ver **#Êx 13.12-13**. **Vazio** (20). Ver **#Êx 23.15**. **A festa das semanas** (22). Ver **#Êx 23.16**. A mesma que a festa da colheita. **Três vezes no ano** (23). Ver **#Êx 23.14**. **Cobiçará a tua terra** (24). Deus mesmo impediria seus inimigos de invadir suas terras, quando fossem deixadas desprotegidas por ocasião das festividades. **Não... com pão levedado** (25). Ver **#Êx 23.18-19**. **Teor destas palavras** (27), isto é, essas palavras salientavam, por meio de repetição, os termos, mais importantes da aliança cuja totalidade, conforme originalmente dada, devia ser observada. **Quarenta dias e quarenta noites** (28). Esse segundo período de quarenta dias, passados na montanha, foram quase inteiramente dedicados à intercessão a favor do povo rebelde. (**#Dt 9.18-19**; conf. **#Mt 4.1-2**). **Não comeu... nem bebeu** (28). Portanto, deve ter sido miraculosamente sustentado. **Escreveu nas tábuas** (28). O versículo 1 mostra que "Ele" foi quem escreveu.

>Êx-34.29

A pele do seu rosto resplandecia (29). Quanto à significação espiritual desta passagem ver **#2Co 3.7-18**. A glória do Senhor, que havia envolvido Moisés enquanto ele recebia a lei, agora era literalmente refletida de seu rosto, impressionando o povo com a autoridade divina das palavras que seu líder humano lhes transmitia. Uma glória semelhante brilhou não apenas do rosto, mas do corpo inteiro e das roupas do Senhor Jesus, quando Ele foi transfigurado (**#Mt 17.2**), mas Ele preferiu conservar essa glória oculta das multidões. **Assim acabou Moisés de falar** (33). Esta tradução inverte a significação do heb., que é, "Quando Moisés acabou de falar".

Êx-35.1

IX. CONSTRUÇÃO E EREÇÃO DO TABERNÁCULO (Êx 35.1-40.38)

a) O povo traz oferendas voluntárias (Êx 35.1-29)

Estas são as palavras (1). Antes de conclamar o povo para a obra da construção do tabernáculo, Moisés tornou a salientar a lei do sábado, tal como Deus havia feito quando acabara de dar o modelo (#Êx 31.12-17). O zelo pelo trabalho do Senhor não deve ser motivo de contravenção contra Suas próprias santas leis. Moisés provavelmente disse mais do que aparece nesses versículos, como em #Êx 31.12-17, e aqui adicionou uma advertência contra a tentação especial de fazer-se uma fogueira (3), uma tarefa árdua no deserto. Ver #Nm 15.32. **Cujo coração é voluntariamente disposto** (5). O valor de qualquer oferta ao Senhor jaz exclusivamente na atitude do coração do ofertante. Ele não aceita uma oferta feita à base de qualquer outro motivo senão o do amor espontâneo para com Ele. Note-se a ênfase dada à espontaneidade do povo, nos versículos #Êx 35.21-22,29; #Êx 25.2; #Êx 36.2; e conf. #1Cr 29.9; #Ed 1.5-6; #2Co 9.7. **Todos os sábios de coração** (10). Todos podiam fazer uma oferta voluntária, mas somente aqueles dotados da habilidade necessária ficariam encarregados da própria fabricação das coisas santas. Conf. 28.3 nota, e versículos 25-26,31,36. Quanto aos detalhes do trabalho e dos artífices, mencionados nestes capítulos, ver anotações sobre os capítulos anteriores.

>Êx-35.30

b) Os construtores fazem o trabalho segundo o modelo (Êx 35.30-39.43)

Êx-40.1

c) O tabernáculo é armado (Êx 40.1-33)

Falou mais o Senhor a Moisés (1). As diversas partes e artigos do tabernáculo estavam agora prontos, mas ainda não tinham sido armados em seus lugares respectivos. Para isso tinham de esperar pelo tempo marcado por Deus e por Suas instruções, dadas por intermédio de Moisés, quanto à ordem em que deveriam colocar cada porção do tabernáculo. **Cobrirás a arca** (3). Melhor, "porás as cortinas da arca". **Ungirás o tabernáculo** (9). Esta e as outras

ordenanças para a consagração do tabernáculo e dos sacerdotes já tinham sido dadas a Moisés, no monte. Ver #Êx 30.26 e segs. Tudo quanto diz respeito à adoração a Deus deve ser tocado pelo poder santificador do Espírito Santo. **Os unguirás como ungiste a seu pai** (15). Comparando-se #Lv 8.12 com #Lv 8.30, parece que o azeite foi derramado sobre a cabeça de Aarão, mas apenas aspergido sobre seus filhos. Ver #Sl 133.2. **Sacerdócio perpétuo** (15). Não no mesmo sentido do sacerdócio do Senhor Jesus Cristo, que é sacerdote para sempre (#Hb 7.17,23-25,28). Aarão e seus filhos morreram, e quando Cristo apareceu o sacerdócio arônico, que era um mero tipo, desapareceu por si mesmo. O significado aqui é que enquanto permanecesse o sacerdócio, este estaria reservado aos descendentes de Aarão. **No mês primeiro** (17). No décimo quarto dia daquele mês os israelitas tinham saído do Egito, há exatamente dois anos antes. No Dia de Ano Novo, pois, o tabernáculo foi erigido, tarefa essa que foi terminada em um só dia.

>Êx-40.34

d) A glória do Senhor (Êx 40.34-38)

Então a nuvem cobriu a tenda (34). Quando tudo fora completado, segundo os Seus mandamentos, o Senhor, por esse sinal visível de Sua glória, declarou que aceitava a obediência deles, e que estava a cumprir Sua promessa de permanecer com eles pessoalmente (#Êx 33.14-17). A mesma nuvem e o mesmo fogo que os tinham liderado antes (#Êx 13.20-22) continuavam a guiá-los; mas agora era o tabernáculo, o símbolo do governo de Deus sobre eles e de Sua habitação entre eles, que era o centro dessa manifestação. Conf. #Ez 43.7. **Moisés não podia entrar** (35). A luz e o fogo da manifestação da glória divina eram tão espantosos que nem mesmo Moisés, que falara com o Senhor face a face, ousou aproximar-se. Conf. #1Rs 8.11. Porém, o que Moisés não podia fazer, Cristo fez em nosso lugar, entrando no santo lugar que foi feito sem mãos (#Hb 9.24), pelo que também, por meio d'Ele, temos a ousadia de entrar no santíssimo lugar (#Hb 10.19-22).

J. C. Connell

LEVÍTICO

INTRODUÇÃO

I. TÍTULO E CARACTERÍSTICAS

O Levítico é o terceiro dos cinco livros que compõem a "Lei" de Moisés. Contêm dez das cinquenta e quatro seções em que se dividia o Pentateuco para a leitura anual da Lei na Sinagoga. Os judeus conheciam-no pelo nome de **Wayyiqra**, utilizando a frase inicial do primeiro versículo: "E chamou". O nome de Levítico foi adotado pela tradução grega da Septuaginta, baseando-se no fato de quase todos os sacerdotes serem levitas, ou seja, membros da tribo de Levi.

O livro destina-se especialmente aos sacerdotes, donde a freqüente alusão a Arão e a seus filhos. Os Levitas são mencionados apenas num curto texto (**#Lv 25.32** e segs.). Mas, tratando-se dum manual para os sacerdotes, convém frisar que muitas das leis são precedidas da frase: "Fala aos filhos de Israel". É porque estas leis, muitas delas exigindo a mediação dos sacerdotes, se dirigiam diretamente ao povo, formando parte daquela Lei que no fim de contas pedia aos sacerdotes a responsabilidade sobre aquilo que ensinaram ao povo (**#Dt 31.9**; **#Dt 33.10**; **#Ne 8**). Não se trata, pois, dum livro esotérico. Apenas se esperava dos sacerdotes que cumprissem devidamente a sua missão naquele serviço do santuário, que tanta importância tinha para cada verdadeiro israelita.

II. O PANO DE FUNDO

O lugar e altura em que estas leis foram promulgadas é bem definido, sendo durante a permanência no monte Sinai (**#Lv 7.38**; **#Lv 25.1**; **#Lv 26.46**; **#Lv 27.34**), que durou até o "vigésimo dia do segundo mês do ano" (**#Nm 10.11**). A afirmação do versículo 1 supõe a construção do Tabernáculo, que **#Êx 40** acabava de descrever. A alusão ao oitavo dia (**#Lv 9.1**) deve referir-se ao dia seguinte aos sete dias da consagração de Arão e de seus filhos (**#Lv 8.33**), em princípio contados a partir da montagem do Tabernáculo no primeiro dia do primeiro mês (**#Êx 40.2**). Seguiu-se logo o pecado de Nadabe e Abiú (**#Lv 10.1-2**). As palavras "E fez Arão como o Senhor ordenara a Moisés" (**#Lv 16.34**), com que termina o ritual do dia da expiação, são duma certa importância, porque indicam que o próprio Arão executou este ritual de

expição por todo o povo, o que significa que aqui foi adicionada à Lei a relação da sua primeira observância, realizada quase cinco meses depois da partida do Sinai. Saliente-se ainda que em #Lv 23.44 se faz esta afirmação: "Assim pronunciou Moisés as solenidades do Senhor aos filhos de Israel". Finalmente é de notar que a libertação do Egito vem representada como um conhecimento pessoal (cfr. #Lv 11.45 e #Lv 18.3 com #Lv 26.45) e que a posse da terra se considera ainda futura (#Lv 14.34; #Lv 19.23; #Lv 23.10; #Lv 25.2).

III. O AUTOR

Nenhuma alusão se faz no livro a qualquer espécie de ordem para se escreverem as leis que nele se encontram. Mas várias vezes se afirma que essas leis foram promulgadas através de Moisés, e cerca de trinta vezes deparamos com esta frase: "E falou o Senhor a Moisés". Pelo menos, começam assim vinte dos vinte e sete capítulos deste livro. O nome de Arão anda por vezes ligado ao de Moisés (#Lv 11.1; #Lv 14.33; #Lv 15.1), sendo que uma única vez aparece isolado (#Lv 10.8). Em face, pois, dos textos de Êxodo, de Números e de Deuteronômio, relativos à ordem para se escreverem os mandamentos confiados a Moisés (#Êx 24.4-7), podemos concluir que essas instruções, de tanta importância para a felicidade e salvação do Povo de Deus, muitas delas até tão minuciosas que dificilmente se recordariam, foram, sem dúvida, escritas pelo próprio Moisés, ou então por alguém que o fizesse sob a superior orientação do mesmo.

IV. FINALIDADE E APLICAÇÃO

A finalidade imediata e direta deste livro só pode ser a de dar a conhecer os princípios e as leis por que se regia o Povo escolhido, cujo Deus era um Deus santo, e que exigia que o Seu Povo fosse santo também. "Sereis santos, porque Eu Sou santo" -é a ordem que vem de cima (#Lv 11.44). O santuário de Deus está no meio do povo, para que, prestando-Lhe culto ali, saibam que se encontram "perante o Senhor". (Cerca de 60 vezes lemos esta frase no Levítico). Exige-se, porém, a separação de toda a impureza e de todo o pecado. Mas como a natureza humana é pecaminosa e inclinada a pecar, há que recorrer à expiação pelo pecado e à purificação de toda a impureza. É por isso que logo de início se faz alusão à lei do sacrifício.

São numerosas e variadas as leis de Levítico: umas gerais, outras específicas; umas rituais, outras morais; severas umas e suaves outras. Todavia, no fundo

tendem a separar Israel das outras nações, reservando-o para o serviço de Deus, que fez dele o Seu Povo ao libertá-lo da escravidão dos egípcios. Enquanto forem puramente rituais, estas leis são provisórias e obrigatórias apenas na dispensação de Moisés, à qual pertencem. Mas tiveram uma referência direta a Israel como nação, que ia ser governada em todos os aspectos da sua vida nacional e individual apenas pela Lei de Moisés. Neste sentido rigorosamente histórico, podemos dizer que o Levítico tem o seu interesse para todo o leitor cristão, pois lhe fala do modo como Deus tratou o Seu Povo, quando "na menoridade" ainda, necessitava de instrução e preparação. De resto, muitas das leis, as dietéticas por exemplo, envolviam princípios de higiene, que ainda hoje têm valor. É o caso da utilização da carne de porco, nem sempre aconselhável. Para o conselho do Novo Testamento, cfr. [#1Co 10.31](#); [#Rm 14.20](#). Se considerarmos as leis morais, não há dúvida que estas leis são de caráter permanente. Tanto ao Cristão como ao Judeu da atualidade, com as suas tendências para o mal e para a infração da Lei de Deus expressa no Decálogo, se exige inteira obediência à Lei moral de Deus, tal como outrora se pedia ao Povo Israelita. Cfr. [#Dt 4.8](#) nota. O pedido insistente do Levítico para que o povo seja santo, porque o seu Deus também o é, vem confirmado no Novo Testamento ([#1Pe 1.15](#)).

Este livro tem a característica de apresentar numa harmonia de conjunto dois elementos não só distintos, mas até, ao parecer de muitos, incompatíveis. É de todos os livros do Velho Testamento o que com mais pormenores se refere à Lei, procurando governar toda a vida do Povo de Deus através de princípios gerais ou de preceitos especiais, e assim exigindo aquilo que poderíamos resumir com as palavras do Apóstolo "Quer comais, quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus" ([#1Co 10.31](#)): insiste também na santidade do povo, baseada na santidade de Deus: "Sereis santos, porque Eu Sou santo". E finalmente, como nenhum outro livro do Velho Testamento, foca a obra maravilhosa da Redenção humana através de Cristo, como que respondendo à pergunta de Jó: "Como se justificaria o homem para com Deus" ([#Jó 9.1](#)) com palavras deste gênero: "Levará a sua oferta...", "Porá as mãos na cabeça...", "Confessará que pecou...", "E o matará...", "E o sacerdote aspergirá o sangue...", "Fará expiação por ele, e será perdoado".

É este o Evangelho do Novo Testamento que, para os pecadores, se apresenta em termos próprios do Velho, enriquecido com o ritual do sacrifício, que termina com o Dia da Expição. "Nada há semelhante a este grande Dia da Expição nos outros povos da antiguidade" comenta um autor moderno.

"Se todo o sacrifício visa a pessoa de Cristo, este muito mais. Se **#Is 53** é a essência das profecias messiânicas, **#Lv 16** é dos tipos mosaicos a mais pura e refinada flor do simbolismo do Messias". Para compreendermos o Calvário, vendo nele toda a sua glória trágica, temos de o contemplar à luz de toda a história sagrada, que nele se concentra. Com Isaías, o profeta "evangélico" do Velho Testamento, e com o autor da Epístola aos Hebreus, voltemo-nos para o Levítico e admiremos o que ali se diz do grande Dia da Expição, não esquecendo as considerações que lhe seguem: "Porque a alma da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas: porquanto é o sangue que fará expiação pela alma" (**#Lv 17.11**). Deste modo veremos desenrolar-se diante de nós o magnífico drama da Redenção, e à luz da imagem passaremos a compreender melhor a realidade.

Lv-1.1

I. OS SACRIFÍCIOS Lv 1.1-7.38

Não é sem razão, que este manual do sacrifício, -assim o poderíamos designar, -se encontra em primeiro lugar no Levítico, mencionando em primeiro lugar as leis dos sacrifícios e só depois a ordenação dos sacerdotes, que a eles presidem. Do mesmo modo em Números o recenseamento das tribos precede a celebração da Páscoa, acontecimento na realidade anterior àquele (**#Nm 1.1**; **#Nm 9.1**).

Este código do sacrifício apresenta-se, entra sem rodeios diretamente no assunto, e a conjunção "e" que o inicia, liga-o às palavras finais do Êxodo (**#Êx 40.34** e segs). Antes de falar com Moisés, o Senhor **chamou-o**, palavra mais forte do que "falar", como se se tratasse do assunto da maior importância para o Seu Povo, como ordens decisivas (cfr. **#Êx 24.16**; **#Nm 12.5**), ou comunicações de vulto (cfr. **#Êx 3.4**). São exemplos a proclamação das festas (**#Lv 23.2,4,21,37**) e do Dia da Expição (**#Lv 25.10**). A dupla expressão "**Chamou... e falou**" tem maior ênfase do que o simples verbo "falou" ou "disse". **Da tenda da congregação** (1). Melhor: "Fora da tenda do encontro". Cfr. **#Êx 25.9** nota. Uma versão usa o termo "tabernáculo" para o vocábulo hebraico **mishkan**, significando o conjunto formado pelas tábuas de madeira dourada, cobertas de linho e bordadas com desenhos de serafins (cfr. **#Êx 26.7**), enquanto a palavra "tenda" (' **ohel**) se aplica ao conjunto das cortinas que o cobriam, ou em parte, ou na totalidade (cfr. **#Êx 40.19**). Outra versão, porém, confunde os dois termos e emprega-os indistintamente, traduzindo ' **ohel** ora por "tenda", ora por "tabernáculo". Seja como for, o certo é que o

tabernáculo já se encontrava definitivamente montado, e que o Levítico por isso se coaduna perfeitamente com o último capítulo do Êxodo.

Antes de prosseguirmos, convém frisar o seguinte: Primeiramente, os sacrifícios são considerados sob dois aspectos, ou seja, a porção do sacrifício que pertencia ao Senhor (#Lv 1.2-6.7) e a porção do sacerdote e do oferente (#Lv 6.8-7.36). Em seguida, tratam-se independentemente as cinco espécies de ofertas: (os holocaustos, a de manjares, pelo pecado, pela culpa e a oferta de paz), sem se pensar em qualquer ralação que possa existir entre elas. Em terceiro lugar, as descrições não são completas e supõem outras já feitas ou que ainda se seguirão (por exemplo, não se faz qualquer alusão à oferta de bebidas ou ao pão asmo). Finalmente, nem sempre a ordem cronológica é observada rigorosamente.

>Lv-1.2

a) A porção do Senhor (Lv 1.2-6.7)

Fala aos filho de Israel (2). São leis que dizem respeito a todo o povo, pois não só os sacerdotes, mas também os leigos eram obrigados a cumprir com exatidão as suas obrigações. **Oferecer oferta** (2). A palavra hebraica **corban** (cfr. #Mc 7.11) tanto pode significar "oferta" como "sacrifício" (#Nm 7.11). **Gado** (2). Incluía os animais impuros como cavalos, burros e camelos. Cfr. #Êx 9.3, onde se alude ao "gado" do Faraó, que abrangia cavalos, jumentos, camelos, bois e ovelhas. **Vacas** (2) é o termo genérico para todo o gado bovino, tal como **ovelhas** designa todo o gado ovino e caprino. Só estes animais e alguns pássaros podiam ser objeto de sacrifício.

>Lv-1.3

1. O HOLOCAUSTO (#Lv 1.3-17). (Veja-se também #Lv 6.8-13). Com este nome se designava toda a carne que se queimava sobre o altar (#Dt 33.10; #Sl 51.19; #Lv 6.22-23). O termo original 'olah de significado "aquilo que sobe", tanto podia referir-se à oferta que subia ao Senhor como ao **cheiro suave** (17), ou ainda ao animal inteiro, e não apenas parte dele, que era oferecido, ou erguido sobre o altar. Embora não seja o mais importante, é no entanto este sacrifício o que se menciona em primeiro lugar, talvez por ser o mais grandioso. Note-se que o grande altar de bronze é conhecido por "altar do holocausto" (#Êx 30.28; #Êx 31.9; #Lv 4.7,10,18). Em #Lv 4.24,33 afirma-se

que o bode será degolado "no lugar onde se degola o holocausto". A "oferta contínua" (tamidh) era também um holocausto (#Êx 29.42; #Nm 28; #Nm 29).

O contraste entre #Lv 1.2; #Lv 2.2 e #Lv 4.2; #Lv 5.15 leva-nos à conclusão de que o holocausto podia ser um sacrifício voluntário. Mas em #Lv 1.3, segundo outra versão, admite-se mais facilmente que seja "para sua aceitação" do que propriamente "de sua própria vontade". O animal devia ser "macho e sem mancha" (3). O mesmo se dava com o sacrifício pelo sacrilégio (cfr. #Lv 5.15). Segue-se a descrição pormenorizada do ritual do sacrifício (5-9). O oferente conduzia o animal até à porta da tenda do encontro, sobre o qual punha ambas as mãos, confessando ao mesmo tempo as suas iniquidade (#Lv 16.21; #Dt 26.13 e segs.). Em seguida era degolado "perante o Senhor", esfolado e dividido em pedaços, sem se lhe partir os ossos (cfr. #Êx 12.46; #Nm 9.12; #Jo 19.36). Depois da lavadas as entranhas e as pernas, o sacerdote recolhia o sangue da vítima para o aspergir sobre o altar, e queimava logo após toda a carne. Repara-se na frase enfática: **Os filhos de Arão, os sacerdotes** (#Lv 1.5,8,11; #Lv 2.2; #Lv 3.2). A cerimônia do sacrifício é de fato uma missão exclusivamente própria dos sacerdotes, a quem, todavia, não cabe qualquer parte da vítima, a não ser o couro do animal (#Lv 7.8). Neste sacrifício, ao contrário do que sucedia com o do pecado e da expiação de culpa, dá-se especial realce à consagração e à dedicação do oferente, como nos dá a entender o apóstolo Paulo que nas palavras "vossos corpos" e "sacrifício vivo" devia ter em mente o holocausto antigo (#Rm 12.1). Mas as palavras **para que seja aceita por ele para a sua expiação** (4) e a aspersão do sangue em torno do altar implicam sem dúvida a confissão e a expiação, que deviam preceder a dedicação (cfr. #Lv 17.11). **Para a sua expiação** (4). Literalmente o termo "expiar" significa "cobrir", admitindo, no caso do pecado, que o Deus de Israel não podia contemplá-lo (#Hc 1.13; #Sl 51.1,9; #Sl 103.12; #Is 43.25; #Is 44.22; #Mq 7.19; #Hb 10.1-4). O sangue da expiação tanto podia referir-se às pessoas (4) (cfr. #Lv 4.20), como às coisas (por exemplo, ao altar-cfr. #Êx 29.36). O holocausto, de qualquer modo, seria sempre "uma oferta queimada, de cheiro suave ao Senhor" (9). "Oferta de fogo" é o termo que se aplica a todos aqueles sacrifícios, que na totalidade ou em parte deviam ser queimados sobre o altar. De muitos deles se diz que constituiriam um "cheiro suave" mas esta designação aplicava-se provavelmente a todo este gênero de sacrifícios. A expressão é antropomórfica e não deve, portanto, ser tomada à letra, por designar apenas a satisfação com que o Senhor recebe as ofertas do Seu Povo. O mesmo se deve dizer das palavras "pão de Deus" (#Lv 21.6 e segs.) e dos sacrifícios da paz (#Lv 3.11,16). Há quem tome tais palavras em sentido literal, vendo nelas o conceito imperfeito e primitivo de sacrifício. Tal

conceito é exclusivo pelo contexto. Não é de admitir tal ponto de vista, demasiado materialista e revelador de ignorância crassa, mesmo que haja alguns que assim pensassem. O fato de nessa altura, em que o Povo Israelita se alimentava à custa do Maná caído do Céu, se oferecerem sacrifícios a Deus, não significa que Deus precisasse dos alimentos humanos, mas desejava que Seus filhos Lhe oferecessem parte daqueles bens que o Céu tão generosamente lhes concedia, como sinal de reconhecimento que era Deus quem lhes sustentava a vida e os cumulava de todas as bênçãos. Embora muito posterior, o [#Sl 1](#) exprime claramente o conceito mosaico do significado de sacrifício.

Os requisitos para os sacrifícios dum carneiro ou duma cabra eram os mesmos que se exigiam para o sacrifício do boi (10-13). O local preferido era o lado norte do altar (11), isto para todos os sacrifícios, exceto para a oferta da paz. Tratando-se de aves, era muito mais simples o cerimonial do sacrifício, embora baseado nos mesmos princípios (14-17). A oferta das aves, ou obedecia a normas concretas já estabelecidas (cfr. [#Lv 12.6](#)), ou então substituía os outros animais no caso de ser pobre o oferente ([#Lv 5.7-10](#)).

Lv-6.8

b) A porção do sacerdote e do oferente (Lv 6.8-7.38)

Exceto no caso das ofertas dos manjares ([#Lv 2.10](#) cfr. [#Lv 5.13](#)), apenas se consideraram até agora os sacrifícios em atenção ao Senhor e em especial o destino a dar ao sangue da vítima e as porções que deviam ser consumidas no altar ou queimadas fora do arraial. Agora vai seguir-se uma série de leis relativas às porções do sacerdote e do oferente, todas iniciadas pelas palavras [Esta é a lei de](#) (vers. 9,14,25 etc.), e precedidas no princípio pela sentença do Senhor: "Dá ordem a [Arão](#) e a seus filhos" (9). Todas as leis, já mencionadas novamente deste ponto de vista.

1. A OFERTA DO HOLOCAUSTO ([#Lv 6.8-13](#)). (Veja também [#Lv 1.3-17](#)). Uma vez que a vítima era consumida totalmente sobre o altar, havia apenas que atender ao destino a dar às cinzas e à guarda do fogo do altar. Este, por exemplo, não se devia jamais deixar apagar, por ser o fogo sagrado de origem divina. De resto, o holocausto devia arder continuamente sobre o altar, como símbolo da consagração de Israel ao Senhor. É o que dá a entender [#Êx 29.38-42](#) ao falar de "holocausto contínuo", visto que o holocausto devia arder durante a noite.

>Lv-6.14

2. A OFERTA DE MANJARES (#Lv 6.14-18). (Veja também #Lv 2.1-16). À exceção do **memorial**, a oferta pertencia na totalidade ao sacerdote oficiante e, da mesma maneira que com os restantes sacrifícios, devia ser comido num lugar santo (16), isto é, dentro dos pátios do tabernáculo (26). **Tudo o que tocar nestas ofertas será santo** (18). Cfr. #Lv 6.27; Êx 29.21,37; Êx 30.29. Quer dizer que aqueles que em virtude do seu ministério eram autorizados a participar do sacrifício, só o deviam fazer quando devidamente purificados. O que aos leigos se aplicava (#Lv 7.20) com muito mais razão devia ser observado pelos sacerdotes e seus filhos varões, os únicos que podiam partilhar de tais sacrifícios (#Lv 6.18,29; #Lv 7.6; Nm 18.8-10).

>Lv-6.19

Seguem-se várias prescrições relativas à oferta contínua de cereal pelo sacerdote (19-23), que devia ser levada ao altar por Arão ou seu sucessor, de manhã e à tarde. Sendo perpétua e a oferecer pelos sacerdotes, estes não poderiam tomar parte nesta oferta, pelo que devia ser totalmente queimada.

>Lv-6.24

3. A OFERTA PELO PECADO (#Lv 6.24-30). (Veja também #Lv 4.1-5.13). No presente sacrifício, toda a carne, exceto a gordura, pertencia ao sacerdote oficiante: **O sacerdote que a oferecer pelo pecado a comerá** (26). Não admira, por isso, que se frise a santidade desta porção, a ponto de santificar tudo o que nela tocar, incluindo os vasos em que era cozido o sacrifício. **Será santo** (27), isto é, considerado santo e por esse fato afastado do uso comum, bem lavado e, se fosse de barro, seria quebrado. Os filhos varões dos sacerdotes participavam desta oferta, mas não estes, se a oferta fosse feita em sua intenção (30).

Lv-7.1

4. A OFERTA PELA CULPA (#Lv 7.1-10). (Veja também #Lv 5.14-6.7). Como nada se disse anteriormente acerca da porção do Senhor neste sacrifício, a lei só aludiu às ofertas da paz (#Lv 3.3 e segs.) e do pecado (#Lv 4.8-10), mas veio depois a desenvolvê-la mais pormenorizadamente em #Lv 7.2-5. Diz-se então que a porção do sacerdote é a mesma nesta oferta como aquela que era oferecida pelo pecado. A não ser a porção do Senhor, tudo pertencia

ao sacerdote. As ofertas de manjares, a que se faz alusão, são aquelas que acompanhavam os sacrifícios de animais, que se acabam de mencionar.

>Lv-7.11

5. O SACRIFÍCIO DA PAZ (#Lv 7.11-34). (Veja também #Lv 3.1-17). É este o último entre todos os sacrifícios em que podia tomar parte o oferente. Repare-se, pois, como são bem distintas as diferentes porções: a do Senhor, a do sacerdote e a do oferente. A porção do Senhor era a gordura, que se queimava sobre o altar (22-25). A do sacerdote constava do peito e da espádua direita da vítima (30-34). A preparação (manipular e agitar) do sacrifício dava a entender que o oferente entregava a Deus através dessa cerimônia tal porção pelo Seu ministro. O resto da carne pertencia ao oferente, embora com certas restrições. Em caso de voto ou da oferta voluntária, as sobras deveriam ser comidas no segundo dia (16). Se de louvores ou ação de graças, só no dia do sacrifício (15), e o que não se comesse, consumi-lo-ia o fogo. Uma coisa era certa em tais circunstâncias: encorajar um espírito generoso pelo convite feito aos amigos e parentes, especialmente os mais pobres, para que participassem deste alegre banquete (#Dt 12.12).

Juntamente com o sacrifício, devia o oferente apresentar diferentes espécies de bolos: uns, asmos e com azeite (12): levedados outros, mas também pertencendo às porções do sacerdote. Como alimento vulgar do povo incluía pão levedado, aquela oferta tinha um significado especial quando a Deus se oferecia, através do Seu ministro, uma parte do alimento quotidiano. Não podia, no entanto, este pão colocar-se sobre o altar. Mas repare-se também que, os bolos em questão, não constituíam propriamente a oferta dum manjar (cereal) ou duma refeição (*minhah*). Sem incenso, não podiam ser queimados no altar; estes bolos acompanhavam simplesmente a oferta da paz e deles partilhavam o sacerdote e o povo. A porção do sacerdote era chamada uma "oferta alçada" (14) e pertencia-lhe em razão do "estatuto perpétuo" (36), sendo-lhe oferecida no dia da sua consagração ao Sacerdócio (35). Não era tão santa esta oferta como a oferta da paz (#Lv 7.6); e é fácil de compreender que assim fosse, pelo fato de a vítima ser sacrificada "diante da porta da tenda" (#Lv 3.2) e poder ser partilhada tanto pelo sacerdote como por qualquer pessoa "limpa". O que acima convém frisar no simbolismo deste sacrifício é a comunhão com Deus e a alegre amizade com todos os que deste ato viessem a participar.

>Lv-7.35

6. ACENTUA-SE A ORIGEM DIVINA DAS LEIS (#Lv 7.35-38). *Esta é a porção... Esta é a lei* (35,37). A extensa enumeração destes sacrifícios termina pela alusão ao "estatuto perpétuo" concedido a Arão e seus filhos, que vem a ser nem mais nem menos do que uma confirmação da origem divina destas leis, pelo Senhor promulgadas no Sinai.

c) O significado do ritual

Em presença dos sacrifícios que acabamos de analisar pormenorizadamente, não é difícil reparar na clareza com que o autor no-los apresenta de maneira a vermos neles um símbolo perfeito da Obra Redentora de Cristo. Na Ceia do Senhor lembram os Cristãos a morte de Cristo no Calvário, sacrifício feito duma vez, de que todavia não podem participar. Comungam, no entanto, com Cristo, cuja Páscoa foi a oferta de paz por excelência, participam dos símbolos sagrados do Seu corpo partido e do Seu sangue derramado, já que o vinho sacramental simboliza o sangue por Ele derramado para expiação dos pecados, tornando-se assim fonte perene de vida para todos os crentes (#Jo 6.53); dedicam-se ainda de novo ao serviço do Senhor apresentando os seus corpos como sacrifício vivo em perene holocausto ao Senhor; finalmente esperam pela vinda do Sumo-Sacerdote celeste, que virá coroar a Sua gloriosa redenção recebendo para Si mesmo aqueles que aguardaram "a Sua vinda".

Sendo admissível a prática do sacrifício entre os povos da antigüidade mais remota, não admira que haja discussão acerca da relação entre o culto de Moisés e as práticas dos povos circunvizinhos. Se bem que sejam de notar certas diferenças fundamentais, como as seguintes: o Pentateuco representa o cerimonial mosaico como revelado diretamente por Deus: "O Senhor falou a Moisés, dizendo"; repetidas vezes se aconselha o povo a não seguir os costumes e as práticas dos egípcios ou dos cananeus; finalmente, os precedentes deste ritual devem remontar às primitivas práticas dos antepassados de Israel. As diferenças são, pois, de molde a superar as possíveis semelhanças. Diga-se ainda de passagem, que tais diferenças podem ser negativas a positivas. Sob o aspecto negativo não podemos achar qualquer relação com a adivinhação e os agoiros; com a alucinação mística, as automutilações, a prostituição sagrada, os sacrifícios humanos e pelos mortos, as hecatombes (proibidas em #Mq 6.7). Pelo lado positivo as diferenças essenciais recaem na moralidade e na integridade da vida: a necessidade da expiação pelo pecado; a atitude de retidão e de justiça a tomar pelo oferente, sobretudo a necessidade de arrependimento e de franca obediência à Lei do

Senhor; a santidade do sangue como representando a vida do animal aceito em substituição pelo oferente como expiação pelos seus pecados. Tomadas em conjunto, todas estas considerações levam a concluir que, não obstante as semelhanças, o ritual mosaico apresenta notáveis diferenças dos cultos dos outros povos e vem a ser único no gênero.

Lv-8.1

II. A CONSAGRAÇÃO DE ARÃO E DE SEUS FILHOS Lv 8.1-10.20

É evidente a íntima relação entre estes capítulos e os capítulos 28-29 de Êxodo, onde por três vezes se faz alusão à construção do Tabernáculo. Os capítulos 25-30 referem-se, sobretudo, ao mobiliário, e incluem instruções relativas ao vestuário dos sacerdotes e à sua consagração. Os capítulos 35-39 aludem às leis referentes ao Tabernáculo e #Êx 40 trata diretamente da montagem do mesmo e refere-se ao modo como Deus se dignou aceitá-lo. Poderíamos esperar que se seguisse imediatamente o ritual de consagração dos sacerdotes, como seqüência natural da dedicação do Tabernáculo e fazendo ainda parte do Êxodo. Mas, como a principal missão dos sacerdotes é oferecer sacrifícios, e ainda porque a oferta desses sacrifícios que por eles próprios imolavam formava parte indispensável da sua consagração, explica-se que o manual dos sacrifícios apresentado nos capítulos 1-7 do Levítico preceda esta importante secção.

a) Arão e seus filhos consagrados por Moisés (Lv 8.1-36)

O modo tão repentino como se inicia este capítulo com as palavras "Toma a Arão..." faz-nos pensar imediatamente em #Êx 29.1-3, onde se alude ao mesmo acontecimento. Daí o emprego do artigo definido antes dos objetos e animais em questão. Como cerca de quinze vezes deparamos com a frase "como o Senhor ordenou a Moisés", ou expressão equivalente, numa espécie de estribilho, é sinal que a cerimônia devia considerar-se como a conclusão da consagração do Tabernáculo e uma continuação dos capítulos 29-40 do Êxodo. É única a posição de Moisés (cfr. Caps. 28-29 do Êxodo), privilegiada e sem precedentes na história do Povo de Deus a quem "serviu" fielmente (cfr. #Nm 12.7; Hb 3.2-5). Por tal motivo, seria Moisés a oferecer "o novilho da expiação do pecado" de Arão (14-17), pertencendo-lhe, portanto, o peito do carneiro da consagração, que normalmente fazia parte da porção do sacerdote oficiante (#Lv 8.28; #Êx 29.26).

>Lv-8.3

O ritual da consagração dos sacerdotes constituía uma cerimônia impressionante, realizada na presença de "toda a congregação à porta da tenda da congregação" (3). Note-se a solenidade das palavras iniciais: **Isto é o que o Senhor ordenou que se fizesse** (5). Primeiramente eram as lavagens com água. Depois Arão vestia-se das vestes sagradas (6-9; cfr. **#Êx 28**) e Moisés ungia o Tabernáculo, o altar, os vasos e a pia (10-11), cerimônia esta que era seguida do derramamento de azeite sobre a cabeça de Arão (12; cfr. **#Sl 133.2**), como símbolo da santificação e da consagração. Ato contínuo vestia Moisés os filhos de Arão (13) e procedia à oferta pela expiação do pecado (14-17), ao holocausto (18-21) e à oferta da consagração (22-29). Esta última é a única que não se menciona no manual. O termo hebraico é **millu'im**, à letra "ações de encher", porque "encher as mãos" era o termo técnico para designar a investidura dum cargo importante. Assemelhava-se à oferta da paz pelo fato de poderem participar da carne todos aqueles por quem era oferecida (31). Mas neste caso a porção especial do sacerdote não podia ser tomada por Arão e seus filhos, já que por estes Moisés a oferecera. Assim a primeira era atribuída a Moisés como sua porção (29), por agir como sacerdote, e a outra era simplesmente queimada sobre o altar (25-28).

Arão e seus filhos impunham as mãos sobre a vítima do sacrifício para que se soubesse que se tratava dum oferta por eles mesmos. Mas também era sabido que o sangue da oferta do pecado ia purificar e santificar o altar em que os sacerdotes ministravam. A colocação do sangue da consagração nas orelhas e nos polegares da mão e pé direitos (23-24), a aspensão do azeite e do sangue sacrificial sobre Arão e seus filhos (30) e o derramamento do azeite na cabeça de Arão (12), simbolizavam a consagração e a santificação para os diferentes cargos anexos ao múnus sagrado do sacerdócio. Arão e seus filhos não deviam sair da porta da tenda da congregação durante os sete dias da consagração, sendo repetidos todos os dias os mesmos sacrifícios (33-34), por isso nota-se a exceção feita para as ofertas da paz, que podiam ser consumidas no dia seguinte ao sacrifício (**#Lv 7.15-18**). Estas seriam comidas no mesmo dia. E enquanto Moisés procedia ao ritual do sacrifício, Arão e seus filhos não sairiam do pátio do Tabernáculo.

Lv-9.1

b) Arão desempenha o seu ofício (Lv 9.1-24)

E aconteceu ao oitavo dia, isto é, no dia marcado para a conclusão das cerimônias da consagração, **Moisés chamou a Arão e seus filhos** (1). O verbo **chamar** lembra a solenidade com que Moisés procedia ao ritual, mandando a Arão cada uma das cerimônias a executar. Toda a congregação é levada **perante o Senhor**, que vai aparecer-lhe para manifestar a Sua glória (vers. 4,6,23, etc.), como sinal de aprovação de tudo quanto se fizera (cfr. **#Êx 40.34**).

Os sacrifícios que Arão oferecia por si próprio, pelos filhos e pelo povo (7) (não esqueçamos que Arão e os filhos eram, acima de tudo, israelitas) constituíam uma oferta pelo pecado e um holocausto (vers. 2,8 e 12). Os que se ofereciam pelo povo formavam a oferta pelo pecado, o holocausto, a oferta dos manjares e a da paz (3-4). Após esta descrição pormenorizada do ritual, fazendo supor que a primeira oferta seria a do pecado, segunda, a do holocausto e terceira, a da paz, não há dúvida que a intenção primordial é dar realce primeiramente à expiação pelo pecado, em segundo lugar à dedicação e à consagração da vida, e por fim à comunhão com Deus no banquete eucarístico. No **#Lv 14.10-20** a ordem das ofertas da purificação da lepra é a seguinte: a expiação da culpa (12-18), a expiação pelo pecado (19), o holocausto e a oferta dos manjares (20). Segue-se ainda a mesma ordem em **#Lv 14.21-32**, como a querer insinuar que a primeira daquelas ofertas precede as outras por envolver a restituição.

>Lv-9.22

No final de cada um dos sacrifícios Arão abençoava o povo (22), sem sair do altar. A fórmula dessa bênção era possivelmente a que se encontra em **#Nm 6.22** e segs. Seguiam depois Moisés e Arão para a tenda da congregação, não se sabendo bem com que finalidade. É de supor, no entanto, que nessa altura Moisés encarregasse Arão de velar pelo santuário, pelo candelabro, pela mesa dos pães e pelo altar do incenso, instruindo-o ao mesmo tempo nas obrigações do seu múnus, em conformidade com o ritual que Moisés vinha praticando desde o dia da montagem do Tabernáculo (cfr. **#Êx 40**). Saíam então ambos e abençoavam o povo, e logo após se manifestava a Glória do Senhor, como no dia da montagem do Tabernáculo (23). O fogo que descera do Céu para queimar as vítimas era o fogo Sagrado que não se podia deixar apagar. E o povo rejubilou, embora, prostrado, não deixasse de prestar o devido culto ao Senhor.

Lv-10.1

c) O sacrilégio e suas conseqüências (Lv 10.1-20)

Neste capítulo procede-se à narração do sacrilégio que conduziu à morte trágica dos dois filhos mais velhos de Arão que no monte viram a Glória do Senhor (#Êx 24.1). Não é difícil verificarmos que este acontecimento se passou logo após a cerimônia da consagração pelo fato de se aludir ao **bode da expiação** (16), já referido em #Lv 9.3,15, e cujo sangue não foi levado para o santuário, como sucedia com as ofertas pelos pecados do próprio Arão (18). Sendo oferta pelo pecado do povo, a carne da vítima tornava-se porção dos sacerdotes, que a comeriam no santuário (17). Era óbvia a razão: **O Senhor a deu a vós, para que levásseis a iniquidade da congregação, para fazer expiação por eles diante do Senhor** (17). Cfr. #Êx 28.12,29,30,38. A missão dos sacerdotes era de mediação. Isto quer dizer que, ao comerem a oferta do pecado, manifestavam a aceitação por parte de Deus, tal como, ao permitir o oferente participar da oferta da paz, Deus dava a entender que Lhe era agradável tanto a oferta como o oferente. Porém, era queimada a oferta, sem se saber, no entanto, se no altar ou fora do arraial. E assim os filhos de Arão ou não podiam em tais circunstâncias comer da sua porção, ou então não se atreviam a tal por se sentirem contaminados pelo pecado de seus irmãos, já que os quatro eram sacerdotes. Queimavam, entretanto, a carne e o couro do animal, que constituía a oblação do povo, como se queimassem a oferta dos seus próprios pecados fora do arraial (11). Erraram, todavia, conforme as palavras dos vers. 17 e segs. O vers. 20 sugere que, a serem os escrúpulos de Arão em princípio os de um pai ou de um sacerdote, a razão ou desculpa que apresentou para a conduta dos filhos sobreviventes, e que aparentemente refletia a sua atitude pessoal, era, no entanto, considerada satisfatória por Moisés. É um exemplo da união da justiça com a misericórdia!

Não é fácil definir a natureza do pecado de Nadabe e Abiú. Ao depararmos com aquelas palavras com que se inicia o cap. 10 "**E os filhos de Arão, Nadabe e Abiú, tomaram cada um o seu incensário**", logo reparamos que nos capítulos anteriores não se fez qualquer alusão à oferta do incenso. Pelo que aqueles sacerdotes, agindo por sua própria iniciativa, não obedeceram às leis de Moisés. **Trouxeram fogo estranho** (cfr. #Êx 30.9) aparentemente fogo fora do altar de bronze; ambos praticaram esse ato de presunção, já que a oferta do incenso no altar de ouro pertencia ao Sumo-Sacerdote (#Êx 30.9) ou então a **um** dos sacerdotes (#Lc 1.9). Adiantando-se ao pai nesta primeira cerimônia do culto: isto leva-nos a supor, ao mesmo tempo, que foram a inveja e a

rivalidade mútua que os levou a praticar aquele inaudito sacrilégio. E por que inaudito? Porque realizado fora do tempo regulamentar; mais ainda: porque a cerimônia, pela solenidade de que se revestia, revelava a sua origem divina: "como o Senhor ordenara a Moisés". Nadabe e Abiú tornaram-se, portanto, réus de invulgar presunção ao cometerem tão torpe sacrilégio.

É ainda significativa a revelação particular, acompanhada duma proibição, feita diretamente a Arão (8-11) e não através de Moisés. É pelo menos possível embora sem absoluta certeza, que deste capítulo da Bíblia se possa deduzir a proibição aos sacerdotes que ministravam, do uso do vinho e de outras bebidas alcoólicas (cfr. #Ez 44.21), uma vez que Nadabe e Abiú cometeram o seu crime sob a influência do álcool. Em todo o caso, fica pelo menos bem vincada a idéia da gravidade do pecado, que vem a ser a presunção e a leviandade.

Em presença das declarações expostas no manual das porções das ofertas animais e vegetais a conceder ao sacerdote, verifica-se não existir qualquer referência a ofertas de bebidas. Nada impede, todavia que as possamos admitir, que esta oferta de bebida seja derramada sobre o altar ou junto dele, sendo as sobras entregues ao sacerdote, como fazendo parte da sua porção, para serem tomadas à refeição logo após os atos do culto. A analogia da Páscoa (cfr. #Mt 26.29) vem confirmar esta opinião. Mas segundo a tradição judaica, as ofertas de bebidas eram derramadas no altar do holocausto (#Êx 30.9), ou na base do altar (Eclesiástico 50.15), ou ainda parte no altar, parte na sua base.

A causa de tal determinação vem expressa no vers. 10: para fazer diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo, admitindo que aos sacerdotes competia observarem cuidadosamente todas as prescrições rituais da Lei, e ao mesmo tempo ensinarem aos filhos de Israel os mandamentos dessa mesma Lei. Cfr. #Dt 17.11; #Dt 24.8; #Dt 33.10; cfr. #Mq 3.11.

Quanto ao trágico fim que tiveram aqueles dois sacerdotes, convém frisar que pelo menos serviu para inculcar na mente de todos os israelitas, -quer fossem sacerdotes, quer não, -a infinita santidade de Deus, que os punha de sobreaviso contra qualquer presunção ou leviandade no cumprimento da lei do sacrifício, expressamente determinada nos primeiros sete capítulos do Levítico. Juntamente, serve-se Deus deste incidente para provar que não há homens indispensáveis, uma vez que reduziu à metade o número dos sacerdotes, já tão poucos para o culto do Santuário, onde alguns milhões de

adoradores prestavam o seu culto ao Senhor. Mas a desobediência não agrada ao Deus, bondoso mas justo, que "das pedras pode suscitar filhos de Abraão".

E assim, com a narração deste acontecimento, termina a "lei do santuário". Passamos agora a considerar "a lei da vida quotidiana".

Lv-11.1

III. LEIS RELATIVAS À PURIFICAÇÃO Lv 11.1-15.33

Mais de uma centena de vezes deparamos nestes capítulos com o termo "imundo", no sentido de impuro ou profanado. Por outro lado, raramente ocorre a palavra "pecado", no sentido de crime ou maldade contra Deus. Qual a razão? Talvez para realçar mais o aspecto do que propriamente o lado moral de tais cerimônias, sem, no entanto, se considerar essa "imundície" como matéria de somenos importância, pois a desobediência a Deus constitui sempre pecado grave, quer o ato seja moral, quer simplesmente cerimonial. Imundo é oposto a santo; considera-se, nesse caso, "imundície" tudo o que repugna à santidade de Deus, seja uma mera cerimônia, como o tocar num cadáver, seja o crime mais hediondo contra a moral pública (cfr. #Lv 18.20-25). Em muitos casos a imundície é transitória e podia durar apenas até à tarde (#Lv 11.25); noutros requeria banhos apropriados e lavagem do vestuário. Noutros, ainda, exigia-se um determinado período de tempo e a apresentação duma oferta pelo pecado. Para se ser santo, era então indispensável sujeitar-se a cerimônias purificadoras.

Vejam agora o número e a espécie de purificações exigidas pelas diferentes "imundícies" ou impurezas.

a) Impureza devido aos animais (Lv 11.1-47)

1. A ABSTINÊNCIA DE CARNES (#Lv 11.1-23). Cfr. #Dt 14.1-2 nota. De início enumeram-se as carnes dos animais que podem ou não comer-se, divididas em quatro espécies:

>Lv-11.2

Quadrúpedes (2-8). Destes, os ruminantes de casco fendido eram os únicos que podiam comer-se; exceção feita para o camelo, o coelho, a lebre e o porco, se bem que rigorosamente o coelho e a lebre não sejam ruminantes,

mas roedores. Como não se trata duma descrição de caráter científico, apenas se quis indicar o que na prática se verifica, pois aqueles animais parecem que na realidade são ruminantes, por moverem contentemente as maxilas. Os animais limpos ou puros não são aqui mencionados (cfr. #Gn 7.2), mas apenas em #Dt 14.4, onde, aos três animais domésticos vulgares-o boi, a ovelha e a cabra-se adicionam mais sete ruminantes selvagens. A maioria dos israelitas viam-se assim sujeitos a uma dieta rigorosa uma vez que não podiam comer todos os animais domésticos.

>Lv-11.9

Peixes (9-12). Eram excluídos todos os que não tivessem barbatanas e escamas, como a lagosta, a enguia, todos os mariscos, etc.

>Lv-11.13

Aves (13-19). Especificando quais as que não deveriam ser utilizadas na alimentação dos israelitas (*das aves estas abomináveis* - 13), citam-se umas vinte, incluindo várias espécies. Em #Dt 14.11, embora resumidamente, determina-se com precisão: "*Toda a ave limpa comereis*". E nada mais se acrescenta, a não ser uma lista idêntica à de Levítico. Incluindo nas aves limpas ou puras as pombas, as codornizes e os pardais, nada se diz a respeito dos ovos (cfr. #Dt 22.6 e segs.). É de notar que muitas daquelas aves são de rapina, e outras alimentam-se de cadáveres, como o milhano e o abutre, o que constituía especial motivo de repugnância.

>Lv-11.1

Insetos (20-23). São todos os répteis que voam e que *andam sobre quatro pés* (20), quer dizer, andam como os quadrúpedes, embora na realidade a maioria dos chamados insetos se desloquem sobre seis patas, quando rastejam. Abre-se, todavia, uma exceção para quatro espécies de gafanhotos, distintos dos outros pelas longas patas adaptadas ao salto (21).

>Lv-11.24

2. O CONTACTO FÍSICO COM OS ANIMAIS (#Lv 11.24-42). A palavra "cadáver" e a expressão "estando eles mortos", que freqüentemente encontramos, dão a entender que se trata só de animais mortos, não se sabendo bem como proceder quanto ao contacto com animais vivos como o camelo e o

burro, pois neste caso não constituiria imundície ou impureza. E foi a partir de alguns destes textos que resultou noutros tempos uma cisão entre fariseus e saduceus, por considerarem estes últimos impureza o contacto com os animais, mesmo vivos. Os vers. 29-38 vêm ampliar o que ficou dito de 20-23, onde apenas se aludia à proibição dum modo genérico e às exceções feitas aos répteis. Destes consideram-se oito espécies como abomináveis (29-30), e frisa-se, sobretudo, o contacto com os cadáveres, pois é certo que não serviam para comer. **Qualquer que os tocar, estando eles mortos, será imundo** (31), mesmo que seja uma só partícula do cadáver (35-37). Mas compreende-se a proibição de comer a carne dos répteis, que se arrastavam sobre a terra (41), pela impureza que esse contacto podia trazer. Quanto ao termo invulgar "abominação" (**siqqus**) que aparece várias vezes neste capítulo, é de notar que se aplica ao uso dos peixes (10-12), das aves (13), dos insetos (20) e dos répteis (41 e 43), a confirmar que os vers. 24-38 se referem à impureza ocasionada pelo contacto com os animais mortos, e que o vers. 41 resume o capítulo das leis relativas à abstinência de carnes de animais.

>Lv-11.43

3. A SANTIDADE DO POVO ESCOLHIDO (#Lv 11.43-47). À lei que regula as relações entre os homens e os animais, segue-se uma outra de maior importância: **Porque eu sou o Senhor vosso Deus: portanto vós vos santificareis e sereis santos, porque eu sou santo... Porque eu sou o Senhor que vos faço subir da terra ao Egito, para que eu seja vosso Deus, e para que sejais santos, porque eu sou santo** (44-45). Cfr. #1Pe 1.15-17. A importância da santidade relacionava-se, a princípio, com aquelas porções dos sacrifícios que pertenciam ao sacerdote e ao povo e ainda com o ritual da consagração de Arão e de seus filhos. Agora, porém, a imposição da santidade aplica-se sobretudo à vida quotidiana de todo o povo. Cfr. #Lv 19.2; #Lv 20.7-8; #Lv 21.6-8,15,23; #Lv 22.9,16,32 onde se notam as mesmas ou outras proibições.

E a concluir, aponta-se a razão máxima das sanções anteriores: **Para fazer diferença entre o imundo e o limpo; e entre os animais que se podem comer e os animais que não se podem comer** (47). Cfr. #Lv 20.25-26. A primeira parte refere-se à impureza pelo contacto com o que é impuro ou imundo, sobretudo quando desprovido de vida; a segunda relaciona-se com os seres vivos que, podendo servir de alimento, são no entanto proibidos pela Lei.

Lv-12.1

b) Purificação do primogênito (Lv 12.1-8).

A propagação da espécie foi prescrita no [#Gn 1.28](#) e renovada a Noé depois do dilúvio ([#Gn 9.1](#)). Sabemos ainda por [#Gn 11.11,13](#) etc. que os antepassados de Abraão cumpriram plenamente a ordem de Deus, que a todos abençoava, cumulando-os de abundantes graças (cfr. [#Sl 127.3](#); [#Sl 128.3](#) e segs.). Já que a esterilidade era considerada como uma maldição ([#Gn 30.24](#)), impunham-se determinadas leis acerca das relações sexuais e dos parentescos. A única explicação plausível da aparente anomalia apresentada pela ordem da multiplicação da espécie, e a impureza a ela associada e que encontra a sua maior expressão na longa purificação exigida às mães depois de terem cumprido a alta função da maternidade, deve encontrar-se na queda do Paraíso e na maldição proferida contra a mulher após esse nefasto acontecimento. A dor e o sofrimento deviam acompanhar a bela missão da maternidade ([#Gn 3.16](#)).

De Adão lemos: [E Adão viveu cento e trinta anos e gerou um filho à sua semelhança conforme à sua imagem \(#Gn 5.3\)](#). Ora, quando se deu tal acontecimento, já Adão era uma criatura caída e pecaminosa e portanto sujeita àquela sentença terminante do Senhor: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás" ([#Gn 2.17](#)). Por isso Adão e todos os seus descendentes mencionados em [#Gn 5](#) "morreram", exceção feita a Enoque.

Chegamos, pois, à conclusão de que o nascimento dum filho era, na realidade, um acontecimento de alegria e satisfação, mas ao mesmo tempo de grande responsabilidade, pois podia ser mais uma criatura destinada à morte eterna, se não se tornasse herdeiro da vida através da redenção que se operou em Cristo. É neste sentido que devem interpretar-se as palavras de Davi: "Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe" ([#Sl 51.5](#)). Não que Davi quisesse referir-se à falta de virtudes de sua mãe, que poderia ter sido uma virtuosa esposa e exemplar mãe de família; o seu interesse era frisar o pecado original que lhe fora transmitido e que era a causa de todos os pecados de que tinha consciência na altura em que compôs o Salmo. Quer dizer, que segundo a lei, tudo o que se relacionasse com o parentesco ou com a descendência era considerado imundo ou impuro, impedindo fosse quem fosse de cumprir devidamente os seus deveres religiosos. Na realidade, o rigor com que são proibidas as abominações sexuais, incompatíveis com o culto de Deus ([#Êx 19.15](#); [#Êx 20.26](#); [#Lv 15.16-18](#)) é uma das características mais notáveis da religião de Israel, que a distinguem dos outros povos adoradores

de falsos deuses, em cujo culto, por vezes, se exibiam os mais proeminentes ritos aliados a orgias sem par.

No caso do nascimento de um filho varão, e no que dizia respeito à vida íntima, a mãe ficava imunda ou impura durante oito dias, ou seja, até à altura da circuncisão da criança (cfr. #Gn 21.4). Seguiam-se mais trinta e três dias, em que lhe era vedada a participação em qualquer ato público do culto. Tratando-se duma fêmea, elevavam-se para o dobro aqueles períodos, sem no entanto se saber qual o motivo de tal decisão. Mas é possível que se admita as razões mencionadas acima. Não parece ser uma razão meramente física ou biológica. Seja como for, ao fim do tempo prescrito de 40 ou 80 dias devia a mãe oferecer, em holocausto, um cordeirinho de um ano, e ainda uma ave como oferta pelo pecado, ou então duas aves, sendo pobre. Cfr. #Lc 2.23-24. Já noutras ocasiões, -sobretudo nas festas, -se utilizava um cordeirinho com determinada idade (cfr. #Êx 12.5; #Êx 29.38; #Lv 9.3; #Lv 14.10, etc.). São de certa importância as palavras finais: **E assim o sacerdote por ela fará propiciação, e será limpa** (8).

Para os cristãos dos nossos dias tem esta lei um significado especial, pois devem considerar o matrimônio não apenas um mero contrato, mas um casamento "em Cristo" (#1Co 7.39) para que sobre os filhos venham a recair todas as promessas e bênçãos da aliança (#1Co 7.14), tornando-os "limpos e puros". Não se diga, todavia, que o indispensável é que os filhos nasçam "sãos e escorreitos" e que se desenvolvam naturalmente. Não. Convém que os bons pais orem a Deus para que seus filhos possam "nascer de novo" e serem regenerados pelo Espírito Santo: e, por sua vez, ensiná-los e instruí-los nas leis do Senhor, o que é, sem dúvida, o mais importante de tudo.

Lv-13.1

c) Purificação do leproso (Lv 13.1-14.57).

Tal como nos dois casos anteriores, considera-se aqui a lepra enquanto pode originar a impureza. Por isso se lhe chama muitas vezes "praga" ou "praga da lepra" (cfr. #Lv 13.3), e todo o que for contagiado por ela, o sacerdote o **encerrará** fora do arraial (#Lv 14.3), declarando-o **imundo** (3), até que se verifique a cura completa. Só assim afastado do convívio da sociedade poderia restabelecer-se. Note-se, contudo, que a par de minuciosas leis sobre o reconhecimento da lepra, e a distinção das outras doenças com que se podia confundir, nada se diz acerca do tratamento a aplicar a esta doença. Por esta

razão, há quem pense que a doença era incurável e considerada como uma provação de Deus, e não uma aflição vulgar. Eram nos casos de Miriã (#Nm 12.10-15), Geazi (#2Rs 5.27) e Uzias (#2Cr 26.19-23), na realidade invulgares, se bem que noutros as causas fossem bem diferentes. Por outro lado é curioso verificar que a lepra não se incluía nas doenças com que o Senhor castigava a apostasia, porque a ela se referem as expressões que davam a entender tratar-se de doença incurável (cfr. #Dt 28.27,35), ao contrário do que se afirma em #Lv 14.2 e segs.: *Esta será a lei do leproso no dia da sua purificação... Se a praga... for sarada...* (3). Não há dúvida, porém, que neste caso se trata duma aflição curável de indivíduos simplesmente suspeitos de lepra. Podia admitir-se ainda, que o referido cerimonial seria adotado em casos extremos e invulgares, como o de Miriã, em que miraculosamente se manifestou o poder de Deus, tanto na aplicação como na cura.

1. COMO RECONHECER A LEPRA (#Lv 13.1-46). A par das múltiplas discussões travadas em torno destas leis, uma coisa era certa: não ser fácil distinguir a lepra de tantas outras doenças frequentes nos israelitas. Ora, o não fazer-se alusão a qualquer dos sintomas hoje conhecidos, pode admitir-se que a lepra desses tempos fosse diferente da do tempo de Cristo, ou mesmo da Idade-Média. Mas convém saber, que estas leis visam apenas a descobrir a doença, logo após as suas primeiras manifestações, doença essa cuja natureza e conseqüências são apontadas a Moisés por Arão: "Não seja ela como um morto, que, saindo do ventre de sua mãe, tenha metade da sua carne já consumida" (#Nm 12.12). Mas o fato, porém, de Moisés pedir a Deus que a curasse, não supõe que fosse esse o único meio de afastar o mal da lepra.

>Lv-13.47

2. A LEPRA NO VESTUÁRIO (#Lv 13.47-59). A lepra num vestido andava relacionada com a lepra do corpo, por ser de interesse imediato do povo. Nota-se também o cuidado com que se trata as possessões pessoais. Perante o público era, pois, necessário eliminar esse vestido, se bem que, por vezes, com certo sacrifício, quando o doente fosse pobre (#Dt 24.10-13). Neste caso, porém, apenas a parte contaminada devia ser destruída (56). Quanto à "lepra roedora" (51; #Lv 14.44) supõe-se ser de natureza mais perigosa, por ser profunda e não superficial. A palavra hebraica só aqui aparece e ainda em #Ez 28.24 com referência a espinhos. Os LXX e a Vulgata traduziram a palavra pelo termo "persistente", e muitos comentadores supõem tratar-se duma espécie de fungo ou caruncho que atacava os vestidos e as casas.

Lv-15.1

d) Purificação dos corpos (Lv 15.1-33).

Como este capítulo aborda problemas sexuais, deve por isso relacionar-se com o cap. 12 e interpretar-se à luz dos mesmos princípios. Há a considerar os casos normais e os anormais, embora em ambos se registre a impureza dos corpos. Mas nos primeiros, essa impureza perdura até ao pôr do sol, sendo afastada com lavagens, enquanto nos segundos se prolonga por sete dias, após o total restabelecimento da saúde. Segue-se a oferta de duas aves, uma pelo pecado, outra em holocausto, quer se trate da impureza do homem, quer na mulher (14 e segs.; 29 e segs.; cfr. #Lv 5.7-10). Em qualquer dos casos, todavia, o sacerdote fará **expição** por meio de sacrifícios. E seja qual for a natureza da impureza, todo aquele que contactasse com pessoas ou coisas impuras purificar-se-ia por meio de banhos, lavando ao mesmo tempo os vestidos, mas seria "imundo" apenas até à tarde (22).

A Lei de Moisés refere-se ainda, a um certo número de doenças, não mencionadas aqui (cfr. #Lv 26.16 e segs.; #Dt 28.22 e segs.), talvez por não querer relacioná-las com a impureza. Quanto a outras deformidades físicas cfr. #Lv 21.16 e segs.; #Dt 23.1. As palavras "**assim separareis**" (31) supõe-se dizerem respeito às impurezas mencionadas no cap. 15, a julgar pelo que se segue nos vers. 32 e segs. Mas podem apropriadamente aplicar-se a todas as impurezas a que fazem alusão os caps. 11-15.

Lv-16.1

IV. O DIA DA EXPIAÇÃO Lv 16.1-34

O Dia da Expição (#Lv 23.27 e segs.; #Lv 25.9) era a mais importante de todas as cerimônias a que faz referência o livro do Levítico, por se tratar da expiação por **todos os** pecados de **toda** a congregação de Israel (cfr. vers. 16-17,21-22,30,33). Neste sentido não se relacionava com os restantes ritos públicos e privados relativos ao culto de Israel. É mesmo de notar que este era o único dia em que se exigiam sacrifícios excepcionais: **afligireis as vossas almas** (29 e segs.; 23,27; #Nm 29.7). Talvez a melhor tradução seja: "**humilhai-vos**", já que a arrogância, o orgulho, a auto-suficiência eram desde o início, as características dos filhos de Israel (cfr. #Dt 8.2-3,16 onde se utiliza o mesmo vocábulo) pelos quais muitas vezes foram severamente castigados. A dor e o arrependimento internos manifestar-se-iam, portanto, através das

privações exteriores no jejum, fazendo com que o Dia da Expição se distinguisse de todas as outras festas anuais, onde se permitiam todas as manifestações de alegria, como sucedia na Festa dos Tabernáculos (#Lv 23.40; cfr. #Dt 12.7,12). Não admira, por conseguinte, que a introdução deste cerimonial no Levítico tenha um significado muito particular. E o fato de ser inserido neste local, e não em #Lv 23, que descreve todas as festas legais, ou em #Nm 28-29, que prescreve ofertas especiais para cada festa, parece dar a entender que na realidade se trata de um cerimonial invulgar e da maior importância, relacionado com as principais leis públicas destinadas ao Povo escolhido. Por outro lado, como muitas outras prescrições, é colocado no devido ambiente histórico, neste caso a morte de Nadabe e Abiú pelo sacrilégio que cometeram (1). De fato, vários comentadores consideram as primeiras palavras deste capítulo como intimamente ligadas ao cap. 10, chegando mesmo a supor uma intercalação os caps. 11-15. Sendo assim, dificilmente se compreenderia por que motivo aquela intercalação só abrange esses capítulos e não inclui também os caps. 17-22, onde os elementos morais predominam, sem serem, contudo, esquecidas as cerimônias do culto.

Seja como for, não podemos deixar de admitir neste capítulo alusão a dois acontecimentos: especiais determinações a Arão e aos sacerdotes (cfr. #Nm 4.17 e segs.) para que evitem o sacrilégio e assim fujam às suas terríveis conseqüências, em segundo lugar, normas a que todo o povo deve obedecer. Assim, a graça de Deus, que de bom grado aceita a expiação pelos pecados de ignorância e fragilidade humana, é posta em evidência mesmo antes de se mencionarem os mais hediondos crimes. Quanto aos pecados imperdoáveis, que só merecem expulsão da comunidade ou até a morte, esses aparecem em toda a sua abjeção e torpeza à luz daquela palavra "todos" que por sete vezes se encontra neste capítulo (cfr. cap. 20). O essencial é frisar que tais crimes, como os da presunção e da auto-suficiência, vêm provar que não são verdadeiros israelitas aqueles que os praticam, não passando de leprosos morais indignos das misericórdias e das bênçãos do Senhor prometidas a Abraão e a Moisés. Apesar de diferentes interpretações apresentadas pelo judaísmo rabínico, não pode considerar-se esta expiação como eterna lei a adotar por todos os crentes, pois foi completamente exterminada a geração que no deserto desobedeceu ao Senhor (cfr. #Hb 10.28). Seja qual for a explicação, a posição deste capítulo tem um significado importante.

a) A preparação de Arão (Lv 16.1-10).

Dize a Arão, teu irmão (2). Cfr. #Êx 28.1 e segs. É evidente que a escolha de Arão para este alto ministério foi devida, em princípio, ao seu parentesco com Moisés (#Êx 4.14) por ser, por assim dizer, o "profeta" deste patriarca. Foi ainda a intercessão de Moisés que salvou Arão após o pecado do bezerro de ouro (#Dt 9.20). A Bíblia ora reconhece (#Gn 21.13), ora ignora os parentescos humanos (#Êx 32.27). Já que Arão e seus filhos são mencionados cerca de 60 vezes em Levítico, as palavras **Arão, teu irmão** podem indicar a atenção e o carinho com que devia ser tratado, **para que não morra** (2). Difícil, pois, de explicar as incompreensões geradas em torno do caso Miriã narrado em #Nm 12.1 e segs. O **Santuário** (2) era o Santo dos Santos, conforme se depreende das palavras **para dentro do Véu** (2; cfr. vers. 3,16-17,20,27). Cada um dos sacrifícios descritos nos caps. 1-4 encontra-se incluído nesta proibição. Sendo uma grande parte do ritual dos sacrifícios realizados no pátio, apenas se abria uma exceção para o sangue das vítimas, que era conduzido para o Santo dos Santos. É esta cerimônia que se descreve em toda a sua extensão, para a qual Arão tinha de lavar-se e só depois se revestia da indumentária de linho, como símbolo da pureza, em substituição do vestuário usual próprio do Sumo-Sacerdote. De duas espécies eram os sacrifícios: por ele e pelos filhos, um bezerro em oferta pelo pecado e um carneiro em holocausto; pelo povo, dois bodes em oferta pelo pecado e um carneiro em holocausto.

Os vers. 6-10 resumem sumariamente o destino a dar-se às vítimas, sobretudo ao bezerro e aos bodes, que serão apresentados perante o Senhor, lançando-se em seguida as sortes sobre os dois bodes.

>Lv-16.11

b) O sacrifício pelos sacerdotes (Lv 16.11-14).

Estes versículos descrevem o ritual para a apresentação do novilho, que levaria até à presença do Senhor. **E fará expiação por si e pela sua casa** (11). Aparentemente referem-se estas palavras à imposição das mãos, quer na pessoa de Arão, como representante dos filhos quer na pessoa dos próprios filhos. A Arão pertencia, no entanto, tomar o incensário com brasas do altar do holocausto e duas mãos cheias de incenso. E a nuvem desse incenso seria de modo a cobrir o propiciatório **para que não morra** (13). O sangue seria aspergido com o dedo sobre a face do Propiciatório e na parte dianteira do mesmo, por sete vezes.

>Lv-16.15

c) O sacrifício pelo povo (Lv 16.15-19).

Segue-se o ritual do sacrifício do bode pelos pecados do povo. Em princípio, parece que a nuvem de incenso era suficiente para ambos os sacrifícios, pois o sangue da vítima era preparado do mesmo modo. Mas o motivo principal é largamente exposto no vers. 16: "Assim fará Arão expiação pelo Santuário por causa das imundícies dos Filhos de Israel e das suas transgressões". E isto, porque foram os seus pecados que o macularam. Logo, a purificação devia incluir toda a tenda da congregação e o Altar dos holocaustos (20).

>Lv-16.20

d) O bode expiatório (Lv 16.20-22).

Nos vers. 8-10 se faz alusão ao **bode vivo** (20). Enquanto uma versão traduz estas palavras por "bode expiatório", outra conserva o original hebraico "Azazel". Quanto à primeira, convém frisar que é na realidade a mais antiga e a mais corrente, por ser também adotada pelos LXX e pela Vulgata, que supõe o vocábulo "azazel" derivado da raiz **azal**, com o significado de "afastar". Por isso se lhe chama também "bode emissário", sempre relacionando a idéia de afastamento da culpa com a da expiação pelo pecado. Assim se interpretam as palavras do **#Sl 103.12**: "Quanto está longe o oriente do ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões". É este ainda o significado indicado pela ênfase acentuada pelas palavras **enviá-lo** (10), **deserto** (21), **terra solitária** (22). A versão que conserva o termo hebraico "Azazel" dá a entender que se trata dum nome próprio, pois supõe um contraste entre "para ser bode emissário (Azazel)" (10) e "pelo Senhor" (9). Se se admitir, porém, que esse é o nome dum famoso demônio do deserto ou um dos muitos epítetos de Satanás, é de estranhar que em toda a Bíblia tal vocábulo apareça apenas uma vez e nestes textos. E, se considerarmos uma alusão a um demônio muito temido pelos israelitas, que exercia sobre eles uma influência poderosa e, portanto, precisava ser apaziguado, é difícil de compreender por que se preocupavam, se se afastava para tão longe esse ser ameaçador, especialmente quando o povo se dirigia para a Palestina. O pecado é um fator, não remoto, mas sempre presente na vida do homem (**#Gn 4.7**). Além disso, a idéia da expiação pelo pecado, envolvendo resgate ou sacrifícios a Satanás, ou a outro demônio desconhecido do deserto, não é de considerar-se, e muito menos a idéia do bode levar ao demônio notícias de que se fez expiação pelos pecados. Compare-se **#Lv 17.7** onde se proíbe expressamente todo e qualquer culto a

prestar aos sátiros ou aos demônios. Há necessidade, pois, de considerar devidamente a interpretação a dar aos textos sagrados.

>Lv-16.23

e) Sacrifícios finais (Lv 16.23-28).

Depois de cumpridas aquelas formalidades no Santo dos Santos, Arão teria de despir os ornamentos de linho, tomar novo banho, e então envergar a indumentária habitual de Sumo-Sacerdote, que tão profusamente vem descrita no Êxodo, como sendo "para glória e ornamento" (#Êx 28.2). Só depois iria ao Santuário completar o ritual no pátio exterior, onde oferecia o último sacrifício em holocausto pelo povo, queimando a gordura da expiação do pecado sobre o altar. Quanto ao destino a dar ao sangue da vítima seguiam-se as cerimônias já estabelecidas.

>Lv-16.29

f) Outras instruções (Lv 16.29-34).

Este dia especialíssimo **será por estatuto perpétuo** (29), celebrando-se **uma vez no ano** (34) no décimo dia do sétimo mês. É pelo Santuário, pelos sacerdotes que ali exerciam o seu ministério e ainda para expiação dos pecados de todos os filhos de Israel (34). Pela primeira vez no Levítico deparamos no vers. 29 com a palavra **estrangeiro** (ger. Cfr. #Dt 1.16 nota). Se bem que não tomasse parte neste rito nacional, devia, no entanto, o estrangeiro, assim como o natural, sujeitar-se às exigências dos regulamentos internos, (cfr. #Êx 12.19,48 e segs.). O Decálogo e o livro da Aliança também reconhecem a presença destes "estrangeiros", obrigando-os a conformar-se a muitos dos costumes e leis de Israel, em presença dos numerosos privilégios de que gozavam (cfr. #Lv 17.8 e segs.).

Observando que **fez Arão como o Senhor ordenara a Moisés** (34; cfr. #Lv 24.23), podemos talvez concluir, que a apostasia nacional em Kadesh não se verificou antes de terminado o primeiro dia da expiação, levando-nos a supor que também não se registou durante o longo período da travessia do deserto. São três os motivos: primeiramente, a exclusão da terra era o castigo por não querer o povo tomar posse da terra, pelo que só foi punida a geração que transgrediu; em segundo lugar, a circuncisão não se praticou durante o período da travessia do deserto (#Js 5.1-9), embora fosse um sinal indispensável da

Aliança (#Gn 17.9-14); por último, no dizer de #Am 5.25 e segs., Israel afastou-se da idolatria durante este período (cfr. #At 7.42-43).

Em presença da importância extraordinária deste dia-os Judeus chamavam-lhe "o Dia" (yoma) -é curioso notar-se que no Velho Testamento, se excetuarmos talvez #Is 58.3, por ser uma referência em geral a mais, não encontramos qualquer referência a tão insigne solenidade. É difícil, no entanto, explicar tal silêncio, sobretudo em presença dos acontecimentos narrados em #1Rs 8.65 e segs.; #Ed 3.1-6; #Ne 8, todos de importância excepcional e todos decorridos no sétimo mês pela mesma altura do Dia da Expição. Mas note-se que o Velho Testamento apenas se refere a quatro páscoas no decurso de um milênio, a de Josué, a de Ezequias, a de Josias e a de Esdras. Mais ainda, que desde o tempo da renovação da Aliança no tempo de Josué não há qualquer alusão ao rito da circuncisão, a não ser que o deduzamos como no caso dos filisteus, ou o tomemos em sentido figurado, como em #Jr 6.10; #Jr 9.26. O argumento do silêncio e a ausência de alusões à cerimônia, na realidade provam que ainda não era conhecida, e que só passou a realizar-se no tempo de Esdras e Neemias, o que não admitimos. Ora, os sacrifícios deste dia são os únicos que se relacionam diretamente com a Arca, pois o sangue das ofertas pelos pecados de Arão e do povo devia ser aspergido sobre o Propiciatório (heb. **Kapporeth**), que era o lugar por excelência da expiação. Até Jeremias prevê a altura em que a Arca seria esquecida (#Lv 3.16), e nós sabemos que após o cativeiro de Babilônia a Arca não foi reconduzida juntamente com os outros vasos sagrados. Como no templo de Herodes se notava a ausência da Arca, somos levados a supor que o cerimonial do Dia da Expição é da antigüidade indicada no Levítico, isto é, nos tempos de Moisés.

É de acentuar que, enquanto o Velho Testamento praticamente nada diz acerca da celebração pós-mosaica deste rito importantíssimo, o autor da Epístola aos Hebreus representa-o como símbolo da obra expiatória de Cristo (#Lv 9-10), de ambos os modos em semelhança e contraste. Só o Sumo-Sacerdote podia entrar no Santo dos Santos "uma vez por ano" (#Lv 9.7) a fim de oferecer sacrifícios por si próprio e pelo povo. Assim o Senhor Jesus entrou "uma vez" (#Lv 9.12,16; #Lv 10.12-14) no Santuário celeste oferecendo o Seu sangue, não por Ele, mas apenas pelos pecados dos outros, e, tendo ainda conseguido uma eterna redenção por meio desse Seu sangue, voltará um dia de novo para abençoar os crentes por Ele remidos.

Desde que a destruição do Templo (por Nabucodonosor e mais tarde por Tito) e a perda da Arca tornaram impossível a prática do ritual do sacrifício, que é o

que particularmente se acentua, não só neste capítulo de Levítico, mas também na Epístola aos Hebreus, os Judeus viram-se forçados a considerar o mandamento "afligireis as vossas almas" (#Lv 16.29-31) como se se tratasse de arrependimento, restituição, boas obras, e até o sofrimento, como a única "expição" exigida por Deus pelos pecados de todos e cada um dos judeus. Por isso as palavras "sem derramamento de sangue não há remissão", (#Hb 9.22) com as quais se resume o significado do ritual dos sacrifícios do Velho Testamento, ritual esse que, segundo a Lei, tinha a sua máxima representação no Dia da Expição e, segundo o Evangelho, a consumação na Cruz, tornou-se letra morta para os judeus atuais, tal como para os unitários, precisamente por causa da cruz, cujo símbolo era o Propiciatório da Arca. É que a Cruz constitui para eles um mistério e ao mesmo tempo uma pedra de escândalo.

Lv-17.1

V. LOCAL DO SACRIFÍCIO E SANTIDADE DO SANGUE Lv 17.1-16

Durante muitos anos foi freqüente em várias escolas críticas considerar-se os capítulos 17-24 como um caso a parte dentro do Levítico, a que poderia dar-se o nome "Código da Santidade". A ser assim, desapareceria a íntima relação, que é evidente entre os caps. 16 e 17 e ainda entre o 17 e o manual do sacrifício nos caps. 1-7. Não falando dos caps. 18-26, o 17 relaciona-se, provavelmente, com o precedente. Pode, na realidade, considerar-se um suplemento climático, mas no sentido de conclusão à primeira parte do Levítico.

Já que o dia da expiação manifestava num grau máximo o significado do sacrifício na vida do Povo escolhido, frisando a santidade do sangue por ser levado nesse dia ao Santo dos Santos, onde era espalhado sobre a Arca da Aliança para obter remissão dos pecados do povo, compreende-se que neste capítulo se dê particular atenção aos dois aspectos do sacrifício, que especialmente dizem respeito a todo o povo.

>Lv-17.2

São categóricas as primeiras palavras: **Esta é a palavra que o Senhor ordenou** (2). Cfr. #Lv 8.5; #Lv 9.6. **Qualquer homem da casa de Israel** (3). Repare-se como a aplicação da lei de ser universal (cfr. vers. 8,10,13). **Degolar** (3). É o mesmo verbo que aparece em #Lv 1.5, com o sentido de abater para ser

sacrificado, referindo-se em especial aos animais domésticos, que para este fim eram utilizados, quando os levavam até à porta do Tabernáculo e aí os ofereciam como oferta de paz. E assim ao povo não faltava a carne para o seu alimento, e mais uma vez se dava a entender que o Senhor tinha o direito de propriedade sobre todas as criaturas, ali representadas pelos animais que Lhe eram oferecidos. Havia ainda a impedir não só a utilização do sangue como alimento (10 e segs.), mas ainda o sacrifício dos animais ao ar livre "sobre a face do campo" (5), para não dar a impressão que o faziam em honra dos "bodes" ou sátiros, num ato de idolatria (#Lv 19.4; #Lv 26.1-30), geralmente acompanhado de ritos licenciosos (7). Cfr. #Êx 34.15 e segs.; #Lv 20.5 e segs. Isto vem-nos lembrar, que tais práticas de idolatria eram freqüentes entre os israelitas no tempo do Êxodo, provavelmente adquiridas no Egito. O culto do deus Pan desenvolveu-se, como sabemos, na antiga Grécia e mais tarde em Roma. Por conseguinte, a lei em questão não visava em princípio apenas a proibir aos israelitas alimentar-se dos animais que ofereciam ao Senhor, mas sobretudo oferecê-los, na realidade, a Deus, e não sacrificá-los aos "demônios", aos "bodes" ou "sátiros". Era a substituição dum ato de verdadeiro culto por uma idolatria pagã e sensual. Por último, vem tal ato demonstrar a influência da religião egípcia na vida dos israelitas. **Isto ser-lhes-á por estatuto perpétuo** (7). No seu aspecto negativo, a proibição de comer sangue e de proceder a cerimônias de idolatria, era uma lei irrevogável dentro da Lei de Moisés. Pelo lado positivo, foi mais tarde modificada pelo próprio Moisés de acordo com as novas exigências resultantes da fixação do povo na Terra Prometida (#Dt 12.20-24), sem que todavia se registrasse qualquer alteração no espírito da Lei, embora houvesse uma ligeira modificação na letra. A diferença entre o Levítico e o Deuteronômio vem provar apenas que a primeira lei precede a segunda, e não vice-versa.

>Lv-17.8

Os vers. 8-9 referem-se a um gênero de "morte" da vítima, que já é um ato do culto, supondo "holocausto" como oferta de paz (cfr. 5), embora parte alguma da vítima fosse usada como alimento.

>Lv-17.10

Eu... a extirparei (10). Geralmente emprega-se a forma passiva (cfr. vers. 4,9,14; #Lv 7.20-21,27). Aqui a ativa, como em #Lv 20.3-6, tem sentido reforçado, a insinuar que é Deus quem realmente procede a esse ato de extermínio. A santidade do sangue já vem de longe, precisamente do tempo de

Noé: "A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis" (#Gn 9.4). Neste capítulo frisa-se bem que a vida do animal se encontra no sangue (vers. 11 e 14) cuja santidade deriva do fato de Deus o exigir como meio de expiação pelo pecado, a apresentar no altar do Senhor. Portanto, mesmo no caso de animais impróprios para o sacrifício, deve o sangue ser tratado com certa reverência, sendo derramado e coberto com pó (13). Cfr. #Dt 12.16, nota. Nos vers. 15-16 abre-se uma exceção para quem comesse carne com sangue por ignorância, dando origem a uma impureza que terminava "à tarde", após os banhos rituais.

Poderemos ainda acrescentar que os judeus atuais perderam o significado primitivo do ritual do sacrifício, mas seguem ainda a tradição de considerar o sangue como sagrado, por representar a vida, e não pela razão exposta no Antigo Testamento, relacionada com a expiação pelo pecado. O autêntico judeu só come a carne **Kosher**, isto é, "bem" preparada.

Lv-18.1

VI. PECADOS CONTRA A LEI MORAL Lv 18.1-20.27

a) Casamentos ilícitos e uniões abomináveis (Lv 18.1-30)

É bem explícita a introdução (1-5), dirigida a todo o povo que vai agora passar a observar os mandamentos do Senhor, sem atender às práticas religiosas do Egito, que deixara, ou aos costumes da nova terra de Canaã, que ia passar a habitar. A sua única regra de conduta será a palavra de Deus, que em troca da obediência concederá a vida (cfr. #Dt 30.15-20). Sabe-se que as uniões abomináveis aqui expressas eram freqüentes entre os egípcios e outros povos da antigüidade, e é curioso registrar, que uma grande parte das modernas leis relativas ao casamento encontra a sua origem neste capítulo do Levítico. E por que se exigiam tantas restrições ao Povo escolhido? Apenas porque o Legislador o determinara: **Eu sou o Senhor vosso Deus** (2).

>Lv-18.6

O princípio básico encontra-se no vers. 6: **Nenhum homem se chegará a qualquer parenta da sua carne** (literalmente: "carne da sua carne"). A consangüinidade e a afinidade, tão freqüentemente repetida (vers. 12 e segs.; cfr. #Lv 20.19) é apresentada com expressões diferentes: **ela é tua mãe** (7), **a nudez da mulher de teu pai** (8), **é a tua nudez** (10). A expressão: **na sua vida**

(18) leva-nos a supor que as palavras "descobrir a nudez" se referem na realidade ao casamento. Qualquer espécie de adultério ou de prostituição tem, portanto, de ser condenada como tal (#Dt 22.13-30). Por outro lado, o uso desta expressão em vez da frase usual "tomar esposa" ou "casar" talvez sirva para salientar que aqui e no capítulo 20 se faz alusão a uniões que não podem formar verdadeiros matrimônios, uma vez que se fundam em paixões desordenadas e não na santa e natural afeição entre duas criaturas. O princípio em que se baseiam tais proibições, não há dúvida, é única e simplesmente o parentesco, que torna antinaturais ou inconvenientes aquelas familiaridades, donde podem resultar ou a esterilidade ou o nascimento de filhos enfermiços ou defeituosos. A proibição que, no entanto, tem originado mais controvérsias é a do casamento com a irmã da esposa falecida, sendo apenas há muito pouco tempo introduzida nas leis de alguns países. O sentido da lei é bem expresso: as palavras "para afligi-la" (18), como sendo uma rival ou esposa de segundo plano, e tendo em conta a parte final "na sua vida" (18) indicam que tal casamento não é excluído por questões de afinidade, mas torna-se legal após a morte da esposa. Compreende-se que assim seja para impedir que o homem, aborrecendo a esposa, venha a casar com a irmã desta, tentação que facilmente podia resultar de certas intimidades da vida familiar. Repare-se que só num caso se recorre às leis da moralidade nestas práticas severamente proibidas (17).

>Lv-18.19

O vers. 19 parece referir-se ao contrato e à consumação do matrimônio. Cfr. #Lv 20.18; #Lv 15.24.

>Lv-18.20

Segue-se a enumeração de vários crimes hediondos (20-23). O adultério mancha a santidade do lar, pois implica a transgressão de dois dos Dez Mandamentos (#Êx 20.14,17) e tende a abalar os fundamentos da sociedade. **E da tua semente não darás para a fazer passar pele fogo perante Moloque** (21). Refere-se esta proibição à prática horrorosa de certos pais que impiedosamente sacrificavam os filhos, tornando-se desse modo réus dum crime imperdoável (cfr. #Lv 20.2-5), profanando o nome de Deus. Considerados como **abominação** e **confusão**, seguem-se outros pecados monstruosos e antinaturais (22-23). Muitos deles, segundo revela a História, eram praticados por alguns povos cultos da antiguidade.

>Lv-18.24

Os vers. 24-30 encerram uma conclusão das práticas pagãs que Israel deveria evitar, apesar de serem freqüentes entre os cananeus, esse povo que iria ser expulso para dar lugar aos israelitas, depois de serem devidamente castigados pelos seus inúmeros pecados. **Que eu lanço** (24). Melhor: "Que estou lançando" ou "que vou lançar", indicando futuro próximo. Os verbos dos vers. 25-27, talvez com mais propriedade os pudéssemos traduzir no passado, sobretudo em face do vers. 28: "como vomitou a gente que nela estava antes de vós". Algumas versões como a Septuaginta e a Vulgata preferem esta última hipótese, se bem que os massoretas se inclinam mais para acentuar a última sílaba do verbo, dando-lhe assim a idéia de futuro. É talvez preferível a primeira opinião, embora a segunda não seja desprovida de fundamento, especialmente se lhe dermos o sentido de aviso para o futuro. O fato de dez povos ocuparem a terra no tempo de Abraão (#Gn 15.19 e segs.) pode querer significar que durante séculos foi motivo de contendas incessantes, não permitindo que os seus habitantes vivessem em paz, o que não é improvável, se atendermos à posição geográfica dessa região entre a Ásia e a África, sempre exposta à invasão dos inimigos. As palavras "a medida da injustiça dos Amorreus não está ainda cheia" (#Gn 15.16) devem supor muitos crimes praticados no passado, a que se seguiram castigos adequados: a fome, a peste, a espada, os animais ferozes (#Lv 26; cfr. #Ez 14.21) talvez já tivessem reduzido a população. Não deve, pois, haver qualquer espécie de exagero nas notícias apresentadas pelos espias: "uma terra que consome os seus habitantes" (#Nm 13.32). Os termos "comer" e "vomitar" devem supor catástrofes que dizimavam as populações, obrigando muitos a seguirem o caminho do exílio. Por duras que fossem, não passavam, no entanto, essas provações dum símbolo do que iria afligir os cananeus, e os próprios israelitas, se estes porventura viessem a seguir as práticas pagãs daquele povo. Se alguém se escandalizar ou não compreender a ordem de extermínio dada pelo Senhor, considerando-a demasiado severa para com aquele povo, repare na razão que insistentemente se nos depara neste capítulo: **Eu sou o Senhor vosso Deus** (vers. 2,4-5,21,30).

Lv-19.1

b) Uma coleção de diversas leis (Lv 19.1-37).

São tantas e tão variadas estas leis, que difícil se torna agrupá-las ou classificá-las. Logo de início descobrimos esta exortação: **Santos sereis,**

porque Eu o Senhor vosso Deus, sou santo (29), e quinze vezes se repete no capítulo o estribilho: **Eu sou o Senhor (vosso Deus)**. Estas leis são de caráter ritual e moral, e as últimas, sobretudo, dizem particular respeito ao Decálogo. Assim os vers. 3-4 relacionam-se com o quinto, quarto e segundo mandamentos do Decálogo. O respeito pelos pais, a guarda do sábado e o desprezo pela idolatria surgem em primeiro lugar pela sua particular importância. É curiosa e invulgar a maneira de introduzir a primeira daquelas três leis: "Cada um temerá a sua mãe e o seu pai" (cfr. #Lv 21.11). Este temor é tomado em sentido de "reverência", como se depreende do vers. 30, onde se fala em reverenciar o Santuário. Cfr. #Dt 6, onde o "amor de Deus" (5) é precedido (2) e seguido (13) pelo "temor do Senhor". O Levítico não alude ao "amor do Senhor"; apenas ao do próximo em #Lv 19.18,34. Mas é de ver que aquele mandamento primordial vem expresso no Decálogo (#Êx 20.6) e é freqüente em Deuteronômio.

>Lv-19.5

Os vers. 5-8 tratam do comer a carne das ofertas da paz (cfr. #Lv 7.15-18). A lei relativa aos "rabiscos" no campo (9-10) vem compendiada na segunda tábua do Decálogo, por se relacionar com o amor ao próximo (cfr. #Lv 23.22; #Dt 24.19-22). Os vers. 11-12 vão entroncar no oitavo e nono mandamentos. Os vers. 13-14 relacionam-se também intimamente com o oitavo mandamento, pelo princípio de humanidade e respeito pelo próximo. Os vers. 15-16 são uma exposição do nono mandamento. Finalmente, no décimo, reúnem-se os vers. 17-18, que terminam com estas palavras num epílogo da segunda tábua: **Amarás o teu próximo como a ti mesmo** (18). Por "próximo" entende-se aqui o Povo israelita, como o dão a perceber as palavras anteriores **filhos do teu povo**. Mas em #Êx 3.22 não é bem esse o sentido, pois as condições no Egito eram diferentes, das que Israel iria passar a ter como povo separado, livre e organizado em Canaã. O vocábulo começa agora a ter um sentido mais amplo, como se verifica no vers. 34, onde a lei do amor se estende a todo o **estrangeiro (ger)**. Este fato é lindamente exemplificado pela escolha que Jesus fez do Samaritano para determinar o significado e a finalidade do vocábulo **próximo** (#Lc 10.33). Cfr. #Dt 10.18 nota e #Lv 25.35-55. Quanto aos vers. 19-37, que começam e terminam com uma exortação à obediência, não será descabido supormos que houve intenção em frisar a dependência de Deus em que todos nos encontramos. Por isso a lei da separação, relacionada com a santidade, vai aplicar-se à criação do gado, ao lançamento da semente à terra, à confecção do vestuário (19) e até à plantação das árvores de fruto (23-25). Cfr. #Dt 22.9-11. Entretanto, surge uma lei a castigar o

senhor que cometer pecado, por violar a sua escrava (20-22). Quanto à primeira destas proibições, relativas à criação do gado, provavelmente muar, convém frisar que as mulas devem ser consideradas como importadas do estrangeiro, e só começam a ser mencionadas no tempo de Davi (#1Rs 10.25). Os vers. 26-28 apontam diversas práticas pagãs dignas de serem condenadas, tal como o vers. 31 e talvez o 29, em que a prostituição devia ser também de origem pagã. Por outro lado o vers. 30, inculcando o respeito pelo Sábado e pelo Santuário, relacionado ainda com o vers. 3, devia associar-se mais com o 32. A lei do estrangeiro (33-34) é o complemento dos vers. 17-18 explicando a finalidade da lei já exposta. Os vers. 35-36 relacionam-se com o oitavo mandamento e o capítulo acaba com aquela espécie de estribilho, tantas vezes repetido: **Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito** (36). Cfr. #Lv 11.46; #Lv 22.33; #Dt 5.15, etc.

Lv-20.1

c) Diversas leis respeitantes a outros crimes hediondos (Lv 20.1-27).

A primeira palavra do vers. 2 "**também**" liga este ao capítulo anterior. Severos castigos estão reservados aos que prestam culto a Moloque já anteriormente mencionado (#Lv 18.21), esse monstruoso deus dos amonitas (#1Rs 11.7), cujo nome contém as mesmas consoantes que a palavra "rei", (**melek**) que, combinadas com as vogais do vocábulo **bosheth** ("vergonha"), forma o nome de Moloque, que passa a ser considerado um substantivo comum, quando precedido do artigo. Esta forma de idolatria era particularmente repelente, porque exigia sacrifícios humanos, em especial o de crianças, que eram oferecidas ao ídolo. Desconhece-se a natureza destes sacrifícios; todavia, que a vítima era abatida e depois queimada em holocausto; finalmente, há quem ache que fosse realmente queimada viva. A existência dos sacrifícios humanos é expressamente indicada em: #Sl 106.38; #Jr 7.31; #Jr 19.4 e segs.; #Ez 23.37-39; #Mq 6.7. E é muito possível também que se refere a prática dos fenícios, -que colocavam as crianças nos braços do ídolo, para que o fogo as consumisse. O #Dt 12.31 supõe que esta horrível prática não se limitava a um único deus, mas era geral entre os cananeus. O castigo para tão grave pecado era o apedrejamento. As palavras "contaminar o Meu Santuário e profanar o Meu santo Nome" (3) indicam que esta ação não só era horrífica em si própria, mas um desafio intencional aos direitos exclusivos de Jeová, como Deus da Aliança de Israel, que exige o culto do Seu Povo. E se este O não quer

reconhecer, será severamente castigado, juntamente com "todos os que se prostituem após ele" (5).

>Lv-20.6

Os meios de que os povos circunvizinhos de Israel se serviam para indagar e, se possível, adivinhar ou controlar o futuro são condenados e o castigo é o mesmo: a separação da comunidade (6). Cfr. #Lv 19.31. O **médium** ou "espírito adivinho" era punido com a morte (27). Cfr. #Êx 22.18. As palavras "para se prostituir" (6) ligam este pecado ao relatado no vers. #Lv 2.5; e tanto assim, que em #Dt 18.9-14 ambos se encontram incluídos entre os meios de adivinhar o futuro.

>Lv-20.7

Os vers. 7-8 contêm uma solene exortação à santidade (cfr. #Lv 18.1-5; #Lv 19.1-2) e ao cumprimento dos mandamentos de Deus, que precedem e seguem essa exortação. Comparando o vers. 9 com #Lv 19.3, fácil é concluir que os vers. 9-21 falem de novos crimes hediondos a que já se fizera alusão nos caps. 18-19. A maldição do pai ou da mãe é, na realidade, uma grave violação do quinto mandamento. O adultério, o incesto, os vícios contra a natureza, a bestialidade são punidos com a maior das severidades. Se a frase **descobrir a nudez**, freqüente no cap. 18, aparece aqui sete vezes e não noutros lugares do Pentateuco, é só para indicar a íntima relação existente entre estes dois textos. Variadas são as penas: **certamente morrerá** (10-15); **o apedrejará com pedras** (vers. 2,27; cfr. #Lv 24.14 e segs.); **queimarão com fogo** (14; cfr. #Lv 21.9); **serão extirpados** (17-18); **levarão a sua iniquidade; seu pecado sobre si levarão: morrerão sem filhos** (20); **sem filhos ficarão** (21). E a terminar, repare-se nas palavras com que se descrevem estes crimes: **fizeram confusão** (12); **fizeram abominação** (13); **maldade** (14); **imundície** (21).

>Lv-20.22

Os vers. 22-26 lembram aos israelitas que as monstruosidades acima descritas, eram cometidas pelo povo, cuja terra iriam possuir, terra essa que "vomitaria" os seus habitantes (cfr. #Lv 18.25), e que outro tanto faria aos israelitas, se as praticassem também (cfr. #Lv 18.28). Mas essa terra estava-lhes reservada como herança (24), e o povo de Deus devia ser separado dos cananeus por meio daquelas purificações e leis da dieta, que descreve o cap. 11. Visto que o comer e o beber faziam parte integrante da vida quotidiana do povo, e fazendo

dos vers. 22-26 uma espécie de conclusão ao grande corpo das leis, tanto cerimoniais como morais, que o povo devia observar, é de admitir uma certa conexão com o cap. 11. **Para serdes Meus** (26) -eis um breve resumo do objetivo de toda a Lei. Se quer pertencer ao Senhor, o povo tem de cumprir rigorosamente a Sua Lei.

>Lv-20.27

O vers. 27 é uma aplicação do vers. 6, com insistência no gênero de morte a infligir aos adivinhos (2). Cfr. #Lv 24.14 e segs. Voltando assim ao mesmo assunto, frisa-se a hediondez do pecado (cfr. #Dt 18.9-14) que implica idolatria, e Israel tem de banir a todo o custo o culto dos deuses pagãos.

Lv-21.1

VII. INSTRUÇÕES PARA OS SACERDOTES Lv 21.1-22.33

a) Os sacerdotes devem ser Santos (Lv 21.1-9).

Se o povo devia afastar-se do pecado, que dizer dos sacerdotes? "Não se contaminarão" (#Lv 21.1-4); "não profanarão o nome do seu Deus" (6); "serão santos" (6) e deverão ser tratados como tais (8). E por quê? Porque acima de tudo o sacerdote é **príncipe entre os seus povos** (4) e **oferece as ofertas queimadas ao Senhor** (6). É esta a sua principal missão, tantas vezes focada naquela expressão: **O pão do seu Deus** (vers. 6,8,17,21-22; cfr. #Lv 22.25; #Lv 3.11,16).

Menciona-se, em primeiro lugar, a impureza derivada do contacto com os mortos, exceção feita para os parentes, fossem eles pai, mãe, irmão, filho ou filha. A morte, sendo o castigo do pecado, contamina pelo contacto. Da esposa nada se diz, como a salientar a situação privilegiada perante o homem, de quem não é apenas "parente chegada" (2), mas algo mais, pois com ele forma "uma só carne" (#Gn 2.24). É desnecessária, pois, qualquer alusão à fiel companheira do marido. A ordem para se evitarem as práticas pagãs tanto se aplica aos sacerdotes como ao povo (cfr. #Lv 19.27 e segs.; #Dt 14.1). Mas ao sacerdote compete ser de exemplar conduta. Pode casar-se, mas com uma mulher virtuosa que não seja divorciada. A razão é sempre a mesma; é que ele só trata de coisas santas (7-8). Severamente punida será a filha do sacerdote, que porventura venha a prostituir-se.

>Lv-21.10

b) Determinações especiais para o Sumo-Sacerdote (Lv 21.10-15).

Em face da santidade invulgar do Sumo-Sacerdote, as leis relativas à impureza devem ter outra rigidez que aos demais sacerdotes não era exigida. É que ele é o único consagrado a Deus dum modo especial com o óleo sagrado que lhe ungiu a fronte. É ele o único que utiliza os mais sagrados vestidos, que o impedem de se macular, contactando com os cadáveres, sem qualquer exceção. É ele, ainda, que não deve abandonar o Santuário, (12) que deve desposar uma donzela virgem escolhida entre as de seu povo, quer dizer, uma autêntica filha de Israel. **E não profanará** (15), isto é, tornará os seus descendentes dignos do santo ministério, ao desposar essa digna filha de seu povo.

>Lv-21.16

c) Efeitos da deformidade física (Lv 21.16-24).

Como os animais oferecidos em sacrifícios não deviam possuir qualquer imperfeição física, assim os sacerdotes que os ofereciam. Aqueles, porém, que estavam afastados das cerimônias do culto no altar do Senhor podiam participar da porção do sacerdote. Fala-se então das deformidades físicas, quer por deficiência, quer por excesso como por exemplo, seis dedos em vez de cinco. Constituía ainda grave impedimento a impotência sexual por castração (#Dt 23.1; cfr. #Is 61.3 e segs.).

Lv-22.1

d) A profanação impede o sacerdote de tocar nas coisas santas (Lv 22.1-16).

Enquanto separados para digna e santamente servirem no santuário, estavam os sacerdotes sujeitos às mesmas impurezas que os leigos. Além dos defeitos físicos, podia ainda o sacerdote contrair a lepra ou outra qualquer impureza de caráter sexual, bem como a possibilidade de contactar com objetos também impuros, que o obrigavam a constantes purificações para poder tocar nas coisas santas relacionadas com o culto. As razões já foram profusamente expostas. Cfr. #Hb 5.2; #Hb 7.28. Há, no entanto, uma distinção a fazer entre

a família do sacerdote e seus servos por um lado, e o estranho e o jornaleiro por outro (10-11). Estes, embora pertencentes à família do sacerdote, não tinham qualquer direito a participar das coisas santas. Quanto à viúva, que sem filhos voltava à casa paterna, a lei considerava-a novamente como membro da família. Quando erradamente alguém levava à boca coisa santa, devia devolvê-la e sobre ela acrescentar a quinta parte, tal como no caso da oferta pela culpa.

>Lv-22.17

e) Diretrizes para a oferta dos sacrifícios (Lv 22.17-33).

Tanto os sacerdotes como os leigos, incluindo os estrangeiros (18) só deviam oferecer vítimas **sem mancha** (19). Cfr. **#Êx 12.5** nota. O essencial é que fosse "segundo a sua vontade" (19) para que fosse aceita (20; cfr. **#Lv 1.3**). Se qualquer exceção se podia abrir, era para as ofertas voluntárias (23). O vers. 24 alude à castração dos animais, considerada também proibida na terra de Israel. Esta era a opinião de Josefo (**Antig.** 4.8 e 40), mas pode entender-se que tal exigência só se fazia para os animais rigorosamente destinados ao sacrifício. A determinação de que o animal devia estar **sete dias debaixo de sua mãe** (27) quer significar que durante esse período não tinha o animal existência independente (compare-se com a lei da circuncisão em **#Gn 17.12**). A lei que proíbe a degolação da mãe e filho no mesmo dia (28) lembra a proibição de cozer o cabrito no leite de sua mãe (**#Êx 23.19; #Êx 34.26; #Dt 14.21**). Em princípio parece que ambas estas leis tendem no fundo a comover os israelitas para não separarem as famílias com requintes de crueldade, mesmo que se trate de animais. Tais atos talvez agradassem a Moloque, mas não ao Deus de Israel. Cfr. a nota sobre **#Dt 14.21**. Os vers. 29-30 determinam que o sacrifício de ação de graças fosse consumido no mesmo dia. Cfr. 7.15 nota. Todos estes mandamentos apresentam a mesma confirmação: **Eu sou o Senhor**. E transgredir era o mesmo que **profanar o Seu santo Nome**. Embora muito diversos, todos eles tendem a demonstrar que o Senhor quer governar em Israel, orientando a vida do Seu Povo e dos Seus sacerdotes em todos os aspectos e pormenores.

Lv-23.1

VIII. AS FESTAS SAGRADAS Lv 23.1-44

O presente capítulo serve para nos oferecer uma lista das reuniões ou encontros a que o texto sagrado chama "santas convocações" (2). As principais versões ora apresentam o termo *mo'edh* (festa), ora *hag* no sentido de solenidade, tendo ainda a primeira idéia de reunião ou encontro. O vers. 4 resume as duas idéias: *Estas são as solenidade do Senhor, as santas convocações, que convocareis no seu tempo designado.* O termo *hag* implica mais o júbilo e a alegria do povo, ao passo que *convocações* supõe a reunião do mesmo ao som das trombetas de prata (#Nm 10.1-10).

>Lv-23.3

a) O Sábado (Lv 23.3).

Deus descansou no sétimo dia, refere o Gênesis (#Gn 2.3); e mais tarde nos fornece indicações de se guardar uma semana de sete dias (#Gn 29.27). De resto, o número sete parece que tinha algo de sagrado (cfr. #Nm 23.1). Mas é só em relação com o Maná que mais evidente se torna a santidade deste dia, como dia de descanso para Israel (#Êx 16.5,22-30), pois a distribuição da dupla ração ao sexto dia evitava aos israelitas a necessidade de trabalhar ao sétimo. E assim como Deus descansara após os seis dias da criação, também ao sétimo repousava, não distribuindo o Maná celeste ao seu Povo. Quase as mesmas palavras descrevem um e outro acontecimento: é o "sábado do descanso solene" (*shabbath shabbathon*). Tanto aqui, como em Êxodo (#Êx 20.9) e em Deuteronômio (#Dt 5.13), a determinação para trabalhar nos seis dias acaba sempre por designar o descanso ao sétimo. Quem trabalhasse nos dias úteis tinha direito a repousar no dia do Senhor. Mas é de notar que o descanso deste dia era mais completo que o dos outros dias de festa em que se proibia apenas a *obra servil* (vers. 7-8,21,25,35-36), ou seja, o negócio ou o trabalho manual, mas não a preparação dos alimentos. Por conseqüência, enquanto o Sábado era uma "santa convocação", diferia das outras festas precisamente neste aspecto, bem como pelo fato de ser celebrado semanalmente, ao passo que estas eram anuais. Chegamos, pois, à conclusão de que o Sábado, celebrado regularmente todas as semanas, era um dia mais sagrado do que qualquer uma das outras festas. Ainda hoje na história da Igreja se verifica uma certa tendência para frisar a importância de certas ocasiões especiais e, por outro lado, descurar a celebração do dia do Senhor, o primeiro da semana, que é o único dia santo expressamente determinado pelo Novo Testamento. Cfr. a nota sobre #Dt 5.12 e segs.

>Lv-23.4

b) A Páscoa e a Festa dos Pães Asmos (Lv 23.4-8).

Diferindo o Sábado de todas as outras solenidades em muitos e variados aspectos, facilmente se explica por que se encontre separado delas pelo vers. 4, que serve, por assim dizer, de introdução a todas as festas anuais. Cfr. #Êx 23.14-17; #Dt 16. Antes de qualquer outra, destaca-se a Páscoa (5), nada mais se acrescentando ao que fora dito quando da sua instituição. Cfr. #Êx 12. O mesmo se diz da Festa dos Pães Asmos, tão intimamente ligada à Páscoa (6-8). Cfr. #Nm 28.16-25, onde outros pormenores determinam melhor o ritual desta solenidade.

>Lv-23.9

c) A Festa das Primícias (Lv 23.9-14).

É esta a terceira das quatro leis (cfr. #Lv 14.34; #Lv 19.23; #Lv 25.2) relativas à futura ocupação da Terra Prometida. Um molho de primícias (10). Em hebraico 'omer (cfr. #Dt 24.19; #Rt 2.7,15) que servia para apresentar como "oferta de movimento" (#Lv 9.21; #Lv 14.12,24). Já que a mesma palavra 'omer ou gomer (#Êx 16.16 e segs.), no sentido de medida, era a décima parte do efa (#Êx 16.36), o molho devia conter o grão suficiente para uma oferta de cereal (farinha de cevada), que se colhia duas ou três semanas antes do trigo.

Dois sentidos pode ter a palavra "Sábado" naquela expressão do vers. 11: ao dia seguinte do sábado. Ou significa o sábado vulgar celebrado semanalmente, ou a Páscoa anual como dia de santa convocação, que era precedida por uma semana de pães asmos. Os fariseus optavam pela primeira opinião, os saduceus pela segunda. Esta oferta do molho era acompanhada de holocaustos e outras ofertas de comidas e bebidas (12-13), mas no último caso duas vezes mais que o usual.

Pela primeira vez no Levítico faz-se aqui alusão à oferta de bebidas, tal como em #Êx 29.38-42 a propósito do holocausto contínuo. E como explicar o silêncio dos caps. 1-7 a tal respeito? Não descrevem eles, em pormenor, os principais sacrifícios da Antiga Aliança? Apenas se poderá responder que o fato de tantas vezes se mencionarem as bebidas em conexão com os sacrifícios das festas, talvez possa significar que em ocasiões vulgares os sacrifícios particulares se tornavam dispensáveis. Mas em presença de #Nm 6.17; #Nm 15.1-12 parece-nos não ser plausível esta opinião. Parece que não era uma

oferta independente sob a lei, mas acompanhava a oferta de farinha ou cereal, motivo por que não encontramos qualquer alusão à oferta de bebidas nos caps. 1-7. Talvez possamos ainda supor, que só depois da entrada do povo na Terra Prometida se fizessem tais ofertas (#Lv 23.19); mas, em tal caso, como explicar o holocausto contínuo, não mencionado em Levítico, mas já profusamente descrito em #Êx 29.38-42?

A oferta das primícias simbolizava a consagração a Deus de todas as colheitas, e só depois dessa oferta era permitido ao povo comer os seus frutos e cereais, para com eles se sustentarem (14). É uma lei cujo significado só será devidamente compreendido à luz do Novo Testamento. A ela se alude, quando se fala dos Cristãos gentios (#Rm 8.23), dos antepassados dos judeus (#Rm 11.16), dos primeiros cristãos fiéis (#Rm 16.5) e finalmente de Cristo, como primícias dos que dormem (#1Co 15.20,23). Cfr. #1Co 16.15; #Tg 1.18; #Ap 14.4.

>Lv-23.15

d) A Festa das Semanas (Lv 23.15-22).

O fato de não ser esta solenidade precedida das palavras "E o Senhor falou a Moisés dizendo"... leva-nos à conclusão de que o Pentecostes (*shabhu 'oth*) era uma continuação ou complemento da Páscoa. O Talmude chama-lhe ' *asarta* (cfr. #Lv 23.36, onde se emprega este vocábulo a propósito do oitavo dia da festa dos tabernáculos e é traduzido também por "santa convocação"). Passadas sete semanas a contar do sábado da oferta das primícias, procedia-se a nova oferta, desta vez de dois pães de farinha levedada, como primícias ao Senhor (17). Como todo o pão dos israelitas era levedado, esta cerimônia simbolizava a consagração do alimento diário do povo ao Senhor de todas as coisas. E com a descrição das colheitas do trigo, terminavam as cerimônias da Festa das Semanas, deixando, todavia, no campo "para o pobre e para o estrangeiro" (22) algumas espigas que porventura tivessem esquecido. Cfr. #Lv 19.9; #Dt 16.9-12 nota.

>Lv-23.23

e) As festas do sétimo mês (Lv 23.23-44).

Atendendo à santidade do número sete, não admira que ao sétimo mês se celebrassem cerimônias especiais: a Festa das Trombetas, o Dia da Expição e a Festa dos Tabernáculos.

>Lv-23.24

1. A FESTA DAS TROMBETAS (#Lv 23.24-25). O toque da trombeta no primeiro dia do mês atraía a atenção para esta importante estação do ano, quando nos campos terminavam as fainas agrícolas, marcadas pelos dois maiores acontecimentos do ano. Embora resumidamente, diz-se que nesta festa haveria "descanso" por ser a "memória" de jubilação e "santa convocação" (24). Segundo a tradição judaica, a trombeta utilizada nesta altura não era de prata (#Nm 10.2-10), mas um simples chifre de carneiro (**shophar**) próprio das ocasiões solenes, como por exemplo, de proclamação do Ano do Jubileu. Cfr. #Js 6 nota. Nenhuma obra servil era permitida, mas também não faltavam os sacrifícios ao Senhor (25). Quanto a este toque de trombeta, podemos talvez dar-lhe duas interpretações: Deus lembra ao povo a obrigação de se preparar para as solenidade deste mês, e por outro lado é o povo a lembrar a Deus a aliança que fez com eles e os benefícios por Ele dispensados a todo o Povo escolhido. No hebraico não aparece a palavra "trombeta". Apenas **teru'ah**, que significa "gritaria" ou jubilação do povo; ou também podia significar "som de trombeta". Este dia, o primeiro de Tisri, é tido pelos judeus como o primeiro dia do ano (**rosh hashshannah**), o primeiro do ano civil ou "dia de ano novo".

>Lv-23.26

2. O DIA DA EXPIÇÃO (#Lv 23.26-32). A presente solenidade, largamente descrita no capítulo 16, quando se aludiu às obrigações de Arão e aos sacrifícios a efetuar, limita-se agora a considerar as obrigações do povo (26-32). Seria um "sábado de descanso" (32). (Em hebraico: **shabbath shabbathon**). Por isso cessava o trabalho e o povo "afligia as suas almas" (27), sendo severamente punida a desobediência. Em #Nm 29.7-11 trata-se especialmente das ofertas.

>Lv-23.33

3. A FESTA DOS TABERNÁCULOS (#Lv 23.33-44) Em muitos aspectos era uma festa semelhante à Páscoa ou à festa dos pães asmos. Vejamos: ambas eram, em princípio, festas históricas, lembrando uma o Êxodo, -a libertação do

Egito e as circunstâncias em que se deu a viagem para a Terra da promessa, - e a outra a longa jornada através do deserto; ambas se prolongavam por um período de oito dias; ambas se relacionavam intimamente com a vida quotidiana e com a felicidade do povo, encontrando-se uma no princípio, outra no fim do ano agrícola. A única diferença notável a registrar é que nesta última não era exigido o pão asmo. Mais pormenores, sobretudo relativos às ofertas, podem encontrar-se no livro de [#Nm 29.12-38](#), que dá a lista das mesmas por cada dia. Em holocausto ofereciam-se bezerros, carneiros e cordeiros. Para cada um dos sete dias havia dois carneiros e catorze cordeiros. Quanto aos bezerros, começavam em treze e eram gradualmente reduzidos até sete, perfazendo um total de setenta, ou seja uma média de dez por dia. Ao oitavo dia oferecia-se um bezerro, um carneiro e sete cordeiros. Em cada um dos oito dias a oferta pelo pecado exigia apenas um bode. Cada holocausto era acompanhado por sua oferta de manjares e pela sua oferta de bebidas. É notável que o número de bezerros diminuía de dia para dia.

Todas estas solenidade resumem-se em poucas palavras semelhantes, ao vers. 4, seguindo-se uma nova lei relativa à Festa dos Tabernáculos. O povo iria viver em tendas durante sete dias, para que as suas gerações soubessem que o Senhor "fez habitar os filhos de Israel em tendas" (43), quando os libertou dos egípcios. Seria motivo de grande alegria "perante o Senhor" (40). Assim às horas de luto e tristeza do dia da expiação seguiam-se momentos alegres nestes dias da [Festa dos Tabernáculos](#) (34). Apenas aqui e em [#Gn 33.17](#) aparece o termo [sukkoth](#), "tendas" (lit. "barraca" ou "choupana" cfr. 42-43). O que convém é frisar o caráter temporário das habitações do povo durante a travessia do deserto. Por isso Isaías compara Jerusalém a uma cabana (ou tenda) numa vinha ([#Lv 1.8](#)), tal era a pobreza da morada da Filha de Sião. Será desnecessário acrescentar que a palavra "tabernáculos" nada tem de comum com a palavra "tabernáculo" no sentido de santuário ao Senhor; as palavras são completamente distintas. Cfr. [#2Cr 8.13](#); [#Ed 3.4](#); [#Ne 8.13-18](#); [#Zc 14.16-19](#). Enquanto estas festividades eram periódicas e apropriadas a um povo que vivia da agricultura, a importância dada aos acontecimentos tem a finalidade de conservar viva na mente do povo a libertação do Egito nos seus diferentes aspectos.

Lv-24.1

IX. O ÓLEO SANTO, OS BOLOS E O PECADO DE BLASFÊMIA Lv 24.1-23

a) O azeite para a lâmpada (Lv 24.1-4).

O azeite servia para iluminar, ungir e cozinhar os alimentos. Embora nestas três funções fosse usado no serviço do Tabernáculo, apenas se faz referência aqui a uma delas - à de iluminar. Para as lâmpadas do candelabro de ouro tinha o azeite de ser puro e batido (#Êx 27.20), mas para ungir era misturado com especiarias (#Êx 25.6; #Êx 35.8). O azeite foi uma das ofertas voluntárias do povo na altura em que se construía o Tabernáculo, e possivelmente daí em diante passou a ser considerado um costume. O cuidado das lâmpadas pertencia a Arão e aos filhos, conforme se diz em #Êx 27.21. **Continuamente, desde a tarde até à manhã** (3) são as palavras que dão a entender que as luzes deviam arder a noite inteira, sendo nelas colocado somente o azeite indispensável (#1Sm 3.3). Veja-se a diferença apresentada em #Êx 30.7 e segs. entre o acender e o apagar das lâmpadas, de que é fácil deduzir serem estas acesas à tarde com fogo do altar do holocausto. Contudo segundo alguns comentadores, a palavra "continuamente" (3) supõe que as lâmpadas ardiam de dia e de noite.

>Lv-24.5

b) Os bolos (Lv 24.5-9).

Em #Êx 35.23-30 deparamos com a descrição da mesa, onde era apresentado o pão, mas poucos pormenores se acrescentam. Agora, mais amplamente, se dão informações acerca desse pão, que formava com cerca de dois décimos dum efa de farinha (cerca de seis litros), talvez preparado com azeite, tal como a oferta de manjares ou cereal, e colocavam-se **em duas fileiras** (6), ou "arranjos". Daqui derivou a expressão "pão da proposição" tão encontrada nas crônicas e em Neemias. Cfr. #2Cr 4.19; #2Cr 13.11. Essas duas fileiras talvez queiram dizer pilhas, com seis bolos cada. Ao lado, ou em cima de cada pilha, encontrava-se uma pequena vasilha ou uma simples colher de incenso, que segundo a tradição era depois queimado no altar do holocausto, juntamente com as ofertas de azeite e vinho, no fim dos sete dias, quando o pão era tirado da **presença do Senhor** e consumido pelos sacerdotes. Cfr. #Êx 25.30,35.13, 39.36 A intercalação destas duas leis entre os caps. 23 e 25, tão intimamente ligados, deve ser originada pelo fato de se frisar que estes e outros rituais são inteiramente independentes e não prejudicados pelas festas anuais e outras solenidade, como as que acima foram descritas.

>Lv-24.10

c) O pecado da blasfêmia e os crimes de violência (Lv 24.10-23).

O breve episódio recordado nos vers. 10-16 pode ter ocorrido entre as revelações que seguem e precedem esse episódio (cfr. #Dt 4.41-49, Nm 15.32-36 para casos semelhantes). Esse meio-israelita fazia parte provavelmente daquela "mistura de gente" de que fala o Êx 12-38. **Apareceu... no meio dos filhos de Israel** (10). Não indica que tivesse vindo do exterior mas, com certeza, que saiu da casa e meteu-se numa embrulhada e foi tal o seu atrevimento, que não receou profanar um filho de Israel. Cita-se o nome da mãe, para provar que a ela devia a sua presença no arraial. O pai talvez já tivesse morrido, e desconhece-se em absoluto o seu nome. A nós, Cristãos, o que mais interessa é a moralidade, não a pessoa, que nos faz ver neste episódio uma transgressão formal do terceiro mandamento, que aliás não designa o gênero de punição a dar aos transgressores. Por isso foi posto em guarda o filho do egípcio "até que se lhes fizesse declaração pela boca do Senhor" (12). A resposta (cfr. #Nm 7.89), trata da situação atual, mas não há dúvida que se mantém o princípio de que em tal matéria entre estrangeiros e naturais não há qualquer distinção (22). Note-se, no entanto, que a blasfêmia vem aqui expressa a par de crimes de natureza violenta, tais como o homicídio e os ferimentos corporais, precisamente para frisar a enormidade do pecado cometido apenas com os lábios. Também poderia supor-se que a blasfêmia é um ato violento e prejudica gravemente aquele contra quem é dirigida (cfr. #Êx 21.22; #Dt 25.11). Pelo menos é evidente que estas leis, já exaradas em #Êx 21.12,23-36, repetem-se aqui, sobretudo com a finalidade de aplicar a todos os homens as leis relativas à blasfêmia e a outras ofensas graves.

Com respeito a esta **lei de talião**, notemos: primeiramente, que é uma lei de justiça exata e não de vingança; em segundo lugar, que não era justiça privada, mas pública; e em terceiro lugar, que excluindo o homicida dos crimes que é possível resgatar (#Nm 35.31 e segs.), admite a possibilidade da compensação, normalmente permitida a certas injúrias ou então substituída por uma multa. A objeção de que "não há na história judaica exemplo da lei de represália, de forma a tomarmos à letra o aforismo bíblico-olho por olho, dente por dente" pode ser ou não justificada, embora a mutilação do corpo seja contrária ao espírito da Lei de Moisés. Durante séculos, em muitos países cristãos, a tortura e a mutilação eram muitas vezes praticadas continuamente mesmo sendo contrárias ao espírito e à letra da Lei de Moisés, e o castigo era, não raramente, desproporcional à ofensa.

Este episódio serve para nos lembrar a gravidade do pecado da profanação, que é um dos maiores males que afligem a humanidade inteira.

Lv-25.1

X. O ANO SABÁTICO E O ANO DO JUBILEU Lv 25.1-55

a) O Ano Sabático (Lv 25.1-7).

O princípio do descanso semanal foi já tratado no cap. 23, relacionado com as festas anuais, e aí se deu especial relevo a esse princípio, que agora se desenvolve a propósito do Ano Sabático e do Jubileu. Na lei do descanso sabático, aplicava-se o princípio a todos os seres humanos, quer fossem livres ou não, e até aos animais domésticos (#Êx 20.10), como ao boi, ao burro, ao gado, aos animais de carga (#Dt 5.14), e ainda ao estrangeiro ou viajante. Agora esse princípio é extensivo à própria terra. De sete em sete anos "haveria sábado de descanso para a terra" (4) (shabbath shabbathon), e eram excluídas as colheitas e as sementeiras. Deixada assim a terra em repouso, o que nascesse espontaneamente seria pertença do senhor ou do servo, do jornaleiro ou do estrangeiro, ou mesmo do gado. Como não era produto do esforço humano, a todos pertencia. De resto há a promessa de que a colheita do sexto ano, orientada e abençoada por Deus, seria mais que suficiente para este período de descanso (18-22). É a lei do maná em larga escala (#Êx 16.22), a fazer ver que "a novidade do sábado" (6), diferente dos restos do ano vulgar que se destinavam às viúvas e aos órfãos, supriria todas as necessidades de cada um dos israelitas (cfr. #Êx 16.17 e segs.). Em conformidade com #Dt 31.10, este ano não devia passar-se na ociosidade ou na prática do mal, mas no ensino e no estudo da Lei de Deus.

>Lv-25.8

b) O Jubileu (Lv 25.8-55).

1. COMO OBSERVÁ-LO (#Lv 25.8-22). O quinquagésimo ano é cuidadosamente definido como o seguinte a sete anos sabáticos (8), sendo anunciado por toda a parte ao som da trombeta no dia da expiação desse quinquagésimo ano (9). A trombeta era um chifre (qeren) de carneiro (cfr. #Js 6.4 e segs.). Por conseguinte, o vocábulo "jubileu" derivou de yobhel, "carneiro" em hebraico. Mais tarde associaram-se as idéias, tornando-se jubileu sinônimo de trombeta. Em #Êx 19.13,19, ainda se usam as duas

palavras. A mesma lei relativa às colheitas e às sementeiras aplicava-se a este ano, tal como a todos os anos sabáticos que o precediam; e, como começava no outono, era legítimo que o mesmo sucedesse com os anos sabáticos. Era o ano da liberdade, do regresso à posse de cada um e ao seio da sua família (10). Este regresso à normalidade, como poderíamos chamar-lhe, assentaria numa base rigorosamente equitativa (14-17). As compras e as vendas eram reguladas pela aproximação do ano do Jubileu.

E se disserdes: **Que comeremos no ano sétimo?** (20). Deus admite que pudessem vir a ser levantadas objeções, mas sem qualquer fundamento. Ele promete enviar a Sua bênção sobre o povo no sexto ano. Também tem em vista o problema maior do ano do jubileu que seguia o ano sabático. Nota-se **por três anos** (21) e **oitavo e nono** anos (22).

>Lv-25.23

2. A LEI DA REDENÇÃO (#Lv 25.23-34). O princípio que abrange a lei da redenção é que a terra pertence a Deus, e não a qualquer dos mortais, que no fim de contas não passam de **estrangeiros e peregrinos** (23), mordomos das terras que lhes são confiadas, rendeiros temporários das propriedades do Senhor. Cfr. #Êx 22.21 nota; #Dt 10.19 nota. O resgate da terra (25-28) podia ser feito por um parente (25), pelo próprio dono (26 e segs.) ou apoderar-se dela automaticamente no ano do Jubileu, exceção feita para a "casa de moradia em cidade murada" (29), que só podia ser resgatada dentro do ano da venda, pelo fato de não ter qualquer relação com a terra ou com as culturas. Por outro lado, as casas das aldeias eram consideradas como o "campo da terra", talvez por nelas morarem os lavradores e os pastores (31). Para os bens dos levitas haveria um privilégio muito especial (32-34).

>Lv-25.35

3. COMO TRATAR OS POBRES, OS ESTRANGEIROS E OS PEREGRINOS (#Lv 25.35-55). É de frisar a diferença entre quando **teu irmão** (vers. 25,35,39,47) e **vossos irmãos, os filhos de Israel** (46). O respeito pelo estrangeiro (cfr. #Lv 19.34; #Dt 10.18) não queria dizer que se não fizesse distinção entre ele e o verdadeiro irmão israelita. Insistia-se apenas na posição do israelita, que era completamente diversa da de qualquer outro. Os empréstimos deviam ser feitos sem interesse, sem qualquer espécie de usura (cfr. #Êx 22.25 nota; #Dt 23.19 nota). Se um israelita se vendesse a si próprio, não devia ser tido como escravo, mas simples servo assalariado, a quem se

devia tratar com a máxima deferência, e no ano do jubileu seria libertado, se este fosse celebrado antes de terminados os seis anos de serviço (#Êx 21.2-4; #Dt 15.12 e segs.).

A lei da libertação dos servos não era aplicada aos estrangeiros, que deviam ser tratados como escravos incapazes de beneficiarem da redenção (44-46). Mas as leis da redenção estendiam-se ao caso do que se vendesse a si próprio a um estranho ou a um peregrino, o qual, como se disse, teria de obedecer às prescrições da Lei, ou, pelo menos, não as transgredir. Em tais circunstâncias o israelita podia ser remido ou simplesmente ser posto em liberdade no ano do jubileu, e nunca tratado com severidade (47-54). A razão para esta diferença está em que os israelitas eram servos do Senhor, por Ele libertados da escravidão humana, sobretudo das mãos dos egípcios (35).

Lv-26.1

XI. BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES Lv 26.1-46

A importância que devia ser dada ao cumprimento da Lei, pormenorizadamente expressa e apresentada ao povo e aos sacerdotes, vem resumida no #Dt 30.15 com as seguintes palavras: "Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida, e o bem, e a morte, e o mal". Cfr. #Lv 18.5. E não se faz qualquer alusão às solenidade a celebrar em Siquém (cfr. #Dt 11.26-29; #Dt 27.4 e segs.; #Js 8.30-35). Mas deste passo, como aliás noutros, os mandamentos, promessas e ameaças, são proferidos com mais simplicidade. É o Senhor que fala através de Moisés, mas dirige-se diretamente ao povo na primeira pessoa (note-se com que freqüência surge o pronome "Eu") e ainda sem qualquer frase a servir de introdução. Veja-se Dt cap. 27-28 onde Moisés fala em nome do Senhor. O abandono da idolatria, a guarda do sábado e o respeito pelo Santuário do Senhor (1-2) serviam de base às novas leis a serem observadas por todo o bom israelita.

>Lv-26.3

a) Bênçãos como prêmio da obediência (Lv 26.3-13).

Estas bênçãos são apenas uma ampliação da promessa de #Êx 19.5 e segs., apresentadas sob a forma de prosperidade e de paz, como recompensa pela obediência a Deus: Chuva e fartura para as terras; colheitas tão abundantes, que exigiam meses de trabalho. E acima de tudo, a paz, pois nem os homens

nem os animais perturbariam o Povo eleito, para quem o Senhor olharia (9) sem se enfadar (11), tabernaculando no meio dele. Não que Israel o mereça, mas o amor de Deus é sem limites. **E andarei no meio de vós** (12). Quem não se lembra de **#Gn 3.8**? A terra de Canaã seria um outro jardim do Éden, porque o Deus do Éden habitaria com o Seu Povo, depois de o ter libertado do Egito num gesto de amor e onipotência sem par. Em todo o Velho Testamento se alude a esse gesto magnânimo de Jeová, a quem o povo pertence como filho muito querido.

>Lv-26.14

b) Castigos pela desobediência (Lv 26.14-45).

1. A DESCRIÇÃO DAS CALAMIDADES (**#Lv 26.14-33**). É curioso observar que se atribui maior importância às calamidades e aos males que se ameaçam, do que propriamente às bênçãos que se concedem. Só o temor muitas vezes leva o homem a fugir do pecado, como sabemos. Daí as ameaças. **Mas se me não ouvirdes** (14). Depois do único "se" que se relaciona à desobediência, segue-se agora o contraste dos muitos "ses" e "se não" da desobediência (vers. 14-15,18,21,23,27). Assim como o verbo "ouvir" implica obediência, assim o não ouvir supõe desprezo e desobediência. **Contrariamente** (usada sete vezes) é a palavra que sugere essa idéia de transgredir as ordens do Senhor (cfr. **#Am 3.3**). Salienta-se a idéia de reciprocidade do início até o fim. Deus recompensará a Israel segundo o que ela demanda.

São quatro as calamidades anunciadas: a peste (16), a fome (19), as feras (22) e a espada, como símbolo da guerra e da desolação que dela resulta (25-39). Que contraste flagrante com os prêmios da obediência! Comparem-se os vers. 7-8 com 17 ou 36-38! Quatro vezes aparece a palavra sete (vers. 18,21,24,28) na expressão **sete vezes**, talvez com mais propriedade "o sétuplo", indicando intensidade e não duração de tempo. Jeremias e Ezequiel parecem ter tido este capítulo bem na mente. Jeremias fala também em quatro castigos (**#Lv 15.3** e segs.). Cfr. **#Ez 14.12-21**. Ambos estes profetas aludem também ao flagelo da guerra. A última das ameaças é a confusão e a dispersão do povo: **E vos espalharei entre as nações** (33).

>Lv-26.34

2. O AUGUE DA DESOLAÇÃO (#Lv 26.34-39). Então a terra folgará nos seus sábados (34), enquanto Israel estivesse no exílio. Cfr. #2Cr 36.21 onde aparece a mesma expressão em referência ao cativo da Babilônia. Não quer isto dizer que não tivessem sido observados, exatamente, os setenta anos sabáticos, que decorreram entre a conquista e o cativo, correspondentes aos setenta anos de cativo. O que se pretende é frisar que a lei de Moisés é intransigente no que respeita à guarda do sábado. Isaías, Jeremias e Ezequiel censuraram Israel por esse crime (por exemplo, #Jr 17.19-27), sem se referirem expressamente ao ano sabático. Nem Jeremias representa os setenta anos como um sábado para a terra (cfr. #Jr 25.8-11; #Jr 27.6-8; #Jr 29.10). A espada supõe "a vingança" da aliança, o que sugere "a ira do Cordeiro" (#Ap 6.16).

>Lv-26.40

3. CONCLUSÃO: CONFISSÃO DOS PECADOS (#Lv 26.40-45). O vers. 40 afirma categoricamente: E confessarão, e um novo "se" apenas aparece a meio do vers. seguinte: se então o seu coração incircunciso se humilhar (41). Em presença do castigo, se o povo viesse a conhecer que foi Deus quem o libertou do mal e "tomar por bem o castigo da sua iniquidade" (41), então o Senhor lembrar-se-ia da aliança que fez com os seus antepassados (42), implicando que lhe seria restituída a Terra Prometida (um elemento principal nas promessas da aliança. Cfr. #Dt 30.1-5). O vers. 46 conclui este grupo de leis, acentuando que tinham sido outorgadas a Israel, no monte Sinai, através de Moisés (cfr. #Lv 7.38).

Lv-27.1

XII. VOTOS PARTICULARES E DÍZIMOS Lv 27.1-34

Já mais de uma vez se mencionou neste livro o assunto dos votos e das ofertas voluntárias, ao falar-se dos sacrifícios (cfr. #Lv 7.16; #Lv 22.18-23; #Lv 23.38). Agora, porém, trata-se das ofertas "santificadas" (*corban*), que não eram levadas à conta de sacrifício, e que podiam abranger pessoas, animais, casas e campos. Repare-se que nem sempre há mudança de propriedade, não obstante a palavra "avaliação" que aparece cerca de vinte vezes e que já encontramos relacionada com a oferta pela culpa, exigindo um aumento de um quinto ao valor estimativo da propriedade a restaurar (15 e segs.). Aqui, ora é aplicada às pessoas, ora às propriedades.

>Lv-27.2

Tratando-se de pessoas (2-8), a avaliação dependia do sexo e da idade. Admite-se a hipótese de poder cada um oferecer-se a si ou à sua família em sacrifício ao Senhor, variando a avaliação entre três e cinquenta siclos. A redenção é feita através de pagamento em dinheiro, como se depreende do vers. 8. Por isso, se alguém fosse avaliado em cinquenta siclos e não tivesse possibilidades de pagar, seria o sacerdote a resolver a questão. Tratando-se de animais, recorrer-se-ia, de início, a uma distinção entre os puros e os impuros, que não serviam para os sacrifícios (9-13). Aqueles seriam propriedade do Senhor, e não poderiam ser remidos pelo dono, embora o sacerdote os pudesse vender, mas não ao primitivo proprietário. Quanto aos outros, o dono poderia remi-los, pagando um quinto mais do que a sua avaliação. Se fosse uma casa (14-15) aplicar-se-ia o mesmo princípio, quer dizer, o proprietário podia remi-la mediante o adicional de um quinto.

>Lv-27.16

No caso dum campo (16-25) a dificuldade era maior, sobretudo se surgiam complicações por causa do jubileu. Mas, mesmo assim, o proprietário podia resgatá-lo com o adicional de um quinto. A avaliação devia ser feita à base da semente do campo, o que constituía um processo relativamente fácil de determinar o seu valor numa comunidade agrícola. Se alguém deixasse de remir o campo que lhe pertencia, ou o vendesse (às ocultas) depois de ter feito voto dele, quando chegasse o ano do jubileu, perderia todos os direitos a favor dos sacerdotes. O valor dum campo que se comprasse devia ser calculado em razão da proximidade do jubileu, desde que voltasse ao seu primitivo proprietário. Neste capítulo (25), e três vezes mais no Pentateuco ([#Êx 30.13](#); [#Nm 3.47](#); [#Nm 18.16](#)) se diz que o siclo do santuário contém vinte geras.

>Lv-27.26

Os primogênitos (26-27) pertenciam ao Senhor (cfr. [#Êx 13.2,12](#); [#Dt 15.19-23](#)), por isso não podiam ser dedicados ou oferecidos, exceto os dos animais impuros, que se resgatavam com o pagamento de mais um quinto da sua avaliação. Se não se resgatassem, podiam ser vendidos (cfr. [#Êx 13.13](#)).

>Lv-27.28

Só não havia resgate possível para as pessoas ou coisas "consagradas" ou "banidas" (28-29), sendo aquelas mesmo condenadas à morte. Nada, portanto, podia ser resgatado ou vendido, sob pena de ser proscrito e separado da comunidade, ou mesmo assassinado. Tenhamos em conta a terrível proscricção (herem) que foi proclamada contra Amaleque, Jericó e Acã. Cfr. #Dt 2.34 nota. Todavia não era qualquer que se arrogava a autoridade de ser juiz em tais questões, mas só quem de direito podia proferir tais sentenças, dimanadas de Deus através do Seu servo Moisés ou doutros chefes legitimamente constituídos (Cfr. #Js 6.17-19).

>Lv-27.30

Os vers. 30-33 tratam dos dízimos. A décima parte do rendimento dos campos, das árvores, dos rebanhos e do gado ao Senhor pertenceria, podendo, todavia, ser resgatada uma parte mediante o adicional de um quinto, exceto para os animais. Cfr. Dt cap. 12 e 14. A aparente divergência entre Levítico e Deuteronômio era harmonizada pelos rabis, que distinguiam três espécies de dízimos: o primeiro, o segundo e o terceiro, também chamado "dízimo dos pobres".

>Lv-27.34

Quanto à conclusão, o vers. 34 é mais breve e mais vago que o de #Lv 26.46. Deve, pois, ser considerado como conclusão do capítulo 27 e não do livro inteiro. Mesmo assim, não deixa de estar de acordo com a idéia geral do Levítico, que abrange as leis concedidas a Moisés no monte Sinai, destinadas ao povo de Israel.

[Oswald T. Allis.](#)

NÚMEROS

INTRODUÇÃO

Foi a tradução grega que originou o nome vulgar deste livro, se bem que não resume o seu conteúdo, devendo ter como autor alguém que só superficialmente conhecia o livro. É que os nomes, que a tradução grega dá aos outros quatro livros do Pentateuco, descrevem, na realidade, o conteúdo dos mesmos, enquanto no original hebraico se apresentam como títulos a primeira ou as duas primeiras palavras do livro, e mesmo assim nem sempre é o suficiente para ficarmos com uma idéia completa do conteúdo. Agora, pelo contrário, o vocábulo hebraico **bemidhbar**, "no deserto" (aliás a quinta palavra) resume-o perfeitamente, ao passo que o título da tradução grega apenas enquadra em rigor aos capítulos 1 e 26, não se aplicando, portanto, a cerca de nove décimos do livro. É de recear que a nossa tradução baseada no grego leve muitos crentes a desprezarem o livro, e a perderem assim os tesouros que ele encerra.

Como o título hebraico sugere, contêm o livro uma descrição da viagem dos israelitas através do deserto. O Êxodo conta a partida do Egito e a viagem até o Sinai; Josué narra a entrada na Terra Prometida; mas é em Números que se descreve a longa caminhada desde o Sinai até às terras de Canaã.

Seja como for, para o Cristão é de suma importância o presente livro.

Tal como o Povo Eleito, o Cristão foi libertado do Egito, ou seja da escravidão e da opressão, e nasceu de novo pelo sacrifício no Calvário, assim como os israelitas foram resgatados pelo poder supremo de Deus na Páscoa, a quando da partida do Egito. Tal como o Povo Eleito, assim o Cristão aguarda o cumprimento das promessas de Deus. Entretanto, não passa de peregrino e estrangeiro através do deserto deste mundo, antes de entrar na Terra Prometida do Paraíso (cfr. **#1Pe 2.11**; **#Hb 11.8-16**; **#Hb 12.1**).

Quanto ao interesse que o livro pode ter para o nosso estudo, podemos considerar três motivos básicos: primeiramente, dá-nos a conhecer as relações de Deus com Israel num dos períodos mais críticos da sua história e permite-nos sondar a bondade e a misericórdia de Deus durante os longos quarenta anos dessa travessia do deserto; em segundo lugar, dá-nos a possibilidade de compreender muitas das alusões à sua história e às suas leis que aparecem noutros livros da Bíblia; finalmente, é um livro rico de lições espirituais para o

Cristão, cuja situação neste mundo corresponde precisamente à dos israelitas no deserto, riqueza essa que se manifesta através duma série de conselhos que orientam a vida cristã em face dos perigos internos e externos que, por vezes, tem de enfrentar.

O livro de Números, quanto aos materiais que o compõem, pode ser considerado sob três aspectos: histórico, legal e estatístico, conforme consideramos a narração dos fatos ocorridos, as leis a cumprir pelo Povo israelita e, finalmente, o regulamento que serviu apenas para o orientar durante a viagem.

Na primeira parte do Velho Testamento, é fácil verificar-se que a atenção de qualquer curioso e do leitor cristão se limita a considerá-la apenas sob o aspecto histórico, sem compreender o valor e o alcance dessas narrações que não são meramente estatísticas, sobretudo na primeira parte do livro. Foram e ainda são da máxima importância essas narrações, mas podem dar ao leitor uma falsa idéia, se não tiverem uma noção exata de todo o conteúdo do livro. Convém, pois, que todo o leitor, ao percorrer as suas páginas tenha presente este comentário, cujas notas lhe possam ser de proveito, nomeadamente nos capítulos que não são de carácter histórico. E a pouco e pouco irá tendo maiores conhecimentos do conteúdo deste livro magnífico, que, por falta de espaço, não nos é possível senão tocar nos pontos mais representativos. É, pois, de máxima importância, orientar o leitor, ajudando-o a melhor compreender a estrutura destas páginas sagradas, onde lentamente irá tomando contacto com as riquezas espirituais que elas contêm.

Problemas de carácter crítico só de passagem e quando necessários serão tratados, embora a finalidade do comentário seja mais exegética do que apologética. De resto, a finalidade deste comentário como o da Bíblia, considerado no seu todo, é contar verdadeiramente as relações de Deus com o Seu povo, consideradas isentas de erro graças à inspiração do Espírito Santo.

O texto do livro de Números tem sido bem apresentado, embora se possa admitir a possibilidade de pequenos erros ocasionais na transmissão de uma ou outra letra, o que aliás é raro, particularmente neste livro.

Não há dúvida que o autor deste livro, como de todo o Pentateuco é o grande homem de Deus que se chamou Moisés. Provam-no as alusões que encontramos no Pentateuco e no Novo Testamento. Embora seja possível que uma ou outra frase, em determinados casos, tenha sido introduzida

posteriormente por outro escritor, também inspirado pelo Espírito Santo, tudo nos leva a crer que tal não se deve dar facilmente no Pentateuco.

O livro de Números divide-se em quatro partes distintas: a preparação para a jornada através do deserto (#Nm 1.1-10.10); a viagem desde o Sinai até às planícies de Moabe (#Nm 10.11-22.1); o episódio de Balaão (#Nm 22.2-25.18) e a preparação para a entrada em Canaã (#Nm 26.1-36.13).

Nm-1.1

I PARTE-A PREPARAÇÃO PARA A JORNADA ATRAVÉS DO DESERTO- Nm 1.1-10.10

I. DISPOSIÇÃO DOS HOMENS PARA A GUERRA Nm 1.1-2.34

a) O recenseamento militar (Nm 1.1-54).

É este capítulo que rigorosamente origina o título grego e português do livro inteiro, por descrever o recenseamento militar dos israelitas no monte Sinai, que considerava válidos para a guerra todos os homens com mais de vinte anos (3). Teve esta medida como finalidade determinar as possibilidades de defesa do Povo Eleito, e por isso foi logo tomada no início da jornada.

Assim no deserto desta vida deve o Cristão começar por examinar cuidadosamente os seus recursos espirituais, preparando-se assim para todas as eventualidades. Isto para não se pensar apenas que a fé é suficiente, embora seja vital e indispensável, não só para a salvação, mas ainda para todas e cada uma das fases da vida cristã. É certo que Deus, para as maiores empresas, pode escolher aqueles que em nada mais se fundam a não ser na sua fé, embora privados dos necessários recursos e até de inteligência, constituindo uma exceção à regra nos próprios arcanos de Deus. É que só n'Ele devemos procurar a força e a coragem para as nossas empresas; só d'Ele esperar o êxito das mesmas; só com Ele determinar com exatidão os recursos de que dispomos e só por Ele empregá-los para que tudo redunde em proveito para nós e glória para Ele. Lembre-se esta mesma verdade apresentada por Cristo na parábola dos talentos (#Mt 25.14-30; #Lc 19.12-27). Cfr. também #Lc 14.28-33.

Foi Davi censurado e severamente castigado por ter feito um recenseamento (#2Sm 24 e #1Cr 21). À primeira vista, parece contradizer o presente capítulo de Números, sobretudo se repararmos que o recenseamento de Davi foi também de caráter militar, como este (cfr. #2Sm 24.9). Apenas diferem na finalidade. Em Números determina o Senhor que se procurem saber dos recursos do povo, apenas que sejam executadas as Suas leis, enquanto que Davi recorre ao mesmo sistema, mas com o objetivo duma guerra agressiva, depois de já ter libertado o Povo de Deus. Neste caso foi o orgulho da glória e da força que pretendia levar a cabo uma conquista sem qualquer justificação. É, no entanto, difícil de determinar e definir exatamente cada um dos casos. O essencial é obedecer às leis divinas, que nos incitam a ponderarmos os nossos recursos e utilizá-los somente na causa de Deus, pondo de parte toda e qualquer ponta de orgulho que vise apenas aos nossos interesses.

1. DEUS ORDENA O RECENSEAMENTO (#Nm 1.1-3). **Tenda da congregação** (1). A palavra hebraica **moedh** não significa propriamente "grupo de pessoas" ou "multidão", mas antes o encontro de Deus com Moisés ou de Deus com o povo. **No primeiro dia do mês segundo, no segundo ano** (1). Antes de mais note-se que esta data é apenas um mês após a montagem do Tabernáculo (#Êx 40.17), que ocorreu precisamente um ano depois da partida do Egito. Vinte dias mais tarde começava o povo a abandonar o monte Sinai (#Nm 10.11). Os primeiros dez capítulos narram muitos dos acontecimentos passados durante este período. Parece impossível que Moisés e Arão, apenas auxiliados por doze sacerdotes, tenham procedido a este recenseamento em tão pouco espaço de tempo. Cerca de nove meses antes (#Êx 19.1; #Êx 30.11 e segs.; #Êx 38.26) ordenara Jeová o recenseamento do povo, procedendo-se a uma coleta de meio siclo por cabeça. O total era precisamente idêntico ao do recenseamento agora feito -603.550, levando-nos a supor que Moisés tenha utilizado a estatística anterior, que começou uns meses antes, para dar os resultados completos.

>Nm-1.4

2. A SELEÇÃO DOS CHEFES (#Nm 1.4-16). De cada tribo foi escolhido um chefe dentre os mais destacados, para tomar parte nos trabalhos do recenseamento. Apesar de "chamados", não quer dizer que já antes não desempenhassem papel de relevo na respectiva tribo. Quanto à relação das tribos, não se seguiu a mesma ordem que no Gênesis (cfr. #Gn 29.32-30.24; #Gn 35.16-18). À exceção de Levi, os filhos de Lia ocupam o primeiro lugar, seguindo-se os descendentes de Raquel e, por último, os quatro filhos das duas

concubinas. Naassom, filho de Aminadabe e chefe da tribo de Judá (7), foi um dos antepassados de Cristo (#Mt 1.4; #Lc 3.32-33).

>Nm-1.17

3. RESULTADOS DO RECENSEAMENTO. (#Nm 1.17-46). É interessante observar a desproporção numérica das diferentes tribos, cuja ordem é idêntica à dos vers. 4-16, salvo Naftali e Aser, que mudaram de lugar e Gade que passou a ser nomeada logo a seguir a Simeão, quer dizer, em terceiro lugar, talvez por se encontrar muito perto de Rúben e Simeão no arraial (#Nm 2.10-16).

Muitos leitores encontram certa dificuldade em compreender a grande população de Israel durante a travessia do deserto. Mas se considerarmos que as famílias eram então numerosas e que viveram largos anos no Egito antes da opressão dos faraós, chegar-se-á à conclusão de que tais estatísticas não devem ser exageradas, e que, aliás, não podemos deixar de ver neste acontecimento o manifesto poder de Deus sem o qual a travessia do deserto dum povo tão grande teria sido impossível (cfr. #Dt 29.5). Houve ainda quem quisesse evitar dificuldades tomando a palavra "mil" por "família" ou "clã". Mas como explicar os números exatos que também incluem centenas tais como 45.650 (25) na tribo de Gade, ou 603.550 soldados aptos para a batalha (46)?

Não é fácil preservar devidamente os algarismos em documentos antigos, que se copiaram por diversas vezes de abreviaturas quase ininteligíveis e, portanto, susceptíveis de dúvidas e incompreensões. Mas, por outro lado, sabemos que é relativamente pequeno o número de casos da Bíblia que possam ser problemáticos, tratando-se de algarismos, evidentemente. Dos primeiros quatro capítulos do livro de Números há apenas a registar uma possibilidade de erro na transmissão, derivado à perda duma letra no original hebraico, como mais adiante se verá. Cfr. nota sobre #Nm 3.39.

4. OS LEVITAS NÃO SÃO CONTADOS (#Nm 1.47-54). Não foi incluída a tribo de Levi no recenseamento militar (49), por lhe ter sido confiada a missão de conduzir e cuidar do Tabernáculo (50-51), e a ele andarem ligados por compromissos de carácter religioso (53), não tendo lugar indicado de acampamento, mas sempre deviam assentar perto do Tabernáculo. Ampliação destas indicações encontra-se em certos capítulos a seguir.

Nm-2.1

b) A ordem das tribos no acampamento e na viagem (Nm 2.1-34).

#Nm 2 vai tratar da disposição das tribos, quer se encontrassem acampadas, quer em ordem de marcha, obedecendo em princípio ao agrupamento por famílias e por tribos (2). **Defronte** (2). Em hebraico o vocábulo **minnegebh** frisa sobretudo a posição das tribos em relação ao Santuário, uma vez que os levitas acampavam ao redor dele (#Nm 1.53).

As tribos dividiam-se em quatro grupos de três tribos cada, chamados "exércitos", que deviam acampar em determinado lado do Tabernáculo. Nomeiam-se por ordem os quatro exércitos, começando no oriente, então o sul, ocidente e finalmente o norte, cada um dos quais era chefiado por um capitão, que superintendia nos soldados em número limitado. A descrição de cada exército termina com a alusão ao número total de homens armados e à disposição que deviam seguir durante a marcha, ou seja, pela mesma ordem indicada em #Nm 1.21-43, com uma ligeira alteração que levou os dois filhos mais velhos de Lia a serem colocados depois dos três mais novos.

>Nm-2.3

1. O EXÉRCITO DO LADO DO ORIENTE (#Nm 2.3-9). Era comandado por Naassom e formava o exército de Judá, que abrangia as tribos de Judá, Issacar e Zebulom. Este marchava na vanguarda.

>Nm-2.10

2. O EXÉRCITO DO LADO SUL (#Nm 2.10-16). Este pertencia a Rúben. Incluía as tribos de Rúben, Simeão e Gade e seguia em segundo lugar. **Filho de Reuel** (14). Este nome aparece como **Deuel** em #Nm 1.14; #Nm 7.42,47; #Nm 10.20, talvez porque em hebraico se assemelham muito as consoantes **D** e **R**. Em face de tal confusão ficam explicados casos idênticos, como Hadadezer (#2Sm 8.3,5,7-10,12) e Hadarezer (#1Cr 18.3,5,7-10).

>Nm-2.17

3. A POSIÇÃO DOS LEVITAS (#Nm 2.17). Logo após a descrição dos exércitos de Judá e Rúben, faz-se alusão aos levitas, que os seguiam na

marcha. Do acampamento, já se disse que lhes era permitido colocá-lo "ao redor do Tabernáculo" (#Nm 1.53).

>Nm-2.18

4. O EXÉRCITO DO LADO DO OCIDENTE (#Nm 2.18-25). Era o de Efraim, com as tribos de Efraim, Manassés e Benjamim. E assim os descendentes de José e Benjamim, ambos filhos de Raquel, acampavam juntos. Seguia este exército o grupo dos Levitas.

>Nm-2.26

5. O EXÉRCITO DO LADO NORTE (#Nm 2.26-31). Este era o exército de Dã, que se compunha das tribos de Dã, Aser e Naftali, e seguia na retaguarda.

>Nm-2.32

6. CONCLUSÃO GERAL (#Nm 2.32-34). O vers. 32 fornece-nos o total dos soldados, já apresentado em #Nm 1.46, com exclusão dos Levitas que, naturalmente, não se encontravam preparados para combater (33). O vers. 34 acentua que os israelitas cumpriram todas as ordens quer nos acampamentos, quer em marcha. Deus exige que tudo se faça com ordem e medida. Cfr. #1Co 12.4-28. Cada um tem a sua missão a cumprir. Cumpramo-la, pois, e o melhor possível, sem invejar a missão ou o talento do próximo.

Nm-3.1

II. ENUMERAÇÃO DOS LEVITAS E DOS CARGOS QUE LHES COMPETIAM Nm 3.1-4.49

O terceiro e quarto capítulos do livro de Números ocupam-se dos cuidados a ter com o Santuário, sancionando-se leis especiais e designando-se determinadas tarefas a algumas famílias. Amante do método e da ordem, Deus quer que à Sua Igreja e a cada um dos cristãos sejam atribuídas tarefas e obrigações a exercer com a máxima prontidão e sem qualquer hesitação ou dúvida.

Sabendo-se que os israelitas caminhavam freqüentemente num território infestado de inimigos, é de admirar que uma tribo inteira fosse dispensada do serviço militar. Mas não será que Deus pretende chamar a atenção para a

importância do Culto divino? Sem dúvida; e, sendo assim, Deus não faltará com a Sua graça mesmo noutros aspectos secundários da vida. Por isso exige Deus o primeiro lugar na vida do Seu Povo. E isto para que tudo não venha a ruir (#Sl 127.1).

São vários os casos em que nestes dois capítulos se repetem versículos quase literalmente, talvez por se reiterarem ordens idênticas relativas a diferentes tribos de Levi. Para o leitor desprevenido podem estas repetições ser prejudiciais, se atender apenas à letra e não ao espírito do texto sagrado, notando as variações significativas.

a) Os Levitas servirão no Tabernáculo sob a orientação dos sacerdotes (Nm 3.1-13).

Estes versículos descrevem, dum modo geral, a missão dos Levitas, numa espécie de introdução à legislação seguinte. Uma vez que se submetiam à superior direção dos sacerdotes (9), não admira que se considerem os primeiros membros da família sacerdotal (1-3). Seria descabido aludir aqui à seleção e à missão dos sacerdotes, após o que se disse em Êxodo 28 e 29, e Levítico 8 e 9. Se se repetem os nomes, a finalidade é apenas realçar os desígnios de Deus relativos à missão orientadora da tribo de Levi. O vers. 4 lembra que só os dois filhos mais novos de Arão foram dignos de continuar a desempenhar a nobre missão do sacerdócio, após a catástrofe que sobreveio aos filhos mais velhos (#Lv 10). Os vers. 5-10 determinam a função genérica dos Levitas, que é servir no Tabernáculo (7-8) e ministrar sob a orientação dos sacerdotes (9). Insistindo de novo no fato do sacerdócio se limitar à família de Arão (10), os vers. 11-13 declaram que o Senhor pretende para Ele os Levitas em substituição dos primogênitos de Israel, poupados quando do extermínio dos primogênitos do Egito, na altura da primitiva Páscoa (#Êx 11.1-12.51).

A crítica evolucionista tem procurado explicar a origem do Pentateuco negando ser Moisés o seu autor e alegando representar um longo desenvolvimento evolutivo, pois considera os Levitas como atingindo uma classe eclesiástica separada num período recente da história de Israel, e sendo mais recente ainda a restrição do sacerdócio à família de Arão. Vem a supor esta teoria que a maior parte dos acontecimentos históricos narrados nos livros do Êxodo e de Números são produto da imaginação dum período posterior, sem fundamento real, portanto. Ao mesmo tempo implica em certo grau de ceticismo relativo a documentos antigos que hoje não é fácil encontrar-se noutros campos de estudo, e além disso supõe a divisão dos livros do

Pentateuco em múltiplas pequenas seções repletas de alterações e de lacunas no conteúdo. É evidente que neste capítulo os Sacerdotes e os Levitas têm funções distintas, de sorte que se eliminássemos uma, a outra ficaria incompleta. Embora sem razão, diz-se que o Sacerdócio Arônico se desenvolveu numa data posterior pelo fato de em Deuteronômio cinco vezes e em Josué duas aparecer a frase "os sacerdotes levitas". É certo que a melhor tradução seria: "os sacerdotes levíticos", no sentido de que todos os sacerdotes pertenciam à tribo de Levi, e não que todos os levitas eram sacerdotes. Por isso algumas traduções modernas adotam aquela versão, ou então intercalam as palavras "isto é" entre "sacerdotes levitas" e "toda a tribo de Levi", por exemplo em [#Dt 18.1](#). Mas é de notar que esta intercalação não existe no original hebraico e não passa duma assunção que o Deuteronômio considera todos os levitas sacerdotes. De resto, não é de presumir que um livro como o Deuteronômio, que nos oferece discursos do povo em conjunto e não principalmente leis detalhadas, tenha interesse em descer a pormenores, tais como a restrição do sacerdócio aos descendentes de Arão. Bastava referir-se a eles como "sacerdotes levíticos". Em [#Dt 18.1](#) a restrição dos sacerdotes aplicava-se igualmente ao resto da tribo de Levi, sendo admissível a intercalação dum "e" entre as duas frases, como fazem algumas versões. A restrição que se faz aos sacerdotes tem a finalidade de os colocar em circunstâncias diferentes das que Moisés observara no Egito, onde os sacerdotes lentamente iam se apoderando das terras para si mesmos.

Através de todo o livro de Números, nota-se a diferença entre os sacerdotes e os levitas atribuindo-se a estes uma posição eminente e digna. A crítica admite, no entanto, que a distinção só se fez depois do Exílio, passando os Levitas a serem considerados sacerdotes de segunda classe. Quanto à proporção dos sacerdotes comparados com os Levitas, o livro de Números difere de [#Ed 2.36-40](#).

>Nm-3.14

b) Enumeração dos Levitas e atribuição de tarefas às diferentes famílias (3.14-39).

Todos os levitas varões com mais de um mês de idade eram contados, tendo em consideração as famílias a que pertenciam (15). Apontados os nomes dos três filhos de Levi (17), segue-se a lista das famílias que descendem de cada um deles (18-20), acompanhada de dados estatísticos e missões que lhes são

atribuídas, a começar com Gérson (21), então Coate (27-32) e acabando com Merari (37).

Em cada caso o primeiro versículo (21,27,33) repete o nome das subdivisões, correspondentes às famílias indicadas (18-20). O versículo seguinte define o limite de idade do presente recenseamento, já apresentada no vers. 15, e fornece o número de cada divisão principal: Gérson-7.500 (22), Coate-8.600 (28) e Merari-6.200 (34). O terceiro versículo refere-se ao acampamento: Gérson, a ocidente do Tabernáculo (23); Coate, ao sul (29) e Merari, ao norte (35). Só então surge o nome do chefe de cada divisão (24,30,35). Finalmente, vem uma descrição genérica das obrigações a atribuir a cada divisão: Gérson velava pelos exteriores do Tabernáculo (25-26), Coate pelos vasos sagrados (31) e Merari pelas tábuas, varais e colunas do Tabernáculo (36-37). Ao falar-se dos coaitas, indica-se Eleazar, filho de Arão, para chefe dos Levitas (32).

Sendo a área em torno do Tabernáculo designada para as três grandes divisões dos Levitas (23,29,35), Moisés e os sacerdotes arônicos deviam acampar ao oriente (38), por lhes caber velar pelo Santuário.

O vers. 39 conclui fixando o número dos Levitas em 22.000. À primeira vista, parece tratar-se dum arredondamento, pois 7.500 com 8.600 e 6.200 somam 22.300, o que é o número exato. Como no vers. 43 se fala de 22.273 primogênitos, e o vers. 46 diz que o número de Levitas excedia em 273, temos uma dificuldade de contradição. Por isso o comentador, Keil, supôs tratar-se dum erro na transcrição do manuscrito, obrigando a ler 8.600, quando na realidade se tratava só de 8.300. É que no texto consonântico hebraico há apenas a diferença duma letra entre *shish*, "seis" e *shalosh* "três".

>Nm-3.40

c) O Senhor toma os Levitas em lugar dos primogênitos de Israel (Nm 3.40-51)

O Senhor determina que sejam contados os primogênitos varões dos filhos de Israel (40). Total: 22.273 (43). É um número que dificilmente representa todos os primogênitos israelitas nas suas famílias, pois 22.273 em 603.550 (cfr. #Nm 2.32) estaria na proporção de 1 para 27, e o número apresentado é, acima de tudo, limitado aos varões de vinte anos para cima, aptos para a guerra. O total devia, portanto, ser muito maior. Como os primogênitos que viviam à partida do Egito foram poupados pelo anjo exterminador dos primogênitos

egípcios (#Êx 13.13-15), estabeleceu-se, então, o princípio de que os primogênitos pertenciam a Deus (#Nm 3.13). Ora a estatística presente deve referir-se provavelmente apenas aos primogênitos varões que nasceram depois da partida do Egito.

Os Levitas e todos os seus animais foram tomados pelo Senhor em lugar dos 22.000 primogênitos israelitas (45) e os restantes 273 foram resgatados por dinheiro (46-51). Repare-se em que Deus toma todos os animais dos Levitas em lugar dos primogênitos dos animais de Israel (41,46; cfr. #Êx 12.29).

>Nm-3.1

d) Contam-se os Levitas adultos e atribuem-se-lhes as respectivas missões (Nm 4.1-33).

O objetivo da estatística anterior é a de frisar a separação da tribo de Levi para o culto do Santuário. Agora o Senhor ordena nova contagem, mas desta vez limitada aos indivíduos capazes de desempenhar cabalmente o seu ofício. Cada uma das três divisões da tribo é considerada em separado, mas não pela mesma ordem de #Nm 3. Assim, os filhos de Coate aparecem em primeiro plano, talvez por lhes serem atribuídos os cargos mais importantes relacionados com o Tabernáculo. É conveniente lembrar, também, que Moisés e Arão pertenciam a esta família.

Por vezes aparecem no mesmo plano as três divisões, mas logo de início exige-se um recenseamento especial para cada caso (2,22,29), atendendo-se a certos limites de idade (3,23,39). A seguir, descrevem-se os poderes atribuídos a cada uma das divisões: Coate, desempenharia o papel de Arão e seus filhos, encarregar-se-iam da embalagem dos vasos sagrados, que seriam transportados pelos outros filhos do mesmo Coate (5-15); Eleazar, filho de Arão, velaria por tudo o que diz respeito ao Santuário, em especial pelos objetos mais sagrados (16), se bem que aos coatitas fosse vedado tocarem os artigos sagrados descobertos (17-20); os gersonitas (25-26) continuavam com os cargos já descritos em #Nm 3.36-37; finalmente, estes e os filhos de Merari obedeciam diretamente às ordens de Itamar, filho mais novo de Arão (28,33). Outros pormenores sobre estes cargos vêm largamente descritos nos seguintes capítulos de Êxodo: 25-27; 30; 35-38.

Não deixeis extirpar a tribo das gerações dos coatitas (18). Esta frase é por si só bastante expressiva para nos dar idéia da grande responsabilidade de

Moisés e Arão, ao exigir-se-lhes que apontem aos coaitas o perigo de se intrometerem nas coisas sagradas, indivíduos que não fossem sacerdotes. O castigo seria implacável: a morte da família de Coate, que assim se veria "extirpada" da tribo de Levi.

>Nm-3.34

e) Resultados do recenseamento (Nm 4.34-49).

Começando por Coate, trata-se de cada divisão em particular, correspondendo quase perfeitamente o que se diz a respeito das três seções. Quatro seções distintas e paralelas começam por indicar o nome da divisão de que se trata (34,38,42,46). O limite de idade referido em 3,23,30 é agora repetido em 35,39,43,47. Resultou: Coate-2.750 (36); Gérson-2.630 (40) e Merari-3.200 (44). Total 8.580 (48). Concluindo, repetem-se os nomes de cada uma das divisões (37,41,45,49).

Deste modo termina a primeira parte do livro que originou o título inexato por que o conhecemos-livro de Números. Mas repare-se que só nestes quatro primeiros capítulos, assim como em [#Nm 26](#), encontramos longas listas de números, que algumas vezes levam a considerar-se falsa a narrativa. Pergunta-se, por exemplo, como é que tantos levitas se ocupavam do cuidado do tabernáculo! Realmente parece exagerado o número de 8.580 homens designados para esse fim. Mas não esqueçamos que não era só essa a sua missão, sobretudo depois que o povo alcançasse a Palestina e se espalhasse por outras regiões. De resto, não é fácil admitir-se que o texto sagrado explique, até ao pormenor, absolutamente, todas as cerimônias e todas as tarefas atribuídas aos Levitas. Considerando bem, não eram demais para orientarem a vida religiosa de 603.550 israelitas de idade militar ([#Nm 1.46](#)). Ver também as notas sobre os números em [#Nm 1.17-46](#).

Nm-5.1

III. NÃO SE ADMITEM IMPUREZAS NO ARRAIAL Nm 5.1-31

Divide-se este capítulo em três partes, conforme cada uma das impurezas que devem ser afastadas do arraial, se o povo deseja que o Senhor o cubra de Suas bênçãos. A primeira é de caráter higiênico e cerimonial; a segunda implica os prejuízos causados ao próximo; a terceira refere-se aos ciúmes matrimoniais, quer justificados, quer não.

a) A eliminação de pessoas impuras (Nm 5.1-4).

São três estas espécies de pessoas: os leprosos, os afetados por outras doenças sexuais e os impuros temporariamente por tocarem em cadáveres. Compreende-se o alcance desta medida de importância vital, sob o ponto de vista higiênico e cerimonial, para todos os israelitas que viviam no deserto.

O contacto com os corpos mortos era de evitar, porque simbolizava a necessidade de toda a purificação para cultuar devidamente o Senhor. Além disso havia outras razões de ordem higiênica, para que se evitassem doenças contagiosas. Finalmente, devia frisar-se que na morte a alma se separa do corpo para ir juntar-se ao Senhor. E assim se evitariam atitudes menos corretas para com os corpos mortos.

>Nm-5.5

b) A eliminação do pecado (Nm 5.5-10).

Transgredindo (6). Em hebraico a palavra **ma'al** implica pecado oculto, no sentido de transgressão ou procedimento secreto, com declarada culpabilidade. Cfr. vers. 12,27. A lei aqui exarada pressupõe o que já se disse pormenorizadamente acerca doutras leis sacerdotais em **#Lv 6.1-7**, insistindo-se em especial nas penalidades da lei, de forma a eliminarem-se do acampamento aqueles vícios. Apenas agora se acrescenta um novo caso, em que a restituição é feita ao sacerdote, como representante do Senhor, se não se encontrar o ofendido ou parente que o substitua. Sendo assim, ficará o sacerdote senhor dessas ofertas (9-10).

Que grande lição para o cristão! Se nas relações com o próximo, vier a ofendê-lo, seja no que for, esteja pronto a indenizá-lo, para que o Senhor lhe perdoe as ofensas contra Ele dirigidas.

>Nm-5.11

c) A lei dos ciúmes (Nm 5.11-31).

1. A CAUSA DOS CIÚMES (**#Nm 5.11-15**). São duas as condições que implicam este gênero de pecado, tão prejudicial à paz e à harmonia do acampamento: ou a mulher foi infiel, mas sem testemunhas, e o marido se

encheu de ciúmes (12-14); ou então a mulher é inocente e o marido continua ciumento sem razão (14). É assunto que não se resolve com facilidade, mas nem por isso deixa de ter solução. Quer culpada, quer inocente, a mulher é objeto de ciúmes e o resultado -a suspeita e a incompreensão-pode degenerar em ultraje à família e até à comunidade.

Oferta (15). Como o pecado não ofende só a esposa ou marido, mas também e sobretudo o Senhor, não admira que se preceitue e exija uma oferta. De igual modo, em todos os aspectos da vida do cristão convém não esquecer o sacrifício ou a oferta que Cristo fez de Si próprio na Cruz. Sendo a expiação o fundamento da Vida Cristã, jamais o crente deverá esquecê-lo.

>Nm-5.16

2. PROVAS DO CRIME (#Nm 5.16-31). Seguem-se cuidadosas instruções acerca do exame a que se submeterá a mulher em presença do sacerdote, a fim de avaliar a culpabilidade da ré e pôr termo aos ciúmes e às suspeitas. Hoje talvez pareçam estranhas estas medidas, por se pensar que causas físicas produzem efeitos físicos sem se atender à questão moral ou espiritual. Mas, não se espera que haja uma diferença física da mulher infiel necessariamente, da que tem ficado fiel ao marido. Há quem afirme que este processo constituía uma prática primitiva comum aos povos vizinhos de Israel de origem animista. No entanto, não há evidência para suportar tal afirmação. É verdade que na antigüidade alguns admitiam a intervenção da divindade para revelar o criminoso ou o inocente acusados de infração grave à lei. Mas o que não encontramos nesses povos vizinhos é um cerimonial com semelhanças significativas às que nos apresenta o livro de Números. O mais aproximado, no entanto, seria a prática seguida em Babilônia e chegada até nós através do famoso Código de Hamurabi, o que é muito diferente de tudo a esse respeito na Bíblia.

Deve-se notar que não se encontra indicação de que esta prática foi seguida após a entrada na Terra Prometida. #Nm 5 alude especificamente à purificação do "arraial" (2-3) e não existe qualquer referência a tal prática nas últimas partes da Bíblia ou em qualquer outro livro que tenha chegado até nós antes da destruição de Jerusalém no ano 70 da nossa era. Passado um século após esse acontecimento embrenharam-se os rabis nas minúcias da Lei, especulando todos os aspectos da antiga vida de Israel. Assim se admite que àquele costume acrescentassem outros completamente desconhecidos ao livro de Números, escolhendo, por exemplo, um determinado lugar no Templo onde

diziam que esse rito era administrado e que foi abolido no primeiro século depois de Cristo por iniciativa dum rabi. Mesmo que assim fosse, todavia, nada provaria acerca do longo período desde Josué a Davi, a Zedequias, e durante os séculos que vão desde Esdras aos Macabeus. O mais admissível é considerar aquela prática à luz do contexto, como determinação especial para ser unicamente utilizada durante a travessia do deserto. O nosso capítulo diz-nos que Deus prometera realizar um milagre durante aquele breve período, e não se fala de qualquer outro gênero de "prova" como processo judicial noutra livro da história antiga de Israel.

Para melhor compreendermos a razão da atitude tomada por Deus nesta altura, convém examinarmos as circunstâncias em que surgiu na história do Povo Israelita. O homem afastara Deus dos seus pensamentos, procurando até esquecê-Lo (cfr. [#Rm 1.21-28](#)). O Senhor escolheu então um homem-Abraão-que trouxe de Ur dos Caldeus, para através dele e de seus descendentes, preparar a vinda do Seu Divino Filho, que a todos os homens traria a salvação. As manifestações de Deus limitavam-se, pois, a esse povo que não podia deixar de ter uma assistência especial para a segurança da continuação do testemunho de Deus. É natural, então, que este venha a ser um dos períodos entre poucos em que Deus operou muitos milagres.

Situação idêntica se verificou nos primeiros dias de vida da Igreja Cristã, onde também milagres sem conta impediram Satanás de destruir o testemunho de Deus, de tão diminutas proporções então. Mas, à medida que se desenvolveu essa admirável instituição, e, portanto, diminuiu a necessidade dos milagres, já não era fácil destruí-la.

Há muito quem julgue que a Bíblia só contém milagres. É falso. São mesmo freqüentes os capítulos em que nem a um só se faz alusão. Comparem-se, por exemplo, os milagres tão freqüentes no deserto e durante a conquista de Canaã e tão raros no tempo de Abraão e nos reinados de Davi e Salomão.

É que a jornada através do deserto foi um período de crise em que Deus julgou por bem manifestar a Sua Onipotência entre o povo de Israel, não causando surpresa as medidas tomadas, pelos distúrbios de caráter emotivo e moral que podiam vir a originar no Acampamento, como resultado dos ciúmes com ou sem fundamento.

Mas não é impossível que aquela "prova" não exigisse naquela altura uma intervenção divina para cada caso. Só atualmente o estudo da medicina

começou a dirigir a sua atenção para a influência das atitudes mentais e emotivas no corpo humano. Certas doenças são hoje atribuídas, em princípio, à força ou tensão das emoções. Imagine-se a situação duma israelita naquela altura. Ela vira as maravilhas de Deus no Egito e no deserto. Ela teve conhecimento direto do poder divino, que de tantos modos se manifestou. Conduzida à presença do representante de Deus e em face duma vibrante e solene exortação, não admirava que a bebida fosse acompanhada na mulher culpada por uma sensação dos castigos descritos na maldição. Por outro lado, a inocente, confiada na justiça do Deus que tudo vê, podia em paz e tranqüilidade levar aos lábios o cálice da acusação. Em conclusão, seja-nos lícito afirmar que, relacionado com esta "prova", a divina Providência nunca faltava com a Sua intervenção miraculosa, sempre que fosse necessário.

Nm-6.1

IV. O VOTO DOS NAZIREUS Nm 6.1-21

O **nazarita** ou **nazireu** (2), do hebraico **nazir** distinguia-se do **nazareno**, do hebraico também **neser**, aplicado a Cristo em **#Mt 2.23**. Embora parecidas as palavras nas línguas modernas, diferem bastante no hebraico por serem diferentes as consoantes médias. Assim, por nazireu entendia-se todo aquele que se separava e distinguia por qualquer modo invulgar para se dedicar a Deus, fazendo um voto especial, quase sempre por determinado tempo. Por isso o radical hebraico implica em separação e consagração, como podemos ver em Deuteronômio **#Nm 33.16** a propósito de José, que "se separou" de seus irmãos. A maneira como a questão se apresenta leva-nos a supor que se trata duma instituição já existente, uma vez que se acentua a diferença entre nazireus e não nazireus. Quanto à duração do voto, não sabemos de qualquer israelita que se tenha obrigado a ele durante a vida inteira. O caso de Sansão (**#Jz 13-16**) é diferente, por não se tratar dum voto propriamente dito, mas duma obrigação que lhe foi imposta ainda antes de nascer e que o vinculava para sempre (**#Jz 13.5,7,13-14**). Mas não era este o caso da maioria dos autênticos nazireus, embora certos aspectos fossem semelhantes. O caso de Samuel e João Batista, por exemplo, encontram-se no mesmo caso de Sansão por seus pais os consagrarem a Deus antes de nascerem (**#1Sm 1.11** e **#Lc 1.15**).

Para o Cristão é de certa utilidade esta doutrina por considerar as suas relações com tudo o que em si não é pecaminoso, mas pode trazer obstáculos ao progresso da vida espiritual (cfr. **#Hb 12.1**). A vida espiritual de certas pessoas

pode ser muito avançada por eles absterem-se de algumas coisas que não são más em si mesmas. Ao mesmo tempo, nem sempre se podem forçar aqueles que desejam servir ao Senhor a fazerem votos que não podem cumprir, com prejuízo certo para as suas almas. Lembremo-nos da corrupção que grassava nos conventos medievais, e cujas conseqüências funestas ainda hoje se sentem. Deus quer que todos os Seus servos encarem a vida espiritual como coisa normal.

a) Condições para o voto do nazireu (Nm 6.1-8).

O vers. 2 define o voto do nazireu, que o homem ou a mulher podem fazer voluntariamente, separando-se por determinado tempo, a fim de se consagrarem ao serviço militar do Senhor. São em número de três as obrigações: abster-se de vinho e de toda a espécie de bebidas preparadas com uvas (**mishrah**, traduzido beberragem, quer dizer simplesmente "sumo"); não cortar o cabelo, e evitar o contacto com corpos mortos. Neste último aspecto tem um padrão mais alto do que o sacerdote, mas ficaria a comparar-se ao Sumo Sacerdote (cfr. **#Lv 21.1-3,10-11**). Nem o amor da família o levaria a faltar a tal obrigação. Não é que fosse pecado tocar nos cadáveres. Em certos casos mesmo era um sinal de respeito pois havia entre os judeus quem pensasse que tinha feito uma coisa santa em tocar num cadáver para dar a alguém uma sepultura decente. Foi este princípio que originou o livro apócrifo de Tobias. Mas ao nazireu exigia-se-lhe que de livre vontade se abstinésse desta forma de impureza, mesmo que se tratasse de membros de sua família. Enquanto separado e a Deus consagrado, devia permanecer santo e puro para com dignidade se dedicar ao Culto do Senhor.

>Nm-6.9

b) Penas destinadas às infrações involuntárias (Nm 6.9-12).

Não se fala da infração às duas primeiras obrigações, de que falamos, por constituírem sempre um ato voluntário e serem, portanto, inadmissíveis. A possibilidade de alguém morrer junto dum nazireu é que o tornaria impuro legalmente, mesmo contra a sua vontade. Neste caso ficaria sujeito às mesmas prescrições que tornavam impuro qualquer israelita (cfr. **#Nm 19**) e, além disso, ao sétimo dia cortaria o cabelo e iria ao Santuário oferecer duas rolas ou dois pombinhos para sua purificação (**#Lv 15.14**) e, como expiação da culpa, um cordeiro. O pior era o tempo do seu voto que seria descontado, tendo de recomeçar, como se nada houvesse. Esta lei parece-nos demasiado severa para

quem não cometia qualquer erro voluntariamente. Mas a santidade de Deus exige também que sejam santos todos os que se dedicam ao Seu serviço, de forma a evitarem toda e qualquer espécie de pecado ou impureza que os possa macular. Purifiquemo-nos, pois, da melhor maneira para que no serviço do Senhor tudo seja puro e santo.

>Nm-6.13

c) Como finda o voto do nazireu (Nm 6.13-21).

Através do vers. 13 fácil é compreender-se que o voto do nazireu terminava após um determinado período, seguido duma série de cerimônias que davam a entender quem era ou não nazireu. Começavam à porta da tenda da congregação e exigiam as oferendas descritas nos vers. 14-15. Após o ritual a que presidia o sacerdote (16-17), ainda à porta da mesma tenda o nazireu cortava o cabelo, que era queimado no próprio fogo do sacrifício. Nada podia guardar como prova da sua consagração anterior. Novas cerimônias levadas a cabo pelo sacerdote (19-20) indicavam que o nazireu estava dispensado de todas as restrições que tinha imposto a si próprio.

O vers. 21 conclui numa espécie de título, aludindo ao sacrifício do nazireu, e frisando que esse sacrifício deve exceder o que a lei normal prescreve. É o que dá a entender a expressão idiomática "além do que alcançar a sua mão".

>Nm-6.22

V. DISPOSIÇÕES PARA O CULTO NO ARRAIAL Nm 6.22-9.14

Em Êxodo toda a atenção se concentrava na montagem do Tabernáculo como centro religioso de toda a vida de Israel. Em Levítico surgiram variadíssimos preceitos relativos aos diferentes gêneros de ofertas e à sagrada missão dos Sacerdotes e dos Levitas. Os capítulos de Números, de que agora vamos ocupar-nos, estudam os diversos aspectos da vida religiosa de Israel durante a longa travessia do deserto, que podemos resumir em cinco partes: a primeira abrange uma bela fórmula de bênção; a segunda enumera as ofertas que os chefes ou guias fizeram no início da jornada; incluíram sacrifícios particulares para as tribos e materiais necessários ao serviço do Tabernáculo; a terceira trata do acender das lâmpadas do candelabro, não esquecendo que estas simbolizam a iluminação das inteligências e dos corações do povo; a quarta descreve a preparação exigida aos Levitas para que dignamente cumpram a

sua missão no Tabernáculo; finalmente, a quinta recorda a primeira Páscoa passada no deserto e alude a algumas cerimônias com ela relacionadas.

a) A fórmula apropriada para abençoar os filhos de Israel (Nm 6.22-27).

Embora fazendo parte dum capítulo inteiramente diferente, os vers. 22-23 apresentam a fórmula para abençoar, representando o vers. 27 uma promessa. A bênção propriamente dita abrange os vers. 24-26 e constitui uma das mais belas e mais conhecidas passagens da Bíblia.

Quem não atribui o Pentateuco a Moisés, divide geralmente os cinco livros em documentos, supondo que os textos mais primitivos se encontram nos documentos mais antigos, e que os outros mais espirituais e menos antropomórficos, foram escritos em data posterior. A fórmula da bênção em questão pertence, dizem eles, ao último destes documentos, que se chama "P". Convém, todavia, notar que, em toda a sua espiritualidade, a bênção contém afirmações acentuadamente antropomórficas, como, por exemplo, os vers. 25-26: **O Senhor faça resplandecer o Seu rosto sobre ti... O Senhor sobre ti levante o Seu rosto.** Esta idéia vem confirmar o fato de que o antropomorfismo é compatível com a espiritualidade. De fato, a verdadeira espiritualidade deve reconhecer a personalidade de Deus, e a personalidade dificilmente pode ser compreendida por um ser humano se não for expressa em termos correntes da vida humana.

A bênção consta de três versículos duma gradação admirável. O primeiro é de caráter geral: **O Senhor te abençoe e te guarde** (24). Este último vocábulo (em hebraico: **shamar**) tem o sentido de "proteger" e refere-se ao bem-estar material e à ausência de dificuldades provenientes de fontes externas. É o primeiro passo de quem ora ao Senhor, pedindo-Lhe socorro. Apesar de vital, muitos não vão mais além. O cristão pode e deve dar o segundo e terceiro passo também.

O segundo versículo da bênção leva-nos a um nível mais alto: **O Senhor faça resplandecer o Seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti** (25). Esta expressão é de um profundo cunho espiritual porque supõe maiores relações com Deus, embora ainda dum modo mais ou menos geral. O Senhor faz cair a chuva sobre os justos e sobre os injustos. O Senhor manifesta a Sua face ao mundo inteiro. Aqui o que se pede é que a face do Senhor brilhe sobre aquele que é abençoado e que assim receberá os favores celestes. Repare-se que este

versículo só será devidamente compreendido à luz da morte de Cristo no Calvário, onde Deus manifestou o Seu infinito amor pelo mundo, onde o resplendor da face de nosso Deus maravilhoso mais claramente se evidenciou, e onde por fim concedeu as melhores bênçãos a todos os que têm fé no nome de Cristo. Este segundo versículo marca na realidade um passo em frente na vida do verdadeiro cristão.

O terceiro e último versículo vai mais longe ainda: **O Senhor sobre ti levante o Seu rosto e te dê a paz** (26). É uma bênção particular que desce sobre cada um dos crentes: **Sobre ti**. Não se trata, portanto, duma bênção genérica, mas nitidamente individual, a conceder a cada um em particular. A segunda parte da bênção vem, por assim dizer, completar e interpretar melhor a primeira. Assim a palavra "dar" em hebraico não é a palavra vulgar que significa oferecer ou conceder, mas "pôr", "colocar" ou "estabelecer". É o vocábulo "paz" (heb. **shalom**) não é com rigor a "cessação de hostilidade" mas "a perfeição", o "bem estar". Poderíamos, pois, assim traduzir aquelas palavras: "O Senhor estabeleça em ti aquela perfeita harmonia, aquele desenvolvimento em todo o sentido que te é indispensável". Que bênção sublime a aplicar pela oração a cada um dos crentes e em especial àqueles a quem se dá a mensagem e que abrem o seu coração ao Evangelho do Senhor!

Nm-7.1

b) As ofertas dos príncipes de Israel (Nm 7.1-89).

No dia em que Moisés acabou de levantar o Tabernáculo (1). Cronologicamente o presente capítulo não devia seguir o anterior, já que o recenseamento militar (**#Nm 1.1**) se realizou no princípio do segundo mês do segundo ano, e o Tabernáculo foi montado no princípio do primeiro mês (**#Êx 40.17**). O Êxodo narra até ao pormenor as instruções fornecidas pelo Senhor a seguir na construção do Tabernáculo, e não omite a montagem do mesmo em conformidade com aquelas instruções. Fez-se alusão a outras diretrizes destinadas aos sacerdotes, que o Levítico conservou e ampliou. O livro de Números continua a narrar a história dos acontecimentos de vulto em Israel, normalmente apresentados por ordem cronológica, a não ser num ou outro caso, em que se dá preferência à ordem lógica. Embora os acontecimentos deste capítulo precedam os dos anteriores, talvez o motivo seja a apresentação de novas instruções para o transporte do Tabernáculo, sobretudo no que se refere à jornada através no deserto.

1. OS CARROS E OS BOIS (#Nm 7.1-9). Os doze chefes das tribos ofereceram seis carros cobertos e doze bois para o transporte do Tabernáculo. O custo foi dividido igualmente por todos (3). Os vers. 4-9 dizem-nos como os carros foram distribuídos pelos Levitas, não proporcionalmente, mas de acordo com a missão de cada um. Os filhos de Gérson, a cujo cargo alude #Nm 4.25-26, receberam um terço dos carros e dos bois (7). Os filhos de Merari, tendo à sua conta materiais mais pesados (cfr. #Nm 4.31-32), ficaram com o dobro (8). Quanto aos filhos de Coate, nada lhes foi atribuído (9), por terem de transportar aos ombros os vasos sagrados do interior do Tabernáculo (#Nm 4.1-15). A este propósito é de aconselhar a leitura de #2Sm 6.3-7 sobre a morte de Uzá, como consequência de ter desobedecido a este preceito, fazendo transportar a Arca sobre um carro. É que o Senhor deseja que tudo se realize em conformidade com os Seus mandamentos.

>Nm-7.18

2. PRESENTES PARA CONSAGRAÇÃO DO ALTAR (#Nm 7.10-89). Parece que o altar era ungido no primeiro dia do mês (10; cfr. #Êx 40.2,10,17), mas a consagração prolongava-se por doze dias, em cada um dos quais os príncipes ofereciam os seus presentes (11). Estes eram idênticos em cada dia, e vêm descritos no texto sagrado com a maior das minúcias. Assim na vida cristã há uma grande similaridade no que Deus exige de nós, mas mesmo assim temos todos muito valor aos Seus olhos e está interessado no mais pequeno pormenor da nossa vida e serviço. É interessante observar que a ordem das tribos aqui mencionadas não é a do recenseamento de #Nm 1, mas a da descrição do arraial de #Nm 2. Deuel (42,47), ver nota sobre #Nm 2.14.

Os vers. 84-89 resumem as ofertas apresentadas nos doze dias que vêm a ser precisamente doze vezes aquilo que foi dado por cada príncipe. Todos os pormenores são apresentados como que a dizer-nos que Deus assinala cada um dos nossos atos com a maior precisão, e que por outro lado não se coadunam com o Culto do Senhor a desordem e a confusão, ou trabalho mal feito.

A relação das ofertas termina com o vers. 88, contando-nos o 89 como Moisés ouviu no Santo dos Santos a voz do Senhor. Pode ser que o assunto dessas conversas esteja expresso no capítulo seguinte, mas não sabemos exatamente se este versículo é uma introdução a #Nm 8.1 ou uma conclusão à narrativa da consagração do altar.

Nm-8.1

c) Como acender as lâmpadas (Nm 8.1-4).

Terminada a oferta dos presentes para a consagração do altar, recebe Arão ordem para acender as lâmpadas do Tabernáculo, já referidas em #Êx 25. Deviam estar acesas antes de iniciada a marcha, como a lembrar-nos que também nós devemos manter acesas as nossas lâmpadas para pronta e eficazmente servirmos o Senhor.

>Nm-8.5

d) Preparação dos Levitas para o Culto do Senhor (Nm 8.5-22).

Em #Nm 4 foram descritas em pormenor as cerimônias da consagração dos Levitas ao Senhor. Mas como tal missão só podia ser desempenhada por indivíduos capacitados exigia-se uma purificação não só cerimonial, mas também física. Os vers. 5-19 contêm as ordens do Senhor; a execução das mesmas descrevem-se nos restantes versículos (20-22).

Que proveitosas lições para o cristão! Nestas páginas pode ele avaliar a importância da missão atribuída a cada um dos membros da grande família de Cristo. Cfr. #1Co 12. É indispensável que se designem indivíduos especiais para os cargos da direção da comunidade mediante cerimonial apropriado e condigno. Daí a necessidade da mais acendrada purificação da carne e do espírito. Ninguém em si mesmo está pronto para servir o Senhor. Só quando nos consideramos pecadores, mas salvos através do sacrifício de Jesus Cristo no Calvário, podemos fazer algo de digno aos olhos de Deus. Sem Ele, toda a nossa justiça não passa de "trapo imundo" (#Is 64.6).

>Nm-8.23

e) A idade dos levitas (Nm 8.23-26).

A idade adequada ao desempenho das funções do levita foi estabelecida entre os 25 e os 50 anos. Se o capítulo quatro, porém, dava o início para o mesmo fim a partir dos 30 anos era porque se considerava um período de tirocínio ou preparação esses 5 anos, ou então a legislação de #Nm 4 aplicava-se somente ao tempo da travessia do deserto. Os vers. 25-26 referem-se à missão do levita após os 50 anos, que, devido à idade, só podia servir seus irmãos na Tenda da

Congregação em tarefas ligeiras e na guarda do Tabernáculo. O nosso Deus por vezes opera maravilhas através de crentes muito jovens, enquanto a outros concede uma longevidade excepcional; mesmo assim, há uma norma que se aplica na maioria dos casos.

Nm-9.1

f) A primeira Páscoa após a partida do Egito (Nm 9.1-14).

No ano segundo... no mês primeiro (1). De novo um capítulo, cuja data precede a de #Nm 1.1. Mesmo assim, não é de admitir-se qualquer incongruência lógica ou cronológica, pois o acontecimento principal, a Páscoa extraordinária, registou-se apenas seis dias antes de iniciada a marcha através do deserto.

Pouco antes dos acontecimentos descritos em #Nm 1, realizou-se a primeira festividade da Páscoa (1-5), de acordo com todas as prescrições de #Êx 12. Surgiu, no entanto, um problema relacionado com a celebração da mesma. Devendo todo o bom israelita guardar a Páscoa, sob pena de excomunhão da comunidade, como poderia fazê-lo quem não estivesse purificado, em virtude de ter estado em contacto com algum corpo morto? Seriam contraditórias as leis?

>Nm-9.6

O problema de conflito entre diversas leis nem sempre é fácil de resolver. Ainda hoje os judeus muitas vezes desprezam uma lei de importância, que substituem por outra de menor valor, quando surgem duas leis na aparência contraditórias. Sirva de exemplo o caso daquele preceito que determina o jejum aos primogênitos em certos dias, ao passo que uma outra ordem considera dia de festa aquele em que se concluir a leitura duma parte da Bíblia. Em conclusão, quem quiser atender apenas à letra, e não ao espírito, recorre ao estratagema seguinte: prepara a leitura de tal modo que os últimos capítulos coincidam com o dia em que era preceituado o jejum. Cumpre assim a lei que lhe agrada, com prejuízo talvez de outra de maior importância. Mas não foi este o caso dos israelitas, desejosos de cumprirem a vontade de Deus. Pelo que se chegaram perante Moisés (6) para lhe exporem o seu problema, que o Senhor iria resolver (8).

>Nm-9.9

Em resposta ao pedido de Moisés, o Senhor informou que uma segunda Páscoa podia ser celebrada um mês depois da habitual, atendendo à impossibilidade de nela participarem os impuros ou os que se encontrassem longe do povo numa viagem. É uma seqüência do princípio mencionado por Cristo em [#Mc 2.27](#), de que "o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado". Tanto quanto possível, os preceitos do Senhor devem ser cumpridos com todo o rigor, a não ser que algum imprevisto obrigue a adiá-los. Repare-se como o vers. 10 não faz qualquer alusão ao israelita que definitivamente fixou residência no estrangeiro, mas que por acaso se encontrava de viagem. Seria uma grave falta (omitir de fazer provisão) se os críticos tivessem razão quando afirmam que esta narrativa foi escrita depois do Exílio e relacionava-se com o povo cujo centro de gravidade era a cidade de Babilônia.

>Nm-9.11

Os vers. 11-12 contêm um breve resumo dos preceitos já apresentados em Êxodo (especialmente [#Êx 12.46](#)) de forma que, mesmo que se trate da Páscoa celebrada um mês depois, tenham todos a certeza que o inteiro significado seja esclarecido para os que tomam parte nela. Esses deviam, entretanto, comer pão asmo e ervas amargas e além disso os ossos do cordeiro não deveriam ser partidos. Quem não vê nesta cerimônia uma previsão da morte angustiada de Cristo, o Cordeiro sem mácula, cujos ossos também ficaram intactos? (cfr. [#Jo 19.36](#)).

Nestas condições já compreendemos a narração duma grande Páscoa que foi celebrada ([#2Cr 30](#)) depois dum largo período de negligência das ordenanças de Deus e ao que parecia, contrariamente às leis do Senhor. Como não foi possível celebrá-la na devida altura, adiou-se a festividade para o décimo quarto dia do segundo mês, que mesmo assim foi abençoada por Deus.

Em condições normais a transferência da Páscoa para o segundo mês era rigorosamente proibida (13). Havendo causa que a justificasse, todas as cerimônias deviam ser executadas como se na realidade se tratasse da Páscoa regular. Doutro modo, o israelita seria banido da comunidade do povo de Deus.

Veja-se, porém, como o Senhor dá oportunidade a todos os gentios de fazer parte da família de Israel. Para evitar qualquer má interpretação, tal como em

#Êx 12.45-49, afirma-se que o estrangeiro que vivesse entre os israelitas podia também tornar-se israelita. Neste caso, porém, deveria guardar a Páscoa, como qualquer outro dos nascidos em Israel (14). Ver as notas sobre #Êx 22.21 e #Dt 1.16. Para ser objeto das bênçãos de Deus não importava o nascimento. Bastava amá-Lo, pertencer ao Seu Povo, considerá-lo regenerador do pecado, através dum sinal de fé, que nesse tempo era a circuncisão (#Rm 4.11).

>Nm-9.15

VI. DEUS VELA PELA ORIENTAÇÃO DO SEU POVO Nm 9.15-10.10

a) A coluna de nuvem e de fogo (Nm 9.15-23).

Como o início da nova jornada se aproxima, mais e mais se faz sentir a liderança divina do povo escolhido. Quando foi montado o Tabernáculo, um mês antes dos acontecimentos descritos no primeiro versículo do livro de Números (cfr. #Êx 40.1), sabemos que ele foi envolvido por uma coluna de nuvem (#Êx 40.34). Agora pouco mais se acrescenta. Apenas se insiste na proteção divina, à medida que a viagem se vai tornando uma realidade. Os fatos primordiais das nossas relações com Deus, que é o verdadeiro Guia da nossa jornada através do deserto deste mundo, precisam de ser tomados em conta, particularmente nos casos difíceis da vida. Se em Deus fixarmos atentamente os olhos da alma, muitas das incertezas que nos atormentam, automaticamente desaparecerão.

Os fatos narrados em #Êx 40 e #Nm 9 não eram desconhecidos a quando da montagem do Tabernáculo, pois logo desde a partida do Egito que o Senhor velava pelo Seu Povo (#Êx 13.21-22).

Após a leitura destas páginas, quase poderíamos concluir que Moisés e o povo não faziam uso das suas faculdades mentais, deixando-se guiar cegamente por Deus, que tudo resolvia. Mas é evidente que tal conclusão é contrária à doutrina geral da Bíblia e à experiência de cada um de nós. Aquilo que o texto sagrado pretende realçar é o aspecto da fé, sem dúvida primordial nas nossas relações com Deus. Realmente, sem a mão orientadora de Deus, é impossível esperar o êxito desejado na dura travessia do deserto da vida. Mas Deus não quer que sejamos autômatos, inconscientes e comandados por vontade alheia. Não! O que Deus pretende de nós é que saibamos usar da inteligência que Ele nos deu, e que O sigamos por amor. A vida terrena é um período de

preparação intensa, em que temos tanto a aprender das lições do Divino Mestre!

O final do capítulo ensina-nos a não tomarmos posições extremas. Se bastasse olhar para a nuvem, não haveria necessidade dum método de anunciarem os chefes os acontecimentos do arraial, tal como nos descreve [#Nm 10.1-10](#). No capítulo [#Nm 10.29-32](#) vemos Moisés insistindo com o cunhado, conhecedor da vida do deserto, para ficar com o povo e servir-se da sua experiência para lhe indicar os melhores locais para o acampamento. Em [#Nm 13](#) o Senhor determina que se enviem espiões para investigar a terra de Canaã. Quando Josué planeou o ataque a Jericó, procurou informar-se primeiramente das possibilidades de defesa da cidade através de espiões. Tudo isto por quê? Apenas porque é vontade de Deus que o Seu Povo se sirva dos meios vulgares de previsão do futuro, para poder agir com prudência e sagacidade. Repare-se como o próprio Jesus Cristo frisou este aspecto em [#Lc 14.28-32](#). É ainda vontade de Deus que se utilizem todos os meios ao alcance das faculdades intelectuais do homem, mas que nunca se esqueça a superior orientação de Deus no Seu controle e providência.

Nm-10.1

b) As trombetas de prata (Nm 10.1-10).

Depois de explicado o princípio geral da orientação de que Deus iria servir-se para guiar o Seu povo, segue-se o modo prático de convocá-lo para ação unida ou para preparação da jornada, por meio de duas trombetas de prata. **Trombeta** (2). A palavra hebraica [hasoserah](#) refere-se a um tubo com cerca de meio metro de comprimento com uma extremidade mais aberta como um cônico, sem qualquer curvatura; não se deve confundir com a [shophar](#), feita de chifre de carneiro ([#Êx 19.16,19](#); [#Êx 20.18](#); [#Lv 25.9](#)). As trombetas não se utilizavam indistintamente. Assim o toque das duas reunia toda a comunidade à porta da Tenda da Congregação (3,7). Uma só servia para convocar os chefes das seções das diferentes tribos para se juntarem a Moisés (4). Em ambos os casos havia provavelmente uma nota mais alta, repetida talvez com intervalos. Finalmente, numa espécie de toque a rebate prolongado, tocavam-se as trombetas para indicar que as tribos do lado do oriente deviam avançar. Um segundo toque convidava para o mesmo fim as tribos do sul (5-6). Em conclusão, este sistema de convocar o povo de Israel era para continuar após a entrada na Terra Prometida, tanto na paz, como na guerra (8-10). Deus pretende que na máxima concórdia e união se cumpram os Seus

Mandamentos. "Porque se a trombeta der somido incerto, quem se preparará para a batalha?" (#1Co 14.8).

>Nm-10.11

II PARTE-A VIAGEM DESDE O SINAI ATÉ ÀS PLANÍCIES DE MOABE -Nm 10.11-22.1

VII. PRIMEIRA ETAPA Nm 10.11-36

a) A partida do Sinai (Nm 10.11-28).

Abrange esta parte cerca de doze capítulos do livro de Números, incluindo o período de quarenta anos que demorou a travessia do deserto, desde o Sinai até às planícies de Moabe, onde o povo eleito fez a sua última paragem antes de se lançar na conquista de Canaã.

>Nm-10.14

Os vers. 14-27 indicam com toda a precisão a ordem de marcha dos israelitas, que à princípio era nula pois partiram do Egito desordenadamente. Agora o caso modificou-se com o início da marcha de tão numeroso contingente, em obediência às prescrições rigorosas do Senhor.

Nos vers. 14-27 voltam a ser repetidos os nomes dos chefes das tribos (cfr. #Nm 2).

Diz-se em #Nm 10.17 que dois terços dos levitas **partiram, levando o Tabernáculo**, logo que as três primeiras tribos se puseram em marcha. À primeira vista parece manifesta contradição com #Nm 2.17, que afirma, depois da partida de seis tribos: "Então partirá a Tenda da congregação com o exército dos Levitas no meio dos exércitos". Mas a explicação surge em #Nm 10.21, onde lemos que após a partida das seis tribos **"partiram os coatitas, levando o Santuário, e os outros levantaram o Tabernáculo, enquanto estes vinham"**. Não há dúvida que esta afirmação vem ampliar a idéia já expressa em #Nm 2. Assim se compreende a razão por que à frente iam os materiais pesados do Tabernáculo, para que, quando chegassem os coatitas com o Santuário, tudo estivesse pronto para a sua instalação.

>Nm-10.29

b) Moisés pede auxílio a Hobabe (Nm 10.29-32).

Hobabe era cunhado de Moisés. Possivelmente a palavra hebraica *hothen*, que geralmente tem o significado de "sogro", pode ser aplicada a cunhado, sem se saber, no entanto, se o vocábulo era empregado assim sempre ou somente quando a chefia da família passava do sogro para o cunhado. Cfr. #Jz 4.11. *Reguel* (29). Embora o pai de Hobabe seja mais conhecido pelo nome de Jetro (por exemplo, em #Êx 3.1), aparece todavia com o nome de Reuel em #Êx 2.18, tal como no presente caso. Na transliteração grega, a consoante média de Reuel, *ayin*, é por vezes representada por um "g" como em Gaza e em Gomorra. A nossa versão seguiu a pronúncia hebraica em #Êx 2.18 e a grega no versículo em questão. É evidente que Hobabe ficou com Moisés após a partida de Jetro (#Êx 18.27). *De olhos nos servirás* (31). Impressionado com o conhecimento que Hobabe tinha do deserto, Moisés pediu-lhe para ajudar os israelitas na travessia do mesmo.

Poderia perguntar-se, por que só nesta altura da viagem se narrou o episódio citado. Talvez porque Hobabe pensava caminhar a uma certa distância com o povo e só de vez em quando podia encontrar-se. Por isso o pedido lhe foi feito apenas nesta altura. Se bem que não haja qualquer texto explícito, é muito provável que aceitasse o convite de Moisés, pois encontramos os seus descendentes mais tarde em Canaã (#Jz 1.16; #Jz 4.11).

>Nm-10.33

c) A Arca e a bênção (Nm 10.33-36).

O monte do Senhor (33). É esta a única ocasião em que se verifica a frase assim redigida, mas o mesmo local (o monte Horebe) é conhecido pelo nome de "monte de Deus" em #Êx 3.1; #Êx 4.27; #Êx 18.5; #Êx 24.13; #1Rs 19.8. A última parte do vers. 33 tem sido muito discutida e muitos críticos julgam que a Arca da Aliança andou três dias à procura de descanso para o povo, deslocando-se por si própria, ou pelo menos transportada num carro puxado por bois. Erro de má interpretação, por se tomarem à letra as palavras *a Arca... caminhou*. Porventura não poderá supor-se que foi levada aos ombros dos Sacerdotes e dos Levitas, como de costume? Quanto à frase *caminho de três dias* pode muito bem ser traduzida, como o fazem algumas versões, por "nos

três dias da viagem". Nada, pois, de mitológico, como pretendem os críticos, aliás incompatível com o restante conteúdo do livro de Números.

Há ainda a registrar uma aparente contradição entre este texto e as instruções apresentadas para o transporte do Tabernáculo e dos seus vasos sagrados no meio dos exércitos (#Nm 2.17; #Nm 4.15). Admitem-se duas explicações. Uma é o resultado do exame atento da expressão **diante deles** (33) (em hebraico: **lipheneihem**) que pode significar simplesmente "na presença deles", tal como em #Dt 3.28; #Dt 10.11; #Dt 31.3. Afirma-se nestes casos que Josué ou Moisés iam adiante do povo, mas em circunstâncias que nos levam a crer que não se trata deles andarem fisicamente adiante, mas para salientar a autoridade que ambos os patriarcas exerciam sobre o povo. Em face de tal interpretação alguns comentadores acham que o versículo em questão pode significar, apenas, que a Arca era conduzida no seu lugar normal entre as tribos, mas aos sacerdotes que a acompanhavam competia observar os movimentos da Coluna de nuvem e de fogo, receber as instruções colhidas pelos observadores dianteiros e com as trombetas informar o povo dos melhores locais para acampar. Também pode admitir-se que durante os três primeiros dias a Arca era levada à frente de todas as tribos. Nada de estranho se surgisse qualquer alteração na disposição da marcha naqueles três dias. Já frisamos (#Nm 10.17,21), que as instruções gerais do movimento dos diferentes grupos sofriam por vezes modificações, quando as circunstâncias o justificassem. Estes três primeiros dias através da vastidão do deserto foram isentos de inimigos humanos, mas cheios de preocupações por causa dos locais de acampamento. Nessa altura a Arca precedia sempre o grosso da coluna dos israelitas, como a dizer lhes que Deus era o Guia, sempre interessado em indicar-lhes o local mais apropriado para assentarem os seus arraiais. Depois voltava ao sítio do costume, para ficar mais defendida dos inimigos. De igual modo, no princípio da conquista de Canaã, após a travessia do Jordão os Sacerdotes levaram a Arca à frente do povo e logo que os seus pés tocaram no rio, as águas recuaram diante deles (#Js 3.6). Mais tarde o povo começou a ter a Arca por um objeto mágico, em vez de ver nela um símbolo da presença de Deus, havendo até alguns que se atreveram a utilizá-la numa batalha contra os filisteus (#1Sm 4). O resultado foi desastroso, como não podia deixar de ser, por não verem na arca apenas o símbolo da presença do Senhor, e de bênçãos que essa presença podia trazer ao seu Povo.

O vers. 34 insiste no fato de ser o próprio Deus o Chefe invisível dessa caravana, a quem guiava ininterruptamente através da Coluna de nuvem. Os dois versículos seguintes apresentam as fórmulas de que Moisés se servia no

princípio e no fim de cada dia de viagem. As palavras do vers. 35 na terceira pessoa em vez da segunda, aparecem novamente no [#Sl 68.1. Milhares](#) (36). Talvez aqui e em [#Nm 1.16](#) esta palavra se refira às famílias ou às divisões das tribos, e não literalmente a milhares de pessoas. Note-se, todavia, que o mesmo já não se verifica no recenseamento, onde a palavra tem sentido literal (cfr. 1.46 nota).

Nm-11.1

VIII. REVOLTA E TRAIÇÃO Nm 11.1-12.16

a) Traição nos extremos do arraial (Nm 11.1-3).

Depois de se descreverem os cuidados com que Israel foi sempre distinguido pelo Senhor, segundo a bela narrativa do princípio da viagem em [#Nm 10](#), é de se indagar a revolta que se verificou no acampamento. Resgatados do jugo dos egípcios, com a coluna de nuvem constante à vista, como sinal da presença de Deus, a pouco e pouco os israelitas começaram a manifestar o seu descontentamento, partindo a vaga do exterior para o interior do arraial, e atingindo os próprios chefes das famílias.

Que isto sirva de solene aviso a todos os guias da comunidade cristã, pois sendo muito volúvel a natureza humana, é possível que entre os seus membros, que hoje os veneram e elogiam, amanhã se vejam desprezados por esses mesmos que tanto os reverenciavam. Até os melhores homens de Deus podem, por vezes, revoltar-se contra o Senhor. Por isso devem os guias cristãos colocar em Deus e só em Deus, toda a sua confiança, de forma a não estranharem a infidelidade e a revolta dos súditos, que porventura possam surgir no seio da comunidade cristã. Estes dois capítulos não deixam também de ter muito interesse para todos os que não dispõem de cargos de chefia, mas que devem coadjuvar os seus superiores nos caminhos da vida espiritual. Qualquer vislumbre de rebelião contra eles, pode considerar-se como dirigida ao Senhor, digna, portanto, de todo o castigo, a não ser num caso em que o próprio guia se encontre em rebelião contra o Senhor.

>Nm-11.4

b) Perturbação no interior do acampamento (Nm 11.4-15).

É fácil de compreender o que sucedeu, uma vez que o povo começou a afastar-se de Deus. Na jornada através do deserto foi-se esquecendo lentamente do jugo de Faraó no Egito; enquanto, por outro lado, o Povo do Senhor recordava com saudade a perda da satisfação dos apetites carnis entre os egípcios. Insatisfeitos com o maná celestial, começaram a dar lugar a todos os anseios que se concentravam nos antigos prazeres sensuais. Os vers. 7-8 falam-nos da aparência do maná (cfr. #Êx 16.31).

>Nm-11.10

Moisés ficou grandemente emocionado com as lágrimas dos israelitas (10) pois também ele julgava que o termo do sofrimento estaria para breve. Na oração que o patriarca dirigiu ao Senhor, pedindo socorro para o Seu povo, podemos distinguir dois elementos: dum lado a responsabilidade de dirigir o povo, que Moisés considerava exagerada para as suas forças, do outro, o pedido do povo que só pretendia carne para comer e não via possibilidades de a obter em pleno deserto.

>Nm-11.16

c) A resposta do Senhor à oração de Moisés (Nm 11.16-35).

Em resposta à primeira parte do pedido de Moisés ordenou-lhe o Senhor que escolhesse setenta anciãos, por quem distribuiria o Seu Espírito para poderem auxiliá-lo na dura missão de conduzir o Povo Eleito.

>Nm-11.18

Quanto à segunda parte da oração, prometeu o Senhor que o desejo do povo seria satisfeito, não lhe faltando a tão apetecida carne (18-20). Não teria ficado abalada a fé de Moisés? (21-22). Como dar carne a 600.000 homens no deserto? Mesmo que Deus reunisse todos os peixes do mar, todas as aves do céu e todos os rebanhos da terra, seria o suficiente para alimentar tão grande multidão e cumprir a Sua promessa? No vers. 23 o Senhor respondeu a esta objeção, não descrevendo os meios que ia usar. Simplesmente aponta o Seu grande poder e declara que Moisés verá a promessa cumprida.

>Nm-11.24

Começou Moisés por escolher os setenta homens, conforme o Senhor lhe indicara (24). Se bem que já conhecesse as possibilidades de cada um deles, faltava-lhes no entanto o Espírito de Deus, que sobre eles iria descer, agraciando-os com o dom da profecia (25).

>Nm-11.26

Nos vers. 26-29 narra-se um pequeno incidente passado com dois dos eleitos, que ainda se encontravam no arraial, mas que do mesmo modo começaram a profetizar quando o Espírito de Deus caiu sobre os outros. Escandalizado com tal acontecimento, Josué, servo de Moisés, receou pela reputação do seu senhor, o único a quem competia a suprema direção do povo. Moisés, todavia, com a sua grandeza de ânimo, não sentiu qualquer ponta de inveja pelos demais auxiliares, respondendo alegremente, como quem compreende a sublimidade daquela missão: "Oxalá que todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o Seu Espírito"! (29). Que magnífico exemplo para cada um de nós, se porventura Deus nos concedesse a liderança no ministério! Jamais nos sintamos ofendidos, se virmos o nosso semelhante em posição superior a nossa!

>Nm-11.31

Os vers. 31-32 narram o cumprimento da incrível promessa de Deus, que inundou o arraial com muito mais carne do que se poderia consumir, enviando tão grande quantidade de codornizes que bastava estender a mão para as apanhar. Era fácil fazer isto, visto que voavam apenas a um metro por cima da terra. Estas codornizes eram uma espécie de perdizes com cerca de 20 centímetros de comprimento, geralmente de cor castanha. Sabe-se que tinham duas migrações por ano e chegavam normalmente à Palestina em março, e no outono. Por vezes, conforme o rumo dos ventos, um vôo extenuante obrigava o bando inteiro a repousar por instantes, permitindo que fossem apanhadas com facilidade, sobretudo no litoral ou nas ilhas do Mediterrâneo. Fenômeno idêntico se verifica na 2ª parte de [#Êx 16](#). É curioso observar que os israelitas comeram as aves cruas, e as que não puderam comer espalharam pelo arraial com o propósito de as secar ao sol (32). O [#Sl 78.26-31](#) delicia-nos com uma descrição poética deste acontecimento.

>Nm-11.33

Mas em breve a ira de Deus se acendeu contra o Seu povo (33), depois de lhe satisfazer a gula. O resultado foi a praga, doença e miséria.

Assim, por vezes, se insistirmos, Deus também nos concederá aquilo que pedimos, mas será maior êxito se entregarmos a nossa vontade na mão do Senhor. Cfr. #Sl 106.13-15.

>Nm-11.34

O lugar onde se deu este acontecimento passou a ser conhecido por Kibrothattaava, ou seja, "sepulcros da concupiscência" porque muitos ali perderam a vida por causa dos seus apetites carnis (34).

>Nm-11.35

Tal como em #Nm 12.16, o vers. 35 conclui indicando uma nova etapa da viagem.

Nm-12.1

d) A revolta contra os chefes (Nm 12.1-6).

Embora seja mau para um superior verificar que entre os súditos lavra por vezes o descontentamento, muito pior é saber que não poucos desses súditos, quase sempre sem razões, procuram afincadamente destruir-lhe a autoridade. No caso de Moisés era de esperar que todos os israelitas o reverenciassem, em presença dos numerosos favores que lhe deviam. Em especial, deviam-lhe atenções os colaboradores diretos e os familiares elevados por terem ligações com ele. Pois foi precisamente entre estes últimos que surgiram os outros conspiradores contra Moisés. Quem eram eles? Seu irmão Arão e sua irmã Miriã. O motivo da rebelião: o casamento do patriarca com uma mulher estranha à sua raça. Mas Deus não podia condenar tal atitude, pois para Ele não há diferença de raças. Em Cristo, salienta o Apóstolo, "não há grego nem judeu... bárbaro, cita, servo ou livre" (#Cl 3.11).

É curioso registar o casamento de Moisés com uma etíope, ou cusita (1), quando não existe qualquer alusão à morte de Zípora, que pouco antes Jetro lhe apresentara no acampamento (#Êx 18.2-6), mas também nunca mais se fala dela. A palavra hebraica *cushi* significa etíope, como se depreende, por exemplo, de #Is 20.3-5. Mas há quem julgue tratar-se dum povo a nordeste da

Mesopotâmia, chamado cassita, sem, no entanto, se apresentarem argumentos concludentes para este caso. Procurou-se mesmo contestar que a **Kusi** mencionada numa inscrição de Esar-Hadom (cerca de 750 A.C.) era uma tribo do norte da Arábia, talvez identificável com os midianitas. Nada há, todavia, de concreto, que nos leve a supor ser a esposa, de que aqui se trata, a própria Zípora. A frase "porquanto tinha tomado a mulher cusita" (1), não deve, pois, referir-se a um casamento que já existia há mais de quarenta anos.

>Nm-12.2

No vers. 2 descobre-se o motivo do ataque dos dois irmãos: o descontentamento com o segundo lugar, que lhes competia na chefia do Povo Israelita, quando pretendiam uma posição superior. Não é este o processo de se conseguirem lugares de relevo no seio da comunidade cristã, embora muitos assim procedam. Deus só escolherá os que vierem a ser dignos de tão elevada missão. Quem numa posição inferior se torna indigno dela, quanto mais num lugar de maior responsabilidade! **O Senhor o ouviu** (2). Os amantes da discórdia pensam que Deus não os ouve! Enganam-se! O texto presente vem lembrar-nos que o Senhor está presente em toda a parte, e que só atua decisivamente, quando o achar oportuno.

>Nm-12.3

Manso (3). O termo hebraico ' **anaw**, com o significado de "humilde" é aplicado àquele que não pensa em vangloriar-se, procurando apenas os seus interesses, mas suporta com paciência as ofensas que lhe dirigem, sem vinganças mortíferas. É de tal modo a sua preocupação em procurar exclusivamente a glória de Deus e tudo o que com ela se relaciona, que não se move com os ataques que do exterior possam surgir. Possivelmente o próprio Moisés se admirou mais tarde dessa sua atitude de mansidão, que então ultrapassava a de todos os seus contemporâneos (3), e nem sempre condizia com o seu temperamento. Incumbido da sublime missão de conduzir o povo eleito através do deserto, encarregando-se de velar pela vida de todos, por todos intercedendo junto de Deus, sempre com os olhos postos na Terra Prometida, a tal ponto o absorveu a glória do Senhor, que jamais pensou em si próprio, mesmo com prejuízo da honra, da fama ou até dos bens.

Nem sempre, porém, este versículo é devidamente interpretado, havendo mesmo quem o não julgue escrito por Moisés, por evidenciar um certo egoísmo nas afirmações que encerra. Na realidade, uma das mais expressivas

evidências da inspiração divina da Bíblia é na sua inegável objetividade. É assim que abertamente se proclamam as faltas e as fraquezas de Moisés e dos outros chefes e até mesmo de todo o povo com um realismo que não tem paralelo em qualquer outra literatura. Não se escondem os erros, assim como não há qualquer espécie de falsa modéstia em apresentar as virtudes tais como são. Escrevendo sob a inspiração do Espírito Santo, não hesitou Moisés em revelar os seus próprios erros e fraquezas numa linguagem em que a todos entenece. Seria, pois, contrário à objetividade da Bíblia, se não recordasse também a paciência com que suportou as adversidades. Lutando pela glória de Deus, Moisés sabia que tinha de contar com inimigos, mas sabia também que o mesmo Deus vingaria-se no devido tempo, pelo que apenas lhe restava entregar-se nas mãos da Sua divina providência.

O versículo em questão, longe de ser uma intercalação na obra de Moisés, é muito provável que fosse escrito pelo seu próprio punho, sempre sob a superior orientação do Espírito Santo. O seu conteúdo, de resto, é indispensável à boa compreensão do capítulo.

>Nm-12.4

Em circunstâncias normais, Deus pode permitir que um de Seus servos seja acusado injustamente e só muito mais tarde venha a ser vingado. O caso presente, todavia, exigia uma solução rápida; Moisés não procurou defender-se, e por isso o Senhor dignou-Se intervir rapidamente (4). Todos compareceram perante o Senhor; Moisés e os dois detratores. A estes chamou-os à parte e repreendeu-os asperamente (5).

>Nm-12.6

O Senhor frisou a superioridade de Moisés perante todos os outros chefes do Seu povo (6-8). Com estes podia falar em visões ou em sonhos, ao passo que com Moisés falava face a face. Não se diz que Arão e Miriã tivessem, ou não, recebido diretamente alguma mensagem do Senhor. Apenas se faz alusão à posição de destaque de Moisés perante todos os outros chefes, e pergunta-se qual o motivo por que se revoltaram contra ele.

>Nm-12.9

Mal a nuvem se retirou, Miriã foi castigada com uma lepra branca, que lhe cobriu todo o corpo (10); enquanto "Arão nada sofreu", talvez por ser aquela a

instigadora do crime, ou então porque já não era para ele pequeno sofrimento o ver a irmã vítima daquele terrível mal. Em presença do vers. 12 é plausível esta última hipótese, ainda que não afirmada. A confissão absoluta do pecado (11-12) leva-nos a admitir o sincero arrependimento de Arão. O tratamento dado a Moisés de "senhor meu", leva-nos a admitir que não há, por parte de Arão, intenção de se revoltar contra Moisés.

Veja-se como Arão se preocupa com a doença da irmã, a quem com tanto amor ele tristemente considera como um "membro morto" (12). Quanto ao irmão, contra quem se tinha revoltado, dirige-lhe seu pedido, e não a Deus, pois tinha sido aquele a vítima direta do seu crime.

Sem o mais ligeiro protesto, Moisés intercede pela irmã na única intervenção em todo o episódio. Em vez de se vingar, orou pelos seus caluniadores. Quem pode negar a virtude que lhe é atribuída no vers. 3?

>Nm-12.14

Deus não acede com facilidade ao pedido de Moisés, mas também não quer negá-lo (14); exige os sete dias de recolhimento requeridos para a purificação da lepra. Cfr. #Lv 14.8. É que a ofensa era demasiado grave para ser perdoada facilmente. Além disso, deveria servir de exemplo a Miriã, dando-lhe tempo para pensar no caso. E o Senhor acabou por libertar o acampamento desta perigosa rebelião contra a autoridade de Moisés. **Porém depois o povo partiu** (16). Cfr. 11.35 nota.

Nm-13.1

IX. DESÂNIMO E SAUDADE Nm 13.1-14.45

Este capítulo marca o ponto culminante de toda a viagem através do deserto. Israel revelou que ainda não estava devidamente preparado para entrar na Terra Prometida e uma geração inteira destinava-se a morrer no deserto. A esperança de Moisés de entrar brevemente em Canaã foi apagada de um golpe e o período de julgamento requerido por Deus foi substituído.

Estas são das mais dramáticas páginas de toda a Bíblia, já pela situação descrita, já pelas inúmeras lições espirituais de que estão recheadas.

Antes de entrarmos em pormenores, vamos examinar como a crítica faz uma distinção entre os caps. 13 e 14 de Números, os quais se contradizem em certos aspectos, se bem que são histórias completas em si mesmas. Deve notar-se que em a narração, tal como se nos apresenta, a seqüência dos acontecimentos é naturalíssima e fácil de compreender. Verdade é que um certo número de idéias se repetem para frisar acontecimentos de certo vulto, como aliás é freqüente não só na Bíblia, mas também em qualquer outra literatura, especialmente quando se pretendem definir opiniões de várias pessoas. Daí a necessidade de repetir algumas idéias, sobretudo as consideradas primordiais. Sirva de exemplo, no presente caso, a importância dada à força e ao poderio dos cananeus em #Nm 13.28,31-33 e #Nm 14.3,43,45. A fertilidade da terra é realçada em #Nm 13.27; #Nm 14.7-8. Em #Nm 14.23,29-30,33,35 dá-se relevo à determinação divina de que uma geração inteira irá perecer no deserto. É fácil atribuir acontecimentos diferentes a fontes diferentes também, mas é freqüente admitirem-se duas ou mais repetições de certas idéias numa ou várias das fontes separadas. A repetição era, de resto, freqüente entre os hebreus, com o fim de resumir um acontecimento relatado em todos os seus pormenores. Tal sistema ainda hoje é seguido, por exemplo, nos jornais e revistas atuais.

Além das repetições desnecessárias, apela-se ainda para a aparente contradição entre as mesmas. Assim, nestes dois capítulos apontam-se nada menos de quatro contradições: a primeira, admite que uma narrativa apresenta os espiões como partindo de Cades e regressando à mesma localidade, enquanto outra os supõe a partir e a chegar ao deserto de Parã; a segunda, vai admitir que uma narrativa restringe a viagem dos espiões aos distritos do sul, em torno do Hebrom, ao passo que a outra afirma que toda a terra de Canaã foi observada; a terceira, admite que uma narrativa insiste no fato de os espiões realçarem o poderio dos habitantes, enquanto na outra eles dizem que a terra é estéril e, portanto, não merece a pena conquistá-la; finalmente, a quarta contradição admite que uma narrativa conta como fiel apenas Calebe, ao passo que a outra menciona a fidelidade de Calebe e Josué.

Em resposta à primeira, somos a afirmar que em parte alguma se diz ser Cades o ponto de partida dos espiões, mas apenas o deserto de Parã (3). O regresso é que se verificou ao deserto de Parã, a Cades (26). É evidente que Cades ficava situada no interior do deserto de Parã. O que não consta é o local da partida: se de Cades, se de qualquer outro lugar do deserto de Parã. É excluída, portanto, qualquer evidência de contradição.

Quanto ao segundo caso de contradição, veja-se o que abaixo se diz a propósito de [#Nm 13.21-25](#).

A terceira contradição depende inteiramente duma frase invulgar que no contexto aparece a frisar o poderio dos habitantes: "terra que consome os seus habitantes" (32). Mesmo que a frase quisesse aludir à esterilidade da terra, não provaria duas narrações contraditórias, mas quando muito a estranha mudança de face por parte dos espiões amedrontados. Quanto ao significado da dita frase, adiante se tratará.

É curioso, sem dúvida, o quarto argumento: Calebe e Josué são mencionados em [#Nm 14.6,30,38](#), enquanto [#Nm 13.30](#); [#Nm 14.24](#) se referem apenas a Calebe. Mas não é difícil de explicar porque é que Calebe é mencionado isoladamente nestes dois últimos textos. Quando os espiões começaram a salientar o poderio dos cananeus, era natural que alguém se levantasse a tranquilizar o povo ([#Nm 13.30](#)), que já receava enfrentar tão poderoso inimigo. Tal missão tornava-se mais fácil para Calebe, uma vez que Josué não seria tão bem aceito como testemunha independente pelo fato de se encontrar mais intimamente ligado a Moisés. No dia seguinte, com o crescer do descontentamento, foram os dois que se levantaram num esforço gigantesco para dominar a situação. Quando o Senhor em princípio acedeu às súplicas de Moisés, dizendo-lhe que somente Calebe escaparia ao extermínio no deserto ([#Nm 14.24](#)), o patriarca não pensou em si nem em Arão, como estando incluídos naquela condenação, se bem que depois ouvissem a sentença dum outro castigo em Meribá ([#Nm 20.12](#)). De resto, não era necessário falar logo de início em Josué, que sempre estivera ao lado de Moisés. Apenas na decisão do Senhor convinha fazer alusão aos dois espiões fiéis, que seriam excluídos do castigo geral ([#Nm 14.30](#)). Assim também, quando se relata a morte dos espiões fiéis ([#Nm 14.36-37](#)), é natural que se lembre a imunidade dos dois espiões fiéis (38).

Concluindo, deve o exame minucioso destas contradições ser mais que suficiente para demonstrar que os dois capítulos de Números formam um todo na sua narrativa cheia de colorido e de dramatismo.

Recorde-se, ainda, que a tentativa dos críticos para formar duas narrativas diferentes não pode ter o êxito esperado, porque nesse caso qualquer delas ficaria incompleta, a não ser que se fizessem alterações consideráveis.

a) A missão dos espiões (Nm 13.1-25).

Ordenou o Senhor que se enviassem espiões ou exploradores para se informarem da terra e de seus habitantes (1-2), dando assim a entender que devia o povo utilizar os meios inteligentes de que dispunha, sem esquecer que Ele os guiava constantemente. Escolheram-se então doze representantes, um de cada tribo, para tomarem parte na expedição (3-16). O vers. 16 conta-nos como Moisés substituiu o nome de **Oséias, filho de Num**, passando a chamá-lo **Josué**. Este já mais de uma vez o vimos atuar como braço direito de Moisés, sobretudo no livro de Êxodo e, há pouco, conhecemo-lo como "servidor de Moisés" (**#Nm 11.28**). O nome de Oséias apenas se verifica neste capítulo (8,16) e em **#Dt 32.44**. Talvez a mudança fosse efetuada por Moisés ainda antes de, pela primeira vez, Josué aparecer no Pentateuco (**#Êx 17.9**), mas só aqui se regista o fato para que na lista oficial dos espiões constasse o nome na sua forma original. Por outro lado, não é impossível admitir que Moisés nesta altura procedesse à substituição do nome, mas só ao escrever o Pentateuco se lembrasse de empregar o nome por que era mais conhecido. Cfr. **#Êx 17.9; #Dt 1.38**.

>Nm-13.17

Os vers. 17-20 referem-se às ordens que Moisés determinou e que tinham uma dupla finalidade: informar-se do poderio militar dos cananeus (18) e da fertilidade da terra (19-20). O vers. 17 orienta-os **para a banda do sul**, subindo depois **à montanha**. Parece estranho que se ordene aos espiões uma viagem para o Sul de Canaã, quando o povo já se encontrava acampado nessa zona. **Para a banda do sul** (17). A expressão hebraica **bannegeb** pode significar: "para o Neguebe", que era uma região seca ao sul da Palestina, ainda hoje com o mesmo nome. Cfr. **#Nm 13.22; #Gn 13.1; #Gn 24.62**. Em **#Js 15.19** a palavra significa apenas uma região seca e deserta, onde se deram muitos dos acontecimentos narrados na história bíblica.

>Nm-13.21

A viagem efetuada pelos espiões vem registrada nos vers. 21-25. Tal como sucede muitas vezes na narração hebraica, a introdução é, por assim dizer, um resumo de toda a narrativa (21); segue-se uma descrição mais ampla dalguns pormenores (22-24). Não deviam os espiões seguir em grupos ou em conjunto para não atrair demasiado a atenção dos cananeus. Assim percorreram quase todo o país de um extremo a outro, um grupo até **Reobe, à entrada de Hamate**, no norte, outro em torno do Hebrom, onde viveram os filhos de Enaque (cfr. a

nota sobre [#Dt 2.10](#)). No vale de Escol, perto de Hebrom, cortaram um cacho de uvas, para servir de amostra dos frutos daquela região. É curioso observar que ainda hoje são famosas em toda a Palestina as uvas do Hebrom.

>Nm-13.26

b) As notícias dos espões (Nm 13.26-33).

Após quarenta dias (25), voltaram os espões ao acampamento em Cades, no deserto de Parã, da região onde tinham partido (3). Como no vers. 3 não se faz alusão a Cades, é possível que na altura da deslocação para aquela localidade não estivessem presentes os espões. Não se delimitam com precisão as regiões desérticas de Parã e Zim talvez por não corresponderem às divisões políticas de então. Eis um resumo das informações: terra maravilhosa sob o ponto de vista agrícola (27), especialmente para quem vinha do deserto; cidades fortes e bem armadas (28-29). É fácil de supor o espanto dos israelitas à medida que iam ouvindo tão extraordinárias notícias expostas nos versículos 28-29. De repente, porém, surgiu um dos espões, Calebe, que, depois de impor o silêncio à multidão (30), entusiasmou o povo a proceder a conquista daquela terra sem igual. Levantaram-se então os outros espões e, contradizendo-o, fizeram ver a impossibilidade da empresa (31-33), que assim era sem o auxílio do Senhor. Pelo terror exageraram as dificuldades, dando a impressão de que todos os cananeus eram gigantes, **e que a terra engolia os seus habitantes** (32).

Afirma-se, por vezes, que estas palavras estão em manifesta contradição com o vers. 27, provando que a narrativa deriva de duas fontes contraditórias, uma que dá a entender que os espias não desejavam a conquista, por serem os habitantes fortes demais, enquanto a outra dá a entender que a terra não tem valor algum. Mas repare-se que é uma interpretação falsa. Na realidade, os espias infiéis insistiram na impossibilidade de conquistar a Terra de Canaã, mas por várias vezes, nos caps. 13 e 14, se alude à mesma como terra fértil e fácil de ser tomada aos ocupantes. Com exceção desta única frase, nos vers. 31-33 só se faz referência à força e à ferocidade dos habitantes. Quando os israelitas tentaram voltar ao Egito ([#Nm 14.4](#)), não é pela terra ser má, mas só porque calculavam vir a morrer nas mãos do inimigo, de quem se tornariam presa as mulheres e os filhos ([#Nm 14.3](#)). A idéia central dos dois capítulos é, portanto, a de que a terra não deixa de ser boa, contrariando a má idéia desta frase.

Mas vejamos em que sentido se emprega esta curiosa frase noutros passos da Bíblia, sobretudo em Levítico #Lv 26.38 e Ezequiel #Ez 36.13-14. Em ambos os casos parece indicar tratar-se duma região, cujos habitantes morriam prematuramente. No segundo, porém, o fato em vista é a falta de colheitas, pois o texto encerra uma promessa de que a Terra de Canaã, embora viesse a sofrer a fome durante o exílio, não deixaria de produzir os seus frutos (cfr. #Nm 36.8,11). Quanto ao primeiro caso, a questão é completamente diferente. Se a frase se refere à morte como resultado da fome, deveria ter sido utilizada em #Lv 26.20 ou #Lv 26.26, onde se fala da fome, em vez de a lermos em #Lv 26.38, quer dizer, doze versículos mais adiante. Aqui, como no nosso caso, a morte deve ser causada pelo inimigo. Ora, quando os espíões disseram que a terra comia os seus habitantes, talvez se referissem às guerras constantes entre as diferentes cidades e até entre povos diversos, que afligiriam Canaã nessa altura (fato evidenciado nas cartas de El Amarna). Os habitantes estavam, pois, em constante perigo sob esse aspecto. E qual seria o destino dum povo, inexperiente na guerra, que tentasse conquistar uma terra de gigantes, preparada para toda a sorte de combates? Fazer com que a frase contenha uma negação da fertilidade da terra, é contradizer o conteúdo dos caps. 13 e 14 de Números e 26 de Levítico.

Nm-14.1

c) A revolta (Nm 14.1-10).

Perante o crédito a dar às palavras dos espias e a fé no Deus invisível, a massa do povo israelita preferiu o primeiro caso, antepondo-o às maravilhas operadas pelo Senhor através do Seu servo Moisés. Por isso, o desespero desse povo o levou a pensar em escolher um novo guia e a voltar ao Egito (4). Josué e Calebe, os dois espias fiéis ao Senhor insistiram para que confiassem na vitória final que Deus lhes havia de dar, afirmando ser fácil a conquista de Canaã se o Senhor se agradasse deles (6-9). O povo, porém, respondeu-lhes com uma tentativa de apedrejamento (10).

>Nm-14.11

d) O castigo de Deus (Nm 14.11-38).

O Senhor afirma a Moisés que intenta destruir o povo infiel e formar um outro com os seus descendentes (11-12). Então Moisés implora pelo povo, apelando para a glória de Deus e insistindo na maravilhosa graça divina (13-19). O

Senhor responde que o perdão é devido à intercessão de Moisés (20), mas irá morrer no deserto a geração que se revoltou contra Deus (23-35). **Pelo caminho do Mar Vermelho** (25). Não quer dizer que voltassem ao local por onde havia pouco tinham passado, após a saída do Egito (**#Êx 13.18** e segs.). A extremidade norte do Mar Vermelho tem a forma dum "Y" e a parte ocidental chama-se hoje Golfo de Suez, enquanto a oriental, a nascente da Península do Sinai, é conhecida pelo nome de Golfo de Acaba. É a este que alude o texto em questão. Somente a Josué e Calebe é prometida a entrada na Terra Prometida (30), recebendo a geração seguinte a vitória da mão do Senhor (31). Os espias infiéis morreram pela praga imediatamente (36-37).

E conhecereis o meu apartamento (34). Em hebraico, o vocábulo **tenuah** significa "oposição" ou "hostilidade". Por isso, algumas versões o traduzem por "quebra da promessa" dando uma idéia errada. Os LXX apenas por "determinação de ira" e a Vulgata por "vingança".

>Nm-14.39

e) Arrependimento tardio (Nm 14.39-45).

Segue-se um dos passos mais trágicos de toda a História Sagrada. Quando pela boca de Moisés chegou ao conhecimento do povo a decisão do Senhor, quantas lágrimas se derramaram! É que já o comovera profundamente a morte repentina dos dez companheiros de Josué e Calebe! Vendo que assim lhe era negada a entrada na Terra da Promissão, começaram os israelitas a confessar a sua culpa (40), insistindo em que subiriam até ao lugar que o Senhor lhes indicara. Implacável, fez-se ouvir a voz de Moisés: "Inútil o vosso arrependimento"! Tentar ir mais além, constituiria nova desobediência aos preceitos do Senhor e nada aproveitaria. Tentaram, contudo, num assomo de desespero, confiados ainda na bondade de Deus. Em vão! Sobre eles caíram furiosamente os cananeus e à espada os passaram em menos de um instante. **Hormá** (45). Cfr. as notas sobre **#Dt 1.44**.

Nm-15.1

X. PASSADA A CRISE, PROMULGAM-SE NOVAS LEIS Nm 15.1-41.

Os caps. 15-20 abrangem um período de cerca de trinta e oito anos, muitos dos quais se passam em silêncio. Não há indicação exata do tempo em que se

deram os acontecimentos narrados desde #Nm 15.1 a #Nm 20.13. Cumprira-se a condenação de Cades. Após cerca de quarenta anos passados no deserto, perecera uma geração inteira. E assim se mostrara que Israel não estava preparado para entrar na Terra Prometida.

a) O ritual dos sacrifícios em Canaã (Nm 15.1-21).

Pouco mais se acrescenta ao que já fora legislado no Sinai em relação aos sacerdotes. Indiretamente, chama-se a atenção para a certeza da entrada na Terra da Promissão, preparada por Deus com todo o cuidado. (Cfr. vers. 2,18). Depois de uma geração inteira ter prevaricado e condenada a perecer no deserto, dá-se nova ênfase ao plano de Deus para o Seu povo em Canaã, como a dar-lhes a certeza de que não falhará a Sua divina promessa. Repare-se que várias partes deste capítulo são dirigidas mais ao povo, propriamente dito, do que a Arão ou aos Levitas. Nítido contraste com #Nm 18.1.

>Nm-15.22

b) Como expiar os pecados cometidos por ignorância (Nm 15.22-31).

Passada a crise de Cades, procuraram os sobreviventes em tudo agradar a Deus, convictos de que o mais pequeno deslize podia ser fatal. Lembrou-lhes Deus então como expiar aquele gênero de pecados provenientes da ignorância, e a que já aludira mais amplamente nos caps. 4 e 5 de Levítico. Embora inconsciente, todo o pecado é uma ofensa a Deus e, como tal, exige uma expiação. Caso para desespero? Nunca! Há o recurso do sacrifício, do sangue duma vítima como oferta pelo pecado, cujo responsável pode ser a congregação (22-26) ou um simples indivíduo (27-29). Para que seja rigoroso o cumprimento desta lei, Os vers. 30-31 condenam todo aquele que continuar obstinadamente no seu pecado. *À mão levantada* (30), isto é, obstinadamente, sabendo bem aquilo que faz.

>Nm-15.32

c) Um exemplo de obstinação (Nm 15.32-36).

Durante a travessia do deserto, registrou-se pelo menos um caso deste gênero de pecado. Não obstante a frequência da referência à lei relativa a celebração

do sábado e o fato que milhares de pessoas estariam a guardar esta lei, foi apanhado em flagrante um homem desobedecendo àquele mandamento. Logo foi levado à presença de Moisés e Arão que, por ordem do Senhor, determinaram fosse apedrejado, para assim servir de exemplo a todo o povo eleito e mostrar a natureza horrível do pecado feito **à mão levantada**.

>Nm-15.37

d) O cordão azul (Nm 15.37-41).

Bem sabe o Senhor que neste mundo de Satanás é fácil esquecerem-se as criaturas dos mandamentos do Criador. Para isso determinou o Senhor que os israelitas usassem nas franjas dos vestidos um cordão azul, para que mais facilmente se lembrassem dos preceitos do seu Senhor. É sempre bom procurarmos novos processos de lembrarmos os nossos deveres para com Deus, modificando-os sempre que seja necessário, a fim de que acima de tudo se cumpra a vontade do Senhor.

Nm-16.1

XI. A REVOLTA DE CORÉ, DATÃ E ABIRÃ Nm 16.1-50

O presente capítulo apresenta uma série complicada de acontecimentos, que envolvem variadíssimos pormenores.

Notamos dois grupos distintos que se aliam contra Moisés e Arão. Um deles, chefiado por Coré, constava principalmente de levitas, ofendidos com a nomeação da família de Arão para o cargo altíssimo do Sacerdócio.

O outro grupo, com Datã e Abirã à frente, achava-se com direito à chefia do povo escolhido no lugar de Moisés, por serem os principais da tribo que descendia do filho primogênito de Jacó. Assim, a insurreição contra a autoridade eclesiástica associa-se a uma outra, contra a autoridade política, numa íntima cooperação. Há diferenças notáveis entre a atitude de cada um dos grupos; de certo modo, essas diferenças são tratadas separadamente, embora complexas e por vezes de difícil interpretação. Examinemo-las tanto quanto possível.

Em princípio, analisadas as circunstâncias atuantes de ambos movimentos, dá-nos a impressão que o capítulo é baseado em duas fontes completamente

distintas. Não é porém assim, porque embora distintos os movimentos, é uma só a série de acontecimentos; portanto, não pode provar-se que sejam distintas as fontes. De resto, nem contradições se encontram, como se inventaram para a narração dos espias, conforme vimos em [#Nm 13](#).

A objeção dos críticos baseia-se no fato de que em [#Dt 11.6](#) se faz referência a Datã e Abirã, sem qualquer alusão a Coré, ao passo que em [#Nm 27.3](#) apenas se fala em Coré sem mencionar Datã e Abirã. Considerem-se, no entanto, os seguintes pontos:

Primeiramente, em [#Dt 11.6](#) Moisés chama a atenção do povo para o fato de terem visto pessoalmente a terra abrir-se e engolir Datã e Abirã. Não havia razão para aludir a Coré uma vez que não foi engolido pela terra, mas teve um gênero de morte completamente diferente.

Em segundo lugar, em [#Nm 27.3](#) as filhas de Zelofoade afirmam que seu pai não participou da revolta chefiada por Coré; sendo este um dos cabecilhas da rebelião, não havia necessidade de fazer referência aos outros.

Em terceiro lugar, sabe-se que não são estes os únicos exemplos de alusão a tal revolta. Em [#Nm 26.9-11](#) Coré, Datã e Abirã são todos mencionados. Cfr. [#Sl 106.16-18](#), onde se descrevem os diferentes aspectos civis e eclesiásticos da rebelião.

Finalmente, nas obras tão recentes, como as do primeiro século do Cristianismo, reparamos que as duas fases da revolta são apresentadas separadamente, como em [#Jd 11](#), que só fala em Coré, e [4Macabeus 2.17](#), que apenas alude a Datã e Abirã. Mesmo que fossem verdadeiras as objeções da crítica, nesta altura devia conservar-se a narrativa na sua forma atual durante muitos séculos, sem que alguém se lembrasse de que na origem se baseava em duas fontes distintas. Por isso Judas e o autor dos Macabeus aludem apenas a um dos dois movimentos implicados na revolta. Se assim foi numa data posterior, por que não no tempo de Moisés?

Recorde-se ainda que a intenção de dividir o capítulo em duas partes diferentes dá origem a uma narrativa da revolta de Datã e Abirã muito incompleta na primeira parte e a uma outra da de Coré com grandes lacunas na parte final. Os críticos procuram, em princípio, preencher esta lacuna, separando os vers. 24,27 do texto, riscando de cada um deles os nomes de Datã e Abirã e substituindo o nome de Deus pelo de Coré, de forma a

alterarem estes versículos, numa tentativa para afastar o povo das proximidades do Tabernáculo, onde se oferecia incenso. Mas quem não vê que tal modificação é desprovida de sentido? Assim, estes versículos são de uma perfeita naturalidade, com íntima relação com o vers. 26, que se encontra entre eles. Não condiz com o significado da palavra hebraica a tentativa para neste caso relacionar o vocábulo Tabernáculo apenas com o Tabernáculo do Senhor. Enquanto se pode admitir que alguns manuscritos dos LXX só falam em Coré e não de Datã e Abirã, todos os manuscritos hebraicos aludem aos três chefes, como muitos dos manuscritos dos LXX. Também se acrescenta que no vers. 24 os LXX lêem "companhia" em vez de tabernáculo; todavia no vers. 27 fala de "tenda" em vez de tabernáculo. Nada de concreto poderemos afirmar, a não ser que as teorias que dividem o capítulo em duas seções não se fundam em qualquer argumento válido. Além disso, como os coatitas-ramo da tribo de Levi a que pertencia Coré-acampavam do lado sul do Tabernáculo, juntamente com a tribo de Rúben, não é improvável que se determine uma separação do local onde habitavam Coré, Datã e Abirã.

Esta revolta provavelmente surgiu muito depois da crise de Cades, pois parece não haver ligação entre os dois acontecimentos. Não se diz que foi um movimento contra a viagem através do deserto, nem contra os desígnios de Deus relativos à nova vida em Canaã, nem sequer contra a Lei de Deus em geral. Apenas uma insurreição contra a autoridade de Moisés e Arão, talvez já nos últimos anos da travessia do deserto.

A importância da revolta é avaliada pela responsabilidade que cabia a cada um dos cabecilhas. Assim Coré era membro da família coatita da tribo de Levi, a que pertenciam Moisés e Arão. Com ele se encontravam três ilustres membros da tribo de Rúben, o primogênito de Israel e 250 chefes da congregação. Dizia-se que todos os membros desta eram santos e, portanto, Moisés e Arão não dispunham de qualquer autoridade sobre eles.

É verdade que todos os crentes sinceros são iguais diante de Deus. Mas o homem, nascido no pecado, não deixa de estar sujeito a erro. Exige-se, portanto, uma autoridade, que só pode ser a que se encontra na Palavra Deus. Mas nesse tempo só uma pequena parte da Bíblia se encontrava escrita e era aflitiva a situação do povo eleito. O futuro de Israel dependia do êxito daquela marcha através do deserto e, bem assim, da instalação na Terra de Canaã. Embora os insurretos proclamassem a sua adesão ao Senhor, na realidade revoltavam-se contra Ele, uma vez que se opunham à autoridade

legitimamente constituída e pelo próprio Deus designada para fazer progredir o Seu Reino nesta etapa vital.

Om (1). Como só no presente texto deparamos com este nome, ficamos sem saber se esse personagem acompanhava apenas os outros e não merecia, portanto, qualquer referência especial, ou, então, separou-se da revolta contra Moisés.

A restrição do sacerdócio à família de Arão é um dos pontos de particular discussão. Mas a boa ordem e a disciplina exigiam que tão importante missão fosse limitada apenas àqueles que Deus escolhera para tal fim. Sabemos que mais tarde um bom rei de Judá quis abusivamente desempenhar as funções sacerdotais e foi por Deus castigado com a terrível doença da lepra (#2Cr 26.1-5,16-21).

É conveniente, muitas vezes, abordar os cabecilhas do motim para se tirar uma conclusão e exigir satisfações. Por isso Moisés convidou Coré e os seus sequazes a aparecerem diante do Senhor, juntamente com Arão, para que o próprio Senhor decidisse a questão (4-11). Foram também intimados Datã e Abirã (12), mas o ódio entranhável ao seu chefe impediu-os de comparecer (12-14). Moisés confessou ao Senhor que nunca os prejudicara em coisa alguma (15). Coré e seus sequazes foram então convidados a vir até junto ao Tabernáculo com incenso nos seus turíbulo (16-17). Cedendo ao convite, foram, (18) e com eles trouxeram toda a congregação que os aplaudia (19). O Senhor ameaçou destruí-los a todos, com exceção de Moisés e Arão (20-21), que logo se prostraram rogando-Lhe que não se indignasse contra toda aquela congregação (22). O Senhor ordenou em seguida que se **levantassem do redor da habitação de Coré, Datã e Abirã** (23-24). Moisés foi ter com estes dois últimos, seguido pelos anciãos de Israel (25) e rogou a todo o povo que se afastasse **das tendas destes ímpios homens** (26). Obedecendo o povo às ordens do Senhor, Datã e Abirã com as suas famílias colocaram-se às portas das suas tendas (27). Moisés declarou então que, se a terra se abrisse e engolisse todos aqueles homens com os seus haveres, seria prova mais que suficiente para que nele vissem o mensageiro de Deus (28-30). Assim aconteceu (31-34): Saiu por fim o fogo do Senhor que **consumiu os duzentos e cinqüenta homens que ofereciam o incenso** (35).

Basta este simples resumo para nos dar uma idéia clara dos acontecimentos descritos nesta seção do livro de Números. Só mais uma breve explicação acerca do **tabernáculo** ou **habitação** dos revoltosos nos vers. 24 e 27. O termo

hebraico **miskan**, que na Bíblia muitas vezes é traduzido por "tabernáculo" e em quase todas se refere ao Tabernáculo de Deus, tem o significado literal de "lugar de habitação". Assim, aquele termo é traduzido algumas vezes por "habitação", outras por "lugar de habitação" e uma só por "morada" em **#Ct 1.8**. Em todo o caso, nestes últimos exemplos, de modo algum implica local de culto. Em Números **#Nm 16.24,27**; **#Nm 24.5** a melhor tradução é, portanto, a de "habitação" ou "morada".

Depois da morte de Coré e dos seus partidários, ordenou o Senhor que dos turíbulos dos revoltosos se fizessem placas de bronze para cobrir o altar, como lembrança de que só aos membros da família de Arão era permitido oferecer incenso ao Senhor (36-40).

Se as famílias de Datã e Abirã com eles pereceram, o mesmo não sucedeu à família de Coré (cfr. **#Nm 26.9-11**). Embora excluídos do sacerdócio, os seus descendentes vieram a desempenhar lugar de relevo no Santuário. Um deles, Samuel, foi mesmo um dos maiores profetas e juizes hebraicos (**#1Cr 6.33-38**), e Hemã, seu neto, foi um célebre cantor no reinado de Davi. Recorde-se que alguns dos Salmos são designados como "para os filhos de Coré". Exemplo frisante duma situação em que o erro dos pais não impede o êxito que possam vir a ter as ações dos filhos e até de certo modo, relacionada de perto ao erro do patriarca.

Não obstante a morte e o desaparecimento dos caudilhos do motim, a desordem ainda lavrou no acampamento dos israelitas durante algum tempo. Nova revolta do povo se nota nos vers. 41-50. Nova intercessão de Moisés e de Arão (46-48) quando Deus ameaça destruir a congregação inteira (44). O castigo de Deus ali mesmo prostrou 14.700 membros desse povo indigno (49).

Nm-17.1

XII. FRUTOS DA REVOLTA Nm 17.1-19.22

a) O Senhor apela para os direitos do sacerdócio de Arão (Nm 17.1-11).

Não bastando eliminar a multidão dos inimigos de Moisés e Arão,urgia recorrer a outro meio mais moderno e duradouro. Ordenou então o Senhor que o chefe de cada tribo levasse uma vara que seria colocada no Tabernáculo, tendo registrado o nome de Arão sobre a de Levi. Deus faria com que esta

produzisse flores, rebentos e amêndoas (8), a assinalar dois fatos como resposta à rebelião de há pouco. Primeiramente, se Deus assim distinguia a tribo de Levi, era sinal que Moisés e Arão andaram bem quando defenderam a sua autoridade contra as pretensões de Datã e Abirã, descendentes de Rúben (#Nm 16.1). Em seguida, o invulgar privilégio da vara que trazia gravado o nome de Arão, não seria sinal de que a este e à sua família pertencia o sacerdócio, ao contrário do que pensavam Coré e os seus sequazes (#Nm 16.8-11), feridos de morte impiedosa pela mão do Senhor? (#Nm 16.35). Como última manifestação da ação decisiva do Senhor, a vara de Arão deveria ser guardada no Tabernáculo (10; cfr. #Hb 9.4).

b) Insiste-se nos privilégios e nas responsabilidades de Arão e dos Levitas (Nm 17.12-18.32).

Em vez de acalmar o espírito dos Israelitas, parece que o milagre os confundiu ainda mais. Sendo difícil esquecer a morte dos 250 compatriotas que ofereciam incenso, começaram a pensar que o Tabernáculo de Deus não passava dum lugar de terror e perplexidade (12-13).

Nm-19.1

c) Afaste-se a impureza devida à rebelião (Nm 19.1-22).

Como foi grande a mortandade resultante da rebelião de Coré e meios vulgares não chegassem para afastar a impureza, ordenou o Senhor que o sacerdote Eleazar tomasse uma bezerra ruiva e a matasse, queimando-a depois fora do arraial com cerimônias apropriadas, para afastar a impureza do povo. **Isto será por estatuto perpétuo** (10). Todo o que tocasse um cadáver ficaria impuro durante sete dias. Ao terceiro dia podia ser aspergido com água misturada com as cinzas da bezerra e, ao sétimo, após um banho, ficaria puro. Todo este cerimonial seria uma lembrança da morte (ver nota sobre #Nm 5.1), teria uma finalidade higiênica e faria prever que, através do futuro sacrifício de Cristo, todos os pecados seriam perdoados (#Hb 9.11-14).

Nm-20.1

XIII. INCIDENTES A CAMINHO DAS PLANÍCIES DE MOABE

Nm 20.1-22.1

a) Morte de Miriã (Nm 20.1).

É incerta a data deste acontecimento. Alguns comentadores julgam que o primeiro mês, a que se refere o vers. 1, coincide com o início do quadragésimo ano no fim daquele grande período de viagem no deserto. Outros pensam no primeiro mês do terceiro ano, admitindo ainda que este episódio e o seguinte tiveram lugar antes da crise verificada em Cades. Todos se servem duma argumentação interessante, mas a Bíblia é que não nos proporciona informações que possam decidir a questão com segurança. Não deixam, no entanto, de ter a sua importância extraordinária na história dos hebreus.

O povo ficou em Cades (1). Parece tratar-se duma região ampla e não duma área limitada. Como durante trinta e oito anos vagueou pelo deserto, dependente das provisões para os animais, ficando ora num local ora noutra. É possível que o povo escolhido passasse várias vezes por Cades. Aquele longo período de nomadismo iniciou-se e terminou nesta região.

>Nm-20.2

b) O pecado de Moisés e Arão (Nm 20.2-13).

Com toda a justiça se considera Moisés como um dos mais retos e mais justos entre todos os seres de que a humanidade tem conhecimento. Mas, apesar dessa grandeza, que nunca devemos exagerar, era um homem, e, como tal, sujeito a fraquezas. Errou, e o seu pecado foi punido pelo Senhor, que o privou de ver realizado o seu maior desejo-a entrada na Terra da Promissão. Embora grande, Moisés se não tivesse tido a graça de Cristo, estaria perdido, digno mesmo duma condenação eterna. Mas Deus salvou-o, tal como salva todos aqueles que crêem em Cristo.

Este passo é um belo exemplo da objetividade da Bíblia, pois tanto frisa as fraquezas como as virtudes dos seus personagens. Vimos há pouco (#Nm 12.3) como se realçou o atributo mais forte, isto é a mansidão de Moisés; agora vai ser sublinhada uma falta grave, precisamente contrária àquela virtude. Sejamos, pois, cuidadosos não só nos pontos de fraqueza mas também nos fortes para que Satanás não nos apanhe desprevenidos.

É fácil compreender como a falta de água levantou sério descontentamento entre o povo (2-5). Mas não seria já tempo de aprender a confiar em Deus, após tantas manifestações de Seu carinho e poder? Até Moisés e Arão

acharam desnecessária e inoportuna aquela atitude. Por isso se prostraram e pouco depois a glória do Senhor lhes apareceu (6). Moisés recebe a ordem de tomar então a vara, reunir a congregação e falar à rocha (8). Tal como outrora (#Êx 17), a água não faltaria.

>Nm-20.10

Nos vers. 10-11 vemos uma das passagens mais tristes da Bíblia. Narram o pecado de orgulho de Moisés, que chamou rebeldes aos israelitas, elevando-se à posição de Deus, mas esquecendo-se que "a ira do homem não opera a justiça de Deus". Talvez que o patriarca já se mostrasse cansado da longa série de acontecimentos, que puseram à prova a sua paciência. De qualquer forma manifestou não ter o espírito necessário para conduzir o povo à Terra Prometida. Embora Moisés e Arão fossem igualmente responsáveis por aquele gesto criminoso, é sobretudo o primeiro, por ser o chefe e o guia do povo, sobre quem recaem as censuras (12). O castigo do Senhor vai dar-se em Meribá, local que toma esse nome, à semelhança doutro, chamado Massá, onde se registara acontecimento semelhante (#Êx 17.7). Para distinguir as duas localidades, a de Números é por vezes conhecida por Meribá de Cades (cfr. #Nm 27.14; #Dt 32.51).

>Nm-20.14

c) Edom recusa passagem aos israelitas (Nm 20.14-21).

Os edomitas eram descendentes de Esaú, irmão de Jacó. Por isso, Moisés esperava encontrar neles franca cordialidade. No entanto, nada mais lhes pediu que autorização para passar com o povo através do seu território. Usando o caminho, evitaria os estragos e, caso necessitasse de água, pagá-la-ia pelo seu justo valor (19). O rei, porém, desconfiado, mandou tropas para as fronteiras (20). Tal atitude desumana e inclassificável, marca o início das relações pouco amistosas entre os dois países e os livros proféticos do Velho Testamento denunciam severamente os edomitas (cfr. #Is 34.1-17; #Jr 49.7-22; #Ez 25.12-14; #Ez 35.1-15). Nota-se que a versão de Figueiredo usa a palavra **Idumea** em certos casos, para traduzir a palavra hebraica que significa **Edom**.

Através de #Jz 11.17 sabemos dum pedido idêntico feito de Cades ao rei de Moabe, cuja resposta foi também negativa. Num dos seus últimos discursos, embora não mencionando estes dois casos, lembra Moisés a ordem do Senhor para não molestar os edomitas nem os moabitas por serem do mesmo

parentesco (#Dt 2.5,9), comprando-lhes aquilo de que necessitassem. Mais tarde Moisés alude a outro pedido deste gênero que fizera a Seom, rei de Hesbom, dando a entender que os edomitas e moabitas acederam às suas súplicas. À primeira vista parece uma espécie de contradição com #Nm 20.14-21 e #Jz 11.17-18. Assim não acontece, todavia, porque Deuterônomo e o livro de Números descrevem uma longa marcha através do deserto em redor do território de Edom e Moabe. Além disso, o primeiro não afirma categoricamente que foi ultrapassado o território de qualquer país; apenas se rondaram as fronteiras (cfr. #Nm 20.23). Em conclusão, pode dizer-se em abono da verdade, que tanto Edom como Moabe recusaram aos israelitas passagem pelos seus territórios e Edom enviou mesmo um exército a impedir qualquer tentativa de penetração, mas, em ambos os países, encontravam-se colonos nas proximidades das fronteiras, que não hesitaram em vender água e outros mantimentos de que dispunham. As afirmações de Moisés em #Dt 2.4-9 provam o cuidado e a preocupação em evitar conflitos armados nas fronteiras, que poderiam resultar em guerra aberta e, assim, trazer prejuízos a ambos os povos.

>Nm-20.22

d) A morte de Arão (Nm 20.22-29).

Verificou-se a morte do grande auxiliar de Moisés "nos termos da terra de Edom" (23), quer dizer na fronteira com aquele país, entendendo-se aqui o vocábulo "termo" por um simples curso de água ou elevação, que pudessem assinalar a divisão dos países. Cita-se o pecado cometido em Meribá, apenas para manifestar que era esse, em parte, o motivo de Arão não ver a Terra Prometida. Para evitar perturbações, ainda antes de morrer, já seu filho Eleazar assumiu as funções que seu pai deixava de desempenhar. Arão morreu no primeiro dia do quinto mês do quadragésimo ano (#Nm 33.38).

Nm-21.1

e) Vitória sobre Arade (Nm 21.1-3).

O vers. 1 refere-se provavelmente ao ataque lançado sobre os israelitas após a morte dos espiões, cerca de 38 anos antes (#Nm 14.45). **Que habitava para a banda do sul** (1). Em hebraico: **negeb**, cfr. 13.17 nota. Antes da partida que levaria o povo às fronteiras do Edom, já a derrota fora vingada e algumas

idades dos cananeus completamente destruídas. Hormá (3). Cfr. #Dt 1.44 nota.

>Nm-21.4

f) A serpente de bronze (Nm 21.4-9).

Já que Edom recusara passagem a Israel através do seu território o povo orientou a sua marcha noutras direções, rodeando o país infiel (#Nm 20.21-22).

Pelo caminho do Mar Vermelho (4). Cfr. #Nm 14.25. No decurso da viagem registaram-se murmurações contra Deus e contra Moisés (4-5) que levaram o Senhor a castigar os israelitas com o flagelo das serpentes. Curioso é o fato de que ainda hoje naquelas regiões ocorrem as epidemias causadas por mordeduras de serpentes (ver T. L. Lawrence, *The Seven Pillars of Wisdom*, página 269). Quando o povo clamou por auxílio (7), logo o Senhor providenciou no sentido de se conseguir remédio para tão grande mal (8). Foi assim que **Moisés fez uma serpente de metal e pô-la sobre uma haste** (9). Todo o que olhasse para ela ficaria curado; assim como todo o que confiadamente olhar para Cristo levantado na Cruz não perece, mas tem a vida eterna (#Jo 3.13). A referência feita por Cristo a este episódio mosaico vem não só frisar os pecados do povo que Ele sobre Si próprio tomou (cfr. #2Co 5.21), mas também a necessidade duma relação pessoal pela fé para a salvação (cfr. #Jo 3.15-16,18,36). Não havia remédio para o israelita que deixasse de olhar para a figura. O pior é que mais tarde aquela serpente tornou-se objeto de culto e deixou de apontar para Deus e para os aspectos da verdade que Ele tem revelado, tal como qualquer símbolo pode vir a ser. Por isso, o bom rei Ezequias a fez em pedaços (#2Rs 18.4), desde que deixou de ser um símbolo do Salvador futuro, para se tornar nesse objeto ignóbil de culto, que a tantos iria prejudicar.

>Nm-21.10

g) A viagem em torno de Moabe (Nm 21.10-20).

Depois de ter contornado a sul e a nascente o país de Edom, o Povo eleito dirigiu-se para o norte para contornar Moabe (11), situada a sudeste do Mar Morto. Como se tratava duma região muito seca, constituía um acontecimento notável o encontro dum rio, muito embora não passasse de ligeiro regato (14-

15). **O livro das guerras do Senhor** (14). Devia ser uma obra poética de louvor a Deus pela proteção concedida ao Seu Povo na travessia do deserto e até à entrada da terra de Canaã. Nada mais se sabe a respeito de tal obra, possivelmente da autoria do próprio Moisés.

>Nm-21.16

Os vers. 16-18 aludem a outro acontecimento destinado a sensibilizar o povo, fazendo-lhe ver que, à medida que se aproximava do fim da jornada, ia aparecendo a água subterrânea a pouca profundidade com mais abundância. Aqui o Senhor ordenou a Moisés que juntasse o povo, para receberem o que tanto esperavam-a água (16). Cavaram então os chefes das tribos e o precioso líquido brotou com abundância. A Deus foram rendidas ações de graças sob a forma de um cântico (17-18). **Legislador** (18). A palavra hebraica **mehoqeq** é traduzida umas vezes por "cetro", outras por "bastão do chefe", em qualquer dos casos sem justificação filológica. Sendo assim, como serviria tal instrumento para cavar? Não seria antes que o portador desse cetro vigiava os trabalhos, que prosseguiam sempre sob a sua orientação? Podia ainda admitir-se que, após a descoberta do poço, ficasse a cobri-lo uma espécie de tampa formada de areia, facilmente removível numa abertura formal. Era penetrável com o auxílio dos bastões dos chefes. Diz-se que ainda hoje os beduínos do deserto utilizam por vezes um processo idêntico. Os vers. 18-20 descrevem a viagem às províncias do norte de Moabe, ocupadas pelos amorreus, sob a regência de Seom.

>Nm-21.21

h) Vitória sobre Seom (Nm 21.21-32).

A parte do território situada a oriente do Mar Morto, pelo lado norte, pertencia a Moabe, mas fora recentemente conquistada por Seom (26). Tal como sucedera com Edom e Moabe, foi-lhe solicitada passagem através dos seus territórios. Como recusasse e atacasse mesmo os israelitas (21-23) cfr. **#Dt 2.26-32**, estes, defendendo-se, passaram à ofensiva e apoderaram-se daquele país (**#Nm 24-26,31-32**). Realizou-se assim a primeira parte da profecia sobre a conquista da Terra da Promissão. Os vers. 27-30 aludem a essa vitória num cântico de tom agressivo e irônico, exaltando a conquista da famosa capital de Seom, a cidade de Hesbom (**#Nm 26-27,29-30**) e lembrando que outrora tinha conquistado parte a Moabe.

>Nm-21.33

i) Vitória sobre Ogue, rei de Basã (Nm 21.33-35).

A norte do rio Jaboque encontrava-se uma região bem populosa de cidades fortificadas e rica em pastagens (#Dt 3.5). Tinha fama os touros de Basã, segundo vários textos do Velho Testamento. Ora, o rei deste território, de nome Ogue, resolveu fazer guerra a Israel. Mas em vão. Batido em toda a extensão, os israelitas passaram a dominar quase toda a região da Palestina a oriente do Jordão e a norte do rio Arnom.

Nm-22.1

j) Chegada às planícies de Moabe (Nm 22.1).

Terminava a travessia do deserto. Acampados nas planícies em frente de Jericó, os israelitas preparavam-se para atravessar o rio e conquistar Canaã. Antes, porém, vejamos um novo estratagema inventado pelos moabitas para tentar destruir os israelitas.

>Nm-22.2

III PARTE-O EPISÓDIO DE BALÃO-Nm 22.2-25.18

XIV. A INTIMAÇÃO. Nm 22.2-40

Nos capítulos anteriores vimos os israelitas atacados, mas sempre vitoriosos. Agora surge da parte dos inimigos uma nova tática como a precaver todo o crente das ciladas que o inimigo lhe pode também armar, muitas vezes através dum outro crente para esse fim industriado. Aqueles que um tempo pareciam seguir o Senhor e até d'Ele dar testemunho são frequentemente procurados por Satanás para agirem no mesmo sentido. Que responsabilidade cabe aos que se dizem filhos de Deus nunca deixar que a sua influência seja usada contra um testemunho fiel à verdade!

No presente caso, a tentativa falhou, evidentemente, pois foi manifesta a intervenção sobrenatural do Senhor. Vacilou a princípio Balaão, e estava pronto para entregar-se, mas Deus estava com ele para o guardar e assim provar que nada impediria os Filhos de Israel de entrarem na Terra Prometida.

a) Balaque manda mensageiros a Balaão (Nm 22.2-7).

Conhecedor das derrotas infligidas pelos israelitas a quantos os atacaram, procurou o rei de Moabe um processo indireto de os destruir. Começou por chamar os **anciãos dos midianitas** (4); sendo Moabe e Midiã aliados nessa altura Moabe era possuidor do território a sul dos acampamentos dos israelitas sendo uma nação estável.

Sendo os midianitas um povo nômade, talvez o próprio Balaque fosse também midianita, embora nessa altura rei dos moabitas.

Não se conhecem alusões anteriores à figura de Balaão, a quem a Bíblia daqui em diante apresenta como prestando culto ao Senhor, apesar de não pertencer à família de Israel. Contudo, no dizer de Pedro a Cornélio (**#At 10.35**), Deus não distingue os homens pelo país a que pertencem, ouvindo todo aquele que O teme e obra o que é justo. Deve notar-se ainda que, se por vezes Balaão se refere a Deus servindo-se deste mesmo vocábulo "Deus", que podia aplicar-se a qualquer divindade, não raro recorre ao nome especial e característico do Deus da Aliança de Israel, conhecido simplesmente por "Senhor".

Muito se tem discutido a propósito da aplicação a Balaão da designação de verdadeiro "profeta". Diga-se, antes de mais, que tudo depende do sentido que atribuímos a este termo. Assim, na Bíblia não indica uma ocupação ou missão permanente, mas apenas um indivíduo através do que é concedida uma mensagem. Deus pode, na realidade, servir-se dum profeta apenas temporariamente, substituindo-o mais tarde por outro, de tal sorte que nem todas as suas palavras são inspiradas. Quando Davi disse ao profeta Natã ser do seu agrado construir um templo em honra do Senhor, respondeu-lhe este: "Vai, e faze tudo quanto está no teu coração, porque o Senhor é contigo" (**#2Sm 7.1-3**). No dia seguinte, todavia, numa nova mensagem declarou que só ao descendente de Davi caberia essa honra da construção do Templo (**#2Sm 7.4-16**). Sendo Natã normalmente instrumento do Senhor nas Suas mensagens ao povo, desta vez, que se serviu apenas das suas faculdades intelectuais para dizer a Davi que o Senhor abençoaria os seus planos relativos à construção do templo, falhou completamente, pelo que Deus o obrigou a corrigir a afirmação. Como não se duvida que os caps. 23-24 contêm mensagens concedidas por revelação direta de Deus através de Balaão, é certo que era o próprio Deus que falava pela boca de Balaão, sendo, portanto, em toda a acepção da palavra, um verdadeiro profeta. Isto não significa, porém, que

fosse um homem perfeito. Cometeu vários pecados graves, tal como sucedeu com outros profetas.

Balaque conhecia perfeitamente a capacidade de Balaão. Disse-lhe saber que todo aquele a quem Balaão abençoasse seria abençoado, e amaldiçoado aquele a quem amaldiçoasse (6). Não se tratava de qualquer poder mágico segundo a Bíblia. Apenas Balaque supunha que Balaão fosse dotado desse poder. O próprio Balaão não se arrogava de tal, insistindo somente que poderia abençoar aqueles a quem o Senhor abençoasse e amaldiçoar aqueles a quem o Senhor amaldiçoasse.

>Nm-22.8

b) Primeira resposta de Balaão (Nm 22.8-14).

Mais prudente que Natã parece Balaão no episódio acima narrado, pois em presença das recompensas apresentadas pelos anciãos midianitas, disse-lhes que a resposta apenas seria dada depois de consultar o Senhor.

Quem são estes homens? (9). Isto não quer dizer que o Senhor não soubesse quem eles eram. É que Deus quer que, quando nos dirigimos a Ele, nos possamos manter em estreita comunhão com o Senhor Supremo, exprimindo claramente as nossas idéias. Por vezes resolve-se um problema só em face duma exposição clara.

>Nm-22.15

c) A segunda mensagem a Balaão (Nm 22.15-21).

Quando Balaque ouviu dizer que Balaão recusava aceder ao seu pedido, pensou não ter sido suficiente o primeiro presente enviado. Mas ainda o levou a pensar assim, quando por fim Balaão foi ao seu encontro, sem se lembrar, todavia, que as circunstâncias se tinham modificado completamente ao chegar a nova embaixada de mensageiros. À primeira embaixada foi-lhe respondido que antes de mais convinha consultar o Senhor. Agora já ele sabia qual era a vontade do mesmo Senhor. Em princípio, devia recusar o pedido por não haver nada de novo para modificar a primeira resposta. Mas, em vez de seguir a vontade de Deus, que já conhecia, Balaão declarou novamente que iria procurar saber qual a opinião do Senhor a tal respeito. Em si, era um ato de desconfiança; porque, uma vez conhecida a Sua vontade, não há necessidade

de proceder a novas consultas. O indispensável é obedecer sem perguntas e sem demoras. Mas o procedimento de Balaão foi devido à tentação dos ricos presentes, que desta vez o cativaram, oferecidos pelos homens. Como devemos ser cuidadosos em antepor a vontade do Senhor a tudo quanto seja a satisfação dos nossos interesses! Diz-se do Povo no deserto, que "Deus satisfez-lhes os desejos, mas fez definhar as suas almas" (#Sl 106.15). Em vez de repetir o que Balaão já conhecia de antemão, Deus aparentemente cedeu à vontade de Balaão: "Se aqueles homens te vierem chamar, levanta-te, vai com eles; todavia, farás o que eu te disser" (20). É esta a atitude de muitos cristãos que se deixam seduzir por falsas considerações! Fazem aquilo que sabem ser contrário à vontade de Deus, julgando continuar fiéis aos compromissos para com Ele tomados. Mas em geral falham essas intenções, porque Deus não se contenta com a obediência a meias. No nosso caso, Balaão levava a cabo a sua empresa, mas o poder sobrenatural de Deus teve mais força que as suas intenções, não se concretizando o que julgara ser de mais utilidade.

>Nm-22.22

d) Poderá uma jumenta falar? (Nm 22.22-35).

Já notamos que a segunda resposta do Senhor a Balaão não foi completa, por visar apenas à falta de confiança na palavra de Deus, quando a Sua divina vontade já era conhecida. Esta conclusão é confirmada pelo que narra o vers. 22: "E a ira de Deus acendeu-se, porque ele se ia: e o anjo do Senhor pôs-lhe no caminho por adversário".

Deus desejava impressionar Balaão que só devia transmitir as Suas divinas mensagens. Não devia, portanto, desobedecer naquele pormenor de ir, pois dava a entender que podia ir mais além e desobedecer na mensagem do Senhor. Muitos se tornam assim instrumento precioso nas mãos de Satanás, quando partem para um empreendimento com intenções boas. Desta vez, porém, fez-lhe sentir uma intervenção miraculosa de Deus a fortalecer o profeta vacilante, por ser indispensável, conforme aos Seus desígnios, para levar a bom termo o plano da entrada dos israelitas em Canaã. Convinha, pois, que não viesse prejudicar tal plano a fraqueza dum profeta.

Segue-se o episódio da jumenta, que, embora sem par na Bíblia, não pode supor-se como mero sonho, parábola ou visão. Se a Palavra de Deus o relata, não pode haver dúvidas para o crente de que na realidade sucedeu. A Bíblia não é um livro comparado ao das fábulas de Esopo ou de La Fontaine em que

os animais aparecem a falar, como se fossem seres humanos. Tais casos não são vulgares nas Escrituras, se excetuarmos o da serpente (#Gn 3) por cuja boca falou Satanás. Ora, se Satanás teve poder para fazer falar uma serpente, por que não daria Deus fala a uma jumenta, se assim o entendesse? Não se faz alusão ao processo de que Deus se serviu para tal efeito. O certo é que Balaão ouviu distintamente uma voz que partia do animal.

Este fato associado às palavras do anjo do Senhor devem ter impressionado profundamente o espírito de Balaão, de forma a impedi-lo de realizar o seu objetivo, não obstante as tentadoras promessas de Balaque. Assim, Deus intervinha diretamente num caso de importância extraordinária no plano da Redenção. Os cristãos dos nossos dias, de certo não esperam milagres deste gênero em casos de fraqueza ou descrença, como no de Balaão, devendo, no entanto, aprender a viver em constante conformidade com a vontade de Deus, revelada na Sua Palavra, sempre cômnicos da presença divina, sem necessidade de O ver com os olhos corporais.

>Nm-22.36

e) O encontro de Balaão com Balaque (Nm 22.36-40).

Ao deparar com Balaão, assim se exprimiu Balaque: "Não posso eu na verdade honrar-te?" (37). Falava como homem do mundo; não como homem de Deus. Mas a resposta foi-lhe dada num tom completamente diferente: "A palavra que Deus puser na minha boca, essa falarei" (38). Sem dúvida Balaque considerava esta resposta como uma réplica cheia de hipocrisia, pois não correspondia ao fato de Balaão ter comparecido. **Balaque matou bois e ovelhas: e delas enviou a Balaão e aos príncipes que estavam com ele** (40). O termo **zabah**, aqui traduzido por "matou", como em #Dt 12.15,21; 1Sm 28.24; #2Cr 18.2, nem sempre implica sacrifício. A simples idéia é de que Balaque ofereceu um grande banquete para celebrar a vinda de Balaão.

>Nm-22.41

XV. AS PROFECIAS. Nm 22.41-24.24.

Por quatro vezes Balaão anunciou a palavra de Deus numa mensagem especial, embora perdesse a oportunidade de conseguir os ricos presentes que Balaque lhe oferecia para amaldiçoar Israel. Depois de cada um dos dois primeiros casos, Balaque utilizou todos os estratagemas para conduzir Balaão

ao objetivo em vista. Sempre, no entanto, replicava Balaão que nada teria a acrescentar à opinião proferida pelo Senhor. Só após a terceira vez, Balaque mandou que Balaão desistisse, não atendendo nem à bênção nem à maldição de Israel. Balaão continuou as suas mensagens, não só abençoando Israel, mas referindo-se ao destino do povo de Balaque às mãos dos israelitas. Vejamos agora cada um dos discursos proferidos por Balaão.

Nm-23.1

a) Introdução ao primeiro discurso (Nm 22.41-23.6).

Esta introdução serve de modelo às duas seguintes. Balaque conduz Balaão a determinado local (#Nm 22.41; #Nm 23.13-14; #Nm 23.27-28). Levantam-se sete altares para a oferta de sacrifícios (#Nm 23.1-2,14,29-30). Balaão aconselha Balaque a permanecer junto do seu holocausto, enquanto ele se afasta um tanto (#Nm 23.3,15). Balaão recebe uma mensagem do Senhor e volta para Balaque (#Nm 23.5,16), que se encontra junto ao holocausto com os príncipes de Moabe (#Nm 23.6,17). A partida e o regresso não se repetem antes do terceiro discurso, como se explica em #Nm 24.1.

>Nm-23.7

b) O primeiro discurso (Nm 23.7-10).

Genéricos na sua afirmação, estes quatro versículos apenas se referem ao fato de Balaão não poder amaldiçoar uma nação que Deus não amaldiçoou, nação essa que ocuparia um lugar privilegiado entre as outras (9) com os seus inúmeros habitantes (10). Balaão sabe que a provocação de Balaque pode causar-lhe a morte, mas declara querer **morrer da morte dos justos** (10); compare-se com #Nm 31.8. **Yesharim** (justos), é um plural e refere-se aos israelitas. Cfr. 23.21-nota. No vers. 10 talvez **aharith** se pudesse traduzir por **último fim**, pois o termo é formado da preposição **ahar** "depois" significando "aquilo que vem depois" ou "aquilo que esta para além" quer dizer "o além".

>Nm-23.11

c) Introdução ao segundo discurso (Nm 23.11-17).

Depois de cada um dos três primeiros discursos, Balaque censura Balaão por agir contrariamente àquilo que ele pensava (#Nm 23.12,16; #Nm 24.12-13).

Após o segundo discurso, sugere até a mudança de local, na esperança de modificar os resultados (#Nm 23.13-14,27-28). É certo que Balaque atribui a Balaão um poder mágico invulgar, capaz de operar coisas maravilhosas (#Nm 22.6,17), por vezes capazes de modificar apenas com a mudança de localidade. Balaão nada responde, insistindo sempre na missão que lhe foi confiada de expor as mensagens divinas ao povo do Senhor (#Nm 22.18,38; #Nm 23.8,12,19-20,26; #Nm 24.3-4,12-13,16).

>Nm-23.18

d) O segundo discurso (Nm 23.18-24).

Balaão foi então conduzido ao alto do monte Pisga, onde talvez se operasse uma modificação na sua atitude. Impossível, todavia; porque sempre agirá em conformidade com a vontade de Deus (19). Israel vencerá os seus inimigos (24), por ter sempre Deus a seu lado (22-23).

Depois de observarmos o que se passou nos acampamentos de Israel (#Nm 11-21), não deixa de causar certa estranheza o que lemos no vers. 21: **Não viu iniquidade em Israel, nem contemplou maldade em Jacó.** Trata-se, na realidade, de Israel. Não em referência ao seu estado atual que é pecaminoso, mas, sim, em referência ao povo perante Deus, que justifica o pecador. Todo aquele que pertence à grande família de Deus e confia no sacrifício de Cristo, pode responder às arremetidas de Satanás aplicando a si próprio este texto! Sendo pecaminosa a nossa natureza, são lentos os progressos de santificação pessoal, pelo menos enquanto não virmos Cristo tal como Ele é (#1Jo 3.2). Mas Deus vê-nos justificados em Cristo, e em Cristo, portanto, já perfeitos.

>Nm-23.25

e) Introdução ao terceiro discurso (Nm 23.25-24.2).

Já se frisaram as principais diferenças entre esta e as outras introduções.

Nm-24.3

f) O terceiro discurso (Nm 24.3-9).

Maior ênfase se atribui agora às boas qualidades de Jacó (5) e às suas futuras vitórias (8). **Agague** (7) era provavelmente um nome comum aos reis dos amalequistas, como Faraó aos dos egípcios.

>Nm-24.10

g) Introdução ao quarto discurso (Nm 24.10-14).

Acabou por se esgotar a paciência de Balaque, dizendo que o Senhor privara Balaão das honras que lhe estavam destinadas, pelo que era melhor afastar-se da sua presença (11). Balaão diz que volta para junto do seu povo, mas não sem o prevenir do que irá suceder ao povo de Balaque (14). **Avisar-te-ei** (14), melhor "aconselhar-te-ei", como é vulgar traduzir-se o termo hebraico **ya'as**. Quanto à expressão "nos últimos dias" não é necessário entender-se como referência aos "tempos messiânicos" ou ao fim do século, mas é usada por Moisés para descrever acontecimentos que sucederiam após a sua morte (**#Dt 31.29**). O melhor significado será, pois, o de "dentro de algum tempo" ou "mais tarde", embora no caso presente seja difícil, apenas pelo texto, definir com precisão a altura dos acontecimentos. A mesma frase aparece em **#Gn 49.1**, traduzida por "nos derradeiros dias", ao falar-se da bênção de Jacó sobre os filhos, que só veio a verificar-se, totalmente, após a conquista de Canaã seja como for, muito antes dos chamados "tempos messiânicos".

>Nm-24.15

h) O quarto discurso (Nm 24.15-24).

Vai-se especificando cada vez mais a profecia relativa às futuras vitórias de Israel, cuja certeza se apoia no fato de Balaão se considerar um recipiente da revelação divina (**#Nm 15.16**; cfr. **#Nm 24.3-4**). Balaão prevê que virá alguém, mas não imediatamente, que será um rei, representado pela **estrela** e pelo **etro**, para destruir os moabitas (17). Edom também será conquistado (18). O vers. 19 repete a afirmação de que um rei surgirá da tribo de Jacó para eliminar da face da terra o que porventura vier a ficar da cidade de Balaque. Os três versículos (17-19) formam um todo, de tal modo que não é difícil adivinhar que se referem a um rei, a um grande conquistador que havia de surgir mais tarde-Davi, a cumprir as profecias de Balaão, sobretudo no que se referia à conquista de Moabe e Edom (**#2Sm 8.2,14**). Há quem atribua o vers. 17 a Cristo. É verdade que Ele é a Estrela e o Eetro e surgiu de Israel. Embora realmente em Cristo se verificasse a plenitude da realeza, só em sentido

genérico poderíamos aplicar o texto a Cristo; porquanto foi Ele, por excelência, o grande e o último dos Reis do Povo de Deus. De certo modo a Cristo se podem aplicar todos os textos que se referem a qualquer dos reis de Israel, visto que Ele é o último e o ideal dessa linha.

>Nm-24.20

O vers. 20 alude à primeira nação que fez guerra aos israelitas, isto é, Amaleque, mas que mais tarde seria destruída completamente (cfr. #Êx 17.8). Note-se, todavia, que os amalequitas só no reinado de Saul foram quase totalmente aniquilados (#1Sm 15.1-9), se bem que Davi exterminasse os sobreviventes, de forma a nunca mais se poderem recuperar (#1Sm 30). Mesmo assim, uns tantos escaparam e refugiaram-se no Monte Seir, em Edom, até que no tempo de Ezequias 500 soldados da tribo de Simeão puseram fim à sua existência (#1Cr 4.41-43). Como se vê, mais um caso a demonstrar que a expressão acima discutida não se referia aos "tempos messiânicos".

>Nm-24.21

Os vers. 21-22 predizem a sobrevivência dos quenitas (#Nm 10.29-32; #Jz 4.11; #1Sm 15.6; #1Sm 27.10; #1Sm 30.29) até ao tempo do cativo da Assíria (721 A.C.). Nesta altura anteviu Balaão os horrores dessa catástrofe, para exclamar assim: **Ai, quem viverá, quando Deus fizer isto!** (23). A sua penetração nos tempos futuros foi ainda muito mais longe, para além do Império Assírio e mesmo doutros impérios orientais que lhe sucederam, que haviam de sucumbir às mãos de novas civilizações vindas do Ocidente. **Quitim** (24) refere-se especialmente a Chipre, mas simboliza todos os países ocidentais. O versículo antevê a vinda dos exércitos de Alexandre Magno, que dominaram os impérios do Oriente, abrindo assim caminho ao domínio da civilização helenística. Muito mais tarde, quando se escreveu o livro apócrifo de 1Macabeus, o primeiro versículo alude a Alexandre, como partindo com suas tropas de Quitim. E por aqui ficam as profecias de Balaão que se vê tão seculares e políticas, prevendo as vitórias de Israel sobre os seus inimigos, até ao cativo da Assíria, incluindo a previsão do findar dos grandes impérios orientais cerca do ano 300 A.C. Para além disto não previu a visão de Balaão.

>Nm-24.25

XVI. AS CONSEQÜÊNCIAS Nm 24.25-25.18.

a) A luxúria dos Israelitas (Nm 24.25-25.5).

Se não fossem as citações que encontramos em #Nm 31.16 e #Ap 2.14, dificilmente compreenderíamos a íntima conexão entre o cap. 25 e os três precedentes. Balaão **voltou ao seu lugar** (#Nm 24.25), não quer dizer que fosse à sua casa na distante Mesopotâmia, pois se afirma em #Nm 31.8 que ele morreu com os reis de Midiã. O **seu lugar** vem a ser, portanto, a sua tenda entre os midianitas. Em #Nm 31.16 vemos que a calamidade a que se refere o cap. 25 foi devida aos maus conselhos de Balaão. Antes, as suas palavras corresponderam sempre à vontade de Deus, desempenhando, por isso, o papel dum autêntico profeta, embora a justiça andasse por vezes longe do seu coração. Embora determinando não profetizar algo de que Deus não tinha mandado, procurou outros meios de ganhar os ricos presentes oferecidos por Balaque. Não pensando que a grande verdade da salvação apenas se pode conseguir pela graça de Deus (#Ef 2.8), julgava ele que os moabitas e os midianitas podiam atingir a sua finalidade seduzindo os israelitas para a imoralidade e idolatria e assim fazendo com que Deus os exterminasse da face da Terra. Até certo ponto foi lógico o raciocínio, pois Deus castigou realmente com severidade os filhos de Israel que caíram neste pecado. Mas os planos de Deus não são dependentes da justiça do homem. Daí a divina intervenção no progresso da sedução, aliás como o próprio Balaão previra.

Nm-25.3

Baal-Peor (3,5) era uma divindade a quem se prestava culto no meio de cerimônias imorais, especialmente no Monte Peor. Não admira, pois, que a ira do Senhor se acendesse contra a prevaricação do Seu Povo.

>Nm-25.4

Os vers. 4-5 contêm as determinações e as providências tomadas por Moisés a fim de remediar tão grande mal. Talvez nos pareça um processo demasiado bárbaro o que o "manso" patriarca utilizou então. Mas vejamos que ainda hoje há países em que se enforcam os grandes criminosos e sobretudo os homicidas e que, se não fosse travado, aquele crime iria levar à miséria e à morte, grande número de israelitas. Se a um médico é permitido amputar um braço para salvar a vida do doente, quanto mais será lícito eliminar um mal duns membros da comunidade, para que toda esta se salve. Mas há ainda outras razões que nos levam a não poder comparar rigorosamente as circunstâncias

em que se deram aqueles acontecimentos e as dos nossos dias. Primeiramente, a destruição daqueles malfeitores foi diretamente ordenada por Deus. Os nossos governos, constituídos por homens falíveis e pecaminosos, estão sujeitos a errar e, mesmo assim, cada um de nós goza da liberdade de pensamento, pois só Deus é o senhor das consciências. Em segundo lugar, assim convinha aos desígnios de Deus para introduzir o povo na Terra da Promissão, futuro centro de irradiação da Sua divina Palavra. Hoje, as circunstâncias, embora idênticas, não seriam completamente as mesmas. Em terceiro lugar, enquanto Deus quer que cada um de nós seja severo em relação à conduta própria (#Hb 12.4), deseja, por outro lado, que sejamos caridosos para com o nosso semelhante, procurando auxiliá-lo e não apenas condená-lo (cfr. #Jo 8.7; #1Co 6.9-11; #Gl 6.1).

>Nm-25.6

b) O zelo de Finéias (Nm 25.6-15).

Quando alguém em posição de destaque tem a infelicidade de abonar um crime, é pernicioso a influência que tal atitude pode vir a ter na sociedade. A não se admitir uma intervenção, é o país inteiro que poderá sofrer as conseqüências. Por esse motivo elogiou o Senhor quem tomou ação decisiva nessa emergência. Muitos, porém, zelosos em casos vulgares, talvez ficassem contentes em não ver quando um dos chamados "grandes" está envolvido (14). Mais longe ainda iria tal influência se não o detivessem, tanto mais que não agia em segredo, mas na presença de todos. Finéias cumpria, no entanto, uma missão abençoada por Deus, que visava à salvação do povo. Não era a inveja ou a vingança o móvel de tamanho zelo. Como recompensa, deu o Senhor a Finéias o "seu concerto de paz, e ele e a sua semente depois dele, teria o concerto do sacerdócio perpétuo" (12-13). Se excetuarmos um breve intervalo no tempo dos Juízes, Finéias e os seus descendentes desempenharam sempre as funções de sumos-sacerdotes através de toda a história hebraica. O vocábulo *Shalom* tem um sentido mais amplo que a nossa palavra "paz", pois envolve uma condição total de prosperidade e de bem-estar. Cfr. #Êx 18.7; #1Cr 18.10 etc.

>Nm-25.16

c) A ordem para exterminar os midianitas (Nm 25.16-18).

Neste caso, a finalidade da campanha israelita não era repelir um ataque armado, como nalguns casos anteriores, mas afastar da nação um perigo muito mais pernicioso do que uma agressão militar. Certamente não se efetuou logo a operação, pois não vem descrita senão a partir do cap. 31.

Nm-26.1

IV PARTE-A PREPARAÇÃO PARA A ENTRADA EM CANAÃ- Nm 26.1-36.13

XVII. PREPARAÇÃO PARA A CONQUISTA E PARTILHAS DA TERRA Nm 26.1-27.23

Em comparação com os acontecimentos tumultuosos até agora descritos, dir-se-ia que os restantes onze capítulos do livro de Números são desprovidos de interesse. Com efeito, nem todos se lêem com a mesma emoção, por serem um tanto monótonas as descrições relacionadas com as disposições e os preparativos para a entrada na Terra Prometida.

a) Novo recenseamento (Nm 26.1-65).

Em virtude dos acontecimentos ocorridos durante a travessia do deserto, alterou o número dos componentes de cada uma das tribos, sobretudo porque fora exterminada uma geração inteira (51; cfr. #Nm 1.46). Sendo já grande a mortalidade no deserto, não admira que mais vítimas sucumbissem em flagelos vários e revoltas freqüentes. Agora que tudo passara, convinha saber o número exato dos sobreviventes. Por isso, a ordem do Senhor para se proceder ao recenseamento se verificou apenas **depois daquela praga** (1-5), e com uma dupla finalidade: primeiramente, para se saber do número exato de homens capazes de pegar em armas; e, em segundo lugar, para se estabelecer uma base no caso de partilhas da Terra Prometida, depois de conquistada (52-56). É essa uma das razões por que se apresentam agora os nomes das divisões das tribos, o que não sucedera no primeiro recenseamento (#Nm 1), salientando-se em cada tribo as personagens que mais se distinguiram nos diferentes episódios através do deserto.

>Nm-26.5

Após as tribos, citam-se as divisões e por fim o total de cada tribo (5-51). Como conclusão, fornecem-se várias diretrizes acerca da divisão da Terra Prometida (52-56). A tribo de Levi merece uma referência especial (57-62), começando por enumerar as famílias (57-58), nomeadamente a de Arão (59-61) e terminando com o número total dos levitas (62), contados a partir de um mês de idade e não dos vinte anos, como noutros casos (2). Termina o capítulo com a alusão aos dois únicos sobreviventes de todos aqueles que no Sinai foram recenseados (63-65), atendendo-se mais aos homens recrutados para a guerra do que propriamente aos sacerdotes.

Nm-27.1

b) O problema da herança da Terra (Nm 27.1-11).

Foram as filhas de Zelofeade a levantar a questão a que já se fizera referência, quando se tratou do recenseamento (#Nm 26.33). A resposta do Senhor ao problema (6-11) dá a entender ser retalhada e transmitida de família em família pelas linhas de herança. (Cfr. #Nm 36.1-13).

>Nm-27.12

c) Novo guia do Povo Eleito (Nm 27.12-23).

Ordenou o Senhor a Moisés que subisse a um monte de onde pudesse contemplar a Terra Prometida (12), acrescentando que tal como Arão, não lhe seria dado possuí-la (#Nm 20.23-29), pelo fato de pecarem ambos em Cades (13-14; cfr. #Nm 20.7-13). Abarim era uma região montanhosa, só mais tarde especificada (#Dt 32.49). Sensata a resposta de Moisés (15-17). Acima de tudo o bem-estar da comunidade que, a partir de então, necessita de novo chefe. Nada para si. Tudo para os outros. O momento é grave, sempre que se trata de substituir um chefe. Por quê? Será que desaparecendo o homem, com ele se perde a obra que realizou? Moisés sabia a gravidade do caso e por isso recorreu ao Senhor que lhe ordenou impusesse as mãos sobre Josué, filho de Num (18), a fim de o investir na chefia do povo do Senhor. Homem em quem há o espírito (18). Sendo o braço direito de Moisés (#Êx 17.9-14; #Êx 24.13; #Êx 32.17; #Êx 33.11; #Nm 11.28) e um dos fiéis exploradores da Terra Prometida (#Nm 13.16; #Nm 14.6,30,38), que satisfação não devia ter sentido o patriarca ao sabê-lo designado por Deus para lhe suceder no cargo! Recorde-se que Moisés não procurou para seus filhos esta tão alta dignidade, mas entregou o caso apenas ao Senhor. Poucos homens com qualidades de chefia

têm a humildade suficiente para ocupar um segundo lugar, como sucedeu com Josué durante tantos anos! Poucos como Moisés saberiam conduzir-se no comando tendo de colaborar com subordinados dotados de tantas qualidades! Ainda em vida, assistiu Moisés à nomeação do seu sucessor (20-23) para assim ter a certeza que, após a morte, continuariam a seguir-se os planos do Senhor e não haver aqueles desentendimentos e incertezas na mudança do chefe.

O vers. 12 não afirma explicitamente em que altura se verificou a ordem divina, nem quanto tempo levou a ser executada. Talvez umas semanas, pois Moisés ainda levou a cabo as empresas narradas nos últimos capítulos do livro de Números e teve ainda tempo para as despedidas solenes descritas em Deuteronômio. No final, Deus repete as Suas ordens e pronuncia-Se de novo sobre o pecado de Moisés (#Dt 32.48-52). É frequente na Bíblia encontrarmos casos em que as ordens não são executadas senão num prazo relativamente longo (compare-se #1Rs 19.15-16 com #2Rs 8.13; #2Rs 9.5-6). Afirmam alguns críticos que #Dt 32.48-52 e #Nm 27.12-14 são variantes da mesma narrativa. Mas que inconveniente poderá haver na repetição da mesma ordem, embora da segunda vez mais ampliada, por ser a altura própria para cumprir? A narração que aqui se inicia e só vai terminar no fim do Deuteronômio forma um todo harmonioso e conexo, que dificilmente poderá ser interrompido por alusões estranhas ou variantes desnecessárias.

Nm-28.1

XVIII. REGULAMENTOS DOS SACRIFÍCIOS E DOS VOTOS **Nm 28.1-30.16**

a) Ofertas com intervalos regulares (Nm 28.1-29.40).

Como estivesse perto do fim a vida nômade do deserto e quase à vista a Terra de Canaã, insiste-se na necessidade de sacrifícios com intervalos regulares, sempre com a intenção de frisar a continuidade da presença de Deus entre o Seu Povo e não esquecer a oportunidade da purificação do pecado. A legislação abrange, primeiramente, o sacrifício diário (3-8), depois o semanal (9-10), em seguida o mensal (11-15) e por fim outras festividades (#Nm 28.16-29.40). Para cada um dos casos, enumeram-se as respectivas ofertas.

Nm-30.1

b) Leis acerca dos votos das mulheres (Nm 30.1-16).

Ocupa-se o presente capítulo dum aspecto importante da vida familiar. Como a Bíblia nunca considera a mulher como uma "coisa", mas freqüentemente alude à sua personalidade, que deve ser respeitada, não admira que uma mulher adulta, vivendo sozinha, seja responsável apenas perante Deus (9). Tratando-se de mulher que faça parte duma família, tem de sujeitar-se ao chefe da mesma, sob certas limitações.

O capítulo começa por acentuar que, sendo um homem a fazer um voto, de tal modo a ele fica ligado, que não é fácil revogá-lo. Tanto a donzela, que vive em casa dos pais, como a mulher casada, podem fazer votos, ficando obrigadas ao seu cumprimento, a não ser que o pai ou o marido pretendam anulá-los. Isto só lhes é permitido no primeiro dia em que o saibam, não mais tarde. Se vierem a interferir em data posterior, serão réus perante o Senhor, como se se tratasse de votos próprios (15).

Nm-31.1

XIX. VINGANÇA SOBRE OS MIDIANITAS Nm 31.1-54.

Este capítulo lembra o estratagema utilizado pelos midianitas para seduzir os israelitas, mas não esquece a destruição dos cananeus. A corrupção e a maldade dos midianitas constituía uma fonte de infecção, que se destinava a arruinar a família de Israel, se se deixasse continuar. Deus podia ter destruído os midianitas por meio da peste e de outras calamidades, mas Ele escolheu, como foi na realidade, destruí-los, através dos próprios israelitas, que assim serviram de instrumento do Senhor. Note-se de novo que é o Senhor quem no fundo dirige as operações (2) e sirva-nos de aviso para nem sempre pensarmos que todas as nossas ações são abençoadas por Deus. Embora vossa haver situações análogas a esta, não podemos julgar que agora qualquer grupo ou povo seja indispensável para a realização dos planos divinos, tal como os israelitas no tempo de Moisés. É fácil, muito fácil, deixarmo-nos influenciar por motivos egoístas e interesseiros, servindo-nos da capa da glória de Deus, quando realmente, não há razões para tal. Um deslize, um leve equívoco, são mais que suficientes para conduzir um indivíduo, ou mesmo uma nação inteira, ao banco dos réus. Por isso, embora se justifique (era de fato requerido) a ação dos israelitas para exterminar os midianitas, devemos hoje ser extremamente cautelosos em procurarmos daqui uma garantia para um procedimento semelhante.

Os vers. 1-12 descrevem o ataque. É certo que o número dos midianitas devia ser muito reduzido, pois apenas destacou Moisés 12.000 homens para lhes dar combate (4-5). Após a lista dos reis mortos, faz-se alusão a Balaão (8; cfr. #Js 13.21-22), cujo desejo de "morrer a morte dos justos" não se realizou (#Nm 23.10). Depois de ter servido de intérprete do Senhor, é possível que se mantivesse ali nas redondezas na esperança de conseguir os presentes que Balaque lhe oferecera. A praga descrita no cap. 25, sobreveio como resultado dum seu mau conselho (16), mas a morte sobreveio-lhe como castigo das suas maldade. Quando regressaram os soldados, indignou-se Moisés por terem sido poupadas as mulheres midianitas (13-16), o que o levou a promulgar severas instruções (17-18). É que as mulheres tinham sido a causa da desgraça de Israel, servindo de instrumento de destruição do Povo Eleito. Seria, pois, uma injustiça punir os homens e poupar as mulheres. Tais medidas de segurança só tiveram razão de ser nesta altura, pelo fato de ser através dessas mulheres que o povo do Senhor foi tão prejudicado. Cfr. #Dt 21.10-14.

>Nm-31.19

Os soldados tiveram de ficar sete dias fora do arraial. Embora a mortandade fosse ordenada pelo Senhor, deviam purificar-se os que nela participaram, para se fazer certa distinção entre a supressão da vida humana e qualquer outra atividade normal (19-24; cfr. #Nm 5.1-4 notas). Convinha, ainda, proceder a uma purificação do despojo, não só por uma questão ritual, mas ainda por motivos sanitários. Tudo o que não fosse inflamável seria purificado pelo fogo, e tudo lavado com água (22-24).

>Nm-31.25

Os vers. 25-54 descrevem a divisão dos despojos. Muito curiosos são os pormenores das partilhas (27-47). Após a distribuição, felizes por não terem sofrido baixas, os soldados que participaram do combate vieram até Moisés com uma lembrança, além da parte dos despojos que lhes tinham sido atribuídas como pertencendo ao Senhor (48-54).

Nm-32.1

XX. AS PARTILHAS DA TRANSJORDÂNIA. Nm 32.1-42.

As tribos de Rúben e de Gade, ao repararem que a terra conquistada possuía condições excepcionais para alimentar os seus rebanhos, começaram a cobiçá-la. Embora o Senhor os tirasse do Egito e lhes promettesse parte da Terra da Promissão, não esperaram que fosse agora também o mesmo Senhor a escolher mas apressaram-se a pedir a região que mais lhes convinha (1-5). Mal sabiam as dificuldades que tal pedido havia de originar mais tarde entre os seus descendentes! A terra era uma das mais férteis de toda a Palestina, mas como não dispunha de fronteiras naturais, muitas vezes as outras tribos, das quais ficaram um pouco isoladas, teriam de as socorrer, para impedir a invasão do exterior (cfr. #1Sm 11; #1Rs 22.3).

>Nm-32.6

Não agradou muito a Moisés a atitude de Rúben e Gade, porque a conquista de Canã não era empresa fácil. Se estas tribos ficassem para trás, poderiam arriscar as operações da invasão (6-7) e colocar Israel numa situação semelhante à que se seguiu após o regresso dos espias em Cades-Barnéia (8-13). Em todos os grandes empreendimentos, levados a cabo por vários colaboradores, há sempre o perigo de abandonarem os outros aqueles que em primeiro lugar atingem o seu objetivo. Moisés, porém, foi cauteloso e procurou evitar discórdias. Como? Fazendo-lhes ver que, a deixarem de seguir o Senhor, Este também os abandonaria e tudo daria em ruína do Povo de Israel (14-15). Eles então replicaram que não deixariam de seguir as restantes tribos, colaborando com elas na conquista da Terra Prometida, mas que as famílias ficariam em cidades fortificadas na Transjordânia (16-19). Moisés concordou (20-24), mas exigiu que fosse cumprida a promessa. Mais tarde insistiu para que fosse solenemente repetida duas vezes (#Nm 25-27; 31-32) e estabeleceu mesmo penalidades, caso não fosse a mesma cumprida (23,30). Como são frágeis as promessas humanas, para Moisés insistir! Por quê? Porque Satanás não descansa, enquanto não vir esquecido aquilo que se prometeu. Mesmo tratando-se do Povo de Deus, é necessário acertar os contratos importantes fazendo-os clara e explicitamente.

>Nm-32.33

O certo é que Moisés acedeu ao pedido dos filhos de Rúben e Gade (22,28-29,33), e concedeu-lhes a terra de Gileade, descrita nos vers. 39-42. A partir de agora, no entanto, alude-se também à meia tribo de Manassés (33), sem se saber se entraram na petição ou não. Pelo menos Gade e Rúben receberam parte do território já conquistado (34-38), enquanto os membros da tribo de

Manassés se lançarem em novas conquistas (39,41). Após a conquista definitiva de Canaã, Josué agradeceu aos rubenitas, aos gaditas e à metade da tribo de Manassés, por terem sido fiéis à palavra dada a Moisés; abençoou-os e mandou-os em paz para as suas casas (#Js 22.1-6), mas em breve, devido ao seu isolamento, se desentenderam e fizeram guerra ao resto de Israel (#Js 22.10-34).

Nm-33.1

XXI. RESUMO DAS ETAPAS DESDE A SAÍDA DO EGITO ATÉ AS PLANÍCIES DE MOABE Nm 33.1-49.

Esta enumeração resume as etapas descritas em #Êx 12-17 e em #Nm 10-21 e foi escrita por Moisés à ordem do Senhor (2). Sendo este patriarca educado e instruído no Egito, onde já há mais de 1.000 anos era conhecida a escrita, não admira que estivesse devidamente preparado para escrever os livros que lhe são atribuídos.

>Nm-33.50

XXII. PLANOS PARA A DIVISÃO DE CANAÃ. Nm 33.50-36.13.

a) Ordens gerais (Nm 33.50-56).

A divisão da terra devia ser proporcional ao número de componentes de cada tribo (54), destruindo-se todas as imagens dos ídolos (52) e confirmando-se sanções no caso do povo não completar a conquista da Terra da Promissão.

Nm-34.1

b) Limites da terra repartida (Nm 34.1-15).

Descrevem-se agora os limites do restante território a atribuir às outras tribos (1-13), uma vez que Rúben, Gade e metade de Manassés já tinham recebido a sua herança na Transjordânia (14-15).

>Nm-34.16

c) Funcionários que devem orientar as partilhas (Nm 34.16-29).

Antes mesmo da conquista de Canaã, já estavam nomeados os que haviam de presidir à Comissão encarregada de fazer as partilhas do território. Devia ter sido grande a fé desses israelitas, que assim confiavam nos destinos do seu povo, mesmo quando não eram nada favoráveis as informações trazidas pelos espias (#Nm 13.31-33). Além do sacerdote Eleazar e de Josué, sucessor de Moisés, foram nomeados mais dez israelitas, um de cada tribo, a que não tivesse ainda sido atribuído todo o seu território. É interessante notar que não só deixaram de ser incluídos os príncipes que vêm citados no cap. 1, uma vez que todos pereceram na travessia do deserto, como, também, nenhum dos seus filhos.

Nm-35.1

d) As cidades dos Levitas (Nm 35.1-8).

À tribo de Levi não é designada uma área especial; os seus membros porém foram distribuídos por quarenta e oito cidades, espalhadas pelo território das outras tribos. A execução desta ordem vem descrita em #Js 21

>Nm-35.9

e) As cidades de refúgio (Nm 35.9-34).

É esta a mais completa das descrições dos regulamentos relativos às cidades de refúgio, lugares não de proteção aos criminosos, mas de segurança para se evitarem vinganças sangrentas. Outras alusões a estas cidades vêm citadas no discurso de despedida de Moisés (#Dt 19.1-13), e ainda quando se alude à criação de outras três cidades a oriente do Jordão (#Js 20), já delineadas pelo próprio Moisés (#Dt 4.41-43).

Nm-36.1

f) As mulheres também serão herdeiras (Nm 36.1-13).

A morte de Zelofeade sem herdeiros varões levou as suas filhas a requererem um artigo especial, que lhes permitisse herdar (#Nm 27.1-11). Mas surgia um novo problema. Os homens duma tribo que acabavam de receber o seu território receavam que uma lei daquele gênero viesse um dia fazer com que o seu território perdesse a independência, pelo fato, apenas, de a mulher ser

casada com um homem doutra tribo. O Senhor respondeu que as mulheres poderiam então herdar, contanto que fossem casadas com homens da mesma tribo.

>Nm-36.13

Estes são es mandamentos (13). Forma este versículo uma conclusão aos últimos dez capítulos do Livro de Números, que tratam dos preparativos para a entrada em Canaã.

A. A. MAC RAE

DEUTERONÔMIO

INTRODUÇÃO

I. TÍTULO E CARACTERÍSTICAS DO LIVRO

Deriva este nome da tradução grega da Septuaginta **deuteronomion**, que significa "segunda lei" ou "lei repetida"; e o livro contém os discursos dirigidos por Moisés ao povo, antes de entrar na Terra Prometida. O título é justificado pelas palavras do cap. **#Dt 17.18**, e pela inclusão da "lei" nos caps. 5-26, relacionada com a vida religiosa, social e civil do povo.

Em contraste com os preceitos minuciosos narrados em Êxodo, Levítico e Números relativos ao tabernáculo, ao culto e a outros assuntos respeitantes à instrução dos sacerdotes e dos levitas, as palavras de Deuteronômio dirigem-se a todos os membros da congregação. Em termos da mais fácil compreensão anuncia-se a todo o bom israelita o que Deus pretende dele. Se uma ou outra vez se fala em sacerdotes e levitas, é do ponto de vista dos leigos que se fala, apontando-lhes as funções dos sacerdotes como ministros e os levitas como instrutores da Lei.

II. CONTEÚDO

Explicam-se minuciosamente o tempo e o lugar em que foram proferidos os discursos de Moisés (**#Dt 1.1-5**; **#Dt 3.29**; **#Dt 4.46**; **#Dt 29.1**), devendo ser cuidadosamente estudados, para bem se compreenderem e evitar dificuldades.

Foram dirigidos à multidão reunida no país montanhoso de Moabe, tendo ao fundo os verdejantes campos de pastagens e ao longe as planícies do Jordão. Embora à distância de onze dias de viagem de Horebe (**#Dt 1.2**), vaguearam os israelitas quarenta anos através do deserto (**#Dt 1.3**) e, pela luta, procuraram abrir caminho, a oriente do Jordão, pelo território agora ocupado pelas tribos de Rúben, Gade e pela metade da tribo de Manassés. Num dos períodos mais críticos da sua história, tiveram de enfrentar novos e terríveis inimigos e sujeitar-se a duras provas, agora sob a direção dum novo chefe. Nesta altura, avisado por Deus que a sua morte se aproximava, Moisés reuniu o povo para lhe lembrar as graças recebidas do Senhor, encorajá-lo na fé e na obediência, preveni-lo contra a idolatria dos falsos deuses, aconselhá-lo a fugir

do pecado e, finalmente, para, num lance comovente, lhes lançar a bênção de despedida. Antes, porém, repete o Decálogo que recebera "no meio do fogo" (#Dt 5.4) e expõe o seu significado (#Dt 5-11). Em seguida, recapitula as leis recebidas por diversas vezes, datadas algumas do tempo dos patriarcas, reveladas outras durante a estada em Horebe e outras, ainda, ditadas pelo Senhor de vez em quando, a adaptar as diferentes circunstâncias, mas agora com uma nova feição antes de entrar na Terra Prometida. O melhor resumo destas leis vamos encontrá-lo mais tarde em #Lc 10.27: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento e o teu próximo como a ti mesmo". Mas acrescentemos as palavras que o Divino Mestre dirigiu ao doutor da lei: "Faze isso, e viverás" (28).

O Novo Testamento contém para cima de oitenta citações e referências ao Deuteronomio, que deverão ser bem estudadas, se se pretende obter uma melhor compreensão do livro, bem como da mensagem que ele encerra.

III. O AUTOR DO LIVRO

Consta que Moisés "declarou" a lei (#Dt 1.5) e a escreveu num livro, que foi colocado ao lado da arca e entregue aos levitas para o guardarem (#Dt 31.9,26). As tradições judaica e samaritana são unânimes em atribuir a autoria do livro a Moisés, confirmada num passo de #Ne 8.1. Quanto aos textos que encontramos em Josué a apoiar a mesma idéia, são em número demasiado grande e andam tão ligados ao contexto geral que dificilmente os poderemos considerar como inserções posteriores. Por outro lado, a teoria dos documentos, avançada no início deste século, afirmou categoricamente que o Deuteronomio fora escrito por um profeta desconhecido, pouco antes do ano 621 A.C., data da reforma levada a cabo por Josias (2Rs 22-23). Acrescentou-se ainda que foi escrito com a finalidade de instaurar essa reforma e, em particular, de centralizar o Culto em Jerusalém, ao passo que até então o Culto de Jeová nos "lugares altos" (**bamoth**) era considerado perfeitamente legítimo.

A ausência absoluta de qualquer alusão a estes **bamoth**, na legislação dos caps. 12-26 ou no discurso inicial (#Dt 12.2), e a ordem para levantar um altar no monte Ebal (#Dt 27.5) tornaram-se obstáculos sérios à formação daquela teoria, e um grande número de comentadores liberais começaram a tender para uma data posterior ao exílio. Outros ainda levam a compilação do livro aos últimos dias de Ezequias e alguns ao reinado de Davi. Mas os argumentos aduzidos em favor de tão diferentes hipóteses contradizem-se e

anulam-se uns aos outros. Por isso, a tendência atual é de dar maior reconhecimento à origem mosaica do livro do Deuteronômio, pelo menos na quase totalidade das suas páginas.

De muito valor a confirmar esta posição é a própria evidência interna. O leitor sente-se, por assim dizer, a tomar parte ativa na travessia do ribeiro de Zerede (#Dt 2.13), na estada no deserto de Quedemote (#Dt 2.26), na estrada de Basã e, por fim, no vale, defronte de Bete-Peor (#Dt 3.29).

As reminiscências de Moisés interpõem-se com inesperada rapidez nos seus discursos (#Dt 9.22) e até mesmo na transmissão das leis (#Dt 24.9). Assim, deparamos imediatamente com os seus próprios pensamentos, emoções e orações.

Tal como vimos nos restantes livros, manifesta-se em múltiplos aspectos o caráter de Moisés: era ardente (#Êx 2.12-13) e exaltado (#Dt 9.21 e segs.), era benévolo e carinhoso (#Dt 10.12-22). Os efeitos da sua esmerada educação estão à vista, nas qualidades com que se evidenciou como chefe e como escritor (cfr. #At 7.22). Vejamos como com tanta perícia sabe combinar a doutrina com a descrição da paisagem; realçar os aspectos principais, sem desprezar o pormenor; servir-se dos dados da experiência, sem contudo deixar de falar ao coração; finalmente, apurar o estilo quer no verso, quer na prosa. Como dedicado servo do Senhor (#Dt 34.5), constantemente lhe vemos nos lábios o nome de Jeová. Enfim, todas as suas qualidades de espírito que revelou em Êxodo e em Números, aqui se encontram reproduzidas.

IV. DATA DA COMPOSIÇÃO

A ocupação da Palestina pelos israelitas sob o comando de Josué é agora um fato consumado. Escavações revelam a destruição e o incêndio de Jericó e de outras cidades desse tempo. Como datas prováveis, sugerem-se duas: 1400 (Garstang) e 1280 A.C. (Albright). Deve notar-se, todavia, que as referências históricas dizem todas respeito a acontecimentos anteriores à conquista. Deste modo, não admira que o autor não tivesse conhecimento da divisão do reino, nem da opressão por parte dos filisteus, nem ainda de outros acontecimentos narrados no livro de Juízes.

A legislação dos capítulos 13 e 20 era aplicável ao período da conquista e constituiria mesmo um anacronismo no tempo da monarquia. Frases características como estas "todo o Israel" e "a herança que o Senhor vosso

Deus vos dá" referem-se ao mesmo tempo. Os capítulos 33-34 foram evidentemente adicionados após a morte de Moisés, mas provavelmente não muito depois. E são estas algumas das razões que nos levam a concluir, que "o Livro da Lei" (#Dt 31.9) foi escrito por Moisés antes da travessia do Jordão e compilado mais tarde durante a geração seguinte, de maneira a ficar com a forma que hoje apresenta. Ver o artigo histórico, [A Literatura Histórica do Velho Testamento](#).

V. IDÉIAS BÁSICAS

O conteúdo e a mensagem de Deuteronômio podem facilmente agrupar-se em várias idéias básicas, expressas em frases ou palavras características repetidas para dar ênfase. Procurando as referências no comentário que segue, encontra-se a lista dos lugares onde se repete a frase ou palavra.

a) Cativo e redenção

Israel "não deve esquecer" (#Dt 4.9) que foi "servo na terra do Egito" (#Dt 5.15), muitas vezes chamado "casa da servidão" (#Dt 5.6) e que daqui o Senhor o "reuniu" (#Dt 7.8) "com mão forte e com braço estendido" (#Dt 4.34).

b) A maravilhosa herança

Deus "dá" ao Seu povo uma "boa terra" (#Dt 1.25), donde "mana leite e mel" (#Dt 6.3), como "jurara a seus pais" que a haviam de "possuir" (#Dt 1.8) como "herança" (#Dt 4.21).

c) O amor de Deus

Israel deve "amar" o Senhor, seu Deus (#Dt 5.10) "com todo o seu coração e com toda a sua alma" (#Dt 4.29), porque Ele o amara primeiramente na pessoa de seus antepassados (#Dt 4.37). Deve ainda temê-Lo (#Dt 4.10) e "chegar-se" a Ele (#Dt 10.20). Quanto aos "outros deuses" (#Dt 5.7), que não conheceram (#Dt 11.28), devem "desfazer mesmo os seus nomes" (#Dt 7.24).

d) O povo do Senhor

"Todo o Israel" (#Dt 1.1) vai "ouvir" as palavras do Senhor (#Dt 5.1), já que se considera um "povo santo" e "escolhido" (#Dt 7.6). Como todos os membros são "irmãos" (#Dt 1.16), há que cuidar dos menos afortunados, dos "órfãos, das viúvas, dos estrangeiros" (#Dt 10.18).

e) O altar do Senhor

Todos os presentes e sacrifícios serão levados ao "lugar" que Ele "escolher" para "ali fazer habitar o Seu nome" (#Dt 12.5,11) e aí todos "se poderão alegrar" diante dele (#Dt 12.7).

f) A purificação do pecado

Todos os "pecados" são condenados (#Dt 15.9), especialmente a idolatria que constitui uma "abominação" (#Dt 7.25). Quanto às penas a sofrer, não haverá piedade (#Dt 13.8), de sorte que o povo "ouça e tema" (#Dt 13.11) e acabe por "tirar o mal do meio dele" (#Dt 13.5).

g) Promessa de bênçãos

Não faltam promessas de "bênção" (#Dt 7.13), quando chegar a hora do "descanso" (#Dt 3.20). A quem cumprir os mandamentos do Senhor (#Dt 5.1), ser-lhe-ão aumentados os dias (#Dt 4.26) e tudo lhe correrá bem (#Dt 4.40). Mais ainda: "toda a obra das suas mãos" será abençoada (#Dt 2.7), comerá e fartar-se-á (#Dt 6.11) e tudo "será conforme o desejo da sua alma" (#Dt 12.15).

Dt-1.1

I. INTRODUÇÃO-Dt 1.1-5

As palavras que Moisés falou (1). O nome de Moisés aparece noventa e nove vezes no Novo Testamento, e cada referência vem trazer luz ao presente livro. É esta a primeira das várias vezes que se nota a indicação de que as palavras foram faladas (cfr. #Dt 4.45; #Dt 29.2; #Dt 31.30; #Dt 32.44). Depois serão escritas (#Dt 17.18; #Dt 31.9). O mesmo se verifica com os Dez Mandamentos (#Dt 5.22; #Dt 9.10). **Todo o Israel** (1). Frase característica do Deuterônomo. Chamado a conduzir um povo numa altura em que começava a formar uma nação, Moisés considera esta nação como um todo. Fala, por isso,

a "todo" o Israel, que deve escutá-lo com a máxima atenção (5.1 nota). A expressão "todo o Israel" ocorre nos seguintes passos: #Dt 11.6; #Dt 18.6; #Dt 21.21; #Dt 27.9; #Dt 31.11; #Dt 34.12. **Dalém do Jordão** (1). Deparamos com esta frase dezoito vezes em Deuteronômio e Josué para indicar uma margem do Jordão, ou a outra, ou talvez "a região do Jordão". Doze vezes refere-se à margem oriental e seis à ocidental. Nalguns casos acrescentam-se algumas palavras para as distinguirem. A forma indistinta com que a frase se emprega em #Nm 32.19; #Js 12.1,7 e #1Sm 14.4 prova que nem sempre é tomada em relação à posição em que se encontrava a escritor. **No deserto** (1). A palavra hebraica **midhbar** significa literalmente um lugar de pastagens em campo aberto, mas pode aplicar-se a qualquer região desabitada, quer seja fértil ou não. **Na planície** (1). É o termo usado para designar a depressão que vai desde o Mar Vermelho ao golfo de Acaba com toda a região que abrange. **Parã** (1). Cfr. #Nm 10.12. Deve ser uma zona compreendida entre o Jordão e o Monte Sinai. **Tefel** (1). Esta e as outras localidades que seguem correspondem pouco mais ou menos às de #Nm 33.18-20, situadas na estrada que vai de Horebe a Cades-Barnéia.

Horebe (2). Literalmente "desolação" (cfr. #Jr 44.2), nome apropriado à região que circunda o Monte Sinai, onde pela primeira vez Deus apareceu a Moisés (#Êx 3.1). **Cades-Barnéia** (2). Cfr. vers. 46. É difícil a identificação desta localidade. Cades significa "santo" e aplica-se a vários locais. Cades-Barnéia, no extremo sul da Judéia, marcou o termo da primeira etapa que Israel fizera a partir do Monte Sinai, ponto de partida e de regresso dos espiões (#Nm 12.16; #Nm 13.26). Ficava situada a cerca de 275 quilômetros ("onze dias de viagem") de Jebel Musa, o tradicional Monte Sinai.

Na terra de Moabe (5). Cfr. Introdução a Deuteronômio. **A declarar** (5). À letra: "a gravar", portanto a "tornar claro" ou "expor". Neste sentido de escrever apenas aparece a palavra em #Dt 27.8 e #Hc 2.2. **Esta lei** (5). A palavra **torah**, geralmente traduzida por "lei" deriva duma raiz **yara** que significa "ensinar" (cfr. #1Rs 8.36) e podia também verter-se por "instrução". Seja como for, tem o vocábulo hebraico muito maior extensão que a nossa palavra "lei", pois não só abrange "estatutos e mandamentos" (#Dt 4.1-2), como ainda dum medo geral toda a revelação divina. No presente caso refere-se aos discursos que se seguem e, no Deuteronômio em geral, a toda ou parte da doutrina ensinada por Moisés. Neste livro, encontra-se apenas no singular, a provar que se trata dum todo único e não duma simples coleção. Com o decorrer dos tempos foi a palavra generalizada para indicar o Pentateuco (#Ed 7.6; #Mt 12.5) ou mesmo todo o Velho Testamento (#Jo 10.34; #Jo 15.25).

Digno dum estudo especial é o **#Sl 119** em que o termo aparece nada menos que vinte e cinco vezes.

No Novo Testamento devemos distinguir os seguintes empregos da correspondente palavra grega **nomos**: o Velho Testamento (**#Jo 10.34**); O Pentateuco (**#Lc 24.44**); a história ou dispensação do Velho Testamento, como preparação para a vinda de Cristo (**#Mt 11.13**); a lei moral (**#Lc 10.26**); a lei administrativa e cerimonial das judeus ou "lei dos estatutos e cerimônias" (sem qualquer obrigação para os cristãos). Cfr. ainda 4.5 nota, 8 nota; 6.25 nota.

>Dt-1.6

II. PRIMEIRO DISCURSO DE MOISÉS. Dt 1.6-4.40.

a) Panorama retrospectivo (Dt 1.6-3.29).

1. A NOMEAÇÃO DOS CAPITÃES OU CHEFES (**#Dt 1.6-18**). O primeiro discurso de Moisés (**#Dt 1.6-4.40**) começa com uma revisão dos acontecimentos narrados em **#Nm 10-32**. Em virtude das lições que encerram, tais narrações constituem uma característica das Sagradas Escrituras (cfr. **#Sl 106**; **#At 7**). Isto só vem provar o interesse que Moisés tinha pelo seu povo.

>Dt-1.7

À montanha, e ao vale, e ao sul (7). A Palestina a ocidente do Jordão divide-se naturalmente no "vale" (Shephalah) que se estende para o mar, na "montanha" que desde a Hebrom corre para norte, elevando-se por vezes a mais de 600 metros acima do nível do mar, e finalmente na parte "sul" (**negeb**) que se alarga para a região de Gaza e para a banda do Egito. O Líbano e o grande rio (o Eufrates) formam os limites naturais ou ideais da Terra Santa, para além da qual ficam situados as grandes reinos do Oriente (cfr. **#Ap 16.12**). **Amorreus... Cananeus** (7). Desde longe que a Palestina era conhecida simplesmente por Canaã, e portanto os habitantes seriam cananeus (**#Gn 10.19**; **#Gn 12.6**). Os amorreus ou **amurru** aparecem já em monumentos que remontam ao terceira milênio A.C. Penetraram em Canaã pela norte e ocuparam a zona montanhosa nas margens da Jordão. O termo cananeu é por vezes usado para todos os habitantes da terra (**#Gn 12.6** nota) e não raro, como aqui, para os que vivem na planície, Cfr. 7.1 nota.

>Dt-1.8

Eu a dei (8). Cfr. 1.25 nota. Entrai e possui (8). Cfr. #Dt 1.21. O Senhor jurou a vossos pais (8). A promessa aos pais, confirmada por um juramento (#Gn 22.16) é de novo referida em #Dt 1.35; #Dt 4.31; #Dt 6.10,18,23; #Dt 7.8,12; #Dt 8.1,18; #Dt 9.5; #Dt 10.11; #Dt 11.9,21; #Dt 13.17; #Dt 19.8; #Dt 26.3,15; #Dt 28.11; #Dt 29.12; #Dt 30.20; #Dt 31.7,20-21,23; #Dt 34.4. Vejamos um comentário inspirado a este passo em #Hb 6.13-20. Moisés lembra constantemente ao seu povo que o amor de Deus não é devido a qualquer mérito pessoal (#Dt 7.7; #Dt 9.4), mas parte dum dom gratuito de Deus e da Sua antiga promessa. Os elementos dessa promessa, que são a semente, a terra e a bênção, encontram-se aqui de novo mencionados.

>Dt-1.9

Não poderei levar-vos (9). O Senhor tomou a Seu cargo o que excedia as possibilidades de Moisés (#Dt 32.11). Cabeças (13). A palavra aqui aplica-se a todo a chefe que tem uma posição de destaque. Quem primeiro aconselhou à nomeação destes chefes ou guias foi Jetro (#Êx 18.19), mas supõe-se com a aprovação de Deus. O certo é que daí em diante essa nomeação faz parte da legislação permanente (#Dt 16.18). Capitães (15). Em hebraico *shoterim*. No Egito estes "oficiais" (#Êx 5.6) eram uma espécie de escritores subalternos que vigiavam a conta dos tijolos. Daí a designação de capitães, não já para a escravidão, mas para a vitória e para a justiça (#Dt 16.18; #Dt 20.5,8-9; #Dt 29.10; #Dt 31.28). Cfr. 6.9 nota. Juízes (16). Cfr. 4.1 nota. Nomeação e obrigações vêm descritas mais amplamente em: #Dt 16.18; #Dt 17.9; #Dt 19.17-18; #Dt 21.2; #Dt 25.1. O estrangeiro (16). Cfr. 10.18 nota; #Êx 12.19 nota; #Lv 16.29 nota. Na organização política de Israel destacavam-se quatro classes: os descendentes dos patriarcas, incluindo os "anciãos" e "príncipes"; os "estrangeiros" (heb. *ger*), quando provenientes de outras nações passavam a residir entre o povo eleito; os "peregrinos" (heb. *toshab*), geralmente provenientes de povos conquistados; e, finalmente, os "servos", que podiam ser comprados ou nasceram na casa. Além destes, contavam-se ainda os "estrangeiros" (heb. *nokhri*, cfr. #Dt 17.15) que só temporariamente habitavam entre as israelitas para comércio ou outros negócios. Seja como for, o estrangeiro devia ser tratado como um irmão. O cuidado por todos aqueles cuja posição podia ter sido motivo de humilhação é uma das características mais acentuadas do Deuteronômio. Que contraste entre os códigos do Egito e da Babilônia. Cfr. 10.18-19 notas.

>Dt-1.19

2. MISSÃO DOS ESPIAS (#Dt 1.19-46). **Grande e tremendo deserto** (19). Cfr. 1.1 nota. Todos os viajantes concordam com esta descrição da vastidão de areia e rocha ao norte do Monte Sinai, onde as montanhas parecem queimadas com fogo e a terra coberta de pedra escura e penetrante. São raros os oásis com poços ou nascentes de água. Mas, após as chuvas, alguns dos vales cobrem-se de verdura, o que naturalmente deu para comer ao gado israelita. Várias vezes no Deuteronômio se faz referência a este "deserto". **Que vistas** (19). Moisés apela para a experiência pessoal dos israelitas. **Sobe, possui-a** (21). Cfr. 1.8 nota. É esta uma das frases características para indicar a entrada na Terra da Promissão. Os inimigos do povo de Deus não lhe resistirão (#Dt 7.2), mas é sempre conveniente encorajá-lo a "possuir" aquilo que lhe fora prometido. A palavra **yarash** significa entrar na posse duma terra ou duma propriedade, expulsando os seus primitivos ocupantes, quer por conquista, quer por herança. É um termo que aparece no Deuteronômio nada menos que cinquenta e duas vezes, por exemplo em #Dt 19.2,14 e #Dt 23.20. Traduz-se por "herdar" em #Dt 2.31 e #Dt 16.20, mas, embora o seu significado venha anexo ao de herança (cfr. 1.38 nota), é no entanto distinto dele. **Não temas, e não te assustes** (21). O temor do Senhor fez desaparecer o temor dos homens (#Dt 3.2,22; #Dt 20.3-4; #Dt 31.6,8; #Js 1.9). **Vós vos chegastes a mim** (22). Embora os novos dos seus ouvintes tivessem nascido depois dos espias terem sido enviados, Moisés identifica-os com os mais velhos que se encontravam presentes quando eram mais novos. **Escol** (24). Era um vale situado ao sul e famoso pela sua fertilidade (cfr. #Nm 13.23). **Boa é a terra que nos dá o Senhor nosso Deus** (25). Muitas vezes Moisés no seu discurso se refere ao fato de ser "boa" a terra (#Dt 3.25; #Dt 4.21-22; #Dt 6.11,18; #Dt 8.7,10; #Dt 9.6; #Dt 11.17); o ser um dom extraordinário de Deus é idéia freqüente em todo o livro e faz parte essencial da sua mensagem. Respeitar-se-ão, todavia, as antigas fronteiras (#Dt 19.14) e a santidade do lugar (#Dt 21.23), mas não serão esquecidas as promessas da vitória (#Dt 27.2-3), as bênçãos (#Dt 15.4), e mesmo avisos de vários gêneros (#Dt 28.52). A palavra hebraica **nathan**, traduzida aqui e em cerca de 60 textos por **dar**, treze vezes tem o significado de "entregar" (#Dt 1.27; #Dt 2.30,33,36; #Dt 3.2-3; #Dt 7.2,16,23-24; #Dt 19.12; #Dt 20.13; #Dt 21.10). **Fortificadas até aos céus** (28). Escavações recentes vieram demonstrar que na Palestina muitas eram as cidades anteriores ao período mosaico, fortificadas com altas muralhas, a que dava acesso uma única entrada construída em declive. **Filhos dos gigantes** (28). Cfr. 2.11,21 nota. Tanto as muralhas como os gigantes têm uma contraparte na vida cristã (#Ef 6.12). **Não vos espanteis** (29). O desânimo origina o pecado da descrença

(32) e, portanto, a indignação do Senhor (34). Moisés procura aproveitar o passado para dar lições para o futuro. **Como um homem leva seu filho** (31). Encantadora comparação, a que provavelmente Paulo se refere em **#At 13.18!** Cfr. **#Dt 32.11-12. O Senhor... indignou-se** (34). Tanto no Velho como no Novo Testamento (por exemplo **#Rm 1.18**) as alusões à "ira de Deus" não podem facilmente ser modificadas ou suprimidas, sem alteração evidente do texto. Tal como aqui se apresenta o castigo, foi um processo de que o Senhor Se serviu para mostrar a Sua repulsa pelo espírito de revolta que grassava entre o povo e cujas conseqüências iriam sofrer as gerações futuras.

>Dt-1.36

Calebe (36). O pensamento de Moisés dirige-se agora para dois dos seus contemporâneos que foram fiéis até ao fim-Calebe e Josué. A história de Calebe (**#Nm 13; #Nm 14; #Js 14; #Js 15.13-18; #Jz 1.12-15**) pode perfeitamente servir de exemplo a todos aqueles que querem consagrar-se totalmente ao Senhor. O fato de vir mencionado em primeiro lugar deve-se talvez à sua idade e à posição que ocupava, como o principal dos intérpretes. **O Senhor se indignou contra mim por causa de vós** (37). Cfr. 3.26 nota. Sendo imparciais os juízos de Deus, não admira que a rebelião de Moisés provocasse também a ira do Senhor. Não se define com exatidão a natureza do seu pecado (**#Nm 20.7-13; #Dt 32.51; #Sl 106.32-33**), mas, quer na transgressão, quer no castigo, identificou-se com a geração anterior. Os vers. 36-38 ligam-se perfeitamente, não pela unidade do tempo, mas pela identidade de pensamento. Depois de aludir à pessoa de Calebe que, pela sua perseverança (36), entraria na terra prometida, Moisés ressentia-se por ser excluído de tal privilégio (37), mas, por outro lado, consola-o a idéia de ter em Josué um digno sucessor e continuador (38). **Esforça-o** (38). Com que admirável abnegação Moisés se desempenhou dessa missão! (**#Dt 3.23-28; #Dt 31.3-23**). **Herdar** (38). A palavra hebraica *nahal* (cfr. 1.21 nota) aplica-se também à terra. O seu significado corrente encontra-se em **#Dt 12.12** e **#Dt 21.16**, mas a maior parte das vezes anda ligada à concessão de terra feita por Deus. Cfr. **#Dt 3.28; #Dt 4.21,38; #Dt 12.9-10; #Dt 15.4; #Dt 19.3,14; #Dt 20.16; #Dt 21.23; #Dt 24.4; #Dt 25.19; #Dt 26.1; #Dt 29.8; #Dt 31.7**. Cfr. ainda 4.20 nota. **E vossos meninos** (39). Moisés continua a pensar naqueles que terão o privilégio de entrar na Terra da Promissão.

>Dt-1.42

Não estou no meio de vós (42). Cfr. #Jo 15.5. Amorreus (44). Em #Nm 14.43 são chamados cananeus (cfr. 1.7 nota). Hormá (44). É uma palavra que significa "destruição", derivada do vocábulo hebraico *herem*. Cfr. 2.34 nota. Como foram várias as destruições, assim conhecemos mais de uma localidade com o nome de Hormá. Cfr. #Êx 17.7 nota. Muitos dias (46). Cfr. 2.1,14 nota. Difícil de saber-se o que sucedeu durante estes anos, passados parte em Cades, parte no deserto. Cfr. #Nm 20

Dt-4.1

b) Exortação à obediência (Dt 4.1-40).

1. A FINALIDADE E O VALOR DA LEI (#Dt 4.1-8). Ó Israel, ouve (1). Começa Moisés por chamar a atenção do povo, preparando-o para lhes expor a Lei de Jeová. Cfr. 5.1; 1.1 nota. A insistência para "ouvir" e obedecer a Palavra do Senhor é freqüente em todo o livro. Cfr. #Dt 4.30; #Dt 8.20; #Dt 9.23; #Dt 13.4,8; #Dt 15.5; #Dt 26.14,17; #Dt 27.10; #Dt 28.1-2,15,45,62; #Dt 30.2,8,10,20. Cfr. ainda 1.1 nota. Estatutos (1). A palavra *huqqim* deriva dum radical que significa "gravar", "esculpir", indicando, portanto, que se trata de regras de conduta permanente, dirigidas ou ao indivíduo ou à consciência da nação. Juízos (1). O termo *mishpat* exprime uma "decisão" determinada por um juiz (*shophet*), que profere os juízos ou sentenças (cfr. #Dt 1.16-17). São, na realidade, os juízes que superintendem em matéria de leis (#Êx 21.1-22.17). A palavra emprega-se quando se trata de atos decisivos de Deus, ao julgar os maus e vingar os inocentes. Por isso "estatutos e juízos" abrangem as leis e os preceitos. Cfr. #Dt 12.1-26.19. As duas palavras não raro aparecem juntamente e até com o vocábulo "mandamentos" em #Dt 4.5,8,14; #Dt 5.1,31; #Dt 6.1; #Dt 7.11; #Dt 8.11; #Dt 11.1; #Dt 12.1; #Dt 26.16-17. O termo "estatutos" sozinho aparece em #Dt 4.6; #Dt 6.24; #Dt 16.12; e com "mandamentos" em #Dt 6.17; #Dt 10.13; #Dt 28.15,45; #Dt 30.10. Para que vivais (1). Todas as palavras do Senhor são "pão de vida" (#Dt 8.3) que sustentam para a vida eterna. Cfr. #Mt 19.17; #Jo 6.63.

>Dt-4.2

Não acrescentareis (2). Cfr. #Dt 12.32. Esta ordem terminante vem frisar a diferença entre a Palavra de Deus e a palavra do homem. É difícil acreditar que o autor destas palavras as tivesse desobedecido. O próprio Cristo não deixou de insistir na mesma distinção (#Mt 5.17-19; #Mt 15.6), e quando se completaram os oráculos, novos avisos se fizeram ouvir. (#Ap 22.18-19).

Mandamentos (2). Esta palavra traduz fielmente o termo original hebraico **miswah**, que abrange todas as prescrições, temporárias ou permanentes, gerais ou particulares. Em **#Dt 4.13** e **#Dt 10.4** lemos, no entanto, o vocábulo **dabar** e não **miswah**, com o significado de "palavra" portanto podia-se traduzir "as dez palavras".

>Dt-4.3

Os vossos olhos têm visto (3). Muitas vezes apela Moisés para a experiência dos seus ouvintes, lembrando-lhes aquilo que viram (**#Dt 1.19**; **#Dt 3.21**; **#Dt 7.19**; **#Dt 11.7**; **#Dt 29.2-3**), ouviram (**#Dt 4.12**; **#Dt 5.23**) e conheceram (**#Dt 7.15**). Cfr. 4.10 nota. **Baal-Peor** (3). Era a divindade a quem se prestava culto em Bete-Peor (3.29 nota; **#Nm 25.3**). Como vimos, muitos outros deuses (baalins) eram cultuados com ritual ligado à mais ignóbil imoralidade. Cfr. **#Os 9.10**.

>Dt-4.5

Para que assim façais no meio da terra (5). Convém observar que a Lei, embora primariamente destinada a Israel, foi escrita também para o crente cristão. Para Israel, a Lei de Moisés era uma dádiva de Deus para guiar a conduta, orientar o povo, atraí-lo para Si e uni-lo numa nação. Todas as prescrições, quer cerimônias, que judiciais destinavam-se ao povo, como nação, até que com a vinda de Cristo, finalmente, se completasse a revelação. As leis, se bem que em princípio fossem transitórias, não obrigavam de igual modo judeus e cristãos (cfr. **#Mt 8.4**; **#Lc 11.42**; **#Gl 4.9**; **#Gl 5.1-6**; **#Hb 9.9-10**). Veja a Introdução a Levítico. **Esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento** (6). Novos incitamentos à obediência. **Tão chegados como o Senhor, nosso Deus** (7). Este era o maior de todos os privilégios. Cfr. **#Dt 30.14**. **Estatutos e juízos tão justos** (8). Cfr. 25.1 nota. **#Rm 7.12,14**. **Toda esta lei que hoje dou perante vós** (8). Estas palavras constituem, por assim dizer, um resumo da maior parte do Deuteronômio (1.5 nota).

Qual, então, a importância da Lei de Moisés para a leitor cristão? Primeiramente, essa Lei contém certos elementos transitórios, que não obrigam os cristãos. Cfr. 4.5 nota. Em segundo lugar, encerra princípios eternos de santidade, justiça e verdade, incluídos no Decálogo e implícitos em toda a lei, que se impõem a todas as gerações de judeus e cristãos. A estes se refere o Novo Testamento como mandamentos, com a frase "está escrito" (**#Mt 4.10**; **#Mt 5.17**; **#Rm 13.9**; **#1Pe 1.16**). Em terceiro lugar, como parte da

Bíblia inspirada, todo o livro foi escrito para nos instruir (#Rm 15.4) e é muito "proveitoso" (#2Tm 3.16). Finalmente, é sabido que Moisés escreveu acerca de Cristo (#Jo 5.46; #Dt 18.15 nota). Cristo, portanto, deve ser procurado nessas páginas, já que toda a lei tem o fim de nos conduzir a Ele (#Gl 3.24).

>Dt-4.9

2. A ALIANÇA DO SENHOR (#Dt 4.9-24). **Guarda-te... farás saber** (9). Moisés dirige-se a uma nação composta de elementos jovens, a quem cabe a responsabilidade de transmitir a revelação às gerações futuras; por isso a ênfase sobre o ensino (#Dt 4.9-10; #Dt 6.7; #Dt 11.19; #Dt 24.8; #Dt 31.19). Não foi esquecida a lição nas casas piedosas como podemos ler em #2Tm 3.14-15. **Que não te esqueças** (9). Insiste-se muitas vezes na obrigação de lembrar, quer positiva (#Dt 5.16; #Dt 7.18; #Dt 8.2,18; #Dt 9.7; #Dt 15.15; #Dt 16.3,12; #Dt 24.9,18,22; #Dt 25.17; #Dt 32.7), quer negativamente (#Dt 4.23,31; #Dt 6.12; #Dt 8.11,14,19; #Dt 9.7; #Dt 25.19). Esta insistência vai ao ponto de se ordenar a doutrina e a escrita, ou seja, ensinar oralmente a escrever (6.9 nota), lançando-se assim a base para o corpo da Sagrada Escritura. **Em Horebe** (19). O Deuteronômio está cheio de "reminiscências" de Moisés, relacionadas, primeiramente com o Egito e com a viagem até ao Sinai (4.34 nota); em segundo lugar, com a entrega da Lei naquele monte; a seguir, com a jornada desde Horebe até Cades (8.1 nota) e, finalmente, com os acontecimentos dos dois últimos anos (23.4 nota). É o segundo caso que ocupa uma grande parte dos caps. 4-5; 9; 11, por se referir à aliança, aos Dez Mandamentos, aos trovões e ao fogo do Sinai, à apostasia do bezerro de ouro, à intercessão pelo povo, à entrega das segundas Tábuas e à separação da tribo de Levi. **Aprendê-las-ão, para me temerem** (10). A frase é repetida em #Dt 14.23; #Dt 17.19; #Dt 31.13; cfr. #Dt 6.24; #Dt 8.6; #Dt 10.12; #Dt 28.58. Exigia-se um sentido de temor reverente e filial para com Deus, assim como um sentimento de amor respeitoso. Cfr. #Lv 19.3 nota. O elemento do temor poderá desaparecer (9.19 nota); o da reverência fica. **Trevas** (11). Cfr. #Êx 19.18; #Êx 20.21; #Sl 97.2. Deus habita numa luz inacessível (#1Tm 6.16), mas as trevas escondem-No do pecador. **Do meio do fogo** (12). Dez vezes se faz esta afirmação (#Dt 4.12,15,33,36; #Dt 5.4,22,24,26; #Dt 9.10; #Dt 10.4; cfr. #Dt 32.22), mostrando a profunda impressão exercida sobre Moisés, a quem Deus se revelou primeiramente na sarça ardente e depois no fogo do Sinai. Onde quer que haja avivamento verdadeiro, Deus ainda fala "do meio do fogo"! Não esqueçamos que o fogo simboliza a majestade de Deus e a poderosa força dos elementos por Ele dirigida (#Sl 104.4).

>Dt-4.13

O Seu Concerto (13). Cfr. 29.1 nota. É a primeira das vinte e sete vezes que no Deuteronômio deparamos com a alusão a este tema de tanta importância. Enquanto a palavra **berith** pode significar um **contrato** baseado em condições, pode também, como no caso presente, empregar-se no sentido dum **parentesco** adquirido entre duas partes. Este pode ser de fraternidade, como entre Davi e Jônatas (**#1Sm 18.3**), ou de soberania, como entre Davi e Israel, ou de pura graça, como na aliança de Deus com Noé (**#Gn 9.9**). Pela aliança de Horebe, Jeová também apenas por pura graça, tomou Israel para "Seu Povo"; e este, por sua vez, considerou Jeová como seu Deus (**#Êx 19.5,8**). O Senhor deu-lhe então "os Dez Mandamentos" (**#Êx 34.28**; cfr. **#Dt 9.9**), juntamente com "estatutos e juízos", a que prometeu obedecer, em virtude da aliança já feita. Por isso a "promessa" precedeu a "lei" (**#Gl 3.15** e segs.). **E os escreveu** (13). Cfr. 6.9 nota. Que pretendemos de mais explícito que esta afirmação, duas vezes repetida (**#Dt 5.22**; **#Dt 10.4**), para provar a sua origem divina? Não precisamos de saber que espécie de instrumento utilizou. Mas quem escreve nos corações dos homens (**#2Co 3.3**), dispõe certamente de meios para escrever sobre a pedra.

>Dt-4.15

Guardai, pois... (15). O seguinte aviso contra a idolatria tinha plena justificação em face dos acontecimentos. A vocação de Israel como nação devia dar testemunho da majestade e da glória de Jeová em contraste com a degradante idolatria dos pagãos. **Semelhança nenhuma** (15). Cfr. 5.8 nota. Não existe qualquer espécie de contradição entre esta afirmação e o fato de vermos o Senhor manifestar-Se através de aparições ou visões aos profetas. Cfr. **#Jo 1.18**. **Para que não vos corrompais... figura de macho ou de fêmea** (16). A pureza moral da Lei mosaica constituía um impressionante contraste com o ritual obsceno ligado ao culto de Baal, **Astarote**, ou dos outros deuses. **Figura de algum animal... de alguma ave alígera** (17). Os egípcios assim representavam os seus deuses. Anubis, por exemplo, tinha a cabeça de chacal; Tote, de falcão. **O sol, e a lua** (19). Já no tempo de Abraão se erguiam grandiosos templos à lua em Ur. No Egito, em Om (Heliópolis), prestava-se culto ao sol (**#Gn 41.45**).

>Dt-4.20

Povo hereditário (20). Cfr. #Dt 9.26; #Dt 1.38 nota. Já que por graça especial de Deus os israelitas herdariam a Terra da Promissão, assim o povo do Senhor, já resgatado, tornar-se-ia herança do mesmo Senhor (#1Pe 1.4). Por isso a ele lhe confiaria a Sua revelação e através dela prepararia a vinda do Messias. **Por causa das vossas palavras** (21). Cfr. 1.37 nota. **Um fogo que consome** (24). Cfr. 4.12 nota. O fogo que purifica os metais preciosos consome o que é inútil e sem valor. Por isso mesmo simboliza a santidade e os justos juízos de Deus. A doutrina aqui ministrada por Moisés é aplicada ao Cristianismo em #Hb 12.29. **Um Deus zeloso** (24). Cfr. #Êx 20.5 nota; #Dt 5.9. A palavra hebraica **cana** tanto pode significar "zeloso" como "ciumento", aliás duas idéias que andam intimamente ligadas. O amor de Deus é muitas vezes comparado ao do marido que se dá sem reservas e que espera em troca um amor incondicional.

>Dt-4.25

3. UM APELO À FIDELIDADE (#Dt 4.25-40). **O céu e a terra** (26). São as testemunhas silenciosas dos nossos votos e pecados. (Cfr. #Dt 30.19; #Dt 31.28). **Não prolongareis os vossos dias** (26). O prolongamento da vida é uma das bênçãos freqüentemente associadas à obediência (#Dt 5.16,33; #Dt 6.2; #Dt 11.9; #Dt 17.20; #Dt 22.7; #Dt 25.15; #Dt 30.18,20; #Dt 32.47; Cfr. #Sl 21.4). **Espalhará** (27). Na promessa de Deus a Abraão a semente e a terra para herdar associam-se com freqüência. Mas, a provar-se a infidelidade, logo o povo seria deserdado (#Nm 14.12) e espalhado (#Dt 28.64). Mesmo assim, se viesse a arrepender-se, seria novamente reunido até da extremidade do céu (#Dt 30.1-4; #Mt 24.31). **Servireis a deuses** (28). Isto é, estareis em escravidão das nações pagãs, representadas pelos seus deuses. Para que a povo não julgasse que Moisés atribuía vida a estas divindades, acrescenta-se com desdém que não passam de obra de mãos humanas. Cfr. 6.14 nota.

>Dt-4.29

De todo o teu coração e de toda a tua alma (29). Repetem-se estas palavras (#Dt 6.5; #Dt 10.12; #Dt 11.13; #Dt 13.3; #Dt 26.16; #Dt 30.2,6,10) como a salientar a consagração total que Deus exige dos Seus servos. **E ouvirás a sua voz** (30). Também se repete esta frase (#Dt 8.20; #Dt 9.23; #Dt 13.4,18; #Dt 15.5; #Dt 26.14,17; #Dt 27.10; #Dt 28.1-2,15,45,62; #Dt 30.2,8,10,20) como condição para serem cumpridas as promessas da Aliança. **Deus misericordioso** (31). A palavra parece indicar compaixão ou piedade e assim é também traduzida em #Dt 30.3; cfr. 7.9 nota. A justiça e a misericórdia parecem

contradizer-se, mas tanto Moisés como os profetas aludem a uma e a outra, como existindo em Deus e sobretudo unindo-se em Cristo sobre a Cruz.

>Dt-4.32

Tempos passados (32). Apela Moisés para a proteção divina, que o povo realmente sentira, a provar o selo de Deus sobre todas as Suas obras e, portanto, a revelação, em especial os acontecimentos relacionados com a Êxodo. Não será esse Deus digno do amor dos homens? As repetidas referências ao Egito (quarenta e sete ao todo) são prova mais que evidente que o próprio Moisés é o autor da livro. Cfr. #Dt 1.27-30; #Dt 4.20,34,37,45-46; #Dt 5.6,15; #Dt 6.12,21-22; #Dt 7.8,15,18; #Dt 8.14; #Dt 9.7,12,26; #Dt 17.16; #Dt 20.1; #Dt 23.4; #Dt 24.9,18,22; #Dt 25.17; #Dt 26.5,8; #Dt 28.27,60,68; #Dt 29.2,16,25; #Dt 34.11. Como esquecer a opressão de Faraó, todas as maravilhas operadas na travessia do Mar Vermelho, a festa da Páscoa? Como não lembrar as graças do Senhor no Monte Sinai, o maná (#Dt 8.3,16), um rochedo a brotar água (#Dt 6.16; #Dt 9.22; #Dt 33.8)?

>Dt-4.34

Com provas (34). Referência às provações por que o Senhor fez passar o Seu povo (#Dt 8.2; #Dt 6.16 nota). **Com mão forte e com braço estendido** (34). Expressão limitada ao Deuteronômio. Cfr. #Dt 5.15; #Dt 7.19; #Dt 11.2; #Dt 26.8. **O Seu grande fogo** (36). Cfr. vers. 12 nota. **Porquanto amava... e escolhera** (37). Cfr. #Dt 8.1. A palavra hebraica ' *ahabh* que designa o amor escolhido por Deus, espontâneo e gratuito, e que é concedido sem qualquer merecimento, corresponde ao termo grego *agapé* do Novo Testamento (cfr. #Dt 9.6). Veja-se como Moisés apela a este amor que Deus manifestou aos seus antepassados (#Dt 7.7-8,13; #Dt 10.15; #Dt 23.5). Só assim Moisés explica a eleição soberana de Israel, a ponto de na Bíblia andarem intimamente ligadas à graça e à eleição (cfr. #Rm 8.28; #Rm 11.28-29). Através de Israel e do remanescente eleito primeiramente e por meio de Seu Filho unigênito mais tarde, operou o Senhor o Seu grandioso Plano de Salvação. Moisés chama o povo a pagar com amor, mais um tema constante deste livro de Deus. Cfr. #Dt 5.10; #Dt 6.5; #Dt 7.9; #Dt 10.12; #Dt 11.1,13,22; #Dt 13.3; #Dt 19.9; #Dt 30.6,16,20.

>Dt-4.40

Que te ordeno hoje (40). Como a vida de Moisés está prestes a extinguir-se, compreende-se que insista urgentemente na atenção que deve ser prestada aos seus últimos conselhos. Cfr. #Dt 6.6; #Dt 7.11; #Dt 8.1,11. **Para que bem te vá a ti** (40). Expressão de bênção que várias vezes se repete: #Dt 5.16,33; #Dt 6.3,18; #Dt 12.25,28; #Dt 22.7. Além destas promessas de felicidade material, há que contar com o amor (vers. 37) que une o Criador às Suas criaturas, o Senhor aos Seus servos.

>Dt-4.41

III. DESIGNAÇÃO DE TRÊS CIDADES DE REFÚGIO Dt 4.41-43.

Então (41). Vem marcar esta palavra um breve intervalo entre o discurso acabado de pronunciar e a promulgação da Lei. Em Números #Nm 35.11 já fora dada ordem para designar três cidades em cada margem do rio como lugares de refúgio. Moisés agora "separa" três dessas cidades na área já conquistada e mais tarde (#Dt 19.1) dá instruções relativas a outras três em Canaã. Josué, mais tarde, separou definitivamente estas cidades (#Js 20.2).

>Dt-4.44

IV. SEGUNDO DISCURSO DE MOISÉS Dt 4.44-26.19

a) Introdução (Dt 4.44-49).

Definem-se cuidadosamente as circunstâncias em que foi proferido este segundo discurso de Moisés em plena vista de **Bete-Peor** (46; cfr. 3.29 nota). **Siom** (48) identificado com **Hermom** só neste passo tem lugar. **Testemunhos** (45). A palavra "testemunho" ('edah) significa uma afirmação solene. Testemunhos de Deus são, portanto, a manifestação do seu caráter, vontade e propósitos, tal como vemos na Sagrada Escritura. Em #Êx 25.21-22 dá-se o nome de "testemunho" aos Dez Mandamentos e em #2Rs 11.12 diz-se que **Joiada** "deu o testemunho" a **Joás**, que pode muito bem ter sido todo ou parte do livro de Deuteronômio. **Esta é a lei** (44). Cfr. 1.5 nota. Neste contexto a "lei" refere-se provavelmente aos caps. 5-26, que se apresentam como um só discurso.

Dt-5.1

b) Exortação à fidelidade e à obediência baseada na revelação feita em Horebe (Dt 5.1-11.32).

1. OS DEZ MANDAMENTOS (#Dt 5.1-21). Constituem os Dez Mandamentos o âmago da Lei e a base da Aliança de Deus com Israel. Os capítulos 12-26 podem considerar-se uma aplicação pormenorizada dos princípios que contêm para a vida do povo em Canaã. Quando Cristo ordenou ao jovem rico do Evangelho para os guardar, se "queria entrar na vida" (#Mt 19.17), não há dúvida que lhe deu foro de norma de conduta para todos os que pretendessem segui-Lo. Ao falar deles como "mandamentos de Deus", a contrastar com as tradições humanas (#Mt 15.3), por certo que pretendeu dar-lhes força de lei. Mas só pela graça de Deus é possível ao homem cumprir plenamente os Seus Mandamentos. Não esqueçamos, porém, que Deus não nos falta com essa graça indispensável, se também nós queremos "entrar na vida" eterna. São inseparáveis a Lei e a Graça.

Ouve, ó Israel (1). Tais palavras, repetidas tantas vezes, constituem um novo apelo (cfr. #Dt 4.1; #Dt 6.3-4; #Dt 9.1; #Dt 20.3; #Dt 27.9), uma outra chamada à obediência. **Estatutos e juízos** (1). Cfr. 4.1 nota. Só mais tarde aparecem nos capítulos 12-26, depois de serem tratados nos capítulos anteriores os Dez Mandamentos, acompanhados de exortações indispensáveis. **Guardá-los-eis para os cumprir** (1). É uma outra frase característica deste livro, repetida em #Dt 5.32; #Dt 6.3,25; #Dt 7.11; #Dt 8.1; #Dt 11.22; #Dt 12.1; #Dt 13.18; #Dt 15.5; #Dt 17.10; #Dt 19.9; #Dt 24.8; #Dt 28.1,15,58; #Dt 31.12; #Dt 32.46. **Fez conosco concerto em Horebe** (2). Cfr. 4.13 nota. A lembrança desta localidade tem por fim recordar as responsabilidades e os privilégios inerentes aos acontecimentos nela sucedidos. **Não com nossos pais... senão conosco** (3). Isto é: "não só com os nossos antepassados, mas também conosco". Moisés insiste na responsabilidade individual de cada um dos israelitas como pioneiro da grande nação que iria surgir. **Não subistes** (5). Assim foi, em obediência às ordens do Senhor (cfr. #Êx 19). **Dizendo** (5). A diferença entre os mandamentos expostos em #Êx 20 e os do presente capítulo de Deuteronômio, levam a supor que as "palavras" originais não passavam de simples frases coma esta: "Honra a teu pai e a tua mãe" (16). As palavras que se seguem eram apenas um comentário, mais ou menos desenvolvido. Deve-se fazer referência às notas sobre #Êx 20

Eu sou o Senhor teu Deus (6). O primeiro mandamento começa por uma afirmação positiva: "Eu sou". Cfr. **#Êx 3.14**; **#Jo 14.6**. Sendo o Alfa e o Ômega, o Criador de todas as coisas, não podia consentir que algo ou alguém se Lhe antepusesse. Cfr. **#Gn 1.1**; **#Ap 22.13**. Acrescenta o nome característico da Aliança "Jeová teu Deus", colocando-Se assim desde logo em contacto com o Seu povo, para Se entregar totalmente a ele, tal como na plenitude dos tempos nos deu o Seu divino Filho (**#Jo 3.16**). Esta relação pessoal entre Deus e o homem, efetuada em Jesus Cristo, é nem mais nem menos que a base da Fé cristã. O primeiro mandamento proclama ainda o Senhor como o Salvador, que tirou o Seu povo "da casa da escravidão" (6). Já que Jeová é o único Deus, seu Deus e Redentor, segue-se que não há possibilidade de admitir **outros deuses** (7). Cfr. 6.14 n. As leis severas contra os falsos deuses do capítulo 13, as festas nacionais do capítulo 16 e a aliança do capítulo 29 vêm trazer novas luzes a este primeiro e grande mandamento.

>Dt-5.8

Não farás para ti imagem de escultura (8). O segundo mandamento tende a impedir toda a falsa ou baixa idéia do verdadeiro Deus, porque o Criador não pode ser adorado na forma duma criatura, como o "bezerro de ouro", nem comparado com a forma humana (**#Sl 50.21**). Como poderia o homem alcançar os caminhos de Deus ou atingir a perfeição do Todo-poderoso? (**#Jó 11.7**). É por isso que só O poderemos conhecer pela revelação que fez de Si próprio na Sua Palavra e no Seu Filho Jesus Cristo (**#Jo 17.3,14**). Todos os que guardam este mandamento devem sentir-se envergonhados ao saberem que tantos seres humanos prestam culto às imagens e isso por falta do testemunho da Igreja! **Deus é zeloso** (9), não porque receie perder a reputação, mas é o zelo do Seu amor que exige que Lhe dediquemos totalmente todo o nosso amor em resposta. Cfr. **#Êx 20.5** nota. Que **a maldade dos pais** (9) se ressentem nos filhos (as conseqüências mas não a culpa) é um fato que todos podem constatar, verificando-se assim a promessa de misericórdia **aos que O amam e guardam os Seus mandamentos** (10).

>Dt-5.11

A exposição do significado completo do terceiro mandamento (11) implicaria um estudo profundo do nome de Deus em toda a Bíblia. No pensamento hebraico o "nome" liga-se intimamente à pessoa; umas vezes indica o seu caráter (cfr. **#Êx 3.13** nota; **#Mt 1.21**), outras a posição que ocupa (**#Êx 23.21** nota). O nome do Senhor é, pois, um nome maravilhoso e cheio de mistério

(#Is 9.6), santo e reverendo (#Sl 111.9; #Lc 1.49), glorioso e terrível (#Dt 28.58), cuja glória foi revelada por Moisés (#Dt 32.3), pelos profetas (#Sl 99.3; #Is 63.12,14), e finalmente em Cristo e pelos Seus discípulos (#Jo 17.6,26). Maravilhas foram operadas pela fé em Seu nome (#At 3.16). Os pagãos servem-se em vão desse Nome, explorando o poder divino em benefício próprio com bruxarias e adivinhações (#Dt 18.9-14); os estadistas e potentados usam-no para apoiarem e justificarem as suas nem sempre justas pretensões e até os cristãos por vezes o utilizam em vão, como fazem os pagãos (#Mt 6.7). A guarda deste mandamento exige também a graça divina, que nos leva a dizer: "Santificado seja o Teu nome". Oramos ainda para ver já neste mundo em pleno exercício a soberania do Senhor: "O Teu reino venha a nós".

>Dt-5.12

Guarda o dia de sábado (12). Cfr. #Êx 20.8 nota; 31.12-17 nota. Este quarto mandamento é um convite ao **descanso** para que se dedique pelo menos algum tempo ao Senhor. No princípio do mundo o "sétimo dia" passou-o toda a criação em silenciosa adoração ao Criador (#Gn 2.3). Por muito preocupado que se encontre o homem, deve procurar santificar este dia, esperando no Senhor, ouvindo a Sua voz, para que a vida tenha outro significado. É um símbolo do descanso eterno que será dado a todo o povo de Deus (#Hb 4.9). A Israel, coma nação organizada, também foi dado como **senal** da libertação da escravidão e da entrada numa nova vida de liberdade. (#Lv 23.3 nota). Foi ainda o primitivo sábado um prenúncio do dia da ressurreição (#Rm 4.25), e assim se tornou o primeiro dia da semana e o "dia do Senhor" por excelência (#Ap 1.10). Mais tarde, o sábado judaico havia de ser substituído pelo domingo cristão, não deixando, no entanto, todos os dias de serem dias santos para o verdadeiro cristão (14.22 nota).

>Dt-5.15

Lembrarás (15). Cfr. 4.9 nota. Até às palavras "dentro das tuas portas" o quarto mandamento não difere muito do que vemos no cap. 20 de Êxodo, a ponto de podermos considerar como comentário explicativo as palavras que se seguem. A lembrança das maravilhas operadas pelo Senhor era mais que suficiente para encorajar o Povo eleito (#Dt 9.7); enquanto por outro lado a recordação dos pecados cometidos não passava dum motivo de vergonha e humilhação. **Foste servo** (15). Esta idéia é freqüente em todo o livro (#Dt 15.15; #Dt 16.12; #Dt 24.18,22) e corresponde à de "casa de escravidão"

também muitas vezes empregada (#Dt 5.6; #Dt 6.12; #Dt 7.8; #Dt 8.14; #Dt 13.5,10). Salienta-se bastante a escravidão com o fim de frisar o amor de Deus (6) e a Sua divina generosidade para com os oprimidos (#Dt 15.15). Quanto à redenção convinha lembrá-lo pelo menos na festividade da Páscoa (#Êx 12.14).

>Dt-5.16

Honra a teu pai e a tua mãe (16). Cfr. #Êx 20.12 nota. Este quinto mandamento trata do mais sagrado dever das relações humanas: o amor aos pais. O nome de Pai aplica-se primeiramente a Deus e só depois aqueles a quem dá a graça da paternidade humana. Enquanto os homens podem escolher os seus amigos, os pais são um dom de Deus, chamados a exercer uma espécie de ministério. Merecerão ou não as honras de seus filhos? A promessa da longevidade na Terra da Promissão é igualmente um dom de Deus e um estímulo à obediência. Cfr. 4.26 nota; #Ef 6.2. A honra que se deve ter aos pais é, no entanto, limitada pela que a Deus é devida, como supremo Senhor e Legislador. Ao analisarmos a vida de Cristo, fácil é verificar como estes dois conceitos se harmonizam perfeitamente (#Mt 10.37; #Mt 19.29; #Lc 2.49,51; #Jo 19.26-27). As leis de #Dt 21.15-21 vêm ilustrar este mandamento.

>Dt-5.17

Não matarás (17). Cfr. #Êx 20.13 nota. O sexto mandamento tem por fim defender a santidade da vida humana. Como toda a vida tem princípio em Deus, por que não considerá-la como um dom divino, digno, portanto, de todo o respeito? Assim foi desde o princípio (#Gn 9.4-6). Mas nem todo o atentado contra a vida do próximo é pura e simplesmente pecado. Para livrar Israel, Deus submergiu os egípcios no Mar Vermelho, e ordenou a destruição dos cananeus para que a nova geração fosse pura e santa. Pôs ainda a espada da justiça nas mãos dos juízes e dos magistrados. Cfr. #Dt 17.2-7; #Dt 19.12; #Rm 13.4. Só por maus instintos se peca, quando se atenta contra a vida do próximo, vida essa que não podemos restituir e que o Criador concedeu para Sua glória apenas. Por isso o sangue do irmão defunto poderá vir "a clamar da terra" (#Gn 4.10). Cfr. #Dt 21.1-9.

>Dt-5.18

E não adulterarás (18). Cfr. #Êx 20.14 nota. Defende o sétimo mandamento a santidade do matrimônio, protegendo a pureza de costumes (#Dt 21.10-17;

#Dt 22; #Dt 23.1-18; #Dt 24.1-5; #Dt 25.11-12). Remonta aos princípios da humanidade a instituição do casamento (#Gn 1.28; #Gn 2.24; #Mt 19.4-6), que simboliza o amor de Deus ao Seu povo (#Os 2.14-20) e a união entre Cristo e a Sua Igreja (#Mt 9.15; #Ef 5.32). O adultério é símbolo também da infidelidade de Israel (#Dt 31.16) e da apostasia cristã (#Tg 4.4).

>Dt-5.19

E não furtarás (19). Cfr. #Êx 20.15 nota. Tal como os três precedentes, o oitavo mandamento, considerando sagrados os bens do próximo, era também um dom do Senhor. Cfr. #Dt 8.17-18; #1Co 4.7. O homem é por isso responsável perante o Criador pelo uso que faz das suas riquezas. Devem respeitar-se as propriedades (#Dt 19.14), pagar-se os justos salários (#Dt 24.15), ter pesos e medidas justas (#Dt 25.13), manifestar a máxima generosidade para com os pobres (#Dt 15.7-8). O Padrão cristão não é mais baixo. Sejamos fiéis depositários dos bens que nos foram confiados. Cfr. #Mt 5.42; #Rm 1.14.

>Dt-5.20

E não dirás falso testemunho (20). Cfr. #Êx 20.16 nota. Embora negativo na forma, pode o nono mandamento apresentar um conteúdo positivo, levando-nos a não falsear a verdade em todas as afirmações (#Dt 13.14; #Dt 17.4-6) e a sermos justos nos nossos juízos (17.8-13; 19.15-21). Cfr. #Mt 18.16. Na esteira do Mestre, deve todo o Cristão dar testemunho da verdade (#Jo 18.37). E como será isto possível, senão dando testemunho daquele que é a própria Verdade?

>Dt-5.21

E não cobiçarás (21). Cfr. #Êx 20.17 nota. Diferente de todos os outros, o décimo mandamento não diz respeito à conduta externa, mas antes a uma qualidade do espírito. Por isso só Deus é testemunha de quando o mandamento porventura é violado. Na sua forma negativa proíbe-nos desejar ilicitamente aquilo que aos outros pertence. Positivamente ensina-nos a contentarmo-nos com o que temos e a não perder a fé (#Hb 13.5-6).

As pequenas variantes entre a forma que o mandamento apresenta aqui e a que lemos em #Êx 20.17 vem lembrar que só após a entrada na Terra de

Promissão os campos e até os animais e os criados se tornaram objeto de justificadas invejas.

O décimo mandamento não vem mencionado na primeira resposta que Jesus deu ao jovem do Evangelho (#Mc 10.19), mas as palavras seguintes (21) podem interpretar-se como aludindo àquele mandamento.

>Dt-5.22

2. A ENTREGA DOS MANDAMENTOS (#Dt 5.22-33). Moisés repete agora as circunstâncias em que entregou a Lei numa exortação à obediência. **Fogo... nuvem... escuridade** (22). Cfr. 4.11 nota, 12 nota. **Nada acrescentou... escreveu** (22). Cfr. 4.13 nota com #Ap 22.18. **Sua Glória** (24). Cfr. #Êx 33.18. **Chega-te... e ouve** (27). O povo ouviu o trovão, e só Moisés as palavras. Cfr. #Jo 12.29; #At 9.7. Moisés é, por isso, um mediador entre Deus e o povo; (#Gl 3.19) e, nessas condições, um tipo de Cristo. Cfr. 34.10 nota. **Temessem** (29). Cfr. 4.10 nota. **Todos os dias... para sempre** (29). É eterna a obrigatoriedade dos mandamentos do Senhor. Cfr. 4.8 nota.

Dt-12.1

c) Preceitos religiosos, civis e domésticos (Dt 12.1-26.15).

1. A ELIMINAÇÃO DA IDOLATRIA (#Dt 12.1-14). Separam-se por vezes os caps. 12-26 do resto do livro, atribuindo-se-lhes a designação de "Código" Deuteronômico, mas é certo que podemos considerá-los como uma continuação do discurso anterior. Moisés continua a legislar acerca da vida religiosa, civil, social e doméstica em Canaã, incitando ao cumprimento da Lei e não esquecendo o dever paternal de aconselhar.

Na terra (1). A entrada imediata dos filhos de Israel na Terra da Promissão domina as palavras que se seguem. (Cfr. #Dt 12.10; #Dt 26.1). São de ordem material as considerações a fazer, mas não importa, pois são necessárias também. **Totalmente destruireis** (2). A principal tarefa consistia em eliminar da "terra" todo e qualquer vestígio de idolatria, para que tudo seja santo aos olhos do Senhor (cfr. #Lv 11.44-45). Esta obrigação vem implicitamente expressa no primeiro e segundo dos Dez Mandamentos. **Lugares... sobre as altas montanhas** (2). A palavra usada para "lugares" é **maqomoth**, termo puramente genérico, em vez de **bamoth** ou "lugares altos" que se emprega para os "santuários locais". Cfr. #1Rs 15.14. O fato de a palavra **bamoth** nunca

aparecer em #Dt 12-26 é suficiente para negar a teoria que o objetivo da legislação consistia em proibir o uso desses "lugares altos". Cfr. vers. 5 nota.

>Dt-12.3

Altars... estátuas... bosques (3). Cfr. #Êx 34.13; #Dt 16.21 nota. Apagareis o seu nome (3). Cfr. 5.11 nota; 28.10 nota.

>Dt-12.5

O lugar que o Senhor vosso Deus escolher... para ali pôr o Seu nome (5). Para a palavra "lugar" usa-se o mesmo termo que no vers. 2. Verifica-se mais o contraste entre o falso e o verdadeiro, que propriamente entre o plural e o singular; entre as localidades relacionadas com o nome dos falsos deuses (3) e aquela em que Jeová pôs o Seu nome (Cfr. #Dt 5.11). Em princípio, o tabernáculo constituiria o centro do culto (#Lv 17.3-7 nota), mas mais tarde qualquer sítio escolhido por Jeová (#Êx 20.24), tal como o altar no Monte Ebal (#Dt 27.5-6), poderia transformar-se em santuário do Senhor e lugar de reunião para o Seu Povo (#Êx 23.19; #Dt 16.6). As palavras do vers. 5 referem-se ao templo (#Dt 11; #1Rs 5.5; #1Rs 8.16) e a Jesus Cristo (#Mt 1.23; #Jo 2.19-21). A forma como se determina esta ordem prova bem a sua antigüidade, pois não se verifica qualquer alusão a Jerusalém ou Siloé, ou ainda aos acontecimentos relacionados com a arca e o tabernáculo, antes de se atingir o desejado "descanso" (9). As primeiras palavras do vers. 5 repetem-se amiudadas vezes: #Dt 12.11,14,18,21,26; #Dt 14.25; #Dt 15.20; #Dt 16.7,15-16; #Dt 17.8,10; #Dt 18.6; #Dt 31.11.

>Dt-12.6

Os vossos holocaustos e os vossos sacrifícios (6). Deste assunto já largas exposições se fizeram nos caps. 1-7 do Levítico. Os vossos dízimos (6). Cfr. #Dt 14.22 e segs.; #Lv 27.30-33. Era obrigatória a oferta dos dízimos e das primícias, enquanto todas as outras eram voluntárias. Oferta alçada (6). A palavra *terumah* (levantada) significa possivelmente uma porção que se separava e destinava ao sacrifício. Podia ser parte de sacrifício animal (#Lv 7.14,32) ou de pão (#Nm 15.17 e segs.). Nova referência se faz a esse sacrifício no vers. 17. Os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas (6). Cfr. #Êx 13.2 nota; #Dt 15.19 nota.

>Dt-12.7

Ali comereis (7). Os capítulos 12, 14 e 15 cuidam em mais pormenor da alimentação do povo. Cfr. vers. 15 nota. O Santuário, onde se apresentavam as ofertas e os sacrifícios e se celebravam as festas, era também o local onde se resolviam as grandes questões, que surgissem entre o povo (**#Dt 17.8,10**). Por conseqüência, já antes se fizera do tabernáculo o centro do culto nacional. **E vos alegrareis** (7). Palavra repetida em **#Dt 12.12,18; #Dt 14.26; #Dt 16.11,14; #Dt 26.11; #Dt 27.7**. Cfr. **#Jo 15.11; #Fp 3.1; #Fp 4.4**. A alegria é uma das características essenciais da religião cristã. **Em tudo em que poreis a vossa mão** (7). É a promessa da bênção do Senhor que cairá sobre o trabalho diário dos Seus servos. Expressão freqüente noutros passos do livro. Cfr. **#Dt 2.7; #Dt 14.29; #Dt 15.10; #Dt 16.15; #Dt 23.20; #Dt 24.19; #Dt 28.8,12; #Dt 30.9**. **Tudo o que bem parece a seus olhos** (8). Os dias de guerra em Moabe tornavam difícil ou até impossível a prática do culto. O mesmo aconteceu nos dias amargos dos Juízes (**#Jz 17.6**). **E vos dará repouso**

>Dt-12.10

>Dt-12.15

2. ANIMAIS MORTOS PARA A ALIMENTAÇÃO E PARA O SACRIFÍCIO (**#Dt 12.15-32**). **Conforme a todo o desejo da tua alma** (15). Cfr. **#Dt 18.6**. A carne não era freqüente na alimentação diária do povo, mas sempre se utilizava, sobretudo na altura dos sacrifícios ou por ocasião das festas. Novas exigências vinham, portanto, impor uma revisão das antigas leis (**#Lv 17.3-7** nota). O princípio básico consistia em frisar que toda a vida é sagrada, por ser um dom direto de Deus (5.17 nota). Procedeu-se então à distinção entre "coisas santas" (26), oferecidas em sacrifício ou dedicadas ao culto, e qualquer outro animal que era abatido apenas para consumo da população (15,20-21). **O corço, o veado** (15). Estas espécies de caça abundavam nas regiões montanhosas e eram famosas pela elegância e pela ligeireza de pés. No tempo de Moisés deviam abundar, na realidade; mais tarde, em especial nas cidades, passaram a constituir uma raridade e, por conseguinte, um acepipe invulgar (**#1Rs 4.23**). **O sangue não comereis** (16). Cfr. **#Lv 17.11** nota. O sangue, como elemento primordial e símbolo da vida, é tratado com grande respeito em todo o Velho Testamento (cfr. **#Gn 9.4-6**), muito particularmente em relação à aliança e ao sacrifício, como tipo da expiação de Cristo (Cfr. **#Lv 16; #Hb 9.12-14; #1Pe 1.18-19**).

>Dt-12.20

Quando o Senhor teu Deus aumentar os teus termos (20). Os vers. 20-25 vêm desenvolver o conteúdo dos vers. 15-16. A fé de Moisés prevê extensos territórios. Cfr. #Dt 19.8-9. O que for reto aos olhos do Senhor (25). Expressão repetida em #Dt 13.18; #Dt 21.9. Cfr. ainda #Dt 6.18; #Dt 12.28 e, para contraste, #Dt 4.25; #Dt 9.18; #Dt 17.2; #Dt 31.29. O Senhor não cessa de estar alerta pelo Seu povo (#2Cr 16.9). Sobre o altar (27). Cfr. 16.21 nota. O sangue dos teus sacrifícios (27). Cfr. 12.6 nota. Como serviram estas nações os seus deuses (30). Cfr. 6.14 nota. Entre os pagãos é freqüente admitir-se uma íntima relação entre uma terra e os deuses que os seus habitantes adoraram (Cfr. #2Rs 17.26-27). Os israelitas seriam levados a pensar do mesmo modo e a temer os deuses de Canaã. Nada lhe acrescentarás (32). Cfr. #Dt 4.2.

Dt-26.1

30. AS PRIMÍCIAS E OS DÍZIMOS (#Dt 26.1-15). Cfr. 14.22,26 nota. As fórmulas para a apresentação das primícias e dos dízimos constituem um modelo perfeito de oração e de louvor. Irás ao lugar (2). Cfr. 12.5 nota. Só aqueles que estiverem em comunhão com o Doador podem apresentar devidamente a sua oferta. Ao sacerdote (3). É o sumo-sacerdote ou um seu representante, não o "levita", a que se refere o vers. 11. Cfr. 18.1 nota. As diretrizes para os sacerdotes vêm expostas no #Lv 23; estas dirigem-se ao adorador que apresenta as suas oferendas. Declaro (3). O primeiro ato é reconhecer que Deus cumpriu as Suas promessas (#Gn 28.13). As primícias contêm a promessa das colheitas, que o Senhor providenciará na devida altura. Siro (5). A mãe e os parentes de Jacó vieram da Síria ou de Arã (#Gn 24.10; #Gn 25.20). Nos vers. 5-10 é evidente o estilo de Moisés ao referir-se à dura escravidão (6), ao pedido de libertação (7) e à mão forte que libertou o povo (8).

>Dt-26.12

Quando acabares de dizimar (12). Cfr. 14.22 nota; #Lv 27.30-33. O caráter festivo e o modo generoso de distribuição indicam que se trata aqui dum segundo dízimo. Tirei (13). Literalmente: "queimei", se atendermos a que a palavra hebraica tem a mesma raiz que o vocábulo *taberah* em #Dt 9.22. O significado é, pois, que tudo aquilo que é devido a Jeová foi pago, nada ficando em casa. (Cfr. #MI 3.10).

>Dt-26.16

d) Exortação final (Dt 26.16-19).

Uma exortação final segue os mandamentos que deram a Israel uma constituição maravilhosa, apropriada a um povo libertado. **Neste dia** (16). Esta nota de tempo vai ligar a Lei em toda a sua extensão, desde o princípio ao fim (**#Dt 11.26,32; #Dt 26.16-17**). "Neste dia" também é o Senhor que nos fala através da Sua Palavra (**#2Co 6.2**). **Declaraste** (17). Palavra pouco freqüente, talvez termo técnico relacionado com um acordo ou aliança. É possível que o povo tenha dado algum sinal de aprovação, mas que Moisés não registou no seu livro. **Povo Seu próprio** (18). Cfr. 7.6 nota; **#1Pe 2.9**. **Como te tem dito** (18). A Graça transforma a Lei em promessa. **Para assim te exaltar** (19). Cfr. **#Fp 2.13**.

Dt-27.1

V. A LEI É GRAVADA; BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES Dt 27.1-28.68.

a) A Lei é gravada (Dt 27.1-8).

Tendo terminado o discurso de Moisés (**#Dt 5-26**), a narração torna-se mais abreviada. O autor frisa novamente a importância "desta lei" que acaba de ser promulgada, com o fim de calar mais fundo no espírito dos israelitas. **Moisés e os anciãos** (1). Cfr. 19.12 nota. Após a morte de Moisés, seriam os anciãos os sucessores diretos do grande patriarca (cfr. **#Js 8.33**). **No dia** (2). Trata-se duma expressão que indica futuro (**#Gn 2.17**) e não um determinado dia. **Pedras grandes** (2). Tais pedras encontram-se no Egito e noutros países do Oriente com inscrições gravadas na própria pedra, ou então numa superfície de argamassa ou cal (cfr. **#Am 2.1**).

>Dt-27.3

Escreverás (3). As antigas inscrições podiam ou não ser extensas. Sabe-se duma, gravada nas rochas de Beistum, três vezes mais extensa que o livro de Deuterônomo. **Todas as palavras desta lei** (3). A redação deste preceito faz supor que existiu um documento, ou pelo menos esteve em preparação, do que se tirou uma cópia para ser gravada nestas pedras. "Esta lei" pede abranger,

como vimos em 4.44 nota, o conteúdo dos caps. 5-26, mas tanto pode ser mais extenso como apenas um resumo desses capítulos. **Monte Ebal** (4). O vale, encaixado nas vertentes do Ebal e do Gerizim, com a forma dum anfiteatro natural adaptava-se admiravelmente a esta circunstância. Viam-se, portanto, as montanhas ao longe (11.29 nota). **Um altar de pedras** (5). Construído somente com pedras naturais, sem o auxílio de qualquer instrumento humano. **#Êx 20.25. Holocaustos** (6). Simbolizavam esta inteira consagração, enquanto as **ofertas pacíficas** (7) representavam a comunhão com Deus. **Escreverás** (8). Cfr. vers. 3. **Bem** (8). A palavra aparece novamente em **#Hc 2.2** e pode significar uma caligrafia nítida ou então referir-se (cfr. **#Is 8.1**) à escrita alfabética contemporânea, de que recentemente se descobriram muitos exemplares.

>Dt-27.9

b) Exige-se inteira obediência (Dt 27.9-10).

Moisés, juntamente com os sacerdotes (9). Agora são os sacerdotes e não os anciãos (1), os mestres responsáveis pela lei. **Neste dia**. Cfr. vers. 2 nota. **Vieste a ser por povo ao Senhor teu Deus** (9). O Povo do Senhor pertence-lhe sempre. Mas para que assim seja é preciso que ouça a Sua Palavra e obedeça à Sua Lei (**#Jo 1.12**).

>Dt-27.11

c) Maldições da Lei (Dt 27.11-26).

Moisés deu ordem... ao povo (11). Nada podia ser mais solene que as maldições de **#Dt 27.11-26** e as promessas e conselhos do cap. 28. **Eles estarão** (12). Dizem os comentadores judeus que os sacerdotes e levitas se dirigiram primeiramente às tribos no Monte Gerizim com as seguintes palavras: "Bem-aventurado aquele que... **não** fizer..."; depois às que estavam no Monte Ebal com as mesmas palavras, mas omitindo a negativa e começando: "Maldito aquele que... **fizer**..." E toda a congregação respondia com as palavras de assentimento: "Amém". Curioso observar que as tribos abençoadas eram descendentes de Lia ou Raquel. **Maldito o homem** (15). São doze as maldições correspondentes às doze tribos. Faz-se alusão ao segundo, quinto e sexto mandamentos, e citam-se outras violações da honestidade ou pureza. **Em oculto** (24). Cfr. vers. 15. Como muitos dos pecados são praticados às ocultas, faz-se um apelo à consciência do indivíduo. **Todo povo**

é chamado a condenar abertamente estas práticas pecaminosas. **As palavras desta lei** (26). Segundo os costumes orientais, o povo jura (**#At 23.12**) cumprir toda a lei, sob pena de ser amaldiçoado também. Cfr. **#Ne 10.29; #Gl 3.10**. Esta maldição tomou-a Cristo para Si próprio, com o fim de libertar o Seu povo.

Dt-28.1

d) Sanções da Lei (Dt 28.1-68).

A contrariar por vezes a vontade humana, Moisés profere ameaças contra os desobedientes e, por outro lado, abençoa os que obedecem com prontidão (cfr. **#Lc 6.20-26; #Lc 11.42** e segs.). O cap. 26 de Levítico também encerra algumas bênçãos e conselhos, mas no fim há sempre a registar uma palavra de promessa (**#Lv 26.44-45**). Se o leitor se admirar com a extensão e a severidade das maldições proferidas, lembre-se que algumas das expressões utilizadas pelo Senhor Jesus não eram menos severas. No entender de Moisés não passavam de avisos de misericórdia, que, a verificarem-se, teriam poupado a Israel tantos dissabores, tanta miséria. Recorde-se a história dos Judeus até ao presente-amargo comentário a estes passos do Deuteronomio.

>Dt-28.3

Bendito serás (3). As bênçãos pronunciadas sobre a nação, sobre a família e sobre o indivíduo têm a sua contrapartida nas maldições dos vers. 15-20. **O Senhor te confirmará** (9). O verbo é o mesmo que Jesus empregou na ressurreição da filha de Jairo (**cumi, #Mc 5.41**) e é traduzido por "despertar, suscitar" em **#Dt 18.15,18**, dando idéia do aparecimento de algo novo que se encontrava oculto. **És chamado pelo nome do Senhor** (10). Cfr. 5.11 nota; 12.5 nota; **#Nm 6.27**. A expressão significa pertencer ao Senhor, ser Seu povo e viver sob a Sua paternal proteção (**#Pv 18.10**). O nome de Jeová era colocado sobre o santuário (**#Dt 12.5**); nesse nome se faziam os juramentos (**#Dt 6.13**), abençoava-se (**#Dt 10.8**) e profetizava-se (**#Dt 18.19**). Cfr. vers. 58 nota.

Dos quatro "maus juízos" de Deus-a guerra, a fome, os animais selvagens e a peste-a que alude Ezequiel (**#Ez 14.21**), os três primeiros são mencionados aqui (vers. 21 e segs.). Considerados como avisos, não os podemos tomar devidamente à letra, embora muitos dos pormenores tenham sido cumpridos rigorosamente. Cfr. **#Lv 26.14-33. As úlceras do Egito** (27). Cfr. **#Êx 9.9-11**. Não se esqueça o cunho egípcio deste versículo (cfr. vers. 35,60,68).

Oprimido e quebrantado (33). Cfr. #Os 5.11. A planta do teu pé (35). Cfr. #Êx 9.11. Não serão para ti (41). Cfr. #Os 9.12. Como a águia (49). Cfr. #Os 8.1. Nação feroz de rosto (50). À letra: "forte de rosto" isto é, incompassivo (cfr. #Dn 8.23). De tais inimigos nenhum braço os poderá salvar. E te angustiará (52). As horríveis cenas aqui previstas (52-57) cumpriram-se nos cercos de Samaria (#2Rs 6.28) e Jerusalém (#Lm 2.20,22).

>Dt-28.3

Nome glorioso e terrível (58). Vejamos rapidamente os principais nomes atribuídos a Deus em Deuteronômio: "Deus vivente" (#Dt 5.26); "Senhor Deus de teus pais" (#Dt 6.3); "Deus dos deuses e Senhor dos senhores" (#Dt 10.17; #Ap 19.16); "a Rocha... Deus-a verdade" (#Dt 32.4); "o Altíssimo" (#Dt 32.8); "o Deus eterno" (#Dt 33.27). Com mais frequência é designado apenas por "Senhor teu Deus". Escrita no livro desta lei (61). Cfr. 29.21 nota; 31.24 nota; #Ap 22.18. "As últimas sete pragas" (#Ap 15-16) apresentam muitas semelhanças com este capítulo. O Senhor vos espalhará (64). Verificaram-se estas palavras proféticas na derrota de Samaria e Jerusalém; novamente quando Tito deportou para as minas do Egito milhares de judeus e, finalmente, nas perseguições nazistas de há bem poucos anos ainda. O Senhor te fará voltar ao Egito (68). No princípio da era cristã os judeus formavam parte importante da população no delta do Nilo. Cfr. #Os 8.13.

Dt-29.1

VI. TERCEIRO DISCURSO DE MOISÉS. Dt 29.1-30.20

a) Renovação da Aliança (Dt 29.1-29).

Um novo discurso se inicia neste capítulo e que finda no seguinte. Lembra Moisés ao povo a renovação da Aliança feita em Horebe e prediz a decadência e o castigo de toda a nação. Não obstante as bênçãos e as maldições, no fim a graça de Deus abrirá o caminho ao arrependimento e ao perdão dos pecados. Estas são as palavras (1). Cfr. 1.1 nota. A frase dá a entender perfeitamente o início duma nova seção. Terra de Moabe (1). Cfr. #Dt 1.5. Assim era chamada, porque outrora pertencia a Moabe, apesar de ser conquistada pelo rei amorreu. Além do concerto (1). Cfr. 4.13 nota. A aliança original fora feita em Horebe, mas depressa quebrantada. Quase no fim de seus dias, com o verdadeiro espírito do Evangelho, Moisés tenta uma reconstituição, pois as maldições da Lei não são a última palavra e a Terra da Promissão está à vista.

Mais tarde é Jeremias que desenvolve esta idéia da "nova aliança" (#Jr 31.31-33; cfr. #Lc 22.20). **Porém não vos tem dado o Senhor** (4). Ao afirmar que a cegueira do coração provém de Jeová, Moisés segue o modo do pensar do Velho Testamento de tudo atribuir a Deus, como fonte e origem suprema. Cfr. #Êx 4.21. Paulo reproduz estas palavras em #Rm 11.8. Cfr. #Mt 13.14. **Vos fiz andar** (5). Cfr. #Dt 8.2-4; #Am 2.10. A disciplina do deserto era um meio do reconhecer o Senhor como supremo Deus (6).

>Dt-29.10

Vós todos (10). A aliança da graça abrange não só os chefes e os anciãos (19.12 nota), mas também as crianças e os servos Cfr. #At 2.21. **Para que entres no concerto** (12). Cfr. #Gn 17.7-8. **Aquele que hoje não está aqui conosco** (15). Isto é, os seus descendentes. **As suas abominações e os seus ídolos** (17). Cfr. 7.25 nota. Literalmente: "coisas detestáveis (cfr. #Jr 16.18) e ídolos em blocos". Moisés fala destes ídolos com ironia e desprezo. Talvez o autor se refira ao vers. 18 em #Hb 12.15, servindo-se da Septuaginta. **Terei paz** (19). O idólatra reconhece a maldição, mas pensa poder pecar impunemente. **Para acrescentar à sede a bebedice** (19). Trata-se duma expressão proverbial, significando que ninguém escapará. Ligue-se a expressão às palavras seguintes. **Escrito no livro desta lei** (21). Cfr. 28.61 nota. As maldições não são apenas um aviso, mas um testemunho de que será infalível o juízo do Senhor sobre aqueles que não ouvem a Sua palavra. (Cfr. #Hb 10.29).

>Dt-29.23

Admá e Zeboim (23). A destruição das cidades da planície tornou-se na realidade uma ilustração impressionante do juízo divino. Oséias faz referência a este passo, cuja profecia relaciona com o Deuteronômio (#Os 11.8). **Deuses que os não conheceram** (26). Cfr. 6.14 nota; 11.28 nota. Parece que às vezes Moisés trata os deuses pagãos como se realmente existissem, quando na maioria dos casos os despreza. Em conformidade com as idéias pagãs, cada povo tinha os seus deuses, que considerava como propriedade da tribo. Por conseguinte, os próprios pagãos achavam lógico que os israelitas não admitissem o culto doutros deuses "que os não conheciam". **As coisas encobertas são para o Senhor** (29). O capítulo termina com um apelo para se tomarem a peito a revelação, a aliança com o Senhor, e entregar o resto a Deus. É na realidade, um conselho prudente e prático.

Dt-30.1

b) O arrependimento (Dt 30.1-14).

Conhecendo perfeitamente a natureza pecaminosa do homem e as conseqüências daí resultantes, Moisés insiste no arrependimento dos pecados cometidos, uma vez que tal atitude anda intimamente ligada à aliança. A expressão "o Senhor teu Deus" aparece nada menos de doze vezes nos vers. 1-10, como a insistir na proximidade da palavra de Deus e na simplicidade da fé. **Converteres** (2). O profeta Neemias cita estes dois versículos (**#Ne 1.9**). A volta de Babilônia verificou-se no reinado de Zorobabel, e Zacarias profetizou um novo cumprimento (**#Dt 2.6,7**). **Com todo o teu coração** (2). Este apelo é feito por três vezes (2,6,10). **Ajuntar-te dentre todas as nações** (3). Cfr. 4.27 nota. Ao anunciar a Sua segunda vinda, Jesus Cristo uniu esta a outras profecias e promessas da antiga aliança (**#Mc 13.26-27**). **O Senhor teu Deus circuncidará o teu coração** (6). Jeová fará aquilo que o povo por si próprio não quis fazer, quando lhe foi exigido (**#Dt 10.16**). O ensino evangélico torna-se mais claro. Cfr. **#Rm 2.24-29**. **Escritos neste livro da lei** (10). Não são as "coisas encobertas" (**#Dt 29.29**), mas as "reveladas", a que Moisés dá o nome de "voz do Senhor" (8). Belo exemplo para demonstrar a inspiração divina do livro, que não devemos hesitar em considerar como autêntica Palavra de Deus (cfr. **#Mc 7.13**).

>Dt-30.11

Hoje (11). Cfr. 4.40n.; 26.16n. A insistência neste pequeno pormenor, a demonstrar a importância do cumprimento imediato da Lei, aparece mais de 60 vezes em Deuteronômio. Cfr. **#Hb 3-4**. **Não é encoberto** (11). Os vers. 11-14 devem ser comparados com **#Rm 10.5-8**, onde Paulo os aplica a Cristo, Palavra ou Verbo encarnado. Moisés afirma que a palavra não ficou nos céus, onde os homens não poderiam alcançá-la, mas Deus nivelou-se à humanidade numa linguagem clara e simples (cfr. **#Êx 3.8**). **De além do mar** (13). Também não era para além do horizonte, no mar longínquo, que se encontrava a palavra. Para a idéia de inacessibilidade aproveita Paulo a mesma metáfora. **Esta palavra está muito perto de ti... no coração** (14). Mais uma nota característica do Deuteronômio -o apelo para o coração (termo que ocorre 44 vezes) como simbolizando o íntimo do ser humano. O que importa é o coração (**#Mt 15.18**). Quando este anda bem com Deus, é coisa fácil a obediência. Cfr. 4.29 nota.

>Dt-30.15

c) A escolha entre a vida e a morte. (Dt 30.15-20).

Passando o Jordão (18). À medida que se aproxima o fim, são mais frequentes as alusões de Moisés à travessia do rio (cfr. #Dt 31.2,13; #Dt 32.47). **Os céus e a terra tomo** (19). Cfr. #Dt 4.26; #Is 1.2. **Escolhe, pois, a vida** (19). A porta ainda está aberta. **A Abraão, a Isaque e a Jacó** (20). Cfr. 1.8 nota.

Dt-31.1

VII. A LEITURA DA LEI E O CÂNTICO DE JOSUÉ. Dt 31.1-30.

a) A lei é escrita e lida ao povo. (Dt 31.1-13).

Moisés entrega o comando do povo eleito a Josué (3), a missão do ensinar aos sacerdotes (9) o aos levitas a conservação do Livro da Lei. **Josué** (3). Cfr. 1.38 nota; 3.21 nota. Desde há muito chefe do exército (#Êx 17) e recentemente abençoado pela imposição das mãos de Moisés (#Nm 27.18-23), Josué vai agora receber diretamente de Jeová instruções para chefiar o povo do Senhor (14). **Esforçai-vos e animai-vos** (6). Moisés exorta primeiramente o povo e em seguida Josué (7). Cfr. #Js 1.6,9; #Ef 6.10. **O Senhor... vai diante de ti** (8). Enquanto as divindades pagãs estão localizadas (cfr. 29.26 nota), o Senhor acompanha o Seu povo. **Não te deixará** (8). Cfr. #Hb 13.5. **Não temas, nem te espantes** (8). Como é natural, o temor apodera-se facilmente de todo aquele que não tem a consciência tranqüila pelo pecado cometido. Por isso é freqüente na Bíblia esta palavra do coragem. Podemos apreciá-la desde o Gênesis (#Dt 15.1) até ao Apocalipse (#Dt 1.17).

>Dt-31.9

Moisés escreveu esta lei (9). Este versículo e o 22 revelam-nos, sem dúvida, a autoria do Moisés (cfr. #Nm 33.2). As frases que geralmente iniciam os capítulos, como as seguintes: "Estas são as palavras" (#Dt 1.1); "esta é a lei" (#Dt 4.44); "estas são as palavras" (#Dt 29.1); "esta é a bênção" (#Dt 33.1) são expressões próprias dum compilador, provavelmente o mesmo que o autor inspirado do cap. 34. Não é fácil, no entanto, distinguir com exatidão o que foi ou não escrito pelo punho de Moisés. Fora de dúvida é a inspiração do livro, quando muito escrito por um contemporâneo de Moisés. Esta lei (9) deve referir-se a uma grande parte de Deuteronômio e tudo leva a crer que Moisés

teve a preocupação de deixar à posteridade um documento escrito. Repare-se no contraste entre "os seus escritos" e "as minhas palavras" de [#Jo 5.47](#).

[Sacerdotes... que levavam a arca](#) (9). Cfr. 18.1 nota. É clara a distinção entre os sacerdotes e os anciãos, que eram os mestres da lei, e os levitas, a quem estava confiada a guarda do livro. [Lerás esta lei](#) (11). A leitura da Lei por Josué é recordada em [#Js 8.34](#); cfr. [#2Rs 23.2](#). Segundo o [Mishna](#) dos judeus a leitura que se fazia nas festas abrangia os cinco primeiros capítulos e alguns textos mais de Deuteronômio.

>Dt-31.14

b) A nomeação de Josué (Dt 31.14-15).

[Tenda da congregação](#) (14). Cfr. [#Êx 25.9](#). [O Senhor apareceu](#) (15). Tal como outrora no deserto ([#Êx 33.9](#)), Jeová manifesta-Se na coluna de nuvem a conversar com Moisés "face a face", agora pela última vez.

>Dt-31.16

c) O cântico de Josué (Dt 31.16-30).

A partir deste momento e até ao fim do capítulo seguinte nota-se a preocupação do futuro. Moisés e Josué irão escrever um cântico que será testemunho vivo na boca do povo, a perpetuar a memória dos gloriosos chefes. [Anulará o meu concerto](#) (16). Cfr. 4.13 nota. Aqui se associam perfeitamente as idéias da arca, aliança, lei e testemunho. [Escrevei-vos](#) (19). No plural está incluído naturalmente Josué ([#Dt 32.44](#)). [Testemunha](#) (19). Eram duas as testemunhas: a lei escrita e o cântico (26). [Conheço a sua imaginação](#) (21). Uma vez que Deus vê O coração do homem, sabe como a sua "imaginação" se inclina facilmente para o mal e, portanto, pode conhecer o seu futuro ([#Gn 6.5](#)). [Naquele dia](#) (22). Mais uma prova de que é Moisés o autor destas linhas.

>Dt-31.24

[Acabando Moisés de escrever](#) (24). Surge, em [#Êx 17.14](#), pela primeira vez, a ordem para Moisés escrever. Agora, pela última se faz referência ao mesmo acontecimento. [Num livro](#) (24). Como uma tradição antiquíssima inclui todo o Pentateuco no "livro da lei" (26), os comentadores judaicos seguem essa tradição. Cfr. 17.18 nota, 31.9 nota. [Ao lado da arca](#) (26). É curioso notar que

em #Hb 9.4 não fala da lei, entre outros elementos que estavam dentro da arca, porque é no coração que ela deve residir (#Sl 40.8). **Nos últimos dias** (29). Cfr. #Gn 49.1; #Nm 24.14. A expressão representa o horizonte da visão profética e relaciona-se com as profecias Messiânicas (cfr. #Dt 2.28,34). **Até se acabarem** (30). Alusão ao que Moisés acabara de escrever, depois de ter começado a tarefa com o Livro da Lei.

Dt-32.1

VIII. O CÂNTICO DE MOISÉS Dt 32.1-43.

Ao atravessar o Mar Vermelho, dirigira Moisés um cântico ao Senhor (#Êx 15.1, cfr. #Ap 15.3); agora ao findar da vida, lembra ao povo o seu último cântico. Este tem sido considerado como "a chave de toda a profecia", por se referir à origem de Israel como nação, à ingratidão e à apostasia do povo e, finalmente, ao castigo que sofreu e à restauração que, graças ao Senhor, o elevou à dignidade primitiva. O tema é o nome do Senhor, o carinho com que tratou o Seu povo, a justiça e a misericórdia com que o distinguiu. Abrange a história do povo eleito desde a criação do universo até ao Dia do Juízo final. Começa com um cântico de louvor; com um cântico de louvor termina. **Como a chuva** (2). A doutrina é como uma chuva fina e penetrante que refresca e alimenta a terra. **Apregoarei o nome do Senhor** (3). Cfr. 5.11 nota; 28.58 nota. A revelação do Nome e dos atributos de Deus a Moisés, quando pelo Senhor foi chamado (#Êx 3.13-15), explica-nos a insistência com que o patriarca apela para o "nome" do Senhor. **A Rocha** (4). Em hebraico "tsur". Cfr. 8.15 nota. A palavra repete-se nos vers. 13,15,18,30-31,37. Aqui, pelo menos, simboliza a força eterna e a imutabilidade de Deus. **Deus é a verdade** (4). Isto é, Deus é verdadeiro e infalível nas Suas palavras e nas Suas promessas. **Justo e reto é** (4). Cfr. 6.25 nota. **A sua mancha** (5). Se bem que difícil de interpretar, supõe-se que o texto presente queira contrastar a "fealdade" de Israel com as perfeições divinas. **Teu Pai que te adquiriu** (6). Todos os homens são criaturas saídas das mãos de Deus, mas filhos verdadeiros de Deus só os que Ele resgatou (#Jo 1.12). **Às mãos** (8). O cântico lembra a doutrina de #Gn 10-11. No primeiro destes capítulos, todas as nações estão incluídas na aliança da graça divina, embora com limites marcados; no segundo, como resultado do orgulho, regista-se uma separação completa, começando a destacar-se Israel, através de quem Deus enviaria as Suas bênçãos ao mundo. Cfr. #Rm 11.25; #Ef 2.11-18. **Achou-o** (10). Cfr. #Lc 15.5. Seguem-se comparações, cada qual a mais expressiva, para demonstrar a ternura do amor de Deus. **Como a menina do Seu olho** (10). Isto é, a pupila dos olhos, que é a parte mais

delicada daqueles órgãos, principal entre as principais. **Como a águia** (11). Nesta carinhosa metáfora revela-se a vocação, a educação e a proteção que Israel mereceu a Jeová. **Mel da rocha** (13). O mel brota por assim dizer dos elevados penhascos, em cujas fendas se abrigam os enxames; o azeite parece escorrer das "pederneiras", porque junto delas se encontram normalmente as oliveiras que o produzem. Cfr. 8.15 nota. O hebraico distingue a **sela** da **tsur**.

>Dt-32.15

Jeshurum (15). Título poético carinhoso, que os LXX traduzem por "amado". **Com deuses estranhos... com abominações** (16). Cfr. 6.14 nota. Sendo Israel chamado a dar testemunho a Jeová e Seus Santos caminhos, como poderíamos vê-lo a invocar os deuses pagãos? **Sacrifícios ofereceram aos diabos** (17). Cfr. **#Sl 106.37; #1Co 10.20. E não a Deus** (17). Literalmente: "não-deuses". Cfr. vers. 21. **A zelos me provocaram** (21). Cfr. **#Êx 20.5** nota; **#1Co 10.22**. Paulo cita este passo em **#Rm 10.19**, e a idéia encontra-se também expressa em **#Os 1.9**. O "zelo", tal como a "provocação" de Deus, tem apenas a finalidade de atrair o coração do Seu povo. **Aquilo que não é Deus** (21). À letra: "com um não-Deus... com um não-povo".

>Dt-32.31

A nossa Rocha... os nossos inimigos (31). Nos vers. 28-33, falando de si próprio, Moisés deseja que Israel considere e compreenda a maneira como Deus os trata. Os inimigos são, por vezes, instrumentos nas mãos de Deus para que se cumpram Seus infalíveis planos, levando-os, portanto, à derrota para beneficiar o povo eleito. Mas não deve isto dar a idéia que o deus em que confiam os inimigos possa ser comparado com Jeová. Vitória constante é a vontade de Deus para o Seu povo; e, mesmo que caia nas mãos do inimigo, Ele pode libertá-lo. **Juízes** (31). Aqui no sentido de "árbitros". Cfr. **#Êx 21.22**. **A vinha de Sodoma** (32). Eram bem conhecidas pelos seus crimes as cidades de Sodoma e Gomorra. **Minha é a vingança** (35). Cfr. **#Rm 12.19; #Hb 10.30**. **Não há fechado, nem desamparado** (36). Isto é, ou cativo, ou livre. **Eu, Eu O sou** (39). É o ponto culminante do cântico com a afirmação da soberania de Deus. **Levantarei a minha mão** (40). Significava este gesto uma solene declaração (cfr. **#Ap 10.5**). **Jubilai, ó nações, com o seu povo** (43). Paulo, seguindo os LXX, reproduz este versículo em **#Rm 15.10**. Tal como o Apocalipse, este cântico utiliza o campo de batalha para simbolizar o terror dos juízos de Deus, mas logo acrescenta que devem os gentios alegrar-se com

o Seu povo, a quem foram perdoados os pecados, e que a nova Jerusalém "trarão os reis da terra honra e glória" (#Ap 21.24).

>Dt-32.44

IX. A DESPEDIDA DE MOISÉS. Dt 32.44-33.29.

a) Última exortação (Dt 32.44-47).

Oséias (44). O nome primitivo de Josué era Oséias ("salvação"), mas Moisés substituiu-o por Josué (em hebraico: "Jeová é a salvação"). (#Nm 13.8-16). O fato de se empregar aqui o nome original significa que este nome havia de perdurar (cfr. o emprego de "Simão" em #2Pe 1.1). **Aplicai o vosso coração** (46). É característico este apelo constante ao coração do povo (cfr. 30.14 nota). Estão contados os dias de Moisés. Só Deus pode dizer: "Estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" (#Mt 28.20).

>Dt-32.48

b) A aproximação da morte (Dt 32.48-52).

As circunstâncias pormenorizadas dos vers. 49-51 sugerem sem dúvida alguma tratar-se duma narração contemporânea. **Abarim** (49) significa "para além" (cfr. #Nm 21.11; #Nm 27.12). **Nebo** (49) é o moderno "Nebu" e parecia aplicar-se apenas à montanha (cfr. 34.1 nota). **Cades** (51). Cfr. #Nm 20.12-13; #Nm 27.14; #Nm 33.36. A palavra quer dizer "santo", duma raiz que entra no verbo "santificar". Já que, como chefe do povo, Moisés pecou em público, é em público que vai sofrer o devido castigo. (1.37 nota; #Dt 4.21).

Dt-33.1

c) A bênção final (Dt 33.1-29).

A introdução deste capítulo leva-nos a crer que foi escrito depois da morte de Moisés. Mas, a partir do vers. 2 nada impede que admitamos ter sido o próprio Moisés ou alguém que o ouvisse pronunciar essas palavras. A "bênção" é um processo profético de oração e de louvor (cfr. #Lc 2.38). Tal como a bênção de Jacó (#Gn 49), Moisés conta em tom poético os benefícios derramados por Deus sobre cada uma das tribos. Não só na introdução (2-5), como em quase

todo o capítulo, a nota geral teocrática das várias referências, vem favorecer a autenticidade da narração, bem como a sua contemporaneidade. Omite-se a tribo de Simeão, talvez propositadamente, para se conservar o número doze. Cfr. vers. 6 nota. É que, além de tudo o mais, a tribo de Simeão foi gradualmente absorvida pela do Judá. **Moisés, homem de Deus** (1). Este título sugere-nos que não seria seu autor o próprio Moisés. Cfr. vers. 4 nota. Foi aplicado a Moisés por Calebe (#Js 14.6) e aparece de novo no título do #Sl 90. **O Senhor... subiu... resplandeceu** (2). A entrega da Lei é comparada a um rutilante sair do sol oriental. **Veio com dez milhares de santos** (2). À letra: "miríades de santidade". Os LXX, talvez mais corretamente, traduziram aquela última palavra por "anjos". Cfr. #At 7.53. **Na tua mão** (3). A introdução repentina da segunda pessoa levou alguns comentadores a atribuir este texto ao futuro Rei messiânico. **Moisés nos deu** (4). Cfr. vers. 1 nota. Pode ter sido uma expressão introduzida pelo autor do vers. 1, ou então atribuírem-se-lhe mesmo os vers. 1-5. De certeza, pelo menos foi alguém que da boca de Moisés ouviu tais palavras. **Foi rei em Jeshurun** (5). Este rei ou foi Jeová (#1Sm 12.12), ou o Rei-Messias (3), ou então o próprio Moisés.

>Dt-33.6

Rúben (6). Na ordem das tribos vêm em primeiro lugar os filhos de Lia e Raquel e só depois os das servas. Devido à rebelião de Datã e Abirã (#Nm 16.1,30) não admira que a tribo ficasse reduzida. O código A dos LXX traz esta versão: "Viva Rúben e não morra e Simeão seja numeroso".

>Dt-33.7

Judá (7). Houve quem julgasse que este versículo estivesse deslocado, devendo seguir-se ao vers. 10. Mas se assim fosse, o 11 pertenceria também à bênção de Judá.

>Dt-33.8

Levi (8). Como se tratava da tribo a que Moisés pertencia, era justo que fosse a bênção completa e pormenorizada. **Teu Tumim e teu Urim** (8). Cfr. #Êx 28.30 nota. Os LXX traduzem as palavras por "luz" e "verdade". Cfr. #Sl 43.3. Foram possivelmente pedras preciosas quais instrumentos de que Deus Se serviu para revelar a Sua vontade aos homens (cfr. #1Sm 28.6). **Teu amado** (8). Em hebraico a palavra **hasidh** deriva do étimo **hesedh**. Cfr. 7.9 nota. **Massá... Meribá** (8). Cfr. 6.16n., 32.51 nota. A "provação" de Moisés e Arão

surgiu em Massá, mas só em Meribá "contenderam" com Deus, quando representavam a sua tribo. **Aquele que disse a seu pai** (9). Sendo chamados a desempenhar uma missão de caráter sagrado, não deviam os levitas submeter-se a partidarismos (cfr. **#Êx 32.27-29**). **Guardaram a tua palavra** (9). Sacerdotes e levitas deviam cuidar da manutenção da Lei e da instrução do povo (**#Dt 31.9**). **Abençoa o seu poder, ó Senhor...** (11). Cfr. vers. 7 nota.

>Dt-33.12

Benjamim (12). Qual pastor solícito, Jeová levará Benjamim aos ombros (cfr. **#Lc 15.5**). Pode ainda este texto referir-se ao futuro templo, que ficará situado nas fronteiras do seu território.

>Dt-33.13

José (13). A promessa das "excelentes novidades" ou frutos preciosos cumpria-se todos os anos na primavera nos vales férteis de Efraim e Manassés. **A benevolência daquele que habitava na sarça** (16). Deve ser a alusão à sarça ardente de **#Êx 3.2**. **Separado de seus irmãos** (16). Separado, ou distinguido, já no hebraico indica "vantagem", "preeminência". **As suas pontas, são pontas de unicórnio** (17). Boi selvagem ou antílope, de grande força (cfr. **#Jó 39.9-11**).

>Dt-33.18

Zebulom (18). Promete-se-lhe prosperidade nos negócios ("saídas"). Cfr. **#2Cr 30.11-19**.

Issacar (18). A esta tribo é a sorte na agricultura que se lhe deseja.

>Dt-33.20

Gade (20). De rapidez e vigor necessita esta tribo de montanhese. Cfr. **#Gn 49.19**. **Porção do legislador** (21). Isto é, parte importante nos despojos da conquista. **Veio** (21). Sobretudo em auxílio das tribos ocidentais na luta pela posse de Canaã.

>Dt-33.22

Dã (22). É comparada aqui a um leãozinho, em **#Gn 49** a uma serpente, em **#Ap 7** não há qualquer referência a esta tribo, talvez pelo fato de andar ligada à apostasia na tradição judaica. **Saltar**á. Refere-se ao leão, e não à tribo.

>Dt-33.23

Naftali (23). A esta tribo foi designada a maravilhosa terra a sudoeste do Mar da Galiléia.

>Dt-33.24

Aser (24). Era famoso pelas suas oliveiras o território de Aser. **O teu calçado** (25). É uma alusão à proteção que esta tribo vai ter contra os inimigos provenientes do norte. **A tua força será como os teus dias** (25). Que promessa consoladora para todos os vindouros! (cfr. **#Mt 28.20**)

>Dt-33.26

Não há outro, ó Jeshurum, semelhante a Deus (26). Como Deus de Israel é que Jeová deve ser louvado. Ele acima, antes e junto do Seu povo. Ele o Salvador, Ele o Senhor. (8) **Os teus inimigos te serão sujeitos** (29). A nota final é de vitória, através do escudo protetor e da espada triunfante do Senhor (cfr. **#Dt 6.16-17**). **As suas alturas** (29). A palavra **bamoth** aplica-se nos livros dos Reis e das Crônicas aos lugares onde se prestava culto aos falsos deuses (**#1Rs 12.31**). Neste caso pode significar apenas "sítios elevados" (cfr. 12.2 nota).

Dt-34.1

X. A MORTE DE MOISÉS. Dt 34.1-8.

Subiu Moisés (1). O autor recorda o último ato de obediência de Moisés, ao subir ao Monte Nebo. Terminara a sua missão na terra, mas só depois de contemplar de longe a Terra Prometida, conforme o seu desejo. Fala-nos ainda a Escritura duma aparição de Moisés falando "face a face" com o Senhor em **#Mc 9.4**. **Pisga** (1). À letra: "quebrado", do formato que tinha o monte, quando observado da planície. Cfr. vers. 2. **Toda a Terra** (2). Em dias de boa visibilidade abrangia-se do alto do monte uma grande extensão da Palestina, desde a Galiléia ao Monte das Oliveiras, e desde Belém ao Mar Morto. **Servo do Senhor** (5). Cfr. **#Hb 3.5**. Por muitos títulos foi Moisés um servo exemplar, cuja vida teve por bem: "como o Senhor ordenou". **E o sepultou num vale** (6).

Uma tradição muçulmana localiza a sepultura do grande patriarca numa depressão, não longe do cume. O Targum de Jônatas acrescenta que o arcanjo Miguel foi encarregado por Jeová de guardar essa sepultura. Cfr. #Jd 9. **Trinta dias** (8). Por Arão ordenara também Moisés trinta dias de luto. #Nm 20.29.

>Dt-34.9

XI. CONCLUSÃO. Dt 34.9-12.

Pelo menos estes versos finais devem-se à pena dum autor posterior a Josué, talvez Eleazar, ou algum dos anciãos, após a morte do sucessor de Moisés (#Js 24.31). **Cheio do espírito de sabedoria** (9). Cfr. #Êx 28.3. O Espírito Santo, que falou pela boca dos profetas, há muito se encontrava em plena atividade. **Moisés tinha posto sobre ele as suas mãos** (9). Cfr. #Gn 48.14; #Nm 27.18; #At 13.3. A imposição das mãos simbolizava uma bênção especial, a transmissão de poderes e a concessão de dons espirituais. **E nunca mais se levantou em Israel profeta** (10). Embora tivessem surgido muitos profetas antes que se escrevessem estas linhas, nenhum igualou Moisés, nem jamais igualaria, a não ser Aquele que Moisés personificava (#Dt 18.15). Como profeta Moisés conduziu o povo através do deserto (#Os 12.13), confiou-lhe a revelação que lhe tinha sido entregue (#Dt 29.29) e preparou-o para Cristo (#Dt 18.15). **Cara a cara** (10). Cfr. #Êx 33.11. **Em toda a mão forte** (12). Não só em palavras operou o Senhor através de Moisés, mas também em fatos, que jamais poderão ser esquecidos. Todas as maravilhas operadas no Egito não passaram dum preparação para a grandiosa Obra redentora de Cristo no Calvário.

G. T. Manley

JOSUÉ

INTRODUÇÃO

Diz-se que a história do mundo é a história dos grandes homens. Algo da história do mundo encontraremos, pois, na história de Josué, precisamente no livro que tem o seu nome: "Livro de Josué". Começando pela vocação divina e pela missão que lhe foi confiada, acaba o livro por descrever a morte do grande chefe, cujo nome anda ligado à conquista de Canaã na história do famoso povo de Israel.

I. QUEM ERA JOSUÉ

Vários fatores guindaram Josué à chefia do povo escolhido do Senhor. Era descendente da família de José, tão prestigiada na história de Israel. O seu avó Elisama fora orientador da tribo de Efraim através do deserto e talvez encarregado do corpo embalsamado do seu antecessor, para condignamente ser sepultado na Terra da Promissão. O contacto que teve com a civilização e a cultura egípcias (já que no Egito nascera e tomara parte no êxodo: [#Nm 32.11](#) e segs.), preparou-o, como aliás a Moisés, para a grande missão de dar a estrutura e a independência a um novo país. É de frisar como numa das suas últimas proclamações ao povo, lhe lembrou que os seus antepassados prestaram culto a outros deuses no Egito ([#Js 24.14](#)). Como auxiliar principal e adjunto de Moisés, em íntimo contacto com ele no cargo de orientador do povo, Josué estava naturalmente indicado como sucessor daquele de quem tanto recebera e com quem tanto aprendera na dura travessia do deserto.

Perante as informações de Calebe, mostrou-se corajoso e homem de fé excepcional, desprezando o relatório apresentado pelos outros dez espias. Confiança no Senhor, acima de tudo.

Já em Refidim mostrara as suas qualidades invulgares de militar, chefiando as tropas israelitas que repeliram um repentino ataque dos amalequitas, desencadeando contra a retaguarda dos hebreus, composta quase exclusivamente por mulheres, crianças e bagagem ([#Dt 25.18](#)). Levou-os de vencida Josué e, talvez como recompensa, serviu-se o Senhor da sua intervenção para responder às suplicas de Moisés no alto do monte ([#Êx 17.8](#) segs.).

Eis a largos traços o homem, de cujos dotes naturais, educação e experiência Deus se serviu para chefiar um grande povo e introduzi-lo na Palestina. De nada lhe serviriam, porém, tais qualidades, se a força dinâmica de que dispunha não revelasse a presença de Deus. Foi na realidade ao chamamento do Senhor que brotaram quase em tropel as suas poderosas energias, que haviam de conduzir à soberania de Israel um homem escolhido por Deus. Enfim, estamos em presença dum soldado que se revestiu da completa armadura do Senhor.

II. AUTOR E AUTENTICIDADE DO LIVRO

É de importância extraordinária o lugar atribuído a Josué no Cânon hebraico. A princípio colocavam-no no grupo de livros chamado "Os primitivos profetas", que incluíam Josué, Juízes, Samuel e Reis. Se na opinião da crítica moderna, a Josué e ao Pentateuco se atribui uma data posterior, admitindo-se serem compilados de numerosos documentos de diferentes datas, já num período muito avançado da história judaica, é de qualquer modo para admirar que o antigo Cânon hebraico considerasse Josué como o primeiro daquele grupo. Por outras palavras, a teoria dos documentos quase exige a substituição do Pentateuco pelo Hexateuco, solução adotada pela crítica, mas que não corresponde ao antigo Cânon. De resto, não é fácil compreender-se como é que os mesmos editores se entregaram, numa data posterior, à tarefa de compilar não só o Pentateuco, mas também Josué.

Mas é curioso observar que muitos críticos modernos não fazem qualquer alusão ao Hexateuco. Ainda que as fontes fossem as mesmas em Josué e no Pentateuco, haveria, no entanto, a distinguir documentos diferentes: o D para Josué e o P para o Pentateuco. Nunca, todavia, qualquer motivo para a separação do antigo Cânon, pois a crítica moderna distingue as mesmas fontes em Josué e no Pentateuco.

Em segundo lugar, a Arqueologia é mais favorável a Josué e à conquista de Canaã do que propriamente ao Pentateuco. Seja como for, sobre um e outro vem trazer luz as recentes escavações, nomeadamente a comprovar a autenticidade das descrições históricas. "Graças a investigações arqueológicas em muitas localidades bíblicas", escreve o famoso arqueólogo Albright no seu livro *Archaeology of Palestine*, pág. 229, "é possível estabelecerem-se a época e o significado histórico de muitas listas de cidades bíblicas. Sirva de exemplo o caso da lista de cidades dos levitas em [#Js 21](#) e [#1Cr 6](#), que o crítico Wellhausen, considerou produto artificial da imaginação de algum copista do

período que se seguiu ao exílio. Mas, à luz de fatos comprovados pela Arqueologia, chega-se à conclusão de que a lista dessas cidades é muito mais antiga: entre 975 e 950 A.C. e uma pré-história que remonta à conquista". Outros comentadores, tal como G. E. Wright no livro *The Study of the Bible Today and Tomorrow*, seguem esta mesma opinião extensiva a mais listas de cidades, e também às fronteiras mencionadas em Js 15-19, admitindo-se que não há razão alguma para se atribuir as listas daquelas cidades a escritores que viveram depois do exílio.

Finalmente, nada há que obste a recorrermos a muitos argumentos internos para defender a nossa tese. No dizer do Reitor Douglas em "The Book of Joshua", a referência à "grande Sidom" e à "forte Tiro" (#Js 11.8, 19.28-29) supõe que o autor dessas linhas viveu na época em que Sidom era a principal cidade dos fenícios, mesmo superior a Tiro, que só mais tarde se tornou sua rival. É o período em que uma ou várias pedras começam a ser utilizadas como lembrança de qualquer acontecimento célebre registado no local, onde essa ou essas pedras se encontravam. Assim sucedeu na travessia do Jordão, na sepultura de Acã, e de outros reis, em Siquém (#Js 24.26), o altar (#Js 22.10,34), etc. A alusão que se faz à distribuição das terras pelas diferentes tribos é exposta de tal modo que supõe um autor contemporâneo. A mais completa descrição é a que se refere a Judá, a tribo que primeiro se fixou e que provavelmente cumpriu melhor o seu dever, sob a orientação do fiel e dedicado Calebe. Judá é, em princípio, apresentado como uma grande possessão, tal como José. Depois é-nos contado como a possessão de Simeão foi tirada de Judá; deduz-se que Dã foi tirado de ambas as casas fortes (Judá e José).

Podemos, pois, concluir que, não podendo determinar absolutamente o autor do livro, é evidente que as fontes donde deriva eram contemporâneas dos acontecimentos descritos e, mais ainda, que a forma atual do livro remonta a uma época muito recuada.

III. DATA DA CONQUISTA DE ISRAEL

Os fatores determinantes que nos levam ao conhecimento da data em que Israel conquistou Canaã são dependentes, apenas das investigações arqueológicas. Duas teorias surgem, baseadas nos textos bíblicos e naquelas investigações, para solucionar o caso, se bem que nem todas as dificuldades possam ser facilmente aplanadas.

Garante-nos o #Êx 1.11 que durante o exílio no Egito construíram os israelitas para o Faraó "cidades de tesouros", tais como Pitom e Ramessés. Ora, há quem afirme serem essas cidades fundadas por Ramessés II (1300-1224 A.C.), o suposto Faraó da opressão, enquanto o seu sucessor Meremptá governava na altura do Êxodo. Isto levaria a admitir-se a entrada em Canaã cerca de 1230 A.C. (Para exame dos argumentos apresentados em mais pormenor, deve consultar-se a "Introdução" ao livro de Juízes neste comentário).

Mas sucedeu que em 1896 foi descoberta uma inscrição de Meremptá (cerca de 1200 A.C.) aludindo a algumas das suas conquistas e falando de tal modo em Israel, que nos leva a supor (ainda que não haja unidade entre os eruditos) que os israelitas não se encontravam já no Egito, mas, possivelmente, instalados na Palestina, numa comunidade organizada e definitiva. Não obstante a oposição dalguns comentadores, outro tanto se pode demonstrar duma inscrição de Ramessés II que dá a idéia de ser Aser uma tribo da Palestina. Mas torna-se difícil, por outro lado, compreender que em tão curto espaço de tempo já se tivesse conquistado a Terra e se tivessem fixado os israelitas em Canaã tal como incluir o governo dos Juízes antes de se instaurar a monarquia.

A identificação, portanto, de Pitom e Ramessés com Ramessés II não é provável, ou pelo menos torna-se muito difícil.

Outra alternativa tem origem em #1Rs 6.1, onde se acentua que o Êxodo teve lugar 480 anos antes de Salomão começar a construir o templo. Como esta data foi fixada em 967 A.C., segue-se que os israelitas invadiram Canaã cerca do ano 1407 A.C..

Garstang, outro erudito, no livro "**Joshua-Judges**", afirma que se pode confirmar esta teoria com referências egípcias. Diz que dificilmente se daria a invasão de Canaã numa altura em que o Egito a controlava, podendo defendê-la com o seu poderio. Sem entrar em pormenores nos argumentos apresentados, há paralelos destacados entre a história de Israel, tal como no-la recorda o livro de Juízes e os momentos de prosperidade e decadência do Egito contemporâneo, talvez seja suficiente afirmar que essa data deve coincidir com as cartas de Tell-el-Amarna (cerca de 1400 A.C.). Descobertas em 1887, chegou-se à conclusão de que essas cartas continham a correspondência entre os oficiais egípcios na Palestina ou noutras regiões e o governo central no Egito e frisavam o declínio da influência egípcia em face

do avanço do Império Hitita. Seria nesta ocasião de declínio do Egito que provavelmente se deu a entrada de Israel em Canaã. Que esta se registrasse cerca do ano 1400 A.C., dizem outros não ser plausível pelo fato de não haver qualquer alusão à fundação das cidades de Pitom e Ramessés no séc. XIII, precisamente no reinado de Ramessés II. Mas na realidade, foram essas cidades fundadas pelos israelitas, embora mais tarde restauradas com o mesmo nome em honra de Ramessés II, depois de terem os israelitas abandonado o Egito.

IV. O PROBLEMA MORAL NA GUERRA DE ISRAEL

O extermínio total dos cananeus, registrado no livro de Josué, surpreende bastante certos comentadores, que a essa descrição bíblica não querem retirar a inspiração divina. Poderemos, com efeito, acreditar nas ordens de Jeová para destruir completamente os habitantes do país? Em caso afirmativo, estará esta revelação de acordo com a revelação que Cristo nos fez do Pai?

Duas soluções apontam os críticos modernos. Afirmam uns que a narração do extermínio dos cananeus foi escrita muito depois dos acontecimentos, idealizando o que teria sucedido para que o culto de Jeová se conservasse puro. Por outras palavras, as atrocidades cometidas não se registraram realmente. Outros críticos então opinam que a revelação de Deus, conservada na primitiva história religiosa de Israel, é a revelação do próprio Jeová, limitada pela capacidade daqueles que a receberam e que o fato de ordenar a destruição dos cananeus representa uma fase bastante primitiva do desenvolvimento religioso.

Ao considerarmos a autoria e autenticidade do livro de Josué, já apresentamos algumas razões que nos levam a não admitir à primeira daquelas hipóteses. Quanto a segunda, há a considerar que se supõe terem-se os israelitas enganado, quando pensaram que Jeová, o seu Deus particular, naturalmente admitia a hipótese de poderem ser eliminados todos os inimigos do Seu povo. Uma revelação posterior (do livro de Jonas, por exemplo) devia mostrar como Deus não deixa de possuir entranhas de amor e misericórdia para com as nações que não fazem parte da comunidade de Israel, ultrapassando-se deste modo a revelação primitiva. É uma teoria, na realidade aliciante, mas que não vem solucionar definitivamente o problema. Também é certo que o conhecimento de Deus se foi aperfeiçoando cada vez mais entre o povo e que, quando muito, o Velho Testamento apenas proporcionava uma parte da revelação divina. Mas o que não podemos crer é que uma revelação

posterior venha contradizer uma outra já existente. Deus pode revelar-se progressivamente, mas falo com toda a consistência, para que possamos admitir essa revelação.

Será fácil, então, encontrar uma explicação viável, que não desacredite a inspiração da narrativa nem o seu Autor que a revelou? Antes de mais é necessário ter uma idéia clara do que pode significar a devoção dos cananeus à destruição. Falando, por exemplo, dos habitantes de Jericó, diz-se que a cidade e todos os seus habitantes foram "dedicados" ou "amaldiçoados" (em hebraico: **herem**). Quer isto dizer que tudo aquilo que pudesse comprometer a vida religiosa da comunidade devia ser afastado, para se evitarem maiores males. O melhor e talvez único meio de o fazer era exterminar isso por exemplo. Parece, pois, que o "anátema" ou "extermínio" tinham uma finalidade religiosa e ao mesmo tempo preventiva: defender o culto religioso e a vida dos israelitas. É neste sentido que se deve procurar uma solução para o problema.

A destruição dos cananeus foi, então, em princípio, um benefício de caráter religioso, conforme no-lo afirma insistentemente o texto sagrado, sendo o povo israelita o instrumento pelo qual Deus castigava os perversos habitantes da terra. Assim como destruíra Sodoma e Gomorra pela mesma espécie de corrupção sem necessidade de recorrer a instrumentos humanos, agora se serviu dos israelitas para punir e desarraigar severamente a depravação cancerosa dos cananeus. Se na realidade o mundo é governado por uma superior lei moral, não podemos deixar de admitir que a justiça se cumpra, quando necessária.

Note-se ainda que o extermínio, como necessidade religiosa, impunha restrições morais (roubo, despojos), que seriam de admitir noutros casos. Não era o prazer do sangue e da chacina; apenas uma ordem divina a cumprir.

Falemos agora da segunda finalidade do extermínio, de caráter preventivo. Se a religião dos hebreus devia conservar-se pura e imaculada, toda e qualquer possibilidade de impureza tinha de ser afastada. Como? Só com medidas drásticas. Mas se os hebreus tinham por missão transmitir ao mundo a Revelação divina, como explicar essa atitude perante os outros povos? E se Israel também transgrediu, por que não sofreu idêntico castigo? Uma coisa é certa: Para que Deus pudesse manter o Seu governo moral e para que Israel transmitisse a mensagem divina ao mundo, convinha que se eliminassem os povos contrários a essa mensagem.

V. A DOCTRINA RELIGIOSA DO LIVRO

O valor religioso de qualquer livro mede-se pelas respostas: que nos diz a respeito de Deus este livro? Que verdade divina nos vem anunciar? Três aspectos pelo menos das relações de Deus com o homem. Vejamo-los:

a) A fidelidade de Deus

Já há muito se falava na promessa feita a Israel de que um dia viria a ser senhor da Terra Prometida. Mas o homem desobedecera e pecara. Iria porventura ser privado daquele privilégio? Não. Os planos de Deus são infalíveis. E a promessa cumpriu-se. Como? percorramos as páginas do livro de Josué.

b) A santidade de Deus

Podemos admirá-la no castigo infligido aos primitivos habitantes da terra. A iniquidade dos amorreus atingira o ponto culminante e Israel foi escolhido para castigar os seus crimes. Mas a santidade de Deus exige que seja santo também o Seu instrumento. A guerra é também santa, pois só pretende salvaguardar a santidade do instrumento e, no fim de contas, honrar a santidade da mão que o orienta.

c) A salvação de Deus

A palavra Josué significa "Jeová é a salvação" e é a forma hebraica de Jesus, o nome que está acima de todos os nomes. Será de surpreender que Josué tenha sido uma "figura" ou um "símbolo" de Cristo? Por certo que não! E o livro não simbolizará também a nossa vitória em Cristo? A travessia do Jordão era a morte; mas, para além dele, raiava uma aurora de plenitude, de felicidade e de bênção, que também a nós está prometida. "Temamos, pois, que porventura, deixada a promessa de entrar no Seu repouso, pareça que algum de vós fica para trás" (#Hb 4.1).

Js-1.1

I. A MISSÃO DE JOSUÉ Js 1.1-9

O Senhor falou a Josué... servo de Moisés (1). Cfr. #Êx 24.13; #Nm 27.18-23; #Dt 1.38; #Dt 31.23. Estas palavras de abertura (1-9) para a apresentação de Josué servem de prólogo à história da conquista. Moisés meu servo, é morto (2). E todavia a obra tem de prosseguir: a continuidade da nação e da missão que Deus lhe confiou não pode ser interrompida pelo fato de mudar o chefe. Cfr. #Dt 34.5-9. Mantém-se firme a promessa do Senhor. Toda a terra dos heteus (4). Cfr. #Dt 7.1 n.; #Jz 1.26 n. Não te deixarei (5). Cfr. #Js 10.6, onde a expressão se traduz por: "Não retires as tuas mãos...". Dela não te desvies... (7). A condição de sucesso é o cumprimento integral do Livro da Lei (8). A este livro se fez já referência em #Dt 31.24,26; Cfr. também #Dt 31.9,11. Não to mandei eu? (9). A campanha em que Josué e o povo andavam empenhados era sem dúvida um caso extraordinário, porque Deus estava com eles. Não se tratava dum assalto, ou duma agressão: apenas do cumprimento dum dever. Cfr. #Dt 31.1-8.

>Js-1.10

II. A ENTRADA EM CANAÃ Js 1.10-5.12

a) A mobilização (Js 1.10-18).

Então deu ordem Josué (10). O exército que aguardava apenas ordens de avançar para dar entrada na Palestina, distinguia-se agora pelo seu aprumo e disciplina, bem diferente do que era quando partiu do Egito. Príncipes do povo (10). Cfr. #Dt 1.15n; #Dt 16.18; #Dt 20.5,9. Estes chefes ou oficiais do exército faziam parte da característica organização de Israel desde o tempo da opressão e agora encarregavam-se de transmitir as ordens ao povo, como esta que se seguia, de se preparar para passar o Jordão dentro de três dias (11). Dá impressão que os espias já tinham sido enviados, embora deles se fale somente mais tarde. Quer dizer que a narração não segue a ordem cronológica dos acontecimentos.

Passareis armados na frente de vossos irmãos... e ajudá-los-eis (14). Neste momento deveras crítico, felizmente que as tribos formavam uma unidade vital. Os rubenitas, os gaditas e metade da tribo de Manassés, já de posse da herança a oriente do Jordão (#Nm 32), prontificaram-se alegremente a bater-se ao lado dos irmãos na conquista da parte ocidental, ainda nas mãos dos inimigos. Foi esta unidade que serviu de fundamento à força demonstrada por Israel. Desta banda do Jordão (14). Cfr. #Dt 1.1 n.

Js-2.1

b) A missão dos espias (Js 2.1-24).

Dois homens... a espiar secretamente (1). Estes homens tinham por missão observar o território inimigo e, se possível, indagar da possibilidade de penetrar na posição estratégica, que era a cidade de Jericó, logo à entrada das passagens montanhosas para o interior. Em vez de conduzir o ataque pela fronteira sul, semeada de fortalezas para defender possíveis investidas por parte do Egito, e por onde quarenta anos atrás foram repelidas as forças israelitas, Josué antecipou a manobra favorita de Napoleão, flanqueando as fortalezas do lado sul, irrompendo através da fronteira leste, mal defendida a não ser pelo Jordão, e atacando então rijamente até à vitória final. Por isso a travessia do Jordão e a tomada de Jericó constituíam e marcavam o começo da grandiosa campanha.

Entraram na casa duma mulher prostituta, chamada Raabe (1). Desde o tempo de Josefo que vários comentadores fazem de Raabe uma simples estalajadeira, mas, não havendo necessidade de forçar o texto, pode admitir-se a tradução apresentada. Através dela souberam, pois, os espias que a aproximação dos israelitas gerara o pânico em toda a cidade, afirmação confirmada pelas suspeitas do rei de Jericó, que logo tira informações dos desconhecidos. (3). A mentira utilizada por Raabe é relatada sem qualquer comentário (4-5). Uma moralidade muito imperfeita. O Novo Testamento recomenda-nos esta figura feminina, não pelas mentiras proferidas, mas pela sua fé (**#Hb 11.31; #Tg 2.25**). Na vida escura e trágica desta mulher deve ter brilhado uma rápida centelha da verdade de que em Israel havia um Deus superior a todos os deuses, que ela jamais conhecera. Mas já na cidade constavam as maravilhas que esse Deus operara através do êxito alcançado pelo Seu povo **nos campos de batalha** (10). Na misericórdia e no poder deste Ser supremo também ela confiava agora. E essa fé, embora imatura, foi o que a salvou a ela e à família inteira (13), ao receber dos espias a garantia de que seria poupada a sua casa, desde que suspendesse da janela um cordão de escarlata (19). Alguns autores supõem ser este cordão o mesmo que a mulher utilizou para introduzir em casa os espias, mas sem fundamento algum, pois no original são diferentes os vocábulos.

Seguindo as indicações de Raabe, os espias esconderam-se durante três dias, possivelmente nas cavernas das montanhas circunvizinhas. Voltaram depois para junto de Josué, atravessando o Jordão talvez a nado, trazendo as

informações que puderam colher acerca do país e, sobretudo, a notícia de que o pânico alastrava entre os habitantes da cidade.

Js-3.1

c) Preparação para a Guerra Santa (Js 3.1-13).

Tratava-se na realidade duma Guerra Santa, a julgar pelos preparativos que ao povo se exigiam. Primeiramente, era a santificação pessoal (5), como preparação para assistir às maravilhas que o Senhor iria operar através do Seu servo Josué, em nada inferiores às que realizara por meio de Moisés (7). O essencial era criar uma atmosfera sobrenatural para se aguardarem os acontecimentos. Em seguida, a travessia do Jordão devia ser feita com a arca na dianteira, conduzida pelos sacerdotes e levitas (6); Cfr. #Êx 25.10n; #Dt 31.9n. Os vers. 11 e 13 dão a entender que a arca simbolizava o **Senhor de toda a terra**. Assim poderíamos traduzir o vers. 11: "Eis a arca da aliança. O Senhor de toda a terra vai atravessar o Jordão diante de vós". A arca era na realidade um sinal de que Deus conduziria o povo a um lugar seguro, defendendo-o dos inimigos, que se lhes atravessassem no caminho. Em conclusão, a preparação individual e interior e a presença constante da arca levavam o povo a considerar que a empresa, em que estavam empenhados, não era só deles, mas sim de Jeová, o supremo Senhor de todas as coisas.

>Js-3.14

d) A travessia do Jordão (Js 3.14-4.18).

Vários comentadores querem ver duas variantes da mesma narração, servindo-se duma versão, em que em #Js 4.5 ficariam convencidos que a travessia ainda não se tinha efetuado, enquanto através de #Js 3.16-17; #Js 4.1 depreendemos que o povo já tinha passado o rio. Mas #Js 4.5 pode ser traduzido: "passai até onde a arca do Senhor vosso Deus está no meio do Jordão", e assim é possível reconstruir a história sem discrepância. A seqüência dos acontecimentos pode ser vista da seguinte maneira:

1. AS DOZE TRIBOS PASSAM O JORDÃO (#Js 3.14-17). Transportando a arca, os sacerdotes chegaram à margem do Jordão, que nessa altura do ano transbordava devido às cheias provocadas pela fusão das neves (15). Logo que entraram na água, o leito do rio secou e as águas pararam, formando um "montão", **muito longe da cidade de Adã** (16). Este acontecimento registou-se

a cerca de 30 quilômetros a norte da cidade de Jericó, ficando seco o leito do rio numa extensão de 40 ou 50 quilômetros. Caso idêntico ao relatado neste capítulo é descrito por um historiador árabe que faz alusão a um desmoronamento verificado no ano 1266 A.D. perto de Tell-Damieh, talvez a cidade de Adã, e que durante dez horas deixou enxuto o rio Jordão. Garstang cita outros paralelos nos anos 1906 e 1927. São acontecimentos que podem explicar "naturalmente" o que sucedera séculos antes, mas apesar disso é necessário reconhecer a intervenção divina precisamente na altura em que os israelitas necessitavam de atravessar o rio. O fato de os sacerdotes pararem no leito seco do rio, até que todo o povo passasse, era sinal de que os acontecimentos dependiam do Senhor.

Js-4.1

2. COMO FOI COMEMORADA A TRAVESSIA (#Js 4.1-9). Logo que o povo se encontrou na outra margem, foi Josué ter com os doze homens já escolhidos (#Js 3.12) e ordenou-lhes que voltassem ao local onde se encontravam os sacerdotes com a arca, para retirarem do leito do rio doze pedras. Com estas se levantaria um monumento em Gilgal que recordaria o acontecimento. Por fim determinou ainda Josué que se colocassem outras doze pedras no local pisado pelos pés dos sacerdotes, precisamente no meio do rio.

>Js-4.10

3. CONCLUSÃO DA TRAVESSIA DO RIO (#Js 4.10-11,15-18). Não se moveram os sacerdotes dos seus lugares enquanto se não erigiu o monumento e passaram o rio todos os israelitas. Só depois passaram, e logo o rio voltou ao normal (15-18). Os vers. 12-14 salientam que na travessia tomaram parte as tribos orientais, conforme a promessa feita a Josué (#Js 3.7).

>Js-4.19

e) Acampamento em Gilgal (Js 4.19-5.12).

Pisando pela primeira vez a Terra Prometida foi Israel acampar em Gilgal, onde se erguera o monumento citado, e que iria servir de ponto de partida para as futuras campanhas militares. O significado etimológico da palavra Gilgal é "círculo" ou "giro", mas posteriormente foi-lhe atribuído outro sentido. (Cfr. #Js 5.9).

Js-5.1

Amorreus... Cananeus (5.1). Cfr. **#Dt 1.7**. Esta nota das conseqüências do milagre nos países circunvizinhos supõe um longo período de tempo, para que se tivesse conhecimento dessa notícia. A alusão ao acontecimento neste caso vem apenas frisar as circunstâncias em que se deu o milagre, tal como se viu em **#Js 4.24**.

>Js-5.2

Torna a circuncidar... (2). Como durante quarenta anos fora esquecida a cerimônia ritual da circuncisão, convinha reatá-la agora, para que de novo os filhos de Israel trouxessem marcado no corpo o sinal da aliança. **Segunda vez** (2). Não quer dizer que já tivessem sido circuncidados, mas apenas pela circuncisão voltariam novamente à primitiva nação privilegiada que fizera um pacto solene com Deus. O **opróbrio do Egito** (2). Lembram estas palavras que os quarenta anos do deserto representaram para os israelitas um motivo de humilhação. Por quê? Talvez porque os egípcios os vexaram a ponto de lhes lembrar que tinham sido esquecidos pelo seu Deus. Mas a repetição do milagre do Mar Vermelho no rio Jordão (**#Js 4.23**) foi suficiente para demonstrar que Jeová não abandonara o Seu povo.

Uma vez que os israelitas se encontravam de posse da Terra Prometida, o primeiro passo a dar era celebrar a festa da Páscoa, depois da qual lhes seria entregue a desejada herança, comendo o produto da terra que era sua pela aliança feita outrora com Jeová. Sendo assim, o maná celeste que até então os alimentara (**#Êx 16.15n.**), deixou de cair do céu.

>Js-5.13

III. A CONQUISTA DE CANAÃ Js 5.13-12.24

a) O Comandante Divino (Js 5.13-15).

Como prólogo ao grande acontecimento militar, regista-se o encontro de Josué com o Anjo de Jeová. Deve ter sido um momento de ansiedade e expectativa para o grande chefe dos hebreus. Em frente, a Terra da Promissão, com todas as bênçãos; atrás, o Jordão, impetuoso e inultrapassável. Como deve ter sentido o peso daquele fardo de orientar o povo de Israel! E, nesse instante, quando se encontrava perto de Jericó (13), e admirava a poderosa cidade que

se interpunha no caminho de Israel, eis que lhe aparece um representante de Jeová, que se intitula a Si próprio **príncipe do exército do Senhor** (14). Acreditamos que tenha sido o Filho de Deus em pessoa.

És tu dos nossos, ou dos nossos inimigos? (13). Com a idéia fixa no duelo que ia travar-se entre israelitas e cananeus, não nos surpreende a interrogação de Josué perante o desconhecido. Seria um aliado, ou não? Não; não era um aliado! É um chefe supremo, a quem o próprio Josué devia submeter-se. Prova disso é o fato de se salientar que se trata duma guerra santa e que a posição de Josué é a de um **servo** (14). A responsabilidade vai, portanto, recair em Deus e não num simples chefe humano.

A história da conquista, que vem a seguir, mostra-nos como a estratégia humana sentiu poderosamente a influência dum Ser mais alto. Para melhor a compreendermos, convém considerar as diferentes etapas dessa prodigiosa conquista. A primeira abrange a tomada de Jericó e Ai, posições-chave para o avanço das tropas, e as restantes compreendem as campanhas militares levadas a efeito no sul e no norte da região.

Js-6.1

b) Primeira etapa: Jericó e Ai (Js 6.1-8.35).

1. A TOMADA DE JERICÓ (#Js 6.1-27). Embora pequena no tamanho, encontrava-se esta cidade bem fortificada e constituía ponto estratégico de vital importância para o avanço das tropas na Palestina. A vigilância era extrema, pois dos seus habitantes **nenhum saía, nem entrava** (1). Mas as explícitas instruções do Anjo de Jeová foram literalmente cumpridas. Sete sacerdotes, levando sete trombetas, e seguidos pela arca da aliança, caminharam em solene procissão em torno da cidade durante sete dias, precedidos e seguidos do exército, que marchava em silêncio. Ao entardecer, voltavam ao acampamento em Gilgal. Ao sétimo dia foi de novo a cidade rodeada por sete vezes e só depois, ao som das trombetas e no meio das aclamações da multidão, **o muro caiu abaixo, e o povo subiu à cidade** cada qual em frente de si (20).

Tudo foi preparado para submeter à prova a fé de Israel nos sobrenaturais recursos, que agora estavam ao seu alcance. **Buzinas de carneiros** (4,6,8,13). Talvez melhor: "Trombetas do jubileu". A palavra hebraica **yobhel**, além das referências ao Ano do Jubileu (#Lv 25.8 e segs. n.), apenas ocorre neste texto

e em #Êx 19.13, onde parece ter o mesmo significado religioso. Segue-se que as trombetas tocadas pelos sacerdotes tinham precisamente esse significado religioso e cerimonial, sem relação com a disciplina militar.

Escavações recentes tornaram evidentes a queda do muro e a destruição da cidade pelo fogo. Admitindo-se mesmo uma causa secundária, tal como um terremoto, isso não poderia explicar a ocorrência milagrosa no momento crítico do avanço israelita. "Pela fé caíram os muros de Jericó, sendo rodeados durante sete dias" (#Hb 11.30). O certo é que a cidade, os habitantes e tudo o que nela existia foi considerado **anátema** (17) ou "maldito". Cfr. #Lv 27.28; #Dt 2.34. A palavra **anátema** (18) significa, pois, **destruição total** (21), visto que ambas traduzem uma só palavra. Sendo assim, os desejos não poderiam ser aplicados ao uso pessoal, porque eram "dedicados" a Jeová. Assim os habitantes, passados ao fio da espada, à exceção de Raabe e da sua família; a cidade e tudo o que nela havia, destruída pelo fogo, a não ser os metais preciosos e os vasos de metal e de ferro, que seriam **consagrados ao Senhor** (19). Raabe e a família, como gentios que eram, e, portanto, impuros, ficaram retirados do acampamento de Israel (23), se bem que mais tarde passassem para a família do povo eleito (25).

A maldição lançada a Jericó devia recair sobre todo aquele que tentasse reconstruí-la. Só no reinado do Acabe, 500 anos mais tarde, foi negligenciada essa maldição por Hiel, o betelita, que à custa da vida de seus dois filhos conseguiu reedificar a cidade. Investigações arqueológicas de Garstang vêm confirmar a reconstrução da cidade nesta altura.

Js-9.1

c) Segunda etapa: a campanha do sul (Js 9.1-10.43).

1. COMPROMISSO COM OS GIBEONITAS (#Js 9.1-27). O Êxito de Israel contra Jericó e Ai teve duas conseqüências diferentes: por um lado, reforçou-se e organizou-se melhor a oposição (#Js 9.1-2; #Js 10.1-43); por outro, alguns dos habitantes da terra preparavam-se para entrar em negociações com os invasores (#Js 9.3-27).

A parte central da região estava aberta aos invasores em conseqüência da rendição das cidades gibeonitas: Gibeom, Cefira, Beerote e Quiriate-Jearim (17). O vers. 7 chama-lhes heveus, ou hivitas (cfr. #Jz 3.3). Fazendo-se passar por representantes dum país longínquo e não constituindo, por conseguinte,

qualquer ameaça ao avanço de Israel, esses embaixadores propunham uma aliança, pedindo em troca a proteção das suas vidas. Vestidos usados, sapatos rotos, alimentos deteriorados-tudo levava a crer que vinham de muito longe, a ponto de desconhecem os últimos acontecimentos registrados em Jericó e Ai (9-10). Chegou-se, pois, a um acordo, naturalmente, antes de ser descoberta a fraude, porque os israelitas **tomaram da sua provisão** (e assim deram garantia de amizade) **e não pediram conselho à boca do Senhor** (14). Só se deu conta do engano, quando os israelitas entraram nas cidades gibeonitas; mas a promessa foi mantida, em virtude do juramento feito, não obstante alguns protestos do povo. Como se fez justiça? Reduzindo os gibeonitas à categoria de escravos do santuário. Cfr. **#Dt 29.11. Agora, pois, sereis malditos** (23). São palavras de Josué, não de Deus, porque, no fim de contas, essa maldição transformava-se numa bênção. "Bem-aventurados os que habitam na Tua casa" (**#Sl 84.4**). A maldição que caía sobre os gibeonitas foi a de ficarem para sempre ligados à comunidade e ao altar do Senhor, onde Ele entendesse (27). Como é infinita e variada a graça de Deus! Por amor dos gibeonitas operou o Senhor o milagre da batalha de Bete-Horom (**#Js 10.7-15**); entre eles fixou a Sua tenda e mais tarde, quando sacerdotes e levitas prevaricaram, ordenou-lhes que os fossem substituir (cfr. **#Ed 2.43, 8.20**).

Não podemos deixar de concordar que a rendição dos gibeonitas deu a Josué e aos israelitas uma entrada no interior da Terra da Promissão.

Js-11.1

d) Terceira etapa: a campanha do norte (Js 11.1-23).

1. A VITÓRIA SOBRE A CONFEDERAÇÃO DO NORTE (**#Js 11.1-15**). As campanhas vitoriosas de Josué no sul do país alarmaram imediatamente os reis do norte. Chefiados por Jabim, rei de Hazor (literalmente "a fortaleza"), logo resolveram unir-se para dar luta aos filhos de Israel. Desta coligação faziam parte os reis vizinhos e da área montanhosa e ainda os que habitavam na "campina (**arabah**) para o sul de Quinerete" (2), uma cidade das margens do Lago da Galiléia. Cfr. **#Js 12.3**. O nome de **arabah** aplicava-se geralmente às terras baixas do vale do Jordão. Quanto aos que escaparam dos exércitos ao sul, foram convidados para num supremo esforço ainda tentarem repelir os invasores.

Todas estas tropas, equipadas com carros e cavalaria, reuniram-se junto à ribeira de Merom, pequeno curso de água que ia desaguar a noroeste do Mar

da Galiléia. Confiado na proteção divina, Josué recebe instruções para inutilizar os cavalos e queimar os carros dos inimigos (6), com o fim de não poderem vir a ser úteis, ou aos inimigos, ou aos próprios israelitas, que poderiam ser tentados a confiar demasiadamente nos cavalos, esquecendo-se do Senhor. Um novo ataque repentino torna a lançar o pânico entre os cananeus, e o Senhor os deu na mão de Israel (8), que os exterminou, após cruel perseguição. Hazor, incendiada, viu os seus habitantes passados à espada, enquanto foram poupadas outras cidades mais pequenas "que estavam sobre os seus outeiros" (13). Talvez que viessem ainda a ser úteis aos israelitas, novos senhores da terra. Cfr. #Dt 2.34n; #Dt 20.17n.

>Js-11.16

2. RESUMO DA CONQUISTA (#Js 11.16-23). Sendo decisivas as batalhas de Bete-Horom e Merom, tornava-se infrutífera qualquer tentativa de resistência ao invasor, por muito bem organizada que se encontrasse. E a terra repousou da guerra (23), quer dizer, não mais se travaram batalhas sangrentas, porque ainda por muitos dias (18) se prolongou a ocupação, a ponto de, à morte de Josué, estar ainda "muitíssima terra para possuir" (#Js 13.1). As diferentes tribos assumiriam depois a responsabilidade de subjugar as regiões ainda não tomadas. Note-se a referência especial à derrota total dos enaquins das montanhas (21), esses gigantes que tanto amedrontaram os espias de Israel alguns anos antes.

Js-12.1

e) Lista dos reis cananeus derrotados (Js 12.1-24).

Esta lista pode ser considerada como um apêndice à história das guerras de Josué, como a concluir a narração da conquista e antes de passar à colonização do país. Os vers. 1-6 tratam doutras conquistas para além do Jordão (1), já efetuadas por Moisés (6). Cfr. #Nm 21 e #Dt 2.24-3.17. A seguir enumeram-se os êxitos de Josué em Canaã daquém do Jordão (7). É curioso como um país tão pequeno fosse governado por tantos reis, embora com autoridade apenas local. Mas note-se que assim foi facilitada a tarefa dos israelitas, se bem que se formassem coligações entre esses pequenos monarcas, como em Bete-Horom, no sul, e em Merom, no norte.

Js-13.1

IV. A DIVISÃO DO TERRITÓRIO Js 13.1-22.34

Os restantes capítulos do livro de Josué constituem uma espécie de "manual geográfico da Terra Santa". Sendo por vezes de difícil compreensão o plano geral desta seção, devido ao pormenor com que o autor o apresenta, vamos aqui traçá-lo rapidamente.

Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés já possuíam as suas terras a oriente do Jordão. Cfr. [#Nm 32.1-42](#). É o que podemos ler no [#Js 13](#).

Do território já ocupado a ocidente do Jordão a principal área devia verificar-se entre as tribos de Judá e José, porque a distribuição às outras dependia desta divisão fundamental.

A Judá atribuiu-se o território dos cinco reis, ao sul ([#Js 15](#)). A ela se associou Calebe ([#Js 14.1-15](#); [#Js 15.13-19](#)), e mais tarde a tribo de Simeão ([#Js 19.1-9](#)), porque "a herança dos filhos de Judá era demasiadamente grande para eles" ([#Js 19.9](#)).

À poderosa casa de José (Manassés e Efraim) coube em sorte a fertilíssima região do centro da Palestina ([#Js 16-17](#)). Havia, no entanto, uma dificuldade a transpor-a barreira de fortalezas em Bete-Seã, Ibleã, Dor, Taanaque e Megido ([#Js 17.11-12](#); cfr. [#Js 16.10](#)), a impedirem o avanço para o norte, e que foi motivo de queixa apresentada a Josué ([#Js 17.14](#)). Este assegurou-lhes que ainda que o seu território fosse como bosque, eles destruiriam os cananeus, não obstante os carros de ferro que possuíam e a força de que eram dotados ([#Js 17.15-18](#)). Para si próprio reservou Josué como herança a cidade de Timnate-Sera ([#Js 19.49-50](#)).

Entre estes dois blocos-Judá e José-foi mais tarde designado o território à tribo de Benjamim ([#Js 18.11-12](#)), e, nas proximidades da costa, o de Dã ([#Js 19.40-48](#)), que veio a ter muitas dificuldades em subjugar os povos locais ([#Jz 1.34-35](#)). Por esse motivo, deslocaram-se mais tarde para o extremo norte.

As restantes tribos, ou seja, Zebulom, Issacar, Aser e Naftali, que, tal como Simeão, Benjamim e Dã, não beneficiaram da sua herança na primeira divisão, estabeleceram-se mais tarde nas regiões do norte do país. Cfr. [#Js 19.10-39](#).

a) Ordem para dividir o território (Js 13.1-7).

Embora houvesse ainda muita terra para possuir, Josué era "velho e entrado em dias" (1). Que fazer, pois? Proceder a uma distribuição antecipada? Mas os cananeus ainda manifestavam aqui e ali certos indícios de resistência, especialmente na região dos filisteus, na costa sudoeste, e mesmo no norte. Mesmo assim, convinha repartir a terra pelas nove tribos restantes, incluindo a metade de Manassés (6-7), visto que a vitória final estava assegurada.

>Js-13.8

b) Território das duas e meia tribos (Js 13.8-33).

Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés já se encontravam de posse da sua herança, a oriente da Palestina. Fixam-se agora os limites a cada uma: Rúben, sul; Gade, ao centro, e Manassés ao norte. Cfr. #Nm 32 e #Dt 3.12-17. **Tão somente à tribo de Levi não deu herança** (14; cfr. #Js 14.3-4). Moisés deixara instruções relativas aos levitas, que não tinham qualquer território privado. Cfr. #Nm 18.20-24; #Nm 35.1-8. Quanto às cidades que lhes seriam atribuídas, vejam-se em #Js 21

Js-14.1

c) Território de Calebe e Judá (Js 14.1-15.63).

Cumpra-se a promessa feita a Calebe (cfr. #Dt 1.36; #Nm 14.24,30), que solicita a rica e forte cidade de Hebrom, no território de Judá.

Js-16.1

d) Território de Efraim e Manassés (Js 16.1-17.18).

O território de Efraim e da restante metade de Manassés ocupava, como vimos, a parte central da região. Àquela tribo fora assinalada uma região rica ao sul e a norte de Siquém; Manassés, limitava-se, portanto, à parte norte do território e tinha de enfrentar a resistência dos cananeus que ali defendiam a fértil planície do Esdralom. Perante a impossibilidade de passar além, surgiram as queixas (#Js 17.14), mas prontamente Josué replicou que havia ainda muita terra para conquistar. Que demonstrassem as suas forças, em que tanto orgulho tinham. A importância da água já nesse tempo fazia valer os seus direitos. (Cfr. #Js 15.9,19; #Js 16.1-4).

Js-18.1

e) Território das sete tribos (Js 18.1-19.51).

Parece que a distribuição anterior foi levada a cabo em Gilgal, porque agora toda a congregação se vai reunir em Silo, o mais antigo dos santuários hebraicos, para aí levantar o Tabernáculo. Cfr. #1Sm 1.3; #Jr 7.12. Quanto à distribuição das terras a fazer-se pelas restantes sete tribos, resolveu-se nomear uma comissão de 21 membros, três para cada tribo. Seria, pois, o território dividido em sete partes, em conformidade com as indicações fornecidas pela comissão, e depois a cada tribo seria designada a parte que lhe coubesse em sorte (2-10), atendendo-se sempre ao que já se encontrava ocupado por Judá e José (5). Benjamim teria a sua parte entre as de Efraim e Judá (11-28).

Js-20.1

f) Cidades de refúgio (Js 20.1-9).

De acordo com as instruções da Lei outorgada por Moisés, as seis cidades de refúgio deviam ser separadas e santificadas (ou designadas) para acolher todos aqueles que fossem réus de homicídio involuntário. Cfr. #Dt 19.4-6. O fugitivo, para beneficiar da proteção, teria de provar a sua inocência perante o conselho dos anciãos da cidade e depois apresentar-se para ser julgado diante de toda a congregação. Pelo falecimento do sumo-sacerdote podia voltar livremente à sua terra, sem recear qualquer perigo ou vingança.

Em #Dt 4.41-43 vimos Moisés a "separar" três cidades a oriente do Jordão. Mais tarde separa outras três (#Dt 19.1-10), e, se necessário for, tomará providências para se proceder a uma terceira seleção (cfr. #Nm 35.9-34). As cidades agora designadas por Josué e Eleazar são: Quedes, Siquém e Quiriate-Arba. E as três cidades anteriormente designadas por Moisés na Transjordânia passam agora a desempenhar as respectivas funções de cidades de refúgio.

Js-21.1

g) Cidades dos levitas (Js 21.1-45).

Depois de todas as tribos terem recebido a sua herança, os levitas exigiram as cidades que Moisés lhes prometera. Cfr. #Nm 35.1-8. Como representantes da

religião hebraica e ministros do culto, convinha que se espalhassem por todo o país, mantendo sempre a sua posição. Por esse motivo lhes foram designadas 48 cidades com os respectivos arrabaldes e pastagens anexas. Este último pormenor deve recordar a vida simples que Israel levou através do deserto, símbolo também duma religião simples, de que eram guardas fiéis os levitas.

Três dos filhos de Levi deram os seus nomes a três grandes famílias de levitas: os coatitas, os gersonitas e os meraritas. Dos primeiros, uns eram sacerdotes (filhos de Arão), mas outros não exerciam qualquer função sacerdotal. Quatro grupos de levitas, portanto, pelos quais foram divididas as cidades, se bem que nem todas fossem ocupadas imediatamente. Termina o capítulo com palavras de exaltação à fidelidade de Deus: "Palavra alguma falhou de todas as boas palavras que o Senhor falara à casa de Israel, tudo se cumpriu" (45).

Js-22.1

h) Regresso das tribos orientais e construção dum altar de testemunho (Js 22.1-34).

O episódio final da colonização foi a despedida das tribos orientais, que regressavam às suas terras na outra banda do Jordão, depois de Josué lhes aconselhar a permanecer fiéis a Jeová (1-9). Como prova de íntima união com as restantes tribos de Israel as que se retiravam quiseram deixar perpetuado um testemunho, um altar nas margens do Jordão, precisamente na margem direita (ocidental), **na frente da terra de Canaã** (11).

Sucedeu, porém, que as tribos ocidentais, não compreendendo o significado das intenções que determinaram a construção do altar, levaram o caso para uma "transgressão" da Lei de Moisés (#Lv 17.8-9). Logo uma comissão acorreu de Silo, onde se encontrava instalado o tabernáculo, a informar-se do sucedido. Verificando que, na realidade, seus irmãos procediam ao levantamento dum altar, os delegados lembraram-lhes as conseqüências que daí poderiam advir para a congregação, como nos casos de Baal-Peor e Ai, e sugeriram a mudança para a parte ocidental, no caso de pensarem que as terras a oriente do Jordão seriam "impuras", quer dizer, não bafejadas pela presença de Jeová.

As tribos orientais defenderam-se em termos soleníssimos, jurando pelos três nomes de seu Deus (El, Eloim e Jeová) que aquele altar nada mais era que um monumento perpétuo a atestar o parentesco que os ligava aos irmãos além do

rio. E isto para que mais tarde seus filhos jamais esquecessem que faziam parte da grande comunidade de Israel.

A explicação foi prontamente aceita, seguindo-se-lhe uma amistosa reconciliação. A comprová-lo, continuou de pé o altar, num perene testemunho do acontecimento.

Js-23.1

V. ÚLTIMOS DIAS DE JOSUÉ Js 23.1-24.33

a) Primeira exortação de Josué (Js 23.1-16).

Se o livro de Josué começa com o seu chamamento à responsabilidade de guia do povo eleito, é natural que termine com os seus últimos discursos de despedida e bem assim com a narração da sua morte. A primeira exortação, ministrada aos chefes do povo, apela à sua lembrança como Deus cumpriu a Sua palavra, enquanto ele, Josué, os conduziu à Terra da Promissão. Sim, Jeová era infalível, e lá estaria com eles mesmo no meio da batalha: "Um só homem dentre vós perseguirá a mil, pois é o mesmo Senhor vosso Deus o que peleja por vós" (10). Sendo assim, qual a atitude de cada um para com Deus? Só a de obediência, sujeição e fidelidade. O que viram e sentiram acerca de Deus foi por certo mais que suficiente para lhes incutir a coragem necessária para enfrentar o futuro. Fossem, pois, leais aos mandamentos do Senhor, evitando todo o gênero de pecado, nomeadamente a apostasia, a qual representaria a perda de todo o bem que eles já tinham conhecido, sobrevivendo-lhes o mal e castigos terríveis.

Js-24.1

b) Segunda exortação de Josué (Js 24.1-28).

No meio do cenário religioso de Siquém e, pela segunda vez, lembra Josué a fidelidade do Senhor, apresentando numa espécie de "balanço" ou recapitulação as grandes dividas que tinham os israelitas para com Jeová: a vocação de Abraão; a libertação do Egito; a vitória sobre os amorreus; o plano frustrado de Balaão; a travessia do Jordão; a tomada de Jericó e, por fim, o extermínio dos cananeus. Bênçãos sem conta!

>Js-24.12

Enviei vespões... que os expeliram de diante de vós (12). Que magnífica prova da proteção especial de Jeová! Muitos comentadores consideram estes vespões como um símbolo do terror que os israelitas infundiam no espírito dos seus inimigos. Garstang, porém, (que aceita a data mais recuada para o Êxodo) identifica aquele inseto com o emblema sagrado dos faraós, acrescentando que a devastação de Canaã pelos egípcios desolara todo o país. Após o saque de Megido por Tutmose III em 1479 a.C., o Egito lançou-se no que podemos chamar "uma política deliberada de devastação" durante mais de 60 anos, precisamente até que subiu ao trono o monarca Amenhotep III em 1411 a.C. Depois disso, "durante 50 anos, nenhum exército egípcio foi enviado à Síria," diz Garstang, por razão de problemas no Egito. No início desse período, apareceu Josué e os israelitas em frente das muralhas de Jericó (1406 a.C.), invadindo um território enfraquecido pelos ataques dos egípcios, que assim se tornaram poderosos instrumentos nas mãos de Jeová. Isto, no dizer de alguns comentadores, a quem se pode objetar com o fato de que em **#Êx 23.28** e **#Dt 7.20** (40 anos mais tarde) o envio dos vespões é considerado ainda como um acontecimento futuro. (Mesmo assim, as conseqüências que importavam, realmente eram futuras). Em **#Js 24.12** cumpriu-se a promessa e foram enviados os vespões, cujo ataque deve coincidir exatamente com a altura da invasão e conquista da Terra Prometida por Josué. Quanto às conseqüências que daí poderiam advir para os israelitas, relacionadas com os textos de **#Êx 23.28** e **#Dt 7.20**, não se pode duvidar que é possível admitir o acontecimento como uma verdadeira praga de vespões, que contribuíram para o despovoamento das terras que os israelitas iam invadindo.

>Js-24.14

Em presença da intervenção de Jeová na história do povo eleito, Josué insistiu na lealdade que era devida a esse Ser soberano, a Quem deviam servir "com sinceridade e com verdade" (14). O vers. 15 é um desafio à fé dos israelitas, que podiam recorrer, em caso de insatisfação, aos deuses "dalém do rio", isto é, aos caldeus, cujo território ficava situado para além do Eufrates. Como não podia deixar de ser, o povo respondeu que jamais trocaria o seu Deus por qualquer outro. Josué insistiu, mas o povo não se deixou vencer: "Não, antes ao Senhor serviremos" (21). Josué então, convencido, renovou solenemente a aliança com o povo e, como testemunho, "tomou uma grande pedra, e a erigiu ali debaixo do carvalho que estava junto ao Santuário do Senhor" (26).

>Js-24.29

c) Morte e sepultura de Josué (Js 24.29-33).

E assim deixou esta vida o grande servo de Deus, cheio de anos e de méritos. Como epitáfio, apenas o vers. 31 do livro que traz o seu nome: "Serviu pois Israel ao Senhor todos os dias de Josué, e todos os dias dos anciãos que ainda viveram muito depois de Josué".

A fechar o livro, narra-se a sepultura dada aos ossos de José, que finalmente foram descansar na Terra Prometida. Segundo alguns comentadores teve lugar esta cerimônia muito antes da morte de Josué.

Uma nota, no entanto, a frisar este e outros acontecimentos idênticos: a mensagem que todo o livro apresenta é a da fidelidade do Senhor.

[Hugh J. Blair](#)

JUÍZES

INTRODUÇÃO

I. O TÍTULO

O Livro dos Juízes (em hebraico **shophetim**) é assim chamado devido aos diversos personagens nele descritos, que Jeová destinara a libertar as tribos de Israel e a "julgar" o povo do Senhor, não quer dizer que necessariamente teriam de governá-lo, mas executar o juízo ou julgamento de Deus. O vocábulo **shophetim** tem analogia com a palavra fenícia **sufetas**, que mais tarde serviu para designar os magistrados cartagineses, quando, cerca de 1.000 anos depois, vieram a desempenhar funções idênticas às dos juízes no dizer de alguns escritores romanos. Na literatura samaritana são por vezes conhecidos por "reis". É o segundo livro dos chamados "Profetas Anteriores" na Bíblia hebraica, precedendo Samuel e Reis e seguindo Josué.

II. O FUNDO HISTÓRICO

(Note a introdução a Josué, na nota a [#Js 1.1](#), para ver outro ponto de vista. É um dos assuntos de maior controvérsia na arqueologia bíblica).

O presente livro trata dos acontecimentos que se seguiram dois ou três séculos depois da entrada das tribos de Israel em Canaã sob a chefia de Josué (cerca de 1250-1200 a.C.). Este período coincide com o início da Idade de Ferro no Médio Oriente, quando se descobriu o novo processo da sua fundição, mais comum que o cobre e o estanho, componentes do metal que dera o nome à precedente Idade de Bronze, mas não tão fácil de trabalhar. Há, naturalmente alguns exemplos isolados de utensílios preparados séculos antes de ferro meteorítico, mas o fabrico ainda era tão diminuto que não trazia grandes vantagens à civilização. Só com o decorrer dos tempos se foi verificando as aplicações que o precioso metal poderia ter não somente na agricultura e na indústria, mas sobretudo na guerra. Julga-se ter sido descoberto na Ásia Menor oriental, precisamente na região de Kizzuwatna, pertencente ao Império hitita, cerca do ano 1400 a.C. Tanto assim, que o vocábulo hebraico **barzel**, com que se designa o ferro, deriva dum termo hitita: **barzillu**. Os reis dos hititas, bem como os do Império vizinho de mitani, procuraram por todos os meios guardar o segredo da produção e tomaram medidas enérgicas acerca da produção e exportação do ferro. Os últimos

daqueles monarcas chegaram a enviar presentes de ferro aos faraós, até que o Império mitani foi esfacelado pelos hititas cerca de 1370 a.C. Mas quando Ramessés II escreveu ao rei hitita Hatusilis III cerca de 1260 a.C. pedindo-lhe um fornecimento de ferro, o seu real "irmão" desculpou-se sob vários pretextos e apenas lhe enviou uma espada. Tal política de reserva e segredo, como aliás ainda hoje existe, não podia ser duradoura; e pelo ano 1200 a.C. no Médio Oriente, com as suas grandes civilizações, a Idade do Bronze passou, com o unir dos grandes Impérios e a Idade do Ferro inicia-se com invasões bárbaras.

No Velho Testamento surgem as primeiras peças de ferro no leito de Ogue, rei de Basã (#Dt 3.11) nos carros dos cananeus (#Js 17.16), e os novecentos carros de ferro do capitão Sísera (#Jz 4.3); finalmente, nos diversos objetos fabricados exclusivamente pelos filisteus com prejuízo dos filhos de Israel (#1Sm 13.19-22).

A entrada dos israelitas em Canaã e a conseqüente fixação ao solo da tão desejada Terra da Promissão deu-se na altura do grande movimento de povos (possivelmente migrações em larga escala nas estepes da Eurásia), que implicava a queda dos impérios do Rei Minos, dos hititas e dos micênios. Canaã era o centro do grande movimento das hordas invasoras, tanto do mar, como da terra. As relações deste país tornaram-se cada vez mais íntimas, sobretudo com o Egito sob a dinastia asiática dos hicsos (cerca de 1720-1580 a.C.), e os reis da décima oitava dinastia (1580-1319), que expulsaram os governadores hicsos, e anexaram Canaã ao Império egípcio. Mas no fim daquela dinastia vemos as cidades orientais de Canaã atacadas por um povo chamado habiru, nome atribuído a grupos semi-nômades que circulavam através de toda a Ásia Ocidental desde o século XVIII a XIII a.C. A palavra "habiru" pode identificar-se com "hebreus", nome do povo a que pertenciam os israelitas, o que não quer dizer que estes habiru fossem os mesmos, e só esses, que penetraram em Canaã sob a chefia de Josué. A correspondência diplomática do reinado de Akhnaton (1377-1360), revelada nos documentos descobertos em Tell-el-Amarna em 1887, contém desesperados pedidos de auxílio dos governadores da província de Canaã contra o usurpador habiru, auxílio esse que aliás nunca chegou a concretizar-se.

Já na décima nona dinastia (1319-1200) registrou-se uma tentativa por parte dos faraós de levar a cabo a reconquista de Canaã, o que deu origem a graves conflitos com o império hitita ao norte da Palestina. Depois da batalha indecisiva de Cades, no Alto Orontes, em 1297, os dois imperadores firmaram

um tratado (cerca de 1280) e concordaram em delimitar os seus estados, embora o fizessem com toda a prudência, visto que ambos tinham razão de olhar ansiosamente para novas ameaças. O rei hitita foi ameaçado pelos assírios a oriente, enquanto a ocidente os Ahhiyawa (aqueus?) os iriam apoquentar, acossados por outros povos vindos do interior da Europa. Quanto ao Egito, o litoral do grande país dos faraós começou a ser atacado por bandos de piratas vindos pelo mar, armados, mais tarde repelidos por Merenptah (cerca de 1230 a.C.), tal como foi dominada uma ação conjunta levada a cabo por outros corsários no reinado de Ramessés III (cerca de 1194). Nestas condições, e impossibilitados de se estabelecerem no Egito, esses invasores dirigiram-se às costas de Canaã. Destes, os mais notáveis eram os filisteus, que tão larga ação iriam exercer em grande parte em Canaã até ao reinado de Davi (1010-970), dando mesmo à região um nome derivado desse povo: Síria Filistina, (**Gr. Syria Palaistine**).

III. A ERA DOS JUÍZES

Neste breve resumo histórico convém fixar a entrada dos israelitas em Canaã e a era dos juízes. Sendo difícil determinar com exatidão a data da conquista, sugeriram-se várias entre os anos 1400 e 1200 a.C., de forma a considerar-se a era dos juízes entre 1250 e 1050 a.C.

J. Garstang, no seu livro "Joshua-Judges", ao designar o ano de 1400 como a data provável da entrada em Canaã, relacionando-a com a tomada de Jericó, arquitetou um sistema de coincidências da cronologia do Egito e de Israel no período dos juízes, dando a entender que os sucessivos períodos de "tranqüilidade" no tempo dos juízes correspondem aos da influência egípcia na Palestina. Quanto aos períodos de "opressão", esses coincidiriam com os anos em que enfraquecera o poderio egípcio, e os cananeus e outros povos circunvizinhos podiam agir com grande liberdade. Nada, há, porém, de concreto quanto à data da invasão de Canaã, muito menos na que foi apresentada por Garstang, pois não parece que até ao séc. XIII a.C. os reis da Transjordânia se tenham estabelecido, com seus estados já formados quando terminou a penosa viagem através do deserto. Acrescenta ainda o mesmo autor que todos os juízes foram consecutivos, o fato é que alguns surgiram simultaneamente em diferentes lugares do país.

Mesmo depois das escavações arqueológicas em Jericó, tudo leva a supor que o referido autor antecipou a data da tomada daquela cidade algumas décadas, e até talvez mais de um século. Na opinião avisada de W. F.

Albright, a data mais provável seria fixada nos fins do séc. XIV ou princípios do XIII. Nas pegadas dum célebre arqueólogo francês, L. H. Vincent, inclina-se para a segunda metade deste último século. Para uma discussão de todos os aspectos e questões relacionadas, veja-se H. H. Rowley, *From Joseph to Joshua* (1950).

IV. SERÁ O AUTOR DO LIVRO UM VERDADEIRO HISTORIADOR

O apelido de "Pai da História" é atribuído, e com razão, ao historiador grego Heródoto, que viveu na segunda metade do séc. V a.C. Os seus predecessores não passavam de meros cronistas, porque o verdadeiro historiador é algo mais que um simples narrador de fatos: é o observador das operações fundamentais das causas e dos efeitos; é o filósofo que apresenta os acontecimentos como a expressão de princípios básicos. Mas sob este aspecto pode dizer-se que Heródoto teve predecessores entre os historiadores de Israel, para quem a história era a narração das relações de Deus com o Seu povo e mesmo com outros povos, cujas causas profundas foram investigadas minuciosamente pelos historiadores, os quais procuravam as causas e os fins ou propósitos de Deus. Diz-se que os historiadores citados desde Josué até 2Reis demonstram à evidência a filosofia deuteronômica da história, assim designada por encontrar expressão clara no Deuteronômio. Assim a causa da prosperidade vai encontrar raízes na obediência à vontade de Deus e sobretudo na fuga dos deuses particulares (baalismo) de Canaã, com o seu culto cheio de imoralidade; a adversidade não passava de consequência infalível pelo afastamento desse caminho, sem dúvida estreito e restrito. Na estrutura do livro dos Juízes é mais que evidente essa atitude. Quando o povo, abandonando o culto de Jeová, passava a servir os deuses estranhos, normalmente era vítima dum agressão por parte dum povo que os oprimia. Israel então clamava por socorro e o Senhor ouvia-o, enviando-lhe um libertador.

E não se diga ser piedosa ficção este processo de historiar os acontecimentos. Enquanto as tribos mantiveram a sua lealdade a Jeová e à aliança do Sinai, simbolizada na arca, foram unidas e fortes; mas logo que seguiram os deuses pagãos, desfez-se o elo de união que as irmanava e, enfraquecendo-se, lentamente caíram na divisão e na ruína. Os períodos de libertação eram geralmente acompanhados dum regresso à fé que aprenderam no deserto, por cuja força, apesar de serem nômades, podiam derrubar as mais civilizadas nações de Canaã.

V. DATA E COMPOSIÇÃO DO LIVRO

A propósito da data em que foi composto o livro, vejamos as seguintes indicações: as palavras "todos os dias que a casa de Deus esteve em Silo" (#Jz 18.31) implicam num tempo posterior à destruição de Silo em vida de Samuel; em segundo lugar, a expressão "naqueles dias não havia rei em Israel" (#Jz 17.6; #Jz 18.1; etc.) lembram uma época durante a monarquia; finalmente, as palavras "até o dia do cativeiro da terra" (#Jz 18.30) indicam provavelmente o cativeiro assírio no século VIII a.C., isto é, o êxodo da população da Galiléia, ordenado por Tiglate-Pileser III em 732.

A "filosofia da história" do autor do livro pode sugerir uma data posterior à reforma de Josias (621 a.C.), que foi baseada na readmissão do código-lei do Deuteronômio. Lembra E. Robertson no seu livro, *The Old Testament Problem* (1950), página 159 e segs., que só por argumentos internos se pode provar pertencer o livro a uma época em que era notável a rivalidade entre judeus e samaritanos. É certo que #Jz 1.21 se refere naturalmente a uma data anterior à tomada de Jerusalém pelo rei Davi (cerca de 1003 a.C.), e #Jz 1.29 lembra uma data também anterior à conquista de Gezer por Salomão (cerca de 950). Mas estes textos apenas vêm provar que as partes componentes do livro foram escritas, na maioria, muito antes da sua composição final. O autor teve à sua disposição antigos materiais, como o Cântico de Débora (#Jz 5.1-31), contemporâneo do acontecimento a que se refere. E é através desses materiais que o autor expõe a sua filosofia da história. A parte principal do livro-a narração da freqüente tendência para a idolatria, a opressão estrangeira e a libertação por um "salvador" -é colocada desta forma na estrutura da obra: "E os filhos de Israel prevaricaram na presença do Senhor, e então o Senhor entregou-os nas mãos de A, rei de B, que os oprimiu durante X anos. Eles então clamaram ao Senhor, que lhes enviou o salvador C, filho de D, que os libertou das mãos do dito A, rei de B, trazendo a paz a Israel e um período de Y anos de paz (ou: julgou Israel durante tantos e tantos anos)".

Nas tragédias aludidas fala-se da opressão de Cusã-Risataim, de Eglom, de Jabim, de Midiã, de Amom e dos filisteus com as correspondentes libertações efetuadas por Otniel, Eúde, Débora e Baraque, Gideão, Jefté e Sansão. Esta parte principal dos Juízes (#Jz 3-16) contém ainda o episódio de Sangar (#Jz 3.31), a história de Abimeleque (#Jz 9.1-57) e breves comentários aos cinco juízes menores: Tola, Jair, Ibsã, Elom e Abdom (#Jz 10.1-5; #Jz

12.8-15). Como a servir de introdução, faz-se um breve resumo da conquista da terra (#Jz 1.1-2.10), recolhido de outras fontes primitivas, algumas partes das quais se encontram também em Josué, e no âmbito da filosofia da história do autor procura-se explicar como é que tantos povos pagãos puderam ainda ficar em Canaã (#Jz 2.11-3.4). A concluir, mais duas narrativas separadas, referindo-se cronologicamente à primeira parte da era dos juízes, que não tinham sido incorporadas na primitiva estrutura do livro: a emigração da tribo de Dã (#Jz 17-18) e a guerra contra Benjamim (#Jz 19-20), a ilustrarem ambas as péssimas condições daqueles dias "em que não havia rei em Israel, e cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos" (#Jz 17.6).

É inútil discutirmos aqui as fontes e a composição de cada uma das narrativas, de que tratam pormenorizadamente alguns dos melhores comentários. J. Garstang (*Joshua-Judges*, 1931) pode dar um conhecimento do pano de fundo arqueológico, mas deve ser suplementado com referência às descobertas mais recentes.

Jz-1.1

I. CONQUISTA PARCIAL DE CANAÃ. Jz 1.1-2.5.

a) Conquista do sul de Canaã (Jz 1.1-21).

Sucedeu, depois da morte de Josué (1). Estas palavras são consideradas como uma nota ou apostila do editor, pois a morte de Josué vem descrita no seu devido lugar em #Jz 2.8. Este primeiro capítulo é uma coleção de fragmentos diversos: os vers. 2-21 narram a conquista do sul de Canaã por Judá e outros grupos filiados; os vers. 22-26 descrevem a tomada de Betel pelas tribos de José; finalmente os vers. 27-36 enumeram uma série de cidades das quais as tribos do norte e do centro não puderam expulsar os seus habitantes. *Quem dentre nós primeiro subirá?* (1). Em #Nm 21.1-3 recorda-se uma invasão israelita que primeiramente partiu do sul. Cfr. #Jz 1.16-17. *Disse Judá a Simeão, seu irmão* (3). Fala-se muitas vezes numa tribo ou dum país aludindo apenas ao seu antepassado ou fundador, como no caso presente onde é óbvio, mas outros casos há, onde não é o mesmo sentido. Simeão deixara de ser uma tribo separada e se incorporara na de Judá. *E subiu Judá* (4). Parte deste território fora habitado por Judá e seus descendentes antes da vinda para o Egito (#Gn 38). *Os cananeus e fereseus* (4). Por fereseus devemos possivelmente entender uma raça indígena diferente dos cananeus. *Acharam a Adoni-Bezeque em Bezeque* (5). Cidade talvez ao sul de Canaã, cujo rei se

chamava apenas "senhor de Bezeque". **Cortaram os dedos polegares das mãos e dos pés** (6). Com certeza como sinal de humilhação e não apenas para o impedir de utilizar as armas de guerra. **E o trouxeram a Jerusalém** (7). A cidade mais antiga construída sobre o monte Ofel, ao sul da área do templo, remonta a cerca do ano 3000 a.C. no dizer dos arqueólogos. Documentos egípcios do ano 1900 a.C. referem-se a Jerusalém, que é sem dúvida a Salém do **#Gn 14.18**. Segundo Ezequiel, no tempo dos cananeus a cidade era habitada por dois grandes grupos: os heteus e os amorreus (**#Ez 16.3**). Na "Idade Amarna" (cerca de 1400-1360 a.C.) constituía uma das principais cidades-estados dos cananeus. **Os filhos de Judá pelejaram contra Jerusalém, e a tomaram** (8). Acontecimento relacionado talvez com a ameaça do povo habiru, à cidade, quando era seu governador Puti-Hepa, no reinado de Akhnaton (cerca de 1370 a.C.). Em qualquer caso esta vitória pode ter sido simplesmente um episódio isolado na conquista, logo seguido da recuperação da cidade por parte dos jebuseus (**#Jz 1.21**).

>Jz-1.10

Era porém, dantes o nome de Hebrom Quiriate-Arba (10). Significa este nome "cidade dos quatro", lembrando uma antiga "confederação", que é o que quer dizer o vocábulo "Hebrom". Em conformidade com **#Nm 13.22** foi esta cidade construída sete anos antes de Tanis (Zoã) no Egito. Talvez queira referir-se à fortificação dos hicsos em Tanis (Avaris), que dá uma possível data da fundação de Hebrom, cerca do ano 1725 a.C. São paralelos os textos de **#Jz 1.10-15** e **#Js 15.14-19**, onde se atribui a Calebe a tomada de Hebrom e Debir. **E feriram a Sesai, e a Aimã e a Talmã** (10). Eram filhos de Enaque, no dizer dos espíritos. **#Nm 13.22**. Cfr. **#Jz 1.20**. **Dali partiu contra os moradores de Debir** (11). Com a queda de Hebrom não foi difícil tomar Debir. O seu primitivo nome Quiriate-Sefer significa "cidade dos livros" ou "cidade dos escribas". Escavações recentes confirmam que a cidade (agora Tell Beit Mirsim) foi queimada cerca de 1230 a.C. e mais tarde restaurada, embora com muralhas mais estreitas, menor população e inferior cultura. **Tomou-a Otniel, filho de Quenaz, o irmão de Calebe** (13). Os filhos de Quenaz, bem como os de Queneu (16), misturaram-se com a tribo de Judá.

>Jz-1.16

Os filhos de Queneu, sogro de Moisés (16). Tal como em **#Jz 4.11** a respeito de Hobabe, a palavra hebraica tem duas leituras: **hothen** (literalmente: "aquele que circuncida") significa sogro, com uma diferente vocalização, **hathan**, com

o significado de "genro" ou "noivo" (cfr. #Êx 4.25-26), que aliás era quase sempre circuncidado pelo sogro na véspera do casamento. Há uma relação, portanto, entre os dois vocábulos. Os queneus (do heb. **qain**, "ferreiro") eram um povo nômade, talvez de funileiros ou latoeiros ambulantes, que circulavam no Neguebe e no Arabah, tendo por vizinhos os amalequitas. **Cidade das palmeiras** (16), isto é, tamareiras. Geralmente atribuía-se este epíteto a Jericó (cfr. #Jz 3.13), mas aqui pode referir-se a Tamar ("palmeira") e cerca de 150 quilômetros ao sul de Arade. **Que está ao sul de Arade** (16). Veja-se a derrota do rei de Arade em #Nm 21.1-3. **E chamaram o nome desta cidade Hormá** (17), isto é, "devoção" no sentido de destruição completa. Veja-se #Nm 21.3 para outra narração e cfr. #Nm 14.45; #Dt 1.44. **Tomou mais Judá a Gaza... Ascalom... e a Ecrom** (18). Tais cidades encontravam-se ainda em meados do séc. XII ocupadas pelos filisteus. **Despovoou as montanhas** (19). Os cananeus continuavam a manter os seus centros de civilização nas terras mais baixas que podiam facilmente vigiar e dominar com os seus carros de ferro. Vimos que foi através dos impérios hitita (ou heteu) e matani que esses povos chegaram ao conhecimento dos processos de fabricar objetos de ferro, dois séculos antes dos israelitas. **E deram Hebrom a Calebe** (20). Cfr. #Js 15.13. **Os filhos de Benjamim não expeliram os jebuseus que habitavam em Jerusalém** (21). Cfr. #Js 15.63, onde se faz referência a Judá e não a Benjamim (#Js 18.28). Jerusalém ficava situada na fronteira entre Judá e Benjamim. Os jebuseus eram talvez um grupo de amorreus, que se fixaram em Jerusalém nos primeiros tempos, onde antes tinham vivido os hititas. **Os jebuseus habitaram com os filhos de Benjamim em Jerusalém, até ao dia de hoje** (21). Este breve passo leva-nos a crer que foi escrito antes do ano 1003 a.C., quando Davi tomou a cidade, embora a população constituída por elementos heteus e amorreus continuasse lá a viver depois disso. Cfr. Araúna, o jebuseu (#2Sm 24.16), cujo nome se supôs ter o significado de "fidalgo" ou "nobre" na língua indo-européia.

>Jz-1.22

b) Tomada de Betel (Jz 1.22-26).

E subiu também a casa de José a Betel (22). Voltamos agora do sul para o centro de Canaã. Betel significa "casa de Deus" (cfr. #Gn 12.8; #Gn 13.3-4; #Gn 28.19; #Gn 31.13, etc.), e lembra um antigo santuário. Escavações nesse local (hoje Beitim) dizem-nos que a cidade foi incendiada no séc. XIII a.C. É a primeira e a mais notável das façanhas realizadas pela casa de José. **Aquele homem foi-se à terra dos heteus** (26), isto é, para o norte da Síria, para além

do Alto Orontes, já na fronteira com os impérios egípcio e hitita. Tudo nos indica que se trata dum membro da população imigrante dos heteus (ou hititas), que se fixou nas colinas de Judá. Desconhece-se absolutamente a cidade de Luz, fundada por aquele homem.

>Jz-1.27

c) Cidades que Israel não pôde tomar (Jz 1.27-36).

Nem Manassés expeliu... Bete-Seã... Taanaque... Dor... Ibleã... Megido (27). Os vers. 27-28 são paralelos a **#Js 17.11-12**. As ditas cidades formavam como que uma muralha de fortalezas ao longo da planície de Esdralom de oriente a ocidente, separando as tribos de José que habitavam no centro de Canaã das que viviam no norte. Bete-Seã esteve ocupada pelas guarnições egípcias até ao reinado de Ramessés III (1198-1167 a.C.). Dor ainda no séc. XII se encontrava invadida por um povo marítimo chamado Thekel. Megido, durante a primeira metade daquele século, vivia sob a proteção das armas egípcias, até que foi completamente destruída. **Tão-pouco expeliu Efraim aos cananeus que habitavam em Gezer** (29). Passo paralelo a **#Js 16.10**. Ficava situada essa cidade a sudoeste do território de Efraim, tendo passado para o domínio dos israelitas cerca de 950 a.C. (cfr. **#1Rs 9.16**). **Tão-pouco Aser expeliu... Aco... nem Sidom** (31). Foi somente ao longo da costa fenícia que os cananeus mantiveram a sua independência e até ao século VI a.C. **Aco** (N.T. Ptolemaida), embora sem condições, foi uma cidade utilizada como porto. **Sidom** no tempo dos juízes era mais próspera do que Tiro, sua irmã. Cfr. 19.28 e segs. **Tão-pouco Naftali expeliu... Bete-Semes, nem... Bete-Anate** (33). O primeiro era um santuário dedicado ao culto do deus-sol, talvez o mesmo que Cades de Naftali de 4.6; o segundo era dedicado ao culto de Anate, a deusa da fertilidade, que aparece nos ladrilhos de Ras-Shamra como consorte de Baal. **E apertaram os amorreus aos filhos de Dã até às montanhas** (34). Foi esta a causa da emigração dos danitas para o norte (cfr. cap. 18). Os amorreus ("Ocidentais" -do ponto de vista akadiano) eram invasores semitas que saíram do deserto da Arábia cerca do ano 2000 a.C. Por volta de 1750 tornaram-se senhores das cidades que iam da Síria até à Babilônia, formando aquelas a que alude o vers. 35 uma barreira entre as tribos de José e de Judá. O vers. 36 indica as fronteiras orientais desse povo, que partiam da **subida de Acrabim** (isto é "escorpiões") a sudeste de Judá, a sul do Mar Morto, onde se encontrava Hazazom-Tamar, cidade dos amorreus (cfr. **#Gn 14.7**).

Jz-2.1

d) O Anjo do Senhor em Boquim (Jz 2.1-5).

E subiu o Anjo do Senhor de Gilgal a Boquim (1). "Anjo de Jeová" é a expressão vulgarmente usada no Velho Testamento para indicar o próprio Jeová nas Suas manifestações aos homens. Cfr. #Jz 6.11-24; #Jz 13.3-21. Gilgal (o nome implica a presença dum círculo, provavelmente de pedras ao alto) ficava situada entre o Jordão e Jericó. Quanto a Boquim, o texto original parece ter apresentado a palavra "Betel", que os LXX adotaram. Não fareis concerto com os moradores desta terra (2). As palavras dos vers. 2-3 contêm a terminologia própria de Jeová quando falava a Israel na Sua aliança a efetuar com o povo eleito (cfr. #Êx 23.33; #Êx 34.12-16; #Nm 33.55; #Dt 7.2,5,16; #Dt 12.3). Chamaram àquele lugar Boquim (5), isto é, "pranteadores". Alguns comentadores não deixam de considerar uma certa relação entre esta cidade e o "carvalho do pranto" -Alom-Bacute, perto de Betel (cfr. #Gn 35.8).

>Jz-2.6

II. ALGUNS GENTIOS FICAM NO PAÍS. 2.6-3.6

a) A morte de Josué e dos anciãos (Jz 2.6-10).

E havendo Josué despedido o povo (6). Cfr. #Js 24.28-31. Outra geração após deles se levantou, que não conhecia ao Senhor (10). Quanto ao estilo deste passo cfr. #Êx 1.8. Aqui começa a seqüência atual com o Livro de Josué.

>Jz-2.11

b) A idolatria dos israelitas (Jz 2.11-13).

Então fizeram os filhos de Israel o que parecia mal aos olhos do Senhor, e serviram os baalins (11), isto é, seguiram os principais deuses dos cananeus (cfr. vers. 13). Porquanto deixaram ao Senhor, e serviram a Baal e a Astarote (13). Baal ("senhor") era o nome corrente aplicado a Hadade, deus das tempestades, filho de El, na mitologia dos cananeus. Personificava a chuva e as forças fertilizantes da natureza e prestava-se-lhe culto no meio das mais licenciosas cerimônias. Astarote é o plural de Astartet ou Astart, divindade do planeta Vênus, na Palestina considerada como consorte de Baal. (No norte da Síria essa consorte era Anate; cfr. 1.33n). Em tempo de paz havia uma

tendência para voltar ao culto de Baal, sobretudo na esperança de boas colheitas; mas, logo que surgiu a guerra, o coração de Israel lembrava-se que só o Deus de seus antepassados poderia levá-lo à vitória contra os inimigos.

>Jz-2.14

c) Resumo do período dos juízes (Jz 2.14-19).

Os versículos 14-19, apresentam um resumo geral do Livro de Juízes.

E não puderam mais estar em pé diante dos seus inimigos (14). Nessa altura, sendo substituído o culto de Jeová pelo dos deuses pagãos, foi-se perdendo o sentido da unidade israelita, porque enfraqueceram os laços da aliança que os ligava a Jeová, e ao mesmo tempo dispersaram-se as forças que os uniam uns aos outros numa sólida fraternidade. Com a divisão e a desunião ficou o caminho aberto aos assaltantes. **Antes se prostituíram após outros deuses** (17). A idolatria é normalmente apresentada como um adultério espiritual, uma vez que a aliança entre Israel e Jeová é concebida em termos próprios dum casamento.

>Jz-2.20

d) Os gentios ficam no país para provação de Israel (Jz 2.20-3.6).

Tão-pouco desapossarei mais de diante deles a nenhuma das nações, que Josué deixou, morrendo (21). Por três razões permitiu Jeová que os cananeus continuassem a viver ao lado de Israel: A primeira para punir os israelitas pela apostasia religiosa; (#Jz 2.3,20-21); a segunda, para provar a fidelidade de Israel a Jeová; (#Jz 2.22; #Jz 3.4) e finalmente para dar oportunidade a que os israelitas se treinassem para a guerra (#Jz 3.2). Em #Dt 7.20-24 se acrescenta uma quarta razão: para impedir que a terra se despovoasse e ficasse deserta. **Para por elas provar a Israel** (22). Era a causa última da tão estranha atitude tomada por Jeová.

Jz-3.1

Todos os que não sabiam de todas as guerras de Canaã (#Jz 3.1), isto é, as gerações seguintes que tomaram parte na invasão e na conquista, esta sobretudo providencial para os instruir na arte da guerra (2). Cfr. #Êx 23.29-30; #Dt 7.22. **Cinco príncipes dos filisteus** (3), quer dizer, cinco governadores

das principais cidades-estados: Asdode, Ascalom, Ecom, Gaza e Gate. A palavra "príncipe" (em hebraico: **seren**) não é semítica, mas talvez anatólica, importada pelos filisteus originários da Anatólia. Tem, no entanto, alguma semelhança com o grego **koirano** ou **tyrannos**. Como se presume que os filisteus tivessem vindo de Cária, na Ásia Menor, não admira dar-se o nome de "caritas" (heb. **Karim**) aos guardas filisteus do palácio de Jerusalém. **#2Sm 20.23; #2Rs 11.4,19**. O outro nome por que muitas vezes são conhecidos ("queretitas" -**#1Sm 30.14**) revela certo parentesco com Creta ou Caftor, donde teriam surgido nas suas migrações para o sul (cfr. **#Am 9.7**). Cerca do ano 1190 a.C. fixaram-se na Palestina nos territórios antes ocupados pelos aveus (**#Dt 2.23**). Mais tarde expandiram-se para o norte e para o oriente, conquistando a maior parte da Palestina (cfr. **#Jz 13.1**). Usavam na cabeça elmos com penas, típicos dos cavaleiros de Cária, cuja armadura vem descrita em **#1Sm 17.5-7**, a recordar os soldados homéricos. **E todos os cananeus** (3). Já foram mencionados em **#Jz 1.27-33**. **E sidônios** (3), isto é, fenícios. Aquele nome provinha de Sidom, sua cidade principal. (Cfr. 1.31n). **E heveus, que habitavam nas montanhas do Líbano** (3). Apesar das diligências de certos autores em identificá-los com os aqueus, (comparando o vocábulo hebraico **Hiwwi** com o termo hitita **ahhiyawa**), não tem sido convincente. Supõe-se serem "horitas", ou então se deve emendar "heveu" para "hivita"; não obstante os LXX traduzem aqui "hititas". Seja como for estes povos invadiram o norte da Mesopotâmia a partir das montanhas do oriente entre os anos 1750 e 1600 a.C. Cerca de 1500 estabeleceram o reino mitani na Alta Mesopotâmia. Muitos dos costumes patriarcais parecem ser de origem "horita". Nos séculos XV e XIV espalharam-se tão rapidamente em Canaã que os egípcios conheciam o país pelo nome de Huru. No tempo de Josué ocuparam quatro cidades a noroeste de Jerusalém, que vieram a formar a coligação de Gibeom (**#Js 9.7,17**). **Desde o monte de Baal-Hermom, até à entrada de Hamate** (3). O Monte de Baal-Hermom (mais tarde apenas Monte Hermom) fica situado a oriente da cadeia do Líbano, passando ao sudoeste de Damasco. Quanto a **entrada de Hamate**, talvez se trate de "Labo de Hamate" (hoje Lebweh) a 25 quilômetros a nor-nordeste de Baalbek. **Para por eles provar a Israel** (4). Cfr. 2.22n. **Tomaram de suas filhas para si por mulheres...** (6). Era a violação da aliança já expressa em **#Êx 34.10-16** e repetida em **#Dt 7.1-5**.

>Jz-3.7

III. CUSÃ-RISATAIM E OTNIEL Jz 3.7-11.

E os filhos de Israel fizeram o que parecia mal aos olhos do Senhor (7). Nestes versículos deparamos com o modelo dos principais episódios do livro dos Juízes; dando-nos em poucos pormenores o nome do opressor, a duração da opressão, o nome do libertador e a duração do subsequente período de "paz".

E serviram aos baalins e a Astarote (7). Eram respectivamente as divindades masculinas e feminina da vegetação. **Astarote** é um plural raro da deusa dos cananeus considerada como consorte do deus supremo El, conforme os ladrilhos de Ras-Shamra. Algumas versões, como a dos LXX, tão conceituadas, traduzem o termo por "bosque", mas erradamente. Noutras passagens as deusas correspondentes aos baalins, são Astarote (Conf. **#Jz 2.13**) o que deve estar certo nesta passagem. Cfr. **#Jz 6.25. Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia (8).** Em heb. **Aramnaharaim.** Documentos egípcios fazem alusão a uma província chamada Cusã-Rom ("alta Cusã") na região de Naarém, ao norte da Síria. Mas é estranho que um monarca do norte tivesse sido repellido por um herói do sul de Judá. Possivelmente aludia-se a um invasor do sul-**Cusan ros Teman**, "Cusã, governador de Temã" -devendo nesse caso transformar-se **Arã** em **Edom**, como tantas vezes sucede no Velho Testamento. Não raro se tem dado àquele nome uma leitura, cujo sentido seria o de "Cusã da dupla maldade". **Otniel, filho de Quenaz, irmão de Calebe mais novo do que ele (9)**, isto é, o conquistador de Quiriate-Sefer e genro de Calebe (cfr. **#Jz 1.13**). **E veio sobre ele o Espírito do Senhor (10).** Expressão semelhante se emprega no livro dos Juízes a respeito de Gideão (**#Jz 6.34**), de Jefté (**#Jz 11.29**) e de Sansão (**#Jz 13.25; #Jz 14.6,19; #Jz 15.14**). No 1 livro de Samuel o mesmo se diz de Saul (**#1Sm 10.10; #1Sm 11.6**) e de Davi (**#1Sm 16.13**). Por isso se apelidaram estes personagens de "carismáticos", por deverem à graça divina o excepcional privilégio de que foram investidos.

>Jz-3.12

IV. EGLOM, REI DE MOABE, E EÚDE. Jz 3.12-30.

a) O opressor Eglom (Jz 3.12-14a).

Então o Senhor esforçou a Eglom, rei dos moabitas, contra Israel (12). A terra de Moabe ficava a oriente do Mar Morto, tendo como fronteiras os rios Arnom ao norte e Zerede ao sul. Eglom invadiu Canaã pela mesma estrada que os israelitas seguiram, quando atravessaram o Jordão e tomaram Jericó. Era natural, portanto, que o primeiro embate se desse com Eúde, da tribo de Benjamim. Tal como outros reinos da Transjordânia (Basã, Hesbom, Amom e

Edom), o reino de Moabe foi fundado no século XIII a.C., diz N. Glueck, depois de seus habitantes terem levado uma vida nômade. Quir-Haresete era a sua capital. **Filhos de Amom e aos amalequitas** (13). Amom, o povo mais intimamente relacionado com os moabitas, vivia a nordeste de Moabe. Os amalequitas eram nômades (parentes dos edomitas) que há muito se tinham estabelecido no sul de Canaã. Muito vexaram eles os israelitas, quando estes peregrinavam através do deserto. **Cidade das palmeiras** (13), isto é, Jericó (cfr. **#Jz 1.16**). A arqueologia relaciona esta ocupação da cidade com a "meia construção" duas gerações depois de ser totalmente destruída, nos fins da Idade de Bronze.

>Jz-3.15

b) O libertador Eúde (Jz 3.15-30).

O Senhor lhes levantou um libertador, Eúde, filho de Gera, filho de Jemini (ou Benjamim), **homem canhoto** (15). A última palavra em hebraico é a expressão ' *itter yad-yemino*, literalmente "atado da mão direita". Veja-se a mesma frase em **#Jz 20.16** referida aos homens da tribo de Benjamim. Os LXX e a Vulgata traduzem a expressão por "ambidestros". **E os filhos de Israel enviaram pela sua mão um presente a Eglom** (15). Provavelmente a Jericó, a julgar pela referência a Gilgal no vers. 19. **Imagens de escultura que estão ao pé de Gilgal** (19). No hebraico, *pesilim* significa "imagens esculpidas" ou "gravuras", talvez figuras gravadas em pedras ao alto, donde derivou o nome de Gilgal (cfr. 2.1n). **Cala-te** (19). Em hebraico a palavra onomatópica "has", corresponde ao português "psiu", ou inglês "hush". **Cenáculo fresco... onde estava sentado** (20). Era um quarto particular, em cima do telhado, plano e arejado por largas janelas. **Sem dúvida está cobrindo os seus pés** (24). Eufemismo para exprimir a satisfação das necessidades naturais. Cfr. **#1Sm 24.3**. **Tomaram a chave e abriram** (25). A chave era uma peça de madeira lisa com umas saliências correspondentes aos orifícios da fechadura. Como esta se encontrava da parte de dentro, para abrir a porta metia-se a mão por uma fresta (cfr. **#Ct 5.4**) e com essa chave rude facilmente se podia atingir o objetivo, porque as saliências da chave correspondiam exatamente aos buracos da fechadura. **Tocou a buzina nas montanhas de Efraim** (27). Ficavam estas ao norte do território de Benjamim, e talvez fossem também invadidas por Eglom.

>Jz-3.31

V. FEITOS DE SANGAR, FILHO DE ANATE. Jz 3.31.

Parece que Sangar não era israelita, a julgar pelo nome que, na opinião de W. F. Albright, é de origem hitita. As palavras "filho de Anate" podem apenas indicar que era natural de Bete-Anate, na Galiléia (cfr. 1.33n), ou de qualquer outra localidade onde se erguesse um santuário a Anate. Mesmo que fosse cananeu, o certo é que o ataque dirigido contra os filisteus **libertou a Israel**. J. Garstang identifica-o com um célebre capitão dos mares, Ben Anate, siríaco, mas aliado de Ramessés II, já no fim do seu reinado. Sendo assim, os filisteus, a quem atacou, devem ter formado uma vanguarda dum grupo maior estabelecido no litoral da Palestina alguns anos mais tarde. (Quanto à **aguilhada de bois**, Sir C. Marston sugere que fosse o nome do seu barco!). Mas por motivos de ordem cronológica não é fácil de admitir esta hipótese. Quanto a Sangar ser um homem de notória celebridade, é o próprio Cântico de Débora que no-lo revela (**#Jz 5.6**).

Jz-4.1

VI. JABIM, REI DE CANAÃ, E DÉBORA E BARAQUE. Jz 4.1-24; 5.31.

a) Os opressores Jabim e Sísera (Jz 4.1-3)

E vendeu-os o Senhor em mão de Jabim, rei de Canaã, que reinava em Hazor (2). Até aqui os opressores, vindos de leste e de sudeste, invadiram parte do sul e do centro de Canaã. Agora a ameaça surge do norte. Hazor fica situada a cerca de 8 quilômetros a sudoeste do Lago Hule, e era a capital dum reino dos cananeus. Sendo em 1927 identificada, chegou-se à conclusão de que ocupava uma posição estratégica de valor, já de certa vantagem no tempo dos hicsos e estava ligada por uma importante estrada comercial à famosa metrópole de Sidom. Como já na geração anterior se falara de Jabim, rei de Hazor (**#Js 11.1**), é possível que este nome tenha sido um título hereditário. O Jabim do livro de Josué chefiou uma coligação que foi derrotada por Josué nas águas de Merom, rio que deságua no Mar da Galiléia, vindo de noroeste; o exército cananeu de que fala o livro dos Juízes sofreu a sua derrota no vale de Quisom, mais para ocidente. Talvez que o livro dos Juízes combine a vitória sobre Jabim de Hazor, por Zebulom e Naftali, com a vitória sobre Sísera de Harosete, por meio duma larga fusão de tribos, conforme se verifica no cap. 5. Os cananeus aqui mencionados são os mesmos a que se refere **#Jz 1.27,33**,

como vivendo entre as tribos de Manassés e Naftali. **Sísera era o capitão do seu exército** (2). Sísera é possivelmente um nome hitita, embora haja quem o julgue um oficial egípcio em serviço no distrito de Megido, que talvez estivesse sob a influência egípcia até cerca de 1150 a.C. Mas parece que essa região foi abandonada no tempo da batalha de Quisom (cfr. **#Jz 5.19**). **Harosete dos gentios** (2). Talvez a cidade de El-Haritiyeh, a sudeste de Haifa. **Porquanto ele tinha novecentos carros ferrados** (3). Este número de veículos armados, se por um lado tornavam Sísera invencível, por outro, contribuíram para a sua derrota, pelo obstáculo que vieram a constituir. De fato, o levantamento das forças de Israel, que se uniram contra ele sob o comando de Baraque, coincidiu com uma violenta tempestade, em que o ribeiro de Quisom, normalmente seco, engrossou as suas águas, que não tardaram a engolir os carros e os seus ocupantes.

>Jz-4.4

b) A batalha de Quisom (Jz 4.4-16).

E habitava debaixo das palmeiras de Débora (5). Não se confunda este passo com **#Gn 35.8**, onde se fala de uma outra Débora, sepultada debaixo dum carvalho "ao pé de Betel". A palavra Débora significa "abelha". **E os filhos de Israel subiam a ela para juízo** (5). Era pois um magistrado no sentido normal e não no sentido militar, pois nela se encontrava presente o elemento carismático, tanto assim que era profetisa (4). **Baraque** (6). O nome quer dizer "relâmpago". Recorde-se a Barca cartaginesa. **Quedes de Naftali** (6). Santuário identificado com o Bete-Semes de **#Jz 1.33**. **Monte de Tabor** (6). Era o local de reunião das tribos de Issacar, Zebulom e Naftali. **O ribeiro de Quisom** (7). Não passava de um leito seco duma torrente que só engrossava no tempo das chuvas. Tem o rumo de noroeste através do vale de Jezreel e vai desaguar no Mediterrâneo a norte do Monte Carmelo. **Heber, queneu, tinha-se apartado dos queneus** (11). Cfr. Jz #1.16. Aqui temos o exemplo duma família que se separa da sua família, ao sul, para ir habitar no norte, no vale de Jezreel. **E o Senhor derrotou a Sísera, e a todos os seus carros** (15). O mesmo acontecimento é narrado em termos poéticos em **#Jz 5.20-22**. Uma terrível e repentina tempestade encheu o leito do Quisom, onde, em breve, desapareceu todo o material bélico dos inimigos. O mesmo se verificou quando Napoleão derrotou o exército turco, precisamente na Batalha do Monte Tabor, em 16 de abril de 1799.

>Jz-4.17

c) A morte de Sísera (Jz 4.17-24).

Cobriu-o com uma coberta (18). Talvez uma rede mosquiteira (em hebraico: semikhah). Ela abriu um odre de leite (19). Requeijão devia ser, e não simples leite, pois aquele tem, na realidade, efeitos soporíferos. Então Jael, mulher de Heber, tomou uma estaca da tenda (21). Em #Jz 5.26 e segs. descreve-se com mais colorido e pormenor a morte do grande capitão. O maço o a cavilha, para fixar a tenda, deviam realmente encontrar-se ali perto, porque esse trabalho normalmente pertencia às mulheres. Estando ele, porém, carregado dum profundo sono, e já cansado; e assim morreu (21). Algumas edições, baseadas noutra leitura, acrescentam que "desmaiou" antes de morrer, sendo porém de admitir que a morte fosse instantânea. Até que exterminaram Jabim, rei de Canaã (24). A narração em prosa continua em #Jz 5.31. A seguir, vem a versão poética do acontecimento.

Jz-5.1

VII. O CÂNTICO DE DÉBORA E BARAQUE. Jz 5.1-31.

E cantou Débora e Baraque (1). Tem lugar este cântico, ao lado de outras páginas poéticas de episódios relacionados com a conquista de Canaã, conservados em coleções separadas, como o Livro do Reto (#Js 10.12 e segs.) ou o Livro das Guerras do Senhor (#Nm 21.14 e segs.). Estes relatos são praticamente contemporâneos dos acontecimentos que celebram, sendo o Cântico de Débora o mais longo e o mais importante de todos eles. Os seus elementos são os mais antigos do livro dos Juízes, como o prova a linguagem arcaica, numa grande parte já desconhecida quando da versão dos LXX. Têm-se feito várias tentativas para se reconstituir a forma original, sendo de aceitar algumas delas. Quanto ao plano do cântico, assim o poderíamos dividir: -vers. 2-3: introdução de louvor; vers. 4-5: invocação de Jeová; vers. 6-8: desolação provocada pelos opressores; vers. 9-18: convocação das tribos; vers. 19-23: batalha de Quisom; vers. 24-27: morte de Sísera; vers. 28-30: a mãe de Sísera aguarda a vinda do filho; vers. 31: a conclusão.

>Jz-5.4

Ó Senhor, saindo tu de Seir (4). Os vers. 4-5 descrevem Jeová no meio das nuvens e da tempestade, conduzindo o povo desde o Sinai, onde pela primeira vez se lhes revelou, até ao campo de Edom, em Canaã. Cfr. #Dt 33.2; #Sl 68.7

e segs.; #Hc 3.3 e segs. Nos dias de Sangar, filho de Anate, nos dias de Jael (6). Cfr. 3.31n. Naturalmente pensamos em Jael, esposa de Heber, o queneu, celebrada em #Jz 5.24, mas admira encontrá-la aqui associada a Sangar; isto pode referir-se a alguém duma geração anterior, já desconhecida. Até que eu, Débora, me levantei, por mãe em Israel me levantei (7). A palavra arcaica *qanti* tanto pode ser a primeira, como a segunda pessoa do singular feminino, e possivelmente Débora é aqui apostrofada, como no vers. 12. Poderíamos, pois, traduzir assim: "até que tu, ó Débora, te levantaste...". Da expressão *mãe em Israel*, que também se aplica a uma cidade em #2Sm 20.19, houve quem atribuísse este capítulo à cidade de Débora, no sopé do Monte Tabor, o que é pouco provável. E se escolhiam deuses novos, logo a guerra estava às portas (8). É significativa demais a consequência para dispensar qualquer comentário. Cfr. 2.14n. Via-se por isso escudo ou lança entre quarenta mil em Israel? (8). Esta frase reflete a falta de preparação militar que se fez sentir em Israel durante os seus vinte anos de opressão. Cfr. #1Sm 13.19 e segs., onde se faz alusão ao desarmamento no tempo dos filisteus. Repare-se no cálculo do número de homens aptos para o serviço militar.

>Jz-5.10

Vós os que cavalgais sobre jumentas (10). Era um sinal de distinção e nobreza. Cfr. #Jz 10.4; #Jz 12.14. Ali falai das justiças do Senhor (11). As Suas "justiças" ou ações justas são as que manifestaram a intervenção direta ou indireta na salvação e nas vitórias do povo eleito. A cooperação das tribos do norte e do centro era devida não só à pressão do inimigo comum, mas também à lembrança conjunta da aliança com Jeová, que nessa altura revivia. O cântico considera todas as tribos a prestarem o seu culto a Jeová. A palavra *falai* ou "cantai" (*yethannu*) é um termo aramaico, cuja presença no hebreu arcaico é de registar (cfr. #Jz 11.40). O significado atual é o de "cantar alternadamente", usado sobretudo para os cânticos de vitória a cantar pelas moças junto às fontes em tempo de paz.

>Jz-5.14

De Efraim saiu a sua raiz contra Amaleque (14). À semelhança de Heber, o queneu (#Jz 4.11), alguns dos amalequitas, nômades do sul, abandonaram a sua pátria e invadiram o centro de Canaã (cfr. #Jz 3.13; #Jz 6.3-33; #Jz 12.15). Após de ti vinha Benjamim (14). Quanto ao grito de guerra dos homens daquela tribo cfr. #Os 5.8. De Maquir (14). Geralmente era a parte oriental de Manassés; mas aqui talvez sejam as duas combinadas: a oriental e a ocidental.

Passando com o cajado do escriba (14). Em hebraico: **shebhet sopher**. O cajado era talvez o símbolo ou emblema do ofício de escriba. A referência nesta altura (cerca de 1150 a.C.) a um escriba não é de surpreender, assim como a alusão à "cidade dos livros" em **#Jz 1.11**. A escrita alfabética foi utilizada durante muitos séculos ao longo da costa da Síria, desde o primitivo alfabeto de Serabit, na península do Sinai (uma forma antiga do alfabeto original norte semítico, do qual o da Fenícia e outros alfabetos semíticos foram derivados), ao alfabeto cuneiforme de Ras Shamra (uma adaptação do dito alfabeto norte semítico). Grandes quantidades de papiro foram exportadas do Egito para a Fenícia cerca de 1100 a.C. Veja-se **#Jz 8.14**.

>Jz-5.17

Gileade ficou dalém do Jordão (17). Referência à tribo de Gade que, como a de Rúben (16), não tomou parte na batalha. **E Dã por que se deteve em navios?** (17). Alusão provável à parte norte da tribo de Dã e aos barcos que tinha no lago Hule; mas poderá ser que o texto também se refira à mesma tribo, quando ainda habitava a costa ocidental de Canaã, apesar de já ter começado a emigrar para o norte (cfr. **#Jz 18.1** e segs.), e é certo alguns terem ficado para trás (cfr. **#Jz 13.2**). **Aser se assentou nos portos do mar** (17). O território de Aser foi em breve invadido pelos fenícios. **Em Taanaque, junto às águas de Megido** (19), isto é, perto da torrente de Quisom. Possivelmente a cidade de Megido estava deserta nessa altura. **Desde os céus pelejaram: até as estrelas desde os lugares dos seus cursos pelejaram contra Sísera** (20). Alude-se à cheia provocada pelas chuvas torrenciais que afundou os carros de Sísera. Cfr. **#Js 10.12** e segs. **Meroz** (23). Foi identificada com Kirbet Marus a cerca de 13 quilômetros ao sul de Quedes-Naftali. Parece que Meroz não cumpriu com uma obrigação especial.

>Jz-5.24

Bendita seja sobre as mulheres Jael (24). No cântico desta mulher mais duas mulheres têm um lugar especial: primeiramente Jael, e no final a mãe de Sísera. **Leite lhe deu** (25), isto é, requeijão (heb. hem'ah); cfr. 4.19n. **À estaca estendeu a sua mão esquerda** (26). Isto é, segurou a cavilha com a mão esquerda. Assim também os LXX. Escusado será lembrar o paralelismo neste versículo entre mão esquerda e mão direita, e por outro lado entre estaca e maço. Cfr. **#Pv 3.16**. **Rachou-lhe a cabeça** (26). A palavra hebraica halaph (literalmente: "atravessar") aparece em **#Jó 20.24**.

>Jz-5.28

A mãe de Sísera... exclamava pela grade (28). O final do cântico é movimentado e colorido. Repare-se nesta cena da janela de acentuado sabor oriental. E até ela respondia a si mesma (29), como a convencer-se que tudo corria bem. Apesar da confiança tranqüilizadora das damas, não se calarão os seus pressentimentos. Uma ou duas moças a cada homem (30). A palavra moça (heb. *raham*) encontra-se na pedra moabita de Mesa (cerca de 850 a.C.) no sentido depreciativo de "moça" ou "criada". Despojos de várias cores de bordados (30). Os hebreus eram exímios na arte de tingir, como é fácil depreender-se da descrição das tendas do deserto e das vestes sacerdotais. Talvez que dos egípcios herdassem tal ciência. Escavações revelaram que o tingir as lãs era uma indústria destacada em Debir e Mispa de Benjamim. Para os pescoços do despojo (30). Segundo outra leitura teríamos: "um despojo para o meu pescoço". Assim, ó Senhor, pereçam todos os teus inimigos (31). Invocando uma maldição sobre os inimigos do Senhor e uma bênção para os Seus amigos, a conclusão do cântico assemelha-se grandemente ao #Sl 68.1-3.

Jz-6.1

VIII. MIDIÃ E GIDEÃO Jz 6.1-8.32.

a) O opressor midianita (Jz 5.31-6.6).

E sossegou a terra quarenta anos (31). É esta a conclusão da derrota de Jabim, descrita no capítulo anterior (#Jz 4.24). Prevalecendo a mão dos midianitas sobre Israel (2). Os midianitas eram nômades do deserto, que pela primeira vez e em larga escala se serviam de camelos domesticados, de modo a permitir-lhes ataques a grandes distâncias. Possivelmente surgiram das imediações do Golfo de Acaba (cfr. #Êx 2.15 e segs.), penetraram na Transjordânia pela mesma entrada que seguiram os israelitas e, atravessando o Jordão, invadiram Canaã central e atingiram a cidade de Gaza (4). Foi talvez na travessia da Transjordânia, no território de Moabe, que vieram a ser derrotados por Hadade I, rei de Edom, cerca do ano 1100 a.C. (cfr. #Gn 36.35). Fizeram os filhos de Israel para si... as covas que estão nos montes (2), uma explicação das habitações nos rochedos nas montanhas de Efraim e Judá. Os amalequitas, e também os do oriente (3). Estes uniram-se aos midianitas. Quanto aos amalequitas cfr. 3.13n. Parece que todos tinham por norma atacar Canaã unindo-se aos invasores pela Transjordânia. Filhos do oriente (em heb. *bene qedem*) é uma expressão genérica para indicar os povos nômades do

deserto da Síria. Cfr. #Gn 29.1 onde, todavia, a frase se aplica a um povo que vivia da pastorícia na Alta Mesopotâmia. Uma história egípcia conta que um tal Sinue, cerca do ano 1900 a.C., se refugiou junto de certo chefe amorreu, que levava uma vida semi-nômade na região de **Quedem. Como gafanhotos, em tanta multidão** (5). É justa a comparação, pois não só implica uma ação destruidora, como o grande número em que geralmente costuma aparecer.

>Jz-6.7

b) O profeta (Jz 6.7-10).

Enviou o Senhor um homem profeta aos filhos de Israel (8). A mensagem do profeta não é diferente da do anjo em Boquim. As palavras da segunda metade do vers. 8 lembram a introdução aos Dez Mandamentos (#Êx 20.2). **E vos livreis da mão dos egípcios** (9). Há quem veja aqui uma alusão aos recontros com os egípcios em Canaã. Não é necessário, porém recorrer a tal sugestão em presença do livro de Êxodo. **E vos disse** (10). Mais uma vez resumem estas palavras as exortações de #Êx 34.10-16; #Dt 7.1 e segs. Cfr. #Jz 3.5 e segs.

>Jz-6.11

c) O anjo do Senhor visita Gideão (Jz 6.11-24).

O (um) anjo do Senhor (11). Cfr. 2.1n. **Debaixo do carvalho que está em Ofra** (11). Em heb. ' elah. Era uma árvore sagrada, espécie de "terebinto". Cfr. #Gn 13.18; #Gn 14.13; #Gn 18.1; #Gn 35.8; #Os 4.13. Ofra devia ser uma cidade limítrofe a ocidente dos territórios de Manassés e Efraim. **Joás, abiezrita** (11). Abiezer era uma subtribo de Manassés, pertencente à parte ocidental daquela tribo (cfr. #Jz 5.14). **Gideão, seu filho estava malhando o trigo no lagar** (11), provavelmente com um pau ou uma vara, método usado em geral para pequenas quantidades de grão (cfr. #Rt 2.17). **Que é feito de todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram?** (13). Quanto ao sentimento e linguagem expressos nestas palavras cfr. #Sl 44.1 e segs. **O Senhor olhou para ele** (14). Esta alternância entre o anjo de Jeová e o próprio Jeová é freqüente, ao narrarem-se as manifestações da Divindade. **O meu presente** (18). O vocábulo hebraico **minhah** é bastante invulgar no sentido de refeição, mas natural no sentido de "oferta" feita a um Ser divino. **Põe-nos sobre esta penha e verte o caldo** (20). A superfície da rocha servia de altar improvisado. O "caldo" pode ter sido derramado numa das cavidades da mesma rocha, que na Palestina eram freqüentes. **O anjo do Senhor desapareceu de seus olhos** (21).

A continuação das manifestações do Senhor registam-se logo a seguir em **#Jz 13.2-21. Ah, Senhor, Jeová!** (22). Para o receio da morte e segurança divina, cfr. **#Jz 13.22** e segs.; **#Êx 33.20**: "Homem nenhum verá a minha face, e viverá". **O Senhor é paz** (24). Nome relacionado com as palavras do vers. 23: "A paz seja contigo" (em heb. **shalom lekha**).

>Jz-6.25

d) Gideão derruba o altar de Baal (Jz 6.25-32).

Toma o boi de teu pai, a saber, o segundo boi de sete anos (25). Literalmente: "Toma o touro de Shor, que o teu pai tem...". Não sendo fácil de interpretar este passo, é de notar que Shor ("boi") era um título divino com que se manifestava muitas vezes nos ladrilhos de Ras Shamra o supremo Deus El. Cfr. **#Sl 106.20**. O animal era provavelmente reservado ao sacrifício. **Corta o bosque que está ao pé dele** (25). Quanto a Baal e ao bosque (Asera) cfr. 2.13n; 3.7n. Parece que Jeová era considerado como um dos baalins, ou deuses pagãos. O nome de Joás significa "Jeová deu", mas o certo é que ele levanta um altar a Baal e uma imagem de Asera e dá ao filho o nome de Jerubaal ("que Baal acrescente"), a que mais tarde foi dado um novo significado, "que Baal se esforce" em presença dos atos iconoclastas (32). **No cume deste lugar forte, num lugar conveniente** (26). Estas últimas palavras devem referir-se à disposição a dar às pedras do futuro altar. Sobre ele seria colocado o cepo cortado no bosque de Asera e imolado o boi. **Naquele dia lhe chamaram Jerubaal** (32). Em heb. **yareb Ba'al** "Baal contenda". Em **#2Sm 11.21** aparece com a forma de Jerubesete, seguindo a prática de substituir "Baal" por "Bosete" (vergonha) (tal como nos nomes Esbosete e Mefibosete).

>Jz-6.33

e) Gideão reúne o seu exército (Jz 6.33-35).

Passaram e puseram o seu campo no vale de Jezreel (33). Foi provavelmente nesta altura que os midianitas mataram os irmãos de Gideão, no Tabor (**#Jz 8.18**). **Então o Espírito do Senhor revestiu a Gideão** (34). Expressão idêntica encontramos em **#1Cr 12.18** e segs.; **#2Cr 24.20**, como a indicar posse completa. Nestas condições, quer dizer, revestido do Espírito, Gideão passa a gozar dos privilégios concedidos aos grandes chefes e guias de Israel. **Saíram-lhe ao encontro** (35). Praticamente estava presente todo o norte de Israel, com exceção da tribo de Efraim, a mais poderosa das tribos centrais.

>Jz-6.36

f) O velo de Gideão (Jz 6.36-40).

Se ainda falar só esta vez (39). Semelhante modo de falar vamos encontrar em **#Gn 18.32**. Gideão, após o primeiro sinal podia ter refletido que o terreno molhado secaria em qualquer caso mais depressa que o velo, não constituindo, portanto, objeto de espanto. O contrário, sim, seria para admirar.

Jz-7.1

g) Como foi reduzido o exército de Gideão (Jz 7.1-8).

A fonte de Harode (39). À letra: "A fonte das tremuras", talvez relacionado com o vers. 3: "Quem foi covarde e medroso". Há quem a identifique com "Ain Jalud" que brota no sopé do Monte Gilboa. **Pelo outeiro de Moré** (1), pode ser Jebel Nebi Dai a norte de Gilboa, ao longo do vale de Jezreel. **Volte e vá-se apressadamente das montanhas de Gileade** (3). O único Gileade conhecido fica situado ao norte da Transjordânia. Seguindo uma outra leitura, há quem o identifique com o atual "Ain Jalud", relacionado com Galud ("covarde"?). **Ali tos provarei** (4). Não é clara a natureza da provação no texto massorético, porquanto lamber com a língua, como um cão (5), não é a mesma coisa que levar a mão à boca (6). Seja como for, o significado da atitude era este: todo aquele que se baixasse para beber, de joelhos, sem levar à boca as mãos em forma de concha, era indício de que não seria bom soldado, cujas posições devem ser sempre de constante vigilância, para que o inimigo o não ataque de surpresa.

>Jz-7.9

h) Gideão no arraial dos midianitas (Jz 7.9-14).

Como gafanhotos... como a areia (12). As analogias numéricas são hipérboles tipicamente orientais. **Eis que estava contando um homem ao seu companheiro um sonho** (13). Tinha os sonhos grande importância na vida dos antigos, pois dizia-se que cada um não deixava de ter a sua interpretação, embora muitas vezes não fosse descoberta. **Um pão de cevada torrado** (13). Bolo assado ou frito. A cevada era o cereal mais comum na Palestina, sendo, portanto, o pão de cevada o alimento vulgar da população mais pobre.

>Jz-7.15

i) A vitória de Gideão (Jz 7.15-25).

Repartiu os trezentos homens em três esquadrões (16). Mais que uma vez no Velho Testamento se faz alusão a este gênero de dividir o exército. Cfr. #1Sm 11.11; #2Sm 18.2. O ataque de surpresa durante a noite aparece de novo em #1Sm 11.11. As tochas dentro dos cântaros, o som das trombetas, o grito de guerra proferido a plenos pulmões pelos 300 combatentes, foi mais que suficiente para lançar o pânico e a confusão entre os midianitas. As trombetas eram chifres de boi ou de carneiro (em heb. *shofaroth*). Os cântaros vazios serviam ao mesmo tempo para impedir que as tochas se apagassem e conservá-las acesas para o momento oportuno. Ao princípio da vigília da meia noite (19). Admitindo três vigílias com cerca de quatro horas cada, chegamos à conclusão de que, à hora indicada, seriam aproximadamente 22 horas. Até Bete-Sita (22). Não sendo fácil identificar estas localidades, admite-se, no entanto, que os midianitas fugiram em direção ao Jordão, que atravessaram (24) em local, onde a retirada pudesse ser cortada pelos soldados de Efraim. Quanto às tribos de que fala o vers. 23, cfr. #Jz 6.35. Orebe e Zeebe (25), significam respectivamente "corvo" e "lobo". "A matança de Midiã na penha de Orebe" é recordada em #Is 10.26; cfr. também a referência ao "dia de Midiã" em #Is 9.4, aludindo à mesma derrota. São desconhecidas as localidades da penha de Orebe e do lugar de Zeebe. Trouxeram as cabeças de Orebe e de Zeebe a Gideão, além do Jordão (25), isto é, para a Transjordânia, aonde fora em perseguição de Zeba e Salmuna, reis midianitas (#Jz 8.5).

Jz-8.1

j) A queixa dos homens da tribo de Efraim (Jz 8.1-3).

Que é isto que nos fizeste...? (1). Parece que os filhos de Efraim pensaram que o fato de não serem convocados era sinal que seus irmãos não queriam que também eles partilhassem da vitória. E talvez não fizessem idéia da força do "bloco do norte", de que eram excluídos. Gideão, no entanto, falou-lhes de tal modo, que fez desaparecer neles qualquer vislumbre de ressentimento. Tratamento diferente irá ter Jefté mais tarde (#Jz 12.1 e segs.).

>Jz-8.4

1) Perseguição e prisão de Zeba e Salmuna (Jz 8.4-21).

Já cansados, mas ainda perseguindo (4). Talvez possamos ler, como algumas das versões: "cansados e famintos". **Homens de Sucote** (5) (o nome significa "barracas"). Ficava na Transjordânia esta cidade, a norte do Jaboque, **Zeba e Salmuna, reis dos midianitas** (5), nomes que significam, respectivamente, "sacrifício" e "impedido por um resguardo". **Trilharei a vossa carne** (7). Talvez colocando-a sobre um tapete de espinhos e esmagando-a, como o trigo. **Penuel** (8). Ficava a alguns quilômetros de Sucote (cfr. **#Gn 32.30** e segs.). **Derribarei esta torre** (9). A torre de Penuel era uma fortificação dos amorreus que datava de 1700 a.C. aproximadamente (da mesma altura que a torre de Siquém, **#Jz 9.6,46** e segs.) tendo sido restaurada por Jeroboão I (**#1Rs 12.25**). Provavelmente esta torre ocupava uma elevação sobranceira à cidade, e tornava-se um refúgio para as populações indefesas, uma vez que a cidade se encontrava desprovida de muralhas. Será essa cidade a moderna Es-Salt na Transjordânia? Assim pensa J. G. Duncan.

>Jz-8.10

Estavam pois Zeba e Salmuna em Carcor (10). Localidade desconhecida, mas talvez situada perto de Nobá e Jogbeá (11), aquela a 10 quilômetros a noroeste de Amã (moderna Jubeihah), esta perto de Safut. **Porquanto o exército estava descuidado** (11), isto é, quieto e confiado (cfr. **#Jz 18.7,27**). **Afugentou a todo o exército** (12). Em heb. **heherid** ("aterrou"), ou, segundo outros, **heherim** ("destruiu completamente"). Cfr. Josefo (**Ant. 5.6.5**). **Antes do nascer do sol** (13). Estas palavras podem ter sido acrescentadas pelo copista como um complemento à última parte do versículo anterior. **O qual descreveu os príncipes de Sucote** (14). Ou melhor: "pôs por escrito os nomes dos príncipes...". A invenção do alfabeto (cfr. 5.14n) é que deu oportunidade, até aos prisioneiros, como este, de gozarem dos benefícios da instrução. A antiga escrita ideográfica e silábica era privilégio apenas das classes cultas e abastadas. Aquele jovem do texto provavelmente escreveu uma lista dos nomes dos principais chefes de Sucote numa peça do olaria. **E com eles ensinou aos homens de Sucote** (16). "Fê-los conhecer" (**yada'**), ou " submeteu-os" (cfr. **#Jz 16.9; #1Sm 14.12**). **Que homens eram os que matastes em Tabor?** (18). Cfr. 6.33n. **Vive o Senhor** (19). Ou: "Pela vida de Jeová". Esta forma de juramento implica a crença em Jeová como "Deus vivo". **Qual o homem, tal a sua valentia** (21). Seria uma honra morrer às mãos dum guerreiro da têmpera de Gideão, que com facilidade os derrubaria. **As luetas que estavam aos pescoços dos seus camelos** (21). Eram os "crescentes" ou "pequenas luas", que

provavelmente serviam de amuletos, indicando ao mesmo tempo que esses beduínos prestavam culto à lua.

>Jz-8.22

m) Gideão recusa governar (Jz 8.22-32).

Tu, como teu filho e o filho de teu filho (22). O convite feito a Gideão iria constituir uma monarquia hereditária. Recusou, é certo. Mas seu filho Abimeleque tentou perpetuar a ascendência do pai (#Jz 9.1-6). O Senhor sobre vós dominará (23). Deus era o único rei de Israel. Cfr. #1Sm 10.19. Porquanto eram ismaelitas (24), provavelmente comerciantes nômades. Este é um paralelo importante ao intercâmbio de ismaelitas e midianitas, que aparecem também no episódio da venda de José em #Gn 37.25 e segs.; #Gn 39.1. Diz-se que tanto Ismael como Midiã eram filhos de Abraão. Mil e setecentos siclos de ouro (26), cerca de 19 quilogramas. E fez Gideão disso um efod (27). Tal como em #Jz 17.5, deve ser esta peça de vestuário diferente da veste sacerdotal do mesmo nome, embora C. F. Burney não concorde. Seja como for, parece que se destinava a ser usado nas práticas de adivinhação. E sua concubina, que estava em Siquém, lhe deu também um filho (31). A principal diferença entre os setenta filhos que procederam da sua coxa (30) e Abimeleque era provavelmente que os descendentes daqueles se contariam através da linha paterna, e os deste da linha materna, quer dizer, uns ficariam pertencendo à tribo do pai, Abiezer, e outros à família da mãe, Siquém.

>Jz-8.33

IX. O EPISÓDIO DE ABIMELEQUE. Jz 8.33-9.57

E sucedeu que, quando Gideão faleceu (33). Nos vers. 33-35 faz o autor um breve resumo ético dos acontecimentos que se seguem. Baal-Berite (33). Cfr. 9.4n, 46n.

Jz-10.1

X. TOLA E JAIR, JUÍZES MENORES Jz 10.1-5.

Levantou-se para livrar a Israel Tola, filho de Pua, filho de Dodo, homem de Issacar (1). Tola era o nome original, utilizado apenas dentro da tribo. Em #Gn 46.13 e segs. faz-se alusão a Tola, filho de Issacar. Quanto a Dodo (que

significa "predileto") talvez seja o mesmo nome que Davi. Estes juízes menores ou secundários (Tola e Jair neste capítulo, e Ibsã, Elom e Abdom no capítulo 12) não se notabilizaram pelas suas façanhas como os restantes, talvez porque na sua missão judicial se limitassem ao papel de simples árbitros das questões que surgissem entre as tribos na opinião de Albright, tal como Samuel no século XI que fez um giro de terra em terra, exercendo a sua atividade de juiz (cfr. #1Sm 7.15-17). E, Robertson, por outro lado, os considera apenas "chefes militares em tempo de paz", designados pelo sumo-sacerdote, com o que concorda a tradição samaritana. **Jair, gileadita** (3). Gileade, nas genealogias das tribos, é o filho de Maquir, descendente de Manassés e duma concubina aramaica. Jair aparece no Novo Testamento com o nome de Jairo. **E tinha este trinta filhos** (4). O fato de cavalgarem em jumentos era, como vimos, sinal de distinção. Cfr. #Jz 12.14. **A que chamaram Havote-Jair** (4), isto é, as aldeias de tendas de Jair. Em #Nm 32.41; #Dt 3.14; #1Cr 2.23 Havote-Jair vem associada ao nome de Jair, neto do neto de Judá, chamado Hegrom, que casou com uma filha de Maquir. **E foi sepultado em Camom** (5). Talvez Qamm, em Gileade.

>Jz-10.6

XI. AMOM E JEFTÉ. Jz 10.6-12.7.

a) O opressor amonita (Jz 10.6-18).

Vendeu-os em mão dos filisteus, e em mão dos filhos de Amom (7). Os filisteus invadiram o território israelita a ocidente do Jordão pelo lado da planície costeira onde se estabeleceram um século antes, enquanto os filhos de Amom atacavam a área da Transjordânia. Os israelitas reagiram primeiro contra a ameaça amonita, ganhando a vitória, aliás temporária, visto que, algumas décadas mais tarde encontramos uma recrudescência da ameaça amonita no início do reinado de Saul (#1Sm 11.1 e segs.). Os amonitas, como os seus parentes moabitas e, aliás, outros povos da Transjordânia, parece terem se organizado como reino no século XIII a.C. Na presente invasão do território israelita, talvez fossem acompanhados pelos moabitas (cfr. 11.15n, 24n), assim como Eglom teria sido pelos amonitas (#Jz 3.13). **Porém o Senhor disse aos filhos de Israel** (11), provavelmente pela boca dum profeta, como em #Jz 6.8 e segs. **Porventura dos egípcios e dos amorreus, e dos filhos de Amom e dos filisteus, e dos sidônios, e dos amalequitas e dos maonitas, que vos oprimiam, quando a mim clamastes, não vos livrei?** (11-12). Nesta evocação expressiva faz-se alusão ao Êxodo, à derrota de Seom (#Jz 11.13 e segs.n), aos

libertadores Eúde (#Jz 3.13) e Sangar (#Jz 3.31). Quanto aos sidônios, não se sabe que gênero de opressão tenham exercido, ao contrário dos amalequitas, cuja ação é referida em #Jz 3.13; #Jz 6.3. A respeito dos maonitas, os LXX lêem "midianitas", podendo, no entanto, o nome associar-se ao de Ma'an, perto de Petra. Então se angustiou a sua alma (16), literalmente, "encurtou", isto é, "impacientou-se". Os de Israel se congregaram, e se puseram em campo em Mispa (17). O vocábulo Mispa significa "torre de vigia", e talvez se possa identificar com o "montão do testemunho" erguido por Jacó e Labão (#Gn 31.46 e segs.), ou com Ramate-Mispa ou Ramote-Gileade (#Dt 4.43; #Js 13.26; #1Rs 4.13), a cerca de 70 quilômetros ao norte de Amã.

Jz-11.1

b) A escolha de Jefté (Jz 11.1-11).

Jefté (1). Em heb. **Yiphtah**, talvez abreviatura de **yiphtah-El**, "Deus abre (i.e. o ventre)" citado como nome próprio em sabeano ou saber. **Filho duma prostituta** (1). Por isso, tal como Abimeleque, era meio cananeu, e não o reconheciam como membro do clã de seu pai. **Terra de Tobe** (3). Provavelmente a norte do reino de Amom, e a oriente da tribo de Manassés transjordânica. **Homens levianos se ajuntaram com Jefté** (3). Estes levianos eram provavelmente "homens falidos", como os que se associaram a Davi na caverna de Adulão (#1Sm 22.1-2). E saíam com ele (3), isto é, acompanhavam-no nas pilhagens. Por outras palavras, Jefté não passava dum chefe de bandoleiros. **Vem, e sê-nos por cabeça** (6). Em heb. **qasin**, palavra com certa relação com o árabe **qadi**, "aquele que profere uma decisão legal". Os LXX traduzem por **archegos**, aplicada a Cristo quatro vezes no Novo Testamento. **E Jefté falou todas as suas palavras perante o Senhor em Mispa** (11). Um pacto solene foi efetuado neste santuário entre Jefté e os anciãos de Gileade, comprometendo-se estes, por meio de um juramento, a tomá-lo por chefe, e do mesmo modo aquele a cumprir a sua missão.

>Jz-11.12

c) Protesto de Jefté junto do rei de Amom (Jz 11.12-28).

Porquanto, saindo Israel do Egito tomou a minha terra (13). Conforme depreendemos de Jefté, faz-se alusão a todo o território que Seom conquistara aos moabitas (cfr. #Nm 21.26-30). Deste passo e da referência a Camos no vers. 24 é opinião comum que os vers. 12-28 supõem, em princípio, uma

disputa com os moabitas, tendo de admitir-se, em tal caso, as palavras "nem a terra dos filhos de Amom" (15) como uma apostila do editor. Se tomarmos o texto, tal como se encontra, é evidente que tanto Moabe como Amom estavam empenhados nesta luta com Israel. **Desde Arnom até Jaboque, e ainda até ao Jordão** (13). São as fronteiras respectivamente sul, norte e oeste do reino de Seom, que a leste era limitada pelo país de Amom. É muito possível que Seom tenha formado o seu reino à custa de Amom e Moabe. **Israel não tomou nem a terra dos moabitas, nem a terra dos filhos do Amom** (15). Confirma-se a aliança entre Moabe o Amom. **Andou pelo deserto até ao Mar Vermelho** (16), possivelmente até ao Golfo de Acaba. Não se faz qualquer alusão aos acontecimentos do Sinai, por serem de pouca monta ao caso de Jefté. **E chegou até Cades** (16), isto é, Cades-Barnéia, ao sul do Neguebe, nos limites do reino de Edom. **E Israel enviou mensageiros ao rei dos edomitas** (17). Cfr. #Nm 20.14-21. **Enviou também ao rei dos moabitas** (17). Não se encontra no Pentateuco qualquer alusão a esta mensagem. Os israelitas aceitaram a resposta desfavorável apresentada por aqueles povos seus parentes, mas exerceram uma ação violenta contra o amorreu Seom, cuja atitude tinha sido idêntica. **Pelo deserto** (18), i.e, de Zim. **E rodeou a terra dos edomitas e a terra dos moabitas** (18), isto é, passou ao sul e a oriente de Edom e a oriente de Moabe em vez de seguir a "estrada real", que percorre de norte a sul estes reinos e ainda os territórios de Seom o Ogue. Cfr. #Nm 21.4,13. Fortalezas bem definidas barravam o caminho nas fronteiras dos reinos de Edom e Moabe. Devia ser na Primavera que Israel contornou estes territórios, dada a abundância de água e de pastagens. **O rio Arnom é limite dos moabitas** (18). A norte dividia o reino de Seom, mais tarde o território de Rúben. **Mas Israel enviou mensageiros a Seom** (19). Cfr. #Nm 21.21 e segs. **Hesbom** (19). É a moderna Hesbam, a cerca de 30 quilômetros a oriente do Jordão e 40 ao norte do Arnom. **Jasa** (20). Posto avançado israelita (hoje desconhecido), é mencionado na "Pedra de Moabe" mais tarde tomado por Mesa e junto a Debom, a 7 quilômetros do Arnom.

>Jz-11.22

Desde Arnom até Jaboque (22). Na divisão do território a parte norte desta zona foi para Gade, e a sul para Rúben. **Não possuirias tu aquele que Camos, teu deus, desapossasse de diante de ti?** (24). Camos era o deus dos moabitas, enquanto o dos amonitas era Milcom (#1Rs 11.5). O argumento sarcástico de Jefté não implica necessariamente que ele considerasse Camos e Jeová como deuses nacionais em pé de igualdade, embora não fosse de estranhar que um semicananeu como Jefté tomasse essa atitude. O rei Mesa atribui as suas

derrotas e vitórias à ira ou à benevolência de Camos, segundo a pedra de Moabe. Jefté argumenta que cada uma das divindades manifestou a sua vontade: Jeová, dando a Israel a vitória sobre Seom; Camos, não permitindo que Moabe pudesse resistir às primitivas usurpações de Seom. Em qualquer caso, a vontade divina devia ser cumprida. E só o fato de Jeová ter feito por Israel o que Camos fez por Moabe é mais que suficiente para manifestar o poder superior do grande Jeová. **És tu ainda melhor do que Balaque...?** (25). Se o rei de Moabe na altura da derrota de Seom, não reclamou o território que Israel ganhara a Seom, apesar de pertencer anteriormente aos moabitas, é porque graves motivos o impediam de agir assim. **Aroer** (26). Era a cidade situada mais ao sul de todo o reino de Seom, a norte do Arnom. **Trezentos anos** (26). Número que indica inclusivamente que se estava no terceiro século desde os acontecimentos a que se faz referência.

>Jz-11.29

d) Vitória e voto de Jefté (Jz 11.29-40).

Então o Espírito do Senhor veio sobre Jefté (29), dando-lhe assim o privilégio de entrar no número carismático dos guias do povo do Senhor. **E atravessou ele por Gileade e Manassés** (29), para recrutar os seus soldados. **Passou até Mispa de Gileade** (29). Ali se encontrava o arraial dos israelitas (#Jz 10.17), donde passou **até (ou "contra") aos filhos de Amom. E Jefté votou um voto ao Senhor** (30). É costume citar um case idêntico narrado por Sérvio (comentador latino de Virgílio) acerca de Idomeneu, rei de Creta, que foi apanhado por uma tempestade, quando regressava da guerra de Tróia, e fez o voto de sacrificar aos deuses a primeira rês que encontrasse no caminho, caso voltasse são e salvo à pátria, vítima que veio a ser o próprio filho. **E os feriu... desde Aroer até chegar a Minite... e até Abel-Queramim** (33). Significa este nome em hebraico "planícies das vinhas", desconhecendo-se o local exato, tal como o de Minite. De Aroer sabe-se que ficava situada ao norte do Arnom, a 7 quilômetros a sudoeste de Dibom. **Eis que sua filha lhe saiu ao encontro** (34). Repare-se na simplicidade de tão comovedora narrativa! Houve quem inferindo dos vers. 38-40 ventilasse a hipótese de ver na atitude de Jefté uma mudança do destino da filha, substituindo o holocausto pela virgindade perpétua. Mas não é o que se depreende do texto. A afirmação de que cumpriu nela o seu voto que tinha votado (39) refere-se, sem dúvida, ao sacrifício real da filha. Embora o sacrifício humano fosse proibido aos israelitas, não surpreende que um semi-cananeu tomasse tão estranha atitude. Caso paralelo é o do rei de Moabe, Mesa, que sacrificou o seu filho primogênito (#2Rs 3.27).

Compare-se ainda, na mitologia grega, o sacrifício de Ifigênia e Policena. A nobreza de caráter manifestada pela filha de Jefté fez dela uma das heroínas mais célebres do mundo. **Chore a minha virgindade** (37). Dean Stanley autor contemporâneo, chegou a comparar esta figura bíblica à Antigone de Sófocles. **As filhas de Israel iam de ano em ano lamentar a filha de Jefté** (40), isto é, "cantar" ou "celebrar". O costume degenerou depois numa festa da vegetação, afirmando Epifânio que, no seu tempo (século IV da nossa era), a filha de Jefté era venerada em Siquém com o nome grego de **Kore** ("Donzela"), nome com que Perséfone era também venerada em Elêusis.

Jz-12.1

e) A luta entre Jefté e Efraim (Jz 12.1-7).

Então se convocaram os homens de Efraim (1). Esta tribo rebelou-se agora contra Jefté, como antes contra Gideão, possivelmente com a finalidade de estabelecer a sua hegemonia entre as outras tribos; doutro modo, como os amonitas atravessaram o Jordão e atacaram algumas das tribos ocidentais incluindo Efraim (**#Jz 10.9**) admira como Efraim não aceitou o convite de Jefté para se aliar ao seu exército e combater Amom.

>Jz-12.4

E ajuntou Jefté a todos os homens de Gileade, e combateu com Efraim (4). É certo que Efraim atravessou o Jordão e invadiu Gileade, para continuar a lutar com Jefté. O grito "fugitivos sois" (4) implica que, vindo estes da Transjordânia, eram desertores das tribos de José. **Porém tomaram os gileaditas aos efraimitas os vãos do Jordão** (5). Os invasores da Transjordânia, ao voltarem, vencidos, às suas terras, viram que a retirada lhes fora cortada pelos habitantes da região. A prova lingüística a que foram submetidos os filhos de Efraim era fácil de explicar-se, visto que no dialeto de Efraim, tal como na língua dos amorreus e árabes, a pronúncia de sh (Port. ch) foi substituída por simples "s". A palavra "Chibboleth" significa "espiga de trigo". **Foi sepultado nas cidades de Gileade** (7), ou melhor "na sua cidade, Mispa de Gileade", de acordo com alguns manuscritos e a versão dos LXX.

>Jz-12.8

XII. IBSÃ, ELOM E ABDOM, JUÍZES MENORES Jz 12.8-15.

A propósito da missão a desempenhar por estes juízes cfr. 10.1n. **Que cavalgavam sobre setenta jumentos** (14). Cfr. **#Jz 10.4. Na terra de Efraim, no monte do amalequita** (15). Cfr. **#Jz 5.14**, onde se faz alusão aos amalequitas no centro de Canaã.

Jz-13.1

XIII. OS FILISTEUS E OS FEITOS DE SANSÃO Jz 13.1-14.31

a) O nascimento de Sansão anunciado (Jz 13.1-25).

E o Senhor os entregou na mão dos filisteus por quarenta anos (1). Depois de tratar da invasão dos amonitas, seguem-se agora os outros invasores mencionados em **#Jz 10.7**. Aqueles quarenta anos duraram pelo menos até à segunda batalha de Ebenézer (**#1Sm 7.10** e segs.), se não até ao reinado de Saul. No fim do reinado deste monarca (cerca de 1010 a.C.) sabemos que os filisteus tinham penetrado no interior até Bete-Seã (**#1Sm 31.10**). **E havia um homem de Zorá, da tribo de Dã** (2). Zorá (hoje Sar'ah) ficava situada na extrema do antigo território dos danitas, confrontando com o da tribo de Judá. A emigração dos danitas para o norte (cfr. **#Jz 18.1** e segs.) tivera lugar provavelmente nesta altura, se bem que alguns membros ainda ficassem no sul.

>Jz-13.2

E sua mulher era estéril, e não tinha filhos (2). A influência divina fez-se sentir também no nascimento de Isaque, Samuel e João Batista, sendo nalguns casos anunciada por um anjo. **E o anjo do Senhor apareceu a esta mulher** (3). Cfr. **#Jz 2.1; #Jz 6.11-12. O menino será nazireu de Deus desde o ventre** (5). Sendo assim, a própria mãe ficaria sujeita a determinadas leis, sobretudo referentes à alimentação (4,14). Quanto ao voto do nazireu cfr. **#Nm 6.2** e segs. Recorde-se, todavia, que a palavra nazireu, da raiz "nazir", significa "consagrado" ou "dedicado". Em **#Am 2.12** faz-se também alusão à abstinência das bebidas fortes implicando uma referência aos nazireus. **Começará a livrar Israel das mãos dos filisteus** (5). Isto é: "Será o primeiro a salvar", pois outros libertadores se seguiriam, como Samuel, Saul, Jônatas e por fim Davi. **Ora deixa que te detenhamos, e te preparemos um cabrito** (15). A partir desta altura a narração torna-se semelhante a **#Jz 6.18** e segs., não obstante diferenças notáveis, como a da resposta do anjo à oferta de manjares. **Qual é o teu nome?** (17). Cfr. **#Gn 32.29. Por que perguntas assim pelo meu**

nome, visto que é maravilhoso? (18). O anjo não quis revelar o seu nome. Cfr. #Gn 32.29. O termo hebraico *pel'i* significa "secreto", e encontra-se novamente no #Sl 139.6, na sua forma feminina *pel'iyah*. Em #Is 9.6 "Maravilhoso" (*pelé*). Então Manué tomou um cabrito e uma oferta de manjares (19). Em heb. *minhah* (6.18 n) é algo mais que o simples holocausto e, portanto, a oferta de cereal tal como a de vegetais, a que alude #Lv 2.1 e segs. E obrou o anjo maravilhosamente (19). Literalmente: "e obrando o anjo maravilhosamente". Em hebraico o particípio *maphli'* dá a entender que o anjo procedia em conformidade com o seu nome "maravilhoso". Subindo a chama do altar (20). Cfr. #Jz 6.21. Certamente morreremos. Cfr. #Jz 6.22 e segs. Porquanto temos visto a Deus (22). À letra: "porque foi um deus que nós vimos". Se o Senhor nos quisera matar (23). O bom senso feminino supera por vezes o exagerado terror do nume dos homens.

>Jz-13.24

Depois teve esta mulher um filho e chamou o seu nome Sansão (24). O termo hebraico *Shimshou*, derivado de *shemesh* ("sol", compare com o lugar vizinho Bete-Semes). O seu nome tem sido comparado, na mitologia do sol, ao famoso Heracles dos gregos ou Gilgamesh dos babilônicos. Mas as façanhas extraordinárias do nosso herói bíblico, além do cunho de autenticidade que não se lhe pode negar, vem ilustrar a vida aldeã do seu tempo e as relações existentes entre os israelitas e filisteus, povos vizinhos, mas inimigos. Assim poderíamos resumir os feitos de Sansão: 1) a luta com o leão; 2) o massacre dos trinta ascalonitas; 3) o incêndio das searas; 4) a vingança de Etã; 5) a libertação das cordas com que o amarraram; 6) a mortandade realizada com a queixada dum jumento; 7) o transporte das portas da cidade de Gaza; 8) beber da fonte milagrosa de Leí; 9) as sete vergas de vimes quebradas; 10) nova libertação das cordas; 11) o caso das tranças tecidas; 12) a derrocada das colunas. Se bem que o caso da fonte milagrosa não fosse propriamente uma façanha invulgar de Sansão, no gênero das restantes, em todos os episódios não há qualquer vislumbre de mitologia. E o espírito do Senhor o começou a impelir (25). Esta passagem indica que Sansão é mais um herói carismático, cuja ação entre o povo foi mais a de um campeão contra o inimigo do que propriamente um "juiz", no sentido rigoroso da palavra. Para o campo de Dã (25). Cfr. #Jz 18.12, quanto à origem do nome e localização da cidade. Entre Zorá e Estaol (25). Estaol, nas planícies de Judá, é por vezes identificada com Eschw', a cerca de 3 quilômetros a nordeste de Zorá. O nome pode indicar o local dum antigo oráculo.

Jz-14.1

b) O casamento de Sansão (Jz 14.1-20).

E desceu Sansão a Timnate (1), que, como Zorá e Estaol, ficava situada na fronteira de Dã com Judá (cfr. #Js 15.10; #Js 19.43), embora talvez nessa altura ocupada pelos filisteus. Deve ser a atual Tibnah, a 5 quilômetros de Bete-Semes. **Agora, pois, tomai-ma por mulher** (2). Aos pais dos noivos competia fazer os preparativos para o casamento, incluindo o preço da noiva, que seria ajustado entre eles. Neste caso, porém, não era o tipo dos casamentos normais, em que a noiva passava a viver com o marido, pois a noiva continuou a viver com a família, recebendo apenas de vez em quando a visita do marido (cfr. #Jz 8.31). **Dos filisteus, daqueles incircuncisos** (3). Dentre os povos que, como os israelitas, praticavam nesse tempo a circuncisão, só abriam exceção aos filisteus, que por consequência eram conhecidos apenas pelo nome de "incircuncisos". **Tomai-me esta** (3). O pronome "esta" é reforçativo, como a dizer que era aquela que lhe interessava e não outra, fosse ela israelita ou não. **Um filho de leão, bramando, lhe saiu ao encontro** (5). Naquele tempo era vulgar o leão na Palestina, sobretudo nas matas das margens do Jordão. **Como quem fende um cabrito** (6). Esta força extraordinária só a Deus podia atribuir (cfr. vers. #Jz 19; 15.14). É curioso observar que na antiga mitologia (tal como Enkidu, o colega de Gilgames) era freqüente representarem-se os heróis dominando leões, pegando-os pelas pernas traseiras e rasgando-os. **Sem ter nada na sua mão** (6). Deste modo estrangulou Heracles o leão nemeu, influenciando a lenda talvez o escritor Josefo que afirma ter Sansão também estrangulado o leão, que se lhe deparou. **Eis que no corpo do leão havia um enxame de abelhas com mel** (8). Por corpo do leão naturalmente entende-se o esqueleto já completamente seco. Heródoto narra, na sua História, um caso parecido. Não é, todavia, para se acreditar, como Virgílio atesta, que as abelhas se formavam nos corpos em decomposição. **E tomou-o nas suas mãos** (9). Literalmente: "Raspou-o com as mãos". Como se tratava duma violação das leis do nazireu (tocar um cadáver), explica-se a razão por que ocultou a seus pais a origem do mel.

>Jz-14.10

Fez Sansão ali um banquete (10). O fato de se realizar o banquete em casa da noiva vem explicar o que acima se disse (vers.

1) dos costumes do casamento. No entanto, o autor parece dar a entender que tal costume era já antiquado. **Como o vissem** (11). Talvez melhor: "Porque o temiam" (**Ke-yir'atam** em vez de **Ki-r'otham**). **Trinta companheiros** (11). Eram os "filhos das bodas" ou "da câmara nupcial" (**#Mc 2.19**) espécie de guarda pessoal que nestes casos defendia o noivo de quaisquer ataques que lhe pudessem dirigir. **Trinta lençóis e trinta mudas de vestidos** (12). Os lençóis consistiam em grandes retângulos de tecido, com os quais se vestiam durante o dia e dormiam de noite, enquanto que estes últimos deviam ser vestidos para ocasiões festivas. **Do comedor...** (14). No hebraico, o enigma ou adivinha constituía-se de uma frase rítmica com duas partes, de três acentos cada. **E sucedeu que ao sétimo dia** (15). Os LXX e as versões siríacas falam em "quarto dia", de acordo com os "três dias" do vers. 14. Mas, como mais adiante se alude novamente (17) aos "sete dias" não é fácil determinar a verdadeira versão. **Antes de se pôr o sol** (18), ou talvez, "antes de entrar no quarto nupcial". **Que coisa há mais doce que o mel?** (18). Nova estrofe ritmada, desta vez com dois acentos em cada parte. A resposta de Sansão é igualmente ritmada e rima com três acentos em cada parte. "Se não lavrásseis com a novilha minha, não descobriríeis a minha adivinha", tradução de Burney. **Desceu aos ascalonitas** (19). A cidade de Ascalom ficava situada no litoral a cerca de 40 quilômetros de distância e fazia parte da pentápole dos filisteus (cfr. **#Jz 1.18**). **Acendeu-se a sua ira, e subiu à casa de seu pai** (19). Quer dizer que desta vez não entrou no quarto nupcial. **Ao seu companheiro, que o acompanhava** (20). Seria o que hoje chamamos "padrinho de casamento". Cfr. **#Jo 3.29**, onde se faz alusão ao "amigo do esposo".

Jz-15.1

c) Outros feitos de Sansão (Jz 15.1-16.3).

Na sega do trigo (#Jz 15.1). Semeado em novembro ou dezembro, o trigo era geralmente ceifado no mês de maio, embora pudesse ser noutras épocas, conforme a localidade e o clima. Coincidia, portanto, com a festa do Pentecostes. **Visitou a sua mulher com um cabrito** (1), talvez para acalmá-la por a ter abandonado logo a seguir ao casamento. Mas o sogro, descontente com o procedimento de Sansão, já a dera em casamento ao "padrinho" do genro, oferecendo-lhe, no entanto, a **irmã mais nova** (2). Cfr. **#1Sm 18.19** e segs. e o caso idêntico relatado no **#Gn 29.23** e segs. **Inocente sou esta vez...** (3). Ou melhor: "Agora eu e os filisteus estamos quites". **E foi Sansão, e tomou trezentas raposas** (4). Realmente, é este o significado da palavra

hebraica **shu'al**, mas é de admitir que se tratasse de "chacais", por serem mais fáceis de apanhar, devido a viverem em grandes famílias nas florestas, enquanto as raposas, vivendo solitárias, são mais difíceis de apanhar. Os romanos, nas festas em honra de Ceres (deusa das searas), serviam-se dum processo idêntico para se divertirem no circo, ligando tochas acesas à cauda das raposas, para as perseguirem depois numa caçada fantástica de luzes e de regongos infernais. **Queimaram a fogo a ela e a seu pai** (6). Vários manuscritos e versões apresentam esta leitura: "Queimaram-na a ela e à casa de seu pai". A ameaça de tal flagelo vem registada no cap. **#Jz 14.15. E feriu-os com grande ferimento, perna juntamente com coxa** (8). Literalmente: "perna sobre a coxa". O processo já era usado pelos babilônicos, conforme se deduz dos carimbos cilíndricos em que Gilgames aparece a utilizar este sistema de luta. **E desceu, e habitou no cume da rocha de Etã** (8). Esta rocha ficava situada a cerca de 4 quilômetros a és-sudeste de Zorá.

>Jz-15.9

Estenderam-se por Leí (9). A palavra significa "queixo" ou "queixada", talvez derivado à configuração do terreno. Provavelmente era a atual Khirbet es-Siyyaj ("a ruína de Siyyaj"), vocábulo talvez originado do grego **siagon** ("queixada"), tradução de Leí encontrada em Josefo e noutras versões gregas do Velho Testamento. **Não sabias tu que os filisteus dominam sobre nós?** (11). O povo de Judá parecia satisfeito com a dominação dos filisteus, e não lhe agradava a guerra que Sansão contra eles fazia. **As suas amarraduras se desfizeram das suas mãos** (14). Literalmente: "dissolveram-se" ou "fundiram-se". **E achou uma queixada fresca dum jumento** (15). À letra: "uma queixada úmida", porque, sendo velha, seria demasiado frágil. Há quem acrescente que a essa queixada eram adaptadas três ou quatro facas de silex, que serviriam de armas cortantes. **Com uma queixada de jumento...** (16). Desta vez a expressão jubilosa de Sansão é ritmada num só elemento com quatro acentos. **Um montão, dois montões** (16). Ou melhor: "Amontoei-os em montões". Não é fácil a tradução do trocadilho existente em hebraico (hamor) entre as palavras "jumento" e "montão". Traduzamos, pois, assim: "Com a queixada dum jumento fi-los num montão! Com a queixada dum jumento atirei-me aos assaltantes!" Não se perca, todavia, de vista os "mil homens" a que alude a parte final do vers. 16. **Lançou a queixada da sua mão, e chamou àquele lugar Ramate-Leí** (17), isto é, "altura de Leí", ou "lançamento da queixada" se lermos "ramah". **Então o Senhor fendeu a caverna que estava em Leí** (19). Em hebraico o vocábulo **makhtesh** significa à letra "almofariz" e indica uma depressão numa rocha, donde brota a água. **E julgou a Israel nos dias dos**

filisteus vinte anos (20), isto é, desde 1070 a 1050 A.C. aproximadamente. Como vimos, o verbo aqui não indica qualquer missão militar ou judicial, e as façanhas do grande "juiz" limitavam-se a proezas com os filisteus.

Jz-16.1

E foi-se Sansão a Gaza (16.1). Era a cidade mais ao sul da pentápole dos filisteus. Mais antiga que a fixação deste povo, documentos do século XIV já fazem alusão a esta cidade, que fora tomada pelos descendentes de Judá ainda antes da ocupação dos filisteus (**#Jz 1.18**). Não se deve considerar a figura de Sansão como um ser mitológico de excepcional bravura; há quem o compare ao "noivo que sai do seu tálamo" e ao "herói que inicia a sua gloriosa carreira" (**#Sl 19.5**). **E toda a noite lhe puseram espias à porta da cidade; porém toda a noite estiveram sossegados** (2). Notável comentador (Kittel) emenda o primeiro "toda a noite" para "todo o dia" de forma a compreendermos assim o texto: "Embora os soldados de Gaza estivessem de vigia à cidade durante todo o dia, à noite diminuía essa vigilância, confiados na segurança das portas". Mas levantou, arrancou as portas, pô-las aos ombros e transportou-as **até ao cume do monte** que está defronte de Hebrom (3), isto é, até à parte oriental do Hebrom (cfr. **#Jz 1.20**), a cerca de 68 quilômetros de Gaza.

>Jz-16.4

d) Últimos feitos de Sansão (Jz 16.4-31).

Afeiçoou-se a uma mulher do vale de Soreque, cujo nome era Dalila (4). O local parece ter sido o regato de Es-Sarar. Umás ruínas ao norte deste regato, a cerca de 3 quilômetros de Zorá, ainda hoje são conhecidas por Surik. Não se sabe ao certo se Dalila pertencia aos israelitas ou aos filisteus, se bem que o texto dê a entender que não devia ser israelita. O nome é semítico e significa "dedicada" (talvez que o nome completo incluísse o nome da divindade a quem na realidade fora "dedicada"). Esse nome aparece no texto grego de **#1Cr 4.19** na genealogia da tribo de Judá. Mas é natural encontrarem-se nomes semíticos entre os filisteus, cujos emigrantes casavam por vezes com mulheres de Canaã visto trazerem poucas mulheres com eles. **Os príncipes dos filisteus** (5). Cfr. 3.3n. **Mil e cem moedas de prata** (5), isto é, 1.100 siclos. É difícil de explicar por que não se recorreu ao número redondo 1000. Cfr. **#Jz 17.2. Se me amarrassem com sete vergas de vimes frescos** (7). Algumas edições falam em cordas de arco, feitas de tripa torcida. **Os filisteus vêm sobre ti, Sansão** (9). Julga-se que estavam preparados para cair sobre Sansão, caso

este falasse verdade. De cada vez que era posta à prova a força do herói, lá estavam os filisteus escondidos, pensando Sansão que Dalila brincava com ele. Assim não se soube em que consistia a sua força (9), ou antes, "não foi inferiorizada". Se me amarrassem fortemente com cordas novas (11). Cfr. #Jz 15.13, onde o mesmo processo foi utilizado pelos filhos de Judá. Se teceres sete tranças dos cabelos da minha cabeça com os liços da teia (13). Dalila com Sansão a dormir-lhe no regaço (vers. 19), faz-lhe umas tranças do cabelo, fixando-as depois com uma estaca (14), possivelmente de madeira. O tear de que se serviu devia ser muito primitivo e composto apenas por duas estacas: uma que segurava o fio, outra o tecido que se ia fabricando. Ao despertar, Sansão deve ter arrancado com facilidade tudo o que prendia ao tear e ao solo. Rapou-lhe as sete tranças do cabelo de sua cabeça (19). Na mitologia grega também consta que Minos conquistou a cidade de Megara, quando ao rei Nisos lhe foram cortadas as tranças de ouro. Começou a afligi-lo (19). Ou antes: "Começou a enfraquecer".

Jz-17.1

XIV. MICA E A EMIGRAÇÃO DOS DANEUS Jz 17.1-18.31.

a) O sacerdote de Mica (Jz 17.1-13).

As mil e cem moedas (2). Cfr. #Jz 16.5. Por cuja causa deitavas maldições (2). Isto é: "Dedicavas os lucros a fins religiosos". Por isso recaiam maldições sobre quem violasse essas leis. Quando Mica tomou conhecimento de que empregara bem aquele dinheiro, as maldições da mãe transformaram-se em bênçãos. Agora to tornarei a dar (3). Parece não concordar esta cláusula com o disposto no vers. 2, onde se diz: "eu o tomei". Sua mãe tomou duzentas moedas de prata (4). Talvez como Ananias e Safira guardaram parte da importância que devia ser oferecida. E as deu ao ourives (4). Ou fundidor. A imagem de escultura (4) seria de madeira revestida de prata. A de fundição (4) seria toda de prata. O texto dá-nos no entanto a impressão que se tratava de uma só imagem, tanto mais que o final do vers. 4 diz apenas "e esteve" e não: "e estiveram". Não se faz referência ao formato que tomaria a imagem, mas é de supor que representasse um bezerro. E tinha este homem, Mica, uma casa de deuses (5), isto é, um santuário anexo à casa, onde cada um podia ir consultar a vontade divina. E fez um efod e terafins (5). Quanto ao efod cfr. #Jz 8.27. Os terafins deviam ser deuses familiares (cfr. #Gn 31.19; #1Sm 19.13). Consagrou a um de seus filhos, para que lhe fosse por sacerdote (5). O termo consagrado (em heb. mille yadh) significa literalmente "encheu as

mãos", isto é, com sacrifícios (cfr. #Êx 28.41, etc.). Havia outros sacerdotes, além dos da família de Levi, que se apelidavam de "sacerdotes levíticos" (cfr. #Dt 18.1). Deste texto, porém, depreendemos que, em circunstâncias normais, era preferido um membro da tribo de Levi. Quando foi centralizado o culto nacional no templo de Jerusalém na altura da monarquia, só o sacerdócio arônico era reconhecido. Daí a observação oportuna do autor, que viveu em circunstâncias muito diferentes, mas lembrava tempos passados: **Naqueles dias não havia rei em Israel: cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos** (6).

>Jz-17.7

Havia um mancebo em Belém de Judá, da tribo de Judá, que era levita (7). Como neto de Moisés (#Jz 18.30), era levita pelo nascimento, e ainda membro da tribo de Judá. Sem terras apropriadas, os levitas tinham de viver da hospitalidade das outras tribos (cfr. #Jz 19.1), o que explica porque é que este vivia em Belém e era conhecido como membro de Judá. Tinham, no entanto, os levitas uma íntima conexão com as tribos do sul, sobretudo com Judá. **E peregrinava ali** (7). Em heb. *ger sham*, a coincidir com o nome do pai do levita (#Jz 18.30). O texto original talvez acrescenta-se: "Era Jônatas, filho de Gérson". **Sê-me por pai e sacerdote** (10). "Pai" aqui era mais um título honorífico. Cfr. #Gn 45.8; #2Rs 6.21; #2Rs 13.14. O vers. 11 vem confirmá-lo: **E este mancebo lhe foi como um de seus filhos** (11). **Cada ano te darei dez moedas de prata** (10). Cerca de 110 gramas. **Porquanto tenho um levita por sacerdote** (13). Sem dúvida que os levitas eram dotados de qualidades especiais, que os habilitavam a desempenhar adequadamente as funções sacerdotais. Na Arábia *lawi'u* e o feminino *lawi'atu* têm o sentido de "pessoa ligada por um voto ou dívida" (cfr. o caso de Samuel).

Jz-18.1

b) A emigração dos daneus (Jz 18.1-31).

A tribo dos daneus buscava para si herança para habitar (1). De acordo com #Jz 1.34 eram os amorreus (perseguidos pelos filisteus) que exerciam pressão sobre os daneus, ou danitas. A história da sua emigração vem resumida em #Js 19.47, onde Laís é chamado Lesem. **De Zorá e de Estaol** (2). Cfr. #Jz 13.25. **Conheceram a voz do mancebo, do levita** (3). Quer dizer que já antes o conheciam, quando vivia em Belém, na altura em que eram íntimas as relações entre as tribos de Judá e Dã. Ou então reconheceram pela voz que se tratava

duma pessoa que vinha de regiões circunvizinhas. **Ora pergunta a Deus** (5). Era mais uma prova a demonstrar que a casa de Mica era uma "casa de deuses" que deviam adivinhar o futuro (**#Jz 17.5**). **Vieram a Laís** (7). É a moderna Tel-al-Cadi (em árabe **qadi** significa "juiz"; cfr. heb. **Dã**) nas proximidades de uma das nascentes do Jordão. Os textos egípcios de cerca dos anos 1850-1825 A.C. aludem a uma certa Lus(i). **Não tinham que fazer com ninguém** (7). Talvez possamos admitir a leitura de algumas versões gregas e siríacas "não tinha comércio com a Síria" (' **Aram** em vez de ' **adam**). A região ficava isolada da Fenícia pela cordilheira do Líbano, e da Síria pelo Hermom e pelo Anti-Líbano. As palavras dos habitantes de Laís vêm revelar que então, como hoje, não bastava viver em paz e certa neutralidade para se estar seguro da invasão inimiga. Que admira, pois, que os danitas invejassem uma terra onde não havia falta de coisa alguma que há na terra? (10).

>Jz-18.11

Seiscentos homens (11). O fato de serem tão poucos estes soldados mostra bem como era fraco o seu poder militar. **Acamparam-se em Quiriate-Jearim** (12). Cidade de Judá, a cerca de 15 quilômetros de Jerusalém, na fronteira da tribo de Benjamim. **Pelo que chamaram a este lugar Maané-Dã** (12), isto é, "o arraial de Dã". Cfr. **#Jz 13.25**. **Ficaram à entrada da porta** (16). Que provavelmente dava para o pátio da casa de Mica. **Põe a mão na boca** (19). Expressão popular para designar silêncio. Cfr. **#Jó 21.5**; **#Jó 29.9**; **#Jó 40.4**; **#Pv 30.32**; **#Mq 7.16**. **Sê-nos por pai e sacerdote** (19). Cfr. **#Jz 17.10**. **Os meus deuses, que eu fiz** (24). Exprime-se aqui uma certa ironia por parte do escritor, semelhante à que em maior extensão lemos em **#Is 44.9** e segs. **No vale que está junto a Bete-Reobe** (28). O vale é **El-Buca'**, entre o Líbano e o Hermom. Desconhece-se, porém, a localidade de Bete-Reobe, ou simplesmente Reobe (**#Jz 1.31**). **E chamaram o nome da cidade Dã** (29). Ficou a ser o ponto mais nórdico de todo o território das doze tribos.

>Jz-18.30

Jônatas, filho de Gérson, filho de Manassés, ele e seus filhos foram sacerdotes da tribo dos daneus (30). Algumas edições apresentam a variante: "filho de Moisés" em vez de "filho de Manassés". Quanto a Gérson cfr. **#Êx 2.22**. Os massoretas, sempre zelosos em defender a reputação de Moisés puseram um "n" suspenso entre "M" e "S" dando a entender que este sacerdote idólatra agiu de modo a ser mais digno descendente de Manassés que de Moisés. Se nenhuma geração se omitiu na genealogia deste homem, a emigração dos

daneus deve ter-se verificado logo no início da era dos juízes. Provavelmente alguns daneus demoraram-se ainda nas terras do sul (cfr. #Jz 5.17; #Jz 13.2). A presença em Dã dum sacerdócio descendente de Moisés seria de grande prestígio. Por isso Jeroboão I escolheu essa região para um dos dois santuários nacionais no Reino do Norte. O bezerro de Jeroboão, em Dã, pode muito bem ter sido um "descendente" dos deuses de Mica, que possivelmente teria a mesma forma. Servia pelo menos como pedestal visível à invisível presença da divindade. Até ao dia do cativo da terra (30), isto é, talvez do cativo da população da Galiléia no reinado de Tiglate-Pileser III em 733-732 A.C. (#2Rs 15.29), que acabara com o culto e com o sacerdócio em Dã. Houbigant emenda "o cativo da terra" para "cativo da arca" (lendo ha'aron em vez de ha'ares), tomando a frase como repetição do final do capítulo: "todos os dias que a casa de Deus esteve em Silo". Mas o efeito da vitória dos filisteus em Afeque mal se fez sentir no norte, nas terras de Dã. A introdução da nota final pode indicar que o culto em Dã se comparava em antiguidade ao de Silo. Esta cidade é a moderna Seilum, a cerca de 35 quilômetros ao norte de Jerusalém e 20 ao sul de Siquém. Aí foi colocado o "tabernáculo da congregação" logo a seguir à entrada em Canaã para servir de santuário central à "liga anfitriônica" das tribos de Israel (#Js 18.1; cfr. ainda #Js 21.2; #Jz 21.12,19 e segs.). Mas a casa de Deus em Silo nos primeiros capítulos de 1 Samuel era aparentemente de uma estrutura mais estável que um simples tabernáculo. A destruição de Silo não vem mencionada em 1 Samuel, mas não é difícil deduzir que foi destruída pelos filisteus depois da batalha de Afeque (#1Sm 4.10), o que é confirmado por #Jr 7.12 e segs. #Jr 26.6,9; #Sl 78.60 e segs. Escavações feitas por arqueólogos dinamarqueses em 1926 e 1928 mostraram que houve uma extensa fixação em Silo nos séculos XII e XI A.C. até à sua destruição, cerca do ano 1050 A.C.

Jz-19.1

XV. A GUERRA CONTRA BENJAMIM. Jz 19.1-21.25.

a) O crime de Gibeá (Jz 19.1-30).

Houve um homem levita, que peregrinando aos lados da montanha de Efraim (1). Quer dizer tanto pode ser a oriente como a ocidente dos planaltos de Efraim. Tomou para si uma mulher concubina de Belém de Judá (1). Tal como o levita dos caps. 17 e 18, também este se relaciona com Efraim e Belém de Judá. Porém a sua concubina adulterou contra ele (2), ou como apontam algumas versões, "zangou-se com ele". Para lhe falar conforme ao seu coração

(3). Ou seja "para lhe falar ao coração". Cfr. **#Is 40.2. E detiveram-se até já declinar o dia** (8). Foi essa a razão que levou o sogro a instar para que passasse ali mais uma noite (9). **Já o dia se abaixa** (9). Literalmente: "Já é o acampamento do dia", ou seja, são horas de acampar, ou preparar o acampamento para a noite. As expressões da vida nômade continuaram a usar-se mesmo depois da fixação do povo israelita. Cfr. **#2Sm 20.1; #1Rs 12.16. E veio até defronte de Jebus (que é Jerusalém)** (10). A cidade encontrava-se ainda em poder dos jebuseus. Por este motivo (12) o levita se recusou a passar aí a noite, embora a cidade não fosse menos hospitaleira do que Gibeá, **cidade... dos filhos de Israel** (12). Só aqui e em **#1Cr 11.4-5**, aparece Jerusalém com o nome de Jebus, talvez pelo fato de um dos grupos de amorreus (jebuseus) nela se terem fixado. Cfr. 1.21n. **Em Gibeá** (13). É a moderna Tel-El-Ful, a 7 quilômetros ao norte de Jerusalém. Como cidade de Benjamim, mais tarde foi conhecida apenas por "Gibeá de Saul", por ser cidade capital desse monarca (**#1Sm 11.4**). Escavações recentes descobriram que a primeira fortaleza de Gibeá foi fundada logo a seguir à conquista e destruída no século XII A.C., e a segunda (a de Saul) também foi encontrada. **Ou em Ramá** (13). Mais ao norte de Gibeá, a caminho de Betel. Cfr. **#Jz 4.5**.

>Jz-19.16

E eis que um homem velho... da montanha de Efraim (16). Era conterrâneo do levita. É de notar que o único homem em Gibeá que ofereceu hospitalidade aos estrangeiros era estrangeiro também. **Vou à casa do Senhor** (18). Ou melhor, "para minha casa, como afirmam os LXX. O erro foi originado no fato de se tomar o pronome como uma abreviatura de Jeová. **Filhos de Belial** (22). Belial é vocábulo que em heb. significa "sem valor" (**beli ya'al**). "Filhos de Belial" seriam, pois, "homens levianos, de baixo caráter". Outros comentadores atribuem-lhe o significado de "mundo dos mortos" (cfr. **#2Sm 22.5; #Sl 18.4**), ou seja, "local donde não se pode voltar", ou ainda "Senhor da noite". Na literatura judaica pós-bíblica Belial (em grego: **Beliar**) é o nome dum personagem, precisamente o anticristo ou encarnação do mal cfr. **#2Co 6.15**). O triste acontecimento narrado em 22-24 lembra-nos o caso de Sodoma (**#Gn 19.4-8**). **Não façais tal loucura** (23). O termo heb. é mais preciso, pois indica "atrevimento", "vilania". As leis da hospitalidade, tal como vimos ao cap. 19 do Gênesis, não têm em consideração o respeito devido ao sexo fraco. **Tomou um cutelo...** (29). O esquartejamento e distribuição dum corpo como ação de alcance nacional só tem paralelo em **#1Sm 11.7**. É de frisar, porém, que, neste último caso, a vítima é uma junta de bois, acompanhada da ameaça de o mesmo suceder ao gado de todos os que não se unissem para lutar contra

o inimigo. Os doze pedaços, em que foi dividido o corpo da mulher, correspondiam, sem dúvida, ao número de tribos de Israel. Era um sinal macabro, por certo, mas indispensável para convidar à execução dos compromissos relacionados com a aliança nacional. **Desde o dia em que os filhos de Israel subiram da terra do Egito** (30). O êxodo ficou sempre a marcar o ponto de partida dos grandes acontecimentos de Israel como povo eleito (cfr. **#1Rs 6.1**). E o episódio de Gibeá, por sua vez, ficará a marcar até onde pode chegar a perversidade dos homens (cfr. **#Os 10.9**).

Jz-20.1

b) A destruição de Gibeá (Jz 20.1-48).

E a congregação se ajuntou, como se fora um só homem (1). Deram resultado as intimações do levita, pois todas as tribos se juntaram-as do norte, as do sul, as da Transjordânia numa imponente reunião em **Mispa** (1), a 9 quilômetros a noroeste de Jerusalém. Não se confunda esta cidade com outra do mesmo nome (**#Jz 10.17**), não obstante ambas terem o mesmo significado de "torre de vigia". **Quatrocentos mil homens de pé que arrancavam a espada** (2). Este número é comparável com os censos do Pentateuco. Mas a palavra em hebraico (aqui, como ali) é **elef**, e pode referir-se a uma unidade muito mais pequena. "Praticamente, talvez com exatidão equivalente à subdivisão da tribo, que era conhecida como a "casa do Pai"; cfr. **#Jz 6.15** (Westminster Bible Dictionary). **Fizeram... loucura em Israel** (6), Isto é, "vilania" (cfr. 19.23 n). Quanto à expressão completa cfr. **#Gn 34.7; #Dt 22.21; #Js 7.15; #2Sm 13.12** e segs.

>Jz-20.13

Tiremos de Israel o mal (13). Cfr. em **#Dt 17.12** uma expressão idêntica. **Vinte e seis mil homens** (16). Muitas versões aludem a 25.000, aliás com mais probabilidade, de acordo com as últimas afirmações dos vers. 35 e 47. Benjamim era uma tribo pequena comparada com as outras, tendo a 17ª. parte do total dos homens de todas as tribos. **Setecentos homens escolhidos** (16). Se se trata duma repetição do número anterior, como parece sugerir a Vulgata, então os homens de Gibeá são os setecentos fundibulários bem adestrados. **Canhotos** (16). Ou "ambidestros". Cfr. 3.15n e **#1Cr 12.2**. **E não erravam** (16). A palavra hebraica é **hata**, geralmente usada com o sentido moral de "pecado". **E subiram a Betel** (18). Este santuário antigo continuava a servir de centro religioso durante a monarquia do norte. A Vulgata traduz "casa de Deus",

referindo-se a Silo, em atenção a Finéias e à arca de que falam os vers. 27 e 28. Mas a arca nem sempre esteve fixa no mesmo local.

>Jz-20.26

Holocaustos e ofertas pacíficas (26), isto é, sacrifícios para expiar a causa da derrota, seguidos de festivais. **Finéias, filho de Eleazar, filho de Arão, estava perante ele naqueles dias** (28). Este episódio passa, por conseguinte, a pertencer à mesma geração que a emigração dos daneus (cfr. #Jz 18.30). Finéias (em heb. **Pinhas**) é a palavra egípcia que significa "o núbio" ou "criança de cor escura" (cfr. #Nm 25.1-13). Israelitas com nomes egípcios (cfr. Moisés) só se encontram na tribo de Levi. **Então Israel pós emboscadas em redor de Gibeá** (29). A tática era semelhante à utilizada contra Ai (#Js 8.12 e segs.). **Um dos quais sobe para Betel e o outro para Gibeá** (31). Gibeá, neste caso talvez Gibeom, deve ser a moderna El-Jib, a 10 quilômetros a noroeste de Jerusalém e 7 de Gibeá. **Baal-Tamar** (33). Ficava situada entre as tribos de Judá e Benjamim. O nome significa "senhor da palmeira" e a localidade deve ter tomado esse nome devido a uma divindade que os cananeus aí adoravam. **Desfizeram os filhos de Israel naquele dia vinte e cinco mil e cem homens de Benjamim** (35). Como sobreviventes ficam apenas os 600 de que fala o vers. 47. O total devia ser então 25 700 (cfr. as notas sobre os vers. 2 e 15). Este passo é um resumo antecipado dos vers. 36-46. **Um sinal determinado** (38). Esse sinal era um facho ou farol mencionado nas cartas de Lachish e #Jr 6.1 (Cfr. #Js 8.20,21). **O fumo da cidade subia ao céu** (40). A destruição de Gibeá nesta época é confirmada pelas escavações realizadas por arqueólogos americanos em 1922-23. **E à vontade o pisaram** (43), isto é, no seu lugar de descanso. **Até diante de Gibeá** (43). Ou Geba, na estrada direta de Gibeá para Rimom. Geba encontra-se a 10 quilômetros a nor-nordeste de Jerusalém, e a **penha de Rimom** (47) não ficava a grande distância. O nome ainda perdura na atual aldeia de Ramum situada sobre um penhasco fendido por três lados, contendo cavernas, que serviam de abrigo a fugitivos.

Jz-21.1

c) A reconciliação (Jz 21.1-25).

Veio, pois, o povo a Betel (2). Tal como em #Jz 20.18-26, podemos traduzir "à casa de Deus". **E edificou ali um altar** (4). Dá impressão que o altar já ali se encontrava, como vimos em #Jz 20.26, talvez referência mesmo ao altar de Mispa. **Porque se tinha feito um grande juramento** (5). Literalmente: "o grande

juramento tinha sido feito" talvez um juramento efetuado com toda a solenidade. **Ninguém de Jabes de Gileade viera ao arraial** (8). Tudo leva a crer que se trata da atual Ed-Deir a 17 quilômetros aproximadamente de Bete-Sã a oriente do Jordão na margem do Wadi El-Yabis. **Doze mil homens dos mais valentes** (10). Quanto ao número "mil" ou "milheiro" cfr. 20.2 n. **Isto é o que haveis de fazer** (11). Recorde-se a prudência adotada por Moisés no caso das mulheres de Midiã (#Nm 31.15 e segs.). **E acharam entre os moradores de Jabes de Gileade quatrocentas moças virgens** (12). O casamento destas donzelas com os sobreviventes de Benjamim pode ter origem nas íntimas relações dos últimos tempos entre Jabes-Gileade e a tribo de Benjamim (sobretudo no tempo do rei Saul, que ora membro dessa tribo). Veja-se, em particular, a atitude do Saul em defesa dos habitantes de Jabes contra os amonitas (#1Sm 11), e o tratamento que aqueles deram ao corpo de Saul, quando afixado nos muros de Bete-Sã (#1Sm 31.11 e segs.). Mas em virtude das relações entre Saul e Gibeá, teria existido antes qualquer aliança que afastasse os moradores de Jabes de fazer uma guerra de vingança contra aquela cidade? Na altura do episódio relatado em #1Sm 11 (cerca de 1025 A.C.) Jabes encontrava-se novamente a braços com uma população numerosa.

>Jz-21.12

F. F. Bruce

RUTE

INTRODUÇÃO

I. O LIVRO E A SUA POSIÇÃO NO CÂNON

Nos LXX, na Vulgata e nas versões luteranas o livro de Rute aparece entre o dos Juízes e os de Samuel, como pertencendo ao mesmo período histórico. Constitui na realidade uma espécie de suplemento àquele e introdução a estes, mas não deixa de contrastar com qualquer deles no seu conteúdo. Em Juízes e Samuel são freqüentes as cenas de desordens e lutas, por vezes de grande envergadura. Põem-se em marcha exércitos. Israel é derrotado e oprimido, mas logo se faz ouvir a voz da liberdade e soam as trombetas da vitória em nome de Jeová. Surgem chefes de excepcional capacidade. Não raro o cenário é de selvajaria e sensualidade.

No livro de Rute, pelo contrário, deixam de se ouvir o tinido das armas e o tumulto da soldadesca enfurecida. É a vida simples do povo em toda a sua forma. Ergueram-se e logo tombaram grandes nações e grandes homens; venceram-se e perderam-se batalhas; intrigas e rivalidades nos lugares altos. A vida do povo continuava imperturbável, na calma tradicional de séculos. O amanho das terras, os velhos costumes do campo, a simplicidade dos noivados, a educação das crianças, a fé em Deus, tudo seguia o seu curso normal por detrás dum cenário de crueldade sanguinária, que nos descreve o livro dos Juízes.

Este fato e ainda a narração da história dos antepassados imediatos de Davi deve ter levado o Código hebraico a incluir o livro de Rute entre os chamados **hagiógrafos**, e o Talmude coloca-o em primeiro lugar, imediatamente antes dos Salmos. No manuscrito hebraico encontra-se entre os cinco **megilloth** ou rolos.

II. AMBIENTE E DATA

Os acontecimentos narrados no livro deram-se durante o reinado dos juízes (**#Rt 1.1**), num período que abrange 450 anos (**#At 13.20**). Mas em **#Rt 4.21-22** diz-se que Boaz era bisavô de Davi, o que levaria a enquadrar os acontecimentos na primeira metade do século XII A.C., isto é, durante a mocidade de Samuel. Sendo assim, é curioso observar que Josefo é de opinião

que Rute viveu no tempo de Eli (Antig. 5,9,1). Por outro lado, Salmom, aqui considerado pai de Boaz, era o marido de Raabe (#Mt 1.5), o que nos leva a recuar a data dos acontecimentos. Realmente, é difícil conciliar estas duas afirmações, a não ser que se admita uma lacuna na genealogia, tal como a apresentam #Mt 1.9 e passos idênticos. Neste caso é impossível atribuir uma data, por aproximada que seja, a essa lacuna, e por si mesmo o livro não oferece qualquer argumento interno, que possa trazer mais luz a questão. Por que não aceitar a data proposta por Josefo? Não obstante certos erros históricos, é muito possível serem verídicas as fontes que neste caso o informaram.

III. DATA DA COMPOSIÇÃO

Do mesmo modo não é fácil chegar-se a uma conclusão quanto à data em que o livro foi redigido, mesmo que nos baseemos em argumentos extraídos do próprio livro. Pelo menos deduzimos ter sido escrito depois da era dos juízes (#Rt 1.1), e muito tempo após os acontecimentos terem sucedido, já que alguns costumes tinham caído em desuso (#Rt 4.6-8). Além disso, não é fácil admitir uma data anterior ao reinado de Davi, pois vem mencionado na sua genealogia (#Rt 4.22). Fora destas deduções, só nos resta o campo das conjecturas, mas é de admitir-se que a composição do livro não vai além do reinado de Davi.

O livro de Rute fala-nos da fortuna da família de Elimeleque, de Belém, que emigrou para Moabe, acossado pela fome, e lá morreu com seus dois filhos. Entretanto, a viúva Noemi volta à terra de seus antepassados, levando consigo sua nora Rute, também viúva, que insistiu em acompanhá-la. Aí encontraram um parente próximo, Boaz, que voluntariamente assumiu a responsabilidade de **Goel**, o qual desposou Rute, que foi mãe de Obede, avô de Davi.

Rt-1.1

I. A FOME E A EMIGRAÇÃO DE ELIMELEQUE. Rt 1.1-5.

E sucedeu que... (1). A palavra heb. **wayehi** liga possivelmente esta narração a outros acontecimentos já conhecidos (cfr. #Js 1.1). **Em que os juízes julgavam** (1). O julgamento destes, como vimos, podia ser apenas manifestado através de façanhas extraordinárias, como no caso de Sansão. **Uma fome** (1). O livro dos Juízes não faz referência a esta calamidade, nem a outras idênticas, se bem

que fossem de admitir, já derivadas a causas naturais, já provocadas pelas invasões do inimigo (cfr. #Jz 6.3-6). **Belém de Judá** (1). Provavelmente assim chamada para a distinguir da Belém de Zebulom (#Js 19.15). **Nos campos de Moabe** (1). Em heb. **sadhe** significa "campo" ou "planície". Não designa, portanto, toda a região, mas somente uma zona, talvez a sul do Arnom, por sinal, das mais ricas em pastagens. Recorde-se a descrição do "campo fértil" de Moabe, em #Is 16.10 e #Jr 48.33. **Elimeleque** (2) significa aquele "para quem Deus é rei", enquanto o sentido de Noemi é "agradável". Malom quer dizer "delicado" e Quiliom "fraco". **Efrateus** (2). Efrata era o nome antigo de Belém (#Gn 35.19). **Os quais tomaram para si mulheres moabitas** (4). O Targum começa assim: "E transgrediram o mandamento do Senhor e tomaram...". Na realidade não se proibia terminantemente o casamento com mulheres moabitas, mas apenas a recepção dos moabitas na congregação do Senhor (cfr. #Dt 23.3n). **Orfa... Rute** (4). São nomes moabitas que significam, respectivamente, "bondosa" ou "voltar as costas" e "rosa". Embora não seja grande a diferença entre a língua moabita e a hebraica (veja-se 2.8n) chega contudo para impossibilitar uma tradução certa. Rute era esposa de Malom, talvez o filho mais velho (#Rt 4.10). O Targum acrescenta que era filha de Eglom, rei de Moabe (#Jz 3.12), mas não é provável. **E morreram... Malom e Quiliom** (5). Não há razão para se atribuir a morte destes jovens a castigo, em virtude de terem trocado a Terra da Promissão pelos vales de Moabe. Os seus nomes, "definhamento" e "consunção" -ou podem ser ecos da fome que assolou a terra, ou podem descrever a frágil constituição física destes homens.

>Rt-1.6

II. NOEMI E RUTE DECIDEM IR PARA JUDÁ. Rt 1.6-18.

Então se levantou... (6). Noemi já se encontrava a caminho de Belém. **Ouviu** (6). Como esteve dez anos em Moabe, e se apenas agora perto do fim desta temporada soube aquela notícia, é sinal que a fome grassava no país já havia vários anos. Ou os meios de comunicação não eram de molde a facilitar as relações entre os dois países. **E indo... para voltarem** (7). Orfa e Rute resolveram então voltar com Noemi para Belém. As palavras de complacência da "prazenteira Noemi" dão a entender como ela inspirou o amor e devoção nas suas noras. **Voltai cada uma a casa de sua mãe** (8). Embora ainda vivo o pai de Rute (#Rt 2.11), fala-se apenas nas mães, talvez para frisar que acima de tudo Noemi não passava duma simples sogra.

>Rt-1.8

O Senhor use convosco (8). Note-se que Jeová é invocado como um nome já conhecido. **Descanse** (9). Em heb. **menuchah** quer dizer "lugar de descanso", e é termo por vezes usado para dar a idéia de cumprimento dum propósito ou realização duma esperança, ou ainda, como no caso presente, o fim dum período de tribulações e vicissitudes (cfr. **#Is 11.10**, etc.). **Certamente** (10). Em heb. **Ki**. É expressão de reforço, como em **#Gn 29.32**; **#Êx 3.12**. **Mais filhos** (11). É a primeira vez que neste livro se faz alusão à lei israelita que obrigava um homem a desposar a viúva de seu irmão, para lhe assegurar descendência (**#Dt 25.5**; **#Mt 22.23-28**). Não sabemos se tal lei era reconhecida em Moabe, mas tudo leva a crer que as noras de Noemi a não desconheciam. Cfr. vers. 11-13. **Mais amargo**. Em heb.: "tenho grande amargura". Cfr. vers. 20. **Voltou... aos seus deuses** (15). Não há motivo para nos escandalizarmos com tais palavras, pois, para Orfa regressar a Moabe era o mesmo que voltar aos deuses de Moabe. Ao contrário de Naamã (**#2Rs 5.17**), o culto de Jeová não a impressionara muito, e Noemi sabia-o muito bem. **Me faça assim o Senhor** (17). Jeová é propositadamente invocado por Rute para indicar que escolhera para si o Deus de Israel, talvez de há muito o seu único Deus. O amor a Deus e a amizade a Noemi é que foram inspiradores das nobres palavras dos vers. 16-17. Cfr. **#Jo 6.68**. **De todo estava resolvida** (18). Rute jurara por Jeová, mas o voto que fizera já era em si mesmo uma confissão da sua grande fé em Deus.

>Rt-1.6

III. UM TRISTE REGRESSO. Rt 1.19-22.

Assim, pois, foram-se ambas (19). A jornada não ia além dos 80 quilômetros, mas nesses dias "em que não havia rei em Israel" (**#Jz 21.25**) era perigoso viajar. E no caso destas duas mulheres, indefesas, muito mais. **Toda a cidade se comoveu** (19). Parecem indicar estas palavras que a família de Elimeleque era bem conhecida em Belém. Basta pensar também no acolhimento que tiveram por parte do parente e amigo Boaz, que era "valente e poderoso" (**#Rt 2.1**). **E diziam** (19), isto é, as mulheres da cidade, uma vez que a forma do verbo em hebraico é feminina. **Chamai-me** (20). Este trocadilho de palavras é freqüente no Velho Testamento, pois Noemi já dissera (13) que a sua sorte era bem amarga. **Cheia parti** (21). Tinha um marido e dois filhos. Possivelmente Elimeleque não partiu de Belém sem levar também pelo menos parte de seus haveres antes da fome ter avançado. **No princípio da sega das cevadas** (22). Talvez em abril, quinze dias antes da ceifa do trigo.

Rt-2.1

IV. UM BOM AMIGO. Rt 2.1-23.

Um parente (1). Aqui a palavra hebraica **moda**, tal como em #Rt 3.2 e #Pv 7.4, tem apenas o significado de "conhecido" ou "amigo", ao contrário doutros passos do livro, onde pode perfeitamente traduzir-se por "parente". Mas a Bíblia parece querer salienta mais a amizade do que o parentesco de Boaz. **Homem valente e poderoso** (1). O termo heb. **hayil** implica qualquer espécie de recursos espirituais, intelectuais e naturais e, no caso de Boaz, aplicava-se mais às suas qualidades de espírito, do que propriamente à saúde ou à riqueza. O vocábulo significa, pois, "valoroso" ou "virtuoso" (cfr. 3.11n; #Jz 6.12). **Deixa-me ir** (2). A lei de Moisés concedia aos pobres e aos estrangeiros o direito de apanhar no campo as espigas abandonadas e colher nas vinhas as uvas esquecidas (Cfr. #Lv 19.9-10). **Que era da geração** (3). O vocábulo original **mishpachah** para indicar "parente" é bem diverso do que encontramos em #Rt 2.1 e #Rt 3.2, e sem paralelo no livro, quando se pretende indicar um familiar, sujeito à lei de Moisés. **O Senhor seja convosco... o Senhor te abençoe** (4). Saudação e resposta habituais nesse tempo. Cfr. #Sl 129.8. **De quem é esta moça?** (5). É possível que algo de estrangeiro no aspecto ou no vestuário de Rute atraísse a atenção de Boaz. **Assim ela veio... até agora** (7). Depois de trabalho extenuante durante todo o dia, só agora lhe era dado repousar um pouco. **Filha minha** (8). Este vocativo carinhoso dá a entender que Boaz já não era um jovem, como poderia supor-se. Não lhe era difícil conversar com uma moabita, dada a pequena diferença entre as duas línguas, como o provam inscrições na Pedra de Mesa (890 A.C.). Cfr. #2Rs 3.5 e segs. **Aqui te ajuntarás** (8). O verbo é o mesmo que aparece em #Rt 1.14 com o sentido de "apegar-se". **As minhas moças** (8), isto é, as mulheres que atam os feixes. Boaz preparou-se, evidentemente, antes de falar com Rute, pois, por direito, só os trabalhadores podiam ter o privilégio que Boaz oferecia.

>Rt-2.10

Rt-3.1

V. NOBRE RESOLUÇÃO. Rt 3.1-18.

Descanso (1). Cfr. 1.9 n. Noemi teve os primeiros direitos sobre Boaz, aos quais abdicou em favor de Rute. Seria então Boaz o "remidor" para levantar a

família de seu filho Malom, talvez por não conhecer um **goel** mais próximo ou ver em Boaz uma acentuada inclinação ou benevolência para com os vivos e defuntos. O principal objetivo de Noemi era fazer compreender a Boaz que sobre ele caíam todas as suas preferências, sempre com os olhos postos em Rute. **Esta noite padejará a cevada** (2). Havia por certo de soprar uma ligeira brisa noturna para se conseguir tal objetivo. **Lava-te... unge-te, e veste os teus vestidos** (3). Era sinal que o luto já terminara. **Fez conforme a tudo quanto sua sogra lhe tinha ordenado** (6). Rute sabia perfeitamente o papel que estava a desempenhar e os objetivos que pretendia. Saliente-se que não são de censurar esses costumes regionais dum época longínqua e dum país quase desconhecido, comparando-os com os costumes ocidentais e as convenções do século XX. **Estende, pois, tua aba** (9). Literalmente: "Tua asa". O Targum considera esta expressão como um pedido de casamento (cfr. **#Ez 16.8; #Dt 22.30**).

>Rt-3.10

Rt-4.1

VI. CASAMENTO DE BOAZ COM RUTE. Rt 4.1-16.

Subiu (1). Belém ficava situada numa colina. **À porta** (1). Os muros das cidades orientais eram bastante grossos, de modo que a porta formava um pequeno túnel, onde os homens da cidade se reuniam, aproveitando a sombra e a aragem que através da mesma levemente corria. **Fulano** (1). Não se indica o nome do "mais chegado remidor" de Noemi, talvez por ser desconhecido ao autor. **Noemi... a vendeu** (3). Ou Elimeleque vendeu a terra antes de partir para Moabe e no ano do Jubileu regressou para que essa terra voltasse às mãos de Noemi (cfr. **#Lv 25.8** e segs.), ou então durante os dez últimos anos esteve entregue aos cuidados dalgum amigo ou parente. Em qualquer caso, Noemi vendeu-a, logo que regressou, provavelmente obrigada pela miséria ou pela força das circunstâncias. **Habitantes** (4). O termo **yashabh** também significa sentar-se, podendo neste caso referir-se às testemunhas da transação. **Toma-a... redime-a... para suscitar o nome do defunto** (4,5). A lei do remidor ("goel") tinha por finalidade evitar a alienação da propriedade ou a extinção da família. **Não a poderei redimir, para que não dane a minha herdade** (6). Josefo e o Targum são de opinião que ele já era casado mas aparentemente isso não o exonerava das suas obrigações. A não ser assim nada o impedia de arruinar a sua herdade, se viesse a gastar dinheiro numa terra que já não lhe pertencia. **Já**

de muito tempo (7). Dá a impressão que estas páginas foram escritas numa altura em que as leis do #Dt 25.5-10 já estavam esquecidas. Mesmo nesta época já a lei era só parcialmente observada, pois o remidor era abordado por um representante e não diretamente pela viúva em sessão pública, e ele próprio descalçava o sapato perante todos, sem o opróbrio que outrora significava. Na realidade, a transferência do sapato não parece ter indicado uma ofensa maior que a transferência da terra para Boaz. O sapato simbolizava o direito do proprietário pisar a terra (#Sl 60.8). (Talvez os sapatos fossem entregues ao filho pródigo para indicar a sua reinstalação na herança, que perdera). A cerimônia da transação (10) lembra a da compra de Macpela por Abraão (cfr. #Gn 23.16-18). Como a Raquel e como a Lia (11). Embora mais nova, Raquel vem em primeiro lugar porque morrera em Belém (#Gn 35.19). Edificaram (11). Em heb. bana, "construir", verbo relacionado com outro que significa "ser mãe". Assim Raquel consentiu que Jacó tivesse filhos da escrava Bila "para que receba filhos ("seja edificado") por ela" (#Gn 30.3). Valorosamente (11). Heb. hayil. Cfr. 3.11n. Perez (que Tamar teve de Judá) (12). Cfr. #Gn 38. Introduz-se este episódio como exemplo clássico das responsabilidades assumidas por um "goel" ou remidor. Que te ama (15). Cumpriu-se a lei, os bens e a família de Malom foram salvos, mas a narração termina, como começou, com uma alusão à profunda amizade de Noemi e de Rute.

>Rt-4.17

VII. A PROMESSA. Rt 4.17-22.

O leitor é aqui obrigado a reconhecer o assunto vital que se encontra atrás desta história, ou seja, a genealogia do Messias, nascido da árvore de Davi, como era sabido de todo o israelita. Rute, a moabita, já não é considerada como a corajosa estrangeira que veio a Belém, mas como a mulher cuja dedicação por Noemi e devoção ao Deus de Israel e de Noemi a colocaram na linha direta do Messias. Tamar já não é também a simples mulher de Canaã que invocou a lei do "goel", mas a que pode considerar-se do número dos antepassados de Davi e, portanto, do Messias. Raabe recebeu as mesmas honras, só por ver que Deus estava com Israel. E assim três mulheres estrangeiras entraram a fazer parte da grande árvore, de que havia de nascer o Messias. A genealogia que aqui se indica é introduzida por Mateus na genealogia de Nosso Senhor (#Mt 1.3-6).

A. MacDonald

I e II SAMUEL

INTRODUÇÃO

No texto hebraico os dois livros de Samuel formam um só, porque na realidade a atual divisão não vem apenas interromper a história de Davi, como a da catástrofe em Gilboa, em que Saul tomou parte. Os LXX consideraram os livros de Samuel e dos Reis como uma história única do reino, dividindo-a, no entanto, em quatro partes. Chamaram-lhes então "Livros do Reino" e a Vulgata apenas "Livros dos Reis", considerando os de Samuel como 1 e 2 dos Reis.

A partir do tempo de Daniel Bomberg, no século XVI, muitas bíblias hebraicas continuaram a dividir o livro de Samuel, chamando-lhes 1 e 2 livros de Samuel.

I. O AUTOR

Embora no título apareça o nome de Samuel, não quer dizer que fosse ele o autor dos livros. Uma tradição judaica atribui-lhe, de fato, a autoria; mas, a aceitar tal hipótese, apenas a poderíamos admitir para os primeiros 24 capítulos de 1 Samuel.

É fora de dúvida que os livros constituem uma compilação, se bem que Samuel seja realmente o autor duma grande parte do primeiro livro, pois devia conhecer profundamente a história do povo escolhido, por ter sido chefe das escolas dos profetas. É que nas escolas desse tempo (por Samuel freqüentadas), que formavam o centro da cultura da nação, guardavam-se vivas as relações de Deus com o Seu povo.

Em [#1Cr 29.29](#) lemos no hebraico: "As crônicas do rei Davi, eis que estão escritas nas crônicas de Samuel, o vidente (roeh), e nas crônicas do profeta (nabi) Natã, e nas crônicas de Gade, o vidente (chozeh)". Houve, portanto, acontecimentos narrados por Samuel, Natã e Gade e o compilador das Crônicas fez alusão àqueles autores, enquanto nas suas obras se encontram dispersos "os sucessos" do rei Davi. Por outro lado, achamos que certas páginas das Crônicas contêm quase os mesmos acontecimentos que os dos livros de Samuel, com ligeiras alterações, evidentemente. Mas dá-nos a impressão que o autor das Crônicas tem à mão todos os elementos de que se serve, o que não acontece com o compilador de Samuel.

Sabemos que alguns documentos eram conservados ao lado da arca, desde o tempo de Moisés, e Samuel foi educado em Silo, precisamente junto da arca. Nada mais natural que viesse a interessar-se pela história de Israel, e que a ampliasse até, uma vez que não lhe faltavam dotes de escritor. Recorde-se que, quando Saul subiu ao trono, foi Samuel quem preparou uma constituição para o reino "e escreveu-a num livro e pô-la perante o Senhor" (#1Sm 10.25). Existia, pois, um documento escrito, e junto da arca. Em #2Cr 9.29 novamente se faz alusão a Natã, mas desta vez como autor da história dos feitos de Salomão. Outros profetas são ainda citados como fontes para a história daquele reinado.

Há muitas mais referências no Velho Testamento aos profetas, como autoridades para a história de outros reinados. Temos, pois, a certeza que Samuel, Natã e Gade, ou foram autores diretos dos livros de Samuel, ou pelo menos dos seus escritos foram compilados os acontecimentos que compõem aquilo a que chamamos "Livros de Samuel".

Quanto a Samuel, confirmam-no testemunhas contemporâneas, sabemos que viveu quase até ao fim do reinado de Saul. Natã e Gade sobreviveram a Davi. Importa sublinhar as íntimas relações de Davi não só com o próprio Samuel, como com a escola dos profetas em Naioth (cfr. #1Sm 19.18). Natã e Gade também andavam por vezes intimamente associados a Davi (cfr. #1Sm 22.5; #2Sm 24.11; #2Cr 29.25; #2Sm 7.2-17; #2Sm 12.25; #1Rs 1.8-27). Ninguém duvida da existência de crônicas oficiais do rei Davi, como se deduz de #1Cr 27.24.

Havia ainda uma literatura poética da nação, tal como o livro do Reto (Jaser) (#2Sm 1.18), que deve ter sido uma coleção de cânticos e baladas em honra dos heróis nacionais. Em fontes como estas é que o autor dos livros de Samuel se deve ter inspirado (cfr. #1Sm 2.1-10; #2Sm 3.33-34; #2Sm 22.1-51). Para mais pormenores cfr. o Apêndice II sob o título "A opinião crítica acerca das fontes e documentos".

II. O NOME

O fato de os livros terem o nome de Samuel é suficiente para demonstrar a estima em que ele era tido. Assim, entre os judeus era considerado um chefe nacional, um segundo Moisés. Se este libertou Israel das garras dos egípcios, dando-lhes uma lei e levando-os até à vista da Terra

da Promissão, Samuel foi por Deus enviado para libertar também Israel, quando já as esperanças pareciam perdidas. Sob o ponto de vista espiritual e político a nação parecia virtualmente perdida, quando Eli estava prestes a deixar esta vida (cfr. #1Sm 4.12-22; #Sl 78.59-64; #Jr 26.6). Com Samuel surgiu uma maravilhosa renovação espiritual e uma nova esperança inundou os corações (#1Sm 7).

Julgam muitos ser Samuel o fundador das escolas dos profetas, que durante séculos tão profunda influência exerceram na vida da nação. À volta destas escolas não só se respirava o ambiente da vida espiritual de Israel, mas ainda o de sua vida cultural e educativa. Se Moisés promulgou a Lei, foi Samuel quem garantiu que ela fosse propagada juntamente com outras revelações de Deus.

Ao mesmo tempo, Samuel era o instrumento providencial de Jeová para guiar o povo de Israel no momento crítico da mudança da era dos juízes para a monarquia. Expectativa e prudência! Deus pedia a Samuel nessa altura para inculcar no povo o ideal duma monarquia constitucional sob a orientação do mesmo Deus, já que o rei devia observar a Lei e ser guiado pelas revelações de Deus através dos profetas. Quando Saul falhou na sua missão, após ondas de crimes e de despotismo, lá estava Samuel, sempre bafejado pela sombra protetora de Deus, a preparar Davi para ser um rei "segundo o coração de Deus". Apesar de algumas fraquezas, nunca Davi se colocou acima da Lei de Deus, nunca faltou ao respeito aos Seus profetas. É por isso que os livros de Samuel têm como principal objetivo narrar a história do rei Davi.

Podia Samuel considerar-se deveras privilegiado, quando lhe foi concedida a missão de dar aos profetas o verdadeiro lugar que lhes competia na vida do povo israelita. Ao mesmo tempo, foi o introdutor da monarquia e o legislador providencial para que se preparasse convenientemente o caminho Àquele que seria Profeta, Sacerdote e Rei. Só um homem como Samuel poderia, portanto, ter a honra de dar o nome ao conjunto dos dois livros presentes.

III. DATA DA COMPILAÇÃO

Pelo estilo do livro, somos levados a considerar a data da sua compilação numa época muito remota. É ainda o hebraico puro que encontramos nessas páginas de raro e vivo colorido, isento das expressões aramaicas e formas mais recentes, que se encontram noutros livros. Deve ter

sido escrito pouco tempo depois da primeira apresentação de Saul a Samuel. Nessa época o termo **ro'eh** (vidente) aplicava-se ao profeta. Mas quando se fez a compilação já se usava o termo **nabhi'**, sendo necessário explicar às novas gerações o significado de ro'eh (cfr. **#1Sm 9.9**). Se se chegar à conclusão de que se trata, na realidade, duma nota adicional, esta pode ter sido acrescentada muito depois da compilação.

Seja como for, o livro deve ter sido compilado depois da morte de Davi (cfr. **#2Sm 5.5**), porque se indica a extensão do seu reinado. Antes do reinado de Roboão não deve ter sido, pois, já Israel se encontrava separado de Judá (cfr. **#1Sm 27.6**), atendendo a alusão aos "reis de Judá". Os LXX também admitem uma data posterior a Roboão (cfr. **#2Sm 8.7**; **#2Sm 14.27**). O estilo do livro assim o reclama, aliado ao fato de não se fazer referência a qualquer acontecimento passado depois daquela época.

IV. CRONOLOGIA

Damos a seguir a cronologia mais ou menos aproximada dos principais acontecimentos:

Nascimento de Samuel-1090

Vocação de Samuel-1080

Morte de Eli. Samuel juiz-1070

Saul sobe ao trono-1040

Morte de Samuel-1015

Morte de Saul em Gilboa-1010

Davi rei de Judá-1010

Davi rei de todo o Israel-1003

Convém notar que se passa em silêncio uma grande parte da história de Saul, talvez um espaço de cerca de vinte anos. Era jovem, e possivelmente solteiro, quando foi eleito (**#1Sm 9.2**). Os acontecimentos dos caps. 10 e 11 parece que sucederam aos do capítulo 9 com um intervalo pequeníssimo. '

Quando se torna a falar em Saul, já é pai dum valente soldado-Jônatas. Quer dizer que se passaram uns vinte anos, pelo menos. O principal objetivo do autor não é historiar a vida de Saul, mas, sim, a do grande Davi.

1Sm-1.1

I. HISTÓRIA DE ISRAEL DESDE O NASCIMENTO DE SAMUEL ATÉ À LIBERTAÇÃO DOS FILISTEUS. 1Sm 1.1-7.17

a) Nascimento e primeiros anos de Samuel (1Sm 1.1-3.21).

1. ELCANA E SUAS DUAS MULHERES (#1Sm 1.1-8). A conjunção **e**, que encontramos no texto hebraico a iniciar o capítulo primeiro deste livro, vem indicar que este não é mais que uma continuação do livro dos Juízes que o precede no texto. **Elcana** (1), pai de Samuel, era levita e descendente de Coate (#1Cr 6.22-28; 33.38). Devia desfrutar de certa posição social, como chefe da família Zofim, de que derivou o nome da aldeia: **Ramataim de Zofim** (1). A palavra **Ramataim** significa "altitude", enquanto que **Zofim** deriva de **Zuf** ou **Zofai**, antepassado de Elcana. **Tinha duas mulheres** (2). Embora a poligamia fosse tolerada pela lei de Moisés (#Dt 21.15-17), não era essa, em princípio, a vontade de Deus (#Mt 19.8). Vejam-se os desgostos que causou a Elcana, como aliás a tantos outros. **Penina** (isto é, "pérola" ou "coral") vexou grandemente a esposa favorita **Ana** (que quer dizer "graça") por ser estéril (2-8), o que constituía a maior ignomínia para qualquer mulher judaica. **Subia... de ano em ano** (3). Era na realidade um casal piedoso que anualmente se dirigia ao santuário de Silo, a cerca de 18 quilômetros ao norte de Betel, para aí, em solene festividade, prestar culto ao **Senhor dos Exércitos** (3). Em heb. a expressão **jehovah sebaoth** significava Senhor de todos os poderes, sobretudo dos seres celestes.

I SAMUEL

>1Sm-1.9

2. A ORAÇÃO DE ANA (#1Sm 1.9-20). Com o espírito amargurado Ana procura refúgio no Tabernáculo (**hekal** "templo" -vers. 9), onde entrega a alma a Deus. O velho Eli, Sumo Sacerdote, vendo-a mover apenas os lábios, julgou-a a princípio embriagada (13), como então era freqüente entre mulheres de

costumes fáceis. Mas não. **Ela não era filha de Belial** (16; lit. "mulher indigna, desprezível") e o seu piedoso ato só a confortou nesse transe tão difícil (18). Jeová ouviu-lhe as preces e presenteou-a com um filho, a quem, reconhecida, pôs o nome de Samuel (20, em heb. **Shemuel**, i.e., ouvido de Deus).

>1Sm-1.21

3. SAMUEL, AINDA CRIANÇA, É DEDICADO AO SENHOR (#1Sm 1.21-28). Na próxima celebração da festa anual, voltou Elcana "para pagar os seus votos e todos os dízimos da terra" (21), mas Ana só foi, depois de desmamada a criança, ou seja, dois ou três anos mais tarde, quando já poderia ficar na casa do Senhor para sempre (21-22). **Três bezerros** (24). Um em holocausto pela consagração de Samuel; os outros dois pelo sacrifício anual (2). **Ao Senhor eu o entreguei** (28). Literalmente: "volta para Jeová, enquanto viver, pois foi obtido por petição a Jeová". No hebraico há um trocadilho de palavras dificilmente traduzível.

1Sm-4.1

b) A guerra com os filisteus (1Sm 4.1-7.17).

Na Vulgata, na versão siríaca e nos LXX a parte do capítulo #1Sm 4.1 referente a Samuel é colocada no fim do capítulo 3, como sendo o local mais indicado. **Os filisteus** (1). Ainda perduram os ecos das batalhas com este povo, que durante quarenta anos subjugou os israelitas (cfr. #Jz 13.1), mas sofreu duro revés no vigésimo ano do juízo de Samuel (#1Sm 7.2,13,14). Sabemos que ainda antes do nascimento de Sansão, já esse povo dominava em Israel (#Jz 13.5). E como Sansão julgou a Israel vinte anos (#Jz 15.20), foi sem dúvida contemporâneo de Eli. Como explicar então as funções dos dois juízes? Nada mais fácil. Eli tratava das questões civis e religiosas em Silo; Sansão encarregava-se das operações militares na fronteira. A palavra "filisteus" significa em hebraico "imigrantes". Os LXX traduzem-na por **alophuloi**, i. e, estrangeiros. Amós (#Am 9.7) dá os provenientes de Caftor, ou seja, de Creta. Foram eles que destruíram a civilização dos aveus na costa de Canaã (#Dt 2.23; #Js 13.3; #2Sm 8.18n). O Gênesis (#Gn 10.13-14) associa-os ao Egito (**Misraim**), mas havia grande movimento entre os dois países.

1. ISRAEL É INVADIDA PELOS FILISTEUS (#1Sm 4.1-11). No local, mais tarde chamado **Ebenézer**, mataram os filisteus 4.000 israelitas **em batalha**

campal (2). Esquecendo-se que a derrota era devida ao não cumprimento da lei, por parte do povo eleito, lembraram-se, os israelitas de se fazerem acompanhar da arca, julgando-a um talismã capaz de lhes dar a vitória. Que loucura! Acreditarem mais nos símbolos do que no arrependimento do coração! **Que habita entre os querubins** (4). Literalmente: "Que está entronizado acima dos querubins". A arca simbolizava a presença de Deus e recordava a aliança. Cfr. **#2Sm 6.6-11n** e Apêndice I. Por isso os próprios filisteus se atemorizaram, ao vê-la, porque sentiam que Deus (**' Elohim**) descera ao campo do inimigo (7). O fato de utilizarem os filisteus esta palavra, que é um plural, com o verbo, o adjetivo e o pronome no plural também vem apenas demonstrar que esse povo era politeísta, ao passo que os israelitas, usando o verbo no singular, davam provas manifestas do seu entranhado monoteísmo (7-8). Mas os filisteus até reconheciam as maravilhas, efetuadas por Jeová no deserto (8). Apesar disso, recobram ânimo e, caindo sobre os israelitas, deixaram no campo 30.000 mortos (9-10), entre os quais Hofni e Finéias. A arca caiu em poder dos filisteus, cumprindo-se assim as profecias (**#1Sm 1 e 2**), enquanto Deus se afastava de Israel (cfr. **#Sl 78.56-64**).

>1Sm-4.12

2. É DIZIMADA A FAMÍLIA DE ELI (**#1Sm 4.12-22**). Entretanto o velho Eli, sentado à porta do tabernáculo, aguardava as notícias da funesta batalha, ansioso sobretudo pelo destino da arca. Chegou finalmente o mensageiro vindo de Ebenézer (a cerca de 32 quilômetros), seminu e coberto de poeira, como a anunciar a grande catástrofe (12). Toda a cidade se comoveu, irrompendo num alarido ensurdecador (13). À medida que o mensageiro, a arfar, anunciava os resultados da hecatombe, incluindo a morte dos filhos e a tomada da arca, Eli, quase centenário, desfalecia lentamente, até que, tombando da cadeira, "quebrou-se-lhe o pescoço" e morreu (16-18). Jeová abandonara a casa de Eli!

>1Sm-4.19

Impressionante é ainda a morte da esposa de Finéias, provocada pelas notícias da catástrofe, onde tombaram o marido e o sogro. Ao expirar, após um parto prematuro (19), quis que seu filho se chamasse **Icabode** (cujo significado é: "não glória" ou "onde está a glória?") e disse ao mesmo tempo: **Foi-se a glória de Israel** (21). Dá-nos a impressão que lhe causou maior desgosto a perda da arca que a morte dos entes queridos.

1Sm-8.1

II. O REI SAUL. 1Sm 8.1-15.35

a) A eleição de Saul (1Sm 8.1-12.25).

Veja-se a seção III do Apêndice II para um estudo do problema crítico. Até agora fora Israel governada diretamente por Jeová, numa teocracia seguindo um grande ideal.

Mas a perversidade e a fraqueza dos homens levaram à desobediência, ao fracasso. Só em presença do perigo é que o povo dava ouvidos às mensagens do Senhor. Agora, levado por um sentimento de orgulho nacional, vai pedir um rei. A monarquia, no fim de contas, nos destinos da Providência, tinha por objetivo dar ao povo eleito uma idéia do reinado messiânico. Mas, se tivessem seguido fielmente a Deus, tornava-se dispensável a presença dum rei terreno.

1. O POVO PEDE UM REI (#1Sm 8.1-22). Pormenores sobre este texto encontram-se no Apêndice II.

1Sm-13.1

b) Guerras com os filisteus (1Sm 13.1-14.52).

1. SAUL PREPARA O SEU EXÉRCITO E REÚNE O POVO EM GILGAL (#1Sm 13.1-7). O texto original é um pouco diferente no que respeita ao vers. 7: "Saul tinha-quando começou a reinar e reinou-e dois anos sobre Israel". Omitem-se os números. Os LXX omitiram o versículo simplesmente. Julga-se, entretanto, que Saul tinha cerca de 30 anos quando subiu ao trono e reinou 32 anos aproximadamente, porque Mefibosete tinha apenas cinco anos quando Saul morreu. Os 32 acrescentados aos 7 anos e meio que separam a morte de Saul da de Is-Bosete perfazem o total de 40 anos do reinado de Saul, a que faz alusão #At 13.20. Em #1Sm 9.2 Saul é considerado um "mancebo". Agora Jônatas é homem feito, ou pelo menos soldado consumado. Quer dizer que se passam em silêncio pelo menos 20 anos desde os acontecimentos narrados no capítulo 12. Saul forma um pequeno exército permanente (2), o que já representa, para a época, notável progresso. A guerra começada em Gibeá, em breve se estendia a todo o Israel. De acordo com as instruções de Samuel (#1Sm 10.8), o povo reúne-se em torno de Saul na cidade de Gilgal- posição

apta a fins militares, logo à entrada do desfiladeiro que conduz a Micmás (4-5).

>1Sm-13.6

Era considerável o número dos inimigos. Tomaram-se, no entanto, as posições segundo um plano pré-estabelecido: Saul defenderia o desfiladeiro, enquanto Jônatas se encarregaria da defesa de Gibeá, ao sul. Desconfiados do êxito, os israelitas foram tomados dum medo inexplicável, que os levou a refugiarem-se em todos os esconderijos possíveis (6-7).

>1Sm-13.8

2. CONSEQÜÊNCIAS DA DESOBEDIÊNCIA DE SAUL (#1Sm 13.8-14). De Samuel tinha recebido Saul instruções rigorosas para não proceder a sacrifício algum, antes da sua chegada a Gilgal. Mas Saul, receando uma invasão repentina dos filisteus, esqueceu os conselhos do profeta e resolveu, por alta iniciativa oferecer o seu holocausto por intermédio do sacerdote Aíja (8-9). Samuel aparece nesse momento ao rei que, confuso e humilhado, apresentou fracas desculpas e lhe anuncia que Deus determinou entregar a outrem os destinos do povo eleito (13-14). A linguagem profética apresenta a vontade divina como a coisa já feita ou cumprida.

>1Sm-13.15

3. MOVIMENTA-SE O EXÉRCITO DOS FILISTEUS (#1Sm 13.15-23). Saul e Jônatas encontram-se em Gibeá e daí partem para Micmás, a fim de enfrentar o inimigo por alturas do desfiladeiro. Os destruidores (17). Repare-se nas diferentes direções tomadas pelos filisteus para mais facilmente devastar a terra.

>1Sm-13.19

Os filisteus impuseram um desarmamento completo aos israelitas, não lhes permitindo que os ferreiros exercessem a sua atividade em Israel. Por isso os israelitas em caso de necessidade, tinham de recorrer aos filisteus para lhes afiarem os instrumentos agrícolas (19-20), não sem pagarem um imposto, nada pequeno para a época. Sendo assim, os filisteus esperavam uma vitória fácil, quando saíram para Micmás, ao encontro de Saul.

1Sm-15.1

c) A destruição dos amalequitas (1Sm 15.1-35).

1. SAUL RECEBE ORDENS PARA EXTERMINAR AMALEQUE (#1Sm 15.1-6). Última prova a que Saul é submetido após os conselhos de #1Sm 13.13, que de resto não o levaram ao arrependimento. Insiste-se de novo na obediência à **voz das palavras do Senhor** (1), mas sem resultado. Este capítulo é o elo de ligação entre a história de Saul e a de Davi. **Amaleque** (2). Entre os desertos da Judéia e o Egito, já ha muito tinha o seu destino traçado em virtude das atrocidades cometidas contra Israel (cfr. #Nm 24.20; #Dt 25.17-19). Vai, pois ser destruída totalmente (lit. "dedicada à destruição". Heb. **haram**), isto é, separada para Deus, de forma a não ficar qualquer despojo (3). Cfr. #Lv 27.28-29; #Js 6.17-18. A justiça de Deus precisava ser vingada, para que se salientasse a importância que ocupa na vida o elemento moral. Repare-se na escassez de população em Judá (4) e na lembrança da antiga amizade com os queneus (6). Cfr. #Jz 1.16; #Jz 4.11,17; #1Sm 30.29.

>1Sm-15.7

2. COMO FOI CASTIGADA A DESOBEDIÊNCIA DE SAUL (#1Sm 15.7-31). Não obstante a vitória que pôs em fuga os amalequitas, desde o sul da Judéia até à fronteira egípcia, desobedeceu Saul pelo fato de poupar a vida ao Rei Agague e ao melhor dos seus haveres. O Senhor **arrependeu-se** (11), então, de o ter escolhido para rei. Mas não se veja nesta atitude de Deus qualquer semelhança com o arrependimento humano (cfr. vers. 29). Pense-se apenas numa alteração de instrumentos para cumprir os desígnios do Senhor. E quando o homem se arrepende Deus anula o castigo prometido. Samuel lamentou profundamente a atitude de Saul e entristeceu-se com o sucedido (11). Mas, ao encontrar-se com ele em Gilgal, depois de passar pelo Carmelo, junto do Hebrom, Saul não parecia reconhecer ainda a gravidade da sua falta, alegando ter sido o fervor e o zelo pela religião que o levaram a reservar aqueles animais a fim de os sacrificar ao Senhor (12-14,20,21). O profeta, porém, fez-lhe ver que, sendo **pequeno** (17), foi no entanto exaltado com o trono. Por que não dava ouvidos então **à voz do Senhor?** (19). Aos subterfúgios e à argumentação arguciosa de Saul concluiu apenas o profeta: **Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor é do que a gordura de carneiros** (22). (Cfr. #Os 6.6; #Sl 50.8-14; #Sl 51.16; #Is 1.11; #Jr 6.20). Sendo a religião do coração melhor que as cerimônias externas e formais, não é de estranhar que a **rebelião** (23) contra Deus seja tão perniciosa

como a feitiçaria e a obstinação tão nociva, como o culto dos ídolos (heb. 'awen) e terafim. Cfr. esta referência a terafim com o uso dum ídolo por Mical para ajudar o escape de Davi (#1Sm 19.13), e veja-se o Apêndice II.

>1Sm-15.8

Saul confessa-se pecador, mas as suas palavras são desprovidas de sinceridade, pois atribui ao povo pelo menos parte da sua culpa (24-25). Não obstante esta pretensa confissão, o Senhor insiste em não admiti-lo novamente como rei de Israel (26), aproveitando Samuel a oportunidade para lhe frisar essa atitude do Senhor, quando Saul, num gesto de desespero, rasgou a capa do profeta (27-28). No vers. 29, veja nota sobre o vers. 11.

>1Sm-15.32

3. SAMUEL VAI MATAR AGAGUE (#1Sm 15.32-35). Agague veio a ele animosamente (32). O advérbio heb. ma'adhan, que também pode significar "alegremente" ou "delicadamente" é traduzido pelos LXX por "tremendo". As atrocidades de Agague exigiam a pena de morte, que lhe foi dada pelas mãos de Samuel (33). Terminavam assim as relações de intimidade entre Samuel e Saul, um como profeta, outro como rei, enquanto se empenharam ambos na grandiosa missão que lhes fora confiada de dirigir os destinos da nação e o culto do Deus de Israel (34-35). Samuel, no entanto, lamentará para sempre a tragédia do que fora grande rei em Israel (35).

1Sm-16.1

III. SAUL E DAVI 1Sm 16.1-31.13

a) Unção de Davi. Vitória sobre o gigante Goliás (1Sm 16.1-17.58).

1. SAMUEL VISITA BELÉM E UNGE DAVI (#1Sm 16.1-13). O Senhor disse a Samuel que acabasse com as lamentações pelo afastamento de Saul do trono israelita, e se dirigisse a Belém para ungir o seu sucessor (1). Mas Saul era vingativo e tornava perigosa a missão do profeta (cfr. #1Sm 22.18-19). Era por isso conveniente dizer que ia sacrificar ao Senhor (2). Justifica-se plenamente essa atitude, pois nada obsta a que se oculte uma primeira intenção, anunciando apenas a segunda. Entretanto, Davi ir-se-ia preparando para receber as instruções que lhe seriam dadas por Samuel, relativas ao futuro trono.

>1Sm-16.7

O Senhor, que **olha para o coração** (7) e não para as aparências, não escolheu Eliabe nem qualquer dos outros seis jovens que desfilaram perante o profeta (6-10). A escolha caiu sobre um pastor, o mais jovem, **ruivo e formoso de semblante e de boa presença** (12). O heb. e os LXX dizem "de lindos olhos". Então Samuel o ungiu e o **espírito do Senhor se apoderou dele** (13), para treiná-lo para a sua grande tarefa.

>1Sm-16.14

2. SAUL É ATORMENTO POR UM ESPÍRITO MALIGNO (#1Sm 16.14-23). Enquanto Davi progredia nos caminhos do Senhor, Saul era assombrado por um espírito maligno, uma vez que dele se afastara o espírito do Senhor (14). Grande castigo de Deus, sem dúvida! E era tal o sofrimento desse rei que só o suavizava o som harmonioso da harpa. Mas quem lhe tocaria esse instrumento? Logo houve quem se lembrasse de Davi, que a muitas outras qualidades aliava a de ser exímio harpista. Depois dos costumados presentes, em sinal de profundo respeito (20), Davi foi à presença de Saul que o **amou muito** (21). De acordo com a natureza das narrações hebraicas o historiador segue até ao fim o tema principal e volta depois a preencher lacunas e a salientar pormenores. Talvez estes versículos possam referir-se aos acontecimentos que se seguiram à morte do gigante Golias.

3. BREVE INTRODUÇÃO AOS CAPÍTULOS 17 E 18. O texto destes capítulos apresenta várias dificuldades. Os LXX, tal como se apresenta o manuscrito do Códice B do Vaticano, omite os seguintes versículos que se encontram no texto hebraico: #1Sm 17.12-31,41,48,50, 55-58; 18.1-5 e em parte #1Sm 18.6,9-11,17-19,30. Julga-se que os tradutores dos LXX omitiram estes passos para evitar as dificuldades apresentadas pelo texto hebraico, tornando assim a narração mais consistente e até mais perfeita e compreensível. Mas não é fácil admitir que eles deliberadamente cometessem esta mutilação.

As dificuldades que tais omissões poderiam resolver podemos assim resumilas: 1) #1Sm 16.19-23 conta como Saul chamou Davi para tocar harpa: a boa impressão que lhe causou o jovem artista, logo nomeado pagem de armas. Era uma posição de honra e de confiança. Mas parece haver contradição com o capítulo 17, onde Davi aparece ausente do exército num transe difícil para

Israel. Apenas vai ao acampamento levar os víveres aos irmãos e ao mesmo tempo trazer notícias ao pai, já de avançada idade. Por um lado, os irmãos achavam absurdo que seu irmão mais novo entrasse nos combates; por outro, nem o rei, nem Abner reconhecem Davi, o que é de estranhar, sendo ele da intimidade de Saul e mesmo seu pajem de armas. 2) #1Sm 17.12 e segs. é uma repetição do que já se dissera no capítulo 16. 3) #1Sm 18.1-5 narra por ordem diferente o mesmo que os vers. 13-14. 4) #1Sm 18.8-9 parece deslocado. Saul dificilmente nutriria tais sentimentos de ódio, pelo menos nessa altura. O certo é que o versículo 13 alude ao bom tratamento que teve para com Davi. 5) #1Sm 18.19, onde se diz ter sido Merabe dada em casamento a Adriel, parece contradizer-se com #2Sm 21.8, onde Mical se afirma ter dado a Adriel cinco filhos.

Tais são as alegadas discrepâncias. Devemo-nos lembrar, entretanto, no que diz respeito ao texto hebraico, que os livros de Samuel foram compilados baseados em vários documentos. Estes não foram ordenados em sua presente forma senão depois de ter-se passado um período considerável de tempo. As escolas de profetas certamente foram treinando gradualmente homens capazes de conservar um registro em ordem sobre a história da nação. Sabemos que houve muitos anais, como, por exemplo, o Livro de Jaser, o Livro das Guerras do Senhor, os registros de Gade, e outras narrativas. Sem dúvida que muito material histórico foi preservado pelas diversas escolas de profetas. Baseada nesses materiais é que a narrativa foi compilada. Houve pouca tentativa para escrevê-la na ordem estritamente cronológica. Visto que a história foi compilada de vários documentos, não é surpreendente que encontremos certas informações repetidas, como em #1Sm 17.12.

Não nos esquecendo desses fatos, não é muito difícil explicar as aparentes discrepâncias no texto hebraico. A seguinte explanação tem sido apresentada por vários escritores: 1. #1Sm 16.15-18 se refere a uma visita breve, casual, de Davi, à corte, na qualidade de jovem trovador quando em seus verdes anos. Sua descrição como **valente e animoso** (18) se refere a tais episódios como aquele com o leão e o urso; e o termo **homem de guerra** (18) deve ser considerado como descrição de sua potencialidade como jovem de coragem. A desordem mental de Saul impediu que tivesse prestado muita atenção ao jovem. 2. Quando Saul melhorou, Davi retornou a Belém, e isso é referido em #1Sm 17.15: Talvez ele tenha permanecido ali pelo espaço de alguns anos, e assim transformou-se de adolescente em homem jovem, quando Saul o viu em seguida, por ocasião da morte de Golias. 3. #1Sm 16.19-23 se refere ao que sucedeu após a vitória sobre o gigante, quando Saul, cheio de admiração,

tomou Davi permanentemente para seu serviço na corte, como escudeiro e harpista. O escritor, neste ponto, leva sua narrativa a uma conclusão, como se isso tivesse sucedido imediatamente em seguida ao que fora registrado nos versículos anteriores. Isso não é incomum no hebraico. 4. Em [#1Sm 17.31](#) e segs., Davi é apresentado a Saul como guerreiro. O rei não reconhece no desempenado mancebo o trovador adolescente de alguns anos atrás. E Abner, na qualidade de comandante em chefe, certamente que não tinha prestado muita atenção a um pequeno músico. 5. Segundo esse ponto de vista, teria sido muito natural que o rei interrogasse quem era o pai de Davi, seu futuro genro ([#1Sm 17.55,58](#)).

Existem outros modos mediante os quais diferentes escritores têm procurado harmonizar os termos do texto hebraico, mas, o que já dissemos demonstra que é possível uma explicação. Se ao menos conhecêssemos mais a respeito das circunstâncias, provavelmente nossas dificuldades desapareceriam. Deve ser adicionado, porém, que alguns dos versículos que já citamos como ausentes do texto da Septuaginta também estão ausentes em alguns poucos outros manuscritos. Apesar de que [#1Sm 17.12-31](#) se acha presente no manuscrito Alexandrino A, é claro que tal trecho foi ali inserido. A maioria dos manuscritos, entretanto, seguem mais de perto o texto hebraico que os LXX. Hoje em dia há mais hesitação em pôr de lado o texto hebraico massorético, em favor da Septuaginta, que na geração passada. Ver igualmente o Apêndice II.

1Sm-18.1

b) Davi e Jônatas (1Sm 18.1-20.42)

1. A AMIZADE ENTRE DAVI E JÔNATAS ([#1Sm 18.1-4](#)). Estes versículos revelam o início da mais pura e nobre amizade jamais conhecida entre os homens, excetuando Cristo. O fato de Jônatas ter dado a Davi a sua **capa** (heb., **me'il**) e seus **vestidos** (heb., **mad'** "veste militar"), **incluindo** sua espada e seu arco, foi um sinal público de honra prestada a Davi (4).

>1Sm-18.5

2. A POPULARIDADE DE DAVI E A INVEJA DE SAUL ([#1Sm 18.5-30](#)). O heroísmo e a prudência de Davi (5) naturalmente que lhe trouxeram honrarias, até mesmo da parte dos cortesãos e oficiais e mulheres de Israel. Mas a inveja e as intenções assassinas de Saul para com Davi (6-12) parecem

ter-se referido a uma vitória posterior. Dificilmente ele poderia ver em Davi um rival, imediatamente depois da morte de Golias. A amargura de espírito mais tarde surgida no monarca levou-o à sua destruição e causou infinito sofrimento. **O mau espírito da parte de Deus** (10) que afligia Saul, tem muito de misterioso. A "profecia" de Saul, neste passo, é muito semelhante à de **#1Rs 22.22**, onde um "espírito de mentira" estava na boca dos falsos profetas. Foi uma punição judicial da parte de Deus por causa de certas tendências no caráter do rei. Isso fica demonstrado pelo fato que **o Senhor... se tinha retirado de Saul** (12). A malevolência do rei se nota quando atirou sua lança para ferir Davi (11), em não ter dado Merabe como esposa a Davi, segundo sua promessa (**#1Sm 17.25**), e em sua exigência que Davi praticasse grandes feitos de bravura contra os filisteus, para provocar a morte de Davi (17-19), e em ter oferecido Mical a Davi, sob a condição de **fazer cair a Davi pela mão dos filisteus** (25).

1Sm-21.1

c) O exílio de Davi (1Sm 21.1-24.22)

1. DAVI OBTÉM PÃO SANTIFICADO E A ESPADA DE GOLIAS, EM NOBE (**#1Sm 21.1-9**). A localização de Nobe é desconhecida, mas ficava à vista de Jerusalém (conf. **#Is 10.29-32**). Davi chegou ali, até o tabernáculo, pois queria ajuda e orientação. Aquimeleque, o Sumo Sacerdote, era um homem bom, bisneto de Eli, o Sumo Sacerdote no tempo da meninice de Samuel, sobre cuja casa tinha sido passada uma sentença de destruição (conf. **#1Sm 3.13-14**). Davi enganou Aquimeleque fingindo que viajava comissionado por Saul (2), e esse engano produziu desastrosas conseqüências (**#1Sm 22.18-19**). Embora Davi naquele momento estivesse só, provavelmente tinha ordenado aos **mancebos** (algumas versões dizem "servos"), seus seguidores, que fossem ter com ele em certo lugar de encontro (2).

>1Sm-21.4

O único pão que havia disponível era **pão sagrado** (4), mas, em vista daquelas circunstâncias aduzidas, o sacerdote deu-lhe **os pães da proposição** ou "pães da Presença" (6). Os versículos 5 e 6 são difíceis quanto ao texto, ainda que o sentido seja claro. Os jovens não tinham tido relações sexuais nos dias anteriores e, por esse motivo, estavam cerimonialmente puros, de conformidade com a lei (conf. **#Êx 19.14-15**). Os vasos ou utensílios em que os pães seriam postos também estavam cerimonialmente puros. Davi

argumenta ainda que embora estivesse tratando o pão como se fosse comum, "não obstante certamente hoje o pão no vaso é santo" (5), isto é, pão da proposição fresco tinha, naquele mesmo dia, sido cozido e posto na mesa, no lugar do que receberiam pois o dia era uma sexta-feira. **Doegue**, um brutal e perverso edomita, estava ali **detido perante o Senhor** (7). Ele era chefe dos pastores de Saul e, aparentemente, era um prosélito, mantido no tabernáculo por causa de algum voto, ou como castigo devido a algum crime. O patife observou como Aquimeleque deu a Davi os pães da proposição e a espada de Golias. Esse incidente tem importância especial por causa do fato que Cristo referiu-se ao mesmo (**#Mt 12.3-4; #Mc 2.25-26; #Lc 6.3-5**).

>1Sm-21.10

2. DAVI SIMULA LOUCURA EM GATE (**#1Sm 21.10-15**). O fato de ter ele ido para a companhia de Aquis, o senhor filisteu de Gate, mostra quão desesperado era o perigo que Davi corria (10). Davi simulou loucura, e esgravatava nas portas, ou, como diz a Septuaginta, "tamborilava nas portas do portal". O deixar **correr a saliva pela barba** (13) seria considerado, no oriente, como possível somente da parte de um demente, pois uma indignidade praticada com a barba era considerada como intolerável. O fingimento foi bem sucedido.

1Sm-25.1

d) A morte de Samuel (1Sm 25.1)

Samuel mereceu as mais altas honrarias que puderam prestar-lhe. Nenhum homem maior que ele tinha vivido desde Moisés, e a nação lamentou igualmente a perda de ambos (conf. **#Dt 34.5-6,8**). Desde sua tenra infância ele havia preservado em completa integridade entre o povo, na qualidade de profeta e juiz, e agora, uma nação agradecida, o sepultou **na sua casa, em Ramá**, isto é, num jardim ou ala da casa.

>1Sm-25.2

e) Davi e Abigail (1Sm 25.2-44)

1. DAVI E NABAL (**#1Sm 25.2-13**). Em seguida Davi desceu para o **deserto de Parã** (1). A Septuaginta lê Maom, em lugar de Parã, o que está de conformidade com o contexto. Nabal vivia em Maom. Ele fazia seu gado

pastar no **Carmelo**, nas proximidades (2), mas não o Carmelo perto de Esdrelom, onde Elias havia ordenado a morte dos profetas de Baal. O tempo da tosquia era uma ocasião de mostrar hospitalidade e boa vontade entre os proprietários de rebanhos. O pedido de Davi era apenas o que qualquer xeque árabe teria solicitado, mesmo nos tempos modernos, para proteção dos rebanhos de outrem. Nabal, entretanto, fiel ao significado de seu nome ("louco") insultou os mensageiros de Davi. Amontoou insultos contra Davi, como se fosse um ninguém. Não admira, pois, que Davi tenha ficado indignado e tenha marchado contra Nabal com 400 homens armados de espadas (12-13).

>1Sm-25.14

2. O TATO DE ABIGAIL PACIFICA DAVI (**#1Sm 25.14-35**). Abigail era mulher cheia de tato e atrativa como seu marido era insensato e repulsivo. Quando foi informada, por um de seus servos, como os homens de Davi tinham sido insultados por seu marido, ela imediatamente começou a agir. O servo calorosamente reconheceu a proteção que havia recebido dos homens de Davi: **De muro em redor nos serviram, assim de dia como de noite** (15-16). **Filho de Belial** (17). Ver **#1Sm 2.12** nota.

>1Sm-25.20

Pelo encoberto do monte (20). Uma fenda ou vale estreito e profundo onde Abigail avançava, sem poder ser vista. Davi e seus homens vinham montados, descendo pela colina defronte, furiosos de indignação e prometendo completo aniquilamento. Seguindo a fórmula usual dos juramentos, a Septuaginta diz: "Assim faça Deus a Davi" (22), e não **aos inimigos de Davi**, como diz no hebraico e nesta versão também. Abigail, muito sinceramente e com grande tato, apresentou suas desculpas (24-25), e prosseguiu: "Ora, meu senhor, assim como Jeová vive, e tua alma vive, foi Jeová que te impediu de cair em culpa de sangue e de te salvares com tua própria mão..." (26). Ela rogou que sua **bênção** ("presentes") fossem aceitos, como prova do perdão de Davi (27). **Atada no feixe dos que vivem** (29). Uma figura derivada do costume de atar coisas valiosas numa saca, e que descreve o grande cuidado do Senhor por Davi. Este ficou profundamente comovido e bendisse a Deus por tê-lo salvo do crime que tencionava praticar, e bendisse Abigail por tê-lo livrado de **vir com sangue** (33).

>1Sm-25.36

3. MORTE DE NABAL E CASAMENTO DE ABIGAIL COM DAVI (#1Sm 25.36-44). Quando Abigail retornou ao Carmelo, onde havia um banquete, encontrou Nabal completamente embriagado. Mas na manhã seguinte, quando ela lhe relatou o perigo por que havia passado, suas violentas emoções provocaram-lhe um ataque de paralisia (37). Ele ainda viveu por mais dez dias, mas então faleceu, pois feriu o Senhor a Nabal (38). Era o julgamento de Deus, embora tivessem sido empregados meios naturais. A ação de Davi, casando-se com Abigail, estava de conformidade com o costume dos chefes orientais, os quais, quando desejavam uma certa mulher, mandavam-na buscar para o palácio e ela implicitamente obedecia. Também tomou Davi a Ainoã de Jezreel, para ser sua esposa (43) -isto é, da Jezreel perto de Maom. Dessa maneira Davi mostra que os costumes das cortes orientais já estavam começando a ser imitados em Israel. Enquanto reinou em Hebrom, Davi teve seis esposas (#1Cr 3.1-3).

1Sm-26.1

f) Gradual eclipse de Saul (1Sm 26.1-30.31)

1. NOVAMENTE DAVI SE ENCONTRA COM SAUL (#1Sm 26.1-25). Os acontecimentos deste capítulo são muito semelhantes aos de #1Sm 23.19-24.22, ainda que as ocasiões e as circunstâncias tenham sido diferentes. Ver o Apêndice II quanto a uma discussão detalhada sobre este ponto. Com grande ousadia Davi buscou o acampamento de Saul. Lugar dos carros (5), isto é, uma barricada feita com os vagões ou com a bagagem. O desejo de Abisai de matar Saul, por sua conta, era típico de um filho de Zerua (6). Cfr. #2Sm 3.30. Mas, tal como anteriormente, em EnGedi, Davi se recusou a ferir o ungido do Senhor (10-11). Não obstante, ele ficou com a lança (símbolo da realeza) e com a bilha da água, da cabeceira de Saul (12; heb. "de sua cabeça"). Houve um elemento miraculoso no profundo sono do Senhor, que tinha caído sobre o rei e sobre as sentinelas (12). Não confiando em Saul, Davi se pôs ao longe, deixando uma boa distância entre si e o rei, do outro lado da profunda garganta, antes de gritar para ele (13). Davi argumentou que a tentação que assaltava Saul para persegui-lo talvez viesse da parte de Deus-aquele "mau espírito da parte do Senhor", anteriormente mencionado. Nesse caso, que Saul se achegasse a Deus com uma oferta (em heb., minhah, "oferta de suave odor"), e na religião ele encontraria a paz, pois Deus aceitaria sua oferta. Se, porém, Saul era impulsionado a agir levado pelas perversas calúnias dos homens, então que eles fossem malditos... perante o Senhor (19),

pois haviam conseguido fazer com que Davi fosse expulso da sociedade com o povo de Deus.

>1Sm-26.19

Eles me têm repellido hoje para que eu não fique apegado à herança do Senhor... (19). Os críticos radicais há muito tempo têm visto aqui prova de que Davi acreditava que Jeová só podia ser adorado na terra santa. Têm tomado isso como uma das principais passagens para provar que, nos dias antigos, Jeová tinha sido apenas um deus tribal (exemplo, Wellhausen, Robertson Smith e outros). Segundo se acreditava, cada deus tinha sua própria terra: seu poder e adoração não se estendiam além de suas fronteiras. Isso certamente não se aplicava à religião de Israel, pois Abraão foi chamado por Deus na Caldéia, e adorou-O no Egito; Jacó foi protegido por Deus em Padã-Arã, e adorou-O no Egito; José igualmente serviu a Deus no Egito, e por Ele foi abençoado; Moisés operou suas grandes maravilhas por meio de seu Deus; Elias provou o poder de Deus fora da Palestina, no território de Sidônia, e depois em Horebe. Diz o professor James Orr: "Temos aprendido pelo próprio Stade aquilo que a história inteira ensina, que Jeová acompanhava Seus servos em suas peregrinações; como é que Davi poderia imaginar que sucedesse de modo diferente no seu caso?" (*Problem of the Old Testament*, pág. 132). Muitos dos salmos, com grande segurança atribuídos a Davi, demonstram, enfaticamente, que ele estava longe de considerar Jeová como mero deus tribal (conf. #Sl 8.9; #Sl 18.49; #Sl 68.31-32; #Sl 108.3; #Sl 110.6). É fantástico sugerir que quando Davi entrou na Filístia já não adorava mais a Jeová, ou que talvez adorasse a Dagom, o deus dos filisteus. Tudo quanto Davi pretendeu dizer, no versículo 19, é que seus inimigos o estavam banindo da terra onde se encontrava o tabernáculo de Jeová com sua adoração ordenada e seus sacrifícios. Em Israel havia lugares santos e sacerdotes dedicados ao serviço de Jeová. No período do Antigo Testamento a adoração dependia mais dessas considerações do que no nosso período do Novo Testamento, quando a adoração tem caráter muito mais espiritual. Davi sentia que ser impedido de reunir-se às associações religiosas de sua terra seria para ele uma tremenda perda espiritual. Era equivalente a obrigá-lo a "servir deuses estranhos". Mesmo hoje em dia (não obstante o sacerdócio de todos os crentes) o crente devoto sente como perda espantosa o ter de viver entre os pagãos, privado dos privilégios da adoração pública prestada pelos crentes e da associação com seus irmãos na fé. Além disso, tal situação tem o efeito de paralisar a alma. As palavras de Davi não precisam deixar-nos surpresos.

1Sm-31.1

g) Derrota e morte de Saul e Jônatas (1Sm 31.1-13)

Este capítulo, que prossegue na história iniciada no capítulo trinta, é quase idêntico, verbalmente, com [#1Cr 10.1-12](#). A batalha foi desastrosíssima para Israel. O combate talvez tenha começado na planície de Jezreel. Os dardos do inimigo provocaram a devastação entre as fileiras israelitas. Estes tentaram concentrar-se no monte Gilboa, mas a causa estava perdida além de qualquer esperança. A Vulgata diz: "todo o peso da batalha foi dirigido contra Saul" (3). Mas o hebraico diz: "E a peleja se agravou contra Saul, e os frecheiros, homens armados de arco, encontraram-no, e ele foi gravemente ferido" (3). Cfr. o relato da morte de Saul, dado em [#2Sm 1.6-10](#) e ver anotações ali. A armadura de Saul foi colocada no [templo de Astarote](#) (10), provavelmente o templo de Vênus, em Asquelom, descrito por Heródoto como o mais antigo dos templos da Vênus síria. Seu corpo, como os corpos de seus filhos, foram amarrados ao muro, na praça pública, em Bete-Seã, a moderna Beisan, anteriormente conhecida como Citópolis, a seis e meio quilômetros a oeste do rio Jordão (10-12). Os homens de [Jabes-Gileade](#), porém, não se haviam esquecido de como Saul havia iniciado sua carreira militar, tendo livrado sua cidade de Naás, o amonita ([#1Sm 11.1-13](#)). Correndo grande risco, foram à noite até Bete-Seã e transportaram os cadáveres de Saul e de seus filhos por trinta e dois quilômetros até Jabes (12-13). Este capítulo apresenta um triste comentário sobre os frutos da desobediência de Saul contra Deus, e, no caso de Jônatas, um exemplo de como os pecados dos pais podem ser visitados nos seus filhos.

II SAMUEL

2Sm-1.1

IV. DAVI COMO REI. 2Sm 1.1-20.26

a) O pranto de Davi por Saul e Jônatas (2Sm 1.1-27)

1. DAVI MATA O AMALEQUITA QUE LHE TRAZ A NOTÍCIA DA MORTE DE SAUL ([#2Sm 1.1-16](#)). A divisão de Samuel em dois livros é artificial e não existia no texto hebraico. Continua-se aqui a narrativa dos últimos capítulos de 1 Samuel. (Ver introdução, na nota a [#1Sm 1.1](#)). Dois dias depois do regresso de Davi a Ziclague, após a grande vitória que se

descreve em #1Sm 30, chega um homem do arraial de Saul (#2Sm 1.2) que dá a conhecer o trágico desastre de Gilboa (#1Sm 31) bem como a morte de Saul e seus filhos. Tal como o mensageiro portador de notícias igualmente terríveis (#1Sm 4.12-17) que chega a Silo e anuncia a Eli a vitória dos filisteus, este homem traz os vestidos rotos e terra sobre a cabeça (2). Trata-se de uma demonstração de dor convencionalmente adotada por todos os portadores de más notícias e a semelhança das narrativas é natural. Os acontecimentos são narrados em pormenor. Davi ficara dois dias em Ziclague; o homem chegou no terceiro dia; lançou-se no chão e inclinou-se porque sabia que Davi seria rei (1-3). O fato comprova a genuína e primitiva origem da narrativa. O homem era amalequita (8,13). Vinha do arraial de Saul, de acordo com o versículo 2, e no versículo 3 diz ele: Escapei do exército de Israel. Por estas palavras parece dar a entender a sua ligação com o exército de Saul. É possível que apenas seguisse o exército. Esta interpretação harmonizar-se-ia com o versículo 6 em que ele declara ter encontrado Saul por acaso na montanha de Gilboa. A casualidade dos seus movimentos parece sugerir não estar ele sujeito a rigorosa disciplina inerente ao serviço militar regular. No versículo 13 declara ser filho dum estrangeiro. A palavra ger (estrangeiro) refere-se a um indivíduo que, oriundo de outro país, não obstante beneficiava-se de um estado civil especial, que lhe conferia certos direitos. É inegável o profundo conhecimento que possuía do estado de coisas em Israel, nomeadamente das relações entre Saul e Davi e da probabilidade de que este subisse ao trono. O amalequita facilmente cobriria os 140 ou 150 km que separavam Gilboa de Ziclague em menos de três dias. A batalha estaria, pois, terminada, quando Davi regressasse à sua terra. No que diz respeito à morte de Saul o presente relato dos acontecimentos difere sensivelmente do que nos é feito em #1Sm 31. De acordo com #2Sm 1.6 carros e capitães de cavalaria apertavam com Saul ao passo que em #1Sm 31.3 Saul é alcançado por frecheiros. De que se lê em #1Sm 31.3-4 poder-se-ia concluir, se bem que sob certas reservas, que Saul fora ferido pelos frecheiros; #2Sm 1.6 descreve Saul como estando encostado sobre a sua lança. Podia estar ferido e precisamente por isso apoiado à lança, embora alguns comentadores afirmem que nada, nas descrições que dele se fazem, autoriza a suposição de que estivesse ferido. É uma interpretação pouco razoável. No que diz respeito à possibilidade de ferimentos, tanto a presente narrativa como a de #1Sm 31 harmonizam-se perfeitamente com #1Cr 10.3. Muito têm abusado destes pontos, os comentadores que procuram discrepância nos dois livros de Samuel. Por outro lado, Saul poderia ter sofrido muito às mãos dos frecheiros (#1Sm 31.3) aos quais, facilmente, se seguiriam carros e capitães de cavalaria (#2Sm 1.6). Se é certo que Gilboa situava-se numa região montanhosa, sabe-se, todavia, que

muitos carros de guerra operavam em lugares de acesso identicamente difícil. Depois o amalequita conta como, a pedido do próprio Saul, matou-o ao ver que carros e capitães de cavalaria seguiam-no (6) e que uma grande angústia (heb. **shabhas**, entorpecimento, vertigem) se apoderara dele (9). Em **#1Sm 31.4** Saul suicida-se, mas, em ambos os casos, o seu desejo é evitar cair vivo nas mãos do inimigo, que, sem dúvida, o torturaria e dele escarneceria impiedosamente. É o que mais acentuadamente se nos descreve em **#1Cr 10.4**.

>2Sm-1.10

Certos comentadores tiram indevida partida das discrepâncias existentes entre a narrativa do amalequita e a de **#1Sm 31**, atribuindo-as a narradores diferentes, que mutuamente se contradizem. O compilador, aparentemente incapaz de prever este resultado dá-nos, candidamente, as duas versões. O ponto em que a narrativa do amalequita contradiz, de fato, a de **#1Sm 31** e **#1Cr 10** é aquele em que ele declara ter morto Saul. E não é difícil perceber a razão por que o faz. Ele esperava, desse modo, conquistar o favor de Davi candidatando-se à estima e consideração daquele que, em breve, seria rei. Como prova do que fizera, trazia a **coroa** (lit. diadema) e a manilha (ou bracelete) de Saul (10). É legítimo supor que, passada que fora por ali a dura refrega, ele encontrasse o corpo do rei e o despojasse dos seus ornamentos para os ir entregar a Davi na esperança de farta recompensa e de muitas e grandes honrarias. Não vale a pena tentar harmonizar a narrativa do amalequita com a de **#1Sm 31**. Tratava-se de um homem pouco escrupuloso que deu à sua história a feição que, segundo ele supunha, melhor impressionaria Davi. Ao contrário do que alguns afirmam, esta interpretação não se choca com a passagem de **#2Sm 4.9-11**. O sentido desta é, como diz certo comentador, o seguinte: "Se eu matei em Ziclague aquele que declarou ter morto no campo de batalha, e a seu próprio pedido, o meu adversário Saul... quanto mais não requererei eu, de vossas mãos, o sangue deste homem justo que vós traiçoeiramente assassinastes em sua casa, na sua cama?"

>2Sm-1.11

Podemos aceitar como autênticos os fatos descritos em **#1Sm 31** e **#1Cr 10**. Ao mesmo tempo a história do amalequita não é, em todo caso tão contraditória como certos comentadores mantêm. A reação de Davi foi muito diferente da que o amalequita esperava. Davi rasgou os seus vestidos **como também todos os homens que estavam com ele** (11). Todos **prantearam** (Heb. bateram no peito) **choraram e jejuaram** (12). Os versículos 11 e 12 mostram-

nos, de maneira notavelmente clara, até que ponto a atitude de Davi influenciou os seus seguidores. Embora estivesse agora vago o trono que ele ocuparia, a derrota de Israel pelos incircuncisos, o massacre de Saul, o ungido do Senhor, e a morte do seu bem-amado Jônatas, enchiam-no de angústia. Para Davi, a pessoa do "ungido do Senhor" sempre foi sagrada (14. Cfr. #1Sm 24.6; #1Sm 26.9,11,16); e ordenou que se matasse o homem que confessava ter morto Saul. A sentença parece ter sido bem pesada uma vez que o homem não foi executado senão depois de terminado o jejum, o qual se prolongou até ao fim do dia.

>2Sm-1.17

2. O PRANTO DE DAVI POR SAUL E JÔNATAS (#2Sm 1.17-27). É esta uma das mais belas e comoventes odes que jamais se escreveram, plena de generosidade para com Saul que tão amargamente fizera sofrer Davi. A nossa versão chama-lhe **pranto** (17). Em hebraico a palavra é **qinah**, isto é, um cântico ou elegia fúnebre. (Cfr. #2Sm 3.33-34). **Dizendo ele que ensinassem aos filhos de Judá o uso do arco**. Leia-se: "Dizendo ele que ensinassem aos filhos de Judá o arco". A nossa versão deve estar incorreta uma vez que os judeus eram já peritos no uso do arco. Almeida insere a expressão "o uso de" e outra versão "a canção de". Nenhuma se encontra no texto hebraico. É hoje geralmente aceita a interpretação que identifica a elegia com "o arco". Era pois a elegia que devia ser ensinada aos filhos de Judá. **O livro do Reto** (18). Cfr. #Js 10.12-14; #1Rs 8.12 (Septuaginta). Este livro parece ter sido uma coletânea de baladas nacionais exaltando os feitos de heróis israelitas. Alguns investigadores relacionam o nome de Reto ou Jasher com Jesurum, denominação poética de Israel (cfr. #Dt 32.15).

>2Sm-1.19

Ah! ornamento de Israel! nos teus altos fui ferido (19). A palavra traduzida por ornamento é em hebraico **Sebhi**. Há quem traduza a palavra por "gazela" argumentando ser Jônatas conhecido por este nome. Não está comprovada a razão de semelhante argumento. Certa versão segue a Vulgata e toma "Israel" como vocativo: "A tua glória (sebhi), ó Israel, foi ferida nos teus altos". Outros investigadores recusam-se a aceitar "Israel" no vocativo e traduzem: "Ferida nos teus altos a glória de Israel, como caíram os valentes!" As muitas sugestões dos comentadores a propósito do versículo 19, pouco adiantam. A "glória" ou "ornamento" de Israel são designações metafóricas de Saul e Jônatas. Os versículos 20 e 21 são intensamente poéticos. O versículo 20 é, na

Septuaginta: "Não publiqueis as boas novas". É uma versão correta. A Davi repele a simples idéia de que a grande humilhação nacional seja conhecida dos filisteus, cujas mulheres, de acordo com a tradição, acolheriam a notícia com cantares e danças. Gate e Ascalom eram cidades de importância. **Nem... campos de ofertas alçadas** (21), Heb. **terumoth** (cf. #Lv 7.14,32). A Vulgata traduz "campos das primícias", isto é, campos de milho como o que se utilizava nas ofertas alçadas. Como Gilboa não produz milho, a versão "Vós, florestas e montanhas de morte" tem sido aceita por alguns. Mas não se justifica a alteração uma vez que o objetivo poético é precisamente acentuar a desolação de Gilboa, a qual não pode produzir "ofertas". **Aí desprezivelmente foi arrojado o escudo dos valentes, o escudo de Saul, como se não fora unguido com óleo** (21). A Vulgata faz referir a unção a Saul. Trata-se, contudo, de uma versão que não está de harmonia com o hebraico onde se lê: "aí foi aviltado o escudo dos heróis: o escudo de Saul não unguido com óleo". A unção refere-se aqui ao escudo, de acordo com a tradição judaica de ungir os escudos com óleo antes da batalha (#Is 21.5) para os fazer brilhar. Agora esse escudo está profanado, coberto de sangue e de pó. O escudo de Saul é tomado como honroso emblema do chefe militar. Não se justifica, pois, a atribuição da unção a Saul.

>2Sm-1.23

Saul e Jônatas tão amados e queridos na sua vida (23) ou, de acordo com outras versões, "Saul e Jônatas eram deleitáveis e desejáveis na sua vida". Em hebraico os adjetivos são acompanhados de artigos. Por isso certos tradutores verteram: "Saul e Jônatas, os deleitáveis e desejáveis, inseparáveis na vida e na morte". A primeira versão é, contudo, apoiada pelas versões antigas e pela maioria dos comentadores. A Bíblia de Cambridge traduz "amantes e amáveis".

>2Sm-1.24

Vós, filhas de Israel (24). As mulheres haviam sido enriquecidas por Saul que as cobria de preciosos ornamentos. Essas mulheres haviam já celebrado, com danças, as suas vitórias. Chegara agora o momento de chorarem. Era um apelo adequado a ocasião. **Como caíram os valentes** (25). Leia-se: "Como caíram os heróis" -comovente refrão dos versículos 19,25 e 27 que empresta gravidade e força a toda a elegia. Alguns comentadores invocam a irremediável deturpação da elegia no texto hebraico. Mas muitas das emendas por eles propostas apenas nos criam novas dificuldades. Estivera o texto tão

corrompido como eles afirmam, a elegia não chegaria até nós tão incomparavelmente bela e pungente. Tem-se observado que o poema se caracteriza por uma absoluta ausência de sentimento religioso, que são puramente humanos os sentimentos nele expressos. A tal interpretação passa, contudo, despercebido o extraordinário amor a Saul-um inimigo -,a sublime emoção que permeia todo o poema, o profundo respeito a Saul simplesmente porque ele fora o rei ungido de Deus. O amor a Jônatas é um amor quase ímpar entre os homens. O poema não revela sentimentos religiosos: os sentimentos que nele se exprimem são cristãos. Mais não se poderia pedir.

2Sm-2.1

b) Davi proclamado rei em Hebrom e o seu reino em Jerusalém (2Sm 2.1-5.25)

1. DEUS CONDUZ DAVI A HEBROM ONDE ELE É ACLAMADO REI DE JUDÁ (#2Sm 2.1-7). Davi procura a direção de Deus antes de agir. Deus manda-o a Hebrom (1) lugar fácil de defender e que tem, para Davi, muitas e sagradas recordações. Também lá se encontravam muitos dos seus amigos (cfr. #1Sm 30.26-31). A súbita evolução dos acontecimentos não permitia que se demorasse em Ziclague. Em breve Judá ungiu-o rei da sua tribo (4). Davi fora já secretamente ungido por Samuel (#1Sm 10.1) e seria mais tarde ungido rei por todo o Israel (#2Sm 5.3). A mensagem que Davi enviou aos homens de Jabes-Gileade era ditada pela genuína admiração que a sua ação lhe inspirara (cf. #1Sm 31.11-13) mas tinha também um alcance político na medida em que tacitamente os convidava a porem-se do seu lado (5-7).

>2Sm-2.8

2. ABNER FAZ IS-BOSETE REI DE ISRAEL (#2Sm 2.8-11). Abner era primo de Saul, capitão do exército e, logicamente, o defensor da casa de Saul. Embora soubesse que Davi fora ungido por Deus para ser rei de Israel, proclamou Is-Bosete sucessor de Saul. As relações de Davi, com Aquis, de Gate, tinham, sem dúvida, levantado fortes suspeitas contra ele. De acordo com o versículo 10 Is-Bosete devia ter 35 anos de idade quando seu pai morreu. Jônatas, seu irmão mais velho, seria, por conseguinte, mais idoso do que geralmente o imaginamos. O reinado de dois anos de Is-Bosete conta-se, sem dúvida, a partir da altura em que foi constituído rei sobre todo o Israel.

>2Sm-2.12

3. A BATALHA DE GIBEOM E A PERSEGUIÇÃO DE ABNER (#2Sm 2.12-32). Maanaim estava ainda em poder de Is-Bosete mas o objetivo era Gibeom, cidade estreitamente ligada à memória de Saul, 8 km a noroeste de Jerusalém. (Cf. #Js 10.2; #Js 9.3; #Js 21.17; #2Sm 20.5-10; #2Cr 1.3,5). Aqui, junto ao tanque de Gibeom doze homens de Is-Bosete lutaram com doze homens de Davi (13-15). O divertimento que a luta constituiu para ambos os partidos prova bem a indiferença que a vida lhes merecia. O encontro foi renhido e impiedoso e nele pereceram os vinte e quatro combatentes (16). Ao indecísivo combate segue-se uma peleja entre os dois exércitos, que termina com a fuga e a dispersão dos homens de Abner (17). Asael, o mais jovem dos três filhos de Zerua, estava decidido a conquistar a glória de matar Abner. Era ligeiro de pés como uma cabra montesa (18 Lit. gazela) mas não passava de um adolescente. Abner, num gesto magnânimo, tenta convencê-lo a contentar-se com os despojos de um dos mancebos (21). Mas ele recusa-se a desistir e acaba por ser morto. Abner consegue, habilmente, reagrupar os seus homens formando uma falange no cume de um outeiro (25); depois convida Joabe a desistir da luta: **Consumirá a espada para sempre?** (26). A guerra fratricida fora começada por ele, Abner; mas tinha razão ao dizer que continuar a lutar era apenas prolongar e intensificar a amargura. Joabe tocou a buzina e a perseguição cessou. **E caminharam Abner e os seus homens toda aquela noite pela planície**, área desértica que se estende pelo vale do Jordão, atravessaram **todo o Bitrom**, região em que, segundo parece, abundavam as ravinas, e regressaram a Maanaim (29). Abner perdera 360 homens, ao passo que Joabe perdera apenas 20 (30-31).

2Sm-6.1

c) A arca é trazida para Sião-Davi vence os seus inimigos (2Sm 6.1-11.1)

1. DAVI TRAZ A ARCA DE QUIRIATE-JEARIM (#2Sm 6.1-5). Ver Apêndice 1, em "A Arca do Concerto". Após a consolidação nacional, Davi, ansioso por concentrar a sua atenção na casa de Deus, decide, ajudado por 30.000 homens, trazer a arca de Deus de Baalim de Judá (isto é, Quiriate-Jearim) onde estivera quase oitenta anos (cf. #1Sm 6.21; #1Sm 7.1-2). #1Cr 13.1-5 relata-nos os cuidadosos preparativos nacionais a que se procedeu para o transporte da arca.

>2Sm-6.6

2. UZÁ É MORTO (#2Sm 6.6-11). A eira de Nachom (6), onde se deu este terrível acontecimento, é também chamada a eira de Quidom em #1Cr 13.9. É muito possível que, tal como ainda hoje acontece, o lugar tivesse dois nomes. Certos comentadores sugerem que Nachom não seja um nome próprio mas a designação de uma "eira fixa", isto é, que não mudasse de lugar, talvez com telhado. Este sentido fundamenta-se no participio passivo (Niphal) do verbo **kun**. Parece melhor considerar Nachom como nome próprio. Analogamente sugeriu-se já que "Quidom" (#1Cr 13.9) signifique "eira da destruição". Quando os bois "tropeçaram" (versão possível do vers.

6) e a arca esteve em perigo de cair, **estendeu Uzá a mão à arca de Deus e teve mão nela** (6). Então se acendeu a ira do Senhor e Deus o feriu **por esta imprudência** (7). #1Cr 13.10 diz-nos simplesmente: **e o feriu por ter estendido a sua mão à arca**. Ao contrário do que alguns têm afirmado, não existe qualquer contradição entre esta passagem e a de #2Sm 6.7. Trata-se de uma descrição que completa a outra.

Considera-se freqüentemente excessivo o castigo de Uzá uma vez que a sua intenção era boa. A arca simbolizava a presença de Deus e, de acordo com a lei, deveria inspirar a mais profunda reverência; era transportada por meio de varais e argolas para que não tivesse de ser tocada (#Êx 25.14-15. Cf. #Nm 4.15,20) Era a arca que simbolizava a majestade do Deus Santo. E essa infinita santidade tinha de ser ensinada aos israelitas ainda que por meio de "atos terríveis". A arca estivera na casa de Abinadabe por um período de setenta e oitenta anos. Seu filho Eleazar fora consagrado "para que guardasse a arca do Senhor" (#1Sm 7.1). Uzá e Aiô seriam filhos de Abinadabe no sentido mais lato de "descendentes" -neste caso netos. Tendo tido a arca em seu poder durante tanto tempo, natural seria que tivessem aprendido os sagrados regulamentos que lhe diziam respeito. A narrativa mostra, contudo, que nem eles nem Davi nem os seus conselheiros atendiam a esses regulamentos embora tivessem a cooperação de sacerdotes e levitas (#1Cr 13.1-8).

A lei levítica impunha que a arca fosse transportada por levitas que, contudo, não deviam aproximar-se dela antes que os sacerdotes a cobrissem; e ao transportá-la deviam servir-se de varais para não lhe tocarem; quem lhe tocasse morreria (cf. #Nm 4.5,15,19-20. Ver também #1Cr 15.2). O que eles fizeram naquela ocasião estava, afinal, de harmonia com o extraordinário abandono a que haviam votado à arca durante tantos anos. Sugere-se que tamanha negligência se devesse à circunstância provável de estar Quiriate-Jearim sob a suzerania dos filisteus, embora fora do seu território. A ser isto

verdade (o que não é certo) Saul devia ter recuperado a arca depois das suas esmagadoras vitórias sobre os filisteus. Pelo menos assim seria de esperar. Mas a arca, esse sagrado símbolo da presença de Deus, estava quase esquecida em Israel. É possível que à morte de Uzá não fossem estranhos certos fatores que, a serem conhecidos, modificariam por completo o quadro; por exemplo, o fato de toda a sua vida ter conhecido a arca, aliado à geral indiferença da comunidade perante a mesma, bem poderia ter gerado nele sentimentos de excessiva familiaridade. A confirmar esta idéia diz-se-nos que Deus abençoou a casa de Obede-Edom (12) por causa da arca, embora esta ali estivesse apenas três meses, ao passo que não se menciona ter Deus abençoado a casa de Abinadabe, onde a arca permanecera quase oitenta anos. O fato é muito significativo.

>2Sm-6.8

Perez-Uzá (8). Certo crítico mantém que Davi e os seus homens, tendo ganho grandes vitórias sobre os habitantes de Sarepta e de Reobote (cf. #2Sm 5,21,23), originalmente chamaram a este lugar **Zarephath-'azzah**, nome que, deturpando-se, se transformou em Perez-Uzá. Depois a palavra Perez, deturpação da original, passou a sugerir castigo divino. O passo seguinte consistiu em inventar uma pessoa de nome Uzá. Trata-se de uma dedução inteiramente gratuita que em nada se baseia. Um outro comentador considera histórica esta narrativa e interpreta o castigo de Uzá como consequência da sua não observância dos mandamentos divinos. **E Davi se contristou** (8). Noutra versão a expressão é: "E Davi se desagradou", isto é, Davi se encolerizou. Foi esta a sua primeira reação uma vez que ele próprio tomara parte nos improvisados preparativos para o transporte da arca. Depois, ao compreender todo o significado da ocorrência, a sua ira transformou-se em temor de Deus (9). Deixou ficar a arca **em casa de Obede-Edom, o geteu** (10-11). Obede-Edom era coraíta, um ramo da família de Coate (#Êx 6.16,18,21; #1Cr 26.1-4; #Nm 16.1). Chamavam-lhe geteu porque era de Gate-Rimom, cidade levítica (cf. #Js 21.24-25). A arca fora transportada através do deserto por coraítas, pelo que era próprio que ficasse agora entregue aos cuidados de um homem da mesma tribo. O nome Obede-Edom (servo de Edom) sugere que a família tivesse, em qualquer época, servido os edomitas.

>2Sm-6.12

3. A ARCA É TRAZIDA PARA SIÃO (#2Sm 6.12-19). Três meses depois Davi vai buscar a arca e trá-la, cheio de alegria, para a sua cidade (12). Desta

vez a lei é observada (13). Com a aprovação de Deus oferecem-se sacrifícios de louvor e de ações de graças (cf. #1Cr 15.25-29). Colocaram a arca na **tenda** que Davi preparara para ela. O tabernáculo propriamente dito ainda estava em Gibeom (#1Cr 16.39). Foi um dia de grande e solene regozijo. Ofereceram-se **holocaustos** como reverente dedicação ao Senhor e fizeram-se **ofertas pacíficas** do que se alimentou sacrificialmente todo o povo (#2Sm 17.18; cf. #Lv 7.15).

>2Sm-6.20

4. MICAL É SOLENEMENTE REPREENDIDA (#2Sm 6.20-23). Mical, no seu orgulho, considerou degradante a forma como o rei demonstrava a sua alegria-Davi ia bailando e saltando diante do Senhor -e falou-lhe sarcasticamente (16,20). A réplica é cortante: "Foi perante o Senhor, que me preferiu a teu pai... sim, foi perante Ele que dancei" (21). Davi não considerava humilhante nada que fosse feito para glória de Deus (22). Para a mulher oriental a esterilidade (23) era a mais severa das condenações (cf. #Gn 30.1; #1Sm 1.5. Ver também #1Sm 19.11-17n).

2Sm-11.2

d) O pecado de Davi e a repreensão de Natã (2Sm 11.2-12.25)

1. O ADULTÉRIO DE DAVI COM BATE-SEBA (#2Sm 11.2-13). Se fosse necessário provar a franqueza e isenção com que a Bíblia descreve os pecados dos servos de Deus a fim de que eles sirvam de aviso a outros (#1Co 10.11-12), o caso de Davi fornecer-nos-ia excelente exemplo. Nem a elevada posição do rei autoriza a supressão dos fatos-grande testemunho à verdade das Escrituras. A terrível queda de Davi dá-nos uma lição de inestimável valor: mostra-nos que até o maior dos pecadores pode ser perdoado se é verdadeiro o seu arrependimento. Não fora este pecado, o #Sl 51, tão consolador para a alma penitente, nunca teria sido escrito. **E disseram** (3) Heb. "E disse consigo". Segundo parece, Davi ouvira já falar da beleza de Bate-Seba. **Urias** (3) era um dos mais corajosos homens do reino, incluído na lista dos "valentes" (#2Sm 23.39). Embora heteu de raça, aceitara a verdadeira religião, como demonstra o seu nome "luz de Jah". O procedimento de Davi ao mandar buscar Bate-Seba era característico dos monarcas orientais, mas completamente indigno de um homem de Deus. Esse primeiro passo errado conduziu à dissimulação, à hipocrisia, à ingratidão e por fim ao homicídio (cf. #Tg 1.15).

>2Sm-11.14

2. URIAS É ABOMINAVELMENTE ASSASSINADO (#2Sm 11.14-25). A traição de Davi atinge o auge quando ele ordena a Urias que entregue a Joabe uma carta na qual se contém a sua sentença de morte. De acordo com as instruções recebidas, Joabe observa bem a cidade e coloca Urias no ponto mais perigoso. Aí morreu o bravo e nobre soldado cuja morte se destinava a encobrir a perversidade de Davi. Joabe esperava que Davi criticasse a tática militar seguida, mas estava certo de que a notícia da morte de Urias em breve o apaziguaria. **Abimeleque, filho de Jerubesete** (isto é, Gideão); ver #Jz 9.53. A Septuaginta atribui os versículos 20 e 21 à réplica de Davi. É possível que tenha havido erro do copista na colocação das palavras, visto que é estranho que Joabe antecipasse a resposta de Davi em tal minúcia. A referência prova quão bem se conhecia, nos dias de Davi, a história do tempo dos juízes.

>2Sm-11.26

3. BATE-SEBA TORNA-SE MULHER DE DAVI (#2Sm 11.26-27). É provável que o luto de Bate-Seba fosse puramente formal; de acordo com a tradição manter-se-ia durante sete dias. Com uma pressa a todos os títulos indecorosa, Davi recolhe-a em sua casa e torna-a sua mulher. O episódio deixa uma indelével marca no caráter de Davi e é o princípio de uma angústia que o perseguiria toda a vida. Bate-Seba é sua pronta e alegre cúmplice. Era ambiciosa e a sua ascendência sobre Davi manteve-se até ao fim (cf. #1Rs 1.11-31).

2Sm-12.1

4. A PARÁBOLA DE NATÃ (#2Sm 12.1-6). A consciência de Davi permaneceu adormecida quase um ano até que o profeta Natã o visitou. O ignóbil procedimento do homem rico ao apropriar-se da cordeira do homem pobre que tanto a amava, mantendo intacto o seu grande rebanho, causou profunda impressão em Davi. O pecado do homem enraivecia-o e estava pronto a condená-lo impiedosamente sem ver a enormidade daquele outro crime, incomparavelmente maior, que ele próprio cometera. Davi declara esse homem **digno de morte** (5) ou, segundo uma versão literal, "filho da morte" e sujeito à lei segundo a qual deverá restituir o quádruplo do que roubou. (#Êx 22.1).

>2Sm-12.7

5. O PROFETA MOSTRA A DAVI O SEU PECADO E ELE ARREPENDE-SE (#2Sm 12.7-14). As palavras de Natã fazem-nos lembrar as de Samuel ou Elias ao denunciarem severamente as transgressões reais. São como setas que vão direitas ao coração do rei. **Tu és este homem** (7). Ao cometer um adultério e depois um homicídio, Davi transgredira duplamente o Decálogo; e usar a amaldiçoada espada dos filhos de Amom fora outro pecado. O castigo de Davi seria digno da ofensa cometida. A profecia cumpriu-se com o assassinato de Amnom (#2Sm 13.15), com a morte de Absalão (#2Sm 18.14) e com a execução de Adonias (#1Rs 2.25). As suas concubinas foram publicamente tomadas por Absalão perante os olhos de todo o Israel (#2Sm 16.22). A sua quebra de caráter não deixaria de se refletir, na família, de forma que o mal que o atingiu partiu da sua própria casa (11). Davi confessou francamente o seu pecado contra Deus e apesar da sentença que sobre si próprio pronunciara ao considerar digno de morte o homem da parábola de Natã, Deus foi misericordioso para com ele e poupou-lhe a vida (13). Os #Sl 32 e 51 são uma expressão da sua contrição.

>2Sm-12.15

6. A MORTE DA CRIANÇA (#2Sm 12.15-23). O primeiro castigo foi a morte do filho que lhe dera Bate-Seba. A sua apaixonada intercessão pelo menino (16-17) -invulgar num monarca oriental em relação a uma criança do harém-revela-nos de novo a ternura de que o seu coração é capaz. Depois de lhe morrer a criança, Davi entrega tudo nas mãos de Deus (20-23). É clara a sua crença na imortalidade.

>2Sm-12.24

7. NASCE SALOMÃO (#2Sm 12.24-25). **Salomão** (24) significa "pacífico". No hebraico o nome é **Shelomoh** e na Septuaginta **Salomom**. Deus ordenou a Natã que desse à criança um segundo nome, **Jedidiah** (25), que quer dizer "amado de Jah"; o nome tem a mesma raiz que o de Davi e representava uma garantia do favor de Deus para com o pai e o filho.

>2Sm-12.26

e) A Fuga de Absalão; sua rebelião e morte (2Sm 12.26-18.33)

1. RABÁ É TOMADA (#2Sm 12.26-31). Retoma-se a narrativa iniciada no capítulo #2Sm 11.1. E tirou a coroa da cabeça do seu rei (30). A palavra **malkam**, traduzida por "seu rei" pode facilmente referir-se a Milcom, o ídolo nacional que conhecemos pelo nome de **Moloque** (cf. #Sf 1.5; #Jr 49.1,3). É por conseguinte discutível se a coroa que Davi tomou era a de Hanum ou a de Moloque. Um talento correspondia a cerca de 45 kg, o que a tornava demasiadamente pesada para ser usada por um rei, a não ser por breves instantes (30). **O pôs às serras** (31). Leia-se como em #1Cr 20.3 "e os fez serrar com a serra" (cf. #Hb 11.37) -horrorosa crueldade dos tempos antigos. **As talhadeiras de ferro** (31) eram, na realidade, instrumentos armados de aguçadas pontas, espécie de picões que se destinavam a picar ou sachar o milho. **O forno de tijolos** (31) pelo qual os israelitas fizeram passar os seus inimigos era uma réplica àqueloutra crueldade dos filhos de Amom: a oferta ao seu deus Moloque de sacrifícios humanos, sacrifícios queimados.

2Sm-19.1

f) O regresso de Davi e a revolta de Seba (2Sm 19.1-20.26)

1. JOABE REPREENDE O REI PELAS SUAS LAMENTAÇÕES (#2Sm 19.1-8). A grande vitória (2, Lit. "livramento") daquele dia transformou-se em tristeza para todo o povo devido à angústia do rei. O povo entrava às furtadelas na cidade "com os que arruinam a sua reputação, fugindo da batalha" (heb. do verso 3). A repreensão do brusco e brutal Joabe tinha, na verdade, razão de ser.

>2Sm-19.9

2. O REGRESSO DO REI (#2Sm 19.9-15). A nação estava tristemente dividida em facções partidárias. Davi aguardou, sabiamente, um movimento restaurador, sabendo que uma reeleição intensificaria muito a sua autoridade. Israel foi a primeira tribo a movimentar-se (9-10). Judá tomara parte ativa na revolta e retraía-se (11). Por intermédio de Zadoque e Abiatar, Davi procura, diplomaticamente, conseguir o apoio desta poderosa tribo-a sua. Por que seriam eles os últimos a desejar que o rei voltasse? (11-12). Judá foi inteiramente conquistada pelas palavras do rei (14-15) e de tal maneira este se deixou absorver por aquela tribo que as outras se sentiram gravemente ofendidas (41-43). A semente da desconfiança e da divisão vingava já entre Judá e as outras tribos.

>2Sm-19.16

3. VÁRIAS INDIVIDUALIDADES SAÚDAM O REI NO SEU REGRESSO (#2Sm 19.16-43). Entre os primeiros que apareceram a saudar o rei quando este se preparava para atravessar o Jordão estavam duas desprezíveis criaturas: Simei e Ziba que assim se propunham insinuar-se no espírito do rei (16-18). Simei penitencia-se humildemente da sua culpa e aparenta uma sinceridade a todos os títulos duvidosa (19-20). Abisai de bom grado o teria morto (cf. #2Sm 16.9) mas Davi recusou-se a matar quem quer que fosse naquele alegre dia (22) e jurou a Simei poupar-lhe a vida (cf. #1Rs 2.8-9). Mefibosete (24) é recebido friamente por Davi, que acreditava ainda nas calúnias levantadas por Ziba, mas apresenta explicações que, pelo menos parcialmente, satisfazem o rei. Todavia, o encontro não decorreu feliz para Mefibosete e a decisão tomada pelo rei está longe de ser satisfatória (29). Nesta entrevista é a atitude de Mefibosete, e não a do rei, que nos impressiona favoravelmente. Tudo nos predispõe a favor de Barzilai (31-39) -a sua avançada idade, a alta posição que ocupa, a firme lealdade para com o rei, a graça e galantaria com que o acompanha na travessia do Jordão, a sua recusa em aceitar um lugar na corte e o desejo de ser sepultado junto aos seus nas montanhas de Gileade.

2Sm-21.1

V. OS ÚLTIMOS ANOS DO REINADO DE DAVI (2Sm 21.1-24.25)

Os capítulos 21-24 são formados de seis apêndices ao segundo livro de Samuel a fim de que se não interrompa a história de Davi.

a) A fome e a vitória sobre os filisteus (2Sm 21.1-22)

1. TRÊS ANOS DE FOME (#2Sm 21.1-10). Desejando saber a razão dos três anos de fome Davi consultou ao Senhor (1, Lit. "procurou a face do Senhor") e descobriu que a provação tinha, como causa, o massacre dos gibeonitas levado a cabo por Saul. Não se faz qualquer referência ao tempo ou às circunstâncias em que se deu esse massacre. Em oposição ao juramento prestado por Israel em #Js 9.3,6,15, Saul atacara-os; o castigo que sobrevem à nação constitui terrível exemplo da responsabilidade que coletivamente e nacionalmente se assume ao firmar um pacto. Os cinco filhos da irmã de Mical (8). Segundo #1Sm 18.19 é Merabe, outra das filhas de Saul, que é dada em casamento a Adriel. Mical, como sugere o Targum, pode ter criado os

filhos do seu cunhado. A ação de Rispa ao erguer uma tenda, vigiando constantemente os corpos para que nem as **aves do céu** nem os **animais do campo** lhes fizessem dano, é comovedoramente bela (10).

>2Sm-21.11

2. ENTERRO DOS OSSOS DE SAUL E DE JÔNATAS (#2Sm 21.11-14). Davi parece ter ficado impressionado com o exemplo de Rispa e querendo prestar homenagem aos ossos de Saul e de seu filho, fá-los trazer do obscuro sepulcro de Jabes-Gileade, em que repousavam (cf. #1Sm 31.11-13; #2Sm 2.4) e enterra-os com honras públicas na sepultura de família em Zela, na terra de Benjamim, juntamente com os ossos dos sete enforcados. Com esse ato, Davi parece querer demonstrar que os enforcamentos não tinham resultado de qualquer ressentimento pessoal contra a casa de Saul.

>2Sm-21.15

3. GRANDES PELEJAS CONTRA OS FILISTEUS (#2Sm 21.15-22). Não se registra a altura em que se deram estes acontecimentos. É possível que a descrição tenha sido copiada de algum registo oficial de grandes e heróicos feitos; a fonte semelhante se deriva também a passagem de #2Sm 23.8-39. Todos estes feitos se dirigem contra os filhos ou progênie (Heb. **yaldhe**) do gigante (Heb. **ha-Raphah**) (16,18,20,22). A palavra **Rapha** (**Haraphah** com artigo) pode ser o nome próprio de uma raça de gigantes chamada dos refains (cf. #Gn 14.5; #Gn 15.20; #2Sm 5.18). Os filhos que aqui se mencionam são diferentes dos **nefilim** ou "gigantes" (#Gn 6.4; #Nm 13.33), e dos filhos de Enaque (#Nm 13.28,33; #Dt 9.2; #Js 15.13-14) para cuja referência se usa a palavra **nefilim**. É provável que no versículo 17 a versão correta seja: "e ele (Davi) feriu o filisteu e o matou", versão que se harmoniza com o versículo 22. Desse momento em diante o povo recusou-se a consentir que Davi tornasse a arriscar a vida, pois que esta era, para eles, como **a lâmpada de Israel** (17). **Elanã, filho de Jaaré-Oregim...** (19). Certa versão acrescenta "O irmão de", expressão que antepõe ao nome de Golias a fim de fazer coincidir a descrição com a de #1Cr 20.5; mas a inserção não é apoiada por nenhuma das versões antigas. Em #1Cr 20.5, o texto é: "e Elanã, filho de Jair, feriu a Lami, irmão de Golias o geteu". Levanta-se, pois, a importante questão sobre qual dos textos estará correto-o de Samuel ou o de Crônicas. Os comentadores liberais mantêm que não é histórico o episódio relatado em #1Sm 17, segundo o qual Davi mata o gigante Golias. Baseiam a sua afirmação em #2Sm 21.19 que atribui a morte de Golias a Elanã. Como réplica, asseveram alguns terem

existido dois Golias; o fato é improvável se bem que, por estranho que pareça, houvesse dois Elanãs, ambos de Belém (cf. #2Sm 23.24). Da mesma maneira poderia haver dois Golias de Gate, um morto por Davi e outro por Elanã. Trata-se, contudo, de uma explicação pouco satisfatória. Não há, na verdade, dúvida de que a descrição de #1Cr 20.5 é exata e de que Elanã matou Lami, irmão de Golias. Em #2Sm 21.19 há dois erros evidentes, dois erros de copista. O versículo termina com a palavra **oregim**, isto é, "tecelões". No hebraico a palavra é "órgão de tecelões" (pl.) não "órgão de tecelão". Ora, a palavra **oregim** aparece no meio do verso no nome Jaaré-Oregim. O nome Jair de #1Cr 20.5 é sem dúvida preferível a Jaaré. O copista teria visto **oregim** no fim do versículo e escrevê-lo-ia depois do nome de Jair. Depois transpôs as letras hebraicas de Jair, que ficou Jaaré-concordância pedida pelas leis, da gramática hebraica. Por outro lado, no texto hebraico da passagem de Samuel, as palavras "belemita" e "Golias" aparecem juntas (**beth halachmi'eth golyath hagitti**) e assemelham-se muito de perto às palavras de Crônicas "Lami, irmão de Golias" (**'eth lachmi 'achi golyath hagitti**). Os especialistas concordam que um dos textos é uma deturpação do outro mas hesitam em decidir-se por um. O fato de ter o copista errado em Jaaré-Oregim mostra estar a deturpação em #2Sm 21.19 e não constituir #1Cr 20.5 uma tentativa para desfazer a suposta discrepância entre #2Sm 21.19 e #1Sm 17 onde se relata a morte de Golias por Davi.

Certo comentador faz uma longa exposição, com a qual pretende justificar a seguinte tradução de #2Sm 21.19: "Elanã, filho de Jessé, o belemita, feriu Golias...". Segundo uma velha tradição judaica, preservada no Targum e aceita por S. Jerônimo, Elanã era outro nome para Davi. Infelizmente não existem provas de que assim fosse. A aceitação do texto hebraico de #1Cr 20.5 como sendo o correto, tende a destruir a interpretação dos comentadores que vêm afirmações contraditórias em #1Sm 17 quanto à parte tomada por Davi.

2Sm-22.1

b) O cântico de Davi em ação de graças (2Sm 22.1-51)

Este cântico é o mesmo do #Sl 18, apenas com ligeiras variantes. Foi escrito pouco depois de Davi subir ao trono de Israel. Expressa gratidão especial pelo livramento das mãos de Saul, seu principal inimigo, e pelas vitórias obtidas sobre os filisteus, moabitas, sírios, amonitas e edomitas (44-46. Cf. #2Sm 8.1-14). Os versículos encontram-se individualmente comentados no livro dos Salmos que se consultará para o efeito. As ligeiras variações existentes entre

este capítulo e o #Sl 18 explicam-se pelo fato de representar este capítulo o texto original mais tarde adaptado por Davi, a fim de poder ser cantado no templo com acompanhamento musical. Notemos como a longa permanência de Davi nos lugares desertos, como fugitivo, empresta colorido à linguagem do cântico. Deus era o seu **rochedo** (2, "penhasco". Cf. #1Sm 23.25,28), o seu **lugar forte** (2, "fortaleza". Cf. #1Sm 23.14,19,29; #1Sm 24.2). A freqüente necessidade de se abrigar entre as rochas lembrava-lhe que Deus era o seu **refúgio** e o seu **Salvador** (3). As torrentes da montanha (5); o tremor de terra (8); o vento (11); as nuvens escuras (12); os relâmpagos e os trovões (13-15) - de tudo isto ele se serve para tornar mais vívido e real o extraordinário quadro que nos pinta. E as imagens sucedem-se, na mesma cadência e riqueza de expressão até ao fim do cântico.

2Sm-23.1

c) As últimas palavras de Davi (2Sm 23.1-7)

Estas são as suas **últimas palavras** (1) do cântico e não do #Sl 18 (cf. capítulo anterior) escrito num tempo mais recuado. Pensam alguns que essas últimas palavras são as últimas como autor inspirado (ver versículo 2). A palavra hebraica **ne'um** do versículo 1-na nossa versão **diz** mas nalgumas outras "disse" -é a palavra sempre usada para exprimir palavras de inspiração divina (#Nm 24.3-4,15-16; #Pv 30.1). O cântico situa-se, pois, no plano mais elevado. Em breves e poéticas expressões, Davi descreve o dominador ideal (3-4); ele será justo, andará no temor de Deus, trará bênção ao seu povo. Davi não atingiu essa perfeição; contudo Deus estabeleceu com ele **um concerto eterno** (5), do que se depreende que esse dominador justo sairá, brotará da sua casa. Cf. #Jr 33.15-16. Quão diferente é o destino dos ímpios (6-7), quão diferente a sorte que os espera!

>2Sm-23.8

d) Um catálogo dos heróis de Davi (2Sm 23.8-39)

A lista corresponde à de #1Cr 11.11-41 em que se mencionam os grandes homens que ajudaram Davi a conquistar o trono e a tomar Sião. No versículo 8 leia-se, segundo #1Cr 11.11, "Jasobeão, hacmonita" em vez de **Josabe-Bassebete**; e leia-se, também de acordo com #1Cr 11.11, "brandindo a sua lança" em vez de **este era Adino o esnita** (8); omita-se, portanto, a referência a Adino (ver #1Cr 12.6; #1Cr 27.2 sobre Jasobeão). Jasobeão era o principal dos

primeiros três-sendo os outros dois Eleazar que, em situação difícil e sozinho feriu os filisteus até lhe **ficar a mão pegada à espada** (9-10) e Samá que, também só, feriu uma multidão de filisteus defendendo **um pedaço de terra cheio de lentilhas** e obtendo, por fim, uma grande vitória (11-12). São estes os primeiros três. Aparece depois um segundo grupo de três -Abisai, Benaia e um herói cujo nome não se menciona-talvez Amasa (13, Cf. **#1Cr 11.15-16**). Os trinta valentes mencionados nos versículos 24-39 parecem ter formado uma espécie de legião de honra. A lista apresenta algumas diferenças em relação à de **#1Cr 11.26-41**, talvez por ter sido elaborada em épocas diferentes. Em **#1Cr 11.41-47** mencionam-se mais dezesseis nomes, talvez os daqueles que entraram para a legião por morte dos membros originais. O total dos valentes é de trinta e sete (39) -três pertencentes à primeira classe, três à segunda e trinta e um à terceira. Joabe, como chefe supremo, não se inclui nestas listas.

2Sm-24.1

e) O censo e a praga (2Sm 24.1-25)

1. DAVI FAZ O RECENSEAMENTO DA POPULAÇÃO (**#2Sm 24.1-9**). Segundo parece a nação ofendera já muito a Deus (1) e o pecado de Davi, ao contar o povo, torna-se o pretexto para uma punição geral. Deus, para provar o caráter de Davi, permite que este seja tentado. De acordo com **#1Cr 21.1** "Satanás se levantou contra Israel e incitou Davi a numerar Israel". O recenseamento levado a cabo por Davi tinha por motivo o orgulho e o desejo de grandeza. Davi insistiu em contar o povo apesar dos solenes avisos de Joabe e do conselho dos seus oficiais. A atitude de Joabe conta muito a seu favor (3, Cf. **#1Cr 21.3**). Demonstra as excelentes qualidades que possuía se bem que estas fossem largamente anuladas pela sua ambição, crueldade e espírito dominador. Joabe e os seus homens cumpriram fielmente as ordens que o rei insistia em dar-lhes contra o seu bom aviso (4). Dentro de nove meses e vinte dias (8) voltaram a Jerusalém com o resultado do censo: Israel possuía 800.000 homens capazes de prestar serviço militar e Judá 500.000. Os resultados diferem dos apresentados em **#1Cr 21.5**, segundo os quais Israel possuiria 300.000 a mais e Judá 30.000 a menos. Muitos comentadores explicam a diferença atribuindo-as simplesmente a erro do texto ou da tradição oral. Muitas podem ser as explicações das discrepâncias, entre as quais as seguintes: 1. podem ter-se feito duas contagens, uma para as listas particulares das várias comunidades que se mencionam em Crônicas, e a outra para os registos públicos; 2. **#2Sm 24.9** pode não incluir as tribos de Benjamim e Levi, tribos que seriam incluídas em **#1Cr 21.5**; **#1Cr 3**. Crônicas pode incluir os homens não israelitas das dez tribos; 4. o exército regular de

288.000 homens (#1Cr 27.1-15) pode incluir-se no número dado em 1Cr para Israel e excluir-se em 2Sm; e os 30.000 homens comandados pelos trinta heróis (#1Cr 11.25) podem estar incluídos em Judá, segundo Samuel, mas excluídos em #1Cr 21.5. Trata-se, evidentemente, de conjecturas; mas conjecturas úteis na medida em que nos mostram que é possível explicar a discrepância sem pôr em dúvida a correção dos números. Têm-se levantado objeções quanto ao número de homens em idade de prestar serviço militar, argumentando-se implicar ele uma população de pelo menos seis milhões de habitantes, número que se julga excessivo para um pequeno país como a Palestina. Considerada, contudo, a grande fertilidade da terra, o número é aceitável; disso são prova as inumeráveis ruínas de cidades e vilas ainda existentes.

>2Sm-24.10

2. O CASTIGO DE DAVI (#2Sm 24.10-17). Terminado o recenseamento, Davi sentiu remorsos do que fizera e confessou o seu pecado a Deus mesmo antes da chegada do profeta Gade. É o que se depreende do versículo 11 no hebraico. Ao ser-lhe dado a escolher um de três castigos-a fome, a guerra ou a peste (13-14) Davi resolve abandonar-se às mãos de Deus e o Senhor mandou a praga desde pela manhã até ao tempo determinado (15), isto é, até à hora do sacrifício, pelas três horas da tarde; 70.000 homens pereceram.

>2Sm-24.18

3. A EIRA DE ARAÚNA (#2Sm 24.18-25). A praga só cessou depois de Davi ter construído o seu altar e sacrificado na eira de Araúna, no monte Moriá, onde viria a ser construído o templo (25). Araúna era um dos velhos habitantes jebuseus de Jerusalém. Era um homem de espírito nobre, aparentemente devoto, embora não israelita, que pôs à disposição de Davi tudo quanto era necessário para o sacrifício (21-23). Davi, numa atitude igualmente nobre, dá uma resposta digna de ser inscrita em letras de ouro para a posteridade: "Não, porém por certo preço to comprarei, porque não oferecerei ao Senhor meu Deus holocaustos que me não custem nada" (24). Davi comprou a eira e os bois por cinquenta siclos de prata (24). Segundo #1Cr 21.25 Davi pagou a Ornã (isto é, Araúna) seiscentos siclos de ouro "por aquele lugar". Esta seria uma transação posterior, para adquirir o terreno completo, no qual foi mais tarde construído o templo. (#1Cr 22.1; #2Cr 3.1).

A. M. Renwick

I e II REIS

INTRODUÇÃO

I. POSIÇÃO NO CÂNON

O livro dos Reis é claramente a continuação do livro de Samuel pelo que o hebraico e todas as versões, são unânimes em o colocar a seguir a este. Com efeito, se o livro dos Reis representa um desenvolvimento gradual do livro anterior (ver III. O autor que vem a seguir) é até possível que 1 e 2Rs formassem, originalmente, a conclusão do livro de Samuel. Em hebraico o livro é um único (embora as Bíblias hebraicas sigam a tradição cristã) e a divisão em 1 e 2Rs, verifica-se a partir da Septuaginta.

II. TÍTULO E DATA

O título de Reis é uma tradução literal do hebraico que também se encontra na Vulgata. Sobre o nome do livro na Septuaginta, consulte-se a introdução a Samuel. O **Terminus a quo** para a data é dado por **#2Rs 25.27**, isto é, 560 a.C.; o fato de se não mencionar a tomada de Babilônia em 538 a.C. nem tampouco a permissão de regresso concedida por Ciro aos exilados no ano seguinte, indica, de maneira quase certa o **Terminus ad quem**. Mas enquanto for impossível atribuir ao livro um determinado autor, fatores vários, nomeadamente muito do seu conteúdo, levam-nos a situar uma grande parte do livro numa data consideravelmente anterior.

III. O AUTOR

Certa, tradição judaica não muito recuada, atribui o livro de Reis a Jeremias (Josephus, em termos muito mais gerais, atribui os livros históricos aos profetas); contudo, ainda que possivelmente associado à sua parte final e revisão, não é natural que Jeremias seja o seu único autor.

O livro dos Reis baseia-se, em parte, segundo o seu próprio testemunho, em certas autoridades escritas: "o livro dos sucessos de Salomão" (**#1Rs 11.41**), "o livro das crônicas dos reis de Israel" (**#1Rs 14.19**, etc.), "o livro das crônicas dos reis de Judá" (**#1Rs 14.29**, etc.); com efeito, muitas das suas passagens caracterizam-se por uma feição nitidamente descritiva. Mas o livro de Crônicas, utiliza um bom número de fontes proféticas; ver **#2Cr 9.29**; **#2Cr**

12.15; #2Cr 13.22; #2Cr 26.22; #2Cr 33.19. Embora se não mencionem em Reis, todas elas seriam, sem dúvida, conhecidas dos autores deste livro.

Se considerarmos que o livro dos Reis aparece no cânon hebraico como fazendo parte dos profetas mais antigos, a explicação mais simples, parece-nos ser a seguinte: os registros seriam guardados por muitos dos profetas e na ocasião adequada teriam sido associados a excertos dos registros reais.

O reinado de Ezequias, época, de resto, caracterizada por grande atividade literária (#Pv 25.1), surge-nos como o momento mais apropriado; é que só então seria possível que fugitivos de Samaria levassem consigo os registros reais. Não existem provas que justifiquem a atribuição da obra a Isaías, ainda que se não possa excluir tal possibilidade. A obra terá sido atualizada e revista no tempo de Josias, trabalho que poderá ter sido feito por Jeremias. Finalmente, teria voltado a ser atualizada e ligeiramente revista por um desconhecido durante o exílio babilônico. Certas particularidades da Septuaginta sugerem fortemente uma revisão no tempo de Josias-hipótese acima aventada.

IV. CRONOLOGIA

O único sistema adotado em Israel para a atribuição de datas, baseava-se nos períodos correspondentes ao reinado de cada rei. O livro dos Reis, por meio de uma lista comparativa entre os reis de Judá e os reis de Israel, parece dar-nos a possibilidade de delinear uma cronologia. Mas já pelo século II A.D. os rabis tomavam consciência de um certo número de discrepâncias aparentes nos números dados. Para tal existem várias explicações, entre as quais avultam as seguintes: contar-se parte de um ano como se fosse um ano inteiro, as complicações introduzidas por co-regências quando o filho reinava, por algum tempo com o pai-prática aparentemente bastante comum -e em alguns casos erros dos copistas. Uma complicação adicional é a que provém de alusões ocasionais aos reinos israelitas em inscrições assírias em condições que permitem situar o episódio num período que pode prolongar-se até um ano. Damos algumas datas aproximadas baseando-nos na obra de um especialista. Estas incertezas associadas aos últimos e perturbados anos de Israel serão responsáveis pelas datas divergentes que se possam encontrar noutras passagens deste comentário. Insistimos em que as datas apresentadas não representam na sua maioria números exatos, mas apenas aproximados. Quando há reinados que se sobrepõem, a explicação está na co-regência,

exceto, talvez, no caso de Peca que pode ter sido a força dominadora nos reinados de Menaém e Pecaías.

V. OBJETIVO

Como se disse já, o livro dos Reis, é no cânon hebraico, um livro profético; existem, além disso, razões para crer que os seus autores foram profetas. Deus não falava apenas por intermédio dos seus servos profetas mas também através da história; ora, parte da tarefa profética consistia, precisamente, em interpretar as lições dadas pela história. Eis a razão por que certos reis cujo reinado foi de grande importância para os seus contemporâneos, como Onri (#1Rs 16.23-28), Azarias ou Uzias (#2Rs 15.1-7), Jerobão II (#2Rs 14.23-29), se passam praticamente em claro. As lições a aprender são de caráter espiritual e não político. É esta a razão por que se descrevem extensivamente os dois períodos de crise-o reino de Acabe ao Norte e o de Ezequias ao Sul. Não nos deve pois surpreender que os arqueólogos, em obediência a conceitos diferentes, apresentem freqüentemente os reis e, as suas ações a uma luz um tanto diferente. Mas as suas descobertas, se bem que muitas vezes confirmando a exatidão do livro dos Reis, não aprofundam a nossa compreensão espiritual do período.

I REIS

1Rs-1.1

O REINO ANTES DO CISMA 1Rs 1.1-11.43

I. SALOMÃO SOBE AO TRONO 1Rs 1.1-2.46

A suposição de que estes capítulos seriam a continuação imediata de #2Sm 20.22 não parece levantar dúvidas sérias. Sobre a sua relação com a narrativa de 1Crônicas, veja-se o comentário a #1Cr 22.2-5, cap. 28; 29.24.

a) A velhice de Davi (1Rs 1.1-4)

Davi tinha apenas setenta anos quando morreu (#2Sm 5.4). A sua senilidade prematura foi talvez devida ao choque provocado pela rebelião e morte de Absalão. *Que esteja perante o rei...* (2); isto é, que o sirva; Cfr. #1Rs 10.5.

Abisague, sunamita (3); veja-se Suném em **#2Rs 4.8**. Era uma vila que ficava na planície de Esdrelom a cerca de oito quilômetros ao norte de Jezreel.

>1Rs-1.5

b) Adonias pretende ocupar o trono (1Rs 1.5-10)

Não havia em Israel um precedente que permitisse fixar as leis de sucessão ao trono. O povo elegera Saul e Davi e voltaria mais tarde a exprimir a sua vontade (**#1Rs 12.1**; **#2Rs 11.17**; **#2Rs 23.30**). Por outro lado, havia sempre o possível conflito entre a tradição de primogenitura e a escolha do pai, a escolha real. Davi desejara que Salomão lhe sucedesse (13) e esse desejo não poderia ser desconhecido; mas o fato de se não ter tornado público levou Adonias a imaginar que se tratava de um capricho de ocasião. Adonias era, segundo parece, um homem simples (ver comentário a **#1Rs 2.13-25**) e é de crer que fosse instigado por Joabe e Abiatar (7). É evidente o desentendimento existente entre os cortesãos principais-os mais velhos e os mais jovens; é possível que os mais velhos não aprovassem a política que, segundo julgavam, Salomão adotaria. **E era ele também mui formoso de parecer e Hagite o tivera depois de Absalão** (6); Adonias era formoso como Absalão e o filho mais velho de Davi. Quileabe (**#2Sm 3.3**) não se menciona pelo que é de supor que morrera. **Simei e Reí** (8); (Reí, nome próprio). É esta a única referência que se lhes faz. A Septuaginta e Josephus apresentam versões diferentes. **Os valentes** (8); ver **#2Sm 23.8-39**. **E matou Adonias ovelhas e vacas** (9). Leia-se "sacrificou"; cf. **#2Sm 15.12**. **Rogel** (9); embora anteriormente identificada por muitos com a Fonte da Virgem no vale de Cedrom, é agora geralmente reconhecida como sendo Bir-Eyyub, o poço de Jó, na junção dos vales de Cedrom e Hinom.

>1Rs-1.11

c) Salomão é ungido rei (1Rs 1.11-40)

Não se suponha que a conspiração de Adonias era desconhecida dos partidários de Salomão ou mesmo de Davi. É possível, contudo, que estes a não tomassem a sério. Nada indicava a próxima deposição de Davi. Decidira-se, provavelmente, surpreendê-lo com o fato consumado, na certeza de que ele não resistiria ao golpe. **Para que salves a tua vida e a de Salomão teu filho** (12). O fato de Salomão não ter sido convidado para a festa reveste-se da maior importância (cfr. vers. 19). A sua influente mãe compartilharia,

provavelmente do mesmo destino. **Não juraste tu?** (13) O episódio não é previamente relatado. **E Abisague, a sunamita, servia ao rei** (15). Baseando-nos no versículo 17 do capítulo 2 é lícito supor que Abisague entrasse na conspiração; aliás, seria irrelevante, neste versículo, a alusão ao seu nome. O seu papel seria impedir que alguém prevenisse o rei do que se passava; mas a esposa favorita do rei não poderia ela impedir de entrar. **Os capitães do exército** (25). A versão da Septuaginta "Joabe, capitão do exército" (cfr. 19) é muito provavelmente a versão correta. Nada permite supor que Adonias pudesse contar com o apoio de todo o exército.

>1Rs-1.28

Chamai-me a Bate-Seba (28); de acordo com o protocolo oriental ela retirara-se quando Natã fora anunciado, assim como Natã se retirou quando ela entrou (cfr. vers. 32). As vigorosas e minuciosas instruções ditadas por Davi mostram que a sua senilidade era menos real que aparente. **Na mula que é minha** (33); cf. **#2Sm 13.29**; **#2Sm 18.9** em que se demonstra o uso da mula pelo rei e pela família real. **#Lv 19.19** parece condenar a criação mas não a utilização da mula. **Giom** (33); provavelmente a Fonte da Virgem no vale de Cedrom (ver comentário ao vers. 9) a qual era mais perto da cidade que Rogel. **Os quereteus e os peleteus** (38); ver comentário a **#2Sm 8.18**. **O tabernáculo** (39); ver **#2Sm 6.17**. **Tocava gaitas** (40). Leia-se, segundo a Septuaginta e outras versões, "dançava danças".

>1Rs-1.41

d) Frustra-se a conspiração de Adonias (1Rs 1.41-53)

A miserável falha da conspiração demonstra, claramente, que se não contava com qualquer oposição. **Homem valente** (42). Segundo certa versão "homem digno"; mais exatamente "homem de posição". A natureza da mensagem conhecia-se, até certo ponto, pela posição do mensageiro; cf. **#2Sm 18.21** em que se escolhe um negro (Cusi) para anunciar a morte de Absalão. **E o rei se inclinou no leito** (47); isto é, em oração (cfr. **#Gn 47.31**). **Eis que pegou das pontas do altar** (51) embora se não mencione expressamente na lei o direito de refúgio no santuário, esse direito está implícito em **#Êx 21.14**. **Jure-me hoje o rei Salomão** (51); "primeiro que tudo" é a versão mais correta. **E veio e prostrou-se** (53); segundo outra versão "curvou-se numa vênia"; assim reconhecia Adonias Salomão como rei.

1Rs-2.1

e) Os últimos conselhos de Davi a Salomão e a sua morte (1Rs 2.1-11)

E aproximaram-se os dias da morte de Davi (1). O seu período de vida não seria, a partir deste momento, necessariamente muito curto; alguns anos podem ter decorrido-tempo suficiente que justifique os acontecimentos relatados em [#1Cr 22.6-29.25](#). O conselho de Davi (2-4) lembra particularmente o conselho de Deus a Josué ([#Js 1.1-9](#)) e, de maneira geral, o Deuteronômio-livro a que o rei tinha de dar especial atenção ([#Dt 17.18](#) e seg.).

>1Rs-2.5

Tem-se criticado Davi pelas instruções que deixou respeitantes a Joabe (5-6) argumentando-se que lhe caberia a ele atuar. Mas a ordem que dá a Salomão e na qual se subentende o desejo de que este encontre um pretexto para castigar Joabe (Faze pois segundo a tua sabedoria) sugere que tanto no assassinato de Abner ([#2Sm 3.27](#)) como no de Amasa ([#2Sm 20.8-10](#)), Joabe se mantivera dentro da lei. No primeiro caso vingara o sangue de seu irmão ([#2Sm 2.23](#)); no segundo podia ter invocado o delito de traição, [Amasa, filho de Jeter](#) (5); assim em [#2Sm 17.25](#) Amasa é filho de Jetra, talvez incorretamente-erro facilmente cometido pelo escriba. O cumprimento do conselho acerca dos filhos de Barzilai (7) pode inferir-se comparando [#2Sm 19.37](#) com [#Jr 41.17](#); Quimã teria recebido uma parte das terras reais; quanto às instruções respeitantes a Simei (8-9; cf. [#2Sm 16.5-14](#); [#2Sm 19.16-23](#)), nada as pode desculpar. Davi compartilhava, provavelmente, da opinião geral sobre o poder de uma maldição, pensamento muito freqüente nos Salmos. [A cidade de Davi](#) (10); ver [#2Sm 5.9](#). Foi provavelmente sepultado dentro da cidade (cfr. [#Ez 43.7-9](#) e [#1Rs 2.34](#) nota).

>1Rs-2.12

f) A consolidação do poder de Salomão (1Rs 2.12-46)

Posto que cobrindo um período de pelo menos três anos (39), esta seção insere-se aqui de acordo com a prática hebraica de terminar por completo os acontecimentos historiados; assim, descrevem-se as últimas vontades de Davi, sem atender à cronologia.

>1Rs-2.13

1. O DESTINO DE ADONIAS (#1Rs 2.13-25). De acordo com os costumes orientais, o novo rei tornava-se automaticamente o herdeiro do harém do seu predecessor (cf. #2Sm 16.21 e seg.). É possível que Adonias esperasse fortalecer a sua posição casando com Abisague, mas é ainda mais provável que fosse um homem simples e estivesse genuinamente apaixonado por ela. Não se tome a simpatia de Bate-Seba demasiadamente à letra. A própria formalidade do pedido (19) sugere um íntimo regozijo perante a possibilidade de fazer desaparecer de vez a ameaça que pesava sobre o filho; a publicidade do seu pedido e a recusa de Salomão estariam, até, previamente combinadas. **De paz é a tua vinda?** (13). Paz (*shalom*) pode implicar, em hebraico, algo de diferente (cfr. comentário a #2Rs 9.17); aqui nada mais significa que "fim", "objetivo agradável". Teria a sua visita um bom propósito? **Para ele, digo e para Abiatar...** (22); é de preferir outra versão: "e do seu lado estão Abiatar... e Joabe..." Trata-se de uma deliberada alusão à atitude de Abiatar e Joabe que lhe fornecerá o pretexto de ajustar contas com eles.

>1Rs-2.26

2. A EXPULSÃO DE ABIATAR (#1Rs 2.26-27). É possível que o apoio que Abiatar dera a Adonias fosse uma consequência do seu desacordo com a política religiosa de Natã e Zadoque, política que, segundo pensava, Salomão não deixaria de seguir. A expulsão de Abiatar teria, como objetivo, evitar controvérsias religiosas que, sem dúvida, viriam a ter lugar. **Anatote** (26); cfr. #Js 21.18. Hoje, Anata, a cerca de cinco quilômetros a nordeste de Jerusalém. Cfr. também #Jr 1.1. Jeremias pode, na verdade, ter sido um dos seus descendentes. **Para cumprir a palavra do Senhor...** (27); ver #1Sm 2.36. Não significa isto que os seus descendentes ficassem para sempre impedidos de entrar no sacerdócio o que, à luz de #1Cr 24.1-19, é improvável.

>1Rs-2.28

3. A EXECUÇÃO DE JOABE (#1Rs 2.28-35). A frase **porque Joabe se tinha desviado seguindo a Adonias** (28) refere-se à conspiração original e não à que levou Adonias à morte. As razões que nos versículos 31 e seg. se apresentam para a execução de Joabe sugerem que as do versículo 22 (ver nota acima) não passavam de um pretexto. **E pegou das pontas do altar** (28); ver comentário a #1Rs 1.51. Como assassino, Joabe não podia reclamar o direito de refúgio no

santuário (cfr. #Êx 21.14). E foi sepultado em sua casa no deserto (34). O velho general não foi desonrado. Ser sepultado na sua casa era, segundo parece, uma honra excepcional reservada a homens como Samuel (#1Sm 25.1) e a reis (cfr. #Ez 43.7). A casa de Joabe ficava a oriente de Belém no deserto da Judéia. Ao nomear Zadoque para o sumo sacerdócio (35), Salomão pratica um ato de graves implicações: era a subordinação do poder sacerdotal ao poder real.

>1Rs-2.36

4. O DESTINO DE SIMEI (#1Rs 2.36-46). Simei parece ter sido um benjamita de grande influência (cfr. #2Sm 19.16 e seg.) e Salomão suspeitava que ele pretendesse fazer voltar o reino à tribo de Benjamim (44). É essa a razão por que se menciona especialmente o ribeiro de Cedrom (37): ele teria de o atravessar para alcançar a sua casa em Baurim. Dois servos de Simei (39); aqui, como numa grande parte dos casos, a palavra hebraica 'ebhedh deveria ser traduzida por "escravo". Aquis, filho de Maaca (39); possivelmente, mas não necessariamente, Aquis, filho de Maoque (#1Sm 27.2). Simei... foi a Gate (40); a viagem não se tornava necessária mas era um bom pretexto para mudar de ambiente. Simei não compreendia que Salomão não temia apenas as suas possíveis conspirações em Benjamim mas esperava que ele lhe fornecesse o mais ligeiro pretexto para o matar. O rei Salomão será abençoado (45); isto é, pela anulação da maldição de Simei. Assim foi confirmado o reino na mão de Salomão (46); ignore-se o ponto final e ligue-se este versículo ao seguinte-#1Rs 3.1.

1Rs-3.1

II. O PRINCÍPIO DO REINADO DE SALOMÃO 1Rs 3.1-28

a) A nota predominante do reinado de Salomão 1Rs 3.1-3

É evidente que esta breve seção se insere fora da sua ordem cronológica pois nada faz supor que Davi estivesse, de algum modo, ligado ao projeto de casamento; e os casamentos reais não se combinam num só dia. Assim como no capítulo 2 o escritor descreve, antecipadamente, para completar a narrativa, o que só tempos depois se passa, também aqui (de certo modo como em #2Sm 5.4-10) se descrevem os acontecimentos que põem em relevo uma feição importante do reino. Pelo seu casamento, Salomão demonstra que a sua confiança se deposita nas alianças políticas. Estas, a ostentação arquitetônica

(1) e o compromisso religioso (2-3), foram os verdadeiros marcos orientadores da sua política. **Se aparentou com** (1); isto é, tornou-se genro de. Não mais se fala da sua mulher; ela terá sido filha de um dos fracos faraós da vigésima primeira dinastia, não de Sisaque, da vigésima segunda (#1Rs 14.25). O seu dote foi Gezer (#1Rs 9.16). **A cidade de Davi** (1); a velha cidadela dos jebuseus na crista de Ofel (o verdadeiro Sião) que agora, com o desenvolvimento da capital, tem uma feição própria e se distingue do resto da cidade. A rainha vivia, sem dúvida, no velho palácio de Davi (#2Sm 5.11). Não é casual a alusão à **casa do Senhor** e à **muralha de Jerusalém**; é uma alusão que denuncia a escala da obra arquitetônica de Salomão.

A grande quantidade de santuários não era culpa do povo (2-3). Era uma conseqüência da anarquia do período dos juízes, apenas parcialmente remediada por Samuel. A culpa recai sobre Salomão. Embora estivesse na sua mão abolir os "altos" uma vez que construía o santuário central, Salomão contemporizava, deliberadamente, com o passado. É impossível fazer referir o versículo 3 meramente ao período que antecederia a construção do templo. **Os altos** (2). Em Reis e Crônicas "alto" (heb. **bamah**) é o nome cananeu para "uma plataforma elevada na qual se colocavam objetos de culto" e emprega-se em referência a qualquer santuário de modelo cananeu sem atender à natureza do culto prestado e especialmente aos santuários onde Jeová era adorado como se fora um deus cananeu, um deus da natureza (ver Apêndice I).

>1Rs-3.4

b) Os primeiros sacrifícios de Salomão e a sua visão em Gibeom 1Rs 3.4-15

Cfr. #2Cr 1.1-13. Crônicas torna explícito (#1Rs 1.1 e segs.) o que apenas está implícito em Reis; o sacrifício era uma cerimônia religiosa inaugural que tomava o lugar da coroação já realizada (ver #1Rs 1.39; #1Cr 29.22). Não se sabe ao certo a razão por que Gibeom-lugar semicananeu-se tornara o santuário principal. Zadoque parece ter sido sacerdote de Gibeom (#1Cr 16.39) e é provável que tenha permanecido ali um sacerdócio aronita desde a época em que se celebrara o tratado com Josué (#Js 9). Isto explicaria a razão por que o tabernáculo (ou o que dele restava) bem como o altar de cobre (#2Cr 1.3-5) haviam sido trazidos para ali de Silo (não há provas de que tivessem estado em Nobe) após a segunda derrota em Ebenézer (#1Sm 4.4-11). Assim se justificaria o prestígio do lugar e a sua preferência à própria Jerusalém onde se encontrava a arca (15). O fato de não ser possível encontrar outra

explicação é razão suficientemente forte para ignorar o ponto de vista que nega a veracidade de Crônicas sobre este assunto.

Mil holocaustos (4); "mil" emprega-se aqui como símbolo de um grande número. **Apareceu o Senhor a Salomão... em sonhos** (5); os sonhos eram um reconhecido método de revelação divina (cfr. **#1Sm 28.6**; **#Jó 33.14** e segs.). **Sou ainda menino pequenino** (7). A nossa versão ultrapassa o hebraico em que apenas se lê "sou ainda menino"; de qualquer modo a expressão é um característico exemplo do exagero oriental em que, por amor à humildade, freqüentemente se cai. **#1Rs 14.21** mostra-nos que Salomão tinha já um filho. A tradição a que atendem a Septuaginta (alguns manuscritos) e Josephus, segundo a qual Salomão teria apenas doze ou catorze anos de idade, é inteiramente desprovida de valor. **Nem sei como sair nem como entrar** (7); é uma referência às suas funções públicas, à rotina de todos os dias. Ver **#2Cr 1.10** e Cfr. **#1Sm 18.16**. **Que nem se pode... numerar pela sua multidão** (8); Cfr. **#1Rs 8.5**. O fato de algumas pessoas tomarem perversamente à letra tais expressões, não pressupõe que os orientais o fizessem. Não haviam ainda decorrido muitos anos sobre o recenseamento levado a cabo por Davi (**#2Sm 24**). **Um coração entendido** (9); segundo outra versão, que consideramos preferível, "um coração receptivo, um coração pronto a ouvir". Ele não queria ser arrebatado pela precipitação, pela paixão ou pelo preconceito. **Um coração sábio e entendido** (12); é mais correta a versão "uma mente sábia e clarividente". A sabedoria que Salomão pediu e recebeu era mais secular que espiritual. As passagens e o comentário que se seguem (vers. 16-28) mostram que, por sabedoria se entendia, sobretudo, argúcia intuitiva; era uma sabedoria que nada tinha de filosófico. É inteiramente gratuita a interpretação que projeta o conteúdo dos vers. 12 e seg. para fora das fronteiras de Israel. **Por todos os teus dias** (13); omita-se esta frase, de acordo com a Septuaginta e outras versões. O sacrifício de holocaustos que se descreve no vers. 15 era um ato limitado à corte; no vers. 4 o mesmo ato reveste-se de significado nacional.

>1Rs-3.16

c) Salomão julga com sabedoria (1Rs 3.16-28)

O fato de mulheres de baixa estirpe terem acesso aos átrios reais é prova de que estas se franqueavam a todos e explica que Salomão considerasse pesadas as funções judiciais que o esperavam. **A sabedoria de Deus** (28); isto é, sabedoria tão grande que só podia ser de proveniência divina.

1Rs-4.1

III. EXCERTOS DOS ANAIS REAIS. 1Rs 4.1-34

Este capítulo divide-se em duas partes: a organização do reino, vers. 1-19 (o gabinete real, vers. 2-6 e os provedores reais, vers. 7-19) e uma parte mista que descreve o poder de Salomão (vers. 20-34).

>1Rs-4.2

a) O gabinete real (1Rs 4.2-6)

Cfr. #2Sm 8.16 e segs., #1Rs 20.23-26; #1Cr 18.15-17. **Príncipes** (2; heb. **sarim**); aqui, como noutros lugares, a palavra não significa membros da família real; refere-se aos mais elevados funcionários civis e militares. **Azarias... Eliorefe e Aías, filhos de Sisa, secretários** (2-3). À luz do vers. 4 a palavra sacerdote refere-se a Zadoque e de acordo com a pontuação diferente adotada por outra versão, Azarias é secretário. Mas como noutra passagem se verifica haver só um secretário ou escriba, está provavelmente correta certa opinião baseada no grego que é a seguinte: "Azarias, filho de Zadoque. Durante o Ano (i.e. Calendário) e Aías filho de Sausa (1Cr. 18.16), secretário". **Chanceler** (3); isto é, o magistrado que tinha a seu cargo a guarda do selo real. **Abiatar** (4); este nome deve ter sido introduzido mecanicamente. Por mais cedo que tentemos colocar esta lista no reinado de Salomão, a inclusão do nome de Abiatar não se justifica pois que ele foi destituído do seu lugar ao mesmo tempo que Joabe (#1Rs 2.35). **Provedores** (5); ver vers. 7-19.

>1Rs-4.6

Adonirão... sobre o tributo (6). Pode tratar-se do Adorão referido em #1Rs 12.18 e também em #2Sm 20.24 embora o número de anos decorrentes torne improvável que a função fosse desempenhada pelo mesmo homem. O ódio que o povo lhe tinha sugere a possibilidade de uma identificação com o Adorão de #1Rs 12.18. Sobre o **tributo**, ver o comentário referente a #1Rs 5.13.

>1Rs-4.7

b) Os provedores reais (1Rs 4.7-19)

Para fins administrativos e particularmente para a recolha dos impostos, Salomão dividiu o núcleo israelita do seu império em doze distritos. Em contraste com obras mais antigas, certo comentário afirma, com justeza, que só em casos especiais essas divisões se afastavam muito das que eram definidas pelas velhas fronteiras tribais. O fato de dois dos funcionários mencionados serem genros de Salomão (11,15) não deixa dúvidas quanto à sua alta categoria. Certa versão chama-lhes "prefeitos". Desconhecem-se os nomes de seis; destes, apenas se mencionam os nomes dos pais. O comentário acima citado sugere a seguinte explicação: sendo os nomes originalmente registados nos arquivos reais uns debaixo dos outros, os nomes próprios teriam desaparecido por ação de algum agente erosivo sobre a margem direita (o hebraico escreve-se da direita para a esquerda).

As áreas eram as seguintes: 1. Efraim (8). 2. Dã Meridional (9). 3. Manassés (10). 4. A Planície de Sarom até Jopa (11); esta área só recentemente se tornara território israelita e por isso se menciona de per si. 5. A Planície de Esdrelom (12), considerada um distrito de per si pela sua fertilidade e importância estratégica. 6. Manassés Oriental (13 e 19); ambos estes versículos se referem claramente ao mesmo território; Geber, filho de Uri (19) foi certamente seguido pelo seu filho (?) Ben-Geber (13). 7. Rúben e Gade (14). 8. Naftali (15). 9. Aser (16). 10. Issacar (17); 11. Benjamim (18). 12. Judá (19). A "terra", para o escritor judeu é Judá (ver comentário sobre [#1Rs 9.18](#)); o nome do provedor não se menciona, pois que, à sombra da corte, seria de pouca importância.

>1Rs-4.12

Baaná, filho de Ailude (12); provavelmente irmão de Josafá (3). [Ramote-Gileade](#) (13). A identificação moderna localiza-o muito mais ao norte do que na realidade era. Aimaás (15); por analogia com os outros nomes, provavelmente Ben-Aimaás; a palavra "ben", isto é "filho de" bem como o nome próprio, estariam na margem destruída (ver comentário acima). Alote (16); lugar não identificado; se está correto o nome que aparece nalguns manuscritos da Septuaginta -"Maaloth" -pode tratar-se do distrito costeiro a norte de Acre.

>1Rs-4.20

c) A grandeza de Salomão (1Rs 4.20-34)

(N.B. #1Rs 4.21 é #1Rs 5.1 no hebraico). Esta seção, possivelmente devido a imprecisões dos arquivos, é de tal forma confusa que se torna impossível descobrir uma linha de idéias. Por isso preferimos agrupar os versículos semelhantes entre si.

>1Rs-4.25

1. A FELICIDADE DE ISRAEL (#1Rs 4.20,25). Esta nota, verdadeiramente otimista se a compararmos com o que se diz em #1Rs 12.4, explica-se pela fonte de que provêm: fonte oficial. Como a areia... em multidão (20); ver comentário a #1Rs 3.8. Videira... figueira (25); é o quadro tradicional de paz e prosperidade (cfr. #2Rs 18.31; #Mq 4.4; #Zc 3.10). Desde Dã até Berseba (25); eram as fronteiras tradicionais do território israelita. Note-se que Salomão não parece ter feito qualquer tentativa no sentido de alargar o verdadeiro território israelita. As porções não israelitas do seu império eram meramente tributárias e o poder real não se exercia diretamente sobre elas. Ver comentário a #1Rs 8.65.

>1Rs-4.21

>1Rs-4.24

2. O IMPÉRIO DE SALOMÃO (#1Rs 4.21,24). Cfr. #2Cr 9.26. O Rio, isto é, o Eufrates. Presentes (21); isto é, tributo. Até à terra dos filisteus (21); cf. #2Cr 9.26. Até Gaza (24); dir-se-ia que se exclui destes dois versículos o país dos filisteus. É provável que os filisteus se submetessem ao Egito, sob cujo domínio estariam desde a morte de Davi; o reconhecimento deste fato pode até ter feito parte do contrato de casamento (#1Rs 3.1). Da banda de cá do rio (24); segundo outra versão, "além do rio" -termo correto, mais tarde empregado pelos assírios (cfr. #Ne 2.7). Tifsa (24); isto é, Thapsacus que dominava uma importantíssima e movimentadíssima seção do Eufrates. Não é provável que o exercício da autoridade de Salomão tanto ao norte significasse mais do que o livre e desimpedido uso da grande via comercial que ia até ao rio.

>1Rs-4.22

>1Rs-4.26

3. AS DESPESAS DE SALOMÃO (#1Rs 4.22-23,26-28). Certa obra compara os vers. 22 e seg. com #Ne 5.17 "um boi e seis ovelhas escolhidas" e calcula o número de pessoas a cargo de Salomão entre 4000 e 5000. Outros cálculos elevam muito esse número, fixando-o entre 14.000 e 36.000. **Coros** (22); heb. **kor**, isto é, cerca de 360 litros. **Estes provedores** (27), isto é os provedores dos vers. 7-19. **Palha** (28); heb. **tebhen**, isto é a palha cortada ou esmagada que ficava nas eiras.

>1Rs-4.29

4. A SABEDORIA DE SALOMÃO (#1Rs 4.29-34). Só nos é possível comparar o que é suscetível de comparação e na realidade a arqueologia demonstrou já a existência de literatura semelhante à de Provérbios tanto no Egito como na Mesopotâmia. A Literatura de Sabedoria baseava-se numa exposição de princípios gerais concluídos de uma atenta e arguta observação da vida e tinha, quase invariavelmente, objetivos de caráter moral.

Largueza de coração (29); segundo certa versão, "largueza de espírito". **Todos os do oriente** (30); talvez os babilônios mas, mais provavelmente, os árabes. **Etã... e Darda, filhos de Maol** (31). Estes podem muito bem ter sido judeus (ver comentário a #1Cr 2.6) embora possa haver quem os julgue idumeus, célebres pela sua sabedoria. **Provérbios... cânticos** (32); os seus melhores provérbios ficaram registados no livro de Provérbios; quanto aos cânticos, a grande maioria desapareceu, mesmo considerando as várias seções dos Cânticos de Salomão como cânticos independentes. O vers. 33 não pressupõe um conhecimento de ciências naturais, antes a alusão à natureza para dela extrair determinados conceitos morais (veja-se a referência à formiga em Provérbios). É estranho que seja precisamente esta parte da sabedoria de Salomão aquela da qual menos nos ficou.

1Rs-5.1

IV. SALOMÃO COMO EDIFICADOR. 1Rs 5.1-7.51

Compare-se esta seção com #2Cr 2.1-5.1. A descrição condensada, o emprego de palavras técnicas raramente usadas e as prováveis corrupções do texto dificultam muito a interpretação de uma grande parte desta seção. A falta de espaço não nos permite discutir todas as dificuldades que se nos apresentam.

a) Salomão e Hirão (1Rs 5.1-12)

Cfr. #2Cr 2.1-16. Crônicas dá-nos uma versão mais longa da correspondência entre os dois reis. Nalgumas passagens de Crônicas (#1Rs 2.7,13 e seg.) é extremamente evidente a marca de autenticidade; é, pois, muito possível que o livro dos Reis nos apresente uma versão condensada.

Compare-se o vers. 1 com #2Sm 10.1-2. **Hirão**: "Hurão" em Crônicas; trata-se de uma forma abreviada de Airão. **Encontro** (4); isto é, ocorrência, sucesso. **Sidônios** (6); nome geralmente empregado no Velho Testamento para designar os fenícios. Tiro era, nesta época, a sua principal cidade.

>1Rs-5.8

Faias (8). As opiniões divergem; certa versão apresenta "ciprestes"; tratava-se, muito provavelmente do zimbro, árvore juniperácea. Crônicas insere com justeza o pedido de "faias" na carta de Salomão (#2Cr 2.8). **Jangadas** (9); era o velho e tradicional processo de transportar madeira do Líbano, por mar, até ao Egito ou, pelo Eufrates, até à Babilônia. Até ao lugar que me designares (9). #2Cr 2.16 menciona Jopa antecipando devidamente a resposta de Salomão. O vers. 11 indica o preço pago pela madeira e pelo trabalho. #2Cr 2.10 dá, provavelmente o total anual; a quantidade de trigo e de azeite mencionada em Reis referir-se-ia apenas às provisões de mais alta qualidade reservadas por Hirão para a corte de Salomão. As medidas mencionadas são muito elevadas (cfr. #1Rs 4.22) mas possíveis; os "vinte mil batos de azeite" de #2Cr 2.10 devem, contudo, rejeitar-se; trata-se certamente de um erro do copista aliás fácil de cometer. **Coros** (11); ver comentário a #1Rs 4.22. **E ambos fizeram aliança** (12); literalmente, "um concerto". Era um ato de grande solenidade religiosa que implicava, para Salomão, o reconhecimento dos deuses de Hirão-ato que justifica o conceito já formulado acerca de Salomão a propósito de #1Rs 3.1-3. (Ver Apêndice II).

>1Rs-5.13

b) A preparação dos materiais (1Rs 5.13-18)

Cfr. #2Cr 2.2,17 e seg., ver também #1Rs 9.15,20 e segs. (#2Cr 8.7 e segs.). Os trabalhos forçados constituíam, no mundo antigo, uma reconhecida forma de tributo (cfr. #1Sm 8.16), tributo obtido pelo recrutamento de escravos o qual seria possivelmente proporcional à população de cada cidade ou de cada vila. O sistema fora já iniciado por Davi na última parte do seu reinado (#2Sm

20.24) e largamente desenvolvido por Salomão nos primeiros anos. Salomão escravizou todos os descendentes dos primeiros habitantes que não haviam aceitado a religião de Jeová (#1Rs 9.20 e seg.). A seguir recrutou israelitas-um homem em quarenta tinha de trabalhar gratuitamente três meses por ano (cfr. #1Rs 5.13 e seg. com #2Sm 24.9). Não existe contradição entre #1Rs 9.22 e #1Rs 5.13 pois que enquanto os cananeus eram escravos, os israelitas ficavam livres logo que concluíam o seu período de serviço obrigatório. Como nos diz #2Cr 2.18, os operários a que se refere #1Rs 5.15 são os escravos cananeus. Se tivessem sido enviados para o Líbano, talvez tivessem fugido. **Que cortavam nas montanhas** (15); eram operários que extraíam calcário das encostas rochosas dos montes da Palestina. **Três mil e trezentos** (16). #2Cr 2.2,18 falamos de 3.600 inspetores, o que representaria cerca de um inspetor para 50 operários; é-nos impossível optar por um destes números; ver comentário a #2Cr 8.10. **Pedras preciosas** (17); leia-se "dispendiosas"; eram dispendiosas devido ao seu tamanho. **Giblitas** (18); eram pedreiros de Gebal ou Byblos que ficava a mais de noventa e seis quilômetros ao norte de Tiro.

1Rs-6.1

c) Descrição do templo e suas dependências (1Rs 6.1-38)

1. A EDIFICAÇÃO DO TEMPLO (#1Rs 6.1-10). Cf. #2Cr 3.1-4. Trata-se provavelmente de uma descrição feita por um sacerdote da época. **No ano de quatrocentos e oitenta** (1). Este versículo apresenta-nos um problema de caráter cronológico até hoje insolúvel. Se fixarmos o quarto ano do reinado de Salomão por volta de 967 a.C., somos levados a fixar o êxodo em 1447 a.C. aproximadamente. Certo comentador apresenta, baseando-se nestas datas, uma cronologia extremamente atraente mas contra a qual parece erguer-se todo o peso da mais recente arqueologia (ver introdução a Juízes). A corrente e moderna teoria que explica os 480 anos como sendo doze gerações de 40 anos não resiste a um exame sério. **Ziv** (1); isto é, o mês das flores, designação antiga alterada para "Iyyar" após o exílio.

>1Rs-6.2

Sessenta côvados... vinte côvados... trinta côvados (2). #2Cr 3.3 especifica que se tratava de côvados "segundo a medida primeira" (isto é, anterior, ou seja, sete, não seis palmos, cerca de 53 cm em contraste com o côvado posterior de cerca de 45 cm). O comprimento e a largura mas não a altura eram precisamente o dobro daquelas dimensões do tabernáculo. Trata-se de medidas

interiores (cfr. 20). As opiniões divergem acerca da natureza do **pórtico** (3). Da aceitação, pelo menos em parte, da altura dada em **#2Cr 3.4** (q.v.) depende a decisão tomada. **Templo da casa** (3); leia-se "vestíbulo da casa". **Janelas** (4). Estas situavam-se acima das fachadas laterais externas. **De vista estreita** (4); segundo certa versão, "janelas rendilhadas"; segundo outra, "janelas de moldura recuada". O sentido do hebraico é incerto. **Câmaras** (5); "andares" ou, de acordo com outra versão, uma "fachada lateral". **Oráculo** (5); ver vers. 16. Certo comentário substitui as "câmaras colaterais" do versículo 5 por "andares". A parede do templo tornava-se menos espessa, por degraus, à medida que se elevava; era nessas reentrâncias que se haviam fixado as vigas da fachada lateral de forma que, estruturalmente, não faziam parte integrante do templo. **Nem martelo nem machado nem nenhum outro instrumento de ferro se ouvia** (7). Certos comentadores sugerem que as pedras que se utilizavam estavam apenas meio-preparadas; mas trata-se de uma interpretação dificilmente apoiada pelo texto. **A porta da câmara do meio** (8); é um erro do copista. Adote-se a versão da Septuaginta e outras nas quais se lê "as câmaras laterais mais baixas". Uma única porta dava acesso ao complexo conjunto de câmaras. **Caracóis** (8); trata-se de uma possibilidade já verificada pela arqueologia; rejeite-se a versão "portas de alçapão", adotada por vários tradutores. **Cobriu a casa** (9); isto é, fez-lhe um telhado. Cada andar tinha cinco côvados de altura.

>1Rs-6.11

2. A ENCORAJADORA PROMESSA DE JEOVÁ (**#1Rs 6.11-13**). Esta seção não se encontra em Crônicas. Não se descrevem as circunstâncias que acompanharam a promessa de Deus; é provável que essa promessa tivesse como objetivo dissipar o desânimo que se apoderaria de Salomão quando a obra se mostrasse maior e mais complexa que ela a imaginara.

>1Rs-6.14

3. O INTERIOR DA CASA (**#1Rs 6.14-35**). Cf. **#2Cr 3.5-14**. O texto apresenta partes de grande dificuldade. **Faia** (15); Ver comentário a **#1Rs 5.8**. **Edificou... nos lados da casa** (16); ambíguo; leia-se, segundo um comentário "e edificou mais vinte côvados nas traseiras da casa". **E por dentro lhas edificou, para e oráculo** (16); leia-se, alterando apenas uma letra, "e edificou por dentro um lugar para um santuário". A tradução "oráculo" (heb. **debir**) baseia-se numa tradução errada da Vulgata. **Debir** significa a parte de trás e era, sem dúvida, um velho termo técnico designativo do "Santo dos Santos".

Os vers. 18 (que a Septuaginta omite) e o 19 são provavelmente comentários feitos à margem e mais tarde integrados no texto. Omitindo esses versículos, poderíamos ler os vers. 17 e 20 de acordo com um comentário que se baseia sobretudo na Septuaginta: "Era pois de quarenta côvados de comprimento o espaço em frente do santuário; e o santuário de 20 côvados de comprimento..." **Cobriu de cedro o altar** (20). Leia-se de acordo com a Septuaginta e acrescente-se a última parte do vers. 21: "fez um altar de cedro diante do santuário e o cobriu de ouro". **Cadeias de ouro** (21). Não se encontrou ainda qualquer explicação satisfatória; a palavra não é a mesma que se emprega para designar as cadeias ornamentais em **#1Rs 7.17** e **#2Cr 3.5** (q.v.). É esta a única passagem em que a palavra ocorre.

>1Rs-6.23

Os dois querubins (23-28) não devem confundir-se com os querubins do propiciatório (**#Êx 25.18-20**). Estavam de pé de costas para a parede ocidental do Santíssimo, os rostos virados para o véu (**#2Cr 3.13**) como proteção simbólica da arca que estaria entre eles e sob as suas asas-asas estendidas. Não se atribua a estes querubins a complexa forma que nos dá Ezequiel.

>1Rs-6.29

Flores abertas (29). Não há contradição com as cadeias de **#2Cr 3.5** (q. v.). Além do véu (**#2Cr 3.14**) o santíssimo tinha uma porta que o isolava (31; cf. **#Ez 41.3** e seg.), o que não era o caso no segundo templo. "A verga e as ombreiras formavam um pentágono" (assim se deve ler "**a verga com as ombreiras faziam a quinta parte da parede**"); a verga estava dividida em duas partes que se encontravam num ângulo. **Da quarta parte** (33); deverá ler-se "retangular". A porta do lugar santo era retangular, não pentagonal (cf. vers. 31). Do vers. 34 parece concluir-se não que as sólidas portas exteriores se abrissem mas que houvesse no meio delas outras duas portas menores, de duas folhas, para uso normal.

>1Rs-6.36

4. O PÁTIO DO TEMPLO (**#1Rs 6.36**). Cfr. **#2Cr 4.9**. Ver nota introdutória a **#1Rs 7.1-12**. Baseando-nos em descobertas arqueológicas parece-nos que a ordem de vigas de cedro constituiria uma espécie de limite que teria como fim assegurar o alinhamento de cada três ordens de pedra. Se assim é, desconhece-se a altura da parede.

>1Rs-6.37

5. A DATA DA CONSTRUÇÃO (#1Rs 6.37-38). Cfr. vers. 1. **Ziv** e **Bul** são os nomes antigos, anteriores ao exílio, mais tarde substituídos primeiro por números e depois por "Iyyar" e "Marcheshvan".

1Rs-7.1

d) Os palácios de Salomão em Jerusalém (1Rs 7.1-12)

Esta seção (que se não inclui em 2 Crônicas) e que poderia parecer deslocada juntamente com a descrição do templo, não deixa de vir a propósito. Este era apenas um dos muitos edifícios que faziam parte do grande complexo arquitetônico. Ao norte ficava o templo dentro do seu próprio pátio (#1Rs 6.36), depois o palácio real e o harém também no seu pátio (vers. 8 q. v.); para o sul e mais perto da cidade, ficavam certos edifícios públicos. Este conjunto era, por sua vez, rodeado pelo **pátio grande** (12). Cfr. o protesto de Ezequiel (#Ez 43.8).

A **casa do bosque do Líbano** (2), talvez assim chamada por causa do efeito produzido pelas fileiras de colunas de cedro. Era possivelmente um salão destinado a funções públicas com armaria e armazém anexos (#1Rs 10.17; #Is 22.8); em frente ficava um imponente pórtico de colunas (6) e do outro lado o pórtico de juízo (7). Não se dão pormenores respeitantes aos edifícios particulares a que se refere o vers. 8. Estes ficavam no segundo pátio, ou seja, o pátio do meio (#2Rs 20.4). A casa da filha de Faraó (8) pode ter sido o harém e não um palácio apenas para ela. "**E por fora até ao grande pátio**" (9). Esta passagem é de difícil interpretação. Nenhuma das emendas a que tem sido sujeito esclarece o seu sentido. O muro do pátio grande era do mesmo tipo do do pátio interior (#1Rs 6.36). A segunda metade do versículo parece estar deturpada.

>1Rs-7.13

e) Hirão, o artífice (1Rs 7.13-14)

Cfr. #2Cr 2.13-14. Hirão ou Hurão, possivelmente Hiramabi (ver comentário a #2Cr 2.13) era filho de um homem de Tiro e de uma mulher de Naftali (14) ou Dã (#2Cr 2.14). A divergência pode resultar da diferença existente entre a

residência e a origem tribal. A origem da mãe pode ter dado a Salomão o direito de dispor dele, o que nos é sugerido pelas palavras **mandou trazer** (13). **Cobre** (14); a palavra hebraica é suscetível de duas traduções: "cobre" ou "bronze"; a última é normalmente preferível.

>1Rs-7.15

f) As colunas de bronze (1Rs 7.15-22)

Cfr. **#2Cr 3.15-17**; **#Jr 52.21-23**. A arqueologia mostra-nos que eram vulgares essas colunas mas pouco nos diz sobre a sua utilidade. **#2Cr 3.17** apóia a opinião, adotada por estudos comparativos, de que estas colunas se situavam independentemente do pórtico e nada suportavam. É provável que fossem meramente ornamentais. Tinham 18 côvados de altura (os 35 côvados mencionados em **#2Cr 3.15** estão errados, talvez devido ao uso de um texto deturpado do livro dos Reis) com capitéis de mais cinco côvados. Tinham doze côvados de circunferência, eram ocas, e o metal tinha quatro dedos de espessura (**#Jr 52.21**). Os capitéis, tanto quanto podemos entender do difícil texto, tinham a forma de globo (41), apresentavam desenhos decorativos em forma de rede e eram ornamentados com folhas de lírios. Cada um tinha duas cadeias ornamentais (**#2Cr 3.16**, q.v.), com noventa e seis romãs pendentes (**#Jr 52.23**), e quatro no ponto em que as cadeias se ligavam ao capitel **Jaquim... Boaz** (21); o segundo nome pode ser uma abreviatura de Baal-Az; Baal significa força (consulte-se o comentário a **#1Cr 8.33** sobre o emprego deste nome para Jeová). Certo investigador vê nos dois nomes um criptograma: "Em nome de Jeová se regozijará o rei".

>1Rs-7.23

g) O mar e as pias (1Rs 7.23-39)

Cfr. **#2Cr 4.2-6**. Não se descreve a forma do mar mas o cálculo da sua capacidade, 2000 batos (26; o número de **#2Cr 4.5** -3000 batos-embora apoiado por Josephus é provavelmente um antigo erro textual) possivelmente mais que 64.000 litros (o valor do bato não se pode determinar ao certo) sugere que o hemisfério convencional fosse demasiadamente pequeno. Mas qualquer que fosse a sua forma, deve estar correta a interpretação que Josephus nos dá de **#2Cr 4.6**; os sacerdotes iam lá tirar água para as suas abluções mas não se banhavam nele. As medidas do vers. 23 são aproximadas. À parte o seu aspecto prático, é provável que o **mar** simbolizasse, como tantas

vezes no Velho Testamento, as forças do abismo e do caos em perfeita sujeição.

As descobertas arqueológicas muito contribuíram para a boa interpretação do texto compreendido entre os versículos 27 e 39 respeitante às pias e aos veículos rodados que as transportavam. Sem essas descobertas o hebraico apresentar-se-nos-ia quase ininteligível. Os cálculos levados a cabo por um especialista leva-nos a pôr em dúvida a exatidão das medidas que chegaram até nós. O uso que se dava a estes objetos é-nos descrito em [#2Cr 4.6](#).

>1Rs-7.40

h) Um sumário da obra de Hirão (1Rs 7.40-47)

Cfr. [#2Cr 4.11-18](#). Sobre a não alusão ao altar de bronze ([#2Cr 4.1](#)) ver a nota adicional ao cap. 7 que abaixo damos. [Pias](#) (40); é mais elucidativa a palavra que aparece em Crônicas: "caldeiras". [Em terra barrenta](#) (46); provavelmente "em fornos de terra".

>1Rs-7.48

i) Os vasos de ouro (1Rs 7.48-51)

Cfr. [#2Cr 4.19-5.1](#). [Os castiçais](#) (49); sobre o número, ver a nota adicional ao cap. 7 dada a seguir. [As flores... e os espevitadores](#) (49) faziam parte dos castiçais.

>1Rs-7.51

j) Nota adicional ao capítulo 7

A descrição do mobiliário do templo em 1Reis e 2Crônicas levanta certas dificuldades que imediatamente se vencem quando se admite que certos objetos do tabernáculo, os quais haviam sido trazidos do Gibeom ([#2Cr 1.3](#); [#1Rs 8.4](#)) eram ainda utilizados.

1. Não se menciona o fabrico do altar de metal em 1Reis embora a sua existência esteja implícita em [#1Rs 8.64](#). Aventa-se que a seção que o mencionava tenha desaparecido do texto; mas é uma hipótese que não explica a sua ausência do sumário de [#1Rs 7.40-47](#). [#2Cr 4.1](#) menciona o altar (note-

se que o sujeito do verbo é Salomão e não Hirão) mas este volta a ser omitido no sumário (#2Cr 4.11-18). As dimensões dadas em 2Crônicas são maiores do que as do altar do templo de Ezequiel e não muito diferentes das do templo de Herodes. É provável que se tivesse usado primeiro o velho altar do tabernáculo (#2Cr 1.5) o qual, ao tornar-se pequeno, teria sido substituído pelo altar muito maior mencionado em #2Cr 4.1.

2. Tanto #1Rs 7.49 como #2Cr 4.7,20 nos falam de 10 castiçais. Como #2Cr 13.11 se refere apenas a um castiçal, é provável que o velho castiçal do tabernáculo se conservasse em uso. Os outros castiçais haviam sido feitos para o templo, edifício muito maior.

3. #1Rs 7.48 fala-nos de uma mesa para os pães da proposição; #2Cr 4.8 menciona dez mesas que, segundo #1Rs 4.19, se destinavam aos pães da proposição. Em nenhuma outra passagem se menciona mais de uma mesa para os pães da proposição. Dez, seria, de resto, um número pouco adequado. É possível que as mesas de #2Cr 4.8 se destinassem aos castiçais. O escriba teria, inadvertidamente, alterado o singular de #1Rs 4.19 (cfr. #1Rs 7.48) para o plural.

1Rs-8.1

V. A DEDICAÇÃO DO TEMPLO 1Rs 8.1-9.9

Cfr. #2Cr 5.2-7.22. Esta seção consta de quatro partes principais: a mudança da arca para o seu novo lugar (#1Rs 8.1-11); a dedicação propriamente dita (#1Rs 8.12-61); os sacrifícios e a festa (#1Rs 8.62-66); a resposta de Deus a Salomão (#1Rs 9.1-9). A narrativa paralela de #2Cr 5.2-7.22 é quase idêntica.

a) A mudança da arca (1Rs 8.1-11)

Cfr. #2Cr 5.2-14. A festa da dedicação coincidiu com a festa dos tabernáculos (2). O templo não ficou concluído antes do oitavo mês (#1Rs 6.38). A dedicação pode ter-se realizado antes de tudo estar acabado mas é mais provável que fosse transferida para o ano seguinte. *Etanim* (2); era o nome antigo (cfr. #1Rs 6.37 e seg.); mais tarde alterado para "Tisri"... *que as pontas dos varais se viam* (8). A interpretação depende da maneira como imaginarmos a arca colocada: ou de oriente para ocidente, alinhada com o eixo do templo, ou de norte para sul, na mesma linha que os querubins. A última posição parece a mais provável. Neste caso o véu pendia a uma certa

distância, dentro do santuário de forma que, para quem estivesse à porta, escondia, de fato, a arca mas deixava ver as pontas dos varais de ambos os lados. **Na arca nada havia senão só as duas tábuas de pedra** (9). De nada serve especular sobre a forma como se haviam perdido os outros objetos (**#Hb 9.4**). Comparem-se os vers. 10 e 11 com **#Êx 40.34** e seg. É evidente que a nuvem permaneceu no templo apenas durante o período da dedicação ou por um espaço de tempo ainda mais curto.

>1Rs-8.12

b) A dedicação (1Rs 8.12-61)

Cfr. **#2Cr 6.1-7.3**. Muitos investigadores modernos chegaram à conclusão de que a grande oração da dedicação (25-35) é uma invenção muito posterior; mas o único argumento de peso é o estilo literário, o que pressupõe a habitual data fixada pelos críticos para Deuteronômio. Uma tal oração não poderia ser improvisada; teria sido preparada e guardada nos arquivos reais.

1. UMA ODE PARA A DEDICAÇÃO (**#1Rs 8.12-13**). É muito provável que tenhamos perante nós o princípio de uma composição poética cujo tema é a dedicação do templo e que teria sido preservada no livro dos Cantares (Septuaginta). Certa versão moderna, baseando-se na Septuaginta, dá-nos a seguinte adaptação:

O Senhor colocou o Sol nos céus

mas disse que habitaria em densas trevas.

Eu te edifiquei uma alta morada,

um lugar para tua eterna habitação.

É-nos apresentado o contraste entre Jeová, que se esconde dos olhos dos homens, e a glória da Sua criação; o visível esplendor do templo contrastava também com a escuridão do santuário mais íntimo onde Jeová se sentaria, invisível e entronizado entre o Seu povo.

>1Rs-8.14

2. UM DISCURSO AO POVO (#1Rs 8.14-21) A escolha de uma casa régia e de um lugar para o templo marcam o fim feliz de uma época de provação e de preparação que começara com o êxodo. É este o sentido geral do discurso de Salomão. Salomão não tem espiritualidade que lhe permita compreender toda a força de #2Sm 7.5 e segs. A perder o tabernáculo, o povo de Deus perde também algo de espiritual, algo de importância verdadeiramente vital.

>1Rs-8.22

3. A ORAÇÃO DE SALOMÃO (#1Rs 8.22-53). Trata-se de uma oração por todos os homens, e para todos os tempos. Dividamo-la assim: pela família real (23-26); para que o templo seja verdadeiramente a casa de Deus (27-32); para que Deus se compadeça do seu povo na tribulação, quando o inimigo o vencer (33-34); para que Deus ouça as súplicas do seu povo em tempos de seca (35-36); em todas as calamidades (37-40); para que Deus proteja e abençoe o prosélito (41-43); para que Deus auxilie o seu povo em tempos de guerra (44-45); para que seja com ele e o ouça no cativo (46-50); conclusão (51-53).

>1Rs-8.23

Beneficência (23; heb. **hesedh**); segundo certa versão, "amor firme e constante". **Resedh** é a espécie de conduta que se espera num concerto ou pacto; entre os homens será a lealdade; de Deus para o homem (ou deste para Deus, #Os 6.6), amor constante. **Habitaria Deus na terra** (27). Tanto na Septuaginta como em Crônicas se lê, provavelmente com justeza "habitaria Deus com os homens na terra?" Note-se como, no versículo 31 se põe em relevo a justiça. O juramento faz-se no caso de faltarem provas conclusivas (cfr. #Lv 5.1; #Nm 5.19 e segs.). **Queima de searas** (37); cfr. #Gn 41.6. **Pulgão** (37); espécie de locusta ou gafanhoto (ver #Jl 1.4). **Estrangeiro** (41); por estrangeiro entende-se o prosélito. Para os vers. 51-53 consulte-se o comentário a #2Cr 6.40-42.

>1Rs-8.54

4. A BÊNÇÃO (#1Rs 8.54-61). Os motivos prováveis que levaram à omissão desta passagem em Crônicas são tratados no comentário a #2Cr 7.1-3. **Estando de joelhos... se levantou** (54); cfr. vers. 22. Orava-se de pé e de joelhos; qualquer destas posições era considerada adequada. É possível que terminada a sua oração pública Salomão ajoelhasse para dirigir a sua súplica pessoal a Deus.

>1Rs-8.62

c) Os sacrifícios e a festa (1Rs 8.62-66)

Cfr. #2Cr 7.4-10. Os números aqui apresentados não são de forma alguma exagerados se nos lembrarmos que se referem muito provavelmente aos sete dias que durou a festa da dedicação ou mesmo à festa dos tabernáculos (ver vers. 65) e que desses milhares de sacrifícios muitos eram sacrifícios pacíficos comidos pelos fiéis. **O altar de cobre** (64); ver nota adicional ao capítulo 7. **A festa** (65); isto é, a festa da dedicação e depois a festa dos tabernáculos. **A entrada de Hamate** (65); Ao contrário do que pensam certos investigadores, não se trata da extremidade norte do grande vale entre o Líbano e o Anti-Líbano mas da extremidade sul a norte e não muito longe de Dã (cfr. 4.25 nota). **No oitavo dia** (66); ver #2Cr 7.9-10 nota.

1Rs-9.1

d) A resposta de Deus a Salomão (1Rs 9.1-9)

Cfr. #2Cr 7.11-22. O vers. 8 aparece corrompido em muitas versões. A melhor versão é, sem dúvida, "e esta casa transformar-se-á num montão de ruínas". Numa data muito recuada alterou-se ligeiramente o texto a fim de evitar que o leitor proferisse palavras de mau presságio, se bem que, como o demonstra o Targum, se preservasse a versão autêntica. Crônicas apresenta o texto já alterado. **Assobiará** (8); a palavra não pressupõe escárnio mas espanto, assombro.

>1Rs-9.10

VI. NOTÍCIAS VÁRIAS 1Rs 9.10-10.29

Cfr. #2Cr 8.1-9.28. Esta seção é, indiscutivelmente, uma compilação de várias notícias extraídas das crônicas reais.

a) As operações financeiras entre Salomão e Hirão (1Rs 9.10-14)

Ver também #2Cr 8.1-2. A impossibilidade de traduzir certas "nuances" do hebraico conduziu a uma má interpretação deste episódio. O versículo 11

explica, não a origem da transação, mas a forma como ela se tornou possível. A causa dessa transação encontramos-na nós no vers. 14; Salomão, necessitado de dinheiro, empenhara as 20 cidades. A narrativa de #2Cr 8.1-2, por ser muito condensada, cria-nos dificuldades de interpretação. Se, como geralmente se sugere, o objetivo é dar à história uma feição mais agradável, estranho é que a exposição não seja mais clara. É praticamente certo tratar-se das mesmas cidades; mas a narrativa referir-se-ia apenas ao fim do episódio quando Salomão, ao pagar o empréstimo, as pôde reaver. **Terra de Cabul** (13). Cabul pode significar inútil, interpretação antiga, já dada por Josephus. Mas a Septuaginta traduz "limite" ou "fronteira". Seria uma faixa de terra limítrofe, contígua a outra região.

>1Rs-9.15

b) O tributo imposto por Salomão e a edificação da cidade (1Rs 9.15-23)

Cfr. #2Cr 8.3-10. Sobre o tributo (15,20-22) consulte-se o comentário a #1Rs 5.13-18. **Causa** (15); segundo outra versão, "descrição", palavra preferível. **Milo** (15); (cfr. #1Rs 11.27; #2Sm 5.9); é provável que se tratasse da fortificação que cobria a brecha (revelada por escavações arqueológicas) que Davi fizera na velha muralha de Zoim Gezer, dos jebuseus (16); cfr. #Js 16.10; #Jz 1.29. É evidente que fazia parte do dote da filha de Faraó. **Baalate** (18); cfr. #Js 19.44. **Tadmor** (18); segundo outra versão, "Tamar"; ver comentário a #2Cr 8.4; #Ez 47.19; #Ez 48.28 revela-nos que Tamar era a cidade mais meridional de Judá. **Daquela terra** (18), como em #1Rs 4.19; isto é, Judá, a terra do escritor. **Hasor** (15) ocupava a principal baixa do Jordão, perto do lago Hule, ao norte; **Megido** (15), a principal via comercial pois que se ligava a Esdrelom; **Gezer, Bete-Horom e Baalate** (17-18) já perto de Jerusalém; e Tamar (18) fronteira sul e via para Eziom-Geber. Sobre os vers. 20-22, consulte-se o comentário a #1Rs 5.13-18. Quanto ao versículo 21, adotemos a versão segundo a qual se lê que os descendentes dos povos referidos no vers. 20 foram totalmente escravizados. É possível que sejam os filhos destes os servos que se mencionam em #Ed 2.58. **Criados** (22); leia-se servos, isto é, cortesãos; **príncipes** (22); funcionários de estado de elevada posição. **Capitães** (22); literalmente "terceiros"; originalmente o capitão era o terceiro no carro real, o homem que acompanhava o rei e o condutor do carro, grande honra conferida pela corte.

>1Rs-9.24

c) Outras informações (1Rs 9.24-25)

Ver comentários a [#2Cr 8.11-16](#).

>1Rs-9.26

d) O comércio de Salomão no Mar Vermelho (1Rs 9.26-28)

Cfr. [#2Cr 8.17-18](#). Ver também [#1Rs 10.22](#). [Eziom-Gober](#) (26). Escavações arqueológicas demonstraram que aí se construía navios, fundia-se cobre e se fabricavam instrumentos deste metal. [Ofir](#) (28). Geralmente considerada na Arábia mas, fundamentando-nos em [#1Rs 10.22](#) (q.v.) talvez terra da Índia.

1Rs-10.1

e) A visita da rainha de Sabá (1Rs 10.1-13)

Cfr. [#2Cr 9.1-12](#). Sabá era uma tribo do norte da Arábia ([#Gn 25.3](#); [#Jo 1.15](#)). Ignorem-se todas as lendas que associam a rainha à Etiópia etc. [Acerca do nome do Senhor](#) (1); frase de difícil interpretação omissa em Crônicas. [E Salomão lhe declarou todas as suas palavras](#) (3); ou, segundo uma versão preferível, "resolveu todos os seus enigmas". [Vendo pois a rainha de Sabá toda a sabedoria de Salomão](#) (4); como a sabedoria de que se fala era, na realidade, "sagacidade prática" (ver comentário a [#1Rs 3.12](#)), era uma sabedoria que podia, de fato, "ver-se" pelos seus frutos. [Servos](#) (5); isto é, cortesãos; [a sua subida](#) (5); é incerto o significado; a expressão pode referir-se ao acesso real ao templo, à procissão real a caminho do templo ou aos holocaustos reais. A primeira destas interpretações é a menos provável. [Bem-aventurados os teus homens](#) (8); é provavelmente preferível a versão que, pela simples adição de uma letra se obtém: "bem-aventuradas as tuas mulheres". [Para fazeres juízo e justiça](#) (9). Note-se que a justiça é o supremo objetivo, o mais elevado ideal do rei (cfr. [#1Rs 3.9](#)). A aparente generosidade da rainha (10) era, pelo menos em parte, mera troca (cfr. vers. 13).

>1Rs-10.11

[Também as naus de Hirão](#) (11); Os marinheiros devidamente preparados seriam fenícios [Madeira de almugue](#) (11); em [#2Cr 2.8](#); [#2Cr 9.10](#), "algumins"; trata-se de uma árvore não identificada; a hipótese de que se

tratasse de madeira de sândalo, embora plausível, é discutível. **Balaústres** (12); trata-se de uma palavra técnica que, em Crônicas, é substituída por "terraços". O emprego da madeira na construção de instrumentos musicais sugere embutidos.

>1Rs-10.14

f) O comércio e a riqueza de Salomão (1Rs 10.14-29)

Cfr. **#2Cr 9.13-28**; **#2Cr 1.14-17**. Esta seção apresenta-se-nos, indiscutivelmente formada por excertos dos anais reais entre os quais não existe ligação. O ouro mencionado no vers. 14 não representava o rendimento anual de Salomão mas o de um ano especialmente próspero. O vers. 15 contém a primeira alusão que se conhece a impostos lançados sobre mercadoria em trânsito. **Paveses... escudos** (16-17); grandes escudos oblongos que cobriam todo o corpo e escudos mais pequenos e circulares; os primeiros pesavam cerca de nove quilos; os últimos, a sessenta siclos por **minah**, isto é, arrátel, pesavam cerca de um terço daqueles. De acordo com **#2Cr 9.16**, os segundos tinham metade do peso dos primeiros; a diferença pode ser devida à existência de vários padrões de peso. Eram de ouro batido, o que sugere trabalho de gravação e cinzel.

>1Rs-10.19

A cabeça do trono, por detrás, redonda (19). A versão correta é, provavelmente, a seguinte: "e na parte detrás do trono estava a cabeça de um bezerro"; em hebraico, a diferença entre "bezerro" e "redondo" reside apenas na alteração de vogais. A versão de **#2Cr 9.18** pode representar simplesmente uma corrupção do texto do livro dos Reis.

>1Rs-10.22

As naus de Társis (22). Társis identifica-se, geralmente com Tartessus de Espanha, pelo que uma nau de Társis seria um navio empregado em viagens de longo curso. Parece, contudo, mais provável que se tratasse de embarcações destinadas a transportar minérios para fundição. Társis é uma palavra derivada de **rashash**, fundir. Em suma, seria o comércio de minério que daria o nome ao lugar (ou lugares) e não o lugar que originou o nome das embarcações. **Pavões** (22); possivelmente uma espécie de macaco; se significar, de fato, pavões, o Ofir indicado seria na Índia.

>1Rs-10.26

Cavaleiros (26); provavelmente cavalos. Para o vers. 28 adote-se a seguinte versão: "os cavalos de Salomão eram importados de Muzri e Kue; os negociantes reais traziam manadas de cavalos de Kue que pagavam a pronto". Muzri (ver #2Rs 7.6 nota) é a Capadócia; Kue é a Cilícia. É provável que também no vers. 29 a palavra **Egito** (Mizraim) devesse ser substituída por Muzri. A última parte do vers. 29 parece indicar que Salomão pagava o mesmo preço que os reis heteus e sírios.

1Rs-11.1

VII. AS TRIBULAÇÕES DE SALOMÃO 1Rs 11.1-43

Pensa-se, geralmente, que as adversidades aqui descritas surgiram já no fim do reinado de Salomão. Mas não é esse o caso com Hadade (21) nem, provavelmente, com Rezon. É contudo possível que esses homens só muito mais tarde se tornassem uma séria ameaça. Não existe em Crônicas qualquer passagem paralela a esta.

a) A poligamia de Salomão e seus resultados (1Rs 11.1-13)

O fato de as mulheres de Salomão ultrapassarem em número as suas concubinas (3) prova que a magnitude do seu harém não era mera consequência de uma sensualidade desenfreada. Os casamentos eram, principalmente, alianças políticas, o que implicava ter Salomão de tolerar e até sustentar as religiões de todas as suas mulheres estrangeiras. A princípio, os cultos pagãos ter-se-iam limitado à intimidade do palácio; mas, à medida que se adaptava a esses hábitos e o número das suas mulheres pagãs aumentava, Salomão ia permitindo que a esses cultos fosse dada expressão pública. Note-se que se não diz terem eles exercido qualquer influência no povo. Tratava-se de alguma coisa que, de momento, só à corte interessava. A despeito das reformas levadas a cabo por Asa e Ezequias, os santuários pagãos de Salomão permaneceram até ao tempo de Josias (#2Rs 23.13). Era mais fácil destruí-los que matar a memória dos cultos que neles se faziam; por isso eram constantemente restaurados. (Ver apêndice II).

>1Rs-11.14

b) Hadade de Edom (1Rs 11.14-22)

Não se sabe ao certo por que razão Davi tentou exterminar todos os varões de Edom (no vers. 15, leia-se, de acordo com a Septuaginta e a versão siríaca "quando Davi feriu a Edom" em vez de **estando Davi em Edom**). Os mortos que Joabe enterrou (15) eram, evidentemente, israelitas. É possível que as guarnições israelitas de Edom fossem traiçoeiramente atacadas e massacradas. É provável que Hadade conduzisse uma luta de guerrilhas através de todo o reinado de Salomão (o vers. 25 pode ter sido originalmente o fim da história de Hadade e de Rezom) até que, já na última parte daquele reinado, Israel pouco mais pudesse fazer que manter o domínio da via comercial para Eziom-Geber.

>1Rs-11.23

c) Rezom de Damasco (1Rs 11.23-25)

Depois da vitória de Davi sobre Hadadezer, rei de Zobá (**#2Sm 8.3-8,10**), Rezom tornou-se chefe de bandidos. Pouco depois da morte de Davi, tomou (24, Septuaginta) Damasco, provavelmente de surpresa, e Salomão não pôde expulsá-lo. Dada a posição estratégica de Damasco, na principal via comercial para o oriente, a vitória de Rezom constituiu um rude golpe para Salomão.

>1Rs-11.26

d) Jeroboão, filho de Nebate (1Rs 11.26-40)

Jeroboão chamara a atenção de Salomão durante a obra de Milo (ver comentário a **#1Rs 9.15**) o qual notara que ele era **laborioso** ou, de acordo com outras versões, "competente" e ativo. Por isso **o pôs sobre todo o cargo de** (28) Efraim e Manassés. O trabalho de que o incumbiu pode ter sido o recrutamento de **#1Rs 5.13** (q.v.) mas como a palavra empregada é diferente, o trabalho pode ter sido outro. A sua posição torná-lo-ia muito conhecido entre os homens da sua tribo e ter-lhe-ia proporcionado um profundo conhecimento de todos os seus problemas e de todas as suas razões de queixa. **O vestido novo** (29) era de Aías. Os **doze pedaços** (30) representavam um número tradicional, pois contando Efraim e as duas metades de Manassés, as tribos eram, na realidade, catorze. Mas Simeão confundira-se de tal modo com Judá que se ignorava e Levi, espalhado por todo o país, pertenceria igualmente a ambos os lados da monarquia dividida. Portanto, só Benjamim (uma tribo do

vers. 32) precisava de ser mencionada ao lado de Judá; tanto aqui como no vers. 36 se subentende que Judá permaneceria leal. Uma versão moderna adota, com justeza, para o vers. 33, o singular. Em boa justiça Salomão deveria ter logo perdido o trono e por isso se lhe chama príncipe (34); Heb. *nasi*, não *sar*; ver #1Cr 22.17 nota. *Para que Davi... sempre tenha uma lâmpada* (36). Uma casa oriental só está desprovida de luz, à noite, quando ninguém mora nela ou os seus habitantes morreram. A lâmpada de que aqui se fala é, portanto, simbólica da continuidade da dinastia Davídica (cfr. #1Rs 15.4; #Jó 18.5-6; #Pv 13.9).

Jeroboão não quis esperar o tempo determinado por Deus e conspirou contra Salomão-Salomão não podia, doutra forma, ter tomado conhecimento do que o esperava (40) visto que desconhecia a profecia; é provável que a conspiração continuasse durante a sua permanência no Egito (ver comentário a #1Rs 12.1-20). A Septuaginta inclui, no capítulo 12, uma notável variante em que se afirma ter Jeroboão chegado a provocar uma revolta. Qualquer que seja a explicação para essa variante da Septuaginta, somos forçados a reconhecer que alguns dos maiores investigadores e exegetas a rejeitam. Consideremos, pois, os vers. 26 e 40 como indicações de que houve uma conspiração prematuramente descoberta pelos espiões do rei.

>1Rs-11.41

e) Sumário do reinado de Salomão (1Rs 11.41-43)

Cfr. #2Cr 9.29-31. Nem o livro dos Sucessos de Salomão (41) nem as autoridades mencionadas em 2Crônicas são conhecidos. São estas as únicas passagens que se lhes referem. Os *quarenta anos* (42) incluem, provavelmente, alguns anos de co-regência com seu pai (ver comentário a #1Cr 22.2-5). *Foi sepultado na cidade de Davi* (43); ver comentário a #1Rs 2.10.

1Rs-12.1

A DIVISÃO DO REINO-1Rs 12.1-2Rs 17.41

VIII. O CISMA 1Rs 12.1-24

a) A cisão (1Rs 12.1-20)

Cfr. #2Cr 10.1-19. Crê-se, de uma maneira geral, que a cisão se deve ao choque de dois elementos: a loucura de um jovem e um povo exageradamente sobrecarregado de impostos. Na realidade Roboão tinha já quarenta e um anos de idade (#1Rs 14.21) e a ausência de desordens durante o período em que Salomão esteve no trono parece demonstrar que a situação do povo não era muito séria. É possível que Roboão fosse vítima de uma hábil maquinação. Jeroboão conspirara já contra Salomão (#1Rs 11.26-40) e continuara, muito provavelmente, a elaborar os seus planos no Egito. A morte de Salomão ter-lhe-ia sido rapidamente comunicada. **Ouvindo-o Jeroboão** (2). A notícia que lhe chega é, sem dúvida, atendendo ao tempo e à distância, a da morte de Salomão. "Então Jeroboão regressou do Egito", de acordo com a Septuaginta, a Vulgata e #2Cr 10.2. No entanto, os seus amigos agitaram as tribos, a fim de conseguirem o reconhecimento oficial do novo rei. Não se sugere que Roboão não fosse já rei nem que qualquer outro homem pudesse ser escolhido. Os conspiradores levam o povo a fazer um pedido aparentemente inocente: a diminuição dos impostos que o sobrecarregavam (4). Os conselheiros de Salomão, perfeitamente cômicos da gravidade da situação, aconselham uma resposta benevolente (7). Mas os amigos pessoais de Roboão, perturbados pelo aparecimento de Jeroboão (3), julgaram, talvez, a conspiração numa fase mais adiantada do que na realidade estava e pensaram que o pedido não era senão um pretexto para formular pedidos que seriam seguidos de exigências sempre crescentes. Aconselharam, portanto, Roboão a que desafiasse, abertamente e audaciosamente a conspiração (10-11). A reação do povo (16) demonstra que, pelo menos a grande maioria, não havia sequer pensado na revolta. Uma pequena reflexão poderia ter salvo a situação. Mas Roboão prosseguiu o seu desafio incumbindo Adorão (18: possivelmente o Adonirão de #1Rs 4.6), o homem mais odiado do país, de levar o povo à obediência e de lhe mostrar que falara a sério e tencionava cumprir as suas ameaças. Talvez por instigação dos conspiradores, o povo apedrejou Adorão (18). Só então aparece Jeroboão (20) para resolver a crise criada por aquela revolta não premeditada. **Porque esta revolta vinha do Senhor** (15) ou, noutra versão igualmente boa, "porque o Senhor determinara que os acontecimentos tomassem novo rumo..." Não é de acentuar o silêncio que, no vers. 20, se guarda acerca da tribo de Benjamim; cfr. vers. 21.

>1Rs-12.21

b) Evita-se a guerra civil (1Rs 12.21-24)

Cf. #2Cr 11.1-4. Roboão, que podia dispor de toda a riqueza de seu pai, de carros e tropas mercenárias, poderia ter ganho uma vitória fácil sobre os desorganizados exércitos do norte. Não se lhe faz a justiça que a sua obediência merece. Ele não fora tão louco em Siquém como poderia parecer e agora curvava-se perante a manifesta direção de Deus. A cisão não foi apenas um castigo para Salomão mas para todo o norte (#Os 8.4; #Os 10.9; #Os 13.11) que nunca aceitara os ideais de Samuel nem a eleição divina de Judá.

>1Rs-12.25

IX. JEROBOÃO DE ISRAEL 1Rs 12.25-14.20

a) A política religiosa de Jeroboão (1Rs 12.25-33)

Jeroboão fortificou Siquém (25) e fez dela a sua capital-escolha natural pela sua posição estratégica e importância como santuário. Algo houve, todavia talvez a sua política religiosa que determinou que ele mudasse a capital para Penuel, no Transjordão. Esta surpreendente escolha pode estar relacionada com a invasão de Sisaque (#1Rs 14.25-28). Mais tarde mudou a capital para Tirza; ver #1Rs 14.17. Os santuários locais são prova evidente da influência exercida pelo templo de Salomão (ver comentário a #1Rs 3.2-3) e o vers. 27 não constitui senão uma desculpa, assaz bem-vinda, para a ação de Jeroboão. Ele apresentava-se como chefe religioso de Israel, como "rei divino". Os **dois bezerros de ouro** (28) destinavam-se a substituir os querubins do propiciatório. Certo investigador afirma peremptoriamente, baseando-se em dados arqueológicos, que os bezerros de ouro não eram imagens de Jeová mas o "pedestal visível sobre o qual se erguia Jeová invisível", tal como os querubins que eram o seu trono visível. Mas um deus que tem como pedestal um bezerro (que sugere o culto cananeu da fertilidade) é forçosamente diferente do que tem como trono querubins celestiais (consultar o Apêndice I). Jeroboão serviu-se também da sua posição para preencher as lacunas deixadas no sacerdócio levítico (31; #1Rs 13.33; ver comentário a #2Cr 11.14-15) e para dar aos santuários locais uma posição oficial (31). **Casa dos altos** (31) é uma versão errada; substitua-se por "casas" dos altos. Também mudou a altura da festa dos tabernáculos que teria sido a sua festa de Ano Novo (ver Apêndice I), um mês mais tarde (32). Por fim assumiu ele próprias funções sacerdotais (32-33; #1Rs 13.1).

>1Rs-12.29

A escolha de Betel e Dã não seria estratégica (29) mas talvez fosse determinada pela boa vontade com que os sacerdotes acolheram as imagens; já existia uma imagem em Dã (#Jz 18.30-31). Uma imagem semelhante-a imagem de um bezerro-seria mais tarde colocada em Samaria (#Os 8.5-6). **Vês aqui teus deuses** (28). Tal como em #Êx 32.4, o escritor emprega deliberadamente o plural a fim de melhor acentuar a idolatria do procedimento. Embora se torne impossível reconstituir o texto do vers. 30, é evidente que houve deturpação; o santuário de Betel sempre foi o mais popular. **Sacerdotes dos mais baixos do povo** (31) é uma versão incorreta; leia-se, de acordo com outra versão, "de entre todo o povo". O vers. 33 é uma ponte de passagem para o capítulo seguinte.

1Rs-13.1

b) O profeta de Judá (1Rs 13.1-32)

Foi pela sua política religiosa que Jeroboão levou o povo de Israel a pecar, pelo que Deus não o deixou sem aviso. É evidente que a narrativa deste episódio é editada em data posterior (cfr. vers. 32; Samaria não seria edificada senão 50 anos depois) de forma que é muito possível que "cujo nome será Josias" (2) seja uma adição do editor tanto mais que nunca se chama a atenção do leitor para esse nome quando se descreve o extraordinário cumprimento da profecia (#2Rs 23.15-18). A proibição de comer e de beber (9) destinava-se a mostrar que a terra era impura. É improfícua qualquer especulação sobre a razão por que o profeta de Betel mentiu ao profeta de Judá (18).

>1Rs-13.33

c) Jeroboão é atingido pela calamidade (1Rs 13.33-14.20)

1. JEROBOÃO ENDURECE O SEU CORAÇÃO (#1Rs 13.33-34). O efeito da visita e dos sinais do profeta depressa desapareceu. É possível que para isso contribuísse muito a morte que o profeta de Betel lhe causara.

1Rs-14.1

2. PRINCIPIA A CUMPRIR-SE A SENTENÇA QUE PESAVA SOBRE A CASA DE JEROBOÃO. (#1Rs 14.1-18). Numa época não especificada do reinado de Jeroboão, Abias, o herdeiro presuntivo, adolescente prometedor (13,18), cai gravemente doente. **Disfarça-te** (2); é óbvio que Aías romperá

com Jeroboão devido à política religiosa que este adotara. O primitivismo da religião de Jeroboão sobressai aqui em toda a sua crueza. Ele pensava que enganando o profeta de Jeová poderia enganar o próprio Jeová. **Menino** (3); o heb. **na'ar** aplica-se a qualquer pessoa não perfeitamente integrada na sociedade. Aplica-se a um escravo de qualquer idade ou a alguém demasiado jovem para casar e constituir família. No presente contexto é mais provável que signifique um adolescente, já perto da idade adulta do que uma criança para a qual existiriam outras palavras. **Fizeste outros deuses** (9). Ao dar a seu filho o nome de Abias, Jeroboão professara adorar a Jeová; mas para o profeta a sua religião não passava de idolatria e culto a outros deuses (ver apêndice I). **Tanto o encarcerado como o desamparado**; frase de sentido incerto. Não ser sepultado (11) era considerado o pior dos castigos. Trata-se de uma concepção enraizada nas primitivas idéias que se tinham acerca dos mortos. **Mas que será também agora?** (14); o sentido apresenta-se-nos um tanto obscuro; é possível que esteja certa a conjectura que preside à seguinte versão: "a partir de agora o Senhor ferirá..." **O rio** (15); deveria escrever-se a palavra com maiúscula; trata-se, como sempre, do Eufrates. **Bosques** (15); substitua-se esta palavra por Aserim; sobre o significado da palavra, consulte-se o comentário ao versículo 23.

>1Rs-14.19

3. SUMÁRIO DO REINADO DE JEROBOÃO (#1Rs 14.19-20). **Como guerreou** (19); ver #1Rs 14.30; #2Cr 13.2-20.

>1Rs-14.21

X. ROBOÃO, ABIAS E ASA DE JUDÁ 1Rs 14.21-15.24

Cfr. #2Cr 12.1-16.14. Crônicas dá-nos, nesta seção, importantes informações suplementares.

a) Roboão (1Rs 14.21-31)

1. A SUA IDOLATRIA (#1Rs 14.21-24). Cfr. #2Cr 12.1. **Era o nome de sua mãe...** (21). A inclusão do nome da rainha mãe deve-se, principalmente à sua importância na corte de Jerusalém (Cfr. #Jr 13.18). **Estátuas e imagens** (23); colunas (heb. **mazzebhoth**) e Aserim; o **mazzebhah** (sing.) era uma pedra ereta que representava o aspecto viril da deidade e o Asera (sing.) um delgado tronco que representava o aspecto feminino da mesma. Estavam sempre

presentes nos santuários cananeus e nunca deixavam de ser introduzidos no culto a Jeová sempre que este se interpretava em termos naturalistas. Sendo este o caso, tornava-se natural adorar a Deus nos cumes dos montes e sob velhas árvores (ver Apêndice I). **Rapazes escandalosos** (24); "prostitutos sagrados"; as prostitutas sagradas não se mencionam ou porque a sua existência se subentendesse ou porque se considerassem incluídas na designação masculina.

>1Rs-14.25

2. A INVASÃO DE SISAQUE (#1Rs 14.25-28). Ver comentário a #2Cr 12.2-12.

>1Rs-14.29

3. SUMÁRIO DO REINADO DE ROBOÃO (#1Rs 14.29-31). Cfr. #2Cr 12.13-16.

1Rs-15.1

b) Abias (1Rs 15.1-8)

A narrativa de #2Cr 13.1-22 é muito mais completa. Abias (1); ver comentário a #2Cr 13.1. **Maaca, filha de Abisalão** (2); ver comentário a #2Cr 11.20; Abisalão é apenas uma variante de Absalão. O vers. 6 é uma repetição acidental de #1Rs 14.30 (omitido na Septuaginta).

>1Rs-15.9

c) Asa (1Rs 15.9-24)

1. A REFORMA DE ASA (#1Rs 15.9-15). Cfr. #2Cr 14.1-5; #2Cr 15.16-18. **Era o nome de sua mãe Maaca, filha de Abisalão** (10). A menos que adotemos a mais improvável das hipóteses, possível, de resto, devemos interpretar a palavra mãe como significando avó e concluir que Maaca herdara o temperamento e a energia do avô numa tal medida que a posição que ocupava na corte se tornara quase inexpugnável; daqui a especial alusão do vers. 13 à sua deposição como rainha, isto é, rainha mãe, por haver feito **um horrível ídolo a Asera**. Asera não era simplesmente o nome do tronco sagrado (ver comentário a #1Rs 14.23) mas também a deusa mãe dos cananeus (o tronco

podia representá-la) que aqui significa "mulher" de Jeová (ver Apêndice I). **Os altos porém se não tiraram** (14); se estes santuários locais eram ou não permitidos sob certas condições é uma questão que depende da interpretação de **#Dt 12.5-14**. De qualquer modo eles não haviam sido suprimidos por Salomão (ver comentário a **#1Rs 3.2-3**) e não havia agora razões suficientemente fortes para o fazer embora essa supressão viesse a tornar-se uma absoluta necessidade espiritual nos reinados de Ezequias e Josias. Ver Comentário a **#2Cr 14.3** e Apêndice I. O vers. 15 pode ser o princípio de um documento do templo agora praticamente incompreensível.

>1Rs-15.16

2. A GUERRA DE ASA COM BAASA (**#1Rs 15.16-22**). Cfr. **#2Cr 15.19-16.10** que contém uma importante passagem suplementar. No mundo antigo as condições existentes tornavam impossível uma demarcação exata das fronteiras e era quase inevitável que uma boa parte do território de Benjamim não fosse pertença de ninguém. Abias pudera forçar a fronteira prolongando-a para norte (**#2Cr 13.19**), mas agora Baasa, ao edificar **Ramá** (17) apenas a uns seis quilômetros de Jerusalém, como cidade fortaleza da fronteira, coloca, praticamente, Jerusalém numa área atingida pela luta. **Aliança há entre mim e ti** (19); é evidente que a Síria mudara já de partido para servir as suas conveniências. Ben-Hadade assolava agora o vale acima do Jordão e a terra que rodeava o Mar da Galiléia (Quinneroth). Asa agiu sem demora (22) e defendeu a sua fronteira fortificando Geba (Tell-el-Ful) quase cinco quilômetros a norte de Jerusalém e Mispá (Tell-en-Nasbeh) a uns catorze quilômetros ao norte da mesma cidade. Geba manteve a sua importância como cidade da fronteira norte de Judá até ao tempo de Josias (**#2Rs 23.8**). Sobre as profundas implicações da ação de Asa, consulte-se o Apêndice II.

>1Rs-15.23

3. SUMÁRIO DO REINADO DE ASA (**#1Rs 15.23-24**). Cfr. **#2Cr 16.11-14**. Não há qualquer outra indicação sobre a espécie de doença de que padecia (23).

>1Rs-15.25

XI. DE NADABE A ONRI DE ISRAEL-1Rs 15.25-16.28

As duas sangrentas mudanças de dinastia que ocorreram no espaço de vinte e cinco anos enfraqueceram gravemente Israel colocando a Síria em posição de superioridade.

a) Nadabe (1Rs 15.25-31)

Os insuficientes dados que possuímos não nos permitem saber se o ato de Baasa foi justificado. Para o realizar teria de ser chefe supremo das forças armadas ou de estar apoiado pelos oficiais do exército. **Gibetom** (27) cidade danita (#Js 19.44) estava nas mãos dos filisteus os quais, a partir da cisão, se haviam tornado consideravelmente mais fortes; vinte e quatro anos depois estava ainda por conquistar (#1Rs 16.15).

>1Rs-15.32

b) Baasa (1Rs 15.32-16.7)

Referida já a guerra que sustentou com Asa (#1Rs 15.16-22), nada mais há a relatar senão a sua condenação e morte.

1Rs-16.4

Sobre #1Rs 16.4, ver comentário a #1Rs 14.11. **E por isso o ferira** (7); leia-se "a ferira", isto é, a casa de Jeroboão; segundo certo comentário, Jeroboão é condenado ou porque Deus não o incumbira de executar a Sua sentença ou a despeito de a ter executado. Sendo este o caso, traduza-se, então, "a despeito de a ter ferido".

>1Rs-16.8

c) Elá (1Rs 16.8-14)

Ao contrário de Nadabe, Elá não estava com o exército em Gibetom (15). Parece provável que fosse dado a orgias e é natural que Arsa (9) fizesse parte da conspiração que contra ele se tramava. A destruição da casa de Baasa (11) levada a efeito por Zinri, foi ainda mais drástica que a da casa de Jeroboão por Baasa (#1Rs 15.29); Jeú iria ainda mais longe (#2Rs 10.11).

>1Rs-16.15

d) Zinri (1Rs 16.15-20)

O nome de Zinri, que ocupava, de certo, um importante lugar de comando no exército (9), não aparece acompanhado do de seu pai; é pois de crer que se tratasse dum desconhecido, de uma pessoa sem projeção na sociedade. É possível que este fato explique a razão por que o exército o rejeitou por unanimidade em Gibetom (15); ver #1Rs 15.27); os acontecimentos seguintes demonstram que, desaparecido Zinri, o povo não estava tão unido como o vers. 16 parece sugerir. Há quem ponha em dúvida a exatidão do vers. 19, mas ao proceder de acordo com as formalidades antes de ocupar o trono, Zinri teria demonstrado não tencionar efetuar quaisquer alterações religiosas.

>1Rs-16.21

e) A guerra civil (1Rs 16.21-22)

Nada mais se nos diz acerca de **Tibni, filho de Ginate** (21) e desconhecemos a razão por que metade do povo o apoiava. Ao compararmos os vers. 15 e 23 descobrimos que a guerra civil durou quatro anos. É provavelmente correta a versão da Septuaginta na qual se lê (22) "E Tibni e Jorão seu irmão morreram nessa altura..."

>1Rs-16.23

f) Onri (1Rs 16.23-28)

É uma seção de grande interesse. Onri foi, do ponto de vista político, um dos maiores reis de Israel mas a referência que se lhe faz é extremamente breve. Para Salmaneser III Jeú é "filho de Onri" e em 733 a.C. Tiglate-Pileser III chama a Israel "a terra de Onri". Mas se politicamente a sua projeção foi grande, religiosamente **andou em todos os caminhos de Jeroboão, filho de Nebate** (26). Do que se lê em #1Rs 20.34 depreende-se que não foram bem sucedidas as guerras que sustentou com a Síria. Foi provavelmente o iniciador da política de paz com Judá que veremos em franca operação no reinado de Acabe. A arqueologia confirmou já a declaração do vers. 24 segundo a qual Samaria foi edificada em terra virgem. A destruição do palácio real de Tirza (18) bem como a memória do crime que ali se efetuara, (9-10) teriam levado Onri a edificar nova capital.

>1Rs-16.29

XII. ACABE E ELIAS 1Rs 16.29-22.40

Embora os elementos que possuímos acerca de Acabe sejam mais numerosos que os que nos são dados acerca de qualquer outro rei, torna-se impossível reconstituir pormenorizadamente o seu reinado. #1Rs 20; 22.1-40 dizem respeito aos três últimos anos da sua vida. Não se pode atribuir uma data aos acontecimentos relatados dos capítulos 17 ao 19 e não há a certeza de que o capítulo 21 esteja cronologicamente certo. (Ver comentário a #1Rs 21.1). Mas é durante o seu reinado que Israel atinge o ponto crucial da crise e, falhando (ver comentário a #1Rs 19.14-18), caminha para o seu triste e inevitável destino. É esta, nas Escrituras, a verdadeira importância do reinado de Acabe.

a) Calamidades religiosas do reinado de Acabe (1Rs 16.29-34)

Tomou por mulher a Jezabel (31). A razão foi, sem dúvida, de caráter político-era uma aliança que fortaleceria Israel contra a pressão da Síria e o perigo mais distante da Assíria. Mas como, ao contrário do que se passara no tempo de Salomão, Israel e a Fenícia estavam em pé de igualdade, a religião de sua mulher não era apenas tolerada mas admitida e especialmente considerada. **E foi e serviu a Baal...** (31-32). Aqui Baal não é apenas um Jeová cananeizado mas Melkarth, o principal deus de Tiro. Embora não cessasse oficialmente de adorar a Jeová-em todos os nomes dos seus filhos-pelo menos os que se conhecem-entra o elemento Jah, Acazias, Jorão, Atalia-e mantivesse na corte um bando de profetas de Jeová (#1Rs 22.6,11,12), Acabe parece ter consentido que sua mulher propagasse livremente a sua fé e executasse os adoradores de Jeová que abertamente se lhe opunham (#1Rs 18.4). **Fez um bosque** (33); leia-se "Asera" e consulte-se o comentário a #1Rs 14.23; é de crer que os santuários de Betel e Dã possuíssem já os seus Aserim; este seria para o templo de Baal.

A alusão à reconstrução de Jericó, por Hiel, em franco desafio à maldição de Josué (#Js 6.26) pretende denunciar a corrupção religiosa do tempo. **Morrendo Abirão, seu primogênito, a fundou e morrendo Sigube, seu último, pôs as suas portas** (34); leia-se, segundo melhor versão, "com o sacrifício da vida de". Era costume pensar que Hiel sacrificara ambos os filhos: um ao lançar os fundamentos da obra e o outro ao completá-la. É um ponto de vista hoje posto de parte; a morte de seus filhos teria sido um castigo divino.

b) Elias e a seca (1Rs 17.1-24)

Desconhecemos, por completo os antecedentes de **Elias o tesbita** (1) exceto que era de Tesbe, de Gileade (assim nos dão a palavra, sem quaisquer alterações de consoantes, a Septuaginta, Josefo e outras versões). Não se sabe ao certo se Elias seria um profeta já largamente conhecido. **Perante cuja face estou** (1); era uma expressão tradicionalmente designativa de serviço prestado a Deus ou ao rei (cfr. **#1Rs 10.8**). **Vai-te daqui** (3). Elias teria profetizado precisamente antes do começo da estação das chuvas; Acabe não teria prestado grande atenção à sua profecia até verificar que esta começava a cumprir-se. **O ribeiro de Querite que está diante do Jordão** (5); segundo outra versão, "que está a Leste do Jordão". A tradicional identificação do lugar com Wadi Kelt apenas nos peregrinos que o favorecem encontra pronto acolhimento.

Difícilmente se pode exagerar a fé da viúva; é provável que ela percebesse que se tratava de um profeta pela maneira como Elias trajava (ver comentário a **#2Rs 1.8**) e ela sabia o nome do Deus de Israel (12) mas era pagã. **Sarepta** (9) era um pequeno porto de mar entre Tiro e Sidom. É improfícua qualquer especulação sobre a forma como se realizaria o milagre (16). Este súbito fluxo de milagres-o primeiro desde o êxodo e a conquista-destinava-se a assinalar mais uma encruzilhada do destino de Israel. Vieste tu a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares a meu filho? (18). Não se trata necessariamente de um determinado pecado. De acordo com idéias primitivas, a viúva crê que Elias, um homem santo, ao tocar com a santidade divina a sua casa, acarreta, para esta, desastrosas conseqüências.

1Rs-18.1

c) O encontro de Elias com Acabe (1Rs 18.1-19)

No terceiro ano (1). O Novo Testamento (**#Lc 4.25**; **#Tg 5.17**) refere-se a três anos e meio porque se a profecia de Elias (**#1Rs 17.1**) se fez precisamente antes de dever começar a estação das chuvas, seguir-se-ia um período de meio ano durante o qual não choveria. Desconhecem-se as circunstâncias em que Jezabel assassinou os profetas (4). Não é provável que essa mortandade fosse uma conseqüência da seca, uma vez que Obadias parte do princípio de que Elias tomara conhecimento da sua ação (13). É mais provável que a seca fosse uma conseqüência daquele crime. O fato de Elias poder chamar Acabe à sua

presença demonstra bem até que ponto o rei aprendera a respeitá-lo e a temê-lo (8,16). Elias escolheu o **Monte Carmelo** (19) por este representar terreno disputado por Israel e pela Fenícia e ser por esta considerado sagrado e reservado aos deuses cananeus. **Ajunta... a todo o Israel** (19); aqui, como em tantas outras passagens, Israel está presente nos seus representantes. **Os profetas de Asera**, a deusa, não o símbolo (ver comentário a **#1Rs 15.13**); por razões desconhecidas estes profetas desaparecem da história e não voltam a ser mencionados.

>1Rs-18.20

d) A prova do Monte Carmelo (1Rs 18.20-46)

As religiões pagãs sempre foram acomodáticas e teria sido fácil fundir Baal e Jeová num único sistema; é quase certo que Jezabel o esperasse. Mas Elias era absolutamente intransigente. Melhor seria adorar Baal que um Jeová adulterado, um Jeová desprovido das Suas características próprias (21; cfr. **#Js 24.14-15**). **Até quando coxeareis entre dois pensamentos?** (21); segundo uma outra versão, "até quando hesitareis na encruzilhada sem saberdes que caminho tomar?" **Eu só fiquei por profeta do Senhor** (22); é provável que aqui, como em **#1Rs 19.4** a expressão denuncie apenas uma grande solidão e não pressuponha a afirmação da inexistência de outros profetas (**#1Rs 18.4**; **#1Rs 20.35**; **#1Rs 22.8**) ou ponha em causa a sua reputação. **O Deus que responder por fogo, esse será Deus**; "esse será o Deus autêntico", segundo outra versão. À medida que o tempo passava e crescia a agitação os profetas de Baal dançavam e saltavam à volta e não **sobre** (26) o altar e **retalhavam-se com facas e com lancetas** (28); isto é, lanças; também **profetizaram** (29), isto é, excitaram-se ao ponto de perderem o domínio de si próprios. O quadro que se nos apresenta lembra-nos certas práticas diabólicas ainda existentes nos nossos dias.

>1Rs-18.30

Não há razão para supor que o altar de Jeová tivesse sido **quebrado** (30) naquela altura. A escolha de doze pedras era uma condenação implícita da existência do reino do norte. A água (33) poderia ter sido trazida do mar. Elias reconhece que a situação obedece a um plano de Deus; no vers. 37 leia-se: "porque tu fizeste tornar o seu coração para trás". A matança dos profetas de Baal (40) pode chocar a nossa sensibilidade e o nosso sentido de justiça. Com ela alcançavam-se dois objetivos: por um lado vingar a morte dos profetas de

Jeová (4); por outro executar a sentença pendente sobre os que seriam israelitas apóstatas. (#Dt 13.1-5). A chuva vem proclamar a inteira justiça da causa do profeta. Totalmente vitorioso, Elias humilha-se ao ponto de correr **perante Acabe** (46).

1Rs-19.1

e) Elias em Horebe (1Rs 19.1-18)

A mensagem de Jezabel (2) não se destinava apenas a atemorizar Elias; era antes o aberto e orgulhoso reconhecimento de que dominava inteiramente a situação. A certeza de que ela tencionava pôr em prática as suas ameaças desmoralizou Elias "e ele teve medo" (3; expressão que se lê em algumas versões e vários manuscritos; as consoantes são as mesmas que em "vendo ele"). Elias parece ter tomado consciência do lugar a que deveria dirigir-se, isto é, Horebe. **O anjo do Senhor** (7) é o anjo já mencionado no vers. 5. Recebe-se a impressão de que a passagem que começa com **eis que a palavra** (9) e termina com **põe-te neste monte perante a face do Senhor** (11) foi acidentalmente introduzida no texto (ver vers. 13-14). Elias não saiu da caverna senão quando ouviu **a voz mansa e delicada** (12) ou, segundo outra versão, "o som de um ligeiro murmúrio".

>1Rs-19.14

Elias (14) acusa então Israel (cfr. #Rm 11.2). Ele viera ao Monte Sinai para dizer a Jeová que o concerto falhara e que, tal como no passado só Moisés permanecera fiel (#Êx 32.10), também agora apenas ele ficara, o único homem com o temor do Senhor. Não se indica o que levava Elias à súbita conclusão de que falhara em atingir o seu principal objetivo; o medo de Jezabel há muito teria desaparecido. Mas os acontecimentos posteriores dão-lhe razão. Deus aceita a acusação e pronuncia a sua sentença (15-18). Pela espada de um inimigo estrangeiro (Hazeel) e pela luta interna (Jeú) se cumpriria o Seu julgamento; mas acima de tudo pela palavra profética (Eliseu) a qual, rejeitada, endurece o homem e o conduz à perdição. **Também eu fiz ficar em Israel sete mil**; leia-se "também eu farei ficar em Israel sete mil" isto é uma esperança para o futuro. Este episódio é para Israel o que #Is 6.9-13 é para Judá, embora as implicações nele contidas não sejam tão claramente traçadas.

>1Rs-19.19

f) A chamada de Elias (1Rs 19.19-21)

Não se explica por que razão Elias não parece ter cumprido as instruções do Senhor respeitantes a Hazeel e a Jeú, mas é provável que parte da história não tenha sido narrada. O fato de se não mencionar a unção de Eliseu não significa que ela não tivesse tido lugar. **Vai e volta; pois que te tenho eu feito?** (20); é uma passagem de difícil interpretação. É possível que signifique que o profeta nada fizera que o autorizasse a pensar que ele, Elias, lhe impediria uma expressão de afeto.

1Rs-20.1

g) As vitórias de Acabe sobre os sírios (1Rs 20.1-34)

Não havendo praticamente qualquer dúvida sobre a estreita relação entre os capítulos 20 e **#1Rs 22.1-38**, não hesitaremos em datar os acontecimentos descritos neste capítulo pelos anos 857/6 a.C., fixando a data da morte de Acabe por volta de 853 a.C. Se assim é, estaremos perante alguns dos acontecimentos que precederam a batalha de Carcar (ver Apêndice III). Ben-Hadade, tendo reunido todos os **reis** arameus (1) numa aliança contra os assírios, achou por bem eliminar o perigo israelita à retaguarda. Como resultado das suas vitórias, Acabe entra na aliança como membro efetivo. Não se compreende a diferença entre a primeira e a segunda imposição de Ben-Hadade (3,5-6). A Septuaginta sugere uma possível corrupção do texto. As convenções da época proibiam o ataque (**#2Rs 5.7**) ou medidas extremas (7) sem que houvesse algum pretexto plausível. Ben-Hadade mostrava-se de tal maneira confiante que chegou a declarar (10) que o seu exército era suficientemente forte para fazer desaparecer a cidade (cfr. **#2Sm 17.13**). No plano humano a derrota foi devida ao embriagador orgulho que ordenara a captura dos duzentos e trinta e dois príncipes (15) vivos (18).

>1Rs-20.23

A atitude síria para com Jeová (23) era característica da época. Embora ao poder dos deuses fosse atribuído um caráter cósmico, esse poder circunscrevia-se a setores próprios (ver Apêndice I). O exército aliado ficou consideravelmente fortalecido ao substituir os reis por soldados profissionais (24). **Afeque** (26); conhecem-se, pelo menos, cinco lugares com o mesmo nome. Divergem as opiniões quanto à sua situação: não se sabe se ficaria perto do Monte Gilboa ou a leste do Mar da Galiléia. **Cem mil homens de pé** (29),

vinete e sete mil homens (30); o primeiro número é simbólico e representa uma grande mortandade; o último deve tomar-se à letra. **Caiu o muro** (30) certamente como resultado das operações levadas a cabo pelo cerco israelita. O elevado número de homens deve-se à armadilha em que caiu o exército fugitivo. **Sacos... cordas** (31). Era o vestuário dos pobres e, por conseguinte, sinal de humilhação e de luto. As cordas eram o **Akal**, cordas torcidas, de pêlo de cabra, com que se cobria a cabeça. A magnanimidade de Acabe para com Ben-Hadade (34) tinha também alcance político. Ameaçado pelo poder sempre crescente da Assíria, Acabe preferia não enfraquecer a Síria, a qual representava uma proteção a nordeste.

>1Rs-20.35

h) Acabe é repreendido (1Rs 20.35-43)

Sobre os **filhos dos profetas** (35), consulte-se o comentário a **#2Rs 2.3**. O profeta, desejando passar por um homem ferido na batalha, disfarçou-se **com cinzas sobre os seus olhos** (38); leia-se "uma ligadura sobre a fronte". **Um talento de prata** (39); era uma quantia exorbitante; um talento de prata pesava 3000 siclos e o preço de um escravo era de trinta siclos. É evidente que muitos profetas ostentavam marcas na testa de modo que, ao tirar a ligadura (41), o profeta revelou a sua identidade. A condenação (42) seria devida por um lado ao desprezo que os sírios tinham por Jeová (28) e por outro aos verdadeiros motivos que haviam levado Acabe a poupar a vida de Ben-Hadade.

1Rs-21.1

i) A vinha de Nabote (1Rs 21.1-29)

E sucedeu depois destas coisas (1). Dada a forma como foi escrito o livro dos Reis (ver Introdução "O Autor"), tais frases no começo de cada nova seção não devem merecer-nos atenção especial uma vez que não existem provas (antes pelo contrário) de que o capítulo 21 estivesse originalmente relacionado com o capítulo 20. As palavras referem-se ao contexto original da história. Mas a posição que ocupam presentemente liga-as ao conteúdo de **#1Rs 20.42** cuja sentença confirmam e justificam.

>1Rs-21.2

O capricho de Acabe (2-juntar a vinha de Nabote à sua propriedade, a fim de a transformar numa **horta** -uma vinha seria, normalmente, terreno pouco indicado para tal fim) não foi satisfeito por razões de ordem religiosa (3; cfr. **#Lv 25.23-28**). Acabe teria aquiescido de mau grado (4) mas quando Jezabel, irônica e altiva, lhe prometeu a vinha, não fez quaisquer perguntas. A história demonstra não a superior liberdade democrática de Israel mas a crueldade de alguém a quem fora instilada, desde a infância, a concepção da "divindade" do rei. Da conspiração fazia parte "uma carta" (segundo certa versão do vers. 8) selada com o selo real dirigida aos **anciãos e aos nobres** (ou homens livres de Jezreel) ordenando **um jejum** por um sacrilégio não especificado; Nabote deveria ser posto **acima do povo**, isto é, dar-se-lhe-ia a presidência no tribunal encarregado de investigar o crime; o que, pondo em relevo a sua importância social, tornaria maior a sua culpa. **Dois homens, filhos de Belial** (10), ou seja, indivíduos de baixa estirpe, acusá-lo-iam; **Blasfemaste contra Deus e contra o rei** (o representante de Deus) crime que era punido com a morte por apedrejamento (**#Lv 24.10-16**). Duas testemunhas eram o mínimo exigido pela lei (**#Dt 17.6**). Os destinatários da carta obedeceram vilmente às suas instruções (11-13) confirmando assim a opinião que Elias expressara acerca do povo (19.14 nota). Os filhos de Nabote compartilharam do seu destino (**#2Rs 9.26**) e Acabe confiscou a propriedade agora sem dono (16). As palavras amargas com que Acabe saúda Eliseu (20) -**Achei-te** significa apenas "sim!" -revelam que os seus caminhos se haviam cruzado mais vezes do que as mencionadas em Reis. Sobre a condenação geral (21) veja-se 14.10-11 nota. Note-se que quanto a Jezabel, (23) a sentença foi literalmente cumprida (**#2Rs 9.26**). No vers. 23, em lugar de **junto ao antemuro** (heb. **hel**) leia-se, de acordo com nove manuscritos, a Septuaginta, etc., "porção" (heb. **heleq**). A maldição proferida sobre Acabe não se realizou inteiramente (cfr. vers. 19 com **#1Rs 22.38** e também **#2Rs 9.25**). O arrependimento de Acabe (27) -**e andava mansamente** (ou, segundo outra versão, "desgostoso") -e o adiamento da sentença (29) provam que era a fraqueza, mais do que a maldade, o seu defeito dominante (cfr. comentário a **#1Rs 16.29-33**).

1Rs-22.1

j) A morte de Acabe (1Rs 22.1-38)

Cfr. **#2Cr 18.1-34** em que a narrativa é quase verbalmente idêntica. O grave revés sofrido por Salmaneser III em Carcar deixou livres os confederados (ver Apêndice III) embora a atitude de Ben-Hadade para com Acabe (31) sugira que ele considerava o ataque de Acabe uma infração ao tratado. Não se nos

diz a razão que levou Josafá a fazer uma visita de estado a Acabe. Não pode ter sido o casamento de Jorão com Atalia, filha de Acabe (#2Rs 8.18), uma vez que a idade de seu filho Acazias, na altura da elevação deste ao trono (#2Rs 8.26), prova ter-se realizado esse casamento pelo menos dez anos mais cedo. Há quem pense que Josafá pagava tributo a Acabe, mas nada, a não ser a boa vontade com que se presta a juntar-se-lhe na peleja (4) apóia esse ponto de vista. Naquele tempo a guerra era freqüentemente considerada um tipo de desporto (cfr. #2Rs 14.8 nota).

>1Rs-22.3

Sobre **Ramote de Gileade** (3), ver 4.13 nota. **Consulta... a palavra do Senhor** (5); era um procedimento comum antes da batalha; cfr. #1Sm 28.6. Dos vers. 11 e 12 se conclui que os **profetas** (6) se diziam profetas de Jeová. Não se explica a razão por que Josafá não confiou nos profetas tanto mais que ele não pôs em dúvida a sua posição. **Não há aqui ainda algum profeta do Senhor** (7) deverá ser, de acordo com outra versão, "não há aqui outro profeta do Senhor". **Na praça** (10); na "eira", segundo outra versão; o nome pode ter permanecido muito depois de ter cessado o uso dado ao terreno; os exercícios espirituais a que se davam os 400 profetas justificariam a existência de um terreno consideravelmente espaçoso.

>1Rs-22.11

Chifres de ferro (11); cfr. #2Rs 13.14-19; #Jr 27.2-3; #Jr 28.10-11; o gesto descritivo da ação profetizada revestia-se, para o povo, de um poder mágico. **Que me não fales senão a verdade.** (16). Mica revelara, pelo tom da sua voz, que a sua profecia (15) fora um mero ato de cortesia. Mas uma vez interrogado confessou que tivera duas visões. A primeira (17) é uma clara indicação de desastre e da morte de Acabe; **em paz**, expressão pouco adequada a uma derrota, sugere que a morte de Acabe será um ganho. A segunda visão (19-23) revela Jeová a encaminhar, deliberadamente, Acabe para a morte que lhe destinara. Um espírito de mentira (22). Para que compreendamos a visão será necessário lembrarmo-nos do conceito claramente expresso no Velho Testamento segundo o qual até os espíritos malignos estão sujeitos ao poder de Deus (ver comentário sobre "Satanás", #1Cr 21.1). Ora se nem a mente evoluída do homem moderno consegue compreender como é que Deus pode executar as sentenças que pronunciou servindo-se de homens maus e de espíritos malignos, como o compreenderia Mica senão por meio de imagens de grande elementaridade? **E feriu a Mica** (24); foi um insulto. **Em paz** (27);

paz (heb. shalom) significa, basicamente, realização, ação completa; daqui, outras versões possíveis: "até que eu volte vitorioso", ou "são e salvo" (#2Rs 9.17 nota). A parte final do vers. 28 "Disse mais: ouvi todos os povos!" apresenta quando bem traduzida, dificuldades de interpretação. Como foi omitida nos manuscritos mais antigos da Septuaginta e aparece, *ipsis verbis*, em #Mq 1.2, é de crer que resulte da boa vontade de algum escriba pouco inteligente que, numa data muito recuada, tentaria identificar Mica, filho de Imla, com Miquéias (ou Micaías, #Jr 26.18), o morastita (#Mq 1.1). *Eu me disfarçarei* (30); não se tratava de cobardia nem de traição a Josafá mas de uma tentativa para escapar ao destino profetizado por Mica. *Aos chefes dos carros que eram trinta e dois* (31). As ordens não abrangiam o exército no seu todo-diziam apenas respeito aos carros de guerra que constituíam a sua força de assalto. *Josafá gritou* (32). Pode ter sido o seu grito de guerra; #2Cr 18.31 não indica, necessariamente, que se tratasse de uma oração direta. *Por entre as fivelas e as couraças* (34); o primeiro impulso de Acabe foi abandonar o campo de batalha (34) mas acabou por continuar a participar na luta até se lhe esvaírem as forças (35). *Morreu à tarde* (35). Leia-se, de acordo com a Septuaginta e #2Cr 18.34 "até à tarde". Adotemos a versão da Septuaginta para a parte final do vers. 36; "cada um para a sua cidade e cada um para a sua terra porque morreu o rei! E foram para Samaria".

>1Rs-22.39

k) Sumário do reinado de Acabe (1Rs 22.39-40)

A casa de marfim (39); #Sl 45.8; era um palácio com incrustações de marfim, vestígios do qual foram já trazidos à luz por vários empreendimentos arqueológicos.

>1Rs-22.41

XIII. JOSAFÁ DE JUDÁ 1Rs 22.41-50

Cfr. #2Cr 20.31-37. #2Cr 17; 19; #2Cr 20.1-30 fornecem-nos muita matéria suplementar. *Todavia os altos não se tiraram* (44); ver 15.14 nota. *Rapazes escandalosos* (47); ver 14.24 nota. *Não havia rei em Edom* (48). Edom estava sob o poder de Judá. *Porém Josafá não quis* (50); a destruição dos navios por um súbito vendaval mostrou ao rei o erro que cometera. A ação de Acazias é esclarecida em #2Cr 20.35-36. É possível que ao ver Josafá abatido, Acazias

se oferecesse para assumir uma responsabilidade mais pesada, oferecimento que teria sido declinado por razões políticas e religiosas.

>1Rs-22.51

XIV. ACAZIAS DE ISRAEL 1Rs 22.51-2Rs 1.18

Se compararmos #1Rs 22.42,51; #2Rs 1.17; #2Rs 3.1, veremos que #2Rs 1.17 é irreconciliável com as outras passagens, pelo que, atendendo ao nosso presente conhecimento dos fatos, deve omitir-se dos nossos cálculos cronológicos. Sobre #1Rs 1.1 ver 3.5 nota. **E serviu a Baal** (54). O fato de ter consultado **Baalzebube, deus de Ecrom** (#1Rs 1.2) prova que foi mais longe que Acabe seu pai. Zebube significa "moscas" mas o nome deve ser uma deturpação de **Zebul** que significa "príncipe". **O anjo do Senhor** (3); era, como diz certo comentador, "Jeová presente num determinado tempo e num determinado lugar"; contraste-se com o comentário a #1Rs 19.7. A declarada apostasia conduziu a uma revelação mais poderosa do que de costume. **Então Elias partiu** (4); para ir ao encontro dos mensageiros. Não se torna necessário relatar os acontecimentos seguintes. Os profetas vestiam, propositadamente, à maneira da gente mais pobre, **os lombos cingidos de um cinto de couro** (8). Era o vestuário adotado tanto pelos falsos (#Zc 13.4) como pelos verdadeiros profetas (#Mc 1.6). Perante a apostasia a misericórdia não conta e os seus agentes são implacavelmente punidos (vers. 9-12).

II Reis

2Rs-2.1

XV. ELIAS É SUCEDIDO POR ELISEU-2Rs 2.1-25

a) A translação de Elias (2Rs 2.1-18)

Num redemoinho ao céu (1); nunca se sugere que o **carro de fogo, com cavalos de fogo** (11) transportasse Elias ao céu. Note-se que as Escrituras nunca se pronunciam sobre as implicações da translação. Em #Mc 9.4 (e passagens paralelas) Elias aparece em pé de igualdade com Moisés que, indubitavelmente morrera. **Que te não deixarei** (2); Eliseu recebera um aviso profético do que estava para acontecer. **Foram a Betel** (2), o que prova que Gilgal (1) não pode ser a Gilgal de #Js 5.9 no vale do Jordão. É possível que fosse perto de Siquém.

>2Rs-2.3

Os filhos dos profetas (3). Estes só se mencionam relacionados com a época de Elias e Eliseu e em **#Am 7.14**; mas não há razão para supor que os bandos de profetas do tempo de Samuel (**#1Sm 10.10**; **#1Sm 19.20**) não fossem do mesmo tipo. A maior parte dos comentadores modernos parecem inclinados a igualá-los aos profetas; é o que parece fazer-se em **#1Rs 20.35,38** mas **#Am 7.14** parece exigir uma distinção. De qualquer modo, o emprego metafórico de "filho" em hebraico implica forte semelhança e íntima relação mas não identidade. Certo escritor aproxima-se, talvez, da verdade ao dizer, falando do profeta extasista: "Para se ser profeta teria de se fazer parte da sua sociedade... é possível que uma minoria de indivíduos recebesse o espírito e tivesse visões sem se associar aos outros... Mas tudo leva a crer que o profeta pertencia a uma sociedade ou procedia de uma sociedade na qual a experiência profética lhe era ensinada como uma arte..." É praticamente o que outro escritor afirma mais sucintamente: "um Ben-Nabi era um candidato à profissão de profeta". Haveria, sem dúvida, entre eles, bons e maus grupos; dentre estes últimos surgiriam, na sua maioria, os falsos profetas. Sempre que são mencionados nas Escrituras parecem estar sob o domínio de Samuel, Elias e Eliseu. A sua principal função seria, sem dúvida, propagar a mensagem dos seus mestres. Elias e Eliseu consideravam-nos, provavelmente, um núcleo para o futuro quando os juízes de Deus se cumprissem (cfr. **#1Rs 19.14-18** nota, **#2Rs 4.42-44** nota). É evidente que dispunham de um poder profético limitado. **O Senhor hoje tomará a teu senhor por de cima da tua cabeça** (3); segundo outra versão, "o senhor que está sobre ti". Sobre o milagre (8), ver **#1Rs 17.16** nota. **Porção dobrada** (9); a porção do primogênito (**#Dt 21.17**). Eliseu não pretendia ser maior que Elias, desejava apenas ser seu digno sucessor. **Carros** (12); O profeta era de maior valor para Israel que todos os seus carros e cavalos (cfr. **#2Rs 13.14**). **Que estavam defronte em Jericó** (15); os profetas tinham saído de Jericó (7) e haviam-se aproximado do Jordão. Para terem uma idéia do que acontecera, alguma coisa haviam observado (16).

>2Rs-2.19

b) A cura da fonte de Jericó (2Rs 2.19-22)

O primeiro milagre de Eliseu é simbólico. A água da religião de Israel corrompera-se e comunicava a morte e a esterilidade a quem a bebia. Mas se

as palavras do profeta fossem escutadas, ele curá-la-ia. O texto hebraico dos vers. 19 e 21 sugere que a água originasse o aborto.

>2Rs-2.23

c) Eliseu e os rapazes de Betel (2Rs 2.23-25)

Poucas histórias bíblicas têm sido tão mal interpretadas graças à tradução "rapazes pequenos" (23). O hebraico ne'arim qetanim corresponde a "jovens" ou "rapazes novos". Ver comentário a 1Rs 14.3. Betel era a pátria do bezerro de Jeroboão e também de um grupo de filhos dos profetas que haviam considerado Elias como seu mestre. Daqui, a provável existência de uma grande tensão religiosa. Eliseu teria, com certeza, a cabeça coberta como era hábito do Próximo Oriente de forma que "calvo, sobe, calvo!" (23) não representava uma infantil falta de respeito mas um profundo e deliberado insulto cujo sentido preciso se desconhece. Ora esse insulto quando dirigido ao novo chefe dos filhos dos profetas de Betel era um insulto ao próprio Deus e um insulto intencionado. Era, decerto, o resultado dos ensinamentos dos pais dos rapazes que, segundo o conceito da época, foram os que mais sofreram com o castigo.

2Rs-3.1

XVI. JORÃO DE ISRAEL 2Rs 3.1-27

A história de Jorão difere da maior parte das outras num aspecto: o fim aparece dissociado da própria história (#2Rs 9). A razão está no fato de a sua morte coincidir com a de Acazias de Judá. Por razões de ordem prática (ver nota no princípio do cap. 4) interpõem-se também os episódios da vida de Eliseu.

a) A política religiosa de Jorão (2Rs 3.1-3)

Tirou a estátua de Baal (2); "a coluna"; heb. **mazzebah**; ver comentário a #1Rs 14.23; provavelmente uma imagem. A passagem em #2Rs 10.18-21 parece dar a entender que ele retirou o apoio público ao culto de Baal sem, contudo, o proibir.

>2Rs-3.4

b) A guerra com Moabe (2Rs 3.4-27)

Mesa (4) dá-nos a sua própria versão da revolta (5) na famosa "Pedra Moabita". A única discrepância aparente está no fato de Mesa se referir ao filho de Onri com o sentido de neto. #2Cr 20 referir-se-ia às primeiras fases da revolta. A vitória de Josafá teria levado Jorão a considerar fácil a reconquista de Moabe. Esta suposição é confirmada pela presença de Josafá que devia ter quase sessenta anos. Esperava-se uma capitulação. A libertação completa de Moabe ter-se-ia seguido à exterminação da dinastia de Onri levada a cabo por Jeú, fato que muito enfraqueceu Israel (ver #2Rs 10.1-11). O rei de Edom (9); tratava-se, talvez de um vice-rei (#1Rs 22.48) embora seja possível que Josafá tivesse instituído um rei vassalo; o fato de no primeiro ataque a Judá se ter juntado aos moabitas muito povo de Edom (#2Cr 20.1 nota) pode ter-lhe mostrado que a terra não estava suficientemente controlada e tê-lo levado a instituir um idumeu como rei-vassalo. Que deitava água sobre as mãos de Elias (11); isto é, que era servo de Elias (cfr. #Jo 13.5). E sucedeu que tangendo o tangedor (15). Não é uma tradução perfeita do hebraico. Leia-se: "pois sempre que um tangedor tocava..." Eliseu utilizava a música como meio de preparação para a mensagem profética. Fazei neste vale muitas covas. (16). É uma versão possível se bem que seja provavelmente mais correta estoutra: "cobrirei de lagos o ressequido leito deste ribeiro". O crudelíssimo tratamento dado a Moabe (19) em oposição ao mandamento contido em #Dt 20.19-20 explica-se pela execução, por Mesa, de todos os israelitas capturados, cujas vidas dedicou a Camos, a deidade nacional dos moabitas. Para romperem contra o rei de Edom (26). Se a sugestão que apresentamos no comentário ao vers. 9 está certa, é possível que Mesa considerasse traidor o rei de Edom; seria, contudo de esperar que tentasse matar o rei de Israel. A versão "em direção oposta àquela em que se encontrava o rei de Edom" que representaria, na linha de batalha, o ponto mais fraco, pode estar correta. Mas parece-nos mais provável a seguinte versão: "para romperem em direção ao rei da Síria", seu natural aliado. Síria (' rm) e Edom (' dm) são palavras freqüentemente confundidas pelos escribas. Mesa sacrifica o seu filho mais velho a Camos (27) e o terror e o pânico apoderam-se dos israelitas semi-pagãos; pelo que houve grande indignação em Israel. A interpretação doutra versão segundo a qual teria sido o filho do rei de Edom o sacrificado, parece-nos decididamente errada.

2Rs-4.1

XVII. ELISEU O PROFETA 2Rs 4.1-8.15

Eliseu tinha de ser incluído no livro dos Reis uma vez que não deixara quaisquer escritos através dos quais a sua obra pudesse ficar perpetuada. Mas a sua figura não pode pôr-se a par da dos reis de que se ocupa este livro já que a sua obra consistiu na estruturação da fé dos israelitas que permaneceram fiéis numa época em que se fizeram sentir os juízos divinos (note-se a sua atitude para com Jorão em #2Rs 3.14). Ver comentário a #1Rs 19.14-18. Assim, os episódios da sua vida que deveriam ficar registados, são aqui apresentados sem que se preste grande atenção à sua ordem cronológica ou ao momento histórico; note-se como se omitem, deliberadamente, os nomes dos reis israelitas. Podemos, numa tentativa, dar a certos episódios dentre os relatados a seguinte ordem: #2Rs 4.8-37; #2Rs 6.24-7.20; #2Rs 8.7-15; #2Rs 8.1-6, referentes ao período final, #2Rs 4.38-41; referente ao período de fome, #2Rs 6.8-23; #2Rs 5.1-19; #2Rs 5.20-27. Os outros episódios não se situam em épocas especiais-são intemporais. Sobre os filhos dos profetas que nesta seção aparecem freqüentemente, ver #2Rs 2.3 nota. Sobre os milagres, ver #1Rs 17.14 nota.

a) A viúva endividada (2Rs 4.1-7)

E veio o credor (1); ele teria tido o direito de escravizar o homem em pagamento da sua dívida; agora passa a poder exercer esse direito nos filhos do seu devedor. **Uma botija de azeite** (2); era um pequeno recipiente. **Fecha a porta** (4). As coisas sagradas não se destinam a satisfazer a curiosidade pública.

>2Rs-4.8

b) A sunamita (2Rs 4.8-37)

Ver também #2Rs 8.1-6. Suném (8); ficava a alguns quilômetros ao norte de Jezreel na planície de Esdrelom. **Uma mulher grave** (8); leia-se "uma mulher rica". Parece tratar-se de uma mulher com fortuna própria. **Um pequeno quarto junto ao muro** (10); tratava-se de uma construção permanente, não de uma simples tenda. **Ela se pôs diante dele** (12) será preferível "ela se lhe apresentou". As convenções sociais não lhe permitiriam entrar no seu quarto; ficou, portanto, da parte de fora e Eliseu falou-lhe por intermédio de Geazi (13) que se postara à entrada da porta. Só mais tarde é que ela se aproxima (15) e Eliseu lhe fala diretamente. **Eu habito no meio do meu povo** (13), palavras que acentuam a importância da unidade familiar. **Ai, a minha cabeça,**

ai a minha cabeça (19); é evidente que se tratava de um caso de insolação. Um moço (19), um dos moços (22). Em ambos os casos a palavra hebraica é *na'ar* (ver #1Rs 14.3 nota); segundo versão preferível, "um servo... um dos servos". Tudo vai bem (23), Vai bem contigo (26), etc.; heb. *shalom*, lit. "paz"; ver 9.17 nota. O servo corria atrás da jumenta, instigando-a a caminhar rapidamente (24); leia-se, portanto, "obriga a jumenta a caminhar depressa; não abrandes a marcha senão quando eu to disser". A sunamita achava que teria sido preferível não ter um filho a perdê-lo (28). Toma o meu bordão (29); era o símbolo da autoridade de Eliseu. Não o saúdes (29); cfr. #Lc 10.4. A saudação convencional, já de si prolongada, conduziria a uma ainda mais demorada troca de notícias sobre amigos, etc.

>2Rs-4.38

c) O caldo envenenado (2Rs 4.38-41)

Havia fome naquela terra (38); cfr. #2Rs 8.1. Estavam sentados na sua presença (38); isto é, como seus discípulos. Fase um caldo de ervas para os filhos dos profetas (38). As condições impostas pela fome que então reinava não nos permitem supor que o sistema de vida fosse sempre comunal.

>2Rs-4.42

d) O milagre dos pães (2Rs 4.42-44)

É provável que não haja ligação com o episódio anterior; não se fazem quaisquer alusões à fome. As primícias (42) (heb. *bikkurim*) os primeiros frutos eram sagrados e dedicados a Jeová (#Êx 23.19; #Êx 34.26; #Lv 2.12; #Lv 23.10,17, etc.). A ação do homem mostra que ele considerava Eliseu como representante de Jeová, em oposição, aos sacerdotes dos altos. Como as primícias eram um alimento sacerdotal (#Nm 13.12-13), Eliseu, ao reparti-las com o povo (42), provavelmente os filhos dos profetas, mostra considerá-los aquele sagrado resíduo de fiéis a quem se aplica a promessa de #Êx 19.6 (um reino de sacerdotes).

2Rs-5.1

e) Naamã, o leproso (2Rs 5.1-19)

Certos elementos provam ser este um dos últimos episódios da vida de Eliseu posterior a #2Rs 6.8-23 (note-se #2Rs 6.23) e, portanto, durante o reinado de Jeú ou de um dos seus sucessores. **Levou a carta ao rei de Israel** (6). O rei da Síria pensava, sem dúvida, que Eliseu estava ligado à corte; além disso, a declaração da rapariga de que Eliseu curaria Naamã não repousava em qualquer caso de cura de lepra (cfr. #Lc 4.27), mas apenas na fé que ela possuía no seu poder. **Vede que busca ocasião contra mim** (7). Um exemplo deste gênero de métodos é o que nos fornece Apepi, o último grande Faraó Hyksos, quando provocou uma contenda com o seu vassalo tebano sob pretexto de que o rugido dos hipopótamos sagrados de Tebas perturbavam o seu sono em Avaris, lugar que ficava a quase 500 km para o Norte! **E passará a sua mão sobre o lugar** (11) ou "erguerá" a sua mão sobre o lugar. Naamã esperava um exorcismo formal. A Eliseu preocupava sobretudo mostrar que a cura nada tinha de mágico, que ela era somente uma graça concedida por Jeová. **Peço que tomes uma bênção do teu servo** (15); bênção ou "presente". O pedido de Naamã-**uma carga de terra de um jugo de mulas** (17) -não implicava a crença de que o poder de Jeová se limitava ao solo israelita mas que o Deus de Israel o favoreceria mais se ele o adorasse sobre essa terra sagrada. **Vai em paz** (19). Se a grande maioria dos israelitas se entregavam a um culto de Jeová que aviltavam pelo consentimento de deidades menores (ver Apêndice I), como deixaria o profeta de perdoar a um sírio que não podia elevar-se às culminâncias do monoteísmo dum momento para o outro?

>2Rs-5.20

f) Geazi é atacado de lepra (2Rs 5.20-27)

A etiqueta oriental exigia que se mostrasse relutância em aceitar uma dádiva. Naamã pensou que Eliseu exagerava um pouco a sua relutância e que a história de Geazi (22) não passava de uma delicada invenção. A ação de Geazi foi duplamente má: além de desonesta, apagava do coração de Naamã a impressão que lhe ficara de um Deus e de um profeta capazes de curar desinteressadamente, num ato de pura graça. Por isso, ao receber o dinheiro de Naamã, recebeu também a sua lepra.

2Rs-6.1

g) O milagre do machado (2Rs 6.1-7)

É provável que o episódio se passasse com o grupo dos filhos dos profetas de Jericó (#2Rs 2.5). Parece-nos inteiramente improfícua a enumeração das várias interpretações tendentes a explicar o milagre.

>2Rs-6.8

h) Os siros são aprisionados (2Rs 6.8-23)

As relações de Eliseu com o rei de Israel e o auxílio que o profeta lhe presta (cfr. #2Rs 3.14) sugerem-nos que o episódio se tivesse passado no reinado de Jeocaz ou Jeoás. O período parece ser de guerrilhas e escaramuças (8-10). É muito humano o comportamento do rei sírio: este não compreende que se o profeta adivinhava os seus planos, adivinharia também a sua intenção de o aprisionar. Há razões para supor que, alterando ligeiramente o texto (*mshrth* para *shhrth*), o vers. 15 devesse traduzir-se: "e o homem de Deus se levantou muito cedo de madrugada, e saiu"; ia ao encontro do inimigo cuja presença conhecia. *E os guiou a Samaria* (19); o lugar ficava a cerca de quinze quilômetros. *Meu pai* (21); não é a linguagem que se esperaria de Jorão. *Ferrias tu os que tomasses prisioneiros com a tua espada e com o teu arco?* (22). Se a resposta era "não", menos se justificava que matasse estes prisioneiros. *E não entraram mais tropas de siros na terra de Israel* (23). Não há ligação entre este vers. e o vers. 24. De qualquer modo, a expressão *não entraram mais* aplica-se apenas ao período durante o qual a situação se manteve e que foi relativamente longo.

>2Rs-6.24

i) Samaria é divinamente libertada (2Rs 6.24-7.20)

E sucedeu depois disto (24) liga-se ao contexto original e não à presente descrição da história, pelo que não constitui contradição ao vers. 23. Ver comentário a #1Rs 21.1. *Ben-Hadade* (24) foi assassinado em 884 a.C. (#2Rs 8.15), o que nos leva a crer que o episódio se situa no reinado de Jorão (852-841 a.C.). Não se pode excluir a possibilidade de que o Ben-Hadade aqui referido fosse filho de Hazael (#2Rs 13.3) mas é uma possibilidade que não parece adaptar-se ao ambiente da narrativa. *Uma cabeça de um jumento* (25). O burro era um animal impuro, cuja carne, por princípio, ninguém comia. *A quarta parte de um cabo* (25); cerca de uma pinta. *Esterco de pombas* (25); possivelmente o excremento destas aves, porém mais provavelmente, alguma erva cujo nome popular era aquele. A melhor tradução dos vers. 26 e 27 será

provavelmente a seguinte: "Salva-me, ó rei meu senhor! E ele lhe disse: Não, o Senhor te salve!" O rei humilhava-se torturando a sua carne por meio de um **cilício** (30); mas como a penitência não resultou, lançou sobre Eliseu a culpa da fome, acusando-o não só de a ter causado como de a fazer persistir (31). **O filho do homicida** (32). Não se trata de uma referência a Acabe; a expressão aplicava-se a quem quer que estivesse pronto a cometer um homicídio; segundo outra versão, "aquele assassino". **E disse** (33); é o próprio rei que fala. Na presença de Eliseu a coragem evapora-se-lhe e ele entrega-se ao desespero.

2Rs-8.1

j) Continuação da história da sunamita (2Rs 8.1-6)

Ver também **#2Rs 4.8-37**. A alusão a Geazi (4) leva-nos a situar o episódio antes de **#2Rs 5.1-27**. A atitude do rei para com Geazi sugere que se trata de Jeú e não de Jorão. Não parece haver razão para que a família mude de terra (1), já que a riqueza que possuía lhe permitia ficar onde estava. Pode ser que a razão fosse de maior monta: Eliseu desejaria, talvez, impedir que aquela família fosse envolvida nos massacres que exterminariam não só os familiares como os próprios amigos de Acabe (**#2Rs 10.11**).

>2Rs-8.7

k) Eliseu e Hazael (2Rs 8.7-15)

O fato de Eliseu ser conhecido em Damasco (7) não nos autoriza a afirmar que o episódio seja posterior à cura de Naamã. **Vai e dizer-lhe: certamente não sararás** (10); leia-se, de acordo com uma versão mais rigorosa: "vai e dizer-lhe: certamente poderias sarar; porém o senhor me tem mostrado que..." É assim que Hazael é "ungido" rei da Síria (**#1Rs 19.15**); Ben-Hadade poderia, de fato, ter sarado da sua doença mas os desígnios de Deus eram outros. **E afirmou a sua vista e fitou os olhos nele** (11); Eliseu acabara de ter a visão do mal que Hazael faria (12), visão que o fez chorar. Sobre a crueldade dos siros, cfr. **#Am 1.3-5**.

>2Rs-8.16

XVIII. JEORÃO E ACAZIAS DE JUDÁ-2Rs 8.16-29

a) Jeorão (2Rs 8.16-24)

Ver também #2Cr 21.1-20 cuja narrativa é consideravelmente mais completa. Jorão (16); é uma abreviatura de Jeorão (#2Rs 3.1) a fim de o distinguir do rei de Judá do mesmo nome: E no ano quinto de Jorão (16); existe uma contradição aparente entre este vers. e #2Rs 8.25 dum lado e #1Rs 22.42,51; #2Rs 3.1 doutro. A explicação está no fato de Josafá ter sido co-regente com Asa (ver cronologia) e no fato de reinados de Acazias e Jorão de Israel se considerarem a partir da época em que ele reinava só. Reinando ainda Josafá em Judá (16); esta frase é omitida em alguns manuscritos hebraicos, na Septuaginta na Versão siríaca, arábica e na Vulgata (em muitos manuscritos): se se trata de uma frase original, Jeorão seria durante um curto espaço de tempo, co-regente. E fez o que parecia mal aos olhos do Senhor (18); não tanto no plano religioso (#2Cr 21.11) o que está implícito na frase andou no caminho dos reis de Israel (18) mas por ter morto os seus irmãos (ver #2Cr 21.2-4). A filha de Acabe (18); Atalia (#2Rs 8.26). A revolta dos idumeus (20) foi quase fatal a Jeorão. Estava emboscado em Zair (21), ao sul do Mar Morto; ele e os carros puderam romper o cerco e escapar mas a infantaria teve de fugir conforme pode. Até ao dia de hoje (22); Elate e a via que conduzia a esta cidade foram controladas desde o tempo de Amazias (#2Rs 14.7,22) a Acaz (#2Rs 16.6) mas é provável que esse controle não envolvesse a completa submissão de Edom. Libna (22) em Shephelah (#Js 10.29); é provável que houvesse uma forte ligação com os filisteus e se reunisse a estes. Não se esclarece se Libna é possessão judaica ou filistina em #2Rs 19.8. Sobre os últimos desastres do reinado, leia-se #2Cr 21.12-20.

>2Rs-8.25

b) Acazias (2Rs 8.25-29)

Cf. #2Cr 22.1-6. A descrição da morte de Acazias só se faz em #2Rs 9.27-29. Atalia, filha de Onri (26); isto é, neta (#2Rs 8.18). A Ramote de Gileade (28); não se diz se defendiam a cidade ou a atacavam com êxito (cf. #2Rs 9.1,14; #1Rs 22.3). Ramá (29); uma outra forma de Ramote. E desceu Acazias (29); isto é, de Jerusalém.

2Rs-9.1

XIX. JEÚ DE ISRAEL 2Rs 9.1-10.36

a) A unção de Jeú (2Rs 9.1-13)

Filhos dos profetas (1); ver comentário a #2Rs 2.3. Almotolia de azeite (1); uma pequena vasilha de azeite. E leva-o (2); "conduze-o". O mancebo (4; Heb. na'ar; ver #1Rs 14.3 nota). Eliseu escolheu um dos membros mais jovens do grupo dos profetas o qual menos facilmente se tornaria notado; a pressa com que este deve pôr em prática as suas instruções visa ao mesmo objetivo (3). Tudo indica que os capitães do exército estivessem reunidos em conselho de guerra no pátio da cidadela (5). Comparem-se os vers. 7-10 com #1Rs 14.10-11 nota. Vai tudo bem? (11); lit. "paz" (heb. shalom); ver comentário ao vers. 17. Este louco (11); é muito provável que o jovem tivesse, deliberadamente, agido de forma a que o julgassem doido; seria um processo de impedir que se descobrisse o fim a que vinha. Não sabendo como reagiriam os seus colegas oficiais, a pergunta coloca Jeú numa posição extremamente embaraçosa. O caráter evasivo da sua resposta é posto em relevo pela seguinte versão: "ora, bem sabeis como fala um indivíduo daquele tipo!" O óleo que ainda lhe escorria do cabelo tê-los-ia posto na pista do que se passava e tom em que replicaram "É mentira, agora faze-no-lo saber" teria encorajado Jeú a dizer-lhes a verdade. No mais alto degrau (13). A arqueologia não nos fornece elementos que nos permitam fazer uma idéia dos detalhes arquitetônicos de Ramote-Gileade; a palavra hebraica é de caráter técnico e é possível que estejam corretas as versões em que se lê simplesmente "nos degraus".

>2Rs-9.14

b) A matança dos reis (2Rs 9.14-29)

Cfr. #2Cr 22.7-9. Então Jeú subiu a um carro (16); sem dúvida, acompanhado (cfr. vers. 17 "Vejo uma tropa"). Há paz? (17). O heb. shalom significa, fundamentalmente, completção; portanto, atendendo-se ao contexto, traduza-se "Corre tudo bem?", usando-se a mesma tradução para o vers. 22. Jeú não teria abandonado o seu posto em caso de guerra. Porque anda furiosamente (20); ou "conduz como um doido". A raiz da palavra é a mesma que em "este louco" (11). Então disse Jorão: aparelha o carro (21). Jorão já não podia esperar mais; era imperativo saber do que se tratava. Prostituições... feitiçarias (22); isto é, idolatria. É evidente que Jeú encontra os reis precisamente no lugar onde existira a vinha de Nabote (25).

>2Rs-9.27

Acazias (27). Eliseu escolhera, provavelmente, o momento próprio para o envolver também. **Fugiu pelo caminho da casa do jardim** (27). O hebraico não deveria aqui ser traduzido mas transliterado: "na direção de Bete-Hagã", isto é, En-Ganim (#Js 19.21), a moderna Jenin. Jeú deixou-o aos seus homens que o apanharam perto de Jibleão (27), um pouco a sul de En-Ganim e o deixaram mortalmente ferido. O caminho através dos montes era demasiadamente duro para um homem ferido e por isso se encaminharam para Megido, a noroeste (27) onde ele morreu. O vers. 29 foi provavelmente inserido para indicar o fim da história de Acazias. A história da sua morte em #2Cr 22.9 (q.v.), se corretamente transmitida, é irreconciliável com a do livro dos Reis.

>2Rs-9.30

c) A morte de Jezabel (2Rs 9.30-37)

Jezabel preparou-se para morrer como uma rainha. **Jezabel se pintou em volta dos olhos** (30); de acordo com um costume do Próximo Oriente, existente desde tempos imemoriais, Jezabel escureceu as pontas das pestanas, e possivelmente as sobrancelhas com um cosmético negro (cfr. #Ez 23.40; #Jr 4.30). A sua desdenhosa saudação (31) é bem posta em relevo na seguinte versão: "Como estás, Zinri, assassino do teu senhor?" **Lançai-a de alto a baixo** (33); a janela seria a de um primeiro andar.

2Rs-10.1

d) O massacre da família e amigos de Acabe (2Rs 10.1-11)

Setenta filhos (1); isto é, descendentes masculinos: alguns, não todos, eram menores. **Cartas** (1); preferível "uma carta"; cfr. #1Rs 21.8 nota. **Jezreel** (1); adote-se a versão da Septuaginta "aos chefes da cidade e aos anciãos" (heb. hyrw'l em vez de yzr' '1); Jeú, pela sua ação, dava aos chefes e responsáveis a oportunidade de entrarem em acordo com ele e impedia de forma eficaz, qualquer ação da parte dos membros da família real. **Vós sois justos** (9) não era, talvez, uma declaração sarcástica; porque a resposta à pergunta **quem feriu a todos estes?** seria provavelmente "Deus". **O massacre de Jeú** (11) ultrapassou tudo que os profetas haviam ordenado e é mais tarde condenado (#Os 1.4) particularmente no que se refere à matança dos adoradores de Baal (#2Rs 10.25).

>2Rs-10.12

e) O massacre dos parentes de Acazias (2Rs 10.12-14)

Cfr. #2Cr 22.8. **Bete-Equede dos pastores** (12); trata-se provavelmente, dum nome próprio, pelo que deveria escrever-se "Bete-Equede dos Pastores". E **os filhos da rainha** (13); da rainha-mãe, isto é, Jezabel.

>2Rs-10.15

f) O massacre dos adoradores de Baal (2Rs 10.15-28)

A atitude de Jeú apresenta-se-nos inescusável. É certo que, teoricamente, os servos de Baal estavam condenados à morte (#Dt 13.12-18) mas não podemos ignorar a pressão que, por cerca de 30 anos se exercera a favor de Baal. De qualquer modo, o método escolhido envolveria, forçosamente, um grande número de pessoas sem convicções fortes e que apenas procuravam agradar ao novo regime. Israel nunca se refez dessa grande carnificina.

Jonadabe, filho de Recabe (15). Os recabitas eram, originalmente, um clã que se incorporou em Judá (#1Cr 2.55 nota). De #Jr 35.6 se conclui que Jonadabe, descendente de Recabe, no seu zelo por Jeová, transformou os recabitas e aqueles que se lhes juntaram num grupo extremista que se opunha a tudo que se relacionasse com a fecundidade da terra, pois era este o principal objetivo tanto da religião dos cananeus como daqueles que a imitavam no seu culto a Jeová (ver Apêndice I). Não sabemos o que trouxera, a Israel nesta altura. **Reto é o teu coração?** etc. (15). Segundo outra versão, "seremos nós de uma mesma e única opinião?" Quando Jonadabe responde "É", Jeú diz **Então se é, dá-me a mão** (15). Servos (19); "adoradores". **Casa de Baal** (21); estavam no pátio do templo. **A cidade da casa de Baal** (25); desconhece-se o significado da expressão e são duvidosas as conjecturas que sobre ela se têm feito. **Estátuas** (26) ... **estátua** (27); "colunas... coluna"; heb. **mazzebhabh**, ver #1Rs 14.23 nota. Como não se poderia queimar uma **mazzebhabh** é provável que haja um erro de texto no vers. 26.

>2Rs-10.29

g) A política religiosa de Jeú (2Rs 10.29-31)

Jeú não via razão para que se abandonasse a religião tradicional do reino do norte. Não se considere a aprovação contida no vers. 30 em oposição a #Os

1.4 em que se condenam os massacres em grande escala levados a efeito por Jeú.

>2Rs-10.32

h) Sumário do Reinado de Jeú (2Rs 10.32-36)

Jeú ocasionou a perda da Transjordânia (33); esta foi possessão da Síria até ao tempo de Jeroboão II (#2Rs 14.25,28). Não se menciona a sujeição de Jeú a Salmaneser III (ver Apêndice III).

2Rs-11.1

XX. ATALIA DE JUDÁ (2Rs 11.1-20)

Cfr. #2Cr 22.10-23.21 em que se põe em relevo a ação dos levitas na conspiração contra Atalia.

a) Atalia como rainha (2Rs 11.1-3)

Cfr. #2Cr 22.10-12. Não se explica o motivo da desesperada ação de Atalia; não se descortina o seu objetivo final. O fato de Joás lhe ter passado despercebido (2) explica-se facilmente pelas condições existentes num harém oriental. A mãe de Joás pode ter sido uma esposa menor, de importância secundária. Josebate era mulher de Joiada (4), o sacerdote; ver #2Cr 22.11.

>2Rs-11.4

b) A conspiração contra Atalia (2Rs 11.4-16)

Cfr. #2Cr 23.1-15. A conspiração foi mais complexa e de maior amplitude que à primeira vista se nos afigura. Começou, como se acentua em Crônicas, nos círculos levitas e acabou por se estender a todo o povo da terra (14 et al; ver nota adicional no fim do cap.). Finalmente, quando tudo estava pronto, Joiada conquistou para a sua causa os capitães dos cários e da guarda (4). Os cários eram mercenários estrangeiros que faziam parte da guarda de corpo do rei (ver #Jz 3.3 nota). O comentário e a cidade repousou (20) significa provavelmente a aquiescência das individualidades mais em destaque na cidade de Jerusalém; estas aprovavam a política de Atalia mas atemorizava-os a revolta e a reforma

populares. A omissão dos guardas levitas mencionados em Crônicas pode indicar que o escritor os considerava figuras mais ornamentais que úteis. A adesão da guarda real foi, na realidade, o fator decisivo.

Os escassos conhecimentos que possuímos da topografia do templo e do palácio de Salomão bem como das disposições militares, não nos permitem reconstruir com exatidão o plano de Joiada. É evidente que as medidas que se tomaram contavam com a existência de uma dupla força de levitas (#2Cr 23.8); semelhantemente, as duas companhias (7) da guarda que deviam estar de licença, permaneciam de guarda ao templo. **Entre as fileiras** (8); segundo outra versão, "aquele que se aproximar das fileiras". **As lanças e os escudos que haviam sido do rei Davi** (10); eram, sem dúvida, objetos principalmente ornamentais que foram oferecidos aos levitas (#2Cr 23.9); a guarda possuía as suas próprias armas. Esta alusão prova que a referência aos levitas existiria no original, mas que o editor do livro dos Reis a teria eliminado pelas razões acima mencionadas. **O testemunho** (12); cfr. #Dt 17.18-20; #1Sm 10.25. **Atalia... entrou ao povo** (13), atitude tão corajosa como a de Jezabel ao enfrentar Jeú (#2Rs 9.30-31). **Para fora das fileiras** (15); melhor, "para dentro das fileiras".

>2Rs-11.17

c) Concerto (2Rs 11.17-20)

Cfr. #2Cr 23.16-21. Tudo indica que o povo se revoltara fortemente contra a política seguida por Jeorão, Acazias e Atalia. O fato conduziu a um concerto de caráter simultaneamente religioso e político (17). Note-se que a destruição da **casa de Baal** (18) foi a conseqüência duma demonstração popular. **Matã** (18) é, segundo certo comentário, um nome "marcadamente fenício".

d) Nota adicional-o povo da terra

O povo da terra (Heb. ' **am ha'arez**) é um termo cujo significado varia de época para época (cfr. #Ag 2.4; #Ed 4.4). Nalguns escritores rabínicos significava a gente simples e inculta do campo, indiferente à lei. Durante a monarquia designava os cidadãos livres, proprietários, possuidores de todas as regalias, de Judá. A sua alusão em #2Rs 21.24; #2Rs 23.30 sugere não só que tinham considerável importância (cfr. também #2Rs 25.19) mas que se opunham a uma tendência existente tanto na religião como na política representada por círculos cortesãos em Jerusalém (cfr. também #2Rs 23.35

nota). Miquéias, Isaías e Sofonias parecem, de uma maneira geral, mais atentos aos pecados de Jerusalém do que aos de Judá e pode existir uma relação entre os dois fatos. Sobre este assunto são também particularmente elucidativos os comentários a [#2Rs 12.20-21](#); [#2Rs 14.19-21](#).

>2Rs-11.21

XXI. JOÁS DE JUDÁ 2Rs 11.21-12.21

a) A reparação do templo (2Rs 11.21-12.16)

Cf. [#2Cr 24.1-14](#) (não há divergências de importância).

2Rs-12.2

[Todos os dias em que o sacerdote Joiada o dirigia](#) (12.2). O hebraico é igualmente susceptível da seguinte tradução: "porque Joiada o dirigia". Afirma-se que no livro dos Reis se desconhece, ao contrário de no de Crônicas, a infidelidade ulterior de Joás. Mas em [#2Rs 12.17-18,20-21](#) admite-se, tacitamente, essa infidelidade ou algo de muito próximo. A adição de [#2Cr 24.3](#) "e tomou Joiada para ele duas mulheres" sugere que se restringiu, consideravelmente, o luxo da corte. [Os altos](#) (3); ver [#1Rs 15.14](#) nota.

>2Rs-12.4

Reis conta-nos que Joás ordenou que se utilizasse o dinheiro que se reservava ao templo e as ofertas voluntárias (4) na reparação do templo. É discutível o hebraico; talvez esteja correta a versão na qual se lê: "a contribuição que a cada homem se fixou-a quantia resultante do conjunto de todas as contribuições-e o dinheiro que cada um trazer voluntariamente..." [Dos seus conhecidos](#) (5); é incerto o significado da palavra; nos textos de Ras Shamra aparece associada à idéia de culto; é possível que se trate de uma classe de videntes do templo. [#2Cr 24.5](#) fala-nos de uma coleta que deveria fazer-se em todo o país. Não há contradição. Não sabemos quando foi dada a ordem de reparação mas sabemos que nada se fizera ainda no ano vigésimo terceiro do rei Joás (6). É assaz suave a observação de Crônicas: "porém os levitas não se apressaram". Devido à incúria e desinteresse destes, Joás assumiu a responsabilidade das obras e confiscou os interesses monetários do templo (7-8). Em [#2Cr 24.6,8](#) a principal fonte de receita era o imposto que Moisés

lançara sobre Israel (ver #Êx 30.14-16; #Êx 38.25-26), isto é, o meio ciclo (cfr. #Mt 17.24). Vendo eles (10): cfr. #2Cr 24.11. Há uma contradição entre e a pôs ao pé do altar (9) e "a puseram à porta" (#2Cr 24.8). Admite-se, contudo, de uma maneira geral que o texto de Reis possa estar incorreto e que a declaração contida em Crônicas seja muito mais provável. Existe uma outra contradição aparente entre #2Rs 12.13 e #2Cr 24.14; a primeira passagem significa que o dinheiro trazido ao templo, durante as obras, era utilizado exclusivamente nas reparações; o texto de Crônicas diz-nos que quando estas se acabaram sobejou dinheiro que pôde ser empregado para outros fins.

>2Rs-12.17

b) Sumário do reinado de Joás (2Rs 12.17-21)

Cfr. com importantes variantes, #2Cr 24.23-27. Sobre as vitórias de Hazael (17), ver #2Rs 10.32-34; #2Rs 13.3,7. Tomando Gate, (17) que assim perdia a sua importância, Hazael estendia a sua influência até à grande via comercial para o Egito. O que significa que amputara a Galiléia do resto de Israel. Crônicas põe em relevo a pequenez do seu exército devido à distância a que se encontrava da base; mas tratar-se-ia apenas do seu corpo de choque. O texto de Crônicas também torna explícito o que apenas está implícito no versículo 18, isto é, que Jerusalém estava à sua mercê. Crônicas também nos diz que Joás foi deixado "em grandes enfermidades", provavelmente gravemente ferido. Não se esclarece a razão por que os seus servos conspiraram (20) -#2Cr 24.25 poderia referir-se a um propósito divino-e a dúvida acerca da identidade dos conspiradores (cfr. vers. 21 com o vers. 26 de Crônicas) torna muito incerta qualquer hipótese. É contudo provável que, tendo Joás abandonado a política dos que o levaram ao trono, (ver #2Cr 24.17-18 nota), fossem estes que arquitetassem a sua morte. Se os nomes referidos em Crônicas estão corretos, os homens que o mataram teriam sido não os principais conspiradores mas os instrumentos na mão destes.

2Rs-13.1

XXII. JEOACAZ E JEOÁS DE ISRAEL (2Rs 13.1-25)

a) Jeoacaz de Israel (2Rs 13.1-9)

De #2Rs 12.17, que implica que a Galiléia se perdera para Jeoacaz, se conclui quão totalmente à mercê de Hazael se encontrava Israel. Comparem-se os dez

carros (7) com os dois mil que Salmaneser III atribui a Acabe na sua descrição da batalha de Carcar (ver Apêndice III). **E o Senhor deu um Salvador a Israel** (5); ou os reis assírios que por essa altura principiaram a enfraquecer a Síria (ver Apêndice III) ou Jeroboão II (**#2Rs 14.27**). Incluem-se no parêntese os vers. 4-5. **O bosque ficou em pé** (6); o Asera (ver **#1Rs 14.23** nota e Apêndice I). A matança dos servos de Baal, levada a efeito por Jeú não purificara o culto a Jeová que permanecia inteiramente naturalista e cananeizado.

>2Rs-13.10

b) Jeoás de Israel (2Rs 13.10-13)

As vitórias que obteve sobre a Síria mencionam-se no fim do capítulo (22-25).

>2Rs-13.14

c) A morte de Eliseu (2Rs 13.14-21)

Carro de Israel (14); trata-se de um substantivo coletivo; leia-se, portanto, "carros de Israel" (cfr. 2.12 nota). Jeoás não pensava apenas no valor espiritual de Eliseu, cujos ensinamentos teria ignorado (11) na sua maioria; ver **#2Rs 6.8-23**.

Meu pai (14); cfr. **#2Rs 6.21**. Parece haver inversão na ordem dos versículos pois que o vers. 17 deveria, logicamente, anteceder o 15; mas como Jeoás estaria, provavelmente, acompanhado por um oficial às suas ordens, a dificuldade deixa de existir. Para o episódio completo, consulte-se o comentário a **#1Rs 22.11**. **O homem de Deus se indignou muito contra ele** (19). Jeoás compreendia perfeitamente o símbolo. É provável que não estivesse pronto a destruir a Síria pela mesma razão de Acabe, isto é, por medo da Assíria; ver comentário a **#1Rs 20.31**. **Afeque** (17); ver **#1Rs 20.26** nota. **Ora as tropas dos moabitas** (20); traduza-se "costumavam invadir a terra na primavera"; trata-se de uma ação habitual. Não se especifica o tempo mas indica-se o período de anarquia que vai da morte de Jeroboão II até à queda de Samaria. O milagre que a seguir se descreve destinava-se a mostrar que até no derradeiro momento, no momento em que, humanamente falando, a esperança desaparece, os homens podem contar com o poder do Deus de Eliseu.

>2Rs-13.22

d) Vitórias sobre a Síria (2Rs 13.22-25)

E Hazael... oprimiu (22); traduza-se: "ora Hazael oprimira". **Ben-Hadade** (24) fora enfraquecido em primeiro lugar pela bem sucedida resistência de Zacar de Hamate e depois pela invasão de Adade-Nirari III. É possível que neste período Israel fosse tributário da Assíria (ver Apêndice III).

2Rs-14.1

XXIII. AMAZIAS DE JUDÁ (2Rs 14.1-22)

a) Amazias sobe ao trono (2Rs 14.1-6)

Cfr. **#2Cr 25.1-4** (passagem praticamente idêntica). Principia aqui um período em que a cronologia se apresenta muito confusa; é mesmo possível que não logre nunca alcançar-se uma certeza absoluta. Os números apresentados por van der Meer, embora diferindo consideravelmente da maioria dos que nos são apresentados por outras autoridades têm a vantagem de fazer justiça às principais declarações das Escrituras. As misteriosas observações do vers. 3 **ainda que não como seu pai Davi... conforme tudo o que fizera Joás** deixam entrever o conhecimento dos fatos mencionados em **#2Cr 24.15-22** que, não obstante, o autor não vê vantagem em relatar. **Os altos** (4); ver **#1Rs 15.14** nota. O vers. 6, com a sua referência a **#Dt 24.16** é simultaneamente uma clara afirmação da existência do livro de Deuteronômio no tempo de Amazias e a insinuação de que a lei em questão tendia a ser ignorada.

>2Rs-14.7

b) A vitória sobre Edom (2Rs 14.7)

Ver **#2Cr 25.5-13** e cfr. comentário a **#2Rs 8.22**.

>2Rs-14.8

c) O encontro de Amazias com Jeoás (2Rs 14.8-16)

Vem, vejamo-nos cara a cara (8); cfr. **#1Rs 22.4** nota; o desafio de Amazias a Jeoás reveste um aspecto quase desportivo. Jeoás, fortemente consciente do perigo assírio tenta fugir ao desafio com uma desdenhosa resposta metafórica

(9). Bete-Semes (11) fica a ocidente de Jerusalém, no vale de Soreque. Fica-se com a impressão de que até o campo de batalha fora cuidadosamente escolhido. O resultado foi desastroso para Amazias (13-14). Judá passa, sem dúvida a pagar tributo a Israel; e só um sagrado temor inspirado pela intacta e pura dinastia de Davi comparada com as breves dinastias de Israel, teria impedido Jeoás de tentar a fusão dos reinos. Embora o autor o não afirme, Amazias parece ter ficado de tal maneira desacreditado que Azarias (Uzias) se tornou co-regente e talvez até um rival (ver nota introdutória ao capítulo 15 e 14.21 nota). Se assim foi, o reinado de Amazias, antes da co-regência, teria durado cerca de sete anos. É provável que esta seção pertencesse, originalmente aos registros de Israel, o que explicaria que a condensada nota acerca de Jeoás (15-16) lhe esteja apensa (cfr. #2Rs 13.12-13).

>2Rs-14.17

d) Sumário do reinado de Amazias (2Rs 14.17-22)

Cfr. #2Cr 25.25-26.2 (passagens praticamente idênticas). O inusitado sincronismo da declaração do vers. 17 pode ser devido à equivocada posição de Amazias. Se é válido o argumento que se baseia na cronologia (ver 13-14) então o ver. 21 refere-se à ação do povo de Judá após a derrota de Amazias; o povo de Judá poderá, possivelmente identificar-se com "o povo da terra" (ver 11.14 nota, e nota adicional ao cap. 11). Se assim é, o desenvolvimento histórico seria o seguinte: O povo da terra elegeu Jeoás rei (#2Rs 11.14) contra a vontade dos círculos da corte (#2Rs 11.20); provocou o seu assassinio (#2Rs 12.20-21) quando ele abandonou a política que lhe havia traçado. Ao ver que Amazias seguia as pisadas de Jeoás (#2Cr 25.14) aproveitaram a sua derrota para, praticamente, o deporem (21). Quando ele tentou firmar a sua posição mandaram assassiná-lo (19-20). Note-se que não se menciona a execução dos conspiradores. A alusão à conspiração em #2Cr 25.27 é inteiramente compatível com isto. O escritor juntou as duas conspirações (como o demonstrará a base cronológica) cuja ação fora depor e matar. Este edificou a Elate (22). "Este" refere-se a Amazias e não a Azarias. É uma citação isolada, extraída das crônicas reais e provavelmente deslocada devido a erro do escriba. Ver comentários a #2Rs 8.22 e #2Cr 25.11-12.

>2Rs-14.23

XXIV. JEROBOÃO II DE ISRAEL (2Rs 14.23-29)

O último período da vida de Israel revestiu-se de importância religiosa devido à ação de Amós e Oséias. Os assírios haviam quebrado o poder da Síria mas é possível que agora, alguns reis mais fracos desejassem aliar-se a Jeroboão. Como resultado, Jeroboão não só reconquistou todo o território tradicionalmente israelita desde a entrada de Hamate (25) (ver #1Rs 8.65 nota), isto é, a Galiléia (cfr. 12.17 nota), até ao mar da planície, isto é, a Transjordânia, como fez de Damasco e Hamate (28) terras tributárias. Pertencentes a Judá (28); é um excerto dos anais israelitas que consideravam Davi e Salomão Reis de Judá. Jonas, filho do profeta Anitai (25); o profeta cujo livro possuímos. Não se diz se viveu antes do reinado de Jeroboão ou durante o mesmo. Deus concedeu a Israel uma última oportunidade de arrependimento (26-27) na esperança de que a prosperidade realizasse o que a tribulação não conseguira. Mas como Amós e Oséias nos demonstram, essa prosperidade apenas conduziu à corrupção social.

2Rs-15.1

XXV. AZARIAS (UZIAS) DE JUDÁ (2Rs 15.1-7)

Ver #2Cr 26.3-23 cuja descrição é muito mais completa. Dir-se-ia que o editor do livro dos Reis quer, pela brevidade com que relata os fatos, acentuar que a falha final despe de todo o valor a vida mais valiosa.

Azarias (1); assim chamado em Reis e #1Cr 3.12; Uzias nos versículos 13,30,32,34, 2Cr e em Amós, Oséias e Isaías. É evidente que Azarias é o seu nome oficial. Se é válido o comentário a #2Rs 14.17-22, Azarias pode ter mudado de nome quando se tornou rei único. Azarias significa "Jeová é Auxílio"; Uzias significa "Jeová é poder"; os altos (4); ver #1Rs 15.14 nota. Para os vers. 5-7 ver #2Cr 26.16-23.

>2Rs-15.8

XXVI. CAOS EM ISRAEL (2Rs 15.8-31)

A corrupção interna denunciada por Amós e Oséias bastaria, só por si para destruir Israel, mas em 744 a.C. dá-se um súbito recrudescimento do poder assírio sob Tiglate-Pileser III, um dos seus maiores reis (ver Apêndice III); poucos anos bastariam para que o ataque e a intriga assíria pusessem termo à história do reino do norte. Levanta-se, neste período, um problema cronológico de primeira importância. As datas que marcam a queda de

Samaria e o pagamento de tributo a Tiglate-Pileser III por Menaém tornam aparentemente impossível o período de 20 anos atribuído a Peca (#2Rs 15.27). A maior parte dos investigadores modernos reduzem o seu reino a dois até cinco anos mas não deve pôr-se de parte a sugestão de Van der Meer adotada no nosso quadro cronológico e segundo a qual Peca teria sido a autoridade por detrás de Menaém e Pecaías; quando subiu ao trono o seu reinado seria contado a partir da subida ao trono de Menaém, como se fora seu co-regente.

a) Zacarias (2Rs 15.8-12)

O feriu diante do povo (10); o hebraico não autoriza semelhante versão; traduza-se "em Ibleã" (bybl'm em vez de qbl'm).

>2Rs-15.13

b) Salum (2Rs 15.13-16)

Menaém era provavelmente governador militar de Tirza (14; cfr. #1Rs 14.17). Marchou contra Salum e como Tirza (não a cidade no Eufrates-#1Rs 4.24 - mas possivelmente Tapuá, de acordo com a Septuaginta e outras versões) se recusara a abrir-lhe as suas portas, massacrou os habitantes com requintes de crueldade. Ação bem característica da barbaridade da época. É natural que, dada a sua ferocidade, Salum lhe opusesse fraca resistência.

>2Rs-15.17

c) Menaém (2Rs 15.17-22)

Pul, rei da Assíria (19). Pul ou Pulu, general assírio, usurpou o trono por morte de Assurnirari V. Adotou o nome de Tiglate-Pileser III (ver vers. 29) mas reteve o de Pul, nome que usou como rei da Babilônia (729 a.C.). Cfr. #1Cr 5.26, passagem que poderia fazer supor a existência de duas pessoas distintas. A fim de firmar o reino na sua mão (19). Menaém estivera, provavelmente envolvido numa federação anti-assíria (ver Apêndice III); assim, teria não só de pagar tributo mas também uma multa. E Menaém tirou este dinheiro... de todos os poderosos e ricos (20); nem o hebraico nem o contexto justificam a tradução. Trinta siclos de prata era o valor estipulado de um escravo (#Êx 21.32) e na época de Cambises um jumento era avaliado em cinquenta siclos. Traduza-se, portanto: "Menaém lançou um imposto sobre todos os homens ricos de Israel". O imposto individual é referido não como ato de despotismo

mas como indicação do estado em que se encontrava o país. Havia cerca de 60.000 pessoas que podiam considerar-se ricas.

>2Rs-15.23

d) Pecaías (2Rs 15.23-26)

Peca... seu capitão (25); sobre "capitão" ver **#1Rs 9.22** nota. Parece subentender-se que a sua posição era superior à de um mero cortesão altamente colocado e se é válido o comentário relativo à cronologia, Peca representava, de fato, o mais elevado e o real poder do reino. A seqüência dos acontecimentos sugere, fortemente, que a sua ação era, sobretudo, anti-assíria. **Juntamente com Argobe e com Arié** (25); o primeiro nome é o nome de um lugar (**#1Rs 4.13**) pelo que várias versões e comentários os consideram, talvez com razão erroneamente transferidos do vers. 29.

>2Rs-15.27

e) Peca (2Rs 15.27-31)

O reinado de Peca foi importante pelas repercussões que teve em Judá (16.5 nota; **#2Cr 28.5-15**; **#Is 7.1-2**). Peca tentou formar uma confederação anti-assíria, mas em breve caiu ante o poder de Tiglate-Pileser. Como conseqüência, Israel perdeu toda a Transjordânia e a Galiléia (29). **E os levou para a Assíria** (29); ver Apêndice III e a seção XXVIII d. Como Tiglate-Pileser pretende ter deposto Peca, Oséias (30) agiria, evidentemente, com o apoio da Assíria.

>2Rs-15.32

XXVII. JOTÃO E ACAZ DE JUDÁ (2Rs 15.32-16.20)

a) Jotão (2Rs 15.32-38)

Ver **#2Cr 27.1-9. Reinou dezesseis anos em Jerusalém** (33); durante a maior parte deste período foi co-regente com seu pai (**#2Rs 15.5**). **E fez o que era reto aos olhos do Senhor** (34); **#2Cr 27.2** acrescenta significativamente "e ainda o povo se corrompia", fato comprovado por **#Is 2-5**, escritos que datam sobretudo deste reinado. **Os altos** (35); ver **#1Rs 15.14** nota. **A porta alta** (35);

provavelmente a porta de #Jr 20.2. Baseando-nos em #Is 7.1-2 torna-se evidente que a invasão de Rezim e Peca (37) só deve ter começado pouco antes da morte do rei.

2Rs-16.1

b) A apostasia de Acaz (2Rs 16.1-4)

Cfr. #2Cr 28.1-4. Acaz (1); sabe-se, por uma inscrição assíria que o seu nome era Joacaz. A abreviatura era de uso corrente, pois que se encontra gravada no anel de um dos seus cortesãos; contudo, é provável que a constante omissão da primeira parte do seu nome (Jeová) por parte dos escritores bíblicos, seja deliberada e se destine a exprimir repulsa pela sua apostasia. Acaz seguiu a política religiosa de Jeorão (#2Rs 8.18) Acazias (#2Rs 8.27) e Joás (#2Cr 24.18). A seu filho fez passar pelo fogo (3); isto é, "até queimou vivo o filho, oferecendo-o em holocausto". Cfr. #2Rs 3.27; #2Rs 21.6; #2Rs 23.10. Do que se lê em #Jr 7.31; #Mq 6.7, conclui-se que estes sacrifícios eram oferecidos a Jeová (ver Apêndice I). Este seria oferecido durante a crise do cerco (5).

>2Rs-16.5

c) O ataque siro-efraimita (2Rs 16.5-6)

Ver #2Cr 28.5-19; #Is 7.1-2. Como sabemos por #Is 2-5, Judá, sob Uzias e Jotão, estava, a despeito da sua aparente prosperidade, tão corrompida como Israel estivera no reinado de Jeroboão II. Foi assim que, num momento de crise, Judá caiu e os seus vizinhos mais pequenos se valeram sofregamente dessa queda (#2Cr 28.18). O objetivo de Rezim e Peca era, aparentemente, forçarem Judá a entrar numa confederação anti-assíria. Para Judá, uma das conseqüências da guerra foi a perda definitiva de Elate (6). Como o poder sírio nunca se estendeu até ao Mar Vermelho, e, na realidade a Síria cessou até de existir como país poucos anos depois, devemos admitir a freqüente confusão entre ' rm e ' dm (cfr. 3.26 nota; #2Cr 20.2 nota) e traduzir: "Nesse tempo o rei de Edom recuperou Elate para Edom... e os idumeus vieram a Elate onde habitam até ao dia de hoje".

>2Rs-16.7

d) O apelo à Assíria e seus resultados (2Rs 16.7-16)

Cfr. #2Cr 28.20-25. Sobre as implicações do apelo que Acáz dirigiu a Tiglate-Pileser, ver Apêndice II; ver igualmente o apelo de Isaías (#Is 7.3-8.3). Quir (9); ver #Am 9.7; #Am 1.5. O rei Acáz foi a Damasco a encontrar-se com Tiglate-Pileser (10) após a queda da Síria. O preço do auxílio assírio foi tornar-se Judá seu estado-vassalo; à exceção de duas ou três revoltas, assim permaneceu até ao tempo de Josias (q.v.). E vindo um altar que estava em Damasco, o rei Acáz... (10); tratava-se de um altar assírio e não sírio (#2Cr 28.23 não se relaciona com este caso). Por razões explicadas no Apêndice II, Acáz prestava homenagem aos deuses da Assíria. Além disso, como diz certa autoridade, "como em todas as províncias recém-organizadas, estabelecera-se em Damasco o culto a Assur e ao rei e os governadores vassalos eram intimados a seguir o exemplo".

Como os vers. 12-16 não sugerem quaisquer alterações do ritual, alterações que seriam naturalmente exigidas pelo culto aos deuses assírios, é de crer que os sacrifícios ainda se fizessem oficialmente a Jeová, ainda Deus de Judá; o altar assírio era, todavia, a marca do reconhecimento do poder dos deuses assírios. E sacrificou nele (12); o ato revestia-se de especial significado; sacrificando no altar, o rei afirmava-se "divino" e tomava para si as funções de sacerdote (ver #1Rs 12.27-33 nota). O altar de cobre será para mim, para inquirir dele (15); Acáz introduzia assim os supersticiosos sacrifícios babilônios por meio dos quais se pretendia desvendar o futuro (cfr. #Ez 21.21).

>2Rs-16.17

e) Sumário do reinado de Acáz (2Rs 16.17-20)

Cfr. #2Cr 28.24,26-27. O corte das cintas das bases (17) ao qual #2Cr 28.24 acrescenta os "pedaços dos vasos da casa de Deus", destinava-se, sem dúvida a pagar o tributo à Assíria. Já nos não é possível compreender as construções a que se refere o vers. 18.

2Rs-17.1

XXVIII. O FIM DO REINO DO NORTE (2Rs 17.1-41)

a) Oséias, o último rei de Israel (2Rs 17.1-6)

Embora Oséias tivesse subido ao trono com o auxílio da Assíria (15.30n) e principiasse a revolucionar a política religiosa de Israel demasiado tarde (**contudo não como os reis de Israel que foram antes dele**), deixou-se arrastar pelas seduções do Egito (4; ver Apêndice III). **Sô**; seria melhor manter a forma hebraica "Sewe". O resultado foi a sua submissão não ser aceita (3) e ele ser encerrado **na casa do cárcere** (4). Samaria teve de continuar a lutar sem o seu rei. Samaria caiu em 723 ou 722 a.C. consoante o rei a quem se atribuir a sua conquista: Salmaneser V ou Sargon, seu sucessor. Parece mais provável que essa conquista tenha sido levada a efeito por Salmaneser. Sargon foi responsável pela deportação. **O rei da Assíria... transportou a Israel** (6). Sobre a política da deportação, consulte-se o Apêndice III e a seção **d** a seguir. Leiamos uma descrição do próprio Sargon: "No princípio do meu reinado... cerquei e conquistei a cidade de Samaria... aprisionei e deportei 27.290 dos seus habitantes (e) equipei dentre eles (soldados para) cinquenta carros da minha real guarda... Reconstruí a cidade tornando-a melhor do que fora e lá estabeleci povos de países que eu próprio conquistara". De **#2Rs 15.20** se conclui que os habitantes não foram de forma alguma deportados na sua totalidade; sobre os samaritanos, consulte-se, a seguir, a seção **d**. O povo deportado estabeleceu-se ou na Mesopotâmia, a oriente de Harã, ou na Média ocidental, conquistada por Sargon.

>2Rs-17.7

b) Recapitulação da história do reino do norte (2Rs 17.7-23)

Para se conhecer o quadro religioso nas suas linhas gerais, consulte-se o Apêndice I. **Estátuas e imagens do bosque** (10); "colunas e Aserim"; ver **#1Rs 14.23** nota. **Um ídolo do bosque** (16); "um Asera". **E se prostraram perante todo o exército do céu** (16); é uma referência ao culto assírio dos planetas e das estrelas, já em curso no tempo de Amós (**#Am 5.26**) mas que só veio a constituir uma séria ameaça para Judá no reinado de Manassés (**#2Rs 21.3**). **Fizeram passar pelo fogo** (17); ver vers. 16.3 nota.

>2Rs-17.24

c) Os estrangeiros em Samaria (2Rs 17.24-41)

Sobre os estrangeiros propriamente ditos, leia-se a seção **d** seguinte. Como no caso da arca (**#1Sm 5-6**), uma coisa era Deus separar-Se do Seu povo, outra deixar-Se escarnecer (25) em conseqüência dessa separação. Sabe-se que a

Babilônia foi atingida por uma praga semelhante menos de um século depois. O texto do vers. 27 é de significado incerto. Certo tradutor verte: "que eu transportei de lá". **E vão-se** deveria estar no singular (Versão Siríaca, Vulgata e outras). A ação dos colonos (29-33) era inteiramente compatível com as idéias da época (ver Apêndice I). **Sucote-Benote** (30); provavelmente Marduque e sua mulher Zer-Banite; **Nergal** (30), o deus do mundo subterrâneo; **Asima** (30) e **Tartaque** (31), deusas sírias; **Niba** (31); o altar deificado. **E dos mais baixos** (32); segundo uma versão preferível, "dentre eles" (cfr. **#1Rs 12.31** nota). O versículo 34a é continuado pelo versículo 41. **Até ao dia de hoje** (34,41); isto é, até ao tempo de Josias, época em que foi escrito o livro dos Reis ou possivelmente até à data do exílio quando o livro foi definitivamente revisto. Pela altura do regresso, a situação parece ter mudado; ver a seção **d**, seguinte.

De 34b **não temem ao Senhor...** a 40 não há apenas contradição em relação ao que se diz nas passagens imediatamente anteriores; o conteúdo parece não dizer mesmo respeito aos samaritanos. Dir-se-ia uma porção destacada da passagem 7-23; o tempo presente do vers. 34 poderia traduzir-se também pelo pretérito contínuo.

d) Nota adicional ao capítulo 17: os samaritanos.

Nas sociedades do **Oriente Próximo** o verdadeiro domínio de um país estava nas mãos de um número de famílias relativamente pequeno. A política de deportação seguida pelos reis assírios consistia, pois, em extirpar essa "elite" (cfr. **#2Rs 24.14**; **#2Rs 25.12**) substituindo-a por elementos semelhantes, provenientes de outras áreas conquistadas. A formação de uma sociedade composta de elementos de tão diferentes origens (**#2Rs 17.24**) permitia-lhes confiar numa ausência de chefia e de política comum; era a sua defesa perante um povo do qual estavam separados pela língua e pela religião. Na Galiléia e na Transjordânia, os elementos israelitas haviam já sido de tal modo diluídos pela conquista síria (10.32-33 nota, 12.17 nota) que, depois das deportações, acabaram por desaparecer. Em Samaria, porém, a deportação fora relativamente pequena (17.6 nota; **#2Cr 30.6** nota) e os recém-chegados principiaram a ser rapidamente assimilados tanto mais que adotaram a religião da terra e, provavelmente, a língua. O fato de existirem comunidades diversas (ver comentário a **#Ed 4.2**) retardaria essa assimilação mas tudo leva a crer que, após o regresso do exílio, embora lembrados ainda da sua origem estrangeira, haviam já abandonado a idolatria; aliás, não seriam poupados ao escárnio em **#Ed 4.1-3**. Na época do Novo Testamento consideravam-se já os

legítimos descendentes de Efraim e eram na realidade considerados pelos rabis uma seita judaica herética. Muitas das alterações existentes no Pentateuco samaritano, comparadas com o hebraico oficial, apóiam a hipótese de que esse Pentateuco fosse uma versão feita propositadamente para eles pelo sacerdote que retornou à sua terra para lhes ensinar a religião de Jeová.

2Rs-18.1

O REINO DE JUDÁ-2Rs 18.1-25.30

XXIX. EZEQUIAS (2Rs 18.1-20.21)

O reinado de Ezequias apresenta-nos graves problemas de caráter cronológico e de interpretação histórica. #2Rs 18.10, a que devemos atribuir a data de 723/2 a.C., e #2Rs 18.13, cujos acontecimentos decorrem em 701 a.C., contradizem-se. A explicação está na co-regência de Ezequias com seu pai (ver página 342) a qual pode ter sido imposta a Acaz devido à sua desastrosa política externa. No primeiro caso, o tempo conta-se a partir do princípio da sua co-regência e no último a partir do seu reinado independente. #2Rs 20.12 deve situar-se ou antes de 710 a.C. ou mais provavelmente por volta de 705 a.C.; de qualquer modo numa data anterior à de #2Rs 18.13. A razão pode estar relacionada com o uso desses capítulos em Isaías 36-39. É provável que o livro dos Reis extraísse esta narrativa diretamente de Isaías e não Isaías do livro dos Reis, como geralmente se supõe. A inversão da ordem, verificada em Isaías, fundamenta-se na estrutura daquele livro. Não se verifica em Reis qualquer esforço no sentido de esclarecer as relações de Ezequias com os assírios, pelo que surgem fortes dúvidas e abundam as controvérsias sobre a seqüência #2Rs 19.8 e #2Rs 19.9; seguir-se-á 9 imediatamente a 8 ou haverá entre os dois um espaço de tempo de, pelo menos, quinze anos? A dúvida é originada pela imperfeição dos registros assírios respeitantes aos últimos anos de Senaqueribe.

a) A reforma de Ezequias (2Rs 18.1-8)

Ver também #2Cr 29.1-31.21 onde a reforma é tratada em grande detalhe. **Vinte e cinco anos de idade** (2); os rabis haviam já reconhecido a dificuldade de reconciliar este vers. com #2Rs 16.2. Em vista de #2Cr 28.1 será mais fácil admitir um erro de copista na idade de Acaz. **Tirou os altos** (4); ver #1Rs 15.14 nota. A corrupção religiosa que arruinara Israel atacara agora Judá de tal forma que, para Ezequias, a única solução seria centralizar o culto em

Jerusalém. A extinção de santuários ilegítimos não bastava. **Estátuas... bosques** (4); "colunas... Asera"; ver **#1Rs 14.23** nota. **E lhe chamaram Neustã** (4); isto é, um pedaço de bronze; **neustã** presta-se a um jogo de palavras: **nahash**, que quer dizer serpente, e **nehosheth** que significa bronze. Note-se que a serpente fora um objeto de culto durante muito tempo, talvez mesmo desde o tempo de Moisés; aquilo que se poderia ter considerado uma concessão à superstição popular numa época de religião pura, agora, depois da apostasia de Acaz, tornava-se uma fonte de perigo. Não se menciona nem se faz o elogio desta reforma nem em Isaías nem em Miquéias. É que, como estes profetas o demonstram, a reforma era puramente externa e nem mesmo na corte havia verdadeira crença em Jeová; disso são provas a aliança de Judá com o Egito e a ausência de uma reforma moral (**#Is 28.7-31.9**). **E se revoltou contra o rei da Assíria** (7). O resultado dessa revolta foi desastroso e nada indica que Isaías a aprovasse.

>2Rs-18.9

b) A queda de Samaria (2Rs 18.9-12)

Ver **#2Rs 17.3-6**. A ocorrência dá-se numa data anterior à revolta mencionada no vers. 7. Na realidade Samaria caiu durante o período em que Ezequias foi co-regente com seu pai.

>2Rs-18.13

c) Os amargos frutos da rebelião (2Rs 18.13-16)

#2Cr 32.1-8 descreve os preparativos para a defesa mas não o resultado; só o vers. 13 é reproduzido na passagem paralela de **#Is 36.1**. A interpretação mais natural é a de que Judá foi inteiramente subjugada por Senaqueribe (13). Ezequias, **in extremis**, implorou condições e teve de aceitar as que Senaqueribe lhe impôs (14). Depois, traiçoeiramente, Senaqueribe (cfr. **#Is 33.1,7-8**) mudou de parecer e exigiu a rendição da cidade (17 e segs.). Possuímos a descrição dos acontecimentos feita pelo próprio Senaqueribe, de que citamos as passagens mais importantes. O texto aparece citado na íntegra ou parcialmente na maioria das obras que se ocupam de arqueologia bíblica. "Como Ezequias, o judeu, se não submetesse ao meu jugo, cerquei quarenta e seis das suas cidades fortes, fortalezas muradas e inúmeras pequenas vilas da sua vizinhança e conquistei-as... (Delas) expulsei 200.150 pessoas, jovens e velhos, machos e fêmeas, que considereei despojo de guerra. Ao próprio

Ezequias aprisionei em Jerusalém, na sua residência real, como pássaro em gaiola... Ezequias, que se deixara esmagar pelo terrífico esplendor do meu senhorio e cujas tropas, tanto as de eleição como as irregulares, o haviam abandonado, enviou-me, mais tarde, para Nínive... juntamente com trinta talentos de ouro, oitocentos talentos de prata, pedras preciosas, antimônio, largos pedaços de pedra rubra, camas com incrustações de marfim, cadeiras **nimedu** com embutidos de marfim, peles de elefante, madeiras de ébano, outras madeiras preciosas e toda a espécie de tesouros de grande valor, as suas próprias filhas, concubinas, músicos de ambos os sexos..." Quão vívida se torna a passagem de **#Is 1.7-9** à luz desta descrição!

Pequei (14); expressão que significa "revoltei-me". **Trezentos talentos de prata** (14). A diferença entre este número e os oitocentos mencionados por Senaqueribe deve-se, provavelmente, à diferença existente entre o talento leve e o pesado, se bem que não seja de pôr de parte a hipótese de exagero assírio.

>2Rs-18.17

d) O Rabsaqué intima Ezequias a render-se (2Rs 18.17-37)

A passagem encontra-se, apenas com variantes verbais, em **#Is 36.2-22**; **#2Cr 32.9-19** dá um sumário geral. **Tartã... Rabe-Saris... Rabsaqué** (17); todos estes nomes são títulos, pelo que deveria estar presente o artigo definido. O Tartã era o chefe supremo (**#Is 20.1**) e o Rabe-Saris um oficial também de alta patente militar (**#Jr 39.3**) mas o Rabsaqué, literalmente, mordomo-mor, era, provavelmente um dos dirigentes dos serviços civis. **O aqueduto da piscina superior** (17); cfr. **#Is 7.3**; localização incerta. **Eliaquim** (cfr. **#Is 22.20**), **Sebna**, o escrivão (cfr. **#Is 22.15**) e **Joá, filho de Asafe, o chanceler** (18; cfr. **#1Rs 4.3** nota). O vers. 20 seria melhor traduzido assim: "pensas que meras palavras são conselho e poder para a guerra!" O vers. 22 rende homenagem ao serviço de espionagem assírio. No vers. 23 leia-se: "Empenha-te com o meu senhor". A deserção das tropas de choque de Ezequias poucos homens deixou capazes de montar cavalos. O vers. 25 é um ato de suprema arrogância. É notável que o Rabsaqué conhecesse o hebraico; foi-lhe pedido que falasse em siríaco (26), isto é, aramaico, que era a língua diplomática do tempo. **Contratai comigo por presentes** (31); ou melhor, "reconciliai-vos comigo". A deportação tinha de ser pintada em cores atraentes-tarefa supremamente difícil para o Rabsaqué (31-32).

2Rs-19.1

e) A resposta de Deus (2Rs 19.1-8)

Cfr. #Is 37.1-8. **Faze pois oração pelo resto que se acha** (4); o comentário da seção c dá uma idéia da calamidade que caíra sobre Judá. **Eis que meterei nele um espírito** (7); um espírito de medo. **Voltou pois Rabsaqué** (8). É evidente que Senaqueribe não dispunha de tropas suficientes para atacar Jerusalém; o Rabsaqué tinha, afinal, tentado um monstruoso logro.

>2Rs-19.9

f) A carta de Senaqueribe e a oração de Ezequias (2Rs 19.9-19)

Cfr. #Is 37.9-20. Tiracá, rei da Etiópia (9) pertencia à XXV dinastia do Egito, reis da Etiópia que tinham conquistado o Egito. Reinou de 688 a 670 A. C. Ou era general ao serviço de seu tio Sabataca e antecipadamente se lhe chama rei, ou esta passagem se refere a uma invasão posterior; ver Introdução à seção sobre Ezequias. Precisamente por causa do desafio de Senaqueribe a Jeová (10). Ezequias recorreu, confiantemente ao seu Deus, certo de que Ele o escutaria (15-19). **Que habitas entre os querubins** (15); melhor, "que estás entronizado acima dos querubins".

>2Rs-19.20

g) A profecia de Isaías (2Rs 19.20-34)

Cfr. #Is 37.21-35. Note-se que Isaías, sem que lhe seja dirigido qualquer pedido, traz a resposta de Deus. A profecia de 21-28, como na maior parte dos casos, toma uma forma poética; é uma canção de repreensão e desdém. **Os seus altos cedros** (23); os cedros eram símbolos dos reis (cfr. #Is 10.33-34; #Ez 31.3 etc.). **Campo fértil** (23); cfr. #2Cr 26.10. Leia-se, no vers. 24, "com as plantas dos meus pés secarei todos os rios do Egito". **A tua revolta** (28); "a tua arrogância". **Porei o meu anzol no teu nariz** (28); como o demonstram as inscrições assírias, era uma operação freqüentemente praticada nos cativos (cfr. #2Cr 33.11 nota). O vers. 29 anuncia a perda de duas colheitas como conseqüência da presença assíria; mas duas e não mais.

>2Rs-19.35

h) A destruição do exército assírio e a morte de Senaqueribe (2Rs 19.35-37)

Cfr. #Is 37.36-38; #2Cr 32.21-23. Ao contrário do que popularmente se pensa, nada leva a crer que o exército assírio estivesse fora das muralhas de Jerusalém. A expressão **naquela noite** (35) não está presente em #2Cr 32.21 nem em #Is 37.36; na realidade a expressão hebraica é de caráter mais indefinido que a sua correspondente na nossa língua. Certa tradição Egípcia a que se refere Heródoto pode indicar que o exército assírio foi atingido e vitimado por uma praga junto às fronteiras do Egito. Senaqueribe foi assassinado em 682 a.C. **Nisroque** (37) é provavelmente Marduque, ao qual, se bem que fosse um deus babilônio, Senaqueribe prestava culto.

2Rs-20.1

i) A enfermidade de Ezequias (2Rs 20.1-11)

Cfr. #Is 38.1-8 (cuja descrição é mais breve); #2Cr 32.24. Na introdução geral ao reinado de Ezequias foram já apresentadas razões para atribuir a este episódio uma data anterior à da invasão de Senaqueribe, provavelmente por volta de 705 a.C. A auto-satisfação de Ezequias não era tão grande quanto a expressão **com o coração perfeito** (3) pode sugerir; "de todo o coração" seria uma tradução mais fiel ao hebraico; melhor seria ainda, talvez, "dedicadamente". A hipótese de que a angústia de Ezequias fosse causada pela falta de um herdeiro (Manassés nasceu mais tarde) é uma importação artificial; a razão autêntica é-nos dada em #Is 38.10-20. O então herdeiro presuntivo terá morrido antes de seu pai. **Te livrarei...** (6). É um versículo que pode apoiar a hipótese de 705 a.C. visto que a revolta abafada em 701 a.C. eclodiu com a morte de Sargon. Mas Sargon refere-se também, num período anterior, à revolta de Ezequias embora ele pareça ter escapado com facilidade. A natureza do **sinal** (8) era, sem dúvida, especialmente calculada de molde a encorajar Ezequias, embora se nos não explique a razão. Quanto ao milagre, note-se que não se faz a mínima sugestão de que o dia fosse prolongado. O milagre incide sobre a sombra e não sobre o dia.

>2Rs-20.12

j) A embaixada de Merodaque-Baladã (2Rs 20.12-19)

Cfr. #Is 39.1-8; #2Cr 32.31. Berodaque-Baladã (12); em #Is 39.1 aparece, corretamente, a forma Merodaque-Baladã; foi um espinho na carne para os assírios e reinou na Babilônia de 721 a 710 a.C. e de novo de 705 a 704 a.C. O vers. 13 mostra-nos que a visita se deu antes de Ezequias ter de pagar tributo e também que a enfermidade de Ezequias (12) lhe servira apenas de pretexto. O rei da Babilônia queria arrastá-lo para uma aliança. Embora o fato se não refira aqui, sabemos que Ezequias se revoltou como elemento de uma confederação geral em 705 a.C. (#2Rs 18.7); na realidade, Senaqueribe considerava Ezequias o chefe da rebelião ocidental. O objetivo de Merodaque-Baladã era unir os revoltosos do oriente e do ocidente. A exibição dos seus tesouros (13) indica a auto-confiança de Ezequias baseada talvez na divina promessa de preservação (6) e na graça que Deus lhe mostrara. **E Ezequias lhes deu ouvidos** (13) (heb. wyshm’); melhor, como em #Is 39.2, "se alegrou com eles" (heb. wyshmh), isto é, acolheu-os calorosamente. A resposta de Ezequias não demonstra aquele estreito egoísmo que alguns lhe atribuem. Ele reconheceu a justiça da sentença e pensou que se ela fora protelada até ao tempo dos seus descendentes estes podiam evitá-la pela sua lealdade a Jeová.

>2Rs-20.20

1) Sumário do reinado de Ezequias (2Rs 20.20-21)

Cfr. #2Cr 32.25-33. **Como fez a piscina e o aqueduto e como fez vir a água à cidade** (20). É mais completa a informação que se colhe em #2Cr 32.2-4,30. #2Cr 32.4 pode fazer supor a existência de um programa de grande alcance que dificultaria o abastecimento de água aos invasores; mas a obra principal consistia em trazer a água da única fonte que existia perto de Jerusalém, a Fonte da Virgem ou a Fonte Giom, no vale de Cedrom, até ao poço de Siloé ao tempo dentro das muralhas da cidade.

2Rs-21.1

XXX. MANASSÉS (2Rs 21.1-18)

Cfr. com algumas variantes a edições #2Cr 33.1-20. Manassés herdou de seu pai a vassalagem à Assíria e sendo então o Egito uma província assíria (foi-o durante uma boa parte do seu reinado) (ver Apêndice III), pouca tendência se verificava para a rebelião (mas ver #2Cr 33.11). Em certa ocasião teve de acompanhar Assurbanípal numa campanha contra o Egito. Colheu da sua vassalagem os mesmos frutos que seu avô (ver Apêndice II) de forma que não

só restaurou o culto cananeizado a Jeová (3, **os altos**; #1Rs 3.2 nota), como edificou um "altar" especial (3, singular, como na Septuaginta) para essa degradada forma de culto (**Baal** é aqui, como em tantos outros casos, o símbolo de uma grosseira e pervertida concepção de Jeová) e fez uma **imagem de escultura** de Asera (7; ver #1Rs 14.13) que representava a "mulher" de Jeová. Com tudo isto entrou o politeísmo do culto da natureza (4) e particularmente o culto dos deuses assírios (5; cfr. 17.16 nota). Pelo menos uma vez sacrificou um filho (6; ver #2Cr 33.6), cfr. 16.3 nota e introduziu todos os males da feitiçaria e do espiritismo da religião babilônica. A grande corrupção da religião por ele introduzida é-nos apresentada de maneira mais completa em #2Rs 23.4-5,10-14 (q.v.). Sobre o significado implícito, ver Apêndice 1. O absoluto zelo que pôs na explicação da sua política e a duração do seu reinado, criaram uma situação que nada podia já alterar (11-15; cfr. #2Rs 23.26; #2Rs 24.3-4; #Jr 15.4). A corrupção da religião trouxe consigo a injustiça (16) embora o **sangue inocente** fosse, provavelmente, em primeiro lugar, o daqueles que se opunham à sua política religiosa. É possível que o negro quadro pintado por #Mq 7.1-6 se inspire neste período. **O seu pecado que pecou** (17); a sua política religiosa foi referida nas crônicas do seu reinado.

>2Rs-21.19

XXXI. AMOM (2Rs 21.19-26)

Cfr. com a descrição ligeiramente reduzida de #2Cr 33.21-25. Desconhece-se a razão da conspiração contra Amom. Como a Assíria mostrava, então, os primeiros indícios de enfraquecimento, é possível que houvesse intriga egípcia. Sobre **o povo da terra**, ver nota adicional ao capítulo 11. É evidente que se deu uma subversão popular, uma revolta contra a política dos dois últimos reinos que explica a educação que Josias teria recebido, e que lhe permitiria, mais tarde, realizar as suas reformas.

2Rs-22.1

XXXII. JOSIAS (2Rs 22.1-23.30)

A passagem paralela de #2Cr 34.1-35.27 contém consideráveis adições e omissões. Esta seção seria provavelmente escrita pelo principal editor do livro dos Reis, o qual teria sido uma testemunha ocular do que se descreve. Certas omissões são difíceis de explicar. É possível que o colapso do reinado de

Josias o deixasse num estado de abatimento que o impedisse de descrever todos os seus sucessos e toda a sua glória. A boa interpretação de uma grande parte das ocorrências exige um conhecimento do panorama internacional da época; ver Apêndice III. O curso da reforma só poderá ser plenamente compreendido mediante a leitura de 2Crônicas. #2Cr 34.3 (q.v.) descreve a primeira fase dessa reforma e prova que os elementos pessoais e políticos são nela inseparáveis. "No oitavo ano do seu reino" (623 A. C.) Assurbanípal acabara de morrer, mas tornava-se evidente que o leão assírio perdera os dentes; por isso, Josias se dissociou pessoalmente do culto dos deuses assírios. Quatro anos depois, no duodécimo ano do seu reino, o golpe cita fora já provavelmente vibrado na Assíria e Josias principiou, cautelosamente, as suas reformas públicas. Pelo ano décimo oitavo (#2Rs 22.3) era já um rei completamente independente.

a) Introdução (2Rs 22.1-2)

Cfr. #2Cr 34.1-2.

>2Rs-22.3

b) A restauração do templo (2Rs 22.3-7)

Cfr. #2Cr 34.8-14. Esclareça-se que a reparação do templo pressupõe a ablação, em grande escala, da idolatria, a qual, no livro dos Reis, por conveniência da narrativa, só mais tarde é inteiramente descrita; em #2Cr 34.4-7 a descrição aparece no seu devido lugar, mas aí se incluem certas reformas que são, certamente, posteriores à descoberta do livro da lei (ver nota *ad loc.*). O vers. 4 faz supor que o dinheiro começara a juntar-se algum tempo antes-que se trouxe à casa do Senhor -cfr. com #2Rs 12.7-10. A restauração do templo pode ter sido necessária não apenas devido à negligência na sua conservação mas por estragos e danos que lhe teriam sido feitos quando da deportação de Manassés para a Babilônia (#2Cr 33.11).

>2Rs-22.8

c) A descoberta do livro da lei (2Rs 22.8-11)

Cfr. #2Cr 34.15-19. Achei o livro da lei (8). Razões de ordem prática tornam duvidosa a hipótese de que se tratasse do Pentateuco completo; mas, embora não seja impossível que fosse o Deuteronômio, como freqüentemente se

presume, a suposição não pode ser provada e é rejeitada por grandes investigadores modernos. Na realidade, o argumento de maior peso a seu favor é a natureza da reforma de Josias. Contudo, se seguirmos [#2Cr 34.3-7](#) veremos que o efeito do livro foi criar um sentido de urgência e de ação completa e perfeita e não inaugurar a reforma ou ditar o aspecto que ela tomaria, para o qual existia já um precedente desde o tempo de Ezequias. Note-se que Hilquias e Safã não revelam qualquer surpresa. Desconhece-se o paradeiro do livro até àquele momento; a sugestão freqüentemente apresentada segundo a qual o livro fizera parte dos tesouros que Salomão guardara num esconderijo dos alicerces, não se pode provar. Nada autoriza a suposição de que o templo estivesse danificado ao ponto de deixar ver os alicerces. [Rasgou os seus vestidos](#) (11); a apostasia do tempo de Manassés e de Amom aparecia-lhe agora em todo o seu terrível significado.

>2Rs-22.12

d) A mensagem de Hulda (2Rs 22.12-20)

Cfr. [#2Cr 34.20-28](#) (passagem praticamente idêntica). [Asaías, o servo do rei](#); isto é, "ministro" provavelmente um conselheiro especial. A ordem de consulta não se referia a Hulda em particular (13); a decisão de a consultar parece ter sido tomada pelo sacerdote Hilquias (14). O rei tinha, na corte, os seus próprios profetas ([#2Rs 23.2](#)), mas é possível que Hilquias não os tivesse em grande consideração (cfr. a opinião que Jeremias tinha dos profetas do seu tempo, [#Jr 2.8](#); [#Jr 5.30](#) e seg., [#Jr 6.13](#); [#Jr 14.14](#); [#Jr 23.9-40](#) etc.); Sofonias e Jeremias não se encontrariam, necessariamente, em Jerusalém na altura em que se desenrolam estes acontecimentos. Note-se que Hulda não revela a mínima surpresa acerca do livro cujo conteúdo parece conhecer. Hulda não lhes dirige quaisquer palavras de esperança porque o mal estava já muito adiantado (cfr. 21.11-15 nota). Na glória do reinado de Josias as suas palavras foram esquecidas. A promessa que ela fez a Josias (20) só parcialmente se cumpriu; Veja-se a razão provável em 23.29-30 nota.

2Rs-23.1

e) O concerto (2Rs 23.1-3)

Cfr. [#2Cr 34.29-32](#) (passagem praticamente idêntica). [Todas as palavras do livro do concerto](#) (2); estas palavras não podem servir de base a qualquer

identificação uma vez que se podem aplicar igualmente bem a #Êx 24.1-8; #Lv 26.3-45; #Dt 27-28. Junto à coluna (3); cfr. #2Rs 11.14.

>2Rs-23.4

f) A Reforma (2Rs 23.4-20)

Cfr. #2Cr 34.3-4,7,33. Como se declarou já na seção **b**, o livro dos Reis, por conveniência de narrativa, descreve toda a reforma depois do concerto enquanto que em Crônicas a ordem é inversa. O acontecimento e o tempo são os mesmos pelo que se torna desnecessária qualquer outra explicação. A freqüente alusão que aqui se faz à profanação (8,10,13,16) e à profanação por certos atos (4,6,14,16,20) explica-se pelo fato de que um santuário ou "alto" não perdia a sua qualidade de santuário com a destruição dos objetos de culto e dos edifícios. A profanação de um lugar, ou seja a sua transformação num lugar comum, exigia medidas mais drásticas. A menos que estas se tomassem, os santuários em breve retomariam a sua feição. **Sacerdotes da segunda ordem** (4); isto é, sacerdotes de segunda classe; contudo, tomando em consideração #2Rs 25.18; #Jr 52.24, é possível que a palavra "sacerdotes" devesse estar no singular. **Para Baal e para o bosque** (4); "para Baal e para Asera"; ver 21.3,7 nota. **O exército dos céus** (4); ver 21.5 nota. Tudo isto se deve ter passado antes do concerto. **Cedrom** (4); cfr. vers. 6,12; #1Rs 15.13. **E levou as cinzas deles a Betel** (4); esta ocorrência é posterior; cfr. 15-18. **Os sacerdotes** (5); heb. **Kemarim**; palavra que sempre designa os sacerdotes idólatras, sacerdotes de religiões pagãs. **Que os reis de Judá estabeleceram** (5); melhor, "que os reis de Judá nomearam". **Planetas** (5); sinais zodiacais. **O bosque** (6); "o Asera"; ver #1Rs 15.13; #2Rs 21.7 nota. **As sepulturas dos filhos do povo** (6); "das pessoas do povo, da gente comum". O vale de Cedrom tornara-se o que ainda hoje é: um grande cemitério. **Rapazes escandalosos** (7); ver #1Rs 14.24 nota; a forma do masculino pode abranger os dois sexos. **Que estavam na casa do Senhor** (7); isto é, na área do templo. **Tendas para o ídolo do bosque** (7); melhor, "vestes para o Asera". Ver vers. 6.

>2Rs-23.8

Trouxe a todos os sacerdotes (heb. **kohanim**; contraste-se com **kemarim** do vers. 5) **das cidades de Judá** (8). O contexto indica que estes seriam os sacerdotes levitas dos altos (cfr. #Ez 44.10-14) os quais, ao contrário dos que se mencionam no vers. 5, haviam mantido um culto relativamente puro. É possível que fossem trazidos para Jerusalém para aí serem vigiados. Não se

esclarece (9) se eram incumbidos dos trabalhos mais humildes do templo, mas sabe-se que lhes estavam vedadas as funções sacerdotais; era-lhes permitido comer a comida reservada aos sacerdotes (é este o significado provável de **pães asmos** (9) embora se desconheça o motivo por que se emprega a expressão). Alega-se que estes sacerdotes ocupavam a posição prevista em **#Dt 18.6-8** e a alegação é aduzida como prova adicional de que a data de Deuteronômio deve fixar-se num período não muito anterior a 621. Mas a impossibilidade de se relacionar a posição destes sacerdotes com a descrita em **#Dt 18.7** confirma a objeção de que o panorama de Deuteronômio não é o da época de Josias. Sobre **Geba** (8), ver **#1Rs 15.22** nota.

Os altos das portas (8); provavelmente "os altos dos sátiros" (as mesmas consoantes em hebraico); ver **#2Cr 11.15** nota. **Tofete** (10) significa, provavelmente, o lugar em que se faziam os holocaustos; cfr. **#Jr 7.31**. **Passar pelo fogo a Moloque** (10); ver 16.3 nota. Moloque (heb. **molekh**) é o hebraico **melekh** (rei) com as vogais de **bosheth** (vergonha); cfr. **#1Cr 8.33** nota. À luz de **#Jr 7.31** parece incontestável que o "rei" a quem se dedicavam os sacrifícios fosse Jeová (ver Apêndice I). **Cavalos... carros** (na Septuaginta e noutras versões, no singular) **do sol** (11); outro indício de culto assírio. O culto das estrelas é indicado pela posição dos **altares que estavam sobre o terraço** (12). Quanto aos **altos... os quais edificara Salomão** (13) ver **#1Rs 11.1-18**. Não se suponha que eles permaneceram intactos e respeitados através de todas as reformas; permanecera, sim, a memória ligada aos respectivos lugares e os santuários, após serem destruídos, eram rapidamente restaurados (ver comentário no começo desta seção). O vers. 14 é um sumário geral; **estátuas... bosques**; "colunas... Aserim"; ver **#1Rs 14.23** nota. Os vers. 15-20 (cfr. **#2Cr 34.4-7**) devem referir-se a um período posterior à Páscoa de Josias (21-23). Têm como cenário a área através da qual se estendia o poder de Josias o qual chegava à planície de Esdrelom. Comparem-se os vers. 15-18 com **#1Rs 13.1-32**. **Sacrificou todos os sacerdotes dos altos** (20); o contraste com Judá (5,8) deve-se, possivelmente, ao fato de que todos, ou quase todos os do sul eram levitas, enquanto que os do norte não haviam sido divinamente investidos de poder para desempenharem quaisquer funções sacerdotais. (**#1Rs 12.31** nota).

>2Rs-23.21

g) A Páscoa de Josias (2Rs 23.21-23)

Ver comentário a **#2Cr 35.1-19**.

>2Rs-23.24

h) A continuação da reforma (2Rs 23.24)

Os vestígios de paganismo que neste versículo se mencionam passam despercebidos à primeira vista. Mantinha-se uma rigorosa vigilância. **As imagens** ou terafim eram, em grande número, propriedade privada (cfr. **#Gn 31.19; #1Sm 19.13**) e tudo leva a crer que as imagens aqui referidas fossem ídolos domésticos.

>2Rs-23.25

i) Sumário do reinado de Josias (2Rs 23.25-28)

Cfr. **#2Cr 35.26-27**. Mencionou-se já a razão de ordem geral por que Deus se recusou a poupar Jerusalém à destruição; ver 21.11-15 nota. Mas houve uma razão mais profunda. A forma como Jeremias praticamente ignora a reforma levada a cabo por Josias, as observações com que a critica, a sua descrição da mentira, da imoralidade e da injustiça ainda existentes em Jerusalém após a reforma (**#Jr 5**), o regresso à idolatria durante o reinado de Jeoaquim, a desvergonhada justificação desta (**#Jr 44.15-19**) e o isolamento de Jeremias, tudo indica que, por melhores que fossem as intenções de Jeremias e dos seus colaboradores, a reforma levada a efeito não pôde ser mais que superficial. Note-se que em **#Jr 22.15-16**, não se faz a mínima alusão à reforma.

>2Rs-23.29

j) A morte de Josias (23.29-30a)

Ver também **#2Cr 35.20-24**. Josias expandira o seu reino que se estendera pelo menos até à planície de Esdrelom (ver comentário a **#2Rs 23.15-20**) durante os últimos anos do Império Assírio. Nínive caiu em 612 A.C. e os últimos vestígios da Assíria desapareceram dois ou três anos depois (ver Apêndice III). A marcha de Neco para o norte, **contra o rei da Assíria** em 609 A. C. não era senão um pretexto para a rapina. Nominalmente intervinha, segundo parece, a favor da Assíria, mas a Bíblia não se deixa guiar pela aparência e vai ao fundo da questão. A alusão a Carquemis (**#2Cr 35.20**) pretende referir não tanto a posterior derrota de Neco aí, em 605 A. C. (cfr. **#Jr 46.2**) como o fato de ser este o ponto limite do território que Neco poderia esperar conquistar. Josias via o perigo que corria a sua independência recentemente conquistada.

Por isso decidiu, insensatamente, opor-se à passagem de Neco que, todavia, tinha mais em que pensar que nos montes da Judéia (#2Cr 35.21). O argumento de que Josias teria de ser leal à Assíria ou a uma aliança babilônica não tem validade. O fato de Josias se ter disfarçado (#2Cr 35.22; cfr. #2Rs 23.30 nota) bem como a misteriosa ordem que Deus dera a Neco sugerem que a essa campanha se tivesse oposto algum profeta como Jeremias mas que Josias, tal como Acabe, preferisse escutar os profetas da sua corte. A própria brevidade da narrativa de Reis faz supor que o autor prefere abster-se de contar a história da morte de um rei que fora bom mas acabara por ser vítima de uma excessiva confiança em si próprio. O fato de a batalha se ferir em Megido (29) prova que Neco não tencionava invadir Judá, antes seguia a tradicional via do norte.

>2Rs-23.30

XXXIII. OS ÚLTIMOS DIAS DE JERUSALÉM (2Rs 23.30-35.7)

a) Jeoacaz (2Rs 23.30-33)

Cfr. #2Cr 36.1-4. Sobre o povo da terra (30) ver nota adicional aos capítulos 11 e 21.24 nota. O fato de o povo ignorar Eliaquim (Jeoaquim, 34), o segundo filho de Josias, demonstra uma sagaz avaliação do seu caráter. É de crer que o filho mais velho (#1Cr 3.15) tivesse morrido. Além disso o povo pensou, decerto, que haveria maior probabilidade de Jeoacaz seguir a política de seu pai. O seu verdadeiro nome era Salum (#1Cr 3.15; #Jr 22.11); Jeoacaz foi o nome que se adotou e pelo qual seria conhecido como rei. Neco considerou e declarou sem efeito a escolha do povo; cfr. em lugar de seu pai Josias (34); não por causa da política de Jeoacaz ou dos seus possíveis contactos com a Babilônia mas simplesmente para mostrar a Judá quem mandava.

>2Rs-23.34

b) Jeoquim (2Rs 23.34-24.7)

Cfr. #2Cr 36.4-8. Ao mudar o nome de Eliaquim em Jeoquim (34), Neco pretendia o mesmo que com a deposição de Jeascaz, ou seja, demonstrar que era senhor absoluto de Judá. A importância do tributo (33) comparada com a paga por Israel no reinado de Menaém (#2Rs 15.19) e Ezequias (#2Rs 18.14) mostra bem quanto as tribulações dos reinados de Acaz e Ezequias haviam empobrecido Judá. A referência especial ao fato de ser o tributo demandado

do povo da terra (35) indica, provavelmente, que a intenção era arruiná-lo. E fez o que parecia mal aos olhos do Senhor (37); não se nos oferece qualquer descrição pormenorizada mas #Jr 7.16-18; #Ez 8.5-18 (no tempo de Zedequias) sugerem que existisse não tanto a apostasia organizada que existiu, por exemplo, nos reinados de Acaz e Manassés, como o livre regresso às superstições mais populares. A suposição que se baseia em #Ez 8.10 e segundo a qual se teria registado uma invasão do culto egípcio, é improvável. Jeoaquim foi, em caráter, dos piores reis de Judá; cfr. #Jr 22.13-15,17-19; #Jr 26.20-23; #Jr 36.21-26.

2Rs-24.6

E Jeoaquim dormiu com seus pais (6). Jeremias (#2Rs 22.19) profetizara que ele teria "sepultura de jumento", ou seja, que não seria enterrado; #2Cr 36.6 diz-nos que Nabucodonosor "o amarrou com cadeias para o levar a Babilônia". É muito provável que tenha sido ferido e capturado nalguma desordem; morto dos ferimentos, o seu corpo teria sido lançado fora. Por isso o livro dos Reis não menciona o seu funeral. De #Jr 37.5-7 se conclui que a afirmação contida no vers. 7 deve ser tomada em sentido relativo.

>2Rs-24.8

c) Joaquim (2Rs 24.8-16)

Cfr. #2Cr 36.9-10. Joaquim (8) era o nome pelo qual era conhecido como rei; o seu verdadeiro nome era Jeconias (#1Cr 3.16) ou, abreviadamente, Conias (#Jr 22.24). Sua mãe (12); cfr. #Jr 13.18; #Jr 22.26. Todos os tesouros da casa do Senhor... e fendeu todos os vasos de ouro (13). #2Rs 25.15 mostra-nos que, tal como em muitas outras passagens, a palavra "todos" não deve ser interpretada literalmente. #Dt 5.2; #Ed 1.7-11 revelam-nos que só os vasos demasiadamente grandes para serem facilmente transportados, eram fendidos; os outros seriam levados como troféus para adornarem o templo de Marduque, visto que não existia imagem de Jeová. Como o Senhor tinha dito (13); #Jr 20.5. Sobre o número de prisioneiros desterrados (14,16), ver comentário a #2Rs 25.12. Carpinteiros... ferreiros (14,16); o significado exato das palavras é incerto. Veja-se a continuação da história de Joaquim em #2Rs 25.27-30. Dos documentos descobertos nas ruínas da Babilônia que tratam das porções de alimentos para os cativos, parece que ele continuou a ser considerado o verdadeiro rei de Judá; assim se explica a contagem do tempo no livro de Ezequiel. Zedequias foi mais regente que rei.

>2Rs-24.17

d) Zedequias (2Rs 24.17-25.7)

Cfr. #2Cr 36.11-13; #Jr 52.1-11. Sobre a mudança de Matanias (17) em Zedequias ver 23.34 nota. **Zedequias se revoltou** (20). #2Cr 36.13; #Ez 17.15-16 acentuam a sua traição ao juramento que fizera, à sua promessa de lealdade. O fato resultou de intrigas egípcias e os egípcios fizeram que fosse levantado o cerco durante um curto espaço de tempo (#Jr 37.5-7,11). Mas em vão.

2Rs-25.4

Pelo caminho da campina (4); "o caminho de Arabá", isto é, em direção ao Mar Morto. O castigo de Zedequias (#2Rs 7; #Jr 52.10-11) mostra quão grave Nabucodonosor considerou a sua traição. #Jr 37.1-39.7 oferece-nos uma interessante descrição suplementar deste período.

>2Rs-25.8

XXXIV. DESTRUÇÃO E EXÍLIO (2Rs 25.8-30)

a) O destino de Jerusalém (2Rs 25.8-21)

Cfr. #2Cr 36.14-21 (sumário geral); #Jr 52.12-30 (adições consideráveis). A destruição de Jerusalém levada a efeito por Nabucodonosor foi um castigo premeditado (8-10). **Dos mais pobres da terra deixou o capitão da guarda ficar** (12). Esta declaração tem sido rejeitada por muitos à luz do que se afirma em #Jr 52.28-30 cujo número total de pessoas deportadas é de 4.600; #Jr 52.28 está em nítida contradição com #2Rs 24.14,16 e #Jr 52.29 é irreconciliável com #Jr 25.11; #Jr 39.9; #Jr 52.15. É de supor que #Jr 52.28-30 se refira a prisioneiros de categoria designados pelo nome. A arqueologia confirmou o prático despovoamento da Judéia; o assunto é importante, pois que na rejeição da verdade do quadro apresentado por Reis se baseia a rejeição de muito do conteúdo dos primeiros capítulos de Esdras. O templo é saqueado e não fica um único objeto de valor (13-17; note-se o texto mais longo de #Jr 52.17-23). A execução de certos cidadãos em destaque (18-21) é possivelmente aquela a que se refere #Jr 52.10 a qual se efetuou ao mesmo tempo que foram vazados os olhos a Zedequias (#2Rs 25.7).

>2Rs-25.22

b) A fuga para o Egito (2Rs 25.22-26)

É esta uma versão muito condensada da descrição de [#Jr 40.7-43.7](#) (q.v.). A traição de Ismael (25) priva a Judéia de um governo organizado.

>2Rs-25.27

c) Esperança para o futuro (2Rs 25.27-30)

A passagem paralela em [#Jr 52.31-34](#) é praticamente idêntica. O incidente é registado pela esperança que nele se contém de um fim feliz. Crônicas, já escrito após o regresso do exílio, ignora-o. Quanto à importância desta seção na atribuição de uma data ao livro dos Reis, consulte-se a [Introdução](#). Evil-Merodaque (561-560) era filho de Nabucodonosor.

I E II CRÔNICAS

INTRODUÇÃO

I. A SUA POSIÇÃO NO CÂNON DO VELHO TESTAMENTO

As versões portuguesas seguem a Septuaginta e a Vulgata, colocando Crônicas imediatamente a seguir a Reis, mas na Bíblia hebraica o livro, de Crônicas é o último do Velho Testamento, posição que já deveria ocupar no tempo de Cristo (ver nota a [#2Cr 24.20](#) e seguintes). Em hebraico, trata-se de um único livro (embora nas Bíblias hebraicas impressas se tenha adotado a tradição cristã); a divisão em dois livros remonta à Septuaginta.

II. TÍTULO E DATA

Devemos o nome que damos a este livro, Crônicas, a uma sugestão de São Jerônimo. Constitui ele uma tradução aceitável do título hebraico [dibhre hay-yamim](#), isto é, "os acontecimentos dos dias", ou "anais", mas não exprime com justeza o caráter ou finalidade deste livro (ver abaixo o parágrafo IV, [Finalidade](#)).

O próprio livro de Crônicas, no capítulo [#2Cr 36.22](#), indica uma data terminal evidente, a saber, 537 A. C. Todavia, parece haver evidência conclusiva de que Crônicas e Esdras-Neemias constituíam originalmente um só livro, o que avançaria a data para depois de 430 A.C. A lista dos descendentes de Zorobabel ([#1Cr 3.19-24](#)) até à sexta geração sugere uma data não anterior a 400-340 A. C., mas veja-se a nota referente a esta passagem. Em [#Ne 12.10](#) e seguintes, e [#Ne 12.22](#) e seguintes, a lista dos sumo-sacerdotes chega a Jada, que viveu cerca de 332 A. C. Rudolph ([Esra und Nohemia](#), 1949) afirma o que intrinsecamente é bem possível que se trata de adições feitas por escribas e atribui ao livro a data de pouco depois de 400 A. C. Albright ([J.B.L.](#), 1921, págs. 104-124) chega à mesma data, partindo de premissas diferentes. Seja como for, podem-se excluir, por improváveis, datas posteriores a 300 A.C.

III. AUTOR

Os fatos que acabamos de apresentar, tornam muito difícil aceitar a atribuição judaica da autoria a Esdras, como o tornam, também, a descrição

fragmentária da atividade dessa personalidade histórica; mas parece que a tradição foi mal compreendida e que só se lhe atribuem as genealogias (#1Cr 1.9; ver *Jewish Enc., ad loc.*). Nesse caso, a opinião de Delitzsch, de que Esdras foi o compilador de grande parte do material utilizado pelo cronista, pode estar certa, ou, até, a de Welch (*Schweich Lectures*, 1939), de que a maior parte do livro é anterior ao exílio. Em qualquer dos casos, continuamos a desconhecer o nome do cronista.

IV. FINALIDADE

Uma crônica difere de uma história por ser um registro de acontecimentos transitórios feito sem qualquer critério seletivo quanto ao que se inclui ou ao que se omite. O "cronista" escreve obviamente histórias, pois há um princípio muito claro que ressalta tanto do que acrescenta a Samuel e a Reis como do que exclui. Os seus acrescentamentos referem-se principalmente ao templo e seus atos de culto e aos acontecimentos que exaltavam o aspecto religioso de estado sobre o civil; é óbvio que se preocupava sobretudo com Israel como comunidade religiosa. As suas omissões mostram que o seu interesse se concentrava no desenvolvimento de duas instituições divinas: o templo e a linhagem davídica de monarcas. Por isso, só se menciona a morte de Saul, omitindo-se o seu reinado, o pecado de Davi, a rebelião de Absalão, a tentativa de usurpação feita por Adonias. A história do reino do norte, que se revoltou contra ambas estas instituições de Deus, é mencionada só até ao ponto em que se relaciona com os destinos de Judá.

É por isso que se diz que o livro de Crônicas representa o ponto de vista sacerdotal, preocupando-se com a realização do que Deus determinara e não, ao contrário de Samuel e Reis, com o ponto de vista profético, de como Deus tratou o Seu povo e Se revelou.

Não é difícil descortinar os motivos que levaram à feitura do livro de Crônicas. A comunidade posterior ao exílio tinha de compreender como surgira, que era uma verdadeira continuação do reino anterior ao exílio (o que explica na presença das genealogias), e qual o papel do dom de Deus-o templo e seus atos de culto-que lhe fora confiado. Da omissão de tantas cenas familiares de Samuel e Reis ressalta que, embora fossem poucos os que haviam regressado do exílio, Deus sempre eliminara da história do Seu povo os elementos que contra Ele se revoltavam.

Numa era em que é cada vez mais forte a tendência de pôr de parte a antiga revelação de Deus nas Escrituras, o livro de Crônicas tem uma mensagem de encorajamento e advertência para todos nós.

V. FONTES

É evidente que a fonte principal do livro de Crônicas se encontra em Samuel e Reis. Além disso, faz-se referência a várias outras fontes-vinte ao todo-a saber, #1Cr 5.17; #1Cr 9.1; #1Cr 23.27; #1Cr 27.24; #1Cr 29.29; #2Cr 9.29; #2Cr 12.15; #2Cr 13.22; #2Cr 24.27; #2Cr 26.22; #2Cr 27.7; #2Cr 33.19; #2Cr 35.25 etc. Embora não haja necessidade de pôr em dúvida a existência destas fontes, não se segue que o cronista tenha necessariamente feito uso direto delas, pois pode ter-se servido de um ou mais documentos nelas baseados. Normalmente, segue muito de perto Samuel e Reis, embora, de quando em quando, não hesite em fazer alterações; não há qualquer motivo para supor que não tenha seguido as suas outras fontes com igual proximidade, embora existam provas de que não hesitava em vazar a sua linguagem noutros moldes.

VI. VALOR HISTÓRICO

É evidente que, lido isoladamente, o livro de Crônicas daria uma perspectiva desequilibrada da história israelita; mas não é menos claro que o autor partia do princípio que os seus leitores estavam familiarizados com Samuel e Reis, pelo que a crítica baseada neste argumento é destituída de validade. Mais difícil de explicar é o grande número de discrepâncias entre Crônicas, por um lado, e Samuel e Reis, por outro, algumas verdadeiras, outras imaginárias. Talvez seja por este motivo que o Talmude põe em dúvida a sua exatidão histórica, embora não a sua canonicidade.

Em tempos modernos, duvidou-se da autenticidade de todos os passos ausentes de Samuel e Reis (foram, até, considerados invenções do cronista). Mas, nos poucos casos em que a arqueologia estava apta a dar a sua opinião, esta tendia a ser favorável, e agora as críticas feitas pelos comentadores são normalmente muito mais cautelosas. Não há motivo para duvidar da exatidão essencial do cronista e suas fontes. Algumas das discrepâncias podem ser devidas a corrupção textual na origem e em vários pontos o texto de Crônicas foi deficientemente transmitido.

Um dos principais problemas de Crônicas é o dos números que contém. Muitos destes são impossivelmente grandes, outros estão em desacordo com Samuel e Reis, enquanto que outros, ainda, são incompatíveis com as descobertas da arqueologia. Todavia, outros algarismos há que não apoiam a hipótese geralmente aventada de que se trata pura e simplesmente de autênticos exageros, como, por exemplo, os trezentos carros de guerra em [#2Cr 14.9](#), por contraste com um milhão de soldados de infantaria. A solução mais evidente é que se trata, sim, de corrupção textual, quer nas fontes, quer na transmissão do livro de Crônicas. O estudo das variantes encontradas nas genealogias mostrará até que ponto tal corrupção existiu. Há, todavia, outro aspecto a considerar. A partir de mil, os números eram usados não só como números redondos mas também em sentido figurado. Assim, em vários dos casos mencionados no comentário, pretendia-se talvez exprimir apenas um número grande, ou muito grande.

Quanto à cronologia do período abrangido por 1 e 2Crônicas, ver [introdução a 1 e 2Reis](#).

I CRÔNICAS

1Cr-1.1

I. GENEALOGIAS. 1Cr 1.1-9.44

A finalidade das genealogias coincide com a principal finalidade do livro de Crônicas. É evidente que o interesse se concentra sobretudo sobre a linhagem davídica e os descendentes de Levi (note-se a omissão notória da casa de Eli, que não servia no templo de Jerusalém). Seguem-se, por ordem de importância, as duas tribos especialmente relacionadas com a monarquia: Judá e Benjamim. A menção, apenas de passagem, de tantas personalidades nas genealogias mostra que a sua omissão mais adiante é propositada; não haviam servido os propósitos de Deus. Por outro lado, a menção de tantos nomes sem importância garante que do povo de Deus ninguém é esquecido.

Muitos dos nomes citados são extraídos de outros livros canônicos; as fontes dos restantes não são geralmente indicadas, mas a natureza fragmentária de muitas delas constitui a melhor prova de que o cronista tinha perante si trechos de registos antigos. Em muitos casos, como noutros passos do livro de Crônicas, há variantes ortográficas por comparação com os mesmos nomes noutros livros canônicos. Um asterisco precede a forma geralmente

considerada correta; sempre que não haja asterisco, não podemos ter a certeza quanto à forma original. Ver-se-á-que geralmente mas nem sempre-a forma de Crônicas é a de menos confiança, fato este pelo qual os copistas e não o autor são responsáveis.

a) Genealogias a partir do Gênesis (1Cr 1.1-2.2).

A forma extremamente condensada de grande parte desta seção mostra que se partia do princípio de que o Gênesis era conhecido.

1. OS PATRIARCAS PRÉ-DILUVIANOS (#1Cr 1.1-4). Ver #Gn 5.3-32. Note-se a omissão da linhagem de Caim, em plena conformidade com os princípios que presidiram à preparação do livro de Crônicas.

>1Cr-1.5

2. A GENEALOGIA DAS NAÇÕES (#1Cr 1.5-23). Ver #Gn 10.2-29. Note-se que Uz, etc. (17), eram filhos de Arã. Meseque (17). Más (#Gn 10.23). Ebal (22), Obal (#Gn 10.28).

>1Cr-1.24

3. A DESCENDÊNCIA DE ABRAÃO (#1Cr 1.24-27). Ver #Gn 11.10-26.

>1Cr-1.28

4. OS DESCENDENTES DE ABRAÃO POR ISMAEL E QUETURA (#1Cr 1.28-33). Ver #Gn 25.12-16 e #Gn 25.1-4.

>1Cr-1.34

5. OS DESCENDENTES DE ESAÚ (#1Cr 1.34-54). Ver #Gn 36.10-14,20-43. Zefi (36). * Zefô (#Gn 36.11). Em #Gn 36.12 * Timna é concubina de Elifaz e mãe de Amaleque. Homã (39), Hemã (#Gn 36.22). Aliã (40), Alvã (#Gn 36.23). Sefi (40), Sefô (#Gn 36.23). Hanrão (41), Hendã (#Gn 36.26). Jaacã (42), Acã (#Gn 36.27); * Hadade (50), Hadar (#Gn 36.39). Paí (50), Paú (#Gn 36.39). Aliá (51), * Alva (#Gn 36.40).

1Cr-2.1

6. OS FILHOS DE ISRAEL (#1Cr 2.1-2). Ver #Gn 35.22-26. Parece não haver explicação para a posição pouco costumeira de Dã.

>1Cr-2.3

b) Genealogias de Judá (1Cr 2.3-4.23).

Parece ser agora impossível destrinçar estas genealogias com segurança; as dificuldades são devidas, em parte, à natureza incompleta e, por vezes, fragmentária, até, das genealogias e, em parte, também, à possível duplicação de nomes. As corrupções do texto e o fato de, às vezes, estes nomes serem de localidades e não de pessoas vem complicar o problema.

1. ALGUNS DESCENDENTES DE JUDÁ (#1Cr 2.3-9). Alguns descendentes de Selá (3) vêm mencionados em #1Cr 4.21; #1Cr 9.5; #Ne 11.5. Não lhes são feitas mais referências por o cronista desejar chegar à casa real o mais cedo possível. A filha de Sua (3); ver #Gn 38.2. Hezrom e Hamul (5); ver #Gn 46.12. A lista dos descendentes de Hezrom começa no versículo 9. Não se deve supor que Hamul não tivesse tido filhos; ver #Nm 26.21. Zinri (6); * Zabdi (#Js 7.1). É muito provável que Etã, Hemi, Calcol e Dara se possam Identificar com Etã, o ezraíta (isto é, descendente de Zerá), Hemã, Calcal e Darda de #1Rs 4.31, sendo, nesse caso, Maol o elo que os liga a Zerá. O fato de o versículo 8 falar em os filhos de Etã, indicando, porém, apenas um, sugere que o resto da sua genealogia foi omitido por uma questão de brevidade. Acar (7), "Acã" (#Js 7.1). A forma adotada em Crônicas pode ser propositada (ver #Js 7.26). Acã era neto de Carmi; este fato e a omissão do elo entre Carmi e Zinri pressupõe que o leitor conheça o livro de Josué.

A interpretação das genealogias de Judá no seu conjunto dependerá, em grande medida, da interpretação do versículo 9, Quelubai, isto é, * Calebe (ver o versículo 18), é identificado pela maior parte dos comentadores com Calebe, o quenezueu (ver #1Cr 4.15; #Js 14.6), não israelita mas integrado na tribo de Judá (#Nm 13.6). Proceder assim é negar automaticamente a autenticidade de muito destas genealogias e transformar parte considerável de Judá numa população não-israelita. É muito mais fácil presumir a existência de dois indivíduos, antecedendo este Calebe em vários séculos o herói da conquista. A referência a ' Acsa (49; ver #Js 15.17; #Jz 1.13) não invalida necessariamente esta opinião. A filha do último Calebe deve ter nascido depois da integração dele na tribo de Judá e é possível que ele tivesse escolhido propositadamente aquele nome. Jerameel (9); os seus descendentes vêm mencionados em #1Sm

27.10; #1Sm 30.29. Supõe-se geralmente serem um clã não-israelita que, mais tarde, foi absorvido por Judá; também isto iria destruir a historicidade da genealogia. É muito mais simples supor que os descendentes de Jerameel, que, seja como for, se encontravam fixados no sul da Judéia, mantiveram durante mais tempo os seus hábitos nômades, pelo que, nos dias de Davi, eram contados separadamente do resto de Judá.

>1Cr-2.10

2. OS ANTEPASSADOS DE DAVI (#1Cr 2.10-17). Ver #Rt 4.18-22. Salma (11); concorda com #Rt 4.20 (hebraico); Salmom em #Rt 4.21; #Mt 1.5. Jessé teve oito filhos (#1Sm 16.10-11); apenas sete vêm mencionados aqui. #1Cr 27.18 menciona um filho, Eliú, mas trata-se quase certamente de uma variante de Eliabe. O filho que falta talvez tivesse morrido novo. Abigail (16). Diz #2Sm 17.25 que era filha de Naás, e nesse caso seria meia-irmã de Davi. * Jeter, o ismaelita (17); "Itra (ou Jetra), o israelita" (#2Sm 17.25).

>1Cr-2.18

3. OS DESCENDENTES DE CALEBE (#1Cr 2.18-24). Ver também as notas referentes a #1Cr 2.42-55. O contexto do versículo 18 não sugere que Calebe tivesse duas mulheres. Ou Jeriote era outro nome de Azuba, ou então estamos em presença de uma corrupção de texto. Bezalel (20); ver #Êx 31.2. Então Hezrom (21), isto é, depois do versículo 9. E tomaram... (23); a data da perda destas cidades não vem indicada em parte alguma, mas este acontecimento deu-se provavelmente antes do reinado de Acabe. No versículo 24, a Septuaginta sugere que houve deturpação do texto. Se assim for, teríamos: "E, depois da morte de Hezrom, Calebe entrou a Efrate, mulher de seu pai Hezrom, que lhe deu...". Isto teve talvez lugar antes da legislação mosaica, que proibiria tal casamento.

>1Cr-2.25

4. OS DESCENDENTES DE JERAMEEL (#1Cr 2.25-41). Nada se sabe acerca de quaisquer das personalidades aqui mencionadas. Existe uma contradição aparente entre o versículo 31 e o versículo 34; Alai pode ser neto por qualquer outra filha sem ser a mencionada no versículo 34.

>1Cr-2.42

5. OUTROS DESCENDENTES DE CALEBE (#1Cr 2.42-55). Ver também as notas referentes a #1Cr 2.18-24. Trata-se provavelmente de uma genealogia suplementar à apresentada em #1Cr 2.18-24. Há entre elas poucos pontos de contacto. Deve-se notar que muitos dos nomes que ocorrem nestes versículos são nomes de cidades. Nem sempre é possível interpretar estes comentários com absoluta certeza. Por vezes, um homem deu o seu próprio nome a uma cidade; por exemplo, em "Sobal, pai de Quiriate-Jearim" (50) torna-se evidente que Sobal fundara ou refundara Quiriate-Jearim, e não que ele tinha um filho desse nome. O versículo 55 afirma que os recabitas eram, por origem, uma família quenita (ver #2Rs 10.15, nota; #Jr 35) que se integrou no povo de Judá.

1Cr-4.1

9. GENEALOGIAS FRAGMENTÁRIAS DE JUDÁ (#1Cr 4.1-23). Este capítulo constitui uma coletânea de fragmentos mais ou menos desconexos entre si, ou sem ligação com as listas do capítulo 2. Carmi (1). Uma comparação com #1Cr 2.9,19,50, mostrará que deveria ser Calebe. Jabez (9-10; nome que, traduzindo à letra, significa: "ele dá sofrimento") mereceu especial atenção por sua fé triunfar sobre o seu nome. Otniel (13) e Calebe (15); estes versículos devem ser interpretados à luz de #Js 15.17. Confirmam eles a impressão deixada por #Js 14.6 de que Calebe não era israelita, tendo sido adotado pela tribo de Judá, pois a sua genealogia não se entronca em parte alguma.

>1Cr-4.21

Os filhos de Selá (21); ver a nota referente a #1Cr 2.3. Em vez de Jasubi-Leém (22), é melhor ler, a Septuaginta e a Vulgata: "E regressaram a Belém". Embora sem relação com essa localidade, temos aqui uma lembrança interessante de Rute. Oleiros (23); a arqueologia demonstrou que o mister da olaria era hereditário.

>1Cr-4.24

c) Genealogias de Simeão, Rúben, Gade e Manassés (1Cr 4.24-5.26).

1. OS DESCENDENTES DE SIMEÃO (#1Cr 4.24-43). Com o versículo 24, comparar #Gn 46.10; #Êx 6.15; #Nm 26.12-14. Existem diversas variantes de

importância secundária na grafia dos nomes, sendo difícil determinar quais as corretas. Com os versículos 28-33, comparar [#Js 19.2-8](#). Até que Davi reinou (31); isto mostra que, nesta altura, uma cidade (Ziclague, [#1Sm 27.6](#)) e, possivelmente, mais algumas, passaram para a posse de Judá.

>1Cr-4.39

Os versículos 39-43 indicam algumas das conquistas de Simeão e revelam claramente que a divisão em dez tribos, mais uma no tempo de Roboão ([#1Rs 11.30](#), nota), não deve ser interpretada de forma demasiado literal. Simeão nem se separou de Judá nem perdeu a sua identidade por fusão com ela. Gedor (39). O local é desconhecido; talvez devêssemos ler "Gerar". E feriram o restante dos que escaparam dos amalequitas (43); à luz de [#1Sm 14.48](#); [#1Sm 15.3](#); [#2Sm 8.12](#), alude-se provavelmente a qualquer época no reinado de Davi ou Salomão. Nada mais sabemos acerca deste reino simeonita no Monte Seir, embora [#Is 21.11-12](#) talvez a ele aluda. Até ao dia de hoje (43), presumivelmente uma referência à altura em que foi escrita esta fonte de Crônicas.

1Cr-6.1

d) Genealogias de Levi (1Cr 6.1-81).

Deve-se ter presente que as informações contidas neste capítulo vêm repetidas e ampliadas em [#1Cr 23-26](#).

1. A LINHAGEM SACERDOTAL ([#1Cr 6.1-15](#)). Ver também os versículos 49-53. A lista é evidentemente incompleta: não só omite deliberadamente os nomes dos sumo-sacerdotes silonitas, a casa de Eli, mas também as de Joiada ([#2Cr 22.11](#)), Urias ([#2Rs 16.11](#)) e Azarias ([#2Cr 26.20](#)).

>1Cr-6.16

2. AS GENEALOGIAS LEVÍTICAS ([#1Cr 6.16-48](#)). Primeiro, temos três árvores genealógicas que começam respectivamente nos versículos [#1Cr 6.20,22,29](#). Seguidamente, vêm as genealogias de Hemã (33-38), Asafe (39-43) e Etã (44-47) por ordem inversa. A de Hemã é a mesma que a que começa no versículo 22, e a de Asafe pode, talvez, ser ligada com a do versículo 20; é impossível estabelecer qualquer relação plausível entre as outras duas. A comparação entre os versículos 22-28 e os versículos 33-38 revelará grandes

variantes. **Samuel** (28); trata-se do profeta do mesmo nome. Comparar com **#1Sm 1.1, 8.2**. Mostra que a designação "efrateu" em **#1Sm 1.1** deve ser interpretada como a expressão "da tribo de Judá" em **#Jz 17.7** (ver nota respectiva), e que ele era levita, embora isso não se possa inferir de 1Samuel. Se se tratasse de invenção, poderíamos confiantemente esperar que fosse relacionado com a linhagem sacerdotal arônica.

Os comentadores que situam o Êxodo nos reinados de Meremptá e Ramessés II, cerca de 1225 ou cerca de 1290 A.C. (ver **Introdução** a "Juízes"), salientam que de Arão a Zadoque (3-8,50-53), de Coré a Hemã (22-28,33-35) e de Mali a Etã (44-47) ocorrem, em cada caso, onze nomes, e de Siméia a Asafe (38-42) doze. Afirmam que não se pode tratar de uma coincidência, e que este número de gerações abrange facilmente dois séculos, mas só dificilmente poderia abranger os quatro séculos exigidos pela datação do Êxodo do 15º século A. C. Este argumento merece respeito, pois mostra que, as genealogias foram encurtadas, o número que se escolheu para figurar na crônica deve ter sido determinado por qualquer princípio. Por outro lado, não se deve esquecer que o citado argumento exige um encurtamento da lista dos versículos 33-35 e ignora as listas que começam nos versículos 20 e 29, bem como a linhagem direta de Coré a Saul (24). São elas demasiado curtas e, se lhes foram cortados nomes, não podemos ter a certeza de o mesmo não ter sido feito com as outras.

>1Cr-6.49

3. OS DESCENDENTES DE ARÃO (**#1Cr 6.49-53**). Comparar com os versículos 4-8 e ver a nota sobre **#1Cr 6.1-15**.

>1Cr-6.54

4. AS CIDADES LEVITAS (**#1Cr 6.54-81**). Com respeito a este passo, ver **#Js 21.1-42**. Crônicas apresenta certo grau de reordenação e encurtamento. Há numerosas variantes dos nomes, principalmente devidas a descuidos de copistas. No versículo 61, o texto vem corrompido. Quanto ao significado, ver **#Js 21.5**.

1Cr-7.1

e) Genealogias de Issacar, Zebulom (?), Dã (?), Naftali, Manassés, Efraim e Aser (1Cr 7.1-40).

1. OS DESCENDENTES DE ISSACAR (#1Cr 7.1-5). Com o versículo 1, comparar #Gn 46.13; #Nm 26.23-25. Pua (1); Puva em Gênesis e Números. * Jasib (1); Jasube em #Nm 26.24, mas Jó em #Gn 46.13.

>1Cr-7.6

2. OS DESCENDENTES DE ZEBULOM (?)(#1Cr 7.6-11). Se os versículos 6-11 forem interpretados como uma genealogia de Benjamim, parece não ser possível reconciliá-los com o capítulo 8 nem explicar qual a razão por que se apresentam duas genealogias. Não vem qualquer genealogia de Zebulom e uma vez que do ponto de vista geográfico seria lógico esperar que ela se inserisse aqui, é opinião corrente e, talvez, correta, que a temos aqui mas obscurecida por deslizes de copistas.

>1Cr-7.12

3. OS DESCENDENTES DE DÃ (?)(#1Cr 7.12). Precisamente como se disse nos versículos precedentes, encontra-se geralmente aqui uma genealogia de Dã; quanto aos pormenores, ver supra.

>1Cr-7.13

4. OS DESCENDENTES DE NAFTALI (#1Cr 7.13). Ver #Gn 46.24 e seguintes; #Nm 26.48 e seguintes.

>1Cr-7.14

5. OS DESCENDENTES DE MANASSÉS (#1Cr 7.14-19). Compare-se com #1Cr 5.23 e seguintes. A informação é fragmentária e difícil de interpretar. Não se descortinam vários dos nomes citados em #Nm 26.28-34. Selofade (15); ver #Nm 26.33; #Nm 27.1-11.

>1Cr-7.20

6. OS DESCENDENTES DE EFRAIM (#1Cr 7.20-27). Quanto aos primeiros quatro nomes da lista, ver #Nm 26.35-37, embora a ortografia varie. Quanto ao resto, parece não ser possível dizer se eram filhos ou descendentes de Efraim-a falta de menção em #Nm 26 é inconclusiva (comparar com Berias, no versículo 23). Assim, não podemos dizer se Ezer e Eleade (21) são seus

filhos. **Seu pai** (22) é inconcludente, visto esta palavra ser vagamente aplicada em hebraico a qualquer antepassado.

A incursão para roubar gado (21) deve ter partido do Egito. O versículo 24 apresenta problemas irrespondíveis. Não só não temos quaisquer outros informes acerca de Uzém-Seerá como também o local nunca foi identificado. Todo o versículo sugere ligações entre os israelitas e Canaã durante a sua estada no Egito (bem como o versículo 21), ligações essas que não deixaram vestígios no Pentateuco mas que podem contribuir para a solução de alguns dos problemas relacionados com a conquista.

>1Cr-7.25

A genealogia de Josué vem nos versículos 25-27. Até Amiúde, os nomes são desconhecidos do Pentateuco. É digno de nota que há mais nomes nesta do que em qualquer outra genealogia comparável. A recusa de dar mais pormenores acerca das tribos de José deve ser propositada e relacionar-se com o olvido consistente do reino do norte em todo o livro por aquele ser rebelde à monarquia davídica, nomeada por Deus, e ao sacerdócio arônico.

>1Cr-7.28

7. O TERRITÓRIO DOS FILHOS DE JOSÉ (#1Cr 7.28-29). Não se trata de uma lista completa de cidades, mas sim de uma indicação das fronteiras através da menção das principais cidades fronteiriças. Tal menção-única nas listas genealógicas, pois não há aqui verdadeira comparação com a enumeração das cidades levitas (#1Cr 6.54-81) -destina-se provavelmente a indicar que todas as tentativas ulteriores das tribos de José para ampliar o seu domínio, como, por exemplo Abimeleque (#Jz 9), o ataque efraimita a Jefté (#Jz 12) e Jeroboão, filho de Nebate (#1Rs 11.26) eram atos usurpadores.

>1Cr-7.30

8. OS DESCENDENTES DE ASER (#1Cr 7.30-40). Com os versículos 30-31 comparar #Gn 46.17; #Nm 26.44-46. O único nome novo é Birzavite (31), que geralmente se supõe ser o nome de uma cidade. Os nomes constantes dos versículos 32-39 são todos desconhecidos. **Semer** (34) e **Helém** (35) são quase certamente os mesmos que **Somer** e **Hotã** (32), embora nada tenhamos que nos elucide quanto às grafias corretas. **Ula** (39) constitui, provavelmente, uma grafia deturpada dum dos nomes do versículo anterior. O algarismo do

versículo 40 não se relaciona nem com o recenseamento de Números nem com [#1Cr 12.36](#). Com o conhecimento fragmentário de que dispomos, não podemos fixar o período a que este algarismo se refere.

1Cr-8.1

f) Genealogias de Benjamim (1Cr 8.1-40; 9.35-44).

Os abundantes pormenores acerca de Benjamim, em contraste com a maior parte das outras tribos, não deve ser atribuída à existência de maior número de informações, mas sim ao desejo de prestar homenagem à fidelidade de Benjamim à linhagem de Davi. A lista paralela em [#1Cr 7.6-12](#) tem sido considerada uma genealogia deturpada de Zebulom e Dã; ver comentários [ad. loc.](#) Seja como for, não pode ser harmonizada com este capítulo.

1. OS DESCENDENTES IMEDIATOS DE BENJAMIM ([#1Cr 8.1-5](#)). Comparar com [#Gn 46.21](#); [#Nm 26.38-40](#). São muito grandes as discrepâncias entre estas três passagens, não se havendo sugerido qualquer harmonização convincente.

* [Bela, seu primogênito](#) (1); "Bela, Bequer" ([#Gn 46.21](#)). [#Nm 26.38](#) omite Bequer. Em hebraico, "Bequer" e o equivalente da nossa palavra "primogênito" têm as mesmas consoantes. [Abiúde](#) (3), não se lhe faz referência em qualquer outro ponto; à luz do versículo 6 deveria ler-se, provavelmente, "(Gera), pai de Eúde".

>1Cr-8.6

2. OS DESCENDENTES DE EÚDE ([#1Cr 8.6-28](#)). É talvez esta a melhor maneira de interpretar estes versículos. É incerta a identificação de Eúde, mas veja-se [#Jz 3.5](#). Os versículos 6-8 são tão obscuros em hebraico como em português, devendo supor-se que haja grande deturpação do texto. Fizeram-se várias tentativas de correção, mas provavelmente têm pouco mérito. Todos os nomes que ocorrem neste passo são desconhecidos. [Este edificou a Ono e a Lode](#) (12); é-nos impossível determinar a data deste incidente. [Estes afugentaram](#) (13), outro incidente que não se pode enquadrar na cronologia.

>1Cr-8.28

Estes habitaram em Jerusalém (28). Pensa-se geralmente que se trata de uma referência à cidade depois do exílio, deduzindo-se que a maior parte dos nomes indicados pertence a benjamitas posteriores ao exílio. Todavia, cumpre considerar tal suposição como extremamente arriscada, tanto mais que nenhum dos nomes ocorre em **#1Cr 9.11-17** (ver **#Ne 11.1-19**), que diz expressamente respeito à comunidade pós-exílica em Jerusalém. Como toda a cidade de Jerusalém ficava virtualmente dentro da zona tribal de Benjamim, é do supor que existisse ali uma grande população benjamita na época da monarquia. Ver o versículo 32.

>1Cr-8.29

3. A CASA DE SAUL (**#1Cr 8.29-40**). Compare-se com **#1Cr 9.35-44**. Estas passagens paralelas são virtualmente idênticas, mas onde existem variações no texto a segunda lista é, normalmente, a mais bem conservada. No versículo 30, onde diz: **e Baal**, ler "e Baal e Ner", de acordo com **#1Cr 9.36** e a Septuaginta.

>1Cr-8.31

Zequer (31). Em **#1Cr 9.37**, "Zacarias e Miclote". **Também estes** (32); aponta provavelmente para Miclote e Siméia e, neste caso, todo o versículo, de uma maneira geral, se referiria a uma colônia benjamita em Jerusalém depois da conquista da cidade por Davi (ver o versículo 28).

Se consultarmos **#1 Sm 9.1**, veremos que, no versículo 33, Crônicas exclui grande parte da genealogia de Saul, demonstrando assim, uma vez mais, que as lacunas que ocorrem neste livro são freqüentemente propositadas. A comparação de **#1Sm 9.1** com **#1Sm 14.51** mostrará que Quis e Ner eram irmãos. Os comentadores talvez tenham razão ao sugerir a seguinte emenda: "E Ner gerou a Abner; e Quis gerou a Saul" embora ela não tenha qualquer apoio nos manuscritos ou nas versões. O hebraico parece incompatível com **#1Sm 9.1**.

>1Cr-8.33

Abinadabe (33). É o que lemos também em **#1Sm 31.2**, mas que vem omitido, talvez por inadvertência de um escriba, em **#1Sm 14.49**. **Esbaal** (33), em **#1Sm 14.49**, "Isvi", mas em todas as restantes referências Is-Bosete. Como esta palavra significa "homem de vergonha", desnecessário é salientar que não poderia ser este o seu nome. Baal não constitui um nome próprio mas um

título-senhor. Na época dos juízes e sob a influência cananita foi freqüentemente aplicado ao próprio Jeová, costume que parece ter prevalecido na família de Saul. Ver **Baal** (30) e **Meribe-Baal** (34). Os escribas de épocas posteriores acharam este costume tão chocante que, em vez de Baal, escreviam **bosete**, "vergonha" (como Is-Bosete, Mefibosete, em vez de Meribe-Baal, Jerubesete em vez de * Jerubaal) ou El, "Deus" (como Eliada, **#2Sm 5.16**; **#1Cr 3.8**) em vez de Beeliada (**#1Cr 14.7**), ou Já (como Isvi em vez de Esbaal). As várias mutações consonânticas e, especialmente, vocálicas são apenas uma questão de eufonia.

* **Meribe-Baal** (34). Em 2Sm lemos "Mefibosete"; ver a nota sobre o versículo 33.

>1Cr-8.35

Os versículos 39 e 40 não ocorrem na passagem paralela, pois se pretendia apenas mostrar que a linhagem de Saul se prolongara.

1Cr-9.1

g) Chefes de família pós-exílicos residentes em Jerusalém (1Cr 9.1-34).

1. OS CHEFES DE FAMÍLIA (**#1Cr 9.1-16**). Ver **#Ne 11.1-19**, onde vem uma lista semelhante. Há discrepâncias consideráveis, mas mencionaremos apenas um caso frisante. Tanto Neemias como Crônicas apresentam indícios de descuidos de copistas.

Deve-se notar que não se faz qualquer esforço para relacionar os nomes constantes deste capítulo com as genealogias pormenorizadas dos capítulos precedentes. Os primeiros dão o quadro geral em que se desenrola a história das determinações divinas; as últimas acentuam que a comunidade pós-exílica era uma seqüência legítima da anterior.

O versículo 1 parece ser mais um sumário dos capítulos anteriores do que uma introdução à seção que se segue.

No livro dos reis de Israel; e os de Judá (1), como na Septuaginta e na Vulgata. O versículo 2 é quase incompreensível tal como se apresenta, sendo mais fácil entendê-lo como uma condensação de **#Ne 11.1,3**. **Os primeiros**

talvez signifique "os principais", **Israelitas** significa aqui não-levitas. **Netineus**; ver **#Ed 2.43**; **#Ne 11.3**; provavelmente servos não-israelitas do templo, descendentes dos gibeonitas. Compare-se com **#Js 9.27**.

>1Cr-9.3

Dos filhos de Efraim e Manassés (3). Embora faltem pormenores, são provavelmente mencionados de forma especial como resposta à pretensão samaritana de serem os samaritanos os representantes dessas tribos. **#2Cr 11.16**; **#2Cr 15.9**; **#2Cr 30.11,18**; **#2Cr 34.9** revelam que, em várias alturas, se tinha juntado a Judá número considerável de gente vinda do norte.

>1Cr-9.5

Silonitas (5), isto é, selanitas (**#Nm 26.20**), descendentes de Selá. Compare-se com **#1Cr 2.3**; **#1Cr 4.21**.

Maioral da casa de Deus (11). O sentido não é claro, mas provavelmente não se trata de um sumo-sacerdote. Comparar com **#2Cr 35.8**.

>1Cr-9.14

* **Merari** (14); "Buni" (**#Ne 11.15**).

>1Cr-9.17

2. OS PORTEIROS E SEUS DEVERES (**#1Cr 9.17-34**). Deparam-se-nos, aqui diversas dificuldades, provavelmente devidas a uma compressão exagerada do registro original. A organização dos porteiros vem também tratada em **#1Cr 26.1-19**. A razão por que nos surge este passo aqui não é tanto que os nomes mencionados tenham importância especial, como sobretudo o desejo de salientar que a comunidade pós-exílica era, antes de mais, uma comunidade religiosa.

Porteiros (17); talvez se pretenda distinguir entre os porteiros e os **guardas dos umbrais tabernáculo** (19). Muitos comentadores pensam que a intenção do cronista é estabelecer contraste com o versículo 14 e que os porteiros não eram levitas, mas isto é improvável; ver capítulo 26 e 9.26 nota.

Até àquele tempo (18), isto é, até ao tempo do cronista; não se implica qualquer transformação. **Os arraiais** (18), isto é, o templo (ver também **#2Cr 31.2**). Esta expressão deriva de **#Nm 2.17**, tendo sido provavelmente usada por causa do "arraial do Senhor" (19), que designa provavelmente o tabernáculo.

>1Cr-9.20

Com o qual era o Senhor (20); traduza-se: "que o Senhor esteja com ele"! Tais expressões eram muito comuns no judaísmo pós-exílico quando se aludia aos mortos ilustres. **Tenda da congregação** (21), ou "tenda do encontro", não, como o contexto sugere, o tabernáculo, mas a tenda que, no tempo de Davi, abrigava a arca. **Zacarias** (21); ver **#1Cr 26.2,14**.

>1Cr-9.22

Davi e Samuel, o vidente (22). A explicação mais simples pareceria ser que, enquanto que a instituição dos porteiros remontava ao tempo de Moisés (19), o complexo templo a ser construído por Salomão exigiria muito mais trabalho. O mesmo se aplicava aos cantores levitas. Não se sabe ao certo o papel de Samuel; todavia, é razoável supor que tivesse preparado Davi, de tempos a tempos, para as suas futuras responsabilidades de rei, ou que lhe tivesse legado, até, conselhos escritos. A não ser assim, a iniciativa de Davi nesta esfera de organização não é fácil de compreender; todavia, veja-se o Apêndice I de Reis, Seção VI, "O Rei em Israel".

>1Cr-9.26

Eram levitas (26). Ver o comentário sobre o versículo 17. A interpretação mais natural é que a ordem inferior dos porteiros não era constituída por levitas, mas o teor geral desta passagem não o sugere, nem tão pouco era assim nos tempos do Novo Testamento. Parece ser mais seguro presumir que a compressão do original resultou em falta de clareza no texto.

>1Cr-9.28

Alguns deles (28); isto poderia referir-se aos porteiros, mas, uma vez que os versículos que se seguem não podem dizer-lhes respeito, é melhor partir do princípio de que temos aqui o começo de um esboço muito resumido de alguns dos principais deveres dos levitas e, até, dos sacerdotes (30). O texto

dos versículos 33 e 34 faz lembrar o título ou a conclusão de listas que se omitiram.

>1Cr-9.35

3. GENEALOGIA DA CASA DE SAUL (#1Cr 9.35-44). Sobre esta seção, ver #1Cr 8.29-40. De determinado ponto de vista, teria sido melhor destacar estes versículos das genealogias e contá-los como constituindo o princípio do livro de Davi. Servem de ligação com o passado, conforme este vem registrado em 1Sm.

1Cr-10.1

II. O REINADO DE DAVI 1Cr 10.1-29.30.

a) A morte de Saul (1Cr 10.1-14).

Ver o comentário sobre #1Sm 31.1-13. Excetuados os versículos 13 e 14, as duas passagens são virtualmente idênticas, não exigindo as diferenças qualquer comentário. Nesta única referência mais extensa à vida de Saul, descortinamos um pouco a interpretação que o cronista dava à história. Saul fora nomeado rei por Deus, pelo que não podia ficar esquecido; mas como, mais tarde, fora rejeitado, bastava relatar a sua morte-prova final da sua rejeição. Davi fora o rei designado por Deus desde que Samuel o ungira; a fase da sua rejeição pelos homens é, porém, envolta em silêncio por contrária à vontade de Deus. Todavia, vejam-se os comentários sobre #1Cr 12.1-22. Pelo mesmo motivo, o cronista nada diz acerca do breve reinado de Esbaal (Is-Bosete).

1Cr-11.1

b) Davi é feito rei (1Cr 11.1-12.40).

O cronista segue normalmente a ordem de Samuel, mas as suas omissões tornam ainda mais obscura a cronologia do livro mais antigo, que, já de si, não é nada claro. Para esclarecer estes problemas, ver as notas respectivas sobre 2Sm.

1. DAVI, UNGIDO REI, CONQUISTA JERUSALÉM (#1Cr 11.1-9). Ver #2Sm 5.1-10. *Que é Jebus* (4); compare-se com #Jz 19.10. O nome Jerusalém

sob a forma "Urusalim" é tão antigo como as inscrições de Tel-el-Amarna, cerca de 1390 a.C.; compare-se com #Gn 14.18. Mas os jebusitas, de quem a cidade era a base, talvez utilizassem o nome Jebus. **Joabe foi feito chefe** (6), informação esta peculiar a Crônicas e que não contradiz #2Sm 2.13. O comandante em chefe do rei de Judá não se tornaria automaticamente comandante em chefe do rei de todo o Israel. **Joabe renovou o resto da cidade** (8), outra informação que só se encontra em Crônicas.

>1Cr-11.10

2. OS VALENTES DE DAVI (#1Cr 11.10-47). Com respeito aos versículos, 10-41 ver #2Sm 23.8-39. Devido à ligação natural desta seção com o capítulo 12, a lista dos heróis de Davi foi colocada no começo do seu reino, o que não implica que os incidentes relatados tivessem tido lugar antes de Davi subir ao trono. O versículo 10 só se encontra em Crônicas, e não se deve forçar demasiado o seu sentido. A maioria dos valentes, mas talvez não todos, estava com Davi no exílio. É evidente que, em resultado de um erro de copista, se saltaram várias linhas entre os versículos 12 e 13. Ver #2Sm 23.9-10. Os versículos 41-47 são uma continuação da lista e só se encontram em Crônicas. Os nomes não ocorrem em mais parte alguma. **Sobre ele havia trinta** (42), indubitavelmente uma deturpação de copista neste contexto. Moffatt talvez traduzisse bem: "Capitão de uma companhia rubenita de trinta".

1Cr-13.1

c) Davi e a arca (1Cr 13.1-17.27).

Esta seção reproduz #2Sm 6.11-7.29 com consideráveis adições de natureza religiosa. Para acentuar a importância das medidas que Davi tomou com respeito à arca, o cronista deslocou a primeira tentativa de a levar para Jerusalém da sua posição cronológica correta, como se verá em 2Sm.

1. A PRIMEIRA TENTATIVA DE LEVAR A ARCA PARA JERUSALÉM (#1Cr 13.1-14). Exceto no tocante aos versículos 1-4, ver #2Sm 6 e respectivas notas. **E teve Davi conselho** (1). O cronista dá, como é evidente, maior relevo a esse acontecimento do que o autor de Samuel, mas a consulta descrita nos versículos 1-4 vem claramente implicada em #2Sm 6.1.

>1Cr-13.5

Ajuntou, pois, Davi a todo o Israel (5). Apesar das aparências, não há aqui contradição com #2Sm 6.1. Todo o Israel estava presente na pessoa dos seus representantes eleitos. Devem-se interpretar assim praticamente todas as passagens referentes ao ajuntamento da nação israelita. Baalá (6), isto é, Quiriate-Baal de #Js 15.60, uma cidade gibeonita. Este nome foi evidentemente mudado para Quiriate-Jearim para evitar o odiado nome de Baal.

>1Cr-13.9

* Quidom (9); "Nacom" (#2Sm 6.6).

1Cr-18.1

d) As guerras de Davi (1Cr 18.1-20.8).

1. UM SUMÁRIO DAS GUERRAS (#1Cr 18.1-13). Ver #2Sm 8.1-14. Gate e os lugares da sua jurisdição (1), provavelmente a interpretação correta de #2Sm 8.1. Hadarezer (3); * "Hadadezer" (#2Sm 8.3). Mil cavalos de carros e sete mil cavaleiros (4). A Septuaginta em #2Sm 8.4 concorda com Crônicas. * Tibate e Cum (8); "Betá" e "Berotai" (#2Sm 8.8); desconhece-se onde ficavam estas cidades. Touí (9); coincide com a Septuaginta em #2Sm 8.9. Hadorão (10); "Jorão" (#2Sm 8.10). Na vitória do versículo 12 participaram evidentemente vários contingentes que agiam com certa autonomia, pois em #2Sm 8.13 o crédito é dado a Davi e no #Sl 60 (título) a Joabe.

>1Cr-18.14

2. OS OFICIAIS DE DAVI (#1Cr 18.14-17). Ver #2Sm 8.15-18. Abimeleque, filho de Abiatar (16). Na Septuaginta, na Vulgata e em #2Sm 8.17: "Aimeleque filho de Abiatar". Ver #1Sm 22.20; #1Cr 24.3, nota. Parece não haver dúvidas de que deveríamos ler, tanto aqui como em #2Sm 8.17: "Abiatar, filho de Aimeleque". * Sausa (16); "Sisa" (#1Rs 4.3), "Seraías" (#2Sm 8.17), "Seva" (#2Sm 20.25). As variantes na grafia são provavelmente devidas ao fato de se tratar de um estrangeiro. Compare-se com Urias, o heteu e Itai, o geteu. Os filhos de Davi, os primeiros... (17); uma alteração propositada mas correta de #2Sm 8.18, "eram sacerdotes". No tempo do cronista, o termo "sacerdote" tinha-se tornado demasiado técnico para ser utilizado conforme o fora em Samuel. O conceito original de um sacerdote era de um assistente ou ajudante de determinado deus.

1Cr-21.1

e) Os preparativos para o templo (1Cr 21.1-22.19).

Excetuando o capítulo 21, esta seção só ocorre em Crônicas. Mesmo o capítulo 21 tem um enquadramento diferente, pois aqui não é uma história em si, mas simplesmente um relato da forma como se adquiriu o local onde se ergueria o futuro templo. O problema de onde se devem colocar estes capítulos na vida de Davi vem discutido na nota de [#1Cr 22.2](#).

1. O RECENSEAMENTO E A PESTE ([#1Cr 21.1-27](#)). Ver [#2Sm 24](#). [Satanás](#) (1). Em 2 Samuel, o ato de Davi é atribuído à inspiração de Deus e aqui à de Satanás, mas a diferença é apenas aparente. As idéias populares cristãs acerca de Satanás (até ao ponto em que derivam do Novo Testamento) resultam duma exegese deficiente que esquece que os fundamentos de todos os conceitos do Novo Testamento se encontram no Antigo. No Velho Testamento, Satanás, embora mau, é um anjo, um ministro, de Deus, um ser que só tem o poder que Deus lhe outorga. Ver [#Jó 1](#) e [#Jó 2](#); [#Zc 3.5](#). Assim, Satanás é aqui apenas ministro dos propósitos divinos.

>1Cr-21.5

Não parece que a divergência entre os algarismos do versículo 5 e os de [#2Sm 24.9](#) seja devida a corrupção de texto. Não se deu qualquer explicação inteiramente satisfatória, mas ver as notas referentes a esta passagem em 2 Samuel.

>1Cr-21.7

[Pareceu mal aos olhos de Deus](#) (7). Este versículo não ocorre em Samuel e deve-se considerar como um preâmbulo do desenvolvimento da narrativa. Não há dúvida de que a praga só começou a assolar Israel depois da escolha de Davi (13-14). Além disso, Samuel tem a certeza de que foi a consciência de Davi, não o castigo divino, que levou aquele rei a reconhecer o seu pecado. [Três anos de fome](#) (12). Em [#2Sm 24.13](#) o hebraico diz "sete"; todavia, deve-se preferir a versão de Crônicas, com a qual concorda a tradução da Septuaginta de 2 Samuel. [Ornã, jebuseu](#) (15); "Araúna, o jebuseu" ([#2Sm 24.16](#)). A diferença consonântica é pequena, e as variantes são provavelmente de atribuir ao fato de se tratar de um nome estrangeiro. Ver nota referente a

#1Cr 18.16. E se esconderam com ele seus quatro filhos (20), isto é, para evitar ver o anjo. Comparar com os versículos 15 e 16. E Ornã estava trilhando o trigo (20). É óbvio que isto foi antes da chegada do anjo, pois, de outro modo, Ornã ter-se-ia escondido com seus filhos. A tradição judaica diz que se escondeu na caverna que indubitavelmente existia debaixo da rocha sobre a qual se colocou mais tarde o altar da oferta queimada e que ainda se pode ver debaixo da chamada Cúpula da Rocha (Mesquita de Omar). Com o versículo 25, compare-se #2Sm 24.24. Todos aqueles que não andam à cata de discrepâncias reconhecem, de uma maneira geral, que não há aqui qualquer contradição. 2 Samuel indica o preço da eira rochosa, e Crônicas o de todo o lugar da eira, ou seja, toda aquela parte do terreno. O que o rodeava teria sido comprado algo mais tarde (e, uma vez que não havia qualquer praga a deter, a um preço muito mais elevado); todavia, é característico do cronista combinar os dois acontecimentos.

>1Cr-21.28

2. A ESCOLHA DO LOCAL DO TEMPLO (#1Cr 21.28-22.1). A sintaxe deste passo é difícil. Os versículos 29 e 30 deveriam ser impressos entre parênteses; #1Cr 22.1 segue-se imediatamente a #1Cr 21.28. Sacrificou ali (28); seria muito melhor traduzir da seguinte forma: "quando sacrificou" ou "depois de ter sacrificado ali". Tem-se pensado que isto significa que, a partir daquela altura, se celebraram sacrifícios naquele local, mas nem o hebraico nem o contexto apóiam semelhante idéia.

1Cr-23.1

f) Organização e deveres dos levitas (1Cr 23.1-26.32).

1. OS ÚLTIMOS ATOS DE DAVI (#1Cr 23.1-2). Não há necessidade de considerar que houvesse um longo intervalo no texto entre esta seção e a precedente. A linguagem implica apenas uma nova seção baseada provavelmente numa fonte diferente. Estes versículos contam sumariamente como Davi fez rei a Salomão (ver #1Cr 28.1-29.25) e reuniu os príncipes de Israel (ver #1Cr 27.1-34) com os sacerdotes, (ver #1Cr 24.1-19) e os levitas (#1Cr 23.3-32; #1Cr 24.20-26.32). Como sucede tão frequentemente em Crônicas, quando se trata de pormenores a ordem é invertida, exceto relativamente a alguns pormenores suplementares acerca dos levitas.

>1Cr-23.3

2. AS VINTE E QUATRO ORDENS DOS LEVITAS (#1Cr 23.3-23). **De trinta anos e daí para cima** (3); ver nota sobre #1Cr 23.24. Embora tal não venha expressamente registrado, pode-se deduzir que contavam menos de cinquenta anos (ver #Nm 4.3). Os que procuram considerar absurdamente elevados os algarismos constantes do versículo 4 esquecem-se do fato de que os levitas estavam repartidos em vinte e quatro turnos. Mil superintendentes de serviço ao mesmo tempo, considerando a escala de trabalho, não é implausível; o mesmo se pode dizer dos outros grupos. **Oficiais e juízes** (4); ver #Dt 17.9; #2Cr 19.8,11. O número de turnos dos levitas (6) correspondia às vinte e quatro ordens dos sacerdotes. Este trecho (6-23) tem, em grande parte, o seu paralelo na seção, obviamente fragmentária, em #1Cr 24.20-31. Não vale a pena perder tempo com as variações insignificantes nos nomes. O que é mais importante é que só se podem contar vinte e duas ordens ou vinte e três, se, como parece provável, **Eleazar** (22) for contado como cabeça de uma delas através das suas filhas. É impossível dizer onde falta um nome; talvez no versículo 9, onde Simei revela certa corrupção de texto (compare-se com o versículo 10); ou no versículo 16, onde se menciona apenas um dos filhos de Gérson. **Ladã** (7); "Libni" (#1Cr 6.17). Muitos comentadores pensam que Ladã talvez fosse descendente de Libni.

>1Cr-23.24

3. A IDADE DO SERVIÇO DO TEMPLO (#1Cr 23.24-27). É impossível interpretar esta seção sem incerteza, mas o seu sentido geral é bem claro. Ao considerar o futuro, Davi via que o complexo ritual do templo necessitaria de mais levitas, mas que, por esse mesmo fato, o seu trabalho seria mais fácil. Por conseguinte, ordenou que, logo que o templo estivesse construído, se baixasse dos trinta para os vinte anos a idade de admissão ao serviço. Não se descortina claramente se teve ou não lugar um segundo recenseamento (ver nota sobre #1Cr 24.1-19).

A importância desta seção reside no fato de mostrar que uma determinação legal podia ser modificada pelas autoridades idôneas sem qualquer consulta a uma suposta tradição mosaica. Por que motivo, então -se estiver certa a crítica moderna acerca do desenvolvimento do Pentateuco-é que todas as leis posteriores têm sido atribuídas a Moisés?

>1Cr-23.28

4. UM ESQUEMA DOS DEVERES DOS LEVITAS (#1Cr 23.28-32). Estes regulamentos eram necessários por muitos levitas exercerem funções sacerdotais em santuários mais pequenos e menos regulares. Ver #2Rs 23.8, nota, e especialmente #Jz 17.7-13; #Jz 18.30.

1Cr-27.1

g) Os dirigentes civis da nação (1Cr 27.1-34).

1. CONSTITUIÇÃO DO EXÉRCITO (#1Cr 27.1-15). Segundo algumas autoridades, temos aqui o número da guarda pessoal do rei, que a ser, de fato, constituída por 24.000 homens por mês, seria excessiva. Todavia, tal afirmação não vem no texto. Se considerarmos que estes componentes da guarda real podiam estar espalhados por todo o reino, o número tornar-se-á razoável. Deve-se notar que o versículo 7, com a sua referência a Asael, implica que esta divisão era já de longa data, embora talvez numa forma menos desenvolvida. Asael foi morto quando Davi era ainda rei em Hebrom (#2Sm 2.19 e seguintes). Embora a grafia dos diversos nomes varie ligeiramente aqui e além, os doze chefes parecem provir todos da lista de heróis de Davi. **Benaia, filho de Joiada, oficial maior e chefe** (5), ou, segundo outra tradução, "Joiada, o sacerdote". Este poderia ser o Joiada de #1Cr 12.27. Uma vez, porém, que não existe qualquer outra indicação de que Benaias fosse sacerdote, é possível que se trate de um erro de copista devido a associação de idéias com #2Sm 8.18. Benaias atuava como carrasco de emergência (#1Rs 2.25,29,34,46), função que só dificilmente se associaria à de um sacerdote.

>1Cr-27.16

2. OS PRÍNCIPES TRIBAIS (#1Cr 27.16-24). Foram eles nomeados na altura do recenseamento; ver os versículos 23 e 24. Deparam-se-nos treze nomes. Zadoque representa provavelmente todo o povo. As duas metades da tribo de Manassés vem separadamente registradas. Gade e Aser são omitidos, possivelmente por defeito de transmissão do texto. Não é provável que isso fosse feito para conservar o número doze, pois ele já havia sido excedido com a introdução de Zadoque. **Eliú** (18); talvez **Eliabe** (#1Sm 16.6; #1Cr 2.13, vindo neste último passo com a grafia Elia). **De vinte anos e daí para baixo** (23). A omissão dos que contavam menos de vinte anos segue a tradição do deserto (#Nm 1.3), conforme vem implicado em #2Sm 24.9; #1Cr 21.5.

>1Cr-27.25

3. VÁRIOS FUNCIONÁRIOS REAIS (#1Cr 27.25-31). São estes os administradores chefes das propriedades de Davi. Note-se que **Obil** (30) e **Jaziz** (31) são estrangeiros.

>1Cr-27.32

4. OS CONSELHEIROS DO REI (#1Cr 27.32-34). Esta lista tem uma natureza algo diferente da dos funcionários de Davi (ver #1Cr 18.14-17; compare-se também com uma lista mais tardia, em #2Sm 20.23-26), embora alguns nomes sejam comuns a ambas; quando o são, figuram como conselheiros. Como a lista anterior, o fato de esta última vir no final do reinado de Davi nada tem de especial. Uma das personalidades que nela figuram já tinha morrido havia certo tempo. **Jônatas, tio de Davi** (32). Não vem mencionado em qualquer outro ponto. À luz de #1Cr 20.7, muitos comentadores prefeririam traduzir "sobrinho de Davi". É certo que o hebraico o permite, mas parece desnecessário e improvável, por razões de idade. **Jeiel** (32), evidentemente tutor dos filhos do rei. **Husai... amigo do rei** (33); compare-se com #2Sm 15.32 et al. Trata-se de um título oficial, provavelmente adotado e copiado do Egito. **Aitofel** (33); ver #2Sm 15.31 et al. **Joiada, filho de Benaia** (34); embora desconhecido, parece não haver motivo para inverter os termos e traduzir: **Benaia, filho de Joiada**. Por motivos de idade, é pouco provável que seja o conhecido filho de Benaia. **Abiatar** (34), presumivelmente o sacerdote do mesmo nome.

1Cr-28.1

h) Salomão sobe ao trono (1Cr 28.1-29.30).

É muito provável que, depois de uma unção apressada como a descrita em #1Rs 1.39, o novo monarca fosse apresentado o mais cedo possível, numa assembleia solene, aos dirigentes que representavam o povo, para que eles confirmassem o ato que havia tido lugar. **E segunda vez fizeram rei a Salomão** (#1Cr 29.22). Isto mostra que o cronista tinha conhecimento da tentativa de Adonias e seu desfecho. A interpretação exata de #1Cr 23.1-2 (ver as notas que se referem a este passo) exclui a possibilidade de a primeira vez ser a mencionada em #1Cr 23.1. O cronista nada diz acerca de Adonias, fiel ao seu princípio de omitir, tanto quanto possível, os afastamentos do padrão divino.

1. SALOMÃO APRESENTADO À ASSEMBLÉIA NACIONAL (#1Cr 28.1-10). E de seus filhos (1); ou melhor, de acordo com a Septuaginta, e "seus filhos". "Como também os eunucos", primeira menção desta abominação na corte israelita; compare-se, porém, com #1Sm 8.15. O poder havia-se corrompido rapidamente.

E pôs-se o rei Davi em pé (2). Em circunstâncias normais, conforme sugerem muitas descobertas arqueológicas, Davi teria falado sentado, tanto mais que era já muito idoso. O fato de se pôr de pé acentua a natureza religiosa do acontecimento. Davi, escolhido de Jeová (4), apresenta ao povo o novo eleito (5), escolhido para o fim especial de edificar o templo (6). Embora não haja qualquer afirmação direta de Deus ter escolhido Salomão em Samuel e Reis, #2Sm 12.24-25 pode constituir um indício desse fato. Para se assentar no trono do reino do Senhor sobre Israel (5). Compare-se com #1Cr 29.23, "no trono do Senhor". O rei era o representante de Jeová. Olha, pois, agora (10), exortação que prossegue no versículo 20.

>1Cr-28.11

2. OS PLANOS DO TEMPLO (#1Cr 28.11-19). A nossa interpretação do texto dependerá do sentido que dermos à palavra risco. #Êx 25.40 sugere claramente um original visto por Moisés e que ele mais tarde descreveria aos que iriam executar a obra. Como #Êx 25 parece estar por detrás desta passagem, é provável que Davi descrevesse a Salomão a visão inspirada que tivera. (Ver versículo 19, por mandado do Senhor). Se esta opinião estiver certa, então o versículo 19 refere-se à descrição do tabernáculo no êxodo, sendo Davi levado a compreender por inspiração divina as modificações necessárias para a adaptar ao templo. Isto é tanto mais provável por nunca ter surgido qualquer interpretação simbólica satisfatória para os pormenores em que o tempo divergia do tabernáculo. A Bíblia nunca sugere um protótipo celeste do templo, ao contrário do que faz com o tabernáculo. O modelo do carro... dos querubins (18), ou, segundo outra versão, "o carro, a saber, os querubins". Considerava-se que os querubins constituíam o carro de Deus. Comparar com o #Sl 18.10, e especialmente com #Ez 1.

>1Cr-28.20

3. ESTÍMULO FINAL PARA SALOMÃO (#1Cr 28.20-21). A linha de pensamento entronca-se no versículo 10. A Septuaginta mostra que se deixou acidentalmente de fora um pequeno trecho no final do versículo 20: "E eis que

aí tens o risco do pórtico (do templo) e das casas do mesmo, e dos seus tesouros, e das suas câmaras superiores e das suas câmaras inferiores, e da casa do propiciatório, a saber, o risco da casa do Senhor".

II CRÔNICAS

2Cr-1.1

III. O REINADO DE SALOMÃO 2Cr 1.1-9.31.

O cronista dá-nos muito poucas informações que não venham em Reis, embora algumas das suas adições se revistam de importância. Algumas das omissões (como o golpe de estado de Adonias, e a apostasia de Salomão e seus resultados) estão de acordo com o seu objetivo geral; chegamos a ter a impressão de que a maior parte delas visa apenas a poupar espaço. É sobretudo notável ver como, em vez de se cingir rigorosamente ao livro de Reis, o cronista repetidamente refunde, expande e resume o texto desse livro.

a) Salomão confirmado no reino por Deus (2Cr 1.1-17).

1. O SACRIFÍCIO INICIAL DE SALOMÃO E A VISÃO DE GIBEOM (#2Cr 1.1-13). A maior parte do conteúdo dos versículos 1-6 só ocorre em Crônicas. Os versículos 7-13 resumem #1Rs 3.5-15. Em #1Rs 3.4-15 vem o comentário principal. Veio a Jerusalém do alto (13), versão esta de acordo com a Septuaginta.

>2Cr-1.14

2. AS RIQUEZAS DE SALOMÃO (#2Cr 1.14-17). Ver #1Rs 10.26-29, passagens estas em que existe uma identidade verbal praticamente exata, e compare-se com #2Cr 9.13-28.

2Cr-2.1

b) E edificação do templo (2Cr 2.1-5.1).

Com referência a esta seção, ver #1Rs 5.1-7.51. O cronista omite pormenores referentes a outras construções de Salomão (#1Rs 7.1-12), e também ao próprio templo.

1. SALOMÃO E HIRÃO (#2Cr 2.1-16). Ver #1Rs 5.1-12. O cronista apresenta uma versão consideravelmente expandida da correspondência trocada. Uma vez que os versículos 7,13 e seguintes têm todo o aspecto de serem autênticos (comparar com #1Rs 7.1), é provável que a versão de Reis seja condensada. O versículo 2 é uma duplicação de #2Cr 2.18. **Hirão, rei de Tiro** (3). Aliás, a forma vulgarmente empregada no texto hebraico de Crônicas é Hurão. **Um homem sábio para trabalhar em ouro... e que saiba lavar ao buril** (7); a arqueologia dá testemunho do atraso de Israel nas artes plásticas naquela época. **Cedros, faias e algumins do Líbano** (8); ver #1Rs 5.8, nota; #1Rs 10.11 e seguintes, notas, e o paralelo de #2Cr 9.10 e seguintes. Quanto às quantidades de provisões indicadas no versículo 10, ver #1Rs 5.11, nota.

>2Cr-2.11

Fizeram-se objeções à autenticidade da resposta de Hirão (11-16) por ele empregar uma linguagem religiosa. Numa sociedade politeísta, a delicadeza para com a divindade de um vizinho nada custava. **Hirão Abiú** (13); ver nota referente a #1Rs 7.13 e seguintes. Não há quaisquer razões em que nos apoiemos para escolher entre Hurão e Hirão; tem-se dito que o seu nome era Hurão-Abi (ou Abiv), o que é possível, mas mais provavelmente deveria traduzir-se: "Hurão, meu (ou seu) conselheiro de confiança".

>2Cr-2.17

2. A PREPARAÇÃO DOS MATERIAIS (#2Cr 2.17-18). Ver também os versículos 1 e 2, e as notas sobre #1Rs 5.13-18.

2Cr-5.2

c) A dedicação do templo (2Cr 5.2-7.22).

Este trecho é virtualmente idêntico ao correspondente em #1Rs 8.1-9.9, facultando os poucos acrescentamentos informativos de ordem principalmente litúrgica.

1. A DESLOCAÇÃO DA ARCA (#2Cr 5.2-14). Ver notas sobre #1Rs 1-11. **Os levitas levantaram a arca... os sacerdotes e os levitas os fizeram subir** (4-5). Crônicas transforma sacerdotes (#1Rs 8.3) em levitas no versículo 4, e no versículo 5 omite, no original, o "e" entre sacerdotes e levitas. É evidente que, nesta época, não se obrigava a uma distinção rigorosa entre os descendentes

de Arão e os outros membros da tribo de Levi; ver também nota sobre [#Dt 18.1-8](#).

>2Cr-5.11

Os versículos 11-13 constituem um acrescentamento que só se encontra em Crônicas e que exprime a pompa do acontecimento; todos os sacerdotes e levitas estavam de serviço, e não apenas a turma quinzenal (compare-se com [#1Cr 24](#)). O toque das trombetas era especificadamente um dever sacerdotal ([#Nm 10.8](#)).

2Cr-8.1

d) A glória de Salomão (2Cr 8.1-9.31).

Ver [#1Rs 9.10-10.29](#); [#1Rs 11.41-43](#). As diferenças entre Reis e Crônicas são, na sua maioria, insignificantes. Não ocorre [#1Rs 9.11-16](#), enquanto que [#2Cr 8.13-16](#) não tem paralelo em Reis.

1. AS TRANSAÇÕES DE SALOMÃO COM HIRÃO ([#2Cr 8.1-2](#)). Ver [#1Rs 9.10-14](#). Afirma-se freqüentemente que, neste passo, Crônicas contradiz Reis. É mais provável que o cronista não aprovasse as transações de Salomão com Hirão, mencionando, apenas, o seu incidente final, que, porém, não vem mencionado em Reis (ver notas [ad loc](#)).

>2Cr-8.3

2. O RECENSEAMENTO DE SALOMÃO E A SUA ATIVIDADE URBANÍSTICA ([#2Cr 8.3-11](#)). Ver [#1Rs 9.15-24](#). A campanha contra Hamate (3) só vem mencionada em Crônicas. Hamate pagava voluntariamente tributo a Davi ([#2Sm 8.9](#) e seguintes) e provavelmente tirou partido da sua morte para procurar recuperar a independência. Esta campanha -a única desencadeada por Salomão-foi talvez muito breve. Tadmor no deserto (4), interpretada por todas as versões como sendo Palmira, a cerca de meio caminho entre Damasco e o Eufrates. Tadmor existia já no tempo de Tiglate-Pileser I da Assíria, cerca de 1.100 a.C., e por isso talvez estivesse na posse de Salomão. Uma vez, porém, que em [#1Rs 9.18](#) a versão correta é, sem dúvida, Tamar (ver nota [ad loc](#)), a menção de Hamate pode ter induzido qualquer copista em erro. As "cidades das munições" que edificou em Hamate (4) talvez se destinassem a proteger os acessos setentrionais de Israel (ver nota a

#1Rs 8.65). A discrepância entre os **duzentos e cinqüenta** do versículo 10 e os quinhentos e cinqüenta de Reis não exige comentário; o número, sem dúvida, não teria permanecido constante em todo o reinado. Na realidade, se somarmos os algarismos de #1Rs 5.16 com #2Cr 9.23 obtemos o mesmo total que se somarmos #2Cr 2.18 com #2Cr 8.10. É difícil compreender a referência à **filha de Faraó** (11). **Minha mulher não morará...** induz em erro, pois sugere que a objeção se baseava no fato de ela ser estrangeira; na realidade, deveríamos traduzir: "Nenhuma mulher minha morará...". Já não é possível reconstituir as circunstâncias.

>2Cr-8.12

3. A ADORAÇÃO DE SALOMÃO (#2Cr 8.12-16). Pareceria do versículo 16 que este passo punha originalmente termo à descrição da edificação do templo. Todos os comentadores modernos concordam em como é preferível seguir a Septuaginta, pelo menos em parte, pelo que respeita ao versículo 16: "Assim se realizou toda a obra de Salomão desde o dia da fundação da casa do Senhor até se acabar. Assim se concluiu a casa do Senhor".

>2Cr-8.17

4. O COMÉRCIO DE SALOMÃO COM O MAR VERMELHO (#2Cr 8.17-18). Ver #1Rs 9.26-28. **Então foi Salomão** (17), passagem esta que não se deve interpretar literalmente assim como não se deve interpretar literalmente a passagem paralela em Reis: "E fez o rei Salomão uma frota". **E enviou-lhe Hirão... navios** (18). É absurdo supor que esses navios tivessem sido transportados por terra. É tanta a falta de madeira em torno do Golfo de Acaba que ela seria levada da Fenícia, sendo provavelmente já semi-trabalhada.

2Cr-10.1

IV. OS REIS DE JUDÁ 2Cr 10.1-36.23.

a) Roboão (2Cr 10.1-12.16).

Crônicas apresenta-nos vários pormenores interessantes, e alguns de certa importância, que não vêm mencionados em Reis.

1. O ROMPIMENTO (#2Cr 10.1-19). Ver #1Rs 12.1-20. Note-se a omissão propositada de #1Rs 12.20. Nem sequer se menciona a ascensão de Jeroboão ao trono. Para o cronista, o reino do norte é apóstata desde o início.

2Cr-13.1

b) Abias (2Cr 13.1-22).

Compare-se com #1Rs 15.1-8. Não se encontrou qualquer explicação satisfatória para a diferença entre as formas **Abias** (1) em Crônicas e **Abião** em Reis, pelo que não podemos formar uma opinião concreta acerca do verdadeiro nome deste monarca. Quanto a sua **mãe** (2), ver a nota referente a #2Cr 11.20. O quantitativo dos exércitos (3) deveria ser comparado com os dados do recenseamento (#2Sm 24.9; #1Cr 21.5). Tratava-se de um esforço supremo de conquista. **Monte de Zemaraim** (4); compare-se com #Js 18.22. **Um concerto de sal** (5) não podia ser violado (#Nm 18.19). Abias estava longe de praticar o que pregava (#1Rs 15.3), mas o que constituía uma política religiosa definida no norte continuava a ser uma mera aberração em Judá. O seu quadro do rompimento (6-7) é algo fantasioso. Abias afirma que se trata de uma guerra santa. **Tocando com as trombetas** (12); traduza-se: "com as trombetas de alarme", e compare-se com #Nm 10.9. **Deus feriu** (15); parece ter havido qualquer intervenção sobrenatural. Interpretemos **os 500.000 homens escolhidos** (17) como sinônimo de "grande número", pois o único resultado da vitória foi a tomada de algumas vilas fronteiriças que Asa em breve perdeu (ver nota sobre #1Rs 15.16-22).

2Cr-14.1

c) Asa (2Cr 14.1-16.14).

1. A REFORMA DE ASA (#2Cr 14.1-5; #2Cr 15.16-18). Ver #1Rs 15.9-15. Não há motivo para pensar que a reforma de Asa teve realmente lugar em duas fases. Essa impressão resulta da forma como o material de Reis foi ligado a outras fontes. O **ídolo** (#2Cr 15.16) de Maaca deve ter sido destruído imediatamente.

Se juntarmos #1Rs 15.28 e 16, torna-se evidente que os **dez anos** (1) constituem apenas números redondos. Os versículos 3 a 5 apenas tornam explícito o que está implícito em #1Rs 15.12. **Tirou os altares dos deuses estranhos, e os altos** (3). Afirma-se, que temos aqui uma contradição

propositada de #1Rs 15.14 (ver nota ad loc.). A consistência de Crônicas é então defendida, sugerindo-se que #2Cr 15.17 constitui uma adição mais tardia a partir de Reis, ou que Israel significa ali o reino do norte. A explicação mais razoável é que se deve relacionar **estranhos** com **altos** assim como com **deuses**; fez desaparecer esses altos, que não tinham razão legítima de existir (ver Apêndice I de Reis). **Imagens** (5), ou, segundo uma tradução mais correta, "altares de incenso". **O reino esteve quieto diante dele** (5), ou melhor, "o reino teve repouso sob o seu cetro".

>2Cr-14.6

2. AS MEDIDAS DEFENSIVAS DE ASA (#2Cr 14.6-8). Não vem em Reis, mas compare-se com #1Rs 15.23.

>2Cr-14.9

3. A VITÓRIA DE ASA SOBRE ZORÁ (#2Cr 14.9-15). Não ocorre em Reis. Zorá tem sido geralmente identificado com o Faraó Osorcom I ou II, e há alguns indícios arqueológicos que favorecem uma invasão pelo último. No entanto, chamam-lhe **ha-Kushi**, ou seja o cusita. Cuxe é a Etiópia, isto é, o Sudão, ou então parte da Arábia (#Gn 10.7; #2Cr 21.16). Uma vez que a 22a dinastia do Egito não era etíope, embora possa ter dominado parte do Sudão, é bem possível que se tratasse de uma invasão árabe mas com apoio egípcio (ver #2Cr 16.8, com a sua referência aos líbios). Note-se a natureza do despojo (15), que indicaria uma invasão árabe. **Os trezentos carros** (9) constituem prova suficiente de que os números não são inventados; portanto, **mil milhares** significa provavelmente apenas um número muito grande. **Gerar** (13-14) e as cidades próximas eram filistéias; provavelmente haviam prestado auxílio a Zerá. Não surgiu qualquer explicação satisfatória para **malhadas do gado** (15).

2Cr-17.1

d) Josafá (2Cr 17.1-20.37)

1. O CARÁTER DO SEU REINADO (#2Cr 17.1-6). **Nos primeiros caminhos de Davi seu pai** (3). A versão dos Setenta está, quase certamente, correta ao omitir Davi (comparem-se os capítulos 14 e 15 com 16). **Tirou os altos** (6); compare-se com #2Cr 20.33 e com a nota referente a #2Cr 14.3. A falta de pormenores acerca da reforma de Josafá mostra que ela não foi mais do que a

retificação do desleixo que se introduziu desde a reforma instaurada por Asa (compare-se com [#2Cr 19.4](#)).

>2Cr-17.10

2. A GRANDEZA DE JOSAFÁ ([#2Cr 17.10-19](#)). Os [arábios](#) (11). Se Zerá era árabe ([#2Cr 14.9](#), nota), isto pode ter sido resultado da vitória de Asa. Os números respeitantes ao exército de Josafá (14-18) figuram entre os de Crônicas que já não podemos explicar. São demasiado elevados comparados com os de que Acabe dispunha e com os algarismos provavelmente exagerados dados por Salmaneser III no seu relato da batalha de Carcar (ver Apêndice III) e, até, comparados com as descobertas da arqueologia. Se dividirmos cada algarismo por dez, atingimos um total de 112.000 soldados treinados, não milícias, o que estaria dentro das possibilidades de Judá na altura da sua prosperidade e é comparável com a milícia de meio milhão de homens nos tempos de Davi ([#2Sm 24.9](#)).

2Cr-21.1

e) Jeorão e Acazias (2Cr 21.1-22.9).

1. O REINADO DE JEORÃO ([#2Cr 21.1-10](#)). Ver [#2Rs 8.16-22](#). Excetuando os versículos 2 a 4, esta passagem é idêntica à de Reis. Não se sugere qualquer explicação para o ato de Jeorão. O fato de ele não se limitar aos seus irmãos, [matando também diversos dos príncipes de Israel](#) (4; Moffatt traduz corretamente "da nobreza em Israel" -sendo Israel, como geralmente em Crônicas, o reino do sul), sugere que procurava libertar-se de adversários que se opusessem à política religiosa que planejava.

>2Cr-21.11

2. A APOSTASIA DE JEORÃO E SEUS RESULTADOS ([#2Cr 21.11-20](#)). Não ocorre em Reis. Uma vez que, em [#2Cr 23.17](#) ([#2Rs 11.18](#)), só se menciona um templo de Baal, é provável que Jeorão se preparasse deliberadamente para introduzir a adoração de Baal promovendo uma versão deturpada do culto de Jeová (11). Note-se que o nome de seu filho, Acazias, contém o elemento Iá. [E até a Judá impeliu](#) (11); expressão demasiado forte: "e desencaminhou Judá". A carta de Elias (12-15) suscita uma dificuldade: é que Elias tinha já indubitavelmente morrido por esta altura (ver [#2Rs 3.11](#), no reinado de Josafá). Podemos unicamente supor que foi escrita antes do seu

arrebatamento para o céu para que, quando Atalia tentasse pôr em prática a política de sua mãe em Judá, fosse confrontada com a recordação do grande oponente dela. **Dos arábios, que estão da banda dos etíopes** (16); ver nota sobre **#2Cr 14.9. Toda a fazenda que se achou na casa do rei** (17); como não capturaram Jerusalém, é melhor traduzir: "que pertencia à casa do rei", comparando com **#2Cr 22.1. Senão a Jeocaz, o mais moço de seus filhos** (17). Não há aqui contradição nenhuma com **#2Cr 22.1. Jeocaz = Iá + Acaz, Acazias = Acaz + Iá; ambos significam "Jeová empunhou". O seu povo lhe não queimou aromas** (19); ver 16.14, nota.

2Cr-22.1

3. ACAZIAS (**#2Cr 22.1-9**). Ver **#2Rs 8.25-29**. Os versículos 7-9 não têm nenhum paralelo próximo em Reis. Com respeito ao versículo 1, comparar com **#2Cr 21.16-17. Os moradores de Jerusalém** (1); ver nota adicional de **#2Rs 11**. É possível que a gente do campo se opusesse de tal forma à política da corte que estivesse disposta a transferir a coroa para qualquer outro ramo da família davídica.

>2Cr-22.2

Quarenta e dois anos (2); sem dúvida um erro de copista; compare-se com **#2Cr 21.20; #2Rs 8.26**. Quanto a notas sobre os versículos 2-6, ver a passagem paralela em Reis. **Tornou a curar-se** (6); Jeorão, como é óbvio. **Azarias** (6); um erro de copista; correto em várias versões e seis manuscritos hebraicos.

>2Cr-22.7

O versículo 7 pressupõe conhecimento de **#2Rs 9.1-28**, mas o versículo 9 é irreconciliável com **#2Rs 9.27-28**, e o versículo 8 (leia-se com a Septuaginta "os irmãos de Acazias", isto é, os seus parentes) com **#2Rs 10.12-14**, se presumirmos que Crônicas tenciona fazer a sua morte preceder a de Acazias. É provável que tenhamos aqui grande confusão no texto. O que não podemos fazer é atribuir ao cronista uma contradição propositada, pois, como é seu costume, já no versículo 7 apontou ao leitor interessado o livro de Reis, onde se encontrariam mais pormenores. **E não tinha já a casa de Acazias ninguém que tivesse força para o reino** (9). A carnificina de **#2Cr 21.17; #2Cr 22.8**, eliminara todos aqueles que se poderiam opor a Atalia.

>2Cr-22.10

f) Joas (2Cr 22.10-24.27).

1. ATALIA RAINHA (#2Cr 22.10-12). Ver #2Rs 11.1-3.

2Cr-25.1

g) Amazias (2Cr 25.1-26.2).

1. AMAZIAS SOBE AO TRONO (#2Cr 25.1-4). Ver #2Rs 14.1-6.

>2Cr-25.5

2. A VITÓRIA SOBRE EDOM (#2Cr 25.5-13). Compare-se com #2Rs 14.7. O recenseamento de Amazias (5) acusou considerável declínio desde os tempos de Asa (#2Cr 14.8). Também de Israel tomou a soldo cem mil varões valentes (6). À luz de #2Rs 13.7, é evidente que temos aqui, uma vez mais, algarismos redondos sinônimos de um grande número. Israel, a saber, com os filhos de Efraim (7). O termo "Israel" vem assim definido por ser normalmente aplicado ao reino do sul em Crônicas. A Septuaginta parece indicar deturpação no versículo 8. Tal como o temos, diz ele a Amazias que, faça este rei o que fizer, será derrotado. Certas traduções podem ter razão ao fazerem uma pequena inserção e preferirem: "Vai sozinho, desfere o teu próprio golpe, sê corajoso na batalha; Deus não te deixará cair perante o inimigo".

>2Cr-25.11

Ao vale do sal (11); compare-se com #2Sm 8.13; provavelmente o vale que corre a sul do Mar Morto. A identificação usual de Sela (#2Rs 14.7) com Petra está longe de ser segura, sobretudo por não haver indícios de Jocteel (#2Rs 14.7), nome depois posto a Sela e relacionado com Petra. Dez mil (12); a razão do massacre de dez mil cativos não nos é indicada, mas veja-se #Am 1.11, que pertence a uma época não muito posterior. É provável que a vitória de Amazias lhe desse apenas o domínio da estrada até Elate (#2Rs 8.22, n.; 14.22, n.). Os mercenários tinham regressado encolerizados à pátria (10). Ao chegarem a Samaria (13), e sendo informados de que Amazias estava em Edom, assaltaram Judá. Embora os três mil, em certas traduções, pareçam

referir-se às cidades, tanto a gramática hebraica como a região de Judá nos vedam tal interpretação; entenda-se "feriram três mil homens".

>2Cr-25.14

3. A IDOLATRIA DE AMAZIAS (#2Cr 25.14-16). Este trecho não ocorre em Reis, mas vem uma sugestão em #2Rs 14.3. A Bíblia nunca se preocupa com justificar as ações de alguém, mas apenas com essas ações. A atitude algo desdenhosa de Amazias ante o aviso profético (16) mostra que ele encarou todo o incidente por outro prisma. No seu entender deformado, Jeová (ver Apêndice I do livro de Reis) era o Deus supremo, mas, mesmo assim, um deus entre outros. A sua vitória sobre os edomitas provara apenas o triunfo de Jeová sobre os deuses de Edom (acerca dos quais não temos quaisquer informações). No entanto, eram deuses, apesar da sua derrota e, assim, levou as suas imagens para Jerusalém (14) para privar os edomitas do seu auxílio. Mas os deuses, mesmo cativos, merecem respeito e, por isso, **prostrou-se diante deles e queimou-lhes incenso** (14). Todavia, isso não era, para Amazias, equivalente a uma rejeição de Jeová. Para os profetas, Jeová era único e colocar outros deuses ao seu lado ou, até, abaixo d'Ele, era sinônimo de O rejeitar.

>2Cr-25.17

4. O ENCONTRO DE AMAZIAS COM JOÁS (#2Cr 25.17-24). Ver #2Rs 14.8-16, passagem virtualmente idêntica. **E, tendo tomado conselho, Amazias** (17); foi este o desencaminhamento divino (compare-se com #1Rs 22.19-23).

>2Cr-25.25

5. SUMÁRIO DO REINADO DE AMAZIAS (#2Cr 25.25-26.2). Ver #2Rs 14.17-22, passo virtualmente idêntico.

2Cr-26.3

h) Uzias (2Cr 26.3-23).

1. INTRODUÇÃO AO SEU REINADO (#2Cr 26.3-5). Ver #2Rs 15.1-4.

>2Cr-26.6

2. AS GUERRAS E GRANDEZA DE UZIAS (#2Cr 26.6-15). Quanto aos **meunitas** (7), ver o capítulo 20.1, n. O que se sabe acerca da cidade de Jerusalém antes do exílio é insuficiente para interpretar o versículo 9 com segurança. **As torres** (10) eram para proteção do gado. **Nos vales** (10), a Sephelah, ou serras baixas entre a Judéia e a planície da Filístia. **Nas campinas** (10), ou, segundo outra tradução, no planalto, provavelmente da Transjordânia (compare-se com o versículo 8).

>2Cr-26.16

3. O PECADO DE UZIAS E SEU CASTIGO (#2Cr 26.16-23). Comparar com #2Rs 15.5-7. O desejo de Uzias de desempenhar funções sacerdotais era, na realidade, a tentação constante dos reis de se considerarem divinos; ver #1Rs 12.27 n., e Apêndice I de Reis. A doença que o atingiu foi a lepra e não qualquer outro mal, por ser a lepra considerada sinal de castigo divino.

2Cr-27.1

i) Jotão (2Cr 27.1-9).

Ver #2Rs 15.32-38. **Ofel** (3) um esporão do monte do templo em Jerusalém.

2Cr-28.1

j) Acaz (2Cr 28.1-27).

1. A APOSTASIA DE ACAZ (#2Cr 28.1-4). Ver #2Rs 15.1-4.

>2Cr-28.5

>2Cr-28.17

2. O ATAQUE SIRO-EFRAIMITA (#2Cr 28.5-19). Ver #2Rs 16.5-6. Temos aqui, também, informações acerca dos idumeus e filisteus (17-18) e acerca do tratamento que Israel dispensou aos prisioneiros (6-15). Parece que alguns dos habitantes do reino do norte se converteram, mas quando já era demasiado tarde; compare-se com #2Rs 17.2 n. **Apontados por seus nomes** (15), ou nomeados. **À cidade das palmeiras** (15); comparar com #Jz 1.16; #Jz 3.13.

>2Cr-28.16

>2Cr-28.20

3. O APELO PARA A ASSÍRIA E SEU RESULTADO (#2Cr 28.16,20-25). Ver #2Rs 16.7-16. Aos reis da Assíria (16); uma tradução mais correta preferiria o singular. Tilgath-pilneser (20); Tiglate-Pileser (compare-se com #1Cr 5.6,26; #2Rs 15.19 n.). Opôs em aperto (20), sem dúvida pelo montante do tributo exigido. Sacrificou aos deuses de Damasco, que o feriram (23). Os versículos 22 e 23 são, na realidade, parentéticos e referem-se à época do ataque sírio; isto não tem qualquer ligação com #2Rs 16.10. Acáz... fez em pedaços os vasos da casa de Deus (24), passagem esta que, provavelmente, se refere ao incidente de #2Rs 16.17, com talvez outros objetos também; #2Cr 29.18-19 mostra que não tinha havido grande destruição dos vasos do templo. Acáz... fechou as portas da casa do Senhor (24). Conforme explicado nas notas de Reis, Acáz continuou a adorar Jeová à sua maneira, e #2Rs 16.12-16 indica claramente que os átrios do templo continuavam a ser usados. Acáz pode ter considerado impróprio para a adoração o santuário despido de imagens, suposição apoiada pelo uso continuado do templo na apostasia ainda pior de Manassés.

2Cr-29.1

1) Ezequias (2Cr 29.1-32.33).

Mais da metade dos elementos contidos em Crônicas são peculiares a este livro e, quando há passagens paralelas, em 2Rs e Is 36-39, verifica-se que tais elementos foram, em grande parte, abreviados e refundidos. Pelo que respeita a certos problemas de ordem geral relacionados com este reinado, ver a introdução à Seção 29 de Reis.

1 O REINADO DE EZEQUIAS (#2Cr 29.1-2). Ver #2Rs 18.1-3.

>2Cr-29.3

2. A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO (#2Cr 29.3-19). Esta passagem não tem paralelo em 2 Reis. Ele... abriu as portas da casa do Senhor (3); ver 28.24, n. Na praça oriental (4), ou no lugar amplo a oriente. A imundície (5), a sujidade acumulada durante anos de desleixo. Também fecharam as portas do alpendre (7); ver a nota referente a #2Cr 28.24. Não queimaram incenso nem ofereceram holocaustos (7), o que, à primeira vista, está em contradição direta

com #2Rs 16.15. Assim como os profetas se recusavam a considerar o culto canonizado de Jeová como qualquer outra coisa que fosse culto de Baal, assim também Ezequias se recusava a considerar como oferecidos a Jeová os sacrifícios que tinham lugar num altar assírio; para ele, eram sacrifícios feitos aos deuses assírios. Grande ira do Senhor (8); ver os desastres citados no capítulo 28. Que façamos um concerto com o Senhor (10); compare-se com #2Cr 15.12, 23.16, 34.31. O motivo era bom, mas faltavam as forças para observar o concerto. A lista de nomes de levitas (12-14) confirma o que sabemos de outras fontes (como, por exemplo, #Pv 25.1), que a época de Ezequias se caracterizou por intensa atividade literária que nos legou consideráveis monumentos. Ao ribeiro de Cedrom (16); compare-se com #2Cr 15.16, 2Cr 30.14. Que o rei Acáz... lançou fora (19); ver 28.24 n.; "lançou fora" é uma tradução demasiado forte do original hebraico; seria melhor traduzir: "pôs de parte como inúteis".

>2Cr-29.20

3. A RENOVACÃO DA ADORAÇÃO NO TEMPLO (#2Cr 29.20-36). Não existe paralelo em 2Reis. O culto inaugural foi de expiação, e nele sete bodes (23) foram apresentados como oferta pelo pecado, e sete carneiros, sete novilhos e sete cordeiros (22) como oferta queimada. Um estudo cuidadoso mostrará que a oferta pelo pecado era sempre acompanhada de uma oferta queimada. A escolha dos sete animais podia ter sido determinada pelas idéias relacionadas com esse número, ou dever-se ao fato de o povo estar dividido em sete categorias, das quais três vêm mencionadas no versículo 21-o reino designa a casa real, o santuário os sacerdotes e os levitas. Menciona-se a música (25-26), talvez por Acáz ter alterado a música do templo juntamente com o restante ritual. Desde, pelo menos, os tempos de Davi, ou antes, até, que devia haver acompanhamento musical durante a oferta queimada (25-26; compare-se com #1Cr 23.5, 25.1). O canto do Senhor (27); é agora quase universalmente reconhecido que a maior parte dos Salmos foi escrita para utilização em diversas cerimônias do templo; o versículo 30 mostra bem o que se cantava. Os maiorais (30); provavelmente, neste contexto, os principais sacerdotes (compare-se com #1Cr 25.1 n. O número relativamente pequeno de oferta; em semelhantes circunstâncias (32-33) mostra como Judá decaiu no reinado de Acáz. Normalmente (#Lv 1.5-6), matar e esfolar a oferta queimada incumbia ao adorador; a exceção que aqui se nota (34) pode ser devida ao fato de se tratar de ofertas de uma congregação (32) mais do que de ofertas pessoais. Eram, porém, os sacerdotes mui poucos (34). Urias, o sumo sacerdote (#2Rs 16.10 e seguintes), nada fizera para se opor a Acáz, antes dera

a sua cooperação. Provavelmente arrastou consigo muitos outros sacerdotes, enquanto que a maior parte dos levitas talvez se mantivesse indiferente.

2Cr-33.1

m) Manassés (2Cr 33.1-20).

Compare-se com [#2Rs 21.1-18](#). Quanto aos versículos 1-10, ver [#2Rs 21.1-15](#); Crônicas omite os pormenores da mensagem de Deus. No versículo 6 lemos [filhos](#), enquanto que Reis diz "filho". É possível que não devemos insistir neste pormenor, aceitando antes a linguagem nos seus termos gerais. [No vale do filho de Hinom](#) (6); compare-se com [#Jr 7.31](#). Crônicas, que acentua o aspecto religioso, omite as matanças ([#2Rs 21.16](#)).

No final do seu reinado (648-647 a.C.) houve uma revolta contra Assurbanipal a favor do irmão deste, vice-rei em Babilônia. Quer Manassés estivesse verdadeiramente implicado quer existissem simples suspeitas, foi levado "entre os espinhais", [amarrado com cadeias e levado para Babilônia](#) (11). Quanto a este costume, ver [#2Rs 19.28](#) n. Assurbanipal estava em Babilônia provavelmente por causa da rebelião que se acabara de dominar. Só decorrido algum tempo pôde voltar-se para o ocidente e, assim, Manassés foi levado já numa fase bastante tardia do seu reinado para Babilônia e o resto desse reinado depois do seu regresso deve ter sido muito breve. Isto explica por que razão o seu arrependimento e reforma (12-13,15-17) não vêm mencionados em Reis e não deixaram impressão duradoura. Deve-se notar também que Crônicas não menciona a remoção dos altares dos exércitos celestes. Tendo aceitado outrora esses sinais do domínio assírio, não ousaria rejeitá-los agora. [A sua oração ao seu Deus](#) (18), ... e [a sua oração](#) (19). A oração de Manassés nos apócrifos não tem o direito de ser considerada autêntica. O versículo 14 não pode ser interpretado com segurança por não conhecermos suficientemente bem a Jerusalém anterior ao exílio.

>2Cr-33.21

n) Amom (2Cr 33.21-25).

Há apenas variantes secundárias em relação a [#2Rs 21.19-26](#), que convém ler.

2Cr-34.1

o) Josias (2Cr 34.1-35.27).

1. INTRODUÇÃO (#2Cr 34.1-2). Compare-se com #2Rs 22.1-2.

>2Cr-34.3

>2Cr-34.33

2. A REFORMA (#2Cr 34.3-7,33). Ver as seções XXXII f, h, em Reis. Enquanto que Crônicas situa toda a reforma antes das obras do templo e da descoberta do livro da lei, exceto por implicação no versículo 33, Reis situa-a toda depois disso. Em ambos os casos, atendeu-se à conveniência da narrativa. Nas seções respectivas em Reis encontrar-se à a maior parte das notas necessárias. **Imagens** (4); **imagens** (7); tradução correta: "altares de incenso" (compare-se com #2Cr 14.5).

>2Cr-34.8

3. AS OBRAS DO TEMPLO (#2Cr 34.8-14). Ver notas sobre #2Rs 22.3-7. A menção de **Manassés e de Efraim e de todo o resto de Israel** (9) refere-se provavelmente àquelas pessoas das tribos do norte que se haviam fixado no sul (#2Cr 11.16; #2Cr 15.9), mais do que àqueles que tinham ficado no norte, pois, ao contrário do reinado de Ezequias (#2Cr 30.11), não há qualquer menção especial de gente do norte na Páscoa de Josias.

>2Cr-34.15

4. A DESCOBERTA DO LIVRO DA LEI (#2Cr 34.15-19). Ver notas sobre #2Rs 22.8-11.

>2Cr-34.20

5. A MENSAGEM DE HULDA (#2Cr 34.20-28). Ver notas sobre #2Rs 22.12-20. **Abdon, filho de Mica** (20); em #2Rs 22.12 temos, corretamente: "Acbor, filho de Micaías". **Filho de Tocate, filho de Hasra** (22); #2Rs 22.14, corretamente: "filho de Ticvá, filho de Harás".

>2Cr-34.29

6. O CONCERTO (#2Cr 34.29-32). Ver nota sobre #2Rs 23.1-3. A omissão dos profetas no versículo 30 é propositada; ver #2Rs 22.14 n.

2Cr-36.1

p) Queda e restauração (2Cr 36.1-23).

1. JEOCÁZ (#2Cr 36.1-4). Ver notas sobre #2Rs 23.30-34. Condenou a terra (3), isto é, "multou-a"; como castigo, o tributo era mais pesado do que normalmente.

>2Cr-36.5

2. JEÓAQUIM (#2Cr 36.5-8). Ver notas sobre #2Rs 23.34-24.7. Ao que parece, deveríamos considerar o versículo 7 como uma antecipação do versículo 10, embora possa aludir ao incidente de #Dn 1.2. Foi devido aos pecados e rebelião de Jeoquim que Jerusalém foi tomada e o templo assolado.

>2Cr-36.9

3. JOAQUIM (#2Cr 36.9-10). Ver notas sobre #2Rs 24.8-16.

>2Cr-36.11

4. ZEDEQUIAS (#2Cr 36.11-13). Ver notas sobre #2Rs 24.17-25.7. Com o rei legítimo no exílio e o templo despojado, o cronista não tem motivos para descrever a agonia final de Jerusalém. A derradeira geração residente na cidade encontra um símbolo adequado no seu rei perjuro (13).

>2Cr-36.14

5. A DESTRUÇÃO DE JERUSALÉM (#2Cr 36.14-21). Crônicas dá apenas um sumário geral mostrando como a destruição da cidade foi o resultado inevitável do seu pecado. **Dele e de seus filhos** (20) isto é, dos seus sucessores Evil-Merodaque (#2Rs 25.27), Neriglissar e Nabonido, sendo os dois últimos usurpadores. **Até que a terra se agradasse dos seus sábados** (21). A idéia implícita é que o ano sabático não era observado na monarquia (compare-se com #Lv 25.1-7; #Lv 26.34-35). **Setenta anos** (21). Judá esteve sujeita a Babilônia desde a batalha de Carquemis (605 a.C., #Dn 1.1) até à queda de

Babilônia (538 a.C.), isto é, sessenta e sete anos, sendo setenta um número redondo.

>2Cr-36.22

6. RESTAURAÇÃO (#2Cr 36.22-23). Estes versículos são idênticos aos versículos de abertura de Esdras; ver as notas respectivas.

H. L. Ellison

ESDRAS

INTRODUÇÃO

I. COMPILAÇÃO E DATA

Estes dois livros constituíam, originalmente um único, sugerindo os versículos iniciais, que repetem os versículos finais de Crônicas, que foram compilados pelo cronista como parte da sua narrativa. A data da compilação pode ser deduzida da lista de sumo-sacerdotes em [#Ne 12.10-22](#). Esta lista prolonga-se até Jadaa, que, segundo Josefo ([Antigüidades 11.8.4](#)), foi sumo-sacerdote no tempo de Alexandre, o Grande (cerca de 330 A.C.). Por outro lado, tem-se afirmado que o Jadaa de [#Ne 12](#) não é o mesmo que o mencionado por Josefo, mas anterior.

II. FONTES

Estes livros parecem ter sido compilados a partir de várias fontes. Há recordações pessoais de Esdras e Neemias escritas na primeira pessoa do singular; incidentes acerca de Esdras, Neemias e outros, escritos na terceira pessoa; cartas, decretos, genealogias e outros documentos.

Duas seções de Esdras ([#Ed 4.8-6.18](#) e [#Ed 7.12-26](#)) vêm escritas em aramaico, sendo quase inteiramente constituídas por cartas e decretos. O aramaico, uma língua originalmente falada a leste e nordeste da Palestina (ver, por exemplo, [#Gn 31.47](#)), veio a ser o idioma diplomático do Próximo Oriente. Havia uma forma convencional desta língua que se empregava nas comunicações escritas. Existem todos os motivos para crer que o compilador destes livros, que contém quase tudo quanto se sabe acerca da história dos judeus entre 538 e cerca de 430 A.C., transcreveu neles as cartas originais.

III. COMPARAÇÃO COM 1 ESDRAS

Para estudar estes livros a sério, é preciso compará-los, em certa medida, com 1 Esdras, um livro integrado nos apócrifos. Trata-se de uma versão grega de parte de Crônicas, Esdras e Neemias, abrangendo de [#2Cr 35.1](#) até ao fim de Esdras, e acrescentando [#Ne 8.1-12](#) até ao final. Além das variantes secundárias em relação ao texto hebraico, há certos acrescentamentos substanciais. Nos capítulos de abertura, a marcha dos

acontecimentos é reconstruída. Assim, Ciro permite o regresso sob o mando de Sesbazar, enquanto que Dario incumba Zorobabel de ir construir o templo e a cidade. A ordem dada a Zorobabel segue-se à famosa história dos três soldados que, um após outro, dizem a Dario e sua corte o que julgam ser a coisa mais forte deste mundo. O primeiro diz que é o vinho; o segundo que é o rei, enquanto que o terceiro (Zorobabel) afirma que as mulheres são mais fortes do que ambas as coisas, mas que a verdade é o que há de mais forte. Mas, embora 1 Esdras situa o regresso de Zorobabel no reinado de Dario, inclui também a declaração de Esdras de que este esteve ativo em Judá "todo o tempo que Ciro viveu" (1Esdras 5.70-73). Em vista desta confusão, é melhor aceitar a ordem apresentada no livro de Esdras da nossa Bíblia.

Não se deve confundir 1 Esdras com a outra versão grega que segue de perto o texto hebraico e que é geralmente considerada a versão da Septuaginta de Esdras e Neemias, embora C. C. Torrey veja nesta versão a tradução de Theodotion do segundo século da nossa era e em 1 Esdras a tradução original da Septuaginta.

A forma como se faz referência a estas diferentes versões é confusa, mas pode ser explicada como se segue:

1 Esdras dos nossos Apócrifos vem na Bíblia grega sob a designação de Esdras, e na Vulgata sob a designação de 3 Esdras. Na Vulgata, o nosso Esdras é 1 Esdras, e o nosso Neemias é 2 Esdras. Na Bíblia grega, o nosso Esdras-Neemias aparece sob a designação de Esdras.

IV. ENQUADRAMENTO

Josefo, cujo livro, *As Antigüidades dos Judeus*, foi escrito em finais do I século a.C., constitui uma autoridade secundária para esta época. Foi ele um escritor judaico que teve possivelmente acesso a algumas fontes de informação sem serem os registros bíblicos; todavia é ponto geralmente aceito que deve ser usado com cuidado (ver, por exemplo, a nota sobre *#Ne 13.28*).

Entre os documentos contemporâneos, contam-se o cilindro de Ciro que relata, entre outras coisas, como esse imperador reenviou os povos cativos para os seus países de origem, juntamente com os seus deuses; e os papiros elefantinos, que são cópias de cartas trocadas com uma colônia judaica na ilha de Yeb, no alto Egito, perto de Assuão, escritas em aramaico, pertencem a finais do século V a.C., fazendo referência a Sanblat e seus filhos, a Bigvai,

governador de Jerusalém, e a Joanan, sumo-sacerdote (ver nota sobre [#Ed 10.6](#)).

V. CRONOLOGIA

Para compreender bem a ordem dos acontecimentos, convém notar as datas dos reis da Pérsia.

538-529-Ciro.

529-522-Cambises.

522-521-Gaumata (pseudo-Smerdis). Usurpador.

521-486-Dario I (Histaspes).

486-465-Xerxes I (Assuero).

464-424-Artaxerxes I (Longímano).

424-423-Xerxes II.

423-404-Dario II (Nothus).

404-359-Artaxerxes II (Mnémon).

359-338-Artaxerxes III (Ócus).

338-331-Dario III (Codomano).

Nesta data, o império persa foi derrubado por Alexandre o Grande da Macedônia.

Ed-1.1

I. O REGRESSO DOS EXILADOS A JERUSALÉM Ed 1.1-2.70

a) O Decreto de Ciro (Ed 1.1-4)

Em 538 a.C., Ciro conquistou Babilônia, e um dos seus primeiros atos foi permitir que todos os povos cativos, que ali encontrou, regressassem aos seus países de origem, conforme vem registrado no chamado "cilindro de Ciro". O texto deste decreto, tal como reproduzido em Esdras, poderia sugerir que Ciro cria em Jeová. No entanto, sabemos pelas inscrições do próprio Ciro que ele também atribuiu as suas vitórias ao deus babilônio Marduc. É provável que Ciro sentisse respeito por vários deuses em geral e redigisse os seus decretos numa linguagem que agradasse a todas as nações. Provavelmente pediu a qualquer dirigente judaico (quem sabe se Daniel) para redigir o decreto de forma que este fosse aceitável para os judeus. Ver também nota sobre [#Ed 6.3-5](#). Os versículos 1 a 3 são praticamente idênticos a [#2Cr 36.22-23](#), e servem para ligar os dois livros.

[No primeiro ano de Ciro](#) (1); isto é, o ano em que conquistou Babilônia. Antes disso, era rei da Pérsia. [Por boca de Jeremias](#) (1); ver [#Jr 25.12](#); [#Jr 29.10](#). Tinham-se passado quase setenta anos desde que Jeremias proferira a sua profecia no quarto ano de Joaquim ([#Jr 25.1](#)), ou seja, 605 a.C. [Me encarregou](#) (2); Cfr. [#Is 44.28](#); [#Is 45.13](#). [Todo aquele que ficar](#) (4); todos os que haviam sobrevivido ao cativeiro. Cfr. [#Ag 1.14](#). Fosse qual fosse a região do império em que vivessem, os seus vizinhos deveriam ajudá-los, se desejassem regressar.

>Ed-1.5

b) O regresso de Babilônia (Ed 1.5-11)

[Ciro tirou os vasos da casa do Senhor](#) (7). No cilindro de Ciro, diz o rei que devolveu todos os ídolos aos povos cativos, aos quais permitiu que regressassem à respectiva pátria depois de ele haver conquistado Babilônia. Uma vez que os judeus não tinham ídolos, este versículo mostra que lhes foi permitido levar, em vez deles, os seus vasos sagrados. Cfr. [#2Rs 24.13](#); [#Jr 27.19-22](#); [#Dn 5.3](#). [Sesbasar](#) (8) em 1Esdras 2 é-lhe dado o nome de Sanabassar. Há três opiniões acerca dele, dizendo alguns comentadores que deverá ser identificado com Zorobabel, o que é improvável à luz de [#Ed 5.14](#) onde, apesar de Zorobabel pertencer ainda ao número dos vivos, faz-se referência a Sesbazar como havendo já morrido. Outros comentadores identificam-no com Senazar, filho do rei Joaquim ([#1Cr 3.18](#)). Zorobabel pertencia à família real ([#1Cr 3.18-19](#); [#Mt 1.12](#)). Se Sesbazar morreu pouco depois do regresso, Zorobabel, homem de ação, seria o seu sucessor natural. A terceira teoria é que se trata de um funcionário persa nomeado para

superintender na fixação dos judeus na antiga pátria. Ver também a nota introdutória a [#Ed 5. Príncipe de Judá](#) (8). É o que se refere naturalmente a alguém que pertencesse à linhagem real de Davi. Todavia, a palavra "príncipe" (*nasi'*) tem larga aplicação, e, a aceitar-se a terceira hipótese, isso indicaria apenas que Sesbazar foi colocado numa posição de autoridade sobre todo Judá.

Ed-2.1

c) O rol dos que regressaram (Ed 2.1-70)

Este rol vem reproduzido com ligeiras variantes em [#Ne 7.6-73](#) e 1Esdras 5.4-46. Fora evidentemente integrado nos arquivos oficiais, e o historiador incluiu-o aqui no lugar que lhe pertence. Neemias também o cita nas suas recordações pessoais, que o historiador igualmente reproduz. Alguns comentadores, como C. C. Torrey, classificam-no de pura invenção. L. W. Batten considera-o uma lista completa de todos os que haviam vindo para Judá desde o tempo de Zorobabel até ao tempo de Esdras. Galling vê, neste rol, a lista dada pelos nacionalistas a Tatenai, quando este pediu os nomes construtores ([#Ed 5](#)). Não cabe dentro do âmbito deste comentário fazer uma análise das ligeiras variantes que ocorrem em alguns dos nomes e números constantes dos três registros. Todas as listas de nomes e algarismos são muito sujeitas a pequenos erros de transcrição, mas veja-se a nota sobre o versículo 64.

1. ZOROBABEL E OS SEUS COMPANHEIROS ([#Ed 2.1-2](#)). [Zorobabel, Jesua](#) (2); algumas versões não separam estes dois nomes com uma vírgula, o que é um erro. Os dez nomes são os dos companheiros de Zorobabel. Em [#Ed 3.2](#) e noutros passos chama-se a Zorobabel filho de Sealtiel, mas em [#1Cr 3.19](#) é filho de Pedaia. Se Sealtiel não teve filhos, Pedaia foi o seu irmão que contraiu um casamento de levirato com a viúva. Jesua, ou Josué, é o sumo-sacerdote que colaborou com Zorobabel. [Neemias](#) (2); não se trata da famosa personagem desse nome.

>Ed-2.3

2. CLASSIFICAÇÃO DO POVO POR FAMÍLIAS E CLÃS ([#Ed 2.3-19](#)). [Pahath-Moab](#) (6), ou, traduzindo ao pé da letra, dirigente de Moabe. Provavelmente um seu antepassado fora governador de Moabe, quando esta região estivera sob o domínio de Israel.

>Ed-2.20

3. CLASSIFICAÇÃO DO POVO CONSOANTE AS LOCALIDADES A QUE PERTENCIA (#Ed 2.20-35). **Betel** (28); mencionado também em #Zc 7.2. **Ono** (33); ver #Ne 6.2.

>Ed-2.36

4. LISTA DE SACERDOTES (#Ed 2.36-39). **Jesua** (36). Um Josué mais antigo do que o contemporâneo de Zorobabel.

>Ed-2.40

5. AS TRÊS DIVISÕES DOS LEVITAS (#Ed 2.40-42). Só 341 levitas regressaram, por contraste com os sacerdotes, dos quais 4.289 voltaram à pátria. Esdras refere-se em #Ed 8.15 a uma relutância semelhante da parte dos levitas. Receariam eles que, na comunidade renovada, a sua posição perdesse importância? Podemos contrastar os números relativos de sacerdotes e levitas no "Código Sacerdotal" do Pentateuco. No entanto, **P** reflete supostamente as condições existentes depois do exílio. **Asaf** (41); ver #2Cr 29.30. Ver também os cabeçalhos dos #SI 1; 73-83.

>Ed-2.43

6. OS NETINEUS (#Ed 2.43-54). Excetuando Esdras e Neemias, vêm mencionados apenas em #1Cr 9.2. Não se sabe quem eram, mas talvez fossem descendentes dos gibeonitas de #Js 9.27. O nome significa "dado", e em #Ed 8.20 lemos que Davi e os príncipes os haviam dado ou nomeado para o serviço dos levitas. Compare-se com #Nm 31.30.

>Ed-2.55

7. A CLASSE CONHECIDA PELO NOME DE SERVOS DE SALOMÃO (#Ed 2.55-58). Vêm mencionados novamente em #Ne 11.3. Alguns comentadores pensam que eram descendentes dos cananitas mencionados em #1Rs 9.21.

>Ed-2.59

8. OS DE GENEALOGIA INCERTA (#Ed 2.59-63). Barzilai (61). Ver #2Sm 17.27; #2Sm 19.32-39; #1Rs 2.7. O tirsata (63). Cfr. #Ne 7.65,70; #Ne 8.9; #Ne 10.1. Um título persa, exprimindo provavelmente respeito e equivalendo a "Excelência". Aqui refere-se a Sesbazar ou Zorobabel. Não comessem das coisas sagradas (63). Eram atribuídas aos sacerdotes certas porções dos sacrifícios (ver #Lv 2.3,10; #Lv 6.26, etc.). Talvez haja também aqui uma referência ao sacrifício realizado na sagração dos sacerdotes (ver #Êx 29.31-37). Estes homens não podiam ser sagrados sacerdotes. Até que houvesse sacerdotes com Urim e com Tumim (63). Os Urim e Tumim faziam parte do vestuário dos sumo-sacerdotes (#Êx 28.30), e eram utilizados, não sabemos como, para descobrir a vontade do Senhor (#1Sm 28.6); era evidente que se haviam perdido ou tinham sido destruídos na destruição de Jerusalém. Uma vez que estes indivíduos não tinham documentos que comprovassem a sua condição de sacerdotes, cumpria-lhes aguardar que estivessem novamente em operação os meios divinamente determinados para descobrir as decisões de Deus. Ver a nota especial sobre os Urim e Tumim em #1Sm 28.6.

>Ed-2.64

9. VÁRIOS TOTAIS (#Ed 2.64-70). Apesar das variantes do conteúdo da lista, o total é o mesmo para Esdras, Neemias e 1Esdras. Mas em nenhuma das listas esse total é de 42.360. Ver nota introdutória a este capítulo "Cantores e cantoras" (65); serviam para divertimentos profanos, distinguindo-se dos cantores levitas do versículo 41. Cfr. #2Sm 19.35; #Ec 2.8. Dracmas (69), ou melhor, dáricos. O dárico era uma moeda persa que valia cerca de três dólares.

>Ed-2.70

Pode existir qualquer confusão no texto do versículo 70, visto ser de esperar qualquer referência a Jerusalém. A passagem paralela em 1Esdras 5.46 diz: "Assim habitaram os sacerdotes e levitas e alguns do povo em Jerusalém e no campo; os cantores também e os porteiros; e todo o Israel nas suas aldeias".

Ed-3.1

II. ENCETA-SE O TRABALHO DA RESTAURAÇÃO Ed 3.1-13

a) Construído o altar; observada a festa dos tabernáculos (Ed 3.1-7)

É possível que, durante o exílio, se realizassem ocasionalmente sacrifícios no local do templo. Veja-se, por exemplo, [#Jr 41.5](#). Agora, porém, o objetivo era reinstaurar a ordem de sacrifícios divinamente prescrita.

O sétimo mês (1), isto é, do ano de 537 a.C.. [Como está escrito](#) (2); ver [#Nm 29.1-6](#). [Porque o terror estava sobre eles](#) (3); estavam convencidos de que, colocando Deus em primeiro lugar, seriam libertos das ameaças dos inimigos que os cercavam.

>Ed-3.4

[A festa dos tabernáculos](#) (4); ver [#Lv 23.33-36](#); compare-se com [#Ne 8.14-17](#). [1Esdras 5.53](#) relaciona a última frase do versículo 5 com o versículo seguinte: "Todos os que haviam feito um voto a Deus começaram a oferecer-lhe sacrifícios a partir da lua nova do sétimo mês", isto é, agora que o altar havia sido levantado, o povo já podia pagar quaisquer promessas que tivesse feito, como, por exemplo, para uma viagem segura até Jerusalém. [Segundo a concessão](#) (7); está mencionada no decreto mais pormenorizado em [#Ed 6.4](#).

>Ed-3.8

b) Postos os alicerces do templo (Ed 3.8-13)

[Começaram Zorobabel...](#) (8-9). O texto hebraico aqui não é absolutamente claro, mas parece que os ex-exilados confiaram aos levitas em geral a responsabilidade da construção (8), e que quatro famílias de levitas-Jesua, Cadmiel, Hodavias e Henadad-se encarregaram de levar a tarefa a bom termo. [Conforme a instituição de Davi](#) (10). Ver [#1Cr 16.4-5](#); [#1Cr 25.1](#) que mencionam vários instrumentos de música, como címbalos, saltérios e alaúdes. Quanto às trombetas, ver [#Nm 10.8](#). [E cantavam a revezes](#) (11), o que parece indicar que cantavam dois coros respondendo um ao outro. Ver [#Sl 136.1](#) e a profecia de [#Jr 33.11](#). [Choraram](#) (12), ou de alegria ou pelo fato de o novo templo ser tão pequeno (ver [#Ag 2.3](#)).

Ed-4.1

III. O TRABALHO PARALISADO Ed 4.1-24

Devem-se notar cuidadosamente as datas indicadas pelo autor neste capítulo e compará-las com a lista de reis persas na introdução.

a) Oposição ao trabalho de construção (Ed 4.1-5,24)

O autor refere-se aos adversários, aos quais chama **o povo da terra** (4). Era este o uso aceito da expressão no seu tempo, enquanto que, no de Ageu (520 a.C.), ela se aplicava aos judeus que não haviam ido para o cativeiro (**#Ag 2.4**). Os que desejavam ajudar na reconstrução eram descendentes das raças que os reis assírios haviam importado para o reino do norte (**#2Rs 17.24-41**). É provável que alguns dos israelitas que não foram para o cativeiro, se tivessem mantido livres da idolatria, uma vez que alguns deles tomaram parte na celebração da Páscoa por Josias (**#2Cr 35.17-18**); de uma maneira geral, porém, os recém-vindos esmagavam numericamente o núcleo de habitantes primitivos. Isto é evidente à luz de **#2Rs 17**, que se refere à situação no tempo do escritor. Assim, Zorobabel e Jesua recusaram-se a permitir-lhes participar na reconstrução do templo de Jeová. Foi este o povo mais tarde conhecido sob o nome de samaritanos. **Asarhadon** (2), um rei assírio que reinou de 680 a 668 a.C. Não vem mencionado por nome em **#2Rs 17.24**, mas **#Ed 4.10** refere-se a Asnapar, cujo nome se parece com o de Assurbanipal (668-626 a.C.). Uma vez que Samaria caiu em 721 a.C., houve considerável lapso de tempo antes que chegassem os novos colonos, ou então, mais provavelmente, estes vieram em várias vagas. **Todos os dias de Ciro... até ao reinado de Dario** (5). As datas abrangem o período 536-520 a.C. A nova referência a Dario no versículo 24 mostra que esta narrativa é retomada naquele ponto.

>Ed-4.6

b) Exemplos ulteriores de oposição semelhante (Ed 4.6-23)

O autor achou aconselhável apresentar aqui dois outros exemplos de oposição, mas teve o cuidado de os datar. Ocorreram eles nos reinados de Assuero (6), ou Xerxes, e do seu sucessor Artaxerxes I (7), isto é, entre 486-424 a.C. O conteúdo da carta mostra que a queixa dizia respeito, não ao templo, mas à reconstrução das muralhas da cidade (12,16). O incidente do versículo 23 talvez ocorresse pouco antes da chegada de Neemias. Ver também as notas sobre **#Ne 1. Bislam, Mitredath, Tabeel** (7); os dois primeiros são colonos estrangeiros que não tornam a ser mencionados. Tabeel ("Deus é bom") pode ser o mesmo Tobias ("Jeová é bom") que se opôs a Neemias (ver **#Ne 2.19**, etc.). **Na língua siríaca** (7), isto é, em aramaico. Não só a carta que se segue vem em aramaico como toda a passagem até **#Ed 6.18** nos surge escrita neste dialeto. O versículo 8 indica que a carta foi ditada por Reúm, chanceler ou,

talvez, Mestre de Decretos, ao seu secretário Simsai e remetida em nome dos colonos enviados pelos reis assírios. Não é possível identificar todos os povos aqui mencionados. Alguns comentadores traduzem os primeiros quatro como se segue: "Juízes, dirigentes, cronistas e secretários". **Arquevitas** (9), talvez o povo de Erec, em Babilônia, **Susanquitas** (9), oriundos de Susa, capital do Elão. **Deavitas** (9); uma pequena emenda daria: "isto é", pelo que o texto seria: "os susianos, isto é, os elamitas". **Asnapar** (10); ver a nota do versículo 2. **Em tal tempo** (10), expressão que, no original, talvez signifique "e assim por diante", ou "etc.". Ocorre novamente nos versículos 11 e 17.

>Ed-4.17

Na resposta (17-22), o rei ordena que se pare com os trabalhos, mas no versículo 21 deixa aberta a possibilidade de retirar essa ordem. De fato, Artaxerxes cancelou-a em **#Ne 2. Explicitamente lida** (18), ou seja, traduzida. Ver nota sobre **#Ne 8.8. A força de braço e com violência** (23); os opositores dos judeus interpretaram a carta como uma ordem de recorrer à violência, se necessário. Se isto teve lugar pouco antes da chegada de Neemias, a descrição em **#Ne 1.3** revela os estragos causados naquela altura.

Ed-5.1

IV. RECOMEÇA-SE E CONCLUI-SE A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO. (Ed 5.1-6.22)

a) Ageu e Zacarias promovem nova arrancada (Ed 5.1-5)

Estamos agora em 520 a.C. (ver **#Ed 4.24; #Ag 1.1**). Para estes acontecimentos, temos os relatos contemporâneos de Ageu e Zacarias, que possivelmente haviam chegado pouco antes a Jerusalém. Sobretudo Ageu mostra como o povo precisava de ser animado depois dos reveses dos últimos dezesseis anos. Trabalhara-se tão pouco no novo templo, que se procedeu a nova cerimônia de fundação (**#Ag 2.18**). Geralmente supõe-se que **Zorobabel** (2) fora agora nomeado governador (Pehah), em lugar de Sesbazar (versículo 14), visto lhe ser dado este título em **#Ag 1.1** e **#Ed 2.2**. Todavia, Rudolf, no seu **Esras und Nehemia**, argumenta que, se Zorobabel fosse governador, ele, e não os outros dirigentes, teria sido consultado por Tatenai nesta altura. Por isso, em seu entender, o título referido em Ageu exprime apenas cortesia.

>Ed-5.3

Tatenai (3), governador persa de toda a região, a ocidente do Eufrates. A palavra indica aqui claramente o Sátrapa. Ver nota sobre **#Ed 8.36**. **Setarboznai** (3), provavelmente seu secretário. Cfr. **#Ed 4.8**. **Então assim lhes dissemos** (4), talvez citação direta de uma carta. Os Septuagintas têm: "disseram".

>Ed-5.6

b) Uma carta do governador persa a Dario (Ed 5.6-17)

Afarsatquitas (6); ver 4.9, nota. Possivelmente deverá traduzir "dominadores". Esta carta respeita unicamente a reconstrução do templo. Contraste-se com **#Ed 4.12**. O governador deseja vivamente descobrir quem dirige agora a construção, e se, conforme se alega, Ciro alguma vez deu permissão a Sesbazar, de regresso, para reconstruir o templo. Esta oposição do governador persa e outras entidades é provavelmente o "monte grande" de **#Zc 4.7**, que, como era evidente, levava o povo a pensar que jamais lograria acabar o edifício. **Desde então para cá se está edificando** (16). Os judeus, é claro, não queriam enfraquecer a sua causa confessando que haviam descurado o trabalho por completo durante dezesseis anos. **Nos faça o rei saber a sua vontade** (17), isto é, se se descobrisse o decreto de Ciro, pede-se a Dario que diga se o deseja ratificar.

Ed-6.1

c) Dario dá ordem para que o trabalho seja apressado (Ed 6.1-12)

Na chancelaria (1). Utilizam-se aqui duas palavras diferentes para designar o rolo. Procurou-se nos arquivos, e o decreto foi encontrado escrito num rolo. A maior parte dos documentos oficiais era guardada sob a forma de placas de barro, mas, por qualquer motivo, este decreto havia sido escrito em papiro ou couro. **Acmeta** (2); o mesmo que Ecbátana, capital de Média e residência de verão dos reis persas. Impossível dizer por que razão os arquivos haviam sido transferidos para ali, mas a menção inesperada de Ecbátana constitui uma indicação de autenticidade.

>Ed-6.3

Há uma diferença natural entre este decreto (3-5) arquivado com os documentos oficiais e o anúncio público feito nos judeus no capítulo 1. Aqui não se emprega o nome de Jeová, mas, uma vez que o rei subsidiava a reconstrução, este registro oficial não deixa de indicar o quantitativo exato do subsídio. Ao reafirmar o decreto e o subsídio, Dario faz acrescentamentos de conta própria (9-10). Alguns reis persas desejavam fomentar os cultos religiosos dos povos que lhes estavam sujeitos. Os papiros de Elefanta de cerca de 400 a.C. contêm as instruções de um rei persa aos judeus do Egito, relativamente à observância da festa dos pães asmos. Alguém cujo cargo correspondia ao de Secretário de Estado para Assuntos Judaicos facultaria a Dario os informes de que ele precisava e que vêm nos versículos 9 e 10.

>Ed-6.13

d) Conclusão e consagração do Templo (Ed 6.13-18)

1Esdras 7.12 acrescenta um pormenor interessante à informação dada no versículo 13, de que os governadores que haviam escrito a carta de queixa "superintenderam nas obras sagradas, trabalhando muito cuidadosamente com os anciãos dos judeus e governadores do templo". A referência a [Artaxerxes](#) (14) parece ser devida a um erro de escriba, baseando-se numa interpretação errônea de [#Ed 4.7](#). Não pode haver verdadeiramente uma alusão a [#Ed 4.7-23](#), visto ali Artaxerxes prejudicar a construção com o seu decreto. Mas este versículo poderia antecipar-se a [#Ed 7.21](#) e segs. [O sexto ano... de Dario](#) (15), o que significa que o templo foi concluído em 516 a.C. As oferendas na dedicação (17) foram muito inferiores às feitas por Salomão em [#1Rs 8.5,63](#). A maior parte dos sacrifícios, em tais ocasiões, era consumida pelos próprios adoradores durante as comemorações, e a comunidade nesta altura era muito pequena. [Do livro de Moisés](#) (18), especialmente [#Nm 3](#) e [#Nm 8](#). [Do primeiro mês](#) (19); a cerimônia segue-se naturalmente à conclusão do templo no 12º mês, ou seja, o mês de Adar (15).

>Ed-6.19

e) Celebração da Páscoa (Ed 6.19-22)

[Todos os que a eles se apartaram](#) (21), possivelmente prosélitos mas, com mais probabilidades, judeus e israelitas que não haviam estado no cativeiro e que se encontravam prontos a cortar de vez com a idolatria e o culto deturpado de Jeová dos samaritanos e povos circundantes. [Do rei da Assíria](#) (22), título

estranho aplicado ao rei da Pérsia, mas provavelmente empregado aqui com o propósito de lembrar ao leitor que a ação do rei persa havia desfeito o que fora encetado pelo rei da Assíria. Os monarcas persas dominavam agora no antigo-império assírio.

Ed-7.1

V. ESDRAS VEM A JERUSALÉM Ed 7.1-8.36

a) Artaxerxes envia Esdras com uma carta de encargo (Ed 7.1-28)

A data é agora 458 a.C., e entre os capítulos 6 e 7 medeiam 60 anos. Não temos informações certas acerca do que sucedeu neste intervalo, embora o livro de Malaquias talvez deva ser colocado em finais desse período. Não sabemos quem sucedeu a Zorobabel como governador ou dirigente, embora [#Ne 5.15](#) referia a uma sucessão de governadores. Nestes capítulos finais de Esdras não há qualquer referência a um governador.

Alguns comentadores supõem que a vinda de Esdras se seguiu, na realidade, à de Neemias, e a opinião corrente é que o escritor confundiu Artaxerxes I com Artaxerxes II, de forma que Esdras teria chegado verdadeiramente a Jerusalém em 398 a.C. Todavia, é quase incrível que o autor cometesse semelhante erro. A última data razoável para a composição deste livro é cerca de 300 a.C. Se Esdras tivesse, de fato, ido para Jerusalém em 398 a.C. e se mantivesse ativo durante o tempo suficiente para granjear a reputação que granjeou, a sua morte teria ocorrido ainda em memória de algumas pessoas então vivas em Jerusalém, e muitas outras teriam ouvido seus pais dizer que o haviam conhecido pessoalmente. Neemias, porém, pertenceria ao passado, e seria inútil o cronista reconstruir a história de molde a fazer crer que Esdras tivesse precedido Neemias. Devemos supor que escreveu a sua narrativa para leitura pelos seus contemporâneos (embora, naquele tempo, não houvesse nada que se parecesse com a vasta disseminação dos livros da atualidade) e não poderia esperar que o erro passasse despercebido. Além disso, não podemos descortinar por que motivo o cronista deveria fazer semelhante alteração.

Uma sugestão menos drástica é que Esdras se situa entre os dois períodos em que Neemias foi governador ([#Ne 13.6](#)); mas tal reordenação é desnecessária, e neste comentário parte-se do princípio que a ordem bíblica está certa. Abordar-se-ão onde ocorram as opiniões que se ache militarem contra ela.

1. A VIAGEM DE ESDRAS A JERUSALÉM (#Ed 7.1-10). A genealogia de Esdras (1-5) vem nitidamente abreviada, como não raro sucede nas Escrituras. **Escriba hábil** (6). O termo "escriba" significava originalmente um mero secretário ou escrivão (ver, por exemplo, #2Sm 8.17). Antes do exílio, o termo talvez fosse mais largamente empregado num sentido mais amplo, designando aqueles que tratavam da interpretação da lei e a copiavam (#Jr 8.8). A aplicação deste título a Esdras tem este significado, e, a partir da sua época, passou a ocupar um lugar cada vez mais destacado. **Netineus** (7); ver nota referente a #Ed 2.43.

>Ed-7.11

2. A CARTA DE ARTAXERXES (#Ed 7.11-26). O conteúdo da carta vem em aramaico. Ver #Ed 4.7 e segs. **Dos seus sete conselheiros** (14); o conselho privado do rei. Cfr. #Et 1.14, e Heródoto 3.84. **Para fazeres inquirição** (14). É provável que Esdras ocupasse na corte persa uma posição correspondente à de diretor do departamento que tinha a seu cargo todos os assuntos judaicos. Foi agora enviado em missão oficial para investigar a situação em Judá. Artaxerxes mostrou o seu favor para com os judeus e para com Esdras ofertando quantias consideráveis em dinheiro e em vasos de metais preciosos (15-20). Os reis orientais oscilavam entre a extrema generosidade e a extrema crueldade. Com o versículo 22, comparar #Ed 6.3-4,8-10. As quantias máximas aqui fixadas são de cerca de 100.000 dólares, cerca de 800 alqueires de trigo e 2.800 litros de vinho e azeite. Note-se que, no versículo 24, é concedida isenção de impostos aos funcionários do templo.

>Ed-7.25

Esdras recebeu autorização, sempre que necessário, para nomear magistrados para todos os judeus na região a ocidente do Eufrates (25), sendo o objetivo assegurar a conformidade com a prática judaica reconhecida. Já se fez referência nas notas sobre #Ed 6.6-12 ao interesse dos reis persas na conformidade religiosa dos seus súditos. Mas, sem dúvida, o próprio Esdras teve certa intervenção na redação deste decreto e apontou a Artaxerxes a importância que atribuía à boa observância da lei. Nada indica que Artaxerxes estimulasse Esdras a introduzir uma nova versão da lei, como o Código Sacerdotal, arriscando-se, assim, a provocar a inquietação entre o povo. No versículo 26, faz-se referência apenas aos judeus.

>Ed-7.27

3. UM EXTRATO DAS RECORDAÇÕES PESSOAIS DE ESDRAS (#Ed 7.27-28). O resto do livro vem novamente escrito em hebraico.

Ed-8.1

b) Registro dos que regressaram com Esdras (Ed 8.1-14)

Há ligeiras diferenças entre a lista aqui apresentada e a de 1Esdras 8.28-40. O total é aqui de 1.496, enquanto que, em 1Ed, é de 1.690. Os nomes das famílias constantes dos versículos 3-14 são praticamente os mesmos que em #Ed 2. Hatus (2). Ligue-se com o versículo seguinte e leia-se: "Hatus, dos filhos de Secanias". No versículo 5, leia-se: "Dos filhos de Zatu, Secanias, o filho de Jeziel". É o que se lê em 1Esdras 8.32 e na versão dos Septuagintas. Cfr. #Ed 2.8. No versículo 10, leia-se: "Dos filhos de Bani, Selomit, filho de Josifias", tal como em 1Esdras 8.36 e na Septuaginta. Compare-se com #Ed 2.10. E dos últimos filhos de Adonicam (13), ou, segundo outra versão, "os filhos... que foram os últimos". O sentido é obscuro, mas talvez o ramo mais velho do clã tivesse já regressado, juntando-se-lhe o mais novo com Esdras.

>Ed-8.15

c) A reunião observa-se um jejum solene (Ed 8.15-23)

Ahava (15), localização desconhecida; talvez o nome de um canal perto de Babilônia. Dos filhos de Levi (15); ver nota sobre #Ed 2.40-42, mas, segundo 1Esdras 8.42, Esdras verificou a ausência tanto de sacerdotes como de levitas. Casifia (17), localização também desconhecida. É evidente que havia ali um numeroso núcleo de levitas e netineus. Alguns comentadores supõem que existia mesmo, também, um templo, naquele local, realizando-se sacrifícios judaicos, como em Elefanta. Um homem entendido (18), n'algumas traduções traduzindo como nome próprio, "Issequel". Expressos por seus nomes (20), ou, traduzindo à letra, "furados ou marcados com um ponto". À medida que se ia chamando o rol, punha-se uma marca ao lado de cada nome. Então apregoei ali um jejum (21), para que se humilhassem perante Deus. Com o versículo 22, contrastar #Ne 2.7,9. Deus conduz as almas de maneiras diferentes.

>Ed-8.24

d) Maiores nomeados para os donativos (Ed 8.24-30)

O valor destes donativos foi calculado em cerca de três milhões de dólares, quantia esta, na verdade, plausível, pois eram vastas as reservas do tesouro persa; Alexandre o Grande retirou dele uns 115 milhões de dólares.

>Ed-8.31

e) A viagem e a chegada a Jerusalém (Ed 8.31-36)

A viagem de perto de 1.500 quilômetros levou cerca de quatro meses (#Ed 7.9). A multidão seguiria a rota costumeira para evitar o deserto, entrando, assim, na Palestina, pelo norte. A diferença entre a data de partida neste versículo e a de #Ed 7.9 é explicada pela demora no rio Ahava. Meremot (33); ver #Ne 3.4,21. Recebia o dinheiro e as ofertas. Sátrapas (36), ou governadores provinciais. Não se sabe quantos havia nesta data. Judá estaria incluído na província que abrangia toda a Síria e Palestina, mas os sátrapas das províncias vizinhas do Egito e da Sicília precisariam de ser informados de quaisquer decretos referentes à província fronteiriça. Governadores (36), os administradores persas ou nativos dos vários distritos dentro de cada satrapia. Uma vez que não vem mencionado o nome de qualquer governador de Judá, é provável que Judá e Jerusalém estivessem integrados numa região mais ampla, possivelmente sob a administração de Sambalat.

Ed-9.1

VI. O PROBLEMA DOS CASAMENTOS MISTOS. Ed 9.1-10.44

a) O desgosto e espanto de Esdras (Ed 9.1-5)

Embora se suponha geralmente que os culpados eram descendentes dos que haviam regressado com Zorobabel, é possível que pertencessem ao grupo de Esdras. Mas embora 113 culpados (ver #Ed 10.18-43) possam parecer pouco, após quase cem anos no país, era muito para aqueles que haviam regressado recentemente com Esdras. Príncipes (1); chefes de família ou clãs. As nações aqui nomeadas são aquelas com as quais o casamento e ligações íntimas eram vedados em passagens como #Êx 34.16; #Dt 7.1-3; #Dt 23.3. Embora todos estes povos talvez ainda não existissem de forma identificável, os dirigentes sentiam que se justificava citar as determinações da lei. Magistrados (2), talvez simples sinônimo de "príncipes".

>Ed-9.3

Esdras exprime o seu horror ante a notícia com os sinais costumeiros de desgosto (3). Geralmente, rapava-se o crânio (#Jó 1.20; #Ez 7.18), mas Esdras arranca algum cabelo pelas raízes. O sacrifício da tarde (4), expressão que designa a oferta mencionada em #Êx 29.41. Cfr. #1Rs 18.29, onde indica apenas a hora.

>Ed-9.6

b) A oração e confissão de Esdras (Ed 9.6-15)

A oração de Esdras deve ser comparada com orações semelhantes em #Dn 9.4-19; #Ne 9.6-38. Esdras vira, com razão, que a única esperança para a comunidade judaica de regresso residia na exclusividade da fé. A experiência passada e presente demonstrara que a verdadeira fé em Jeová era gravemente prejudicada pela miscigenação com os povos pagãos circunvizinhos. Exceções como a de Rute não autorizavam que se violasse a regra divina. Neemias exprime-se com a mesma clareza (#Ne 13.23-28), como também Malaquias (#Ml 2.11,14-15). Semelhantemente, o Novo Testamento adverte contra os casamentos com descrentes (#1Co 7.39), e os psicólogos modernos salientam que é imprudente o casamento entre indivíduos separados por fundas diferenças religiosas. Uma parede (9); uma vez que temos aqui uma palavra diferente da utilizada por Neemias para designar a muralha da cidade, muitos comentadores consideram que se trata de uma expressão metafórica designativa de proteção. No entanto, esta mesma palavra é aplicada às muralhas da cidade em #Mq 7.11, e em #Ed 4.7-23 há indícios de que, nesta altura, continuava-se a trabalhar na edificação das muralhas. As palavras citadas nos versículos 11-12 resumem o ensino da Lei e dos profetas. A história de Israel exprime uma luta constante entre a adoração pura de Jeová e as idéias deturpadas dos cananitas.

Ed-10.1

c) O povo partilha o desgosto de Esdras (Ed 10.1-5)

E orando Esdras assim (1), ou, talvez melhor, "enquanto Esdras orava". Ainda há esperança (2), isto é, se nos arrependermos. Cfr. #Dt 30.1-10. Esforça-te (4); Cfr. #Js 1.6; #1Cr 28.10,20; #2Cr 19.11. No versículo 5, traduza-se "Os principais dos sacerdotes, dos levitas, e de todo o Israel".

>Ed-10.6

d) Convoca-se uma grande assembléia para ponderar o problema (Ed 10.6-15)

Joanã (6). Os comentadores que colocam Esdras depois de Neemias (ver nota sobre **#Ed 7.1-28**) identificam este Joanã com Jônatas, neto de Eliasib (**#Ne 12.10-11**), e que foi sumo-sacerdote em 408 A.C., segundo os papiros de Elephantina. Mas neste versículo não se chama sumo-sacerdote a Joanã nem a Eliasib, e, segundo Josefo (*Antigüidades*, 11.5.5), o pai de Eliasib, Joaquim, era sumo-sacerdote quando Esdras chegou. Provavelmente Joaquim era agora um homem idoso. Eliasib tinha, pelo menos, dois filhos crescidos-Jadua e Joanã-ambos com aposentos no recinto do templo. Jadua, sendo o filho mais velho, acabou por suceder a Eliasib, e por seu turno, sucedeu-lhe o seu primogênito, que fora chamado Jônatas, ou Joanã, como o irmão de Jadua.

>Ed-10.9

Todos os homens de Judá e Benjamim (9). O povo fora convocado de toda a região circundante e de Jerusalém. A multidão era grande demais para as limitadas possibilidades de acomodação da cidade (**#Ne 7.4**), e ficou exposta às grandes chuvadas de dezembro. No versículo 14, propõe-se que os culpados sejam julgados pelos magistrados locais no sítio da sua residência. **Se puseram sobre este negócio** (15), ou talvez, com maior correção, "se opuseram a este negócio".

>Ed-10.16

e) Nomeada uma comissão de inquérito: a lista dos culpados (Ed 10.16-44)

O que se diz no versículo 19 acerca **dos filhos dos sacerdotes** (18) tenciona-se provavelmente que se aplique a cada um dos 113 culpados indicados nos versículos 18-43. Seguraram na mão do juiz como sinal de boa fé (compare-se com **#2Rs 10.15**; **#Ez 17.18**), e ofereceram um carneiro como sacrifício de culpa (**#Lv 5.14-16**). Este pecado podia ser considerado como resultante da ignorância (**#Lv 5.15**), visto ter havido incúria geral na aplicação da Lei. O texto hebraico do versículo 44 é difícil. Em 1Esdras 9.36 lemos: "Repudiaram-nas com os seus filhos".

J. STAFFORD WRIGHT.

NEEMIAS

INTRODUÇÃO

I. COMPILAÇÃO E DATA

Estes dois livros constituíam, originalmente um único, sugerindo os versículos iniciais, que repetem os versículos finais de Crônicas, que foram compilados pelo cronista como parte da sua narrativa. A data da compilação pode ser deduzida da lista de sumo-sacerdotes em [#Ne 12.10-22](#). Esta lista prolonga-se até Jadaa, que, segundo Josefo (Antigüidades 11.8.4), foi sumo-sacerdote no tempo de Alexandre, o Grande (cerca de 330 A.C.). Por outro lado, tem-se afirmado que o Jadaa de [#Ne 12](#) não é o mesmo que o mencionado por Josefo, mas anterior.

II. FONTES

Estes livros parecem ter sido compilados a partir de várias fontes. Há recordações pessoais de Esdras e Neemias escritas na primeira pessoa do singular; incidentes acerca de Esdras, Neemias e outros, escritos na terceira pessoa; cartas, decretos, genealogias e outros documentos.

Duas seções de Esdras ([#Ne 4.8-6.18](#) e [#Ne 7.12-26](#)) vêm escritas em aramaico, sendo quase inteiramente constituídas por cartas e decretos. O aramaico, uma língua originalmente falada a leste e nordeste da Palestina (ver, por exemplo, [#Gn 31.47](#)), veio a ser o idioma diplomático do Próximo Oriente. Havia uma forma convencional desta língua que se empregava nas comunicações escritas. Existem todos os motivos para crer que o compilador destes livros, que contém quase tudo quanto se sabe acerca da história dos judeus entre 538 e cerca de 430 A.C., transcreveu neles as cartas originais.

III. COMPARAÇÃO COM 1 ESDRAS

Para estudar estes livros a sério, é preciso compará-los, em certa medida, com 1 Esdras, um livro integrado nos apócrifos. Trata-se de uma versão grega de parte de Crônicas, Esdras e Neemias, abrangendo de [#2Cr 35.1](#) até ao fim de Esdras, e acrescentando [#Ne 8.1-12](#) até ao final. Além das variantes secundárias em relação ao texto hebraico, há certos acrescentamentos substanciais. Nos capítulos de abertura, a marcha dos

acontecimentos é reconstruída. Assim, Ciro permite o regresso sob o mando de Sesbazar, enquanto que Dario incumbe Zorobabel de ir construir o templo e a cidade. A ordem dada a Zorobabel segue-se à famosa história dos três soldados que, um após outro, dizem a Dario e sua corte o que julgam ser a coisa mais forte deste mundo. O primeiro diz que é o vinho; o segundo que é o rei, enquanto que o terceiro (Zorobabel) afirma que as mulheres são mais fortes do que ambas as coisas, mas que a verdade é o que há de mais forte. Mas, embora 1 Esdras situa o regresso de Zorobabel no reinado de Dario, inclui também a declaração de Esdras de que este esteve ativo em Judá "todo o tempo que Ciro viveu" (1Esdras 5.70-73). Em vista desta confusão, é melhor aceitar a ordem apresentada no livro de Esdras da nossa Bíblia.

Não se deve confundir 1 Esdras com a outra versão grega que segue de perto o texto hebraico e que é geralmente considerada a versão da Septuaginta de Esdras e Neemias, embora C. C. Torrey veja nesta versão a tradução de Theodotion do segundo século da nossa era e em 1 Esdras a tradução original da Septuaginta.

A forma como se faz referência a estas diferentes versões é confusa, mas pode ser explicada como se segue:

1 Esdras dos nossos Apócrifos vem na Bíblia grega sob a designação de Esdras, e na Vulgata sob a designação de 3 Esdras. Na Vulgata, o nosso Esdras é 1 Esdras, e o nosso Neemias é 2 Esdras. Na Bíblia grega, o nosso Esdras-Neemias aparece sob a designação de Esdras.

IV. ENQUADRAMENTO

Josefo, cujo livro, *As Antigüidades dos Judeus*, foi escrito em finais do I século a.C., constitui uma autoridade secundária para esta época. Foi ele um escritor judaico que teve possivelmente acesso a algumas fontes de informação sem serem os registros bíblicos; todavia é ponto geralmente aceito que deve ser usado com cuidado (ver, por exemplo, a nota sobre [#Ne 13.28](#)).

Entre os documentos contemporâneos, contam-se o cilindro de Ciro que relata, entre outras coisas, como esse imperador reenviou os povos cativos para os seus países de origem, juntamente com os seus deuses; e os papiros elefantinos, que são cópias de cartas trocadas com uma colônia judaica na ilha de Yeb, no alto Egito, perto de Assuão, escritas em aramaico, pertencem a finais do século V a.C., fazendo referência a Sanblat e seus filhos, a Bigvai,

governador de Jerusalém, e a Joanan, sumo-sacerdote (ver nota sobre [#Ed 10.6](#)).

V. CRONOLOGIA

Para compreender bem a ordem dos acontecimentos, convém notar as datas dos reis da Pérsia.

538-529-Ciro.

529-522-Cambises.

522-521-Gaumata (pseudo-Smerdis). Usurpador.

521-486-Dario I (Histaspes).

486-465-Xerxes I (Assuero).

464-424-Artaxerxes I (Longímano).

424-423-Xerxes II.

423-404-Dario II (Nothus).

404-359-Artaxerxes II (Mnémon).

359-338-Artaxerxes III (Ócus).

338-331-Dario III (Codomano). Nesta data, o império persa foi derrubado por Alexandre o Grande da Macedônia.

Ne-1.1

I. NEEMIAS INFORMADO DAS DIFICULDADES EM JERUSALÉM. Ne 1.1-11

a) A notícia chega a Neemias na Pérsia (Ne 1.1-3)

As palavras de Neemias (1). O autor indica, assim, que vai apresentar um extrato das memórias de Neemias. No mês de Quisleu (1), ou seja, o nono mês. No ano vigésimo (1), a saber, de Artaxerxes I, 445 A. C.. Todavia, aqui ou em #Ne 2.1 deve haver um erro de copista, pois o mês mencionado em #Ne 2.1 é o primeiro. Portanto, talvez os acontecimentos deste capítulo devem pertencer ao ano dezenove de Artaxerxes I. Susã (1); Susa. Hanani (2); Cfr. #Ne 7.2. Do cativo (2), os que haviam regressado do cativo para Judá. O relato resumido no versículo 3 mostra que ocorrera recentemente qualquer nova catástrofe; dificilmente se referiria à destruição original de 586 A.C., e por isso é razoável supor que se trata do desastre descrito em #Ed 4.23. Ver as notas referentes a #Ed 4.6-23.

>Ne-1.4

b) A confissão e oração de Neemias (Ne 1.4-11)

Deve-se comparar esta confissão e oração com #Ed 9 e #Dn 9. Neemias conhecia as Escrituras e relembrou #Lv 26.33; #Dt 30.1-5. Deus grande e terrível (5). Compare-se com #Dt 7.21. Dá-lhe graça perante este homem (11). À confissão geral segue-se um pedido definido. Neemias propõe-se pedir a Artaxerxes que anule um decreto que promulgara em #Ed 4.21 e no qual o rei deixara uma possibilidade de alterar a sua opinião (4.21 n.). Os monarcas orientais eram, por vezes, volúveis. Copeiro (11). Não temos aqui artigo definido. Neemias não seria necessariamente o único copeiro, mas era, sem dúvida, favorito do rei, como o revela a narrativa. O dever do copeiro era servir e provar o vinho na presença do rei para verificar se ele havia sido ou não envenenado. Posteriormente, exigia-se que os copeiros fossem eunucos, e não há qualquer indicação de que Neemias fosse casado.

Ne-2.1

II. NEEMIAS VAI A JERUSALÉM. Ne 2.1-20

a) Artaxerxes encarrega-o de reconstruir a cidade (Ne 2.1-8)

No mês de Nisã (1). Quanto à data, ver a nota sobre #Ne 1.1. Temi (2); Neemias sabia que o seu pedido lhe poderia facilmente acarretar a morte. Orei (4). Note-se esta prece silenciosa numa crise, embora Neemias já orasse havia vários dias acerca deste mesmo assunto. A vida de oração de Neemias pode ser estudada em #Ne 1.4-11; #Ne 2.4; #Ne 4.4-5,9; #Ne 5.19; #Ne 6.9,14; #Ne

13.14,22,29,31. A narrativa subsequente mostra que o rei não só concedeu o pedido de Neemias como também o nomeou governador de Jerusalém. **Um certo tempo** (6), não especificado. Tudo quanto se sabe é que Neemias regressou decorridos doze anos (#Ne 5.14; #Ne 13.6), mas é pouco provável que neste momento se fixasse um prazo tão longo. Assim, podemos supor que o prazo foi prolongado, ou que Neemias regressou pela primeira vez depois de dois ou três anos, voltando quase imediatamente para Jerusalém. **Estando a rainha assentada junto a ele** (6), o que parece sugerir que Neemias podia contar com o apoio dela. **Governadores** (7): ver nota sobre #Ed 8.36. **Asafe** (8) é um nome judaico. **Do jardim do rei** (8), provavelmente o chamado

Jardim de Salomão, a uns nove quilômetros ao sul de Jerusalém. O Líbano ficaria demasiado distante. **Jardim** é, no texto original, a palavra de onde deriva "paraíso".

>Ne-2.9

b) Neemias examina secretamente as muralhas arruinadas (Ne 2.9-16)

O rei tinha enviado comigo chefes do exército (9); contraste-se com #Ed 8.22. **Sambalá, o horonita** (10), ou seja, natural de Bete-Horom, nas fronteiras de Efraim. Os papiros de Elefantina mostram que, mais tarde, foi governador de Samaria; sem dúvida acalentava a esperança de que Judá fosse também colocada sob a sua jurisdição. **San** está relacionado com **Sin**, o Deus lunar. **Tobias, o servo** (10); ver nota sobre #Ed 4.7; provavelmente fora escravo amonita.

>Ne-2.13

Não nos podemos pronunciar dogmaticamente acerca dos locais mencionados nos versículos 13-15. Parece que Neemias saiu pela porta de sudoeste, que dava para o vale de Hinom, e voltou para leste, passando por um poço do lado sul da cidade e chegando depois à Porta do Monturo, no ângulo a sudeste. Voltando para nordeste, chegou quase imediatamente à Porta da Fonte, junto ao viveiro do rei (14), ou tanque de Siloé. Aí foi forçado a desmontar e a levar pela rédea o seu burro (ou mula). Prosseguindo pelo vale de Quidrom (ribeiro) acima para o ângulo nordeste da cidade, **voltou** (15), pelo mesmo caminho que viera, ou o que é mais provável, prosseguindo para ocidente e completando o circuito das muralhas até chegar, uma vez mais, à Porta do Vale no ângulo de

sudoeste. **Aos mais que faziam a obra** (16), isto é, aqueles que haviam participado na construção da muralha destruída.

>Ne-2.17

c) O povo concorda em trabalhar (Ne 2.17-20)

Gesém (19); mencionado uma vez mais em **#Ne 6.1-2.6**. Nesta última referência, chama-se-lhe Gusmu. Era um dirigente árabe, mas não se sabe por que razão andava associado a Sambalá, a não ser que pertencesse a uma tribo árabe transplantada para Samaria. **Memória** (20), uma recordação passada de terem estado relacionados com Jerusalém; ou uma recordação futura resultante do auxílio presente prestado a Neemias.

Ne-3.1

III. LISTA DOS EDIFICADORES. Ne 3.1-32

Esdras não vem mencionado como colaborador na construção; é possível que tivesse voltado para Babilônia durante algum tempo, ou a sua reputação podia andar temporariamente ofuscada devido ao recente malogro das operações de construção, não se achando prudente que chefiasse um grupo. Se tomara parte na tentativa anterior de reconstruir as muralhas, exorbitara quanto às ordens que lhe haviam sido dadas pelo rei.

Eliasibe (1). Primeiramente mencionado em **#Ed 10.6**. Ver também **#Ne 12.10**. **A porta do gado** (1) (ver **#Jo 5.2**); a nordeste da cidade. Talvez se realizasse ali perto um mercado de gado para os sacrifícios do templo. **A qual consagraram** (1). Uma cerimônia especial assinalava a conclusão do trabalho pelos sacerdotes. Alguns comentadores emendam o texto e traduzem: "A qual emadeiraram", como no versículo 3. **A torre de Meah... a torre de Hananel** (1); duas torres a ocidente da Porta do Gado. A última vem mencionada em **#Zc 14.10**.

>Ne-3.2

Homens de Jericó (2); compare-se com **#Ed 2.34**. Vários contingentes de exilados de regresso ocupavam uma zona bastante vasta em torno de Jerusalém. **A Porta do Peixe** (3); a posição de maior destaque que vinha a seguir nas muralhas, quando o observador se deslocava para ocidente. Fica a

noroeste da cidade, provavelmente no local da moderna Porta de Damasco. Talvez ali perto existisse qualquer mercado de peixe. Vem mencionada também em #2Cr 33.14; #Sf 1.10. **Meremote** (4), o sacerdote que recebia as oferendas trazidas por Esdras (#Ed 8.33). Ver também o versículo 21, onde ele constrói outro troço. **Mesulã** (4); a sua filha casou mais tarde com o filho de Tobias (#Ne 6.18). **Os tecoítas** (5), a vila natal de Amós, cerca de quinze quilômetros para o sul de Jerusalém. **Seu Senhor** (5); algumas versões escrevem "senhor" com maiúscula; nas que o não fazem, a referência dirige-se a Neemias como governador do distrito. É evidente que os homens de maior destaque em Tecoa simpatizavam com Sambalá.

>Ne-3.6

A porta velha (6), talvez a mesma que a porta da esquina, de #2Rs 14.13; #Jr 31.38. Ficaria no local onde a muralha do oeste obliquava para nordeste.

>Ne-3.7

Ao domínio do governador de aquém do rio (7); isto é, o local onde ficava a residência oficial do sátrapa persa quando este se deslocava a Jerusalém. Uma versão inglesa dá a entender que, embora Gibeom e Mispa ficassem sob a jurisdição do sátrapa persa, os seus habitantes prestaram auxílio. Gibeom e Mispa ficavam em Benjamim, perto de Jerusalém. Mas, sendo Mispa mencionada duas vezes mais nos versículos 15 e 19, é possível que esta Mispa ficasse mais ao norte. **Boticários** (8), ou seja, misturadores de perfumes e especiarias. **Fortificaram** (8); o hebraico significa normalmente "deixaram". O sentido pode ser que, neste ponto os construtores deixaram de seguir a muralha original, obliquando durante breve espaço, ou para dentro ou para fora. A posição exata do **muro largo** (8) é desconhecida. Ver também #Ne 12.38 quanto à sua posição geral. Ficava no lado do poente.

>Ne-3.9

Maioral da metade de Jerusalém (9). É evidente que Jerusalém e alguns outros pontos se encontravam divididos em dois distritos administrativos. Ver também os versículos 12,16-18. **Paate-Moabe** (11); ver nota sobre #Ed 2.6. **Da outra meia parte** (11); segundo uma versão diferente, "outra porção". Ver também os versículos 19-21,24,27 e 30. É estranho lermos que alguns dos construtores construíram um segundo troço, embora nada se dissesse acerca de um primeiro. (Mas comparem-se os versículos 4 e 21, e os versículos 5 e 27).

Isto pode significar que construíram o primeiro troço sob a direção de qualquer outra pessoa e, uma vez que, juntos, constituíram um grupo numeroso, o trabalho neste troço acabaria mais cedo e o grupo subordinado ficaria com um troço por sua conta. Outros comentadores supõem que a lista que vem neste capítulo está incompleta e que se omitiram vários nomes e vários troços da muralha, incluindo a primeira menção destas pessoas. Esta segundo opinião encontra certo apoio na omissão óbvia da importante porta de Efraim (#Ne 8.16; #Ne 12.39). **A torre dos fornos** (11), talvez a torre de Davi, mesmo ao sul da moderna porta de Jafa, do lado ocidental. Os fornos dos padeiros talvez ficassem nesta zona (#Jr 37.21). **Suas filhas** (12). Alguns comentadores interpretam estas palavras metaforicamente, visto "filhas" se aplicar algumas vezes a aldeias ou vilas dependentes. Ver, por exemplo, #Ne 11.25,27, onde vem traduzido "nos lugares da sua jurisdição". Portanto, aqui poderia traduzir-se a frase como se segue: "Maioral de metade de Jerusalém e das suas aldeias".

>Ne-3.13

Quanto às três portas mencionadas nos versículos 13-15, ver a nota sobre #Ne 2.13-15. **Mispa** (15). Ver o versículo 7n. e comparar com o versículo 19. **Viveiro de Selá** (15), ou seja, Siloé, na esquina de sudeste. **O jardim do rei** (15). Compare-se com #2Rs 25.4. **Da cidade de Davi** (15); agora identificada com a parte meridional do monte a oriente de Jerusalém.

>Ne-3.16

Bete-Zur (16), situada a cerca de vinte quilômetros para o sul de Jerusalém. **Dos sepulcros de Davi** (16), os túmulos reais, cujo local é desconhecido. A frase indica que formavam, de certo modo, uma característica topográfica, não significando necessariamente que ficassem muito junto da muralha. **Até ao viveiro artificial** (16), talvez aquele a que se faz referência em #Is 22.11. **À casa dos varões** (16), ou, segundo outra tradução, a "casa dos poderosos", ou o quartel. Local desconhecido.

>Ne-3.17

Os levitas (17); só se menciona um e é possível que alguns nomes ficassem esquecidos. **Queila** (17), ficava a cerca de 22 quilômetros para sudoeste. Ver #1Sm 23.1-13. **Bavai** (18), ou, segundo a Septuaginta, "Binui". Ver o versículo 24. **Casa das armas** (19); local desconhecido. **À esquina** (19);

compare-se com #2Cr 26.9. A palavra designa uma esquina que encurva para dentro mais do que para fora. Com grande ardor (20), que alguns comentadores emendam para "em direção ao monte". Na campina (22), a zona do Jordão onde este grupo de sacerdotes vivia.

>Ne-3.25

É difícil saber qual a tradução exata do versículo 25, mas parece fazer-se referência a qualquer torre que se projetava do palácio do rei sobre o Monte Ofel. Ao pátio da prisão (25); ver #Jr 32.2. No versículo 26, o texto pode estar deslocado. Seria preferível que a frase acerca dos netineus (#Ed 2.43-54) se seguisse à primeira menção de Ofel no versículo 27, e a referência à Porta das Águas, etc., parece dizer respeito a outro troço do trabalho de construção. Provavelmente era aquela a porta através da qual entravam os aguadeiros pelo lado de leste. Havia um espaço aberto junto dela. Ver #Ne 8.1,3,16. Ofel (27); traduzindo à letra, "inchaço", a parte norte do monte de sudeste. A porta dos cavalos (28); comparar com #Jr 31.40. A descrição continua a deslocar-se para o norte. Era por essa porta que se conduziam os cavalos do rei aos seus estábulos. Ver #2Rs 11.16; #2Cr 23.15.

>Ne-3.29

Guarda da porta oriental (29); talvez o acesso oriental ao templo. Mesulão (30); também ele andava a reparar um segundo troço. Ver o versículo 4.

>Ne-3.31

À casa dos netineus (31); a descrição ultrapassou já Ofel, onde os netineus viviam (26). Pode-se, portanto, aludir aqui à residência onde ficavam os netineus que estavam de serviço. Segundo este versículo, ela estava também associada com mercadores que talvez vendessem artigos para utilização nos cultos do templo. Da porta de Mifcad (31). Desconhece-se o local exato, mas é evidente que ficava a nordeste. Já se traduziu este nome como "ponto de ajuntamento" (isto é, dos exércitos), ou "local de visitação" (isto é, de prisão ou castigo). Alguns comentadores pensam ser esta a porta através da qual o bode expiatório era conduzido no dia da expiação. (Ver nota sobre #Ne 12.31-39). A câmara do canto (32), ou melhor, "a câmara superior do canto". Provável referência a uma dependência de vigia na esquina da muralha. A porta do gado (32); assim se completa o circuito das muralhas; ver o versículo 1.

Ne-4.1

IV. CONCLUÍDO O TRABALHO APESAR DA OPOSIÇÃO. Ne 4.1-7.4

a) A troça de Sambalá e Tobias (Ne 4.1-6)

Do exército de Samaria (2); provavelmente um grupo de tropas irregulares que acompanhavam Sambalá. **Permitir-se-lhes-á?** (2); a mesma palavra que em **#Ne 3.8**. Ver nota. Se a palavra for traduzida, como normalmente, por "deixarão", a palavra que se segue pode ser emendada para "Deus", dando assim este sentido: "Deixarão o assunto entregue a Deus?", isto é, dependente d'Ele, o que se entronca bem na referência ao sacrifício que se segue. **Defronte dos edificadores** (5). Os seus remoques acerca da impotência de Deus haviam sido feitos na presença dos edificadores, para os desencorajar. **Até sua metade** (6), isto é, metade da altura.

>Ne-4.7

b) Os edificadores armados contra qualquer ataque de surpresa (Ne 4.7-23)

Arábios... amonitas... asdoditas (7). Havia outros, sem serem os samaritanos, que estavam ansiosos por entrar o trabalho. **Ligaram-se entre si todos** (8); mas, uma vez que Artaxerxes havia autorizado a construção, nenhum ataque podia ser oficial. **Judá** (10), isto é, o povo em geral. O versículo 11 indica o boato posto a circular para desanimar os construtores.

>Ne-4.12

O texto do versículo 12 é difícil. Os judeus que viviam fora da cidade, no meio do inimigo, traziam notícias em várias ocasiões. "De todos os lugares onde vivem virão contra nós".

>Ne-4.13

A decisão de armar os edificadores (13) sugere que o versículo precedente indicava um possível ataque. O texto hebraico deste versículo é difícil. **Meus**

moços (16), provavelmente guarda-costas de Neemias. **Courças** (16), casacos de couro cobertos com finas placas de metal. **Os chefes estavam por detrás de toda a casa de Judá** (16), a postos ao lado de cada grupo. **Na outra tinha as armas** (17). Esta frase não deve ser interpretada demasiado literalmente. É evidente que os construtores não poderiam trabalhar com rapidez e perfeição servindo-se de uma mão apenas. O que se pretende dizer é que havia sempre uma arma ao alcance da mão. **Junto comigo** (18), reminiscência pessoal de Neemias. O trombeteiro estava pronto a dar o alarme.

>Ne-4.22

Nos sirvam de guarda (22). Pedia-se àqueles que vinham dos distritos circundantes que ficassem na cidade durante a noite, não só para sua segurança própria como também para constituírem proteção suplementar se surgisse qualquer ataque. **Nem eu, nem meus iam aos, nem meus moços** (23), isto é, o próprio clã de Neemias e os seus guarda-costas judeus. **Os homens da guarda** (23), isto é, os soldados persas.

Ne-5.1

c) Remediadas várias injustiças sociais (Ne 5.1-19)

Apesar da posição deste capítulo, o conteúdo indica que pode pertencer a uma época mais recente na administração de Neemias. Note-se, sobretudo, o versículo 14 e o fato de Neemias convocar uma assembléia do povo, enquanto que no capítulo anterior se fala na rapidez e urgência das obras. Os comentadores que julgam que os acontecimentos deste capítulo pertencem à época da reconstrução das muralhas dizem que os trabalhos provocaram uma paralisação no comércio, o que, por seu turno, causou dificuldades económicas. No entanto, tudo quanto aqui se diz dificilmente poderia acontecer em menos de cinquenta e dois dias (ver **#Ne 6.15**).

>Ne-5.2

Tomemos trigo (2). Os trabalhadores comuns queixavam-se da escassez de víveres. Para os obter, os agricultores haviam hipotecado as suas propriedades (3). Segundo a lei, tais propriedades deveriam reverter para a posse dos respectivos vendedores no ano do jubileu. (ver **#Lv 25.25-34**). Alguns haviam contraído empréstimos para pagar os impostos reais e, vendo-se impossibilitados de reembolsar os credores, teriam vendido seus filhos como

escravos (4-5). Os escravos desta categoria teriam também de ser postos em liberdade no sétimo ano (ver #Êx 21.2-6). **Nossos filhos como seus filhos** (5), isto é, como seres humanos, não somos diferentes dos nossos semelhantes mais ricos.

>Ne-5.7

Usura (7). O empréstimo de dinheiro, etc., a juros não é considerado pecado na Bíblia (#Dt 23.19-20; #Mt 25.27), mas era proibido entre israelitas (#Êx 22.25), visto neste caso o empréstimo se destinar a fazer frente a uma situação aflitiva e não ao fomento do comércio. **Nós resgatamos** (8). Neemias e outros resgataram vários judeus escravos dos pagãos em torno. No versículo 9, repare-se como Neemias atribui importância a um bom testemunho moral da parte daqueles que invocam o nome do verdadeiro Deus.

>Ne-5.10

Lhes temos dado (10). Trata-se mais de uma interpretação do que de uma tradução. Talvez Neemias e os seus associados tivessem eles próprios agido sem pensar, mas não ao ponto dos outros. Algumas traduções, porém, omitem "a juro" e dão o seguinte sentido: "Emprestamos-lhe dinheiro e trigo e renunciamos ao juro". De futuro, os prestamistas deveriam devolver os objetos que detinham sob penhor e recusar-se a aceitar quaisquer juros, o que permitiria àqueles que haviam pedido dinheiro emprestado pagar o capital em devido tempo. **O centésimo** (11). Se isto estiver correto, o juro era pago mensalmente, ascendendo, assim, a 12% ao ano. Mas uma ligeira alteração faz com que a palavra signifique "juro". **Então chamei os sacerdotes** (12), isto é, para administrar o juramento. Compare-se com #Nm 5.19 e seguintes. **O meu regaço sacudi** (13). É óbvio o simbolismo deste gesto.

>Ne-5.14

Normalmente, o povo seria sujeito a um imposto para pagamento do ordenado do governador, mas Neemias pagara ele próprio as despesas de sua casa e de si próprio (14). O fato de ele ser, segundo tudo indica, um homem rico mostra o sacrifício pessoal que fizera ao ir para Jerusalém, onde a vida era difícil. No versículo 15, leia-se: "pão e vinho a quarenta siclos", isto é, fornecimentos para sua casa até à importância de 14 dólares por dia. **Terra nenhuma compramos** (16); Neemias não se dedicava à especulação. **Dentre as gentes**

(17), talvez judeus que queriam fixar-se permanentemente em Jerusalém e que não haviam ainda arranjado alojamentos.

Ne-6.1

d) Frustradas mais tentativas para fazer com que Neemias caísse na armadilha (Ne 6.1-14)

Ono (2). Associado com Lida (Lod) em #Ed 2.33 e #Ne 11.35. Ficava cerca de 80 quilômetros ao norte de Jerusalém. Neemias poderia ser facilmente assassinado ou raptado se se afastasse tanto da cidade. A **carta aberta** (5), escrita num pequeno pedaço de papiro, couro ou placa de barro, seria lida por outras pessoas. **E que tu te farás rei deles** (6). Entronizar um rei seria um ato de rebelião. **Gusmu** (6), uma variante de Gesém. **Profetas** (7). As profecias de Malaquias teriam sido ou não pronunciadas por esta altura, mas os inimigos poderiam facilmente interpretar qualquer profecia messiânica no mau sentido referido neste versículo. Aqui Sambalá finge desejar conferenciar sobre a melhor forma de evitar que o rei recebesse notícias deturpadas.

>Ne-6.10

Semaías (10), não mencionado em qualquer outro ponto. Era evidentemente um profeta (ver versículo 12). **Encerrado** (10); desconhece-se o sentido. Poderia significar que ele se encontrava ritualmente impuro, posto que, nesse caso, não sugeririam que fossem ao templo. Outros comentadores pensam que talvez esta frase se refira a qualquer voto a que ele se encontrava sujeito. É mais provável termos aqui uma referência ao desejo de guardar segredo. Semaías convidou Neemias a ir a sua casa, visto ser perigoso para ele, Semaías, sair, sabendo o que sabia.

>Ne-6.11

Transmitida as notícias a Neemias, ambos procurariam proteção no templo. **De maneira nenhuma entrarei** (11). Não sendo sacerdote, Neemias recusa-se a violar a lei de Deus para salvar a vida. O versículo 14 mostra que outros profetas e profetizas haviam sido comprados de forma semelhante, para induzirem Neemias a cometer uma ação que os seus inimigos explorariam a fundo.

>Ne-6.15

e) Concluídas as muralhas (Ne 6.15-16)

Elukl (15), agosto-setembro, o sexto mês. Cinquenta e dois dias (15); a muralha não necessitara de ser reconstruída a partir do chão. Em muitos sítios só precisava de reparações menores.

>Ne-6.17

f) Alguns nobres judeus pactuam com o inimigo (Ne 6.17-19)

Se lhe ajuramentaram (18), quer como inspiradores secretos, quer por parentesco mercê dos dois casamentos aqui mencionados. Mesulão (18); ver #Ne 3.4,30.

Ne-7.1

g) Disposições para defesa da cidade (Ne 7.1-4)

O versículo 1 parece sugerir que os funcionários do templo que não estivessem de serviço ali ficariam de sentinelas às portas da cidade. Tinham mais tempo livre do que os trabalhadores braçais comuns. Hanani (2); ver #Ne 1.2. Hananias (2); nome comum na época (ver também #Ne 3.8). Este homem era governador da fortaleza ao norte do templo. Ponham-se guardas (3), ou, melhor, rondas noturnas. Presumivelmente cada rua ou bloco de casas teria um homem de serviço postado diante da sua própria casa. A certa hora da noite seria rendido por um vizinho. Pouco povo havia dentro dela (4). Em ocasiões especiais, Esdras e Neemias podiam reunir grandes multidões vindas da região em torno (ver, por exemplo, #Ed 10.7), mas relativamente poucas pessoas se haviam decidido a viver em Jerusalém enquanto a cidade não estivesse devidamente protegida com muralhas.

>Ne-7.5

V. REGISTRO DOS QUE REGRESSARAM COM ZOROBABEL (Ne 7.5-73)

Neemias projeta trazer novos habitantes a Jerusalém, mas deseja garantir que só venham judeus puros. Encontrando o rol dos que haviam voltado com

Sesbazar em 537 A.C., utiliza-o como base dos seus planos (5). Este registro é virtualmente idêntico ao de #Ed 2, cujas notas se devem consultar. **E chegou o sétimo mês (#Ne 8.1)**. Embora esta última frase ocorra também em #Ed 3.1, provavelmente introduz os incidentes que se seguem. Ver 6.15 n.

Ne-8.1

VI. A LEI LIDA E EXPLICADA Ne 8.1-18

Este capítulo encerra 1Esdras, seguindo-se a #Ed 10. Vem ali colocado para rematar a história de Esdras, embora o texto hebraico indique que pertence à época em que Neemias foi governador.

a) A leitura da lei em público por Esdras (Ne 8.1-8)

Diante da porta das águas (1). Ver o versículo 16 e a nota sobre #Ne 3.26. **Esdras** (1). Ver a nota de introdução a #Ne 3. Quer Esdras estivesse em Babilônia durante a fase da reconstrução quer não, era agora, evidentemente, a pessoa indicada para ler e expor a lei. **O livro da lei de Moisés** (1). A opinião comum é que se trata do chamado Código Sacerdotal e que esta narrativa assinala a sua introdução em Jerusalém. A principal objeção a esta hipótese é que o Pentateuco samaritano é virtualmente idêntico ao judaico. Os apóstatas que formaram o grupo religioso samaritano, independente, encontravam-se em perpétuo desentendimento com os dirigentes religiosos chegados de Babilônia, pelo que é muito improvável que integrassem no seu Pentateuco esses novos ensinamentos vindos dessa cidade. É mais razoável supor que Esdras tivesse perante si todo o Pentateuco, embora não precisasse de o ler ao povo lei por lei. O livro de Deuteronômio era o que lhes importava mais ouvir, visto ter sido este que se ordenou que fosse lido em voz alta (ver #Dt 31.9-13).

>Ne-8.4

Depois da afirmação geral dão-se pormenores da cena (4-8). Há semelhanças gerais com a forma de leitura da lei nos atuais cultos nas sinagogas.

Existem diferenças nos vários manuscritos e versões quanto ao número de pessoas mencionadas no versículo 4. Talvez fossem seis de cada lado para representar as doze tribos. Supõe-se geralmente que fossem sacerdotes ou levitas. Os versículos 7-8 mostram que, devido ao fato de se encontrar presente enorme multidão e de talvez muitas pessoas compreenderem melhor

o aramaico do que o hebraico, os levitas ajudaram a apresentar e expor o texto. **E declarando** (8), que alguns comentadores acham deveria ser "com uma tradução". Compare-se com **#Ed 4.18**, onde a mesma palavra, ali traduzida por "explicitamente", pode ter este significado. Este vocábulo era, na realidade, o termo técnico usado no império persa para o ato de ler em voz alta um documento em aramaico mas vertendo-o no vernáculo da província em causa. Em **#Ne 13.24** revela-se que algumas pessoas, embora uma pequeníssima minoria, tinham dificuldade em compreender o hebraico.

>Ne-8.9

b) O efeito sobre o povo (Ne 8.9-12)

Tirsata (9). Ver nota sobre **#Ed 2.63**, Neemias vem aqui claramente mencionado como contemporâneo de Esdras. Os comentadores que se inclinam para a hipótese de que Esdras só foi para Jerusalém em 400 A.C. (ver nota sobre **#Ed 7.1-28**) consideram o nome de Neemias, neste passo, uma adição do cronista. Salienta-se que a passagem correspondente em 1Esdras 9.49 diz: "Então disse Atarates a Esdras, principal sacerdote e leitor, e aos levitas que ensinavam a multidão, e a todos: "Este dia é santo..." Mas "Atarates" é a deturpação grega do título "tirsata", como em 1Esdras 5.40, onde ocorre sob a forma de Atarias. Assim, 1Esdras menciona o governador mas não indica o seu nome, visto o autor não ter chegado ainda à história de Neemias nem, talvez, tencione relatá-la. O nosso texto de 1Esdras está cortado depois deste capítulo, e não sabemos se a sua narrativa ia originalmente mais além.

Todo o povo chorava (9). Compare-se com **#2Rs 22.11. Este dia é consagrado** (10). Deveria ser observado como um festival, sendo o primeiro dia do mês. O povo tinha de comer as melhores iguarias e partilhar o que possuía de bom com os que não tinham posses. Ver **#Et 9.19,22**. A força de que se necessitava para o futuro emanaria da alegre consagração deste dia ao Senhor.

>Ne-8.13

c) A festa dos tabernáculos (Ne 8.13-18)

O versículo 13 diz-nos que os leitores tiveram uma reunião a sós com Esdras para receberem instrução na lei. **Na solenidade da festa, no sétimo mês** (14), ou seja, a festa dos tabernáculos observada do dia 15 ao dia 22 do sétimo mês

(ver #Lv 23.33-44), de forma que o povo teve bastante tempo para se preparar para ela. Não se faz aqui menção do dia da expiação, marcado para o dia 10 desse mês (#Lv 23.26-32). Se compilou este livro em cerca de 300 A.C., o autor tinha, como é óbvio, conhecimento deste dia e poderia incluí-lo se o desejasse. Mas, neste capítulo, a nota predominante é o regozijo, pelo que um jejum pareceria deslocado, embora não haja motivo para supor que o povo não observasse. Acentua-se também a leitura da lei, esta marcada para a festa dos tabernáculos, (#Dt 31.9-13).

>Ne-8.16

Da porta de Efraim (16), a noroeste da cidade. Ver nota sobre #Ne 3.11. Nunca fizeram assim os filhos de Israel (17). Sem dúvida observavam a festa dos tabernáculos (#Ed 3.4), mas não a haviam observado tão sistematicamente e com tal cerimônia. Outros comentadores pensam que as palavras "filho de Num" foram erroneamente incluídas por um escriba e que a referência diz respeito a Josué, o sumo-sacerdote que regressou com Zorobabel e que guardou a festa em #Ed 3.4. No oitavo dia (18). Este oitavo dia distingue-se dos sete dias da festa. Quando se menciona a festa em termos gerais, diz-se que dura sete dias (#Dt 16.13,15), mas sempre que se dão instruções pormenorizadas de natureza ritual ordena-se um oitavo dia de solene assembléia final (#Lv 23.39; #Nm 29.35).

Ne-9.1

VII. ARREPENDIMENTO NACIONAL E CONCERTO DE OBEDIÊNCIA. Ne 9.1-10.39

Era compreensível manter o regozijo num lugar de destaque durante as cerimônias que se seguiram tão de perto ao completamento da muralha. Agora, porém, decorrido praticamente um mês desde que a muralha fora concluída (#Ne 6.15), era próprio que se procedesse a uma análise solene do estado da nação.

a) O povo confessa a bondade de Deus e o seu pecado (Ne 9.1-38)

Uma quarta parte do dia (3). A três horas de leitura seguiam-se outras três horas de confissão e oração. No lugar alto (4), a plataforma de #Ne 8.4 ou qualquer ponto da mesma. Não há forma razoável de explicar as diferenças entre as duas listas de nomes nos versículos 4 e 5, a não ser que a lista do

versículo 4 seja talvez uma lista de famílias, e a do versículo 5 a dos representantes dessas famílias.

>Ne-9.5

Esta oração (5-38) abre com uma evocação da grandeza de Deus e passa a mencionar viragens importantes no curso da história. Evocada a criação do mundo, lembra-se a chamada de Abraão (7-8), um dos acontecimentos mais importantes em toda a história da humanidade (#Gl 3.8,29). A viragem seguinte é o êxodo (9-12) e o outorgamento da lei para guiar o povo no bom caminho (13-14). À generosidade de Deus no deserto (15) correspondeu-se com rebelião tanto secreta como aberta (16-18); no entanto, Deus continuou a praticar ato após ato de misericórdia (19-23). Segue-se a entrada em Canaã; uma vez mais, Deus fez chover bênçãos sobre o Seu povo (24-25). Mas o povo continuou a revoltar-se, apesar de nova revelação através dos profetas (26,30). Via-se a mão de Deus na história utilizando as forças da natureza e as nações para fazer com que o Seu povo caísse em si (27-30). Esmagado embora, esse povo foi preservado (31); e agora apresenta-se em confissão e oração (32-35). Compreende a diferença entre o ideal prometido e a realidade (36-37), e deseja renovar a parte que lhe toca do concerto (38).

>Ne-9.14

Note-se que no versículo 14 se diz que Deus lhes fez conhecer o Seu santo sábado. Implica-se que não foi arbitrariamente inventado nesta altura. **Levantaram um chefe** (17); ver #Nm 14.14. **O Teu bom espírito** (20); ver #Nm 11.17; #Is 63.10-11. Normalmente, Deus transmitia as Suas instruções por intermédio de Moisés. Com o versículo 21, comparar #Dt 2.7; #Dt 8.4; #Dt 29.5. **Os repartiste em porções** (22), ou melhor, "dispersaste-os por todos os lados". **Retiraram os seus ombros** (29), isto é, como um boi que se afasta do jugo. **Estamos numa grande angústia** (37); tinham de pagar gravíssimos impostos e tributo. **Fizemos um firme concerto** (38), provavelmente o concerto original do Sinai era considerado renovado pelos dirigentes do povo (ver #Jr 11.1-4).

Ne-10.1

b) Lista dos dirigentes que apuseram o seu selo no concerto (Ne 10.1-27)

Zedequias (1), desconhecido. Talvez membro da casa real, pelo que figura à cabeça da lista. A maior parte dos nomes indicados nos versículos 2-8 torna a ocorrer na lista de sacerdotes em **#Ne 12.1-3**. As famílias sacerdotais haviam aumentado em número desde **#Ed 2.36-39**. Os versículos 9-13 apresentam uma lista dos levitas, e os versículos 14-27 uma lista dos chefes das famílias seculares. Vinte e um deles ocorrem em **#Ed 2**, enquanto que alguns outros vêm em **#Ne 3**

>Ne-10.28

c) As obrigações do concerto (Ne 10.28-39)

Todos os que se tinham separado (28); ver nota sobre **#Ed 7.21**. **No dia de sábado** (31). Nada há na lei contra comprar ou vender no sábado, mas **#Am 8.5** mostra que, desde tempos recuados, se abstinham de o fazer. Compare-se com **#Ne 13.15-22**. **E toda e qualquer cobrança** (31). Ver **#Dt 15.1-3**. As dívidas ou eram completamente perdoadas ou o seu pagamento suspenso durante o ano do jubileu. **A terça parte dum siclo** (32). A lei de **#Êx 30.13** determinava meio siclo, que mais tarde passou a ser a quantia reconhecida (**#Mt 17.24**). A frase preliminar, **também sobre nós pusemos preceitos**, talvez implique um afastamento da lei, possivelmente devido à pobreza relativa do povo. **Como está escrito na lei** (34). A lei nada diz quanto a uma oferta de lenha, mas a referência diz respeito ao mandamento de **#Lv 6.12**, para que se mantivesse continuamente acesa a fogueira. **Os dízimos da nossa terra** (37). Note-se que não se mencionam aqui os dízimos do gado (**#Lv 27.32**), embora se mencionem os primogênitos no versículo 36 (ver **#Nm 18.15-18**). Talvez nesta altura houvesse escassez de gado e Deus não quer que os Seus mandamentos sejam arbitrariamente onerosos.

Ne-11.1

VIII. LISTAS DE HABITANTES. Ne 11.1-12.26

Este capítulo prende-se pelo seu tema com **#Ne 7.4**.

a) Os habitantes de Jerusalém (Ne 11.1-24)

A lista dos versículos 3-19 é virtualmente idêntica à de **#1Cr 9.2-17**, embora com algumas variantes. Ver notas respectivas. Parece ser a lista dos que já viviam em Jerusalém. Pode-se dividir conforme se segue: leigos de maior destaque (3-9); sacerdotes (10-14); levitas (15-18); porteiros (19). Nos

versículos 20-24 temos algumas notas de caráter geral sobre os deveres do templo.

>Ne-11.25

b) Vilas e aldeias ocupadas pelos judeus (Ne 11.25-36)

Nestes versículos, temos uma lista de vilas no antigo território de Judá (25-30) e no antigo território de Benjamim (31-36). **Desde Berseba até ao Vale de Hinom** (30), isto é, do extremo sul do território concedido às doze tribos até à fronteira setentrional de Judá. Note-se a seguinte tradução do versículo 36: "E, dos levitas, alguns de Judá foram juntos a Benjamim", isto é, alguns que antigamente viviam em Judá viviam agora em Benjamim.

Ne-12.1

c) Lista de sacerdotes e levitas relacionados com o regresso de Zorobabel (Ne 12.1-9)

O autor aproveitou o ensejo para agrupar várias listas que encontrou em bom estado. A sua interpretação é extremamente difícil. Assim, seria de esperar que 1-9 acertasse com **#Ed 2**. Mas, uma vez que os nomes apresentam diferença considerável, é possível que a lista que aqui temos seja a lista dos nomes dos descendentes das pessoas mencionadas em **#Ed 2. Sobre os louvores** (8), ou, segundo outra tradução, "sobre os coros". **Estavam defronte dele nas guardas** (9), isto é, cantavam alternadamente com eles quando estavam de serviço.

>Ne-12.10

d) Genealogia dos sumo-sacerdotes de Josué a Jada (Ne 12.10-11)

Jônatas (11); provavelmente o Joã do versículo 23. Ver nota sobre **#Ed 10.6. Jada** (11); ver nota na introdução a Esdras e Neemias.

>Ne-12.12

e) Lista de sacerdotes no tempo de Joiaquim (Ne 12.12-21)

>Ne-12.22

f) Chefes das famílias de levitas nos tempos de Joiaquim e mais tarde (Ne 12.22-26)

O versículo 22 significa que, durante estes períodos, se manteve um registro dos chefes das famílias sacerdotais e levíticas. **Dario o persa** (22). Se Jadaia era sumo-sacerdote em 333 A.C., este Dario seria o terceiro desse nome. Mas se foi sumo-sacerdote antes dessa data, poderia tratar-se de Dario II. Ver nota na introdução a Esdras e Neemias. **No livro das crônicas** (23), não o nosso livro desse nome, mas os arquivos oficiais. **Segundo o mandado de Davi** (24); ver **#1Cr 16.4-6; #1Cr 23.30. Guarda contra guarda** (24), isto é, em antífona. Compare-se com **#Ne 12.9** e ver **#Ed 3.11 n.**

>Ne-12.27

IX. DEDICAÇÃO DAS MURALHAS E ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS RELIGIOSOS DO TEMPLO. Ne 12.27-47

Note-se que são novamente utilizados aqui as memórias de Neemias na primeira pessoa do singular (27-43). Não se indica a data da cerimônia de consagração. Alguns comentadores inferem de 2Macabeus 1.18 que a data foi o dia vinte e cinco do nono mês, que, apropriadamente, seria três meses certos depois de concluído o trabalho (ver **#Ne 6.15**). **Com saltérios... harpas** (27), ou "harpas... liras". **Da campina** (28). Apesar do acrescentamento de "dos arredores de Jerusalém", esta frase pode ter o sentido usual, designando a região baixa perto do Jordão, como em **#Ne 3.22. Netofati** (28), situada cerca de 22 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Os locais mencionados no versículo 29 ficavam provavelmente a norte de Jerusalém. **Purificaram-se** (30). A purificação era presumivelmente mediante aspensão do sangue do sacrifício.

>Ne-12.31

Dois grandes coros (31). Parece que as duas procissões partiram da Porta do Vale, a sudoeste. Uma, dirigida por Esdras, passou pelo lado sul da cidade, enquanto que a outra, dirigida por Neemias, passou pelo norte. As características topográficas aqui mencionadas são aquelas a que se faz referência em **#Ne 3**, com exceção da Porta de Efraim, a noroeste (39) e da Porta da Prisão (39). Esta última pode ser a mesma que a Porta de Mifcad em **#Ne 3.31** (ver nota). Repare-se que o versículo 36 apresenta provas, provenientes das memórias de Neemias, de que Esdras era seu contemporâneo.

>Ne-12.37

Para a Porta da Fonte (37). Este grupo afastou-se das muralhas e manteve-se dentro da cidade até sair novamente pela Porta das Águas. É de supor que, seguidamente, acompanhasse a muralha até se encontrar com o outro grupo junto à Porta da Prisão (39).

>Ne-12.44

Os levitas que assistiam ali (44), isto é, que serviam no templo. **A guarda** (45), ou seja, a incumbência designada. Quanto à "guarda da purificação", ver **#1Cr 23.28**. Havia chefes dos cantores (46); provavelmente seria melhor traduzir este versículo como se segue: "pois, nos dias de Davi, Asafe era, desde longa data, chefe dos cantores". Quanto a Asafe, ver **#1Cr 15.16-19**, etc. **Santificavam** (47), isto é, dedicavam ou consagravam. O povo pagava os seus dízimos e tributos aos levitas e estes, por seu turno, pagavam o dízimo aos sacerdotes. Ver **#Ne 10.38**; **#Nm 18.25-32**.

Ne-13.1

X. REFORMAS DE NEEMIAS. Ne 13.1-31

a) Os pagãos excluídos da congregação (Ne 13.1-3)

Naquele dia (1). Talvez o mesmo acontecimento que o referido em **#Ne 12.44**, onde se fala "no mesmo dia". Alguns comentadores pensam que, originalmente, esta seção talvez se seguisse aos versículos 4-9. **Achou-se escrito** (1); ver **#Dt 23.3-5**. **Não entrassem jamais na congregação** (1); esta frase parece indicar a posse de plenos direitos.

Toda a mistura (3). Excederiam a letra da lei neste ponto. Note-se que **#Dt 23.7-8** permitia que os idumeus e egípcios da terceira geração fossem integrados na congregação, mas o entusiasmo popular talvez tivesse levado a uma aplicação drástica da lei. Tobias era amonita (**#Ne 2.19**).

>Ne-13.4

b) Tobias expulso de um quarto no templo (Ne 13.4-9)

Antes disto (4). Volta-se às memórias de Neemias a partir do tempo em que ele regressou a Jerusalém após uma estada em Babilônia ou Susa (6). **Se antes disto** se refere ao incidente do versículo 1-3, é óbvio que **naquele dia**, no versículo 1, não se pode referir à ocasião mencionada no capítulo 12. Mas **antes disto** pode dizer respeito a qualquer passo das memórias que o

compilador não incluisse aqui. **Eliasibe** (4); quase certamente sumo-sacerdote (**#Ne 3.1,13-28**). A sua aliança com Tobias podia ter-se operado através de qualquer ligação com as pessoas mencionadas em **#Ne 6.18**, embora a palavra tenha sido interpretada como sinônimo de uma aliança de amizade e não de parentesco.

Uma câmara grande (5). Anexas ao templo havia diversas dependências com várias finalidades. Ver **#1Rs 6.5**; **#Ez 40.6** e seguintes; **#Ed 8.29**; **#Ed 10.6**. **Durante tudo isto** (6); quanto à data, ver a nota sobre **#Ne 2.6**, **Rei de Babilônia** (6); havia ainda a tendência de considerar Babilônia o local do cativo, embora o império fosse agora persa.

>Ne-13.10

c) Beneficiados os funcionários do templo (Ne 13.10-14)

A censura de Neemias dirigida ao povo pressupõe o juramento de **#Ne 10.35-39**. **Levitas** (10), o que inclui provavelmente alguns sacerdotes. **Para a sua terra** (10); apesar dos regulamentos de **#Dt 18.1**, parece que havia sacerdotes e levitas que possuíam terrenos; não há dúvida de isso ter acontecido nos tempos que se seguiram ao exílio (ver **#Ed 2.70**). Não se havia mantido o alívio concedido por **#Ne 10.35-39**. Tinham-se visto obrigados a devolver as suas terras (se as não tinham vendido) ou haviam-se prontificado a prestar serviços remunerados aos proprietários. Quanto aos homens mencionados no versículo 13, ver também **#Ne 3.29-30**; **#Ne 8.4**.

>Ne-13.15

d) Reformas referentes ao sábado (Ne 13.15-22)

Parece que o versículo 15 descreve a preparação de produtos no sábado para venda durante a semana. Neemias anotou quem eram os contraventores e denunciou-os no dia de venda. Outros, porém, pensam que eles chegavam mesmo a vender em dia de sábado. **Tírios** (16), que mercadejavam em peixe seco e outros produtos; tinham-se instalado em Jerusalém. **Os nobres de Judá** (17) deveriam ter evitado este comércio. Com o versículo 18, compare-se **#Jr 17.21-24**.

>Ne-13.20

Os negociantes e os vendedores... passaram a noite fora de Jerusalém (20). Não entraram na cidade, antes ergueram as suas barracas do lado de fora dos muros, para que o povo saísse e comprasse. Provavelmente, as portas mais

pequenas ao lado das principais não foram incluídas na proibição do versículo 19. **Guardar as portas** (22); passada a crise, não havia a mesma necessidade de manter um grupo de soldados a guardar as portas (19). Os levitas, portanto, passaram a exercer a guarda aos sábados.

>Ne-13.23

e) O escândalo dos casamentos mistos (Ne 13.23-31)

Ainda haviam passado uns escassos vinte e cinco anos sobre as reformas de Esdras no setor matrimonial e já o mal dos casamentos mistos eclodia novamente. **Asdoditas** (23), habitantes de uma cidade dos filisteus. **Falavam meio asdodita** (24), isto é, uma forma corrupta que era meio asdodita e meio hebraico. Nada se diz aqui acerca do dialeto amonita e moabita, e alguns omitem a referência a Amom e Moabe no versículo 23. **Os fiz jurar por Deus** (25); é de supor que jurassem repudiar as suas mulheres estrangeiras, embora tal não seja expressamente declarado. Menos do que isso só dificilmente satisfaria o irascível Neemias. **O afugentei de mim** (28), isto é, porque se recusou a repudiar a sua mulher estrangeira. Josefo (**Antiguidades #Ne 11.7-8**) conta que, cerca de 335 A.C., um certo Manassés, irmão do sumo-sacerdote, casara com uma filha de Sambalá e fora expulso de Jerusalém. Então Sambalá construíra-lhe um templo no monte Gerizim, que se transformou no centro do culto samaritano. Supõe-se geralmente que Josefo confundiu datas e nomes e que, ou a data está certa mas ele se engana acerca de Sambalá (que morrera havia muito), ou estava certa a menção de Manassés e Sambalá havendo, porém, um erro de data de aproximadamente um século em excesso. A maior parte dos eruditos aceita a primeira hipótese, embora um (Lofthouse) supunha que houvesse dois Sambalás e que se verificou duas vezes um incidente semelhante, sendo o templo rival construído na segunda ocasião.

O final do livro de Neemias mostra a tensão crescente que se gerava entre os partidos exclusivistas e os mais tolerantes de Jerusalém. Atualmente, a simpatia pende para o partido mais tolerante, mas os avisos da lei e a experiência da história revelam que a fé judaica não se podia manter pura confiada àqueles que, nas suas opiniões e procedimento, eram demasiado flexíveis.

[J. Stafford Wright.](#)

ESTER

INTRODUÇÃO

1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E DATA

A ação do livro de Ester decorre no Palácio de Susã (ou Susa), em Elão, uma das três capitais do império persa. Como os livros de Daniel, Esdras e Neemias, dá-nos uma breve visão dos judeus em Babilônia conforme vistos por alguém que gozava de autoridade na corte real e que estava familiarizado com as suas convenções e hábitos; mas, enquanto que Esdras e Neemias se preocupam veementemente com as aspirações espirituais políticas dos judeus que regressaram do cativeiro, o livro de Ester aborda esses assuntos com reserva estudada e significativa. Em todo o livro palpita um patriotismo fêrvido e, no entanto, não há uma única referência ao Deus de Israel. Descreve ele situações de perigo, aflição e desespero, mas em todo este quadro bem vívido não ocorrem quaisquer orações ou súplicas ardentes da parte do povo naquela fase de terrível provação. Os judeus choravam e lamentavam-se e Mardoqueu "clamou com grande e amargo clamor", mas o autor evita cuidadosamente dizer que era a Deus que clamavam. Jejuavam, mas não se atribui qualquer significado espiritual a esta prática essencialmente religiosa.

É agora evidente que este cuidado em evitar qualquer referência explícita à religião é deliberada. A melhor explicação é que talvez o livro tivesse sido escrito numa época em que era extremamente perigoso confessar abertamente a adoração de Jeová (compare-se com [#Dn 6.7-17](#)).

O período abrangido pelos acontecimentos descritos descobre-se com bastante simplicidade mediante a simples identificação de Assuero. Por acaso, não há já qualquer dúvida razoável quanto à sua identidade, visto esse nome ser uma transliteração bastante próxima do nome persa do rei que os gregos conheciam pelo nome de Xerxes. O seu carácter apresenta notável semelhança com o atribuído a Xerxes por autores clássicos, como Heródoto. Além disso, no terceiro ano do seu reinado, Assuero celebra uma grande festa e reúne todos os homens de destaque do império em Susa ([#Et 1.3](#)); ora, no terceiro ano de Xerxes teve lugar um grande encontro dos "persas principais" em Susa para planear a expedição contra a Grécia (Heródoto 7.8). No sétimo ano de Assuero, foram-lhe levadas gentis donzelas de entre as quais ele escolheria a sua rainha ([#Et 2.16](#)); no sétimo ano de Xerxes, depois do regresso deste da Europa, consolou-se aumentando o contingente do seu serralho (Hérodoto

9.108-109). Assuero dominava a Média (#Et 1.3); o seu império estendia-se da Índia à Etiópia (#Et 1.1), estando nele compreendidas ilhas do Mediterrâneo (#Et 10.1), posto que a sua capital ficasse em Susa. Tudo isto caracteriza tão somente Xerxes entre os vários monarcas persas. A identidade de Assuero e Xerxes pode ser aceita com alguma certeza, pelo que a ação do livro (que começa com a deposição de Vasti) tem início em 483 A.C.

II. AUTOR E DATA DE COMPOSIÇÃO

Tem havido, sobretudo recentemente, enorme diversidade de opinião sobre este assunto e os críticos de certa escola, em competição uns com os outros, têm procurado situar a compilação de Ester numa data a mais tardia possível do período grego, havendo alguns, até, que lhe atribuem a data de meados do I século A. C. Todavia, há fortes motivos para situar a data de composição num período muito mais próximo dos acontecimentos relatados no livro. A disposição do palácio real conforme descrito no livro de Ester concorda tão perfeitamente com as descobertas dos arqueólogos franceses que trabalharam no local que não subsiste qualquer dúvida razoável quanto à familiaridade do autor com o palácio; no entanto, este foi destruído pelo fogo dentro de trinta anos a contar da morte de Xerxes, circunstância que situaria a composição do livro em qualquer data dentro de um século a contar do período em que a narrativa decorre. O escritor estava manifestamente familiarizado com os costumes persas e parece ter tido acesso a documentos oficiais dessa nação (#Et 9.32). Utiliza palavras puramente persas e, como vimos acima, conhecia a data de certos acontecimentos, como a convocação dos dirigentes persas em Susa. Além disso, o estilo parece-se bastante com o dos livros de Esdras, Neemias e Crônicas. Tudo isto milita a favor de uma data recuada-opinião de praticamente todos os antigos comentadores. Josefo atribui este livro à época de Artaxerxes Longímanso (464-424 A.C.), que identifica com Assuero. Santo Agostinho era de parecer que fora escrito por Esdras e o Talmude atribui a sua autoria à Grande Sinagoga, da qual Esdras era presidente. Clemente de Alexandria e muitos outros inclinavam-se a crer que o autor fosse Mardoqueu.

III. CANONICIDADE

Josefo, na afirmação mais antiga que temos acerca do cânon judaico (*Contra Apion de Alexandria*, 1.8), coloca Ester entre os livros canônicos. Na Bíblia hebraica, figura entre os cinco *Megilloth*, ou rolos. Não ocorre em várias das primitivas listas cristãs de livros do Velho Testamento,

possivelmente por ser considerado parte de Esdras, mas encontramos-lo no cânon dos judeus de Alexandria, havendo sido, na realidade, sempre aceito como canônico pelos judeus. Vem incluído na Septuaginta com consideráveis interpolações que não existem no hebraico e que foram rejeitados por S. Jerônimo. Trata-se de acrescentamentos em certa medida de carácter devocional feitos numa época mais tardia para contrabalançar a surpreendente ausência do livro de qualquer referência a Jeová ou à religião de Israel.

Et-1.1

I. O DIVÓRCIO DE VASTI (Et 1.1-22)

a) A festa do rei (Et 1.1-9)

Assuero (1). Xerxes, rei da Pérsia (486-465 A.C.), filho de Dario por Atossa, filha de Ciro; subiu ao trono cinco anos depois da batalha de Maratona. Esmagada uma tremenda revolta no Egito, encetou a sua expedição contra a Grécia em 481 A.C., e no ano seguinte a sua vasta frota era destruída na batalha de Salamina, enquanto que o seu exército sofria pesadas derrotas em Platéia e Micale em 479 A.C.. Regressou à Pérsia em 478, sendo o resto do seu reinado despido de acontecimentos dignos de nota, caracterizando-se unicamente pelo deboche e pelo derramamento de sangue.

Foi assassinado em 465 A.C. **Este é aquele Assuero** (1), nota introduzida para o distinguir de outro monarca do mesmo nome. Ver **#Dn 9.1** (muito provavelmente Ciaxares). **Índia** (1) é aqui a parte da Índia conquistada por Alexandre o Grande, a saber, o Punjab e talvez o Sind. **Etiópiã** (1), em hebraico **Kush**, chamada Cash nas inscrições egípcias, Ka'si nas placas de Tel-el-Amarna, Ka'su nas inscrições assírias; a moderna Núbia. Diz Heródoto que a Etiópiã pagava tributo a Xerxes (3.97). **Cento e vinte e sete províncias** (1). Em **#Dn 6.1**, Dario nomeia sátrapas para cento e vinte províncias; portanto, o império de Assuero era ainda mais vasto.

>Et-1.2

Susã (2), Susa, capital do Elão desde o terceiro milênio A.C. Era onde residia Khudur Lagamar, o Quedorlaomer de **#Gn 14.1**. O império medo-persa tinha três capitais: Susa, Ecbátana e Babilônia, mas os reis persas residiam geralmente em Susa.

>Et-1.3

No terceiro ano (3), isto é, 483 A.C. quando, segundo Heródoto, se realizou uma grande reunião em Susa para planejar a guerra grega. Não restam dúvidas de que a festa aqui mencionada e a convocação referida por Heródoto são um e o mesmo acontecimento. Um convite (3), em hebraico *mishteh*, primacialmente uma festa para beber. Heródoto (1.133) refere que era em tais reuniões que os persas discutiam os negócios mais importantes de estado. As riquezas da glória do seu reino (4). A espantosa opulência da corte persa é freqüentemente mencionada nos autores clássicos. Este versículo refere-se claramente a uma avaliação dos recursos do império a qual levou meio ano a fazer, mais do que a uma festa que durasse esse tempo. Um convite a todo o povo (5). Descreve-se aqui outra festa, diferente da do versículo 3, que foi para cortesões e funcionários. Esta foi dedicada ao povo (compare-se com Heródoto 1.126) e durou sete dias, no recinto do palácio. Assim, houve duas festas-uma no começo da reunião e outra no fim-mas nada substancia a idéia de muitos comentadores de que o livro descreve uma festa que durou meio ano. De pano branco, verde e azul celeste (6). O pavilhão persa era branco e azul. O verde (*karpas*) só se encontra aqui, sendo a mesma palavra que o sânscrito *Karpasa*, algodão, o que mostra que a palavra é provavelmente persa, visto o persa ser uma língua ariana e, portanto, relacionada com o sânscrito. Colunas (6). Recentes escavações levadas a cabo por arqueólogos franceses puseram a nu os restos destas colunas, de que pendiam as tapeçarias. Leitos (6). Heródoto (9.82) fala em leitos de ouro e prata que os gregos roubaram aos persas. Pavimento de pórfiro e de mármore (6). É duvidoso o significado da maior parte destas palavras, mas eram comuns no antigo Oriente os pavimentos de pedras de várias cores. Vasos de ouro (7). Heródoto (9.80 e 82) diz que os gregos roubaram taças de ouro aos persas. Que ninguém forçasse a outro (8). O sentido é que cada qual bebia à sua vontade. Abandonara-se o costume persa de tornar obrigatório consumir certas quantidades de bebida.

>Et-1.10

b) Vasti recusa-se a comparecer perante o rei (Et 1.10-12)

Vasti (9), o nome dado pelos autores gregos à primeira rainha de Xerxes é Améstris, mulher notória pela sua crueldade e sensualidade, que casou com ele antes do terceiro ano do seu reinado e continuou a ser rainha até ele morrer. Rawlinson sugere que Vasti (palavra persa que significa "bela") é um título dado a Améstris, e que a deposição foi apenas temporária. Os sete

eunucos (10). O número sete era sagrado entre os persas, como entre os hebreus. Estes nomes provavelmente não são persas. Não nos esqueçamos de que muitas nacionalidades estavam representadas entre os numerosos escravos do rei. **Porém, a rainha Vasti recusou vir** (12). A chamada era, na realidade, uma ordem real transmitida da forma regulamentar através dos eunucos-fato acentuado nos versículos 10,12,15. A recusa de Vesti era, portanto, uma afronta pública. Na realidade, os persas costumavam permitir que as suas mulheres assistissem às suas festas libatórias (ver Heródoto 5.18). Portanto, na ordem dada a Vasti nada sugere uma afronta.

>Et-1.13

c) Vasti deposta (Et 1.13-22)

Que entendiam dos tempos (13). Talvez astrólogos, mas mais provavelmente homens aptos a citar precedentes. **Os sete príncipes** (14); compare-se com **#Ed 7.14**. Havia sete grandes famílias na Pérsia cujos chefes eram os principais conselheiros do rei e de entre as quais se escolhia a rainha (Heródoto 3.84). Note-se como o conselho dos príncipes (16-20) se adapta à disposição do rei e é expresso de forma que a vingança particular deste assumo o caráter de uma questão de dever público. **As princesas da Pérsia e da Média** (18), por contraste com **todas as mulheres** (17).

>Et-1.19

E não se quebrante (19), ou seja, "não fique esquecido". Os conselheiros tomavam medidas para evitar que o rei atuasse de forma impulsiva e, portanto, revogavelmente. Se Vasti voltasse ao poder, castigá-los-ia pelo seu conselho e, portanto, era necessário que o rei a depusesse por decreto real, integrando, assim, a sua deposição nos arquivos reais, que eram inalteráveis. Parece haver aqui indício de uma luta anterior pelo poder entre Vasti e os nobres. **Enviou cartas** (22). O império persa tinha um sistema postal muito eficiente e bem organizado (ver Xenofonte, **Ciropedia**, 7.6). **A todas as províncias** (22). segundo uma tradução mais inteligível: "a cada província segundo a sua escrita, e a cada raça no seu próprio idioma". A maior parte das inscrições deste período vêm escritas em antigo persa babilônio e susiano, em colunas paralelas, mas isto dá uma idéia muito incompleta das numerosíssimas línguas faladas no império de Xerxes. **Se publicasse** (22). Em hebraico, "falando". **Que cada homem** (22). Talvez "que cada homem se tornasse senhor da sua própria casa e falasse consoante o idioma do seu próprio povo". O sentido é

obscuro, mas obviamente o decreto do rei transmite qualquer sugestão independente da sua finalidade principal, mas, mesmo assim, suficientemente importante para ser incluída nele. A sugestão aparente, que a língua do lar fosse a língua do pai, simplificaria uma situação complicada pela presença de numerosas cativas provenientes de muitos países.

Et-2.1

II. ESTER ESCOLHIDA PARA RAINHA. Et 2.1-23

a) Intriga para evitar a restauração de Vasti (Et 2.1-4)

Lembrou-se de Vasti (1). Isto parece sugerir que o rei começava a esquecer a sua cólera contra Vasti. **Disseram os mancebos do rei** (2). O regresso de Vasti seria sinônimo de terrível perigo para eles (ver 1-19 n.), e a sua compreensão do perigo é mostrada pelo seu desejo de abandonar o hábito de escolher a rainha de entre uma das suas próprias famílias e, até, de que o rei tomasse rainha estrangeira. **Eunuco** (3); só os eunucos tinham acesso às dependências das mulheres. **E a moça... reine** (4), ao que Josefo acrescenta: "Pois assim se saciará o seu desejo da sua antiga mulher".

>Et-2.5

b) Ester, com outras jovens, levada ao palácio (Et 2.5-11)

É agora apresentada Ester. **Mardoqueu** (5) era benjamita e, portanto, judeu, pois Benjamim aderira ao reino de Judá (**#1Rs 12.21**). Na sua genealogia, aqui dada, ocorrem os nomes de Simei e Quis, que a tradição judaica identifica com o Simei que amaldiçoou Davi (**#2Sm 16.5**) e Quis, pai de Saul (**#1Sm 9.1**). Ver, no entanto, a nota infra ao versículo 6. Semelhantemente, segundo essa mesma tradição, Hamã, o agagita, era descendente do rei Agague, o amalequita derrotado por Saul (**#1Sm 15**). Houve um Mardoqueu que regressou a Jerusalém com Zorobabel em 537 A.C. (**#Ed 2.2; #Ne 7.7**); e não é impossível que, cinquenta e quatro anos depois, este mesmo Mardoqueu vivesse em Susa. **Que fora** (6), refere-se obviamente a Quis. Dificilmente diria respeito a Mardoqueu, visto o cativo em questão ter tido lugar cento e dezessete anos antes. **Hadassa... Ester** (7). Se Hadassa provém de **hadhas**, murta, e Ester de **sitar**, a palavra persa correspondente a "estrela", temos aqui um exemplo antigo do costume judaico mais recente de atribuir dois nomes a cada indivíduo-um hebraico e um gentio, como João Marcos, José Justo, etc.

Bela de parecer (7), em hebraico **yephathto'ar**, bonita de formas, mas **to'ar**, em si, já dá a idéia de formas belas, pelo que a beleza de Ester é duplamente acentuada. **Formosa à vista** (7), em hebraico **tohbath mar'eb**, de belo aspecto ou, possivelmente, rosto, expressão também aplicada a Bate-Seba (#2Sm 11.2). A tradição hebraica diz que Ester foi uma das três mulheres mais, belas que jamais viveram. **Levaram Ester** (8). Na oração apócrifa de Ester, ela afirma em termos enérgicos a sua aversão à excelsa posição que ia ocupar, mas nada há neste texto que nos revele as suas reações. **Ester... não declarou** (10). Parece, portanto, que Ester, ao contrário de Daniel, se conformou com os hábitos persas e comeu alimentos proibidos. Todavia, é possível que os nobres-cujo fito era arranjar uma jovem que fizesse o rei esquecer Vasti, fosse qual fosse a nacionalidade dela-participaram no engano. **Passeava Mardoqueu** (11). Alguns comentadores têm sugerido que ele era porteiro, mas Rawlinson salienta que nem isso explicaria o seu acesso ao recinto das mulheres, a não ser que também ele fosse eunuco.

>Et-2.12

c) Ester merece a aprovação do rei (Et 2.12-20)

No décimo mês, que é o mês de tebete, no sétimo ano (16); janeiro-fevereiro de 479 A. C., imediatamente depois do regresso de Xerxes da Grécia. Assim, decorreram quatro anos entre a deposição de Vasti e a nomeação de Ester.

>Et-2.21

d) Mardoqueu descobre uma conjura contra a vida do rei (Et 2.21-23)

Dois eunucos do rei (21). Xerxes foi, de fato, assassinado catorze anos mais tarde pelo seu capitão da guarda e um eunuco. **Numa forca** (23), ou num pau. Alguns comentadores supõem que isto significa que os conspiradores foram impalados. Josefo e outros dizem que foram crucificados. **Nas crônicas** (23), ou, traduzindo à letra, "no livro dos atos dos dias", ao que parece uma espécie de diário dos acontecimentos à medida que estes se iam produzindo (compare-se com #1Rs 14.19). Ktésias, o historiador grego, afirma ter encontrado material para a sua história persa e assíria nos arquivos persas de documentos em pergaminho.

Et-3.1

III. A INTRIGA DE HAMÃ PARA DESTRUIR OS JUDEUS. Et 3.1-4.3

a) A ira de Hamã contra Mardoqueu (Et 3.1-7)

"Hamã... agagita" (1); segundo a tradição judaica, descendia de Agague, rei de Amaleque (#1Sm 15.32), enquanto que Josefo e o Targum Caldaico lhe chamam amalequita. Por outro lado, o livro apócrifo de Ester diz que era macedônio. Nada há, porém, que indique descendência amalequita ou macedônia; de fato, o seu nome e os nomes de todos os membros da sua família aqui referidos são persas. Não se inclinava (2). É muito difícil compreender a recusa de Mardoqueu. Ele próprio a explica dizendo que era judeu (4), mas nada há na religião judaica que proíba a cortesia então usual de um indivíduo se curvar perante um superior. Sugere Josefo que Mardoqueu recusava-se, sim, a prestar honras divinas a Hamã, mas a forma propositada como os assuntos religiosos são evitados neste livro torna difícil averiguar até que ponto esta afirmação é válida. É interessante notar que os embaixadores espartanos se recusaram a prostrar-se perante Xerxes (Heródoto 7.136). Porque traspassas? (3). Note-se que os servos do rei foram cortesies e falaram com Mardoqueu antes de levar o assunto perante Hamã, queixando-se de falta de fidelidade ao rei, mais do que de falta de respeito para com Hamã. Se as palavras de Mardoqueu se sustentariam (4), isto é, se o fato de ele ser judeu o absolveria de cumprir o mandamento do rei.

>Et-3.7

No primeiro mês... Nisã (7); março-abril, conhecido pelo nome de Abib no Pentateuco. Durante o exílio, os judeus habituaram-se a dizer e enumerar os meses à moda de Babilônia. Abib era o mês da Páscoa, o mês em que tivera lugar a praga derradeira e a mais terrível que assolara o Egito. No ano duodécimo (7), 474 A.C. Ester era já rainha havia quatro anos. Pur (7) refere-se a qualquer forma de adivinhação para descortinar os dias auspiciosos. Trata-se manifestamente de uma palavra estrangeira, visto ser dada até, a tradução hebraica. Muito provavelmente o vocábulo está relacionado com o assírio buru (pedra), utilizado num sentido análogo ao do hebraico goral e do grego psefos, que significa "seixo" e também "sortes". Adar (7) fevereiro-março. Assim, decorreu quase um ano entre a decisão de Hamã e a data de a levar a cabo.

>Et-3.8

b) Hamã convence o rei a ordenar a destruição dos judeus (Et 3.8-15)

Um povo (8). A maioria esmagadora dos judeus permanecera em Babilônia; só relativamente poucos (42.000) haviam regressado a Jerusalém sob o comando de Zorobabel em 537 antes de Cristo. **Não cumpre as leis do rei** (8), a acusação dirigida aos judeus pelos anti-semitas através dos tempos. **Dez mil talentos de prata** (9). Um talento pesava cerca de 47 quilos. O rendimento total anual do Império persa era de 17.000 talentos (Heródoto 3.95). Hamã projetava, sem dúvida, enriquecer à custa dos bens dos judeus proscritos e calculava que, como resultado, poderia dar ao rei esta vasta importância. À sentença de morte seguia-se como consequência automática a confiscação dos bens (ver #Et 8.1). **Essa prata te é dada** (11), o que se refere à riqueza dos judeus que deveriam ser destruídos. Foi colocada à disposição de Hamã. **Para fazeres dele** (11). Uma das objeções constantemente opostas à historicidade deste livro é que nenhum monarca poderia encarar com semelhante indiferença a destruição de número tão vasto dos seus súditos. Independentemente do fato de o caráter bem conhecido do rei invalidar tal objeção, infelizmente já não podemos pôr em causa a probabilidade de um holocausto assim depois do que sucedeu recentemente aos judeus na Europa. Lembremo-nos de que o império ficara empobrecido depois da guerra contra os gregos, pelo que a oferta de Hamã de quase dois terços do rendimento anual era extremamente tentadora. **Principais** (12); em hebraico, ' **ahashdarpenim**, tentativa de reproduzir a palavra persa **Khshatrapa**, que os gregos traduziram por **satrapes**, de onde o nosso vocábulo **sátrapas**. **Correios** (13); ver 1.22 n.

Et-4.1

c) A aflição dos judeus (Et 4.1-3)

Rasgou Mardoqueu os seus vestidos (1), o sinal usual de aflição entre os judeus. Os seus contemporâneos Esdras, Neemias e Daniel bradaram a Deus em épocas de crise (ver #Ed 8.23; #Ne 1.4; #Dn 6.10). **Ninguém vestido de saco podia entrar pelas portas do rei** (2). Na presença do rei não se tolerava qualquer sinal de desgostos (ver #Ne 2.1-2). **Com jejum** (3). Embora não se faça qualquer referência direta à religião, o jejum não podia ser senão uma prática religiosa.

>Et-4.4

IV. MARDOQUEU PERSUADE ESTER A INTERVIR. Et 4.4-17

E fizeram-lho saber (4). Ao que parece, sabia-se qual o seu parentesco com Mardoqueu e, portanto, a sua nacionalidade. **Ele os não aceitou** (4), em sinal de que a sua aflição não podia ter consolo. Isto produziu o efeito desejado de levar Ester a pôr-se em comunicação com ele. **Hatá** (6), manifestamente um judeu, visto o Segundo Targum indicar que o seu outro nome era Daniel. O fato de Mardoqueu ter descoberto os planos de Hamã pormenorizadamente (7), bem como a primeira conjura para assassinar o rei, parece indicar que estava em situação de saber muito do que se passava nos bastidores.

>Et-4.11

Uma sentença (11), isto é, uma lei invariável; instituída por Deioces, primeiro rei dos medos, para consolidar a sua autoridade, e adotada pelos reis persas (Heródoto 1.99). Ester poderia ter legalmente solicitado uma audiência mas é evidente que ela receava o malogro de tal diligência, visto naquela altura, como ela própria diz, não estar em favor especial; a recusa desse pedido tornaria extremamente perigosa a sua repetição ou a própria intervenção pessoal da rainha mais tarde. Um apelo pessoal era a única coisa de que ela podia lançar mão. **Socorro e livramento doutra parte virá... quem sabe...** (14). Não há dúvida de que Mardoqueu pensava nas promessas que Deus fizera a Israel e nos muitos livramentos que Ele lhe concedera no passado; no entanto, ao que parece, esforça-se por evitar mencioná-lo por nome. **Jejuai** por mim (16); ver nota sobre o versículo 3. **E perecendo, pereço** (16); compare-se com **#Gn 43.14**.

Et-5.1

V. A PETIÇÃO DE ESTER COROADA DE ÊXITO. Et 5.1-8.2

a) Ester convida o rei para um banquete (Et 5.1-8)

Ao terceiro dia (1), isto é, da festa. O Targum, porém, acrescenta: "da Páscoa". **No pátio interior** (1). Escavações recentes trouxeram à luz o palácio real e comprovam a familiaridade do autor deste livro com a disposição das suas dependências. **Até metade do reino** (3); compare-se com **#Et 5.6; #Et 7.2**. A

fórmula usual para uma promessa de auxílio pronto (ver #Mc 6.23). Xerxes, porém, era dado a fazer promessas extravagantes (ver Heródoto 9.109). **Venha o rei** (4). Convém lembrar que Ester estava temporariamente privada de contato com o rei volúvel (#Et 4.11). Não é, portanto, de surpreender que ela adiasse a sua petição até estar mais segura da sua influência e poder fazê-la valer em condições de maior intimidade. **Amanhã farei** (8). É mais difícil explicar esta segunda demora, mas há sempre que contar com elementos na situação que não foram assinalados pelo autor. (Um caso paralelo é, talvez, o fato de Eúde não ter posto em prática o seu propósito na sua primeira entrevista com Eglom; ver #Jz 3.17-21). Aqui, por exemplo, parece que Ester começou a fazer a sua petição, mas depois, faltando-lhe a coragem, resolveu fazer um convite para segundo banquete.

>Et-5.9

b) Hamã planeia a morte de Mardoqueu (Et 5.9-14)

Então saiu Hamã naquele dia, alegre e de bom ânimo (9). Conta Heródoto que Astíages, rei dos medos, desejando punir Harpagus, um dos seus nobres, o convidou para cear. Harpagus ficou radiante e contou à mulher a honra que recebera, mal sonhando com o que o aguardava naquela ceia (1.119). **Zeres** (10), segundo o Targum, filha de Tatenai (#Ed 5.3). **A multidão de seus filhos** (11). "Depois da valentia na batalha, a maior prova de virilidade entre os persas é gerar muitos filhos" (Heródoto 1.136). **O judeu Mardoqueu** (13). Ao que parece, Hamã não sabia ainda do parentesco que ligava Ester a Mardoqueu, embora o servos íntimos de Ester tivessem conhecimento da verdade (#Et 4.4). **Forca** (14). Em vista da sua altura, parece ser esta a tradução certa, embora a palavra hebraica signifique "árvore" ou "pau". **Mandou** (14), o que mostra quão certo Hamã estava da sua influência sobre o rei.

Et-6.1

c) Hamã forçado a prestar honra a Mardoqueu (Et 6.1-14)

O livro das memórias das Crônicas (1); era vulgar tais crônicas existirem. Nelas se anotava tudo quanto valia a pena registrar do que sucedera ou chamara a atenção do rei (Heródoto 8.85, 90). **Que honra** (3). Havia entre os persas uma ordem chamada a "ordem dos benfeitores do rei", constituída por indivíduos que haviam prestado qualquer serviço assinalado ao monarca e que

eram devidamente (e, por vezes, extravagantemente) recompensados (Heródoto 8.85). **Hamã tinha entrado** (4). Os acontecimentos descritos nos três versículos anteriores haviam tido lugar durante a noite, mas não há motivo para concluir que Hamã fizesse a sua visita a tal hora. Na realidade, as versões antigas acrescentam que ele apareceu pela manhã. **No pátio** (5). Hamã não podia entrar sem convite expresso do rei. **Mais do que a mim** (6). É bem evidente que, até ao momento da sua queda, Hamã tinha a certeza do régio favor. Cada uma das sugestões de Hamã (8-9) era tida uma enorme honra entre os povos orientais. **Costuma vestir** (8), ou, traduzindo à letra, "que o rei vestiu" (compare-se com **#1Sm 18.4**). **A coroa real** (8). Gramaticalmente, o cavalo é que seria coroado e, de fato, algumas nações orientais, sobretudo a Assíria, adornavam a cabeça dos seus cavalos. É mais provável, porém, que a referência se dirija ao indivíduo assim honrado.

>Et-6.10

O judeu Mardoqueu (10). Há quem ache muito estranho o rei honrar assim uma pessoa pertencente a uma raça que acabara de votar à destruição. No entanto, nada há neste incidente que esteja em desacordo com a mentalidade oriental e muito menos com o caráter de Xerxes. **Antes certamente cairás** (13). O anti-semitismo, através dos séculos, nunca negou a inteligência ou argúcia dos judeus; pelo contrário, radica-se no medo inspirado por essas qualidades.

Et-7.1

d) Ester revela a conjura de Hamã ao rei (Et 7.1-6)

Qual é a tua petição? (2). Segundo Heródoto, nenhuma petição apresentada num banquete real podia ser recusada. No entanto, tratava-se de um banquete dado pela rainha, e é duvidoso que o antigo costume se mantivesse neste caso. **O meu povo** (3). Ester revela, por fim, a sua nacionalidade. "Para nos destruírem, matarem e lançarem a perder" -as palavras exatas do decreto real (**#Et 3.13**). **Ainda que o opressor** (4), ou, traduzindo à letra, "embora o inimigo não compensasse a perda que daí adviria para o rei", querendo provavelmente dizer que Hamã nunca poderia compensar o rei pelo que este perderia com a destruição da rainha e de tantos dos seus súditos. **O inimigo** (6), palavra que em hebraico significa aquele que amarra ou oprime, distinto de **Satã** aquele que acusa ou se opõe.

>Et-7.7

e) Hamã enforcado e Mardoqueu honrado (Et 7.7-8.2)

Hamã tinha caído prostrado sobre o leito (8). Os persas tomavam as refeições reclinados, como os gregos e os romanos. O costume foi adotado pelos judeus durante o período helenista, sendo corrente nos tempos de Nosso Senhor; foi esta a posição em que o Senhor e os discípulos tomaram a última ceia. **Saindo esta palavra da boca do rei, cobriram a Hamã o rosto** (8). A exclamação do rei revelou que a sua ira contra Hamã era implacável, e os escravos bem sabiam o que isso significava. Os gregos e os romanos algumas vezes cobriam o rosto dos condenados antes da execução mas é esta a única referência a tal costume na história persa. **Enforcai-o** (9); Septuaginta: "crucificai-o". É digno de nota a frequência com que o rei concordava com as sugestões dos que o cercavam.

Et-8.1

À rainha Ester a casa de Hamã (8.1); ver 3.9 n. **Ester tinha declarado** (1). Ela já tinha revelado a sua nacionalidade (**#Et 7.3**); só agora o rei e Hamã tiveram conhecimento do parentesco que a unia a Mardoqueu. **Tirou o rei o seu anel** (2), nomeando, assim, Mardoqueu grão-vizir, com poderes para falar e escrever em nome do rei. Faraó dera o seu anel a José em sinal de o ter investido de autoridade semelhante (**#Gn 41.42**).

>Et-8.3

VI. O LIVRAMENTO DOS JUDEUS (Et 8.3-9.16)

a) Os judeus autorizados a defenderem-se (Et 8.3-17)

O objetivo principal de Ester não era a destruição de Hamã nem a elevação de Mardoqueu, mas sim a salvação dos judeus e agora aplica-se a esta tarefa. **O intento de Hamã** (5). Prudentemente, Ester esquece a responsabilidade do rei por ter assinado o decreto, mas acentua que o povo por ele condenado se encontra espalhado por todas as províncias do império, dando a entender que o próprio rei seria prejudicado se o decreto fosse posto em prática. Assuero enumera os benefícios de que cumulava Ester, não para que ela não esperasse mais favores, mas sim em prova da sua boa vontade (7). **Não é para revogar** (8), o que lembra que o plano de Ester de revogar o decreto (5) é impraticável. O rei transfere para Mardoqueu a responsabilidade de salvar os judeus e lembra que ele tem o anel do rei, isto é, plena autoridade para emitir qualquer

decreto que não anulasse um decreto anterior. Além disso, o novo decreto não poderia ser cancelado.

>Et-8.9

Sivã (9); maio-junho. Haviam decorrido mais de dois meses sobre a promulgação do decreto de destruição dos judeus, e a sua execução teria lugar dentro de nove meses (#Et 3.13). **Ginetes** (10). Em hebraico, "animais ligeiros", como em #Mq 1.13. A rapidez com que estas cartas foram expedidas contrasta com o método de divulgação do decreto de Hamã (#Et 3.12,15). Apesar da eficiência maravilhosa do sistema postal na Pérsia, esse decreto provavelmente não teria chegado ainda a algumas províncias, visto haverem decorrido apenas dois meses sobre a sua promulgação e talvez muito menos sobre o seu despacho: assim, em alguns casos, os mensageiros de Mardoqueu poderiam ainda antecipar-se aos de Hamã. **Para defenderem as suas vidas** (11). Foi este o plano adotado por Mardoqueu para contornar o decreto real, irreversível; emitiu um decreto permitindo aos judeus defenderem-se e destruírem os seus inimigos. **No dia treze do duodécimo mês** (12), a data exata em que a matança dos judeus deveria ter lugar (#Et 3.13). **Apressuradamente saíram** (14); ver 8.10 n. **Um vestido real azul celeste e branco** (15), as cores reais da Pérsia. **Uma grande coroa** (15), em hebraico *atarah*, por contraste com *kether*, diadema real, em #Et 1.11; #Et 2.17; #Et 6.8. Como grão-vizir e favorito do rei, sem dúvida tinha pleno direito de usar estes símbolos de autoridade. **Se fizeram judeus** (17), isto é, abraçaram a fé judaica.

Et-9.1

b) Os judeus destroem os seus inimigos (Et 9.1-16)

Sucedeu o contrário... (1). É dada aqui outra oportunidade de proclamar a intervenção de Deus e, no entanto, o autor, em vez de o fazer, adota uma forma indireta e impessoal. **O seu terror** (2). Os judeus gozavam agora de favor na corte e o que inspirava este terror era provavelmente o medo do rei. Além disso, Mardoqueu havia-se transformado numa força com que era necessário contar.

>Et-9.3

Todos os maiores (3). O segundo édito havia virtualmente ultrapassado o primeiro e demonstrado claramente que o rei favorecia os judeus; daí a

prontidão do apoio destes funcionários. Os nomes indicados nos versículos 7-9 são todos persas, com a exceção duvidosa de Adalia. Vêm eles escritos numa coluna perpendicular na Bíblia hebraica para mostrar qual, segundo os rabis, era a sua posição enquanto pendurados na forca de cinquenta côvados. **Ao despojo** (10). Não se aproveitaram da autorização de se apossarem dos bens dos seus inimigos, embora, por outro lado, pareçam ter excedido os limites marcados pelo decreto real (ver **#Et 8.11**), vingando-se dos adversários.

>Et-9.12

Que fariam? (12), isto é, se só no palácio mataram quinhentos homens, quão grande não devia ter sido a carnificina em todo o império! O homem que fala tão levemente acerca da carnificina dos seus súditos é o mesmo que alguns anos antes perdera um milhão de guerreiros na Grécia. **Conceda-se também amanhã aos judeus... que façam conforme ao mandado de hoje** (13). O Targum acrescenta: "celebrando feriado", mas é difícil aceitar qualquer interpretação que não seja a de Ester ter pedido mais um dia de carnificina. **Setenta e cinco mil** (16): o Targum e a Septuaginta dizem quinze mil. Segundo a recensão de Luciano de Nicomédia, o número foi de 10.107.

>Et-9.17

VII. A FESTA DE PURIM Et 9.17-32

E Mardoqueu escreveu estas coisas (20), ou seja, um relato da inauguração da festa de Purim, conforme dado nos versículos 17-19. Não é impossível, porém, que estas palavras signifiquem que Mardoqueu escreveu todo o livro até àquele ponto. **Purim** (26); compare-se com 3.7 n. A festa de Purim (precedida de um jejum) é ainda observada na noite do dia 14 de Adar. De manhã, lê-se de ponta a ponta o rolo de Ester na presença de indivíduos de ambos os sexos, em qualquer idioma que compreendam, com a condição que pode ser lido em hebraico ou grego, mesmo quando os ouvintes não conheçam estas línguas. Esta festa andou sempre ligada ao regozijo e à distribuição de presentes (ver versículo 22) e modernamente apresenta tendências mais seculares do que qualquer outra festa judaica. Em várias épocas, os judeus têm instituído festas adicionais de Purim para comemorar outros grandes livramentos.

>Et-9.29

Segunda vez (29). A primeira carta pode ser a referida em **#Et 8.8**; e a segunda carta, em **#Et 9.20**, é aqui confirmada pela autoridade adicional da rainha. Acerca do jejum e do seu clamor (31); ver **#Et 4.3**. A Septuaginta omite estas palavras. **Num livro** (32). Rawlinson e outros comentadores sugerem que se trata do livro das crônicas de **#Et 2.23**. A Vulgata, seguida de vários comentadores modernos, fá-lo referir-se ao próprio livro de Ester até este ponto.

>Et-9.1

VIII. CONCLUSÃO Et 10.1-3

Pôr... tributo (1). A guerra contra os gregos prolongou-se na Ásia Menor durante anos depois da batalha de Salamina, e havia necessidade destes tributos para que o império colmatasse as suas enormes despesas. **As ilhas do mar** (1), uma expressão oficial. Na realidade, só Chipre pertencia ainda ao império, visto todas as outras ilhas se terem perdido depois da retirada da Europa; no entanto, era ainda corrente a antiga designação. **Porque... Mardoqueu** (3). Foi mencionado nas crônicas por ser um grande homem. O "porque" introduz o versículo três como explicação do versículo 2. **Depois do rei Assuero** (3). Em 465 A.C. Artabanus, que assassinou Xerxes naquele ano, ocupava o segundo lugar a seguir ao rei. Mardoqueu deve, portanto, ter perdido a sua posição ou morrido no intervalo que decorreu entre 470 A. C., ano a que o livro de Ester nos conduz, e 465 A. C., quando Artabanus era favorito do rei. Nesta última data, também, Amétris, identificada com Vasti por Rawlinson e outros, gozava de plenos poderes como rainha. Concluimos, portanto, que Ester também caiu do poder ou morreu naquele intervalo e que Vasti (se era, de fato, Amétris) reocupou a sua posição apesar dos esforços dos nobres para o evitar.

A. Macdonald.

JÓ

INTRODUÇÃO

I. AUTORIA

O autor é desconhecido. Variadas têm sido as sugestões mas nenhuma se pode confirmar. Tem-se atribuído o livro a Jó, Eliú, Moisés, Salomão, Isaías, Ezequias, Baruque amigo de Jeremias, etc. Uma coisa porém é certa: o livro é da autoria de um judeu que, não obstante a sua lealdade ao judaísmo, se recusa a deixar-se manietar pela minúcia de certos aspectos do credo popular, em particular pela tradicional e desapiedada associação do sofrimento com o pecado.

II. DATA E PANORAMA

A data também está envolta em mistério. Não se fazem, no livro, quaisquer referências diretas a acontecimentos históricos que nos possam servir de ponto de referência para a atribuição de uma data à obra.

Necessário se torna estabelecer uma distinção entre a época do panorama histórico da obra, que encontramos no prólogo e no epílogo, e a do resto do livro. A primeira é, claramente, anterior ao exílio. A atmosfera é patriarcal. A riqueza avalia-se pelo gado que se possui e Jó aparece-nos como sacerdote de si próprio (#Jó 1.5). Em #Ez 14.14 faz-se uma referência a Jó. A base histórica seria preservada pela tradição, que a passaria de geração em geração até ser incorporada no livro de Jó acrescida da forma poética em que se enquadra o diálogo. Alguns afirmam que a tradição se manteve oralmente; outros aceitam a teoria segundo a qual o Prólogo e o Epílogo são fragmentos de um livro popular (**Volksbuch**) em que se relatava a história de Jó. É impossível determinar com exatidão a época em que a história de Jó foi incorporada no livro, tal qual o conhecemos. Certo comentador observa, com acuidade, que a atmosfera meditativa do livro e o conhecimento de terras distantes que nele se revela, excluem uma época anterior à de Salomão. Mantêm o mesmo comentador que é provável que a época seja a do cativo de Judá (597 A.C.). Mas outros investigadores atribuem-lhe uma data posterior -meados do séc. IV A.C. A questão da data não é, de resto, importante. Dois conhecidos autores dizem com razão: "Poucos poemas existem em toda a literatura cuja data e panorama histórico sejam de menos

importância que no livro de Jó... É um poema universal, feição que o valoriza e atualiza nos nossos dias".

O livro apresenta interessantes pontos de contacto com outros livros da Escritura. Compare-se #Jó 3 com #Jr 20.14-18 e #Jó 15.35 com #Is 59.4. Há notáveis semelhanças entre Jó e o Servo do Senhor em Isaías. Cfr. #Is 50.6; #Is 53.3 com #Jó 16.10; #Jó 30.9 e segs. Veja-se também #Sl 8.4; (#Jó 7.17); #1Co 3.19 (#Jó 5.13); #Tg 5.11.

III. CONTEÚDO E VALOR

A história passa-se na "terra de Uz" que é provável que deva identificar-se com Edom-nome bem estigmatizado em outras Escrituras (#Sl 137.7; #Mt 1.2 e segs.). Nenhuma das personagens é israelita. Não pode deixar de nos ocorrer uma outra largueza de vistas que muitos séculos depois faria de um não-judeu o herói da parábola do Bom Samaritano.

Quatro amigos de Jó-Elifaz, Bildade, Zofar e Eliú-representam tudo que a teologia ortodoxa teria a dizer acerca do significado das calamidades que haviam arrasado a felicidade e a estabilidade de Jó. Com a possível exceção de Eliú, a sua contribuição é gravemente limitada por uma inexorável interpretação do sofrimento: o sofrimento como consequência do pecado pessoal. Se eles se tivessem limitado a estabelecer a solidariedade humana no pecado, Jó ter-lhe-ia dado a sua imediata aprovação, visto que ele jamais se considera um homem perfeito; mas ao ouvi-los insinuar e depois direta e claramente afirmar que o seu sofrimento era o inevitável fruto da semente do pecado que ele cometera e de que só Deus era testemunha, Jó nega veementemente e coerentemente a exatidão do seu juízo.

O livro de Jó é um livro universal porque se dirige a uma necessidade universal-a agonia do coração humano torturado pela angústia e pelas muitas aflições a que a carne é sujeita. Para o afirmar bastar-nos-ia o testemunho de uma mulher que, ao morrer de um cancro, declarava que o livro de Jó falava à sua alma como nenhum outro livro da Bíblia. Ao testemunho dos grandes sofredores se têm juntado as vozes de grandes cristãos e grandes poetas num coro de admiração pelas verdades que o livro transmite, por vezes, através da mais elevada poesia. Lutero afirmava que o livro de Jó era "magnífico e sublime como nenhum outro das Escrituras". Tennyson chamava-lhe "o maior poema de todos os tempos-antigos e modernos".

Qual é, então, a mensagem do livro, como se dirige ele à grande necessidade universal?

O livro denuncia, de maneira notável, a insuficiência dos horizontes humanos para uma compreensão adequada do problema do sofrimento. Todas as figuras do drama falam com o desconhecimento absoluto das alegações de Satanás contra a piedade de Jó, descritas no prólogo, e da conseqüente permissão divina-a permissão concedida a Satanás, de provar, se puder, a exatidão das suas acusações. Com o prólogo como pano de fundo, os sofrimentos de Jó aparecem, portanto, não como irrefutável prova de castigo divino, como pretendiam os amigos, mas como prova de confiança divina no seu caráter. Devemos evitar o uso de linguagem que possa fazer supor que um Deus onisciente necessitava de uma demonstração da integridade do Seu servo para pôr termo a uma pequena dúvida que surgira na Sua mente; mas podemos encontrar na história a sugestão daquela verdade de que "agora vemos por espelho, em enigma". Jó e os seus amigos tentavam resolver um problema para o qual lhes faltavam elementos; era como se procurassem formar a figura de um quebra-cabeça sem possuírem todas as peças. Conseqüentemente, o livro de Jó é um eloqüente comentário à insuficiência da mente humana para reduzir a complexidade do problema a fórmulas simples e acessíveis. É um livro em que o homem silencioso, o homem que se cala, realiza mais do que o que discorre e o que discursa. Cfr. #Jó 2.13; #Jó 13.5.

Mas o autor, que recomenda, sem dúvida, a humildade perante o sofrimento, jamais advoga o desespero. Ele crê num Deus que pode satisfazer a necessidade humana. O aparecimento dos homens que vêm aconselhar Jó conduz à controvérsia, à desilusão e ao desespero; a revelação de Deus promove a submissão, a fé e a coragem. A palavra do homem é impotente para penetrar a escuridão da mente de Jó; a palavra de Deus traz luz e luz eterna. O Deus da teofania não responde a nenhuma das questões tão calorosamente debatidas em todo o livro; mas satisfaz a necessidade do coração de Jó. Não explica cada fase da batalha; mas torna Jó mais do que vencedor nessa batalha. (Ver comentário detalhado no princípio do capítulo 40).

Como os restantes livros do Velho Testamento, Jó anuncia-nos Cristo. Surgem problemas e ouvem-se grandes soluços de agonia a que só Jesus pode responder. O livro toma o seu lugar no testemunho de todas as idades e de todos os tempos: no coração humano existe um vazio que só Jesus pode preencher.

Jó-1.1

I. PRÓLOGO. Jó 1.1-2.13

a) Um homem bom num universo pecaminoso (Jó 1.1-5)

O caráter de Jó é singularmente enaltecido pelas palavras **sincero e reto** (1). Estes adjetivos sugerem-nos um homem íntegro, de elevada moral, amadurecido, equilibrado. (Cfr. a palavra **teleios** no Novo Testamento). Spurgeon podia ter dito de Jó o que disse de Gladstone: "Não cremos na infalibilidade de quem quer que seja mas é consolador poder estar certo da integridade de um homem".

A sua maturidade moral explicava-se pela sua profunda reverência a Deus. A profundidade da sua espiritualidade transparece na descrição da piedade que demonstrava em sua própria casa e entre os seus (vers. 5). O que no campo espiritual ambicionava para si, não o ambicionava menos para a sua família. Ao oferecer regularmente os seus holocaustos, Jó ia ao ponto de sacrificar também pelos filhos prevendo os pecados que eles pudessem ter cometido contra Deus. A expressão **no seu coração** (5) revela-nos, de forma impressionante, o caráter da sua espiritualidade-uma espiritualidade que nada tinha de superficial e o fazia a necessidade de orar: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro".

A sua estabilidade moral e espiritual tinha, como fundo, um universo seguro. A bênção de filhos (2), de grandes riquezas materiais (3), de harmonia e alegria entre os seus (4), tudo contribuía para sua felicidade. Poder-se-lhe-iam aplicar, sem reserva, as palavras do **#SI 1.3**.

>Jó-1.6

b) O céu principia a turbar-se (Jó 1.6-12)

Estamos perante um dramático concílio celestial no qual aparecem **os filhos de Deus** (6), isto é, os anjos, incluindo Satanás. Não se procure aqui a bem elaborada doutrina que, a respeito de Satanás, nos apresenta a teologia ortodoxa. Satanás não aparece como anjo caído mas como anjo que tem freqüente acesso ao céu (**#Jó 1.6; #Jó 2.1**). O nome **Satanás** (6) é precedido de artigo no original e certo tradutor verte "o adversário". Um conhecido professor sintetiza nas seguintes palavras o papel de Satanás: "na terra, é o

inspetor de Deus junto dos homens; no céu, o adversário dos homens junto de Deus". É um agente divino cujo dever é prestar a mais rigorosa atenção à virtude e ao vício dos homens. Aparece como o cínico supremo da corte celestial. As afetuosas palavras de louvor que Deus profere em relação ao Seu servo (cf. #Sl 149.4) provocam logo a diabólica pergunta: **Porventura teme Jó a Deus de balde?** (9). Os bens materiais que o rodeiam e põem a sua vida ao abrigo de dificuldades são, segundo Satanás, uma explicação suficiente para a sua piedade. Tirem-se-lhe os bens, e a piedade desaparecerá. Resume-se no seguinte a satânica acusação: a prosperidade material não é um elemento de acréscimo para a fé de Jó mas a própria raiz dessa fé. A destruição da raiz seria a morte da flor.

Deus aceita o desafio (12) mas o teatro de investigações não deve ir além das possessões de Jó, não deve estender-se à sua pessoa. Está pronto o palco no qual se desenrolará o drama a que iremos assistir e que é, afinal, todo o livro de Jó.

>Jó-1.13

c) Rebenta a tempestade (Jó 1.13-22)

Quatro rudes e desnorteantes golpes enchem de angústia o mundo de Jó. Os árabes (15), um raio (16), os caldeus (17) e um vendaval soprando do deserto (19) destroem-lhe rebanhos, servos e dor suprema-a sua própria família. Mas submerso pelas muitas águas da aflição, Jó podia ainda proferir as palavras que Bunyan põe nos lábios de Esperança quando este atravessa o rio da morte: "Sinto o fundo e o fundo é bom". Assim se provou a mentira das insinuações do adversário. À perda dos bens não se seguiu a perda da fé. A dor podia modificar-lhe o aspecto (20); mas não podia arrancar-lhe a consolação da fé. Jó recebe a aflição na atitude do adorador. Nessa atitude encontrou força para nos dar uma das mais belas expressões de submissão à vontade de Deus que jamais se plantou no fragrante jardim da fé (21). Na hora mais escura da sua vida podia ainda bendizer a Deus. Num espírito semelhante Alexander Woodrow pôde, numa hora de infinita tristeza, agradecer a Deus os trinta e um anos durante os quais Ele lhe emprestara Sandie, seu querido filho.

>Jó-1.21

Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá (21). A idéia geral encontra um paralelo em #1Tm 6.7. Mas o sentido exato da expressão não é

tão fácil. Talvez o **ventre de minha mãe** seja uma referência ao ventre da Mãe Terra, interpretação adotada por vários comentadores. Cfr. **#Gn 3.19. Nem atribuiu a Deus falta alguma** (22). Segundo outra versão "Nem acusou Deus loucamente" ou "com loucura". A palavra empregada no original transmite uma idéia de insipidez, falta de gosto e falta de discernimento moral. Algo de parecido com o que pretendemos dizer ao empregarmos a expressão "de mau gosto" ou o termo "deselegante".

Jó-2.1

d) A tragédia intensifica-se (Jó 2.1-8)

Um segundo concílio celestial garante ao inimigo a possibilidade de ampliar o teatro de investigação. Ele recusa-se a admitir o seu erro em relação à **sinceridade** de Jó (3), isto é, em relação à sua integridade ou, segundo outra versão, "lealdade". Para o Senhor, Jó acaba de ser passado pelo fogo e o seu caráter emerge, das aflições, mais puro que nunca. Mas o adversário queixa-se de que a provação não foi suficientemente forte, não foi radical. Acusa Jó de dureza, de insensibilidade. Até aqui a calamidade afetou apenas a vida dos outros. A sua pele foi poupada. Toque-se-lhe na pele e a tal integridade deixará de existir. **Pele por pele** (4) era, provavelmente um provérbio corriqueiro. As peles eram artigos muito usados em transações comerciais. Satanás acusava Jó de estar pronto a dar a pele dos outros-gado, servos, filhos -contanto que não tocassem na dele.

Ao adversário é concedida a oportunidade de justificar a sua acusação. Jó está nas suas mãos, à sua mercê. A identificação de doenças com nomes antigos não é tarefa fácil mas a opinião médica dos nossos dias sugere que a doença de Jó fosse um caso de furunculose estafilocócica generalizada. Nada poderia imaginar-se de mais angustiante, exasperante e deprimente. **A cinza** (8) é aqui uma referência ao vazadouro público que se situava fora dos muros da cidade. Aí se queimavam, a intervalos regulares, as imundícies e o lixo da terra. Era o ponto de encontro dos cães e do rapazio sem eira nem beira; aqueles, ávidos dos restos de carne que pudessem ainda encontrar agarrada às carcaças que para ali se atiravam; estes, sempre prontos a desenterrar e a aproveitar o que outros haviam lançado fora. Foi aí, nesse lugar de miséria e de refugio, que se sentou aquele que fora o maior **de todos os do oriente** (**#Jó 1.3**).

>Jó-2.9

e) Reações à tempestade (Jó 2.9-13)

1. A MULHER DE JÓ (#Jó 2.9-10). A perda da família, dos bens e por último da saúde do marido, arruina por completo a sua fé. Aconselha Jó a amaldiçoar a Deus mesmo que o castigo da blasfêmia seja a morte. A morte é preferível ao terrível estado em que vive. Assim se afunda, para Jó, mais uma coluna a que a sua fé poderia amparar-se. Já não pode contar com a solidariedade espiritual da mulher na violenta luta em que se empenha a sua fé. Resolutamente põe de lado a sugestão. Só os impiedosos a poderiam aceitar. Curva-se perante a soberana vontade de Deus e recebe, das Suas mãos, tanto a dádiva como a privação, tanto a carícia como o golpe. "Seja feita a Tua vontade" são palavras que Jó poderia ter proferido com uma intensidade de sentido nem sempre presente na oração cristã.

>Jó-2.11

2. OS AMIGOS DE JÓ (#Jó 2.11-13). Nem sempre se faz justiça aos amigos de Jó. A expressão "amigo de Jó" tem para nós um sentido fortemente pejorativo. Mas lembremo-nos de que quando a tempestade desabou sobre Jó-tempestade que pôs em fuga uma multidão de amigos só para os dias bons-esses homens foram leais à sua amizade. Eles haviam conhecido a alegria e a prosperidade de Jó e com ele se haviam regozijado; com ele agora haviam de chorar. O aspecto desfigurado do amigo enchia-os de angústia. Sete dias e sete noites o acompanharam em absoluto silêncio-um silêncio tecido de simpatia e de comunhão-prova iniludível do alto quilate da sua amizade. Esse ministério de silêncio foi para Jó um bálsamo que as palavras destruiriam depois (cfr. #Jó 13.5). Meditem nisto todos os que procuram confortar corações angustiados.

Jó-3.1

II. PRIMEIRO CICLO DE DISCURSOS Jó 3.1-14.22

a) Jó amaldiçoa a vida e bendiz a morte (Jó 3.1-26)

O grito que escutamos provêm de uma alma torturada pela mais dilacerante agonia. As palavras que neste e noutros discursos se proferem não devem ser minuciosamente dissecadas como se fossem deliberadas, cuidadosamente ponderadas e exprimissem as mais profundas convicções de Jó. Em breve Jó acusaria os amigos de aguçarem as armas da sua dialética nos discursos de um homem desesperado, discursos que ele próprio reconhecia serem **como o**

vento (#Jó 6.26). Ao assistirmos a este impressionante espetáculo de aflição, fixemos os nossos olhos, não em cada aspecto da tragédia, mas na agonia de espírito que está por detrás de cada um desses aspectos.

1. JÓ AMALDIÇO A O DIA DO SEU NASCIMENTO (#Jó 3.1-12). Deus lá em cima não tenha cuidado dele (4). É Deus quem chama os dias, na sua sucessão, tal como chama as estrelas (Cfr. #Is 40.26). Que o dia que chamou Jó à desgraça jamais volte a ser chamado! Contaminem-no as trevas e a sombra da morte (5). Preferível, "que as trevas e a sombra da morte lhe chamem seu". Negros vapores do dia o espantem (5). Trata-se de uma referência a eclipses. Não se goze entre os dias do ano... (6). Possa esse dia desaparecer do calendário, deixar de ser contado entre os alegres dias do ano! A voz do contentamento e da alegria havia festejado a sua entrada no mundo (cfr. #Jo 16.21). Mas que essa voz se cale para sempre e a escuridão e o esquecimento tomem aquela noite, a noite em que nasceu! Amaldiçoem-na aqueles que amaldiçoam o dia (8), isto é, os encantadores, aos quais era atribuído o poder de chamar a má sorte sobre certos dias. Pranto (8). Em certa versão a palavra aparece substituída por "leviatã", palavra que no capítulo 41 se refere ao crocodilo. Há quem veja aqui uma referência ao dragão da mitologia popular que, enrolando-se em volta do sol, podia causar eclipses. As pestanas dos olhos da alva (9). A alva é como uma formosa donzela. "Ah, quem me dera não ter nascido ou ter nascido morto!" é o grito dos versículos 10-12.

>Jó-3.23

2. AS AGRURAS DA EXISTÊNCIA. (#Jó 3.13-26). As tribulações da vida são contrastadas com o plácido sono da morte. Jó medita na morte e quanto mais pensa nela mais ela o fascina. Pensa naqueles que o acompanhariam nesse sono eterno: homens categorizados (14-15); crianças nascidas mortas (16); homens maus cujas paixões cessaram de os perturbar a eles (cfr. #Is 57.20) e aos outros; os cansados que acharam, enfim, o seu lugar de repouso (17); escravos para quem deixou de soar o estridente grito do opressor (18); os grandes e os pequenos, uma vez separados pelos preconceitos do mundo, agora lado a lado (19).

São Francisco de Assis podia, dirigindo-se à morte, dizer: "Tu, mui amável e doce morte". Jó podia ter empregado precisamente as mesmas palavras mas por razões diferentes. Para São Francisco a morte era uma criatura do seu Deus e Rei que ele podia chamar a louvar o Criador como as outras criaturas;

um marco iluminado pela radiância da imortalidade e apontar para o lar celestial onde belos e desconhecidos tesouros, acumulados por um grande amor-amor de Pai-aguardavam os homens. Mas para Jó a morte era uma evasão à vida, algo que o faria mergulhar no esquecimento, que libertaria a sua alma do "arco e da flecha da cruel fortuna". A luz e a claridade da vida surgem como um duvidoso privilégio. É uma luz que apenas põe em foco o triste destino daqueles a quem assaltou a miséria e a amargura (20). É uma claridade que escarnece daquele que se perdeu na vida, daquele que se sente prisioneiro da sua sorte, cercado por todos os lados, incapacitado, pelo próprio Deus, de fugir à sua desventura (23). Certo comentador observa com acuidade: "A luz, sem liberdade, não passa de uma pobre dádiva". A mais radiosa claridade é sempre um escárnio para o homem ou para o pássaro que, por estarem presos, não a podem gozar. Contraste-se a atitude implícita no versículo 23 com a de [#SI 118.5](#). Em Jó vemos o homem para quem a morte perdeu o seu terror e se tornou o mais alto e cobiçado tesouro. **Porque antes do meu pão vem o meu suspiro** (24). É provavelmente mais correta a seguinte versão: "os suspiros são o meu pão de cada dia". Cfr. [#SI 42.3](#). No vers. 26 substitua-se o tempo perfeito pelo presente.

Jó-4.1

b) Fala Elifaz (Jó 4.1-5.27)

1. ELIFAZ ACONSELHA JÓ ([#Jó 4.1-11](#)). JÓ quebrou o silêncio, Elifaz profere então palavras de conforto, de ânimo, de aviso. Espera que, fazendo-o, não ofenda o amigo. Fala movido pelo amor à verdade, constrangido por um sentido de dever para com o seu amigo, as suas convicções e o seu Deus (2).

>Jó-4.3

Começa por lembrar a Jó a missão que lhe coubera no passado e da qual ele se desempenhara brilhantemente. Jó conhecera o ministério aos abatidos, praticara-o com ardor. Soubera amparar os que trilhavam a via dolorosa. Agora que se encontrava no mesmo caminho, aplicasse a si as palavras de conforto que dirigira aos outros (3-5). Devia refugiar-se na consolação que lhe dava a sua religião e uma consciência tranqüila.

>Jó-4.7

Depois de se referir ao magnífico ministério de Jó junto dos necessitados, Elifaz dá então expressão aos pensamentos que lhe sugere a lamentação de Jó, esse terrível grito de angústia ainda presente na sua mente e no seu coração. Jó revelara um ardente e apaixonado desejo-o desejo de ser consumido pela morte. Mas, lembra Elifaz a morte repentina e inesperada é a porção dos maus, jamais a porção dos inocentes (7-11). Cfr. #Jó 5.26.

>Jó-4.12

2. RESPOSTA À CRÍTICA DE JÓ (#Jó 4.12-5.7). Elifaz replica às palavras que Jó proferira e nas quais estava implícita uma crítica a Deus, à forma como Deus procedera para com ele. Como pode o frágil e imperfeito homem mortal atrever-se a criticar as ações do seu Criador? Fortalece o seu argumento narrando, de forma impressiva, a visão que uma vez tivera (13). Aqui surgem divergências de interpretação quanto às circunstâncias em que se deu a visão: não é possível determinar se Elifaz estava adormecido ou acordado. A misteriosa voz demonstrara claramente todo o absurdo da pretensão do homem mortal: ser justo perante o seu Deus. A versão **mais justo do que Deus** (17) é gramaticalmente possível mas menos fiel à idéia. Jó nunca pretende ser mais justo do que Deus-pretensão absurda da parte de qualquer homem. Apenas lamentara uma miséria da qual pensava não ser merecedor. Mas quando os próprios servos celestiais de Deus são incapazes de O servirem de uma forma absolutamente perfeita, quando até esses falham, como ousa o homem na sua fragilidade e efemeridade, na sua sempre imperfeita busca de sabedoria, como ousa o homem insinuar pela sua conduta e pelas suas atitudes, a sua completa justiça, a sua intocável dignidade?

>Jó-4.19

Como a traça (19) ou "mais depressa do que a traça". Adote-se, para o versículo 21 a seguinte versão: "Não se arreia, dentro de si, a corda da sua tenda?" A morte é comparada ao levantar de uma tenda.

Jó-6.1

c) Jó responde a Elifaz (Jó 6.1-7.21)

1. JÓ SUPLICA JUSTIÇA (#Jó 6.1-13). Elifaz encara mal a impaciência com que Jó suporta o seu sofrimento. Jó acusa-o de olhar apenas para um dos pratos da balança. Elifaz censura o peso da sua impaciência: mas se ele

olhasse para o prato em que pesa a sua aflição, ele o encontraria incomensuravelmente mais pesado. **As minhas palavras têm sido inconsideradas** (3). Segundo outra versão, "Foram as minhas palavras precipitadas?" "Não se condene o grito do aflito antes de se tomar em conta a sua aflição" é o seu argumento. Jó sente-se como um homem cujo corpo estivesse crivado de flechas envenenadas disparadas pelo Todo-Poderoso. Não pode evitar que o veneno se lhe espalhe pelo corpo; não pode impedir-se de proferir palavras doridas e delirantes. Será a sua situação devidamente avaliada? Notem-se as palavras do vers. 4: **o seu ardente veneno o bebe o meu espírito**. O seu grito de agonia tem uma razão de ser. Não é o caso do homem que se lamenta sem razão. Ele perdeu o gosto da vida (6-7) que compara à comida insípida, sem sal. Mas a morte, pelo contrário, apresenta-se-lhe imensamente desejável. A perspectiva da morte é o seu único conforto (8-10). Note-se a seguinte tradução do versículo 10: "então conheceria eu o conforto; sim, exultaria na dor que não poupa; porque não neguei as palavras do Santo". Acentua-se, nestas palavras, a perfeita tranqüilidade com que Jó encara a morte, a sua total ausência de medo. A sua mente corre a encontrá-la, mesmo que para a conhecer tenha de franquear as cruéis e implacáveis portas da dor e da angústia. Nada tem a recear da morte nem do Deus cujos mandamentos jamais desprezou. A vida exigiu demais da sua força e da sua paciência. Ele Jó não pode lutar porque não é um super-homem com força de pedra e carne de bronze. Os seus recursos naturais esgotaram-se (11-13). Note-se esta versão do versículo 13: "Não desapareceu de dentro de mim tudo quanto poderia amparar-me? Não se me esgotaram todos os recursos?"

>Jó-6.14

2. **JÓ REPREENDE OS AMIGOS (#Jó 6.14-30)**. Um homem que se afunda ao peso da aflição deveria poder contar com a simpatia dos seus amigos. A Jó foi negada essa simpatia, essa compaixão. Numa imagem notavelmente apropriada, Jó compara os seus amigos a ribeiros endurecidos pela neve e pela geada do inverno (16), que se derretem quando o tempo aquece até que acabam por secar e desaparecer. Em seguida perpassam rapidamente perante os nossos olhos caravanas árabes, sequiosas, que se precipitam para os ribeiros apenas para conhecer a mais amarga das desilusões. Somem-se no deserto para aí perecerem (18-20). O vers. 18 é, segundo outra versão: "as caravanas que por eles passam, afastam se; sobem ao deserto e perecem".

>Jó-6.21

O vers. 21 sugere-nos uma razão para que os amigos de Jó se tenham tornado como cisternas rotas cujas águas desapareceram. O pavor provocado pela contemplação da miséria de Jó gelou-lhes a compaixão e a simpatia. Receiam que tomar o partido de Jó seja oporem-se ao Deus que pode atingi-los com calamidades semelhantes. Até ao fim deste capítulo desenhar-se-á um contraste entre o que Jó esperava dos amigos e aquilo que deles recebeu. Ele não lhes tinha implorado auxílio material (22,32) nem proteção do opressor e do tirano; tinha esperado, sim, simpatia genuína e uma atitude reta. Mas o melhor que deles recebera fora insinuações contra a sua integridade. Os amigos haviam cometido o erro de darem às suas palavras-palavras de um homem caído no desespero-uma interpretação literal, como se elas fossem friamente premeditadas (25-26). Ele está pronto a sustentar a sua integridade, a encarar o mundo de cabeça levantada, consciência pura e olhar firme. **Voltai** (29) quer dizer "mudai de atitude, procurai outro motivo para o meu sofrimento". No versículo 30 Jó pergunta: "Está, porventura, pervertido o meu senso moral? Não saberei eu distinguir entre o bem e o mal?"

Jó-8.1

d) Fala Bildade (Jó 8.1-22)

1. UMA REPREENSÃO (#Jó 8.1-7). Bildade exorta Jó a curvar-se perante a sabedoria da tradição. Em primeiro lugar repreende Jó pelas suas palavras impetuosas, palavras irrefletidas e insensatas como o vento-as quais envolvem uma crítica ao procedimento de Deus para com ele em particular, e para com toda a humanidade em geral. Bildade defende a absoluta justiça de Deus. O bem ceifará o bem, o mal ceifará o mal. Os filhos de Jó semearam a maldade; por isso foi trágica a sua colheita; Deus assim o quis. Mas semeie Jó o bem, adote Jó a humilde e suplicante atitude do arrependido, seja Jó **puro** e reto (6) e a colheita que ceifará não poderá sofrer comparação com as melhores colheitas anteriores; as bênçãos que o esperam serão superiores a todas já recebidas.

>Jó-8.8

2. A TRADIÇÃO (#Jó 8.8-19). "Escuta a voz do passado que dirá a última palavra sobre as grandes questões que ora discutimos" (8-10). Por detrás desta passagem está a convicção de que eles são seres de vida breve, ignorantes, recentes no mundo, desprovidos da sabedoria e da felicidade que caracterizavam as gerações passadas dos homens antediluvianos. A Jó se

oferecem, uma após outra, as preciosas pérolas dessa sabedoria do passado. Examine-as ele e aprenderá com elas. Os perigos que ameaçam o homem impiedoso são apresentados em imagens fortes e impressivas. Bildade não diz claramente "tu és esse homem", mas admite a possibilidade de haver impiedade em Jó. No versículo 12 descreve-se o que acontece à vegetação aquática que ficou isolada na margem do rio cujas águas recuaram. Essas plantas, ainda que de um verde tão puro e tão vivo, secam e morrem antes das outras. A esperança não salva o homem impiedoso (cfr. [#Rm 8.24](#)); antes o condenará, visto que a sua esperança não está em Deus mas em si próprio. É uma esperança ilusória e tão insubstancial como uma teia de aranha (14). A casa que ele sempre considerou sólida e duradoura, desmoronar-se-á subitamente a seus pés (15). Jó é como a planta viçosa atingida por súbita e inesperada destruição (16-18). O vers. 17 dá-nos a imagem duma planta cujas raízes se insinuam por entre as pedras em busca de terra profunda. [Alegria do seu caminho](#) (19). Segundo a Septuaginta, "este é o fim dos ímpios". A estar correta a nossa versão, as palavras de Bildade seriam irônicas ou referir-se-iam a uma alegria passada.

>Jó-8.20

3. O DESTINO DE JÓ ([#Jó 8.20-22](#)). É Jó um homem reto? Se assim é, o futuro reserva-lhe alegrias, Jó conhecerá ainda o regozijo. Só os ímpios, só aquele que vivem sem Deus, conhecem a calamidade absoluta. Descobrimos em Bildade dois graves defeitos que bastam para invalidar todas as suas palavras, para tornar essas palavras mais do que inúteis para Jó. Em primeiro lugar, falta-lhe aquela simpatia pela qual Jó ansiava. Trágica falta. A conclusão de que a família de Jó morrera vitimada por um castigo divino, castigo da sua iniquidade, era como uma espada a traspasar um coração Jó exausto de dor e de angústia. Jó sabia que era uma conclusão falsa. Em segundo lugar, Bildade estava totalmente enredado nas malhas da tradição. O passado absorvia-o de tal modo que o impedia de compreender que Jó procurava, tateantemente uma experiência de Deus mais rica e mais inteligente que tudo aquilo que ele, Bildade, pudera conhecer. Para Bildade a palavra divina fora já totalmente revelada; Bildade ter-se-ia mostrado hostil ao pensamento de que uma outra palavra, mais nítida e mais dinâmica, seria ainda proferida através de profetas, santos e apóstolos e, de uma forma única, através d'Aquele que era o próprio Verbo descido do céu.

Jó-9.1

e) Jó responde a Bildade (Jó 9.1-10.22)

1. COMO SE JUSTIFICARIA O HOMEM PARA COM DEUS? (#Jó 9.1-16). A impossibilidade de justificação perante Deus é o tema de todo este capítulo. Jó não se propõe responder, detalhadamente, a Bildade. Atém-se, antes, a um princípio de ordem geral, aceito por todos os seus amigos e exposto por Elifaz em #Jó 4.17, isto é, a impossibilidade de o homem mortal se apresentar justo perante Deus. Jó aceita a verdade do princípio (2) mas proclama em seguida a absoluta ausência de consolação que ele lhe traz. De que valerá ao homem tentar afirmar a sua inocência perante um Deus de infinita sabedoria a cujas perguntas-uma que fosse, em mil-jamais poderia responder? (3). Deus é também um Deus de infinito poder. Nas suas mãos estão os céus e a terra, dEle procedem maravilhas que o homem jamais pode entender. Justificar-se um homem perante esse imenso Deus? Quão fútil (4-10)! Quando Deus transfere a Sua atenção da natureza para o homem, o Seu poder exerce-se da mesma forma arbitrária, tudo arrebatada. Quando salta sobre a presa, quem ousará interpelá-lo (11-12)? Quando os mais fortes e audaciosos rebeldes são obrigados a capitular perante o poder de Deus, como pode ele, Jó, ou quem quer que seja, fazer-lhe frente com meras palavras por mais bem escolhidas que estas sejam (13-14)? **Os auxiliares soberbos** (13). Segundo outra versão, "Os auxiliares de Raabe". É possível que se trate de uma referência a um mito corrente segundo o qual, Raabe, monstro marinho, e os seus confederados, haviam sofrido tremenda derrota ao pretenderem assaltar os céus.

>Jó-9.15

E Jó prossegue dizendo que até a inocência absoluta, a inocência sem mancha, emudeceria perante Ele e quebraria o ameaçador silêncio apenas para implorar misericórdia (15). E Jó duvida que Deus desse ouvidos à sua voz mesmo que, respondendo à sua súplica, consentisse em ouvi-lo em algum tribunal (16).

>Jó-9.17

2. JÓ QUEIXA-SE DE DEUS (#Jó 9.17-24). Segue-se, de 17-24, uma terrível imagem de Deus: um Deus irado que castiga sem causa; que não lhe consente sequer respirar (18); que se apóia não na justiça mas na força (19); que destrói indiscriminadamente o homem mau (22); que se ri das torturas do inocente (23); que abandona a terra aos homens perversos e cobre o rosto dos juízes para que eles não vejam a iniquidade (24).

Como esperar uma resposta justa de um tal Deus? Jó é torturado pelo medo de que a sua perturbação o leve a confessar uma culpa que, na realidade, não tem (20-21). Note-se o versículo 21: **Ainda que perfeito, não estimo a minha alma; desprezo a minha vida.** Jó firma-se, corajosamente, na sua integridade. Não pode abandoná-la ainda que tenha de morrer por ela. **A coisa é esta** (22). É provável que o sentido seja o seguinte: "tanto faz morrer como viver. A vida tornou-se odiosa". Relacionem-se estas palavras com o versículo anterior.

>Jó-9.25

3. A BREVIDADE DA VIDA (#Jó 9.25-35). Jó deixa de meditar sobre os males do mundo para considerar a sua própria dor e a efemeridade da existência. Quando sentimentos mais otimistas tentam vir à superfície (27) Jó afoga-os de novo com a convicção de que Deus está determinado a considerá-lo culpado. Mais vale desistir de uma luta desigual. **E sendo eu ímpio** (29). Leia-se, segundo melhor versão, "Eu serei condenado; por que, pois, trabalharei em vão?" Jó acusa um Deus que está evidentemente determinado a submergir na imundície um homem que aspira, sinceramente à pureza de alma (31-32). "Ah, se Ele fosse homem e não Deus!" exclama Jó; "então saberia eu defender-me. Mas Ele é Deus e não existe entre nós dois um árbitro que me impeça de ser subjogado" (32-33). O capítulo termina com o triste retorno daquilo que poderia ter sido para aquilo que é: a crua realidade de um Deus que vibra, sobre ele, os Seus crudelíssimos golpes. Se Deus tirasse de sobre ele a Sua vara, então ele falaria sem medo, então ele afirmaria a sua inocência; porque a sua consciência está pura.

O anseio de que aquele Deus-o Deus de um além misterioso e aterrador-se revelasse ao homem de uma forma compreensível e humana, lembra-nos as palavras do poeta Browning em "Saul": "E a minha carne que procuro em Deus". No dramático grito de anseio por alguém que arbitrasse entre Deus e o homem vemos a intuição profética de "um mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem" (#1Tm 2.5). Só a encarnação e nada menos que ela, poderia dar a Jó a resposta por que ele ansiava. As palavras do versículo 33 apontam-nos forte e expectantemente para o presépio de Belém.

Jó-11.1

f) Fala Zofar (Jó 11.1-20)

1. JÓ É REPREENDIDO (#Jó 11.1-6). Zofar repreende bruscamente Jó pela prodigalidade das suas palavras loucas e vazias. Jó não pode esperar que elas sejam escutadas em silêncio por quem tem uma percepção espiritual superior à sua. Jó pretende ser puro e reclama essa pureza tanto para a sua doutrina como para a sua vida. Mas se Deus falasse, Jó veria completamente destruídas as suas pretensões. A sua pequenina e ridícula sabedoria humana apagar-se-ia ante a perfeição e a vastidão da sabedoria divina; e Jó acabaria por descobrir quão leve era o castigo da sua iniquidade.

>Jó-11.7

2. ZOFAR EXALTA A SABEDORIA DIVINA (#Jó 11.7-12). Certo tradutor dá-nos assim o sentido e a força desta memorável passagem: "Poderás tu desvendar os profundos desígnios de Deus? Alcançarás tu a vastidão da sabedoria do Todo-Poderoso? Mais alta é do que os céus-que és tu perante ela? Mais profunda é do que a morte-como a medirás tu? É maior do que a terra e mais larga que o mar" (7-9). É essa sabedoria que julga o homem na sua vaidade e o seu juízo é infalível. Submeta-se Jó ao processo que a divina sabedoria deseja levar a efeito nele, e haverá esperança de um fim feliz; isto, apesar da sua falta de entendimento que, tal como a de outros homens, é semelhante à da cria do jumento montês.

>Jó-11.13

3. UM APELO AO ARREPENDIMENTO (#Jó 11.13-20). Zofar exorta agora Jó a lançar para longe de si o seu pecado e passa a descrever as maravilhosas recompensas do arrependimento. Um dos resultados será poder olhar para o mundo de cabeça levantada, sem temor e sem pejo. Compare-se o vers. 15 com #Jó 10.15. O arrependimento levá-lo-á também ao esquecimento da miséria passada cuja escuridão será inteiramente vencida pela radiosa luz do presente (16-17); conduzi-lo-á à segurança e à esperança (18-19; cfr. #Jó 7.6). Mas sem arrependimento só uma esperança lhe resta: dar o seu último suspiro.

>Jó-11.18

Olharás em volta e repousarás seguro (18). A expressão sugere-nos o chefe de uma tribo que, antes de se recolher, olha em volta da sua tenda para se certificar de que nenhum perigo o ameaça.

Zofar é o dogmatista intolerante por excelência. Nele encontramos os dois defeitos característicos dos homens do seu tipo. Em primeiro lugar, tem demasiada confiança na sua posição religiosa. Não descobrimos quaisquer indícios de um reverente "não sei". Tem razão ao afirmar-se em contacto com a verdade (ver, por exemplo, a majestosa passagem #Jó 11.7-11 em que ele fala da ímpar e transcendente sabedoria de Deus). Mas erra ao supor estar de posse de toda a verdade. A razão dos sofrimentos de Jó é, para ele, tão desconhecida como para o próprio Jó. Em segundo lugar, falta-lhe humildade. Apressa-se a exortar Jó a ajoelhar e a admitir a limitação da sabedoria humana. Mas ao falar a Jó numa atitude de superioridade esquece-se de que a sua mente, que assim esquadrinha o sofrimento alheio, é igualmente limitada. Sem que o perceba, as suas deduções acerca da miséria de Jó ostentam maior estupidez-a estupidez da cria do jumento montês-que os mais agonizantes gritos do sofredor.

Jó-12.1

g) Jó responde aos seus amigos (Jó 12.1-14.22)

1. A SUPOSTA ONISCIÊNCIA DOS AMIGOS ESCANDALIZA-O (#Jó 12.1-12). Até aqui Jó pouca atenção deu aos sentimentos dos amigos. Mas agora resolve resistir à sua fácil e pretensiosa atitude opondo-lhes as suas próprias faculdades de crítica e recorrendo ao sarcasmo e à lógica. Quão fácil lhes é a eles abrir a boca e fazer ecoar os seus muitos lugares comuns nesse mundo ainda seguro, ainda aprazível, em que se encontram! "No pensamento do que está descansado há desprezo pela miséria; um desprezo pronto a visar aquele cujos pés vacilam" (outra versão do vers. 5). Fora ele salteador e não um homem religioso, talvez os homens o respeitassem mais. **Nas suas mãos Deus lhes põe tudo** (6). É de interesse a versão que, como alternativa se pode adotar: "os que trazem o seu Deus na mão". O único deus que esses salteadores adoram é o poder, simbolizado pela espada que com mão forte empunham.

>Jó-12.7

Jó mostra-se familiarizado com tudo que os amigos disseram acerca da sabedoria e do poder de Deus. Os próprios animais do campo o conhecem. A natureza o proclama em voz vibrante e uníssona (7-9). Também ele sabe que toda a vida está nas mãos de Deus (10). O problema que o angustia e que os amigos se recusam a enfrentar relaciona-se com a forma como Deus utiliza o

Seu poder. Que espécie de caráter dirige e orienta a operação desse poder? Jó não pode aceitar, sem as examinar e digerir, as opiniões dos outros; que lhe importam as mais respeitáveis tradições se elas se não impuserem ao seu paladar moral e espiritual? O vers. 12 pode ser uma alusão ao respeito de Bildade pela sabedoria das gerações passadas (#Jó 8.8-10).

>Jó-12.13

2. UMA DESCRIÇÃO DO PODER DIVINO (#Jó 12.13-25). Jó imagina o poder de Deus como força arbitrária, irresistível e devastadora, responsável pelas terríveis calamidades da terra; uma força que destrói a influência dos sábios, dos poderosos e dos respeitados; que os guia ao poder apenas para dele os fazer cair; que amarra os homens a chefes que os não sabem conduzir porque são como cegos tateando na escuridão ou como ébrios a quem o vinho obscureceu o entendimento. Procuramos em vão um princípio no qual se integre a atuação divina descrita por Jó e sentimos que se pretende que concluamos que, para Jó, nessa hora, esse princípio era inexistente. **A atadura dos reis** (18) é o grilhão com que eles escravizam o povo. É difícil de determinar o sentido exato do vers. 22. É possível que seja uma referência ao absoluto conhecimento de Deus dos mais recônditos segredos do coração humano. Cfr. #Is 29.15.

III. SEGUNDO CICLO DE DISCURSOS

a) Segundo discurso de Elifaz Jó 15.1-35

Jó-16.1

b) Jó responde a Elifaz (Jó 16.1-17.16)

1. JÓ CONSIDERA DESPREZÍVEL O CONFORTO RECEBIDO (#Jó 16.1-5). **Palavras de vento** (3). Elifaz acusou Jó de proferir palavras ocas e de se rebelar contra Deus. Jó devolve a acusação afirmando que também as suas consolações são ocas. Se em vez de ser o sofredor fosse o consolador, Jó oferecer-lhes-ia um conforto genuíno que lhes abrandasse a dor.

>Jó-16.6

2. JÓ DESCREVE A SITUAÇÃO DESESPERADA EM QUE SE ENCONTRA (#Jó 16.6-17). A sua miséria é apresentada de forma pungente.

Não há palavras nem há silêncio que o aliviem. O triste aspecto do seu corpo é a prova mais positiva de que caiu nas mãos do seu divino Antagonista. Note-se a seguinte versão da primeira parte do versículo 8: "Tu me lançaste a mão e me aprisionas-te, o que testifica contra mim". Na sua aflição ele sente que Deus o tem preso e o domina como a um animal selvagem; sobre si-presa impotente-está o ameaçador e faiscante olhar do adversário (9). A hostilidade de Deus encontra eco na hostilidade dos homens, "matilha de pequenos e insignificantes inimigos cujos latidos se fazem ouvir atrás dAquele que é e seu Inimigo-Mor". No fim do versículo 12 a imagem já é outra. Deus aparece qual frecheiro a despedir uma chuva de flechas que lhe atravessam as entranhas. **Os seus frecheiros** (13). Melhor, "as suas flechas". No vers. 14 a imagem é outra ainda. Deus é agora um guerreiro arremetendo repetidamente contra as muralhas que cercam a fortaleza da sua alma e rompendo-as. Estes ataques divinos condenaram-no a um luto e a uma humilhação constantes; contudo, semelhantes ataques visam a um homem inocente.

>Jó-16.18

3. A SUA FÉ TRIUNFA DE NOVO (**#Jó 16.18-21**). De novo Jó se ergue do abismo mais profundo para se elevar às mais sublimes alturas. As insinuações dos amigos não conseguiram fazê-lo separar-se da sua inocência. Agora nem as suas mais escuras dúvidas, nem os seus mais terríveis temores podem fazê-lo desistir do seu Deus. Quando uma morte injusta fizer descer à terra a sua vida inocente, a inocência do seu sangue erguer-se-á até aos mais altos céus (18). Cf. **#Gn 4.10**. E aí, no céu, ele vislumbra de repente, um divino Herói, um divino Simpatizante que estará pronto a afiançar a sua integridade. Dolorosamente ele apela para essa testemunha celestial suplicando-lhe que defenda a sua causa ante as insinuações dos amigos e dos terríveis golpes que Deus lhe desferiu-Deus que é responsável pelas suas aflições na terra. "Os meus olhos se desfazem em lágrimas diante de Deus; ah, se alguém pudesse fazer prevalecer a justiça da causa do homem perante Deus e a do filho do homem perante e seu próximo!" Este apaixonado desejo de uma testemunha celestial que estivesse do seu lado, aponta, de maneira impressionantemente profética, para o pensamento cristão de "um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo" (**#1Jo 2.1**). É a fé a perceber já a existência de um Deus que "é por nós". Também aqui só Jesus é a resposta para o fundo e angustiante problema de Jó. Cfr. **#Hb 9.24**.

>Jó-16.22

4. A BREVIDADE E AS TRIBULAÇÕES DA VIDA (#Jó 16.22-17.16). O apelo torna-se mais intenso e ganha força à medida que Jó se lembra de que os anos o vão impelindo, inexoravelmente, para a sepultura. Desvançam-se essas irrisórias esperanças dadas pelos amigos! Essas enganadoras esperanças de um futuro feliz, de um amanhã em que não haveria lembrança das aflições de hoje! Sim, desapareçam as esperanças dadas pelo homem! Só Deus lhe pode dar segurança, só Deus pode ser por ele!

Jó-18.1

c) O segundo discurso de Bildade (Jó 18.1-21)

Bidade nada tem a dizer de novo, sobretudo nada que possa interessar a Jó. A descrição do destino dos ímpios apenas pode falar ao coração do homem que se sente culpado.

1. INTRODUÇÃO (#Jó 18.1-4). Os vers. 2-4 introduzem o seu tema central e revelam até que ponto ele se ressentia da reação de Jó às consolações dos seus amigos. **Até quando usareis artifícios em vez palavras** (2). Bidade acusa Jó de procurar argumentos forçados, meras palavras desprovidas de sentido. Jó trata-os como se eles fossem animais irracionais ou gente desprezível.

Jó acusou Deus de o ter despedaçado (#Jó 16.9) quando, na realidade, é ele que se despedaça a si próprio. Subverter-se-ão as leis morais que regem o mundo para justificar as suas críticas a Deus e fazer prevalecer a sua inocência (4)?

>Jó-18.5

2. O DESTINO DOS ÍMPIOS (#Jó 18.5-21). No **primogênito da morte** (13) certo comentador vê uma referência à lepra. O sentido geral será: "o mais leal servidor da morte será seu inimigo". **Espalhar-se-á enxofre** (15). O mesmo comentador afirma: era costume espalhar sal nos lugares amaldiçoados; e o enxofre, próprio das cidades da planície, pode simbolizar aqui uma maldição mais profunda.

Jó-19.1

d) Jó responde a Bidade (Jó 19.1-29)

Alguém chama a este capítulo a linha de separação das águas que, até aqui, haviam corrido juntas. Do mais trágico sentido de abandono, Jó eleva-se à mais triunfante afirmação de fé.

1. DESCRIÇÃO DAS HUMILHAÇÕES SOFRIDAS ÀS MÃOS DE DEUS (#Jó 19.1-22). Ao dirigir-se de novo aos seus amigos a ira dá lugar à dor. Mesmo que ele tenha pecado o seu pecado não pode magoá-los a eles. **Dez vezes** (3) significa "repetidamente" (cfr. #Gn 31.7). Jó queixa-se de que Deus está determinado a humilhá-lo (6-12). **Eis que clamo: Violência!** (7). Em certa e expressiva versão: "Eis que clamo: Crime de Morte!" Não contente com prostrá-lo com o Seu antagonismo pessoal, Deus mobilizou um autêntico exército de cooperadores (12). Os parentes de Jó, os seus amigos íntimos, os seus servos e a sua própria mulher, todos o abandonam com repulsão e ele fica privado do afeto daqueles que mais significam para ele (13-19). **Filhos do meu corpo** (17). A tradução literal de **corpo** é "ventre". Esta palavra aplica-se, ocasionalmente, ao pai (cfr. #Sl 132.11). Dado que a morte da família de Jó foi já descrita, alguns vêem aqui uma referência aos netos de Jó e outros aos filhos de concubinas.

Completamente prostrado pela compreensão do absoluto estado de solidão em que se encontra, Jó apela, pateticamente, para a piedade dos seus amigos. A trágica relação entre Jó e os seus amigos transparece, clara, no versículo 21. Certamente, diz Jó, o seu conhecimento da dor com que Deus o aflige, devia comovê-los. Contudo, era essa mesma a razão por que, dada a inflexibilidade do seu credo, eles não podiam compadecer-se dele. Tinham de escolher entre o amigo e a fé. O versículo 22 é dos que na Bíblia melhor demonstram a vastidão da nossa dívida para com nosso Senhor Jesus Cristo no que diz respeito ao conceito que temos de Deus. Na nossa era cristã acusamos freqüentemente o nosso próximo de não ser "como Deus". Cfr. #Lc 6.35-36; #Ef 4.32. Mas Jó queixava-se de que os seus amigos eram demasiadamente parecidos com Deus. Na sua atitude para com o sofrimento que o afligia, atitude que se tornava cada vez menos compassiva, Jó parecia-lhe ver um reflexo da atitude de Deus, daquele Deus endurecido e cruel, indiferente ao peso de angústia com que o esmagava e conduzia ao desespero.

>Jó-19.23

2. A FÉ TRIUNFA DE NOVO (#Jó 19.23-29). Jó olha para o futuro para encontrar reacendida a esperança que o presente lhe nega. Se ao menos as suas palavras pudessem ficar gravadas! As gerações vindouras reagiriam mais

favoravelmente ao seu caso que a sua. Mas dramática e impressivamente tomamos consciência de que este homem não pode contentar-se com o mero pensamento de uma futura aprovação da humanidade. A sua consciência de separação do homem é infinitamente menos séria que a sua consciência de separação de Deus. Aí está a chave da agonia que invade todo o livro. Subitamente surge-nos a maravilhosa visão de Alguém que defenderá a sua causa, que o chamará das sombras do Seol nas quais penetrou em ignomínia, para lhe fazer ouvir o "não culpado" pelo qual ele ansiava e lhe dar a oportunidade de contemplar o seu Herói e Defensor (25-27). **Redentor** (25), Heb. **go'el**, é suscetível de outra tradução: "justificador". Certo tradutor verte: "Aquele que me defende". Outro comentador define assim o **go'el**: "O **go'el** era o parente consanguíneo mais próximo a quem a lei civil impunha o dever de redimir a propriedade ou a pessoa do seu parente e a quem a lei judicial obrigava a vingar o sangue desse parente quando este fosse injustamente derramado". **Por fim** (25). O hebraico ' **abaron** pode significar "último". Ver **#Is 44.6**. Mas também pode significar "mais tarde". A passagem não relega a justificação de Jó para algum dia longínquo, alguma ressurreição distante. Aponta meramente para uma justificação vindoura. Para **sobre a terra** (25) são possíveis várias traduções como "no pó", "na minha sepultura" etc. Cfr. **#Jó 7.21**; **#Jó 17.16**. Substitua-se **em minha carne** por "da minha carne". A expressão pode significar que Jó esperava assistir à sua justificação revestido de um corpo de carne ou ser espectador da cena como espírito desencarnado. "Sem a minha carne" é uma versão possível que se baseia nesta última interpretação. É fútil qualquer atitude dogmática no que diz respeito à interpretação da preposição que tanto pode significar "de", como "longe de". De qualquer modo o espectador da cena é de infinitamente menos importância central: ele estará presente, em plena posse da sua inteligência, a sua personalidade intacta, após ter descido à sepultura.

>Jó-19.27

Vê-lo-ei por mim mesmo (27). Pense-se aqui na magistral observação de Lutero: "a religião está toda nos pronomes pessoais". A Jó não interessam as opiniões alheias acerca de Deus. A expressão **por mim mesmo** é ainda suscetível de outra interpretação: "do meu lado" ou "a meu favor". **E não outros** (27). Noutras versões a expressão é substituída por "e não outro" e aparece depois e não antes do verbo. Assim: "Vê-lo-ei por mim mesmo e os meus olhos o verão e não outro". Certa versão apresenta para a expressão uma interessante alternativa: "e não como estranho". As palavras sugerem-nos um pensamento de grande beleza: Jó aguardava, com ansiedade, o tempo em que

o Deus do presente, que tantas vezes aparecia envolto em mistério, como um Estranho que em Si mesmo acumulasse imensidões de incompreensível hostilidade, se revelasse no Seu caráter autêntico, como Amigo que se apressasse a modificar a opinião desfavorável que por causa das aflições do momento presente, Jó tinha a Seu respeito. **Os meus rins se consomem dentro de mim** (27). A idéia de uma justificação futura é tão extraordinária, tão esmagadora, que Jó mal a pode suportar. Nenhum cristão pode ler os versículos 25-27 sem encontrar na passagem um eco dAquele que vive sempre "para interceder por eles" (**#Hb 7.25**), dAquele que "trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo Evangelho" (**#2Tm 1.10**). Sem dúvida que para Jó eram desconhecidas as jóias mais preciosas que as suas palavras encerram. Ele proferiu-as sem consciência do seu inteiro significado. Como disse alguém, "ele era como uma harpa cujas cordas fossem percutidas pelo vento".

O capítulo termina com um solene aviso. O Justificador de Jó castigará aqueles que se armaram contra ele certos de que haviam diagnosticado bem a verdadeira causa da sua aflição. Tanto na Septuaginta como em outras versões se lê "nele" em vez de "em mim" (28).

Jó-20.1

e) O segundo discurso de Zofar (Jó 20.1-29)

O discurso versa a efemeridade da prosperidade do ímpio e a inevitabilidade da condenação-discurso igualmente cruel e desprovido de interesse para o caso de Jó. Os pensamentos expõem-se com força, calor e impetuosidade. Todo o discurso se deve interpretar à luz da observação feita no versículo 2 "eu me apresso". A precipitação pode estar na base de uma visão incorreta do homem (cfr. **#Sl 116.11**) e de uma visão incorreta ou imperfeita de Deus. "Está na pressa a explicação da sua teologia", observa certo comentador referindo-se a Zofar. Tivera ele tempo de observar e de refletir, a sua conclusão seria: "alguns sofredores são santos"; tivera ele ainda mais tempo, poderia ter acrescentado: "e alguns são salvadores". Jó, o sofredor, aparece a uma luz falsa como Jó, o pecador. E a luz falsa que ilumina o homem, resulta de uma visão deturpada de Deus. O Deus de Zofar surge-nos como um Juiz impaciente, tão impaciente como o próprio Zofar. Diz o comentador atrás referido: "quando o zelote atribui às suas opiniões e aos seus sentimentos a estatura da divindade, o deus que vemos no trono do universo não passa de um Zofar infinitamente ampliado". **Os seus ossos cheios do vigor da sua juventude** (11). A morte prostra-o quando ele se encontra ainda em plena

virilidade. **Veneno de áspides sorverá** (16). Estas palavras pareciam sugerir-nos o ímpio mordido por serpentes cujo veneno é absorvido pelo seu corpo. **No seu ventre** (20); segundo outra versão, "na sua sofreguidão"; a sua sofreguidão leva-o a uma atividade sem descanso. No versículo 22 a Septuaginta e a Vulgata vertem: "toda a força da miséria virá sobre ele". **Arrancará o dardo do seu corpo** (25). Num esforço desesperado para salvar a vida ele arranca o dardo que lhe traspassou o corpo mas apenas para encontrar os esmagadores terrores da morte. **Um fogo não assoprado** (26) é uma tortura que se situa fora do plano humano, um fogo não acendido pelo homem. Cfr. **#Jó 1.16**.

Jó-21.1

f) Jó responde a Zofar (Jó 21.1-34)

1. INTRODUÇÃO (**#Jó 21.1-6**). As palavras de Zofar são para Jó como um aguilhão. Profundamente ferido, ele responde aos amigos mais pormenorizadamente do que em qualquer dos discursos do segundo ciclo. Suplica que o escutem atentamente. É essa a única consolação que deseja e espera deles (2). A sua tarefa é já muito penosa e a falta de simpatia e de cooperação humana apenas lhe intensificam a angústia; é que a sua queixa não é contra o homem mas contra o próprio Deus (4). Treme só de pensar no que a sua atitude representa mas não pode desistir dela, a honestidade obriga-o a encarar os tremendos fatos que a observação coloca perante si (6).

>Jó-21.7

2. A PROSPERIDADE DOS ÍMPIOS (**#Jó 21.7-22**). Jó contradiz desassombradamente a dogmática apresentação de Zofar da efêmera prosperidade dos ímpios (cfr. **#Jó 20.4,5,11**, etc.). Em cores fortes descreve a duradoura prosperidade do seu lar, da sua família, dos seus campos e dos seus rebanhos. E no fim dos seus dias descem tranqüilamente à sepultura (7-13). Tudo isto a despeito da sua impiedade, da provocação que a sua vida representou para Deus (14-15). De nada vale dizer, como os seus amigos decerto diriam para defender a sua posição, que os filhos dos ímpios sentirão o peso da ira divina. O fato implicaria a impunidade dos ímpios. Que poderia contar para eles, depois da sua morte, a felicidade ou infelicidade dos filhos? Subitamente, Jó acusa os amigos de presunção ao elaborarem teorias simplistas acerca do governo de Deus. Ao fazê-lo estão praticamente a ensinar a Deus como devia governar os homens em vez de encararem os fatos como

eles se apresentam em toda a sua realidade (22). Certa versão insere "vós dizeis" antes do versículo 16 e toma-o como objeção levantada pelos amigos. Semelhante inserção ocorre também antes do versículo 19a. Baseando-nos nesta interpretação o sentido de **o seu bem não está na mão deles** (16) será: é um bem que pode desaparecer de um momento para o outro, arrancado pela mão de Deus. Torne-se extensiva ao fim do versículo 17 e ao versículo 18 a interrogação do princípio do versículo 17. Jó põe em dúvida a objeção dos amigos. Adote-se para o versículo 19 a seguinte versão: "Vós dizeis: "Deus guarda a sua violência para seus filhos"; que o Senhor lhe dê o pago a ele, ao ímpio, para que o conheça".

>Jó-21.23

3. OS FATOS TAL COMO JÓ OS VÊ (#Jó 21.23-34). Certos homens morrem em prosperidade, inteiramente tranqüilos e em paz; outros morrem na mais abjeta das misérias. A quem cabe o direito de concluir que os primeiros colhem os frutos da virtude e os segundos os do vício? Tal conclusão é puramente teórica, não baseada nos fatos, facilmente destruída pelo testemunho dos que possuem um largo conhecimento dos homens e da vida. Estes podem indicar casos em que a maldade e a impiedade parecem ser compensatórias. Dadas estas circunstâncias, que conforto pode ele esperar encontrar nas generalidades referidas pelos amigos baseadas em casos que convêm aos seus argumentos e que convenientemente ignoram aqueles que se lhes opõem? (34).

Leia-se o versículo 30 de acordo com a seguinte versão: "que o mau é preservado no dia da destruição e socorrido no dia do furor?" Os versículos 32 e 33 descrevem as honras que depois da morte são conferidas ao ímpio. A sua sepultura é cuidadosamente guardada; o sucesso que obteve na vida provoca a admiração e os seus caminhos são largamente imitados. **E vigia no túmulo** (32). Preferível, "e o seu túmulo será guardado".

Jó-22.1

IV. TERCEIRO CICLO DE DISCURSOS JÓ 22.1-31.40

a) Terceiro discurso de Elifaz (Jó 22.1-30)

1. A RAZÃO DO SOFRIMENTO (#Jó 22.1-5). Elifaz passa a demonstrar que deve existir uma razão para as aflições humanas. A chave do problema não

pode estar em Deus visto que a moralidade humana não pode afetar a Sua onipotência divina. A explicação deve, pois, estar no próprio homem. Estará Jó a ser castigado pela sua piedade? Inconcebível! A causa será então a sua impiedade (5). **Pelo temor que tem de ti** (4). Leia-se "pelo teu temor dEle", isto é, "pela tua religião".

Para Elifaz, a resposta à pergunta formulada no versículo 3 é tão indiscutivelmente negativa quanto seria claramente afirmativa para os escritores de passagens como **#Jr 31.20, Os 11.8; #Mt 23.37** etc. Na sua opinião, Deus, majestoso e distante, habitando nas mais inacessíveis alturas, não podia estar diretamente interessado na virtude ou nos vícios do homem. Cfr. **#Jó 7.20**. Elifaz jamais poderia dizer: "Deus amou o mundo de tal maneira..." Diria apenas: "Deus legislou e decretou de tal maneira". Ele não tinha perante si uma cruz do Calvário que o informasse do amor e da angústia de Deus ante o pecado dos homens e da Sua alegria quando estes aceitam a reconciliação que Ele lhes preparou. Elifaz nada sabia dos milagres que são a glória do Cristianismo-"a eleição do homem, a sua elevação do nada, da pura inexistência, até à estatura de bem-amado de Deus e, por conseguinte, (em certo sentido) de objeto querido e necessário a Deus que, não fora aquele ato, nada desejaria e de nada necessitaria visto que Ele é em Si mesmo e em Si mesmo possui o eterno bem".

>Jó-22.6

2. **JÓ É ABERTAMENTE ATACADO (#Jó 22.6-20)**. Agora que se aventura a declarar abertamente o que até aqui apenas insinuara, Elifaz prossegue no ataque especificando as suas acusações. Atribui a Jó as violências características do tirano oriental. Apresenta-o como personalidade equívoca, como homem dado à prática do jogo duplo (6-9). Essa iniquidade é a origem das suas presentes calamidades (10-11). Em vez do render ao Senhor dos mais altos céus o preito que Lhe é devido (12) Jó concluiu erradamente que a distância a que Ele se encontrava era garantia de uma pouco rigorosa fiscalização dos assuntos terrenos (13-14). Como consequência, trilhou o caminho dos ímpios (15). Ora o fim desse caminho é a perdição (16). A consciência moral do homem reto aprova o julgamento de Deus (19). O versículo 15 está intimamente relacionado com os versículos 12-14. Certo tradutor dá-nos a seguinte adaptação: "é esse o caminho que escolhes, o caminho trilhado pelos homens iníquos do passado?" Muitos investigadores consideram os versículos 17 e 18 uma adição ao texto original. As palavras destes versos lembram-nos fortemente as proferidas por Jó em **#Jó 21.7-16**.

Notem-se, especialmente os versículos 14 e 16. As palavras da primeira parte do versículo 18 soam particularmente estranhas nos lábios de Elifaz e é certo que o versículo 19 seguir-se-ia mais logicamente ao versículo 16 que ao versículo 18.

>Jó-22.21

3. ELIFAZ EXORTA JÓ AO ARREPENDIMENTO (#Jó 22.21-30). Mas eis que, à rigidez e crueldade das suas palavras se opõe, subitamente, um elemento novo. Segue-se uma passagem prenhe de beleza e verdade espiritual uma vez esquecida a sua estreita aplicação ao caso de Jó e interpretada em termos gerais. O homem encontra paz autêntica não na iniquidade mas no perdão dos seus pecados (21,23); na aceitação da verdade revelada por Deus (22); num humilde retorno a Deus (23) e através de uma nova noção de valores em que a preciosidade do tesouro divino eclipsa tudo o mais (24-25). Uma tal paz trará consigo alegria (26), comunhão com Deus (27), triunfo e serviço ao próximo (28-30).

A lei (22) ou "instrução"; no hebraico não está presente o artigo definido. A beleza do pensamento contido nos versículos 24 e 25 é posta em relevo pela seguinte tradução: "Deposita o teu tesouro no pó e o ouro de Ofir entre as pedras dos ribeiros; e o Todo-Poderoso te será por ouro e por prata amontoada".

Jó-23.1

b) Jó responde a Elifaz (Jó 23.1-24.25)

1. JÓ ABRE O SEU CORAÇÃO (#Jó 23.1-17). Ele não é um rebelde contra Deus; não se queixa pelo simples prazer de se queixar. Esforçou-se, na verdade, por conter os seus gritos de protesto, mas foi a miséria que lhos arrancou. **A violência da minha praga mais se agrava do que o meu gemido** (2). Lit. "a minha mão pesa sobre o meu gemido", isto é, "eu procuro dominar-me". Se se revolta, é contra o que parece ser a arbitrariedade da ira divina. Assim, nos versículos 3-7 Jó exprime um apaixonado desejo de encontrar o Deus da graça. Esse Deus procederia compreensivelmente para com ele e faria justiça à sua causa; não o paralisaria de terror exibindo o Seu terrível poder. O grito que se desprende destes versículos provém de um homem que busca ansiosamente a Deus; ninguém, a não ser Jesus, lhe pode responder porque é nEle que Deus toma a iniciativa de vir ao encontro do homem. Cfr. #Jó 14.9.

Os versículos 8-12 exprimem a frustração do seu desejo de encontrar a Deus. Resultam infrutíferos os mais incansáveis esforços para promover o encontro por que ele anseia; e todavia Deus tem ao seu alcance os meios para conhecer a integridade do seu coração. Ele sabe o meu caminho (10). Lit., "o caminho que está em mim". De acordo com outra versão, "Ele sabe como eu vivo". **Prove-me e sairei como o ouro** (10); não se veja, nestas palavras, uma referência ao ouro que resiste, intacto, ao purificante fogo do sofrimento; tão pouco se veja uma arrogante alusão, da parte de Jó, à absoluta perfeição da sua natureza. Estas palavras são antes uma resposta às insinuações dos amigos. Eles afirmavam que Jó estava a sofrer o castigo de impurezas ocultas, pecados que havia conseguido esconder dos homens. De acordo com a sua opinião Deus estava, por meio dos sofrimentos que lhe enviava, a revelar a sua iniquidade.

>Jó-23.13

Nos vers. 13-17 o desejo de encontrar a Deus parece um tanto obscurecido. Jó descobre-se a subir, fatigantemente, o monte da predestinação "com os seus altos e gelados cumes". O seu sofrimento foi determinado por um férreo e divino decreto. O sentido exato do versículo 17 não nos parece claro. Eis a interpretação de certo comentador: "o meu abatimento não nasce das trevas nem de mim, nelas imerso". Se adotarmos esta versão, o versículo significará que, para Jó, o mais obscuro problema não era a escuridão da calamidade que o rodeava nem a escuridão que o invadira a ele próprio, mas antes a sensação de que Deus agia arbitrariamente.

Jó-25.1

c) O terceiro discurso de Bildade (Jó 25.1-6)

Bildade ignora os argumentos de Jó e esforça-se, antes, por levar Jó a prostrar-se ante o poder de Deus (2-3). Quando os mais poderosos corpos celestes tremem na Sua presença, humildes e submissos, como pode o homem, na sua insignificância e corrupção, olhar para cima, confiante na sua pureza, sem medo do que a luz possa revelar (4-6)? Cfr. **#Jó 4.17** e segs. e **#Jó 15.14** e segs. Bildade poderia ter cantado com emoção:

Eterna Luz, Eterna Luz!

Quão pura deve ser a alma

Que perante o Teu perscrutante olhar

Não vacila, antes, em perfeita quietude,

Se deleita e vive e Te contempla!

Há verdade no discurso, mas uma verdade que, com o sentido que Bildade lhe atribui, de nada serve a Jó. Este jamais afirma a sua total pureza, a sua total ausência de pecado; afirma, sim, a ausência daquele pecado que os amigos suspeitam nele.

Jó-26.1

d) Jó Responde a Bildade (Jó 26.1-14)

Jó demonstra compreender perfeitamente as palavras de Bildade acerca do poder de Deus. A controvérsia que ele vem sustentando não se baseia numa compreensão da onipotência divina inferior à dos amigos; explica-se, antes, pela honestidade com que ele encara certos enigmas da vida que eles não notam ou propositadamente ignoram. Certo comentador dá a esta seção o seguinte título: "Jó rivaliza com Bildade na exaltação da grandeza de Deus".

>Jó-26.2

Os versículos 2-4 são marcadamente sarcásticos. As palavras de sabedoria que foram dirigidas a Jó devem, na verdade, ter sido inspiradas por alguma grande personagem! Os vers. 5 e 6 falam da operação do poder divino nos abismos. **Os mortos tremem debaixo das águas** (5). A palavra hebraica é **repba'im**. Refere-se ao povo pré-israelita (#Gn 14.5; #Gn 15.20) e pode também referir-se aos mortos (#Sl 88.10). Há quem mantenha que a palavra era aplicada pelos israelitas a pessoas que a morte havia levado ou a pessoas acerca das quais pouco se conhecia. **Perdição** (6). Heb. ' **abhaddon**. É um sinônimo de Seol, palavra traduzida por **inferno** no mesmo versículo.

>Jó-26.7

Nos versículos 7-13 Jó mostra que o céu, a terra e o mar, todos dão testemunho do poder de Deus. Quão poderoso deve ser o Deus de um universo ordenado! **Abate a sua soberba** (12), ou, de acordo com outra versão, "fere a

Raabe". Ver 9.13n. **Pelo seu espírito ornou os céus** (13). Trata-se de uma referência ao vento divino que dispersa as nuvens e aclara o céu. **A sua mão formou a serpente enroscadiça** (13). Melhor, "A sua mão traspassou a serpente fugitiva". Ver 3.8n.

>Jó-26.14

O versículo 14 termina o capítulo de uma forma altamente impressionante. Certo tradutor dá-nos a seguinte versão: "E tudo isto é apenas a orla da sua força o mais ligeiro murmúrio que acerca dEle nos é dado escutar! Quem pois entenderá o completo trovão do seu poder?" A idéia é que, por mais detalhadamente que se descrevessem as mais exatas impressões do poder de Deus, haveria sempre mais, infinitamente mais, a dizer.

Jó-27.1

e) Jó responde aos amigos (Jó 27.1-31.40)

Talvez possamos imaginar aqui uma pausa. Jó espera, em vão, por um discurso de Zofar; mas os amigos disseram já o que tinham a dizer. Seguem-se duas réplicas gerais aos amigos, introduzidas pelas mesmas palavras. **E prosseguindo Jó em sua parábola (#Jó 27.1; #Jó 29.1).**

1. **JÓ REAFIRMA A SUA INOCÊNCIA (#Jó 27.1-6)**. Jó repudia mais uma vez as insinuações ou acusações diretas dos amigos. As suas palavras são introduzidas pelo que certo comentador considera "a mais extraordinária forma de juramento das Escrituras". Ele jura por um Deus que o privou do seu "direito", palavra traduzida por **causa** no versículo 2. Fica-nos assim uma notável imagem do homem cuja fé o acompanha na tempestade, que ainda pode chamar seu a um Deus que ele é tentado a julgar que o abandona. Ele não pode duvidar da realidade de um Deus Todo-Poderoso nem do fato de que esse Deus governa o mundo; é o modo como Ele governa e em particular a aplicação desse governo a si próprio, que constitui, para ele, o maior dos enigmas. As angústias do momento presente não podem explicar-se pelo seu pecado.

>Jó-27.7

2. **O FIM DOS ÍMPIOS (#Jó 27.7-23)**. Esta passagem apresenta-nos certas dificuldades. É difícil compreender a relação existente entre a afirmação de

inocência feita por Jó e esta descrição do fim dos ímpios. Os amigos haviam mantido que a iniquidade estava sempre na origem da adversidade e haviam, por isso, negado a inocência de Jó. A sua acusação era a consequência lógica do princípio que os informava. E eis que, sem uma palavra de aviso, Jó nos aparece como fervoroso adepto do mesmo credo. Em segundo lugar a passagem contradiz, declaradamente, tudo o que Jó dissera já sobre a prosperidade dos ímpios. Cfr. #Jó 21.22 e segs. #Jó 24.1 e segs., e note-se o contraste entre #Jó 27.14 e #Jó 21.11. Em nenhuma outra parte do livro se encontram, nos discursos de Jó, versículos paralelos a estes. Por outro lado, a passagem soaria perfeitamente natural nos lábios dos amigos. Há duas alternativas. Podemos argumentar que Jó pode ter modificado a sua maneira de pensar. "Ele fortalece todos os argumentos dos amigos", comenta alguém. No capítulo 26 encontramos-lo a rivalizar com Bildade na exaltação da grandeza de Deus sem renunciar a um credo mais elevado. Talvez com a presente passagem o autor quisesse apresentar-nos um Jó simpatizante com a verdade geral dos sentimentos dos seus amigos, mas recusando-se a aceitar a arbitrariedade e a estreiteza da sua aplicação dos mesmos. Por outro lado muitas autoridades bíblicas mantêm que a passagem se encontra aqui deslocada e atribuem-na a Zofar. Desse modo cada um dos amigos de Jó falaria três vezes.

>Jó-27.11

Concernente à mão de Deus (11). As palavras têm um acento estranho. Quem as profere empreende a tarefa de ensinar aqueles cujos discursos passados revelam o seu perfeito conhecimento da matéria. **Como a traça** (18). Leia-se, do acordo com a versão siríaca e a Septuaginta "como a aranha". **A cabana** (18); habitação frágil edificada pelo guarda da vinha. Note-se a versão da Septuaginta para o versículo 19a: "Rico se deita, mas rico não voltará a deitar-se". **Seus olhos abre e ele não será** (19b); os seus olhos, mal vislumbram a destruição que se aproxima, fecham-se para sempre. O bater de palmas (23) é um gesto de indignação. Ver por exemplo, #Nm 24.10.

Jó-32.1

V. A ADVERTÊNCIA DE ELIÚ Jó 32.1-37.24

Muitos especialistas mantêm que esta seção é uma interpolação proveniente doutra pena; fazem-no pelas seguintes razões: não se menciona o nome de Eliú nem no Prólogo nem no Epílogo; há diferenças de ordem lingüística e

estilística que isolam a seção do resto do livro; os discursos de Eliú-afirma-se-nada acrescentam ao que foi dito.

Em contrapartida, muitas são as autoridades que se batem pela originalidade dos discursos. Parece altamente improvável que um autor posterior, escrevendo com conhecimento das atividades satânicas mencionadas no Prólogo ignorasse este por completo.

Eis alguns traços característicos dos discursos de Eliú: uma profunda atmosfera de reverência a Deus; uma concepção de pecado mais profunda do que a que aparece em qualquer dos discursos anteriores; o aparecimento de Deus como Mestre (#Jó 35.11 e #Jó 36.22) determinado a conduzir o homem através da disciplina do sofrimento a uma vida mais rica de sabedoria. Certo comentador afirma que o supremo objetivo dos discursos é denunciar a mais perigosa das características de Jó-característica potencialmente perigosa -o orgulho espiritual (#Jó 33.17 e #Jó 36.9). O valor sanativo do sofrimento, já referido, embora, noutros discursos, é aqui notavelmente posto em relevo.

a) A razão da intervenção de Eliú (Jó 32.1-22)

Em todo este capítulo Eliú pretende demonstrar a sua relutância de entrar em cena, a simples e pura necessidade de o fazer. É a incapacidade que os outros mostram de responder às dúvidas e aos temores de Jó que o forçam a entrar na controvérsia. Ao escutar as palavras que haviam sido proferidas, uma dupla ira se lhe acendera no peito-contrá Jó, por causa do olhar firme que ele ousava levantar ao céu e contra os amigos pela sua impossibilidade de refutarem os argumentos de Jó. As palavras que ouvimos provêm de um homem irado, ira que o autor não deixa de sublinhar e acentuar. Nos versículos 2-5 quatro são as referências a essa ira. Se nos lembrarmos deste fato, as acusações de auto-exaltação tão freqüentemente feitas a Eliú perderão um pouco a sua razão de ser. Certo comentador, por exemplo, considera-o "um jovem extremamente enfatuado e arrogante". (A auto-exaltação referida baseia-se sobretudo, nos versículos 14,17-18). Mas a ira facilmente arrasta o homem para lá dos limites da sensatez e da humildade. Lembremo-nos também de que as palavras são as dum oriental e se dirigem a ouvintes orientais. Nestas circunstâncias, a auto-exaltação, tão claramente detectada por ouvidos ocidentais, não terá aqui valor especial. Certo comentador vê na introdução ao discurso "pouco mais que um conjunto de fórmulas escolásticas, frases que se empregavam correntemente na polêmica".

>Jó-32.6

Nos versículos 6-12 Eliú dá as razões do seu silêncio, da sua não intervenção no debate até ao momento presente: fora o respeito natural do jovem pelos cabelos brancos dos amigos de Jó que selara os seus lábios. Mas eis que um respeito mais elevado se sobrepunha a este: o respeito pela vontade de Deus a qual se manifestava tanto a jovens como a homens idosos (8). Aqueles que são superiores em idade nem sempre são superiores na apreciação das coisas do espírito. Ele já não podia manter-se silencioso porque o silêncio, agora, significaria mais respeito pelos homens do que pelo seu Deus. E Eliú não podia ser desleal a si próprio (21-22). Homens mais velhos e mais experientes não tinham podido vencer a resistência de Jó. Não se conclua, por isso, que a fortaleza em que Jó se encerra, é inexpugnável. Não digam os homens: "ele venceu-nos! Só Deus e não o homem o poderá vencer a ele!" (13). Jó ainda terá de suportar o ataque de Eliú.

Os versículos 17-21 descrevem vividamente o violento sentimento de dever que se apoderara de Eliú, o dever de comunicar o que ele cria ser a vontade de Deus. Cfr. [#1Co 9.16](#). Ele sentia-se constrangido a falar. Só as palavras poderiam aliviá-lo do peso que o oprimia (19-20).

Jó-33.1

b) Eliú denuncia a atitude de Jó em relação ao seu sofrimento (Jó 33.1-33)

Nos primeiros versículos deste capítulo Eliú declara-se, em primeiro lugar, absolutamente sincero-as palavras sair-lhe-ão diretamente do coração (3). Em segundo lugar, reconhece estar precisamente no mesmo plano que Jó, em inteira dependência de Deus (4,6). Adote-se para o versículo 6 a seguinte tradução: "sou, para Deus, o que tu és!" Jó queixara-se de que o espetáculo do poder divino o paralisava e apavorava (cfr. [#Jó 9.34](#); [#Jó 13.21](#)) impossibilitando-o de se justificar perante Deus tanto em pensamentos como por palavras. Mas no combate verbal a que Eliú o chamava, esse terror não pesaria sobre ele (7). Aquele que neste momento o atacava era um homem como ele.

>Jó-33.8

Nos vers. 8-13 Eliú repreende Jó pela afirmação da sua integridade e por acusar Deus de hostilidade para com ele. Tal acusação ao grande Deus, cuja grandeza transcende incomensuravelmente o poder ou a sabedoria do homem, é inteiramente infundada. Contudo Jó parece ter concluído que esse Deus assumiria o papel de contendor como qualquer homem numa insignificante querela! Mas Deus, que não fala como contendor, falará (como Deus poderoso que é) através do ministério da misericórdia. Todavia Jó negou esse mesmo fato. Note-se a seguinte tradução do vers. 13: "Porque o censuras tu de Ele não dar contas de nenhum dos Seus feitos?" Nos vers. 14-30 Eliú refere-se aos vários meios de que Deus-que é um Deus paciente-se serve para se manifestar ao homem. Em primeiro lugar, fala por sonhos e por visões através dos quais imprime o selo das suas instruções na mente humana (16) e afasta o homem de caminhos que, não fora a Sua intervenção, o conduziriam à morte e à destruição (17-18). Em segundo lugar, fala pelo sofrimento (19; cfr. #Hb 12.6). O sofrimento pode levar o homem a aborrecer o próprio pão que o alimenta (20), pode consumir-lhe a carne (21), pode arrastá-lo até às portas da morte onde o esperam os anjos da destruição (22); mas por esse mesmo sofrimento pode Deus falar à alma. O vers. 23 fala da intervenção de um anjo de misericórdia que arrebatava aos anjos destruidores a sua presa explicando ao sofredor o significado do castigo e ensinando-o a suportá-lo com coragem. **Um entre milhares** (23); a expressão não comporta qualquer idéia de proeminência; traduz, pelo contrário, a existência de um incontável número de anjos ministradores de misericórdia sob as Suas ordens e prontos a executar a Sua vontade.

>Jó-33.24

Os vers. 24-30 falam-nos dos resultados que se seguem a uma atitude boa por parte do sofredor ante o misericordioso procedimento de Deus para com ele. Primeiro é o corpo que recupera a saúde (25). Depois é restaurada a saúde da alma com aquela alegria que inevitavelmente a acompanha (26). O homem vê então restituída a sua inocência perante Deus. Em terceiro lugar, a alegria íntima traduz-se num testemunho feliz: os outros saberão o que Deus fez à sua alma (27-28). Leia-se o vers. 27 de acordo com esta tradução: "ele canta perante os homens e diz: 'pequei e perverti o direito mas não me foi retribuído segundo a minha iniquidade"'. Cfr. #Sl 103.10. **Mas Deus livrou a minha alma** (28). Melhor, "Mas Deus redimiou a minha alma". Em seguida Eliú desafia Jó a falar no caso de ele ter alguma coisa a dizer (31-33). "Fala, porque bem desejaria ver-te justificado" (outra versão de 32b). Mas se os seus lábios não podem proferir palavras de sabedoria, então que seja Jó a escutá-lo.

Jó-34.1

c) Um resumo das queixas de Jó (Jó 34.1-9)

O desafio lançado por Eliú é acolhido em profundo silêncio, pelo que ele prossegue na sua acusação. Começa por fazer um apelo a todos os ouvintes inteligentes. Distingam-se as palavras verdadeiras das palavras falsas. A qual destas duas categorias pertencerão as palavras proferidas por Jó? Eliú condensa os discursos de Jó em duas queixas: na primeira Jó acusa Deus de ter sido injusto para com um homem inocente desferindo-lhe, por puro capricho, um golpe mortal (5-6). Tal queixa, diz Eliú, apenas denuncia a incomparável e insaciável sede de zombaria de Jó (7), homem de opiniões errôneas; estas são, de resto o melhor e mais significativo comentário à espécie de companhia que ele tem cultivado (8). Em segundo lugar, Jó lamenta-se de que **de nada aproveita ao homem o comprazer-se em Deus** ou, segundo outra versão, "ser amigo de Deus" (9).

>Jó-34.10

d) Eliú refuta a primeira queixa (Jó 34.10-33)

Jó queixa-se de que Deus procedeu injustamente para com ele. Com toda a convicção de que é capaz a sua piedosa natureza, Eliú afirma que Deus é justo e que colocou o homem num universo moral (10-12). O homem colhe o que semeia, seja a sementeira boa ou má. Baseia a sua afirmação em várias considerações. Em primeiro lugar, a autoridade absoluta só a Deus pertence. Não lhe foi passada por qualquer outra entidade poderosa (13). Se assim fosse, o Seu governo poderia ser caracterizado pela indiferença ou pelo egoísmo. Mas egoísmo da parte de Deus equivaleria à destruição instantânea do universo (14-15). Para o vers. 14a adote-se a versão: "Se Ele pusesse o Seu coração em si mesmo". A vida humana deve a sua existência e manutenção ao fôlego de Deus. Onde pois se encontrará motivo de injustiça num tal Deus?

>Jó-34.17

Argumenta, em seguida, que a própria persistência do domínio divino pressupõe justiça nesse domínio (17). A acusação de injustiça já é séria quando visa a monarcas terrenos (18), pois que a justiça indevidamente ou injustamente administrada tem em si as sementes da ruína (cfr. **#Mt 12.25**);

mas que se dirá quando essa acusação visa ao próprio Deus, o Criador de todos os homens, sejam eles ricos ou pobres, príncipes ou mendigos, que não faz acepção de pessoas e de todos cuida igualmente? (19). Como é possível apodar de injusto um tal Deus?

>Jó-34.20

Até agora Eliú explorou um terreno de certo modo teórico. Mas em breve passa a considerações de caráter mais prático. A onisciência de Deus, é uma garantia da sua justiça (20-28). Príncipes e plebeus sentem igualmente o peso do poder divino. **Sem mão** (20) significa "sem instrumentalidade humana". Interprete-se o versículo 23 à luz do anseio de Jó expresso em **#Jó 24.1**: "Por que não estabelece, o Todo-Poderoso, tempos de Juízo?" O conhecimento divino dos caminhos do homem e a sentença que sobre eles pronuncia são simultâneos.

>Jó-34.29

No vers. 29 Eliú passa da contemplação geral da atuação divina na história para o caso de Jó. Nas palavras **seja para com um homem só** adivinha-se a intenção: "esse homem és tu". Para o vers. 29a adote-se a versão: "Quando ele dá o sossego, quem poderá condenar?" O argumento do versículo parece ser: quer conheçam dias de tranqüilidade, no sereno gozo da presença de Deus, quer percam de vista o Seu rosto nas tribulações que lhes possam sobrevir, todos-nações ou indivíduos-devem acatar humildemente a Sua vontade. A Sua justiça é justamente administrada para bem dos homens (30). Eliú pergunta então a Jó se algum homem que fale a linguagem da penitência (31-32) ousará impor a Deus a espécie de castigo que há de receber. **Para que tu a desprezes** (33). Leia-se "porque tu a desprezas". O sentido do versículo é: "Ditarás tu, a Deus, a recompensa que hás de receber simplesmente porque desprezas a que Ele te deu?" Note-se como Eliú vinca bem a sua separação de Jó.

>Jó-34.34

Em seguida Eliú invoca o veredito dos **homens de entendimento** em relação à rebelião das palavras de Jó (34-37). Para Eliú a rebelião de Jó é mais terrível que as suas tribulações. E até que cesse essa rebelião, as tribulações persistirão para seu bem. **Bate palmas** (37). Ver **#Jó 27.23n**.

Jó-35.1

e) Eliú refuta a segunda queixa de Jó (Jó 35.1-16)

Jó argumentara que a justiça não traz qualquer vantagem ao homem que a pratica-não lhe traz mais vantagens que ao pecador consumado (cfr. #Jó 21.15; #Jó 34.9). Certo especialista traduz assim os vers. 2 e 3: "Achas que tens por direito dizeres, chamando-lhe "A minha justa causa contra Deus": De que te serve? E, que me aproveita não ter pecado?". Eliú replica que nem a virtude nem o vício podem trazer qualquer vantagem ao Deus transcendente (5-7). São os outros homens e não Deus que têm razão para se preocupar com a conduta humana (8). Veja-se o erro da argumentação de Eliú em 7.20n., 22.3n.

>Jó-35.9

Eliú passa, então, a refutar certas considerações que poderiam parecer apoiar a afirmação de Jó segundo a qual uma conduta reta não traz qualquer vantagem. Há o problema da oração que não é atendida (9,12). É o caso de "pedis e não recebeis porque pedis mal" (#Tg 4.3). É a oração a que falta uma nota de profunda e autêntica religiosidade. É a oração marcada pela vaidade (13). É um grito de dor que não ergue o homem acima dos animais irracionais (11). O divino mestre tem reservado para o homem maiores e mais sublimes altitudes de fé (10; cfr. #Jó 36.22).

O pensamento de Deus como Mestre, conduzindo o homem através de um penoso e áspero labirinto de dor para uma experiência mais profunda de Si próprio, estabelece uma importante distinção entre Eliú e os amigos de Jó. Para estes, Deus é mais caracteristicamente o Soberano ou o Juiz. Os vers. 14-16 não acentuam apenas a falta de uma nota de profunda religiosidade no clamor de Jó; acusam-no de pura irreligiosidade. A tradução oferece problemas. Certo comentador interpreta assim o vers. 14: "Sim, quando dizes que não o vês, a causa está perante Ele; por isso espera nEle" (14). Para o vers. 15 adote-se a seguinte versão: "mas agora, porque a Sua ira ainda não se exerce, dizes que Ele não considera grandemente a arrogância". Ao pôr em dúvida a realidade da justiça do domínio de Deus, a qual recompensa o santo e castiga o pecador, Jó acumula palavras **sem ciência** (16).

Jó-36.1

f) As poderosas obras de Deus (Jó 36.1-37.24)

Eliú chama a atenção de Jó para si: ele é um homem com uma visão clara (4) e verdadeira do procedimento de Deus para com o homem em geral e para com Jó em particular. **Desde longe** (3). Com esta expressão Eliú pretende representar a vastíssima viagem que o seu argumento empreenderá através do reino da verdade.

>Jó-36.5

Contemple-se o poder e a misericórdia de Deus! A Sua providência é digna da confiança do homem, implacavelmente adversa aos ímpios, diligentemente atenta aos justos (5-7). Mesmo quando a angústia os rodeia, o divino Mestre os conduz a **um lugar espaçoso** (16) onde eles reconhecem a transgressão que os arrastara à angústia e a ela renunciam (8-10). **Porquanto prevaleceram nelas** (9). Leia-se, de preferência, "Então lhes faz saber a obra deles, e as suas transgressões, que procederam orgulhosamente". A obediência ao Mestre conduz à felicidade; a desobediência, à ruína (11-15). **A ira** (13) é uma referência ao seu amargo ressentimento contra Deus. **Não clamam** (13) significa "não oram" com aquela confiança que agrada a Deus (cfr. **#Jó 35.10**). **Da sua aflição** (15) pode significar "na ou através da sua aflição".

>Jó-36.18

O procedimento de um Deus poderoso e misericordioso, referido em termos gerais, não se aplica ao caso de Jó. **Guarda-te de que porventura não sejas levado pela tua suficiência** ou "guarda-te de que porventura a ira não te conduza à zombaria". **A grandeza do resgate** (18) é, evidentemente, uma referência à severidade das aflições pelas quais ele está passando. Nenhuma outra coisa pode acordar nele aquela superior confiança em Deus para a qual Ele o está chamando através das suas aflições. As riquezas nunca poderiam promover essa confiança (19). **Noite** (20); a palavra é de sentido ambíguo. Pode ser, segundo uns, uma referência ao aborrecimento que Jó tem à vida ou, segundo outros, um sinônimo de juízo. Considere-se o desejo freqüentemente expresso por Jó de se encontrar perante Deus para ser julgado. O vers. 21 contém um aviso contra o caminho da rebelião, aliás o da iniquidade, que ele, Jó-diz Eliú-preferiu ao da humilde submissão à dor. Mas tudo mudará se ele contemplar o Deus de soberano poder (22; note-se esta tradução do vers. 22: "contempla a majestade com que Deus atua no Seu poder"); tudo mudará se ele contemplar esse poderoso Mestre que a ninguém tem de dar contas do seu

caminho (22-23). Ajoelhe-se Jó perante um tal Deus! Só a humildade convêm ao homem (24-25).

Numa passagem de grande beleza literária e profundo significado espiritual, Eliú retoma o seu tema: a grandeza de Deus (#Jó 36.26-37.24). E invoca os fenômenos da natureza como testemunhas do imenso poder de Deus.

>Jó-36.27

1. A FORMAÇÃO DAS GOTAS DA CHUVA (#Jó 36.27-28).

>Jó-36.29

2. A TROVOADA (#Jó 36.29-37.5). O vers. 30 apresenta dificuldades de interpretação. Eis uma tradução possível: "Eis que espalha à Sua volta a Sua luz e se encobre com os abismos do mar". Interpreta-se aqui o **mar** como designando as massas de água que nas tempestuosas nuvens encobrem o Todo-Poderoso, ou como designando o mar terreno que se ergue dos seus abismos transformado em nuvens e em vapor para formar a tenda do Senhor". O vers. 31 fala-nos da tempestade simultaneamente como instrumento da justiça divina e da Sua misericórdia (acompanhada, como é, pela chuva benfazeja). No vers. 32 leia-se: "de raios cobre as suas mãos e lhes ordena que atinjam o alvo". O vers. 33 é considerado "locus obscurissimus". Muitos especialistas adotam a seguinte versão: "o seu embate proclama a ferocidade da Sua ira contra a iniquidade".

Jó-38.1

VI. O SENHOR RESPONDE A JÓ JÓ 38.1-41.34

a) Jó é chamado a responder (Jó 38.1-3)

Quebra-se o silêncio com que o céu recebera os insistentes e desafiadores clamores de Jó. O vers. 2 é aplicado por alguns comentadores a Jó e por outros a Eliú. **Conselho** (2). A palavra implica que, no Seu procedimento para com Jó, Deus não agiu ao acaso mas de acordo com um plano pré-estabelecido, um desígnio inteligente. Até aqui, todos os discursos-tanto os de Jó como os dos seus quatro amigos-obscureceram essa verdade. No vers. 3 usa-se uma curiosa palavra para homem: **gebher**. Diz certo comentador: "A palavra descreve o homem, não na sua fragilidade, mas na sua força, o homem como

combatente". Jó empregara repetidamente palavras (#Jó 31.35-37; #Jó 13.22) que pareciam dar a entender que Deus encontraria nele um digno combatente. Ironicamente Deus lembra-lhe essas palavras ordenando-lhe que cinja os seus lombos como "gebher". Mas não tarda que a frágil e humana criatura se prostre em humílima confissão de indignidade ante nova revelação do poderoso Criador (#Jó 42.6). O combatente converte-se em adorador.

>Jó-38.4

b) As maravilhas do mundo inanimado (Jó 38.4-38)

1. A TERRA E O MAR (#Jó 38.4-11). Acompanhara Jó a criação do mundo, fora Jó iniciado em todos os seus mistérios? O vers. 7 fala-nos, poeticamente, das estrelas e dos anjos que alegremente cantaram e rejubilaram na manhã da criação; os vers. 8-11 dão-nos uma magnífica visão do mar ao saltar da madre envolto em nuvens e escuridão, não como rebelde mas como criatura de Deus, chamada por Ele e por Ele dominada. **Quando passei sobre ele o meu decreto** (10) ou "quando lhe impus limites". Trata-se de uma referência às escarpadas e rochosas costas que lhe servem de fronteira.

>Jó-38.12

2. A MADRUGADA (#Jó 38.12-15). **Desde os teus dias deste ordem à madrugada** (12). Leia-se: "Desde que começaram os teus dias deste ordem à madrugada". A Jó é recordada a efemeridade da sua vida em contraste com a antigüidade do mundo e a eternidade de Deus. Descreve-se a seguir o efeito da madrugada sobre o ímpio "que mais ama as trevas que a luz". A madrugada sacode-os do seu amado refúgio (13). O vers. 14 fala-nos do efeito da madrugada sobre a terra. Aparece o pormenor, a beleza, a cor. No vers. 15 a luz dos ímpios é a escuridão (cfr. #Jó 24.17).

>Jó-38.16

3. JÓ IGNORA AS COISAS OCULTAS (#Jó 38.16-21). Deus pergunta a Jó se ele alguma vez penetrou nas profundas fontes do mar e se desvendou os mistérios do abismo. Conhece ele, porventura, a extensão da superfície da terra? (18). Sabe ele onde moram a luz e as trevas? Pode ele conduzi-las às suas esferas próprias e fazê-las regressar ao lar? (19-20). Note-se a ironia do vers. 21.

>Jó-38.22

4. OS FENÔMENOS NATURAIS (#Jó 38.22-30). As próprias coisas vulgares, como a neve e a saraiva, o vento, a chuva, os relâmpagos, a geada e o gelo são, para Jó, mistérios insondáveis. **Onde está o caminho em que se reparte a luz e se espalha e vento oriental sobre a terra?** (24). Leia-se: "Onde está o caminho que conduz ao lugar em que a luz é repartida e o vento oriental espalhado sobre a terra?". A primeira parte do versículo é, possivelmente, uma alusão à difusão ou distribuição da luz sobre a face da terra. Os vers. 26 e 27 são dignos de nota. Não imagine o homem orgulhoso que é ele o único objeto da divina providência. Deus não manda apenas a sua chuva "sobre justos e injustos" (#Mt 5.45); lembra-se também das regiões desérticas e desabitadas do mundo. Conclui-se que a Providência é algo de muito mais complexo que Jó imaginara. **Pai** (28); um pai humano; isto é, é a chuva filha de Jó? No vers. 30 leia-se: "as águas ficam congeladas e tornam-se duras como a pedra".

>Jó-38.31

5. O UNIVERSO (#Jó 38.31-38). Domina Jó as constelações e os céus? **As delícias das sete estrelas** (31). "A constelação das Plêiades" ou "a cadeia das Plêiades". O sentido preciso do versículo é, de qualquer forma, um tanto obscuro. Certo comentador interpreta-o assim: "podes tu fazer regressar o benfazejo e frutífero calor da Primavera e libertar a terra gelada dos estéreis atalhos do Inverno?". O vers. 33b diz respeito à crença popular de que os corpos celestes exerciam a sua influência sobre a vida dos homens. No vers. 36 será preferível, por melhor se harmonizar com o contexto, a seguinte versão: "quem pôs a sabedoria nas escuras nuvens ou quem ao meteoro deu entendimento?" A súbita referência ao homem quebra a continuidade da descrição das maravilhas do mundo inanimado. Certo tradutor dá-nos a seguinte adaptação: "quem ensinou as esvoaçantes nuvens ou instruiu os meteoros?" **Os odres dos céus, quem os abaixará?** (37b) ou "os odres dos céus, quem os derramará?" O vers. 38 descreve a terra queimada pelo sol depois de amassada pela chuva.

>Jó-38.39

c) As maravilhas do reino animal (Jó 38.39-39.30)

1. A IGNORÂNCIA DE JÓ (#Jó 38.39-39.4). Nestes versículos traça-se o contraste entre Deus e o homem. O homem inclina-se a matar a leoa e não,

certamente, a assisti-la na procura de alimento para as crias. Mas Deus cuida deles. Lembra-se Jó da bondade de Deus para com os próprios animais selvagens-Jó, que acusou Deus de crueldade para com ele. #Lc 12.24 dá-nos a resposta do Novo Testamento à pergunta do vers. 41.

Jó-40.1

d) O grande poder de Deus (Jó 40.1-41.34)

1. O ORGULHO DE JÓ É ABATIDO (#Jó 40.1-5). Aproximamo-nos agora da resposta humana à palavra divina a qual é introduzida pelo vers. 2. Leia-se: "Porventura contenderá com o Todo-Poderoso o opositor falaz?" Aquele que argúi a Deus responda a estas coisas" (2). Ironicamente Deus tomara Jó à letra e aceitara-o como oponente, como adversário (ver 38.3n.). Terá Jó, o combativo opositor, alguma resposta a dar depois de escutar aquelas impressivas palavras sobre as maravilhas da natureza, tanto animadas como inanimadas, que o Deus da natureza graciosamente lhe concedera? Mas a revelação dos céus transformou o audacioso combatente num humilde adorador. Os capítulos #Jó 40.3-5 e #Jó 42.1-6 dão-nos uma ilustração clássica dos resultados que devem sempre seguir-se àquele momento em que se quebra o silêncio divino e o Todo-Poderoso se revela de novo ao homem que O escuta naquela atitude de fé sem a qual "é impossível agradar-Lhe". Nesses momentos interrompe-se a torrente de palavras humanas (4-5); todo o discurso é vão; Jó arrepende-se amargamente das suas lamentações. Nesses momentos o homem vê-se tal qual é: **eis que sou vil** "eis que nada valho" (4). Não é uma confissão de pecado se bem que Jó não deixasse, por certo, de reconhecer imediatamente a iniquidade de algumas das suas palavras e atitudes. É antes uma confissão da sua insignificância. Ao tirar os olhos de si próprio para os erguer para aquele Deus que agora lhe aparecia mais vividamente do que nunca. Jó via-se a si próprio através de um novo prisma.

As passagens acima mencionadas são altamente sugestivas. A Palavra de Deus operou uma transformação que a palavra humana fora totalmente incapaz de operar. Os capítulos 3 a 37 dão-nos um longo comentário à incapacidade das palavras e sabedoria do homem para explicar o mistério do sofrimento. Elifaz, Bildade, Zofar e Eliú tinham todos feito longos discursos mas sem proferirem uma única palavra que levasse Jó ao arrependimento ou lhe desse um pouco de conforto. As réplicas de Jó também haviam sido impotentes para esclarecer o mistério; também elas haviam escurecido "o conselho de Deus com palavras sem conhecimento" (#Jó 38.2). Mas veio a Palavra de Deus e a tumultuosa

torrente de palavras cessou. Não veio através de argumentos cuidadosamente pensados, irrespondíveis, que, pela sua inexorável lógica, vibrassem um golpe mortal nas objeções e escolhas intelectuais de Jó; não veio através de uma explicação simples, acessível, dos muitos sofrimentos que afligiam Jó. Aí, faz-se silêncio; silêncio acerca da idéia de retribuição tão largamente explorada em discurso após discurso; silêncio acerca do aspecto disciplinador do sofrimento. A Palavra veio daquele Deus poderoso e majestoso que a Jó através de uma visão de Deus-está por detrás de cada maravilha da natureza, seja ela animada ou inanimada, cuidadosamente atento ao inesperado e insignificante (ver especialmente #Jó 38.26,27,39; #Jó 39.30), infinitamente superior ao homem em poder e sabedoria.

A palavra que assim veio até ele convenceu Jó de que podia confiar num tal Deus. Mostrou-lhe que a Providência era algo de muito mais envolvido e complicado que ele imaginara. Era como um homem que tivesse vivido num quarto fechado cujas janelas cerradas o tivessem privado do puro e doce ar de Deus e lhe ocultassem a radiosa luz do sol. Com o aparecimento de Deus as janelas haviam-se aberto e o ar e a luz haviam entrado. Deus não respondeu aos problemas que se levantavam na sua mente mas respondeu a Jó; curou as feridas do seu coração e invadiu-o de uma doce e quieta resignação. Contudo a Jó não chegou a mais impressiva de todas as palavras divinas, a Palavra que trouxe à humanidade a mais clara e nítida visão de Deus, a mais irrefutável evidência de que Deus é e deve ser digno da nossa confiança: a Palavra da cruz. A visão do Deus da natureza incutiu em Jó o espírito de adoração. Mas quanto maior é a visão do Calvário, quanto mais deve essa visão levar aquele que sofre a prostrar-se humildemente perante o seu Deus numa atitude de profunda admiração, amor e louvor!

>Jó-40.6

2. O PODER DE DEUS E A ORDEM MORAL (#Jó 40.6-14). A ironia que perpassa por todo o discurso divino encontra uma das suas mais fortes expressões na passagem 6-14. Certo comentador vê nesses versos "uma troça tão doce como a que existe no beijo da mãe que se ri do filho". O vers. 8 pergunta se Jó está disposto a agarrar-se à sua inocência ainda que para a conservar tenha de rejeitar a justiça divina. A questão transfere-se agora da ordem natural do universo (capítulos 38 a 39) para a ordem moral. Possui Jó o poderoso braço de Deus ou há na sua voz autoridade como a Sua? (9). Se assim é, vista-se Jó da majestade e da glória de Deus (10); suba Jó ao trono do universo para daí derramar os furores da sua ira sobre os soberbos e os ímpios

(11-13). Só então e nunca até então, poderá Jó julgar inteligentemente a divina ordenação de tudo quanto existe e ouvir o louvor divino. Certo comentador interpreta assim o vers. 14: "Então também eu te louvarei, pois que a tua mão direita te há conquistado a vitória". Observa este mesmo comentador que a palavra hebraica **yadha** aqui traduzida por "confessar" é a palavra vulgarmente usada pelo adorador que louva ou dá graças ao seu Deus. Aqui é o Criador que louva a criatura!

>Jó-40.15

3. BEHEMOTH (#Jó 40.15-24). Em #Jó 40.15-41.34 temos a descrição de dois monstros: o **behemoth**, geralmente identificado com o hipopótamo, e o **leviatã**, geralmente identificado com o crocodilo. A atmosfera da passagem é mais a dos capítulos 38 e 39 que a de #Jó 40.6-14. A sua força no argumento é ainda esta: pode Jó assumir o comando da ordem material representada por estas potentes criaturas? Pois bem: mais gigantesca é a tarefa de combater Aquele que as criou. (#Jó 41.9-11). Jó não pode controlar a ordem material; muito menos a ordem moral.

O que o fez o proveu da sua espada (19b). Trata-se de uma frase de sentido um tanto obscuro; é, contudo, possível que se refira às protuberantes presas do animal. Para o vers. 23 adote-se a seguinte tradução: "eis que se um rio transborda ele não treme: permanece calmo ainda que o Jordão suba, tumultuoso, até à sua boca". Leia-se, em vez de **o Jordão**, "um Jordão", isto é, qualquer rio avolumado pelas cheias. O hipopótamo não se encontra na Palestina.

Jó-42.1

VII. A RESPOSTA DE JÓ À PALAVRA DIVINA JÓ 42.1-6

Cfr. #Jó 40.1-5 e consulte-se o comentário respectivo. Aquele que se opusera a Deus aparece de novo como adorador, confessando humildemente os seus pecados e conhecendo a experiência do perdão divino. A revelação da glória de Deus conduz a uma convicção de pecado sem precedentes. Cfr. #Rm 3.23. Associada a esta nova consciência de pecado vem, primeiro, uma confiança na providência divina tal como Jó jamais experimentara. **O tudo** do vers. 2 inclui, certamente, o cumprimento, no seu sofrimento, de um benéfico e divino propósito. Cfr. #Rm 8.28. **Nenhum dos teus pensamentos** ou "nenhum dos teus

propósitos". Jó, o rebelde, desconhecia tal confiança em Deus; mas Jó, o humilde penitente, possuía-a em grande medida.

>Jó-42.3

Em segundo lugar, Jó renuncia agora, por completo ao poder das palavras e da razão humanas. **Quem é aquele que sem conhecimento encobre o conselho?** (3) é um eco das palavras divinas de **#Jó 38.2**. As suas palavras e a sua sabedoria, das quais ele tanto se orgulhara, não haviam senão lançado uma escura sombra sobre o caminho que Deus, na Sua sabedoria, delineara para ele. Encontramos ainda outro eco das palavras de Deus no vers. 4: Cfr. **#Jó 38.3** e **#Jó 40.7**. Responder a um desafio daqueles com a sua insignificante mente humana, incapaz de compreender a vastidão da sabedoria divina? Impossível! Jó, o rebelde, responderia, sem dúvida, de maneira diferente.

>Jó-42.5

Em terceiro lugar, Jó pode agora regozijar-se com uma experiência religiosa inteiramente pessoal (5). Em comparação com a fé radiante e pessoal que a visão de Deus lhe trouxera, a sua experiência religiosa anterior não passara de um eco ou de um reflexo da realidade.

>Jó-42.7

VIII. EPÍLOGO JÓ 42.7-17

O texto passa agora da poesia à prosa-estilo usado para o Prólogo. A conclusão abre com a condenação dos três amigos Elifaz, Bildade e Zofar. A omissão de Eliú, fazendo-o escapar à censura pública, é significativa e pode estar relacionada com o seu repúdio da teologia tradicional segundo a qual o sofrimento implica, necessariamente, a presença de pecado e é sempre proporcional à gravidade deste. Os três amigos são acusados de não falarem **de mim o que era reto** (7-8). A sua concepção do caráter divino era errônea, especialmente no que diz respeito à forma como Deus governava o mundo e os homens. Jó, por outro lado, é louvado. A sua teologia era, no seu todo, ortodoxa, embora ele não tivesse sempre razão. A narrativa prossegue com a descrição da integridade de Jó. O patriarca perdoa, magnanimamente, a dor que palavras falsas lhe haviam produzido e intercede mesmo pelos três pseudo-consoladores. Deus proclama publicamente, a justiça de Jó.

a) As bênçãos espirituais de Jó (Jó 42.7-10)

Esta passagem dá-nos uma bela descrição dos sinais materiais e espirituais que acompanham a aprovação divina. Os sinais espirituais são de suprema importância. Note-se, em primeiro lugar, que quatro vezes Deus se refere a Jó como **meu servo** nos vers. 7 e 8. Cfr. **#Jó 1.8**. Em seguida Deus louva Jó pela sua sincera procura da verdade e censura os amigos pela sua oposição a essa procura (7-8). Lembramo-nos evidentemente-e é esse o objetivo do escritor - da grande beleza e verdade espiritual de certas passagens dos discursos dos amigos de Jó enquanto que não raramente, Jó se aproxima perigosamente do erro, rebelião e blasfêmia; mas, como observa certo comentador, Jó tinha razão na sua têmpera intelectual, nas suas tendências, nos seus impulsos, na pura e intrépida honestidade do seu pensamento... Do conflito de palavras e argumentos a figura de Jó avulta revestida da mais alta dignidade. Ei-lo como campeão da liberdade intelectual e religiosa, ostentando na sua desfigurada fronte o selo do Deus da verdade. A passagem é, para nós, um solene aviso: a honestidade intrépida perante os fatos da existência- sejam eles os mais estranhos e perturbantes-agrada mais a Deus que a tímida adesão a idéias familiares e confortáveis, mas inteiramente incríveis ante a intensidade daqueles fatos. Finalmente, Deus ouve a oração de Jó pelos seus amigos (8-10).

>Jó-42.11

b) As bênçãos materiais de Jó (Jó 42.11-17)

Note-se que a passagem dos sinais espirituais da aprovação divina para os materiais (11-17) se dá quando Jó ora pelos outros (10). É quando a sua atenção se concentra nos interesses espirituais dos outros que a sua prosperidade material lhe é restituída, que todas as outras coisas lhe são acrescentadas. Cfr. **#Mt 6.33**. Estes versículos falam-nos do restabelecimento da amizade (11); da propriedade (12); e da família (13-17). Muitos aceitam mal a descrição dos bens materiais como sinais da aprovação divina. Certo comentador refere-se-lhe, por exemplo, como "triste concessão a uma concepção assaz baixa do comportamento da Providência". A consideração de determinados fatores bastará para comprovar a injustiça de semelhante crítica. Numa época em que não existia uma convicção clara de vida para além da morte, como poderia demonstrar-se, senão em termos de vida terrena, que a justiça entra na própria contextura da realidade, faz parte integrante dela e deve, em última análise, ostentar o selo da justificação divina? Não existe,

pois, qualquer incoerência, uma vez que o objetivo do livro não é negar a associação entre justiça e prosperidade material mas apenas negar que essa associação seja invariável. Lembremo-nos também de que a prosperidade material de Jó foi destruída para provar a correção ou incorreção das insinuações satânicas acerca da sinceridade da piedade de Jó. A marcha dos acontecimentos prova a mentira das acusações de Satanás. A justiça exige, pois, alguma forma de restituição.

Este drama do Velho Testamento termina adequadamente com as palavras: "Então morreu Jó velho e farto de dias" (17). Cfr. #Gn 25.8; #Gn 35.29. Como comentário à grande passagem de esperança na ressurreição (#Jó 19.25-27), a Septuaginta acrescenta: "e está escrito que ele ressuscitará juntamente com aqueles que o Senhor ressuscitar".

E. S. P. Heavenor

OS SALMOS

INTRODUÇÃO

O constante encanto e atualidade dos Salmos são devidos, principalmente, à intensidade espiritual. Os salmistas são unânimes em adorar a Deus, seja qual for o modo, motivo ou variedade de circunstâncias. Cada um destes hinos, cada uma destas orações, é uma expressão ou um eco de uma vívida relação pessoal com Ele. Foi incorporada nestes poemas uma qualidade dinâmica de vida. Por detrás das palavras existe uma experiência profunda e, para além da experiência, encontra-se uma manifestação de Deus. Cada Salmo torna-se assim um sorvo da própria fonte da vida.

Há três temas principais deslizando através do Saltério. Em primeiro lugar, um encontro pessoal com Deus, envolvendo o princípio da Sua existência real. Em segundo lugar, a importância da ordem natural das coisas, envolvendo o princípio do poder criador, universal e sábio de Deus. Em terceiro lugar, um conhecimento consciente da história, envolvendo o princípio da escolha Divina de Israel para desempenhar um papel especial e benevolente entre os homens (cfr. 48; 74; 78; 81; 105; 106; 114).

O nome hebraico do livro é **Tehillim**, que significa "Cânticos de Louvor". Embora se manifeste, em certas ocasiões um sentimento de confusão por causa de alguma injustiça temporal (como em 37 e 73), há uma expressão dominante de esperança, não só no conceito messiânico de uma única manifestação futura de Deus ao homem, mas também na realidade e na eficácia do perdão divino do pecado. (Ver, por exemplo, 25; 51; 70). Há também um sentido profundo do caráter objetivo da religião. Os salmistas tratam mais com Deus do que com os homens, e lançam-se, para alcançá-LO num abandono de si próprios. Deus é conhecido como universal (como em 65; 67), supremo na natureza (29) e na história (78), constante (102) e, acima de tudo, fiel, pessoal, gracioso, ativo e adorado (139).

I. COMPILAÇÃO

Sabe-se que existiram hinos, usados no culto em Babilônia e no Egito, por muitos séculos antes de Abraão e José. Embora fosse um caso notável se a salmodia hebraica não se apresentasse sinais de ter crescido de tal solo, uma semelhança de estrutura literária, como por exemplo o uso extenso do paralelismo (ver o Artigo Geral, **A Poesia do Velho Testamento**), não é índice

de igual riqueza e vigor espirituais. Neste aspecto, os Salmos de Israel não têm rival. Além disso, o seu uso comum por parte de uma congregação de adoradores, bem como pelos sacerdotes oficiantes, era uma prática desconhecida em todos os lugares.

Quando os filhos de Israel estabeleceram o culto de Jeová, na Palestina, fizeram-no no meio de um povo que possuía um considerável depósito de poesia religiosa. Isto é indicado pelas tábuas de Ras Shamra e está implícito nos cânticos de júbilo e de maldição entoados pelos Siquemitas no tempo de Abimeleque (#Jz 9.27). É a este período que devemos atribuir a poesia israelita como o Cântico de Moisés (#Êx 15) e o Cântico de Débora (#Jz 5). Estas poesias constituíram precedentes e ofereceram incentivo para os salmos mais recentes.

A base do Saltério parece ser constituída por uma coleção dos hinos davídicos. Davi esteve tradicionalmente associado com o culto organizado (cfr. #1Cr 15-16; Ecclus. 47.8-10) e os seus dons excepcionais combinaram-se com a sua notável experiência espiritual. O grupo principal pareceria ser SI 51-72, mas há outros grupos davídicos, nomeadamente, 2-41 (omitindo o 33), 108-110 e 137-145. Talvez nem todos estes sejam atribuíveis a Davi, mas a sua composição marca o estilo e constitui o núcleo (ver as notas introdutórias ao #SI 138). É presumível que tenha havido mais do que um centro onde os hinos hebraicos foram colecionados, do mesmo modo que houve mais do que uma "escola de profetas". Durante os séculos em que estes grupos se fundiram, algumas repetições foram aceitas. Estas continham habitualmente variantes, em que aparecia a palavra Eloim para o nome de Deus, de hinos que se referiam a Deus como Jeová, mas havia ainda outras diferenças ligeiras (cfr. #2Sm 22 e #SI 18). Os principais salmos duplicados são o #SI 14 e o #SI 53; o #SI 40.13-17 e o #SI 70.

Pouco depois da constituição dos primeiros grupos davídicos (note-se o comentário editorial no fim do #SI 72) vieram associar-se com eles duas coleções de Salmos levíticos, a de Coré (42-49) e a de Asafe (50, 73-83). Alguns destes podem ter-se originado nos principais regentes das escolas de cantores (cfr. #1Cr 6.31,39); outros receberam os seus títulos como uma indicação do estilo ou do lugar de origem. Os Salmos de Asafe são mais didáticos, dão maior proeminência às tribos de José e fazem um maior uso da imagem do pastor e do discurso direto por parte de Deus. A estes grupos combinados foram acrescentados uns poucos Salmos anônimos (33; 84-89) e também o #SI 1, introdutório.

Os Salmos restantes, 90-150, revestem-se de um caráter muito mais litúrgico e incluem vários grupos de hinos que têm uma forte unidade tradicional, por exemplo, o Hallel Egípcio (113-118), os quinze Cânticos dos Degraus (120-134), e o grupo final (145-150). Outros, como 95-100 (os cânticos sabáticos de alegria), estão obviamente relacionados uns com os outros como estão também os Salmos 92-94 e 103-104. Moisés foi tradicionalmente associado com os Salmos 90 e 91, e há um fundo histórico comum para Salmos como 105-107; 135-136. A sua ênfase sobre o êxodo é equilibrada por uma reverência profunda pela Tora, como se expressa no [#Sl 119](#) de uma forma hábil mas devota. Não é possível explicar como estes grupos de Salmos chegaram a ser selecionados, coordenados e finalmente combinados numa grande coleção. A poucos deles pode atribuir-se uma data definida; uns são de Davi, outros são distintamente pós-exílicos. É absolutamente possível que muitos tenham sido revistos através de séculos de uso litúrgico. (Nota: alguns "Salmos" aparecem dispersos pelo Velho Testamento, como, por exemplo, [#Êx 15.1-21](#); [#Dt 32](#); [#Jn 2](#); [#Hc 3](#) e mesmo os oráculos de Balaão em [#Nm 23-24](#)).

Outra questão sobre que há grande diferença de opiniões é até que ponto os Salmos se conservam ainda na sua composição pessoal original e até que ponto foram compostos para uso no culto público? Alguns Salmos são tão íntimos e pessoais como o amor e a morte (por exemplo, 22; 51; 139), mas foram mais tarde adaptados para uso nos serviços do templo. Um exemplo interessante disto acha-se no fim do [#Sl 51](#) (ver notas *ad loc.*). Muitos Salmos, porém, foram compostos, sem dúvida, para uso em cultos coletivos (por exemplo, 67; 115), e alguns dos poemas hebraicos mais antigos eram deste caráter, como os Cânticos de Miriã e Débora ([#Êx 15.20](#) e seguinte e [#Jz 5](#)). Deve notar-se também que Salmos em que aparece o pronome "EU" podem não ter sido originalmente pessoais. A sociedade hebraica encontrava-se de tal modo unida que o indivíduo podia identificar-se com o grupo a que pertencia e o povo, como um todo, podia ser considerado como uma personalidade coletiva. Eis por que muitos Salmos, que parecem ser pessoais, podem entender-se como expressões de uma comunidade unificada por alguma experiência geral e falando por meio de uma pessoa representativa.

II. CLASSIFICAÇÃO

Estes 150 cânticos de adoração podem classificar-se de variadas maneiras. Há poemas acrósticos, Salmos de ação de graças e de lamentação

(ambos de caráter individual e nacional), cânticos de confiança, cânticos para peregrinos, hinos de arrependimento, orações dos falsamente acusados, Salmos históricos, Salmos relativos ao Rei, Salmos proféticos; há hinos para festivais e cânticos relacionados com a ordem do culto no templo.

A classificação tradicional judaica transparece na divisão do Saltério em cinco livros, cada um dos quais termina com uma doxologia (Sl 1-41, 42-72, 73-89, 90-106, 107-150). Este esboço, em cinco partes, era considerado como tendo correspondência com os cinco livros de Moisés e pode presumir-se que cada passagem do Pentateuco era lido em paralelo com o Salmo que lhe correspondia.

Modernamente, tende-se para um esboço de classificação inteiramente diferente, que se baseia no argumento de que os Salmos devem as suas características principais ao uso que deles se fazia nos serviços do templo em Jerusalém. Que estes eram importantes e preparados com esmero, transparece de passagens como #2Cr 29.27-28; #2Cr 5.11-14; #1Cr 16.4-7,36-42. Os três grandes festivais do ano judaico duravam vários dias e exigiam um uso intenso de cânticos no santuário. Este era, de forma especial, o caso das festividades associadas com a festa dos tabernáculos (cfr. #Nm 29) e alguns Salmos foram, certamente, compostos para tais ocasiões (por exemplo, 115; 118; 134). Além disso, muitos Salmos dão proeminência especial ao tema de eventos reais, parcial na celebração de entronizações e vitórias reais, mas, principalmente, para expressar a suprema soberania de Jeová. Este significado simbólico é bem evidente em #Sl 2; 24; 95-100; 110.

III. USO LITÚRGICO

A associação íntima do Saltério e do Pentateuco e a leitura contínua da Tora fizeram, com o tempo, que certos Salmos se tornassem ligados a dias e ocasiões particulares. O #Sl 145 era usado em cada uma das três festividades anuais (é provável que seja o hino referido em #Mc 14.26); o #Sl 130, com a expectativa e o desejo intensos por perdão que o caracterizam, era usado no dia da expiação; o #Sl 135 era um hino habitualmente pascal. Os velhos cânticos peregrinos (120-134) foram adotados para a festa dos tabernáculos e, no tempo do templo de Herodes, eram habitualmente entoados por um coro de levitas, de pé, nos quinze degraus que ligavam os dois pátios do templo. Alguns eram tradicionalmente considerados sabáticos (por exemplo: 92-100), e cada dia da semana tinha o seu Salmo habitual.

IV. TÍTULOS

Sabe-se que os títulos atribuídos a cerca de cem Salmos são de data anterior à Septuaginta e merecem ser tratados com respeito por causa da antigüidade da sua origem. O hebraico pode significar "de", "para", "pertencendo a", isto é, "aparentado com". Estes títulos são de cinco tipos: os que apontam para uma origem (por exemplo, 18; 51-60; 90); os que dão ênfase a um propósito especial (por exemplo, 38; 60; 92; 100; 102); títulos que indicam melodias especiais para o hino (por exemplo, 9; 22; 45; 56; 57; 60; 80); títulos que se referem ao tipo de acompanhamento musical (por exemplo, 4-6; 8; 45; 53; ver o [#SI 150](#) em relação aos instrumentos musicais). Há, finalmente, títulos descritivos do tipo do Salmo, por exemplo, Maschil-um Salmo instrutivo ou de sabedoria; Michtam-para expiação (?). O significado de alguns termos, por exemplo, Shiggaion, é obscuro. A palavra "Selah" que aparece em muitos Salmos (a maior parte davídicos) indicava provavelmente uma mudança na melodia de acompanhamento, ou um intervalo musical; ou, se for tomada como assinalando uma pequena versão do Salmo, pode ser, em si mesma, uma exclamação abreviada de louvor (correspondendo ao uso moderno de "glória").

V. INTERPRETAÇÃO

A interpretação dos Salmos depende do nosso conhecimento da condição da crença religiosa e da revelação ao tempo da sua composição e da nossa própria experiência de Deus em Cristo. Pensa-se muitas vezes que certas passagens se referem à vida depois da morte (por exemplo, [#SI 16.10](#); [#SI 17.15](#); [#SI 49.16](#); [#SI 73.24,26](#); [#SI 118.17](#)), e tanto quanto conhecermos o poder da ressurreição de Cristo, podemos ler tais declarações à luz daquela verdade. O salmista não conhecia tal certeza, embora compartilhasse com o profeta um discernimento parcial de coisas maiores do que podia expressar em palavras. Certamente que estas passagens não se encontravam vazias de esperança quando primeiramente foram enunciadas, mas a qualidade dessa "certeza" é que era variável. Constituía principalmente uma inferência da experiência pessoal do autor com Deus e a sua percepção de um propósito divino correndo através da História. Ele tinha fé suficiente para vislumbrar a promessa, embora esta estivesse muito longínqua. As suas palavras podem incluir, muitas vezes, a esperança de ser livrado de uma morte física imediata, mas não podemos limitar a isso o seu significado.

O elemento de predição é mesmo mais forte na forma profética, mais geral, de alguns Salmos. É verdade que cada predição tem de esperar pelo cumprimento antes de poder ser completamente compreendida, mas existe, de algum modo, desde a sua primeira expressão. Por exemplo, o [#Sl 16.8-11](#) é interpretado em [#At 2.25-32](#) e o [#Sl 2](#) é compreendido em [#At 4.26](#); [#Hb 1.5](#); [#Hb 5.5](#), de uma forma que esclarece e preenche completamente o que, na maior parte, podia ter sido apenas parcial e esquemático na mente do salmista. De fato, a origem da idéia pode ter para ele uma relação secundária com a sua interpretação final. A revelação de Deus em Cristo é o ponto central da história do mundo (cfr. [#Hb 9.26](#); [#Rm 8.19-22](#)). Não é, pois, surpreendente que, à medida que os séculos deslizam para o passado, uma tal verdade eterna causasse em homens piedosos uma "advertência" crescente de acontecimentos iminentes e relacionados. O Senhor escolheu Israel para um certo propósito. Do ponto de vista divino esse objetivo já estava cumprido (cfr. [#1Pe 1.20](#); [#Ef 1.10](#)) e a corrente da experiência humana, sob Deus, incluía recursos que tornavam possível a sua revelação. Para um estudo dos vários aspectos da esperança messiânica e do significado das referências dos Salmos, ver Hebert, [The Throne of David](#) (págs. 39-69) e Manley, [The New Bible Handbook](#) (págs. 197, 265-275).

Há dificuldade em reconciliar a bondade e a misericórdia divinas com algumas das maldições encontradas no Saltério (cfr. [#Tg 3.9-11](#)). Podem notar-se quatro pontos.

1. Estas imprecações não estão no espírito do Evangelho, e contudo há também palavras ásperas no Novo Testamento (por exemplo, [#Mt 13.50](#); [#Mt 23.13-33](#); [#Mt 25.46](#); [#Lc 18.7-8](#); [#Lc 19.27](#); [#At 13.8-11](#); [#2Ts 1.6-9](#); [#Ap 6.10](#); [#Ap 18.4-6](#)). O Novo Testamento condena as represálias humanas mas ensina plenamente que todos colhem as conseqüências da sua escolha (por exemplo, [#Mt 7.22-23](#); [#2Co 5.10](#)).

2. O salmista pode não ter tido a intenção de revestir as suas amargas palavras de sentido profético mas na vasta providência divina elas podem tornar-se verdadeiras (por exemplo, [#At 1.20](#) cita os [#Sl 69](#) e [#Sl 109](#); [#Rm 11.9-10](#) cita o [#Sl 69](#)). Além disso, nem sempre é gramaticalmente possível distinguir entre o significado de "que isto aconteça..." e "isto acontecerá...".

3. O salmista vivia sob a lei que ensinava a doutrina da retribuição (cfr. [#Lv 24.19](#); [#Pv 17.13](#)). As suas imprecações são orações para que o Deus justo faça como tem falado. Em muitos casos, é provável que as maldições sejam

citações que o salmista fazia do que os seus inimigos tinham (falsamente) dito a respeito dele (ver notas ao [#Sl 109](#)).

4. Não somos autorizados a voltar a ler nas palavras imprecatórias do Saltério qualquer rancor e crueldade pessoais. Homens bons desejam a punição do mal: se mostrássemos simpatia para com aqueles a quem, na sabedoria de Deus, lhes é permitido tornarem-se plenamente o que desejaram ser (contra Deus), então estaríamos a participar do seu pecado e da sua impiedade.

Em conclusão, diga-se uma vez mais que a vida interior é sempre maior do que a expressão da mesma. Devemos considerar o Saltério de um modo muito semelhante à forma como encaramos uma catedral; não meramente como um agregado de estilos arquitetônicos e sistemas decorativos constituídos pelo curso da história numa unidade, mas como um lugar cujo propósito é servir de auxílio no culto a Deus. Contudo, por mais interessantes que sejam os elementos de arquitetura ou literários, ambos perderiam a razão essencial da sua existência se o seu significado espiritual e função fossem ignorados ou rebaixados.

Sl-1.1

LIVRO UM. SALMOS 1-41

SALMO 1. AS ALTERNATIVAS DA VIDA

Este Salmo, provavelmente, foi composto como uma Introdução ao Saltério. Cristaliza a crença, que tão freqüentemente é expressa na coleção de poemas que se seguem, como também no livro dos Provérbios (por exemplo, [#Pv 2.12-20](#); [#Pv 4.14-18](#)) e em muitas declarações de Cristo (por exemplo, [#Mt 7.13-14,24-27](#)), de que os homens dividem-se em dois tipos ou classes—os piedosos e os ímpios. O comportamento de qualquer homem deve, pois, seguir uma de duas direções e aproximar-se de um dos dois padrões. A diferença entre eles, em forma e valor, é expressa nas figuras da árvore e da moinha: a divergência do seu caráter e do seu destino é declarada em termos de uma edificação constante ou de uma completa ruína. É, em parte, por esta razão que o segundo Salmo se considera muitas vezes associado com o primeiro, ambos sendo considerados como introdutórios porque ambos tratam de um assunto básico no Saltério, o comportamento e o destino dos homens bons e dos maus. O [#Sl 1](#) apresenta o tema como um assunto pessoal; o [#Sl 2](#) encara-o como uma questão nacional.

O caminho do homem piedoso é considerado neste poema, em primeiro lugar, por um reconhecimento das diferenças progressivas entre ele e o ímpio: **não anda** no conselho deles, isto é, não adota os seus princípios; **não se detém** no seu caminho, isto é, não imita as suas práticas do mal; **nem se assenta** em comunhão com eles, isto é, não toma o propósito de escolhê-los como seus associados. A vida piedosa, nos seus aspectos positivos caracteriza-se por uma concentração na **lei** (2; Hb **Tora**; ver **#Dt 1.5**), referindo-se aqui à vontade de Deus revelada. A qualidade desta vida é como a de uma árvore crescendo junto a um curso perene de água que produz abundante fruto por causa daquele sustento oculto, mesmo quando os ventos quentes ressecam tudo o mais (cfr. **#Jr 17.8**).

Aquela vida que não tem raiz, e que não tem absorvido energia dos recursos de Deus, não é mais do que moinha, tão leve e sem valor que o vento do Espírito rapidamente espalha e dispersa. **Não subsistirão** (5). Note-se o contraste disto com a posição daqueles que, no vers. 1, **não andam segundo o conselho dos ímpios. O Senhor conhece** (6); isto é, tem interesse nos justos e observa-os.

Sl-2.1

SALMO 2. REVOLTA E CONTRA-REVOLTA

Este Salmo é geralmente considerado como messiânico mas foi baseado, pode-se dizer quase que com toda a certeza, numa ocasião histórica como a que nos é narrada em **#2Sm 5.17** ou em **#2Sm 10.6** e seguintes. Uma situação semelhante é comemorada no **#Sl 83.5-8** mas a característica distintiva do **#Sl 2** está no seu discernimento da crise cósmica por detrás de um acontecimento de caráter nacional.

O poema representa o mundo inteiro organizado contra o Senhor em deliberada oposição ao Seu governo. Isto sugere uma diferença fundamental entre a perspectiva da terra e a do céu; daqui provêm o contraste entre a agitação e a futilidade dos povos em rebelião e a equanimidade e imutabilidade dos propósitos de Deus.

a) A conferência mundial (1-3)

A questão apresentada no vers. 1 é retórica e não analítica, por que qualquer revolta contra Deus é considerada sem fundamento. O **furor** das nações não é a fúria da ira concertada, mas o tumulto que resulta da disputa ruidosa entre gentes que **imaginam coisas vãs**, isto é, que se rebelam e fazem projetos vãos e ineficazes. Historicamente, o objeto do ataque dos ímpios era o ungido do Senhor, Davi (Cfr. **#1Sm 24.6**); essencialmente, era o próprio Deus; profeticamente, era o Messias (cfr. **#At 4.25-27**).

>Sl-2.4

b) A confiança celestial (4-6)

Só é possível avaliar verdadeiramente a situação discernindo a mente de Deus, que Se senta entronizado no Céu e contempla todo o tumulto da insurreição com a suprema confiança no ilimitado poder da verdade (cfr. **#2Co 13.8**). **Então** (5) tem uma força peculiar. Significa o fim do tempo da aparente liberdade do homem e o estabelecimento, na terra, do propósito divino. Tão certo está este clímax determinado que Deus pode permitir-se conceder séculos às nações rebeldes de modo que todos os planos delas possam amadurecer, todas as objeções possam ser utilizadas e toda a resistência possa ser tentada (cfr. **#Ez 33.11**). Então, na plenitude dos tempos, Ele intervém com **ira** (lit. "soprando com força pelas narinas") e **no Seu furor** (lit. "com ardente ira") e enuncia a Sua palavra enfática (cfr. **#Rm 1.18**; **#2Ts 2.8-13**). **Eu porém ungi o meu Rei sobre o meu santo monte** (6; cfr. **#Hb 1.2-3**). O argumento de Davi, contra os que se lhe opunham, era que Deus o tinha indigitado para o trono, pelo que qualquer resistência que lhe fosse feita significava disputar com Deus (cfr. **#Sl 4.3**).

>Sl-2.7

c) A sua autoridade real (7-9)

Imagina-se que as nações rebeldes, reunidas em revolta tumultuosa sobre a terra, foram momentaneamente apaziguadas pela declaração divina que ecoa desde o Céu. No silêncio que se supõe seguir-se, o próprio Davi dirige-se aos reis e aos povos congregados. Em primeiro lugar, ele defende o seu reinado, como sendo autorizado pelo Senhor, com fundamento no parentesco (7), doação (8), e vocação, isto é, o poder de vencer (9). A frase **Tu és meu Filho** (7) encontra um paralelismo no **#Sl 89.26-27** e as palavras **Eu hoje te gerei** podem entender-se, historicamente, como fazendo referência ao dia da

entronização de Davi. Foram porém verdadeira e completamente cumpridas em Jesus Cristo, como o Novo Testamento ensina. #At 13.33; #Rm 1.4 declaram que Ele foi aclamado "Filho" pelo próprio fato da ressurreição. #Hb 1.5 e #Hb 5.5 citam a frase, associando-a com a encarnação e o sacerdócio de Cristo. Alguns manuscritos, incluindo o Códice de Bezae, usam-na em relação com o batismo de Jesus (#Lc 3.22). Semelhantemente, a dádiva prometida das nações e dos domínios deste mundo veio a ser uma expectativa messiânica e desde há muito que se entende como dizendo respeito a Cristo. #Ap 2.27 cita o vers. 9 em ligação com "o fim", isto é, a vinda de Cristo em poder e glória (cfr. também #Ap 19.15).

>Sl-2.10

d) A ação razoável (10-12)

Na segunda parte do discurso de Davi, ele retrocede para a realidade da situação descrita nos vers. 1-3. Aquele perigo ainda não passou; a crise ainda não está resolvida; a elasticidade do divino Então (5) ainda não deu de si; os eventos futuros podem ainda ser moldados pelos homens. Esta é a razão do apelo feito aos reis e juízes da terra. *Sede prudentes... Servi ao Senhor... beijai* (isto é, prestai homenagem) *ao Filho*, porque, de outro modo, não poderá haver escape do desastre.

O Salmo não descreve o resultado real, porque é um resumo de toda a história, com o estranho poder do tempo que se manifesta em renovadas crises.

Sl-3.1

SALMO 3. A ORAÇÃO MODIFICA AS COISAS

Os Salmos 3-5 estão relacionados como sendo orações da manhã e da tarde. O título deste Salmo indica que o mesmo foi escrito quando Davi fugia de Absalão, o usurpador. A tristeza de coração do rei (1) nasceu da surpreendente magnitude da rebelião (cfr. #2Sm 15.13) e também do sentimento prevalecente entre o povo de que Davi não mais continuaria a receber auxílio de Deus (2), tão desesperada parecia a sua posição. A parte restante do Salmo distingue-se do sumário precedente da situação pela palavra *selah*, que sempre parece indicar uma mudança no modo, uma pausa no cântico ou uma alteração ao acompanhamento musical. Esta palavra foi inserida algum tempo depois do poema ser composto com o fim de o adaptar para o uso nos serviços do

templo. Os versos 3-8, que exprimem a reação de Davi ao desenrolar esmagador dos acontecimentos, são uma manifestação sublime de inextinguível confiança em Deus.

Pode considerar-se o poema dividido em três partes.

a) Abatimento ao cair da noite (1-4)

Os acontecimentos sombrios do dia (1-2) são resumidos na oração da noite e deixados com o Senhor com a confiança de que Ele tem ouvido e prestado atenção. **Tu, Senhor, és um escudo** (3). Cfr. a promessa de Deus a Abraão (**#Gn 15.1**). A confiança de Davi em Deus baseia-se na Sua fidelidade anterior, embora esta tenha estado associada com **o Seu Santo monte** (4), do qual agora Davi é obrigado a sair (cfr. **#Sl 2.6**). Era este conhecimento do Senhor que lhe tornava possível dormir.

>Sl-3.5

b) Fé vigorosa de manhã (5-6)

O Senhor me sustentou (5). A frescura e o vigor do corpo e a serenidade da fé com que o escritor acordou na manhã seguinte deviam-se a uma certeza implícita da misericórdia e do poder preservador de Deus. Isto não só despojou as circunstâncias pressagiosas de qualquer poder de intimidar como também deu motivo à reivindicação de um triunfo real sobre as mesmas. Isto é, como na seção anterior, uma descrição dos sentimentos pessoais é seguida de uma oração ao Senhor. Ver o contraste com **#2Sm 15.30**.

>Sl-3.7

c) Um apelo a Deus (7-8)

Este apelo é motivado pelo perigo ainda existente mas é formulado como se a petição estivesse já concedida (cfr. **#Mc 11.24**). Termina com uma afirmação da soberania divina no assunto da salvação que evoca uma bênção final e intercessória. Esta bênção deverá ser derramada contra o desapontamento sentido pelo povo nos vers. 1-2.

Sl-4.1

SALMO 4. UMA ORAÇÃO DA NOITE

O vers. 8 mostra que esta é uma oração da noite, provavelmente um desenvolvimento do verso 4 do Salmo anterior. Mais tarde foi adaptado à música para fins litúrgicos: **Neginote**, no título, significa "acompanhado por instrumentos de corda".

a) A invocação (1)

Na angústia me deste largueza... Isto implica que foi concedido livramento de um perigo imediato. A vereda estreita e restrita de **#Sl 2.2** alargou-se vindo a dar num lugar amplo. Todavia, nem tudo está bem. O perigo é menos óbvio e pessoal do que no **#Sl 3**; tornou-se um perigo espiritual e comunal, cuja natureza é esboçada nos versos 2-6. **Tem misericórdia de mim.** Lit. "mostre-me favor".

>Sl-4.2

b) A representação aos homens (2-3)

Enquanto espera diante de Deus em oração, Davi faz, em meditação, um apelo aos guias do povo (**filhos dos homens**) que imagina estarem reunidos diante dele. Na perturbação que se seguiu ao fracasso inicial dos rebeldes em organizar prontamente a captura do rei fugitivo, por causa do erro que Absalão cometeu em não seguir o conselho de Aitofel, (ver **#2Sm 17.1** e segs.), houve oportunidade para muitos admitirem segundos pensamentos a respeito de apoiar Absalão. Davi, metaforicamente, apela para eles, acusando-os de desonrar a dignidade real que ele recebeu de Deus e recordando-lhes que um antagonismo a Deus desta natureza é extremamente vão (cfr. **#Sl 2.1**) e equivale a buscar a falsidade (2). Que eles considerem de novo que aquele que ama a Deus e a quem o Senhor escolhe é guardado por Ele (3a) e será ouvido por Ele em qualquer emergência (3b).

>Sl-4.4

c) A ordem aos homens (4-5)

Esta é mais direta e positiva do que a acusação precedente. Embora estes homens possam desprezar o rei e rebelar-se contra ele, que eles tomem

consciência de que Deus está envolvido, que eles tremam perante o Senhor e **não pequem**, isto é, se guardem de pecar contra Ele: que cada um dê atenção à sua consciência e nas horas da noite, de recolhimento e reflexão, decidam **calar-se**, isto é, cessem de continuar a opor-se ao rei escolhido por Deus. **Perturbai-vos**. A Septuaginta traduz "Irai-vos". Cfr. **#Ef 4.26**. Depois de uma pausa conveniente (**Selah**) durante a qual o vers. 3 pode ser apreciado de novo, Davi, num espírito em que manifesta a graça real, insta com os guias rebeldes para apresentar a Deus ofertas de sacrifícios como expressão do seu arrependimento e a jurar-Lhe a sua fidelidade. **Sacrifícios de justiça**. Cfr. **#Sl 51.17,19; #Pv 15.8**.

>Sl-4.6

d) A sua oração e louvor (6-8)

No verso 6, Davi reconsidera aquela estranha paralisia da piedade geral que o tinha espantado no **#Sl 3.2**. Era uma evidência do descontentamento popular que tinha sido agravado pelas promessas de Absalão. Davi suplica ao Senhor o cumprimento sobre a nação daquela antiga bênção do sacerdócio arônico (**#Nm 6.26**). Ele também confessa alegremente que, no seu próprio caso, um conflito desesperado tinha sido transformado num sentimento interior da graça divina que ultrapassava, de longe, as bênçãos materiais dos alimentos que lhe foram trazidos pelo velho Barzilai (cfr. **#2Sm 17.27-29**). **Só** (8). A palavra hebraica pode significar ou que só Deus lhe dá proteção ou que Deus o faz habitar em segurança quando está só. Ambos os sentidos são aplicáveis neste lugar.

Sl-5.1

SALMO 5. UMA ORAÇÃO MATINAL

Este Salmo é companheiro do anterior. As circunstâncias são semelhantes mas o vers. 3 faz dele uma oração matinal.

a) A invocação (1-3)

O caráter urgente e intenso do poema é revelado pelo primeiro verso. Os títulos **Rei meu e Deus meu** (2) implicam uma relação de intimidade entre Davi e o Senhor que o coloca em posição de solicitar o auxílio do poder e da justiça supremos. **Pela manhã** (3). O seu primeiro ato do dia consistirá em

fazer ouvir a sua voz perante o Senhor e então vigiará na expectativa da resposta do Senhor.

>Sl-5.4

b) Como Deus age com os ímpios (4-8)

Entretanto, o salmista medita no caráter de Deus que é tão diferente do dos homens que se Lhe opõem, e é considerado no seu próprio coração de uma forma tão elevada. À vista de Deus, as atividades dos homens ímpios são fúteis; na Sua presença, os loucos ("arrogantes" -SBB) ou "jactanciosos" serão derrubados. Todas as obras más e as palavras falsas, que Deus odeia e abomina, serão destruídas.

O orador, depois, dá ênfase, em dois aspectos, àquilo que o distingue, a ele próprio, dos homens maus, falsos e cruéis. Num temor reverente (**em Teu temor**, 7) ele adora na casa de Deus (cfr. **#Sl 27.4**). Pede também a Deus que o guie. Ele não necessita apenas de conhecer o que é reto. Necessita de ver removidos todos aqueles obstáculos que poderiam impedi-lo de andar no caminho de Deus. **Aplana diante de mim o Teu caminho** (8); isto é, "faz que o Teu caminho seja desobstruído" (Cfr. **#Is 40.4**).

>Sl-5.9

c) O caminho de Deus com os justos (9-12)

Esta parte do Salmo ocupa-se com os mesmos elementos da seção anterior, isto é, os ímpios e os tementes a Deus, mas a orientação e a ênfase são completamente diferentes. Os vers. 4,6 consideram o ímpio como à vista de Deus; os vers. 9-10 descrevem-nos como eles são na vida. Os versos 7-8 constituem uma confissão humilde de confiança em Deus; os vers. 11-12 falam da jubilosa confiança na bênção de Deus. A oração tornou-se mais precisa e a fé tornou-se muito mais segura. **A sua garganta é um sepulcro aberto** (9), isto é, o que eles dizem acarretar-lhes-á eventualmente a destruição. Este princípio do pecado, que se faz acompanhar da sua recompensa e dos seus resultados inevitáveis, é frequentemente expresso no Saltério. Cfr. **#Sl 28.4** e ver **#Gl 6.7-8**.

Sl-6.1

SALMO 6. UMA ORAÇÃO DE ANGÚSTIA

A primeira parte do título (cfr. #Sl 4) refere-se ao regente dos instrumentos de corda. A outra frase, **sobre Seminite**, que significa "em tom de oitava" (cfr. #1Cr 15.21), refere-se provavelmente a uma marcação que era uma oitava inferior à usual. Moffatt traduz: "harpas reguladas para vozes baixas".

A ansiedade e a tristeza reduziram Davi à paralisia do desespero próprio em que o seu único remédio é uma confiança implícita na misericórdia de Deus. A ocasião pode ter coincido com #2Sm 15.1-6. O poema divide-se em quatro partes.

a) O caráter angustioso da situação (1-3)

A repetição e o paralelismo do verso 1 cria um sentimento de tristeza e de tensão. Em primeiro lugar, há um conflito entre o ideal e o real. A acentuação sobre a **ira** da repreensão de Deus e o desprazer aflitivo do Seu castigo implicam numa tensão na mente de Davi que resultava da sua ignorância da causa da ira divina.

Em segundo lugar, o sofrimento de Davi não só é psicológico (**porque sou fraco**, "debilitado" -SBB) mas também físico (**os meus ossos estão perturbados**); isto é, a sua vida está franzida pela aridez e frialdade das circunstâncias em que se encontra e também por causa da aparente não intervenção de Deus. Isto dá motivo ao escárnio dos seus inimigos e enche a sua mente das sombras incertas da dúvida. Todavia, ele crê que Deus pode curar o seu corpo em desequilíbrio e que está atormentado pela doença.

Em terceiro lugar, a angústia da sua **alma** (3) é maior do que qualquer outra coisa. Ele sente-se apanhado entre a intensidade da sua tribulação e a incerteza das suas causas e da sua duração. **Senhor, até quando?** (3) Não se trata de uma pergunta petulante a respeito dos propósitos de Deus mas uma expressão pungente do seu coração em agonia. Cfr. #Jó 7.3-6; #Jó 16.9-16.

>Sl-6.4

b) A petição (4-5)

O fundamento dos seus rogos a Deus move-se agora da experiência pessoal e da necessidade humana para assuntos não temporais e para o caráter divino.

Volta-te (4) pode ter o significado de "repete", isto é, livra-me como o tens feito em emergências anteriores (do que o verso 8 pode ser um reflexo). **Por tua benignidade** (4). A súplica por salvação baseia-se no caráter de Deus essencialmente compassivo. Cfr. #Êx 34.6.

>SI-6.5

O verso 5 introduz uma razão para fortalecer os rogos pela salvação. Se Davi vivesse, poderia recordar Deus com ações de graças. Mas no **sepulcro** ("Seol", que significa o lugar dos mortos) ele não poderia fazê-lo. Cfr. #SI 30.9; #SI 88.10; #Is 38.18. O uso, aqui feito, de um argumento baseado no que se situa fora da existência terrena, é a contrapartida do argumento inicial (1) fundamentado na crença de que o julgamento espiritual se expressava em termos de prosperidade ou miséria pessoal. Ambas eram suposições erradas, mas não invalidam de forma alguma o apelo fundamental à misericórdia de Deus.

>SI-6.6

c) As circunstâncias da aflição (6-7)

Há aqui um regresso, numa forma diferente, ao modo como se apresentam os primeiros versos. A lamentação diária é expressada na imagem de lágrimas intermináveis e do cansaço dos olhos encovados. De um lado, manifesta-se o seu próprio sofrimento (6) e do outro, pensamentos vexatórios acerca daqueles que o odeiam (7). Tudo isto lhe rouba o sono e fá-lo parecer prematuramente velho.

>SI-6.8

d) A visão de fé (8-10)

Estes versos interpretam-se melhor como uma experiência antecipada daquilo que é mais desejado. Pode apresentar-se colorido pela recordação de ocasiões anteriores, mas, primariamente, trata-se de um sentimento intuitivo de um cumprimento que é ainda futuro. O verso 10 é uma expectativa, daquele cumprimento, mais sóbria mas igualmente confiante; aqueles que se lhe opõem serão transtornados pela contradição óbvia do que esperam. Em lugar da perturbação da sua própria alma (3) eles é que se perturbarão. A intervenção de Deus, em resposta aos seus rogos (2-5), inverterá todos os seus

valores e lançá-los-á em confusão de uma forma absoluta e inesperada (cfr. [#Sl 35.4-8](#); [#Sl 83.13-17](#); notem-se passagens do Novo Testamento como [#2Ts 2.4-10](#); [#2Pe 3.3-10](#)).

Sl-7.1

SALMO 7. UM APELO AO JULGAMENTO

Esta é outra oração por proteção divina contra a crueldade e a calúnia. [Cush](#) (ver o título) não é citado nas crônicas do tempo. O Talmude identifica-o com Saul; pode ter sido um dos fanáticos da linhagem da casa de Saul, como Simei ([#2Sm 16.5](#)). Entende-se, geralmente, que o poema pertence ao período das perseguições que Saul moveu contra Davi. Ver a [Introdução ao #Sl 52](#)

a) Um apelo a Deus (1-10)

Em face de um perigo imediato, Davi recorre a Deus. A situação é definida pela fuga de inimigos cruéis, dos quais um é particularmente temível porque a sua maldade é tão irracional como o comportamento de um leão irado. Os vers. 3-5 revelam a convicção da inocência pessoal quase tão veemente como a de Jó quando encerrou o debate com os seus amigos ([#Jó 31](#)). É claro que aqueles que buscavam a vida de Davi acusavam-no também de desonra, isto é, de tentar exercer vingança sobre o ungido Saul. As palavras do verso 4 recordam o incidente de [#1Sm 24.1-12](#).

>Sl-7.6

Os vers. 6-7 são, com efeito, um desafio à justiça de Deus. Note-se a parte final do verso 6 em que Davi, como se repentinamente ficasse seguro de que a sua oração fora respondida, pede que o julgamento comece. O apelo ao julgamento divino é necessariamente absoluto e final e o salmista relaciona a sua própria vindicação com a visão do julgamento de toda a humanidade perante o supremo tribunal do céu (cfr. [#Is 43.9](#)). É melhor entender-se a parte final do verso 7 como um apelo a Deus no sentido de regressar ao Seu trono de julgamento, cfr. [#Sl 9.11](#). No vers. 8, supõe-se que o tribunal do céu foi já constituído e que o julgamento universal principiou. O salmista, em primeiro lugar, roga a Deus um julgamento favorável a si próprio com fundamento na sua integridade (8; a atitude persistente de Jó). Depois pede um julgamento segundo a verdade para os ímpios, isto é, aqueles que buscam destruí-lo invocando que, na ocasião da avaliação da vida, final e segundo a verdade,

toda a prática do mal deve ser manifestada como engendrando a sua própria condenação. O verso 9 podia traduzir-se "que a maldade do ímpio seja manifestada na sua própria calamidade". Confiado em que Deus avalia a natureza interior do homem, o salmista reitera a sua própria inocência e a sua confiança imperturbável num tal exercício do poder divino que eliminaria o mal e estabeleceria a justiça. Cfr. #Sl 26.1-7 e ver o contraste com #Rm 3.4; #1Co 4.4.

>Sl-7.11

b) O julgamento divino (11-17)

Deus é justo (11). A ênfase aqui está posta na realidade da reação contínua de Deus perante as más ações do homem (corrigindo deste modo qualquer inferência da impaciência humana em 6-7). Esta reação apresenta-se desenhada na alegoria da agressão irresistível-a espada afiada, o arco retesado, armas mortais e dardos inflamados -que o pecador encontra quando avança obstinadamente para a perdição porque recusa voltar-se (12) para o fato central da graça e da misericórdia divinas. Seguidamente, descreve-se toda a carreira da impiedade, no seu começo, a sua ação e o seu fim (14-16; cfr. #Tg 1.15). O homem perverso dá origem, pela sua própria natureza, à falsidade e ao erro (14); o seu trabalho fracassa nos seus propósitos e torna-se um laço para ele próprio (15; cfr. #Sl 9.16); os seus planos e os seus métodos causam finalmente a sua ruína (16; cfr. #1Sm 25.39; também #Mt 21.33-41; #Mt 25.24-28). Todos estes pensamentos evocam no salmista uma convicção profunda de que Deus é digno de louvor, não só por causa da Sua justiça inata mas também devido à sua resposta segura a este apelo por julgamento. O nome de Deus é Jeová, o Altíssimo (17).

Sl-8.1

SALMO 8. O HOMEM, UM PARADOXO

Este poema, não se assemelhando aos salmos imediatamente precedentes e seguintes, de caráter suplicatório, é meditativo e filosófico e apresenta a fragrância lírica dos primeiros anos de Davi. *Sobre Gittith* (ver o título) pode significar um tom associado com o trabalho no lagar de vinho, ou pode referir-se a um instrumento ou melodia de Gate.

A primeira e a última frases são idênticas e constituem a estrutura de idéias profundas acerca do ser essencial de Deus e do Seu trabalho na terra.

a) A majestade universal de Deus (1-2)

Ó Senhor, Senhor nosso (1). Literalmente, "Ó Jeová, nosso Senhor". Davi fala em nome do povo de Jeová, e também em nome de toda a humanidade. A excelência, ou majestade, do Seu **nome** (isto é, a Sua natureza maravilhosa) expressa-se em e através dos Seus trabalhos **em toda a terra. Sobre os céus.** Isto sugere que o brilho e a estabilidade do universo expressem o poder e o esplendor de Deus. A glória de Deus é também revelada aos homens mesmo em aspectos tão antitéticos (aspectos de certo modo opostos, cfr. **#Mt 21.16**) como a infância e o julgamento corretivo (cfr. **#Mt 21.16**). **Suscitaste força** (2), isto é, "estabeleceste força". **Vingativo**, isto é, alguém que procura vingarse a si mesmo.

Além disso, a glória de Deus é revelada no fenômeno da justiça. Quando os homens procuram, por si mesmos, retificar as más ações do seu próximo, porque duvidam da existência de Deus ou negam os Seus atributos de justiça, estão, eles próprios, a testificar da existência da justiça, que, como a linguagem, é uma evidência do glorioso ser que é Deus (cfr. **#Na 1.2-3**).

>Sl-8.3

b) Os insondáveis caminhos de Deus (3-8)

Neste Salmo desenvolve-se um sentido paradoxal e o mesmo está agora elaborado em relação à existência do homem. A meditação sobre o trabalho variado da criação nos céus (cfr. **#Jó 36.22-37.12**) e nos corpos celestes (cfr. **#Sl 19.1-6; #Jó 9.7-10; #Jó 38.31-33**) suscita a convicção a respeito da fragilidade e da insignificância do homem. **Homem... filho do homem** (4). As palavras hebraicas denotam a origem humilde, baixa, do homem e a fragilidade humana. **O visites** (4); isto é, "graciosamente o busques". Porque haveria Deus de lembrar-se de qualquer homem e, realmente, nunca o deixar só (cfr. **#Sl 144.3**; também **#Sl 33.13-19; #Êx 3.15-16**)? A razão e a observação não podem oferecer qualquer resposta a esta pergunta. Apenas pode encontrar-se mediante a revelação divina, que revela um conceito do homem que parece completamente incompatível com as próprias inferências do homem. Cfr. **#Jó 7.17**. Sabemos que o que foi revelado ao salmista foi autenticado em Cristo.

A meditação sobre o propósito essencial da criação, como revelada desde a antigüidade, evidencia uma particularidade tripla que eleva o homem do desprezível a uma posição de espantosa eminência. Ele foi criado por Deus como "um pouco menor do que os anjos" (Almeida) ou "menor do que Deus" (SBB) (5). O hebraico é ' **elohim**. Esta imagem divina transmitida ao homem é acompanhada por certos atributos, **glória** e **honra**, que torna o homem superior a todas as outras criaturas. Além disso, o mundo e a sua forma de vida têm sido postos sob a autoridade do homem.

Esta consciência de uma chamada e de um destino elevados evocam no salmista a frase de louvor final e exuberante do verso 9.

Deve notar-se que o Novo Testamento amplia este Salmo e interpreta-o também cristologicamente. **#Hb 2.5-9** cita primeiramente a versão dos Setenta (em que ' **elohim** é traduzido **angelous**) e depois baseia o seu argumento sobre uma exegese completa e literal do verso 6. A declaração **tudo puseste debaixo de seus pés** é tomada como referindo-se profeticamente a Jesus. **#1Co 15.27** interpreta este mesmo versículo, acerca de Cristo, de um modo análogo.

Sl-9.1

SALMO 9. A BASE DO LOUVOR

A palavra **Muth-labben**, no título, é habitualmente traduzida por "morte do filho", mas isto é incongruente com a nota de louvor do cântico. Pode ter sido o título de um cântico mas uma alteração ligeira do hebraico alteraria o significado para "morte do campeão". Se, como o Dr. Thirtle tem sugerido, a parte musical dos títulos dos salmos pertencia originalmente ao fim do Salmo precedente (como em **#Hc 3.19**), então o título musical do **#Sl 9** pertence ao **#Sl 8**, que podia, nesse caso, considerar-se como celebrando a morte do campeão Golias, morto por alguém que ele desprezaria como "um bebê de mama" (**#Sl 8.2**; cfr. **#1Sm 17.33,42**).

O Salmo tem uma estrutura acróstica imperfeita e é o primeiro de nove poemas alfabéticos no Saltério. Inclui três partes principais e cada subdivisão desenvolve o pensamento final da seção anterior.

a) A exultação pessoal em Deus (1-10)

Nos vers. 1-2 declara-se que esta exultação tem raízes profundas e é resultante de uma impressionante intervenção de Deus. **Todas as tuas obras maravilhosas.** Cfr. #SI 98.1; #SI 105.5.

>SI-9.3

A causa histórica desta elevação e desta ação de graças é, em primeiro lugar, a vitória na batalha (3-4) por meio da qual Deus vindicou o reinado de Davi. Demonstrou-se que a verdade e a justiça têm estado com a causa de Davi. Em segundo lugar, ele regozija-se com a destruição dos seus inimigos (5-6) que deixaram de existir como inimigos perigosos. **Consumaram-se as assolões** (6). Comparar com o fim dos Amalequitas (ver notas a respeito de #Nm 24.20).

>SI-9.7

A causa religiosa da sua alegria e do seu louvor é, primeiramente, a perpetuidade do justo governo de Deus (7-8); os temas do ser inexaurível de Deus e justiça essencial são usados para unir a esfera da Sua entronização celestial em poder e a Sua administração terrena caracterizada por uma vigilância incessante. **Povos** (8). Em segundo lugar, ele louva a Deus pela infalibilidade do Seu cuidado gracioso (9-10); todos os homens que reconhecem o Senhor e Lhe obedecem (**os que conhecem o Teu nome**) podem descansar inteiramente no Seu cuidado protetor mesmo quando se encontram fatigados e oprimidos.

>SI-9.11

b) Exultação coletiva em Deus (11-16)

As bases históricas do louvor do salmista são particularmente suas, mas os fundamentos religiosos não podem reconhecer tais restrições, pelo que todos os homens, em toda a parte (povos-vers. 8) são chamados a louvar Deus (11-12, cfr. #SI 96.3,7-10). Um tal reconhecimento coletivo da soberania de Deus não podia ser evocado do mesmo modo que o do salmista, mas podia ser induzido pela compreensão, por parte dos homens, de que não há escape possível dos olhos de Deus (cfr. #SI 33.13-15). Todo o derramamento de sangue causado por motivos humanos é repugnante a Deus (#Gn 9.5; cfr. #Lc 9.50-51; #Ap 6.10) e deve esperar-se a Sua intervenção.

>SI-9.13

Os vers. 13-14 são um típico **clamor dos aflitos** (12) que Deus ouve e sobre o qual atua. O perigo lançou-o para as portas da morte, isto é, mesmo para o termo da existência (cfr. **#SI 107.18-19**); mas a sua esperança em Deus é que lhe será concedido voltar de novo às portas de Jerusalém onde testemunhará da libertação divina. Os vers. 15-16 são uma afirmação da própria fé do salmista, o comentário de um homem piedoso a respeito da situação desgraçada dos ímpios, quer atual quer antecipada, habitualmente considerada como sendo a operação da "retribuição natural" (cfr. **#SI 7.15-16**). Este é um aspecto da ironia divina em que é inexoravelmente manifestada a justiça essencial de Deus. (cfr. **#Gl 6.7-8; #2Co 5.10**).

Isto é um pensamento tão solene que uma pausa (**Selah**) vem indicada, durante a qual deveria tocar-se uma música de caráter meditativo como **Higgaion**. Esta palavra é traduzida no **#SI 92.3** como "com som solene".

>SI-9.17

c) Sensatas reflexões (17-20)

Os homens que perversamente ignoram Deus ou se rebelam contra os princípios da piedade devem, seguramente, morrer. **Serão lançados no inferno** (17), isto é, Seol, o lugar dos mortos. Ver **#Gn 3.19**. Por outro lado, o **necessitado** e os **pobres** (18) são, de um modo igualmente seguro, o objeto do cuidado especial de Deus. Note-se o contraste entre os vers. 5 e 6. A referência freqüente no Saltério aos "pobres e necessitados" não implica necessariamente uma destituição material. A frase é aplicada a todos os que têm sido reduzidos a uma dependência extrema de Deus (cfr. **#Mt 5.3**).

Como para compensar a atividade dos que praticam o mal, há sempre uma possibilidade da intervenção de Deus. A marcada confiança no Senhor, que caracterizou os primeiros versículos, é agora orientada para uma petição (19-20) no sentido de que Ele defenda o Seu poder, julgue os povos da terra (cfr. **#SI 7.6-9**) e assim infunda terror aos arrogantes por uma demonstração da Sua majestade para que todo o homem tenha de confessar a sua própria fraqueza humana e a sua natureza efêmera (cfr. **#Tg 4.14**). **O Homem** (19). Heb. **enosh** ver **#SI 8.4** n. **Medo** (20). Esta palavra é usada aqui no sentido de "terror", como em **#Dt 26.8; #Dt 34.12**.

SI-10.1

SALMO 10. A URGÊNCIA DA PETIÇÃO

Alguns manuscritos hebraicos, bem como a versão dos Setenta, mostram este Salmo simplesmente como uma continuação do nono. Como prova disto, verifica-se que do verso 12, em diante, há um recomeço da estrutura alfabética. Além disso, os primeiros onze versículos constituem um desenvolvimento da oração com que termina o #SI 9, de modo que se verifica uma certa semelhança de tema, nomeadamente, um descanso extremo em Deus a fim de alcançar o livramento da pressão dos homens maus. Contudo, as diferenças entre os dois Salmos são suficientes para justificar a idéia tradicional de que é uma composição separada e posterior, embora escrita de modo a condizer com a outra. (Notem-se frases em correspondência como #SI 9.9a e #SI 10.18; #SI 9.9b e #SI 10.1b; #SI 9.12b e #SI 10.12b; #SI 9.19a e #SI 10.12a). Este poema compreende duas partes principais.

a) Por que fica Deus em silêncio quando abunda a impiedade? (1-11)

Os homens perversos e as suas ações nunca prosperariam se a justiça divina imediatamente fizesse cair o juízo sobre a sua impiedade. Mas, por outro lado, a impiedade nunca forjaria a sua própria condenação a menos que a prática do mal se concretizasse e achasse alguma expressão. A perplexidade do Salmista (1-2) manifestou-se porque Deus continua a parecer indiferente durante muito tempo mesmo depois que a injustiça entre o Seu povo se tornou flagrante, freqüente e objetiva (cfr. Salmos como 22; 35; 37; 38; 73). **Sejam apanhados** (2). Segundo a tradução inglesa, à margem, é melhor considerar esta frase como um caso de paralelismo de pensamento invertido. Não são os ímpios que são "apanhados", mas "o pobre".

>SI-10.3

Os vers. 3-11 apresentam uma descrição pormenorizada dos caminhos dos ímpios. São caracterizados, antes de mais nada, pela suficiência própria baseada no sucesso mundano. **O ímpio gloria-se** (3); isto é, canta louvores a si mesmo, fazendo dos seus próprios desejos o seu deus (cfr. #Hc 1.15-16). As palavras que se seguem são difíceis. Em relação ao verso 4, note-se o #SI 14.1 e #Jó 21.14-15. Não é propriamente o fato de que o homem perverso nega a existência de Deus (o ateísmo era virtualmente desconhecido entre os judeus

neste tempo) mas que ele põe a ridículo o princípio de que Deus esteja preocupado com o comportamento do homem (5-6). A ausência de uma punição imediata sobre aqueles que praticam o mal é sempre um forte argumento para um pecador cujos valores, que reconhece, estão inteiramente situados neste mundo, de modo que mesmo a morte constitui pequena ameaça para ele (veja-se a veemência de Jó a este respeito em [#Jó 21.17](#)). Há também uma falsidade interior que brota dos seus maus desejos. O sentimento de culpa adiciona-se à cegueira e isto expressa-se primeiramente através da fala (7) e depois por meio de ações ocultas contra os inocentes e aqueles que se encontram sem auxílio (8). Estas práticas cruéis são descritas outra vez no verso 9, o espírito enganador é declarado de novo no verso 10 e a falsidade primária do seu discurso é expressa mais uma vez no verso 11.

>Sl-10.12

b) Um apelo a Deus para intervir (12-18)

Excetuando o verso 1, o tema da primeira parte do Salmo tem sido os "ímpios", a quem foram feitas dezenas de referências. Na segunda parte o tema é [O Senhor é Rei](#) (16) e Ele é mencionado uma dúzia de vezes. A direção do pensamento muda dos pormenores das práticas ímpias para as características do governo de Deus. Estas estão inteiramente em desacordo com as noções dos homens perversos cujas convicções interiores a respeito da indiferença de Deus são completamente falsas. As aflições do Seu povo não são apenas observadas mas tornam-se em oportunidades para a ação divina (14). O Salmo torna-se assim um apelo a Deus para que Ele intervenha e elimine a impiedade (15). Além disso, porque Deus é o Rei eterno, o estabelecimento da verdade e a restauração dos corações sobrecarregados e oprimidos são tão certos como se já estivessem virtualmente concretizados (17-18). A incidência do julgamento divino nos assuntos humanos era considerada inteiramente secundária em relação ao seu caráter inevitável. Foi esta última convicção que impeliu o Salmista a rogar a Deus que apresse a Sua intervenção (12). Esta conclusão é paralela à do Salmo precedente, mas a oração dos vers. 17-18 é caracterizada pela serenidade e confiança enquanto que [#Sl 9.19-20](#) exprime veemência e desassossego. [O homem... da terra](#) (18). Ver [#Gn 3.19](#). Uma referência à fragilidade humana do homem e à sua decadência final.

Sl-11.1

SALMO 11. UM CÂNTICO DE CONSTÂNCIA

O tema da confiança serena em Deus, mesmo em presença do perigo, é o mesmo que caracterizou o #SI 7 e é um tópico freqüente no Saltério (ver, por exemplo, 23; 27; 34). Este poema reflete a atitude de Davi na ocasião em que alguns amigos o aconselharam a fugir da inveja chocante de Saul mesmo antes da terceira e mais séria tentativa contra a sua vida (ver Sm 18.11; 19.10). O corpo do Salmo, isto é, os versos 1b-6, expressa dois pontos de vista diferentes; a conclusão do Salmista é dada no verso 7 e a sua afirmação pessoal de fé é feita no início (1a).

a) O aviso da prudência (1-3)

O conselho **Fugi como pássaro... que pode fazer o justo?** Pode ter sido dado a Davi por amigos seus ou pode representar a voz do expediente no próprio coração de Davi. O aviso foi atendido eventualmente e Davi, com uns poucos amigos, procurou refúgio em lugares remotos das colinas. O verso 2 baseia-se numa tentativa real para matar Davi com um dardo de arremesso, mas a frase **armam o arco** é muitas vezes usada com referência a um ataque hostil por meio da ação ou da palavra (cfr. #SI 7.12; #SI 37.14; #Jr 9.3). **Ocultas** (2); ler antes "nas trevas". No verso 3, o argumento é fortalecido por meio de um apelo a considerações gerais: "Onde quer que os fundamentos da sociedade se encontrem minados e destruídos pela ação de reis e conselheiros que ignoram a honra e a justiça, o que têm feito os homens bons e justos a fim de evitar tal colapso?" Será que Davi presume fazer o que outros grandes homens não têm realizado?

>SI-11.4

b) A vigilância que Deus exerce (4-7)

Acima e contra o perigo dos acontecimentos correntes e a aparente ineficácia da inocência (2c) e da justiça (3b) encontra-se a suprema e vigilante santidade de Deus. Aquele cuja habitação é o Céu, e cuja autoridade está entronizada sobre todos, está não obstante e sem cessar a escrutinar o comportamento de todos os homens (cfr. #SI 33.13-18; #SI 94.9; plenamente desenvolvido no #SI 139) e a submeter os piedosos a várias provas experimentais (cfr. #Tg 1.12). Ele não reage de modo incerto ao que vê: sobre os piedosos Ele estende a Sua presença protetora; sobre os ímpios, cujos atos Lhe são repugnantes, Ele envia os desastres de calamidades naturais (cfr. #Gn 19.24; #SI 18.7-14).

Perante estes dois aspectos diferentes da vida (ver a e b acima) o salmista não hesita em adotar o último e em se entregar Àquele Senhor que está sempre vigilante e que ama os que buscam a justiça. Num contraste absoluto com os dias alvoroçados de luta e de incerteza de vida no meio de uma corte enganosa, o coração que firme e perseverantemente confia no Senhor, depois de ser provado (5) terá paz na Sua presença. Cfr. #Ap 22.4.

SI-12.1

SALMO 12. A MENTIRA CONTRA A VERDADE

Embora este Salmo pertença ao vasto grupo dos lamentos perante o sucesso dos que praticam o mal (por exemplo #SI 7; 10; 17; 25; 37), o tema respectivo é mais especializado do que o de alguns. A atividade dos ímpios é primariamente sentida pelos inocentes e pelos piedosos como desenvolvendo-se no domínio da fala, isto é, uma falsificação e perversão do dom divino da linguagem. Pelo que a intervenção de Deus deve ser não só por meio de atos mas também por palavras. O poema expressa a pureza real da palavra de Deus em oposição às plausíveis reivindicações de lábios vãos.

>SI-12.8

a) A tendência social (1,8)

O primeiro e o último versos oferecem um esboço da corrupção contemporânea da sociedade em que homens indignos e baixos ocupam posições de influência e de poder, de tal modo que a impiedade é abertamente aprovada enquanto os homens retos, de fé piedosa, são forçados a sair da vida pública.

>SI-12.2

b) A língua lisonjeira e enganosa (2-4)

A comunicação entre os homens está crivada de falsidade, lisonja, duplicidade, e vaidade de discursos (cfr. #Tg 3.5-10). O Senhor cortará (3). Melhor, "Que o Senhor corte...". O auge do orgulho humano é atingido quando os homens forjam a linguagem numa arma de tal forma poderosa que a publicidade enganosa parece invencível (4).

>SI-12.5

c) A verdade sublime (5-6)

Embora os homens vão e vis desdenhem do homem pobre que clama a Deus, o seu desprezo é tão destituído de fundamento como o seu orgulho. A verdade é que Deus está absolutamente consciente da opressão dos fiéis e intervirá no devido momento para nos trazer a segurança. **Aquele para quem eles assopram (5). Como prata refinada em forno (6).** Esta imagem de um cadinho do qual a prata plenamente refinada é vazada em modelos postos em terra, é uma ilustração adequada da pureza, valor e aplicabilidade, às necessidades terrenas, da palavra divina rapidamente revelada e preservada para sempre. Noutros lugares, no Velho Testamento, o processo de refinação é quase sempre aplicado aos filhos de Deus que são purificados na fornalha da aflição. Cfr. **#Ez 22.17-22; #Ml 3.3.**

>SI-12.7

d) Confiança plena (7)

A palavra de Deus que foi aclamada tão fervorosamente (6) é agora apropriada pelo coração movido de confiança. Porque Deus é bom (5) e a Sua palavra verdadeira, pode-se confiar inteiramente no fato de que Ele guardará em segurança os piedosos mesmo no meio de uma geração perversa e torcida.

SI-13.1

SALMO 13. DESÂNIMO E ABATIMENTO MUDADOS EM CONFIANÇA

Enquanto que o Salmo 12 era um lamento por causa da degeneração da sociedade, o **#SI 13** é um grito pessoal e lancinante. A forma como principia é caracterizada por frustração tediosa e paciência cansada. Mas o simples ato de apelar para Deus estimula a esperança do salmista de modo que a parte final é marcada por uma apreciação alegre do trabalho e do propósito de Deus na sua vida. O Salmo divide-se em três partes.

a) O apelo em quatro aspectos (1-2)

As palavras **até quando... para sempre?** constituem uma pergunta em que a esperança e o desespero se perseguem mutuamente no círculo fechado do momento em que a pressão é sentida. (Cfr. #SI 74.10; #SI 79.5; #SI 89.46). Os quatro aspectos do sofrimento são: solidão, porque Deus está esquecido dele; vergonha, porque parecendo que Deus não cuida dele transmite-lhe o sentimento da sua insignificância; desespero, porque ele é deixado aos seus próprios recursos, tão pobres para iludir os planos dos seus inimigos; injustiça, porque os seus inimigos têm a vantagem e estão exaltados, enquanto que aquele que busca viver retamente como diante do Senhor acha-se abatido e destituído de poder.

>SI-13.3

b) Um temor em quatro aspectos (3-4)

Alumia os meus olhos (3); isto é, "revigoram". (Cfr. #1Sm 14.27). Este é um apelo positivo entre expressões negativas. Atenta (olha ou contempla). O apelo direto: "atenta em mim, ouve-me, ó Senhor, meu Deus" -expressa o temor de que Deus não responderá a menos que seja solicitado a fazê-lo. O salmista vê-se constrangido a clamar a Deus, não só porque lhe é doloroso julgar-se negligenciado por Deus mas também para que a morte não venha sobre si de uma forma tão inexorável como o seu próximo sono, para que os seus inimigos não sejam finalmente triunfantes sobre ele, e para que os mesmos não tenham motivo para se regozijar em virtude de finalmente ele ser removido da sociedade humana. Estes temores são obviamente paralelos aos quatro aspectos de dor nos vers. 1-2.

>SI-13.5

c) Uma certeza em quatro aspectos (5-6)

A encarar aquilo de que a sua alma está tão intensamente privada, achando-se numa posição mesmo contrária é ressaltar pela fé para uma experiência de satisfação os apelos impulsivos e as reflexões sóbrias dos versos 1-4 não representam a atitude fundamental e a disposição do seu coração. **Mas eu** (5); isto é, "quanto a mim confio em ti". "**O meu coração se alegrará... cantarei**" (5-6). O seu desânimo dá lugar à confiança na medida em que a sua fé se firma nos quatro característicos do Senhor: a sua misericórdia para com os homens, a sua intervenção libertadora, a sua prontidão em dar aquilo que

verdadeiramente encanta os homens, e a sua bondade abundante exatamente para o homem que tem estado sem repouso. Esta esperança irreprimível, sempre clarificada e cristalizada pela oração, é uma das características constantes do Saltério (Cfr. #1Co 15.19; #Hb 6.18-19).

SI-14.1

SALMO 14. ESBOÇO DUMA SOCIEDADE CORRUPTA

Esta descrição de homens degenerados e injustos refere-se primariamente à humanidade como um todo e não meramente a um período de extrema decadência moral em Israel. Isto é confirmado pelo uso dos três primeiros versículos em #Rm 3.10-12. O Salmo foi escrito de novo, anos mais tarde, e reaparece como #SI 53, de modo que a alusão ao cativo, no vers. 7, dificilmente pode referir-se ao exílio. A frase hebraica traduzida por **fizer voltar os cativos do** (7) pode também ser traduzida por "restaurar a fortuna de". Cfr. #Jó 42.10. Podia aplicar-se ao período do poder de Absalão ou a uma ocasião de grande desgraça. O poema adota alternadamente o ponto de vista da Terra e do Céu.

a) A iniquidade dos homens (1)

Néscio ou "louco" (#Is 32.5); isto é, um homem inteiramente indiferente perante os padrões morais da lei e que adota diariamente, como princípio pessoal, a crença de que a divindade não se preocupa, em nada, com as diferenças entre o comportamento dos homens. Tais pessoas não podem viver senão uma vida dissoluta e serem incapazes de "fazer o bem".

>SI-14.2

b) O inquérito e o veredito de Deus (2-4)

A questão dos padrões fundamentais da conduta moral é levantada, sem cessar, pelo Senhor. Ele está meticulosamente preocupado acerca das ações dos homens e é rápido em notar qualquer que **entende**; isto é qualquer homem que rejeita a falsidade da premissa do louco. A diagnose do verso 3 não pode ser fornecida pelo homem ímpio porque ele tem repudiado a bondade objetiva, a justiça e a verdade. De fato, esta é a primeira característica de tais homens; todos se têm **extraviado** de uma vida reta e se têm tornado corruptos na sua natureza (Cfr. #Jó 15.16). Pelo que, sem exceção todos são obreiros do mal;

não há quem faça o bem (3). Não terão conhecimento os obreiros de iniquidade? (4). Isto pode traduzir-se: "não saberão os obreiros da iniquidade?"; isto é, estas coisas não permanecerão ocultas daqueles que roubam o povo de Deus tão naturalmente como comem pão. Sem dúvida que o exemplo padrão encontra-se em #Êx 5.10-19.

>Sl-14.5

c) O temor ali manifesta-se sobre os ímpios (5-6)

Quer, "onde o julgamento se exerce" (como por exemplo no Mar Vermelho, #Êx 14.24-25), ou simplesmente "se acharam em grande pavor". Todavia, Deus sempre está com os poucos homens justos se a sua preservação final é o seu conforto e esperança mesmo quando Ele está oculto dos olhos dos néscios (Ver 1A). Em situações reais, homens ímpios podem abertamente ridicularizar os avisos dados pelos justos e escarnecer do seu conselho, isto é, a sua dependência de Deus (Notar o contraste com 1A): contudo, Deus é o refúgio secreto dos retos (Cfr. #Hb 11.7). Porquanto (6). Melhor como noutra tradução, "mas".

>Sl-14.7

d) Uma oração clamando por bênção divina (7)

Este último versículo pode ser uma adição posterior ao salmo, para o tornar próprio para uso público por parte de adoradores devotos no templo. Expressa os anseios profundos de todas as pessoas piedosas, pela manifestação do reino de Deus. (Cfr. #2Ts 1.5-10; #Ap 22.20).

Sl-15.1

SALMO 15. AS QUALIFICAÇÕES PARA A COMUNHÃO COM DEUS

Este breve poema expressa sucintamente os ideais que o salmista acreditava que Deus esperaria da parte dos Seus hóspedes. O caráter irrepreensível, assim retratado, é medido apenas pela conduta pessoal e social; isto é, o padrão é puramente ético. Todavia, infere-se do verso 41 que o homem descrito teme a

Jeová. Uma descrição em termos similares acha-se em [#Sl 24.3-5](#) e em [#Is 33.14-16](#). (Cfr. [#Lc 1.6](#); [#Lc 2.25](#); [#At 10.2,35](#); [#Hb 12.14](#).)

Os versos 1 e 5b apresentam o tema do poema, isto é, a aspiração mais alta do homem piedoso. Por um lado, consiste em ter liberdade de acesso à presença de Deus-tipificada pelo Seu tabernáculo ou tenda (o emblema tradicional da Sua presença entre as exigências da vida peregrina), e pelo Seu [santo monte](#) ou Monte de Sião (o símbolo histórico do Seu propósito efetivo entre as vicissitudes da política nacional). Por outro lado, consiste em ter uma segurança duradoura no meio das circunstâncias aparentemente casuais de modo que, como homem justo, ele [nunca seja movido](#) pela malícia urdida pelos obreiros do mal.

>Sl-15.2

a) Conduta pessoal (2-3)

No aspecto positivo, ele é irrepreensível na forma de vida (Cfr. [#Gn 6.9](#); [#Gn 17.1](#)), sustentando ativamente um procedimento reto em todas as transações, inteiramente livre da duplicidade, porque o seu coração está posto na verdade. Negativamente, ele [não difama](#) (3); o verbo hebraico significa deambular como um contador de histórias; isto é, grosseiro e falho de cortesia na fala. Tem todo o cuidado em evitar a mera murmuração (cfr. [#1Tm 4.2,7](#); [5.13](#)), nunca tirando vantagem de um semelhante seu (3b), cuidadoso em não entristecer os seus amigos por meio de conversas idiotas e destituídas de tato a respeito de coisas que praticaram e que desde então lamentam (3c).

>Sl-15.4

b) Conduta social (4-5)

Novamente são apresentadas características pessoais positivas do caráter ideal. Em virtude de haver dois caminhos na vida, ele tem o cuidado em avaliar as pessoas antes pelos seus padrões de moral do que por quaisquer outros fatores. Ele reprovava energeticamente um companheiro por falta de humildade perante Deus (Cfr. [#Sl 131.1](#)) e respeita qualquer homem que honra o Senhor. [Réprobo](#) (4) a palavra hebraica é derivada de um verbo que significa "rejeitar". O aspecto negativo é sublinhado a seguir. Se ele estiver encarregado de um dever, ou aceitar com juramento uma obrigação moral, que mais tarde se lhe afigura penosa e custosa, não abdica da sua responsabilidade porque a palavra

falada, de um voto, é uma coisa sagrada (Cfr. #Js 9.19); Ele nem oprime os outros nem reclama quando os negócios se voltam contra si (Cfr. #Mt 18.27-30) e não terá coisa alguma a ver com a corrupção da justiça pelo suborno, muito menos se o móbil parece prejudicar a parte inocente. **Usura**, isto é, emprestar com juros e mais particularmente juros elevados. (Cfr. #Lv 25.36-37; #Pv 28.8). **Peitas** significa aqui "suborno". **Nunca será abalado** (5); isto é, desfrutará de segurança, tranqüilidade e estabilidade. Notar o contraste de #Sl 10.6.

Sl-16.1

SALMO 16. O CAMINHO DA FÉ

A palavra **Michtam**, que aparece no título, tem um significado incerto. Alguns têm-na relacionada com a palavra hebraica **Kethem**, que significa "ouro", e tomam-na como significando "Um poema de ouro". Esta seria uma descrição muito adequada do #Sl 16 que é uma das pedras preciosas do Saltério, mas é menos aplicável aos Sl 56-60, que também têm a palavra Michtam como título. O Salmo é atribuído a Davi (Cfr. #At 2.25; #At 13.35-36), e contém um número de expressões que se adaptariam perfeitamente bem ao período da vida de Davi em que ele era um proscrito. Contém três divisões.

a) As marcas do crente (1-4)

São 4: Deus é o objeto da sua confiança (1); reconhece Jeová como o seu Senhor todo suficiente (2); tem prazer naqueles que temem a Deus (3; Cfr. #1Jo 3.14); foge dos falsos objetos de culto (4); (Cfr. #Js 23.7; #1Jo 5.21). **Guarda-me** (1) a palavra hebraica é traduzida "preservar" 19 vezes e "guardar" 284 vezes. **Confio** (1). Literalmente, "busco refúgio". **Santos** (3); isto é, as pessoas de Deus postas à parte para serem possessão Sua. **Os ilustres** (3). A verdadeira nobreza. **Fazem oferendas a outro deus** (4). Melhor "trocam o Senhor por outros deuses" (SBB) (Cfr. #Jr 2.11).

>Sl-16.5

b) As bênçãos presentes do crente (5-8)

São elas: um coração satisfeito (5-6); conselho e correção (7); e segurança (8). **Herança** (5). A tradução literal é "Jeová é a porção da minha herança e do meu cálice". A menção de "cálice" sugere que a primeira palavra se refere a uma

porção de alimento. O significado, então, torna-se: "Jeová é tudo o que eu preciso para satisfazer a fome e a sede". **As linhas** (6). A porção de terra medida à linha para ele, (Cfr. **#Sl 78.55; #Am 7.17; #Zc 2.1**). Os vers. 5-6 as figuras de um banquete de uma herança atribuída combinam-se. **Os meus rins** (7). O salmista refere-se figurativamente à sede das emoções e afeições que incluem aqui a consciência (Cfr. **#Sl 73.21-22**). **E de noite** (7). (Cfr. **#Sl 4.4; #Sl 17.3**). O verso 8 apresenta um lindo quadro do Salmista escondido por detrás de Deus que se levanta entre ele e os seus inimigos.

>Sl-16.9

c) As perspectivas do crente (9-11)

São elas: Preservação da morte (9); a vereda da vida revelada (10-11a); alegria na presença de Deus (11b). Davi está a pensar das suas perspectivas futuras neste mundo; mas as suas palavras, à luz do Novo Testamento, brilham com um significado mais profundo. O Salmo é citado por Pedro e Paulo em referência a Cristo (**#At 2.25-28; #At 13.35**). Foi perfeitamente cumprido n'Ele, que é o guia da vida de fé (**#Hb 12.2**), mas também é verdade a nosso respeito que somos Seus seguidores. **A minha glória** (9). A versão dos Setenta traduz "a minha língua"; (Cfr. **#At 2.26**). **Repousará segura** (9). (Cfr. **#Dt 33.12,28; #Jr 23.6**). **Não deixarás a minha alma no inferno...** (10). Literalmente "não abandonarás a minha alma ao Seol, não permitirás que o teu amado veja o abismo". **Ver** (11), isto é, fazer-me saber.

Sl-17.1

SALMO 17. A ORAÇÃO DE UM HOMEM JUSTO EM SUA DEFESA

Há três Salmos com o título "A oração de Davi" (17; 86; 142), mas este é o mais espontâneo deles; pode bem expressar o seu clamor fervente na situação desesperada em Maom (**#1Sm 23.26**), especialmente porque Davi estava muito confiante na sua integridade naquela ocasião (**#1Sm 24.11**). A intensidade e a urgência da sua oração não se expressam apenas na impressão geral de ansiedade e dogmatismo mas também nas três facetas do seu apelo.

a) O seu desejo de ser ouvido (1-5)

Palavras como **ouve, atende, dá ouvidos, atendam os teu olhos** (1-2) dão forma e força não só ao grito agudo e penetrante (Heb. **Rinna** -um grande e alto grito) do seu coração e à convicção firme da sua própria justiça. Estas características atingem ainda uma maior proeminência por meio de uma comparação implícita, primeiro com a oração de **lábios enganosos** (1b), e em segundo lugar, com os motivos injustos dos seus adversários que, examinados pela justiça Divina, manifestar-se-iam diferentes dos seus próprios (2).

O segundo elemento do seu apelo, nomeadamente a sua integridade, é mais plenamente expresso nos vers. 3-5. Esta convicção é suportada e confirmada, primeiro, pela referência ao exame que Deus faz do seu ser mais íntimo e depois por um exame pessoal e exaustivo, um inquérito que não tem posto a descoberto qualquer coisa falsa. Em segundo lugar, ele declara que, nas suas relações com os homens, sempre tem observado e tem procurado cuidadosamente atender à palavra do Senhor (Cfr. **#Sl 119.11**), em consequência de que nunca se extraviou nem tropeçou na vereda da honra e da retidão.

>Sl-17.6

b) A sua oração por proteção (6-12)

A nota do apelo apaixonado é reintroduzida por palavras como **eu te invoquei, me queres ouvir, inclina, escuta, faz**, e aparece outra vez uma referência indireta aos seus opositores (7c). Esta nova nota, comparada com o tom decisivo e dogmático dos versos 1-2, é caracterizada por adoração e confiança. Note-se a frase **fazes maravilhosas as tuas beneficências** (7) e o conceito de Deus como um refúgio para o coração confiante, refletido em palavras como **a tua destra** (7; **#Êx 15.6**). O objetivo da sua oração, isto é, a sua necessidade de proteção daqueles que o atacam, é mais exatamente especificado nos vers. 8-12. Em primeiro lugar, verifica-se um desejo da sua parte de ser tratado com toda a ternura como se fosse imensamente precioso para Deus, o centro da Sua atração (figurado na menina do olho) e o objeto da Sua proteção (abrigado sob as asas abertas, símbolo de amor). Ambas as comparações se encontram em **#Dt 32.10-11**. Este desejo é avivado nele pelo fato de se encontrar rodeado de **inimigos mortais** (9); isto é, homens cujo propósito é a sua morte.

Seguidamente, o caráter dos seus inimigos é retratado em vários aspectos. **Na sua gordura se encerram** (10). Na sua indulgência própria não sentem qualquer piedade pelos outros. Preferem ameaçar porque estão confiantes no seu

próprio poder. E porque têm rodeado Davi e seus amigos vêm já a companhia do Salmista lançada por terra como cativos. Um (ou cada um) dos homens atacantes é como um leão enfurecido (Cf. #1Pe 5.8), e o pensamento do seu poder escondido introduz a fase final da oração.

>SI-17.13

c) O seu apelo para ser justificado (13-15)

Este apelo abrupto e repetido a Deus é a reação natural à analogia de um leão oculto, pronto a saltar sobre ele a cada momento. O Salmista clama ao seu protetor para intervir e **deter** o seu inimigo (13), fazendo-o assim abater-se. A insistência num ato de Deus é claramente revelada em "livra a minha alma... com a tua espada...". Isto dá uma nova probabilidade para formar o contraste dos pensamentos finais; este se desenvolve agora em referência às características essenciais dos ímpios e dos piedosos.

>SI-17.14

Os inimigos do Salmista são **homens do mundo** (14); isto é, homens cuja esfera de atividade e cujo escalão de pensamento está inteiramente dentro do mundo físico (Cfr. #1Jo 2.15-17). **Cujo ventre enches do teu tesouro oculto** (14). Como os ideais deles estão inteiramente nesta vida, sentem-se amplamente satisfeitos com a experiência da prosperidade material (Cfr. #Fp 3.19), e satisfazem-se em ser ricos em filhos a quem pode ser legada uma vasta herança. O Salmista, piedoso, é absolutamente diferente. A sua ambição não consiste em possuir riquezas terrenas mas em gozar uma comunhão inquebrantável com Deus. **Contemplarei** (15) deve entender-se no sentido de "anelo contemplar". O seu desejo supremo é experimentar ou compartilhar da **semelhança** de Deus, o sentido primário desta expressão não é o de uma transformação depois da morte (Cfr. #Fp 3.21; #1Jo 3.2), **porque quando acordar**, significa "quando esta ameaça negra passar poderei mover-me e ficar livre" (Cfr. #SI 57.8; #Ef 5.14), ou "quando despertar cada dia satisfazer-me-ei". O Salmista anseia por uma manifestação atual do Senhor tão vivida e real como a que deu a Moisés (Cfr. #Nm 12.8).

SI-18.1

SALMO 18. O CÂNTICO DE VITÓRIA DE DAVI

Parece tratar-se de uma versão de #2Sm 22 ligeiramente revisto para torná-lo apropriado ao uso geral. O título indica as circunstâncias desta ação de graças jubilante. A sua libertação de **todos os seus inimigos** (ver o título) pode sugerir o período depois de #2Sm 8, quando a sua vida foi coroada por sucessos quase ininterruptos. As palavras do **servo do Senhor** não se encontram em #2Sm 22. A frase é altamente honrosa e, excetuando duas referências a Josué, é quase sempre aplicada a Moisés, ou usada profeticamente a respeito do Messias.

a) Introdução (1-3)

A primeira palavra, forte e invulgar, é muito impressionante: **raham**, significa amar muito ternamente, e na raiz tem a idéia de misericórdia. Deus é chamado um **rochedo** (2) não só pela experiência de Moisés (#Dt 32.4,18,30-31,37) como também pela própria experiência de Davi (#1Sm 23.25,28).

Os sete títulos gráficos atribuídos a Deus no segundo versículo são todos expressivos de inexpugnabilidade e refletem o domínio que este pensamento exerceu sobre Davi durante os anos em que ele foi objeto de caça por parte de Saul.

>SI-18.4

b) Perigo horrendo e libertação divina (4-19)

Os seus sentimentos nesta ocasião assemelham-se aos dum homem que está a afogar-se absorvido por fortes águas em redemoinho ou aos de um animal selvagem preso numa rede (4-5). Não havia alguém que pudesse ajudá-lo exceto o Senhor, de modo que Davi clamou alto a Ele na sua desgraça (6). O verbo encontra-se no presente como se o acontecimento ainda estivesse vívido perante ele. Deus veio em seu auxílio (7-15). A vinda divina é descrita dum modo mais vigoroso e terrível; o fato espiritual é concretizado numa perturbação da natureza tão profunda que quase podia parecer que a Criação estava a ser desfeita. O advento divino é visto em associação com o fumo e escuridão e a voz de palavras, como quando a Lei foi dada no Sinai. E também marcada por um esplendor brilhante e por relâmpagos como na iluminação rápida da revelação da graça (Cfr. #Hb 12.18-24). Ambos são sinais de julgamento. Note-se que em todo este tumulto não há semelhança do próprio Deus (Cfr. #Dt 4.11-12). Expressam-se aqui idéias abstratas numa imagem gráfica, característica esta comum nas Escrituras. A descrição da vinda divina não se destina a ser traçada em imagens na mente. A passagem deve ser outra

vez transferida para o seu conceito original. Por detrás da alegoria está o contraste de Deus como intangível e, todavia, poderoso, como inescrutável e, todavia, alguém de quem não se pode escapar. Este ato de Deus era intensamente pessoal e, neste relato do livramento do Salmista, o fundo natural desaparece completamente. Mesmo os seus poderosos inimigos são mencionados indiretamente, pois que a experiência era a sua própria, numa forma tão íntima. É esta a razão da repetição de **ele... me...** e a maravilha culminante do Senhor o ter libertado de todas as suas tribulações **porque tinha prazer em mim** (19), nota-se aqui um paralelismo com a salvação de Moisés, em criança, das forças que ameaçavam esmagá-lo. O verbo **tirar** (16) encontra-se somente aqui e em **#Êx 2.10**. Toda a passagem tem muitos paralelismos com a intervenção divina descrita no livro de Jó (Cfr. **#Jó 36.29-38.1**).

>SI-18.20

c) Fundamento da intervenção de Deus (20-27)

Esta seção é o desenvolvimento do pensamento de que Deus se compraz no Salmista. Envolve dois aspectos: O caráter e o trabalho de Davi (20-23) e o caminho de Deus (24-27). A intervenção fenomenal de Deus em seu favor é invocada como constituindo o galardão da sua vida piedosa. Este cuidado protetor não é reivindicado como de direito, mas o fato do mesmo é afirmado na simplicidade de um coração que não se sente embaraçado mesmo em busca da Santidade da corte celestial. A justiça de Davi não é limitada às suas relações com Saul; tem-se evidenciado em cada fase da sua vida, que ele reclama ser reta, honrada, misericordiosa, caracterizada por singeleza de coração e pureza. **Guardei-me da minha iniquidade** (23); isto é, "tenho sido tão cuidadoso na minha condição de homem de Deus que não tenho feito qualquer coisa que pudesse considerar-se 'a minha iniquidade'; isto é, alguma coisa que se tivesse tornado parte de mim mesmo" (Cfr. **#1Rs 14.8**; **#At 23.1**). O princípio subjacente a esta seção é que Deus reforça o caráter que os homens escolhem adquirir, isto é, correspondente para com eles na medida em que eles se comportam para com Ele (Cfr. **#1Sm 2.30**; **#Rm 1.28**) **indomável, teimoso** (26). Deus é obstinado com aqueles que são obstinados. Cfr. **#Pv 1.24-33**.

>SI-18.28

d) A alta chamada de Deus (28-45)

As duas declarações de Davi acerca da justiça pessoal e do princípio divino segundo o qual Deus lida com os homens de acordo com o seu caráter, são francamente confirmadas pelo relato precedente da sua libertação. Trata-se apenas de um caso; mas podem ser sustentadas também por todo o curso da vida de Davi. O salmo trata agora destes aspectos mais vastos da vida de Davi.

A força dinâmica da vida de Davi é o **Senhor meu Deus**; é a Sua luz e o seu vigor interiores que não só mantêm o calor ardente da existência pessoal como também dão incentivo e poder por meio dos quais as dificuldades São vencidas (28-29), cfr. **#1Sm 30.8**, onde a palavra "tropa" é em hebraico a mesma palavra que aqui é usada (esquadrão). **Saltei uma muralha** (29). Trata-se de uma referência possivelmente ao incidente narrado em **#2Sm 5.6-10**. Deus é digno de toda a honra e adoração, não meramente por causa das bênçãos que Ele dá, mas devido às Suas qualidades essenciais -absolutamente verdadeiro em tudo o que Ele diz e perfeito em tudo o que faz (30-31). Ele não pode portanto proteger aqueles que lhe são antagônicos, mas para aqueles que confiam nEle, Ele é plenamente digno de confiança. Além dele não há qualquer outro (Cfr. **#Is 45.5-6**). Davi tem sido cuidadosamente ensinado e experimentado por Deus (32-36). Esta preparação tem sido física: saúde, força e agilidade têm sido providas no sentido de elevar o caminho de Davi a uma situação de completamento. Tem sido também instrutiva-adquiriu perícia no emprego dos métodos de guerra e das armas-e moral: o Senhor tinha-lhe dado livremente o Seu próprio equipamento de resistência, o Seu sustento no perigo, e a Sua mansidão (35); isto é, a Sua paciência compreensiva ou, mais literalmente, mansidão durante todos os longos anos desde que tão graciosamente ele levantara um rapaz pastor para um trono de poder (Cfr. **#Sl 23.5-6**). Davi aceita avidamente o propósito desta preparação (37-38). Numa plena confiança de que Deus o tinha preparado eficientemente e adequadamente para a tarefa que lhe incumbira, ele encarrega-se de subjugar os seus inimigos. É Deus que opera nele. A conquista dos seus inimigos é realmente um ato do Senhor (39).

>Sl-18.40

Deus fizera os seus inimigos "voltar as costas" (40) na sua retirada; em conseqüência do que os extirpou.

>Sl-18.41

Era inevitável pois, que qualquer oração da parte desses inimigos rebeldes fosse desprezada por Deus e, conseqüentemente, Davi estava habilitado a esmagar a sua oposição (41-42).

>Sl-18.43

O clímax da sua supremacia é agora descrito. Não só toda a insurreição civil tinha sido derrubada (Cfr. #2Sm 3.1), mas Deus fizera de Davi cabeça de muitas nações (Cfr. #2Sm 8); e mesmo aqueles povos com quem não houvera contacto anterior imediatamente reconheceriam a sua soberania tão depressa ouvissem a respeito dele (43). Há um fundamento histórico para isto em #2Sm 10.18-19, mas tem também um aspecto profético. (Cfr. #Is 52.15; #Sl 2.8).

>Sl-18.46

e) Conclusão (46-50)

A influência proeminente destas reflexões é a viva realidade de Deus a quem Davi está inexpressivelmente grato. A expressão **vinga-me** (47); não implica ânsia de vingança; é uma declaração de que Deus, e não o homem, tinha sustentado a justiça de uma causa. O salmo conclui com uma promessa, por Davi, de que utilizará o seu domínio sobre muitos povos para espalhar em volta o louvor do Senhor seu Deus, um conceito que Paulo ajusta ao Reino do Senhor de Davi (#Rm 15.9) em quem a salvação, o amor e a graça são plenamente exibidos. Finalmente, Davi cita-se a si próprio em ligação com a aliança permanente com Deus que foi finalmente cumprida no reino eterno do Filho de Davi. (Cfr. #2Sm 7.12-16; #Lc 1.32-33).

Sl-19.1

SALMO 19. AS DUAS TESTEMUNHAS DE DEUS

Excluindo a oração final (14), o Salmo divide-se, obviamente, em duas partes, versos 1-6 e 7-13, sendo a mudança absolutamente abrupta. Cada parte trata de uma fonte da qual ou por meio da qual o homem pode adquirir ou receber o conhecimento de Deus; primeiro por influência do Cosmos visível e em segundo lugar pelas instruções recebidas da Tora. Estas são respectivamente as esferas material e moral, uma infinita e impressiva em grandeza, a outra interior e direta no seu modo de operar. Sem a luz física do Sol e a luz espiritual dos Mandamentos divinos, toda a vida fracassaria (notar o contraste

do vers. 5) e tornar-se-ia falsa (precipitada no erro escondido através de um entendimento obscurecido, versos 12-13).

a) A glória universal das alturas (1-6)

1. A GLÓRIA DO FIRMAMENTO (1-4a). A contemplação do Céu é um estímulo constante ao louvor no Livro dos Salmos (Cfr. 29; 93; 104; 136.5-9; 148). A ênfase que encontramos aqui está posta no testemunho objetivo em vez de nas interpretações subjetivas. Os céus declaram, sem cessar, e manifestam a glória de Deus, e cada dia fala ao dia seguinte e cada noite torna-O conhecido (Cfr. #SI 1.1; #SI 113.3). Enquanto que eles próprios estão silenciosos e mudos, o seu testemunho é ouvido por toda a parte. **As palavras** do seu testemunho escrito (4) são largamente ostentadas. (Cfr. #Rm 1.19-20; #Rm 10.18).

>SI-19.4

2. A GLÓRIA ESPECIAL DO SOL (4-6). Longe de adorar o sol, o Salmista considera-o como um agente de Deus que armou nos vastos Céus uma tenda para o uso contínuo do sol. Em relação à alegoria do vers. 5 cfr. #Is 60.20; #Jz 5.31. Certamente, o vasto alcance da luz e do calor do sol é um reflexo do poder e do conhecimento universais de Deus. Este pensamento conduz a uma meditação sobre a luz interior transmitida pela lei ou a Tora.

>SI-19.7

b) A glória perfeita da Tora (7-13).

1. O EFEITO MORAL DA LEI (7-10). Enquanto a criação visível dá testemunho do poder e da divindade eternos de Deus, a revelação dEle mesmo é dada aos filhos de Israel na Tora. Esta distinção é observada na substituição de **Deus** (1-6) por o **Senhor** (isto é, Jeová) (7-14). Seis aspectos de trabalho interior do Senhor são descritos. A Tora é **perfeita** (7) ou isenta de erro (cfr. #Tg 1.25), transmitindo força e conforto aos homens (Cfr. #SI 23.3-4). **O testemunho** (7) ou a proclamação muitas vezes repetida da vontade divina (particularmente do Decálogo) transforma o **simples**, isto é, a pessoa cuja mente está aberta e que está sujeita a ser influenciada por quem quer que aconteça estar a falar (Cfr. #2Tm 3.15). **Os preceitos do Senhor** (8) são regras definidas, cujo cumprimento comunica uma consciência limpa. **O mandamento** (8) é um imperativo divino que brilha como uma luz orientadora

para os homens que buscam o caminho da vida (Cfr. #At 26.18; #Hb 11.13). O **temor do Senhor** (9), que a Lei tem o propósito de inculcar, é um nome dado à Lei, baseia-se numa reverência devota por Ele inteiramente livre de práticas degradantes (Cfr. #Sl 106.35-40). Os seus **juízos** (9) são ordenanças que governam a vida e a prática sociais e são, portanto, absolutamente verdadeiras e justas. Todas estas qualidades tornam as revelações interiores do Senhor mais desejáveis do que a riqueza e mais aprazíveis do que o mel (10). Toda a passagem é esmeradamente desenvolvida no #Sl 119.

>Sl-19.11

2. O DESEJO PESSOAL POR UMA VIDA ISENTA DE PECADO (11-13). Assim como a primeira parte do poema pensamento no sol, assim a segunda metade o concentra na vida do homem. A meditação sobre o conceito abstrato da vontade revelada de Jeová dá lugar à oração por uma purificação absoluta de defeitos escondidos no caráter e na conduta. A Lei é avaliada como um fator principal na experiência de uma vida verdadeira, mas não dá garantia de pureza sem a convicção pessoal. E acerca dos atos de pecado e erro inadvertidos e inconscientes? "O Senhor mesmo tem de purificar inteiramente a minha vida e também precaver-me do orgulho e dos pecados impulsivos que rapidamente se transformam em hábitos e me tornam um inimigo de Deus". Esta atitude da mente é apelidada de **a grande transgressão** (13; Cfr. #1Jo 3.19-21).

O último versículo repercute os dois temas do poema: A palavra exterior e a meditação interior do Salmista e a realidade objetiva e a atividade do Senhor em relação ao homem.

Sl-20.1

SALMO 20. ORAÇÃO PELO REI ANTES DA BATALHA

Este Salmo e o seguinte constituem um par, que descreve a intercessão e a ação de graças por parte do povo antes e depois de uma batalha em que foi conduzido pelo rei. Uma possível ocasião é a derrota que Davi infligiu aos amonitas e aos sírios (#2Sm 10.14-19). Considerando a forma pública e litúrgica dos poemas, é provável que não tenham sido compostos por Davi mas escritos em seu nome e provavelmente sobre a sua vigilância. O emprego dos pronomes pessoais "te", "eu", e "nós", indicam as três seções do Salmo.

a) Intercessão por parte do povo (1-5)

Não se sabe ao certo se a cena da oração foi o santuário, em Sião, ou as vizinhanças do campo de batalha. **Aceite os teus holocaustos** (3) sugere um culto real perante o altar (Cfr. **#1Sm 7.9**); mas as frases bem compreensivas **todas as tuas ofertas, todo o teu desígnio, todas as tuas petições** (3-5) podem indicar uma visão retrospectiva incluindo todos os atos anteriores de adoração. A frase seria então equivalente a "recebe o memorial de", isto é, recorda. A primeira ênfase nesta seção está posta na palavra inicial **o Senhor**: Ele é solicitado a "responder", "pôr no alto", "enviar socorro", "suster", "lembrar-se", "aceitar". Esta petição é separada do que se segue pela palavra **Selah**, que indica uma pausa ou uma mudança na música depois do verso 3, mas a oração recomeça com a mesma ênfase. O Senhor **conceda...** e **cumpra** todos os planos do rei para a batalha de modo que o seu povo possa gritar de alegria e acenar as bandeiras em triunfo.

>SI-20.6

b) Certeza para o rei (6)

Não está claro se é o rei ou o Sumo-sacerdote que está a falar; em qualquer caso a nota de confiança é dirigida para o ungido do Senhor, a quem o Senhor responderá do Céu por meio de atos poderosos de salvação.

>SI-20.7

c) Confissão final, antecipação e oração do povo (7-9)

A alusão aos inimigos que confiam em exércitos mais rápidos e mais poderosos refere-se não só aos sírios que vão enfrentar dentro em breve em batalha (**#2Sm 10.18**) mas também a vitórias passadas sobre forças como as de Jabin e Faraó. O voto de **fazer menção do nome do Senhor** (7) pode constituir um eco das palavras de Davi contra Golias (**#1Sm 17.45**).

Esta entrega confiante da sua causa ao Senhor encheu-os de uma tal expectativa de sucesso que se permitem o uso do tempo profético como se o conflito estivesse já acabado. Finalmente, a realidade e a tensão do momento leva a assembléia de soldados a rogar pela vitória. A oração tem um conteúdo mais amplo se o **rei** (9) for interpretado como referindo-se a Deus. A

implicação seria que Davi estava a conduzir um exército que pertencia ao verdadeiro Monarca a cujo serviço estava dedicado.

SI-21.1

SALMO 21. AÇÃO DE GRAÇAS PELO REI DEPOIS DA BATALHA

A relação com o Salmo anterior resume-se primorosamente comparando [#SI 20.4](#) com [#SI 21.2](#). A linguagem de 4b, 6a, 9a é talvez indicativa da altivez resultante da vitória, mas pode haver um reflexo de fatos ou acontecimentos reais (Cfr. 8-9 com [#2Sm 12.30-31](#)). Contudo, o poema foi tradicionalmente interpretado como messiânico.

a) Um reconhecimento da bondade do Senhor para com o rei (1-7)

O principal pensamento de louvor exuberante está focado no momento presente. Os verbos nos vers. 1-3, devem ser traduzidos no presente. [Uma coroa de ouro fino](#) (3). Pode haver uma referência aqui à coroa amonita (Cfr. [#1Cr 20.2](#)) mas há também uma coroação metafórica como os versos seguintes sugerem. Divina [glória... honra e majestade](#) (5) são-lhe conferidas (Cfr. [#SI 8.5](#)), e ele é abençoado e tornado uma bênção para sempre, na medida em que se regozija altamente na presença do Senhor. Estas idéias messiânicas são muitas vezes incorporadas no Novo Testamento (por exemplo, [#Ef 1.3](#); [#Hb 1.8-9](#); [#Ap 5.12-14](#)). Finalmente, declara-se que a razão por que o rei tem sido abençoado, de uma forma tão divinamente assinalada, é a sua atitude de confiança no Senhor não meramente por si próprio, mas pelo seu povo. Cfr. [#Mt 27.43](#); [#Hb 2.13](#).

>SI-21.8

b) O poder do rei enaltecido (8-13)

A mudança de tema é marcada pela alteração de "tu" (O Senhor) e "ele" (o rei) dos versos anteriores para "tu" (o rei) e "o Senhor" nesta seção. Trata-se de uma potente alocução ao rei, por parte dos seus súditos, que exaltam a sua supremacia sobre todos os inimigos. [Na sua indignação](#) (9) significa a ocasião em que o rei aparece em pessoa como na queda de Rabá, cidade de Amom.

Mas a destruição dos inimigos pela majestade da presença do rei é uma idéia messiânica (Cfr. [#Mt 3.1-2](#); [#Mt 21.40-41](#); [#2Ts 1.7-9](#)).

O último versículo é pronunciado pelo rei e pelo povo perante o Senhor. Oram por uma contínua expressão do poder e da glória divinos, exatamente como na vitória recente. Desse modo manter-se-á seu louvor sem limites.

Sl-22.1

SALMO 22. SALVAÇÃO EM CRISE EXTREMA

Para os cristãos este Salmo está inseparavelmente associado com a crucificação (como também o Salmo 69), não só porque as palavras iniciais foram citadas pelo Senhor, mas também porque a primeira parte do poema parece descrever a sua condição física e a sua experiência emocional. Todavia, o significado primário do poema deve-se buscar nos dias da sua composição, embora o espírito de Deus, indubitavelmente, tenha constrangido o salmista a estruturar de tal modo a sua expressão, que imediatamente adquiriu um significado para além do ambiente da sua própria vida (ver [#At 2.30-31](#)). Por outras palavras, a intenção cristológica do poema tem por base a experiência de Davi. Que experiência foi essa não pode dizer-se com precisão: Alguns exegetas pensam que o Salmista está a falar dos sofrimentos da comunidade de Israel representada pela figura de um homem (Cfr. "o servo" em [#Is 40](#) e segs.).

O Salmo divide-se em duas partes distintas cujo modo e perspectiva apresentam um contraste: o ponto de transição é o verso 1, "salva-me da boca do leão, sim ouve-me, desde as pontas dos unicórnios". O título provavelmente é uma alusão ao nome da melodia usado quando o salmo foi entoado.

a) Em crise extrema (1-21a)

1. DESESPERO E DOIS APELOS A EXPERIÊNCIAS ANTECEDENTES (1-11). As palavras lancinantes dos vers. 1 e 2 indicam a perplexidade profunda de espírito que tem sido causada pelas aflições mais severas e pelo fato de, aparentemente, Deus não lhe prestar atenção. Ele ainda confia em Deus, mas acha intolerável a incerteza de esperar por evidências de que Deus não se apartou dele. **O meu bramido** (1); isto é, os meus gritos penetrantes de angústia. **Não estou silencioso** (2), isto é, não recebo alívio de modo a tornar o

meu clamor desnecessário. Na falta de qualquer resposta da parte de Deus o sofrimento é levado de regresso às suas crenças iniciais, entre as quais está em relevo o conceito de Deus como justo e reto. Esta crença é fortalecida pelo longo precedente dos louvores de Israel motivados pelas libertações em anos anteriores (3-5). **Habitas entre os louvores** (3). Deus não deixou de auxiliar aqueles que confiaram nele em gerações anteriores. Porque seria o orador uma exceção e a sua fidelidade se tornaria um opróbrio (8)? Logo que o seu pensamento toca nele próprio, deixa-se absorver pelas suas aflições (6-8). É desprezado como um verme, não é reconhecido como um ser humano nos seus direitos ou traços distintivos (Cfr. **#Is 52.14; #Is 53.3**). Em relação ao riso de zombaria, os lábios abertos numa linguagem injuriosa, e o menear excitado das cabeças em conversação animada por parte da multidão, ver **#Lc 23.35; #Mt 27.39,43**. Em relação à ação de confiança (Cfr. **#Sl 37.5; #Sl 55.22**).

>Sl-22.9

O pensamento de dependência de alguém que se compraz nele recorda ao Salmista os dias em que, sendo ainda bebê, se achava dependente da sua mãe (9-10). Mas o próprio fato do seu nascimento é uma evidência certa da intervenção divina na vida humana, e um hábito de confiança e dependência de Deus foi implantado nele com a sua própria vida e o leite da sua mãe (cfr. **#Sl 139.13-17; #Is 49.1-5**). Esta seção termina com o seguinte argumento em favor da manifestação da presença divina, exatamente como estivera perto nos anos anteriores, desde a sua infância: porque agora não há quem ajude e a angústia aproxima-se (11; cfr. **#Jó 3.24-26**).

>Sl-22.12

2. INTENSA ANGÚSTIA EM VISTA DA AFLIÇÃO IMEDIATA (12-21a). O sentimento muda aqui, da humilhação das relações mal compreendidas (Deus não dá ouvidos à sua necessidade, e os homens não respeitam sua pessoa) para a dor de um corpo atormentado. Na intensidade dessa angústia não há reminiscência comparável com os vers. 4,9, e a horrenda isolamento de alma, subentendida no versículo primeiro, é substituída pela inesquecível impressão de uma multidão de rostos selvagens que o cercaram como um anel de cães rosnantes. O relato de tal experiência é aguçado por uma série de metáforas gráficas. Ele assemelha seus atormentadores a animais ferozes prontos para devorá-lo (12-13). Sua fraqueza física e sua completa impotência são vividamente pintados (14-15). Então aparece uma nota de avaliação. A multidão consiste de malfeitores, que são **cães** (16); isto é, homens mais do

que desprezíveis (cfr. #2Sm 16.9). Porém, a angústia pessoal imediatamente volta a ser a nota dominante, pois a massa de feras uivantes havia começado a morder e a rosnar a seus pés e mãos; enquanto isso, olhos injetados já marcavam porções de seu corpo que os dentes estavam prestes a devorar. **Contemplam** (17) significa exultar com malignidade.

Essa cena imaginativa é abruptamente substituída por outra na qual o tumulto de feras atacantes é substituído pela lenta e impessoal distribuição de suas vestes entre seus inimigos, uma cena em que o tormento físico é subitamente envolvido por uma onda da mais amarga humilhação originada pela casual seqüestração daquilo que era peculiarmente seu. (Compare-se a alternância de sentimentos de Jó, durante o debate levado a efeito com seus amigos).

Não obstante, sua dependência de Deus permanece intocável pela incredulidade: efetivamente, na pior extremidade de sua alma, o laço com seu Senhor se torna ainda mais destacado mediante um forte grito apelando por Sua presença: "Ó Tu, meu Senhor, ó Tu, minha força, apressa-Te até aqui, livra-me e salva-me. Livra minha alma de morte violenta pela espada, sim, livra minha única vida do poder, da ação e das armas daqueles homens desprezíveis, avaros e ferozes" -já descritos como cães, leões e touros, nos vers. 12-16 (cfr. #1Pe 5.8). **Minha predileta** (20). Lit., "minha única", como dizem certas versões. **Unicórnios** (21), "bois selvagens", como dizem certas versões.

É somente por ocasião do último suspiro mesmo que ocorre a crise e sucede o incrível. O que começa como uma sentença de apelo final termina como um grito de incomensurável alívio (ver 21). Não há aqui a menor indicação de insuficiência da parte da resposta de Deus. A perspectiva e a experiência inteiras são transformadas por meio da intervenção não especificada do Senhor. O que fora uma experiência insuportável desapareceu quase num piscar de olhos. Cfr. #Hb 5.7.

>Sl-22.21

b) Bendicite (21-31)

O restante do Salmo consiste de louvores e ações de graças a Deus, pela Sua fidelidade e glória. O tema é **teu nome** (22), que é ampliado no vers. 24 para significar a compaixão, a honra e a graciosa atenciosidade do Senhor. Porém, a esfera na qual Seu louvor deve ser ouvido se divide em duas partes, uma

imediate e local, isto é, a congregação (22), ou assembléia daqueles são seus irmãos por sangue e por fé, e a outra que inclui mais dos elementos de tempo e espaço.

>SI-22.22

1. LOUVOR ENTRE SEUS IRMÃOS (22-26). Aqueles que descendem de Israel e reverenciam a Deus (cfr. #SI 115.3) são exortados a se prostrarem perante o Senhor por causa de Sua grandeza e magnanimidade, conforme exibidas em Suas ações (24), tão diferentes dos feitos dos homens ímpios que haviam atacado o salmista. O meu louvor virá de ti (25). Visto que todos os seus louvores eram estimulados pela salvação de Deus que lhe tinha sido proporcionada, Davi convida outros homens humildes e piedosos para que se reunissem a ele na refeição votiva que Ele havia deliberado dar a seu Libertador (cfr. #Lv 7.16), e na imaginativa antecipação da presença deles ele pronuncia uma bênção sobre seus hóspedes: "Que vosso coração viva (ou se regozije) para sempre" (26; dizem certas versões). Cfr. #Jo 6.54-56.

>SI-22.27

2. LOUVOR DA PARTE DE TODA A HUMANIDADE (27-31). O senso de haver experimentado a realidade da boa vontade essencial de Deus para com o coração confiante, impele o salmista a conclamar todos os povos. Ele não podia prever outro resultado senão que a natureza de Deus seria conhecida e reverenciada pela terra inteira (27). Não é Ele o soberano supremo? (28; cfr. #Jr 16.19; #Zc 14.9; #Ap 11.15). Todos os grandes da terra (29), isto é, os prósperos e orgulhosos, compartilharão dessa adoração ao Senhor (cfr. #Is 49.7; #Rm 14.11; #Fp 2.10): de fato, todo homem mortal renderá homenagem ao Senhor imortal (cfr. #Is 25.6; #Ap 19.9; #Ap 22.17). Uma posteridade interminável haverá de servi-Lo e ser a herança permanente de cada geração (30; cfr. #Lc 1.48-50). Cada qual virá a existir e declarará a eficaz retidão do Senhor (cfr. #Is 59.21). O texto hebraico dos vers. 29-31 é obscuro. Rotherham, seguindo a Septuaginta, quanto aos vers. 29c e 30a, traduz: "Minha alma viverá para Ele, minha semente servi-Lo-á. Será contado sobre o Senhor à geração vindoura, e eles mostrarão Sua retidão a um povo ainda por nascer-Ele o tem feito".

SI-23.1

SALMO 23. PASTOR E ANFITRIÃO

Este poema deve muito de seu encanto à habilidosa combinação de imagens contrastadas que cobrem os principais aspectos da vida humana, a saber, ao ar livre (1-2) e nos interiores (6b); paz pastoral (2) e peregrinação entre o perigo (4b); a possibilidade do mal (4b) e a antecipação do bem (5); tempos de revigoração de alma (3a) e tempos de ignominiosa melancolia (4a); a experiência em seguir (1-2) e uma vida de estável segurança (6b). Não obstante, todas as facetas literárias dessa gema lírica são vistas à luz do Senhor cujo terno cuidado, incessante vigilância e presença perpétua proporcionam à vida todas as suas cores e satisfações. Efetivamente, a atividade de sete aspectos do Senhor, descrita nos vers. 2-5 (Ele faz, Ele guia, Ele refrigera, Ele lidera, Ele está comigo, Ele prepara uma mesa, e Ele unge a minha cabeça) está emoldurada dentro do nome do Senhor (a primeira e a última palavras do poema).

O conceito dominante é o de Deus na qualidade de guia e protetor através das vicissitudes da vida. A sugestiva imagem de um pastor, aplicada ao Senhor recua até os dias da função pastoril dos patriarcas (cfr. a declaração de Jacó em [#Gn 48.15](#)) e desde então foi constantemente enriquecida (cfr. [#Sl 78.53-54](#); [#Is 40.11](#); [#Ez 34.1-23](#); [#Jo 10.1-18](#)). Um segundo conceito é introduzido no vers. 5-o do Senhor na qualidade de anfitrião de ilimitada benevolência. Essa imagem que apresenta o homem como hóspede surpreso em vista da suntuosidade da festa que lhe foi provida por Deus é, igualmente, uma parte integral de todo o panorama bíblico, tirado do simbolismo de José como provedor de alimento ([#Gn 43.34](#)), do milagre da multiplicação dos pães aos cinco mil ([#Mt 14.19](#)) e das parábolas da grande ceia ([#Lc 14.15-24](#)) e da festa da boda do Noivo ([#Mt 22.1-14](#); [#Ap 19.9](#)).

Este Salmo pode ser analisado como segue:

a) Peregrinação (1-4)

Davi dependia completamente do Senhor, como uma ovelha depende de seu pastor. Os dois aspectos são: serenidade, por estar deitado em pastos verdejantes e águas tranqüilas, com a sugestão de bem estar físico; e segurança, pelo adiamento de uma viagem ao longo de veredas retas, com a sugestão de calma pessoal e tranqüilidade mental visto que a ansiedade é impossível quando Seu poderoso cuidado é evidente. O tema se inclina na direção de sossego inocente, um senso do imediato (como de uma fera), e um laço de inexplicável afeição com o pastor.

>SI-23.5

b) Hospitalidade (5-6)

Estes versículos frisam o cuidadoso discernimento de Davi sobre a generosidade do Senhor na qualidade de anfitrião perfeito. Os dois aspectos são: plenitude-a provisão para as suas necessidades e usufruto é completo em todo sentido, e não é obstaculizado por quaisquer antagonistas humanos; e o finalismo-a rica relação com o Senhor é ilimitada, e o privilégio é totalmente pessoal. Contraste-se o uso de **tu** com o uso de **ele** na primeira parte.

O tema se inclina na direção de surpreendida apreciação, uma inspiração quanto ao futuro (como quem tem sido atendido), e o laço com o anfitrião é de lealdade sem reservas.

SI-24.1

SALMO 24. CÂNTICO REFERENTE À INVESTIDURA DE JERUSALÉM

A grande ocasião da vida de Davi, quando ele trouxe a arca do Senhor, da casa de Obede-Edom para a capital dos jebuseus, recentemente capturada, foi alegremente celebrada por diversos hinos e salmos (ver **#1Cr 15.16-23**). Este Salmo foi um dos primeiros a ser usado, pois era entoado enquanto a procissão se aproximava da antiga cidade. Este Salmo é maior que a ocasião festejada, e tem sido geralmente interpretado como uma expressão profética sobre a ascensão de Cristo após a Sua vitória sobre a morte e o pecado (ver vers. 8 e cfr. **#Cl 2.15**; **#Hb 2.14-15**) e após a declaração de Sua soberania final sobre tudo (ver vers. 10 e cfr. **#Tg 2.1**; **#Ap 5.11-14**; **#Ap 17.14**). Este Salmo se divide em duas seções.

a) Aproximação à colina de Iavé (1-6)

Esse cântico processional tem dois temas. O primeiro versa sobre o poder e a majestade do Senhor, na qualidade de criador e soberano de toda a terra (1-3). Ver **#Sl 136.6** nota, e cfr. **#Jr 5.22**. Tal é o alcance de Seu conhecimento, a perfeição de Sua obra, e a pureza e a retidão de Sua Pessoa, que o mero homem se vê obrigado a hesitar quanto ao seu dever de adorá-lo, pois,

aproximar-se do Deus Santo é perigoso para o pecador e motivo de espanto para todos. **Quem estará...?** (3); isto é, quem manterá seu terreno? Cfr. **#SI 1.5**.

>SI-24.4

O segundo tema versa sobre a justiça requerida da parte dos homens se tiverem de ser abençoados por Deus (4-6). Uma coisa era trazer a arca de Sua aliança para Jerusalém; mas era questão inteiramente diferente aproximar-se do Senhor em verdadeira adoração. O incidente de Uzá, verificado três meses antes, certamente ainda estava bem vivo na memória (ver **#2Sm 6.6-11**). A necessidade de um alto padrão de honestidade, veracidade e integridade da parte dos adoradores também é declarada em **#SI 15** (cfr. **#Is 33.14-17**). **Que não entregue sua alma à vaidade** (4); isto é, que não tem dirigido as suas afeições e desejos para coisas vãs e inúteis, em lugar de dirigi-las para Deus. Cfr. **#SI 25.1; #SI 86.4; #SI 143.8**. Tais homens são fortalecidos pela bênção divina, que lhes proporciona a própria justiça de Deus. **Ó Deus de Jacó** (6). Apesar de muitas versões preferirem assim, outras, entretanto, trazem apenas "ó Jacó"; isto é, somente esses são o verdadeiro Jacó (cfr. **#Rm 2.21,29**).

>SI-24.7

b) Entrando pelo pórtico de Sião (7-10)

Nesta segunda parte do Salmo se reflete o contraste entre o mundo exterior da criação e o reino íntimo do coração; e esta segunda parte é ouvida como um duplo desafio e uma dupla réplica. A procissão estava, por alguns momentos, defronte dos portões fechados da cidade e a exigência de permissão de entrada, isto é, submissão, é formalmente feita em nome do Rei da glória (cfr. **#Mt 21.9-10; #1Co 2.8**). A ordem de "levantar" (7,9) ou abrir os portões e arcadas da antiga cidadela subentende a superioridade do novo Rei sobre todos os outros que haviam entrado anteriormente. Em resposta ao desafio cerimonial das sentinelas (8) é declarado (cfr. **#2Sm 6.2**) o nome do rei que chega-o **Senhor poderoso na guerra** Davi havia capturado recentemente a fortaleza dos jebuseus e ganhou muitas outras batalhas. Essa designação, por si só, foi insuficiente para garantir que os portões se abrissem, e o apelo para provisão de acesso à cidade é repetido (9). A presença do Senhor e Sua preeminência em Sião, se baseiam sobre outras reivindicações que não Sua intervenção nas batalhas históricas de Israel. O Senhor é rei de todos por virtude de Seu próprio direito, possuindo poderes e qualidade que transcendem a terra e o tempo. O Rei da glória é o **Senhor dos Exércitos** (10;

cfr. #1Rs 22.19). Esse alto conceito sobre Deus foi prefigurado nas palavras iniciais do Salmo, cuja significação se estende para muito além das perspectivas temporais e nacionais de Israel.

Sl-25.1

SALMO 25. UMA ORAÇÃO PESSOAL

Os #Sl 25 e #Sl 34 formam um par. Ambos são arrançados em acróstico, com duas irregularidades idênticas e, embora um consista de uma oração extremamente pessoal e o outro seja um louvor público, ambos são litúrgicos e contêm muitos pensamentos semelhantes.

O poema expressa uma alternância da fervorosa petição e sóbria meditação, o que geralmente caracteriza a alma que espera no Senhor. Há três disposições nessa oração, mas estão intimamente ligadas.

a) Um apelo por orientação (1-7)

Trata-se de uma oração em si mesma, mas seus temas são tratados mais vigorosamente nos versículos seguintes; por exemplo, no que tange à oração pela vindicação de seus inimigos (2-3), cfr. vers. 19-21; no que tange à expressão de sua necessidade de instrução e orientação por parte do Senhor (4-5), cfr. vers. 8-10 e 12; seu arrependimento (6-7) é trazido novamente à luz no vers. 11; e seu voto de confiança em Deus (1) é repetido no vers. 15.

As palavras iniciais estabelecem um tom de ansiedade (cfr. #Sl 86.4). A tenacidade da fé do salmista é indicada pela maneira com que a petição que Deus o ajude venha a silenciar as zombarias de seus inimigos (2) e é imediatamente seguida pela afirmação: "Com efeito, dos que em ti esperam, ninguém será envergonhado" (vers. 3). Não obstante, a fé busca sustento no conhecimento da vontade de Deus, pelo que a principal expansão de pensamento ocorre no vers. 4-o apelo em busca de orientação a toda verdade de Deus se baseia na lealdade sincera e completa a Ele (cfr. #Êx 33.13; #Sl 86.11; #Jo 14.6). Tal possibilidade necessita de salvaguarda; o desvendamento do caminho da verdade lança ainda em maior proeminência as sombras dos pecados passados, o que apenas intensificaria sua presente opressão. Disso resulta o apelo que se segue, que a luz da bondade divina venha a iluminar mais brilhantemente suas memórias sobre as **misericórdias** e **bondades** do Senhor (6). Essa é a base do grito partido do coração a Deus, do vers. 1; não o

mérito do homem mas a bondade de Deus, conforme revelada em Suas anteriores relações com os homens (6-7).

>SI-25.8

b) A bondade do Senhor (8-15)

Na expansão dos versículos anteriores há, necessariamente, uma certa mudança de ênfase, bem como uma reversão na ordem. Por exemplo, a súplica inicial (1-3) é acentuada na seção final (16-21), e nesta passagem central o tom do arrependimento (11) é ultrapassado pelo louvor (8-10) e pela visão (12-14).

Na forma costumeira de meditação do Antigo Testamento, o pensamento final de uma passagem se torna o tema da seção seguinte. A bondade do Senhor (7) se torna o tema dominante dessa seção. Visto que Ele é absolutamente bom e veraz, **por conseguinte** certamente Ele oferecerá auxílio a homens pecaminosos que estejam inseguros quanto ao caminho certo para a vida (8). Aqueles que **dão ouvidos** às Suas instruções são os **humildes** (9), isto é, aqueles que, embora pecaminosos, não são arrogantes e nem confiam em si mesmos, mas são humildes e obedientes. Ver **#SI 9.12**. Qualquer que seja o caminho por onde Deus guie tais homens, Ele age para com eles de modo verdadeiro e justo, mas igualmente terno e misericordioso. Em um Deus tão bondoso pode-se seguramente confiar de que Ele tratará das iniquidades do pecador, por odiosas que sejam (cfr. **#Êx 34.6**). A adoração ao Senhor, pois, se torna reconhecimento de Seus padrões referentes à vida humana. Sempre que um homem reverencia a Deus aprende a escolher o caminho certo. Isso produz prosperidade duradoura e uma secreta comunhão com o próprio Senhor, que resulta numa mais plena revelação sobre Sua vontade (cfr. **#Is 48.17-19**). Assim como o louvor leva à penitência (11), assim também a visão leva a uma declaração gráfica de completa confiança no Senhor de que certamente Ele o desprenderá das teias das circunstâncias adversas (15) e o libertará para andar na vereda da retidão.

>SI-25.16

c) Uma oração pedindo libertação (16-21)

A metáfora de haver sido preso numa armadilha fez o salmista lembrar-se de sua presente situação, e isso conjura uma apaixonada súplica pedindo

libertação. Ele estava particularmente oprimido, pois suas tribulações o tinham separado de todos os seus amigos, e seu coração estava atolado em ansiedades; pelo que clama por libertação, cuidado atencioso e perdão. **Tem compaixão** (16), isto é, sê gracioso para comigo. Cfr. **#Sl 4.1. Tribulações** (17). Literalmente, "severidades". Esses temores e tribulações não eram meramente subjetivos; seus inimigos eram tão implacáveis e violentos como numerosos, e isso explica o apelo pedindo proteção e vindicação baseadas tanto em sua integridade para com Deus como em sua equidade perante os homens, bem como na retidão e bondade do Senhor (ver vers. 8) que o guiaria no caminho da liberdade.

>Sl-25.22

O vers. 22 quase certamente é uma adição posterior para tornar a oração mais apropriada para a adoração conjunta. Cristaliza o espírito do Salmo e o oferece ao Senhor em nome da comunidade.

Sl-26.1

SALMO 26. O CAMINHO DO ADORADOR

Este Salmo não pode ser facilmente atribuído a qualquer período particular da vida de Davi. Expressa a inquietação de qualquer alma devota quando mergulhada numa sociedade ímpia. Se um homem bom busca a força que se origina na adoração ao Senhor, seus sentimentos e pensamentos bem podem tomar a forma seguinte:

a) Sua aproximação de Deus (1-2)

A aberta solicitação para que o Senhor o julgue, examine, prove e **sonde** subentende uma tensão antecedente que se expressa nos contrastes dos versículos seguintes. Ele não reivindica uma vida impecável, mas assevera um esforço sincero e consistente para andar retamente (cfr. **#Sl 139.23-24**). Portanto, **confio no Senhor sem vacilar** (1).

>Sl-26.3

b) Sua determinação em evitar homens ímpios (3-11)

Nos vers. 3-5 ele descreve, por um lado, a verdade e a longanimidade do Senhor e, por outro, a vaidade, dissimulação e maldade de certos homens. Das primeiras ele participa, as últimas ele rejeita e aborrece (cfr. #SI 1.1). **Homens falsos** (4); isto é, homens privados de real substância. **Dissimuladores** (4); isto é, os que encobrem suas verdadeiras intenções.

>SI-26.6

Sua própria escolha é descrita nos vers. 6-8. Ele tomará posição entre aqueles que rodeiam o altar de Deus, e em preparação para o ato de dedicação ele se purificará de toda imundícia (cfr. #SI 73.13; #Êx 30.17-21). A metáfora sobre o andar (3) é substituída pela metáfora mais íntima do entrar na casa do Senhor. Sua declaração que evitaria homens ímpios (4) se transforma num cântico de agradecido testemunho. O ódio contra os maus ajuntamentos (5) é substituído pelo amor ao lugar de habitação onde ele encontra a glória de Deus (8).

>SI-26.9

Nos vers. 9-11 ele expressa seu grande desejo de ser fortalecido na escolha que fizera de evitar a companhia de homens pecadores, violentos, indignos de confiança e corruptos, com os quais, sendo homens ricos e influentes, ele era obrigado a tratar. O lado positivo dessa oração é seu pedido pela ajuda divina porque sua forte integridade não é uma salvaguarda suficiente. **Não colhas a minha alma com** (9); isto é, quando os homens ímpios perecerem, que a minha vida seja poupada.

>SI-26.12

c) Sua segurança (12)

A graciosa conseqüência da adoração é uma confirmação da bondade de Deus. Disso resulta esta afirmação de segurança, comunhão e bênção. Cfr. #SI 73 onde uma visão indistinta sobre os ímpios é iluminada pelo ato de adoração (vers. 16 e segs.).

SI-27.1

SALMO 27. UM CÂNTICO DE LIBERTAÇÃO

De acordo com a Septuaginta este Salmo foi composto antes de Davi ser ungido; ele, foi ungido em três ocasiões (#1Sm 16.13; #2Sm 2.4; #2Sm 5.3). Este cântico se adapta melhor à última dessas unções.

A diferença entre a primeira e a segunda metades do Salmo é muito óbvia, e a alteração, depois do vers. 6, de exuberante louvor para ansiosa petição, pode parecer uma inversão de sentimento. Os vers. 7-12, entretanto, fazem um retrospecto e são inseridos entre passagens que descrevem o encorajamento derivado da liberação divina. Esse artifício de inversão literária pode ser visto claramente em #Êx 15, onde o Cântico de Moisés e Miriã descreve o triunfal livramento das mãos de Faraó (#Êx 15.1-5) antes de descrever a perseguição e o desastre (#Êx 15.8-10).

Há quatro temas principais:

a) Confiança de todo coração (1-3)

Um hino de irreprimível júbilo em que as ameaças e necessidades da vida são abundantemente providas pelo Senhor. Existe um tríplice paralelismo. O Senhor é minha luz, minha salvação e minha fortaleza. Embora rodeado de adversários, de multidões, e em perigo de guerra, meus inimigos tropeçam nas trevas, das quais sou livre pela Sua luz; o ajuntamento de exércitos não pode afetar minha experiência de paz no coração, que me foi concedida mediante a Sua salvação, e a ameaça de conflito generalizado não tem o poder de perturbar minha fé baseada no Senhor, a fortaleza de minha vida (1).

>SI-27.4

b) Um desejo supremo (4-6)

Uma sublime expressão sobre a constância de um coração devoto. O salmista está determinado a buscar a permanente, segurança e alegria da presença de Deus. Seu desejo é primeiramente habitar com o Senhor, para contemplar Sua beleza (heb. "encanto") e para meditar n'Ele (3). Em segundo lugar, ele anseia ser oculto da tribulação na proximidade de Sua presença (5), para ver por cima e além dos outros, e para adorar com clamores de regozijo (6).

>SI-27.7

c) Uma oração pedindo libertação do perigo (7-12)

Este apelo, dentro de um cântico de louvor, é uma reminiscência dos momentos de perigo anteriores, uma reversão das exigências da vida, quando ele era perseguido por Saul. Segue-se à descrição de sua situação e de sua necessidade pelo auxílio de Deus (7-9a) a afirmação da fidelidade do Senhor (9-10). Esta seção termina com uma oração pedindo orientação e preservação (11-12).

>SI-27.13

d) O infalível Senhor (13-14)

Estas palavras marcam um retorno para o momento presente. São um testemunho sobre a integração da experiência por meio da fé, e uma poderosa exortação à permanente perseverança. Essa conclusão do cântico destaca a debilidade humana, mas salienta o fato da intervenção divina, a total certeza da suficiência do Senhor, a irremediabilidade da fé legítima (Cfr. [#Is 25.9](#)).

SI-28.1

SALMO 28. UM APELO POR RETRIBUIÇÃO

Este Salmo foi composto originalmente em algum momento de perigo, às mãos de homens maus. Embora não intensamente subjetivo como o [#SI 22](#), contém uma transição abrupta semelhante da oração para o louvor. Ver vers. 6 e cfr. [#SI 22.22](#). Seus temas principais são um apelo por retribuição ao malvado e agradecimento pela intervenção do Senhor. Ambas as partes do poema possuem uma seção pessoal e outra associada.

a) Um grito por auxílio (1-5)

As palavras iniciais se originam em grande tensão, pela implícita confiança do orador no Senhor, a despeito de não haver recebido nem ajuda nem evidência de simpatia de Sua parte durante um período de extremo perigo. O silêncio de Deus foi uma terrível experiência, em antecedência ao silêncio da sepultura, sugerindo o desagrado divino e, por conseguinte, a ameaça de destruição (cfr. [#SI 88.4,9](#)). Daí o fervoroso alçar de mãos em direção ao consagrado santuário de Deus. [Teu santuário](#) (2); isto é, o Santo dos Santos. O cerne de sua oração é a separação entre ele mesmo e os perversos, bem como sua retribuição final, Ele roga a seu Senhor que não o arraste juntamente com toda a multidão de

homens culpados (3); mas pleiteia ainda com mais veemência para que uma justa retribuição seja infligida contra tais iníquos (4-5), não como demonstração de vingança, mas em demonstração de justiça. Os perversos não têm desculpa. Deliberadamente ignoram ou negam o poder e a superioridade de Deus, que é evidente na natureza (cfr. #Sl 8; #Rm 1.18-21).

>Sl-28.6

b) Ação de graças pela resposta de Deus (6-9)

Esse cumprimento da oração do vers. 2 não é evocado por súbitas memórias de libertações passadas, mas pela percepção de uma resposta imediata da parte do Senhor. **Meu coração exulta** (7). (Cfr. "me alegro", em #2Sm 2.1). A qualidade de sua reação é um índice de sua anterior situação. A experiência de uma bênção divina produz tal alívio e exultação que o salmista deseja um enriquecimento semelhante na vida de todos. Seus súditos não são o povo do Senhor? Não é Ele a origem essencial de seu bem-estar, e não são eles a herança do Senhor? Oxalá fosse Ele constantemente o pastor deles (apascenta-os) e os exaltasse quando desviados, cansados e atemorizados. Cfr. #Dt 1.31; #Is 63.9.

Sl-29.1

SALMO 29. O TROVÃO DE DEUS

Este cântico sobre uma tempestade é ouvido no interior do auditório do Céu, e os anjos (**filhos de Deus**) são convocados para se ajuntarem ao louvor e à adoração a Jeová. **Na beleza da santidade** (2). Cfr. #Êx 28.2. Os vers. 3-9, o âmago do poema, descrevem a passagem de uma tempestade vinda das águas do mar ocidental que atravessou as colinas cobertas de florestas do norte da Palestina e chegou aos lugares áridos de Cades, nas fronteiras extremas de Edom (#Nm 20.16). Tal acontecimento é apresentado não como demonstração de poder natural, mas como uma sinfonia de louvor ao Criador, que realmente participou com uma voz de trovão (cfr. #Sl 18.13).

A porção descritiva do poema se divide em três estrofes iguais que correspondem com a formação, o assalto e a passagem da tempestade; porém, a subordinação dos fenômenos naturais às forças espirituais é constantemente salientada.

>SI-29.3

a) A aproximação da tempestade (3-4)

Esta é apresentada pelas sugestivas repetições, como de murmúrios distantes. **Sobre as águas** (3); isto é, ou o mar ou as águas da enxurrada que já se despejavam. A impressão geral é de pressentimento opressivo, a atividade está oculta, o poder está sendo controlado, **o Deus da glória** (3) ainda não se tornou evidente, e Sua voz está abafada.

>SI-29.5

b) O assalto (5-7)

O vocábulo **poderosa** (4) anuncia uma nova fase, uma cena de crescente atividade, quando os galhos de grandes árvores são sacudidos e arrancados por violentas rajadas, que deixam os troncos esqueléticos e despedaçados (5-6). Esse clímax da tempestade é vividamente descrito para transmitir a impressão de impetuoso poder-como a ação de um bezerro, como bois selvagens a saltar em louca exuberância (6). Essa demonstração de força bruta é então modificada. Aquele cuja voz produziu a tempestade faz com que fogo saia de lugares ocultos, que são abertos pelo raio (7).

>SI-29.8

c) Cessa a tempestade (8-9)

A atividade diminui, e agora o deserto distante é que é abalado. As corças assustadas deram cria prematuramente. Com tantas árvores arrancadas a folhagem restante das colinas cobertas de bosques agora é insuficiente para ocultar os galhos quebrados e os troncos derrubados por terra. A impressão deixada é de perplexidade, como se o templo inteiro da natureza ecoasse com um murmurado "Glória" ao Senhor, que tinha apenas de falar para ser feito, que levantou a voz e a terra derreteu-se (cfr. **#SI 46.6**).

Essas três cenas, que sugerem turbulenta energia, pintada em enxurradas alimentadas pela chuva, florestas destruídas, e ventos dançando à distância, são apresentadas dentro de uma moldura de qualidade inteiramente diferente. A **glória** e a **força** do Senhor não são plenamente desvendadas no selvagem poder da natureza, mas na impressionante dignidade do tribunal supremo do

Céu, onde os angélicos "filhos de Deus" (1) se prostram em santa adoração (2). Em realidade, o foco de toda a ação e pensamento é o próprio Senhor, eternamente entronizado e a proporcionar sem interrupção, ao Seu povo, não meramente o dom da força, mas a bênção da paz (vers. 10-11). O poema funde habilidosamente o natural e o espiritual, ainda que com evidente ênfase sobre este último aspecto. A primeira palavra, **dá**, é uma conclamação à adoração; e a última palavra, **paz**, implica em Sua vontade de abençoar. O poder divino origina uma coisa e provê a outra, mas o mundo criado não pode prover mais que um índice elementar para elas. Os salmistas estavam bem conscientes do fato que a natureza provê uma introspecção no poder e na glória divinos. Ver, por exemplos, os **#Sl 104**; 145; 148; e também **#Jó 38** e 39; **#Hc 3**

Sl-30.1

SALMO 30. DE LAMENTO EM DANÇA

A alusão, no título, "Cântico da dedicação da casa" provavelmente se refere à decisão sobre a eira de Ornã (**#1Cr 21.18-27**), e a terrível experiência da morte iminente, que é mencionada no Salmo, seria a pestilência que se aproximava de Jerusalém (**#1Cr 21.7,13** e segs.). Alternativamente, pode referir-se ao palácio de Davi, que ele estava impedido de ocupar, a princípio, por causa da grande invasão dos filisteus que chegou até Belém (**#2Sm 5.11,18,22**; cfr. **#2Sm 23.13-17**). Uma terceira possibilidade é que a frase pode ter sido adicionada ao título quando o Salmo foi usado na dedicação do segundo templo, no qual caso o poema, em sua origem, é um registro pessoal de livramento de alguma severa aflição.

O fundo da experiência é descrito nos vers. 6-10, e o conseqüente regozijo, por causa do livramento, não é limitado ao versículo final, mas compreende até mesmo o prefácio (vers. 1-5).

a) O que Deus tem feito (1-5)

Um sumário da experiência passada é apresentado nos vers. 1-3, sendo que o tema central é a ação de Deus pela qual Ele tirou Davi das tenebrosas profundezas do poço dos mortos no qual ele tinha caído, e no qual outros tinham afundado sem haver socorro (3). Esse livramento havia desapontado seus inimigos (1b), que tinham pensado que sua situação tinha ultrapassado o poder ou a possibilidade de intervenção divina. Cfr. **#Sl 3.2**. Os vers. 4 e 5 são uma expressão geral de gratidão, uma chamada para todos os homens piedosos

oferecerem ações de graças, não meramente devido à libertação do salmista, mas porque seu Senhor estava sempre tão pronto a conceder aos homens Seu gracioso favor, que é vida real. O choro e a alegria são personificados e considerados como hóspedes. Cfr. também [#Jo 16.20-22](#); [#2Co 4.17](#).

>SI-30.6

b) A situação do salmista (6-10)

Em seguida ele contrasta a aparente segurança proporcionada pela prosperidade com o espantoso silêncio da morte, e relembra um período crítico de sua vida passada. [Quanto a mim, dizia eu](#), (6). Foi isso que o homem orgulhoso e ímpio declarou em [#SI 10.6](#). Parecia que o Senhor tinha-o tornado tão forte e seguro como as montanhas. Então, a enfermidade ou perigo súbito lembraram-lhe que seu bem-estar provinha da bênção de Deus. [Conturbado](#) (7) é uma palavra forte no hebraico, subentendendo desmaio e terror. Intimidado por sua vanglória anterior, ele agora invocava o Senhor, perguntando que vantagem teria o Senhor com sua morte, visto que se ele entrasse na sepultura já não poderia louvá-Lo (9; cfr. [#SI 6.5](#); [#Is 38.17-18](#)). E em seguida pleiteia pelo auxílio divino, visto que nenhum outro poderia ajudá-lo.

>SI-30.11

e) Uma memorável resolução (11-12)

O fato indisputável da resposta de Deus, por causa da qual a sua tristeza foi transformada em alegria (cfr. [#Jr 31.13](#)), merece agradecimentos incessantes.

SI-31.1

SALMO 31. SONDAGEM E CONFIANÇA

Este Salmo tem o motivo familiar da "aflição do inocente". Apesar de que talvez se baseie um tanto sobre a experiência de Davi, que fugia de Saul (cfr. [#1Sm 23.26](#)), é de maior interesse para nós o fato que, subseqüentemente, tal motivo foi tão freqüente na mente de Jeremias. As palavras, [terror por todos os lados](#) (13) ocorrem em [#Jr 6.25](#); [#Jr 46.5](#); [#Jr 49.29](#) e não são traduzidas em [#SI 20.3](#), permanecendo como Magor-Missa-bibe em algumas versões, mesmo em português. De fato, parte do vers. 13 é em realidade citada em [#Jr 20.10](#). A

comparação de um **vaso quebrado** (12) era uma expressão favorita de Jeremias (cfr. **#Jr 18.4**; **#Jr 19.10-11**; **#Jr 22.28**), e ele tinha absorvido completamente o espírito deste poema.

A segunda porção deste Salmo (vers. 9-24) é uma expansão dos oito versículos anteriores. A situação é primeiramente descrita conforme é contemplada pela fé; e em segundo lugar como foi realmente experimentada em sua seqüência de aflição e libertação.

a) Esboço de uma fé eficaz (1-8)

A honra, a habilidade, a santidade, a graciosidade e a fidelidade do Senhor, conforme conhecidas pela alma confiante, formam a base do requerimento do salmista para que Deus demonstre Sua natureza em suas circunstâncias imediatas (1-3). Há tensão motivada pela expectativa da intervenção divina; mas também há paz por causa da confiança sem reservas no Senhor, tão ardentemente expressa nas palavras iniciais. **Por causa do teu nome** (3). O pensamento é que, por causa do caráter ou nome do Senhor, Ele guiaria, lideraria e livraria.

Fé para com Deus é entregar a vida a Ele (5a; cfr. **#Lc 23.46**). O ato e a confissão de assim ter feito fortalece a confiança e acentua a diferença entre a verdade e a falsidade (cfr. **#Jo 2.8**). O ciclo de adoração, expectativa e entrega se encerra com ação de graças pela libertação (7-8). Quanto a isso, a fé não toma em consideração a demora do tempo, e se apega às coisas que não se vêm ainda.

>SI-31.9

b) Detalhes de uma profunda experiência (9-24)

Primeiramente o salmista trata de sua situação. Faz um apelo ao Senhor rogando misericórdia, baseando-se em extrema aflição (9-13), e então busca justificação por um ato de libertação divina (14-18). Sua aflição é agudamente descrita como aflição que afeta seu corpo e sua alma (cfr. **#SI 6.6-7**; **#SI 88.3-7**). Sua miséria se origina na ansiedade e na incerteza; sua vida é ressecada pelos receios e frias suspeitas de seus conhecidos; seus inimigos abalaram a lealdade até mesmo de seus amigos (11; cfr. **#1Sm 22.22**). Ele se sentia como um inútil vaso quebrado; sua vida se tornara muito diferente da que anteriormente era (cfr. Jó 29-30) a ponto de seu "eu" anterior ser como um

homem morto e esquecido. Não obstante, sua confiança estava enraizada em Deus e Sua vida inteira estava sob os Seus cuidados (14-15; cfr. vers. 5). Portanto, ele pleiteia pelo favor evidente e pela aprovação de Deus, isto é, pela radiante alegria e paz de Sua presença. Isso também envergonharia seus adversários e anularia todas as névoas de suspeita a respeito dele. De fato, aqueles que são a fonte de tal calúnia e de tais ciladas seriam aprisionados no silêncio da morte (17b).

Em segundo lugar, o salmista trata da bondade de Deus. As experiências passadas de todos os homens piedosos demonstram que o Senhor se preocupa especialmente com seu bem-estar (19-20). Os recursos de Sua bondade estão à disposição deles, e a segurança de Sua presença assegura-lhes imunidade dos efeitos da calúnia e da dissensão. Cfr. #Sl 27.5-6. Porém, sua própria experiência pessoal também demonstra a bondade do Senhor; pois quando foi assaltado pelo mal e impulsivamente disse que estava além do poder salvador de Deus, não obstante isso o Senhor ouviu e respondeu (21-22). Segue-se, naturalmente, a exortação, dirigida a todas as pessoas piedosas, que n'Ele confiem implícita e plenamente nos dias futuros. Com essas palavras sobre a fidelidade, a retidão e o poder divinos, este Salmo nos relembra as palavras iniciais de adoração. A fé inicial em Deus tem aumentado o amor para com Ele (23) e tem fomentado a esperança n'Ele (24).

Sl-32.1

SALMO 32. A ALEGRIA DO PERDÃO

Este Salmo pode ser associado ao de número cinquenta e um. O pano de fundo de ambos os salmos se encontra na história de #2Sm 11-12. Este Salmo trata da bênção que é experimentada quando o pecado é perdoado e fornece discernimento quanto ao que está envolvido, psicológica e religiosamente, no pecado e sua remoção.

a) A alegria do perdão (1-5)

Estes versículos descrevem a grande satisfação e a alegre liberdade da alma cujo pecado tem sido coberto, cancelado e purificado pelo Senhor, que é totalmente justo (cfr. #Rm 4.6-8). O fato do pecado e seu perdão é estabelecido de quatro maneiras nos vers. 1 e 2, e repetido no vers. 5 com um clímax enfático. Inserido nessa compreensiva declaração da transformação de uma alma se encontra um relato sobre o profundo conflito que acompanhava o

anterior senso de culpa. Os vers. 3 e 4 narram as seqüências da enfermidade moral. O impulso inicial de abafar a culpa pelo silêncio simplesmente a lança no subconsciente, mas a mesma transparecia por sintomas de aflição física-dor profundamente enraizada e gemidos involuntários (3). O sono não trazia cessação a tão profunda desarmonia, e sua própria persistência era uma indicação da inescapável mão da justiça de Deus. A obstinada resistência de tal repressão ia constantemente reduzindo seu vigor, como uma árvore se resseca numa seca prolongada (4).

O ponto focal se verificou quando ele decidiu confessar e reconhecer abertamente a corrupção que ele imaginara haver banido, sepultando-a. Tão decisivo foi aquele ato de penitência que o relato do mesmo, no vers. 5, foi vazado no tempo gramatical presente. Tão eficaz foi o ato de perdão que, do vers. 6 em diante o poema toma uma nova orientação.

>SI-32.6

b) A base da oração confiante (6-11)

A experiência pessoal de Davi sobre o perdão de Deus (1-2) é apresentada como base de um convite para que qualquer pessoa piedosa ore confiadamente, contanto que a petição seja feita enquanto o Senhor ainda pode ser encontrado (6). Fica subentendida a incerteza da vida, que exige arrependimento imediato em vista do pecado. Nossa libertação, da parte dEle, das fortes marés da paixão e do orgulho, tal como Seu perdão, evocarão cânticos de bênção (7).

>SI-32.8

Os vers. 8 e 9 são paralelos aos vers. 3 e 4. O culpado silêncio de Davi é substituído pela palavra divina de simpática orientação. O isolamento do pecador impenitente é substituído pela compreensão mútua: "Instruir-te-ei e te ensinarei... sob as minhas vistas" (8) implica aquele laço ideal entre professor e aluno, entre pai e filho. O vers. 9 apresenta um contraste com a resposta sensível do coração que se deixa ensinar, e esse contraste é a vontade teimosa, que se recusa a aproximar-se de Deus e precisa ser disciplinada pôr meio de julgamento. Esses pensamentos sobre instrução na piedade e sobre a confissão livre, deveriam ser comparados com [#SI 51.13-15](#).

Os dois últimos versículos falam primeiramente sobre as alternativas que se achavam na mente do escritor, no vers. 5. O pecado provoca o castigo ou a misericórdia; a diferença reside na confissão ao Senhor. Sua fidelidade e misericórdia são tais que todos quantos reivindicam ser justos (mediante aceitação de Seu perdão) possuem uma fonte de puro deleite que se origina num coração imaculado. A paz é inseparável da pureza.

Sl-33.1

SALMO 33. UM CÂNTICO DE ADORAÇÃO

Este poema, que não tem título, retoma parte da sentença final do Salmo anterior, mas, diferentemente dele, não é um registro de experiência pessoal. Mas é uma expressão conjunta de louvor e adoração marcada por um equilíbrio de pensamento e simetria de estrutura.

A introdução (1-3) e a conclusão (20-22) são claramente distintas do corpo principal do poema. Os primeiros três versículos descrevem o entusiástico canto de um coro que está sendo acompanhado por um conjunto musical de harpas grandes e pequenas. Os últimos três versículos descrevem a fervorosa fé dos adoradores que estão rodeados pela proteção e misericórdia do Senhor. A simetria e a seqüência dessas idéias são significativas. O cântico de louvor torna-se a oração da fé; o grupo de coristas (... **ó justos...**) é substituído pela consciência íntima (**nossa, nosso, nós**), isto é, outras pessoas passaram para o segundo plano, e nós mesmos é que ocupamos a cena final. Verifica-se igualmente a mudança das exterioridades da música e do canto para as experiências íntimas da confiança e da esperança; isto é, há um movimento da adoração objetiva para a relação pessoal.

O corpo do Salmo se divide em duas seções: vers. 4-11 e vers. 12-19, cada uma das quais trata dos temas fundamentais de todo o saltério, ou seja, Deus, a natureza, o homem e a história.

>Sl-33.4

a) Que a criação inteira tema ao Senhor (4-11)

Esses oito versículos consistem de quatro grupos, cada qual com quatro frases que tratam dos temas principais. Primeiramente, a palavra, a obra e a vontade do Senhor são descritas como verdadeiras, justas, santas e retas; Ele é

essencialmente verdade-em-ação, e, conseqüentemente, a terra inteira está repleta das evidências de Sua bondade (4-5). A alusão a um reino particular de ação divina, **a terra** (5), introduz o conceito seguinte. Nos vers. 6 e 7 são descritas a obra e a sabedoria do Senhor, não em relação ao Seu caráter, mas conforme exibidas em Sua atividade criadora. Essa pesquisa sobre o poder divino de criar e organizar deveria despertar nos homens o senso de reverência e adoração, e os dois versículos seguintes declaram que o propósito primário da humanidade é **temer ao Senhor** (8). Cada habitante deste mundo deveria reverenciar Seu poder e a imutabilidade de Sua obra (9). Esse pensamento final de permanência provê um elo que liga este ao conceito seguinte, o do curso da história. O panorama inteiro da existência humana é contemplado, não como uma vagueação a esmo dos homens e das nações, mas como uma seqüência que inevitavelmente leva a um clímax enraizado no determinado conselho e presciência de Deus. Sempre que os desenvolvimentos nacionais e culturais se desviam dessa finalidade fundamental e aprovada, Ele **frustra os desígnios** das nações e **anula os intentos** dos povos. (10). Deve-se notar o contraste, nos vers. 10 e 11, entre os vãos pensamentos dos homens e os eternos propósitos de Deus.

>SI-33.12

b) O perscrutador olhar do Senhor (12-19)

Esta segunda porção do poema tem a mesma estrutura da primeira -um agrupamento de quatro frases que tratam dos mesmos temas básicos. Mas, enquanto que o tratamento anterior desses temas foi objetivo, aqui são tratados de modo subjetivo e pessoal. (Cfr. a diferença entre os vers. 1-3 e os vers. 20-22). O vers. 12 introduz o conceito de uma seleção divina que é inseparável da bênção e que inclui um destino particular, a saber, o de ser Sua **herança** (cfr. **#SI 28.9; #Ef 1.18; #1Pe 2.9-10**). A seleção de Deus não é restrita; mas se compõe de entre **todos os filhos dos homens** (13). Esse pensamento conduz ao tema seguinte, o da compreensibilidade divina. Deus olha do Céu para a terra e sonda todo ser vivo. Nos vers. 13 e 14 duas palavras hebraicas diferentes são usadas: "olha" e "observa". Além disso, Ele não olha apenas para a aparência exterior; mas discerne os pensamentos e intenções dos corações que Ele mesmo moldou. Cfr. **#SI 139.1-5; #Hb 4.12-13**.

Nessa altura ocorre uma notável peculiaridade. Do vers. 4 em diante cada novo conceito é introduzido por uma observação na declaração anterior; mas o vers. 16 apresenta um tema que não tem precedente no poema, o da

impotência humana. Apesar de não transparecer a menor indicação de imperfeição ou perigo em toda a vasta pesquisa do tempo e do espaço, somos levados a concluir aqui que o escrutínio divino na humanidade desvenda um defeito tão prevaiente que a necessidade de salvação é inquestionavelmente aceita por todos. Sem dúvida, não existe poder terreno capaz de livrar, e nem patente, número, capacidade pessoal, distância ou forças naturais (simbolizadas pelo cavalo de grande poder) podem efetuar redenção. Se a salvação tiver de ser obtida, Deus terá de intervir. Por isso é que, como tema final, a eleição dos piedosos é firmemente declarada (18-19). Aqui não temos uma repetição do conceito da soberania divina, nos vers. 12 e 13, mas uma declaração sobre a base da verdadeira vida. Nada de arbitrário ou caprichoso existe sobre isso; mas é um princípio justo posto à disposição de todos. O princípio fundamental é simplesmente o da fidelidade do Senhor; todos quantos O honram e descansam ou esperam em Sua misericórdia e bondade, Ele livrará da morte e sustará em cada exigência da vida. Essa lei inescapável da fé é um paralelo pessoal daquela porção imutável do indivíduo bom e veraz que foi o pensamento final da primeira metade do poema.

Sl-34.1

SALMO 34. TESTEMUNHO

Este é um poema acróstico, mas, tal como no [#Sl 25](#), o alfabeto hebraico não está completo. O título associa este hino à fuga de Davi de Gate para Adulão ([#1Sm 21.10-22.1](#)). Ver [introdução ao #Sl 52. Abimeleque](#) (literalmente, "meu pai, o rei") mui provavelmente era o título do rei de Gato, da mesma maneira que "Faraó" era um título usado no Egito e "Agague" era empregado entre os amalequitas (cfr. [#Gn 20.2](#); [#Gn 26.1](#)). Em 1Sm seu nome é dado com o Aquis.

O espírito de exuberante confiança no Senhor é de maior importância que qualquer estrutura lógica do poema. Muitas de suas frases se têm tornado uma porção essencial do vocabulário da adoração devocional. À parte da introdução e da conclusão, existem duas seções principais neste Salmo.

a) Introdução (1-2)

Quatro pensamentos acham-se aqui entrelaçados. No Senhor gloriar-se-á minha alma, Ele é proeminente (cfr. [#Sl 29.1-2](#); [#Jr 9.23](#) e segs.). Meus lábios proclamarão ousadamente os Seus louvores, minha boca se gloriará nEle (cfr.

#SI 44.8). Esse alegre testemunho será mantido em todas as espécies de circunstâncias (cfr. #Tg 1.2; #Lc 6.23). Aqueles que estão oprimidos e sofrem devido a mau juízo serão fortalecidos em tudo.

>SI-34.3

b) Testemunho pessoal (3-8)

As exortações que dizem: **Engrandecei o Senhor** (3) e **provai, e vede que o Senhor é bom** (8) são as molduras de uma inesquecível experiência. "Busquei o Senhor e ele me acolheu". Realmente, todos quantos olham para Ele ficam de face radiante, e nunca podem ser vexados (5). O testemunho é então repetido por causa de sua infinda inspiração, e porque não está limitado ao salmista. Tal maravilhosa relação entre o homem e a Deidade só pode existir por causa da invisível presença de agências espirituais, isto é, as hostes angélicas (cfr. #Gn 28.12; #Gn 32.2; #2Rs 6.17; #Hb 1.14) sob a autoridade do **anjo do Senhor** (7) ou personificadas como Ele; a saber, o Capitão dos exércitos do Senhor, que tão freqüentemente aparecia nas teofanias do Antigo Testamento (exemplo, #Êx 14.19; #Js 5.13-15; #Jz 6.12).

>SI-34.9

c) Exortação geral (9-18)

No vers. 9, o apelo pessoal do vers. 3 é ampliado e generalizado. Comparar também os vers. 6 e 7 com os vers. 17 e 18. Dois temas são então elaborados. Primeiro, o conceito do livramento de todos os temores é duplamente ilustrado pelo quadro de leõesinhos que passam fome porque o Senhor protegeu a presa que caçavam (cfr. #SI 22.13), e também pela sugestão que até mesmo as poderosas feras, no auge de seu vigor possuem menos segurança de vida que aqueles que se voltam para Deus buscando sustento e desfrutam de Sua abundante provisão (10). Em segundo lugar, a analogia do vers. 5, de olhar para o Senhor, com sua sugestão de radiância refletida (cfr. #2Co 3.18), é revertida no vers. 15, onde os olhos do Senhor é que estão sobre os justos (cfr. #SI 32.8) e pelo Seu rosto os iníquos serão extirpados (16).

>SI-34.11

Inserida dentro desse desenvolvimento geral do Salmo, há uma subseção (11-14) distinta do contexto por seu tom didático. Aqui Davi ensina a seus

seguidores o que significa **temer ao Senhor** (9,11). Ele proporciona uma instrutiva exibição dos princípios básicos de ação nobre que se tornam mais evidentes em vista do caráter dos companheiros de Davi na caverna de Adulão (**#1Sm 22.2**). A vida ideal, a vida que é caracterizada pelo regozijo da contínua benevolência do Senhor, tem três características: estrita rejeição de toda falsidade de linguagem (cfr. **#Mt 5.37**); intransigente atividade na realização do bem (cfr. **#Rm 14.19**); e perseverança na busca de paz com todos os homens (cfr. **#Hb 12.14**). Que Davi e seus homens assim agiram, é atestado em **#1Sm 25.14-16**. Essas regras essenciais de vida piedosa são citadas palavra por palavra em **#1Pe 3.10-12**, e acham-se implícitas em tais sinopses de princípios éticos cristãos como a que é dada em **#Cl 3.8-17**.

>Sl-34.19

d) Conclusão (19-22)

Esta é uma declaração sumarizada das duas tendências e conseqüências da vida humana. Por um lado há a busca pela justiça e pela piedade que, apesar de todas as suas aflições incidentais, está inseparavelmente ligada à bondade e poder do Senhor, que mantém a força interna do crente. Por outro lado, há a escolha da impiedade e sua inevitável condenação; devido a seu próprio antagonismo ao bem, a prática do mal resulta na ruína de seus culpados aderentes. Finalmente, há um eco do testemunho inicial dos vers. 1 e 2, bem como uma enfática declaração de que é impossível que aqueles que confiam no Senhor compartilhem da condenação dos culpados (Cfr. **#Rm 8.1,33-34**). **Preserva-lhe todos os ossos** (20). Uma vívida figura de completa preservação. Foi literalmente cumprida essa afirmação na experiência de Cristo (**#Jo 19.36**).

Sl-35.1

SALMO 35. UMA LADAINHA

Este forte grito de angústia data do período quando Davi estava sendo perseguido por Saul, e provavelmente se originou nas experiências da caverna de En-Gedi, quando Davi poupou a vida do rei, que dormia. Pode ser considerado este Salmo como elaboração de **#1Sm 24.15**. Naquela ocasião, a mente de Davi estava extremamente agitada por causa de seus inimigos na corte de Saul, da instabilidade de caráter do rei, do horrendo escopo da ingratidão e do ódio humano e dos detalhes ilusórios dos propósitos de Deus, que em si mesmos eram claros, apesar de contraditórios (cfr. **#1Sm 24.6,20**).

Essa oração de julgamento contra seus adversários não era expressão de malícia secreta contra Saul, pois não havia Davi poupado a sua vida? Mas é um apelo pela demonstração visível da justiça essencial.

Este Salmo está dividido em três seções, cada uma das quais termina com a expectativa de ações de graças devido à libertação. Alguns consideram que a última seção (19-28) foi adicionada por Ezequias.

a) Oração por uma vigorosa libertação da violência (1-10)

A seqüência é óbvia. Os vers. 1-3 são um apelo ao Senhor para que o ajude, expresso nos termos do campo de batalha. Os vers. 4-8 deixam subentendido que deveria ser feito àqueles que procuravam causar-lhe dano (cfr. [#Sl 1.4](#); [#Jr 23.12](#)). Os vers. 9-10 antecipam o tempo em que fervorosos louvores serão oferecidos a Deus por causa de Sua graciosa libertação. **Contende, Senhor** (1). A palavra hebraica é geralmente empregada em disputas nos tribunais, mas algumas versões que traduzem a palavra como "pleiteia" não são felizes aqui, por que o tribunal de julgamento, neste caso, é o campo de batalha. Cfr. vers. 11 e 23.

>Sl-35.11

b) Argumento sobre imediata libertação da injustiça (11-18)

A situação é a de que falsas testemunhas apresentam fantásticas acusações contra o salmista. **Pagam-me o mal pelo bem** (12). Sua tristeza tornava-se mais pronunciada porque aqueles que o acusam são aqueles para quem se mostrou amigo. O contraste é apresentado com algum detalhe. Os vers. 13 e 14 descrevem sua solicitude para com os outros; quando estavam enfermos ou afligidos ele mostrara simpatia para com eles, de modo tão profundo que virtualmente se identificara com eles (cfr. [#Jó 2.12](#)). Não lhe teria sido possível fazer mais nem mesmo para seu parente mais chegado. Mas, quando a situação mudou, quão diferentemente agiram (15-16). Nem ao menos esperaram que ele caísse em grande necessidade; bastou-lhe tropeçar e já se alegraram pelo fato, e deram início à sua campanha de difamações e calúnias, com palavras cheias de cólera, rilhando os dentes. **Como vis bufões em festins** (16). Uma frase de significação incerta, mas usualmente compreendida como a denotar bufões indignos que se reuniam em festança por causa de qualquer motivo. Esse argumento se encerra com um apelo semelhante ao de [#Sl 13.1-2](#) e [#Sl 22.19-21](#).

>Sl-35.19

c) Apelo por uma declaração de inocência (19-28)

A situação, em seguida, é apresentada como uma questão moral; isto é, o apelo ao Senhor é feito baseado unicamente em Sua justiça (24). O conflito não é travado com armas, mas com palavras; e a intimidade da questão se vê no fato que o apelo não foi feito que calassem a boca (21) mas que silenciassem a intenção de seus corações (25). A errônea atribuição de maldade contra aqueles que são pacíficos (20) pode provocar grande engano, a não ser que a verdade se torne conhecida. Daí surgiu o urgente apelo ao Senhor ao qual o salmista se dirige como **Deus meu e Senhor meu** (23). Notem-se os nomes hebraicos, aqui: ' **elohim** e ' **adhon** (cfr. #Jo 20.28). Isso foi possível somente porque o salmista tinha uma consciência limpa e porque seu pedido para que aqueles que se regozijavam em suas dificuldades experimentassem o vexame (cfr. vers. 4) se originava de sua profunda aversão aos maus desejos e práticas de tais homens. Seu próprio desejo era que a experiência da bondade de Deus fosse a mais difundida possível, o que explica a intercessão final para que o alegre testemunho dos homens piedosos fosse incapaz de ser negado por aqueles que anteriormente se tinham mostrado cépticos. **Pisquem os olhos** (19) e **escancaram contra mim a boca** (21) são gestos de exultante malícia e desprezo.

Sl-36.1

SALMO 36. A BONDADE DE DEUS

O tema central deste Salmo é a benignidade de Deus (5,7,10). Em agudo contraste é apresentado o quadro de um homem perverso (1-4). O Salmo termina com uma oração pedindo livramento, e a certeza, mediante a fé, da queda dos perversos (10-12).

a) As limitações do mal (1-4)

O salmista imagina que a transgressão esteja falando dentro do coração de um homem perverso, que a considera como um oráculo (1). Em outras palavras, o pecado leva o pecador a projetar seus pervertidos conceitos sobre a sede da autoridade moral, de onde Deus é expulso. Esse espírito de rebelião contra Deus assegura o pecador que ele não necessita temer (1); isto é, não precisa

recear quaisquer conseqüências de sua conduta. Essa auto-ilusão do homem perverso se deve à sua cegueira deliberada para com Deus; ele se fecha dentro de si mesmo e, dando ouvidos às palavras suaves do seu próprio oráculo, chega a persuadir-se que está imune da desgraça e da miséria final. O vers. 2 expressa admiravelmente esse pensamento: "Porque a transgressão o lisonjeia a seus olhos e lhe diz que a sua iniquidade não há de ser descoberta nem detestada". Esse diagnóstico psicológico deve ser lido à luz de [#Mc 7.21-23](#) (cfr. [#Dt 29.19](#)). A rejeição do verdadeiro Deus inevitavelmente provoca o levantamento de um falso deus dotado plenamente das propensões enganosas e animalescas do coração rebelde.

Depois de assim esboçar a filosofia do pecador que a si mesmo se ilude, o salmista descreve o processo real de sua vida (3-4). Sua conversação não é sincera, suas palavras operam perversidade, ele deixa de exercer seus sentidos para discernir entre o bem e o mal, e se refreia de praticar o bem (cfr. [#Jr 4.22](#) e contrastar com [#Is 1.16-17](#)). Quando se deita para repousar não medita em Deus, mas dispõe-se a maquinar temas baixos e pervertidos. Sua vida inteira é amoldada e encaixada dentro do princípio do "mal" (cfr. [#Is 28.15](#)) e por isso nem reconhece nem reage corretamente em vista do mal.

>Sl-36.5

b) A grandeza de Deus (5-9)

A linguagem não é adequadamente capaz de expressar os atributos de Deus. Sua grandeza é de uma qualidade diferente de tamanho e ultrapassa qualquer conceito mental sobre ela. Porém, a linguagem é tudo quanto possuímos para transmitir nossa apreensão da verdade, pelo que o salmista emprega altura e profundidade materiais para ilustrar os infinitos espirituais, e traça quadros de necessidades vivas, tais como a proteção paterna e a satisfação da sede, para simbolizar as ricas realidades da comunhão entre Deus e o homem.

A [benignidade](#) e a [fidelidade](#) de Deus (5) são tão ilimitadas como os céus estrelados e as intermináveis perspectivas das nuvens. Sua [justiça](#) e Seus [juízos](#) (6) são tão inabaláveis e insondáveis como as montanhas e os oceanos (cfr. [#Rm 11.33](#)). Não existe um só homem ou animal, na face da terra inteira, que não seja cuidado pelo Senhor. Sua benevolente vigilância é indizivelmente [preciosa](#) para o salmista (7; cfr. [#Sl 139.17](#)). Seu amor e Seus recursos compreendem todos os povos e, à semelhança do Jardim do Éden, não há nem sequidão nem seca para a alma que se entrega a Ele (8; a palavra

delícias vem da mesma raiz da palavra Éden). Além disso a própria oportunidade e a capacidade de conhecer tanto nossa existência (**vida**) como Sua verdade (**luz**) nos são dadas por Ele. Todo o ponto de vista do salmista é a antítese do ponto de vista do homem perverso.

>SI-36.10

c) Uma oração por bênção continua (10-12)

Enquanto que o homem perverso não tem consciência das glórias da natureza divina, o homem piedoso tem recebido algum conhecimento; portanto, o único curso coerente para o salmista é solicitar ao Senhor a continuação de Sua benignidade. O salmista ora para que a bondade sempre seja a experiência e a característica do homem piedoso; que este nem seja espezinhado por pés insolentes e nem repellido pelas mãos dos ímpios. Movido pela fé, o salmista prevê a queda final dos ímpios.

SI-37.1

SALMO 37. UMA MEDITAÇÃO SOBRE A PROSPERIDADE DO PERVERSO

Este Salmo é composto baseado num acróstico do alfabeto hebraico e consiste de uma série de pensamentos geralmente expressos de modo proverbial. Por exemplo, compare-se o vers. 1 com **#Pv 24.19**; o vers. 5 com **#Pv 16.3**; o vers. 16 com **#Pv 16.8**; o vers. 23 com **#Pv 16.9**. Também existem algumas semelhanças com declarações feitas no livro de Jó. Compare-se o vers. 6 com **#Jó 11.17**; o vers. 10 com **#Jó 7.10**; o vers. 13 com **#Jó 18.20**; o vers. 19 com **#Jó 5.20**. Considerado como um todo, o ponto de vista do salmista é uma modificação daquele que tão veementemente foi apresentado pelos amigos de Jó (exemplo, Zofar, em **#Jó 20.5**). O salmista certamente estava perturbado pela prosperidade e poder dos homens ímpios, mas acreditava que isso fosse apenas uma reversão temporária dos reais valores. O poema deveria ser lido paralelamente com o **#SI 73**, onde a questão é vista (17) do ponto de vista espiritual e não do ponto de vista material.

O poema não possui estrutura óbvia à parte de sua linha principal de confiança na futura obra de Deus; isso liga as diversas declarações e é particularmente simbolizada nas palavras repetidas **possuirão a terra** (9,11,22,29,34). A meditação pode ser estudada em quatro seções.

a) Definição da atitude correta para com o problema da vida (1-8)

A ênfase inicial é negativa (**Não te indignes... nem tenhas inveja**), mas a ênfase principal é posta nas ações positivas de **confiar, agradar-se, entregar, descansar e esperar**, todas ligadas à suficiência e bondade do Senhor. Os vers. 7 e 8 repetem as exortações do vers. 1. Quanto ao lado negativo, no vers. 2, temos o uso de uma metáfora tão feliz que ela é freqüentemente empregada tanto no Antigo como no Novo Testamento (exemplo, **#Sl 90.6; #Sl 103.15; #Is 40.6-8; #Tg 1.10-11**; notar também o vers. 20, abaixo). Quanto ao lado positivo, temos o claro conceito de uma transação definida entre o Senhor e a alma confiante. Ver, por exemplo, o vers. 5. "Entrega o teu caminho ao Senhor" (cfr. **#Sl 55.22; #1Pe 5.7**). Essa atitude precisa ser mantida mediante a prática do bem e a determinação de não ser distraído dessa prática, nem cansar-se dela (cfr. **#Hb 10.32-39**). **Habita na terra** (3). Está no imperativo. Isso significa, apesar das provações, não te esqueças da terra da promessa de Deus. Por Sua parte haverá a segura vindicação da fé, tão certa como o sol ao meio-dia, e Ele também proporcionará à alma que nEle se deleita o cumprimento de seus desejos, isto é, Ele mesmo. O lembrete para que nos refreemos da irritação por causa da injustiça é repetida por Tiago (**#Tg 1.26; #Tg 3.9**); é melhor fazer silêncio e banir toda irritação dependendo inabalavelmente de Deus. Cfr. **#Sl 62.1,5**.

>Sl-37.9

b) Análise da fé subjacente do salmista (9-21)

O vers. 9, com seus **porque** e **mas**, estabelece a base para a atitude correta a respeito das anomalias morais da vida. Depois de um breve intervalo o iníquo desaparecerá e o justo viverá sem perturbações. Cada aspecto é expandido nos vers. 10 e 11 (cfr. **#Mt 5.5**), e o tema assim introduzido é elaborado ainda mais nos vers. 12-15. O ímpio trama, rilha os dentes, desembainha a espada e retesa o arco para abater e eliminar os justos que "trilham o reto caminho" (14; cfr. **#Sl 119.1**), como, por exemplo, na conspiração de Acabe contra Nabote (**#1Rs 21.11-16**). Porém, suas próprias armas servirão para sua destruição (15). Em contraste, os homens justos são totalmente diferentes e seu valor é medido por valores morais, e não pelas possessões materiais (16-17). A meditação em seguida se volta para os justos, que são descritos com mais detalhes nos vers. 18 e 19. Sua mais notável característica é uma convicção de segurança que não se enraíza nas circunstâncias da vida diária, pelo que, mesmo quando as

desgraças se abatem contra eles, não ficam envergonhados. Em contraste, os perversos não têm segurança duradoura, pois são como as melhores pastagens (vers.

20) que desaparecem na fumaça (cfr. vers. 2).

>SI-37.22

c) Crença e testemunho (22-33)

O pensamento do salmista volta-se então para o fator essencial da vida-o caráter do Senhor. Ele torna seguro e certo o caminho que um homem justo toma, e ainda que tal homem seja derrubado, não ficará prostrado (24; cfr. #Lc 10.33-35; #Jd 24). Não se trata de uma noção fantasiosa, mas um fato da experiência. O vers. 25 não significa que um homem bom nunca passe necessidade (cfr. #1Sm 21.3; #1Sm 25.8) mas sim, que nunca é abandonado pelo Senhor e, em última análise, em sua descendência, as condições se tornam melhores. Em todas as ocasiões, o único princípio correto é a perseverança na prática do bem (27; cfr. #Sl 34.14) porque a equidade no trato com os homens e a lealdade para com Deus sempre são aprovadas pelo Senhor e fomentadas por Sua cooperação. A meditação do salmista começa então a voltar-se do tema do cuidado providente do Senhor para as experiências reais de seus santos (28). Não apenas possuem essa qualidade perseverante mas seu linguajar é marcado por agradáveis reflexões a respeito da lei e da verdade (30). A vida do justo é genuína, pois seu coração se ocupa com a vontade de Deus. Ainda que homens iníquos tramem contra o justo e acusem-no perante juízes venais, o Senhor, não obstante, não deixará de intervir mais cedo ou mais tarde.

>SI-37.34

d) Conselho final (34-40)

Espera no Senhor e mantém tua vida em Seu caminho; então, eventualmente, testemunharás a queda do ímpio. Não se trata aqui de questão na qual o crente se compraza pessoalmente; mas é uma exigência das bases morais da vida. O salmista adiciona aqui seu segundo testemunho afirmando que ele mesmo conhecera um homem ímpio que agia como um terrível tirano e florescia como uma árvore viçosa em seu próprio solo nativo; não obstante, foi subitamente desenraizado e removido da cena como se nunca houvera existido. Todos os transgressores estão condenados a ser destruídos; não existe

futuro possível para qualquer homem perverso. Porém, que todos dêem atenção ao que sucede ao homem que é justo e piedoso; existe realmente um futuro para ele, bem como para sua posteridade (37).

Os dois versículos finais são uma confissão de fé no caráter, poder e absoluto valor do Senhor.

Sl-38.1

SALMO 38. CONTRIÇÃO QUANDO ASSALTADO POR DENTRO E POR FORA

Esta oração solicitando o auxílio divino foi motivada por grande angústia física e moral. Os detalhes descritivos dos vers. 1-8 podem ser metafóricos (cfr. #Is 1.5-6), mas o pronunciado elemento de experiência pessoal, nesses versículos, sugere alguma enfermidade física. Provavelmente perplexidade moral e aflição corporal corriam paralelas, conforme no caso de Jó, que também experimentou o ostracismo por parte de seus amigos (11), bem como humilhação por causa do sucesso dos indignos (19-20). A frase, no título, **em memória**, representa uma palavra técnica que provavelmente era associada com certas ofertas dos levitas perante a arca (cfr. #1Cr 16.4, onde a palavra hebraica traduzida como "celebrar" é a mesma que a usada aqui).

Este salmo pode ser analisado como segue:

a) A inquietação do pecado (1-11)

Suas experiências levaram-no a concluir que a presente atitude do Senhor para com ele era de ira e desprazer. Suas agências eram como flechas agudas e penetrantes e uma forte mão que o pressionava. **Ira** (3); mas seria melhor "indignação". Em última análise, o pecado é a causa de todas as suas aflições. Tais iniquidades são descritas primeiramente como um dilúvio sufocante (4; cfr. #Jn 2.3-5; #Sl 42.7), e então como fardos pesados que esmagavam-lhe a vida (4; cfr. #Gn 4.13). A rápida alteração da metáfora acentua o espírito inquieto e sem descanso do pecador convencido de culpa. Começando com chagas infectas, as conseqüências de seu desvario pecaminoso são graficamente descritas: um corpo dominado por dores, alquebrado e aflito como aquele que geme; todo o seu corpo febril e enfermiço. A descrição, então, gradualmente se volta dos sintomas externos da carne para as evidências de uma enfermidade interna, bem conhecida por Deus. Há um

senso geral de insensibilidade e incapacidade, os gemidos inarticulados de um coração dolorido e de uma consciência perturbada (8-9). Tal enfermidade moral se expressa mediante um coração desassossegado (10), mediante a perda das forças orgânicas, mediante a debilidade da visão, e mediante uma suspeita, por parte de seus amigos e até mesmo parentes que os leva a se afastarem dele, como se ele fosse um leproso (11). **Da minha praga** (11). O termo hebraico é usado com referência à lepra, em **#Lv 13.3**, etc.

>SI-38.12

b) A decisão de voltar-se para Deus (12-17)

Este pensamento a respeito de outros homens provê um elo para o tema da certeza. Ele sabe que aqueles que têm procurado sua vida, atualmente, durante sua angústia, estão ativamente mancomunando e conspirando contra ele. Além disso, por causa de seu senso de culpa, ele precisa agir como se não tivesse consciência de suas calúnias, pois não pode afirmar inocência em questão de maior importância. **Réplica** (14). A pressão externa exercida por seus inimigos ilumina a verdadeira atitude do coração do salmista; sua confiança está fundamentada no Senhor. Aquele que conhece a enfermidade de sua alma (9) saberá como responder aos zombadores (16). A esse reconhecimento sobre o fato que o Senhor está disposto a sustentar o homem piedoso é adicionado o fato de sua própria impotência, pois estava visivelmente incapacitado de corpo e internamente sobrecarregado de tristeza (17). Só falta um passo mais para que chegue ao arrependimento.

>SI-38.18

c) A confissão de pecado (18-22)

O salmista admite seu pecado, e reconhece que essa é a causa, a raiz de sua tristeza e desassossego. Não obstante, seus adversários continuam ativos e numerosos, e aparentemente não são afetados por essa mudança em seu coração. De fato, estão prontos para retribuir com ingratidão a qualquer demonstração de graça de sua parte (20). **Eu sigo o que é bom** (20); isto é, em seu comportamento para com eles. A oração termina com um urgente apelo ao Senhor para que não se esqueça dele nem seja tardio em intervir. A fé ainda não alçara à triunfante certeza de **#Sl 6.8-9**, mas a entrega ativa de fé pessoal se verifica nas palavras finais, **Senhor, Salvação minha**.

SI-39.1

SALMO 39. PROFUNDO CONFLITO

A ligação deste Salmo com o anterior é óbvia; pode mesmo ser considerado este Salmo como uma expansão de [#SI 38.13-14](#). Porém, a lamentação tem raízes mais profundas que a angústia pessoal. Ver, por exemplo, os vers. 5-6 e 11. O tema de repressão e confissão (vers. 1 e 3) é semelhante ao de [#SI 32.3-5](#). As circunstâncias de um reto ideal para a vida, uma poderosa e humilhante experiência, um período de intensa reflexão e introspecção, e a ausência de qualquer esperança de alívio para sua angústia, são todas circunstâncias paralelas ao caso de Jó, e não é de surpreender que este poema tenha muitos pontos de semelhança com aquele livro.

O subtítulo, [Ao mestre de canto, Jedutum](#), se refere a um notável líder do coro do templo (cfr. [#1Cr 16.41-42](#); [#1Cr 25.1-6](#)). Ele também aparece nos títulos dos [#SI 62](#) e [#SI 77](#). O poema se divide em quatro partes.

a) Supressão (1-3)

A decisão de exercer uma vigilância estrita sobre tudo quanto ele diz pode significar a determinação de nada dizer sobre a prosperidade desfrutada pelos perversos, ou, mais provavelmente, a determinação de refrear-se de fazer qualquer queixa sobre sua própria angústia. [Enquanto estiver na minha presença o ímpio](#) (1); isto é, sua presença é uma advertência para que eu seja cauteloso no falar. Essa supressão de seus sentimentos, entretanto, simplesmente provocou uma explosão psicológica; as emoções fizeram explodir a restrição da vontade; ele já não se podia conter.

>SI-39.4

b) Explosão (4-6)

A explosão não foi como a de Jó-um ataque contra Deus por tê-lo levado a uma situação tão dolorosa. Mas é uma solicitação que o Senhor venha a confirmá-lo em sua crença que a vida do homem é tão breve e tênue a ponto de ser totalmente vã. Caso ele possa ter certeza disso, então as vicissitudes da fortuna podem ser quase inteiramente desconsideradas. A vida do homem, devido a sua brevidade, não pode conter qualquer grande consequência em comparação com a imutabilidade de Deus. Até mesmo o mais próspero dos

homens é apenas uma sombra, um fantasma, cujas possessões, adquiridas em meio de uma vida inteira de ansiedades e esforços, logo são deixadas para trás para que os outros malbaratem. Cfr. #Ec 1.18; #Ec 5.16.

>Sl-39.7

c) Reconsideração (7-11)

O sentimento com que o salmista está devidamente preparado para perseverar cede lugar para um sentimento que é mais positivo e ativo. O conceito sobre o seu fim (4) é mudado do conceito de "término" para o de "propósito", e quanto a esse respeito sua esperança descansa inteiramente no Senhor, para Quem ele agora ora. O propósito e significação de sua vida, conforme ele a vê, não podem ser consumados sem purificação moral (8), nem pode ser possível se as zombarias de homens baixos são verdadeiras, a saber, que não existe Deus que se preocupe sobre a questão. Essa necessidade íntima de perdão, e a necessidade externa de vindicação, demonstra que sua alma estava consciente de dependência do Senhor. Foi o reconhecimento dessa relação submissa que o impulsionou a sua tentativa anterior mas ineficaz de manter-se em silêncio: e agora o leva a pleitear por alívio (10) para que a aflição que acredita vir diretamente de Deus não leve sua vida a um fim rápido. Tanto o vers. 6 como o vers. 11 se referem à vaidade da vida e a instabilidade de suas riquezas. Porém, a primeira não conhece a Deus; a última se reporta a Ele por três vezes- Ele repreende, Ele castiga e Ele faz perecer. Em um caso a vaidade da vida humana jaz em sua brevidade; em outro caso, a vaidade da vida jaz em sua pobreza. Daí se origina a grande necessidade de ação positiva por parte do Senhor; Ele tem de fazer aquilo que nenhum homem pode fazer.

>Sl-39.12

d) Oração (12-13)

Estes versículos formam paralelo com os vers. 1-3. A proeminência do que é subjetivo, *Disse comigo mesmo, guardarei, eu meditava, etc.* (1-3), desaparece perante a referência objetiva ao Senhor, cujos ouvidos, e palavra, e benevolência são desejados por que ali jaz a verdadeira vida. O desejo inicial-saber com certeza que lhe restava apenas pouco tempo de vida-é substituído por uma apaixonada oração pedindo alívio de sua angústia e a experiência de um período de fortalecimento e consolo, antes que ele morra. *Desvia de mim o teu olhar* (13); isto é, o teu "olhar de ira" (cfr. vers. 10). O salmista implora a

seu Senhor que satisfaça sua necessidade, qualquer maior escrutínio do crítico olhar de Deus. Essa conclusão do salmo é um eco composto do livro de Jó (Cfr. frases em #Jó 7.19; #Jó 10.20-21; #Jó 7.21).

Sl-40.1

SALMO 40. LITURGIA DE UM CORAÇÃO PLENO

É bem possível que os sentimentos contrastantes, refletidos neste poema, tenham sido ocasionados pelas circunstâncias relatadas no fim do primeiro livro de Samuel. O lamento sobre a destruição de Ziclague (#1Sm 30.4-6), a rápida derrota de Amaleque (#1Sm 30.16-20), e a notícia da vitória dos filisteus em Gilboa e da morte de Saul com tudo o que isso envolvia no caso de Davi ocorrido dentro do período de três ou quatro dias (#2Sm 1.1). A perda e recuperação de sua família, a satisfação pelos sucessos militares a aquisição do grande despojo, a morte de Jônatas, o término da perseguição movida por Saul, a sorte de um povo sem líder, e o conflito com os filisteus, entre os quais ele possuía amigos, tudo se combinou para perturbar o coração de Davi. Este poema, pois, pode ser a expressão de seu livramento de um exílio perigoso, onde adquirira grande confiança no Senhor (1-3), bem como a expressão de sua prontidão para assumir a esperada função de líder do povo (7), e de sua dedicação àquela obra (8), de seu reconhecimento que nem todos os seus adversários haviam morrido em Gilboa (14-16), e que muitos de seus feitos, no período de animosidade de Saul agora eram lembrados com dolorosas conseqüências (12) se o exilado se tornasse rei. O poema certamente expressa sua consciência de completa dependência do Senhor (13,17) bem como de seu deleite nEle (1-5) e de seu ansioso serviço a Ele prestado (6-10). Este Salmo se divide em três partes, cada qual com suas subseções.

a) Ação de graças (1-5)

1. A EXPERIÊNCIA PASSADA (1-3). O ter Davi esperado pacientemente no Senhor forma marcante contraste com a tensão e o apelo dos dois Salmos anteriores. A duração desse esperar confiante não tem conseqüência, em vista do que aconteceu. Os ouvidos do Senhor estavam alertas às suas orações. **Um poço de perdição** (2). É uma referência ao período em que se escondia destituído de amenidades tumultuoso em seus alarmas. Deus o tinha tirado do lugar inseguro e o colocara firmemente sobre a rocha de Sua suficiência (cfr. #Sl 18.31-33). Ele lhe firmara os passos (cfr. #Sl 37.23) e lhe dera um novo cântico, para que muitos outros ouvissem, se maravilhassem e acreditassem.

>SI-40.4

2. O NOVO CÂNTICO (4-5). Estes versículos podem ser parafraseados como segue: "Bem-aventurado é o homem maduro e vigoroso (a palavra hebraica significa "homem de valor") que põe no Senhor a sua confiança, e não em si mesmo. Bem-aventurado o homem que não transigiu com os arrogantes, nem se voltou para os afeiçoados à mentira. São muitas, Senhor Deus meu, as maravilhas que tens operado, e também os teus desígnio para conosco, homens; ninguém há que se possa igualar contigo. Tais obras e sabedoria estão além de meu poder de narração ou de minha habilidade de compreender" (ver nota sobre [#SI 139.17-18](#)).

>SI-40.6

b) Dedicção (6-10)

1 A SUPREMA OFERTA (6-8). Supremo entre os planos de Deus, desvendados ao ouvido do salmista é que a adoração se consuma não no ritual do sangue dos animais, mas na rendição voluntária da vida no adorador para que obedeça continuamente à vontade de Deus. Há três parênteses nesta seção, e o discurso direto é como segue: "Sacrifícios e ofertas não quiseste; holocaustos e ofertas pelo pecado, não os requeres. Então eu disse: Eis aqui estou... agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu". As quatro ofertas aqui mencionadas são expostas com detalhe em [#Lv 1](#) a 4. Mas, apesar de terem sua legítima posição na adoração divina centralizada no altar, não eram o requerimento único e primário exigido do adorador (cfr. [#Dt 10.12](#) e segs.) Essa passagem é interpretada em [#Hb 10.5-10](#) como tendo sido proferida por Jesus Cristo e cumprida por Ele. Nessa citação, que depende da Septuaginta, a idéia de **abriste os meus ouvidos* (6), (isto é, uma avenida preparada para receber a revelação divina) é substituída pela idéia de "antes corpo me formaste" ([#Hb 10.5](#)), e esse conceito expandido torna-se a base da exegese que se segue ([#Hb 10.10](#) e segs.). A Palavra encarnada ouviu perfeitamente ([#Jo 8.26](#)).

>SI-40.9

2. O TESTEMUNHO PÚBLICO (9-10). A justiça de Deus tem sido proclamada ante os homens; não fora observada por seu próprio deleite secreto. A fidelidade, a misericórdia e a veracidade do Senhor tem sido

pregada perante multidões de homens, e Sua salvação tem sido propagada. A segunda do vers. 9 é um parêntese, sendo que o testemunho principal é simetricamente anunciado: "Proclamei... Não ocultei... Não escondi..."

>Sl-40.11

c) Súplica (11-17)

1. PELA SALVAÇÃO DA ALMA (11-13). Desde a primeira palavra a ênfase é posta no Senhor. "De tua parte, não retenhas de mim, Senhor, as tuas misericórdias para comigo, assim como não tenho refreado minha vida; guardem-me sempre a tua graça e a tua verdade, que não tenho ocultado dos homens, pois não têm conta os males que me cercam, e as conseqüências das minhas iniquidades me alcançaram, tantas que me impedem a vista e não posso ver claramente". Esta paráfrase esclarece a petição do vers. 13.

>Sl-40.14

2. POR LIVRAMENTO DO PERIGO (14-17). Esta solicitação, tal como na terceira porção do #Sl 35, busca a derrubada dos inimigos de Davi mediante a reversão, contra eles, de todos os seus esquemas e calúnias contra ele. Esse apelo está ligado ao desejo do bênção sobre todos os que podem juntar-se a ele, de todo coração, em seu cântico de louvor (ver vers. 3). Que conclusão se tiraria, se ele é **pobre e necessitado** (17); isto é, sobre carregado e impotente? O Senhor certamente cuidaria dele (ver vers. 5) e o livraria de todas as dificuldades por tenazes e difíceis que fossem (ver vers. 2). A expressão de louvor do poema inteiro, sua dependência da promessa de Deus e seu apelo pedindo ajuda são reunidos e cristalizados nessas palavras do vers. 17, especialmente no clamor final: **não te detenhas, ó Deus meu!** (cfr. #Dn 9.19).

Sl-41.1

SALMO 41. ABUSO E SEGURANÇA

A acusação contra **até o meu amigo íntimo** (9) liga este poema com o #Sl 55 (ver vers. 13-14 e 20-21). A inferência usual é que Aitofel foi o amigo infiel (#2Sm 15.12,31). Não há menção de que Davi estivesse enfermo naquela ocasião, embora seja razoável supor que uma longa enfermidade tivesse contribuído para a frouxidão de administração que Absalão explorou e que ajudou a provocar a fuga precipitada do rei, anteriormente famoso por sua

coragem e desembaraço. O **#Sl 38** provavelmente se originou no mesmo período de enfermidade física. Este poema, obviamente, pertence a um tempo subsequente á descoberta da traição de Aitofel e reflete a angústia de mente e de corpo de Davi. Ele foi capaz de perceber os motivos por detrás de algumas das primeiras atividades de seus companheiros não amigáveis. Este Salmo se divide em três seções.

a) Uma declaração de princípio (1-3)

Apesar do salmista incluir-se na categoria daqueles que são **necessitados** (1), isto é, débeis de corpo, está apenas fazendo uma declaração geral válida para todos os casos semelhantes. Bem-aventurado é o homem que considera como melhor poderá auxiliar ao necessitado. **No dia do mal** o Senhor será seu ajudador. O iníquo tem a esperança que seus inimigos sejam confundidos por acontecimentos reais. Caso um tal homem se torne seriamente doente, o Senhor o manterá assim, para que não troque o leito pela sepultura. **Na doença tu lhe afofas a cama** (3); isto é, "devolver-lhe-ás a saúde" (Moffatt). Ver **#Sl 30.11**.

>Sl-41.4

b) A amarga experiência de Davi (4-9)

Um caso específico, o seu próprio, é então citado, em que o princípio da benevolência não foi retribuído. Numa ocasião quando, por causa de sua enfermidade, seus adversários estavam desejando abertamente e predizendo sua morte, então, aqueles de quem ele esperava bondade e simpatia, retribuíram-lhe com engano e antagonismo (5). Alguns daqueles que o visitaram durante sua enfermidade evidentemente estavam satisfeitos por encontrá-lo abatido, e mentiam quando expressavam o desejo de seu pronto restabelecimento (6). Seus verdadeiros pensamentos eram espalhados fora do quarto do enfermo, a ponto de seus inimigos secretos ousarem conspirar contra ele (7) e fazerem circular rumores sobre alguma doença incurável, provocada por más ações, e que para sempre o impediria de abandonar o leito (8). O comportamento mais amargo de todos foi o daquele homem com quem havia a paz de um acordo íntimo, o homem em cujo conselho ele confiava implicitamente (cfr. **#2Sm 16.23**) e que por sua vez, estava implicitamente obrigado a ser leal, visto que freqüentemente haviam comido juntos. Ele se exaltara contra o rei, e tentara pisá-lo até mesmo quando Davi procurara

levantar-se em seu socorro, e que procurara pisá-lo sob o calcanhar o governante prostrado (cfr. [#Jo 13.18](#)).

>SI-41.10

c) Uma segura confiança no Senhor (10-12)

A despeito daquele amargo desapontamento, causado por seu companheiro no qual confiava, a confiança de Davi em Deus não se deixou abalar. Ele não apenas ora pela restauração de sua saúde, a fim de que a perversidade pudesse ser refutada e anulada, mas afirma sua inabalável confiança na graciosidade do Senhor para com ele, baseado em três razões. Primeira, seu falso amigo não havia triunfado; segunda, ele fora divinamente sustentado em seu desejo pelo mais excelente bem; e terceira, o Senhor estabelecera uma permanente relação de aliança com ele (cfr. [#1Sm 3.9](#); [#At 13.22](#)).

>SI-41.13

O último versículo não faz parte deste Salmo, embora seja extremamente apropriado. Mas trata-se de uma doxologia adicionada por um compilador para marcar o fim do primeiro dos cinco livros dos Salmos.

SI-42.1

LIVRO SEGUNDO-SALMOS 42 a 72

SALMOS 42 E 43. ANSEIO PELO SANTUÁRIO DE DEUS

Enquanto que no primeiro livro dos Salmos, nenhum outro autor além de Davi é mencionado (quatro são anônimos), no segundo livro, apenas dezoito dos trinta e um poemas lhes são atribuídos. Os Salmos 42 a 49 são inscritos "dos filhos de Coré" (Cfr. [#Nm 26.11](#); [#1Cr 6.22,31](#)). Além disso, o vers. final ([#SI 72.20](#)) declara que os cânticos de Davi terminaram.

Os Salmos 42 e 43 constituem um único poema: em diversos manuscritos hebraicos aparecem juntos, e pode-se observar que o Salmo 43 é o único poema, no segundo livro, que é destituído de título. O tema, em ambos esses Salmos, é a profunda tristeza provocada pela exclusão dos salmistas do repleto santuário do Senhor, que se acha em Seu santo monte. [#SI 43.5](#) é virtualmente

idêntico a #Sl 42.5,11. E claro que se trata de um refrão, e que o poema completo consta de três estrofes.

a) Anseio e lamentação (Sl 42.1-5)

O quadro de uma tímida corça a suspirar audivelmente por causa de sede extrema (cfr. #Jl 1.20) vividamente expressa o senso intenso e requieimante da necessidade experimentada pelo salmista (cfr. #Sl 63.1; #Sl 84.2). Seu desejo de aproximar-se do Deus vivo, que é a fonte da água viva (#Jr 2.13) é inseparável do hábito lembrado de subir ao santuário (cfr. #Sl 84.7; #1Sm 1.22). Porém, a repetição do nome Elohim (Deus) demonstra que o anseio é por comunhão com o próprio Deus. Esse desejo, cuja força é evidente devido à perda do apetite e às lágrimas frequentes, tem sido intensificado pelas observações céticas de outros homens -ou seus inimigos, ou seus companheiros, nos quais a maré dos acontecimentos provocará a perda da fé, ou seus novos conhecidos no exílio, que simpatizam com sua perda mas lamentam pelo fato de ele confiar em Deus, o qual, segundo pensam, se existe realmente, é incapaz de socorrê-lo (cfr. #Sl 3.2). Essa atmosfera de incredulidade despertou suas memórias sobre como costumava liderar a multidão de peregrinos, em festa (4), como procissão até à casa do Senhor (cfr. #2Sm 6.15-19). Esse sentido retrospecto é subitamente desafiado por uma fé irreprimível e borbulhante, e o salmista conclama sua entristecida alma a não apenas confiar em Deus, mas a esperar ativamente por Sua libertação. No vers. 5 a Septuaginta traduz as últimas palavras tal como nos vers. 11 e #Sl 43.5.

>Sl-42.6

b) Privação e esperança (Sl 42.6-11)

A segunda estrofe seleciona do refrão a palavra "abatida", e o salmista reafirma a depressão de sua alma por estar longe do Jordão (cfr. #Mt 26.38). A cena que se descortinava a seu derredor, no nordeste de Gileade, é tal que demonstra seu desalento, dessa maneira intensificando-o; a trovoadas das cascatas alimentadas pelas neves do Hermom, e o redemoinhar incessante dos tributários do Jordão, em época de cheia, enchem o ar com o som de inquietação constante, que parece tão paralela à sua turbulência espiritual (cfr. #Jn 2.3-6). Não obstante, o Deus que governa o mundo físico (cfr. #Sl 29.3,10) faria desaparecer a angústia de sua alma (8). Em sua perplexidade haveria de dizer. Àquele que era a rocha de sua segurança: Por que... por

que...? (9). "Por que sou deixado privado de Teu auxílio, a ponto de não ter resposta para as repetidas zombarias de meus inimigos? Sinto-me ferido em meus próprios ossos, porque não me parece haver base imediata para poder eu responder aos meus adversários que me insultem: Vede Deus é meu Deus, agora como sempre".

O refrão toma a pergunta "Por que?" e a lança de volta ao coração duvidoso, desafiando o direito da desconfiança aninhar-se ali, em vista de certa libertação de Deus.

Sl-43.1

c) Confiança em Deus (Sl 43.1-5)

Na terceira estrofe do poema completo, os elementos humanos de angústia e desalento são substituídos pela realização da fidelidade e do poder de Deus. O sentimento de queixoso lamento da primeira estrofe, e a tremenda perplexidade da segunda estrofe são alterados, na terceira estrofe, tornando-se um sentimento de confiança e fé. As desconcertantes circunstâncias da alma, tanto pelo lado de fora como pelo lado de dentro, ainda estão presentes para o salmista. Daí seu apelo de vindicação contra os homens que são contenciosos, fraudulentos e injustos, e também seu pedido para que tenha a segurança, de todo coração, do cuidado divino. Deus é seu supremo recurso. Por que, então, parecia-lhe ter sido rejeitado por Ele? Por que o salmista deveria vaguear sozinho, tão solitário, a lamentar-se? (2). Não obstante, essas necessidades são apresentadas a Deus precisamente porque seu desejo, esperança e fé se baseavam nEle. Apesar de quaisquer trevas que viessem a entenebrecer sua alma, o próprio Deus é luz inalterável; além disso, sua confiança deveria prevalecer sobre todas as tendências que pudessem desviá-lo. Conseqüentemente, Deus certamente removeria as barreiras existentes, tanto internas como externas, que o impediam de ir até o monte Sião (3). Ele podia, portanto, aguardar ansiosamente a renovação da comunhão com Deus perante Seu altar, mediante aquele método de adoração que tinha sido santificado por precedente e por costume (cfr. #1Cr 21.26; #1Sm 7.9,12; #Jz 6.24; #Gn 12.8). Assim fazendo, o salmista seria alegrado, não apenas pelo reinício de seu antigo costume (#Sl 42.4), mas também pela convicção da bênção de Deus, no fato de tê-lo conduzido através de toda aquela sua presente experiência (#Sl 43.4). Essa antecipação de comunhão desimpedida com Deus é o deleite e a fonte de toda a sua alegria, e introduz o refrão final; e, embora tal refrão permaneça imutável quanto às palavras, muda de tonalidade. A repreensão da

fé ao abatimento (#SI 42.5) e a exortação da fé em perplexidade (#SI 42.11) se tornam a triunfal declaração de certeza da fé (#SI 43.5).

SI-44.1

SALMO 44. A PERPLEXIDADE DE UM POVO PIEDOSO

Este Salmo é o primeiro de diversos poemas nacionais do Saltério, que usualmente são retrospectivos e geralmente têm a tonalidade de súplica. Ver, por exemplo, os #SI 83 e 106. Em cada caso o motivo subjacente é o intenso desejo de conhecer os caminhos de Deus, e especialmente de ver como Suas ações, na história humana, podem ser justificadas. O ponto de vista usual, considerava as angústias ou desastres nacionais como resultados diretos de má conduta do povo. Deus controlava sua vida nacional pelo método simples de recompensas e punições, concedendo vitória e prosperidade em períodos de piedade, e enviando derrota e seca quando as práticas pecaminosas dominavam a nação. Ver, por exemplo, #Jz 2.16-23; #SI 106.

O #SI 44 é notável porque enfrenta o problema dos sofrimentos do povo piedoso. A mesma situação é apresentada no livro de Jó, e era um dos principais temas no ensino dos profetas (exemplo, #Hc 1.13 e segs.; #Jr 20.7 e segs.; #Is 53.4-5). Esse tratamento sobre a ignomínia de um povo justo deve ser lido paralelamente aos #SI 46 e SI47, que são poemas que expressam reverência e regozijo nacionais ocasionados por algum grande livramento. O poema se divide em quatro seções.

a) Bênçãos materiais desfrutadas nos dias antigos (1-8)

Esta revisão sobre o passado primeiramente repassa certos acontecimentos (1-3) e então repete a expressão de fé (4-8) que acompanhou e se originou daqueles acontecimentos. O mais importante desses, na experiência passada na nação, foi a aquisição sem paralelo da terra de Canaã. Nas referências ao fato, a ênfase era usualmente posta sobre sua libertação do Egito (exemplo, #SI 78.42-53); mas aqui o estabelecimento em Canaã é selecionado como um monumento histórico de atividade divina, não apenas porque foi tão maravilhosamente realizado (cfr. #Dt 4.35-38), mas porque era, tão obviamente, a antítese de sua presente experiência (ver 11).

Ninguém poderia enganar-se quanto ao auxílio divino nos dias de outrora (1); pois somente as armas não eram garantia de sucesso (cfr. #SI 20.7; #SI

33.12,16). Seu Senhor era "homem de guerra" (#Êx 15.3; note-se também #Is 59.16-17). E esse foi o motivo por que tiveram o poder de esmagar tod); a oposição, assim como um touro calca aos pés (5) seu atacante. Essas memórias de triunfo são seguidas por uma pausa (Selá), uma alteração na música haveria de preparar para a introdução de outro tema.

>SI-44.9

b) A profunda desonra da presente condição (9-16)

As palavras **Agora, porém**, introduzem uma tremenda contradição. Seu Rei e Deus tinha lançado fora Seu povo e havia repudiado as ligações que tinha com eles, ou assim parecia ser (cfr. #SI 43.2; #SI 89.38). Seus exércitos se tinham lançado na batalha, mas o Senhor se mantivera para trás (cfr. #Nm 14.40-45; e contrastar com #2Sm 5.24). Estavam perplexos e perdidos, e os seus inimigos os despojavam à vontade, e o povo do Senhor era como ovelhas inofensivas (11; cfr. vers. 22). Até parecia que Deus os tinha dado, ou que os tinha vendido virtualmente por nada (12; #Jl 3.3). Certamente Ele não adquirira prestígio para Si mesmo entre as nações. Seus vizinhos edomitas e moabitas regozijavam-se com suas desgraças (13; cfr. #SI 79.4) e zombavam às gargalhadas da crença dos judeus na proteção de Deus. Até mesmo as nações mais remotas consideravam a questão com desdém (14; cfr. #Dt 28.37; #SI 22.7). Em poucas palavras, o povo de Deus estava humilhado e completamente derrotado por causa do inescapável escárnio dos homens que blasfemavam e diziam que "as promessas do Senhor, vosso Deus, são obviamente inúteis".

>SI-44.17

c) O demérito dessa experiência (17-22)

O aguilhão daquilo tudo se originava da falta de qualquer senso de culpa por parte do povo. Se se tivessem desviado de Deus (cfr. #SI 16) ou se tivessem sido desobedientes à aliança (cfr. #Dt 28.15 e segs.), então sua situação seria compreensível. Porém, a consciência nacional estava limpa, e seu país achava-se devastado a ponto de parecer os esconderijos dos chacais (19; cfr. #Is 34.13). Aqui não há reivindicação de inocência individual, mas apenas uma sincera convicção que a tendência e a orientação da vida nacional era sem falta perante Deus; e, afinal de contas, certamente Ele saberia se nisso havia falsidade. De fato, até parecia que o ataque contra sua existência nacional

deveria ter acontecido porque eram o povo de Deus, e que as outras nações os odiavam por causa desse fato (22; cfr. #Sl 83).

Essa introspecção na disciplina da piedade não foi compreendida ou apropriada então, mas é tomada como axioma no Novo Testamento (cfr. #Mt 5.11; #Jo 15.20,25; #At 14.22; #Rm 8.36; #2Tm 3.12).

>Sl-44.23

d) A urgente necessidade de auxílio divino (23-26)

A pressão das circunstâncias se tornava sentida acima de qualquer consolo proporcionada pela grande verdade que acabara de ser expressa (22). A amargura da vida é refletida nos gestos externos da prostração física (cfr. #2Sm 12.16; #Jó 1.20); lamentavam a perda da comunhão pessoal com o Senhor. Por esse motivo morriam diariamente (22) e rogavam-Lhe, por Sua benignidade, que lhes poupasse a vida (26).

Sl-45.1

SALMO 45. UM CÂNTICO DE MATRIMÔNIO REAL

Este cântico de matrimônio real quase certamente foi causado pela cerimônia do casamento de um rei hebreu com alguma princesa estrangeira. A identidade desse rei é incerta, pois suas atividades guerreiras (3,5) dificilmente se coadunam com Salomão (cfr. #1Rs 3.1), e seu caráter devoto (6-7) não está de conformidade com o caráter de Acabe-pelo menos depois de seu casamento com Jezabel (#1Rs 16.31).

Este cântico foi incluído no saltério porque ilustrava uma idéia que é freqüentemente empregada nas Escrituras, a saber, que a relação do matrimônio humano é um eco, ou pelo menos uma alegoria, da relação de aliança entre Deus e Seu povo. A mesma idéia básica é transportada para o Novo Testamento onde a Igreja é descrita como a Noiva de Cristo (ver #2Co 11.2; e cfr. #Mt 22.2 e segs.; #Mt 25.1 e segs.; #Ap 19.6-9).

a) Introdução (1)

O cântico é corretamente intitulado de **Cântico de Amor**, isto é, de coisas amáveis. À parte dessa breve introdução do primeiro versículo, há duas seções

relacionadas ao noivo e à noiva, respectivamente. No versículo de abertura o autor descreve seu irreprimível desejo de falar de algo particularmente bom e agradável, seus sentimentos de apreciativo deleite a favor do rei, que estão literalmente "transbordando", e ele espera que a eloquência de sua pena esteja à altura de tão glorioso tema.

>SI-45.2

b) Louvor ao real noivo (2-9)

O rei é tio superior em formosura e graciosidade de linguagem a todos os outros homens que é óbvio que Deus o favorecera especialmente e que continuaria a proporcionar a seus descendentes, igualmente, Sua bênção divina. Ele é chamado de "herói" (3). É-lhe recomendado que cinja a espada, e cinja também sua glória e majestade (cfr. #Ap 19.14-16) e que cavalgue vitoriosamente "pela causa da verdade" (4; cfr. #Is 11.4). Em tais ocasiões a sua bravura demonstrará grandes e terríveis coisas (cfr. #SI 145.5-6). Suas flechas são tão agudas que seu ferimento é fatal (cfr. #SI 18.14; #Hb 4.12); Ele é capaz de cavalgar por cima dos caídos e enviar suas setas contra os corações de seus principais inimigos (5).

>SI-45.6

O teu trono, é Deus (6). Melhor tradução, seria: "Teu trono é o trono de Deus". Eis porque sua dinastia haveria de permanecer para sempre (cfr. #2Sm 7.12-16). O sinal e emblema de sua soberania é justiça e equidade, pois ele abomina a iniquidade. E por causa desse zelo efetivo pela justiça que Deus lhe concedeu uma alegria mais plena que qualquer outro homem pode conhecer (cfr. #Jo 3.29; #Hb 12.2; #1Pe 1.8). A citação dos vers. 6 e 7, em #Hb 1.8-9 é uma instância específica de interpretação neotestamentária sobre o Antigo Testamento, mediante o caráter e a obra de Cristo.

O noivo é vestido de vestimentas perfumadas, e os salões de seu palácio, decorados com muito gosto com baixos-relevos em marfim, estão tomados de suave música. Entre suas damas de honra há filhas de reis-evidência de seu prestígio entre os estados vizinhos -e imediatamente ao lado dele, adornada com ouro fino, acha-se sua rainha. Isso introduz a seção próxima do poema. **Mirra, alóes**, (8); cfr. #Ct 4.14. **Cássia**, (esta palavra hebraica só aqui é encontrada) talvez seja uma espécie de cinamomo.

>SI-45.10

c) Louvor à noiva (10-17)

A mudança de assunto é subentendida por um apelo à jovem noiva, cuja atenção provavelmente era parcialmente desviada pela novidade de seu ambiente. Ela é exortada a aceitar tudo quando vê como parte de sua nova vida, e também a banir quaisquer lamentos pelas cenas e amigos de sua passada vida de criança. Mas ela deve identificar seus interesses àqueles de seu marido, que também é o seu rei; ele recompensará sua lealdade e cooperação com afeição. **Inclina-te perante ele** (11); Isto é, submete-te a ele, adora-o. Depois de descrever o ambiente como se a dar conselhos e segurança à princesa, o poema fala sobre sua espera no interior do palácio, resplandecentemente ataviada em suas vestes nupciais, de onde será levada ao rei "em roupagens bordadas" (14), acompanhada por suas damas virgens e por alegre música.

As palavras restantes, sobre o futuro, são dirigidas ao rei, conforme fica subentendido no vers. 17: **O teu nome eu o farei...** O salmista fará isto mediante seu poema. **... de geração a geração.** Cfr. vers. 2,6; **#2Sm 7.13,16,25,29.**

SI-46.1

SALMO 46. FORTALEZA SEGURA É NOSSO DEUS

Este é o primeiro de um grupo de três poemas que têm um tema comum. Deus é exaltado e adorado por ter conduzido Seu povo através de uma grande crise militar, que ameaçara tornar-se uma calamidade nacional. A ocasião motivadora é incerta. Mas, compare-se o estranho livramento de Jerusalém, da ameaça de Moabe e Amom, nos dias de Josafá (**#2Cr 20.1-28**) e o súbito abandono do cerco de Jerusalém por parte de Senaqueribe (2Rs 18-19).

As palavras "Em voz de soprano" (**Alamoth**, no hebraico), no título, significa "moças"; porém, o forte tema marcial e cívico deste poema não parece apropriado à idéia de que um coro feminino devesse cantá-lo. Por outro lado, um coro de mulheres teria sido mais próprio para o canto do cântico de matrimônio do Salmo anterior, e esse tem sido um dos motivos para supor-se que todos os títulos originalmente fossem anotações de pé da página dos Salmos que os precedem imediatamente. (Ver nota introdutória ao **#SI 9**). Não

obstante, é incerto se um coro de vozes femininas existia no templo, e o termo **Alamoth**, por alguns, é considerado como referindo-se a Instrumentos musicais afinados em tom alto e agudo (cfr. **#1Cr 15.20**). Este poema conta com três estrofes distintas, cada qual terminando com o termo **Selá**, e é geralmente considerado que o refrão dos vers. 7 e 11 deveria ser inserido após o vers. 3.

a) Firme ancoragem em Deus, enquanto tudo mais é inseguro (1-3)

A ênfase, aqui, é posta sobre a mudança externa. Isso pode ser considerado como reversão parcial, ao caos, da criação física (cfr. **#Hb 12.26-28; #2Pe 3.5-12**) ou, mais provavelmente, como uma metáfora sobre a dissolução de reinos e impérios. **Montes** é termo usualmente empregado como termo simbólico para "nações", e **mar** é um símbolo geral para a humanidade ímpia. **Socorro bem presente nas tribulações** (1). Literalmente, "Socorro mui abundante nas tribulações", a saber, imediatamente acessível e perfeitamente capaz de satisfazer a necessidade.

>SI-46.4

b) Alegre segurança na inexpugnável cidade de Deus (4-7)

Aqui a ênfase é posta nos recursos internos, especialmente na segurança que assegura a serenidade, embora os poderes exteriores ranjam e ameacem. A fonte dessa força íntima é pintada como uma corrente de quieto contentamento (cfr. **#SI 23.2; #Is 33.21; #Is 58.11**), como o rio do Paraíso (**#Gn 2.10**). Isso poderá ser uma alusão ao aqueduto de Ezequias mediante o qual a cidade era suprida de água (**#2Rs 20.20**), porém, o conceito de uma infalível fonte de água viva, que transmite saúde e frescor a todos ao seu redor, é comum em muitas Escrituras. Ver, por exemplo, **#Ez 47.1-10; #Ap 22.1-2; #Jo 4.14** e "Todas as minhas fontes são em ti" (**#SI 87.7**). A respeito do desintegrador efeito da voz do Senhor (6) aludida em **#SI 29**, cfr. **#Hb 12.26** e **#Ap 20.11**. A alusão à ajuda do Senhor, a tornar-se evidente desde antemanhã (5), isto é, de madrugada, pode ser um eco de **#Is 37.36**.

>SI-46.8

c) Um apelo para considerar-se as obras do Senhor (8-11)

A inferência dessa crise histórica deveria ficar clara para todas as nações. Certamente nenhuma nação podia duvidar que o Senhor fizera coisas espantosas. **Assolações** (8). Em hebraico, **shammah**, pode ser traduzida como "espanto", conforme aparece em **#Jr 25.9,11,18**. A derrota do inimigo-quer tenha sido Amom ou Assíria-foi além de qualquer dúvida. Contudo, maior que esse evento foi o poder divino que o moldou, e na cessação dessa campanha o salmista apanhou uma rápida visão da futura inauguração da paz imperturbável, quando as armas e os carros serão transformados ou queimados (cfr. **#Is 2.4; #Is 9.5**). **Sou exaltado na terra** (10). Visto que o Senhor é Deus, que todos os homens cessem em seus esforços para usurpar Sua soberania. Note-se que o refrão nos vers. 7 e 11 é tríplice: **o Senhor dos Exércitos** é Seu título de poder divino; **o Deus de Jacó** é Seu título de relação de aliança; e o **Senhor... está conosco** é o Seu nome, Emanuel (cfr. **#Rm 8.31**).

Sl-47.1

SALMO 47. NOSSO DEUS É O EXALTADO REI

Este hino festivo elabora as palavras "sou exaltado na terra", que ocorrem no fim do Salmo anterior. O conceito principal é que Deus, tendo descido do céu, em poder e grande força, para livrar Seu povo, agora está retornando ao Seu trono. Tal pretensão de dignidade e poder exige aclamação pública (cfr. **#2Rs 11.12**) não apenas da parte de Seu povo de Israel, mas também da parte de todas as nações (cfr. **#Sl 66.1-7; #Sl 117.1**).

O poema, portanto, tem dois temas intimamente entrelaçados. O primeiro é um apelo aos povos da terra, considerados como reunidos, para que aclamem Jeová como Rei, para que batam palmas e clamem (1), para que toquem as trombetas (5), para que entoem salmos de louvor, e de fato, para que os entoem incessantemente (6), e com harmonioso cântico, ou seja, como hábil acompanhamento musical (7).

>Sl-47.2

O segundo tema é uma descrição da majestade de Deus, que é a causa de seu regozijo (2). Há três fases. Primeira, o Senhor que controla as atividades dos homens é o nosso rei. O Altíssimo inspira nos com reverência, e ninguém, na terra inteira, pode resistir-Lhe (2). Foi Ele que escolheu Canaã como nossa herança e estamos orgulhosos por causa dessa prova de Seu amor para conosco. **A glória de Jacó** (4); ou melhor, "o orgulho de Jacó". Segunda, o

Senhor assunto ao Céu é nosso rei. Realmente, quanto a esse aspecto Ele é também o Rei de toda a terra (cfr. #Jr 10.6-8; #1Tm 1.17; 6.15-16); e, tendo demonstrado Seu governo na natureza dos acontecimentos recentes, agora Ele abertamente retorna a Seu assento de supremo e santo poder. Terceira, o Senhor entronizado é o soberano supremo. Visto que Ele é assim exaltado, por fim deverá haver uma reunião de todos os povos, representados por seus príncipes, como Seu povo (9). Abraão será o pai de uma multidão de nações e o herdeiro do mundo (cfr. #Rm 4.16; #Gl 3.7,14,29). A Deus pertencem todos os escudos da terra, isto é, toda autoridade legítima delegada por reis e governantes. Dessa maneira Ele é exaltado acima e além de todos (cfr. #1Cr 15.24-28).

Sl-48.1

SALMO 48. REGOZIJA-TE, POIS O SENHOR ESTÁ NO MONTE SIÃO

O primeiro poema neste grupo celebrava a libertação da nação de um perigo; o segundo exaltava o poder e a majestade dAquele que operou sua salvação; e este terceiro poema descreve a glória da cidade que Deus tem tão maravilhosamente preservado. A palavra hebraica traduzida como "grande", no versículo primeiro, também se encontra em #Sl 47.9 e #Sl 46.1 (onde é traduzida por "gloriosamente" e "bem presente", respectivamente). E essa palavra liga os três Salmos. Deus ajuda grandemente, deve ser grandemente exaltado, e deve ser grandemente louvado.

a) Exaltação à cidade de Deus (1-3)

Assim como o Senhor deve ser grandemente louvado, por ser Ele o Rei de toda a terra (#Sl 47.6-7), igualmente Sua cidade é digna de toda honra, porque, por Sua presença, Ele lhe fez grandes edifícios que lhe sejam torres de segurança. Os judeus consideravam que a situação de Jerusalém era incomparável (cfr. #Sl 1.2; #Lm 2.15). A cidade, antes do exílio, era menor que presentemente, e ficava a sudoeste do monte Moriá (antigamente conhecido como monte Sião), pelo que podia ser então descrita como para os lados (isto é, "distritos") do norte (2). As palavras traduzidas como cidade e grande, na última cláusula do vers. 2, não são, no original assim mesmas que aparecem no vers. 1, mas são termos poéticos e cerimoniais.

>Sl-48.4

b) Atacantes aterrorizados e repelidos (4-8)

Os reis se coligaram (4), isto é, reuniram suas forças. Embora uma liga de reis se tivesse reunido para assaltar a cidade (conf. **#2Cr 20.1-7**; **#Is 10.8-11**), apesar disso, quando viram Seu poder perderam a coragem, ficaram confundidos, e bateram em retirada, em pânico. Seus desígnios naufragaram tão completamente como os navios de Josafá, em Eziom-Geber (**#1Rs 22.48**). Társis é usualmente identificada com Tartessus, no sul da Espanha, porém, a expressão **naus de Társis** (7) era aplicada para qualquer grande navio usado em extensas viagens comerciais. **Vento oriental** (7). Uma freqüente expressão usada para indicar poder destruidor (cfr. **#Jó 27.21**).

>SI-48.8

O louvor do povo é evocado por terem testemunhado o poder de Deus (8). Assim como tinham ouvido falar nos poderosos atos de Deus, nos dias de seus antepassados, assim tinham visto agora a Sua mão na recente história de Jerusalém. Isso parecia garantir para sempre a preservação da cidade. Tais palavras, combinadas com o ensinamento de Isaías a respeito da perpétua glória de Sião, nos últimos anos tinham sido mui facilmente desnudadas de sua significação espiritual. Tornaram-se o alicerce do fanatismo dos líderes religiosos da cidade quando o exército de Nabucodonosor a cercou. A verdadeira cidadela era o coração que confiava em Deus (cfr. **#Jr 1.18** e segs.).

>SI-48.9

c) Meditação sobre a benignidade de Deus (9-14)

Visto que a ameaça de destruição fora removida, a amada cidade era contemplada com novo deleite e seus muros e edificações tinham-se tornado objetos de tradição cívica e regional. **Filhas de Judá** (11). Eram as aldeias e povoados que cercavam a cidade. Porém, por detrás desse afeto por Jerusalém existe um profundo amor pelo Senhor da cidade. Quando os habitantes entram no grande Templo (cfr. **#2Cr 20.28**) sabem que a benignidade do Senhor é mais para ser contemplada que as formas externas do orgulho cívico, tal como o número das torres e baluartes da cidade. De tal Deus, dEle somente, e de nenhum outro, dependeriam. **Até à morte** (14). Geralmente se concorda que esta não é a tradução correta do original hebraico. A Septuaginta tem "para sempre". Deus seria seu guia eterno.

Sl-49.1

SALMO 49. A MORTE DESVENDA O VERDADEIRO VALOR DE UM HOMEM

a) Introdução (1-4)

Este Salmo, tal como o [#Sl 47](#), é endereçado a "povos todos", e o quanto está incluído nessa expressão, e indicado por sua tríplice elaboração, que cobre todos quantos estão vivendo neste presente mundo da sociedade humana; aqueles que pertencem a todas as camadas da humanidade, nobres e plebeus igualmente; e todas as pessoas, indiferentemente às suas possessões (1-2). O orador faz esse endereço inclusivo porque está convencido que recebeu, mediante o ouvido íntimo de seu coração, um oráculo ou parábola (cfr. [#Jó 4.12](#) e segs.) que estava prestes a declarar palavras de profunda sabedoria. Essa mensagem, ou [enigma](#) (4), dizia respeito a um enigma secular, e tomava a forma de um cântico para ser musicado.

O tema é sobre as diferenças humanas-variações quanto às riquezas, oportunidades e posição social. Quanto a isso, Deus é Rei sobre a terra inteira (ver os três Salmos anteriores), e deve ser o responsável por essa desigual distribuição (cfr. [#1Co 12.11](#); [#Hb 2.4](#)) Porém, como pode tal arranjo ser justificado? Este é um aspecto do problema maior, apresentado pela existência e prosperidade de homens iníquos (cfr. [#Sl 37](#) e [#Sl 73](#), bem como o livro de Jó). Para o salmista, o segredo desse enigma jazia na operação universal da morte. O restante do poema tem duas partes, cada qual terminando com um estribilho semelhante.

>Sl-49.5

b) O poder da morte é totalmente superior ao orgulho das riquezas (5-12)

O orador relembra um tempo quando ricos vizinhos, arrogantes por causa de suas possessões, tinham-no tratado injustamente, tinham-no perseguido, e tinham-se aproveitado de sua pobreza comparativa (5). Mas agora que a experiência já pertencia ao passado, ele se pergunta por qual motivo teve de ser provocado por tal conduta. Aquilo que é principal na existência de um

indivíduo jaz completamente fora do poder das riquezas. Um homem rico não podia **redimir** seu próprio **irmão** (7), literalmente, "irmão" no sentido de "amigo íntimo" da ocorrência da morte. Nenhum homem pode oferecer a Deus aquilo que redimiria sua vida ou compraria sua liberdade da morte e da corrupção. O vers. 8 é um parêntese; a significação é: "a redenção da alma de um homem custa além de toda a medida, e o homem precisa abandonar esse projeto e perceber que é fútil ao menos tentar fazê-lo". Aqueles que confiam nas possessões materiais e na riqueza deste mundo certamente deveriam notar que os **sábios** (os piedosos), o **estulto** (o mundano), e o **inepto** ou brutal (o sensual) todos estão sujeitos à morte, onde terminam todas as distinções materiais. Cfr. #1Tm 6.7; #Tg 1.9-10.

Os homens cujas riquezas se limitam às deste mundo, talvez consigam evitar esse fator estabelecendo uma poderosa casa e um nome hereditário, e dotando suas famílias com propriedades imobiliárias. Não obstante, nenhum homem permanece para sempre, por mais impressionante que seja sua propriedade ou sua pessoa. Fisicamente, **como os animais**, ele perece (11-12).

>S1-49.13

c) Deus livrará do poder da morte (13-20)

A descrição anterior é o caminho daqueles que insensatamente confiam neste mundo, e é igualmente o caminho daqueles que, vendo a morte de tais homens, seguem contudo sua maneira de vida com óbvia aprovação (13). No vers. 14 encontramos algo importante. Tais pessoas não morrem meramente como os animais morrem; morrem como ovelhas, que contam com a morte como seu pastor. Porém, é na morte que fica provado que os ricos e orgulhosos são inferiores àquelas almas justas, de quem anteriormente abusaram. Cfr. #Ml 4.1-3. **Onde sua formosura se consome** (14). Visto que a superioridade do justo não se vê no fato de viver mais que o rico, mas sim, mediante a experiência da morte, é somente nesta que fica patente a superioridade do justo sobre aquele. Na sepultura toda beleza se consome; todo prestígio e riqueza se desvanece. De fato, nem precisarão de um lugar de habitação para o miserável estado em que suas almas se encontrarão no inferno.

>S1-49.15

Mas Deus remirá a minha alma (15) de qualquer poder da morte que porventura me quisesse arrastar para o inferno (as mesmas palavras ocorrem em #Os 13.14). Essa declaração não pode ser restringida a uma crença, por parte do salmista de que Deus haveria de salvá-lo da morte prematura. A força inteira da revelação (4) jaz na reversão, depois da morte, das distinções entre o homem de Deus e o homem deste mundo. O arrebatamento de Enoque e Elias prefiguraram um tanto esse fato (notar #Hb 2.14-15). Essa nota positiva também se ouve na frase que diz: pois ele me tomará para si (15; cfr. #Sl 73.24), e a expressão dessa esperança é seguida por uma pausa meditativa-Selá.

>Sl-49.16

O vers. 16 volta ao pensamento do vers. 5. O restante do Salmo reafirma a tese principal de modo enfático, isto é, não te abales por causa da distribuição desigual dos bens morais e matérias entre os homens.

Sl-50.1

SALMO 50. O HOMEM É ACUSADO NO TRIBUNAL CELESTE

Este é o primeiro de doze salmos intitulados "de Asafe" -um proeminente líder do coro de Davi. Seu nome aparece nos #Sl 73 a #Sl 83, mas alguns deles não podem ter sido escritos por um homem que tenha vivido no tempo de Davi, como por exemplo os #Sl 74 e #Sl 79, que estão associados à destruição de Jerusalém pelos babilônios. Por esse motivo a expressão "de Asafe" não parece referir-se tanto à autoria dos Salmos, mas antes, a um certo estilo ou escola na composição dos Salmos. O poema se divide em três porções distintas.

a) Introdução (1-6)

A impressionante frase inicial, O Deus poderoso, o Senhor ('el 'elohim Yahweh), tem a intenção de evocar a solenidade e a reverência próprias ao tema de um Grande Tribunal, deste Salmo. O tríplice nome apresenta Deus como o Todo-poderoso, Deus na plenitude de Sua deidade, e Deus como o Eterno e o Gracioso, que estabeleceu uma aliança com os homens. (cfr. #Js 22.22). Esse Deus levantou Sua voz e convocou todos os habitantes da terra para que se fizessem presentes em Seu tribunal, a fim de testemunharem o

juízo de Seu povo. A convocação emana de Sião (cfr. #Sl 48.2 e #Dt 33.2) e é acompanhada pela luz de Sua verdade, que brilha em todos os corações e sonda as coisas profundas de cada homem (cfr. #Sl 80.3,7,19; #2Co 4.6; #1Jo 1.5). Primeiramente Sua palavra é ouvida, e então Sua luz é vista, e em seguida o poeta contempla, como que em visão, a vinda do próprio Deus, quando então clama: "Virá o nosso Deus, e não se calará" (3), isto é, que Sua convocação seja seguida por Sua revelação. A aproximação de Deus é descrita em termos de relâmpagos e tempestade, enquanto que o cenário em torno de Sião é paralelamente ampliado em perspectiva, a fim de incluir as multidões de testemunhas no céu e na terra. **Congregai os meus santos** (5). Agora Deus convoca esses para que congreguem, isto é, o povo com quem Ele tinha uma aliança, renovada da parte deles por cada geração sucessiva, e ratificada desde o princípio por sacrifício (#Êx 24.3-8).

>Sl-50.7

b) Deus fala a seu povo (7-15)

Sua palavra a Israel (e a Igreja Cristã é o Israel espiritual) é de admoestação. Ele lhes dirige a palavra não meramente como o Deus Criador, mas como seu próprio Deus e Redentor. Sua acusação não é que se tenham mostrado culpados de negligência no ritual dos sacrifícios; esse dever fora realizado com regularidade. A Sua acusação diz respeito aos seus motivos. Tinham-Lhe oferecido seus animais como se Ele tivesse necessidade imediata deles e por isso necessariamente se sentisse agradecido por sua generosidade. Restava apenas um passo para que chegassem àquela atitude descrita em #Ml 1.7-8. Deus declara o absurdo de tal ponto de vista sobre a adoração; todas as possessões do homem, a natureza inteira, de fato, a Ele pertencem (cfr. Jó 38-39). Era mais difícil que Ele lhes pedisse alimentos que o oceano viesse a pedir água de seus peixes. Como se Deus necessitasse de carne como um homem! Contrastar com #Jo 6.53-57. A verdadeira adoração não consiste no oferecimento da carne morta dos animais, mas na fervorosa homenagem dos corações de homens cujo alvo seja sua diligência extrema em louvá-Lo (14). A relação mútua que Ele deseja se baseia em Sua própria resposta de libertação, e a reação de Seu povo, dando-Lhe glória (cfr. #Is 1.11-17; #Mq 6.6-8; #Jr 7.21-23).

>Sl-50.16

c) Deus fala ao ímpio (16-23)

Esta severa denúncia é dirigida contra aqueles que falam sobre a lei de Deus mas não a observam (cfr. #Mt 7.21-23), isto é, homens que se ressentem da disciplina moral e repudiam os mandamentos de Deus; homens que se deleitam na amizade dos ladrões, permitem liberdade sexual, são cúmplices de mentiras, e até mesmo traem aqueles com quem estão ligados em fraternidade de sangue (16-20). Consideram a paciência de Deus como fraqueza, e Sua longanimidade, que lhes fornece oportunidade de se arrependerem, é tomada como indiferença ou mesmo aquiescência. Sua opinião descuidada de que Deus deve ser tão desregrado, fraudulento e infiel como eles mesmos será totalmente demolida. Suas próprias más ações serão trazidas à sua presença, e a conseqüência das mesmas, sobre eles próprios, será demonstrada (21; cfr. vers. 3).

>SI-50.22

Vós que vos esqueceis de Deus (22). Cfr. #Is 17.10; #Jr 13.25; #Ez 22.12. O poema se encerra com uma terrível advertência a um povo tão ímpio (cfr. #Jd 15), e igualmente com o oferecimento da reconciliação e salvação àqueles que alterarem seu caminho, isto é, seu modo de viver, e orientarem-no de conformidade com os princípios, fé, obediência e perseverança para com Deus. Toda esta seção serve de base para #Rm 1.18-32; #Rm 3.21-25.

SI-51.1

SALMO 51. A ORAÇÃO DE UM PENITENTE

A declaração explícita do título associa este Salmo com a notável acusação de Natã contra Davi (#2Sm 12.1-13). Como expressão de um coração dominado pela vergonha, humilhado e alquebrado pela culpa, ainda que salvo do desespero mediante a fé penitente na misericórdia de Deus, este poema é inigualável. Os vers. 18 e 19 parecem ter sido adicionados alguns séculos depois da época de Davi. Pressupõem um tempo quando os muros da cidade foram derrubados, quando os sacrifícios cessaram (cfr. #Ne 1.3; #SI 102.16,17; #SI 147.2). É possível que, após a volta do exílio, este Salmo tenha sido adaptado para ser usado como confissão dos pecados nacionais, e que esses dois versículos tenham sido adicionados para que o poema se tornasse mais próprio para a adoração pública.

a) Convicção de pecado (1-8)

É necessário relembrar que, imediatamente após Davi ter feito confissão de seu pecado, o profeta Natã declarou que o Senhor o perdoara. Conseqüentemente este Salmo, presumivelmente composto nas horas que se seguiram, começa com a consciência da misericórdia de Deus-abundante, amorosa e sem limites. O salmista dá-se conta de uma verdadeira multidão de compaixões divinas e, em particular, de uma promessa de perdão espantosamente grande e preciosa, a respeito de um gravíssimo erro (#2Sm 12.13); porém, ele não pode depender disso enquanto a confissão plena e de todo coração não tiver sido feita, e essa é justamente a função do poema. A convicção de pecado, em Davi, é dominada por três temas:

>SI-51.3

1. UM INESCAPÁVEL SENSO DE RESPONSABILIDADE PESSOAL. Note-se a freqüência de **minhas transgressões, minha iniquidade e meu pecado**. Ele não procura fugir à sua responsabilidade, aqui, baseando-se no acaso das circunstâncias ou em algum desejo instintivo; não culpa a ignorância, a necessidade ou alguma agência má; nenhuma tentativa é feita para que Bate-Seba compartilhe do pecado de adultério e assassinato, sobre a suposta base de sua aquiescência ou sugestão. O erro cometido foi da responsabilidade de Davi, e essa convicção é sublinhada nas palavras **o meu pecado está sempre diante de mim** (3; cfr. #SI 32.3-4).

>SI-51.4

2. UMA INDUBITÁVEL CONVICÇÃO DE TER-SE VOLTADO CONTRA DEUS. Sem levar em consideração Bate-Seba e Urias, sua ação, em última análise, foi contra Deus. Contra ti, **contra ti somente pequei** (4). Toda má ação, afinal de contas, é contra a santidade de Deus, e, portanto, má aos Seus olhos (cfr. #Gn 39.9). **Parece mal** (4); melhor ainda, "é mal". O salmista fazia uma confissão sem reservas de sua culpa (3-4) a fim de que, quando Deus pronunciasse julgamento contra o pecador, Ele estivesse acima de qualquer insinuação satânica de capricho, severidade ou preconceito da parte de Deus (cfr. #Zc 3.2; #Jó 2.3).

3. UM APAIXONADO APELO PARA SER COMPLETAMENTE PURIFICADO DO PECADO. As frases aparecem amontoadas em veemência e fervor. **Apaga** (1); isto é, obscurece como por uma espessa nuvem (#Is 44.22) ou uma dívida é anulada mediante pagamento. Alternativamente, pode

ter o sentido de "apagar", isto é assim como quando um escrito era removido de um tablete de argila (#Êx 32.32), como a água era removida de um prato (#2Rs 21.13), ou como uma pessoa é removida da terra (#Gn 7.4). Lava-me completamente (2); isto é, tira a mancha; purifica-me (2) como um leproso é declarado puro mediante a lavagem (#Lv 14.8-9).

>SI-51.5

Em pecado me concebeu minha mãe (5). Isso não deixa subentendido que uma disposição pecaminosa lhe tivesse sido transmitida porque o ato físico da concepção fosse pecaminoso em si mesmo. Este versículo simplesmente significa que, sendo membros da raça humana, estamos inexplicavelmente envolvidos na realidade do pecado. A palavra "formado" seria melhor traduzida como "nascido" ou "dado à luz". Cfr. #SI 139.13-16; e notar a impecabilidade de nosso Senhor, nascido de uma mulher. O duplo eis (5-6) indica dois fatos que impressionaram profundamente o salmista, e que ele deseja que os outros observem.

>SI-51.6

Nos vers. 6-8 a intensidade da convicção e do desejo de Davi é fortalecida ainda mais por uma recapitulação das idéias anteriores, havendo ênfase sobre a terceira-a da necessidade de purificação. Primeiramente, a misericórdia e a compaixão de Deus (ver vers.

1) estão relacionadas ao Seu desejo de encontrar a verdade e a sabedoria estarem ocultas no íntimo (6). Mediante a mesma a verdade é impedida de afastar-se dEle. Em segundo lugar, a necessidade de ser lavado e purificado (2; cfr. #Jo 13.8-10) é refletida na necessidade de ser aspergido com hissope purgador (cfr. #Nm 19.6) e ser tornado mais puro e mais branco que a neve(cfr. #Is 1.18). Em terceiro lugar, o desejo de conhecer e de participar da Santidade de Deus e de submeter-se a Seu reto juízo (4) é renovado e expandido como uma oração. Nesta é solicitado o sentimento de alegria por ouvir a palavra de perdão de Deus e pela cura de toda angústia e aflição íntimas.

>SI-51.9

b) Aflição, e o anseio pela santidade (9-14)

O conceito adicional de pecado como separação entre o homem e Deus é então introduzido com sua ênfase dupla de angústia em vista da possibilidade de ficar fora da presença de Deus para sempre e de ser privado de Seu Santo Espírito (cfr. #1Sm 16.14), e um desejo pela saúde moral, um registro limpo, um novo coração e um espírito reto. Note-se como ele abominava a solidão (11) que foi algo excepcionalmente temido por Davi, visto sua larga e sensível simpatia para com as outras pessoas. Ele percebeu que, quando qualquer homem peca, não se trata meramente de um ato contra Deus, mas isso leva o próprio indivíduo na direção das trevas exteriores e da desgraça. Essa é a miséria egoística do inferno.

O arrependimento implica na deslocação dos desejos pecaminosos, e o salmista agora expande o positivo aspecto de sua experiência. Ele roga pela restauração da alegria para com Deus, a qual lhe fora furtada pelo pecado, e por um espírito voluntário para que sempre pratique o bem voluntariamente (12). Caso lhe sejam concedidas essas coisas, ele ficará tão aliviado e transformado que os outros pecadores poderão ser convincentemente exortados a, semelhantemente, voltar-se em arrependimento para um Deus tão gracioso (13). Além disso, se ele puder ser libertado da culpa de sangue no tangente a Urias, sua língua nunca cessaria de proclamar a fidelidade de Deus, que proporciona o verdadeiro perdão a todos os penitentes (14).

>Sl-51.15

c) Verdadeira adoração (15-19)

Como repetindo tal louvor público, o salmista dá início a um cântico de expectante adoração. Seus lábios, por si mesmos, só podiam fazer confissão do erro e petição por misericórdia; porém, se Deus se dignasse falar por intermédio deles, então pronunciariam os Seus louvores. Tais louvores estabeleceriam a natureza de Deus, ou seja, que Ele tem pouco interesse e nenhum deleite nas formalidades exteriores da observância religiosa; o ritual dos sacrifícios com grande facilidade poderiam ser interpretados pelos seus praticantes como um processo de aplacamento (cfr. #Sl 50.8 e segs.). **Os sacrifícios para Deus** (17), isto é, aqueles que Ele aceita, são o culto de um coração contrito, livre de toda obstinação e humilde por seu próprio auto-oferecimento (cfr. #Rm 12.1-2; #Hb 9.14; #Hb 13.15).

Sl-52.1

SALMO 52. A CONDENAÇÃO QUE AGUARDA O HOMEM PODEROSO E ÍMPIO

Este é um dos oito Salmos associados, por seus títulos, às experiências de Davi como fugitivo e exilado de Saul. Os outros são os [#Sl 7](#) (referente a Cuxe); [#Sl 59](#) (Saul procura matar Davi); [#Sl 56](#) (Davi volta-se para os filisteus, em Gate); [#Sl 34](#) (Davi na corte de Abimeleque); [#Sl 57](#) (Davi foge para a caverna de Adulão); [#Sl 142](#) (uma oração na caverna); e [#Sl 54](#) (Davi quase é traído pelos habitantes de Zife). O [#Sl 52](#) é um dos mais antigos poemas. Relata a fuga de Davi para o tabernáculo, em Nob, que ficava no declive norte do monte das Oliveiras. A ajuda que lhe foi prestada pelo sacerdote Aimeleque foi referida a Saul. Desejando-se a história completa e o massacre dos sacerdotes que se seguiu, veja-se [#1Sm 21.1-9](#) e [#1Sm 22.9-23](#). Este Salmo expressa a justa indignação de Davi por causa da traição de Doegue contra si mesmo e contra Aimeleque. Há quatro fases de pensamento.

a) O poderoso homem do engano, e suas palavras (1-3)

As palavras iniciais são veementes, sarcásticas e desprezadoras. Doegue não é digno de ser chamado pelo nome. Um homem cheio de vanglória, que não apenas faz o mal, mas se orgulha disso. Passa sua vida em antagonismo contra a paciente misericórdia de Deus. É dado ao engano, à calúnia e à falsidade, empregando sua língua como sua arma principal (cfr. [#Sl 7.14-16](#); [#Sl 10.3-11](#)). De modo algum o salmista admira a eficiência desse meio de luta, mas se refere a um modo e a um princípio de vida que lhe são totalmente repugnantes (cfr. [#Sl 34.13-14](#)), isto é, o amor mais ao mal que ao bem, a alta estima às palavras que operam dano.

>Sl-52.4

b) Sua destruição certa (4-5)

Tão certamente como as palavras de Doegue tinham provocado a destruição de vidas inocentes, [também](#) (5) Deus haveria de destruí-lo completamente. Essa condenação é vividamente expressa: Deus haveria de ajuntá-lo como um carvão queimado caído da fogueira e o lançaria fora; Deus o arrancaria de sua habitação e o baniria da comunhão com todos os homens; Deus o desenraizaria como uma árvore ferida em uma tempestade, pelo que sua vida seria privada de toda nutrição e honra.

>SI-52.6

c) O comentário dos justos (6-7)

A óbvia retribuição imposta a Doegue encheria de temor a todos os homens justos, e também de satisfação em vista da evidente vindicação da retidão. Não há necessidade de inferirmos nisso qualquer sentimento de vingança pessoal, nem sentimento de retaliação; cfr. #Jó 31.29. Os homens piedosos voltariam uns para os outros a comentar a brevidade de toda vida que confia no poder temporal e nos maus propósitos. Há um jogo de palavras, concernente à primeira palavra, como se ele tivesse dito: "Eis, esta miséria é o homem poderoso que não fez de Deus a sua fortaleza".

>SI-52.8

d) A permanente devoção do salmista (8-9)

Em contraste com a sorte do ímpio, Davi vê a si mesmo como uma viçosa oliveira, tão permanente como aquelas árvores que continuavam crescendo nos declives do Nobre, mesmo depois do ultraje de Doegue (cfr. #SI 1.3). Essa destruição do iníquo e essa permanência do justo se origina no caráter de Deus, em cuja misericórdia Davi confiava, em contraste com o "homem poderoso" que desafiou aquele caráter. Cfr. #SI 34.15-16.

Essa característica de vida piedosa leva-o a repousar, silenciosa, expectante e confiadamente, nas obras e nos caminhos de Deus. Todos os homens retos sabem que Deus é bom.

SI-53.1

SALMO 53. OPRESSÃO, PASSADA E PRESENTE

Este Salmo é uma edição revisada do #SI 14. As duas principais diferenças entre eles são, primeira a eliminação do tetragramaton (isto é, o nome Jeová, escrito com quatro letras no hebraico) que ocorre por quatro vezes no poema anterior, e o uso do termo ' **elohim** em cada uma das sete referências à deidade. Quaisquer que sejam as razões que expliquem essa alteração, é sugerido um escopo mais universal para o poema do que ficou implicado no título do Deus da aliança-Jeová, que era empregado exclusivamente em Suas

relações com Israel. A segunda dessas diferenças é que o quinto versículo do **#Sl 14** foi completamente reescrito, um fato que sugere uma fenomenal libertação da nação desde a ocasião em que foi composto o poema mais antigo. Tal libertação pode ter sido o colapso da liga dos amonitas (**#2Cr 20.22-24**) ou, mais provavelmente, o pânico sobrenatural do exército da Síria (**#2Rs 7.6-7**). **Eis que se acharam em grande temor, onde temor** (isto é, causa para temor) **não havia**.

Sl-54.1

SALMO 54. DEUS É O SUSTENTADOR DE MINHA ALMA

Pouco depois de Abiatar ter-se reunido a Davi, em Queila, havendo aquele sacerdote escapado do massacre de Doegue, em Nobe (**#Sl 52**), Davi ouviu dizer que Saul estava avançando contra a cidade a fim de sitiá-la. Embora Davi tivesse salvado a cidade do ataque dos filisteus, ele foi avisado do fato que os habitantes da cidade não eram dignos de confiança, pelo que ele e seus homens fugiram em direção ao leste, antes da chegada de Saul (ver **#1Sm 23.5-6,13**). Refugiaram-se nas colinas selvagens e cobertas de bosques ao sul de Hebrom, porém, sua presença foi indicada a Saul por homens habitantes das cercanias de Zife (**#1Sm 23.19**). Davi, pois, deslocou-se para o deserto de Maom, e Saul foi impedido de prosseguir na busca somente por causa de notícias urgentes de que os filisteus haviam feito uma invasão mais ao norte. De conformidade com o título, este Salmo expressa a reação de Davi à animosidade dos Zifeus. Divide-se em três porções.

a) Um apelo pedindo ajuda (1-3)

O livramento é solicitado **pelo teu nome** isto é, à base do caráter divino como protetor do oprimido, e também por meio da manifestação de Seu poder e misericórdia. Essas coisas são refletidas na frase seguinte, "faze-me justiça pelo teu poder". **Estranhos** (3) não significa necessariamente que não fossem israelitas. Mas antes parece que aqui se refere aos zifeus, os quais, embora pertencentes a Judá, pareciam como estranhos aos seus olhos, em vista de sua inimizade contra ele. A palavra **tiranos** (3) se refere ao grupo que acompanhava Saul. A inimizade de ambos os grupos contra ele é atribuída à impiedade deles. **Procuram a minha vida** (3). Cfr. **#1Sm 23.15**.

>Sl-54.4

b) Uma profissão de fé (4-5)

Diferentemente de seus adversários, Davi podia indicar Deus como sua fonte de auxílio. Realmente, ele não contava com nenhuma outra. O vers. 4 não significa que o Senhor fosse um dentre muitos apoiadores, mas sim, que Ele era supremamente, o Ajudador e Sustentador (cfr. [#Sl 3.5](#); [#Is 41.10](#); [#Jo 14.16-18](#)). Portanto, era certo que Ele tomaria providências para anular o erro feito contra Davi. [Daqueles que me andam espiando](#) (5). Melhor, ainda, "daqueles que armam ciladas contra mim".

>Sl-54.6

c) Uma promessa de gratidão (6-7)

Quando Davi for salvo pelo nome do Senhor (1) ele expressará alegre e livremente a sua gratidão àquele bom nome. Na sinceridade de sua confiança para com Deus, ele conjeturava a derrota dos seus inimigos, e desde agora saboreava aquele livramento que "Ele", (isto é, o bom nome) tornará realidade (cfr. [#Is 30.27](#)).

Sl-55.1

SALMO 55. PERPLEXO E SOBRECARRREGADO, MAS SUSTENTADO

Esta é a expressão de um coração, profundamente ferido pela infidelidade de um amigo, que se volta para Deus em súplica e confiança. Este Salmo tem sido tradicionalmente associado à rebelião de Absalão, mas, nesse caso, deve ter precedido a fuga de Davi de Jerusalém, e provavelmente se seguiu à deserção de Aitofel. Ver [introdução](#) ao [#Sl 41](#). Este poema deveria ser considerado como uma expressão do coração e da mente de Davi, quando as cortinas da ilusão e do segredo estavam sendo afastadas para desvendar-lhe uma cena inesperada, em cuja realidade ele teve dificuldade de acreditar. A luz da verdade ainda não havia raiado perfeitamente; o pior ainda estava para vir. O poema se divide em três partes.

a) Sérios presságios e o desejo de escapar (1-8)

A maneira em que é formulada essa súplica indica o desejo pela certeza. **Não te escondas** (1; cfr. **#Sl 27.4**). O salmista desejava ter uma visão aberta e uma resposta imediata da parte de Deus, visto que estava tão inquieto, a lamentar-se (2). Ele não se podia conservar em silêncio por causa do suspense criado por suas suspeitas, que tinham crescido tão rapidamente a ponto de se tornarem esmagadoras e intoleráveis. Memórias sobre uma hoste de incidentes, não observados quando por ocasião de seu acontecimento, sugerem agora uma teia de perversos esquemas, e uma barragem de malévolas maquinações pareciam ter sido lançadas contra ele (3). Dominado por tal sentimento ele não apenas conjectura o sucesso de seus adversários, mas tem o pressentimento da morte por meios violentos.

A pressão dos acontecimentos se tornara então tão intolerável que seu coração faz um desesperado esforço para escapar, em fantasias. Ele gostaria de mudar completamente sua condição e transformar-se numa pomba, a habitar em lugares quietos e afastados dos homens (6-7). A pausa (**Selá**) deseja prolongar essa vida idealizada tecida dos mais finos fios de seu exílio anterior, mas as cores desmaiam e o desejo permanece. Ele se pinta como um homem cansado que, a lutar desesperadamente para obter abrigo e segurança, encontra-se espancado e esbaforido em meio a uma súbita tempestade (8).

O impulso de escapar da realidade é uma perversão de um desejo universal de estar **em descanso** (6; cfr. **#Gn 2.2**; **#Mt 11.28-29**; **#Hb 4.1-11**; **#Ap 14.13**). O motivo de "voar" para longe (do dever, da disciplina, ou de Deus) é muito saliente nas Escrituras, e é um fator básico do interminável desassossego e descontentamento do homem. Mas esse processo é vão e fútil (cfr. **#Sl 139.7** e segs.). Ninguém jamais descobriu que escapar para a experiência do deserto traz descanso; pelo contrário, ali é o terreno mesmo da tentação.

>Sl-55.9

b) Oração pela destruição dos ímpios (9-15)

Davi não pode habitar por muito tempo na fantasia, e seus pensamentos agitados foram em seguida canalizados em ira contra seus volúveis cortesãos, e especialmente contra certo homem, anteriormente quase um amigo tão íntimo como o fora Jônatas, que evidentemente era um dos principais apoiadores da rebelião vindoura. E o salmista roga a Deus que enviasse entre aqueles conspiradores uma confusão tal, de línguas, de diversidade de opiniões, que tornasse sua conspiração tão fracassada como Babel (cfr. **#2Sm**

15.34; #2Sm 17.4). **Despedaça** (9); ou antes, como muitos pensam "confunde" (ver #Gn 11.7). Os vers. 10 e 11 deixam subentendido que Davi não estivera inconsciente de sedição crescente e de corrupção em Jerusalém, tanto entre os soldados que vigiavam os muros como entre os transeuntes, nas ruas. Alguns consideram como personificadas as palavras **violência** e **contenda** (9). Essas coisas ele ainda teria tolerado, mas o que fez surgir-lhe a ira foi a traição de um amigo de confiança, alguém da mesma posição que ele, um companheiro freqüente, e alguém com quem ricas trocas de entendimentos tinham sido um prazer, um homem com quem ele conhecera unidade de coração, ao adorarem juntos a Deus. Que tal intimidade seja agora anulada pela prontidão do julgamento divino: que a terra engula a eles todos. **Vivos os engula a terra** (15); isto é, sejam lançados vivos na sepultura (cfr. #Nm 16.30-33); pois, em lugar de se moverem e viverem em Deus (cfr. #At 17.28) tinham tornado maus a atmosfera exterior e o hálito interior de suas vidas.

>Sl-55.16

c) Fé para com Deus (16-23)

Diferentemente de seus inimigos, Davi pode invocar a Deus com toda segurança. Seus incessantes clamores pedindo ajuda serão ouvidos, sua situação seria resolvida, seu extremo perigo (como em batalha) seria remediado, não obstante o número dos inimigos. **Preside** (19) tem antes o significado de **se assenta**, como em #Sl 29.10; #Lm 5.19. Deus, que está eternamente entronizado como Juiz de equidade, sairá em seu auxílio para humilhar seus adversários mediante Sua resposta-a saber, aqueles homens cuja carreira em prol de seus próprios interesses até aquela altura tinha sido bem sucedida (19), os quais, por isso mesmo, julgam que a justiça de Deus não precisa ser levada em consideração. Os pensamentos do salmista, em seguida, reverterem ao seu falso amigo, o qual agiu impulsionado pela iniquidade contra aqueles que estavam em paz consigo e rompeu a aliança de amizade entre eles (20). Seu coração foi atuado pela malícia, apesar de toda a suavidade de suas palavras. Suas palavras anteriores, interpretadas agora por sua ação subsequente, são como espadas nuas projetadas contra o coração de Davi (21).

Porém, nem escapismo, nem lamentação, nem indignação e nem amargura provém uma avenida satisfatória de vida, em meio ao profundo levante psicológico do qual Davi, como amigo e como rei, é o centro. O correto curso de ação é declarado por fim. Consiste em descarregar a enfermidade e os cuidados do coração, deixando tudo ao encargo do Senhor. Isso Davi está

resolvido a fazer (23), e por esse meio experimenta o sustento divino em seu próprio coração (cfr. #1Pe 5.7). O Senhor mantém vigilância sobre as pessoas justas e não permite que qualquer desvio fatal seja perversamente imposto sobre seu curso. Por outro lado, os homens iníquos, falsos e sanguinários nunca terminarão seus dias. Comparar a experiência de Paulo, em #2Tm 4.10-11,17.

Sl-56.1

SALMO 56. "SE DEUS É POR MIM, QUEM SERÁ CONTRA MIM?"

O título se refere à primeira vez em que Davi jornadaou em Gate, quando estava, evidentemente, sob alguma perseguição (cfr. #1Sm 21.13; #1Sm 22.1). O #Sl 34 foi composto pouco depois de haver escapado dos filisteus, mas o #Sl 56 expressa suas apreensões enquanto estava realmente debaixo da mão de Aquis. Quando Davi retornou algum tempo mais tarde, tinha seiscentos homens consigo e permaneceu ali por dezesseis meses (ver #1Sm 27.1-7).

A expressão **Jonate-Elém-Recoquim**, no título, significa "a pomba silenciosa dos que estão à distância", ou ainda, "a pomba dos terebintos distantes".

As duas partes deste Salmo são cada qual seguida por um estribilho (4,10-11). Os vers. 12 e 13 formam uma breve conclusão.

a) Contraste e tensão (1-4)

Tal contraste e tensão existe entre **Deus** e o fraco **homem** (a palavra, em hebraico, apresenta o homem como mortal); entre Aquele que é gracioso (misericordioso) e muitos outros que diariamente (todo o dia) o assaltavam e espezinhavam (uma variação de texto para **devorar-me**) em seu orgulho. **Ó Altíssimo** (2) ou melhor, "orgulhosamente". Esse dilema de alma leva ao paradoxo: **No dia em que eu temer**, apesar disso, **hei de confiar** (3).

A tensão é aliviada não simplesmente pela decisão de confiar, mas pela realização de que a palavra de Deus não falhará. **Em Deus** louvarei, e **em Deus** pus a minha confiança, são indicações que o salmista não ficará ansioso ou temeroso; afinal de contas, que podia fazer contra ele a carne mortal? (4; cfr. #Hb 13.6).

>Sl-56.5

b) A vida perseguida de Davi (5-11)

Torcem as minhas palavras (5). Cfr. **#1Sm 21.11-12**. Relatórios inverídicos sobre o que ele dissera, e isso diariamente, revelam a profunda antipatia deles. A situação só pode ser remediada mediante medidas drásticas; por isso o salmista apela para que a justa ira de Deus derrube as pretensiosas presunções e as palavras perniciosas dos filisteus que dele suspeitavam, bem como faça um julgamento generalizado contra todos os povos ímpios (7; cfr. **#Sl 7.6-9; #Ez 21.25-27; #Jd 14-16**). **Odre** (8); isto é, vaso de pele de animais para conter líquido precioso. Deus sabia tudo a respeito da insegurança de sua vida e suas lágrimas entesouradas no céu, são preciosas aos olhos de Deus. Além disso, suas orações não eram meramente apreciadas por Deus, mas eram eficazes: **isto sei eu, porque Deus está comigo**, (9); ou melhor ainda, "isto sei eu, que Deus é por mim" (cfr. **#Rm 8.31**). Por conseguinte, ele tinha a dupla segurança do poder de Deus e da fidelidade do Senhor, e o estribilho do vers. 4 é ampliado e fortalecido (10-11).

>Sl-56.12

c) Conclusão (12-13)

Finalmente ele prevê, como se já estivesse presente, um estado de libertação, no qual ele estará cumprindo seus presentes votos de louvor a Deus a favor de sua completa salvação. O livramento da morte e a preservação que o impediria de falhar, o capacitariam a andar sempre na presença de Deus "na luz dos viventes" (13).

Sl-57.1

SALMO 57. NENHUM DESESPERO, APESAR DO PERIGO

Conforme indicado no título, este Salmo foi composto pouco depois de Davi haver escapado de Gate (ver **#1Sm 22.1**) e se assemelha ao Salmo anterior tanto quanto ao tema como quanto ao estilo. Ambos começam com palavras semelhantes, dividem-se em duas partes seguidas por um estribilho, (ver **#Sl 57.5,11**), falam sobre perigos semelhantes (**#Sl 56.1-2; #Sl 57.3**), e expressam a mesma profunda confiança em Deus. O Salmo inteiro pode ser comparado com **#2Co 4.7-11**.

a) Sua situação e oração (1-5)

O quadro de um pequeno pássaro, a buscar instintivamente a proteção debaixo das asas de sua mãe, é empregado em #SI 17.8; #SI 36.7; #SI 91.1,4. Note-se a repetição da expressão "me abrigo", no primeiro versículo. Trata-se do mesmo sentimento de escape das calamidades, conforme aparece em #SI 55.6-8, mas o movimento nem sempre é para longe de Deus, e sim, para perto dEle. Sua oração foi dirigida ao Deus altíssimo (2); em hebraico ' elohim 'celyon, empregadas também em #SI 78.5-6. Nesta instância Deus enviará misericórdia e verdade (cfr. vers. 10) e o salvará de seus perseguidores que queriam pisá-lo aos pés. Devorar-me (3); ver 56.1n. A iminência de seu perigo se percebe no fato que o salmista tinha de dormir em lugares ocultos, enquanto que aqueles cujos corações estavam inflamados de ódio, e que diziam palavras afiadas como espada, estavam a rebuscar por ele nas proximidades. Esse parece ser o sentido do vers. 4.

O estribilho, no vers. 5, apela a Deus para que demonstre a glória de Seu poder e majestade, respondendo a esta oração (cfr. #Jo 12.27-28).

>SI-57.6

b) Sua preservação e louvor (6-11)

O quadro de uma tremenda perseguição por parte de animais ferozes é substituído pelo de homens a sutilmente colocarem uma rede para apanhar um animal caçado. O salmista se sente totalmente desanimado à parte da confiança em Deus; porém, sua fé é tão irreprimível e borbulhante que ele subitamente prevê a organização inteira do mal a redundar contra os seus inimigos. O erro que praticavam, com a intenção de causar dano ao inocente, se vê no fato de sua própria queda (cfr. #SI 7.14-16; #SI 9.15-16).

Esse sentimento de livramento é acentuado pela pausa, Selá (6), assim como a necessidade desse livramento é semelhantemente destacada no vers. 3. Dali por diante há plena segurança de coração e um regozijante espírito de ação de graças. A exclamação, Desperta! glória minha, desperta! (8) é uma exortação ao que há de melhor e mais excelente em si (cfr. #SI 16.9; #SI 30.12), e os instrumentos familiares de louvor são ordenados a levantar-se depois da noite de inatividade, para que o raiar do dia do livramento possa ser saudado com ansiosa antecipação. Eu mesmo despertarei ao romper da alva (8). Melhor

ainda, "despertarei o romper da alva". Para contrabalançar essas devoções pessoais tão cedo pela manhã, haverá um agradecimento geral, mais tarde, por parte de todos os povos. O tema de louvor, em ambos os casos, será a **misericórdia** e a **verdade** (10; cfr. vers. 3) que traz o reino de Deus a esta terra. Final e supremamente, a proeminência do próprio Deus está muito acima de tudo (cfr. #Fp 2.9; #1Co 15.28).

Sl-58.1

SALMO 58. "HÁ UM DEUS QUE JULGA"

Al-taschith (ver o título) significa "Não destrói", e se refere à melodia com a qual seria tocada no louvor do templo. A apaixonada denúncia contra a corrupção que se mascara como justiça não pode ser facilmente associada a qualquer período do reinado de Davi, embora talvez possa ser um reflexo do aparecimento de juízes nomeados por si mesmos como auxiliares de Absalão, possivelmente (cfr. #2Sm 15.3-5). Deve-se notar que a causa da veemência do salmista não dependia de algum agravo pessoal, mas na prática geral dos falsos princípios, que eram inimigos da propagação da piedade. O poema se divide em duas partes, e tem uma conclusão.

a) A acusação (1-5)

Ó congregação (1). O termo hebraico é de significação incerta. Mediante alteração nas vogais é possível traduzir a palavra como "vós, poderosos", sendo que esta é a tradução mais satisfatória, pois a pergunta é claramente dirigida a homens de influência e autoridade, que ocupavam a posição de juízes. Assim traduzida, a resposta, naturalmente, é na negativa; pois o real estado das coisas nada tinha em comum com a retidão. Tais homens podiam reivindicar o ofício de juízes, mas em seus perversos corações estavam pervertidos. Isso é evidente, porque seus vereditos estavam eivados de preconceitos, ou seja, a equidade era violada; e faziam pesar não a justiça, mas a violência (2). Tais homens nasceram com uma corrupção moral que os inclinava para longe da justiça, e constantemente vinham exercendo a tendência inerente de falar a falsidade. Nos cargos judiciais a que tinham conseguido alçar em seus anos de madureza, a perversidade de suas palavras é tão perigosa como o veneno de áspides; de fato, sua existência era uma ameaça tão grande ao bem-estar da sociedade como o é a proximidade de uma serpente venenosa que subitamente passa a desconsiderar a voz da flauta dos

encantadores de serpente que a trouxeram consigo (4-5; cfr. #Jó 20.16; #Jr 8.17; #At 7.51,57).

>Sl-58.6

b) A petição (6-9)

O acusador volta-se em seguida contra aqueles que conclamou e dirige-se a Deus na qualidade de Juiz supremo. Ele não solicita o veredito de culpa, mas antes uma sentença que provoque a completa remoção daqueles homens corruptos do seu reino; seu poder deve ser interrompido, para que fiquem tão inofensivas como a serpente cujas presas foram quebradas ou como um leão sem dentes, tão ineficazes como flechas despedaçadas (7). O quadro usado para transmitir esse desejo é extremamente gráfico. Que desaparecessem como a água da tempestade desce por uma sarjeta, como uma lesma que se derrete; que fossem como criancinhas recém-nascidas (6), como um montão de espinhos secos, debaixo de um caldeirão, que logo que acesos, mesmo que alguns ainda estejam verdes, logo desaparecem num redemoinho (9).

>Sl-58.10

c) Conclusão (10-11)

Estes versículos expressam com veemência a profunda satisfação experimentada pelos justos quando o mal é visivelmente esmagado e removido. A linguagem é figurada (cfr. #Ap 19.13-18), mas a aspiração é digna, ou seja, que todos os outros homens venham a reconhecer abertamente o valor da retidão e confessem o inescapável julgamento de Deus.

Sl-59.1

SALMO 59. PROTEGIDO EM MEIO AOS TERRORES EMBOSCADOS DA NOITE

Este Salmo nos proporciona introspecção referente à tensão da vida de Davi enquanto esteve na cidade de Saul, Gibeá (exemplo, #1Sm 15.34): embora casado com a filha do rei, ele sabia que era perseguido por homens comissionados por Saul para assassiná-lo (#1Sm 19.1,9-18). A oração tem dois movimentos principais, vers. 1-10 e vers. 11-14, que demonstram certo

paralelismo de pensamento. Cada qual consiste de duas partes, sendo que a divisão é demarcada pela palavra **Selá** (5,13).

a) Invocação do auxílio divino (1-5)

Davi invoca a proteção divina por causa dos homens que procuravam seu sangue. **Sanguinários** (2). Estando há muito emboscados, tornaram-se ousados e desavergonhados. Não apenas acha-se ele em perigo, mas está completamente inocente; a malignidade deles não pode encontrar motivo em qualquer conduta culpável de sua parte (3). Não obstante, agem com alacridade contra ele (4). Daí seu grito ao Senhor, para que desperte e contemple seu perigo. **Nações** (5). Alguns comentaristas consideram que a introdução desta palavra aqui é uma expansão posterior das palavras de Davi, uma alteração feita quando o Salmo estava sendo usado na adoração pública, durante o período de insegurança nacional. Porém, o pensamento pode ser que aquela gente toda fosse composta de indivíduos alheios de coração.

>SI-59.6

b) Descrição de uma perigosa situação (6-10)

Os inimigos de Davi foram comparados a cães vira-latas, pelo fato de mostrarem-se mais ativos durante a noite. Tais cães percorriam as ruas da cidade, tendo em vista sua própria vantagem, e a perturbá-la com seus ganidos e rosnados (cfr. **#2Rs 9.36** e notar a infame tradição da vida noturna associada com aquela cidade de Gibeá, na história de **#Jz 19**). A ousadia daqueles homens se derivava de sua falsa crença que Deus não ouviria os apelos das vítimas que tencionavam assaltar.

A verdade é que Deus já estava ouvindo o clamor do salmista, e ainda lançaria no ridículo as suas intenções, zombando de todos eles (cfr. **#SI 2.4**; **#SI 37.13**). O salmista se compara a um vigia cercado que esperava pelo sinal de fogo de um farol distante, que avisaria sobre a aproximação de uma força de socorro. **O Deus da minha misericórdia me prevenirá** (10); isto é, "Deus sairá em meu socorro com Sua misericórdia", ou, ainda em outras palavras: "Ele irá defronte de mim e me dará segurança em cada volta do caminho". Conseqüentemente, Davi ainda haveria de ver seus adversários impotentes e completamente confundidos.

>SI-59.11

c) Apelo por julgamento (11-13)

Nesta segunda parte do Salmo, o apelo de Davi a Deus sobre uma visitação sem misericórdia contra seus possíveis assassinos (ver vers. 5)   declarado plenamente, como que a mostrar que seu desejo não era nem vingativo nem brutal. **Não os mates** (11); isto  , de um golpe só. Ele não rogava sua súbita destrui o; a memória de seu povo logo se esqueceria do fato. Pelo contrário, ele pedia que aqueles inimigos fossem transformados em duradoura exposi o das terríveis conseq ncias da falsidade no falar e nos motivos. Estranhamente, nos últimos tempos essa seria a natureza da própria vergonha de Israel (cfr. **#Lm 2.15** e segs.; **#Dt 28.65** e segs.). Ele queria que fossem expulsos de seus lares, privados de seus ofícios, e espalhados como vagabundos   semelhança de Caim (cfr. **#Lm 4.14-15**), visto que tinham abusado da linguagem (**maldi es**) e haviam pervertido a verdade (**mentiras**) (12). As palavras, **Consome-os na tua indigna o** (13) significam um desejo de que, quando tais homens fossem exibidos como advertência para Israel, fossem tratados de tal modo que não fosse possível a repeti o daquele perigo (cfr. **#Hb 12.29**; **#2Ts 1.8**). Então, os homens de todos os lugares reconheceriam a soberania de Deus nas atividades de Seu povo escolhido. **Até aos confins da terra** (13). Deve-se ligar tais palavras a **para que saibam**, ou melhor, "saibam os homens".

>Sl-59.14

d) Afirma o e confiança (14-17)

O salmista contempla novamente a situa o imediata (cfr. vers. 6), porém, agora com um novo sentimento de segurança. **Passem a noite** (15). Apesar daquela incansável persegui o ele ainda era capaz de cantar louvores a Deus, que   sua defesa segura. Deus   um refúgio, duplamente sua "defesa" (17) e uma alta e inexpugnável fortaleza de poder e misericórdia. **Tu foste** (16). A fé canta com confiança, como se as vindouras misericórdias j  estivessem presentes.

Sl-60.1

SALMO 60. UM LAMENTO POR CAUSA DA DERROTA

O título associa este Salmo à guerra entre Davi e os siros da Mesopotâmia e de Zobá (este último, território entre Damasco e o alto Eufrates). Cfr. #2Sm 8.3-6. Evidentemente, enquanto as forças armadas de Davi estavam afastadas, no nordeste, os inimigos hereditários de Israel-Edom e Moabe-invadiram o sul de Judá. Foi feita uma brecha nas fronteiras nacionais e a situação foi enfrentada com súbita apreensão. Davi mandou buscar Joabe para que cuidasse da emergência (cfr. #1Cr 19.6-9). Este Salmo transmite o senso de humilhação nacional resultando de um insucesso militar completamente imprevisto. *Susã-Edute* ("lírio do testemunho") talvez se refira à melodia de uma canção (cfr. títulos dos #Sl 45 e #Sl 80). A expressão *de doutrina* é peculiar ao título deste Salmo (cfr. #2Sm 1.18; #Dt 31.19). Notar a incorporação dos vers. 5-12 em #Sl 108.6-13.

a) O povo lamenta um desastre nacional (1-4)

Era típico do ponto de vista do salmista (e do livro de Jó) considerar Deus como responsável por cada acontecimento. As causas secundárias, físicas, estratégicas, culturais, etc., não eram reconhecidas. Daí o fato que esse inesperado insucesso militar tenha provocado tão grande golpe contra a moral do povo. Foi como um terremoto que derruba grandes prédios (2). A ação divina tinha-os conduzido à derrota; ambas as coisas levaram à desmoralização; a nação tinha vertigens como um homem que acabasse de beber o "vinho da perturbação" (3; cfr. #Is 51.17; #Jr 25.15 e segs.); os homens estavam dominados pelo temor, e estremeciam. Acreditavam ser o povo do Senhor, mas o pendão que Ele lhes tinha entregue (#Êx 17.15), naquela instância, simplesmente levou ao caminho da fuga (4). A palavra *Selá* sugere que certa linha de pensamento chegara ao final.

>Sl-60.5

b) O rei busca confirmação de uma promessa de vitória (5-12)

Um requerimento positivo, pedindo salvação, substitui a miséria anterior (5). Antes desse apelo amadurecer, na apropriação da fé da segura resposta de Deus (12) o fundamento e a base de tal esperança são examinados.

Primeiramente, há a promessa de Deus a respeito do domínio de Israel: as palavras atribuídas a Deus (Vers. 6-8) são um eco composto de muitas promessas, feitas no decurso de diversos séculos. Davi talvez tivesse em mente tais promessas, como #2Sm 7.9,10 e #Gn 15.18-21. *Siquém* e *Sucote*

(6) eram antigos centros de grande significância, a oeste e a leste do Jordão (cfr. #Gn 33.17 e segs.); Gileade, a leste do rio, era quase inteiramente ocupado por Manassés; Efraim e Judá, a oeste do rio, eram duas notáveis comunidades em Israel (7). O simbolismo de um capacete e de um cetro de "legislador" (7) destacam privilégios e diferenças entre essas comunidades, uma notável por sua beligerância e estupidez (cfr. #Jz 8.1 e segs.; #Sl 12.1 e segs.; #Sl 78.9 e segs.; #Os 7.8-11), e a outra por possuir a promessa de ser o legítimo líder apontado por Deus (cfr. #Gn 49.8-11; #Sl 78.67-68). Os inimigos tradicionais de Israel seriam reduzidos à servidão. O quadro imaginado é o de um conquistador que retorna, usando Moabe como bacia de lavar, entregando sandálias empoeiradas a Edom, como a um laçao, e ordenando que um outro escravo, a Filístia (Palestina) se alegrasse, isto é, aclamasse o dono da casa com um cântico de louvor.

A segunda base da esperança do salmista está na absoluta incompetência do homem para resolver a situação. E o rei pergunta: "Que general existe que possa penetrar na poderosa cidade de Petra, capital de Edom, se não fores Tu com o exército?" (9-10). **Dá-nos auxílio**, ó Senhor, pois seria inútil depender dos métodos e poderes humanos (11).

O versículo final indica o término da oração, numa afirmação de expectante triunfo (cfr. #Sl 118.16).

Sl-61.1

SALMO 61. ORAÇÃO DE UM REI EXILADO

Um poema de solidão, parecido com o #Sl 42 e provavelmente associado ao mesmo período de ausência forçada de Jerusalém, por causa de Absalão. Este Salmo tem duas partes.

a) Grito por amor e segurança (1-4)

Trata-se de um apaixonado apelo, partido de um coração sobrecarregado com o sentimento de solidão e debilidade. **Abatido** (2). Ele ansiava pela realização da segurança, o que não podia conseguir por seus próprios esforços, isto é, ser levado para uma "rocha que era alta demais para ele", ou seja, que lhe era impossível atingir. Seu desejo por tal segurança se origina de sua presente necessidade, que faz tal contraste com suas anteriores experiências de satisfação e proteção (3). **Habitarei** (4) pode ser melhor traduzido como

"Deixa-me habitar". Ele deseja habitar para sempre na tenda de Deus, isto é, no lugar de Sua habitação; e refugiar-se por sob as asas protetoras que cobriam o lugar onde Deus se encontraria e comungaria com ele (cfr. #Êx 25.22; #Êx 37.9).

>SI-61.5

b) Confiança na bondade e no cuidado de Deus (5-8)

Na certeza que Deus ouve suas orações, e votos, Davi reivindicou de novo a herança da Terra Prometida, assim antecipando o término da revolta de Absalão. **Deste-me a herança...** (5); melhor ainda: "Deste uma herança àqueles que temem teu nome", isto é, os fiéis seguidores de Davi recuperariam a possessão do reino. A Septuaginta e a Vulgata traduzem: "Tu deste a possessão (deles) àqueles que temem teu nome". Um texto alternativo do hebraico diz: "Tu concedeste o pedido...". Davi fala sobre seu ofício mais do que sobre sua pessoa; seu pensamento é que seus herdeiros legais devem ocupar seu trono nas gerações vindouras (cfr. #2Sm 7.16). Que Deus decretasse que a longanimidade e a verdade sempre caracterizassem o governo da descendência de Davi! Muitos consideram que a misericórdia e a verdade acham-se aqui personificadas (cfr. #SI 57.3; #SI 85.10), e que o salmista as concebe como anjos a vigiar perpetuamente o reino, como os querubins montam guarda ao propiciatório sobre a arca (cfr. 4). A oração conclui com um voto de adoração diária a Deus, com coração jubilante.

SI-62.1

SALMO 62. SÓ DEUS É MEU REFÚGIO

Trata-se de um cântico de confiança, no qual o salmista não pode encontrar palavras suficientemente profundas e significativas para descrever a absoluta segurança e inalterável poder de Deus, que lhe é acessível (cfr. #SI 18.1-2; #SI 59.16-17). O poema provavelmente pertence ao período da rebelião de Absalão. Suas duas porções tratam da ação e da reação entre homens ímpios e piedosos; e são introduzidas por palavras semelhantes (1-2 e 5-6).

a) As duas forças em operação na vida de Davi (1-4)

Por um lado, Deus é para Davi a única base e coroa da vida. Somente Deus é real, e em silêncio sua alma espera nele sem reservas (cfr. #Is 43.10-13).

Resulta que não é apenas de Deus que **vem a minha salvação** (1) mas igualmente Deus **é... a minha salvação** (2). Essa relação é o marco de sua existência imediata, e embora, na qualidade de homem mortal, possa ser levemente abalado pela pressão externa (cfr. **#2Co 4.8-9**), ele confiava que não seria **grandemente abalado** (2). Por outro lado, os homens estavam fazendo o máximo que podiam para destruir sua vida: ele os descreve como a se lançarem contra ele com ameaças e golpes; julgavam que ele estivesse a ponto de cair como uma parede, e uma cerca pousa segura (3). A única preocupação deles é como o haviam de **derribar de sua excelência** (4) ou trono (contrastar com o vers. 2), e, com essa finalidade, tinham prazer somente nas mentiras e inverdades sutilmente disfarçadas (cfr. **#2Sm 15.2-6**).

>Sl-62.5

b) A solução final do conflito (5-12)

Observe-se o contraste entre a visão dos sentidos e a visão da fé. Para a visão dos sentidos Davi parecia como uma parede prestes a cair (3), mas para os olhos da fé ele estava seguro em alta torre, edificada sobre uma rocha (2,6-7). Para a alma que confia exclusivamente em Deus, o tempo só podia trazer confirmação a essa fé. Por conseguinte, nesta segunda porção do Salmo, o princípio fundamental da vida de Davi (1-2) é reafirmado de modo mais firme (5-6). Cfr., por exemplo, **não serei grandemente abalado** (2) com **não serei abalado** (6).

O ataque da parte de seus adversários (cfr. vers. 3) não precisava servir de motivo de ansiedade, pois sua salvação e sua plena dignidade real (**glória**) dependiam inteiramente de Deus. Além disso, Davi confiava que seu povo leal também seria preservado, caso entregassem suas vidas a Deus (8).

Por outro lado, homens tais como aqueles que usurparam os poderes reais, mostrarão ser indignos e vãos (cfr. **#Sl 39.5,11; #Tg 1.9-11; #Tg 4.14**). Toda dependência nas possessões terrenas tão somente desapontam (cfr. **#Pv 11.28**).

A conclusão (11-12) reitera poderosamente a soberania de Deus, que é a única origem de poder, misericórdia e verdade (cfr. **#Pv 24.12; #Rm 2.6**). **Uma coisa... duas vezes** (11); isto é, repetidamente (cfr. **#Jó 33.14; #Jó 40.5**).

Sl-63.1

SALMO 63. DEUS É MINHA ALEGRIA

De conformidade com o título, este Salmo se originou nas experiências de Davi durante sua fuga e exílio. Visto que o **deserto**, no título mencionado, era na Judéia, isto é, ao oeste do rio Jordão, a primeira passagem de Davi, por ele, deve ter sido em meio de pressa e perturbação (cfr. #2Sm 15.28; #2Sm 17.16). O valor essencial deste poema reside em sua expressão de contínua comunhão com Deus, ainda que o salmista tenha sido cortado dos meios de graça exteriores e visíveis.

a) Introdução (1)

O anseio de Davi por Deus foi intensificado por seu profundo senso de exclusão do santuário em Jerusalém e por estar separado da arca, o símbolo da presença divina (cfr. #2Sm 15.25-26). O desejo de sua alma, e seu hábito corporal de estar presente à adoração, foram ambos impedidos pelas circunstâncias (cfr. #Sl 42.1). O deserto circundante, de Judá, parecia-lhe um deserto espiritual (conf. #2Sm 17.29).

>Sl-63.2

b) Uma imutável relação (2-4)

Alguns interpretam o vers. 2 dizendo que significa que, no deserto, foi proporcionado a Davi ter uma visão de Deus, não menos clara e distinta que aquela que lhe fora outorgada no santuário, o que o levou, em meio a seu desânimo, a explodir num êxtase de maravilha. "Como te vi no santuário", onde contemplara o poder e a glória de Deus. Isso explicaria a súbita transformação da tristeza em grande regozijo. A significação pode ser, entretanto, que esse anseio pela comunhão com Deus era tão forte como naqueles dias anteriores, quando fora capaz de contemplar o poder e a glória de Deus no santuário. **Tua benignidade é melhor do que a vida** (3); isto é, melhor do que tudo quanto a vida pode outorgar. Davi tinha perdido seu trono e seu reino, mas, na visão que Deus lhe concedera, ele vira que permanecia a benignidade de Deus, e que esta era superior a todas as vantagens materiais.

>Sl-63.5

c) Uma experiência satisfatória (5-7)

A antítese e a independência dos terrenos nacional e espiritual da vida de Davi são demonstradas pelo contraste entre uma terra árida e desértica (1) com um amplo e suntuoso banquete (5). As evidências de sua vida deslocada não o impediriam, nas horas de vigília, à noite, de meditar demoradamente nas excelências do seu Deus sustentador (cfr. #SI 36.5-8). Na segurança de Sua presença há motivo para exultante alegria (cfr. #SI 16.11; #SI 27.3-6).

>SI-63.8

d) Uma carreira adiada (8-10)

Na intimidade de sua comunhão com Deus, Davi tinha consciência de maravilhoso vigor e inalterável segurança. As palavras, **te segue de perto** (8) significam "atenciosa absorção em"; a mesma palavra hebraica é empregada em #Jó 41.15 para expressar o senso de um laço que não pode ser rompido. Por outro lado, os inimigos de Davi, a quem faltava essa união com Deus, precisavam certamente ser destruídos, e suas almas iriam para a habitação dos mortos (cfr. #SI 9.15), enquanto que suas carcassas, caídas na batalha, seriam presa dos chacais (10; cfr. #2Sm 18.7 e segs.).

>SI-63.11

e) Conclusão (11)

Não apenas Davi, mas **qualquer que por ele jurar**, isto é, que o reconhece e obedece, se regozijará por causa do cuidado e da bondade de Deus (cfr. #Dt 10.20).

SI-64.1

SALMO 64. CONLUIO E CASTIGO

Trata-se de uma oração que solicita que os planos e conluios de homens sem escrúpulo, que procuram derrubar aqueles que são justos e piedosos, não apenas sejam feitos em vão, mas que provoquem a condenação de tais praticantes da iniquidade. O Salmo se divide em duas partes.

a) Oração pedindo proteção contra os conspiradores (1-6)

O apelo visa a libertação da ameaça do perigo e do temor ou terror dessa ameaça. Davi ora para ser ocultado tanto das conspirações secretas dos homens perversos, como de seus assaltos abertos. **Tumulto** (2). A gravidade da situação é demonstrada pela habilidosa, poderosa e aberta propaganda orientada contra ele: as palavras deles eram como espadas afiadas e como flechas velozes atiradas de emboscadas (3-4). **Reto** (4); isto é, "sem culpa". Aqueles homens fortaleciam as mãos uns dos outros usando todo artifício possível para realizar seus perversos desígnios e acreditar que as suas intenções poderiam ser ocultadas eficazmente (5). O vers. 6 poderia ser traduzido como: "Têm imaginado iniquidade: "Traçamos", dizem eles, "um plano perfeito"; e o pensamento íntimo do coração de cada qual é profundo". Cada homem metido na conspiração estava profundamente envolvido em suas operações e conseqüências (6).

>SI-64.7

b) Certeza da retribuição divina (7-10)

A fé do Salmista em seguida domina suas anteriores preocupações. Aquilo que homens pervertidos desejavam contra os inocentes acabará revertendo contra a própria destruição deles. Caso lançassem setas contra ele, Deus faria chover setas contra eles e os feriria; e visto que por palavras procuravam armar-lhe armadilhas, assim também suas línguas lhes serviriam de armadilha. Em lugar de **fugirão** (8) deve-se ler "menearão a cabeça". A significação dessas palavras é que aqueles homens tornar-se-iam alvo do desprezo público. Em tal juízo, todos os homens haveriam de reconhecer a operação da mão de Deus e de reverenciá-Lo (contrastar com o **não temem** do vers. 4). Além disso, cada pessoa justa ficará satisfeita com a vigilância e solicitude do Senhor a favor daqueles que são retos de coração, e se refugiarão nEle.

SI-65.1

SALMO 65. CÂNTICO DE LOUVOR POR CAUSA DA COLHEITA

Embora intitulado **Salmo e cântico de Davi**, este poema não pode ser facilmente associado com qualquer acontecimento correspondente em sua vida; talvez tenha sido feito seguindo seu modelo, ainda que composto mais tarde, possivelmente durante o reinado de Ezequias, depois da retirada dos

assírios, (cfr. a referência ao templo, no vers. 4-**átrios**). Em tais circunstâncias, a primeira boa colheita no período de alguns anos seria especialmente bem recebida (cfr. **#Is 37.30**). A alusão a alguma preservação nacional do assalto de poderes estrangeiros (simbolizados pelo vocábulo **mares**, 7) parece referir-se à fracassada tentativa de Senaqueribe de capturar Jerusalém (cfr. **#Sl 46**)

a) Esperando em Deus (1-4)

Este Salmo tem início com uma expressão de louvor e oração. **Espera... em Sião** (1) deixa entendido uma calma reverente (cfr. **#Sl 62.1**) quando o voto, provavelmente feito durante a emergência nacional, é realizado. A certeza de que a oração foi ouvida e respondida se origina da experiência de livramento da fome, e tão pleno sente-se o coração do salmista que ele sente que a humanidade inteira deve, afinal de contas, reconhecer a graciosidade de Deus quanto a esse respeito, e igualmente vir a fim de adorá-Lo (2; **#1Rs 8.43**). Sempre que alguma **carne** (2) se apresenta ao Senhor, a questão da iniquidade precisa ser resolvida. Nossas transgressões são um elemento intolerável, tanto para o adorador como para Deus; o que é de surpreender é que Deus se propõe a perdoá-la gratuitamente (3). Dessa maneira o adorador se torna um sacerdote, escolhido para chegar-se a Deus (cfr. **#Nm 16.5**), para habitar em Seus átrios, e para encontrar Suas mais altas aspirações satisfeitas na bondade de Sua casa (cfr. **#Êx 19.6; #1Pe 2.9; #Ap 1.6**).

>Sl-65.5

b) Adoração a Deus (5-8)

O sentimento do adorador, que o impelia à oração e ao arrependimento, é agora substituído por reverência, por causa dos feitos de Deus na história das nações. Aqueles feitos terríveis-tal foi o dismantelamento do exército de Senaqueribe-demonstram a justiça de Deus; e Sua intervenção na história de Israel serve de exemplo, para todos os povos, até mesmo para aqueles que vivem nas ilhas mais remotas (5; cfr. **#Sl 72.10; #Is 41.5**). Essa introdução do conceito de distância leva o salmista a considerar a criação de Deus. As montanhas e os mares da terra foram por Ele estabelecidos (6; cfr. **#Sl 93.2-4**), ainda que essas palavras também sejam empregadas simbolicamente para as nações da terra que se destacam acima do redemoinhante tumulto da humanidade em geral (7). Todas as comunidades, desde as terras da alvorada

até as ilhas de pôr-do-sol, têm motivos para se regozijarem na vindicação divina em favor do fraco e do justo.

>SI-65.9

c) Agradecimento (9-13)

O ato supremo dessa adoração é finalmente apresentado numa explosão de louvor espontâneo e vívido em vista da beleza, da riqueza e do consolo proporcionados pela colheita de campos e rebanhos. O progresso natural é atribuído diretamente à presença e à operação divina. (Notar a repetição da palavra **tu**). Ele é Quem dá as chuvas temporãs (**o rio de Deus**), que enriqueciam a terra lavrada e adubada, e as chuvas serôdias, que faziam inchar o grão para ser colhido. A linguagem dos vers. 10 e 11 é muito rica em imaginação. Todo o interior do país-as pastagens das terras altas (vers. 12, **pastos do deserto**), as pastagens das colinas que circundavam as terras cultivadas dos declives inferiores, e até mesmo os prados dos fundos dos vales, todos igualmente estão enriquecidos, repletos e alegres por causa da bondade de Deus (cfr. **#SI 96.12**).

SI-66.1

SALMO 66. CÂNTICO DE LIBERTAÇÃO

Este Salmo, obviamente, foi composto para servir na adoração pública a fim de celebrar algum livramento nacional-provavelmente a queda do exército assírio sob o mando de Senaqueribe. Há aqui duas divisões principais:

a) Adoração conjunta (1-12)

Note-se o ponto de vista deste Salmo sobre o mundo. Uma conclamação tal como esta, dirigida a **todas as terras** (1) subentende que a recente experiência de livramento da nação de Israel teve um significado de âmbito mundial (cfr. **#SI 47.1-2**). Isso se origina não tanto da preservação do povo de Deus, como da descoberta do glorioso ser de Deus-a **glória de seu nome** (2) -naquele acontecimento histórico e por intermédio dele. Por esse motivo todos os povos são exortados a proclamar e a refletir a natureza divina em seus louvores. Um exemplo de tal louvor é então proporcionado (3-4; cfr. **#Is 37.20; #Ap 15.3-4**). Como causa e estímulo de tal louvor, toda a terra é convidada a: **Vinde, e vede as obras de Deus** (5). A principal dessas obras é a saída dos filhos de Israel da

terra do Egito e sua eventual entrada em Canaã, isto é, a travessia, a pé enxuto, do mar e do rio (6). A última referência diz respeito ao rio Jordão em época de cheia (ver #Js 3.15). **Ali nos alegramos nele** (#Sl 6; #Êx 15; #Js 5). É digno de nota que em todo o saltério nenhum outro acontecimento histórico é visto com tal respeito e maravilha, como a saída do Egito (cfr. #Sl 18.15-19; #Sl 68.7-8; #Sl 74.13-15; #Sl 77.16-20; #Sl 78.13,52-53; #Sl 89.7-10; #Sl 93.3-4; 105; 106.7-12; 136.10-15).

Este cântico agora afirma que Deus é eternamente o mesmo; Seu governo é, atualmente, tão extenso, e Seus olhos estão tão vigilantes como sempre, por conseguinte, **não se exaltem os rebeldes** (7).

Esta última cláusula do vers. 7 talvez contenha alusão à retirada das forças de Senaqueribe (cfr. #Is 37.23); certamente leva a um hino profundamente sentido de agradecimento, devido a algum recente livramento nacional considerado de importância internacional. A adoração do vers. 8 é conclamada pela evidência de uma presente segurança (9 cfr. #Sl 121.3; #Jd 24). Não obstante, não muito antes disso, sua condição era quase que desesperadora. A fim de testá-los, Deus os tinha levado a perder a liberdade, como peixes em uma rede (um texto alternativo sugere homens aprisionados numa fuma). Cargas pesadíssimas tinham sido impostas sobre eles, e tinham experimentado derrota no campo de batalha. Não obstante, aquelas provações e perigos se tinham seguido por um período de vida desimpedida e abundante (vers. 12).

>Sl-66.13

b) Adoração pessoal (13-20)

Esta porção final do cântico parece ser o testemunho do rei, pois temos aqui a inegável alteração para um pronome singular e para uma ênfase pessoal. Há duas fases. Nos vers. 13-15 ele fala a Deus a favor de si mesmo, na qualidade de representantes da nação. Durante a emergência anterior de ameaça de calamidade, ele fizera certos votos a Deus que não tinham sido cumpridos quando a libertação fora outorgada. Agora esses votos estão sendo cumpridos, não em meias medidas, mas plenamente (cfr. #Ml 1.8,13-14; #Rm 12.1). Então, nos vers. 16-20 o rei se dirige a todos os homens piedosos a favor de Deus, para que orem (**clamei**) e louvem (**exaltado**) com devoção que se origina num coração puro e numa boa consciência, que sempre foram ouvidos e sempre serão atendidos. **Se eu atender à iniquidade no meu coração** (18); melhor ainda, "Se eu tivesse atendido...". Essa base de oração eficaz, isto é,

um coração limpo de culpa, é um elemento constante no ensino bíblico (cfr. #Jó 27.2-9; #Is 1.15-17; #Is 59.1-3; #Ez 14.2-3; #Jo 9.31; #1Jo 3.21). Bendito, realmente, seja Deus por causa de Sua fidelidade e graciosidade quanto a esse particular (20).

Sl-67.1

SALMO 67. JUBILATE DEO

Este cântico festivo é considerado por alguns comentaristas como um hino de louvor em tempo de colheita. Essa conclusão se baseia no vers. 6, mas, no total, tal suposição parece improvável: menos é dito aqui sobre as colheitas feitas do que é dito em #Sl 65.9-13 sobre a espiga que se desenvolve. Este Salmo tange a todas as nações, *todas as extremidades da terra* (7), e a incomensurável bênção com que *Deus nos abençoará* (6-7). Além disso, o ter sido este Salmo inserido entre dois grandes hinos de louvor público, cada qual com uma perspectiva excepcionalmente geral sobre as nações e a história, sugere que sua composição está enraizada em algum fenômeno maior que a ocorrência de uma boa colheita.

O primeiro versículo é um eco da bênção sacerdotal de #Nm 6.24-26, e é bem possível que esta bênção fosse pronunciada pelo Sumo Sacerdote antes que o povo reunido respondesse com as palavras deste Salmo. Os vers. 3 e 5, portanto, parecem ser estribilhos, entoados pela multidão, com ênfase especial, e as mesmas palavras talvez fossem repetidas após o vers. 7, pelo Sumo Sacerdote, quando ele concluía a extensa bênção (cfr. a dupla bênção em #Lv 9.22-23). Este Salmo, pois, parece ser constituído de três curtos motos. Nos vers. 1 e 2, Israel é apresentado como o espelho de Deus, no qual todas as nações podem contemplá-Lo. No vers. 4 todos os povos são considerados como o Israel de Deus; encontram-se radiantemente felizes porque Ele os julga (no sentido de "governar") e lhes dá toda garantia, porque governa (no sentido de "guia"), tal como ele governou e guiou o povo escolhido pelo deserto. O vers. 6 expressa agradecimento por uma messe abundante (ver *dará o seu fruto*). No vers. 7 o salmista olha para o futuro e vê a bênção de Deus repousando sobre Israel, e, por meio deles a terra inteira é unida no temor de Deus. Cfr. #Rm 11.15,26. Este Salmo, por conseguinte, torna-se uma expressão muito apropriada para as aspirações missionárias da Igreja.

Sl-68.1

SALMO 68. UM HINO PROCESSIONAL

Este é um dos mais significativos hinos de triunfo de todo o Antigo Testamento. Seu dramático comentário a respeito de um memorável acontecimento, sua larga perspectiva de pensamento e linguagem, seu espírito de fé invencível em Deus, e sua apresentação do passado histórico e do futuro contemplado, se combinam para tornar este poema uma das porções notáveis do saltério.

Apesar de não estar explicitamente associado a algum episódio da vida de Davi, quase certamente foi escrito para celebrar a transferência da arca do Senhor, da casa de Obede-Edom para o novo tabernáculo que Davi preparara para a mesma, no monte Sião (cfr. #2Sm 6.2-18). Porém, este Salmo não foi escrito meramente para celebrar essa ocasião; foi edificado em torno do incidente, de tal modo a transmitir um duplo ensinamento. Primeiro, a transferência da arca, de seu abrigo temporário, perto da eira de Nacom, para seu lugar permanente em Jerusalém, é considerada como dramática reminiscência das jornadas da nação desde o Egito até Canaã. Realmente, a jornada foi a fase final de um grande movimento, pois os abrigos temporários do tabernáculo, em Gilgal, Betel e Siló tinham sido necessários por causa da longa demora na captura de Jerusalém-cena tradicional da aliança conformada (#Gn 22.16-18), e o óbvio centro selecionado para servir de sede espiritual da nação, o qual deveria revestir-se de tão profunda significação, o que também proveu uma oportunidade sem igual para apresentar uma verdade teológica fundamental a respeito de Deus. A ação inteira, histórica e simbólica, foi como um tapete no qual o nome divino podia ser discernido com clareza cada vez maior; por exemplo, Deus (1; ' Elohim); seu nome (4; Já); o Onipotente (14; El Shadai); o Senhor (16; Jeová); o Senhor Deus (18; Já 'Elohim); o Senhor (19; ' Adonai); Jeová o Senhor (20; Jeová 'Adonai).

a) A procissão (1-18)

1. O INÍCIO (1-3). A arca é retirada de seu abrigo e, visto que era o penhor e o símbolo da presença de Deus entre o povo o seu movimento é um reflexo da intervenção divina. A cena é um eco das experiências no deserto, conforme registradas em #Nm 10.35 e #Êx 14.25. A breve e tênue natureza da vida humana é ilustrada pelas analogias de fumo (cfr. #Sl 37.20; #Os 13.3) e cera (cfr. #Mq 1.4). Contudo, aquilo que serve para destruição dos perversos

(**pereçam os ímpios diante de Deus**) é, em realidade, o deleite dos piedosos (... se regozijam na presença de Deus, 3).

>SI-68.4

2. PARTE A PROCISSÃO (4-10). Quando a arca, com os sacerdotes oficiantes, com o rei, com os cantores, parte estrada fora, é ouvido o grito: "Fazei um caminho para Aquele que cavalga pelos desertos" (4; tradução alternativa; cfr. **#Is 40.3; #Is 62.10**). O nome desse potentado, perante quem todas as obstruções devem ser removidas, é JÁ (cfr. **#Êx 15.2**). A repetição da frase, do vers. 3 em diante: "exultai diante dele" (4), sugere um outro desenvolvimento de pensamento. A atenção se desvia da rota da marcha para o caráter pessoal de Deus. Ele está entronizado no Céu, **seu lugar santo** (5), e contudo, está intimamente consciente das necessidades humanas. Ele serve de pai para os órfãos e de protetor para os fracos e solitários (cfr. **#Êx 22.22-23; #Jo 14.18**); Ele tem abençoado especialmente a Israel, tendo-os retirado da escravidão no Egito e levado a um lugar de comparativa prosperidade; por outro lado, os corpos dos rebeldes, que não quiseram entrar na terra por causa de incredulidade, foram deixados numa **terra seca** (6; cfr. **#Hb 3.12,19**). Essa breve alusão ao êxodo leva o salmista a dar um breve sumário sobre aquela inapagável memória que agora, em certo sentido bem real, estava sendo revivida (8-10).

>SI-68.11

3. APROXIMAM-SE DA CIDADE (11-18). A arca tinha sido devolvida pelos filisteus de modo comparável à libertação dos filhos de Israel pelos egípcios; o incidente da morte de Uzá fora um eco do espanto e da morte no Sinai. Agora que a arca se estava aproximando de Jerusalém, em certo sentido estava reproduzindo a rota da invasão e da conquista de Canaã. Essa porção do cântico consiste, a princípio, de uma série de sentenças desconexas, que parecem reproduzir os gritos da multidão. Há as multidões de mulheres que proclamam as boas novas (11); contrastar isso com a referência aos cantores oficiais, em 25. Alguns gritavam uma coisa, e outros gritavam outra; passagens de antigas canções de guerra (12,17) fragmentos de salmos não preservados (18), e festivos cânticos populares, anteriores a Cantares de Salomão (13), provavelmente simbolizando tempos de prosperidade; frases tiradas de formas tradicionais de desafio e resposta tribal (13,14; cfr. **#Jz 5.16**). Todas essas coisas foram tecidas juntamente, como para criar um senso de pompa enriquecido pela memória, tal como os modernos dramas

radiofônicos evocam certo estado mental por uma série de memórias que são rápida e sucessivamente ampliadas e abafadas. A significação do vers. 14 parece ser que Deus espalhou os exércitos de reis invasores, e que fugiram como flocos de neve, impelidos por uma tempestade, contra os negros declives, cobertos de arvoredo, de uma colina chamada Salmom, perto de Siquém (cfr. #Jz 9.48).

>Sl-68.15

O monte de Basã (15); isto é, o monte Hermom. Nem mesmo uma montanha como aquela era de comparar com a santa colina na qual Deus desejou para sua habitação (16). A honra repousa não na majestade física, mas na dignidade espiritual. A procissão e a multidão acompanhante é, realmente, uma sombra de um muito maior ajuntamento que convergirá sobre a casa de Deus. Suas hostes não podem ser contadas (17) e a divina glória, do santuário de Sião, é tão real como as aterrorizantes teofanias sobre o monte Sinai. Eventualmente, quando a arca se aproxima dos portões da cidade (cfr. #Sl 24), a recente captura daquela rebelde e forte cidade é relembrada (#2Sm 5.6-10), e ambos os acontecimentos são aproveitados como evidências do irresistível propósito do Senhor. Jeová, o Rei legítimo, tem sido exaltado. Todos Lhe trazem presentes. Até mesmo aqueles que foram rebeldes, estão agora satisfeitos pelo fato que Ele, o Senhor Deus, (Já 'Elohim) habite ali (18).

>Sl-68.19

b) A chegada (19-35)

1. A PROCISSÃO TERMINA (19-27). Os vers. 19-23 se referem à última aparição pública da arca, até sua transferência para o templo de Salomão (#1Rs 8.1-8). Porém, ela não é descrita como um objeto; mas é reconhecida como sinal e símbolo do Senhor, o Deus que é a nossa salvação. Daí resulta a fervorosa adoração Àquele a quem pertencem as saídas (ou meios de escape) da morte (20), e que exerce inquestionável poder sobre todos os homens culpados de desafio, não importando para onde fujam na tentativa de escapar dEle (cfr. #Sl 139.7-12). O crânio cabeludo (21). Uma alusão à antiga prática de não cortar o cabelo até que a incumbência iniciada fosse completada. Farei voltar o meu povo (22); melhor tradução seria: Farei voltar a eles, isto é, aos inimigos.

Esses pensamentos, concernentes o Deus invisível e irresistível, pleno de justiça, formam um adequado prelúdio para a desapareição da arca dentro da porta acortinada do tabernáculo (ver vers. 24). Os sacerdotes, cantores, ou tocadores, e o grupo de donzelas, já tinham agora desaparecido da linha de visão, e a ação inteira da procissão, do princípio ao fim, é vista como símbolo das gloriosas e inescrutáveis providências de Deus por toda a história de Israel. Em certo sentido, Israel tem sido a procissão, e os povos da terra têm sido os observadores. Os vers. 26 e 27 introduzem o hino de louvor entoado pelo ajuntamento reunido fora do tabernáculo. Essa multidão é referida sob quatro nomes tribais, embora todos quantos se originaram da **fonte de Israel** (26), isto é, Jacó, estejam incluídos. **Benjamim** é nomeado em primeiro lugar como o filho especialmente amado por seu pai, e como a pequena tribo de onde viera o primeiro rei, Saul. **Judá** com os seus príncipes e concílio, era a mais importante tribo do sul, tanto no que diz respeito ao número como às habilidades. **Zebulom** e **Naftali** são escolhidos como representantes do grupo do norte, provavelmente por causa de sua honrosa menção no Cântico de Débora, do qual este Salmo é uma reminiscência tão poderosa.

>SI-68.28

2. O HINO DE ISRAEL (28-31). Trata-se de um hino local e histórico, que trata de Jerusalém e do Egito. Visto que Deus tem sido a fonte do poderio e da coerência nacional, o povo roga ao Senhor que Ele continue a sê-lo; e que em segundo lugar repreenda ao Egito-"a fera das canas" (30; tradução alternativa) -isto é, o hipopótamo (cfr. **#Jó 40.21**), e constranja a **multidão dos touros, com os novilhos** (isto é, os governantes dos outros povos, ao redor de Israel) que ofereçam tributo em moedas de prata. Em terceiro lugar, ora para que Deus espalhe todos os inimigos em potencial que **desejam a guerra**, induzindo até mesmo as nações grandes e distantes para que se voltem ao Deus de Israel. **Pisando com os pés...** (30). Note-se a tradução alternativa, segundo a qual, em lugar de desdenhar os presentes de prata apresentados para desviar Sua ira, eles se submetem com moedas de prata.

>SI-68.32

3. O HINO DA TERRA INTEIRA (32-35). O final de louvor é ampliado para incluir todos os reinos da terra, pois o Senhor é exaltado, poderoso e forte. Ele governa o Céu, e Seu poder é visível nos céus (33; cfr. **#SI 19.1-6**); Suas obras, realizadas desde Seu santuário em Israel, provocam reverência pelo

mundo inteiro. A todos os homens é dito: **Dai** (isto é, "testificai") **a Deus fortaleza**, e proclamai-O abençoado, por causa de Sua fidelidade.

SI-69.1

SALMO 69. DESESPERO TRANSFORMADO EM LOUVOR

Este Salmo é paralelo ao **#SI 22**; ambos tratam do sofrimento não-merecido que em grande parte se deve à perseverante lealdade a Deus. O tema também pode ser encontrado nos **#SI 35**, **#SI 44** e **#SI 109**. Embora o título deste Salmo o atribua a Davi, ele não pode ser facilmente ligado a qualquer episódio conhecido de sua vida. A experiência que jaz no pano de fundo do Salmo relembra o sofrimento de Jeremias (cfr. **#Jr 38.6**) Note-se, igualmente, as semelhanças com o terceiro capítulo do livro de Lamentações (exemplo cfr. vers. 2 com **#Lm 3.54**; o vers. 12 com **#Lm 3.14**; o vers. 21 com **#Lm 3.15**). Nos vers. 33-36 há certo número de frases que poderiam ser interpretadas como referências ao exílio e como expressões de um desejo pela restauração à Palestina.

Os pensamentos do salmista se revolvem em torno de quatro fases. Sua aflição é descrita, o auxílio divino é solicitado, a retribuição contra seus inimigos é desejada, e é expressa a esperança de livramento para si mesmo e para todos os outros como ele. Note-se as muitas citações feitas deste Salmo no Novo Testamento, como, por exemplo, o vers. 4 (**#Jo 15.25**); vers. 9 (**#Jo 2.17** e **#Rm 15.3**); vers. 22-23 (**#Rm 11.9-10**); vers. 25 (**#At 1.20**).

a) O salmista desespera de si mesmo (1-12)

Há duas porções nesta seção: a primeira fala sobre fatos (1-6); a segunda é analítica (7-12). O salmista começa lançando um grito de socorro, e então descreve a si mesmo como um homem que se afoga (1; cfr. **#Jn 2.5**), como quem se atolou em profundo lamaçal, e como quem, ao atravessar um riacho, é subitamente arrastado por fortes correntezas inesperadas para lugares profundos (2). Além disso, ele está além da ajuda humana, pois ninguém ouve seus gritos, e vai ficando cada vez mais fraco (3). O motivo dessa calamidade está enraizado no antagonismo de seus semelhantes; este antagonismo toma a forma de um injustificável ódio contra ele, até mesmo da parte de amigos e parentes (8), enquanto que aqueles que o odeiam ativamente são pintados como uma multidão de homens cruéis e sem escrúpulos que o cercam (4; cfr. **#SI 38.19**). Tais indivíduos usam seu poder para impingir-lhe reivindicações

completamente sem base (cfr. #Mt 12.24 e segs.; #Jo 8.48-49); obrigaram-no a entregar coisas das quais foi erroneamente acusado de haver roubado (4). Essa queixa, porém, não declara que o salmista seja totalmente inocente: Deus conhece a medida de sua culpa, pois não há pecado que esteja oculto dEle (5). Não obstante, ele tem procurado viver uma vida reta, e prevê que o desespero se apossa de outros homens piedosos, que ficarão desencorajados se a sua urgente necessidade não for reconhecida e respondida por Deus (6).

>SI-69.7

Tendo declarado os fatos da situação, o salmista continua esboçando as condições que antecederam aquele espantoso desenvolvimento (7-12). Notável entre essas condições tem sido sua lealdade pessoal a Deus. Repreensão, separação, desentendimento, lágrimas, tristeza, obscenidade e desprezo têm sido sua recompensa, simplesmente porque, em seu zelo pela honra do Deus de Israel, ele subordinou todos os interesses pessoais ao bem-estar e à glória daquele nome. Pessoas de todas as camadas da vida, seus irmãos (8), os líderes civis (12; **aqueles que se assentam à porta**), bem como os indivíduos dissolutos, têm zombado de Deus e dele. Conferir o vers. 9 com #Jo 2.17 e #Rm 15.3.

>SI-69.13

b) O salmista depende de Deus (13-21)

Não obstante, e em tudo isso repousa a anomalia da verdadeira fé, a confiança do salmista em Deus é inabalável. A vergonha não tem poder de enfraquecer a constância (cfr. #Hb 12.2; #Hb 10.32 e segs.) e toda repreensão desapareceria se Deus respondesse para demonstrar a verdade de Sua salvação prometida (cfr. #Is 49.8). A ênfase sobre **Eu, porém** e **tua salvação** (13) tem por intenção servir de eco das palavras iniciais do Salmo, **Livra-me, ó Deus**, e serve para orientar a atenção ao paralelo deliberado entre esta porção do Salmo e a porção anterior. O vers. 14 reflete o vers. 2; a declaração anterior sobre uma experiência é transformada em oração pedindo uma ação transformadora. Todo o quadro sobre águas, lama e correnteza (1-3) é alterado em seu sentido original de desespero e fim para o sentido de uma situação temporária e que pode ser remediada. Bastará Deus intervir, e os antigos valores, significados e possibilidades, até mesmo **o abismo** (15) ou "sepulcro" desaparecerão; tudo se tornará novo. No vers. 16 temos um contraste intencional com o vers. 4. Ambos falam daquilo que é impossível contar, a saber, **os cabelos da minha**

cabeça e a tua muitíssima piedade; mas, enquanto que a primeira imagem é uma metáfora referente a **aqueles que me aborrecem**, esta última descreve Aquele de Quem se diz que **boa é a tua misericórdia**. A antítese prossegue no pensamento de um **servo**, perante a face de seu reto senhor (17), e a memória de **inimigos... poderosos**, que buscavam eliminá-lo (4). Tais homens tinham erroneamente arrancado dele aquilo que lhe pertencia (4), mas agora ele rogava a Deus que o resgatasse e livrasse (18); ou seja, que Deus exigisse a devolução de Sua própria possessão (a alma do salmista), assim desfazendo a obra da injustiça. A vergonha e repreensão do vers. 7 reaparece também no vers. 19. A oração termina neste ponto, ainda que o paralelo entre as duas porções do Salmo continue. O vers. 20 acentua a existente situação por causa da qual foi feita a oração que ainda não tinha sido respondida. A agonia se intensifica: aqueles de quem esperava que mostrassem compaixão e consolo para com ele (20-21), em vista de um laço especial de compreensão mútua, demonstram ser tão desapontadores e suspeitos como seus próprios parentes (8; cfr. **#Mt 26.37** e segs.). Anteriormente ele havia jejuado (10) mas agora seus inimigos lhe dão **fel por mantimento** (21), ou seja, é como se primeiro lhe tivessem envenenado o prato, para então servi-lo, em seu nome, a qualquer que se lamentasse.

>Sl-69.22

c) O salmista denuncia seus adversários (22-28)

Até esse ponto, a correção em qualquer ação da parte de Deus visando a libertação do salmista. Aquele tema principal tem sido tão urgente e individual que nada fora dito sobre a questão ainda mais profunda, a saber, o que deve ser feito com uma comunidade que engendra tal perigo contra um homem bom. Porém, o senso de injustiça, crueldade e desonra humanas, que é expresso nos versículos anteriores, agora liberta a indignação que até ali o salmista vinha contendo. Sua denúncia contra aqueles que o tinham maltratado não é expressão de vingança pessoal. Ele deseja que aqueles homens maus venham a conhecer a verdade; não apenas que venham a reconhecer a verdade da fidelidade de Deus em seu próprio livramento já esperado, mas que aprendam a verdade sobre si mesmos, em suas próprias experiências pessoais. Isso poderia ser feito por Deus se Ele fizesse redundar contra eles as conseqüências que sua conduta tem efetuado sobre outros, entre os quais se conta ele mesmo. Por exemplo, assim como tinham servido alimento envenenado (21), que sua própria mesa se transformasse num laço contra eles (22). Visto que tinham trazido trevas e fraqueza contra ele (2-3), que agora

descobrissem como o homem se sente quando está sem poder e desamparado (lombos tremam, 23). Tinham-se mostrado zelosos em sua oposição contra eles, da parte de alguém (24). Tinham feito com que fosse expulso do seio de sua família (8); que se tornassem em vagabundos sem lar (25). Tinham observado o castigo de Deus, imposto ao salmista (10-11), e igualmente o haviam atacado com afã (26); que agora descobrissem o que significa ter não apenas duplo pecado (27), mas duplo castigo também. Tinham procurado privá-lo da bênção de Deus (20); pois que fossem impedidos de receber a bênção da justiça, e que seus nomes fossem apagados do registro da lista de homens piedosos (28).

>SI-69.29

d) Dedicção ao Senhor (29-36)

Finalmente, a pressão do momento presente, e a proeminência de sua própria situação (29) restaura o assunto central do Salmo, a saber, fé em Deus. O vers. 29 deveria ser traduzido como: "Quanto a mim, porém...", e semelhantemente o vers. 13. A total dependência de Deus, da parte do salmista, produz a profética percepção da transformadora intervenção de Deus. Isso o impele a um louvor e a uma dedicação extrema, **Louvarei o nome de Deus com canção** (30), uma forma de adoração que é mais aceitável a Deus do que qualquer sacrifício de um boi **que tem pontas** (isto é, maduro) e **unhas** (isto é, limpo; cfr. **#Lv 11.3**). O salmista sente que o fenômeno mais maravilhoso, que é fato da experiência, não é nem a tristeza, nem a frustração, nem o conflito, nem o desentendimento, nem a retribuição, e nem mesmo a morte; mas é que **o Senhor ouve os necessitados** (33) e responde. (As palavras, **seus cativos**, talvez façam alusão aos exilados na Babilônia). Essa verdade é motivo bastante para que o Céu e a terra, o mar e tudo quanto neles existe, louvem ao Senhor. Nessa alegre certeza, o futuro pode ser contemplado com esperança; Sião ainda seria redimida, as cidades desoladas de Judá ainda seriam reedificadas, e os herdeiros do justo ainda habitariam ali e prosperariam.

SI-70.1

SALMO 70. UMA ORAÇÃO URGENTE PEDINDO LIVRAMENTO

Estes cinco versículos são a porção final do **#SI 40** (vers. **#SI 40.13-17**) que foram deslocados para serem usados separadamente nos cultos do templo

associados às ofertas de manjares (ver o título, e cfr. título do [#Sl 38](#), e [#Lv 2.2](#)). Algumas poucas palavras foram alteradas aqui e acolá, e o nome de Deus, **Jeová**, algumas vezes foi alterado para ' **Elohim**.

Este fragmento foi colocado no saltério, nesta altura, provavelmente como espécie de pós-escrito ao [#Sl 69](#), com o qual concorda em certo número de pontos. Ambos se iniciam com uma nota de urgência, ambos invocam julgamento contra os opositores da justiça (cfr. [#Sl 70.2-3](#) com [#Sl 69.23-27](#)), e ambos apelam a Deus à base de necessidade pessoal ([#Sl 70.5](#) com [#Sl 69.29](#)). Além disso, o Salmo do qual originalmente fazia parte-o [#Sl 40](#) -muito tem em comum com o [#Sl 69](#); ambos começam com alusões à lama e às trevas, bem como à ação da libertação divina. A diferença é que no primeiro caso a experiência de libertação ocorreu de tal modo que a garganta seca ([#Sl 69.3](#)) foi abençoada com um novo cântico ([#Sl 40.3](#); cfr. [#Sl 69.30](#)). Comparar também [#Sl 40.12](#) com [#Sl 69.4](#); e também [#Sl 40.6](#) com [#Sl 69.31](#); [#Sl 40.11](#) com [#Sl 69.16](#); [#Sl 40.12](#) com [#Sl 69.20](#). Evidentemente se julgou que essa congruidade fosse suficiente para justificar a colocação dos versículos finais do [#Sl 40](#) como pós-escrito do [#Sl 69](#)

Sl-71.1

SALMO 71. A CONFIANÇA DE UMA FÉ MADURA

Este Salmo não tem título, ainda que a Septuaginta o atribua a "Davi", aos filhos de Jonadabe, e àqueles que primeiramente foram levados cativos, o que parece ligá-lo com os primeiros anos do exílio (cfr. [#Jr 35](#)). Trata-se da oração de um homem idoso (9,19), e existe certa doçura e serenidade nela que é a característica de uma longa vida passada na dependência de Deus (cfr. 5,17). Porém, não há indicação sobre a autoria, excetuando a familiaridade do escritor com muitos outros salmos, especialmente os [#Sl 22](#) (cfr. vers. 5-6); [#Sl 31](#) (cfr. vers. 1-3); e [#Sl 35](#) (cfr. vers. 13-14,19).

Há um distinto paralelo entre os vers. 1-9 e os vers. 10-18. O restante do Salmo tem uma estrutura diferente, mas também se divide em dois grupos correspondentes à seção anterior.

a) Comunhão íntima com Deus (1-9)

A calma dignidade e a confiança desses versículos são inequívocas. O apelo solicitando a ajuda divina é introduzido numa frase cheia de gentileza (2) bem

diferente dos gritos imperativos e impetuosos dos #SI 22; 35; 54; 69; 70 e está entrelaçado com a apreciação do fato que Deus sempre o tem salvaguardado (3). A característica principal desta seção é o espírito de adoração para com o Senhor: cada um dos primeiros oito versículos fala sobre Ele em tons de fé e gratidão.

Em ti, Senhor (1); tua justiça (2); tu és a minha rocha (3); meu Deus (4); tu és a minha esperança (5); tu és aquele (6); tu és o meu refúgio forte (7); teu louvor... tua glória (8). A passagem inteira prepara o caminho para a petição pessoal do vers. 9. Sou como um prodígio para muitos (7). Ou por causa de sua confiança em Deus por toda a vida, o que não o livrara do perigo e da opressão, ou por causa de suas marcantes experiências de livramento anterior do perigo.

>SI-71.10

b) Resolução, a despeito da angústia (10-18)

Estes versículos são, realmente, outra versão da oração anterior, ainda que tenham uma perspectiva mais lata e mais adiantada. O escritor volta-se para considerar seus inimigos (10), bem como aqueles que formam a próxima geração (18); é desejado o julgamento (13); a esperança é uma inspiração (14); o louvor é previsto (15-16); e o trabalho é antecipado (18). Contraste-se o ponto de vista para o passado, do vers. 6. Seus inimigos acreditam que o Senhor o abandonara e estão prestes a atacá-lo (11). Eis o motivo por que a oração dos vers. 2 e 3 é urgentemente repetida nas palavras: **Ó Deus, não te alongues de mim** (12). A confissão anterior de esperança é reiterada no vers. 14. A antecipação de louvor incessante, a respeito da glória de Deus (8) é agora reforçada por uma vida inteira de divina tutela (17). Finalmente, o lamentoso grito do vers. 9 é transformado no vers. 18; a possibilidade anterior das suas forças falharem se torna indefinidamente adiada, até que o trabalho de uma vida inteira seja realizado.

Os versículos restantes deste Salmo devem ser distinguidos dos anteriores: neles não há qualquer referência direta à juventude e à velhice, à perseguição, ou à necessidade de livramento imediato.

>SI-71.19

c) Esperança em Deus (19-21)

O sentimento destes versículos é comparável ao dos vers. 1-10. Não apenas existe uma bem real consciência dos atos anteriores da compaixão de Deus (19-20; notar o uso repetido do termo **também**), mas também há certo parentesco de pensamento. Por exemplo, foi a grandeza da santidade de Deus (19) que provocou a oração, **inclina os teus ouvidos** (2). Novamente, a noção de renascimento, desde os **abismos da terra** (20), isto é, livramento das portas da morte, é uma extensão do pensamento sobre o nascimento físico (6; cfr. **#Sl 139.15**): ambas as coisas são consideradas como obras de Deus. Além disso, a **grandeza** do salmista, que ele ora seja aumentada (21) é, primariamente, a rica qualidade de seus anos maduros (cfr. vers. 9). Num sentido secundário, talvez também signifique o prestígio nacional; como texto alternativo, o vers. 20 emprega o pronome plural, ou seja, "nos tens feito ver", "nos darás" e "nos tirarás". Suas palavras, **de novo me consolarás**, podem ser consideradas como uma variação do vers. 9, ainda que talvez também tenha uma interpretação adicional, como se fosse uma oração nacional (respondida em **#Is 40.1**).

>Sl-71.22

d) Louvor e adoração (22-24)

Nesta última porção a ênfase recai sobre o futuro, como nos vers. 14-18 (o pronome "eu" é destacado tanto no vers. 14 como no vers. 22). Porém, em lugar de inimigos e conspirações, temos os instrumentos de louvor, o saltério e a harpa. Ele confia na resposta à oração expressa no vers. 12, e, portanto, exalta **a verdade** (isto é, a fidelidade) de seu Deus (22). Anteriormente ele tinha olhado esperançosamente a oportunidade de declarar **a tua salvação todo o dia** (15); mas agora ele segura-se na certeza de poder assim fazer, pois a redenção de sua alma é motivo bastante para falar **todo o dia** (24). Finalmente, o espírito de adoração é realçado pelo título **ó Santo de Israel** (22; no saltério somente encontrado também em **#Sl 78.41** e **#Sl 89.18**), pois a santidade de Deus, acima de todas as coisas, é que serve de inspiração para este regozijante louvor (cfr. **#Jo 15.9-11**).

Sl-72.1

SALMO 72. O FUNDADOR IDEAL DA DINASTIA JUSTA

Se este Salmo (isto é, vers. 1-17) foi realmente escrito por ou a respeito de Salomão é assunto incerto; porém, em vista da anotação de pé de página, feita

pelo compilador, no vers. 20, é bem possível que este poema tenha sido composto por Davi para a ocasião da entronização de Salomão (ver [#1Rs 1.30](#) e segs.). Muitas das expressões que nesta versão aparecem com um sentido futuro ou profético (tempo verbal futuro empregado mais de trinta vezes) igualmente poderiam ser interpretadas em sentido de desejo ou oração (isto é, no tempo verbal subjuntivo). O governo monárquico, que é o tema deste poema, certamente é descrito do ponto de vista idealístico, embora muitas aproximações ao mesmo pudessem ser apresentadas durante a primeira parte do reinado de Salomão.

A vida do rei é tratada de três aspectos diversos. A doxologia, nos vers. 18,19, não pertence a este Salmo, mas serve para marcar o encerramento do segundo dos cinco livros do saltério (cfr. as doxologia que aparecem no fim dos [#Sl 41](#); [#Sl 89](#) e [#Sl 106](#)).

a) Administração da nação pelo rei (1-7)

A característica precípua de seu governo é a equidade. Esta está enraizada na petição real, a Deus, solicitando-Lhe um coração entendido para que o rei (que também é o [filho do rei](#)) possa discernir entre o bem e o mal, a fim de governar o povo de modo comparável com a própria administração de Deus (1). Seus vereditos, em todas as questões de disputa, incluirão a justiça feita ao pobre (2), tanto quanto ao rico. Dessa maneira o país inteiro será permeado de honra, integridade e paz. [Montes e outeiros](#) (3) talvez representem o interior em geral, que assim estaria imune à pilhagem e à opressão; ou essas palavras talvez simplesmente signifiquem que os deputados reais e os oficiais do governo deviam ser tão justos e retos como o próprio rei. A palavra [julgará](#) (4) é diferente da que aparece no vers. 2; significa o exercício da sábia autoridade, como no ofício de juiz ocupado por Débora e Samuel. Por causa de seu cuidado para com o necessitado e impotente, e por causa de sua supressão de homens poderosos mas injustos, todo o povo viria a estimá-lo e honrá-lo (5). Alguns, entretanto, acham que o pronome oblíquo te (temer-[te](#)-ão) se refere a Deus. Isso se harmoniza com [teu](#) e [tua](#), dos vers. 1 e 2, e tem uma significação apropriada. Seu governo benevolente será tão refrescante e produtivo do bem como [a chuva sobre a erva ceifada](#) (6); isto é, sobre os prados que foram ceifados (cfr. [#2Sm 23.4](#)). O vocábulo traduzido como [erva ceifada](#) é traduzida como "velo" em [#Jz 6.37](#); significa "aquilo que está tosquiado". Esse quadro pastoral sobre a administração interna do reino é sumarizado no vers. 7 com frases semelhantes às que aparecem em [#Sl 85.10-11](#) e [#Sl 92.12](#) e segs.

>SI-72.8

b) A soberania do rei aos olhos de todos os homens (8-14)

Um governante tão justo inevitavelmente será reconhecido fora de sua própria nação, e a extensão de seu poder terminará por incluir a terra inteira. As fronteiras normais da Terra Prometida eram o rio Eufrates a leste e o mar Mediterrâneo a oeste. Tais limites são ultrapassados, segundo as palavras do vers. 8 (cfr. #Zc 9.10). **Aqueles que habitam no deserto** (9); isto é, as tribos nômades. Estados estrangeiros tão longínquos como Társis (sul da Espanha), as **ilhas** do Mediterrâneo, **Seba** (sul da Arábia) e **Sabá** (Etiópia) o honrarão com dádivas (cfr. #1Rs 10.25-26). Esses extensos domínios não serão adquiridos mediante a ambição pessoal, nem pelo desejo de fama imperial, mas através do mérito intrínseco de uma administração idealmente justa. Os vers. 12-14 elaboram os pensamentos dos vers. 2-4 (cfr. #Jó 29.11-16). Ele não apenas simpatiza com o impotente (**pobre**) e com o necessitado (**aflito**), mas considera a vida (alma) de cada homem preciosa e digna de ser redimida dos poderes malignos (cfr. #SI 49.7-8).

>SI-72.15

c) A perpétua benevolência e glória do rei (15-17)

É melhor considerar essas palavras como um desejo expresso em oração. Seria melhor que a tradução do vers. 15 começasse como, "Que Ele (o rei) viva e se lhe dê ouro... Que o incessante e merecido louvor de seus súditos" (15) se deva ao óbvio melhoramento da produtividade do país; que os campos plantados se estendam até às colinas e que suas hastes carregadas de fruto sejam balançadas ao vento de modo tão agradável como os ramos dos cedros do Líbano (16). Em meio a tal prosperidade, os habitantes florescerão e se desenvolverão (cfr. #1Rs 4.20; #Is 27.6), e desejarão que essa bendita condição se torne permanente. "Que a dinastia do rei se perpetue para sempre; que seu nome seja autopropagado enquanto o sol der sua luz" (17). Dessa maneira realizar-se-á a bênção prometida a todas as nações, que foi mencionada em primeiro lugar a Abraão (#Gn 12.3 e subseqüentemente).

As condições de justiça social, de estabilidade, prosperidade e paz, que o Salmo traça, não são meros ideais; seu cumprimento real e final está

perfeitamente subentendido, por causa da esperança messiânica (cfr. #Lc 2.14; #Ef 1.21; #Hb 11.16).

Quanto aos vers. 18-20 ver [Introdução ao SI 72.1](#).

SI-73.1

TERCEIRO LIVRO-SALMOS 73 A 89

SALMO 73. O MISTÉRIO DA PROSPERIDADE DA IMPIEDADE

O terceiro livro do saltério (SI 73-89) consiste quase exclusivamente de salmos atribuídos a Asafe (SI 73-83; cfr. título do #SI 50), que foi um dos principais coristas do tempo de Davi. Nem todos os salmos deste grupo de onze podem ser atribuídos ao período do reinado de Davi, e é muito provável que Asafe tenha fundado uma escola particular de composição de salmos (cfr. #2Cr 29.30).

O #SI 73 trata do mesmo tema que o #SI 37 (ver também #SI 49 e #SI 94). O problema é o da aparente inversão de moralidade e sucesso: na existência deste mundo, os homens ímpios prosperam enquanto que os homens piedosos geralmente caem em sérias angústias e necessidades. A ênfase aqui, entretanto, não recai sobre a natureza temporária da prosperidade do ímpio. Esta pode, e geralmente persiste por toda esta vida (ver vers. 4 e cfr. #Jó 21.7-13), ainda que no fim lhes sobrevenha a condenação. A verdade essencial para um homem justo, o verdadeiro teste sobre o bem-estar de um homem não consiste no poder e nas riquezas deste mundo, mas em suas relações pessoais com Deus. A descoberta dessa verdade é tratada como um retrospecto. O Salmo se divide em cinco partes.

a) Lembrança de dúvidas anteriores (1-3)

Verdadeiramente bom é Deus (1). Essa declaração positiva indica a ausência de dúvida na mente do salmista, no tempo atual. No entanto, houve tempo quando ele quase era desviado do caminho da confiança em Deus, quando quase seus passos escorregavam para a incredulidade (cfr. #Rm 4.20), quando ele chegou ao extremo de ter inveja do sucesso daqueles que falavam

arrogantemente (3,8), nos quais **superabundam as imaginações do seu coração** (3,7).

>SI-73.4

b) Os fatos declarados objetivamente (4-12)

As características dos ímpios são descritas, primeiro externamente (condições e conduta), e então internamente (linguagem e motivos). **Não há apertos na sua morte** (4); isto é, morrem em paz. A sua saúde é boa; sua vida não é perturbada pelas dificuldades (cfr. **#Jó 5.7**); **nem são afligidos** (5; cfr. vers. 14), isto é, não ficam perplexos. Esse estado de coisas se reflete em sua conduta. Portam-se com insolência e sem escrúpulos, tão regularmente como usam suas adornadas vestes (6). Seu olhar está fixo no proveito próprio e os pensamentos e imaginações de seus corações se tornaram totalmente vãos (7; cfr. **#Gn 6.5**; contrastar com **#2Co 10.5**). Só se poderia esperar que tal comportamento indique uma exagerada opinião própria, pois, efetivamente, aquela gente fala **arrogantemente** (8); isto é, consideram que seus pronunciamentos têm a autoridade do céu.

Esses fatos, por si sós, não constituem um mistério; há outros elementos na situação. **Seu povo** (a Septuaginta diz "meu povo", cfr. **#Dt 7.6**) **volta aqui** (10). Aqueles que tinham sido chamados para fora da vida ímpia das nações e tinham sido feitos em um povo que era a própria possessão de Deus, estavam sendo tentados a retornar às práticas más e corruptas, e a filosofia dos ímpios estava sendo absorvida como um homem sedento sorve um copo de água (cfr. **#Jó 15.16**). É justamente a contradição entre os fatos e a fé que cria a perplexidade naqueles que não são atraídos ao ceticismo, e que os leva a fazer as perguntas dos vers. 11 e 12.

>SI-73.13

c) O problema descrito subjetivamente (13-17)

O próprio salmista foi tentado a duvidar da necessidade de uma estrita integridade de coração e consciência. Sua aderência ao alto código moral da lei parecia vão, no que dizia respeito à vantagem tangível; realmente, seus esforços para viver uma vida sóbria e piedosa não lhe tinham trazido evidências da aprovação divina, mas tão somente um castigo diário (13-14). Tivesse ele declarado em público as suas dúvidas, e teria desviado muitos

outros cuja fé era fraca (15). Quanto mais ele ponderava sobre essa inversão de valores, mais difícil e perturbadora ela ficava (16). Mas, finalmente, dirigiu-se ele ao **santuário de Deus** (17) e meditou sobre o estado final dos ímpios. Ali descobriu uma nova concepção; percebeu que a vida o deixara perplexo porque não tinha considerado a mesma à luz do estado final.

>SI-73.18

d) A natureza do reajustamento é relembrado (18-25)

A primeira fase do reajustamento do salmista foi endossar a crença tradicional na justiça divina. Os perversos finalmente serão conduzidos à sua ruína total (a palavra traduzida aqui como **destruição** (18) ocorre mais uma vez somente em **#SI 74.3**). E assim teria de ser, pois o caminho que os ímpios escolhem é escorregadio e inseguro: será bastante que o julgamento comece para serem imediatamente arrebatados pelas conseqüências de suas ações passadas, que então os consumirá de terrores (19). Porém, foi a segunda fase de sua experiência que mais abalou o salmista. A sorte do iníquo é, realmente, uma questão secundária, subordinada: no que respeita a Deus, são apenas fantasmas, tão irreais como sonhos. (Isso não subentende que Deus não se preocupe com os pecadores; mas o salmista usa uma comparação exagerada a fim de salientar o ponto de vista totalmente diferente). Aquilo que perturba o homem ímpio quase que se trata de uma questão sem importância para Deus. **Assim o meu coração se azedou** (21). Seu sentimento anterior de queixume amargo fora tão míope e estúpido como se ele fosse um **animal** (a palavra é **behemoth**, como em **#Jó 40.15**); isto é, sem a capacidade de comunhão com Deus. Ele se desviara ao considerar a vida como algo puramente natural. A grande realidade da vida, porém, é espiritual -a contínua presença de Deus. Ele está sempre próximo para assegurar, para fortalecer, para aconselhar, a ponto de, finalmente, o salmista ser levado a uma experiência de honra e glória. ... **me receberás** (24), melhor traduzidas no imperativo, têm o sentido de "guia-me", isto é, "leva-me contigo"; cfr. **#Gn 48.1**.

>SI-73.23

Existe alguma incerteza sobre o discernimento que o salmista tinha a respeito da existência após a morte. Aceitar os vers. 23-24 tal qual eles afirmam, faz com que se tornem notáveis do Antigo Testamento como declaração de crença numa vida gloriosa depois da morte, para aqueles que tiverem andado fielmente com Deus sobre a terra. É fácil para nós interpretarmos as palavras

dessa forma por causa de nossa esperança certa e segura, na qualidade de crentes cristãos, mediante a ressurreição de nosso Senhor. Porém, é bastante duvidoso que o salmista tenha visto tanto de maneira tão clara. Há três pontos a ser notados: **Glória** (24) não tem aqui o sentido de glória espiritual no além; mas significa honra pessoal, tudo quanto contribui para a personalidade de um homem na vida, quer se trate de suas habilidades ou possessões (cfr. #SI 7.5; #SI 16.9). **No céu** (25), literalmente, "nos céus", ou seja, o espaço físico das estrelas e do sol (cfr. #SI 19.1,6). Nada é dito aqui sobre o ato de morrer, pois a palavra **depois** não implica senão "depois do presente período de dúvidas e angústias ter passado". Deve-se notar que ao considerar o "fim" dos ímpios (17) nada parece indicar que o salmista estivesse olhando para além de sua morte física: a aparente discrepância entre os vers. 14,19 se deve à diferença de opinião. O mistério da impiedade próspera fora satisfatoriamente tratado mediante a percepção de duas coisas, a saber, que a filosofia do homem natural-"comer, beber, e divertir-se"- é falsa; e que o problema inteiro fora revestido de uma importância falsa devido a uma visão obscurecida sobre o caráter e a graça de Deus.

>SI-73.26

e) A relevância de sua crença para com as circunstâncias imediatas (26-28)

A minha carne e o meu coração desfalecem (26) parece indicar declínio nos poderes físicos e mentais devido à idade avançada. O reajustamento de valores, previamente descrito, teve de resistir à intensificação da dúvida que se levantava devido a isso e devido às possíveis recorrências de dificuldades materiais. Não obstante, o conhecimento que ele obtivera sobre a persistente e abençoada comunhão com Deus também tinha amadurecido (26) e o salmista foi capaz de, confiada e fervorosamente, estabelecer as extremidades da questão inteira, a saber, aqueles que se afastam do caminho de Deus seriam inevitavelmente arruinados, mas, quanto a ele mesmo, a proximidade de Deus era a fonte e a causa de todo seu bem-estar. A declaração geral do vers. 1 tornou-se uma confissão pessoal e um testemunho. Note-se o contraste entre **alongam de ti** (27) e **aproximar-me de Deus** (28). A Septuaginta traduz o vers. 28 da mesma maneira que em #SI 9.14.

SI-74.1

SALMO 74. UM LAMENTO DEVIDO À DESTRUIÇÃO DO SANTUÁRIO

Este é um dos diversos agudos lamentos que foram expressos por ocasião da destruição de Jerusalém e dos começos do exílio babilônico (cfr. Lm e #Sl 79). A tragédia não era meramente que o centro da vida religiosa-o templo-fora destruído: mas o que cortara o fio da esperança e se abatera sobre a nação com desmaio moral foi a inferência que Deus se esquecera deles. Onde estava a fidelidade de Deus ao concerto abraâmico concernente à terra e ao povo? e que poderia esperar a humanidade, se Israel percesse? Este Salmo tem duas divisões, uma indignamente questionadora e objetiva, e a outra humildemente expectante e pessoal.

a) O apelo (1-11)

Desapontamento está misturado à perplexidade, quando o salmista expressa o grito do povo com um insistente "por que?" dirigido a Deus (1 e 11). No meio dessa desafiadora interrogação, acha-se inserida uma afirmativa menos emocional sobre a angústia deles (3-9).

Este Salmo está mui obviamente relacionado ao acontecimento do qual ele fala, pois a frase **nos rejeitaste para sempre** (1; cfr. vers. 10) é usada para deixar subentendida a passagem de um longo período de tempo (cfr. #Zc 1.12). Antes expressa o senso de uma catástrofe irremediável e final. A anomalia é que a indignada ira de Deus é dirigida contra aqueles que pertencem ao Seu rebanho ("Pastor de Israel" é uma metáfora muito empregada nos Salmos de Asafe), contra Sua própria possessão comprada, contra a tribo de Sua própria herança (2; cfr. #Êx 15.16-17). Sua ira é dirigida até mesmo contra o monte Sião (2), Sua própria habitação (cfr. #Sl 68.16). Em outras palavras, a angústia e a desgraça do povo eram um dilema, visto que parecia que Deus estava arruinando Sua própria obra e sendo infiel para com Sua própria palavra. A inferência imediata era que, de algum modo, Ele não sabia o que tinha sido feito. Que Ele viesse imediatamente (**Levanta-te**) e inspecionasse as espantosas ruínas de Sua cidade e a conspiração de Seu santuário (3).

>Sl-74.4

Segue-se (4) uma declaração mais ou menos concreta sobre o que Ele haveria de ver, mas os detalhes são dados apenas quanto ao santuário. **Teus inimigos**

(4) tinham feito tumultos nos lugares santos. **Lugares santos** (4). O termo hebraico pode significar ou o povo reunido em assembleia ou o próprio lugar de reunião. Insígnias militares tomaram o lugar de símbolos divinos, e grandes danos haviam sido feitos contra a beleza e a forma do edifício (cfr. **#1Rs 6.29**), a ponto de parecer como a destruição feita no arvoredo por um homem armado com um machado (4-6). Finalmente, o lugar fora queimado (**#2Rs 25.9-10; #Is 64.11**); e, além disso, visto que a intenção do inimigo tinha sido devastar tudo completamente, não apenas o templo, mas até a vida religiosa do povo havia sido destruída (8). **Lugares santos** (8). As sinagogas não existiam antes do exílio babilônico, mas havia lugares de concentração (tais como os tradicionais sítios em Ramá e Betel; cfr. **#1Rs 12.32** e segs.). Algumas versões antigas dão o sentido que "aboliram as festividades na terra" (cfr. **#Lm 2.6**). O resultado é que nem um só vestígio ou sinal exterior de sua vida religiosa tinha permanecido, e não havia a menor indicação profética sobre por quanto tempo se prolongaria tal situação (cfr. **#Lm 2.9**). A alusão a **já não há profetas** (9) não deve ser considerada como negação de tais homens como Obadias, Ezequiel e Jeremias. Mas indica que um golpe tão sério tinha sido infligido contra a confiança da nação nas instituições divinas sobre a terra, que as mensagens de tais homens não eram mais críveis. Deus mesmo precisava intervir (cfr. **#Lm 2.9; #Jl 2.28-32; #Jl 3.17-18; #At 2**).

>SI-74.10

A frase final dessa seção descritiva, **Até quando** (10), é a retomada do apelo lançado a Deus nos vers. 1,2. Por profundo que fosse aquele desastre, o salmista não podia acreditar que fosse permanente. Era inconcebível que o nome do Senhor fosse deixado permanentemente em desgraça. O julgamento certamente deveria sobrevir contra seus oponentes, ainda que, por um misterioso intervalo, a mão punidora de Deus fora contida (11; cfr. **#Êx 15.6**).

>SI-74.12

b) A esperança (12-23)

Aquele fervoroso apelo feito a Deus deixa subentendido uma esperança que não era meramente desejável, mas também razoável. Estavam apelando para um Deus cujo caráter conheciam há muito; quanto ao Seu poder não podia haver qualquer dúvida. Essa convicção é expressa pelo enfático **Tu** (vers. 13-17). Os fatos indisputáveis do êxodo são recapitulados; a divisão do mar Vermelho, a destruição do exército egípcio (simbolizado pelos **monstros** do

vers. 13; #Ez 29.3), a completa desgraça do poder egípcio (simbolizado pelo **leviatã** do vers. 14, geralmente considerado como outro nome para crocodilo; cfr. #Jó 41.1 e segs.), a desonra das carcassas dos egípcios que foram levadas como presas para ladrões e como comida para as feras do deserto. Quanto à palavra **habitante** (14), aplicada aos animais, cfr. #Pv 30.25 e segs. Deus fizera isto: Ele também fizera sair água da rocha (#Sl 78.15 e segs.) e fizera secar-se o perene rio Jordão (15). Realmente, dia e noite, a própria luz e sol, Lhe pertenciam (16). Todas as características físicas (**os limites**) da terra, todos os fenômenos das estações, foram originados exclusivamente por Ele (17).

O apelo e a esperança são então baseados, não no alicerce das circunstâncias terrenas, mas na fidelidade divina. Que o Senhor considerasse que Seu nome fora blasfemado por um povo baixo e insensato (#Sl 18; #Dt 32.21). Onde estava, pois, a Sua honra? Sua pobre família era assaltada e estava impotente como uma rola entre animais ferozes (19). Onde estava, pois, a Sua compaixão? A aliança pela qual Ele lhes entregara a terra parecia ser ignorada, pois Seu povo estava sem lares e era afligido (20). Onde estava, pois, a Sua fidelidade? Que as almas sobrecarregadas que clamassem a Ele não se afastassem dEle, envergonhadas e confusas, por causa de Sua aparente indiferença (21). Pois onde estaria, então, a Sua misericórdia, e que fonte de louvor divino restaria sobre a terra? Oxalá Deus agisse a favor de Seus próprios interesses-no que concerne a Seu nome sobre a terra! Que Ele se lembrasse como as pessoas vis abusavam de Seu nome e faziam com que seu clamor ascendesse perante ele (22-23). **Lugares tenebrosos da terra** (20); isto é, onde Israel achava-se em exílio, em qual lugar havia abundância de habitações da violência.

Sl-75.1

SALMO 75. "DEUS É O JUIZ"

Diferentemente do Salmo anterior, este poema não põe em dúvida a bondade de Deus, mas antes, exulta em Sua soberania e equidade. Há um certo segundo plano de calamidade (8), bem como um senso de livramento de sério perigo recente. Quanto a esse particular, este Salmo é paralelo aos Sl 46-48, e provavelmente pertence ao mesmo período (ver #Is 36 e #Is 37). A Septuaginta o associa à invasão assíria. A palavra "Al-Tascheth", no título (cfr. títulos dos Sl 57-59) significa "não destruas"; neste caso, é incerta a sua significação. Talvez seja alusão a #Dt 9.26, no qual caso deve haver uma óbvia ligação com o Salmo anterior. Ver anotação sobre o título do #Sl 9.

O vers. 1 estabelece a base do agradecimento conjunto prestado a Deus, a saber, a inequívoca evidência que Ele (**teu nome**) estava próximo. Os vers. 2-5 contêm uma declaração, feita por Deus, a respeito da imutabilidade da ordem moral. Os vers. 6-10 são o desenvolvimento que o Salmista faz dessa verdade.

>Sl-75.2

Quando eu ocupar o lugar determinado (2). Melhor tradução seria: "Quando eu selecionar o tempo certo", isto é, o momento exato para fazer julgamento estrito e compreensivo. Cfr. **#Sl 102.13**; **#Dn 8.19**; **#Dn 11.35**. O conceito de poder absoluto, no vers. 3, não tem limitações de tempo, e reflete a maravilha da criação; na qualidade de metáfora significa que qualquer dissolução da sociedade humana é seguida por seu divino restabelecimento (como após o dilúvio). A decadência moral de uma comunidade não pode afetar os fundamentos da justiça e da verdade divina (**#Hb 12.26-28**). A pausa aqui, **Selá**, serve para reforçar esta declaração. Depois do princípio geral haver sido declarado, Deus fala aos **loucos** (4), isto é, aos arrogantes, advertindo-os que não se conduzam como animais de chifre, que balançam a cabeça em teimoso desafio. **Nem faleis com cerviz dura** (5); isto é, não faleis insolentemente com soberba (cfr. **#Is 37.23**).

>Sl-75.6

Três observações são feitas em seguida pelo salmista. Primeira, a autoridade final e o fator decisivo na vida e na história não jazem no homem, nem se baseiam nesta terra: **Deus é o Juiz** (6-7; cfr. **#Sl 147.5-6**; **#Jó 12.13-24**). Segunda, toda vida humana está finalmente relacionada à justiça divina, numa experiência quer de ira quer de alegria. Os profetas hebreus, ao descreverem a eventual administração da justiça divina, freqüentemente empregaram a imagem de Deus a oferecer para os povos e as nações uma taça de vinho. Usualmente, o conteúdo é descrito como amargo e desapontador. **Cálice cujo vinho ferve** (8). Esse vinho é a ira de Deus, mas os ímpios, quer por causa de pressa, incompreensão ou necessidade, sempre são descritos como a sorver o cálice até sua última gota. Cfr. **#Sl 60.3**; **#Is 51.17**; **#Jr 25.15**; **#Ez 23.32-34**. A mesma figura é usada a respeito da taça de alegria e salvação, que é oferecida aos piedosos (cfr. **#Sl 16.5**; **#Sl 23.5**; **#Sl 116.13**).

Em terceiro lugar, o salmista salienta que a soberania e a justiça divina, conforme exercidas nas atividades humanas, são compatíveis e de fato

produzem um louvor de todo coração da parte de Seu povo. O versículo final identifica o salmista, ou antes, a nação pela qual ele fala (cfr. o pronome pessoal **nós**, oculto no vers. 1), com Deus, visto que é um instrumento de Deus que compartilha da manifestação de Sua graça e juízo.

SI-76.1

SALMO 76. UM CÂNTICO DE LIVRAMENTO

As mesmas circunstâncias por detrás do **#SI 75** formam o pano de fundo deste poema também: celebra uma vitória sobre os inimigos. Há quatro partes:

a) O regozijo (1-3)

Por causa da vitória que é atribuída à operação de Deus, Seu nome tornou-se estimado e reconhecido entre o povo. **Israel** (1) deve ser compreendido como sinônimo de **Judá**; visto que Israel, como reino, fora destruído, a tribo de Judá agora representa a família de Jacó. **Tabernáculo** (2). Jerusalém e o monte Sião são considerados como o covil do Leão de Judá (cfr. **#Jr 25.38**). Foi ali, na cidade, que Ele partiu as flechas ligeiras e transformou em nada o equipamento e os planos de guerra do inimigo (3; cfr. **#Is 37.33**). **Guerra** (3); isto é, armas de guerra.

>SI-76.4

b) A vitória (4-6)

A imagem de um leão prossegue na frase "mais ilustre e glorioso" (majestático), "que os montes de presa" (4); isto é, os assírios derrotados (cfr. **#Is 14.25**). Os soldados do invasor, que confiavam ajuntar muitos despojos, foram afinal privados do que já possuíam, e agora dormiam como mortos (cfr. **#SI 13.3**). Nem uma só de suas mãos, que tinham ameaçado Jerusalém, agora era capaz de fazer um movimento (5; cfr. **#2Rs 19.35**). A batalha fora decidida pelo **Deus de Jacó**; Ele lançara o inimigo no profundo sono da morte (6; cfr. **#Is 43.17**).

>SI-76.7

c) Seus efeitos (7-9)

Tal Deus certamente deveria inspirar reverência em todos os homens: quem poderia permanecer defronte dEle, especialmente quando Lhe sobe a ira? Ele proferiu **juízo** (8) no Céu, e então todos os habitantes da terra ficaram mudos, visto que tão grande exército passou por um tão completo e inesperado desastre, e visto que os homens humildes de Israel (**os mansos da terra**) foram livrados.

>SI-76.10

d) Adoração ao Senhor (10-12)

Desse acontecimento é tirada a conclusão que o exercício da violência humana e da ambição sem escrúpulos pode provocar um intenso e crescente senso de agradecimento a Deus. A causa básica disso não é a manifestação de poder superior, mas é a retidão de suas ações. Quando os praticantes da iniquidade são derrubados, os outros povos observam o fato e honram ao Deus de Israel. A significação do vers. 10 é incerta. **Restringirás**; ou melhor, "cingir-te-ás". A ira do homem acaba redundando para maior glória de Deus. A única verdadeira resposta do coração humano é o cumprimento cuidadoso de todos os votos de homenagem feitos a Ele.

O versículo final sumariza a mensagem do Salmo, a saber, Deus punirá severamente o orgulho e a vida de todas as nações arrogantes, ceifando **o espírito** (isto é, a coragem) **dos príncipes**, e afligindo os reis com terror.

SI-77.1

SALMO 77. A BASE HISTÓRICA DA ESPERANÇA

Este grito angustioso é lavrado em termos de experiência pessoal, mas expressa obviamente um senso conjunto de perplexidade e angústia. O Salmo nada fala sobre perigo, perseguição, dificuldade, enfermidade, ou coisas semelhantes (contrastar com **#SI 143**). A raiz dessa angústia, que aflige o salmista, é simplesmente a contínua ausência de qualquer sinal de compaixão divina (7-9). Quer esse poema se tenha originado durante os anos tristes do exílio, ou durante algum outro período anterior, é incerto. Se Habacuque incorporou em seu poema, no fim de seu livro (**#Hc 3**), algumas das características deste Salmo, então ele é anterior à reforma de Josias. Por outro

lado, o salmista talvez tenha desenvolvido seu tema tirando-o do livro do profeta.

a) Seu desânimo (1-9)

A repetição da primeira frase é tornada mais enfática pela omissão de um verbo no original hebraico: "Minha voz a Deus, e clamaria em voz alta; minha voz a Deus..." A segunda frase do vers. 2, "minha mão se estendeu de noite, e não cessava", apresenta de modo enfático a angústia de alma, pois pinta uma pessoa enferma e inquieta a chamar alguém à noite, mas tudo em vão, para que lhe venha dar conforto. Em realidade, a miséria da alma se originou numa meditação sobre Deus (3), mas não vinha o pronto sossego do sono, pois Deus parecia manter os olhos bem abertos, como se fosse um guarda no seu posto de vigia (4). Enquanto o salmista pondera sobre os dias antigos de seu povo, **os dias da antigüidade**, com seu panorama do providencial cuidado de Deus, e relembra os tempos quando podia cantar até mesmo à noite, sente-se constrangido a buscar resposta para as presentes circunstâncias, em que até parece que o cuidado e a aliança de Deus desapareceram. As seis interrogações dos vers. 7-9 sondam a causa da negligência de Deus para com Israel, e expressam sua profunda agitação de coração e mente. **Para sempre** (7) é a mesma palavra hebraica traduzida como **tempos passados** (5). Uma palavra diferente é usada no vers. 8. A pergunta subentendida é se a rejeição da parte do Senhor será tão prolongada como os séculos passados de Sua presença.

>SI-77.10

b) Os atos de Deus lembrados (10-12)

A reiteração da dúvida trouxe sua própria reação de confiança. Eu disse: **Isto é enfermidade** (10); isto é, esta suposição, de que Deus é capaz de alterar Suas relações com Israel, é a causa mesma de meu desânimo e angústia: Que coisa insensata estou a presumir, que a mão direita do Altíssimo se altera! Essa decisão transforma seu ponto de vista. Ele não mais lembra de modo descontente, impaciente, invejoso (5 e segs.), mas apega-se àqueles feitos históricos como tesouros preciosos do passado, e mentalmente repassa a obra de Deus considerando que constituem um testemunho firme de Sua graça.

>SI-77.13

c) Exaltação à grandeza de Deus (13-20)

A reação inicial à adoção de uma atitude de fé é uma explosão de louvor e adoração (vers. 13-15). "Teu caminho é em santidade, ó Deus". **E, Que Deus é tão grande como o nosso Deus?** Essa reação é muito semelhante aos sentimentos da nação, quando, depois de ter sido completamente cercada em Pi-airote, encontraram-se livres e seguros do outro lado do mar Vermelho. Daí temos os ecos de **#Êx 15.11** e segs. nesses três versículos do Salmo. **Os filhos de Jacó e de José** (15). José é considerado como comparável a Jacó, primeiramente porque preservou da fome a família inteira, e em segundo lugar porque foi pai de Efraim e Manassés, as tribos liderantes do reino do norte. Cfr. **#Ob 18**.

Finalmente, o salmista passa em revista o grande milagre do Êxodo, um tema que é desenvolvido no Salmo seguinte (cfr. **#Sl 18.7** e segs.; **#Sl 74.12** e segs.), e termina abruptamente (cfr. **#Nm 33.1**) para deixar a mais vívida impressão de alívio, liberdade e, poder. A significação do vers. 19 é que, assim como retornaram as águas do mar Vermelho, sem deixar qualquer traço, assim Deus encobre os Seus passos. A perseverança da confiança em Deus, durante longos períodos de incoerente espera é um dos principais elementos de uma fé amadurecida (cfr. **#Rm 15.4**; **#Hb 10.36**; **#Hb 12.1** e segs.; **#Tg 1.2-4**). Cinco grandes períodos de espera disciplinada, em fé perseverante, são: o período sem filhos de Abraão (**#Rm 4.17-21**); a escravidão no Egito (**#Êx 2.23-24**); o exílio na Babilônia (**#Sl 89**); o período intertestamentário (**#Lc 2.25**; **#At 26.7**); e a Igreja a esperar pela volta de Cristo (**#Hb 9.28**; **#Hb 6.19-20**).

Sl-78.1

SALMO 78. A MÃO DE DEUS NA HISTÓRIA

Este é um dos quatro grandes hinos nacionais no saltério, enquanto que os outros são: **#Sl 105**; **#Sl 106**; **#Sl 136**. Em cada caso o tema dominante é a experiência da libertação de Israel da escravidão no Egito. No **#Sl 78** esse assunto parece excluir tudo mais, ainda que obviamente tenha sido composto depois dos tempos de Davi (70). O propósito deste Salmo, portanto, é repassar o princípio da história da nação a fim de que as gerações futuras possam ser advertidas contra a repetição dos fracassos passados (ver vers. 1-11, e cfr. **#1Co 10.1-11**; **#Hb 2.1-4**; **#Hb 3.7**; **#Hb 4.1**; etc.).

A seção principal do Salmo se divide em duas partes (vers. 12-42 e vers. 43-66), a primeira das quais diz respeito principalmente às vagueações pelo deserto; e a segunda, após lembrar certo número das pragas do Egito, trata da entrada em Canaã até o tempo de Davi. Cada parte se compõe de vistas de olhos alternadas sobre a atividade perversa do homem e a paciência e o poder de Deus. Finalmente, a conclusão (vers. 67-72) salienta a rejeição da indigna tribo de Efraim, da eleição de Judá, e da seleção da dinastia de Davi.

a) Introdução (1-11)

A palavra lei (1) lit. **torah**, tem o sentido de "ensino". Note-se a maneira como o vers. 2 é citado em **#Mt 13.35**. A ênfase que recai sobre o **testemunho em Jacó** (5), isto é, o ensino tradicional da família (ver vers. 3-6), se baseia em **#Êx 10.2**; **#Êx 12.26**; **#Êx 13.8**. Duas linhas de pensamento são torcidas juntamente no poema para dar pontos de vista alternados sobre a fragilidade humana e a energia divina. **Os filhos de Efraim... retrocederam** (9). Não está na mente do salmista qualquer ocasião particular de falta militar. Alguns julgam ver aqui uma clara alusão à partida prematura de Efraim, do Egito, e o revés que sofreram às mãos dos homens de Gate (ver **#1Cr 7.21**); outros relacionam esses versículos ao descontentamento dos efraimitas ao entrarem em Canaã (ver **#Js 17.14** e segs.). O salmista, porém, está aqui simplesmente declarando um tema por meio de uma imagem verbal; os filhos de Efraim, ou seja, o norte da Israel, traíram a aliança de Deus, tal como soldados que, embora armados e equipados, recuam no calor mesmo da batalha. A analogia é novamente usada no vers. 57. O vers. 67 declara que Efraim tinha sido posto de lado como líder, e que outro fora escolhido para a posição.

>Sl-78.12

b) Deserção e livramento. Primeira fase (12-42)

Tendo armado o palco, o salmista descreve, cada qual por sua vez, os dois componentes do drama, a saber, a fidelidade de Deus para com Sua aliança e a conduta de Israel (12-20). O processo é então repetido e expandido em 21-42.

1. O MARAVILHOSO LIVRAMENTO DA ESCRAVIDÃO EGÍPCIA (12-16). O distrito de **Zoã** (12) era a terra de Gósen. Sobre **o mar e as águas** (13), cfr. **#Êx 15.8**; **uma nuvem e um clarão de fogo** (14), cfr. **#Êx 13.21**; as penhas fendidas (15), cfr. **#Êx 17.6**; a água tirada dos depósitos **de grandes abismos** (15), cfr. **#Sl 33.7**; as **fontes da rocha**, em Cades (16), cfr. **#Nm 20.8**.

>SI-78.17

2. A FRAGILIDADE E A DESCONFIANÇA HUMANA (17-20). Sua rebelião na "solidão" consistiu de dúvidas concernentes ao cuidado e habilidade de Deus, a despeito de Seus milagres anteriores. O veneno de sua incredulidade jazia na última frase: **poderá... preparar carne para o seu povo?** (20). Contraste-se o vers. 19 com **#SI 23.5**. A situação inteira é poeticamente considerada, e não do ponto de vista histórico, pois, em realidade, o alimento foi provido bem antes da água ter sido derramada da rocha.

>SI-78.21

3. PROVISÃO E CASTIGO DE DEUS (21-31). Quanto ao **fogo** e ao **furor** do Senhor (21), cfr. **#Nm 11.1** e **#SI 18.8** e segs. O alimento que foi feito **chover** (24) pelas **portas dos céus** (23) talvez traga um reflexo adicional de **#2Rs 7.2**. O maná foi chamado de **trigo do céu** (24) porque se assemelhava a sementes; e foi chamado **pão dos poderosos** (25) porque julgaram tratar-se de alimento dos anjos (cfr. **#SI 103.20**). A praga que se seguiu ao consumo da carne (30-31) é descrita em **#Nm 11.33**. O desejo deles não foi satisfeito nem ao menos com os presentes de Deus.

>SI-78.32

4. APOSTASIA E ARREPENDIMENTO, HIPOCRISIA E ESQUECIMENTO (32-42). Esta passagem contém em si mesma uma alternância de perversidade humana e misericórdia divina: **Com tudo isto ainda pecaram** (32); pelo que suas vidas foram gastas em vagueações sem alvo pelo deserto (cfr. **#SI 95.8-11**) e seus anos foram passados em terror (cfr. **#Lv 26.16**). **Então o procuravam** (34) e se lembravam que Ele era sua rocha e redentor. A expressão "Deus Altíssimo" (35) ocorre mais duas vezes somente, no vers. 56 e em **#Gn 14.18**. **Todavia lisonjeavam-no** (defraudavam) **com a boca**, e mentiam e eram infiéis (36; cfr. **#Nm 14.18-20**). Do vers. 38 em diante, quando se aproxima o fim da primeira metade do poema, a seqüência é revertida e a graça de Deus toma precedência sobre a provocação humana: **muitas vezes desviou deles a sua cólera, e não deixou despertar toda a sua ira... se lembrou que eram carne** (38-39) embora não se lembrassem do **poder da sua mão** (42).

>SI-78.43

c) Libertação e deserção. Segunda fase (43-66)

O Salmo então prossegue para recontar, mais elaboradamente, e com propósito diferente, os incidentes do êxodo que já foram sugeridos nos vers. 12 e segs.. A principal diferença entre esse relato sobre as maravilhas de Deus, **no campo de Zoã**, e sobre as maravilhas dos versículos anteriores deste Salmo, não é meramente a diferença de maior detalhe. Há uma significativa alteração de aspecto e ênfase. Os vers. 12-16 tratam do terreno impessoal e físico de mares e águas, nuvens e rochas, profundidades e rios. Os vers. 44 e segs. falam sobre a situação humana. Por exemplo, note-se a constante repetição dos pronomes "lhes", "sua", "deles". Essa alteração não tem a intenção de ilustrar o julgamento divino contra os egípcios, mas antes, de mostrar, de forma bem gráfica, o tratamento excepcional e distintivo de Deus para com **o seu povo** a quem Ele tinha liderado até o deserto (isto é, feito fazer a jornada por estágios) como um rebanho de ovelhas (52) e a quem Ele, eventualmente, levou **ao limite do seu santuário** (54); e a quem Ele também estabeleceu na erra montanhosa de certas nações expulsas (54-55). Em poucas palavras, enquanto que a primeira fase tratou dos movimentos históricos do êxodo e das vagueações pelo deserto, a segunda fase trata das experiências pessoais das pragas e do estabelecimento na terra.

Note-se que as pragas são tratadas de modo poético e não histórico, isto é, apenas sete das dez pragas são mencionadas, e mesmo assim não na ordem original (ver anotações sobre o **#Sl 105**). **Pulgão** (46); o estágio larvário do gafanhoto. A palavra traduzida aqui como **saraiva** ocorre somente aqui nas Escrituras (47). **Saraiva** e **coriscos** (48) são termos que podem ser traduzidos como "pestilência e enfermidade" (cfr. **#Hc 3.5**), no qual caso, a praga aqui referida é a da peste nos animais (**#Êx 9.3** e segs.). Os **mensageiros de males** (49) foram os enviados para destruir os primogênitos. **Primícias da sua força** (51); isto é, primogênito de cada casal.

>Sl-78.56

E assim prossegue a triste história. Haver-se-ia até de pensar que, depois de tudo quanto Deus fizera, Israel haveria de andar no caminho de Deus. Porém foram de mal a pior (56-58). Conseqüentemente, Deus **sobremodo aborreceu** (59), isto é, rejeitou completamente a Israel. Ele abandonou o tabernáculo em Siló e permitiu que a arca de Seu poder fosse para o cativoiro (**#1Sm 4-6**). Os sacerdotes, Ofni e Finéias, foram mortos, e tal devastação foi operada na terra

que muitas jovens não encontravam marido (63), e muitas viúvas estavam por demais sobrecarregadas de ansiedade e medo para fazer as usuais lamentações pelos mortos. **Consumiu-os o fogo** (63); isto é, o fogo da guerra.

>SI-78.64

Uma vivíssima e ousada comparação é então introduzida para descrever a intervenção divina nesse interminável e aparentemente inevitável processo de depravação humana. Deus, o soberano Senhor, é pintado como a despertar do sono e, como homem tornado belicoso devido ao vinho, esmaga todo o ciclo das circunstâncias e conduta por causa das quais Seu povo fora escravizado pelo mal (65-66). A referência principal é à completa transformação da orientação nacional e o estabelecimento do progresso sob os reis, Saul e Davi, com a subseqüente eliminação dos filisteus como adversários de Israel.

>SI-78.67

d) Conclusão (67-72)

A suprema intenção desta dramática apresentação de um feito divino é demonstrar o poder peculiar e a responsabilidade do reino do sul. Deus tinha intervindo, não meramente para libertar a nação de seus adversários, Faraó (42) e os filisteus (66), mas também para selecionar Judá como Seu povo, para que Sião fosse sua habitação, e para que Davi fosse Seu servo que haveria de alimentar (ser pastor) Seu povo (71; cfr. **#2Sm 3.18; #2Sm 5.2**). A frase final, que fala de uma habilidosa orientação pelas mãos de Davi, obviamente foi colocada ali para ganhar força mediante o paralelo com a mão redentora de Deus, no vers. 42.

SI-79.1

SALMO 79. JERUSALÉM SE TORNA UM MONTÃO DE RUÍNAS

Este Salmo é companheiro do **#SI 74** (ver anotações introdutórias); mas, enquanto que aquele era um lamento por causa da destruição do templo, este poema é uma elegia por um povo espalhado. Assim é que, sendo eles **teu povo e ovelhas de teu pasto** (13) este Salmo, necessariamente, toma a forma de uma oração. Seu apelo, solicitando restauração divina, se baseia em três fundamentos: primeiro, a agonia e a angústia de Seus **santos** (2); segundo, a

compassiva natureza e ternas **misericórdias de Deus** (8); terceiro, a ignomínia e a desonra que as outras nações ligariam ao nome de Deus se Ele deixasse desolados aqueles que são Seus **servos** e representantes (10). Esses três aspectos da oração são entrelaçados juntamente, por todo o Salmo, ainda que sejam salientados, cada um por sua vez, em suas três seções.

a) Ruína e massacre (1-4)

Compare-se o vers. 1 com **#Sl 74.2,7**; e note-se, igualmente o cumprimento da profecia de Miquéias (**#Mq 3.12**), citada em **#Jr 26.18**. O campo de batalha juncado de cadáveres, ao redor de Jerusalém, era uma memória tão horrível e ignominiosa que se tornou símbolo do julgamento final dos homens perdidos (2-3; cfr. **#Ez 39.1-20**; **#Ap 11.8-9**; **#Ap 19.17-18**). A zombaria dos povos circunvizinhos, como Edom, Moabe e Filístia, era uma contínua fonte de irritação para o povo afligido de Deus (exemplo, **#Ez 25.2,12,15**; **#Ob 12**).

>Sl-79.5

b) Ira e misericórdia (5-9)

Os acontecimentos da história foram considerados inseparáveis do lento processo de juízo divino. Mas, nunca deixaria Deus de estar irado contra Seus escolhidos? Não deveria Ele estar mais indignado contra aqueles que não tinham relação de aliança com Ele (6; cfr. **#Is 63.19**)? Certamente que Sua compaixão e gloriosa salvação, implícitas em Seu nome (cfr. **#Êx 34.6-7**), não deveriam ser impedidas de se anteciparem a eles, por causa de **nossas iniquidades passadas** (8). Esse pensamento evoca a urgente oração do vers. 9.

>Sl-79.10

c) Vingança e majestade (10-13)

O apelo final do salmista nada tem a ver com os sentimentos pessoais de angústia ou de vingança. A intervenção de Deus é buscada por causa de Sua própria honra e glória. Em primeiro lugar, não deveria haver o menor motivo para os pagãos zombarem de Deus por causa da miséria e situação desesperadora de Israel (10). Compare-se isso aos argumentos de Moisés sobre as reações dos egípcios se o êxodo falhasse (**#Êx 32.12**; **#Nm 14.13-17**). **Torne-se manifesta entre as nações... a vingança do sangue** (cfr. **#Ap 6.10**) **derramado dos teus servos** (10). Além disso, no decurso dessa demonstração

da fidelidade divina, de Seu poder e justiça, que os estados vizinhos zombadores (12; cfr. vers. 4) experimentassem o opróbrio do Senhor (cfr. #SI 2.4), pois, repreendendo Israel, em realidade zombaram dEle. Além disso, outro resultado da ação de Deus seria o louvor perpétuo oferecido pelas satisfeitas **ovelhas de teu pasto** (13). Esses três pensamentos revertem a ordem e invertem os temas e situações das três principais seções do poema todo.

SI-80.1

SALMO 80. UMA ELEGIA POR ISRAEL

A semelhança entre este Salmo e o anterior (cfr. #SI 80.1 com #SI 79.13; #SI 80.4 com #SI 79.5; #SI 80.6 com #SI 79.4) é compensada por uma diferente imagem e por um diferente assunto. Provavelmente trata-se de uma oração do reino de Judá a favor das tribos do norte no exílio, embora somente os descendentes de Raquel sejam realmente mencionados (2). A Septuaginta adiciona ao título as palavras "concernentes aos assírios".

Este poema tem três porções principais (1-4,4-7,17-19), cada uma das quais conclui com um estribilho semelhante. Dentro dessas existe um parêntese (8-16) que apresenta uma alegoria ou imagem de uma vinha. No vers. 14 há um eco do estribilho principal (ver vers. 3,7,9).

a) A invocação (1-3)

O pensamento inicial prende-se ao passado. O texto hebraico começa com **Ó Pastor de Israel**, e, em vista dos nomes que se seguem (filhos e netos), a palavra "Israel" significa aqui Jacó (cfr. #Gn 48.15; #Gn 49.24) e, por sua vez, todos os israelitas. O ponto de vista que considera o êxodo como um rebanho a movimentar-se sob a liderança do Pastor divino, é comum a diversos salmos (exemplo, #SI 78.52) e o conceito é elaborado em #Ez 34.1-31. O Pastor é aqui considerado como entronizado entre os querubins da arca. Se a glória da presença do Senhor novamente brilhasse, o rebanho seria livrado do perigo (3; cfr. #Is 60.1-2; #SI 94.1). Essa expectativa sobre uma divina automanifestação, tão pública como a radiância do alvorecer, foi também embalada e esclarecida pela primitiva comunidade cristã (exemplo, #Tt 2.13; #2Ts 1.7-8). O apelo para que Deus despertasse a favor de Seu povo é freqüentemente empregado nas Escrituras (cfr. #Is 51.9; #SI 78.65-66, etc.). A frase, **Fazes-nos voltar** (3) é um reflexo da oração de Efraim, em #Jr 31.18 e tem o significado de "leva-nos ao arrependimento" (cfr. #Lm 5.21). Também é

uma expectativa referente à promessa de Deus, em [#Jr 30.3](#), onde tem o significado de "restaura-nos do cativeiro".

>SI-80.4

b) A base da oração (4-7)

A ênfase inicial é posta na presente situação. A situação de Israel obviamente não estava de conformidade com a intenção original do divino Pastor (exemplo, [#Sl 78.52-55,69-71](#)). Sua contínua ira contra eles (4) se deve à teimosia de sua voluntariedade (cfr. [#Sl 81.11-12](#); contrastar com [#Sl 81.16](#)), e às suas habituais apostasias (cfr. [#Sl 78.17,32,40,56](#) e segs.; [#Sl 95.7-11](#)). As conseqüências disso há muito haviam sido preditas (exemplo, [#Lv 26](#), especialmente vers. [#Lv 26.26-41](#); [#Dt 28](#), especialmente vers. [#Dt 28.64-67](#); [#Dt 32.19-27](#)), e enquanto Israel servisse de motivo de irritação na corrente ordem mundana, de persistente testemunha e de profeta sobre o julgamento divino, durante o mesmo tempo palavras semelhantes a estas formariam suas orações, em meio às zombarias de seus adversários.

>SI-80.8

c) A alegoria da vinha (8-16)

Nesta altura, o salmista interrompe o pensamento a fim de introduzir a alegoria da vinha, que geralmente é usada como emblema de Israel (cfr. [#Os 10.1](#); [#Is 5.1-7](#); [#Ez 15.1-6](#); também [#Lc 20.9](#) e segs.; [#Jo 15.1](#) e segs.). A transplantação da vinha, desde o Egito (cfr. [#Gn 49.22](#)) só foi possível por causa da intervenção especial de Deus (8-9; cfr. [#Sl 44.3](#)). Uma vez plantada, a vinha floresceu a tal ponto que, durante os impérios de Davi e Salomão, se espalhou pelas montanhas da Judéia e até às florestas de cedro do Líbano, e das costas do Mediterrâneo até o Eufrates (11; cfr. [#Dt 11.24](#)). Agora, entretanto, o vinhal inteiro estava assolado: o jardineiro o abandonou e, conseqüentemente, foi invadido pelos gentios-simbolizados pelas feras e pelas águas, tal como em [#Sl 50.11](#); [#Ez 17](#); [#Dn 7](#). Em resumo, a ameaça de [#Is 5.5-7](#) se cumprira. Isso impele o salmista a um grito de penitência e necessidade, no vers. 14. A anomalia, em sua totalidade de cuidadoso plantio e completa rejeição, o assíduo cultivo da videira, e em seguida o resultado de fogo, e não de fruto, é sumarizado nos vers. 15-16.

>SI-80.17

d) Apelo solicitando a ação divina (17-19)

O realce principal é dado ao que se antecipa para o futuro. O tema do estribilho, isto é, sua salvação e renovação, é expandido. Israel é personificado não como Jacó (1), mas como homem fraco e ordinário, a quem a mão direita de Deus destacara anteriormente dentre a humanidade, e cujos descendentes foram fortalecidos por Ele. (Note-se que 17 é virtualmente uma repetição de 15). Que a mão de Deus fosse recolocada sobre a direção de suas atividades. Dessa forma Israel tornar-se-ia o "Israel ideal". Esse ponto de vista era usualmente acompanhado em pensamento pelo conceito messiânico, uma figura final ou arquétipo por quem a nação haveria de ser restaurada. Por esse motivo os Targuns judaicos inserem, no vers. 17, a expressão "Rei Messias" em lugar de **filho do homem**. Cfr. o freqüente emprego da frase "Filho do homem" nos evangelhos, e a repetida alusão, nas epístolas, Àquele que está assentado "à mão direita da majestade nos lugares celestiais".

Note-se as alterações no nome divino, no estribilho: **Ó Deus** (3); heb. ' **Elohim. Ó Deus dos Exércitos** (7); heb. **Elohim Seba' oth. Senhor Deus dos Exércitos** (19); isto é, Deus eterno e imutável; heb. **Jeová 'Elohim Seba' oth.**

SI-81.1

SALMO 81. HINO E HOMÍLIA DA COLHEITA

Este Salmo é tradicionalmente associado à festa judaica dos Tabernáculos, embora alguns comentaristas o liguem (com menor probabilidade) à Páscoa, baseando-se na referência feita ao Egito, no vers. 5. **Gittith** (ver título). Ver anotação introdutória ao **#SI 8**. O hino se divide em duas partes, a segunda das quais tem a forma de testemunho do Senhor referente a Seu povo.

a) A conclamação (1-5)

A congregação inteira é convocada para: **Cantai alegremente** (cfr. **#Ed 3.11**); os cantores levíticos e os músicos receberam a incumbência de tomar o "saltério" (2; a palavra hebraica denota um cântico musicado de louvor a Deus), e de tocar seus adufes (tamborins ou pandeiros), bem como suas harpas e alaúdes. A festa dos Tabernáculos começava no meio do sétimo mês, isto é, por ocasião da lua cheia (3). Essa festividade era um **estatuto para Israel** (4), tendo sido instituída para servir de **testemunho** (5), isto é, para prestar

testemunho sobre a bondade de Deus, que redimiu Jacó e José, como um povo, tirando-o do Egito. Esse grande evento é percebido pelo salmista como tendo sido uma declaração de Deus, num discurso que fora anteriormente desconhecido (5), isto é, os filhos de Israel começaram então a ouvir Deus como Aquele que redime. É a natureza dessa "linguagem" divina, de graça e orientação, que é o tema do restante deste Salmo. O vers. 5 pode ser traduzido como: "Ordenou-o (isto é, o estatuto) em José por testemunho quando saíra (Deus) contra a terra do Egito, onde ouvi (eu, Israel) uma língua que não entendia". Como outra alternativa, a segunda frase pode ser traduzida como: "quando saíra (Israel) da terra do Egito". O acontecimento do êxodo é percebido pelo salmista como uma declaração de Deus, que assim se fez conhecido de nova maneira.

>Sl-81.6

b) A mensagem (6-16)

Aquilo que Deus tem a dizer divide-se em duas partes, porque aqueles que ouviam nem sempre obedeciam.

1. SUA OBRA DE LIBERTAÇÃO (6-10). A carga de trabalho escravo e cansativo labor de Israel, no Egito, foi subitamente removida (6). Eles tinham invocado a Deus, e Ele descera para libertá-los (#Êx 6.5 e segs.). As espessas trevas da nuvem tempestuosa (#Êx 10.21 e segs.; #Êx 14.20) era um sinal de Sua presença (cfr. #Sl 18.11 e segs.; #Jó 37). A alusão às águas de Meribá (7, cuja significação é contenda cfr. #Êx 17.7; #Sl 78.20) pode ser típica do teste a que o povo foi sujeitado (cfr. #Sl 95.8 e segs.; #Hb 3.7 e segs.) e também sugestiva do costume de, na festa dos Tabernáculos, trazerem água desde Siloã (cfr. #Jo 7.37; ver também #1Co 10.4) em lembrança sobre a miraculosa provisão de água no meio do deserto.

Essa ação de Deus era inseparável de Seus mandamentos a eles dirigidos. Somente o primeiro mandamento é aqui referido (9-10; cfr. #Êx 20.2-7), pois esse mandamento incorpora o que, na vontade de Deus relativa a eles, deveria ser sua característica essencial e distintiva (cfr. #Dt 6.4-5; ver também #Mc 12.28 e segs.). Tudo quanto Ele requeria deles é que aceitassem de coração as Suas dádivas.

>Sl-81.11

2. SEU DESEJO DESVIADO (11-16). O fio agudo desta repreensão repousa no fato de Deus haver rejeitado aqueles para quem tinha sido especialmente bondoso, paciente e ativo. A voluntariedade deles tinha temporariamente frustrado os Seus propósitos: e, em conseqüência, foram abandonados para que seguissem "a teimosia de seus corações" e foi-lhes permitido andar **segundo seus próprios conselhos** (12; cfr. **#Dt 29.19**; **#Pv 1.30-31**), em lugar de seguirem o caminho do Senhor (13).

Não obstante, Deus não os rejeitara completamente. A repetição do aparte de Deus (8 e 13) sugere a disposição, de Sua parte, de abençoar a Israel mesmo quando sua perversidade fazia lembrar o Sinai (exemplo, **#Êx 32.9** e segs.). Ele continua pronto para guiá-los em segurança, para subjugar seus inimigos, e para alimentá-los com os melhores alimentos, mesmo no meio de um ambiente aparentemente estéril. **Mel saído da rocha** (16); cfr. **#Dt 32.13-14**.

SI-82.1

SALMO 82. JUÍZES INJUSTOS IMPEDIDOS POR DEUS

O primeiro versículo é sujeito a diversas interpretações: uma tradução literal seria: "Deus (' **Elohim**) está na congregação de Deus (**EL**); no meio dos juízes (' **elohim**) Ele julga". "Congregação de Deus" pode significar qualquer assembléia convocada pelo Todo-Poderoso (cfr. **#Mq 6.1** e segs.; **#Is 41.1**) ou, mais particularmente, Israel (exemplo, **#Nm 27.17**; **#Js 22.16**). "No meio dos juízes" talvez signifique "No meio dos anjos", isto é, uma comissão celestial perante a qual os tribunais de justiça terrenos são convocados. Porém, o restante deste Salmo parece indicar outra interpretação, a saber, Deus como supremo juiz, no meio dos corrompidos governantes e juízes de Israel, a fim de repreendê-los e condená-los (cfr. **#Ez 45.9**; **#Am 5.12**; **#Mq 7.3**). Há uma íntima semelhança entre este Salmo e **#Is 3.13-15**, pelo que este poema talvez pertença ao reinado de Uzias. Os juízes terrenos são chamados de ' **elohim** porque o ofício que ocupam e o julgamento por eles exercido, realmente são de Deus (ver **#2Cr 19.6-7**; **#Dt 1.17**). A descrição de Deus como "estando" na congregação fica mais clara quando se sabe que a significação do termo é: "tomar posição para um propósito solene" (cfr. **#Sl 2.4**; **#Sl 9.4**; **#Sl 29.10**; **#Sl 47.8**, onde o juiz se assenta para julgar).

>SI-82.2

Os vers. 2-7 constituem a acusação e a condenação contra aqueles que exerceram autoridade judicial de maneira falsa e injusta, isto é, com respeito humano (2; ver #Lv 19.15; #Pv 18.5; #Pv 24.23; #Pv 28.21; #Tg 2.1-9), ignorando os casos urgentes dos aflitos, destituídos e órfãos, a ponto dos pobres e dos necessitados não serem nem livrados nem vindicados. É a causa é a incapacidade de tais juízes de discernirem entre o bem e o mal (5; contrastar com #1Rs 3.9; #Sl 68.1-5); pelo que também o próprio fundamento de uma ordem civil estável é minado. Portanto, Deus (**eu**, enfático), que fez com que tais homens fossem nomeados para o ofício de juiz (isto é, **deuses**, cfr. vers. 1), a fim de que se tornassem **filhos do Altíssimo** (6), insiste agora para que se conduzissem em conformidade Consigo mesmo. O não agirem assim importa numa morte semelhante a de qualquer descendente de Adão, e numa desgraça comparável à da condenação de muitos príncipes dos dias antigos. Note-se a citação do vers. 6 em #Jo 10.34-36.

>Sl-82.8

No versículo final o salmista invoca a Deus para que Ele mesmo controle todas as nações e a administre verdadeiro juízo. De que outro modo poderia ser estabelecido Seu reino universal? cfr. #Sl 118.8-9; #Sl 146.3-4.

Sl-83.1

SALMO 83. GRITO DE SOCORRO CONTRA UMA CONFEDERAÇÃO DO MAL

Israel geralmente corria perigo devido a vizinhos armados e ambiciosos. Não obstante, nenhuma aliança tão vasta de estados adjacentes à Palestina, como a descrita nos vers. 6-8, é mencionada no Antigo Testamento. A maior aproximação a uma tal situação foi a coligação contra Jeosafá (ver #2Cr 20.1-12). É possível que, ao apresentar esse urgente apelo pedindo socorro, o escritor esteja passando em revista ataques que foram lançados em diferentes ocasiões por diferentes nações. Talvez que Jaaziel (#2Cr 20.14) tenha sido o autor deste poema. Pode-se dividi-lo em quatro partes.

a) O perigo (1-4)

A séria natureza da ameaça, notícias sobre a qual certamente se foram acumulando, em vista do fato de mais e mais inimigos se irem envolvendo no ataque, é refletida nas impetuosas palavras **Ó Deus, não estejas em silêncio**

(1); lit. "Ó Deus, não haja descanso em ti". Esse apelo urgente é reforçado pela descrição dos agressores como **teus inimigos**, que **te aborrecem** (2). Conferências secretas foram levadas a efeito, e planos foram preparados **contra os teus protegidos** (3), a quem Deus tinha prometido servir de escudo em tempo de perigo (cfr. **#Sl 27.5**; **#Sl 31.20**). Finalmente, a imperativa necessidade de ação drástica e imediata da parte de Deus é implícita no desvendamento da conspiração que visava a varrer completamente Israel, removendo da terra a memória do povo escolhido de Deus (4). Tal planejamento era um ataque direto contra o próprio Deus (cfr. **#Sl 2.2** e segs.).

>Sl-83.5

b) Descrição da confederação (5-8)

As forças concentradas contra Israel, tinham duas características. Agiam com completa unanimidade; tinham feito uma aliança contra o próprio Deus. Os povos envolvidos eram as tribos semi-nômades cujos pequenos reinos se estendiam ao longo do lado oriental do vale do Jordão, isto é, Edom, Moabe, Amom, juntamente com os hagaritas e ismaelitas que viviam ainda mais para o oriente (cfr. **#1Cr 5.10**), como igualmente o povo de Gebal (sul de Edom). Porém, em adição, havia as forças da costa marítima-Filístia e Fenícia (cfr. **#Am 1.6,9**). E, em segundo plano havia o poder da Assíria, que já tinha estendido um braço para ajudar aos filhos de Ló, isto é, Moabe e Amom.

>Sl-83.9

c) Apelo à história (9-12)

Situações desesperadoras tinham ocorrido previamente, na história de Israel, e espantosos livramentos tinham sido experimentados mediante a inequívoca intervenção de Deus. Duas dessas mais notáveis situações desde muito eram temas de cânticos e histórias, pois haviam ameaçado a nação infante nos primeiros séculos de seu estabelecimento em Canaã. Tais situações tinham sido o ataque de Sísera (**#Jz 4** e **#Jz 5**) e a invasão dos midianitas (**#Jz 6-8**). Em ambos os casos os israelitas estavam numericamente inferiorizados, e também a qualidade de seu equipamento de guerra era muito inferior. Sísera tinha sob seu comando novecentos carros de ferro, enquanto que Orebe e Zeebe (**#Jz 7.25**) comandavam uma imensa horda de midianitas montados em camelos. Não obstante, ambos os perigos tinham sido maravilhosamente dominados; a ameaça fora rápida e inteiramente removida, e com bem pouca

perda por parte dos israelitas. Compare-se o comentário de Isaías referente ao segundo evento, em [#Is 9.4](#); [#Is 10.26](#).

>SI-83.13

d) O apelo solicitando auxílio (13-18)

A lembrança dos livramentos anteriores empresta paixão e eloqüência ao grito pedindo socorro imediato. Que Deus fizesse as hostes de seus atuais inimigos fossem como que [impelidos por um tufão](#) (13), como se fossem palha soprada pelo vento, como [o fogo que queima um bosque](#) (cfr. [#Is 10.16-19](#)), como [a chama que incendeia as brenhas](#) (14; cfr. [#SI 35.5](#)). Esse desejo pelo completo desmantelamento das forças confederadas não é tão malévola a ponto de solicitar seu aniquilamento total. Mas o alvo supremo dessa oração é a glória de Deus, e o salmista pleiteia a favor de uma experiência inesquecível de humilhação da parte dos oponentes de Deus, a fim de que eles e os homens de todos os lugares reconheçam que [tu, a quem só pertence o nome de Jeová](#) (isto é, o Senhor), [és o Altíssimo sobre toda a terra](#) (18).

SI-84.1

SALMO 84. REGOZIJANDO-SE NO SANTUÁRIO

Diferentemente dos onze salmos anteriores, este traz o título "para os filhos de Coré". É companheiro do [#SI 42](#) (também para os filhos de Coré), e talvez tenha sido composto pelo mesmo autor. Mas, enquanto que o [#SI 42](#) é um lamento por estar o autor exilado da casa de Deus, este é um cântico de alegria porque ao salmista foi permitido reassumir sua adoração nas habitações do Senhor dos Exércitos. Ver anotação introdutória sobre o [#SI 8](#), onde é dada explicação sobre o título.

As palavras iniciais são uma exclamação de maravilha e regozijo. O emprego dos plurais [tabernáculos](#) e [átrios](#) (1-2) é simplesmente linguagem poética (cfr. [#SI 43.3](#)). [Anelante](#) e [desfalece](#) (2). A memorização de uma experiência passada está tão vivamente presente na mente do autor que ele emprega o tempo verbal presente. Esse reflexo do passado, todavia, é imediatamente substituído pela jovialidade da ocasião. O final do vers. 2, em lugar de "clamam pelo Deus vivo", pode ser traduzido como "cantam de alegria pelo Deus vivo". Esta expressão, [Deus vivo](#), é encontrada no saltério somente aqui e em [#SI 43.2](#). No vers. 3, a ilustração tirada de pássaros aninhados, tem o

sentido de: "igualmente eu encontrei lar e descanso perto de teus altares". Felizes, realmente, são aqueles cuja vida é gasta no serviço do santuário; "estão sempre a louvar-te" (4). Feliz também é o homem que, em peregrinação, tem a mente ocupada nos "altos caminhos para Sião" (5), e cuja vida é nutrida por Deus. Embora tal homem possa passar pelo vale ressequido de **Baca** (árvores de bálsamo), contudo, visto estar a caminho de Jerusalém, **faz dele uma fonte** (6; cfr. **#Is 35.7; #Is 48.21**) e as chuvas também fazem-no ficar atapetado de relva e flores. Esses peregrinos, conseqüentemente, são encorajados e fortalecidos em sua jornada, até que, à semelhança do salmista, cada um deles **em Sião aparece perante Deus** (7).

>SI-84.8

Vieram para adorar ao Senhor, e esse pensamento leva o salmista a fazer também uma oração (vers. 8-12). **Senhor Deus dos Exércitos** (8); cfr. vers. 1. **Olha, ó Deus, escudo nosso** (9); isto é, "Tu, que és nosso escudo". Uma tradução alternativa poderia ser "Contempla nosso escudo, ó Deus". O vocábulo "escudo" denotaria, neste caso, o rei; cfr. **#SI 89.18. Contempla o rosto do teu ungido** (9). Pois o Senhor Deus é um sol que brilha sobre ele (com as idéias associadas de glória, crescimento e colheita; cfr. **#SI 72.16-17**), e um escudo para protegê-lo (11). Ele proporciona **graça e glória**, ou seja, as riquezas de Seu favor e a luz de Sua presença e concede-as superabundantemente a todos os homens retos (11). Verdadeira e realmente bem-aventurado é aquele que **em ti põe a sua confiança** (12). Estas palavras finais em muito ultrapassam a disciplina da peregrinação e o júbilo da chegada em Sião; mas expressam a permanente estabilidade e os profundos recursos de uma vida piedosa sob quaisquer circunstâncias.

Deve-se notar que o vers. 10 tem sido tratado como um parêntese, um aparte exuberante que expressa o sentimento essencial do poema. Note-se, também, que os coratitas eram os vigias dos portões do santuário (cfr. **#1Cr 9.19**).

SI-85.1

SALMO 85. UMA ORACÃO PEDINDO REAVIVAMENTO

Quando os primeiros exilados retornaram da Babilônia para a Judéia, sua excitação e júbilo foram esfriados pela pobreza e miséria da terra pátria (cfr. **#Ne 1.3**). Este Salmo reflete os três pensamentos dominantes dos homens piedosos que enfrentaram o trabalho e o labor da reconstrução.

a) A bondade de Deus é lembrada (1-3)

Embora aqui não exista palavra de louvor (contrastar com, por exemplo, #SI 66.1 e segs. #SI 71.19; #SI 77.13 e segs.; #SI 81.1), os três atos de Deus que aqui são descritos, a saber, sua restauração territorial, o perdão nacional, e a reconciliação com Deus, não poderiam ser nomeados sem uma reação de agradecimento. O período do exílio chegara ao fim, a carga do pecado fora aliviada (perdoada), e a ira divina tinha sido retirada antes de tornar-se feroz e irresistível.

>SI-85.4

b) Busca de maiores bênçãos (4-8)

Não obstante, o salmista expressa a atitude de seus conterrâneos, ao rogarem ao Senhor que lhes proporcione algo mais. Embora Ele não estivesse mais irado contra eles, o ambiente em que viviam continuava fornecendo amplas evidências de Sua passada indignação. Não era suficiente que o Senhor os restaurasse à terra de seus antepassados; pois tal era sua assolação e a fraqueza deles que, levá-los simplesmente de volta à terra, era condená-los à pobreza e à labuta árdua durante anos. Sua ira havia desaparecido totalmente, ou Ele tencionava ficar desagradado contra eles para sempre? (5).

Necessitavam de encorajamento e bênçãos positivas e contínuas. Tu (oculto, 6) é enfático. Acima de tudo, eles mesmos precisavam de restauração e reavivamento. Ansiavam de restauração evidência de Sua misericórdia e salvação, para que se regozijassem como Seu povo escolhido.

No versículo oitavo, o salmista fala consigo mesmo em tons esperançosos. Ele estava seguro a respeito de Deus; Ele falará de paz ao seu povo. Porém, isso está condicionado à sua contínua piedade. Na Bíblia, a insensatez é algo moral, e não mental. Nessa incerteza, o salmista aguardava ouvir a resposta divina à oração do povo.

>SI-85.9

c) Promessa (9-13)

A palavra do Senhor começa reafirmando Sua bênção sobre todos quantos O reverenciam; essa espécie de vida asseguraria aquela glória (isto é, o próprio Deus) viesse a habitar em sua terra (9; cfr. #Is 60.1 e segs.). Sua misericórdia faria companhia à reta conduta deles, conforme ela surgisse ou se desenvolvesse na terra. Sua paz de coração, na forma de bem-estar geral, tornar-se-ia inseparável de Sua justiça, que já brilhava do céu (10-11). Todas as coisas excelentes, quer ligadas às condições econômicas da terra, quer ligadas ao bem-estar espiritual do povo, estariam à disposição deles por intermédio do Senhor. A prosperidade acompanharia o melhoramento da moralidade nacional (cfr. #Is 32.16-18) e dessa forma Sua justiça seria a pioneira que haveria de abrir o caminho (13), facilitando a melhoria da terra cujas condições agora consideravam com desânimo (cfr. #Is 58.8-12).

Sl-86.1

SALMO 86. VOLTA-TE PARA MIM!

Embora intitulado de *Oração de Davi* (cfr. #Sl 72.20), é possível que este Salmo tenha sido assim chamado por tratar-se, quase completamente, de uma compilação de fragmentos tirados dos salmos davídicos e de outros. Para qualquer adorador do templo, familiarizado com o primeiro e o segundo livros dos Salmos, esta compilação deve ter sido extremamente rica em associações de idéias. Principalmente, trata-se da expressão de uma alma devota que busca a comunhão asseguradora e a graça fortalecedora do Senhor. A petição por ajuda contra certos adversários (14) não enraíza necessariamente o poema numa particular situação histórica. Uma característica notável deste Salmo é que cada petição é acompanhada por um motivo pelo qual a oração deve ser atendida.

a) Súplica (1-7)

Este é um expectante e humilde grito pedindo uma experiência do favor de Deus que venha a revigorar a alma do salmista e proveja confiança concernente à futura condição. O apelo se baseia na necessidade pessoal do homem santo que é necessitado e aflito, e numa relação de fé (teu servo, que em ti confia), e na natureza divina (bom, pronto para perdoar, e abundante em benignidade). Como possíveis origens dessas expressões, ver, por exemplo #Sl 70.5; #Sl 71.2; #Sl 25.20; #Is 26.3; #Is 25.1; #Êx 34.6; #Sl 55.1; #Sl 50.15.

>Sl-86.8

b) Adoração (8-11)

Essa expressão da base da fé do salmista no Senhor, compreende Seu poder criador e propósito final, bem como sua bondade essencial e contínua atividade, Sua soberania sobre todos e Sua acessibilidade pelo homem. Essa opinião sobre Deus levou o salmista a desejar tornar-se semelhante a Ele, quanto aos seus pensamentos e modo de agir, isto é, integrado naquela vida ligada inseparavelmente com Ele (cfr. #Jr 32.39). Comparar possíveis fontes em, por exemplo, #Êx 15.11; #Dt 3.24; #Sl 22.27-29; #Sl 77.14; #Sl 83.18; #Sl 25.4; #Sl 27.11.

>Sl-86.12

c) Ações de graças (12-13)

É atingido o clímax do louvor e da adoração quando a alma santa experimenta a unidade de ser, com Deus, o que é uma participação parcial da glória eterna: é a afirmação de uma vida centralizada em Deus. A base disso é uma experiência anterior de livramento divino, da mais extrema desolação (**do mais profundo da sepultura**; isto é, "das regiões mais baixas da morte"; cfr. #Dt 32.22).

>Sl-86.14

d) Petição (14-17)

Finalmente, é feita menção sobre certas circunstâncias perigosas e imediatas (ver #Sl 54.3). Porém, a confissão de fé em Deus é repetida (ver vers. 5,15). A intensidade da oração, em sua inteireza, é então sumarizada nas apaixonadas palavras: **Volta-te para mim...** (16); **Mostra-me um sinal para bem** (17). Cfr. #Sl 25.16 e #Sl 69.16 com os vers. 16 e 17. A frase **filho da tua serva** (16) implica numa relação semelhante àquela de um escravo nascido na casa de seu senhor, assim podendo reivindicar duplamente a proteção de seu senhor. As palavras **tu, Senhor**, na frase final, são enfáticas. Cfr. #Sl 35.4 com o vers. 17.

Sl-87.1

SALMO 87. SIÃO, MÃE DE TODOS OS HOMENS

Este curto Salmo é uma expansão do #SI 86.9. Talvez se tenha originado na situação histórica referida em #2Cr 32.23, mas é essencialmente profético (cfr. #Is 2.2; #Is 44.5; #Is 66.23; #Zc 2.11). A visão de Sião como metrópole de um reino de âmbito mundial, governado por Deus, não deve ser interpretada geograficamente e, sim, espiritualmente (cfr. #Hb 11.10). O pensamento dominante é o de uma aceitação universal e de boa mente de Deus na qualidade do Senhor e Rei, com o qual governo todas as fontes de fricção internacional são removidas. Note-se o desenvolvimento dado a isso pelo Novo Testamento, em #Gl 3.8; #Gl 4.26; #Hb 12.22 e segs.; #Ap 7.9; #Ap 15.4. O caráter profético e simbólico deste Salmo é associado com uma notável concisão de linguagem.

A cidade fundada por Deus é amada por Ele, e sua presença santificou as montanhas ao redor (cfr. #SI 48.1-2). A cidade inteira, representada poeticamente por suas portas (cfr. #SI 122.2; #Is 60.11), tem proeminência sobre todos os outros lugares. Esse fato é ilustrado pelas excepcionais afirmações que os homens fazem a respeito de Sião (3; cfr. por exemplo, #Is 2.3; #SI 46.4-5; #SI 48.1-3).

>SI-87.4

Os vers. 4-6 contêm a frase por três vezes repetida que, **Este é nascido ali**. Essas palavras aparecem em três sentenças separadas, atribuídas a Deus, e contêm o conceito básico de todo o poema. **Este e aquele nasceram ali** (5) se refere às nações, tais como Raabe (Egito; cfr. #Is 51.9; #SI 89.10), Babilônia, de cujo grande poder os filhos de Israel tinham sido arrebatados, Filístia, Tiro (cfr. #SI 83.7), ambos típicos de seculares inimigos de Israel, e Etiópia (cfr. #Is 18.7), representante dos povos mais afastados da terra. As palavras **nascido ali** implicam a identidade daquelas nações gentias com Israel: recebem privilégios similares de cidadania (cfr. #Ef 2.19). Realmente, na Sião espiritual, cada uma e todas as nações, "este e aquele", reivindicarão incorporação à base de um renascimento, e o Altíssimo mesmo assim fará. Quando ele preparar o rol dos povos em Sua cidade, não haverá estrangeiros (cfr. #Cl 3.11; #Fp 3.20).

Essa reconstrução da base da sociedade inaugura um período de intenso júbilo. Quer as pessoas cantem ou dancem (ou "toquem em instrumentos"), o que quer que seja o que disserem ou fizerem, o tema e o fundamento de suas vidas será: **todas as minhas fontes estão em ti** (7). Essas palavras talvez sejam a

primeira linha de um hino festivo, ou talvez sumarizem o pensamento de uma vida completa e divinamente aprovada, que acha sua perpétua inspiração e vigor na experiência de habitar na cidade de Deus.

Sl-88.1

SALMO 88. UM GRITO DE AFLIÇÃO

Este lamento é único no saltério, por causa da melancolia e senso inabalável de miséria destituído até mesmo de esperança. Contraste-se as conclusões dos [#Sl 22](#) e [#Sl 31](#) com os vers. 15-18. Sua autoria é incerta. O principal músico levita, no tempo de Davi, era Hemã, neto de Samuel, e um homem sábio, na época de Salomão, era conhecido pelo mesmo nome (ver [#1Rs 4.31](#)). Apesar de que o exílio talvez expresse a angústia nacional durante o exílio, parece ser uma elegia pessoal feita por alguém que, à semelhança de Jó, foi prensado entre uma confiança inabalável em Deus, como a única fonte de sua salvação, e uma experiência intensamente perplexa, que parecia negar o fundamento de toda aquela confiança (cfr. tais experiências conforme relatadas em [#2Rs 20.1-4](#); [#2Cr 26.21](#); [#Jr 38.6](#)). O título sugere uma melodia, *Maalate Leanote*, usada para o "exercício da lamentação" (cfr. [#Sl 53](#)). Este Salmo se divide em duas partes.

a) O angustiado apelo do salmista (1-8)

[Diante de ti tenho clamado de dia e de noite](#) (1); lit.: "tenho clamado tanto de dia como de noite". O texto hebraico acha-se, entretanto, truncado. Alguns atribuem isso à intensidade dos sentimentos do orador; porém, leves alterações produzem um texto mais claro. "Jeová, meu Deus, clamo por ajuda de dia, e clamo à noite perante ti". Seu desânimo se aprofunda conforme ele vai descendo a escadaria da miséria.

>Sl-88.4

[Contado com os que descem à cova](#) (4); isto é, separado e encerrado como alguém que já esteja morto. [Posto entre os mortos](#) (5); a referência é àqueles que, tendo sido mortos em batalha, foram sepultados apressadamente em vala comum. [Exclui a tua mão](#) (5); isto é, pela mão de Deus privados de Sua mão direita de salvação. Essa idéia, de que aqueles que entraram no outro mundo-dos mortos -são esquecidos por Deus, é comum nos salmos. Ver anotações sobre [#Sl 6.4](#); cfr. [#Jó 14.12](#); [#Sl 30.9](#); [#Is 38.18](#).

>SI-88.6

O salmista passa então a considerar a fonte de todo o seu desespero (6-8). Sua aflição vem da parte de Deus, cuja ira, segundo diz o salmista, **sobre mim pesa** (7). Note-se a repetição da palavra **tu**, com verbo no perfeito do indicativo. Embora continuasse vivo entre os homens pensa que já estava destinado ao **mais profundo do abismo** (6); isto é, a porção mais inferior, negra e profunda do Seol (cfr. **#Jó 10.21-22; #Jó 17.13-16; #SI 86.13; #SI 143.3**). Em certo sentido, essa espantosa solidão já começou, pois, embora ainda respirasse nesta vida, seus amigos íntimos o evitavam como se fosse um indivíduo repugnante para eles. Uma experiência comparável se pode encontrar em **#Jó 19.6-20** e cfr. **#SI 31.9-14**.

>SI-88.9

b) Questões sem base (9-18)

As fervorosas orações diárias e seus olhos inchados de tanto chorar, do vers. 9, são um eco do vers. 1. Porém, a descrição de seus sofrimentos é substituída por perguntas (10-12). Esse padrão é então repetido; uma declaração de petição diária ao Senhor (13) é seguida por uma interrogação que não tem fim nem resposta (14-18).

>SI-88.10

O argumento dos vers. 10-12 é semelhante ao de **#SI 6.5**. Visto que era crido que nenhuma ação nem palavra era possível nas masmorras cinzentas, soturnas e poeiras do Seol, certamente era do interesse de Deus mesmo que Ele mantivesse vivos, tanto quanto possível, aqueles cujos fervorosos louvores O agradavam (cfr. **#SI 115.17**). Além disso, Sua benignidade e fidelidade não podiam ser exercidas naquele reino habitado por meras sombras (cfr. **#Is 38.18**). **Perdição** (Heb. **Abaddon**) é simplesmente um outro nome para Seol e não tem sentido algum de desintegração de ser. Enquanto as implicações da ressurreição de Cristo não foram compreendidas pelos escritores do Novo Testamento, julgava-se que o Seol era ocupado por todos quantos morriam. Contudo, noções sobre uma divisão no Seol, que separava os bons dos maus, se haviam desenvolvido nos séculos entre o retorno do exílio e os anos do ministério de Jesus (cfr. **#Lc 16.22** e segs.).

>SI-88.14

A interrogação dos vers. 14-18, à qual é adicionado o apelo pela libertação da aflição, é mais apaixonada que clamores semelhantes (ver, por exemplo, #SI 13.1-2; #SI 71.9). **Prestes a morrer desde a minha mocidade** (15) sugere que atrás daquela experiência havia a pressão de muitos anos, provavelmente por causa de alguma debilidade física, ou por causa do remorso devido a algum erro cometido nos primeiros anos da vida adulta. Além disso, as aflições que lhe sobrevieram, continuam a aterrorizá-lo, e até parece que ele ansiava pela anestesia da exaustão, ou desaparecimento. **Estou aflito** (15); o sentido da palavra hebraica é incerto. Ele sentia que sua condição era do mais total desespero. Ele fora cortado fora e não havia a menor indicação de socorro (16). Era semelhante a um homem tragado por uma corrente (cfr. #SI 69.2), como quem estivesse boiando numa jangada, ao sabor das ondas, num oceano solitário (17). Todos os seus amigos íntimos o haviam abandonado e o lugar deles tinha sido ocupado pelas trevas (18). Essas palavras finais deixam uma forte impressão de melancolia e desespero sem alívio. Se o salmista chegou a receber uma revelação consoladora da parte de Deus, tal como aconteceu a Jó, não se sabe; porém, sua experiência foi incluída naquela vida que foi tornada perfeita pelas coisas que Ele sofreu (cfr. #Mt 26.38; #Mt 27.46).

SI-89.1

SALMO 89. A FIRME ALIANÇA DE DEUS E A ANGÚSTIA DE ISRAEL

O último Salmo do terceiro livro do saltério, pode ser considerado como companheiro do primeiro, o #SI 73. Ambos tratam de certas questões que o homem piedoso tem de enfrentar nesta existência terrena. Por um lado, há o problema da prosperidade do ímpio (73), e por outro, há o mistério de como Deus é fiel à Sua palavra, quando os acontecimentos parecem mostrar que Ele a aborrece (89). Os temas são paralelos, a saber, a reconciliação da fé em Deus com os fatos da experiência. Um poema diz respeito às experiências humanas, o outro fala sobre o governo divino.

Note-se o segundo plano evocado de melancolia, já perto do fim deste Salmo, e a ligação com o #SI 88, estabelecida pelo título. O duplo tema, apresentado na breve introdução (vers. 1-4) é consideravelmente expandido nos próximos trinta e três versículos. Uma atitude antitética tem começo no vers. 38 e é então elaborada partindo desses dois aspectos. A perplexidade que se origina

na aparente reversão do propósito divino constitui a nota dominante do Salmo. Note-se #At 15.16.

a) Introdução (1-4)

O orador, nos dois primeiros versículos é o salmista. Ele tenciona cantar primeiramente as **benignidade do Senhor**, aos filhos de Israel, e especialmente à casa de Davi (cfr. #Is 55.3). Em segundo lugar, o salmista quer falar da **fidelidade** de Deus, isto é, de Sua constante aderência às Suas promessas e alianças. Esses dois atributos de Deus são mencionados novamente no vers. 2, juntamente com as mesmas qualidades de perpetuidade e permanência. Também formam a base e o esqueleto da subsequente adoração do salmista (ver vers. 5,8,14,24,33,49). Essa afirmação inicial é uma expressão de fé, a grandeza da qual deve ser medida em contraste com as sombrias condições referidas no fim do Salmo. Essa atitude de fé se origina na própria declaração de Deus, feita em tempos antigos (cfr. #2Sm 7.8-16), a qual é citada nos vers. 3-4 como a origem da crença do salmista. Note-se as repetições, nos vers. 1,2, das palavras dos vers. 3,4, tais como: **com a minha boca (fiz um concerto): para sempre; edificada; de geração em geração**. Dessa forma, as promessas feitas por meio de juramento, a respeito de Davi, são transferidas aos atributos do próprio Deus, e se tornam o motivo principal do poema que segue.

>Sl-89.5

b) A majestade e a aliança de Deus (5-37)

1. EXALTAÇÃO DOS ATRIBUTOS DIVINOS (5-18). Esses versículos são uma expansão dos vers. 1 e 2. Em lugar da voz do salmista (1), há as hostes **angélicas (Os céus, a assembléia dos santos; cfr. #Jó 15.15)**, que exaltam as seculares maravilhas da maneira de Deus tratar com os homens. **Quem no céu se pode igualar ao Senhor?** (6); isto é, nem o sol nem a lua são dignos de ser adorados (cfr. #Sl 19.1 e segs.) e nem um sequer dos **filhos dos poderosos**, ou anjos, se assemelha a Ele (cfr. #Cl 1.16; #Hb 1.5 e segs.). O concílio angelical mantém-se em terrível reverência para com Ele (7; cfr. #1Rs 22.19; #Jr 23.18), de quem Ele é o **Senhor, Deus dos Exércitos**. Ninguém tem poder como JÁ, que derrotou Faraó (#Êx 15.11), e esse poder supremo não pode ser separado de Seu envoltório de fidelidade (8; cfr. #Is 59.17).

>Sl-89.9

Do vers. 9 em diante a ênfase recai sobre o poder de Deus nesta terra, e não nos céus. Ele governa os mares furiosos e acalma as ondas (cfr. #SI 77.17-18); Ele esmagou o poder de Raabe (isto é, o Egito como em #SI 87.4), e dispersou todos os outros adversários (9-10; cfr. #Nm 10.35). Ele é o Criador e Dono do Céu e da Terra (11; cfr. #SI 24.1). Em realidade, a terra inteira, de um extremo a outro (o norte e o sul) é Sua, e as mais notáveis características geográficas da Palestina, os montes Tabor e Hermom, são testemunhos e monumentos de Sua grandeza (12). Os acontecimentos têm demonstrado repetidamente Seu braço poderoso e Sua potente mão (13), e além disso, tanto na terra como no céu, o poder divino é inseparável da justiça divina. Cfr. #SI 97.2 com o vers. 14. A misericórdia e a verdade sempre vão adiante dEle, prontas para ser Seus arautos.

>SI-89.15

Em conseqüência disso, Israel, escolhida por Deus, que é tão grande, certamente deve ser excepcionalmente abençoada (cfr. #Nm 6.25). O som festivo (15); o termo hebraico denota tantos gritos de alegria (cfr. #SI 65.13) como o som da trombeta (ver #Nm 10.9). Os alegres gritos do povo o aclamaram como rei. Pelo teu favor será exaltado o nosso poder (17), isto é, todas as nações estimarão Israel porque a justiça de Deus é manifestada entre eles. Todos os Seus súditos se gloriam nEle. A nossa defesa, ou rei (cfr. #SI 84.9) foi divinamente nomeada e age a favor do Santo de Israel. Esse conceito sobre a soberania prepara o caminho para a seção seguinte do salmo.

>SI-89.19

2. A CLAREZA DO CONCERTO DAVIDICO (19-37). Estes versículos expandem o tema esboçado nos vers. 3 e 4, e são vazados em linguagem como se fosse um discurso direto do Santo de Israel (18). Então, refere-se à ocasião do juramento feito a Davi, declarado em visão concedida a Natã (#2Sm 7.4-17) e, mediante ele, feito a todo o povo, sendo preferível ler "teus santos" em lugar de teu santo (19). Socorri (19), isto é, conferi (o poder de dar) socorro. Um eleito, (19) poderia ser traduzido como "um jovem". Achei a Davi (20), isto é, ele foi desvendado como a pessoa mais apropriada para tornar-se servo do Senhor (cfr. #SI 78.70) e, portanto, foi ungido com o santo óleo do Espírito de Deus (cfr. #1Sm 16.13). Esse divino fortalecimento significa que nenhum inimigo poderia dominá-lo de surpresa, e que nenhum adversário poderia prevalecer contra ele (cfr. #2Sm 22.1). Não o importunará (22); ou seja, não fará violência contra ele.

>SI-89.24

Em adição a essa definida promessa de poder real e poderio militar, o Senhor ainda se comprometeu a dotar Davi de Sua misericórdia e fidelidade (24). Não apenas o seu domínio deveria estender-se desde o mar Mediterrâneo até os rios do oriente (cfr. #Gn 15.18; #SI 80.11), mas sua relação para com Deus seria a de um filho primogênito (26-27; cfr. #2Sm 7.14; #Hb 1.5). A promessa anterior, à comunidade inteira (#Êx 4.22) é agora focalizada sobre o rei (notar #Rm 8.29; #Ap 1.5). Em resultado disso, o trono de Israel será supremo acima de tudo (cfr. #Dt 28.1), e seria eterno **como os dias do céu** (29).

Esse aspecto da aliança, sua infalibilidade e permanência, prepara o caminho para o propósito maior do Salmo e, a fim de preparar o caminho para o protesto subsequente, o salmista prossegue para ocupar-se da inviolabilidade do juramento (#2Sm 7.14-16). A infidelidade dos descendentes de Davi não anularam a aliança referente à dinastia. Se eles **deixarem, não andarem, profanarem e não andarem** nos meus mandamentos, disse Deus, Ele haveria de castigá-los; porém, disse ainda o Senhor: **Não quebrarei o meu concerto...** (34). O Senhor jurara de uma vez para sempre, e Ele não era homem para mentir (ver #Lc 1.32-33). Deus declarou que esse concerto era **como a testemunha no céu é fiel** (34). Isso talvez signifique "o meu concerto do dia, e o meu concerto da noite" (#Jr 33.20-21) ou, literalmente, "como o testemunho no céu, o próprio Deus, é fiel" (cfr. #Jó 16.19). Essa alusão à fidelidade celestial é uma reminiscência do vers. 29; isto é, o salmista reverte ao conceito primordial da imutabilidade do concerto.

>SI-89.38

c) O salmista protesta que Deus agora rejeitou a aliança (38-51)

O enfático **Mas tu**, inicia um agudo contraste, provido pelos versículos que se seguem. O protesto tem dois aspectos, que refletem os dois temas da parte anterior do Salmo. Primeiro, a honra e o poder de Deus, e Sua bondade para com Israel (5-8), são revertidas nas evidências da destruição por Ele operada, na inversão das Suas promessas, e na desgraça e opróbrio que se descarregaram contra Israel (38-45). Segundo, o explícito e solene concerto estabelecido com Davi (20-37) é revertido no abandono inexplicável e aparentemente caprichoso de Seu compromisso (46-51).

1. UM DELIBERADO PARALELO (38-45). O padrão desse protesto- "mas fizeste assim e assim" -é um paralelo deliberado com a estrutura semelhante dos vers. 9-14. O mar furioso é substituído pela ira contra o rei (38), a humilhação de "Raabe" é ultrapassada pela degradação do trono (39; a coroa lançada por terra). A criação do mundo, seus limites e suas montanhas (11-12), são equiparados com a destruição do reino, suas fronteiras (muros) e suas fortificações (40-41). O poder do braço divino tinha exaltado a equidade e o julgamento e tinha alegrado ao povo (13-15), enquanto que agora Ele exalta **a destra dos seus adversários, e seus inimigos** é que se regozijam (42). Anteriormente Israel havia andado sob a luz da face de Deus (15), mas agora, **fizeste cessar o seu esplendor** (44); Aquele que tinha sido a glória do poderio do povo (17) agora combatia apenas fingidamente, pois Suas armas estavam embotadas e inofensivas (43), e o trono do povo estava coberto de vergonha (44). O vers. 45 pode referir-se a Joaquim, que era apenas um rapazinho que reinou durante três meses e meio (cfr. **#2Rs 24.8**).

>SI-89.46

2. UM CONTRASTE DELIBERADO (46-51). O primeiro pensamento-a debilidade e brevidade da vida-é o oposto ao poder e à permanência de Davi, nos vers. 22-29. O vers. 46 reflete o **#SI 79.5**. O vers. 47 sugere a experiência por detrás de **#SI 39.4-5** e **#Jó 7.6-9**; **#Jó 9.25-26**. Até parecia que Deus criara os homens sem propósito algum; todos têm de morrer, e isso rápido comparativamente (48). A não ser que Deus reafirmasse imediatamente o concerto, tanto a dinastia davídica como o confiante salmista e todos os homens, iriam juntamente para a sepultura e o livramento viria tarde demais.

O segundo e final pensamento: Onde estão as fidelidades e misericórdias do Senhor? não necessita repetição, mas é o paralelo de Sua perpétua presença e orientação, implícitas nos vers. 30-35. Em conclusão, o salmista volta às suas palavras iniciais, primeiramente referentes ao juramento feito a Davi (49; cfr. vers. 3), e em segundo lugar referentes ao cântico de louvor que ele tencionava cantar (1). Quanto a essa questão ele lembra o Senhor sobre os inúmeros escárnios e repreensões que se acham em seu coração, infligidos pelos povos circunvizinhos (50). A repetição das palavras, no vers. 51, provavelmente têm o propósito de transmitir o senso de angústia há muito embalado, enquanto os passos do jovem rei eram perseguidos pelo escárnio e pela irrisão em sua viagem à Babilônia.

>SI-89.52

O vers. 52 não pertence a este Salmo. Trata-se da doxologia que marca o fim do Livro III dos salmos.

Sl-90.1

QUARTO LIVRO-SALMOS 90 A 106

SALMO 90. RÉQUIEM POR UMA GERAÇÃO DESOBEDIENTE

O título apresenta Moisés como autor. Isso faria com que este fosse o Salmo mais antigo do saltério. Note-se sua completa independência de alusões a outros salmos, como também a semelhança de linguagem e pensamento com [#Dt 33](#). O âmagô do poema, vers. 7-12, parece ter um fundo histórico definido-os três últimos meses das vagueações de trinta e oito anos pelo deserto, quando a geração adulta que saíra do Egito estava agora rapidamente desaparecendo (ver [#Nm 14.21-23](#); [#Sl 95.8-11](#); [#Hb 3.17](#)). Moisés certamente se sentia cada vez mais isolado em espírito, enquanto aqueles antigos membros da congregação iam deixando seus ossos no deserto. E esse senso sobre a mortalidade de Israel, acentuada pelo julgamento contra sua dura incredulidade, era adicionada à sua peculiar ligação, dos tempos de criança, com uma geração passada de tutores egípcios, saturada com a consciência de uma época passada. Moisés achava-se em excelente posição para perceber o panorama, que rapidamente se alterava, de toda a raça humana. Além disso, ele teve o privilégio sem igual de ver tal panorama do vantajoso ponto do Sinai. Tinha sido a existência fora-do-tempo de um Deus santo que provocou Sua ira, que exigiu a penitência de Israel e que levou Moisés a orar para que, dali por diante, a eterna candura, a própria alegria e a beleza do Senhor, caracterizassem todos os Seus filhos.

Este Salmo se divide em três porções.

a) O Criador eterno e nossa efêmera vida (1-6)

O primeiro versículo é transcrito de [#Dt 33.27](#). Desde os dias de Abraão que o povo de Deus não tinha lugar de habitação, mas agora suas peregrinações estavam chegando ao fim. Podia ser dito em verdade que o Senhor sempre se mostrara ser o perpétuo lugar de descanso e refúgio para Seu povo (cfr. [#Sl](#)

91.9; #Sl 71.3). Antes dEle ter feito nascer os montes (sobre essa metáfora, cfr. #Dt 32.18; #Jó 38.8,28), antes do mundo ter vindo à existência, já desde antes de tudo isso, **tu és Deus**, isto é, "somente tu és Deus". E assim seria para todo o sempre. **A terra e o mundo** (2); o segundo desses substantivos significa as porções cultivadas da terra.

Fazendo o maior contraste possível com a imortalidade divina acha-se a fragilidade humana. O vers. 3 é sujeito a diversas interpretações: 1. Deus faz o homem "tornar ao pó", enquanto chama à existência uma outra geração. 2. Ele faz os homens vivos volverem ao pó (#Gn 3.19), mediante a palavra: **Volvei filhos dos homens**. 3. Se a significação do vocábulo **dakka**, "desagregação" é rebaixamento e contrição, então este versículo pode ser parafraseado como: "Fazem os homens mudarem e se arrependem e então dizes: Vinde a mim que sou imutável". Os versículos, seguintes especialmente o vers. 6, favorecem a primeira possibilidade. As três analogias (4-5) de um sono ou uma **vigília à noite** (despercebida pelo que dorme), do breve período de corrente de água depois de um temporal, da erva que cresce no verão, no orvalho da madrugada, mas que é cortada ao entardecer (cfr. #Mt 6.30), são ilustrações sobre a vida fora-do-tempo de Deus (4). Para Ele, mil anos passam com a mesma rapidez dessas coisas.

>Sl-90.7

b) As tristezas da vida relacionadas com a santidade de Deus (7-12)

Em contraste com a serenidade da alma e com a segurança da vida em Deus, sugeridas no vers. 1, o pensamento do vers. 7 é a aterrorizante experiência de transformação do homem, o qual é feito apressar-se. Essa reversão se deve ao pecado humano que atrai a ira divina. Não apenas erros óbvios, mas até o íntimo coração de cada pessoa são desnudados perante os olhos dAquele a Quem temos de prestar contas (cfr. #Hb 4.13). A promessa de nosso ensolarado alvorecer rapidamente descai para a inevitável melancolia da noite (a palavra hebraica traduzida como **vão passando** (9) significa "declínio do pôr do sol", como em #Jr 6.4). **Como um conto ligeiro** (9); melhor, "como um suspiro". Quanto ao vers. 10, cfr. #Jó 20.8.

>Sl-90.11

Quem conhece...? (11). A sugestão é que bem poucas pessoas percebem que isso faz parte da operação da ira de Deus, e raramente sentem a necessidade de arrependimento. Oxalá que os homens pudessem entender isso e, conseqüentemente, prezassem cada dia, em lugar de malbarata-lo em frívolas atividades! (12; cfr. #Dt 5.29; #Dt 32.29).

>Sl-90.13

c) Uma oração para que os sobreviventes participem da glória de Deus (13-17)

Enquanto que as duas porções anteriores do poema foram encabeçadas pelos temas de Deus como fonte de descanso (1) e de ira (7), esta seção final é introduzida (13) com o conceito de arrependimento divino (cfr. #Êx 32.12), não como alteração de Seu propósito ou de Seus valores, mas de arrependimento que assinala uma alteração no método divino de tratar com Seu servo Israel (cfr. #Dt 32.36). **De madrugada** (14). A oração solicita o fim da perturbação, assim como a noite se finda (cfr. #Sl 30.5), isto é, ele pede uma imediata experiência de misericórdia. Além disso, visto que é Deus para sempre, como desde a eternidade (2), que Ele conceda Sua bênção por tanto tempo como já tinha imposto aflição (15; cfr. #Dt 8.2). Que a evidente operação de Sua graça e boa vontade seja percebida em Israel; e, assim como tinham visto o julgamento de Deus sobre seus antepassados, que foram sepultados no deserto, que agora o povo veja Sua gloriosa salvação no bem estar de seus filhos (16). Portanto, que nada os impeça de fazerem parte da terminação de Sua obra, a saber, o estabelecimento de Seu povo em Canaã (17). Dessa forma haveriam de experimentar a Sua boa vontade (**graça**), mesmo em meio do trabalho diário de suas mãos, em sua conquista ou ocupação.

Sl-91.1

SALMO 91. REFÚGIO PARA UMA ALMA DIVINAMENTE ORIENTADA

Este Salmo é geralmente considerado como acompanhante do anterior, cujo título pode ser aplicado a ambos. Em apoio a essa relação, pode ser observado que ambos são um desenvolvimento da frase em #Dt 33.27, e que a mensagem de segurança, mediante comunhão íntima com o Senhor, no #Sl 91, é o

equivalente do tema da insignificância e desesperada necessidade, no #Sl 90. Os dois Salmos também têm uma estrutura relacionada.

O #Sl 91 começa com uma asseveração da fé humana (1) e termina com uma declaração da fidelidade divina (14-16), em que o elemento impessoal é substituído por Deus, que dirige Suas promessas pessoalmente ao crente. Os vers. restantes (2-13) se dividem em duas seções, cada qual introduzida por uma afirmação pessoal (ver vers. 2 e 9). Na expansão dessas confissões de fé existe, em cada caso, uma alteração no pronome pessoal, de **eu** para **ti**; os vers. 3-8 e 9-13 talvez tivessem a intenção de ser proferidos por outra voz. Note-se como o vers. 9 reassume o pensamento das palavras iniciais, **habita no... Altíssimo**.

A imagem do vers. 1, o **esconderijo** e a **sombra** (das asas), é geralmente usada em outros lugares referentes à solicitude de Deus pelos homens. Ver o vers. 4 e cfr. #Sl 17.8; #Sl 61.4; #Dt 32.11. **Peste perniciosa** (3) significa alguma forma de morte destrutiva. Note-se, entretanto, o texto diferente da Septuaginta, "a palavra destruidora" (cfr. #Sl 38.12). **Sua verdade** (4) é Sua inquestionável fidelidade para com Sua palavra.

>Sl-91.5

A imunidade de perigos, descrita nos vers. 5-8, quase certamente se baseia na memória da experiência de Israel durante as pragas do Egito; mas sua intenção é ser aplicada metaforicamente, da mesma maneira que Deus é referido como rocha e como águia em seu ninho. #Dt 32.24 sugere que a **mortandade** que assolou **ao meio-dia** (6) foi alguma forma de insolação, mas ver #Sl 78.48. Cfr. #Nm 21.6 com o vers. 7. Cfr. #Êx 14.30 com o vers. 8. Guardiões angélicos (11-12) são freqüentemente mencionados nas Escrituras, como, por exemplo, #Gn 24.40; #Êx 23.20; #Hb 1.14. Porém, essa proteção é em **todos os teus caminhos**, isto é, no caminho da fé e da piedade (cfr. #Sl 23.3; #Pv 3.17); essa qualificação foi compreendida por Satanás, quando ele omitiu essa frase ao citar o Salmo para Jesus (#Mt 4.6) **O áspide** (13), ou seja, a serpente. O leão e a serpente representam a ferocidade e a persistência nos ataques externos e óbvios por parte dos inimigos, bem como nos assaltos internos e secretos, por parte das dúvidas e dos conspiradores. Ver #Am 5.19; #Sl 58.4,6; e note-se #Lc 10.19. (Cfr. também #Sl 22.13; #Sl 64.2-6; #Mt 23.33; #1Pe 5.8).

>Sl-91.14

As palavras atribuídas ao Senhor, nos vers. 14-16, podem ser consideradas como uma conclusão apropriada para ambos os Salmos. O amor é o fundamento de toda confiança (#SI 90.14 e segs.) e triunfo (#SI 91.11 e segs.). Quando um homem "apega-se afetosamente" ao Altíssimo, então tal homem é exaltado (cfr. #2Pe 1.3-4; #SI 9.9-10) à mais íntima comunhão e segurança (cfr. #Jo 14.23 e segs. #SI 21.4-5).

SI-92.1

SALMO 92. UM HINO SABÁTICO

O título lembra-nos que este Salmo era cantado todos os sábados, na adoração do templo, depois de os judeus retornarem da Babilônia. Os Targuns atribuem-no a Adão, na manhã do sétimo dia da criação, mas essa é, obviamente, uma alusão metafórica. A associação deste cântico ao sábado provavelmente se deve ao seu espírito de alegre louvor e ao seu ponto de vista a respeito de um mundo livre de pecadores e praticantes da iniquidade. Neste último sentido, este Salmo pode antecipar o descanso sabático eterno, dos filhos de Deus, que em sua plenitude ainda é algo futuro (cfr. #Hb 4.9 e segs.). Note-se a semelhança dos vers. 1-3 com o #SI 33.1-3 (outro cântico de poder criativo e governo justo) e a elaboração das comparações de erva (os perversos) e de uma árvore viçosa (os justos), empregadas no #SI 1.

Após a introdução, o cântico se divide em duas partes simétricas e contrastadas, cada uma das quais contém dois temas.

a) Introdução (1-3)

O louvor e a adoração a Deus não são meramente aprovadas por Ele como uma atividade boa, mas como a mais agradável atividade para os homens (cfr. #SI 147.1). A prática de marcar períodos matinais e vespertinos de oração e louvor é freqüentemente mencionada no saltério. Ver, por exemplo, #SI 5.3; #SI 42.8; #SI 55.17; #SI 59.16; #SI 63.6; #SI 88.13. A frase, *com som solene* (3) ocorre como *Higaiom* em #SI 9.16. Em #SI 19.14, essa expressão denota admiração ou meditação, e talvez signifique aqui uma palavra técnica para música meditativa.

>SI-92.4

b) As obras de Deus e Seu julgamento dos malignos (4-9)

A atividade de Deus é vista tanto em Sua obra de criação como em Seu governo sobre as atividades dos homens. É este último caso que o salmista tem mais em mente, e que mais evoca os seus louvores. **Exultarei** (4) porque os desígnios e propósitos de Deus estão sendo real e continuamente desvendados na história (cfr. **#Sl 33.11**; **#Sl 40.5**; **#Sl 139.17**). Meditamos em Seus pensamentos mas usualmente descobrimos que são por demais profundos para os apreendermos (cfr. **#Is 55.8** e segs.; **#Rm 11.33**).

>Sl-92.6

O homem brutal... o louco (6), isto é, indivíduos dominados pela sensualidade ou pela perversão moral. Tais indivíduos não podem discernir esse governo providencial no mundo e nem podem entender por que os iníquos florescem como a erva na primavera. O salmista não somente declara a ruína dos perversos (ver anotações sobre o **#Sl 90.6**), mas deixa subentendido que sua breve prosperidade serve de lição intencional para os piedosos (cfr. **#Sl 73.17** e segs.). Isso sucede porque o Senhor está perpetuamente assentado nas alturas, em julgamento (cfr. **#Sl 29.10**), e toda oposição contra Ele ou contra Seu povo, será totalmente derrotada.

>Sl-92.10

c) Bênçãos pessoais e a bondade de Deus para com os justos (10-15)

A adoração a Deus freqüentemente se origina da percepção que não somos meros observadores da misericórdia e dos juízos de Deus, mas somos também apanhados no padrão de Sua santa beneficência (cfr. **#2Pe 1.2-4**; **#Ef 2.19** e segs.). Essa consciência de sermos participantes, juntamente com Deus, é geralmente expressa pelo salmista mediante as metáforas de um chifre levantado, pertencente a uma fonte de grande poder (cfr. **#Nm 23.22**; **#Sl 29.6**; **#Sl 89.17**; **#Sl 148.14**) e de um chifre invertido do qual flui o azeite da unção, símbolo de identificação e incorporação (cfr. **#1Sm 16.13**; **#Sl 45.7**; **#Hb 1.9**). **Unicórnio** (10) ou "boi selvagem". Visto que se sentia quase um sócio de Deus, o salmista sabe que contemplará e ouvirá a queda daqueles que se opõem aos servos do Senhor. Ele sente que não pode ser separado da triunfante atividade de Deus.

>SI-92.12

O justo florescerá (12). O contraste chega aqui ao clímax. O contraste foi sugerido na antítese dos vers. 11 e 6, e é expandido na imagem da palmeira, alta, ereta, sempre florescente, que é tão superior à erva que cresce na superfície do solo (7). Os cedros do Líbano eram notáveis por seu tamanho e excelência (cfr. #Is 2.13; #SI 104.16). A imagem de tão grandes árvores, a crescer luxuriantes na casa do Senhor, já foi anteriormente encontrada, no #SI 52.8. A idéia básica é a de permanência, dignidade, amplos recursos de poder e nutrição, liberdade de dano, um ambiente de honra, e séculos de frutificação (cfr. conceito semelhante em #SI 27.4-6). O versículo final do cântico se baseia em #Dt 32.4.

SI-93.1

SALMO 93. A ETERNA SOBERANIA DO SENHOR

Este Salmo, que é uma expansão de #SI 92.8, é prólogo da grande antífona de louvor em #SI 95 a #SI 100. O conceito sobre o trono de Deus, estabelecido desde a eternidade (2), isto é, desde antes de haver tempo, que sobrevive a todas as tentativas para abalá-lo, pelo que Ele permanece rei para sempre (cfr. #SI 29.10; #SI 33.13-14; #SI 47), não é o mesmo como aquela crença que O contempla a governar de Sião (cfr. #SI 24; #SI 46; 48.1-2; 68.16-17). As duas linhas de pensamento são a expressão necessária de uma fé que cria que Deus desvendaria, eventualmente, Sua verdadeira natureza e glória em toda a terra e céu, e também que Ele estabeleceria soberania sobre os povos deste mundo mediante Seu governo pessoal e teria uma cidade verdadeira (Sião) como Sua residência. Esta última crença tornou-se parte da esperança messiânica. No Novo Testamento esses dois conceitos são fundidos em um só e, portanto, transformados (cfr. #SI 110).

Este Salmo, juntamente com os #SI 95 a 100, geralmente se considera terem sido escritos após a volta da Babilônia, quando a aparente abdicação do trono de Davi, por parte de Deus (ver #SI 89) era reconhecida como temporária. O Senhor reina (1), lit. "o Senhor torna-se rei", talvez aluda ao fato dEle ter reassumido o Seu governo sobre Israel, ou pode subentender um reconhecimento, em escala mundial, de um fato eterno, asseverado no versículo seguinte. Está vestido (1). O pensamento "vestiu-se de trajes reais". Com o reconhecimento de Sua soberania a ordem mundial se torna estável e firme (cfr. #SI 96.10 e segs.. Previamente tinha havido elementos insidiosos,

baixos e generalizados de oposição, aqui descritos como rios (3), que tinham conseguido atolar e derrotar o propósito divino. Note-se o desenvolvimento de pensamento, desde o primeiro levantar dessas águas inundantes, até o crescido redemoinho de suas correntes e o profundo ruído de seus esforços de destruição, até sua manifestação final como grandes águas em tumulto, a ribombar ameaças (ondas), espumando como o mar. Não obstante, o Senhor, nas alturas, está inabalável e imperturbável sempre glorioso em poder (cfr. [#Sl 29.10](#)). Talvez haja alguma alusão indireta, nos vers. 3 e 4, aos cativos de Israel quando eram levados e quase imersos nos grandes estados fluviais do Egito, Assíria e Babilônia.

>Sl-93.5

O versículo final é um comentário feito pelo salmista acerca da inexpugnável estrutura do reino de Deus. Sua imutabilidade se fundamenta em Sua própria santidade e em Sua equitativa administração sobre a criação inteira (cfr. [#Sl 19.7-9](#)). *Tua casa* refere-se particularmente ao templo, ou à própria Sião (cfr. [#Sl 47.1-3](#)), ou ao lugar de Sua habitação (cfr. [#Is 66.1](#) e [#At 7.48-49](#)).

Sl-94.1

SALMO 94. APELO POR CAUSA DA DEMORA DO JUÍZO DE DEUS

O tema deste Salmo é o secular problema para reconciliar o que acontece no mundo com a bondade e o poder de Deus. Sua relação para com o Salmo anterior é demonstrado de dois modos: o tríplice protesto ([#Sl 94.3,16,20](#)) é feito à base da eterna soberania de Deus ([#Sl 93](#)), e o gosto pela repetição de frases é uma característica de ambos os poemas. Este Salmo expressa primariamente a imediata reação do homem natural à afirmação de fé, em [#Sl 93](#) e [#Sl 95](#) a [#Sl 100](#). É o desafio do duro realismo à confiança de uma fé de todo coração; um lembrete sobre a anomalia do caráter diabólico do homem dentro da ordem moral estabelecida por Deus. À parte da invocação, nos dois versículos de abertura, este Salmo se divide em três partes, cada qual introduzida por uma interrogação ou protesto.

a) Introdução (1-2)

O apelo é vazado em palavras candentes, lit.: "Ó Deus das vinganças, Jeová, Deus das vinganças, resplandece". Aqui não há senso de malícia ou

animosidade, mas é simplesmente um grito pedindo recompensa ou retribuição (cfr. #Jr 51.56), para que todas as falsas aparências sejam terminadas e que todos os atos ímpios revertam contra aquele que os perpetraram (cfr. #Jó 4.8; #Os 8.7; #Gl 6.7 e segs. Esse processo inevitavelmente acompanharia a manifestação da verdade divina, e isso explica o apelo **mostra-te resplandecente**; cfr. #Sl 50.2; #Sl 80.1). Ele roga a Deus que vindique Sua soberania (cfr. #Gn 18.25; #Sl 7.6 e segs.) e que faça cair sobre os arrogantes as conseqüências de seus feitos.

>Sl-94.3

b) Por quanto tempo triunfará o perverso? (3-15)

A interrogação diz respeito ao presente período de tempo; não subentende qualquer suspeita de impotência da parte de Deus. Essa interrogação é elaborada em torno de três coisas:

1. FATOS (4-7). Os perversos são descritos a derramar uma torrente de palavras arrogantes e jactanciosas, que se originam na auto-estima. **Cousas duras** (4); melhor ainda, "cousas arrogantes". Não são apenas pomposos blasonadores, mas também **reduzem a pedaços**, isto é, esmagam e assaltam aquele remanescente de almas devotas que formam o povo e a herança do Senhor (5). As ofensas contra seus semelhantes (cfr. #Êx 22.21-22) e contra JÁ, o Deus de seus pais (que derrotou até mesmo um opressor como Faraó), são pecados de assassinio e orgulho que violam os princípios essenciais de lei (#Dt 6.5; #Mt 22.37 e segs.; #Lc 10.27). Quanto à ilusão comum que **O Senhor não o verá** (7), ou não se incomodará, cfr. #Sl 10.11; #Jó 22.13 e segs.; #Ez 8.12; #Is 29.15; #Sl 139.11-12; #Lc 8.17; #Lc 12.2.

>Sl-94.8

2. PRINCÍPIOS (8-11). A falta de discernimento (7) não é da parte de Deus, mas deles (cfr. #Jo 9.39 e segs.). Tal obtusidade é característica de homens que vivem no terreno das experiências animais (**brutais**; ver #Sl 92.6 e cfr. #Sl 73.22). Três princípios são declarados:

i. O Criador deve ser maior que Suas criaturas (9); isto é, Aquele que fez portas de acesso para a mente humana deve ter o poder e o direito de entrar. Cfr. a divina manifestação pelo ouvido (#Êx 3.14) e pela vista (#Jo 9.25).

ii. O governante moral dos grandes movimentos históricos deve exercer Sua santa autoridade sobre todo homem (10), isto é, se as nações ordinárias são treinadas e instruídas quanto ao certo e ao errado (cfr. #Rm 1.18 e segs.) e são consideradas responsáveis por suas iniquidades (#Rm 1.32), quanto mais Ele, mestre do conhecimento da justiça, não será justo em Suas repreensões?

iii. O Senhor conhece perfeitamente o número e a natureza dos pensamentos humanos (cfr. #Sl 139.1-4; #Jo 2.24-25; #1Co 3.20) porque o homem é inteiramente vaidoso (lit. "um hálito"; ver #Sl 39.6).

>Sl-94.12

3. CRENÇAS (12-15). Depois do aspecto histórico e filosófico, vem o aspecto religioso. Este é um desenvolvimento do pensamento central do parágrafo anterior (ver vers. 10). Bem-aventurado o homem a quem Deus ensina, impondo sobre ele a disciplina (cfr. #Sl 119.71; #Hb 12.5-9) e instruindo-o na lei (heb. **torah**) do Senhor, isto é na natureza e significação da divina auto-revelação (12). A tal homem é proporcionada paz de mente e de coração. Acha-se em paz internamente mesmo em ocasiões adversas, que continuarão existindo do até o pleno e final julgamento dos iníquos ser efetuado (13). Essa ação final é inevitável, e igualmente certa é a fidelidade do Senhor para com Seu povo escolhido (14). O julgamento tornar-se-á justo (contrastar com vers. 5-6) e o justo seguirá o caminho da piedade sem qualquer impedimento (15).

>Sl-94.16

c) Quem me defenderá contra o mal? (16-19)

A crença na vindicação final da ordem moral provê uma fraca defesa contra a injustiça imediata e sem escrúpulos. A interrogação do vers. 16 é a resposta natural do homem piedoso que é oprimido. A resposta implicada é "O Senhor é meu defensor", e isso é afirmado detalhadamente nos três versículos seguintes, que correspondem aos três aspectos previamente esboçados. A ameaça física de ser levado a uma morte injusta, o silêncio da sepultura (ver vers. 5-6), foram evitados exclusivamente pela providência do Senhor (17). O perigo psicológico de sair da vereda da confiança sóbria em Deus, por causa das dificuldades do prosseguir (cfr. vers. 8 com **Quando eu disse**, isto é, a mim mesmo) tem sido impedido somente pela misericórdia eficaz e sustentadora do Senhor (18; cfr. #Sl 145.14; #Jd 24). O perigo espiritual de descair para intensa solidão de incredulidade nunca se desenvolveu porque, sempre que os

cuidados (pensamentos ansiosos) surgiam no íntimo de sua alma, as **consolações** do Senhor traziam-lhe verdadeira paz de espírito (19; cfr. vers. 14; #SI 27.5).

>SI-94.20

d) Mas, devem os perversos reivindicar Deus como seu aliado? (20-23)

O testemunho satisfatório da alma piedosa, no tocante ao fato que o Senhor o sustenta plenamente em períodos de adversidade e opressão, não tocou na situação externa que é a raiz do problema em sua inteireza. Qual, pois, a relação de Deus para com os ímpios? Haverá alguma verdade divina por detrás do fato que os ímpios acham-se em lugares de autoridade (**trono**, isto é, "tribunal de juízo") e administração? **Forja o mal tendo por pretexto uma lei** (20); isto é, usa de estatutos legais para fazer com que o erro pareça correto. Como é que os justos devem considerar o fenômeno de homens perversos a ocupar, por longos períodos, posições de poder criados por Deus para o necessário governo da sociedade? Contrastar com o vers. 2.

O salmista não oferece solução quanto a isso, mas simplesmente reitera os três principais aspectos da questão. (Ver seção **b**, acima). Primeiramente, ele declara a existência ou fato da injustiça (21), como nos vers. 4-7. Em segundo lugar, ele testifica a respeito do cuidado e da proteção de Deus em seu próprio caso (22), substituindo os princípios abstratos dos vers. 8-11 por experiências pessoais. Em terceiro lugar, ele afirma sua crença no poder e na justiça de Deus, bem como na retribuição final aos perversos, como nos vers. 12-15. **Condenam o sangue inocente** (21), significa, sentenciam à morte homens livres de qualquer culpa.

SI-95.1

INTRODUÇÃO GERAL AOS SALMOS 95 A 100

Estes seis Salmos litúrgicos possuem um tema comum-a alegre adoração a Jeová como o supremo governante de Sua criação, e também como o Deus da aliança com Israel. Embora escritos separadamente, foram reunidos num elaborado trabalho coral centralizado no fato que "o Senhor reina". A estrutura básica é a usual alternância hebraica de temas paralelos e é quase certo que cada um desses Salmos era entoado como uma antífona. Grupos similares de

salmos, arranjados para serviços corais de louvor, ocorrem em 113 a 118 e 146 a 150. Em todo este grupo há evidência de consideráveis empréstimos de frases tiradas de outros salmos, bem como das porções finais do livro de Isaías. Porém, os seis poemas foram habilidosamente combinados, formando uma impressionante seqüência que é particularmente rica e extensa em pensamento.

A antífona começa (95) com uma expressão da adoração de Israel, em que é demonstrado que o conhecimento de Deus é inseparável da estampa de Sua ação sobre eles, no mar Vermelho e no deserto. Um ponto de vista mais lato se desenvolve no #SI 96; Israel não é nomeado e a conclamação para a adoração é dirigida a todas as nações e criaturas. A aliança de Israel, no #SI 95, "Porque ele é o nosso Deus, e nós povo do seu pasto", é substituída pelos elementos gerais e naturais pelos quais Deus é conhecido como criador dos céus e fonte de toda justiça e verdade.

Esses dois aspectos da deidade são ampliados no #SI 97, onde Deus é descrito primeiramente como o Supremo perante Quem a criação está à beira da dissolução, e então como o Fiel cuja bondade e santidade estão continuamente sendo desvendadas a todos os povos por meio de Sião. Esse grande privilégio concedido a Israel evoca um jubiloso cântico de louvor (#SI 98), não tanto por causa do monopólio judaico, mas por causa da maravilha que a revelação divina da salvação deve ser feita conhecida até os confins da terra.

Não obstante, embora toda a criação esteja na obrigação de louvar ao Senhor, Ele escolheu Sião como o centro e o foco de Sua auto-revelação. Conseqüentemente, o #SI 99 é o mais particular de todo o grupo -os querubins no santuário de Sião, o propósito divino na história de Jacó, a resposta pessoal de Deus a líderes tais como Moisés, Arão e Samuel, e Sua paciente misericórdia em Suas relações com uma nação indócil. Finalmente, no #SI 100, o apelo a favor da adoração universal do Senhor é fundido, tanto com a posição de Israel na qualidade de Seu povo peculiar, como com a permanente qualidade da misericórdia e da bondade do Senhor.

Observe-se o entrelaçamento de muitas antíteses por toda a antífona. Por exemplo, a vida humana e a vida terrena (esta última agrupada em ovelhas e pastagens, colheitas e bosques, mar e terra, trevas e luz); passado e futuro; Israel e outras nações; as alianças do Sinai (Moisés) e de Sião (Davi); Deus que é supremamente exaltado nos céus, e contudo habita entre os querubins do templo; a severidade e igualmente a bondade do Senhor para com Israel, no

deserto; a condenação divina contra todos os homens iníquos, mas também a aceitação final dos gentios.

SALMO 95. LOUVAI O PODER E A PACIÊNCIA DO CRIADOR

Ver introdução Geral aos Salmos 95 a 100. Trata-se de uma descrição litúrgica da aproximação de um grupo de adoradores que se dirigia ao templo. Note-se como a voz de um sacerdote ou profeta irrompe no fim do vers. 7. Quanto ao Senhor na qualidade de a rocha (1), ver #Sl 89.26; #Sl 71.3; #Sl 62.2; #Sl 18.1-2. Apresentemo-nos ante a sua face com louvores (2); cfr. #Hb 13.15. A referência a outros deuses (3) deve ser interpretada à luz de #Sl 96.5 (cfr. #Êx 18.11). Cfr. #Sl 139.7-8 com "Nas suas mãos estão as profundezas... e as alturas".

>Sl-95.6

Adoremos e prostremo-nos (6), isto é, para demonstrar nossa total fidelidade. Que nos criou (6); cfr. #Dt 32.6,15. Esta segunda conclamação (cfr. vers. 1) infunde a alegria inicial com reverência e humildade. Pasto... ovelhas (7); cfr. #Sl 74.1; #Sl 79.13; #Sl 80.1 (ver anotações a respeito). Se hoje ouvirdes a sua voz (7), ou melhor, "Oxalá ouvísseis a sua voz", é um parêntese. A voz diz: Hoje... não endureçais os vossos corações (7-8). A adoração e a advertência seguem paralelas na história de Israel; cfr. #Hb 3.7-4.11. O vers. 8 fica mais bem traduzido: "como em Meribá, como no dia de Massá". A raiz do nome do primeiro lugar significa contenda, e a raiz do nome do segundo lugar significa "testar" ou "provar" (ver #Êx 17.1-7). Viram a minha obra (9); isto é, no livramento dos israelitas do Egito, ou geralmente, como em #Sl 64.9; #Sl 92.4. Jurei na minha ira (11). Ver #Nm 14.21-23; há uma outra declaração sobre a indignação do Senhor, em #Dt 1.34-39. Meu repouso (11); ver #Dt 12.9 e #Hb 4. O encerramento abrupto deste Salmo acentua o contínuo desafio apresentado pela ação de Deus em nossas experiências passadas.

Sl-96.1

SALMO 96. REGOZIJA-TE, Ó TERRA, POIS TEU REI VEM

Ver introdução Geral aos Salmos 95 a 100. A citação inicial é tirada de #Is 42.10; todo este Salmo é virtualmente reproduzido na antífona de Davi composta para a instalação da arca em Sião (ver #1Cr 16.23-33). Seu nome

(2); isto é, Sua auto-revelação em Seus grandes atos, especialmente para com Israel.

>SI-96.4

O segundo movimento começa no vers. 4, com uma citação de #SI 48.1. A irrealidade dos outros "deuses" é um tema freqüente em Isaías. Ver, por exemplo, #Is 2.8,18,20; #Is 40.19; #Is 41.21-24; #Is 44.12. Por outro lado, a glória e o poder de Jeová são freqüentemente considerados como evidentes nos céus. Ver, por exemplo, #SI 19.1-6; #SI 33.6; #SI 104.1-3; cfr. #Rm 1.18-20; #1Co 8.4. Os atributos de Deus são representados, no vers. 6, como Seus ornamentos (cfr. #SI 93.1; #SI 104.1); Sua força e formosura estavam simbolizadas na arca do concerto (cfr. #SI 78.61).

>SI-96.7

O terceiro movimento (vers. 7-9) começa com uma citação composta do #SI 22.27 e #SI 29.1-2. Note-se a ordem do culto: homenagem, louvor, oferta, oração. O convite a todas as nações, para que entrassem nos átrios do Senhor, nunca foi posto em prática; porém, ver #Is 60. Na beleza da santidade (9); isto é, em santas vestes. cfr. #SI 29.2.

>SI-96.10

O quarto movimento (vers. 10) repete o tema de #SI 93.1. Os homens precisam dar-se contas que o Senhor é rei e que somente nEle o mundo pode ficar estabilizado. Esse grito de aclamação ao fato que o Senhor se tornou rei, ecoa contra o pano de fundo que fala de Sua criação do mundo, tirando-o do caos. Cfr. #SI 9.8; #SI 22.27-28.

As duas estrofes finais deste Salmo parecem ser antecipações messiânicas. O efeito de Sua vinda será visto no terreno da criação (11-12; cfr. #Is 44.23 e segs.; #SI 55.12; também #SI 24.1), e também no estabelecimento de Seu reino justo (cfr. #Is 11.1-9). O tempo verbal presente, dessas palavras de fé, é paralelo a tais declarações dos evangelhos como as que aparecem em #Lc 17.21; #Jo 12.31.

SI-97.1

SALMO 97. ENVERGONHADOS FIQUEM OS QUE NÃO SERVEM A DEUS

Ver introdução Geral aos Salmos 95 a 100. Este majestoso Salmo expande o conceito de Deus como Rei universal, conceito esse já expresso em #Sl 96.4,10. É um mosaico de frases tiradas de outros salmos prefaciados (como é o #Sl 99) com o exultante grito da entronização do Senhor. Há duas partes.

A primeira porção (vers. 1-6) trata, imaginativamente, do tremendo abalo, no terreno natural, conseqüente da vinda ou manifestação de Deus. (Ver #Sl 96.13; #Sl 18.7-15; ver também #Jz 5.5; #Sl 46.6; #Sl 50.3-4; #Sl 77.18; #Sl 89.14; #Is 66.18; #Mq 1.3-5; #2Pe 3.10-12; e cfr. #Rm 8.19-23).

>Sl-97.7

A segunda metade (vers. 7-12) fala dos resultados espirituais de Seu advento. O paganismo é revelado como algo totalmente vão (cfr. #Is 44.6-20; #Is 45.16; #Is 46.1), enquanto que Sião e suas aldeias (filhos de Judá) se enchem de regozijo (um eco de #Êx 15; ver também #Sl 30.4; #Sl 32.11; #Sl 83.18). A luz semeia-se para o justo (11); isto é, a origem da glória e do conhecimento futuros é implantada na alma piedosa, e mais tarde jorrará mais plenamente (cfr. #Sl 126.6; #Pv 4.18; #2Co 4.6,16 e segs.).

Sl-98.1

SALMO 98. O MUNDO INTEIRO INVOCA A DEUS, O REI

Ver introdução Geral aos Salmos 95 a 100. Este Salmo tem início e fim com a mesma frase, como o #Sl 96, e demonstra considerável semelhança com aquele de princípio a fim. Em sua descrição sobre o livramento de Israel, do domínio de outras nações, e sobre a jubilação de uma criação aperfeiçoada, o salmista está realmente preocupado com a inter-relação entre Deus e o mundo. Um cântico novo (1) é necessário porque o senso da imediata presença de Deus esvaziou todas as expressões anteriores de louvor. Sua salvação (2). Quanto ao meio, ver #Sl 44.3; quanto ao efeito cfr. #Is 52.10. Sua maneira tem sido criar a ordem em meio à confusão, livrando Israel do Egito, e renovando aquelas bênçãos a Israel que foram prometidas antigamente aos patriarcas. A ação inteira da salvação é o resultado de Seu atributo de justiça. A experiência especial de Israel foi simplesmente a precursora de uma salvação de âmbito mundial (3). Daí o apelo, a todos os habitantes da terra, para que irrompam em

cânticos de alegria (4; cfr. [#Is 52.9](#)) e para que empreguem todas as modalidades de música para realçar esse louvor. Mas a salvação e o louvor não são limitados à humanidade. Espera-se que toda a criação se ajunte à humanidade, incluindo o próprio mar, até ali símbolo da rebeldia (cfr. [#Sl 93.3-4](#)), que é ouvido na mais retumbante aclamação (cfr. [#Rm 8.19-21](#)).

Sl-99.1

SALMO 99. CÂNTICO DO PRIVILÉGIO SACERDOTAL DE ISRAEL

Ver [introdução Geral aos Salmos 95 a 100](#). O alegre clamor da nação, por ocasião da entronização de seu Rei, forma a frase inicial deste Salmo, tal como do [#Sl 97](#). Também se encerra com um pensamento semelhante concernente à santidade do Senhor. O corpo do poema, entretanto, segue o tema de [#Sl 95](#). A repetição do vers. 5 no vers. 9, divide este Salmo claramente em duas partes.

Na primeira parte há duas linhas de pensamento. Primeira, o salmista considera a transcendental majestade do Senhor que, não obstante, se centraliza no templo em Sião, [entre os querubins](#) (1). cfr. o paradoxo de [#Sl 95.2,4](#), "apresentemo-nos àquele que é acima de todos e abaixo de todos". Segunda, a divina ordenação do sistema da lei, em Israel, é lembrada. Cfr. o reconhecimento, em [#Sl 95.6](#), do fato que Deus é o fundador ou "criador" de Israel (ver [#Dt 32.6,15](#)). [Escabelo de seus pés](#) (5); pode ter diversas significações, como, por exemplo, o santuário ([#Sl 132.7](#)), a arca do concerto ([#1Cr 28.12](#)), a cidade de Sião ([#Lm 2.1](#)), ou a terra inteira ([#Is 66.1](#)).

>Sl-99.6

A segunda parte (vers. 6-9) também conta com dois tópicos. O salmista pensa primeiro na liderança de Moisés, Arão e Samuel, caracterizada pela oração, e então ora pedindo uma exibição do poder e da fidelidade divinos semelhantes aos dados àqueles homens (cfr. [#1Sm 12.18-23](#); [#Jr 15.1](#)). A coluna de nuvem, e a alusão aos estatutos divinos, são reminiscências do Sinai. Seu objetivo parece ser o de atrair atenção ao caráter do sacerdócio, ao ser inaugurado. Em segundo lugar, o salmista considera o gracioso perdão do Senhor. A referência à Sua vingança, ou castigo, é um eco de [#Sl 95.10-11](#) (note-se [#Sl 78.38,58](#)) e, em vista da ênfase sobre o sacerdócio, neste Salmo, a alusão talvez seja ao julgamento de Coré ([#Nm 16](#)). O sentimento é o de [#Ml 2.1-9](#). A variação no

estribilho (9 e 5) salienta a harmonia entre Jeová e Israel; **Senhor nosso Deus** é uma dupla afirmação.

Sl-100.1

SALMO 100. LOUVOR PELA PERMANENTE FIDELIDADE DE DEUS

Ver introdução Geral aos Salmos 95 a 100. Este é o mais curto dos salmos do grupo, mas é o de visão mais ampla. Excetuando o espírito de regozijo no culto e adoração de Deus, os temas essenciais são: a soberania e a unidade de Deus (cfr. #Dt 6.4; #1Rs 18.39); o reconhecimento que Ele tanto nos criou e nos fez o que somos como também nos escolheu como Seu rebanho (cfr. #Is 43.1; #Ef 2.10; #1Pe 2.25); o perpétuo privilégio de oferecer ações de graças a Deus, devido a Sua bondade essencial e Sua eterna fidelidade.

Sl-101.1

SALMO 101. O IDEAL DAVIDICO

Este Salmo de Davi apresenta os princípios sobre os quais ele tencionava agir durante seu reinado em Sião, **cidade do Senhor** (8). A pureza de coração de sua própria parte (cfr. #Sl 17.1-5; #Sl 26) não era bastante. Ele viu quão desejável era uma casa que fosse perfeita, uma corte na qual não havia nada de perverso, e um povo no qual fossem totalmente destruídos a inveja, o orgulho, a ilusão e a falsidade. Esse ideal de um santo rei e de uma perfeita nação pertence claramente à parte inicial do reinado de Davi, quando suas experiências nas cortes de Saul e de Aquis, bem como seus muitos perigos, provocados por homens maus e práticas corruptas, ainda eram um dos principais fatores na composição de sua formação. A característica mais notável deste Salmo é o desejo do rei de que houvesse unanimidade de coração entre seus companheiros. Deles o rei não esperava menos que seus próprios padrões de conduta e de valores, um ideal que se torna praticável somente sob o governo do Filho de Davi, o Senhor (cfr. #Mt 5.3; #Rm 12; #Rm 13; #1Jo 2.6; #1Jo 3.3).

Há diversas interpretações quanto à frase, **Quando virás a mim?** (2). Pode ser um eco de #2Sm 6.9, no qual caso este Salmo talvez expresse a convicção de Davi, em vista da morte de Uzá, de que a cidade de Jerusalém precisava ser totalmente purificada de qualquer perversidade antes que a arca pudesse ser

transportada para ali. Por outro lado, Jerusalém dificilmente poderia ser descrita como **cidade do Senhor** (8) se a arca visível e a presença invisível ainda não se encontrassem ali. Nesse caso, o novo impulso sobre a formação de uma comunidade de pessoas cujos corações perfeitos naturalmente seguiria a revelação, por meio de Natã, da aliança do Senhor com Davi. Esta frase, pois, pode expressar seu anseio para que isso se cumprisse. Ver **#2Sm 7**. Uma reação semelhante, a um ato divino de graciosa revelação, é vista em **#1Pe 4.17** e **#Cl 3.1** e segs.

Os dois temas deste Salmo são abordados consecutivamente.

a) Uma resolução pessoal em relação à santidade de vida (1-4)

A vida particular do salmista deve ser caracterizada por uma inflexível estima pelo caráter do governo de Deus (**a misericórdia e o juízo**). Ele desejava governar de modo semelhante, mas percebia a necessidade da presença divina e do poder de Deus para que estivesse capaz de assim fazer. **Cousa má**. (3). Lit., "coisa de Belial". Em sua vida em família ele escolheria a integridade, e não a tolerância, e a retidão em lugar de alvos baixos ou indignos. As coisas erradas ou infiéis ele aborreceria e somente propósitos retos e verdadeiros ele conservaria em seu coração. O homem mau não poderia afirmar que o conhecia (4; cfr. **#Fp 4.8**).

>SI-101.5

b) Uma resolução pessoal em relação à santidade da sociedade (5-8)

A vida da corte do rei deveria ser purgada da difamação e da arrogância (5). Ele tencionava estar alerta em busca de homens piedosos aos quais pudesse nomear como seus companheiros. Ele buscaria ministros e oficiais que andassem no caminho da integridade (ou perfeição) como ele mesmo (2,6). Homens enganosos (como Doegue, **#1Sm 22.22**) não teriam acesso aos negócios do rei, e quem quer que fosse encontrado culpado de falsidade seria demitido. Dia a dia (8) o rei se assentaria para administrar justiça (cfr. **#Jr 21.12**; **#2Sm 15.2** e segs.) para que gradualmente a cidade fosse refletindo a justiça do Senhor, que escolhera habitar ali.

SI-102.1

SALMO 102. UMA ORAÇÃO DO AFLITO

O título afixado a este Salmo é peculiar devido ao fato que não fala em instrução musical, nem dá indicação sobre o autor, mas descreve apenas o caráter do poema e sua aplicabilidade a qualquer sofredor que deseje orar. Devido à alusão à poeira de Sião e aos soluços dos prisioneiros, este Salmo pode ser atribuído, com considerável confiança, aos anos finais do exílio. O escritor escreve não apenas de sua própria experiência angustiosa, mas também como participante e representante das tristezas de seu povo. Divide-se em três partes.

a) Um grito de sofrimento e desespero (1-11)

Os dois primeiros versículos formam um mosaico de frases tiradas de outros salmos, como, por exemplo, [#SI 39.12](#); [#SI 18.6](#); [#SI 27.9](#); [#SI 59.16](#); [#SI 31.2](#); [#SI 69.17](#). Após essa invocação, que expressa o senso de isolamento de Deus pelo salmista (cfr. vers. 10), ele prossegue para descrever sua vida breve e angustiosa (3-5). Seus dias se passavam e transformavam em fumaça por causa da febre espiritual que queimava sobre o coração de sua existência física. Seu coração havia perdido sua candura e vigor, pelo que se parecia com erva ressequida pelo sol e incapaz de absorver nutrição. Em consequência dessa ansiedade seu corpo estava a consumir-se, e não passava de pele e ossos (cfr. [#SI 6.2-3](#); [#SI 22.14-15](#); [#SI 32.3-4](#); [#SI 38.6-10](#); [#Jó 19.20](#)).

>SI-102.6

O terceiro aspecto dessa sua miséria é o isolamento em que se achava de seus amigos (6-7). Ele não estava apenas desanimado como o pelicano e melancólico como a coruja, pois tais pássaros estão acostumados a cenas de isolamento e ruína. Mas, em sua insônia ([eu velo](#)), ele se assemelhava também ao sociável pardal que tem consciência de sua timidez, insignificância e fraqueza, enquanto saltita em solidão sobre um telhado (cfr. [#Is 38.14](#)).

>SI-102.8

O quarto aspecto dessa miséria (8-11) é um reflexo do segundo (3-5). Em lugar de preocupações internas havia insultos ("me afrontam") e veementes maldições (8). Seus gemidos eram acompanhados por choro (cfr. [#SI 80.5](#)) e o fogo metafórico em seus ossos (3) tinha provido um constante gosto de cinzas em sua boca (9). Os dias de sua vida, tão privados da qualidade permanente da

bondade como a fumaça o é de substância (3), se prolongavam como sombras do pôr-do-sol que prenunciam a melancolia de uma longa noite (11). Faltava-lhe alegria e se enrugava como a erva sob sol escaldante (11 e 4). A notável adição, na quarta fase de pensamento, se encontra no vers. 10, que é uma antítese dos vers. 1 e 2. A tribulação do salmista é interpretada como uma evidência da ira divina contra si. Realmente, a experiência da nação, no exílio, sugeria que Deus, que tinha cuidado deles (cfr. [#Is 38.12](#)) nos séculos passados, como que para guardá-los e protegê-los, fizera isso simplesmente para lançá-los fora, tal como uma tempestade primeiramente levantaria uma tenda e a deixaria esfarrapada num lugar inútil (cfr. [#Jó 27.21](#); [#Jó 30.22](#); alternativamente, ver [#Is 22.17-18](#)).

>SI-102.12

b) O Senhor imutável e compassivo (12-22)

O contraste entre a natureza e as vicissitudes do homem e a natureza e imutabilidade de Deus, é introduzido com um enfático **Mas tu** (12; cfr. [#SI 59.8](#)). Esta parte do Salmo se divide em três estrofes, cada uma das quais tem Sião como seu pensamento central.

1. O TEMPO DE RESTAURAR SIÃO É CHEGADO (12-14). A perpétua permanência do Senhor se reflete em Seu permanente memorial entre os homens (cfr. [#Êx 3.15](#)). Por causa disso Ele eventualmente virá cheio de misericórdia a Sião, e não poderia haver ocasião mais necessitada de Sua misericórdia do que agora. Certamente que o tempo da restauração, predita pelos profetas (exemplo, [#Jr 25.11-12](#); [#Jr 29.10](#); [#Is 40.2](#)) tinha chegado, porque os exilados não lamentavam tanto por causa de si mesmos mas por causa das ruínas de Jerusalém.

>SI-102.15

2. O EFEITO DA RESTAURAÇÃO SOBRE A HUMANIDADE (15-18). Quando o tempo estiver cumprido para o santo lugar ser restaurado, então todos os homens reverenciarão a glória do Senhor porque isso seria revelado na recriação de Sião. Isso incluirá Sua fidelidade e compaixão para com as orações dos destituídos e será recordado e lembrado nas gerações futuras do recriado povo de Sião.

>SI-102.19

3. A NATUREZA DIVINA DA LIBERTAÇÃO (19-22). Seu cativeiro, no exílio, é comparado à sua anterior escravidão no Egito (cfr. #Êx 3.7; #Sl 79.11; ver também #Sl 14.2; #Sl 33.13), e um livramento semelhante, da destruição completa, e prevista, a fim de que os homens em geral possam anunciar o nome do Senhor em Jerusalém. Isso iniciará um ajuntamento de todas as nações no serviço ao Senhor (cfr. #Sl 22.27; #Sl 68.32; #Is 2.1-4 que cita #Mq 4.1-3; #Sl 60.3-4).

>Sl-102.23

c) A fraqueza do homem e o poder de Deus contrastados (23-28)

Os temas principais das partes a e b, isto é, a vida humana, breve e angustiada, e a glória divina, estável e compassiva, são entrelaçados na oração final, na qual o pensamento dominante é sobre a natureza de Deus, inalterável e fora do tempo. Depois de referir-se à fraqueza que tinha abreviado os dias de sua vida, e que o tinha impedido de atingir o término esperado de sua jornada (23), o salmista roga simpatia da parte de um que não conhece tais experiências, "cujos anos alcançam todas as gerações" (24).

O inescapável ser de Deus é relacionado à origem, extensão e decadência do universo visível da terra e do céu (cfr. #Cl 1.16). Esse panorama, desde o princípio até o fim da ordem física, deixa em esplêndida proeminência o imutável Senhor. O tempo faz decair tudo mais; o universo inteiro envelhecerá, como um vestuário, e será mudado por Aquele que é eternamente o mesmo. **Tu és o mesmo** (27); lit., "Tu és Ele", isto é, Alguém que é eternamente Si mesmo; cfr. #Is 41.4; #Is 43.10. Não é certo se o vers. 26 vai além desse pensamento de "desaparecimento" (cfr. #Is 11.6; #1Jo 2.17); porém, o conceito de substituição ou alteração não pode ser excluído (cfr. #Is 65.17; #Is 66.22). Mas, mesmo a probabilidade de uma completa reconstituição das coisas, uma ordem de criação inteiramente diferente, não significaria uma mudança em Deus. Cfr. #Rm 8.19-24; #2Co 5.1,17; e observe-se que #Hb 1.10-12 cita esses versículos finais deste Salmo como referindo-se a Cristo. O versículo final é uma antecipação, baseada na natureza divina, de que os filhos dos exilados retornariam à sua terra natural para habitarem em segurança (cfr. #Sl 69.35).

Sl-103.1

SALMO 103. EM LOUVOR AO DEUS DE TODA GRAÇA

Este e o Salmo seguinte formam um duplo hino de louvor. Cada um deles começa e termina com a frase **Bendize, ó minha alma, ao Senhor**, e juntos cobrem as bases que deram origem a essa irrestrita adoração ao Senhor. Visto que o poema mais longo e mais descritivo trata do terreno físico objetivo, é colocado em segundo lugar, depois daquele que trata do terreno pessoal subjetivo. Compare-se o arranjo similar desses temas básicos em **#SI 65**, e contrastar com **#SI 19**; **#SI 33**; ver também anotações sobre o **#SI 147**.

Este Salmo é uma expressão de louvor evocada primeiramente pela própria experiência do salmista (note-se os pronomes pessoais no singular, em vers. 1-5). Mas isso é tremendamente fortalecido pelas evidências da admirável compaixão e misericórdia do Senhor para com os homens em geral: Seu perdão recreativo e sua solicitude sem limites por criaturas tão insignificantes como os homens deve levar a uma adoração de caráter universal. Este hino se divide em três partes.

a) A natureza e a evidência da graça infinita (1-10)

Depois de conclamar todos os recursos de seu ser para louvar ao nome do Senhor (cfr. **#SI 33.20-21**), o salmista começa a descrever os **benefícios** do Senhor (2). Tais benefícios são descritos como o perdão dos pecados e a cura das enfermidades físicas, especialmente aquelas causadas pela ansiedade, remorso, temor, etc. (3); o livramento da morte prematura, a suprema experiência de Seu amor e terno cuidado (4), a plena satisfação que se deriva de todas as coisas boas que levam a um vigor renovado, como o de uma águia (5; cfr. **#Is 40.31**). **Quem enche a tua boca** (5). A interpretação deste versículo é incerta.

A mesma bondade divina era evidente na história de Israel; e particularmente na libertação da escravidão egípcia e na provisão de alimento, água, saúde, orientação e poder, no deserto. Mais precisamente, Ele **fez notórios os seus caminhos a Moisés** (7; cfr. **#Êx 33.13**). O vers. 8 é uma citação de **#Êx 34.6** (cfr. **#SI 86.15**). **Repreenderá** (9); isto é, "contenderá", como num tribunal de justiça (cfr. **#Is 57.16**). Se Ele tivesse de tratar com os homens estritamente de conformidade com seus pecados, não poderíamos conhecê-Lo verdadeiramente, isto é, em Sua misericórdia (cfr. **#Ed 9.13**).

b) O grau e a qualidade da misericórdia de Deus (11-18)

A vasta diferença entre o céu e a terra é freqüentemente usada para ilustrar a divina qualidade da misericórdia (cfr. #Sl 57.10; #Sl 36.5). Sua compaixão para com os homens é como a de um pai para com seus filhos (13; cfr. #Mq 7.18; #Sl 78.38); Ele sabe como somos formados (*nossa estrutura*) do pó (14). O homem mortal é como um tufo de erva (cfr. #Sl 37.2,20; #Sl 90.5-6; #Is 40.6-8) ou como uma frágil flor (cfr. #Jó 14.2); nem bem amadurece e já começa a murchar, e não pode ser renovada. A misericórdia do Senhor é inteiramente diferente; é fora do tempo, sempre nova, e sempre se estende àqueles que observam Suas palavras e obedecem a Seus mandamentos.

>Sl-103.19

c) Um apelo ao louvor universal (19-22)

O Senhor não é apenas bom, fiel, compassivo e imutável, mas também é Rei do universo. Ele é digno da adoração de todas as criaturas, pois todas são súditos Seus. O apelo para que O louvem é dirigido às ordens superiores de anjos (cfr. #Sl 148.2), que são "magníficos em poder" (20; cfr. #Sl 29.1; #Jl 3.11) e estão sempre atentos ao cumprimento de cada palavra Sua; a *todos os seus exércitos* (21), que significa a multidão de anjos (cfr. #1Rs 22.19; #Sl 24.10; #Dn 7.10), ou, talvez, estrelas e ventos, isto é, as forças da natureza (cfr. #Sl 104.4; #Sl 148.3); a *todas as suas obras* (22), isto é, todas as criaturas, homens e coisas de todos os lugares (cfr. #Sl 148.6-12). Finalmente, *Bendize, ó minha alma, ao Senhor*. Em meio aos louvores da criação, que minha voz também entoe Seu louvor!

Sl-104.1

SALMO 104. LOUVOR AO DEUS DE TODA A CRIAÇÃO

Esta é uma das notáveis descrições feitas pelas Escrituras acerca da glória do mundo natural; alinha-se juntamente com #Jó 38 e #Jó 39. Ver também #Sl 8 e #Sl 29; #Hc 3. Este Salmo pode ser considerado como um comentário poético sobre o primeiro capítulo de Gênesis. Há três partes.

a) Descrição (1-23)

Esta pesquisa no terreno exterior da vida cobre cinco aspectos, a saber, a majestade e o poder do Senhor Deus (1-4); a criação das principais características terrestres, do mar e da terra (5-9); a inauguração de compreensivo suprimento de água para a manutenção da vida (10-13); a provisão de alimento (especialmente para o homem) e dos meios necessários para a segura habitação tanto do homem como dos animais (14-18); finalmente, a instituição do ritmo diário e das estações da vida e do trabalho (19-23). Note-se o escopo do pensamento, desde a imensidade e versatilidade do Senhor (1 e segs.) até a cansativa rotina de um dia na vida de um homem (23); desde o vasto labor e propósito da criação da terra (5 e segs.) até a canção natural de um pássaro, no alto de uma árvore (12). Semelhantemente, a sede dos jumentos monteses (1) é equiparada à fome dos leõezinhos (21); a aterrorizante expansão das águas profundas que envolve uma grande parte da terra (6 e segs.) é contrastada com a quieta verdura dos prados e dos olivais (14 e segs.); as tímidas e esquivas cabras das altas colinas (18) são tão bem conhecidas como as feras da floresta, que se esgueiram furtivamente nas sombras da noite (20).

>SI-104.15

Três princípios jazem por detrás da descrição. Primeiro, temos o princípio de inteireza ou acabamento. Por exemplo, a terra é satisfeita com o fruto das obras de Deus no mesmo sentido em que as árvores que o Senhor plantou no Líbano estão plenamente desenvolvidas. O aplacamento da sede de uma criatura (11), o desfrutamento de alimento e bebida por um homem saudável (15), o senso de segurança possuído pelos coelhos entre as rochas (18), as cegonhas em suas faias (17), os leões em suas covas (21), todas essas coisas são ecos da inteireza divina, expressa no conceito do Senhor coberto de **luz como de um vestido** (2), assim como as águas profundas anteriormente cobriram a terra inteira. Este último pensamento (6-9) talvez inclua uma alusão ao dilúvio (cfr. **#2Pe 3.5** e segs.), bem como a **#Gn 1.2**. Mas, visto que a criação é freqüentemente considerada como um vestido que tanto revela o Senhor invisível como, apesar disso, oculta algo de Sua glória (cfr. **#Rm 1.20**), assim também as águas, retirando-se das montanhas, podem ser consideradas como figurativas do irreversível processo de nascimento, mediante o qual novas existências são trazidas à luz (cfr. **#Jo 3.4-9**).

Em segundo lugar, há o princípio de atividade e comissão. Por exemplo, o Senhor está continuamente a estender os céus (até que um dia eles serão

enrolados, #Sl 102.26) (2), a andar nos ventos (3; cfr. #Sl 18.10), e a enviar Seus anjos tão longe quanto os ventos e tão velozmente como um fogo abrasador (4). Ele prefere a Sua repreensão e as águas fogem (7); Ele envia fontes, pelo que correntes de água atravessam a terra (10). A erva em crescimento e as feras ágeis (14,18), a caçada noturna dos animais (20) e a ida e vinda diárias dos homens trabalhadores (23), todas essas coisas refletem esse princípio de vida, seu movimento, energia e ritmo.

O terceiro princípio é que a vida do homem está entrelaçada à vida das outras criaturas, ainda que superior a elas. Se o mar foi posto de limites, foi para seu bem estar; mas o pôr do sol e a alvorada formam o período de seu trabalho diário. Se o solo produz ervas e alimento de forma que seu coração é animado (Cfr. #Jz 19.5) e sustentado, isso só acontece, porém, por meio de seu serviço ou labor no cultivo da terra (#Gn 3.19).

>Sl-104.14

b) Meditação (24-30)

O salmista volta-se do terreno dos fenômenos naturais para a filosofia. Ele exclama inicialmente devido à multiplicidade e variedade das obras de Deus, e em seguida devido à magnitude e à riqueza da sabedoria divina que trouxe existência a essas criaturas (chamadas de tuas riquezas, no vers. 24) que habitam a terra.

O salmista está particularmente impressionado com a grandeza do mar. (Quanto a Tal é (25), ler: "Lá está", isto é, o salmista estava a contemplar o mar das montanhas da Judéia e do Líbano). Estende-se até tão longe e contém tantas coisas que se movem; nele existem incontáveis criaturas vivas, e ali também se movem navios e animais, a contribuir todos para o senso de admiração que deveríamos ter para com as obras de Deus. Leviatã (26). Talvez "golfinho" ou, possivelmente, "baleia".

Todas as criaturas dependem de Deus para seu alimento, para seu bem estar, suas experiências de angústia (29; cfr. #Sl 30.7), para a duração de suas existências (cfr. #Jó 12.9-10; #Jó 34.14-15) e para a renovação de sua espécie na geração seguinte. Todas foram criadas pelo Espírito de Deus, que continuamente renova a vida natural da terra, ano após ano.

>Sl-104.31

c) Adoração (31-35)

Finalmente, o salmista se volta para o terreno da experiência espiritual. Seu ambiente (1-23) e sua avaliação sobre a mesma (24-30) são incompletos em si mesmos. Ele não é meramente uma criatura, ou um pensador, mas alguém que pode cantar louvores ao Senhor seu Deus (33), que acha aceitável tal meditação (34). Tão maravilhosas são as Suas obras, na criação, que a expressão delas, sobre a glória de Deus, deve durar para sempre (31), especialmente em vista do fato de o próprio Deus tê-las considerado boas e satisfatórias (#Gn 1.31). Não obstante, apesar de glorioso e maravilhoso, esse terreno da criação não é divino, nem possui em si qualquer qualidade de auto-existência ou imutabilidade. Mas está em contínua e absoluta dependência da boa vontade dAquele que abomina a iniquidade. Basta Ele olhar para a terra, e esta estremece; se Ele viesse até aqui, os mais substanciais monumentos de Sua obra se desmanchariam em fumaça (cfr. #Jó 26.7-14). Portanto, que os pecadores sejam removidos, para que nada desagrade ao Senhor, que é digno de toda homenagem e adoração. As palavras **Louvai ao Senhor** ("Aleluia", em algumas versões) no original não aparecem previamente no saltério; é a palavra inicial de #SI 106; 111; 112; 113; 117; 135; 146-150.

SI-105.1

SALMO 105. LOUVOR A DEUS PELO CUMPRIMENTO DE SUA PROMESSA

Este é o segundo dos quatro grandes cânticos sobre a história de Israel (cfr. também #SI 78; #SI 106; #SI 136). Trata do concerto de Jeová com Abraão, a respeito da terra de Canaã e repassa os acontecimentos que levaram à sua ocupação pelos filhos de Jacó. A ênfase, em todo o Salmo, recai sobre a misericórdia e a fidelidade do Senhor, conforme declaradas em **todas as suas maravilhas** (2; cfr. vers. 5). Note-se a constante repetição de "ele" (por exemplo, "ele fez", "ele lembra-se", "ele confirmou", "ele chamou", etc.). Os pronomes "ele", "dele", "seu", etc., ocultos ou não, ocorrem mais de quarenta vezes nos vers. 5-45.

Essa recapitulação detalhada do "que ele fez", especialmente na libertação dos israelitas do Egito, é concluída com uma bem generalizada e breve declaração sobre a invasão e possessão da terra prometida; mas, não se deve inferir disso que o Salmo date dos primeiros anos do estabelecimento dos israelitas ali.

Trata-se, obviamente, de um Salmo paralelo ao #Sl 106, que interpreta a história israelita de outro ponto de vista, e cobre um período muito mais longo, isto é, até os primeiros anos pós-exílicos. Neste poema o salmista estava preocupado exclusivamente com o processo pelo qual Israel se desenvolveu, de uma comunidade fraca e cativa até transformar-se num povo a quem nação alguma podia resistir em poder, ou exceder em regozijo, ou equiparar-se quanto aos princípios religiosos da vida. Em outras palavras, o salmista estava apontando, aos exilados que tinham retornado da Babilônia, um precedente radiante de esperança para eles. Note-se que os primeiros quinze vers. também se encontram na antífona associada com o transporte da arca para Jerusalém (#1Cr 16.8-22).

a) A chamada para a adoração (1-4)

Invocai (1); a palavra hebraica é aqui usada, como geralmente sucede, no sentido de "proclamai publicamente" (cfr. #Êx 33.19); isto é, estabeleci entre todas as nações os atos de Deus de lembrança e livramento, com cânticos e melodias. **Cantai-lhe salmos** (2); a palavra hebraica também pode significar "fazei melodia". Nos vers. 3-4 o pensamento se desvia do testemunho para a adoração. **Gloriai-vos** (3) isto é, "ufanai-vos" (cfr. #Sl 106.5; #Fp 3.3).

>Sl-105.5

b) A aliança de Deus com os patriarcas (5-15)

Lembrai-vos (5); cfr. #Dt 32.7; #Sl 78.7,42. As **maravilhas, prodígios e juízos** (5) se referem à intervenção divina no caso das pragas, do êxodo e da calamidade sucedida no mar Vermelho. **Ele é o Senhor, nosso Deus** (7). Num sentido especial Ele era e Deus de Israel, ainda que, noutra sentido, governasse a terra inteira. A força da exortação para que se lembrassem jaz na ação de próprio Deus: **Lembra-se perpetuamente do seu concerto** (8). Isso Ele faz porque permanece fiel; Sua palavra é estabelecida sem limites (cfr. #Dt 7.9). O supremo exemplo disso é Seu concerto com Abraão (cfr. #Gn 13.15; #Gn 15.18; note-se #Ag 2.5 quanto à expressão "a palavra que concertei convosco"), cujo acordo, por juramento, também foi reafirmado a Isaque e a Israel (9; cfr. #Gn 28.13 e segs.). **Limite da vossa herança** (11). Lit., "corda", ou seja, uma linha de medir, e daí uma partilha, uma porção medida. Evidência sobre a continua lembrança da parte do Senhor é vista no fato de Sua incessante vigilância a favor dos patriarcas, enquanto se deslocavam entre o Egito e a Síria, quando eram **ainda poucos homens** (12), e não possuíam

lugar permanente. **Reis** (14); cfr. **#Gn 12.17**; **#Gn 21.25**. **Meus unguídos** (15); no sentido de "separados" (cfr. **#Is 61.1**). A unção com azeite foi um costume posteriormente estabelecido, associado com as ordenanças do tabernáculo. **Meus profetas** (15); ver **#Gn 20.7** e note-se a predição de Jacó em **#Gn 48.19**.

>SI-105.16

c) José e o estabelecimento no Egito (16-24)

Note-se que foi Deus que **chamou a fome** (16) que liderou o poder de José e a presença de Israel, no Egito. **Puseram em ferros** (18). José esteve aprisionado **até... que chegou a sua palavra** (19); isto é, ou a palavra de José à sua família (cfr. **#Gn 37.10**), ou, mais provavelmente, a palavra de Deus dita a José em seus primeiros sonhos a respeito de sua supremacia. Foi o conhecimento dessa afirmação de Deus que serviu de fator tão poderoso no período de teste e de espera de José. Quanto aos detalhes nos vers. 20-22 ver **#Gn 41**. O ter descido Jacó à **terra de Cão** (23; cfr. **#SI 78.51**) foi um ponto notável na história do povo escolhido (cfr. **#At 7.14-15**). O vers. 24 se baseia em **#Êx 1.7**, mas o salmista destaca novamente o fato que foi Deus (**ele**) Quem fez aquelas coisas sucederem.

>SI-105.25

d) Moisés e a libertação deles do Egito (25-38)

O poder supremo e o propósito do Senhor foi demonstrado não só nessas coisas (16-24), mas no fato que **Mudou o coração deles** (25; isto é, dos egípcios) para que odiassem Seu povo. Não foi algo iniciado pelo Senhor, mas ocorreu e foi permitido dentro da moldura maior de Seu desígnio para todos os homens por intermédio de Israel. O ódio dos egípcios foi a resposta natural da inveja e do ciúme em relação a um povo privilegiado. Sua maneira sutil e astuciosa de tratar os israelitas (25; ver **#Êx 1.10**) se evidenciou em seu plano de empobrecê-los mediante a servidão dos adultos e a matança de seus meninos.

Moisés e Arão apresentaram, entre os egípcios "as palavras ou fato de Seus sinais (tradução literal do vers. 27); isto é, proclamaram as exigências e advertências de Deus antes e depois de cada praga. A Septuaginta, entretanto, diz "ele" em lugar de "eles", e muitos aceitam isso (cfr. **#SI 78.43**). A seqüência das pragas, nos vers. 28-36, difere da do livro de Êxodo porque o

salmista estava principalmente preocupado em demonstrar a operação eficaz da vontade de Deus. Por conseguinte, o salmista deixa de lado as primeiras oito pragas e fala imediatamente daquela que levou os egípcios a concordarem com as reivindicações de Jeová (#Êx 10.24); note-se que as trevas foram enviadas pelo Senhor tal como José (17) e Moisés (26) tinham sido enviados. Pode ser observado que o Livro da Sabedoria descreve a praga das trevas mais vívida e extensivamente que qualquer das outras aflições (Sabedoria 17). O salmista então recapitula as pragas anteriores, mas omite a quinta e a sexta, e põe a quarta (moscas) antes da terceira (piolhos). Se houve algum propósito na escolha e seqüência que é dada aqui, provavelmente foi para mostrar o poder de Jeová a operar em todo o terreno da existência humana. Não foi tanto que a ordem da natureza havia sido pervertida, mas que a retirada da ordem divina foi demonstrada como algo caótico e ruinoso, um eco do mundo físico do horror e da podridão da impiedade. As seis pragas inseridas entre as trevas (28) e a morte (36) são agrupadas em torno de três idéias: sem Deus a vida se torna corrupta desde seus próprios limiares. Primeira, as fontes naturais da vida, água e sangue, não são eficazes por si mesmas: o Nilo, que normalmente trazia vida, produziu morte. Além disso, as formas da vida social, sugeridas pelas câmaras reais (30), se tornaram infestadas do que era repulsivo e grotesco. Em segundo lugar o estofamento mesmo da vida humana é essencialmente trivial, tal como a poeira da terra, e de duração tão curta como a vida de um inseto: a mera profusão não pode contrabalançar a inutilidade dessa vida humana (cfr. #Jó 13.28-14.2). O terreno físico salientou isso quando a saraiva abafou o zumbido dos insetos, e quando o lampejo do raio foi substituído pelos enxames de gafanhotos. Em terceiro lugar, a expressão básica da vida humana se centraliza em torno da produção de alimentos, mas a maldição original foi duplicada quando uma espada inflamada (como a do Éden) queimou as vinhas e as figueiras, e quando os gafanhotos que se arrastavam (como serpentes) roubaram o homem de sua esperada colheita. Esses aspectos da carência física serviram para introduzir o tema final da morte, no vers. 36.

A imunidade dos israelitas, no meio de todas aquelas calamidades, é subentendida em sua habilidade de deixar o Egito sem sentir fadiga. **Entre as suas tribos não houve um só enfermo** (37): isto é, "ninguém tropeçou".

>SI-105.39

e) O cuidado de Deus pelo povo (39-41)

Este é um breve resumo dos anos passados no deserto. Os três milagres (cfr. #Êx 13.21; #Êx 16.4-15; #Êx 17.6) foram obviamente escolhidos para contrabalançar os três principais grupos de pragas. A **nuvem por coberta... e o fogo...** (39) protegeram um inspirado Israel, assim como a nuvem de gafanhotos e o fogo flamejante (32-34) destruiu e desencorajou o Egito. As codornizes e o maná (40) eram meios positivos de vida, enquanto que as moscas e os piolhos (31) eram emblemas de frustração. A água a jorrar de uma rocha, a fim do formar um rio que fluía em lugar seco, era um Nilo metafórico (cfr. #1Co 10.4; #Jo 7.39).

>SI-105.42

f) A causa dessa maravilhosa obra (42-45)

O salmista conclui com um eco do espírito de adoração dos versículos iniciais, mas mistura-o com uma rica experiência. O Senhor tinha-se lembrado fielmente do Seu concerto. Ele tinha libertado Israel entre cânticos (43; cfr. #Êx 15; mas possivelmente aqui há uma alusão a #Is 51.11); Ele os tinha instalado numa terra já cultivada (cfr. #Js 24.13). Essas coisas Ele fizera exclusivamente a fim de que O servissem e observassem Sua lei (cfr. #Dt 4.40). As bênçãos passadas constituem um compromisso intransferível sobre aqueles que têm compartilhado delas (cfr. #2Co 7.1; #Tt 2.14; #Hb 4.6-11).

SI-106.1

SALMO 106. UMA SAGA DE PECADOS E SALVAÇÃO

Ver também as Anotações Introdutórias sobre o #SI 105.

Há certa semelhança com o #SI 78 no fato que este Salmo também descreve a história de Israel depois do êxodo, como uma série de alternâncias entre a bondade e o poder de Jeová e a infidelidade e a fraqueza do povo escolhido. Hinos nacionais que tratam de pecados nacionais são excepcionais, e a composição e a preservação destes dois Salmos podem ser atribuídos somente a uma esperança inesquecível e a uma fé irreprimível no Deus da aliança. Os últimos dois versículos do Salmo são repetidos no fim da antífona atribuída a Davi quando a arca foi transportada para Jerusalém (ver #1Cr 16.35-36). O vers. 48 é uma adição a esses, pois é a doxologia que marca o fim do quarto livro do saltério. Cfr. os versículos finais de #SI 41; #SI 72; #SI 89

a) Introdução (1-6)

A parte principal do poema (vers. 7-46) contém quatro movimentos principais. São de caráter histórico, mas não são manuseados em ordem estritamente cronológica; o principal alvo do salmista era retratar o processo da degeneração espiritual de uma comunidade privilegiada. Os incidentes são agrupados na seguinte seqüência: a saída do Egito (7-12); episódios nas jornadas pelo deserto (13-23); as faltas, quando por duas vezes se aproximaram de Canaã (24-31); e a corrupção que se seguiu a seu estabelecimento (32-46). Esta seção inclui um eco de obstinação anterior (32-33), bem como uma alusão à posterior instabilidade (43). As palavras introdutórias de louvor e oração expressam o ponto de vista do salmista-deliciava-se em Deus, declarava Suas obras, fazia Sua vontade, desejava Suas bênçãos, tanto para si mesmo como para a nação. A confissão de pecado, no vers. 6, sumariza e introduz a crônica sobre fracasso, que se segue.

>SI-106.7

b) A saída do Egito (7-12)

Não atentaram... foram rebeldes (7), mas a ênfase recai sobre a ação divina e não sobre o pecado dos israelitas. Embora fossem tão estúpidos e provocadores, **Não obstante, ele os salvou** (8), e isso evocou neles uma genuína resposta de confiança e louvor (12).

>SI-106.13

c) No deserto (13-23)

Cedo, porém, se esqueceram... não esperaram... mas deixaram-se levar de cobiça (13-14). Três instâncias são dadas em que os israelitas desejaram coisas que lhes dessem prazer imediato e pessoal. Esses eram sinais de uma degeneração moral tão séria que o Senhor chegou a ameaçá-los de destruição completa; Moisés, entretanto, intercedeu a favor deles (23). O desejo desesperado por carne, em Qibrote-Ataavá (14-15) foi uma crise notável em suas jornadas. Ver **#Nm 11.4-34; #SI 78.18-20,25-31**. A rebelião contra Moisés e Arã (16-18) se originou de uma reivindicação de igualdade de santidade entre todos os membros da congregação israelita. Ver **#Nm 16**. Note-se como o escritor omite Coré, talvez por motivo de respeito aos sacerdotes e salmistas coraítas. A fabricação do bezerro (19-20) foi

particularmente ofensiva para o Senhor porque foi praticada sobre Seu santo monte de Horebe (ver #Dt 9.8) e porque os israelitas atribuíram àquela imagem as maravilhosas operações do Senhor (ver #Êx 32.4). Note-se a persistência dessa heresia (#1Rs 12.28). Converteram a sua glória (20), isto é, escolheram outro Senhor (cfr. #Dt 10.21; note-se #Rm 1.23). Se Moisés... se não pusera perante ele (23). Ver #Dt 9.18 e segs.

>SI-106.24

d) Mais rebelião (24-31)

Esta terceira seção do corpo principal do Salmo liga as duas asneiras do povo, quando já podiam avistar a terra prometida. Na primeira ocasião, em Cades-Barnéia, desprezaram a terra aprazível: não creram ("não deram ouvidos") na sua palavra (24; cfr. #Nm 13.32; #Nm 14.41). Alguns anos mais tarde, estando acampados perto do Jordão, em Sitim (#Js 2.1; #Nm 25.1 e segs.), se juntaram com Baal-Peor (28) e se corromperam com sensual idolatria. Esse foi um grave desvio de suas obrigações ligadas à aliança; pois se originou não de seu inexperiente espanto (7), nem da preocupação por seu bem estar (15-20) mas de uma podridão interna, a enfermidade sempre repetida da incredulidade. Daí a praga que cessou somente devido à ação de Finéias.

>SI-106.32

e) Corrupção na terra prometida (32-46)

Estes versículos descrevem como se misturaram com as nações, e aprenderam as suas obras (35). Foi um rompimento deliberado com a aliança estabelecida com Jeová (ver #Êx 20) e levou rapidamente a horríveis práticas idólatras (36-39; cfr. #Lv 20.2-5; #1Rs 11.7; #2Rs 16.3; #Ez 16.20 e segs.; #Ez 20.23-30). Em consequência disso se acendeu a ira do Senhor (40) e o povo foi oprimido, humilhado e, eventualmente, quando muitas oportunidades de arrependimento demonstraram que eram intratáveis, Ele os fez serem exilados de Sua terras não sem a continuação de Sua compaixão (41-46; cfr. #1Rs 8.46-53).

>SI-106.47

f) Uma oração de conclusão (47)

A oração, dirigida ao **Senhor, nosso Deus**, se baseia na relação de aliança com Deus, e se origina da memória de Sua inalterável longanimidade (44-46). De alguma maneira suas quatro frases estão relacionadas aos erros anteriores. **Salva-nos** (cfr. 41-42), **congrega-nos** (cfr. vers. 35), **louvemos** (contrastar vers. 25 com 32), e **nos gloriemos no teu louvor** (cfr. vers. 12 e contrastar 23,26).

SI-107.1

LIVRO CINCO-SALMOS 107 a 150

SALMO 107. O CÂNTICO DOS REDIMIDOS

O quinto livro do saltério, que é também o último, tem início com um poema pertencente ao grupo retrospectivo ou histórico, do qual o Salmo anterior é também um excelente exemplo. Os salmos históricos mais notáveis são 78, 105, 106, 107, 135 e 136. Ver também porções de **#SI 44**, 68, 74, 77, 80, 81, 83, 89, 95-100, 114. Todos esses (com exceção de **#SI 83** e **#SI 89**) olham para o passado livramento de Israel da escravidão no Egito.

O **#SI 107** pertence ao período pós-exílico imediato. Isso é subentendido pelos vers. 2-3, especialmente em vista de que a frase **os redimidos do Senhor** parece ser uma citação de Isaías (exemplo, **#SI 62.12**). Além disso, esses versículos introdutórios estão obviamente relacionados à oração do **#SI 106.47**; isto é, que a oração foi respondida. O povo fora salvo das nações e do meio delas foi reunido; portanto, pode dar graças ao Seu santo nome.

>SI-107.4

Os vers. 4-32 consistem de uma série de quatro quadros, diferentes quanto à cena, mas semelhantes quanto ao padrão. Esta seção, portanto, pode ser dividida como segue: vers. 4-9; vers. 10-16; vers. 17-21; e vers. 22-32. Cada uma dessas estrofes começa com uma descrição de um período anterior de perigo humano, seguida, em cada caso, por um relato devocional de uma maravilhosa libertação operada pelo Senhor, que os guiou através do deserto (7), que os tirou da prisão (14), que curou as suas enfermidades (20) e os trouxe em segurança até o fim de sua viagem (30). Note-se o duplo estribilho, comum a todas as seções (vers. 6,13,19,28 e vers. 8,15,21,31), e também a maneira como termina cada estrofe, com uma apaixonada exortação para que se "louve ao Senhor".

Essas quatro composições, que incorporam a tragédia e o triunfo da vida, enquanto pintam o movimento de uma peregrinação, a estagnação de uma prisão, a doença da alma que anuncia a morte, e o mar tempestuoso que ameaça afogar tudo, têm uma qualidade elementar que é permanente. Alguns pretendem ver aqui referências às experiências dos patriarcas, às jornadas de Abraão (4; cfr. #At 7.5), à escravidão e cegueira de Isaque (10; ver #Gn 22.9; #Gn 27.1), à tristeza de Jacó (18; cfr. #Gn 37.34 e segs.), e à viagem de José e suas vicissitudes no Egito (23; cfr. #Gn 40.15; #Gn 45.7). Outros consideram que todas as quatro representações dizem respeito ao exílio. Outros discernem, nos atos do Senhor (vers. 7,14,20,29,30) uma estampa arquetípica do caminho, da luz, da palavra de vida, e da paz de Sua presença, sobre o que o quarto evangelho tem mais a dizer. A adaptabilidade desses quatro conceitos à história e ao ensino do Novo Testamento não pode ser desprezada. Realmente, o salmista escolheu quatro "figuras do verdadeiro" que reaparecem por muitas e muitas vezes, nas multiformes facetas da longa história do povo de Deus e nas experiências pessoais de Seus filhos.

>SI-107.33

A quinta estrofe (vers. 33-43) forma um capítulo à parte. Sua estrutura é bastante diferente da dos quatro quadros que acabam de ser apresentados, e seu tema não é a necessidade do homem mas soberania divina. Note-se a repetição do pronome "ele". Embora pareça haver um retorno ao cenário dos vers. 4-9, o salmista, em realidade, está tratando dos fenômenos do exílio. Contudo, ele emprega a imagem verbal do êxodo, porque esta era indelével e não podia ser ocultada.

Note-se que nesta última porção deste Salmo, a atividade de Deus é descrita nos quatro terrenos da natureza, da história, da tristeza e da surpresa. Porém, não existe reflexo preciso sobre os quatro quadros prévios, de um deserto, de uma prisão, de enfermidade, e do mar. Primeira, temos a maldição contra a terra frutífera (33-34); então temos uma restauração física (35-38). Essa é seguida por confusão e tristeza (39-40), e, finalmente, há uma restauração espiritual, ou tipicamente, como em #SI 40 e #SI 71, ou nacionalmente, como em #Is 65.9-10. Não é claro se qualquer seqüência de tempo deva ser rigidamente subentendida aqui. Parece antes que o salmista percebeu, no exílio e no retorno, uma recapitulação da história da nação, uma combinação dos motivos fundamentais nos caminhos de Deus com os homens.

O versículo final é uma apóstrofe sobre a sabedoria, semelhante à exortação mais prolongada que, no [#Sl 78](#), é colocada no princípio do poema. Isso se origina diretamente da tentativa do salmista interpretar o propósito de Deus dentro da esfera da história. Sua própria compreensão sobre [as benignidade do Senhor](#) é expressa, naturalmente, nas sentenças iniciais do Salmo.

Este Salmo é mais compreensível que o [#Sl 68](#), e enche a cena mundial do vers. 3 com as mais variadas personagens: habitantes citadinos e vagabundos, prisioneiros e marinheiros, anciãos cívicos e pastores, príncipes e exilados. Há uma outra diferença, igualmente as quatro cenas são claramente relacionadas às experiências passadas da nação, mas estas estrofes não são memórias ordinárias. Podem representar as vagueações sem alvo no deserto, o cerco de Jerusalém por Senaqueribe, o período de confusão e tremor descrito no livro de Jeremias, ou o cativo babilônico. O salmista, entretanto, destilou dessas experiências os seus elementos essenciais e os transformou em símbolos de aplicação muito mais lata. Os filhos de Israel nunca buscaram uma [cidade](#) nas vastidões áridas que ficam entre o Egito e a alvorada (o conceito de Sião, na qualidade de cidade de Deus, teve origem davídica e não mosaica; cfr. [#Hb 11.10](#); [#Hb 12.22](#)); em realidade nunca estiveram encerrados em masmorras com barras de ferro, pois sua escravidão era antes a do espírito (cfr. [#Is 42.7](#); [#Is 45.2](#); [#Jo 8.32](#)); não tinham sido afligidos no corpo como Jó, mas tinham conhecido a doença de uma sociedade corrompida (cfr. [#Am 2.4-12](#); [#2Co 4.8-18](#)). Além disso, os judeus nunca foram homens de aventuras marítimas, embora Jonas certamente tenha sido representante de um povo comissionado a proclamar a mensagem do Senhor, mas determinado a seguir seu próprio caminho, somente para ser engolfado no mar das nações (cfr. [#Sl 46](#); [#Is 17.12](#)), miraculosamente preservado no cativo e eventualmente lançado de volta na terra de seu destino, num perplexo sentimento de penitência. Significações simbólicas podem sublinhar acontecimentos reais; a verdade de Deus é maior que qualquer cor que ela possa dar às experiências individuais.

Sl-108.1

SALMO 108. ANTÍFONA DE VITÓRIA

Este Salmo foi composto de dois fragmentos mais antigos, a saber, [#Sl 57.7-11](#) e [#Sl 60.5-12](#); isso explica o título "Cântico e Salmo de Davi". Evidentemente esses fragmentos eram reunidos para uso na adoração no templo, presumivelmente depois do retorno do cativo. Ambos os salmos originais estavam associados às deprimentes experiências na vida de Davi,

mas, quem quer que tenha compilado este Salmo selecionou apenas aquelas porções que expressam esperança, confiança e fé no Senhor. Há diversas leves variações no texto, mas nenhuma de qualquer significação: a referência a Edom, nos vers. 9-10 é apropriada em vista da ajuda dos edomitas a Nabucodonosor (cfr. #Ob 8-12). Quanto a maiores detalhes, consultar as anotações sobre os salmos originais.

SI-109.1

SALMO 109. MALDIÇÃO E BÊNÇÃO

Dois salmos anteriores (#SI 35 e #SI 69) se salientam em sua declaração sobre o grande tema "dos homens justos sofredores" (cfr. também #SI 22 e #SI 40), mas o #SI 109 é mais franco que ambos. O título atribui o poema a Davi, e nada é conhecido a respeito de qualquer antagonista poderoso e injusto contra Davi, senão Saul e Doegue.

As três seções principais são um apelo à ajuda divina, por causa de um ataque inteiramente falso e injustificável contra o salmista (vers. 1-5), uma maldição extensiva invocada sobre certo homem que se vestira de maldições (vers. 6-20), e uma oração pedindo a proteção divina e o julgamento contra adversários (vers. 21-31). A discrepância de atitude, de tema e de pronomes pessoais, entre a segunda porção e o restante do Salmo, desde muito tempo tem constituído um problema (note-se #Tg 3.9-12). Tão veementes imprecações, conforme são recapituladas nesta seção, não são facilmente atribuídas a alguém que confiava no Senhor (21-31) e buscava Sua bênção acima de tudo mais (26 e 28).

Há duas maneiras de solver essa dificuldade. Em vista de clara distinção que os vers. 6-19 (que falam apenas de **ele**, **dele**, etc.), fazem com o resto do Salmo (que fala de **eles**, em oposição a **eu** e a **mim**) -pode-se concluir que esta passagem é uma citação das maldições dirigidas contra um homem de Deus, isto é, contra aquele que ora (7), e não de maldições proferidas por ele. Este ponto de vista removeria a dificuldade moral que é criada pela presença de tais palavras malévolas nos lábios de um homem justo. Além disso, isso parece estar implicado no Salmo. Os vers. 1-3 declaram que **eles abriram as bocas** cheias de engano dos homens ímpios (cfr. #1Rs 21.8-10), falaram com línguas mentirosas, e cercaram o salmista com palavras de ódio e despeito. Em poucas palavras, tal como em #SI 35, ele fora sujeitado a uma extensa campanha de perversidade e calúnia, cujo desígnio era injuriá-lo e arruiná-lo (20), e fora

zelosamente perseguido, por causa de sua debilidade (22-25; cfr. #SI 38.2-14,20; #SI 41.5-8). Não obstante, não havia motivo justo para tal ataque (3). O salmista oferecera amor e recebera o ódio; encontrara o mal em lugar do bem (5). Nem existe qualquer coisa no poema que sugira uma súbita reversão dessa justa atitude, especialmente quando, ao procurar a força e o equilíbrio que vêm por meio da oração (4), o salmista declara: **Amaldiçoem eles, mas abençoa tu** (28).

Contra essa opinião existem três objeções. Primeira, seja dito que existe uma justa indignação contra o mal (cfr. #Mt 23.13 e segs.) que é um eco da ira divina. Segunda, as palavras imprecatórias dos vers. 6-19 parcialmente são uma oração que o Senhor relembre Sua própria palavra (#Êx 20.5) e visite as iniquidades dos pais em seus filhos (14-15). Em parte, igualmente, são um apelo, tão freqüentemente ouvido no saltério, à lei universal de retribuição, isto é, o desvendamento da realidade (ver vers. 17-19 e cfr. #Gl 6.7). Tais motivos dificilmente seriam próprios de um inimigo perverso, mentiroso e malicioso do ungido do Senhor. De fato, não há diferença essencial entre os vers. 19 e 29; ambas as expectativas são ligadas à operação do Senhor, como as frases seguintes implicam. E, visto que a última é certamente uma oração de Davi, pode a primeira ser de seu inimigo?

Uma terceira objeção àquela outra interpretação é que quando Pedro, em #At 1.20, cita dos dois principais salmos imprecatórios, ele não apenas inclui os #SI 69 e #SI 109 dentre os salmos de autoria de Davi, mas atribui as duas "maldições" que ele seleciona à inspiração do Espírito Santo, e assevera que foram profeticamente proferidas "acerca de Judas" (#At 1.16). Pedro, obviamente, identifica o salmista com Jesus, e vê em Judas o inimigo que retribuiu o amor com ódio. É inevitável, por conseguinte, que ele viesse a cair em condenação, e os vers. 6-19 apontam para isso. Nem nos devemos esquecer que "é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam" (#2Ts 1.6; cfr. também #Jd 15).

a) Um apelo pedindo a ajuda de Deus (1-5)

Não te cales (1); isto é, "não faças silêncio" (cfr. #SI 28.1). **Deus do meu louvor** (1); isto é, Aquele a Quem estou acostumado a louvar. **Me cercaram com palavras** (3; cfr. #Os 11.12), isto é, sempre que se oferecia oportunidade. **Em paga do meu amor são meus adversários** (4); isto é, em retribuição à minha benevolência, me acusam (note-se os vers. 6,20,29), "mas estou sempre a orar por eles" (cfr. #SI 35.12-13).

>SI-109.6

b) Um anátema contra o adversário (6-20)

Põe acima dele... (6); isto é, permite que um homem perverso e sem escrúpulos fosse posto em posição de autoridade sobre aquele que é meu inimigo. **Satanás** (6); lit., "um adversário" (cfr. #1Sm 29.4; #2Sm 19.22), aquele que impede, contende e persegue; contrastar com vers. 31. Aqui entretanto, é referido um acusador humano; ver vers. 20,29. O salmista fora falsa e publicamente acusado (2), pelo que desejava que seu oponente fosse julgado e nesse julgamento fosse condenado. **Em pecado se lhe torne a sua oração** (7); isto é, quando o acusado pleiteasse clemência da parte de seu juiz, ou ao menos clamasse a Deus pedindo vindicação, assim também o veredito de culpa destacasse sua verdadeira natureza (cfr. #Pv 28.9; #Is 1.15). **Seu ofício** (8) era, evidentemente, importante; os vers. 16-19 sugerem uma posição de autoridade, poder e dignidade semelhante à de Jó (#Jó 29.11-17). Os efeitos da ruína daquele homem são traçados primeiramente em sua família (9-10), e então em sua prosperidade (11), sua reputação (12) e seus descendentes (13), chegando mesmo à extinção do nome de sua família (13-15). **O credor** (11); apenas aquele que exigia pagamento, mas que se aproveitava da situação para extrair tudo quanto estava envolvido na dívida. **Os estranhos** (11); isto é, estrangeiros que se apossam de resultado de seus labores. Os vers. 16-18 mostram a razão para tal severidade. Não existem orações nesta seção, mas apenas descrições. Seu pecado primário tinha sido a completa ausência de misericórdia, até mesmo para com os mais objetos e necessitados (16; cfr. #Mt 18.32 e segs.). Tal atitude fora-se tornando cada vez mais parte de sua natureza; ele amava as maldições e constantemente se revestia delas, como hábito de sua mente, e as sorvia como água e azeite, até o extremo de formarem a medula mesma de seus ossos (17-18). **Seja para ele** (19); isto é, que suas maldições não atinjam os outros, mas se apeguem a si mesmo como suas vestes e seu cinto.

>SI-109.21

c) Uma oração pedindo a proteção divina (21-31)

O anátema anterior descreve o que Deus faria aos ímpios se **eles** (2-5) colhessem aquilo que tinham semeado. Mas o salmista pleiteia a favor de seu próprio tratamento sobre uma outra base. **Mas tu, ó Deus-Senhor, sê comigo**

(21), não conforme mereço, mas **por amor do teu nome** (21). Isso era necessário porque em si mesmo não havia saúde ou fortaleza de coração; ele era como uma sombra que estava a prolongar-se rapidamente (cfr. **#Sl 102.11**); como um gafanhoto arrastado irremissivelmente pelo vento (22-23). Seu corpo se tornara débil devido à perda de apetite (cfr. **#Sl 102.4**; **#Sl 38.6** e segs.); e, quando deveria ser contemplado com piedade, é considerado não apenas com **opróbrio** ou escárnio (24-25; cfr. **#Sl 22.7**; **#Mt 27.39**). O vers. 26 introduz a oração final pedindo a ajuda divina. Esta é proferida em plena confiança (como em **#Sl 22.22** e segs.; **#Sl 35.27** e segs.; **#Sl 69.30** e segs.) porque, diferentemente de seu oponente (16), seu Senhor se caracteriza pela misericórdia. **Para que saibam que nisto está a tua mão** (27). Esta oração busca primeiramente a honra do nome de Deus. Embora eles cogitem em amaldiçoar, não obstante **abençoa tu** (28; cfr. **#Mt 5.44** e seg.). Quando se levantarem para agir ou falar contra mim, isto é, se comportarem como **meus adversários** (29; cfr. vers. 4, onde, como aqui, a palavra hebraica é **Satanás**), então serão envergonhados de uma maneira que será tão evidente a todos como evidente é sua **capa** ou veste mais exterior (29; cfr. **#Sl 35.26**). O salmista antecipa sua ação de louvor público ao Senhor porque, diferentemente das circunstâncias dos vers. 1 e 2, onde os adversários aparecem a acusá-lo em juízo, agora o Senhor está à sua mão direita, como advogado, a fim de protegê-lo e livrá-lo de seus antagonistas. **Condenam a sua alma** (31); isto é, seu veredito é que o pobre é digno de morte.

Sl-110.1

SALMO 110. REI E SACERDOTE PARA SEMPRE

A autoria davídica e a inspiração divina deste Salmo são mantidas no Novo Testamento, onde é mais freqüentemente citado que qualquer outro Salmo. Tinha uma significação messiânica no tempo do Evangelho (exemplo, **#Mt 22.43-45**; **#Mc 12.36**; **#Lc 20.42**) e depois lhe foi dada uma interpretação Cristológica. Ver **#At 2.34-35**; **#1Co 15.25**; **#Hb 1.13**; **#Hb 5.6**; **#Hb 7.17,21**; **#Hb 10.12-13**. A exaltação de Cristo na qual Ele está "assentado à mão direita de Deus", é freqüentemente referida noutros lugares (exemplo, **#Mt 26.64**; **#Hb 1.3**; **#Hb 8.1**; **#Hb 12.2**; **#1Pe 3.22**).

Este breve poema obviamente consiste de duas partes, cada qual incluindo uma curta e explícita afirmação de Jeová (1,4) que é expandida de forma ao mesmo tempo surpreendente e enigmática: surpreendente porque a entronização (1) é associação a um governo de ferro, centralizado em Sião (2),

e porque o sacerdócio (4) é ligado ao de Melquisedeque e não ao de Arão (5); e enigmático porque o exército do rei (3) é descrito em termos de beleza eclesiástica, enquanto que o ministério sacerdotal envolve fatalidade generalizada e conflito marcial.

a) O Rei (1-3)

1. A FONTE DE SUA AUTORIDADE (1). **Disse o Senhor.** Esta é a única ocorrência desta frase, no saltério, embora seja freqüentemente empregada nos escritos dos profetas. Trata-se de uma expressão de grande força, sugerindo "o oráculo de Jeová", uma palavra solene e autoritária. **Ao meu Senhor;** em heb. **Adonai**, geralmente um equivalente de Jeová (exemplo, **#Sl 68.19**), mas usado também como título de respeito (exemplo, **#Gn 23.6**). **Assenta-te à minha mão direita.** Mesmo entre os homens, trata-se de um lugar de preferência, privilégio e poder. Não se deve compreender isso literalmente, como uma sessão celestial; mas significa antes exaltação à mais alta honra, compartilhando do governo divino. Houve certa base histórica para isso no próprio caso de Davi, pois sua autoridade era exercida em nome de Senhor (ver **#2Sm 8.14; #2Sm 3.18; #2Sm 5.2**) e na elevação de Salomão, por Davi, ao lugar de sua própria soberania (cfr. **#1Cr 28.5; #1Cr 29.23**). Porém, a força peculiar da frase introdutória transcende ambas essas coisas (cfr. **#Mt 22.43-45**, etc.; também **#Lc 1.32**). **Até** (isto é, até ao tempo quando)... **escabelo;** uma metáfora de complete poder sobre um inimigo (cfr. **#Js 10.24; #1Rs 5.3**).

2. O CARÁTER DE SEU EXÉRCITO (**#Sl 2.3**). **O Senhor** (Jeová) **enviará** (cfr. **#Êx 14.16**) **o cetro da tua fortaleza**, isto é, "o emblema de teu domínio". **Domina** pode ser uma declaração extra de Jeová, tal como no vers. 1; ou pode ser uma exclamação espontânea do entusiasmado salmista, que prossegue para dizer que os súditos do rei se oferecem ansiosamente para o serviço militar **no dia do teu poder** (3); lit., "teu exército", isto é, quando o exército estiver preparado para a batalha (cfr. **#Jz 5.2-9**). É neste ponto que o conceito de um sacerdócio é introduzido, pois tais voluntários serão vestidos **com santos ornamentos**, isto é, em vestes de beleza e santidade (cfr. **#Êx 28.2; #Sl 29.2; #Sl 96.9**). Aqueles que se oferecem para o serviço do rei são homens jovens (**tua mocidade é equivalente a teu povo**), que são tão viçosos como a madrugada, e disponíveis tão larga, silenciosa e surpreendentemente como o orvalho da manhã (cfr. **#2Sm 17.12**).

b) O Sacerdote (4-7)

1. O JURAMENTO IRREVOGÁVEL DE SEU OFÍCIO (4). **Jurou o Senhor** (Jeová), isto é, decretou irremissivelmente, que aquele que está assentado à Sua mão direita é ao mesmo tempo sacerdote e rei. Ele não pertence à ordem de Arão (cfr. #Hb 7.13-14), mas a uma ordem completamente diferente. Ele é **segundo a ordem de Melquisedeque**, o qual, no tapete do Gênesis, aparece sem qualquer menção prévia de sua família, e é deixado a perfazer um ato interminável (#Hb 7.1-3). Tal sacerdócio (como neste Salmo), é inteiramente fora do sacerdócio levítico, porque foi estabelecido por um juramento divino, e não por um ato humano (#Êx 28.1; #Êx 29.1 e segs.; cfr. #Hb 7.20-21), é indissolúvel e não pode ser alterado (#Hb 7.16), e é inviolável e não pode haver substituição de sacerdote, como no caso da ordem de Arão (#Hb 7.24). Em outras palavras, é **eterno**.

>Sl-110.5

2. A IRRESISTÍVEL OPERAÇÃO DE SUA SOBERANIA (5-7). A palavra '**Adonai**' e a referência à Sua posição, à mão direita de Jeová (ver vers. 1) refere esta e a sentença seguinte ao sujeito "tu", em todos os versículos prévios. Disso resulta que, embora governasse como rei, pela autoridade de Jeová (2), contudo, como sacerdote, Ele age por Seu próprio poder (5). **Ele ferirá** (fragmentará) **os reis no dia da sua ira** (5; cfr. #Sl 89.13-18; também #Sl 2.10,12; #Sl 68.12,14,18; #Ap 6.15); ele declarará sentença contra as nações antagônicas (cfr. #1Sm 2.10) e semeará o lugar do conflito com cadáveres (6). Além disso, ele fragmentará ou esmagará a cabeça (**ferirá**, isto é, ferirá severamente) das forças opositoras (cfr. #Sl 68.21) que tinham estado baseadas em extenso território (6), e, em perseguição a elas o conquistador se refrescará em uma corrente à beira do caminho (cfr. o incidente, na vida de Davi, no riacho de Besor, #1Sm 30.9-10), e, finalmente prosseguirá triunfalmente. **De cabeça erguida** (7); isto é, tendo consciência da vitória (cfr. #Sl 27.6; #Cl 2.15). Deve-se notar quão inseparáveis são os conceitos de rei e sacerdote, não somente aqui, mas também em tais passagens como #Gn 14.18; #Is 53.12; #Hb 10.12-13; #Ap 1.5-6.

Sl-111.1

SALMO 111. A OBRA DO SENHOR

Este e o Salmo seguinte formam um par: ambos consistem de dez versículos, e cada poema contém vinte e duas frases que são arranjadas como um acróstico, cada frase começando sucessivamente com as letras do alfabeto hebraico. Além disso, em sua forma original, quase cada frase consiste de apenas três palavras hebraicas e em ambos os poemas os dois últimos versículos contêm três frases e não duas, como no caso dos outros versículos. Os dois salmos tratam de temas gêmeos. O **#Sl 111** é um louvor ao Senhor; o **#Sl 112** é um panegírico ao homem piedoso. Essas características apontam para uma origem pós-exílica (cfr. **#Sl 119**) e bem pouca dúvida pode haver que sua intenção era servir de prefácio ao grupo seguinte de salmos litúrgicos (113-118), conhecidos como o "Halel Egípcio" (ver Introdução aos Sl 113-118), assim como o **#Sl 119** pode ser considerado como um prólogo aos "Cânticos dos Degraus" dos peregrinos (Sl 120-134).

As primeiras palavras, "Louvai ao Senhor" (Aleluia), podem ser um convite à congregação para que se unisse ao entoar do Salmo. **Assembléia... congregação** (1). O primeiro termo se refere ao concílio íntimo dos fiéis, e possivelmente é uma metáfora para devoções particulares (cfr. **#Sl 25.14**); o último denota adoração coletiva. **As obras do Senhor** (2) são Seus atos de providência e misericórdia para com todos os homens (3-8), mas especialmente para com Seu povo, Israel (9-10), atos esses que são buscados com deleite por homens que procuram ganhar entendimento. Sua obra (3); isto é, Sua atividade a favor dos homens, mostra-o revestido de glória e honra (cfr. **#Sl 104.1**), sempre a praticar a justiça. O vers. 4 diz, literalmente, "Fez um memorial para suas obras maravilhosas"; por exemplo, a Páscoa foi instituída como memorial perpétua de Seus maravilhosos atos mediante os quais Israel foi tirado do Egito (**#Êx 12.14**). **Deu mantimento** (5), provavelmente se refere ao maná no deserto. No fato de Ele ter trazido Seu povo para a terra de Canaã, Ele mostrou Sua verdade e justiça, isto é, Sua fidelidade às promessas anteriores. Realmente, todos os Seus preceitos são estabelecidos na verdade e, portanto, são inteiramente dignos de confiança. **Redenção** (9), refere-se principalmente ao êxodo, mas também inclui a restauração dos exilados. **Tremendo** (9); isto é, inspirador de reverência. **O temor do Senhor** (10) significa aquela atitude de reverência, bem como aquela obediência causada pela reverência, as quais coisas são desenvolvidas no salmo seguinte. Trata-se do ponto principal da sabedoria (cfr. **#Pv 1.7**; **#Pv 4.7**), e aqueles que temem ao Senhor adquirem discernimento sobre aquilo que é bom.

Sl-112.1

SALMO 112. O CAMINHO DO HOMEM BOM

Ver introdução ao #Sl 111.

O tema do versículo final do #Sl 111 é desenvolvido, e uma descrição sobre a vida de um homem temente a Deus é dada (cfr. #Jó 29 e #Jó 31), que obedece porque se deleita em obedecer (cfr. #Sl 111.2). A referência a uma bênção sobre seus descendentes (2) é um eco da bênção abraâmica. Cfr. #Sl 37.25-26; #Pv 8.18; #1Rs 3.13 com o vers. 3. Sua justiça (3) permanece porque pertence ao Senhor (cfr. #Sl 111.3; #Sl 24.5), e a luz que brilha sobre ele (cfr. #Sl 34.5) lhe proporciona os atributos mesmos de Deus (note-se #2Co 3.18; #2Co 4.6; cfr. #At 7.55 e segs.).

>Sl-112.5

O vers. 5 expressa uma beatitude: "Feliz é o homem que usa de graça e compaixão" para com aqueles que estão em necessidade, e que exerce discrição e cautela em seus negócios. **Disporá as suas cousas com juízo** (5). Outra maneira de traduzir é: "manterá seus negócios retamente". Sua prosperidade continua e seu nome é tido como honroso, ainda quando já está morto (6). A idéia de perpetuidade, aqui, é o paralelo de #Sl 111.4. Ainda que **maus rumores** se levantem contra ele, ele não ficará por demais perturbado (7; cfr. #Sl 55.22; #Is 26.3). Ele será fortalecido e sustentado (firmado) até poder olhar (**até que veja cumprido o seu desejo**) para seu adversário com serenidade e sucesso (8; cfr. #Sl 91.8; #Sl 92.11).

>Sl-112.9

É liberal, dá (9); isto é, "espalha". A intenção disso talvez seja para servir de paralelo a #Sl 111.9 pois, embora a significação primária seja a generosidade de um homem piedoso (cfr. #Pv 11.24; #2Co 9.9), o salmista tem o cuidado de demonstrar o que é tal homem e que faz algo conforme Deus faz-e Ele tem espalhado Seu povo entre as nações (#Sl 44.11). Através de todas as vicissitudes o homem bom traz a estampa da bênção divina. Ele vê cumprido o seu desejo (8), enquanto que o ímpio invejoso o vê a desfrutar de honra, enquanto que seu próprio desejo perece (10); e a generosidade do homem bom, motivada por sua compaixão (9) será igualada pela perda do ímpio, mediante o opróbrio (10).

Sl-113.1

INTRODUÇÃO GERAL AOS SALMOS 113-118: "O HALEL EGÍPCIO"

Estes Salmos sempre estiveram associados aos grandes festivais dos peregrinos, durante o ano judaico, como, por exemplo, a Páscoa, Pentecostes e a festa dos tabernáculos. Também estavam ligadas à festa da dedicação (originada em 165 A. C.; cfr. #Jo 10.22), e estavam entrelaçadas nas liturgias da lua nova (cfr. #Nm 10.10). O hino da Páscoa, que foi cantado após a Última Ceia, provavelmente foi um ou mais dos salmos no fim deste grupo. O título "egípcio" foi dado por causa do poema excepcionalmente lindo do êxodo, #Sl 114, e também em oposição ao título "O Grande Hallel" variadamente aplicado aos "Cânticos dos Degraus" (Sl 120-134) ou simplesmente ao #Sl 136.

SALMO 113. LOUVAI A DEUS

Ver introdução Geral sobre os Salmos 113-118.

A estrutura deste Salmo é como segue: Que todos os homens (sempre e em todos os lugares) louvem ao Senhor que está nas alturas. Quem é como o Senhor nas alturas, em todas as raias da experiência (pobreza e realeza) que produzem as gerações de homens?

a) Um apelo ao louvor universal (1-4)

Servos do Senhor (1). Não meramente sacerdotes e levitas, não apenas os devotos de Israel (cfr. #Ne 1.10-11), mas todos os homens piedosos de todas as nações. Note-se o vers. 3 e #Sl 117; cfr. também #Sl 69.34,36. **O nome do Senhor** significa Sua auto-revelação pela qual Ele se torna conhecido dos homens. Essa frase é usada por três vezes nos vers. 1-3 e também em #Sl 116 (vers. 4,13,17) e em #Sl 118 (vers. 10,12). **Desde agora para sempre** (2); provavelmente desde o período em que foram restaurados do exílio. **Desde o nascimento do Sol...** (3); não temporariamente, isto é, durante o dia, mas compreensivamente, isto é, sempre que o sol brilha (cfr. #Ml 1.11). **Acima de todas as nações** (4); isto é, em posição de soberania a respeito de todos os povos (cfr. #Sl 47.2-3,8; também #Sl 95.3; #Sl 96.4,10; #Sl 97.1; #Sl 99.2; #Sl 100.1). **Sobre os céus** (4); isto é, Sua glória ultrapassa todo nosso entendimento (cfr. #1Rs 8.27; #Jó 26.11-14; #Sl 108.5).

>SI-113.5

b) Quem é como o Senhor (5-9)

Que habita nas alturas (5); "que tem seu assento nas alturas", ou, lit., "que faz altura para habitar", uma frase que é contrabalançada no versículo seguinte por "que se curva, para ver". Sua auto-revelação é de Alguém cuja transcendência é inseparável de Sua presença aqui, e cuja glória está entrelaçada com humildade (cfr. também #Fp 2.5-9). Os vers. 7 e 8 são citados do cântico de Ana em #1Sm 2.8 (cfr. #Lc 1.52). **Necessitado** significa "infeliz e angustiado". **Do pó... monturo**; isto é, da insignificância (cfr. #1Rs 16.2) e dos apuros (cfr. #Jó 2.8). Trata-se de um tópico freqüente no saltério. Ver #SI 44.25; #SI 75.6-7; #SI 102.15-20; #SI 107.40 e segs. Cfr. os casos de Davi (#SI 78.70-72) e de José (#SI 105.17-22). O vers. 9 indubitavelmente se refere a Ana, cujas palavras acabaram de ser citadas, e a Sara (#Gn 21.6-7); mas inclui a referência maior ao fiel Israel. Ver #Is 54.1-6 (cfr. #Gl 4.27 e segs.) e #Is 66.7-13.

SI-114.1

SALMO 114. CÂNTICO DO ÊXODO

Ver Introdução Geral aos Salmos 113-118.

A estrutura de antífona que provavelmente se encontra no Salmo anterior se encontra inequivocamente neste breve e belo poema do êxodo. Nenhum acontecimento conhecido da humanidade era mais apreciado, entesourado e reverenciado em Israel que sua libertação do Egito: incorporava sua eleição e expressava o grande poder de Jeová. Até mesmo a volta do cativo pode ser considerada como um evento secundário, uma repetição da experiência miraculosa anterior da nação.

A estrutura deste poema é muito lógica. A casa de Jacó é libertada do Egito (1-2); a dimensão da natureza alegremente prepara um caminho para eles (3-4); mas por que um caminho foi feito na dimensão da natureza? (5-6); porque o Senhor veio abençoar o povo do Jacó (7-8).

a) A terra se regozija devido à libertação de Israel (1-4)

Um povo bárbaro (1); a linguagem dos egípcios era estranha para os filhos de Israel (cfr. #Gn 42.23). Judá ficou sendo o Seu santuário (2); isto é, a Judéia e, especialmente, o monte Sião (cfr. #Sl 78.54; #Êx 15.17). Note-se a ausência, aqui, de causa eficaz, "o nome do Senhor", uma frase que é tão conspícua nos salmos anteriores e nos seguintes. A omissão torna a introdução do "Deus de Jacó", no vers. 7, mais impressionante. O mar... fugiu (3) perante o vento (#Êx 14.21). O Jordão pareceu fluir para trás porque suas águas da enchente foram temporariamente impedidas de continuar por uma obstrução em Adã (#Js 3.16). Os montes saltaram (4). Uma versão poética (cfr. #Sl 29.6) das perturbações no Sinai (cfr. #Êx 19.18; #Sl 68.8; #Sl 97.5).

>Sl-114.5

b) A vinda do Senhor (5-8)

A natureza é interrogada quanto à razão para tão anormais fenômenos e a resposta é impressionantemente dada. A presença do Senhor (7) fará tremer, não meramente as colinas, mas até a terra inteira (cfr. #Hb 12.26). A palavra *treme* é empregada no sentido de dor de parto e convulsão (cfr. #Mq 4.10). O versículo final alude aos incidentes na rocha de Horebe (#Êx 17.6) e nas rochas de pederneira de Cades (#Nm 20.11). Os mesmos dois incidentes são mencionados em #Sl 78.15-16 como notáveis evidências do poder e da compaixão do Senhor.

Sl-115.1

SALMO 115. NÃO A NÓS, SENHOR

Ver Introdução Geral aos Salmos 113-118.

A estrutura de antífona e os temas duplos desta série de salmos atinge seu clímax neste poema central. No que diz respeito à sua estrutura é mais provável que a primeira e a última porções do mesmo (vers. 1-8 e 16-18) eram cantadas ou entoadas por um coro completo de sacerdotes e, possivelmente, pela congregação também. A porção central (9-15) parece ter sido parcialmente cantada pelo chanto (9,11,14) e parcialmente pelos sacerdotes (10) ou pela congregação (15) ou por ambos (12-13); o cântico responsivo é mencionado em #Ed 3.11.

Contrastando temas tais como Deus e o homem, a exaltação e a humilhação do Senhor, a anormalidade e convulsões da natureza, já tinham sido tratados previamente neste grupo de salmos. Mas nenhuma antítese maior poderia ser encontrada do que aquela que aqui é apresentada-o absurdo e a inutilidade dos ídolos feitos pelo homem, em contraste com a majestade, a sabedoria e a benevolência de Jeová. Cfr. #Sl 135.13-21; #Is 14.6-20; #Hc 2.18-19: O mesmo contraste é feito por três vezes em #Jr 10.1-16.

Ao teu nome dá glória (1). "O nome" gradualmente veio a significar algo mais que a manifestação do Senhor, aquilo pelo que Ele era conhecido. Foi-se personificando cada vez mais (cfr. "sabedoria", em #Pv 1-9) e se tornou igual ao próprio Jeová (cfr. #Is 30.27 e segs. #Jr 14.9; #Ml 3.1; e note-se #Êx 23.21). **Onde está o seu Deus?** (2). O escárnio dos pagãos, referente à invisibilidade e, algumas vezes, à não intervenção de Jeová, servia de dor constante ao Seu povo (cfr. #Sl 42.3,10; #Jl 2.17). **Nosso Deus está nos céus** (3); isto é, Ele tem uma habitação que é superior aos limites terrenos. Ele é invisível mas ativo, embora os ídolos sejam inertes, ainda que palpáveis. **Tudo o que lhe apraz** (3) que inclui até a humilhação de Israel na Babilônia.

As imagens esculpidas e fundidas das nações, modeladas pelas mãos dos homens que as criaram, são destituídas de faculdades que estejam de acordo com sua aparência; nem ao menos podem fazer o que os seus adoradores fazem. Duas palavras diferentes, em hebraico, são empregadas para **falam** e **som** (5,7). A primeira denota linguagem compreensível, isto é, a declaração de oráculos; a segunda denota um ruído inarticulado. Cfr. #Rm 1.23-25 e #Ap 3.17 com o vers. 8.

>Sl-115.9

O tríplice apelo a **Israel**, à **casa de Arão**, e a vós, que **temeis ao senhor** (9-11) se repete em #Sl 118.2-4 e, com uma frase adicional, em #Sl 135.19-20. O terceiro grupo é geralmente considerado como a referir-se àqueles prosélitos gentios aos quais é feita referência em #1Rs 8.41; #Ed 6.21; #Is 56.6. A resposta (12-13), provavelmente feita por um coro completo de vozes, dá a certeza da bênção divina a cada um dos três grupos de adoradores. A bênção sacerdotal, "O Senhor vos aumente" (14) era muito desejável para uma pequena comunidade de colonos (cfr. #Dt 1.11). Essas exortações e bênçãos responsivas são concluídas por uma canção unida (16-17) que toma o pensamento do vers. 15 e se demora sobre o tema da criação, o estado celestial do Senhor, o ambiente terreno da história humana (cfr. #Gn 1.28), e o silêncio

das gerações anteriores, atualmente na sepultura (*Seol*; aqui aparece como eterno *silêncio*; cfr. *#SI 94.17*; *#SI 6.5*; *#SI 88.10* e segs.). *Mas nós* (18). As palavras são enfáticas, e tem aqui o significado de "nós que estamos vivos".

SI-116.1

SALMO 116. NÃO A MIM, Ó DEUS

Ver Introdução Geral aos Salmos 113-118.

A inclusão deste cântico peculiarmente pessoal, num grupo de salmos litúrgicos, aponta para a natureza essencialmente interna da adoração oferecida por indivíduos que são impulsionados pelas suas próprias experiências. O autor desconhecido de *#SI 116* fala de um tempo de enfermidade e desânimo severos, do qual foi tirado pelo Senhor. Ele estava bem familiarizado com os salmos davídicos, especialmente o *#SI 18*.

a) Introdução (1-2)

A ênfase recai sobre *eu amo* (1); cfr. *#SI 18.1*. E também *inclinou para mim os seus ouvidos* (2); cfr. *#SI 71.2*; *#SI 88.2*.

>SI-116.3

b) Um grito de desespero é respondido (3-9)

Os *cordéis da morte* e as *angústias do inferno*, ou seja, os apertados estreitos do *Seol* (2) expressam um senso de séria restrição e perigo iminente. O salmista continuava a invocar o Senhor, cujo *nome*, ou natureza revelada, é que Ele é *piadoso*, justo e repleto de *misericórdia* (4-5; cfr. *#SI 103.8*; *#SI 111.4*; *#SI 113.1*).

Os *símplices* (cfr. *#Mt 11.25*). Ele fora lançado em profunda miséria, mas, mediante a salvação do Senhor, foi levado a um lugar de perfeito *repouso* (7). No hebraico a palavra está no plural, denotando repouso completo. Sua gratidão (8-9) está emoldurada dentro dos termos de *#SI 13.6*; *#SI 56.13*. *Andarei perante a face do Senhor* (9), à semelhança de Abraão (*#Gn 17.1*); em contraste aos "cordéis da morte", no vers. 3.

>SI-116.10

c) Desespero e libertação (10-19)

Sua desilusão dizia respeito aos homens, e não a Deus. Mesmo quando ele falava impulsivamente, quando estava em pânico porque a ajuda esperada tinha falhado (#Sl 31.22), quando disse: **Todo o homem é mentira** (11); isto é, "vão é o auxílio humano" (cfr. #Sl 60.11), e quando se lamentava por causa de sua condição, dizendo: **Estive muito aflito** (10), mesmo enquanto estava assim a dizer, confiava no Senhor. A tradução exata do texto hebraico, no vers. 10, é incerta. Uma possível tradução é: "**Cri** (isto é, mantive minha fé), mesmo quando fui obrigado a dizer: Estive grandemente aflito". Paulo, em #2Co 4.13, segue a Septuaginta. A vindicação subsequente dessa fé o levou a considerar que forma haveria de tomar a sua devoção ao Senhor. A libação (#Nm 28.7 e segs.) seria oferecida quando ele fosse em seguida ao templo (14) para cumprir seus votos e testificar publicamente que Jeová era seu libertador. E assim como sua libertação fora, em miniatura, semelhante à de Israel do Egito, ele tomaria vinho com a taça, na próxima páscoa com especial agradecimento (13; cfr. #Lc 22.7 e segs.). **Salvação** (13) está no plural, no texto hebraico; cfr. "repouso", no vers. 7.

>Sl-116.15

O salmista é um dos **santos** do Senhor (15), isto é, "amados" (heb. **hasid**), por cujo bem-estar Jeová era especialmente solícito; não é permitido à morte que os arrebate facilmente. **Deveres** (16), ou seja, o salmista estava ansioso, a oferecer sua devoção ao Senhor como um servo (cfr. #Sl 86.16; também #Tg 1.1; #2Pe 1.1; #Rm 1.1). **Filho da tua serva** (16) é uma expressão paralela a **teu servo** (cfr. #Sl 86.16). **Sacrifícios de louvor** (17); ver #Lv 7.11 e segs. A repetição (18) da intenção de juntar-se à adoração pública (14) serve para salientar a importância dessa obrigação.

Sl-117.1

SALMO 117. TODAS VÓS, NAÇÕES

Ver introdução Geral aos Salmos 113-118.

Esta doxologia é paralela ao #Sl 100. Seu lato escopo contrabalança a oração individual de #Sl 116. **Todas as nações**; isto é, todos os gentios, cada um (note-se #Rm 15.11). **Grande para conosco**; lit., "tem prevalecido e tem-se

provado poderoso a nosso favor"; **gabhar**, palavra também usada em **#Sl 103.11**, é traduzida como "prevaleceram" em **#Gn 7.18** e segs. (cfr. **#Rm 5.20-21**). Os atributos divinos de **verdade e misericórdia** são respectivamente associados aos judeus e aos gentios por Paulo, em **#Rm 15.8**; entre outros salmos de ponto de vista mundial, podem ser mencionados os **#Sl 47** e **#Sl 67**.

Sl-118.1

SALMO 118. SUA MISERICÓRDIA DURA PARA SEMPRE

Ver introdução Geral aos Salmos 113-118.

Este hino, que expressa o júbilo espiritual de um povo, é um cântico processional entoado por diversas vozes. Os vers. 19-20,26-27 apontam para um grupo festivo que se aproximava das portas do templo bem como para uma subsequente entrada no átrio dos sacerdotes até defronte do altar das ofertas queimadas. O motivo dessa festividade não pode ser precisamente determinado, mas parece corresponder às celebrações particularmente jubilosas descritas em **#Ne 8.13-18**, quando o regozijo, que era costumeiro, por ocasião da festa dos tabernáculos, foi intensificado pelo sucesso da comunidade sobre os samaritanos, ao completarem os muros da cidade de Jerusalém (cfr. **#Ne 6.16**).

a) Invocação (1-4)

O Salmo principia e termina com uma frase que evidentemente se havia tornado uma forma litúrgica. Cfr. **#Sl 106.1**; **#Sl 107.1**. Ver também seu emprego em ocasiões memoráveis, no templo (por exemplo, **#1Cr 16.34**; **#2Cr 5.13**; **#Ed 3.11**. É elaborada em **#Sl 136**). Seu uso, nesta ocasião (**#Ne 8.13** e segs.), seria um cumprimento de **#Jr 33.11**. Quanto ao tríplice apelo ao louvor, nos vers. 2-4, ver **#Sl 115.9-11**.

>Sl-118.5

b) A aproximação às portas do templo (5-19)

Alguns desses versículos foram provavelmente cantados por um chanto do coro do templo, que liderava a procissão de adoradores, levando-os até o santuário. Ele expressava os sentimentos de cada um, e também personificava

o espírito da comunidade. Os outros versículos seriam cantados em coro pelo povo que o seguia.

1. O LÍDER (5-7). **Angústia** (5); isto é, "estreitos", como em **#SI 116.3**. A referência aqui é às restrições impostas pelo cativo que foram substituídas pela restauração à liberdade (cfr. **#SI 18.19**). **O Senhor**. Em heb., **JÁ**, o Libertador de Israel do Egito (cfr. **#SI 68.4**). Os vers. 6-7 começam com as mesmas palavras; lit., "O Senhor é por mim", livrando-me do temor (cfr. **#SI 56.4-11**; **#SI 112.8**), como um de meus ajudadores. **Entre aqueles que me ajudam** (7); a significação é que o Senhor é seu (grande) ajudador.

>SI-118.8

2. O CORO (8-9). A alusão é à oposição local dos samaritanos bem como às suas intrigas na corte persa. A restauração do templo e da cidade tinha sido aprovada por Artaxerxes, mas foi repetidamente obstaculizada, e só foi completada devido à direta aprovação do Senhor (cfr. **#Ed 5.5**).

>SI-118.10

3. O LÍDER (10a, 11a, 12a). **Todas as gentes**; isto é, as nações ao redor. Os samaritanos eram uma mescla de povos (ver **#Ed 4.9**), e sua resistência aos judeus tinha sido reforçada pelos filhos de Amom, pelos filisteus e pelos árabes (ver **#Ne 4.7**).

4. O CORO (10b, 11b, 12b). O estribilho, que forma a segunda parte de cada um desses versículos, deve ter sido entoado pelos adoradores.

>SI-118.13

5. O LÍDER (13-15). A oposição de seus vizinhos tinha sido como a antiga obstrução do mar Vermelho; portanto, seu mais recente triunfo fazia-os lembrar o antigo cântico de vitória-o vers. 14 é uma citação de **#Êx 15.2**. A palavra **tendas** (15), continua a analogia, mas denota uma habitação permanente, como em **#SI 78.55**, e não as tendas temporárias usadas por ocasião da festa dos tabernáculos.

>SI-118.16

6. O CORO (16). Mais um eco do cântico de Moisés. Ver **#Êx 15.6,12**.

>SI-118.17

7. O LÍDER (17-19). A pequena comunidade é personificada; sentem que a crise principal já havia sido ultrapassada e que o restabelecimento deles estava garantido. Não obstante, tão grave tinha sido seu castigo que somente pela providência do Senhor é que certamente não pereceram inteiramente. **Castigou-me** (18); cfr. **#SI 94.8-11**. Nesta altura, a procissão já teria chegado às portas do templo e feito alto, para solicitar permissão de entrada para adorar a JÁ (cfr. **#SI 24.7** e segs.; **#Is 26.2**).

>SI-118.20

c) Dentro do átrio do templo (20-26)

1. OS LEVITAS (20). As vozes dos levitas, que aguardavam a procissão, são ouvidas ao abrirem as portas e anunciarem a condição exigida para a entrada-justiça (cfr. **#SI 15.1-2**; **#SI 24.3-4**).

>SI-118.21

2. O LÍDER (21-22). Ao entrar no átrio do Senhor, o chantre anuncia o propósito da procissão em palavras que são reminiscências do vers. 14. Também adiciona a declaração sobre a pedra principal de esquina, presumivelmente a pedra colocada por cima de todas (cfr. **#Zc 4.7**). Quer ou não essa pedra tenha sido necessária, ou desgraçadamente, negligenciada pelos edificadores até que finalmente foi necessário coroar a estrutura, o sujeito é considerado como uma metáfora sobre os israelitas piedosos, desprezados, ignorados e abusados por outros povos, até que o construtor chefe (23) os colocou em sua presente posição como parte essencial de Seu tabernáculo, que estava entre os homens (**#Êx 29.45-46**). Note-se o uso que o Novo Testamento faz dessa idéia, em **#Mt 21.42**; **#At 4.11**; **#Ef 2.20**; **#1Pe 2.7**.

>SI-118.23

3. O CORO (23-25). Então a multidão de adoradores exclama com deleite e reverência, em vista do fato de sua presença no santuário externo, reconhecendo que somente a Deus deviam aquele dia de regozijo (23; cfr. **#Ne**

6.16; #Ne 8.17). O hebraico para **Ó Salva** (25) tem sido traduzido para o português como "Hosana".

>SI-118.26

4. OS SACERDOTES (26). O apelo pedindo bênção e prosperidade é respondido pelos sacerdotes reunidos perante o altar. A frase, **em nome do Senhor** deveria ser reunida a **bendizemos**, como segue: "Bendito em nome do Senhor seja todo que entra" (cfr. #SI 129.8).

>SI-118.27

d) Agradecimento e louvor (27-29)

Possivelmente cada voz se juntou na atribuição de louvor. **Deus é o Senhor** (27), isto é, "o Poderoso". Porém, a significação das palavras que seguem é incerta; o mais improvável é que os animais para o sacrifício fossem amarrados aos **ângulos** (chifres) do altar e estas palavras indicam alguma ação que serviu de clímax para os adoradores. Uma tradução alternativa para **atai** é "ordenai" fazendo com que a frase leia: "Ordenai a procissão festiva com ramagens, até os chifres do altar", além do qual somente os sacerdotes podiam adiantar-se. Quando isso foi feito, o líder da adoração prestada pelo povo fez confissão da fé de Israel (28; cfr. #Êx 15.2), em seguida ao que, todos quantos estavam reunidos se uniram no louvor final (29).

SI-119.1

SALMO 119. AMOR PELO SENHOR E SUA LEI

Este extraordinário poema é uma meditação elaborada, engenhosa e apaixonada sobre a lei do Senhor. Essa lei não deve ser confundida com qualquer código legal. O termo hebraico é **torah**, que significa, principalmente, "instrução" ou "ensino". Equivale aqui à vontade de Deus conforme conhecida por Israel. É dominada pela figura de Moisés, mas não confinada a seus ensinamentos originais. O Salmo tem um padrão acróstico; cada uma das vinte e duas letras do alfabeto hebraico aparece como letra inicial de Oito versículos sucessivos, perfazendo 176 versículos ao todo. A característica principal, entretanto, é a melodiosa repetição de oito sinônimos da vontade de Deus, a saber: **lei, a torah**; testemunhos, os princípios gerais de ação; **preceitos (piqqudim)**, regras particulares de conduta; **estatutos (huqqim)**,

regulamentações sociais; **mandamentos** (*mishvah*), princípios religiosos; **ordenanças** (*mishpatim*), os retos julgamentos que deveriam operar nas relações humanas; **palavra** (*dabhar*), a vontade declarada de Deus, Suas promessas, decretos, etc.; **palavra** (*imra*), a palavra ou discurso de Deus, conforme é trazido à luz entre os homens. Uma freqüente variante dos oito sinônimos usuais é **caminho** (*derek*), bem pouca dúvida pode haver que esses sinônimos se originaram largamente do **#Sl 19.7-9**. Um ou outro desses termos ocorre em cada versículo deste Salmo, excetuando o vers. 122; porém, não têm seqüência metódica de estrofe para estrofe. A apaixonada devoção do autor para com o Senhor evita o arranjo artificial. A vontade de Deus não é tanto observada e descrita como é expressa, e essa expressão se deriva de uma rica experiência. A vida do salmista é apresentada como entrelaçada com a verdade, irrespectivamente de seu sentimento.

Não se sabe quem escreveu este poema, embora pareça haver diversas alusões pessoais nele. Provavelmente foi escrito por um íntimo aderente de Esdras, o escriba. Entretanto, não é um Salmo principalmente biográfico, nem seu comprimento dá a entender uma seqüência cronológica de sentimentos. A significação primária de sua magnitude é a absorvente paixão de um coração concentrado no mais alto bem que é revelado em Deus (cfr. **#Fp 3.7-14**). O motivo religioso neste Salmo, em distinção à sua estrutura literária, é a tentativa de expressar a experiência de sofrimento e castigo que sobrem a um homem que se apega a uma fé implícita e amorosa no Senhor, cuja vontade e palavra são boas e verídicas (cfr. **#Rm 7.9-13**; **#Hb 12.5-11**).

Excetuando a primeira e a última seções, as outras vinte seções podem ser agrupadas aos pares, embora as divisões nem sempre sejam pronunciadas.

>Sl-119.1

a) O caminho do Senhor é bom (1-8)

Trilham caminhos retos (1); isto é, que andam de todo coração, e, portanto, inculpáveis (cfr. **#Gn 17.1**). **Caminhos** (1); o curso divinamente apontado para se conduzirem (cfr. **#2Cr 6.14**; contrastar com **#Gn 6.12**). **De todo o coração** (2); plena consagração de mente e vontade. Ver também os vers. **#Sl 119.10,34,58,69,145**. **Seus caminhos** (3); uma variante dos oito sinônimos usuais. **Atentando** (6); isto é, aprendendo tendo em vista obedecer (cfr. **#Tg 1.25**).

>SI-119.9

b) Oração pedindo a ajuda do Senhor (9-24)

A oração do salmista, solicitando o auxílio do Senhor, nas dificuldades que acompanham uma vida santa e durante os perigos das perseguições. Esse auxílio esperado incluirá iluminação referente à Sua vontade. **Palavra** (9); em heb., **dabhar**. **Palavra** (11); em heb. **imra**: ver Introdução. **Escondi a tua palavra** (11); isto é, não como uma memória, mas como um tesouro continuamente empregado (cfr. **#Jó 23.12**). **Bendito és tu** (12); os homens podem bendizer a Deus neste sentido: fomentando Seu nome mediante suas vidas consagradas. **Com os meus lábios** (13); cfr. **#Dt 6.6-7**. Desvenda (cfr. **#2Rs 6.17**; **#2Co 3.14-16**). **Maravilhas** (18); em heb., **pala**, vocábulo sempre empregado a respeito das obras de Deus, como, por exemplo, **#Sl 26.7**; **#Sl 86.10**. **Peregrino** (19); isto é, "um alienado"; o sentido não é tanto de brevidade de ocupação (cfr. **#Sl 39.12**) mas de falta de instrução nas leis do reino; daí o requerimento: **não escondas de mim os teus mandamentos**. O sentido do vers. 21 é provavelmente como segue: os pecadores orgulhosos e voluntariosos são sempre repreendidos, isto é, pelo julgamento divino; mas até aqueles que erram involuntariamente são amaldiçoados, isto é, passíveis de punição merecida por causa de qualquer pecado. **Príncipes** (23); os governantes da comunidade local (cfr. o vers. 161).

>SI-119.25

c) Um apelo solicitando forças (25-40)

Sobrecarregado de tristezas, o salmista pleiteia por forças e pela segurança, mediante o ministério da palavra; e também por um coração verdadeiramente penitente que o preserve em meio à tentação. **Está pegada ao pó** (25): isto é, sente-se deprimida por motivo das tristezas. Ver o vers. 28 e cfr. o **#Sl 44.25**. No vers. 26 o salmista refere-se a uma oração anterior (cfr. **#Sl 32.5**); os vers. 26-27 dão sua presente oração. Note-se o contraste entre "o caminho da falsidade" (29) e "o caminho da verdade" (30). A Literatura de Sabedoria conta com muitas instâncias dessa ilustração (exemplo, **#Sl 1.6**; **#Pv 4.14-19**; **#Mt 7.13-14**). **Quando dilatares o meu coração** (32); isto é, quando o alivieres de ansiedades e o libertares para que sirva (cfr. **#Mt 6.31** e segs.). A harmonia da vontade divina e da preferência humana é expressa no vers. 35: "Faze-me andar na vereda dos teus mandamentos, porque nela tenho prazer". Ele pleiteia para ser salvaguardado das atrações do ganho material e dos falsos valores

(cfr. #Mt 26.41). **Temor** (38); isto é, piedosa reverência. A palavra hebraica, aqui, difere da que aparece no vers. 39. **O opróbrio que temo** (39): isto é, ele temia sucumbir às censuras e escárnios dos homens, assim vindo a negar que as ordenanças (**mishpatim**) do **Senhor** fossem boas e satisfatórias. **Vivifica-me por tua justiça** (40). Ele buscava renovação de forças, baseando seu apelo na fidelidade de Deus às promessas de Sua aliança.

>Sl-119.41

d) Um apelo requerendo poder (41-56)

O salmista ora pedindo poder mediante o discernimento da misericórdia, verdade e salvação do Senhor: desse modo ele seria capaz de prestar testemunho público digno de confiança. **Responder** (42); isto é, por sua própria experiência da misericórdia do Senhor. Se Deus não viesse assim a ele (cfr. o testemunho interno do Espírito, #Rm 8.14-16), ele seria incapaz de testificar concernente à palavra da verdade; isto é, o caminho do Senhor permaneceria verdadeiro, mas o salmista sentiria falta de experiência direta e presente desse caminho. Mas, possuindo a liberdade que acompanha a consciência da misericórdia divina e da salvação (45), ele não seria abalado nem mesmo por reis (46; cfr. #Mt 10.18-19). **Levantarei minhas mãos** (48) em adoração e desejo (cfr. #Sl 28.2).

>Sl-119.49

"Lembra-te... porque me fizeste esperar" (49; cfr. vers. 43). O Senhor o havia vivificado (50) anteriormente, e isso servia de precedente e plataforma para sua esperança. **Grande indignação** (53) (note-se o vers. 136); intensa e chorosa preocupação devido à existência e à potencialidade da iniquidade. **Lugar das minhas peregrinações** (54): isto é, seu ambiente terreno (cfr. vers. 19; #1Cr 29.15). **Isto fiz eu** (56), ou melhor: "Isto tenho experimentado"; a saber, a principal bênção desta vida fora a experiência de observar a vontade de Deus. **Porque** deveria antes ser traduzido como "que".

>Sl-119.57

e) Devoção à Torah (57-72)

Estes versículos são uma afirmação de devoção ao Senhor, de uma devoção tão inabalável que até mesmo a aflição serve para intensificar sua apreciação à

Torah. **Minha porção** (57); isto é, sua bênção suprema (cfr. **#Sl 16.5**; **#Sl 73.26**). **Implorei de veras o teu favor** (58); isto é, tenho buscado tua presença. **Considerarei os meus caminhos** (59); escrutinei minha conduta, tendo em vista remediar imediatamente quaisquer defeitos. **Bandos de ímpios** (61); isto é, os esquemas e armadilhas de seus inimigos (cfr. vers. 110). **Ensina-me bom juízo** (66); isto é, treina-me para que tenha correto discernimento do bem e do mal (cfr. **#Hb 5.14**). **Antes de ser afligido** (67); uma alusão aos efeitos de algum pecado anterior que lhe causaram angústia subsequente e produziram uma crise em sua vida. Ver vers. 71 e cfr. **#Is 38.17**: "para minha paz, eu estive em grande amargura". **Engrossa-se-lhes o coração como gordura** (70); isto é, seus corações se tornam grosseiros, como se feitos de gordura. Tornaram-se insensíveis para com Deus, o que é o contrário mesmo da atitude do salmista (70-72).

>Sl-119.73

f) Um apelo solicitando luz (73-88)

O salmista ora pedindo iluminação da parte de seu Criador, especialmente porque a perseguição tinha posto em perigo a sua vida, ainda que não tivesse ameaçado sua esperança e confiança. **Me fizeram e me afeiçoaram** (73); cfr. **#Sl 139.14-16**; **#Jó 10.8-11**; **#Jó 31.15**. O vers. 74 pode ser traduzido: "Que aqueles que te temem se alegrem quando me virem", isto é, que se regozijem na resposta de Deus à minha oração (cfr. vers. 79). A angústia pessoal do salmista de maneira alguma invalidava a justiça de Deus. Seus castigos são inseparáveis de Seu propósito essencial de misericórdia, que agora o sofredor orava para que tal propósito se tornasse um consolo para ele. (75-76). Outros, que tinham ficado perplexos devido à sua aflição, então retornariam a ele (79).

>Sl-119.82

São então dados detalhes sobre essa aflição (cfr. **#Sl 69.8** e segs.; **#Sl 102.4** e segs.). **Desfaleceu** (82); isto é, faltou como também seus olhos (82). Ele se consumia de desgosto e se tornava exausto devido à demora do alívio. **Odre no fumo** (83) isto é receptáculo de vinho feito de pele dependurado que ficara negro e enrugado. **Abriram covas** (85), isto é, construíram armadilhas ocultas em seu caminho (ver **#Sl 57.6**). Ele apela à justiça e à retidão de Deus pedindo libertação daqueles que ameaçavam arruiná-lo.

>Sl-119.89

g) Oh! quanto amo a tua lei! (89-104)

Estes versículos expressam louvor por causa do imutável Senhor e por causa de Sua fidelidade, combinados com o amor aos Seus preceitos, aos quais o salmista declara dever sua preservação. **Permanece no céu** (89); isto é, imutável, totalmente independente das alterações terrenas (cfr. **#Sl 89.2**). Em realidade, a terra, bem como o céu, permanece num estado de contínua preparação para obedecer à Sua lei (90-91). **Perfeição** (96) significa toda inteireza terrena. Os fenômenos terrenos chegam **ao seu limite**, ou fim, por mais completos que pareçam ser. Têm limites de tamanho, escopo ou sobrevivência; mas os mandamentos do Senhor são infinitos (cfr. **#Jó 11.7-9**). O amor a esses mandamentos (97) é o segredo da sabedoria (98); portanto, o salmista possuía mais sabedoria por amá-los do que por ter aprendido de seus mestres e instrutores experimentados (99-100). O salmista se refere aos mestres que não derivaram sua erudição da lei de Deus. Está a demonstrar a superioridade da lei como guia da vida. **Teu** (98) é enfático. Deus é Quem o instruíra (cfr. **#Jo 16.13** e segs.).

>Sl-119.105

h) Tua palavra é uma lâmpada (105-120)

Embora perseguido e ameaçado, o salmista confiava que a palavra do Senhor o conduzisse no caminho da santidade. Qualquer opressão da parte dos que operavam a iniquidade tão somente fortaleciam sua crença na justiça divina e na condenação final dos perversos. **A minha alma... nas minhas mãos** (109); isto é, estava precariamente colocada (cfr. **#Jó 13.14**). **Por herança** (111); uma significação possível é que ele tinha substituído a herança tradicional de Canaã, agora debaixo de domínio estrangeiro, por uma herança espiritual. **Aborreço a duplicidade** (113); isto é, os de mente vacilante (cfr. **#1Rs 18.21; #Tg 1.6-8**). **Meu corpo se arrepiou** (120); isto é, estremece por pensar no julgamento divino contra os **ímpios da terra** (119).

>Sl-119.121

i) Mais que ouro fino (121-136)

Nesta seção o salmista apresenta seus sofrimentos a Deus, como evidências de uma urgente necessidade, e simultaneamente se entristece devido a todos

quantos são moucos (que não dá ouvidos) à Sua palavra. Ele reivindica a atenção de Deus por ter agido como Deus agiria (212; cfr. #Sl 33.5; #Sl 89.14); contudo, se isso não lhe fosse permitido, ele descansava sua reivindicação sobre a misericórdia divina (124) e sobre sua humilde prontidão para aprender mais. **Já é tempo de operares, ó Senhor** (126). A situação era crítica e exigia imediata intervenção da parte de Deus; isto é, para que Ele pronunciasse sentença contra os iníquos (cfr. #Jr 18.23). **Por isso tenho...** (128). O texto hebraico é difícil. A Septuaginta traduz: "Portanto, segundo todos os teus preceitos dirijo (meus passos)". **Maravilhosos** (129); isto é, excepcionais, como no vers. 18. **A exposição das tuas palavras** (130); lit., "a porta, ou abertura, de tua palavra". Nas casas orientais, a maior porção de luz vinha da porta, porque as janelas eram poucas e pequenas. **Abri... e respirei** (131); isto é, em ansiosa expectativa. **Conforme usas** (132); lit., "segundo o julgamento"; ou seja, como em tua própria lei. O salmista baseou sua reivindicação naquilo que a lei de Deus declara.

>Sl-119.137

j) Retos são os teus juízos (137-152)

Esta seção fala da verdade da lei de Deus e contém uma oração importuna pedindo mais iluminação e companhia divina. A palavra de Deus, como o próprio Deus, é justa e fiel (137-138); **Muito pura** (140); isto é, experimentada e testada; e é eterna (152). **Meu zelo me consumiu** (139), intensificando o antagonismo de seus adversários (cfr. #Sl 69.9). A intensidade das orações do salmista vai aumentando conforme o poema prossegue. **Preveni a alva... as vigílias da noite** (147-148); isto é, eu as evitei. Tem sido sugerido que se o salmista era levita, a referência aqui é às vigílias noturnas, no templo. Mas, antes do sua vigília começar, ele já estava desperto a meditar.

>Sl-119.153

l) Sete vezes por dia (153-168).

O salmista faz um apelo apaixonado pedindo livramento e o poder de persistir em sua devoção à Torah. **Escuta-me, Senhor** (154); isto é, defende-me nos processos que meus muitos inimigos têm instaurado contra mim; ver versículos iniciais do #Sl 109. **Me afligi** (158); isto é, fiquei desgostoso com os transgressores conforme a palavra hebraica subentende. **A tua palavra... desde o princípio** (160); isto é, em sua inteireza. Algumas versões dizem: "A

súmula de tua palavra é a verdade". **Falsidade** (163); uma referência à idolatria. **Muita paz** (165); ou calma interior, por firmar-se na verdade de Deus, ou descanso exterior porque Deus recompensa aqueles que amam à Sua "lei". A reivindicação de integridade (166-168) também foi feita pelos autores de **#SI 7.3-4; #SI 17.3-4; #SI 26.1-4.**

>SI-119.169

m) Permite que minha alma viva (169-176)

Esses versículos finais são um grito de importunação pedindo companheirismo e os cuidados do grande pastor. **Proferiram o louvor** (173); isto é, derramam contínuo louvor. **Venha a tua mão socorrer-me** (173). O salmista aqui implora o auxílio divino à base de sua voluntária devoção; previamente ele solicitara tal auxílio por motivo de sua dedicação a uma vida de obediência e por causa de sua necessidade de ser livrado do perigo. **Desgarrei-me** (176); uma reminiscência do vers. 67. **Teus mandamentos** (176). O poema termina com uma de suas oito notas principais. Observe-se, entretanto, o pronome **teus**. O intenso amor do salmista é para com o próprio Senhor e, por conseguinte, para com todos os meios que expressem ou revelem Sua vontade.

SI-120.1

INTRODUÇÃO GERAL AOS SALMOS 120-134: OS "CÂNTICOS DOS DEGRAUS"

Cada um desses quinze salmos é intitulado "Cântico dos Degraus". A significação desse título é incerta. Diferentes explicações têm sido sugeridas, como, por exemplo, que formavam uma liturgia associada com os quinze degraus que ficavam entre dois dos átrios do templo, nos quais um coro de levitas ocasionalmente se punha para cantar; ou que celebram os quinze anos adicionados à vida de Ezequias, por promessa, o que foi acompanhado pelo milagre do sol ter recuado dez passos (lit., "graus") até à grande escada que Acaz construiu e que levava do templo à casa do rei (ver **#Is 38.7-8; #2Rs 16.17-18; #Ne 12.37**). O título dado pela Septuaginta é: "Um cântico dos passos". Uma terceira sugestão é que se trata de uma coleção de cânticos que os exilados entoaram ao retornar da Babilônia para Jerusalém. Uma quarta explicação é que a frase não tem base histórica, mas que denota o estilo literário de diversos dos poemas, a saber, numa série de versos, cada qual se

baseia em algumas poucas palavras do verso anterior, pelo que o pensamento progride mediante estágios bem demarcados. Essa repetição e expansão é bem demonstrada em [#Sl 123](#).

Nenhuma dessas teorias é satisfatória, mas é geralmente aceito, na atualidade, que esses salmos eram cânticos freqüentemente usados (depois do retorno do exílio) pelos adoradores que subiam a Sião para os três grandes festivais do ano judaico. Assim mesmo, alguns destes poemas dificilmente se adaptam ao espírito de tais peregrinações (exemplo, Sl 120, 130-131). A maioria dos poemas refletem os sentimentos e as condições dos primeiros anos depois da volta do exílio; mas alguns podem achar um apropriado motivo no cerco de Jerusalém por Senaqueribe e em sua retirada (Is 37-38; note-se [#Is 38.20](#)).

Qualquer que seja a significação precisa do título, uma coisa é evidente; esta coleção de salmos constitui um grupo distinto e, em si mesmo, é um saltério em miniatura. Isso é demonstrado pela variedade de temas, autores e prováveis datas de origem. Além disso, um arranjo propositado como eles têm parece ser sugerido no fato que o salmo final (como no caso do [#Sl 150](#) para o saltério inteiro) constitui uma bênção para encerrar a antologia. Outro paralelo entre esta seção e o saltério inteiro é a maneira como pode ser ela dividida em cinco grupos, cada um deles consistindo de três salmos. Os dois primeiros grupos tratam da fonte e dos princípios da adoração, isto é, pressão externa sobre a alma piedosa, expectativa confiante na intervenção de Deus e a percepção da tremenda estabilidade, poder e justiça que existe nEle; o pensamento é igualmente focalizado na seleção de Sião como o eixo em torno do qual giram os propósitos do Senhor para com os homens. O terceiro grupo tem mais em comum com a literatura de Sabedoria; o ponto de vista é muito mais geral, externo e filosófico que em qualquer dos outros doze cânticos; não é feita menção sobre a misericórdia divina, nem sobre a oração, sobre os cultos no santuário, nem sobre a casa de Davi; a ênfase sobre a vida no lar e em família é peculiar a este terceiro grupo. O quarto grupo é intensamente pessoal e devocional, mas não existe explosão íntima de fé e alegria, como nos primeiros dois grupos; o tema é a disciplina da paciência. O último grupo é dominado pelos conceitos de seleção divina, concerto, comunidade e santuário; há um senso bem real sobre a herança do passado histórico. (A descrição do culto no templo, em Eclesiástico 1.11-21, poderia ser lida como pano de fundo para esses "Cânticos dos Degraus").

A atribuição da autoria davídica aos Sl 122, 124, 131, 133 não é reconhecida por muitas das versões mais antigas e não pode ser dogmaticamente mantida

(salvo, possivelmente, no caso do [#Sl 131](#)) devido às muitas características gramaticais próprias de um período muito posterior. Não obstante, refletem o espírito de Davi.

SALMO 120. LIVRA MINHA ALMA

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

A oração solicitando alívio foi motivada por uma atmosfera generalizada de inverdades e enganos; trata-se do grito de um homem (ou de uma comunidade) que está espiritualmente exilado e que se sente como a Verdade se sentiria em meio a uma sociedade de mentirosos e perjuros (cfr. [#Jo 8.43-46](#)). Quanto à ênfase, no saltério, sobre a odiosidade de abusar do dom da fala e da perversão da palavra, ver referências sob o vers. 2, abaixo. É geralmente compreendido que a campanha de calúnias, aqui mencionada, era a propaganda dos samaritanos dirigida contra a reconstrução do templo e dos muros (cfr. [#Ed 4.1](#) e segs. e [#Ne 4.1](#) e segs.).

[Na minha angústia clamei ao Senhor](#) (1). Estas palavras talvez se refiram a um apelo anterior e a uma resposta que encorajou o salmista a pleitear novamente (2 e segs.); alternativamente, o primeiro versículo pode ser um sumário do Salmo inteiro. [Lábios mentirosos... língua enganadora](#) (2) Cfr. [#Sl 5.9](#); [#Sl 10.7](#); [#Sl 12.2-4](#); [#Sl 36.1-4](#); [#Sl 52.2-4](#); [#Sl 64.1-4](#). A ocasião particular, aqui, pode ser aquela mencionada em [#Ne 6.5-14](#). [Que te dará... que te acrescentará...?](#) (3); isto é, que condenação te sobrevirá pelo que se passou, e que mais castigo te sobrevirá pela continuação na prática? A frase é comum em hebraico. Ver, por exemplo, [#1Sm 3.17](#); [#1Sm 20.13](#). A resposta é dada no versículo seguinte. O julgamento divino será como flechas agudas de um guerreiro. [Valente](#) (4), isto é, Deus, cuja palavra é um dardo ([#Sl 7.12-13](#)). [Zimbro](#) (4). As raízes desse arbusto eram usadas em fogueiras que queimavam durante tempo muito mais longo que as fogueiras feitas de espinhos e lixo, nas áreas despidas de arvoredo. Por isso a frase se tornou uma metáfora para juízos pesados e prolongados (cfr. [#Sl 140.10](#)). [Meseque](#) (5); um povo que vivia no que agora é a Pérsia ocidental e a Armênia (cfr. [#Ez 27.13](#); [#Ez 38.2](#)). [Tendas de Qedar](#) (5); os nômades da Arábia além de Moabe e de Amom (cfr. [#Jz 8.11](#)). Ambos os termos são empregados metaforicamente para denotar as sociedades bárbaras no meio das quais vivia o salmista. Isso talvez seja uma alusão à origem mista dos samaritanos (cfr. [#Ed 4.9-10](#); [#Ne 4.7](#)). O senso de alienação, [Pacífico sou... eles estão em guerra](#) (7) era particularmente

perturbador para aqueles que tinham retornado ansiosamente para a "pátria", para o distrito em redor de Jerusalém.

Sl-121.1

SALMO 121. DEUS, MEU AJUDADOR

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Este cântico implica numa situação de incerteza, mas qualquer possibilidade de perigo é contrabalançada pela confiança ilimitada e indubitável no poder e na vigilância do Senhor. Os primeiros versículos deveriam ser lidos: "Elevarei meus olhos para os montes", isto é, em redor de Jerusalém ([#Sl 125.2](#)), como uma sentinela que está vigiando por causa de um perigo possível: "De onde me virá o socorro?" E então segue-se a resposta confiante: "O meu socorro vem do Senhor, que fez montes e tudo mais". Essa confiança para com Deus é elaborada por uma meditação acerca de Sua vigilante proteção: "Não é possível que ele permita que a insegurança te afete", (3; o hebraico dá essa ênfase); e Sua vigilância a favor de Israel é incessante (3,4; cfr. [#2Cr 16.9](#); [#Sl 33.13-14](#); [#Pv 15.3](#); [#Hb 4.13](#)). **O Senhor é quem te guarda** (5), conforme Ele prometeu a Jacó ([#Gn 28.15](#)). **Sombra à tua direita** (5). A "mão direita" era sinônimo do sul ou da direção do sol; também significava o lugar de privilégio e representação (cfr. [#Sl 16.8](#); [#Sl 110.5](#)). Sua presença, como uma sombra, a proteger do calor do sol, e dos raios da lua, salvaguarda de todo perigo exterior (cfr. [#Dt 28.22](#) e segs.; [#Jn 4.6](#) e segs.). **Te guardará de todo o mal** (7); isto é, amplamente. **Tua entrada... tua saída** (8); usualmente as atividades diárias se centralizavam no lar e nos campos (cfr. [#Dt 28.6](#)); mas também, e especialmente, na viagem a Sião, em peregrinação. Em poucas palavras, o Senhor "guarda" constantemente, pessoalmente, temporalmente, moralmente, espiritualmente, eficazmente, eternamente.

Sl-122.1

SALMO 122. A CASA DE DEUS

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Esta saudação à cidade de Sião é melhor compreendida se for considerada como tendo sido proferida dentro do recinto do templo. O poema expressa um senso de cumprimento, tanto pessoal como coletivo, o clímax de uma

peregrinação, e a finalidade inseparável dos propósitos de Deus na casa de Deus e na casa do Senhor. As palavras, de Davi, no título, não aparecem na Septuaginta, nos Targuns, e em muitas versões antigas.

>SI-122.2

Nossos pés estão (2); lit., "ficaram"; isto é, tinham vindo para ficar dentro dos portões da cidade e continuavam ali, arrebatados pela experiência. **Como uma cidade bem sólida** (3) pode significar a aparência compacta da cidade murada, formando contraste com a desolação anterior, quando os exilados retornaram a ela. Ou, visto que as palavras **bem sólida** significam "concentrada em si mesma", e que são freqüentemente empregadas para expressar a comunhão humana, esta frase talvez transmita a idéia que Jerusalém era o nódulo da vida judaica, a fonte e o centro de sua unidade coletiva. Esta última significação é favorecida pela sentença seguinte acerca das peregrinações regulares das **tribos do Senhor**, presumivelmente uma referência ao curto período antes do reino ser dividido, mas depois de Davi ter capturado a cidade. **Sobem** (4) seria melhor traduzida com "subiam", pois não havia tronos da casa de Davi depois do exílio. As viagens eram feitas como "testemunho de Israel" (4); isto é, demonstravam que estavam ligados por uma aliança (cfr. #SI 81.3-4). **Tronos do juízo** (5); isto é, a administração da justiça a favor do Senhor, era confiada aos reis (cfr. #1Rs 7.7; #SI 9.4,7; #SI 72.1 e segs.). Nos versículos finais (6-9) a meditação é substituída por oração e autodedicação. **Palácios** (7); isto é, edifícios principais, como em #SI 48.13; não havia residências reais na cidade, naquele período. Após orar pela prosperidade material na cidade revivificada (6-7), o peregrino finalmente declara o propósito de sua visita. **Buscarei o teu bem** (9); isto é, o bem estar da cidade. Isso ele faria por causa de seus compatriotas israelitas (8), mas, acima de tudo, por causa da casa do Senhor (Jeová) nosso Deus, o lugar de Sua habitação.

SI-123.1

SALMO 123. SÊ GRACIOSO PARA CONOSCO

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Nenhum dos salmistas se assentou na roda dos escarnecedores (#SI 1.1), mas em muitas de suas orações demonstraram estar bem conscientes da sociedade de homens orgulhosos e arrogantes. A humilhação dos piedosos, pelos pecadores, é um tópico freqüente no saltério (exemplo, #SI 17.10-11; #SI

22.6-8; #Sl 35.19-26; #Sl 44.13-16; #Sl 69.4-12; #Sl 102.3-10). Esta oração particular parece refletir a exasperação e a angústia de coração entre os judeus, quando a resistência dos samaritanos era tão zombeteira e poderosa (cfr. #Ne 2.19; #Ne 4.2-4). No fato que a oposição era efetuada por intriga, zombaria, desprezo, mentiras e línguas enganosas, existe uma óbvia semelhança ao #Sl 120.

Para ti, que habitas nos céus (1), como soberano governante (cfr. #Sl 2.4). Atentam para as mãos (2); isto é, para as mãos da autoridade e do sustento. Assaz fartos (3); isto é, saciados além da capacidade de tolerância. Daqueles que estão à sua vontade (4); isto é, os samaritanos. O pensamento, mas não a circunstância, é expandido em #Am 6.1-6.

Sl-124.1

SALMO 124. UM CÂNTICO DE LIVRAMENTO

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Este Salmo é uma série de quadros a apresentar livramentos do perigo. Pode referir-se à primeira reação dos exilados em vista das notícias que os judeus tinham recebido permissão de voltar, ou em vista da derrota final de Sambalate e Tobias, quando a restauração da cidade e do templo foi consumada (#Ne 6.15-16), ou em vista de algum outro alívio de uma grande ameaça, tal como o livramento no tempo de Ezequias, quando Senaqueribe levantou o cerco de Jerusalém (cfr. #Is 37.33 e segs.). Os vers. 1-5 expressam a consciência da nação de que o livramento fora obra de Jeová. Os vers. 6-8 expressam o agradecimento dos judeus e Sua confiança nEle.

As palavras, *de Davi*, no título, são muito duvidosas, pois não aparecem em muitas das antigas versões; mas a imaginação segue os moldes davídicos. Esse ponto de vista sobre as vicissitudes históricas da nação, que percebe nelas a segura mão do Senhor (1) é típico de tempos posteriores. No vers. 2 o contraste entre *o Senhor* (da criação; ver vers. 8) e *os homens* (lit., *adam*, isto é, da terra) é enfático. *Nos teriam engolido vivos* (3); isto é, subitamente, dominando completamente, como em #Nm 16.32-33. A segunda metáfora é a de uma gigantesca torrente, qual dilúvio (cfr. #Sl 32.6; #Sl 69.1-2; #Sl 93.3-4). A terceira metáfora, *por presa aos seus dentes* (6), também pode ser encontrada em outros salmos, como, por exemplo, #Sl 22.13-20; #Sl 79.7

(note-se [#Is 38.13](#)). A imagem final, de um pássaro a escapar de uma armadilha (7), é usada em [#Sl 91.3](#) e [#Sl 141.9](#).

Sl-125.1

SALMO 125. PERMANENTE SEGURANÇA

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Uma profunda convicção de segurança e do inalterável poder e fidelidade do Senhor busca expressão neste cântico. Trata-se de uma declaração, em meio às dificuldades temporais, da realidade e da relevância do reino invisível onde Deus se encontra e pratica o bem. Este Salmo foi composto em Jerusalém, durante algum período de inquietação e tédio. Evidentemente essa situação havia vencido muitos dos desanimados entre os membros da comunidade, pelo que se voltaram para fazer como faziam outros obreiros da iniquidade, e seriam impelidos para um julgamento semelhante ao daqueles. Essa descrição se adapta melhor ao período imediatamente depois da guerra de nervos entre os samaritanos e os exilados judeus que haviam retornado a Jerusalém (cfr. [#Ne 6.9](#); [#Ed 9.4,10-14](#)). Um semelhante forte senso de segurança poderia ter sido expresso por Ezequias (cfr. [#Is 37.33,35](#)). Este Salmo se divide em duas partes: uma expressão de confiança em Deus (1-3) e uma oração e advertência (4-5).

O vers. 1 é mais que uma analogia. [Os que confiam no Senhor](#), não são apenas tão permanentes como o monte Sião, [que não se abala](#), mas, num sentido espiritual, são o monte Sião (cfr. [#Gl 4.24-26](#); [#Hb 12.22](#)). Num sentido histórico têm um concerto estabelecido com Deus que é o paralelo de Sua escolha que recaiu sobre Sião (exemplo, [#Sl 78.68-69](#)). Num sentido físico, como comunidade, estão tão seguros como os altos da própria Sião; ambos foram criados pelo Senhor (cfr. [#Is 54.10](#); note-se [#Fp 4.7](#)). A fixidez e imutabilidade dessa relação entre o Senhor e Seu povo é semelhante à que existe entre uma cidade e suas redondezas (cfr. [#Jl 3.17-18](#)); isto é, ultrapassa em muito a experiência de um indivíduo, pois dura [para sempre](#) (2). Essa verdade é sustentada pela profecia enfática de que o cetro do domínio estrangeiro (3) não permanecerá ou não ficará permanentemente sobre [a sorte dos justos](#) (a Terra Prometida), a fim de que, caso isso acontecesse, não viesse a ocorrer uma falha geral de fé entre os justos (3). [Faze bem... aos bons](#) (4). A retribuição opera positivamente e também negativamente (cfr. [#Sl 34.10](#); [#Sl 84.11](#); [#Lc 8.15](#); [#Rm 2.10](#); [#Hb 13.21](#)). A glória da bondade reside em seu

poder de desvendar a realidade. **Levá-los-á** (5); isto é, "levá-los-á embora". Nenhuma punição mais realista poderia ser imaginada que uma repetição do exílio; mas isso ainda sobreviria a todos os obreiros da iniquidade.

Sl-126.1

SALMO 126. SEMEANDO E COLHENDO

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Cada grupo de três cânticos (excetuando o último grupo) é introduzido por um lamentoso poema. Este é notável porque dele fazem parte o riso, a alegria, o regozijo e o cântico em caráter proeminente, ainda que o poema, como um todo, transmita um senso de choro mesclado com desilusão. Certamente pertence ao período quando o cativo babilônico havia terminado e as esperanças dos fiéis tinham crescido quase até o êxtase, ao preverem o mundo inteiro maravilhado por causa da admirável operação do Senhor. Não obstante, ao retornarem à sua terra natal, tiveram de enfrentar as refratárias conseqüências de seu prolongado exílio, na forma de cidades e campos desolados. A pressão do exílio fora removida, mas o cativo deixara uma impressão, no ambiente deles, que era inescapavelmente espantosa. A imagem agrícola da segunda metade do cântico era peculiarmente relevante, embora cobrisse muito mais que as dificuldades naturais do restabelecimento de uma comunidade rural em torno de uma cidade arruinada. Em primeiro lugar, os colonos sentiam escassez de alimentos por causa da pobreza daquela área e a negligência em que fora deixada; pelo que a semeadura de semente própria para alimento seria particularmente difícil para aqueles que tinham seguido outras atividades na velha cidade. Em segundo lugar, o risco que acompanhava o tempo da semeadura e da sega era muito marcado naquele período devido ao equipamento inadequado, bem como devido à erosão do solo por tanto tempo negligenciado. Condições semelhantes, ainda que não tão severas, tinham prevalecido após a invasão dos assírios, no tempo de Ezequias (cfr. **#Is 37.30**), e Ageu fala claramente sobre a carência de boas colheitas depois do retorno (**#Ag 1.10-11**; **#Ag 2.19**). Em terceiro lugar, o processo inteiro de crescimento natural, a disciplina de dar a fim de obter, era um agudo lembrete da lei das conseqüências, e que poderia impressionar mais o povo do que o fato que o recente exílio da nação tinha sido uma colheita daquilo que fora semeado durante séculos? (cfr. **#Zc 1.4**).

Este Salmo se divide em duas partes: a alegria do povo por ocasião de sua grande libertação (1-3) e a oração pedindo que suas presentes necessidades fossem supridas (4-6).

Trouxe do cativo (1); isto é, o Senhor trouxe de volta aqueles que retornaram a Sião. Quanto ao riso da incredulidade (2) cfr. **#Gn 17.17; #Gn 21.6**. O comentário feito pelas nações seria que o Senhor havia demonstrado sua admirável bondade para (ou com) aqueles homens (3). A ansiosa antecipação dos exilados talvez tivesse sido animada mais ainda por tais profecias como **#Jl 2.21-27; #Am 9.11** e segs. **Faze-nos regressar outra vez do cativo** (4) pode significar ou livra-nos dos rigores e dificuldades de nossa presente situação ou seja, restaura nosso bem estar e nossa economia rural, ou então traz de volta, da Babilônia, mais exilados que reforcem nossos empreendimentos. **Correntes no sul** (4); isto é, os riachos temporários da região árida do sul da Judéia, conhecida como o Negebe. A condição de Israel se assemelhava ao Negebe em período de seca; mas, assim como as chuvas vinham e as correntes desciam de seca; mas, assim como as chuvas vinham e as correntes desciam em cascatas, assim oxalá o Senhor restaurasse a ventura de Seu povo! **Que leva a preciosa semente** (6); isto é, a lançar mãos-cheias. Quanto ao comentário do Novo Testamento, sobre esse tema, cfr. **#2Co 9.6-11; #Gl 6.8-9**.

Sl-127.1

SALMO 127. CÂNTICO DO TRABALHO E DA FAMÍLIA

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Muitos declaram que este Salmo é composto, isto é, trata-se de dois salmos reunidos em um só. Os temas, nas duas porções, são certamente diferentes, pois os vers. 1 e 2 falam da indispensável necessidade do favor de Deus, enquanto que os vers. 3-6 falam das bênçãos de uma numerosa família. Porém, mesmo que originalmente estivessem separados, quando assim reunidos se adaptam como uma unidade. O Salmo exala o espírito de trabalho árduo e de consciência social, o que é característica de todos os estabelecimentos pioneiros. Em tais ocasiões os componentes físicos da vida se tornam dominantes -o limpar do lixo, o arar do solo, o edificar de casas, a manutenção de suprimentos de alimentos, e o estabelecimento de uma família para aumentar o número de trabalhadores e fortalecer a comunidade, especialmente em emergências, quando ocorrem hostilidades. Acima desses

aspectos necessários e típicos dos primeiros estabelecimentos, o salmista colocou a vitalidade e soberania do Senhor. O Salmo inteiro pode ser considerado como uma expansão do provérbio: "A bênção do Senhor é que enriquece; e não acrescenta dores" (#Pv 10.22), com o comentário adicional que a falha humana em reconhecer a base divina da vida não nega isso, mas aplica mal e finalmente erra o alvo completamente. A vida, então, se torna vã, sem propósito, ineficaz e fútil (cf. #Rm 8.20).

As palavras **de Salomão**, no título, são omitidas na Septuaginta. Alguns comentaristas têm considerado esse título, juntamente com **edificar a casa** (1) como uma referência ao fato de Salomão ter erigido o templo. Porém, não existe bom alicerce para essa interpretação. O poema habilidosamente descreve o período de reconstrução, quando os exilados voltaram para Jerusalém. **A casa** significa qualquer casa, e a cidade significa qualquer cidade. Nem uma coisa nem a outra pode ser edificada sem Deus (cf. #1Co 3.9). **Trabalham** (1); isto é, trabalham até a exaustão. Longas horas, entusiasmo e determinação são insuficientes em si mesmos. **Assim dá ele... o sono** (2); melhor, "no sono", significando que aquilo que o homem busca laboriosamente o Senhor dá aos Seus amados, mesmo enquanto dormem, ou seja, a satisfação, a segurança e o sustento (cf. #Mc 4.27); ou então que aquilo que é da vontade de Deus dar aos Seus amados, não depende inteiramente do zelo e das habilidades deles, pois Ele lhes outorga Sua bênção mesmo quando estão a dormir.

Que a concepção e o nascimento não são causados exclusivamente pela atividade humana é repetidamente declarado nas Escrituras, como, por exemplo, #Gn 20.18; #Gn 30.2; #Rt 4.13; #1Sm 1.5 e segs.; #Lc 1.13 e segs. **À porta** (5); o lugar dos processos de lei e disputas (cf. #Sl 69.12; #Jó 29.7 e segs.; #Is 29.21). A significação é que um homem que possui muitos filhos tem uma forte posição na comunidade, e não será envergonhado se tiver de contender, perante a lei, com seus inimigos.

Sl-128.1

SALMO 128. AS RECOMPENSAS DE UMA VIDA PIEDOSA

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Este Salmo se divide em duas partes, descrevendo as bênçãos do homem temente a Deus, primeiramente em seu trabalho e lar (1-3) e então na

prosperidade nacional e da família (4-6). Se o retorno dos exilados vindos da Babilônia podia ser considerado como um segundo êxodo do Egito (exemplo, #SI 124), assim também o restabelecimento na Judéia podia ser tomado como uma repetição da reocupação, por Noé, de um mundo destruído. Portanto, o tema deste cântico é a bênção sobre aqueles que emergiram de seu cativeiro na arca: "Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra" (#Gn 9.1,7).

>SI-128.2

Comerás do trabalho das tuas mãos (2). O desfrutamento de uma colheita bem sucedida era sinal de bênção divina (contrastar com #Dt 28.38-39). **Tua mulher... como a videira frutífera**. (3); isto é, necessitando de apoio, mas, não obstante, provendo aquilo que alegra o coração de um homem. **Aos lados da tua casa** (3); melhor ainda, "nos recessos de tua casa", isto é, naquela porção da casa sempre destinada às mulheres. **Plantas de oliveira** (3) simbólicas de vitalidade. Finalmente, enquanto que o fundamento da bênção do Senhor é a piedade pessoal (1,4), sua esfera é peculiarmente relacionada com Sião, onde Jeová está entronizado e o bem estar da família é inseparável da prosperidade de Jerusalém.

>SI-128.6

A bênção, "paz sobre Israel" (6; ver fim de #SI 125) ajuda a distinguir este terceto central de poemas.

SI-129.1

SALMO 129. A AFLIÇÃO DE ISRAEL E O DESBARATAMENTO DE SEUS INIMIGOS

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Não existe indicação sobre um evento histórico específico nesta "ladainha da aflita Israel". As frases introdutórias abrem uma perspectiva que recua até à escravidão no Egito ("desde a minha mocidade"; cf. #Os 11.1) com suas chicotadas dos superintendentes (#Êx 3.7; #Êx 5.14; #Êx 6.9). Usualmente o retrospecto histórico tinha a intenção de esclarecer a continuidade da escolha divina de Israel (exemplo, #Ne 9.6 e segs.; #SI 68, 78, 105, 136; #Os 11.1 e segs.), e aqui, a despeito da forte metáfora do vers. 3, o pensamento dominante é o da sobrevivência de Israel (2) porque nenhuma iniquidade podia

prevalecer longamente contra a justiça do Senhor, conforme se acreditava estar ela estabelecida em Sião. Este Salmo se divide em duas partes: uma revisão do passado histórico de Israel (1-4) e uma oração contra os presentes aborrecedores de Sião (5-8).

A primeira linha do poema é repetida após **diga agora Israel**, a fim de permitir uma plena resposta, da parte dos peregrinos, desde o início do cântico (cf. **#Sl 124.1**). O vers. 3 é uma vívida metáfora da crueldade e da opressão praticada com extremo rigor. Os inimigos de Israel trataram a nação como os homens tratam a um campo arado, deixando-o coberto de longos sulcos. Isso talvez seja uma referência às vergastadas dos superintendentes em suas costas. Cf. **#Is 51.23**. No vers. 4, a metáfora se altera para um boi preso ao arado, em servidão. Mas o Senhor os libertara dessa escravidão. Todavia, quando Israel recuperou sua liberdade e retornou para sua pátria, fê-lo tão somente para encontrar, nos samaritanos, novas fontes de ódio contra Sião. Que os tais se sequem como a erva dos telhados, onde não existe profundidade de solo, e ela nunca pode amadurecer e ser colhida como o feno ou o trigo. **Não enche a sua mão** (7); isto é, o colhedor não pode segurar com sua mão esquerda enquanto que corta com uma foice, com a direita. Essa imagem é continuada no versículo final. Tal crescimento ocasional e por acaso nunca poderia ser associado às vozes de saudação e resposta no campo de colheita (ver **#Rt 2.4**). O que fica implícito é: "Que aqueles que se opõem à existência e a prosperidade de Sião nunca sejam capazes de fazer frutificar os seus esquemas".

Sl-130.1

SALMO 130. TIRADO DAS PROFUNDEZAS

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Este Salmo se divide em duas partes: a oração baseada na misericórdia de Deus (1-4) e a fé expectante vivificada pela espera em Deus (5-8).

Este apelo penitencial pelo perdão divino é, quase certamente, uma oração pessoal que se adaptou à expressão do remorso nacional durante o cativeiro, sendo adaptada ao uso geral mediante a adição dos dois últimos versículos, onde os pronomes pessoais são substituídos pelo nome **Israel**. Alternativamente, os vers. 7 e 8 podem ser considerados como uma expressão, por um penitente, de uma esperança tão firme que o salmista conclama seu

povo para compartilhar dela. O Salmo começa nas profundezas da angústia e termina nas alturas da esperança confiante. Semelhantes instâncias da fé a triunfar sobre o desânimo, se encontram em Sl 3,6,13.

Das profundezas (1); isto é, uma freqüente metáfora de intensa necessidade e perigo crítico (cf. #Sl 69.1-2,14; #Sl 124.5; #Jn 2.4-6). **Observares** (3); isto é, anotares para prestação de contas (cf. #Mt 3.16; #Jó 14.17). **Senhor... Senhor** (3); em heb., **JÁ... Adonai**. No tribunal da justiça divina ninguém poderia ficar de pé ou sobreviver ao escrutínio. **Para que sejas temido** (4); isto é, o perdão do Senhor capacita os homens a reverenciá-Lo e obedecer-Lhe. **Aguardo... a minha alma o aguarda... a minha alma anseia** (5-6), uma repetição que indica uma apaixonada concentração baseada em Sua palavra ou promessa de perdoar e redimir. A duplicação da última frase, no vers. 6, adiciona mais ênfase a esse voltar-se propositado para o Senhor. A comunhão que é tão desejada é caracterizada pela certeza e realidade da misericórdia ou amor do Senhor (cf. vers. 4) e Seu poder ilimitado de redimir completamente do pecado.

Sl-131.1

SALMO 131. TREINADO NA HUMILDADE

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Este hálito de verdadeira humildade tem alguma semelhança com o Salmo anterior no fato que é intensamente pessoal excetuando o versículo final, onde Israel é mencionado. Não existe motivo pelo qual a autoria davídica seja posta em dúvida, ainda que seja impossível associar definitivamente este Salmo com qualquer episódio de sua vida. Talvez reflita sua reação ao comentário brusco de seu irmão (#1Sm 17.28), pois é mais apropriado aos seus anos verdes.

Se elevou... se levantaram (1); o coração é percebido no olhar (cf. #Sl 101.5; #Pv 30.13). **Não me exercito** (1); isto é, minha maneira de viver não é grandes coisas na corte, no exército ou na comunidade. **Fiz... sossegar** (2); a significação é tornar suave mediante o nivelamento. Seus desejos emocionais (chamados aqui de "minha alma"), antes tão ansiosos e clamantes, foram serenados e aquietados, assim como uma criança plenamente desmamada repousa satisfeita sobre o seio que anteriormente ansiava por possuir. A segurança confiante substituiu a ambição desassossegada (cf. #Cl 3.15).

Sl-132.1

SALMO 132. O JURAMENTO DE DAVI E O JURAMENTO DO SENHOR

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Este cântico é diferente dos cânticos anteriores dos degraus, não meramente quanto à sua extensão, mas em seu apelo a dois concertos históricos e em seus temas de tabernáculo e trono. Um fragmento do mesmo (vers. 8-10) foi incorporado na oração dedicatória de Salomão, conforme dada em 2Crônicas (ver [#2Cr 6.41-42](#)). Divide-se em duas porções:

a) O juramento de Davi (1-10)

Lembra-te... de Davi (1); melhor ainda: "lembra-te... por Davi". O salmista requer que as dificuldades e tribulações que Davi encontrou ao capturar Jerusalém e trazer para ali a arca (cf. [#2Sm 6.8-10](#); [#1Cr 21.3,30](#)) sejam lembradas pelo Senhor "por" ele, isto é, abençoando sua dinastia. Atenção particular é chamada à profunda preocupação de Davi pela glória do nome do Senhor (cf. [#2Sm 7](#)), a qual era tão firme que, embora habitasse no tabernáculo de sua casa, ele não podia descansar ali com contentamento e satisfação. Ele fez um voto ao Poderoso de Jacó (2; e também vers. 5; cfr. [#Gn 49.24](#)) porque, naquele período, "o Senhor lhe dera poder sobre todos os seus inimigos". O desejo do rei foi honrado por Deus mas seu cumprimento foi proibido (cf. [#Is 66.1-2](#)).

O canto antifonal deste cântico talvez tenha seguido a divisão, vers. 1-5 e 6-9. Os vers. 6-7 certamente representam ansiosa resposta do povo, do tempo de Davi, quando Davi primeiramente empreendeu trazer a arca das cercanias de Quiriate-Jearim (Lit., "a cidade dos bosques"; ver [#1Sm 7.1-2](#)). **Ouvimos falar da arca em Efrata**; deve ser interpretado à luz de sua permanência na casa de Abinadabe por vinte anos (cf. [#2Sm 6.2-5](#)); isto é, Efrata deve ter sido o nome daquele distrito. **Entraremos nos seus tabernáculos** (7); isto é, "lugares de habitação" a palavra está no plural, como também "tendas", no vers. 3 e em [#Sl 43.3](#), ou como uma forma simples de ênfase, ou como termo coletivo que reflete [#Dt 12.5,11,21](#), etc. Pois o tabernáculo descansou em Gilgal, Betel, Siló e Quiriate-Jearim antes de chegar a Sião. **Escabelo** (7); isto é, a arca (cf. [#1Cr 28.2](#)) que estava por debaixo de Sua presença invisível. **Levanta-te,**

Senhor (8); um eco do freqüente grito no deserto (cf. #Nm 10.35 note-se #Sl 68.1).

>Sl-132.11

b) O juramento do Senhor (11-18)

Este concerto foi a resposta de Deus ao desejo de Davi. Substituiu o conceito do rei sobre um edifício permanente, de pedras, para abrigar a presença do Senhor (que preferia uma habitação móvel), com uma expressão mais duradoura da carne humana (11-12) do poder e do propósito constante do Senhor (cf. #Sl 89.19-37), isto é, a habitação escolhida do Senhor era pessoal e não arquitetural (Cf. o discurso de Estêvão, em #At 7; cf. também #Jo 1.14; #2Co 6.16; Hb 9.11; 1Pe 2.4-7). Não obstante, uma relação peculiar foi afirmada entre o Senhor e uma localidade física, isto Sião; e isso, **para sempre** (13-14). Usualmente a cidade, o santuário e o local são equivalentes e sinônimos, mas esta divina eleição talvez se limite à característica topográfica do "monte Sião" em distinção da cidade habitável (cf. #Sl 2; 68.16; 78.68; Jl 3.17-18). Os livros poéticos do Antigo Testamento insistem na íntima associação do mundo físico com seu Criador espiritual (exemplo, Sl 29; 78; 104; Jó 38-39).

Note-se o íntimo paralelismo do pensamento entre as duas porções do cântico. À oração que diz: "Muda-te para teu lugar de repouso, veste teus sacerdotes com justiça, permite que teus santos clamem de regozijo, não desvies teu rosto de teu ungido" (8-10), é dada a resposta completa: "Este é o meu repouso para sempre; seus sacerdotes vestirei de salvação, seus santos clamarão de alegria em voz alta, e tenho ordenado uma lâmpada (que brilhe para sempre) perante meu ungido" (14-17). Quanto às metáforas no vers. 17 cf. #Lc 1.69; #1Rs 11.36 e anotações sobre #Sl 148.14.

Sl-133.1

SALMO 133. AS BÊNÇÃOS DE IRMÃOS HABITANDO EM UNIÃO

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Este é um poema sobre simpatia comunal e gentileza fraternal. É usualmente assumido que a habitação conjunta, aqui falada, se refere ao ajuntamento do

povo nas primeiras festividades. A palavra hebraica para habitar (lit. "assentar-se") certamente pode ser usada para significar um tal ajuntamento temporário. Existe, entretanto, um ponto de vista alternativo de que o Salmo talvez tenha sido escrito para encorajar os exilados retornados a se estabelecerem em Jerusalém. A união era muito desejável entre os colonos que haviam voltado para as circunvizinhanças de Jerusalém (note-se [#Ne 11.1](#)). Podia ser grandemente fomentada por adoração centralizada regular (cf. [#Ed 3.1](#)). Além disso, a unidade de um sangue e de uma tradição comum precisava ser reforçada e aumentada por meio de amizade e íntima proximidade. A ênfase do salmista recai sobre as vantagens de um estabelecimento íntimo e compacto.

Ele ilustra isso de duas maneiras. Primeira, é como o azeite especial de consagração que, no caso do Sumo Sacerdote, era derramado sobre sua cabeça e se espalhava por toda a sua pessoa, até às fímbrias de suas vestes (cf. [#Êx 29.7](#); [#Lv 8.12](#)). Em outras palavras, a unidade é uma coisa rara e abençoada, e especialmente quando sua influência se espalha pela sociedade inteira. [À orla dos seus vestidos](#) (2); lit., "boca de suas vestes", que talvez se refira ao colarinho da veste de Arão. A imagem de unidade é preservada no fato que o azeite atingia as duas pedras de ônix nos ombros de Arão, que traziam os nomes das doze tribos.

Em segundo lugar, o Salmo assemelha essa unidade ao orvalho refrescante, pesado como o do alto monte Hermom, que também caía sobre Sião, e que é tão importante nas regiões como a Palestina, onde a precipitação de chuva, sozinha, é geralmente insuficiente para a produção de boas colheitas. (Note-se a referência de Ageu a essa necessidade, [#Ag 1.10-11](#)). [A bênção e a vida para sempre](#) (3). Ver anotações sobre [#Sl 132.14-17](#). A promessa à nação foi de vida renovada e contínua.

Sl-134.1

SALMO 134. UMA SAUDAÇÃO SOB ORAÇÃO, E GRACIOSA RESPOSTA

Ver Introdução Geral aos Sl 120-134.

Esta doxologia encerra o saltério em miniatura dos Cânticos dos Degraus (cf. [#Sl 150](#)). Os dois primeiros versículos (entoados pela congregação que se retirava) são uma bênção sobre os poucos sacerdotes e auxiliares que

permanecem no templo durante a noite (#1Cr 9.33). Não eram simples guardiões e vigias, mas mantinham certa forma de adoração. Por exemplo, são referidos como a ficar "de pé" (cf. #Dt 10.8; #1Cr 23.30), e a "levantar as mãos" (cf. #Sl 28.2; #Sl 141.2). O último versículo era sua resposta final, antes da dispersão final dos peregrinos. **O Senhor, que fez o céu e a terra** (3); isto é, o Deus de todo poder. **Te abençoe desde Sião** (3). A bênção foi dirigida a cada adorador.

Sl-135.1

SALMO 135. BENDIZEI AO SENHOR

Embora esta antífona não esteja incluída na antologia anterior de cânticos empregados pelos peregrinos que jornadeavam até Jerusalém, ela tem uma óbvia associação com os Cânticos dos Degraus e com outros salmos de louvor coletivos. Pode ser considerado este Salmo como uma expansão do cântico final do grupo, pois o #Sl 134 é virtualmente repetido nos vers. 1-2,21. Por outro lado, a porção central (3-20) incorpora muitas características do Hallel Egípcio (Sl 113-118), especialmente do #Sl 115. O poema inteiro é quase exclusivamente um mosaico de salmos anteriores, e pouca dúvida pode haver que foi composto para ocasiões públicas de adoração festiva, e que seu desígnio deliberado era evocar memórias e associações de outros cânticos de louvor. O período provável seria quando a adoração centralizada foi reiniciada sob a liderança de Esdras. O padrão geral de pensamento é regularmente claro.

a) Prólogo (1-6)

Uma introdução geral, consistente de três pares que tratam dos privilégios de Israel na adoração (1-2), na eleição divina de Israel (3-4), e finalmente na plena soberania do Senhor (5-6). **Eu conheço** (5); a força dessa afirmação pessoal deve ser percebida nos versículos subsequentes. **Acima de todos os deuses** (5); cf. #Êx 20.3; #Dt 10.17; também #Sl 86.8; #Sl 95.3; #Sl 97.9. Cf. #Sl 115.3 com o vers. 6.

>Sl-135.7

b) O Senhor e Seu povo (7-20)

As três idéias introdutórias são consideravelmente desenvolvidas, mas não na mesma seqüência. Além disso, são manuseadas de tal modo que focalizam tudo sobre a relação peculiar existente entre Israel e o Senhor.

1. A CONTROLADORA ATIVIDADE DE DEUS, NA NATUREZA E NA HISTÓRIA (7-12). **Faz subir os vapores** (7); isto é, nuvens; cf. #Jr 10.13; #Jó 36.26-29; #Jó 37.3,9-12,15-16; #Jó 38.22-28. Esse é o pano de fundo da exclamação do vers. 3: "o Senhor é bom". Quanto aos vers. 8,9 ver #Êx 12.12,29; #Sl 78.51; #Sl 136.10. Isso faz parte do eco incessante de #Êx 15 e ilustra o outro pensamento do vers. 3: "louvá-Lo é agradável". **Que feriu muitas nações** (10); cf. #Dt 7.1. Seom e Ogue foram exemplos antigos e notáveis; cf. #Nm 21.21-35. Essa ação é paralela ao vers. 4: "o Senhor escolheu a Jacó". **Deu a sua terra em herança** (12); cf. #Sl 78.55 e #Sl 136.21-22; quanto aos reinos de Canaã cf. #Js 12.7. Este versículo doze está enraizado no vers. 4: "Israel é seu tesouro peculiar".

>Sl-135.13

2. A SUPREMACIA ABSOLUTA DO SENHOR SOBRE OS DEUSES DAS OUTRAS NAÇÕES (13-18). **Teu nome... permanece** (13); cf. #Sl 102.12. **Julgará** (14); isto é, governará com equidade (subentendendo libertação); cf. #Dt 32.36. A ênfase, aqui, recai sobre **de geração em geração** (13) e é uma expressão coletiva para contrabalançar a segurança pessoal do vers. 5: "conheço que o Senhor é grande". **Os ídolos das nações** (15) são feitos pelos homens; contrastar com o vers. 5: Ele é "acima de todos os deuses". **Não falam... não vem... não ouvem** (16-17); a antítese do vers. 6: "Tudo o que o Senhor quis, ele o fez". Os vers. 15-18 são similares ao #Sl 115.4-8. **Semelhantes a eles se tornem os que os fazem** (18); a falta completa de efeito sobre seus criadores, sem exceção, enquanto que no versículo 6 o poder do Senhor não conhece limites.

>Sl-135.19

3. A ALTA VOCAÇÃO DO SENHOR A ISRAEL (19-20). Estes dois versículos contrabalançam os dois primeiros: **Bendize ao Senhor**-**"Louvai ao Senhor"**; **Casa de Arão**-**"Servos do Senhor"**; **Vós, os que temeis ao Senhor**-**"Vós que assistis na casa do Senhor"**. Essa chamada para a adoração é a mesma de #Sl 115.9-11, mas a adição da casa de Levi salienta os três grupos de adoradores e também subentende a tríplice estrutura do interior do templo.

>SI-135.21

c) Bênção (21)

A conclusão inverte a bênção de #SI 134.3. Visto que o Senhor centraliza Suas bênçãos sobre Sião (#SI 132.13-16), e as distribui por intermédio de Sião (#SI 134.3), portanto deve ser Ele louvado com particular fervor em Jerusalém.

SI-136.1

SALMO 136. MISERICÓRDIA E MAJESTADE

Tal como o #SI 135 é um desenvolvimento da conclusão do #SI 134, assim também o #SI 136 pode ser considerado como uma resposta a #SI 135.19-20. Realmente, os dois salmos estão mui intimamente relacionados. A principal característica desse hino nacional, que o distingue de outras antífonas nacionais tais como os SI 78; 105 e 106 é o estribilho regular: **porque a sua benignidade é para sempre**, uma frase litúrgica muito usada noutros lugares (exemplo, #1Cr 16.41; #2Cr 5.13; #2Cr 7.3; #Ed 3.11; SI 106; 107; 118). Esse estribilho provavelmente era entoado pela congregação em resposta às sentenças cantadas pelos levitas, ou então era entoado pelo coro de levitas em resposta ao canto de um chantre. Caso fosse removido o coro repetido, restaria um curto salmo de louvor, que exalta a bondade do Senhor. Há cinco seções neste poema.

a) Introdução (1-4)

Note-se as quatro frases: **ele é bom** (1), **Deus dos deuses** (2), **Senhor dos Senhores** (3), **Aquele que só faz maravilhas** (4). Pode-se dizer que essas quatro frases servem de tema para as quatro estrofes seguintes, mas a ordem é invertida. Cf. #Dt 10.17 com os vers. 2 e 3. Cf. #SI 72.18 com o vers. 4.

>SI-136.5

b) Um Deus que faz grandes maravilhas (5-9)

Estendeu a terra sobre (6). A terra é considerada como a flutuar nas águas do abismo; cf. #SI 24.2; #SI 135.6; #Is 42.5; #Gn 7.11; #Jó 38.8,16. **Grandes luminárias... para governar** (7-9); como em #Gn 1.14-16.

>SI-136.10

c) Ele é o Senhor dos senhores (10-15)

Estes versículos podem ser divididos em três pares de frases gêmeas que destacam os fenômenos sobre-humanos da seleção (para a morte, e para a liberdade), para o poder (para segurar e para separar), para o sucesso (em fazer atravessar e em derrubar). Alternativamente, podem ser considerados como dois grupos de três frases (vers. 10-12,13-15), cada grupo exaltando o contraste entre o tratamento dado por Deus ao Egito e Seu tratamento dado a Israel.

>SI-136.16

d) Ele é o Deus dos deuses (16-22)

O Senhor é exibido a agir na história a fim de estabelecer e firmar o Seu povo. Os exemplos dados ilustram Sua divina liderança através dos anos. Os deuses dos pagãos foram derrubados e seus territórios dados a Israel.

>SI-136.23

e) O Senhor é bom (23-26)

Nos versículos finais a bondade de Deus é aclamada primeiramente nos livramentos de Israel, de sua **humilhação** (23) e dos muitos **inimigos** (24). Isso, provavelmente, é um conceito panorâmico da tendência da história da nação, mas com uma referência particular ao exílio e ao retorno. Em seguida o escritor relembra a benevolência do Senhor para com todas as criaturas a quem Ele sustenta em vida (cf. **#SI 104.27-28; #SI 145.15-16; #Jó 12.7-10**). A expressão final, **Deus dos céus**, prossegue na idéia de plenitude. Contrastar **toda a carne** (25) com **nossa** (23). Isso também liga juntamente a segunda porção ou porção principal do poema (cf. 5,26).

SI-137.1

SALMO 137. JERUSALÉM, EDOM E BABILÔNIA

Este lamento, a princípio pungente mas finalmente indignado, expressa a reação dos exilados judeus quando retornaram esperançosamente a Sião, na primeira leva, somente para ficar chocados com sua condição de desolamento. Essa contradição de sentimento se reflete no poema; de fato, é sua característica principal. Há duas partes: uma olhando para o passado (1-4), e a outra para o futuro (5-9). Cada parte tem duas fases de pensamento, uma associada aos próprios judeus e a outra associada aos seus adversários.

Nos vers. 1-2,5-6 as planícies cortadas de rios da Babilônia (cf. #Jr 51.13) aparecem em contraste com a cidade de Jerusalém, edificada em região montanhosa, e a idéia de cessação forçada de música, na Babilônia, faz contraste com a prontidão de sofrer mudez se Jerusalém for esquecida em seus corações. **Nos assentamos e choramos** (1); cf. #Jó 2.12-13; #Ed 9.3. A harpa era usualmente o instrumento dos cânticos alegres (cf. #Is 24.8; #2Sm 6.5). **Nos destruíram** (3); isto é, nos humilharam. Tinham tomado consigo suas harpas, na esperança que se consolariam na música cantada. Porém, as escarnekedoras exigências de seus atormentadores tornava isso impossível. Cantar um cântico do templo, ou seja, **o cântico do Senhor** (4; cf. #2Cr 29.27) para o entretenimento de um povo estrangeiro, seria uma profanação. **Esqueça-se a minha destra** (5); isto é, no sentido de "fique paralisada".

>SI-137.7

Os cânticos de Sião, que foram recusados numa terra estranha, são assim substituídos por retribuição desejada sobre povos estrangeiros (7-9). O anterior cativo na Babilônia é posto paralelamente à presente liberdade na Judéia; os primeiros sonhos e desejos dos exilados são contrastados com a decadência e devastação atuais da cidade; lágrimas de remorso são trocadas por terrível ira; o silêncio de uma profunda tristeza que era atormentada pela jovialidade de seus captos é equiparado pela maldição de mudez invocada sobre uma lealdade que não é provocada por Sião até à mais exaltada alegria. A antítese chega a seu clímax quando a memória daqueles que, na Babilônia, atormentavam os exilados exigindo que entoassem hinos em memória ao Senhor, é contrabalançada por uma maldição lançada contra os edomitas que, traiçoeiramente, desejavam a completa remoção da cidade do Senhor. **Arrasai-a** (7); não fique uma pedra sobre a outra. A ira dos judeus para com os edomitas foi reforçada pela contenda centenária que recuava até os dias de Jacó e Esaú. Muitos profetas, além de Obadias, tinham falado veementemente sobre o malicioso ódio de Edom para com os filhos de Jacó (cf. #Is 34; #Jr 49.7-22; #Ez 25.12-14; #Am 1.11). A alegre cooperação dos edomitas quando,

no dia de Jerusalém (7), a cidade fora saqueada por Nabucodonosor, era amargamente ressentida. Babilônia tornara-se aborrecível por ter sido o agente da queda de Jerusalém. O apelo por uma justa retribuição contra essa nação pagã é expresso nos termos "olho por olho, dente por dente". Assim como tinham tratado cruel e mortalmente aos judeus, assim também seriam tratados (9). (Ver [Introdução](#)).

Sl-138.1

SALMO 138. CÂNTICO DE AÇÃO DE GRAÇAS

Os oito poemas, de 138 a 145, são intitulados [de Davi](#), mas a sua autoria não é perfeitamente clara. A Septuaginta adiciona "de Ageu e Zacarias" ao título do [#Sl 138](#), o que sugere uma revisão no período da restauração. O [#Sl 139](#) é tão destacado que não é fácil imaginar como poderia ter sido esquecido quando os poemas de Davi foram pela primeira vez colecionados para formar a base dos Livros I e II do saltério. Além disso, conta com muitas características lingüísticas de um período muito posterior. Num grau menor, o mesmo pode ser dito sobre os restantes seis salmos. Indubitavelmente todo este grupo é davídico quanto ao pensamento e, se não foram compostos originalmente por sua mão, foram então modelados nos moldes de sua obra literária. O [#Sl 138](#) bem pode ser considerado como um paralelo da oração de Davi, em [#2Sm 7.18-29](#).

A estrutura deste Salmo parece ser semelhante à do [#Sl 135](#), isto é, uma declaração introdutória (1-2) que é subsequente expandida frase por frase como segue exemplo, [eu te louvarei... de todo o meu coração](#); a razão para esse desejo de "dar graças" ao Senhor é expressa no vers. 3. [Na presença dos deuses](#) (isto é, "na presença dos poderosos governantes") [a ti cantarei louvores](#); o resultado seria que esses mesmos [reis da terra](#) (4) se juntarão na atribuição de louvor a Deus. [Inclinar-me-ei para o teu santo templo](#) (5), inspirado pela grandeza da glória de Deus e encorajado pelo fato que Ele [atenta para os humildes](#) (6). De maneira semelhante, a confiança do salmista, no cuidado e na proteção de Deus (7-8) parece sublinhar a atribuição de ação de graças no vers. 2. Deus, sabia o salmista, haveria de completar totalmente Seus propósitos para com ele.

Sl-139.1

SALMO 139. INDEPENDÊNCIA OU IDENTIFICAÇÃO

Este é um dos mais lindos poemas do saltério; é notável tanto teológica como psicologicamente. Sua estrutura literária é simples, quatro estrofes de seis versículos cada. Porém, o padrão de pensamento é mais complexo e poderia ser assemelhado a uma parábola, pois há um movimento de ida e volta; a lenta crise ocorre no centro do poema e a conclusão inverte o início. Nele conseguimos distinguir alguém que está no processo de aperceber-se da mais transformadora experiência da vida, a apreensão da "outra face" de Deus, que é pessoal, onipresente, onisciente e santo.

a) Aborrecido senso de limitação (1-6)

O salmista é ouvido a sussurrar para consigo mesmo, digamos assim, sobre sua reação para com a revelação de Deus. "A essência da descoberta tem produzido uma consciência irrefutável e revolucionária de que acima de mim, além de mim, por baixo de mim e ao meu redor, existe um Outro, uma Pessoa infinitamente maior que eu mesmo, em todo aspecto positivo. Visto que Ele não pode mudar, devo tomar uma atitude para com Ele; visto que me encontro inteiramente em Seu poder, minha atitude para com Ele necessariamente afeta meu ser inteiro e todo meu destino futuro". O **tu** inicial é enfático: **Senhor, tu me sondaste, e me conheces** (1). O resultado da investigação de Deus é conhecimento perfeito, compreendendo toda forma possível de minha atividade e ser. **Meu pensamento** (2); uma palavra que ocorre somente neste Salmo (ver também vers. 17). **Cercas** (3). O pensamento é que **meus caminhos** (isto é, minhas atividades em trabalho) são minuciosamente examinados por Deus. E assim, minhas idas e minhas voltas, bem como toda minha conduta e fala (4), quer casuais, quer impulsivas, quer deliberadas, Lhe são familiares. "Sem que haja uma palavra na minha língua, e eis..." etc. **Me cercaste** (5); isto é, me fechaste. Deus me encerrou entre o nascimento e a morte. **Puseste sobre mim a tua mão** (5); estas palavras podem ser traduzidas como: "puseste-me em tua mão espalmada". O salmista se sente preso, limitado e aprisionado precisamente porque percebe que Deus o conhece de modo tão íntimo, tão direto, tão completo, tão crítico, tão inescapável (cf. **#Hb 4.13**). Tal conhecimento ultrapassa o entendimento humano.

>Sl-139.7

b) Busca por escape no espaço (7-12)

"O sentimento de opressão que fora induzido pela imensidão e intensidade de teu conhecimento me compele a buscar escape por quaisquer meios e por qualquer terreno (7). Mas, se tento evadir-me por meio de distância (8-10) ou trevas (11-12), descubro que isso é impossível; nem altura nem profundidade, nem o céu nem o sepulcro (Seol) estão fora de teu alcance; e para eu fazer sem vida, em minha sepultura, isso me deixaria tão notório para ti como se eu invadissem pelos portões do céu (8; cf. #Am 9.2). Não apenas estás acima, abaixo e além de onde quer que eu procure refúgio -ainda que eu tenha a rapidez da alvorada e atinja as mais remotas ilhas do mar-mas estás em todos os lugares (9; cf. #At 17.27-28). Conseqüentemente, sempre és capaz de revelar a ti mesmo e tua mão pode continuar a liderar-me compassivamente ou a segurar-me em ira (10). Porém, se não posso deixar tua presença atrás de mim, talvez me possa ocultar. Contudo, nenhuma treva pode esconder coisa alguma de ti, nem fazer a menor diferença quanto à tua vigilância. Não existe coisa nem qualidade que não seja completamente transparente para ti; a mera imensidão física ou a obscuridade são espiritualmente desprezíveis.

>SI-139.13

c) Busca por escape no tempo (13-18)

Em sua busca por um meio de escapar de Deus, até chega a parecer que o salmista afirma: "Durante toda minha vida tenho estado dentro de tua vigilância, teu alcance e teu conhecimento. Minha única esperança reside e minha vida inconsciente. Não posso traçar sua presente extensão, mas posso recuar àquele período inicial, no ventre de minha mãe, quando eu não tinha conhecimento de minha própria existência, e talvez então não tinha consciência de mim" (cf. #Jó 3).

É aqui que o tema começa a fazer uma curva para voltar. Nessa possibilidade futura o salmista encontra seu senso de liberdade e adoração. Isso não se deve ao fato de haver escapado de Deus, mas à descoberta que sua existência fora causada por Deus. O enfático **tu** (oculto, do vers. 13) é um eco do vers. 2 e o início de uma nova viagem. **Possuíste os meus rins** (13); isto é, fizeste (como em #Gn 14.19) o lugar de meus mais íntimos sentimentos. Essa revelação sobre sua origem contrabalança a descoberta prévia sobre a natureza e o ser de Deus; restaura a postura de sua vida, mas numa base transformada. A adoração e o louvor agora saem de seus lábios (14). Ele percebe que a verdadeira autoconsciência é possível somente quando ele percebe sua existência como criatura em relação a Deus.

Da maravilha de sua origem física, sob a habilidosa mão de Deus, ele deriva três idéias:

Primeira, o Senhor tem boa intenção para com ele. Ele é criatura dEle e, se Ele teve tanto cuidado e superabundou em tanta habilidade no que tange à sua origem individual, o que não fará Ele pelo seu bem-estar? Os vers. 15 e 16 são um excelente sumário do desenvolvimento ante-natalício; o primeiro entretecer secreto, o primeiro desenvolvimento, a formação de um esqueleto, o material de carne a revestir o todo e a crescer dia a dia. **Nas profundezas da terra** (15) se refere principalmente ao ventre que o ocultava e que aqui é comparado ao mundo inferior, um lugar de trevas e mistério. **Os teus olhos viram o meu corpo** (16); isto é, minha substância imperfeita ou embrião. O restante do vers. 16 pode ser traduzido como: "em teu livro tudo isso foi escrito, até mesmo os dias que foram moldados (ou previstos) e para ela (minha origem física) havia uma (fixada) entre elas".

Em segundo lugar, a bondade do Senhor excede seu entendimento. Uma conseqüência dessa formação, nas mãos de Deus, é que ele não pode evadir-se dEle ou exauri-Lo; ele estava inteiramente aprisionado na teia de Seus propósitos e esses **pensamentos** do Senhor lhe eram **preciosos** (17). No fato que Deus o fizera homem, fê-lo para uma boa finalidade. Esquecendo-se de seus temores anteriores o salmista agora percebe tantas finalidades possíveis que perde a conta delas (18; cf. **#Sl 40.5**; note-se também **#1Co 1.30**; **#Ef 1.3-12**).

Em terceiro lugar, o bom propósito de Deus para com ele implica em prolongada comunhão Consigo. **Quando acordo** (18) não subentende o despertar após a morte (ver anotações sobre **#Sl 17.15**), mas tão-somente "sempre que me acordo da inconsciência do sono, acho que continuo contigo".

>Sl-139.19

d) Uma espantada e vigorosa reação (19-24)

Deve-se notar que cada estrofe tem sido encerrada com uma expressão de admiração e reverência. Em relação ao poema inteiro, a última estrofe serve da mesma maneira. O contraste de sentimento é tão abrupto a ponto de abalar a mente receptiva e de intensificar a impressão criada pelo salmo. Até esta altura o poema tem sido intensamente pessoal. Mas o autor vivia numa

sociedade de homens, os quais nem todos tinham consciência da Majestade divina. Nem bem seus pensamentos se voltam para o terreno da vida normal e já o salmista percebia a anomalia do detalhado conhecimento de Deus sobre todo coração, e Sua contínua indulgência para com os ímpios. Daí resulta sua exclamação: **tu matarás decerto o ímpio** (19). Talvez tivesse sido a presença de tais homens maus que inicialmente precipitou o desejo de escapar, e que agora era reorientado pela revelação do Senhor (1-12). A linguagem franca dos vers. 19 e 20 expressa um caráter forte que fora de tal maneira revigorado por uma nova concepção do poder e da bondade divinos que explode em veementes denúncias contra aqueles que praticam perversos esquemas sob a máscara do "nome" que tomam em vão. Agora o salmista se tornara tão ansioso de comunhão com Deus que se identifica com Deus em Seu aborrecimento pelos iníquos (cf. **#Lc 10.16**). **Não me aflijo...?** (21); melhor ainda: "não abomino...?"

Bastante surpreendentemente, o salmista agora se torna consciente da existência daquilo pelo que tinha previamente buscado em vão. A alteração da meditação para a atividade, evocara nele uma intensificação dos sentimentos (21-22) que surpreende a ele mesmo, e ele põe-se a perguntar se, em seu zelo por Deus, não teria agido movido por motivos humanos, falíveis, independentes e duvidosos, dos quais anteriormente não tinha consciência. E assim Ele implora a Deus que o Senhor faça aquilo que ele mesmo falhou ao tentar fazer- sondá-lo totalmente (cf. **#1Co 2.10-11**). O motivo de tal investigação não é que ele mesmo venha a utilizar qualquer possível território para a independência de sua alma, mas que, se Deus encontrasse tal território, Ele o purgasse desse perigo por Sua habitadora presença.

Esta conclusão faz contraste completo com o sentimento inicial. Mas o escopo de pensamento tem sido tão lato, em seu contato com Deus e com o desconhecido, que nenhuma melhor ou mais positiva conclusão poderia ter sido feita. **Prova-me, e conhece os meus** (divagantes ou desinquietantes) **pensamentos** (23); cf. **#Sl 26.2. Algum caminho mau** (24); melhor traduzido seria: "Qualquer caminho que pudesse ser pernicioso ou atroz". **Caminho eterno** (24); isto é, a vereda dos justos. Não se trata necessariamente de uma aspiração pela imortalidade.

Sl-140.1

SALMO 140. LIVRA-ME DOS INÍQUOS

Esta oração pedindo proteção divina contra inimigos maquinadores tem muito em comum com o espírito dos Sl 58 e 64, e pode ter sido composta com aqueles modelos davídicos em mente. Não é possível dizer quando foi escrito ou quais circunstâncias, na vida de Davi, pretendia refletir. Este Salmo se divide em cinco partes, das quais as três primeiras terminam com **Selá**.

a) O ataque da propaganda mentirosa (1-3)

A oração solicitando livramento (1) é expandida por uma descrição dos homens maus cujas línguas ameaçam o salmista com a guerra ou com "amarga contenda". O tema é ilustrado mediante referências às suas secretas intenções (eles "pensam o mal no coração"), suas tentativas de provocar contendas e suas palavras agudas e envenenadas (ver introdução a **#Sl 120**).

>Sl-140.4

b) Os planos secretos dos ímpios (4-5)

Esta oração pedindo proteção é ampliada por um relato sobre os iníquos cujas obras secretas põem em perigo o salmista. Ele reconta seus planos para fazer com que os pés do salmista escorreguem ou tropecem, fazendo-o cair vítima de armadilhas ou **cordas**, ficando preso em redes e **laços**. A imagem apresentada é de caçada de pássaros e animais. Apesar de que seus inimigos nunca agiriam literalmente desses modos, o contraste com as metáforas de conluíus e venenos, nos vers. 1-3, sugere que existe aqui referência a alguma ação realmente cometida, alguma coordenação cruelmente armada de circunstâncias.

>Sl-140.6

c) Um apelo ao Senhor, pedindo proteção (6-8)

A oração é tríplice: "Ouve a voz das minhas súplicas"; "Deus, fortaleza da minha salvação"; "Não cumpras, ó Senhor, ao ímpio os seus desejos". Essas três frases são o âmago do poema inteiro. **Cobriste a minha cabeça** (7); isto é, com um capacete. Cf. a referência à guerra, no vers. 2. **Não deixes ir por diante o seu propósito** (8). Este versículo antecipa e explica a maldição que se segue. Não permita Deus que homens ímpios sejam bem sucedidos em seus desejos, para que não venham a tornar-se poderosos e arrogantes ("Não se exalte"); pois, se isso acontecesse, os piedosos seriam duplamente oprimidos.

>SI-140.9

d) Retribuição (9-11)

O salmista confronta as perversas intenções dos corações dos ímpios com o desejo que o mal provocado por seus lábios (3) redunde contra eles mesmos e se cumpra em suas próprias vidas (9). Ele contrabalança suas ações ocultas (4-5) com um desejo que sejam abertamente destruídos, tão claramente como o fogo que caiu sobre Sodoma (cf. #SI 11.6), e tão irremediavelmente como as profundas águas do dilúvio. As palavras traduzidas como **covas profundas** ocorrem somente aqui e, provavelmente, significam "profundos dilúvios": contrastar com #Is 43.2. Finalmente, o salmista declara que o princípio inescapável da justiça assegura o fracasso final de todo caluniador, bem como a derrubada de todo homem violento e perverso. **Homem de má língua** (11); lit., "homem de língua". Aqueles que costumam perseguir sem misericórdia, acabarão sendo caçados sem misericórdia; aqueles que procuravam vê-lo tropeçar é que acabarão sendo derrubados com um golpe.

>SI-140.12

e) A segurança proporcionada pela presença do Senhor (12-13)

O salmista termina com uma nota de confiança: **Sei** (12). Embora esteja rodeado de adversários, pode confiar no Senhor que sua causa seria defendida. Pode até mesmo começar a agradecer a Deus, não meramente por ter sido livrado de todas as suas tribulações, mas devido ao gracioso privilégio estendido aos retos-em distinção de seus adversários ímpios-de habitarem na presença do Senhor (13); Ver #SI 16.11; cf. #2Tm 4.16-18; #1Jo 4.4 e segs.

SI-141.1

SALMO 141. DEDICAÇÃO À RETIDÃO

Esta é uma oração solicitando fortaleza de propósito em meio às dificuldades. O salmista sente que está em perigo devido a forças ocultas que fogem a seu controle. Exteriormente havia as armadilhas secretas e as tentações (4) dos homens perversos; internamente havia um coração impulsivo inclinado a resistir à repreensão dos amigos (5), e capaz de coisas más. Também havia um coração incontrolável (3), pronta a, em qualquer momento, falar com

depreciação e queixa sobre Deus (quanto ao engano da fala ver introdução ao #SI 120). Excetuando a introdução (1-2), este Salmo se divide numa dupla oração (#SI 141.3-4, 141.8-9), encerrando uma passagem de obscura significação.

a) Introdução (1-2)

A ti clamo (1). A tradução: "a ti tenho clamado", além de mais fiel também indica que o salmista já tinha estado em oração. O apelo para Deus apressar Sua atenção à voz do salmista é um elemento freqüente nos salmos davídicos, por exemplo, #SI 22.19; #SI 38.22; #SI 40.13; #SI 70.5. A associação de oração com sacrifício e incenso (2) é claramente descrita em #SI 66.13 e segs. O vers. 2 implica em adoração longe do tabernáculo e sem o concurso das ofertas vespertinas. O salmista ora pedindo que sua oração seja tão aceitável a Deus como se tivesse sido feita no templo.

>SI-141.3

b) Precaução contra a impiedade (3-4)

A forte aversão do salmista aos caminhos da impiedade não lhe proporciona imunidade de falar e desejar iniquamente. Ele roga o poder divino para impedir qualquer lapso de retidão de sua parte mediante as atrações do mal. **Suas delícias** (4) seriam os luxos físicos adquiridos por métodos injustos.

>SI-141.5

c) Constância sob a mais extrema provocação (5-7)

Em certo sentido esta passagem pode ser considerada como um parêntese, sendo que a oração dos vers. 3 e 4 é retomada nos vers. 8 e 9. Nesses versículos o salmista avista dois testes extremos de constância. Por um lado, o justo pode corrigir e reprová-lo, no qual caso ele não deve ficar orgulhoso ou resistente, mas aceitar tal ação gentilmente; isto é, "como azeite excelente sobre a cabeça", dirigido a seu bem-estar (cf. #SI 104.15; #SI 133.2). Através de tal experiência sua oração continuará a ser dirigida contra as más ações (maldades); isto é, ele oraria para ser impedido de participar da natureza e da ação de homens maus. O outro extremo seria quando príncipes perversos (**juízes**) fossem "arremessados da rocha" (cf. #2Cr 25.12) e seus ossos são espalhados onde entraram no Seol. Mesmo assim ele não se vangloriaria nem

se encheria de orgulho, pois a população (**eles**, oculto) continuaria ouvindo suas palavras, que **são agradáveis**, isto é, honram a Deus (cf. **#2Sm 23.1**). Alternativamente, retendo, como aqui, a palavra "nossos", no vers. 7, estes versículos podem significar que os amigos do salmista tinham sido assassinados em grande número (realmente, seguindo certas versões, seus ossos foram espalhados pelo chão como lascas de madeira tiradas quando um tronco está sendo cortado por um machado, ou, seguindo esta versão, seus ossos foram espalhados sobre a terra revolvida como semente em terreno há pouco arado), e seriam precursores de uma ressurreição (cf. **#Is 26.19**; **#Jr 8.1-2**; **#Ez 37.1-14**). Não obstante, mesmo apesar disso ele não ficaria amargurado contra Deus, nem adoraria maneiras ímpias ou motivos de homens maus. Possivelmente a obscuridade desses três versículos se deve à nossa ignorância sobre algum evento histórico ao qual talvez se refiram.

>SI-141.8

d) Uma oração de consagração (8-10)

Estas palavras finais deveriam ser lidas em conjunção com os vers. 3 e 4. **Não desampares a minha alma** (8); isto é, não derrames a minha vida como as vidas deles o foram (7; cf. **#Is 53.12**). **Laços... laços corrediços** (9) são mencionados em **#SI 140.5**. Cf. **#SI 7.15** com o vers. 10.

SI-142.1

SALMO 142. "DEUS SEJA COMIGO"

A referência à **caverna** (ver título) pode ser comparada com a referência no título do **#SI 57**. "Masquil" provavelmente se refere a um tipo de acompanhamento musical. Os tempos verbais, em todo este Salmo, estão no presente e não no passado, como aparecem nesta versão. A oração se divide em três estrofes, e o último versículo é o clímax do Salmo inteiro.

a) Seu apelo (1-3)

A solidão do salmista intensifica seu anseio pelo Senhor. A Ele o salmista clama em voz alta (**com a minha voz**), e derrama a sua **queixa** (ver título do **#SI 102**), e torna conhecida a sua **angústia**. Não obstante, sabe que Deus sabe a respeito dele, até mesmo quando o espírito desmaia sob o ímpeto da angústia. A última palavra desta seção, **vereda**, introduz a seção seguinte.

>SI-142.3

b) Sua vereda (3-5)

O tema muda do ato da oração para o curso da experiência "no caminho em que eu ando" (3). Em algum lugar, na vereda de sua vida, há um laço que lhe foi armado por homens inimigos. Porém, é sua solidão, e não seu perigo, que lhe apoquentou a alma. Ele não tem companheiro, ninguém à sua mão direita de quem ele possa depender. O caminho é desconhecido e leva à desolação. Não existe outro refúgio senão no Senhor. As últimas palavras, **terra dos viventes**, introduz a seção seguinte.

>SI-142.6

c) Sua prisão (6-7)

Após declarar que o Senhor é sua única porção nesta vida, o salmista prossegue para descrever quão limitada e débil é sua vida. Ele fica **muito abatido**, seguro por perseguidores que são mais poderosos que ele aprisionado no espírito, se não fisicamente confinado à caverna. Daí seu clamor a Deus: **Atende ao meu clamor**. As três frases finais dão postura e serenidade ao poema e demonstram o reajustamento da vida que se deriva da ativa presença de Deus. Essas coisas mais que contrabalançam toda a experiência prévia marcada por queixumes, solidão e aprisionamento.

SI-143.1

SALMO 143. "SENHOR, OUVI A MINHA ORAÇÃO"

Há uma íntima semelhança em sentimento e fraseado entre este Salmo e o Salmo anterior. Há um considerável empréstimo de outros salmos, especialmente nos vers. 5-9. A oração se divide em duas metades.

a) A plataforma da oração (1-7)

Este apelo ao Senhor se baseia sobre Sua **verdade** e **justiça** (1); isto é, Sua aderência às Suas promessas (como em **#2Sm 7**) e à Sua justiça. Esta última qualidade não é vista, necessariamente como estrito e imparcial julgamento,

pois dessa maneira o salmista, juntamente com todos os homens vivos, não poderia ser achado **justo** (2); isto é, inocentado. Cf. **#Sl 130.3**. O apelo é feito à justiça divina na qualidade de amor perdoador (cf. **#Rm 3.21-25**). Não pode haver bom propósito no apelo à Sua atenção e ajuda a não ser que também exista completa dependência de Sua misericórdia (cf. **#Jó 9.2-23**).

>SI-143.3

A causa do apelo está enraizada na angústia do salmista. **Pois** (3) se refere a **ouve... escuta-me** do vers. 1. Ele se sente oprimido em espírito pelo **inimigo**. Sua vida fora esmagada contra o solo, a ponto de haver perdido todo poder de ação ou resistência; seu oponente (o grupo de inimigos ou o espírito do mal é individualizado para transmitir o senso de combate) fê-lo **habitar na escuridão** (3) (cf. **#Sl 88.6**). Isso pode significar que ele se encontra tal qual um morto no Seol, ou que já está se aproximando da melancólica entrada do sepulcro (ver **#Sl 7; 23.4**); ou pode referir-se ao aprisionamento e ao perigo quando Davi foi rodeado pelas forças de Saul (ver **#Sl 13.3; #Sl 17.9,11; #Sl 57.4**). A frase, **como aqueles que morreram há muito** (3) tem o sentido de "esquecimento" (cf. **#Sl 88.4-5; #Lm 3.6**). **Meu coração... está desolado** (4); isto é, amortecido, apavorado.

>SI-143.5

A inspiração da oração vem da lembrança do salmista sobre a atividade do Senhor. **Na obra das tuas mãos** (5) se refere à intervenção de Deus em seus anos verdes (cf. **#Sl 92.4**), bem como aos feitos miraculosos do Senhor no passado de Israel (cf. **#Sl 77.5-12**). Isso de tal modo intensifica seu anseio pela presença de Deus que ele se sente como um jardim ressequido por falta de chuva (cf. **#Sl 42.1; #Sl 63.1**). Sua situação extrema é tão crítica que, se o Senhor tiver de salvá-lo, deve agir imediatamente. **Meu espírito desfalece** (7); lit., "está no fim". Se Deus continuasse a conter a luz de Seu favor, o salmista faleceria. O vers. 7 pode ser considerado como clímax dessa parte do Salmo.

>SI-143.7

b) O programa da libertação (7-12)

Uma série de frases, tiradas de muitos salmos, foi arranjada aqui para formar um curso detalhado de ação que o salmista deseja que o Senhor realize a seu favor: "Apressa-te, favorece-me, abençoa-me, dirige-me, salva-me, ensina-me,

acompanha-me, assim vivifica ou revigora-me, e destrói meus perseguidores". Existe primeiramente um desejo de comunhão com Deus. Fora de Sua face (7), isto é, de Sua presença, não pode haver vida plena (cf. #Dt 31.17-18) nem serenidade (cf. #Sl 30.7; #Sl 104.29), enquanto que a participação consciente de Sua benignidade fortalece o laço da confiança. O salmista, em seguida, expressa o desejo de ser orientado, e isso ligado a uma declaração de sua própria submissão e necessidade de segurança (cf. #Sl 5.8). Tal orientação é a parte de Deus na rendição completa ao Senhor. O desejo de ser instruído, que é expresso em seguida (10) é inseparável do ato de seguir um líder (cf. #Sl 25.4-5). O bom ou gracioso Espírito do Senhor o guiará num país plano ou nivelado (10; cf. #Is 63.13-14), e renovará o pulso de sua vida por causa do nome do Senhor (11).

O quarto e final aspecto desta oração relaciona-se antes com as circunstâncias do salmista do que sua própria carreira. Trata-se do requerimento pela salvação, pela completa liberdade de seus poderosos inimigos (ver vers. 3), à base que Deus é o responsável por seu bem-estar, visto que ele é Seu servo (12). O significado pode ser que ele pode, portanto, reivindicar um fim melhor do que aquele merecido pelos ímpios; ou, que ele tem o direito de ser libertado porque a honra de Deus seria impugnada se Seu servo viesse a sucumbir de aflição.

Sl-144.1

SALMO 144. DO PERIGO PARA A PROSPERIDADE

Este alegre hino contém um grande número de frases derivadas de outros salmos. É davídico quanto ao estilo; mas, embora o título, dado na Septuaginta, associe o cântico com a derrota de Goliath, existe pouca evidência interna para sustentar tal período. Este Salmo conta com duas partes principais: a primeira, que é a mais extensa, é um cântico composto de louvor e perigo. A nota dominante no Salmo inteiro é de alegria. O salmista se regozija numa libertação anterior pela qual oração fora oferecida e antecipa uma futura prosperidade que será idílica em todo aspecto.

a) Libertação (1-11)

Os dois primeiros versículos são um louvor por causa do poder. O Senhor, minha rocha (1). Cf. #Sl 18.1-2,31; #Sl 31.2-3. Adestra as minhas mãos para a peleja (1); também se baseia em #Sl 18 (ver vers. 34). A descrição de Deus

como um refúgio (2) é freqüente nos salmos davídicos. Ver, por exemplo, #SI 18.1-2; #SI 61.3-4. **Me sujeita o meu povo** (2); cf. #SI 18.47.

>SI-144.3

Os seis versículos seguintes (3-8) pertencem a uma oração anterior rogando libertação. Tal oração é repetida aqui a fim de realçar a qualidade de liberdade e deleite. O primeiro pensamento é sobre a insignificância do homem (3-4; cf. #SI 8.4; #SI 39.11; #SI 102.11). O segundo pensamento é sobre o poder divino, perante o qual a criação inteira estremece (5-6; cf. #SI 18.7,14; #SI 104.32). O terceiro pensamento gira em torno do perigo pessoal que exige a intervenção divina; "Estende as tuas mãos... livra-me" (7; cf. #SI 18.16; #SI 69.1,14). O quarto perigo é a respeito da natureza de seu perigo. Seus inimigos (**estranhos**, como em #SI 18.44) são impulsionados pela falsidade, isto é, vaidade e mentira (8; cf. #SI 12.2; #SI 52.2-4; #SI 120.2).

>SI-144.9

Os vers. 9-10 têm o mesmo espírito de alegria e vigor que os vers. 1-2; apenas a imagem de conflito é abandonada e é substituída pela imagem de música (cf. #SI 33.2-3). As palavras, **espada maligna** (10), isto é, as tristezas que acompanham a guerra, permitem o reinício da anterior linha de memórias, e o vers. 11 virtualmente repete os vers. 7-8. Porém, as experiências passadas perderam seu interesse e o salmista se volta para as visões do futuro.

>SI-144.12

b) Antecipação (12-15)

Estes versículos são uma previsão de bênção. A cena é progressivamente edificada, começando pela família, atravessando as fontes de alimento e os rebanhos, passando pelas avenidas de comércio, pela vida civil ordenada e estável, e chegando, finalmente, ao intangível, indefinível mas poderoso espírito de uma nação **cujo Deus é o Senhor** (15). **Nossos filhos... como plantas bem desenvolvidas** (12), isto é, em sua juventude nossos filhos serão como rebentos (cf. #SI 128.3). **Nossas filhas... como pedras de esquina** (12), ou colunas de esquina, buriladas e ornamentadas conforme são encontradas nos palácios; isto é, graciosas e belas. **Em nossas ruas** (13). Algumas versões dizem: "em nossos campos". O quadro é de prosperidade por meio da ausência de guerra, seca ou pestilência. **Não haja nem assaltos** (14); isto é, cerco ou

brecha numa cidade, causados por um exército inimigo, nem qualquer evacuação forçada ou lamento em altos gritos no mercado. O vers. 15 é tirado de [#Sl 33.12](#). Cf. [#Sl 106.5](#).

Sl-145.1

SALMO 145. EM LOUVOR A DEUS, O REI

Este Salmo é um prefácio ao grupo final de salmos que, juntos, constituem a grande conclusão do saltério inteiro. O exuberante louvor deste poema é paralelo à bênção geral de [#Sl 150](#). O poema possui uma estrutura acróstica, porém uma letra foi omitida; um versículo começando com a letra "Nun" deveria ocorrer entre os vers. 13 e 14. A maioria de suas frases foram tiradas de outros salmos, mas em nenhum outro existe tal acúmulo de frases descritivas da grandeza do Senhor. Não existe padrão marcante de pensamento, mas o tratamento de um tema por uma série de pares quase chega a dar a impressão de dois salmos semelhantes que foram entrelaçados. O salmista fala em nome da nação.

[Ó Deus, rei meu](#) (1); isto é, o Deus de Israel é o rei de toda a terra. O vers. 3 se baseia em [#Sl 48.1](#) ou em [#Sl 96.4](#). Sua grandeza é vasta por demais para ser sondada por alguém, mas é desvendada em Seus poderosos atos a favor de Seu povo. [Falarei](#) (5); melhor ainda: "meditarei". A [magnificência gloriosa da tua majestade](#) (5) também é referida em [#Sl 21.5](#); [#Sl 96.6](#); [#Sl 104.1](#). [Tuas obras maravilhosas de livramento](#) (5) e atos de juízo que inspiram reverência (6) são referidos em [#Sl 66.3,5](#); [#Sl 106.22](#). [Publicarão abundantemente a memória](#) (7); isto é, "derramarão incessantemente a fama". O vers. 8 se deriva de [#Êx 34.6](#); ver também [#Sl 86.15](#) e [#Sl 103.8](#). [Todos... todas... todas...](#) (9-10) indicam o ilimitado escopo da visão e da crença do salmista. O vers. 12, pode ser considerado um fragmento do louvor dos santos, mencionado no vers. 10. O tema de poder ilimitado é estendido ao vers. 13 para incluir todo o tempo. Esse versículo também se encontra em [#Dn 4.34](#).

>Sl-145.14

A bondade do Senhor, sustentando a todos os caídos (14), é um tópico freqüente nos salmos. Ver, por exemplo, [#Sl 37.24](#); [#Sl 146.8](#). Os vers. 15 e 16 se baseiam em [#Sl 104.27-28](#) (cf. [#Sl 147.9](#)). [Santo](#) (17), melhor ainda: "gracioso". O vers. 18 incorpora [#Dt 4.7](#). Os vers. 19 e 20 ligam os que temem (reverenciam) a Deus com os que O [amam](#); pois, no verdadeiro louvor a Deus

nossa apreensão é confrontada com Sua misericórdia, e nosso deleite se enobrece devido a Sua majestade. O versículo final antecipa o salmo final: **toda a carne louve ao Senhor**. Cf. **#Sl 150.6**.

Sl-146.1

INTRODUÇÃO GERAL AOS SALMOS 146-150: "O GRANDE HALEL"

Os cânticos 146-150 formam uma elaborada e completa doxologia ao saltério inteiro. O elemento de petição e de necessidade pessoal desaparece inteiramente; o fator histórico na experiência da nação é reduzido a um papel secundário. Estes salmos são, essencialmente, "hinos de louvor" e essa característica é claramente indicada no "Aleluia" (**Louvai ao Senhor**) que serve tanto de prólogo como de epílogo em cada um dos salmos deste grupo. Em cada caso o Senhor é Quem é louvado, mas os atributos e atividades divinas que evocam essa contínua adoração variam de um poema para outro.

Visto que a adoração a Deus diz respeito à Sua proeminência e às mais ricas experiências da criação, ao adorá-Lo, existem muitas similaridades de pensamento e expressão entre este grupo de cânticos e os grupos que compreendem Sl 95-100 e 113-118. Note-se, igualmente, o modo pelo qual o **#Sl 145** serve de meditação preparatória, tornando-se assim o equivalente, em função, aos Sl 111 e 112.

SALMO 146. DEUS É MEU AJUDADOR

Ver Introdução Geral aos Sl 146-150.

Aqui o salmista dedica sua vida inteira (**durante a minha vida... enquanto eu viver**) ao louvor ao Senhor (2; cf. **#Sl 104.33**). O principal estímulo para essa ação é a futilidade de confiar em qualquer homem que porventura esteja em posição de ajudar. **Príncipes** (3); isto é, governantes, tais como Assuero em **#Et 1.21**. É o mesmo pensamento que em **#Sl 118.8** e segs., mas é aumentado aqui pela alusão à brevidade e insegurança da vida humana (cf. **#Sl 104.29**; **#Gn 3.19**). **Pensamentos** (4); isto é, "propósitos". Por outro lado, **o Senhor seu Deus** (5) já era conhecido desde os dias antigos (**Deus de Jacó**), pois criou os céus e a terra e, além disso, é eternamente veraz (**#Sl 6**; **#Sl 119.160**; **#Jr 10.10**; **#Jo 3.33**; **#Jo 17.3**). A existência da injustiça, da aflição, da tristeza não são sinais de Sua falibilidade; pelo contrário, são motivos para o exercício de

Sua graça. As oito frases de compaixão, nos vers. 7-9 têm paralelo em outras porções e também são ilustradas nos Evangelhos. Note-se como Jeová ("o Senhor") ocorre cinco vezes no começo de sucessivas sentenças nos vers. 7-9. A devoção do salmista é reforçada também porque sabe que Deus fez com que o caminho do ímpio terminasse na ruína. Em conclusão, o salmista declara que o Senhor, que é seu ajudador (5), e a Quem louva (2), também será seu Rei. Quanto ao Seu domínio divino este não terá fim (cf. #SI 10.16; #SI 100.5), e estará centralizado em Sião (cf. #SI 99.2; #SI 102.15-16,21-22).

SI-147.1

SALMO 147. DEUS DE AMOR E PODER

Ver introdução Geral aos Sl 146-150.

As exortações para que se louve ao Senhor, nos vers. 1,7,12, indicam três aspectos de Sua glória. Embora os louvores do salmista comecem e terminem no terreno da vida humana, especialmente de Israel (ver vers. 2-3 e 19-20), preocupam-se principalmente com a atividade de Deus na dimensão inteira da ordem natural. Quanto a isso, este Salmo é companheiro do cântico anterior, onde a ênfase recai sobre a experiência humana e não sobre o poder físico. Os #SI 103 e 104 dão ênfase comparativa a essas duas esferas respectivas de amor divino e de poder divino.

a) Louvai ao Senhor porque Ele é justo em Seus propósitos e forte em Seu poder (1-6)

A invocação, que faz da adoração um deleite e não um dever, é semelhante à de #SI 135.3. O Senhor merece ser louvado por ter realizado a reconstrução da arruinada Jerusalém, por ter levado até ali um desprezado remanescente e por ter sido compassivo para com sua miséria e desapontamento. **Dispersos** (2); cf. #Ne 1.9; #Is 56.8. Cf. #Is 61.1-3 com o vers. 3. A medida de Sua grandeza é demonstrada pela súbita alteração de pensamento que se desviou de uns poucos e desanimados exilados para as inúmeras estrelas do céu, com as quais a primitiva promessa a respeito deles fora ligada (#Gn 15.5). O Senhor contou (ou determinou) o número das estrelas e Ele **chama-as pelos seus nomes** (4; cf. #Is 40.26). Sua compreensão ultrapassa o entendimento humano (5; cf. #Is 40.28). Tendo seguido o pensamento de Seu poder e sabedoria infinitos, o salmista volta agora, por um momento, para o tema original da graciosidade

do Senhor para com os homens fracos, bem como para Sua justa vigilância a favor deles. **Eleva** (6). Cf. **#Sl 146.8-9**.

>Sl-147.7

b) Louvai a Deus que provê alimento na terra (7-11)

Não existe nenhum outro além do Senhor. Somente Ele faz todas as coisas necessárias para a vida natural-nuvens e chuva, erva que cresce até onde o homem não a vê, alimento para os animais e pássaros (cf. **#Jó 36.26-29; #Jó 38.26-27,39-41**). Não obstante, Ele não está preocupado principalmente com as qualidades físicas de Suas criaturas, como a **força do cavalo** (cf. **#Jó 39.19-25**) ou a **agilidade do varão** (cf. **#Sl 33.16**); isto é, o poderoso cavalo de guerra e o forte guerreiro, firme de pé (10). Mas seu prazer está na resposta do coração-reverência e fé (11; cf. **#Jr 9.23-24; #Zc 4.6**). Um paralelo e uma distinção semelhantes ocorrem em **#Mt 6.26-30**.

>Sl-147.12

c) Louvai a Deus porque Ele tem feito Sião prosperar e porque governa o mundo em sabedoria (12-20)

A invocação é dirigida a Jerusalém e embora a Septuaginta associe Ageu e Zacarias somente com os vers. 12-20, o Salmo inteiro pode ser ligado aos regozijos públicos quando dois coros fizeram uma volta em torno dos muros reconstruídos e se reuniram no templo (**#Ne 12.27-43**). Deus havia abençoado a cidade com defesas (cf. **#Ne 7.3**), com uma renovada vida em família (cf. **#Sl 127.4-5**), com a estabilidade da paz dentro dos limites de sua vida e interesses e com amplos suprimentos de bom cereal (13-14; cf. **#Sl 132.15**). Os vers. 15-18 são incomuns. As condições aqui descritas seriam excepcionais na Judéia e o salmista talvez esteja empregando esse fato para ilustrar o excepcional tratamento dado por Deus a Israel -não meramente em decretar revelar Sua palavra para eles (19), mas em tratá-los de modo diferente do que fazia com as demais nações (20); isto é, enviando Sua palavra (15) para paralisar suas vidas no cativo e então enviando novamente Sua palavra (18) para impulsioná-los outra vez em movimento. **Neve como lã** (17); isto é, granizo grosso, e frio insuportável. Isso pode ser uma alusão à sétima praga (cf. **#Êx 9.25; #Sl 78.47**). A imagem de congelamento e degelo como sendo a palavra e o hálito de Deus também se encontra em **#Jó 37.6,9-10; #Jó 38.22,29-30**.

Sl-148.1

SALMO 148. CÉUS E TERRA, LOUVAI AO SENHOR

Ver Introdução Geral aos Sl 146-150.

Este hino desenvolve e estende diversas, idéias do Salmo anterior. A associação da palavra divina, enviada como neve, ainda que nutrindo a semente (cf. #Sl 147.8,15), com a subsequente jubilação de montanhas e florestas (#Sl 148.8-9), se encontra também em #Is 55.10-13. O tema do louvor da criação foi introduzido no #Sl 96.11-12, e é contemplado com um clímax para toda a história, em #Ap 5.13. Este Salmo se divide em duas partes. Mas o louvor é invocado dos céus (1-6) e da terra (7-14) por diferentes razões. No caso das criaturas, energias ou princípios celestiais, a fonte do louvor jaz no fato de Deus tê-los criado; no caso dos fenômenos e da vida terrena, a causa jaz no próprio ser incomensuravelmente glorioso de Deus.

a) Adoração celestial (1-6)

A adoração a Deus é primeiramente envolvida nas **alturas dos céus** (1), onde os **anjos** e **exércitos** do Senhor O servem continuamente (2; cf. #Sl 103.20-21; #Sl 104.4). **Exércitos** pode referir-se à multidão de seres espirituais ou aos corpos estelares; ambas as coisas foram criadas, e ordenadas brilhante e harmoniosamente, muito distantes da terra; não obstante, são capazes de afetar as mentes dos homens. #Jó 38.7 liga essas duas coisas num bloco só. **Céus dos céus** (4) implica na mais lata generalização possível da chamada para louvar a Deus (cf. #Dt 10.14; #1Rs 8.27; #Ne 9.6).

Esses poderes celestiais louvam-No incessantemente (cf. #Ap 4.8) porque são evidências inequívocas e permanentes (6) da poderosa palavra criadora de Deus, (cf. #Sl 33.6). Além disso, sua sujeição à **lei** do Senhor, que não pode ser transgredida (6; cf. #Jr 5.22), demonstra a continuidade e sabedoria de Sua obra.

>Sl-148.7

b) Adoração terrestre (7-14)

A adoração celestial tem seu paralelo naquela adoração **desde a terra** (7); mas enquanto que o louvor ia desde os altos poderes angelicais até às próprias águas acima dos céus, agora tal louvor se estende desde o profundo oceano (**abismos**, cf. **#Sl 135.6**) até os príncipes reais do toda a face da terra. **Baleias** (7) são os monstros marinhos de **#Gn 1.21**. Os vers. 8-10 cobrem todos os fenômenos do firmamento e da paisagem; toda vegetação cultivada (**árvores frutíferas**) e natural (**cedros**); todos os animais selvagens e domésticos (**feras e gado**); toda a vida que se arrasta ou voa. Tal como em **#Gn 1**, o homem é a culminação da ordem natural, e o seu domínio original sobre toda a criação (cf. **#Gn 1.28-29**) é ecoado nas primeiras palavras do vers. 11, **Reis da terra**. A chamada, **Louvem** (13), inclui toda a humanidade sem distinção de idade, sexo ou posição social. Diferentemente da adoração celestial, a adoração terrestre não se baseia na ordem natural ou criada, mas sim, no próprio Deus. **O nome do Senhor** (13) deve ser louvado porque somente Ele é exaltado e somente Ele possui a suprema glória que transcende tanto a terra como o céu. Além disso, o **seu povo**, isto é, **seus santos** (ou seja, Israel; Cf. **#Êx 19.6**; **#Sl 50.5**), **um povo que lhe é chegado** (14; cf. **#Dt 4.7**), possuem um motivo peculiar para louvá-Lo, porque Ele "exalta o poder do seu povo", isto é, proporciona-lhes a marca externa da honra e do poder (cf. **#Sl 75.10**; **#Lm 2.3**; **#Mq 4.13**; **#Dn 8.5,21**).

Sl-149.1

SALMO 149. TUA É A GLÓRIA E O PODER

Ver Introdução Geral aos Sl 146-150.

O quarto poema deste grupo de cinco desenvolve o tema estabelecido no fim do Salmo anterior. Porém, este Salmo se distingue dos outros devido a sua nota de vitória e pela sombra de uma condenação estendida sobre as nações. Quanto a esse particular este hino pode ser comparado ao **#Sl 99** (no grupo 95-100), no qual a adoração é oferecida ao grande e terrível nome dAquele que "toma vingança". Este cântico se divide em duas partes.

a) Louvor expresso com beleza (1-4)

A "congregação dos santos" (1), isto é, o piedoso remanescente de Israel, que se reúne para adoração (cf. **#Sl 148.14**; **#Sl 107.32**), entoia um **cântico novo** porque foram redimidos e restaurados da morte virtual (cf. **#Sl 96.1**; **#Sl 98.1**; ver também **#Ap 5.9** e **#Ap 14.3**). Esse Israel se regozija **naquele que o fez** (2;

cf. #Sl 95.6), não meramente porque Ele criou sua existência, mas porque Ele molda sua chamada e destino. Num duplo sentido, são obra de Suas mãos (cf. #Sl 100.3; #Ef 2.10). Também se regozijam em **seu Rei** (2; cf. #Sl 47), porque Sião, para onde foram restaurados, é o trono perpétuo de seu soberano Senhor (cf. #Sl 48.2; #Sl 99.1-2; #Sl 102.21-22). Além disso, esse louvor a Deus é para ser expresso mediante a ação corporal da dança e da música, bem como mediante a palavra da boca (cf. #Sl 30.11; #Sl 33.2-3; #Jr 31.4 e segs.). Essa solta exuberância, demonstrada pela personalidade inteira, tem sua origem no fato que o Senhor **se agrada** deles (4). Ele mudou as suas vestes de humilhação pelos lindos adornos da salvação (cf. #Is 61.3).

>Sl-149.5

b) Louvor expresso com poder (5-9)

Os santos devem louvar a Deus não apenas em adoração coletiva (1), mas no lugar de retiro e repouso habitual-**nos seus leitos** (5). Ambos os lugares estão agora livres de perigo e lamento. **Os altos louvores de Deus** (6) deverão ser vocais e instrumentais, mas a harpa e o adufe (3) devem ser substituídos pela **espada de dois fios** (6); isto é, o conceito de beleza em ação é alterado para o conceito de autoridade em ação. O reino de Deus (2) é caracterizado tanto por poder como por glória (cf. #Mt 6.13).

Não existe dúvida que o salmista dá à espada de dois fios uma significação física (cf. #Ne 4.13,21-22); o louvor de Israel será prestado tanto por serviço como por cerimônia, tanto por sucesso militar como por música e canto, mediante a derrota de seus inimigos em adição às danças perante o Senhor. Por outro lado (cf. #2Co 10.4) a associação **das frases na sua garganta e a espada**, permite uma exegese simbólica tal como a que se encontra em #Sl 45.2-3; #Is 49.2; #Ef 6.17; #Hb 4.12; #Ap 1.16; #Ap 19.15. Como quer que isso seja interpretado, ou em contraste com o pano de fundo da obra de Neemias (a antecipar a natureza temporal do julgamento messiânico), ou como símbolo do triunfo espiritual da verdade, este Salmo claramente atribui **honra** (9) aos santos de Deus, no sentido que Ele é sua única fonte de honra ou que o trabalho deles expressa a **honra** do Senhor.

Sl-150.1

SALMO 150. LOUVOR SUPREMO

Ver Introdução Geral aos Sl 146-150.

Não se sabe se esta esplêndida doxologia foi escrita especialmente para marcar o fim do saltério, ou se já tinha uma existência prévia e independente. Seus doze "Halel" (louvores) refletem a unidade das tribos de Israel, e a única frase que não é precedida por essa palavra (vers. 6) é a última e a mais compreensível de todas.

O louvor é oferecido em primeiro e em último lugar a JÁ, nome esse que aparece na última sílaba do termo "Aleluia", mas que nesta versão aparece como **Louvai ao Senhor**. JÁ é o Deus que fez aliança com Israel (cf. #Sl 68.4; #Êx 6.3). É a mesma coisa que EL, o poderoso Deus que rege o universo criado (cf. #Sl 19.1; #Dt 10.17), que habita no **firmamento do seu poder** (1); isto é, a fase inicial da criação pela qual Deus "estendeu" o espaço, e que serviu de demonstração primária de Seu grande poder (cf. #Gn 1.6-8; #Jó 37.18). Se **no seu santuário** temos um paralelo a **firmamento** (como em #Sl 102.19; #Sl 11.4), então este louvor será ouvido no céu (cf. #Sl 68.33-34). Por outro lado, se **santuário** faz contraste com **firmamento**, então santuário deve ser considerado como o templo (cf. #Êx 25.8; #Sl 73.17; #Sl 74.7) onde Deus se agradara em fazer Seu nome habitar (cf. #Sl 68.16; #Sl 132.13-14). A dupla habitação do Senhor, nos céus dos céus e na casa em Sião, é frequentemente mencionada em #1Rs 8 (cf. #Sl 99.1-2; note-se #Is 66.1-2). Deus será louvado por todo o universo por causa de Sua glória (**excelência da sua grandeza**) e de Seu poder (**atos poderosos**). Os vers. 3-5 provavelmente eram acompanhados por um crescendo orquestral, enquanto os instrumentos nomeados iam-se reunindo sucessivamente à música. O toque da **trombeta** de chifre de carneiro era seguido pelo som do **saltério** e da **harpa** (cf. #1Cr 25.1), bem como pelo **adufe** ou pequeno tamborim usado pelos que dançavam (cf. #Sl 68.25). Aos sons dos instrumentos de corda eram adicionados as notas da **flauta** (isto é, flautas e clarinetes) bem como o som dos **címbalos** de cobre (cf. #1Cr 15.19). **Tudo quanto tem fôlego** (6); isto é, todas as seções da congregação e, de fato, a humanidade inteira e provavelmente, todas as formas de vida (como em #Sl 148.7-12), que deveriam unir-se neste ato de total louvor ao Senhor.

Leslie S. M'Caw.

OS PROVÉRBIOS

INTRODUÇÃO

I. AUTORIA

O título geral é "Provérbios de Salomão, filho de Davi". Em diversos pontos do livro, entretanto, ocorrem rubricas que denotam a autoria de diferentes seções. Assim, há seções atribuídas a Salomão em [#Pv 10.1](#) e aos "sábios", em [#Pv 22.17](#) e [#Pv 24.23](#). Em [#Pv 25.1](#) existe uma interessante rubrica: "provérbios de Salomão, os quais transcreveram os homens de Ezequias, rei de Judá"; o capítulo 30 é introduzido como: "palavras de Agur, filho de Jaque"; e o capítulo 31 com os seguintes termos: "palavras do rei Lemuel", ou melhor, de sua mãe.

Os rabinos diziam: "Ezequias e seus homens escreveram Isaías, Provérbios, Cantares e Eclesiastes" (Baba Bathra 15a); em outras palavras, editaram ou publicaram esses livros. No que tange ao livro de Provérbios é duvidoso que essa declaração rabínica esteja baseada em outra coisa além da rubrica de [#Pv 25.1](#).

O ceticismo que desde o século 1 tem reduzido ao mínimo o elemento salomônico, atualmente parece estar desaparecendo. Quanto a uma revisão de algum criticismo moderno sobre Provérbios, que faça algum exame pesquisador no mesmo, consultar [An Introduction to the Old Testament](#), de E. J. Young. Anteriormente, a literatura de Sabedoria, como um todo, era geralmente atribuída a uma data pós-exílica. Agora o devido reconhecimento está sendo dado à poesia de Sabedoria, não apenas nos escritos proféticos, mas também nos escritos pré-proféticos (cf. [#Jz 9.8](#) e segs.). Por exemplo, escreve W. Baumgartner:

"Portanto, visto que não pode ter surgido simplesmente como sucessor da Lei e da Profecia, em tempos pós-exílicos, uma data tão posterior exige cuidadoso reexame" ([The Old Testament and Modern Study](#), editado por H. H. Rowley, 1951, pág. 211). O resultado desse reexame, por parte de eruditos críticos, tem levado, geralmente falando, a uma conceituação mais séria sobre as rubricas.

Consideremos os autores nomeados nessas rubricas.

a) Salomão

No livro de Provérbios, a sabedoria não é simplesmente intelectual, mas envolve o **homem** inteiro; e dessa sabedoria Salomão, no zênite de sua fama, e a materialização. Ele amava ao Senhor (#1Rs 3.3); ele orou pedindo um coração entendido para discernir entre o bem e o mal (#1Rs 3.9,12); sua sabedoria foi-lhe proporcionada por Deus (#1Rs 4.29), e era acompanhada por profunda humildade (#1Rs 3.7); foi testada em questões práticas, tais como administração justa (#1Rs 3.16-28) e diplomacia (#1Rs 5.12). Sua sabedoria tornou-se famosa no oriente (#1Rs 4.30 e segs.; #Pv 10.1-13); ele compôs provérbios e cânticos (#1Rs 4.32) e respondeu "enigmas" (#1Rs 10.1); e muito de sua coletânea de fatos foi tirado da natureza (#1Rs 4.33).

Consideramos que as coleções em #Pv 10-22.13 e 25-29 vieram substancialmente dele. Existem, naturalmente, outros elementos salomônicos em outras porções do livro. Mas mesmo assim, essas coleções podem ser apenas uma seleção inspirada dentre sua sabedoria, pois não existem cerca de 3.000 provérbios em todo o livro de Provérbios (cf. #1Rs 4.32).

b) Os sábios

As nações do oriente antigo tinham os seus "sábios", cujas funções iam desde a política do estado até a educação. (Quanto ao Egito, cf., por exemplo, #Gn 41.8; quanto a Edom, cf. #Ob 8). Em Israel, onde era reconhecido que "o temor do Senhor é o princípio da ciência", os "sábios" também ocupavam uma função mais importante. #Jr 18.18 demonstra que, no tempo daquele profeta, os sábios estavam no mesmo nível com o profeta e com o sacerdote como órgão da revelação de Deus. Porém, assim como os verdadeiros profetas tiveram de entrar em luta com profetas e sacerdotes movidos por motivos indignos, semelhantemente, muitos dos "sábios" transigiram em sua função que era de declarar o "conselho de Jeová" (#Is 29.14; #Jr 8.8-9).

Existem pelo menos duas coleções de "palavras dos sábios" no livro de Provérbios; estas se encontram em #Pv 22.17-24.22 e em #Pv 24.23-34. Talvez que os capítulos 1-9, que contêm uma exposição do alvo e do conteúdo do "conselho dos sábios", venham da mesma origem. É virtualmente impossível datar essas coleções. Provavelmente representam a sabedoria destilada de muitos indivíduos que temiam a Deus e viveram dentro de um considerável período de tempo. Porém muito desse material é de data antiga. E. J. Young sugere que pode ser até pré-salomônico (op. cit., pág. 302).

c) Os homens de Ezequias

Por #2Cr 29.25-30 aprendemos que Ezequias providenciou para restaurar a ordem davídica no templo, bem como os instrumentos davídicos e os salmos de Davi e de Asafe. Não há dúvida que um reavivamento de interesse na sabedoria "clássica" de Salomão foi outra consequência dessa reforma, um reavivamento motivado, não pelo amor às coisas antiquadas, mas pelo desejo de explorar novamente a sabedoria de alguém que havia amado supremamente a Jeová. E assim, a coleção salomônica dos capítulos 25-29 foi editada e publicada. A. Bentzen (*Introduction to the Old Testament*, Copenhagen, 1949, Vol. II, pág. 173) apresenta a interessante sugestão que essa coleção até aquele tempo tinha sido preservada exclusivamente em forma oral.

d) Agur, filho de Jaque

Não sabemos quem foi Agur. É possível que devêssemos traduzir a palavra que aparece como "oráculo", em #Pv 30.1, como "de Massá". Massá era uma tribo árabe que descendia de Abraão por meio de Ismael (#Gn 25.14), e as tribos orientais eram famosas por sua sabedoria (#1Rs 4.30). Mas isso de modo algum pode ser mantido com certeza.

e) Rei Lemuel

A mãe desse rei aparece como a originária da seção de #Pv 31.1-9, mas ela é igualmente uma personagem desconhecida, embora também se possa traduzir como "de Massá" a palavra que aqui surge como "profecia". Não precisamos supor que ele tenha sido o autor do magnífico poema da Esposa Perfeita (#Pv 31.10-31), que forma um apêndice ao livro de Provérbios.

II. DATA

O que dissemos sobre as coleções individuais é bastante. Mas, quando foram elas reunidas, formando um livro conforme o conhecemos agora? O tempo mais recuado para isso é fixado pela referência aos homens de Ezequias: enquanto que o conhecimento que Ben Sira (cerca de 180 a.C.) demonstra sobre o livro (Eclesiástico 47.17) significa que já era obra estabelecida e venerada em seus dias. Além disso, não temos evidência

externa. Talvez o tempo mais provável de sua publicação tenha sido pouco depois do retorno dos exilados, no estabelecimento dos quais "Esdras, o escriba", desempenhou tão importante papel, quando Israel desejava que "o temor do Senhor" dominasse sua educação.

III. FORMA E CONTEÚDO

A palavra traduzida "provérbio" (*mashal*) se deriva de uma raiz que parece significar "representar" ou "assemelhar-se". Sua significação básica, portanto, é uma comparação ou símile. Seu germe pode ser uma analogia entre os mundos natural e espiritual (cf. #1Rs 4.33 e #Pv 10.26). A mesma palavra é apropriadamente traduzida como "parábola" em #Ez 17.2. Esse termo, entretanto, também denotava afirmações onde nenhuma analogia é evidente e veio a designar um dito expressivo ou máxima (cf. #1Sm 10.12).

Porém, os provérbios deste livro não são tanto máximas populares como a destilação da sabedoria de mestres que conheciam a lei de Deus e estavam aplicando seus princípios a todos os aspectos da vida. O título do livro, na Septuaginta-*Paroimiai* -que pode ser latinizado para *obter dicta*, dá uma boa idéia de seu conteúdo. São palavras pelo caminho para os caminhantes que estão buscando palmilhar pelo caminho da santidade.

O livro inteiro é composto em forma poética, geralmente aos pares. Os capítulos 1-9 e 30-31 são discursos poéticos ligados e de alguma extensão. No resto do livro os provérbios são em sua maioria, breves, como máximas independentes, cada qual completa em si mesma.

IV. OS PROVÉRBIOS DE ISRAEL E DE OUTRAS NAÇÕES

Assim como a lei dada por intermédio de Moisés não significou que todo o tesouro comum de leis semíticas tinha de ser abandonado, semelhantemente a sabedoria de Salomão e de outros homens não ultrapassou todas as lições aprendidas pelos filhos do oriente. Mas no caso da lei e da sabedoria igualmente, o que era comum a Israel e a seus vizinhos foi revolucionado pelas sanções divinas e pela sua adoção, na vida de um povo que tinha uma relação especial para com Deus.

Mas, quando o peso devido é dado a isso e ao fato que Agur e Lemuel talvez não fossem israelitas, não necessitamos aceitar os argumentos daqueles que vêm no livro de Provérbios empréstimos em grande escala das fontes

não-israelitas. Evidência sobre isso pode-se frequentemente encontrar nos paralelos entre a "Sabedoria de Amen-em-ope", do Egito, com [#Pv 22.17-24.22](#), e a difícil sentença: "Porventura não te escrevi excelentes cousas...?" é reescrita como "trinta coisas", como na obra de Amen-em-ope, que tem trinta capítulos. Quanto a uma consideração sobre isso, veja-se o comentário [in loc](#). Visto que os egiptólogos diferem tanto sobre a data do livro, é perigoso fazer afirmações dogmáticas. Precisamos notar apenas que Griffith, o descobridor, datou-o de cerca de 600 a.C., quando então os "sábios" já agiam em Israel durante séculos. Há bons motivos para acreditar-se que Amen-em-ope fez empréstimos dos Provérbios. (Os que estiverem interessados em prosseguir no estudo da questão deveriam ler a tradução da obra de Amen-em-ope em [Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament](#), editado por James B. Pritchard, Princeton, 1950, págs. 421-424. Sua dependência do livro de Provérbios é sustentada por R. O. Kevin em [The Wisdom of Amen-em-apt](#), Filadélfia, 1931).

A reputação mundial de Salomão, que levou a rainha de Sabá a investigar sua sabedoria, é um dos primeiros exemplos do modo como a sabedoria tornou-se uma ponte pela qual Israel penetrou no mais alto pensamento de seus vizinhos. Mas, enquanto seria inverídico dizer que os provérbios egípcios são destituídos de profundo sentimento religioso, em suas sanções ficam muito aquém da literatura canônica de Sabedoria. "Não te debruces na balança, nem falsifiques os pesos, nem causes danos às frações da medida", diz Amen-em-ope (capítulo 16). Nosso livro, entretanto, diz: "Duas espécies de peso, e duas espécies de medida, são abominação para o Senhor, tanto uma coisa como outra ([#Pv 20.10](#)). E isso faz toda a diferença.

V. O USO DO LIVRO DE PROVÉRBIOS

O Reitor Wheeler Robinson descreveu a sabedoria do Antigo Testamento como "a disciplina pela qual era ensinada a aplicação da verdade profética à vida individual, à luz da experiência" ([Inspiration and Revelation in the old Testament](#), pág. 241). É isso que torna o livro perenemente relevante. Trata-se de um livro de disciplina: toca em cada departamento da vida e demonstra que ela é alvo do interesse direto de Deus. A sabedoria não consiste da contemplação de princípios abstratos que governem o universo, mas de uma relação com Deus em que um reverente conhecimento produz conduta consonante com aquela relação, em situações concretas. O homem que rejeita isso é, francamente, um insensato. E a sabedoria precisa dominar a vida inteira; não apenas a devoção de um homem, mas também sua atitude

para com sua esposa, seus filhos, seu trabalho, seus métodos de negócio-e até mesmo suas maneiras à mesa. Já foi admiravelmente dito que "Para os escritores de Provérbios... religião significa um bem formado intelecto a empregar os melhores meios de realizar as mais altas finalidades. A debilidade, a superficialidade, os pontos de vista e os propósitos estreitos e contraídos, encontram-se do outro lado" (W. T. Davison, *The Wisdom Literature of the Old Testament*, pág. 134).

Há ampla evidência que nosso Senhor, estando na terra, amava esse livro. De vez em quando encontramos um eco de sua linguagem em Seu próprio ensino: por exemplo, em Suas palavras acerca daqueles que procuram os principais assentos (cf. #Pv 25.6-7), ou à parábola dos homens sábio e insensato e suas casas (cf. #Pv 14.11), ou a parábola do rico insensato (cf. #Pv 27.1). A Nicodemos Ele revelou a resposta da pergunta apresentada por Agur, filho de Jaque (cf. #Pv 30.4 com #Jo 3.13). E Ele lembra aqueles que, à semelhança dos "insensatos" sem discriminação do livro de Provérbios, não reconhecem a Ele ou à Sua mensagem de que "a sabedoria é justificada por seus filhos" (#Mt 11.19).

Nosso Senhor, de fato, usou em Suas parábolas exatamente o método de ensino encontrado no livro de Provérbios. O termo hebraico *mashal* é melhor traduzido para o grego como *parabolê*, "parábola"; e a mesma palavra grega pode traduzir o termo hebraico *hidhah*, "enigma" ou "adivinhação". Por isso, em #Mc 4.11 vemos que, para aqueles que não O reconhecem, tudo quanto está ligado ao reino aparece na forma de enigmas, que ouvem mas não podem interpretar.

Teria sido devido à companhia com nosso Senhor que Pedro derivou seu gosto pelos provérbios? Seja como for, suas epístolas demonstram uma íntima familiaridade com o livro de Provérbios (cf. #1Pe 2.17 com #Pv 24.21; #1Pe 3.13 com #Pv 16.7; #1Pe 4.8 com #Pv 10.12; #1Pe 4.18 com #Pv 11.31; #2Pe 2.22 com #Pv 26.11). Paulo também cita e reflete esse livro (cf., por exemplo, #Rm 12.20 com #Pv 25.21 e segs.), e quando o apóstolo fala sobre "Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus" (#1Co 1.24), #Pv 8 lança um rico significado a essas suas palavras. #Hb 12.5 e segs. nos ordena que não nos esqueçamos da "exortação que argumenta convosco como filhos", e que não desprezemos o castigo do Senhor. A citação é tirada de #Pv 3.11 e segs. E isso nos fornece um quadro sobre a verdadeira natureza do livro de Provérbios-um estudo a respeito da disciplina paternal de Deus.

As afirmações-como as parábolas de nosso Senhor-precisam ser ponderadas para poderem ser plenamente apreciadas e provavelmente é melhor considerar cada afirmação de Provérbios separadamente, lendo apenas algumas de cada vez. "Um número de pequenos quadros, acumulados sobre as paredes de uma grande galeria não podem receber muita atenção individual de um visitante, especialmente se ele estiver fazendo uma visita apressada" (Davison, *op. cit.*, pág. 126). Por outro lado, é importante lembrar que cada afirmação faz parte de um corpo completo de ensinamento. Tirar um provérbio completamente fora de suas relações para com o todo e buscar aplicá-lo a qualquer situação, pode enganar muito.

VI. TEXTO E VERSÕES

Há muitas dificuldades e pontos obscuros no texto hebraico, particularmente na principal seção salomônica, como já era de esperar-se num documento tão antigo. Recentes descobertas filológicas, no entanto, nos advertem contra correções apressadas. A Septuaginta nos fornece menos ajuda aqui que em certos livros, visto que tem um caráter literário todo seu. (No que respeita a detalhes, ver *Oudtestamentische Studien*, deel VIII, de G. Gerlemann, editado por P. A. H. De Boer, Leiden, 1950).

Pv-1.1

I. TÍTULO, PROPÓSITO E LEMA DO LIVRO-Pv 1.1-7

Trata-se do título mais longo de qualquer livro do Antigo Testamento. A atribuição do livro a Salomão não significa que ele tenha escrito o livro inteiro (cf. #Pv 24.23; #Pv 30.1; #Pv 31.1) mas nos lembra que a maior parte se originou com ele e que ele foi a maior figura da coletânea proverbial. Os vers. 1-6 formam uma única sentença elíptica: "Provérbios de Salomão... para se conhecer...". O leitor é convidado a aprender do livro *Sabedoria* (cuja natureza é explicada conforme o livro prossegue) e *instrução* (2); isto é, disciplina. Esta última palavra transmite a idéia total de educação espiritual (é a palavra traduzida como "correção" em #Hb 12.5). *Do entendimento* (3); melhor ainda: "para se receber instrução em sábio trato". *Justiça... juízo... equidade* (3) são características constantemente exigidas pelos profetas, e são distintivos do governo de Deus e de Seu Messias (ver, por exemplo, #Is 5.7 e #Is 11.4). O vers. 4 mostra que essa sabedoria foi posta à disposição dos mais jovens e inexperientes (cf. #Is 35.8), e o vers. 5 que aqueles que já tiraram fundo da fonte da sabedoria ainda encontrarão muito mais abundantemente. *Simples* (4)

provavelmente significa "sujeito a todas as influências". **Adquirir sábios conselhos** (5) é sugestivamente traduzido pela Septuaginta como: "adquirirá um timoneiro". Essa idéia acha-se implícita na raiz hebraica. Este livro também foi escrito para prover uma chave para todos os provérbios dos sábios (6; cf. **#Mc 4.13**). A significação exata da palavra aqui traduzida como **interpretação** é incerta. Aparece traduzida como "dito agudo", em **#Hc 2.6**, sua outra única ocorrência no Antigo Testamento.

O vers. 7 forma uma espécie de lema para o livro, e descreve seu princípio fundamental. **Princípio** (heb., **reshith**), implica tanto ponto de partida como essência. Sem o conhecimento e o temor de Jeová, o único verdadeiro Deus, a sabedoria que proporciona orientação para a vida inteira não pode nem começar a ser adquirida. O lema é repetido, com pequena variação, em **#Pv 9.10**.

Esses versículos são dignos de ser comparados com **#Is 11.1-5**, onde a maioria dos dons aqui apresentados são demonstrados como atributos do Messias e resultado da presença do Espírito de Deus.

>Pv-1.8

II. TREZE LIÇÕES SOBRE A SABEDORIA-Pv 1.8-9.18

O chamamento, "Filho meu", dá início a cada lição excetuando a última, que é dado pela própria Sabedoria. A relação familiar é mantida em mente, mas é mais provável que um mestre estivesse se dirigindo ao seu discípulo.

a) A primeira lição (Pv 1.8-33)

1. EVITA AS MÁAS COMPANHIAS (**#Pv 1.8-19**). O discípulo é exortado a seguir o ensinamento recebido como um filho de seu pai. **Ouve** (8), como freqüentemente no Antigo Testamento, significa "obedece". A palavra hebraica para **lei (torah)** tem aqui seu sentido primário de "ensino", conforme fica demonstrado pelo paralelismo. Os colares e o diadema, no vers. 9, são, naturalmente, ornamentais (cf. **#Gn 41.42**). O conteúdo desse ensino é descrito para nós no livro de Deuteronômio; ver especialmente **#Dt 4.9**; **#Dt 6.7**; **#Dt 11.19**; **#Dt 32.46**. Um estado desregrado da sociedade é pintado nos vers. 10-19. O furto organizado e mesclado com violência parece ter sido epidêmico na Palestina durante todo o período bíblico (cf., por exemplo, **#Os 4.2**; **#Os 6.8** e segs.; **#Sl 10.8** e segs.), e mesmo na Palestina, firmemente governada dos dias

de nosso Senhor, essa situação estava bastante estabelecida para ele tê-la usado como base de uma de Suas parábolas. Torna-se claro, por estes versículos, que os bandidos iam até ao homicídio para conseguir seu saque. A significação aparente do vers. 12 é a de um súdito e sanguinário assalto: atiravam-se sobre sua vítima tão avidamente como a Morte devora suas vítimas. Porém, o convite de ganhar uma igual porção em seu lucro mal ganho (14) deve ser consistentemente recusado (15). O vers. 16, que não aparece na Septuaginta, ocorre novamente em #Is 59.7. A metáfora, no vers. 17, é difícil. Parece melhor seguir Oesterley e interpretar a ave como o discípulo instruído: tendo sido advertido com antecedência, ele evitaria a armadilha de juntar-se a tão má companhia, assim como uma ave não se deixa apanhar pela armadilha que viu ser armada. Mas a sugestão, favorecida por Toy e outros escritores mais antigos, de que a ave representa os ladrões que são cegos para tudo, menos para o ganho, e não percebe a armadilha armada sob seus próprios olhares, é certamente possível. Os vers. 18-19 falam da sorte inevitável daqueles que enriquecem dessa maneira. Quando estão emboscados à espera de outros, sem que o saibam, estão preparando sua própria destruição. Tais são as veredas de todo aquele... (19); isto é, "esse é o resultado para todo aquele...".

>Pv-1.20

2. O APELO NÃO OUVIDO DA SABEDORIA (#Pv 1.20-33). Esta é a primeira das seções em que a sabedoria é personificada. A sabedoria que tem sua origem no temor de Deus convida o povo em geral para que aprenda: mas a grande massa da humanidade se recusa a dar ouvidos, a despeito do fato que assim fazendo estão simplesmente atraindo a ruína e a aflição contra si mesmos. Somos lembrados sobre o modo como os profetas pleitearam junto a Israel para que "buscassem a Jeová e vivessem", mas encontraram uma intransigente falta de entendimento. Realmente, muito existe nesta seção que é reminiscência do ensino de Oséias, de Isaías e de Jeremias. Os vers. 20-21 descrevem a maneira da proclamação da Sabedoria. Tal como diz o vers. 20, os profetas também levantaram suas vozes e proclamaram suas mensagens nas ruas e lugares públicos: cf. #Jr 5.1; #Is 20.2. As entradas das portas (21), onde os negócios públicos e particulares eram efetuados (cf. #Rt 4.1 e segs.). Os vers. 22 e 23 dão o apelo da Sabedoria. São nomeadas três classes de pessoas que fazem ouvidos moucos. Simples (22). A raiz dessa palavra parece significar "sujeitos às influências", quer boas quer más; quanto à sua origem esse termo é moralmente neutro (cf. vers. 4). Mas as pessoas em questão rejeitam a sabedoria oferecida e por isso permanecem "simples": e assim essa

palavra (como em português também) assume um sentido não invejável. **Escarnecedores** (22; em heb., **lesim**) uma classe que tornaremos a encontrar. São os piores adversários da Sabedoria, arrogantes, cínicos e desafiadores. **Loucos** (22) são representados como a odiar o conhecimento, a única coisa que poderia salvá-los do desastre. Há três vocábulos hebraicos, no livro de Provérbios, que são traduzidos como "louco": **nabhal** é o indivíduo grosseiro, obtuso intelectualmente e, usualmente, moralmente. ' **Ewil** é o indivíduo sempre moralmente pervertido; ele não é apenas estúpido, mas também licencioso (ver **#Pv 7.22** em seu contexto). Não há muita diferença entre esse e o **kesil**, que é a palavra usada neste caso. Toy sumariza que o **kesil** é o indivíduo "insensível à verdade moral, que age sem dar-lhe atenção".

>Pv-1.23

O vers. 23 pode ser considerado de uma dessas duas maneiras. É possível que os loucos sejam instruídos para que enfrentem a repreensão da Sabedoria, e as **palavras** que a Sabedoria torna conhecidas estão contidas nos vers. 24-33. Mas é muito melhor, não nos esquecendo do "Até quando...?" do vers. 22, considerar isso como um último apelo aos surdos para que recebam o conhecimento. **Convertei-vos** é freqüentemente usada no sentido de "arrependei-vos", nos escritos dos profetas, e isso certamente é o seu sentido aqui. O "espírito da sabedoria" está associado ao Messias (**#Is 11.2**), e é um dos privilégios pertencentes ao povo do Messias (**#Ef 1.17**).

>Pv-1.24

Os vers. 24-32 descrevem a reação geral ao apelo e as espantosas conseqüências dessa rejeição. Pois a calamidade certamente seguirá tal desobediência, mas então já será tarde demais para buscar ajuda da Sabedoria celestial. A Sabedoria que rejeitaram rir-se-á em seus rostos, assim como por tanto tempo eles riram-se da sabedoria; a memória do conhecimento desprezado será amarga para aqueles que estão perecendo. **Vosso temor** (26-27) significa "aquilo que vos provocará temor". **De madrugada me buscarão** (28); melhor: "diligentemente me buscarão". A busca pela Sabedoria, induzida pela calamidade final, será inútil, uma nota de finalidade que estampa muitas das parábolas de nosso Senhor acerca do reino. Note-se que novamente o **conhecimento** e o **temor** de Deus são ligados (29). No vers. 32, os simples, exortados a se converterem a Deus (cfr. vers. 23), antes se desviaram dEle, e isso provocará sua destruição. **Prosperidade** (32); melhor: "descuido despreocupado", ou seja, o fruto da prosperidade. A parábola do rico

insensato, em [#Lc 12.16-20](#) serve de comentário suficiente aqui. Não é negado o fato que o insensato pode prosperar temporariamente.

>Pv-1.33

O vers. 33 mantém a promessa de verdadeira segurança para aqueles que dão ouvidos à voz da Sabedoria.

Pv-2.1

b) A segunda lição (Pv 2.1-22)

1. A BUSCA PELA SABEDORIA E SUA RECOMPENSA ([#Pv 2.1-9](#)). Esta seção salienta três coisas: que a sabedoria requer pesquisa diligente (1-5), que não obstante é dada por Deus, e não resultado de mero esforço humano (6), e que Deus vigia e guarda em Sua vontade aqueles que a recebem (7-9). Os princípios envolvidos aqui estão implícitos no sonho de Salomão, em Gibeom ([#1Rs 3.5-15](#)) e são tornados explícitos por Paulo, em [#Fp 2.12-13](#). **Coração** (2) tem um significado mais lato em hebraico do que em português, pois se relaciona tanto às faculdades intelectual e moral como à emocional. O aluno está sendo exortado a aplicar todos os seus poderes na busca do entendimento, até que se possa dizer que ele está bradando em alta voz por ela (3). No vers. 4 a ênfase provavelmente recai menos sobre o fato que a praia tem que ser escavada e que o tesouro requer intensa busca do que sobre o fato que ambas as coisas são imensamente valiosas. Nosso Senhor toma nas mãos e desenvolve esse pensamento, aplicando-o à busca pelo reino dos céus ([#Mt 13.44](#)). A significação literal de **reserva** (7) é "esconde"; mas deve-se notar que Ele a esconde **para** e não **dos** justos. Quanto ao vers. 8: "Para que guarde as veredas do juízo: e conserve o caminho dos seus santos", significa, em outras palavras, que o próprio Deus se torna um escudo para Seu povo, a fim de que Ele providencie para que aquilo que é perfeitamente reto seja constantemente mantido. "Guarde" significa "vigie": Deus vigia o caminho tomado por Seu povo, tanto para protegê-lo no caminho como para conservá-lo no caminho certo. **Santos** (8) representa aqueles que rendem lealmente a Jeová o amor que Lhe é devido na aliança entre Ele e Seu povo. As virtudes nomeadas no vers. 9 são reflexos de Sua vontade: ver [#Pv 1.3](#) e segs.

>Pv-2.10

2. ALGUNS BENEFÍCIOS DA SABEDORIA (#Pv 2.10-22). A proteção proporcionada pela posse da sabedoria é ampliada. O bom siso ou discrição que é prometido (11) contém a idéia de propósito. Os vers. 12-19 mencionam classes de cujos caminhos perniciosos aqueles que têm recebido a sabedoria podem escapar. Primeiramente existe o mau caminho do homem pervertido. Algumas versões dizem do "homem mau". De qualquer maneira, compare-se a petição, na oração do Pai Nosso: "Livra-nos do mal" ou "Livra-nos do maligno". Existe o homem que diz cousas perversas (12); lit., o homem que diz coisas invertidas, isto é, o mentiroso. Tais homens são tortuosos e pervertidos (13-15). Poderíamos traduzir o vers. 14 como: "Que se regozijam em fazer o mal, e se deleitam na perversão do mal". Acima de tudo, existe a mulher estranha (16), contra a qual muitas advertências são dadas no livro. Ver mais sobre o vers. 3. Aqui, finalmente, as advertências são contra as atrações da mulher adúltera que conhece a lei do verdadeiro Deus (17). Guia (17), uma tradução sem base; "amigo", como dão algumas versões, é tradução mais fiel. Mas, de uma passagem tal como #Jr 3.1-4, vemos claramente que esse termo era usado para designar o cônjuge de alguém. A mulher estranha não só peca contra o marido com quem se casou em sua mocidade; mas ao fazer isso ela peca contra Deus, a quem, na qualidade de israelita, ela estava ligada por uma relação de aliança. Foi Ele Quem ordenou o casamento, em Seu concerto, e Ele é Quem estipulou, como parte de Seu concerto: "Não adulterarás" (#Êx 20.14). Sua casa é uma inclinada descida até à própria morte (18), e sua vítima não atinge os caminhos de vida que todos os homens desejam atingir.

>Pv-2.20

Depois desse longo desvio de assunto, o vers. 20 retoma uma vez mais o pensamento do vers. 11. O dom da sabedoria de Deus não apenas protegerá o homem desses maus caminhos; mas capacita-o para uma boa e reta maneira de vida. Tal como em português, a palavra hebraica para terra (21 e 22) significa tanto um país como todo o globo terrestre. A referência primária, sem dúvida alguma, é à "terra que o Senhor teu Deus te dá" (cfr. #Êx 20.12; #Sl 37.9-11). Mas sua significação não pára aqui, como é demonstrado naquela beatitude proferida por nosso Senhor, baseada em #Sl 37.11: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra".

Pv-3.1

c) A terceira lição (Pv 3.1-10)

O tema é "confia e obedece". A observância das palavras do mestre é urgentemente exortada (1-2), como fonte de longa vida e paz. A referência primária é vida longa sobre a terra, geralmente considerado, no Antigo Testamento, como um grande bem; a observância dos princípios fundamentais da vida correta capacitará o homem a evitar as piores armadilhas e precipícios da vida. Porém, os "mandamentos com promessa" (cfr. #Ef 6.2) assumem uma mais profunda significação conforme a revelação de Deus se vai desdobrando, e nosso Senhor declara que Suas palavras são espírito e vida (#Jo 6.63). **Lei** (1; em heb., **torah**) novamente no sentido de "ensino".

>Pv-3.4

O tema é desenvolvido nos vers. 4-10, e o conteúdo do ensino transmissor da vida, referido em vers. 1, é esboçado. Primeiramente a **benignidade** e a **fidelidade** (3) devem ser mantidas. Essa expressão significa mais do que parece à superfície. **Benignidade (hesedh)** é uma palavra difícil de compreender fora da idéia de **concerto**. Representa amor-de-**concerto**, e o pleno alcance de seu significado vemos pelo Grande Mandamento e pelo que lhe é semelhante (#Dt 6.5 e #Lv 19.18). **Fidelidade** (heb., ' **cmeth**) significa "firmeza", e daí "dignidade", "estabilidade", "fidelidade", e eventualmente, aquilo que a fidelidade requer- realidade e verdade. Assim é que o Senhor é Fiel e Verdadeiro (#Ap 19.11); pois uma qualidade implica na outra. "Benignidade e fidelidade" são freqüentemente ligadas no Antigo Testamento, e Toy diz com propriedade que são "a expressão das relações perfeitamente boas entre homem e homem ou entre o homem e Deus". Acima de tudo, são atributos divinos (#Sl 25.10). O conselho para que se "ate" (3) essas qualidades à própria pessoa pode ser equiparado ao mandamento (#Dt 6.8) que ordenava que os mandamentos do concerto de Deus fossem atados, um constante memorial sobre Seus requerimentos. Os homens, entretanto, necessitam mais do que de ser lembrados; e assim a benignidade e a fidelidade devem ser escritas sobre seus próprios corações e mentes (cfr. #Jr 31.33). O resultado disso é estabelecido no vers. 4. A combinação de **graça** e **bom entendimento** causou dificuldades aos tradutores da Septuaginta e da Vulgata, como também para muitos comentaristas modernos. Algumas versões fazem uma leve alteração no hebraico e traduzem "favor e boa reputação". Aceitando o texto tal como ele está, a significação evidente é que a prática da "benignidade e da fidelidade" atrai não somente o favor divino e humano, mas também o reconhecimento divino e humano que tal pessoa

possui verdadeiro entendimento. Encontramos o grande exemplo disso em [#Lc 2.52](#).

>Pv-3.5

Em segundo lugar é exigida a fé; fé que inclui confiança em Deus (5), reconhecendo-O em cada departamento da vida (6), e mantendo reverente respeito para com Ele (7). Estribando-se sobre o próprio entendimento, dando-se alto valor à própria sabedoria (cfr. [#Is 5.21](#)), e vivendo-se em termos fáceis com o mal, são as antíteses dessa confiante dependência a Jeová. [Endireitará as tuas veredas](#) (6) quer dizer tornar o caminho reto ou plano, retirando os obstáculos. Essa palavra é usada em [#Is 40.3](#) sobre o desimpedir o caminho no deserto. O efeito de tal fé, conforme é descrito, também é fisicamente benéfico. Quanto a [umbigo](#) (8), a Septuaginta lê "corpo", representando um texto hebraico diferente em apenas uma letra. De qualquer modo, esta tradução transmite o sentido do versículo. Finalmente, o aluno é instruído sobre o fato que a reverência devida a Deus envolve a entrega dos próprios bens da parte daqueles que são Seus adoradores. A [fazenda](#) com que o adorador [honra](#) a Jeová (9) é sua riqueza, ou renda. Ele não precisa temer que isso venha a envolver prejuízo (10; cfr. [#Mt 3.10-12](#)). O ensino é transmitido mediante termos agrícolas. A referência às "primícias", no vers. 9, olha de volta para a lei de [#Dt 26](#), onde o adorador toma anualmente dos primeiros frutos da produção de seu campo e relembra, com alegria e gratidão, a redenção dada pelo Deus de Israel e Sua contínua benignidade -o antigo festival da colheita, no Antigo Testamento.

>Pv-3.11

d) A quarta lição (Pv 3.11-20)

O tema desta seção é o deleite da sabedoria, um desenvolvimento do tema repetido na terceira lição de que o ensino proporciona rica recompensa. Mas primeiramente é feita uma advertência de que Deus, em Seu amor, pode trazer adversidade ou prosperidade sobre Seus filhos (11-12). A máxima de Bacon: "Prosperidade é a Bênção do Antigo Testamento; Adversidade é a Bênção do Novo, que inclui a Bênção maior e a Revelação mais clara do favor de Deus" precisa ser limitada por passagens tais como esta. A tradução, em [#Hb 12.6](#): "Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho" segue a Septuaginta, que lê as mesmas consoantes hebraicas com vogais diferentes para obter a palavra "açoita". (Cfr. [#2Sm 7.14](#)).

>Pv-3.13

Com essa advertência, o mestre expõe as bênçãos que seguem a possessão da sabedoria. Ao seu redor os homens estavam ocupados na tarefa absorvedora de ajuntar riquezas e conseguir honrarias. Ele se esforça, portanto, para demonstrar (13-18) que a sabedoria celestial é algo infinitamente mais precioso que todas as coisas que os homens costumam buscar, e que, em realidade, tal sabedoria possui a chave das coisas mais desejadas por eles (17), coisas essas que são adicionadas como um subproduto da busca pela sabedoria. Podemos notar, no vers. 14, o germe ainda de uma outra das parábolas de nosso Senhor: a da pérola de grande valor (#Mt 13.45-46). A expressão **árvore da vida** (18) sugere que a sabedoria é uma fonte de vida em constante crescimento para aqueles que a obtêm. Alguma alusão é sugerida à árvore da vida, em #Gn 2-3 e #Ap 2 e #Ap 22. Perowne (Cambridge Bible) salienta que a árvore do conhecimento do bem e do mal era uma árvore mortífera.

>Pv-3.19

Os vers. 19 e 20 mostram mais ainda a glória da sabedoria descrevendo sua exaltada posição perante Deus, e que ela foi Seu princípio orientador na criação, e por meio dela, "Aquele que tudo faz bem" sustenta o universo, quer nos grandes e catastróficos acontecimentos (a referência à fenda dos abismos aponta de volta para #Gn 7.11), quer no umedecer diário da terra. **Orvalho** (20) possivelmente inclui a chuva, conforme sugerido por Toy; cfr. #Jó 36.28. Ver igualmente as anotações sobre o capítulo 8.

>Pv-3.21

e) A quinta lição (Pv 3.21-35)

O tema gira novamente em torno das manifestações e efeitos da sabedoria, um desenvolvimento maior ainda das duas lições anteriores. Sabedoria sã e propósito discreto (ver 2.7 n.) será vida, saúde e paz (21-26). A palavra traduzida como **alma** (em heb., **nephesh**) no vers. 22 parece, embora isso seja disputado, que originalmente significa "garganta", e daí passou a significar "ser vivo", "pessoa", "ser", "vida". **Serão vida para a tua alma** quer dizer, portanto, "ser-te-ão vida". Não esquecendo o paralelismo, entretanto, é possível que **nephesh** tenha aqui seu sentido original de **garganta**, e seja usado

por sinédoque para o corpo inteiro. **Não tropeçará o teu pé** (23), traduzido mais literalmente seria: "Não golpearás teu pé". A injunção, **Não temas** (26) quando vier a assolação dos ímpios, pode ser ligada às numerosas passagens de esperança e encorajamento para os piedosos com as quais os profetas mesclaram seus anúncios de julgamento iminente por causa do pecado da nação (ver, por exemplo, **#Is 10.24** e segs.), e com as palavras de nosso Senhor a Seu povo, quando a catástrofe houver de tomar conta do mundo (**#Lc 21.28**).

>Pv-3.27

Os vers. 27-35 consistem de provérbios breves e independentes, tais como os das secções III, IV, V e VI, todos Ilustrando o tema já estabelecido nesta lição. Tiago nos assegura que a sabedoria celestial é pura, pacífica, gentil, cordata, plena de misericórdia e bons frutos, sem incerteza ou insinceridade, e que existe uma paródia diabólica dessa sabedoria, cujas marcas são inveja e contenda. Isso é ilustrado pelos preceitos do mestre. O primeiro recomenda pronto pagamento das dívidas (27). O texto hebraico diz: "donos" (**ba'alim**), como nesta versão. A Septuaginta talvez esteja correta quando substitui credores por pobres. A frase é difícil, mas não tão difícil que exija as correções ocasionalmente propostas. O segundo preceito ordena pronta e voluntária generosidade (28; cfr. **#Tg 2.16**). O terceiro e o quarto preceitos advertem contra os ataques não provocados (29-30). O quinto adverte contra a inveja (31). **O homem violento** pode prosperar. Para os profetas era bem óbvio que isso realmente pode suceder. Mas suas riquezas, injustamente adquiridas, não devem ser cobiçadas, nem seus métodos imitados.

>Pv-3.32

O último grupo de provérbios (32-35) apresentam essas injunções em suas relações com o temor do Senhor. Uma maneira de vida é abominável para Jeová: a outra conduz à real harmonia com Ele (32). Oesterley com grande felicidade traduz **segredo** como "intimidade familiar e confidencial". A maldição de Deus repousa sobre um desses caminhos, mas sobre o outro as Suas bênçãos (33; cfr. **#Dt 11.26-28**). Deus recompensa com o Seu favor a humildade, e não a arrogância (34; cfr. a alusão a este vers. em **#Tg 4.6** e **#1Pe 5.5**). São os sábios, isto é, os retos, justos e humildes, que eventualmente recebem honra, e não os **loucos** (35; em heb., **kesilim**, ver **#Pv 1.22** e segs.). A última cláusula do vers. 35 é difícil e a palavra traduzida aqui como **confusão** é obscura; não obstante, essa tradução, com seu toque de ironia, pelo

menos tem virilidade e agudeza, o que a maioria das correções sugeridas não possui.

Pv-4.1

f) A sexta lição (Pv 4.1-9)

Esta seção contém uma pequena amostra de autobiografia. Consumido pelo desejo de que seus alunos fossem moral e espiritualmente saudáveis, o mestre fala da sábia instrução de seu próprio pai, o que é provado por sua própria vida, no esforço de impressioná-los a respeito da urgência de obter, acima de tudo, a "sabedoria que vem do alto".

O vers. 1 mostra o mestre a tomar a posição de um pai para com seus alunos. Ele relata como seus próprios pais se tinham preocupado com seu próprio bem-estar. **Eu era filho de meu pai**, com o paralelismo que se segue, subentende que o pai do mestre se interessou particularmente pela educação de seu próprio filho. Não podemos dizer se a totalidade dos vers. 2-9 representa as palavras do pai, ou se o mestre, nas últimas sentenças, está a aplicá-las. Uma vez mais, a aquisição da sabedoria é vista como algo que provê vida (4), proteção (6), honra (7) e adorno (9). **A sabedoria é a cousa principal: adquira pois a sabedoria** (7). O hebraico diz apenas: "o princípio da sabedoria é-adquira sabedoria". Os comentaristas abandonam isso como palavras ininteligíveis, mas Perowne salienta a semelhança com a mensagem de **#Pv 2.1-5**, especialmente se **#Pv 2.5** for interpretado à luz de **#Pv 1.7**, e a sentença de que estamos tratando bem pode ser uma compressão daquela mensagem. Cfr. **#Mt 13.44-46 com tudo o que possuis** (7).

>Pv-4.10

g) A sétima lição (Pv 4.10-19)

O tema é "Abomina aquilo que é mal". Uma vez mais o mestre dá início à sua lição com uma urgente injunção a seus alunos, para que se deixem ensinar e se apeguem firmemente às lições aprendidas (10-13). Uma vez mais é dito que a posse da sabedoria conferirá vida longa (10). Os alunos já tinham aprendido, por seu ensino, em que direção jaz a sabedoria (11). Em lugar de **carreiras direitas** (11), é preferível a tradução "veredas da retidão", isto é, de conduta moral da vida. A sabedoria que se exhibe por meio de tal conduta será um guia seguro para a verdadeira liberdade (12). **Embaraçamento** é uma palavra

bem expressiva sobre os movimentos cheios de obstáculos e restrições daqueles que deixam o "caminho da sabedoria" e as "veredas da retidão". A urgência de apegar-se a essa disciplina é bem ilustrada no acúmulo de expressões no vers. 13. Oesterley traduz a última frase como: "porque a sabedoria é tudo em tudo para um homem".

Os vers. 14-19 contêm advertências para que se evitem os desvios seguidos pelos ímpios (14-15), uma descrição sobre os homens que os seguem (16-17), e vívidos e contrastantes quadros do que é seguir a estrada certa (18) e os desvios (19). O vers. 17 provavelmente se refere aos iníquos que ganham seu sustento mediante a iniquidade e a violência (cfr. #Pv 20.17), embora isso também possa significar que o mal é seu alimento e bebida e prazer constante (contrastar com #Jo 4.34). **Luz da aurora** (18) não é tão literal como certas versões, que dizem "luz brilhante", mas como está aqui fica melhor transmitida a idéia. "Assim como o sol vai subindo pelos céus, brilhando cada vez mais, desde o mais desmaiado palor da madrugada até atingir sua altura meridiana, onde parece permanecer firme e imóvel: assim é a vereda da retidão. Seu sol se mantém afinal firme nos céus, e não se apressa em descer por todo o dia eterno" (Perowne). **Dia perfeito** significa "pleno meio dia". Com este vers. cfr. #Is 2.5.

>Pv-4.20

h) A oitava lição (Pv 4.20-27)

O tema é: "Apega-te àquilo que é bom". Contudo, outro apelo para que os alunos dêem ouvidos às instruções transmissoras de vida do mestre (20-22) é seguido por um apelo para que mantenham o coração (23), a linguagem (24), os olhos (25) e os pés (26-27) na direção que conduz à vida.

>Pv-4.21

No vers. 21 o mestre demonstra que não é suficiente ouvir instruções sábias: estas devem ser assimiladas, ponderadas, e entesouradas no centro do ser do homem. Cfr. #Sl 119.11 e #Lc 2.19. O vers. 23 nos fornece a chave para toda esta série de lições. A sabedoria conduz à vida; mas, fundamentalmente, a sabedoria se origina, não em seguir uma coleção de sábios preceitos, mas se origina no coração, o foco da mente e da vontade e a fonte da ação. (Quanto ao sentido de **coração**, no hebraico, ver #Pv 2.2 e segs.). Israel estava necessitando de um "**coração** para que me conheçam" (#Jr 24.7). As palavras

de nosso Senhor, sobre essa questão, e que provocaram tal escândalo (#Mt 15.10-20) se baseiam no ensinamento deste versículo. No vers. 26, em lugar de **pondera** é melhor traduzir "endireita" como diz na Septuaginta e em #Hb 12.13. Atualmente se reconhece que esse é o sentido dessa palavra; a remoção de tudo quanto pode servir de obstáculo moral é subentendida. Mas isso ainda não é tudo. O aluno também é recomendado a verificar que seus caminhos sejam **bem ordenados** (26). A raiz desta palavra significa "tornar firme". Tendo sido desimpedida dos obstáculos, a estrada em seguida deve ser feita firme, e então não se poderá alguém desviar dela (27).

Pv-5.1

i) A nona lição (Pv 5.1-23)

O tema é a sabedoria aplicada às relações entre os sexos. Após um apelo inicial, para que se preste atenção (1-2), o mestre prossegue para fazer uma descrição da **mulher estranha** e suas atrações (3-6), uma injunção para evitá-la (7-8), uma advertência sobre o que sucede às suas vítimas (9-14), um apelo para que se aprecie o santo amor (15-19), e um lembrete que Deus está a observar tudo continuamente (20-23).

Essa **mulher estranha** é uma figura que freqüentemente aparece no livro de Provérbios (cfr. #Pv 2.16; #Pv 6.24; #Pv 7.5; #Pv 20.16; #Pv 23.27; #Pv 27.13). Falando em termos gerais, existem quatro pontos de vista diferentes sobre o significado dessa frase: primeiro que ela representa meretrizes ou adúlteras israelitas, que são descritas como "estranhas" porque não têm direito à relação com o povo de Israel; o segundo diz que a mulher é **estranha** por ser "estrangeira", e que aqui são aludidas mulheres cananéias ou fenícias (sabemos que a prostituição religiosa era praticada na religião dos cananeus); o terceiro é que isso se refere a um culto estrangeiro, talvez de Astarte, a deusa do amor, com forte elemento sexual, e que tinha relações comerciais com países circunvizinhos; o quarto ponto de vista afirma que toda a passagem é alegórica e se refere às seduções da filosofia ou religião grega. Desses, o primeiro é o que apresenta uma explicação mais simples, mais natural, e a que melhor se coaduna com as declarações em #Pv 2.17 e #Pv 7.19 e segs.

>Pv-5.4

Fim (4), muito naturalmente, se refere ao julgamento daqueles que têm relações com ela. **Absinto** (4) é usado no Antigo Testamento como símbolo de

sofrimento (ver, por exemplo, #Dt 29.18; #Jr 9.15). **Inferno** (5) representa o Seol, "a sepultura" ou habitação dos depravados. O vers. 6 é difícil e obscuro; todavia, recentes descobertas filológicas têm lançado alguma luz sobre ele. Se seguirmos o prof. G. R. Driver, vendo a verdadeira significação da palavra aqui traduzida como **pondera**, como se fosse "examinar, pesquisar", ou se seguirmos o prof. D. Winton Thomas, em sua demonstração que o termo hebraico **yada'**, usualmente traduzido como "conhece", como nesta versão, algumas vezes tem o sentido de "estar quieto", então poderemos traduzir: "Para que ela não venha a examinar o caminho da vida; seus caminhos são instáveis e ela não sossega". A Septuaginta e outras versões, como esta, entretanto, em lugar de "para que" lêem "não", no começo do versículo, o que também torna o sentido mais claro.

>Pv-5.9

Os vers. 9-14 descrevem a conclusão da vida do libertino. O quadro, nos vers. 9-10, parece ser do adúltero, com as energias de sua vida solapadas, com seus bens materiais desaparecidos, a passar seus anos restantes como escravo na casa de outrem. **Cruéis** (9) é masculino singular. Mais terríveis, entretanto, são as dores de seu remorso (11-14), que veio tarde demais. **Quase que em todo o mal me achei** (14) significa ou "consegui escapar por bem pouco da suprema penalidade que poderia ter sido infligida devido esse pecado", que é a morte (cfr. #Lv 20.10) ou outra coisa; ou então significa: "tenho cometido as profundezas da perversidade, mesmo sendo membro da santa congregação de Israel". Segundo esta última interpretação, a frase **da congregação e do ajuntamento** é considerada como uma designação coletiva de Israel na qualidade de povo de Deus, e o fato que tal pecado foi cometido entre tal povo constitui um agravamento do mesmo (cfr. #Hb 12.15). A passagem inteira serve de ilustração para #Pv 1.26 e segs., onde a sabedoria é representada a "rir-se", quando aqueles que a rejeitaram finalmente percebem seu erro.

>Pv-5.15

Dessa advertência sobre as más conseqüências do pecado, o mestre passa para uma positiva instrução a respeito da alegria e da santidade de uma pura vida marital, em termos semelhantes aos de Cantares de Salomão. Para o homem oriental, o cântico de amor é algo sagrado, e nada existe de indelicado nos termos em que o mestre fala. O vers. 15 exorta o aprendiz a deliciar-se em sua própria esposa em oposição à "mulher estranha". O vers. 16 volta à advertência anterior, na última seção, contra a promiscuidade. O manancial é

bendito (18) quando desfrutado com respeito pelas leis de Deus; **a mulher da tua mocidade** significa "a esposa com quem te casaste sendo jovem", pois casar-se cedo era costumeiro nos tempos do Antigo Testamento.

>Pv-5.21

Os vers. 21-23 trazem novamente todos os preceitos ensinados em relação com a aliança estabelecida com o Deus vivo. Ele observa cada vida (21). Fica melhor e mais claro o sentido se traduzirmos como "pesquisar" a palavra que aqui aparece como **aplana**. (Ver anotação sobre o vers. 6). O rebelde rapidamente se torna vítima de sua própria rebeldia (22), e a razão disso é que ele não deu ouvidos à disciplina divina (23). Quanto a este versículo é preferível traduzir **sem correção** como "por falta de instrução"(cfr. **#Os 4.6**). Tal é o restritivo final contra o pecado apresentado pelo mestre. Quanto ao pensamento desta passagem cfr. **#Ef 4.17-19**.

Pv-6.1

j) A décima lição (Pv 6.1-19)

Esta lição se baseia no princípio enunciado no vers. 22. Três exemplos do processo ali descrito são tomados, e é adicionada uma lista de sete pecados mortíferos.

1. A FIANÇA (**#Pv 6.1-5**). Nos dias antigos, a lei comercial de Israel era direta. O empréstimo era necessário somente em emergências particulares e, assim sendo, receber juros de um compatriota israelita era estritamente proibido (exemplo, **#Lv 25.36**), e se uma peça de vestuário fosse recebida como fiança por um empréstimo, aquela deveria ser devolvida ao cair da noite para que servisse de coberto (**#Êx 22.25-27**). Com o crescimento da civilização e das relações comerciais com o estrangeiro, a prática da fiança parece haver-se desenvolvido, pois um homem aceitava responsabilidade pela dívida de outro. A ação do **Mercador de Veneza** gira em torno, naturalmente, desse ou de um outro costume semelhante. Talvez que mais profundo exame lance mais luz sobre o que em realidade é envolvido aqui. De qualquer modo, em nosso livro a fiança é uniformemente condenada. Davison provavelmente tenha apontado para a raiz da objeção quando disse: "O uso do dinheiro é um índice do caráter... O jovem que participa de movimentos monetários como aqueles que são condenados no livro de provérbios, em primeiro lugar é moralmente fraco, e em segundo lugar é praticamente desonesto, e em terceiro

lugar, provavelmente provocará muito sofrimento àqueles que mereciam melhor tratamento de suas mãos" ([The Wisdom Literature of the Old Testament](#), págs. 193 e segs.). É digno de atenção que o livro de Provérbios se preocupa especialmente com transações de fiança que envolvam estrangeiros (comerciantes estrangeiros?); ver, por exemplo, [#Pv 6.1](#); [#Pv 11.15](#); [#Pv 20.16](#); [#Pv 27.13](#).

[Se deste a tua mão ao estranho](#) (1) se refere ao ato de ratificação a uma transação. O fiador, à semelhança do ímpio do vers. 22, cai na armadilha de sua própria insensatez. Nos versículos que se seguem ele é exortado a fazer todos os esforços para livrar-se, importunando, se necessário for, aquele perante quem ele se obrigara a livrá-lo da dívida.

>Pv-6.6

2. O PREGUIÇOSO ([#Pv 6.6-11](#)). Em [O peregrino](#), Indolente, na companhia de Simples e de Presunção, é visto pelo Cristão a dormir à beira do caminho. Ensinando "os outros a presumirem que tudo lhes sairia bem no fim". Indolente e seus companheiros levam outros a seguir seu exemplo. Porém, quando o Cristão vai passando, vê que "estão pendurados em ferros, a pequena distância". Esse quadro se equipara ao que é dado Provérbios. Um provérbio tirado da natureza, tal como o composto por Salomão ([#1Rs 4.33](#)), é empregado para envergonhar o preguiçoso e fazê-lo agir (6-9); todavia, se ele não atender, logo seu sono será rudemente interrompido (10-11) pelo inflexível fato da pobreza e da necessidade-outra exemplo de um insensato apanhado nas cordas de sua própria loucura (vers. 22). [Ladrão](#) (11). Uma boa tradução seria "ladrão de estrada".

>Pv-6.12

3. O "HOMEM DE BELIAL" ([#Pv 6.12-19](#)). Um breve mas vívido quadro é esboçado sobre aquele que A. D. Power chama apropriadamente de "O Perfeito Salafrário" (12-14). Perverso, enganoso, desordeiro e degenerado, ele eventualmente também será derrubado em resultado de seu pecado (vers. 15).

[Belial](#) (12), que significa "sem proveito", é talvez a única palavra genuinamente composta em hebraico: é frequentemente empregada no Antigo Testamento para denotar iniquidade (exemplo, [#Jz 19.22](#)), e Paulo a usa como título para Satanás ([#2Co 6.15](#)). [Fala com os pés](#) (13) é tradução literal.

Algumas versões dizem: "usa de embustes". De qualquer modo, fica subentendida a insinceridade.

>Pv-6.16

A seção seguinte (16-19) também se relaciona ao homem de Belial. Os sete pecados mortíferos, enumerados como coisas que Deus aborrece, são marcas desse tipo de indivíduo. Ele peca com os olhos (13-17), com as mãos (13-17), com o coração (14-18) e com os pés (13-18); causa divisões e é maquinador de males (14-19). Temos outros "provérbios numéricos" no capítulo 30. Talvez se tratasse, originalmente, de uma forma didática para uso nas escolas, que dizia: "Quais são as seis coisas que Jeová aborrece?..."

>Pv-6.20

1) A décima primeira lição (Pv 6.20-35)

O tema é o sétimo mandamento. O exórdio trata da orientação oferecida pelo ensino são (20-23); e solenes advertências são proferidas contra o pecado específico do adultério (24-35).

Mandamento e **lei**, no vers. 20, se referem ao ensino dos pais: no vers. 23 essas palavras parecem referir-se à lei da aliança. Era essa lei, contudo (cfr. **#Dt 6.6-7**), que era o conteúdo do ensino doméstico dado ao israelita piedoso. A lei divina, ensinada e exposta, provê uma clara orientação para a vida. Oesterley faz uma distinção entre **mandamento** como a lâmpada e a **lei** como a fonte da luz e compara o modo pelo qual João Batista é chamado de lâmpada (**#Jo 5.35**) enquanto Jesus Cristo é a Luz (**#Jo 1.8** e segs.). De qualquer maneira, a lei de Deus deve ser internamente entesourada e externamente manifestada (21), guiando e controlando todas as atividades (22).

>Pv-6.23

É salientado que a lei, a disciplina e a correção à luz da lei (cfr. **#2Tm 3.16**) proporciona proteção contra a **mulher estranha** (24). Aqui podemos defender uma interpretação alegórica e quando nos lembramos que a figura de uma adúltera é freqüentemente usada no Antigo Testamento para descrever a pecaminosa nação de Israel (cfr. **#Os 2**) e que Tiago usa-a para descrever o crente mundano (**#Tg 4.4**), torna-se claro que o alcance desses capítulos ultrapassa em muito a má conduta sexual. Não obstante, a maneira pela qual

os pormenores são continuamente reforçados nos leva a acreditar que o mestre tencionava que suas palavras fossem entendidas literalmente.

>Pv-6.25

Seus olhos (25) eram provavelmente pintados (cfr. #2Rs 9.30). Não é claro se, no vers. 26, o mestre distingue entre dois tipos de mulheres imorais. Se assim for, o versículo diz que um homem pode ser reduzido à pobreza (**um bocado** de pão) por causa de uma **prostituta** (como diz aqui), mas corre o risco de perder a vida (por ação social ou legal) por ajuntar-se a uma mulher **adúltera** (lit. "esposa de um homem"). Ao contrário desta versão, entretanto, provavelmente seja preferível traduzir como a mesma mulher em ambas as porções do versículo. **Seio** (27) significa a dobra da veste na parte que cobre o peito. O vers. 29 nos leva outra vez a pensar no Deus vivo. Algumas versões traduzem **não ficará inocente** como "não ficará sem punição". Ser considerado "não inocente", no Antigo Testamento, inevitavelmente quer dizer punição. O vers. 30 é um tanto obscuro. A explanação mais simples é que, se um ladrão que furta para alimentar-se, ainda que isso seja muito menos desprezível que a ação de um adúltero, mesmo assim tem de restituir em plena medida (sete vezes tanto é, provavelmente, um termo geral e não exato), quanto mais o adúltero não pagará sua penalidade? O adúltero está a destruir tão-somente sua própria vida (32; **alma** deve ser entendida dessa maneira); ele pode esperar punição de conformidade com a gravidade de seu pecado, e desgraça pública (33), e não receberá tréguas da parte do marido enganado (34); diferentemente do ladrão, o adúltero não pode fazer restituição (35).

Pv-7.1

m) A décima segunda lição (Pv 7.1-27)

O tema, tal como o da seção anterior, é o perigo do adultério. Em primeiro lugar há a costumeira exortação para que o aluno observe e nunca se esqueça do ensino paterno, que é o caminho da vida, e serve particularmente de defesa contra a mulher estranha (1-5). As relações mencionadas no vers. 4 pintam o íntimo conhecimento pessoal da sabedoria que o mestre deseja da parte dos seus alunos: **parenta** implica em intimidade familiar (cfr. #Mt 12.50).

>Pv-7.6

Segue-se uma passagem de suprema vivacidade, fornecendo um relato de testemunha ocular sobre como um jovem caiu presa de uma mulher estranha (6-23). Isso forma o corpo principal da lição, enquanto que os vers. 24-27 apontam a moral da história. A descrição da vítima é habilidosamente feita. Ele é um dos indivíduos **simples** (7; ver **#Pv 1.22** e segs.). Isso ilustra o fato que aquele que é simples no sentido negativo, ou seja, sem idéias formadas acerca do bem e do mal, corre o perigo de tornar-se um louco e um réprobo caso permaneça sem instrução. Pelo vers. 8 aprendemos que ele passava o tempo, do pôr do sol até à meia noite, a percorrer as ruas próximas da casa da mulher estranha. A mulher era sensual e desassossegada, atrevida e sem vergonha. Ela apresenta um sutil pretexto religioso (14). Segundo a lei da oferta pacífica (**#Lv 7.11** e segs.), a carne do animal tinha de ser comida pelo adorador no mesmo dia do sacrifício ou, no caso de um voto, no dia seguinte. Essa mulher, tendo feito seus votos a Jeová, agora convidava e jovem a compartilhar de sua festa de sacrifício. Ela afirmava tê-lo procurado especialmente para que compartilhasse de sua mesa (15). Ela pinta em cores rebrilhantes "os prazeres do pecado" (16-18), bem como a extraordinária sorte deles no fato de seu **marido** estar ausente de casa por algum tempo. Em realidade, no texto hebraico, ela chama o marido simplesmente de "o homem", possivelmente o que Toy chama de "refinada ironia". No vers. 20, quanto a **dia marcado**, melhor é ler "lua nova". Após alguma hesitação (subentendida no vers. 21), o jovem subitamente capitula (22). O texto, nos vers. 22 e 23 é notoriamente difícil. A tradução que diz, como aqui, **como o louco ao castigo das prisões**, só pode ser obtida mediante transposição da ordem das palavras e a suposição sem base que a palavra traduzida como **prisões** tem essa significação. A Septuaginta tem uma linha adicional: "... como um boi que é levado ao matadouro, e como um cão pela sua corrente, ou como um veado é atravessado pelo fígado por uma flecha". Qualquer que seja a tradução mais correta, o sentido é claro: a sorte do jovem é súbita e drástica, embora a forma que ela tome seja deixada à imaginação.

>Pv-7.24

Tendo atingido esse clímax dramático, o mestre encerra sua lição com umas poucas sentenças solenes. As mortes causadas pela mulher estranha são inúmeras (26). **Muitos feridos** (26), ou melhor, "grande multidão" tem sido ferida por ela. Em outras palavras: "Aquele pois que cuida estar em pé, olhe não caia". É uma estranha ironia que foram suas "mulheres estrangeiras" que levaram Salomão a declinar em sua sabedoria (**#1Rs 11.1-8**).

Pv-8.1

n) A décima terceira lição (Pv 8.1-36)

Esta lição, após breve introdução por parte do mestre (1-3), é dada pela própria Sabedoria personificada: e com ela chegamos ao zênite da série. Em severo contraste com a maneira arredia, sutil e sedutora da mulher da última lição, a Sabedoria com clareza, dignidade, e nos lugares mais públicos, pleiteia perante os homens que a recebam e declara os tesouros de sua recompensa (4-21). A parte da Sabedoria, na criação, é então apresentada (22-31), e ela adiciona sua própria exortação para que os homens se firmem nela, nos vers. 32-36.

Este capítulo, com sua personificação da Sabedoria, era interpretado Cristologicamente desde os primeiros séculos da era cristã. Certamente que Paulo (cfr. por exemplo, [#1Co 8.6](#); [#Cl 1.15-18](#)), o escritor da epístola aos Hebreus (cfr. [#Hb 1.3](#)), e João (cfr. [#Ap 3.14](#)), vêm nisso termos que só têm pleno significado em "Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus" ([#1Co 1.24](#)). Teófilo de Antioquia, o primeiro escritor cristão a usar o termo "Trindade" para a Deidade, fala de "Deus, Sua Palavra e Sua Sabedoria" ([Ad Autolycum #Pv 2.15](#)); à semelhança de outros escritores do século II ele não demonstra claramente a divisão de funções entre o Filho e o Espírito Santo. Podemos acreditar que os pais da Igreja foram justificados ao verem na personificação da Sabedoria um prognóstico da revelação, mais clara no Novo Testamento sobre três hipóteses em um único Deus. Como o arqui-diácono Perowne diz: "A vívida e augusta personificação não hesita em seu caminho, até que finalmente nos apresenta (e não tanto prediz). Aquele que é a "Sabedoria de Deus", o "Unigênito do Pai", e o "Filho de Seu Amor"; o qual "se tornou carne" e "habitou entre nós", porque desde toda a eternidade "Ele se deleitava com os filhos dos homens" ([The Proverbs](#), Cambridge Bible, pág. 31). Finalmente, podemos notar que nosso Senhor Jesus mesmo se refere à Sabedoria de Deus em forma personificada ([#Lc 11.49](#)), ao falar sobre os profetas e apóstolos, os porta-vozes da sabedoria de Deus, que consistentemente tinham sido rejeitados pelo povo de Deus.

1. A SABEDORIA ENTRE OS HOMENS ([#Pv 8.1-21](#)). Nos lugares mais conspícuos (2-3) a Sabedoria se dirige à humanidade inteira (4). Uma vez mais vemos que a perspicácia discernidora ([prudência](#)) é oferecida aos [simples](#) e que mesmo os mais endurecidos [loucos](#) ([kesilim](#), ver 1.22 n.) ainda têm a oportunidade de aprender (5). As palavras da sabedoria são verazes, diretas e

sinceras (6-9). Podemos comparar [#Mt 13.16](#) com o vers. 9. A sabedoria oferece uma rica recompensa: muito mais rica que as coisas por causa das quais os homens desgastam suas vidas (10-11).

>Pv-8.12

A sabedoria, em seguida, explica mais ainda o que ela é. No que tange ao vers. 12, ler: "Eu, a Sabedoria, na prudência tenho feito minha habitação, e adquirei conhecimento e discipulação". O significado será, então, que a Sabedoria é demonstrada na vida prática pelo discernimento ([prudência](#)) e que possui as outras formas de entendimento referidas em [#Pv 1.4](#). A sabedoria se identifica com o [temor do Senhor](#) (cfr. [#Pv 1.7](#)), o que, somos informados, envolve aborrecimento ao mal (13). Entre suas outras possessões encontramos o [conselho](#) e a [fortaleza](#) (14), qualidades de realeza que são vistas em sua plenitude no Rei Messias ([#Is 9.6](#); [#Is 11.2](#)). Isso leva, naturalmente, à parte da Sabedoria na orientação dada aos governantes (15-16). [Justiça](#) (15) significa governo justo. Salomão mesmo rogou que lhe fosse dada sabedoria para orientá-lo em seu governo ([#1Rs 3.5-12](#)). A sabedoria torna-se acessível quando procurada (17; cfr. [#Lc 11.9-13](#)). [De madrugada](#), aqui, é a mesma coisa que "diligentemente". A sabedoria confere grandes riquezas àqueles que a amam (18-21), as quais são maiores por serem obtidas na retidão (18-20). Que suas bênçãos são mais que simplesmente materiais fica demonstrado pelos contrastes no vers. 19. [Duráveis](#) (18) é uma palavra que não ocorre em outra porção qualquer do Antigo Testamento: algumas versões sugerem "antigas", enquanto que Koehler ([Lexicon, in loc.](#)) sugere "hereditárias".

>Pv-8.22

2. SABEDORIA PARA COM DEUS ([#Pv 8.22-36](#)). A sabedoria fala em seguida sobre sua participação na criação. Desde o início da controvérsia ariana, no século IV, que o vers. 22 tem sido uma das mais discutidas passagens do Antigo Testamento. O ponto principal em debate é, qual o significado da palavra [qanah](#), traduzida como [possuiu](#)? A Septuaginta diz: "O Senhor me criou" e os arianos usavam isso como um de seus principais textos de prova para sua tese que Cristo era um ser criado. Foram refutados mediante outros pontos, mas também foi demonstrado que o hebraico, aqui, não tem tal significação. [Possuiu](#), tradução dada pelas versões em português, significaria, que desde o princípio a sabedoria de Deus estava com Deus: Deus é chamado de o [Possuidor](#) (raiz, [qanah](#)) dos céus e da terra, em [#Gn 14.19-22](#). C. F. Burney, "Cristo como o [Arché](#) da Criação" (em [Journal of Theological](#)

Studies, vol. 27, 1926, págs. 160 e segs.), apresenta evidência que o significado dessa palavra é "gerou", uma tradução que faria com que essa passagem tivesse uma importância tão grande, sobre a doutrina da Eterna Geração do Filho, como tinha nos dias de Ário. De qualquer modo, a referência aqui não é que a Sabedoria foi o primeiro ser criado, pois a sabedoria de Deus certamente é inseparável dEle: pelo contrário, deveríamos entender por isso que a Sabedoria estava com Ele desde toda a eternidade. **Ungida** (23) pode referir-se à nomeação da Sabedoria, por Deus, para sua tarefa. Essa palavra é usada no sentido de consagrar. Significando originalmente "derramar" veio a significar "consagração por derrame de libações". A sabedoria precedeu todos os seres criados e até mesmo as profundezas primevas (24). Mas isso ainda não é tudo.

>Pv-8.30

Nos versículos finais a Sabedoria fala como um mestre e se dirige à sua audiência como "filhos" (32), lembrando-os novamente do fato que amá-la produz vida (35) e que odiá-la atrai a morte (36); **Pecar contra mim** (36); melhor ainda: "o que me omite". A palavra hebraica "pecar" significa originalmente "errar", isto é, "errar o alvo": esse sentido original cabe melhor aqui, onde o contraste é entre aquele que **me achar** (35) e aquele que "me omitir". Omitir a Sabedoria é enganar a si mesmo: é odiá-la como um suicida (36).

Pv-9.1

o) Sumário das Treze lições (Pv 9.1-18)

Alguns dos principais tópicos abordados nos capítulos 1-8 são sumarizados na forma de um quadro da Sabedoria e da Loucura, cada qual a convidar homens para um banquete.

1. AS SETE COLUNAS DA SABEDORIA (#Pv 9.1-12). Uma vez mais personificada, a Sabedoria é vista agora como uma graciosa anfitriã. Tem havido muita especulação sobre as **sete colunas** (1). Têm-nas feito representar coisas tão diversas como os sete dias da criação, as sete artes liberais, e até mesmo os primeiros sete capítulos do livro de Provérbios (ver a lista em Toy, I. C. C., **Proverbs**, pág. 185). Toy e outros arguem que não existe significado especial no número **sete**, que talvez tivesse sido o número comum de colunas no estilo de casas daquele período. Tal casa, entretanto, só recentemente foi

encontrada-casa do festival de Ano Novo de Senaqueribe. (Referência feita por A. Baumgartner, em *The Old Testament and Modern Study*, editado por H. H. Rowley, pág. 215 e segs.). Seguindo uma indicação dada por A. D. Power (*Sidelights on the Book of Proverbs*), possivelmente poderíamos pensar nas sete colunas como conhecimento, Discricção, Sabedoria Sã, Prudência, Conselho, Instrução e Entendimento. Cada um desses atributos ocorre frequentemente no livro; cada qual é uma faceta ou manifestação da sabedoria, compreendida nela, mas não a exaurindo; cada qual uma coluna na qual a casa da Sabedoria se apóia.

No interior de sua casa a Sabedoria preparou um magnificente banquete (2), e despachou suas criadas para que convidassem os hóspedes (3). Ela mesma sai a convidar quem queira vir a seu banquete (3-6). Há um lugar especial para o **simples** sem instrução e para o ignorante (4); ainda podem receber a vida e o entendimento (6). **Deixai os insensatos** (6) seria melhor traduzido como "Deixai, ó simples". Estes estão sendo chamados para fazer uma decisão definitiva. A Septuaginta, entretanto, se aproxima mais de certas versões: "Deixai a insensatez". Há uma evidente conexão entre esta Grande Ceia e a descrita em **#Lc 14.16** e segs.

Segue-se um comentário, feito ainda pela própria Sabedoria, que é possível impressionar os zombadores mediante um convite tal como aquele que ela estava fazendo aos simples. O contraste, nos vers. 7-9, não é entre os convidados e os não convidados para o banquete mas entre as reações dos escarnecedores e dos homens que se deixam ensinar para com a santa disciplina proporcionada pela Sabedoria. Isso, igualmente, é um elemento no ensino de nosso Senhor (cfr. **#Mt 7.6**). Ver também **#Pv 1.4-5** e **#Pv 1.22** e o comentário ali. O vers. 10, com sua repetição do lema do livro (**#Pv 1.7**), apresenta a razão para essa diferença nas reações. A sabedoria principia com o temor de Deus; o cínico escarnecedor, portanto, nunca pode aprender.

>Pv-9.13

2. A FESTA DA LOUCURA (**#Pv 9.13-18**). A loucura também é personificada -como uma meretriz. Desavergonhadamente, ela convida os simples para sua festa. Ela torna seu convite tão geralmente conhecido como faz a Sabedoria (cfr. vers. 14-15 com os vers. 3-4). Mas, enquanto que a Sabedoria oferece um verdadeiro banquete, preparado por ela mesma (5), a Loucura oferece uma pobre refeição, furtada, ilícita e clandestina (17), e seus hóspedes se encaminham para sua morte (18).

A mulher louca (13); lit., "uma mulher de desatino". Em lugar de **simples**, ler "simplicidade". O desatino é a própria simplicidade em sua pior forma, sem qualquer senso moral. Quanto a **não sabe coisa alguma** (13) parece melhor seguir o prof. D. Winton Thomas (*Journal of Theological Studies* New Series, vol. 4, 1953, pág. 23 e segs.) e traduzir "e está sempre desassossegada". Ver 5.6 n. No vers. 18, **inferno** é, **seol**, ou "sepultura".

Podemos notar que os convites, tanto da Sabedoria como da Loucura, são dirigidos aos simples e ignorantes (**#Pv 4.16**). Os sábios, embora possam ainda crescer em Sabedoria (8-9), e os escarnecedores (7) não necessitam de convite.

Pv-10.1

III. O PRIMEIRO LIVRO DE SALOMÃO Pv 10.1-22.16

Esta é a coleção maior no livro de Provérbios. Calcula-se que contenha 374 provérbios. Se a coleção foi feita pelo próprio Salomão, por um membro de sua corte, ou por um colecionador posterior, não temos meios de saber. Porém, a cifra exata, citada em **#1Rs 4.32** sugere que coleções foram feitas durante sua vida, pelo que esta pode ser uma delas.

A maioria dos provérbios são de certo tipo, consistindo de duas linhas, a segunda salientando um contraste com a primeira. O arranjo não foi feito com tanta displicência como parece à primeira vista. Geralmente uma série de provérbios sobre o mesmo assunto ou sobre assuntos similares, ou a demonstrar o mesmo princípio, é agrupada num bloco; ou a repetição de um lema pode ser o elo entre provérbios que tratam de assuntos diferentes. Não obstante, os provérbios foram proferidos em diferentes ocasiões e geralmente não há conexão entre eles. Deve-se destacar o fato que os títulos, no início das seções, são meros guias aproximados quanto ao conteúdo, por motivo de conveniência.

a) As recompensas da vida reta e da vida má (Pv 10.1-32)

Quanto ao título, **Provérbios de Salomão**, ver a **Introdução**, . Tal como as lições algumas vezes principiam com uma exortação para que se siga o ensino paterno (exemplo, **#Pv 1.8**; **#Pv 6.20**), esta coleção igualmente começa com um provérbio acerca da reação a esse ensino (1). **Louco**, aqui, é mais que

"estúpido"; o filho é um **kesil** (ver 1.22 n.). O vers. 2 fala do galardão da retidão. **Tesouros da impiedade** são riquezas obtidas mediante a iniquidade: **justiça** é a vida reta. Os profetas freqüentemente falaram de opressão, engano e exploração dos fracos como negação da justiça que Deus exige de Seu povo. O lema, justo, introduz o provérbio seguinte (3) que trata do suprimento, por parte de Deus, das necessidades físicas de Seu povo (cfr. **#Mt 6.11-33**), bem como do fato que Deus frustra os maus desejos dos ímpios. **Alma do justo** é equivalente a "ao justo". No Antigo Testamento, a palavra **desejo** sempre denota um mau desejo.

>Pv-10.4

Os vers. 4 e 5 tratam da recompensa da preguiça e da indústria. **Com mão enganosa** (lit. "com palma negligente") transmite a idéia de u'a mão pendurada frouxamente.

>Pv-10.6

Os vers. 6-11 retornam ao tema das recompensas do justo e do ímpio. Por esse paralelismo haveríamos de esperar que **a violência cobre a boca dos ímpios** (6) se referisse às repreensões ou golpes que lhes serão infligidos tão certamente como as bênçãos que vêm sobre a "cabeça" do justo. A palavra **hamas**, entretanto, é usada em outros lugares para denotar exclusivamente maus tratos. Se conservarmos o texto tal qual ele está, portanto, parece melhor compreendê-lo exatamente como está no vers. 11; linguagem violenta e suja cobre a boca dos ímpios. Seu castigo, pois, é subentendido mais por comparação do que por declaração. O vers. 7 mostra que os efeitos da justiça e da iniquidade continuam a verificar-se na terra depois da morte do indivíduo. No vers. 8 a significação é que aqueles que são sábios de coração dão ouvidos aos mandamentos da Sabedoria, porém, aqueles que não freiam suas línguas, serão derrubados por terra. No vers. 9, **será conhecido** deve ser "será achado" (cfr. **#2Tm 3.9**). No vers. 10, **acena com os olhos** refere-se à conduta astuciosa e insincera. A Septuaginta e o Siríaco lêem: "Mas aquele que repreende abertamente estabelece a paz", em lugar de **e o tolo de lábios será transtornado**. Talvez que aquelas versões apresentem melhor tradução. No vers. 11 a antítese é entre o justo que "é uma fonte de inspiração e encorajamento para com seus amigos quanto ao caminho da vida, bem como a fonte à beira do caminho é um refrigerio e um vigor renovado para com o exausto viajante (Oesterley) e o ímpio, cuja boca se cobre de linguagem imunda e pernicioso. Podemos notar que, tal como em **#Pv 6.12** e segs., a

justiça e a iniquidade podem ser manifestados no coração (8), na boca (6,8,10-11), nos pés (9) e nos olhos (10).

>Pv-10.12

O lema **cobre** introduz um profundíssimo dístico sobre o amor e o ódio (12). Cfr. #1Pe 4.8; #Tg 5.20 e #1Co 13.7. Seguem-se duas, declarações sobre o falar sábio e o insensato, bem como suas respectivas recompensas (13-14). No vers. 13, em lugar de **entendimento**, ler "discernimento"; no vers. 14, em lugar de **escondem**, ler "reservam" (A.. D. Power); em lugar de **é uma destruição**, ler "é uma iminente calamidade". A idéia é que, enquanto que o sábio oculta o que sabe, o louco (’ **ewil** ver 1.22 n.) se inclina a deixar escapar pela boca sua estupidez e, conseqüentemente, pôr em perigo a si mesmo e a outros.

>Pv-10.15

O lema **destruição** conduz a uma observação sobre a riqueza e a pobreza (15). **Destruição** provavelmente dá a entender a ameaça de desastre iminente, como por exemplo, a insegurança do pobre, particularmente na revolução social que tomou lugar nos tempos de Salomão. Quando a primeira metade da afirmação é repetida em #Pv 18.11, porém, fica demonstrado que a história não tinha sido totalmente relatada, pois a riqueza do homem rico em si mesma não é uma cidade suficientemente forte.

>Pv-10.16

Dois provérbios (16-17), ligados pela palavra **vida**, falam sobre o fruto da vida reta e da iniquidade, bem como sobre a relação da santa disciplina (**correção**, ver #Pv 1.2 e segs.) para com isso. Quanto ao vers. 17, ler: "Ele é um caminho de vida que atende à correção, mas o que abandona a repreensão faz errar". Um dos itens na recompensa das vidas reta ou errada, é o efeito que seus exemplos exercem sobre os outros.

>Pv-10.18

Quatro provérbios (18-21) se seguem, todos ligados à fala. O primeiro mostra que é mal ocultar o ódio hipocritamente, e é perversidade manifestar tal ódio por meio da calúnia. O segundo adverte contra a conversa tola; o terceiro contrasta o valor da fala daqueles que vivem retamente e a daqueles que assim

não vivem; o quarto desenvolve esse pensamento. **Apascentam** (21) é a palavra comumente usada para o cuidado de um pastor por suas ovelhas: os justos. Por virtude de sua fala, se tornam pastores; mas os loucos morrem por falta da sabedoria que os justos são capazes de proporcionar aos outros.

>Pv-10.22

O vers. 22 exibe um provérbio sobre a bênção sem adulterações de Jeová. Em lugar de **não acrescenta dores**, é preferível: "e o labor não acrescenta nada a ela". O vers. 23 fala sobre o divertimento de um insensato. Os vers. 24 e 25 retornam ao tema principal desta seção, o castigo reservado para os perversos e a bênção do Senhor entesourada para os justos. **Temor** (24) é equivalente a "coisa temida". Quanto a **como a tempestade, assim passa...** (25), ler: "quando o redemoinho passa o ímpio desaparece". Com esse vers. cfr. a parábola em **#Mt 7.24** e segs.

>Pv-10.26

O vers. 26 nos apresenta novamente o preguiçoso (cfr. **#Pv 6.6**). Somos informados sobre o efeito de tal "mau e negligente servo" (cfr. **#Mt 25.26**) sobre seu mestre. O oposto é visto em **#Mt 25.13**.

>Pv-10.27

O restante do capítulo (27-32) é devotado a mais seis provérbios que versam sobre a sorte do justo e do ímpio. Vemos vida (27), regozijo (28), força (29) como bênção dadas ao justo. Na segunda metade do vers. 29, ler: "mas Ele é destruição para os obreiros da iniquidade". **Caminho do Senhor** é Sua maneira de tratar com os homens. O vers. 30 estende mais ainda o princípio expresso em **#Êx 20.12**, e é estendido mais ainda por nosso Senhor, em **#Mt 5.5**. Os vers. 31-32 concernem mais particularmente à fala dos justos e dos ímpios (cfr. **#Tg 3.5** e segs.). Em lugar de produz (31), ler: "floresce com a".

Pv-11.1

b) Alguns aspectos da iniquidade (Pv 11.1-31)

O vers. 1 trata da honestidade, e leva a prática comercial, e os negócios em direta relação para com a lei e a vontade de Deus.

>Pv-11.2

O próximo aspecto da iniquidade que é tratado é o orgulho (2), e a afiliação entre a sabedoria e a humildade é destacada. O vers. 3 contrasta a integridade do justo com a perversão e distorção (sentido literal da palavra traduzida como **perversidade**) dos rebeldes. **Desleais** ("transgressores" em algumas versões) é palavra que geralmente indica, no Antigo Testamento, aqueles que se revoltam ou quebram a aliança com Jeová.

>Pv-11.4

Cinco provérbios se seguem (4-8) e que tratam da relação da justiça para com a iniquidade. O primeiro (4) demonstra que no dia da ira -seja por morte, calamidade súbita ou o grande dia do juízo do Senhor, referido pelos profetas (cfr. **#Is 10.3**; **#Am 5.18**) - a justiça é que livra, e não as riquezas. Essa é uma das muitas passagens neste livro, que expressa princípios eternos, limitados em seu escopo, sob a antiga aliança, mas cheios de nova significação para o crente cristão. O segundo provérbio versa sobre as veredas respectivas do justo e do ímpio (5), um deles tirando os obstáculos do caminho, enquanto prossegue, enquanto que o outro inevitavelmente vai aos tropeções. O substantivo cognato com **sincero** é o traduzido como **sinceridade**, no vers. 3, onde o pensamento é parecido. O vers. 6 leva ainda mais adiante esse pensamento. Talvez seja melhor traduzir a palavra **perversidade** como "desejos" (ver 10.3 n., onde ocorre a mesma palavra). São os seus maus desejos que enlaçam e derrubam os rebeldes. Os vers. 7 e 8 continuam a comparação, o primeiro falando do período após a morte, e o segundo falando do período de suas vidas. **A esperança da iniquidade perde-se** (7), é lit., "e a expectativa do poder perece", isto é, a esperança baseada na força humana é completamente frustrada. Nenhum livro da Bíblia se preocupa mais com a escatologia que o livro de Provérbios.

>Pv-11.9

O vers. 9 diz respeito ao **hipócrita**, isto é, o ímpio ou caluniador. Mediante o conhecimento o justo será finalmente salvo de tal indivíduo. Delitzsch observa em seu comentário que o ímpio se torna um "condutor luminoso" para o justo.

>Pv-11.10

Dois provérbios mais (10-11) falam sobre o efeito exercido por essas duas classes de pessoas sobre a comunidade. **Cidade** (10); em heb., **qiryah**, uma cidade murada. Oesterly corretamente salienta que esses versículos pertencem a uma data quando as cidades israelitas eram governadas por israelitas, isto é, antes do exílio. A cidade inteira se regozija devido à prosperidade do homem bom e à queda do homem mau. Uma cidade é enobrecida pela presença de homens abençoados por Deus e é destruída pela presença de homens iníquos (11). Uma ilustração desse princípio pode ser vista em **#Gn 18**, onde Deus está prestes a destruir Sodoma e Gomorra devido ao grande pecado de seus habitantes, mas então se dispõe a poupar a cidade por causa de quaisquer pessoas justas que possam ser encontradas ali. Neste versículo de Provérbios os líderes da cidade provavelmente são os referidos.

>Pv-11.12

O vers. 12 declara quão insensato é demonstrar desprezo aberto para com quem quer que seja: o sábio conserva para si mesmo os seus pensamentos. O vers. 13 exhibe outro aspecto da iniquidade, o contador de histórias que desvende segredos, e o contrasta com o homem **fiel de espírito** -isto é, alguém que é absolutamente digno de confiança. O vers. 14 fala sobre a necessidade de conselho no governo e sobre o valor de aceitar-se suficientes avisos. Cfr. **#Pv 15.20**; **#Pv 24.6**. O provérbio teria sido especialmente relevante logo após a morte de Salomão (cfr. **#1Rs 12.1-14**). O vers. 15 trata da ameaça da fiança (ver 6.1 n.). "Ninguém soube tão bem que aquele que, aborrece a fiança estará seguro", como Aquele que, tendo calculado o custo, tornou-se para nós "de tanto melhor concerto... fiador" (Perowne, *op. cit.*, pág. 30. A referência é a **#Hb 7.22**). O vers. 16 contém uma comparação em lugar da usual antítese. Uma mulher graciosa obtém e conserva renome tão certamente como os violentos agarram seu despojo. Podemos notar, de passagem, quanto este livro tem a dizer acerca da verdadeira glória da feminilidade, e quanta honra o livro empresta à esposa e à mãe de família.

>Pv-11.17

Cinco provérbios (17-21) tratam sobre vários aspectos do bem e do mal. Há o homem que mostra misericórdia (17), isto é, observa as obrigações do concerto, que lhe impõem a injunção que ele ame a seu semelhante tanto quanto a si mesmo. Ao assim praticar ele faz o bem para si mesmo, enquanto que o homem cruel atrai tribulações contra si próprio. Em seguida o perverso, cuja presente prosperidade é ilusória, visto que não poderá beneficiá-lo para

sempre, é contrastado com o justo cuja recompensa é certa (18; cfr. #Gl 6.7). A idéia ficará mais clara se, em lugar de **recebe um salário enganoso**, lermos: "opera uma obra enganosa". O vers. 19 é difícil, visto que o hebraico, que diz simplesmente "como justiça para a vida", na sua primeira metade, é tão compacto; mas o sentido geral deve ser como aparece nesta versão. Os perversos, que são odiosos para Deus, são contrastados com aqueles que levam vidas retas (20), e então, uma vez mais, somos lembrados que os iníquos serão punidos enquanto que **a semente dos justos** -isto é, as pessoas retas como um todo-será preservada (21). **Junte mão à mão** representa a expressão hebraica "mão com mão", uma expressão obscura, que provavelmente é uma forte asseveração.

>Pv-11.22

O vers. 22 nos apresenta uma breve palavra sobre uma bela mulher sem gosto (tradução literal) ou modéstia. O vers. 23 fala sobre o desejo dos justos, que é apenas para bem, bem como a **ira** (lit., "derramamento") que os perversos podem esperar.

>Pv-11.24

Seguem-se três provérbios que inculcam a generosidade. A riqueza não se baseia na avareza (24), mas justamente no contrário (25); e a prática de guardar alimento para não ser vendido senão quando o preço alteia (cfr. #Am 8.4-6) é denunciada (26).

>Pv-11.27

Cinco provérbios, que tratam das recompensas e punições, concluem esta seção. Aqueles que buscam o bem encontram o favor de Deus; mas os que procuram tribulações acabarão encontrando mais do que barganharam (27). É vão confiar nas riquezas, (28). O homem que provoca distúrbio em sua própria casa pode esperar perder tudo e em consequência pode até ser reduzido à escravidão (29); o resultado da justiça é "vida mais abundante", que floresce como uma árvore (30). **O que ganha almas sábio é** (30) seria melhor traduzido como "um homem sábio toma almas", lembrando que **almas**, aqui, significa "pessoas" ou "vidas". É verdade que o verbo "tomar", quando usado com **nephesh** (alma) assume normalmente o sentido de "retirar", mas isso não formaria bom senso aqui. O significado certamente é que o homem sábio, por seu exemplo, ganha as vidas de outros homens, pelo que sua justiça é uma

árvore de vida para os outros tanto quanto para si mesmo (cfr. #Mt 4.19). Tanto os justos como os perversos receberão seu galardão nesta terra (31). A Septuaginta, entretanto, como também a versão que usamos, assume que isso significa que ambos serão punidos por seus pecados; isto é, se os justos haverão de ser punidos (pois até eles, mesmos pecaram), quanto mais os pecadores não o serão? É a tradução da Septuaginta que é aceita por Pedro, em #1Pe 4.18.

Pv-12.1

c) Contrastes na conduta (Pv 12.1-28)

O primeiro contraste é feito entre as reações de diferentes homens à disciplina (1). Os dois próximos são entre homens bons e maus (2-3). Um recebe o favor de Deus, enquanto o outro Sua condenação. **Condenará** (2) é um termo legal; lit., "Ele fará ser iníquo", isto é, Ele considerará o tal homem como Iníquo. Um contraste entre boas e más esposas é salientado no vers. 4, um contraste que revela quanta coisa depende da esposa em um lar. Podemos ver o pleno desenvolvimento do pensamento de "uma mulher virtuosa" em #Pv 31.10-31.

>Pv-12.5

Três contrastes entre o justo e o ímpio se seguem, no tocante às suas intenções (5), às suas palavras (6), e ao seu destino final (7; cfr. #Mt 7.26). O vers. 8 contrasta a comenda outorgada aos homens que possuem alguma sabedoria com o estado do indivíduo de mente distorcida, que nenhuma sabedoria possui. O vers. 9 significa ou: "É melhor ser de humilde escalão social mas ter o suficiente para manter um servo, do que ter-se em alta estima e passar fome"; ou então, seguindo a Septuaginta, mediante uma pequena alteração nos pontos vocálicos: "É melhor ser humilde e ser o próprio servo", isto é, trabalhar por conta própria.

>Pv-12.10

O vers. 10 mostra que o contraste entre um homem justo e outro ímpio se estende a seu tratamento dado aos animais. O vers. 11 põe em evidência o lavrador industrioso que lavra seu próprio terreno, em oposição ao homem que desperdiça seu tempo em atividades inúteis. (Em lugar de **os ociosos** ler "coisas inúteis"). O vers. 12 é difícil; o hebraico tem apenas "O perverso tem desejado a rede do iníquo, mas a raiz do justo produz". É mais fácil, ainda que

não necessariamente mais correto, ler conforme a Septuaginta: "Os desejos dos iníquos são maus, mas as raízes dos justos são firmes".

>Pv-12.13

Dois provérbios sobre recompensas e punições vêm em seguida. O iníquo fica preso na armadilha de suas próprias palavras perversas, enquanto que o justo ainda que tenha caído em dificuldade, é capaz de escapar (13); e os homens serão recompensados de conformidade com suas palavras e suas ações (14; cfr. #Mt 12.36; #2Co 5.10). Esses são seguidos por dois provérbios a respeito do tolo (em heb., ' ewil): sua presunção é contrastada com a disposição de deixar-se ensinar do sábio (15); e a maneira pela qual a ira do tolo explode, logo que se sente ofendido, é contrastada pelo autocontrole do sábio, em face de um insulto (16).

>Pv-12.17

Os vers. 17-19 representam três contrastes quanto à maneira de falar: a testemunha veraz que diz o que é correto (essa a significação da frase **manifesta a justiça**), e a evidência mentirosa; e o indivíduo de língua afiada que fere com suas palavras (cfr. #Sl 106.33), e a conversação ajudadora e curadora do indivíduo verdadeiramente sábio; a permanência das palavras verdadeiras e a transitoriedade de uma mentira.

>Pv-12.20

O provérbio seguinte leva mais adiante esses dois pensamentos. O ímpio não somente profere mentiras; sua própria mente é enganosa, o que forma contraste com a alegria e a paz daqueles que oferecem sábia orientação (20). O vers. 21 volta a falar sobre o destino dos justos e dos ímpios.

>Pv-12.22

Mais dois provérbios tratam de contrastes na linguagem: entre o trato mentiroso e o verdadeiro (22), e entre o ocultar modesto da erudição e a exposição aberta da insensatez (23). O provérbio seguinte (24) contrasta o resultado do trabalho de obreiros esforçados e o dos preguiçosos: uns são investidos de cargos de responsabilidade, mas os outros acabam apanhando chicotadas num grupo de trabalhadores escravos. Segue-se uma deliciosa palavra sobre a simpatia.

>Pv-12.26

O sentido do vers. 26, conforme é óbvio, é que os homens bons são uma ajuda, enquanto que os homens maus são obstáculos aos outros, na vereda da vida, mas o hebraico da primeira metade é obscuro. No provérbio seguinte retornamos ao indolente (27). Vemo-lo, depois de ter-se encorajado suficientemente para apanhar um animal na caça, agora dominado pela preguiça para cozinhá-lo. Mas outros ligam a palavra traduzida como **assará** com uma raiz árabe usada como termo que denota caça, no qual caso o provérbio diria que o indolente é por demais preguiçoso para caçar seu próprio alimento. Em contraste com isso, "o bem precioso do homem é ser diligente" (tradução essa de uma sentença difícil); ou seja, os indivíduos industriais é que prosperam. O versículo final deste capítulo é outra recomendação à vida de retidão como vereda para a vida. Novamente o hebraico é difícil, e as versões geralmente entendem uma antítese entre a **vereda da justiça** e o caminho que conduz à morte.

Pv-13.1

d) Vida e disciplina (Pv 13.1-25)

O sábio e o cínico se destacam por suas respectivas atitudes para com a disciplina paterna (1). A linguagem pura de um homem bom será recompensada (cfr. #Pv 12.14), mas o "apetite" (tal o sentido de **alma**, aqui) dos rebeldes contra o concerto com Jeová é pela violência (2). O vers. 3 prossegue no tema da necessidade de disciplina no falar: **muito abre os seus lábios** sugere um sorriso vulgar (ver Koehler, **Lexicon**, artigo **pshq**).

>Pv-13.4

A disciplina é aplicada à atitude de alguém para com seu trabalho (4) e para com o proferir a verdade (5). Os efeitos respectivos da vida reta e da vida errada, na jornada da existência, são lembrados (6). Em seguida aparecem dois provérbios sobre as riquezas. A interpretação natural do vers. 7 é que aqui há um contraste entre as riquezas legítima e falsa. Um homem pode ser rico, mas não "rico para com Deus", ou então pede ser pobre e contudo julgar-se proprietário de imensos tesouros (cfr. #Lc 12.21). Não podemos separar esse conceito do pensamento sobre Aquele que "sendo rico, por amor de vós se fez pobre" (#2Co 8.9), em Quem este versículo alcança sua maior altura de

significado. Há versões que traduzem "se faça" como "se finja", fazendo com que a antítese seja entre o exibicionismo extravagante e a sovinice. Mas esta última tradução é muito menos provável. O vers. 8 demonstra que a pobreza, tanto quanto a riqueza, tem as suas vantagens: o homem rico pode depender de seus haveres para livrar-se de uma dificuldade; mas o homem pobre está menos sujeito a expor-se a tais dificuldades, ou, talvez, não tenha "nada a perder senão suas algemas".

>Pv-13.9

O vers. 9 nos apresenta outro contraste entre os justos e os ímpios. O vers. 10 ilustra esse princípio exibido nos aspectos particulares do orgulho e da modéstia. Seguem-se observações sobre a propriedade ganha por meios errôneos ou pelo trabalho (11); e sobre o efeito deletério de alguma coisa ansiosamente desejada que é adiada e a profunda fonte de prazer quando o **desejo** (isto é, a coisa desejada) é satisfeito (12), e sobre os perigos envolvidos no desprezar a **palavra** de Deus (13), não necessariamente limitada à lei de Moisés, mas certamente incluindo-a (cfr. **#Is 30.12** e seg.).

>Pv-13.14

Três provérbios acerca da natureza da sabedoria aparecem em seguida. O primeiro descreve o caráter refrigerador e revitalizador do sábio ensino (14), pois esse é o sentido em que **doutrina** (em heb., **torah**) deve ser entendida aqui. O segundo (15) estabelece o modo pelo qual Deus trata aos sábios e aos rebeldes (**prevaricadores**; cfr. **#At 9.5**), e o terceiro mostra o modo pelo qual o homem de discernimento e o tolo (**kesil**) mostram seu verdadeiro caráter (16).

>Pv-13.17

O vers. 17 contrasta mensageiros dignos com mensageiros indignos de confiança (em lugar de **saúde** entender "segurança"). Os resultados de dar ouvidos e de não dar atenção à disciplina são exibidos no vers. 18. O vers. 19 pode ser parafraseado como: "Embora nada seja mais deleitável que ganhar um alto e nobre desejo, os loucos (**kesilim**) não abandonam seus perversos caminhos para conseguir isso: fazer tal coisa seria odioso (uma **abominação**) para eles". O vers. 20 mostra outro aspecto da disciplina divina. O desenvolvimento da sabedoria é afetado pela companhia familiar que um homem conserva. Dois provérbios mais (21-22) falam do destino eventual dos perversos e dos justos.

>Pv-13.23

O vers. 23 é muito obscuro. Um manuscrito diz: "o perverso", em lugar de o **pobre** (em hebraico as duas palavras se assemelham muito), o que dá bom sentido: não obstante o rico ser visto a florescer, sua colheita não lhe aproveitará afinal de contas, visto que foi obtida sem "juízo", isto é, injustamente. Mas isso não significa que temos aqui um texto infalivelmente certo. Cfr. **#Tg 5.1-6**. O vers. 24 fala da necessidade de disciplina paterna. Cfr. **#Hb 12.6-9**. Esta e outras passagens semelhantes (como, por exemplo, **#Pv 19.18**; **#Pv 22.15**) mostram quão seriamente a educação das crianças na justiça era considerada sob a antiga aliança. O vers. 25 fala sobre a satisfação do justo e a frustração do ímpio.

Pv-14.1

e) A vida e o temor do Senhor (Pv 14.1-35)

O vers. 1 nos faz recuar ao capítulo nono e às casas da Sabedoria e da Loucura. A referência não pode ser à edificação literal de casa, o que dificilmente poderia ser trabalho para mulheres, mas bem pode referir-se à vida doméstica, que pode ser "edificada" ou "derrubada" pela sabedoria ou falta de sabedoria da esposa e mãe. O vers. 2 mostra que os caminhos "retos" e "perversos", tão freqüentemente mencionados neste livro, dependem, em última análise, da atitude para com Jeová. O vers. 3 trata da linguagem sábia e da linguagem vã. O ponto alvejado pelo vers. 4 provavelmente é: "Não há boi, não há necessidade de limpar o estábulo; mas também não há aragem, e portanto não há trigo". Em seguida encontramos um provérbio sobre as testemunhas verdadeira e falsa (5), e outro sobre o escarnecedor (6). Este não pode encontrar a sabedoria quando a busca, pois sua cínica arrogância não deixa espaço para "o temor do Senhor" (ver 9.10n.). Em seguida temos mais dois provérbios sobre os tolos (7-8).

>Pv-14.9

O vers. 9 é outro dos versículos obscuros desta seção muito antiga do livro de Provérbios. Aceitando o hebraico tal qual está, podemos ler: "Uma oferta culpada zomba dos tolos"; isto é, os sacrifícios pelo pecado, oferecidos pelos tolos, zombam deles devido a sua ineficácia (cfr. **#Is 1.11** e segs.). Porém, há

certos pontos obscuros nesse conceito, que sugerem que não podemos, no presente, entender totalmente o que o escritor queria dizer com este provérbio.

O provérbio isolado, no vers. 10, acerca da solidão final do coração humano, em suas alegrias e tristezas, é de rara beleza. Incidentalmente, este versículo labora contra a alegação ocasionalmente feita de que os mestres sábios se preocupavam exclusivamente com a conduta exterior, e também ilustra o fato que, neste livro, o termo **coração**, tal como em português, algumas vezes salienta as emoções e não tanto o intelecto e a vontade.

>Pv-14.11

No vers. 11 retornamos ao tema da firmeza dos retos e da destruição dos ímpios. O vers. 12 é intitulado de "o enganoso indicador de caminho" por A. D. Power. Na segunda metade do vers. 13, que versa sobre o riso, ler "pode ser" em lugar de **é**. Outros provérbios, nesta seção, tratam sobre recompensas e castigos (14), ingenuidade e discernimento (15), e prudência (15). O homem sábio é cauteloso e evita o desastre, enquanto que o insensato perde o controle e se porta com insolência devido à sua vã auto-confiança (16). Então vêm surgir provérbios sobre o irar-se com facilidade e a malícia (17), sobre a herança dos estultos e dos prudentes (18), sobre a retribuição, (19), sobre os vizinhos (20-21), sobre praticar o bem e o mal (22), sobre o trabalho e o fuxico (23), sobre o adorno dos sábios e dos tolos (24), e sobre as testemunhas falsas e verdadeiras (25-27). A testemunha veraz **livra as almas** (25), isto é, "salva vidas" e, acima de tudo, vive no **temor do Senhor** (26-27).

>Pv-14.28

O vers. 28 é uma observação sobre o governo. O vers. 29 diz respeito ao conter da ira. O vers. 30 contrasta a compostura mental (em lugar de **saúde** ler "tranquilidade") com o efeito corrosivo da inveja sobre a pessoa que a afaga. O vers. 31 condena a exploração do pobre, o que é afirmado ser uma afronta direta contra Deus. O vers. 32 trata da sorte dos iníquos e dos justos. O texto diz que os justos têm esperança depois da morte. Afirmar que o texto deve estar errado porque tal esperança ainda não havia despertado em Israel (ver, por exemplo, Toy, Oesterley) é argüir num círculo vicioso. Embora o escopo dos mestres da sabedoria normalmente se limitasse a questões deste mundo, isso não significa que "ninguém pode subir ao cume das montanhas para saudar o alvorecer" (O. C. White house, **Isaiah**, Cent. Bible, pág. 100, noutra conexão).

>Pv-14.33

O vers. 33 é outro provérbio a respeito da manifestação da sabedoria e da estultícia. **No interior dos tolos** significa a estultícia deles. Os vers. 34 e 35 são provérbios acerca do rei, tal qual o vers. 35, diz R. F. Horton: "O estudo das coisas que dizem respeito ao rei, para o leitor meditativo do livro de Provérbios, é um estudo acerca de Cristo. Os elementos ideais falam sobre Ele; e as falhas clamam por Ele" (**The Book of Proverbs**, Expositor's Bible, pág. 327).

Pv-15.1

f) A vereda da vida e os segredos de um coração animado (Pv 15.1-33)

Os vers. 1-7 falam sobre a loucura e a sabedoria, particularmente sobre a manifestação dessas qualidades no falar. O pensamento controlador é o da onisciência de Deus e Sua constante vigilância sobre a existência (3). Quanto a **quebranta o espírito** (4) cfr. **#Is 65.14**.

>Pv-15.8

Os vers. 8-17 se ocupam do caminho da vida, e uma vez mais o pensamento dos provérbios é dominado pelo conhecimento que Deus, que contempla a habitação desconhecida dos mortos, também vigia os pensamentos dos homens (11). Em lugar de **inferno** e **perdição** (11) ler "Seol" e "Abaddon". Entre os itens salientados temos a recusa de Deus em aceitar sacrifícios oferecidos por homens iníquos (cfr. **#Is 1.11** e segs.) e Seu deleite em aceitar a oração dos justos (8), bem como a satisfação, mesmo em meio a circunstâncias adversas, que o homem teme a Deus pode desfrutar (15-17).

>Pv-15.18

Os vers. 18-33 consistem de **obiter dicta** sobre a vereda da vida. Essa vereda é salientada no vers. 24, traduzido por A. D. Power como: "A vereda da vida é para cima, para o prudente, para que ele possa desviar-se do Seol, abaixo".

Pv-16.1

g) A vigilância do Senhor sobre a vida (Pv 16.1-33)

Pensamentos e planos sábios (as preparações do coração), bem como sua expressão, vêm da parte de Jeová (1). Um homem pode ficar satisfeito com sua justiça própria, mas Jeová é o juiz final sobre isso (2; cfr. #1Co 4.4). Todos os propósitos e planos, por conseguinte, deveriam ser entregues (lit., "rolados sobre") a Jeová (3). Jeová fez todas as coisas para Seu próprio propósito: e Ele cumprirá Seu propósito referente ao homem perverso quando Ele trazer contra ele o dia do mal (4). A frase é compacta. Não há sentido, aqui, de uma predestinação arbitrária dos homens para esse dia do mal. Aquilo que Deus aborrece é uma mente orgulhosa (5; quanto a **junte mão à mão...** ver 11.21n.). **Misericórdia e verdade** (6), isto é amor ao concerto e fidelidade (ver #Pv 3.3-4 e segs.), são os meios empregados para purgar (lit., "cobrir") o pecado, tal como é afirmado que essa é uma função do amor, em #Pv 10.12. Isso não deve ser considerado como um princípio formal de expiação; mas expressa as exigências básicas de Deus sob a aliança estabelecida com Israel (cfr. #Mq 6.6-8; #Hc 2.4), e está ligado mui intimamente com o abandono ao mal devido à reverência a Deus. Também expressa admiravelmente a reação à expiação, ou seja, fidelidade e abandono ao mal, ocasionados pelo temor de Deus e pelo amor agradecido para com Ele. Note-se que, o que quer que seja planejado pelo homem, Deus tem o poder de dispor (9).

>Pv-16.10

O vers. 10 exhibe um quadro ideal sobre o rei (ver 14.35n.). A idéia envolvida em **adivinhação** é que, quando o rei profere um julgamento justo, fala como oráculo, à semelhança de um profeta, e o resultado é que sua boca não se revolta contra a justiça. Isso nos prepara para o quadro do Rei messiânico com seu julgamento divino (cfr. #Is 9.7-11.3-4). Os vers. 12-15 também se referem ao rei. Quão aquém desse ideal a casa real estava de fato é revelado na história. Mas o quadro permaneceu, para ser traçado com mais clareza pelos profetas e para ser cumprido pela Realeza de Cristo. Quanto à frase, **mensageiro da morte** (14), Perowne observa: "A fúria incontrolável do déspota oriental... é apenas o abuso da espantosa justiça do Rei Arquétipo" (*op. cit.*, pág. 115).

Exortações para que se adquira a sabedoria e se abandone o pecado, e provérbios acerca da humildade, da confiança, da fala com graciosidade, da má porção (27; cfr. #Pv 6.12 e segs.), do fuxico do homem violento, da honrosa idade avançada, e do autocontrole, compõem os vers. 16-32. O vers.

33 termina o capítulo versando sobre o mesmo assunto pelo qual teve início. A sorte é lançada no regaço, em cujas dobras deve ser sacudida e de onde deve ser tirada; mas é Deus que determina o que ela diz. O pano de fundo é, indubitavelmente, a sorte sagrada (cfr. #Js 7.14-18), mas a significação pretendida é muito mais lata. Deus é Quem dispõe; não existe aquilo que se convencionou chamar sorte ou acaso. Duas passagens obscuras podem ser notadas. No vers. 20 entendemos que o homem que manuseia sabiamente a Palavra de Deus (isto é, lhe obedece) terá sua recompensa. O vers. 26 pode ser traduzido como: "O apetite (lit., "alma", aqui traduzido como boca) do trabalhar trabalha para ele". Perowne salienta que isso é elevado a um novo nível em #Jo 6.27. O vers. 25 também ocorre em #Pv 14.12.

Pv-17.1

h) Homens maus e tolos, juntamente com alguns outros (Pv 17.1-28)

Vítimas (1), ou sacrifícios, é palavra usada por metonímia acerca das festas desfrutadas pelos adoradores quando o animal inteiro não era consumido. Ver 7.14n. Ironicamente, uma notável ilustração sobre o ponto estabelecido pelo vers. 2, ocorreu quase imediatamente após a morte de Salomão, quando seu próprio "servo prudente", Jeroboão, dividiu a herança com o próprio filho que "procedeu indignamente", isto é, Reoboão, ficando aquele com a parte do leão (ver #1Rs 13). O vers. 3 é outro exemplo do modo pelo qual a conduta reta é tratada no livro de Provérbios—não isoladamente, mas à luz do fato que é com Deus que temos de tratar. O processo empregado por Deus, para testar os corações humanos, é tão drástico como o usado para refinar o ouro (cfr. #1Pe 1.7). Não pode haver ética superficial onde isso serve como princípio fundamental. Cfr. #Pv 14.31 com o vers. 5.

>Pv-17.8

O **presente** (8) é provavelmente um suborno (cfr. vers. 18). O **mensageiro cruel** (11) é o mensageiro da condenação do rebelde, o vingador, quer humano quer angelical. A provável significação do vers. 14 é que as dissensões começam com uma bem pequena fricção, como um olho de água dá início a um rio, pelo que é sábio evitar até esta, antes que se agrave. Porém, algumas das palavras são de sentido obscuro. O vers. 15 se refere a procedimento legal. O vers. 16 tem sido considerado como a sugerir que "ao sábio" tinha sido oferecida uma recompensa para instruir o tolo, mas que isso seria inútil. O

ponto almejado é simplesmente que a sabedoria é algo interno que requer um coração inclinado para ela.

Pv-18.1

i) Alguns perigos e bênçãos da vida (Pv 18.1-24)

Entre os perigos acha-se o separatista (1; chamados por A. D. Power de "O Individualista Egoísta"), o tolo exibicionista (2), o aborto da justiça (5), a linguagem rixosa e maldosa do tolo e o fuxico (6-8) e o indivíduo indolente (9).

>Pv-18.10

Os justos, em suas angústias, podem invocar **o nome do Senhor**, que representa Seu poder e majestade, e ali encontrar-se em segurança (10). As riquezas do homem rico podem servir realmente de fortaleza para ele (11; cfr. **#Pv 10.15**), mas é muito insegura quando comparada com a **torre forte** do justo. A fortaleza do rico é um muro alto somente em sua imaginação. Cfr. **#Pv 16.18** e **#Pv 15.33** com o vers. 12.

>Pv-18.13

Os vers. 13-24 enumeram algumas manifestações da sabedoria e da estultícia, bem como algumas das bênçãos da vida, tais como o espírito animado (14), uma boa esposa (22) e um legítimo amigo (24). Há outras observações: por mais rijo que seja o espírito, uma vez quebrado, sua carga se torna intolerável, (14); e temos outra referência ao ignominioso poder do suborno (16); um lembrete sutil e gentilmente humorístico para que se ouça ambos os lados de uma questão (17; a referência imediata é claramente a uma ação legal); um comentário, como parece, sobre o uso do lançamento de sortes para solucionar uma disputa (18); uma anotação acerca do poder letal da língua (21); uma nota de compaixão, freqüentemente observada pela lei e pelos profetas, para com os pobres proscritos (23). O texto do vers. 19 é incerto. A Septuaginta diz: "Um irmão ajudado por um irmão é como uma forte cidade alta".

Pv-19.1

j) Estudos sobre o caráter (Pv 19.1-29)

Esta seção contém uma série de memoráveis esboços catalogados. Quanto ao indivíduo paupérrimo mas justo (a palavra hebraica era usada para os extremamente necessitados) e ao rico inútil (1) cfr. #Pv 28.6. Quanto ao vers. 2 fica melhor a tradução: "o desejo sem conhecimento não é bom, e aquele que se apressa com os pés erra seu caminho". Podemos ver como a estultícia pode fazer um homem fumegar de ira contra Deus (3), como as riquezas e a politicagem granjeiam popularidade (4-6), e vemos o isolamento provocado pela pobreza (4-7). O vers. 7 é o único provérbio de três linhas no primeiro livro de Salomão. A Septuaginta apresenta antes dois pares, mas é muito confusa.

>Pv-19.10

A conexão de idéias um tanto frouxa, do vers. 10, pode ser evitada se, seguindo D. Winton Thomas, que identificou uma segunda raiz hebraica, com as mesmas letras da que é traduzida por *deleito* (*Journal of Theological Studies*, vol. 38, 1937, pág. 400), traduzirmos: "A administração não é própria para um tolo; muito menos próprio para um servo é dominar príncipes".

>Pv-19.11

Outro provérbio acerca do autocontrole (11) é seguido ainda por um outro a respeito da ira e do favor reais (12), e então por um sumário das piores provações por que pode passar um marido e pai (13). Mas isso é imediatamente contrabalançado (14) pela asseveração que, apesar de um homem poder herdar sua riqueza doméstica de seus antepassados, uma boa esposa é um presente direto de Deus. Doar aos pobres é descrito como "emprestar a Jeová" (17; cfr. #Mt 25.34 e segs.). Não é suficiente evitar a opressão: o homem sábio fornece verdadeira ajuda. O hebraico do vers. 18 é complicado, mas, diferentemente de outras versões, esta segue quase literalmente o hebraico. A intenção provável da cláusula é fazer uma advertência contra o destruir um filho mediante a indulgência exagerada, isto é, por não corrigi-lo. O vers. 19 também é muito compacto e obscuro. Reunindo as duas porções do vers. 22, compreendemos que a medida da bondade de um homem é aquilo que ele deseja fazer: um homem pobre que deseja prestar ajuda, embora não possa fazê-lo, é infinitamente preferível ao homem que, embora melhor capacitado, faz apenas protestos não cumpridos de desejo de prestar ajuda. No vers. 24, em lugar de *no seio*, ler: "no prato". O indivíduo referido é tão preguiçoso que, tendo mergulhado sua mão no prato, à

maneira oriental, não tem ânimo de levá-la à boca. Uma inocente hipérbole, sem dúvida! Quanto ao vers. 25, observa Toy: "quando os homens maus são punidos, os moralmente ignorantes são advertidos". O hebraico, no vers. 27, diz apenas: "Cessa, meu filho, de ouvir instrução para errar...". Tradução que daria melhor explicação sobre isso seria: "Cessa... de ouvir instrução apenas para errar...", isto é, não escutes simplesmente para tornar a esquecer a instrução.

Pv-20.1

1) Meios e fins (Pv 20.1-30)

O **vinho** e a **bebida forte** (1) são personificados no bebedor, que se torna um blasfemador ou escarnecedor (ver 1.22n.), bem como um contencioso. O vers. 4 apresenta novamente o indolente que acha que está frio demais para arar e então espera em vão pela colheita quando chega o próximo verão. O vers. 6 declara que muitos se ufam de sua bondade, mas que é desesperadamente difícil encontrar um homem que, sob todas as circunstâncias, seja absolutamente digno de confiança. **Fiel**, nesse versículo, tem muito do sentido que lhe é dado no Novo Testamento (cfr. **#1Co 7.25**). Depois disso o vers. 9 apresenta mais um desafio e demonstra o ponto de vista radical que este livro assume sobre o pecado.

>Pv-20.12

O **ouvido que ouve**, e o **olho que vê** (12) introduz um provérbio compacto. "Não apenas os órgãos da audição e da vista, mas suas funções são trabalho de Deus" (cfr. **#Pv 16.4**). Fica subentendido que aquilo que o ouvido escuta, e aquilo sobre o que o olho repousa, deveria ser algo reto e agradável a Deus" (Oesterley). O vers. 13 é outra advertência contra o ócio, que produz a penúria. O vers. 14 é um pouco de observação sobre a prática comercial. O comprador se queixa que o artigo é inferior, mas quando exhibe aos outros se gaba de quão boa barganha fez. Quanto à prática da fiança (16) ver **#Pv 6.1** e seg. O mandamento é dirigido aqui ao credor. **Tira sua roupa** se refere ao penhor que foi oferecido pela fiança (Cfr. **#Êx 22.26** e segs.). **Penhora-a** (16); isto é, assume uma responsabilidade por causa de um estranho. Cfr. **#Pv 27.13**.

>Pv-20.17

Pão da mentira (17) representa sustento obtido por meios desonestos. Com o vers. 18 cfr. **#Lc 14.31**. O vers. 25 é difícil, mas a tradução desta versão provavelmente é a melhor. A advertência, portanto, é contra os votos precipitados: dedicação de alguma coisa a Deus mediante a fórmula "é santo", para então fazer inquirição, isto é, lamentar a ação. Cfr. "Corbã"; **#Mc 7.11n**.

>Pv-20.27

A alma do homem (27), ou melhor ainda, "o espírito do homem" é o que o distingue dos irracionais. Um animal pode ter **nephesh** (alma), mas foi nas narinas do homem que Deus soprou o **ruah** (espírito ou fôlego) da vida. Esse fato significa que mesmo no caso do homem caído Deus tem Sua **lâmpada** mediante a qual Ele sonda o íntimo do homem (cfr. **#1Co 2.11**), que dá testemunho sobre Si mesmo pela luz da consciência, iluminando os escuros recantos do coração. No vers. 28, **benignidade** e **verdade** (ver 3.3n.) são uma vez mais características do rei ideal, e a misericórdia de Deus, ligada à Sua aliança, assegura seu trono-"**Teneo et teneor**". **#2Sm 7.12** e seg., lança muita luz sobre o que tal afirmação significaria para Salomão. No vers. 30 esta versão apresenta bom sentido contudo, o texto hebraico é incerto.

Pv-21.1

m) Reação, na vida, à lei de Deus (Pv 21.1-31)

O coração do rei era orientado por Deus tão firmemente como o irrigador corta e controla os canais (1). Cfr. o vers. 2 com **#Pv 16.2**. O vers. 3 expressa um pensamento que é freqüentemente encontrado nos escritos dos profetas. Em lugar de **lavoura** (4) ler "lâmpada", o símbolo da prosperidade de um indivíduo (cfr. **#Pv 13.9**). Todavia, o versículo é obscuro. O texto do vers. 6 é igualmente incerto, mas o sentido geral é suficientemente claro. As riquezas podem ser adquiridas desonestamente, mas são transitórias, e a posse de riquezas assim adquiridas levam à destruição. Quanto ao vers. 7, a linguagem sugere que a violência de homens perversos os apanha, como que numa rede. Quanto ao vers. 8, ler: "Muito tortuoso é o caminho de um homem sobrecarregado de culpa". Uma paráfrase de A. D. Power, quanto ao vers. 9, é eficaz: "É melhor habitar em águas-furtadas debaixo do telhado, do que num duplo salão com uma esposa rixosa". O vers. 12 é outro provérbio com dificuldades sintáticas. O ponto visado parece ser, entretanto, que os justos aceitam a lição dada pela queda da casa dos perversos. O vers. 16 fala sobre a sorte do indivíduo desviado: ele repousará na assembléia das Sombras. O vers.

18 nos lembra de [#Is 43.3-4](#), onde é dito que o Egito serviu de resgate por Israel. "Há uma espécie de substituição; um resgate é pago para permitir que o justo escape, e o resgate é a pessoa do iníquo" (Horton, [op. cit.](#), pág. 152). O vers. 21 é um prenúncio das palavras de nosso Senhor: "Mas buscai primeiro..." ([#Mt 6.33](#)). A [justiça](#) e "o amor do concerto" ([bondade](#)) são coisas particularmente exigidas do povo aliançado com Deus ([#Mq 6.6-8](#)), e aqueles que buscam essas coisas, diz o sábio, possuirão "todas essas coisas", incluindo a adição da [vida](#) e da [honra](#).

Como toda a sabedoria, o entendimento e o conselho se derivam em Deus, não há possibilidade de usá-los eficazmente contra os Seus propósitos (30). E quaisquer, que sejam os preparativos feitos para a batalha, o livramento vem da parte de Jeová (31). "Dois provérbios gêmeos... Nada vale contra Deus, nada vale sem Ele" (E. H. Plumptre, [Proverbs](#), Speaker's Commentary).

Pv-22.1

n) Causa e efeito no terreno espiritual (Pv 22.1-16)

Quanto ao vers. 1 ler: "o favor é melhor que a prata...". Este provérbio procura expressar o valor de uma boa reputação. O vers. 2 lembra que todos os homens têm uma origem comum e uma responsabilidade comum para com Deus, quaisquer que sejam as barreiras existentes entre eles na terra. O vers. 4 sumariza diversas das principais lições do livro em poucas palavras. A conexão entre a palavra [humildade](#) -o senso de dependência expresso em piedade, e o [temor do Senhor é muito íntima](#). Cfr. [#Pv 21.21](#).

Assim como o rico domina o pobre, semelhantemente o que toma emprestado, com uma dependência igualmente forçada, está sob constante obrigação para com a pessoa de quem tomara emprestado (7). A palavra [servo](#) não precisa ser tomada literalmente. Com o pensamento no vers. 8, cfr. [#Gl 6.7](#). [A vara da sua indignação falhará](#) sugere que o tempo virá quando essa ameaça de um homem perderá sua capacidade para exercer sua ira (cfr. [#Is 10.5](#) quanto ao significado).

>Pv-22.13

O indolente apresenta duas das mais interessantes desculpas para não se ocupar em trabalho algum (13). Ele não sai fora de casa por temer encontrar um leão; e não sai à cidade por temer ser assassinado na rua. Quanto a

mulheres estranhas (14) ver anotações sobre **#Pv 5.1** e segs. O vers. 16 apresenta uma declaração realmente difícil. Aceitando o texto conforme traduzido aqui, pode significar: "O homem que adquire sua riqueza explorando o pobre, e o homem que ganha a sua riqueza bajulando o rico, serão igualmente reduzidos à pobreza". Isso fornece sentido coerente, mas exige algum esforço de imaginação.

>Pv-22.17

IV. O LIVRO DOS SÁBIOS Pv 22.17-24.22

Existe mais conexão entre os dizeres deste grupo do que na seção anterior. Há consideráveis paralelos com o ensino egípcio de Amen-em-ope, especialmente na seção de **#Pv 22.17-23.11**, e uma dependência literária do egípcio é frequentemente reconhecida facilmente por alguns comentaristas. Amen-em-ope é um documento muito mais ordenado e sistemático que "as palavras dos sábios", e é difícil perceber como um compilador resolveria estragar, por tratamento tão falho de sistema, a conexão dos "trinta capítulos" do oráculo egípcio.

a) O que deve ser evitado (Pv 22.17-23.11)

Um breve exórdio (17-21) chama a atenção do aluno para as palavras dos sábios que o mestre selecionou para sua instrução (17), convida-o para que faça com que elas façam parte de si mesmo (18) e declara que o propósito delas é implantar nele a confiança em Jeová (19). **Não te escrevi excelentes coisas...?** (20) é uma verdadeira encruzilhada. A palavra hebraica é **shilshom**, que significa "três dias atrás". Mas a Septuaginta e a Vulgata traduzem-na como "em forma tríplice", pelo que Orígenes foi capaz de sustentar seu acesso tríplice à exegese por esse versículo. A tradução desta versão **excelentes cousas** se baseia na suposição que a palavra era usada para denotar a principal das três pessoas em uma carruagem, e que assim ela veio a significar "proeminente" ou "excelente". Amen-em-ope, entretanto, traz as palavras: "Considera estes trinta capítulos: eles deleitam, eles instruem; eles são os principais entre todos os livros..." O vocábulo hebraico para trinta é **shelo-shim**, e portanto, fica sugerido que "trinta" aparecia no texto original, e que o escritor, tomando por modelo Amen-em-ope, escrevera "trinta coisas", isto é, provérbios. Tal como as coisas se encontram, a despeito do trabalho de Gressmann, nem todos têm concordado que realmente existam trinta provérbios no "Livro dos Sábios", e certamente não mais que um terço deles

tem paralelo em Amen-em-ope. Alguns provérbios têm paralelos em outras obras, tal como os **Provérbios de Ahikar**, da Babilônia. Devido a toda a inclinação de traduzir-se "trinta coisas" e a admitida dificuldade envolvida na palavra **shilshom**, é necessária uma boa dose de reserva. A tradução favorecida pelos comentaristas mais antigos, "anteriormente", não pode ser rejeitada, visto que é possível quanto ao sentido e quanto à gramática. O mestre, nesse caso, estaria a referir-se à alguma obra ou curso de lições mais antigos. Segundo a gramática estrita, uma outra partícula, **temol**, seria necessária; talvez ela tenha sido eliminada.

#Pv 22.22-23.11 mencionam coisas que o sábio precisa evitar. Em primeiro lugar a exploração dos pobres (22-23): **atropelas na porta ao aflito** (22) significa o uso de ação legal contra ele: salienta o fato que Jeová é o advogado e vingador do pobre. Em segundo lugar a "infecção do mau temperamento" (24-25); em terceiro lugar, a fiança (26-27; estes versículos não têm paralelo egípcio); em quarto lugar, violação de fronteiras (28; cfr. **#Dt 19.14**). O vers. 29 fala da promoção do indivíduo consciente. Amen-em-ope, que era servo civil parece ter tido cuidado particular na preservação desse paralelo.

Pv-23.1

As instruções do oráculo prosseguem com uma passagem referente às maneiras à mesa (23.1-3); uma injunção para evitar a busca incansável e nunca satisfatória pelas riquezas (4-5) e então uma deliciosa passagem sobre o mísero, em sua casa (6-8). **Olhos malignos** ocorre somente aqui e em **#Pv 22.9**, no Antigo Testamento. É uma expressão usada a respeito de pessoas com espírito contencioso. A conversação com um tolo não é recomendada (9), e outra solene advertência é adicionada para que o aluno não usurpe os direitos dos órfãos (10-11). Ao lado deles existe um poderoso **redentor** (em heb., **go'el**), o próprio Deus. No Antigo Testamento, o **go'el** é o parente chegado que tem ou assume o direito e a responsabilidade de vingar o sangue derramado (**#Nm 35.19**) e de redimir propriedades (**#Rt 4.4**), e de proteger em geral os interesses da família do parente falecido.

>Pv-23.12

b) O que procurar (Pv 23.12-25)

Após um apelo para que se dê ouvidos à instrução (12), é aconselhado o castigo corporal (13-14). Uma admoestação sobre a sabedoria é então

adicionada (15-21). Nesta, **o temor do Senhor** é uma parte importante (17). Com os vers. 15 e 16 cfr. **#3Jo 4**. O aluno deve lembrar-se que **há um fim** (18), isto é, que haverá uma recompensa ou retribuição eventual; ele não deve ter **inveja** dos pecadores (17) e nem deve ajuntar-se aos dissolutos em suas farras (20-21), mas antes deve procurar a verdade e a sabedoria a qualquer preço (23).

>Pv-23.26

c) Armadilhas apontadas (Pv 23.26-24.2)

As palavras, **Dá-me, filho meu, o teu coração** (isto é, "atende-me cuidadosamente") introduz advertências contra a sensualidade (27-28) a bebedeira (29-35) e as más companhias (**#Pv 24.1-2**).

Pv-24.3

d) Estudos sobre a sabedoria e a loucura (Pv 24.3-22)

A aquisição da sabedoria e do conhecimento é comparada com a edificação e equipamento de mobílias de uma casa (3-4). A relação entre o conhecimento e o poder é esboçada (5-7); cfr. **#Pv 11.14**; **#Pv 20.18**. O tolo não ousa falar na **porta**, o centro dos negócios e transações legais (7). O vers. 11 apresenta um mandamento para que se ajude aqueles que estão em perigo de morrer, quer por motivo de julgamento injusto, ou, mais provavelmente, devido a opressão do pobre às mãos de homens ricos (conforme a opinião de Oesterley); ou, talvez, às mãos de uma sociedade ímpia tal como a que é pintada em **#Pv 1.10** e segs. Se esse dever for negligenciado, Deus saberá (12).

>Pv-24.16

Sete vezes cairá o justo (16); isto é, em calamidade, e não em pecado. Em contraste com o justo, que pode ser derrubado vez após vez, mas que de cada vez se recupera, o iníquo é "engolfado pela calamidade". Um simples desastre é suficiente para esmagar os iníquos. Assim mesmo, ninguém deve regozijar-se com a queda de um inimigo (17-18). **Desvie dele a sua ira** (18) "não deve ser entendido como a afirmar que Deus deixará de castigar um homem perverso porque outro homem se regozija pelo seu castigo; a forma completa da expressão é "se volte dele para ti", e a ênfase deve ser posta em "para ti""

(Toy). Mas, essa forma completa de expressão é negada por alguns comentaristas.

>Pv-24.21

Os vers. 21 e 22 falam "dos poderes que existem". As palavras, **os que buscam mudanças** (21) são muito incertas. A palavra é intransitiva, e o sentido de "revolucionários" não pode ser retirado do hebraico. A Septuaginta diz "não desobedeças a qualquer deles". É melhor ler conforme diz Toy: "Teme a Deus e ao rei; não ires a qualquer deles; pois a ruína que infligem é súbita, e a destruição que enviam não pode ser prevista". Cfr. **#1Pe 2.17**.

>Pv-24.23

V. PALAVRAS DOS SÁBIOS: OUTRA COLEÇÃO Pv 24.23-34

Os vers. 23-26 tratam do procedimento legal. O vers. 26 apresenta uma estranha cena para um tribunal da lei: mas é possível que a palavra traduzida como **beija** tenha o sentido de "equipar" conforme assumiu no hebraico pós-bíblico. A tradução, então, seria mais ou menos como segue: "Aquele que equipa seus lábios (isto é, com sabedoria) dará uma resposta correta". O vers. 27 é freqüentemente tomado no sentido de que um meio adequado de vida deveria ser obtido antes do casamento. Isso parece restringir desnecessariamente a aplicação, especialmente em vista do fato que, entre os hebreus, o casamento em anos verdes era um costume generalizado. O que está envolvido em "prepara fora a tua obra", conforme diz Perowne, certamente é calcular o custo e preparar os materiais (cfr. **#1Rs 6.7; #Lc 14.28**). Cfr. o vers. 29 com o vers. 17. Os vers. 30-34 mostram-nos o indolente a dormir, enquanto sua vinha é um deserto, e as palavras de **#Pv 6.6-11** são repetidas como uma nova nota de ignomínia.

Pv-25.1

VI. O SEGUNDO LIVRO DE SALOMÃO Pv 25.1-29.27

>Pv-25.2

a) Comparações instrutivas (Pv 25.2-28)

Os vers. 2-7 tratam de questões ligadas com a corte. Os caminhos de Deus são inescrutáveis, e isso reflete a Sua glória. O rei, por outro lado, tem o dever de "investigar o motivo das coisas", e nisso consiste a sua glória (2). Mas o rei, igualmente, tem algo de insondável em seus propósitos (3), pois é o vice-regente de Deus. Com os vers. 6 e 7 cfr. #Lc 14.8-10. **A quem já os teus olhos viram** pertence ao vers. 8, e essas palavras devem ser lidas como: "o que teus olhos têm visto".

O litígio é o assunto dos vers. 8-10. **Litigar** (8) quer dizer "pleitear em tribunal de justiça". A advertência é contra iniciar ações legais contenciosas e desaconselhadas, o que só poderá redundar em vergonha para a pessoa que as inicia.

Os vers. 11-14 provêm quatro símiles. Apesar de aqui dizer **maçãs**, não podemos dizer com certeza qual a fruta em questão. O vers. 14 se refere ao homem que vive a vangloriar-se daquilo que dá, mas que, em realidade, coisa alguma dá. A advertência, no vers. 17, é claramente dirigida contra o abuso contra a hospitalidade de alguém. Dependere de um homem indigno de confiança, quando vem a tribulação, é como andar com um pé deslocado (19). A vingança mais eficaz é fazer-se bem ao próprio inimigo (21-22; cfr. #Mt 5.44; #Rm 12.20). Com o vers. 24 cfr. #Pv 21.9.

Pv-26.1

b) Tipos de tolos e tratantes (Pv 26.1-28)

Os vers. 1-12, com uma possível exceção, forma o Livro dos Tolos. A palavra usada, em cada um dos casos, é **kesil** (ver 1.22 n.). A exceção é o vers. 2. Quanto a **pássaro**, no vers. 2, leia-se "pardal". O sentido do vers. é que a maldição injustificável não produz dano algum, e é uma refutação que sem dúvida os **tolos mantinham** aqui, de que eram capazes de causar dano aos justos por virtude de suas maldições. A aparente contradição nos vers. 4 e 5 provocou dificuldades para os rabinos (**Tractate Shabbath**, 30b). A resposta oficial dada então era: "um se refere às coisas da lei, e o outro às questões mundanas". Mas é mais provável, entretanto, que a diferença seja simplesmente entre a discussão sem proveito, com um tolo, em seu próprio nível (4) e ocasionalmente, para que não venha a pensar que ninguém lhe pode responder, confrontar sua estultícia com a sabedoria (5).

>Pv-26.6

Usar um tolo como mensageiro é causar dano próprio devido à falta de idoneidade do tolo para tal (6; **dano** é lit., "ira"). Um **provérbio** (isto é, uma parábola) é algo inteiramente fora de lugar quando proferido por um tolo (7-9; Moffatt apresenta o significado do vers. 9: "Como ramos espinhentos brandidos por um beberrão"). Honrar um tolo é uma insensatez tão grande como amarrar uma pedra numa funda para que ela não possa ser lançada (8). No vers. 10 o texto hebraico é obscuro. Algumas versões traduzem: "Como um arqueiro que fere a todos, assim é aquele que contrata os tolos e os que passam"; ou seja, o homem que contrata bons e maus trabalhadores, indiferentemente, é como um arqueiro a lançar suas flechas indiscriminadamente. Mas até isso é muito incerto. Com o vers. 11 cfr. **#2Pe 2.22**. Todavia, depois de tudo quanto é dito a respeito do tolo, é asseverado que há mais esperança de redenção para o tolo do que para o homem que é cego por sua própria presunção (12; cfr. **#Rm 1.22**).

>Pv-26.13

Os vers. 13-16 apresentam um breve "Livro dos Indolentes". Ver anotações sobre **#Pv 22.13**; **#Pv 19.24**.

Os vers. 17-28 nos fornecem um "Livro dos Tratantes". Há o intrometido, que interfere nas desavenças de outras pessoas (17), o que vive a fazer brincadeiras de mau gosto (18-19), o fuxiqueiro (20-22), o hipócrita (23-28). Em lugar de **a quem ela tem maravilhado** (28), é preferível "o aflito".

Pv-27.1

c) Observações sobre as relações humanas (Pv 27.1-27)

Nesta coleção mista de provérbios independentes, os principais assuntos tratados são o amor, a amizade e as relações humanas. Com os vers. 1 e 2 cfr. **#Tg 4.13-16**. Em lugar de **mais pesada** (3) ler "mais enfadonha". **Amor encoberto** (5) é aquele que não se evidencia pela administração da repreensão necessária. No vers. 10 a segunda e a terceira partes devem ser compreendidas juntamente. O sentido então seria: "Não abandones um amigo da família: quando necessitares de ajuda não será preciso chamar em teu auxílio um parente, de quem talvez estejas separado por uma grande distância; o amigo da família, que está à mão, ser-te-á uma ajuda certa". A grande importância, dada nos tempos do Antigo Testamento, aos deveres e reivindicações das relações

de parentesco algumas vezes podia tornar-se exagerada, o que teria causado uma advertência como esta.

>Pv-27.11

Um bom aluno alegra seu mestre (11). Com o vers. 12 cfr. #Pv 22.3, e com o vers. 13 cfr. #Pv 20.16. O vers. 14 provavelmente se refere a uma adulação palavrosa e insincera. **Madrugando pela manhã** se refere não à hora em que ocorre aquilo que o versículo diz, mas ao zelo que o acompanha. Quanto a essa expressão cfr. #Jr 7.25. Se a tradução desta versão, quanto ao vers. 16, está correta, significa que essa mulher impossível é tão difícil de controlar como o vento, e tão escorregadia como o azeite. O vers. 17 declara que o caráter e o intelecto são desenvolvidos pelas relações humanas. Com o vers. 18 cfr. #Mt 25.21. O vers. 19 significa que assim como a água fornece um reflexo fiel de um rosto, assim os corações dos homens se correspondem essencialmente uns com os outros. O vers. 20 declara que as ambições de um homem são tão insaciáveis como a Morte (lit., Seol e Abaddon; ver #Pv 15.11). O vers. 21 fornece um teste para o caráter-a sua reação aos louvores; a menos que, conforme algumas versões sugerem, o teste seja aquilo que ele louva.

>Pv-27.23

Os vers. 23-27 são um curto tratado sobre a vida pastoril, e seu propósito, sem dúvida, era de encorajar essa indústria, a verdadeira coluna da prosperidade de Israel, bem como desencorajar as corruptoras influências de outros meios de ganhar dinheiro, que, superficialmente, eram mais atrativos.

Pv-28.1

d) Religião pura (Pv 28.1-28)

O vers. 1 fala sobre o efeito de uma boa e de uma má consciência. O dizer, no vers. 2, teria tido grande propriedade quando os homens de Ezequias o copiaram, pois o reino do norte-Israel-tinha se encaminhado para sua ruína após constantes alterações de reis e dinastias. O vers. 3 também estaria em evidência nos dias de Ezequias. A referência, sem dúvida, é ao empobrecido dono de terras ou oficial que, procurando garantir alguma renda, oprimia aqueles que ainda eram mais pobres que ele mesmo. O resultado era a fome generalizada. Não há necessidade de emendar **homem pobre** para "homem rico", conforme é freqüentemente sugerido. A obediência é destacada como

condição para adquirir-se o verdadeiro conhecimento (#Pv 4.5; cfr. #Jo 7.17). Com o vers. 6 cfr. #Pv 19.1. O indivíduo extorsivo e o usurário (uma prática proibida em Israel; cfr. #Lv 25.36 e segs.) perderão o que ganharam para um homem mais justo (8). Com o vers. 9 cfr. #Pv 15.8. Quanto ao vers. 11 é melhor seguir Winton Thomas e traduzir a palavra traduzida **o examina** como "o despreza"; isto é, o homem pobre despreza as falsas pretensões de sabedoria demonstradas pelo rico. **Encobre** (13) significa, naturalmente, não "expia", mas "oculta". Cfr. #1Jo 1.8-9. **Teme** (14) não é a mesma palavra usada na frase **o temor do Senhor**; mas é empregada para o ter medo de Deus (exemplo, #Os 3.5), pelo que a referência aqui bem pode ser ao temer a Ele e não ao pecado.

>Pv-28.15

Os vers. 15 e 16 tratam do governante iníquo. O assunto abordado pelo vers. 17 é o homicídio. Este é o único provérbio, no livro, vazado em prosa. Com o vers. 19 cfr. #Pv 12.11. Quanto ao vers. 20 ver 6.29 n. A referência, no vers. 21, é à parcialidade nos tribunais de Justiça: o significado é que um homem traiçoeira a justiça pelo menor dos subornos (**um bocado de pão**). Quanto a **olho mau** (22) ver 23.6 n. No vers. 24 o que é condenado é, indubitavelmente, as tentativas dos filhos de obterem a propriedade de seus pais. Embora estranha a todo o espírito da lei mosaica, não havia legislação específica contra isso, pelo que um filho podia dizer **Não há transgressão** (cfr. #Mc 7.10-13). O vers. 25 trata do contraste entre um homem ganancioso (heb., "largo de alma"; "espírito ganancioso" é melhor que **altivo de ânimo**, conforme diz esta versão) e o homem que confia em Deus para seu sustento; o vers. 26 leva ainda mais adiante esse pensamento. Com o vers. 28 cfr. o vers. 12; não há dúvida que os maus governantes são especialmente referidos aqui.

Pv-29.1

e) Deus e a Sociedade (Pv 29.1-27)

Com o vers. 3 cfr. #Lc 15.13-30. **Juízo** (4) se refere ao exercício da justiça perfeita por parte de quem governa. Quanto a **amigo de peitas** (4) é melhor traduzir, com Winton Thomas "um homem cobiçoso". **Laço** (6) subentende que o homem mau, por seu pecado, armou uma armadilha para si mesmo, o que faz contraste com o regozijo que esta em vista para o justo.

>Pv-29.8

Os escarnecedores incendeiam uma cidade (8); a presença de homens sábios, no entanto, desvia da cidade a ira. A cena, no vers. 9, conforme a terminologia demonstra, é uma ação legal ou debate: o tolo tenta encobrir seu caso superficial com a bazófia. Quanto à segunda metade do vers. 10, leia-se: "mas quanto aos retos, eles (isto é, os sanguinários) buscam a sua vida".

>Pv-29.12

Um novo aspecto do efeito de um governante sobre seu povo é dado (12), e uma de suas funções, na qualidade do rei, é apontada (14). Com o vers. 13 cfr. #Pv 22.2, e quanto ao significado ver #Sl 13.3; #Mt 5.45. O vers. 15 talvez tenha sido relevante para Salomão, pois Absalão tinha sido um tal rapaz (#1Rs 1.6).

>Pv-29.18

Cairá logo (18); melhor ainda: "soltar-se-á" ou "lançará de si a restrição". A mesma palavra, conforme Perowne salienta, é usada em #Êx 32.25, e o episódio do bezerro de ouro é uma ilustração histórica do significado deste versículo. **Profecia** (18; em heb., **hazon**) é a palavra normal para a revelação profética (cfr. #Is 1.1; #Jr 14.14); **lei** que aparece como um paralelo, é a lei revelada de Deus. A lei, os profetas, e a literatura de sabedoria se encontram nestes versículos. Quando a vontade revelada de Deus, conforme expressa em Sua Palavra, não é mantida constantemente em vista, Seu povo se solta e rompe seu compromisso. Novamente, esta é uma palavra que Ezequias provavelmente tomou para si. Com o vers. 22 cfr. #Pv 15.18. Quanto ao vers. 23 cfr. #Mt 5.3; #Lc 14.11. **Maldições** (24) se refere à conjuração de um juiz, num caso em que qualquer pessoa que tenha conhecimento sobre o crime deve prestar evidência. Se um homem evita dar a conhecer as evidências que possui sobre um crime, tal ofensa é reputada tão grande como a do próprio criminoso.

Pv-30.1

VII. PALAVRAS DE AGUR Pv 30.1-33

Não sabemos quem foi Agur, filho de Jaque, nem onde ele viveu. Talvez que ele tenha sido, à semelhança de Jó e Balaão, um indivíduo não-israelita que tinha conhecimento do verdadeiro Deus. Quanto a o **oráculo** (1), uma anotação marginal diz "de Massá", assim fazendo de Jaque um ismaelita. Porém, não há

necessidade de adotar tal suposição. No todo, o termo empregado nesta versão-"oráculo" -é preferível. Cheyne salienta que o discurso não diferente de Elifaz, em #Jó 4.12-21, também tem caráter de um oráculo (*Job and Solomon*, pág. 117).

a) O conhecimento de Deus (Pv 30.1-4)

Supõe-se que Itiel e Ucal tenham sido discípulos de Agur (1). Os vers. 2-4 contém o intenso desejo de Agur pelo conhecimento de Deus. Ele confessa sua total ignorância sobre Ele (2-3), uma ignorância que ele compartilha com o resto da humanidade (4). Ele havia refletido a respeito da imensidade das forças naturais, e ficou maravilhado perante Aquele que está por detrás de tudo. Pode haver uma pinta de sarcasmo em suas palavras iniciais. Ele era confrontado por aqueles que professavam saber tudo acerca de Deus e Suas atividades.

Enoque e Elias subiram vivos para o céu: mas não se sabe de ninguém que tenha retornado de lá (4). *Qual é o nome de seu filho* (4), segundo mostra a seqüência, não tem Deus por sujeito, mas antes, a pessoa hipotética que escalou as alturas para olhar para o Senhor, e mediu com precisão a Sua criação.

>Pv-30.5

b) A Palavra de Deus (Pv 30.5-6)

A Palavra de Deus é pura, e não deve ser misturada com as especulações humanas, que podem estar totalmente erradas, afinal de contas. Cfr. #SI 18.30. O nome para Deus, no vers. 5, quanto ao hebraico, é ' Eloah, que ocorre em Provérbios somente aqui.

>Pv-30.7

c) Uma oração (Pv 30.7-9)

O sábio ora para ser preservado das tentações da riqueza e da pobreza igualmente. *Lance mão* (9), isto é, profane o nome de Deus por um ato pecaminoso.

>Pv-30.10

d) Servo de outro homem (Pv 30.10)

Para uma aplicação mais plena deste aforismo independente, cfr. [#Rm 14.4](#).

>Pv-30.11

e) Quatro classes de pessoas (Pv 30.11-14)

Geração, em cada caso, significa "classe" ou "tipo" de pessoa.

>Pv-30.15

f) Quatro coisas insaciáveis (Pv 30.15-16)

O que há de difícil nesta seção é a referência à **sanguessuga** (15), que a prefacia. De acordo com A. E. Shipley (Prefácio ao livro de Harding e Moore, **Fauna of British Índia** -referência da srta. G. Gnanadickam) as sangrias nunca foram usadas medicinalmente entre os hebreus. A mesma autoridade interpreta o vers. 15 como as filhas do cirurgião veterinário local! A sanguessuga da Palestina não ataca o homem. Provavelmente esta sentença denota simplesmente ainda uma outra "coisa insaciável".

>Pv-30.17

g) O filho turbulento (Pv 30.17)

Trata-se de outro aforismo independente. Os **olhos** são os órgãos escolhidos pelos quais a conduta de rebeldia filial é demonstrada. Fica subentendido que o cadáver ficará insepulto para que os pássaros se alimentem dele. Cfr. [#Dt 21.18-21](#).

>Pv-30.18

h) Quatro coisas maravilhosas (Pv 30.18-20)

A maravilha é freqüentemente suposta no fato que essas coisas não deixam traço atrás de si. Se isso for assim, os exemplos- particularmente a serpente- parecem curiosamente selecionados. A maravilha parece estar justamente em

seus movimentos. Semelhantemente parece que **o caminho do homem com uma virgem** (19) não se refere, como é geralmente suposto, ao ato da procriação, mas ao crescimento idílico do amor. **O caminho da mulher adúltera** (20) também é "maravilhoso", ainda que esta maravilha seja apenas uma paródia da última. Ela encobre seu pecado e calmamente declara que nada fez de errado.

>Pv-30.21

i) Quatro coisas intoleráveis (Pv 30.21-23)

Dois exemplos de incongruidade são tirados de cada sexo. **Farto de pão** (22) significa "rico e prósperos".

>Pv-30.24

j) Quatro pequenas coisas (Pv 30.24-28)

Todas as quatro também são sábias. As **formigas** fazem o que o indolente não quer fazer (cfr. **#Pv 6.6**). Os **coelhos** (26) obviamente não são coelhos, como fica demonstrado por seus hábitos de viver nas rochas: a tradução mais favorecida é "texugo das rochas". Os **gafanhotos** seguem em fileiras ordenadas, sem se baterem uns nos outros (cfr. **#Jl 2.7-8**). Quanto a **aranha apanha com as mãos...** (28) é preferível a tradução: "não podes apanhar o lagarto com as tuas mãos, contudo...".

>Pv-30.29

l) Quatro coisas graciosas (Pv 30.29-31)

Em cada caso é a imponência que esta em foco. No vers. 31 o hebraico é difícil. Na última metade deste versículo é melhor ler: "... o rei, quando seu exército está consigo".

>Pv-30.32

m) Uma admoestação final (Pv 30.32-33)

A contenda deve ser evitada mediante o reconhecimento do erro perpetrado. **Põe a mão na boca** (32) serve para denotar uma silenciosa admissão de culpa.

Pv-31.1

VIII. AS PALAVRAS DE LEMUEL Pv 31.1-9

Ver **Introdução** e no referente à seção VII. O "oráculo" do rei Lemuel (há versões que traduzem corretamente "profecia") foi vazado na forma de um breve tratado sobre os deveres da realeza, aprendidos de sua mãe. Será possível que Lemuel tenha sido um ismaelita cuja mãe viera do povo de Israel?

O "oráculo" adverte contra a concupiscência (3) e a intemperança (4-7), e exorta que governo de equidade e justiça seja dado aos necessitados (5,8-9).

Filho das minhas promessas (2); isto é, um filho que lhe fora outorgado em resposta aos meus votos (cfr. **#1Sm 1.11**). O vers. 8 subentende que o rei deve mostrar-se amigável para com aqueles que estão incapazes de fazer algo por si mesmos, ou devido à torção da justiça ou devido a circunstâncias adversas.

>Pv-31.10

IX. APÊNDICE: A ESPOSA PERFEITA Pv 31.10-31

Esta seção é um apêndice ao livro. Trata-se de um belo poema acróstico; o primeiro versículo começa com a primeira letra do alfabeto hebraico, enquanto que as vinte e uma letras restantes vão aparecendo sucessivamente. O poema fala por si mesmo. Lado a lado com tudo o que os provérbios disseram até aqui sobre a "mulher estranha", o "ensino de uma mãe" e a honra e a dignidade da mulher são constantemente exaltadas. Nosso livro se encerra apropriadamente, portanto, com os cantantes louvores feitos à esposa e mãe perfeita por seu esposo e seus filhos (29-31).

W. A. Rees Jones Andrew F. Walls

ECLESIASTES OU PREGADOR

INTRODUÇÃO

I. ESTILO

Eclesiastes ou Pregador é, em muitos aspectos, um livro enigmático. De construção um tanto desconexa, de vocabulário obscuro, com estilo freqüentemente complicado, desafia o entendimento do leitor. Contém certo número de palavras que não se encontram no resto do Antigo Testamento, e cujo significado é difícil de determinar com precisão. Faz alusão a incidentes, costumes e dizeres que teriam sido facilmente entendidos por seus primeiros leitores, mas sobre os quais não possuímos indicação alguma. Contém incoerências aparentes, o que torna difícil precisar qual o ponto de vista do próprio autor. Esses contrastes têm levado alguns a supor que o livro original foi reescrito e "expurgado" por diversas mãos. O modo pelo qual o escritor arrumou seu material sugere que não houve a preocupação de dar qualquer seqüência ligada de pensamento a correr livro afora. O livro pode ser antes uma coleção de fragmentos ou anotações, à semelhança do *Pensées*, de Pascal, com a qual tem sido freqüentemente comparado.

A despeito de todas essas dificuldades e obscuridades, entretanto, o livro exerce um poderoso fascínio. Torna-se imediatamente evidente, para o leitor dotado de discernimento, que aqui temos uma penetrante observação e criticismo sobre a cena humana. A profundidade daquelas observações do escritor que podemos entender de pronto nos impele a sondar seus mais profundos discernimentos, como certa vez Sócrates, deleitado pela sabedoria de Heráclito a falar com clareza, foi impelido a procurar uma sabedoria mais profunda nos pontos obscuros daquele.

II. INTERPRETAÇÃO

O problema crucial apresentado pelo livro é o de sua posição dentro do cânon das Escrituras. Entre os judeus houve quem disputasse seu direito de ser incluído entre os livros sagrados, desde o começo, e sua presença entre eles tem sido uma fonte de perplexidade para muitos crentes cristãos desde então. Aqueles que pensam que a tonalidade que prevalece no livro é de desilusão e desespero, temperado apenas por um epicurismo modificado, realmente

devem achar difícil como tal livro possa ter sido aceito entre aqueles que nos podem tornar sábios para a salvação mediante a fé que é em Cristo Jesus.

Alguns estudos recentes sobre o livro, todavia, têm demonstrado que essa concepção popular sobre o livro é superficial, e têm levado a uma apreciação mais verdadeira sobre o ponto de vista peculiar do escritor. Isso é provavelmente indicado pelo seu nome escolhido, **Qoheleth**, "o Pregador" (Eclesiastes é o equivalente grego desse nome). No hebraico a palavra está ligada com **qahal**, a assembléia pública, e sugere a espécie de sabedoria transmitida pelo orador aos que se reuniam no átrio exterior, em distinção com a "sabedoria oculta" que é conhecida somente daqueles que foram admitidos ao mistério de Deus (**#1Co 2.7**). **Qoheleth** escreve partindo de premissas ocultas, e seu livro, em realidade, é a maior obra sobre apologética ou teologia "polêmica". Sua aparente prolixidade é ditada por seu alvo: **Qoheleth** estava dirigindo-se ao público em geral, cuja visão está limitada pelos horizontes deste mundo; ele os enfrenta no próprio terreno deles, e prossegue a fim de convencê-los da inerente inutilidade desta existência. E isso ainda é mais sustentado por sua expressão característica, "debaixo do sol", pela qual ele descreve aquilo que o Novo Testamento chama de "o mundo" (**kosmos**). Seu livro, de fato, é uma crítica contra o secularismo e a religião secularizada. Pois o secularismo não é necessariamente irreligioso, e a religião dos judeus tendia a ser desproporcionadamente secular, esquecendo a transcendência de Deus (vers. 2). Nessa qualidade, sua mensagem é permanente, e não menos para nossa própria época, quando o secularismo domina as mentes dos homens como talvez nunca antes na história, e quando a religião muito tem feito para amoldar-se a isso e procura recomendar-se como meio de melhoramento da vida "debaixo do sol". O livro de Eclesiastes exerce uma indispensável função dentro do cânon das Escrituras, provendo um corretivo contra todas as tentativas de reduzir a religião a um mero instrumento do secularismo.

A fraqueza fatal da utopia secularista é, conforme tem sido dito, que não toma na devida consideração os fatos gêmeos do mal e da morte. Os olhos de Eclesiastes estão bem abertos para a vaidade e corrupção às quais a criação foi sujeitada (**#Rm 8.20** e segs.), e o livro inteiro tem sido apropriadamente descrito como uma exposição da maldição imposta devido à queda (**#Gn 3.17-19**). O escritor percebe como esses dois fatos delimitam a existência inteira debaixo do sol, com um sinal negativo, e desafiam todas as tentativas para que se force tal existência a produzir sentido ou satisfação por si mesma.

Mas, embora a tonalidade do livro seja preponderantemente negativa, é um equívoco apodar o livro de Eclesiastes como cético ou apóstolo do desespero. O melancólico estribilho "Vaidade de vaidades! é tudo vaidade", não é o veredito do escritor sobre a vida em geral mas apenas quanto aos empreendimentos humanos mal orientados de tratar o mundo criado como se fosse um fim em si mesmo. O pregador sabe, durante todo o tempo, que o mundo tem uma significação positiva; de fato, como ele poderia proferir tão destruidor criticismo se não soubesse disso? Mas, esse segredo ele conserva em segundo plano, excetuando uma indicação aqui e outra acolá, porque sua preocupação imediata é dissipar todas as esperanças falsas e ilusórias que possuem as mentes dos homens, e das quais é preciso purgá-las antes que tais homens possam ser levados à esperança que é firme e permanente, e que entra até o interior do véu (#Hb 6.19). "A fim de que os homens possam ser capazes de encontrar a verdadeira felicidade, ele destrói, com golpes sem misericórdia, a falsa felicidade que continuamente buscam neste mundo mas que Lhes produz tão somente infelicidade" (G. Kuhn, *Erklärung des Buches Koheleth*, 1926). Contudo, o pregador sabe que o mundo pode proporcionar felicidade e gozo, conforme testificam suas freqüentes exortações para que se busque essas coisas (#Ec 2.24; #Ec 3.12,22; #Ec 5.18; #Ec 9.7; #Ec 11.9), e que podemos encontrar no mundo uma ocupação na vida que seja digna (#Ec 3.12 e segs.; #Ec 9.10); doutro modo, os conselhos que oferece para a vida e a conduta neste mundo não teriam significado.

A significação do mundo é que ele pode tornar-se um meio de revelação sobre a bondade, a sabedoria e a justiça de Deus. É somente quando o homem o trata como se fosse uma finalidade em si mesma, e quando seu principal alvo é ganhar o mundo, que este se transforma em vaidade. Porém, existe um caminho no qual o homem pode aceitar a vida debaixo do sol, com seus dons e perdas, com suas aparentes irracionalidades e injustiças, isto é, "da mão de Deus" (#Ec 2.24; #Ec 5.18-20). É claro que isso não importa em ceticismo ou pessimismo; mas é fé. Conforme foi expresso por um moderno escritor, em quem algo do espírito de Eclesiastes vive novamente, a fé sempre protestou que "todas as coisas seriam absurdas se suas significações fossem exauridas em sua função e lugar no mundo dos fenômenos físicos, se por sua essência não se estendessem a um mundo além do presente"; e sempre "confiou na visão interna, que discerne as coisas por trás da natureza algo mais divino que a natureza, *in recessu divinius aliquid*" (W. Macneile Dixon, *The Human situation*, págs. 40 e segs.). Eclesiastes é cético somente até o ponto em que rejeita as pretensões da sabedoria humana para elucidar a obra de Deus (#Ec 3.11; #Ec 8.17). O pregador sabia que andamos pela fé, e não pela vista; e

exibiu a necessária humildade ou reserva de fé em face da transcendental sabedoria de Deus, de cuja eterna providência ele estava firmemente certo (#Ec 3.14).

A complexidade característica de seu pensamento, com suas aparentes contradições ou seus "contrapontos" (W. Vischer, *Der Prediger Salomo*, 1926) mostra-se claramente em suas afirmações sobre a morte. Por um lado ele fala da morte como a redução final da vida debaixo do sol à nulidade (#Ec 3.19 e segs.; #Ec 9.4-6; #Ec 11.8). Mas, dizer que ele considera a morte como a extinção final é não fazer justiça a outra de suas linhas principais de pensamento. Ele repetidamente afirma a certeza do julgamento divino (#Ec 3.17; #Ec 11.9; #Ec 12.14), e permanece certo, a despeito de todas as injustiças da vida debaixo do sol, que "bem sucede aos que temem a Deus" (#Ec 8.12). Sua posição se parece com a de #SI 49. À semelhança do salmista ele se opõe a qualquer imortalidade falsa erigida sobre premissas derivadas da vida debaixo do sol. O veredito do salmista "o homem que está em honra não permanece; antes é como os animais que perecem" (#SI 49.12) é refletido em #Ec 3.18: "Disse eu no meu coração: é por causa dos filhos dos homens, para que Deus possa prová-los, e eles possam ver que são em si mesmos como os animais". Em contraposição a isso, entretanto, o salmista estabelece o "grande 'mas Deus'" (#SI 49.15; cfr. #Ef 2.4), e à vista disso modifica sua primeira conclusão: "O homem que está em honra, e não tem entendimento, é semelhante aos animais que perecem" (#SI 49.20). A significativa frase, no livro de Eclesiastes, "são em si mesmos como animais", certamente indica que o pregador tinha experiência desse conhecimento, que é a única coisa que outorga ao homem tal proeminência sobre os irracionais (#Ec 3.19). Seja como for, sua resoluta negação de todas as possibilidades humanas, pelo menos esclarece o caminho para novas possibilidades de Deus, e nos capacita a falar de Eclesiastes como um livro que fica no limiar da ressurreição.

Conforme foi salientado acima, o livro desafia qualquer análise lógica e, portanto, nenhum Esboço do Conteúdo é apresentado. Os parágrafos nos quais o livro se divide, foi indicado pela inserção de índice, que foram destacados por letras consecutivamente.

Ec-1.1

a) Introdução (Ec 1.1-11)

1. O TÍTULO (#Ec 1.1). **Pregador**. Quanto à provável significação desse termo ver **Introdução**. Em realidade o autor não reivindica ser Salomão, mas coloca suas palavras nos lábios de Salomão. Podemos comparar a prática de atribuir obras escritas a famosas personagens históricas, o que era um artifício literário familiar na antigüidade. A intenção disso era indicar o tipo ou gênero de literatura a que uma obra pertencia. Não tinha a intenção de enganar quem quer que fosse, e nenhum de seus leitores originais de fato teria ficado enganado.

>Ec-1.2

2. O TEXTO DO DISCURSO (#Ec 1.2). **É tudo vaidade**. "Tudo" para aqueles a quem ele se dirigia, mas não para si mesmo, pois como o Pregador poderia julgar que tudo era vaidade, a não ser que soubesse de algo que não era vaidade, de algum terreno firme no qual seu espírito se apegasse? Seu objetivo não era aconselhar o desespero, mas era refugar o secularismo em seu próprio terreno.

>Ec-1.3

3. A EXISTÊNCIA É UM CÍRCULO VICIOSO (#Ec 1.3-11). Eclesiastes vai direto ao âmago da questão sem introduções preliminares. O mundo valoriza a vida em termos de lucro e perda. Mas que proveito pode ter um homem se aquilo que ganha deve finalmente perder? "Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?" (#Lc 12.20). A busca pelas riquezas fica refutada pela mortalidade do homem, como o mundo bem sabe; pois seus próprios poetas e filósofos já disseram isso suficientemente. Mas os homens procuram escapar do gelado vento da mortalidade pensando em sua posteridade e na continuação da raça. "O seu pensamento interior é que as suas casas serão perpétuas e as suas habitações de geração em geração: dão às suas terras os seus próprios nomes" (#Sl 49.11). Buscam uma pseudoimortalidade na imaginária perpetuidade de suas obras, ou "em mentes melhoradas por suas presenças", ou "deixando suas pegadas nas areias do tempo", ou na idéia de "progresso". Porém, nada existe que apóie isso no curso da natureza, que é circular, tal como Eclesiastes destaca (5-7), ou no desenrolar da história, que se repete interminavelmente (9-10). O progresso é sempre acompanhado pelo retrocesso. Somente os atores e as cenas que mudam; o padrão da história permanece a mesma coisa, sendo "pouco mais que o registro dos crimes, loucuras e desastres da humanidade".

>Ec-1.12

b) O fracasso de todas as tentativas de dar significado à existência (Ec 1.12-2.23)

1. A TENTATIVA FILOSÓFICA (#Ec 1.12-18). O homem não pode ficar satisfeito com a existência sem significado. Dentro dele existe um irresistível ímpeto para encontrar rima ou razão na vida; pois ele é uma "cana pensante" (Pascal). Deus implantou no homem esse desejo insopitável por ordem e sistema. Não obstante, isso só faz adicionar ao tormento do homem; pois o quebra-cabeças de peças recortadas da vida não pode ser completado; estão faltando algumas das peças (15). A tentativa de traçar um completo sistema filosófico só pode ser conseguido mediante a violência contra a realidade "tentando fazer direito aquilo que é torto". A última palavra da sabedoria humana, como alguns dos mais sábios têm percebido, é confessar que nada sabemos, que a chave para o mistério final escapa de nosso entendimento. Tal é a sabedoria de Tao Te Ching:

"Trinta raios compõem uma roda;

E se adaptam a "nada" no centro:

Nisso jaz a utilidade de uma carruagem.

A argila é moldada para fazer um vaso;

e o barro se amolda em torno de "nada":

Nisso jaz a utilidade do vaso...

Assim é que, se é vantajoso ter algo ali,

Também deve ser útil "nada" ter ali".

A sabedoria que termina nesse "buraco no centro" necessariamente deve ser vexação de espírito, até que o homem encontra "a sabedoria que do alto vem" (#Tg 3.17), "a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória" (#1Co 2.7).

Ec-2.1

2. A TENTATIVA SENSUAL (#Ec 2.1-2). Para que perturbar a cabeça tentando solucionar o significado da existência? "Goza o prazer" (2), desfruta a vida. Dá ouvidos a Mefistófeles:

"Grau, teurer Freund, ist alle Theorie

Und grun des Lebens goldner Baum".

Mas, não há necessidade de gastar palavras sobre a loucura dessa experiência; pois logo ela atraiçoa sua promessa.

"Os prazeres são como as papoulas espalhadas,

Pega-se na flor, seu brilho fenece".

O viciado nos prazeres não pode escapar da "manhã seguinte" e da revulsão da saciedade.

>Ec-2.3

3. A TENTATIVA CULTURAL (#Ec 2.3-23). O fracasso da busca pela sabedoria e da busca pelo prazer sugere uma transigência, um meio termo que evita extremos unilaterais e tem por alvo uma vida rica, variada e equilibrada. Trata-se da cultura. O homem culto é aquele que se aproveita de todas as riquezas, prazeres, sabedoria e ações da vida, e que procura mesclá-las num harmonioso total. Mas logo aprende o "paradoxo do hedonismo" e encontra seu prazer, não na sensualidade, mas no pleno exercício de suas faculdades mentais e volitivas (10). Porém, não pode finalmente, escapar da hora de reflexão calma, de introspecção, que vem depois do trabalho de um dia haver terminado; e então "o aticamento da resolução se apegua à pálida armação do pensamento". Terá ele conseguido o verdadeiro prêmio da vida? Sua recompensa é comensurável com o labor despendido? É verdade que a sabedoria é relativamente superior à estultícia; pois o homem sábio aproveita melhor da vida que o tolo. Mas essa relatividade é cancelada pela morte, um fato que desafia seriamente o valor da sabedoria. Existe certo paradoxo referente à sabedoria: a sabedoria significa olhar para a frente. Enquanto que o tolo, à semelhança do gafanhoto, vive para o momento presente, o sábio, à semelhança da formiga, cava para o futuro; ele toma sua posição partindo de amanhã, e procura traçar seu curso de conformidade com isso (14). Não

obstante, tal sabedoria é muito arriscada; pois não está dentro de nosso poder prever, e muito menos controlar, o futuro. "Não presumas do dia de amanhã, porque não sabes o que produzirá o dia" (#Pv 27.1). E os mais sábios planos podem abortar.

Porque, que fará o homem...? (12). Parece que se trata de uma afirmação proverbial, e seu significado só pode ser adivinhado. Já tem sido sugerido que a sentença foi deslocada.

>Ec-2.24

c) A sabedoria da criação (Ec 2.24-3.15)

Haverá algum modo de escapar do dilema em que estamos colocados, entre a sabedoria e a insensatez? Somente por uma nova sabedoria, uma sabedoria que tenha diferente ponto de vista e orientação; não a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo (nem, podemos adicionar, do proletariado deste mundo); mas a sabedoria de Deus em mistério (#1Co 2.7). O primeiro axioma dessa sabedoria é que a criação e sua abundância são para ser desfrutadas. Qualquer sabedoria que negue essa verdade fá-lo no interesse de seu próprio sistema centralizado no homem, e é presunção. A sabedoria autêntica procede do fato de nosso estado de criaturas no meio da criação. Aqui estamos, e "o mundo está tão repleto de certo número de coisas" para serem desfrutadas. Esse é o decreto e a doação de Deus (2.26).

Ec-3.1

Porém, não é uma sabedoria fácil; pois deve renegar sistema. Um ponto de vista mundial sistemático, um *Weltanschauung*, só seria possível se ocupássemos o centro do qual pudéssemos pesquisar o todo e vê-lo em sua verdadeira perspectiva. Porém, essa é a posição ocupada pelo Criador, senão pelas criaturas. De nossa posição de criaturas debaixo do sol vemos, como se fosse assim, o avesso do tapete com suas muitas linhas confusas e fios soltos. Procurar desmaranhar o tapete, de nosso ponto de vista, é ficar envolvido num interminável labirinto. Isso também é vaidade e vexação de espírito.

O princípio de nossa sabedoria é o temor do Senhor (#Sl 111.10; #Pv 1.7), e um de seus elementos é o reconhecimento da eleição divina na diferença dos tempos e estações. Teoricamente todos os tempos são iguais, mas isso só é verdade quando são esvaziados de seu conteúdo. Não temos experiência de

tempo vazio. Cada tempo se nos apresenta carregado com seu próprio desafio e oportunidade particulares; e a sabedoria da vida consiste em discernir o tempo (#Lc 12.56), o *kairos* (#Rm 13.11), o momento decisivo (#Ec 8.5-6), o instante no qual "cai o acento da eternidade". "Há certa maré nas atividades dos homens".

Essa característica incalculável e inexplicável da história e da experiência serve de dolorosa perplexidade para o homem. Pois o homem não é meramente uma criatura do tempo; existe dentro dele aquilo que transcende ao tempo: "O homem tem Para Sempre". Ele procura postar-se por detrás do processo do tempo e discernir o plano e o padrão do todo. Mas está por demais profundamente imerso no tempo para ter sucesso nessa tentativa; o fim e o princípio se ocultam dele. A tensão entre o Hoje e o Para Sempre, na vida do homem, não pode ser completamente solucionada. Não obstante, o homem pode encontrar o Para Sempre no Hoje, aceitando gradualmente os dons de Deus e obedecendo a Seus mandamentos.

>Ec-3.11

Também pôs o mundo no coração deles (11). A palavra hebraica que aqui é traduzida como **o mundo**, tem, uniformemente, o sentido de "para sempre", e é assim traduzida noutras porções deste livro, como, por exemplo, no vers. 14 (**eternamente**). É melhor traduzi-la como "eternidade", ou então simplesmente conservar a tradução literal (como Browning), "para sempre".

>Ec-3.16

d) A justiça de Deus (Ec 3.16-4.3)

A interpretação moralista da vida se despedaça no duro fato da maldade humana. O desejo ansioso por uma ordem moral está profundamente enraizado no coração do homem, mas isso o torna inclinado para duas ilusões comuns. Uma delas é a crença patética, geralmente entretida em nossa época, que a ordem é obtida pela organização. Até mesmo um observador tão perspicaz como Lenin sucumbiu a essa crença. Porém, a maldade que torna necessária a organização não faz alto nos portais da organização.

"O espantoso pensamento se todos os nossos sábios e nós

Somos apenas fundamentos de uma raça do porvir".

Um ponto de vista moral sobre a vida, resolutamente seguido, conduz à conclusão que os homens são animais irracionais. "O homem que está em honra, e não tem entendimento, é semelhante aos animais que perecem" (#Sl 49.20). Mas, e que dizer sobre sua "imortalidade"? "Quem sabe se o espírito do homem sobe para cima...?" (#Ec 3.21, diz outra versão). O que existe no próprio homem para sugerir que seu destino é tão diferente do destino dos irracionais? "Que a alma do homem por sua própria natureza é Eterna, e que seja uma Criatura viva independente do corpo: ou que qualquer mero homem seja Imortal, a não ser pela Ressurreição do último dia (excetuando Enoque e Elias) é uma doutrina não evidente nas Escrituras" (Hobbes, *Leviathan*, 38).

Deus é o Juiz. Mas a justiça de Deus não está sujeita ao nosso julgamento. Na qualidade de justiça de Deus, ela pertence ao Seu tempo, embora possa estar oculta do nosso. Aquele que não entende isso não tem outra alternativa senão dar mais valor à morte do que à vida.

Ec-4.4

e) A vaidade da vida (Ec 4.4-16)

1. DA INDÚSTRIA, DO ÓCIO E DO CONTENTAMENTO (#Ec 4.4-6). Qual o motivo que inspira a indústria e o empreendimento humano? É o desejo de fazer algo mais que sobreviver, de ultrapassar os rivais, de avultar na luta competitiva. Mas a realização desse desejo não produz a satisfação que ele promete; pois excita a inveja de outros, e a ansiedade de que os outros o alcancem toma conta do líder da corrida. Sem esse desejo de avultar, o homem não seria homem. Contudo, a ironia do fato é que geralmente são os menos empreendedores, o **toló** (5), os "obtusos finitos onde não raia um só fulgor", que obtêm a maior parte da satisfação. Deve haver algum feliz meio entre esses dois extremos. O vers. 4 ficaria mais fiel assim: "Então vi que todo o trabalho e toda obra habilidosa (ou bem sucedida), se origina na rivalidade de um homem com seu semelhante". **Come a sua própria carne** (5). Come a carne que possui sem cobiçar a dos outros. Aqui não temos referência a alguma tendência antropófaga, da indolência, como as palavras sugerem em português; isso dificilmente serve ao contexto.

>Ec-4.7

2. DA SOLIDÃO E DA SOCIEDADE (#Ec 4.7-12). Será que o motivo de lucro, nos empreendimentos humanos, pode ser contrabalançado pelo benefício feito à sociedade? Será que pode ser afirmado que "a iniciativa particular sem restrições" contribui para o bem-estar comum? É difícil manter essa opinião quando se observa quão poderosamente opera o motivo do lucro naqueles que não têm sociedade e que não dão um tostão por ela. É duvidoso, realmente, que alguém que não tenha responsabilidades de família, sinta qualquer responsabilidade para com a sociedade. Por outro lado, onde o senso de solidariedade é poderoso, a satisfação que ele produz é de espécie diferente.

>Ec-4.13

3. DA POPULARIDADE (#Ec 4.13-16). De todos os prêmios rebrilhantes que a vida oferece, certamente que o mais vão de todos é a popularidade. A promessa da juventude é sempre preferida à petrificação da idade (como fica testemunhado pela estudada ilusão de juventude perene nas modas contemporâneas). Mas a juventude inevitavelmente se torna idosa, e então tem de tolerar a dor de ver o passageiro interesse da multidão voltar-se para outro lado.

Essa passagem é altamente enigmática, e é impossível interpretá-la com segurança. Parece conter uma alusão a algum episódio histórico com o qual os leitores contemporâneos estariam familiarizados: um decrepito e idoso monarca sendo substituído por um brilhante jovem que romanticamente saiu da prisão em meio a entusiasmo universal mas que rapidamente caiu no desagrado.

Ec-5.1

f) A vaidade da adoração e do culto (Ec 5.1-9)

1. SABEDORIA E ESTULTÍCIA NA ADORAÇÃO A DEUS (#Ec 5.1-7). Pesquisando a vaidade de todas as coisas debaixo do sol, Eclesiastes volta seu olho crítico para a religião; pois o homem secularizado de modo algum é avesso à religião; somente que a sua é uma religião secularizada e humanizada. Esse é o grande abismo da religião, contra o que é feita a advertência. Pois existe uma inveterada tendência, no homem, para tentar "usar Deus" (*Deo uti*, Lutero), sujeitando Deus a si mesmo e à sua própria preocupação, tratá-Lo como um aliado, um analgésico, ou uma agência de seguros. A característica dessa religião centralizada no homem é sua

verbosidade; sua ansiedade para dizer o que tem a dizer se reflete numa torrente interminável de relatórios, declarações, pronunciamentos, panfletos, etc. Mas faz ouvidos poucos para a palavra de Deus. A palavra de Deus não é eco de nossas palavras. É Sua própria palavra, é Sua palavra de julgamento e de graça, e perante ela precisamos estar em silêncio e escutar. Em nossa aproximação a Deus é necessário lembrar "a qualidade de ser outro de Deus", e respeitar "a infinita diferença qualitativa entre Deus e o homem" (Kierkegaard).

Guarda o teu pé (1). O sentido é excelentemente transmitido pela moderna expressão: "Cuidado por onde andas!" **Anjo** (6). O Sacerdote ou ministro. **Por que razão se iraria Deus...?** (6). É preeminentemente contra a infelicidade humana que se manifesta a ira de Deus.

>Ec-5.8

2. DO MAGISTRADO CIVIL (#Ec 5.8-9). O temor de Deus é geminado (naturalmente) com o respeito pela autoridade no estado. Cfr. #1Pe 2.17. Pois não existe outro poder senão o de Deus: e os poderes que porventura existam foram ordenados por Deus. Não quer dizer isso que os poderes governantes estejam acima de repreensão. Pelo contrário, existe corrupção em cada estágio da hierarquia política. Nem mesmo os mais altos na terra estão livres de pecado. Dessa maneira, a existência da injustiça e da opressão não deve ser motivo de admiração; pois seu remédio não jaz em qualquer autoridade humana. Contudo, existe uma forma relativamente melhor de governo; e Eclesiastes expressa sua preferência por uma monarquia patriarcal, onde o rei esteja intimamente familiarizado com as preocupações de seus súditos (agricultores) -um julgamento que sem dúvida é sã, devido a sua ênfase sobre a agricultura e a rejeição subentendida da burocracia, ainda que de difícil aplicação nos grandes estados industrializados.

O que mais alto é do que os altos (8). O termo é ambíguo, talvez intencionalmente. Olhando para o alto da escada da autoridade, segundo nossa visão, podemos ver apenas "os poderes que existem", ou então podemos ver, acima dele. Aquele que fará "justiça ao órfão e ao oprimido, a fim de que o homem, que é da terra, não prossiga mais em usar da violência" (#Sl 10.18). **O proveito da terra...** (9). A melhor tradução parece ser: Proveitosa para uma terra em geral é um rei devotado ao campo arado.

>Ec-5.10

g) A vaidade das riquezas e do destino humano (Ec 5.10-6.12)

1. DA RIQUEZA E DA AQUISIÇÃO (#Ec 5.10-6.9). A enfeitada satisfação do mamonismo (culto à riqueza), que concebe que a vida de um homem consiste na abundância das coisas que ele possui e que identifica sua posição com suas propriedades, é uma miragem que continuamente recua; pois a concupiscência da aquisição, uma vez solta, se torna insaciável, e o apetite cresce conforme mais se come. O capitalismo só pode florescer num mercado em expansão, e o círculo da procura e da oferta, por mais expandido que seja, não deixa de ser um círculo; não pode ser esquadrejado. Além disso, a aquisição traz ansiedade; pois a riqueza é incerta (#1Tm 6.17): a bolha da prosperidade estoura, e o colapso segue-se à explosão de vendas. Finalmente, morre o homem rico, e que bem lhe pode fazer então toda a sua riqueza?

Devemos, portanto, recomendar a renúncia ascética? De modo algum. As boas coisas do mundo são presentes de Deus que devem ser desfrutadas por nós com ações de graças e com contentamento. A chave para o desfrutamento é substituir a ganância pela graça. "Porque toda a criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças" (#1Tm 4.4). A experiência demonstra que a arte do desfrutamento geralmente vem mais prontamente para aqueles que estão menos atravancados com os bens mundanos, enquanto que aqueles que possuem "todas as vantagens" podem não desfrutar tal gozo.

>Ec-5.20

Não se lembrará muito... (20). Aquele que está em correspondência com Deus, aquele cuja principal finalidade é glorificar a Deus e desfrutar dEle, pode viver no presente e gozar dos dons de Deus hoje, sem pensamentos ansiosos para com o amanhã. Cfr. #Mt 6.33-34.

Ec-7.1

h) A sabedoria da morte (Ec 7.1-14)

Eclesiastes apresenta uma sabedoria de vida que leva em plena consideração as grandes negativas: adversidade, tristeza e morte. Aquele que desejar viver sabiamente deve pôr a morte no coração e integrá-la em seu ponto de vista sobre a vida. A sabedoria que pretenda ver a "vida permanentemente e vê-la

por inteiro" também precisa ver a morte; ela "toma em plena consideração o pior". A moderna fuga da morte, evidenciada pelo fato que se evita consideração séria sobre ela, no pensamento popular, e mesmo de evitar-se qualquer menção a ela na conversação polida, como se a morte fosse um cão a dormir pelo qual se pudesse passar na ponta dos pés, é um índice de um ponto de vista sobre a vida para o qual a morte não tem significado salvo o de um fato irracionalmente brutal que interrompe rudemente os esforços e as aspirações do homem. As esperanças do homem, hoje em dia, estão ligadas a um adiamento progressivo da morte e ao sonho de sua eliminação eventual. Se Eclesiastes foi capaz de olhar a morte cara a cara com destemor, isso se deve simplesmente ao fato que ele não a via como uma negativa simples, mas como um "horizonte", uma linha que demarca "o limiar das possibilidades metafísicas", e que aponta para uma oculta dimensão de existência. As lições que ele nos recomenda aproveitar das severas disciplinas da experiência podem ser descritas como uma espécie de sabedoria de um tabuleiro de xadrez: em lugar de ficar a queixar-se amargamente que todos os quadros são negros, ou a "suspitar pelos bons dias antigos", quanto tudo era branco, essa sabedoria consiste na paciente aceitação de sua real condição como um fato final que podemos conhecer, mas que aponta para além de si mesmo. É um equívoco supor que o fatalismo de Omar é a única, ou a única inferência lógica a ser tirada do caráter de tabuleiro de xadrez desta vida.

>Ec-7.11

Os vers. 11 e 12 são difíceis de compreender em seu presente contexto, e talvez tenham sido deslocados. Posições alternativas sugeridas para eles são depois do vers. 14 e depois do vers. 21.

>Ec-7.15

i) A excelência e a dificuldade da sabedoria (Ec 7.15-29)

1. "CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA" (#Ec 7.15-22). A tentativa de reduzir a matéria bruta da vida a um sistema por meio de princípios morais naufraga nas anomalias da experiência. A consistente aplicação da moralidade entra em choque com a vida, que não pode ser forçada a entrar dentro desses moldes. Há necessidade de humildade e restrição tanto no pensamento como na prática da moralidade. Deve ser lembrado que toda a moralidade é condicionada pela finitude do homem e maculada por seus pecados. Precisamos ter cuidado para evitar o orgulho moral. "O orgulho moral é a pretensão do homem finito

de que sua virtude altamente condicionada é a justiça final, e que seus padrões morais extremamente relativos são absolutos. O orgulho moral, assim, tornam a virtude o próprio veículo do pecado" (Niebohr, Human Nature, pág. 212).

>Ec-7.23

2. "CRÍTICA DA RAZÃO PURA" (#Ec 7.23-28). A tentativa de reduzir a matéria bruta da vida a um sistema, por meio de idéias teóricas, naufraga semelhantemente. A mais penetrante sabedoria não pode atingir a harmonia final na qual os desacordos da existência são resolvidos; toda tentativa esbarra no problema do mal, "das radikal Bose", no coração humano. Eclesiastes encontra a mais obstinada manifestação do mal na fêmea da espécie humana (26); para ele a sabedoria de Sócrates aborta devido ao problema de Xantipa.

>Ec-7.29

3. A QUEDA (#Ec 7.29). A conclusão, que é o máximo a que a sabedoria humana pode atingir, é que o homem caiu do estado em que por Deus foi criado, e mediante sua astúcia produziu sua própria destruição. As insolúveis contradições da vida têm seu ponto focal no fato que o homem está em choque consigo mesmo.

Ec-8.1

j) Os poderes que existem (Ec 8.1-9)

A inferência lógica da universalidade da corrupção humana seria a anarquia ("o aluno é tão bom quanto seu mestre"). Mas a sabedoria política não é uma ciência lógica, é uma arte psicológica. É guiada não por aquilo que é logicamente são e coerente, mas pelo que é relativamente oportuno (5). Desse modo, uma ordem autoritária de sociedade precisa ser irracional e até mesmo má (9); não obstante, a lealdade a ela é preferível à insurreição. Cfr. #Rm 13. Essa é uma doutrina dificilmente aceita em nossos dias; todavia, é um profundo desafio para aqueles que identificam alteração com progresso. A idéia de reforma sem dúvida alguma era estranha à mente do escritor, que considera a crítica à autoridade como simples insurreição. Mas suas reflexões não são menos aplicáveis a ela. A incapacidade de ver o resultado de qual alteração proposta coloca o **onus probandi** sobre aqueles que a advogam ou instigam. É um fato que as reformas que têm por finalidade remover um mal, geralmente substituem-no por outros; e as orientações políticas a longo prazo

são duvidosas devido à brevidade da vida humana. O problema real da vida é urgente e não pode ser adiado; pois o tempo é limitado: "Agora é o dia, e agora é a hora". Não sabemos se veremos o amanhã-e "que vantagem tem o cavalo primevo saber que um de seus descendentes ganharia o Derby?" (K. Heim).

>Ec-8.9

Para desgraça sua (9); isto é, do dominado e não do dominador.

>Ec-8.10

l) A reversão dos juízos humanos (Ec 8.10)

A significação exata deste versículo extremamente difícil não pode ser recuperada. Cerca de doze interpretações diferentes têm sido propostas. Mas, se aceitarmos esta tradução como aproximadamente correta, o pensamento pareceria ser a falibilidade dos julgamentos populares, quer segundo descoberta pela própria observação aguda do escritor, quer, mais provavelmente, segundo o julgamento contrário da posteridade.

>Ec-8.11

m) A justiça oculta de Deus (Ec 8.11-17)

Os moinhos de Deus moem vagarosamente-tão vagarosamente que os homens podem facilmente supor que não moem de modo algum. O universo parece diferente para as distinções morais, e Eclesiastes está bem consciente das dificuldades de uma aceitação por demais fácil da "filosofia histórica" judaica, e das tentativas de discernir julgamentos divinos no desenrolar dos acontecimentos (14). Não obstante, ele sabe a respeito da certeza do juízo, ainda que este não se manifeste nas coisas que são vistas, que são temporais, e por causa disso ele não se deixa abater, e até pode rir em face do desespero (15). Aqui ele mostra, provavelmente com mais clareza que em qualquer outra porção do livro, que sua própria alma estava ancorada no lado de dentro do véu.

Ec-9.1

n) Mais sobre a sabedoria da morte (Ec 9.1-10)

A vida é uma pista pela qual todos têm de correr juntamente, todos devem saltar os mesmos obstáculos e todos estão sujeitos aos mesmos riscos, e todos chegam ao mesmo fim. Não existe antecipação do julgamento, não há discriminação a favor daqueles que "correm na maneira dos mandamentos de Deus"; os homens podem transformar a carreira numa avalanche com aparente impunidade. Todavia, há um julgamento; existem alguns que se acham nas mãos de Deus, cujas obras são aceitas por Ele, e que se podem dedicar de todo coração à tarefa do momento sem pensamentos ansiosos sobre o amanhã. Enquanto perdura a carreira, há esperança para todos, mesmo para aqueles que parecem mais desesperados; o conhecimento do fato que devem morrer torna os vivos mais sábios talvez; mas, para aqueles que já ultrapassaram o limite, a esperança desapareceu; para esses o dia da graça é passado, e "fechou-se a porta" (#Mt 25.10).

>Ec-9.11

o) Corroborações negativas (Ec 9.11-18)

A sabedoria que busca luz por detrás do horizonte da morte, recebe confirmação das trevas e confusões da cena que há neste lado do horizonte. Portanto, depois de ter perscrutado o horizonte, Eclesiastes retornou e viu **debaixo do sol que não é dos ligeiros a carreira, nem dos valentes a peleja** (11). Portanto, é verdade que andamos por fé e não pela vista. "A fé é de coisas que não aparecem. E assim, para que exista espaço para a fé, é necessário que todas as coisas que são seus objetos estejam ocultas. Entretanto, não podem estar mais remotamente ocultas que debaixo de seus objetos, experiências e sentimentos contrários" (Lutero, **De servo arbítrio**). O que tem valor, no julgamento do mundo, é riqueza e autopropaganda; o mérito genuíno e sem ostentação passa despercebido, sem recompensas. Isso é descrito ironicamente por Eclesiastes como a sabedoria que ele viu debaixo do sol, e pareceu-lhe grande (13). **Um só pecador destrói muitos bens** (18). Esta cláusula introduz a série seguinte de reflexões.

Ec-10.1

p) Da estultícia e da sabedoria (Ec 10.1-7)

A sabedoria é excelente, mas é uma desvantagem em comparação com a estultícia, que produz efeitos desproporcionadamente grandes. Um pouco de

fermento de estultícia pode viciar a massa inteira da sabedoria, e um único tolo pode desfazer a obra de muitos sábios. Além disso, a estultícia é mais imediatamente evidente; ela se anuncia nas ruas. Quando a estultícia se manifesta nos lugares de mando, o curso seguido pela sabedoria é de paciência e conciliação. Quanto menos é dito, mais cedo é feita a correção. Se alguém argüir que isso justificaria uma política de aplacamento, Eclesiastes responderia que o sábio é guiado pelo tempo e pelo julgamento (#Ec 8.15). Há um tempo de fazer silêncio e um tempo de falar (#Ec 3.7). Que a estultícia invade os lugares de mando é provado pela observação familiar que os estultos são exaltados a posições de honra e dignidade no estado, enquanto que os indivíduos realmente de valor passam despercebidos. Os ricos (6). Eclesiastes provavelmente entende aqueles que possuem riqueza hereditária-a aristocracia -em distinção com os novos ricos.

>Ec-10.8

q) Calculando o custo (Ec 10.8-10)

O sentido geral destas afirmações gnômicas, que talvez fossem provérbios correntes, parece ser que nenhuma alteração pode ser efetuada sem riscos, especialmente que quem quer que interfira com as instituições estabelecidas corre o risco de queimar os dedos. Antes de embarcar em tais empreendimentos, é aconselhável calcular o custo e certificar-se que se possui a habilidade adequada e os recursos necessários (cfr. #Lc 14.28 e segs.).

>Ec-10.11

r) Palavras e feitos (Ec 10.11-20)

1. O SÁBIO E O TOLO (#Ec 10.11-15). Eclesiastes toca aqui sobre a notória prolixidade da estultícia e a capacidade de engano que é inerente a ela. Cfr. #Tg 3.5-6. Saber **como ir à cidade** (15) parece ter sido uma expressão proverbial acerca da sabedoria prática da ação eficaz. O tolo pode falar muito, mas é incapaz de agir.

>Ec-10.16

2. INDOLÊNCIA NA CORTE (#Ec 10.16-19). Os males se abatem sobre um país quando o sibaritismo prevalece na corte. **Filho de nobres** (17). Talvez uma **double entendre**, possível devido a uma expressão idiomática hebraica

que emprega a perífrase "filho de" para formar um adjetivo descritivo: quando o caráter e a conduta do rei são de uma nobreza correspondente ao seu nascimento.

>Ec-10.20

3. A REVERÊNCIA DEVIDA AO REI (#Ec 10.20). Essa advertência contra as conversas sediciosas e contra os "pensamentos perigosos" está bem de conformidade com a atitude de Eclesiastes de imparcialidade para com a política. Não se trata de um conselho para que se aquiesça com a injustiça ou com a opressão, mas antes, uma advertência para que se não incorra em riscos desnecessários. Onde não existe nem a vontade nem o poder de corrigir as coisas, as meras murmurações e desavenças são insensatas.

Ec-11.1

s) Orientações sobre a caridade (Ec 11.1-6)

Se alguns dos conselhos políticos dos capítulos prévios possuem uma certa tonalidade conservadora, aquietadora, "luterana", a dialética de Eclesiastes, agora, toma uma direção ousada, aventureira, "calvinista", como que a mostrar uma vez mais que a conduta da vida não pode basear-se sobre um único princípio, mas que o sábio considera "o tempo e o julgamento". Nos empreendimentos comerciais é preciso correr o risco, e aquele que não se aventura até ter proposições absolutamente seguras terá de esperar para sempre (4). O futuro é sempre imprevisível; acidentes sucederão mesmo nos mais bem controlados negócios; e ninguém sabe, por qual "ato de Deus" (5) os mais cautelosos cálculos podem ser frustrados. O curso da sabedoria é não pôr todos os ovos numa só cesta e não depender de um cartão só, mas reduzir o risco dividindo-o (2).

Lança o teu pão sobre as águas (1). É regularmente certo que a referência principal destas palavras, como Delitzsch tem demonstrado, é ao comércio de transporte marítimo do trigo. Mas Eclesiastes indubitavelmente usa essa forma de aventura comercial para ilustrar o curso que a sabedoria sugere em outros campos da vida, tal como a prática da caridade não calculada, à qual, segundo se tem entendido geralmente, essas palavras se referem. Cfr. #Lc 16.9.

>Ec-11.7

t) Respice finem (Ec 11.7-8)

O sábio reconhecimento da incerteza do futuro torna o presente ainda mais importante. O presente é o único momento à nossa disposição. O amanhã está nas mãos de Deus: não sabemos o que o amanhã produzirá. É sobre hoje que cai o "acento da eternidade" (Heim). Tal como as palavras de Cristo: "Não vos inquieteis pois pelo dia de amanhã", estas palavras de Eclesiastes não implicam em desconsideração para com o futuro. Pelo contrário, essa atitude despreocupada só é possível pela verdadeira consideração para com o futuro, ou seja, que o futuro pertence a Deus. A filosofia de Epicuro que diz **carpe diem**, "colhe as rosas enquanto podes" contém um elemento de profunda verdade, e não está muito longe daquilo que Paulo diz sobre o "remindo o tempo" (#Cl 4.5) e sobre o "servindo ao tempo" (#Rm 12.11; lendo **kairo** em lugar de **kurio**).

>Ec-11.9

u) Conselhos para a juventude (Ec 11.9-12.8)

1. REGOZIJA-TE (#Ec 11.9-10). Um corolário da ênfase dada por Eclesiastes sobre o presente, é seu conselho à juventude para que desfrute do período juvenil, enquanto o possuem, não procurando colocar cabeças idosas sobre ombros jovens, nem tentando prolongar a juventude além de seus limites, mas aceitando a juventude com as suas bênçãos e oportunidades no sóbrio reconhecimento e a juventude e a idade avançada são ambas determinadas por Deus e ambas estão sujeitas a Seu julgamento. **Alegra-te... pela vista dos teus olhos** (9). Nada existe nessas palavras para sustentar a interpretação que Eclesiastes está recomendando aqui que a juventude semeie suas **aveias silvestres** (dar largas aos impulsos da mocidade); nem podemos deduzir delas qualquer apoio para a atual idolatração da juventude, com suas ridículas ilusões de vestuário. **Sabe, porém** (9). "O grande Porém" no qual se cristaliza a sabedoria da Bíblia (Barth). "Todos os caminhos do homem são limpos aos seus olhos, mas o Senhor pesa os espíritos" (#Pv 16.2).

Ec-12.1

2. RELEMBRA-TE (#Ec 12.1-8). O homem é uma criatura do tempo. No fim, sua situação de criatura se evidencia inequivocamente em sua dissolução. Certamente que é sabedoria elementar tomar em consideração esse "horizonte" último (Heidegger) em qualquer tentativa de traçar o padrão da existência.

Eclesiastes recomenda o franco reconhecimento de nosso estado de criaturas, mesmo na juventude, o período em que isso parece menos evidente e quando a vida parece inextinguível. É somente quando vista nessa perspectiva é que a juventude pode ser corretamente entendida e corretamente desfrutada. O "problema da juventude" que tem assumido proporções tão grandes em nossa época é, em grande escala, conseqüência de uma falsa perspectiva, em que o horizonte fica indefinido, é a brincadeira de um homem cego com a morte, o que é uma das principais estultícias de nossa era.

Lembra-te do teu Criador (1). É notório como Eclesiastes mostra sua mão aqui. A visão da idade e da morte produz nele não **memento morti** (lembra-te que deves morrer), mas **memento Creatoris** (lembra-te do teu Criador). Por esse conceito ele se distingue claramente de todos os cétricos, cínicos e epicureus, com quem ele freqüentemente tem sido confundido.

Os versículos seguintes (2-7) contém uma descrição figurada da decadência e da dissolução da vida, mas o quadro é difícil de ser interpretado detalhadamente. O quadro da tempestade que se avizinha (2) talvez tenha a intenção de sugerir a aproximação da morte de modo geral ou, mais particularmente, à decadência das faculdades internas. A imagem dos vers. 3 e 4 mui provavelmente tenciona representar a decadência dos órfãos corporais: **os guardas da casa** seriam as mãos, **os homens fortes** seriam as pernas, **os moedores** seriam os dentes, **os que olham pelas janelas** seriam os olhos, e **as duas portas** seriam os ouvidos. As cláusulas restantes do vers. 4 parecem referir-se todas à decadência dos poderes da fala e do canto. **E se levantar à voz das aves** (4). Se o **ele** (oculto) significa um homem idoso, isso envolveria a inserção abrupta de uma declaração literal no meio de uma alegoria elaborada. Mas, excetuando isso, não é verdade que o indivíduo idoso se levante à voz de um pássaro. Os idosos são menos facilmente despertados que os jovens, especialmente em vista que freqüentemente são surdos (**as duas portas da rua se fecharem**)! É provável que o texto tenha sido corrompido e que o original dissesse que a voz do indivíduo idoso se torna débil e tende a parecer-se com o trêmulo gorjear de um pássaro.

>Ec-12.5

A alegoria é abandonada no vers. 5, e a descrição literal toma o seu lugar: as pessoas idosas têm medo das alturas, e têm receio de aventurar-se seja no que for. Em vista da grande e fantástica variedade de interpretações que têm sido sugeridas para a **amendoeira**, o **gafanhoto** e o **apetite**, parece melhor seguir

Wetzstein e Hertzberg, e tomar literalmente as três cláusulas como descrições dos fenômenos da primavera e do verão: a amendoeira floresce, o gafanhoto se carrega (de alimento), e quanto ao "apetite", nem todas as versões dão tal sentido a essa palavra, mas consideram-na também uma árvore-mas todas essas alegres visões nada significam para o homem de idade, que após a dissolução de sua casa terrestre (3; cfr. #2Co 5.1), segue para sua habitação eterna.

>Ec-12.6

A alegoria é reiniciada no vers. 6. As figuras da **cadeia de prata** quebrada e do **copo de ouro** despedaçado parecem referir-se à dissolução da alma e do corpo. A vida de um homem se assemelha primeiramente a um copo de ouro (contendo azeite para a lâmpada), suspenso por uma corrente de prata; e então é comparada com um **cântaro** despedaçado com o qual a água é tirada de um poço. A lâmpada e o cântaro eram símbolos familiares da vida, na antigüidade. **O espírito volte a Deus, que o deu** (7). Parece que Eclesiastes avançou um tanto além da posição assumida em #Ec 3.21, mas suas palavras aqui, apesar de sugestivas, não são de tal ordem que formem o fundamento de uma esperança de imortalidade. Ele está vendo a dissolução do corpo e do espírito do ponto de vista "debaixo do sol", e ele simplesmente declara que cada qual volta à origem onde teve início-o corpo para o pó e o espírito para Deus (#Gn 2.7). Quanto ao destino final do espírito, depois do retorno a Deus, Eclesiastes não se ocupou a falar disso.

>Ec-12.8

Vaidade de vaidades... (8). O autor "fez todas as coisas terrenas ficarem pequenas, e finalmente permanece sentado nesse montão de poeira de **vanitas vanitatum**" (Delitzsch). Seu argumento, tal como todas as coisas debaixo do sol (#Ec 1.3-11), deu uma volta completa, e ele repete o teorema que se abalançou a demonstrar (#Ec 1.2) com um ar de finalidade, como que a dizer: **quod erat demonstrandum**.

>Ec-12.9

v) Epílogo (Ec 12.9-14)

O restante do livro consiste de um pós-script editorial, na forma de um "atestado de recomendação" (Plumptre) ao escritor, e na tentativa de sumarizar

as conclusões de seu ensino. Essa porção se originou na mesma mão que escreveu o resto do livro, ou foi adicionada por algum outro? A questão tem sido muito debatida. A alteração, da primeira para a terceira pessoa sugere uma troca de autores, mas, visto que o nome do autor-Qoheleth (Eclesiastes) - é um pseudônimo, afinal de contas, essa alteração pode meramente indicar que ele agora se adianta e apresenta uma breve peroração de apresentação, digamos assim, em seu próprio nome. Podemos comparar isso às anotações editoriais de Kierkegaard às obras escritas sob seu próprio pseudônimo. Não há alteração no vocabulário e no estilo do epílogo, que tem extrema semelhança com o restante do livro (mesmo na obscuridade da metáfora do vers. 11). Tem sido posto em dúvida que um escritor fale de si mesmo nos termos dos vers. 9 e 10, o que, parece sugerir, trai a mão de um seguidor admirado. Mas isso é atribuir os costumes literários de nossos dias a uma época em que eles eram muito diferentes. No mundo antigo a autoria era considerada uma questão sem importância, tão sem importância, realmente, que os nomes de muitos dos autores da antigüidade se perderam. A pergunta que um homem fazia a respeito de um livro não era: "Quem o escreveu?", mas antes: "Que diz ele?", e não havia necessidade de um autor fazer profissão de modéstia, visto que sua obra não era considerada uma realização pessoal ou um feito de virtuosidade. Mesmo em nossa época tem havido exceções no que tange ao costume da modéstia literária (que é geralmente artificiosa), notavelmente o sr. Bernard Shaw, que algumas vezes falava sobre si mesmo em termos mais lisonjeiros que Eclesiastes, e com menos motivos.

A questão mais importante é se os vers. 13-14 são tão somente um sumário do ensino do livro, ou, como alguns alegam, uma simplificação tendenciosa, feita com o alvo de recomendá-lo aos leitores ortodoxos. É certamente difícil perceber como qualquer declaração de um dever positivo para o homem poderia ser logicamente deduzida da premissa que todas as coisas debaixo do sol são vaidade. Essa, entretanto, não é a lógica de Eclesiastes; pois ele não busca as premissas do dever humano na teoria humana ou dos valores morais na "idéia" de Deus. Pois, por mais que saliente as dificuldades que o homem tem para crer sobre Deus, ele sabe (#Ec 8.12) que essas dificuldades não suspendem nem ab-rogam o dever requerido do homem por Deus; e talvez tenha sido com o propósito de corrigir qualquer indiferença apressada que possa ser originada nessa conclusão teórica que o autor põe sua ênfase final no dever prático do homem. O enigma da vida pode ser insolúvel para a sabedoria, mas **solvitur ambulando**.

As palavras dos sábios são como agulhões... (11). Embora aceitáveis, elas ferem. A comparação seguinte é tipicamente obscura. Os pregos geralmente são entendidos como os colchetes da tenda, e os mestres das congregações, que são comparados com aqueles, são os grandes mestres ou os grandes ensinados acumulados em suas obras; o único Pastor dificilmente poderá deixar de ser o próprio Deus, que é o autor e a fonte da verdadeira sabedoria. A idéia geral parece ser que é o ensino dos mestres, originado na fonte principal, que dá estabilidade e poder à vida. Uma advertência final é feita contra o intelectualismo (12), dirigida na primeira instância talvez contra as pretensões exageradas da "sabedoria", na literatura que recebe esse nome. Eclesiastes não despreza o intelecto (#Ec 9.17-18), mas está cômescio de suas limitações (#Ec 8.17).

>Ec-12.13

O dever de todo o homem (13-14), ou melhor, o dever total do homem. Não se trata da prática da teoria que tudo é vaidade. Mas Eclesiastes sabe que a prática não dependerá da teoria, nem a vida dependerá do entendimento. A teoria e a prática permanecerão em desacordo enquanto estivermos debaixo do sol. A reconciliação, a solução da discórdia, aguarda o tempo quando a fé der lugar à vista, e todas as coisas ocultas serem reveladas. Por conseguinte, podemos dizer a respeito das últimas palavras de Eclesiastes: **spirant resurrectionem** (prenunciam a ressurreição).

G. S. Hendry

CANTARES DE SALOMÃO

INTRODUÇÃO

No volume sagrado que nos transmite a mensagem que incendeia a esperança do amor de Deus, Cantares de Salomão é o único livro que tem o amor como seu tema exclusivo. O assunto é manuseado com grande habilidade e introspecção, numa série de dramáticos cânticos, centralizada num único casal e ligada pelo aparecimento e reaparecimento de grupos subordinados, tais como "as filhas de Jerusalém" (#Ct 1.5; #Ct 2.7; #Ct 5.8; 16), e "os guardas" (#Ct 3.3; #Ct 5.7), bem como pela repetição de estribilhos significativos (por exemplo, #Ct 2.7; #Ct 3.5; #Ct 8.4; #Ct 2.17; #Ct 4.6; #Ct 2.16; #Ct 6.3; #Ct 7.10). Os cânticos são embelezados pela rica imaginação oriental, e contêm lindas descrições de cenas naturais.

I. AUTORIA

O título pode significar ou que os Cantares foram compostos por Salomão ou a respeito dele. A tradição uniformemente favorece a primeira interpretação. Alguns eruditos modernos, entretanto, têm mantido que o grande número de vocábulos estrangeiros, encontrados no poema, não ocorreriam na literatura de Israel antes do período pós-exílico. Outros pensam, com Driver, que os contactos generalizados de Israel com nações estrangeiras, durante o reinado de Salomão, explicariam suficientemente a presença dessas palavras no livro. Se esse ponto de vista for aceito, e se for suposto que existem apenas dois personagens principais nos Cantares, parece não haver qualquer motivo substancial para pôr de lado o ponto de vista tradicional sobre a autoria. Mas, se seguirmos Ewald, o qual afirmava que existe um pastor amante em adição (ver abaixo), a crença na autoria de Salomão dificilmente pode ser mantida, e é impossível dizer quem foi o autor do livro.

II. INTERPRETAÇÃO

Judeus devotos desde o primeiro século de nossa era têm considerado os Cantares como uma alegoria que representa as relações de Jeová com Israel. No segundo século A. D., o rabino Akiba afirmou que esse livro era um presente de inestimável valor para Israel e o mais santo de todos os escritos sagrados. A exegese cristã, desde os dias de Orígenes, tem visto nas cenas do livro a representação do amor de Cristo para com Sua Igreja. Delitzsch

mantinha que os Cantares são um diálogo dramático em que Salomão e a sulamita são os personagens principais. Seu amor tipifica o amor de Cristo e da Igreja. Ewald, conforme foi indicado acima, tomou uma diferente linha de interpretação. Ele interpretou "o amado" como um pastor amante de quem a jovem estava noiva, antes de ser capturada e trazida para o palácio por um dos servos de Salomão. Depois dela ter resistido com sucesso a todas as tentativas do rei para conquistar sua afeição, ela é libertada e se reúne a seu amante, com quem ela aparece na cena final. Aqueles que adotam esta interpretação vêem em Salomão um tipo do mundo, e vêem no pastor um tipo de Cristo. A jovem representa a alma fiel que lealmente preserva a sua fé, seu amor e sua obediência, a despeito da pressão da tentação, resistindo a tudo como se visse o invisível. Quanto a este ponto de vista, as diversas seções de Cantares podem ser entendidas como segue:

#Ct 1.1-2.7. A jovem relembra seu amado, no palácio onde Salomão promete adorná-la de jóias.

#Ct 2.8-3.5. A jovem relembra uma visita feita certa ocasião por seu amado e um sonho que se seguiu a isso.

#Ct 3.6-4.7. A jovem é novamente visitada e louvada por Salomão.

#Ct 4.8-5.1. Imperturbável, a jovem relembra as palavras de seu amado e antecipa seu dia de casamento com ele.

#Ct 5.2-6.3. A jovem relata um sonho e descreve seu amado.

#Ct 6.4-7.9. A jovem recebe mais uma visita de Salomão, que faz nova tentativa de conquistar sua afeição.

#Ct 7.10-8.3. A jovem, mantendo sua lealdade a seu amado ausente, anseia por sua companhia.

#Ct 8.4-14. A jovem retorna para casa com seu amado, e declara-lhe sua fidelidade.

Quanto a um estudo mais profundo sobre esta interpretação alternativa, os leitores poderão examinar o esboço, as anotações e as perguntas contidas no Curso de Estudo Bíblico, [Search the Scriptures](#), págs. 234 e segs.

Têm sido feitas tentativas para mostrar a existência de um coro nos Cantares, mas não conseguem convencer devido a ausência de indicações sobre isso no próprio livro. A teoria de que os Cantares são uma coleção de cânticos que eram cantados por ocasião das celebrações de casamento, apesar de poder lançar alguma luz sobre a estrutura de certas porções do poema, divide o relato por causa da evidente unidade do livro.

Este comentário assume o ponto de vista de que há apenas dois personagens principais no livro e, conseqüentemente, o divide de conformidade com a análise dada abaixo:

Ct-1.1

I. O DESEJO E A SATISFAÇÃO DA SULAMITA Ct 1.1-2.7

a) O título (Ct 1.1)

Cântico de cânticos, que é de Salomão (1). Quanto a "cântico de cânticos", cfr. "santo dos santos", " vaidade de vaidades". Tal expressão significa o mais excelente dos cânticos. Salomão compôs 1.005 cânticos (**#1Rs 4.32**). Stuart supõe que os cinco que ultrapassam os mil cânticos, são as cinco divisões de Cantares de Salomão, ponto de vista que ele adota. Durham considera que o título significa o melhor cântico das Escrituras; e Bernard observa sobre Cantares: "Somente a experiência pode aprendê-lo". O emprego de uma forma diferente do pronome relativo, aqui, que não segue o resto do livro, tem levado alguns a conjecturarem que o título talvez tenha sido escrito por uma mão posterior. Entretanto, não é necessário apelar para essa explicação. A distinção entre o título e o restante do livro pode ser uma razão suficiente.

>Ct-1.2

b) A sulamita relembra o encanto de seu Amado, e sua própria falta de atrativos (Ct 1.2-6)

Ele (2). Não nomeado, como no caso de uma pessoa ou coisa de que a mente e o coração estão tomados. Cfr. **#Jo 20.15**; **#2Tm 1.12**. **Vinho** (2). Cfr. **#Sl 104.15**; **#Pv 31.6**, onde é considerado como transmissor de alegria e de reavivamento; ver também **#Sl 4.7**. O amor de Cristo é melhor do que aquilo que é mais satisfatório e animador. No desejo da sulamita podemos ver uma

oração solicitando um novo conhecimento e uma nova experiência do amor de Cristo. A Igreja, já tendo recebido evidência de sua influência de soerguimento e alegria, é encorajada, pela lembrança das bondades passadas, a rogar mais favores. Cfr. #Sl 63.1-5. **Para cheirar são bons os teus unguentos** (3). No hebraico há um jogo de palavras sobre os unguentos e **teu nome**. Cfr. #Ec 7.1. **Ungüentos** (3). Ungüentos ou perfumes eram especialmente valiosos no oriente devido ao calor. Eram usados particularmente na unção dos sacerdotes (#Êx 30.23-25) e na recepção dos hóspedes (#Sl 23.5; #Lc 7.38). O uso de unguento muito precioso nesta última conexão, era sinal de estima incomum (cfr. #Jo 12.3). Os reis recolhiam e usavam perfumes de rara composição e fragrância. Ver #Ct 3.6 e cfr. #2Rs 20.13. **Nome** (3). O nome relembra o que ele é. A lembrança tem um efeito sobre o espírito semelhante ao de um fragrante perfume sobre os sentidos. O azeite da unção, nos dias do Antigo Testamento, tipificava a obra do Espírito Santo, que foi dado a Cristo sem limitações. Conhecer a Cristo é comparado por Paulo a um perfume (ver #2Co 2.14). **Virgens** (3). Auxiliares da noiva. Misticamente, representam os regenerados e santificados. Cfr. #Mt 25.1; #2Co 11.2; #Ap 14.4. **Leva-me** (4). No vers. 2 ela expressou o desejo que seu amado viesse até ela; agora seu desejo é que ele a levasse após si. Cfr. #Sl 63.8; #Jr 31.3; #Jo 6.44. **Me introduziu** (4). Uma memória sobre um favor passado. Cfr. #Sl 45.14; #Jo 10.16.

>Ct-1.5

Filhas de Jerusalém (5). O reaparecimento desse grupo, em #Ct 2.7; #Ct 3.10; #Ct 5.8,16 é uma das provas da unidade de Cantares. Trata-se de observadoras interessadas. De conformidade com a interpretação alegórica, representam os que buscam a Cristo (Stuart). **Sou morena** (5). Diz-se que as mulheres beduínas continuam a contrastar-se dessa maneira com as habitantes das cidades. A sulamita compara a cor morena de sua pele com as tendas escuras de pele de cabra ou de pelo de camelo dos filhos de Ismael, mas assemelha seus atrativos às cortinas multicoloridas de Salomão. O versículo seguinte explica o motivo dessa coloração amorenada, que é temporária. **A vinha que me pertence** (6). Isto é, sua aparência. A linguagem sugere o pecado, o sofrimento e a tristeza que algumas vezes enegrece a porção da Igreja ou da alma crente, ainda que continuem atrativas à vista de Deus, por causa da justiça imputada e da operação interna da graça. A solicitação pedindo bênção não merecida é apropriadamente acompanhada pelo reconhecimento da própria indignidade e fracasso.

>Ct-1.7

c) A sulamita requer e recebe orientação (Ct 1.7-8)

Dize-me (7). Este versículo introduz o quadro pastoril freqüentemente empregado no livro. A pastora era uma figura familiar no oriente (cfr. Raquel, Zípora). Não satisfeita em esperar até à noite, ela deseja encontrar-se com ele por ocasião do repouso do meio dia. **Como a que erra ao pé dos rebanhos** (7). É difícil dar uma significação apropriada para a palavra aqui traduzida como **erra**. A tradução de Aglen como "alguém velada" é talvez a melhor. **Se tu o não sabes** (8). Essas palavras foram provavelmente proferidas pelas companheiras da sulamita. Aqueles que querem encontrar-se freqüentemente com Cristo devem procurá-Lo nos bem usados caminhos da fé, da obediência, do serviço e da adoração.

>Ct-1.9

d) O Amado declara sua admiração e promete presentes (Ct 1.9-11)

Amiga (9). **Ra'yah** é palavra encontrada somente neste livro e em **#Jz 11.37**. A Cambridge Bible compara o uso francês de **ami** entre amantes. **Éguas dos carros** (9). Esta forma feminina pode ter o sentido que aqui é dado, ou significar uma forma coletiva-um grupo de cavalos, por exemplo. Mas, visto que noutras porções são feitas comparações com uma forma coletiva (exemplo, 10,12), parece melhor traduzir conforme a última possibilidade: grupo de cavalos. Nos tempos de Salomão os cavalos egípcios eram muito procurados para uso dos reis (ver **#1Rs 10.28-29**). A própria comparação, embora não siga o gosto ocidental, é comum entre os árabes, que criam raças particularmente graciosas de cavalos.

Enfeites (10). "Tranças com laços" (Moffatt). Provavelmente a comparação com os cavalos das carruagens está em segundo plano, visto que as cabeças dos cavalos egípcios eram adornadas com moedas e ornamentos de prata. A moda referida, pode parecer-se, porém, com a que era usada pelas mulheres egípcias, que dividiam os cabelos em numerosas tranças, soltas nas costas, e com pequenas orlas dotadas de ornamentos de ouro ou prata. As damas persas usavam enfeites de cabeça formados por duas ou três fileiras de pérolas, que passavam da cabeça e ficavam dependuradas defronte das bochechas. **Colares** (10). Moffatt traduz "fileiras de jóias". Thomson, em **The Land and the Book**,

comenta sobre o gosto das mulheres por uma "interminável variedade" de colares "entre outras jóias". **Enfeites de ouro** (11). Enfeites é a mesma palavra que aparece no vers. 10. Jordan traduz como: "círculos de ouro com pontos de prata". Por mais graça que a Igreja tenha recebido e possa exibir, Cristo tem mais ainda para outorgar, para torná-la aceitável para Si mesmo.

>Ct-1.12

e) A sulamita expressa sua satisfação com seu Amado (Ct 1.12-14)

Assentado à sua mesa (12). "Jaz em seu divã" (Moffatt). **Nardo** (12). Um caríssimo perfume, preparado pelo ressecamento de um felpudo talo de uma planta da Índia, que antigamente era importada para a Palestina. **Ramalhete de mirra** (13). A mirra era obtida em uma árvore baixa e espinhenta, parecida com a acácia, e que se encontrava na Arábia Félix. Um fluido branco exudava da casca, quando esta era furada, e que endurecida e era vendida como a mirra comercial. Supõe-se que tivesse propriedades desinfetantes e poderes tonificantes, e algumas vezes era transportada numa pequena ampola ou saquinho, suspenso pelo pescoço e usado dia e noite. Cfr. **#Sl 45.8. Cacho de Chipre** (14). "Flores de hena". A hena é um pequeno arbusto, que produz florescimentos brancos e amarelos dotados de rica fragrância. Era encontrada na Palestina, em En-Gedi, próximo do mar Morto. Era usada para dar uma delicada coloração às mãos e aos pés.

>Ct-1.15

f) O Amado louva os encantos da sulamita (Ct 1.15)

Teus olhos são como os das pombas (15). Melhor ainda: "como pombas". A espécie de pássaro referido aqui e frequentemente no livro é a pomba das rochas. As idéias sugeridas são a constância, a graciosidade e a ternura. Cfr. **#Mt 10.16**.

>Ct-1.16

g) A sulamita expressa seu prazer no Amado e em seu ambiente (Ct 1.16-17)

Nosso leito é viçoso (16). "A relva verde" (Moffatt). **Trevas** (17). Esta palavra não se encontra em outro lugar qualquer, e sua significação é incerta. A Septuaginta dá: "tetos forrados". Cedros e ciprestes são mencionados noutras porções, juntos, como emblemas de majestade (cfr. **#Is 37.24**; **#Ez 31.8**). Provavelmente deve-se imaginar um caramanchão num bosque, e não o interior de um palácio. A viçosa fragrância de seu lugar de descanso sugere o prazer e o proveito de sua comunhão. Cfr. **#Sl 23.2-3**. Assim como a sulamita sentia satisfação nas palavras e na presença de seu Amado, semelhantemente a Igreja encontra encorajamento na aprovação e nas promessas feitas por Cristo. Ele se revelará mais plenamente quando ela o busca diligentemente, e a percepção de Sua presença e graça estimulará sua fé, seu amor e sua lealdade.

Ct-2.1

h) O Amado compara a si mesmo e à sulamita com flores, uma sugestão de beleza e de graça (Ct 2.1-2)

Eu sou a rosa de Sarom (1). Os primeiros pais da Igreja, as antigas Bíblias inglesas, as Bíblias francesas, italianas e portuguesas, e a maioria dos mais antigos comentários, reputavam essas palavras como tendo sido proferidas pelo Amado. Eruditos de épocas mais recentes estão acordes que elas foram proferidas pela sulamita. É difícil decidir entre as duas opiniões, mas, considerando o todo, o primeiro ponto de vista parece mais provável. "Sarom" é melhor compreendido como um nome próprio. Cfr. **#Is 35.2**. Um lugar que tem esse nome e é famoso devido à planta mencionada, fica ao sul do monte Carmelo, na costa do Mediterrâneo. A palavra traduzida como "rosa", devido a sua derivação, parece denotar uma planta bulbosa. O narciso de perfume adocicado, que é um dos favoritos dos orientais, provavelmente é preferível às outras plantas sugeridas. A Septuaginta e a Vulgata traduzem simplesmente "flor", enquanto Moffatt lê "um botão". **Lírio** (1). A palavra assim traduzida ocorre sete vezes no livro. Os árabes aplicam-na para qualquer flor brilhantemente colorida. Em **#Ct 5.13** os lábios são comparados a lírios, e a maioria dos comentaristas interpretam a referência como sendo a anêmona escarlate. Cfr. **#Mt 6.29**. **Vales** (1). Stuart pensa que aqui é referido um lugar definido, perto de Sarom, onde o gado real era levado para pastar. Cfr. **#1Cr 27.29**. Nestes versículos, segundo a opinião mais antiga, Cristo se apresenta como um objeto de admiração e deleite. **Entre os espinhos** (2). Os espinhos, dos quais a anêmona não infreqüentemente é rodeada, servem para destacar a beleza da flor. Essa é a finalidade do contraste.

>Ct-2.3

i) A sulamita fala de seu deleite na comunhão com o Amado (Ct 2.3-6)

A macieira (3). Atualmente a macieira não floresce na Palestina, ao sul do Líbano. Cfr. todavia, o artigo pelo dr. Law no **Dictionary of the Bible** de Hasting. Muitos comentaristas salientam que a agradável aparência, a sombra satisfatória e o doce fruto, sugeridos no contexto, correspondem todos ao abricó. Aqui mais uma vez, contudo, como Masterman diz (**Dictionary of the Bible**, de Hasting, edição de um volume), a época de sua importação da China é incerta. Quando Cristo olha para a humanidade, entre muitos dos que se esquecem de Deus, a Igreja, comprada por Seu próprio sangue, justificada pela fé, habitada pelo Espírito Santo e esforçando-se para servi-Lo, é especialmente delectável para Ele. Por outro lado, a verdadeira Igreja não estima ninguém como mais excelente que seu Senhor divino, devido ao esplendor de Seu caráter, à suficiência de Sua salvação e à satisfação de Sua amizade. **Sala do banquete** (4). Lit. "casa de vinho", que pode descrever qualquer lugar onde vinho e alimento são servidos aos viajantes. A tradução que aqui é dada sugere o interior de um palácio. Estas palavras, sem dúvida, são uma figura a respeito do desfrutamento do amor. Segundo a interpretação alegórica elas dão a tender as ordenanças públicas, e a Mesa do Senhor em particular. Para a Igreja, o lugar honrado pela presença do Senhor e de sua graciosa auto-revelação, por palavra ou sacramento, se torna uma casa de banquete espiritual. **Estandarte** (4). Uma variedade de explicações é oferecida. Fausset observa: "Amor é o nome de Deus. Foi revelado na cruz. Esse estandarte concentra em torno de nós as forças da onipotência". **Passas** (5). "Bolos de passas", segundo algumas anotações à margem. Alguns supõem que bolos feitos de farinha de trigo amassada com suco de uvas, que fermentava por ocasião de ser assado, são referidos aqui. Cfr. **#Jr 7.18**; **#Jr 44.19**. Algumas versões traduzem: "jarras de vinho", como também em **#Os 3.1** e **#2Sm 6.19**, seguindo os comentaristas rabínicos. **Desfaleço de amor** (5). Stuart cita o caso de John Welch, dos tempos do Concerto, o qual, durante sua última enfermidade, "estava tão dominado pelo sensível desfrutamento de Deus" que algumas vezes se ouvia ele dizer em oração: "Senhor, sustenta tua mão; é bastante; teu servo é apenas um vaso de barro e não agüenta mais". **Sua mão esquerda** (6). Os intérpretes mais antigos distinguiam a mão esquerda como a mão da providência, e a mão direita como a da graça.

>Ct-2.7

j) A repetida incumbência às filhas de Jerusalém (Ct 2.7)

Gaselas e cervas (7) são típicas, na poesia oriental, da beleza feminina. Tais animais são conhecidos por sua timidez. **Que não acordeis nem desperteis o meu amor** (7). Os intérpretes alegóricos entendem essa advertência como se significasse: "Não entristeçais o Espírito". **Até que queira** (7). Morgan comenta que essas palavras deveriam ser escritas em letras de ouro em cada salão onde se congregam os jovens. Esse estribilho ocorre novamente em **#Ct 3.5** e **#Ct 8.4**, marcando uma pausa em Cantares, e deixando juntos o feliz par, em cada ocasião, tal como aqui.

>Ct-2.8

II. A VISITA DO AMADO E O SONHO DA SULAMITA Ct 2.8-3.5

a) O Amado é ouvido e visto (Ct 2.8-9)

No início deste cântico o Amado toma a iniciativa. Os vers. 8-17 contam-se entre os mais belos do livro. Em mérito literário se equiparam com a melhor poesia amorosa do mundo. Após meses invernosos, vazios de vida nova e crescimento, segue-se, repentinamente, com as primeiras chuvas, a excitante primavera síria. A terra rapidamente se reveste de um manto de verde brilhante, mesclado com as variadas cores de inúmeras flores. Os prados, recentemente revestidos de verdura, despertam entre cânticos, em meio aos quais se pode discernir a nota melancólica da rola. Então é que a voz do Amado é ouvida. O quadro inteiro sugere um período de reavivamento espiritual. **A voz** (8). Quanto a esse pensamento cfr. **#Jo 10.4**; **#Jo 5.28**. **Nossa parede** (9). Alegoricamente, a parede tem sido variadamente explicada como representando o pecado, a lei ou nossa condição de mortais. **Reluzindo** (9). O original significa: "fazendo-se parecer brilhante". A beleza do Amado é vista apenas imperfeitamente. Dessa forma ele é descrito como próximo, mas apenas parcialmente revelado.

>Ct-2.10

b) O convite do Amado (Ct 2.10-15)

Inverno (11). À estação chuvosa e cheia de nuvens. **Chuva** (11). Em heb., **geshem**. Trata-se da chuva pesada de inverno, em contraste com a **malkosh**, a chuva mais tardia e mais leve, que continua por mais seis semanas. **As flores** (12). A súbita aparição das flores da primavera, na Palestina, tem sido freqüentemente comentada. **Cantar** (12). No princípio da primavera os rouxinóis e outros passarinhos da mesma espécie enchem os bosques com seu doce canto. **Rola** (12). Trata-se da rola que migra para a Palestina, aparecendo em grandes bandos pela segunda metade de abril, a derramar notas melancólicas desde a alvorada até o pôr do sol. Os comentaristas alegóricos comparam a conclamação de João Batista para que o povo se arrependesse com essa manifestação, antes da voz do Noivo ser ouvida. Cfr. também **#Jr 8.7. Já deu** (13). A forma árabe da palavra significa "avermelhou". Os figos referidos permanecem verdes, na figueira, durante o inverno, mas amadurecem rapidamente na primavera, desenvolvendo-se antes das folhas nas figueiras velhas. Cfr. **#Mt 21.19. As vides em flor exalam o seu aroma** (13). Os rabinos dizem que a palavra significa a uva tenra, quando ela aparece pela primeira vez. Em abril, no entanto, dificilmente aparece qualquer uva. Mas "florescem" é outro sentido da mesma palavra, e fica melhor aqui. **Pomba** (14). A pomba das rochas, que sempre seleciona altos penedos e profundas ravinas como lugar de descanso. Cfr. **#Jr 48.28. Fendas das penhas** (14). A palavra, segundo parece em comparação com o árabe, significa um lugar de refúgio. **Raposas** (15), ou chacais, ambos os quais animais destroem os vinhedos. Os intérpretes alegóricos explicam essa referência como apontar para os pecados sutis, geralmente em evidência em ocasiões de reavivamento ou progresso espiritual.

>Ct-2.16

c) A declaração e o desejo da sulamita (Ct 2.16-17)

Ele apascenta o seu rebanho entre os lírios (16). Essas palavras também podem significar: "o pastor entre os lírios". **Antes que refresque o dia** (17). Alguns entendem isso como o "amanhecer" e outros como o "anoitecer". **Beter** (17). Seguindo a Septuaginta, isso seria um nome próprio, e alguns identificam-no com Bitrom, uma região a leste do Jordão. Cfr. **#2Sm 2.29**. A palavra ocorre em **#Gn 15.10** e **#Jr 34.18-19**, no sentido de animais divididos por ocasião do estabelecimento de uma aliança. Algumas versões traduzem o termo como "montanhas de separação". Qualquer dessas duas traduções é preferível a outras conjeturas.

Ct-3.1

d) O Amado é perdido, procurado e encontrado (Ct 3.1-5)

Muitos comentaristas compreendem esses versículos como a descrição de um sonho. **De noite** (1). Moffatt traduz: "noite após noite". Lit., "às noites". Samuel Rutherford, citado por Aglen (El-licott's Commentary), diz: "Assim como noites e dias são melhores para as flores que o sol contínuo, semelhantemente a ausência de Cristo, ocasionalmente, dá seiva à humildade e dá oportunidade à fome, fornecendo um campo próprio para a fé mostrar-se". **Praças** (2). Havia espaços largos nos cruzamentos e nos portões, nas ruas estreitas. **Guardas** (3). Os guardas da cidade moviam-se silenciosamente pelas ruas, interrogando e tratando de pessoas suspeitas. Na Bíblia essa palavra às vezes quer dizer profetas ou pastores. Cfr. **#Is 62.6; #Jr 6.17. Um pouco** (4). Como regra geral, Cristo é encontrado próximo dos meios de graça. **Casa de minha mãe** (4). Isso implica em confessá-lo abertamente. "Mãe" tem sido interpretada de diversas maneiras, como, por exemplo, a Igreja, a nação, os judeus, a humanidade. Quanto à incumbência do vers. 5 ver a anotação sobre **#Ct 2.7**, acima.

>Ct-3.6

III. PROCISSÃO E CÂNTICOS DE SALOMÃO Ct 3.6-5.1

a) Aproximação de Salomão, com uma descrição de seu palanquim (Ct 3.6-11)

Nesta seção central, o Amado é por duas vezes nomeado como o rei Salomão, e a sulamita é por seis vezes chamada de esposa. Nenhum desses modos de referência aparece em outras porções do livro. A descrição da procissão pode indicar que o rei esteja a caminho da casa da sulamita, para conduzi-la ou para o noivado ou para o casamento. Com a questão, no vers. 6, cfr. **#SI 24.8,10; #Is 63.1**. Somos lembrados sobre Jesus a retornar no poder do Espírito depois da tentação no deserto, a fim de tornar Sua voz ouvida como a voz do noivo.

Quem é esta? (6). O pronome é feminino neutro e se refere à "liteira" (7; ver nota abaixo). Cfr. **#Gn 33.8**, Lit., "Quem é todo esse campo?" **Deserto** (6). Significa espaços abertos bem vastos, com ou sem pastagem, em distinção à terra cultivada. Os comentaristas mais antigos atribuem essas palavras à

aproximação de Israel da terra de Canaã. **Colunas de fumo** (6). O incenso era queimado à frente das procissões importantes. Fausset encontra aqui uma sugestão sobre a expiação e a intercessão de Cristo. **Perfumada de mirra...** (6). Essas palavras descrevem os mais ricos perfumes que o oriente podia fornecer. O incenso é a goma de uma árvore indiana, obtida mediante cortes feitos em sua casca. **Eis que é a liteira** (7). Moffatt traduz: "Este é o palanquim". **Valentes** (7). Cfr. #2Sm 23.8. **Palanquim** (9). A Septuaginta tem **thoreion**, "palanquim" mas é uma palavra diferente da que é usada no vers. 7. A sua derivação é incerta. **Madeira do Líbano** (9). Seria, então, cedro ou cipreste. **Colunas** (10). Os suportes do pátio. **Assento** (10). Moffatt traduz como "costa" e essa sua tradução é apoiada pelas versões grega e latina. **Púrpura** (10). Melhor, "vermelho"; algumas vezes, "vermelho escuro". **Revestido** (10). Moffatt adota outro texto e traduz: "encrustado de ébano". Esta versão segue de perto a Cambridge Bible, que diz: "trabalhando como um mosaico, do amor, da parte das filhas de Jerusalém".

>Ct-3.11

Coroa (11). Custosas coroas eram usadas por ocasião dos casamentos. O costume foi abolido na época de Vespasiano. Este versículo provavelmente foi entoado pelas companheiras da noiva, que iam ao encontro da procissão nupcial. **No dia do seu desposório** (11). Aquele mesmo dia ou algum dia passado; provavelmente esta última alternativa. Historicamente, as filhas de Jerusalém, ou Sião, viram Cristo coroado de espinhos, indiretamente pela vontade da raça judaica, da qual Ele se originou, no que respeita à Sua natureza humana. Mas no dia melhor e mais brilhante, a congregação judaica voltar-se-á para o Senhor, unindo-se a todos os santos, dando-Lhe glória como Redentor.

Ct-4.1

b) O primeiro canto de Salomão (Ct 4.1-7)

Este é um cântico, segundo o modelo do "cântico de matrimônio", geralmente usado até hoje nos matrimônios na Síria. Algumas vezes era imitado, onde apenas um cântico de amor era tencionado. Trata-se do tipo de descrição apreciado no oriente, embora não possa ser recomendado em todos os respeitos à susceptibilidade e ao gosto ocidentais. **Olhos... como os das pombas entre as tuas tranças** (1). Melhor: "teus olhos são como pombas por detrás do véu". A pomba é um emblema da inocência e da pureza. Jordan

supõe que o véu se referia a uma venda para os olhos, que brilhavam através dela. **Rebanho de cabras** (1). A cor das cabras é usualmente negra. **Que pastam no monte de Gileade** (1). A palavra traduzida como "pastam" é de sentido duvidoso. O sentido é a semelhança entre as massas de cabelo negro que estava dependurado, provavelmente na forma de tranças, e os rebanhos de cabras a descer pela colina. Gileade era o nome da serra montanhosa, a leste do Jordão, entre o extremo norte do mar Morto e o mar da Galiléia. Era uma região onde havia muitos terrenos de boa pastagem, especialmente no sul. **Teus dentes são como o rebanho** (2). Cfr. **#Ct 6.6**. O importante da comparação é a aparência branca do rebanho há pouco lavado e tosquiado. Os dentes são brancos, correspondem perfeitamente nos maxilares superior e inferior, e são completos em número. **Como um fio de escarlata** (3); ou corante; isto é, lábios vermelhos finos. **Tua frente é qual pedaço de romã** (3). Ambas as têmporas e as bochechas provavelmente são incluídas neste termo. A romã é usada pelo poeta oriental para propósitos de comparação, da mesma maneira que um poeta ocidental usaria a maçã. **A torre de Davi** (4). O edifício aqui referido não pode ser identificado. A palavra traduzida "para pendurar armas" é difícil. Cheyne, alterando o texto, traduz como "escudo". Margoliouth a considera um nome próprio e traduz como: "edificada para as bandas de Talpiote", uma vila na planície de Damasco. Moffatt tem: "adornada com troféus". As muitas jóias no pescoço são consideradas como os troféus dependurados nas paredes da torre. **Antes que refresque o dia** (6). Cfr. **#Ct 2.17** e segs. **Monte da mirra** (6). Nenhum lugar particular pode ser identificado, mas as palavras podem significar "um jardim de especiarias em terreno alto".

>Ct-4.8

c) Segundo canto de Salomão (Ct 4.8-15)

Vem comigo (8). A Septuaginta, a Vulgata, e Lutero, lendo uma alteração nos pontos vocálicos, traduzem: "para mim". As descrições sugerem lugares perigosos. **Olha desde** (8) provavelmente fica melhor traduzido como "partir desde", neste contexto. **Amana** (8) é o Abana (cfr. **#2Rs 5.12**); isto é, ou o Amanus, um prolongamento do Taurus, ou o distrito pelo qual fluía o rio Amana. **Senir** (8) é um dos três picos do Hermom. Os amorreus chamavam-no de Senir, e os sidônios de Sirion. Cfr. **#Dt 3.9**; **#1Cr 5.23**; **#Sl 42.6**. **Favos de mel** (11). O mel, caindo por si mesmo, representa aqui a fala agradável. Cfr. **#Pv 15.24**. **O cheiro do Líbano** (11). Arbustos fragrantes e aromáticos são abundantes na região do Líbano. **Jardim fechado** (12). Uma metáfora comum

na poesia oriental. Cfr. #Pv 5.15-21. "Fechado", no original, é uma palavra forte, significando "fechado e trancado". **Manancial fechado, fonte selada** (12). A fonte é a origem da corrente. As figuras sugerem a exclusiva reivindicação de Cristo ao supremo lugar nas afeições da vida. **Teus renovos** (13). Comparações com árvores e frutos são freqüentes nos "cânticos de matrimônios". **Pomar** (13). A palavra heb., **pardes**, ocorre apenas aqui e em #Ne 2.8 e #Ec 2.5. A Septuaginta traduz como **Paradeisos**. Por alguns isso é considerado como um sinal da composição posterior deste livro. A palavra parece ter origem persa. **Açafrão** (14). Esta palavra ocorre somente aqui, mas o árabe torna claro sua significação. Aqui é referido o **Crocus saturus**. O açafrão é obtido pelo ressecamento do pistilo e do estigma da flor, no sol, e então transformando-os num pó, que é então usado como condimento. **Cálamo e canela** (14). O primeiro é uma cana aromática encontrada na Índia e na Arábia Felix. A segunda é produzida quando a camada interna de uma árvore, da família do louro, é separada da casca externa e secada no sol. É uma planta nativa do Ceilão. **Aloés** (14). Esse caríssimo perfume tem um odor aromático quando queimado. É obtido de madeira de águia, que atinge uma altura de 40 metros. O "habitat" dessa árvore é no norte da Índia e na Cochinchina. Nas canções populares as alusões são, em regra geral, sem ornatos, enquanto que as árvores, nesse paraíso, são exóticas. Os frutos do Espírito também não são nativos ao coração pecaminoso. **A fonte dos jardins** (15). A tradução de Budde: "a fonte de meu jardim é um poço de água viva", é sustentada pela Septuaginta. A Cambridge Bible traduz: "Tu és a fonte de meu jardim". Ela era o motivo de seu deleite e refrigério. Cristo se agrada nas graças da Igreja e, quando finalmente, Ele a apresentar a Si mesmo, ela será uma Igreja gloriosa sem mancha nem ruga.

>Ct-4.16

d) O apelo da sulamita (Ct 4.16)

É a noiva quem diz todas estas palavras. O vento norte é o vento frio, e o vento sul é o vento quente. A influência de ambos é necessária, cada qual por sua vez. As atividades algumas vezes contrárias, do Espírito Santo, na alma, são sugeridas aqui. Contribuem para a mesma finalidade, frutificação e fragrância.

Ct-5.1

e) A resposta de Salomão (Ct 5.1)

Comei, amigos (1). Alguns intérpretes entendem que isso significa um convite para o casamento: outros o consideram como um apelo para que simpatize com o regozijo do casal de recém-casados. Stuart, porém, diz que a festa aqui referida não é a festa de casamento, mas a festa de noivado.

>Ct-5.2

IV. A RECEPÇÃO TARDIA DA SULAMITA E A BUSCA PROLONGADA Ct 5.2-7.3

a) A inesperada visita do Amado e sua partida (Ct 5.2-6)

Eu dormia, mas o meu coração velava (2). Cfr. #Mt 26.40-41; #Mt 25.5. **Minha cabeça esta cheia de orvalho** (2). O orvalho, na Palestina, usualmente cai com grande intensidade. Quanto à descrição completa do apelo por admissão, cfr. #Ap 3.14 e segs. **Vestidos** (3). A Septuaginta tem **chiton**, isto é, a veste usada sobre a pele. Tal como o homem que chegou à meia-noite, o Amado chegara numa hora inesperada e um tanto inconveniente. Mas as desculpas são superficiais. O quadro é de sono, cansaço e autocomplascência.

>Ct-5.4

Pela fresta (4). Nas casas orientais havia uma abertura acima da fechadura, para a inserção da chave, e que era suficientemente grande para admitir a mão. Talvez também houvesse uma abertura para permitir ao ocupante de uma sala olhar por ela e falar. **Entranhas** (4). Diríamos "coração". A idéia é de profunda compaixão ou intenso desejo. **Destilavam mirra** (5). A mirra que escorria naturalmente da árvore, sem qualquer incisão, era a mais preciosa. Provavelmente aqui temos uma indicação de boas vindas. **Quando ele falara** (6). Stuart traduz: "por causa de sua palavra". Ewald sugere: "quando ele se Voltou".

>Ct-5.7

b) A sulamita busca e descobre seu Amado (Ct 5.7-16)

Guardas (7). Cfr. #Ct 3.3 e segs. Ela foi vítima de incompreensão e, em lugar de ajudarem-na, espancaram-na. **Conjuro-vos** (8). Stuart comenta que uma

alma que busca a Cristo pode encontrá-lo antes que um crente desviado descubra a comunhão restaurada.

>Ct-5.9

Que é o teu amado...? (9), isto é, "Que espécie de amado?" A pergunta ocasiona a descrição que se segue. O meditar nas excelências de Cristo é um dos meios de despertar a fé e o amor. **Cândido e rubicundo** (10). Cfr. **#1Sm 16.12**; **#Lm 4.7**. **Traz a bandeira** (10), isto é, é proeminente. **Pomba** (12). A pupila e a íris dos olhos, rodeadas pelo branco formam o ponto de comparação. **Postos em engaste** (12). Lit., "engastados em plenitude". A alusão é provavelmente aos olhos bem redondos que os orientais tanto admiram. **Suas faces são como um canteiro de bálsamo** (13). A barba é perfumada. Cfr. **#Sl 133.2**. No oriente, a barba é um sinal de vigor e honra. **Lírios** (13). Uma flor vermelha. Cfr. **#Ct 2.1** e segs. **Suas mãos são como anéis de ouro...** (14). Moffatt traduz: "Seus dedos são cones de ouro encimados por topázio róseo", isto é, os dedos são delicadamente arredondados e têm belas unhas. Outros tradutores, entretanto, preferem: "suas mãos têm anéis de ouro...". **Turquezas** (14). Heb., **tarshish**, uma pedra de Társis; ou o topázio ou o crisólito, encontrado em Tartessus, antiga cidade da Espanha, entre as bocas do rio Guadalquivir. Cfr. **#Êx 39.13**. **Ventre** (14). Melhor, "corpo". **Alvo marfim** (14). O marfim, tratado pelos escultores, se assemelhava de perto, quanto à cor, com a pele dos orientais. O pescoço, o peito e os braços, as porções não cobertas pelo manto, são referidos aqui. Literalmente as palavras significam: "uma obra de marfim" ou "marfim trabalhado". Cfr. **#Hb 10.5**. **Safiras** (14). Alguns consideram que as veias azuis, aparecendo por debaixo da pele, foi a base dessa descrição. Outros comentaristas são da opinião que é referido um cinto encrustado de jóias. Cfr. **#Ap 1.13**. A safira, nas Escrituras, sugerem o céu. Cfr. **#Êx 24.10**. **Colunas de mármore** (15). O mármore tratado com azeite, conforme era algumas vezes, tomava uma coloração de carne. A imagem transmitida é de força. **Seu parecer como o Líbano...** (15), isto é, seu aspecto é, majestoso e nobre. **Seu falar** (16). Cfr. **#Pv 16.21**; **#Sl 45.2**. **Ele é totalmente desejável** (16). A tradução literal diz: "todo ele é desejável". Cristo, revelado pelo Espírito Santo, é totalmente atrativo para a alma graciosa. A Century Bible cita um "cântico de matrimônio" da coleção de Dalman, que mostra muita semelhança, na linguagem, com esta seção de Cantares.

Ct-6.1

c) A sulamita interrogada sobre a moradia de seu Amado, replica e reivindica-o para si mesma (Ct 6.1-3)

Uma impressão tinha sido produzida nas filhas de Jerusalém mediante a descrição do noivo. Desejam reunir-se na busca (1), mas ela declara que suas aflições são exclusivamente suas. Ela fala confiadamente, embora ele continue ausente. O fato que ela sabe para onde ele foi dá apoio à sugestão que, em #Ct 5.2-8, ela estava relatando um sonho.

>Ct-6.4

d) O Amado se dirige à sulamita em palavras de louvor comum (Ct 6.4-10)

Tirza (4). Essa cidade era lugar de importância e muito linda. Era a sede de um príncipe cananeu (#Js 12.24). Jeroboão I fez dela sua capital (#1Rs 14.17; cfr. #Ct 6.4). Deixou de ser a capital quando Onri, no sexto ano de seu reinado, edificou Samaria (#1Rs 16.23-24). A referência dessa cidade, juntamente com Jerusalém, tem sido indicada por alguns como uma indicação de uma data posterior para a composição do poema, ou durante o período em que Tirza era a capital, ou quando, após a restauração dos exilados, o ódio contra Samaria impediu que ela fosse selecionada. Mas, tudo quanto é requerido é uma cidade notável por seu poder e beleza. **Jerusalém** (4). Cfr. #Lm 2.15. A sulamita é freqüentemente comparada com localidades (ver #Ct 7.4-5). Contrastar com #Is 47.1 e #Ap 21.9. **Como um exército com bandeiras** (4). Lit., "uma hoste embandeirada". A Septuaginta traduz "um terror como uma falange enfileirada". Quanto ao pensamento cfr. #Êx 17.15; #SI 48.2-4. **Me perturbam** (5). A palavra só se encontra também em #SI 138.3. O significado usual teria referência ao poder enfeitiçador dos olhos. A Septuaginta traduz: "me agita", enquanto o sentido "tornar vivaz" é sugerido. Os olhares da fé e do amor prevalecem com Cristo. Os vers. 5-7 repetem, com pequena variação, a descrição da beleza da noiva, dada em #Ct 4.1 e segs., sobre o que ver anotações.

>Ct-6.8

Sessenta são as rainhas... (8). A referência entre linhas é às práticas de poligamia dos reis e pessoas ricas. Nenhuma significação especial deve ser esperada do número mencionado. Alguns têm considerado que o grupo

representa diversos graus de fé na Igreja única; outros, com maiores probabilidades, vêm aqui uma referência aos poderes mundanos. **Mas uma é a minha pomba** (9). O Rei da glória tem apenas uma noiva, embora números incontáveis de remidos componham a Igreja. **Como a alva do dia** (10), isto é, amável e cheia de promessas. A luz da lua é mais clara que a luz da alva; a luz do sol mais esplêndida que todas.

>Ct-6.11

e) A sulamita relata sua recente experiência (Ct 6.11-13)

Nogueiras (11). Comumente crescem ao norte da Palestina. Alegoricamente, o jardim das nogueiras tem sido considerado como a Palavra de Deus, que produz suas doçuras para aqueles que a usam diligentemente, regada com oração. **Minha alma nos carros do meu povo excelente** (12). Talvez seja melhor traduzir "dos companheiros de um príncipe", Budde compreende que a referência é "à carruagem nupcial", e traduz: "Enquanto eu vagueava... Quase sem consciência de meu mais profundo sentimento, meu príncipe veio e me pôs na carruagem nupcial". Julga-se que esse versículo seja o mais obscuro de Cantares, mas a sugestão espiritual de um súbito soerguimento espiritual ou de uma súbita experiência de luz e favor divinos é suficientemente evidente. Aqui, provavelmente, temos o clímax da indagação iniciada no vers. 7 do capítulo anterior.

>Ct-6.13

Ó sulamita (13). A Septuaginta traduz "jovem de Suném". Nos nomes da Palestina algumas vezes há uma troca entre o "n" e o "l". Suném era um lugar que ficava nos declives da extremidade oriental do pequeno Hermom. Alguns pensam haver uma referência a Abisai como tipo de beleza, ou ao lar da noiva. Considerar isso como "filha da paz" parece preferível. **As fileiras de dois exércitos** (13). "Como sobre a dança de Maanaim", dizem algumas versões. Cfr. #Gn 32.2. Maanaim, uma fortaleza no norte de Gileade, por algum tempo foi capital de Is-Bosete. Talvez haja uma alusão à visão de Jacó. A Century Bible traduz: "uma dança de duas companhias", e Moffatt traduz: "a dança da espada". Stuart traduz: "o conflito de Maanaim", e considera que a significação de "o conflito de dois exércitos" como a luta entre a carne e o Espírito. Por "dois exércitos" Durham entende "um excelente exército". Cheyne altera o texto para que leia: "um lírio dos vales". No todo, a tradução

dada por esta versão é a preferível, e a suposta referência à "dança da espada", comum nos casamentos orientais, é improvável.

Ct-7.1

f) O Amado a louva como uma filha de príncipe (Ct 7.1-9)

Quão formosos (1). Cfr. **#Is 52.7**; **#Lc 15.22**; **#Ef 6.15**. As palavras sugerem a nobreza do novo nascimento e enriquecimento resultante de caráter. **Voltas** (1). A Cambridge Bible traduz: "tuas coxas arredondadas". O ponto alvejado, pois, pode ser uma comparação entre os movimentos graciosos e algum ornamento em forma de pêndulo. Mas, adotando certas versões, que dizem: "as juntas", em lugar de "as voltas", temos, mediante um ponto de vista alegórico, uma notável descrição sobre a unidade da Igreja produzida pelo Espírito Santo. Cfr. **#Ef 4.16**. **Umbigo** (2). A palavra assim traduzida usualmente significa a porção inferior do corpo. Stuart a traduz como: "fecho do cinto". Julga-se que uma taça se torne mais bonita quando cheia de licor. **Monte de trigo** (2). Montes de trigo, decorados com flores, eram colocados em fileiras paralelas nas eiras orientais. A cor do trigo pensava-se ser a cor mais bonita que o corpo poderia ter. A referência, contudo, pode ser aos bordados do vestido. **Torre de marfim** (4). Decorada com marfim. Cfr. **#Sl 45.8**. As idéias sugeridas são liberdade e beleza. **Viveiros** (4). Esta versão segue de perto a Vulgata, mas não é sustentada pelo original hebraico. É melhor "tanques". **Hesbom** (4) era a antiga capital de Sião. Mais tarde pertenceu à tribo de Rúben, mas, nos dias de Isaías, estava nas mãos dos moabitas. Muitos reservatórios foram encontrados entre suas ruínas. A comparação parece apontar para a profundidade e à clareza. **Bete-Arabim** (4). Lit., "filha de multidões", indicando o número que passava por seus portões. **Torre do Líbano** (4). Uma bem conhecida torre de vigia sem dúvida é referida aqui. A palavra **nariz** também pode significar rosto. Portanto, a descrição pode referir-se a uma feição corajosa. **Carmelo** (5). Parece melhor conservar o nome próprio do que traduzir "carmesim", como fazem algumas versões. Essa montanha fica situada no norte, e de longe é vista muito acima da paisagem circundante, em solitária grandeza, e é um apropriado símbolo de majestade. **Cabelos** (5). Os cabelos negros algumas vezes têm uma tonalidade azulada. Cfr. **#Ct 3.10** e segs. **O rei está preso pelas suas tranças** (5). Uma tradução alternativa diz: "um rei apanhado e seguro por teus cachos", e outra diz: "O rei está seguro nas traves". Quanto a "traves", cfr. **#Ct 1.17** e segs. A figura de um amante preso pelas tranças da amada é comum na poesia oriental, e se encontra até mesmo na literatura inglesa. **Palmeira** (7). **Tamar**, a palavra

hebraica para palmeira, era um nome feminino comum, pois essa alta e graciosa árvore era considerada um tipo da beleza feminina. Mas também é um tipo da Igreja, ou do crente. Cfr. #Sl 92.12. **Maçãs** (8). A fragrância da maçã é altamente apreciada no oriente. **O teu paladar** (9). A referência é provavelmente à fala. O vinho reaviva o desmaiado. O evangelho proclamado pela Igreja revivifica os mortos e restaura os vivos.

>Ct-7.10

g) A sulamita o convida para acompanhá-la até o campo aberto (Ct 7.10-8.3)

Saiamos ao campo (11). É reiniciada a linguagem pastoril, e a sulamita agora é quem fala. As palavras do pedido têm sido consideradas alegoricamente como a sugerir o desejo da Igreja em sair pelos caminhos e valados, a buscar os perdidos, negando-se a si mesma, em companhia do Filho do Homem, que veio para buscar e salvar o perdido. Mas, por enquanto ela não se esquecerá do desenvolvimento da graça dentro de seu seio. Se o serviço tiver de ser sustentado e frutífero, deve ser acompanhado com a devida proporção de oração e auto-exame. **Mandrágoras** (13). Pertencem à família das batatas, e têm uma flor em forma de taça, de cor purpúrea. O fruto se parece com a ameixa, tem uma fragrância peculiar e segundo se suponha era remédio que evitava a esterilidade (cfr. #Gn 30.14 e segs.). Sua presença fixa o tempo como o mês de maio. **As nossas portas** (13). A alusão é à fruta guardada em prateleiras. Cfr. #Jo 15.8.

Ct-8.1

Ah! quem me dera que foras meu irmão (8.1). Somente um irmão que tivesse a mesma mãe e um filho de um irmão do pai tinham o direito de beijar uma jovem entre os beduínos. Cfr. #Gn 29.11. O desejo expresso é um reconhecimento público do amor entre ambos. **Na casa de minha mãe** (2). Ela desejava trazê-lo para sua casa. Prestam bom serviço a Cristo aqueles que O apresentam aos seus parentes e voluntariamente O reconhecem em sua vida familiar. **Tu me ensinarias** (2). Melhor que "que me ensinaria". **Mosto das minhas romãs** (2). Refresco feito de suco de romãs é uma bebida popular no oriente. **Sua mão esquerda** (3). O desejo por comunhão íntima com o Amado, expresso neste versículo, parece cumprir-se no vers. seguinte, em que a incumbência às filhas de Jerusalém ocorre novamente (ver #Ct 2.7; #Ct 3.5).

Compare-se quão freqüentemente, nos salmos, a bênção espiritual desejada é apresentada como já realizada.

>Ct-8.4

V. A SULAMITA E O AMADO CONVERSAM Ct 8.4-14

a) Com o Amado a seu lado, a sulamita declara seu amor, fidelidade e resolução (Ct 8.4-12)

Quem é esta...? (5). Perguntas são empregadas em Cantares para atrair a atenção e para apresentar algum quadro importante. Cfr. #Ct 3.6. As palavras relembram Israel. O amor sustenta e leva ao descanso. Também somos lembrados sobre a Igreja e sobre o crente. Da parte desses existe uma dependência e um progresso em direção ao céu. **Te** (5). No original, "te" e "tua" são masculinos, mas muitos comentaristas seguem o siríaco, o que torna essas palavras femininas. Alguns intérpretes alegóricos, seguindo certas versões, têm visto uma referência ao serviço prestado a Jesus, na cruz, de onde Seu corpo morto foi tirado, por discípulos secretos, e levado à sepultura. Talvez seja melhor, entretanto, considerar esses pronomes realmente como femininos. A descrição, nesse caso, apontaria para o lugar onde ela fora inspirada com amor.

>Ct-8.6

Põe-me... (6). Esse versículo pode ser considerado como uma das mais lindas descrições de amor que jamais foram escritas. **Selo** (6). Cfr. #Jr 22.24; #Ag 2.23. O selo, usado no pescoço por um cordão, ou na forma de bracelete, era um símbolo de algo querido. A forma mais antiga, encontrada na Babilônia, era cilíndrica. O selo lembraria a ele ou a ela, mesmo quando ele estivesse ausente dela. Cfr. #Is 49.16. **O amor é forte como a morte** (6). A morte não pode dominá-lo, embora tão poderosa para conquistar e destruir. Não conseguiu derrubar o amor de Cristo e dos mártires. A vitória, no caso de cada crente legítimo, está com o amor, mas um amor sustentado por Cristo.

Duro como a sepultura o ciúme (6). A sepultura devora tudo; semelhantemente o ciúme, que não tolera rival. A Igreja e o crente deveriam ter ciúmes da honra de Cristo. Ele tem ciúme por Seus próprios direitos. **Brasas de fogo** (6). Lit., "uma chama de Deus". Este é o único lugar onde o nome de Deus ocorre neste livro. **Certamente a desprezariam** (7). Não pode

haver substituto para o amor. Somente o amor de Cristo pode satisfazer a alma. Tal amor atinge Seu povo mediante o sacrifício da cruz. E Ele não pode ficar satisfeito com nada menos que o amor deles, em retribuição.

>Ct-8.8

Temos uma irmã pequena (8). Alguns eruditos aceitam esta declaração como se relembresse as palavras dos irmãos, nos dias passados, referindo-se à própria sulamita. Os defensores da escola alegórica entendem-nas como uma alusão profética à Igreja gentia, que no tempo devido haveria de compartilhar de todos os privilégios que anteriormente tinham estado reservados aos judeus. **Se ela for um muro** (9). O muro e a porta, por alguns intérpretes são considerados como a significar a castidade e seu oposto. O significado, pois, seria que, se ela se mostrasse virtuosa eles lhe proveriam um matrimônio digno; doutra maneira, eles tomariam as maiores precauções. Os alegoristas, entretanto, compreendem que a referência diz respeito à aceitação, por parte da congregação judaica, a chamada de Deus aos gentios, edificando-os como um templo vivo e abrindo para eles a porta da fé. **Eu sou um muro** (10). Esta é uma declaração da própria sulamita, quanto ao seu caráter virtuoso e sua maturidade. Segundo o ponto de vista alegórico isso é visto como um reconhecimento, por parte da Igreja gentia, da bondade de Deus para com ela, preparando-a para a recepção do evangelho.

>Ct-8.11

Teve Salomão uma vinha (11). Se Salomão, aqui, é um tipo do Messias, a interpretação desta seção é vista como nas parábolas de **#Is 5.1** e segs. e **#Mc 12.1** e segs. **Baal-Hamom** (11). O lugar não tem sido identificado. Deve ter sido notório devido a sua fertilidade. Aglen traduz: "um vinhedo foi para Salomão como Senhor de uma multidão". **Mil peças de prata** (11). Aqui são referidos os siclos. Cfr. **#Gn 20.16**. Não era incomum que os vinhedos fossem alugados em porções. Cfr. **#Is 7.23**. Os alegoristas salientam que essa barganha não foi cumprida pela congregação judaica, e vêem no versículo seguinte a transferência do vinhedo para os gentios. A Igreja gentia, apesar de considerar isso como sua esfera de trabalho, também deve ter a devida consideração para com o fato que aquele é o vinhedo do Senhor. As palavras são uma declaração de que, dali por diante, aquilo que interessa a Ele terá proeminência no serviço prestado por ela.

>Ct-8.13

b) O Amado, prestes a partir, solicita para ouvir a voz da sulamita (Ct 8.13)

Tu que habitas nos jardins (13). Palavras essas proferidas pelo Amado. A oração a Cristo não deve ser restringida, enquanto a Igreja se ocupa no serviço entre os homens.

>Ct-8.14

c) A sulamita deseja que a volta do Amado se apresse (Ct 8.14)

Os montes dos aromas (14). Essas palavras sugerem os lugares celestiais, onde Jesus está ocupado a interceder por nós, baseado em sua obra consumada na cruz. A oração deste versículo relembra as palavras que encerram o livro de Apocalipse: "Ora vem, Senhor Jesus".

[W. J. Cameron](#)

ISAÍAS

INTRODUÇÃO

I. ISAÍAS, O HOMEM

Entre a "santa companhia dos profetas", Isaías destaca-se como uma figura majestosa. Pela elevação e originalidade do seu pensamento, bem como pela qualidade superlativa do seu estilo, é único no Velho Testamento. Nenhum outro profeta há tão digno como ele de ser chamado "o profeta evangélico". O seu nome significa "Jeová Salva" ou "Jeová é Salvação" e, em dias de crise e catástrofe sem precedentes na história do seu povo, exortava constantemente à fé nAquele que é o único que nos pode livrar. Em horas em que a esperança parecia morta, era uma inspiração e um repto para a coragem desfalecida dos homens de Judá: O seu ministério foi longo, desde a sua chamada à missão profética no reinado de Uzias, rei de Judá, através dos reinados de Jotão, Acáz e Ezequias, com um possível interlúdio de serviço no tempo de Manassés. Durante todos estes anos revelou-se um estadista que lia o significado geral dos acontecimentos nos grandes problemas políticos da época e também um profeta verdadeiramente designado e escolhido pelo Senhor para proclamar o propósito divino com convicção inabalável e coração ardente.

O nome de seu pai era Amós (#Is 1.1; #Is 2.1), segundo uma tradição judaica irmão do rei Amazias; nesse caso, Isaías seria primo do rei Uzias. Evidentemente que é impossível alguém pronunciar-se com certeza a respeito deste problema, mas há indicações nítidas de que Isaías desfrutava, de fato, de entrada imediata e regular na casa real, além de ter acesso às pessoas mais influentes do seu tempo. Apesar disso, continuou a ser um simples e indômito porta-voz de Jeová, motivo que-ainda segundo reza a tradição -levou à sua execução no reinado do ímpio Manassés. Era casado e chama a sua mulher "a profetisa" (#Is 8.3); teve dois filhos, Sear-jasub (#Is 7.3) e Maher-shalal-hash-baz (#Is 8.3), cujos nomes constituíam prenúncio dos acontecimentos que se avizinhavam e reforçavam a mensagem do profeta. Fora disto, pouco mais se sabe da sua vida além do que o livro que tem o seu nome nos revela. Não é possível determinar com exatidão a duração do seu ministério; sabemos, porém, que, durante pelo menos 40 anos, continuou ativo, desde o último ano de Uzias, em 740 a.C., ao décimo quarto ano de Ezequias em 701 a.C., e que, durante todo este tempo, a sua mensagem e o repto que lançava aos seus contemporâneos foram inalteráveis e persistentes, fiéis a um propósito sempre

claro e bem definido -estabelecer a adoração do Senhor em justiça e verdade entre a raça escolhida.

II. INFLUÊNCIAS FORMATIVAS

A influência mais destacada e mais perdurável na vida de Isaías foi, sem dúvida, a sua chamada pessoal e direta ao ministério profético dentro do recinto do templo depois da morte de Uzias. Este acontecimento é registrado com uma beleza e um brilho tais que indicam claramente a forte influência que essa visão exerceu sobre ele através de todo o seu ministério. Provavelmente nada há em toda a literatura dos povos do Oriente que exceda a grandeza e dignidade deste trecho imortal, em [#Is 6](#). Ao entrar no recinto do templo, depara-se, de súbito, ao jovem Isaías esta visão solene e aterrorizadora- o Senhor nas alturas, o séquito celeste, os místicos serafins, o "chequiná" da santidade, a voz anunciando ao profeta, prostrado perante a majestade assim revelada, a missão de que era incumbido. No meio duma cena política conturbada e incerta, ele contempla, com todo o poder de uma revelação direta, o Senhor Deus entronizado nas alturas, e doravante poussa sobre ele o selo da Sua ordem. Não havia que fugir daí. Embora isso significasse que o profeta iria levar aos povos do seu tempo uma mensagem que não receberiam, não havia que fugir à glória da revelação assim outorgada. Foi deste modo que Isaías saiu do templo com uma nova visão e uma nova noção dos altos e santos perigos da missão que lhe fora confiada e da incumbência que ficava a seu cargo.

Antes desta experiência notável e decisiva, houvera o fruto do ministério de Amós e Oséias, o qual se devia encontrar ainda bem fresco na memória e experiência do jovem Isaías. Em épocas de crise nacional, houvera sempre em Israel, como em Judá, a mensagem do Senhor, numa ou noutra conjuntura, através da voz dos profetas, e nas palavras de Isaías descortinam-se vestígios dos elementos característicos das suas mensagens. Para alguém que resolvera firmemente no seu coração percorrer o caminho do Senhor, essas vozes deviam constituir uma inspiração incalculável, e as palavras calorosas e comoventes do profeta evangélico, ao apontar para o Redentor de todo Israel fazem lembrar os termos em que esses servos mais antigos de Jeová haviam proclamado a mensagem divina.

Além desses fatores, Isaías deve ter sido profundamente agitado pelos poderosos movimentos históricos do seu tempo. Durante o reinado do bom rei Uzias, Judá esteve em paz durante muitos anos e pouco conheceu das

dificuldades que o reino do norte teve de enfrentar. Externamente havia paz e piedade, mas por debaixo, e no próprio âmago da vida da nação, havia desassossego e um afastamento pronunciado da realidade da adoração instituída no Concerto. (Ver Apêndice 1 de Reis, "A Religião de Israel no Período da Monarquia"). Fora da pátria, o horizonte apresentava já prenúncios sombrios de invasão e crise e, apesar de todos os eleitos, Isaías deve ter visto claramente, na fase mais formativa da sua vida, que, se não houvesse um movimento de regresso ao Senhor, a catástrofe era inevitável. Em certo sentido, todos nós somos produto do nosso ambiente; chegamos à hora de prova, ou para a enfrentar em toda a sua magnitude e determinar o seu curso, ou então para sermos moldados pela sua força titânica. No caso de Isaías, temos um dos exemplos mais frisantes de uma hora grave que encontrou um homem à sua altura, e de uma voz que se ergueu no próprio momento em que mais necessário era proclamar a mensagem de Deus.

Isaías pôde trazer à tarefa que foi chamado a desempenhar um dom extraordinário, uma felicidade de expressão e uma penetração que, sob a mão de Deus, se deveriam transformar no veículo das verdades mais íntimas e profundas da revelação. Assim, equipado de forma única para o ministério a que era chamado, e preparado na escola da experiência para a prova que se avizinhava, no ano em que o rei Uzias morreu e em que o trono, havia tanto ocupado com tal distinção, vagou uma vez mais, o profeta estava pronto para a alta missão do Senhor transcendente nas alturas, e não desobedeceu à visão celestial.

III. CRONOLOGIA

Ver também Apêndice III de Reis, "Os Grandes Impérios no Período da Monarquia".

745-Tiglata-Pileser III ascende ao trono da Assíria.

740-Morte de Uzias. Jotão sucede-lhe no trono. Visão de Isaías, sendo o profeta incumbido de exercer o ministério do Santo de Israel.

736-Morte de Jotão. Acáz sucede-lhe no trono. O Reino do Norte alia-se à Síria para atacar Judá.

734-732-Tiglata-Pileser ataca e invade Israel e a Síria. Visita de Acáz a Damasco.

727-Ascensão de Salmaneser ao trono da Assíria substituindo Tiglate-Pileser.

725-Ezequias sobe ao trono, sucedendo a Acaz.

722-Ascensão de Sargom II ao trono da Assíria em lugar de Salmaneser. Tomada de Samaria. Cativo de Israel.

711-Sargom invade a Síria. Asdode é capturada.

709-Tomada da Babilônia.

705-Sargom assassinado; sucede-lhe Senaqueribe.

701-Senaqueribe invade Judá.

IV. OS REIS DA JUDÉIA DURANTE A VIDA DE ISAÍAS

Isaías nasceu no reinado do bom rei Uzias, e foi no último ano da vida desse monarca que recebeu a chamada ao ministério profético. Por consenso geral, o caráter de Uzias era exemplar, mostrando em tudo um espírito de verdadeira piedade e desejo de honrar as coisas de Deus, embora, nos seus últimos anos, o rei fosse atacado de lepra devido a um ato de orgulho (ver [#2Cr 26.16-21](#)). Durante o seu reinado, toda a nação atravessou uma fase de prosperidade e desenvolvimento material e foi com dor que o seu povo o viu desaparecer da cena numa altura em que a sua presença parecia mais necessária. Promoveu-se a adoração de Jeová, mas o rei não foi suficientemente forte para conseguir que se destruíssem os altos, onde se celebravam práticas idólatras. O seu reinado classifica-se necessariamente entre um dos mais distintos do reino do Sul. Depois dele, subiu ao trono Jotão, seu filho, que já fora regente durante o isolamento de Uzias. Trilhou as mesmas veredas que seu pai, e sob o seu cetro o povo continuou a adorar o Senhor Jeová de acordo com os mandamentos, embora se permitisse que continuassem os "aserim" e locais onde se praticava a idolatria. Um observador superficial julgaria ver provas de devoção verdadeira e profunda, mas, na realidade, não era assim. Por toda a parte alastravam rápida e espontaneamente o luxo e a sensualidade, não sendo de surpreender que, em tal ambiente, o espírito da verdadeira piedade entrasse em rápido declínio (ver Apêndice I de Reis, "A Religião de Israel no Tempo da Monarquia"). Seguiu-se-lhe Acaz, cujo reinado foi, de princípio a fim, uma autêntica crônica de

catástrofes e de destruição (ver #2Rs 16). Impetuosamente, Acaz empenhou-se em derrubar a forma estabelecida de adoração, quebrou os mandamentos em quase todos os seus pormenores, impediu a adoração no templo e acabou por fechar as portas da Casa de Deus. Deliberadamente, conspirou para obliterar a memória do culto do Senhor de todo o Israel, do Redentor, do Deus Santo. Todos os seus atos foram como que um agulhão para o caráter devoto e franco do profeta Isaías que, em público, censurou o rei pelos seus atos extravagantes em matéria de religião, reprovando os seus pecados e apontando-o ao povo como inimigo do verdadeiro caminho. Isto de nada serviu; os seus avisos e conselhos foram desprezados pela nação, à frente da qual se encontrava o rei. Depois, veio Ezequias. Ao contrário de seu pai, Ezequias procurou de muitas formas restaurar a adoração no santuário; fez todos os esforços para abolir a idolatria e para libertar o povo que governava do poder do domínio estrangeiro. No seu reinado, começou-se a fazer justiça a Isaías, que passou a ser considerado com grande favor, sendo-lhe dadas todas as oportunidades de aplicar as suas penetrantes e divinamente inspiradas faculdades de discernimento à análise dos fatos da situação sua contemporânea. Mas as sementes da loucura passada da nação começavam agora a dar fruto, e era já tarde demais para pôr em prática reformas eficazes e salutares. Estava próximo o derrubamento de Judá, acontecimento havia muito profetizado por Isaías e que nada poderia deter.

Ver-se-á claramente, pois, que não foi fácil a tarefa do profeta durante o seu longo e ativo ministério. A missão que lhe foi confiada no dia da sua chamada ficou amplamente realizada, pois a mensagem que transmitiu foi, de fato, uma mensagem de condenação, e a profecia então feita, de que anunciaria a Palavra do Senhor mas que esta, embora ouvida seria incompreendida, teve cumprimento cabal. A glória da vida de Isaías é que não se esquivou ao problema quando recebeu a chamada. Através de todos aqueles anos sombrios, enquanto a nação caminhava sem parar e com rapidez crescente para o abismo e para a catástrofe, ele continuou a proclamar a mensagem do Senhor, mantendo-se firme como uma rocha da verdade no meio das marés e redemoinhos da infidelidade e irreligião do mundo.

V. AUTORIA: O PROBLEMA ESPECIAL DOS CAPÍTULOS 40-66

a) Definição do Problema

Esta parte importante do livro de Isaías há muitos anos que apresenta espinhosos problemas de ordem crítica, e nenhum estudo do livro no seu conjunto seria completo sem referência a este assunto. Há quase um século que se afirma, se põe em dúvida e se nega que tenha sido Isaías o autor dos capítulos 40 a 66. Esta seção do livro tem sido designada por nomes diversos, como "o Isaías Babilônico", "o Deutero-Isaías" e "O Grande Anônimo", que são já lugares-comuns na literatura. Muitos admitirão prontamente, com o Prof. A. B. Davidson, que tal problema "diz exclusivamente respeito aos fatos e à crítica, não constituindo matéria de fé ou prática". Admitir-se-á talvez, também, que de ambos os lados o critério tem sido influenciado pela atitude do estudioso perante a profecia preditiva. Nesta breve introdução, a nossa finalidade será reproduzir tão objetivamente quanto possível os principais argumentos aduzidos em apoio das duas teses, visto nada se ganhar com votar ao desprezo a argumentação apresentada por aqueles que discordam de nós.

No *Dictionary of the Bible*, de Hastings, G. A. Smith escreve o seguinte: "Os capítulos 40 a 66 não têm título nem reivindicam Isaías como autor. Os capítulos 40 a 48 referem-se claramente à ruína de Jerusalém e ao exílio como fatos transatos. O autor dirige-se a Israel como se tivesse já passado o tempo da sua servidão em Babilônia, e proclama a libertação do povo eleito como imediata. Chama a Ciro o salvador de Israel, referindo-se-lhe como tivesse já encetado a sua carreira e sido abençoado com o êxito por Jeová. Porquanto, como parte da argumentação a favor da divindade única do Deus de Israel, Ciro, "vivo, irresistível e já bafejado pelo triunfo, é apontado como prova insofismável de que se haviam começado a realizar as velhas profecias respeitantes à libertação de Israel. Em suma, Ciro é apresentado, não como predição, mas como prova do cumprimento de uma predição. Se não tivesse já aparecido em cena, e em vésperas de atacar Babilônia com todo o prestígio dos seus triunfos constantes, grande parte dos capítulos 40 a 48 seria ininteligível". Há, assim, uma data bem nítida a atribuir a esses capítulos; devem eles ter sido escritos entre 555 a.C., data do advento de Ciro e 538 a.C., data da queda de Babilônia".

Esta citação apresenta da forma mais lúcida o problema que tem de enfrentar todo aquele que estuda o livro de Isaías. Além disso, é de extrema importância assinalar os diferentes pontos de vista das duas principais divisões do livro. Nos capítulos 1 a 39, por exemplo, é evidente que o profeta se dirige à sua própria geração, levando a uma situação sua contemporânea a mensagem viva do seu Deus; mas os capítulos 40 a 66 dirigem-se a uma geração surgida século e meio mais tarde, os cativos de Babilônia. Não há dúvida de que o

Espírito de Deus se poderia muito bem ter servido de Isaías para falar a uma geração vindoura e de que a predição constitui um elemento incontroverso na profecia. Todavia, aqueles que consideram estes capítulos como tendo sido escritos por um autor pertencente a uma data mais avançada afirmam que isso é forçar o critério e contrariar em grande parte o procedimento normal dos profetas de Israel, através dos quais a mensagem divina se fazia ouvir poderosamente em relação com situações vivas. Se os capítulos 40 a 48 se referem de forma tão evidente à ruína de Jerusalém e ao exílio como fatos já passados, não se deverá aceitar como provável, dizem eles, que a mensagem dirigida nesses versículos aos filhos de Israel proviesse de alguém que vivia no seu seio?

b) Argumentos a favor da unidade do livro

Dentro do âmbito deste trabalho, que não é de natureza especificamente crítica, não há possibilidade de proceder ao estudo pormenorizado deste problema. Todavia, talvez seja proveitoso resumir os aspectos principais de ambos os lados da questão.

A favor da unidade de Isaías é unânime toda a evidência invocável de fontes externas. A evidência externa é toda a favor da unidade do livro; só nos últimos cem anos é que o problema surgiu. Até então, a comunidade judaica e a Igreja Cristã consideravam, sem hesitar, todo o livro como procedente da pena de Isaías, filho de Amós. A Septuaginta não contém a menor referência a uma autoria dupla. Essa antiga convicção foi expressa de forma incomparável pelo filho de Siraque, que, referindo-se à história dos dias de Ezequias, diz que Isaías, o profeta, "viu por um espírito excelente o que se passaria no final; e confortou aqueles que choravam em Sião. Mostrou as coisas que aconteceriam até ao fim dos tempos, e as coisas escondidas antes de surgirem" (Eclesiástico 48.24-25).

A par disto há que mencionar os muitos trechos do Novo Testamento onde se faz referência a Isaías e se citam as suas palavras. "Isaías o profeta", eis como se lhe chama independentemente da parte do livro citada. Quanto às referências, distribuem-se de forma quase igual entre as duas partes do livro, sendo as da parte final ligeiramente mais numerosas. Isto, em si, confirma a evidência externa e a tradição dos Pais da Igreja.

É sempre difícil avaliar a argumentação de base lingüística, e muito se tem discutido várias considerações suscitadas por palavras e frases comuns a

ambas as partes do livro, bem como as que são peculiares a uma ou a outra dessas partes. É impossível analisarmos aqui este aspecto do problema, embora cumpra fazer alguns breves comentários sobre o significado da alusão a Jeová como "o Santo de Israel". Esta expressão ocorre em ambas as partes de Isaías mas é difícil encontrá-la alhures no cânon bíblico. Trata-se de uma das designações mais notáveis de Deus comuns a ambas as seções, e de um assunto de importância primacial.

Não se deve confiar demasiado na evidência baseada em sutis e complexas distinções estilísticas e lingüísticas entre as duas partes. Dizer, por exemplo, que a palavra equivalente a "justiça" ocorre cerca de dezessete vezes na segunda parte e apenas quatro ou cinco na primeira; que as palavras correspondentes a "trabalho" ou "recompensa" se encontram cinco vezes na segunda parte e não ocorrem na primeira; que a palavra que significa "também", ou algo de semelhante, aparece repetida nada menos de vinte e duas vezes na primeira e não ocorre na segunda; dizer tudo isso e muito mais pouco prova, visto ser fácil compilar um catálogo de palavras e expressões características de cada uma das partes do livro. A própria distinção entre essas duas partes no tocante ao respectivo tipo de mensagem dá origem a distinções de ordem lingüística. Enquanto que a primeira parte se caracteriza por tremenda energia e vigor, os capítulos 40 a 66 estão impregnados de emoção e de solene beleza, desdobrando-se nas asas de uma harmonia profunda e eterna. Como em toda a grande poesia, há trechos em que se nos deparam repetições e duplicações de frases; mas, para o estudioso objetivo, a própria grandeza da mensagem da redenção e da esperança messiânica, distinta da história direta ou de um rol de castigos que se avizinhavam para as nações circunjacentes, parecerá ser suficiente para explicar as diferenças de estilo e linguagem. Pelo que respeita ao estilo literário, até o Dr. Driver, que escolhe dezoito palavras ou frases nos capítulos 40 a 66, tem de largar mão de doze delas por haver trechos paralelos na primeira parte. Na realidade, a crítica sóbria tem afirmado que se exagerou imenso esta questão da diversidade de estilo. Verifica-se haver mais de trezentas palavras e expressões comuns às partes supostamente "anterior" e "posterior" de "Isaías" e que não têm qualquer lugar nas profecias mais recentes de Daniel, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Outro elemento a ter presente neste estado e que parece favorecer a unidade do livro é que a cor local da segunda seção, como na primeira, é principal e notavelmente a da Judéia. A este respeito, vale a pena reproduzir a seguinte citação do [Bible Handbook](#) (página 502) de Angus e Greene (tradução portuguesa: "História, Doutrina e Interpretação da Bíblia").

"Na paisagística do profeta entram rochedos, montanhas e florestas; os seus horizontes estendem-se até às ilhas do mar; os rebanhos são os de Quedar; os carneiros são os de Nebaiote; as árvores são cedros e acácias, pinheiros e buxos, os carvalhos de Basã e as alturas arborizadas do Carmelo. Sobretudo o terrível trecho que descreve a prolongada idolatria de Judá (#Is 56.9-57.21) enquadra essa cena "nos vales das torrentes, sob as fendas dos rochedos, entre os calhaus do ribeiro". "Como no solo plano, aluvial, da Babilônia não há torrentes mas apenas canais", escreve o Deão Payne Smith, "também ali não há leitos de torrentes; no entanto, estes constituem um traço comum na paisagem da Palestina e de todos os países montanhosos".

Não podemos passar levianamente por cima de evidência como esta, e a opinião do autor destas linhas é que a cor local presente é tão notavelmente palestina que pesa mais na balança do que quaisquer alusões aparentes a fatos e incidentes típicos da vida babilônica nos últimos capítulos.

Além disso, diga-se o que se disser acerca do resto dos últimos capítulos, os que contêm essa seção medonha em que se descreve a idolatria carnal de Israel afastam-se de forma tão completa de tudo o que sabemos acerca da Babilônia e do exílio judaico ali que devem ser identificados com outro local e época. É inegável que existiam muitos elementos na história pretérita de Israel e suas relações com as nações limítrofes que poderiam ser utilizados na elaboração destes trechos terríveis.

Há também que enfrentar este outro problema: como foi que um profeta tão distinto como o escritor de Isaías 40 a 66 desapareceu por completo no ouvido? Os cuidadosos registos da Igreja Hebraica nada dizem acerca de o livro de Isaías ter ainda outro autor. Em várias coletâneas, conforme se salientou, Esdras e Neemias figuravam juntos, mas os judeus jamais os confundiam, mantendo a sua identidade separada. Sem dúvida que seria um dos fenômenos literários mais espantosos de todos os tempos se o autor de um livro tão majestoso e tão sublime ficasse por nomear, e se a raça em cuja língua escreveu e cujos escribas eram tão exatos na sua compilação de registos o identificassem impensadamente com um dos seus maiores profetas.

Recentemente, os argumentos a favor da unidade do livro foram reforçados pela descoberta dos manuscritos do Mar Morto, nos quais não há qualquer solução de continuidade no manuscrito de Isaías entre o final do capítulo 39 e o princípio do capítulo 40, começando, até, o capítulo 40 na

última linha da página. É claro que não se podem extrair daqui quaisquer conclusões definitivas, mas trata-se de um fato que deve ser considerado importante como elemento de uma argumentação cumulativa.

Para terminar, não sabemos ao certo em que circunstâncias decorreram os últimos dias da vida de Isaías. Ameaçado de morte às mãos do ímpio Manassés (#2Rs 21.16), é muito possível que se visse forçado a retirar-se da cena pública para o abrigo de qualquer refúgio obscuro-uma situação algo semelhante àquela em que João escreveu o livro do Apocalipse na ilha de Patmos. Também João mergulhava o olhar no futuro e registava o que via. Por que não poderia o profeta Isaías, filho de Amós, frente ao declínio da religião autêntica na sua própria cidade de Jerusalém, "o lar dos eleitos de Deus", ser levado pelo Espírito do Senhor a ver e afirmar a esperança imperecível dos verdadeiros filhos de Sião e a proclamar às gerações vindouras a salvação incomparável oferecida pelo seu Deus?

c) Argumentos contra a unidade do livro

Deve-se, porém, admitir que a opinião dos críticos é preponderantemente contrária à unidade do livro. De fato, o Professor W. L. Wardle, escrevendo no "Comentário" do Dr. Peake, vai ao ponto de dizer acerca destes últimos capítulos de Isaías: "Nenhuma conclusão crítica é mais certa do que a de pertencerem a uma época posterior". A evidência a favor desta opinião pode-se sintetizar como se segue.

De todos, o maior problema reside na mudança de situação, tempo e lugar verificada no capítulo 40. Tudo leva a crer que as profecias que ali se iniciam parecem dirigir-se aos filhos cativos de Israel em Babilônia e numa fase do cativeiro em que a libertação parecia iminente. Se estas palavras procedem da pena de Isaías, é óbvio que ele já não é um pregador da justiça para a sua própria geração, mas um vidente arrebatado a um plano de visão de onde contempla os acontecimentos que terão lugar século e meio mais tarde. As suas mensagens proféticas tornam-se, assim, um autêntico legado para as gerações vindouras, e não proclamações inspiradas de um homem arrastado na maré dos acontecimentos contemporâneos, juntamente com os seus irmãos.

É óbvio que nada há de impossível nisto, embora seja algo diferente da prática costumeira dos profetas. Enquanto que muitos admitirão prontamente que a predição é parte essencial e integrante da profecia, no entanto parece-lhes que enfrentar assim uma situação que só surgiria volvido século e meio é

tão excepcional que se torna altamente improvável na ausência de provas concludentes em contrário. Numa nota suplementar ao seu trabalho sobre Isaías, o Professor Cheyne cita as palavras proferidas pelo Deão Bradley perante a Universidade de Oxford, em 1875, onde esboça esta opinião preditiva em termos bem vívidos:

"O Isaías", diz ele, "do tempo crítico e conturbado de Acáz e de Ezequias é, ao que se supõe, transplantado nos seus últimos dias pelo Espírito de Deus para uma época e região diferentes das suas... Em visão prolongada e solitária, é conduzido a um país cujo solo nunca pisou, e a uma geração que jamais contemplou. Desvaneceram-se e desapareceram cenas e rostos familiares rodeado dos quais vivera e trabalhara. Reduzem-se ao silêncio todos os sons e vozes do presente, e já não o impelem os interesses e paixões a que se consagra com toda a intensidade da sua raça e caráter. O presente fenecera no horizonte da visão da sua alma... As vozes que lhe soam aos ouvidos são de homens ainda por nascer, e vive uma segunda vida entre acontecimentos e pessoas, pecado e sofrimento, receios e esperanças, fotografados por vezes com a mais rigorosa exatidão no seu espírito sensível e compassivo; Isaías transforma-se no denunciador dos pecados característicos de uma geração distante, e no porta voz da fé, esperança e anseios veementes de uma nação exilada, descendente dos homens vivos na altura em que escrevia rodeado da paz profunda de uma prosperidade renovada".

Quando estudamos os trechos que se referem ao estado contemporâneo da nação, é normal presumir que as palavras que lemos são de alguém que vivia naquela altura. Mas esta posição inverte-se por completo se aceitarmos a unidade de Isaías. Se os capítulos 40 a 48 tivessem chegado anonimamente até nós, nada mais natural do que serem atribuídos à época do cativo. No capítulo 41, o escritor, em pinceladas firmes, aborda uma situação histórica que é em breve delineada com extrema clareza. Ciro, o libertador, é apresentado como um vulto de projeção mundial, e em [#Is 44.24-45.25](#) depara-se-nos toda uma série de profecias que se relacionam com a sua obra e missão. Argumenta-se que, se se trata de escritos preditivos do Isaías de Jerusalém, temos aqui uma proclamação absolutamente excepcional sem paralelo em toda a restante literatura profética. Neste contexto, frisa-se também que em parte alguma estes capítulos reivindicam a autoria de Isaías, encontrando-se, até, separados do resto do livro nitidamente seu por uma narrativa histórica de certa extensão.

Na sua recente análise de todo este assunto, o Professor C. R. North estuda em pormenor o Servo Sofredor do "Deutero-Isaías". Enquadram-se bem aqui duas citações: "Enquanto se julgou que o Livro de Isaías era, na sua inteireza, obra de um profeta do oitavo século, nada mais natural do que presumir que as partes que têm o exílio como pano de fundo fossem profecia no sentido preditivo da palavra. Por conseguinte, parecia óbvia a interpretação messiânica do Servo. Mas, mal se começou a falar num Isaías de Babilônia, os investigadores cristãos passaram a adotar o ponto de vista que havia muito prevalecia entre os judeus, a saber, que o Servo era a nação de Israel". (Do capítulo intitulado: "Interpretações Cristãs: de Doederlein a Duhm"). A página 207, escreve ele: "A objeção fundamental à interpretação tradicional messiânica é a de esta se encontrar ligada a uma doutrina demasiado mecânica da inspiração, o que parece arredá-la como indigna de consideração séria. O profeta é um mero amanuense, e aquilo que escreve nada tem que ver com as condições do seu tempo. Além disso, se isso implica que ele viu antecipadamente Alguém que só nasceria cinco ou seis séculos depois, surge o difícil problema filosófico da possibilidade ou impossibilidade de uma autêntica previsão da história".

Trata-se de afirmações de amplitude tal que exigem estudo muito mais profundo e pormenorizado do que o possível na presente obra. No entanto, exprimem de forma sucinta e enfática o ponto de vista da escola crítica a respeito do problema vertente. Pode-se perguntar com justiça, porém, se se deverá considerar adequada uma doutrina da inspiração que não inclui a possibilidade da visão profética até aos últimos recantos da história. Além disso, não foi a esperança messiânica uma das mais poderosas influências que moldaram, preservaram e purificaram o espírito de Israel? Poderia existir tal esperança sem previsão profética?

Salienta-se freqüentemente que, além de Ciro ser apresentado como um fato da história patente perante os seus olhos, esse fato é citado como prova da realização de profecias de longa data. É ele que torna difícil aceitar o argumento de que, aqui, o profeta se serve do chamado "perfeito profético" - ou seja, que, no calor do seu discurso, e na certeza da realização futura de certas coisas, empregava uma linguagem que implicava terem-se já cumprido os acontecimentos a que faz referência. George Adam Smith formula este argumento como se segue:

"Não é só que a profecia, com o que poderia ser mero ardor visionário, apresenta o Persa como erguendo-se já acima do horizonte, na maré alta da

vitória mas que, no decurso de sóbria argumentação a favor da divindade única de Deus de Israel-argumentação essa que se desenrola dos capítulos 41 a 48-Ciro, vivo e irresistível, e já bafejado pelo triunfo, com Babilônia prostrada a seus pés, é apontado como prova insofismável de que se haviam começado a realizar as velhas profecias respeitantes à libertação de Israel. Em suma, **Ciro** é apresentado, não como predição, mas como prova do cumprimento de uma predição. Se não tivesse já aparecido em cena, e em vésperas de atacar Babilônia com todo o prestígio dos seus tempos constantes, grande parte de **Isaías 41 a 48** seria completamente ininteligível".

Deixando agora o estudo da citação histórica, pode-se notar que a própria evidência constituída pela falta aparente de cor local típica de Babilônia é apresentada como um forte argumento a favor de uma data coincidente com o exílio. Os exilados de todos os tempos e de todas as raças têm o costume de viver rodeados do espírito do lar por que anseiam. O próprio desgosto que lhes pesa no coração torna-lhes impossível transformarem-se em verdadeiros cidadãos de uma cidade estrangeira, e instintivamente surgem pensamentos relacionados com uma cena diferente. O mesmo aconteceria com os judeus, banidos como foram de Sião, cidade do seu Senhor. Além disso, teriam presente grande parte da sua literatura, cuja beleza e grandiosidade impregnaria a sua alma. Isto, e não as planícies estéreis, planas, do país do seu cativo, seria a fonte da sua inspiração quando falavam.

Tudo isto é bem evidente. Mas há quem afirme também que se exagerou muito a ausência de cor local nas profecias de **Isaías**. Aqui temos, por exemplo, uma afirmação nesse sentido: "... vislumbres constantes de luz e sombra babilônica que se projetam em nosso caminho-**os templos, as casas onde se faziam ídolos, as procissões de imagens, os adivinhos e astrólogos, os deuses e altares especialmente mantidos pelo espírito mercantil característico da terra; a navegação daquele empório internacional, as multidões dos seus mercadores; o relampejar de muitas águas e, até, o brilho intolerável que é uma maldição tão freqüente dos céus da Mesopotâmia (#Is 49.10)... Os animais que o profeta menciona têm, na sua maioria, sido reconhecidos como familiares em Babilônia; e, posto que o mesmo se não possa dizer das árvores e plantas que ele nomeia, observou-se que os trechos em que ocorrem são justamente aqueles em que os seus pensamentos se encontram fixados na restauração da Palestina"** (G. A. Smith. **The Book of Isaiah**, II, págs. 13 e segs.).

Finalmente, assevera-se que o contraste entre Jeremias e o livro de Isaías pelo que respeita à forma de predição do cativo é inteiramente único se, de fato, os capítulos 40 a 66 forem anteriores ao exílio. Jeremias falava do exílio e da certeza da libertação, mas sempre no futuro. Predisse aberta e nitidamente ambos estes acontecimentos, mas com uma reserva e reticência de pormenores que, segundo se diz, são inteiramente inexplicáveis se estes últimos capítulos de Isaías tivessem sido já escritos, e por um profeta tão destacado. O apelo do profeta dirige-se a um povo que sofre há muito sob a mão do Senhor; e é a homens e mulheres cuja consciência fora avivada e tornada sensível à sua culpa pelo poder punitivo das provações e do desgosto que é dada a esperança da libertação, sendo Ciro, o libertador, proclamado como instrumento do seu Deus.

d) Sumário da evidência

A favor de uma autoria dividida, vimos que o livro não contém qualquer evidência diretamente explícita que prove ter sido inteiramente escrito pelo próprio profeta; que os capítulos 40 a 66 em parte alguma reivindicam a autoria de Isaías, e que apresentam o exílio, não só como um acontecimento transato, mas também como próximo do seu fim, com Ciro prestes a provocar a queda da Babilônia. Além disso, a restante evidência existente—linguagem e estilo, teologia e ponto de vista da mensagem do profeta—de forma alguma entra em conflito com a teoria de uma data ulterior. Há um outro problema para o qual alguns estudiosos chamaram a atenção—o de uma teoria demasiado mecânica da inspiração, que põe o profeta a escrever acerca de coisas sem relação com o seu tempo e a falar do Servo sofredor de Deus como Alguém muito distante da cena contemporânea.

Por outro lado, notamos que a evidência externa favorece inteiramente a unidade do livro; que o argumento da linguagem milita tanto a favor dessa unidade como do seu oposto, se não mais; que a cor local é predominantemente a da Judéia; que há certos passos nos capítulos 40 a 66 que, até do ponto de vista crítico, devem ser anteriores ao exílio; e que é difícil explicar o desaparecimento de autor tão notável do palco da história e do campo da literatura.

No primeiro parágrafo desta seção, tivemos ensejo de nos referir ao ponto de vista do Dr. A. B. Davidson. Eis como ele formula a sua conclusão final: "Tais problemas deveriam ser mantidos o mais afastados possível de toda a interferência com os artigos de religião. Como poderá afetar a condição

religiosa de cada um o fato de se crer ou não que seja Isaías o único autor das profecias que lhe são atribuídas, ou de se lhe acrescentarem outros autores? Seja-me permitido dizer que acho que devíamos repudiar e sentirmo-nos ofendidos com as tentativas que se fazem para transformar este problema num artigo de fé religiosa, e procurar formulá-lo de modo que se não transforme em tal".

Embora seja assim, permanece o fato que "a aceitação quase unânime, durante vinte e cinco séculos, da autoria de Isaías para todo o livro conhecido pelo seu nome só pode ser explicada pelo fato de tal opinião estar plenamente de acordo com o conceito da profecia apresentado na Bíblia em geral" (O. T. Allis, "[The Unity of Isaiah](#)", página 122). Se se aceitar a predição como elemento fundamental da mensagem do profeta; se ao dirigir-se aos seus contemporâneos, ele aponta para Aquele que deveria nascer; e se, para ilustrar os poderosos movimentos providenciais da história, Deus o faz ver antecipadamente o que vai suceder para que ele possa pregar com maior efeito ao seu povo, e também para que a crônica de épocas subseqüentes possa autenticar a mensagem profética então é inevitável concluir que o livro de Isaías é indivisível.

O livro de Isaías divide-se naturalmente em duas partes distintas: capítulos 1 a 39, e capítulos 40 a 66, que devem ser tratadas e consideradas separadamente. Ver a Seção V da Introdução.

CAPÍTULOS 1-39

I. PROFECIAS REFERENTES A JUDÁ E JERUSALÉM Is 1.1-12.6

>Is-1.1

a) Os argumentos do Senhor (Is 1.1-31)

1. TÍTULO E INTRODUÇÃO (#[Is 1.1](#)). É evidente que este versículo se relaciona apenas com os primeiros doze capítulos e não com todo o livro, visto mencionarem-se Judá e Jerusalém como os temas a ser tratados.

Já se perguntou qual o momento no tempo a que se faz referência neste capítulo. A partir do vers. 7, vemos que o país fora assolado pelos horrores de

uma terrível invasão, e todos os indícios parecem indicar que se trata da invasão de Judá por Senaqueribe em 701 a.C. A ser assim, este capítulo foi escolhido e escrito à guisa de introdução por Isaías numa fase já tardia da sua vida. A cena que enfrenta ao contemplar o mundo do seu tempo é suficientemente representativa para que o profeta a considere típica da atitude de Israel para com a palavra e a vontade de Jeová. Como diz George Adam Smith: "Trata-se de um enunciado claro e completo dos conflitos entre Jeová e o Seu povo durante todo o tempo que Isaías foi profeta do Senhor. É a mais representativa de todas as profecias de Isaías, um sumário talvez melhor do que qualquer outro capítulo do Velho Testamento da substância da doutrina profética, e uma ilustração muito vívida do espírito e método proféticos" (**Isaías**).

>Is-1.2

2. INTRODUÇÃO (**#Is 1.2-9**). Esta introdução de Isaías assume a forma de um grande julgamento-a grande acusação, como Ewald lhe chama, formulada contra o povo escolhido. Deus é ao mesmo tempo queixoso e juiz. Céu e terra são chamados a apoiar a queixa (2), sendo o profeta a principal testemunha. A acusação feita contra o povo escolhido é de rebelião absoluta nascida do seu coração ímpio e antinatural. Aí se radicavam todos os males que assolavam o país. Embora a mensagem do Senhor Deus tivesse sido transmitida pela boca dos profetas Amós e Oséias, não lhe haviam dado ouvidos, e a perversidade daquele povo conduziu a muitas infrações patentes da lei moral. O resultado de tal estado de coisas é que Aquele que os havia criado e mantido continuava desconhecido e a desgraça que se abatera sobre o país constitui testemunho eloqüente da realidade deste afastamento da fé.

Fala o Senhor (2). É significativo que, no próprio começo deste livro, Isaías acentua o fato de ele conter a mensagem autêntica do Senhor Deus (ver **#Sl 1.4**; **#Dt 32.1**). Note-se a ênfase desta afirmação de rebeldia: "Criei filhos e exalcei-os, mas eles prevaricaram contra Mim". **O boi... o jumento** (2). Os próprios animais do campo são capazes de demonstrar uma dependência e uma dedicação mais natural e mais perfeita do que o povo escolhido do Senhor. **O Santo de Israel** (4); esta expressão aplicada ao Senhor não ocorre antes do tempo de Isaías. É provável que seja criação sua. A visão que lhe veio dentro do Templo foi de um Senhor sentado num alto e sublime trono (**#Is 6.1**), de um Senhor superlativamente santo (**#Is 6.3**); e foi, sem dúvida, movido por essa inspiração no próprio início do seu ministério que Isaías continuou a referir-se a Deus como o Santo de Israel. Não é possível

determinar todo o significado desta expressão para Isaías, mas provinha de alguém que vira o Senhor e que, em todo o seu ministério subsequente, se consagra a dar ao seu povo igual consciência da majestade e poder dAquele a quem ele contemplara dentro do santuário. Temos aqui como que um relicário da glória e beleza da santidade, tudo compreendido na personalidade de Deus, o autor do Concerto.

>Is-1.5

Se mais vos rebelaríeis? (5). A vossa terra está assolada... (7). Durante a vida de Isaías, ocorreram pelo menos três invasões do solo sagrado de Judá, uma delas pelas forças combinadas de Israel e da Síria cerca de 734 a.C., e as outras pelas forças dos assírios -a primeira sob o comando de Sargom em 712 a.C., e a outra sob o comando de Senaqueribe em 701 a.C. (Ver apêndice 3 do livro de Reis, "Os Grandes Impérios no Período da Monarquia"). O ataque sírio vem mencionado no capítulo 7, e os outros nos capítulos 22 e 26. **Numa subversão de estranhos (7).** Uma variante sugerida por Ewald produz um efeito muito mais forte: "... numa subversão como a de Sodoma". **Filha de Sião (8).** Trata-se de uma personificação, aludindo a referência à Cidade Santa. Esta expressão não é infreqüente nos escritos mais especificamente poéticos do Velho Testamento. Ver **#2Rs 19.21; #Sl 45.12.** Cheyne salienta que em **#Lm 2.8** esta expressão parece designar a cidade sem quaisquer habitantes; enquanto que em **#Mq 4.10** parece aplicar-se aos habitantes sem a cidade. O quadro evocado é o de Jerusalém desolada, contemplando as ruínas que ficaram depois de a violenta maré da batalha e da invasão se ter perdido à distância. No vers. 8 as várias idéias da cabana, da choupana, ambas abrigos toscos erguidos nos campos durante a colheita e da cidade sitiada são todas quadros de solidão. **Já como Sodoma seríamos,** isto é, teríamos sido totalmente destruídos. Assim, logo no princípio do seu livro, Isaías introduz uma expressão significativa, o **remanescente (9).** A promessa divina desde eras passadas diz respeito à continuidade da raça escolhida e Àquele que sairia do meio do povo de Israel. A ênfase recai sobre a soberania do propósito divino. É o Senhor que deixa um remanescente. É pela Sua graça que a nação não é totalmente derrubada numa catástrofe semelhante à que engoliu Sodoma e Gomorra. Ver nota sobre **#Is 7.3.**

>Is-1.10

3. FORMALISMO NA ADORAÇÃO E A EXIGÊNCIA DIVINA (#Is 1.10-17). Nesta parte das suas profecias, Isaías descreve as muitas maneiras como

os filhos de Israel, aqui ousadamente designados como o povo de Gomorra (10), procuravam o favor de Deus sem de qualquer forma satisfazer os altos e santos requisitos dos mandamentos. Orlações, luas novas, sábados, incenso, o sangue de bezeros e a gordura de carneiros, a assembléia convocada e o encontro solene (11-14). Estavam patentes aqui todos os adornos externos da vida religiosa, mas faltava o essencial da fé, e o povo observava um aparato vão sem o espírito que constitui o cumprimento de toda a lei. Contrastando com esta terrível negação da fé, o profeta expõe a lei eterna e os requisitos do Santo de Israel (16-17). O fundamental era a retidão e o cumprimento da ordem de atender necessidades como as dos órfãos e das viúvas. Temos aqui uma das mais nobres passagens de Isaías, freqüentemente comparada com as severas e inequívocas profecias de Amós (ver #Am 5.15, etc.).

>Is-1.12

Pisar os Meus átrios (12). Esta tradução não reproduz todo o conteúdo do original, a que anda aliada uma idéia de afronta. O sentido é pisar a pés os átrios do Senhor. Surgir perante o trono do Senhor Deus com toda a aparência de constituir um insulto para o céu e uma afronta para toda a glória da revelação do divino poder e santidade. **Solenidades** (14). Eram estas as festividades engastadas no próprio coração da lei e mandamentos de Deus. Quando delas andava ausente o estado de espírito que as transformava na expressão de um amor e de uma dedicação que procuravam tão-somente a Deus, até os sábados, a festa do Pentecostes, a festa da Páscoa, das trombetas e dos tabernáculos, o dia da propiciação-tudo se Lhe tornava odioso, uma ofensa contra o Seu glorioso mandamento. **Sangue** (15), em hebraico, "sangues", isto é, manchas de sangue. **Lavai-vos, purificai-vos** (16). Não bastava a purificação cerimonial; esta tinha de ser acompanhada de uma reforma positiva. **Praticai o que é reto** (17). Este versículo coloca-nos perante alguns dos males sociais que Isaías tanto se esforçava por condenar. Ver o vers. 23 mais abaixo.

>Is-1.18

4. CONDIÇÕES DE BÊNÇÃO (#Is 1.18-20). Com estas palavras, apresenta-se ao povo o ponto crucial da questão. Note-se a maneira como Isaías acentua o poder da razão. "Deus discute com o homem -eis o primeiro artigo de religião para Isaías. O profeta salienta mais o aspecto intelectual do sentido moral do que o outro, sendo característica de toda a sua carreira a freqüência com que neste capítulo emprega as palavras saber, considerar, raciocinar" (G. A. Smith, *Isaiah*, pág. 10). **Vinde então e argú-Me** (18). Cheyne traduz esta

frase da seguinte forma: "Vinde agora, encerremos o nosso raciocínio". Por outras palavras, só há uma resposta final à rebelião do homem-o perdão livre de Deus.

A oferta de perdão aqui feita não constitui a continuação de um raciocínio de conjunto, mas o final de um debate e a conciliação de uma dissensão: **Escarlate... carmesim** (18), termos praticamente sinônimos que designam o vermelho vivo obtido da cochonilha (um inseto) e que contrastam fortemente com a cor da neve e da lã natural, não-tingida.

>Is-1.21

5. CASTIGO E REDENÇÃO (#Is 1.21-31). Esta passagem suplementar no final do primeiro capítulo exprime de forma concentrada a certeza do castigo divino para todos quantos desobedecem e se revoltam (#Is 21-24,28-31), e a certeza da redenção do Senhor, que será bem real e não tardará (25-27). Virão certamente tribulações, mas serão definitivamente arredadas, e o Senhor Deus remirá Sião e o remanescente do povo.

>Is-1.23

Os teus príncipes são rebeldes... (23). A forma como as classes dirigentes se haviam entregado à corrupção e à opressão é sempre descrita em termos ousados por Isaías. A doença partia da cabeça e alastrava por toda a estrutura política. Ver o vers. 17 acima. **Purificai inteiramente** (25), literalmente, com um álcali, tendo o profeta ido buscar a metáfora aos processos de fundição. Ver vers. 22. Ao fazer ligas de prata, costumava-se usar estanho ou chumbo. Os carvalhos e os jardins (29) estavam associados com a idolatria e ritos pagãos.

Is-2.1

b) Descrição da glória da era messiânica (Is 2.1-4.6)

Os capítulos 2 a 4 constituem em si um livrinho de ditos proféticos e inspirados. Há aqui seis breves oráculos, todos eles muitos provavelmente atribuíveis à primeira fase do ministério do profeta.

1. UMA PROFECIA MESSIÂNICA (#Is 2.1-4). Este trecho vem repetido em #Mq 4.1-4 (ver notas). O quadro que nos é apresentado é o da era messiânica,

na qual a cidade santa será demandada por todas as nações para aprenderem o verdadeiro caminho, e na qual o reino da paz universal será introduzida pela obediência do povo à mensagem revelada do Senhor (2-3). Então será estabelecida a justiça, e a lei divina rodeará toda a terra (4).

Visão... (1). Uma vez mais o profeta acentua que a sua mensagem diz respeito a Judá e a Jerusalém. Como era aqui que o remanescente escolhido deveria estar, nada mais próprio do que o autor se referir constantemente a estes lugares. **O monte da casa do Senhor** (2), ou seja, o Monte Moriá, onde o templo se erguia. Prediz-se aqui enfaticamente que a verdadeira adoração do Deus vivo acabará por prevalecer, nos últimos dias, sobre todas as outras formas de adoração ou devoção religiosa, as quais, pela sua própria natureza e pelo fato de serem alheios à revelação autêntica, se revelam falsas e insatisfatórias. **Muitos povos** (3), isto é, nações. **De Sião** (3); esta profecia cumpriu-se à letra. Foi na cidade santa que o nosso Senhor sofreu a rejeição, e foi do cenáculo nessa mesma cidade que a Palavra se disseminou por todas as nações; ver **#Jo 4.22**; **#Lc 24.47,49**. **Sobre as gentes** (4). O sentido correto é: "entre as nações". As causas de tudo o que contribui para conflitos serão julgadas pelo Senhor Deus e pelo Seu Messias, e a Palavra pronunciada, não o poder armado do homem, será o critério de arbitragem. Comparar o vers. 4 com **#Jl 3.9-10**.

Em vista da importância dada à cidade santa e ao Monte de Sião nesta passagem, tem-se freqüentemente sugerido que se trata talvez de uma intercalação muito tardia no texto, e que, portanto, se lhe deveria atribuir uma data posterior ao exílio. Tal argumentação equivale a forçar os pressupostos doutrinários e críticos ao máximo. O profeta, que recebeu a mensagem do Senhor Deus dentro de recinto do templo e que dali saiu com a Palavra de Deus vivo na sua boca, não podia deixar de ter consciência bem funda do significado da cidade santa nos propósitos de Deus; ao raiar no seu espírito a visão da glória futura no reinado do Príncipe da Paz, parecer-lhe-ia que só num local ela se poderia realizar de forma condigna, a saber, na cidade Santa.

>Is-2.5

2. O DIA DO SENHOR: CASTIGO E PROVAÇÃO (**#Is 2.5-22**). A esta visão de bênção futura segue-se uma acusação renovada da raça escolhida (5-9). Vem depois uma descrição da forma do castigo que necessariamente cairá sobre ela visto ela teimar em se afastar do Senhor Deus (10-22). Este dia do Senhor acumulará forças como uma violenta tempestade e virá

inexoravelmente do norte para a orla marítima, avassalando e esmagando no seu curso tudo o que é alto e elevado, dos cedros do Líbano (13) aos navios de Társis (16). Assim será abatido o orgulho do homem e castigado o seu pecado.

Ó casa de Jacó... (5); versículo de transição do quadro do domínio universal do Senhor para a descrição dos pecados de Judá. Mas (6). Os versículos que se seguem apresentam as razões que o profeta invoca para o regresso ao Senhor Deus. Só se andarem na luz do Senhor (5) é que a profecia precedente se poderá realizar. Citam-se aqui quatro grandes motivos do desagrado divino: ligação com povos estrangeiros (6), imitação servil das práticas pagãs de tais povos (6), dependência das meras reservas financeiras e bélicas (7), e adoração dos ídolos (8). Se associam (6) com os filhos dos estranhos e dos pagãos, ou melhor: apertam-lhes a mão, fazendo um pacto com eles. Comparar o vers. 10 com os vers. 19 e 21.

>Is-2.16

Navios de Társis (16), os maiores navios conhecidos ao tempo, os que efetuavam a longa travessia para Társis. Társis era talvez Tartessus, na Espanha, embora haja quem seja de opinião que ficava na Itália e que os seus habitantes eram tirrenos ou etruscos. Ver 23.1n. Todas as pinturas desejáveis (16). Têm-se sugerido traduções diferentes para este passo, mas o sentido é bem evidente: o de serem derrubados todos os objetos de desejo. E todos os ídolos totalmente desaparecerão (18). É este o grandioso e dramático ponto culminante que o profeta aguarda. Na consumação dos atos poderosos de Jeová, o derrubamento de todas as divindades estranhas e falsas será absoluto e total; nada permanecerá de pé quando Ele surgir (ver #MI 3.2). Então os homens se meterão nas concavidades das rochas (19); ler os vers. 10 e 21. Vemos um povo que foge das suas casas perante o invasor e que procura abrigar-se nas montanhas (ver #Ap 6.15-16). A destruição é tão completa que aqueles que outrora se dedicavam devotamente às práticas idólatras dos pagãos as repudiarão com nojo e ódio, lançando-as às pragas dos campos e das casas (20). Deixai-vos, pois, do homem (22), isto é, de confiar apenas no homem. Só no Senhor Jeová há poder, suficiência e força perdurável.

Is-5.1

c) Os castigos de Deus sobre o pecado (Is 5.1-30)

Este capítulo começa sob a forma de um lamento cujo tema é uma história sobre a vinha do Senhor (1-7). Num trecho de extraordinário vigor e sublimidade, o profeta dirige-se aos ouvintes que o cercam e leva-os habilmente a concordar com o julgamento que ele vai pronunciar sobre a nação. A mudança súbita de ritmo no vers. 7, e o emprego da assonância nesse mesmo versículo, acentuam a mensagem severa e incisiva do ministro de Jeová. Segue-se um lamento sêxtuplo: a sentença do amor eterno sobre os proprietários rurais cobiçosos (8-10), sobre os ébrios (11-17), sobre os descrentes (18-19), sobre os inimigos da ordem moral (20), sobre os homens confiantes em si e experientes do mundo (21), e sobre os juízes dissolutos e injustos (22-24). Segue-se a declaração severa e inequívoca de que o próprio Senhor chamará as terríveis e infatigáveis hostes dos assírios para destruir a terra de Judá (25-30).

1. A PARÁBOLA DA VINHA (vers. 1-7). Neste versículo, o profeta torna a acentuar a mensagem dos capítulos precedentes. Judá apostatou, o que constitui simultaneamente um desgosto para Deus e a causa do derrubamento e condenação daquele povo. Fez-se tudo o que se podia ter feito para que a vinha desse bom fruto, mas baldadamente (2,4). Nada resta senão arrancar pela raiz as defesas dela e destruir tudo o que lhe pertencera no passado (5-6). Segue-se inevitavelmente, e com tremendo vigor, a aplicação do vers. 7.

Ao meu amado (1); ao meu Amigo, isto é, Jeová. O objetivo desta introdução é captar a atenção dos circunstantes para a mensagem que se vai seguir. **Um outeiro fértil** (1); o lado mais soalheiro das encostas rochosas era sempre preferido para a vinicultura. Note-se a ênfase sobre a intenção de permanência no trabalho e plano do Amado-fertilidade mediante a remoção das pedras; produção e desenvolvimento mediante a feitura do lagar, que seria escavado na rocha; defesa mediante a construção de paredes, sebes e torres. Através das Escrituras Sagradas é evidente esta maravilhosa intenção de Deus relativamente a Israel. "Ah, se tivesses dado ouvidos aos Meus mandamentos, então seria a tua paz como o rio, e a tua justiça como as ondas do mar" (**#Is 48.18**). **Às nuvens darei ordem** (6). Das palavras finais deste versículo é evidente que o profeta alude ao Senhor Deus. O guardador da vinha é o Senhor de toda a terra. **Opressão... clamor** (7). Temos aqui a definição do que fora mencionado parabolicamente sob a forma de "uvas bravas" (2,4). O clamor é o apelo de auxílio lançado pelos oprimidos.

>Is-5.8

2. DENÚNCIA DOS MALFEITORES E DECLARAÇÃO DOS CASTIGOS FUTUROS (vers. 8-24). Pronunciam-se aqui seis "ais" sobre determinados males. No primeiro (vers. 8-10), os proprietários rurais gananciosos são denunciados pela forma como procuram continuamente ampliar os limites das suas possessões, pisando a pés os pobres e os que não têm terras; na sua ganância, expulsavam os antigos donos das suas terras, criando para si latifúndios. Em breve virá a recompensa inevitável. A terra ficará desolada e as colheitas serão escassas e insatisfatórias. **Geiras** (10); esta palavra significa literalmente "jugos"; um "jugo" era o que uma junta de bois, isto é, dois bois, consegue lavrar num único dia. Um bato (10), uma medida líquida equivalente a um efa de medida para secos, pouco mais de trinta litros. Trata-se, pois, de uma quantidade ridiculamente pequena para uma área tão vasta de terra lavrada. **Hômer** (10), cerca de 315 litros-portanto, uma produção que mal chega a um décimo de porção semeada. O segundo "ai" (vers. 11-17) consiste numa severa denúncia de todos os que se entregam à dissipação. Tal conduta leva gradualmente a nação à ruína e abre as portas da escravidão aos cativos (13-14). Esquecer Deus no planeamento da vida é facilitar a destruição certa e levar o povo à condenação inevitável reservada para os maus. **Até que o vinho os esquenta** (11). Isaías refere-se várias vezes ao alcoolismo, o que sugere a sua prevalência. Ver vers. 22, e comparar com **#Is 19.14; #Is 24.20; #Is 28.1,7. Será levado cativo** (13), para o exílio. **Sepultura** (14), isto é, o Seol ou Hades. Ver **#Jó 11.8; #Jó 14.13.**

>Is-5.18

No terceiro "ai" (vers. 18-19), o profeta dirige-se àqueles que se apegam ao pecado e que, com a sua conduta, incitam Deus a revelar-Se em castigo. As suas próprias ações fazem lembrar cordas que arrastam os resultados do pecado. Atente-se nas palavras de G. A. Smith: "É notável esta imagem de pecadores que zombam da aproximação de uma calamidade quando, de fato, a puxam sobre si, como se o fizessem com cordas".

Cordas de carros (18), isto é, uma corda grossa que sugere a enormidade do pecado.

>Is-5.20

O quarto "ai" (vers. 20) dirige-se contra aqueles que, pelas suas palavras e comportamento, procuram derrubar a ordem moral estabelecida. As últimas duas frases são, na realidade, uma ilustração da primeira.

>Is-5.21

O quinto "ai" (vers. 21) dirige-se contra os que procuram ordenar a sua vida à luz do seu próprio entendimento. A confiança em si mesmo é um crime de corações insensatos que se esquecem de Deus nos seus planos. O espírito de dependência é a única coisa que pode manter o coração justo aos olhos de Deus.

>Is-5.22

O sexto "ai" (vers. 22-24) parece visar os juízes corruptos, ironicamente descritos como "poderosos para beber vinho, e homens forçosos para misturar bebida forte". O que aqui salta à vista é, porém, a sua rejeição da lei e o seu desprezo pela mensagem de Deus, mais do que propriamente a sua propensão para a embriaguez (ver vers. 11 e 12 supra). Tais homens serão como palha que arde numa fogueira, e como uma planta podre que não tem possibilidade de florescer. A negação da justiça aos justos constitui um tema que se repete (ver 1.17,23n.).

>Is-5.25

3. A IRA DE DEUS (vers. 25-30). É este o golpe final do castigo divino. Tinha havido anteriormente indicações do âmbito e poder do castigo que se avizinhava, enviado por uma deidade vingadora; agora, soa aos nossos ouvidos uma mensagem final, enfática, cheia de colorido. Nestes versículos magníficos, vemos um inimigo irresistível que se abate sobre a nação e a domina, vindo dos extremos da terra. As forças invasoras não são aqui mencionadas por nome, mas o profeta refere-se naturalmente ao poder acumulado dos exércitos assírios que, embora poderosos, iriam ser mais tarde eclipsados por um poder ainda maior-o de Babilônia. Cairão eles sobre as cidades indefesas de Judá-homens que não sentem o cansaço e que marcham em filas cerradas (27), com os seus cavalos e carros preparados para uma batalha decisiva (28), e soltando gritos de guerra que inspiram terror em todos os corações (29-30). Assim se realiza decisivamente o terrível castigo do Senhor Deus, sendo consumido e esquecido o povo que olvidara os Seus mandamentos.

Nações (26). Em vez de "nações" leia-se "nação". Ver **#Am 6.14. Assobiarão** (26), isto é, chamarão ao ataque a nação invasora. **As unhas dos seus cavalos**

dir-se-iam de pederneira (28). Os cavalos dos antigos não eram ferrados, e sugere-se aqui que o invasor não seria detido pelo fato de os seus cavalos eventualmente ficarem coxos. **Arrebatarão a presa** (29) uma referência ao costume assírio de despovoar as cidades conquistadas. **Como o bramido do mar** (30). Nota-se aqui uma alteração, tanto na metáfora como no ambiente. Surge perante nós o quadro do mar encolerizado, sobre o qual se abatem trevas palpáveis. O sol está oculto, e a luz do céu é ensombrada e estranha. Toda a cena está impregnada de um sentimento de cataclismo e caos. Assim termina a senda do coração pecador e da nação pecadora.

Is-6.1

d) A chamada de Isaías (Is 6.1-13)

Isaías tem conhecimento da morte do rei Uzias, e logo, cômico, ao que parece, do desgosto nacional ante as dificuldades e perigos que a nação tinha agora que enfrentar, penetra nos átrios do templo para se aproximar de Deus. É então que raia perante os seus olhos a visão relatada neste capítulo. Pouco antes, oprimiam-no o abandono a que o país se encontrava votado e o trono vazio, mas agora vê o Senhor Deus nas alturas, com todo o poder do universo às Suas ordens (1). No pensamento e ânimo do profeta agigantava-se neste momento a consciência da santidade do Deus de toda a terra (2-4) e, cômico do seu próprio pecado e indignidade, o profeta exclama que está perdido (5). Segue-se a mensagem de misericórdia salvadora. Até junto dele voou um dos serafins, tocando-lhe nos lábios com uma brasa acesa tirada do altar (6), e eis que no seu coração ecoam palavras avassaladoras de amor soberano (7). Só depois deste perdão absoluto é que lhe é dada a incumbência de trabalhar para o Senhor Deus, e o profeta ouve a voz do Senhor que pergunta quem está disposto a cumprir a Sua ordem (8). A mensagem é, na realidade, de condenação para a raça escolhida, e ninguém a poderia transmitir de ânimo leve (9-13); mas mesmo ali, dentro do recinto da casa de Deus, o jovem Isaías aceita o repto e sai, levando sobre si o peso da ordenação divina.

Vi ao Senhor (1). No meio de toda a inquietação e agitação, o profeta constata que Deus guarda os Seus. **O Senhor** (1) ver **#Jo 12.41**, onde a idéia inerente a esta passagem sugere a versão dos Targuns: "Vi a glória do Senhor". Aqui, a manifestação da divindade revela-se claramente na pessoa de Cristo, Filho de Deus. A revelação divina é sempre outorgada ao homem mediante a pessoa do Filho unigênito do Pai. "Ninguém jamais viu a Deus". Como sucedeu tão freqüentemente nos tempos dos patriarcas e santos do Velho Testamento,

temos aqui a atividade eterna do Deus de toda a terra transmitida ao homem através do Filho eterno. **Trono** (1). Acentua-se a certeza da soberania do Senhor Deus. Só há um dominador que rege o rolar incessante da história. **Os serafins** (2). Esta palavra é traduzida de várias maneiras; há quem prefira "serpente ardente", ou "áspide ardente voadora" (ver **#Is 14.29**; **#Is 30.6**), enquanto que outros tradutores optam por "seres exaltados ou nobres". No caso presente, tratava-se evidentemente de figuras aladas de forma humana, pois lemos que tinham mãos, pés e voz. O seu ministério incessante era louvar o Senhor e revelar a glória divina. **Clamavam uns para os outros** (3), em antífona: "Em cânticos respondiam, cantando, uns aos outros". **Santo, Santo, Santo** (3); a repetição exprime grande ênfase. Comparar com **#Jr 7.4**; **#Jr 22.29**; **#Ez 21.27**.

Revela-se aqui o conteúdo intensamente espiritual da visão. Doravante, para Isaías, todos os antigos conceitos que aprendera brilharão com uma chama nova e ainda mais férvida. No meio de um povo cada vez mais atolado na busca de coisas alheias a Deus e que, portanto, de forma alguma se coadunavam com um sentido elevado e santo da Sua glória, Isaías vê agora que o Deus de Israel é, antes de mais, santo. De futuro, Deus será para ele "o Santo de Israel". **Fumo** (4); provavelmente, símbolo da cólera divina.

>Is-6.5

Ai de mim (5). O efeito desta visão no profeta é imediato e avassalador. Unido com a nação no seu afastamento de Deus, e preso nos seus próprios desejos e hábitos pecaminosos, Isaías só se pode considerar perdido. **Um homem de lábios impuros** (5). Ver **#Jó 40.4-5**. A visão de Deus na Sua santidade produz a consciência da nossa indignidade e impureza aos Seus olhos. Foi, sem dúvida, por Isaías saber que a sua vida seria consagrada à proclamação da mensagem do Senhor Deus que ele sentia aqui a pecaminosidade e indignidade dos seus lábios para serviço tão excelso. A sua sensação de necessidade é imediatamente satisfeita pela ação de um dos serafins (6). **Purificado** (7), expiado. Com respeito à ação purificadora do fogo, ver **#Nm 31.22-23**; **#Ml 3.2**; **#Mt 3.11**.

A mensagem que cumpria transmitir era de castigo solene. O povo iria ouvir e ver, mas não compreenderia o que a mensagem implicava. Cada vez estaria mais cego; o seu coração endureceria, em vez de ficar mais sensível; a nação seria destruída como um carvalho e como uma azinheira (13), "mas, se ainda a décima parte dela ficar, tornará a ser pastada". A idéia exprime uma

devastação completa, mas mesmo assim ainda há promessas para o futuro. Os próprios troncos cortados florescerão e crescerão, e o remanescente (semente santa) do povo será reunido para servir o Redentor Todo Poderoso de Israel e voltar ao Seu domínio. A expressão "santa semente" falta na versão dos Setenta, mas ocorre no rolo de Isaías encontrado com os chamados Manuscritos do Mar Morto.

Is-7.1

e) A mensagem do Senhor a Acaz (Is 7.1-25)

Este capítulo pertence à fase da guerra entre Judá e a coligação siro-efraimita. Perante a ameaça de ataque iminente, o rei de Judá, Acaz, fica aterrorizado e presa de grande perturbação (1-2). O profeta transmite-lhe a mensagem do Senhor, que, se ele tiver confiança, haverá livramento (3-9). Para restaurar a fé do rei hesitante, Isaías dá-lhe ensejo de pedir um sinal de Jeová (10-11), mas ele recusa (12), e é-lhe então dado um sinal pelo próprio profeta, o sinal de Emanuel (13-16). Segue-se a descrição da forma terrível como Judá será assolado numa data futura (17-25).

1. A MENSAGEM DO PROFETA AO REI ALARMADO (#Is 7.1-9). Esta mensagem é de confiança em Deus. **Rezim... e Peca** (1). Ver também **#2Rs 16.5-6; #2Cr 28.5-8. Síria** (1). A Síria da Bíblia é "Aram" em hebraico. Damasco era a principal cidade dos estados arameus, desempenhando o papel decisivo nos seus destinos. **Fez aliança** (2); literalmente, a "Síria repousa em Efraim". Como Efraim era a principal tribo de Israel, o seu nome passou a designar todo o estado. Era da base avançada do território de Israel que o rei da Síria projetava levar a cabo a invasão.

>Is-7.3

Sear-Jasub (3), literalmente, "voltará um remanescente". Isto não se refere à catástrofe que envolverá os exércitos de Judá. Uma das doutrinas mais importantes de Isaías é a do Remanescente. De todo o povo que se afastou do Senhor, ficará um resto que regressará à luz e se regozijará na salvação do Senhor Deus. Ao dar este nome ao seu filho, Isaías afirma a realidade tanto do castigo como da misericórdia. A raça dos fiéis não será inteiramente arrancada da terra. Apenas um resto, mas, mesmo assim, uma verdadeira geração de fiéis que sobreviverá à sombra da mão bondosa de Deus e transformará em realidade a vontade divina.

>Is-7.4

Não temas... estes dois pedaços de tições fumegantes (4). Pretende-se acentuar que estes tições, outrora potencialmente perigosos, são agora quase impotentes, pouco mais do que meros troncos fumegantes. Assim, Isaías exprime o seu desprezo por eles. **O filho de Tabeal** (6). Nada se sabe a respeito deste homem. É significativo o fato de o profeta conhecer tão perfeitamente o plano da campanha que até sabe quem é a pessoa que se projeta sentar no trono. O nome é aramaico e, portanto, refere-se provavelmente a qualquer fantoche do rei da Síria.

>Is-7.8

A cabeça da Síria será Damasco... (8). O sentido deste versículo e do seguinte é: "Contemplai o poder aparente de Aram e de Israel, mas não o temais. As suas cabeças são apenas Rezim e o filho pretensioso de Remalias, mas Jerusalém é a cabeça de Judá, e a cabeça de Jerusalém é Jeová".

Dentro de sessenta e cinco anos (8). Alguns comentadores consideram estas palavras uma intercalação feita por um escriba em data posterior; afirmam eles que os profetas normalmente não dão uma data tão precisa às suas predições. No entanto, leia-se **#Jr 25.12-13**. Este espaço de tempo é certamente o que medeou a profecia e a destruição final do poder de Israel. Sob os golpes repetidos das invasões de Tiglate-Pileser e, mais tarde, com a introdução de colonos estrangeiros por Esar-Hadom, o poder do reino do norte foi completamente aniquilado. **Se o não crerdes, certamente não ficareis firmes** (9). Há um notável trocadilho no original que é quase impossível reproduzir numa tradução. Eis algumas tentativas de fazer ressaltar o efeito original: "Sem fé não há fixidez"; "Sem confiança forte não há forte de confiança"; "Sem confiança não há permanência". Estas palavras dirigem-se a Acaz e àqueles dos seus seguidores que dão indícios de não estarem convencidos pela mensagem do profeta.

>Is-7.10

2. A RECUSA DO REI E O SINAL (**#Is 7.10-16**). Para confirmar no coração e consciência do rei a verdade das suas palavras, Isaías diz-lhe que busque um sinal de Jeová (11). Receoso de que isto o pudesse obrigar a alterar de qualquer maneira a política externa que adotara, o rei recusa-se a fazê-lo (12),

o que não impede que seja dado um sinal (14), o do nascimento de uma criança com o grande nome de Emanuel (14). É essa a certeza da esperança de que o Deus eterno não abandonara o Seu povo, antes em toda a sua vida o vigia, guarda e domina para glória Sua.

>Is-7.11

Sinal (11). Não necessariamente milagroso. Um sinal é um penhor palpável, uma prova da verdade que o profeta proclamava em nome de Jeová. **Nem tentarei...** (12); temos aqui puro subterfúgio e hipocrisia. O rei recebera ordem expressa de pedir este sinal, e não o fazer era recusar o auxílio do céu.

>Is-7.14

Eis que uma virgem conceberá... (14-16). É este um dos mais grandiosos trechos de Isaías, em torno do qual, nestes últimos tempos, se têm desencadeado tempestades de controvérsia e polêmica. Não podemos fazer aqui mais do que sublinhar alguns pormenores; para examinar mais a fundo esta questão, estudem-se obras de maior fôlego concebidas em maior detalhe. O problema é se esta passagem constitui uma referência específica e enfática à vinda do Messias e à maneira como se verificará o Seu nascimento, ou se temos aqui apenas uma referência estritamente limitada ao fato da presença de Jeová Todo Poderoso. Ao considerar este assunto, não se esqueça que é muito freqüente as profecias do Velho Testamento terem um sentido duplo, apontando para uma realização imediata e para outra mais tardia. Nos vers. 15 e 16, o que se descortina é, evidentemente, um livramento num futuro breve. O nascimento daquela criança com o nome sagrado de Emanuel ("Deus conosco") é um penhor da certeza da libertação. Mas, para além dele, há a promessa firme, a realizar mais tarde, da salvação por Jeová do Seu povo de Israel. Só mediante a vinda do Filho de Deus e a realidade da encarnação é que se abriu o caminho para a realização deste livramento ulterior e mais absoluto. O autor destas linhas é de opinião que não há possibilidade de tirar a esta passagem o seu sentido messiânico. Mesmo que se conceda que a palavra traduzida por "virgem" (em hebraico **almah**) não tem necessariamente esse sentido exclusivo e que o profeta pensa, antes de mais, num acontecimento imediato, permanece o fato de que a redenção dos filhos de Israel e de toda a raça humana é realizada por Alguém com o nome de Emanuel, e acerca do Qual lemos, através do ensino explícito desse mesmo Alguém, que os profetas dEle escreveram e falaram (ver **#Lc 24.27**).

Com respeito ao reino futuro a que Isaías se refere (ver [#Is 7.16-18](#); [#Is 8.8](#)), Delitzsch faz o seguinte comentário: "Se, nestes capítulos 7-9 Isaías encara a Assíria absolutamente como o Império Mundial, isto se revela verdadeiro na medida em que os impérios, do babilônio ao romano, constituem, na realidade, apenas o desenrolar de um processo que teve início na Assíria. E se aqui, no capítulo 7, ele pensa que o filho da Virgem cresce sob a opressão assíria, isto também é verdadeiro no sentido de que Jesus nasceu, de fato, numa época em que a Terra Santa se encontrava sob a supremacia do império universal, num estado de coisas cuja causa remontava à descrença de Acáz". Parece não haver motivo válido para não descortinar na pessoa do Messias, o Filho de Deus, a realização definitiva desta profecia.

>Is-7.17

3. JUDÁ ASSOLADO ([#Is 7.17-25](#)). Agora o profeta transmite a mensagem de castigo sobre o país que Acáz governa. Os exércitos hostis que o invadirão deixá-lo-ão desolado e solitário. As imagens de que Isaías se serve para reforçar a sua mensagem são duma intensidade esmagadora e de extraordinário vigor descritivo: como moscas e abelhas (18), como uma navalha alugada (20), como um povo reduzido às condições de existência típicas do deserto ([#Is 19,21-22](#)), e, finalmente, temos o quadro dum país inteiramente desolado, crescendo cardos e espinhos onde outrora a terra fértil florescia em beleza e pujança (23-25). [Às moscas... às abelhas](#) (18). A idéia sugerida é de uma hoste inúmera. As moscas constituem um símbolo apropriado do Egito, onde o calor úmido que ali reina as produz em abundância. [Assobiará](#) (18), chamará por meio de assobios; ver o versículo 26. [Alguém criará uma vaca](#) (21). Os sobreviventes serão tão escassos que pouco gado bastará para produzir leite em abundância (22). [Moedas de prata](#), (23), isto é, chéqueles de prata.

Is-8.1

f) A certeza do castigo (8.1-22)

1. A REJEIÇÃO DO CONSELHO DO PROFETA ([#Is 8.1-18](#)). Neste capítulo prossegue a exposição da certeza do castigo e da futilidade de lutar contra os desígnios de Jeová. Cairão Damasco e Samaria, acontecimento já determinado pelo Altíssimo (4). Assim, Isaías recebe ordens para escrever numa grande placa, em hebraico e aramaico, para que todos o possam ler, o nome [Maher-shalal-hash-baz](#) ("apressando-se ao despojo, apressurou-se à

presa"). Têm de se reunir testemunhas para autenticar o fato da profecia, para que, chegado o tempo da sua realização, todo o país possa saber que o Senhor, de fato, falou pela boca do Seu profeta (2). Esse nome seria dado ao filho deste, pois, ainda antes de a criança balbuciar as primeiras palavras, a destruição de Damasco e Samaria pelos assírios seria um fato consumado (4). Mas isto não é tudo: Judá também se verá envolvido no desastre que se aproxima, e o castigo do Senhor é bem certo, embora os propósitos mais altos do Deus de Israel não sejam postos de parte (5-8). Só Deus é que deverá ser temido e, se isso acontecer, nenhuma confederação de reis inimigos logrará provocar alarme (9-15). É este o tema da mensagem do profeta e, verificando de forma evidente que essa mensagem é rejeitada, ele tem consciência de que será inútil prosseguir no seu ministério. Isto provoca a sua retirada e, na companhia dos seus discípulos, ele aguarda a manifestação da vontade e salvação do Santo de Israel (16-18).

Um grande volume (1), uma grande placa, **estilo de homem**, ou, segundo outras traduções, em caracteres comuns. A placa tem de ser grande para que exprima a clareza e simplicidade da mensagem a ser proclamada. A mensagem de Deus ao homem nunca é mascarada sob qualquer disfarce que o deforme. **Põe-lhe o nome...** (3). Quanto ao significado do nome, ver as notas supra. A criança constituiria um sinal do castigo que se avizinhava, bem como do castigo iminente da Síria e das dez tribos. **Os despojos de Samaria** (4). Samaria foi vencida em 722, dez anos depois da queda de Damasco. **As águas de Siloé** (6), as mesmas águas que as do tanque de Siloé. O declive pelo qual elas corriam era suave, pelo que passavam sem ruído e sem pressa. Comparar assim estas águas com as do poderoso Eufrates (ver versículo 7n.) era comparar o seu pequeno reino com o reino poderoso da Assíria. **Do rio** (7), isto é, o Eufrates. A comparação entre esse rio e o povo assírio é muito apropriada, por aquele costumar galgar as margens e inundar os campos em redor. A realidade da presença do Senhor Deus, como Isaías nunca se cansa de sublinhar, é o grande penhor do triunfo das forças da justiça sobre os inimigos de Israel.

>Is-8.9

Alvorocai-vos (9). O profeta acentua uma vez mais a futilidade da oposição. A soberania da vontade de Jeová é absoluta e completa, e a Sua vontade realizar-se-á. Compare-se o uso do nome Emanuel, no versículo 8, com a frase **Deus é conosco**, no versículo 10. **Não chameis conjuração** (12). O sentido desta advertência era que não se deviam aceitar as formas de segurança oferecidas

na esfera da diplomacia estrangeira. Só na vontade e proteção de Jeová é que havia segurança e livramento verdadeiramente eternos. Todavia, para aqueles que desobedeciam e se recusavam a aceitar esta proteção divina era impossível fugir à destruição que dimanava da Sua presença, destruição essa muito mais completa do que a provocada por Rezim ou Peca. O aviso era muito simplesmente para não se aceitar o vocabulário e o ponto de vista populares. **Pedra de tropeço** (14). Note-se que esta afirmação vem citada em **#Rm 9.33** e **#1Pe 2.8**.

>Is-8.16

Liga o testemunho (16). Em vista da rejeição das suas palavras pela generalidade do povo, o profeta resolve consagrar-se aos seus discípulos, gravando a mensagem no seu coração e aguardando com paciência os sinais da realização do plano divino. **Os meus discípulos** (16). Estas palavras mostram que havia em torno do profeta vários homens que pensavam como ele, que aceitavam a sua chefia e os seus conselhos. **Os filhos que me deu o Senhor** (18). Refere-se, é claro, a Sear-jasub (ver 7.3n.) e Maher-shalal-hash-baz (**#Is 8.3**). Estes nomes proféticos evocavam a misericórdia e o castigo enviado pelo Senhor e, aliados ao próprio nome de Isaías, que significa "Jeová salva", tinham um sentido universal relacionado com os propósitos eternos. Estas palavras aplicam-se assim, ao Messias. Ver **#Hb 2.13**.

>Is-8.19

2. OUTROS ORÁCULOS SOLTOS (**#Is 8.19-22**). O texto aqui é obscuro em muitos pontos e o seu sentido não se pode determinar com exatidão. Os versículos 19 e 20 censuram aqueles que se entregavam ao espiritismo e ordenam que se regressasse unicamente à Palavra de Deus em busca de orientação e luz. Os versículos 21 e 22 mostram um homem que atravessa um deserto solitário, mas, por o caminho ser longo, perde a coragem e amaldiçoa Deus e o rei.

A favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos? (19). Temos aqui uma mensagem para todas as épocas e para todos aqueles que procuram esclarecimento, através do culto do espiritismo, sobre o problema da vida depois da morte. Desse culto jamais se obteve qualquer luz e a essência da fé cristã proíbe expressamente tal busca. **Nunca verão a alva** (20). **Amaldiçoarão ao seu Rei e ao seu Deus** (21); isto é, revoltar-se-ão contra a sua sorte, em vez

de se sujeitarem humildemente à mão divina. **Olhando para cima** (21); este versículo encontra-se ligado pelo seu sentido ao versículo que se segue.

Is-9.1

g) Profecia acerca do nascimento de Cristo e acerca do reino (Is 9.1-7)

Estas palavras constituem o ponto culminante de tudo o que as precede e, nesta visão de um Rei justo e próspero que domina um povo emancipado e liberto de terrível servidão, temos uma realização apropriada e comovente dos quadros precedentes de castigo e queda. No meio do castigo, como Isaías sempre lembra aos seus ouvintes, há a promessa e a certeza de livramento enviado pelo próprio Deus, tanto assim que até as regiões que mais sofreram são as que mais se regozijarão na salvação do Senhor (1-2). Trata-se de uma das passagens mais comoventes das Escrituras. Começando com a chamada ao povo para que se regozije por raiar um novo dia para as nações oprimidas da terra (3-4), o profeta passa a mostrar como isto se realizará. O rei desejado e esperado por todo Israel vem encetar o Seu reino e toda a terra conhecerá o poder do Seu domínio e a inspiração do Seu governo salvador e redentor (6-7). A paz (7) será o traço dominante desse reinado; os adereços e armas de guerra "servirão de pasto ao fogo" (5). Tão grande e poderoso é este rei futuro que um único título de majestade não basta para O descrever, e entre os muitos nomes significativos que Lhe são dados figura o de "Deus Forte" (6). Estas palavras encontram-se no próprio âmago de uma das maiores profecias messiânicas.

Zebulom... Naftali (1), distritos do norte de Israel assolados por Tiglate-Pileser em 734 a.C. É nestas trevas de cataclismo e calamidade que deverá brilhar a luz da salvação do Altíssimo. Os pretéritos perfeitos utilizados neste primeiro versículo são proféticos, isto é, têm um sentido futuro. **No dia dos midianitas** (4); ver **#Jz 6-8**. Nessa ocasião, os midianitas foram vencidos pelas forças poderosas dos filhos de Israel sob a chefia de Gideão, forças essas que eram a própria manifestação do Senhor Deus. A súbita destruição então infligida aos inimigos do Senhor será típica da destruição daqueles que se opõem à vinda do Príncipe da paz. **Porque um menino nos nasceu...** (6). É manifestamente impossível relacionar estas palavras de majestosa profecia com qualquer outra pessoa que não seja o próprio Messias, e através dos séculos a Igreja cristã encontrou aqui os atributos iniludíveis do Rei vivo e vitorioso no coração dos homens, o único capaz de libertar e salvar a alma na sua situação desesperada

e de conduzir o homem a um novo e melhor caminho de acordo com os mandamentos de Deus. **Maravilhoso, Conselheiro** (6); estas duas palavras deveriam ser lidas sem vírgula. **Deus forte** (6); Aquele que havia de vir não era um simples homem: ostentaria o selo autêntico da divindade. **Pai da eternidade** (6), Aquele cuja paternidade do Seu povo nunca terá fim. Mas há aqui mais do que isso. Esta expressão significa Aquele que é eterno no Seu próprio ser e que, assim, pode conceder o dom da vida eterna aos outros. Como nesta passagem temos uma alusão Àquele que intervirá na vinda da criança anunciada, é clara e decisiva a referência à encarnação e à união do divino e do humano na pessoa de Cristo. **Príncipe da Paz** (6). É este o ponto culminante dos títulos dados e o maior de todos os grandes dons que o Filho de Deus traz no homem, "paz com Deus".

>Is-9.8

h) A condenação de Israel (Is 9.8-10.4)

Após a mensagem de paz e livramento para o remanescente eleito, o profeta volta a falar da desolação que cairá sobre o reino de Israel. Este povo nada aprendera com as terríveis experiências da sua história passada (**#Is 9-10,13**), e, portanto, será irremediavelmente condenado (11-12). Este trecho constitui um todo artístico, consistindo em quatro estrofes, cada uma das quais conclui com as palavras: "com tudo isto não se apartou a Sua ira, mas ainda está estendida a Sua mão" (**#Is 9.12,17,21; #Is 10.4**). Compare-se com o vers. 25. Nestes versículos, o profeta denuncia o orgulho de Israel e a sua insaciável ambição, ameaçando-o com a perda dos seus territórios e população e com a anarquia e guerra civil. Trata-se de um terrível aviso da certeza do julgamento e da loucura de não aprender com o passado. É incerto se o trecho se refere ao que o futuro ainda reserva, ou a um acontecimento já realizado. De uma maneira geral, talvez ele seja mais compreensível se o interpretarmos como constituindo uma referência a acontecimentos futuros e não como uma revisão das lições do passado. Este passo constitui uma das mais antigas profecias do profeta, pois, segundo **#Is 9.11**, a Síria estava em guerra com Efraim, não havendo ainda tido lugar a coligação de 735.

1. A PERDA DE TERRITÓRIO (**#Is 9.8-12**). As calamidades que se tinham abatido sobre o povo não o haviam levado a voltar-se para o Senhor (9-10); vem agora uma mensagem ainda mais severa do Senhor de toda a terra (11-12). Como diz G. A. Smith: "Não sentiam a mão do Senhor a abalar o país, e assim Ele mandou os inimigos de Israel para que o roubassem. Os sírios

primeiro, e os filisteus depois; e devoraram Israel de bocas escancaradas. Enquanto que o terremoto se caracteriza pela sua rapidez horrível, aqui havia uma evolução lenta e perturbante-guerrilhas, assaltos armados, o país comido aos poucos. Todavia, o povo não se voltava para Aquele que o castigava, nem procurava o Senhor dos Exércitos". **Efraim e os moradores de Samaria** (9), contrastando com os habitantes de Jerusalém e os homens de Judá no versículo 3. As profecias são de tipo semelhante.

>Is-9.13

2. GUERRA E DERROTA (#Is 9.13-17). A catástrofe à beira da qual o país se encontra devido ao castigo ardente de Jeová não permitirá que ninguém escape. A nação tem parte na culpa dos dirigentes; **todos eles são hipócritas... e toda a boca profere doidices** (17). A devastação da guerra que agora traga a nação revela em toda a nudez da realidade que ninguém está isento da acusação e castigo. **O Senhor não Se regozijará com os seus mancebos** (17), isto é, a ira de Jeová manifestar-se-á no fato de Ele ir permitir que a flor da juventude israelita seja destruída em combate.

>Is-9.18

3. ANARQUIA NA PÁTRIA (#Is 9.18-21). Como um fogo da planície (18-19), a incrível maldade do povo propagou-se por toda a parte. Tudo quanto aconteceu foi impotente para fazer com que o coração do povo se voltasse para o Senhor e agora os olhos do profeta abrem-se para o fato de que "a ira do Senhor é o sopro que espevitava o ardor dos pecados dos homens, transformando-os em chamas". Na fome conseqüente que assola a terra, as vítimas entre devoram-se (20).

Is-10.1

4. O AUGUE DA CALAMIDADE (#Is 10.1-4). Chegamos à estrofe final desta descrição poética da calamidade próxima. Consiste aquela em mais uma das muitas acusações de administração ineficiente da justiça pelos que haviam sido nomeados juízes do país (1-2). Em resultado deste afastamento constante da vereda da retidão e da verdade, ergue-se no final da senda que escolheram a certeza do cativo e da noite escura da separação de um país onde a falta de justiça era tão tristemente notória (3-4). **A assolação que há de vir de longe** (3); comparar com o versículo 26. **Sem que cada um se abata entre os presos**

(4) ou, segundo outra tradução, "limitar-se-ão a curvar-se", ou "nada resta senão agacharem-se".

>Is-10.5

i) A Condenação da Assíria (Is 10.5-34)

1. OS DOIS PLANOS, O DA ASSÍRIA E O DE JEOVÁ (#Is 10.5-15). Esta profecia revela o supremo conceito de Isaías da soberania de Jeová na história. Sob a influência de Acaz, a nação voltava os olhos para a Assíria em busca de auxílio. No seu empenho em instruir os seus filhos espirituais, Isaías proclamava que a Assíria seria o instrumento de que Deus Se iria servir para castigar o Seu povo.

Ai da Assíria! a vara da Minha ira, porque a Minha indignação é como bordão nas suas mãos. Enviá-la-ei contra uma nação hipócrita, e contra o povo do Meu furor lhe darei ordem (5-6).

Ao fazê-lo, porém, a Assíria encher-se-ia dum sentimento tão forte da sua própria grandeza que atribuiria as suas vitórias ao seu poder e capacidade, e consideraria as suas divindades maiores do que as dos inimigos vencidos (#Is 8-11,13-14). Tal arrogância e orgulho, canalizados apenas para a destruição, cegam-na completamente ao verdadeiro propósito de Jeová e irão feri-la. Realizado o propósito divino relativamente a Sião e Jerusalém, a Assíria será punida ela própria, e grande será a sua queda (12). A sua loucura reside em não reconhecer a sua missão e as suas limitações, levando Jeová a exclamar:

Porventura gloriar-se-á o machado contra o que corta com ele? Ou presumirá a serra contra o que puxa por ela? Como se o bordão movesse aos que o levantam, ou a vara levantasse o que não é pau? (15).

A vara da Minha ira (5), isto é, na mão dos assírios. Aqueles que iriam derrubar e castigar Israel não passavam de uma vara na mão de Deus. Uma nação hipócrita (6), Judá. Ainda que ele não cuide assim (7). O sentido é que a Assíria não se considera um mero instrumento, mas sim uma nação todopoderosa que domina por completo os seus atos e desígnios. Calno... Damasco (9). Todas estas cidades haviam sido tomadas pela Assíria, encontrando-se na linha de marcha de Nínive para Jerusalém. A minha mão alcançou os reinos dos ídolos, ainda que as suas imagens de escultura eram melhores do que as de Jerusalém... Porventura como fiz a Samaria e aos seus ídolos não o faria

igualmente a Jerusalém e aos seus ídolos? A suposição dos assírios é que Jeová não passa de uma divindade de determinado país, divindade essa inferior, até (10), às de alguns dos outros países que eles haviam conquistado (ver Apêndice I de Reis, "A Religião de Israel durante a Monarquia").

>Is-10.12

O fruto do arrogante coração (12), a conduta ímpia e pecaminosa radicada no seu orgulho e arrogância. **Limites** (13), ou fronteiras. Estas haviam sido obliteradas pelo rápido avanço dos exércitos assírios. O versículo 14 implica noutra atitude desdenhosa perante Jeová. O Deus daquela nação deveria protegê-la como uma ave protege o seu ninho.

>Is-10.15

Gloriar-se-á o machado... (15). A vanglória dos assírios é aqui ridicularizada pelo uso duma comparação grotesca.

>Is-10.16

2. A SORTE DA ASSÍRIA E DE JUDÁ (#Is 10.16-23). No meio dos castigos que Jeová faz cair sobre o Seu povo por instrumentalidade dos assírios, o núcleo de fiéis será preservado e salvo. A pompa e a arrogância dos homens que procuram derrubar a raça escolhida serão contrariadas, e ainda em Sião Jeová manterá um remanescente fiel ao Seu nome e obediente à Sua vontade. **Pelo que** (16), isto é, por causa da atitude adotada pelos assírios no versículo 15. Os versículos 16-19 devem, portanto, ser interpretados como descrevendo a destruição eventual deles, não a de Judá.

>Is-10.24

3. CONSOLO PARA SIÃO: A GARANTIA DA DESTRUÇÃO DA ASSÍRIA (#Is 10.24-34). O profeta torna a promessa ainda mais enfática e uma vez mais afirma a certeza da solicitude de Jeová (24). A mensagem é reforçada pela descrição dramática de um exército invasor que avança de forma irresistível sobre Jerusalém (28-32) mas que é completamente destruído por Jeová quando a vitória parece estar ao seu alcance. A destruição da Assíria é vividamente comparada ao arrasar de uma floresta numa tremenda tempestade (33-34).

>Is-10.25

Porque... se cumprirá a Minha indignação (25), o que deveria ser traduzido como se segue: "Porque daqui a bem pouco estará exausta a Minha fúria, e a Minha ira terá fim". Um flagelo... a Sua vara (26). O sentido é que, assim como, em época mais recuada, Jeová erguera a Sua vara contra o Egito para punir este país, assim também procederá com respeito à Assíria. Por causa da unção (27). O significado, tal como o texto, é obscuro. Esta passagem já foi traduzida assim: O jugo de Israel é quebrado devido à gordura. A imagem é a de um boi gordo que quebra e abandona o seu jugo. McFadyen e Duhm traduzem "Rimom", um local a leste de Betel, acrescentando, assim, outro nome ao catálogo de toponímicos. A sua carga será tirada do teu ombro, e o seu jugo do teu pescoço; de Rimom partiu, e já vem chegando a Aiate (27-28).

>Is-10.28

Já vem chegando (28), isto é, o exército assírio. Estes versículos estão repletos de palavras e expressões de duplo sentido que é difícil reproduzir em tradução. Descrevem uma marcha imaginária da hoste assíria sobre Jerusalém vindo do norte, e a destruição desta cidade.

Is-11.1

j) O estado bendito de Israel em dias futuros (Is 11.1-16)

1. O MESSIAS, SUA PESSOA E REINADO (#Is 11.1-9). Destruído o inimigo de Judá, o profeta torna a falar no Messias, e confia ao círculo íntimo das almas fiéis esta maravilhosa predição do reino messiânico. Primeiro descreve o caráter do Messias nascido da casa de Jessé (1) e pinta as Suas qualidades sobrenaturais (2).

Segue-se a revelação dos Seus processos de governo (3-5). Ele não terá necessidade do tipo de orientação de que os homens normalmente carecem, pois "não julgará segundo a vista dos Seus olhos nem repreenderá segundo o ouvir dos Seus ouvidos" (3). Vem depois, em palavras de louvor ardente, a descrição dos resultados do Seu reinado. A vida de toda a criação animal tornará a ser um paraíso, e todo o mundo se regozijará numa redenção cósmica total (6-8). Sobre todas as obras das mãos de Deus repousará a paz, "e a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar" (9).

Do tronco de Jessé (1), ou seja, um ramo, em hebraico Netser -a raiz do toponímico Nazaré. Comparar com #Mt 2.23. Não julgará segundo a vista dos Seus olhos (3). O que os olhos vêem é freqüentemente enganoso e o que os ouvidos ouvem não constitui toda a verdade. No reino messiânico, o governo baseia-se no conhecimento absoluto e as decisões são fruto de uma compreensão perfeita. É este o curso natural de uma existência que, nas palavras de G. A. Smith, "vai inalar vida no temor do Senhor". Repreenderá com equidade (4), isto é, dará soluções justas. Basilisco (8). Com este quadro da participação da criação animal nas bênçãos do reino messiânico, comparar #Os 2.18 e #Rm 8.18 e seguintes.

>Is-11.10

2. O REGRESSO TRIUNFAL (#Is 11.10-16). Esta profecia atinge o seu ponto culminante com a promessa de que Jeová trará o Seu povo remido de países quer próximos quer distantes, fazendo-o reentrar na terra dos seus antepassados (10-12). Esse regresso terá a natureza de uma marcha triunfal ao longo de uma estrada bem preparada, e todas as tribos e nações procurarão a "raiz de Jessé", posta por "pendão dos povos" (10). Outra vez (11). A primeira foi a libertação do Egito. No versículo 11, mencionada a Assíria, faz-se referência aos outros países que então ameaçavam Judá pela sua ordem geográfica em torno da Palestina. Deverão ser considerados como uma referência a toda a terra. Patros, o Egito meridional; Elã, o sudeste da Babilônia; Sinear, Babilônia; Hamate, no Orontes, a uns 170 quilômetros ao norte de Damasco. O mar é o Mediterrâneo. Esta profecia aguarda ainda uma realização completa quando todo o Israel for salvo (#Rm 11.26). Um pendão entre as nações (12). Note-se a universalidade da profecia. Temos aqui a redenção dos gentios (ver vers. 10). O braço do mar do Egito (15) é o Mar Vermelho. O rio (15) é o Eufrates.

Is-12.1

1) Cântico de Ação de Graças (Is 12.1-6)

O hino de ação de graças que agora se segue será entoado pelo povo remido de Deus "naquele dia" (1), quando Jeová tiver realizado o Seu soberano propósito. Há, por assim dizer, dois andamentos; no primeiro (vers. 1 e 2), ouvimos a própria nação, remida por grande misericórdia e atos de poder, cantar os louvores do seu Deus. No segundo (vers. 3-6), o profeta dirige-se à

nação assim liberta. Este Salmo compara-se com o cântico de #Êx 15 entoado pelos filhos de Israel depois da sua libertação do Egito.

Fontes da salvação (3). Temos aqui, sem dúvida, uma alusão à água tão milagrosamente deparada aos filhos de Israel quando atravessavam o deserto. **Tornai manifestos os Seus feitos entre os povos** (4) -outra prova da universalidade da redenção divina. O povo escolhido é salvo para poder proclamar por toda a parte a mensagem às nações. **Grande é o Santo de Israel no meio de ti** (6). Temos aqui a principal razão da força da cidade e da alegria do povo, a saber, que aquele Deus grande que está no meio dela é santo. No meio da cidade de Deus-o reino dos céus-o grande Deus é um Deus santo; a separação do mal assegura a Sua vitória na Sua guerra, e garante a permanência do Seu reino. É esta, portanto, a nota suprema no cântico que celebra esse reino.

>Is-12.

II. PROFECIAS DIRIGIDAS CONTRA NAÇÕES ESTRANGEIRAS E HOSTIS: (Is 13.1-23.18)

Temos nesta seção dez "pesos" ou oráculos (ver nota abaixo) relativos a várias nações, e um que diz respeito a Jerusalém. Todos eles acentuam a realidade da soberania de Jeová e de ser Ele quem domina os acontecimentos internacionais. É este o valor supremo das mensagens contidas nesta seção.

Is-13.1

a) Babilônia (Is 13.1-14.23)

Este poema magnífico consiste em duas partes que se distinguem nitidamente pelo estilo, a saber: #Is 13.2-22, que profetiza o saque de Babilônia pelos medos (17), e #Is 14.4-23, um cântico de triunfo que os judeus entoariam para celebrar a queda dos seus inimigos. As duas seções estão, de certo modo, ligadas por alguns versículos (#Is 14.1-4) de métrica diferente. Todo o poema descreve a forma como um poder orgulhoso, sobranceiro e desapiedado é destruído pelo poder de Jeová. O profeta pinta de forma bem vívida o ajuntamento das hostes contra esta nação cruel, que tinha tão completamente o mundo em seu poder. O próprio Jeová chama as Suas forças à batalha (4). Assim se realiza a queda do inimigo de Deus. Antigamente, Babilônia

exultava na sua glória (19), mas agora reina a desolação (20-22), e o seu povo é espalhado aos quatro ventos do céu (14).

Peso (1), ou "oráculo". Esta palavra, geralmente, embora nem sempre, precede ameaças. Em #Pv 30.1 e #Pv 31.1 a palavra **massá** é traduzida por "profecia" ou "oráculo" (ver #Zc 9.1n.). **Os príncipes** (2), ou seja, os babilônios. **Eu** (3), isto é, Jeová. **Meus santificados** (3), ou "os Meus consagrados". Os dirigentes dos exércitos estão sendo chamados pelo próprio Jeová, e reúnem-se para a batalha. **Ouro fino de Ofir** (12). O castigo seria tão terrível que haveria poucos sobreviventes, e os homens seriam mais raros do que o ouro. **Cada um será como a corça que foge** (14), ou antes, como a gazela assustada.

Is-14.1

Os versículos 14.1-4a constituem um elo de ligação entre o quadro do derrubamento de Babilônia e o cântico de triunfo que se seguirá. O regresso de Israel ao seu próprio país é seguro e a este povo juntar-se-ão outros em adoração e serviço de Jeová (1-2). No dia em que lhes for dado este repouso das provações e do tumulto, entoar-se-á zombeteiramente este cântico ante o rei prostrado da Babilônia (3-4).

>Is-14.4

Em 14.4b-23 temos um quadro do eclipse, derrubamento e morte do tirano babilônio. As cores da poesia e simbolismo aqui utilizados são soberbas e infundem terror. Para dar maior ênfase dramática ao seu tema da vaidade de arrogância humana, o profeta emprega a idéia do Seol e da morte, que engole todos os vivos (9,11,15). Ali habitam as sombras dos que já partiram, as quais saudarão os recém-vindos à sua tenebrosa moradia (10-11), tendo consciência suficiente para se espantarem da queda de alguém tão poderosa (12), alguém que pensara escalar as encostas dos imortais (13-14) e que agora, tal como os mortais, é abatido na morte (10,15). O próprio fato da sua presença entre eles constitui a suprema evidência da sua queda e derrubamento. Nada podia ser mais absoluto. Na terra, o quinhão do tirano fora de sangue, carnificina, miséria e morte (16-17); no Seol, tem o seu lugar reservado na comunidade de fantasmas sacudidos por tremuras (18-20).

A seguinte tradução dos versículos 4-21 é mais expressiva do que um comentário pormenorizado:

Como o tirano se calou!

Como serenou a sua fúria insolente!

Jeová quebrou a vara

Dos ímpios, o cetro dos déspotas,

Que flagelava o povo com fúria,

Que pisava as nações na sua ira,

Com pés inexoráveis.

A terra descansa, tudo está sereno.

Eles irrompem em cânticos,

Sim, os pinheiros regozijam-se com a tua sorte,

E os cedros do Líbano dizem:

Uma vez que foste abatido, não aparece

Qualquer lenhador para nos destruir.

(Versículos 4-8)

O Seol, lá embaixo estremece,

Aguarda a tua chegada;

Agitando as sombras de todos os que foram

Monarcas na terra para que te saúdam;

Ordenando que se ergam dos seus tronos

Todos os reis dos povos.

Todos respondem e te dizem:

Também tu és tão fraco como nós,

O teu orgulho baixou agora ao Seol-

Fizeste-te tal como somos.

O tanger das harpas:

Por baixo de ti espalham-se os vermes.

A tua cobertura são vermes.

(Versículos 9-11)

Como caíste dos céus,

Lúcifer, filho da manhã,

Como foste cortado e prostrado,

Tu, que derrubavas as nações,

Tu, que dizias no teu coração:

Subirei aos céus.

Sobre as estrelas de Deus colocarei o meu trono.

Sentar-me-ei no monte da assembléia,

Nas partes mais longínquas do norte.

Escalarei os picos das nuvens

E rivalizarei com o Altíssimo.

Mas, ah, tu foste trazido ao Seol,

Até às profundezas do abismo.

(Versículos 12-15)

Aqueles que te vêem contemplam-te,

Contemplam-te com atenção:

É este o poderoso abalador da terra?

É este o que sacudia reinos?

Que fazia da terra um deserto,

Que derrubava as suas cidades,

Que não libertava os prisioneiros dos seus grilhões

Para os fazer tornar a sua casa?

Todos os reis da terra, sim, todos eles,

Jazem nos seus túmulos rodeados de honra,

Mas tu, tu foste expelido da tua sepultura

Como um ramo repelente,

Envolto em mortos

Perfurados pelas espadas,

Como um cadáver pisado a pés

Descendo para o fundo do abismo.

Não serás unido a eles

Onde se encontram sepultados;

Pois tu arruinaste a tua terra
E mataste o teu povo.
Jamais se tornará a mencionar
A semente desse malfeitor;
Prepare-se o morticínio para os seus filhos,
Para expiar a culpa do pai;
Para que se não ergam e possuam o país,
Enchendo a face da terra com cidades.

(Versículos 16-21).

>Is-14.24

b) Assíria (Is 14.24-27)

Temos aqui o juramento enfático de Jeová de que será quebrado o poder assírio (24-25). O plano está formado e nada pode impedir a sua consumação (25,27). A linguagem assemelha-se à de [#Is 10.24-27. Na minha terra](#) (25). O golpe de morte contra a Assíria foi desferido nas serranias da Judéia.

>Is-14.28

c) Filístia (Is 14.28-32)

Esta profecia foi pronunciada no ano em que morreu o rei Acaz (28). Naquela altura (32) encontravam-se na cidade representantes da Filístia, ou Palestina, que tinham vindo a Judá em busca de auxílio ou, talvez, para propor uma aliança com os judeus. Foi isto que provocou esta profecia. A Filístia é avisada para que não se regozije pelo fato de ter morrido um rei assírio (ver nota abaixo), pois iria surgir um rei ainda pior (29). A Filístia será confundida; a sua condenação é certa (31), mas Sião manter-se-á de pé, pois foi Jeová que a fundou (32). Isto equivalia a declarar que as alianças com nações corruptas não ofereciam segurança, e que a salvação de Jerusalém era certa, pois a

cidade santa fora fundada pelo próprio Deus, o que exigia que Sião mantivesse uma relação fiel com o seu fundador.

A vara que te feriu (29). Temos aqui talvez uma referência à Assíria. Não é provável que "a vara" se refira à casa real de Judá. **Uiva, ó porta** (31), isto é, porta da cidade, significando as próprias cidades. **Fumo** (31), sem dúvida o fumo da guerra, o fumo de enormes acampamentos e de aldeias em chamas. **Ninguém ficará solitário** (31), isto é, não haverá retardatários nas suas fileiras, ou, por outras palavras, a disciplina será perfeita.

Is-15.1

d) Moabe (Is 15.1-16.14)

Estes dois capítulos contêm um oráculo ligado, respeitante aos moabitas. Um relance de olhos para a história deste povo ajudará a compreender a profecia. Depois da morte de Salomão, os moabitas haviam deixado de ser fiéis a Judá para passarem para o lado de Israel, mas, mais tarde, depois da morte de Acabe, libertaram-se, recusando-se a pagar o tributo anual (**#2Rs 3.5**). Jorão, filho de Acabe, auxiliado por Josafá de Judá, fez guerra contra Moabe. A capital, Ar, foi capturada, e Quir, a sua principal fortaleza, destruída (**#2Rs 3.25**). Em **#Is 15.1-9** temos ainda recordações do terror causado pelos invasores naquela altura. A mesma situação tornará a produzir-se, mas o profeta promete libertação se os moabitas se submeterem à autoridade de Judá.

O capítulo 15 tem por tema a catástrofe de Moabe. Como anteriormente ocorrerá numa noite, isto é, com uma rapidez espantosa (1). Duas das suas cidades são assoladas Moabe fica desolada e impotente. Não há possibilidade de duvidar da justiça do castigo, pois Moabe era simultaneamente orgulhosa e má. Apesar de tudo isso, os sofrimentos do povo moabita tocam o coração do profeta, que clama impressionado por eles (5).

O capítulo 16 é notável por vários motivos. Primeiro, temos uma exortação a Moabe para, na sua dor, mandar tributo ao monte da Filha de Sião (1). Segue-se um apelo a Sião para que recolha os desterrados de Moabe e abrace a sua causa (3). Os versículos 4 e 5 apontam o caminho da libertação e os benefícios de que Moabe gozará no reino messiânico. Isto é, de fato, maravilhoso, pois revela que o âmbito da profecia se ampliou de tal forma que compreende os propósitos mais vastos de Deus relativamente à libertação ulterior de todas as nações. O oráculo continua com uma referência ao único e grande fator que

constituirá um sério obstáculo, a saber, a arrogância de Moabe (6). Este orgulho não só manterá o país na ruína, mas tornar-lhe-á impossível prevalecer em oração no seu próprio santuário (12).

Numa noite (15.1) isto é, de súbito e sem aviso. Vai subindo (2), isto é o povo de Moabe. Bayith (2), a casa, isto é, o templo do seu Deus; ver #Is 16.12. A sua alma treme dentro deles (4). Este versículo pode ser interpretado assim:

Hesbom e Eleale clamam,

A sua voz chega a Jaaz:

Pelo que os lombos de Moabe estremecem,

A sua alma está trêmula.

>Is-15.5

O meu coração clama (5). Temos aqui o autêntico espírito profético. É esta a verdadeira prova de simpatia e cooperação com Deus. Temos aqui, também, a promessa de misericórdia para Moabe, apesar do seu orgulho e espírito arrogante. A novilha de três anos (5). O texto hebraico talvez se refira neste ponto a um toponímico. O levarão (7), isto é, os próprios moabitas. É esta a demonstração final da sua situação difícil. Levam o que podem salvar das ruínas dos seus lares, e atravessam o rio fronteiro, dirigindo-se para a terra da Iduméia. Ao ribeiro dos salgueiros (7), provavelmente o ribeiro na extremidade sul do Mar Vermelho, que constituía a raia entre Moabe e Edom.

Is-17.1

e) Damasco e o Norte de Israel (Is 17.1-11)

Na altura em que esta profecia foi pronunciada, Israel havia-se confederado com Damasco como medida de proteção contra a Assíria. Por outro lado, a política de Judá (política essa a que Isaías se opunha com todas as suas forças) era procurar o apoio da Assíria para se defender da ameaçadora coligação do norte. Nesta mensagem, o profeta prediz a destruição de Damasco (1-5), demonstrando assim como era vã a esperança em que Israel confiava (8); Israel, afinal ficaria abandonado (6). Em resultado deste castigo, os homens tornariam a voltar-se para Deus e deixariam de confiar na sua própria política.

Esta profecia deve-se inserir no começo do ministério de Isaías, talvez o primeiro ano do reinado de Acaz, cerca de 735 a.C. Teve o seu cumprimento nas invasões de Tiglate-Pileser (#2Rs 15.29) e Salmaneser (#2Rs 17).

>Is-17.2

Aroer (2); ver #Js 13.16,25, onde se faz referência às duas cidades deste nome, talvez aquelas cuja perda se prediz aqui. **A fortaleza** (3), Damasco, que ajudou a proteger o reino do Norte contra os assírios. **Serão como a glória...** (3), por outras palavras, o seu destino será idêntico ao de Israel.

>Is-17.4

Os versículos 4-6 descrevem a destruição de Efraim recorrendo às imagens de uma doença consumidora, do ceifar do trigo e da colheita das azeitonas. **Vale de Refaim** (5). Ver #Js 15.8, literalmente o Vale dos Gigantes, que ficava a sudoeste de Jerusalém e era famoso pela sua fertilidade.

>Is-17.8

Os bosques (8), ou "aserim" -varas de madeira que representavam divindades femininas geralmente encontradas em relação com altares cananitas mas também utilizadas no culto aviltado de Jeová, aviltamento esse que os profetas verberavam (ver apêndice I de Reis, "A Religião de Israel durante a Monarquia"). **Imagens** (8), pilares do sol, também usados na adoração de Baal, embora o sentido exato seja duvidoso; segundo outra tradução, "altares de incenso". **Plantas formosas... sarmentos estranhos** (10). "Plantas de Adonis e videiras estranhas". Através destas imagens alude-se à aceitação por parte de Israel de práticas, cultos e alianças estrangeiras.

>Is-17.12

f) Solilóquio profético (Is 17.12-18.7)

Esta seção pode bem ser tomada como um todo considerada, por assim dizer, um oráculo em dois andamentos, cada um dos quais iniciado pela exclamação "Ai". Neste contexto, o oráculo constitui um solilóquio profético no meio das profecias pronunciadas contra várias nações, sendo ocasionado pela presença de embaixadores etíopes na corte de Judá (#Is 18.1-2). A presença desses estrangeiros leva o profeta a erguer a sua voz e a exprimir a sua consciência

do tumulto que imperava nas nações circundantes (#Is 17.12-13). A vaidade de toda essa agitação, porém, é manifesta aos olhos do servo do Senhor: "Ele repreendê-las-á" (#Is 17.13). A providência eterna mantém-se firme como um rochedo no mar agitado da fúria tempestuosa do mundo. As hostes atacantes, embora possam ser instrumentos momentâneos do castigo divino, são derrubadas numa noite e inteiramente destruídas (14). É este o símbolo utilizado na primeira parte, o fragor de uma tremenda tempestade. Na segunda parte, surge-nos outro símbolo, o da serenidade, a serenidade do calor e do orvalho (#Is 18.4), necessários para amadurecer o trigo e produzir a colheita. O próprio silêncio de Deus é encarado como o prelúdio do Seu castigo e vingança sobre as nações culpadas, assim como o calor límpido do sol e o sereno orvalho matutino fomentam e acarretam consigo a ceifa, em a natureza. A inatividade do céu é apenas aparente. No meio do silêncio há quietude: "Porque assim me disse o Senhor: Estarei quieto, olhando desde a Minha morada, como o ardor do sol resplandecente, como a nuvem do orvalho no calor da sega" (#Is 18.4).

Ai da multidão (17.12), ou melhor, "Ai do bramir de muitos povos". **Ao anoitecer, eis que há pavor** (14); supõe-se geralmente que estes versículos se referem ao avanço rápido de Senaqueribe sobre Jerusalém, sendo este mesmo versículo um sumário exato do súbito dispersar e rápido recuo do seu exército perante aquela cidade (ver #2Rs 19.35).

Is-19.1

g) Egito (Is 19.1-25)

Esta mensagem divide-se em duas partes, acerca das quais G. A. Smith escreve: "Nos primeiros quinze versículos, o castigo está prestes a tombar sobre a terra dos faraós. Os últimos dez versículos falam nos resultados de ordem religiosa que desse castigo advirão para o Egito, constituindo a mais universal e missionária de todas as profecias de Isaías".

A primeira parte (1-15) ostenta as características usuais de catástrofe completa que já tivemos ensejo de observar nos oráculos precedentes. A ira de Jeová e os Seus castigos tremendos desolarão todo o país (1). A religião egípcia falhará (3), e o próprio povo, sem o conforto da sua fé e mistério, mergulhará em lutas intestinas (2) que culminarão num despotismo completo (4). Depois disto virão calamidades de ordem física em rápida sucessão. O Nilo secará e toda a prosperidade daquele povo terá o seu fim (5-10). A própria existência

perigará. A sabedoria tradicional dos egípcios revelar-se-á impotente (11-13), e o país sofrerá e sentirá pavor sob o peso do seu infortúnio (14-15). É essa catástrofe, um castigo divino, que o profeta vê abeirar-se do Egito.

A segunda parte do oráculo (16-25) tem um tom totalmente diferente. Prediz o efeito sobre o Egito da estranha intervenção de Jeová, efeito esse que acabará por se manifestar. O Egito volta-se para Jeová (21), e a adoração do Deus de Israel estabelece-se dentro das suas fronteiras (19). Leva-lhe a libertação um Salvador por Ele enviado (20). Jeová ocupar-se-á do Egito, castigando-o para depois o curar (22). Isto, porém, não é tudo. Para além do que foi revelado acerca do livramento e redenção do Egito, o profeta fala num resultado ainda mais glorioso. Os antigos inimigos de Israel, o Egito e a Assíria, são unidos justamente por Israel, cujo território nacional se transforma como que numa estrada aberta de que eles se utilizam em amistosa aliança. Os três estados unem-se num grandioso pacto fortemente cimentado pela adoração comum de Jeová (23-25).

>Is-19.2

Farei... (2). Esta mensagem refere-se à época que se seguiu à morte de Tiracá, quando o Egito foi convulsionado durante algum tempo por lutas intestinas terminando no desmembramento do país em doze estados separados, sujeitos, todos eles, à Assíria (4). **E faltarão as águas do mar** (5), isto é, o Nilo; quando vêm as cheias anuais e o Nilo galga as suas margens, toda aquela região tem o aspecto de um mar. Ver **#Na 3.8. Os que trabalham em linho fino** (9) -desde os tempos mais remotos uma notável indústria egípcia; a umidade, tão importante para essa indústria, desapareceria com a secagem do mar. **Serão despedaçados** (10); tanto a tradução como o sentido são incertos. **Zoã** (11), uma grande e antiga cidade situada no Delta, num dos braços orientais do Nilo. **Onde estão...** (12). Este processo interrogativo é muito característico dos capítulos finais de Isaías; ver **#Is 41.22,26; #Is 43.9; #Is 45.21; #Is 48.14. Nof** (13), em egípcio Menofri", e em grego Mênfis. **A cabeça, a cauda, o ramo ou o junco** (15); ver **#Is 9.14**. "Ramo" deve ser traduzido por "ramo de palmeira"; a idéia é que, seja qual for o estado da sociedade a partir do qual se empreendam quaisquer esforços, estes fracassarão.

>Is-19.18

Cidade de destruição (18), isto é, a cidade em que o templo do sol (**heres**) foi destruído (**heres**); trata-se, evidentemente, de um trocadilho sobre o nome

Heliópolis, que quer dizer "cidade do sol". **A língua de Canaã** (18) é o semita do noroeste, ou seja, o hebraico. **Estrada** (23); o caminho da Assíria para o Egito atravessava a terra de Israel. **Naquele dia Israel será o terceiro** (24), isto é, as três nações estarão igualmente unidas nos vínculos da amizade. **Meu povo... obra de Minhas mãos... Minha herança** (25). Chegamos aqui ao ponto culminante daquele elemento da profecia para o qual a finalidade derradeira da complexa obra de Jeová é abolir a oposição entre as nações e englobá-las no reino, realizado sobre a terra.

Is-20.1

h) Aviso contra a loucura de uma aliança com o Egito (Is 20.1-6)

A data desta profecia pode ser fixada definitivamente, pois são as próprias inscrições de Sargom relativas ao ataque a Asdode que nô-la indicam: 711 a.C. Conta ela como Isaías andou descalço e incompletamente vestido durante três anos, pelas ruas de Jerusalém, como um aviso contra o Egito (2). Ao proceder assim, desejava ele vincar que do Egito ou da Etiópia não viria qualquer auxílio contra um ataque assírio (5). O aspecto miserável do profeta era sinal e símbolo do que sucedera ao Egito em resultado do triunfo da Assíria sobre esse país (3-4). Era óbvia a necessidade dessa mensagem por ser evidente que os dirigentes de Jerusalém haviam abandonado as esperanças de receber auxílio da Assíria e brincavam agora com a idéia de se aliarem ao Egito. Isso, bradava o profeta, era fútil, pois o próprio Egito estava condenado a ser derrubado pela Assíria. Nas palavras finais do oráculo, a doutrina nele expressa é reforçada (6). Os habitantes do litoral, designadamente a Palestina como um todo, vêem a futilidade de tal expectativa e exclamam: "Como, pois, escaparemos nós?" Esta profecia, como o revela a história subsequente, teve o seu cumprimento cabal da forma como Isaías tão claramente transmitira.

Asdode (1), uma das cinco cidades dos filisteus. **Tartã** (1), título oficial do comandante em chefe. **Assim como o Meu servo** (3). Em **#Ez 4** e **5** temos mais profecias deste tipo, isto é, traduzidas em atos. **Ilha** (6), ou, segundo outra tradução, **litoral**, isto é, a Palestina. Entenda-se, pois: "Se é esta a sorte daqueles para junto de quem fugimos em busca de auxílio e libertação do rei da Assíria, como lograremos escapar?"

Is-21.1

i) O deserto do mar (Is 21.1-10)

Esta mensagem profética anuncia, mas também lamenta, a queda de Babilônia. Nesta profecia, Isaías encara Babilônia conforme encarara já o Egito: completamente inútil para Judá por ir tombar ante o poder da Assíria (1-2). E, se os judeus pensassem em se voltar para o Egito depois de a Assíria os ter derrubado, e se tentassem negociar com Babilônia, Isaías diz-lhes que é inútil, pois o Elã e a Média estão unidos com a Assíria no ataque a Babilônia. Este é completamente inesperado, pois vemos aqui uma cidade que prepara a mesa, come e bebe (5). Mas os seus guerreiros são, de súbito, chamados a erguer-se para combater: **Levantai-vos, príncipes, e untai o escudo** (5). Isaías sente relutância em contemplar o que se passa, mas sobe à sua torre de atalaia à ordem do Senhor (6). Por fim, chegam notícias e ouve-se a mensagem: "Caída é Babilônia!" (9). O oráculo termina com Isaías a protestar que, por desagradável que ela seja, é esta a mensagem segura de Jeová (10). Como os monumentos arqueológicos revelam, esta predição refere-se ao derrubamento de Babilônia por Sargom cerca de 710 a.C.

O deserto do mar (1). A respeito desta expressão, escreve Delitzsch: "A zona em que Babilônia se erguia era um "midbar", uma grande planície que corria para o sul passando junto à Arábia Deserta e tão sulcada pelo Eufrates e por vários canais, como ainda por pântanos e lagos, que, por assim dizer, flutuavam no mar". **Virá** (1), isto é, o som do ataque a Babilônia. **Elã** (2), província de Susa, ao sul da Assíria. **Comem, bebem** (5); as mesas estão postas; a cena que se nos apresenta decorre dentro das portas da cidade; o alarme ainda não soara, e os habitantes comem e bebem alegremente. **Levantai-vos, príncipes** (5); é este o apelo súbito às armas ao começar o assalto do inimigo assírio. Ao profeta repugna pensar naquela cena de carnificina e destruição, e por ordem de Jeová (6) retira-se para a torre de atalaia para aguardar notícias e para proclamar dali o que lhe fosse revelado. **E clamou como um leão** (8), isto é, como se alucinado pela ansiedade da espera. **Ah, malhada minha** (10), linguagem extremamente patética. As notícias que se esperavam-notícias da derrota da Assíria no campo de batalha-eram outras, mas o profeta tem de transmitir o que lhe é revelado, por muito desagradável que seja o que lhe cumpre dizer.

>Is-21.11

j) Dumá (Is 21.11-12)

Dumá, que significa "silêncio", é um anagrama de Edom, isto, sem dúvida, por uma dupla razão: o silêncio costuma pairar sobre aquele país, e esse mesmo silêncio simboliza a decadência que o ameaça. A mensagem é indefinida, e talvez se pudesse dizer, até, que esse caráter indefinido constitui a própria mensagem. No silêncio das trevas, surge uma pergunta: **Guarda, que houve de noite?** (11). É essa a atitude mental do Edom, uma atitude de interrogação a respeito do futuro. A resposta é propositadamente indefinida também: sinais da manhã e da noite (12). O significado é, sem dúvida, que, pela sua atitude, ou pela escolha que fizessem. Edom decidiria se o seu futuro seria o deslumbramento da manhã ou a treva da noite. Ser-lhe-ia dada uma resposta definida mais tarde se se tornasse a fazer a mesma pergunta. **Gritam-me** (11), ou "clamam". **Que houve de noite?** (11). O sentido desta pergunta é: "quanto da noite já decorreu?" Talvez Edom achasse aquela noite intoleravelmente longa.

>Is-21.13

l) Arábia (Is 21.13-17)

O profeta passa agora de Dumá para os vizinhos deste país, os dedanitas, que eram mercadores, sempre de terra em terra (13). As declarações causadas pela guerra e a insegurança que se estende a lugares distantes oprimem-nos (14-15). Na altura dos ataques assírios, os mercadores têm de abandonar as rotas normais de comércio e abrigar-se nas florestas (13). Os fugitivos das regiões devastadas pela guerra são recebidos, e parece não haver maneira de escapar ao flagelo. Mas vinha ainda pior: estes fugitivos não eram senão guarda avançada de grandes exércitos que dentro de um ano levariam a destruição ao país dos filhos de Qedar (16-17). É esta a mensagem de Jeová, e nada se Lhe pode opor.

Dedanim (13), mercadores de Dedã, uma tribo mercantil do noroeste da Arábia. A interrupção das suas caravanas, e a necessidade em que se encontram de abandonar o caminho normal e refugiarem-se nas moitas dão provas da desorganização causada pela guerra. **Tema** (14), ao sul de Dedã. **Os anos de jornaleiro** (16), ver 16.14n. **Qedar** (17), designação geral de todas as tribos do norte da Arábia.

Is-22.1

m) O vale da visão (Is 22.1-25)

O profeta cessa agora de pronunciar oráculos acerca das nações circunvizinhas da Palestina para se referir ao estado de coisas na própria Jerusalém. Há duas partes, a primeira das quais (1-14) diz respeito ao povo em geral e às condições desesperadas em que ele se encontra por sua culpa, enquanto que a segunda (15-25) se prende com assuntos políticos e com a orientação dada pelos dirigentes aos negócios da cidade.

As palavras de abertura dirigem-se a uma cidade loucamente alvoroçada sem motivos (1). Porque vos regozijais assim, pergunta Isaías, quando nada tendes que mereça celebração? (2). Cesse a vossa loucura e o vosso insensato feriado, pois, por ordem de Jeová, vem sobre vós um dia de perplexidade e de confusão extrema, neste próprio lugar, o vale da visão, o lar da profecia (3-5). Voltando-se com um breve olhar para o inimigo, o profeta descreve o seu aparecimento (7). Todavia, isto não fez com que o povo tornasse para o seu Deus, única defesa segura na hora da aflição. Em vez disso, depositaram-se esperanças na casa do bosque, nos arsenais de Salomão, nas fortificações em torno da cidade, mas não em Jeová (8-11). O Senhor fizera um apelo ao choro e à penitência, mas, em vez disso, o povo respondera com festejos de ébrios (12-13). Para este esquecimento absoluto de Deus não pode haver perdão (14).

Só a sua indomável confiança na sobrevivência de um remanescente deu ânimo a Isaías para encetar a parte seguinte da sua mensagem a Jerusalém. Embora assim predissesse a destruição dos seus conterrâneos, agora fala dos processos e dos meios de assegurar um melhor estado de coisas na cidade. É essa a sua intenção ao exigir que Sebna, mordomo do palácio, seja destituído do seu cargo (15-19); embora a sua culpa não venha claramente mencionada, era, sem dúvida, cabecilha do partido que desejava firmar uma aliança com o Egito. Isaías exige que ele seja substituído por Eliaquim, filho de Hilquias (20-23). Que assim aconteceu prova-o o fato de, quando os assírios se encontravam às portas, Eliaquim desempenhar o cargo de mordomo, e Sebna ocupar o segundo lugar (#2Rs 18.18; #Is 36.3,11,22). No final desta mensagem, o profeta dirige-se a Eliaquim advertindo-o dos perigos do seu alto cargo (24-25). As complicações familiares e a indolência dos seus dependentes poderiam ser fatores tão fortes que provocassem a sua queda e o profeta afirma, até que será isso o que irá acontecer. "Dele penderá toda a glória da casa de seu pai, os renovos e os descendentes, todos os vasos menores, desde as facas até às garrafas. Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, o prego pregado em lugar firme será tirado, será arrancado e cairá, e a carga que nele estava se desprenderá, porque o Senhor o disse" (24-25).

O vale da visão (1), Jerusalém. É esse o local da visão por ser ali o lar da profecia. No estado presente de coisas, a cidade está rodeada por um grande exército, e todos os habitantes sobem aos telhados e a outros pontos altos para o ver. **Cidade que salta de alegria** (2). Em vez de se voltar penitente para Jeová Jerusalém entregara-se a uma orgia desenfreada de vinho e canções. **Não são mortos à espada** (2); o profeta emprega esta linguagem sarcástica com o intuito de envergonhar o povo da cidade, o qual não tem motivos de regozijo, como aqueles cujos filhos haviam tombado no campo de batalha, de frente para o inimigo. A morte que erra pelas ruas é a da pestilência e da fome. **Foram ligados pelos arqueiros** (3), literalmente, "feitos prisioneiros sem o arco" isto é, sem resistir. **Dia de alvoroço** (5). O vigor acumulado da descrição é impressionante: desapontamento, perplexidade, conhecimento de que aquela desgraça fora ordenada por Jeová, destruição do último baluarte, ficando apenas os montes para se lhes pedir auxílio. **A casa do bosque** (8), isto é, a casa da floresta do Líbano, assim chamada pelas suas colunas de cedro. Era parte do palácio de Jerusalém, servindo também como arsenal.

>Is-22.9

Os versículos 9-11 constituem um acrescentamento em prosa. J. E. McFadyen traduz: "Juntastes as águas do tanque inferior, contastes as casas de Jerusalém e demolistes-as (para obter material) para fortificação da muralha, e fizestes um reservatório entre as duas muralhas para a água do tanque antigo".

Is-23.1

n) Tiro (Is 23.1-18)

Este capítulo divide-se em duas partes. A primeira (1-14) é um poema dramático que descreve a destruição da grande cidade fenícia de Tiro. Há três estrofes nesta elegia, abrindo com um quadro dos marinheiros da Fenícia que tocam em Chipre na sua viagem de regresso e ouvem consternados notícias da terrível sorte que se abatera sobre Tiro (1-5). Já não existe o porto onde esperavam lançar ferro no final da sua viagem (6-11). Sidom é chamada a lamentar o destino da sua descendência, e o profeta revela que o sucedido sobreviera por ação de Jeová dos Exércitos (12-14).

>Is-23.15

A segunda parte (15-18), em prosa, diz-nos que a desolação se prolongará durante setenta anos. No final desse período, Tiro verá restaurada a sua prosperidade e fortuna, pois será visitada por Jeová (17). No entanto, não se descobrirão indícios de se haverem alterado os seus costumes. Assim como era, assim continuará a ser -uma meretriz que se deleita na sua atividade nefanda, traficando com todos os reinos do mundo. Depois, vem esta mensagem: "Será consagrado ao Senhor o seu comércio e a sua ganância de prostituta" (18). Isto, evidentemente, não significa que Tiro vá orientar a sua atividade mercantil de acordo com princípios santos; o que se afirmou é justamente o contrário. O profeta pretende dizer que, sob a pressão divina, os seus lucros não reverterão para utilização daquele povo, antes serão consagrados ao serviço do povo de Deus.

Tiro (1). Esta antiga cidade, uma colônia de Sidom (4), estava situada no litoral da Síria, sendo construída parcialmente em terra firme e parcialmente numa ilha ao largo. Durante muito tempo foi um grande centro comercial e o seu tráfico marítimo chegava aos limites dos mares então conhecidos. Foi mãe de muitas colônias (ver versículo 7 "cuja antigüidade vem de dias remotos? pois levá-la-ão os seus próprios pés para longe andarem a peregrinar"). G. A. Smith diz acerca deste capítulo: "É do maior interesse o capítulo de Isaías sobre Tiro. Contém ele a visão do profeta acerca do comércio a primeira vez que este se tornara suficientemente vasto para impressionar a imaginação do seu povo, bem como uma crítica do espírito mercantil do ponto de vista do Deus justo". **Navios de Társis** (1); ver 2.16n. Tem-se debatido muito a localização deste porto; alguns historiadores identificam-no com a célebre colônia fenícia de Tartessus na costa atlântica da Espanha, não longe da moderna Cádiz; outros, porém, afirmam que ficava na Itália e que os seus habitantes eram tirrenos ou etruscos. **Terra de Chitim** (1), isto é, Chipre. **Sicor** (3), ou seja, o Nilo.

Envergonha-te, ó Sidom (4). McFadyen traduz esta passagem como se segue:

"Ó Sidom, mãe de cidades,

Fortaleza do oceano,

Envergonhada, entoa este lamento:

‘Os jovens que com angústia dei à luz e criei,

E as donzelas que acarinhei, já não existem'".

Como com as novas (5), "quando as novas chegarem ao Egito". O seu comércio (18). A sua fortuna será aplicada em benefício do povo de Jeová.

III. O APOCALIPSE DE ISAÍAS: OS CASTIGOS DE JEOVÁ SOBRE O PECADO DO MUNDO Is 24.1-27.13

>Is-24.1

a) Castigo mundial (Is 24.1-23)

Com este capítulo passamos para uma nova seção do livro de Isaías. Os capítulos 24 a 27 constituem uma mensagem profética especial, tendo-se-lhes chamado, com muita propriedade, "o Apocalipse de Isaías". Nos oráculos das nações, os quais temos estado a estudar, o profeta mergulhara o olhar para além das fronteiras do seu povo e vira e falara acerca dos povos que rodeavam o seu por todos os lados. No fulcro, porém, do seu pensamento, encontrava-se a raça escolhida e o seu lugar na economia de Jeová. Nesta seção, o âmbito é ainda mais vasto, e toda a terra é considerada como sendo visitada por Deus. Contudo, uma vez mais, o povo de Deus ocupa o lugar central e está assegurado o seu livramento e salvação em todos os castigos que se abaterem sobre o país.

O capítulo 24 começa com a afirmação (1) de que a desolação que assolará a terra é obra de Jeová. Porque, eis o que nos é explicado logo a seguir: por causa dos pecados dos homens (5). Aquele ato de Deus constitui, afinal, o fruto da atuação das próprias leis a que o homem desobedecera. É isto que torna insípidos todos os tão gabados prazeres da terra (6-12). Durante algum tempo, entre todos os cataclismos que se abatem sobre as nações e os impérios, ouve-se a voz dos remidos louvando a Jeová (13-16), mas desaparece no brado de aflição da humanidade sofredora. "Emagreço, emagreço, ai de mim! Os pérfidos tratam perfidamente; sim, os pérfidos tratam perfidamente. O temor, e a cova, e o laço, vêm sobre ti, ó morador da terra" (16-17). Assim se abatem os castigos de Jeová sobre todo o mundo, sem que escapem sequer os dirigentes e as potestades do mal (21). Um castigo irrevogável e tremendo descera sobre a raça, que transgrediu os divinos decretos. Através de tudo isto, Jeová caminhará para a consumação da história, quando o Seu reino for estabelecido "no monte de Sião... e então, perante os Seus anciãos haverá glória" (23).

Eis que o Senhor esvazia a terra (1), palavras estas idênticas às que se empregam quando se descreve a operação do limpar um prato sujo. O pensamento é expressivo e compreensivo. O resto do capítulo limita-se a ilustrar este revolver e esvaziar da terra. **Emagreço, emagreço** (16), ou, "consumo-me". O castigo não se limita à terra; os seus efeitos atingem os céus e **os exércitos do alto na altura** (21), frase esta que se deve, sem dúvida, referir às potestades do mal que têm estado a ativar o progresso do pecado sobre a terra.

Is-25.1

b) Ação de graças e triunfo (Is 25.1-12)

Naquele dia, a atividade de Jeová não se limitará à destruição de tudo quanto avilta e desfigura o mundo que Ele criou; tampouco se restringirá a subjugar todas as falsas autoridades, tanto espirituais como humanas. Acima de tudo isto, brilhará a luz bendita do Seu livramento dos pobres e necessitados (1-5). A Sua atividade será redentora e esclarecedora. Não admira, pois, que, após o tema de destruição do capítulo 24, se erga o coro sonoro e cristalino de jubilosa ação de graças dos corações daqueles que O conhecem e que foram mantidos em perfeita paz no meio de todos os castigos enviados pelo Senhor. O versículo 9 sugere, até, que o profeta pensa que esses próprios castigos constituirão um meio de revelar Jeová e de provar que só por Ele é que a salvação se torna possível.

No centro deste capítulo ocorre a maravilhosa promessa de que a morte será tragada na vitória (8), uma frase digna de nota, tanto mais que a imortalidade não é um pensamento muito à superfície no Velho Testamento. Ver também 26.19n.

Acerca dos capítulos 25 a 27, escreve G. A. Smith: "Estes capítulos erguem-se na vanguarda da profecia evangélica. Na sua experiência da religião, na sua caracterização do povo de Deus, nas suas expressões de fé, esperança missionária e anseios de imortalidade, são extremamente ricos e edificantes".

Verdade e firmeza (1), literalmente, "em perfeita fidelidade". A realização destas maravilhas prova que os conselhos de Deus são verdadeiros. **Da cidade** (2), provavelmente uma expressão genérica que não se refere a qualquer cidade em especial. O contraste é extremo entre aquilo que o homem projeta e

aquilo que realmente consta do plano de Deus. **Paço dos estranhos** (2); uma pequeníssima alteração no hebraico tornaria possível transformar esta expressão em "palácio de orgulho". **Do pobre... do necessitado** (4). "Nestes capítulos, o povo de Deus é descrito por meio de adjetivos que denotam qualidades espirituais. Já não se invoca a sua nacionalidade, apenas a sua fome e sede de Deus..." (G. A. Smith). **Neste monte** (6), isto é, o monte de Sião. Ver **#Is 24.23**.

>Is-25.7

Destruirá (7), uma das promessas mais benditas contidas neste capítulo. Será removido o véu que pende sobre o espírito do homem e lhe torna tão difícil apreender as verdades divinas. A iluminação espiritual assim conseguida porá a descoberto coisas milagrosas e imortais. E é significativo que o versículo que se segue a esta promessa fala na realidade da imortalidade e na destruição da morte. **O opróbrio do Seu povo** (8). Ver **#1Co 15.54; #Ap 7.17; #Ap 21.4**. Moabe (10). Este país, sempre ativo contra Judá e, como tal, inimigo típico da raça escolhida, simboliza neste passo os adversários de Jeová.

Is-26.1

c) Gratidão e esperança (Is 26.1-21)

Este capítulo constitui outro cântico de louvor que celebra o triunfo da verdadeira fé em Jeová. É maravilhosa a descrição da adoração e testemunho de um Israel restaurado e convertido. Primeiro, ouvimos a multidão dos remidos entoar exultante o cântico de salvação (1); depois, vem uma voz dos céus, que clama: "Abri as portas, para que entre nela a nação justa" (2). O profeta pinta o estado bendito daqueles que assim entram: vivem em perfeita paz, pois o seu espírito é firmado por Jeová (3); são fortes, pois em Jeová há força eterna (4); o seu caminho é o caminho da retidão, pois as suas veredas são orientadas pelo supremamente Justo (7). Segue-se a exposição apaixonada do anseio da alma justa pelo seu Deus (9), e a afirmação de que só procurando-O assim é que se poderá chegar ao conhecimento da verdade. Lembrando-se dos dias passados e do domínio de outras potestades sobre o espírito, a alma derrama-se em oração (13).

O ponto culminante é atingido mesmo nos últimos versículos deste capítulo, nos quais, recordada mais uma vez a treva do caminho percorrido, se faz esta grandiosa afirmação de fé: "Os teus mortos viverão, os teus mortos

ressuscitarão: despertai e exultai, os que habitais no pó" (19). É esta a mensagem mais maravilhosa registada até aqui nesta parte das profecias de Isaías. No capítulo precedente tinha sido revelada a verdade da imortalidade "Aniquilará a morte para sempre" (#Is 25.8), mas aqui vamos ainda mais além. Temos nas palavras já citadas uma afirmação enfática da ressurreição do corpo, afirmação essa precursora da grandiosa doutrina cristã da imortalidade. Não admira que o coração de Israel rejubilasse em cânticos (19). Sim, os que habitam no pó podem cantar, mesmo rodeados pela ira e indignação de tremendos castigos divinos.

Naquele dia (1). A ocorrência repetida desta expressão nesta parte da profecia deve ser notada (veja-se #Is 24.21; #Is 25.9; #Is 26.1; #Is 27.1-2,12-13). Em todas estas passagens, o profeta refere-se ao dia de Jeová, em que Ele realizará os Seus vastos desígnios levando-os ao seu ponto culminante. **Tu retamente pesas o andar do justo** (7), isto é, orientas o seu caminho. **Por isso** (14), ou melhor, para esse fim. **O orvalho das ervas** (19), literalmente, "orvalho de luzes", isto é, um sentimento celeste, sobrenatural, de respeitoso espanto que pousa sobre os chamados por Deus. **Vai, pois, povo Meu** (20-21). Um breve olhar, lançado da segurança do santuário da paz de Deus no coração e no espírito confiante, para o mundo de tribulação e angústia onde os castigos do Senhor se concretizam. A paz de Deus situa-se dentro deste mar de provações.

Is-27.1

d) O auge do apocalipse do castigo e da graça (Is 27.1-13)

Este último capítulo do Apocalipse de Isaías prediz os bondosos e felizes efeitos dos acontecimentos a que já se fez referência. Após renovada afirmação de que todos os inimigos da justiça e todos quantos contrariam os propósitos divinos serão destruídos (1), vem a visão da restauração de toda a terra por instrumentalidade do povo de Deus. Através do símbolo da vinha (usado tão tragicamente no capítulo 5 para pintar o fracasso de Israel), o profeta fala na fertilidade de Israel como bênção para toda a terra. Antigamente, só havia uvas bravas, e a vinha, que assim falhava nas suas funções naturais, foi entregue ao castigo. Agora, ela é extremamente frutífera (6). Através do castigo descobriu-se o ideal glorioso. Apenas durante algum tempo (7-11), o profeta evoca os castigos a que ela fora sujeita e afirma que tinham sido temperados pela misericórdia e pelo amor. Afirma também que, repudiando toda a sua confiança em coisas falsas, materiais, encontrará o perdão de que carece. O capítulo termina com um grande toque de trombeta

que fará com que os exilados acorram de todos os países e se dirijam a Sião para adorar ali Jeová no Seu santo monte (12-13).

Leviatã (1). O profeta tem em mente três impérios: a Assíria (a serpente veloz, que representa o rio Tigre, caudaloso e rápido); Babilônia (a serpente tortuosa, que representa o Eufrates, com Seus meandros); e o Egito (o dragão-ver **#Is 51.9** e a nota a **#Is 30.7**). **Uma vinha** (2). O profeta refere-se a Israel como sendo uma vinha deliciosa guardada por Jeová e da qual Ele colhe o fruto. Todas as pragas são por Ele retiradas dali. **Não há indignação em Mim** (4). O sentido é que Jeová não pode acalentar sentimentos de ira contra a Sua vinha, mas contra sarças e espinheiros -símbolos dos inimigos de Israel-agirá rapidamente para os destruir. **Ou que se apodere** (5), a alternativa à destruição. Os inimigos de Israel podem ainda reconciliar-se com o Deus desse povo. McFadyen traduz como se segue os versículos 7 e 8:

"Foi Israel ferida tão duramente

Como aqueles que a haviam ferido?

Ou foi morta sem que ficasse um resto,

Como aqueles que a mataram?

Jeová só contendeu com ela

Despedindo-a e exilando-a:

Varreu-a para longe com o Seu sopro,

Um sopro forte no dia do furacão".

Os métodos de Jeová para o Seu povo escolhido têm sido métodos de misericórdia. O castigo tem sido moderado, visando sempre a fazer com que esse povo se volte para Ele. Todavia, o perdão e a restauração dependem da renúncia a toda a idolatria (9).

>Is-27.10

A cidade forte (10). Uma imagem que o profeta introduz para salientar o seu ponto de vista relativamente à necessidade de pôr de parte os ídolos e de servir

a Jeová; trata-se de uma reelaboração do versículo 7. O castigo daqueles que afligiram Israel é muito maior do que o do próprio Israel. **O Senhor padejará** (12). O sentido é que, em todos os territórios a que estas mensagens se referem, o trigo será cuidadosamente separado do joio, os verdadeiros israelitas apartados dos restantes. Assim como um agricultor colhe as azeitonas nas oliveiras, assim também o Senhor irá buscar o Seu povo a todos os países.

Is-28.1

IV. PROFECIAS RESPEITANTES ÀS RELAÇÕES DE JUDÁ E JERUSALÉM COM O EGITO E A ASSÍRIA Is 28.1-33.24

No capítulo 28, voltamos ao ministério público direto do profeta. Dos vastos cataclismos de castigo universal, Isaías volta a falar na situação local e imediata. Nos capítulos 28-33 há seis mensagens distintas, todas elas começando pela palavra "Ai" (à exceção do capítulo 32). Em cada uma, a ira ardente do profeta dirige-se contra a política derrotista e injustificada que procurava o auxílio do Egito. Como sempre, a visão de Jeová pairando no alto, vigilante sobre o Seu povo e aperfeiçoando os Seus propósitos, está, evidentemente, presente no espírito do profeta, sendo todas as correntes da política quotidiana encaradas à luz dessa verdade soberana. Quanto às implicações religiosas das alianças políticas, ver o Apêndice 2 do Livro de Reis.

a) Primeira mensagem de desolação (Is 28.1-29)

Eis o que escreve G. A. Smith acerca deste capítulo 28: "Trata-se claramente de uma das maiores profecias deste profeta, distinguindo-se pela magnífica versatilidade de estilo que confere ao seu autor a primazia entre os escritores hebreus. Profundas análises de caráter, contrastes realistas entre o pecado e o castigo, respostas impregnadas de inteligência, epigramas, catadupas de sarcasmo e de julgamentos, surgindo, porém, no fim um plácido rio de argumentação marginado por doces parábolas-tais são as formas literárias deste capítulo, cuja grandeza moral deriva do vigor com que a sua corrente se encaminha para a fé e a razão. As verdades sublinhadas pelo profeta aplicam-se a todas as épocas abundantes em luxúria e intemperança, em que há olhos demasiado obcecados pela febre do pecado para verem a beleza da pureza simples, e espíritos tão atulhados de conhecimento ou tão inebriados pela sua

inteligência que apodam de lugares comuns as máximas da razão moral e zombam da instrução religiosa, chamando-lhe alimento para bebês".

O capítulo abre com o profeta entre os dirigentes de Jerusalém (ver versículo 7), dizendo-lhes que ergam os seus olhos das suas taças e esquadrinhem os horizontes do norte, a Samaria (1-4). É certa a condenação dessa cidade, e não tardará que aquela se torne um fato consumado. Sem dúvida que até eles se apercebiam disso, mas, em resposta, dizem zombeteiramente ao profeta: "A quem, pois, se ensinaria a ciência, e a quem se daria a entender o que se ouviu?" (9). O profeta replica pegando nestas mesmas palavras de escárnio e dizendo que a tempestade que agora ameaça Samaria não se dissipará ali, pois o pecado de Samaria é também o dos seus ouvintes (11-13).

Seguidamente, Isaías fala na loucura de supor que, para evitar a catástrofe, bastaria lançar mão de argutas políticas de aliança com o Egito ou tratados com Samaria (14-15). Os seus próprios pactos eram "concertos com a morte, e com o inferno... aliança" (15). Ninguém pode ser salvo de tais perigos aliando-se com eles! O próprio Jeová anulará os acordos assim feitos, e levará a cabo a Sua estranha obra de castigo (18-20); a destruição que aguarda no futuro espalhar-se-á por toda a terra (22). O capítulo termina com uma parábola que acrescenta algumas cores mais alegres ao quadro no seu todo (23-29). Assim como o lavrador, que se serve do arado para revolver o solo, e do malho para bater no trigo, trabalha sempre de acordo com um plano já estabelecido, assim também Jeová, mesmo no meio do dilúvio e da luta, leva a cabo o Seu eterno propósito de bênção para os Seus filhos.

Ai da coroa de soberba (1), isto é, a cidade de Samaria, capital do reino do norte. "Coroava" ela uma montanha que se erguia no meio de um vale fértil. Eis o comentário de O. C. Whitehouse: "O profeta compara Samaria com a cabeça de um ébrio, coroadada por uma grinalda de flores murchas". **Um homem valente e poderoso** (2), o assírio. **Coroa gloriosa** (5); como faz tão freqüentemente, no meio de profecias de condenação o profeta lembra a grande esperança messiânica para o remanescente fiel. Comparem-se os versículos 5 e 6 com os versículos 3 e 4. **Também estes erram por causa do vinho** (7), ou seja, Jerusalém é tão culpada como Samaria. **Andam errados na visão** (7), isto é, o profeta. **Tropeçam no Juízo** (7), ou seja, o sacerdote. Nos versículos 9 e 10 temos a resposta desdenhosa do povo de Jerusalém às palavras do profeta. Nos seus loucos festejos, riem-se dele e das suas palavras, troçando da aspereza da linguagem rude da mensagem que ele lhes transmite. O. C. Whitehouse traduz este passo como se segue:

"Com a sua lei sobre lei, lei sobre lei,

Sentença sobre sentença, sentença sobre sentença,

Aqui um pouco, ali um pouco".

>Is-28.11

Por lábios estranhos (11). Isaías ameaça-os agora severamente com o fato que, se não quiserem escutar a sua mensagem, se verão forçados a escutá-la à mesma mas na linguagem estranha de soldados estrangeiros nas suas ruas, descrevendo-a da mesma forma que eles a tinham escarninhamente descrito quando pronunciada por ele. **Este é o descanso** (12). Só na abstenção de alianças estrangeiras e na confiança completa em Jeová e na Sua palavra é que o país e a alma encontrarão verdadeiro repouso.

>Is-28.16

Uma pedra (16), o que vem lembrar de uma forma bondosa, no meio de tantas profecias sombrias e trágicas de catástrofe, a antiga promessa feita à família de Davi. Nessa promessa têm de se basear, pois a mensagem é verdadeira. Esta profecia é citada várias vezes no Novo Testamento, como, por exemplo, em **#Rm 9.33**; **#Ef 2.20**; e **#1Pe 2.6-8**. **Não se apresse** (16). Comentário de G. A. Smith: "Esta destruição que se desenha no futuro abrangerá a terra inteira; por isso, deixai-vos de correr daqui para acolá em busca de alianças. Aquele que crê não se apresse; fique em casa e confie no Deus de Sião, pois é essa a única coisa que se manterá". **O júízo** (17), isto é: "Farei da justiça a bitola".

>Is-28.19

Desde que comece a passar (19), ou, conforme outra tradução, "tantas vezes quantas passar". **A casa será tão curta** (20). A política ímpia é insuficiente para dar descanso; só sob o divino governo é que se encontra verdadeiro repouso na vida. A aplicação imediata é ao Egito; a aliança com esse povo-a que se chamou no versículo 18 "concerto com a morte" -não resolverá a situação. **A Sua estranha obra** (21), estranha por Ele Se ir erguer contra o Seu povo, enquanto que antigamente Se erguera contra os inimigos que o ameaçavam. Na parábola dos versículos 23-29, os processos do lavrador simbolizam os de

Jeová na maneira como Ele lida com as nações. O efeito da parábola é abrandar a sentença de castigo que acabou de ser emitida.

Is-29.1

b) Segunda mensagem de desolação (Is 29.1-14)

O capítulo 29 dá prosseguimento ao tema já sugerido no capítulo anterior, a saber, a loucura de uma aliança com o Egito. Tem duas partes, abrangendo a segunda e a terceira das mensagens de desolação do profeta.

Nos versículos 1-14 o profeta dirige-se à cidade de Jerusalém, chamando-lhe a cidade de Ariel, e as suas palavras são, uma vez mais, de condenação. É uma cidade eivada de luxúria, ociosa, frívola e idólatra. Virá o tempo em que ela se verá assediada por todos os lados, sendo o ataque instigado pelo próprio Jeová (2-3). Antes de Jeová a poder tornar Sua, terá de a atacar e reduzir a escombros (4). Naquele dia, Ariel será um nome bem apropriado (ver nota abaixo). Depois, de súbito, como foi tão freqüentemente frisado antes, os inimigos às portas da cidade serão como o pó miúdo da terra, impelido daqui para acolá e obrigado a dispersar (5,7-8). O efeito desta mensagem sobre o povo vem pintado de uma maneira bem vívida nos versículos 9-12. A população da cidade fica inteiramente assombrada, como homens brutalmente arrancados ao sono e incapazes de ler uma mensagem que lhes é posta nas mãos. A causa desse assombro é não terem um bom conhecimento pessoal do Senhor que dizem servir (13). O formalismo religioso destruiu a sensibilidade da sua natureza, pois de outro modo teriam ouvido e entendido o mandamento do céu. Serão necessárias medidas ainda mais catastróficas para assegurar que o plano divino não seja gorado (14).

Ariel (1), outro nome de Jerusalém, usado com particular referência ao significado da raiz desta palavra, que muito provavelmente quer dizer "lareira de Deus" ou "lareira do altar". O espetáculo do grande altar com as suas vítimas sangrentas no átrio do templo pode ter sugerido ao profeta este nome, sobretudo por ele prever uma Jerusalém esvaída em sangue, como o próprio altar, com os mortos prostrados por toda a parte nas ruas da cidade. **Em que Davi assentou o seu arraial** (1), ou, de acordo com outra tradução, "onde Davi acampou". **Acrescentai ano a ano** (1), isto é, "acreste-se um ano a um ano", ou, por outras palavras, "daqui a um ano". **Será... como Ariel** (2), ou seja, a própria cidade será digna do seu nome, constituindo um grande altar de mortos. **A multidão dos teus inimigos** (5). Como tantas outras vezes, esta

mensagem referente à destruição dos inimigos de Israel abranda a severidade da mensagem de condenação para a cidade de Jerusalém.

>Is-29.15

c) Terceira mensagem de desolação (Is 29.15-24)

O profeta fala agora aos políticos, intriguistas e conspiradores, sempre a urdir profundos desígnios e pensando que podem pôr em prática os seus planos no meio do maior sigilo, agindo como se o próprio Deus pudesse ser deixado de fora (15). Quão insensata é tal idéia, pois tais planos são verdadeiramente dominados pela mão de Deus! Comparada com tentativas tão mesquinhas, como é vasta e grandiosa a Sua obra (17)! Essa obra maravilhosa destina-se, não apenas a satisfazer o desejo humano de assistir a um milagre, mas também a trazer bênçãos aos surdos e cegos (18), aos humildes e pobres (19); o zombador será derrubado juntamente com o tirano (20-21); Israel será tornado digno do seu Deus e dos seus antepassados (22). Nação completamente indigna de tudo o que há de melhor na sua história, quando esta obra estiver realizada a verdadeira religião florescerá (23).

Esconder profundamente (15), ou seja, ocultar os seus desígnios aos olhos de todos, sem dúvida uma referência aos políticos que planejavam em segredo uma aliança com o Egito. **Líbano** (17), é proverbial, sendo o sentido que a terra inculta trocará o seu lugar com a terra cultivada. Compare-se com a rejeição da nação judaica e a aceitação dos gentios (**#Rm 9-11**). **As palavras do livro** (18), ou seja, o livro da revelação e da promessa profética que até ali estivera selado para os seus ouvidos. Noutras palavras, "os gentios ouvirão". Eis como J. E. McFadyen traduz os versículos 20 e 21:

Porque então o tirano terá desaparecido,

E cessará o zombador;

E aqueles que eram zelosos no pecado

Terão sido todos desarraigados,

Com os que falsamente condenavam

E procuravam ludibriar o juiz

E sofismavam para prejudicar o inocente.

Is-30.1

d) Quarta mensagem de desolação (Is 30.1-17)

Este capítulo conduz-nos ainda mais ao âmago das negociações com o Egito que visavam a um tratado de aliança, e exprime melhor o escárnio do profeta evocado pela loucura e fatalidade de tal curso de ação. Esta mensagem dirige-se ao povo em geral, agora classificado de "filhos rebeldes" (1). Anteriormente tinham dado provas de falta de confiança em Jeová, procurando aliar-se com o Egito; ora, a persistência em tal política depois dos avisos diretos e insofismáveis do profeta constitui pura rebelião.

O profeta apresenta-nos a embaixada a caminho do Egito em contradição direta com tudo quanto fora ordenado por Jeová (1-2). Vê-se a caravana inútil (6) levando tributo de Judá ao Egito, jumentos e camelos caminhando penosamente através do deserto, "terra de aflição e de angústia" (6), e tudo por "um povo que de nada lhes servirá" (5). Qual a razão desta calamidade? Porque iria o povo de Jeová procurar assim o auxílio de uma aliança sem futuro? O profeta não tem quaisquer dúvidas: é o fruto da rebelião contra Deus (8-9). O povo recusara-se a escutar a palavra do Senhor e exigira coisas aprazíveis (10). A falsidade e a irreverência cegaram-no ao verdadeiro caráter do Egito, fazendo-o voltar costas a Deus e ao Seu profeta (11). É em vão que este os adverte apontando uma vez mais o verdadeiro caminho da libertação e da segurança (15). A resposta a tais advertências é: "Não" (16); preferia-se marchar contra o inimigo, persegui-lo em cavalos obtidos do Egito, muito bem, diz o profeta; correreis, sim, mas desbaratados pelo inimigo; a vossa tão apregoada rapidez será a rapidez da fuga precipitada (16-17).

>Is-30.4

Os seus príncipes (4), isto é, os príncipes de Judá. **Zoã** (4); ver 19.11n. **Hanes** (4), ao sul de Mênfis. Os dois nomes indicam os limites setentrionais e meridionais do Egito. **Eles se envergonharão** (5). Uma ligeira modificação no original dá-nos uma versão mais natural, "todos eles carregados com dádivas para um povo que de nada lhes servirá". No versículo 6 temos um quadro de uma caravana que atravessa o deserto na sua desastrosa expedição. **No estarem quietos estará a sua força** (7). G. A. Smith comenta acerca deste difícil

versículo: "Os hebreus tinham uma alcunha para o Egito: chamavam-lhe "Rahab" -barulhento, gabarola. Sim, diz Isaías, lançando mão da velha alcunha e acrescentando-lhe outra que descreve bem a impotência e inatividade do Egito, chamo-lhe "Rahab" -está quieto, discurso tempestuoso, amigo de ficar em casa-é esse o seu caráter; pois o Egito auxilia em vão e sem proveito algum".

>Is-30.18

e) Perdão, prosperidade e triunfo (Is 30.18-33)

Devido à desobediência de Israel, Jeová tem de esperar o momento de ser bondoso (18). A Sua misericórdia tão soberana e tão gratuita remirá e salvará o Seu povo. As palavras que se seguem (19-26) figuram entre tudo o que de mais belo Isaías nos legou nos seus escritos. Não temos aqui uma argumentação fixa, apenas relâmpago após relâmpago da revelação divina. Abrem-se janelas umas após outras, cada qual com uma nova visão gloriosa. Serão verdadeiramente concedidos dons de Deus que satisfazem todas as necessidades: um lar permanente, conforto para todos os desgostos (19); pão da adversidade, mas acompanhado da revelação divina (20); orientação certa (21); ódio à idolatria, sendo todos os ídolos lançados fora para sempre (22); maior produtividade do solo (23-25); luz e glória (26).

Tudo isto aguarda ainda a sua realização. Entretanto, os assírios acumulam os seus exércitos, e o clamor da sua aproximação torna-se cada vez mais forte (27-28). Todavia, na noite de aflição ouvir-se-á o cântico de solene júbilo como quando se celebra uma festa sagrada (29). É o cântico da confiança em Deus, e em breve se vêem as nuvens e trovões da guerra afastarem-se para bem longe da cidade santa, no encalce do assírio em debandada (31-32). Finalmente, o poder assírio desaparecerá em fumo e chamas (33).

Os teus instruidores (20); aliás a tradução correta é no singular, "o teu instruidor" -referência clara ao próprio Jeová. **Como o ribeiro transbordando** (28). Temos aqui três metáforas: uma cheia, uma peneira e um freio. **Com peneira de vaidade** (28), isto é, para nada. A noite de santa solenidade (29) refere-se à Páscoa, celebrada de noite, no meio de cânticos. **Que feriu com a vara** (31); refere-se ao Senhor. Traduza-se:

A voz trovejante de Jeová,

Quando Ele castiga com a vara,

A Assíria encolher-se-á de terror.

>Is-30.32

E a cada pancada do bordão do Juízo (32). Os golpes do destino divino cairão um após outro no meio dos cânticos do regozijo entoados pelo povo remido de Jeová. Tophet (33), um local onde se queimavam detritos. Para o rei (33), isto é, o rei da Assíria.

Is-31.1

f) Quinta mensagem de desolação (Is 31.1-32.20)

Na quinta mensagem de desolação, que abrange os capítulos 31 e 32 o profeta reitera o seu grande tema, a atividade do governo de Deus revelando-se, conforme vimos, quer numa forma punitiva, quer numa forma restaurativa. Na realidade, trata-se de uma repetição do que já havia sido dito. Os mesmos princípios e os mesmos efeitos são esboçados em novas formas, embora pronunciados numa altura que exigia urgência ainda maior, pois os políticos dos judeus mergulhavam cada vez mais profundamente na intriga e os acontecimentos desenrolavam-se a um ritmo acelerado.

1. LOUCURA DE CONFIAR NO EGITO (#Is 31.1-9). Temos de supor que, quando esta profecia foi pronunciada, a aliança já se estava concretizando, congratulando-se os diplomatas judaicos pelas perspectivas da sua ratificação. Nesta situação tensa, Isaías pronuncia uma nova mensagem de desolação, condenando os dirigentes por confiarem nos cavalos e carros do Egito e olvidarem por completo o Deus de Israel (1). "Todavia, também Ele é sábio", diz o profeta, salientando a impotência dos projetos humanos por argutos que pareçam (2-3). Contudo, Deus está sempre pronto a salvar o que merece ser salvo. Lançará o Seu escudo em torno de Jerusalém e a cidade será salva, enquanto que os inimigos da Sua vontade serão completamente eliminados (4-5). Que à luz desta grande verdade Israel se volte de novo para o seu Deus e aguarde a Sua vontade (6)! Como as aves voam (5); compare-se com #Dt 32.11-12.

Is-33.1

g) Sexta mensagem de desolação (Is 33.1-24)

Este capítulo, que contém a sexta e última mensagem de desolação, diz respeito ao aniquilamento do poder da Assíria. Não há dúvida de que a profecia se refere ao desaparecimento dos assírios de ante as muralhas de Jerusalém. É um capítulo que atinge grandes culminâncias. Isaías arremessa a desolação do Senhor contra os assírios, e com suprema segurança profetiza a sua destruição imediata. G. A. Smith sugere que parte deste capítulo foi escrita em vésperas do livramento e parte imediatamente depois de a manhã ter raiado sobre o exército desaparecido. Segundo esta hipótese, as palavras de abertura adaptam-se perfeitamente ao próprio momento da crise: "Ai de ti, despojador, que não foste despojado" (1). Segue-se uma prece do profeta para que lhe sejam concedidas forças na hora da necessidade (2), vindo então um quadro vívido da soberania de Deus e da eterna providência que, com justiça e retidão, enche Sião (3-5). Na presença de tais forças do inimigo às portas da cidade, a nação é impotente.

Nos versículos 7-12, vemos os enviados do inimigo exigirem a rendição da cidade, e constatamos o desgosto dos defensores por terem de negociar com eles; a tristeza do país nesta hora de crise é pintada com grande colorido. Logo depois, porém, se ouve a voz de Jeová (10), e com ela tudo se transforma. O poder do inimigo nada vale quando Jeová Se ergue.

A segunda seção do capítulo (versículos 13-24) constitui um quadro do povo assombrado quando começa a tomar consciência da libertação. Acima de tudo quanto sucedeu encontra-se o fato de Deus Se ter tornado real para ele (14), e o povo sente a sua pecaminosidade. Tinham assistido à realidade do fogo divino de julgamento, e, ao verem as chamas devorar a hoste assíria, a sua consciência despertou e aquela gente sentiu-se impelida a exclamar: "Quem dentre nós habitará com o fogo consumidor?" A resposta é clara e incisiva: "O que anda em justiça e o que fala com retidão... este habitará nas alturas" (15-16). Trata-se de uma ilustração única da mensagem contida num capítulo anterior ([#Is 26.9](#); compare-se com [#Is 32.1,16-17](#)). Seguem-se (17-24) alguns fragmentos dramáticos que descrevem o louco sentimento de libertação despertado pela partida do inimigo para longe da cidade. Desaparecem da cena os sitiadores de Jerusalém com a sua estranha linguagem e equipamento (19), o rei pode tornar a aparecer (17), e os extremos do país, lá longe, ficam uma vez mais abertos a quem os pretenda percorrer (17). Jerusalém está salva (20). O templo está em segurança (20); Jeová é a sua defesa (21-22); a doença desaparece (24), o povo regozija-se no perdão divino (24).

Ai de ti, despojador (1), isto é, o assírio. **Senhor, tem misericórdia de nós** (2). A oração do profeta no meio do povo tem por tema a libertação e salvamento desse mesmo povo. Continua ela no versículo 3, onde o profeta relembra o poder de Jeová, que dispersa as nações. **O vosso despojo** (4). O profeta dirige-se aqui aos assírios e afirma que os judeus levarão em breve o seu despojo, assim como as locustas limpam os campos. **Os seus embaixadores** (7), isto é, os enviados assírios. **Os mensageiros de paz** (7), os negociadores judeus com o tributo. **As estradas estão desoladas** (8), um quadro da devastação causada pelo avanço do inimigo. **Ele rompeu a aliança** (8). Esta frase refere-se ao desprezo do rei assírio pela sua promessa, pois tornou a assolar Judá com os seus exércitos. **Líbano... Sarom** (9), as zonas mais férteis são desoladas e tornadas estéreis. **Concebestes palha** (11), um quadro da futilidade humana. **O vosso espírito vos devorará como fogo** (11), isto é, o orgulho e arrogância dos assírios seriam a causa da sua destruição. **Como os incêndios de cal: como espinhos cortados** (12), quadros gêmeos de destruição completa e instantâneo. **O teu coração considerará em assombro** (18), isto é, o espetáculo do inimigo odiado imperando às portas da cidade, contando e pesando o tributo. **O pagador** (18), isto é, aquele que pesava o tributo. **Enfermo estou** (24); o sofrimento terminará com a abolição do pecado.

Is-34.1

V. PROFECIAS QUE PROCLAMAM A QUEDA DE EDOM E A REDENÇÃO DE ISRAEL Is 34.1-35.10

Os capítulos 34 e 35, que são os últimos desta parte do livro de Isaías, mergulham uma vez mais nos horizontes distantes. Assim como, imediatamente depois das profecias respeitantes às várias nações circunvizinhas de Israel, são pronunciadas outras profecias, mas estas respeitantes ao mundo inteiro (capítulos 24 a 27), assim também, depois das mensagens de desolação, se verifica que o profeta segue a mesma regra. Uma vez mais, foca a desolação, tema do capítulo 34, mas em breve se torna a ouvir o cântico triunfal da restauração, e é nessa nota alegre que termina esta parte do livro.

a) Castigo universal das nações (Is 34.1-4)

Estes versículos têm um carácter puramente apocalíptico. Vemos neles a ira de Jeová proceder contra todas as nações da terra devido aos seus pecados. Não

só a terra perecerá (2-3), mas também os céus serão enrolados como um livro (4). **Ele as destruiu totalmente** (2), ou antes, "Ele votou-as à destruição".

>Is-34.5

b) Destruição de Edom (Is 34.5-17)

Dos horizontes universais da destruição o profeta volta a dirigir se a Edom como símbolo e fulcro de todos os antagonismos contra Sião. Edom tomara sempre partido com as nações da terra na luta com Sião. A respeito deste problema escreve G. A. Smith: "Cônscio da sua vocação espiritual no mundo, Israel sentia amargo ressentimento por o seu próprio irmão ser tão vilmente hostil às suas tentativas de traduzir essa vocação na prática. É isso que devemos ter presente no espírito ao lermos os versículos indignados do capítulo 34. Lembremo-nos de que este capítulo, apesar de toda a sua animosidade, se inspira na convicção de Israel de um destino espiritual e de um serviço a prestar a Deus, e no ressentimento natural por um povo aparentado com ele envidar todos os esforços para que essa missão não se cumprisse".

>Is-34.8

A vingança de Deus abate-se sobre toda esta atitude de oposição à Sua vontade revelada (8). O espírito de Edom só pode conduzir ao aniquilamento. A respeito deste fato escreve o Dr. Campbell Morgan: "É, pelo menos, extremamente sugestivo que, quando nosso Senhor, flor única, perfeita, e fruto da raça de Israel, estava neste mundo exercendo o Seu ministério terreno, era um idumeu, ou seja, um edomita, na pessoa de Herodes, que reinava sobre o Seu povo; e é ainda mais sugestivo a esse respeito que foi ele o único ser humano ao qual Cristo nada teve a dizer. Uma vez mandou-lhe Ele uma mensagem de desprezo. Quando, por fim, Se encontrou na sua presença, nada lhe disse. Deus não entra em negociações com aquilo que Edom representava; a destruição, eis o quinhão que lhe pertencia".

O quadro de ruína e desolação neste capítulo é impressionante e horroroso. Carnificina, um país devastado onde as feras vagueiam, aves de rapina, répteis, criaturas demoníacas, desgraça completa -são estas as cores básicas desta tela medonha. E o fim é certo: **Nenhuma destas coisas falhará** (16). **A minha espada se embriagou nos céus** (5); a idéia é que a espada do Senhor se banhara na ira celeste. Compare-se com **#Is 63.1-6; #Ob 1-21. Cordeiros e**

bodes... carneiros (6), isto é, o povo comum. **Unicórnios... touros** (7), isto é, os dirigentes, nobres e príncipes do povo. **Descerão** (7), isto é, à ruína. **Os seus ribeiros** (9), os ribeiros de Edom. Toda aquela região é de natureza vulcânica. O profeta tem, evidentemente, na memória a vizinhança de Sodoma e Gomorra e a destruição que caiu sobre estas cidades. **O pelicano e a coruja** (11), ou antes, o pelicano e o porco-espinho. **Cordel de confusão** (11); traduza-se:

Jeová estenderá sobre ela

O cordel de medição do caos,

E o prumo da destruição.

>Is-34.13

Dragões (13), ou, segundo outra tradução, "chacais". **Buscai no livro do Senhor** (16), o título de Isaías para as suas mensagens proféticas. Virá o tempo, diz ele, em que tudo quanto aqui fica predito para Edom será demonstravelmente cumprido. **Lançou as sortes... repartiu... com o cordel** (17). Assim como Canaã fora repartida por lotes entre os filhos de Israel nas suas várias tribos, assim também esta terra é agora descrita como região onde vagueavam animais selvagens, pestilentos, que a dividiriam entre si.

Is-35.1

c) A alegria dos remidos (Is 35.1-10)

Chegamos agora à nota final da primeira parte do livro de Isaías, constituindo aqui contraste absoluto com a desolação do capítulo anterior e cantando o júbilo que espera os exilados que regressam de longe ao lar e a alegria dos remidos do Senhor ao estabelecerem-se em Sião. O capítulo começa com a menção do ermo, da terra seca e do deserto, mas menção essa já feita à luz daquilo em que se transformarão-região fragrante, com vales frutíferos e flores alegres (1-2). Depois, vem a mensagem de Jeová ao povo que aguarda o Seu aparecimento e salvação (3-10). Será um povo forte, pois a sua libertação é certa (4); a seu favor operar-se-ão milagres que excedem tudo quanto seria possível conceber (5-6); contemplarão também maravilhas no regresso à pátria através do deserto da sua peregrinação (6-7); o caminho de retorno será

aberto, seguro e pisado apenas pelos santos de coração (8-9); a chegada a Sião será celebrada com "júbilo e alegria eterna" (10).

É assim que Isaías atinge o auge da visão que sempre o acompanhou. A meta é bem visível: Sião, a cidade de Deus, onde a ordem divina se implantará de forma bendita. Jamais alguém viu melhor ou denunciou em termos mais categóricos a corrupção da vida. A mensagem de Isaías tinha freqüente e forçosamente de ser fúnebre, sombria, mas nunca atinge as profundezas do desespero. Isso era impossível, pois ele sempre contemplava o Senhor nas alturas, acima das procelas e tempestades da vida e da história. Esta visão bastava para banir o temor e o pressentimento, entronizando a fé triunfante. Em cada dia de aflição e trevas, através da longa noite de choro e desolação, via brilhar à frente o dia de Jeová. Esse dia iria romper quando estivesse cumprida toda a vontade revelada do céu; disso não podia haver dúvidas. O triunfo final era inevitável por Deus ser Deus. Até esse dia alvorecer, haveria muitos outros de ira e fogo consumidor, mas o fim seria luz e vida, o júbilo de uma grande redenção, a expulsão de toda a imundície, a realização de uma redenção régia, o cântico de um poderoso exército constituído pelos filhos de Deus. É esta visão e é este triunfo que o capítulo 35 celebra.

Será para aqueles (8), ou melhor, Ele os acompanhará.

Is-36.1

VI. APÊNDICE HISTÓRICO: A VIDA E ATIVIDADE DE ISAÍAS DURANTE O REINO DE EZEQUIAS Is 36.1-39.8

Os quatro capítulos que se seguem constituem um interlúdio histórico colocado entre a primeira e a segunda parte do livro de Isaías. São praticamente uma transcrição de **#2Rs 18.13-20.19** (ver notas respectivas), excetuando o cântico de ação de graças de Ezequias em **#Is 38.9-20**. Registram incidentes ocorridos no reino de Ezequias e preenchem o contexto de grande número de mensagens proféticas.

a) A ameaça assíria a Jerusalém (Is 36.1-37.38)

Tudo aconteceu conforme Isaías predissera, e o ataque foi repellido por intervenção de Deus, como ele anunciara. Temos aqui um relato da chegada do exército de Senaqueribe (1-3) e o discurso de Rabsaqué, seu comandante em chefe (4-10), em que manhosamente procura minar a moral do povo.

Frisou ser loucura confiar no Egito, cana quebrada (6); quanto a Jeová, o rei Ezequias havia deliberadamente voltado costas a Ele (7) -sutil deformação dos fatos. O enviado dirigiu-se então diretamente ao povo apinhado nas muralhas (13), salientando a grandeza das vitórias do rei da Assíria e a futilidade de procurar resistir-lhe. Nenhuma resposta lhe foi dada (21), e os representantes judeus procuram o rei para lhe transmitir a sua triste história (22).

Is-38.1

b) A doença e convalescença de Ezequias (Is 38.1-8)

Os pormenores respeitantes a esta doença e as conseqüências que ela teve vêm mais amplamente registrados no relato de #2Rs 20, pelo que é preferível consultar as notas respectivas. Neste relato, ilustra-se a intervenção divina a favor do chefe do povo judaico, uma intervenção tão milagrosa como o fora a ação do Senhor na luta contra os assírios.

>Is-38.9

c) Cântico de ação de graças (Is 38.9-22)

Segue-se um cântico de ação de graças entoado pelo rei depois da sua convalescença. É a mensagem comovente de um homem que estivera às portas da morte e regressara à vida. Em primeiro lugar, lembra a sua doença (10-14), e evoca esses momentos amargos, sombrios, tristes, quando a esperança parecia ter quase desaparecido. **Já não verei mais ao Senhor** (11). Compare-se com o versículo 18. Os israelitas, mesmo os mais fiéis, tinham horror à morte por crerem que ela os separava de Deus. **O tempo da minha vida** (12). Na segunda metade do cântico, o rei fala dos valores espirituais mais profundos que estiveram em causa durante aquela fase de sofrimento e dor. Encara a sua cura como sinal da misericórdia eterna (17), e, aliado a esse fato maravilhoso, encontra-se este outro ato compassivo de Deus: **Lançaste para trás das tuas costas todos os meus pecados** (17). Como disse certo comentador: "Jamais homem algum trouxe dos campos da morte colheita mais rica. Tudo quanto dá à vida o seu valor-paz, dignidade, uma nova consciência de Deus e do Seu perdão -eis os despojos que Ezequias conquistou no seu reencontro com o inimigo inexorável. Trouxe da morte um novo significado para a vida; roubou à morte a sua pompa solene. No final da sua carreira, viu o trono de Deus, e a partir dali toda a sua vida se transformou numa grandiosa ascensão até junto dEle".

Is-39.1

d) Profecia do cativo em Babilônia (Is 39.1-8)

Temos aqui um passo em falso da parte do rei, e a censura do profeta Isaías. A causa foi a vaidade: o rei de Babilônia enviou mensageiros a Ezequias depois de haver sido informado da sua doença, e, no seu orgulho e gratidão por este gesto lisonjeiro de régia amizade, Ezequias mostrou aos babilônios todos os seus tesouros, tanto no palácio como no reino (2). O ato em si podia ter sido muito inocente, mas por detrás dele havia a intenção de impressionar os babilônios com o poder e riquezas de Ezequias, transformando estas coisas em fatores para uma aliança bélica e condições favoráveis. É contra isto que Isaías fala. Tudo quanto o rei mostrara seria levado para Babilônia num dia futuro e nada restaria (6). Era uma mensagem triste, que o rei recebeu como proveniente de Jeová. Compenetra-se de que o seu ato fora insensato e radicado no orgulho; pecara por pouca cautela e sobriedade; e aceita envergonhado a severa admoestação do profeta, ao ver com desgosto toda a sua família sob a sombra ameaçadora do cativo. O capítulo 39 está aqui ao lado do capítulo 38 para mostrar como é fatalmente fácil os homens esquecerem os seus votos mais nobres e solenes. "O dever mais duro da vida é permanecer fiel aos salmos da nossa libertação, assim como a maior tentação da vida é, sem dúvida, desviarmo-nos da santidade do desgosto".

Is-40.1

CAPÍTULOS 40-66

Chegamos agora à segunda grande divisão deste livro. Consulte-se a introdução em "Autoria", onde se discutem os problemas especiais com ela relacionados.

VII. LIBERTAÇÃO DO DOMÍNIO DA BABILÔNIA Is 40.1-48.22

a) Prólogo (Is 40.1-11)

Com estas palavras imortais introduz-se o tema que Deus restituirá os exilados ao seu país de origem. É este o assunto principal das mensagens do profeta até

ao final do capítulo 55. Em todos os escritos sagrados do povo judaico, nada há que exceda estes trechos em sublimidade de pensamento, felicidade de compreensão espiritual. Palpitam de compreensão espiritual. Palpitam neles uma esperança indomável e uma alegria inesgotável. O profeta sente-se transportado pelas notícias sensacionais que lhe compete transmitir, e este sentimento põe nos seus lábios palavras impregnadas de divina e santa inspiração.

Esta mensagem soberana de conforto divino serve de prólogo à segunda parte do livro de Isaías. Nela, ouvem-se vozes de arautos soando na noite de dúvidas e provações, e clamando que se aproxima o fim daquela fase de castigo divino. Em primeiro lugar, fala-se aos profetas (1-2), que são incitados a dirigir-se ao povo; muito em breve, porém, todo Israel é chamado a proclamar as alegres novas (9). O Novo Testamento autoriza-nos a aplicar as palavras desta profecia à vinda do Divino Redentor (ver #Mt 3.1-3), e, de fato, só assim as vastas implicações destas grandes mensagens proféticas encontram cabal satisfação. Ao mesmo tempo, a mensagem de divino conforto a corações macerados pela dor constitui um dos maiores e mais fundamentais elementos do Evangelho.

>Is-40.2

Falai benignamente a Jerusalém (2), literalmente, "falai ao coração de Jerusalém". **Jerusalém** simboliza o povo escolhido no cativoiro. No versículo 9 a palavra **Sião** tem um uso semelhante. **Dobro** (2); provavelmente, isto significa abundância, ou medida cheia. O castigo sofrido é mais do que suficiente. **Preparai o caminho do Senhor** (3), idéia extraída do costume oriental de enviar homens a preparar o caminho antes da visita de um monarca. Foi para realizar uma missão semelhante que João Batista nasceu para converter "muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus... com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto" (#Lc 1.16-17). **Voz que diz: "clama"** (6). O profeta explica agora que esta mensagem de conforto de forma alguma depende dos esforços do homem, provindo antes da misericórdia soberana e divina. **Toda a carne é erva** (6), e vã é a esperança do homem que nela confia; mas no Senhor Deus Todo-Poderoso há redenção perdurável e abundante, e no meio de tudo o que é mutável a Sua Palavra permanece para sempre (8). Nos versículos 10 e 11, Deus é revelado como infinitamente forte e infinitamente terno; e é este fato importantíssimo que convida Sião a regozijar-se profundamente.

>Is-40.12

b) Supremacia de Jeová sobre as nações (Is 40.12-41.29)

1. DEUS ONIPOTENTE (#Is 40.12-26). Partindo da passagem precedente, o profeta refere-se de forma mais pormenorizada e com maior ênfase ao Deus de quem viria o livramento. Só o Senhor Jeová é Deus. A Sua majestade e soberania são primeiramente ilustradas pelo Seu poder criador (12), depois pela Sua onisciência e presciência (13-14), e ainda pela insignificância absoluta de tudo o mais comparado com Ele (15-17). É esse o Senhor Todo-Poderoso de Quem se esperaria o livramento. Quão loucas, pois, são as tentativas humanas de criar coisas que se assemelhem à imagem divina! Imagens fundidas, pedras lavradas, as criações mudas das raças pagãs do mundo, jamais poderão exprimir a Sua majestade e glória (18-20). Soa aqui a grande chamada ao fato eterno da revelação divina, designadamente que Deus é Espírito, e que não dará a Sua glória a outrem. Que assim é revela-o também a prova da Sua obra no universo que criou, bem como a Sua soberania nos destinos de toda a humanidade.

>Is-40.16

Nem todo o Líbano basta... (16). Aqui, a imaginação do profeta expande-se de forma magnífica. A idéia é que, para um tal Deus, não há sacrifício adequado: nem todos os Cedros do Líbano chegariam para arder junto ao altar; as hostes de animais que vagueiam nas florestas dessa região são insuficientes para os sacrifícios. A nossa dívida para com Deus é maior do que aquilo que qualquer sacrifício concebível poderia pagar. **A quem, pois, fareis semelhante a Deus? Ou com que O comparareis?** (18). Sendo Deus infinitamente grande, torna-se bem evidente a loucura de procurar representá-Lo seja de que forma for. **Estende os céus como cortina** (22): acentua-se a glória transcendente de Deus. **Não se plantam** (24), ou antes, segundo outra tradução, "mal são plantados, mal são semeados, mal o seu tronco se arraiga na terra, eis que Ele sopra sobre eles e secam".

>Is-40.27

2. DEUS, ESPERANÇA DO SEU POVO (#Is 40.27-31). O capítulo começa com a afirmação, perante o coração de Israel, de que o seu Deus sem dúvida o libertaria e restauraria; agora, aproxima-se de um final magnífico, exortando à esperança no Senhor, tão forte e misericordioso. Embora seja retardada a

plenitude da Sua promessa, no entanto, o Seu povo deveria confiar nEle, e, assim confiando, verificará que o seu Deus está próximo para salvá-lo com uma salvação absoluta.

O Meu caminho (27), isto é, o caminho duro e difícil que se está percorrendo. **O meu juízo** (27), isto é, o amargo desprezo pelos direitos essenciais da parte dos opressores do povo de Deus. Era este o brado do povo exilado: Deus havia-o esquecido, e a Sua promessa não passava de um sonho. Os versículos 28-31 constituem a resposta inequívoca do profeta a todas essas palavras derrotistas e de desespero. Deus domina no alto, e o Seu braço cerca os que Lhe pertencem; portanto, nada de desfalecimentos nem de receio.

Is-42.1

c) As passagens referentes ao Servo

Com o capítulo 42 chegamos a uma fase distinta no pensamento do profeta Isaías. Abordados os grandes temas da majestade e soberania de Deus, e tendo-se dirigido não só ao seu povo como também às nações da terra, o profeta passa agora a revelar-lhes os meios pelos quais a divina vontade se deverá concretizar. Israel irá aprender qual o poderoso propósito que o seu Deus lhe reservou; as nações do mundo deverão conhecer a verdade que Deus lhes irá revelar. Com o toque seguro da inevitabilidade, o profeta continua, portanto, a discorrer sobre estas coisas e a referir-se em especial ao Servo, ou Ministro, através do Qual a bendita vontade e propósito do céu se deverão realizar. Isto exige que examinemos as passagens referentes ao Servo que ocorrem nas profecias que estudamos; o assunto é importante, e necessário se torna que lhe dispensemos certa atenção.

Nestas passagens (**#Is 42.1-9**; **#Is 49.1-9**; **#Is 50.4-9**; **#Is 52.13-53.12**) depara-se-nos uma das partes mais destacadas de toda a revelação divina. Não só têm elas um caráter único, como também, conforme se disse com razão, estão ligadas com tudo quanto há de maior no plano da revelação divina. Em pensamento e ensinamentos estão mais intimamente relacionadas com o Novo Testamento do que quaisquer outros textos do Velho Testamento.

Quem é este Servo que deverá realizar trabalho de tal importância? É evidente que o profeta tenciona que Ele surja perante nós com toda a urgência de que a sua pena é capaz, e que, a seguir ao próprio Jeová, Ele ocupe o lugar mais importante no seu livro. Nos próprios pontos em que o profeta acentua

enfaticamente a soberania e o socorro certo de Jeová ao Seu povo, introduz também o Servo como agente infalível da realização desse plano divino. Além disso, o quadro que nos pinta é tão definido quanto a pormenores e caracteriza-se por tal felicidade de expressão que, por vezes, o Deus soberano é esquecido por momentos, dominando o Servo toda a tela estendida perante nós.

Seria natural, portanto, pensar que este próprio ministro de Jeová viria absolutamente identificado pelo Seu nome, mas tal não sucede. A controvérsia tem sido incessante em torno deste problema. É Ele uma pessoa ou uma personificação? Teremos aqui uma representação figurativa do Israel ideal? Ou de um dos profetas? Ou será o próprio profeta que fala a respeito de si mesmo? Têm-se feito estas e muitas outras sugestões, afirmando-se, até, com veemência, que o Servo não é senão o Messias, o Senhor da salvação de Israel.

Que deveremos dizer a isto? Pelo menos que qualquer interpretação que não aponte para Aquele que, na Sua própria pessoa, deu cumprimento às profecias, de forma maravilhosa qualquer interpretação que não satisfaça estes requisitos é, evidentemente inadequada. Só Ele é o Servo de Quem Deus fala aos homens quando os chama, para que escutem. Como escreveu o Dr. Campbell Morgan acerca deste trecho: "Que a referência visava a um elemento espiritual dentro de Israel naquela época, é uma sugestão que falha por esse remanescente eleito, que sem dúvida existia, não realizar o que se atribui a este Servo de Jeová. Dizer que é Israel idealizado é o mesmo que afirmar que nenhuma das profecias ainda se realizou pelo simples motivo que Israel ideal por enquanto não existe. Só há uma interpretação que satisfaz o raciocínio, para não falarmos no coração; e é que Mateus tinha razão ao declarar deliberadamente que esta profecia teve o seu cumprimento em Jesus (ver [#Mt 12.15-21](#)). Do lado oposto tem se afirmado: "O Servo é invariavelmente citado como tendo uma existência presente". E por que não? É certo que nosso Senhor e Mestre Filho de Deus que Se tornou Seu Servo para fins redentivos, tinha então uma existência presente. Sugerir que Isaías não se apercebia deste fato é rebaixar o conceito da natureza divina da mensagem profética. Quando Jeová diz aos homens que se mantenham silenciosos perante Ele, é sempre para lhes dizer: "Eis o Meu Servo"; e só uma Pessoa pode ser assim designada".

d) A primeira passagem referente ao Servo: o Seu ministério (Is 42.1-9)

Sob a inspiração do Espírito de Deus, o Servo realizará verdadeiramente o glorioso desígnio para que foi chamado (1). Juízo (ou, segundo outras traduções, "justiça"; ver nota abaixo), eis a obra de que Se encarregará, e isso fá-lo-á Ele sem as demonstrações costumeiras de poder humano que outros ostentam de forma tão descarada (2-3); a grande luta não cessará senão quando a obra estiver realizada (4). O nome de Jeová será disseminado e anunciado em todo o mundo por Ele, e a Sua glória será proclamada (5-9); em todo este ministério o Servo do Senhor terá experiência do gracioso poder sustentador do Deus de toda a terra (6).

O Meu Servo (1). Como já se notou, no sentido absoluto isto só se pode relacionar com o Messias, Filho de Deus. Mas sem dúvida existia no espírito do profeta certa consciência da missão divina que incumbia aos israelitas realizar, de celebrar o triunfo do seu Deus onde quer que fosse. Assim como, nesta dispensação da graça, a Igreja representa o seu Senhor e Cabeça, assim também Israel e, em especial, os homens e mulheres em quem palpitavam a verdadeira fé e piedade dentro do âmbito mais vasto da nação, podia ser ministro do nome de Jeová perante o mundo na sua cegueira e necessidade. Aquele que é de forma tão suprema o Servo de Jeová tem em todas as épocas procurado almas que levem a cabo os Seus desígnios de amor entre os homens. **O pavio que fumeja** (3), uma mecha que arde com pouco brilho. **Em verdade produzirá o juízo** (3). A idéia é que Ele exporá plena e fielmente a Lei, vindicando assim a Sua causa justa. **Não faltará** (4). Há neste versículo uma repetição enfática das idéias que acabam de ser expressas a respeito da cana trilhada e do pavio fumegante. Por muito fracos ou mornos que outros sejam, Ele será diferente, jamais Se mostrando enfraquecido ou cansado. Como traduz J. E. McFadyen, "Ele apresentar-Se-á ereto e ardente". Por terno que seja, essa qualidade não denota fraqueza mas sim uma força indomável. **Aguardarão** (4), mais provavelmente "aguardam". O profeta parece abranger na sua visão todo o mundo pagão até aos seus confins mais remotos, verificando que ele aguarda as alegres novas da salvação de Jeová.

Os versículos 5-9 são um desenvolvimento da grande afirmação que o profeta acaba de fazer. Por detrás do ministério do Servo está o poder de Jeová, Aquele que fez os céus; será nEle que, finalmente, todas as nações se encontrarão vinculadas numa só grande fraternidade no amor de Deus.

>Is-42.10

e) Cântico de triunfo (Is 42.10-17)

Novas tão jubilosas fazem surgir o regozijo no coração e brotar cânticos exultantes celebrando a salvação proveniente do Senhor. Este cântico, encetado pelos remidos do Senhor e em Seu louvor (10-13), é levado avante, tão inspirado se encontra o profeta pelo seu tema, pelo próprio Jeová (14-16). Em glorioso antropomorfismo, o Senhor Deus refere-Se à maneira como em breve surgirá, de súbito, no meio do Seu povo para salvação e libertação.

Quedar (11), nome do segundo filho de Ismael, aqui talvez aplicado a toda a Arábia. **Os que habitam nas rochas** (11), ou "os de Sela", isto é, os habitantes de Sela, a maior fortaleza de Edom. **A todos assolarei e juntamente devorarei** (14), ou, segundo outra tradução, "suspirarei e arfarei ao mesmo tempo".

>Is-42.18

f) A chamada divina ao arrependimento (Is 42.18-25)

É sempre a bondade de Deus que conduz ao arrependimento, e, tendo aqui revelado o Seu Servo e a redenção que Ele traria; tendo encetado o novo cântico inspirado na Sua vinda; Jeová lança agora um apelo a Israel para que, na sua fraqueza e no triste estado em que se encontra, Lhe dê ouvidos e se aproxime dEle (18,23). Grande parte do apelo baseia-se nos fatos tais como eles eram na altura em que foi feito. Israel não deveria ser assim; Deus destinara-o para uma vista gloriosa, mas ele escolhera o pior caminho, sendo de dor o seu quinhão (19-22). A própria grandeza da sua vocação ao princípio faz com que a sua queda pareça maior. No entanto, esse povo, se ao menos se voltasse para o Senhor seu Deus, verificaria que nEle há redenção abundante, e que a Sua compaixão é infalível, sendo tudo isto inteiramente resultado da graça imerecida. Deus agirá assim para honra da Sua mensagem e para demonstrar a Sua justiça (21).

Quem é cego... (19). Na versão dos Setenta e na antiga versão latina, este versículo começa assim: "Quem é cego senão os Meus servos, e surdo senão os seus dirigentes?" "Surdo" e "cego" no versículo 18 estão também no plural em hebraico. Esta frase visa necessariamente à nação, ainda inconsciente da sua vocação sublime. Compare-se com **#Is 48.8. O galardoado** (19), ou,

segundo outra tradução, "aquele que está em paz comigo". Provavelmente, esta frase deveria ser interpretada como se segue: "Aquele que é admitido a um concerto comigo". **Cego** (19). Na última frase, esta palavra deveria ser "surdo" (comparar com o versículo 20); é o que se lê em certos manuscritos. **O Senhor Se agradava dele por amor da Sua justiça** (21), ou antes, como noutra versão, "agradava ao Senhor, por amor da Sua justiça, engrandecer a Lei e torná-la honrosa". Israel, por outro lado, afastara-se da estrada de vida e de bênção, transformando-se num povo despojado e quebrantado. Aqueles que, tendo recebido tal revelação, deveriam ascender às culminâncias dos propósitos divinos, rastejam, afinal, no pó, cativos e desobedientes. Em todo este péssimo estado de coisas, torna-se ainda mais evidente a necessidade da vinda do Servo, que não fracassará como Israel e que, na Sua própria pessoa e obra, "engrandecerá a Lei e torná-la-á honrosa". Só Ele o poderia fazer, e só Ele o fez.

Is-43.1

g) O poder invencível e a graça perdoadora de Deus (Is 43.1-44.5)

No capítulo 43, como também nos dois que se seguem, vem uma série de mensagens da parte de Jeová, todas elas dependendo e decorrendo naturalmente da proclamação central do capítulo anterior: "Eis aqui o Meu Servo". Foi divulgado o manifesto do propósito de Jeová, e segue-se agora a interpretação definitiva de problemas suscitados por essa poderosa mensagem; todas essas interpretações começam com as palavras: "Assim diz o Senhor". No capítulo 43 há quatro destas mensagens.

1. **JEOVÁ, REDENTOR DE ISRAEL (#Is 43.1-9)**. Nestes grandiosos versículos, Jeová assegura a Israel que o manterá e sustentará em todo o caminho que esse povo tem a percorrer, não só na criação e redenção, mas também em graciosa providência. O seu desgosto e o seu regresso ao país ambicionado dos seus antepassados são objeto de zelo constante e determinados por um profundo propósito de amor.

Mas agora... (1). Estas palavras constituem um elo entre o manifesto de Jeová, que acaba de ser registrado, e as mensagens que Ele vai agora enviar, dependentes todas elas da proclamação. **Eu te remi** (1). O presente eterno; o propósito e ação de Deus são um só. **Dei o Egito** (3), referência à futura derrota e derrubamento do Egito e reinos vizinhos pelo poder da Pérsia; foram conquistados no reinado de Cambises. **Foste glorificado** (4), isto é, honrado

pela ligação com o seu Deus. Numa outra versão, temos a seguinte estruturação da frase: "Visto teres sido precioso à Minha vista, e honrado, e Eu te ter amado, portanto darei homens por ti e povos pela tua vida".

>Is-43.10

2. ISRAEL, TESTEMUNHA DE JEOVÁ NO MUNDO (#Is 43.10-13). Esta segunda mensagem afirma que Israel desempenhará a sua função de testemunha de Jeová por aquilo que Ele é e realizará (10-11). Uma vez mais repete-se o argumento decisivo da profecia, assegurando-se que a promessa divina não falhará (12-13). Esta mensagem está relacionada com a primeira, por o contraste entre Israel como verdadeira testemunha de Jeová e as outras nações da terra, incompetentes para pronunciar qualquer palavra afirmativa, ser bem vincado.

E o Meu Servo (10). O sentido é que, sendo Sua testemunha, Israel é também Seu servo. **Para que... creiais** (10), o que talvez se traduzisse melhor assim: "Para que... Me creiam". O sentido é que Israel é testemunha de Jeová para que os pagãos possam saber e compreender que, além dEle, não há qualquer outro Salvador. **Quem impedirá?** (13), ou "quem contrariará"?

>Is-43.14

3. JEOVÁ, DESTRUIDOR DE BABILÔNIA (#Is 43.14-15). A Babilônia, como o Egito, deverá ser derrubada e abatida pelo poder e majestade do Deus de Israel. Trata-se do primeiro anúncio inequívoco da queda de Babilônia (ver #Is 46.1-47.15), e, também como na profecia relativa ao Egito, a razão decisiva e segura do derrubamento desse povo é a redenção de Israel. Uma vez que Deus é o seu redentor, criador e rei, todas as outras forças em oposição serão aniquiladas como e quando Lhe aprouver. **Nos navios com que se vangloriavam** (14). O texto aqui é algo obscuro, embora o sentido geral seja evidente.

>Is-43.16

4. A NOVA OBRA DE JEOVÁ: ATO PODEROSO DE GRAÇA IMERECIDA (#Is 43.16-28). Depois de uma referência ao grande passado de libertamento divino nos dias do Êxodo e aos atos de poder por Deus realizados ali e então (16-17), promete-se que o livramento do poder de Babilônia será uma obra ainda maior. Será uma coisa nova realizada pela própria mão de

Deus (19), e o deserto amargo do atual sofrimento de Israel florescerá em louvor do seu Redentor (20-21). E todo este misericordioso ato de restauração não será devido a quaisquer méritos desse povo, pois não os tem, havendo, até, falhado abertamente em tudo quanto Deus lhe ordenara (22-23). **Me cansaste com as tuas maldades** (24), ou, segundo outra tradução, "puseste sobre Mim um fardo". Deus perdoa e esquece os pecados de Israel (25), num ato da Sua graça gratuita, e foi a própria graça que planeou a forma que o castigo desse povo ia assumir, e a dor que o atormentou (28).

Is-44.1

5. PODE-SE CONFIAR EM DEUS (**#Is 44.1-5**). No capítulo 44, temos mais três das mensagens de Jeová; como as do capítulo anterior, que eram ligadas pela proclamação "Eis aqui o Meu servo", são estas ligadas pelas palavras "Agora, pois". Há que ter isto presente no espírito durante a leitura. A primeira é uma mensagem de conforto a Israel, dizendo-lhe que não tema (2), porque o seu Deus vai derramar o Seu Espírito sobre a Sua semente (3-5).

Jeshurun (2), palavra esta também aplicada a Israel em **#Dt 32.15** e **#Dt 33.5,26**, e que provavelmente significa "o homem reto". Foi para a retidão que Israel foi formado pelo seu Deus, para ser para a sabedoria e justiça divinas o que a mão do homem é para o homem. É este o mistério da redenção. Em todas estas mensagens destacam-se pensamentos relativos à criação e à redenção, mas aquela encaminha-se sempre para esta. Israel é, portanto, apresentado como uma nação no seu estado verdadeiro (indicado pelo nome Jacó, "Suplantador"); mas, ao seu lado, está outro Israel, justo aos olhos de Deus. **Água... rios** (3). Denotam a influência do Espírito Santo. No versículo 5 temos um quadro dos gentios voltando-se para Jeová.

>Is-44.6

h) A loucura da idolatria (Is 44.6-23)

Nestes versículos, o profeta regressa a um tema que já fora abordado (**#Is 40.18-20; #Is 41.5-7,21-24**) mas que agora encontra a sua expressão mais terrível e devastadora. Zomba-se aqui dos falsos deuses (9-11); da maneira como são feitos (12-14); da futilidade da sua existência (15-17); da vacuidade das suas reivindicações (18-20); e os filhos de Deus são exortados a lembrarem-se destas coisas (21). Os versículos 21-23 renovam a promessa de

completo perdão para Israel. Toda a criação é chamada a testemunhar e a regozijar-se com a redenção realizada por Jeová.

Ele tem fome (12). A idéia latente nesta expressão é: como pode aquilo que é feito por alguém que sente fome e sede ser comparado com Deus auto-suficiente? Jamais se escreveu condenação tão absoluta da idolatria. O leitor é convidado a considerar quem é que faz os ídolos, e como estes estão sujeitos a várias operações com diversas ferramentas-martelos, etc.; e, por fim, o destino da substância por que são constituídos, a preparação da refeição do artífice.

>Is-44.6

i) Ciro chamado instrumento de Deus (Is 44.24-45.25)

1. A ESCOLHA DE CIRO (#Is 44.24-28). Nestes últimos versículos do capítulo 44, o profeta refere-se de novo à soberana atividade criadora de Jeová e ao Seu governo de toda a terra (24-27), e proclama uma vez mais ser Ciro o instrumento designado por Deus para cumprimento da vontade divina (28).

Que diz à profundeza: "Seca-te" (27). Considera-se geralmente que esta passagem se refere ao ardil de que Ciro se serviu para conquistar Babilônia. Por artes de engenharia, desviou as águas do Eufrates do seu curso através da cidade, e fez com que os seus soldados entrassem nela pelo leito agora seco do rio. **É meu pastor** (28), designação vulgarmente aplicada a vários reis mas extremamente apropriada para Ciro, aquele que iria juntar as ovelhas dispersas da casa de Israel, chamando-as de muitas terras distantes. É esta a primeira ocasião em que Ciro vem expressamente mencionado por nome. Josefo (*Antigüidades*, 11.1, seção 2) registra que mostraram a Ciro esta profecia quando ele entrou em Babilônia, resolvendo logo o monarca dar-lhe cumprimento. Ver #Ed 1.2-4.

Is-46.1

j) Profecia respeitante à Babilônia (Is 46.1-47.15)

1. A MAJESTADE DE JEOVÁ NO DERRUBAMENTO DE BABILÔNIA (#Is 46.1-13). Os deuses de Babilônia são agora postos em contraste com o Deus de Israel, e celebra-se a sua queda. Bel e Nebo, as principais divindades de Babilônia, são transportados por animais cansados (1-2). Deuses como estes de nada servem quando se trata de ajudarem os seus fiéis, pois são

levados para o cativeiro juntamente com eles. O simbolismo é majestoso, e a inspiração poética profunda. Com o verdadeiro olhar da visão inspirada, o profeta pinta estes deuses como sendo transportados por bestas já cansadas, conduzidos de lado para lado para onde os homens quiserem, colocados onde muito bem lhes parece, impotentes para saírem dali ou para fazerem seja o que for no sentido de edificar ou livrar quem a eles se dirige (6-7). Por contraste, o Deus de Israel é Aquele que fez e transporta a Sua raça escolhida (3-4). A este respeito diz o Dr. Campbell Morgan: "Um ídolo é uma coisa que um homem faz e tem de transportar. O Deus verdadeiro faz o homem e transporta-o". É esta a mensagem que o profeta tem de vincar no espírito dos seus conterrâneos, não sem dificuldade, como se depreende da referência aos "duros de coração" (12).

Bel... Nebo (1), divindades de Babilônia, cujos nomes entram na composição dos nossos conhecidos Belsazar (forma portuguesa Baltazar) e Nabucodonosor. Nebo era o Deus de Borsipa, perto de Babilônia, e Bel o deus da cidade de Nipur. Bel é a variante babilônica de Baal, enquanto que Nebo corresponde ao grego Hermes e ao egípcio Anúbis. **A quem trouxe** (3). Enquanto que toda a cidade de Babilônia tem de transportar os seus deuses, Jeová é quem transporta a Israel. O amor maternal do Eterno é aqui revelado, bem como a solicitude com que Jeová velava sobre o Seu povo desde o dia em que primeiro o chamou a ser instrumento da Sua vontade. **A quem Me fareis semelhante?** (5). Com os versículos 5-7, compare-se **#Is 40.18-20; #Is 44.9-20**. Com os versículos 8-11, compare-se **#Is 41.21-23**. Uma vez mais se aponta para a predição como prova da autenticidade das reivindicações feitas. **Lembrai-vos disto** (8), isto é, agi como homens, homens dotados de razão e memória; procedei racionalmente, e não vos deixeis arrastar por qualquer maré de opinião. **A ave de rapina** (11), outra referência a Ciro, que recebe este nome devido à extensão e rapidez das suas conquistas. A imagem sugere velocidade, força e poder destruidor. Diz-nos Xenofonte (Ciropedia, 7.1, 4) que Ciro tinha uma águia como seu estandarte. **Ó duros de coração** (12), isto é, gente obstinada que tem dificuldade em crer. A versão dos Setenta traduz: "Vós que perdestes a coragem"; a variante não deixa de ter interesse, mas o original encontra-se mais próximo de sentido de todo o trecho.

Is-48.1

1) A providência e misericórdia de Deus (Is 48.1-22)

Este grande capítulo constitui uma bela comemoração da misericórdia divina, que sempre determina a atividade da majestade e poder do Senhor Deus Jeová na realização da Sua vontade. Esta misericórdia existe, apesar de toda a voluntariosa recusa de Israel de escutar a mensagem do seu Deus; continua a ser a casa de Jacó, embora tenha o nome de Israel (1); não age em justiça e verdade, apesar de professar obediência a esses fatores soberanos da vida e do destino. A misericórdia divina chora sobre a pertinaz rebeldia do povo amado e a conseqüente falta de prosperidade que o aflige. Se, ao menos, esse povo escutasse as mensagens e advertências de Jeová, a sua paz seria como um rio e a sua justiça como as ondas do mar (18). Não obedecer é descobrir o que se encontra eternamente escrito nos céus criados por Deus, a saber, que não há paz para o coração rebelde e mau (22).

1. A CERTEZA DO CUMPRIMENTO DIVINO DOS ACONTECIMENTOS ANUNCIADOS (#Is 48.1-11). **Das águas de Judá** (1). A referência é feita a Judá por ser esta a tribo real do Messias que iria dar o seu nome a todo o povo de Israel. As águas referem-se ao caudal de bênção que jorraria da grande fonte da salvação. **A tua cerviz um nervo de ferro** (4). Compare-se com #Êx 32.9. "O meu ídolo fez estas coisas" (5), o que sugere que muitos Israelitas haviam caído nas malhas do paganismo dos seus captores. **Já o tens ouvido** (6). Nova referência ao valor probatório das predições realizadas. "Já o ouvistes e agora o vedes com os vossos olhos; porque não admitis e confessais que se trata, de fato, de um ato de Jeová?" **Nem... foi aberto o teu ouvido** (8); à letra, "desde os tempos da antigüidade que os vossos ouvidos não são abertos". **Não como a prata** (10), isto é, o fogo de refinação que Israel tem atravessado é mais intenso do que o utilizado para refinar a prata. Apesar da fúria ardente de atroz aflição, Israel continua impuro.

>Is-48.12

2. A SOBERANIA DIVINA REVELADA ATRAVÉS DE CIRO (#Is 48.12-16). Temos aqui nova declaração de que só Jeová é Deus e de que a Sua poderosa vontade se deverá realizar através do homem que havia escolhido. **O Senhor o amou** (14), isto é, Ciro. Trata-se da declaração mais explícita da atitude de Deus para com o homem que Ele tinha escolhido para executar esta tremenda tarefa da libertação dos judeus. **E agora o Senhor Jeová me enviou o Seu Espírito** (16). Uma tradução mais fiel seria: "E agora o Senhor Deus enviou-me com o Seu Espírito". Muitos eruditos pensam que este versículo se encontra deslocado, mas esta opinião não tem justificação no texto. Calvino salientou que a oração é introduzida parenteticamente, referindo-se o profeta a

si próprio como havendo sido encarregado pelo seu Deus desta importantíssima proclamação ao povo eleito. Ao reivindicar esta ordem, reivindica igualmente que o poder do Espírito de Deus esta com ele no cumprimento da mesma.

>Is-48.17

3. A BÊNÇÃO DA OBEDIÊNCIA (#Is 48.17-19). O grande e repetido lamento do amor eterno de Deus ante a rebelião do povo amado (veja-se #Sl 81.13).

>Is-48.20

4. CONVITE A CONFESSAR O QUE DEUS TEM FEITO (#Is 48.20-22). **E não tinham sede** (21). O êxodo de Babilônia será um acontecimento celebrado com cânticos, e repetirá as antigas maravilhas e as milagrosas intervenções de Jeová que Israel conheceu ao sair do Egito. **Não têm paz** (22). Ver 57.21n.

Is-49.1

VIII. REDENÇÃO PELO SOFRIMENTO E SACRIFÍCIO Is 49.1-57.21

Passar do capítulo 48 para o capítulo 49 é transitar de uma grande divisão da profecia para outra. Tendo esclarecido nos capítulos anteriores que só Jeová é Deus, o profeta não precisa mais de acentuar a Sua soberania sobre os ídolos das nações circundantes. Semelhantemente, Ciro desaparece agora da cena por se haver comprovado com provas suficientes que era o ministro ungido por Deus para realizar a Sua vontade histórica entre os homens. Começam agora a dominar o livro dois temas de grande vastidão: um, o Servo do Senhor; e o outro, o futuro glorioso que aguarda Israel.

a) A segunda passagem referente ao Servo: a Sua tarefa (Is 49.1-6)

Vejam-se os comentários gerais de introdução sobre as passagens referentes ao Servo do Senhor. Este capítulo abre com a voz do Servo contando como foi chamado para a Sua tarefa. As nações são convidadas a ouvir e escutar (1), enquanto Ele exprime o Seu sentido de vocação (1-3). Apesar da rejeição passada (4), o futuro é seguro, visto encontrar-se na mão de Deus (4). Enquanto fala, o Servo tem consciência de que a tarefa que Lhe incumbe é

muito difícil; fracassa na Sua missão pois a nação rejeita-O. Todavia, esta rejeição redundará em bênção para os gentios; e, por fim, não só Israel mas toda a terra serão levados a Ele (5-6).

Ouvi-Me, filhas (1). Temos aqui a mensagem dirigida ao mundo pelo Servo de Jeová. Só ao Messias, Filho de Deus, que, na plenitude dos tempos, veio do Pai para remir e salvar os filhos dos homens, é que esta frase se poderia aplicar de forma adequada e cabal. Só Ele podia introduzir esse melhor estado de coisas em que as nações de toda a terra poderiam ser levadas até junto do único Deus vivo e verdadeiro. Israel e o judaísmo não tinham dimensão universal. O seu sistema de sacrifícios estava demasiado centralizado em Jerusalém. O ungido do Senhor Deus é que viria salvar o mundo, e nEle homens de todas as raças e climas são chamados àquela grande comunhão em que não há judeu nem grego, homem nem mulher, servo nem livre. **A Minha boca** (2), isto é, o meu falar. Compare-se com **#Hb 4.12**. Aquele falar belo e incisivo provaria eloqüentemente que a mensagem provinha, de fato, de Deus, podendo atravessar as muralhas divisórias das pertinazes defesas do homem e trazer a luz da vida. Compare-se com **#Jo 6.63**; **#Ap 1.16**. **Tu és Meu Servo** (3); temos aqui novas provas de que é o Messias que está em foco, pois, nas palavras que se seguem ("e Israel aquele por quem hei de ser glorificado"), vemos a absoluta necessidade de Ele Se revelar. Já outro usara anteriormente aquele nome, que significa "dominado por Deus"; mas não conseguira realizar esse ideal. Também a nação usara esse nome, mas não glorificara a Deus na sua história. Agora, Outro passa a usar a mesma designação, e nEle se cumprirá o propósito eterno: nEle Deus será glorificado. Através dEle, Israel como nação realizará os seus elevados destinos, apesar de todos os fracassos passados. **Mas Eu disse: "Debalde tenho trabalhado"** (4). A realização do plano divino parece começar com um fracasso; o mesmo sucedeu com Nosso Senhor, que foi desprezado e rejeitado (**#Is 53.3**). O caminho que Ele percorreu para chegar ao Seu trono foi o caminho modesto do sofrimento e da dor, mas a meta segura nunca esteve em dúvida. A Sua causa estava "perante o Senhor, e o Meu galardão perante o Meu Deus" (4).

>Is-49.5

Torne a trazer Jacó (5). É bem definida a distinção aqui feita entre o Servo e a nação de Israel. **Mas Israel não se deixou ajuntar** (5), ou, segundo outra tradução "e que Israel seja juntado a Ele", o que torna esta frase uma continuação das funções que o Messias, o Servo, desempenhará quando vier. A oração que se segue torna-se, por conseguinte, uma espécie de parêntese.

"Contudo, aos olhos do Senhor, serei glorificado, e o Meu Deus será a Minha força". Este parêntese é inserido por alguns comentadores modernos logo depois do versículo 3. **Pouco é que sejas** (6); segundo outra versão, "é coisa demasiado fácil". A chamada de Jeová ao Seu Servo visa a uma obra que excederá de longe os limites de Israel e chegará aos extremos da terra. **Para restaurares as tribos de Jacó** (6). Uma vez mais há aqui separação entre a nação e o Servo. Só exegese da mais arbitrária pode insistir em que, nesta passagem, o Servo seja, de fato, a nação de Israel. Diz-se também que podemos falar do dever, suponhamos, da Inglaterra, para consigo própria; e também neste caso é o Israel do cativo que se deverá transformar no restaurador do Israel da dispersão, mas sem dúvida isto é forçar desnecessariamente o sentido. J. E. McFadyen vai mais longe e diz: "Provavelmente as palavras "que sejas o Meu servo" deveriam ser omitidas. Além de supérfluas do ponto de vista da métrica, fazem com que o Servo seja uma pessoa cuja tarefa é salvar a nação, mas alhures a nação de Israel é que é o Servo; o mesmo sucede talvez aqui". Isto é absolutamente infundamentado; não há nenhum motivo para retirar estas palavras do texto sagrado. Excisão não é exposição. "Que sejas o Meu Servo" refere-se seguramente ao Messias de Jeová, Àquele que tão-somente, depois de todos os fracassos da nação e de outros que haviam já usado o nome de Israel, poderá remir e salvar com salvação eterna.

>Is-49.7

b) Jeová dirige-Se ao Servo (Is 49.7-13)

O Servo teve de sofrer a rejeição, mas em devido tempo será erguido para que reis e príncipes vejam que é Ele o escolhido do Senhor (7-9). Segue-se um quadro dos exilados atravessando as longas veredas na aridez do deserto, fortes no socorro do seu Deus, remidos da servidão em que havia tanto tempo se encontravam (10-13).

À alma desprezada (7). G. A. Smith traduz este passo como se segue:

Assim diz Jeová, Redentor de Israel, o Seu Santo,

A este simulacro de vida, aborrecimento a uma nação,

Servo de tiranos.

Ao que as nações abominam (7). "Objeto de desprezo e repugnância para o povo judaico. **Ao Servo dos que dominam** (7). Aquele que uma vez se sujeitou às imposições de dirigentes injustos receberá a homenagem de reis. Em todas estas palavras Jeová fala diretamente ao próprio Servo. **No tempo favorável** (8); compare-se com **#2Co 5.18-6.2**, onde Paulo pega nesta frase de Isaías e a aplica aos tempos do Messias. **Nunca terão fome nem sede** (10). Compare-se com **#Ap 7.16**. **Da terra Sinim** (12). Não pode haver certeza absoluta quanto ao sentido desta frase. Esse sentido, é claro, torna-se evidente se considerarmos que, das vastidões desérticas, homens e mulheres se apressarão a entrar no reino do Messias, encontrando ali vida e luz. Durante muito tempo pensou-se que Sinim significava a China, e não se pode excluir esta hipótese. Outros interpretam este nome como aludindo a Assuão, no sul do Egito, onde existia uma numerosa colônia judaica. Compare-se com **#Ez 29.10; #Ez 30.6**.

>Is-49.14

c) Salvação e restauração asseguradas para Sião (Is 49.14-26)

Embora Sião possa duvidar do poder de Deus e imaginar-se um filho abandonado, Jeová reafirma misericordiosamente o amor e cuidado que por ela tem. Mesmo no cativeiro, o povo multiplicar-se-á de tal forma que, quando regressar, o seu número provocará surpresa mal havendo espaço para todos. **Te tenho gravado** (16), alusão ao antigo costume da tatuagem. **Os reis serão os teus aios** (23), aqueles a quem eram confiados os filhos dos outros para que os criassem. Ver, por exemplo, **#2Rs 9.1** e seguintes.

Is-50.1

d) O amor onipotente de Jeová (Is 50.1-3)

Estes versículos constituem uma continuação da seção na última parte do capítulo 49 (ver especialmente **#Is 49.14-16**). O vínculo metafórico de casamento entre os exilados e o seu Deus é literalmente indissolúvel. **Onde está o libelo de divórcio da vossa mãe?** (1). Israel foi infiel, mas mesmo assim Deus não anulou o pacto que tinha com essa nação. Havia sido vendida para o cativeiro, não porque Jeová desejasse obter qualquer vantagem desse fato, mas sim como castigo das suas transgressões. Então por que é que ninguém responde quando Ele chama em misericórdia? O Seu poder e amor são eternos

e ilimitados. Haviam-se já esquecido do milagroso livramento do cativo no Egito?

>Is-50.4

e) A terceira passagem referente ao Servo do Senhor: Sua obediência e confiança (Is 50.4-9)

Uma vez mais ouvimos a voz do Servo de Jeová responder à chamada do Senhor. Já vimos (#Is 49.1-6) que Ele tem consciência de que o ministério a que é chamado implicará muito sofrimento e dor, e que Israel só seria remido através do sofrimento. Nesta seção, esta consciência aprofundou-se, e começam a esboçar-se algumas das formas que esse sofrimento assumirá. Só no capítulo 53 é que vem à luz toda a intensidade do sofrimento messiânico, mas muito se revela já aqui; especialmente é a consciência do padecimento que os Seus inimigos Lhe infligirão que o trecho acentua. As referências no Novo Testamento a toda esta passagem constituem o seu melhor comentário.

É instrutivo notar as características físicas salientadas: o Messias é esbofetado; arrancam-Lhe os cabelos, sujeitam-nO à vergonha, cospem-Lhe zombeteiramente (6). A chamada de Jeová implica experiências destas. É com respeito a tais experiências que o Servo diz: "O Senhor Jeová Me abriu os ouvidos, e Eu não fui rebelde; não Me retiro para trás" (5). Entre o Servo e Jeová não há conflito, mas sim o mais perfeito acordo (7-9).

O Senhor Jeová Me deu uma língua erudita (4). Vêm aqui mencionados em pormenor grandes dons de Jeová ao Seu Servo: o poder de instruir no caminho de Deus (4); o espírito da obediência e da humildade (5); o espírito da confiança em Deus e da força nEle (6-7); a consciência de que Deus está com Ele em toda a Sua obra e ministério (8-9). **Aos que Me arrancam os cabelos** (6); compare-se com #Mt 26.67; #Mt 27.26,30; #Jo 18.22. **Eis que todos eles como vestidos se envelhecerão** (9). Esta referência à decadência natural dos inimigos do Servo tem um duplo significado. Não só há uma sublime garantia da impotência daqueles que se desejam opor, como também se proclama implicitamente a crença do Servo de que Ele não perecerá como os primeiros. Compare-se com #Hb 1.11-12 e notem-se os contrastes. Se o Servo fosse Israel, isto seria uma idéia quase impossível, a saber, que Israel é indestrutível. Na boca do Filho de Deus, o Messias ungido, tal declaração é inteiramente apropriada, fazendo parte da grande verdade elementar da revelação. Em #Is

51.6-8 emprega-se a mesma metáfora do desaparecimento dos céus e da terra, contrastando com a estabilidade eterna da justiça de Deus.

>Is-50.10

f) Bênçãos que se seguirão à obra do Servo (Is 50.10-52.12)

1. UMA EXORTAÇÃO À FÉ (#Is 50.10-11). Nestas palavras de exortação, aplica-se a verdade contida no cântico precedente do Servo como encorajamento aos fiéis e advertência aos ímpios. Aqueles que se encontram nas trevas e o sabem são convidados a confiar. Aqueles que se consideram fortes e que dirigem a sua vida de acordo com a sua própria sabedoria encontrarão o desgosto no fim da viagem.

Is-52.1

5. O BRADO DE JEOVÁ EM RESPOSTA AO SEU POVO (#Is 52.1-12). O povo clamara: **Desperta, desperta, veste-Te de força, ó braço do Senhor (#Is 51.9)**; agora, o Senhor responde: **Desperta, desperta, veste-te da tua fortaleza, ó Sião** (1), e uma vez mais é prometida redenção plena e eterna. O estabelecimento triunfante do reino de Deus é então celebrado em palavras de grande beleza e poder. Tudo isto o vê o profeta ao aperceber-se de que o Servo de Jeová deverá levar a cabo a obra que Lhe foi designada por Deus (9-10). Todas as coisas que foram projetadas pela vontade eterna se realizarão, e os remidos do Senhor caminharão ainda na luz do rosto de Jeová seu Deus (11-12).

Veste-te dos teus vestidos formosos (1), um repto e uma promessa divina. A pureza do Israel amado por Deus depois da sua purificação será inexcédível. Os versículos 3-6 encontram-se em prosa, contrastando com os versículos precedentes e seguintes. Neles, o profeta exprime a preocupação de Jeová com a Sua honra, tão completamente degradada pela apostasia de Israel. **Que tenho eu aqui?** (5), isto é, em Babilônia; traduzindo à letra, "que tenho eu que estar neste lugar?". **Quão suaves** (7). Embora Sião estivesse prostrada quando esta profecia foi feita, no entanto, para o coração fiel de Judá, a sentinela nas muralhas proclama a vinda do arauto esperado. **Olho a olho** (8), ou, mais exatamente, "verão, contemplando-se uns aos outros, como Jeová regressa a Sião". Quer isto dizer que os cativos contemplarão Aquele que Se aproxima com a clareza de visão que caracteriza quem olha outra pessoa nos olhos. "Vêem o Eterno face a face quando Ele regressar a Sião" (Moff.). **O Senhor**

desnudou o Seu santo braço (10), isto é, preparou-se para agir e libertar o Seu povo de Israel. O Senhor irá diante de vós (12). Notem-se os pontos de contacto com a narrativa do Êxodo. Compare-se com #Êx 13.21-22; #Êx 14.19-20.

>Is-52.13

g) Quarta passagem referente ao Servo: Sua vida e sofrimento (Is 52.13-53.12)

Vejam-se os comentários gerais de introdução às passagens referentes ao Servo. Este glorioso trecho constitui o quarto e último cântico respeitante ao Servo. Nele se resumem todas as idéias mestras dos outros, sendo apresentadas num quadro completo, coerente, da vida, missão, sofrimento e triunfo do Servo de Jeová. Estudem-se as muitas referências contidas no Novo Testamento acerca desta passagem.

1. SUMÁRIO INTRODUTÓRIO (#Is 52.13-15). Estes versículos constituem uma introdução do "andamento" principal na apresentação do Servo, resumindo de forma cristalina todo o capítulo 53. Transita-se do triunfo (13) através do sofrimento (14) para a vitória e exaltação (15). Nota-se que isto constitui um sumário do ponto de vista divino do que, no capítulo 53, nos é apresentado através da observação humana. Vemos aqui sofrimento incomparável e triunfo gloriosíssimo. O caminho para o trono é de dor que pasmou a muitos (14). O espetáculo espantoso do Servo na Sua dor e sofrimento vem vívidamente descrito, sendo acentuado pelas palavras que ocorrem parenteticamente: "o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a Sua figura mais do que as dos outros filhos dos homens" (14). Através de tudo isto, porém, Ele caminha para a consumação do propósito de Deus e para o triunfo que Lhe havia sido preparado desde a eternidade.

Engrandecido e elevado (13). Compare-se com a terceira passagem referente ao Servo (#Is 50.4-9), onde a ênfase recaía sobre o Seu sofrimento. Começamos aqui com a Sua vitória e exaltação. **Como pasmavam muitos à vista dEle** (14). Significa isto que, assim como os homens se sentiam comovidos perante o espetáculo dos Seus sofrimentos, assim também ficarão emocionados e galvanizados ao verem a Sua glória. **O Seu parecer** (14). Trata-se de uma breve frase parentética que explica a razão do espanto que se lê no rosto dos que O contemplam. A tradução literal é, até, horrível: "O Seu

aspecto afastava-se tanto do humano que não parecia filho do homem". É com estas palavras que fica registrado o efeito da agonia de sofrimento e opróbrio que Lhe foi imposta. **Borrifará** (15), palavra que alguns tradutores dizem corresponder a "surpreenderá". Aquele que uma vez surpreendeu toda a gente pelo Seu sofrimento tornará a assombrá-la com o Seu triunfo e exaltação. O verbo "borrifar" assim empregado sugere antecipação profética da obra do Servo como purificador expiatório. **Os reis fecharão as suas bocas** (15), isto é, de pasmo, sentindo-se incapazes de dizer palavra ao contemplarem este espetáculo de triunfo que brota do sofrimento.

Is-54.1

h) A glória futura de Jerusalém (Is 54.1-17)

A mensagem de abertura deste capítulo constitui um seguimento adequado das palavras que acabaram de ser pronunciadas. Se o Servo deverá ver o trabalho da Sua alma e sentir-Se satisfeito, nada mais há para o remido do que regozijar-se com Ele na Sua exaltação e triunfo. Este capítulo constitui um grande hino de confiança em que a soberania do Senhor é celebrada pela reunião da nação eleita e pela redenção da cidade santa. Todo o programa redentor é governado pela restauração de Israel à sua antiga glória e à sua comunhão com Deus (1-4). Esta união é verdadeiramente indissolúvel, como a existente entre marido e mulher (5-6). Nunca mais será retirado a Israel o concerto do Eterno (7-10). Assim, toda a terra será evangelizada, e perfeitamente cumprida a vontade de Jeová.

Segue-se uma descrição gloriosa da cidade santa tal como esta será após a sua restauração (11-17). Jerusalém será reconstruída como uma cidade de grande beleza, e a vida espiritual dos habitantes corresponderá à glória e esplendor externos das suas muralhas, baluartes e portas.

>Is-54.2

Amplia o lugar da tua tenda (2). O súbito regresso de tanta gente vinda de países distantes exige mais espaço. Jerusalém é aqui comparada a uma grande tenda; para povos habituados à vida pastoril do Oriente, esta metáfora, de ampliar a tenda, juntamente com o alongar das espigas e o reforçar das estacas, teria um sabor peculiarmente atraente. **Transbordarás** (3), quadro da expansão universal. Os habitantes de Sião transbordarão para o sul e para o norte, povoando as cidades desertas dos gentios. É aqui sugerida, pois, uma grande

força espiritual que transcenderá a vida da própria Sião e se expandirá em força salvadora por terras alheias. **A vergonha da tua mocidade** (4), isto é, a servidão egípcia. **O opróbrio da tua viuvez** (4), ou seja, o cativeiro de Babilônia. **Será chamado o Deus de toda a terra** (5). Chegamos, ao ponto máximo da visão, a meta para a qual tudo inevitavelmente se encaminhará. Os conselhos eternos não sabem o que é recuar. **O Senhor te chamou** (6). O amor que agora chama Israel é grande e perdurável; comparado com ele, a fase de aparente rejeição nem merece ser mencionada (7-8). **Como as águas de Noé** (9). Esta fase de exílio foi para Jeová como que um segundo dilúvio. Assim como Ele jurara a Noé que as águas não tornariam a cobrir a terra, assim agora jura que a Sua ira não alagará o Seu povo. **As montanhas se desviarão** (10), ou antes, "as montanhas podem partir".

>Is-54.11

Com todo o ornamento (11), ou, mais corretamente, o estúbio, uma espécie de tinta à base de antimônio com que as judias pintavam as pestanas. Em toda esta passagem a idéia é de uma glória inexcedível, maior do que a de todo o reino de Babilônia. Compare-se com a descrição da cidade santa, a nova Jerusalém (#Ap 21.19-20). **Discípulos do Senhor** (13); ver #Jo 6.45. **Eis que poderão vir a juntar-se** (15). O sentido é idêntico ao das palavras de Nosso Senhor: "É impossível que não venham escândalos, mas ai daquele por quem vierem" (#Lc 17.1). Traduza-se: "Os homens podem querelar, mas isso não provém de Mim: quem contender contigo cairá por tua causa", isto é, quem lutar contigo cairá em ruína. **Criei o ferreiro** (16), aquele que forja a ferramenta do versículo 17. Uma vez que Deus é o criador de tais homens, os fiéis não precisam de os temer.

Is-55.1

i) Um apelo à salvação (Is 55.1-13)

Depois do cântico de triunfo entoado na segurança da salvação de Jeová, vem o grande apelo do profeta, um poderoso e compassivo convite à salvação iminente (3,6-7). As frases de abertura pintam a vida na sua insatisfação e fome (1-2), enquanto que o trecho final descreve a satisfação que acompanha a misericórdia eterna (8-13). O oráculo consiste no apelo do profeta dirigido aos homens para que passem de um para o outro estado, voltando-se para o Senhor seu Deus e indo ao encontro da Sua bendita vontade. Para abraçar bem esta misericórdia assim oferecida, é preciso ter-se operado uma transformação

completa de espírito e coração, pois os caminhos de Deus são tão diferentes dos caminhos do homem como os céus estão acima da terra (8-9). O caminho para o arrependimento do homem e o regresso ao Senhor seu Deus é bem claramente apontado nas palavras do versículo 4: "Eis que Eu o dei como testemunha aos povos, como Príncipe e Governador dos povos". Estas palavras só se podem aplicar ao Servo sofredor cuja obra e sacrifício estudamos nos capítulos imediatamente precedentes. Mediante o labor do Seu Servo, o Senhor Deus pode ter misericórdia e perdoar abundantemente. É através d'Aquela que suportou o pecado que este pode ser abolido para sempre.

Ó vós, todos os que tendes sede (1); ver #Jo 4.10 e seguintes. O estado da alma longe da graça de Deus não pode ser mais fielmente retratado do que comparando-o com um estado de sede, fome e trabalho infrutífero. **Ouvi-Me atentamente e comei** (2). Frequentemente, em hebraico, quando há dois imperativos seguidos, o sentido é condicional: "se ouvirdes, comereis". "Ouvi-Me atentamente" representa o uso adverbial intenso do infinito absoluto no hebraico: "Ouvi-me de fato". **Inclinai os vossos ouvidos** (3). A ênfase repetida sobre esta atitude faz lembrar as palavras do Novo Testamento: "A fé é pelo ouvir" (#Rm 10.17), e ainda: "Atendei ao que ides ouvir" (#Mc 4.24). **As firmes beneficências de Davi** (3), isto é, as bênçãos tão seguramente prometidas a Davi. Não pode haver qualquer dúvida de que o objetivo da promessa é o Messias e a salvação que Ele trará. É assim que Paulo interpreta esta idéia, quando, ao falar da ressurreição de Nosso Senhor, cita esta promessa como uma das misericórdias seguras prometidas no passado a Davi (ver #At 13.34). **Testemunha aos povos** (4). No seu tempo, Davi foi uma testemunha e um condutor de povos, mas a realização completa de todas as promessas que lhe foram feitas só virá quando surgir o Filho de Davi, maior do que este. O Filho de Deus é uma testemunha das coisas celestes e da salvação que pertence à alma que Lhe obedece; é também dirigente e comandante daqueles que seguem nas Suas pisadas em tudo o que Ele determina. **Nação... nação** (5). Não especificada; compare-se com "outras ovelhas" (#Jo 10.16). As palavras destinam-se ao dirigente dos povos que será glorificado, pois é o Filho de Deus e, como tal, será proclamado com poder; e o Senhor Seu Deus, o Santo de Israel, eternamente fiel à Sua promessa, dar-Lhe-á glória, outorgando-Lhe os pagãos por herança.

>Is-55.6

Buscai ao Senhor... grandioso... em perdoar (6-7). Estes versículos descrevem o verdadeiro caminho da conversão: arrependimento; regresso a Deus

voltando costas aos caminhos do pecado; misericórdia de Deus; e o divino perdão. O fundamento da confiança está em Deus, que não é como os homens mas que, em pensamento e propósitos, os transcende em absoluto. O perdão do homem é incerto e imperfeito; Deus, porém, pode perdoar abundantemente. **A chuva** (10-11). A promessa é tão segura como os fatos da natureza no seu mistério e poder. **Com alegria saireis** (12), quadro de júbilo sem mescla quando os remidos, pela mão do Senhor, chegarem à habitação que Ele lhes preparou. Ficarão para trás o deserto, e acolhê-los-ão jardins de luz e beleza. Compare-se com **#Is 35.9**.

Is-56.1

j) Os propósitos de Jeová (Is 56.1-57.21)

Os capítulos 56 e 57 constituem uma só mensagem encerrando a parte da profecia relacionada com a apresentação do Servo de Jeová como príncipe da paz. "Enquanto que o capítulo 55 expõe a graça e a fidelidade de Deus no regresso do Seu povo e lhe pede apenas fé em troca destes benefícios, o capítulo 56 pede adicionalmente que aqueles que vão voltar observem a Lei, e torna extensivas as Suas bênçãos aos estrangeiros e outros que, embora tecnicamente excluídos dos privilégios dos israelitas natos, legítimos, se haviam apegado a Jeová e à Lei" (G. A. Smith). Promete também aqui que ninguém de forma alguma sofrerá perda por amor da fé de Israel, recebendo das mãos do próprio Senhor conforto e grande gozo de coração (**#Is 56.1-8**). Segue-se uma denúncia devastadora dos vigias que não cumprem a sua função e se entregam aos prazeres da bebida forte (**#Is 56.9-57.2**).

1. UMA MENSAGEM DE CONFIANÇA PARA OS QUE CRÊEM (**#Is 56.1-8**). O profeta pronuncia aqui algumas palavras de ânimo aos que correm perigo de serem excluídos dos benefícios da casa de Israel. **A Minha salvação está prestes a vir** (1), versículo este que obviamente relaciona esta profecia, de uma maneira íntima, com o capítulo anterior. A observância do sábado (2) é mencionada explicitamente por ser esta uma das coisas que ainda podiam ser feitas num país onde todas as outras práticas religiosas tinham sido forçosamente postas de parte, exceto a oração e o jejum. O seu valor essencial no manter do espírito religioso entre os homens é, sem dúvida, implicitamente afirmado. Talvez seja aqui introduzida como exemplo do cumprimento das condições do concerto que conduzem à bênção. **O filho do estrangeiro... o eunuco** (3). Estes homens estavam excluídos da congregação de Israel pela Lei (ver **#Dt 23.1**). Agora, tudo isto irá ser abolido e todas as barreiras removidas.

A obra do Servo teve como resultado o aniquilar de todos os fatores de divisão, estando agora aberto o caminho para o favor da misericórdia divina. A casa de Deus será "para todos os povos" (7). **Um nome eterno** (5); lembremo-nos do eunuco etíope, que passou a ocupar um lugar imorredouro na Igreja de Cristo, um lugar muito maior do que aquele que lhe competiria de qualquer outra forma. Ver **#At 8.26** e seguintes.

>Is-56.9

2. CENSURADOS OS DIRIGENTES DE ISRAEL (**#Is 56.9-57.2**). **Animais do campo** (9); é este o nome dado aos inimigos do rebanho de Deus, que continuam a agir como instrumentos do divino castigo e correção. **Atalaias** (10), os dirigentes do povo cujo dever era vigiar e guardá-lo de todo o mal. Em vez de assim procederem e agirem como verdadeiros "cães de guarda" da justiça, tornaram-se indolentes, dorminhocos, sensuais, grosseiros, absolutamente incapacitados para a sua excelsa tarefa. **Vinde** (12). O convite é pronunciado por um dos falsos atalaias que chama os outros para uma orgia de dois dias.

IX. O TRIUNFO DO REINO E O DOMÍNIO UNIVERSAL DE JEOVÁ Is 58.1-66.24

Entramos agora na última das três seções principais desta grandiosa segunda parte do livro de Isaías, e o tema é o que poderíamos esperar. Tendo falado no propósito eterno de Jeová, de dar paz ao Seu povo, e havendo revelado Aquele mediante o Qual ela pode ser obtida, o Servo do Senhor, o Príncipe da Paz, o profeta demonstra agora o tipo de vida que deve caracterizar os que foram admitidos à comunhão deste dom. Assim, o assunto é agora essencialmente "o programa da paz".

Is-59.1

a) Censuras e promessas a Israel (Is 58.1-59.21)

Os capítulos 58 e 59 constituem um "andamento" no tema. O primeiro refere-se à verdadeira e à falsa adoração de Jeová, abordando assuntos como o jejum e o sábado. O capítulo 59 verbera os grosseiros pecados do povo, chamado à confissão penitente e ao lugar onde se encontra o livramento e a absolvição. O profeta é encarregado de declarar ao povo de Deus a sua transgressão e pecado. Censura-o severamente por observar o ritual da religião sem, de forma

alguma, produzir os frutos desta. Repudia o valor de uma atitude humilde e contrito perante Deus quando, afinal, no seu trato com os seus semelhantes, se descortinava ausência de compaixão e justiça. Só abandonando os seus caminhos pecaminosos e impregnando de vida os seus cultos é que encontrariam o poder e graça do seu Deus e as bênçãos nacionais outorgadas pelo concerto firmado na antigüidade.

1. O JEJUM SEM ARREPENDIMENTO E REFORMA É HIPOCRISIA (#Is 58.1-12). O povo queixa-se de que os seus jejuns não lhe trouxeram quaisquer benefícios materiais, e é-lhe dito em resposta que o jejuar em tais condições não passa de um fingimento oco. Observava-se o ritual do jejum, mas faltava por completo a verdadeira abnegação do ministério do amor (1-5). Se lograssem reencontrar o verdadeiro espírito da religião, seriam erguidos a um nível superior de vida-a vida planeada e abençoada por Deus (6-12).

Clama em alta voz, não te detenhas... anuncia ao Meu povo a sua transgressão (1). É esta a acusação que o profeta tem de transmitir, uma mensagem de condenação. **Todavia, Me procuram cada dia** (2); existia uma fachada externa de religião, mas o seu coração andava longe de Deus; os pretensos adoradores procuravam-se apenas a si próprios em tudo quanto faziam. **Porque jejuamos nós?** (3). É o coração em toda a sua realidade que aqui se revela. Julgavam ir merecer a aprovação de Deus meramente em virtude dos seus jejuns. **Achais o vosso próprio contentamento** (3), isto é, prosseguis nos vossos negócios e fazeis as coisas de tal modo que os vossos servos estejam rigorosamente ativos durante esta hora de suposta devoção. **Eis que para contendas e debates jejuais** (4). Os dias de jejum, afinal, eram dias de contendas e dissídios. **Para fazer ouvir a vossa voz no alto** (4), isto é, jejuns como os vossos não são os que farão com que as vossas orações sejam ouvidas no trono da graça. **Seria este o jejum que Eu escolheria?** (5). O mero ascetismo nada é. O que dá vida a isto, como a tudo o mais, é o espírito. Segue se no versículo 6 uma definição do tipo de jejum que Deus exige. Libertação de escravos, remissão de dívidas, distribuição de bens entre os necessitados, e outros atos semelhantes, eis o que agrada a Deus e acarreta a Sua graciosa bênção. **Não te escondas da tua carne** (7), isto é, dos teus parentes. Não os deveriam evitar, mesmo que fossem pobres e necessitados. **O estender do dedo** (9), isto é, apontar com o dedo para alguém, sinal do amargo desprezo.

>Is-59.13

2. A VERDADEIRA OBSERVÂNCIA DO SÁBADO (#Is 58.13-14). Não havia maneira mais eficaz de unir o povo de Israel exilado longe do seu país do que mediante a observância do sábado. A bênção divina é sempre assegurada por concerto àqueles que guardam a santidade do dia de repouso. **Se desviares o teu pé** (13), isto é, não pises o dia santo com os pés do trabalho semanal. **O santo dia do Senhor** (13), expressão peculiarmente apropriada. **Deleitoso** (13); compare-se com o versículo 3. **Te farei cavalgar sobre as alturas da terra** (14). Comparar com #Dt 32.13.

>Is-59.1

3. O PECADO, UMA BARREIRA QUE SE OPÕE À REALIZAÇÃO DO PROPÓSITO DIVINO (#Is 59.1-8). A mensagem deste capítulo é semelhante à do capítulo anterior, mas com uma diferença: enquanto que, no anterior, o povo fica face a face com o seu pecado, aqui a mensagem diz que esse próprio pecado impede a realização do propósito divino. O povo poderia sentir-se tentado a pensar que Deus é impotente para ajudar (1); mas o verdadeiro problema é que as suas iniquidades o separaram dEle, e só voltando para Ele em penitência é que encontraria novamente a graça desejada (2). **As vossas mãos estão contaminadas de sangue** (3). Os pecados da comunidade são muitos e grandes: assassinio, engano, perjúrio e dedicação deliberada a maus fins. Os versículos 5 e 6 contêm um relato figurado das suas más ações. Os seus planos não são benéficos, nem para eles nem para os seus adversários. **Os seus pés correm para o mal** (7). Ver #Rm 3.10-18. Com o versículo 8, ler 57.21n. O povo tem de aprender a lição que o pecado ergue uma barreira tremenda entre a alma e Deus e, enquanto ele for tão geral, não vale a pena esperar salvação do céu.

>Is-59.9

4. A CONFISSÃO DO POVO (#Is 59.9-15). **Pelo que** (9). Os pecados que vão ser descritos são a razão do seu triste estado, e não a causa mencionada no versículo 1. Tendo pronunciado a sua admoestação, o profeta aceita-a, por assim dizer, como aplicável a si próprio e à nação a que pertence, e confessa as transgressões do povo. **O juízo** (9). Aqui esta palavra encerra a idéia de justiça, isto é, as ações de Deus em prol do Seu povo contra os opressores deste. **A verdade anda tropeçando pelas ruas... a verdade desfalece** (14-15); tão completa é a destruição de tudo quanto sabe a justiça e santidade que qualquer pessoa que decida afastar-se do mal é imediatamente marcada para a ruína (15).

>Is-59.16

5. A ONIPOTENTE LIBERTAÇÃO DADA POR JEOVÁ (#Is 59.16-21). O ponto culminante do capítulo é atingido na manifestação do livramento e socorro divinos em resposta ao brado do povo. Quando as coisas estão pior do que nunca e ninguém há que possa ajudar, o próprio Deus surge em poder para livrar e salvar a herança do Seu povo. Só mediante uma intervenção tão enérgica de Deus é que a situação pode ser dominada.

Um **intercessor** (16), ou antes, segundo outra tradução, "ninguém que intervenha". **Se revestiu de justiça** (17). Aqui Jeová é representado como um guerreiro que se arma para a refrega. As armas são provenientes da panóplia do Seu eterno e santo amor. Compare-se com #Ef 6.13-17. **Vindo o inimigo como uma corrente de águas** (19), ou antes, segundo outra tradução, virá como um caudal impelido pelo sopro do Senhor. Com o versículo 21, compare-se #Jr 31.31 e seguintes, e referências respectivas no Novo Testamento.

Is-60.1

b) Garantia da realização dos propósitos de Deus (Is 60.1-61.11)

Trata-se de uma profecia de grande beleza, vibrando com o gozo de uma garantia magnífica de que o propósito divino se realizará de forma triunfante na terra. Jerusalém será reconstruída e Sião procurada pelas nações em torno, regozijando-se a cidade na sua restauração e encontrando a luz eterna da vida.

1. O DOM DA LUZ (#Is 60.1-3). A chamada do versículo de abertura dirige-se a Jerusalém, não como a cidade então era, nem como ela jamais foi desde então para cá, mas à Jerusalém futura restaurada em glória e beleza. Então a cidade será o centro da luz do mundo, pois a glória do Deus eterno pairará sobre ela, irradiando para toda a terra. Esta descida da bênção de Deus nada mais é do que o raiar duma nova alvorada. Embora toda a terra em torno esteja ainda envolta nas trevas, todavia, sobre o Seu povo eleito brilhará a luz divina. O resultado imediato será que as nações em torno acorrerão para se regozijarem também naquela luz rutilante.

>Is-60.4

2. A AMPLIAÇÃO DAS FRONTEIRAS DE JERUSALÉM (#Is 60.4-9). Os exilados regressam do cativeiro e aumentam o número dos adoradores de Jeová na cidade santa. O versículo 5 descreve o gozo tumultuoso da nação quando isso acontecer. Poderia ser traduzido como se segue:

À vista deles ficarás radiante,

O coração tremerá e vibrará;

Pois as riquezas do mar serão encaminhadas para ti,

A ti as nações virão com os seus tesouros.

>Is-60.6

Efa (6), uma tribo midianita, e os midianitas eram famosos pelo grande número de camelos que possuíam. **Seba** fica na região do sul da Arábia. **Quedar** e **Nebaiote** (7) são filhos de Ismael e tribos do norte da Arábia que se dedicam à pastorícia. **Os navios de Társis** (9). Ver 2.16n.

>Is-60.10

3. JERUSALÉM SERÁ NOVAMENTE CONSTRUÍDA (#Is 60.10-14). Aquele mesmo povo que havia destruído a cidade e levado os seus habitantes para o cativeiro virá ajudar a reconstrução das suas muralhas (10,14). Depois de reconstruídas, as portas, não se fecharão nem de dia nem de noite (11), símbolo da segurança absoluta sob a bênção do seu Deus, e também do calor do acolhimento que será dado àqueles que procuram entrar. **Os seus reis** (11), quer como cativos quer marchando à testa dos seus povos em plena e alegre aceitação das bênçãos existentes na cidade santa.

>Is-60.15

4. BÊNÇÃOS NA LUZ ETERNA DE JEOVÁ (#Is 60.15-22). "Em vez do desprezo e do aborrecimento a que foste votada" (15), ou, melhor, "em vez do teu estado de abandono". Na nova cidade, o **ferro** e o **bronze** serão substituídos pelo **ouro** e pela **prata** (17), o que exprime a sua grande prosperidade. **Inspetores... exatores** (17), ou, segundo outra tradução, capatazes e fiscais. A paz e a justiça governarão toda a vida cívica. Com esta seção compare-se a descrição da nova Jerusalém em #Ap 21.

Is-62.1

c) Resultados da obra do Servo (Is 62.1-63.6)

1. A RESTAURAÇÃO DOS ABANDONADOS (#Is 62.1-5). Mais uma vez se expõe a decisão do Servo de prolongar o Seu ministério até se atingir o objetivo desejado da restauração de Israel, embora não haja qualquer dúvida quanto ao resultado final. "Porque, como o mancebo se casa com a donzela... e como o noivo se alegra da noiva, assim Se alegrará de ti o teu Deus" (5); sim, a salvação é tão segura com isto. A nação será ainda governada em justiça e coroada com o favor visível de Deus.

Mais uma vez é o Servo quem fala. Ouve-se nas Suas palavras algo dessa decisão eterna que O fez esvaziar-se a Si próprio e assumir forma humana. **Um nome novo** (2), que corresponde ao novo caráter. **Desamparada... assolada... Hefzibá... Beulá** (4). Temos aqui quatro nomes: Azubá e Semamá significam abandonado e assolado, Hefzibá e Beulá respectivamente "o meu prazer está nela" e "casado". Estes nomes eram provavelmente muito comuns entre a população feminina. **Teus filhos** (5). As consoantes do texto podem ser vocalizadas de forma a significarem "o teu construtor". O texto seria então assim:

Pois assim como um jovem casa com uma donzela,

Assim o teu construtor Se casará contigo;

E, como o noivo se regozija na noiva,

Assim o teu Deus Se regozijará sobre ti.

Jeová é o Edificador da nova Jerusalém.

>Is-62.6

2. VIGIAS NAS MURALHAS (#Is 62.6-9). Os vigias nas muralhas são exortados a não descansarem na sua santa vocação da oração, trazendo sempre Jeová à memória. Embora isto seja necessário e os vigias tenham que o fazer, o problema também não sofre qualquer dúvida, pois Jeová jurou que realizaria o Seu propósito. **Guardas** (6), os que haviam sido nomeados por Deus para

serem dirigentes do povo. Compare-se com [#Is 66.10](#); [#Ez 3.17](#); [#Ez 33.7](#). O profeta refere-se de forma evidente ao ministério da oração. **Vós os que fazeis menção** (6), isto é, "vós que lembrais". O "Mazkir" ou Lembrador, era um funcionário regular das cortes orientais.

>Is-62.10

3. RESTAURAÇÃO TOTAL ([#Is 62.10-12](#)). Um convite a fazerem-se os preparativos finais para o progresso dos exilados. Também este regresso é garantido, pois a proclamação divina, **eis que a tua salvação vem** (11), chegou às extremidades da terra. É este o objetivo final da obra da redenção, que será atingido quando se houver cumprido o propósito de Jeová. A nação será conhecida como **povo santo, remidos do Senhor** (12). O problema e o triunfo é a santidade do povo; a consumação é alcançada mediante a atividade redentora de Jeová. A cidade será conhecida como **a procurada** (12), obra da divina graça. Aquilo que antigamente era tão mau e tão pecaminoso será remido para a santidade, e no seu poder e beleza despertará o desejo de outros. As nações da terra ainda verão na santidade a beleza para a qual agora estão cegas. Ver descrição em Jeremias desta mesma cidade ([#Jr 30.17](#)).

Is-63.1

4. O CASTIGO DE DEUS SOBRE OS SEUS INIMIGOS ([#Is 63.1-6](#)). O profeta vê Alguém regressar de Edom com vestes tintas de Bozra, Alguém de traje glorioso e que marcha com grande força (1). Ao perguntar: "Quem é este?", recebe uma resposta imediata e definida: **Eu, que falo em Justiça, poderoso para salvar** (1), o que provoca segunda pergunta: "Por que está vermelha a Tua vestidura?" (12). A resposta é igualmente imediata e definitiva: "Esse Alguém regressa da batalha com os inimigos da justiça e da verdade. É o dia da vingança do Senhor, conforme predito em [#Is 61.2](#), que se seguiria ao ano do favor de Jeová" (4). A visão diz, evidentemente, respeito ao Servo de Jeová que consuma a obra que Lhe foi indicada. O lugar foi já trabalhado, obrigando assim o mau fruto da impiedade a manifestar-se. A grande obra da redenção total é realizada pelo Seu poder, que não carece de auxílio (5).

Edom... Bozra (1). Depois da visão da glória de Israel nos capítulos 60-62, segue-se, em contrapartida, a destruição de todos os seus inimigos. Edom era proverbialmente o maior inimigo, embora tão intimamente aparentado, e nada mais natural do que, como no capítulo 24, ser outra vez escolhido como tipo

supremo dos inimigos de Jeová. O versículo 6 mostra que é apenas típico, pois nele os povos serão derrubados. Bozra era uma das grandes cidades de Edom. **Tintos** (1), ou, melhor, "tingidos de carmesim". O versículo 3 relaciona-se com a destruição do mal, e não com a expiação do pecado. É o **sangue inimigo** que assim mancha as vestes do guerreiro redentor, e não o sangue dEste.

>Is-63.7

d) Oração pela misericórdia e perdão divinos (Is 63.7-64.12)

O profeta irrompe agora em ação de graças e oração, como se compreendesse perfeitamente a necessidade da ação dos versículos 1-6, associando-se completamente com ela e orando para que ela se realizasse. A oração começa com louvor por atos bondosos do passado (7-9), continuando com uma confissão da natureza rebelde da nação e o reconhecimento da disciplina que a corrigiu e da libertação que se lhe seguiu (10-14). A bênção da presença divina, porém, nunca tinha sido totalmente retirada, e a comunhão, posto que freqüentemente perturbada, nunca fora destruída (15-19). A oração continua no capítulo 64 com um brado pela manifestação do poder divino a favor da justiça (1-3), transformando-se depois numa meditação Sobre a maravilha da intervenção do Senhor (4-12). Novas confissões de pecado e indignidade vão aflorando através do tema dos pensamentos do profeta, que solta novos clamores ao Senhor seu Deus para que tenha piedade da desolação do povo da Sua escolha e da terra que lhe fora dada desde tempos recuados.

Na versão de Lutero, **#Is 63.7** é o começo do capítulo 64. **Filhos que não mentiram** (8), isto é, filhos que não serão rebeldes e falsos para Aqueles de Quem haviam recebido tudo quanto é justo e bom. **O anjo da Sua face** (9). A presença de Jeová é freqüentemente mencionada neste termos desde os monumentos literários mais antigos (ver **#Êx 33.14**). **Contristaram o Seu Espírito Santo** (10). Ver **#Êx 23.20-21** e outras passagens. **Se lembrou** (11), isto é, Israel recordou-se. É a recordação da misericórdia passada que dá ousadia ao coração para buscá-la de novo. **Fez andar à mão direita de Moisés** (12). Há uma tradução mais exata: "que fez com que o Seu braço glorioso estivesse à mão direita de Moisés". **Tu és nosso Pai** (16), o grande argumento da paternidade de Deus. **Por que... nos fazes desviar dos Teus caminhos?** (17). O pensamento aqui parece ser que o castigo de Deus sobre o povo teve como resultado algumas pessoas endurecerem o seu coração e mergulharem em impiedade ainda maior.

Is-65.1

e) A resposta de Jeová (Is 65.1-25)

O versículo de abertura é significativo, apontando uma vez mais para o fato que, no momento em que O procuram, Jeová é encontrado, mesmo que tal procura seja motivada pela dificuldade, que os forçou a voltarem-se para Ele, e não a qualquer desejo espontâneo do coração. O sofrimento que os aflige é resultado de não O haverem procurado antes. Os primeiros 7 versículos do capítulo ampliam este tema, de o povo se ter resolutamente recusado a corresponder à chamada divina, definindo-se claramente a relação entre esta recusa e os graves problemas que ele enfrenta. Nunca haviam verdadeiramente procurado Jeová; foi Ele que os procurou, e recusaram-se a ouvi-LO (2). Tal iniquidade separou-os dEle. A resposta torna-se uma vez mais numa promessa de gloriosa restauração (8-25). No castigo iminente, os fiéis estarão em segurança (8-10), enquanto que os ímpios serão absolutamente rejeitados (11-15). O capítulo passa a descrever a prosperidade futura de Jerusalém e do povo de Deus mediante o cumprimento do Seu propósito. Serão criados novos céus e nova terra (17), habitados por novos herdeiros da graça de Jeová. Restaurado no espírito, o homem encontrar-se-á num mundo transfigurado em que não existem dor nem choro (19).

Dos que não perguntavam por Mim (1); ver #Rm 10.20. Povo rebelde (2), isto é, Israel. Sacrificando em jardins (3), uma referência à adoração à sombra das árvores, pratica inspirada na religião cananita e que implicava desprezo pela adoração no templo. Assentando-se junto às sepulturas (4), para ritos espiritistas. Não te chegues a mim (5), isto é, uma atitude orgulhosa que agora incarnamos na palavra "farisaísmo". Como quando se acha mosto num cacho de uvas (8). Assim como os homens guardam os cachos de uvas pensando na alegria que acompanha o vinho novo, assim também Jeová não os destruirá a todos mas conservará os santos para semente de uma nação futura. Vale de Acor (10). Ver #Js 7.24. Sarom fica a ocidente, e Acor a oriente, de Judá. Todo o país será, portanto, coberto de bênçãos.

>Is-65.11

Mas vós que abandonais Jeová

E esqueceis o Meu santo monte,

Que estendeis uma mesa para a fortuna

E derramais vinho misturado ao destino,

Eu vos destino à espada,

Todos vos encurvareis à carnificina.

A fortuna (Gad) e o destino (Meni) eram divindades semitas em cujo culto os judeus apóstatas também participavam. Preparavam-se mesas diante dos deuses, colocando-se nelas pão e vinho.

>Is-65.12

Is-66.1

f) Epílogo (Is 66.1-24)

Este capítulo constitui um epílogo em que se resumem e realizam os princípios do domínio de Jeová tais como se aplicam a todas as idades futuras. Em primeiro lugar, há a nota tônica da soberania e onipresença de Deus, a Quem nada pode escapar. Nenhum templo jamais construído O pode conter (1-4). Ele distingue entre o que é verdadeiro e o que é falso, entre o corrupto e o puro, e nada Lhe pode fugir. Devido a esta soberania universal de Jeová, Sião será aumentada e Jerusalém salva (5-14). Todos os maus e todos os que de qualquer modo se conspurcaram serão destruídos e consumidos juntamente (15-17). Nos versículos 18-22, temos o grandioso ponto culminante da proclamação da glória de Jeová em todo o mundo. Os novos céus e a nova terra que Jeová irá criar gravitarão em torno dEle à medida que lua após lua e sábado após sábado Lhe prestarem culto (23). Nesse estado bendito, o mal será expulso e destruído, advertência eterna, dada aos piedosos, da tragédia de um afastamento do Deus vivo.

O céu é o Meu trono (1), quadro da onipresença de Deus. **A Minha mão fez todas estas coisas** (2), isto é, o céu e a terra. O que importa não é um edifício, mas sim um espírito humilde e contrito, ou quebrantado. **O que mata um boi** (3). Deus pretende apenas uma religião espiritual, e o sentido deste versículo é que os sacrifícios oferecidos ao Senhor pelos Seus adoradores não-espirituais Lhe desagradam tanto como os ritos pagãos, como um sacrifício humano ou matar ritualmente um cão. **O Senhor seja glorificado** (5), frase irônica dos

perseguidores dos fiéis. A resposta do profeta é: "Eles serão confundidos" (5). **Da cidade** (6), isto é, Jerusalém. **Lhe viessem as dores** (7), ou seja, à Nova Jerusalém. Esta passagem ilustra a obra da Igreja de Cristo e o seu nascimento no dia do Pentecostes. Quando se constituiu, três mil almas se converteram logo, e a boa nova do Evangelho rapidamente se espalhou por todo o mundo conhecido. **Os que se santificam e se purificam nos jardins** (17). Ver **#Is 65.3,5. Társis, Pul e Lude** (19), versículo este a respeito do qual G. A. Smith escreve o seguinte: "Até à distante Espanha e à África remota, ao Mar Negro e à Grécia, em torno da bússola". **Desde uma lua nova até à outra** (23), ou seja, regular e infalivelmente. **O seu bicho nunca morrerá** (24); compare-se com **#Mc 9.44**.

W. Fitch.

JEREMIAS

INTRODUÇÃO

I. AMBIENTE HISTÓRICO

Quando Deus chamou Jeremias ao ministério profético em 626 A.C., a Assíria, senhora do mundo, sujeitara Judá ao seu domínio, cobrando-lhe tributo. Todavia, a própria Assíria gradualmente enfraqueceu, após a morte de Assurbanipal em 633 A. C. Certas províncias do império perderam-se em 614 A. C., e outras no cerco final de dois anos. Assurubalut foi o último monarca reinante, conservando-se em Harran durante, pelo menos, dois anos após a destruição de Nínive em 612 A. C.

Potencialmente, o trono da Assíria estava aberto a qualquer cabo de guerra do tempo. Neco, do Egito, conduziu as suas forças até ao norte da Palestina, defrontando e matando Josias, rei de Judá, em Megido em 609 A. C., subjugando a Síria e pondo-se novamente em marcha até ao Eufrates. Foi, porém, enfrentado por Nabucodonosor da Babilônia, que desbaratou os seus exércitos na histórica batalha de Carquemis e o obrigou a recoar para as suas próprias fronteiras, pondo, assim, termo temporário à ambição egípcia de dominar o Oriente. Foi deste modo que Judá, até ali sujeito à Assíria, passou automaticamente para o controle da Babilônia.

Depois da morte trágica de Josias, o seu povo ungiu Jeoacaz, seu filho, rei em seu lugar. Neco, porém, depôs-lo a favor de Jeoaquim, seu irmão, pensando que ele serviria melhor os interesses egípcios. Que esta convicção tinha bons fundamentos prova-o claramente o tratamento a que Jeoaquim sujeitou o profeta Jeremias. Depois de Carquemis, Nabucodonosor interessou-se menos por Judá, possivelmente por o descontentamento em Babilônia exigir o seu regresso imediato após ter sido desferido um golpe decisivo contra o Egito. Entretanto, Jeoaquim, confiante nas promessas egípcias de auxílio massiço, fez uma tentativa de sacudir o jugo de Babilônia. Em resultado disso, em 596 A. C., Nabucodonosor, consolidado o seu poder na pátria, atacou Jerusalém, prendeu Jeoaquim, filho do rebelde e agora seu sucessor, e levou-o com algum do seu povo para o cativo. Ao mesmo tempo, pôs Zedequias no trono.

O Egito não ousava arriscar uma guerra com Babilônia; em vez disso, procurava enfraquecer pela intriga os laços impostos por Nabucodonosor à

Síria e Palestina. A Neco sucedeu no trono egípcio Psamatique II, e presumivelmente foi ele quem procurou persuadir estes países a tomarem parte numa aliança com o Egito contra Babilônia. Zedequias foi um dos monarcas abordados, e parece haver fortes indícios de ter existido um partido pró-egito na corte. Ananias, o profeta, salientava-se bastante nesta conjuntura, mas Jeremias opôs-se firmemente à proposta. Ver, por exemplo, o capítulo 28, com o seu oráculo do jugo de ferro.

Jeremias opunha-se vigorosamente a estes funcionários da corte. Como porta-voz de Jeová, denunciava-os como falsos profetas, afirmando que as suas atividades pró-Egito eram contrárias à Sua vontade e teriam um resultado trágico. Sem dúvida se consideravam verdadeiros patriotas, e é evidente que o seu ódio feroz a Jeremias se fundamentava no fato de, na opinião deles, o profeta ser um traidor confesso. Chamando-lhes falsos profetas, Jeremias não implica necessariamente que fossem homens cruéis, mas antes que a sua intuição ou critério não eram inspirados por Iavé. A sua acusação contra os seus adversários é que não fora Iavé quem os mandara, mas que eles se destacam por iniciativa própria, pelo que as suas predições não se realizarão. Era, pois, aí que residia a falsidade. Falavam em nome de Iavé quando, afinal, Ele não lhes tinha ordenado que o fizessem. De tudo isto se depreende que a sinceridade não basta; só a inspiração divina é que faz de alguém um profeta.

É impossível dizer se Nabucodonosor tinha recebido um aviso direto do descontentamento que grassava, ou apenas boatos, mas o certo é que Zedequias foi intimado a avistar-se com ele e a descrever as condições na sua pátria. O seu regresso implica que deu garantias de fidelidade. É pena que, ao que parece, ele não tivesse a coragem e a força moral para resistir à influência de conspiradores pró-egipcistas como Ananias e os seus confederados. Jeremias instava constantemente com o rei para que permanecesse fiel ao seu compromisso, mas quando Hofra se tornou faraó em 589 A. C., sucedendo a Psamatique II, a influência egípcia na corte acentuou-se ainda mais e, em resultado de tramas urdidas em segredo, Zedequias foi finalmente induzido a faltar à sua palavra para com Nabucodonosor. O Egito foi lento no seu socorro, e o monarca babilônio tornou a pôr cerco a Jerusalém em 587 A. C. Por fim, apareceu o exército egípcio e os babilônios levantaram o cerco temporariamente. Foi nessa altura que Jeremias foi preso como desertor que procurava fugir para os caldeus (ver [#Jr 37.11-15](#)).

A repetição do assédio parece ter provocado uma crise. Jeremias tinha a certeza de que a sua intuição provinha de Deus, de que Ele lhe revelara os

Seus propósitos de transformar Babilônia no instrumento da Sua vontade. A confiança no Egito, portanto, só poderia abrir caminho à tragédia e ao exílio. Além disso, os inimigos do profeta serviam-se do nome de Iavé para apoiar a sua política pró-egípcista. Por conseguinte, afirmavam que a atitude e as palavras de Jeremias enfraqueciam a vontade nacional de combater. Esta luta revela-se de forma crucial na pessoa de Zedequias, que se erguia entre as duas facções, sendo atraído ora para um dos partidos, ora para o outro. Costuma-se dizer que Zedequias era um fraco, incapaz de tomar uma decisão e enfrentar as conseqüências. Percebe-se que Jeremias não o conseguiu influenciar de forma a fazê-lo manter-se firme no seu juramento de fidelidade para com Nabucodonosor. A batalha foi ganha pelos falsos profetas e Zedequias arriscou a sua sorte, mas pagou amargamente a sua decisão e delongas. O Egito revelou-se uma cana quebrada; o segundo cerco foi coroado de êxito, os babilônios comportavam-se de forma desapiedada e, com grande desgosto seu, Jeremias assistiu à amarga realização da sua profecia.

Este livro dá-nos pormenores referentes à vida de Jeremias até à sua partida forçada para o Egito. Depois, abatem-se as trevas sobre o profeta, atenuadas, se porventura o são, apenas por vagas tradições. Nada há que permita chegar a conclusões definitivas quanto à sua sorte. Segundo uma tradição cristã, alguns cinco anos depois da queda de Jerusalém, foi lapidado em Tahpanhes pelos judeus, que, mesmo então, se recusavam a comungar na sua visão e na sua fé.

II. A MENSAGEM E ENSINO DE JEREMIAS

Politicamente, como vimos, o profeta perdeu, mas espiritualmente obteve retumbante vitória. Com Amós e Oséias, confiava em como, apesar de a idolatria e a infidelidade a Iavé acarretaram necessariamente o castigo, Israel e Judá não seriam destituídos definitivamente da graça de Deus. Com esses profetas, comungava também na fé que o exílio como disciplina seria, não totalmente trágico, mas uma experiência corretiva. O estado como estado estava condenado, mas a fé em Iavé e a fé de Iavé no Seu povo escolhido permaneceriam e sobreviveriam àquele choque crucial.

Viu também que o antigo concerto centralizado no templo e no seu cerimonial era ineficaz. Assim, acabou por descortinar que Iavé escreveria um novo concerto no coração do "remanescente", através do qual a religião vital se manteria dinâmica e seria um veículo de bênção para além das fronteiras da nação.

Quando o livro da Lei encontrado por Hilquias nas ruínas do templo provocou a reforma do reinado de Josias em 621 A. C., parece evidente que, de princípio, Jeremias vibrou no mesmo entusiasmo que o monarca, emprestando a este a sua influência e auxílio. Parece igualmente evidente, porém, que, mais tarde, a sua confiança nesse avivamento começou a enfraquecer, considerando-o o profeta demasiado fácil e superficial para satisfazer os requisitos de Iavé. A grande necessidade era de uma mudança de coração, só possível num povo que depositasse a sua fé tão-somente em Iavé. Ora, a geração de Jeremias recusava-se a conceder essa centralidade de fé.

Muitos comentadores têm afirmado que Jeremias, com outros profetas, se opunha ao ritual de sacrifícios, considerando-o algo que não fora ordenado por Iavé e que Lhe repugnava. Todavia, a atitude de Jeremias será melhor interpretada se nós descortinarmos a lição de que, sempre que um sacrifício não constitui um verdadeiro índice da adoração e arrependimento do indivíduo, então esse sacrifício não terá valor, sendo, portanto, contrário ao desejo e vontade de Iavé. Quando muito, um sacrifício só poderia ser um meio para atingir o fim espiritual de um regresso contrito ao Senhor, jamais podendo constituir um fim suficiente em si.

III. AUTORIA

Trata-se de um problema muito complexo que não pode ser eficazmente abordado numa breve introdução como esta. Em [Introduction to the Old Testament](#), de E. J. Young, encontrar-se-á formulada a posição conservadora acompanhada de um sumário das várias correntes críticas. O próprio livro diz que Baruque, o escriba, escreveu as profecias que Jeremias pronunciou (ver especialmente [#Jr 36.32](#)), e declara que "ainda se acrescentaram a elas muitas palavras semelhantes". Duma maneira geral, Baruque parece ter sido fiel amanuense de Jeremias e, note-se, acompanhou-o até ao Egito ([#Jr 43.6](#)).

As próprias profecias não vêm em ordem cronológica, o que pode causar confusão numa mentalidade ocidental, habituada a encarar tais problemas de uma maneira lógica. Em [The New Bible Handbook](#), de G. T. Manley, o leitor encontrará um esquema das datas prováveis correspondentes aos vários capítulos. O problema resulta ainda mais complicado por haver grandes diferenças entre o texto hebraico e o dos Setenta deste livro, fenómeno que se verifica mais nele do que em qualquer outro. Estas diferenças não dizem respeito apenas às palavras mas afetam a ordem de

apresentação do conteúdo. Para uma breve análise das discrepâncias e uma hipótese de explicação, ver [Introduction to the Old Testament](#), de E. J. Young, obra a que já se fez referência. No corpo do comentário, apontam-se sempre os passos em que a versão dos Setenta parece derramar luz sobre o texto hebraico.

IV. O CARÁTER DO PROFETA

Jeremias era, de fato, um homem de Deus, sensível a toda a influência espiritual, suscetível de profunda emoção, dotado de visão clara e critério cristalino. Não podia ser comprado nem cavilosamente convencido. Seguiu o caminho traçado pelo seu espírito, este sempre apoiado no sentimento de adoração que vivia dentro dele. Foi um homem de Deus do princípio ao fim e, portanto, um patriota fiel até à tragédia. Não era cego para o pecado e loucura do seu povo. Descortinou com profunda amargura o nexo férreo entre o pecado e o castigo, e previu o exílio como uma punição inevitável e irrevogável, a não ser que se verificasse uma conversão. Foi para a provocar que despendeu sem reservas todo o seu esforço. Essencialmente, foi um mediador impelido pelo patriotismo e pela fé em Deus. Daí a veemência das suas emoções e mensagens, ora contra o seu povo, ora intercedendo junto do Senhor. Daí também o seu isolamento, a sua agonia de espírito, os seus cruciais conflitos íntimos. A sua paixão iluminava-lhe os passos, o que facilitou a sua tarefa, embora tornando-a desagradável. Viu a condenação, mas não a tragédia final. Tanto Israel como Judá tinham um futuro em Deus, o qual seria a sua justiça. Haveria um novo concerto. Em Deus leu promessas, não futilidade, pelo que "ficou firme como vendo o invisível". Neste vulto descarnado, clamante, vemos o que Deus ousa pedir ao homem, e o que um homem assim pode dar. A descoberta do Jeremias autêntico pode bem constituir o renascimento de quem o descobre.

Este livro extenso não se presta facilmente a qualquer divisão satisfatória, pelo que analisá-lo não passa, dum maneira geral, de formular uma opinião subjetiva. Seria talvez razoável dividir "Jeremias" em dois livros, terminando o primeiro no capítulo 25 e abrangendo o segundo do capítulo 26 até ao fim. A razão desta divisão é que, dum maneira geral, os oráculos proféticos dominam na primeira metade, e a narrativa na segunda.

MENSAGENS REFERENTES AO POVO ESCOLHIDO DE DEUS-Jr 1.1-25.38

I. A CHAMADA DO PROFETA Jr 1.1-19

a) Elementos acerca do profeta (Jr 1.1-3)

A chamada de Jeremias baseou-se num profundo sentido da iniciativa de Deus, como se ele tivesse sido predestinado para o cargo de profeta desde que nasceu, antes, até, de concebido-um caso de determinismo espiritual. Os vers. 1 e 2 dão-nos pormenores referentes à descendência de Jeremias e data em que foi chamado. **Anatote** (1), a moderna Anata, alguns quatro quilômetros e meio para nordeste de Jerusalém. **No décimo terceiro ano do seu reinado** (2), isto é, 626 A. C. **Até que Jerusalém foi levada em cativeiro** (3), ou seja, no ano 586 A. C., quando Nabucodonosor destruiu a cidade. O ministério de Jeremias prolongou-se para além desta data e durou uns cinqüenta anos ao todo.

>Jr-1.4

b) A consagração do profeta (Jr 1.4-10)

Assim veio a mim a palavra do Senhor (4). Os vers. 3 e 4 sugerem que ela veio, não de uma forma súbita, mas sim de uma forma persistente (em hebraico **way'hi**, "continuou a vir"). **Te santifiquei** (5), ou separei. Não do ponto de vista ético, embora isso se seguisse naturalmente.

>Jr-1.6

As ordens que recebeu (6-7) eram igualmente claras. Existe nestes dois versículos um contraste entre o recuo ante uma tarefa difícil e o insuflamento de inspiração para que ela fosse realizada. Jeremias é o mais psicológico de todos os profetas. Protesta: **Sou uma criança** (6; Septuaginta, "demasiado novo"), dando a entender que a sua falta de capacidade era devida à sua juventude. Todavia, esta objeção é arredada no próprio momento em que é feita, e o futuro profeta sujeita-se com pleno consentimento da sua personalidade -atitude típica de Jeremias, para quem a vontade de Deus deve vir em primeiro lugar, logo que for conhecida. **Deus... tocou** (9) nos lábios de Jeremias, tornando-o Seu mensageiro, com poder para destruir ou recriar. É esta a incumbência dupla que explica o que tão freqüentemente intrigou os

comentadores de épocas transactas, a saber, o pessimismo e, paradoxalmente, a esperança de Jeremias. O seu pessimismo não brota de um sentimento de fatalidade, mas sim da catástrofe inevitável que se produzirá se houver um afastamento das veredas da fé e da fidelidade. No entanto, mesmo que aconteça o pior, Jeremias sabe que o castigo de Deus não passa do prelúdio de um dia melhor. Como noutros profetas, a profecia era condicional; o castigo seria abolido se a nação se arrependesse da sua maldade.

>Jr-1.11

c) A declaração feita ao profeta (Jr 1.11-16)

A chamada de Jeremias está imediatamente associada com duas visões que lhe podem ter sido concedidas para comprovar a sua vocação e dar-lhe coragem. A revelação autêntica a missão que lhe é confiada. Através destas visões, Deus faz determinada declaração ao profeta e, através dele, ao povo. A visão da **amendoeira** (11) revela ao leitor como Jeremias amava e compreendia a natureza sob o seu aspecto de agente revelador de Deus. Há aqui um trocadilho que gira em torno de duas palavras hebraicas: **amendoeira (shaked)** e "desperto" (**shoked**). A amendoeira é a primeira árvore a despertar na primavera; assim também Iavé desperta e Se ergue em castigo. **Uma panela a ferver** (13); literalmente, uma panela sobre a qual alguém sopra-aliás, segundo outra tradução, um caldeirão, ou seja, uma vasilha utilizada para vários fins, como culinária, lavagens, etc. Aponta-se para a banda do norte, dando a entender que é daí que se deve esperar castigo. O texto é difícil, mas o sentido é bem claro. **Se descobrirá** (14); seguindo a versão da Septuaginta, "se soprará", dando a entender que Iavé transformará um povo setentrional em agente do Seu castigo. O motivo deste é a idolatria (16), que equivale a infidelidade e implica tensão entre dois amos, Baal contra Iavé.

>Jr-1.17

d) A exortação ao profeta (Jr 1.17)

O desânimo de Jeremias (17) ao compenetrar-se do conteúdo daquela profecia é combatido pela ordem que recebe de não se atemorizar.

>Jr-1.18

e) Consolação para o profeta (Jr 1.18-19)

Essa consolação é que Iavé estará com ele, tornando-o invencível (19).

Jr-2.1

II. A INTIMAÇÃO DA NAÇÃO (Jr 2.1-6.30)

Depois da chamada de Jeremias e das visões que lhe são concedidas para o fortalecer em espírito, registra ele que recebeu a palavra do Senhor (1). Todas as suas mensagens são inspiradas por Deus. Esta seção contém duas delas (#Jr 2.1-3.5 e #Jr 3.6-6.30).

a) A primeira mensagem de Jeremias (Jr 2.1-3.5)

1. A DECLARAÇÃO A ISRAEL (#Jr 2.1-3). Israel foi outrora a noiva de Iavé (2), tão bela quão pura, **santidade para o Senhor** (3; ver #Os 2.2-20).

>Jr-2.4

2. A CONTENDA COM ISRAEL (#Jr 2.4-13). Iavé aviva a memória de Israel lembrando-lhe toda a Sua misericórdia para com esse povo (6-7) e provando-lhe que não fora Ele quem faltara ao prometido. Israel é que havia contaminado a terra (7); os seus profetas tinham profetizado por Baal (8), principal deus dos fenícios, cujo culto havia sido introduzido em Israel depois de Salomão se haver aliado com essa nação. **Chittim** (10), o povo de Kition, uma cidade em Chipre. Alguns eruditos identificam Chittim com os hititas. **Quedar** (10), representa o oriente, assim como Chittim representa o ocidente. Os vers. 11 e 12 resumem o horror do profeta ao compenetrar-se da apostasia do seu povo. Ao contrário das nações pagãs, que permaneciam fiéis às suas divindades, Israel preferia deuses que não lhe davam lucro a Iavé, o seu próprio Deus. Até os céus pasmavam de tal sacrilégio. A imagem **cisternas rotas** (13) sugere água estagnada que se escapa facilmente pelas fendas, contrastando com a água pura de uma fonte perene (literalmente **viva**).

>Jr-2.14

3. A HUMILHAÇÃO DE ISRAEL (#Jr 2.14-19). Neste parágrafo, vemos como o pecado assoberba uma nação. Israel, nascido livre, vai-se transformar num escravo. **Escravo nascido em casa** (14); havia duas espécies de escravos: os adquiridos por compra e os nascidos em casa do amo, que eram sua

propriedade permanente. A infidelidade a Deus não é apenas uma coisa má; acarreta também prejuízos bem tristes (15). Conduz ainda à dependência de alianças estrangeiras, com a conseqüente corrupção espiritual e moral. **Nofe Tachphanes** (16); cidades egípcias. O primeiro era o nome que os hebreus davam a Mênfis, capital do Baixo Egito, não longe do Cairo moderno. O seu ensinador trágico seria a catástrofe com toda a amargura que acarreta, visto **não teres o Meu temor contigo** (19). **Sihor** (18) significa "rio lamacento" e parece referir-se ao Nilo.

>Jr-2.20

4. A DEGENERACÃO DE ISRAEL (#Jr 2.20-28). **Te andas encurvando e corrompendo** (20). Ver vers. 2. Os profetas comparavam freqüentemente a idolatria à infidelidade conjugal. **Vide excelente** (21); ver. #Is 5.1-7, onde temos um emprego paralelo desta metáfora. Os vers. 22-25 descrevem o caráter arraigado da sua iniquidade e da sua espantosa teimosia em continuar no seu pecado. Jeremias compara o seu povo a uma fera do deserto no cio, possuída de tão forte desejo sexual que qualquer macho que a pretenda a poderá encontrar sem fadiga, como se fosse a fêmea a perseguir o macho. **Amo os estranhos e após eles andarei** (25). Os estranhos são outros deuses. O anseio dos israelitas de participar nas práticas idólatras das nações pagãs era tão grande que estavam resolvidos a não permitir que qualquer coisa os impedisse de o fazer.

No tempo da tua tribulação (28). A hora de provação que se aproximava obrigá-los-ia a reconhecer com vergonha quão inúteis eram aqueles objetos de pau e de pedra. Como um ladrão, seriam apanhados em flagrante (26-27; ver também o vers. 36). O seu apelo de auxílio (27) seria inevitavelmente rejeitado devido à falsidade dos seus protestos de inocência (ver vers. 23 e 35).

>Jr-2.29

5. A EXPLICAÇÃO A ISRAEL (#Jr 2.29-37). Deus explica as razões dos infortúnios que se abatem sobre Israel. **Desligamo-nos de Ti** (31). Apesar da bondade do Senhor para com os israelitas (ver vers. 6-7), eles haviam afirmado a sua completa independência, não demonstrando sequer o menor vestígio de comezinha gratidão humana (32).

Jr-3.1

6. AS EXORTAÇÕES A ISRAEL (#Jr 3.1-5). Insta-se com Israel para que se volte para Iavé. A idolatria é uma vez mais comparada com a prostituição. No caso de infidelidade conjugal, reconhecem que não há arrependimento fácil. A sua infidelidade para com Deus foi grosseira em extremo e descarada; no entanto, parecem pensar que basta mostrar indícios de desejar reconciliação para que o Senhor os receba de novo de braços abertos (5). É isto o que dizem, mas, ao mesmo tempo, prosseguem nas práticas condenáveis que o seu Senhor detesta. **Árabe** (2), isto é, nômada. **Chuva tardia** (3); a chuva temporã vem no outono, e a tardia na primavera. É muito necessária para que o trigo cresça e se desenvolva. **Desde agora** (4); provavelmente, desde a reforma de Josias.

>Jr-3.6

b) A segunda mensagem de Jeremias (Jr 3.6-6.30)

Embora o tema geral das duas mensagens seja o mesmo, a saber, a apostasia e idolatria de Israel, existe, no entanto, uma diferença acentuada. Na primeira mensagem não se descortina o menor vislumbre de perdão; aqui, na segunda, oferece-se distintamente uma garantia de perdão desde que o arrependimento seja genuíno e sincero.

1. O CONTRASTE DESFAVORÁVEL ENTRE JUDÁ E ISRAEL (#Jr 3.6-10). O profeta vê que o **rebelde Israel** (6; literalmente, "Israel apóstata", duas palavras que definem Israel como uma encarnação da apostasia) fora enviado para o exílio como castigo pelo seu adultério; no entanto, Judá não descortina ali qualquer advertência; pelo contrário, finge-se fiel mas continuam ausentes todas e quaisquer provas de autêntica conversão (6-10). **Falsamente** (10); a reforma no reinado de Josias não fora muito profunda; Judá converteu-se fingidamente, isto é, à superfície.

>Jr-3.11

2. A CHAMADA URGENTE A ISRAEL (#Jr 3.11-18). Israel, quebrantado e exilado, é convidado a arrepender-se. **Aleivosa Judá** (11); apesar de maiores privilégios, tal como a sucessão de reis da mesma família, o templo, os levitas, e o exemplo e aviso de Israel, Judá revela-se infiel. **Convertei-vos, Ó filhos rebeldes** (14). Este apelo divino baseia-se na relação misericordiosa que Deus mantém com o Seu próprio povo. **Eu vos desposarei** (14; traduzindo à letra, "sou marido"; ver #Jr 31.32). Usam-se duas metáforas: filhos e marido. Os

israelitas são filhos que deixaram a casa de seu Pai e uma mulher que se divorciou. Juntamente com Isaías e Miquéias, Jeremias sabe que Deus Se deleita na misericórdia. Se se arreperderem penitentemente, Ele fará com que regressem para adorar em Sião, seu lar. **Naquele tempo** (17); quando Israel se voltar para o Senhor e regressar do exílio, a glória de Jeová no meio do povo eclipsará a glória e manifestação da presença associada com a arca do concerto (16). O profeta contempla já em espírito o tempo em que Jerusalém será purificada de toda a idolatria. Jeremias parece ter perdido a fé em Judá, mas, no entanto, oculta o seu pessimismo, na esperança de que, depois do exílio, Judá e Israel correspondam ao que Deus deles pretende e tornem a entrar no gozo da sua herança (18).

>Jr-3.19

3. O REGRESSO INCONDICIONAL DO POVO A IAVÉ (#Jr 3.19-4.4).
Prevalece também a esperança otimista de que o exílio de Judá garantirá a salvação de Israel. Todavia, Jeremias não pode deixar de ver a perversão infiel, com todas as suas terríveis conseqüências- o castigo da apostasia. Contudo, ouve uma espécie de antífona de choro no norte, filhos penitentes e o Deus perdoador e salvador que ora admoesta, ora afaga (21-22). Tanto Israel como Judá estão aqui em foco, ou talvez Judá seja aqui sinônimo de Israel. **Nos lugares altos** (21), lugar onde vulgarmente se pranteava. Foi nos lugares altos que Israel cometeu o seu pecado, e é ali que se ouve a voz da penitência. **A confusão devorou** (24), ou, melhor, "a vergonha", isto é, a adoração de Baal. Os profetas chamavam freqüentemente a Baal "boset", isto é, "vergonha", pois o culto de Baal era uma vergonha para Israel. À triste confissão do vers. 25 responde Iavé em termos que revelam a natureza consistentemente condicional da salvação. **Jazemos** (25), ou, segundo outra tradução, "vamos jazer".

Jr-7.1

III. AS ILUSÕES ACERCA DA SEGURANÇA DO TEMPLO Jr 7.1-10.25

Para Judá, o templo era sacrossanto e, portanto, impregnável a todos os ataques. Se acontecesse o pior, Iavé sem dúvida interviria para salvar a cidade onde colocara o Seu nome. Ora, Jeremias afirma aqui justamente o oposto. Também Silo era considerada inviolável, mas foi derrubada. O "sermão no templo" aqui reproduzido não menciona o alarme e a fúria que provocou.

Todavia, no capítulo 26 essa informação é-nos dada entre os sumários históricos da segunda parte do livro, indicando-nos também o perigo a que o profeta se expôs no seu arrojado testemunho. Se, de fato, o capítulo 26 pertence à mesma época que estes "sermões no templo", então o ano seria 608 A. C., ou seja, o começo do reinado de Jeoaquim. Esta seção constitui a terceira mensagem de Jeremias e divide-se em duas partes.

a) O Sermão no Templo (Jr 7.1-8.3)

A chamada do profeta ao povo para que se reúna às portas do templo é mais breve na Septuaginta do que no texto massorético: "Ouvi a palavra do Senhor, todos de Judá".

1. UM AVISO (#Jr 7.3-20). A mensagem começa com uma advertência. Que a nação ponha os olhos no destino de Silo. **Põe-te à porta** (2). O profeta deverá proclamar a sua mensagem numa das portas do templo, ficando o povo no átrio exterior separado do interior pelas respectivas portas. Talvez esta mensagem fosse transmitida durante qualquer dos grandes festivais, quando haveria normalmente grande ajuntamento de povo às portas do templo. **Os vossos caminhos e as vossas obras** (3); "caminhos", hábitos profundamente arraigados; "obras", os atos, individualmente considerados que acabam por constituir tais hábitos. **Templo do Senhor** (4); a tríplice repetição destina-se a dar mais ênfase. Compare-se com a frase de Cristo: "Na verdade, na verdade, vos digo". O templo é a casa de Deus e Sua propriedade peculiar (10). Portanto, o próprio templo constituiria um apelo ao povo para que este fosse santo, como sugeria o seu simbolismo, isto é, um povo separado. Se assim não sucedesse, então Iavé abandonaria o templo e, portanto a nação (realidade esta salientada também por Ezequiel nas suas profecias), sendo o resultado o derrubamento e o exílio. Se, porém, se arrependem, Deus será com eles. As palavras **vos farei habitar neste lugar** (3) podem ser traduzidas: "Então habitarei convosco", isto é, no templo. O problema moral é evidente: o templo como covil de ladrões não é digno da Sua presença; como Silo, fica deserto; a arca em si é impotente para salvar Israel. **Furtareis vós e matareis** (9); no hebraico, estes verbos encontram-se no infinito, um modo utilizado quando se deseja sublinhar fortemente a ação. **Somos livres** (10). O povo imaginava, como se depreende, que, observando os ritos religiosos, seria liberto da abominação a que o profeta tão freqüentemente aludia. **Caverna de salteadores** (11), isto é, um local de abrigo nos intervalos entre atos criminosos e de violência. Ver #Mt 11.17; #Lc 19.46. **Silo** (12); uma localidade na estrada principal de Jerusalém para Siquém. A arca foi ali colocada nos dias de Josué,

e a destruição desta localidade em parte alguma vem mencionada no Velho Testamento. O #Sl 78.60 diz-nos que Deus a abandonou. Os vers. 16-20 parecem constituir uma interrupção na mensagem pronunciada no templo, a não ser que representem um interlúdio simbolizando o fim calamitoso dos rebeldes impenitentes e profanos. Rainha dos céus (18), a Istar dos babilônios, ao que parece principalmente adorada pelo elemento feminino. As palavras "bolos" e "rainha" têm um ar estranho em hebraico, destinando-se talvez a indicar a origem estrangeira desse culto.

>Jr-7.21

2. OBEDIÊNCIA, NÃO SACRIFÍCIO (#Jr 7.21-28). Jeremias proclama o princípio mais seguro da obediência. A oferta queimada, segundo a lei levítica, era inteiramente consumida, mas, quando se tratava de outros sacrifícios, os sacerdotes e adoradores comiam tais ofertas. Se, porém, se tratava de uma mera cerimônia, então a oferta queimada seria "comum", não "espiritual", visto não indicar um coração arrependido; por isso, podia ser comida por haver perdido a sua validade espiritual. O vers. 22 é clássico. Segundo os críticos na sua generalidade, aquilo que Jeremias proclama é que Deus nunca instituíra todo aquele sistema ritual de sacrifícios, supondo-se existir um conflito entre profeta e sacerdotes. Todavia, a corrente está tomando lentamente outra direção, opondo-se a essa posição extrema. O que Jeremias denuncia em termos categóricos nesta passagem é o sacrifício que não corresponde a um coração arrependido e que não conduz a um comportamento reto. Se não houver obediência ética, nenhum sacrifício poderá ser eficaz. Toda a corrente profética condena o ritualismo vazio. O concerto entre Iavé e Israel baseava-se no Decálogo, e tinha a honra de ocupar o lugar mais sagrado no santuário. Dai ouvidos à Minha voz (23); a citação não é exata; a que mais se aproxima é #Êx 19.5. A obediência à lei moral vinha sempre em primeiro lugar. Mas não ouviram (24); é difícil reconciliar esta passagem com #Jr 2.2, a não ser que se interprete #Jr 2.2 como uma referência ao período que se seguiu imediatamente ao Êxodo, e #Jr 7.24 a um período, digamos, perto do final das peregrinações pelo deserto. No propósito do seu coração malvado (24); literalmente, na teimosia; ver #Jr 3.17. A forma mais abreviada, nos Setenta, dos versículos 27 e 28 talvez seja preferível: "Dir-lhes-ás esta palavra".

>Jr-7.29

3. LUTO NACIONAL (#Jr 7.29-8.3). O apelo ao povo para que pranteie baseia-se no fato de Jeová ter rejeitado aquela geração. No vers. 29 não vem ninguém mencionado, mas o verbo em hebraico é feminino, o que aponta para Jerusalém ou para a nação personificada. Cortar o cabelo era sinal de luto profundo (traduzindo à letra, "corta a coroa"); ver #Jó 1.20; #Mq 1.16. Alguns comentadores descortinam aqui uma referência ao voto do nazireado (#Nm 6.7). Jerusalém quebrara os seus votos, e assim, como o nazireu infiel, mais lhe valia cortar o cabelo, símbolo e sinal desse estado. **Puseram as suas abominações** (30); #2Rs 21.5 conta-nos que Manassés profanou assim o templo. **Tofete** (31) (a Septuaginta: "lugar alto") significa provavelmente "lareira" (**tefath**); ver #Is 30.33. Para denotar o sentimento de horror despertado pelo costume pagão de sacrificar crianças, as vogais da palavra original, **tefath**, foram transformadas de forma que ela fosse lida e pronunciada **tofet**. Foi por este processo paralelo que o termo **melec** se transformou em **Molec**, uma divindade pagã, isto é, utilizando as vogais de **boseth** (vergonha). Esta última palavra é também freqüentemente empregada por **Baal** (senhor), isto é, Is-boseth por **Is-baal**. Ofereciam-se sacrifícios de crianças ao ídolo Molec, e, para os adoradores de Jeová, o termo "molec", que significava "vergonha", exprimia adequadamente o seu horror. O vale de Ben-Hinom ficava do lado oposto do vale de Quedrom. Era aqui que se realizavam esses sacrifícios abomináveis, pelo que o vale de Ben-Hinom passou a ter um apelativo vergonhoso. A visão que torturava Jeremias era a desse lugar imundo atulhado de cadáveres. Esse culto abominável estava assim relacionado com a morte. O seu santuário tornar-se-ia no seu cemitério. Muito a propósito, portanto, no vers. 31 Jeremias diz que a sua origem nunca foi o coração de Deus. **Geena** (**ge**, vale), sinônimo de inferno, deriva deste toponímico. **Ninguém os espantará** (33), ou, melhor, ninguém os assustará e porá em fuga.

Jr-8.1

Tirarão (8.1). Para explicar esta barbaridade, sugeriram-se muitas hipóteses: 1. tratar-se-ia de um ato propositado, meditado, para insultar os vencidos, que se demonstraria serem assim incapazes de defender sequer as cinzas de seus pais ou o templo do seu Deus; 2. essa medida seria motivada pelo desejo de encontrar despojos, pois freqüentemente enterravam-se com os mortos grandes tesouros; 3. acontecimento fortuito ao escavar-se uma cova para acender uma fogueira; ou 4, ao proceder-se a terraplanagens para o assédio. A primeira hipótese é a mais provável. Todos tinham pecado e todos seriam punidos, incluindo os mortos. A doutrina do castigo futuro não foi plenamente

desenvolvida; daí, o castigo dos mortos sob a forma indicada nesta passagem. **Expô-los-ão** (2); os corpos celestes que haviam adorado serão impotentes no dia do castigo.

>Jr-8.4

b) A desobediência e idolatria do povo (Jr 8.4-10.25)

Algumas autoridades pensam que esta seção é a contrapartida métrica do sermão do templo, com que Jeremias começa a sua terceira mensagem.

1. MÚSICA FÚNEBRE (#Jr 8.4-17). São feridas três notas, como que numa harpa de condenação. Nos vers. 4-7 tange-se a nota de um espírito cheio de maldade, renitentemente oposto ao arrependimento. As aves obedecem às leis desconhecidas e instintivas da migração, mas o povo de Iavé recusa-se a obedecer ao instinto mais profundo do coração de procurar o lar eterno.

Os vers. 8 e 9 dizem-nos que os escribas e os sábios apontam ao povo o caminho errado. A lei **torah** ou melhor, direção, apontaria o caminho certo e conduziria a Deus; mas eles, com as suas falsas instruções, desviam o povo para longe do Senhor. O falso ensino poderia consistir em afirmar que os sacrifícios em si, independentemente da obediência ética, seriam o suficiente. Por outro lado, segundo algumas autoridades, poderíamos ver aqui a discordância de Jeremias da centralização de sacrifícios ordenada por Josias na reforma sacerdotal, de acordo com #Dt 12.1-7. Na ausência de dados concretos, esta passagem permanece ambígua. **Escribas** (8); é esta a primeira referência aos escribas como uma profissão, no Velho Testamento. É evidente que, como classe, eram muito ativos no tempo de Josias (#2Cr 34.13), e podem ter tido a sua origem no reinado de Ezequias (ver #Pv 25.1).

>Jr-8.10

Os vers. 10-12 não ocorrem na Septuaginta, sendo quase idênticos a #Jr 6.12-15. Nos vers. 13-17 escutamos as notas sombrias da condenação; **já não há uvas na vide nem figos na figueira, e a folha caiu** (13); nem tampouco restará um remanescente para manter viva a fé. Será esse o resultado da presença do inimigo que virá do norte-isto, é claro, se não houver um regresso a Iavé. Os castigos ameaçados, por mais severos que sejam, são sempre condicionais. **O Senhor nosso Deus nos fez calar** (14); traduzindo à letra, "decretou a nossa ruína". **Nos deu a beber água de fel** (14), ou, segundo outras versões, veneno,

o que, é claro, constitui uma metáfora. A vida é amarga. **Dã** (16) ficava tudo ao norte, e já fora alcançada pelo inimigo, que não se deixa apaziguar nem encantar (17), como se costuma fazer com as serpentes.

>Jr-8.18

2. O CORAÇÃO DOENTE (#Jr 8.18-9.26). Trata-se de uma passagem profundamente comovente que exprime o desgosto do profeta ao contemplar a catástrofe inevitável que em breve se abaterá sobre o seu povo. O vers. 18 é difícil. A tradução literal é a seguinte: "Ó minha alegria na dor, o meu coração está doente", mas o significado é claro-"incurável é o meu desgosto" segundo a Septuaginta sugere. "Oh, se eu pudesse consolar-me na minha tristeza! O meu coração desfalece em mim". O hebraico significa: "o meu coração está gravemente ou repugnantemente doente". **Passou a sega, findou o verão** (20). A sega e o verão são estações distintas. A sega nos campos durava de abril a junho, vindo mais tarde a colheita dos frutos estivais. Jeremias diz ao povo o que acontecerá quando passarem as estações. A Presença já não se encontra em Sião; não há colheita para enfrentar a fome que se aproxima, nem médico para cuidar dos doentes. O profeta choraria com a perenidade com que uma fonte corre. **Gileade** (22) era uma região montanhosa além-Jordão, tendo sido o primeiro território israelita a cair nas mãos do inimigo. **Ungüento** (22); não se sabe ao certo qual o produto a que o original se refere. Todavia, vem já mencionado em #Gn 37.25.

Jr-11.1

IV. JEREMIAS E O CONCERTO Jr 11.1-12.17

Esta seção contém a quarta mensagem de Jeremias, dotada de um apêndice (#Jr 12.7-17). O concerto a que aqui se alude infere provavelmente a descoberta do livro da Lei (#2Rs 22.8), que se supõe geralmente ser o livro do Deuteronômio sob a influência do qual Josias, em 621 A. C., promoveu a rededicação da nação, sendo o culto centralizado em Jerusalém. Isto significava a cessação e abolição de atos de culto nos santuários locais espalhados pelo país. O seu sentimento de que aquilo fora ordem de Deus com uma maldição para todos quantos não se sujeitassem a ela marca presumivelmente a idéia de Jeremias de que a reforma de Josias provinha de Jeová e poderia, portanto, ser eficaz. É impossível determinar a data em que este trecho se enquadra. Todavia, parece que Jeremias não tinha ainda saído da

sua Anatóte natal, pois descobre uma conspiração contra ele (#Jr 11.18-21), o que o pode ter levado a abandonar aquele local.

a) O tema da quarta mensagem de Jeremias (Jr 11.1-12.5)

1. O CONCERTO (#Jr 11.1-5). Ouvei as palavras deste concerto (2), que Jeová fizera com o Seu povo em Horebe tendo ele prometido obediência. Marcou ele o seu livramento da fornalha de ferro (4), em hebraico *kur*, um forno de fundição que simboliza grande sofrimento; compare-se com #Dt 4.20; #1Rs 8.51; #Is 48.10. Jeová ordenou assim ao profeta que advogasse a causa do concerto, e ele responde, tanto a essa ordem como aos termos do concerto: Amém, ó Senhor (5). Uma terra que manasse leite e mel (5). Fora do Pentateuco, esta expressão só ocorre em Jeremias (que a usa duas vezes, aqui e em #Jr 32.22) e em #Ez 20.6,15.

>Jr-11.6

2. INCOMPATIBILIDADE ENTRE A RELIGIÃO E A FORÇA (#Jr 11.6-8). A versão dos Setenta não inclui os vers. 7 e 8 mantendo apenas a frase *mas não cumpriram* (8). Trouxe (8); sentimos que Jeremias afirmava a visão e desejo do rei, mas é duvidoso se concordou com o vigor com que Josias a concretizou. Jeremias, idealista, era também realista. Via que um concerto externo é absolutamente destituído de valor, a não ser que tenha sido intimamente consentido. Só a conversão sincera o poderia realizar, mas neste caso era isso justamente o que faltava, e daí o sentimento de Jeremias de que se perdera a bênção.

>Jr-11.9

3. REGRESSO DO ANTIGO PECADO (#Jr 11.9-17). Este trecho registra a atração exercida pelo pecado ancestral e o seu castigo inevitável. Quando o vigor está ausente, a reforma superficial sacode de si a sua camuflagem ética e regressa rapidamente aos velhos ídolos e à antiga iniquidade. Uma conjuração (9), não necessariamente uma conjuração formal; tudo o que isto significa é que, apesar do que acontecera, o povo estava decidido a prosseguir na sua idolatria. O vers. 10 prova que a reforma de Josias deixara já de ser eficaz, mesmo externamente. No reinado de Jeoaquim, o povo, juntamente com o seu rei, regressou à idolatria, como o porco para a lama. Jeremias vê assim que uma religião sem vigor não exerce qualquer influência redentora pelo que o castigo estava mais próximo do que nunca (11-12). Iavé traz o castigo sobre os

falsos deuses que eles adoram, e tanto deuses como povo são impotentes para o evitar. **Tu, pois, não ores por este povo** (14), solene proibição ao profeta contra qualquer intercessão a favor daquela nação idólatra que adorava vergonhosamente Baal. A maior parte deste vers. encontra-se também em **#Jr 7.16**. A corrupção fora longe demais, e só o castigo poderia purificar a nação. **O Meu amado** (15), isto é, Judá. O vers. 16 só pode ser compreendido com o auxílio da versão dos Setenta, sendo o seu sentido geral que o ritual desprovido de realidade é anátema à vista do Deus santo de Israel. **Oliveira** (16), árvore muito comum na Palestina. Oséias (**#Jr 14.6**) utiliza uma metáfora semelhante para se referir a Judá. Esta oliveira é estéril, e por isso é consignada às chamas, isto é, ao castigo.

>Jr-11.18

4. A IRA DE ANATOTE (**#Jr 11.18-23**). Esta descrição das conjuras urdidas contra Jeremias pelos habitantes da sua terra natal é introduzida abruptamente. Neste breve parágrafo temos três cenas: na primeira é o povo que fala (19); na segunda fala o profeta (20); e na terceira ouvimos a voz de Deus (21-23). Anatote era o local onde se fixara a casa sacerdotal de Abiatar, íntimo amigo de Davi, deposto por Salomão a favor da casa rival mais recente de Zadoque, que a partir de então exerceu a primazia sacerdotal em Jerusalém, atingindo, assim, uma posição de grande poder, fortuna e influência. Tínhamos aqui, pois, todos os elementos essenciais que contribuem para o aparecimento da amargura. A cólera surge facilmente numa terra como Anatote sempre que um filho ou um parente não comunga no sentimento local, especialmente quando favorece, ou parece favorecer, a facção oposta. Numa hora assim, a religião sob o seu pior aspecto engendra uma ira desapiedada. Portanto, quando Jeremias, criado entre os sacerdotes de Anatote, apoiou como profeta a destruição de todos os santuários provincianos (como é quase certo que fez durante algum tempo), por inferência desejava que fosse suprimido o santuário existente em Anatote, o que constituía uma ofensa mortal. Abiatar fora sacerdote e usufruía dos privilégios respectivos antes do nascimento de Zadoque! O amor pode transformar-se em aversão desde que haja provocação suficiente. A vaga de azedume e ódio que se ergueu contra Jeremias pode ser avaliada pela maneira como ele apelou para o tribunal de Iavé, desejando que os desejos e intenções dos seus conterrâneos fossem repudiados com desprezo e castigados por esse mesmo tribunal. A inocência do profeta (19) era a de um cordeiro desconhecedor do perigo. **Fruto** (19), palavra que talvez devesse ser alterada para "seiva" (em hebraico **leah** em vez de **lechem**). **Rins** (20), sinônimo de emoção. **Coração** (20), sede da inteligência ou da razão.

Jr-12.1

5. O PROBLEMA DA PROSPERIDADE DOS ÍMPIOS (#Jr 12.1-5). Jeremias conclui a sua quarta mensagem com uma referência ao secular problema do êxito dos ímpios. O profeta encontra-se entre os mais ousados de todas as gerações que se ergueram no seu sofrimento e interpelaram a soberania divina sobre o problema da prosperidade que parece acompanhar as ações dos ímpios e ateus. A cólera (3-4) arde dentro dele contra as intenções homicidas dos seus antagonistas em Anatote, gente má mas próspera! Todavia, Deus não está à mercê das perguntas do homem, sejam quais forem as anomalias da vida humana. Jeremias não recebe qualquer solução direta para o seu problema, sendo-lhe, em vez disso, ordenado que se prepare para uma prova ainda mais dura a que a sua fé e coragem vão ser sujeitas. O primeiro sofrimento, que é comparado a uma corrida contra atletas rivais, constitui apenas disciplina preliminar para uma luta muito mais afincada. Se essa luta era demasiado para ele, como se comportaria o profeta ao ter de defrontar cavalos de corrida (5)? E se, quando a terra estava em paz, se sentia tão preocupado, qual seria a sua reação nos tempos difíceis que o futuro reservava (simbolizados pela "enchente do Jordão")? **Plantaste-os** (2). Em #2Sm 7.10, aplica-se a toda a nação a metáfora de uma árvore. Aqui, essa mesma metáfora é aplicada aos ímpios. **A enchente do Jordão** (5; em hebraico **ga'on**, inchaço, orgulho, majestade), indicando a vegetação selvática, frondosa e infestada de animais da região quente e pantanosa das margens do rio Jordão (compare-se com #Jr 49.19; #Jr 50.44; #Zc 11.3).

>Jr-12.6

b) O lamento de Iavé (Jr 12.6-17)

Nos vers. 6-11 Deus fala a Jeremias; nos vers. 12-17, Deus fala através de Jeremias. Esta seção constitui um apêndice à quarta mensagem de Jeremias, que acaba de chegar ao seu termo. A dor do profeta, como a de Oséias, com quem tem bastantes características em comum, levava-o a sentir que ela tinha a sua contrapartida em Deus. Este lamento divino, no seu enquadramento histórico, vem registado em #2Rs 24.1-2, onde encontramos pormenores e datas (598 A. C.). **A minha casa** (7); expressão provavelmente utilizada aqui no sentido mais amplo de "o meu país" em vez de em referência ao templo. **Como leão** (8); Judá rugiu contra o Senhor como um leão, assumindo uma atitude hostil. **Ave de várias cores** (9); assim como as aves atacam outras de

plumagem com a qual não estão familiarizadas, assim também Israel, diferente das outras nações, foi atacado por elas. **A minha vinha** (10); a nação é mencionada por meio de várias metáforas-casa, herança amada da minha alma, vinha. Os pastores, isto é, os dirigentes, começaram a destruir a vinha, e o inimigo externo concluiu essa tarefa. **Os meus maus vizinhos** (14) sofrerão, conforme se prediz (14-17), o mesmo destino que Judá, ou seja, o exílio; esses agressores sírios, moabitas e amonitas serão semelhantemente punidos pela ação do inimigo comum, Babilônia, a não ser que passem a adorar o Deus vivo e aprendam a jurar pelo Seu nome (16). Note-se uma vez mais o caráter condicional da profecia.

Jr-13.1

V. AS CINCO ADVERTÊNCIAS Jr 13.1-27

Desconhece-se a data exata destas advertências. Os vers. 18 e 19 referem-se provavelmente a Jeoaquim e a sua mãe, a rainha Neusta (597 A. C.). A primeira parte, prenhe de catástrofes, poderia abranger o reinado de seu pai, Jeoaquim, portanto 608-597 A. C.

a) A primeira advertência (Jr 13.1-11)

É esta transmitida por meio do símbolo do cinto de linho. Trata-se de uma parábola traduzida em atos e que ensina que a adoração dos ídolos constitui a ruína absoluta da verdadeira adoração em corrupção de alma. Por outro lado, o culto de Iavé era louvor, glória, criação íntima. Com respeito a este aviso parabólico, há quatro "andamentos": primeiro, é ordenado ao profeta que obtenha um cinto (vers. 1 e 2); segundo, que o leve ao Eufrates (vers. 3-5); depois, que o vá buscar ao Eufrates (vers. 6 e 7); e, finalmente, vem a explicação da parábola (vers. 8-11). Os primeiros três passos eram preparatórios e o quarto explicativo. O destino apontado a Jeremias é ambíguo. O Eufrates da passagem não devia ser o grande rio desse nome, a uns 380 quilômetros de Jerusalém. Provavelmente, a vila mencionada era Pará, cerca de quatro quilômetros e meio da terra natal de Jeremias, Anatote. (A palavra hebraica **Perath** é o nome que designa o Eufrates). É claro que, se se tratava de uma visão e não de uma viagem verdadeira, a distância deixaria de ser tomada em conta.

>Jr-13.12

b) A segunda advertência (Jr 13.12-14)

O vers. 12 contém a parábola de aviso; no vers. 13 vem ela explicada. O simbolismo do odre de vinho exprime a advertência que, assim como a bebida forte perturba a marcha do pensamento do homem, assim também será o julgamento enviado por Iavé, que embriagará os homens de Judá, os quais se chocarão uns com os outros, sendo destruídos. A embriaguez é a abdicação da clareza de espírito tão essencial para tomar decisões em horas de crise. Os habitantes de Jerusalém não terão cabeça nem forças para se defenderem ou para distinguirem entre amigos e inimigos (ver também [#Jr 25.15-28](#); [#Ez 23.31-34](#); [#Is 51.17](#); [#Sl 60.3](#)).

>Jr-13.15

c) A terceira advertência (Jr 13.15-17)

Nesta passagem, Jeremias previne o seu povo contra a arrogância para com Iavé. [Não vos ensoberbeçais](#) (15). Cria os gregos que o orgulho ([hybris](#)) atraía os golpes dos deuses. [Nos montes tenebrosos](#) (16); traduzindo à letra, "os montes crepusculares". Refere-se esta expressão à situação difícil dos viajantes surpreendidos pela noite antes de chegarem a uma estalagem acolhedora. [Dai glória](#) (16); frase idiomática hebraica equivalente a "confessai os vossos pecados" (ver [#Js 7.19](#)).

>Jr-13.18

d) A quarta advertência (Jr 13.18-19)

O acolhimento desdenhoso dispensado às mensagens de Jeremias foi a causa da queda daquele povo orgulhoso. Daí a ordem dada ao profeta de se dirigir pessoal e diretamente à casa real. [Humilhai-vos e assentai-vos](#) (18). O rei e rainha mencionados são provavelmente Jeoaquim e Neusta, sua mãe (cerca de 597 A. C.). [As cidades do sul](#) (19), isto é, Neguebe, nome dado à região estéril no sul de Judá. As cidades deste território deserto são notadas por serem as que se encontram mais protegidas das invasões, o que acentua o caráter drástico do cativo de Judá, [todo o Judá... sim, inteiramente](#) (19).

>Jr-13.20

e) A quinta advertência (Jr 13.20-27)

A última advertência de castigo revela mais claramente do que nunca que ele é devido à pertinácia no pecado. As palavras finais estão repassadas de energia. O vers. 21 é obscuro. Driver traduz: "Que dirás tu quando ele puser sobre ti como cabeça aqueles a quem tu próprio ensinaste a serem teus amigos?" Épcas houve em que os babilônios tinham sido amigos e aliados de Judá. Assim, por exemplo, Ezequias cultivara a amizade de Merodaque Baladã, fato este a que o nosso vers. talvez se refira. **Ai de ti, Jerusalém! Não te purificarás? Até quando ainda?** (27). O provérbio do vers. 23 é bem conhecido e axiomático. O pecado pode-se tornar tão habitual que determina o destino de cada um; o nexó de pecado e castigo é imutável e indestrutível. Tal castigo é ainda mais apropriado por ser infligido por aqueles em cujo ânimo Jerusalém se procurara insinuar.

Jr-14.1

VI. SOMBRAS DE TRAGÉDIA Jr 14.1-21.14

Esta seção contém a quinta, sexta e sétima mensagem de Jeremias com os respectivos apêndices, e intercalados também vários acontecimentos na vida do profeta.

a) A quinta mensagem de Jeremias (Jr 14.1-15.9)

Esta mensagem diz respeito à seca e à intercessão do profeta.

1. A DESOLAÇÃO DA TERRA (#Jr 14.1-6). A desolação do país era completa, abrangendo-o na sua inteireza (2), bem como aos nobres (3), ao solo (4), e aos muitos animais (5-6). O Senhor dirigiu a Sua palavra a Jeremias acerca desta seca e todas as suas conseqüências devastadoras, desgraça que inspirou as orações do profeta. No oriente, as secas constituem um acontecimento que inspira terror. O problema fundamental, "porquanto não há erva" (5-6) vem expresso duas vezes.

>Jr-14.7

2. A SÚPLICA DO PROFETA (#Jr 14.7-9). A descrição é poética, aproveitando o profeta o acontecimento como símbolo apropriado da seca espiritual. O Deus vivo abandona o povo ao seu pecado; Ele não permanece

mais do que uma noite, como um viandante (8). **Não nos desampares** (9), o ponto culminante da intercessão.

>Jr-14.10

3. A CONFIDÊNCIA DO SENHOR (#Jr 14.10-12). Ordem inexorável, esta do vers. 11, de o profeta não orar pelo seu povo. **Pela espada e pela fome e pela peste** (12), combinação esta que ocorre sete vezes em Jeremias.

>Jr-14.13

4. A DECLARAÇÃO RESPEITANTE AOS FALSOS PROFETAS (#Jr 14.13-16). Jeremias pode apenas alegar (13) que os profetas tinham mentido ao povo, predizendo uma falsa paz. Mentirosos assim não podiam ser Seus embaixadores; profetizavam baseados apenas na sua autoridade ímpia. No entanto-e aqui é que reside a tragédia-o povo desejava ser iludido pelo que o castigo cairia tanto sobre os ludibriadores como sobre os ludibriados.

>Jr-14.17

5. A LAMENTAÇÃO DO VERDADEIRO PROFETA (#Jr 14.17-22). Como Abraão fizera outrora por Sodoma, assim também Jeremias ousa agora continuar a interceder, invocando fortes argumentos. **Não anules o Teu concerto conosco** (21), implora ele. Mais ainda, Jeremias apóia-se no nome e caráter divino na relação existente entre Jeová e o Seu povo. **Não és Tu, somente, ó Senhor, nosso Deus? Portanto, em Ti esperamos** (22). Israel violara o concerto, mas o Deus de Israel jamais o faria!

Jr-15.1

6. A DECLARAÇÃO DO SENHOR (#Jr 15.1-9). Todavia, o Senhor mostra-se inabalável. Responde à oração do profeta; Moisés e Samuel haviam intercedido na antigüidade; **não seria a Minha alma com este povo** (1); compare-se com #Êx 32.11-14,30-32; #Nm 14.13-24; #Dt 9.18-20,25-29; #1Sm 7.8-9; #1Sm 12.19-25; #Sl 49.6-8. O castigo está já destinado para Judá-a espada, cães, aves de rapina e os animais da terra (3). **Padejá-los-eis** (7), ou, segundo outra tradução, "padejei-os". **A que dava à luz sete** (9). Jerusalém, tão prolífica e próspera, ficará sem filhos (7).

>Jr-15.10

b) Apêndice dialogado (Jr 15.10-21)

Jeremias torna-se introspectivo. Sente-se invadido pela angústia de se ter transformado numa maldição para o seu povo, mas Iavé fortalece o seu espírito e ainda o justificará. O vers. 11 é difícil. Os vers. 12-14 referem-se ao exílio. A absoluta solidão do homem de Deus vem expressa nos vers. 15-18. Tem de se pôr ao lado do Senhor contra os seus próprios conterrâneos, embora contra a sua inclinação e vontade. **Me encheste de indignação** (17). O seu brado é de desespero; chegou ao extremo. **Por que dura a minha dor continuamente?** (18). Deverá Iavé ser para mim como uma fonte que se evapora em tempo de estiagem? O Senhor responde. No final deste diálogo, vem o penhor do livramento se a obediência for ininterrupta: **Se apartares o precioso do vil** (19), isto é, se esclareceres a diferença eterna entre o bem e o mal, "serás como a Minha boca" e continuarás a ser o Meu profeta. Os vers. 20-21 constituem uma repetição substancial de **#Jr 1.18-19**.

Jr-16.1

c) A sexta mensagem de Jeremias (Jr 16.1-17.18)

O tema desta mensagem é acentuado pela ordem divina dada ao profeta de não se casar. O país será ensombrado pela tragédia, pois o pecado irá colher a sua seara de castigo inevitável. **Não tomarás para ti mulher (#Jr 16.2)**, pois as crianças nascidas em Judá morrerão sem haver quem as sepulte. **Morrerão de enfermidades dolorosas** (4); à letra, "mortes de doença", isto é, mortes provocadas por doenças debilitantes ou fome. Todos serão devorados pelas aves e pelos animais ferozes. O profeta não se deverá juntar aos pranteadores (5) -literalmente, ao pranto estridente produzido pela dor-aos que se entregam a festejos (8) e à vida doméstica (9). A causa é a idolatria, e o castigo é inevitável, a saber, o exílio (13). **Não usarei de misericórdia convosco** (13), o que é o cúmulo, sem dúvida, da severidade. **Nem lhes darão a beber do copo de consolação** (7) possivelmente uma alusão aos banquetes fúnebres que, na sua origem, talvez representassem uma forma de comunhão com os mortos. **Do copo de consolação** (7), servido nos funerais. **Uma terra** (13); no hebraico, encontramos o artigo definido, "a terra". O povo não ignorava a terra para onde seria levado. Os vers. 14 e 15 parecem deslocados-talvez interpolação de um escriba exprimindo alegria depois do exílio. Por outro lado, podem constituir um desabafo que alivia a pressão mortal sobre o coração do profeta. Estes vers. repetem-se em **#Jr 23.7** e seguintes. Prosseguem agora as ameaças

dos vers. 9-18 depois da interrupção causada pelos dois vers. 14 e 15. As sombras adensam-se. Como para os peixes e animais, só o cativo e a morte aguardam os cidadãos condenados de Jerusalém. Mais tarde, até os pagãos participarão no refúgio em Iavé facultado pela cidade. E esta a fiel expectativa de Jeremias para quando o castigo tiver passado, talvez um paralelo do otimismo compensador dos vers. 14 e 15. **Saberão que o Meu nome é o Senhor** (21), isto é, Jeová. **Pescadores** (16); Amós serve-se de uma metáfora semelhante (**#Am 4.2**); o mesmo fazem Habacuque (**#Jr 1.15**) e Ezequiel (**#Jr 12.13**). **Em dobro** (18); compare-se com **#Is 40.2**; o significado é "amplamente". **Profanaram a minha... herança** (18); ao fim e ao cabo, os ídolos eram coisas mortas e, portanto manchavam a terra, herança de Deus.

Jr-17.1

O pecado de Judá é como a escrita indelével de um estilete de ferro ou de uma ponta de diamante (17.1). Utilizavam-se estiletos de ferro para gravar inscrições em superfícies duras, como rochedos ou pedras (ver **#Jó 19.24**). As pontas de diamante eram empregadas para cortar outros diamantes não menos duros. A verdade é que a nação se classifica na mesma categoria de dureza, pois o pecado está permanentemente gravado no seu coração. O fogo do castigo de Jeová será tão perdurável como esse pecado (4). **Dos seus bosques** (2); isto é, os "aserim". Ver a nota respeitante a **#1Rs 14.23**. **Ó minha montanha** (3), expressão que se supõe geralmente referir-se a Jerusalém. **Por causa do pecado** (3). A seguir à descrição do pecado (1-2) e do castigo de Judá (3-4) vem o contraste entre o homem que confia no homem (5-6) e aquele que confia em Deus (7-8). A condição desesperada do coração humano sem diagnóstico e cura espiritual vem descrita nos vers. 9 e 10. **Enganoso é o coração... e perverso** (9); ou, segundo outra tradução, "desesperadamente doente". Em **#Jr 15.18** e **#Jr 30.12** a mesma palavra vem traduzida por "incurável". O rico néscio vem fotografado no vers. 11. **As deixará** (11), isto é, a fortuna deixará e abandonará o rico. Através das Escrituras, o termo "louco ou sinônimos refere-se à insensatez moral e não à intelectual. A sensibilidade de Jeremias vem revelada nas palavras finais, que constituem um brado de vindicação. **Escritos sobre a terra** (13), uma metáfora que exprime o que não tem duração: "desaparecerão como palavras escritas na areia. **Pastor** (16); a mesma palavra é alhures empregada para designar reis ou dirigentes; aqui aplica-se ao próprio profeta.

>Jr-17.19

d) Apêndice referente ao Sábado (Jr 17.19-27)

Como o trecho precedente, também este tem um apêndice. Diz ele respeito ao sábado e assinala a transição da poesia para a prosa suscitando igualmente um problema de ordem cronológica. Para o profeta, que, necessariamente, amava o sábado, a sua profanação deve ter sugerido o desagrado divino. **À porta dos filhos do povo** (19), a porta junto à qual Jeremias recebe ordens para se colocar e instruir todos os carregadores que ali entravam no dia de descanso; não se logrou identificar entre as várias portas da cidade, palácio ou templo. A proibição do vers. 27 sugere uma das portas da cidade. Quanto às palavras finais, ver **#Jr 21.14; #Jr 49.27; #Jr 50.32; #Am 1.3-2.5.**

Jr-18.1

e) A sétima mensagem de Jeremias (Jr 18.1-17)

1. UMA ILUSTRAÇÃO (**#Jr 18.1-10**). Este discurso vem associado com a visita ordenada ao profeta, à casa do oleiro, onde compreendeu o pensamento de Deus. As operações realizadas por aquele homem permitiram-lhe penetrar no Espírito do divino oleiro atarefado com o Seu barro humano. Temos aqui uma parábola sobre esse artífice oriental tão familiar. A compreensão inspirada e intuitiva de Jeremias da obra criadora de Iavé exercida sobre o Seu material humano constitui a mensagem. O expectador assistiu com mais atenção do que nunca ao trabalho do oleiro nas rodas (3), ou, traduzindo à letra, as duas pedras, superior e inferior. Notou ele especialmente que o oleiro não conseguiu logo fazer uma peça de cerâmica, fracasso que pode ter ocorrido mais de uma vez. Este malogro poderia ser atribuído à falta de cuidado ou de jeito do oleiro, ao caráter tosco do maquinismo empregado, ou a qualquer defeito no próprio barro. Fosse qual fosse a deficiência, o oleiro perseverou, transformando o barro recalcitrante noutra vasilha. Semelhantemente, também o Senhor, que não tem que enfrentar qualquer obstáculo que não seja o barro humano, domina o material, aperfeiçoando-o ao propósito presente no Seu Espírito, quer o resultado seja um vaso humilde ou grandioso. Se o material não reage com precisão à pressão que o forma, torna a ser moldado. Esta parábola constitui um quadro vívido da soberania divina. Aqui não se concebe nem se nega a liberdade humana conforme filosoficamente raciocinada. **Deus vult!** Jeremias discerne a inferência ética e espiritual (5-10). **Não poderei Eu fazer de vós como fez este oleiro?** (6). O profeta elabora o conteúdo da sua intuição, pois ouve a voz de Deus. Se uma

nação procede mal, é inevitável que Jeová Se arrependa do bem que lhe prometeu em seu benefício.

>Jr-18.11

2. A DECLARAÇÃO (#Jr 18.11). A mensagem é clara. O exílio, eis o novo molde em que a nação teria de ser reformada. Não é menos claro o estado daquele povo.

3. A EXORTAÇÃO (#Jr 18.11-12). **Convertei-vos... melhorai**. O primeiro termo desta passagem chama a atenção para o processo inicial, e o outro para o processo mais contínuo. A moldagem imposta pela vontade do Senhor é impregnada de graça desde que o espírito nacional deixe de ser rebelde e corresponda e obedeça ao que Deus dele pretende.

>Jr-18.13

4. A ADMOESTAÇÃO (#Jr 18.13-17). Instruído pelo Senhor, Jeremias avisa os homens de Judá e os habitantes de Jerusalém contra a maldade que representa um espírito teimoso. O pecado do povo é tão irracional como trágico. Até elementos familiares da natureza podem ser citados como seus juízes: **A neve do Líbano** (14) e as correntes (14), coisas firmes que contrastam com o povo de Iavé, que se esquece dEle e que adora deuses que, na realidade, não existem. **Vaidade** (15), símbolo do nada. Quando a catástrofe sobrevem, portanto, o rosto de Iavé desvia-se deles (ver #Jr 2.27).

>Jr-18.18

f) Reações (Jr 18.18-23)

Na conclusão da sétima mensagem de Jeremias, registramos duas reações, primeiro do público e segundo do orador.

1. OS OUVINTES HOSTIS CONSPIRAM CONTRA A VIDA DO PROFETA (#Jr 18.18). Ver #Jr 11.18-23; #Jr 12.1-6; #Jr 15.10-11,15-21. Trata-se da segunda conjura contra Jeremias, tendo a primeira sido feita pelo povo de Anatote (#Jr 11.19 e seguintes). Os inimigos de Jeremias esperavam confiantemente que as suas tremendas profecias se não cumprissem e que fosse possível assegurar a sua queda mediante os esforços conjugados de sacerdotes, homens sábios e profetas de outros cultos. **Não escutemos**

nenhuma das suas palavras (18). Isto implica que os conspiradores e homicidas tencionam votar ao desprezo as predições e exortações de Jeremias. A versão dos Setenta, porém, omite a negativa, dando um sentido melhor, a saber, a conveniência de prestar toda a atenção às mensagens do profeta e colher nas próprias palavras pronunciadas pela sua boca provas de traição contra ele.

>Jr-18.19

2. O PROFETA, SENSÍVEL, IMPLORA DESAGRAVO (#Jr 18.19-23). A fúria retributiva desta passagem é tão veemente que muitos comentadores pensam que ela nem parece de Jeremias. Todavia, a exceção pode provar a regra. O profeta é transparente. Põe a nu a sua própria alma, e nada oculta. A provocação é mais do que ele pode suportar. Pode-se arredar a interpretação superficial de que temos aqui uma imprecação puramente egoísta. Não; o que aqui temos é um brado de que a causa divina, tão desapiedadamente metida a ridículo pelos inimigos, pode ser vindicada pelo derrubamento da sua suposta segurança e poder. Na primeira parte da oração, a ênfase recai sobre o profeta, e na segunda metade sobre os seus inimigos.

Jr-19.1

g) A oitava mensagem de Jeremias (Jr 19.1-15)

1. O MÉTODO UTILIZADO (#Jr 19.1-2). Como o antecedente, este oráculo assume a forma de uma parábola. O profeta deverá exprimir a sua mensagem por atos em dois locais: no vale de Ben-Hinom e no átrio do templo. É ordenado a Jeremias que se dirija ao vale do filho de Hinom, passando pela Porta dos Cacos (Harsith) (2), acompanhado pelos anciãos dos sacerdotes e do povo, e levando consigo uma botija de barro (1). Neste passo existem dificuldades textuais, mas o sentido é claro.

>Jr-19.3

2. A MENSAGEM TRANSMITIDA (#Jr 19.3-15). Jeremias deveria despejar o conteúdo de uma botija, partindo esta seguidamente, para frisar mediante este ato simbólico que, do mesmo modo, Iavé castigaria a idolatria e as ações daquele povo. Os vers. 4 e 5 já ocorreram em substância em #Jr 7.31-32. A Septuaginta não contém a frase em holocaustos a Baal (5). Dissiparei (7); traduzindo à letra "esvaziarei", trocadilho em torno da expressão botija de

oleiro (1). As palavras hebraicas são cognatas. **Os enterrarão em Tofete** (11), parte esta do vers. omitida na Septuaginta. A mesma ação simbólica de quebrar a botija vazia deverá ser repetida **no átrio da casa do Senhor** (14), seguindo-se um aviso ao povo e uma sentença de condenação.

Jr-20.1

h) Jeremias no cepo (Jr 20.1-6)

Pasur... o sacerdote... presidente (em hebraico "dirigente" ou "alto funcionário") **na casa do Senhor** (1), agrediu Jeremias, numa reação brutal, e prendeu-o no cepo. Naquele círculo sacerdotal, o profeta era uma ameaça viva contra a sua idéia repetidamente expressa de que, se Babilônia atacasse Jerusalém, o Egito a obrigaria a levantar o cerco. De noite, Pasur refletiu, acabando por libertar Jeremias. Se este procedimento foi ditado pelo desejo de alterar ou abrandar a mensagem do profeta, em breve Pasur se desiludiu. Homens como Jeremias não modificam as suas mensagens ao sabor das circunstâncias. Através de toda a história, os oportunistas no poder têm-se chocado violentamente contra a qualidade granítica dos porta-vozes de Deus. Tragicamente, portanto, Jeremias deu a Pasur o nome de **Magormissabib** (3), o que em hebraico quer dizer "terror de todos os lados". Significa isto que, quando a vitória dos babilônios provar a falsidade da sua expectativa de segurança, Pasur será tido como responsável por desastre tão incrível, considerado falso profeta não só aos seus próprios olhos como também aos olhos de todos os seus amigos (4).

>Jr-20.7

i) A queixa de Jeremias (Jr 20.7-18)

Trata-se de uma passagem de caráter psicológico único na profecia canônica, uma passagem palpitante de sentimento, onde se vê uma alma posta a nu. Iavé obrigara Jeremias a ser profeta. Se Jeremias não transmitisse fielmente a mensagem de condenação, tal negligência seria como uma chama consumidora dentro de si, uma tensão insuportável. Os seus amigos chamam-lhe terrorista. O seu estímulo perene é que o Senhor está com ele como um homem poderoso. No final, os seus inimigos perderão a batalha. **Todos os que têm paz comigo** (10), isto é, conhecidos a quem normalmente diria **shalom** - "paz seja convosco". Os vers. 14-18 revelam o ponto onde a resistência se torna impossível. As palavras não parecem adaptar-se muito bem neste passo.

Sugerem dias ainda mais sombrios-palavras trágicas de um coração absolutamente dilacerado que apontam para uma época em que Jeremias seria posto ainda mais à margem em relação ao seu povo do que nunca, mas ao mesmo tempo obrigado a assistir à aproximação da catástrofe. Que confiança não devia Deus ter neste homem por Ele escolhido ao obrigar uma alma assim a abrir um sulco tão solitário e tão desesperado na Sua lavra! Revela-se aqui a alma de um homem de Deus que se queixa do seu destino, mas, ao mesmo tempo, uma alma submissa, reverente, obediente e fiel.

Jr-21.1

j) A nona mensagem de Jeremias (Jr 21.1-14)

Esta mensagem do profeta constitui outro aviso da queda de Jerusalém. Em [#Jr 37.3-10](#) há um relato semelhante que, aliás, não constitui uma passagem gêmea. Fala-se no levantamento temporário do cerco pelos egípcios, sendo este continuado mais tarde com maior intensidade e o sofrimento resultante. Aqui, porém, vemos o cerco na sua fase inicial.

1. A MENSAGEM DE JEREMIAS A ZEDEQUIAS ([#Jr 21.1-7](#)). Temos primeiro o apelo de Zedequias (1-2), que envia Pasur (não o funcionário do mesmo nome no capítulo 20) a rogar a intercessão de Jeremias. O profeta responde a Zedequias de acordo com as instruções de Jeová. Com toda a autoridade de alguém que fora divinamente nomeado, Jeremias anuncia: [Assim diz o Senhor](#) (4). A resposta é que Iavé determinou que os babilônios sejam agentes do Seu castigo e que não concedam quartel; [feri-los-á ao fio da espada](#) (7). O rei, sua corte e povo, todos os que sobreviverem aos horrores do cerco, da fome e da pestilência, serão entregues na mão de Nabucodonosor. A morte será o destino daqueles que não se renderem, e a cidade será pasto das chamas.

>Jr-21.8

2. MENSAGEM DE JEREMIAS AO POVO DE JERUSALÉM ([#Jr 21.8-10](#)). A imagem dos dois caminhos inspira-se em [#Dt 30.15,19](#). [Por despojo](#) (9), isto é, só salvará a vida.

>Jr-21.11

3. A MENSAGEM DE JEREMIAS À CASA REAL (#Jr 21.11-14). Consiste ela numa exortação (11-12) e numa declaração (13-14). Os que têm autoridade para julgar deverão proceder com justiça para que a ira de Jeová não seja um fogo consumidor. **Pela manhã** (12), os julgamentos tinham geralmente lugar de manhã cedo, mas esta frase também poderia significar que o rei se deveria preocupar, antes de mais, e exclusivamente, com a justiça. **Moradora** (13); a palavra hebraica está no feminino e o profeta refere-se evidentemente a Jerusalém, embora não se perceba muito bem por que razão se aplicaria esse termo à cidade.

Jr-22.1

VII. REIS E PROFETAS DE JUDÁ: A VISÃO DO FIM Jr 22.1-25.38

a) Reis de Judá (Jr 22.1-23.8)

Esta seção contém várias profecias respeitantes aos reis contemporâneos de Judá; é impossível sabermos se foram ou não proferidas por Jeremias na ordem em que se encontram.

1. INTRODUÇÃO (#Jr 22.1-9). Tanto o rei como o povo deverão exercer julgamento e misericórdia, especialmente para os mais necessitados, de outro modo a casa de Davi será assolada. Iavé compromete-Se pelo juramento mais solene a punir a desobediência com a desolação: **Por Mim mesmo tenho jurado** (5); ver o comentário sobre esta fórmula em #Hb 6.13-18. A casa de Davi, simbolizada pela floresta do Líbano, será destruída pelo fogo. Uma vez mais, a causa de semelhante catástrofe é a idolatria impenitente. **Os teus cedros escolhidos** (7); entenda-se; os dirigentes da nação.

>Jr-22.10

2. SALUM (#Jr 22.10-12) Josias, cuja morte em Megido (608 A. C.) constituiu uma catástrofe para o movimento de reforma, não deverá ser chorado. **Não choreis o morto** (10), mas antes Salum, isto é, Jeoacaz, que morreu exilado no Egito depois de haver reinado durante apenas três meses (#2Rs 23.36-24.7). Foi este o primeiro monarca do reino do sul a morrer no exílio. O sentido do vers. 10 é que é melhor morrer no campo de batalha do que no cativeiro.

>Jr-22.13

3. JEOAQUIM (#Jr 22.13-23). O pai deste rei tinha sido um reformador mas procedera mal aos olhos de Deus. Josias fora justo, e o filho era injusto. Josias fora um pai para o seu povo, mas seu filho espezinhou perfidamente os seus direitos básicos; um era um homem austero, o outro amante da ostentação; o primeiro morreu como um herói, e o segundo foi enterrado como um jumento, sem cerimônias fúnebres (#2Rs 24.6). Os vers. 20-23 podem dizer respeito a qualquer rei desconhecido. **Namorados** (20), palavra que significa "aliados". **Líbano... Basã... Abarim** (20) eram montanhas que davam para Israel e Judá, começando no norte e estendendo-se pela fronteira de leste.

>Jr-22.24

4. JEOAQUIM (#Jr 22.24-30). Nesta profecia acerca de Jeoaquim ou Jeconias parecem combinar-se dois oráculos de Jeremias, o primeiro (vers. 24-27) acerca do cativo futuro, e o segundo (vers. 28-30) acerca do cativo conforme já experimentado. Todo este trecho constitui, porém, uma lamentação pelo estado desolado de Jerusalém devido à política míope dos seus reis. Jeoaquim e sua mãe são lançados fora para morrerem no exílio, profecia esta que se cumpriu conforme descrito em #2Rs 24.8 e seguintes. Em 597 A. C., Nabucodonosor marchou contra Jerusalém, e Jeoaquim, sua mãe e toda a casa real saíram ao seu encontro, sendo levados para Babilônia. O ex-rei foi posto em liberdade após trinta e sete anos de cativo.

Jr-23.1

5. PASTORES OU DIRIGENTES (#Jr 23.1-8). A seguir deveria vir o último rei, Zedequias. Alguns comentadores julgam que Jeremias evitou citá-lo na sua profecia, mas o oráculo é suficientemente alusivo, mais do que a qualquer outro monarca. Temos aqui uma condenação dos falsos "pastores" (1) que não se importam com a sua responsabilidade e destroem e espalham o seu rebanho, como se se tratasse de ovelhas que se transformassem em presas de animais ferozes. **As afugentastes** (2); os verdadeiros pastores não impelem o rebanho à sua frente, antes o conduzem. Iavé juntará o Seu resto (3) e suscitará pastores que alimentarão o Seu rebanho, em vez de o destruir. A convicção de Jeremias é que Iavé porá no trono um rei davídico cujo nome indicará a sua natureza, **Iavé Tsidkenu-o Senhor justiça nossa** (5-6). Será este rei quem reconduzirá à pátria um novo êxodo em que participarão os exilados do reino do norte (7-8). **Eis que vêm dias** (5), frase esta que ocorre dezesseis vezes em

Jeremias e cinco vezes apenas noutros livros da Bíblia. **Renovo** (5), ou seja, um rebento. A palavra hebraica **tsemach** designa os rebentos que, por vezes, surgem nas raízes de uma árvore. Temos aqui, pois, a imagem de uma árvore que foi abatida mas que revela novo surto de vigor.

>Jr-23.9

b) Profetas de Judá (Jr 23.9-40)

O parágrafo anterior dizia respeito aos dirigentes do estado; este refere-se já aos dirigentes religiosos.

1. A ANGÚSTIA DE JEREMIAS POR CAUSA DOS FALSOS PROFETAS (**#Jr 23.9**). Jeremias tem aqui uma visão deprimente, tão perturbante como se o seu coração tivesse sido dilacerado ou os seus ossos se assemelhassem aos de um homem vencido pela embriaguez.

>Jr-23.10

2. OS PECADOS DOS FALSOS PROFETAS (**#Jr 23.10-15**). Comparados com a santidade de Iavé, **tanto o profeta como o sacerdote estão contaminados** (11), pelo que é inevitável o castigo (10-11). Os profetas de Jerusalém são piores do que os do norte. **Os profetas de Samaria** (13) eram idólatras; os profetas de Jerusalém eram, além disso, imorais. E, se os primeiros foram castigados, como não o serão mais ainda os últimos! A sua pecaminosidade é tão grande como a de Sodoma e Gomorra. Homens assim facilitam a prática do pecado (13-15).

>Jr-23.16

3. A CONDENAÇÃO DOS FALSOS PROFETAS (**#Jr 23.16-20**). Profetizam inspirados pelo seu coração profano, não tendo recebido qualquer mensagem de Iavé. Nenhum deles assistira em Seu conselho e ouvira o Seu discurso. Vers. 19-20 parecem quebrar a seqüência de pensamento; alguns têm sugerido que são uma repetição no lugar errado de **#Jr 30.23-24**.

>Jr-23.21

4. A ILEGALIDADE DOS FALSOS PROFETAS (**#Jr 23.21-32**). A condenação de Jeremias com relação aos profetas continua, sendo exposta a

sua missão falsa, fútil e ilegal (23-24). "Yahweh" não os enviara nem tampouco falara com eles. Pregam acerca de suas próprias ilusões. Não deixam de escapar à sua presença. A "mentira na alma" (Platão) não pode ser revelação de "Yahweh", ainda que um profeta mencione o Seu nome. Um profeta ligado a Baal não pode ser relacionado a "Yahweh". Os sonhos dos falsos profetas devem ser claramente diferenciados da Palavra de Deus tal como o joio o é do trigo (28). O Senhor é contra tudo quanto é falso: por Sua palavra isso será destruído.

>Jr-23.33

5. A DESGRAÇA DOS FALSOS PROFETAS (#Jr 23.33-40). Segue-se como que um trocadilho com a palavra **peso** (33); heb. **massa**. No verdadeiro profeta uma palavra de "Yahweh" é um peso que precisa entregar. Para o rebelde tal palavra é algo de pesado e a zombaria é substituída pela reverência. Em vista de não haver palavra ou peso de "Yahweh" o julgamento é de vergonha perpétua. A emenda Sir. e Vulg. (70) para "Levantar-vos-ei" é preferível a **Eu me esquecerei totalmente de vós** (39), tal como está, guardando o significado de "peso". O vers. 37 é omitido pelos LXX.

Jr-24.1

c) Dois cestos de figos (Jr 24.1-10)

Notamos aqui a apreensão de Jeremias quanto à visão (1-3) e a explicação de "Yahweh" acerca da mesma (4-10). Sob os imaginários figos bons e maus, Jeremias contrasta os exílios de 597 A. C. e o povo da terra sob Zedequias. Os **bons figos, muito bons** (3) dizem respeito aos exílios; **os maus, muito maus** (3) estragados demais para serem comidos, simbolizam Jerusalém. Os exilados deverão ser restaurados (4-7); os da terra deverão ser destruídos (8-10). Os exilados devem ser inteiramente renascidos de coração e se tornarem povo de "Yahweh". **Na terra do Egito** (8); Neco com toda a probabilidade tomou de um certo número de judeus com Jeocaz para o Egito, ainda que nada seja conhecido com respeito a qualquer comunidade judaica nesse lugar até tempos mais tarde.

Jr-25.1

d) Visão do fim (Jr 25.1-38)

Na batalha crucial de Carquemis (605 A. C.), os babilônios derrotaram os egípcios e terminaram então com o domínio do Faraó Neco sobre a Palestina. Foi uma das batalhas decisivas da história. Nela, Jeremias lê claramente a vontade de "Yahweh". Os babilônios eram os "inimigos do norte" dirigidos por "Yahweh" a fim de levar a cabo o Seu julgamento sobre Judá.

1. UMA CONFIRMAÇÃO (Jr 25.1-14). O décimo-terceiro ano de Josias (3) foi o ano do chamado de Jeremias (626 A. C.; cfr. #Jr 1.2). Madrugando e falando (3) é uma expressão nômade para iniciar cedo, uma viagem. Jeremias viu que o povo não havia respondido à iniciativa de "Yahweh", mas que haviam-nO vexado a ponto deles mesmos ficarem feridos (7). Meu servo (9) não está nos LXX, porém seu significado evidentemente é "meu instrumento". O rei babilônio e seus aliados deixariam a terra se perder e levariam para o exílio quem quisessem. Gerações do norte (9). O Império Babilônico, tal como seu predecessor, o Assírio, fora feito de muitas raças, muitas "gerações". A duração do exílio de setenta anos (11) é um algarismo arredondado. A Babilônia é colocada em julgamento (12-14). Não somente o julgamento está para sobrevir através da Babilônia, mas o julgamento virá também sobre a Babilônia. Esta seção está ausente dos LXX. Sua referência apropriada é para com o capítulo 1.

>Jr-25.15

2. A CONDENAÇÃO (#Jr 25.15-33). O copo de vinho (15-22) é o símbolo da ira inescapável de "Yahweh" sobre Judá e outras nações. A Babilônia é Seu agente. **Como hoje se vê** (18) está faltando nos LXX. **Toda a mistura de gente** (20) significa as comunidades estrangeiras no Egito que haviam se estabelecido lá por razões várias, como por exemplo, o comércio. **Nos últimos cantos da terra** (23); o hebreu diz "cantos aparados" ou "tendo os cantos do cabelo cortados" e significa um ritual o aparar o cabelo (cfr. #Jr 9.26; #Jr 49.32). Observar que a fúria do Senhor principia com Jerusalém e se estende a outras nações, as quais também merecem o castigo divino. Sem temor algum Jeremias declara vir o dia de "Yahweh" em que **chegará o estrondo até à extremidade da terra** (31). O Senhor **entrará em juízo com toda a carne** (31), o que significa que Ele a levará ante o tribunal da Sua justiça; "entrar em juízo" é uma expressão jurídica. A metáfora muda (32) e Iavé, como leão que ruge, simboliza alguém que traz a guerra sobre o mundo. Os seus mortos "não serão pranteados, nem recolhidos, nem sepultados" (33).

>Jr-25.34

3. UMA LAMENTAÇÃO (#Jr 25.34-38). Chegou a meia noite, a hora do castigo, e o profeta faz soar uma vez mais a nota triste da lamentação. **Já se cumpriram os vossos dias para serdes mortos** (34). Logo a seguir, a imagem transita de um rebanho pronto para a matança para a de um vaso agradável que vai ser feito em pedaços. **Por causa do furor do opressor** (38), ou, segundo outra versão, "por causa do furor da espada opressora".

Jr-26.1

NARRATIVAS HISTÓRICAS (Jr 26.1-52.34)

VIII. PROFECIAS E ACONTECIMENTOS DURANTE O REINADO DE JEOAQUIM Jr 26.1-24

Este capítulo contém a história de dois profetas-Jeremias e Urias.

a) O perigo de Jeremias (Jr 26.1-19)

Seis cenas distintas fazem ressaltar o conteúdo deste parágrafo.

1. DEUS FALA (#Jr 26.1-3). Deus diz a Jeremias que vá ao átrio do templo para declarar ao povo a mensagem de Iavé.

>Jr-26.4

2. JEREMIAS FALA (#Jr 26.4-7). Compare-se com #Jr 7.1-15. Esta passagem atenua a severidade da anterior.

>Jr-26.8

3. FALAM OS SACERDOTES E OS FALSOS PROFETAS (#Jr 26.8-11). O desastre de Silo, castigo divino sobre a nação, é utilizado por Jeremias como símbolo da futura destruição do templo, o que une os sacerdotes e os falsos profetas numa conspiração contra ele. A falsidade da mensagem desses homens consistia em esta acentuar a imunidade da cidade e do templo contra o perigo, apesar da idolatria da época. A princípio, o povo foi arrastado pelo entusiasmo e ação dos sacerdotes e falsos profetas e voltou-se contra Jeremias

(9). Mais tarde, porém, esse mesmo povo mudou de opinião e pôs-se ao lado do profeta (16). É fácil manipular os sentimentos de uma multidão.

>Jr-26.12

4. JEREMIAS FALA AOS PRÍNCIPES E AO POVO (#Jr 26.12-15). A acusação feita a Jeremias na assembléia dos príncipes baseava-se em ele negar a imunidade do templo e de Jerusalém. O profeta alegou que fora Iavé que o enviara a proclamar que, se não houvesse arrependimento geral, o estado corria o maior perigo. A sua evidente sinceridade aliada ao destemor causou divisão entre os príncipes e o povo, por um lado, e os sacerdotes e os falsos profetas, por outro.

>Jr-26.16

5. FALAM OS PRÍNCIPES (#Jr 26.16). O acusado é absolvido, o que deve ter sido um choque para os sacerdotes e seus aliados. Até o povo comum resolvera mudar de partido.

>Jr-26.17

6. FALAM OS ANCIÃOS (#Jr 26.17-19). Os anciãos lembram o incidente de Miquéias, no reinado de Ezequias, que pronunciara aviso semelhante. Esta referência histórica, indicando uma vez mais o condicionalismo da profecia, protegeu Jeremias do perigo imediato. O monte desta casa (18), sinônimo do templo.

>Jr-26.20

b) A morte de Urias (Jr 26.20-24)

Do ponto de vista humano, Jeremias devia o fato de estar vivo à intervenção de amigos poderosos e influentes. Urias não teve essa sorte. A extradição e assassinato deste homem mostram o perigo iminente de morte que Jeremias correu. Existe contraste entre o povo volúvel e a fidelidade de um amigo influente (24). Durante vários anos, Jeoaquim foi vassalo do Egito, o que explica a facilidade com que o rei... enviou uns homens ao Egito (22). Assim, ambos os profetas foram salvos, um para servir, o outro de servir. Alguns são deixados, e outros são levados, mas sempre com certo propósito. Urias foi

trazido do Egito, e Jeremias foi mais tarde levado para o Egito; ambos morreram pela sua fidelidade e dedicação ao seu Deus.

Jr-27.1

IX. A SENSATEZ DO PROFETA Jr 27.1-29.32

Estes três capítulos, que dizem respeito ao reinado de Zedequias, podem ter sido originalmente um panfleto posto a circular entre os exilados de Babilônia para lhes mostrar que não deviam alimentar esperanças de um rápido regresso do exílio. Em parte alguma se manifesta em tal medida, e com tanta clareza como aqui, o equilíbrio e sensatez de Jeremias. O enquadramento histórico é já familiar. O primeiro cativo de 597 era um fato consumado; se Zedequias estava ainda no trono, era porque Babilônia o tolerava. Mas quer fora quer dentro do país havia muitos que conspiravam contra Nabucodonosor. Nestes capítulos, Jeremias dispõe-se a denunciar e corrigir a idéia de que seria possível derrubar o poder então supremo no mundo oriental. Acerca deste assunto, o profeta dirige-se às nações circundantes, ao rei Zedequias, aos sacerdotes e profetas, e aos próprios exilados!

a) A mensagem profética (Jr 27.1-22)

1. A MENSAGEM AOS REIS GENTIOS (#Jr 27.1-11). O simbolismo do jugo de Jeremias põe a nu a inutilidade da conjura. Embora leiamos no vers. 1 **no princípio do reinado de Jeoaquim**, os vers. 3, 12 e 20 tornam bem claro que a referência é a Zedequias, não a Jeoaquim; é quase certo tratar-se de um erro de escriba. Este vers. vem omitido na Septuaginta. Nesta mensagem, o profeta refere-se primeiro à soberania de Deus e depois à de Nabucodonosor. O vers. 7 também não ocorre na Septuaginta.

>Jr-27.12

2. UMA MENSAGEM PARA ZEDEQUIAS (#Jr 27.12-15). Consiste ela numa exortação a submeterem-se a Nabucodonosor e numa declaração respeitante aos falsos profetas. A falsidade destes reside no fato de falarem por sua iniciativa própria, sem qualquer fonte superior de inspiração.

>Jr-27.16

3. UMA MENSAGEM PARA OS SACERDOTES (#Jr 27.16-22). Também esta mensagem consiste numa exortação e numa declaração. O texto massorético e a Septuaginta só se harmonizam na profecia que lhes é comum, de que os vasos sagrados seriam levados para o cativeiro. O texto da Septuaginta é mais incisivo e provavelmente original (compare-se com #2Rs 24.13). Os vasos sagrados a que se faz referência no vers. 16 foram os levados com Jeoaquim em 597 A. C. Jeremias opõe ao otimismo superficial dos falsos profetas a revelação de que também eles experimentarão o cativeiro.

Jr-28.1

b) Profetas em conflito: Jeremias e Hananias (Jr 28.1-17)

Este capítulo apresenta grande divergência entre o texto massorético e a Septuaginta. Geralmente as diferenças são expansões desnecessárias no hebraico do vigoroso texto dos Setenta. O capítulo contém quatro discursos- dois de Hananias e dois de Jeremias.

1. A PROCLAMAÇÃO DE HANANIAS (#Jr 28.1-4). Como aqui sucede, é sempre um problema crucial se um profeta é verdadeiro ou falso. Hananias ouvira Jeremias proclamar o exílio da nação rebelde; numa resposta violenta, afirma que Iavé lhe dissera o contrário, e exprime a correção através do símbolo do jugo quebrado (4).

>Jr-28.5

2. A DECLARAÇÃO DE JEREMIAS (#Jr 28.5-9). A resposta de Jeremias é irônica: "Assim faça o Senhor", dando a entender aos ouvintes o seu absoluto repúdio dessa segurança imaginária. Ao contrário de Hananias, sabia que só o arrependimento evitaria a catástrofe. Em qualquer caso, só a confirmação da profecia de Hananias poderia estabelecer a sua validade. Para Jeremias, o problema era a condenação não a paz ou a segurança, pois via que Hananias e os profetas paganizados que com ele alinhavam revelavam total ignorância das exigências de Iavé. A questão da verdade ou da falsidade não dependia só de ser ou não sincero, mas também da compreensão baseada na experiência e na obediência. O princípio era tragicamente claro: alguém poderia ser absolutamente sincero e, no entanto, estar condenado.

>Jr-28.10

3. A DEMONSTRAÇÃO DE HANANIAS (#Jr 28.10-11). Dramaticamente, Hananias demonstrou o seu ponto de vista, quebrando o jugo que tirara a Jeremias; assim seria quebrado dentro de dois anos o poder de Nabucodonosor. **E Jeremias... se foi seu caminho** (11). Por que não respondeu imediatamente? Muito se tem escrito acerca desta incógnita. A resposta provável é que talvez Jeremias achasse não ser aquele o momento próprio. A multidão devia ter ficado fortemente impressionada com a sensacional mensagem de Hananias. Além disso, podia haver perigo para a vida de Jeremias e, sensatamente, ele retirou-se para permitir que os ânimos se acalmassem antes de responder. Talvez precisasse também de tempo para meditar na sua resposta.

>Jr-28.12

4. A DENÚNCIA DE JEREMIAS (#Jr 28.12-17). Jeremias saiu do seu silêncio e meditação com o espírito iluminado sobre o problema; Iavé tinha confirmado a sua intuição; portanto, Hananias estava enganado e a sua mensagem era falsa. **Não te enviou o Senhor** (15). Para Jeremias, isto assumia a gravidade de uma sentença de morte; era aquela também a fonte da força perdurável do profeta, que tinha de caminhar em frente, apesar dos maiores perigos, uma vez que tinha sido enviado. "Ficou firme como vendo o invisível".

Jr-29.1

c) A carta crucial (Jr 29.1-32)

Um contingente relativamente grande de cativos fora levado para Babilônia em 597 A. C.; entre eles, encontravam-se o rei Jeoaquim, os seus familiares, um grupo de sacerdotes e alguns profetas. Jeremias soube que certos falsos profetas entre os exilados anunciavam um rápido regresso ao país, e escreveu esta carta para que os exilados não fossem arrastados pelo otimismo superficial, irreal, de Hananias e seus amigos. O grande fator seria aguardar com paciência a restauração a efetuar por Iavé e essa restauração não deveria ser posta em perigo por atos precipitados. A fé no futuro que Deus marcou é o grande princípio em causa-paciência na expectativa, não a inércia do desespero nem o suicídio da loucura. Nesta mensagem, o profeta faz primeiro uma exortação e depois uma declaração. Na sua exortação ao povo (4-9), diz-lhe que prossiga tanto quanto possível nas atividades normais da existência. A declaração que se segue (10-32) inclui quatro grupos de pessoas: as que já

estavam no cativeiro (10-14), as que iriam para lá (15-19), os falsos profetas em Babilônia, dos quais são nomeados dois-Acabe e Zedequias (20-23) -e Semaías (24-32).

>Jr-29.8

Não deis ouvidos aos vossos sonhos que sonhais (8). Não se deveriam deixar enganar nem pelos profetas iludidos nem por sonhos pessoais. Setenta anos, eis o limite do horizonte. Iavé dar-lhes-á um futuro e uma esperança. Além disso, Ele está acessível, mesmo em Babilônia. É admirável a certeza de Jeremias! Os vers. 14 e 16-20 não ocorrem na Septuaginta. Ver #Jr 24.1-10, que sugere que esta última parte é uma repetição dessa passagem. O vers. 15 prende-se com o vers. 21.

>Jr-29.22

E tomarão deles uma maldição (22); em hebraico **qelalah**. Temos aqui provavelmente um jogo de palavras entre **Qolaiah**, pai de Acabe (21) e **qalah**, assado (22). O texto dos vers. 24 e 32 é confuso; a Septuaginta e a Síriaca também divergem dele. Todavia, o sentido é claro. Discute-se porque não foi Jeremias impedido de enviar uma carta tão perturbante. Sofonias leu esta queixa a Jeremias, que imediatamente pronunciou sentença sobre o remetente e a sua casa.

X. UM FUTURO E UMA ESPERANÇA (Jr 30.1-34.22)

Os capítulos 30 a 33 constituem uma interrupção na biografia de Jeremias por Baruque. O vers. 11 do capítulo 29 podia, à guisa de prelúdio, encabeçar estas palavras de visão e esperança: **Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor, pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais** (traduzindo à letra, "um fim e uma esperança"). Até aqui, o tom das profecias de Jeremias tem sido extremamente sombrio. É certo que, de tempos a tempos, um raio de luz iluminava o caminho escuro do povo de Deus, mas isso era mais a exceção do que a regra. Estes capítulos apresentam uma mudança digna de nota. Embora escutemos ainda o trovão do julgamento à distância, de uma maneira geral o céu está desanuviado e a mensagem é esperançosa; isto é surpreendente, pois os capítulos 32 e 33 foram escritos no décimo ano de Zedequias, isto é, em vésperas do colapso final. A evidência interna leva-nos a pensar que os capítulos 30 e 31 foram também escritos por essa altura. Que situação extraordinária! Jeremias está preso, a fome e a peste

grassam na cidade, o exército de Babilônia assalta a muralha de Jerusalém. Era a hora da meia-noite para Judá, e o povo carecia de esperança e conforto. Nessa hora sombria, Deus tem uma mensagem para o Seu povo, a saber, que a nação não perecerá e, mais ainda, que virá o tempo em que até os gentios reconhecerão a verdade de Deus e um ramo de justiça brotará da casa de Davi, cujo nome será "o Senhor nossa justiça". Tendo conduzido o povo durante tanto tempo através dum deserto seco e estéril, o profeta leva-o por fim, embora temporariamente, a um pequeno oásis vicejante.

Todo o tema se coaduna com o espírito de Jeremias. Esta seção constitui uma coletânea secundária, embora os especialistas divirjam se os capítulos tais como se apresentam provêm ou não da pena de Jeremias. Contudo, o profeta está aqui bem presente, tanto no espírito como na expressão.

>Jr-30.1

a) O livro de consolação (Jr 30.1-24)

1. É ASSEGURADA A RESTAURAÇÃO (#Jr 30.1-11). O capítulo abre com o anúncio da restauração (1-3). Disciplina, sim, mas não uma catástrofe definitiva (4-11). O que Hananias procurava simbolicamente fazer, mas sem direito ou poder para isso, realizá-lo-ia Iavé na Sua grande misericórdia (8). Daí a chamada à audácia da fé, uma vez que, na hora do julgamento cósmico, Ele salvaria o Seu povo. **Tempo de angústia para Jacó** (7), eis uma frase que se poderia aplicar à situação imediata, embora tivesse em vista um período muito mais extenso-todo o período do cativo. A referência a **Davi, seu rei** (9) não significa que Davi, filho de Jessé, fosse ressuscitar dos mortos; refere-se, sim, a um rei ideal da casa de Davi.

>Jr-30.12

2. FERIDAS E CURA (#Jr 30.12-17). As feridas de Israel foram-lhe provocadas por Iavé às mãos de um inimigo desapiedado, sendo fruto da iniquidade (15) e incuráveis, a não se verificar uma intervenção divina (12-15). Israel fora abandonado por todos os seus aliados, o que ajuda a acentuar a sua posição desesperada. Os vers. 16 e 17, porém, apresentam o que quase constitui um paradoxo, como tantas vezes sucede em Jeremias. **Te restaurarei a saúde** (17); aqueles que haviam despojado Israel serão eles próprios despojados, e curadas as feridas incuráveis.

>Jr-30.18

3. RESTAURAÇÃO (#Jr 30.18-24). Para além do exílio fica a pátria. Há um certo ritmo nesta seção, como se a primavera fosse irromper terminados os rigores do inverno. Temos aqui o equivalente de #Is 35, mas no simbolismo e espírito de Jeremias. Ouvir-se-á o riso das crianças, e o governante será um homem da sua própria raça, com acesso sacerdotal à Presença; saberão que são povo de Iavé. Assim, o profeta tem em vista uma restauração quántupla-restauração da saúde (17), restauração da terra (18), restauração da prosperidade (18-20), restauração de um rei ideal (21), e restauração à comunhão de Deus (22). A frase de Matthew Arnold "há um poder estranho a nós próprios que puxa para a justiça" poderia aplicar-se aos vers. 23 e 24, que se relacionam com o princípio da justiça.

Jr-31.1

b) Restauração e o novo concerto (Jr 31.1-40)

Todo este capítulo se prende com a restauração, prosperidade e paz de Israel-ambos os reinos. Não há uma única nuvem negra no horizonte; a visão é brilhante e gloriosa.

1. GRAÇA NA DESOLAÇÃO (#Jr 31.1-6). O norte de Israel (Efraim) será restaurado, reconstruído e recultivado. Muito a propósito há um apelo para terminar o cisma entre o norte e o sul na presença de Iavé, Deus de toda a nação (6). Os vers. 1-22 dizem principalmente respeito ao reino do norte; os vers. 23-26 principalmente ao reino do sul; e os vers. 27-40 a ambos os reinos. Foram propostas muitas explicações para o vers. 2. Todavia, talvez seja melhor aceitá-lo num sentido profético, isto é, descreve algo que vai ainda ter lugar como se já houvesse sucedido. **Deserto** significaria o cativo. **Quando Eu o fizer descansar** (2) será provavelmente o mesmo que "quando vier o tempo em que Deus atue para lhes dar repouso", isto é, paz no seu próprio país.

>Jr-31.7

2. ALEGRIA DEPOIS DO EXÍLIO (#Jr 31.7-14). Em vez do texto massorético **salva o Teu povo** (7) é preferível a lição da Septuaginta, "salvou o Seu povo". Trata-se de uma realização e não de uma prece. Ao seu regresso com lágrimas de arrependimento corresponde a salvação (8-10). Isso, em si,

transforma-se numa mensagem para a nação, no brado retumbante da alegria de um coração satisfeito ante a fartura do país de Iavé.

>Jr-31.15

3. RAQUEL CONFORTADA (#Jr 31.15-17). Temos aqui um imaginativo quadro profético de Raquel, a amada, na sua sepultura, chorando uma vez mais por causa do exílio de seus filhos José e Benjamim. Mas Iavé enxuga-lhe as lágrimas, comprometendo-Se à restauração. **Ramá** (15) fica a cerca de 8 quilômetros a norte de Jerusalém.

>Jr-31.18

4. CONSCIÊNCIA E ORAÇÃO (#Jr 31.18-22). A mesma intuição profética ouve Efraim despertar ante a chamada da consciência, sendo Iavé a um tempo mãe e pai, que zela ansiosamente sobre ele. Há algumas dúvidas acerca do texto original, com um sentido duplo para a palavra "converti" no vers. 19. Vários especialistas prefeririam traduzir: "Depois de me ter afastado de Ti, arrependi-me". Quando a consciência se faz ouvir, o homem não está longe de Deus. **Ergue para ti marcos** (21), isto é, postes indicativos para os exilados de regresso. **Uma mulher cercará um varão** (22), talvez originalmente um provérbio cujo sentido se perdeu.

>Jr-31.23

5. JUDÁ, O BENDITO (#Jr 31.23-26). Quando vierem estes melhores dias, Judá, o rebelde, será o bendito de Iavé. O profeta lembra-se de como fora suave este sonho para o seu coração (26).

>Jr-31.27

6. IAVÉ RECRIADOR (#Jr 31.27-30). Uma vez terminada a disciplina e o seu sofrimento, Iavé estará novamente desejoso de reerguer o Seu povo. Só quando inevitável é que Ele é destruidor, pois fundamentalmente é criador. Naquele novo dia, a justiça velará para que só o pecador rebelde sofra o castigo devido ao seu ato. O vers. 29 refere-se a uma doutrina então muito em destaque e que se baseava na idéia da solidariedade da tribo ou nação, doutrina essa conhecida pelo nome de "personalidade coletiva".

>Jr-31.31

7. O NOVO CONCERTO (#Jr 31.31-34). O profeta fora forçado a ver que o concerto mosaico, mesmo sob os seus melhores aspectos, fora apenas externo. Na nova era (33), Iavé faria um concerto duradouro, escrito no coração e exequível de dentro para fora, em vez de ser uma imposição de fora para dentro. A experiência pessoal da misericórdia de Iavé teria como resultado uma melhor correspondência a essa misericórdia, uma lei criada através da comunhão impregnada de conhecimento e reverência. O perdão geraria a gratidão, e desta surgiria uma melhor obediência que cumpre, não pelo receio do castigo, mas impelida pelo amor, um novo concerto numa natureza recriada. Era esta a base da visão, e oração, e esperança, de Jeremias. Moisés era o meio de um concerto externo; Jeremias o proclamador de um concerto interno; Jesus, o Messias, seria o criador do concerto eterno, do qual Jeremias foi digno precursor. Aqui se vê, pois, a continuidade da graça soberana de Deus transmitindo através do concerto um profundo perdão do pecado, uma mais rica experiência do próprio Deus nessa comunhão, conduzindo a uma mais nobre fraternidade entre os homens. Uma visão, uma esperança, uma dedicação.

>Jr-31.35

8. PERMANÊNCIA (#Jr 31.35-37). Temos aqui dois compromissos: que Israel subsistirá, fato de que o próprio mundo constitui uma ilustração. A perseverança de Israel apóia-se na persistência de Iavé.

>Jr-31.38

9. OS CONVERTIDOS POLUÍDOS (#Jr 31.38-40). Uma profecia a cuja realização Neemias iria assistir e na qual participaria, até. Jerusalém seria reconstruída, o vale de Hinom, poluído pelo culto de Baal e pelos dejetos, seria purificado; e a cidade e os seus arredores seriam tornados sagrados para a vida e adoração- numa palavra, Jerusalém seria reconstruída (38), ampliada (39), e santificada (40).

Jr-32.1

c) Um compromisso audacioso para o futuro (Jr 32.1-44)

Os dois capítulos que se seguem estão datados-décimo ano de Zedequias, isto é, pouco antes da queda definitiva de Jerusalém. Mas, apesar das trevas

circundantes, o profeta mantém um otimismo firme, impressionante, baseado não na liberdade imediata de Jerusalém mas nos propósitos finais de Deus. Cronologicamente, este capítulo deveria vir depois dos capítulos 37 e 38.

De uma maneira geral, pode ele ser dividido em duas partes. Na primeira, é o profeta de Deus que se destaca; na segunda, porém, destaca-se o Deus do profeta.

1. O PROFETA DE DEUS (#Jr 32.1-25). Acerca dele notamos três coisas: a sua prisão, o seu otimismo e a sua súplica.

Os vers. 1 a 5 descrevem a prisão do profeta, constituindo este parágrafo, na realidade, uma introdução ao que se segue. O inimigo cercava a capital, e o profeta era considerado demasiado pró-babilônio para andar em liberdade. Nem nas mentes nem nos corações havia lugar para a sua visão realista. **Até que Eu o visite** (5); a visitação poderia constituir quer consolo quer castigo. Conforme se verificou, no caso de Zedequias a visitação foi de castigo.

>Jr-32.6

Os vers. 6-15 falam no otimismo do profeta. Jeremias acentuara que não haveria destruição total visto Iavé ter resolvido conservar um remanescente para prosseguir nos Seus propósitos imutáveis. A intuição de que seria posto à prova sobre este mesmo ponto de fé veio através da oferta do seu primo Hanameel de vender o campo de Anatote, agora na posse do inimigo. Sentia que a revelação de que tinha conhecimento devia ser também experimentada pelo povo, de onde o cuidado com que redigiu e pôs a bom recato os documentos de transferência e compra. Há três cenas neste parágrafo. Na primeira, vemos Deus e Jeremias (6-7); na segunda, Hanameel e Jeremias (8-10); e na terceira Jeremias e Baruque (11-15). **Selado, aberto** (11) significam provavelmente um duplicado de papiro ou numa placa de barro para testemunhar o fato da compra mesmo que o outro exemplar externo fosse destruído. Existe um acontecimento semelhante na história clássica: quando Aníbal, o cartaginês, sitiava Roma, o terreno em que o seu exército acampara foi vendido pelo preço mais elevado no foro romano.

>Jr-32.16

Os vers. 16-25 contém a oração do profeta. Na primeira parte da oração, refere-se ele ao Deus do povo (17-22), e na segunda parte ao povo de Deus (23-25). No coração de Jeremias havia uma ansiedade subjacente.

>Jr-32.26

2. O DEUS DO PROFETA (#Jr 32.26-44). Deus vê a perplexidade do Seu servo e faz uma declaração sobre a sombria sorte imediata de Judá e sobre a deslumbrante sorte desse mesmo povo numa data mais distante.

A sorte imediata de Judá (26-35) é bem sombria. O mal avançara tanto que se impunha uma operação radical. Em todas as gerações se exige que os homens de Deus justifiquem os Seus caminhos junto dos homens. O equilíbrio de cada geração apóia-se justamente nisso. Assim, aqui, Jeremias, falando como se pela voz do próprio Deus, lê a história do Seu povo-sempre idólatra, de onde a necessidade imperiosa de o disciplinar e de o impelir para a justiça. "O juiz de toda a terra tem de proceder com justiça" e os Seus homens têm o encargo de exprimir essa realidade. O dever é categórico, o problema trágico ou redentivo. Mesmo agora, a redenção pode ser alcançada através da tragédia.

>Jr-32.36

A sorte distante de Judá (36-44) é brilhante e gloriosa. Haverá disciplina, mas não catástrofe definitiva. O povo será restaurado à sua terra, e esta à prosperidade. Além disso, verificar-se-á uma regeneração de coração e alma, e o povo não se afastará do seu Deus. "Deus está na sombra, velando sobre os Seus".

Jr-33.1

d) Repetição da restauração e futura felicidade (Jr 33.1-26)

Este capítulo prossegue com o tema geral da restauração de Israel e tudo quanto esta implicará. Os vers. 14-26 não ocorrem na Septuaginta, sendo considerados por muitos críticos como mais recentes e não da autoria de Jeremias. O tema do capítulo é uma restauração tríplice: restauração do povo ao país, restauração deste à prosperidade, e restauração do rei davídico.

1. A RESTAURAÇÃO DO POVO AO PAÍS (#Jr 33.1-8). O texto oferece muitas dificuldades. O Senhor que faz isto (2), não o encerramento na prisão,

que é o assunto da frase anterior, mas o plano que Deus está desdobrando perante os olhos do profeta. A versão da Septuaginta para este mesmo vers. é a seguinte: "O Senhor que fez a terra e a formou para a estabelecer". O vers. 3 parece ser um acrescentamento. A tradução do vers. 5 é incerta. A reconstituição de Cornhill deste mesmo vers. diz: "As casas derrubadas, contra as quais os caldeus vêm com montadas e espadas para combater e enchê-las de corpos mortos dos homens..." Quando a ira passar, voltará a paz, e um povo purificado e perdoado transformar-se-á numa glória para Deus, manifesta aos olhos de todas as nações.

>Jr-33.9

2. A RESTAURÇÃO DO PAÍS À PROSPERIDADE (#Jr 33.9-13). Estes vers. apresentam notabilíssimo contraste entre o que se vê e o que virá, aquilo em que o país se transformou devido ao pecado do homem, e aquilo em que se transformará graças e mediante a misericórdia de Deus. Em vez da desolação haverá prosperidade; em vez da dor, a alegria. O povo voltou ao lar, a prosperidade reina no país, a alegria impera nos corações, e o louvor ouve-se no templo. Uma outra coisa é necessária para completar este quadro feliz: um rei ideal, e é a esse rei ideal que o parágrafo seguinte nos conduz.

>Jr-33.14

3. A RESTAURAÇÃO DO REI DAVÍDICO (#Jr 33.14-26). A linhagem davídica será restaurada, e o Filho de Davi dominará com justiça, tal como outrora, ao ponto de Jerusalém passar a chamar-se **O Senhor é nossa justiça** (16). A ordem sacrificial levítica será restaurada ao seu primado. A permanência do reinado davídico e da ordem levítica apóia-se na persistência das ordenações cósmicas de Iavé, isto é, na Sua palavra e poder. A compaixão de Iavé pelo Seu povo castigado e aflito apagará a nódoa da rejeição lançada pelos que o observavam e pelo inimigo. Num sentido nacionalista estrito, esta promessa não foi cumprida; foi-o, sim, num sentido espiritual e mais amplo. Jesus Cristo é "a raiz e a geração de Davi" (#Ap 22.16), e só a Ele se pode aplicar o título "O Senhor justiça nossa".

Jr-34.1

e) Mensagem ao rei e ao povo (Jr 34.1-22)

1. UMA MENSAGEM AO REI ZEDEQUIAS (#Jr 34.1-7). Nesta mensagem, o profeta faz primeiro uma declaração segundo a qual tanto a capital como o monarca serão entregues nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, que entrará em Jerusalém, como vencedor, enquanto Zedequias, rei de Judá, entrará em Babilônia como vencido. A esta declaração, porém, o profeta acrescenta uma palavra de consolo (4-5); Zedequias não será morto, mas morrerá em paz, isto é, no cativeiro.

>Jr-34.8

2. MENSAGEM PARA O POVO (#Jr 34.8-22). Quando o perigo da cidade atingir o auge durante o sítio, o rei convenceu o povo, por juramento solene, a emancipar os seus escravos hebreus na esperança de que tal ato atraísse a bênção de Deus. Quando o cerco foi temporariamente levantado pelos aliados egípcios, este juramento solene foi violado e os escravos foram reduzidos uma vez mais, e à força, à servidão. Tais eram as circunstâncias, tal é o ambiente, o pano de fundo, contra o qual esta mensagem profética se reporta. A ação do povo foi uma quebra da lei da remissão (#Dt 15.12). Foi também uma profanação do nome de Deus, visto ter sido em Seu nome que se haviam comprometido a libertar os escravos. O povo não só transgredira a lei de Deus como violara a sua promessa, acrescentando o perjúrio à traição. **Ao fim de sete anos** (14); na realidade, ao fim de seis anos, como diz a Septuaginta. Em contagens deste gênero, os hebreus incluíam tanto o primeiro como o último elemento. O profeta declara que o povo será retirado (17-21) e que o inimigo voltará (22). Viu imediatamente que tal quebra de fé provocaria uma retribuição por parte de Iavé. Assim como haviam cometido perjúrio ao agir daquele modo, e reduzido, uma vez mais, os seus irmãos hebreus à servidão, assim também Iavé retiraria deles a Sua proteção e eles próprios se tornariam escravos de amos tão desapiedados como a espada, a peste e a fome, até que o seu estado inspirasse horror **a todos os reinos da terra** (17). **O bezerro que dividiram em duas partes** (18); era este o ritual de alguns contratos entre os semitas (ver. #Gn 15.9-20), constituindo uma expressão simbólica, embora muda, de que, se faltassem à sua palavra, aceitariam a retribuição.

Jr-35.1

XI. PROFECIAS E ACONTECIMENTOS DURANTE O REINADO DE JEOAQUIM Jr 35.1-36.32

Nestes dois capítulos regressamos, uma vez mais, ao reinado de Jeoaquim. Cronologicamente, seguem-se ao capítulo 26. É impossível saber por que motivo estes capítulos foram assim ordenados.

a) A lição dos recabitas (Jr 35.1-19)

1. O PROFETA E OS RECABITAS (#Jr 35.1-11). Jeremias recebe instruções de Deus (1-2) para ir ao acampamento dos recabitas e levá-los (ou, provavelmente, representantes seus) a uma das câmaras do templo, dando-lhes vinho a beber. O antepassado dos recabitas fora Jonadabe, que, para resistir como nômade ao culto de Baal -ligado à vida dos agricultores fixados na terra e aos habitantes das cidades-disciplinara o seu povo a não cultivar vinhedos nem a construir casas, proibindo-lhes, assim, que bebessem vinho. Deveriam manter a austeridade da vida nômade. Sendo uma tribo quenita, haviam-se ligado a Israel. A chegada dos babilônios empurrara-os para dentro da cidade.

Jeremias cumpre a ordem (3-5) e verifica que os recabitas se recusam unanimemente a beber vinho (6-11).

>Jr-35.12

2. O PROFETA E O POVO (#Jr 35.12-19). O profeta esperava esta reação e agora serve-se dela para a contrastar com Judá. Nos vers. 12-15 temos a expostulação do profeta, seguindo-se uma declaração (16-17) que, por seu turno, culmina numa bênção sobre a casa de Jonadabe (18-19). **Que vos tenho falado** (14) é enfático, estabelecendo forte contraste entre o êxito de Jonadabe junto do seu povo e o fracasso de Iavé junto do povo judaico.

Jr-36.1

b) A escritura do rolo (Jr 36.1-32)

1. A PRIMEIRA ESCRITURA (#Jr 36.1-26). No quarto ano de Jeoaquim (604 A. C.), Deus ordenou ao profeta que fizesse um registro mais permanente das suas mensagens públicas a fim de assegurar o arrependimento do coração do povo (1-3). Em resposta a esta ordem divina, Jeremias obteve os serviços do seu auxiliar Baruque, que registrou as palavras ditadas pelo profeta (4-8). Uma vez que Jeremias estava impedido de falar em público, ordenou a Baruque que agisse em seu lugar. **Da minha boca** (6) equivale, portanto, a "como minha boca". Em tudo isto, pretendia-se que Judá abandonasse os seus

maus caminhos antes que se abatesse o castigo sobre ele. Note-se uma vez mais a natureza condicional da profecia.

>Jr-36.9

Em certo dia de festa solene, Baruque leu o rolo ante grande ajuntamento de povo, e podemos imaginar a consternação que a mensagem causou (9-10). Miquéias, que estava presente e ouviu a leitura de Baruque, deu um resumo da natureza ameaçadora da profecia de Jeremias para os príncipes de Judá (11-13). Ao ser interrogado, Baruque, que fora convocado a comparecer perante os príncipes com o rolo, respondeu que escrevera nele o que Jeremias lhe ditara (14-19). O assunto é levado ao conhecimento do rei (20-26). Assim, no mesmo dia, o rolo parece ter sido lido três vezes-na presença do povo, na presença dos príncipes e na presença do rei. É de supor, portanto, que não fosse muito extenso. Quando o caso foi relatado ao rei, este deve ter sentido que se tratava de um assunto de estado. Lidas algumas colunas, a sua ira foi imediata e, agindo contrariamente à intercessão dos príncipes, lançou o rolo ao fogo. Em seguida, o rei ordenou que o profeta e o seu escrivão fossem detidos, mas em vão o fez, pois **o Senhor tinha-os escondido** (26). Jeremias insistira na subordinação à Babilônia, mas esta rejeição simbólica da parte do rei era prova suficiente de que este tencionava seguir a política oposta (ver **#2Rs 24**). Esta forte reação do rei banuiu, ao que parece, o receio dos príncipes, excitados como os tinha deixado a leitura do rolo em particular.

>Jr-36.27

2. O ROLO NOVAMENTE ESCRITO (**#Jr 36.27-32**). A profecia, a não ser que seja falsa, raramente teve alguma coisa a temer ante a ameaça dum rei. Vezes sem conta os profetas de Israel tiveram que disciplinar o monarca e a corte como parte dos seus deveres e o mesmo sucedeu neste caso. Aquele rolo queimado teve como único resultado a rápida preparação de segundo rolo, com as adições necessárias, incluindo uma indicação do destino que aguardava o rei ímpio. Deus teria a última palavra. A realização do vers. 30 respeitante ao cadáver, paralelo de **#Jr 22.19**, não vem mencionada na história. Aliás, como pormenor, é de pouco significado.

Jr-37.1

XII. PROFECIAS E ACONTECIMENTOS DURANTE O REINADO DE ZEDEQUIAS Jr 37.1-39.18

Nestes três capítulos, a ênfase recai primeiro sobre o profeta e seu cativo (37-38) e, depois, sobre o rei e seu cativo (39).

a) O encarceramento e preservação do profeta (Jr 37.1-38.28)

1. A RESPOSTA DE JEREMIAS AO PEDIDO DE ZEDEQUIAS (#Jr 37.1-10). Zedequias fora nomeado rei por instigação de Babilônia, sem dúvida depois de ter prestado compromissos de fidelidade. Em grande parte devido à influência egípcia na corte, aliada, ao que parece, à sua instabilidade de caráter, Zedequias desobedeceu a Babilônia. Religiosamente, diria que era servo de Iavé, mas, como o seu povo, deve ter sido também infiel em matéria de fé. Esta instabilidade de fé e caráter conduziam naturalmente a uma política instável do estado, um Rúben régio, "inconstante como a água" (ver #Gn 49.3-4). O avanço das tropas egípcias levantou temporariamente o cerco (5), mas Jeremias insiste em proclamar que esse alívio não é decisivo (10). Se os babilônios tivessem apenas tropas feridas, mesmo assim venceriam (#Jr 34.1 e segs.).

>Jr-37.11

2. A PRISÃO E DETENÇÃO DE JEREMIAS (#Jr 37.11-21). Entretanto, Jeremias tentou sair da cidade presumivelmente para ver a propriedade que adquirira a Hanameel. Todavia, foi preso e acusado de traidor -uma sentença superficial em vista da sua atitude e mensagem, sofrendo, assim, a sua primeira prisão. O calabouço dá a impressão desagradável de ser uma cela subterrânea. Convocado pelo rei a uma entrevista secreta (17-21), Jeremias permaneceu fiel à sua profecia de que o propósito de Iavé era que Babilônia fosse suprema. Sendo assim, por que era ele, como Seu servo e porta-voz, tratado como traidor do Seu povo? Quem era falso não era ele, mas, sim, os outros profetas, que haviam predito a queda de Babilônia. Transferido para o átrio da guarda, Jeremias não foi reenviado para o calabouço, e permitiram-lhe que se alimentasse.

Jr-39.1

b) A queda de Jerusalém e o cativo de Judá (Jr 39.1-18)

1. A QUEDA DA CIDADE (#Jr 39.1-3). Chegara a última hora. Durante cerca de dezoito meses, a cidade resistira às poderosas investidas de

Babilônia, mas a hora inevitável não podia ser indefinidamente adiada. Enfraquecida por um longo e desapiadado cerco, e dizimada pela fome, Jerusalém acabou por se render.

>Jr-39.4

2. A CAPTURA DO REI (#Jr 39.4-8). Embora tivesse de abandonar a cidade, Zedequias ainda não desesperava de salvar a vida. Com os poucos defensores que lhe restavam, fugiu e pôs-se a caminho de Jericó. No entanto, soara a sua hora de castigo, e a fuga era impossível. Apanhado perto de Jericó foi levado para Ribla, à presença de Nabucodonosor. Caiu a desgraça sobre ele e a sua família, e o seu destino foi bem cruel (6-7).

>Jr-39.9

3. O CATIVEIRO DO POVO (#Jr 39.9-10). Foi este o cativo definitivo de Judá. Em 597 A. C., Jeoaquim e parte de Jerusalém haviam sido levados; agora, decorridos onze anos, segue-se o resto da cidade, mas não por completo; ficara um pequeno remanescente, **os pobres de entre o povo** (10), para recomeçar do princípio.

>Jr-39.11

4. A LIBERTAÇÃO DO PROFETA (#Jr 39.11-14). O castigo abateu-se sobre o rei de Judá, o cativo sobre o resto de Jerusalém, o país ficou entregue aos pobres da terra, e Jeremias, o profeta, foi posto em liberdade. Assim procedeu Babilônia para com Judá. Jeremias, agora livre, ficou entregue ao cuidado generoso de Gedalias, filho de um amigo.

>Jr-39.15

5. A MENSAGEM A EBEDE-MELEQUE (#Jr 39.15-18). Trata-se de um apêndice do capítulo 39, aliás um apêndice mal colocado, pois deveria seguir-se a #Jr 38.7-13, a passagem onde se regista a astúcia e a coragem com que socorreu Jeremias, tirando-o da cisterna de lama em que morreria de fome e infetado pela imundície. **Na mão dos homens perante cuja face tu temes** (17), frase ambígua, a não ser que se refira aos príncipes de cujas mãos ele arrancara Jeremias. **A tua alma terá por despojo** (18), expressão idiomática hebraica que denota segurança pessoal. Assim como um homem mau acabaria por ser vítima da sua maldade, assim também seria salvo pela sua bondade.

Jr-40.1

XIII. PROFECIAS E ACONTECIMENTOS EM JUDÁ (Jr 40.1-42.22)

As profecias dirigidas ao remanescente que os babilônios deixaram e os acontecimentos que entre eles se produziram dividem-se nitidamente em duas partes: os que têm por cena Judá (capítulos 40-42) e os que têm por cena o Egito (capítulos 43-44).

a) A libertação do profeta (Jr 40.1-6)

Jeremias ficara em Jerusalém e fora apanhado e preso com cadeias para ser deportado com outras pessoas para Babilônia. Ao chegar a Ramá, foi liberto por ordem do comandante babilônio. É evidente que este tinha sido informado da identidade de Jeremias e das disposições do rei babilônio a seu respeito. Foi-lhe dado a escolher ir para Babilônia, com a promessa do favor especial do rei, ou ir para onde quisesse. O vers. 5 sugere que essa segunda alternativa seria ficar com Gedalias. A primeira frase deste versículo, porém, vem omitida na Septuaginta, não sendo possível qualquer emenda nítida do hebraico. Todavia, foi o próprio Jeremias quem escolheu, presumivelmente, ou Jerusalém ou Mispa com Gedalias. Os vers. 2 e 3, sem dúvida, não seriam pronunciados por um babilônio, sendo antes vazados pelo escritor nos moldes da sua própria fé. O contraste é que toda a obra de Jeremias fora realizada em nome de Iavé; por outro lado, contribuíra modestamente para o êxito da causa da Babilônia, e a libertação foi a sua recompensa.

>Jr-40.7

b) O regresso dos fugitivos (Jr 40.7-12)

Gedalias era agora governador do país, e a sua tarefa, uma vez que os principais cidadãos haviam sido levados para o exílio, era assegurar que os lavradores e os camponeses se instalassem em paz para tratarem da colheita e pagarem o imposto aos seus novos senhores, os babilônios. Assim, uma das fases dessa nova tarefa seria chegar a um acordo com as "forças em campo", isto é, as guerrilhas, com os seus vários dirigentes. O fato de Gedalias ser judeu constituiria um valioso fator para a pacificação. As suas palavras iniciais

(9-10) eram de molde a conquistarem certa confiança e fidelidade. A sua política sã e cordial é sublinhada pelo vers. 12.

>Jr-40.13

c) Aviso de uma conspiração (Jr 40.13-16)

Gedalias era a honra em pessoa, mas, infelizmente para ele, um dos chefes dos guerrilheiros, Ismael, fora subornado pelo rei amonita Baalis para sabotar a política de Gedalias e assassiná-lo. Joanã, outro chefe de guerrilheiros, teve conhecimento dessa conspiração, mas Gedalias achou-a demasiado vil para ser verdade. Ao que parece, Gedalias esquecera-se de dois fatores importantes: primeiro, que Ismael era da casa real de Davi, e, portanto, de condição superior à sua. Qualquer desfeita de que Ismael fosse vítima podia, assim, provocar um ciúme de que Baalis tiraria partido. O outro fator foi, talvez, que, aos olhos de Ismael, Gedalias era um traidor à causa por aceitar o seu cargo e nomeação da mão de Babilônia. Como muitos outros homens de grande quilate na história, tanto antes como depois do seu tempo, Gedalias não sabia distinguir entre a traição e a fidelidade, preparando, assim, o golpe de assassino.

Jr-41.1

d) A execução da conjura (Jr 41.1-9)

A natureza mortífera da profissão de fidelidade da parte de Ismael manifestase no fato de o crime ser praticado na hora normalmente sagrada da hospitalidade oriental. As expressões **os capitães do rei** (1) e **homens de guerra** (3) não ocorrem na Septuaginta, mas se estiverem corretas, tanto os judeus como os caldeus que constituíam a guarda pessoal de Gedalias foram chacinados pelos homens de Ismael. É pasmosa a falta de inteligência de Ismael, visto a morte de Gedalias constituir uma perda gravíssima para o povo, mas o ciúme e a suspeita são sentimentos que cegam e brutalizam quem os alberga. Geralmente um assassino não tem quaisquer escrúpulos no tocante à vida dos outros e nos vers. 4-9 temos um exemplo brutal desse fato. Os peregrinos traziam farinha e legumes como oferta ao local onde o templo arruinado se erguia em Jerusalém, pois deve ser esse o significado de **à casa do Senhor** (5). A sua barba rapada, trajes rasgados e corpos golpeados simbolizavam o seu desgosto ante a profanação e destruição da casa de Deus. O espírito homicida é também freqüentemente acompanhado de hipocrisia,

como se vê no vers. 6, onde lemos: **ia chorando**. A ganância também assinala um caráter assim. Dez peregrinos salvaram-se revelando onde ocultavam preciosos víveres. É notável que uma força tão pequena, constituída por onze homens ao todo, conseguisse massacrar setenta pessoas em oitenta, o que talvez se explique pela surpresa. A frase **por causa de Gedalias** (9) é inexplicável, mas devemos lembrar-nos de que uma tradução mais correta seria "ao lado de Gedalias" e que a Septuaginta nos ajuda acrescentando: "ficava uma grande cova", isto é, provavelmente uma cisterna. A referência a Asa lembra-nos que este rei construíra a cisterna para abastecer de água a sua guarnição em Mispa (ver **#1Rs 15.22**).

>Jr-41.10

e) O rapto dos sobreviventes (Jr 41.10)

A inutilidade de todos estes assassinatos é demonstrada pelo fato de Ismael ter tido de fugir para Amom, levando cativos consigo os restantes refugiados em Mispa, confiados à guarda de Gedalias, e no número dos quais se contavam Jeremias e Baruque. **As filhas do rei** (10) refere-se provavelmente a qualquer relação direta ou indireta com a casa real.

>Jr-41.11

f) O socorro dos sobreviventes (Jr 41.11-18)

Joanã foi tão pronto na sua perseguição dos criminosos como e fora ao avisar Gedalias contra eles. Embora não conseguisse apanhar Ismael, obteve a libertação dos seus prisioneiros. **Valentes de guerra** (16) parece não estar de acordo com o vers. 3, isto é, a sua chacina por Ismael em Mispa. Talvez devêssemos ler "homens, e mulheres, e meninos" como em **#Jr 43.6**. O medo faz desaparecer o bom senso, sobretudo se, como aqui, se seguir ao assassinato de um funcionário tão importante como Gedalias. Presumivelmente no caravãçara de Quimã (17) resolveu-se que seria mais seguro para eles irem para o Egito do que sujeitarem-se aos interrogatórios dos babilônios.

Jr-42.1

g) Os sobreviventes consultam Jeremias (Jr 42.1-6)

Jeremias deve ter ficado muito preocupado com o pedido que lhe foi feito, pois é impressionante a sua frase **não vos ocultarei nada** (4). À sua hesitação, porém, respondem com a promessa de que se submeteriam às ordens de Iavé, pois de tal obediência dependia, segundo sentiam, a sua segurança. De fato, segundo o vers. 5, incorreriam no castigo de Deus se faltassem à palavra dada: **Seja o Senhor entre nós testemunha**.

>Jr-42.7

h) A mensagem de Jeremias aos sobreviventes (Jr 42.7-22)

Durante dez dias, Jeremias manteve-se silencioso, mas quando, finalmente, falou não deixou dúvidas na mente do povo que o tinha consultado quanto à mensagem de Deus. Começa com uma exortação e promessa. Nada têm a recer dos babilônios, e se permanecerem no país Deus os abençoará (7-12). Quanto a **voltar** (12) do texto massorético, é preferível a emenda da Siríaca e da Vulgata, "fará com que vos estabeleçais". Após esta exortação a permanecerem no país, vem uma solene palavra de aviso (13-18): a recusa em obedecer à direção divina acarreta o desagrado de Deus, com todas as suas tremendas conseqüências. Não haverá segurança no Egito; neste último país, seriam avassalados por uma calamidade semelhante àquela que subvertera a sua própria cidade. Mas o profeta sabe intuitivamente o que o povo é, e começa a admoestar os homens que lhe tinham pedido que inquirisse de Jeová (19-21). Em vez de **enganastes** (20), a Septuaginta diz "procedestes mal contra". A mensagem do profeta termina com uma solene declaração (22).

Jr-43.1

XIV. PROFECIAS E ACONTECIMENTOS NO EGITO (Jr 43.1-44.30)

a) A fuga dos sobreviventes (Jr 43.1-7)

Os chefes dos sobreviventes presumivelmente escutaram Jeremias em silêncio até ele acabar e depois disseram o que pensavam. Se em vez do termo não-idiomático **dizendo** (2) (em hebraico **omerim**) aceitarmos a opinião de vários especialistas e lermos "desafiando" (hebraico **hammorim**) e, seguindo a Septuaginta, cortarmos **soberbos** (2), obtemos o seguinte texto: "Então falou Azarias... e todos os homens em atitudes de desafio", o que provavelmente nos

dá um quadro fiel. Ali imperou, não tanto o orgulho como o medo ou pavor, cuja expressão psicológica, não raro, é o desafio. Os guerrilheiros temem quase sempre as autoridades contra as quais lutam teimosamente, e aqui esse medo exprime-se na acusação de falsidade contra Jeremias, cuja decisão eles haviam antes dito e prometido acatar. A acusação contra Baruque de conspirar para os entregar à morte ou ao exílio tem a mesma origem. A Septuaginta explica vigorosamente esta frase difícil: **que havia voltado dentre todas as nações para onde haviam sido lançados com o fim de peregrinarem na terra de Judá** (5) preferindo: "que tinham voltado para peregrinar na terra de Judá", versão apoiada pelo capítulo **#Jr 40.11-12**. O grupo seguiu a chefia de Joanã e não a de Jeremias. Tafnes chama-se agora Dafné ou Defené (ver **#Jr 2.16**), uma cidade na fronteira egípcia dentro do delta oriental, na estrada que liga a Palestina ao Egito.

>Jr-43.8

b) A mensagem de Jeremias aos sobreviventes (Jr 43.8-44.14)

É esta a primeira mensagem registada de Jeremias aos sobreviventes no Egito. Divide-se em quatro partes:

1. ANÚNCIOS DO QUE NABUCODONOSOR FARIA NO EGITO (**#Jr 43.8-13**). A princípio, Jeremias não deu qualquer resposta direta. Ele sabia provavelmente que a tal pânico não se poderia dar resposta adequada em meras palavras. Obrigaram-no a ir com eles e o profeta deve ter pedido orientação durante a jornada. Essa orientação recebeu-a em Tafnes. É difícil saber como fez o profeta a ação descrita, pois todos os textos-Massorético, Septuaginta, Vulgata, etc. -apresentam certas diferenças. As expressões "pedras grandes e barro" (9) são imprecisas. No primeiro caso, há possivelmente uma repetição. Se, mediante uma ligeira alteração omitirmos uma consoante, conforme sugerido por vários textos (**ballat**), poderemos traduzir **e esconde-as secretamente no barro do forno** (9). É que Jeremias, sem dúvida, tinha de pegar naquelas grandes pedras e preparar o simbolismo na calada da noite, tendo como únicas testemunhas os seus compatriotas impressionados, que observavam a sua tarefa. Seguidamente, proclamou o significado desta. Havia fugido a Nabucodonosor para procurarem o que supunham ser um abrigo seguro no Egito, mas fora tudo em vão, pois Nabucodonosor conquistará aquele país e edificará o seu trono sobre as pedras assim escondidas. As pedras representavam, pois, Babilônia, e o barro o Egito. O Egito parece forte e momentaneamente oculta Babilônia aos olhos dos

fugitivos, "mas em breve o barro desaparecerá e as pedras duras, o império babilônio, erguer-se-ão no Egito na presença dos próprios homens que procuravam escapar". Isto está de acordo com a Septuaginta e a Siríaca, que também dizem "Ele estenderá a sua tenda". Em vez de **que escondi** (10), a Septuaginta diz "escondestes". Se aceitável, esta versão parece indicar que eles se haviam escondido, mas em vão. Portanto, a sua fuga ante a vontade de Iavé é inútil, visto Ele ter chamado de longe estes agentes inconscientes dos Seus propósitos disciplinares. Algum tempo antes, Jeremias mantivera-se silencioso enquanto eles falavam, mas agora era o contrário, o silêncio de um novo temor ao ouvirem soar esta nota de um destino sombrio. Uma inscrição fragmentária confirma que Nabucodonosor invadiu o Egito em 568 antes de Cristo, sendo Amasis faraó, e derrubou os seus defensores. Também Josefo regista a tradição de que, seguidamente, ele deportou para Babilônia os judeus que ali prendeu. Bete-Semes (13) significa o mesmo que Heliópolis, ou seja, "casa do sol".

Jr-44.1

2. LEMBRA-SE O QUE DEUS FIZERA EM JUDÁ-(#Jr 44.1-6). Neste capítulo, o choque de opiniões é feroz. Jeremias vinca no espírito dos judeus que então se encontravam no Egito a verdade de que o castigo anda sempre ligado ao pecado. Haviam queimado incenso à "rainha do céu" (Astarte, a "Grande Mãe" da antigüidade), pelo que a ira de Jeová tombara sobre a terra de Judá. (Alguns papiros do V século dão-nos um quadro destas colônias judaicas). **Migdol... Tafnes... Nofe (Mênfis...) Patros** (1); ao que parece, decorrera algum tempo sobre a fuga para o Egito, permitindo aos fugitivos fixarem-se em todos estes lugares.

>Jr-44.7

3. OS SEUS PECADOS SÃO DENUNCIADOS (#Jr 44.7-10). Apesar de todos os castigos de Deus e de tanta advertência no decurso da sua história, os sobreviventes continuavam cegamente em frente, fechando os ouvidos aos avisos do passado. **Mulheres** (9) bem traduzido na Septuaginta por "príncipes".

>Jr-44.11

4. UMA DECLARAÇÃO DE CASTIGO (#Jr 44.11-14). A mensagem que o profeta proclamara durante tantos anos a toda a nação tinha agora de anunciar

também ao pequeno número de sobreviventes no Egito. Seriam castigados tal como Jerusalém, e a isso não havia que fugir.

>Jr-44.15

c) A resposta dos sobreviventes (Jr 44.15-19)

Post hoc, ergo propter hoc. É evidente aqui o choque de opiniões. Recusavam-se a dar ouvidos às palavras de Jeremias, atribuindo todos os êxitos à rainha do céu e, ao que parece, relacionando todos os seus problemas e infortúnios com a reforma de Josias. Encabeçando o vers. 19, a Septuaginta e a Siríaca têm também a seguinte frase: "E todas as mulheres responderam, dizendo". Algumas destas eram acompanhadas pelos maridos, e outras não.

>Jr-44.20

d) A última mensagem de Jeremias (Jr 44.20-30)

É esta a última mensagem registada do profeta, uma mensagem impregnada de realismo. Em vez de **vós e vossas mulheres** (25) é preferível a versão da Septuaginta: "Vós, mulheres". Assim, dirigindo-se a elas, Jeremias reafirma a verdade contrária e vai ao ponto de dizer que a resposta de Iavé a esta negação da Sua presença e ação será tão tremenda que, devido àquele paganismo, o Seu nome desaparecerá da boca de todos os judeus que habitam no Egito (26). A vingança da idolatria é que, no final, ficará um resto que verá o que se cumpriu ou não-a Sua palavra ou a deles (28). Como sinal, até o Faraó, cuja proteção haviam procurado, cairá nas mãos dos seus inimigos. Heródoto (II: 161) regista a queda deste monarca ("Apries" para Heródoto, Hofra na história). Foi executado em 564, vários anos depois de destronado. Amasis era Faraó em 568, quando Nabucodonosor atacou o Egito.

Todo este capítulo revela o realismo de Jeremias, baseado na sua visão dos fatos, comparado com as opiniões superficiais de dois compatriotas seus. Diziam estes que, antes da reforma, quando adoravam os ídolos, a fortuna os favorecia; depois dela, a catástrofe abatera-se sobre o país. Era a ira da "Grande Mãe"; para Jeremias, o ato disciplinador de Deus. Com este capítulo termina também a biografia de Jeremias por Baruque. A história não conserva vestígios do que teria acontecido ao profeta depois do encontro com os sobreviventes relatado nesta cena.

Jr-45.1

XV. A MENSAGEM DE JEREMIAS A BARUQUE Jr 45.1-5

Uma leitura cuidadosa de #Jr 36.1-8 mostra que este capítulo deveria vir, de preferência, a seguir a essa seção e não aqui, no final da biografia de Jeremias. É uma mensagem pungente. Jeremias tem de lembrar a Baruque, prostrado pelo desgosto de registrar a ligação entre o pecado e o castigo, que o desgosto de Iavé é muito maior do que o seu e, sendo assim, como poderia Baruque procurar o seu próprio bem-estar? Basta que, no fim, ele triunfe através do desastre que assoberbou os rebeldes e os ímpios. Basta o dom da vida que Deus nos deu. O **tu** do vers. 5 é enfático. A Septuaginta omite "e isso em toda esta terra" (4). Muitos especialistas preferem outra lição: "Eu castigarei toda esta terra".

Jr-46.1

XVI. PROFECIAS CONTRA AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS Jr 46.1-51.64

A Septuaginta inclui estes capítulos no meio do capítulo 25 numa posição que se adapta melhor a estes oráculos do que a atual. O fato de serem ali inseridos como coleção sugere que, primitivamente, se encontravam separados. Vários comentadores tem discutido até que ponto existem neles interpolações por outros autores, e o problema continua em aberto. Para pormenores, é melhor consultar comentários mais vastos. O que se deve manter presente é que o espírito e a mão de Jeremias se evidenciam ali. Jeremias não se preocupa só com a sorte do seu próprio povo; a sua profecia tem um âmbito mais vasto.

a) Contra o Egito (Jr 46.1-28)

Jeremias começa com o Egito, porque, desde longa data, este povo tem sido o opressor e enganador de Israel.

1. A BATALHA DE CARQUEMIS (#Jr 46.1-12). As ambições egípcias foram detidas e humilhadas na batalha de Carquemis, uma das mais decisivas da história em que o sonho do Faraó Neco ruiu por completo. Primeiro, os versículos vibram como o espírito de um exército exultante que enfrenta o inimigo na véspera da batalha; depois vem o pânico de um exército derrotado

ao pôr-se em debandada. Mais do que, talvez, em qualquer outro passo, estes versículos revelam a clarividência do espírito de Jeremias quanto aos problemas políticos do seu tempo, revelando também a clarividência e equilíbrio do seu pensamento em geral. Vê pulsar no herdeiro da coroa babilônica, Nabucodonosor, a vontade e a força para derrubar os inimigos que cercam Israel, incluindo o Egito. Assim, era clara a vontade de Iavé-tinha-se de fazer paz com o rei babilônico por ser o novo (embora estranho) flagelo das nações enviado por Iavé. Sim, Iavé ia manifestar-Se. O vers. 5 é algo invulgar no hebraico; a Septuaginta omite **veja** e diz: "Por que motivo são eles abatidos?", o que torna mais claro o significado. Os **lídios** (9) eram provavelmente um povo que habitava na fronteira do Egito, ou perto dela. As três nações mencionadas neste versículo forneciam contingentes ao exército egípcio e eram provavelmente aliadas desse país (ver **#Ez 30.5**).

>Jr-46.13

2. PERDE-SE A MARÉ (**#Jr 46.13-26**). Com clarividência extraordinária, Jeremias viu que a derrota de Carquemis deixava o Egito aberto a invasões ulteriores. Por detrás da queda do Egito, em solo estrangeiro e no solo pátrio, Jeremias via a vontade e a mão de Deus. **Migdol... Nofe (Mênfis)... Tafnes** (14) eram cidades fronteiriças do Egito, na direção da Ásia; Nofe (isto é, Mênfis) foi durante algum tempo capital do Egito inferior. O vers. 15 é mais claro na Septuaginta do que no texto massorético: "Por que fugiu Ápis?" (O touro sagrado dos egípcios, encarnação de Osíris, deus do Egito). É melhor seguir a Septuaginta ou a Vulgata no vers. 17 e ler o imperativo em vez do perfeito no texto massorético: "Clamai ali". Neste simbolismo, o nome de Faraó é comparado a um estrondo, mas este soldado e dirigente exultante não compareceu a tempo. Na guerra como na política, "há uma maré nos negócios dos homens que, apanhada na enchente, conduz à fortuna" (Shakespeare). Na hora da provação, o Faraó foi achado deficiente.

>Jr-46.18

Como o Tabor entre os montes (18), isto é, Nabucodonosor ergue-se acima de todos os outros reis. O Faraó tinha de ceder perante ele, assim como todas as outras montanhas deviam ceder em majestade ao Tabor e ao Carmelo. Em vez de **destruição** (20) é preferível "besouro", que simboliza o ataque babilônio, semelhante à investida de um inseto que morde e provoca uma fuga descontrolada. Em vez de **já vem... vem** (20), leia-se com a Septuaginta, a Siríaca, etc., "sobre ele". Na hora crucial da batalha, os mercenários egípcios

não passam de bezerras nas mãos do carniceiro. O simbolismo dos vers. 22 e 23 é ambíguo. Se com a Septuaginta, lermos "serpente silvante", teremos um contraste eficaz, um som de incrível fraqueza quando seria necessário o rugir de um leão, que obriga a serpente a rastejar de regresso ao seu buraco. O silvo da inimizade é ineficaz, pois os babilônios avançam como um exército de lenhadores que derrubam o Egito como se fosse uma floresta. No pensamento egípcio, a serpente simbolizava o deus de Tebes, capital do Egito superior. A Septuaginta omite a frase **e a Faraó, e ao Egito, e aos seus deuses, e aos seus reis** (25). A sugestão da restauração do Egito (26) implica possivelmente que Iavé só temporariamente é destruidor; quando Ele achar conveniente, haverá nova criação.

>Jr-46.27

3. UMA MENSAGEM DE CONFORTO (#Jr 46.27-28). Este versículos são uma repetição de #Jr 30.10-11, um apontamento que se coaduna melhor com o pensamento e estilo de Isaías do que de Jeremias. Sugeriu-se que em ambos os passos podem constituir uma interpolação. O principal argumento contra a sua validade aqui é que partem do princípio que o cativo já tivera lugar. No entanto, Jeremias costumava olhar em frente e encarar o futuro como um fato consumado. Tal era a sua certeza da realização que fala nesta como se se houvesse concretizado.

Jr-47.1

b) Contra os filisteus (Jr 47.1-7)

Os filisteus eram, é claro, inimigos de Israel. O seu poder fora consideravelmente enfraquecido nos tempos de Davi, mas parece que mantiveram a sua nacionalidade até à chegada dos babilônios. O dia do seu colapso constitui, pois, uma fase do dia de Iavé. **Caftor** (4), isto é, Creta, lar original dos filisteus (ver #Am 9.7), indica que a catástrofe assolou os filisteus na sua própria pátria. **Antes que Faraó ferisse a Gaza** (1). Não se sabe quando é que Faraó atacou Gaza. Pode ter sido quando ia lutar contra Josias na batalha em que este último foi morto, ou então no regresso, ou em qualquer outra ocasião. **Eis que se levantam as águas, do norte** (2). As águas são, por vezes, símbolo de calamidade, e por vezes, também, representam multidões de pessoas e nações. Aqui, significam ambas as coisas. Os babilônios, vindos do norte, serão um dilúvio avassalador, o que constituirá uma calamidade para os filisteus. **A rapadura** (5) sugere um desastre completo ou um sinal de profundo

luto, como os golpes que se davam na carne. A Septuaginta prefere "Anaquim", povo de grande estatura, em vez de **seu vale** (5), como no texto massorético. Os anaquins estavam relacionados com os filisteus (ver **#Js 11.22**). Eram uma raça de gigantes e viviam muito perto de Hebrom em tempos pré-históricos. Os vers. 6 e 7 constituem uma espécie de antífona: uma voz (6) é o grito amargurado dos filisteus sob os golpes de Iavé, e a outra (7) é um aviso profético de que eles constituem de fato um castigo enviado por Iavé.

Jr-48.1

c) **Contra Moabe (Jr 48.1-47)**

A terra de Moabe era o alto e fértil planalto a leste do Mar Morto. Diz o Prof. Driver: "Primitivamente (**#Nm 21.26**) o território moabita prolongava-se para o norte até Hesbom, para nordeste do Mar Morto, mas os israelitas, depois de haverem conquistado o país para leste do Jordão, consideravam o território a norte do Arnom como pertença de Rúben (**#Js 13.15-21**), e o Arnom como a fronteira de Moabe. Mas, afinal, Rúben não ficou de posse da região que lhe foi atribuída e, assim, aqui, como em **#Is 15-16**, muitas das cidades concedidas em **#Js 13.15-21** a Rúben vêm mencionadas como ocupadas por Moabe". Este poema é talvez o mais soberbo de todos os escritos de Jeremias. Se compararmos com **#Is 15** e **16**, é impossível não chegarmos à conclusão que muito do material foi ali colhido. Ambas as passagens de Isaías deveriam ser cuidadosamente estudadas, especialmente **#Is 16.6** (ver 29).

1. IAVÉ CONTRA O DEUS DE MOABE, CAMOS (**#Jr 48.1-10**). A arrogância do Moabe radica-se no seu deus, e por isso tanto este como os sacerdotes de Moabe deverão ser levados para o exílio (7-8). **Ai de Nebo** (1), isto é, a cidade desse nome, não a montanha sua homônima mais bem conhecida. **Misgab** (1); este local não vem mencionado em qualquer outro ponto. A palavra significa "alto refúgio", sendo provavelmente o nome de uma fortaleza. **Hesbom** (2) era uma antiga e famosa cidade a leste do Jordão; Josué concedeu-a a Rúben, mas no tempo de Jeremias estava nas mãos de Moabe. **Madmém** (2) também não vem mencionada em qualquer outro ponto. A Septuaginta, a Siríaca e a Vulgata dizem: "Sim, tu (isto é, Moabe) serás absolutamente reduzida ao silêncio". Em 4b deveria talvez preferir-se a Septuaginta: "o seu brado pode ser ouvido até Zoar", um local que ficava na extremidade sudeste do Mar Morto, dando esta versão a entender que o brado de Moabe se ouvia de um extremo do país ao outro. **Porque pela subida de**

Luíte... (5), ou melhor, "os homens escalam a garganta até Luíte, em lágrimas". **Vida** (6) significa alma viva, pois o vocábulo **nefesh** é o sopro da alma que anima o corpo, não encarnado neste, como no pensamento grego. **Por causa da tua confiança nas tuas obras** (7), isto é, nas tuas iniciativas, medidas de defesa, etc. A Septuaginta diz: "nas tuas fortalezas", o que talvez corresponda ao texto primitivo. **Nenhuma escapará** (8) refere-se, talvez, em primeiro lugar à capital de Moabe. **Destruir-se-á a campina** (8), isto é, o extenso planalto a grande altitude em que ficava a maior parte das cidades moabitas.

>Jr-48.11

2. UM CONTRASTE NO CASTIGO (#Jr 48.11-15). **Israel** (13) confiara no santuário de Betel, em que Iavé era representado pelo bezerro de ouro, mas em vão. Moabe ficara impune do castigo, como o vinho que não é mudado de odre para odre para evitar a contaminação pela borra que vai criando; mas agora, no exílio que lhe é infligido como castigo, **Moabe terá vergonha de Camos** (13), um deus que, em épocas de perigo, foi impotente contra o poder de Iavé, o Deus vivo. O único sentido claro do vers. 15 é a espoliação.

>Jr-48.16

3. A CALAMIDADE DE MOABE (#Jr 48.16-25). Tão grande é a aflição de Moabe que até os seus inimigos a lamentarão. **Vara... cajado** (17), símbolos de força e autoridade; ambos desaparecerão no dia do castigo. **Filha** (18) simboliza a população. **Dibom** (18) ficava sobre dois montes (por isso lemos "desce") a uns 20 quilômetros a leste do Mar Morto. Foi aí que se encontrou em 1868 a famosa Pedra Moabita. A perda de segurança e poder vem no vers. 25, **braço** é um símbolo de poder.

>Jr-48.26

4. O ANTAGONISTA DE MOABE (#Jr 48.26-34). Moabe deverá embriagar-se, não com o seu famoso vinho, mas com o terror do seu antagonista Iavé. A versão do vers. 26b na Septuaginta é: "Moabe bateu as palmas" (isto é, em zombaria), "mas ela própria será zombada". Os seus antigos admoestos contra Israel caíram, afinal, sobre os que se riam do povo eleito. Compare-se o vers. 29 com #Is 16.6. Compare-se o vers. 30 com #Is 15.5; #Is 16.7,11. Em vez de **homens** (31) leia-se "pasta de passas de uvas", ou seja, uvas passadas com farinha consumidas nos festivais religiosos. Comparar também os vers. 32 e

33 com #Is 16.9-10. A Septuaginta corrige **até ao Mar de Jaezer** (32) para "até Jaezer", provavelmente uma cidade a norte de Hesbom, mas trata-se apenas de uma conjectura (ver #Is 16.8). Em vez de **já não pisarão uvas com júbilo** (33) ler "o pisador não pisará". Compare-se #Is 15.4-6 com o vers. 34. **As águas do Ninrim se tornarão em assolação** (34). Ao que parece, isto significa que secarão por as suas fontes serem entupidas pelo inimigo (ver #2Rs 3.25).

>Jr-48.35

5. O CHORO DE MOABE (#Jr 48.35-39). A causa desse choro é Deus, que porá fim ao culto moabita (35), provocando, assim, o choro desse povo (36-38). Iavé esmagou Moabe como um vaso que já não serve (38b), pelo que Moabe se transformou em objeto de vergonha e zombaria (39). **Quem sacrifique nos altos** (35) leia-se com a Septuaginta, "aquele que sobe ao lugar alto". No vers. 36, a Septuaginta tem "harpa de Moabe" em vez de **o meu coração**, mas o texto massorético está mais de acordo com a natureza de Jeremias, que não ficara petrificada pelo ódio antes permanecia sensível até ao sofrimento **de um inimigo**. Compare-se #Is 15.3 com o vers. 38. Leia-se no vers. 39 o imperativo **uivai** em vez de "como uivam".

>Jr-48.40

6. IAVÉ TEM A ÚLTIMA PALAVRA DE CASTIGO (#Jr 48.40-47). A Septuaginta omite no vers. 40 as palavras **eis que voará como a água... Moabe** (40); mais propriamente um abutre, aqui símbolo do inimigo, Nabucodonosor. Querioté (41) era uma importante cidade de Moabe, também mencionada em #Am 2.2. Os vers. 45-47 não figuram na Septuaginta. Os vers. 45b e 46 baseiam-se, com pequenas variantes, em #Nm 21.28 e #Nm 24.17: vai-se cumprir o oráculo de Balaão contra Moabe. O vers. 47 talvez reflita a piedade do coração de Jeremias que, por seu turno, reflete a de Iavé. A cólera é sempre "obra estranha de Deus", cujo coração se inclina mais para a misericórdia. Moabe será colocada sob tremenda disciplina, e não condenada à destruição.

Jr-49.1

d) Contra Amom (Jr 49.1-6)

Este breve parágrafo contém dois pensamentos distintos: a condenação e a restauração de Amom. A condenação de Amom (1 a 5) é devida à sua cobiça, pois roubou a Gade algum terreno em época indeterminada. O território de

Gade ficava a leste do Jordão, e o país dos amonitas ficava ainda mais para leste. Milcom era o nome do deus nacional dos amonitas (#1Rs 11.5,33) mas o hebraico pode significar também "rei". Rabá era a sua capital, situada no rio Jaboque. **Montão** (2) (em hebraico **tel**) designa o monte constituído pelas ruínas de qualquer local antigamente habitado, quer cidade quer aldeia. **Os lugares da sua jurisdição serão queimados a fogo** (2) pode também ser traduzido "as suas filhas serão queimadas a fogo". **Hesbom** (3) parece deslocada aqui, pois ira conhecida como uma cidade dos moabitas; **Ai** (3) é um local desconhecido. **Luxuriantes vales** (4) vem omitido na versão Siríaca e parece ser um caso de duplicação de idéias. **Te glorias nos vales** (4) exprime provavelmente o alto apreso à sua fertilidade, tornada possível pelas águas do rio Arnom. A profecia termina numa promessa de restauração (6). Uma vez mais, o castigo não será completo; Iavé fará Amom voltar do cativoiro.

>Jr-49.7

e) Contra Edom (Jr 49.7-22)

Edom, inimigo tradicional de Israel, ficava a sul de Moabe. Muitas das expressões utilizadas na profecia de Jeremias ocorrem também em Obadias. As passagens em comum podem-se basear em qualquer profecia mais antiga, que tanto Obadias como Jeremias teriam adaptado a sua maneira. Em contraste com a profecia contra Amom, não há para Edom qualquer mensagem de esperança e restauração: o castigo será definitivo e completo. A Septuaginta omite as interrogações do vers. 7, o que é preferível. **Temã** (7) era uma tribo de Edom no norte do país, e aqui representa todo o povo. **Habitai em profundezas** (8), sinônimo de fuga para qualquer refúgio impregnável. **Esaú** (8); representa também Edom (cfr. #Gn 25.30). **Dedã** (8) era um país vizinho a sudeste (ver #Ez 25.13). Só aqueles que habitam nas profundezas poderão escapar à catástrofe que se avizinha para Edom. **Despi a Esaú** (10), isto é, todas as fortalezas de Edom ficam nuas, não havendo qualquer refúgio; numa palavra, será impossível fugir ao castigo. **Beber o copo** (12), a taça da ira de Iavé. Se Israel tem de beber desta taça, Edom, sem dúvida, não poderá esperar evitá-la. **Bozra** (13), uma cidade ao norte de Edom, cerca de 30 quilômetros a sudeste do Mar Morto. A topografia física vem referida no vers. 16. Stanley dá dela uma boa descrição na sua obra **Sinai and Palestine** (pág. 88 e segs.). A figura de Sodoma e Gomorra, que, em #Jr 50.40, é aplicada a Babilônia, vem aqui aplicada também a Edom (18). Com o vers. 19, comparar também #Jr 50.44. Assim como um leão sai da espessura da vegetação semi-tropical que orla as margens do Jordão, assim também o inimigo descerá

célere sobre Edom e suas cidades (19); e assim como um leão põe em debandada um rebanho, assim também o inimigo dispersará os habitantes de Edom (20).

>Jr-49.23

f) Contra Damasco (Jr 49.23-27)

A cena do castigo desloca-se agora para o norte, para Damasco, antiga capital da Síria. Damasco e as cidades suas dependentes serão invadidas pelo pânico e pela inquietação, e tornar-se-ão como um mar turbulento de terror. A sua proverbial fertilidade e beleza serão destruídas pelo fogo. **Hamate... Arpade** (23), duas cidades nomeadas juntamente em **#Is 10.9; #Is 36.19 e #Is 37.13**. Hamate ficava aproximadamente a 150 quilômetros ao norte de Damasco, e Arpade a uns 130 quilômetros ao norte de Hamate. Em vez de **angústia** (23) leia-se "inquietação" ou "cuidado". O vocábulo **mar** (23) deverá ser entendido simbolicamente, visto Damasco ficar longe do mar (ver **#Is 57.20**). O vers. 25 é pronunciado por um natural de Damasco. Comparar o vers. 27 com **#Am 1.4**.

>Jr-49.28

g) Contra Quedar, ou os árabes (Jr 49.28-33)

Uma ameaça semelhante de condenação, à qual só se poderá escapar pela fuga. Quedar era uma tribo nômade ismaelita, rica em rebanhos e manadas, com hábeis arqueiros, e que representava condignamente as tribos do deserto que Nabucodonosor conquistou. **Hazor** (28) é indicado como local de habitação (33) e pode ter sido uma colônia árabe ao sul da Palestina. **As suas cortinas** (29), isto é, os cortinados das suas tendas. **Um desígnio contra vós** (30); o texto hebraico diz eles. **Levantai-vos** (31) dirige-se aos assaltantes de Hazor.

>Jr-49.34

h) Contra Elã (Jr 49.34-39)

O caráter único desta profecia reside no fato de ser datada do reinado de Zedequias, quando tivera lugar a primeira deportação. Elã ficava a leste de Babilônia.

Jr-50.1

i) Contra Babilônia (Jr 50.1-51.64)

Estes dois capítulos contêm uma longa e veemente profecia contra Babilônia e que apresenta muitas dificuldades. A opinião dos críticos é que não foi escrita por Jeremias, embora se empreguem muitas das suas expressões costumeiras. A argumentação contra a autoria de Jeremias é mais ou menos a seguinte. Primeiro, a situação histórica não pode ser a do quarto ano de Zedequias, isto é, 593 a.C. (ver [#Jr 51.59-60](#)). Os judeus estão já no exílio ([#Jr 50.4,17](#); [#Jr 51.34](#)), o templo sofreu violência ([#Jr 50.28](#); [#Jr 51.11](#)), e, além disso, o fim de Babilônia está à vista ([#Jr 50.8](#); [#Jr 51.6,45](#)). Em segundo lugar, o ponto de vista não é o de Jeremias em 593 a.C. Os capítulos 27-29 informam-nos de que, mais ou menos naquela altura, Jeremias andava em luta com os falsos profetas (que anunciavam que o jugo de Nabucodonosor seria quebrado dentro de pouco tempo) e exortava os exilados da primeira deportação a fixarem-se para considerável estada. Estes capítulos, porém, presumem que a queda de Babilônia está próxima. Em terceiro lugar, alega-se que o temperamento aqui revelado não é o de Jeremias, que estava convencido de que os babilônios eram os agentes de Deus para castigar Judá-ação que não estava ainda concluída no quarto ano de Zedequias. Estes capítulos, pelo contrário, revelam um espírito anti-babilônio e profunda satisfação ante a perspectiva da tragédia que se aproximava para eles.

Tem-se sugerido, pois, que esta profecia pode ter sido escrita por um profeta desconhecido, familiarizado com os escritos de Jeremias, e que se serviu de muitas das suas expressões. A data teria sido em finais do império babilônio, digamos 538 a.C. Um editor mais recente do livro de Jeremias colocou esta profecia antes de [#Jr 51.59-64](#), que era a profecia original de Jeremias contra Babilônia, consistindo num prognóstico muito geral da queda desse império. Os comentadores que abraçam este ponto de vista salientam que na Septuaginta não há epígrafe em [#Jr 50.1](#).

Young ([Introduction to the Old Testament](#)) acha que "não há motivos suficientes para negar que Jeremias foi o autor destas profecias". Se se aceitar 593 como data destes capítulos, Jeremias "é simplesmente colocado no futuro, retratando-nos um templo já destruído". Como alternativa, e mais provavelmente, constituem, conforme sugere o Prof. Young, uma forma ampliada da sua mensagem original contra Babilônia "preparada no Egito sob

inspiração divina depois de o santuário de Jerusalém ter sido realmente destruído", o que explicaria também as alusões ao exílio.

>Jr-50.2

Tomada é Babilônia (#Jr 50.2) constitui o futuro profético: o profeta vê em visão a condenação já consumada. **Bel** (2) é um dos títulos de Merodaque (isto é, Marduque, Deus supremo de Babilônia), que significa "senhor". **Do norte**, (3), frase misteriosa que sugere a qualidade sinistra que se oculta no norte, ou que se refere ao conquistador persa, visto a Média ficar ao norte de Babilônia. Na confusão ocasionada por aquele desastre, Israel, impelido agora à penitência e à fidelidade ao concerto, recebe uma oportunidade de escapar (4-8). **Culpa nenhuma teremos** (7); compare-se com **#Jr 2.3. A Esperança de seus pais** (7); é esta a lição da Septuaginta; o texto hebraico acrescenta "Iavé". **Como os carneiros diante do rebanho** (8), isto é, indicando o caminho.

>Jr-50.9

Iavé chama os destruidores e incita-os contra Babilônia (9-13). Estes versículos falam dos destruidores de Babilônia, do pecado de Babilônia, e das conseqüências que ele teve para Babilônia. "Os moinhos de Deus moem devagar mas moem muito fino". **Vossa mãe** (12) Babilônia é considerada mãe de cada cidadão (ver **#Os 2.5** onde a mãe é Israel). **Não será habitada** (13), ou, como diz o hebraico, não se sentará. Os atacantes de Babilônia recebem ordem para soltarem o grito de batalha ao derrubá-la e torná-la impotente (14-16). **Fugirá cada um para a sua terra** (16), o que parece ser uma referência aos muitos estrangeiros que se haviam fixado em Babilônia. Israel e Judá serão restaurados quando Babilônia, como a Assíria anteriormente, sofrer o seu castigo (17-20). A restauração inaugurará uma nova era, o remanescente será perdoado, e o pecado será esquecido. **Visitarei o rei da Babilônia... como visitei o rei da Assíria** (18). A Babilônia derrubou a Assíria e foi ela própria derrubada pelos medo-persas. **Fartar-se-á a sua alma** (19); na psicologia hebraica, a alma era considerada a sede ou órgão dos apetites.

>Jr-50.21

O inimigo é outra vez convidado a atacar Babilônia (21-27). **Merataim** ("duplamente rebelde", SBB, 21) designa obviamente Babilônia. A Babilônia meridional era conhecida pelo nome de "Na-Marratim" (terra do rio amargo), e é possível que o vocábulo "Marataim" derive deste outro. **Pecod** ("Terra de

castigo", SBB, 21), um povo de Babilônia fronteiro ao Elã. **Pacad** significa em hebraico castigar ou visitar, e o profeta pode ter mencionado este lugar por ter em mente o castigo. **Grande destruição** (22), em hebraico, grande quebra. **Contra o Senhor te entremeteste** (24), à letra, "excitaste-te contra o Senhor". **Os instrumentos da Sua indignação** (25) simboliza as nações que inconscientemente realizam a vontade e propósitos de Deus. **Abri os seus celeiros** (26), isto é, os lugares onde guardavam as suas provisões e forragens. **Novilhos** (27) significa os jovens guerreiros, conduzidos à derrota absoluta (ver **#Is 34.7**). A fuga do povo de Iavé (28) implica duas coisas: a Sua providência sobre esse povo, o Seu castigo sobre Babilônia por haver conspurcado o Seu templo. Os orgulhosos tropeçam e caem sem oportunidade de fuga, e as chamas completam o que o arco e a espada haviam começado (29-32). **Veio o teu dia** (31); Israel e Judá podem estar escravizados, mas têm um redentor forte. O Senhor dos Exércitos é paz para esse povo, mas inquietação para os que o oprimem (33-34).

>Jr-50.35

Os vers. 35-40 descrevem a condenação e desolação absoluta de Babilônia. Tudo e todos sentirão a amargura da espada do vingador. **A espada virá sobre os mentirosos** (36), talvez uma alusão aos falsos profetas e adivinhos que prometiam segurança a Babilônia. **Cairá a seca sobre as suas águas** (38), ou, segundo a Septuaginta e a Siríaca, uma espada. A palavra hebraica que designa espada é **hereb**, e a que designa seca é **horeb**. A seca seria uma espada bem aguçada. Os vers. 41-43 são uma repetição de **#Jr 6.22-24**, mas o sentido modifica-se. Os vers. 44-46 são uma repetição de **#Jr 49.19** e seguintes, onde se aplicam a Edom. Em **#Jr 49.19**, o leão simboliza Nabucodonosor, mas aqui designa Ciro.

Jr-52.1

XVII. RETROSPECTIVA Jr 52.1-34

Este capítulo de encerramento diz respeito ao destino do rei Zedequias, da cidade de Jerusalém, dos vasos sagrados do templo e do rei Joaquim; ver **#Jr 51.64**, nota supra. Presumivelmente foi incluído para constituir um remate adequado do livro de Jeremias. A intenção talvez fosse demonstrar a validade das profecias, visto terem sido cumpridas, ao contrário do que sucede com as profecias dos falsos profetas. Todavia, existe um contraste curioso, qual seja o de não se mencionar a ordem do rei de Babilônia para proteger Jeremias,

como lemos em #Jr 39.11-14, enquanto que nos vers. 17-23 vem um relato pormenorizado dos pertences do templo, que não são mencionados no capítulo 39. Omitem-se também a nomeação de Gedalias e seu assassinato subsequente.

a) O cativo final de Zedequias (Jr 52.1-27)

Zedequias revoltou-se e foi derrubado, e o monarca de Babilônia infligiu sobre ele, sua família e seu povo o terror que já antes perseguira a alma de Jeremias. Os vers. 4-16 foram dados no capítulo #Jr 39.1-10, e em #2Rs 24.18-25.21 vem um paralelo de toda esta seção. Os vers. 31-34 respeitantes à sorte de Joaquim encontram-se também em #2Rs 25.27-30. A fome do vers. 6 vem datada mas não dogmaticamente. Os vers. 10b e 11b não se encontram em 2 Reis. Para uma comparação dos dois relatos, ver comentários mais amplos. **Os mais pobres do povo** (15) não ocorre em 2 Reis e pode ser eliminado deste texto, visto parecer estar em contradição com o vers. 16 e poder ter sido erroneamente extraído daquele versículo. **Era sem peso** (20), isto é, não chegou a ser pesado.

>Jr-52.28

b) Conclusão (Jr 52.28-34)

Os vers. 28-30 vêm omitidos na Septuaginta, mas não precisam de ser eliminados, especialmente quando se considera a sua reserva relativamente aos algarismos. Sobre estas três deportações devem-se consultar comentários mais completos, visto haver dificuldades inerentes.

No ano trigésimo sétimo (31), isto é, 561 a.C. **Evil-Merodaque** (31) sucedeu a Nabucodonosor e reinou dois anos (561-559 a.C.). **Na sua presença** (33), sinônimo da mesa real. **Porção** (34), à letra: "questão de um dia no seu dia".

F. Cawley.

LAMENTAÇÕES

INTRODUÇÃO

I. TÍTULO

O título mais completo, "As Lamentações de Jeremias" é encontrado nos manuscritos gregos e na Septuaginta. Mas o Talmude e os escritores rabínicos se referem a ele simplesmente como "Lamentações" (**qinoth**) ou como "Como!" (' **ekhah**), a palavra inicial no hebraico.

II. POSIÇÃO NO CÂNON

Consoante o título mais longo, a Septuaginta coloca o livro imediatamente após as profecias de Jeremias, tal como em nossas versões portuguesas. Na Bíblia hebraica esse livro não é encontrado entre os livros proféticos, mas ocupa a posição média entre os Rolos Festivos (Megilloth) que seguem imediatamente os três livros poéticos da Hagiógrafa, ou seja, a terceira divisão do cânon hebreu. Cada um dos Megilloth era lido por ocasião de uma festividade anual, sendo que o livro de Lamentações era lido no nono dia de Ab (cerca de meados de julho), aniversário da destruição do templo por Nabucodonosor, rei da Babilônia. No Talmude, os livros poéticos e o Megilloth aparecem rearranjados numa ordem que parece ser a ordem cronológica, a saber, Rute, Salmos, Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cantares de Salomão, Lamentações, Daniel, Ester, etc.

III. AUTORIA E DATA

A tradição que Jeremias compôs esses poemas recua até à posição e ao título do livro na Septuaginta, onde é introduzido mediante as palavras: "E sucedeu, após Israel ter sido levado cativo, e Jerusalém ter ficado desolada, que Jeremias se assentou a chorar, e lamentou com esta lamentação por causa de Jerusalém e disse...". Também é asseverado no Targum Siríaco e no Talmude (Baba Bathra) que: "Jeremias escreveu seu próprio livro, Reis, e Lamentações". Em **#2Cr 35.25** é feita referência às lamentações desse profeta por causa da morte do rei Josias, e ali se acha escrito que tal lamentação foi registrada e ficou como "estatuto em Israel"; com isso cfr. **#Lm 4.20** e **#Lm 2.6**. Porém, nosso presente livro gira não tanto em torno da morte de um rei como em torno da destruição de uma cidade, e **#Lm 4.20** com igual justiça

poderia referir-se a Zedequias, a despeito de sua falta de dignidade (cfr. o sentimento em #2Sm 1.14,21). Não obstante, na qualidade de profeta chorão (ver #Jr 9.1; #Jr 14.17-22; #Jr 15.10-18, etc.), Jeremias bem poderia ser concebido como autor, igualmente, do livro de Lamentações, não fosse o fato de existirem certas dificuldades para que se aceite essa opinião. O estilo é muito mais elaborado e artificial que o do próprio livro de Jeremias e, nos capítulos 2 e 4, é mais parecido com o estilo de Ezequiel. O capítulo 3 faz lembrar #Sl 119 e 143. A atitude para com os poderes estrangeiros, subentendida em #Lm 4.17, certamente não é a do "colaboracionista" Jeremias e não reflete a própria experiência do profeta.

Por conseguinte, muitos consideram que o autor do livro de Lamentações tenha sido um contemporâneo mais jovem de Jeremias, o qual, à semelhança dele, fora testemunha ocular das entristecedoras calamidades que sobrevieram a Jerusalém por ocasião da captura efetuada pelos exércitos de Babilônia em 587-586 a.C. Outros consideram os capítulos 2 e 4 como obra de uma testemunha ocular (note-se a preocupação do escritor pelo destino das crianças, em #Lm 2.11-12,19-20; #Lm 4.4-10), cerca de 580 a.C., aos quais foram então adicionados, talvez originados em fontes diferentes, o lamento nacional do capítulo primeiro, o lamento pessoal do capítulo 3, e a oração do capítulo 5. A data desse material pode ser fixada em cerca de 540 a.C. Alguns, porém, preferem datar a coleção inteira como pertencente a período bem posterior, fazendo o livro referir-se ao cerco de Jerusalém, em 170-168 a.C., por Antíoco Epifânio, ou mesmo em 63 a.C., por Pompeu; porém, isso é altamente improvável. Em favor da data tradicional que é o período do exílio temos a nota de desânimo, de princípio ao fim do livro, que sugere um tempo antes do levantamento de Ciro, o persa. Há também o fato que esse período particular da história da Babilônia é notório por seus hinos fúnebres em memória de cidades caídas. Existem inscrições cuneiformes nas quais "a filha de..." é exortada a lamentar sua sorte (cfr. #Lm 2.1). Essa técnica, portanto, pode ter sido aprendida pelos judeus, no exílio.

IV. ESTRUTURA

Os comentadores rabínicos se referem aos "sete acrósticos" e pode ser observado de imediato que cada capítulo tem vinte e dois versículos, que correspondem ao número e à ordem das letras no alfabeto hebraico, fazendo exceção o capítulo 3, que possui sessenta e seis versículos, no qual cada letra sucessiva conta com três versículos dedicados à mesma, em lugar de um versículo. Diz-se que esse arranjo alfabético tem o propósito de mostrar que

"Israel pecou de álefe a tau", isto é, como diríamos, de A a Z, assim como em #Sl 119 a implicação é que a lei deve merecer a atenção e o desejo totais do homem. No capítulo 5, entretanto, não são empregadas as letras do alfabeto em ordem sucessiva ainda que alguns eruditos afirmem que esse deve ter sido o caso, originalmente.

Os quatro primeiros poemas fazem uso do ritmo desigual, conhecido como canto fúnebre (*qinah*), isto é, #Lm 3.2, e que também se encontra no livro de Jeremias.

Lm-1.1

I. PRIMEIRA ODE Lm 1.1-22

a) A desolação de Jerusalém (Lm 1.1-7)

As palavras iniciais desse "hino político funerário" (Gunkel) apresentam Jerusalém como mulher privada de seu marido e de seus filhos, da qual *foi-se toda a sua glória* (6) por causa de melancolia permanente. Assim foi que, muitos anos depois, uma moeda romana, que comemorava a destruição dessa mesma cidade por Tito, em 70 d.C., representa-a como mulher assentada debaixo de uma palmeira e traz a inscrição "Judaea capta" (cfr. vers. 3). Ela, a quem coubera tão gloriosa herança de uma religião espiritual e profética, fora agora levada a um estado de total desolação *por causa da multidão das suas prevaricações* (5).

Todos os seus amigos (2), aquelas nações circunvizinhas entre as quais havia procurado auxílio, tinham-na decepcionado miseravelmente, e suas ruas e lugares de assembléia, quer para o comércio (*suas portas*), quer para as alegres solenidades da adoração, agora se achavam desertos (4). *Seus príncipes* (6), isto é, Zedequias e seus cortesãos (#2Rs 25.4; #Jr 39.4-5), tinham voltado as costas e tinham fugido.

>Lm-1.8

b) Pecado produz sofrimento (Lm 1.8-11)

A indicação, dada no vers. 5, é agora abordada e desenvolvida, e eventualmente se torna um dos principais temas do livro. *Jerusalém... se fez instável* (8). Ela "se tornou impura", dizem outras versões. E isso porque ela

gravemente pecou (8). Seus sofrimentos eram bem merecidos. Ela não se havia lembrado de **seu fim** (9), isto é, falhara em considerar as conseqüências de suas ações, até quando já era tarde demais. Incontáveis advertências tinham deixado de ser atendidas, e agora estava a colher o fruto de sua iniquidade. Mas, mesmo enquanto sua porção estava sendo assim graficamente descrita, ela é pintada como alguém que já havia começado a clamar a Deus, e seus clamores se intrometem nas meditações do poeta (9b, 11b).

>Lm-1.12

c) Um grito pedindo compaixão (Lm 1.12-22)

Os primeiros soluços suplicantes de Sião já tinham sido ouvidos de passagem na seção anterior. Mas agora, não apenas os passantes casuais (12), mas todas as nações (18) e, finalmente, o Senhor mesmo (20), são solicitados a ponderar, com simpática compreensão, sobre as tremendas aflições que haviam caído contra ela. As palavras do vers. 12 há muito têm sido associadas a nosso Senhor, em Sua paixão. Embora Cristo tenha rejeitado a simpatia para Consigo mesmo (#Lc 23.28), Ele se identificou tão intimamente com o pecado humano e com suas conseqüências (#2Co 5.21) que, conforme sugerem essas palavras proféticas, Ele deseja que consideremos o significado dessa identificação.

>Lm-1.15

A linguagem do vers. 15 relembra a dos grandes festivais do ano judaico. Mas, em lugar de ser convocado o povo favorecido de Israel, são convocados os seus inimigos para uma festa cujo objetivo não é louvar a Deus por Sua abundância na vindima ou na colheita, mas é comemorar o esmagamento dos próprios judeus no lagar da aflição. Não obstante, não há queixa alguma contra a justiça divina, não aparece nenhum problema de teodicéia, como no livro de Jó. **Justo é o Senhor** (18); e por isso o apelo é feito a Ele, pois toda ajuda humana é ineficaz (17,19,21). Ele pode castigar, mas acabará consolando aqueles que são levados a reconhecer os motivos de tal punição. E até os próprios instrumentos do julgamento divino serão por sua vez julgados por Aquele cujo caminho é perfeito (#Sl 18.30). Aqui temos uma vívida demonstração de fé no poder soberano, na sabedoria e na graça de Deus.

Lm-2.1

II. SEGUNDA ODE Lm 2.1-22

a) O Senhor é um inimigo (Lm 2.1-9)

Fornecendo detalhes repulsivos sobre as cenas que ele mesmo havia testemunhado, o poeta descreve, nesta elegia, o **dia da ira do Senhor** (22). Até parecia que o próprio Deus se havia tornado inimigo fidalgo de Judá (5), pois todos aqueles terríveis acontecimentos eram apenas operações de Sua ira. Ele, e não meramente algum adversário humano, era o responsável por tais acontecimentos. O templo (**a glória de Israel**) e a arca com seu propiciatório (**escabelo de seus pés**; cfr. **#1Cr 28.2**), bem como os fortes e os palácios e as habitações humildes do povo, haviam sido derrubados por terra e destruídos (1-2). Até mesmo a **sua cabana** (o tabernáculo), o lugar dentre todos os lugares, de onde podia ser esperada confiadamente a misericórdia, havia sido arrancada **com violência** (6), assim demonstrando a incapacidade dos rituais exteriores para desviar os julgamentos de Deus contra um povo culpado. Deus "fez planos de destruição" (8): um notável testemunho sobre Sua atividade soberana. Nabucodonosor e seus exércitos babilônicos são completamente ignorados! A captura de Jerusalém, bem longe de ser uma derrota para Jeová, era uma vitória para Sua justiça. Ver **#Is 42.24** e segs. quanto à absoluta supremacia de Deus. A ira de Deus, seu desprazer judicial contra a iniquidade, não é um termo vazio de significado, mas antes, é uma terrível realidade para aqueles que se tornam sujeitos à mesma. Esse fato torna ainda mais significativa a cruz de Cristo (**#Rm 3.25** e segs.).

>Lm-2.10

b) Os horrores da fome (Lm 2.10-13)

A situação das crianças inocentes (11-12) é um tema que se repete nos vers. 19-21 e em **#Lm 4.4,10**. O escritor evidentemente não podia afastar da mente as cenas macabras. Os anciãos ou cabeças das famílias, que compartilhavam da administração, eram impotentes para fazer qualquer coisa. Graves magistrados e jovens mulheres entristecidas foram igualmente reduzidos a um silêncio forçado devido à tristeza (10). Sofrimento tal como esse é sempre um profundo mistério; mas nem mesmo uma criança pode ser considerada isoladamente. "É uma monstruosidade acusar a providência de Deus por causa das conseqüências das ações que Ele tem proibido" (W. F. Adeney). Considere-se, igualmente, as palavras do próprio Cristo, em **#Lc 13.1-5**. O

sentido do vers. 13 é que a tribulação se tinha abatido sobre Sião como o mar, o qual forçara entrada por uma brecha no dique; e nada lhe podia resistir.

>Lm-2.14

c) Profetas falsos e verdadeiros (Lm 2.14-17)

Teus profetas (14). Parece que essas palavras não se referem a Jeremias ou Ezequiel, os quais, presumivelmente, se encontrariam, respectivamente, no Egito e na Babilônia, mas aos profetas deixados atrás, na Judéia, os quais, diferentemente daqueles, eram destituídos de visão (9) e tinham medo de expor a verdadeira causa da calamidade que se abatera contra Sião-**tua maldade** (14). Eram os homens que tinham anunciado o acontecido como "má sorte", em lugar de terem lançado o grito: "Arrependei-vos!" Suas palavras eram zombarias, pouco diferentes dos insultos dos espectadores hostis em vista da desolação da cidade (15-16) e totalmente diferentes das destemidas mensagens pregadas pelos verdadeiros profetas, de conformidade com as quais mensagens Deus estava agora a cumprir **a sua palavra, que ordenou desde os dias da antigüidade** (17). Aqueles otimistas superficiais, com suas **cargas** vãs (14), ou seja, falsos anúncios, não tinham luz para derramar sobre a presente situação.

>Lm-2.16

Nos vers. 16 e 17 a ordem costumeira das letras iniciais é revestida, e **Pe** precede ' **Ayin**, como também acontece nos capítulos 3 e 4, mas não no capítulo 1 (o que talvez seja sinal de ter tido autor diferente). A explicação fantástica dos rabinos, sobre esse particular, é que "Israel falou com a boca (**Pe**) o que o olho (' **Ayin**) não tinha visto", isto é, coisas ilícitas.

>Lm-2.18

d) Um apelo em prol da súplica (Lm 2.18-22)

À cidade sofredora foi ordenado não somente que clamasse ao Senhor (19), mas também foram postas palavras nos lábios da que fazia essas súplicas (20-22). o vers. 18, no entanto, é um pouco obscuro. A quem se refere a palavra **deles**? Se se refere aos adversários do versículo anterior, então o vers. 18 deve começar com um insolente clamor de triunfo perante o Deus dos judeus. Porém, as palavras que se seguem dificilmente se prestam para essa

finalidade; e por que se dirigiam à muralha e não a Deus? Além disso deveríamos ter aqui a palavra hebraica de ligação-"dizendo" -entre a declaração e o clamor. Muitos, acompanhando Calvino, preferem considerar a primeira frase de modo absoluto; isto é, "o coração dos judeus clamou...". Então fala o próprio escritor da elegia, a exortar seus compatriotas para que antes de tudo demonstrassem livremente suas emoções e então transformassem suas tristezas em orações. Ele mesmo lhes dá o exemplo liderante nos vers. 20-22. A tristeza segundo Deus, que opera o arrependimento no fim, conseguiria o livramento deles (#2Co 7.10).

A **muralha** (18) deve significar os cidadãos que estavam dentro dos muros, e a **noite** (19) significa um tempo de reflexão sem perturbações ou é um quadro da própria tristeza. No vers. 22, em lugar de convocar os adoradores para um festival, Deus conclamou **de toda a parte os meus receios** (cfr. #Jr 20.3), assim cercando Seu povo a fim de não haver **quem escapasse ou ficasse**.

Lm-3.1

III. TERCEIRA ODE Lm 3.1-66

a) O clamor dos aflitos (Lm 3.1-21)

Este capítulo, com seu acróstico de três em três versículos se concentra em torno dos sofrimentos pessoais do escritor, embora ele aqui fale, sem dúvida alguma, "como o representante típico do povo" (T. H. Gaster). Através de todas as suas agonias respira um espírito de quieta resignação e confiança especialmente na segunda seção (22-39). Trata-se de um produto terminado de arte literária, embora seja possível descobrir uma falta de coesão aqui ou acolá devido às exigências da moldura alfabética. Porém, em mais de uma maneira este poema não conduz ao coração mesmo do livro. Como uma previsão sobre a paixão de Cristo, tem afinidades com #Is 53 e #Sl 22.

Uma vez mais, numa série de sugestivas metáforas, os sofrimentos são atribuídos diretamente a Deus: **Ele me levou** (2), etc. Uma das mais notáveis figuras que aqui aparecem é a de Deus na qualidade de caçador, a lançar Suas flechas (12-13) contra a presa. Também ofereceu pedras em lugar de pão; o que explica os dentes partidos, no vers. 16. Porém, nos vers. 19-21, o caminho aparece como preparado para um quadro diferente e complementar sobre o Todo-poderoso.

>Lm-3.22

b) As misericórdias de Deus (Lm 3.22-39)

Que tão linda expressão de segurança e certeza nas infalíveis misericórdias de Deus seja encontrada no livro de Lamentações e em tal contexto é, verdadeiramente, notável, e traz suas próprias ricas consolações. Cfr. o vers. 57. **Suas misericórdias não têm fim** (22). O Targum e o Siríaco dizem: "As misericórdias do Senhor, verdadeiramente não cessam..." São adaptados às necessidades de cada dia (cfr. **#Dt 33.25-26**). Nos vers. 23 e segs. o poeta universaliza sua própria experiência e inculca os deveres de vigilante expectativa e alegre submissão. "Que ele se sente solitário e mantenha silêncio" (28; dizem algumas versões), que ele encoste sua boca no pó, como um escravo espancado (29); pois a rejeição acabará por terminar (31), visto que isso não representa a vontade final de Deus para homem algum (32-33). Se Deus é tão justo que não pode tolerar os maus tratos a que são sujeitados os cativos, nem a perversão nos tribunais de lei, nem as práticas desonestas nos negócios (34-36), então qualquer sofredor pode conseguir ser paciente (26). O próprio mal (isto é, a tribulação, e não a perversão moral) igualmente, está sujeita ao controle de Deus e não tem existência independente dEle (38). Deus é supremo (37), e pode empregar a tribulação para fins benéficos. Nenhum homem vivo pode afirmar que seus sofrimentos são inteiramente desmerecidos (39). Enfrentar tais sofrimentos da maneira que é sugerida significa transformá-los em meios de bênção. Cfr. **#Sl 119.71**.

>Lm-3.40

c) Uma chamada à conversão (Lm 3.40-42)

"A benignidade de Deus te leva ao arrependimento" (**#Rm 2.4**). Com verdadeira veia profética o poeta elegíaco se coloca lado a lado com seus compatriotas e suplica-lhes que retornem ao Senhor e busquem reconciliação com Ele. Que se examinassem a si próprios (40) à luz de Seus mandamentos, que haviam transgredido (42), e que o levantar de suas **mãos para Deus no céu** fosse acompanhado também pela elevação de seus corações, isto é, que suas orações rogando perdão fossem autênticas e sinceras. Que então soubessem, igualmente, qual o sentimento de quem ainda não está perdoado, estar ainda sob o julgamento de Deus (42b), pois assim viriam a apreciar ainda mais a maravilha de Seu perdão.

>Lm-3.43

d) As tristezas do pecado (Lm 3.43-54)

O senso de culpa que precede cada conversão genuína é descrito em seguida. Desce sobre a alma uma dolorosa apreensão sobre a ira de Deus contra o pecado e sobre a barreira que o pecado erigiu entre si e Ele (44). Os efeitos do pecado são plenamente reconhecidos, e segue-se uma tristeza sincera de coração. Porém, não mais Deus é considerado como inimigo implacável. Suas ternas misericórdias são percebidas e são ansiosamente aguardadas (50) por aquele que antes parecia além do alcance de qualquer auxílio (52-54). Estes últimos comoventes versículos sugerem uma real experiência física da parte do escritor; mas, se assim foi o caso, tratou-se de uma experiência diferente daquela por que passou Jeremias, que foi posto numa cova seca por seu próprio povo (#Jr 38.6). **As filhas da minha cidade** (51) podem ser as vilas fora de Jerusalém, que também foram devastadas.

>Lm-3.55

e) Consolo e maldição (Lm 3.55-66)

Das profundezas do auto-desespero sai a oração do pecador arrependido e chega até às alturas do céu. Invocando o nome ou caráter de Jeová (55), o pecador arrependido descobre que Deus está a seu lado, como advogado e redentor; e que de Seus lábios graciosos saem palavras de consolação (56-58). Com isso cfr. #Sl 69.

Mas, apesar de admitir a validade dos juízos de Deus, não podemos descobrir em seu coração disposição para desculpar aqueles que foram os instrumentos desses julgamentos. Tais instrumentos, do mesmo modo, devem ser punidos: **Tu lhe darás... maldição** (65). Uma imprecação nesta conjuntura pode fazer soar uma nota dissonante, mas é bom lembrar que o sofrimento imposto a outro homem pode, na providência de Deus, levar aquele homem a reconhecer seus próprios pecados e a buscar ao Senhor; mas não será por isso que o instigador de tais sofrimentos será considerado menos responsável perante as leis de Deus. O escritor parece estar falando sob considerável provocação.

Lm-4.1

IV. QUARTA ODE Lm 4.1-22

a) Então e agora (Lm 4.1-12)

Temos aqui uma série de amargos contrastes entre Jerusalém em seu período de glória e Jerusalém em sua vergonha. Duas passagens paralelas (1-5 e 6-11) são levadas a uma conclusão na reflexão do vers. 12. A execução desta seção é extremamente artística.

O versículo primeiro relembra o fato do templo ter sido queimado por Nebuzaradã, em [#2Rs 25.9](#). Naquele tempo até os ternos ofícios da maternidade tinham sido relegados a segundo plano. As crianças recebiam pior tratamento que os filhotes dos chacais (3) ou os filhotes da descuidada avestruz (ver [#Jó 39.13-17](#)). Sodoma pereceu num momento só, pela mão de Deus; Sião haveria de passar por um longo e cansativo castigo, que lhe seria infligido pelas mãos dos homens (6). Aqueles que eram normalmente conspícuos por causa de sua posição ou chamada (7; [nazireus](#); algumas versões dizem "nobres") não mais [se conhecem nas ruas](#); não podem ser distinguidos dos demais (8). O vers. 12 é ao mesmo tempo uma ilustração sobre arrogante autoconfiança e subsequente desilusão.

>Lm-4.13

b) As conseqüências do pecado (Lm 4.13-20)

Os profetas e sacerdotes que haviam falhado, não proclamando a verdadeira Palavra de Deus, estavam envolvidos numa temível vingança. Eram tratados como leprosos, e haviam fugido da cidade. Até mesmo aos pagãos fora solicitado que não lhes dessem abrigo (15), pois eram homens culpados, contra quem o profeta Jeremias tão freqüentemente havia falado ([#Jr 6.13](#); [#Jr 8.10](#); [#Jr 23.11,14](#)), e haviam ajudado a derramar [o sangue dos justos](#) (13; cfr. [#Jr 26.20-23](#)). O povo, igualmente, fora levado a perceber que a confiança em um aliado terreno (tal como o Egito, [#Jr 37.7](#)) estava condenada ao desapontamento (17); e nem mesmo a possessão do reino davídico podia servir de garantia da bênção e da proteção divinas (20). O [ungido do Senhor](#) (20). Era Zedequias, o último infeliz rei de Judá, cuja sorte é descrita em [#2Rs 25.4-7](#). Dessa maneira, os líderes eclesiásticos, os políticos, o próprio rei-todos se tinham mostrado impotentes para desviar os julgamentos de Deus da nação culpada da qual foi dito: [é vindo o nosso fim](#) (18).

>Lm-4.21

c) Edom não escapará (Lm 4.21-22)

Por ocasião da captura de Jerusalém Edom procurara enriquecer-se às expensas de seu povo irmão (#Ob 10-16), e sua conduta, nessa oportunidade, foi amargamente ressentida pelos judeus (#Ez 25.12-14; #Sl 137.7-9). Os judeus, porém, podiam conciliar-se com o pensamento que, enquanto que sua punição já se tinha realizado (22; cfr. #Is 40.2), a de Edom ainda era futura: **o cálice chegará também para ti** (21). E quando isso acontecesse seria sinal de que a misericórdia divina havia retornado para Judá. **Uz** (21), o lar de Jó, é provavelmente mencionado aqui para mostrar a extensão dos domínios dos edomitas. **Ele visitará a tua maldade** (22). No original, **visitar** ou "descobrir" é o oposto de "cobrir", sendo esta última a palavra geralmente usada para "perdoar".

Lm-5.1

V. QUINTA ODE Lm 5.1-22

a) Um apelo em prol da misericórdia (Lm 5.1-10)

Embora este capítulo conte com vinte e dois versículos, está em falta o arranjo acróstico. Aqui temos uma oração que talvez reflita condições que prevaleciam algum tempo depois da real destruição da cidade, e que representa um apaixonado apelo congregacional em prol da misericórdia divina. Embora Deus fosse o responsável pela calamidade, foi para Ele, entretanto, que o povo entristecido se voltou instintivamente, buscando ajuda. Não fora Ele que lhes dera a sua **herdade** (2)? Sua presente apertada situação, na qual eram compelidos a comprar as necessidades básicas da vida de seus próprios captivos (4) e a procurar seu pão no deserto, pondo em perigo suas vidas devido aos assaltantes beduínos (9), servia de apelo para que Deus os restaurasse, por amor de Seu próprio nome, para que voltassem à sua legítima posição na terra para que não mais estivessem debaixo do domínio de servos, isto é, sátrapas babilônios, que geralmente eram escravos da casa do rei promovidos àquela posição (8). O sentimento expresso pelo vers. 7 está de conformidade com o segundo mandamento. As gerações da humanidade não vivem em compartimentos estanques, e as crianças normalmente têm de colher as consequências das iniquidade de seus pais (cfr. #Êx 20.5 nota; #Dt 5.9 nota). Entretanto, isso não elimina as responsabilidades individuais, o que é deixado claro em passagens tais como #Ez 18.1-4.

>Lm-5.11

b) A vergonha do pecado (Lm 5.11-18)

Aqui temos mais uma rápida visão sobre as espantosas retribuições que o povo de Deus havia atraído contra si mesmo mediante a persistente transgressão contra as Suas leis. Porém, o sentimento é de tristeza e não de ressentimento. Estão ausentes todos os pensamentos de vingança pessoal, pois a retidão do julgamento de Deus havia sido livremente reconhecida, e a questão é deixada em Suas próprias mãos. O poeta em nome de seu povo, venceu por intermédio de humildade contrita e submissão paciente. Para os **mancebos** era vergonhoso **moer** (13) visto que era trabalho próprio de mulheres (cfr. **#Jz 16.21**). **Raposas** (18), são, naturalmente, chacais.

>Lm-5.19

c) O eterno trono de Deus (Lm 5.19-22)

O último olhar é reservado para o trono de Deus que continua de pé, embora o trono da dinastia davídica tivesse ruído por terra. Somente em Deus havia esperança para o povo abatido. Um profundo desejo por reconciliação e renovação transparece na petição do vers. 21. Isso, por sua vez, intensifica a percepção de seu presente estado de abandono (20,22). O sofrimento já fizera sua obra, o filho pródigo já caíra em si, e estava pronto para levantar-se e voltar ao seu Pai.

Por que nos rejeitarias totalmente? (22) É possível traduzir essa frase como "A não ser que nos tenhas rejeitado totalmente" (e que Deus o proíba!).

[L. E. H. Stephens-Hodge.](#)

EZEQUIEL

INTRODUÇÃO

I. AUTORIA, DATA E CIRCUNSTÂNCIAS

Esses três problemas estão ligados no que diz respeito a este livro. O livro foi composto principalmente na primeira pessoa e propõe ter sido escrito pelo profeta Ezequiel, que é identificado como um dos exilados judeus deportados em companhia do rei Joaquim, em 597 a.C. (#Ez 1.1 e segs.). A narrativa é pontilhada por avanços progressivos de tempo, começando pelo quinto ano do cativo, 593 a.C. (#Ez 1.2), e continuando até a vigésimo quinto ano do cativo, quando foram escritos os capítulos 40-48 (#Ez 40.1; #Ez 29.17 e segs., escritos no ano vigésimo sétimo do cativo, foram mais tarde inseridos pelo profeta, nesse ponto, por uma razão específica; ver notas no corpo do comentário).

Até tempos recentes a autenticidade deste livro era aceita em geral; porém, no século atual, ele tem provido oportunidade de muitos eruditos demonstrarem sua engenhosidade. Seus trabalhos, por outro lado, têm servido para apresentar claramente a natureza dos problemas exibidos por esse livro e têm capacitado seus sucessores a abordarem-no com mais inteligência.

Das duas principais dificuldades que aparecem no caminho da aceitação da autenticidade de Ezequiel, a primeira pode ser tratada de modo sumário. É afirmado que este profeta, como seus antecessores, foi pregador de condenação, e nada mais. Todos os profetas pré-exílicos se declararam contra a escatologia popular de seus dias e pronunciaram apenas julgamentos contra Israel. Como, é interrogado, poderia um profeta proclamar numa ocasião a vinda de julgamento contra os pecados, e na próxima falar de maravilhosas promessas a um povo pecaminoso? Alguns mantêm, além disso que a idéia de uma era abençoada se originou na Pérsia, pelo que todas as passagens que falam dessa era devem necessariamente datar de um período posterior ao exílio, quando os israelitas estiveram em contacto com aquela nação. Segundo esse ponto de vista uma considerável porção de Ezequiel tem que ser reputada como interpolação posterior, e tal é a posição de Hölscher. Seu discípulo, von Gall, aplicou o mesmo critério a todos os profetas; o processo postulado de edições graduais dos livros proféticos, nas quais eram feitos "acréscimos" sucessivos ao texto em gerações sucessivas, evoca grande admiração em vista da engenhosidade do esquema, mas é por demais complicado para ser real. A

maioria dos eruditos rejeitam a noção de que a esperança de um reino de Deus era propriedade exclusiva da nação persa; essa esperança também era indígena em Israel.

É difícil de compreender por qual motivo os profetas não poderiam ter predito uma restauração após o julgamento; não se deve inferir que viam apenas o caos em vista de suas profecias de condenação, como também não se pode dizer que Jesus via apenas a ruína para o povo escolhido, quando predisse a destruição de Jerusalém (#Mc 13.2). Partindo da evidência bíblica é difícil resistir ao ditado de Gressmann: "Renovação mundial necessariamente se segue à catástrofe mundial". O próprio Ezequiel provê a melhor resposta para essa questão: "Como pôde um profeta ligar ameaçar com promessas para que essa combinação surtisse algum efeito sobre os seus ouvintes?" À parte do desenvolvimento observável na tendência geral de sua profecia-primeiro o julgamento (1-32), e então a consolação (33-48) -ele mistura os dois elementos de tal maneira que cria um senso de vergonha no momento mesmo em que é apresentada a promessa. Ver especialmente #Ez 20.42 e segs.: "E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu vos fizer voltar à terra de Israel... E ali vos lembrareis de vossos caminhos, e de todos os vossos atos com que vos contaminastes, e tereis nojo de vós mesmos, por todas as vossas maldades que tendes cometido". (A passagem inteira de #Ez 20.33-44 deve ser cuidadosamente lida, pois aqui também se pode observar uma espécie de doutrina sobre a remanescente). Pode-se adicionar que essa posição geral está sendo adotada por um número cada vez maior de eruditos do Antigo Testamento; quanto a detalhes maiores, o estudante poderá examinar as obras padrões sobre a teologia e a escatologia do Antigo Testamento.

A segunda consideração principal é mais importante e tem ocasionado a maior parte das teorias mais recentes a respeito do livro de Ezequiel. Apesar de que o profeta vivia na Babilônia, dirigia-se constantemente aos judeus deixados em Jerusalém. Expedia profecias simbólicas para benefício deles, as quais não obstante, não podiam ver; conhecia perfeitamente a situação deles; descrevia acontecimentos que testemunhara suceder em Jerusalém e suas circunvizinhanças, como, por exemplo, as idolatrias dos anciões no templo (capítulo 8), a súbita morte de um deles (#Ez 11.13), a tentativa de Zedequias para escapar de Jerusalém à noite (#Ez 12.3-12), o fato de Nabucodonosor ter consultado sortes em encruzilhadas de estradas a caminho daquela cidade (#Ez 21.18 e segs.) e o fato de mais tarde haver-se acampado fora de Jerusalém (#Ez 24.2). Que um homem que vivia na Babilônia pudesse testemunhar acontecimentos dessa ordem em lugar tão remoto como Jerusalém parece falta

de bom senso para uma época científica como a nossa; por conseguinte, alguns argumentam que deve ser procurada alguma outra solução. Ou Ezequiel realmente vivia em Jerusalém, e não na Babilônia, e seu livro encorpora suas profecias genuínas com as de um redator posterior que se dizia viver como exilado (conforme opinião de Hertrich); ou a situação inteira é fictícia e a obra é comparável aos escritos apocalípticos pseudônimos do judaísmo posterior, e pertenceria, em realidade, à época de Alexandre (segundo opinião de Torrey). Dessas duas alternativas dificilmente alguém leva a sério a segunda, mas a primeira merece considerável atenção e é aceita por Oesterley (*Introduction to the Old Testament*, págs. 324-325). Cooke, entretanto, é o porta-voz dos sentimentos de muitos críticos ao dizer que é tão difícil acreditar num redator altamente imaginário como aceitar as declarações contidas no texto (I. C. C., pág. 23). Conseqüentemente, ele aceita a autenticidade do livro nos seus aspectos principais; e o consenso da erudição moderna está de seu lado. Guillaume tem, além disso, relacionado esse extraordinário dom de segunda vista possuído por Ezequiel a outros fenômenos semelhantes do Antigo Testamento, e até mesmo no moderno mundo beduíno. Mediante suas pesquisas ele nos tem capacitado a compreender melhor um tipo de mente que tem pouco em comum com a moderna civilização ocidental (*Prophecy and Divination*; ver especialmente as págs. 155-158). Se essa controvérsia não tiver servido para outro propósito, portanto, do que de destacar o caráter verdadeiramente extraordinário de Ezequiel, mesmo assim não terá sido vã.

Ezequiel, pois, ministrou para sua nação, tanto para aquela porção que estava no exílio como para aquela outra que permaneceu na pátria. Ele era contemporâneo mais jovem de Jeremias; e, a julgar pelos ecos do profeta mais idoso no livro de Ezequiel, aquele deve ter mantido considerável contacto com este.

II. CONTEÚDO

Conforme demonstra o esboço do conteúdo (ver adiante), o livro foi construído segundo um plano claramente definido, e o escritor aderiu firmemente aos assentos de cada seção. Após a visão introdutória dos capítulos 1-3, Ezequiel se concentra quase exclusivamente em desnudar a iniquidade de seu povo. Sem dó arrasta seus pecados para debaixo da luz e pronuncia contra eles o julgamento de Deus. Por meio de ações simbólicas, parábolas, oratória inflamada e declarações lógicas ele reitera seu tema que versa sobre a iniquidade da nação e sobre sua inevitável destruição. A

repetição da denúncia e da ameaça de condenação é tão constante a ponto de fazer o leitor recuar horrorizado, especialmente em vista do fato que, enquanto que outras obras proféticas iluminam suas ameaças com promessas, este elemento falta quase inteiramente na primeira seção do livro de Ezequiel. E quando ele permite que brilhe algum raio de esperança, este usualmente se torna vermelho como fogo, pelo que a restauração referida se torna algo vergonhoso e não algo que causasse alegria (ver, por exemplo, #Ez 16.53-58; #Ez 20.43-44). Nisso, como também em outros aspectos, Ezequiel mostra afinidades com o autor do livro de Apocalipse, pois ambas as obras exibem, como nenhum outro em seus respectivos Testamentos, o insaciável terror da ira de Deus.

A segunda seção (capítulos 25-32) limita-se aos oráculos dirigidos centra as noções circunvizinhas de Israel, tanto os estados vassalos que assaltaram os judeus em sua hora de amargura como as grandes nações da época. Aqui a imaginação poética de Ezequiel sobe a seu clímax; são-nos dados alguns dos quadros falados mais vividos do Antigo Testamento em seus oráculos contra o príncipe de Tiro e o Faraó do Egito. É curioso que Ezequiel faça silêncio quanto ao destino da Babilônia, o principal poder destruidor de Jerusalém. Alguns acreditam que, visto que essa nação deve ter necessariamente figurado nas profecias condenatórias de Ezequiel, que a Babilônia deve aparecer aqui sob o símbolo de Gogue, na profecia dos capítulos 38 e 39. Não obstante, não existe no texto a menor indicação dessa possibilidade, e tudo parece apontar contra tal identificação. Pode-se sentir que, à semelhança de Jeremias, Ezequiel considerava Nabucodonosor como um servo de Jeová, e assim considerava suas ações como divinamente ordenadas; diferentemente de Jeremias, porém, Ezequiel não recebeu qualquer palavra subsequente a respeito da Babilônia, e por isso deixou a questão nas mãos de Deus.

O ponto principal do ministério de Ezequiel foi ocasionado pela chegada de um mensageiro enviado de Jerusalém, anunciando a queda da cidade (#Ez 33.21). Em face do consistente ceticismo do povo para com sua pregação, esse acontecimento constituiu a confirmação divina a seu ministério. Daí por diante o povo se reunia para ouvi-lo (#Ez 33.30). Agora ele estava livre para entregar-se à tarefa de reabilitar a nação espalhada, e isso forma o tema dos capítulos 33-37.

Desde muito tem sido motivo de perplexidade o fato que, após a restauração da nação na era messiânica, Ezequiel tenha falado sobre um novo

levante de poderes estrangeiros contra Israel (38 e 39). Existem, não obstante, razões convincentes por detrás desse ensino, e não podemos ver qualquer necessidade de negar sua autoria a Ezequiel. Ver as notas introdutórias a esses dois capítulos, no corpo do comentário.

A conclusão do livro (40-48) é o produto de uma mente devota que por longo tempo e afetosamente ponderou a respeito da adoração de Israel em sua vindoura era de bênção. Somos aqui fortemente lembrados que Ezequiel era ao mesmo tempo um sacerdote e um profeta. Nessa qualidade, ele combinava em si mesmo as duas grandes correntes da tradição de Israel. Numa terra purificada de toda impureza, é exibida a adoração ideal num templo ideal a ser observada por um povo ideal.

III. CARACTERÍSTICAS

Duas características da personalidade de Ezequiel já têm sido mencionadas, a saber, a vivacidade de sua imaginação e seus poderes sem paralelo de telepatia, clarividência e prognóstico. Essas coisas se combinavam com um senso avassalador sobre a transcendência de Deus que pode produzir passagens de literatura que, de muitos modos, parecem estranhas para a mente moderna, mas que são ricamente recompensadoras para o investigador. Por exemplo, quantos são os que têm ficado tão perplexos pelo relato de Ezequiel sobre sua visão inaugural, no capítulo primeiro, a ponto de não continuarem a leitura de seu livro? No entanto, uma vez compreendido esse capítulo fica percebido que ele é altamente significativo e dotado de grande valor espiritual, como os próprios judeus reconheciam. (Uma afirmação do Mishnah registra que a Carruagem, isto é, #Ez 1, e a Criação, isto é, #Gn 1, são dois particulares que devem ser expostos apenas para uma pessoa prudente; #Ag 2.1, citado por Cooke, pág. 23). Observações semelhantes poderiam ser feitas no tocante a muitas passagens obscuras e negligenciadas de Ezequiel.

Em certas direções Ezequiel foi o pioneiro de movimentos de pensamento que estavam destinados a se desenvolverem como características do judaísmo posterior. Ele foi o primeiro a declarar, com clareza dogmática, a verdade da responsabilidade individual. Mediante a freqüência de suas visões e a natureza de êxtase de muitas de suas afirmações, e especialmente mediante suas profecias concernentes a Gogue e o reino futuro, ele moldou um tipo de profecia que, no tempo devido, conduziu ao movimento apocalíptico. Ezequiel, pois, é a ponte entre a profecia e o apocalipse. Além disso, devido a seu treinamento sacerdotal ele se sentia naturalmente mais interessado na

adoração do que no evangelismo; conseqüentemente, o espírito missionário, tão evidente nos últimos capítulos, de Isaías está quase totalmente ausente nos escritos de Ezequiel. Em todas essas questões, a saber, a responsabilidade individual, a profecia apocalíptica e o esquecimento dos gentios na contemplação de reino de Deus, o judaísmo foi muito além de Ezequiel e, em certas direções produziu, realmente, uma caricatura de seu ensinamento. (Ver, por exemplo, as anotações introdutórias ao capítulo 18, no corpo do comentário). É injusto, todavia, culpar Ezequiel desses desenvolvimentos infelizes, como é injusto culpar Daniel por causa das puerilidades de alguns escritos apocalípticos, ou culpar o apóstolo Paulo por causa da doutrina da predestinação à condenação. Onde Ezequiel e Daniel fizeram silêncio, ou quando muito, se mostraram implícitos, o judaísmo se tornou explícito e exagerado, tal como a lógica de algumas pessoas as leva até uma posição que a maioria dos crentes cristãos acredita seria rebatida por Paulo. É infeliz em alto grau, por conseguinte, que muitos eruditos bíblicos depreciem Ezequiel como retrógrado em sua doutrina. Pelo contrário, seu livro faz importantíssima contribuição, na providência de Deus, para o desdobramento da revelação de Deus na Bíblia. Precisa ser estudado com maior simpatia do que alguns estudiosos modernos estão presentemente inclinados a fazê-lo.

Finalmente, poderia ser talvez mencionado que em alguns lugares o texto de Ezequiel tem sofrido muito devido à transmissão do texto. Indicar cada uma dessas dificuldades exigiria mais espaço do que é permitido num comentário desta extensão. Somente as correções mais importantes tem sido salientadas na exposição. Ao estudante interessado é recomendado um utilíssimo comentário, por G. A. Cooke, no I. C. C. Apesar de que em alguns respeitos ultrapassa na questão de conjetura além do que os eruditos conservadores geralmente permitiram, tal comentário é caracterizado em seu corpo principal pelo menos por uma recomendável sobriedade de julgamento. Este escritor não tem hesitado em aproveitar dele freqüentemente.

Ez-1.1

O PECADO DE ISRAEL E O JUÍZO IMINENTE-Ez 1.1-24.27

I. A CHAMADA DE EZEQUIEL Ez 1.1-3.27

a) A visão sobre a glória de Deus (Ez 1.1-28)

Não se sabe a partir de que época Ezequiel data o **ano trigésimo** (1), se a partir da era babilônica ou a partir da era israelita. Orígenes julgava que representava sua própria idade. **No quinto ano do cativeiro do rei Joaquim** (2), porém, fixa a data como sendo 593 a.C. Evidências sobre estabelecimentos judaicos têm sido encontrados em Nippur, à beira do rio **Quebar** (1), que pelos babilônios era conhecido como "o Grande Canal"; que Ezequiel tenha recebido **visões de Deus** (1) em tal lugar seria considerado revolucionário por muitos de seus compatriotas, cujos sentimentos se expressavam antes em afirmações como as de **#Sl 137**.

À semelhança de outros antes dele, a chamada de Ezequiel para o ofício profético veio por meio de uma visão de Deus. Porém, como frequentemente acontece no êxtase profético (cfr. **#At 10**), a natureza da visão era condicionada pelo ambiente do recipiente. Neste caso foi a aproximação de uma nuvem tempestuosa o meio pelo qual Deus Se revelou a Ezequiel (4). O negrume da nuvem, o resplendor avermelhado e desnatural, e os coriscos que relampejavam, proveram a moldura para a manifestação da maior glória de Deus. (Ver Guillaume, **Prophecy and Divination**, págs. 155-156, e comparar a seguinte reportagem sobre uma tempestade no Eufrates: "Densas massas de nuvens escuras, com estrias alaranjadas, vermelhas e amarelas apareceram vindas do OSO, aproximando-se em espantosa velocidade... Por essa altura as nuvens pareciam verdadeiramente terríveis. Por debaixo da mais escura delas havia uma coleção de material, de cor carmesim escuro, que rolava em nossa direção com rapidez espantosa... Tudo se tornou calmo e claro como antes, e talvez vinte e cinco minutos não se tivessem passado desde o começo, progresso e término daquele temível furacão". Chesney, em **Narrative of the Euphrates Expedition**, citado por Cooke, em I. C. C., pág. 10). Note-se o termo repetido, **semelhança** (5,10,13, etc.); Ezequiel podia sugerir apenas paralelos para as figuras vistas em sua visão. Os **animais** (5) com sua **roda** (15) formavam uma carruagem extraterrena para o trono de Deus. O comentário dos rabinos, quanto aos rostos dos animais (10) é freqüentemente citado com aprovação; "a águia é exaltada entre as aves; o boi é exaltado entre os animais domésticos; o leão é exaltado entre os animais ferozes; o homem é exaltado entre as criaturas; e todos eles tem recebido domínio, e lhes tem sido proporcionada grandeza; não obstante, acham-se abaixo da carruagem do Santo" (**Midrash R. Shemoth**, 23, sobre **#Êx 15.1**). Cfr. **#Ap 4.7**.

>Ez-1.15

As **rodas** (15-16) permitiam que a carruagem viajasse para todos os lugares, um lembrete necessário para os exilados (ver nota sobre os vers. 1 e 2). Vistas da posição em que se achava Ezequiel, parecia que revolviam uma dentro da outra; sua construção era como se uma roda estivesse no meio da outra, embora, em realidade, houvesse apenas quatro rodas, cada qual separada das demais, nas quatro esquinas de um quadrado. O movimento das rodas (17) é impossível de ser imaginado, se tivermos em mente veículos ordinários; era uma carruagem sobrenatural! **Suas cambas** (isto é, suas circunferências) eram **cheias de olhos ao redor** (18). Esses olhos denotavam inteligência, pois **o espírito da criatura vivente estava nas rodas** (20). **Uma semelhança de firmamento** (22); ou melhor, "plataforma"; **raki'a** é palavra traduzida com "firmamento" (nesta versão como "expansão") em **#Gn 1**; porém, sua significação fundamental é: "algo feito de forma firme e chata por pressão". É essa significação que está aqui em mente. Servia de base para o trono de Jeová (26), e era carregado pelos animais vivos.

>Ez-1.26

Note-se que nos vers. 26-28 o profeta não diz de modo definido que viu a Jeová, mas tão somente **a semelhança dum homem** e **a semelhança da glória do Senhor**. (Segundo diz o Talmude, há o "rosto maior" e o "rosto menor" de Deus, e ao homem é dado ver somente este último; cfr. **#Jo 1.18**). Não obstante, aquilo que Ezequiel viu foi o suficiente para deixá-lo aterrado; cfr. **#Is 6.5**; **#Dn 10.8-9**; **#Ap 1.17**).

Ez-2.1

b) A chamada e a comissão do profeta (Ez 2.1-3.3)

O título **Filho do homem** (1,3, etc.), aplicado a si mesmo, é característica de Ezequiel e salienta sua posição de mera criatura em comparação com a majestade do Criador. Foi título usado por Deus ao dirigir-se ao profeta, e não por Ezequiel a si mesmo, aparentemente para mostrar que seu dever era servir de porta-voz da vontade divina, e nada mais. **Hão de saber que esteve no meio deles um profeta** (5) encontra paralelo na expressão frequentemente repetida: "saberão que eu sou Jeová". Ambas essas verdades tonar-se-iam evidentes quando Deus cumprisse as predições do profeta; cfr. **#Ez 33.32-33**; **#Dt 18.21** e segs.

>Ez-2.8

Ao profeta é ordenado que não compartilhasse da rebeldia de sua nação ocultando do povo as mensagens que Deus lhe declarasse (8). O fato que Deus tocou diretamente na boca de Jeremias (#Jr 1.9) mas deu um **rolo de livro** a Ezequiel (9) ilustra a diferença entre os dois profetas; o primeiro caso declara a imanência de Deus, e o segundo a Sua transcendência. O escrito sobre o livro, **por dentro e por fora** (10), contrário ao uso normal, indica a plenitude de seu conteúdo. **Lamentações e suspiros e ais** (10) forma uma justa descrição da maior parte da profecia de Ezequiel. Sua mensagem não foi alterada até que, de conformidade com a promessa do vers. 5, Deus cumpriu Suas palavras mediante a destruição de Jerusalém (#Ez 33.21 e segs.).

Ez-3.1

Come este rolo (3.1). Não há nada de mecânico nesse modo de inspiração; o fato que Ezequiel devia mastigar o rolo mostra que ele devia tornar sua a mensagem. A despeito da natureza da mensagem, para o profeta seu gosto foi **doce como o mel** (3), pois "é doce fazer a vontade de Deus e ser incumbido de tarefas em Seu serviço" (McFadyen). Note-se a variação na experiência do escritor apocalíptico do Novo Testamento (#Ap 10.10).

>Ez-3.4

c) A comissão é destacada (Ez 3.4-15)

O profeta não foi enviado a uma nação estrangeira (5), nem ao mundo pagão em geral (6); pois, se assim tivesse acontecido, tê-lo-iam ouvido. Israel, entretanto, não ouviria nem o profeta nem o próprio Deus (7). Um povo "profundo de lábios e pesado de língua" (5, como diz certa versão) indica "um povo cuja fala soava gutural e confusa para os ouvidos hebreus" (Cooke). A obstinácia tradicional de Israel é referida por nosso Senhor em #Mt 11.21-24; #Lc 4.24-27. Cfr. #Is 1.7 e #Jr 1.17-19 com os vers. 8 e 9.

>Ez-3.11

Aos do cativo (11). A missão de Ezequiel embora dirigida a todo o Israel (4), fica agora demonstrada como visando específica e imediatamente a seus companheiros de exílio. Isso seria necessário em vista de suas circunstâncias; mas o escrito do livro, ou mesmo de suas seções separadas, tornaria sua mensagem à disposição da nação inteira.

>Ez-3.14

A partida da carruagem gloriosa deixa o profeta com uma realização de tristeza, **no ardor do meu espírito** (14). Porém, foi compelido a dar início a seu ministério profético. Ele se mudou para Tel-Abibe, "a casa das espigas verdes", um dos principais centros dos exilados. Foram necessários **sete dias** para que ele se recuperasse dos efeitos da visão (15).

>Ez-3.16

d) O profeta como vigia (Ez 3.16-21)

Eu te dei por atalaia (17). O trabalho de um vigia era avisar a cidade de algum perigo iminente; assim também Ezequiel deveria avisar seu povo a respeito do desastre que estava prestes a desabar sobre eles. A passagem tem em mente a catástrofe que estava a ponto de sobrevir a Jerusalém, mas o profeta não hesitou em aplicá-la de modo geral. Sua importância jaz na relação a ser estabelecida entre Ezequiel e seus ouvintes; ele se sentia responsável por eles individualmente e precisava advertir cada qual na qualidade de fiel pastor (18,20); eles eram individualmente responsáveis por suas ações e seu destino, pois Deus trataria com eles como pessoas morais, e não como uma unidade (19). Tratava-se de uma concepção revolucionária e marcou um passo significativo no processo da revelação. Ver notas sobre os capítulos 18 e **#Ez 33.1-20**.

>Ez-3.22

e) Ordenado o silêncio (Ez 3.22-27)

A Ezequiel foi ordenado permanecer em sua casa (24), talvez devido a alguma ameaça de violência (25). A mudez viria sobre ele (26), exceto quando Jeová abrisse sua boca em declaração profética (27). Caso este episódio esteja aqui no lugar que lhe convém, o ministério de Ezequiel foi, portanto, um ministério particular, que só recebia aqueles que vinham à sua casa (cfr. **#Ez 8.1**), até que chegaram a ele as notícias da queda de Jerusalém (**#Ez 33.21-22**). Alguns sentem que isso aparece de modo estranho, em vista da comissão anterior; sugerem que este parágrafo talvez esteja deslocado e talvez pertença a um período posterior do ministério de Ezequiel. Se esse for o caso, o vers. 27 está ligado a uma ocasião específica quando Deus faria cessar a mudez do profeta

(ver #Ez 33.21-22). A transferência sugerida não é impossível, especialmente em vista do fato que o parágrafo anterior recebe uma boa significação onde se encontra, e pode-se permitir que retenha essa posição: "sua liberdade de movimento seria restringida pelos exilados... Deus restringiria suas afirmações, permitindo-lhe falar somente quando fosse especialmente orientado a fazê-lo" (Wardle).

Ez-4.1

II. QUATRO PROFECIAS POR AÇÕES Ez 4.1-5.17

a) O cerco de Jerusalém (Ez 4.1-3)

O **tijolo** (1) usado por Ezequiel seria feito de barro mole, e a gravação seria feita por meio de um estilete; terminado esse trabalho, o tijolo mole seria cozido num forno. Presumivelmente, as ações descritas no vers. 2 eram desenhos a ser feitos sobre o tijolo. **A sertã de ferro** (3) talvez simbolizasse as poderosas fortificações que seriam armadas contra a cidade.

>Ez-4.4

b) O exílio (Ez 4.4-8)

O profeta se deitou de lado, levando a **maldade** de Israel, isto é, o castigo devido à iniquidade, pelo período do exílio (4). A Septuaginta diz cento e noventa em lugar de trezentos e noventa, nos vers. 5 e 9, e provavelmente está correta. Pelos vers. 5,6 e 9 concluímos que Ezequiel deveria ficar deitado por 150 dias do lado esquerdo e 40 dias do lado direito; o período que medeia desde a deportação sob Tiglate-Pileser, em 734 a.C. (#2Rs 15.29) até a conquista de Jerusalém, em 586 a.C., é de 148 anos, isto é, aproximadamente 150 anos, enquanto que os quarenta anos (designação geral de uma geração) referentes a Judá correspondem aproximadamente ao período de 586 a 536 a.C., o tempo do exílio de Judá na Babilônia. Cooke sugere que a cifra "trezentos e noventa" se deve a um copista que interpretou **a maldade da casa de Israel** (4) como o período inteiro do pecado de Israel. De conformidade com a cronologia do livro de Reis, o período desde a divisão do reino sob Reoboão, até 596 a.C., foi de 394 1/2 anos.

>Ez-4.9

c) A fome (Ez 4.9-17)

Devem ser distinguidos aqui dois pensamentos acerca da fome que se aproximava: a escassez de alimentos (9-11,16-17), e a impureza que estava envolvida no comer tal alimento numa terra estrangeira (12-15). A curiosa mistura de cereais, no vers. 9, subentende meramente sua escassez, e não deve ser comparada com [#Lv 19.19](#). Vinte siclos (10) eram cerca de 255 gramas; a sexta parte dum him (11) era cerca de 1,1 litro. O esterco (12) usado para cozer o pão era para servir de combustível. Para Ezequiel, criado como sacerdote, excrementos humanos era algo por demais revoltante; em resposta às suas orações (14) foi-lhe permitido empregar esterco de vacas (15), que até hoje continua sendo usado como combustível pelos beduínos. Cfr. [#Os 9.3](#) e segs.; [#Am 7.17](#) com o vers. 13. Todas as terras fora de Canaã eram impuras, e semelhantemente seus produtos, pois Jeová não era adorado nelas.

Ez-5.1

d) A matança (Ez 5.1-4)

Rapar a cabeça era figura que representava catástrofe; ver [#Is 7.20](#); [#Jr 41.5](#). Aqui o ato representa a sorte dos habitantes de Jerusalém; deveriam ser queimados, mortos e espalhados (2); a espada a perseguir aqueles que fugiam da cidade (2c) indica quão completa seria a destruição. Dos poucos que verdadeiramente escapariam (os amarrados às vestes de Ezequiel, vers. 3) alguns, ainda, haveriam de perecer (4), pelo que o remanescente se tornaria verdadeiramente diminuto. Ezequiel, dessa maneira, se apega à doutrina do remanescente (ver também [#Ez 6.8-10](#); [#Ez 9.8](#); [#Ez 11.13](#)), a despeito das asseverações em contrário de alguns; porém, tal doutrina está inteiramente subordinada à sua mensagem de julgamento até a queda de Jerusalém, após o que o remanescente se torna seu tema dominante.

>Ez-5.5

e) Uma exposição dos sinais (Ez 5.5-17)

Jerusalém é o centro do mundo, tanto por sua posição geográfica como por seu privilégio (5; cfr. [#Ez 38.12](#)). Isso torna seu excesso de iniquidade sobre as nações ainda mais odioso (cfr. [#Ez 16.47](#) e segs.; [#Jr 2.10](#) e segs.). O argumento do vers. 7 subentende que as nações ao redor de Israel andavam de conformidade com a luz que possuíam, o que não acontecia com Israel;

portanto, de conformidade com isso, Deus retribuiria aos pecados de Seu povo **aos olhos das nações** (8), tanto como exemplo como vindicação à Sua santidade. Cfr. **#Lv 26.29** e **#Dt 28.53** com o vers. 10, profecias cumpridas no acontecimento (**#Lm 4.10**). **À peste e o sangue** (17) fazem parte de uma praga só; assim temos as quatro maldições de **#Lv 26**, a **fome**, as **más bestas**, a **peste** e a **espada**. Elas ocorrem novamente em **#Ez 14.21** e figuram dentre as pragas do livro de Apocalipse (**#Ap 6.7-8**).

Ez-6.1

III. PROFECIA CONTRA OS MONTES DE ISRAEL Ez 6.1-14

Ezequiel se refere à nação sob a figura de **os montes de Israel** (2), visto que formavam sua principal característica; trata-se, realmente, de "uma serra central montanhosa a baixar em direção às planícies estreitas ao longo do Mediterrâneo e do Jordão" (Toy). Além disso, **montes** e **outeiros** (3) são usualmente associados à idolatria pelos profetas (exemplo, **#Is 65.7**; **#Jr 3.6**; **#Os 4.13**). **Ribeiros** (3); algumas versões dizem "ravinas". Estes e os **vales** eram usados para os impuros ritos e a adoração a Moloque (ver **#Jr 7.31-32**). **Vossos altos** (3) eram, originalmente, lugares elevados apenas, mas depois vieram a denotar os locais onde estavam situados os santuários idólatras; havia muitos desses lugares pela terra onde a adoração era oferecida ostensivamente a Jeová, mas que, em realidade, pouco diferia da adoração prestada pelos vizinhos de Israel. Evidentemente as reformas dirigidas por Ezequias e Josias tinham sido inúteis (**#2Rs 18.4**; **#2Rs 23.5**). **Imagens** (4); algumas versões dizem "imagens do sol"; em heb. **hammanim** eram, provavelmente, imagem de Baal hamman, "o Baal resplandescete", em realidade, não eram representações do deus sol, embora esse culto possivelmente estivesse ligado à adoração ao sol, no templo (ver **#Ez 8.16** e segs.). **Para que saibais que eu sou o Senhor** (7). Uma frase característica de Ezequiel; ocorre nos vers. 10,13 e 14 e cerca de sessenta vezes mais em outras passagens. O motivo da ação de Jeová é sempre fazer com que as nações reconheçam que só Ele é deidade e tem poder.

>Ez-6.9

Me quebrantei por causa do seu coração corrompido (9); melhor, como diz certa tradução "quebrantei o corrompido coração deles". Deus quebranta o coração mediante a tristeza a fim de produzir o arrependimento. **Bate... bate** (11). As ações de Ezequiel parecem expressar antes exultação que horror (ver

#Ez 21.17; #Ez 22.13; #Ez 25.6). Ah! (11; na Septuaginta, euge, euge, isto é, Bravo!), como se o profeta exultasse no julgamento vindouro. Sua preocupação era a vindicação da honra de Jeová, e não tanto o destino dos pecadores. Cfr. #Ap 19.1-4. A destruição dos idólatras, **no meio dos Seus ídolos** (13) revelará a impotência destes últimos e convencerá os sobreviventes que somente Jeová é Deus. **Diblá** (14), (situada a leste do mar Morto, ao sul), é quase certamente um equívoco em lugar de Riblá (que jazia muito mais ao norte perto de "vindo para Hamate", #Ez 48.1), visto que em hebraico **d** e **r** são quase idênticos. "Do deserto a Riblá", portanto, representa o equivalente à frase mais bem conhecida: "De Dã a Berseba".

Ez-7.1

IV. A IMINENTE CONDENAÇÃO DE ISRAEL Ez 7.1-27

Há quatro oráculos curtos neste capítulo (vers. 2-4,5-9,10-11 e 12-13) seguidos por uma exposição sobre seu tema comum (vers. 14-27). Visto que é dito que o fim estava iminente, e a data em #Ez 1.1 permite apenas sete anos até à queda de Jerusalém, é possível que este capítulo tenha sido escrito mais tarde. A data, no fim de uma seção, não abarca necessariamente tudo quanto se segue até ser dada a data seguinte.

>Ez-7.2

O oráculo foi dirigido aos **montes de Israel** (2), mas, não obstante, os vers. 5-7,10,12 parecem ter em mente o dia do Senhor, com sua significação universal. Por conseguinte, é melhor traduzir a frase final desse versículo como "os quatro cantos da terra", como em #Is 11.12. O julgamento contra Israel é comparado com o pano de fundo do julgamento das nações. Note-se o jogo de palavras, como no vers. 6, **o fim (hakkes) vem** ou "acorda" (**hekis**).

>Ez-7.5

Um só mal (5), isto é, um mal final. **Vem o tempo; chegado, é o dia** (7). Que isso é uma referência ao dia do Senhor parece claro mediante uma comparação com #Ez 30.3; #Dn 12.1; #Jl 1.15; #MI 4.1.

>Ez-7.10

Os vers. 10 e 11 registram um oráculo rítmico que apresenta o âmago da profecia. Tudo estava maduro para o julgamento, "a árvore já havia rebentado em folhas e flores!" (Cooke). **A vara de impiedade** provavelmente se refere ao rei de Israel e sua corte. Cfr. a uso freqüente do vocábulo "vara" para significar o cetro de Israel (exemplo, **#Ez 19.11**).

>Ez-7.12

O comprar e o vender dos vers. 12 e 13 parece ser de propriedades, em que o vendedor aparece a fazê-lo contra sua própria inclinação (cfr. **#1Rs 21.1-16**), ou a fazê-lo por um preço inconvenientemente baixo. O profeta diz que um não precisa ficar alegre nem o outro precisa ficar triste, pois ambos dentro em pouco seriam envolvidos numa catástrofe. Muitos têm julgado que o vers. 13 se refere à lei do jubileu (**#Lv 25.10** e segs.), e é possível que assim seja. Outro modo, o profeta estaria dando prosseguimento ao pensamento do vers. 12; comprar de volta terras ancestrais era algo inconcebível, pois "a nação seria quebrantada e as questões sobre propriedades deixariam de ter interesse" (Toy).

>Ez-7.19

Comparando-se a última cláusula do vers. 19 com o vers. 20, verifica-se que a impureza de **sua prata** e **seu ouro** (19) era devido ao fato de terem sido consagrados para os ídolos. Nesta versão o vers. 20 está bem traduzido (cfr. **#Is 30.22**). Os ídolos de que ele fala seriam entregues aos invasores por Jeová (21). **Faze uma cadeia** (23) pode ser uma ordem para o profeta fazer uma ação simbólica, pois de outro modo sua significação seria desconhecida. Uma tríplice divisão religiosa do povo é indicada no vers. 26; o **profeta**, quanto à palavra imediata de Jeová; o **sacerdote**, quanto à instrução baseada na lei; os **anciãos**, quanto aos conselhos sobre as questões civis. O vers. 27 apresenta uma tríplice divisão social: o **rei**, o **príncipe** (isto é, os "príncipes"; o singular é coletivo, como em **#Ez 22.6**); e o **povo da terra**.

Ez-8.1

V. PECADO E JULGAMENTO DE JERUSALÉM: ABANDONADA POR DEUS Ez 8.1-11.25

a) Os idólatras no templo (Ez 8.1-18)

A data (vers. 1) é agosto-setembro de 592 a.C., catorze meses depois da visão inaugural de Ezequiel (#Ez 1.1). Quanto à **aparência de fogo** (2; heb., *esh*), a Septuaginta lê como em #Ez 1.26-27: "semelhança de homem" (em heb., *ish*). Ezequiel foi transportado em visão para o templo e vê terem lugar ali práticas idólatras. Não se trata aqui de uma reconstrução pictórica feita pelo profeta, baseada em reportagem recebida de outras fontes, mas antes, uma descrição de coisas vistas por meio de um dom sobrenaturalmente intensificado de "segunda visão". A distância entre Babilônia e Jerusalém torna espantoso o caráter desse episódio, porém, não é sem paralelos na Bíblia. Cfr. #2Rs 5.26; #2Rs 6.8-12; #Is 21.6-10. **A imagem dos ciúmes** (3); isto é, uma imagem que fazia despertar os ciúmes de Jeová) talvez fosse uma "asherah" (poste sagrado). Manassés havia erguido tal imagem (**semel**, uma palavra incomum é aqui empregada no original) no templo, e mais tarde a removeu (#2Cr 33.7,15). Este talvez tenha sido o mesmo ídolo recolocado em seu lugar. **Câmaras pintadas de imagens** é uma tradução duvidosa (12; em heb., *mashkith*). A Septuaginta lê: "suas câmaras secretas", que é uma conjectura tão boa como todas as que até agora têm sido feitas. Cfr. #Ez 9.9; #Is 29.15.

>Ez-8.14

Tamuz (14), uma divindade babilônica, era o deus da vegetação, cuja morte, por ocasião do período de grande calor, era lamentada anualmente, e cuja ressurreição era celebrada na primavera. O tempo tradicional dessa lamentação era no quarto mês, por isso mesmo chamado de "Tammuz"; porém, como esta visão teve lugar no sexto mês, **Adoravam o sol** (16). A adoração ao sol era praticada entre os cananeus, mas ultimamente havia sido reintroduzida por meio da Assíria (#2Rs 23.5,11; #Jr 8.2). **Entre o pórtico e o altar** (16) era o lugar onde os sacerdotes faziam orações (#Jl 2.17), naturalmente de rosto voltado para o templo; nesse local, **de costas para o templo do Senhor**, tinha lugar a adoração ao sol, numa demonstração a mais completa possível de renúncia a Jeová. Cfr. #2Cr 29.6.

>Ez-8.17

Ei-los a chegar o ramo ao seu nariz (17) representa uma forma de idolatria que pode ser posta paralelamente aos ritos persas e babilônicos. (Quanto às diversas explicações possíveis, consultem-se os comentários mais volumosos).

Ez-9.1

b) O julgamento de Jerusalém (Ez 9.1-11)

Se certas versões forem seguidas quanto ao vers. 1, aos executores é dito diretamente: "Aproximai-vos, executores da cidade!" **Seis homens com um homem vestido de linho** (2) perfaziam um grupo de sete pessoas; indubitavelmente eram seres angélicos. Cfr. os sete anjos que estão sempre defronte de Deus (**#Ap 8.2,6**) e que ali também aparecem como executores da ira de Deus. **E marca** (4). Os justos foram marcados (a palavra significa, estranhamente, uma marca em forma de cruz) para serem distinguidos dos idólatras e para lhes ser garantida a proteção de Jeová. Cfr. **#Êx 12.23; #Ap 7.3-8; #Ap 13.16-18; #Ap 14.1. Comecei pelo meu santuário** (6); cfr. **#1Pe 4.17. O restante de Israel** (8) denota os habitantes de Jerusalém. O reino do norte já tinha sido levado para o cativeiro, em 722. a.C., e Judá já tinha sofrido um cativeiro parcial, em 597 a.C. Em contraste com seu grito, em **#Ez 6.11**, e com sua usual atitude de completa simpatia com os julgamentos divinos contra Israel, aqui Ezequiel pleiteia por misericórdia para com seus compatriotas errantes. A resposta é dada nos vers. 9 e 10; a culpa da terra é tão repugnante que o castigo não pode ser desviado. **O Senhor deixou a terra** (9; isto é, a terra santa), ou seja, Jeová havia abandonado Seu povo, conforme era evidenciado por suas contínuas tribulações. Por conseguinte, da parte deles não havia ocorrido àqueles apóstatas que a adversidade de que sofriam era um julgamento justo de Jeová contra sua iniquidade.

Ez-10.1

c) O incêndio de Jerusalém (Ez 10.1-22)

O **trono** (1) **estava vazio** (cfr. **#Ez 9.3**); os querubins aguardavam Jeová para alçar vô e partir. O destruidor da cidade era o **homem, vestido de linho** (2) que anteriormente havia feito uma marca nos fiéis separando-os para a preservação; todos os sete anjos, dessa forma, eram ministros vingativos, como em **#Ap 8.1-11.15. Querubim** (2; no original no singular) é um termo coletivo que inclui os quatro querubins, como em **#Ez 9.3**. Nada nos é informado sobre a destruição da cidade, senão que o anjo comissionado para isso tomou o fogo dentre os querubins (cfr. **#Is 6.6**) e **saiu** (7). A visão profetizava os incêndios que efetivamente destruíram Jerusalém, em 586 a.C. (**#2Rs 25.9**); porém, mais significativa que a predição foi a revelação da identidade do Destruidor-o próprio Deus. O propósito da repetição dos vers. 9-22 é somente impressionar o leitor com esse mesmo fato; pois a descrição da glória de Deus e da carruagem já fora dada no capítulo primeiro. Sua

recorrência aqui, de modo detalhado, sublinha o espantoso fato que Deus, que os homens julgavam estar inseparavelmente ligado ao Seu santuário e à Sua cidade, é Quem haveria de destruir ambas essas coisas e abandonar suas ruínas. Devido à fantasia de alguns copistas de séculos posteriores, algo da descrição dos vers. 9-22 se encontra de modo confuso e difícil de seguir. Por exemplo, 11a fala sobre as rodas, 11b evidentemente tem os querubins em mente; o vers. 13 ficaria melhor se coloca do após o vers. 6; o primeiro rosto, no vers. 14, deveria ser rosto de "boi" e não de **querubim** como em **#Ez 1.10** (a não ser que sigamos o rabino Resh Lakish: "Ezequiel buscou o Misericordioso a respeito dele (do rosto de boi) e Ele o transformou em querube"); o vers. 15 interrompe a seqüência e antecipa os vers. 19-20. **Saiu a glória do Senhor** (18). Jeová abandonou o templo pela **entrada da porta oriental** (19); **#Ez 11.22-23** registra o fato que Ele se afastou completamente da cidade.

Ez-11.1

d) Julgamento dos conspiradores em Jerusalém (Ez 11.1-13)

Esta cidade e a panela (3). Esta declaração mostra a inclinação dos pensamentos daqueles homens. Os muros da cidade haveriam de protegê-los assim como a panela protege a carne do fogo; as advertências dos profetas, pois, poderiam ser ignoradas. Pode-se entender que a primeira cláusula implica em "nossa presente ocupação deve ser a guerra, e não a edificação de casas; vamos combater até o fim". Essa interpretação, porém, ultrapassa o sentido do texto. A Septuaginta traduz: "Não têm sido edificadas casas decentemente?", refletindo, talvez, a jubilação dos príncipes por terem dominado os efeitos da invasão de 597 a.C., e deixando subentendido que no presente não havia causa para preocupação. Caso a tradução marginal de algumas versões, acompanhada por esta versão, for seguida: "Não está próximo o tempo de edificar casas...?", devemos compreender uma atitude de desafio às advertências proféticas, um ato flagrante de incredulidade em sua veracidade. **Vossos mortos... são a carne** (7). As únicas pessoas que haveriam de usufruir de segurança na cidade seriam as vítimas abatidas pelos conspiradores; estes últimos seriam tirados da cidade (9) e seriam executados nas fronteiras da terra (10). Ver o cumprimento disso (**#2Rs 25.18-21**). O vers. 13 faz parte integral da visão mas presume que o acontecimento efetivamente ocorreu enquanto Ezequiel "estava olhando". O fenômeno pode ser comparado com a visão sobre os ídólatras no templo (capítulo 8), com a do início do cerco de Jerusalém (**#Ez 24.2**), com a da morte de sua esposa (**#Ez 24.16**), com a, da cessação de tua mudez (**#Ez 24.25**; cfr. **#Ez 33.21-22**).

>Ez-11.14

e) Promessa de restauração (Ez 11.14-25)

Teus irmãos (15) são os companheiros de exílio de Ezequiel, que vieram de Judá; **toda a casa de Israel** (15) são os descendentes daqueles que foram transportados do norte de Israel, em 722 a.C. (cfr. #Ez 20.40; #Ez 36.10). **Apartai-vos para longe do Senhor** (15). A zombaria dos que restavam em Jerusalém refletia a antiga noção que o poder de Jeová se limitava à Sua terra; estar longe dEle era o mesmo que ser expulso de Sua presença (cfr. #1Sm 26.19). A promessa de Deus, no vers. 16, nega tal idéia, porém.

>Ez-11.23

A glória do Senhor (23) retira-se inteiramente da cidade (cfr. #Ez 10.18-19). Muitos exegetas acreditam que as duas visões em #Ez 11.1-21 ocorreram mais tarde que o resto dos capítulos 8-11, e que foram colocadas aqui porque dizem respeito a acontecimentos vistos no templo e na apóstata Jerusalém. Admite-se que #Ez 11.1-13 aparece estranhamente após a descrição da destruição do povo em capítulo 9 e após o incêndio da cidade no capítulo 10; a mensagem de restauração (#Ez 11.14-21) também se adaptaria melhor no período imediatamente anterior à destruição da cidade. Entretanto, não é sábio mostrar-se dogmático numa ou noutra direção.

Ez-12.1

VI. PROFECIAS CONTRA JERUSALÉM Ez 12.1-24.27

a) Um quadro do exílio iminente (Ez 12.1-20)

Casa rebelde, (2); isto é, os exilados entre os quais vivia o profeta; eram tão obtusos como os judeus de Jerusalém! O vers. 5 nos dá uma ilustração do desespero dos assediados e das ruínas de suas propriedades; ver #2Rs 25.4. **Cobrirás a tua cara, para que não vejas** (6). Uma alusão à fuga e ao destino de Zedequias. Ver o vers. 12, que diz: "para que com os seus olhos (Ele) não veja". A Septuaginta traduz no passivo: "para que ele não seja visto com os olhos", isto é, a cobertura no rosto serviria de disfarce. Mas o versículo também profetiza o castigo infligido pelos babilônios contra o rei, o qual foi cegado em Riblá e levado cativo para a Babilônia (#2Rs 25.5-7). **Saberão** (15); isto é,

aqueles que escaparam de Jerusalém, saberão que Jeová é o Senhor quando experimentarem esses horrores segundo a profecia. As nações entre as quais viajassem também saberiam a respeito (16), pois aquela demonstração do poder de Jeová as convencerá que somente Ele é Deus. O objetivo de deixar sobreviventes da catástrofe era somente para honrar o nome de Jeová.

>Ez-12.17

A profecia por ações sobre as aperturas do cerco (17-20) é semelhante à de [#Ez 4.9-17](#) (ver especialmente [#Ez 4.16-17](#)). As ações simbólicas da passagem anterior, porém, representam a escassez que prevaleceria durante o cerco; esta última salienta o terror durante aqueles dias.

>Ez-12.21

b) Os profetas e o povo (Ez 12.21-14.11)

Esta passagem consiste de um grupo de cinco oráculos que tratam de profecias, verdadeiras e falsas, e da atitude adotada pelo povo com referência às mesmas.

1. O CETICISMO É REPREENDIDO ([#Ez 12.21-28](#)). Dois oráculos (vers. 21-25,26-28) suprem motivos para a descrença popular na profecia. O primeiro é expresso pelo provérbio: [Prolongar-se-ão os dias, e perecerá toda a visão](#) (22); isto é, o tempo passa mas as muitas ameaças de destruição nunca se realizam (cfr. [#2Pe 3.4](#)). O elemento de demora teria sido agravado pelo ministério de Jeremias. Durante os últimos trinta anos ele havia anunciado o vindouro julgamento de Jerusalém; mas os eventos pareciam desacreditá-lo. A resposta que Ezequiel obteve de Deus foi: [Chegaram os dias e a palavra de toda a visão](#) (23). A segunda objeção vinha daqueles que haviam aceitado a veracidade da profecia, mas consideravam que ela se aplicava a [tempos que estão longe](#) (27). A mesma resposta é dada aos tais: [Não será mais diferida nenhuma das minhas palavras](#) (28).

Ez-14.1

3. INTERROGADORES IDÓLATRAS ([#Ez 14.1-11](#)). [Vieram a mim alguns... dos anciãos](#) (1). É provável que os exilados se dirigissem freqüentemente a Ezequiel, aguardando uma palavra da parte de Deus que saísse de seus lábios (cfr. [#Ez 33.30](#)). À semelhança dos pagãos, aqueles

anciãos pensavam que podiam adorar qualquer deus além do seu próprio (3-4); não haviam entendido o significado de "eu o Senhor teu Deus sou Deus zeloso" (#Êx 20.5 ver também #Ez 16.38-42). **Eu, o Senhor, vindo ele, lhe responderei** (4); Jeová não usaria qualquer intermediário para replicar a tal homem. Sua voz sairia em ações de julgamento como nos vers. 12 e segs. **Que se alienar de mim** (7); lit., "dedicar-se para não seguir-me"; cfr. #Os 9.10. Tal como era o povo assim o profeta; ambos eram igualmente corruptos (9). Somente um profeta **enganado** daria para os idólatras uma resposta como se dela se derivasse de Jeová, e ambos haveriam de carregar com seu castigo. Alguns interpretam o "engano" de um profeta por Jeová como uma instância do Antigo Testamento que despreza causas secundárias; isto é, o estado enganado do profeta se devia à sua própria perversão de consciência, mas, visto que as conseqüências do pecado, igualmente com a lei moral, são ordenadas por Deus, poder-se-ia dizer que o engano era produzido por Deus. Tal maneira de argumentar, entretanto, soaria completamente estranha para Ezequiel. Cfr. #Ez 3.20; #1Rs 22.21 e segs.

>Ez-14.12

c) A razoabilidade do julgamento (Ez 14.12-23)

Nos vers. 12-20 é estabelecido um princípio geral-que o julgamento de um povo perverso não é desviado pela justiça de alguns poucos o vers. 21 aplica o princípio a Jerusalém. Para ilustrá-lo e frisá-lo são induzidos três notáveis exemplos de homens justos. Noé (que salvou sua família, #Gn 6.8), Daniel (que salvou seus amigos, #Dn 1.6-20?) e igualmente Jó (#Jó 42.7-10). As realizações desses homens não devem ser citadas como exemplos sobre a paciência habitual de Deus. Quando Jeová sentencia uma terra culpada somente os justos conseguirão ser livrados. Possivelmente Ezequiel tinha ouvido que os homens de Jerusalém olhavam para a cidade como sua esperança de salvação, baseados na história da intercessão de Abraão por Sodoma (#Gn 18.23 e segs.); mas o profeta replica: "Este é o princípio segundo o qual Deus age; se é verdadeiro em geral, **Quanto mais** no caso de **Jerusalém** (21), que não conta nem com Noé, nem com Daniel e nem com Jó!" Cfr. declaração semelhante de Jeremias sobre a inutilidade de intercessão por Jerusalém, mesmo que fosse da parte de Moisés e Samuel (#Jr 7.16; #Jr 15.1-4). Quanto ao princípio da responsabilidade individual, aqui subentendido, cfr. o capítulo 18.

Daniel (14,20). Os expositores há muito têm interrogado se o homem aqui chamado por este nome é o mesmo Daniel do livro que tem seu nome, presumivelmente um contemporâneo de Ezequiel, ou se seria algum patriarca de antigüidade semelhante à de Noé e Jó. Que os fenícios conheçam tal pessoa é atestado por referência a ele nos tabletes de Ras Shamra, cerca de 1400 a.C. E que seu nome é escrito ali conforme escrito no livro de Ezequiel, e não no livro de Daniel, é outro fato que indica que talvez seja referido aqui o patriarca, e não o profeta.

O remanescente que escapasse mostraria, por suas vidas corrompidas, quão justo tinha sido o juízo contra Jerusalém, e assim as mentes dos exilados ficariam descansadas. **E vereis... e ficareis consolados** (22).

Ez-15.1

d) Urna vinha para ser queimada (Ez 15.1-8)

Esta parábola sugere que certos israelitas se tinham comparado, conforme Isaías havia feito com um propósito diferente, à vinha entre as árvores, a preferida entre as nações aos olhos de Deus. Mas Ezequiel corrige tal noção. Israel não passava de uma vinha agreste da floresta (não uma vinha cultivada, como em outras passagens do Antigo Testamento); longe de ser melhor que as outras árvores, ela era inútil para qualquer outra coisa senão para servir de combustível. Assim como a vinha estava destinada, digamos assim, a ser queimada pela sua própria natureza, semelhantemente Jerusalém estava destinada para a destruição (6).

Ez-16.1

e) Uma mulher sem fé (Ez 16.1-63)

Este discurso procura mostrar, de maneira alegórica, que a história de Israel constitui "um registro sem interrupções de negras apostasias" (McFadyen). Foi composto em quatro movimentos: 1. Uma adaptação, talvez, de uma história popular concernente a um bebê encontrado que se tornou rainha (3-43). 2. As notórias irmãs de Jerusalém, Samaria e Sodoma, eram justas em comparação consigo (44-52). 3. Jerusalém só podia ser restabelecida juntamente com aquelas comunidades irmãs anteriormente desprezadas (53-58). 4. A penitente Jerusalém receberia uma nova aliança da parte de Deus (59-63). Quanto à comparação entre Jerusalém e uma esposa infiel, cfr. **#Is 1.21**; **#Jr 3.1** e segs.;

#Os 2.2-23. A alegoria é desenvolvida com uma candura que tende a chocar a mente ocidental, mas era perfeitamente normal para os orientais.

>Ez-16.3

Amorreu... **hetéia** (3). "A genealogia é moral, e não étnica" (Toy). Não obstante, os ancestrais arameus de Israel eram aparentados dos amorreus (ou cananeus) e tinham afinidades com certos dos heteus. Àquela criança foi negado o cuidado normal (4). "Filha de pais pagãos, recebeu tratamento pagão por ocasião de seu nascimento" (Cooke). **Estendi sobre ti a ourela do meu manto** (8). Quanto a esse costume, ver #Rt 3.9. Na alegoria é possível que isso se refira ao pacto do Sinal, enquanto que os vers. 9-14 podem ser aplicados à crescente prosperidade da nação até os dias de Salomão. Em lugar de **pele de texugo** (10), leia-se "couro"; cfr. #Êx 25.5.

>Ez-16.15

O processo mau, descrito no vers. 15, começou quando Israel adotou os santuários cananeus da Palestina (cfr. #Ez 20.28, Jr 2.5-7). As ações descritas no vers. 18 representam o tratamento dado aos ídolos por ocasião das festividades. **Teus filhos e tuas filhas... os sacrificaste** (20). Embora Josias tenha eliminado essa prática iníqua durante algum tempo (#2Rs 23.10) é provável que tal prática tenha sido reavivada durante os dias desesperados do cerco. O vers. 26 faz referência à perene tendência de Israel de esperar auxílio da parte do Egito; cfr. #Is 30.1-5, 31.1-3. Semelhantemente, o vers. 28 se refere à dependência à Assíria (#2Rs 16.7 e segs.; #Os 5.13, 8.9), e o vers. 29 se refere à confiança posta na Caldéia, isto é, Babilônia (#2Rs 20.12 e segs.).

>Ez-16.35

Os vers. 35-43 descrevem o castigo de Jerusalém; será o castigo infligido a uma prostituta-humilhação e morte (ver o vers. 38).

>Ez-16.44

O pecado de Jerusalém não apenas era tão grave como o de seus predecessores pagãos (44-45), não apenas da mesma ordem que o pecado das ímpias cidades de Samaria e Sodoma (46), mas ainda era pior que o pecado dessas cidades (47-51). Ela seria forçada a confessar seu pecado inexprimível (52). Não é necessário supor que os feitos de Israel fossem de caráter pior que os de

Samaria e Sodoma; pois sem dúvida a hediondez de sua culpa era acentuada pelo fato de seu privilégio sem paralelo de estar desposada com Jeová. Cfr. [#Am 3.2](#).

>Ez-16.53

A promessa de restauração (53-58) é feita de tal modo que trouxe bem pouco consolo para Jerusalém. Ela só poderia ser reintegrada juntamente com Samaria e Sodoma, as quais seriam consoladas pelo vergonhoso reconhecimento que lhes seria feito pela sua vizinha até então orgulhosa e justa aos próprios olhos.

>Ez-16.60

[Eu me lembrarei do meu concerto](#) (60). Esse é o único ponto brilhante em todo o céu entenebrecido. Jeová fará com ela um pacto eterno de tal natureza que restauraria completamente as relações interrompidas, e lhe devolveria sua antiga posição. Esse é o "novo concerto" de [#Jr 31.31](#) e segs. Ver. também [#Ez 37.26](#), [Is 59.21](#), [61.8](#).

Ez-17.1

f) O abutre e a vinha (Ez 17.1-24)

[Uma grande águia](#) (3); em heb., *nesher*. Conforme demonstrado em [#Jó 39.27-30](#) e [#Mq 1.16](#), o abutre; aqui simboliza Nabucodonosor. [Líbano](#) é a região montanhosa de Judá; [o mais alto ramo dum cedro](#) (3) é Joaquim, rei de Judá ([#2Rs 24.10-16](#)). [Terra de mercância](#) (4) designa Babilônia. Zedequias, filho de Joalas, foi feito rei por Nabucodonosor em lugar de Joaquim ([#2Rs 24.16](#)). A localização [junto às grandes águas](#) denota a Palestina; cfr. [#Dt 11.11](#). [A videira mui larga](#) (6). A metáfora deixa de lado o cedro. Cooke liga essa sentença ao vers. 5 e, por meio de uma alteração nos pontos vocálicos faz com que leia: "para que cresça e se torne numa videira esparramada". Nabucodonosor estabeleceu Zedequias sobre o trono para que fosse um vassalo submisso. [Mais uma grande águia](#) (7). Este outro abutre é o Faraó Ofra; ver. [#Jr 44.30](#).

>Ez-17.11

Os vers. 11-21 interpretam essa linguagem figurada. Zedequias é denunciado por ter-se voltado para o Egito procurando ajuda contra a Babilônia (15). Os profetas falaram em uníssono contra Israel por ela apelar para o Egito, embora os motivos deles variem (ver, por exemplo, [#Is 30.1-5](#); [#Is 31.1-3](#); [#Jr 2.36](#)). Não foi a infelicidade da medida política da revolta que despertou a indignação de Ezequiel, mas foi o fato de Zedequias ter traído seu juramento de fidelidade a Nabucodonosor (15-18). Pelo vers. 19 fica claro que Zedequias deve ter invocado o nome de Jeová nesse seu juramento; desrespeitá-lo era sujeitar à desgraça o Nome (cfr. [#Js 9.15-20](#)). Quanto a outra instância em que Zedequias quebra um juramento seu, ver [#Jr 34.8-22](#).

>Ez-17.22

Os vers. 22-24 formam, realmente, uma parábola adicional em que as figuras dos vers. 3 e 4 são diferentemente aplicadas. O [mais tenro](#), tirado do [principal dos seus renovos](#) (22) é o Messias da casa de Davi ([#Jr 23.5](#) e segs.; [#Ez 33.15](#)), que será plantado no monte Sião e protegerá a nação restaurada do exílio. Quanto à imagem de uma árvore a servir de abrigo para as feras e os pássaros, cfr. [#Ez 31.6,12](#); [#Dn 4.12,21](#); [#Mc 4.32](#).

Ez-18.1

g) Retribuição e responsabilidade (Ez 18.1-32)

O ensinamento deste capítulo, sumarizado no vers. 20, necessita ser colocado no contexto do livro inteiro para poder ser aquilatado com justiça. Seu principal propósito é vindicar a justiça de Deus e tem em mente certa crise particular. Os contemporâneos do profeta alegavam que estavam sendo castigados por causa dos pecados da geração anterior. Ezequiel declarou que Deus não age dessa maneira, mas considera cada homem responsável por seus feitos e lhes retribui segundo esse princípio. Esse é um princípio fundamental da religião revelada. Ezequiel foi o primeiro a declará-la claramente. Que tal princípio pode ser abusado é indubitável, especialmente se os homens divorciarem o indivíduo da sociedade. Porém, o profeta não faz isso; usualmente ele tem em mente a nação inteira e, realmente, é difícil reconciliar este capítulo com as predições sobre a total destruição de Jerusalém (exemplo, vers. [#Ez 12](#); 7.10-27; 11.7-12), tão real é a unidade da nação para o profeta. O ensino de Ezequiel tem muitas facetas: devem ser observadas em seu conjunto para que possa ser devidamente apreciado. O divorciar esse princípio de seu contexto levou certos homens a argumentar que a condição de um

homem era reflexo do julgamento de Deus contra ele pelo que a adversidade seria o fruto do pecado e a prosperidade seria o resultado da retidão. O livro de Jó é dirigido contra a distorção no ensinamento de Ezequiel, mas ninguém pode dizer com razão que o livro de Jó tinha em mira o livro de Ezequiel.

>Ez-18.2

O provérbio (2) era corrente em Jerusalém (#Jr 31.29) e dali chegou até os exilados na Babilônia. No vers. 4 é estabelecido o princípio da forma abreviada. Então, como ilustração, Ezequiel considera o caso de três gerações um homem justo que prossegue em sua retidão (5-9), seu filho que se comporta iniquamente (10-13) e seu neto, que repudia a maldade de seu pai (14-17). No vers. 20 é elaborado esse princípio; cada homem receberá a justa retribuição de sua conduta. Ezequiel tinha em mente primariamente o julgamento vindouro de Jerusalém e a restauração que se seguiria; porém, ele considerava isso como capaz de aplicação geral. **Se o ímpio se converter... não morrerá** (21). Um homem não somente está livre do pecado de seu pai; mas pode livrar-se de seu próprio passado, se assim o desejar. Pode arrepender-se imediatamente. Kraetzschmar declara que o vers. 23 e "a palavra mais preciosa de todo o livro de Ezequiel". Cfr. #1Tm 2.4; #2Pe 3.9. **Criai em vós um coração novo** (31); cfr. #Ez 36.26, "vos darei um coração novo". A mesma verdade dupla é expressa em #Fp 2.12-13.

Ez-19.1

h) Lamentação por causa de reis (Ez 19.1-14)

Neste capítulo são reunidas duas elegias; na primeira os líderes de Judá são pintados como leões (1-9), e na segunda como ramos de uma vinha (10-14). Se os dois poemas foram escritos ao mesmo tempo, o segundo tem caráter de predição (ver nota sobre o vers. 14); porém, se o vers. 14 descreve acontecimentos passados, então o segundo poema foi escrito mais tarde, seguindo o modelo do primeiro e sendo reunido a ele.

1. A LEOA E SEUS CACHORRINHOS (#Ez 19.1-9). **Tua mãe** (2) é a nação, Israel, ou, mais estritamente falando, Judá, como no vers. 10. **O leãozinho** (3) representa Jeoacaz, que foi aprisionado por Faraó Neco após um reino de apenas três meses, e foi levado cativo para o Egito, em 608 A. C. (4; ver #2Rs 23.31-34). **Outro dos seus cachorros** (5). Jeoaquim, irmão de Jeoacaz, o sucedeu no trono, mas seu reinado é passado em silêncio, porque seu fim foi

pacífico. Joaquim, filho de Jeoaquim, é aqui descrito. Depois de três meses como rei foi levado para a Babilônia, por Nabucodonosor, em 597 A. C. (9; ver #2Rs 24.8-16). Uma dupla aplicação pode ser vista nos vers. 8, 9; não apenas os leões eram capturados dessa maneira, para diversão esportiva dos reis assírios, mas os príncipes conquistados também eram aprisionados em gaiolas para servirem de espetáculo público.

>Ez-19.10

2. A VINHA E SUAS VARAS (#Ez 19.10-14). Os vers. 11 e 12 deveriam ler, acompanhando as versões grega, latina e aramaica, como se houvesse uma única vara; mas é incerto qual governante é aqui referido, se Joaquim, como nos vers. 5-9, ou Zedequias, como no vers. 14; a primeira interpretação parece preferível. A **vara dos seus ramos** (14) era Zedequias, que foi considerado responsável pela destruição de Jerusalém, visto que a cidade teria sido poupada se ele se tivesse submetido aos babilônios. Cfr. #Jr 38.20-23.

Ez-20.1

i) A história da apóstata Israel (Ez 20.1-44)

A situação é semelhante à do capítulo 14; anciãos vieram para **consultarem o Senhor** (1) por intermédio de Ezequiel. Tal como em #Ez 14.3, eles tinham "levantado os seus ídolos nos seus corações" assim também aqui, mas o profeta foi capaz de perceber a intenção deles de se amoldarem à idolatria de seu ambiente (32). A resposta de Jeová, em ambas as ocasiões, é julgamento contra os idólatras (#Ez 14.7-8; #Ez 20.33-39). Esta revisão da história de Israel exhibe as fortunas de Israel no Egito (5-9), no deserto (10-26), em Canaã (27-29), no presente (30-32), a atravessar um outro deserto (33-39), e a restabelecer-se na Palestina (40-44). A data (vers. 1) foi julho-agosto de 591 A. C., onze meses após a visão dada em #Ez 8.1. **Levantei a minha mão** (5); isto é, para reforçar o juramento (cfr. #Gn 14.22; #Dn 12.7; #Ap 10.5-7). **Rebelaram-se contra mim** (8). Não temos qualquer informação sobre uma rebelião dos judeus no Egito, a não ser que aqui seja referido #Êx 5.21. Talvez tenham existido outras tradições sobre esse período da história de Israel, correntes nos dias de Ezequiel, e que por ele foram aproveitadas. **O que fiz... foi por amor do meu nome** (9); isto é, a fim de que Sua reputação, entre as nações, não sofresse por causa de aparente incapacidade para cumprir Sua palavra (cfr. #Nm 14.16; #Dt 9.28).

>Ez-20.16

Seu coração andava após os seus ídolos (16); cfr. #Êx 32.1-6; #Nm 25.1-3. Estatutos que não eram bons... (25). Uma reversão do propósito normal das leis de Jeová; ver o vers. 11. O sacrificar os filhos (26) era, evidentemente, considerado como um cumprimento da lei de #Êx 13.12, uma interpretação que o profeta parece considerar como devida à cegueira judicial imposta por Deus (cfr. 14.9 nota; #Is 6.10-12 e a observação de Cooke em I. C. C., págs. 218-219). Traduza-se o vers. 29: "Qual é o alto lugar (bama) para o qual vós vindes (ba'im)?"

>Ez-20.33

Nos vers. 33-38 o julgamento é mesclado com a misericórdia. Jeová liderará Seu povo tirando-o da terra do exílio, assim como os retirou do Egito séculos atrás (34); os culpados perecerão no deserto, tal como na primeira viagem (35-38; cfr. #Os 2.16-17). O quadro sobre a futura redenção, como um segundo êxodo, é freqüente nos escritos dos profetas. Ver, por exemplo, #Is 41.17-20; #Is 43.16-21; #Jr 23.7-8; #Mq 7.15-17.

>Ez-20.45

j) A espada do Senhor (Ez 20.45-21.32)

Os justos sobreviventes de Israel retornarão à sua própria terra e adorarão a Jeová (40-44). Mediante esse ato redentor Jeová tornar-se-á conhecido como o único Deus, tanto para o mundo gentio (41) como para Israel (42). Tal como em #Ez 16.61-63, a promessa é misturada com memórias sobre sua pecaminosidade anterior (43,44).

Um novo capítulo tem início em #Ez 20.45, no texto hebraico; nossos revisores seguiram as antigas versões em suas divisões de capítulos. Quatro oráculos são aqui reunidos: a destruição de Jerusalém pelo incêndio e pela espada (#Ez 20.45-21.7); o cântico da espada (#Ez 21.8-17); Nabucodonosor nas encruzilhadas das estradas (#Ez 21.18-27); e o julgamento de Amom (#Ez 21.28-32). Se os vers. 21,22 nos fornecem outro exemplo da visão clarividente de Ezequiel (cfr. capítulo 8), então o capítulo data de 588 A. C., quando Nabucodonosor marchou contra Jerusalém.

>Ez-20.46

O Sul (46) é a Palestina; embora ficasse a oeste da Babilônia era assim descrita porque as caravanas subiam ao longo do Eufrates e depois seguiam para o sul, atravessando a Síria. **Não é este um proferidor de parábolas?** (49). Tais palavras refletem o ceticismo do povo, e não a habilidade que tinham de interpretar o que Ezequiel lhes dizia.

Ez-22.1

1) Denúncia contra Jerusalém (Ez 22.1-31)

Três oráculos devem ser distinguidos: os pecados de sangue da cidade (1-16); o derreter de Israel (17-22); a acusação das "classes e das massas" (McFadyen) (23-31). Jerusalém, por sua culpa, tinha causado a aproximação de seu número completo de dias e anos (4). Esta versão diz: "teus dias" e "o fim dos teus anos" (cfr. #Ez 21.23). **Os príncipes** (6) abusavam de sua autoridade cometendo homicídios judiciais (cfr. #2Rs 24.3-4). **Homens caluniadores** (9); isto é, informantes que se livraram de seus inimigos por meio de acusações falsas. **Eis que bati as mãos** (13); um sinal de escárnio (cfr. #Ez 21.14,17). Algumas versões dizem quanto ao vers. 16 "Serei profanado por teu intermédio"; ver 20.9n.

>Ez-22.18

No segundo oráculo aparece como minério não refinado (18); Jeová a dissolve na fornalha, mas a escória é o único resultado. **Bronze estanho, ferro e chumbo** (18) foi o que se precipitou do minério ao ser dissolvido pela primeira vez, do qual a prata é em seguida separada. O ponto do oráculo é a figura de julgamento envolvida na idéia da dissolução. Diferentemente de outros profetas que empregam essa figura, Ezequiel exclui a possibilidade de refinação; sua geração não passa de escória! (cfr. #Sl 119.119).

>Ez-22.25

Conjuração dos sons profetas há (25). A Septuaginta lê "príncipes" (**nasi**, em lugar de **nabi**). Se tal texto for aceito, então Ezequiel acusa todas as gamas da sociedade de Jerusalém, os "príncipes" (25; isto é, membros da casa real), **os sacerdotes** (26), **os "nobres"** (27; aqui traduzido como **príncipes**; mas em heb., **sarim**, isto é, oficiais e cabeças de famílias importantes), **os profetas** (28), e o **povo comum** (29). **Busquei... mas a ninguém achei** (30). Nenhum dos líderes

oficiais defendia a retidão e o verdadeiro bem-estar de Israel. Ezequiel, naturalmente, considerava Jeremias, a quem aqueles líderes haviam perseguido, como um caso à parte (cfr. [#Is 59.16](#); [#Is 63.5](#)).

Ez-23.1

m) Oola e Oóliba (Ez 23.1-49)

Este capítulo se divide em duas partes. Os vers. 1-35 dão a alegoria sobre duas irmãs, Samaria e Jerusalém, mediante o uso de figuras semelhantes às empregadas no capítulo 16 (ver notas ali). Porém, enquanto o poema anterior tinha em mente as más influências da religião dos cananeus, aqui o que é condenado são os pactos com as nações estrangeiras. Os vers. 36-49 formam um apêndice, desenvolvendo essa alegoria de modo diferente, possivelmente com uma situação diferente em mente. Aqui as duas irmãs são vistas juntas, e são acusadas por adorarem a Moloque e por profanarem o santuário e o sábado (37-39); as alianças com nações estrangeiras parecem ter sido feitas com aqueles povos que bordejavam Israel (42), e não com impérios distantes.

>Ez-23.4

Os dois nomes (4) são idênticos quanto ao seu significado, sendo formas femininas de [ohel](#), uma "tenda". Talvez tenham em vista as tendas associadas com a adoração falsa (ver [#Ez 16.16](#)). [Com todos os seus ídolos se contaminou](#) (7). As alianças políticas usualmente envolviam a adoção dos cultos do poder superior. Samaria havia estabelecido alianças com a Assíria (5 e segs.) e com o Egito (8); Jerusalém foi ainda mais além, e se aproximou também da Babilônia (14-18). A adoração assíria (12) foi popularizada por Manassés e permaneceu na cidade até sua queda (ver [#2Rs 21.1-9](#); [#Jr 44.15-19](#)). [Lhes mandou mensageiros à Caldéia](#) (16). A Ocasão disso é desconhecida, a não ser que seja a que é registrada em [#2Rs 24.1](#). No vers. 20 está em mente a solicitação de ajuda egípcia contra a Babilônia, [#Jr 37.7](#) e segs. [Pécode, Soa e Coa](#) (23) eram as tribos que ficavam a leste do rio Tigre. [Nua e despida](#) (29). Esse tirar as vestes de Oolibá representa a devastação de Jerusalém.

>Ez-23.40

O vers. 40 descreve uma petição feita a um povo distante, rogando auxílio, talvez contra os babilônios. [Beberrões do deserto](#) (42); seriam os vizinhos

próximos de Israel, árabes, edomitas, moabitas, etc. (cfr. #Jr 27.3 e segs.). Os **homens justos** (45) dificilmente poderão ser os babilônios (cfr. #Ez 7.21-24); são os poucos homens de Jerusalém que permaneceram fiéis a Jeová e condenaram a orientação da política nacional. Oola e Oolibá serão julgadas como adúlteras (47; ver #Dt 22.23-24).

Ez-24.1

n) O começo do fim (Ez 24.1-27)

Há três temas ligados um ao outro neste capítulo: a parábola do caldeirão enferrujado (1-14); o sinal da morte da esposa de Ezequiel (15-24); o término da mudez do profeta (25-27). Calculando a partir do cativo de Joaquim, a data (vers. 1), seria janeiro de 588 A.C. Ver #2Rs 25.1.

>Ez-24.2

O conhecimento sobre o cerco (2) ilustra novamente o dom de clarividência sobrenaturalmente intensificado que Ezequiel possuía. O estabelecer e o anunciar essa data certamente constituiu uma confirmação pública de seu ofício profético, quando as notícias se infiltraram, numa data um pouco posterior. **Põe a panela ao lume** (3). Talvez Ezequiel estivesse realmente a preparar uma refeição, num caldeirão, quando veio a ele a palavra de Deus, declarando que aquilo servia de símbolo quanto ao julgamento de Jerusalém. O emprego da figura é inteiramente oposto ao uso da mesma em #Ez 11.3. **Tira dela pedaço a pedaço** (6). A carne não devia ser comida, mas antes, jogada fora, o que era símbolo do povo que seria espalhado. A última cláusula deste versículo deixa subentendido que a sorte foi lançada em 597 A.C., quanto aos que deveriam seguir para o cativeiro; desta vez não haveria opção. A cidade era como uma panela cuja "ferrugem" (6; isto é "derramamento de sangue"- e não **escuma**, como nesta versão) não seria removida. O único recurso era virar a panela de boca para baixo, sobre o fogo, e dissolvê-la (11). Jerusalém tinha de ser destruída para poder ser purificada (12-14).

>Ez-24.16

A esposa de Ezequiel faleceu subitamente, **dum golpe** (16), ou "praga" (cfr. #Nm 14.37). O profeta deveria ocultar sua mágoa e não lamentar (17). No dia seguinte ao da morte de sua esposa, ele deu prosseguimento às suas ocupações normais (18). Isso fez com que seus companheiros de exílio o interrogassem

acerca do significado de tal conduta (19). É explicado, nos vers. 20-24, que Jerusalém e seu santuário eram tão prezados por eles como uma esposa por seu esposo: quando ouvisses falar em sua destruição, e na perda de seus parentes, eles, igualmente, deveriam encurvar-se em silêncio perante Deus; seria Seu justo julgamento.

>Ez-24.25

Deve-se ler os vers. 25-27 como se fosse uma só sentença: "no dia em que eu lhes tirar a sua fortaleza... nesse dia virá ter contigo algum que escapar... nesse dia abrir-se-á a tua boca". Um considerável lapso de tempo deveria ocorrer entre o vers. 25 e o vers. 26. Cfr. [#Jr 52.5-7](#) com [#Ez 33.21](#). As restrições divinas ao ministério de Ezequiel cessariam quando chegasse o mensageiro vindo de Jerusalém. Ver nota sobre [#Ez 3.26](#).

Ez-25.1

PROFECIAS CONTRA NAÇÕES ESTRANGEIRAS-Ez 25.1-32.32

As denúncias contra Jerusalém estavam terminadas. Antes de dar início às suas predições de restauração (Ez 33-48), o profeta insere este grupo de oráculos contra os inimigos de Israel (embora alguns deles pertençam a uma data posterior) para indicar que todos os poderes hostis deveriam ser quebrados antes de Israel ser reinstalada em glória.

VII. PROFECIAS CONTRA TRIBOS CIRCUNVIZINHAS Ez 25.1-17

a) Amom (Ez 25.1-7)

Embora, por ocasião da invasão babilônica, Amom se tenha juntado a Edom, Moabe e outros, procurando persuadir Zedequias a revoltar-se ([#Jr 27.1-11](#)), por ocasião da queda de Jerusalém, os amonitas se apossaram de cidades israelitas ([#Jr 49.1](#) e segs.). Ezequiel não faz menção dessas coisas, mas apenas da maliciosa alegria de Amom em vista da desgraça que caiu sobre Israel (3,6). Note-se que, no vers. 3, o profeta fala sobre a desolação de Jerusalém como acontecimento passado.

>Ez-25.8

b) Moabe (Ez 25.8-11)

Jeremias denunciou Moabe por causa de sua arrogância e rebeldia contra Jeová e por causa de seus insultos contra Israel (#Jr 48.25 e segs.). Sofonias fala do fato de terem assaltado os judeus (#Sf 2.8). Ezequiel denuncia os moabitas por terem rejeitado, zombeteiramente, a reivindicação de Israel de ser uma nação separada, em vista de suas relações com Jeová (8).

>Ez-25.12

c) Edom (Ez 25.12-14)

Quanto à malícia de Edom contra Israel, por ocasião da queda de Jerusalém, Cfr. #Ez 35.10-15; #Ob 10-16; #Sl 137.7.

>Ez-25.15

d) Os filisteus (Ez 25.15-17)

Não temos informação quanto ao seu comportamento para com Israel nesse período, senão a que nos é prestada nesta passagem. Os quereteus, em certo período, formavam parte da guarda pessoal de Davi (#2Sm 8.18; #2Sm 15.18; #2Sm 20.7). Ver nota sobre #Jz 3.3.

Ez-26.1

VIII. PROFECIAS CONTRA TIRO Ez 26.1-28.26

Os fatos da situação contemporânea explicam a proeminência dada por Ezequiel para Tiro. Os babilônios estavam prestes a pôr cerco na cidade. Qual seria o resultado? "Baseados em terreno patriótico e religioso, os judeus exilados sentiam-se envolvidos na questão. Ezequiel não duvidava que isso resultaria na queda e na extinção de Tiro (#Ez 26); ele antecipa sua ruína numa magnífica lamentação fúnebre (#Ez 27); e ameaça seu rei de justa retribuição (#Ez 28)" (Cooke).

a) A queda de Tiro (Ez 26.1-21)

Tiro exultava no que acontecera a Jerusalém, pois ela tinha sido a **porta dos povos** (2). O tráfico das caravanas, vindas do norte ou do sul, eram sujeitas a impostos pelos judeus. **Como se o mar fizesse subir as suas ondas** (3). Tiro estava edificada numa ilha rochosa, "no coração dos mares" (#Ez 27.4), uma posição que facilitava o comércio e a tornava aparentemente inexpugnável. **Suas filhas que estão no campo** (6) eram as cidades do continente que dela dependiam. No original, Ezequiel sempre escreve o nome do monarca babilônico (7) da maneira mais aproximada possível do original babilônico, **Nabukudurri-usur**, "Nebo protege minhas fronteiras".

>Ez-26.8

Essa descrição da campanha, nos vers. 8-12, pressupõe a ereção de um molhe que partia do continente à ilha, um procedimento provavelmente adotado por Nabucodonosor (cfr. 29.18 nota), e que certamente foi seguido por Alexandre, com sucesso completo, em 332 A. C. **As colunas da tua força** (11) seriam aqueles associados ao culto a Melcarte, o deus de Tiro. **As ilhas** (15) são as costas e as ilhas do Mediterrâneo com as quais comerciava Tiro. **Te farei descer com os que descem à cova** (20). Tiro seria rebaixada até o Seol. Em lugar de **estabelecei a glória na terra dos viventes** (20), a Septuaginta diz: "não permanecerá na terra dos vivos", o que está mais de conformidade com o contexto.

Ez-27.1

b) Lamento sobre Tiro (Ez 27.1-36)

A elegia propriamente dita (vers. 3-9,25-36) assemelha Tiro a um navio equipado luxuosamente, carregado de mercadorias, que naufragou devido a uma tempestade e que foi lamentado por aqueles que tinham investido capital nele. A seção central (9-25), que descreve o comércio de Tiro, não mantém essa imagem; porém, isso não é razão suficiente para negarmos sua autenticidade. O capítulo inteiro muito influenciou o autor do livro de Apocalipse, que aplica suas imagens ao império anticristão de seus próprios dias (#Ap 18).

>Ez-27.5

Senir (5) era o nome amorreu para o monte Hermom (#Dt 3.9). **Ilhas dos quiteus** (6; algumas versões dizem "quitim") originalmente queria dizer a ilha de Chipre, mas as "ilhas de quitim" passaram a representar as ilhas e costas do mar Mediterrâneo. Os **lídios** (Lídia?) e **Pute** (10) (na costa africana do mar Vermelho) são colocados juntos por causa de sua similaridade de nomes, e não por causa de alguma suposta proximidade geográfica. Os três nomes são suficientes para demonstrar que os mercenários de Tiro vinham de todos os quadrantes do mundo antigo. Os **gamaditas** (11) talvez viessem do norte da Síria. **Társis** (12) é Tartessu, um porto no sul da Espanha. **Javã** (13); os jônios da Ásia Menor. **Tubal** e **Meseque** (13); situados no leste da Ásia Menor (ver 38.2 nota). **Togarma** (14); Armênia. **Dedã** (15); uma tribo árabe em Edom. **Minite** (17), em #Jz 11.33, é uma vila dos amonitas. Com uma pequena alteração nas consoantes, consegue-se o termo "especiarias". **Panague** (17); talvez uma palavra emprestada do acadiano, **pannigu**, que é uma espécie de comida ou bolo (Cooke). **Dedã** (20), associada com os árabes, não deve ser confundida com a Dedã do vers. 15. **Seba** (22) ficava a 1.950 quilômetros ao sul de Jerusalém no sul da Arábia (cfr. #1Rs 10). As cidades do vers. 23 se situavam na Mesopotâmia.

>Ez-27.25

Nos vers. 25-27 é retomada a imagem principal do poema; o ótimo navio que é Tiro naufraga e toda a sua tripulação perece. Quanto ao **vento oriental** (26) cfr. #Sl 48.7; mas talvez seja uma alusão à Babilônia. Os vers. 29-34 descrevem a lamentação dos marinheiros em vista da perda de Tiro. Cfr. #Ap 18.17-19. **Os moradores das ilhas** (35) é frase que pode referir-se particularmente aos **mercadores dentre os povos** (36); cfr. vers. 3. Quanto às lamentações dos reis e dos negociantes, cfr. #Ap 18.9-17.

Ez-28.1

c) Lamento pelo rei de Tiro (Ez 28.1-19)

O **príncipe de Tiro** (Itobal II) é invocado aqui (2) como representante da cidade; sua auto-exaltação ao estado de divindade é típica do orgulho do povo. A posição inexpugnável da cidade, sobre uma rocha, relembra-o sobre o monte místico de Deus (14,16); assim como Deus reina supremamente ali, tão seguramente sentia-se o rei ali, entronizado **no meio dos mares** (2). **Daniel** (3); ver 14.20 nota. A **morte** (no original, plural intensivo) **dos traspassados** (8) não seria acompanhada de sepultamento. Visto que os fenícios praticavam a

circuncisão, a **morte dos incircuncisos** (10) era algo vergonhoso, envolvendo uma posição desonrosa no Seol.

>Ez-28.11

Nos vers. 11-19 Ezequiel parece haver adotado para sua elegia uma história popular, presumivelmente corrente em Tiro e noutros lugares, sobre um ser primitivo que habita no Jardim de Deus em esplendor e pureza mas que subseqüentemente foi expulso dali por causa do pecado de orgulho; assim também o rei de Tiro haveria de cair dentro em breve de sua glória. Parece que a história era uma versão altamente mitológica da história do terceiro capítulo de Gênesis; mas o profeta não hesitou em usá-la, visto que era bem conhecida e se prestava admiravelmente para seu propósito. **Tua cobertura** (13); isto é, "vestes"; Os deuses babilônicos eram freqüentemente vestidos em mantos ornamentados de jóias. Nove pedras preciosas são aqui enumeradas; a Septuaginta nomeia doze, idênticos às pedras das vestes do Sumo Sacerdote (**#Êx 28.17-20**); talvez as três pedras que estão faltando tenham sido tiradas por acidente do texto hebraico. Após a lista, ler: "de ouro era a obra de teus tambores e dos teus pífaros" (Cooke).

>Ez-28.14

Quanto ao vers. 14, a Septuaginta diz: "com o querube... te estabeleci", e novamente, no vers. 16: "o querube te destruiu", variações essas que alteram materialmente a história, mas que são geralmente adotadas pelos expositores. A moral da história é aplicada primeiramente ao rei (17) e em seguida à cidade (18). Ambos seriam levados à ruína completa.

>Ez-28.20

d) Profecia contra Sidom (Ez 28.20-26)

Sidom haveria de compartilhar da sorte de sua vizinha. Noutros trechos as duas cidades são nomeadas juntamente (exemplo, **#Is 23**; **#Jl 3.4** e segs.). Os vers. 24-26 estabelecem o tema não somente dos capítulos 25-32, mas também da seção que trata sobre a restauração de Israel (**#Ez 34** e segs.); a destruição dos inimigos de Israel era necessária tanto para o estabelecimento de Israel no reino de Deus como para servir de demonstração, a todas as nações, quanto ao fato que só Jeová é deidade.

Ez-29.1

IX. PROFECIAS CONTRA O EGITO Ez 29.1-32.32

Estes oráculos se originaram durante o período do cerco e da conquista de Jerusalém (587-585 A. C.), excetuando #Ez 29.17-21, que foi trecho escrito em 571 A. C.

a) A queda do Egito (Ez 29.1-16)

A data (vers. 1) é janeiro de 587 A. C. Faraó (2) é endereçado (como o rei de Tiro no capítulo 28) como representante do gênio de seu povo. Gunkel argumenta, com considerável irrefutabilidade, que Ezequiel, no vers. 3, faz Faraó usar a linguagem do caos-dragão das águas (ver a anotação de Haupt em Toy) e não simplesmente a linguagem de um crocodilo; sua sorte (4-5) é assim semelhante à do monstro na história de Tiamate; ver também #Ez 32.2-8. Com vers. 6 e 7 cfr. #Is 36.6.

Nos vers. 8-12 é aplicada a alegoria. O Egito sofreria uma sorte semelhante à de Israel, devastação e dispersão entre as nações por quarenta anos. Leia-se o vers. 10 como: "desde Migdol até Siene"; essas eram as cidades que ficavam nos extremos norte e sul do Egito.

À semelhança de Israel, o Egito seria restaurado (13-16), mas não a uma posição de glória: será o mais baixo dos reinos (15).

>Ez-29.17

b) O salário de Nabucodonosor (Ez 29.17-21)

A data (vers. 17) é abril de 571 A. C. É a data mais tardia que aparece no livro e indica que esse oráculo foi adicionado como apêndice. Nabucodonosor muito se esforçou para conquistar Tiro; cabeças ficaram calvas e ombros ficaram esfolados, devido à difícilíssima construção de um molhe desde o continente até à cidade (18). Contudo, não houve paga da parte de Tiro (18). A cidade capitulou, mas houve bem pouco despojo; os tírios tiveram tempo suficiente para embarcar e retirar seus valores. Jeová recompensará seu "servo" (#Jr 27.6) dando-lhe os despojos do Egito. Nabucodonosor invadiu o Egito cerca de 568 A. C.

>Ez-29.21

Israel será restaurada uma vez mais ao poder (21). O cumprimento dessas profecias abrirá a boca do profeta em ação de graças e em renovado ministério Profético; e as críticas de seus ouvintes, por causa do cumprimento incompleto de sua profecia referente a Tiro, seriam silenciadas.

Ez-30.1

c) O dia do Egito (Ez 30.1-26)

Nos vers. 1-19 encontramos a descrição da aproximação do dia do Senhor sobre o Egito; e no vers. 20-26 temos a eliminação do poder de Faraó por Nabucodonosor. **Ah! aquele dia** (2). Ver nota sobre **#Ez 7.2** e cfr. **#Jl 2.1-2**; **#Sf 1.15**. O vers. 5 dá uma lista de províncias e aliados do Egito que deverão compartilhar dessa ruína. A mistura de gente ('ereb) não eram os árabes ('arabh) mas antes, estrangeiros que viviam no Egito (cfr. **#Jr 25.20**); a mesma palavra denota a "mistura de gente" em Israel (**#Êx 12.38**) e estrangeiros na Babilônia (**#Jr 50.37**). Em lugar de **Cube**, um nome desconhecido, a Septuaginta tem **Lube**, isto é, a Líbia. **Os filhos da terra do concerto** e uma nação confederada com o Egito, mas desconhecida; é improvável que signifique Israel, como a Septuaginta subentende e algumas versões encorajam.

>Ez-30.13

A destruição do Egito é descrita com detalhes (13-19), e cidades principais são destacadas para menção particular. Em lugar de **Imagens** (13; em heb. **elilim**), A Septuaginta lê "chefes" (em heb. **elim**), o que é favorecido por muitos comentadores. **Áven** (17; isto é, "o nada") é uma pronúncia desprezível de "On" sendo que as duas letras são pronunciadas como em hebraico. Era famosa por seu templo dedicado ao sol, donde se deriva seu nome. "Bete-Semes" (Casa do Sol) em **#Jr 43.13**, e seu nome em grego, Heliópolis (Cidade do Sol). Em **Pibsete** era adorada a deusa com cabeça de gato, Ubastete.

>Ez-30.20

O oráculo dos vers. 20-26, datado de abril de 587 A. C. (vers. 20), se originou por ocasião da derrota de Faraó Hofra, infligida por Nabucodonosor, o que é caracterizado como o quebrar de um dos braços de Faraó, com conseqüente

enfraquecimento de seu poder (21). Isso será seguido pela derrota seguinte que derrubaria completamente o monarca egípcio (22 e segs.).

Ez-31.1

d) O grande cedro que é Faraó (Ez 31.1-18)

A alegoria tem três movimentos: os vers. 2-9 são uma descrição de Faraó como representante do Egito, sob a figura de um enorme e alto cedro; os vers. 10-14 descrevem a destruição da grande árvore e os vers. 15-18 descrevem a reação a esse acontecimento, por parte do restante das nações. Tanto este como o próximo capítulo têm paralelos com [#Is 14.4-20](#). Menção sobre o [abismo](#) (4), o [jardim de Deus](#) (8) e o [Éden](#) (9,18) indicam a probabilidade de um segundo plano semelhante ao do capítulo 28 (onde ver notas).

No vers. 3 ler: "Eis que havia um cedro no Líbano". A letra inicial de [t'asshur](#) (cedro) caiu para produzir [' asshur](#), isto é, Assíria. O contexto mostra claramente que o profeta tinha Faraó em mente. Em lugar de [ramos espessos](#) (3) leia-se, acompanhando a Septuaginta, "nuvens". A linguagem figurada dos vers. 5 e 6 é freqüentemente empregada para indicar a grandeza de um reino (cfr. [#Ez 17.23](#); [#Dn 4.11-12](#); [#Mc 4.32](#)).

>Ez-31.10

O pecado de Faraó era o orgulho (10), onde fracassa a maioria dos tiranos (cfr. [#Ez 28.6](#); [#Is 14.13](#) e segs.; [#Dn 11.12](#)). A queda de Faraó devia servir de advertência para todas as nações para que não viessem a cometer a mesma falta (14). [A mais poderosa das nações](#) (11; algumas versões dizem "o poderoso dos pagãos") isto é, Nabucodonosor. [Os mais formidáveis das nações](#) (12), seus exércitos. A imagem dos vers. 15 e 16 fotografa o efeito da queda de Faraó sobre as nações deixadas sobre a terra. Se, segundo a Septuaginta omitirmos do vers. 16 a parte que diz: [na terra mais baixa](#), então a figura pode ser levada consistentemente até o fim; as nações rivais foram [consolidadas](#) pelo fato de estarem livres de domínio do Egito. Em lugar de [inferno](#) (17) ler "Seol". Faraó havia de reunir-se, no Seol, aos [incircuncisos](#) e ao [traspassados](#) em batalha (18). Visto que os egípcios observavam a circuncisão e, ainda mais que os demais povos orientais, davam grande atenção ao sepultamento, isso envolvia a pior desgraça possível-inclusão entre as camadas mais vis do mundo invisível.

Ez-32.1

e) Lamento por causa de Faraó e do Egito (Ez 32.1-32)

A primeira lamentação (1-16) trata principalmente de Faraó, a segunda (17-32) da descida da nação ao Seol, embora em ambos os poemas o pensamento passe, imperceptivelmente, do governante, para o povo. O primeiro poema divide-se, por sua vez, em duas partes; os vers. 2-10 descrevem a sorte do monstro aquático que é Faraó; e os vers. 11-16 descrevem a desolação do Egito levada a efeito pelo rei da Babilônia. A data (vers. 1) é o fim de fevereiro de 585 A. C., oito meses após a queda de Jerusalém.

>Ez-32.2

Semelhante eras (2); pode ser melhor traduzido de outra raiz mas com a mesma forma (**damah**), como: "estás destruído". Não há conexão entre essa referência a um **filho de leão** e a alegoria seguinte, serve apenas de observação introdutória. **Foste como um dragão nos mares** (2). A maioria dos comentaristas acredita que isso se refere simplesmente ao crocodilo, como também em **#Ez 29.3-5**. Mais provável é que seja um eco da alegoria do monstro-caos, que relatava como o monstro Tiamate, personificação das águas, lutou contra o céu e foi destruído por Marduque. De seu corpo foi feita a criação material, mas uma parte dele foi reservada como alimento para o homem (II Baroque 29.4). A história é aplicada para quaisquer povos tiranos (exemplo, **#Is 27.1**; **#Dn 7**), mas especialmente para o Egito (**#Is 30.7**; **#Is 51.9-10**), assim mostrando tanto seu mau caráter como sua destruição certa. Seu uso aqui explica a linguagem extraordinária dos vers. 4-8.

>Ez-32.11

O profeta, em seguida, passa do julgamento do rei (11-12) para o julgamento da nação (12-15); a linguagem alegórica parece ser mantida nos vers. 13 e 14, e as águas agitadas se acalmam e novamente se tornam límpidas; que nem homem nem animal os perturba ainda é um sinal de desolação.

>Ez-32.17

O **mês** do vers. 17 presumivelmente é o mesmo do versículo primeiro, sendo que a **palavra** veio catorze dias mais tarde. Nos versículos que se seguem o profeta pinta o Egito a partir para a terra dos finados, consequência de sua

destruição. O Egito é obrigado a fazer isso por ordem do profeta (19-20). Ali os egípcios encontrarão os exércitos das grandes nações do passado, Assíria, Elá, Meseque e Butal (22-27), juntamente com as nações hostis do presente, Edom, **os príncipes do norte** (isto é, as terras fronteiriças com a Fenícia) e Sidom, todas as quais, evidentemente, seriam destruídas (29-30). Quando o Egito perecer devido ao julgamento de Deus, então Faraó pelo menos terá o frio consolo de saber que o seu não foi o único império que foi lançado na sepultura (31)!

Ez-33.1

A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL-Ez 33.1-48.35

X. A RESPONSABILIDADE DO PROFETA E DO POVO Ez 33.1-20

A interpretação desta passagem depende de seu verdadeiro contexto. Se, como muitos sustentam, os vers. 21 e 22 podem determinar o capítulo inteiro, então esta seção se relaciona ao julgamento de Deus contra os pecadores, antes do restabelecimento de Israel no reino glorioso. "Morrer" é partir desta vida antes da restauração; "viver" é desfrutar dos privilégios do reino. Quanto a esse texto, **#Ez 20.33-42** forma um excelente paralelo. Se, entretanto, os vers. 2 e segs., 10 e 20 implicam os últimos estágios desesperados do cerco de Jerusalém, e o conseqüente desespero da nação, então este capítulo constitui uma advertência final ao povo. Talvez a última seja a alternativa preferível.

A parábola dos vers. 1-6 se baseia no costume de estabelecer um vigia sobre o muro da cidade, em ocasiões de perigo, a fim de vigiar a aproximação do inimigo. A terrível responsabilidade da posição do atalaia é o que está principalmente em mente aqui. Com o vers. 6 cfr. **#Gn 9.5**. Com seriedade semelhante Ezequiel devia cuidar de seu ofício naquela crítica conjuntura que a nação atravessava (7-9). Estes versículos se repelem em **#Ez 3.17-19**, sobre os quais ver notas.

>Ez-33.10

Assim como o atalaia tinha a responsabilidade de fazer soar o alarma, assim também o povo tinha o dever de atender ao alarma. O vers. 10 subentende tanto a admissão da justiça das desgraças que tinham caído sobre a nação como a atitude de desespero. Ezequiel os conclamou para a renovação da fé e

da esperança, frisando a graça de Deus (11), a importância do estado presente do indivíduo e não sua vida passada (12-19) e a possibilidade de arrependimento e perdão imediatos (11,14-16,19).

>Ez-33.21

XI. O PONTO CENTRAL DO MINISTÉRIO DE EZEQUIEL Ez 33.21-33

Chegara o dia pelo qual Ezequiel havia esperado por sete anos! De agora em diante ele estava livre para dedicar-se ao ministério de edificação em lugar de destruição, e assim desenvolveu a mensagem que anteriormente apenas havia indicado (ver, por exemplo, #Ez 16.60 e segs.; #Ez 17.22 e segs.; #Ez 20.33 e segs.). A data (vers. 21) provavelmente se baseia sobre a maneira babilônica de contar os anos, começando pela primavera; em #Jr 39.2 o ano é contado começando-se pelo outono; pelo que, julho de 586 A. C., a data da queda da cidade, é o décimo primeiro ano do cativo, segundo a contagem de Jeremias, o décimo segundo, segundo a contagem de Ezequiel. As notícias sobre a captura da cidade, dessa maneira, chegaram aos ouvidos de Ezequiel seis meses mais tarde. Quanto à mudez de Ezequiel, ver notas sobre #Ez 3.26. Os vers. 23-29 contêm uma mensagem de julgamento contra os judeus deixados em sua pátria. Quanto a uma situação similar, cfr. #Ez 11.14 e segs.

>Ez-33.30

Os vers. 30-33 nos fornecem uma idéia sobre a popularidade de que desfrutava o profeta, sem dúvida intensificada pelo cumprimento de sua mensagem. Porém, o entusiasmo do povo era superficial; a palavra do profeta não era obedecida por eles. No vers. 31, em lugar de **lisonjeiam com a sua boca**, a Septuaginta diz: "mentiras estão em suas bocas". Ezequiel se assemelhava ao caso de uma das canções de amor que se deliciavam em ouvir (32); mas, provavelmente, devemos compreender que ele era como um daqueles cantores, e não a própria canção. **Quando vier isto** (33); isto é, quando aquilo se cumprisse, então perceberiam a verdade pessoal de suas palavras. A referência, aqui não é ao julgamento mas à redenção e às condições de seu usufruto, que é o tema que daqui por diante domina sua pregação.

Ez-34.1

XII. VOLTA DE ISRAEL À SUA PRÓPRIA PÁTRIA Ez 34.1-37.28

a) Ovelhas indefesas e pastores infiéis (Ez 34.1-31)

A alegoria, aparentemente um desenvolvimento de [#Jr 23.1-4](#), se divide em duas seções: os rapazes governantes de Israel, que deveriam arcar com a responsabilidade de assaltarem o povo (1-16); e as relações pelas quais Deus tratava com a própria nação (17-31).

>Ez-34.2

Os pastores (2), conforme fica claro pelo fim do vers. 4 eram os governantes de Israel, especialmente aqueles que ultimamente haviam governado a nação. Quanto à figura cfr. [#Sl 78.70](#) e segs.; [#Is 44.28](#); [#Is 63.11](#); [#Jr 2.8](#); [#Zc 11](#); 13.7. *Minhas ovelhas andam espalhadas* (6), *minhas ovelhas vieram a servir de pasto* (8). Uma descrição simbólica da opressão contra Israel (por poderes tais como a Assíria, o Egito, a Babilônia) e da dispersão após a queda de Jerusalém. Cfr. [#1Rs 22.17](#) e [#Mt 9.36](#) com o vers. 5. *As farei vir... e as trarei à sua terra* (13). Os exilados seriam trazidos de volta de todas as terras para onde foram espalhados (incluindo o Egito, a Fenícia e a Arábia, como também a Babilônia) e seriam estabelecidos debaixo do governo de Jeová. A ternura de Ezequiel, por tanto tempo oculta em suas profecias, pode ser vista muito claramente nesta descrição sobre o beneficente governo de Deus como o Pastor de Seu povo (14-16); Cfr. [#Lc 15.3-7](#); [#Jo 10](#); [#Hb 13.20](#); [#1Pe 2.25](#); [#Ap 7.17](#).

>Ez-34.17

No vers. 17 a figura é alterada. O profeta deixa de lado o rei e se revolta para os oficiais menos categorizados, os quais, não obstante, tiranizavam seus compatriotas. Este versículo talvez tenha sugerido, a nosso Senhor, Sua parábola sobre as ovelhas e os bodes ([#Mt 25.31](#) e segs.). O ensino da passagem inteira nos faz lembrar de [#Ez 20.37-38](#); a restauração está mesclada com o julgamento. *Levantarei* (23); cfr. [#2Sm 7.12](#); [#Am 9.11](#). *Um só pastor* (23) implica em um rebanho (não dois como anteriormente); ver [#Ez 37.24](#) e cfr. [#Jo 10.16](#). Ele será outro Davi (24) por meio de quem Deus governa; cfr. [#Ez 37.25](#); [#Ez 46.1-18](#). Note-se que seu aparecimento é consequência da salvação realizada por Deus. Essa salvação é conseguida pelo Messias -uma doutrina distintivamente do Novo Testamento-o que é previsto somente na

última porção de Isaías. O conceito de paz (25) é entre a terra e o povo, e está ligada à remoção da **besta ruim da terra**, que surgiria no período do exílio; cfr. **#Lv 25.4-6** e um pacto semelhante em **#Os 2.18**. Somente então seria seguro para um homem dormir **nos bosques** (25).

>Ez-34.29

Uma plantação de renome (29); a palavra é um coletivo singular, subentendendo plantações tão frutíferas a ponto de se tornarem famosas. Juntamente com a Septuaginta e com a versão latina, omitir **homens**, no vers. 31, e ler: "Vós sois minhas ovelhas... e eu, vosso Deus"; cfr. **#Ap 21.3**.

Ez-35.1

b) A extirpação de Edom (Ez 35.1-15)

A inserção deste oráculo de condenação em profecias de restauração é explicada pela tentativa que Edom fez de ocupar Israel e Judá (10). Visto que a restauração de Israel depende de sua volta à terra, Edom precisava primeiramente ser vencido; tal julgamento era exigido por causa da crueldade (5-6) e da blasfêmia (10-13) desse antigo adversário de Israel.

>Ez-35.2

Monte de Seir (2) é, propriamente falando, a serra montanhosa ao sul do Mar Morto; mas também denota o país dos edomitas. **A inimizade perpétua** de Edom (5) para com Israel recua até às origens das duas nações (**#Gn 27.41**). Edom havia evidentemente ajudado os babilônios na matança de 581 A. C., caracterizada como "tempo de extrema iniquidade" (5; cfr. **#Ez 21.25,29**). Edom reivindicava o território de Judá e Israel como sua própria possessão (10). Porém, visto que tal território era considerado herança de Jeová ("a terra do Senhor", **#Os 9.3**) e que seria novamente tomada por Ele (**#Ez 48.35**), a reivindicação de Edom não passava de blasfêmia (12) aos olhos do profeta; cfr. os 12-13; **#Ob 12**. O vers. 14 indica que Edom não terá parte no reino de Deus.

Ez-36.1

c) Restauração e regeneração (Ez 36.1-38)

A recuperação externa de Israel é tratada nos vers. 1-15, e sua renovação interna é tratada nos vers. 16-38. Tal como em #Ez 6.1-7, os montes (1) significam o próprio país, pois são sua mais proeminente característica geográfica. Mas, enquanto que no capítulo 6 os "montes" foram denunciados, aqui são consolados com promessas de bênçãos. O inimigo (2) zombeteiro denota os estados vassalos, que bordejavam as fronteiras de Israel (ver capítulo 25), mas a referência especial é à Edom, cujo ódio é o assunto do capítulo 35. O zelo de Jeová (5) se acende pelo fato das nações se terem apossado de Sua terra e terem zombado de seu povo. O mesmo zelo que absolveu Israel (#Ez 23.25) traz agora julgamento contra aquelas nações e conduz Israel a uma gloriosa reinstalação (#Ez 39.25). O fim do exílio estava prestes a vir (8). Essa é a concepção profética normal no tocante à redenção do fim dos tempos, tanto no Antigo Testamento como em o Novo Testamento (cfr. Habã 2.3; #Rm 13.12, 1Pe 4.7, Ap 1.3, 22.10). Toda a casa de Israel (10) desfrutará de restituição, e não uma tribo apenas (cfr. #Ez 37.15 e segs.). Nunca mais os desfilhará (12); isto é, pelos quatro duros julgamentos; ver Ez 15.

>Ez-36.21

O nome de Israel estava ligado ao nome de Jeová (21-22); a condição deles, portanto, refletia sobre a honra de seu Deus. As nações julgavam que a desgraça de Israel era devida à impotência de Jeová (20); mas a restauração à bênção, na própria terra de Israel, faria com que todos vissem que o governo de Jeová se caracterizava pela santidade, e não pela fraqueza, e assim Seu nome seria reverenciado por todos (23). A concepção faz parte integral do pensamento de Ezequiel e tem caráter moral no mais elevado grau. A purificação de pecados, embora descrita na linguagem do cerimonial (5), é simbólica da renovação moral; cfr. #Zc 13.1. O coração novo e o espírito novo (26) são praticamente sinônimos, operações ocasionadas pelo dom do Espírito de Deus; não devemos imaginar que se trate simplesmente da inspiração de uma nova disposição, pois se trata de um dom sobrenatural. A concessão do Espírito Santo é freqüentemente associada, pelos profetas, com a vinda da nova era (cfr. #Ez 39.29; #Is 44.3; #Is 59.21; #Jl 2.28-29; #At 2.16 e segs.). A passagem é o paralelo de Ezequiel sobre o "concerto novo" de Jeremias (#Jr 31.31 e segs.). Multiplicarei o fruto... (30). A fertilidade sobrenatural da terra é um sinal do reino de Deus; cfr. o vers. 35; ver também #Ez 47.1-12; #Is 35.1-2; #Is 55.13; #Zc 8.12. A população também aumentará (38), pelo que as cidades seriam tão apinhadas de gente como as ruas de Jerusalém costumavam

ficar quando os sacrifícios de animais atraíam as multidões por ocasião dos grandes festivais.

Ez-37.1

d) Restauração e reunião de Israel (Ez 37.1-28)

Ezequiel prediz o reavivamento político de sua nação (vers. 1-14) e a reunião de suas duas divisões (vers. 15-28).

Quer o profeta tenha visto no vers. 1 o **vale** (ou "planície") em visão, ou quer tenha sido impelido pelo Espírito para ir até àquele lugar e ali receber a visão (como em **#Ez 3.22**), não é claro. Os ossos secos (2) indicam um exército morto em batalha. Para os desanimados de Israel, a nação parecia estar em estado semelhante. Tanto a pergunta como a resposta do vers. 3 refletem o estado da desesperadora situação (cfr. 11; **#Ez 33.10**); nada senão um estupendo ato de Deus poderia efetuar uma restauração. No vers. 9 a mesma palavra hebraica, **ruach**, significa ao mesmo tempo **ventos**, e "espírito". A frase, **quatro ventos** (9), é uma expressão idiomática acadiana que significa os quatro quadrantes da terra (ver Cooke, I. C. C., pág. 400). O hálito de Deus não veio dos ventos, no sentido de identidade com eles, mas veio das extremidades da terra. Deve-se traduzir, portanto: "Profetiza ao sopro, profetiza... e diz ao sopro... Vem dos quatro quadrantes, ó sopro, e sopra sobre esses mortos". Cfr. o grego **pneuma** e a ambigüidade em **#Jo 3.8** que disso se origina.

>Ez-37.12

A interpretação da visão altera a figura por considerar os israelitas como sepultados em tumbas (12), em lugar de considerá-los espalhados pelo terreno. Essa é uma predição sobre a reintegração da vida política de Israel, e não de alguma ressurreição literal dos mortos. Alguns expositores anseiam por salientar que a doutrina da ressurreição era desconhecida então em Israel. É pertinente perguntar, entretanto, se é mais provável que o dogma da ressurreição se originou dessa passagem, como muitos acreditam, ou se a passagem não é antes uma aplicação da idéia da ressurreição, com a qual Ezequiel já estava familiarizado. Parece extraordinário, em vista do ensino posterior sobre a ressurreição, que um profeta tenha criado tal figura sem qualquer conhecimento sobre a doutrina. A probabilidade parece indicar que

temos aqui um uso figurado de uma concepção que já era corrente em seus círculos.

>Ez-37.15

Nos vers. 15-28, Ezequiel introduz um símbolo. Dois pedaços de madeira, representando os reinos hebreus do norte do sul (José e Judá são, respectivamente, suas principais tribos), são reunidos a fim de formar um só pedaço, simbolizando a unidade da nação por ocasião do retorno à pátria. Naquele tempo a casa de Davi reinará sobre a nação unida, para sempre (22,24-25; ver notas sobre #Ez 33.23-24). Algumas vezes é salientado que isso nunca aconteceu na história de Israel de após o exílio; porém, o profeta está olhando para nada menos que o advento do reino messiânico, quando o tabernáculo de Deus estiver entre Seu povo (27; ver #Ap 21.3). Naquela ocasião a nação reconhecerá o poder de Jeová mediante a redenção do povo, por Ele efetuada (28).

Ez-38.1

XIII. PROFECIA CONTRA GOGUE Ez 38.1-39.29

Estes dois capítulos são sem paralelo na profecia do Antigo Testamento, visto que descrevem um levante de poderes estrangeiros, contra o povo de Deus, após o início do reino messiânico. O profeta já havia predito a bênção vindoura de Israel (33-37); agora fotografa a nação como se há muito ela estivesse estabelecida em sua própria terra e transformada numa próspera comunidade (#Ez 38.8,11-12,14), uma condição que, de conformidade com seu ensinamento anterior, envolve arrependimento, regeneração e reavivamento político antes disso (33-37). Enquanto que o profeta disse que a restauração de Israel estava "prestes a vir" (#Ez 36.8), agora ele diz que Gogue se reunirá **depois de muitos dias... no fim dos anos** (#Ez 38.8). O motivo que sublinhava essa profecia era a necessidade que havia de que os poderes gentios hostis fossem destruídos, em cumprimento de profecias anteriores (#Ez 38.17; #Ez 39.8), e também de que as nações do mundo aprendessem a respeito do poder, santidade e deidade única de Jeová (ver nota sobre 39.7). O autor do livro de Apocalipse empregou ambos estes capítulos para dar vivacidade a sua descrição sobre Armagedom, antes do milênio (#Ap 19.17-18), e adaptou a idéia essencial dos mesmos para descrever a rebelião final dos ímpios dentre a humanidade, no fim do milênio, antes da nova criação (#Ez 20.7-9). Comparando-se os dois escritos, devemos nos lembrar que Ezequiel

nada sabia sobre uma nova criação, e nem que uma nova Israel haveria de herdar o reino; se João quis incorporar a profecia, teve necessidade de alterar sua forma. De conformidade com seu uso da profecia do Antigo Testamento em geral, o apóstolo não hesitou em fazê-lo.

>Ez-38.2

Gogue (2); talvez derivado de "Gagaia", terra de bárbaros, mencionada nas cartas de Amarna. E o nome de seu líder. **Magogue** é tanto sua terra (como aqui) como o povo (**#Ez 39.6**). Em **#Ap 20.8**, Gogue e Magogue representam, simbolicamente, as nações ímpias do mundo inteiro. **Meseque e Tubal** (2) são sempre nomeados juntos, tanto nos escritos seculares como nos escritos bíblicos, (ver, por exemplo, **#Gn 10.2**; **#Ez 27.13**; **#Ez 32.26**). Portanto, o texto desta e de outras versões, **príncipe e chefe de Meseque e de Tubal**, é preferível ao da Septuaginta e outras versões, que dizem: "príncipe de Ros (Rússia?), Meseque e Tubal". Meseque e tubal ficavam, provavelmente, a leste da Ásia Menor e usualmente são identificados com a Frígia e a Capadócia; o fato de alguns os considerarem sinônimos de Moscou e Tobolsk, e de Ros ser equiparado com a Rússia, é indefensável. **Pute** (5) é a África Oriental. **Gomer** (6) é ligado com Magogue, em **#Gn 10.2**. Eram chamados Gimirrai pelos assírios e Cimérios pelos gregos. Vindos do norte do mar Negro, pelo tempo de Ezequiel se haviam estabelecido na Ásia Menor. Seu nome sobrevive em Gamir, o nome armênio da Capadócia. **Togarma** (6), no nordeste da Ásia Menor, é a Armênia. Do ponto de vista de Ezequiel parecia-lhe ficar "da banda do norte" (6), como também, para o autor de **Salmos de Salomão**, Roma era considerada a "parte extrema da terra" (Sal. 8.16).

>Ez-38.8

Depois de muitos dias (8); a invasão não deverá ocorrer senão depois de muito tempo. Cfr. **#Is 24.22**. **No fim dos anos** (8) indica o período do reino (cfr. **#Is 2.2**). Israel, há muito estabelecido pacificamente em sua própria terra, não teme ataque, e assim habita em **aldeias não muradas... sem muros... onde não há... ferrolho nem portas** (11; cfr. **#Zc 2.4**). Comerciantes e escravos pela face da terra inteira se interessam pelo resultado da campanha (13). A destruição de Gogue será efetuada por terremoto (19-20), lutas intestinas (21) e pragas semelhantes às do livro de Êxodo contra o Egito (22-23); presume-se que Israel atravessará em segurança por todas essas calamidades, como da vez anterior. A referência a profetas passados, no vers. 17, deve ter em mente passagens tais como **#Sf 3.8**; **#Jr 3.6**; e talvez, visto que os profetas falaram

nos tempos antigos, a referência também diga respeito a profecias conhecidas de Ezequiel, mas que desde então pereceram.

XIV. O TEMPLO E O POVO NO REINO DE DEUS Ez 40.1-48.35

Os capítulos finais dos escritos de Ezequiel formam um estranho contraste com a furiosa oratória das profecias anteriores. Em realidade, formam o complemento essencial dos julgamentos que ele havia enunciado. Ezequiel era ao mesmo tempo sacerdote e profeta. Sua alegre tarefa foi contrabalançar as profecias sobre a ruína do templo, a partida de Jeová, e a dispersão da nação, com uma detalhada predição sobre a reconstrução do templo, a volta de Jeová ao Seu povo, e a reorganização da vida nacional. Não era suficiente declarar que a nação haveria de retornar e erigir outro templo; era necessário instruir sobre como edificá-lo. Para assegurar a santidade do templo, do povo e da adoração igualmente, foram prestadas instruções minuciosas pelo profeta, instruções essas que são fruto de prolongada visão e meditação. Se a leitura dessas instruções nos parece enfadonha, precisamos lembrar que, para a mente judaica, era impossível dedicar planejamento e pensamento demasiados ao lugar cujo nome é "O Senhor está ali" (#Ez 48.35). Tal foi o espírito com o qual foram escritos esses capítulos. É preciso pouco esforço de imaginação para perceber que, entre os companheiros de exílio de Ezequiel, isso excitaria tanto interesse e discussão como qualquer das outras coisas que ele já havia editado.

Precisamos adicionar uma observação concernente à interpretação desses capítulos. Dificilmente será necessário dizer que Ezequiel apresentou aqui planos que ele esperava serem realizados mais tarde. Transformá-los deliberadamente numa descrição simbólica sobre a adoração na Igreja Cristã nem deve entrar em cogitação. A visão também não teve o propósito de ser entendida como algo que seria cumprido em condições normais, conforme mostra o capítulo 47; mas era um plano para ser levado a efeito na era do reino de Deus. Alguns expositores, de conformidade com isso, esperam a reconstrução do templo por ocasião da segunda vinda de Cristo e um cumprimento exato de todas as predições de Ezequiel por ocasião do reino de Cristo. Esse ponto de vista é desafiado por certos princípios fundamentais do Novo Testamento. 1. A expiação de nosso Senhor anulou todos os sacrifícios para sempre (#Hb 10.18). 2. Os herdeiros do reino não são mais a nação judaica, mas a Igreja, a nova Israel, na qual a antiga Israel pode encontrar seu verdadeiro lugar (#Mt 21.43; #1Pe 2.9-10). 3. João, no Apocalipse, adapta

esses capítulos para descrever a Igreja no reino de Deus (#Ap 21.1-22.5) e remove deles todos os traços de judaísmo. Falar sobre um "duplo cumprimento" para todas essas coisas ao mesmo tempo, pelo que haveria dois Israéis a reinar no reino, duas Novas Jerusaléns, etc., dois governantes da semente de Davi, um Soberano terreno e outro celestial, e assim por diante, é exigir credenciais para o incrível. A conclusão da profecia de Ezequiel, por conseguinte, deve ser considerada como uma verdadeira predição sobre o reino de Deus, dada sob as formas com as quais o profeta estava familiarizado, a saber, as formas de sua própria dispensação (judaica). A verdade essencial dessas predições serão incorporadas na nova era sob formas próprias da nova dispensação (cristã). Como isso será realizado e esboçado para nós no livro de Apocalipse (#Ez 21.1-22.5).

>Ez-40.1

a) O plano do novo templo (Ez 40.1-42.20)

É impossível, nos limites deste comentário, tentar dar uma exposição completa da descrição de Ezequiel sobre o templo futuro. Isso deve ser deixado aos trabalhos mais volumosos. A leitura de seus planos será grandemente facilitada se cada parágrafo for comparado aos desenhos inclusos.

Ezequiel foi transportado em visão para o monte Sião, onde seu anjo guia o saudou (40.1-4).

Ez-43.1

b) Jeová retorna ao templo (Ez 43.1-12)

Como feliz conclusão dessa pesquisa no templo, Ezequiel viu Jeová a retornar no Seu resplendor, pela porta que anteriormente Ele havia saído (#Ez 10.19 e segs.; #Ez 11.23), para dali por diante nunca mais abandoná-lo (7). Ao profeta é então dito que, no futuro, a prática vergonhosa de colocar os sepulcros de reis israelitas próximos do santuário deveria cessar (7). Enquanto que no passado o palácio real era contíguo ao templo, separado dele apenas por um muro (8), aqui, o monte de Sião inteiro seria "santíssimo" (12).

>Ez-43.13

c) O altar (Ez 43.13-27)

O altar é descrito nos vers. 13-17, e o procedimento para sua consagração, nos vers. 18-27. O sumário de Toy sobre essa descrição a respeito do altar esclarece admiravelmente seus pontos obscuros: "inclui ele uma base com vinte e sete pés quadrados e dezoito polegadas de altura, com uma cornija com cerca de nove polegadas de largura; sobre isso está posto um quadrado de vinte e quatro pés, com três pés de altura; sobre esse um quadrado de vinte e um pés, e seis pés de altura; e sobre esse a lareira, com dezoito pés quadrados e seis pés de altura, sobre a qual era colocada a vítima; nas quatro extremidades estão os chifres, com dezoito polegadas de altura, originalmente, talvez projeções nas quais eram amarradas as vítimas". Essa tradução de medidas hebraicas para medidas inglesas, feita por Toy, obscurece o fato, entretanto, que evidentemente eram medidas simbólicas: Cooke salienta o fato que o altar-lareira do cimo tinha doze cúbitos quadrados, e que a altura, incluindo os chifres, também era de doze cúbitos.

Ez-44.1

d) Levitas e sacerdotes (Ez 44.1-31)

Após o parágrafo introdutório, concernente ao cerramento permanente da porta externa para o oriente, (1-4), é discutido o tópico principal do capítulo, a saber, a posição e os ofícios

das duas principais classes de sacerdotes. Anteriormente o trabalho braçal do santuário era feito por estranhos, provavelmente prisioneiros de guerra (cfr. #Ed 8.20; #Zc 14.21). Isso, declara Ezequiel, constituía uma ofensa a Deus e precisava cessar (6-9). Os estrangeiros seriam substituídos pelos sacerdotes anteriores dos santuários do país, os "levitas" que muito tinham sido responsáveis pelo declínio religioso de Israel (10-14). Esse procedimento resolveria de imediato o problema sobre como evitar o trabalho estrangeiro e pronunciava um julgamento contra a conduta dos levitas, pois até ali tinham sido excluídos das funções sacerdotais mais elevadas.

>Ez-44.15

Os sacerdotes levitas eram da linhagem de Zadoque (15), que foi feito sacerdote principal por Salomão, quando Abiatar e sua família foram excluídos do ofício sacerdotal (#1Rs 2.26-27,35). Haviam continuado a ministrar no templo de Jerusalém daquele tempo em diante e, a despeito de

suas aberrações (cfr. capítulo 8), eram reputados como os perpetuadores da verdadeira adoração a Jeová. Suas obrigações e deveres são esboçados nos vers. 15-27, e seus direitos de sustento, nos vers. 28-31.

Quanto aos problemas envolvidos na aquilatação das relações entre Ezequiel, Deuteronômio, e o "Código Sacerdotal", consultem-se os comentários mais volumosos. Ver também [The New Bible Handbook](#), de G. T. Manley, págs. 229, 230, e [A Short Introduction to the Pentateuch](#), capítulo X, de G. C. Aalders.

Ez-45.1

e) Oblações e ofertas (Ez 45.1-46.24)

Uma oferta da terra deveria ser oferecida a Jeová (1), composta de um território com cerca de 29 quilômetros quadrados. Dessa terra, uma faixa com dois quintos de seu comprimento pertencia aos sacerdotes, e no centro dessa faixa ficava o templo (1-4); uma outra faixa, mais ao norte, e das mesmas proporções, era para os levitas (5), e o quinto restante, ao sul, fora designado para a cidade (6). A leste e a oeste desse quadrado, estendendo-se para o Jordão e para o Mediterrâneo respectivamente, ficava o território do príncipe (7-8). O esquema inteiro parece que tinha o propósito de salvaguardar a santidade do templo, tornando-o, verdadeiramente, um "santíssimo". Uma advertência ao príncipe e seus filhos, para que não oprimam o povo como seus antepassados haviam feito (cfr. [#1Sm 26.19](#); [#1Rs 21.19](#)) é seguida por uma declaração sobre os padrões corretos de pesos e medidas (10-12), uma fonte de perpétua dificuldade, tanto naqueles como em tempos comparativamente modernos. Os vers. 13-17 esboçam os impostos que deveriam ser pagos ao príncipe para que fossem providos os sacrifícios regulares. Duas festividades anuais deveriam ser observadas, a Páscoa, no primeiro mês (21-24) e a festa da colheita ou dos tabernáculos, no sétimo mês (25). Uma espécie de dia de expiação deveria anteceder cada uma dessas festividades (18-20). No vers. 20 deve ser seguida a citação tirada da Septuaginta e aproveitada por algumas versões: "assim farás no sétimo mês, no primeiro dia do mês".

Ez-47.1

f) O rio da vida (Ez 47.1-12)

O profeta viu um rio a emergir de debaixo da porta do templo e a correr para o leste (1), deixando a área do templo justamente abaixo da porta oriental. (Note-se que Ezequiel teve de fazer um atalho para atingir aquele local; ver [#Ez 44.1-2](#)). Passando ao longo de suas margens, ele traçou seu curso até que, deixando de ser um mero filete de água (3), ele se tornou um rio profundo (5). Naquele terreno, anteriormente desértico, havia abundância de árvores de cada margem do rio (7), que produziam um ciclo perpétuo de frutos e folhas com propriedades curativas (12). A água do rio era notável, tornando doces até mesmo as águas do mar Morto, e permitindo a multiplicação de peixes por onde quer que fluísse (8-10), um particular que indubitavelmente faz referência ao fato que os peixes levados pelo Jordão abaixo, até o mar Morto, são lançados mortos nas praias deste.

A descrição deve ser entendida literalmente, mas é possível, igualmente, que sua intenção tenha sido mostrar que a fonte da bênção à nação, na Nova Era, não será outra senão o próprio Jeová em Seu santuário. Muitas outras lições podem ser aprendidas pelo crente cristão, visto que o apóstolo João, no Apocalipse do Novo Testamento, empregou, caracteristicamente, suas figuras, a fim de retratar as bênçãos espirituais da Igreja na era da consumação ([#Ap 22.2](#)).

>Ez-47.13

g) Fronteiras e disposições da terra (Ez 47.13-48.35)

A fronteira norte corria desde o mar Mediterrâneo, justamente ao norte de Tiro, até um ponto próximo de Damasco (15-17); a fronteira oriental era formada pelo rio Jordão e pelo mar Morto (18); a fronteira sul desde um ponto pouco abaixo do mar Morto até à boca do chamado rio do Egito (19; não se trata do rio Nilo; consulte-se um mapa bíblico e veja-se abaixo); a fronteira ocidental era formada pelo mar Mediterrâneo (20). Nenhum território a leste do rio Jordão se achava incluído, nem foi levado em consideração o antigo ideal que as fronteiras de Israel se estendessem do Nilo ao Eufrates (ver, por exemplo, [#Gn 15.18](#); [#Êx 23.31](#)). Isso talvez se deva ao fato que o alvo de Ezequiel era "concentração e não expansão" (Cooke); o profeta desejava ardentemente que não houvesse contaminação da Terra Santa por meio da influência dos gentios (cfr. [#Ez 44.9](#)). Por outro lado, a concessão de plena participação na herança, por parte dos **estrangeiros que peregrinam no meio de vós** (22-23) é mais generosa que qualquer outra legislação do Antigo Testamento quanto a essas questões (mas cfr. [#Lv 19.34](#); [#Lv 24.22](#); [#Nm 9.14](#)).

DANIEL

INTRODUÇÃO

I. POSIÇÃO NO "CÂNON"

Na Bíblia hebraica o livro de Daniel se encontra na terceira divisão, os **Hagiographa**, e não na segunda, na qual aparecem os livros proféticos. A razão disso não é que Daniel tenha sido escrito depois dos livros proféticos. Em algumas listas, pode-se observar, Daniel é incluído na segunda divisão do "cânion". Entretanto, o motivo pelo qual Daniel veio a ser colocado na posição que atualmente ocupa depende da posição de seu escritor na economia do Antigo Testamento.

Os autores dos livros proféticos eram homens que ocupavam a posição técnica de profeta; isto é, eram homens especialmente levantados por Deus para servir de mediadores entre Deus e a nação, declarando ao povo as palavras idênticas que Deus lhes tinha revelado. Daniel, porém, não foi profeta nesse sentido restrito e técnico. Foi antes um estadista na corte de monarcas pagãos. Na qualidade de estadista, possuía realmente o **dom** profético, embora não tenha ocupado o **ofício** profético, e é nesse sentido, aparentemente, que o Novo Testamento o chama de profeta (**#Mt 24.15**). Portanto, Daniel foi estadista, inspirado por Deus para escrever o livro que tem seu nome, pelo que também esse livro aparece no "cânion" do Antigo Testamento na terceira divisão, entre os escritos de outros homens inspirados que não ocuparam o ofício profético.

II. PROPÓSITO

No monte Sinai, no deserto, o Deus do céu e da terra depositou Sua afeição de modo peculiar sobre Israel, escolhendo essa nação para ser Seu povo e declarando que Ele seria seu Deus. Dessa maneira entrou em relação de concerto com Israel, manifestando tal relação por um poderoso ato de livramento. Seu propósito para com essa nação era que ela fosse um "reino de sacerdotes" e que Deus fosse seu governante. Assim foi estabelecida a teocracia (governo de Deus). Israel deveria ser uma nação santa, uma luz para iluminar os gentios e dar testemunho do conhecimento salvador do verdadeiro Deus a todos.

Israel, todavia, não foi fiel a esse alto propósito. Depois que já se achava por algum tempo na Terra Prometida, exibiu insatisfação com os princípios fundamentais da teocracia ao solicitar um rei humano, para que fosse semelhante às nações ao seu redor. Em primeiro lugar lhe foi dado um homem mau como rei, e então um homem segundo o próprio coração de Deus. Davi, entretanto, era homem de guerra, pelo que não foi senão durante o reinado pacífico de Salomão que o templo, o símbolo externo do reino de Deus, foi edificado. Após a morte de Salomão rebelaram-se as tribos do norte, renunciando às promessas da aliança. Dessa ocasião em diante, tanto nos reinos do norte como do sul, a iniquidade passou a caracterizar o povo, pelo que Deus anunciou Sua intenção de destruí-los (cfr. #Os 1.6; #Am 2.13-16; #Is 6.11-12, etc.). Os instrumentos que o Deus soberano empregou para realizar Seu propósito de fazer ponto final na teocracia foram os assírios e babilônios. Sob o poder dessas nações o povo teocrático foi levado em cativeiro, e o exílio ou período de "Indignação" foi iniciado (#Is 10.25; #Dn 8.19). O próprio exílio foi seguido por um período de expectativa e preparação para a vinda do Messias. Foi revelado que um período de setenta vezes sete tinha sido determinado por Deus para a materialização da obra messiânica (#Dn 9.24-27). O livro de Daniel, um produto do exílio, serve para mostrar que o próprio exílio não seria permanente. Pelo contrário, a própria nação que havia conquistado Israel desapareceria da cena da história para ser substituída por outra e, de fato, por três outros grandes impérios humanos. Enquanto esses impérios estivessem em existência, entretanto, o Deus do céu erigiria outro reino que, diferentemente dos reinos humanos, seria ao mesmo tempo universal e eterno. O propósito de Daniel, por conseguinte, é ensinar a verdade que, embora o povo de Deus esteja escravizado em uma nação pagã, o próprio Deus é seu soberano e aquele que em última análise dispõe dos destinos, tanto dos indivíduos como das nações.

Essa verdade é ensinada por meio de um rico uso de símbolos e comparações, e o motivo dessa característica se encontra no fato que as revelações feitas a Daniel tiveram a forma de visão. O livro de Daniel, pois, pode assim ser chamado de obra apocalíptica, mas se eleva muito acima dos apocalipses pós-canônicos. A única obra que pode com justiça ser-lhe comparada é o livro neo-testamentário do Apocalipse. Essencialmente, Daniel exibe as qualidades de um livro verdadeiramente profético e suas comparações são usadas tendo em vista um propósito didático.

III. AUTOR

O livro de Daniel é um produto do exílio e foi escrito pelo próprio Daniel. Pode-se notar que Daniel fala na primeira pessoa do singular e assevera que as revelações foram feitas a Ele (#Dn 7.2,4 e segs.; #Dn 8.1 e segs. #Dn 8.15 e segs.; #Dn 9.2 e segs. etc.). Visto, entretanto, que esse livro forma uma unidade, segue-se que o autor da segunda porção (capítulos 7 a 12) deve também ter composto a primeira (capítulos 1 a 6). O segundo capítulo, por exemplo, é preparatório para os capítulos 7 e 8, que desenvolvem seu conteúdo de modo mais completo e claramente o pressupõem. As idéias do livro refletem um ponto de vista básico e essa unidade literária tem sido reconhecida por eruditos de diferentes escolas de pensamento. O livro de Daniel reflete ambientes babilônicos e persas, e as alegadas objeções históricas (que serão discutidas no comentário) não são realmente válidas. Finalmente, uma aprovação indireta à autenticidade do livro parece encontrar-se nas seguintes passagens do Novo Testamento: #Mt 10.23; #Mt 16.27 e segs.; #Mt 19.28; #Mt 24.30; #Mt 25.31; #Mt 26.64.

Na Igreja Cristã tem sido tradicionalmente mantido, devido às reivindicações do próprio livro, que o Daniel histórico foi seu autor. A primeira dúvida conhecida a ser lançada sobre esse ponto de vista veio da parte de Porfírio de Tiro (nascido cerca de 232-233 A. C.), um vigoroso oponente do Cristianismo, que sustentava que essa obra era produto de um judeu que vivera no tempo dos macabeus. Durante os séculos XVIII e XIX, particularmente este último, a opinião de Porfírio parece ter ocupado posição proeminente no mundo erudito. Foi largamente mantido que o livro de Daniel fora escrito por um judeu desconhecido, que vivera no tempo de Antíoco Epifanes. Os motivos para tal opinião eram a notável exatidão pela qual aquele período é descrito em Daniel, as supostas inexatidões históricas no livro, e a alegada linguagem mais recente empregada na composição da profecia. Algumas vezes, igualmente, podia-se verificar uma atitude de aversão para com o caráter sobrenatural do livro, o que evidentemente tinha levado certos homens a procurarem negar seu autêntico caráter profético. Recentemente, contudo, talvez principalmente como resultado do estudo de Hölscher ("Die Entstehung des Buches Daniel", em *Theologische Studien und Kritiken*, XCII, 1919, págs. 113-138), tem sido mais evidente a tendência de reconhecer a antigüidade de muito material básico em Daniel. Mas até hoje é mantido-erroneamente, segundo acreditamos-que o livro, em sua presente forma, vem desde o segundo século A. C., mas que muito de seu material, particularmente na primeira porção, é muito mais antigo.

Será útil considerar de passagem algumas das objeções históricas que têm sido levantadas contra o livro de Daniel.

Em primeiro lugar é alegado que o uso do termo "caldeu" deixa entrever uma era posterior ao século VI A. C. No livro de Daniel esse termo é empregado num sentido étnico para denotar uma raça e é igualmente usado de modo mais restrito para indicar uma classe particular, a saber, os sábios. Segundo é alegado, porém, este último uso só teve origem muito depois do tempo de Daniel. Em resposta pode-se dizer que Heródoto (cerca de 440 A. C.,) fala dos caldeus como uma casta de tal modo que demonstra que assim deveria ser considerado já desde muito antes desse tempo. Mas, visto que as referências extra-bíblicas são tão poucas, não sabemos bastante para asseverar que as representações em Daniel acham-se em erro.

Também têm alguns acusado que Daniel nunca teria sido admitido no sacerdócio babilônico nem teria sido feito seu cabeça. A leitura cuidadosa da profecia, entretanto, mostra que Daniel meramente exercia autoridade política (#Dn 2.48-49). Não existe evidência de que ele tenha sido admitido ou iniciado em qualquer casta religiosa. Se o livro de Daniel fosse realmente de data posterior, como poderíamos conceber que o autor posterior pintasse Daniel a entrar numa casta pagã?

Algumas vezes tem sido mantido que não há alusões extra-bíblicas referentes ao relato da loucura de Nabucodonosor, pelo que concluem que essa narrativa bíblica não é histórica. Não obstante, o historiador Eusébio cita, de Abidenus, uma descrição sobre os últimos dias de Nabucodonosor na qual a linguagem é tal que subentende que algo estranho havia ocorrido perto do fim da vida do rei. Existem algumas similaridades nesse relato com o que é exposto em Daniel. Em Berossus, igualmente (registrado na obra de Josefo, *Contra Apionem*, 1.20) há certo reflexo sobre o fato da loucura do rei. Deveria ser salientado, entretanto, que mesmo que não houvesse ecos extra-bíblicos sobre o fato do desvario de Nabucodonosor, por si mesmo isso não significaria que o relato bíblico não é histórico.

A objeção a ter sido Daniel autor do livro também tem sido apresentada baseada no fato que a linguagem aramaica, na qual uma porção do livro foi escrita, pertence a um período posterior ao de Daniel. Apesar de que nada existe no próprio aramaico do livro de Daniel para excluir a autoria de Daniel, parece muito provável que os caracteres aramaicos são aqueles chamados aramaico "Reich" ou "Reino"; isto é, o que foi introduzido no Império persa

por Dario I. Esse fato, entretanto, exclui Daniel como autor? De maneira alguma. É perfeitamente possível que o aramaico no qual o livro de Daniel se encontra escrito seja simplesmente uma modernização do aramaico no qual o livro foi originalmente composto. A questão da autoria do livro deve ser estabelecida sobre outras bases que não a da linguagem em que foi escrito.

IV. LITERATURA

O estudioso poderá encontrar uma completa exposição sobre o moderno ponto de vista no comentário de James A. Montgomery (The International Critical Commentary Series). Esse mesmo ponto de vista é também exposto nos eruditos artigos de H. H. Rowley. O presente escritor tem procurado expor o livro do ponto de vista do Protestantismo ortodoxo em [The Prophecy of Daniel](#) (Grand Rapids, 1949).

Dn-1.1

I. DANIEL ELEVADO AO PODER Dn 1.1-21

a) Expedição de Nabucodonosor (Dn 1.1-2)

[No ano terceiro de reinado de Jeoaquim...](#) (1). De conformidade com Jeremias ([#Jr 25.1](#); [#Jr 46.2](#)) a expedição de Nabucodonosor contra Jerusalém teve lugar no quarto ano de Jeoaquim. Daniel, entretanto, evidentemente emprega o método babilônico de computação, pelo qual o primeiro ano é considerado como o ano seguinte ao da subida do rei ao trono. Portanto, o primeiro ano seria igual ao segundo ano, conforme a maneira de computar da Palestina, e o terceiro ano (computação babilônica) e o quarto ano (da Palestina) seriam iguais e equivalentes. Por conseguinte, não há conflito com Jeremias. Jeoaquim, rei de Judá (1). Ele foi elevado ao trono pelo rei do Egito. Foi um rei perverso que, no seu quarto ano de reinado, se tornou súdito de Nabucodonosor, e que três anos mais tarde se revoltou. Reinou por onze anos e seu filho, também chamado Joaquim, o sucedeu no trono. Ver [#2Rs 23.36-24.9](#); [#Jr 22.18-19](#); [#Jr 36.30](#).

Não é afirmado que Nabucodonosor tenha atacado Jerusalém na qualidade de rei. Pelo contrário, ele é chamado [rei de Babilônia](#) prolepticamente. Note-se, igualmente, que Daniel não assevera que Nabucodonosor tenha conquistado Jerusalém, como alguns críticos têm dito. Pode ser, conforme Berossus (Josefo, [Contra Apionem 1.19](#); [Antigüidades X. XI: 1](#)) disse, que lhe chegou a

notícia da morte de seu pai, e que ele regressou à Babilônia para assumir a posição de rei.

>Dn-1.3

b) Os jovens judeus na corte de Babilônia (Dn 1.3-16)

A etimologia da palavra **Aspenaz** (3) é incerta. O indivíduo, entretanto, era um delegado chefe ou oficial na corte. No versículo 3 não são mencionadas três classes diferentes; mas antes, a frase **filhos de Israel** é geral, e as outras duas, **da linhagem real** e **dos nobres**, são explicativas. O significado é: "israelitas, tanto da linhagem real como dos nobres". Entre esses o rei desejava aqueles que possuíssem mente sã e corpo sã (4) e que pudessem, por conseguinte, servir mais eficientemente na corte.

A fim de realizar esse desígnio, o rei apontou uma **ração de cada dia** (5), tanto de seu próprio alimento como de seu vinho. No versículo 6 são apresentados os jovens hebreus, e aprendemos que seus nomes foram mudados. **Daniel assentou no seu coração não se contaminar** com a porção diária (8), e a razão disso evidentemente foi que aquele alimento e bebida tinham sido consagrados mediante algum ritual pagão, e comê-lo ou bebê-lo, na opinião de Daniel, torná-lo-ia culpado de adoração idólatra. Daniel, portanto, se aproximou do eunuco chefe e Deus tornou esse oficial favoravelmente disposto para com ele (9). O **despenseiro** (11; evidentemente um oficial debaixo das ordens do eunuco chefe) concedeu a Daniel o que ele solicitava, e no fim do tempo marcado a aparência dos jovens hebreus era melhor e estavam mais cheios de carne que aqueles que tinham compartilhado da ração do rei (15). Assim teve início o triunfo do poder e da graça de Deus na Babilônia.

>Dn-1.17

As vidas dos quatro jovens estavam nas mãos de Deus. Ele lhes deu **conhecimento** (17) para que pudessem discernir entre o que era verídico na instrução que recebiam, que dizia respeito aos campos das **letras** (isto é, literatura) e **sabedoria** (isto é, ciência) (17). Daniel também obteve entendimento ou facilidade na interpretação de sonhos ou visões. Essa menção de **visão e sonhos** (17) é um reflexo exato do ambiente babilônico do livro.

>Dn-1.21

O versículo 21 não significa que Daniel continuou somente **até ao primeiro ano do rei** Ciro. Antes, visto que o ano primeiro de Ciro foi o ano que marcou o término do exílio, esse fato é mencionado para demonstrar que Daniel continuou até mesmo nesse tempo. A linguagem não implica que ele não tenha continuado além dessa data.

Dn-2.1

II. O SONHO DO REI INTERPRETADO POR DANIEL Dn 2.1-49

a) O sonho de Nabucodonosor (Dn 2.1-16)

No segundo ano (1). Alguns pensam que esta frase entra em conflito com o período de treinamento de três anos, mencionado no capítulo primeiro. Mas a frase "três anos" (**#Dn 1.5**) necessita referir-se tão somente a certas porções de anos (cfr., por exemplo, **#2Rs 18.9-10; #Jr 34.14; #Mc 8.31**), pelo que o primeiro ano de treinamento poderia compreender parte do ano da subida de Nabucodonosor ao trono, e o terceiro ano poderia compreender parte do segundo ano de seu reinado (computação babilônica). O rei ficou tão perturbado com seu sonho que **passou-lhe o seu sono** (1). Por isso convocou imediatamente aqueles que acreditava serem capazes de dizer-lhe o significado de seu sonho. Esses homens desejaram saber qual o sonho, para que pudessem interpretá-lo (4). A palavra **siríaco** (4), isto é, "aramaico", parece designada para chamar a atenção ao fato que desde esse ponto até o fim do capítulo 7 a linguagem empregada é o aramaico. Pode ser, contudo, que a palavra sirva para indicar a linguagem na qual os caldeus falaram com o rei. Alguns críticos têm afirmado que tal declaração não poderia ser histórica; porém, à luz da recentemente descoberta (1942) carta de Adon, em aramaico, tal objeção já não tem valor (cfr. "More Light on Daniel's First Verse" em **Bible League Quarterly**, n. 203, 1950, págs. 6-8, de F. F. Bruce).

No que tange ao aramaico usado no livro de Daniel, pode ser dito que nada existe nele que por si mesmo pudesse excluir ter sido empregado por Daniel. Se, entretanto, o presente aramaico provasse ser posterior, não afetaria a autoria de Daniel, mas meramente demonstraria que o aramaico original foi modernizado por um escritor de data posterior. É difícil determinar por qual razão são empregados dois idiomas no livro de Daniel; mas o próprio Daniel provavelmente assim escreveu, empregando o aramaico, ou linguagem do mundo, para aquelas seções de seu livro que versam principalmente sobre as

histórias dos impérios mundiais, e empregando o hebraico para aquelas seções que desenvolvem o futuro do povo de Deus e de Seu reino.

O motivo pelo qual o rei não queria relatar seu sonho não era que o havia esquecido (versículo 5 deveria ser traduzido não **o que foi me tem escapado**, mas "a coisa é certa para mim"), mas que ele queria testar os sábios. **Sereis despedaçados** (5). A crueldade contida nessa ameaça era generalizada na antigüidade, e caracterizava a maneira de tratar dos reis babilônicos. Os caldeus declaram sua incapacidade de relatar e interpretar o sonho, asseverando que tal conhecimento só pode ser encontrado entre os deuses **cuja morada não é com a carne** (11). Mediante essa confissão os caldeus fazem referência a Deus, pois mesmo no negro paganismo permanecia a persuasão que Deus existe (cfr. **#Rm 1.21**). O rei, entretanto ficou indignado e ordenou que os sábios fossem executados (12-13). Daniel, sabiamente, interveio e solicitou um prazo (14-16).

>Dn-2.17

b) Oração de Daniel (Dn 2.17-23)

A interpretação é chamada de **segredo** (18), visto que se trata daquilo que não pode ser obtido pela razão humana isolada. Em resposta à revelação, Daniel bendisse a Deus em oração. A Deus pertence a sabedoria-**Ele é onisciente e todo-sábio-e a força** -pois governa tudo (20). O curso da história está nas mãos de Deus, que altera os tempos e as estações, e o destino dos governantes também está sob Seu controle. Quando a verdadeira sabedoria é encontrada entre os homens, essa é um dom de Deus, e o verdadeiro entendimento também vem da parte dEle (21). **Ele revela o profundo e o escondido** (22), a saber, as maravilhosas obras de Deus visando a salvação dos homens. Foi a esse Deus soberano que Daniel expressou seus agradecimentos.

>Dn-2.24

c) A interpretação do sonho (Dn 2.24-49)

Quando Daniel reapareceu perante o rei procurou deixar claro que não viera dar a interpretação do sonho mediante seu próprio poder, mas deu a glória a Deus (28). O sonho foi de natureza escatológica, isto é, tinha a ver com o **fim dos dias** ou, em outras palavras, com a era messiânica (cfr. **#At 2.16-17; #1Tm 4.1; #Hb 1.1**). Daniel relata o conteúdo do sonho descrevendo o colosso que o

rei tinha visto, cujas diversas porções eram feitas de diferentes metais. A cabeça de ouro foi identificada como o próprio Nabucodonosor, e isso provavelmente significa que devemos compreender o império babilônico representado por seu grande rei. Outras partes da imagem, segundo Daniel, representam outros reinos.

Diferentes interpretações a respeito dessa simbologia têm sido aventadas. A maioria dos eruditos críticos que negam a autenticidade de Daniel acreditam que os quatro impérios representados pelo colosso são: Babilônia, Média, Pérsia e Grécia. Tem sido sustentado por alguns dos advogados dessa posição que, visto que a Média não existia como império separado após a queda da Babilônia, que o livro de Daniel está, portanto, laborando em erro. Há, entretanto, fortes razões para que essa identificação seja rejeitada (ver [The Prophecy of Daniel](#), págs. 275-294). Objeções a esse ponto de vista serão destacadas conforme for prosseguindo a exposição. De tempos em tempos os eruditos conservadores têm identificado os reinos como Babilônia, Medo-Pérsia, o Império de Alexandre, e os sucessores de Alexandre. Mas, em sua maioria, a posição conservadora tradicional tem sido a identificação desses reinos como Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Essa é a única posição que pode interpretar corretamente o versículo 44, um versículo que declara distintamente que o reino messiânico seria erigido nos dias dos reinos já mencionados. Os dois primeiros pontos de vista assumem que o reino messiânico será erigido **após** os quatro impérios humanos, e isso está definitivamente contra o ensino do versículo 44.

O ensino dispensacionalista interpreta os dez dedos da imagem como a representar um tempo que o Império Romano será revivificado e dividido em dez reinos. Deve-se notar, entretanto, que menção nenhuma é feita quanto ao número dos artelhos.

>Dn-2.34

A pedra **cortada, sem mão** (34) representa o Messias e o crescimento do reino messiânico, reino esse que é descrito como de duração eterna e de origem divina (44), assim ficando contrastado com os impérios humanos e temporais do colosso.

Deus é Deus dos deuses... (47). A confissão do Nabucodonosor em realidade não se eleva acima do nível do politeísmo. Ele reconhece a superioridade do Deus de Daniel; contudo, não O adora como o único verdadeiro Deus.

Não é necessário imaginar que o engrandecimento de Daniel (48) tenha envolvido necessariamente o profeta nas superstições de Babilônia. Podemos estar certos que um homem de devoção total a Deus, tal como ele foi, o conservaria livre de tal conspiração.

Dn-3.1

III. O EPISÓDIO DA FORNALHA ARDENTE Dn 3.1-30

Uma estátua (1). Era costume entre os reis assírios erigirem estátuas de si mesmos. Que aquela fosse uma estátua do próprio Nabucodonosor, entretanto, não é expressamente afirmado. É possível que o fato de Daniel haver identificado a cabeça de ouro com o rei (**#Dn 2.38**) e sua própria satisfação devido ao número de suas conquistas (entre as quais, provavelmente, Jerusalém podia ser agora incluída) tenha levado Nabucodonosor a ficar cheio de orgulho, erigindo aquela estátua tanto em honra de seu deus como em sua própria honra. **De ouro** (1). Não é preciso entender necessariamente que a estátua tenha sido feita de ouro sólido, pois pode ter sido recoberta de ouro. Também é possível que tenha sido posta sobre um pedestal, e na forma de um obelisco que, na base, tinha três metros de largura. O aspecto grotesco da estátua não é argumento contra a historicidade do relato e uma evidência de haver sido genuína é o emprego do sistema sexagésimo babilônico. **Campo de Dura** (1) é um lugar vasto entre montanhas, cuja exata localização não tem sido determinada, embora a palavra **duru** (um muro que fecha) seja regularmente comum em babilônico.

Objeção contra a autenticidade do livro de Daniel tem sido aventada por causa da presença de alegadas palavras gregas no versículo 5. Os nomes de três dos instrumentos musicais (a saber, os que são traduzidos como **harpa, sambuca e saltério**) têm sido algumas vezes considerados como de origem grega. Caso sejam gregas, assim diz o argumento, então certamente Daniel não as teria conhecido, visto que viveu tão antes do levantamento da cultura grega. Não obstante, ainda que tais palavras fossem realmente de origem grega, de forma alguma seguir-se-ia que Daniel não poderia tê-las usado, visto que a cultura grega se espalhou desde bem cedo e havia soldados gregos no exército de Nabucodonosor (ver **The Prophecy of Daniel**, pág. 87).

>Dn-3.12

O caráter injusto da acusação contra os companheiros de Daniel deveria ser notado (12). Seus acusadores declaram-nos judeus, assim frisando que eram estrangeiros, com a possível implicação que, sendo estrangeiros, não seriam leais. Note-se, ainda, a declaração que o rei havia honrado aqueles judeus, deixando subentendido que lhes faltava gratidão. Tem sido levantada a questão por que Daniel não é mencionado nesse capítulo. Várias sugestões têm sido feitas tentando dar resposta, mas, nenhuma delas é satisfatória. Visto que a Bíblia não menciona Daniel nesse ponto, é inútil especular sobre a questão.

>Dn-3.14

Tomado de ira, o rei ordena que os três homens acusados lhe fossem trazidos à presença, oferecendo-lhes oportunidade de negar a acusação (14). O versículo 16 oferece alguma dificuldade e seria mais apropriado traduzir sua última parte como: "... não necessitamos, com respeito a esse assunto, defender-nos perante ti". Em outras palavras, os três reconhecem a verdade da acusação e, em lugar de se defenderem, estão dispostos a deixar seu caso nas mãos de Deus. O versículo 17 não lança qualquer dúvida sobre a capacidade de Deus para salvar, mas antes, salienta Sua habilidade **ética**, isto é, se Deus em Sua vontade puder livrar, Ele o fará.

>Dn-3.19

Em resposta, Nabucodonosor ordena que a fornalha seja aquecida sete vezes mais do que o costumeiro e os três são projetados no meio das chamas (19). O versículo 25 apresenta o espanto do rei ao perceber que, em adição aos três judeus, havia na fornalha alguém "semelhante ao filho dos deuses". Por meio da abertura no fundo da fornalha, o rei viu uma quarta pessoa e, embora falando do ponto de vista de um homem estribado na superstição babilônica, reconheceu a presença de um Ser sobrenatural, alguém da raça dos deuses. O rei pagão, naturalmente, não podia reconhecer a verdadeira identidade daquele que estava em sua presença. Alguns têm pensado que se tratava de um anjo que apareceu na fornalha; mais provavelmente, porém, temos aqui uma manifestação pré-encarnada do Filho de Deus.

No livramento dos três foi realizado um grande milagre por Deus. Milagre é um ato, realizado no mundo externo pelo poder sobrenatural de Deus, contrário ao curso comum da natureza (embora não necessariamente levado a efeito contra os meios ordinários da natureza), e seu propósito é servir de sinal

ou comprovação. Um milagre, por conseguinte, não deve ser considerado meramente como uma obra poderosa, mas como uma obra poderosa designada a comprovar os propósitos redentores de Deus. A milagrosa libertação da fornalha ardente tinha o propósito de demonstrar a soberania do verdadeiro Deus sobre a nação que havia feito cativa Israel. Nabucodonosor reconhece a superioridade do Deus de Israel **porquanto não há outro Deus que possa livrar como este** (29). Embora o rei tenha progredido além do que disse em **#Dn 2.47**, não havia ainda falado movido por um coração dominado pela fé.

Dn-4.1

IV. SEGUNDO SONHO INTERPRETADO POR DANIEL Dn 4.1-37

a) O sonho de Nabucodonosor (Dn 4.1-18)

A doxologia (1-3), com a qual tem início o quarto capítulo, apresenta algumas dificuldades, visto que sua linguagem exibe familiaridade com o pensamento bíblico, e alguns mantêm que isso é de estranhar, tendo vindo da parte de um monarca pagão. Não nos devemos esquecer, todavia, que Daniel exercia influência sobre o rei e que a linguagem teocrática do edito provavelmente se deve à influência de Daniel.

>Dn-4.8

Nabucodonosor assevera que havia tido um sonho que os caldeus não tinham podido interpretar, mas que Daniel, **no qual há o espírito dos deuses santos** (8) havia interpretado o sonho. Essa frase particular poderia ser parafraseada como "aquilo que pertence à verdadeira deidade pode ser encontrado em Daniel". Talvez o motivo pelo qual o rei não convocou Daniel imediatamente tenha sido, não que ele se esquecera de Daniel, mas por haver percebido que o sonho dizia respeito à humilhação que teria de sofrer nas mãos do Deus de Daniel. Ele nada queria ter com o Deus de Daniel, até que fosse obrigado a apelar para Ele, impelido por necessidade extrema.

>Dn-4.10

Nos versículos 10-18 é relatado o conteúdo do sonho. **No meio da terra** (10); isto é, a árvore ocupava sobre a terra uma posição central que assim atraía a atenção. Evidentemente o rei reconheceu a si mesmo nesse simbolismo. **Um**

vigia, um santo (13); isto é, um vigia que era santo; somente um indivíduo é referido aqui. A linguagem é própria do paganismo, pois foi o rei quem falou. Provavelmente o rei, ao mencionar o vigia, se referia aos anjos que conhecia devido à religião babilônica. No versículo 16 o tronco da árvore é personificado. Seu coração deveria ser transformado "para" o que não era humano. Isso seria feito até que **passem sobre ele sete tempos** (ou períodos de tempo, cuja duração não é declarada). Visto que a duração do tempo não é revelada, não nos assiste o direito de identificar a duração em termos de anos. O rei interpreta o decreto como tendo sido originado nos **santos** (17), mas essa interpretação pagã é repudiada por Daniel, que afirma tratar-se do **decreto do Altíssimo** que viera sobre o rei (24).

>Dn-4.19

b) Interpretação e cumprimento do sonho (Dn 4.19-37)

Ao ouvir a descrição do sonho, Daniel ficou perplexo, pois ele mesmo desejava o bem para o rei, mas percebeu que o sonho continha o anúncio de um julgamento contra o rei da parte de Deus. **Quase uma hora** (19); a frase é idiomática; não significa que Daniel tenha ficado assombrado pelo espaço de quase uma hora; pois poderíamos traduzi-la corretamente como "por um momento". Então Daniel interpreta o sonho e adverte o rei sobre o que deve ser feito se o período de tranqüilidade, antes do julgamento, tiver de ser prolongado (27). Geralmente é assumido que, se Nabucodonosor se tivesse arrependido, seria afastada a calamidade ameaçada. O texto, entretanto, não menciona o afastamento do julgamento predito. Parece que o pensamento é que o julgamento ameaçado viria a fim de conduzir Nabucodonosor ao conhecimento do verdadeiro Deus (25). Entretanto, caso ele se arrependesse de seus pecados, gozaria de um mais prolongado período de tranqüilidade.

>Dn-4.27

Jerônimo, e muitos que o seguiram, interpretaram o versículo 27 como se este dissesse: "Redime teus pecados por meio de esmolas e tuas iniquidades demonstrando misericórdia aos pobres". Isso, naturalmente, ensinaria salvação por meio do mérito das obras humanas; tal pensamento, entretanto, é estranho não só para esse versículo, como também para a Bíblia inteira. As palavras de Daniel não significam: "Redime teus pecados por meio de esmolas", mas antes, **quebra** (isto é, interrompe) **teus pecados**, por meio de ações justas. Em outras palavras, aqui há em vista um mandamento que visa ao arrependimento,

voltando-se do mal para praticar o bem. É uma perversão do texto forçá-lo para que ensine a doutrina da salvação por meio do mérito humano.

>Dn-4.30

O versículo 30 deveria ser observado, visto que reflete com tanta exatidão a atitude de Nabucodonosor. Ele era primariamente um edificador, e não um guerreiro, e suas próprias declarações, preservadas em inscrições cuneiformes, mostram seu orgulho na cidade e no palácio que ele reconstruiu. O julgamento sobreveio a Nabucodonosor conforme fora predito, e ele foi expulso do meio dos homens, aparentemente afetado da enfermidade conhecida como licantropia (33). No fim do tempo predito, voltou ao rei a sua razão e com um coração de fé louvou ao verdadeiro Deus (34-37).

Dn-5.1

V. FESTA DE BELSAZAR E ESCRITA MISTERIOSA Dn 5.1-30

O quinto capítulo de Daniel, embora tenha sido freqüentemente atacado como inexato em suas afirmações é, não obstante, digno de atenção devido à sua exatidão.

Houve tempo quando o nome Belsazar foi muito difícil para ser explicado pelos expositores, visto que seu nome não aparece nos monumentos antigos. Por isso, enquanto que alguns procuravam por vários meios identificá-lo, outros negavam completamente sua existência. Entretanto, o nome do rei, conforme discussão subsequente salientará, tem sido encontrado em tabletes cuneiformes e não pode haver dúvidas quanto à sua historicidade. Dessa forma fica demonstrado que a Bíblia está correta em sua menção sobre Belsazar.

O rei Belsazar (1). Essa afirmação tem sido criticada (mui habilmente pelo prof. H. H. Rowley em "The Historicity of the Fifth Chapter of Daniel" em *The Journal of Theological Studies*, vol. XXXII, págs. 12-31), em vista do fato que Belsazar nunca reinou como monarca único e nunca é designado como rei (*sharru*) nas inscrições cuneiformes. Além disso, é mantido que não há evidência que demonstre que Belsazar tenha governado sobre o trono como subordinado a Nabonido, seu pai. Em réplica a essas acusações podemos notar, em primeiro lugar, que a palavra aramaica *malka* (rei) não precisa ter o sentido de monarca ou rei único (ver R. D. Wilson, *Studies in the Book of Daniel*, 1917, págs. 83-95). Outrossim, um dos documentos cuneiformes

afirma que Nabonido confiou o trono a Belsazar. Ora, segue-se que, se o trono tem sido confiado a um homem e que esse homem administra as questões do reino, então está agindo como rei. Foi precisamente esse o caso de Belsazar. Embora Belsazar seja consistentemente chamado de "filho do rei", nos documentos cuneiformes é, contudo, apresentado a desempenhar também funções reais (ver [The Prophecy of Daniel](#), págs. 115-118, onde há evidências sobre isso). Com toda a probabilidade havia uma co-regência entre Nabonido e Belsazar, na qual Belsazar ocupava uma posição subordinada. Entretanto, em vista do fato que ele era o homem sobre o trono com quem Israel tinha de tratar, é designado rei no livro de Daniel. Nenhuma objeção válida pode ser levantada contra esse uso.

Grande banquete (1). Aqui, novamente, encontramos a exatidão deste capítulo, pois grandes banquetes, eram uma característica da antigüidade. O termo **mil** evidentemente deve ser considerado como um número arredondado e serve para indicar o tamanho do banquete. Era costume, nas festas orientais, que o rei se assentasse numa plataforma elevada, separada dos hóspedes. Portanto, na declaração que Belsazar bebeu **na presença dos mil** (1) temos outra instância sobre a exatidão do capítulo. No versículo 2 é dito que Nabucodonosor foi **pai** de Belsazar e visto que parece não ter sido esse realmente o caso, alguns comentaristas tem considerado que o texto neste ponto labora em erro. Entretanto, dado que o uso da palavra "pai" nos idiomas semíticos, era vago, não há necessidade de haver erro aqui. A palavra "pai" podia ser usada pelo menos de oito maneiras diferentes e é possível que seu emprego aqui tenha meramente o sentido de ancestral.

>Dn-5.5

Na estucada parede (5). Escavações têm demonstrado que a parede do palácio tinha uma fina camada de esboço pintado esse esboço era branco pelo que qualquer objeto escuro movendo-se à sua superfície tornava-se distintamente visível. Quando viu a mão o rei ficou assombrado despertando do estupor de sua bebedeira e prometeu que o homem que pudesse ler o escrito na parede seria feito **no reino, o terceiro dominador** (ou "triúnviro") (7). A palavra traduzida como **terceiro dominador** significa "um dos três" e isso incluiria, na ordem de autoridade, Nabonido, Belsazar e Daniel. O emprego da palavra implica que o próprio Belsazar era apenas o segundo no reino. Isso é um sinal de exatidão tal que seria inconcebível se o livro de Daniel fosse um produto do segundo século A. C.. **Falou a rainha, e disse** (10). O fato da rainha haver se dirigido ao rei também atesta igualmente sobre a notável exatidão do presente

capítulo. Na Babilônia a rainha mãe ocupava a mais proeminente posição no palácio real. Devido à sua intervenção foi chamado Daniel. Ele rejeitou a recompensa real e, após pregar ao rei no tocante à sua perversidade (18-23) prosseguiu para interpretar o estranho escrito (25-28). Cada uma das palavras contém um duplo sentido: MENE, enumerado; isto é, Deus havia enumerado (**mena**) os dias da duração do reino; TEQUEL, um siclo, que indicava que Belsazar havia sido pesado (na balança) e encontrado deficiente; PERES, teu reino é dividido (**peres**) e dado aos medos e persas (**paras**). A palavra **paras** parece salientar que os persas seriam o poder dominante perante o qual Babilônia sucumbiria. Ao ler o escrito, Daniel leu UFARSIM (25), mas, ao dar a interpretação, empregou a forma PERES (28). O U é a conjunção aramaica "e", que seria omitida ao ser dada a interpretação. Farsim é uma forma plural, enquanto que **peres** é singular. À base de algumas versões antigas parece que **peres** é a forma original e que o plural **farsim** possivelmente pode ser considerada como obra de um escriba que talvez tivesse em mente a palavra que significa persas (**paras**).

>Dn-5.31

VI. DANIEL NA COVA DOS LEÕES Dn 5.31-6.28

O versículo 31 do capítulo quinto pertence realmente ao sexto capítulo e assim é tratado aqui. A menção de **Dario, o medo**, constitui um problema, visto que Dario é desconhecido na história secular. Têm sido feitas tentativas para identificá-lo com Cambíses, Astíages, Ciaxares e Gobrias, mas, na opinião do presente escritor, essas tentativas não são convincentes. O período da queda de Babilônia é um tanto obscuro e é possível que Dario tenha sido uma figura que de outro modo passaria despercebida, a quem Ciro confiou o trono. Embora sua identidade ainda não tenha sido estabelecida, por si mesmo isso não indica que ele não tenha sido uma figura histórica. Nem se segue que o escritor de Daniel tenha concebido, como tem sido afirmado por alguns, que houvesse um império medo separado, após a queda de Babilônia. É dito que Dario foi medo simplesmente por motivo de sua descendência de sangue; não é aqui afirmado que ele tenha sido rei dos medos. Nesse mesmo contexto (vers. 28) os medos e persas aparecem juntos e em **#Dn 6.8** é mencionada **a lei dos medos e dos persas** (e não meramente a dos medos). Toda a evidência, no livro de Daniel, salienta o fato que o reino que se seguiu à Babilônia foi o da Média-Pérsia, e não apenas o da Média.

Dn-7.1

VII. VISÃO DE DANIEL SOBRE AS QUATRO FERAS Dn 7.1-28

O assunto deste capítulo é o mesmo do capítulo segundo. O sonho que Daniel viu e as **visões da sua cabeça** (1) não foram originados em sua mente ou cérebro, mas antes, vieram à sua cabeça e foram intelectualmente apreendidos. O sonho e as visões eram revelações especiais e divinamente impostas, conforme subentende o resto do capítulo. Estamos tratando, portanto, não com um sonho comum de Daniel, mas com uma revelação da parte do próprio Deus.

>Dn-7.2

No sonho, **os quatro ventos do céu combatiam no mar grande** (2). O mar representa a humanidade (cfr. versículo 17); não se trata do Mediterrâneo nem de qualquer mar particular o que aqui é referido, mas simplesmente o abismo vasto e ilimitado. Os quatro ventos cardeais simbolizam os poderes celestes e esses poderes celestes põem em movimento as nações do mundo.

>Dn-7.4

A primeira fera a emergir do mar corresponde à cabeça de ouro da imagem (**#Dn 2.32**). O simbolismo do **leão e das asas de águia** (4) representa a Babilônia, conforme se pode ver por meio de **#Jr 4.7; #Jr 49.19; #Hb 1.8; #Ez 17.3**. É difícil perceber como um escritor, que vivesse muito tempo depois da destruição do império babilônico, poderia aprender acerca desse simbolismo. A Babilônia é representada pela mais majestosa das criaturas. A alteração que se verificou nesse animal evidentemente se refere ao evento da loucura de Nabucodonosor e sua subsequente restauração. Tanto externa como internamente, um processo de humanização teve lugar.

>Dn-7.5

A segunda fera a surgir do mar tem um aspecto duplo. Os pés de um dos lados estavam levantados para o propósito do animal adiantar-se, enquanto que os pés do outro lado não estavam assim levantados (5). À fera é ordenado que devore a carne que já estava em sua boca. Têm sido feitas tentativas para identificar as três costelas, mas provavelmente é melhor considerar o número como arredondado e não buscar identificações específicas.

>Dn-7.6

A terceira fera que se levantou do mar é um **leopardo** ou "pantera", animal notável por sua velocidade e agilidade. **Nas suas costas** (6); essa frase também pode ser traduzida como "sobre seus lados", e pode ser que, à semelhança das representações de feras com asas, vistas na Babilônia, essa fera tivesse asas de seus lados. As asas evidentemente denotam rapidez. **Quatro cabeças** (6). Não se referem aos quatro reis persas mencionados em **#Dn 11.2**, nem aos quatro sucessores das conquistas de Alexandre, mas antes, têm em vista simbolizar o caráter universal desse reino ou seja, os quatro quadrantes da terra. Em **#Dn 2.39** é dito que esse reino "terá domínio sobre toda a terra".

>Dn-7.7

O quarto animal é introduzido com particular solenidade. E indescritível, pois no reino animal não há nada que se lhe compare. A descrição salienta apenas o caráter destruidor da fera. **Diferente** (7). No aramaico é empregado um particípio que pode ser traduzido como "agia diferentemente". Há três pontos, no aparecimento dessa quarta fera, que exigem atenção especial: primeiro, é mencionada a própria fera; segundo, são mencionados os dez chifres sobre a cabeça da fera; e terceiro, é mencionado o pequeno chifre. Parece, portanto, que, devido à ordem da declaração, temos em frente uma história que se vai desdobrando. Depois de contemplar a fera, Daniel passou a contemplar os dez chifres e então contemplou **outra ponta pequena** (8). Essa ponta ou "chifre" é descrita como "pequena", mas agia constantemente como se fosse grande. Dessa maneira, aparece um contraste. Esse pequeno chifre não cresce em tamanho, como aquele que é mencionado no capítulo oitavo. A descrição da ponta como pequena serve para chamar atenção para os olhos e para a boca, que dizia blasfêmias e coisas presunçosas contra Deus.

>Dn-7.9

O versículo 9 introduz uma cena celestial de julgamento. **Foram postos**. O pensamento é que os tronos foram colocados em preparação para o julgamento. O **ancião de dias**; a significação literal da frase é: "um avançado em dias". A figura que se achava sobre o trono, por conseguinte, era a de uma Pessoa idosa e venerável. O simbolismo tenciona significar que Deus está assentado sobre o trono, pronto para pronunciar o julgamento. A cena do julgamento é majestosamente concebida e a tensão com que é antecipado o

pronunciamento do juízo é intensificada pelo fato que, durante toda a preparação da cena, Daniel ouve a boca da pequena ponta a dizer coisas grandiosas (11). Na visão, o julgamento cai primeiramente sobre a quarta fera, um julgamento que a destrói completamente. Quando a pequena ponta é destruída, então desaparece inteiramente o poder do quarto reino (11). As três primeiras feras que foram vistas na visão perdem o poder do governar, mas não obstante recebem a permissão de continuar existindo até a vinda do tempo que Deus determinou (12).

>Dn-7.13

O versículo 13 introduz um novo aspecto na cena, pois o julgamento não fica concluído pela destruição das feras, mas inclui também o estabelecimento do reino do **filho do homem**. **Nas nuvens** (13); isso é, acompanhado pelas nuvens. Essa descrição tem o propósito de expressar a deidade dAquele que vem nas nuvens, pois se trata de um simbolismo que expressa julgamento (cfr. **#Is 19.1; #Sl 104.3; #Sl 18.10-18; #Mt 24.30; #Mc 13.26; #Ap 1.7**). Leia-se "um filho do homem" e não **o filho do homem**; pode-se traduzir literalmente "a semelhança de um filho de homem". Trata-se de uma personagem em forma humana, distinguida das feras que representavam os quatro reinos dos homens. Não é declarado explicitamente que a figura fosse um homem, mas que era semelhante a um homem. Dessa maneira, trata-se de uma personagem semelhante a homem, diferente das feras que se elevaram do mar. Essa figura celestial é escoltada majestosamente perante o ancião de dias, e é lhe entregue um reino eterno e universal (14).

É agora necessário inquirir quanto à interpretação da visão. Pode-se observar três pontos de vista:

1. Entre os eruditos que não sustentam que Daniel tenha sido o autor do livro, é geralmente imaginado que as quatro feras que emergiram do mar representam os seguintes reinos: Babilônia, Média, Pérsia e Grécia. Visto que tal ordem de reinos nunca ocorreu historicamente, tais eruditos assumem conseqüentemente que quanto a esse ponto o livro de Daniel é culpado de um erro histórico. Há diversos argumentos aduzidos por aqueles que favorecem a identificação dos reinos que acabamos de mencionar. É mantido, por exemplo, que se Roma, e não a Grécia, é representada pela quarta fera, então a profecia não concorda com a história. Quando, em 476 D. C., o império romano chegou ao fim, não se levantaram dele dez reinos. Portanto, argüem que a quarta fera não pode significar Roma. Em oposição a esse raciocínio, contudo,

pode-se dizer que o número dez não deve ser pressionado e considerado literalmente; trata-se de um número arredondado, e o simbolismo das dez pontas meramente tem referência a uma segunda fase da história da fera. Pode-se salientar, outrossim que aqueles que vêm na quarta fera uma referência à Grécia também têm grande dificuldade para identificar os dez reis ou reinos. De fato, é impossível fazer tal identificação. Usualmente são feitas tentativas para descobrir dez reis **sucessivos** após a morte de Alexandre, enquanto que a fase do simbolismo das dez pontas recai não sobre a sucessão mas sobre a contemporaneidade dos reinos; as dez pontas existem durante uma segunda fase da história da fera.

É mantido, ainda, que a pequena ponta do capítulo sétimo deve ser identificada com a pequena ponta do capítulo oitavo. Ora, esta última ponta é expressamente identificada (**#Dn 8.23**) como um rei que se levantaria da Grécia, pelo que aqueles concluem que a pequena ponta do capítulo sétimo também deve levantar-se da Grécia e que, por conseguinte, a quarta fera deve representar a Grécia, e não Roma. Todavia, em resposta a isso duas coisas podem ser afirmadas. Em primeiro lugar, a descrição da pequena ponta do capítulo sétimo e a da pequena ponta do capítulo oitavo demonstram além de qualquer dúvida, que sua intenção não é serem identificadas. Se alguém alistar as características de cada uma dessas pontas e notar cuidadosamente o que é dito a respeito de cada qual, ficará impressionado com a dissemelhança entre as duas. Em segundo lugar, se alguém comparar cuidadosamente tudo quanto é dito no capítulo sétimo concernente à fera sem descrição (versículo 7) com a descrição do bode (Grécia) no oitavo capítulo, descobrirá quão essencialmente diferentes são os dois chifres. Diferem no que respeita à origem, à natureza e ao destino.

Alguns também argüem que Dario é representado como um medo que governou depois de Belsazar e antes de Ciro. Entretanto, tal declaração não é completamente exata; em porção alguma do livro de Daniel é dito que Dario governou antes de Ciro. Também tem sido dito, além disso, que Dario é chamado de medo enquanto que Ciro é denominado persa, sendo assim destacada uma distinção racial. Entretanto, essa distinção racial tem a ver com os próprios indivíduos e não com o reino sobre o qual reinaram, reino esse que, no livro de Daniel, é o reino dos caldeus. Finalmente, alguns argüem que, de conformidade com **#Dn 5.28** o reino seria dividido entre os medos e os persas.

Com respeito a esses argumentos, deveríamos notar que embora Dario seja identificado como medo, não se segue de maneira alguma que o império sobre o qual ele governou foi a Média. Tal dedução é **non sequitur**. Além disso, quando é dito que o reino seria dividido (vers. 28), a significação é que sua presente forma (a forma que tinha quando Belsazar era rei) seria quebrada e seria entregue ao inimigo, os medos e os persas. Esse versículo não significa que uma parte do reino seria entregue aos medos e que outra parte seria entregue aos persas. À luz das considerações acima, portanto, sentimo-nos constrangidos a rejeitar a identidade das quatro feras que consideram a Grécia como representada pela quarta fera. (Nota: O estudioso que quiser ler uma defesa capaz sobre a identificação esboçada acima, deveria consultar a obra de H. H. Rowley, **Darius the Mede and the Four World Empires**, 1935. Quanto à posição conservadora examinar **The Prophecy of Daniel**, págs. 275-294).

Os advogados da posição esboçada acima identificam a figura celestial semelhante a um Filho de homem com o povo de Israel, "os santos do Altíssimo". Em apoio a essa interpretação apelam para **#Dn 7.18,27** onde é dito que o reino será dado aos santos. Entretanto, os santos recebê-lo-ão como algo que lhes será confiado pelo Filho do homem, para possuí-lo para sempre. O Filho do homem é apresentado como uma figura sobrenatural, pelo que não é possível identificá-lo com os santos. Pelo contrário, como reis, eles reinam em Seu reino.

2. A segunda interpretação é mantida pela escola de pensamento dispensacionalista. Essa concorda com o ponto de vista tradicional que identifica os reinos como Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma. Acredita-se, porém, que haverá um Império Romano revivificado que será dividido em dez reinos, pelo que as dez pontas da fera são comparadas com os dez artelhos da imagem que aparece no segundo capítulo. Esse período dos dez reinos, segundo dizem, ocorrerá após o retorno de Cristo para vir buscar Seu povo. A pequena ponta significa um príncipe do Império Romano revivificado que será inspirado satanicamente. Entretanto, precisamos deixar a discussão detalhada sobre esse ponto de vista ao considerarmos a passagem em **#Dn 9.24-27**.

3. A interpretação que este escritor acredita ser correta é a seguinte. Visto que as quatro feras emergem do mar (humanidade), representam, portanto, reinos que têm origem humana e, conseqüentemente, são ao mesmo tempo temporais e não universais. A primeira fera representa a Babilônia. A segunda, conforme demonstrado por seu duplo caráter, representa a Média-Pérsia, e não a Média

apenas. A terceira representa a Grécia. E a quarta fera simboliza o Império Romano histórico.

Quanto às dez pontas, representam os reinos que deverão existir durante a segunda fase da história da quarta fera. Não se segue necessariamente que esses reinos devam levantar-se imediatamente depois da queda de Roma, mas tão somente que serão capazes de traçar sua origem até Roma. São contemporâneos somente no sentido que existem durante esse período particular; não será necessário que sejam realmente contemporâneos.

Quando chegar ao seu fim esse segundo período, virá um terceiro período, que é introduzido mediante o aparecimento da pequena ponta. Pelo próprio simbolismo não é possível dizer se essa pequena ponta representa um homem, um governo, uma coligação de governos ou uma ideologia. Só se sabe que fará oposição aos santos até que o julgamento de Deus traga a destruição completa da quarta fera.

O reino dado ao Filho do homem não é humano, mas tem origem divina, e é ao mesmo tempo universal e eterno. A figura celestial representa os santos, mas conforme mostra o simbolismo, é um Personagem divino. Era essa visão que nosso Senhor tinha em mente ao chamar a Si mesmo de Filho do homem.

>Dn-7.15

Quanto a min, Daniel, o meu espírito foi abatido (15). Na própria visão, Daniel se apresenta a fim de mostrar como ele foi afetado pelo que viu. Os santos do Altíssimo (18); não os judeus, em distinção aos gentios, mas sim, os redimidos, isto é, os crentes verdadeiros, que seriam um reino de sacerdotes e nação santa (#Êx 19.16). Não fundaram por si mesmos o reino, mas receberam-no como algo confiado pelo Filho do homem, para quem foi dado o reino. Foi dado o juízo (22). Esse versículo expressa o resultado final da guerra que a pequena ponta fará contra o povo de Deus. O juízo será feito por Deus a favor de Seu povo, pelo que ficam em eterna e segura possessão do reino. Um tempo, e tempos, e metade dum tempo (25). Essas palavras caracterizam a intensidade da perseguição movida pela pequena ponta. A duração do período indicado pela palavra tempo não é indicada e, conseqüentemente, não podemos garantir que se trate de um ano. A própria expressão é cronologicamente indefinida, ainda que seu significado seja bastante claro. O poder da pequena ponta aparecerá por um tempo, e então por dois tempos. Assim é expresso simbolicamente que a intensidade do poder da

pequena ponta será dobrada. Parece que esse poder continuará a crescer, e deveríamos esperar que isso seria dito pelas palavras quatro tempos assim perfazendo um total de sete tempos simbolizando completo e perfeito triunfo da parte do perseguidor. Entretanto em lugar disso, encontramos a menção de "metade dum tempo", e assim aprendemos a respeito do súbito fim do poder da pequena ponta, um fim realizado, segundo acreditamos, pelo julgamento divino e pela volta do Senhor do céu.

Dn-8.1

VIII. VISÃO DE DANIEL SOBRE O CARNEIRO E O BODE Dn 8.1-27

a) A visão é descrita (Dn 8.1-14)

Na cidade de Susã (2). Algumas versões adicionam, "no castelo". Tratava-se de Susã, a capital da Pérsia, que no Antigo Testamento é constantemente designada como a "fortaleza". Não devemos pensar que Daniel estivesse realmente presente na Pérsia, a contemplar a visão ali, mas antes que, ao contemplar a visão (2), na visão se encontrava em Susã. Um carneiro (3); o carneiro com os dois chifres representa a Média-Pérsia (ver versículo 20). As marradas do carneiro (4) simbolizam as rápidas conquistas dos reis persas. Um bode (5); o bode representa a Grécia (ver versículo 21), enquanto que a ponta notável (ou "conspícua") representa o primeiro rei, a saber, Alexandre (ver versículo 21). O simbolismo do bode a ferir o carneiro (7) significa a conquista da Média-Pérsia pela Grécia. Aquela grande ponta foi quebrada (8); assim é simbolizada a morte de Alexandre. Os quatro chifres que se levantaram em seu lugar (8) representam os quatro reinos nos quais foi dividido o império de Alexandre, a saber, a Macedônia, a Trácia, a Síria e o Egito. No versículo 9, a ponta que apareceu, em realidade não é descrita como pequena, mas é dito que "saiu da pequenez", isto é, do estado de ser pequeno. Tendo começado como algo pequeno, aquela ponta foi crescendo até tornar-se grande em poder. A terra formosa (9); trata-se de uma designação de Canaã, a Terra prometida (cfr. #Jr 3.19). Exército do céu (10); isto é, as estrelas (cfr. #Jr 33.22); o simbolismo se refere aos santos, que são os objetos do ataque. O príncipe (11) é o próprio Deus. O fato que se engrandeceu (ou agiu grandiosamente) até Deus, consiste na remoção dos sacrifícios do templo. No versículo 14 a duração da desolação causada pelo chifre é estabelecido como duas mil e trezentas tardes e manhãs (ou dias). Isso não significa 1.150 dias, mas realmente 2.300 dias. A expressão "tardes e manhãs" (provavelmente

baseada em #Gn 1) significa um dia. O período total das abominações de Antíoco Epifânio se estenderia de 171 A. C. a 165 A. C., e então o santuário seria restaurado.

>Dn-8.15

Enquanto Daniel, em sua mente, buscava compreender a visão, um anjo semelhante a homem se pôs ao seu lado (15). No versículo 19, **no determinado tempo do fim**, não se refere ao fim de todas as coisas, nem ao fim do julgamento, mas ao fim do período de aflições que sobrevirão sobre Israel. **No último tempo da ira** (19); isto é, o fim do período do aparecimento de Antíoco Epifânio. **Feroz de cara** (23); isto é, alguém que é obstinado, inexorável; a referência aqui é a Antíoco. **Entendido em adivinhações** (23); isto é, alguém que seria mestre em dissimulações. **Sem mão** (25); isto é, sem o concurso de mão humana. Deus é que porá fim no poder do tirano.

Dn-9.1

IX. ORAÇÃO DE DANIEL Dn 9.1-23

Livros (2). Esse termo evidentemente se refere às Escrituras. Pelo estudo dos escritos de Jeremias, Daniel entendeu que o período de exílio se prolongaria por setenta anos (#Jr 25.12). Portanto, Daniel voltou-se para Deus, em súplica, por causa dos pecados de seu povo. Nos versículos 4-14 Daniel reconhece a culpa de Israel e, nesse reconhecimento, inclui sua própria pessoa. Os versículos 15-19 constituem um apelo pedindo a misericórdia e o perdão de Deus. Enquanto Daniel ainda estava ocupado em oração veio Gabriel da parte de Deus para tornar Daniel sábio de entendimento (20-23).

>Dn-9.24

X. PROFECIA SOBRE OS SETENTA VEZES SETE Dn 9.24-27

Esta notável seção declara que um período definido de tempo havia sido decretado por Deus para a realização da restauração de Seu povo da escravidão. O tema geral, a saber, a decretação de um período de setenta setes, estabelecido no versículo 24, e os detalhes são tratados nos três versículos subsequentes. Será necessário discutir a significação de praticamente cada palavra desta breve seção. **Setenta semanas** (24). A palavra que usualmente é traduzida como semanas seria mais exatamente traduzida como "setes".

Significa um período dividido em sete porções, sendo que a duração exata desse período dividido em sete não é estabelecida. A palavra aparece primeiramente no hebraico e poderíamos parafraseá-la como "um período de setes, de fato, setenta deles". **Estão determinadas**; isto é, os setes haviam sido decretados por Deus como o período em que seria realizada a redenção messiânica. **Sobre**; isto é, no tocante ao povo de Daniel e a Jerusalém, a cidade santa. A revelação desse período decretado, portanto, tem referência direta à oração de Daniel. O tempo do exílio estava quase no fim; o que restaria, pois, para o povo de Deus? Em resposta, foi revelado que, com respeito a esse povo, havia sido determinado um período de setenta setes, no qual a salvação deles seria realizada.

Os setenta setes foram determinados com o propósito expresso de produzir seis resultados, três dos quais negativos e três dos quais positivos. **Para extinguir a transgressão**; transgressão que de outro modo estaria aberta e nua e que tinha de ser fechada e eliminada, para que não mais seja considerada como existente. **Dar fim aos pecados e expiar a iniquidade**. A linguagem implica que seria oferecido um sacrifício necessário, à base do qual seria perdoada a iniquidade. Assim, o resultado negativo obtido é a abolição da maldição que separa Deus do homem. A natureza dessa maldição transparece no uso das palavras transgressão, pecados e iniquidade.

São em seguida descritos os três resultados positivos. **Trazer a justiça eterna**. Essa justiça será transmitida vinda do exterior, a saber, de Deus por intermédio do Messias. Essa expressão positiva corresponde à primeira negativa; é removida a transgressão e, em seu lugar, é introduzida a justiça eterna de Deus, que, segundo aprendemos em o Novo Testamento, é recebida pelo crente exclusivamente por meio da fé. **Selar a visão e a profecia**. A referência aqui é à dispensação do Antigo Testamento, durante a qual o profeta era o representante de Deus perante a nação; e a visão era um dos meios pelo qual Deus tornava conhecida Sua revelação aos profetas. Profeta era um israelita levantado por Deus como porta-voz credenciado, para transmitir as palavras de Deus ao povo. Deus fazia Sua vontade conhecida dos profetas por meio de sonhos e visões (ver **#Nm 12.1-8**). A instituição profética inteira era típica do grande Profeta que viria e, visto que estava sob Moisés, compartilhava do caráter preparatório da era do Antigo Testamento. Quando cessou esse método de revelação, a própria dispensação do Antigo Testamento chegou ao seu fim, isso é o que é dito com a selagem da visão e da profecia. **Para ungir o Santo dos santos**. Esta frase difícil, que literalmente traduzida seria "uma santidade de santidades", aparentemente se refere ao fato do

Messias ter sido imbuído do Espírito do Senhor. Pode-se assim ver que os seis objetivos que seriam realizados são todos messiânicos, e pode-se notar que, quando nosso Senhor ascendeu ao céu, cada um desses propósitos tinha sido cumprido.

Nos versículos 25-27 são estabelecidos os detalhes sobre o período de setenta setes. O versículo 25 estabelece o início desse período e a duração do tempo até o aparecimento do Messias. A Daniel é ordenado saber e entender a mensagem. **Desde a saída da ordem.** A tradução deste último termo significa apenas "palavras", O texto se refere à "saída de uma palavra" da parte de Deus, e não à expedição de algum edito da parte de qualquer monarca persa. Ao mesmo tempo, os efeitos da saída dessa palavra apareceram na história humana, e isso sucedeu durante o primeiro ano do reinado de Ciro, quando permitiu que os judeus retornassem à sua terra. **O terminus a quo**, por conseguinte, dos setenta setes, foi o ano 538-537 A.C. Essa palavra que procedeu de Deus se referia à restauração da cidade de Jerusalém à sua condição anterior.

Até ao Messias, o Príncipe; algumas versões traduzem: "até ao ungido"; isto é, alguém que é ao mesmo tempo ungido e também príncipe, ou, em outras palavras, alguém que é sacerdote e príncipe. Existe apenas Um para Quem podem aplicar-se essas palavras, a saber, Jesus, que é o Cristo. Desde o **terminus a quo** da profecia até o aparecimento do ungido é dito que restavam "sete setes e sessenta e dois setes". É possível que os sete setes representam o período antes do primeiro retorno do exílio sob Zorobabel e da obra de Esdras e Neemias haver sido completada, enquanto que os sessenta e dois setes representam o período entre esse tempo e o primeiro advento de Jesus Cristo. Os setes deveriam ser considerados números simbólicos.

>Dn-9.26

O versículo 26 trata daquilo que deverá ter lugar após o término dos sessenta e dois setes. Dois acontecimentos são mencionados, mas não é esclarecido se esses sucederão durante o septuagésimo sete ou não, nem quanto tempo depois do término dos sessenta e dois setes. Em primeiro lugar é dito que o ungido **será tirado.** Esse Messias é que foi "tirado" por meio da crucificação. **E não será mais.** Por essa expressão é estabelecida a completa rejeição do Messias, tanto pelos homens como por Deus.

Em segundo lugar, esse versículo menciona a sorte de **a cidade o santuário** (isto é, Jerusalém e o templo), que seriam destruídos pelo **povo do príncipe que há de vir**. Parece que aqui temos uma clara profecia acerca da destruição de Jerusalém durante o reinado de Vespasiano. **Até ao fim**, isto é, da destruição, continuariam a guerra e a desolação.

>Dn-9.27

Ele firmará um concerto (27); melhor tradução seria "ele fará o concerto prevalecer". As palavras hebraicas são incomuns. Algumas vezes são interpretadas como se significassem simplesmente "fazer um concerto". Tal interpretação porém é incorreta, pois não faz justiça ao original que pode significar apenas fazer "prevalecer" um concerto ou "tornar firme um concerto". Fica subentendido que tal concerto já existia, mas que seus termos e condições foram agora tornados efetivos. Quem é esse que faz prevalecer o concerto? Muitos pensam que o sujeito da frase seja o **príncipe que há de vir** do versículo 26, e ligam-no a Antíoco Epifânio ou ao governante de um futuro Império Romano revivificado. Entretanto a palavra príncipe encontra-se aqui em posição subordinada, e é muito improvável que essa palavra seja o sujeito do versículo 27. É melhor considerar o sujeito como o Messias, visto que Ele é a Pessoa mais proeminente desta passagem. O concerto que deverá prevalecer seria o concerto da graça pelo qual o Messias, por meio de Sua vida e morte, obtém a salvação para Seu povo. O septuagésimo sete (um número simbólico) se refere, dessa maneira, ao tempo da vida terrena de nosso Senhor. **Na metade** desse sete o Messias, por meio da Sua morte, faz cessar os sacrifícios judaicos (cfr. **#Hb 8.13**).

E sobre a casa (ou "pináculo") **das abominações virá o assolador**. Em resultado ou conseqüência da morte do Messias alguém que é assolador (isto é, o príncipe romano Tito) aparece sobre "a asa das abominações" (isto é, sobre o pináculo do templo). Por essa linguagem é dado a entender a completa destruição do templo. Esse estado de destruição continuará **até à consumação** ou "fim completo", que foi determinada por Deus e tem sido derramada sobre a desolação (isto é, as ruínas de Jerusalém e do templo).

Esta profecia sobre os setenta setes é uma das mais difíceis de todo o Antigo Testamento e, embora as interpretações quase formem legião, limitar-nos-emos a discussões de três que podem ser consideradas de importância particular.

1. Aqueles que não sustentam o caráter digno de absoluta confiança e a autoridade divina das Escrituras, afirmam que a passagem se refere a Antíoco Epifânio. A desolação descrita no versículo 27, portanto, seria provocada por Antíoco; a pessoa ungida do versículo 25 usualmente é considerada como o sacerdote Onias III, e a passagem inteira é privada de seu caráter messiânico. As objeções a esse tipo de interpretação, no entanto, são tão sérias que é impossível considerá-la como correta.

2. Uma interpretação largamente difundida hoje em dia é o da escola de pensamento dispensacionalista. Os advogados desse ponto de vista naturalmente diferem entre si em alguns pontos, mas sua posição é essencialmente a que segue.

O início dos setenta setes é usualmente considerado como o ano vigésimo do reinado de Artaxerxes, que se afirma ser 445 A. C. (ver [#Ne 2](#)). O período de sete setes se refere à restauração do exílio e à reconstrução de Jerusalém, e o período de sessenta e dois setes nos leva até à entrada triunfal de Cristo em Jerusalém.

As promessas feitas no versículo 24, entretanto, segundo esse ponto de vista, não foram cumpridas por ocasião do primeiro advento de Cristo e o septuagésimo sete não se segue imediatamente ao sexagésimo nono sete. Antes, entre esses dois setes consecutivos intervém um longo parêntese que é conhecido como a "era da Igreja", um período que não foi revelado aos profetas do Antigo Testamento. Quando esse parêntese tiver terminado, então Jesus Cristo retornará a Seu povo e o septuagésimo sete (de sete anos de duração) terá início.

O príncipe do versículo 26, fará aliança com muitos judeus pelo espaço de um sete. Como retribuição à fidelidade que os judeus lhe demonstrarão, ele lhes permitirá que reconstruam o templo e realizem sacrifícios. No meio desse sete (isto é, após 3 1/2 anos, ele violará a aliança, e terá começo uma feroz perseguição que se prolongará pelos 3 1/2 anos restantes do sete, quando Cristo então retornará em companhia de Seus santos a fim de reinar por mil anos. Pela exposição esboçada acima, pode ser verificado que o presente escritor considera que as dificuldades que esse ponto de vista tem de vencer são muito grandes.

3. A interpretação messiânica tradicional envolve menos dificuldades do que as outras e, ao mesmo tempo, faz justiça à linguagem do texto. Segundo esse

ponto de vista os setenta setes servem como número simbólico para o período que fora decretado para a realização da salvação messiânica (versículo 24). No versículo 25 é nos ensinado que se seguem dois segmentos de tempo desde a saída da palavra da parte de Deus para reconstruir Jerusalém até o aparecimento de Cristo. Depois de se terem passado esses dois segmentos de tempo, o Messias seria tirado do meio dos viventes por meio da morte, e Jerusalém e o templo seriam destruídos pelos exércitos romanos de Tito. O Messias entretanto, faria os sacrifícios judaicos cessarem por meio de Sua morte, e faria isso no meio do septuagésimo sete. Em conseqüência, o templo seria destruído e a destruição continuará até o fim determinado por Deus. O ponto exato do término do período de setenta setes não é revelado. A ênfase recai antes muito mais sobre os grandes resultados que esse período produzirá do que sobre seu início e fim.

Dn-10.1

XI. A VISÃO DE DEUS Dn 10.1-11.1

A revelação registrada neste capítulo foi dada a Daniel **no ano terceiro de Ciro** (1), o que demonstra que ele continuou na Babilônia mesmo depois do tempo mencionado em **#Dn 1.21**. Por qual motivo ele não retornou à Palestina com Zorobabel, não é dito. Deve-se notar que Daniel menciona seu nome babilônio, **Beltessazar**, aparentemente movido pelo desejo, agora que o Império Babilônio havia caído, de preservar sua identidade entre seu próprio povo.

Trata duma guerra prolongada (1). Com toda a probabilidade a significação é "por um longo tempo", visto que a palavra **Saba**, que aqui é traduzida "guerra", tem sido encontrada nos tabletas de Mari com o sentido de "tempo". Na ocasião em que essa revelação foi feita a Daniel, ele estava ocupado em lamentações, indubitavelmente ocasionadas pela reflexão sobre os pecados do seu próprio povo. **Vi um homem** (5); a revelação é uma teofania ou aparição pré-encarnada do Filho eterno. A linguagem da descrição nos faz lembrar da linguagem de **#Ez 1** (cfr. também **#Ap 1.13-15**). A visão produziu em Daniel um efeito de enfraquecimento (8).

>Dn-10.11

Daniel, homem muito desejado (11). Cfr. **#Dn 9.23**. Sendo-lhe assegurado que era homem desejado por Deus, Daniel é encorajado e preparado a ouvir a

mensagem que segundo é informado, diz respeito aos **derradeiros dias** (14), isto é, à era messiânica. É relatado primeiramente (20) que Aquele que falava haveria de **pelejar contra o príncipe dos persas** (isto é, o poder espiritual por detrás dos deuses da Pérsia), e quando se saísse Ele vitorioso (**saindo eu**, isto é, vitorioso da batalha), apresentar-se-ia o príncipe da Grécia e seria igualmente combatido. Somente Miguel estava à mão para prestar ajuda, assim como, no primeiro ano de Dario, o medo, Aquele que falava o havia ajudado (**#Dn 10.21; #Dn 11.1**; cfr. versículo 13). Assim sendo, havia severas provações que o povo de Deus teria de atravessar.

Dn-11.2

XII. REVELAÇÃO SOBRE O FUTURO Dn 11.2-20

O versículo 2 significa que três reis haveriam de surgir depois de Ciro, e que o quarto depois deles despertaria todo o reino da Grécia. Os reis, portanto, deveriam ser Ciro e mais três que ainda surgiram-Cambises, Smerdis e Dario Histaspes-e o quarto, Xerxes. **Um rei valente** (3); isto é, Alexandre, o Grande. Quando Alexandre subisse ao poder, seu reino seria partido. Ao falecer na Babilônia, Alexandre tinha cerca de trinta e dois anos de idade. Por ocasião de sua morte seus doze generais dividiram os ganhos entre si. Por algum tempo Arideus, um dos guardiões de um dos filhos de Alexandre, foi quem governou, mas logo o império foi partido em quatro divisões.

>Dn-11.5

O rei do Sul (5); isto é, o rei do Egito (Cfr. versículo 8). A dinastia que governou o Egito, depois da partilha do reino de Alexandre, era conhecida por Ptolemaica, enquanto que aquela que governou a Síria era conhecida por Selêucida. O rei do sul é Ptolomeu Soter (322-305 A. C.), enquanto que o príncipe mencionado é Seleuco. **A filha do rei do Sul** (6); isto é, Berenice, a filha de Ptolomeu, que se casou com Antíoco II, mas que foi incapaz de manter-se em vista da rivalidade de outra esposa, Laodice. Antíoco finalmente se divorciou de Berenice e Laodice encorajou seus filhos a assassinar Berenice. **Do renovo das suas raízes** (7). O irmão de Berenice (isto é, de sua linha ancestral) veio contra o exército do norte e conseguiu eliminar Laodice pela morte. As Escrituras, então, continuam relatando as diversas batalhas e guerras entre os Ptolomeus e os Selêucidas, até o aparecimento de Antíoco Epifânio.

>Dn-11.21

XIII. OS TEMPOS DE ANTÍOCO E DO ANTICRISTO Dn 11.21-12.3

Um homem vil (21). Com essa descrição é apresentado Antíoco Epifânio. Por meio de lisonjas ele se aliou aos reis de Pérgamo, e os sírios cederam a ele. Ele era mestre em astúcia e traição, pelo que seus contemporâneos apelidaram-no de **Epimanes** (maluco), em lugar do título que ele mesmo se deu, **Epifanes** (ilustre). **O príncipe do concerto** (22). A identificação deste príncipe não é certa, mas a linguagem parece referir-se a algum príncipe que mantinha relações de aliança com Antíoco. **Subirá** (23); uma declaração geral da elevação de Antíoco ao poder. **Caladamente** (24). Quando todos se julgavam seguros, ele surgiu. Ele tomaria as **mais férteis das** províncias e as fortalezas da terra do Egito.

>Dn-11.25

Os versículos 25-28 descrevem a primeira campanha de Antíoco contra o Egito, uma campanha na qual o Ptolomeu egípcio não pôde resistir em vista da traição daqueles que deveriam tê-lo apoiado. Antíoco (27) demonstrou hospitalidade para com seu inimigo, mas, em realidade violou o costume da hospitalidade oriental proferindo palavras mentirosas. Por ocasião de seu retorno Antíoco voltou o coração **contra o santo concerto** (28), isto é, a terra da Palestina.

>Dn-11.29

O versículo 29 descreve outra campanha contra o Egito, que é a terceira. Aparentemente tinha havido ainda uma segunda campanha, sobre a qual o livro de Daniel faz silêncio. Deve-se notar, incidentalmente, que esse relato inteiro é transcrito no tempo verbal futuro. Segundo o escritor sagrado, esses acontecimentos ainda não se tinham desenrolado, mas deveriam ocorrer no futuro. O relato, por conseguinte, apresenta-se como verdadeira profecia.

>Dn-11.30

Navios... Ihe causarão tristezas, e voltará e se indignará (30). A presença dos romanos obrigou Antíoco a partir do Egito e assim, tomado de ira voltou sua atenção para a Palestina. Jerusalém foi atacada em um sábado e um altar

pagão foi erigido sobre o altar das ofertas queimadas. Certos Judeus apóstatas foram pervertidos (32), e serviram para materializar os desígnios do conquistador, mas muitos entre os judeus, os verdadeiros eleitos, sofreram a morte não querendo ceder a Antíoco (cfr. 1 Mac 1.62). Nessa ocasião homens de verdadeira fé foram capazes de instruir a outros, embora sofressem grandemente (33).

>Dn-11.34

O **pequeno socorro** (34) que ajudou os fiéis se refere aparentemente a Judas Macabeu. Alguns dos sábios que o seguiram tropeçaram por causa da severidade da perseguição. Ao mesmo tempo, a rebelião de Judas Macabeu foi bem sucedida, e, a 25 de dezembro de 165 A. C., foi rededicado o altar do templo.

>Dn-11.36

Os vers. 36-45 se revestem de particular interesse. Muitos expositores acreditam que dão prosseguimento à descrição a respeito de Antíoco. Mas, há certa dificuldade nessa posição, entretanto, visto que a morte de Antíoco foi muito diferente da que é aqui descrita. A interpretação que pode ser chamada de tradicional na Igreja Cristã é a que considera esses versículos como referências ao Anticristo. Antíoco Epifânio, que perseguiu a congregação judaica pouco antes do primeiro advento de Cristo, pode ser considerado como tipo do Anticristo, que perseguirá a Igreja pouco antes do segundo advento de Cristo.

O versículo 36 estabelece que o rei aludido **se engrandecerá sobre todo o deus**, uma descrição que não pode ser bem aplicada a Antíoco Epifânio. Semelhantemente, é difícil ver em que Antíoco teria demonstrado falta de respeito para com os deuses de seus pais (37). A linguagem dos versículos 40-45 ensina que no fim da era presente o Anticristo ocupar-se-á de um feroz conflito. Ele finalmente tomará posição entre o **mar grande** (o Mediterrâneo) e **o monte santo e glorioso** (isto é, Sião) onde **virá o seu fim**.

Dn-12.1

Quando esses acontecimentos tiverem lugar, todo aquele que for achado **escrito no livro** (12.1), será livrado. A referência aqui é aos eleitos, aqueles que estão predestinados para a vida eterna. A perseguição movida pelo

Anticristo fará com que muitos venham a cair. Aqueles cujos nomes estão escritos no livro, todavia, serão livrados. Isso é verdade também no tocante aos que dormem (2). Muitos deles (a referência é sobre aqueles que morrerão durante a tribulação-e não sobre todos os mortos) ressuscitarão, alguns para a vida eterna e outros para a eterna repreensão. Aqui é feita referência não à ressurreição geral, mas antes, ao fato que a salvação não será apenas para aqueles que estiverem vivos, mas também para certos dentre aqueles que perderam suas vidas durante a perseguição.

>Dn-12.4

XIV. CONCLUSÃO DA PROFECIA Dn 12.4-13

A Daniel é ordenado que proteja as palavras que tinham acabado de lhe ser reveladas até o tempo do fim. O conhecimento dos propósitos de Deus se encontra no mundo, nas Escrituras, mas os homens correrão de um para outro lado em vão, não os procurando no único lugar em que a verdade pode ser encontrada. O versículo sete se refere novamente à duração do poder do Anticristo e ao seu fim (ver nota sobre [#Dn 7.25](#)). Os números que aparecem nos versículos 11 e 12 devem ser tomados simbolicamente-os 1.290 dias simbolizando o período da perseguição movida por Antíoco, enquanto que os 1.335 dias aparentemente simbolizam o período inteiro da perseguição, até sua consumação. Aquele que perseverar durante todo esse período será bendito. O próprio Daniel é assegurado quanto à sua salvação, e que receberia sua porção no fim dos dias (13). Que esse mesmo destino seja o de todos quantos lerem estas palavras.

[Edward J. Young.](#)

OSÉIAS

INTRODUÇÃO

I. AUTOR

Oséias, cujo livro se encontra no início do rolo dos doze profetas, marca um novo estágio na profecia hebraica, pois ele é o primeiro ou um dos primeiros profetas a pôr em forma escrita as suas profecias. E a profecia escrita não poderia desejar para seu início um livro mais nobre.

Parece que o profeta era nativo do reino do norte. De qualquer modo, parece que ele era bem versado com sua geografia e os detalhes de sua vida política, religiosa e social. A parte principal e mais volumosa do livro é notável por seu interesse no reino de Israel; as referências à nação irmã do sul são escassas. Seu ministério como profeta foi prolongado; e sobre isso, a lista de reis que aparece no começo do livro é evidência suficiente. Por qual razão o profeta deu início à sua lista dando primeiramente os nomes dos reis de Judá, é algo difícil de dizer. Talvez ele assim tenha feito a fim de demonstrar seu respeito à linha legítima e davídica de reis, que governavam em Jerusalém (cfr. [#Os 8.4](#)). Com toda a probabilidade seu ministério principal se estendeu desde os últimos dias do reinado de Jeroboão II (782-741 A. C.) até à queda de Samaria (722 A. C.).

II. CONTEÚDO

O conteúdo do livro serve de espelho para as condições políticas, sociais e religiosas que prevaleciam em Israel nos dias do profeta. As últimas décadas da vida do reino do norte foram marcadas por uma frenética e insensata alteração na orientação- agora cortejando o favor da Assíria, em seguida tentando subornar o Egito. Em lugar de depositarem sua confiança em seu Deus, os líderes da nação tentaram salvar o país por meio de esquemas políticos que, pela própria natureza das coisas, estavam destinados a conduzir ao desastre.

Os líderes religiosos do povo mostraram ser igualmente indignos. A forma de religião que prevalecia nos dias de Oséias era um amálgama de adoração a Jeová com a religião idólatra de Canaã. (Ver Apêndice I referente a 1Rs, "A Religião de Israel durante a Monarquia"). Nessa mistura, de Jeová era

retido apenas o nome; o ritual era tirado inteiramente das práticas corruptas da adoração a Baal. Essa adoração exercia um efeito corruptor sobre o povo, visto que estava intimamente ligado a atos de grosseira imoralidade. A situação se agravava ainda mais pelos sacerdotes, cuja única preocupação era promover seus próprios interesses materiais, o que não hesitavam em fazer encorajando o povo a permitir-se cair em seus pecados, assim aumentando as rendas dos sacerdotes mediante as ofertas pelo pecado.

Sob tais condições, não é de estranhar que os padrões morais, e religiosos do povo estivessem tão baixos. Um quadro vívido, embora patético, sobre esse estado de coisas, é dado na parábola transmitida pela tragédia da vida em família de Oséias. O profeta se casara com uma Jovem que, com a passagem do tempo, mostrou-se infiel. Os nomes que o profeta deu aos filhos de sua esposa são sinais da agonia crescentemente aguda pela qual ele passava. A despeito de toda a sua perversidade, entretanto, e embora seu pecado a tivesse levado a ser a concubina-escrava de outro homem, o profeta a reclamou como sua legítima esposa, e sua atitude para com ela, depois disso, é um belo equilíbrio de amorosa ternura e severo julgamento. Tal é o conteúdo de seu livro. Passagens de ternura sem paralelo e de duro julgamento estão mescladas mutuamente a fim de demonstrar os sentimentos de Deus para com Seu povo em desobediência. O tema em redor do qual gira a mensagem inteira da profecia é a queixa de Deus de que Seu povo é falto de conhecimento; e por esse termo devemos entender não simplesmente algum conhecimento teórico, mas um contato íntimo e caloroso do coração do povo com o amoroso coração de Deus.

O livro se divide em duas porções. Os capítulos 1 a 3 contêm a história da tragédia da família do profeta. Os capítulos 4 a 14 contêm a aplicação dessa história à vida do povo, para quem é dirigida uma série de profecias, às vezes exibindo seus pecados, às vezes dirigindo-lhes amorosos apelos para que se arrependam.

Os-1.1

I. A FORMAÇÃO DO PROFETA Os 1.1-3.5

A primeira divisão é biográfica. Revela a tragédia doméstica da carreira de Oséias. Sua esposa, apesar de tão amada por seu marido, tornou-se infiel a ele e recebeu outros amores. Parece mesmo que alguns dos filhos que ela deu à luz não pertenciam ao profeta. Mas o amor do profeta persistiu e,

eventualmente, conquistou-a de volta ao seu coração e lar. Ele a redimiu da abismal profundidade moral na qual ela havia caído. Não admira que Oséias tenha sido chamado de "o profeta de coração entristecido". Mas Deus havia ordenado essa penosa experiência para servir de meio de revelação de Seu amor a Seu povo infiel, Israel. "Deus escondeu um evangelho no coração dos sofrimentos de Oséias".

a) Sua vida doméstica (Os 1.1-9)

O princípio da palavra do Senhor por Oséias (2). Visto que pela lista de reis, no versículo primeiro, se depreende que o ministério de Oséias se prolongou pelo menos por quarenta anos (isto é, desde antes de 741 até 701 A. C.), os acontecimentos deste capítulo tiveram lugar quando Oséias ainda era bem jovem. É digno de nota que, de conformidade com o profeta, **a terra**, e não o povo, **se prostituiu** (2); o povo que estava estabelecido em Canaã, e não o povo no deserto, se tinha afastado do Senhor.

Vai, toma uma mulher de prostituições (2). Há dois pontos principais de interesse nesta passagem difícil. Deus realmente ordenou que Seu profeta tomasse para si, como esposa, uma mulher devassa, ou temos aqui apenas uma visão cataléptica de algo que nunca ocorreu na sua vida? E, se encontramos aqui uma experiência real na vida de Oséias, Gômer era devassa antes de tornar-se sua esposa, ou caiu em imoralidade somente depois do casamento? A resposta à segunda pergunta pode lançar alguma luz sobre a primeira. O mais natural é aceitar que Gômer fosse jovem casta por ocasião de seu casamento: isso estaria de conformidade com o uso simbólico que Deus fez da família de Seu profeta, no terreno de Suas relações com Seu próprio povo. (Ver **#Os 2.15**, "... como nos dias da sua mocidade...", isto é, quando Israel era puro em suas relações com Deus). Isso nos leva a acreditar que foi uma experiência real que Oséias passou. A objeção que em tal caso Deus teria ordenado a Seu profeta cometer um ato imoral não é conclusivo, porque a objeção seria válida mesmo no caso de uma visão. Pois nem mesmo numa visão Deus não haveria de tolerar um estado de coisas imoral. É mais natural aceitar que Deus tenha ordenado a Seu profeta que se casasse com uma jovem pura mas que, em Seu pré-conhecimento, sabia que haveria de cair em imoralidade-um quadro perfeito das relações de Israel com seu Deus.

>Os-1.4

Põe-lhe o nome de Jezreel; porque daqui a pouco visitarei o sangue de Jezreel sobre a casa de Jeú (4). Trata-se de uma referência à matança da casa de Acabe por Jeú. O profeta condena esse ato, ainda que tivesse sido ordenado por Deus (**#2Rs 9.1-10**), pois Jeú o havia cometido no espírito errado. Seu motivo não foi o de obedecer a Deus, mas o de promover sua própria ambição. **Lo-Ruama** (6); isto é, "não compadecida". Esse nome, dado à segunda criança, revela as suspeitas crescentes de Oséias acerca da imoralidade de sua esposa, embora não tivesse certeza disso; pois de outro modo teria interrompido o estado de casado antes do nascimento da terceira criança. O nome da criança é um quadro do divino desprazer com a apostasia de Israel. **Porque eu não me tornarei mais a compadecer...** (6). Quanto ao cumprimento real da promessa, feita no versículo 7, ver **#2Rs 19.35-37**. **Lo-Ami** (9); isto é, "não meu povo". As suspeitas do profeta são então confirmadas e o nome dessa terceira criança sugere completa interrupção do vínculo matrimonial. Note-se o ignominioso clímax formado pelos nomes das crianças. Primeiramente a punição; então a retirada da afeição divina; e por fim a separação completa.

>Os-1.10

b) Uma visão de esperança (Os 1.10-11)

Aqui temos uma das transições das trevas para a luz, das ameaças de justiça divina para as promessas de amor divino, do que o profeta muito gosta. Quanto ao cumprimento literal em Cristo, da promessa no versículo 10, ver **#Rm 9.25-26** e **#1Pe 2.10**. **Subirão da terra** (11) não é necessariamente a terra do exílio. O povo subirá unido.

Os-2.1

c) A culpada Israel (Os 2.1-5)

Ele, que no primeiro capítulo havia seguido a tragédia de sua casa em silêncio, agora dá vazão aos seus sentimentos de ira e indignação contra sua esposa. Trata-se de um ótimo retrato do profeta, o qual tem no coração, misturados juntamente, ira e amor, queixa e esperança. **Da sua face** (2). A frase sugere o caráter vergonhoso de sua imoralidade. No meio do versículo 3 o profeta deixa, por um momento, a tragédia de sua própria família a fim de tratar da tragédia da apostasia de Israel de seu Deus. Os dois quadros em que a adúltera é despida e em que a vegetação da terra é destruída, aparecendo ao mesmo tempo, é um símbolo do empobrecimento espiritual que acompanha o pecador.

No versículo 5 a segunda cláusula explica a primeira. O adultério de Israel consistiu no fato que ela atribuía a outros deuses os dons que recebia de seu Deus.

>Os-2.6

d) O caminho do sofrimento (Os 2.6-13)

Note-se, no versículo 6, a rápida troca de pessoas-um sinal da linguagem indignada, **cercarei o teu caminho** (6). A referência é ao castigo de Deus, cujo propósito é trazer de volta a desviada. O primeiro efeito desse castigo provoca uma intensificação da adoração de Israel aos baalins. (Note-se as formas intensivas dos verbos hebraicos: **ridephah biqshatham**). Mais tarde, entretanto, vem um grito de arrependimento, **Ir-me-ei e tornar-me-ei** (7), o que faz lembrar o grito do filho pródigo no "país longínquo". **Ela pois não conhece** (8). Para Oséias, essa falta de conhecimento é a raiz de todos os males nas relações de Israel com Deus. Essa idéia aparece repetidamente (ver **#Os 4.6; #Os 7.9**; cfr. **#Os 2.20; #Os 6.6**). **Eu lhe dei o grão** (8). O "eu" enfático (em heb. **anoi**) corresponde ao "ela" igualmente enfático (em heb. **hi**) no início da cláusula. O divino "**meu**", no versículo 9, corresponde ao "**meu**" do pecador, no versículo 5. **Arrebatarei**, mais corretamente seria "livrarei"; isto é, os dons de Deus serão livrados dos usos errados a que foram sujeitos. Igualmente as festas de Jeová, que haviam sido retidas no reino do norte, mas com novas e idólatras associações, haveriam de cessar (11). **A paga** (12), lit. "o preço da prostituta", pintando a completa degradação de Israel.

>Os-2.14

e) Apostasia e misericórdia (Os 2.14-23)

Portanto (14), introduz uma conexão lógica, dificilmente esperada, entre a anterior apostasia do povo e a misericórdia divina que a acompanha, como se a primeira fosse a explicação desta última. O pecado do homem cria, digamos assim, em a natureza divina, a necessidade de mostrar misericórdia e graça. Cfr. **#Rm 5.20. O vale de Acor, por porta de esperança** (15). Como nos dias de Acã, igualmente agora uma nova porta de esperança só poderia ser achada na expiação do pecado da nação. **Ali cantará** (15); melhor, "ali respondera", isto é, à chamada de Deus. **Marido... Baal** (16). Ambas as palavras têm o mesmo significado: "meu marido"; o uso desta última, porém, é condenado, devido a suas iníquas associações. O pacto da graça, no versículo 18, corresponde bem

de perto à maldição do versículo 12. Depois da restauração das relações de Israel com seu Deus, na esfera espiritual, segue-se a harmonia na esfera da natureza. O mal físico desaparece após a eliminação dos males espiritual e moral. **E conhecerás ao Senhor** (20). Em resultado do arrependimento do povo, Deus desposa novamente Israel. O conhecimento íntimo de Deus é a última e melhor jóia no dote que a nova Israel traz a seu Deus. Uma bela cadeia de respostas é apresentada nos versículos 21 e 22, saltando do céu de bênçãos para a terra de necessidade.

>Os-2.23

Nas palavras **e semeá-la-ei** (23) há um jogo de palavras com o nome Jezreel e com o duplo significado de sua raiz (**zara**). Em **#Os 1.4** tal palavra é usada no sentido de espalhar; aqui é empregada no sentido de semear. A maldição é transformada em bênção, que abarca, no fim do versículo, os nomes das duas outras crianças igualmente.

Os-3.1

f) Amor divino e amor humano (Os 3.1-5)

O mandamento **ama uma mulher** (1) deve significar a mesma mulher, sua esposa Gômer. Ao profeta é ordenado não só que receba de volta sua mulher, mas que continue a amá-la. Não obstante a queda de Israel, Deus continua a amá-la. Alguns eruditos, entretanto, consideram os capítulos primeiro e terceiro como relatos paralelos do mesmo acontecimento, na terceira e na primeira pessoa respectivamente. Mas isso parece improvável pelo fato que a comparação com Israel (**#Os 4.15**) sugere que Gômer não era adúltera quando Oséias a desposou e não há qualquer indicação de havê-la resgatado do mercado de escravos, em **#Os 1.3**. **Amada de seu amigo** (1); melhor, "de seu companheiro", isto é seu "marido". Essa tradução do termo **rea'** que tem apoio em **#Jr 3.20**, é mais compatível com o que se segue, ainda que **adúltera**. O amor de seu marido agrava seu crime. **Os bolos de uvas** (1; em heb., **ashishe anabhim**), eram usados nos sacrifícios pagãos. E a comprei (2). O ponto difícil é saber por qual motivo Oséias teve de comprar sua esposa de volta. De todas as conjeturas a mais plausível é que ela o havia abandonado e havia sido degradada à posição de escrava-concubina de algum outro homem. A total indignidade de Gômer intensifica a misericórdia que lhe foi mostrada; um apropriado emblema do amor de Deus para com Seu povo. **Quinze peças do prata** (2). Isso seria, juntamente com o presumível valor de um ômer e meio

de cevada, o preço de um escravo (ver #Êx 21.32). Na frase **nem serás de outro homem** (3) a palavra traduzida como **outro**, não sendo encontrada no texto hebraico, é supérflua. Pela palavra **homem** se entende seu marido, e isso explica naturalmente a segunda cláusula do versículo, que de outro modo seria difícil se entender. O significado do versículo é que, por causa dos abusos anteriores, como punição, Gômer é privada, por algum tempo, até mesmo dos usos legítimos de seus instintos naturais. Isso encontra sua aplicação natural no castigo que sobreveio a Israel (ver versículo 4), ao ser privada, durante o período do exílio, de suas instituições civis e religiosas, tanto as legítimas como as falsas.

Os-4.1

II. CORRUPÇÃO MORAL DE ISRAEL Os 4.1-8.14

Estes capítulos restantes contém as profecias de Oséias. Suas mensagens à geração de sua época, se originaram em sua própria dolorosa experiência. Elas fluem juntamente, e uma divisão definida, em seções lógicas, não é fácil de traçar.

a) Tal povo, tal sacerdote (Os 4.1-19)

A falta de **verdade** e de **benignidade** (1), ambas as quais qualidades dizem respeito às relações entre os homens, é o resultado da falta de **conhecimento**, que se refere às relações dos homens com Deus. As relações do homem para com Deus são, sempre, o princípio orientador de seu comportamento para com seus semelhantes; a ética sempre repousa na teologia. O versículo 2 pinta um quadro de completa anarquia. Os pecados aqui enumerados são as conseqüências naturais do estado espiritual do povo, descrito no versículo anterior. Assim sendo, a falta de verdade gerou o **mentir** e o **furtar**, enquanto que a falta de benignidade gerou o **matar**. **Por isso a terra se lamentará** (3). Cfr. #Rm 8.22. A própria natureza geme debaixo das conseqüências do pecado do homem. **Todavia, ninguém contenda** (4). Fazer tal seria inútil, por causa dos corações endurecidos do povo, que cometera o pecado de resistir ao sacerdote de Deus (cfr. #Dt 17.12-13). **O profeta contigo cairá** (5). Aqui a referência clara é ao profeta falso (cfr. #1Rs 22.6 e segs.).

>Os-4.6

O repúdio, no versículo 6, por alguns é confinado aos sacerdotes entre o povo; porém, as palavras iniciais do versículo sugerem que essas palavras são dirigidas à totalidade do povo, aqui considerado como sacerdote de Deus (cfr. #Êx 19.6). No versículo 8, por outro lado, os sacerdotes, no sentido estrito da palavra, parece que são denunciados. Há aqui um patético jogo de palavras: pois **hattath** significa tanto "pecado" como "oferta pelo pecado", e aqueles gananciosos sacerdotes, que desejavam que os pecados do povo se multiplicassem, para que sua partilha nas ofertas pelo pecado (#Lv 10.17) aumentasse estavam, literalmente, vivendo do pecado do povo. Este versículo contradiz a teoria de que o sistema de sacrifícios entrou em existência depois que o povo retornou do exílio babilônico.

>Os-4.10

Comerão, mas não se fartarão (10). O pecado traz seu próprio castigo por não produzir a satisfação esperada. O sacerdote, embora comesse das ofertas pelo pecado oferecidas pelo povo, permanecia faminto; e a despeito de cometer prostituição (um detalhe da adoração a Baal, introduzido na adoração a Jeová) permanecia sem filhos. **A sua vara lhe responde** (12). É uma referência ao costume pagão de adivinhação por intermédio da posição de uma nova vara que era lançada por terra. Que o povo de Deus tivesse sido vitimado por uma tal superstição, era motivo para Ele sentir-se amargurado.

>Os-4.15

Bete-Áven (15); isto é, uma casa de falsidade ou idolatria. O profeta, ironicamente, usou essa palavra em lugar de "Betel", a casa de Deus. A segunda porção do versículo 16 deve, provavelmente, ser entendida como pergunta para a qual se espera uma resposta negativa. Alternativamente, **lugar espaçoso** poderá ser entendido como tendo o significado de deserto onde nenhum pasto pode ser achado. Segundo essa interpretação, o profeta estaria usando amarga ironia: a "largueza" de sua liberdade do controle de Deus tornar-se-ia a "largueza" do deserto. **Efraim** (17). Na qualidade de maior das tribos do norte, esse nome parece ter sido usado pelo profeta, em determinadas ocasiões, como sinônimo de Israel. No versículo 18 o texto é muito difícil. Provavelmente deveria ser traduzido como: "quando sua bebedeira passa, cometem prostituição". No versículo 19 parece que o sentido é que o castigo provocado por todos esses pecados surpreenderia subitamente os culpados em suas asas.

Os-5.1

b) Orgulho e desprezo (Os 5.1-14)

No versículo 2 o texto é muito difícil. Por uma pequena alteração no hebraico (lendo-se **setim** em lugar de **shetim**) este poderá significar conforme se encontra nesta versão: "Os transviados têm descido até ao profundo na matança; mas eu serei a correção de todos eles". **Não querem ordenar as suas ações...** (4). Melhor tradução seria "suas obras não lhes permitem retornar a seu Deus". Os pecados do povo haviam conseguido tal domínio sobre eles que perderam o poder de se arrependerem e voltarem para Deus. Cfr. **#Hb 6.3-6**.

>Os-5.5

A soberba de Israel (5) pode ser tomada no bom sentido, denotando Deus como o verdadeiro orgulho de Israel, ou no mau sentido, isto é, denotando a arrogância do povo, o que era evidência de seu pecado. Este último é o significado mais provável. Seu orgulho e desprezo a Deus são outras evidências da perda do poder de se arrependerem referido no versículo anterior. **Irão... para buscarem... mas não o acharão...** (6). O clímax da tragédia do povo é que, quando finalmente recuperarem o poder de se arrependerem, isso já será tardio demais e infrutífero. Buscarão Deus em vão. Cfr. **#Hb 12.17. Agora a lua nova os consumirá** (7). O julgamento lhes sobreviria repentinamente. Oséias apela para que o alarma seja tocado (8) para advertir o povo quanto ao castigo que se aproxima.

>Os-5.10

Como os que traspassam os limites (10). Essa remoção das demarcações não se refere à opressão e exploração aos mais pobres da parte dos mais afortunados, contra o que outros profetas levantaram sua voz (cfr. **#Is 5.8; #Mq 2.2**), mas antes, refere-se à guerra siro-efraimita, durante a qual Judá se aproveitou da fraqueza do reino do norte para fazer algumas conquistas fáceis às expensas de sua irmã nortista.

>Os-5.11

Quis andar após a vaidade (11). Esta versão segue a Septuaginta. Há versões que dizem: "Voluntariamente seguiu o mandamento", no qual caso está obviamente em foco um mandamento humano, provavelmente o

estabelecimento dos bezeros de ouro no reino do norte. **Rei Jarebe** (13), provavelmente um apelido que o profeta ligou ao rei da Assíria. O significado desse nome é "Rei Contendor".

>Os-5.15

c) Uma profissão superficial de arrependimento (Os 5.15-6.11)

Voltarei para o meu lugar (15). Neste versículo Deus declara que retirará Sua presença até que tenha lugar um verdadeiro arrependimento.

Os-7.1

d) A iniquidade é descoberta (Os 7.1-16)

Uma vívida descrição é dada aqui quanto à extensão com que o pecado havia corrompido a vida nacional do povo. **Forno aceso pelo padeiro** (4); um habilidoso quadro de concupiscência sensual. O contínuo alimentar o fogo, até a massa ficar toda levedada, serve de quadro que pinta a perseverança do povo na prática do mal. **Ele estendeu a sua mão...** (5) provavelmente significa "ele apreciou a comunhão com...".

O profeta dirigia seu protesto não contra a política estrangeira particular da nação-pró-Assíria ou pró-Egito-mas contra o fato que Israel estava procurando obter segurança por meio de um sistema de alianças com outros países e não por meio da confiança em Deus. É introduzido um outro quadro aproveitado das atividades dos padeiros. **Um bolo que não foi virado** (8); portanto, queimado de um dos lados e não cozido do outro; trata-se de um símbolo do grande progresso feito pelo povo de Deus, em questões de sabedoria mundana, até o ponto de serem queimados por ela, ao mesmo tempo que isso não é acompanhado por um progresso correspondente na esfera espiritual. Aqui temos também uma aguda imagem da moderna sociedade. Por duas vezes o profeta expressa sua tristeza pelo fato de que Israel **não sabe** do triste estado de sua presente condição (9). Essa era a consequência natural da ignorância em que Deus era relegado por Israel, a respeito do que o profeta se queixa algures (cfr. **#Os 2.8**; **#Os 6.6**). Aquele que não está familiarizado com a natureza e caráter. **A soberba de Israel** (10); ver 5.5n.

>Os-7.11

Sem entendimento (11). Assim como a pomba que abandona seu ninho e voa sem alvo daqui para acolá, assim Israel flutuava entre a Assíria e o Egito, seria finalmente apanhado na armadilha dessa insensata política (12). **Eu os remi, mas disseram** (eles)... (13). No texto hebraico, o "eu" e o "eles" são ambos enfáticos, o que marca o nível do pecado de ingratidão do povo. **Davam uivos nas suas camas** (14). Uma leitura mais plausível, mediante ligeira alteração consonantal do texto hebraico (lendo-se **mizbechotham** em lugar de **mishkebhotham**), é "quando uivavam em seus altares". **Se ajuntam** (14). A Septuaginta traduz "se cortam". Isso, juntamente com a emenda sugerida no texto, dada acima, nos faz lembrar do quadro de **#1Rs 18.28. Um arco enganador** (16). Assim como o arqueiro não pode depender de um arco defeituoso, para projetar a flecha a seu alvo, semelhantemente Deus não podia depender de Israel no cumprimento de sua missão.

Os-8.1

e) Colhendo tormentas (Os 8.1-14)

A casa do Senhor (1) não é o templo de Jerusalém, mas certamente também não a ídólatra Samaria, mas sim, o povo de Israel (cfr. **#Ez 3.1**). A declaração deles: **te conhecemos** (2), era feita da mesma maneira superficial que a profissão de **#Os 6.1-3**, e nos faz lembrar das palavras de nosso Senhor em **#Lc 13.26-27. Israel rejeitou o bem** (3); isto é, seu próprio interesse real; pois aquele que não "conhece a Deus" corre o perigo de não reconhecer e, portanto, de repudiar, as coisas que mais lhe dizem respeito. O estabelecimento de reis sem autorização divina (4) se refere ao cisma efetuado pelo estabelecimento do reino do norte, sob Jeroboão I. O fato que isso havia sido predito pelo profeta do Senhor e permitido por Deus não altera a natureza da ação, visto ser contrária ao plano divino relativo a Israel.

>Os-8.5

O teu bezerro, ó Samaria, foi rejeitado (5); mais exatamente: "Ele (isto é, Deus) rejeitou o teu bezerro, ó Samaria". Essa é a resposta divina à ação de Israel, no versículo 3. Em ambos os casos o verbo empregado contém uma sugestão de total desprezo. No versículo 7 é estabelecido um princípio, segundo o qual a medida e a espécie de punição marcada para um homem são determinadas pelo próprio pecado do homem. Cfr. **#Gl 6.7**. Notem-se os três estágios progressivos pelos quais passa o castigo até atingir seu terrível zênite. Quanto ao versículo 10, é difícil precisar se o termo "**eles**" significa os assírios

ou os israelitas. A palavra aqui traduzida como "**diminuídos**" deveria ser traduzida como "abster-se" ou "demorar". Assim, a tradução mais provável seria: "Eu os ajuntarei, e por breve período abster-se-ão de pagar tributo em dinheiro ao rei dos príncipes". Tal demora no pagamento do tributo teve lugar sob o rei Oséias (**#2Rs 17.4**).

>Os-8.11

A multiplicação de altares, que Efraim tolerara (11) era em si mesmo um pecado, visto ser prática proibida pela lei (**#Dt 12.5-14**). Na afirmação, **Escrevi para eles as grandezas da minha lei** (12; melhor, "as miríades de minhas leis"), Oséias se mostra familiarizado com um substancial código de leis escritas, um fato que não favorece as teorias do moderno criticismo. A ameaça de uma volta no **Egito** (13) prevê o exílio, pois o Egito, aqui, aparece como símbolo da terra do exílio e da escravidão. A edificação de **palácios** (14; ou "templos"), tal como a ereção de altares (11) era, novamente, uma contravenção contra a lei de Deus.

Os-9.1

III. O JULGAMENTO INEVITÁVEL Os 9.1-11.11

a) A certeza do exílio (Os 9.1-17)

Amaste a paga (1). Cfr. **#Os 2.5** e **#Jr 44.17**. A fertilidade da terra tinha sido associada, na religião de Israel, com a adoração aos baalins. A celebração da colheita e de outros festivais eram ocasiões quando se praticavam grossas imoralidades, o que dava força à descrição do profeta sobre a infidelidade a Jeová em termos de infidelidade sexual.

>Os-9.2

O mosto lhes faltará (2); lit., "lhes mentirá", tal como Israel havia mentido a seu Deus. Em outras palavras, a recompensa que Israel buscava não apareceria. O versículo 3 é um claro anúncio sobre o exílio futuro. **Comerão comida imunda** (3). A carne só podia ser comida em conexão com um festival religioso. Na Assíria, portanto, onde não existia altar do Senhor, toda carne seria poluída do ponto de vista religioso. Pelo mesmo motivo não seriam capazes de oferecer as libações usuais por ocasião dos sacrifícios, e beber vinho em tais circunstâncias os poluiria. **Pão de pranteadores** (4); cfr. **#Nm**

19.14; #Dt 26.14. Novamente o pensamento é que o seu alimento seria impuro, satisfazendo sua fome (para o seu apetite) mas impróprio para ser apresentado ao Senhor. O clímax é atingido no versículo 5. O fato de serem privados do sacrifício diário seria, para eles, uma fonte de tristeza; muito mais entristecedor, para o povo exilado, seria a omissão dos grandes festivais do Senhor. O desejável da sua prata (6). O quadro é de completa desolação com urtigas e espinhos a crescer nos locais de seus antigos lares (cfr. #Os 10.8). O profeta apresenta a si mesmo como se tivesse ficado louco (7) de tristeza, por causa da multidão de iniquidade do povo. No versículo 8 a referência é feita provavelmente aos profetas falsos, os quais são como "um laço de caçador de aves em todos os seus caminhos, um inimigo na casa do seu Deus". Contudo, algumas versões dão a sugestão que o povo buscava fazer o profeta cair numa armadilha, visto que odiavam a seu Deus.

>Os-9.9

Como nos dias de Gibeá (9). Quanto ao horrendo crime cometido em Gibeá, ver #Jz 19. O ponto tocado por esses versículos é que Israel se estava comportando agora somente como sempre se comportara no passado. A despeito de Deus deleitar-se em Israel (em vista da colheita do figo ser tão tardia, o primeiro fruto maduro era especialmente valorizado; cfr. #Jr 24.2), eles se consagraram a essa cousa vergonhosa (10) em Baal-Peor (ver #Nm 25). Causa vergonhosa (10), isto é, Baal. Quanto ao versículo 11, cfr. #Os 8.7 onde, em ordem inversa, é predito um clímax semelhante de completa perda. Ver também os versículos 12 e 16. No versículo 13 o hebraico é incerto. Podemos seguir o texto da Septuaginta e traduzir: "Efraim, conforme vi, deu seus filhos ao assassino". Um comovente dilema do coração patriótico do profeta é apresentado no versículo 14. Este pode ser interpretado ou como impreciação ou como intercessão: neste último caso o significado seria que antes os filhos não tivessem nascido a serem entregues à morte. Gilgal (15) era o centro da falsa adoração que Oséias se preocupa tanto em denunciar. Cfr. #Os 4.15; #Os 12.11. Fora de minha casa (15); isto é, fora da terra santa. Israel seria expulso de seu lar como se fosse uma meretriz. O meu Deus (17). Uma triste apropriação de Deus por parte do profeta, implicando que o povo estava alienado do Senhor.

Os-10.1

b) Semeando e colhendo (Os 10.1-15)

Israel é uma vida frondosa (1); mais corretamente, "uma vide que se esvazia", isto é, derrama a abundância de seus frutos. Isso é apoiado pela Septuaginta. Frequentes vezes Israel é comparado a uma vide e nosso Senhor mesmo empregou essa figura (**#Mt 21.33**). O fruto aqui referido é a prosperidade material e o ponto da queixa divina é que quanto mais próspero se tornava Israel, mais se entregava à idolatria. **Seu coração está dividido** (2); algumas versões traduzem "falso". **Não temos rei** (3); isso sugere um período de anarquia. A perda do governante é primeiramente deplorada, mas, pensando segunda vez, mesmo que houvesse rei, que bem faria isso à nação? Segue-se uma figura terrivelmente pitoresca (4b). Israel havia arado seu campo, apenas para receber em seus sulcos a cicuta do julgamento divino.

>Os-10.5

Bezerro de Bete-Áven (5). Melhor, "a novilha". O gênero feminino é usado para ambas as palavras para expressar o quanto o profeta abominava aquilo (visto que os hebreus não conheciam divindade feminina) e como demonstração de moquejo. As fracas divindades femininas que o povo adotara estavam causando-lhes alguma ansiedade! Essa ansiedade ficou provada como bem fundada em vista da sorte que sobreveio a essas "divindades", conforme descrito no versículo seguinte. As versões grega e siríaca dizem "novilha", em lugar do plural que aqui é empregado, "**bezerros**". Quanto a **Bete-Áven**, ver 4.15n. Quanto a **Jarebe** (6) ver 5.13n.

>Os-10.7

Como a espuma sobre a face da água (7); melhor, "como um cavaco sobre a água". O quadro transmitido nas palavras: **e dirão aos montes: Cobri-nos! e aos outeiros: Cai sobre nós!** (8) (cfr. **#Lc 23.30**; Ap. 6.16) se torna ainda mais sugestivo quando nos relembramos que sobre as montanhas e outeiros, agora invocados pelo povo, estavam os altares nos quais pecavam contra Deus. O povo seria sepultado sob as ruínas causadas por seu pecado, que tinha, como modelo, o ultraje de Gibeá (ver 9.9n.).

>Os-10.9

Ali permaneceram (9). O coração dos descendentes dos perpetradores daquele inominável crime não havia sido transformado; obstinadamente permaneciam em seu terreno pecaminoso. **Quando os atar às suas transgressões** (10); melhor, "quando eu os atar às suas duas transgressões". A referência é às duas

novilhas, em Dã e em Betel. A amarga ironia do presente estado de coisas era que Israel, sendo atrelado ao jugo, tinha trocado de lugar com os animais de carga que haviam transformado em seus deuses. **Passei sobre a formosura do seu pescoço** (11); algumas versões dizem mais claramente: "poupei seu formoso pescoço". Este versículo descreve Efraim como uma bezerra estragada, que prefere o trabalho fácil de trilhar o grão. Mas o Senhor estava agora prestes a colocar sobre ela o jugo de circunstâncias difíceis. Esse pensamento leva o profeta a exortar ao povo que reaja corretamente a esses castigos. Se enquanto estavam debaixo de seu jugo, arassem o terreno inculto, então as misericórdias de Deus viriam sobre eles como chuva. No passado haviam arado a iniquidade e haviam confiado em si mesmos. É muito incerto qual seja o acontecimento histórico a que se refere o versículo 14. Provavelmente, **Salmã** é uma abreviação de Salmanesar, o qual subiu contra a Samaria nos dias do rei Oséias (**#2Rs 17.3**). **Assim vos fará Betel** (15). Note-se que não é Deus quem castigará Seu povo, mas antes, o próprio pecado deles (personificado na idólatra Betel) é que lhes daria a punição que lhes pertencia.

Os-11.1

c) O triunfo da misericórdia de Deus (Os 11.1-11)

Entre as trovoadas de impreciação o profeta introduz um dos parênteses caracterizados por terno amor; o que muito gosta de fazer. Deus lembra uma vez mais a felicidade de Suas primeiras relações com Israel. Essas, entretanto, logo se deterioraram. **Como os chamavam, assim se iam da sua face** (2). O primeiro "eles" (subentendido) refere-se aos profetas de Deus, e o segundo "eles" (também subentendido) refere-se a Israel. Embora Deus tivesse chamado tão ternamente a Israel, para Si mesmo, Israel, todavia, se tinha voltado para os baalins. O parêntese de ternura, introduzido no versículo primeiro, é levado a um lindo clímax nos versículos 3 e 4. **Fui para eles como os que tiram o jugo** (4) implica que a misericórdia divina estava esperando para pôr ponto final no castigo predito em **#Os 10.11**. A promessa de que Israel **não voltará para a terra do Egito** (5) não contradiz **#Os 8.13** e **#Os 9.3**, visto que nessas passagens o "Egito" é referido figuradamente, como símbolo da escravidão, enquanto que aqui ele aparece literalmente. A palavra para **ferrolhos** (6; em heb. **badh**) significa literalmente; "uma vara" ou "uma aduela"; pelo que alguns a traduzem como "defesas" ou "ferrolhos", como esta versão. Mas, outros consideram a palavra em sentido figurado e traduzem-na como "príncipes".

>Os-11.8

Como te deixaria, ó Efraim? (8). O dilema divino é o conflito entre a justiça divina e a misericórdia divina, que encontra expressão em uma das mais lindas passagens da profecia hebraica. **Adama** e **Zeboim** (8) foram duas cidades destruídas juntamente com Sodoma e Gomorra (cfr. #Dt 29.23). O versículo 9 apresenta o resultado do dilema do versículo anterior. A misericórdia de Deus venceu a batalha. **Eu não entrarei na cidade** (9). Por uma simples troca de sinais vocálicos, no hebraico, essa frase se torna: "Eu não entrarei em ira", o que parece preferível. Os versículos 10 e 11 falam ambos da volta do povo após o exílio. O primeiro pinta um leão a chamar seus leõezinhos de volta. O último usa o simbolismo dos pássaros retornando após a sua migração.

>Os-11.12

IV. ISRAEL É REPROVADA POR DEUS Os 11.12-13.16

a) Infidelidade de Israel comparada com a confiança de Jacó (Os 11.12-12.14)

A divisão em capítulos é muito infeliz neste ponto. O novo pensamento, que uma vez mais se ocupa do pecado de Israel, tem início no versículo 12.

Os-13.1

b) Condenação pronta e inevitável (Os 13.1-16)

A tradução mais provável do versículo 1 é: "Quando Efraim falava, havia tremor... mas ele pecou por meio de Baal e morreu". O período da prosperidade de Israel, quando todos lhe mostravam ter respeito, é contrastado com o período de sua destruição. **Beijem os bezerros** (2); isto é, como sinal de homenagem. A rapidez da vindoura destruição de Israel é apresentada em quatro quadros sucessivos: a nuvem da manhã, o orvalho matinal, a palha e o fumo da chaminé (3). Em realidade a **chaminé** é a janela pela qual escapava a fumaça.

>Os-13.5

Eu te conheci no deserto (5). Uma pequena alteração nas consoantes hebraicas resulta num texto mais plausível (apoiado pela Septuaginta): "Eu te pastoreei". Isso concorda melhor com o contexto. A prosperidade tinha dado em resultado o se afastarem de Deus (6; #Dt 8.11 e segs.). **Como leopardo espiarei no caminho** (7). Uma leve emenda no hebraico fornece tradução dada pela Septuaginta e outras versões: "como uma pantera no caminho para a Assíria".

>Os-13.11

Os verbos do versículo 11 deveriam ser traduzidos no tempo verbal presente: "Dou-te" e "to tiro" (imperfeitos freqüentativos no hebraico). Portanto, a referência não é à elevação de Jeroboão I ao trono, mas à inteira sucessão de reis no reino do norte. Dizer que **a iniquidade de Efraim está atada** (12) implica que tem sido cuidadosamente coligida e armazenada para o dia de julgamento, e é uma resposta às reivindicações de alguns dos compatriotas do profeta, os quais diziam que Deus, que havia aceito a nação sob o Seu favor especial, perdoaria e se esqueceria de seus pecados, e a evidência disso era a prosperidade em que pensavam que estavam vivendo (cfr. versículo 15). Contra essa estimativa superficial de seus pecados, o profeta apresenta aquela terrível lista de castigos.

A angústia do profeta, em seguida, é expressa em rápida troca de simbolismo. Primeiramente a mulher nas dores de parto; então o infante que não nasce no tempo certo. Ambas as coisas predizem a destruição iminente. O segundo simbolismo é o da falta de arrependimento oportuno por parte do povo, o que poderia salvar seu país.

>Os-13.14

No versículo 14 uma pequena alteração na ordem das consoantes hebraicas dá o texto: "Onde está tua praga, ó morte? Onde está teu aguilhão, ó seol?" Tal texto é sustentado tanto pela Septuaginta como pela citação em #1Co 15.55. O significado do versículo é difícil de precisar. Trata-se de um clarão inesperado de misericórdia? Nesse caso, a última porção do versículo deveria ser lida à luz de #Rm 11.29, onde fica claro que "arrependimento" significa uma mudança de mente da parte de Deus; isto é: "não alterarei minha mente a respeito disso". **Ainda que ele dê fruto** (15). Esse jogo de palavras, envolvendo o nome de Efraim, que quer dizer "fertilidade", destaca, em luz ainda mais sinistra, a total esterilidade do povo.

Os-14.1

V. PREDIÇÃO DO ARREPENDIMENTO E DA RESTAURAÇÃO Os 14.1-9

Este último capítulo é um imperturbável registro sobre a terna misericórdia de Deus para com um povo arrependido. **Daremos como bezeros os sacrifícios dos nossos lábios** (2). "Em lugar de sacrificar bois, ofereceremos nossos lábios"; isto é, a confissão de nossa culpa. (Cfr. **#Sl 51.17-19**). O versículo 3 confessa os três principais pecados de Israel: confiança na Assíria; confiança no Egito (a "terra dos cavalos"); e idolatria. O arrependimento é aceito e Deus se apresenta graciosamente para ajudá-los, em amor e misericórdia. **Ele florescerá como o lírio** (5) visto que o lírio é o símbolo da pureza que substituirá a corrupção. Espalhando **as suas raízes como o Líbano** (5) é o símbolo da natureza duradoura da felicidade de Israel. Esse pensamento faz belo contraste com **#Os 13.15. A sua memória** (7). Deve-se notar que os dois memoriais de Israel redimida são o **trigo** (pão) e a **vida**, que deixam entrever um outro muito maior memorial. **De mim é achado o teu fruto** (8). Uma repetição do jogo de palavras em torno do nome de Efraim (ver 13.15n.), cujo caráter sinistro é agora engolfado na fonte divina da fertilidade do povo. As palavras **para que as saiba** (9) são um epítome da profecia inteira. A principal queixa de Deus contra o Seu povo é que eles não O "conheciam". Mas agora, que se tinham tornado sábios, conhecerão **os caminhos do Senhor e andarão neles** (9).

G. A. Hadjiantoniou.

L. E. H. Stephens-Hodge.

JOEL

INTRODUÇÃO

I. ESTILO

O livro de Joel é uma das gemas literárias do Antigo Testamento. É edificado com cuidado e efeito dramático e aqui e acolá, pelo livro inteiro, há belezas que brilham intensamente e até deslumbram a imaginação. W. G. Elmslie tem chamado atenção para o fato em *The Expositor*, Fourth Series, Vol. 3, pág. 162: "Se existe na Bíblia um livro que é uma obra prima de arte literária, é o livro de Joel. Há outros profetas que escreveram com maior paixão e maior poder, que se elevam a mais sublimes altitudes da revelação divina; mas dificilmente há um escritor do Antigo Testamento que tenha demonstrado empenho mais cuidadoso, detalhado e primoroso para dar polimento, remate e beleza à sua obra literária".

"O estilo de Joel é preeminentemente puro. Caracteriza-se pela fluência e regularidade nos ritmos, nas sentenças completas e na simetria dos paralelismos. Com o poder de Miquéias ele combina a ternura de Jeremias, a vivacidade de Naum e a sublimidade de Isaías" (A. R. Fausset).

II. DATA

O livro apresenta ao estudioso muitos problemas e talvez o primeiro e mais importante deles é determinar onde colocá-lo entre os outros profetas do Antigo Testamento. Essa dificuldade pode ser mais bem percebida quando se sabe que já foi colocado em quase todos os períodos da dispensação profética. Pelo simples fato que menção nenhuma é feita sobre a Assíria ou a Babilônia, é admitido que Joel tenha exercido seu ministério antes do levantamento da primeira ou depois do declínio da última. Por conseguinte, há concordância quase universal que o livro deva ser posto ou entre os primeiros livros dos profetas ou entre os últimos. É verdade que muitos eruditos modernos favorecem a data mais recente, mas isso de forma alguma é universalmente reconhecido e diversos fatores parecem sugerir que a data mais antiga está bem dentro dos limites da possibilidade. Entre esses fatores temos primeiramente o quadro do reino. Toda a menção ao rei é abafada quase ao máximo, o que confirmaria o ponto de vista que o período do livro foi o de Joás o qual, embora rei, ainda era menor de idade, quando Joiada agia como

regente (#2Rs 12.1 e segs.). Paralelamente a isso, no livro de Joel o sacerdócio é considerado com a maior honra e respeito. A adoração no templo era diligentemente mantida e o aspecto mais negro do desastre causado pela seca e pelos gafanhotos era o fato que as ofertas diárias não podiam ser continuadas (#Jl 1.9). A religião deve ter sido geralmente praticada quando nenhuma outra coisa parecia pior que isso. Esses fatos, para dizer a verdade, se adaptariam aos tempos da minoridade de Joás.

Em segundo lugar, além disso, não há qualquer referência ao reino do norte, tão próximo geograficamente e tão interrelacionado com Judá em período posterior. Se preferirmos a data mais antiga parece natural que, em vista de tudo quanto Judá havia sofrido às mãos de Atalia, a infame filha de Acabe (#2Rs 11.1 e segs.), haveria apenas raras referências a Israel, nos apelos do profeta ao reino do sul.

Uma terceira característica que dá apoio à data mais antiga do livro é que as passagens condenatórias parecem ser uma relíquia dos dias mais combativos de Israel e não dos dias de seu período mais enfraquecido, quando declinava, condição que seria refletida no livro se a profecia pertencesse a data mais recente como querem alguns críticos.

Outro argumento em favor da data mais antiga é o que se encontra nas referências cruzadas que podem ser observadas entre as profecias de Joel e de Amós. Naturalmente que alguns têm argumentado que Joel emprestou dados de Amós; mas, devido ao caráter dessas várias referências é de arguir-se, se não conclusiva, provavelmente, que se deu justamente o oposto, ou seja, que Amós iniciou sua profecia onde Joel deixou a sua (cfr. #Am 4.6 com #Jl 2.12; #Am 9.13 com #Jl 3.18). Esse ponto é plenamente desenvolvido na obra de Kirkpatrick, *Doctrine of the Prophets*, págs. 63-65. A tudo isso pode ser adicionado o fato que, no tempo de Amós a idéia do "dia de Jeová" era comum e que, de conformidade com a aparente íntima conexão entre Amós e Joel, é evidente que isso só era familiar porque Joel assim o tinha feito, em seu ministério, anterior ao de Amós.

Concluindo, há certo número de alusões a eventos históricos que, se corretamente interpretadas, parecem exigir a data mais antiga. #Jl 3.17,19, que falam de estrangeiros "a passar" pela terra e que acusam o Egito e Edom de derramar "sangue inocente", bem podem referir-se à invasão de Judá por Sisaque (#1Rs 14.25) e à revolta dos edomitas durante o reinado de Jorão (#2Rs 8.20-22). Novamente, a acusação de Joel contra os fenícios e filisteus

(#Jl 3.4,6) pode ser comparada com o relato do escritor das Crônicas a respeito dos assaltos dos filisteus durante o reinado de Jorão em Judá (#2Cr 21.16), e aos oráculos de Amós contra ambas essas nações (#Am 1). Igualmente, na menção ao "vale de Josafá" (#Jl 3.2), há uma possível referência ao fato desse rei haver derrotado Moabe, Amom e Edom, no vale de Beraca (#2Cr 20.26). Tudo isso seria coerente com a posição tradicional que coloca o livro de Joel entre os primeiros profetas no "cânon", posição essa que não pode ser voluvelmente abandonada como se fosse inteiramente fortuita, visto que é inegável que o presente arranjo dos livros foi, naquele tempo, tencionado como cronológico.

Tudo quanto dissemos não deve ser entendido como inferência que não existem argumentos a favor da colocação do livro de Joel entre os escritos após o retorno do cativo. As principais razões apresentadas em defesa dessa posição podem ser arranjadas como segue. Segundo dizem, a natureza geral da linguagem e do estilo, particularmente o fraseado de #Jl 3.1,17, parece exigir que o livro tenha sido composto após a destruição de Jerusalém em 586 A. C. A ausência de qualquer referência ao reino do norte sugere que este, de fato, não mais existia como entidade política separada. A ausência de qualquer repreensão aos pecados nacionais e, especialmente, à idolatria, é incoerente com o estado de coisas que dominava antes do exílio. A atitude hostil, adotada para com outras nações pagãs, é mais característica de um período posterior, quando o nacionalismo judaico se tornou mais estritamente exclusivista. A predominância do sacerdócio nas atividades diárias e a ardente devoção pelos sacrifícios no templo não eram tão típicas no período pré-exílico, mas, em realidade, pertencem a dias mais recentes, na comunidade menor e mais intimamente ligada dos exilados que voltaram.

O argumento que se baseia no estilo e na linguagem é, quando muito, extremamente falho, pois, no caso dos profetas, existem outros fatores, além dos puramente pessoais, a complicar a questão inteira. "Os remanescentes da literatura hebraica são muito poucos para por eles decidirmos com certeza o que era e o que não era possível em um período particular. A uniformidade da pontuação massorética obliterou muitas distinções de pronúncia, que teriam servido como indicações" (Kirkpatrick, *op. cit.*, 72). A referência, em #Jl 3.1, a "renovarei o cativo" não tem de significar necessariamente que essas palavras tenham sido proferidas durante ou após o exílio; também foram empregadas por Amós (#Am 9.14) e por Oséias (#Os 6.11), e são perfeitamente consistentes quando usadas pelos profetas que viram claramente no futuro os desastres que profetizaram que sobreviriam.

A ausência de qualquer referência ao reino do norte também não pode ser considerada conclusiva; pois enquanto que esperanças de reunião foram mantidas por outros dos profetas anteriores, nenhum deles esteve tão próximo, quanto ao tempo, do amargo e cruel despotismo de Atalia, como Joel; e seria de esperar que quaisquer referências a essa parte da terra, da qual tinha vindo uma governante tão cruel e perversa, deveriam desaparecer em segundo plano. Além disso, em conexão com a ausência de reprovação contra as transgressões nacionais, não podemos assumir que os dias que se seguiram à volta do exílio foram livres de pecados dignos de ser acusados, tanto políticos como eclesiásticos. Esdras, Neemias e Malaquias encontraram muito contra o que falar. Tentar encaixar Joel nessa situação levanta tantas dificuldades quantas se propõe solucionar. O mesmo também pode ser dito a respeito do argumento de que a atitude inteira do livro é caracterizada por um nacionalismo fanático, que se manifestou mais tarde. Nada conclusivo pode ser derivado daí. De fato, esse argumento pode disparar pela culatra. Os profetas mais antigos ou fazem silêncio (Oséias) sobre a questão dos pagãos, ou se mostram interessados apenas em sua destruição final (Amós), enquanto que os mais recentes podem ver um remanescente sendo salvo, dentre cada nação debaixo do sol.

Quanto à predominância sacerdotal e a tendência ritualista que se afirma ser característica dos tempos pós-exílicos, é necessário dizer apenas que tal característica pode aparecer em toda época quando fenece a religião vital. Que isso não era fenômeno desconhecido nos dias dos primeiros profetas pode ser visto por [#Is 1.11-15](#). Portanto, há sólidas razões para apoiarmos a data antiga, tradicionalmente aceita, para a profecia de Joel. Por mais imponentes e impressionantes que sejam os argumentos contra essa posição, parecem envolver-nos cada vez mais, obrigando-nos a ajustar os fatos que possuímos à teoria sobre uma data mais recente, o que cria mais e maiores dificuldades do que aquelas que ficam resolvidas.

III. AUTOR

No tocante ao próprio Joel, pouco sabemos além do fato que ele era filho do Petuel ([#Jl 1.1](#)) e que, com toda a probabilidade, ele vivia em Jerusalém. As muitas referências à cidade revelam um grande amor a ela e íntimo conhecimento de sua história e adoração ([#Jl 1.14](#); [#Jl 2.1,15,32](#); [#Jl 3.1-2,6,16-17,20-21](#)). "Joel", que significa "Jeová é Deus", era um nome favorito ([#1Sm 8.2](#); [#1Cr 6.36](#); [#1Cr 7.3](#); [#1Cr 11.38](#); [#1Cr 15.7](#); [#1Cr 27.20](#)). Pelas passagens de [#Jl 1.13-14](#) e [#Jl 2.17](#) pode-se deduzir que ele não era

sacerdote. Ele viveu e profetizou numa época quando o povo de Judá ainda não havia caído naquela extrema depravação que, em tempos posteriores, atraiu contra eles tão pesados castigos. Isso parece situá-lo ou no início do reino de Joás ou entre o reino de Joás e o de Uzias (#2Rs 11.17-18; #2Rs 12.2-16; #2Cr 24.4-14). Provavelmente ele também era contemporâneo de Oséias e Amós e, assim eles se dirigiam a Israel, ele se dirigia a Judá. Se esse foi o caso, provavelmente foi logo após o reino idólatra de Atalia, a infame filha de um iníquo casal, Acabe e Jezabel (#2Rs 11), quando, sob a influência de Joiada (#2Cr 23.16-21; #2Cr 24.14,18), estava tendo lugar algo da natureza de um reavivamento religioso.

IV. CIRCUNSTÂNCIAS

Aconteceu de tal modo que, na providência de Deus, a terra ficou literalmente desolada por uma praga de gafanhotos, havendo tal escassez de alimentos que provocou a descontinuação das ofertas de alimentos e das libações na casa de Deus (#Jl 1.13). "Mas, embora tal praga possa ter, a princípio, despertado extrema apreensão no profeta e impulsionado sua alma até às mais baixas profundezas, depois de examinar suas palavras ficamos convencidos que elas se referem a uma ansiedade vindoura ainda maior, uma incursão de adversários que infligiria terríveis assolações à terra, deixando-a desolada e nua atrás de si, segundo haviam feito aqueles gafanhotos" (S. L. Warren, em *Ellicott's Commentary*, pág. 437).

Joel apareceu em Jerusalém para declarar que aquela invasão de gafanhotos era um quadro de uma visita de Deus, em ira e julgamento. Ele apelava em prol de um ato de arrependimento nacional, uma festa solene (#Jl 2.12), e exortava os líderes religiosos a mostrar bom exemplo (#Jl 2.15-17). Então profetizou o retorno do favor de Deus e da prosperidade da terra (#Jl 2.18-20), bem como a remoção de seus inimigos (#Jl 2.21-27). Depois disso, de um modo que não tem significação fora da inspiração divina, ele passou a descrever o derramamento do Espírito Santo que se seguiria (#Jl 2.28-32). No dia de Pentecoste, o veredito de Pedro foi: "isto é o que foi dito pelo profeta Joel" (#At 2.16). Adiante, Joel é levado a profetizar sobre a destruição final de todos os inimigos de Deus e de Seu povo (#Jl 3.1-21).

V. INTERPRETAÇÃO

A descrição acima, sobre o conteúdo do livro de Joel, pressupõe uma resposta a uma pergunta que não é universalmente admitida. Joel estava

descrevendo uma real praga de gafanhotos, que então afligia a nação? Ou estava ele predizendo alguma praga semelhante que se verificaria no futuro? Ou estava antes predizendo que nações circunvizinhas invadiriam a terra do mesmo modo que a praga dos gafanhotos? Mesmo todas essas perguntas não exaurem as linhas possíveis de interpretação. Resta a última pergunta a respeito dos gafanhotos, se eles seriam ou não "gafanhotos escatológicos" e não históricos. Aqueles que afirmam ser esse o caso, declaram que em Joel não temos o caso de uma histórica invasão de gafanhotos; mas que tudo é ideal, místico e apocalíptico.

Pareceria, até mesmo para um leitor casual, que o primeiro capítulo, por exemplo, tem a clara intenção de ser histórico. G. A. Smith declara que "seus simbolismos são por demais vívidos, por demais reais, para terem natureza preditiva e mística. E a inteira interpretação apocalíptica se esbarra no mesmo versículo que a interpretação alegórica, a saber, #Jl 1.16, no qual Joel claramente fala de si mesmo como quem sofreu, juntamente com os ouvintes, por causa da praga que descreve" (*The Twelve Prophets*, Vol. 2, pág. 395). Por outro lado, "a linguagem do livro é muito agravada e ignominiosa para ser limitada à praga natural... sob o simbolismo dos gafanhotos ele devia estar descrevendo alguma mais fatal agência da ira Deus contra Israel" (*ibid.*, pág. 390).

Por conseguinte, parece óbvio que, na visitação real dos gafanhotos, o profeta viu a aproximação de uma invasão de exércitos circunvizinhos. Os gafanhotos tinham vindo; as invasões ainda viriam. Além disso, parece evidente que, por essas coisas sobre as quais o profeta é impelido a falar, ele foi conduzido a referir-se aos juízos do "dia do Senhor", muito mais perscrutadores que qualquer praga física. O livro, portanto, é parcialmente histórico e parcialmente profético.

Jl-1.1

I. HISTÓRIA Jl 1.1-2.17

Filho de Petuel (1); a Septuaginta dá "Betuel". Fora disso pouco ou nada sabemos a respeito do próprio Joel. Pode-se concluir, por #Jl 2.1 e #Jl 3.2,6,16-17, que ele era habitante de Jerusalém, e por #Jl 1.13-14 e #Jl 2.17, que ele não era sacerdote. Quanto a esta última conclusão, deveria ser salientado, entretanto, que alguns eruditos interpretam suas freqüentes

referências a sacrifícios, ao templo e aos sacerdotes como algo que denota que ele mesmo foi sacerdote.

>Jl-1.2

a) Descrição da praga dos gafanhotos (Jl 1.2-12)

Muita controvérsia tem tido lugar entre os comentaristas, no esforço de determinar se temos aqui um acontecimento histórico real ou uma profecia em forma simbólica. A descrição da praga é tão vívida e realista que nos sugere ter sido real e verdadeira, tendo-se efetivamente desenrolado perante os próprios olhos de Joel. Além disso, em [#Jl 1.16](#), há uma indubitável referência a uma situação contemporânea e qualquer tentativa para negar a historicidade da praga real, segundo salienta o dr. George Adam Smith, "naufrega" nesse versículo. (Ver [Introdução](#), acima).

A praga que sobreveio contra eles é sem paralelo em sua história (2) e tão notável que merece ser lembrada e relatada (3). Parece haver consistido de sucessivas ondas de diferentes tipos de gafanhotos, a respeito dos quais os naturalistas dizem haver nada menos que noventa variedades. Há dez palavras hebraicas que se referem a gafanhotos no Antigo Testamento e aqui, em [#Jl 1.4](#) e [#Jl 2.25](#), são usadas quatro palavras diferentes. São [arbeh](#), [gazan](#), [yeleq](#), [hasil](#), traduzidas, respectivamente, por: [lagarta](#), [gafanhoto](#), [locusta](#) e [pulgão](#). Será que esses nomes falam de uma praga quadruplicada? "A consideração do livro de Joel como um todo não mostra que são referidos ali os ataques de quatro diferentes espécies de insetos daninhos, mas antes, um só, o do gafanhoto. Essas palavras, portanto, podem ser consideradas como diferentes nomes aplicados ao gafanhoto, referindo-se a diferentes estágios do desenvolvimento do inseto" (I. S. B. E.). Outros pensam que o emprego de quatro palavras representa quatro ondas sucessivas ou quatro ondas de insetos em estações sucessivas. A significação exata dessa descrição quadruplicada, não obstante, é incerta. Aqueles que favorecem qualquer tipo de interpretação alegórica dizem que a "locusta" do capítulo primeiro são as "nações" do capítulo 3, e que as quatro variedades de [#Jl 1.4](#) representam os "quatro grandes julgamentos" com os quais Ezequiel foi instruído a ameaçar Jerusalém, os quais foram as quatro invasões estrangeiras pelos assírios, caldeus, macedônios e romanos. Mas tudo isso dificilmente é vital. O que é importante, certamente, é simples e claro e ficou claramente estabelecido por A. B. Davidson em [The Expositor](#), Third Series, Vol. 7, pág. 199. "Quer ele pretenda descrever os gafanhotos em geral, por meio de tais nomes,

mencionando quatro para expressar universalidade, quer ele tencione descrever a mesma invasão de gafanhotos segundo os estágios de seu crescimento, não é muito importante decidir... O profeta emprega os vários nomes-todos denotando gafanhotos -não estritamente para descrever classes distintas, mas para indicar que muitas e sucessivas ondas haviam invadido a terra; e, posta em forma de prosa, sua linguagem significaria que aquilo que uma onda havia deixado a outra havia comido, e assim por diante".

Aqueles que têm testemunhado ou experimentado uma praga de gafanhotos afirmam que o que se acha descrito, aqui em #Jl 1.4-10,17-20 e #Jl 2.2-11 é tão exato e verídico que, em primeiro lugar, é uma descrição pura sem qualquer hipérbole poética. G. A. Smith tem diversos desses relatos em *The Twelve Prophets* (Vol. 2, págs. 399-403) e adiciona: "Estes extratos nos provam quão pouca necessidade tinha Joel de usar hipérbolos a fim de fazer com que os gafanhotos servissem de sinais sobre o dia de Jeová".

>Jl-1.5

Os versículos 5-12 servem para salientar, para todas as classes da comunidade, a gravidade da situação. Em primeiro lugar, os luxos que mais prezavam lhes eram agora negados. Aos olhos do profeta essa não era a calamidade maior, embora assim parecesse para muitos da nação. *Ébrios* (5); são lembrados que os vinhedos estão destruídos (7). A embriaguez foi um dos pecados específicos dos quais Joel acusou seus compatriotas. Em segundo lugar, a adoração pública a Deus fora interrompida por causa da falta de ofertas (9-10). Para o profeta, esse é um mal pior que o primeiro, e ele expressa sua indignação usando o símbolo de uma jovem esposa despojada do marido e a lamentar (8). Em terceiro lugar, tinham sido cortados os próprios meios de subsistência (11-12). Esse é o pior dos males e os corações de todos desmaiavam. O dr. R. F. Horton, na Cent. Bible, salienta que a palavra traduzida como *secou* (10) pode ser mais corretamente traduzida como "se envergonhou", isso também se aplica ao versículo 12, onde a mesma palavra aparece por duas vezes como "se secaram" e "secou". Portanto, dessa maneira gráfica, Joel faz os homens, as colheitas e os campos, lamentarem juntamente.

>Jl-1.13

b) Apelo e aviso aos sacerdotes (Jl 1.13-20)

Nesta passagem tremendamente poderosa, o profeta apela aos sacerdotes, exortando-os a **congregai os anciãos... e clamai ao Senhor** (14). Note-se o jogo de palavras-"meu Deus" e "vosso Deus" -no versículo 13. O Deus do profeta é Aquele que convida ao arrependimento; os sacerdotes correm o perigo de pensar que Ele meramente é um Deus que exige libações e ofertas de alimentos. O país tinha sido atingido pela fome e Joel parece ver nisso um precursor de destruição ainda maior, que viria da parte do Todo-Poderoso, para o que ele emprega a frase **o dia do Senhor** (15); ver 2.1n. Até os próprios animais arfavam e gemiam em seu desmaio e fome (18). O que os gafanhotos haviam deixado o calor excessivo havia exterminado (19). Talvez devamos pensar aqui no versículo 19 a respeito do calor e da seca que acompanharam a praga de gafanhotos. Mas é possível que os próprios gafanhotos sejam tipificados como um incêndio a consumir a erva. Ver a descrição de Clarke sobre o **Gryllus migratorius** (Clark, **Travels**, Vol. 1, pág. 438): "tem pernas vermelhas e suas asas interiores têm uma cor de vermelho vivo que dá uma brilhante aparência de fogo aos insetos, quando voam debaixo dos raios solares" (Cent. Bible, págs. 93,94). Porém, em **os rios se secaram** (20) fica definitivamente sugerida uma seca excessiva na qual o bramido dos **animais do campo é**, por si mesmo, uma oração a Deus (20). **A ti ó Senhor clamo** (19). O próprio Joel se sentiu impelido a cair de joelhos em vista de tudo aquilo.

Jl-2.1

c) Os presságios do profeta (Jl 2.1-11)

O capítulo 2 segue bem de perto a linha do capítulo primeiro; todavia, em lugar de preencher os detalhes da desolação que a praga havia trazido, este capítulo se ocupa principalmente com a descrição do ataque dos próprios gafanhotos. A seca e a história das conseqüências da visita são as características proeminentes do primeiro capítulo; porém, o aparecimento dos gafanhotos e o progresso de seu avanço preenche quase completamente a tela do capítulo 2. Esse quadro nos foi tão vividamente pintado que alguns comentadores pensam que ele exclui inteiramente a interpretação alegórica (exemplo, A. B. Davidson em **The Expositor**, Third Series, Vol. 7, pág. 206). Essa antítese não é necessária. Essa segunda descrição sobre os gafanhotos, desta vez em marcha, não necessita ser considerada como descrição de soldados sob a forma de gafanhotos; mas é óbvio que a descrição dos gafanhotos é dada em preparação para a profecia sobre o desastre social, político e religioso que estava prestes a cair sobre a nação.

1. UMA CHAMADA AO ARREPENDIMENTO (#Jl 2.1-3). **Tocai a buzina** (1). Esse instrumento (em heb., **shophar**) era usado quase exclusivamente para propósitos guerreiros. Dava sinal de "preparação para combate" (#Jz 6.34; #1Sm 13.3; #2Sm 20.1); advertia sobre a aproximação de inimigos (#Am 3.6; #Ez 33.3 e segs.; #Jr 4.5; #Jr 6.1); era ouvido durante uma batalha inteira (#Am 2.2). O profeta o usa aqui para mostrar a seriedade da situação. **O dia do Senhor** (1). Essa frase, que também aparece em muitas outras passagens, tem confundido a muitos pelos sentidos aparentemente contraditórios em que é usada. Ela é presente ou futura? Diz respeito a uma concreta situação humana ou trata-se de um final apocalíptico do drama da história? Parece que seu sentido, aqui, é aquele que foi estabelecido por A. B. Davidson (**The Expositor**, Third Series, Vol. 7, págs. 201, 202): "Ora, inquestionavelmente, o dia do Senhor está ligado, pelo profeta, às outras pragas, ainda que não satisfazem o dia do Senhor; são apenas seus arautos e augúrios. O dia do Senhor será o momento quando Ele tomar novamente nas mãos os arreios que parecia ter deixado soltos anteriormente, quando então, as correntes de Seu governo moral, que tinham sido deixadas a fluir languidamente, recebem um misterioso impulso e a obra do Senhor sobre a terra é finalmente realizada plenamente... Naturalmente que qualquer julgamento ou calamidade severa despertou o pensamento a respeito e até parecia o posto avançado dos terrores finais". Tanta coisa havia no tocante à praga dos gafanhotos que tornava natural ligar as duas coisas. Por exemplo, **Diante dele um fogo consome** (3). Muitos viajantes, alguns dos quais não familiarizados com a alusão bíblica, têm descrito uma região assolada por gafanhotos da mesma maneira, como, por exemplo: "Poucos meses depois, um bando muito maior partiu e deu à região inteira a aparência de haver sido queimada. Onde quer que pousassem, parecia que o fogo havia devorado e queimado tudo". Pusey nos fornece uma impressionante lista de viajantes, em muitos países, que viram a mesma coisa e deram suas impressões seguindo a mesma linha geral (**Commentary**, pág. 113).

>Jl-2.4

2. O AVANÇO DOS GAFANHOTOS (#Jl 2.4-11). **Como o parecer de cavalos** (4). Tem sido chamada a atenção para a notável semelhança entre os gafanhotos e os cavalos. Segundo se diz, quando aumentado, tem a semelhança de um cavaleiro bem armado (Cam. Bible, pág. 90). Há um ditado, em árabe, de que "O gafanhoto, pequeno como ele é, tem a natureza de dez dos maiores animais: o rosto de um cavalo, os olhos de um elefante, o pescoço de um touro, os chifres de um veado, o peito de um leão, o ventre de

um escorpião, as asas de uma águia, as coxas de um camelo, os pés de um avestruz, a cauda de uma serpente". As diversas características de uma invasão de gafanhotos são fielmente registradas aqui. Primeiramente, há o intenso ruído que fazem (5), e o terror que inspiram naqueles que estão prestes a ser afligidos por eles (6). Plínio fala acerca de "nações esperando com ansiedade, não fossem eles cobrir suas terras" (*Nat. Hist.*, 11.35). **Todos os rostos são como a tisanadura** (6). Melhor ainda: "todos os rostos empalidecem". Então são observadas suas "fileiras em ordem" (7). Agem como que debaixo de um impulso comum. **Não se desviarão da sua fileira** (7). Nenhuma arma que possa ser usada contra eles lhes provoca o menor dano (8). "As armas são inúteis contra eles, por causa de seu número; embora milhões sejam destruídos, o resto marcha serenamente por cima de seus companheiros caídos. Valados cheios de água não podem impedi-los, pois são rapidamente cheios de corpos afogados e atravessados; os incêndios tocados contra eles para barrá-los são apagados pelas cinzas dos corpos cremados. Literalmente, exércitos têm sido lançados contra eles, mas em vão" (*Cent. Bible*, pág. 7). Isso os torna irresistíveis (9). **Pelas janelas entrarão como o ladrão** (9). Alguns comentadores têm sugerido que nosso Senhor e Seus apóstolos tinham essa passagem em mente quando usaram a mesma símile para descrever a vinda do dia de juízo (cfr. **#Ap 16.15; #Mt 24.43-44; #1Ts 5.2; #2Pe 3.10**). A referência a distúrbios no sistema solar (10) indica que aqui há em vista mais que meros fenômenos físicos a acompanhar a praga dos gafanhotos e que Joel estava pronto para apresentar algumas das coisas que a invasão, acabada de experimentar, pressagiava e ilustrava. Ver **#Jl 2.31 e #Jl 3.15**, comparando-as com a descrição de nosso Senhor sobre as, coisas que anunciarão a vinda do Filho do homem, em **#Lc 21.25-26. O Senhor... diante do seu exército** (11). Jeová é pintado a marchar à frente das forças destruidoras irresistíveis, dando Suas ordens.

>Jl-2.12

d) O apelo ao povo (Jl 2.12-17)

Quem o poderá sofrer? (11) parece sugerir que não há esperança; **o dia do Senhor é grande e mui terrível**, pelo que ninguém poderá resistir-lhe. O profeta, entretanto, se apressa para assegurar que não é ainda tarde demais para desviar Sua justa indignação por meio do retorno a Deus. Mas essa conversão deve ser **de todo o vosso coração** (12). O **coração**, conforme usado aqui, não deve ser considerado o centro das emoções e das paixões. Na psicologia hebraica o coração era mais geralmente considerado como o centro

da vida moral, espiritual e intelectual. É, supremamente, o órgão do propósito e da resolução moral. Além disso, o arrependimento deles deveria ser acompanhado **com jejuns, e com choro** (12); isto é, com todo sinal do tristeza por causa de seus pecados. Deus é maior do que eles sabiam, mais bondoso do que O imaginavam, e gracioso para com os indignos (13). **Se voltará e se arrependerá** (14); melhor, "se converterá" (em heb., **shubh**); isto é, a mesma palavra empregada no versículo 12. Trata-se de uma forte declaração e à primeira vista parece pôr de lado a doutrina bíblica da imutabilidade de Deus. A Bíblia invariavelmente afirma que Deus é imutável em Sua natureza e perfeições, em Seu conhecimento, vontade e propósito. Ele é sempre o mesmo. Ele não é homem, para que se arrependa (**#1Sm 15.29**). Por outro lado, as Escrituras nunca apresentam a imutabilidade de Deus como imobilidade morta, fora de toda relação com o homem e com o mundo. Seu conhecimento, vontade e propósito nunca são concebidos como condicionados ou determinados pelas ações dos homens; mas é Ele apresentado como a suster uma diferente relação para com os piedosos e para com os iníquos, bem como para com o mesmo indivíduo em diferentes ocasiões, de conformidade com sua piedade ou iniquidade. É justamente porque Deus é imutável que, em Seu trato com os homens, parece que Ele varia Seu curso conforme eles variam sua conduta. Deus ainda lhes deixaria uma **bênção** (14); e a paixão do profeta, pela glória de Deus, é vista no fato que a maior das bênçãos que Ele pode conceber é uma boa colheita que capacitaria uma **oferta de manjar e libação** ser oferecida novamente no templo.

>Jl-2.15

Os versículos 15-17 repetem a chamada à oração de **#Jl 1.13-14**; mas aqui há três importantes diferenças. No capítulo primeiro o apelo foi lançado exclusivamente a um sacerdócio negligente; aqui, entretanto, todos são convocados-homens, mulheres, crianças, e até mesmo noivos e noivas recentemente casados, os quais, em circunstâncias ordinárias, estavam isentos, por um ano, de todo dever público (**#Dt 24.5**). Se necessário fosse, o jovem casal deveria levantar-se da festa de casamento; a palavra **tálamo** (16; em heb. **chuppah**) é antes "dossel" ou "pavilhão" e indubitavelmente se refere à tenda nupcial especial que, até mesmo em tempos modernos, é erigida para a cerimônia do casamento. Uma segunda diferença é que aqui não são chamados a responder por suas iniquidades, como no capítulo primeiro, mas antes, para esperar pela misericórdia de Deus. A **buzina** (15), não é, como em **#Jl 2.1**, uma advertência sobre a aproximação de perigo, mas antes, uma convocação para reunião religiosa. A grande razão aqui oferecida para esse "dia nacional

de oração" era para que as nações não **façam escárnio dele** (isto é, do povo) (17). Joel ansiava para que a destruição da nação santa de Deus não viesse a provocar os pagãos (note-se que aqui ele identifica os gafanhotos com os pagãos) a dizerem que o Deus de Israel ou não era Deus de modo algum ou que Ele não queria ou não pode guardá-los. Essa calúnia Joel não podia tolerar facilmente. Era falsa aos fatos, à experiência e à aliança.

>Jl-2.18

II. PREDIÇÃO Jl 2.18-3.21

Então o Senhor terá zelo (18) é, obviamente, um ponto nevrálgico do livro. Faz soar distintamente uma nova nota. Algumas versões, corretamente, traduzem: "Então o Senhor **teve** zelos"; isso significaria que o dia de jejum e oração fora observado, que o Senhor os havia ouvido e perdoado, e que agora Ele tinha zelo em abençoá-los, tal como antes parecera pronto para castigá-los. "O tempo verbal futuro é gramaticalmente indefensável" (Com. Bible, pág. 58). Não obstante, tudo quanto se segue parece claramente estar ainda no futuro; alguns acontecimentos no futuro mais ou menos imediato e alguns outros na distância imprecisa dos "últimos dias".

É uma lei da profecia do Antigo Testamento que a profecia é condicional, a não ser que expressamente seja declarada como absoluta. Até aquela altura Joel lhes tinha apresentado uma mensagem que falava sobre julgamentos iminentes, mas agora, quando o povo se havia arrependido, diz ele, "não acontecerá".

a) As bênçãos do futuro imediato (Jl 2.18-27)

Estas são promessas de benefícios temporais. Os versículos 18-20 contêm a promessa de alívio imediato de suas tribulações Deus tem **zelo** (18). Seu poder havia sido posto em dúvida, Sua honra havia sido impugnada e o fato que os pagãos reprendiam Seu povo exigia Sua intervenção. Ele não permitiria que Seu povo fosse afligido para sempre, mas lhes daria completo alívio. Os versículos 21-27 prometem um retorno imediato da terra à saúde e à prosperidade. Joel profetiza aqui que Deus enviaria dias de prosperidade após a invasão haver terminado e o arrependimento deles haver sido comprovado. As densas trevas (**#Jl 2.2**) tinham desaparecido; a terra, ou melhor, o solo, que lamentara (**#Jl 1.10**) é agora ordenado a **regozija-te e alegra-te** (21); os animais que gemiam (**#Jl 1.18**) recebem agora a ordem **Não temais** (22); os campos e

bosques nus (#Jl 1.7,10-12) agora **darão a sua força** (22). Onde não havia chuva (#Jl 1.20) agora há abundância dela (23); onde não havia trigo, vinho e azeite (#Jl 1.10), agora há superabundância (24). O dano feito pelos gafanhotos (#Jl 1.4) deve ser reparado e restituída a perda (25-27).

Nesta passagem o profeta toma a posição como se algumas das suas predições já tivessem sido cumpridas. Esse emprego do passado "profético", que descreve aquilo que ainda sucederá como se já tivesse acontecido, é visto no versículo 23. A tradução correta desse versículo, em lugar de pôr os verbos no futuro, deveria dizer: "ele vos **fez** descer a chuva". Outras versões tentam transmitir esse sentido pondo o verbo no tempo verbal presente. "O tempo futuro é injustificável como tradução, ainda que seja interpretação perfeitamente correta" (Com. Bible, pág. 61). O profeta como que já tinha visto Deus a dar-lhes **a chuva, a temporã, e a serôdia, no primeiro mês** (23), isto é, as três principais estações chuvosas na Palestina. A chuva **temporã** são os aguaceiros de outubro e de primeira parte de novembro. A **chuva** é o grupo principal de chuvas, que cai de dezembro a fevereiro. A chuva **serôdia**, que era mais apreciada de todas porque ajudava a amadurecer o fruto e a contrabalançar a seca do verão, caía em abril. O resultado dessas diversas épocas de chuva seria a abundância das coisas que haviam eles perdido devido aos gafanhotos (24-26), bem como a vindicação da honra de Deus, vista num povo próspero e reverente (26-27).

>Jl-2.28

b) As bênçãos do futuro distante (Jl 2.28-32)

Essas bênçãos são espirituais e não dizem respeito a coisas materiais, mas ao reino do governo de Deus nos corações dos homens e nações. Esta seção particular, que forma um capítulo separado em hebraico, é uma profecia de que haveria um derramamento do Santo Espírito de Deus antes de haver qualquer visitação de julgamento final contra o mundo. Esses versículos devem a diversas causas as suas afirmações aqui feitas. W. G. Elmslie destaca (*The Expositor*, Fourth Series, Vol. 3, pág. 177) que Joel sentia que Israel necessitava de mais que uma penitência surgida em meio à austeridade e à fome. A nação também precisava ser transformada, santificada e conformada segundo a mente e a vontade de Deus. Isso só poderia realizar-se se Deus enviasse Seu Espírito aos corações de Seu povo. Então, ao desenrolar a tela da história da nação, o profeta predizia que, antes do julgamento do mundo, Deus enviaria Seu Espírito para que Seu povo pudesse alcançar Seu reino no

mundo. Naturalmente que isso foi o que aconteceu em Jerusalém (#At 2.1-14), no dia de Pentecoste, depois da ascensão de nosso Senhor. Esse fenômeno deixou muitos perplexos, ao tentarem compreendê-lo. O próprio comentário inspirado de Pedro, porém: "o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel", assegurou-lhes de que o que estava sucedendo era, nada menos do que aquilo que havia sido predito; e o apóstolo passou a citar #Jl 2.28-32.

Nesta altura do livro, os acontecimentos do passado recente começam a desaparecer e a se perderem numa predição da história futura sobre acontecimentos escatológicos e apocalípticos. É como se alguém estivesse contemplando uma grande serra de montanhas, cujos picos aparecem claramente, mas cuja exata relação de distância, um do outro, é bastante indistinta. Portanto, como diz o dr. R. F. Horton: "O Pentecoste parecia mais próximo do que realmente estava e as colinas de bênçãos, que nem mesmo nós temos atingido, naquela luz vespertina da profecia, já brilhavam no horizonte" (Cent. Bible, pág. 104).

>Jl-2.30

Os versículos 30 e 31 não parecem estar ligados aos acontecimentos do dia de Pentecoste, e alguns expositores bíblicos são levados a declarar que haverá ainda um outro derramamento mundial do Espírito Santo, antes do grande dia do Senhor. Pedro, entretanto, mui certamente identificou a passagem inteira de #Jl 2.28-31 com o dia de Pentecoste. Além disso, Joel talvez não tenha apanhado a plena significação e conexão das imagens que empregou; outros escritores apocalípticos também não o fizeram. Por conseguinte, podemos concluir que o que temos aqui é uma profecia sobre a vinda do Espírito Santo, no início dos "últimos dias" (#At 2.16-21), os dias do Evangelho de Jesus Cristo e, depois disso, seguir-se-á, para todos os inimigos de Deus, súbito e terrível julgamento vindo do alto.

Jl-3.1

c) A destruição final de todos os inimigos de Deus (Jl 3.1-21)

Em que removerei o cativeiro de Judá (1). Não necessariamente uma referência ao retorno do exílio. Certas versões traduzem: "Quando eu restaurar as fortunas de Judá". Ver "Data" em **Introdução. Vale de Jeosafá** (2). A identificação desse local é incerta e realmente não é importante. Jeosafá significa "Jeová julga", o que indica o significado simbólico do termo. Ver

versículo 12 e cfr. versículo 14, onde o mesmo local é chamado de "vale da decisão", isto é, decisão de Deus referente ao julgamento das nações. O quadro é de retribuição por causa da cruel opressão ao povo de Deus. **Lançaram a sorte** (3). Os cativos eram distribuídos entre os soldados desse modo e eram usados para satisfazer seus apetites físicos.

>Jl-3.4

Os versículos 4-8 dizem respeito especificamente aos fenícios e filisteus. O tema dos versículos é que essas nações receberão a justa retribuição por haverem vendido escravos judeus aos **gregos** (6), por haverem vendido seus filhos e filhas aos **de Seba** (8), um país que ficava justamente na direção oposta. Se aceitarmos a data mais antiga para Joel, essa é a primeira referência bíblica aos gregos. Visto que os fenícios eram um povo marítimo, sua inclusão aqui é perfeitamente natural.

>Jl-3.9

O versículo 9 retoma o pensamento do versículo 2. As nações são quase zombeteiramente convocadas a se prepararem com as providências que puderem para defender-se contra o Senhor, o qual não só se assenta para julgá-los (12). Mas também executa o julgamento. **Forjai espadas das vossas enxadas** (10). O oposto exato de **#Is 2.4**, um fato que serve para salientar a diferença no destino que aguarda os pagãos e os piedosos. No versículo 13 é alterada a figura. A destruição dos iníquos é assemelhada ao amadurecimento e ao amassar as uvas no lagar. Cfr. o uso semelhante desse simbolismo em **#Ap 14.15-20. Multidões no vale da decisão** (14). Ver nota sobre o vers. 2. Cfr. 2.10n. com o vers. 15. **Os céus e a terra tremerão** (16). Cfr. **#Ag 2.6** e **#Hb 12.25-29**. O objetivo desse julgamento é que todos os homens saberão que **eu sou o Senhor vosso Deus** (17; cfr. **#Jl 2.17**).

>Jl-3.18

Ligado a esse julgamento contra os pagãos temos a restauração de Israel, expressa no versículo 18 nos termos daqueles bênçãos naturais que, após os gafanhotos e a seca dos capítulos anteriores, poderiam mais prontamente dar a entender um quadro de felicidade e prosperidade. Em contraste com a futura desolação do Egito e de Edom, **Judá será habitada para sempre** (20).

Este capítulo trata, claramente, dos acontecimentos de um grande momento para os judeus e para o mundo. Os comentadores diferem quanto ao seu significado.

Por alguns ele é considerado como uma descrição imaginária e poética do triunfo literal do povo judaico sobre seus inimigos circunvizinhos e tradicionais. Aqueles que assim argumentam sugerem que o versículo 2 dificilmente poderia ser interpretado de outro modo. Porém, como já tem sido frisado acima, o "vale de Jeosafá" provavelmente tem um sentido simbólico e não literal. O teor da descrição sugere que Joel tinha em mente mais que uma vitória nacional localizada.

Outros consideram esta passagem como uma descrição literal de acontecimentos que terão lugar no tempo do "fim", quando os iníquos serão destruídos em batalha real, o que será seguido pela plena restauração do povo judaico. Que este capítulo pode ser interpretado desta maneira devemos reconhecer. Historicamente falando, o julgamento de Deus seguir-se-á ao dia da graça, que até poderíamos chamar de "dia do Espírito Santo" (cfr. [#JI 2.28-32](#)). "O derramamento do Espírito é o precursor do julgamento. Não é essa uma espantosa transição? De modo algum. Logo que o povo de Deus tiver sido divinamente capacitado para realizar sua tarefa, logo que os servos de Deus estiverem completamente preparados para materializar Seu reino sobre a terra, então o fim de todas as coisas estará próximo. A plenitude do Espírito derramado sobre a Igreja significa o final de nossa história mundial... e aqueles que invocam o nome de Jeová e a quem Jeová chama para serem Seus, significa passar por tudo isso inatingido e salvo" (W. G. Elmslie, [The Expositor](#), Fourth Series, Vol. 3, pág. 177).

Um terceiro ponto de vista, que relaciona Israel à Igreja, e que vê neste capítulo as fortunas de Israel e as fortunas da Igreja, que é o Israel de Deus, afirma que haverá uma fusão das duas instituições, e que isso é tudo quanto se pode dizer, talvez, a respeito. Aqueles que expõem o texto desse modo vêm simbolizada nas vitórias aqui descritas, a derrubada de todos aqueles que são opositores do Evangelho da graça. Por conseguinte, essa passagem seria uma predição sobre o progresso desse Evangelho nesta era, culminando em sua completa vitória. Conforme Pusey observa sobre a declaração [Judá será habitada para sempre](#) (20): "Não a Judá terrena, nem a Jerusalém terrena; pois essas deverão chegar a seu término, juntamente com a própria terra, sobre cujo fim os profetas bem sabiam. Trata-se, portanto, do povo único de Deus, o verdadeiro Judá, o povo que louva a Deus, o Israel que realmente é Israel. Egito, Edom e todos os inimigos de Deus chegarão a seu fim, mas o Seu povo nunca terá fim" ([Commentary](#), pág. 145).

[J. T. Carson.](#)

AMÓS

INTRODUÇÃO

I. O FUNDO HISTÓRICO

Amós, um dos maiores dos chamados profetas "menores" (Cornill o chama de uma das mais maravilhosas aparições na história do espírito humano), profetizou durante os dias de Uzias, rei de Judá e de Jeroboão II, rei de Israel. É impossível determinar o ano exato de sua profecia, mas provavelmente foi cerca de 760 A. C. A referência ao terremoto ([#Am 1.1](#)), que evidentemente tinha sido memorável (cfr. a alusão de Zacarias ao mesmo, em [#Zc 14.5](#), muito tempo depois), não nos ajuda muito a fixar uma data absolutamente certa.

Em 803 A. C., Adade-Nirari III, da Assíria, infligiu uma esmagadora derrota sobre a confederação síria. Esse enfraquecimento do vizinho nortista de Israel e subsequente preocupação da Assíria com outros locais, deu a Jeoás e a seu filho, Jeroboão II, uma supremacia na parte norte da Palestina e na Síria provavelmente desconhecida por qualquer de seus predecessores. Israel estava novamente livre para apropriar-se de novos territórios e isso fez com o maior zelo, particularmente, às expensas da Síria. Todas as principais estradas estavam em suas mãos e Samaria, a capital, se tornou ponto de encontro dos mercadores que viajavam entre a Mesopotâmia e o Egito. Ali se juntavam as caravanas vindas de várias partes do mundo oriental e Samaria se tornou o empório de mercadorias de toda espécie. As crescentes atividades comerciais trouxeram a Israel enormes lucros e uma poderosa classe comerciante se desenvolveu, o que teve largas repercussões sobre o resto dos habitantes.

Essa prosperidade comercial deu origem a um grande programa de edificação de "casa de inverno" e "casa de verão" ([#Am 3.15](#)), bem como "casa de marfim". Samaria contava com muitos palácios ([#Am 3.10](#)) que pertenciam não só ao próprio rei, mas aos ricos príncipes-comerciantes que se tinham enriquecido no comércio. Essas grandes casas se tornaram, antes de muito tempo, depósitos de toda espécie de luxos ([#Am 3.12](#); [#Am 6.4](#)). A oportunidade de enriquecer tornou os comerciantes ansiosos para aumentar seus lucros, tanto por meios honestos como por artifícios desonestos. Mostravam-se impacientes para com os sábados e as luas novas ([#Am 8.5](#)). Nesse tráfico mundano eram impelidos por suas mulheres, que exigiam luxos cada vez maiores ([#Am 4.1](#)).

O ditado que "o dinheiro corrompe" foi verdadeiramente exemplificado no reino do norte durante os dias de Jeroboão II. O desejo de riquezas teve resultados desastrosos, tanto para o comerciante como para o pobre aldeão. Os ricos príncipes-comerciantes se tornaram desmoralizados, corruptos e injustos; os pobres eram oprimidos, roubados e maltratados. Amós pertencia à classe pobre dos aldeões e provavelmente sabia, por amarga experiência própria, a que indignidades haviam sido sujeitados os pobres e oprimidos. Os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres tornavam-se cada vez mais empobrecidos. Qualquer propriedade possuída pelo pequeno proprietário tinha de ser vendida, devido à força bruta de circunstâncias adversas. Para Amós, pois, não havia justiça na terra. Os que emprestavam dinheiro tomavam as próprias roupas das pessoas para servirem de garantia pela dívida. Os juízes eram influenciados pelo suborno e isso significava vitória para a injustiça e derrota para a verdade (#Am 8.6). Nenhuma testemunha honesta podia ser encontrada nos tribunais. "O homem honesto perdia o direito da verdade, da propriedade e da vida". A piedade tornou-se uma qualidade rara e os pobres eram mantidos com as costas na parede (#Am 2.6). O pequeno proprietário independente e o proprietário aldeão, lutavam numa batalha perdida. As áreas menores de terreno eram absorvidas nas propriedades mais vastas.

No que dizia respeito à religião, os santuários de Betel e de Gilgal, especialmente o de Betel, estavam apinhados de adoradores. A adoração a Baal certamente havia sido suprimida por Jeú, o sucessor de Acabe, mas o espírito, se não a forma, havia permanecido nos santuários autorizados, onde supostamente Jeová era adorado. Ali o opressor do pobre, o rico a regalar-se em seus luxos, adorava com uma consciência embotada ou morta. Externamente tudo era feito de conformidade com a regra, mas não havia verdadeira adoração segundo a compreendemos hoje. Israel tinha cessado de viver perante Deus, tal como havia acontecido no deserto, sob Moisés, e agora estava meramente existindo para Deus. Os santuários talvez estivessem apinhados de adoradores, mas Deus não se achava presente. A superstição e a imoralidade tinham tomado o lugar da piedade e da sinceridade. A religião estava totalmente divorciada da conduta e passou-se algum tempo antes que Israel pudesse entender que essas duas coisas devem seguir paralelas. (Ver Apêndice I de Reis, "A Religião de Israel sob a Monarquia").

O reino de Jeroboão, portanto, era uma terra de extremos contrastantes: os ricos eram muito ricos e os pobres eram muito pobres. Sob tais condições era inevitável que crescessem a insatisfação e o desassossego. Conforme ficou

demonstrado pelos acontecimentos subseqüentes, o país estava maduro para a guerra civil. Após a morte de Jeroboão houve três reis no espaço de um ano. Revolução seguia-se a revolução e no período de alguns poucos anos uma parte do reino de Israel havia desaparecido, enquanto que o restante se mantinha numa independência precária, dependendo da boa vontade da Assíria. Tais condições sociais não podiam prolongar-se indefinidamente; de fato, tinham em si mesmas a sentença de morte. Amós foi um daqueles homens que perceberam o fato. Ele percebeu a negra nuvem de julgamento surgir no horizonte. Havia forças sociais, morais e políticas em operação que realizariam a vontade de Deus e executariam o juízo que já tinha sido decretado. Israel, efetivamente, "um cesto de frutos de verão" (qayits), e seu fim (qeyts) não podia ser adiado (#Am 8.2).

II. O PROFETA

Amós era nativo de Tecoá, uma pequena cidade cerca de dez quilômetros de Belém. Não era cortesão como Isaías, nem sacerdote como Jeremias, mas pastor e cultivador de sicômoros. Por meio das comparações que ele freqüentemente empregou, fica claro que ele estava plena e pessoalmente familiarizado com as dificuldades e perigos da vida de boieiro. A vida lhe era difícil e havia pouco luxo. Por outro lado, seu negócio o levava certamente a cidades e mercados importantes onde, sem dúvida, se encontrava com caravanas de muitas terras. Um homem de seu calibre sempre mantém os ouvidos abertos para as notícias sobre homens e seus feitos em outros lugares. Isso explica seu surpreendente conhecimento sobre outras terras e outros povos. Conforme mostram os capítulos iniciais de seu livro, ele sabia muita coisa sobre a história, as origens e feitos das nações circunvizinhas. Devido a tais experiências e moldado por sua observação pessoal e condições na terra desenvolveu-se ele como homem duro e severo, grande combatente, legítimo campeão dos pobres.

Embora não pertencesse à linha de profetas, nem à escola de profetas, foi chamado, à semelhança de Eliseu, das atividades diárias de seus deveres para a dignidade do ministério profético. Não havia dúvidas em sua mente, nem deixava ele qualquer dúvida na mente de outros homens, que havia sido chamado por Deus, assim como Moisés tinha sido chamado, quando ocupado em tarefa semelhante à sua. Para Amós seu caso não foi que se tornou profeta a fim de ganhar a vida; mas se tratava de abandonar suas atividades para tornar-se profeta. Ele não fazia tentativa para esconder sua vida passada ou emprego e não se envergonhava de tornar conhecido seu nascimento humilde.

O fogo de Deus queimava em sua alma e, à semelhança do apóstolo Paulo, séculos mais tarde, bem poderia ele ter dito "Ai de mim se eu não falar". Ele via a corrupção, o pecado e a vergonha do povo a quem Deus havia tirado do Egito e não podia fazer silêncio. A vereda para a qual foi chamado a palmilhar não era de sua escolha. O Deus das extremidades da terra, com Quem ele tinha comungado freqüente e longamente na solidão do deserto de Tecoa, tinha uma mensagem a Seu povo rebelde do norte e era por intermédio de Amós que essa mensagem de justiça e julgamento devia ser anunciada.

III. A MENSAGEM DO PROFETA

A mensagem de Amós era de julgamento e punição quase sem alívio. Embora nos últimos poucos versículos do livro relampejem algumas notas de otimismo, revelando a largueza da misericórdia de Deus através do trono davídico restaurado, a mensagem inteira, todavia, desse intrépido mensageiro de Deus, precisa ser incrustada no contexto de desastre iminente. Certamente que ele não agradava aos ouvidos populares, mas mantinha os olhos na mensagem divina que lhe cumpria proclamar. Pecado nacional conduz a julgamento nacional e quanto maiores o privilégio e a oportunidade de uma nação, maior também deve ser seu julgamento.

Tanto quanto dizia respeito ao Israel de Jeroboão, externamente tudo parecia estar em ordem, mas a condenação estava prestes a cair sobre todos. Assim como um leão se prepara para saltar sobre a presa, igualmente Jeová estava pronto para visitar Seu povo com julgamento. A terra inteira sentiria o impacto desse julgamento. Por muitas e muitas vezes Israel havia sido advertida, mas sem o menor proveito. Quando o povo continua a desviar os ouvidos da vontade de Deus, então tem de arcar com as conseqüências.

Em adição à corrupção moral que havia resultado em opressão social e em injustiça legal, havia a questão dos falsos santuários de Betel e Gilgal. Pois Deus abomina tão asquerosos rituais. Ele não tolerava suas festas, seus festivais e suas ricas ofertas. Pois tudo não passava de zombaria; tudo era estranho para Ele. No deserto, nos dias passados, nada disso havia. Qual a dose de influência era exercida sobre Amós, para ele ser contrário à adoração em Betel e Gilgal, pelo fato de ser ele do sul, não precisamos interrogar agora. Pouca dúvida pode haver, contudo, que tais santuários, estabelecidos pouco depois da divisão do reino salomônico, eram considerados, por todos verdadeiros "ortodoxos" do reino do sul, como abominações contra o Senhor.

Tais santuários, anuncia o profeta, serão totalmente destruídos. Jeová já se encontrava ao pé do altar (#Am 9.1-4) e arruinaria totalmente o local.

Para esses pecados-expressos para com o homem por meio da opressão social e da injustiça, e para com Deus por meio das abomináveis práticas de Betel e Gilgal-só podia haver um resultado-Israel ser completamente rejeitada. Se o privilégio é a medida da responsabilidade, então a rebelião de Israel era imperdoável. Deus havia tirado Israel do Egito, tinha-o guiado pelo deserto e havia-lhe dado possessão de uma terra boa, além de ter posto profetas em seu meio. O castigo para sua transgressão devia ser proporcional à sua gravidade; portanto, Israel seria totalmente rejeitado. O fato que Jeová tinha tirado Israel do Egito agora não significaria mais que os outros fatos que retirara os filisteus de Creta e os sírios de Quir. A sentença já havia sido decretada e o julgamento seria executado prontamente. Como o carro de uma eira, assim Ele esmagaria a nação inteira (#Am 2.13-16).

A mensagem de Amós se fundamenta na firme convicção que Jeová é Deus de justiça. Essa justiça está em conflito com a injustiça do homem e havia-lhe declarado guerra. O resultado desse conflito seria o juízo mais severo possível contra o homem. O ensino de Amós é de caráter ético, mas, tal como os outros profetas do oitavo século antes de Cristo, ele não baseava seu ensino sobre o que havia de bom e reto no homem, mas sobre o que sabia sobre a natureza de Deus. Para Amós, portanto, o "pecado" é mais que a mera transgressão, mais que o mero lapso moral em vista de algum código estabelecido; é rebelião contra Deus. Israel estava em relação de aliança com Jeová. Essa relação impunha-lhe deveres e seu pecado consistia em haver repudiado os deveres inerentes a essa relação divino-humana. Israel se havia rebelado contra Jeová.

Embora cidadão do reino do sul, a mensagem de Amós era dirigida para e contra o reino do norte. De fato, ele foi o último profeta enviado ao reino do norte. No todo, bem pouco ele diz sobre seu próprio povo. Esse silêncio, contudo, não deve ser entendido como a querer ensinar que o reino do sul estava livre daqueles pecados que o profeta via no norte e que tão veementemente denunciava. Ele fora chamado para falar a Israel, que estava maduro para o juízo e se confinou quase exclusivamente a essa parte da nação.

Mas Amós também tinha algo a dizer sobre as nações circunvizinhas. Se condenava Israel por pecar contra uma lei que Deus lhe tinha tornado conhecida, por outro lado aplicava um padrão bem diferente para as nações

que não estavam em relação de aliança com Deus. O que Amós via nas nações circunvizinhas era o espetáculo, capaz de partir o coração, de uma crueldade que ignorava todos os direitos humanos, que negava toda compaixão e que tornava as relações entre as nações semelhantes às lutas entre as feras. Para qualquer lado para onde o profeta olhasse, havia sempre algo ausente-a piedade natural do homem para com seu semelhante. E o que tornava pior a situação era a vantagem trivial que tal conduta proporcionava. Gaza vendeu uma vila inteira à escravidão para ganhar algum dinheiro. O rei de Moabe queima os ossos de um inimigo para satisfazer seus desejos de vingança. E assim continua a história. O senso de amizade do homem com o homem havia desaparecido. Tal mundo não podia continuar, pois a própria base de sua continuação já não existia.

Embora Amós não tivesse treinamento acadêmico, não foi ultrapassado por nenhum de seus sucessores no que diz respeito a vivacidade, vigor e simplicidade de linguagem. Seu estilo é simples, mas cheio de energia e elegância. O professor Robertson Smith defende Amós como mestre de puro estilo hebraico. Os termos que empregou eram todos familiares para seus contemporâneos, pois suas observações são todas derivadas da vida diária. Nenhum outro profeta nos forneceu tais metáforas tiradas da natureza com uma variedade tão fresca, vívida e variada. Ele se refere aos trilhos de ferro de debulhador (#Am 1.3), à tempestade (#Am 1.14); aos cedros e carvalhos com suas profundas raízes (#Am 2.9); ao leão faminto a rugir na floresta (#Am 3.4); à ave apanhada ao laço (#Am 3.5); ao pastor que sai em socorro da ovelha (#Am 3.12); aos anzóis e redes do pescador (#Am 4.2); às chuvas parciais (#Am 4.7); ao bolor e à ferrugem, às colinas e ventos ao nascer do sol, às estrelas, aos criadores lamentosos, aos terremotos, aos eclipses, ao grão peneirado numa peneira, ao refugio do trigo, às tendas consertadas, etc.

Tal foi esse grande profeta "menor". Vivendo perto de Deus ele conhecia a vontade do Senhor e tinha Sua mensagem. Embora não gozasse de popularidade, como de fato aconteceu a quase todo profeta de Israel, ele proclamava com zelo imorredouro a mensagem que Jeová lhe tinha confiado, pois, juntamente com Martinho Lutero, Amós poderia ter dito: "Não posso fazer outra coisa; portanto, ajuda-me, ó Deus".

Am-1.1

I. PRÓLOGO Am 1.1-2

As palavras de Amós (1). Há apenas um Amós no Antigo Testamento e esse é o escritor deste livro. Sua ocupação era a de boieiro e pastor. A palavra empregada não é a usual **roeh**, mas **noqed**, que significa criador de uma espécie peculiar de ovelha do deserto, dotada de pernas curtas e cara feia, mas altamente valiosa devido à sua lã. Essa palavra só se encontra novamente em **#2Rs 3.4**, onde é traduzida como "contratador de gado". Até hoje há um provérbio árabe que expressa desprezo: "Vil como um naqqad". **O que ele viu** (1). A palavra **chaxah** era usada para a visão profética específica. O escopo dessa mensagem era **a respeito de Israel**. Amós foi profeta de Deus para o reino do norte e foi o último profeta enviado a esse reino. O profeta recebeu sua visão nos dias de Uzias (cerca de 791-740 A. C.), rei de Judá, e de Jeroboão II (cerca de 793-753 A. C.), rei de Israel. Na sentença seguinte essa profecia é limitada a **dois anos antes do terremoto**. É impossível, contudo, fixar o ano exato desse terremoto particular, mas que havia deixado uma profunda impressão é testificado pelo fato que, após muitas décadas, Zacarias se refere a ele (**#Zc 14.5**). **O Senhor bramará...** (2). Deus estava prestes a falar de modo dramático e quando Ele fala seguem-se certas conseqüências. A palavra **bramar (sha'ag)** tem o sentido do rugido do leão, quando salta sobre a presa. O julgamento de Deus, conforme Amós o via, não estava distante, mas já estava a caminho e logo se revelaria com todas suas espantosas conseqüências. Além disso, não viria de Betel ou de Gilgal, mas **de Sião**, o centro da autoridade religiosa, e **de Jerusalém**, o próprio lugar da habitação de Jeová, é que Sua voz seria ouvida. Uma das conseqüências previstas é que **secar-se-á o cume do Carmelo** (2). O Carmelo, um promontório sobre o mar, com 400 metros de altura, ao sul da baía de Acre e cena dos grandes prodígios de Elias, é considerado como a mais frutífera e notável colina do norte. Seu nome, que quer dizer "terra-ajardinada", testifica quanto à sua fertilidade. Não admira, pois, que os pastores lamentar-se-ão, pois, se o Carmelo haveria de ressecar-se com a seca, que outras pastagens poderiam ser encontradas na terra?

Esses versículos iniciais nos fornecem a substância da mensagem de Amós. Não importa quão segura pareça a ovelha em seu succulento pasto, o rugido do leão indica quão enganosas podem ser as aparências. Israel estava-se alimentando em ricas pastagens e, pelo menos externamente, tudo parecia seguro; mas não era essa a realidade. O julgamento era iminente e, além disso, inescapável.

>Am-1.3

II. DECLARAÇÃO DA DESTRUÇÃO DAS NAÇÕES Am 1.3-2.16

À semelhança da maioria dos outros profetas, Amós tinha oráculos que eram contra determinadas nações estrangeiras. Mas, diferentemente dos outros profetas, porém, ele introduz esses oráculos para que precedam e conduzam à acusação contra seu próprio povo. Uma a uma são citadas pelo nome, são alistados seus pecados, e são condenadas. Em cada caso a fórmula seguida é a mesma: primeiramente seus crimes são nomeados e então são proclamadas as conseqüências. Os pecados, em quase cada caso, são pecados de relações estrangeiras-guerra arbitrária, massacre e sacrilégio. A ocupação de Amós sem dúvida o levava a muitos mercados, onde se encontrava com caravanas vindas de muitas terras e assim ele deve ter aprendido muita coisa sobre as nações que rodeavam Israel e Judá. Ao expor e denunciar esses bárbaros ultrajes, Amós prepara o caminho para a verdadeira palavra de julgamento, que é dirigida contra Israel, cujos pecados são maiores que os daquelas nações, pois eram pecados não tanto contra outros povos, mas contra seu próprio povo e parentela. Outrossim, o pecado de Israel era mais grave que o das nações circunvizinhas em vista de seus privilégios e de sua luz recebida terem sido muito maiores.

a) Damasco (Síria) (Am 1.3-5)

Por três transgressões... e por quatro... (3). Desde os tempos mais antigos têm sido feitas tentativas para encontrar significação simbólica para esses números, mas provavelmente se trata de tradução literal de uma expressão idiomática que significa "por muitos crimes". Moffatt traduz como "crime sobre crime", e T. H. Robinson como "por tantos crimes". A Síria inteira é abarcada por esta referência à sua capital, Damasco. A Síria era o vizinho mais importante de Israel e ficava na linha das conquistas da Assíria. Durante muitos anos, antes de Jeroboão II, Israel esteve engajada em guerra mortal contra a Síria e a menção de Damasco certamente chamava imediatamente a atenção. A fórmula **não retirarei o castigo** (lit., "não o farei voltar") é repetido em **#Am 1.6,9,11,13; #Am 2.1,4,6. Trilhos de ferro** (3). Eram e continuam sendo, no oriente, e em muitos outros lugares, tábuas entalhadas e dotadas de dentes de ferro, puxadas por cavalos ou mulas sobre o grão amontoado. Dessa maneira, a palha era cortada em pequenos pedaços e o grão era libertado. De algum modo semelhantemente cruel a Síria havia tratado (**trilharam**) Gileade. Quando foi perpetrada essa barbaridade não é esclarecido, mas provavelmente

foi praticada por Hazael, quando conquistou Gileade, nos dias de Jeú e Joacaz (#2Rs 10.32 e segs.).

>Am-1.4

Porei fogo... (4). **Fogo** é, aqui, símbolo da guerra. O julgamento envolveria tanto a dinastia como o povo da Síria. Hazael e Ben-Hadade foram os dois mais cruéis opressores de Israel. A profecia que sua dinastia pereceria deve ter dado um prazer peculiar a Israel. **Quebrarei o ferrolho** (5); isto é, Damasco seria aberta ao inimigo (cfr. #Dt 3.5). **Biqueate-Áven** (lit., "vale de idolatria") tem sido identificada de diversos modos. O prof. G. A. Smith a identifica com Baalbeque; outros pensam que a referência é ao largo e fértil oásis da própria Damasco. **Bete-Éden** (5). Havia um lugar chamado **Bit-adini** (assírio para "casa de Éden") no médio Eufrates, e alguns eruditos bíblicos mantêm que esta é uma referência àquele lugar. O contexto, entretanto, exige algum lugar na região de Damasco, que até hoje é o paraíso do mundo árabe. **Será levado em cativo** (5), provavelmente se refere à orientação assíria no que diz respeito aos povos nativos que eram subjugados. **Quir** permanece não-identificada (a Vulgata tem "Cirene"). Segundo #Am 9.7 essa era a pátria original dos sírios. Haveriam de retornar a ela quando deixassem de ser nação.

>Am-1.6

b) Gaza (Filístia) (Am 1.6-8)

Do extremo norte o profeta se volta em seguida para o sul. Gaza era a cidade mais sulista dos filisteus na beira do deserto, e na junção de rotas de caravanas. Provavelmente era sua posição estratégica que a fazia envolver-se profundamente no tráfico de escravos. Embora este oráculo seja dirigido particularmente contra Gaza, sem dúvida se refere também à Filístia inteira. **Levaram em cativo...** (6). Uma instância típica de brutalidade. Não é dito aqui quais foram os cativos e nem a ocorrência é datada, mas os cativos foram vendidos aos edomitas. Assaltos dessa espécie, sem dúvida, eram suficientemente frequentes naqueles dias (cfr. #2Cr 21.16). Tal como no caso de Damasco, o julgamento cairia não apenas contra Gaza mas contra os baluartes dos filisteus também e o país inteiro seria visitado e assolado pelo fogo da guerra.

>Am-1.9

c) Tiro (Am 1.9-10)

Os crimes de Tiro (representando a Fenícia inteira, como Gaza representava a Filístia) eram vender escravos e esquecer-se da aliança dos irmãos (9). O tráfico de escravos florescia não apenas entre os filisteus, mas igualmente entre os fenícios. É difícil dizer o que significa a aliança dos irmãos. Talvez se refira ao pacto entre Hirão e Salomão (#1Rs 5.12; #1Rs 9.13), ou, talvez, a algum outro pacto posterior. O castigo seria novamente o fogo, isto é, a guerra (10). Tiro foi destruída pelos assírios e mais tarde, outra vez, por Nabucodonosor. Alexandre, o Grande, a capturou e vendeu 30.000 de seus habitantes como escravos.

>Am-1.11

d) Edom (Am 1.11-12)

Edom já foi mencionada duas vezes (#Am 1.6,9) como participante dos crimes de outras nações: agora a tempestade se abate contra ela. Perseguiu a seu irmão (11); isto é, Israel. Baniu toda a misericórdia (11; lit., "endureceu sua compaixão"). É salientada a natureza perpétua e incansável desse ódio. Sempre houve grande inimizade entre Israel e Edom, particularmente após o exílio. O castigo aqui, como nos demais lugares, é novamente o fogo (guerra). Temã (12; #Ob 9), aparentemente, era um distrito ao norte de Edom, e Bozra era uma cidade de alguma importância.

>Am-1.13

e) Amom (Am 1.13-15)

O crime de Amom (13) é particularmente brutal e revoltante, mas parecia ser bastante comum nas guerras semitas (cfr. #2Rs 8.12; #Os 13.16; #Na 3.10), e não é totalmente desconhecido até os nossos dias. Para alargar suas fronteiras faziam guerra contra as crianças ainda não nascidas. As conseqüências seriam que Raba, sua capital, cidade cerca de quarenta quilômetros ao nordeste do extremo norte do mar Morto seria assaltada e destruída (14) e o rei e os príncipes iriam para o cativeiro (15).

Am-2.1

f) Moabe (Am 2.1-3)

Se os amonitas eram culpados do crime de declarar guerra contra as crianças ainda não nascidas, os moabitas eram culpados do crime de declarar guerra contra um cadáver (1). O crime de Moabe foi contra o figadal inimigo de Israel, os edomitas; não obstante, o profeta condena-o por ter sido um crime vergonhoso contra a humanidade. A profanação do corpo era um grande sacrilégio aos olhos do mundo antigo. A alma (**nephesh**), no pensamento semítico, estava tão identificada com o corpo que queimar este era o mesmo que destruir aquela. A conseqüência seria que **o fogo** (guerra) ... **consumirá os palácios de Queriot** (lit., "das cidades"). Tem sido sugerido que Queriot, a capital de Moabe, talvez tenha consistido de diversas vilas absorvidas, como Londres, o que explica seu nome estar no plural, no original. Moabe pereceria em meio a tumulto, em meio ao ruído e fragor da batalha, e seu **juiz**, ou governante, provavelmente um rei vassalo nomeado por Jeroboão, juntamente com seus príncipes e nobres, igualmente pereceria.

>Am-2.4

g) Judá (Am 2.4-5)

O crime de Judá deve se observar não era, como no caso das outras nações, contra o homem; mas era contra Deus (4). **Rejeitaram a lei** e, em conseqüência, **não guardaram** os seus mandamentos. **Suas próprias mentiras** (4); isto é seus deuses falsos. O castigo seguiria o padrão dos outros oráculos. **Fogo** (guerra) seria enviado contra todo o Judá, mas particularmente contra Jerusalém, onde os seus **palácio** (provavelmente todas as casas grandes) seriam destruídos.

>Am-2.6

h) Israel (Am 2.6-16)

Tendo preparado o caminho, chamando a atenção de Israel para certos pecados cruéis de que seus vizinhos eram culpados, e tendo presumivelmente, despertado sua justa indignação contra eles, o profeta, agora, chega àquele que era seu propósito principal, a saber, denunciar os próprios pecados e crimes de Israel. Uma lista mais completa sobre estes é dada no caso de Israel do que no de qualquer das outras nações. O primeiro crime é o da escravidão; **vendem o justo por dinheiro** (6). A lei permitia que um homem pobre vendesse a si

mesmo como escravo (#Lv 25.39; #Dt 15.12), mas não sancionava a venda de um devedor insolvente, o que, evidentemente, está em foco aqui (#2Rs 4.1; #Ne 5.5). O pobre era vendido em troca de um par de sapatos (6) ou, como diríamos "por um nada". Outro de seus pecados é a cobiça. Os ricos se mostravam tão gananciosos que chegavam a suspirar pelo **pó da terra sobre a cabeça dos pobres** (7). O homem pobre (em heb., **dallim**, isto é, "fraco", "desfalecido", "magro") lançava sobre a cabeça um punhado de poeira, como sinal de sua miséria, mas o ganancioso senhor de terras desejava até mesmo aquela poeira, tão grande era a fome de terra dos ricos. A iniquidade da injustiça vem em seguida. Os poderosos e ambiciosos ricos **pervertem o caminho dos mansos** (7; em heb. **anawim**); isto é, os humildes seguidores de Jeová (#Is 11.4), e para eles não havia justiça nos tribunais. Em adição a todos esses crimes, havia o mal da imoralidade. A prostituição no santuário era uma característica regular dos cultos cananeus e evidentemente fora introduzida nos santuários de Israel. #Dt 23.17 proíbe estritamente essa prática iníqua. Sobre roupas empenhadas (8). A referência parece ser a penhores perdidos e aqui vemos novamente a acusação contra a ganância. À ganância e à desumanidade é adicionado o mal da intemperança (8b, 12a). Os versículos 9-12 apresentam o pecado da indiferença de Israel para com tudo quanto Jeová tinha feito aos amorreus, a quem Ele desapossara, e a Israel, que Ele tinha tirado do Egito, guiara pelo deserto e fizera entrar na Terra Prometida. Em adição, havia levantado no seio da nação, profetas e nazireus -vidas consagradas e ascéticas. Quanto à lei dos nazireus ver #Nm 6.1-21. Eles eram os separados, os consagrados, e faziam voto de total abstinência de bebidas alcoólicas. O maior pecado de Israel, porém, era o da intimidação (12b); diz Deus que aos profetas **ordenastes** (intimidastes) para que não profetizassem, para que suas consciências calejadas não fossem perturbadas. **Eis que eu vos apertarei** (13). Segundo algumas versões, isso significaria que Jeová estava pressionado e sobrecarregado sob o peso dos graves e multiformes pecados de Seu povo (#Is 43.24), ou, seguindo esta versão, pode significar que Deus trilharia a nação como "um carro de trilhar pressionava os feixes que enchiam a eira" (N. H. Snaith). Porém, talvez a primeira interpretação seja a melhor, pois o pecado tem consequência não apenas para o pecador; mas afeta profundamente o próprio Deus. Os versículos 14-16 descrevem o inescapável julgamento que cairia sobre todos. Nem o lépido de pés, nem o forte, nem o guerreiro e nem o cavaleiro conseguiriam escapar. Essa fuga inútil seria resultado da severidade da tempestade de vingança que havia rolado por cima dos países circunvizinhos e que agora estava atingindo Israel em toda a sua fúria. A predição foi cumprida na invasão assíria.

Am-3.1

III. PROCLAMAÇÃO DA MENSAGEM DO PROFETA Am 3.1-6.14

Nos quatro capítulos seguintes, Amós proclama, com maiores detalhes, a mensagem vital que Deus lhe tinha dado para transmitir a Israel. A substância dessa mensagem já havia sido dada no Prólogo e, mais especialmente, em [#Am 2.6-16](#). Aqui o tema é desenvolvido em detalhes maiores. A mensagem, que expressa condenação quase sem alívio, toma a forma de três discursos, que são iniciados com as palavras [Ouvi esta palavra \(#Am 3.1; #Am 4.1 e #Am 5.1\)](#).

a) Primeiro Discurso (Am 3.1-15)

1. AMÓS JUSTIFICA SUA REIVINDICAÇÃO DE SER OUVIDO ([#Am 3.1-8](#)). Após um anúncio tão ousado e revolucionário de julgamento, nos versículos 1 e 2, atacando todo o orgulho e vanglória de um povo privilegiado, Amós prossegue para explicar seu aparecimento na cena. Palavras tão ousadas exigem alguma autenticação sobre a autoridade do profeta e, nos versículos 3-8, ele fornece, numa série de breves comparações, a base sobre a qual ele reivindicava ser ouvido. Todo efeito tem sua causa; seu aparecimento em Israel também tinha sua causa. As ilustrações apresentadas são quase todas tiradas da vida do deserto e da agricultura. Alguns eruditos têm sugerido que a expressão [De todas as famílias da terra](#) (2; em heb., adamah; lit. "solo") foi usada propositadamente para "frisar a perversidade e mortalidade de todos eles". [Andarão dois juntos...?](#) (3). Não é provável que dois homens se encontrem num deserto sem caminhos. Caso estejam andando juntos, pode-se concluir com segurança que assim está acontecendo por terem feito essa combinação. [Bramará o leão...?](#) (4). O rugido de um leão significa que o leão saltou sobre sua presa, pois o leão, quando caça, faz silêncio até que sua presa tenha sido avistada. A inferência é que a voz de Amós era um sinal de que o julgamento de Jeová havia chegado. [Cairá a ave...?](#) (5). O laço é a armadilha que se solta e prende o pássaro quando este toca no chamariz e o que a imagem quer salientar é que, assim como a ave capturada prova a existência do laço, igualmente a voz condenatória do profeta é uma indicação do desígnio de Deus. [Tocar-se-á a buzina...?](#) (6). Quando a *shophar* (buzina de chifre) era tocada, o povo sabia que havia algo de significativo naquilo. O mesmo era verdade a respeito de alguma calamidade que sobreviesse a uma cidade: era um sinal que Jeová havia permitido a calamidade por algum

motivo justo. Por meio desses golpes interrogativos, Amós prepara o terreno para o verdadeiro ponto que queria fazer: **Falou o Senhor Jeová, quem não profetizará?** (8). Eis aqui o clímax desta seção. O aparecimento de Amós como profeta em Israel tinha a sua causa: Deus havia falado à sua alma; ele não podia deixar de falar. "Um homem não escolhe para ser profeta; é escolhido".

>Am-3.9

2. O APELO POR TESTEMUNHO (#Am 3.9-10). **Ajuntai-vos... e vede...** (9). Os vizinhos pagãos são chamados para testemunhar a contenda dentro de Samaria, provocada pela brutal ganância e rapacidade dos ricos. Havia violência e furto, e as vítimas, sem dúvida, são os pobres indefesos. Os ricos, que viviam **entesourado nos seus palácios a violência e a destruição** (10), eram tão vis que pareciam incapazes de fazer o que era direito.

>Am-3.11

3. O ANÚNCIO DE JULGAMENTO (#Am 3.11-15). O agente desse julgamento é descrito como **um inimigo** que **cercará a tua terra**, bloqueando-a por todos os lados. Cerca de 734 A. C., Tiglate-Pileser pilhou Gileade e a Galiléia e, cerca de 724 A. C., Salmaneser pilhou o norte de Israel. Samaria foi cercada por três anos e, finalmente, foi conquistada. Os palácios foram pilhados e os ricos e delicados foram levados ao cativeiro. A natureza desse julgamento incluía a diminuição das forças (11) e a deportação do povo (12). Este último ponto é vividamente ilustrado pelo profeta-pastor. Samaria seria quase totalmente destruída. Assim como um pastor às vezes pouco pode fazer, senão talvez recuperar os últimos restos de uma ovelha, assim também ninguém, executando alguns poucos pobres sobreviventes, escapariam da destruição em geral. A menção de Damasco, no fim do versículo 12, levanta um ponto difícil. Damasco era, naturalmente, a capital da Síria, e o profeta já havia tratado a respeito dela. Alguns traduzem essa passagem como: "Assim os filhos de Israel, que habitam em Samaria, escaparão com o canto da liteira ou com a fazenda de Damasco de um divã" (conforme Ehrlich e outros). O quadro inteiro retrata miséria total para os poucos sobreviventes de Samaria. Os dois últimos versículos deste capítulo indicam a extensão do julgamento. Os santuários sagrados de Betel, edificadas por Jeroboão I depois da divisão do reino, compartilharão da condenação de Samaria: haveria completa e total profanação do altar. A sorte que caberia aos ricos também caberia às suas mansões. **A casa de inverno** (provavelmente edificada para ser habitada

durante o frio), juntamente com as **casas de marfim** (provavelmente com incrustações de marfim; mas cfr. **#1Rs 22.39**), perecerão. Para o profeta-pastor, que conhecia as tribulações dos pobres, e que dormia debaixo do céu aberto de Deus, essas habitações elaboradas devem ter parecido como a própria encarnação do orgulho, da auto-indulgência e do desvio de Deus.

Am-4.1

b) Segundo discurso (Am 4.1-13)

1. AS MULHERES DE SAMARIA (**#Am 4.1-3**). Este discurso começa com uma feroz e rigorosa denúncia contra as mulheres ricas de Samaria. O sarcasmo é sem paralelo. Aquelas mulheres opulentas e gananciosas são comparadas com vacas gordas e nédias de **Basã**, lugar famoso por suas pastagens e por suas raças de gado e ovelhas (cfr. **#Dt 32.14**; **#Ez 39.18**). Não se importavam com outra coisa senão com suas vidas fáceis e seu preguiçoso luxo. Em sua louca carreira atrás de mais alimentos e bebidas, pisavam sobre tudo quanto era frágil e excelente. Os pobres eram oprimidos e os necessitados eram esmagados. Talvez isso não fosse feito diretamente, mas era-o indiretamente-por meio de seus maridos-pois luxo ocioso num dos extremos significa opressão e pobreza no outro.

Porém, como em todos os outros oráculos, esta denúncia contra o crime é imediatamente seguida por um anúncio a respeito de temíveis conseqüências. **Jurou o Senhor Jeová, pela sua santidade** (2). A idéia transmitida pelo vocábulo **santidade (qodesh)** era reservada exclusivamente para Jeová. Portanto, essa expressão é equivalente a "por Si mesmo". O castigo seria o cativo. As mulheres de Samaria seriam levadas através de brechas abertas no muro; e, além disso, como gado bravo é levado com **anzóis** e seus **descendentes** (provavelmente filhas) com **anzóis de pesca**, isto é, argolas semelhantes a anzóis. Nos monumentos assírios os cativos são pintados arrastados com anzóis presos à boca. A expressão **vos lançareis para Hermom** (3) tem causado bastante dificuldade aos comentadores. Pois, em algumas versões, em lugar de **Hermom** aparece "palácio", noutras, "Armênia", e noutras ainda, "monte Rimom". De qualquer modo, é indicada alguma sorte desagradável.

>Am-4.4

2. A ADORAÇÃO DE SAMARIA (#Am 4.4-5). Neste oráculo o profeta ataca com mordente sarcasmo o vazio ritualismo dos santuários cismáticos de Israel. Os adoradores eram muito observantes dos detalhes na realização do ritual, ainda que a realidade moral e espiritual tivesse desaparecido inteiramente. A denúncia é semelhante à repreensão de Isaías contra Judá (#Is 1.10 e segs.). Tal zombaria, vazia e sem significado, divorciada de toda moralidade, pode apenas multiplicar as transgressões (4). Cada manhã trazei os vossos sacrifícios, e de três em três dias os vossos dízimos (4b). Agiam com correção ao trazer seus sacrifícios matinais, mas, quanto ao trazerem dízimos de três em três dias, a sugestão é que usavam de três dias para trazer seus dízimos, um em cada uma das três grandes festividades; isto é, as festas dos pães asmos, da colheita e do armazenamento. A cena inteira, em Betel e Gilgal, era de febril atividade e intenso zelo-disso gostais (5). Os adoradores usavam de correção em tudo quanto pertencia à sua adoração, porém suas mãos estavam poluídas e seus corações eram perversos.

>Am-4.6

3. A IMPENITÊNCIA DE ISRAEL (#Am 4.6-13). Nos próximos poucos versículos temos uma série de cinco oráculos, cada qual falando sobre algum desastre que sobreviera a Israel no mundo natural, e cada qual termina com o mesmo refrão que fala sobre a impenitência de Israel-contudo não vos convertestes a mim, disse o Senhor. O primeiro oráculo trata da fome. Vos dei limpeza de dentes (6); isto é, por não haver nada para comer, os dentes não tinham ficado sujos de comida. Algumas versões antigas falam também em "embotar", sugerindo que os dentes tinham ficado sem corte devido ao desuso. O segundo oráculo trata da seca (7-8). A palavra para chuva é geshem e, assim sendo, deve significar as chuvas pesadas de outono que ainda não tinham chegado quando as chuvas mais leves da primavera deveriam chegar; isso significava desastre para o país inteiro. Os versículos 7b e 8, entretanto, parecem implicar que a seca não fora universal. Thomson, em certa ocasião, encontrou o terreno ao redor do vale do Jordão como um deserto, enquanto que em Tiberíades o terreno todo era como um paraíso de ervas e flores (The Land and the Book, pág. 395). Essas chuvas parciais parecem ser uma característica da Palestina. Vagabundas (8); mais exatamente, "tropeçando" (como um bêbado), na fraqueza da sede. O terceiro oráculo tem como tema as pragas vegetais (9). As pragas aqui mencionadas eram suficientemente freqüentes na Palestina para servirem de lembrete sobre o julgamento. Em seguida vem a praga (10), que se diz ter sido originada no Egito (cfr. #Is 10.24,26). Vossos mancebos matei à espada (10) pode referir-se a alguma

invasão local, por parte de um adversário não identificado. A matança dos jovens, provavelmente deixados insepultos durante algum tempo (cfr. o **fedor dos vossos exércitos**), bem poderia ter sido a causa da pestilência. De qualquer modo, a aflição fora terrível, ainda que tenha deixado Israel completamente impenitente. O último oráculo fala sobre o terremoto (11). Bem pode ser que esse tenha sido o terremoto referido em **#Am 1.1**. Era suficientemente recente e ainda estava bem fresco nas mentes do povo. Muitos haviam perecido no terremoto, de Sodoma e Gomorra (**#Gn 19.24-28**), como quando por ocasião da destruição e outros, como tições, foram arrebatados do incêndio.

Todas essas visitações não tinham conseguido seu alvo. Portanto, Deus iria fazer algo novo e Israel é exortado a: **prepara-te... para te encontrares com o teu Deus**. O **portanto**, do versículo 12, evidentemente se refere ao que foi dito em **#Am 3.11**. O último versículo é uma doxologia. O Deus que Israel teria de enfrentar é o Criador do visível (**montes**) e do invisível (**vento**); o qual sabe o que está no mundo; que pode alterar a ordem das coisas existentes; e que é superior a todos os **altos da terra**. Ninguém pode brincar com tal Deus.

Am-5.1

c) Terceiro discurso (Am 5.1-6.14)

1. A TRÁGICA QUEDA DE ISRAEL (**#Am 5.1-3**). O terceiro discurso de Amós começa com uma breve lamentação, em forma poética, na qual ele entoava a trágica queda de Israel. **A virgem** (2) (que em Isaías representa Jerusalém e ocasionalmente alguma outra cidade, mas que aqui é aplicada à nação inteira de Israel), a quem Jeová amava, **caiu**, ou "se precipitou" (em heb., **nitshah**) contra o solo. E não apenas ela se despedaçara no solo; mas ficara abandonada. Não pode levantar-se novamente, pois ninguém existe que possa erguê-la. **A cidade da qual saem...** (3); uma frase regular acerca do sair à guerra. Aparentemente, neste período, o exército saía, não como nos tempos antigos, por tribos e famílias, mas por cidades e aldeias. Não admira que o profeta se lamentasse, pois que terra pode continuar existindo quando nove décimos de seus habitantes homens são destruídos na batalha?

>Am-5.4

2. O APAIXONADO APELO DE JEOVÁ (**#Am 5.4-15**). Por mais trágica que possa ter sido a queda de Israel e além de qualquer ajuda humana, ainda havia esperança em Jeová, que pode fazer algo surgir do nada (cfr. **#Am 4.13**),

contanto que a nação de Israel O busque (4). O apelo é lançado de forma negativa e positiva. **Não busqueis a Betel... Gilgal... Berseba...** (5). Esses lugares nenhuma ajuda poderiam prestar. Não eram capazes de salvar a si mesmos; e, por implicação, como poderiam salvar a outros? "Gilgal provará o fel do exílio" (G. A. Smith) e Betel tornar-se-á iniquidade (em heb. **aven**). Em realidade, Oséias chama o lugar de Bete-Áven (**#Os 4.15**), isto é, "casa de iniquidade". Porém, **Buscai ao Senhor** (6). O motivo para esse apelo é dado em seguida-**e vivei e para que não se lance na casa de José como um fogo**. O fogo é o julgamento de Deus, e aí da casa de José (Efraim e Manassés) se esse fogo irrompesse, pois então consumiria a todos e ninguém seria capaz de apagá-lo (6). **Vós que converteis...** (7); isto é, o povo em geral. **Alosna** (amargura) é uma planta da Palestina, regularmente empregada como sinônimo de amargura. Poucas coisas podem ser mais amargas que o arbítrio de um tribunal corrupto e comprado. Esse mesmo tema prossegue nos versículos 10-13, mas ele exorta esses homens e mulheres a: **Procurai** (ao Criador) (8), ao mesmo tempo que introduz uma majestosa descrição, na forma de doxologia (cfr. **#Am 4.13**), Àquele que lança esse apelo. Os lábios são os do profeta Amós, mas a voz é a voz do próprio Jeová. Ele é o Criador das coisas enumeradas acima, o Transformador das coisas ao redor (8), e o Defensor dos explorados (9).

>Am-5.10

Aborrecem... (10). A **porta** era o grande local de encontro, o centro dos negócios, como o "forum" romano, e era o lugar onde os anciãos costumavam assentar-se para ministrar justiça (**#Dt 21.19**). Tanto Jeremias (**#Jr 17.19; #Jr 19.2**) como Isaías (**#Is 29.21**) repreenderam o povo estando no portão e indubitavelmente Amós fez a mesma coisa. Tais testemunhas, entretanto eram odiadas e abominadas. O versículo 11 descreve, quase numa sentença, o pecado e o castigo dos ricos. Roubando aos pobres seu próprio pão e esmagando-os, os ricos tinham sido capazes de edificar ótimas casas e plantar agradáveis vinhedos. Porém, o julgamento os alcançaria e não seriam nem capazes de habitar em suas casas nem de desfrutar do fruto de seus vinhais. Os pecados dos ricos não eram apenas numerosos, mas eram imensos (12). Não só os pobres eram esmigalhados e furtados, mas os justos eram afligidos e atacados. Que oportunidade tinha nesse caso a justiça? Peitas eram dadas por aqueles que podiam fazê-lo e os juizes corruptos se deixavam influenciar por elas. Portanto, o homem **prudente** ou sábio sentia que era mais aconselhável guardar **silêncio**; assim eram aqueles maus tempos (13). Os resultados pela busca do bem são indicados em seguida (14-15). A vida e a certeza da

presença de Jeová se seguiriam. Acima de tudo, se a busca fosse acompanhada, como era necessário, por uma indignação genuína contra o mal e por um profundo amor pelo que é bom, resultando em justiça, então Jeová seria gracioso para com o **resto de José** (15).

>Am-5.16

3. O NEGRO DIA DE JEOVÁ (#Am 5.16-20). Tendo descrito a trágica queda de Israel e apaixonado apelo de Deus, Amós descreve em seguida o negro dia de Jeová. O profeta sabia que a única esperança para Israel dependia de uma conversão genuína do povo ao Senhor, mas, durante todo o tempo, parece que ele sentia que não havia muita possibilidade que isso acontecesse. O mal estava por demais profundamente enraizado. Embora o julgamento pudesse ser desviado, sob certas condições, não era provável que isso sucedesse. **O dia do Senhor** (18) estava a caminho e, quando ele chegasse, não traria luz, mas antes, trevas. Haveria lamentações nas ruas (das vilas e cidades) e em todos os caminhos (do interior). As carpideiras profissionais seriam chamadas para lamentar e o lavrador, que não tinha habilidade profissional para lamentar-se, não obstante seria convocado para juntar-se a elas (16). Na cidade, no interior, nos vinhais-tudo seria a mesma coisa. Ninguém poderia escapar dessas coisas (19).

>Am-5.21

4. O CULTO VAZIO DE ISRAEL (#Am 5.21-27). Os cultos profanos dos santuários do reino do norte eram, evidentemente, praticados com grande assiduidade. As **festas** (21; em heb., **haggim**; isto é, as três festividades em que todo homem deveria estar presente -cfr. #Êx 23.14,17), os **holocaustos**, as **ofertas de manjares** e as **ofertas pacíficas** (22), estavam todas presentes, mas faltava a justiça. A perversidade dessa separação fazia na separação entre a religião e a moralidade. A mensagem do profeta, em sua pura essência, é resumida no versículo 24. Toda a paixão profética acha-se aqui encerrada. Era a mensagem suprema de Deus para uma época de corrupta moralidade social. No deserto, cuja idade áurea do passado era olhada com grande saudade pelos profetas, não tinha havido coisa alguma daquele elaborado ritualismo, segundo Amós parece deixar subentendido; não obstante, foi um período quando Deus vivia com o Seu povo. **Vosso Moloque, e o altar das vossas imagens** (26), ou, mais provavelmente, "Sacute e Quevan", eram deuses assírios. Por meio de seu pecado e maus caminhos Israel tinha, por implicação, tornado seus os deuses da Assíria. O profeta contempla o futuro

cativeiro de Israel na Assíria, **além de Damasco** (27). Ela acabaria aceitando esses ídolos na terra de seu cativeiro e assim tornaria explícito aquilo que antes tinha sido apenas implícito.

Am-7.1

IV. REVELAÇÃO DO DESÍGNIO DE DEUS Am 7.1-9.10

A terceira parte do livro de Amós consiste de uma série de cinco visões, que em sua natureza, são uma revelação do desígnio de Deus com respeito a Israel, em vista de sua rebeldia e impenitência. A terceira visão é seguida por um interlúdio histórico (**#Am 7.10-17**). O desígnio de Jeová, conforme o profeta já havia indicado mais de uma vez, era o julgamento. A princípio, devido à intercessão de Amós, tal julgamento é desviado (**#Am 7.1-6**), mas, conforme as visões se vão desdobrando, torna-se cada vez mais óbvio que tal julgamento era inevitável (**#Am 7.7-9**); além disso, era iminente (**#Am 7.1-14**) e inescapável (**#Am 9.1-10**).

a) A visão do gafanhoto devorador (Am 7.1-3)

O Senhor Jeová assim me fez ver (1). A revelação, da parte de Deus, se tornara visão, da parte do profeta. **Gafanhotos** (1); isto é, locustas, que têm sido uma das mais freqüentes e mais destruidoras pragas da Palestina. **Erva serôdia** (1). A primeira "erva" tem início em outubro e prossegue por todo o inverno; por conseguinte, a **erva serôdia** surge na primavera, após as "últimas chuvas". Era essa erva mais tardia e mais rica que as locustas haviam devorado. Fora uma terrível calamidade, pois o próximo pasto não estaria pronto senão no próximo outono. **A segada do rei** (1) era, evidentemente, um tributo imposto pelos reis de Israel.

A visão da praga é seguida pela oração do profeta solicitando perdão, e essa oração, por sua vez, é seguida pelo perdão de Deus: **Não acontecerá** (3). O que não aconteceria, evidentemente, conforme tantas vezes é referido no capítulo primeiro, era a invasão assíria.

>Am-7.4

b) A visão do fogo consumidor (Am 7.4-6)

A segunda visão do profeta foi sobre um grande incêndio consumidor que não apenas destruiria uma porção da terra (isto é, a terra prometida por Jeová a Israel), mas que também devoraria o **grande abismo** (4; em heb. **tehom**). Trata-se do abismo primevo da criação, o vasto acúmulo de águas sobre as quais se supunha que a terra flutuava, a fonte de todas as fontes e rios. Segue-se que se esse abismo fosse devorado a origem de todas as fontes e cabeceiras dos rios haveria de desaparecer. Isso significaria a seca, e a terra não aguada logo haveria de perecer.

Tal como em **#Am 7.1-3**, a visão do profeta sobre a praga é seguida por uma oração, e essa oração conduz ao perdão de Jeová.

>Am-7.7

c) A visão do prumo perscrutador (Am 7.7-9)

As duas primeiras visões versam sobre calamidade na esfera da natureza, mas esta jaz na esfera da religião e da política. O tecido inteiro da nação estava tão apodrecido que o colapso final era inevitável. O próprio Deus colocara o prumo. Israel fora medido, fora pesado, e fora achado em falta. Tão convencido estava o profeta da inevitabilidade do julgamento, que nem ao menos pôde orar pedindo um adiamento. Os **altos** (9), isto é, os lugares sagrados da Palestina geralmente usados por Israel para uma mistura entre os ritos pagãos originais com a adoração a Jeová tornar-se-iam desolados; assim também sucederia aos santuários oficiais em Betel, Gilgal, etc. Os pilares, que sustentavam o edifício religioso de Israel, foram encontrados totalmente tortos pela linha de medir de Jeová e a tempestade do julgamento haveria de derrubar a todos por terra. O mesmo se aplicava à estrutura política; estava irreparavelmente torta e instável e inevitavelmente cairia, no dia da ira de Jeová **-levantar-me-ei... contra a casa de Jeroboão** (9).

>Am-7.10

d) Interlúdio histórico (Am 7.10-17)

É provável que a terceira visão tenha sido entregue por Amós ao povo, no santuário de Betel. E foi nessa altura que Amazias, o sacerdote de Betel, o interrompeu. "O sacerdote, que não tinha consciência de qualquer poder espiritual com o qual fazer oposição ao profeta, alegremente se aproveitou da oportunidade fornecida pela menção ao rei e se valeu do invariável recurso de

um estéril e invejoso sacerdotalismo: ‘Ele fala contra César’" (G. A. Smith). Primeiramente Amazias se volta para o rei: **Amós tem conspirado contra ti** (10). Relembrando-se, talvez, de que a própria dinastia de Jeroboão, no tempo de Jeú, cerca de cem anos antes, havia sido elevada ao poder pelos grêmios proféticos sob Eliseu, não admira que Amazias tenha ficado apreensivo. Mas dessa vez a situação era mais séria. Não apenas o rei do país haveria de cair, mas o próprio país do rei também cairia-a nação inteira iria para o cativeiro (11). Não admira que a terra, segundo o sacerdote de Betel, não pudesse tolerar a gravidade desse oráculo. Mas, quaisquer que sejam os motivos, quer um senso de sua própria segurança quer apenas mero desprezo pela mensagem daquele profeta-pastor, o fato é que Jeroboão evidentemente não se incomodou com Amós. Amazias em seguida se volta contra o profeta (**#Am 7.12-13**). Amós é ordenado a voltar à sua própria nação e para ali ganhar o seu pão, pois Amazias julgou que Amós fosse um profeta profissional. Parece que Amazias empregou a palavra **vidente** (12; em heb., **hozeh**) em sentido desprezível: "Desaparece, visionário!" Betel era a capela e o palácio do rei; ali não queriam um profeta vindo de Judá.

>Am-7.14

Tendo Amazias terminado suas acusações contra Amós, chega a vez do profeta passar a responder ao sacerdote (14-15). Ele não tem tido qualquer conexão com quaisquer profetas; ele tinha sido pastor e cultivador de sicômoros. Deus o tinha chamado de entre o gado e o havia comissionado para dirigir-se ao próprio rebanho de Jeová. Porém, o homem que não tinha tido qualquer conexão com outros profetas, estava destinado a ter uma conexão bem definida e vital com os profetas, no futuro. Em seguida vem uma dupla declaração (16-17): uma dela diz respeito a Amazias e sua família, e a outra diz respeito à nação de Amazias. A ordem para que o profeta não profetizasse, **Não profetizarás** (16), é contrastada com o mandamento de Jeová, **assim diz o Senhor** (17). Com amarga e penetrante ênfase, o profeta descreve as conseqüências da invasão e da derrota sobre a família do sacerdote. Sua esposa seria uma prostituta naquela mesma cidade onde por tanto tempo fora a dama principal, seus filhos seriam mortos e o próprio sacerdote pereceria numa **terra imunda**, ou seja, solo impuro, isto é, uma terra estrangeira. Quanto à própria nação, seria dividida, e seus habitantes seguiriam para o cativeiro.

Am-8.1

e) A visão do cesto de frutas de verão (Am 8.1-14)

Nesta visão o profeta retorna para a iminência do julgamento. Talvez tenha sido a palavra **fim** (em heb., **qeyts**), que levou Amós a ter esta visão sobre os frutos de verão (em heb., **qayits**). Israel se assemelhava a um cesto cheio de frutas maduras demais de verão, prontas para apodrecer. **Chegou o fim sobre o meu povo** (2). Deus havia freqüentemente demonstrado piedade e fora paciente para com o Seu povo. O julgamento havia sido adiado por muitas vezes, mas desta vez a decisão era final e irrevogável. **Nunca mais passarei por ele** (2). Alguns dos resultados desse julgamento são indicados no versículo 3. Em lugar de cânticos haveria gritos no **templo** (ou "palácio") **heykhal** é ocasionalmente usada para designar um palácio real, e esse poderia ser seu sentido aqui. Do lado de fora estão os cadáveres dos mortos, espalhados, e esses seriam deixados em silêncio, sem sepultamento.

Amós volta então ao tema principal de sua profecia-a ganância sem paralelo dos ricos, a opressão insuportável contra os pobres, e o julgamento inevitável vindo do céu. Os gananciosos e ricos senhores de terra buscavam destruir **os miseráveis** (4). Isso, provavelmente, significa que estavam a comprar as pequenas propriedades dos mais pobres, tornando-os assim inevitavelmente seus escravos. Tão gananciosos eram, que dificilmente podiam esperar até o sábado e a lua nova passarem. Balanças falsas e medidas falsas eram usadas para vender seus produtos, dando o mínimo possível pelo máximo que podiam extrair (5), "fazendo muito dinheiro", comprando o homem pobre em troca "de nada", e vendendo-o como escravo. Não apenas isso, mas **as cascas do trigo** eram vendidas como se fosse bom produto (6).

>Am-8.7

Após a breve denúncia contra ganância tão sem paralelo, por parte dos ricos comerciantes, vem o anúncio desta vez com grande inexorabilidade -sobre a certeza, a totalidade e as conseqüências do julgamento (7-14). A certeza do julgamento jaz no fato que Jeová, que havia jurado pela **glória de Jacó** (provavelmente um sinônimo para o nome sagrado) não perdoaria suas obras perversas (7). A totalidade do julgamento é indicada nas palavras **levantar-se-á toda como o grande rio** (8). O julgamento assolaria a terra como um rio que transborda e inunda as suas margens. Israel seria rejeitada, seria varrido para fora de sua terra, e seria engolfado, isto é, desapareceria num país estrangeiro, como o Nilo inunda suas margens e carrega para o mar todos os objetos soltos (8).

>Am-8.9

O resto do capítulo trata de algumas das conseqüências desse julgamento. Primeiro, haveria trevas (9). Um eclipse do sol teve lugar em 763 A. C., e bem poderia ter inspirado esta passagem. Mas o profeta, obviamente, estava pensando em um dia ainda futuro. O dia de juízo, tão próximo e inevitável, seria realmente um dia sombrio para o povo de Israel. Seria um dia de trevas mais densas que qualquer eclipse do sol poderia produzir. Em seguida, haveria **lamentações** (10). O julgamento que sobreveio produziu efetivamente essas lamentações (cfr. #Sl 137.1: "Junto aos rios de Babilônia nos assentamos e choramos, lembrando-nos de Sião"). Essa lamentação também não foi ordinária, mas foi como **luto de filho único**. Nenhuma linguagem pode expressar a agudeza e amargura dessa tristeza. A **fome** foi outra das conseqüências do julgamento de Jeová (11). Somente que dessa vez não foi **fome de pão, nem sede de água**; mas seria uma fome espiritual-uma fome da Palavra de Deus, aquela mesma palavra que Israel havia desprezado e rejeitado. Porém, seu pão não seria achado, não importando onde fosse rebuscado (12). "Na fome pela Palavra de Deus, os jovens são os que mais sofrem" (Horton). As pessoas idosas, olhando para o passado, podem viver das memórias; outro é o caso dos jovens: desmaiam e coisa alguma há para fazê-los reviver e muito menos para alimentar o homem íntimo (13). A conseqüência final do julgamento seria destruição completa dos idólatras. Aqueles que **juram pelo delito de Samaria**, isto é, pelo bezerro de ouro estabelecido por Jeroboão I, ou, como dizem outras versões "pelo caminho de Berseba", como os muçulmanos juram pelo "sagrado caminho para Meca", **cairão e não se levantarão mais** (14). Seus ídolos seriam totalmente incapazes de ajudá-los naquele negro e espantoso dia de julgamento.

Am-9.1

f) A visão do Senhor sobre o altar (Am 9.1-10)

Nesta última visão o profeta contempla um julgamento final e inescapável. Amós viu Jeová, não como Isaías, "alto e sublime", rodeado por anjos e arcanjos, a transmitir uma mensagem de esperança para os impuros, mas antes, sozinho, **em pé sobre o altar**, e o mandamento que deu foi: **Fere** (1). Durante todo o tempo o julgamento vinha sendo declarado e estava iminente. Agora chegara o instante crucial. O julgamento, nesta visão, começa pela casa de Deus-o santuário de Betel, o centro da adoração nacional de Israel, e o próprio local que os israelitas religiosos consideravam como o lugar da

habitação de Jeová, sagrado e inviolável. Isso demonstraria que Jeová não se encontra ali de modo algum. **Fere o capitel** (1; lit., "capitéis"). Visto que o telhado de uma casa era sustentado pelas colunas, os capitéis das colunas seriam feridos em primeiro lugar, para assegurar o colapso do edifício inteiro. O quadro é de um templo repleto de adoradores: subitamente rui o edifício inteiro sobre eles. Alguns, que por acaso estejam do lado de fora no momento, fogem aterrorizados, mas, quem assim fizer, **não escapará**; e qualquer que tiver conseguido fugir, não **se salvará** (1). O julgamento os alcançará mesmo que cavem profundamente a terra ou subam até os próprios céus (2). Nem o cume do Carmelo, que era o asilo onde o gado era protegido por sanções religiosas (cfr. Robertson Smith, **Religion of the Semites**), nem a profundidade dos mares, onde se encontra o temido leviatã ou monstro marinho (**serpente**), poderão escondê-los das mãos de Deus (3). Mesmo no cativoiro-"para Israel, uma distância da face de Deus tão terrível como o próprio Seol" (G. A. Smith) -não estariam em segurança, pois a espada do julgamento tinha ordens de matá-los ali. Tal era o julgamento inescapável, pois os olhos de Jeová já não estavam mais sobre eles **para bem** (4).

>Am-9.5

Nos versículos seguintes a ênfase é alterada, desviando-se do julgamento para o próprio Juiz. O julgamento seria e deveria ser conforme tinha sido pintado por causa da onipotência do Juiz: Ele é o **Senhor dos Exércitos** (5). Quando Deus tocar na terra, então o julgamento cairia conforme já tinha sido descrito em **#Am 8.8**, como um poderoso e assolador dilúvio, como as águas inundantes do Nilo (5). O versículo 6 é um quadro do palácio de muitos andares de Jeová, que, "terraço após terraço chega até o céu". Porém, embora Sua habitação esteja tão lá em cima, Ele opera na terra e para o bem estar do homem. Tão longe quanto os olhos podem ver, Ele estabeleceu Sua **abóbada** (em heb., **aggudah**, isto é, "côncavo", ou seja, algo encurvado) na vasta abóbada hemisférica dos céus, como uma enorme cúpula, por sobre a terra. As águas do mar são por Ele chamadas (cfr. **#Am 5.8**), e Ele torna a derramá-las sobre a terra na forma de chuva.

O versículo seguinte deixa claro que, embora o Juiz de Israel esteja em relação especial para com a nação, essa relação depende, para sua continuação, da lealdade e da fidelidade da Israel. É verdade que Israel tinha sido tirado do Egito para ser povo especial a Deus, mas essa relação particular se baseava não tanto sobre esse fato como sobre a aliança que mais tarde foi estabelecida no deserto. Afinal de contas, Deus também havia tirado os odiados filisteus da

ilha de Creta (**Caftor**) e os sírios de **Quir**, de além de Damasco (7). O universalismo do profeta se origina em sua concepção de moralidade universal. Visto que Jeová era exaltado em retidão, era Ele o Governante e Juiz de toda a humanidade. Mas o Deus de toda a terra, que observava os destinos de todas as nações, não podia desculpar os pecados da Israel à base de uma relação de aliança. Seus olhos estavam **contra este reino pecador** (8), e os pecados cometidos contra a luz tinham de ser severamente punidos. O reino seria totalmente destruído, ainda que tivesse de ficar um remanescente (8). Essa é uma nota tão inesperada na profecia de Amós que muitos eruditos estão mais dispostos a não admitir esta seção final como genuína. Porém, nada de incoerente existe aqui. O julgamento proclamado, de princípio a fim, é duro, severo, todo-inclusivo, inescapável; porém, o céu negríssimo tinha algumas poucas estrelas. O julgamento de Israel seria da natureza de um processo de seleção. **Sacudirei a casa de Israel entre todas as nações, assim como se sacode grão no crivo** (9). Toda a palha haveria de perecer (**Todos os pecadores do meu povo morrerão**), mas o grão bom seria salvo (10).

>Am-9.11

V. EPÍLOGO Am 9.11-15

O tema desta seção final é restauração. Note-se as frases chaves: **Tornarei a levantar, removerei e plantarei**. Os poucos raios de luz, dos dois ou três últimos versículos, dão lugar ao nascer do sol de um novo dia, quando a profecia termina. Negra, realmente, foi a meia-noite desta mensagem, porém, o raiar do dia está próximo. O remanescente do cativo tornar-se-ia a ponta de lança de uma nova nação. Haveria uma grande restauração; e, antes de mais nada, uma restauração da casa de Davi (11). Aquela seria a glória de um reino não dividido, quando o norte e o sul novamente estariam debaixo de um só rei, como nos dias de Davi. As brechas seriam consertadas e as ruínas seriam reconstruídas. Isso seria seguido pela restauração do reino (12). Israel viria a possuir uma vez mais o que restasse (**o restante**) de Edom e de todas as outras nações que Jeová conquistasse. **As nações que são chamadas pelo meu nome** (12) é, provavelmente, uma referência a todos os países que Davi tinha conquistado. A restauração da família davídica e da nação também significaria a restauração da terra (13). Tão fértil seria seu solo que **o que lavra alcançará ao que sega**, preparando o solo para a colheita seguinte. Em outras palavras, o tempo da sementeira e a colheita se seguiriam em rápida sucessão, e nenhuma interrupção nesse processo, por meio de seca ou qualquer outra praga, é contemplada. As colinas, normalmente estéreis, também fariam sua

contribuição para a prosperidade do povo, pois produziram sua colheita de uvas-destilarão mosto (13). E finalmente e acima de tudo, haveria a restauração do cativo (14-15). Cidades seriam reedificadas e habitadas; vinhedos e jardim seriam plantados e o povo desfrutaria de seu fruto; o próprio Israel seria plantado qual árvore na terra que lhe fora dada por Jeová, e nenhum desastre o desenraizaria novamente. A noite de tragédia e julgamento passaria para sempre da face da terra, pois Jeová, o Deus de Israel uma vez mais (teu Deus), havia assim desejado e declarado.

O. Bussey.

OBADIAS

INTRODUÇÃO

I. AUTOR E DATA

O título desta breve profecia-o livro mais curto do Antigo Testamento- é: "Visão de Obadias" (#Ob 1). Quem tenha sido Obadias, não possuímos meios para saber. Seu nome significa "servo de Jeová" e diversos personagens têm esse nome no Antigo Testamento, mas nada existe para ligar este profeta com quaisquer dos outros Obadias. Quanto ao emprego do termo "visão", para descrever o conteúdo da profecia, e que lança luz sobre o modo pelo qual o profeta recebeu sua mensagem, compare-se com os versículos iniciais de Isaías, Ezequiel, Amós, Miquéias, Naum a Habacuque; ver também #Nm 12.6.

Esta profecia fala sobre "Edom". Edom é denunciada por seu orgulho, especialmente por sua falta de bondade fraternal para com Judá, e seu julgamento, no dia de Jeová, é predito juntamente com o de todas as outras nações.

Quanto à data da profecia, podemos situá-la dentro de algum tempo depois da destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, rei da Babilônia, em 586 A. C. Esse acontecimento parece ser claramente aludido nos versículos #Ob 11-14, e "os cativos de Jerusalém", referindo-se a acontecimento imediatamente posterior, é mencionado no versículo 20.

Há notáveis semelhanças, tanto de idéias como de fraseologia, entra a primeira porção de Obadias (versículos #Ob 1-8) e #Jr 49.7-22, uma passagem que pertence aos anos antes da queda de Jerusalém. Os críticos literários não concordam quanto à exata relação entre as duas passagens. Alguns argumentam afirmando que uma passagem depende diretamente da outra. Mas, apesar do fato que #Jr 49 quase indubitavelmente é anterior a Obadias, e apesar de que a passagem de Obadias demonstra sinais de ter sido derivada daquela outra fonte, não obstante, em certos respeitos, a passagem em Obadias parece ser a mais original das duas. Por esse motivo, muitos críticos sustentam a hipótese que tanto Jeremias como Obadias lançaram mão de uma profecia anterior. Isso não é inteiramente improvável, visto que o caráter e a condenação de Edom era um tema constantemente repetido pelos profetas hebreus.

II. EDOM E JUDÁ

O ancestral epônimo dos edomitas foi Esaú (ver [#Gn 36.1,8-9](#)). Suas relações com seu irmão gêmeo, Jacó, pai da Judá, são descritas em Gn 25-36. Desde quando as crianças lutavam no ventre de sua mãe, foi-lhe dito pelo Senhor que "Duas nações há no ventre... e o maior servirá ao menor" ([#Gn 25.22](#) e segs.). Subseqüentemente, Esaú é pintado como alguém que "por um manjar vendeu o seu direito de primogenitura" ([#Hb 12.16](#)), mostrando-se insensível para os valores espirituais. Nasceu dentro da aliança, mas falhou em apreciar o privilégio que lhe pertencia por direito de nascimento, deixando igualmente de receber as bênçãos acompanhantes. A estima em que Deus tinha Jacó e Esaú, respectivamente, é suscintamente expressa na declaração: "Amei a Jacó, e aborreci a Esaú" ([#Ml 1.2](#) e segs.; cfr. [#Rm 9.13](#)).

Os Herodes, do Novo Testamento, eram edomitas, e eram fiéis ao seu caráter. Note-se como se mostravam insensíveis para a verdade espiritual, especialmente quando ela se mostrou corporificada em Jesus Cristo, a perfeita representação do Jacó e Judá (Ver. esp., [#Mt 2](#); [#Lc 13.31](#) e segs.; [#Lc 23.8](#) e segs.; [#At 12.21](#) e segs.). [#Gn 36.8](#) nos relata que "Esaú habitou na montanha de Seir". O monte Seir é freqüentemente usado como sinônimo para a nação inteira de Edom, a qual se tornou a terra dos descendentes de Esaú. Edom é a área diretamente ao sul do mar Morto, especialmente a região montanhosa ao leste da Arábia (isto é, a depressão que liga o mar Morto ao Golfo de Acaba). A porção sul de Edom é a região de Temã, a qual, algumas vezes, também é usada, no Antigo Testamento, como sinônimo para toda Edom; e as duas principais cidades de Edom são Bozra e Sela (Petra); esta última significa "rocha", tanto no hebraico como no grego.

De Ezim-Geber, no golfo de Acaba, saía o "caminho do rei", que atravessava Edom até o norte. Era ao longo desse caminho que Moisés queria levar os filhos de Israel. O relato sobre a recusa de Edom, não dando a necessária permissão para tal, se encontra em [#Nm 20.14-21](#) (cfr. [#Dt 2.1-18](#)). O antagonismo continuou mesmo depois dos israelitas se terem estabelecido em Canã (ver, por exemplo, [#2Sm 8.14](#), [2Rs 14.7](#), [2Cr 28.17](#)), e encontramos os profetas a denunciar Edom constantemente. Quanto às principais profecias contra Edom, ver [#Is 34.5](#), [Jr 49.7-22](#), [Lm 4.21](#) e segs.; [#Ez 25.12-14](#), [Jl 3.19](#), [Am 1.11](#) e segs. Um vívido quadro de julgamento a visitar Edom, nos é dado em [#Is 63.1-6](#), e algum tempo mais tarde encontramos uma olhada para a passada destruição de Edom em [#Ml 1.2-5](#). Houve recrudescências do poder e da influência de Edom após o encerramento do período do Antigo Testamento,

mas, hoje em dia, as notáveis ruínas de Petra são tudo quanto resta da grandeza de Edom.

Quanto à participação de Edom no saque de Jerusalém, em 586 A. C., ver especialmente [#Ez 35.5,12,15](#) e [#Sl 137.7](#). Essa participação de Edom não é mencionada nos livros históricos, embora facilmente possa ser encaixada ali, como, por exemplo, nos assaltos saqueadores descritos em [#2Rs 24.2](#).

Esaú e Edom ocupam um lugar de profunda significação na revelação divina da verdade. Essa significação é focalizada agudamente nesta breve profecia de Obadias. "O pano de fundo do quadro que nos é exposto por Obadias é Jacó; o primeiro plano é Esaú. Jacó e os que dele descenderam são vistos a passar pelos sofrimentos, da natureza de castigo, mas daí seguem para a restauração final. Esaú é contemplado como um orgulhoso, um rebelde, um desafiador, encaminhando-se para a destruição final" (G. C. Morgan). Podemos nos regozijar que, no dia do Senhor, "o reino será do Senhor" ([#Ob 1.21](#)), mas não devemos deixar de acatar o exemplo de Esaú, pois, afinal de contas, "Não foi Esaú irmão de Jacó?" ([#Mt 1.2](#)). Em o Novo Testamento, o escritor do livro de Hebreus nos exorta a "Tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem... profano, como Esaú... Porque bem sabeis que, querendo ele ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado, porque não achou lugar do arrependimento..." ([#Hb 12.15](#) e segs.).

Ob-1.1

I. A IMINENTE DESTRUIÇÃO DE EDMOM. Ob 1-9

Esta seção inicial da profecia de Obadias, que descreve algum terrível desastre, aparentemente prestes a desabar sobre Edom, é prefaciada pelas palavras: [Assim diz o Senhor Jeová a respeito de Edom](#) (1). Jeová realmente não fala senão no versículo 2, e a forma da passagem intercalada, [Temos ouvido a pregação do Senhor...](#), sugere que Obadias está aqui citando um oráculo profético anterior, que, segundo ele acredita, está a ponto de ser cumprido. É interessante, por conseguinte, notar que a maior parte desta seção aparece, quase palavra por palavra (ainda que não na mesma ordem) em [#Jr 49.7](#) e segs. Obadias estava, talvez, citando Jeremias, a quem talvez tenha ouvido a pregar em Jerusalém; ou ambos os profetas poderiam ter usado uma profecia mais antiga; Jeremias e Obadias certamente não foram os primeiros a falar de Edom do modo que fizeram. (Ver também [Introdução](#)).

O motivo imediato da afirmação de Obadias, na qual ele lança mão das palavras de um profeta anterior, parece estar indicado no versículo 7. Esse versículo, que não tem paralelo em Jeremias, nos dá a idéia (embora o hebraico seja um tanto obscuro nos detalhes) que os próprios vizinhos e confederados dos edomitas se estavam voltando contra eles. Os "teus confederados" e "os que gozam da tua paz", eram ou traiçoeiramente hostis ou não estavam prestando a ajuda que era esperada deles. Nessa situação, Obadias viu a propriedade das palavras... **foi enviado às nações um embaixador, dizendo: Levantai-vos, e levantemo-nos contra ela (Edom) para a guerra (1).**

O principal motivo para a orgulhosa confiança de Edom era sua posição quase inexpugnável. Os edomitas não foram os primeiros nem os últimos a depositar sua confiança numa cidade fortaleza entre rochas. Porém, nem sua forte posição e nem sua sagacidade (Edom era famosa igualmente por sua sabedoria) puderam livrá-los então. Não importando quão alto fosse Edom, até os ninhos inacessíveis das águias, ou até entre as próprias estrelas, Deus dizia: **dali te derrubarei (4).** As **fendas das rochas** é a capital, Sela (mais tarde denominada Petra).

>Ob-1.5

Um quadro da totalidade da vindoura destruição de Edom nos é dado no versículo 5. Caso se tratasse de um assalto ordinário por parte de um bando de ladrões, então muita coisa poderia ser salva. **Roubadores de noite**, visto que dependeriam de velocidade e surpresa, só conseguiriam levar uma quantidade limitada de saque, e assim furtariam somente **o que lhes bastasse**, assim como os que furtam frutas deixam muito fruto ainda atrás de si. Mas Edom, em contraste, é "deixada limpa", como diríamos, e a total devastação evoca a exclamação do profeta **como estás destruído!**

>Ob-1.6

Outro quadro sobre a total destruição de Edom é a exposição de todos os **esconderijos** contidos em suas inacessíveis e misteriosas fortalezas (6). Tudo é **esquadrinhado** e deixado vazio. Visto que o julgamento de Edom é visto aqui no contexto do julgamento final do **dia do Senhor (15)**, suas características são mais dignas de ser estudadas. Sempre faz parte do juízo de Deus trazer "à luz as coisas ocultas das trevas" (**#1Co 4.5**). Edom se vangloriava em sua

sabedoria, poder e riquezas (cfr. #Jr 9.23 e segs.); mas os seus esconderijos seriam esquadrihados (6) seus sábios haveriam de perecer (8), e seus valentes ficariam atemorizados (9).

>Ob-1.10

II. COMPORTAMENTO DE EDMOM PARA COM JUDÁ. Ob 10-14

Por que tudo isso teria de cair sobre Edom? O motivo é dado nos versículos 10 e 11: **Por causa da violência feita a teu irmão Jacó.** "O nome Jacó é expressamente usado (em lugar de Israel ou Judá) a fim de lembrar a relação entre as duas nações. Em #Dt 23.7, as reivindicações de parentesco entre os dois povos são lembradas a Israel; Edom, porém, não demonstrara qualquer senso recíproco de relação fraternal" (G. W. Wade). Não apenas esse secular antagonismo recuava até os tempos no deserto, quando Edom se recusou a permitir passagem a Israel por seu território (#Nm 20.20 e segs.), mas, conforme mostra o versículo 11, atingiu seu clímax por ocasião do saque de Jerusalém, por Nabucodonosor, em 586 A. C. A participação de Edom, nessa ocasião, foi longa e amargamente lembrada pelos judeus. No exílio, ao longo dos rios da Babilônia, eles clamavam: "Lembra-te, Senhor, dos filhos de Edom no dia de Jerusalém, porque diziam: Arrasai-a, arrasai-a até aos seus alicerces" (#Sl 137.7).

>Ob-1.11

O versículo 11 claramente é um retrospecto da destruição de Jerusalém, quando Edom **era um deles** (um dos estranhos assaltantes). Essa expressão pode significar indiferença; isto é, o não prestar ajuda, o que deveria ter feito (tal como o sacerdote e o levita "passaram de largo", na história do bom samaritano), ou então, segundo é mais provável, subentende oposição ativa, o que é dado a entender nesta versão.

>Ob-1.12

Algumas versões, como esta, traduzem os versículos 12 a 14 como uma série de repreensões, **tu não devias olhar... nem alegrar-te...** etc., enquanto que outras traduzem-nos como se fossem proibições, "não olhes... não te regozijes... etc. Este último caso representa a verdadeira construção no hebraico, mas no original, trata-se de um artifício retórico e aquelas primeiras

versões têm razão, discernindo o fato que as frases têm uma referência ao passado. Esses versículos, pois, podem ser considerados como descrições da participação real dos edomitas no saque contra Jerusalém. Em primeiro lugar eles exultaram insolentemente e sem mostrar piedade em vista da queda de Jerusalém (12); em seguida, entraram **pela porta** da cidade e se aliaram aos atacantes (13); finalmente, se postaram em posições de onde podiam impedir que judeus em fuga escapassem, e até mesmo aprisionaram quaisquer que encontraram livres (14).

Note-se o emprego da palavra "dia", especialmente em tais frases como **o dia de teu irmão** (12). Cfr. "o dia de Jerusalém", já citado na passagem de **#Sl 137.7**. "A expressão **dia** é freqüentemente usada dessa maneira para denotar a ocorrência de sorte boa ou má, em conexão com algum lugar ou pessoa" (Wade). Jerusalém deveria ter um outro "dia" (**#Lc 19.42**), o tempo de sua visitação, mas não o percebeu. **O dia do Senhor**, por outro lado, que a próxima seção que Obadias introduz, é o dia da vindicação final e sem inibições da parte de Jeová, em favor de Sua própria justiça.

>Ob-1.15

III. JULGAMENTO DE EDMOM E DE TODAS AS NAÇÕES NO DIA DO SENHOR; RESTAURAÇÃO DE JUDÁ. Ob 15-21

O dia do Senhor (15) é um dos grandes temas do Antigo Testamento. Seu caráter é salientado e não tanto sua ocasião exata, embora se trate do desenlace final da história, e geralmente seja referido como iminente. Visto que "só o Senhor será exaltado naquele dia" (**#Is 2.11**), trata-se de um dia de justa retribuição contra "todas as gentes que se esquecem de Deus" (**#Sl 9.17**). Entre esses povos, Edom também haveria de sofrer: **como tu fizeste, assim se fará contigo** (15).

>Ob-1.16

Parece que o versículo 16 é um golpe de ironia. O profeta, lembrando-se do modo pelo qual os edomitas folgaram e beberam em Jerusalém, depois da pilhagem da cidade, declara que as nações pagãs realmente beberam, mas de uma tal bebida e engolindo de tal maneira, que **serão como se nunca tivessem sido**.

>Ob-1.17

No julgamento de Jeová contra as nações, entretanto, haverá um lugar seguro: **no monte de Sião haverá livramentos** (17). Ali, "os da casa de Jacó" se congregarão. A frase: **e ele será santo**, não se refere à qualidade moral, mas à segurança contra a contaminação, e assim, contra o assalto dos pagãos, tal como em **#Jl 3.17**. O mais importante de tudo é que o remanescente salvo **da casa de Jacó** seria reinstalado nos territórios que desde os dias antigos lhe tinham sido dados por Deus.

É interessante notar que, no versículo seguinte, **a casa de José** é mencionada paralelamente **à casa de Jacó**. Isso significa que haverá uma restauração do reino do norte, Israel, além da restauração do reino do sul, Judá.

Historicamente falando, foi somente através de um único israelita fiel, Jesus Cristo, "o Leão da tribo de Judá" (**#Ap 5.5**) -que os propósitos salvadores de Deus foram realizados. Por Sua morte, porém, o Cristo de Deus haveria de "reunir em um corpo os filhos de Deus, que andavam dispersos" (**#Jo 11.52**); e, nos propósitos de Deus, o Israel espiritual, Seu povo escolhido, estará afinal completo em todas as suas tribos. Será a nação plenamente restaurada dos filhos de Israel que, como fogo, consumirão a casa inteira de Esaú.

>Ob-1.19

A completa extensão das "herdades" de Israel, é dada nos versículos 19 e 20. Nem todos os detalhes são claros, e essa passagem pode ter sido um tanto corrompida no hebraico; porém, uma vista de olhos sobre as principais divisões físicas do reino, em um mapa e um exame numa passagem como **#Jr 33.13**, ajudarão a transmitir de modo satisfatório o sentido geral. Até os dias modernos o **sul** é conhecido pelo termo hebraico, o "Negebe", e é a área que fica ao sul de Hebrom, em direção ao deserto de Parã. A segunda divisão, chamada aqui de **as planícies**, é composta das terras baixas que em termos gerais ficam ao oeste de Hebrom, em direção ao mar. A faixa litorânea propriamente dita era ocupada pelos filisteus, que ali haviam chegado no século XII A. C., após os israelitas terem entrado na terra de Canaã. A terceira divisão, de Judá, deveria ser chamada de região montanhosa e se tem conjecturado que a sentença seguinte, do versículo 19, perdeu seu sujeito original e que (neste particular com algum apoio da Septuaginta) deveria ser restaurada para que lesse: "os da região montanhosa possuirão também os campos de Efraim e as colinas de Samaria".

O texto do versículo seguinte é ainda mais incerto, mas, na sua totalidade, parece melhor considerá-lo como uma referência ao futuro dos dois principais grupos de exilados hebreus: primeiro, aqueles que foram deportados por Sargem, após a queda de Samaria, em 721 A. C. ([deste exército dos filhos de Israel](#)); e segundo, [os cativos de Jerusalém](#), isto é, aqueles que foram levados por Nabucodonosor, em 586 A. C. O primeiro grupo ocupará a terra dos [cananitas](#), (isto é, os fenícios; cfr. [#Mt 15.22](#) e [#Mc 7.26](#)), visto que sua área original está atualmente ocupada por judeus do reino do sul. O último grupo ocupará as cidades do Negebe, que os judeus que ocupavam Edom, tinham vagas (19). [Zarefate](#), que é apresentado como o lugar deste último cativo, não pode ser atualmente identificado. Têm sido sugeridas localizações na Mesopotâmia, na Ásia Menor e na Espanha. Mas, sem dúvida alguma, tratava-se de um grupo de judeus exilados que Obadias e seus ouvintes consideravam com especial interesse.

O versículo final da profecia de Obadias reúne os temas principais do livro em duas notáveis afirmações. Primeiramente, temos a execução, de fato, do julgamento contra Edom, por meio de [salvadores](#), cuja sede fica em Jerusalém. Para com os judeus, tais salvadores serão libertadores ou defensores (cfr. [#Jz 2.16](#) e [#Is 19.20](#)), e para com os edomitas, serão executores da justiça.

Finalmente, [o reino será do Senhor](#). O povo de Deus nunca duvidou que Jeová estava controlando os acontecimentos como Rei, pois, como diz a Versão do Livro de Oração, "nunca esteja a terra tão inquieta", [#Sl 99.1](#). Porém, o povo de Deus sempre aguardou a plena expressão e reconhecimento de Seu governo soberano. Ver [#Dn 2.44](#) e [#Dn 7.27](#), e, especialmente, [#Ap 11.15](#), onde vemos que o povo de Deus continua regozijando-se na certeza "de que os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre".

[D. W. B. Robinson.](#)

JONAS

INTRODUÇÃO

O livro de Jonas gira inteiramente em torno das relações pessoais entre Jeová e Seu servo, Jonas, filho de Amitai. Essas relações se originam numa comissão profética, da qual Jonas procurou evadir-se. Jonas descobriu que os pensamentos de Deus não eram os seus pensamentos e que seus caminhos não eram os caminhos de Deus. Mas Deus não deixou Jonas sozinho. Na primeira metade da história, Deus permite que Jonas chegue ao extremo de quase perder a própria vida, somente para em seguida restaurá-lo à posição onde ele se encontrava antes dele tentar, por meios físicos, evitar o mandado de Jeová. Na segunda metade da história o Senhor permite que Jonas chegue ao extremo da depressão mental e espiritual, somente para revelar a ele a correção essencial de Seus misericordiosos propósitos.

I. A MENSAGEM E SUA FORMA

A forma deste livro é a de uma peça de narrativa biográfica, semelhante (quanto ao estilo, linguagem, atmosfera e elementos miraculosos) a diversos incidentes de 1 e 2 Reis, concernentes, a Elias e Eliseu, os quais, realmente, foram predecessores imediatos de Jonas como profetas no reino do norte, Israel; e eles, à semelhança de Jonas, realizaram parte de seu trabalho em relação a povos pagãos -Elias à Sidônia, e Eliseu à Síria, enquanto que Jonas em relação a Nínive. A história de Jonas, entretanto, não é simplesmente um incidente isolado na história profética de Israel que facilmente poderia ser encaixada nos livros de Reis, onde o ministério de Jonas é mencionado ([#2Rs 14.25](#)). Mas sua mensagem é distinta e cada porção da história é relatada de forma a exibir essa mensagem. Por essa razão, o livro, encontra posição apropriada entre os profetas; diz respeito a uma revelação particular da verdade de Deus e essa revelação está intimamente relacionada com a experiência profética.

A revelação particular com a qual o livro de Jonas se ocupa pode ser expressa nas palavras que formam a conclusão da história de Pedro e dos gentios, em [#At 11.18](#): "Na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida". Essa revelação, no livro de Jonas, foi transmitida de tal modo que salienta, por um lado, a soberana misericórdia e justiça de Deus, ao conceder a Nínive o "arrependimento para a vida", enquanto que, por

outro lado, fica destacado o pecaminoso particularismo do servo de Deus, Jonas, ao resistir contra essa manifestação da vontade divina.

II. BASE HISTÓRICA

Visto que o livro de Jonas transmite uma mensagem distintiva, muitas pessoas, em anos recentes, têm imaginado que a narrativa não é histórica, mas antes, imaginada, e que, à semelhança da história do Bom Samaritano, por exemplo, deveria ser classificada como uma parábola. Porém, apesar de que este último ponto de vista não é inteiramente impossível, sem dúvida não é necessário imaginar que em vista de um livro ter um propósito didático (ou, conforme preferiríamos dizer, revelatório), não pode, ao mesmo tempo, ser uma narrativa histórica. #At 10.1-11.18, que, conforme já tivemos ocasião de sugerir, sob certos aspectos é o paralelo neotestamentário de Jonas, tem um motivo didático semelhante. Porém, ninguém apresenta a sugestão que Lucas pensava estar escrevendo uma parábola ou uma ficção homilética. Por semelhante modo, naturalmente, a presença de elemento miraculoso em um relato não é evidência que não foi registrado como narrativa histórica e que seu autor não tenha tencionado que fosse aceito como tal.

Um grupo mais reduzido de pessoas tem apresentado a suposição que Jonas é uma alegoria do exílio e da missão de Israel. #Jr 51.34 é exibido como possível base para essa história. Esse ponto de vista, em parte, é uma tentativa de explicar as ocorrências na história que, de outro modo, teriam de ser consideradas miraculosas, e envolve a teoria, que o livro é produto do período pós-exílico. Uma vez mais, todavia, apesar de que podemos ter, legitimamente, um paralelo iluminador entre a experiência de Jonas e a que deveria sobrevir à nação israelita, de modo algum se segue que a história seja de data mais recente e não-histórica. Os livros da Bíblia não são produções fortuitas. O fato de Jonas haver sido engolido pelo grande peixe pode muito bem prefigurar o exílio, como certamente prefigura o sepultamento de Cristo.

Qualquer avaliação do caráter histórico do livro de Jonas precisa levar em consideração os fatos seguintes: Primeiro, o próprio Jonas, sem dúvida alguma, foi um personagem histórico, um profeta de Jeová em Israel (#2Rs 14.25). Segundo, o livro foi lavrado na forma de narrativa histórica direta, não havendo indicação positiva que o livro deva ser interpretado doutra forma que não a literal. Terceiro, se esse livro é uma parábola ou alegoria, então é único e sem analogia entre os livros do Antigo Testamento. Quarto, nem os judeus nem os cristãos, até recentemente, jamais consideraram que o livro de Jonas

registra outra coisa além de fatos reais, quaisquer que sejam as interpretações que tenham emprestado à sua mensagem. Finalmente, nosso Senhor Jesus Cristo claramente acreditava e sabia que o arrependimento dos homens de Nínive foi uma ocorrência real e é muito natural considerar Sua alusão aos "três dias e três noites no ventre da baleia", da experiência de Jonas (#Mt 12.40-41), do mesmo modo. Em adição, pode-se argumentar que a força total da autovindicação de Jeová perante Jonas exige uma missão real a uma cidade pagã, um arrependimento verdadeiro de sua parte, e haverem seus habitantes sido realmente "poupados" pelo Senhor. Não é fácil acreditar que o desafio que diz: "E não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive...?" tenha sido apresentado ao povo de Israel, por intermédio do escritor inspirado, mediante uma consideração puramente hipotética.

III. DATA E AUTORIA

Não se pode chegar a certeza alguma no que diz respeito à data em que o livro foi escrito. Alguns têm argumentado que a história inteira não teria significado depois que Nínive foi realmente destruída (em 612 A. C.). Há alguma força nesse argumento. Então "Não hei de eu ter compaixão... de Nínive...?" não seria apenas uma consideração hipotética, mas uma consideração bastante mal escolhida. (#Jn 3.3 será considerado no comentário). Diversos eruditos proeminentes, em realidade, têm atribuído o livro a qualquer século, entre o oitavo e o segundo A. C. Porém, deve ser frisado que o principal motivo pelo qual muitos eruditos mantêm que esse livro seja produto do período pós-exílico é que "o pensamento geral e o teor do livro... pressupõe o ensino dos grandes profetas", incluindo Jeremias (S. R. Driver). Porém, não vemos razão que nos incline a acompanhar esse julgamento altamente subjetivo.

"A presença de aramaísmos no livro não pode ser critério para determinar a data, visto que os aramaísmos ocorrem nos livros do Antigo Testamento desde os mais recuadas até os mais recentes períodos" (E. J. Young). Juntamente com a evidência lingüística, deve ser levado em consideração o fato que "não existe neles (Jonas, Joel, etc.) uma só palavra grega" e "nem uma palavra babilônica que já não tenha sido encontrada na literatura mais antiga" (R. D. Wilson). Essa evidência não dá apoio à teoria que Jonas pertence ao período pós-exílico. S. R. Driver, que defendia o ponto de vista pós-exílico, admitiu como possibilidade que "algumas das características lingüísticas podem ser consistentes com a origem pré-exílica, ao norte de Israel" (Introduction, pág. 301).

Jonas exerceu seu ministério no reinado de Jeroboão II (793-753 A. C.), e parece muito natural supor que a história tenha sido originalmente posta em forma escrita algum tempo antes da queda do reino do norte, em 721 A. C., embora facilmente possa ter havido circunstâncias que ocorreram entre 721 A. C. e 612 A. C., quando Israel era governada por Nínive, que tenham possibilitado uma publicação mais lata do livro naquele período.

Nada é dito no livro de Jonas acerca do seu autor. Embora o próprio Jonas, obviamente, deva ter sido a principal fonte final de informação para a história não há motivo pelo qual ele deva ter sido o autor. Sem dúvida a história logo se tornou conhecida em Israel e podemos presumir que os marinheiros tiveram sua contribuição para propagar o relato. O capítulo primeiro tem certo número de sinais de que o relato se derivou de outra fonte que não o próprio Jonas (como Atos 27). O versículo 5a, por exemplo, descreve o que teve lugar enquanto Jonas estava dormindo no porão do navio e o versículo 16 relata o que fizeram os marinheiros depois que Jonas foi lançado ao mar. Presumivelmente a embarcação regressou ao porto quando a tempestade amainou, visto que aparentemente ainda não se haviam afastado muito da terra (#Jn 1.13) e, de qualquer modo, a carga havia sido atirada borda fora (#Jn 1.5). Se Jonas, igualmente, retornou a Jope, talvez foi à base da informação prestada pelos marinheiros que ele foi capaz de calcular por quanto tempo estivera debaixo da água.

IV. JONAS E JESUS

Certo número de importantes passagens bíblicas deveriam ser estudadas paralelamente com o livro de Jonas. No Antigo Testamento, por exemplo, #Jr 1.4-10 (quanto à comissão profética), #Jr 18.7-10 (quanto ao efeito do arrependimento sobre a proclamação de Deus), #Sl 139; 16.8-11 (quanto à experiência do profeta). Em o Novo Testamento, #At 10.1-11.18 e #Rm 9-11, ilustram a mensagem missionária de Jonas, e vice-versa. Porém, em particular, as passagens nos evangelhos que se referem a Jonas, deveriam ser comparadas e estudadas (#Mt 12.38-41 e #Lc 11.29-32). Alguns pontos serão abordados no comentário. Aqui, entretanto, podemos notar que Jonas é o único profeta do Antigo Testamento com o qual Jesus se comparou diretamente, obviamente Jesus considerava a experiência e a missão de Jonas como de grande significação. É extremamente interessante, portanto, lembrar que tanto Jesus como Jonas foram "profetas da Galiléia". A cidade de Jonas, Gate-Hefer, ficava a apenas alguns poucos quilômetros ao norte de Nazaré, a cidade de

Jesus. Era menos que uma viagem de uma hora a pé. Jesus deve ter ido lá freqüentemente. Talvez até em Seus dias o túmulo de Jonas fosse conhecido ali, como mais tarde, na época de Jerônimo. Foi ali que, nos dias de Sua obscuridade, Jesus começara a meditar sobre a significação de Jonas e de Sua própria missão?

Os fariseus aparentemente se esqueceram de Jonas quando atacaram Nicodemos dizendo-lhe que "da Galiléia nenhum profeta surgiu" (#Jo 7.52). Tivesse ele pesquisado as Escrituras com mais cuidado, não teriam errado tanto, ao deixar também de perceber que "está aqui quem é mais do que Jonas" (#Mt 12.41).

Jn-1.1

I. A COMISSÃO A JONAS, DADA E REJEITADA Jn 1.1-3

Jonas aparece como alguém para quem **veio a palavra do Senhor**, isto é, como para um profeta. (Cfr. #2Rs 14.25 quanto a outros detalhes sobre Jonas). Sua incumbência foi tão incomum quanto indesejável, pois Nínive, poderosa e famosa, era capital do império pagão da Assíria, o inimigo constante de Israel. A frase **subiu até mim** (2) apresenta Jeová como "Juiz de toda a terra" (#Gn 18.25; cfr. #Gn 6.13).

Imediatamente Jonas resignou sua comissão profética, de modo deliberado. A ênfase sobre o fato de fugiu de **diante da face do Senhor** (3; ver também #Jn 1.10) não subentende uma crença como a de Naamã, em #2Rs 5.17, de que a presença de Jeová se restringisse ao solo de Israel. Os versículos 2b e 9 provam o contrário. Pelo contrário, tal fato indica que o profeta se retirara da intimidade com Jeová. Não mais podia o profeta dizer sobre seu Deus, "perante cuja face estou" (#1Rs 17.1). Jonas fez o que Moisés temeu fazer (#Êx 33.14-15), e também perdeu o "descanso" que acompanha a presença de Deus.

Com um gesto de independência, o servo de Jeová escolheu um destino, Társis, no outro extremo do mar Mediterrâneo, bem longe de onde se encontrava. Passando a depender então de seus recursos, ele **pagou, pois, a sua passagem** no navio e embarcou (3). Jope, que é a moderna cidade de Jafa, é o único porto considerável na costa da Palestina. É interessante observar que Jope também desempenha importante papel, na história do Novo Testamento sobre Pedro e os gentios, em #At 10.1-11.18.

>Jn-1.4

II. A FUGA DE JONAS E A PERSEGUIÇÃO DE JEOVÁ Jn 1.4-17

A desesperada tentativa de Jonas para escapar de Deus, até o ponto de aceitar a morte por afogamento e o fato de Deus ter recuperado Jonas, ocupa a porção mais volumosa da narrativa. O profeta desobediente não pôde escapar de Jeová. Mas, por enquanto, ainda não fomos informados sobre qual razão levou Jonas a preferir desobedecer à ordem de Jeová; isso desvendado adiante, em seu próprio lugar.

Aqui temos de enfrentar um fato fundamental acerca dos propósitos eletivos de Deus, a saber, que "os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento" (#Rm 11.29). A todos os Seus profetas Jeová disse, tal como Jesus disse a Seus apóstolos: "Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós" (#Jo 15.16).

Jeová tomou duas providências para recuperar Jonas. Primeiramente, **o Senhor mandou ao mar um grande vento** (4). Isso deu em resultado o terem ficado aterrorizados os marinheiros, o ter Jonas sido descoberto como causador do tufão e o ter sido ele jogado borda fora. Em segundo lugar, **Deparou** (lit., "apontou") **um grande peixe, para que tragasse a Jonas** (17; ver anotação abaixo). Esse foi o meio de preservá-lo da morte, fazendo com que ficasse à mercê de Deus. Os instrumentos de Deus, neste caso, foram um **grande vento** e um **grande peixe**. Comparem-se outras ocasiões quando Deus operou a favor de Seu povo manobrando Sua criação, como, por exemplo, por ocasião da saída dos israelitas do Egito.

>Jn-1.5

É instrutivo estudar a experiência de Jonas à luz de #Sl 139. Os pensamentos, as palavras e cada movimento do escritor eram conhecidos por Jeová "para onde fugirei da tua face?" pergunta ele. "Se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também... Se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá" (#Sl 139.7-10). Assim também foi a experiência de Jonas.

O relato do navio a ponto de naufragar é gráfico e realista- o violento temporal, os **marinheiros** (5; lit., "sais") de muitas raças e religiões, seu pânico, o excitado interrogatório de Jonas, a relutância dos marinheiros em tomar a providência extrema sugerida pelo profeta, os marinheiros a remar freneticamente. A Septuaginta adiciona o detalhe que foi o ronco de Jonas, a dormir nos **lugares do porão** (5; lit., "partes internas da cobertura inferior") que atraiu a atenção do mestre do navio para o suspeito viajante.

>Jn-1.10

O comportamento de Jonas é contrastado com o comportamento dos marinheiros pagãos. Estes estavam possuídos, de forte senso de obrigação religiosa e se admiravam da temeridade de Jonas, que fugia da presença de seu Deus (10). Mostraram-se escrupulosos quando parecia inevitável que Jonas fosse lançado ao mar; e quando o mar finalmente se acalmou, demonstraram temor apropriado para com Jeová (16).

Não obstante, esse incidente claramente mostra que Jonas não era um covarde. Ele se mostrava comparativamente calmo e equilibrado. Professou sua fé e sua culpa deliberadamente, e de igual modo deliberado preferiu afogar-se para que outros não viessem a perecer por sua causa. Não há dúvida que ele considerava sua morte iminente como castigo de Jeová. A comparação do comportamento do Jonas com os dos personagens da **#At 27** e **#Mc 4.35-41** (e paralelos) prova ser instrutiva.

>Jn-1.17

Deparou pois o Senhor um grande peixe (17). Note-se que o único lugar onde é empregado o termo "baleia" (e mesmo assim não em todas as versões) é em **#Mt 12.40**, onde a palavra grega assim traduzida significa "enorme peixe". G. C. Aalders (**The Problem of the Book of Jonah**) salienta que há certo número de enormes criaturas marinhas, capazes de tragar um homem adulto de forma bastante fácil e se refere a um caso real mencionado no **Princeton Theological Review** (1927). Esse peixe talvez tenha sido o "cachalote", que de fato é encontrado no Mediterrâneo, e que não tem a garganta estreita da verdadeira baleia, a qual, de qualquer modo, não é encontrada naquelas águas. A informação que Jonas ficou aprisionado no ventre do peixe por **três dias e três noites** (17), se sua intenção foi ser aceita literalmente, provavelmente não foi suprida pelo próprio Jonas, o qual, mesmo que tivesse mantido a consciência durante todo o tempo, dificilmente teria tido meios de marcar a passagem dos

dias. Portanto, esse período deve ter sido calculado à base da informação suprida pelos marinheiros. Por outro lado, **três dias e três noites** pode ser apenas uma expressão aproximada para um período mais curto de tempo (cfr. **#Jn 3.3** e **#Js 2.16**). A adição de **três noites** não empresta necessariamente exatidão à expressão, e sabemos que algures a expressão "depois de três dias" é equivalente a "ao terceiro dia". Cfr. as referências do Novo Testamento sobre a duração do sepultamento de Jesus (por exemplo, **#1Co 15.4**). **#Mt 12.40** mostra que "três dias e três noites" era expressão considerada então como suficientemente exata para denotar um período de não mais de trinta e seis horas.

Jn-2.1

III. A ORAÇÃO DE JONAS, NO VENTRE DO PEIXE Jn 2.1-10

Nesta seção, Jonas descreve sua experiência, atribuindo a salvação a Jeová e então foi devolvido à terra. Talvez o relato queira que observemos o contraste na posição de Jonas: ele, que estando no navio, aparentemente se recusava a levantar-se e invocar o nome de seu Deus (**#Jn 1.6**), agora sentia-se constrangido **a orar ao Senhor seu Deus, das entranhas do peixe (#Jn 2.1)**.

A oração de Jonas, um salmo em métrica hebraica elegíaca, de vez em quando é declarada como uma inserção estranha. Não obstante, é muito apropriada em seu contexto e não necessitamos de duvidar que seu conteúdo essencial pertença à ocasião à qual é atribuída, mesmo que sua forma poética pertença ao período de reflexão, após o livramento do profeta. Algumas de suas frases relembram frases em outros salmos, mas, considerando a oração como um todo, é distinto de qualquer dos salmos existentes. Note-se, todavia, que se trata de um salmo de agradecimento a Jeová que livrou o profeta do Seol (morte), e não como alguns críticos parecem pensar que deveria ser, uma oração para ser salvo do peixe.

Primeiramente Jonas descreve como, em sua desesperada situação, ruiu sua resistência voluntária a Jeová, e quando o horror de sua situação o impressionou ele clamou em desespero a seu Deus. (Cfr. o grito espontâneo de Pedro, em **#Mt 14.30**). **O ventre do inferno (2)** é o lugar dos mortos (Seol) (a palavra usada aqui para **ventre** é diferente da que é usada para **ventre do peixe**) cujos habitantes eram considerados como cortados da mão de Deus para nunca mais serem lembrados por Ele (**#Sl 88.5**; ler este Salmo inteiro que dá uma descrição sobre o Seol, o que tornará mais compreensível o horror de Jonas).

>Jn-2.4

Há certas bases para pensar-se que a segunda porção do versículo 4 deveria ser levemente corrigida para que lesse: "Como tornarei a ver...?" Jonas estava, realmente, em desesperada situação. **O templo da tua santidade** (4), aqui como no versículo 7, simboliza o lugar da presença de Jeová, de onde Jonas havia fugido. Isso forma um contraste extremo com **o ventre** do inferno. Em qualquer que tenha sido o santuário em que Jonas estivesse acostumado a adorar em Israel, é provável que aquele que adorava o Deus do céu estava aqui pensando sobre o **templo da tua santidade** como "céus, assento da tua habitação" (#1Rs 8.39).

>Jn-2.7

A seqüência de pensamento, nos versículos 2-7, sugere que após a desesperada oração, Jonas foi dominado pela água e pela pressão das profundezas, e que a próxima coisa de que tomou consciência foi de que simplesmente ainda estava vivo. Se tivermos de considerar que seu agradecimento foi proferido perto do término do período de três dias, podemos supor que durante a maior parte do tempo anterior ele estava desmaiado, como talvez já se encontrava quando foi tragado pelo grande peixe. Nesse caso, ele passou pela outra experiência referida em #Sl 139.18: "quando acordo ainda estou contigo".

>Jn-2.6

>Jn-2.8

Devemos notar, entretanto, que embora Jonas estivesse agora pronto para receber o mandado de Deus, não havia qualquer evidência que sentia compaixão pelos ninivitas. Sua experiência quanto à misericórdia de Deus apenas o confirmou em sua crença que aqueles que **observam as vaidades vãs** (isto é, adoram deuses falsos ou ídolos), **deixam a sua própria misericórdia** (isto é, separam-se de Jeová, a única verdadeira fonte de socorro para eles) (8). Essa evidência sobre o exclusivismo de Jonas, mesmo em meio às misericórdias de Jeová, fornece um ponto a mais para a repreensão do Senhor a Jonas, no capítulo 4. Essa atitude, entretanto, não era peculiar a Jonas. O Salmo 139 nos dá, uma vez mais um paralelo. Anote a transição semelhante de pensamento ali, do versículo 18 para os versículos 19 e segs.

Este salmo de Jonas se reveste de importância especial à luz da referência que Jesus fez a ele, em [#Mt 12.40](#); pois a natureza da semelhança entre a experiência de Jonas e a de Cristo pode ser mais claramente observada aqui. Assim, Jesus, que é maior que Jonas, o verdadeiro Servo e Profeta de Jeová, chegou ao extremo do sofrimento humano (por causa da desobediência de outros). O que Jonas suportou em figura" ([#Hb 11.19](#) -uma figura semelhante de morte) Jesus suportou em realidade. Em sua "aflição" Ele desceu ao "ventre do inferno" e as "vagas de Deus passaram sobre Ele" (cfr. [#Is 53](#)). Assim como Jonas clamou: **Lançado estou de diante dos teus olhos** (4), semelhantemente Cristo foi constrangido a clamar: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" ([#Mt 27.46](#)).

Não obstante, o sepultamento de Jesus não somente denotou a extrema intensidade de Sua paixão (conforme estabelece o Credo: "Ele desceu aos infernos", isto é, ao Hades ou Seol); mas igualmente destacou a realidade de Seu livramento, da morte para a vida. Estude-se o sermão pentecostal de Pedro, em Atos 2 especialmente os versículos [#At 2.24](#), e segs. "ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela". O testemunho de Jonas, **mas tu livraste a minha vida da perdição** (6), tem um notável paralelo no versículo de [#Sl 16.10](#), citado por Pedro em [#At 2.27](#): "porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção".

Jn-3.1

IV. A COMISSÃO PROFÉTICA É REITERADA E ACEITA Jn 3.1-9

Tendo sido devolvido à terra por mandamento de Jeová, Jonas foi comissionado segunda vez. Castigado por suas experiências, ele agora obedece, embora, aparentemente, não se sentisse mais caritativamente disposto para com Nínive do que antes. **A pregação que eu te disse** (2) salienta que o pregador não fala de si mesmo, mas, "de acordo com os oráculos de Deus" ([#1Pe 4.11](#)). O que é verdade sobre Cristo, o Filho, a Palavra eterna, também deve ser verdade acerca de todos os Seus servos: "o enviado de Deus fala as palavras dele" ([#Jo 3.34](#)). Ver, semelhantemente, o caso de Moisés ([#Êx 4.10-16](#)), de Jeremias ([#Jr 1.6-9](#)), e dos discípulos de Jesus ([#Mt 10.19-20](#)). Jonas sabia, desde o princípio, que lhe competia pregar a pregação que

Deus lhe tinha ordenado; ele fora um profeta desobediente e não um profeta falso.

>Jn-3.3

Um particular do versículo 3 chama a atenção para a vastidão de Nínive e, assim, para a tarefa de Jonas. **Grande cidade** é, literalmente, "grande cidade para Deus" ou "grande cidade perante Deus", o que é um modo regular de expressar o superlativo em hebraico. Assim, Moisés é descrito em **#At 7.20** como "formoso aos olhos de Deus". Há uma certa ponta de ironia nessa expressão aqui; pois destaca a estima que Deus fazia de Nínive, diferente da estima de Jonas.

Esse particular, no entanto, tem causado dificuldades para algumas pessoas, que se baseiam em duas coisas. Primeiramente, o verbo **era** está no tempo perfeito no hebraico, o que para aquelas pessoas parece deixar implicado que então Nínive há muito já havia perecido (assim apoiando uma data posterior para o livro). Em segundo lugar, a moderna pesquisa arqueológica não confirma totalmente o grande tamanho de Nínive. A primeira dificuldade não é decisiva, pois, visto que a narrativa inteira é posta no passado, a afirmação que **era pois Nínive uma grande cidade** não precisa implicar mais que assim ela era quando Jonas esteve ali. (Naturalmente que isso **pode** ser uma glossa posterior; e seria uma glossa natural, pois tais anotações, por escribas habilidosos não são desconhecidas nos manuscritos antigos. Mas é curioso que as pessoas que são normalmente inclinadas a descobrir interpolações secundárias, nos livros do Antigo Testamento, preferem destacar esse particular como parte do texto, e usá-lo como alavanca para empurrar a data do livro inteiro para algum tempo muito depois da queda de Nínive, que ocorreu em 612 A. C.). A segunda dificuldade é, igualmente, capaz de ser solucionada. A própria cidade de Nínive, segundo as dimensões dadas por Senaqueribe e pelas modernas pesquisas em suas ruínas (cerca de 18 quilômetros), era consideravelmente menor que a linguagem de Jonas dá a entender. **#Gn 10.12**, entretanto, aplica o título "grande cidade" a quatro cidades na área, das quais a própria Nínive é a primeira a ser nomeada e a mais importante. Recentes descobertas arqueológicas demonstram que uma dessas, Calá, tinha uma população de 70.000; e por seus muros, fica-se sabendo que essa cidade era cerca de metade do tamanho de Nínive, o que explica que a mui debatida cifra de cento e vinte mil homens (**#Jn 4.11**) é, mais provavelmente, um recenseamento de Nínive quando em seu maior surto populoso. Em tempos posteriores foi calculado (por Quitésias e Diodoro) que

Nínive tinha um circuito de cerca de 480 estádios, ou cerca de 96 quilômetros, e isso parece refletir a tradição de uma cidade extremamente grande (embora toda essa extensão nunca tenha sido circunscrita por um muro só, como Diodoro parece ter pensado). O circuito inteiro das quatro sedes do distrito de Nínive é, de fato, 99 quilômetros, ou seja, cerca de **três dias de caminho**. Ora, em adição ao particular em **#Jn 3.3**, que estamos a considerar, Nínive, em três ocasiões separadas, é descrita como a **grande cidade** (**#Jn 1.2**; **#Jn 3.2-4.11**) e a adição desse termo pode indicar que aqui está em vista a área ou "distrito" maior, deliberadamente. Podemos comparar isso com designações modernas como "a Grande Londres". É possível que seja significativo o fato que o termo "grande" não é adicionado em **#Jn 4.5**; a **cidade**, aqui, indubitavelmente é a própria Nínive, a cidade de **caminho dum dia** (**#Jn 3.4**), onde Jonas chegou aos ouvidos do rei de Nínive, mediante cuja proclamação o jejum de arrependimento se estendeu a todo o povo de Nínive.

>Jn-3.7

Não sabemos quais outras circunstâncias, em Nínive, possam ter sido favoráveis à produção da contrição, mas a pregação de Jonas, sobre condenação iminente-a única verdadeira "profecia" neste livro profético-resultou num imediato e generalizado arrependimento. O próprio rei ordenou um jejum. Note-se a curiosa inclusão dos animais nesse jejum (7), como em Judite 4.9 e segs., e na fome referida em **#Jl 1.19-20**. Os próprios animais do campo, que clamam ao Senhor, são objetos de Sua compaixão, conforme as últimas palavras do livro de Jonas nos informam.

"O sinal de Jonas" (**#Mt 16.4**) inclui não apenas a sua "morte" e "ressurreição", mas também sua pregação, em virtude dessa "ressurreição", à gentia cidade de Nínive. Pondere-se sobre a grande importância desse sinal para a geração de Cristo (**#Lc 11.29** e segs., **#Mt 12.38** e segs.) e para nossa própria geração.

>Jn-3.10

V. DUAS REAÇÕES AO ARREPENDIMENTO DE JONAS: JEOVÁ DESAFIA A JONAS Jn 3.10-4.11

E Deus se arrependeu do mal (10)... mas desgostou-se Jonas extremamente (4.1). O "arrependimento" de Deus e o fato de ter suspenso o julgamento não foram, naturalmente, arbitrários. É um postulado básico do livro de Jonas que Deus se arrependeu do mal (ver **#Jl 2.13-14** e especialmente **#Jr 18.6-10**).

MIQUÉIAS

INTRODUÇÃO

I. DATA

O versículo inicial fixa o período durante o qual Miquéias profetizou - entre os anos 751 e 687 A. C. O mesmo versículo deixa subentendido que Samaria continuava de pé mas que sua destruição iminente estava sendo declarada, em [#Mq 1.5-6](#); portanto, pelo menos esta seção é anterior a 721 A. C., o ano da queda de Samaria e do colapso do reino do norte. O versículo 9 parece antecipar a investida de Senaqueribe contra Jerusalém, em 701 A. C. Os sacrifícios humanos foram uma característica dos dias negros do rei Manassés (696-642 A. C.), mas não é necessário supor que [#Mq 6.7](#) se refira a esse período, visto que tais ritos também foram praticados pelo rei Acáz (736-716 A. C.): ver [#2Rs 16.3](#). Portanto, parece que Miquéias tenha sido contemporâneo mais jovem de Isaías: alguns chegam mesmo a considerá-lo como discípulo de Isaías. É interessante observar que um oráculo semelhante aparece em ambas as profecias ([#Mq 4.1](#) e segs. e [#Is 2.2](#) e segs.).

O cumprimento da profecia de Miquéias, em [#Mq 3.12](#), foi lembrado mais do cem anos mais tarde. Ver [#Jr 26.18](#), onde é dito que "Miquéias... profetizou nos dias de Ezequias, rei de Judá". Não resta dúvida que seu principal trabalho foi levado a efeito durante esse reinado (729-687 A. C.) e, assim, ele teria sido parcialmente responsável, debaixo de Deus, pelo reavivamento espiritual daquela época (ver [#2Cr 30](#)).

II. O PROBLEMA CRÍTICO

Neste livro está contida certa variedade de material e os diversos oráculos não necessitam ter sido proferidos todos ao mesmo tempo. Excetuando o versículo inicial, não existem outras indicações claras quanto à data, tais como encontramos, por exemplo, em [#Ag 1.1](#); [#Ag 2.1,10,20](#), mas fica subentendido um ministério que deve ter-se prolongado por um número considerável de anos. Muitos eruditos, por conseguinte, mantêm que quaisquer diferenças quanto ao estilo ou ao assunto abordado, podem ser imediatamente explicadas pelas necessidades diferentes e pelo próprio desenvolvimento mental e espiritual de Miquéias, e que, portanto, é desnecessário imaginar mais que um só autor.

Outros eruditos, porém, não podem acreditar que o profeta que proferiu as inflexíveis advertências e denúncias dos três primeiros capítulos, também possa ser responsabilizado pela brilhante visão do capítulo 4 ou pelas reconfortantes promessas do capítulo 5. Na opinião desses, além disso, os capítulos 6 e 7 contemplam uma situação histórica completamente diferente da que é pressuposta nas profecias anteriores. Porém, afirmar que o homem que compôs os capítulos 1 a 3 não poderia também ter composto os capítulos 4 e 5 seria impor a Miquéias um grande grau de limitação, que é completamente injustificável. Declarar que a pessoa que fala nos capítulos 1 a 3 estava por demais ocupada com problemas sociais para interessar-se nas especulações visionárias dos capítulos 4 e 5, seria deixar de perceber que todo reformador social só pode persistir em sua tremenda tarefa se tiver uma visão de um mundo redimido.

Não há necessidade de esperar uma conexão óbvia entre os vários blocos de material, pois dentro de um só capítulo podem ser encontradas diversas declarações que tratam de assuntos diferentes. Possivelmente, [#Mq 7.7-20](#) pode ser um apêndice posterior ao tempo de Miquéias, mas isso de modo algum é certo.

III. O PROFETA

Em [#Mq 1.1](#) o profeta é descrito como "morastita", isto é, habitante de Moresete-Gate ([#Mq 1.14](#)), que, segundo Jerônimo, até seus dias era "uma pequena aldeia próxima de Eleuterópolis". Eleuterópolis tem sido identificada como Beit-Jibrin, e fica em um dos vales que sobem da planície costeira para as terras altas da Judéia em redor de Jerusalém. Moresete, portanto, ficaria cerca de quarenta quilômetros ao sudoeste de Jerusalém, na Sefelá, a meio caminho entre a cidade de Gate, na Filístia ([#Mq 1.10](#)) a oeste, e Adulão ([#Mq 1.15](#)), a leste. Sua relação para com Maresa ([#Mq 1.15](#)) não é claramente conhecida: alguns a julgam idênticas. Em algum tempo ou outro parecem ter estado sob a suserania de Gate, ou ter tido alguma conexão com aquela cidade.

Dessa maneira Miquéias não vivia em algum lugar atrasado, porém, no mais importante dos vales, que oferecia aproximação à capital para quem vinha da planície marítima. Desse ponto vantajoso ele contemplava a grande estrada costeira, ao longo da qual, por centenas de anos, haviam passado os exércitos dos conquistadores, as caravanas comerciais e grupos de peregrinos. Habitando perto da ponte natural entre a Ásia e a África, com o Mediterrâneo

como pano de fundo rebrilhante, 32 quilômetros além, ele se achava em posição de onde podia contemplar o triste drama de 721-719 A. C., quando, após a queda de Samaria, Sargom passou a empenhar-se para dominar as forças egípcias na estrada costeira em Ráfia, em 719 A.C. Poucos anos mais tarde, Judá aliou-se a Edom, Moabe e os filisteus na tentativa de, com a ajuda egípcia (que nunca veio), quebrar o poder da Assíria na região; porém, os aliados foram duramente enfrentados pelo tartã, o oficial de Sargom, e Asdode e Gate foram saqueadas (#Is 20.1). Mais tarde ainda, Senaqueribe, que em uma de suas inscrições se vangloria de haver capturado quarenta e seis aldeias judaicas, talvez tenha conquistado também Moresete-Gate como uma delas.

Além disso, não havia comércio entre o Egito e Jerusalém que Miquéias não observasse. Ele via Judá pondo sua confiança no Império decadente do Nilo; via as equipes de cavalos e carruagens egípcias nas quais Judá, uma região montanhosa e imprópria para cavalaria, repousava falsamente sua confiança; via as influências corruptoras de uma aliança estrangeira; via o orgulho crescente e a falta de escrúpulos dos homens da capital. (Ver Apêndice 2 a Reis, "As Implicações das Alianças Políticas").

Na qualidade de homem interiorano, o profeta via na capital de seu país a fonte e o centro da iniquidade. "Qual é a transgressão de Jacó? Não é Samaria? e quais os altos da Judá? Não é Jerusalém?" (#Mq 1.5). Ele mesmo pode ter sido um fazendeiro e ter sido expulso de sua herdade por algum ganancioso dono de terras. "E cobiçam campos e os arrebatam e as casas e as tomam: assim fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à tua herança" (#Mq 2.2). Amarga experiência pessoal e perda, tal vez estejam por detrás dessas palavras. Miquéias era direto em suas palavras como os homens do interior e também possuía profundidade de confissões e inflamada indignação. Não obstante, ele também era capaz de dizer coisas sublimes e belas. Ele ultrapassa o próprio Isaías na ternura de seus apelos, na lúcida simplicidade e na sublimidade moral que acompanham seu maior oráculo (#Mq 6.1-8).

Embora Miquéias tenha vindo do interior, enquanto que Isaías pertencia à capital e à corte real, as mensagens principais de ambos são substancialmente as mesmas. Isaías, como já seria de esperar, tem mais a dizer acerca da situação política e acerca das relações com o Egito e a Assíria; porém, ao abordarem os males sociais e morais, conseqüentes da rejeição ao Senhor por parte de Israel, ambos os profetas falam num único tom. Cfr. por exemplo #Mq 2.1 e segs., com #Is 5.8 e segs.; #Mq 3.1-4 com #Is 10.1-4. A

nação hebréia estava deixando de cumprir sua missão no mundo, para a qual Deus a tinha chamado (#Mq 2.7; #Is 1.21) e, por conseguinte, teria de ser expurgada por meio de julgamento e reparação para o serviço (#Mq 3.12; #Mq 4.6-7; #Is 1.25-27). As mensagens desafiadoras de ambos os profetas devem ter influenciado profundamente Ezequias em sua obra de reforma.

Miquéias era nome comum entre os judeus, e significa "quem é como Jeová?" (cfr. Miguel, "quem é como Deus?"). É digno de nota que a profecia de Miquéias tem início com as palavras de um apelo feito anteriormente por um seu homônimo (#1Rs 22.28). Dessa maneira, Miquéias liga-se deliberadamente com aquele campeão mais antigo da verdade.

Mq-1.1

I. A IRA VINDOURA Mq 1.1-16

À semelhança de outros profetas (por exemplo, Obadias), Miquéias dá início a seus escritos com uma afirmação sobre o julgamento vindouro. Ele exorta o povo a dar ouvidos às acusações de Deus contra eles, tendo o anfiteatro da terra inteira como audiência (2). Deus virá para julgar Seu povo e a terra derreter-se-á na Sua presença (3-4). Que isso se refira a um real tremor de terra (cfr. #Am 1.1) ou a uma figura poética, não temos certeza. O motivo para essa visitação ameaçada é a **prevaricação de Jacó** e os **pecados da casa de Israel** (5). Os centros pecaminosos, em ambos os reinos israelitas, são as capitais-Samaria e Jerusalém. O profeta apresenta um quadro patético de devastação que estava prestes a cair contra elas. Samaria em o norte, seria como um montão de lixo, como uma cidade bombardeada dos tempos modernos (6). As **imagens** e os **ídolos**, pagãos e sustentados pela renda da imoralidade, serão destruídos (7). Declarando que ele daria vazão a extremas expressões de lamento (8), Miquéias, provavelmente, estava procurando sublinhar a urgência de sua mensagem. Cfr. #Jr 9.1 e segs.

>Mq-1.9

O perigo agora ameaçava Jerusalém (9-16). O exército assírio vinha-se derramando pela planície costeira em direção ao Egito, mas, volta-se, vai subindo pelo vale do rio no qual Miquéias habitava, domina vila após vila e, finalmente, chega aos muros de Jerusalém. É instrutivo comparar essa passagem com #Is 10.28-34. Em Isaías temos uma descrição, por um homem dentro da cidade, a respeito do assalto do adversário vindo dos bandos do

norte. Em Miquéias, um homem de fora da capital, nos dá um relato sobre o inimigo que passa sobre ele indo do sudoeste.

Aqui temos um jogo de palavras, no hebraico, que envolve os nomes das aldeias, impossível de ser traduzido para o português. G. A. Smith, Pusey e outros têm feito as seguintes sugestões. Não o anuncies em Gate (10; cfr. #2Sm 1.20); as radiciais do verbo "anunciar" e o nome da cidade de Gate são semelhantes. Portanto, poderíamos traduzir como "Não o anuncies na Cidade do Anúncio". Outro tanto se dava com a cidade de Afra, que significa "poeira": "Na casa da poeira, rola-te na poeira". No que tange às traduções para o inglês, pode-se consultar Moffatt que procurou traduzir essas alusões para aquele idioma.

>Mq-1.13

Laquis é descrito como o princípio do pecado para a filha de Sião (13). De conformidade com G. A. Smith, o profeta estaria desafiando os habitantes daquela aldeia para que atassem os animais ligeiros ao carro, visto que ela estava intimamente ligada com o tráfico de carruagens. Era uma orientação errada, tanto de Israel como de Judá, comprar grandes quantidades de cavalos e carruagens do Egito. A nação era, desse modo, encorajada a acreditar que estava se transformando num poder militar; porém, durante todo o tempo estava apenas exaurindo seus recursos financeiros. Pois, por mais apropriados que fossem as carruagens para as terras planas do Nilo, eram completamente inúteis no terreno montanhoso de Judá. Além disso, tal exibição de guerra estava levando a nação a olhar para si mesma e para seus aliados, em lugar de olhar para Jeová. Por essa razão os profetas de Jeová olhavam as carruagens com ar de desaprovação e consideravam-nas uma fonte de erro.

Tem sido sugerido que em Laquis, na planície costeira, os cavalos recém-comprados eram deixados a descansar antes do finalmente seguirem até Jerusalém. Desse modo podia ser dito que Laquis era o princípio do pecado para a filha de Sião. No que respeita às palavras do versículo 15, chegará até Adulão a glória de Israel, cfr. #Is 2.19. Isso repete o pensamento do versículo 3. Faze-te calva (16). Rapar a cabeça era sinal de lamentação. Cfr. #Is 22.12.

Mq-2.1

II. DENÚNCIA DE MIQUÉIAS CONTRA OS OBREIROS DO MAL Mq 2.1-3.12

a) Os gananciosos donos de terras (Mq 2.1-11)

Prossegue o caso de Jeová contra Seu povo, porém, em lugar de um veredito quanto à vida social e religiosa de Judá, são isoladas classes particulares que têm provocado essa condenação para serem execradas, e é dada alguma idéia quanto à vida social e religiosa de Judá e quanto aos males de que a nação estava a sofrer.

Novos-ricos na cidade desejavam possuir propriedades. À noite não dormiam, traçando esquemas sobre como podiam adquirir terras. Pela manhã, usavam de sua influência nos lugares próprios (1). Mediante a ajuda de ilegítimos procedimentos legais, os aldeões que possuíam terras eram expulsos à força e certo número de fazendas era reunido a fim de formar uma propriedade de tamanho apreciável (2). Aquelas pessoas desafortunadas eram assim obrigadas a se tornarem trabalhadores casuais, ou pedintes, ou então a se venderem como escravos. Desse modo a nação perdia sua vitalidade, pois sua classe de aldeões independentes era sua verdadeira coluna vertebral. O problema era ao mesmo tempo religioso e econômico, e o mesmo mal foi denunciado por Isaías (#Is 5.8). Cfr. a história da vinha de Nabote, em #1Rs 21.

Após a acusação (1-2) aqueles gananciosos donos de terras são advertidos que seu castigo estaria de conformidade com seu crime. As terras que haviam surrupiado de outras pessoas lhes seriam tomadas (4). Nenhum deles seria capaz do ficar com um lote da terras em Israel (5).

>Mq-2.6

Não profetizeis (6). Irados por causa dessas diretas acusações, diziam a Miquéias que se calasse; mas o profeta responde amargamente, dizendo que era porque não queriam sentir-se de consciência pesada que desejavam que ele desistisse. Ou então a totalidade do versículo 6 pode ser considerada como as palavras dos ricos que, quando repreendidos, replicam com gritos confusos: "Parai com essas profecias! Estão profetizando (contra nós)! Não farão isso! Suas repreensões nunca cessarão?"

Não ficando intimidado com a recepção desfavorável à sua mensagem, Miquéias tentou arrazoar com eles. Seus caminhos são os caminhos de Deus? Caso fossem realmente povo de Jacó, por que a obra do Espírito de Deus não era discernível em suas vidas? **São estas as suas obras?** (7). Só poderiam

esperar bênçãos da parte de Deus se agissem retamente. Então o profeta fá-los enfrentar algumas de suas recentes ações, a fim de demonstrar quão aquém haviam ficado dos requerimentos de Deus. Agiam como inimigos daqueles que confiavam neles e roubavam-nos de suas próprias vestes (8). Expulsavam mulheres e crianças de seus lares (9). O profeta conclui essa parte de sua mensagem de condenação e advertência com um apelo para que agissem. Ele os conclama para que se levantem de sua pecaminosidade. Pois, se permanecessem atolados em sua presente perversidade, em sua condição ociosa, eventualmente seriam destruídos (10).

>Mq-2.11

Porém, o povo não queria um profeta da retidão. Preferiam um indivíduo folgazão, a arrotar do **vinho e da bebida forte** (11), um ministério popular no pior sentido da palavra. Teriam, portanto, a espécie de pregador que mereciam. Tal povo, tal sacerdote.

>Mq-2.12

Nota. Os versículos 12 e 13 parecem pertencer a um período diferente das passagens anteriores e posteriores, e serão tratados com sua seção aparentada, em **#Mq 5.2-4** (q.v.).

Mq-3.1

b) Governantes profetas e sacerdotes (Mq 3.1-12)

Rei, príncipes, nobres e juizes: a rebrilhante multidão daqueles que ocupavam posições administrativas e judiciais no estado, é agora endereçada (1-4). **Não é a vós que pertence saber o direito?** (1). A *raison d'être* de tais pessoas era o serviço. Tinham sido investidas naquelas altas posições de autoridade a fim de que servissem ao povo e dispensassem justiça a cada indivíduo. Mas antes, abusavam em seus cargos, furtando o próprio povo a quem supostamente deveriam estar protegendo (2). Desfrutavam de bom alimento de luxo enquanto os outros morriam de fome (3). A descrição é tão vívida que quase se pode perceber as faces encovadas dos pobres e seus ossos salientes. "Atormentados rostos da aldeões piscam entre as palavras" (G. A. Smith). Mas Deus castigaria seus opressores. Ele não livraria seus opressores na hora da necessidade destes (4).

>Mq-3.5

Quanto aos falsos profetas (5-8) que ministravam de modo tão aceitável para os ricos (#Mq 2.11) eles **fazem errar o meu povo**. Não mais ensinavam os mandamentos de Deus. Somente àqueles que os alimentavam bem é que diziam untuosamente, "paz". Mas Deus os levaria a juízo. **Portanto, se vos fará noite** (6). Deus lhes daria trevas mentais para que não fossem capazes de perceber os sinais dos tempos. Quando os homens pedissem conselhos àqueles falsos profetas, não receberiam **resposta de Deus** (7). Esse é o castigo merecido contra a pregação comercializada. A pregação que distorce e suprime a verdade por causa da recompensa chega afinal ao ponto em que é incapaz de discernir a verdade a fim de declará-la. Em contraste, há o autêntico profeta, cujas palavras são poderosas, pois conta com o próprio **Espírito do Senhor** (8). As declarações do profeta autêntico não são palavras adocicadas, mas traz uma mensagem de julgamento contra **a transgressão e o pecado**.

>Mq-3.9

No último grande oráculo deste capítulo (9-12), Miquéias reúne tudo quanto havia dito até esse ponto e o lança contra aqueles que vinha denunciando. Os líderes da nação eram desonestos. Estavam tentando edificar uma cidade próspera e uma nação progressista, mas às expensas das vidas dos pobres (10). **Os seus chefes... os seus sacerdotes... os seus profetas** (11). Os líderes políticos, eclesiásticos e religiosos eram todos corruptos, e todos desejavam apenas uma coisa-dinheiro. Não obstante, com infantil satisfação, imaginavam que Deus não podia estar senão satisfeito com pessoas respeitáveis como eram! Por isso é apresentado o terrível ultimatum: **Portanto, por causa de vós, Sião será lavrado como um campo, e Jerusalém se tornará em montões de pedras, e o monte desta casa em lugares altos dum bosque** (12), isto é, como montões, em um bosque, que assinalam onde jazem os edifícios em ruínas. Não ficamos surpreendidos ao ler, em #Jr 26.18, que essa afirmação deixou mui profunda impressão e, em vista de seu real cumprimento, era ainda bem lembrada mais de um século após o tempo de Miquéias. Suas despertadoras palavras não somente conduziram a uma reforma imediata, mas a citação das mesmas foi um instrumento para a salvação da vida do profeta Jeremias quando ele, por haver dito verdades semelhantes, estava em perigo de ser eliminado, durante o reinado de Jeoaquim. Trata-se de um interessante exemplo da contínua vida e do contínuo poder da Palavra de Deus.

É digno de nota que esses três oráculos (versículos 1-4; 5-8 e 9-12) têm uma estrutura regular. Primeiramente, o profeta se dirige ao povo; em segundo lugar, é estabelecida a maldade que cometem; em terceiro lugar, é predito o julgamento que sobrevirá.

Mq-4.1

III. O MONTE DO SENHOR Mq 4.1-5

Levantando os olhos dos sórdidos abusos que se desenrolavam ao seu derredor, o profeta não mais contempla a nuvem de iminente julgamento, mas contempla, à distância, a visão gloriosa dos últimos dias (1-4). Uma visão semelhante é registrada em [#Is 2.2-5](#), em palavras similares. Levanta-se a questão se o oráculo se originou com Miquéias ou com Isaías, ou se se tratava de um oráculo independente, usado por ambos os profetas. Miquéias parece dar a visão de modo mais completo, e seu texto se encontra em melhor estado de preservação. Mas parece improvável que Isaías, o mais antigo dos dois, tenha tomado emprestado de seu contemporâneo mais jovem e, se realmente fez esse empréstimo, por que não apresentou uma citação exata? Talvez Deus tenha ensinado a mesma verdade a ambos os homens, mediante uma fonte comum, e a grande importância da passagem é assim declarada por sua dupla confirmação.

Em contraste com o castigo que brevemente sobreviria a Sião, por causa dos pecados do povo, temos aqui a ofuscante visão da supremacia da casa de Deus nos últimos tempos. Ela se levanta sobre o "cume dos montes". Para ela convergirão os povos. Rios de povos, que têm suas cabeceiras em lugares distantes, e que vão crescendo em volume cada vez maior, [concorrerão a ele](#) (1). Nações se exortarão mutuamente para buscarem a orientação de Deus. Reconhecendo que não podem solucionar sozinhos as disputas, desejam ser ensinadas nos caminhos de Deus e andar neles (2). Portanto, Sião tornar-se-á o centro legislativo da terra inteira, e todas as disputas serão trazidas perante o Deus de Jacó. Nações poderosas, que doutro modo não seriam freadas em suas agressões, aceitarão Sua repreensão; a distância também não diminuirá Sua autoridade. As nações desmantelarão seus armamentos, nos quais anteriormente punham sua confiança e do qual se orgulhavam, e transformarão o metal em instrumentos pacíficos. Não mais declararão os povos guerra uns contra os outros: a energia, habilidade e riquezas, antes devotadas à arte da guerra, então serão dirigidas para finalidades mais construtivas e proveitosas (3). A terra tornar-se-á de tal modo tranqüila que

cada homem habitará em paz. "A chave guarda o castelo e o arbusto de samambaia a vaca". Os dias antigos de sentinelas, assaltos e terrores noturnos, tornar-se-ão coisas do passado, pois **não haverá quem os espante** (4). As nações serão capazes de desenvolver sua vida de modo imperturbável. Deus dá Sua palavra, que todo homem estará em segurança e paz, e isso ficará assegurado porque a Palavra do Senhor será a lei universal.

Tal é a grande visão concedida a ambos os profetas. Nada de impossível existe em seu conteúdo. Já está sendo pouco a pouco apreendido por indivíduos, se não até por nações. Dadas as premissas dos versículos 1 e 2, de que a casa de Deus seja suprema e de que a lei de Deus seja obedecida, deverão seguir-se a tranqüilidade universal e a segurança universal.

Infelizmente, a supremacia da casa de Deus e de Sua lei ainda não é matéria reconhecida universalmente. Continuamos no estágio apresentado pelo versículo 5, que pode ser traduzido: "Pois todo povo anda, cada qual, no nome de seu deus, mas nós andaremos no nome de nosso Deus para todo o sempre".

>Mq-4.6

IV. ORÁCULOS SOBRE BÊNÇÃO E JULGAMENTO Mq 4.6-5.1

Tendo deixado subentendido, em termos comoventes, a condição miserável do povo exilado de Deus, o profeta agora exhibe a maravilhosa promessa de que **naquele dia** (6) esse povo será reintegrado em um reino sobre o qual **o Senhor reinará**, no monte Sião, para sempre (7). Então, em dois oráculos mais, ele fala sobre as aflições e as pressões que deveriam sobrevir a Jerusalém antes que venha o **reino** prometido (8). Na primeira porção (8-10) Sião é comparada a uma **torre do rebanho** (8), um daqueles recintos murados, com apriscos ao redor, para ovelhas, que podem ser encontrados nas vastas pastagens da terra santa. Porém, até mesmo esses muros deixarão de servir de proteção, e seus habitantes serão forçados a habitar **no campo**, e em seguida, na **Babilônia** (10). Mas ali, igualmente, o Senhor haveria de redimi-los. Esta referência à Babilônia é uma notável predição visto que, quando Miquéias escreveu, a Assíria era o principal poder adversário.

>Mq-4.11

Em 4.11-5.1, Jerusalém é novamente vista como cercada, mas agora a situação se torna adversa para seus opressores, e as nações opositoras são esmigalhadas como o trigo. Não obstante, nesse processo, o próprio líder ou **juiz** (1) de Israel haveria de sofrer severas indignidades.

Mq-5.2

V. A VINDA DO REDENTOR Mq 5.2-15

Juntamente com esta seção incluímos **#Mq 2.12-13**. O versículo 2 dá início a um novo capítulo na Bíblia em hebraico. Esse versículo e o seguinte revelam as expectativas da desejosa Israel. Virá um libertador para ser **Senhor em Israel**. Seu nascimento, em Belém, deixa subentendido que Ele será outro Davi e, portanto, um legítimo pastor do povo de Deus (4). Esta notabilíssima profecia tem tido cumprimento tanto literal como espiritualmente por ocasião do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo, em Belém da Judéia (**#Mq 2.5-6**), e talvez seja feita referência à encarnação do Filho de Deus no versículo 3. Aquele que aqui é aguardado não seria, claramente, um homem comum, terreno. Mas acha-se revestido de eterna dignidade, pois Suas **saídas são desde os tempos antigos** (2). A obra que faria esse Libertador teria aspecto pastoral, pois seria Ele o pastor do povo. **Ele permanecerá** (4); cautela, confiança e poder são aqui subentendidos **E apascentará** (4); algumas versões dizem: "e alimentará seu rebanho", isto é, Ele nutrirá Seu povo, conduzindo-o a pastagens de tenra verdura e a águas calmas, mediante a graça e o poder de Deus. Será encarado com reverência e respeito, visto que é majestoso, e traz o nome do Senhor, e Sua fama se espalhará até os confins da terra.

Em Sua capacidade de pastor, o governante que vem também é descrito como **o arroteador** (**#Mq 2.13**), isto é, alguém que remove obstáculos e abre um caminho. O povo de Deus é pintado como ovelhas contidas em estreito curral (**#Mq 2.12**), ansiosas para serem libertadas; e o arroteador não somente escancara o portão mas derruba o curral para facilitar a libertação. Então Ele se posta à testa do rebanho, como seu Líder e Senhor divinamente nomeado.

Com tais visões messiânicas o profeta Miquéias ajudou a manter viva, através de séculos cansativos, a esperança de um Salvador nos ansiosos corações do povo de Israel. Ele apreendeu um papel essencial do libertador, o papel de pastor; e, com o pensamento incomum sobre o arroteador, ele nos revela outro aspecto da multiforme glória do Filho de Deus.

>Mq-5.5

Os versículos 5 e 6 formam, em hebraico, uma estrofe de dez linhas. Contemplam uma situação histórica diferente e mais imediata do que a visão anterior. A palavra "homem", suprida no início do versículo 5, em algumas versões, é melhor omitir. Melhor tradução ainda seria: "Este será a paz". A invasão por parte da Assíria é antecipada, e com boas razões. Um número indefinido de líderes nacionais, sete ou oito, seriam levantados contra o invasor, pelo que esse invasor seria derrotado e regressaria à sua terra (5-6). Mas então os diversos líderes se fundirão em um só: **assim nos livrará** (ele) (6).

>Mq-5.7

Os versículos 7-9 consistem de um poema que tem como tema o remanescente de Jacó, sobre o qual remanescente o Rei proporcionará Sua própria força de leão. As duas estrofes começam com uma frase quase idêntica: E o resto de **Jacó estará... no meio de muitos povos** (8). Um aspecto do povo é dado na primeira estrofe; é livre e belo como chuva de verão, gentil, refrescante, vivaz, fugidio. Na segunda estrofe esse povo é apresentado como forte, terrível, majestoso, irresistível. Essas duas estrofes formam uma gema poética.

>Mq-5.10

Então se segue, nos versículos 10-15, um relato sobre aquelas coisas nas quais Israel confiava inutilmente, em lugar de confiar em seu Rei, a saber, **cavalos e carros** (10), **fortalezas** (11), **feitiçarias** e **agoureiros** (12), **imagens de escultura** (13) e **bosques** (14), isto é, postes de madeira erigidos para simbolizar a divindade canaanita, Astarte (14). Um prelúdio necessário para reforma em Israel é a remoção dessas idolatrias, no poder de Jeová. Contudo, mesmo nos chamados países cristãos, os homens erroneamente dependem de tais fontes de confiança. Em lugar de confiarem no poder de Deus, põem sua confiança nas riquezas, no poder das posições mundanas e nas formas indignas de fé religiosa, pouco afastadas da superstição.

Mq-6.1

VI. A CONTROVÉRSIA DO SENHOR COM ISRAEL Mq 6.1-7.20

a) Um apelo supremo (Mq 6.1-8)

Há poucas passagens no Antigo Testamento em que a simplicidade da verdadeira religião seja exibida ao coração e consciência de cada homem de modo mais claro do que aqui. Tal como nas passagens iniciais do livro, o Senhor convida Seu povo a arrazoar Consigo, na presença dos montes eternos (1). Ele apela às montanhas, aqueles espectadores silenciosos e inalteráveis da história humana e, perante esse majestoso e altaneiro tribunal de interrogação, Ele passa a apresentar Seu caso (2). Ele o faz com grande ternura (3), e por meio de palavras através das quais sopra um quente apelo evangélico. Ele oferece ao povo a oportunidade de tornarem conhecidas as suas queixas (3c), porém, antes que o façam, Ele lhes lembra Suas misericórdias passadas, que corriam o perigo de esquecer (4-5). Portanto, longe de cansá-los, o Senhor os redime maravilhosamente. Ele lembra para eles o livramento do Egito (4), o maior acontecimento da história de Israel e o notável fato da consciência nacional, cuja ocorrência fez deles uma nação, e ao qual, em pensamento, os salmistas e profetas sempre retornaram. Não apenas o Senhor os redimira e lhes dera grandes líderes nacionais (4), mas também demonstrou Sua justiça e amor fazendo com que fossem abençoados, quando seus inimigos prefeririam que tivessem sido amaldiçoados (5). E assim o Senhor termina por apresentar o Seu caso.

>Mq-6.6

Tem-se consciência de uma interrupção na passagem, neste ponto, de uma alteração na forma do pensamento, e isso tem levado alguns a pensarem que os versículos 6-8 talvez tenham tido existência independente de sua presente situação no texto. Entretanto, considerando a passagem como um todo, Israel é agora apresentado como a responder ao Senhor com um contra-desafio. Que adoração e que serviço o Senhor realmente requer? Deseja Ele uma observância meticulosa da lei levítica? (6). Deseja Ele que ela seja cumprida mediante uma maneira excessiva e abundante de holocaustos de rebanhos e **ribeiros de azeite?** (7a). Deseja Ele que o povo demonstre uma devoção frenética e não-moral a Ele, comparável ao fanatismo de alguns dos povos pagãos ao redor, tal como o que impelia os adoradores pagãos a oferecer sacrifícios humanos? (7b). Enquanto que os sacrifícios mencionados no versículo 6 parecem estar de conformidade com os requerimentos da lei mosaica, os mencionados no versículo 7 ultrapassam tudo quanto é estabelecido no Pentateuco, onde encontramos o sacrifício dos primogênitos

ser definitivamente proibido (exemplo, #Lv 18.21). Parece, por conseguinte, que aqui pisamos em terreno de práticas pagãs.

>Mq-6.8

A controvérsia é encerrada pela própria resposta declarada do Senhor (8). Entre as muitas verdades ensinadas neste versículo temos a lição que as ofertas ritualísticas, mesmo as levíticas, são destituídas de valor a não ser que expressem um sincero movimento do coração em direção a Deus, do qual o verdadeiro símbolo externo é um caráter honesto e uma posição humilde aos olhos dos homens. Seja como for, o valor das ofertas ritualísticas não consiste em seu número ou em seu excesso, mas no estado mental com o qual é acompanhado e que pode existir sem aquelas ofertas.

Não obstante, seria errôneo inferir disso que Miquéias está aqui se declarando contrário aos sacrifícios como tais. Não está presente aqui a antítese tão frisada, por muitos críticos modernos, entre os elementos profético e sacerdotal na religião hebraica. Para Miquéias, que **andes humildemente com o teu Deus** incluía a observância humilde das leis morais, como também dos cerimoniais, do Pentateuco. O profeta simplesmente punha em primeiro lugar as coisas mais importantes, mostrando que, afinal de contas, um andar santo perante Deus é a melhor evidência da genuína religião. O sistema de sacrifícios nunca foi dado para ser uma finalidade em si mesmo, mas sempre teve a intenção de assistir à resolução íntima da mente humana, por uma série de atos específicos e exteriores, que deveriam ter sua significação interpretada em termos de real andar santo para que tais atos se tornassem eficazes.

Quanto ao versículo 8, pode-se dizer que aqui temos a simplicidade da verdadeira religião. Nesta declaração Miquéias inclui os pontos salientes do ensino dos outros grandes profetas, como Amós, Oséias e Isaías. Juntamente com o ensinamento de Cristo, essa palavra de Miquéias é uma regra suficiente para a vida dos homens que são crentes cristãos.

>Mq-6.9

b) Denúncia contra o pecado da cidade (Mq 6.9-16)

O restante deste capítulo condena as desonestas práticas comerciais que se tinham tornado generalizadas em Israel. Miquéias se dirige aqui aos negociantes da cidade (9) que se ocupavam em desonestidades comerciais (10-

11), a enganar e a mentir (12). Ele proclama a verdade eterna que negócios assim levados a efeito não podem subsistir e que os lucros assim ganhos não serão desfrutados (13-15). Cfr. #Os 8.7 com o versículo 15. Alguns desses versículos bem poderiam ser exibidos, nas reuniões comerciais, para que os negociantes e comerciantes pudessem lê-los e digeri-los internamente. Os magnatas da cidade são condenados por observarem os **estatutos de Onri, e toda a obra da casa de Acabe** (16). Parece ficar evidente, por essas palavras, que os costumes opressivos e violentos da dinastia de Onri haviam sido quase que elevados ao nível de estatutos legais, por volta do oitavo século A. C. De todas as ações da casa de Acabe, a injusta aquisição, por parte do próprio Acabe, da vinha de Nabote, era, como já temos tido ocasião de notar, o exemplo mais destacado.

Mq-7.1

c) O profeta lamenta a corrupção existente (Mq 7.1-6)

Miquéias descreve anos espiritualmente magros. Judá e Jerusalém são como um jardim de fruteiras, depois que os frutos são apanhados. A exibição de folhas é bastante grande, mas pode-se buscar em vão por frutos sólidos (1). Judá era moralmente estéril. **Não há entre os homens um que seja reto** (2). Uns faziam presas dos outros. Praticar o mal não era algum lapso ocasional ou súbita rendição à tentação da parte dos indivíduos, mas era uma orientação deliberada, com a qual cooperavam homens proeminentes: "tecem o mal juntamente" (3: dizem algumas versões; cfr. #Mq 3.11). Não havia um sequer do qual pudesse depender um homem, e mesmo aqueles que à primeira vista pareciam promissores em bondade, mostravam-se desapontadores. Haviam-se tornado habilidosíssimos em seus auto-interesses; cada um deles tinha espinhos como um **espinhal** (4). Portanto, os membros dessa sociedade eram afligidos pelo inevitável castigo merecido do isolamento, pois, quando não se pode confiar em ninguém, cada qual deve manter-se sozinho, e é um salve-se quem puder. Rompidos ficam os mais íntimos laços de amizade e parentesco. A sociedade se desintegra, porque seus membros não cumprem as condições de boa fé mútua das quais depende a vida social (5-6). Esta passagem descreve um período de delações e perseguições, tal como o que prevaleceu no tempo do rei Manassés.

>Mq-7.7

d) Confissão e doxologia (Mq 7.7-20)

Em seguida o profeta eleva os olhos do sórdido fracasso moral e da corrupção da sociedade ao seu derredor para as eternas realidades de Deus (7). Em palavras grandiloqüentes ele afirma a esperança que ilumina as trevas da aflição para cada crente (8). Quantos homens bons, pressionados na luta contra o mal avassalador, têm declarado sua fé na vitória final, nessas valentes palavras do versículo 8, como João Bunyan fez com que "Cristão" dissesse em sua obra [O Peregrino](#), quando quase era vencido em sua luta contra Apoliom.

O profeta confessa que o modo de Deus tratar Seu povo era justo (9). Voltando-se subitamente ele repreende os adversários da nação (10). Então, recuperando a calma, o profeta prevê um dia em que os filhos exilados de Jerusalém voltarão para ela (11-12). Porém, mesmo então, as coisas não serão fáceis (13). Uma vez mais, entretanto, a figura de um pastor e seu rebanho surge na mente do profeta, e ele apela para que Deus mostre Seu cuidado pastoral (14). Os grandes dias do passado haveriam de retornar, pois Deus não havia mudado; e, com um povo arrependido, Ele faria maravilhas aos olhos das nações (15-17).

>Mq-7.18

O livro se encerra com uma grande nota. Os últimos três versículos formam um salmo de louvor à eterna misericórdia de Deus. O profeta se eleva acima de todas as considerações locais, e fornece, a cada geração de homens e mulheres em adoração, palavras com as quais se pode bendizer Aquele que [não retêm a sua ira para sempre, porque tem prazer na benignidade](#) (18).

[A. Fraser.](#)

[L. E. H. Stephens-Hodge.](#)

NAUM

INTRODUÇÃO

I. DATA

A profecia de Naum antecipa a queda de Nínive. O profeta fala sobre a queda da cidade com uma clareza e uma intimidade possíveis somente se tal acontecimento estivesse quase imediato. Isso data a profecia de Naum como pouco antes da queda daquela cidade, em 612 A. C. O profeta também menciona o saque de Nínive (#Na 3.8), como fato consumado. Essa cidade foi pilhada pelo rei Assurbanipal, da Assíria, cerca de 666 A. C. Esta profecia, por conseguinte, pode ser datada entre esses dois eventos. Outra pequena partícula de evidência interna sugere que a data pode ser fixada com mais precisão como pouco depois da reforma de Josias, em 621 A. C. Há uma referência (#Na 1.15) que sugere que a importância da observância das cerimônias religiosas estava bem fresca nas mentes do povo de Judá quando o livro foi escrito. Portanto, podemos estabelecer, como tentativa, a data da profecia, como entre 621 e 612 A. C. O profeta, portanto, teria sido contemporâneo de Sofonias, Habacuque e Jeremias.

II. O HOMEM

O escritor é descrito como "Naum, o elcosita". O nome Naum quer dizer "consolação", "conforto" ou "alívio". Apesar de que a mensagem primária de Naum é a iminente destruição de Nínive, uma das conseqüências necessárias da queda do tirano assírio era o alívio da oprimida Judá. Nesse sentido, a mensagem de Naum justifica o nome do profeta. Ele não tinha palavra de julgamento ou condenação contra seu próprio povo, mas apenas de conforto. Ele declara, em nome do Senhor: "eu te afligi, mas não te afligirei mais. Mas agora quebrarei o seu jugo de cima de ti, e romperei os teus laços" (#Na 1.12-13).

"Elcosita", a designação suplementar do profeta, indica que Naum estava intimamente ligado com a localidade conhecida como Elcós. Quatro localizações são sugeridas para esse lugar. Jerônimo dizia que Elcache (**Het kesai**) era uma pequena aldeia da Galiléia e que lhe fora mostrada por um guia. Outra sugestão é Cafarnaum, na Galiléia, nome esse que é transliteração de duas palavras hebraicas que significam "vila de Naum". Uma terceira

identificação é Alquis, perto de Mossul, na Assíria, que localmente se considera cidade nativa do profeta Naum. Em quarto lugar, Pseudepifânio mantinha que "Elceseí" era uma vila de Judá.

Dessas quatro tradições, a terceira não recua mais que o século XVI de nossa era. No concernente às duas primeiras, não há evidência, dentro do texto, que sugira um ambiente galileu para Naum. Naturalmente, se aceitarmos a tradição que Naum era um deportado na própria Nínive, não se poderia esperar traços de ambiente galileu. Porém, parece que nos tempos neotestamentários, não havia tradição que Naum tivesse vindo da Galiléia (cfr. [#Jo 7.52](#), que, entretanto, se esquece de Jonas). Tal origem para o profeta pode ser posta em dúvida em outras bases. A quarta sugestão liga Naum a Elcase, "da tribo de Simeão". Nesse caso, Elcase pode ser localizada perto de Beit-Jibrin, entre Jerusalém e Gaza. Pode ser observado que há evidência que aponta para o fato que Miquéias também veio daquelas circunvizinhanças. Essa região parece ter produzido a piedade juntamente com o gênio.

III. SUA MENSAGEM

A nota primária da mensagem de Naum é: "A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor". "O Senhor é um Deus zeloso e que toma vingança" ([#Na 1.2](#)). A palavra "zeloso", neste passo, significa o intenso sentimento de Deus para com Seus inimigos. Naum apreendeu e declarou com apaixonada insistência essa grande verdade que a ira de Deus é provocada pela iniquidade. Ele tolera os homens por longo tempo, mas Sua ira termina por ser despertada. Então Ele castiga aqueles que o têm provocado. Ele golpeia e leva a completo final. A ira de Deus é terrível e inescapável. Aquele que divide os céus escurecidos pela tempestade com lanças de faíscas e faz rachar as rochas, é um horrível adversário. O débil homem nada significa perante Ele. Os homens podem tomar conselho entre si. Podem dizer: "Somos fortes. Quem nos pode derrubar?" Mas Deus, tratará do caso deles. Não importa quão poderosos sejam, não importa quantos ajudadores possam ter, Deus infligir-lhes-á um golpe mortal. Tem havido outros mais fortes que eles. E foram derrubados. Assim também os inimigos de Deus sempre serão vencidos.

Em adição, Naum destaca dois pecados em particular, para denunciá-los. Primeiramente temos o pecado de violento poder militar. Em resultado desse mal, o sangue se derrama em rios, nações são aniquiladas, instituições são destruídas e a guerra é feita com toda espécie de ferocidade ([#Na 2.11-13](#)). Quanto àqueles que assim violam as decências da existência humana, é

declarado: "Eis que estou contra ti, diz o Senhor dos exércitos". O outro pecado, que Naum denuncia, é o comércio sem escrúpulos. As nações vizinhas eram corrompidas para que eles pudessem ministrar aos luxos e vícios da cidade conquistadora. Os comerciantes, motivados por ambição pelo ouro, vendiam suas mercadorias numa cidade que desejava coisas finas. Permitia-se que a moralidade e a honestidade percessem, a fim de que pudessem ser adquiridas as riquezas e desfrutados os prazeres (#Na 3.1-4). Contra esse pecado, semelhantemente, é decretado o mesmo julgamento, com sombria simplicidade: "Eis que eu estou contra ti, diz o Senhor dos Exércitos" (#Na 3.5).

A seu próprio povo Naum declara que os mensageiros trazendo boas novas já estavam a caminho. Como expressão de gratidão pela destruição do opressor, o povo de Judá deveria observar os períodos religiosos e desincumbir-se escrupulosamente das obrigações de sua fé (#Na 1.15).

IV. SUA SIGNIFICAÇÃO COMO PROFETA

Tal qual Catão, o senador romano, que encerrava cada um de seus discursos no senado com as palavras *Carthago delenda est*, ou seja, "Cartago precisa ser destruída", Naum estava obsecado por uma idéia: *Nínive delenda est*. Seu olhar estava fixado sobre Nínive e seus pecados. Embora sincero, intenso e eficaz, ele não tinha muito a dizer sobre os elementos íntimos da religião autêntica. Ele não exortava por um retorno pessoal e nacional à justiça, mas antes à observância das festividades religiosas, como também Amós fazia (#Am 4.4-5). Ele não procurava conquistar seu próprio povo com a ternura de Miquéias (#Mq 6.3). Ele não proclamava misericórdia para com todos os homens, nem mesmo para Nínive, com a largueza de visão e a diáfana claridade do livro de Jonas.

Não obstante, por mais limitada que tenha sido a mensagem de Naum, sua posição entre os profetas é garantida. A data em que a sua profecia foi composta pode talvez explicar sua aparente falta de preocupação pelos pecados de seu próprio povo, bem como suas omissões, não apontando suas obrigações morais e espirituais, e sua aparente falta de caridade para com a própria Nínive. Se é que a sua profecia foi composta pouco antes de 612 A. C. (a queda de Nínive), então não foi escrita muito tempo depois da reforma de Josias (621 A.C.). É verdade que Jeremias percebeu que essa reforma não era suficiente; mas Naum pode ter sentido que a nação seguia agora pelo caminho certo. A desilusão provocada pela morte precoce de Josias, em 609 A.C.,

ainda não havia tido lugar, e o alívio sentido devido à iminente destruição de Nínive era tão intenso que fazia Naum esquecer-se de todas as demais considerações.

A profecia de Naum tem sido apropriadamente chamada de "o clamor de uma consciência ultrajada". É uma apaixonada assertiva que a justiça prevalecerá em sua inflexível retribuição. Essa verdade é por ele declarada com insistência. Ele proclama sua necessidade moral. Ele contempla sua realização com lucidez sem paralelo. Ele prevê seu cumprimento completo. No grande corpo de verdade, ensinado pelos doze profetas, essa verdade é particularmente propriedade de Naum e, se sua profecia é a profecia de uma idéia, pelo menos ele apresenta essa idéia com grande poder e completa eficácia.

Na-1.1

I. UM ACRÓSTICO ALFABÉTICO Na 1.1-15

a) O título do livro (Na 1.1)

Peso de Nínive. Primariamente aquilo que é levado com, ou seja, concernente a Nínive; então, aquilo que é pesado concernente a Nínive; finalmente, aquilo que é dito concernente a Nínive. A palavra **peso** seguida por um substantivo locativo como objeto genitivo, freqüentemente denota um pronunciamento de natureza ameaçadora e condenatória contra aquele lugar. Mas isso não é assim invariavelmente. Em **#Zc 12.1** encontramos "Peso da palavra do Senhor sobre Israel", onde a ameaça não é contra Israel, mas contra os inimigos de Israel.

>Na-1.2

b) O poema (Na 1.2-8)

Há certo número de poemas na Bíblia em que cada verso, ou melhor, cada linha, começa com letras sucessivas do alfabeto hebraico. Os Salmos 111; 112 e, notavelmente, 119, são exemplos desse arranjo, cujo propósito, provavelmente, era servir de uma espécie de **aide-memoire**. Em alguns casos como nestes versículos de Naum, não é empregado o alfabeto inteiro.

A peculiaridade distintiva de um poema acróstico, ou seja, em que cada linha começa com uma letra sucessiva, naturalmente se perde na tradução. Pode-se

indicar um esboço geral do esquema, porém: **Aleph: O Senhor é um Deus zeloso** (2). **Beth: o Senhor tem o seu caminho na tormenta, e na tempestade** (3). **Gimel: Ele repreende o mar, e o faz secar** (4). A letra **Daleth** não pode ser traçada. **He: Os montes tremem perante ele** (5).: **Waw: e a terra se levanta na sua presença** (5). **Zain: Quem subsistirá diante do ardor da sua ira?** (6). **Teth: O Senhor é bom** (7). **Yodh: Conhece os que confiam nele** (7). **Kaph: Com uma inundação transbordante acabará duma vez com o Seu lugar** (8). Alguns críticos fazem o hino litúrgico incluir o versículo 9. Se fosse esse o caso, a ordem das cláusulas precisaria ser revertida, visto que no presente a primeira começa com **Mem** e a segunda com **Lameth**. Na ordem revisada, lêem. **Lamedh: não se levantará por duas vezes a angústia. Mem: Que pensais vos contra o Senhor? ele mesmo vos consumirá de todo.**

O tema deste poema é a certeza e a severidade da vingança de Deus contra os pagãos, e começa com uma enérgica afirmação sobre o fato (2). Com repetição cumulativa, o profeta afirma e reafirma que o Senhor **toma vingança**. Declara Ele que justamente porque a ira do Senhor só se desperta lentamente também só lentamente se dissipará. O Senhor **ao culpado não tem por inocente** (3), mas responsabilizá-lo-á e o julgará. É fácil por demais perder de vista essas verdades morais. Mui prontamente os homens imaginam que, visto que a perversidade é permitida por algum tempo, que portanto ela é esquecida. Uma passagem tal como esta é um lembrete que a ira de Deus é dirigida contra toda injustiça e que, sem o arrependimento, não há perdão fácil e barato.

>Na-1.4

Para convencer sua audiência quanto ao terror do Senhor, Naum aponta para os fenômenos da natureza física e, em linguagem vívida, pinta um quadro de tempestade, redemoinho, seca, terremoto e fogo (4-5). Todas essas coisas revelam o poder do poderoso Deus e, confrontados com elas, até os homens mais ousados se tornam conscientes de sua insignificância. **Quem parará diante do seu furor? Quem subsistirá diante do ardor do seu furor?** pergunta Naum, e a sua cólera se derrama como um rego, e as rochas foram por ele **derribadas** (6).

>Na-1.7

Em seguida Naum estabelece as implicações morais do poder de Deus, tanto para com os justos como para com os iníquos. Justamente por que Deus é tão poderoso, Ele é um refúgio seguro para aqueles que **confiam nele** (7). Ele sabe

quem são os que nele confiam e deles não se esquece. Por outro lado, Ele tem poder para ferir o iníquo. O Senhor também conhece quem são os iníquos e Sua vingança não falhará. Sua condenação é certa (8).

>Na-1.9

c) O castigo dos inimigos (Na 1.9-15)

Neste arranjo temos separado o versículo 9 do poema litúrgico, embora, conforme salientamos acima, certo número de críticos o incluam no hino. Partindo do princípio de que Naum não compôs o poema em ordem acróstica alfabética, mas que foi adicionado posteriormente à sua profecia, esses comentadores consideram que os versículos 10 e 11 são os primeiros versículos genuínos de Naum. Alguns, efetivamente, desejam colocar os versículos 10 e 11 após o versículo primeiro do capítulo 2, tornando assim esses dois versículos uma parte do cântico de guerra que descreve o ataque contra Nínive.

Entretanto, há uma íntima ligação entre esses versículos e aqueles que os precedem. O mesmo tema é manuseado e os dois pensamentos previamente observados são desenvolvidos, isto é, o castigo dos inimigos do Senhor e o conseqüente alívio para aqueles a quem esses inimigos oprimiam.

Apesar de que a vingança de Deus os ameaça, os inimigos de Deus ainda não estão subjugados quanto à sua mente. Continuam recusando-se a acreditar que Ele os ferirá. Mas Ele está prestes a cuidar do caso deles. O castigo que o Senhor lhes imporá será completo e final. Ele não terá necessidade de ferir **por duas vezes** (9). Ao descrever esse julgamento, Naum usa uma metáfora favorita entre os profetas (ver **#Is 5.24; #Jl 2.5; #Ob 18**) e que tem a inclinação de apelar à imaginação do povo agrícola. Os inimigos de Deus serão reunidos como espinhos e serão consumidos como o fogo queima a palha seca, após a colheita (10; cfr. **#Mt 13.30**).

>Na-1.11

Um conselheiro de Belial (11). Parece que Naum via a perversidade do povo assírio sumarizada na pessoa de um de seus líderes. Esse líder é tão desprezível que um opróbrio especial o aguarda (14). Sua família deixará de existir, seus deuses serão derrubados e ele mesmo será morto.

>Na-1.12

Como conseqüência da derrubada dos inimigos do Senhor, haverá alívio para Seu povo oprimido (12-13). A chegada dessas boas novas é declarada de modo pitoresco e belo. Talvez, porque essas boas novas necessariamente deveriam ser levadas até Jerusalém, por sobre estradas montanhosas, tenham sido anunciadas, pelos profetas dessa forma (cfr. #Is 52.7). **Eis sobre os montes os pés do que traz boas novas, do que anuncia a paz!** Em gratidão por sua libertação, Judá é exortado a cultivar sua vida religiosa (15). Juntamente com esta seção pode ser considerado #Na 2.2. **O Senhor trará outra vez.** O significado pode ser expresso como segue: "a vinha de Judá florescerá novamente como a vinha de Israel, embora os destruidores tenham-no destruído e estragado os seus sarmentos".

Desse modo, Naum trata, em seu tema, da queda de Nínive de uma maneira geral e introdutória. Ele estabeleceu o quadro em relação à justiça de Deus e em relação ao povo oprimido de Judá. Nos dois capítulos restantes ele se volta para seu assunto de modo particular, dando os detalhes, estabelecendo sua realização em quadros de âmbito mundial que retratam batalhas, sem rivais na literatura hebraica.

Na-2.1

II. UM QUADRO TRÍPLICE Na 2.1-13

a) O cerco (Na 2.1-6)

O inimigo sobe contra Nínive (1). Estes versículos podem ser datados após a morte do grande governante assírio, Assurbanipal, em 626 A. C. Os medos, um vigoroso povo ariano, se tinham estabelecido na área entre o mar Cáspio e a Assíria. Sob seu rei, Ciaxares, estavam fazendo pressão sobre os povos semitas mais antigos, que estavam engolfados na luxúria. Agora se aproximavam dos portões de Nínive. Naum, com amarga zombaria, exorta os ninivitas a se prepararem com medidas defensivas. **Escarlates** (3). Essa era uma das cores favoritas dos combatentes da Média. Tanto seus escudos como suas capas eram vermelhos. A cena inteira é iluminada pela luz de tochas, carregadas pelas carruagens em meia luz da madrugada, antes do assalto. As **lanças** (3; lit., "ciprestes"). As versões mais modernas corrigem o texto e traduzem: "as assaltantes se pavoneiam". As carruagens seguem ao longo dos largos caminhos, nas vastas áreas edificadas que rodeiam as fortificações

centrais de Nínive. Tão numerosos são que se lançam e se pressionam uns contra os outros (4). Homens selecionados são nomeados para o assalto. Avançam fragorosamente. **Quando o amparo for preparado** (5; o amparo era uma defesa móvel, com coberta, que preparavam para o assalto final). Então, tendo capturado as comportas e os portões que controlavam o rio Chaser, que atravessava a cidade, subitamente abrem-nas, permitindo que um dilúvio de água se derrame contra os edifícios. Os alicerces são abalados e, dessa maneira, o palácio literalmente **se derreterá** (6).

>Na-2.7

b) O saque (Na 2.7-10)

Huzabe (7); isto é, a rainha, ou, talvez, a representante feminina de uma deusa. Têm sido feitas tentativas para considerar essa palavra como verbo, mas é melhor considerá-la como substantivo próprio. Suas auxiliares femininas a seguem e ela **será levada cativa**. Os lamentos que soltam em sua tristeza são como os das pombas e batem nos peitos (7). Por muitos anos Nínive foi um reservatório de comércio e riquezas, que fluíam de todos os quadrantes, pois lhe traziam mercadorias e ouro. Nínive, desse modo, se tornou como **um tanque de águas**, alimentado por muitos riachos tributários (8). Conta com uma população heterogênea e essa população só se mantém unida devido às oportunidades de adquirir riquezas, que o poder de Nínive lhes possibilita. Quando o golpe se precipita, nada mais existe para manter coeso aquele povo. Precipitam-se em todas as direções, como as águas se derramam quando se rompe um dique. Alguns tentam organizar a defesa, gritando: **Parai, parai**, mas os habitantes da cidade fogem loucamente, sem ao menos olhar para trás (8). Começa o saque, de casa em casa. **Prata, ouro, móveis apetecíveis** (9). A cidade saqueada fica vazia. Os poucos aterrorizados sobreviventes contemplam tristemente as ruínas (10).

>Na-2.11

c) A queda (Na 2.11-13)

Naum encerra sua ode com um magnífico quadro sobre o orgulho dos leões que foram destruídos. **Onde está agora o covil dos leões?** (11). Com palavras vívidas ele descreve seu destemor, poder e capacidade. Mas agora o covil fica abandonado e permanece como algo pertencente ao passado. Assim o Senhor finalmente tratou do caso de Nínive. Ela também fora cruel e sedenta de

sangue. Mas sua descendência foi queimada e morta à espada. Já não mais atacaria as nações circunvizinhas.

Assim termina a primeira das duas poderosas odes sobre a queda de Nínive. Nos versículos finais do poema parece que a ênfase recai sobre a violência e agressividade de Nínive. De todos os impérios, Nínive foi aquele que mais desavergonhadamente foi fundado pela força e pela crueldade. Naum ensina que a força será destruída por forças superiores: "pois todos os que lançam mão da espada, a espada perecerão" (#Mt 26.52).

Na-3.1

III. UM CÂNTICO DE GUERRA Na 3.1-19

a) A iniquidade de Nínive (Na 3.1-7)

Outros aspectos da iniquidade de Nínive são indicados, a saber: sua falta de escrúpulos no comércio e sua má influência (1). Seus pecados são punidos "na batalha pelas ruas" (2-3). Esses versículos são um exemplo superlativo dos poderes de descrição de Naum e formam uma das mais vívidas cenas de batalhas na literatura hebraica. A confusão e o barulho das carruagens e dos cavaleiros a atacar, o brilho do sol refletindo-se nas armaduras e nas armas, os mortos amontoados pelas ruas, tão numerosos e entrançados uns aos outros que as tropas que avançavam tropeçavam em seus corpos. Que quadro horrível é este!

>Na-3.4

Naum passa então a falar da cidade de Nínive sob a símile de uma meretriz (4-7). Essa metáfora sobre nações e cidades pecaminosas era favorita entre os escritores bíblicos. Algumas vezes era empregada para descrever a idolatria. O povo de Israel, a adorar outros deuses, era comparado a uma mulher adúltera (#Lv 17.7). Essa metáfora também era usada em referência às suas ações, quando imitavam os caminhos dos gentios (#Ez 23.30). Condenava as práticas supersticiosas, associadas à idolatria (#Lv 20.6). Finalmente, como neste caso, era aplicada às trocas comerciais que os povos gentios levavam a efeito entre si. É evidente que após suas conquistas, Nínive procurava edificar-se como centro do comércio mundial. Presumivelmente isso era feito porque buscavam as riquezas e o luxo que assim seriam adquiridos. Ela se aproximava dos povos com suas mercadorias. Enganava-os com suas mentiras. Amolecia-os

com seus luxos. À semelhança de uma prostituta ela os corrompia com suas imoralidades. Por causa desses pecados, igualmente, ela seria punida. Em lugar de honrarias, ela serviria de **espetáculo** (6). Em lugar de viver suntuosamente e entre panos finos, ela seria humilhada com toda circunstância de degradação (5-6).

>Na-3.8

b) Comparação com o Egito (Na 3.8-15)

A fim de convencer Nínive sobre a certeza de sua destruição, Naum a relembra do fim da populosa **Nó-Amom** (8), ou seja, Tebas, que caiu apesar de seu poder. Essa cidade, descrita por Homero (em **Ilíada**, 9.383), como cidade que possuía cem portões, era a mais antiga e mais honrada do Alto Egito. Dotada de grande extensão, estava adornada de templos, obeliscos e esfinges. Situava-se em ambas as margens do Nilo, cujas águas eram levadas aos portões de seus templos por meio de canais. As maravilhas desse poderoso lugar ainda podem ser visto visitando-se Carnaque e Luxor. Naum se refere a seu grande rio e aos canais, ao escrever que Nó-Amom, estava situada entre os rios, **cercada de águas** (8). Em adição ao seu poder natural, Nó-Amom tinha formado poderosas alianças. A Etiópia, um país pobre e atrasado, mas que produzia vigorosos guerreiros sudaneses, estava intimamente ligada com ela. O Egito ficava entre Tebas e seus adversários assírios, do norte. Nó-Amom também era ajudada por Pute e Lubim, geralmente nomes que são considerados como sinônimos da Líbia (9). Pute é traduzida como **Libyas**, tanto pela Vulgata como pela Septuaginta. A despeito de tudo isso, porém, os próprios cruéis assírios derrotaram Nó-Amom (10). Uma sorte semelhante seria a parte de Nínive. Ela rodopiaria como embriagada sob o peso de suas desgraças. O brilho de sua glória seria empanado. **Também buscarás força** (11); isto é, procuraria formar alianças defensivas, tal como Tebas havia feito. Porém, os baluartes de seu anel externo de defesa estavam prestes a ruir por terra. Tal como um homem sacode uma árvore e ajunta os frutos maduros demais que se desprendem facilmente, assim o adversário ajuntaria suas fortalezas (12). Seu povo não teria forças para a resistência. Abririam os portões ao inimigo. O inimigo entregaria às chamas as suas defesas, para que nunca mais pudessem oferecer resistência (13).

Tal como em **#Na 2.1**, Naum, ironicamente, ordena então à cidade que se prepare para a guerra. Que preparassem um suprimento de água que não terminasse durante um prolongado cerco. Que edificassem rampas e

reparassem as brechas nas torres. Que se dirigissem aos calabouços da cidade e cavassem barro, misturando-o com palha, colocassem-no em moldes, pusessem lenha nos fornos, e reparassem os muros com esse material (14). Tais medidas, embora muito necessárias, eram um tanto tardias, visto que o inimigo já se aproximava célere. Os grandes edifícios de Nínive seriam incendiados. A espada cortaria seus homens principais. A cidade seria assolada como um campo é deixado desnudo pelos gafanhotos (15).

>Na-3.16

c) A irremediável condenação (Na 3.16-19)

O profeta aproveita a figura da locusta-um dos fatos da natureza familiar para as mentes orientais-e serve-se dela para fazer uma ilustração literária favorita. Tendo aplicado a figura aos ataques do exército invasor (15a), o profeta agora a emprega para descrever o número dos habitantes de Nínive (15-16). Os capitães da cidade eram tantos como gafanhotos ou locustas. Seus homens militares estavam amontoados dentro da cidade como uma nuvem de gafanhotos, bem juntos para se esquentarem nos arbustos, em dia frio. Porém, quando o sol se pôs a brilhar, foram espalhados. Não se poderá ver mais nem um só deles. Assim como as locustas subitamente desaparecem, elevando-se em nuvens em busca de novos campos, assim os guerreiros de Nínive, em seu dia mau, sairão fugindo em todas as direções (17).

>Na-3.18

Os teus pastores dormirão (18). Por isso o povo se derramará pelos montes, como ovelhas perdidas, sem ninguém haver para reuni-las no curral. O quadro mostra uma nação indefesa, privada de todos os seus líderes. Não há cura para a tua ferida (19). Para a Assíria não havia esperança de ficar um "remanescente". Aquilo era o fim. E a fama (isto é as "notícias") de sua queda causaria satisfação em todos os lugares onde sua iniquidade havia sido experimentada.

[A. Fraser.](#)

HABACUQUE

INTRODUÇÃO

I. AUTOR

Nada sabemos a respeito de Habacuque fora das informações prestadas neste livro, mas mesmo aqui ele não nos fornece sua genealogia nem nos diz quando profetizou. O próprio nome é aparentado de um vocábulo assírio, que significa uma planta ou vegetal. Na Septuaginta, seu nome aparece como **Ambakoum**. Jerônimo a derivou de uma raiz hebraica que significa "segurar", e disse que: "ele é chamado "Abraço" ou por causa de seu amor ao Senhor, ou porque lutava contra Deus". Lutero, e muitos comentadores modernos, têm favorecido a mesma derivação. Certamente não é derivação inapropriada, pois neste pequeno livro vemos um homem, em ânsia mortal, em luta com o grande problema da teodicéia-a justiça divina-em um mundo desordenado. Encontramos a mesma espécie de conflito no mais volumoso livro de Jó.

Habacuque foi o primeiro profeta a impugnar não a Israel, porém a Deus. O livro contém um solilóquio entre ele mesmo e o Todo-Poderoso. O que o deixava perplexo era a aparente discrepância entre a revelação e a experiência. Ele procurava explicação para isso. Nenhuma resposta direta é dada à sua interrogação, mas é-lhe assegurado que a fé paciente terminará saindo vencedora (**#Hc 2.4**). Ele expressa sua fé mui vividamente, em **#Hc 3.17-19**, onde o sentimento encontra um eco mais recente, no hino de William Cowper: "Deus é Seu próprio intérprete, e Ele deixará claro".

Por causa do arranjo musical do capítulo 3, alguns têm pensado que Habacuque foi levita. É possível que ele tenha sido membro de um grupo profissional de profetas, associados ao templo (**#1Cr 25.1**). Ele é o único dos profetas canônicos que a si mesmo chama de "profeta" (**#Hc 1.1**), e julga-se que isso indica posição profissional.

Habacuque aparece na história apócrifa de Bel e o Dragão, como aquele que livrou Daniel da cova dos leões pela segunda vez; porém, tudo isso não passa da lenda.

II. DATA E OCASIÃO

Em [#Hc 1.6](#) somos informados que Deus estava levantando os caldeus (isto é, os babilônios) como um instrumento de castigo. Sem dúvida isso se refere ao império babilônico revivificado, que derrubou o enfraquecido império assírio no fim do quinto século A.C. Nínive foi destruída em 612 A.C. e Nabucodonosor, rei da Babilônia, derrotou Faraó Neco, do Egito, em Carquemis, em 605 A.C.

Três anos antes dessa batalha, Faraó Neco matou Josias, rei de Judá, em Megido ([#2Rs 23.29-30](#); [#2Cr 35.20](#) e segs.), e estabeleceu reis títeres sobre o trono de Judá, porém, nem Faraó Neco nem eles eram adversários para o crescente poder da Babilônia, e assim, durante os vinte anos seguintes, Judá ficou à mercê dos caldeus e foi finalmente levado em cativeiro, em 586 A. C.

As profecias de Habacuque se referem claramente a esse período e podem ter sido entregues a público ou antes ou depois da batalha de Carquemis. Em ambos os casos, Habacuque teria sido contemporâneo de Jeremias (627-586 A. C.).

Em favor da data mais antiga temos a sugestão, em [#Hc 1.5](#), que o levantamento dos caldeus ainda era acontecimento futuro e, no tempo em que o profeta falou, era ainda algo que fazia as pessoas se admirarem (E. B. Pusey, por exemplo, data a profecia tão cedo como o fim do reinado de Manassés, isto é, tão recuada como a frase [em vossos dias](#), em [#Hc 1.5](#), permite); em favor de uma data depois de 605 A. C. temos a descrição detalhada dos métodos de guerra dos caldeus, como algo já bem conhecido ([#Hc 1.7-11](#)).

O reinado do mau rei, Manassés fora "uma época que provou a fé das almas piedosas" (Kirkpatrick). A reforma sob o rei Josias (637-608 A. C.) se tinha mostrado ineficaz, pelo que a iniquidade e a perversidade ([#Hc 1.3](#)) da desviada Judá deveriam ser castigadas. Por esse motivo Deus estava levantando os caldeus.

Esse o ponto de vista geral dos eruditos. Alguns, entretanto, referem [#Hc 1.2-4](#) não à desviada Judá, mas a algum opressor pagão. Esse opressor poderia ser a própria Caldéia; nesse caso, o texto teria de ser rearranjado para que os versículos 5-11 precedessem os versículos 2-4 (Giesebrecht) ou deveriam ser eliminados (Wellhausen). Ou o opressor poderia ter sido a Assíria: assim pensa Budde, que coloca os versículos 6-11 após [#Hc 2.2-4](#), e data a profecia logo depois de 625 A. C., quando Nabopolassar, o caldeu, se tornou independente da Assíria. Mas, nesse caso, por que a Assíria não é

mencionada? Em terceiro lugar, há a possibilidade de referir-se ao Egito: assim pensa G. Adam Smith, que compara #Hc 1.2-4 com #2Rs 23.33-35.

Porém, a queixa de Habacuque, em #Hc 1.12-2.1 não é que Deus estava usando uma nação pagã para castigar outra, mas antes, que o Senhor estava usando uma nação pagã para punir Judá. Apesar da lei haver sido redescoberta no templo, em 621 A. C. (#2Rs 22.8; cfr. #Hc 1.4), o povo de Judá se inclinava para a violência e para a injustiça. O rearranjo do texto, para adaptar-se a uma teoria particular, é sempre um expediente duvidoso. Parece mais seguro aceitar o texto tal qual está e atribuir #Hc 1.2-4 ao povo de Judá.

Um crítico conservador, W. A. Wordsworth, situa a entrega da profecia um século antes, fazendo Habacuque ser contemporâneo de Isaías, com cujas profecias encontra ele muitas afinidades em Habacuque. A data fixadora é, então, a captura de Babilônia pelo caldeu Merodaque-Baladã, em 721 A. C. Outros, com certa base de apoio à sua posição da parte das versões gregas, omitem inteiramente a palavra "caldeus", em #Hc 1.6, ou então, juntamente com Duhm, substituem-na pela palavra "Quitim", isto é, gregos cipriotas, assim colocando o livro nos dias de Alexandre, o Grande, cerca de 333 A. C. Tais pontos de vista exigem considerável manuseio no texto e não são muito plausíveis. Mas é interessante notar que os Papiros do Mar Morto, recentemente descobertos, que contêm o comentário de Habacuque embora lhe falte a primeira metade de #Hc 1.6 traz a seguinte nota a respeito: "interprete-se (isso) como os Quitim, cujo temor está sobre todas as nações". Isso, entretanto, pode ter sido apenas uma "aplicação moderna" de uma situação mais antiga.

Parece melhor, por conseguinte, situar a data do livro de Habacuque cerca de 600 A. C., ou um pouco antes.

III. TEXTO E COMPOSIÇÃO

O significado do texto hebraico nem sempre é claro e a Septuaginta apresenta algumas poucas mas interessantes variações, como, por exemplo, a grande afirmativa em #Hc 2.4, que, em um texto da Septuaginta é "totalmente messiânica" (T. W. Manson). Ver anotação *in loco*. A incerteza quanto a quem se referem várias passagens, tem levado muitos críticos a rearranjar o texto e, em alguns casos, até a dividir a autoria do livro. Para alguns, Habacuque seria o autor dos capítulos 1 e 2; para outros, seria ele o autor do capítulo 1 e da maior parte do capítulo 2, enquanto que o capítulo 3 seria um poema posterior,

do período persa ou dos macabeus. Mas muitos, à semelhança de Kirkpatrick, de J. Peterson, e de outros, preferem considerar o livro como um todo artístico e relacionado.

Parece que a intenção da profecia era de ser lida e não de ser ouvida (ver #Hc 2.2). Tem mais a natureza de um poema especulatório e meditativo do que um sermão ou discurso público. O salmo, no capítulo 3, evidentemente tinha o propósito de encorajar o povo de Deus em período de adversidade.

Hc-1.1

I. INTRODUÇÃO Hc 1.1

O tema é maior e mais importante que o homem, o que explica a breve menção do nome do profeta e sua posição, juntamente com o seu **peso**, isto é, sua declaração profética ou oráculo. Essa palavra é praticamente sinônima de "revelação": por isso ele **viu** (como um "vidente"); cfr. #2Rs 9.25.

>Hc-1.2

II. PRIMEIRA QUEIXA Hc 1.2-4

Até quando, Senhor, clamarei eu...? (2). O profeta fala como se fosse a consciência da nação. Ele estava perturbado devido à presença da iniquidade entre o povo de Deus, em detrimento de todas as instituições religiosas. **A lei** (isto é, **a torah**) **se afrouxa** (4). Por que Deus não intervinha?

Tal pergunta poderia levantar-se somente em Israel. Somente para homens que acreditam em um único Deus, que é ao mesmo tempo santo e bom do mesmo modo que é o onipotente criador e sustentador do universo, poderia haver qualquer problema real de teodicéia. O dilema, "se existe Deus, então por que o mal?" não é dilema para aqueles que acreditam num panteão de divindades em luta, cuja moral dificilmente é diferente da moral comum de homens e mulheres. O pensamento sobre a indesviável justiça de Deus de pronto cria uma tensão à luz das experiências diárias e exige uma explicação. Há ocasiões, na vida de alguns homens, quando essa tensão se torna particularmente aguda, conforme vemos aqui. **O ímpio cerca o justo** (4); rodeia-o como um inimigo, tendo em vista provocar-lhe a ruína.

>Hc-1.5

III. A RESPOSTA DE DEUS Hc 1.5-11

Os caldeus, que já estavam distribuindo destruição entre as nações circunvizinhas, haveriam de voltar-se contra Judá e tornar-se-iam, nas mãos de Deus, um instrumento de castigo. Essa é a obra de que Deus diz: **vós não crereis** (5), tão incrível pareceria ela. Pois os caldeus adoravam seu próprio poder (11), e para eles o direito era sua força. Eram lei para si mesmos (7b) e zombavam de toda autoridade (10). Em lugar de **entre as nações** (5; em heb., **gaboyyim**), leia-se "vós obreiros da iniquidade" (em heb., **bôgh'-dhîm**), ou "criaturas infiéis" (Moffatt). No versículo 8, pode-se omitir a segunda vez em que aparece **seus cavaleiros**. **Águias** (8), naturalmente, é o abutre. O versículo 11 é obscuro. Talvez seja melhor corrigir o texto, traduzindo-o como: "e seu espírito (isto é, propósito) se altera e ele levanta um altar para seu deus (I. C. C.), isto é, lendo-se **wayyâsem**, "e ele levanta", em lugar de **w'âshem**, "e ele é culpado". Contudo, W. A. Wordsworth traduz: "Eu apontarei aquele cujo poder é o de seu Deus", isto é, o rei messiânico.

>Hc-1.12

IV. SEGUNDA QUEIXA Hc 1.12-2.1

Se os caldeus idolatravam sua própria força bruta, como poderiam ser eles usados por um Deus que não pode, por Sua própria natureza, **ver o mal** (13)? E se esse Deus vier a usá-los, então Ele terá de ser semelhante a eles, tratando os homens como se fossem **os peixes do mar** (14), para serem capturados e mortos à vontade, cuja única consideração é o prazer que se deriva de sua destruição (15 e segs.). A natureza revelada de Deus e o objetivo real de adoração dos caldeus parecem morrer perante a suposição que Deus pudesse usar os caldeus. O profeta não via possibilidade de explicação, de qualquer dos lados. Deus tinha de vindicar a Si mesmo. **Vigiarei... o que eu responderei** (#Hc 2.1). O profeta estava profundamente consciente da urgência da situação. "Ele tinha um posto a manter, uma trincheira a guardar" (G. Adam Smith).

Nós não morreremos (12). O Talmude tem: "Tu não morrerás", o que faz melhor sentido. Não é necessário considerar a segunda metade deste versículo como uma intrusão (sic I. C. C.). O que cria o problema para Habacuque é o fato que **para juízo o puseste**. A Septuaginta tem uma tradução diferente. No versículo 16 há um trocadilho referente à palavra **rede** e à palavra "coisa maldita", que é praticamente a mesma coisa em hebraico.

Hc-2.1

O que eu responderei (2.1). Assim diz o heb., a Septuaginta e certas versões, como está mas talvez seja melhor ler: "o que Ele responderá". A pessoa foi trocada, por algum escriba, movido pelo senso de reverência. O pensamento que Deus estava perante um tribunal de justiça humana é certamente espantoso.

>Hc-2.2

V. A RESPOSTA DE DEUS Hc 2.2-4

A Caldéia, o instrumento que Deus usaria para punir, estava por sua vez debaixo do julgamento de Deus e não escaparia da justa penalidade por seus atos errados. A arrogância e a fidelidade têm, cada qual, sua própria recompensa, como aqueles que esperam verão.

À primeira vista, parece não haver qualquer coisa muito inspiradora nessa asserção. Alguns têm mesmo duvidado que isso constitua uma "revelação". Porém, conforme tem sido frisado, aqui há mais do que cai sob a vista dos olhos, e o emprego desta passagem no Antigo Testamento demonstra que de fato é uma passagem cheia de significação.

Mas, quaisquer que sejam os tesouros que a declaração de 4b mais tarde desvende, uma coisa torna-se clara logo de início, e é que o próprio profeta finalmente percebeu que o único elemento duradouro em um mundo instável e iníquo é o caráter. A tirania, a ganância e o orgulho estão todos condenados; apenas a integridade continua.

Torna-se bem legível sobre tábuas (2). Tabletes de argila eram usados na Babilônia (cfr. #Is 8.1). **Para que a possa ler o que correndo passa** (2). No hebraico é uma expressão idiomática, aqui muito bem traduzida. Mais exatamente poderíamos traduzi-la: "para que possa lê-la imediatamente (quem quer que a veja)". **O justo pela sua fé viverá** (4). Esse grande tema é desdobrado pelo apóstolo Paulo, em #Rm 1.17; #Gl 3.11, e pelo autor da Epístola aos Hebreus, em #Hb 10.38. A primeira metade do versículo é diferentemente traduzida pela Septuaginta, que diz: "se ele, isto é, o prometido remidor que **certamente virá** (3), recuar, minha alma não tem prazer nele". Essa versão é reproduzida em #Hb 10.38, mas as cláusulas se acham ali

invertidas. E a Septuaginta prossegue: "mas o justo viverá por minha fé". Esse "minha" é omitido em #Hb 10.38. O texto hebraico de Habacuque (cfr. também #Rm 1.17; #Gl 3.11) tem "sua fé", e a referência, nesse caso, não é ao Messias, que deverá provar Sua identidade por corajosa fidelidade à Sua comissão, mas antes, a referência é à alma crente que, na "fé" tem a pedra de toque da perseverança. **Viverá** é usado no significativo sentido de desfrutar do favor de Deus, com ou sem benefícios temporais.

Aqui está em foco não tanto a "fé", mas antes, a "fidelidade"; o termo é mais lato que para Paulo ou para o escritor de Hebreus. Porém, "essa fidelidade deve originar-se na fé: portanto, a introspecção de Paulo é a verdadeira" (Kirkpatrick). Calvino diz **ad loc.**: "aqui o profeta fala sobre o estado da vida presente. Que tem isso a ver com a salvação da alma? Mas, quaisquer benefícios conferidos pelo Senhor aos fiéis, nesta vida, têm a intenção de confirmá-los na esperança da herança eterna. Portanto, quando Habacuque promete vida no futuro, aos fiéis, indubitavelmente ele salta por cima dos limites deste mundo e apresenta perante os fiéis uma vida melhor do que esta que agora têm aqui".

>Hc-2.5

VI. OS CINCO AIS Hc 2.5-20

Estes versículos contêm cinco predições sobre a condenação da alma "inchada". Cfr. os seis ais de #Is 5.8 e segs. Note-se a frase repetida, **por causa do sangue dos homens...** nos versículos 8 e 17, que originalmente pode ter sido um refrão que concluía cada um dos cinco ais. Alguns críticos consideram os três últimos ais como uma adição posterior, mas S. R. Driver aceita todos os cinco como autênticos. Os versículos 5-6a são introdutórios, mas o texto do versículo 5 está corrompido. Talvez uma cláusula adverbial, "como com vinho", achava-se aqui originalmente.

>Hc-2.6

a) Ai contra a agressão (Hc 2.6-8)

As duas palavras hebraicas traduzidas como **dívidas** (6), só têm esse sentido quando reunidas, pois separadas significam "argila grossa". O saqueador seria por sua vez saqueado.

>Hc-2.9

b) Ai contra a altivez (Hc 2.9-11)

Para pôr o seu ninho no alto (9). Assim como os pássaros fazem seus ninhos no alto das árvores altas, assim buscava ele colocar-se fora do alcance do dano. Em lugar de **trave** (11) a Ssptuaginta tem "escaravelho" (em grego, **kantharos**). Talvez um engano, em lugar de cânfora, a resina do pinho, que, como gotas de sangue, clamavam contra o opressor. A raiz da palavra hebraica pode ser "cavar" ou "cinzelar", pelo que pode referir-se a imagens esculpidas- "ídolos mudos clamando por uma manifestação do Deus vivo" (W. A. Wordsworth). Ver **#Lc 19.40**.

>Hc-2.12

c) Ai contra a violência (Hc 2.12-14)

Cfr. **#Mq 3.10** com o versículo 12. Habacuque estava, provavelmente, citando dessa passagem. **Sangue** pode significar sacrifícios humanos (ver **#1Rs 16.34**). O significado do versículo 13 é que, visto que somente Deus pode "guardar a cidade" (**#Sl 127.1**), todas as tentativas humanas para fazê-lo, por violentas que sejam, estão condenadas com antecedência ao fracasso. **Para** significa "apenas para satisfazer". O versículo 14 é uma citação livre de **#Is 11.9**.

>Hc-2.15

d) Ai contra a desumanidade (Hc 2.15-17)

Que lhe chegas o teu odre (15). Algumas versões traduzem: "que adicionas ali teu veneno". Omitindo-se uma letra no hebraico a frase tornar-se-ia "do cálice de tua fúria", o que dá melhor sentido. **A violência cometida contra o Líbano** (17). É incerta qual a invasão particular aqui referida, a não ser que o Líbano tenha sido o lugar mais próximo de Judá onde os caldeus já haviam penetrado.

>Hc-2.18

e) Ai contra a idolatria (Hc 2.18-20)

Que aproveitará a imagem de escultura? (18). Quanto ao sentimento da frase, cfr. a última metade do livro de Isaías. **Mas o Senhor está no seu santo templo** (20). "O profeta passa a fim de fazer contraste, do desprezo aos ídolos mudos e inúteis para o pensamento sobre o Deus vivo" (S. R. Driver). Assim, ficamos preparados para a teofania do capítulo 3.

Hc-3.1

VII. VISÃO DE JULGAMENTO Hc 3.1-19

Os tempos verbais, neste capítulo, são incertos, e podem ser passados, presentes ou futuros. Parece que o profeta aproveita de todos os grandes relatos da história passada de Israel, particularmente do êxodo e da derrota dos cananeus no rio Quisom (#Jz 4-5). Ele invocava uma repetição daquelas portentosas libertações-**aviva, ó Senhor, a tua obra** (2). Ou então, temos aqui, uma expressão de sua fé (cfr. #Hc 2.4) na presente atividade de Deus, a despeito de tudo estar correndo adversamente (ver especialmente os versículos 17-19). Deus, mesmo agora, estava vindo ao julgamento.

Tem sido posta em dúvida a autenticidade deste capítulo. Não há características especificamente caldaicas. As calamidades, nos versículos 17 e segs., antes parecem naturais do que devidas à ação do inimigo. No capítulo 2, a queda dos caldeus deveria ser provocada por causas naturais; no capítulo 3, por intervenção divina. Porém, isso é salientar por demais agudamente o contraste, e é mais aconselhável ver neste capítulo um exemplo daquela "fidelidade" mediante a qual o homem justo é capacitado a enxergar para além das frustrações presentes e contemplar a justiça eterna a operar incessantemente no mundo.

Sigionote (1). Cfr. o título do #Sl 7. A raiz hebraica SGN significa "cambaleio"; portanto, trata-se de um cântico selvagem, entusiástico. Mas a Septuaginta, aqui, subentende "Neginote", isto é, "instrumentos de cordas", como no versículo 19. **No meio dos anos** (2). A Septuaginta tem: "no meio das duas criaturas", um interessante texto que, no Pseudo-Mateus, um dos evangelhos apócrifos, é considerado como uma profecia sobre a natividade, portanto, isso explica o boi e o asno, nas gravuras convencionais natalinas, perto do Salvador infante.

>Hc-3.3

Deus veio de Temã (3). Quanto aos tempos verbais, ver anotação acima. Temã era um distrito de Edom; isso, pois, significa o próprio Edom. Cfr. **#Am 1.12. Parã** (3); parte da região do Sinai; cfr. **#Dt 33.2**. Ver também **#Jz 5.4-5**; **#Sl 68.7-8. Raios brilhantes** (4), provavelmente uma alusão aos lampejos dos raios. A vinda de Deus é pintada como uma tempestade que rolava partindo do sul, a cair sobre a Palestina e seus vizinhos. **Mão** (4); isto é, "lado", como em **#1Sm 4.13**, onde o hebraico diz lit., "pela mão do caminho". **Ali** (4); isto é, "naquele lugar". **Mediu a terra** (6). A Septuaginta diz: "a terra estremeceu". A sugestão é de um terremoto que acompanhou a tempestade. **Cusã** (7); uma tribo midianita ou árabe (cfr. **#Nm 12.1**). Ou poderia ser Cusã-Risataim (**#Jz 3.8,10**) ou o ribeiro de Quisom (**#Jz 4.7**).

>Hc-3.9

O versículo 9 é extremamente obscuro. "Cerca de cem traduções diferentes têm sido feitas desse versículo" (Delitzsch). **O sol e a lua pararam** (11). Uma descrição poética de terem sido ocultados pelas escuras nuvens da tempestade. **Tu saíste** (13); algumas versões, em suas notas à margem, julgam que se trata aqui da prometida libertação de Israel das mãos do opressor, garantida por Deus, e que Miquéias considerava como já realizada, tão certa ela era, ainda que para ele ainda estivesse no futuro. **Até ao pescoço** (13) pode ser uma parte de um edifício; cfr. **#Is 8.8. A cabeça dos seus guerreiros** (14). Esta versão, como outras, segue a Vulgata. Há versões que traduzem: "A cabeça de suas vilas". Contudo, o hebraico, é incerto. O versículo 16 é novamente difícil. Quanto a **descanse eu**, Welhausen sugere: "consolar-me-ei". Essa certeza ou determinação em esperar quietamente que o dia de tribulação sobrevenha contra o agressor provavelmente explica a bela expressão que diz "vivendo pela fé" dada nos versículos 17-18. É o conhecimento que eventualmente, conforme ele diz, **me alegrarei no Senhor**, que capacitou Habacuque a suportar seu presente descontentamento. Desse modo ele descobre a resposta para sua pergunta inicial.

>Hc-3.19

A última frase do versículo 19 aparece, na Septuaginta, como "para que eu possa conquistar por seu cântico". **O cantor-mor** era mestre da música no templo.

[L. E. H. Stephens-Hodge.](#)

SOFONIAS

INTRODUÇÃO

I. AUTOR E DATA

O livro de Sofonias é o nono na coleção da literatura profética dos hebreus. Em muitos particulares é um dos típicos "profetas menores", mas assinala "a primeira coloração de profecia com apocalípse". Sofonias era homem realista, sóbrio e controlado, ainda que não lhe faltassem poderes impressionantes de imaginação e poderosas e realísticas figuras de linguagem. É certo que ele era jovem quando escreveu sua profecia, mui provavelmente com não mais de vinte e nove anos de idade, quando começou a profetizar. Foi contemporâneo de Jeremias entre os profetas, e do bom rei Josias, de Judá. Alguns eruditos (por exemplo, Kirkpatrick, *Doctrine of the Prophets*, pág. 237 e segs.) comprazem-se em dizer que Naum também foi contemporâneo de Sofonias e que Sofonias surgiu perto do fim do ministério daquele, o qual, naturalmente, dizia respeito exclusivamente à cidade de Nínive. Mas, não podemos concordar com tido isso, pois, argumenta-se, a destruição de Nínive não teve lugar senão em 612 A. C. e Naum deve ser considerado como profeta mais próximo desse acontecimento do que do período coberto por 640-621 A. C., que foi a época em que Sofonias deve ter aparecido. (Ver anotação, quanto a isso, na obra de Ellison, *Men Spake from God*, pág. 70).

O aparecimento de Jeremias parece ter sido imediatamente depois das primeiras profecias de Sofonias. Há aqueles que asseveram que eram os dois profetas praticamente da mesma idade, porém, não existe prova sobre qualquer combinação íntima entre os dois. Efetivamente, em certos pontos, Jeremias percebeu a fraqueza e o perigo do reavivamento generalizado e súbito de Sofonias. Indubitavelmente Jeremias se regozijou com as reformas provocadas pela pregação de Sofonias, realizada por Josias; mas parece que Jeremias podia ver além- talvez por já ter vivido mais que o outro profeta-e que considera uma parte da reforma como mera formalidade externa, um gesto próprio de um movimento popular, e não uma purificação sincera e espiritual, dotada de qualidade de permanência.

Sofonias foi o primeiro profeta no período de duas gerações. Provavelmente já se tinham passado setenta anos desde que tinham sido ouvidas as vozes dos profetas do período da ascendência dos assírios-Isaías e Miquéias. A sorte que coube a Samaria, em 712 A. C., servia de solene

memória sobre o poder, a majestade e a retidão de Deus. É possível que os cinquenta anos anteriores ao reinado de Josias se tenham caracterizado por uma nova queda na degeneração e na esterilidade, na história de Judá. Seja como for, o vigor e o zelo da juventude de Sofonias eram qualidades necessárias em vista da situação que prevalecia, e são qualidades facilmente discerníveis em seu livro. A franqueza e o tom imperdoável dos pronunciamentos de julgamento são qualidades típicas de um homem jovem que possui fortes convicções e manifesta um grau incomum de sensibilidade moral e dedicação. O zelo reformador do jovem rei Josias (639-609 A. C.) tinha paralelo apropriado na fervorosa pregação do novo jovem profeta. Ambos "vieram ao reino para um tempo tal como aquele" e a juventude de ambos e os anos difíceis que os moldaram prepararam-nos bem para desempenhar um digno papel naquela nova era. O dr. George Adam Smith sugere que o nome de Sofonias, que significa "Jeová tem guardado (ou ocultado)", pode indicar que seu nascimento teve lugar durante o tempo da matança efetuada por Manassés. ([The Book of the Twelve Prophets](#), Vol. 2, pág. 47). De qualquer modo, o que é certo é que quando, na providência de Deus, Sofonias se apresentou no palco dos acontecimentos de Judá, ele marcou o início de uma nova linha de profetas que deveria incluir Jeremias, Habacuque, Obadias e Ezequiel (além de Naum, se for aceita a data posterior para sua profecia), todos os quais procuraram salvar Judá da sorte que já tinha envolvido o reino do norte. Por conseguinte, é possível dizer com certeza que o corpo principal do livro deve ser associado com a reforma ligada com Josias, que teve lugar em 621 A. C., e é razoável supor que a pregação de Sofonias foi uma das causas contribuintes dessa reforma. Portanto, podemos concluir que a data provável foi cerca de 627 A. C.

II. CIRCUNSTÂNCIAS DE SUA ELOCUÇÃO

Conforme já foi indicado, as circunstâncias dentro das quais Sofonias foi chamado a profetizar eram, a um e ao mesmo tempo, perigosas e promissoras. Durante o longo reinado de Manassés (696-642 A. C.), o perverso filho do bom rei Ezequias, o estado moral e religioso de Judá se tinha tristemente deteriorado ([#2Cr 33.1-11](#)). Durante todo o seu reinado ele se tinha oposto ao reavivamento religioso que havia caracterizado o reinado de seu pai. Manassés edificou novamente os altares que seu pai havia derrubado e restaurou a aviltante adoração da natureza associada à adoração de Baal. Superstição, adoração das estrelas e até mesmo sacrifícios humanos, se tornaram parte de uma religião de formalidades e cerimônias externas privada de realidade interna e sem convicções espirituais ou éticas. (Ver Apêndice I a

Reis, "A Religião de Israel no período da Monarquia"). É possível fotografar tudo isso como "o sinal de uma alma desesperadamente ansiosa a procurar, cegamente, como propiciar os misteriosos poderes divinos-a volta fanática à religião de seu avô" (I.S.B.E.), mas, quando muito não passava de um externalismo e de um sincretismo religioso que pagava muita deferência aos senhores assírios e, para os profetas, não passava de uma clara e precipitada iniquidade. Aqueles que haviam tentado preservar a pureza da adoração a Jeová tinham sido recompensados por seus esforços, com a perseguição e até mesmo com a morte. "Manassés derramou muitíssimo sangue inocente, até que encheu a Jerusalém de um ao outro extremo" (#2Rs 21.16).

É verdade, naturalmente, que Manassés se arrependeu dessa atitude antes de sua morte e que "humilhou-se muito perante o Deus de seus pais" (#2Cr 33.12). Também é evidente que as más tendências de seu reinado não haviam conquistado inteiramente o apoio do povo. Uma vez mais, havia um remanescente que não havia dobrado os joelhos; havia aqueles que desejavam e trabalhavam para a vinda de tempos melhores. Era esse fator que tornava aquele período ao mesmo tempo promissor e perigoso. Josias tornou-se rei de uma nação, dentre a qual muitos ansiavam por uma religião mais pura e estavam prontos tanto para ouvir Sofonias como para seguir o rei em seu zelo reformador.

Também se deve fazer menção da invasão da Média e da Assíria pelos citas, em 632 A. C., que transformou seus campos frutíferos em um deserto, como se uma nuvem de gafanhotos tivesse passado por eles. "A guerra era sua principal atividade, e serviram de terrível flagelo para as nações da Ásia Ocidental. Romperam a barreira do Cáucaso em 632 A. C. e, avançando através da Mesopotâmia, pilharam a Síria e estavam prestes a invadir o Egito quando Psamatique I os comprou com ricos presentes" (Porter, I. S. B. E., pág. 2.706). O relato dessa invasão, que é dado por Heródoto, no Livro IV de sua História, tem recebido alguma confirmação mediante pesquisas recentes sobre a questão e serve para explicar o decadente poder da Assíria, o que permitiu Josias levar a efeito suas reformas e deu à Babilônia a oportunidade de assumir a ascendência. Alguns eruditos, por outro lado, duvidam da exatidão do relato de Heródoto, em vista dos erros demonstráveis ali contidos e porque ele é nossa única fonte de autoridade para a história de que os citas chegaram tão ao sul e ao oeste a ponto de chegarem a fronteira egípcia. Além disso, é argumentado que, visto que estamos a tratar de uma "linguagem escatológica tipicamente vaga, em que tudo é visto através de uma nuvem de poeira", os julgamentos aqui anunciados não podem referir-se àquela invasão. (Ver

Ellison, *Men Spake from God*, págs. 81, 68). Não é essencial, entretanto, supor que a invasão cita é aqui retratada, mas é razoável sustentar que, sabendo a respeito como com certeza sabia, Sofonias teria visto nela um quadro do que aconteceria se Judá persistisse em seu presente curso de rebelião contra o Senhor. Em realidade, a invasão cita parece não ter atingido Judá de forma alguma; seu opressor, afinal de contas, e o instrumento do julgamento de Deus, foi a Babilônia.

III. A MENSAGEM DE SOFONIAS

Sofonias era habitante de Jerusalém. Isso é óbvio em vista de certas referências a locais específicos da cidade, que só poderiam ter sido feitas por alguém que estivesse bem familiarizado com eles (cfr. #Sf 1.4, "deste lugar"; ver também #Sf 1.10,11,12). Na cidade, o profeta observava a população, que se inclinava a viver mediante a força e a fraude entre si mesmos, mostrando-se idólatra e cética para com Deus. Suas primeiras profecias, por esse motivo, estão envolvidas numa melancolia sem alívio; o traço negro, na face de Deus é mui claramente perceptível no quadro que temos em #Sf 1.1-3.8. Desse ponto em diante, todavia, soa uma nova nota -a esperança de salvação universal e a restauração final para Judá. A seção de #Sf 3.9-20 é tão diferente da que a antecede que alguns eruditos a separam do resto do livro; porém, não há razão pela qual isso deva ser feito. É verdade que o grande peso da pregação profética de Sofonias dizia respeito ao julgamento, súbito, iminente e desastroso, contra Judá e as nações circunvizinhas. Contudo, freqüentemente descobrimos que aqueles que mais claramente discernem os julgamentos de Deus contra o mundo em geral, são aqueles que também vêem o arco-íris de Seu amor e misericórdia arqueados no horizonte do futuro. Sofonias, pois, apesar de ter predito os julgamentos que sobreviriam a Judá, viu-os como um expurgo necessário e essencial para que Judá se tornasse a nação bendita do Senhor e Sua criada perante o mundo inteiro.

Sf-1.1

I. PROFECIA GERAL SOBRE OS JULGAMENTOS DE DEUS Sf 1.1-2.3

a) O julgamento declarado (Sf 1.1-6)

O livro tem início com uma anotação biográfica mais ou menos usual, uma espécie de assinatura do autor (cfr. #Os 1.1; #Zc 1.1; #Am 1.1), embora aqui essa anotação seja um tanto longa e detalhada. G. A. Smith frisa que no Antigo Testamento não era comum recuar a genealogia de um homem para além de seu avô, exceto no caso de algum propósito especial, ou a fim de incluir algum ascendente famoso (*The Book of the Twelve Prophets*, Vol. 2, pág. 47). Se isso efetivamente aconteceu no caso da chamada de Sofonias, fica de pé o interessante problema se o Ezequias referido é o bom rei de Judá (#2Rs 18; #2Cr 29) ou não. Apesar do fato que as palavras "rei de Judá" são omitidas após o seu nome, parece não haver dificuldade insuperável na questão, pois ele foi notavelmente grande e sua fama não necessitava de tal etiqueta para denotar quem era ele. Assim sendo, segue-se em primeiro lugar que Sofonias era homem jovem. Quatro gerações o separam de seu ilustre ancestral, pelo que a conclusão de G. A. Smith parece correta, "Em 627, Jeremias se chama de mera criança, e dificilmente Sofonias, já teria ultrapassado os vinte anos" (#Jr 1.6-7). Segue-se, igualmente, que Sofonias era de sangue real e isso adiciona interesse à sua "condenação contra a casa real, por sua imitação das maneiras estrangeiras e pelos grandes erros praticados pelos seus dirigentes" (Cam. Bible, pág. 96).

Uma alternativa para essa teoria que considera Sofonias um "príncipe real", é a apresentada por Sellin, segundo o qual Cusi (1), que significa "etíope" (isto é, egípcio), indicaria que o avô de Sofonias havia sido ardente partidário do Egito, durante os negros dias de Manassés e que havia dado esse nome a seu filho, um nome bastante estranho para um hebreu. Mas isso exigiria imediatamente explicação, em vista do fato que, em #Dt 23.8, é dito que nenhum egípcio ou etíope podia ser admitido na comunidade judaica, a não ser que pudesse exibir uma pura ascendência judaica por pelo menos três gerações. A árvore genealógica de Sofonias, por conseguinte, recua por três gerações mais e é isso que justifica sua extensão incomum e não tanto qualquer dignidade real ligada ao nome de Ezequias, que teria sido chamado "rei de Judá", se o Ezequias aqui referido fosse aquela bem conhecida figura de um passado que para Sofonias não estava ainda distante.

Nos dias de Josias... rei de Judá (1), pode, naturalmente, significar qualquer período entre 639 a 609 A. C., mas, a tonalidade de #Sf 1.2-3.8 é tal que sugere que essas profecias devem ter sido feitas antes da grande reforma de Josias, no décimo oitavo ano de seu reinado, isto é, em 621 A. C. (#2Rs 22.3). Outros pontos de vista em conflito com esse têm sido sugeridos. Dois pontos típicos levantados se centralizam em duas referências. Primeiro, a frase *resto*

de Baal (4) poderia subentender que a reforma já era passada há muito tempo; e segundo, os **filhos do rei** (8) são referidos como se já fossem homens adultos. Pode-se dizer, entretanto, que a primeira frase é um texto duvidoso (a Septuaginta diz: "os nomes de Baal") e que a última pode significar não mais que a família real em geral. Além disso, os vícios particulares e as práticas condenadas neste livro são exatamente aqueles que Josias extirpou. Pouca possibilidade de dúvida resta de que essa frase tem de ser situada dentro do período entre 630 e 621 A. C.

>Sf-1.4

O julgamento predito é lançado contra Judá e, especialmente, contra **todos os habitantes de Jerusalém** (4). Essa visitação, reputada no versículo 7 como **o dia do Senhor**, é exibida a destruir tudo "da face da terra" (2); gado, aves, peixes do mar e homens, são mencionados cada um por sua vez. Até mesmo os ídolos, que parece ser o sentido da palavra **maksheloth** que nesta e noutras versões é traduzida como "tropeços" (cfr. **#Ez 14.3-4,7**), não escaparão e os indivíduos iníquos que os adoram não serão poupados.

Parece que o profeta considerava Jerusalém como a origem do desmedido mal e da idolatria daquele período. Quando Deus age em tais julgamentos, Ele começa pela casa de Deus. Todos os traços da adoração a Baal, o deus dos fenícios, dizia o Senhor, **exterminarei** (4). O último vestígio dessa idolatria (que parece ser o sentido em que devemos compreender as palavras **resto de Baal**) desapareceria e os **quemaris** (4; ver **#2Rs 23.5**), isto é, os sacerdotes de Baal que se vestiam de negro, juntamente com os sacerdotes infiéis de Jeová, seriam destruídos igualmente (4). Em adição aos sacerdotes falsos, seriam destruídos os adoradores falsos de todas as camadas sociais. Estes são descritos nos versículos 5 e 6. Primeiro, **os que sobre os telhados se curvam ao exército do céu** (5). Isso, indubitavelmente, era alguma superstição astrológica, que nunca é aludida pelos profetas enviados ao reino do norte, e que parece que devia seu poder em Jerusalém à influência da Assíria. Em seguida, aqueles que **se inclinam jurando ao Senhor, e juram por Malcã** (5); isto é, aqueles que procuravam amalgamar a legítima adoração a Jeová com os cultos pagãos dos povos vizinhos. **Malcã** significa "reis deles", e julga-se que se refira a Moloque, o deus fenício, cuja adoração, que incluía o atroz sacrifício de crianças (**#2Rs 23.10; #Jr 32.35**), podia ser encontrada em Judá, no tempo de Sofonias. Julga-se que tivesse origem cananéia (**#Dt 12.29-31; #Dt 18.9-14**). Uma antiga tradição tenta associar Moloque com Milcom, o deus nacional de Amom; porém, pouco há capaz de substanciar essa idéia (H.

D. B., 617, 627). Finalmente, aqueles que **deixam de andar em seguimento do Senhor, e os que não buscam ao Senhor** (6); isto é, aqueles que não se preocupam com Deus, e se mostram totalmente indiferentes. Cfr. o versículo 12, "assentados sobre as suas fezes", e ver anotação ali.

>Sf-1.7

b) O julgamento definido (Sf 1.7-13)

Quer aqueles falsos adoradores Lhe dessem atenção ou não, o Senhor Jeová viria no **dia do Senhor** (7). **Ele santificou os seus convidados** (7). Em sua soberania, Ele já havia santificado (consagrado) ou nomeado, aqueles que haveriam de destruir Israel.

Sem dúvida alguma, nesta passagem, Sofonias tinha em vista alguma terrível visitação da providência de Deus, ou algum inimigo que se aproximava, tal como os citas. Porém, "esse fato não nos deve levar a supor que os profetas chamassem qualquer grande visitação de Deus pelo nome de "o dia do Senhor" (A. B. Davidson em Cam. Bible, pág. 113). G. A. Smith salienta que "para Sofonias, o dia do Senhor começa a assumir aquilo que chamamos de 'sobrenatural'". As cores severas ainda estavam entrelaçadas com guerra e cerco, ainda que mescladas com vagos e solenes terrores vindos de uma outra esfera, pela qual a história parece haver sido tragada... Em suma, para Sofonias o dia do Senhor tende a tornar-se o último Dia. Seu livro é "a primeira coloração de profecia com apocalipse" (**The Twelve Prophets**, Vol. 2, pág. 49). Por conseguinte, sua mensagem pode ter imediatamente em foco uma ameaça tal como a dos citas, que avançavam de suas fortalezas no norte para ameaçar a Assíria e o Egito; porém, claramente olha para além disso, contemplando os julgamentos do fim.

>Sf-1.8

Nos versículos anteriores, Sofonias já tinha indicado algumas das seções da comunidade de Jerusalém contra as quais cairia o julgamento. Agora ele incluía a ímpia aristocracia (8), que imitava os hábitos e modas dos estrangeiros. **Vestidura estranha** (8) é, lit., "vestidura estrangeira". Em segundo lugar o profeta adverte os que eram culpados de **violência e engano** (9). **Saltam sobre o umbral** (9). Aqui temos uma referência aos sacerdotes de Dagom, que evitavam andar pelo umbral de seu templo, visto que o ídolo havia caído sobre o mesmo (**#1Sm 5.5**). (Cam. Bible, pág. 115). Os versículos

11-13 são lançados contra aqueles que, em sua luxúria, mostravam-se independentes de Deus e de Suas reivindicações sobre eles.

>Sf-1.10

Esta passagem inteira revela quão intimamente familiarizado estava Sofonias com Jerusalém e seus principais logradouros públicos, como, por exemplo, **a porta do peixe** (10), **a segunda parte** (10; algumas versões dizem "o segundo quarto"), uma parte da cidade, ao norte, da qual direção o perigo mais tarde haveria de ameaçá-la, e **Mactés** (11), alguma "caverna" (conforme a palavra é traduzida em **#Jz 15.19**), esta também no lado norte da cidade, onde seriam socados por seus adversários como num almofariz (cfr. **#Pv 27.22**). Seu uso de **povo de Canaã** (Kena'an), revela o quão acostumado estava com o costume que identificava "cananeu" com "negociante". Cfr. **#Os 12.7** nota. Sem dúvida é nesse sentido que devemos entender aqui essa expressão.

>Sf-1.12

Todas essas classes seriam resolutamente buscadas para serem punidas. Nenhuma só escaparia quando Deus viesse esquadrinhar **a Jerusalém com lanternas** (12), para castigar aqueles que se haviam degenerado moral e espiritualmente e se tinham tornado um ditado para ócio e indiferença (cfr. **#Jr 48.11-12**). **Assentados sobre as suas fezes** (12; lit. "engrossados em suas fezes"). Essa frase é um quadro de vinho que foi deixado em repouso por longo tempo. O profeta a emprega a fim de descrever aqueles que, por falta de humilhadora disciplina da adoração a Deus, se tinham tornado "grosseiros" e insensíveis para com Jeová. Que revelação seria o julgamento vindouro para aqueles que pensam que Deus é moralmente indiferente e que Lhe dizem: **O Senhor não faz bem nem faz mal** (12); em outras palavras, "O Senhor nunca faz coisa alguma" (Moffatt). No versículo 13 a frase **edificarão casas...** era uma frase comum que significa que não desfrutariam do fruto de seus labores (Cam. Bible, pág. 117).

>Sf-1.14

c) O Julgamento descrito (Sf 1.14-18)

Esta passagem descreve, com algum detalhe, o **Dia do Senhor**. Seria um dia de **indignação**, de **angústia**, de **ânsia**, de **alvorço**, de **desolação**, de **trevas**, de **escuridão**, de **nuvens**, de **densas trevas**, de **trombeta** e de **alarido** (15-16).

Não existe descrição mais vívida sobre o "dia do Senhor" do que esta. Indubitavelmente, tal como aquele "dia" falado por Amós, Oséias, Isaías, Miquéias e, de modo mais completo que todos os outros, por Joel, estas profecias foram parcialmente cumpridas nos julgamentos que caíram contra Judá e as nações circunvizinhas durante o sexto século A. C. Porém, deve ficar claro que essa aplicação da passagem não exaure sua significação. Não é necessário que acreditemos que as palavras de Sofonias foram literalmente cumpridas nos conseqüentes julgamentos que sobrevieram a Judá e às nações ao redor. De fato, não o foram, porque esperam o "dia" quando o julgamento universal será descarregado contra toda a perversidade, quando a ira de Deus derramar-se-á contra todos aqueles que não conhecem a Deus nem obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Aquele será um dia de ira e lamentações e tristezas para todos os iníquos; foi a versão da Vulgata sobre o versículo 15, *Dies irae dies illa*, que inspirou as palavras iniciais do bem conhecido hino medieval de Tomé de Celano (cerca de 1250 D. C.) que versa sobre o último juízo. A descrição que se segue aqui tem características comuns com as de outros profetas. Juntamente com a exibição física de nuvens e densas trevas (15); cfr. #Am 5.18,20; #Is 13.10; #Jl 3.15; com o senso de alarme (ou grito) (16); cfr. #Am 1.14; #Am 2.2; os homens serão totalmente incapazes de escapar e seus tesouros amontoados não lhes servirão de coisa alguma (cfr. #Ez 7.19; #Is 13.7) contra o fogo do seu zelo (18; cfr. #Na 1.2; #Ez 36.5; #Ez 38.19) até que Ele faça uma destruição total.

Sf-2.1

d) O julgamento ainda poderia ser evitado (Sf 2.1-3)

Ó nação que não tens desejo (1). Aqui o profeta apela para Judá. Algumas versões traduzem: "ó nação que não tens vergonha". Outras: "Ó nação descarada" (G. A. Smith); "não desejável, indigna da graça ou favor de Deus" (Calvino). São convocados a se reunirem (em heb., *qasnah*, isto é, "juntar palha ou gravetos"). "Amontoai-vos e escondei-vos, antes que vos torneis como palha arrastada" (Moffatt). A tradução real do versículo primeiro é obscura, e Ellicott prefere ler simplesmente "Abaixa-te, etc.". Porém, se o texto exato é incerto, o sentido é claro. Trata-se de uma solene convocação para que a nação se penitencie, lembrando ao povo que a oportunidade para o arrependimento estava passando e que o "dia" estava se aproximando rapidamente deles como um tufão ameaçador. Poderiam buscar a Jeová humilhando-se e observando Seu justo julgamento, e assim, buscando-O em

vista da desolação que deles se aproximava, ainda poderiam ser **escondidos no dia da ira do Senhor** (3).

A invasão cita contra o sul e o ocidente de Canaã não incluiu Jerusalém em seu avanço; na providência de Deus os judeus foram escondidos dessa ameaça. Ora, quando Sofonias é impelido a predizer outro cataclismo, de natureza semelhante, mas que envolveria Jerusalém mais diretamente, não podia livrar-se das idéias que a invasão dos citas sugeriam; nem podia desfazer-se da crença que Deus, em Sua misericórdia, encontraria um caminho de escape, realmente não para todos, mas para os **mansos** (3), ou melhor, ainda, os humildes. **Anaw**, a palavra hebraica aqui empregada, é o vocábulo tão freqüentemente usado nos Salmos e pelos profetas para descrever os adoradores devotos a Jeová e traz consigo a sugestão de uma atitude para com Deus, e não de uma atitude para com os homens. O homem manso não é, necessariamente, o homem fraco, mas aquele que se inclina ou humilha debaixo da mão de Deus, em contraposição com os "orgulhosos" e os "praticantes do mal".

Não há menção da misericórdia de Deus neste passo, é verdade. O evangelho de Sofonias parece severamente moral quando ordena ao povo que procure a retidão e a mansidão. Porém, não devemos entender que ele se tinha esquecido ou que compreendia diferentemente que é na misericórdia de Deus que começam nossas esperanças.

>Sf-2.4

II. PROFECIA DETALHADA SOBRE OS JULGAMENTOS DE DEUS Sf 2.4-3.8

Tem sido posta em dúvida a autenticidade de quase cada versículo desta passagem, por um ou outro crítico. O capítulo 1 foi escrito em medida elegíaca; aqui essa medida é partida e abandonada, nos versículos 8-12. Certas palavras, encontradas mais freqüentemente nos escritos pós-exílicos, ocorrem aqui e acolá, e certa diferença de tonalidade é considerada como sinal de mão de outro escritor. Todas essas objeções são inconclusivas e podem ser respondidas. Certas palavras, como por exemplo, o emprego de "manso" e "mansidão", como termos religiosos, indubitavelmente aparecem com maior freqüência nos salmos e profetas pós-exílicos, porém, isso não prova que não tenham podido ter sido usados no tempo de Sofonias (cfr. **#Êx 10.3**; **#Nm 12.3**; **#Is 2.9**; **#Mq 6.8**).

As objeções levantadas contra os versículos 8-15 são habilidosamente sumarizadas no artigo de F. C. Eiselen, na I.S.B.E., pág. 3.145. Afirmam alguns que Moabe e Amom (4-7) ficavam afastadas demais do caminho tomado pelos citas, ao longo da costa marítima. Em segundo lugar, dizem que nos versículos 8 e 10 fica pressuposta uma destruição de Jerusalém. Em terceiro lugar, a atitude do profeta para com Judá (9-10) é aparentemente diferente da que demonstra no capítulo 1. Finalmente, a **qinah**, ou métrica elegíaca é quebrada nos versículos 8-11, após haver predominado no restante da passagem.

Contra essas objeções pode ser respondido com justiça que, se for mantido o ponto de vista que o profeta não está aqui predizendo a invasão dos citas, mas a alguma outra invasão subsequente e semelhante a ela, algumas dessas dificuldades desaparecem imediatamente. Por exemplo, ficaria solucionada facilmente a primeira dificuldade, embora devamos lembrar também que o que o profeta está a anunciar no capítulo 1 é um julgamento universal do qual qualquer invasão, mesmo a dos citas, é apenas figurativa. A segunda objeção não parece inteiramente válida. No que diz respeito à terceira, deve-se observar que as promessas são feitas apenas para o **resto da casa de Judá** (7), o que está de conformidade com o julgamento anunciado no capítulo 1. A interrupção na medida elegíaca, nos versículos 8-11, pode indicar ou não uma imperfeição no texto. Ou então, pode ser explicada pelo fato que, na oratória dessa espécie, não se pode insistir sobre a consistência no uso de uma determinada métrica.

A passagem inteira de **#Sf 2.4-15** é uma série de profecias a respeito de certas nações circunvizinhas e de outras, como a Etiópia (12), que representam as terras distantes. A conjunção **porque** (4) liga-a com o julgamento de âmbito mundial proclamado no primeiro capítulo.

a) Filístia (Sf 2.4-7)

Segundo Heródoto (1.103-106), essa nação ficava no caminho dos invasores citas, que vieram do norte, porém, essa invasão não se espalhou muito fora da planície costeira. A profecia, entretanto, tem em mente uma área de terras maior que essa, como se pode verificar novamente nos versículos 8-11. Esta profecia prediz que essa região, rica em terras aráveis e em povos, seria reduzida, conforme se vê novamente nos versículos 8-11, a uma área privada de população e própria apenas para as ovelhas. **Gaza será desamparada** (4); no

sentido de despovoada. Note-se o jogo de palavras aqui. No hebraico o versículo 4a diz ' azzah 'azubhah, e o versículo 4b diz ' eqron te 'aqer. Asdode seria expulsa por um ataque de surpresa (se interpretarmos o meio-dia com o sentido de "quando menos esperar-se"), ou então por um golpe ousado e súbito que estaria terminado "por volta do meio dia". Os quereteus (5; cfr. #2Sm 8.18) eram um clã de filisteus, que aparentemente ocupavam a costa marítima. "Diz-se que os filisteus vieram de Caftor (#Am 9.7; #Dt 2.23; #Jr 47.4), que pode ser Creta" (Cam. Bible, pág. 122), e, em conseqüência, a Septuaginta traduz esse nome por "cretenses". Canaã, terra dos filisteus (5) seria destruída como os primitivos habitantes da terra (cfr. #Js 13.2-3), e a estreita faixa de terras costeiras tornar-se-ia um lugar com cabanas para os pastores, e currais para os rebanhos (6), que "à noite se deitariam nas casas de Asquelom, e pastariam ao lado de Ecrom (7; Moffatt). O emprego do termo "Canaã", como sinônimo da Filístia, não ocorre em nenhum outro lugar do Antigo Testamento, embora que, nas inscrições egípcias e no Antigo Testamento seja usado num sentido que cobre tanto essa como outras regiões baixas da Palestina.

>Sf-2.8

b) Moabe e Amom (Sf 2.8-11)

A profecia denuncia a "grandiloqüente arrogância" de Moabe e Amom, e nada pode ser mais drástico e destrutivo do que o quadro de sua desolação, no versículo 9, a saber, o campo de urtigas e poços de sal (cfr. #Jz 9.45), e a assolação perpétua (cfr. #Os 9.6). O desaparecimento de Moabe e Amom teve lugar muito antes da vinda de Cristo, mas não se verificou senão muito depois do reinado de Josias e, talvez, do de Jeoaquim. O desaparecimento total da antiga glória de Moabe, de conformidade com esta profecia, tem freqüentemente sido comentado pelos modernos arqueólogos.

>Sf-2.12

c) Egito (Sf 2.12)

O Egito é aqui chamado de Etiópia, segundo pensa G. A. Smith, em vista de sua longa sujeição a dinastias etíopes. Outros descobrem razão para isso na íntima conexão existente entre o Egito e a Etiópia como aliados em tempo de guerra (cfr. #Jr 46.2-9; #Ez 30.5-9). Essa profecia foi cumprida quando

Nabucodonosor conquistou o Egito, no trigésimo sétimo ano de seu reinado, em 586 A. C.

>Sf-2.13

d) A Assíria (Sf 2.13-15)

A medida elegíaca (15) é reiniciada aqui, onde temos a predição sobre a completa destruição do império assírio, "o clímax e a fonte do paganismo". Isso sucedeu em 612 A. C. "Aconteceu 230 anos depois que Israel sentiu pela primeira vez o peso dos exércitos da Assíria. Aconteceu mais de cem anos depois que sua supremacia fora aceita por Judá. Agora o colosso havia começado a cambalear. Assim como ela havia ameaçado, agora estava sendo ameaçada. As ruínas com que ela havia pontilhado a Ásia ocidental, a tais ruínas ela seria reduzida em sua própria glória inexpugnável e antiga. Foi o fim de uma época" (G. A. Smith, *The Twelve Prophets*, Vol. 2, pág. 66). **Ouriço** (15). Esta versão acompanha a Septuaginta. Em heb. a palavra é **qippodh**, "porco espinho". Smith observa que a melhor tradução aqui seria o nome de aves que naturalmente fariam ninhos nos capitéis, ou seja a "galinhola-real". Aqueles que favorecem o "ouriço", como esta versão, dizem que tão grande seria a assolação que as colunas e seus capitéis jazeriam derrubados por terra; as janelas vazias ecoariam o cântico de pássaros e as glórias dos interiores das mansões de Nínive seriam desnudadas ao olhar curioso dos passantes e aos efeitos destruidores do vento e das condições atmosféricas. Moffatt traduz o versículo 14b como segue: "Corujas piam em suas janelas" (lendo aqui **qom**, "coruja", em lugar de **qol**, "voz") e "abutres em suas escadarias" (lendo aqui, em lugar de **horebh**, "desolação", a preferência da Septuaginta, ' **orebh**, "abutre"). É certo que nada parecia mais improvável do que isso, quando a profecia foi proferida; porém, sucedeu tal qual o profeta havia predito. A nação que governava o mundo foi reduzida a nada. O lugar que anteriormente havia sido o centro do orgulho e da glória se transformou em nada mais que "uns poucos montões e monumentos em um deserto, à vista dos quais o viajante balança a cabeça". Assim passageira é a glória terrena e incertas são as suas recompensas. A frase **assobiará, e meneará a sua mão** (15) expressa intenso desprezo e desdém. (Cfr. **#Ez 27.36; #Lm 2.15-16; #Na 3.19**).

Sf-3.1

e) Jerusalém (Sf 3.1-8)

A cidade é acusada de impureza e injustiça (1), a exibir desobediência e altivez para com os profetas (2a), e indiferença para com Deus e independência dEle (2b). Todos os seus líderes eram igualmente culpados, os **príncipes** de violência e crueldade, e os **juízes** de ganância e engano (3). A última porção deste versículo seria melhor traduzida como "nada deixam para a manhã seguinte". Os próprios **profetas** eram **levianos** e **criaturas aleivasas**, ou, melhor ainda, "fanfarrões e traidores" (G. A. Smith). "A figura expressa por "levianos" é o do borbulhar sobre a água que ferve (#Gn 49.4; #Jz 9.4) e a palavra caracteriza os profetas como blasonadores, extravagantes e arrogantes em suas próprias imaginações e presunções" (A. B. Davidson, Cam. Bible, pág. 129). **Aleivasas** é vocábulo que indubitavelmente inclui a idéia de deslealdade ou falsidade para com Deus. No livro de Provérbios é palavra freqüentemente empregada como paralelo para "iníquo" e transmite a idéia de alguém que age infielmente para com a lei moral. Isso faria com que a acusação do profeta envolvesse conduta imoral (cfr. #Jr 23.14; #Jr 29.23).

>Sf-3.5

Além disso, a cidade inteira se havia esquecido que o Senhor, que não pode praticar qualquer injustiça, estava em seu meio (5). "Manhã por manhã raia Sua justiça" (Moffatt). Quão insensata, pois, era Jerusalém no seu orgulho e arrogância quando Aquele que tem "surrado nações, arruinado suas trincheiras, esvaziado suas ruas até que ninguém mais anda por ali" e destruído suas cidades a ponto de não haver "uma alma que nelas habite" (6, Moffatt) estava pronto para cortar a santa cidade de outrora. Àquelas nações havia sido feito um apelo para que se humilhassem debaixo da poderosa mão de Deus e para que aceitassem Sua disciplina (7). Ele ter-se-ia mostrado gracioso para com elas, porém, não Lhe tinham dado ouvidos, e pereceram. Portanto, Sofonias apela em nome de Deus, a Jerusalém, para que a cidade se volte para Ele (8), pois Ele certamente destruiria tudo quanto se levantasse contra Ele.

Duas coisas são dignas de nota nesta passagem. Até este ponto não temos verificado a mesma aguda sensibilidade ética tal como Miquéias demonstra; tão somente temos visto algumas poucas referências indiretas aos pecados sociais (exemplo, #Sf 2.3). Aqui, porém, Sofonias mostra que tais pecados estavam longe de ser esquecidos. De fato, até parece que ele reservou tal acusação para o fim. Para Sofonias, como para os outros profetas, a injustiça social era o cúmulo da iniquidade, o pecado supremo, a acusação irretorquível

contra a corrupta adoração do povo a Deus. Em segundo lugar, há poucas dúvidas que "as cores apocalípticas" começam a aparecer aqui. Sofonias se elevava muito acima e muito além das iniquidade de Judá e das nações, e até mesmo além dos acontecimentos de um futuro iminente, chegando até ao período e ao julgamento do fim.

>Sf-3.9

III. BÊNÇÃO PROMETIDA Sf 3.9-20

a) Ao remanescente de Judá (Sf 3.9-13)

Estes versículos falam sobre um dia quando, em resultado dos juízos disciplinares de Deus, haverá conversão de âmbito mundial. Para Deus, o julgamento não é um fim em si mesmo. Ele não castiga gratuitamente. Seu juízo é sempre justo, e aqui vemos esse castigo realizar um propósito beneficente e remidor. Estes versículos se referem, primariamente, ao remanescente castigado e humilhado, **um povo humilde e pobre** (12), que sairia do cativeiro depois que sua cidade fosse destruída pelos caldeus. Porém, também pode ser percebida uma aplicação mais lata dessa passagem, pois, tal como no restante de seu livro, a visão do profeta, aqui, é de alcance mundial. O julgamento do dia da ira do Senhor cairá contra todos (**#Sf 2.4-15**) e, semelhantemente, as bênçãos do Evangelho serão tão universais como o juízo (**#Sf 2.11; #Sf 3.9-10**). O texto hebraico dos versículos 9 e 10 não é claro, e tem havido muita discussão em torno da sua admissibilidade após os versículos 1-8. Não obstante, é claro o sentido da passagem, a saber, que da Etiópia, que era considerada o fim do mundo, e de além, haveria aqueles para quem Deus daria **lábios puros**, pelo que todos, judeus e gentios (cfr. **#Is 66.19-20**), poderiam invocar o nome do Senhor através de nova e melhor aliança, e servi-Lo **com um mesmo espírito** (em heb., "com um ombro").

>Sf-3.14

b) Ao inteiro Israel de Deus (Sf 3.14-20)

Os versículos finais são de tonalidade tão diferente que alguns eruditos uniformemente sustentam que pertencem a dias posteriores, quando o remanescente já havia regressado do exílio para a sua própria terra. Mas, mesmo que assim tivesse sido, não seria inconsistente com a mais plena

inspiração do livro considerado como um todo; mas, a possibilidade desses versículos serem a voz autêntica de Sofonias está longe de poder ser refutada.

Indubitavelmente o profeta está falando aqui com veia poética a respeito dos grandes dias futuros quando o Senhor seria Rei sobre Seu povo redimido (cfr. [#Is 44.6](#)), e quando não teriam mais tribulações. Mediante seu emprego do tempo perfeito "profético" (ver versículo 15), ele se projeta no futuro e descreve as coisas que ainda não eram realidade como se eles já tivessem acontecido. O Senhor estaria entre eles, um guerreiro para livrá-los (cfr. [#Is 42.13](#)), Alguém que se encheria de alegria por causa deles, renovando sempre Seu amor, e exultando com um cântico festivo (conforme diz Moffatt no versículo 17). Além disso, podemos conceber o profeta a olhar para a frente, através dos séculos, para um dia de bênção universal para o Israel de Deus. Essa magnificente nota profética também é ouvida nos últimos capítulos de Isaías, porém, no caso de Sofonias, não passa de uma visão mal divisada e apenas parcialmente compreendida. "Ele ainda não havia descoberto a visão suficientemente grande para seu cântico. Já tinha a melodia; mas ainda não havia descoberto seu tema, e a palavra profética teria de progredir até uma concepção mais vasta sobre a redenção, antes que pudesse elevar-se até sua antiga majestade" (Orchard, [Oracles of God](#), pág. 123).

[J. T. Carson.](#)

AGEU

INTRODUÇÃO

Ageu, o primeiro dos profetas da restauração, não tem história registrada sobre sua pessoa. Ele era "o embaixador do Senhor" (#Ag 1.13) e seus testemunhos estão seguramente entesourados com seu divino Empregador. A mensagem, e não o mensageiro, era de importância primária. Deus, e não o seu profeta, domina a cena.

I. DATA

É impossível fixar com exatidão o período coberto pela vida de Ageu. Tem-se conjecturado que ele vira o templo de Salomão. Essa conjectura se baseia em #Ag 2.3 - "Quem há entre vós que, tendo ficado, viu esta casa na sua primeira glória?" Isso significaria que o profeta tinha pelo menos oitenta anos de idade quando sua mensagem foi transmitida. Porém, a linguagem do versículo, não apoiada por outras evidências, dificilmente poderá sustentar tal interpretação. É muito mais provável que ele nasceu no tempo e na terra do cativo. O período que apresenta maiores probabilidades, por conseguinte, seria a primeira metade do sexto século A. C. Sua mensagem, entretanto, está tão ligada com a história de seu tempo que ela pode ser definitivamente fixada como tendo sido proferida em 520 A. C. Sua idade, então, pode ser apenas conjecturada, e só podemos inferir que Deus considerava isso sem importância. As datas, tão proeminentes na profecia, se referem, como as datas sempre se referem, a coisas passadas, porém, por trás delas obtemos um quadro bem focalizado sobre o caráter e os requerimentos independentes do tempo de Deus.

II. AUTOR

Jerônimo explica o nome Ageu, dizendo que significa "festivo" (derivado de *haj*, o "festivo" ou "exuberante"). Isso a não ser que a suposição de Reinke seja verdadeira, de que ele nasceu em algum dia festivo, sugeriria tanto que seus pais foram guiados divinamente, como que, sob as circunstâncias da época, uma forte fé da parte deles os tenha levado a escolher tal nome para seu filho. Parecem ter percebido que, embora ele semeasse entre lágrimas, haveria de colher com alegria. A profecia envolvida em seu nome, seja como for, foi cumprida, pois Ageu é um dos poucos profetas que teve o

indizível prazer de ver amadurecerem os frutos de sua mensagem perante seus próprios olhos.

Ficamos limitados inteiramente aos seus próprios escritos para poder fazer a estimativa do homem. Um par de referências, em Esdras, meramente se referem a ele como "Ageu, o profeta". Não há vôos poéticos de fantasia neste livro. Seu estilo chega a ser considerado por alguns, como deslustrado e prosaico. Porém, há certa concisão, franqueza e brevidade naquilo que ele tem para dizer. Essa brevidade tem levado alguns a considerarem que talvez tenhamos aqui sua mensagem em forma apenas condensada. Bem pode ser igualmente a verdade que essa característica, juntamente com as outras, nos forneça provas de que o profeta era um mensageiro simples, franco e direto. O homem, entretanto, estava engolfado em sua obra. Ele se mostra, caracteristicamente, profeta de Deus, falando em lugar de Deus e estabelecendo uma espécie de serviço postal entre Deus e Seu povo.

III. OS TEMPOS

Ageu tinha uma tarefa claramente definida a realizar. Sua tarefa divergia e, em alguns aspectos, era mais estritamente limitada, da tarefa de qualquer dos profetas anteriores ou de seu contemporâneo, Zacarias. As circunstâncias eram diferentes daquelas dos dias anteriores ao cativeiro. Quando os profetas mais antigos entregavam sua mensagem, a casa do Senhor estava presente com toda a sua glória exterior, uma honrosa herança do passado. As observâncias cerimoniais eram rigidamente cumpridas, tanto quanto diz respeito às formalidades externas. Tão meticulosamente observadas eram elas, efetivamente, que afinal o Todo-poderoso ficou "cansado" daquelas rígidas formalidades mortas. Quando a religião do povo assim se transformava em joio, este olhava com auto-satisfação e com ilusório orgulho para os magnificantes edifícios e diziam: "Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este" (#Jr 7.4). O apelo dos profetas, por conseguinte, era inspirado pelo Espírito e, algumas vezes, era um grito angustioso para que o povo apreciasse devidamente os valores espirituais e agisse de conformidade com sua religião transmitida por Deus. Pois o povo dava importância primária às coisas materiais e formais em suas vidas. (Ver Apêndice I a Reis, "A Religião de Israel no Período da Monarquia".)

Agora tais edificações estavam em ruínas, e o pêndulo se tinha inclinado para o outro lado. Nem ao menos havia interesse suficiente nas coisas externas para impelir o povo a reconstruir o templo.

IV. A MENSAGEM

A tarefa especializada e dada por Deus a Ageu era a de galvanizar o povo em ação, num novo esforço, nessa direção. Os argumentos derivados do passado ou do futuro, eram empregados por ele e focalizados sobre essa tarefa.

Contemporânea e complementar da obra de Ageu era a tarefa de Zacarias. O próprio zelo e entusiasmo de Ageu, pela reconstrução material da casa de Deus, poderia tender a fazer o povo desviar seus pensamentos do Deus da casa e da glória do Messias vindouro. Certamente havia também espaço para a mensagem de Zacarias. Entretanto, estaríamos sendo muito injustos para com Ageu se considerássemos que as coisas materiais eram as únicas que o preocupavam, como alguns afirmam, de que ele estava interessado apenas em "tijolos e massa". O cirurgião que se especializa em doenças dos pés não é indiferente para com o fato que o coração e o sistema circulatório são vitais para a saúde do corpo inteiro e essenciais para o sucesso de seus próprios esforços para tratamento de um membro particular. Semelhantemente, Ageu não se esquecia que a religião vital, em sua inteireza, estava por detrás da obra especial do momento; e, nas revelações que lhe foram concedidas por Deus, havia motivos suficientes para justificá-lo, na companhia de todos os seus colegas profetas, a buscar "qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava". Ele via o dia de Cristo à distância, e com isso, alegrou-se. Ele via a restauração do templo como um elo na grande cadeia dos acontecimentos orientados por Deus. Ele via em Zorobabel, seu príncipe, uma cadeia viva na corrente humana da semente de Davi, que continuaria sem interrupções até a vinda do Messias (#Mt 1.12 e segs.). Ele via a glória de um reino para o qual, um dia, as nações fluiriam, como "as águas cobrem o mar".

O trabalho para o qual Deus chamou ambos os governantes e o povo de Judá, por meio de Ageu, era o reinício de uma tarefa não terminada (ver #Ed 4). Os 50.000 exilados, que tinham aproveitado o decreto de Ciro e haviam retornado da Babilônia para sua pátria de origem, tinham iniciado a reconstrução do templo. Essa obra, entretanto, havia sido interrompida, devido, pelo menos ostensivamente, à feroz oposição e amarga oposição da parte do "povo que habitava a terra", aqueles colonos que se haviam estabelecido ali durante o período do exílio dos judeus, a fim de preencher os vazios de uma população dizimada. O verdadeiro motivo dessa interrupção, entretanto, foi a letargia do povo de Deus. Por cerca de dezesseis anos a casa

do Senhor jazia "desolada", e a melancolia da cena era intensificada pelos sinais da tentativa de reconstrução que abortara. Subitamente àquele povo letárgico, Ageu aparece, como um mensageiro despachado da sede do comandante supremo e dramaticamente apresentou sua mensagem. Incidentalmente, o registro das providências de Deus para com Seu povo revela para nós a chave para a solução do problema de alimentação no mundo. Condensada nas palavras de Cristo, poderíamos ler: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas" (#Mt 6.33).

Ag-1.1

I. UMA MENSAGEM PARA PRÍNCIPE E SACERDOTE Ag 1.1-2

Essa mensagem veio **no segundo ano de Dario** (1). Esse foi Dario Histaspes. A data, portanto, é 520 A. C. O ano se adapta aos acontecimentos na história. O mês e o dia mencionado servem para ponto de comparação com as datas que se seguem e assim fica marcado o progresso da obra.

Zorobabel era, então, **príncipe de Judá** (1). A palavra traduzida aqui como **príncipe (pehãh)** é uma palavra estrangeira que serve de lembrança que Judá estava em posição de subserviência a um poder estrangeiro. Isso, porém, não diminuía sua responsabilidade para com Deus. O fato que a mensagem foi dirigida a Zorobabel, conjuntamente com Josué, **o sumo sacerdote**, mostra que o governo civil ocupava seu próprio departamento, como também o líder eclesiástico, os quais tinham responsabilidade pelo bem estar do reino de Deus.

>Ag-1.2

Há uma nota de repreensão na frase: **Este povo** (2). Aqui Deus não disse "Meu povo". O pecado aliena. O povo estava a dizer: **Não veio ainda o tempo** (2). Em apoio dessa perene desculpa, possivelmente um argumento ou diversos, ou uma combinação de diversos argumentos, eram empregados. Era o tempo da colheita e por isso o povo estava por demais atarefado. As colheitas eram magras e, portanto, os tempos eram difíceis. O trabalho havia sido interrompido desde dezesseis anos passados devido à feroz oposição e perseguição do "povo que habitava na terra e essa oposição certamente rugiria novamente se qualquer tentativa fosse feita para reiniciar a obra de

reconstrução. Contando desde a destruição final de Jerusalém (586 A. C.) os profetizados setenta anos de cativo (#Jr 25.11-12) ainda não estavam totalmente completos. O povo estava, portanto, aguardando pelo tempo marcado por Deus. E assim o povo, emprestando um ar de santidade às suas desculpas, aliviava um tanto suas consciências pesadas.

A mensagem que segue, dirigida diretamente ao povo (10), sugere claramente que o verdadeiro impedimento jazia na letargia da nação. É o caráter-e não a exiguidade de tempo, nem tempos difíceis e nem mesmo a oposição de adversários-que impede o progresso do trabalho de Deus. Não há tempo apropriado quando os homens estão desinteressados. Qualquer tempo é apropriado para aqueles que estão em sintonia com os desejos de Deus.

>Ag-1.3

II. UMA MENSAGEM PARA O POVO Ag 1.3-12

Este oráculo tem a mesma data que a mensagem que acabara de ser transmitida aos líderes da nação. Deus responde à objeção levantada, fazendo uma pergunta: **É para vós tempo...?** (4). Algumas versões traduzem: "para vós mesmos é tempo...?", isto é, para um povo como vós e com uma história como a vossa? Há um tom de repreensão nessa maneira de Deus dirigir-se a eles. O povo não é descrito aqui, quando deveria ficar manifesto que eram o povo de Deus.

>Ag-1.4

Note-se o contraste entre **vossas essas estucadas e esta casa há de ficar deserta?** (4). Uma casa "estucada" era casa confortável e belamente adornada com madeira. Visto que a madeira era rara em Judá, **casas estucadas** eram um sinal de luxo e gastos. Formavam um vívido contraste com os alicerces de pedra da casa do Senhor, ainda por terminar e expostos aos elementos, durante os últimos dezesseis anos, desde que terminara em fracasso a última tentativa de reconstruir o templo. Uma casa, em distinção a uma tenda como moradia, ou a um altar isolado para o local de adoração, denota uma habitação permanente... **Casas estucadas**, em contraste com a casa de Deus que jazia deserta, portanto, implicava que o povo desejava permanecer na terra em meio ao luxo, mas que não tinha preocupação alguma para que Deus, a Quem deviam o fato de haver retornado do exílio (#Sl 126), habitasse no meio deles.

>Ag-1.5

Aplicai os vossos corações aos vossos caminhos (5,7). Este é uma espécie de estribilho por toda a profecia. Na psicologia dos hebreus, "coração" significa pensamento ou atenção. Os fatos falariam para eles se ao menos quisessem ouvir e dar atenção. Seus esforços em direção à prosperidade adquirida para si mesmos tinham sido um fracasso. Ver o versículo 6. Todo dom parecia não ser abençoado. Havia pobreza mesmo no meio da abundância. Os salários eram ganhos, mas quem os ganhava não colhia mais prazer do que se tais salários fossem derramados **num saco furado** (6). A futilidade de tudo aquilo era de despedaçar o coração! "Ponderai nisto", dizia Deus. "Perguntai a vós mesmos: "Não há um motivo para tudo isso?" e esse motivo não é vossa própria maneira de vida?" **Subi ao monte** (8), vem a ordem. Isso dificilmente espera pelo resultado lógico da meditação por parte do povo. Trata-se de uma ordem que exige obediência, independente do fato se o resultado de tal ponderação os levasse ou não a ligar sua pobreza com seu esquecimento para com Deus. Deus queria que fizessem Sua vontade, segundo Ele a tinha revelado, e isso por motivo de amor e de fé nobre, e não meramente como uma condição de prosperidade material. "Tentai a grande experiência", dizia Deus. "Fazei Minha vontade. Buscai em primeiro lugar a glória de Minha casa. Então vereis, por experiência real, como as fortunas destroçadas podem ser transformadas em verdadeira prosperidade" (ver **#Ag 2.18** e segs. e cfr. **#Jo 7.17**). Comparar **vós** (9) com "eu" (11; subentendido). Deus não permitiria que o povo tirasse falsas conclusões. Ele estabeleceu os fatos claramente. O povo tinha feito esforços estrênuos, mas haviam-se esquecido que Deus tinha a última palavra no que tangia à prosperidade da nação. **Eu lhe assolei** (9); **fiz vir a seca** (11). Nada daquilo aconteceu por acaso, mas Deus é Quem controla supremamente a provisão de alimentos.

>Ag-1.12

Logo se seguiram resultados. Todas as três classes, às quais se dirigiu o profeta, obedeceram sua mensagem. Nessa obediência, reconheciam que Deus era seu Senhor supremo, que Ageu era profeta do Senhor e que eram muito razoáveis as exigências feitas. **Seu** (deles) **Deus** (12). Note-se a volta do pronome possessivo, em que fica subentendida uma relação mais íntima.

>Ag-1.13

III. UMA MENSAGEM DE ENCORAJAMENTO A TODOS Ag 1.13-14

Então Ageu... falou ao povo, conforme a mensagem do Senhor (13). Esta é uma descrição diferente quanto ao método de entrega, mas a mensagem veio da mesma fonte. Poder celeste está envolvido nas palavras. **Eu sou convosco** (13). Esse é o fato que tem animado homens a praticar os grandes feitos do mundo. Cfr. Moisés (**#Êx 3.12; #Êx 23.14**), Gideão (**#Jz 6.16**), Jeremias (**#Jr 1.8**). Debaixo dessa mesma promessa os soldados de Cristo têm combatido e combaterão até o fim (**#Mt 28.20**). Evidências sobre Sua presença logo foram sentidas: **O Senhor levantou** (14). Deus opera por meio de instrumentos, mas o trabalho é Seu. Ele trabalha em nós como também juntamente conosco. Não somos apenas cooperadores, mas obreiros capacitados por Deus em Seu reino. Com que alegria não deve o profeta ter escrito o versículo 15! Uma planta maravilhosa para levantamento do edifício havia não apenas sido concebida, mas também posta em vigor em um par de dúzia de dias!

Ag-2.1

IV. UMA MENSAGEM PARA O PRÍNCIPE, O SACERDOTE E O POVO Ag 2.1-9

Há um certo encanto atraente acerca da ocasião desta mensagem. Foi entregue no último dia da festa dos tabernáculos (cfr. **#Lv 23.34**). Esse era, usualmente, um festival de alegria e ações de graças por uma feliz colheita. Naquele ano, porém, a ceifa fora pobre. O povo estava desanimado. Os homens idosos, ao olharem para os resultados do trabalho de um mês, no templo, inclinavam-se por meditar sobre suas memórias, comparando as presentes condições com as glórias do passado. Contudo, agora havia menor número desses homens idosos, que lamentassem, do que quando os alicerces tinham sido colocados pela primeira vez (**#Ed 3.12-13**), ainda que sua tristeza não fosse menos intensa. O pessimismo dos homens idosos, influenciou na moral dos homens mais jovens. É em meio a essa melancolia que vem a mensagem de Deus a fim de servir de esteio para seus espíritos desanimados mediante uma renovada garantia de Sua presença no meio deles (4-5; cfr. **#Ag 1.13**), que inclui a premissa óbvia que, onde Ele se encontra, as dificuldades não podem ser levadas em consideração.

>Ag-2.3

Quem... tendo ficado...? (3), pergunta o profeta. O "período permitido" da existência humana estava quase chegando ao fim, desde que o templo fora destruído. Poucos, dentre os vivos, tinham-no visto antes de sua destruição. **Como nada em vossos olhos** (3). A comparação do novo com o antigo templo, quase certamente levaria a uma estimativa errada, visto que o homem de oitenta anos não enxerga com os mesmos olhos o que viu como criança de doze; a obra presente estava terminada apenas parcialmente; e a verdadeira glória de qualquer casa de Deus não depende exclusivamente de sua estrutura ornamentada. Glória e resplendor não são termos sinônimos. A glória autêntica do templo dependia do que ela era -"Minha casa"- e não em sua aparência. O mandamento, **esforçai-vos** (4), foi o mesmo, para todas as classes. Suas tarefas talvez diferissem, mas o espírito que devia animar deveria ser o mesmo para todos-príncipe, sacerdote e povo.

>Ag-2.4

Há uma certa praticabilidade rude nas declarações do profeta. Breves, mas insistentes são as suas exortações. **Esforçai-vos... trabalhai** (4). Cfr. **#Js 1.6**. Em íntima conexão com o mandamento acima temos a reiterada promessa da presença de Deus. **Porque eu sou convosco** (4). Isso não servia de desculpa para a ociosidade, mas antes, era um incentivo para a atividade, bem como a única garantia para o sucesso dos esforços de todas as classes. **A palavra que concertei convosco... o meu Espírito habitava** (5), ou "habita". A adição das palavras "meu Espírito habitava" ou "habita", fornece o sentido, embora o estilo obscuro do original seja, talvez, mais impressionante. A presença de Deus com Seu povo não era o resultado de uma nova promessa, mas, sim, o cumprimento da antiga aliança da parte do Deus que nunca muda e que nunca deixa de observar Sua palavra.

>Ag-2.5

Quando saístes de Egito (5). Essa afirmação parece historicamente inexata. O povo que saíra literalmente do Egito, debaixo do pacto, já havia morrido. Muitas gerações tinham nascido e falecido desde os dias em que os israelitas foram emancipados do Egito. Deus, entretanto, é o Deus que "guarda concerto... até mil gerações. Os indivíduos passam, mas a nação permanece. Os pactos nacionais não podem caducar com a idade. Esse pacto, feito com Israel, nos dias em que foram livrados do Egito, era considerado pelo Senhor como ainda em vigor nos dias de Ageu. É como se Deus tivesse dito: "Ainda

estou convosco, pronto para cumprir Minha parte no contrato. Estais prontos para cumprir a vossa?" (Ver #Êx 19.5-6). Aqui há um apelo latente para que considerassem seus caminhos. Que conexão haveria entre o fato de terem esquecido o concerto e seu país totalmente arruinado, com sua falta de prosperidade material (#Ag 1.6)? Por que Babilônia os rasgava, afinal de contas? O motivo disso tudo não é que haviam sido infiéis para com a aliança, e por essa causa haviam perdido a glória que poderiam possuir?

Uma pergunta perscrutadora para indivíduos ou nações, sempre é: Quão fiel tenho sido eu para com meu pacto com Deus? A infidelidade nunca se encontra de Seu lado. "Estou convosco segundo a palavra com que Me pactuei convosco". "Considerai vossos caminhos".

>Ag-2.6

Ainda uma vez, daqui a pouco (6). "Uma vez mais, e imediatamente". Apesar de que as opiniões diferem quanto aos acontecimentos referidos neste contexto, é patente o fato que Deus reivindica controle supremo entre todas as nações, e emprega as "agitações" para o avanço de Seu próprio reino. Cfr. as agitações dos reinos da Pérsia, Grécia e Roma, antes do advento de Cristo. Uma frase que tem ficado em nosso vocabulário religioso é digna de atenção especial-o **Desejado de todas as nações** (7). Por muito que os corações, especialmente os corações daqueles que têm encontrado Aquele que é tudo quanto desejam, gostariam de seguir aqui os antigos expositores judeus, e nessas palavras compreender uma referência pessoal ao Messias, e por maior que fosse a verdade assim ensinada, a dificuldade de traduzir essas palavras com esse sentido parece insuperável. Embora o substantivo seja singular, o verbo (**bau**, virão) está no plural. A Septuaginta traduz "virão as coisas escolhidas de todas as nações", ou, talvez, "as nações escolhidas de todas as nações". A construção da sentença sugere que esse acontecimento não meramente se seguirá à agitação das nações, mas sim, que é o resultado dessa agitação ou tremor. Apesar de que tais "agitações" tivessem de ser precursoras e acompanhantes da vinda do Messias, dificilmente poderiam ser consideradas como a causa dessa vinda. A declaração do versículo 8 parece sugerir que o influxo será a prata e o ouro que, embora se encontrem nas mãos das nações, não obstante estarão sob o controle de Deus e serão trazidos quando e como Ele o desejar (cfr. #Ed 6.8-10).

>Ag-2.9

Isso assegurará a glória desta última casa (9) ou "a glória final desta casa", como dizem algumas versões. "Casa", aqui, é o templo de Deus, quer o construído por Salomão ou reconstruído por Zorobabel ou por Herodes. Ele era "minha casa", mesmo quando jazia "deserta". A glória final, pois, excederá até mesmo a do edifício primitivo. Neste lugar darei a paz (9), isto é, os queixosos do versículo 3 seriam silenciados. A glória primária não consiste de ouro, de prata e de pedras lavradas. Pois tanto o coração como os olhos encontrarão prazer. A profundíssima necessidade do homem seria satisfeita-paz. Neste lugar é, antes de tudo, Jerusalém, o lugar onde permanece a casa de Deus. Porém, a visão é ampliada para nós de hoje em dia. O Príncipe da Paz já veio. Por Sua autoridade sabemos que "nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis". O templo espiritual de Deus está em qualquer lugar, mas, não obstante, ali a paz está habitando (#Ef 2.16 e segs.). É digno de nota como esta seção ilustra o método de Deus para animar o que está sendo provado ou está desanimado, usando a promessa de melhores condições futuras. Seu próprio Filho suportou a cruz "em troca da alegria que lhe estava proposta" (#Hb 12.2). Cfr. #Gn 3.15; #Gn 12.2; #Jo 14.1.

>Ag-2.10

V. UM APELO A TODOS PARA QUE MEDITEM PROFUNDAMENTE Ag 2.10-19

Dois meses se haviam passado desde a entrega da última mensagem. Enquanto isso, segundo podemos supor, o trabalho de reconstrução prosseguia e o povo era estimulado por uma nova voz que cooperava com a de Ageu, em seu apelo para que voltassem a Deus. Zacarias, por essa altura, já tinha lançado também seu apelo (#Zc 1.1,3). Somente um novo amor a Deus impeliria o povo a um novo zelo na edificação de Sua casa. Os versículos 11-14 formam um pano de fundo para seus pensamentos, quando agora são solicitados a "considerar" seu caminho. Ver os versículos 15,18. Agora teriam de considerar sua vereda futura e não a passada.

>Ag-2.11

Pergunta agora aos sacerdotes (11). Dirige-te à fonte de autoridade apropriada. Certifica-te sobre as premissas, antes de tirares conclusões. Deus estava disposto a arrazoar com Seu povo. Cfr. #Is 1.18. Os fatos aduzidos foram tirados de princípios bem conhecidos e estabelecidos na lei. Juntamente com Paulo, poderíamos talvez dizer: "Não vos ensina a própria natureza?" Sabemos

que um toque daquilo que é poluído contamina o que é puro. Não obstante, um toque do que é puro, não pode purificar o contaminado (#Lv 5.2). Assim é este povo (14). Note-se, outra vez, a separação dos contaminados-não "meu povo". O povo havia sido poluído pela desobediência e por sua letargia em reconstruir o templo. Por conseguinte, tudo quanto tocava ficava poluído e, conseqüentemente a bênção de Deus fora suspensa de seus esforços e possessões (ver versículos 16-17). Nenhuma ação boa pode merecer a suspensão da maldição; no entanto, tal é a maravilhosa graça de Deus e tal é Sua admirável recompensa para com aqueles que observam os Seus mandamentos, de Deus, começando mesmo no próprio dia em que lançaram os alicerces da casa do Senhor. O profeta pergunta: Há ainda semente no celeiro? (19). Não foi meramente mediante antecipação inteligente, baseada em sinais favoráveis de um ano bom, que Ageu foi capaz de predizer uma colheita abundante. Antes de a semente ser semeada ele já predizia boa colheita. A abundância da colheita do ano seguinte muito dependia das chuvas do nono mês em diante. "Não considereis a boa colheita mera coincidência", pleiteava Deus por intermédio de Seu profeta. "Marcai bem a data exata da alteração de vossas condições. Considerai que... desde este dia vos abençoarei" (19).

>Ag-2.20

VI. UMA MENSAGEM PESSOAL PARA O PRÍNCIPE COMO SUCESSOR DE DAVI Ag 2.20-23

Por duas vezes, no mesmo dia, Deus enviou recado por Seu profeta (cfr. versículo 10). Há a urgência do amor por trás desse recado repetido. Esta segunda mensagem do vigésimo quarto dia do nono mês trazia em si todo o otimismo do Deus da esperança e a confiança do Deus do poder. Nem o céu nem a terra podem resistir-Lhe. Por trás de todos os levantes acha-se a Sua mão. Farei tremer dizia Deus (21). Lit., "estou tremendo". Trata-se de um processo presente e contínuo. As convulsões do império persa, por exemplo, nos dias de Dario, redundaram em vantagem para os judeus. Dario estava ansioso para conciliar os judeus como súditos que não se haviam rebelado e, igualmente, para seguir a orientação política de Ciro. Portanto, ele confirmou o edito de Ciro de que o templo deveria ser reconstruído. Porém, a profecia se alarga indefinidamente. Contempla os reinos das nações (22). Ageu recebeu uma visão sobre reinos em decadência, enquanto o reino de Deus governava sobre todos eles. As coisas que Deus declara que faria chamam-nos a atenção.

Derrubarei... destruirei (22). Novamente, **te tomarei... te farei** (23). Por detrás dessas afirmações temos a calma certeza da onipotência.

Não mediante interferência direta, mas por meio do processo dos acontecimentos é cumprido o plano de Deus: **pela espada do seu irmão** (22). Não obstante, não há contradição entre esse fato e o fato de Deus dizer "farei", que aparece na parte anterior do versículo. "Verdadeiramente tu és o Deus que te ocultas". Ele opera por intermédio de outros, mas é Ele Quem opera. A Zorobabel foi transmitida uma linda promessa, como um **anel de selar** (23). O anel de selar era um objeto muito precioso aos olhos dos orientais. Era, igualmente, sinal de autoridade. Há beleza no emprego deste símbolo, em conexão com a prometida restauração de Zorobabel ao trono, como descendente de Davi. A rejeição de Jeconias tinha sido dada a conhecer por Jeremias, por meio destas palavras: "Vivo eu, diz o Senhor, que ainda que Jeconias, filho de Jeoaquim, rei de Judá, fosse o selo do anel da minha mão direita, eu dali te arrancaria" (**#Jr 22.24**).

Por conseguinte, a promessa tem o sentido seguinte: Considerar-te-ei preciosíssimo e dar-te-ei uma posição de grande autoridade. Aqui ficam implicadas tanto a preservação como a preferência. E ele devia tudo isso não a seu próprio mérito, mas sim, à escolha de Deus: **te escolhi** (23). Assim como Abraão, Davi e Salomão foram selecionados, semelhantemente Zorobabel ficou pertencendo à nobre sucessão dos escolhidos, em cuja "semente" as promessas encontraram seu mais excelente cumprimento (**#Mt 1.12-13**). Pois eis que Alguém maior que Zorobabel acha-se aqui. No Messias a visão é completada. A respeito dAquele que se assenta para todo o sempre no trono de Davi é dito: "Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim" (**#Lc 1.32-33**). Deus o escolheu como "anel de selar".

J. McIlmoyle.

ZACARIAS

INTRODUÇÃO

Zacarias era filho de Baraquias e neto de Ido. Esdras se refere a ele como "filho de Ido" (#Ed 5.1; #Ed 6.14), mas essa aparente discrepância é removida simplesmente supondo-se que Baraquias faleceu antes de Ido, e que Zacarias sucedeu seu avô na liderança do curso sacerdotal de Davi. A referência de Esdras a ele, como filho de Ido, deve ser compreendida no sentido mais geral de descendência.

Juntamente com seu contemporâneo, Ageu, Zacarias tinha por alvo encorajar os judeus na obra de reconstrução do templo, reconstrução essa que estivera suspensa desde o primeiro ano de Ciro (538 A. C.; ver [Introdução](#) ao Comentário sobre Ageu). As duas divisões principais do livro, a saber, capítulos 1-8 e capítulos 9-14, são tão diferentes quanto ao estilo e ao ponto de vista histórico, entretanto, que se tem tornado comum atribuir essas divisões a diferentes autores. Porém, essas admitidas diferenças podem muito bem ser explicadas sem que se abandone a crença na unidade da autoria do livro. Pois em 1-8 o profeta se preocupa principalmente com os acontecimentos contemporâneos, particularmente a reconstrução do templo; enquanto que, em 9-14, ele trata de tais eventos futuros como a vinda do Messias e a glória de Seu reino. Naturalmente, portanto, a primeira divisão segue o estilo histórico, enquanto que a última é apocalíptica. É provável, igualmente, que a primeira parte da profecia pertencia aos primeiros anos da vida de Zacarias, e que a segunda parte foi escrita em sua idade avançada. A evidência interna do livro é favorável, conforme é claramente demonstrado por W. H. Lowe, à origem pós-exílica de ambas as divisões, bem como à unidade da autoria.

Zc-1.1

I. A MENSAGEM INTRODUTÓRIA Zc 1.1-6

As palavras iniciais da profecia são cronologicamente importantes, indicando, como indicam, que a comissão de Zacarias lhe foi dada "no segundo ano de Dario" (Histaspes), ou seja, dezesseis anos depois que os judeus, pela permissão dada pelo decreto de Ciro, começaram a retornar à Palestina. Portanto, a data é 520 A. C. As primeiras palavras do profeta, aos seus compatriotas, são uma severíssima repreensão. O zelo do povo, pela restauração do templo, se tinha abatido (cfr. #Ag 1). Essa lassidão nos

esforços era um sintoma claro de uma condição de deterioração espiritual, um desvio de Deus que partia do coração. Justamente por causa desse pecado o Senhor estivera **em extremo desgostoso** (2; lit., "irado com ira", denotando grande indignação) com seus pais, e os tinha enviado ao cativeiro. Tanto seus pais como os seus **primeiros profetas** (4), que os tinham advertido com antecedência sobre o cativeiro, estavam agora mortos; mas as palavras de Deus **alcançaram** (6), isto é, tinham sido cumpridas. As perguntas retóricas do versículo 5 serviriam como lembretes, não apenas quanto à constância do propósito de Deus, mas também quanto à brevidade da vida e à transição de suas oportunidades. Uma grande obra exigia a atenção deles, e não havia tempo para adiantamentos.

>Zc-1.7

II. AS OITO VISÕES Zc 1.7-6.8

a) A primeira visão (Zc 1.7-17)

O apelo para que se arrependessem é imediatamente seguido por uma narração da primeira das oito visões que compõem a primeira porção da narrativa. Esta visão foi dada no décimo primeiro mês do ano judaico, o mês de Sebate, enquanto que a conclamação ao arrependimento foi transmitida no oitavo mês (ver versículo 1).

A cena da primeira visão foi um vale baixo, onde crescia um bosque de **murtas** (8). Os personagens presentes foram **um homem montado num cavalo vermelho** (8), que é chamado de **anjo do Senhor** (12), e de **o Senhor** (13), um grupo de cavaleiros sobre cavalos **vermelhos, morenos e brancos** (8), um anjo intérprete (9), e o próprio profeta.

O cavaleiro do cavalo vermelho é, claramente, mais que homem e mais que anjo—é o divino Mediador, o Senhor Jesus Cristo, aparecendo nesta cena como Protetor de Seu povo. O fato que Ele e o grupo ao Seu redor estavam montados sugere tanto poder como velocidade; e as cores dos cavalos são consideradas por alguns como símbolos de várias dispensações da providência divina—os cavalos vermelhos denotariam derramamento de sangue e batalha; os brancos, paz e vitória; os morenos, ou baios, uma condição intermediária em que aparecem elementos de contendas e desassossego, apesar de também haver paz e prosperidade.

>Zc-1.9

Perplexo com a visão, o profeta se voltou para o anjo intérprete e lhe perguntou: **Senhor meu, quem são estes?** (9). Neste caso a interpretação foi dada pelo **homem que estava entre as murtas** (10), isto é, o próprio **anjo do Senhor** (11). **Estes são**, explicou Ele, referindo-se aos Seus seguidores, **os que o Senhor tem enviado para andarem pela terra** (10). Essas pessoas referidas, em seguida apresentam relatório ao seu Líder, vindos de seu circuito. **Toda a terra**, disseram eles, **está tranqüila e em descanso** (11). Essa descrição se ajusta bem com a situação contemporânea. A calma que precede a tempestade estava pairando sobre as nações que compunham o império persa. Tal situação favorecia os judeus, visto que proporcionava oportunidade para reconstruírem o templo. Porém, as notícias não foram totalmente boas, pois Ageu, cuja profecia é complementar à de Zacarias, havia proclamado a seguinte mensagem da parte do Senhor: "Ainda uma vez, daqui a pouco, e farei tremer os céus, e a terra, e o mar, e a terra seca" (**#Ag 2.6**). Seria num tal tempo de desassossego que a prosperidade de Jerusalém seria restaurada; e o anúncio de que a terra estava **em descanso** indicava que o "daqui a pouco" de Ageu ainda não havia expirado.

>Zc-1.12

O Anjo do Senhor, tendo recebido o relatório da parte de Seus cavaleiros, tornou-se intercessor a favor de Seu povo, que estava esperando. Durante **setenta anos** (12) tinham estado em escravidão na Babilônia. Poucos haviam aproveitado a oportunidade de retornar, dada pelo decreto de Ciro, e **Jerusalém** e as **idades de Judá** estavam em triste condição. **Até quando**, pleiteia Ele, fiel ao Seu caráter de Mediador-**Até quando não terás compaixão...?** Sua intercessão é dirigida ao Pai eterno, porém, não ouvimos a resposta dEste. O Senhor que respondeu, com **palavras boas, palavras consoladoras** (13) foi o próprio Intercessor. A súbita transição de **anjo do Senhor** para **Senhor**, que temos nos versículos 12 e 13, não é algo incomum (cfr. **#Êx 3.2,4**).

>Zc-1.14

A confortadora mensagem, transmitida pelo Anjo do Senhor ao anjo intérprete, tornou-se a substância da mensagem que o profeta foi ordenado a transmitir aos seus compatriotas. Deus não era indiferente para com a situação deles; mas, como disse o Senhor, "Com grande zelo estou zelando" (14). A pacífica quietude que havia prevalecido entre **as nações em descanso** (15) não

deve ser considerada como indicativa de que Ele havia fechado os olhos à sua iniquidade. Ele tinha estado apenas **um pouco desgostoso** com Judá, e havia usado seus inimigos como chicote para castigá-lo. Porém, as nações **auxiliaram no mal** (15), isto é, haviam-se excedido em sua comissão, tirando vantagem da oportunidade para assaltarem e oprimirem Judá, conforme a situação lhes permitiu. O tempo da recuperação de Judá estava próximo, entretanto. O templo seria reconstruído, Jerusalém seria restaurada e alargada e as cidades de Judá seriam numerosas e prosperamente habitadas (16-17).

Muitos escritores tomam a posição que as murtas desta visão (a murta é indígena da Palestina) simbolizam os judeus. A situação das murtas na **profundeza** de um vale poderia sugerir sua humilde condição por ocasião do tempo da visão; mas, apesar de que não haja faltas nessa sugestão, sua posição claramente tem a intenção de simbolizar sua segurança (cfr. **#Sl 125.2**). Por poucos e fracos como fossem, desfrutavam da proteção do Anjo de Jeová e de Seus poderosos exércitos.

Deve-se notar que há uma tríplice promessa na mensagem do anjo intérprete: **Minha casa nela** (em Jerusalém) **será edificada... o cordel será estendido sobre Jerusalém... e as minhas cidades ainda aumentarão e prosperarão** (16-17). A primeira dessas predições foi cumprida no sexto ano do reinado de Dario, isto é, quatro anos após o tempo dessa visão; a segunda foi cumprida cerca de setenta anos mais tarde, quando Jerusalém foi reedificada por Neemias; e o cumprimento da terceira predição pode ser encontrada na história dos judeus debaixo dos príncipes hasmoneanos. A certeza final, de que **o Senhor ainda consolará a Sião** (17), provavelmente se relaciona àquele acontecimento ainda mais distante-a vinda d'Aquele que é referido por Lucas como a "consolação de Israel" (**#Lc 2.25**).

>Zc-1.18

b) A segunda visão (Zc 1.18-21)

A visão se explica por si mesma. O Senhor já havia declarado Sua intenção de pedir contas dos opressores de Seu povo. Tais opressores são representados aqui por **quatro cornos** (18), simbolizando, como parece, os quatro poderes mundiais, Assíria, Egito, Babilônia e Média-Pérsia, que **dispersaram a Judá, a Israel e a Jerusalém** (19). Os cornos, entretanto, talvez envolvam uma aplicação menor e podem simbolizar os quatro pontos cardeais, para significar

que Deus trataria com os inimigos de Seu povo, de qualquer quadrante que se levantassem eles.

>Zc-1.20

Após os quatro chifres, o profeta viu quatro **ferreiros** (20), ou melhor, "artífices", que simbolizavam os poderes mediante os quais Deus haveria de cumprir Sua promessa de vingança contra Seus adversários. Estes haveriam de derrotar, ou desgastar os cornos que haviam espalhado o povo escolhido de Deus (21).

Zc-2.1

c) A terceira visão (Zc 2.1-13)

Esta visão segue, em seqüência direta, às duas anteriores. O Senhor havia declarado Seu propósito de reedificar Jerusalém e de restaurar sua prosperidade. Agora Ele fornece uma rápida visão sobre a Jerusalém que ainda existiria.

Nessa visão, Zacarias contemplou um jovem com **um cordel de medir** (1), a quem perguntou: **Para onde vais tu?** (2). A resposta do jovem relembra a promessa em **#Zc 1.16**: "o cordel será estendido sobre Jerusalém". Nesta altura o anjo intérprete deixa a presença do profeta para ir atrás do homem com o cordel de medir e ordenar-lhe que desista de seu propósito. Ao fazê-lo, é interceptado por um outro anjo a quem orientou para que corresse atrás do homem com o cordel de medir e lhe entregasse a mensagem a respeito de Jerusalém, mensagem essa que é registrada nos versículos 4 e 5, enquanto que ele mesmo permaneceu perto do profeta, para interpretar.

>Zc-2.4

A opinião que o **mancebo** referido pelo anjo (4) era o próprio Zacarias, dificilmente se adapta às circunstâncias da visão. Por exemplo, é difícil compreender por qual motivo o segundo anjo teria recebido ordens de correr atrás de Zacarias, ou por qual razão o anjo intérprete teria ordenado ao segundo anjo que se encarregasse de interpretar a visão, visto que a função de intérprete pertencia de direito ao próprio anjo intérprete. É muito mais fácil perceber a necessidade de pressa, da parte do segundo anjo, quando assumimos a opinião que a ele foi ordenado que alcançasse alguém que já

havia partido para desincumbir-se de sua tarefa. Segundo o ponto de vista que Zacarias era aquele mancebo, não é tão evidente a necessidade de pressa, nem, de fato, é evidente por qual motivo a mensagem do anjo intérprete seria dada a Zacarias por meio de agência do segundo anjo, visto que ele estava tão próximo para ouvir a troca de palavras entre os dois anjos. Zacarias havia interrogado o homem com o cordel de medir acerca do propósito deles; agora tinha de ouvir a mensagem que lhe dirigia o anjo intérprete e, por sua vez, tinha de transmitir essa mensagem a seus compatriotas.

Efetivamente foi uma mensagem extremamente confortadora, aquela transmitida pelo anjo intérprete, e que concordava com o que já havia sido predito no que dizia respeito à futura glória de Jerusalém e à confusão entre seus inimigos. Jerusalém seria **habitada como as aldeias sem muros** (4; em heb., **perazoth**). Muitos dos cidadãos, não conseguindo obter abrigo dentro dos limites da antiga cidade, teriam de edificar casas fora dos muros. Mas, mesmo assim, estariam em perfeita segurança; pois, dizia o Senhor: **eu... serei para ela um muro de fogo em redor** (5). Dentro das trincheiras protetoras da divina onipotência, habitariam em segurança. Além disso, foi adicionada a promessa: **serei, no meio dela, a sua glória**. O Senhor, que tinha habitado entre os querubins, no templo passado, novamente glorificaria Jerusalém com Sua presença.

>Zc-2.6

A promessa de favor renovado para com Jerusalém é seguido por uma conclamação aos judeus que permaneciam em Babilônia: **fugi agora da terra do norte** (6) e assim retornassem a seu próprio país. Alguns consideram que as palavras que seguem: **porque vos espalhei como os quatro ventos do céu**, como uma promessa de futuro alargamento; porém, o contexto apóia antes o ponto de vista de que essas palavras se relacionam à sua dispersão passada. A pressa é recomendada por dois motivos: primeiro, que os exilados que retornassem pudessem compartilhar da prometida prosperidade de Jerusalém; e segundo, que pudessem escapar da destruição de Babilônia. As palavras, **Depois da glória** (8), podem referir-se de volta à glória prometida a Jerusalém, no versículo 5; e também podem significar que, depois que Deus desse a glória prometida a Jerusalém, haveria de visitar com destruição os seus adversários, conforme já tinha ameaçado fazer. Porém, o fato que não há artigo, no original, antes do termo "glória", não favorece essa interpretação. A significação mais provável é "Ele me enviou em perseguição à glória", isto é, Deus haveria agora de glorificar a Si mesmo mediante a punição contra os

opressores de Seu povo, assim tornando manifesta a Sua invariável retidão e inflexível justiça. Aquelas nações, ao "tocarem" de modo hostil em Seu povo, haviam tocado na **menina** ou "pupila" de Seu olho. Assim Henderson compreende essas palavras, pois ele atribui o pronome possessivo ao **Senhor dos Exércitos** (8) e não ao adversário.

>Zc-2.9

O levantar a mão (9) ou punho, é uma atitude bem conhecida de ameaça. O tiro haveria de sair pela culatra, contra os opressores; o povo que haviam espoliado, haveria de espoliá-los por sua vez. A interjeição, **Cale-se** (em heb., **has**, e que corresponde ao nosso **Psiu!**), no início do versículo 13, empresta uma solenidade especial ao anúncio que Deus já tinha despertado **na sua santa morada**, a fim de intervir em favor de Seu povo. A referência às **muitas nações**, no versículo 11, as quais seriam adicionadas a Israel, provavelmente leva a profecia até os tempos messiânicos.

Zc-3.1

d) A quarta visão (Zc 3.1-10)

As primeiras visões prometiam grande prosperidade a Jerusalém; porém, essa promessa está condicionada a uma reforma moral e espiritual da parte do povo. Essa é a lição central desta visão. **Josué**, o "Jesua" de Esdras (**#Zc 2.2; #Zc 3.2**), era de descendência sacerdotal. Seu avô, Seraías, é chamado de "primeiro sacerdote" (ver **#2Rs 25.18-21**). Jozadaque (ver **#1Cr 6.14-13**), filho de Seraías e pai de Josué, foi levado como prisioneiro para Babilônia, onde, provavelmente, nasceu Josué. O cargo de sumo-sacerdote foi revivificado com Josué, após o cativo. É em sua capacidade de sumo-sacerdote que Josué aparece nesta visão, onde representa não apenas o sacerdócio, mas também a nação inteira.

A referência das palavras **E me mostrou** (1) não é perfeitamente clara. Pode ser que a alusão seja ao anjo intérprete, ou, mais provavelmente, a Jeová, da parte de Quem todas as visões foram dadas. O panorama apresentado ao profeta era, verdadeiramente, desinquietante. O Sumo-Sacerdote de Israel foi visto de pé, perante o anjo do Senhor, que é alternativamente designado de "o Senhor" (cfr. 1-2), inteiramente incapaz de desincumbir-se de seus santos deveres; pois seus vestidos sujos (3) simbolizavam pecado-seu próprio pecado

e o pecado da nação que ele representava. A cena sugere um julgamento legal judaico, e o advogado de acusação estava ao seu lado a fim de acusá-lo.

>Zc-3.2

Josué estava a ponto de dar início a seus deveres como Sumo-sacerdote, no templo restaurado, quando "o adversário", aqui traduzido como **Satanás** (2; em heb., **hassatan**; o uso do artigo mostra que "Satanás" não é aqui um nome próprio) interveio a fim de acusá-lo; porém, o "adversário" foi imediatamente silenciado. Pode-se concluir pela referência a Jerusalém, na repreensão do Senhor (2), que a acusação era para ser dirigida não apenas contra Josué, pessoalmente, mas igualmente contra a nação inteira. O Senhor, que **escolheu Jerusalém**, como **um tição tirado do fogo**, a havia retirado da fomalha da Babilônia, um fato que indicava que Seu povo era precioso para Ele e que estava destinado a um grandioso futuro. Inúteis, portanto, eram as acusações do adversário!

>Zc-3.4

Os versículos 4 e 5 descrevem a transformação de Josué. Os anjos que estão próximos foram orientados para que retirassem as vestes sujas de Josué e o vestissem de vestes limpas. Essa mudança foi anunciada pelo próprio Anjo da aliança, o que dá a entender que a iniquidade de Josué havia sido retirada dele (4), e que agora estava preparado para desempenhar seus deveres de sumo-sacerdote, em sinal do que a mitra de sacerdócio foi posta em sua cabeça. Os deveres ligados ao seu ofício lhe foram entregues pelo **anjo do Senhor** que **estava ali** para superintender a cerimônia (5). Josué deveria andar nos caminhos do Senhor, isto é, cultivar a santidade pessoal;

>Zc-3.7

Essa mensagem a Josué também se refere à vinda do Messias. O Anjo do Senhor, falando em lugar de Deus Pai, **o Senhor dos Exércitos** (7), anuncia Seu propósito de enviar o **RENOVO** (8). Esse título messiânico é de ocorrência bastante freqüente (ver **#Is 11.1**; **#Is 4.2**; **#Jr 23.15**); semelhantemente, o termo **servo** (ver **#Is 42.1**; **#Is 52.13**). Aqui essas duas designações são combinadas: **meu servo, o Renovo**. A promessa de Sua vinda é predita a Josué e seus companheiros porque eram **homens portentosos**, ou melhor, "homens que serviam de tipo" (8), visto que o sacerdócio era simbólico do ministério de mediação e reconciliação do Messias.

>Zc-3.9

O tom messiânico desta passagem prossegue na referência à **pedra...** posta **diante de Josué** (9). A referência imediata é, provavelmente à pedra principal do templo; mas, a referência final é ao Cristo, a "pedra angular, eleita e preciosa" da casa espiritual (ver **#1Pe 2.6**). A significação dos **sete olhos** que havia sobre a **pedra única** não é tão clara que permita afirmação dogmática. Há base para o ponto de vista que os olhos seriam esculpidos sobre a pedra como símbolo da perfeição d'Aquele que "tem os sete espíritos de Deus" (**#Ap 3.1**); mas o melhor ponto de vista, segundo pensamos, é o que entende essas palavras como promessa que "os sete olhos (isto é, a perfeita vigilância e cuidado-visto que sete é o número da perfeição) de Deus seriam fixados sobre aquela pedra; e que Ele nunca, diríamos assim, tiraria Seus olhos do tipo ou do antítipo, até que Seus propósitos referentes a eles, estivessem cumpridos" (Cam. Bible, pág. 83). Esse ponto de vista é confirmado por **#Zc 4.10**.

Eis que eu esculperei a sua escultura (9). "Essas gravações representam os dons e feridas de Cristo, em alusão às esquinas polidas do templo" (Trapp). "Ao Senhor agradou moê-lo" (**#Is 53.10**). Assim sendo, "a pedra que os Edificadores rejeitaram" se tornou "cabeça da esquina". Os sofrimentos do Messias dariam em resultado a remoção da **iniquidade desta terra num dia**, com a volta eventual da paz e da prosperidade a um povo arrependido.

Zc-4.1

e) A quinta visão (Zc 4.1-14)

A importância especial, para Zacarias, desta visão, é indicada através da maneira pela qual ela chegou à sua atenção. O anjo intérprete o despertou de um sono com a pergunta: **Que vêes?** (2). O objeto principal dessa visão, naquela ocasião, foi **um castiçal todo de ouro**, tendo um vaso de azeite central, do qual saíam sete pipetas alimentadoras, uma para cada uma das sete lâmpadas que saíam da hastea principal. A estrutura desse castiçal era diferente da do castiçal do tabernáculo, que mais tarde esteve no templo (ver **#Êx 25**). A hastea central, neste caso, tinha um vaso de azeite no alto, que servia de reservatório, do qual eram alimentadas de azeite as lâmpadas, em torno do qual reservatório elas se agrupavam. O próprio reservatório ou "vaso de azeite" era continuamente alimentado com azeite por duas oliveiras que ficavam uma em cada lado do castiçal.

A significação dessa visão não foi percebida de imediato pelo profeta e ele perguntou ao anjo intérprete o seu sentido. O anjo expressou surpresa em vista dessa pergunta, mas deu-lhe a interpretação requerida, que tomou a forma de uma mensagem a Zorobabel, o principal edificador do templo. A visão era a ilustração da mensagem. Os recursos da **força** e da **violência** humana muito faltavam a Zorobabel e seus auxiliares e os obstáculos que havia em seu caminho eram tão montanhosos que tornavam o sucesso simplesmente impossível. Porém, não era nem pela-"força nem por violência" do homem que seria sustentado o suprimento de azeite para as sete lâmpadas; mas os ramos de oliveira, através das pipetas de ouro, **vertem de si ouro**, ou seja, azeite dourado (12). Semelhantemente, pelo suprimento do Espírito, simbolizado pelo azeite, o sucesso acompanharia os esforços de Zorobabel. As mãos que haviam colocado os alicerces do templo ainda haveriam de pôr **a primeira pedra** (7), isto é, a "pedra de esquina" em sua posição, em meio às exclamações de regozijo da parte do povo (7). Essa mensagem a Zorobabel serve também para o encorajamento da Igreja, em tempos posteriores.

>Zc-4.10

É lançada uma palavra de cautela, no versículo 10, contra **o dia das coisas pequenas**. Diversos dos que se tinham ocupado na obra da reconstrução, haviam abandonado o trabalho, enquanto que outros haviam enfraquecido as mãos dos edificadores, que tinham prosseguido na obra, salientando a total incapacidade de seus recursos. A pergunta: **quem despreza o dia das coisas pequenas?** implica na resposta que Deus não o despreza. **Os sete olhos do Senhor** que **se alegrarão** (10) é uma tradução que concorda com a mensagem transmitida a Josué pelo anjo do Senhor, "sobre esta pedra única estão sete olhos" (#Zc 3.9). O trabalho prosseguiria sob a perfeita vigilância e o cuidado de Jeová. Seu Espírito despertaria o povo e proferiria a Zorobabel toda a ajuda necessária para sua tarefa, e os Seus olhos se regozijariam ao ver o prumo na mão do superintendente que havia nomeado para o trabalho-Zorobabel. Os intransponíveis obstáculos seriam ultrapassados pelo Seu poder e a tarefa seria terminada com alegria.

Tendo recebido essa explicação geral sobre a visão, Zacarias desejou uma explicação mais particular sobre uma de suas características, a saber, as **duas oliveiras**. A resposta do anjo intérprete é considerada por alguns como intencionalmente obscura para dar a entender que os **dois filhos do óleo**, ou seja, os dois unguidos, são duas agências ou agentes misteriosos próximos de

Deus e além do entendimento humano. Esse ponto de vista, entretanto, dificilmente está de conformidade com a resposta do anjo que repreendeu a admissão de ignorância por parte do profeta, **Não sabes o que é isto?** (13). Preferimos a opinião que a referência é a Josué e Zorobabel, "filhos do óleo" no sentido que eram homens controlados pelo Espírito e que estavam **diante do Senhor de toda a terra** (14), e que por Ele tinham sido postos como canais pelos quais Sua bênção devia ser comunicada à religião e à nação. Estavam **diante do Senhor** em seu caráter oficial e, assim como a oliveira recebe sua seiva da parte do Senhor, igualmente aqueles ministros de Deus, na religião ou no estado, derivavam dEle a influência espiritual que exerciam e eram usados por Ele para comunicar Suas bênçãos ao povo. Às lâmpadas alimentadas daquela maneira nunca faltaria o azeite. A continuidade da Igreja de Deus é também garantida por essa visão. Cristo, sua Cabeça, une o Sacerdócio e o Reino em Si mesmo, e ela recebe toda graça necessária de "Sua plenitude" (cfr. **#Jo 1.16**).

Zc-5.1

f) A sexta visão (Zc 5.1-4)

Novamente se altera a cena, e aparece aos olhos do profeta um rolo escrito de grandes dimensões, a voar pelo ar (1). O fato que flutuava seguindo o sentido de seu comprimento indicava que era chamada atenção pública para seu conteúdo; sua mensagem era para ser vista por todos. A natureza dessa mensagem foi indicada ao profeta pelo anjo intérprete. Era **a maldição que sairá pela face de toda a terra** (3), sendo que aqui "terra" significa a terra de Judá. São mencionados dois pecados em particular dentre os denunciados no rolo, furto e perjúrio, pois, provavelmente, eram esses os que mais prevaleciam entre os judeus daquele tempo. Não se deve concluir, entretanto, que a maldição tenha sido pronunciada apenas contra esses dois pedaços. Os mandamentos violados por essas transgressões representavam a lei inteira (cfr. **#Tg 2.11**).

A penalidade contra essas transgressões seria o exílio; pois a passagem traduzida como **será desarraigado, conforme a maldição de um lado** (13) fica melhor traduzida como: "será desarraigado 'daqui' ". A maldição seria dotada da mais penetrante natureza, entrando na casa do transgressor, repousando sobre seus bens que ali estivessem e consumindo a própria madeira e as pedras da estrutura. Tal castigo seria equiparado à ofensa por causa da qual Ageu, contemporâneo de Zacarias, havia repreendido seus compatriotas. Estavam

habitando em suas "casas estucadas", enquanto que a casa do Senhor era deixada "deserta" (#Ag 1.4). Uma maldição da parte do Senhor, por conseguinte, se estenderia sobre todo o trabalho das suas mãos.

>Zc-5.5

g) A sétima visão (Zc 5.5-11)

Orientado novamente pelo anjo intérprete, para que anotasse o que aparecia, Zacarias viu em seguida **um efa** (lit., "o efa"). O efa era uma medida judaica, mais ou menos correspondente ao nosso alqueire. A boca desse vaso de medir era coberto por uma tampa circular feita de chumbo (em heb., **kikkar**, traduzida nesta versão e noutras como **talento**, significa primariamente, algo redondo e chato) a qual, quando levantada, revelava que uma mulher estava assentada ali dentro. Essa mulher era a personificação da impiedade de toda a terra de Judá. Depois que **a lançou** (isto é, a impiedade da terra, personificada na mulher) **dentro do efa**, ele fechou a medida com sua tampa de chumbo (8).

>Zc-5.9

Em seguida, **duas mulheres saíram**, as quais tinham **asas... como as da cegonha** (9), as quais levantaram o efa e levaram-no rapidamente para longe. Não é necessário levantar pergunta sobre por que eram mulheres que transportaram o efa. Nenhum sentido especial é dado a elas na passagem das Escrituras em que elas aparecem e as conjeturas são precárias, algumas vezes tendendo a desviar a atenção da lição principal da visão. Seu número é facilmente compreensivo. Um recipiente de medir, especialmente quando cheio, necessitaria de duas pessoas a transportá-lo, uma de cada lado. As **asas** das mulheres transportadoras sugerem celeridade de movimento.

A remoção do efa levou o profeta a interrogar sobre seu destino. E o anjo intérprete replicou que deveria ser levado para a **terra de Sinear** (11), isto é, a Babilônia. Ali uma casa seria edificada para a medida e ali encontraria habitação permanente.

Apesar de que muitos escritores consideram que esta visão prediz a dispersão dos judeus pelos romanos, em vista de que a Babilônia é mencionada simbolicamente como a terra de seu exílio anterior, o ponto de vista de C. H. H. Wright é, provavelmente, o mais correto, a saber, que "o quadro representa pecado e transgressão afastados da terra de Israel" e "expulsos para a terra do

poder mundial que era antagônico a Deus". "A visão ensina que, até mesmo na administração do Israel restaurado, existirá o espírito de desobediência à lei, mas que será restringido em suas operações" (G. C. Morgan).

Zc-6.1

h) A oitava visão (Zc 6.1-8)

Nesta visão, que provavelmente é a mais obscura da série, Zacarias contemplou **quatro carros**, puxados por cavalos de diferentes cores, que apareceram de entre **dois montes... de metal**, ou seja, cobre (em heb., **nechosheth**). Ao interrogar o anjo sobre o que era representado pelos carros, Zacarias foi informado que eram os **quatro ventos** (cfr. #Jr 49.36) do céu, que vinham **saindo donde estavam perante o Senhor de toda a terra** (5) como servos, para executarem Suas ordens. O carro puxado pelos cavalos negros se dirigiu para o país do norte; e o carro com os cavalos brancos o acompanhou. O carro puxado pelos cavalos **grisalhos** (ou baios) foram para as terras do sul e foram subseqüentemente comissionados a **andarem pela terra** (7). Nenhuma missão foi dada ao carro com os cavalos vermelhos.

Os quatro carros podem ser considerados como simbólicos de agências divinas-por algum tempo restringidas-mas que seriam soltas sobre o mundo para cumprir os planos de Deus concernentes ao Seu povo. A natureza variada dessas agências é indicada pelas diferentes cores dos cavalos. (Ver exposição da primeira visão).

Os **montes de metal** são símbolos de imutabilidade e poder. "O profeta sem dúvida compreendeu que essas montanhas eram a providência de Deus, ou Seus conselhos ocultos, mediante os quais todas as coisas têm sido decretadas antes da criação do mundo; portanto, diz ele, são montes de metal, visto que não podiam ser quebrados" (Calvino).

O fato que os cavalos vermelhos são mencionados em primeiro lugar e, contudo, não são enviados em missão, sugere que seu trabalho já tinha sido feito. As guerras persas já tinham subjogado e devastado a Caldéia-o país opressor dos judeus. Os cavalos pretos estavam agora prestes a **sair para a terra do norte** (6), isto é, a Babilônia. A revolta da Babilônia, no reino de Dario, trouxe novas desgraças contra os caldeus. Quando terminou a missão do carro puxado pelos cavalos pretos, o anjo intérprete, falando em nome de Jeová, declarou que Seu espírito tinha sido feito **repousar** na terra do norte

pelos cavalos negros (8). Deus havia declarado Sua intenção de punir as "nações em descanso" (#Zc 1.15); que haviam oprimido Seu povo; e agora que Seu julgamento havia sido executado contra a Babilônia (a visão, naturalmente, é profética), a Sua ira recebera expiação. A missão dos cavalos brancos ao país do norte foi, provavelmente, simbólica da volta da paz após a guerra.

Na referência aos cavalos **grisalhos fortes** (3,6,7), a tradução é um tanto defeituosa. "Manchados" e "fortes" seria melhor. Dirigiram-se, primeiramente, **à terra do sul**, e então desejaram que sua missão fosse estendida. Isso lhes foi concedido, e por isso foram **por diante, para andarem pela terra** (6 e 7). **A terra do sul** que é mencionada, provavelmente era o Egito ou a Arábia, visto que em cada caso a direção tomada começa na Judéia. O envio desses cavalos para a **terra do sul**, e para além, serviu "para mostrar que os castigos contra o Egito e a Arábia... seriam um tanto mistos e mitigados; seu caso não seria tão grave como o da Babilônia; não seria, porém, tão bom que os judeus pudessem sonhar sobre um feliz estado naqueles países; mas antes, a Judéia seria reparada e ali seriam guardados; visto que aqueles que estão fora dos precintos de Deus estão fora de Sua proteção" (Trapp).

>Zc-6.9

III. A COROAÇÃO SIMBÓLICA Zc 6.9-15

Tendo terminado a série de visões, Deus ordenou a realização de uma ação simbólica em confirmação à mensagem dessas visões. Nomeando certos indivíduos, que provavelmente eram homens de distinção entre os cativos que retornaram, o Senhor ordenou a Zacarias que se reunisse com eles na casa de um deles, chamado Josias, em Jerusalém. Da parte desses homens que tinham estado no cativeiro ele haveria de receber prata e ouro, que talvez fizesse parte do tesouro restaurado, ou então uma oferta enviada pelos judeus ainda no exílio para a restauração do templo e sua adoração. Com esses metais preciosos, Zacarias deveria fazer coroas, provavelmente duas em número, e deveria pô-las sobre a cabeça de Josué, o Sumo-sacerdote. Nessa coroação, Josué deveria ser considerado como uma pessoa típica, pois não se deve supor que ele, mais que qualquer de seus antecessores, fosse ao mesmo tempo sacerdote e rei. Ele era tipo de Cristo, em Quem essas duas dignidades do sacerdócio e do reino se achavam combinadas. Chamando atenção para o fato que o Sumo-sacerdote, e não o governante civil, é que tinha sido selecionado para usar as duas coroas, Wardlaw observa: "O sacerdote é que devia usar o

real, e não o príncipe que devia usar o sacerdotal. Isso tem duas significações importantes-que deveria ser mediante a execução de Seu trabalho sacerdotal, para a satisfação divina, que Ele haveria de obter, em recompensa, Sua coroa real".

A significação da coroação foi declarada por Zacarias numa mensagem dada a ele pelo Senhor. A proclamação: **Eis aqui o homem cujo nome é RENOVO** (cfr. #Zc 3.8) não significa que a pessoa assim chamada estivesse realmente presente, mas antes, que era simbolicamente representada. As diversas coisas ditas a respeito do Renovo estão em plena conformidade com as profecias messiânicas de outras porções bíblicas. **Ele brotará do seu lugar** (12), ou antes, "Ele brotará de sob Si mesmo", implica no crescimento da Igreja Cristã, derivada de Cristo a raiz. **Edificará o templo** (12); a enfática repetição dessa afirmação significa que o templo, então no processo da construção em Jerusalém, era apenas o símbolo do verdadeiro templo, a "casa espiritual" referida em #1Pe 2.5. O fato que em #Zc 4.9 é prometido que Zorobabel completaria o templo, enquanto que aqui a glória dessa realização parece ser atribuída a Josué, tem provocado a apresentação do ponto de vista que o nome de Zorobabel aparecia originalmente em #Zc 6.11, mas que, subseqüentemente, foi substituído pelo de Josué, em vista do desaparecimento de Zorobabel no restante da narrativa, o que se deve, talvez, ao fato de ter sido deposto pelos persas. Mas, esse ponto de vista não é apoiado pelas evidências; nem tal explicação é necessária. A referência, em #Zc 4.9, é ao templo literal, o qual haveria de ser terminado por Zorobabel, um acontecimento que seria considerado como sinal e garantia de que o templo espiritual seria completado. Todavia, a referência em #Zc 6.11 é ao templo espiritual, a Igreja, da qual o RENOVO, representado por Josué, seria o autor e o consumidor. O desaparecimento de Zorobabel da narrativa serve para destacar ainda mais claramente o caráter típico de Josué. Cristo, a reinar sobre o trono de Sua Igreja, Seu reino, **levará a glória** dos ofícios combinados de Sacerdote e Rei; **e conselho de paz haverá entre eles ambos** (13) -isto é, entre os dois ofícios, nEle combinados. Em virtude dessa fusão de ofícios em Cristo, há também um **conselho de paz**, uma reconciliação permanente, entre Deus e Seu povo.

Uma vez terminada a coroação de Josué, foi ordenado que o acontecimento fosse perpetuamente lembrado por aqueles que o haviam observado e que as coroas fossem depositadas no templo como sinal da promessa divina a respeito da vinda do verdadeiro Rei-Sacerdote e Edificador-do-Templo.

As palavras finais desta mensagem também têm sua nota messiânica. Assim como de longe tinham vindo contribuições para o templo literal, também viriam contribuições, de muitas terras, para a edificação da casa espiritual. A declaração de que essas coisas sucederiam se eles (os judeus) obedecessem **mui atentos** à voz do Senhor seu Deus (15) não significa que o cumprimento dessas promessas estivesse condicionado à obediência deles. O que é dito é que os próprios judeus seriam participantes daquelas bênçãos evangélicas somente se cressem e obedecessem. Sua desobediência não impediu a vinda de Cristo, nem que Ele terminasse Sua realização como Redentor, nem que os gentios fossem chamados a participar da Igreja. Mas, pela desobediência eles impediram a si mesmos de participar da bênção evangélica.

Zc-7.1

IV. OS ENVIADOS DE BETEL Zc 7.1-8.23

a) A pergunta (Zc 7.1-3)

Houve um intervalo de dois anos entre a entrega da primeira das visões de Zacarias e os acontecimentos que são registrados neste capítulo (cfr. **#Zc 1.1** e **#Zc 7.1**). Agora, uma vez mais, a palavra do Senhor viera sobre ele para o benefício de Israel. **Quando de Betel foram enviados** (2). A entrega dessa mensagem foi **ocasionada pela chegada, em Jerusalém**, de uma deputação vinda de Betel. Preferimos o ponto de vista que, aqui, **beth-el** significa a cidade assim chamada, e não a casa de Deus, isto é, o templo. **Beth-el**, em porção alguma das Escrituras é usado como designativo do templo. O propósito da deputação era o de perguntar se ainda deveriam observar uma festividade nacional que havia sido instituída durante o tempo do cativo. As pessoas nomeadas no versículo 2 eram, provavelmente, os líderes da embaixada que tinham vindo, na companhia de certos outros, para adorar no templo e para apresentar suas interrogações acerca dessa festa do quinto mês aos sacerdotes e profetas em Jerusalém. A festa referida era, evidentemente, um festival criado e imposto por eles mesmos, que comemorava a destruição do templo. As circunstâncias agora se tinham alterado; por conseguinte, deveriam descontinuar a observância da festa?

>Zc-7.4

b) A resposta (Zc 7.4-14)

A resposta se caracteriza por sua severidade e é feita na forma de perguntas perscrutadoras que deixam subentendida a acusação de que tanto suas festas como seus jejuns, durante o cativeiro, eram destituídos de motivo religioso, sendo, por isso, inaceitáveis para Deus. Ficou demonstrado que a embaixada era desnecessária, visto que Deus já tinha expressado Seu pensamento quanto à mera adoração voluntária, nas inspiradas declarações dos **profetas precedentes** (7; cfr. **#Is 1.10-15**). Todas as calamidades que tinham sobrevindo a Judá são demonstradas como conseqüências diretas do fato de seus pais terem desconsiderado aqueles profetas; um sumário do ensino desses profetas é dado nos versículos 9 e 10. A sua obstinação havia trazido contra eles **a grande ira do Senhor** (12). Quando Ele pusera sobre eles uma mão que os restringisse, mediante circunstâncias providenciais, eles **deram o ombro rebelde** (11), uma ação que denotava perversão.

>Zc-7.13

O castigo caiu sobre eles de conformidade com a ofensa. Deus havia clamado então, em seu período de adversidade, a eles, mas tinham-se recusado a ouvi-Lo; eles haviam clamado a Deus, mas Ele se tinha negado a ouvi-los (13), e ainda os dispersou **entre todas as nações** (14).

Zc-8.1

c) Uma promessa de restauração (Zc 8.1-17)

Na porção inicial do capítulo 8, Deus reafirma Sua boa vontade para com Seu povo escolhido e para com sua terra. Seu **zelo** por Jerusalém se manifestava em **grande indignação** (2) contra seus inimigos. Por algum tempo, Jerusalém se tornaria cidade de enganos e conselhos pervertidos, e o Senhor havia retirado Sua presença. Agora, entretanto, Ele promete retornar dizendo: **habitarei no meio de Jerusalém** (3), assim reafirmando Seu propósito anteriormente expresso (ver **#Zc 1.16**). As bênçãos que acompanhariam Sua habitação ali são enumeradas. **Jerusalém chamar-se-á a cidade de verdade** (3) visto que seria o centro especial da revelação e da adoração. Além disso, a prosperidade temporal seria resultado da lealdade espiritual. A cena traçada nos versículos 4 e 5 é uma cena de segurança e tranquilidade. Os habitantes atingem avançada idade adulta, em paz e contentamento, e vêem seus filhos e os filhos de seus filhos, a brincar alegremente nas ruas.

Ora, seria difícil que o remanescente que voltara do exílio pudesse imaginar tal quadro. A prosperidade de Jerusalém estava num nível baixo. A vida em família dos habitantes da cidade tinha sido muito danificada pelo cativoiro. Tal restauração, como aquela que era prometida, parecia algo **maravilhoso** (6), raiando pela incredulidade. A pergunta de Deus: **será também maravilhoso aos meus olhos?** claramente implica numa resposta negativa. Para Deus todas as coisas são possíveis. O Senhor repete a promessa de trazer de volta os judeus de todas as regiões para onde haviam sido espalhados e de renovar Seu antigo favor para com eles; **serão o meu povo e eu serei o seu Deus** (8; cfr. **#Jr 31.33**).

>Zc-8.9

Os versículos 9-13 tiveram o propósito de encorajar os edificadores do templo. A exortação começa e termina com as palavras: **Esforcem-se as mãos de todos vós,** e, para fortalecê-los em Sua obra, o Senhor relembra-lhes que as promessas, que estavam então ouvindo, tinham sido proferidas pelos mesmos profetas e sobre a mesma autoridade, que as promessas encorajadoras que tinham ouvido quando os alicerces do templo foram postos (9). Já estavam começando a colher a recompensa de suas realizações. **Antes destes dias** (10), isto é, os dias quando o trabalho de restauração teve início por instigação de Ageu e de si mesmo, em que a recompensa normal de seu trabalho ordinário lhes tinha sido negada, com a necessidade e o desassossego que disso resultaram (cfr. **#Ag 1.6**); mas, desde que a obra fora reiniciada as condições se tinham mudado notavelmente para melhor. O Senhor anunciou Sua intenção de prosseguir em Seu favor para com eles, numa medida ainda maior (cfr. versículo 12 com **#Ag 1.10-11**). Assim como haviam sido objeto de maldições entre as nações pagãs que os tinham cativado, igualmente agora seriam um exemplo de bênção (13). Porém, para herdar a promessa, teriam de tratar-se fielmente entre si e de executar juízo reto em suas assembléias legais, evitando a malícia e o juramento falso. (16-17).

>Zc-8.18

d) Festas em lugar de jejuns (Zc 8.18-23)

Nestes versículos é dada uma resposta mais particular à embaixada vinda de Betel. Refere-se não somente ao **jejum do quinto mês**, que era o objeto do interrogatório, mas também ao **jejum do quarto mês**, que comemorava a abertura dos portões de Jerusalém a Nabucodonosor (**#Jr 39.2-3** e **#Jr 52.6-7**);

o jejum do sétimo, no qual mês Gedalias fora assassinado (cfr. #2Rs 25.22-25); e o jejum do décimo mês, quando teve início o cerco de Jerusalém por Nabucodonosor.

>Zc-8.19

Deus agora prometia a Seu povo uma alegria tal que alteraria seus anteriores dias de jejum e os transformaria em dias festivos; isso, entretanto, sob a condição que eles amassem a verdade e a paz (19). As tristezas subseqüentes da nação judaica foram devidas ao fato de não terem observado estas condições.

>Zc-8.22

As promessas contidas no restante do capítulo olham para um período futuro e mais remoto; pois a reunião das nações em Jerusalém a fim de buscar... o Senhor e orar perante Ele (22) não tem sido cumprida em qualquer dos períodos da história judaica. Segundo Calvino observa, "O templo foi edificado para essa finalidade e propósito-que a doutrina da salvação ali tivesse sua sede, até à vinda de Cristo; pois então foi cumprida aquela profecia do Salmo cento e dez: "O Senhor enviará o cetro da tua fortaleza desde Sião". Aqui o profeta nos ensina que Cristo não seria rei de apenas um povo... mas que Ele haveria de governar o mundo inteiro".

Zc-9.1

V. A RESTAURAÇÃO DE JUDÁ E A DESTRUÇÃO DE SEUS INIMIGOS Zc 9.1-10.12

a) O julgamento contra a Síria (Zc 9.1-2)

As primeiras passagens desta profecia mostram Deus declarando Sua ira contra os opressores de Seu povo. Esses opressores são agora mencionados especificamente e são proclamados os juízos do Senhor contra eles. A palavra massa' (1); significa peso, como nesta versão, e também "oráculo". Provavelmente se deriva da raiz nasa', " levantar" -daí, "levantar a voz", particularmente quando o pronunciamento é de caráter "pesado" ou ameaçador. A frase, Damasco, o seu repouso (isto é, do julgamento ameaçado pelo oráculo divino) indica que a Síria da qual Damasco era a cidade principal, era a nação particular contra a qual é dirigido o primeiro dos julgamentos

mencionados neste capítulo. A referência à Síria como **terra de Hadraque** não é perfeitamente clara. "Hadraque" tem sido reputado como nome de um rei sírio, de um deus sírio e de uma cidade ou distrito da Síria, e derivado de ("Hadar", um nome geral dos reis da Síria). Tomamos a terceira sugestão como o mais provável desses pontos de vista. "Agora é certo que havia uma cidade chamada Hadraque nas circunvizinhanças de Damasco e Hamate, ainda que sua localização exata seja desconhecida" (Rawlinson). **Hamate** (2), cujo "termo" fazia limite com Damasco, tanto no que dizia respeito à proximidade territorial como à afinidade espiritual, haveria de compartilhar de seu "peso". A segunda cláusula do versículo 1 é obscura, mas provavelmente significa que quando tivessem lugar esses juízos ameaçados contra as cidades e os distritos mencionados, então os olhos das nações, bem como os das tribos de Israel, se voltariam **para o Senhor**, em respeitosa contemplação de Seus julgamentos. As agências do castigo infligido contra a Síria foram os exércitos de Alexandre, o Grande.

>Zc-9.3

b) O julgamento contra Tiro (Zc 9.3-4)

A "sabedoria" atribuída a Tiro e Sidom (ver versículo 2), tinha caráter puramente mundano. Por meio de seu comércio aquelas cidades se haviam tornado imensamente ricas; porém, a riqueza geral se equiparava à sua grande iniquidade. Tiro, que ficava situada numa ilha cerca de oitocentos metros do continente, edificara para si mesmo **fortalezas**, cercado-se de grandes muros. Porém, embora os habitantes de Tiro se sentissem seguros em suas defesas, vieram contra eles as calamidades preditas nestes versículos. Alexandre, em sua determinação para dominar a cidade, construiu, mesmo em meio a dificuldades quase incríveis, um molhe artificial que ligava a ilha com o continente e destruiu completamente a orgulhosa cidade. (Cfr. **#Ez 26.17**).

>Zc-9.5

c) O julgamento contra a Filístia (Zc 9.5-8)

A terra dos filisteus ficava próxima, adjacente a Tiro, e as notícias sobre a queda de Tiro naturalmente causariam alarma entre os habitantes daquelas cidades menos fortificadas que ficavam no trajeto do conquistador. **Ascalom o verá** (isto é, a queda de Tiro) **e temerá; Gaza... terá grande dor**, ou "tremerá muito" semelhantemente Ecrom, pois **a sua esperança** (de que Tiro seria capaz

de fazer estacar o invasor) **será iludida** (5). Gaza, cujo governante naquele período parece ter assumido o título de **rei**, haveria de perder sua posição real; Ascalom seria despida de seus habitantes; um "povo mestiço" (pois a palavra **mamzer**, traduzida aqui como **bastardo**, denota mais corretamente alguém nascido de pais de raças diferentes ou indevidamente unidos) haveria de habitar Asdode; e assim o orgulho da Filístia seria completamente esmagado.

>Zc-9.7

E da sua boca tirarei o seu sangue... (7). Isso significa uma alteração nas observâncias religiosas por parte da nação. Os filisteus não observavam as restrições impostas aos judeus no tocante ao comer sangue (ver **#Lv 7.26-27**); pelo que as declarações, neste versículo, consideradas juntamente, indicam uma mudança de lealdade espiritual da parte deles. O resto deixado seria **para o nosso Deus** e se mesclaria com os judeus (como no caso dos jebuseus), seguindo os costumes religiosos do povo com quem se associariam. **E será como príncipe em Judá** significa, não que os filisteus se tornariam proeminentes entre os judeus, mas que seu modo de governo se tornaria semelhante ao do povo escolhido, no meio do qual se estabeleceriam. As tribos de Israel eram divididas em unidades de mil, cada qual sob um príncipe - o que explica as freqüentes referências aos "milhares de Israel". Um arranjo semelhante haveria de organizar os filisteus mesclados com os israelitas.

Temos o testemunho de Josefo de que tal incorporação de filisteus, entre os judeus, efetivamente se verificou.

>Zc-9.8

O versículo 8 contém uma promessa de proteção aos judeus, enquanto que as nações circunvizinhas iam sendo devastadas pelo invasor. **Casa**, aqui, significa "família" (a casa de Israel), e não o templo. A expressão, **agora vi com os meus olhos** significa consideração favorável, como em **#Sl 33.18**.

>Zc-9.9

d) O Rei que viria (Zc 9.9-12)

Nesta altura, surge aos olhos do profeta uma seqüência de acontecimentos mais distantes. Ele testemunha o advento de um Conquistador cujos triunfos seriam mais gloriosos e duradouro que os de Alexandre ou os de qualquer

outro gênio militar. Pois a referência a Cristo, no versículo 9, é direta e imediata. Os judeus são exortados a dar as boas vindas ao seu Rei, que vem tendo em vista a salvação deles. Seu caráter é descrito. Ele é **justo**; mancha nenhuma de injustiça repousa sobre Suas vitórias, Sua administração ou Seu caráter. Ele é pobre, isto é, "humilde", não surgindo com os ares arrogantes de um homem de guerra, mas com a gentileza de alguém cujas conquistas têm por alvo o estabelecimento da paz. Ele surge montado, não em feroso corcel de guerra, mas num animal favorecido pelo homem pacífico. Aqui temos uma exata predição da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém (ver **#Mc 11.7** e segs.).

>Zc-9.10

O emprego do termo **Efraim**, no versículo 10, para denotar as dez tribos do reino do norte, tem levado alguns à opinião que essa parte da profecia pertence ao período anterior ao cativo, visto que as dez tribos não são nomeadas nos escritos pós-cativo. Porém, esse argumento é um tanto inclusivo. Em **#Zc 8.13**, que é reconhecido como anotação pós-cativo, aparece a antiga distinção entre a "casa de Judá" e a "casa de Israel". Por conseguinte, não parece haver qualquer boa razão pela qual o nome familiar, "Efraim", não deva ainda ser usado para denotar a "casa de Israel", visto que é referido como uma entidade separada. "Efraim" e "Jerusalém" são mencionados especificamente para salientar que a terra inteira do povo terreno de Deus haveria de gozar da bênção prometida. Pois **destruirei os carros** (10) não significa um desastre militar, mas antes um ato de desarmamento por um povo cujas vidas e liberdade já não eram mais ameaçadas.

A descrição do domínio do Rei que viria, que se estenderá **de um mar a outro mar, e desde o rio até às extremidades da terra**, ou melhor, "até os limites do país", pode ter referência primária às fronteiras geográficas locais, no qual caso os mares seriam o mar Morto e o mar Mediterrâneo (isto é, de leste a oeste); e o "rio" seria, talvez, o Eufrates, no qual caso as "extremidades" ou fronteiras referidas seriam as do sul. Porém, quando aplicada ao reino do Messias, em sua extensão final, essa descrição tem em vista os limites extremos da terra. Compare-se esse versículo com **#Sl 72**, onde o reino de Salomão, o rei pacífico, aparece como tipo do reino muito maior do Messias.

Falando mais particularmente a Jerusalém, pois continuava a dirigir-se à **filha de Sião** (9), o profeta a compara, em seu estado de cativa, a prisioneiros mantidos numa cova **em que não havia água** (11). Os cativos assim tratados,

aguardavam tão somente uma morte horrível. A extinção teria sido a sorte dos judeus, se não o pacto selado com sangue estabelecido entre Deus e seus pais (ver #Êx 24.8), em virtude do que são descritos como **presos de esperança** (12) e são exortados a se voltarem para **a fortaleza**, (provavelmente Sião, com suas fortificações naturais) onde receberiam **em dobro**, das mãos de Deus, sua anterior prosperidade.

>Zc-9.13

e) A restauração de Judá (Zc 9.13-17)

Esta versão, juntamente com outras, coloca corretamente, segundo pensamos, um ponto parágrafo no fim do versículo 12. O versículo 13 dá início a um novo tópico. A construção deste versículo é um tanto obscura no hebraico, mas o sentido geral parece ser que Deus usaria Judá e Efraim como instrumentos de agressão contra os poderes pagãos, provavelmente uma referência às vitórias dos judeus contra os Selêucidas, no período dos Macabeus. Nas vitórias prometidas seria vista a mão do Senhor. As declarações, no versículo 14, podem significar que os próprios poderes da natureza seriam empregados para derrotar os inimigos de Seu povo, ou simplesmente que suas armas seriam usadas por Deus (cfr. #Jz 7.20).

>Zc-9.15

A eficácia da ajuda de Deus a Seu povo escolhido é o tema do versículo 15. Ele lhes daria poder para comer seus inimigos, como uma fera devora sua presa. Eles sujeitariam "as pedras da funda". A idéia, aqui, parece ser que as pedras lançadas contra eles não atingirão os alvos, ou que lhes faltaria ímpeto para causar dano. O povo de Deus haveria de pisar aos pés os seus inimigos, desde o início. A figura da fera devoradora tem prosseguimento, quando o profeta fala que beberão o sangue de seus adversários. As **taças** eram os vasos que continham o sangue dos sacrifícios, e **os cantos do altar** eram sempre abundantemente aspergidos com sangue.

>Zc-9.16

No versículo 16 é salientada a preciosidade do povo de Deus, debaixo de duas figuras. Eram Seu **rebanho** e eram também **como as pedras de uma coroa** ou "pedras dedicadas", **exaltados na sua terra**, ou, muito melhor, "a brilhar do alto". Não é suficientemente claro se a exclamação do versículo 17 se refere à

bondade e à beleza de Israel, como favorecida pelo Senhor, ou à bondade e beleza do próprio Senhor. A frase final desse versículo parece dar apoio à primeira opinião, pois se trata de uma promessa adicional que fala de uma prosperidade tal que lhes proporcionaria vigor ou virilidade.

Zc-10.1

f) Antecipações encorajadoras (Zc 10.1-5)

A promessa de prosperidade temporal, a qual termina o capítulo 9, é continuada e expandida neste capítulo. "Trigo" e "mosto" são dons da parte do Senhor e o povo é exortado a esperar da parte dEle a **chuva serôdia**, que caía em março ou abril, e que servia para encher o grão, que então se aproximava do ponto de maturação. **Relâmpagos** (1). A **chuva serôdia** era freqüentemente acompanhada por trovoadas.

A injunção para que olhassem para o Senhor é reforçada pela memória sobre os desastrosos resultados de haverem esperado nos deuses falsos. **Os serafins** (2), ou ídolos, **têm falado mentira**, e aqueles que adivinhavam por meio dessas imagens tinham estado iludidos e tinham consolado a outros com vãs promessas. O resultado de se terem apegado ao recurso dessa forma de adoração falsa fora **vão** (no sentido de desviar-se) e **estão aflitos**, porque não havia pastor para cuidar deles. Seus governantes e sacerdotes, que deveriam ter servido de "pastores" para eles, os haviam maltratado, assim atraindo contra si mesmos a ira de Deus. O vocábulo **bodes**, no versículo 3, usado também em **#Ez 34.17**, se refere aos homens principais da nação. Em **#Is 14.9** a mesma palavra é traduzida como "príncipes". Em suas passagens apertadas, o Senhor mesmo se tornara o Pastor de Seu rebanho e fizera da casa de Judá o seu **majestoso** (isto é, majestoso cavalo) -visto que o cavalo era considerado o emblema da beleza e da força (cfr. **#Jó 39.19-25**). Nesta passagem é empregado o perfeito profético, equivalente ao tempo verbal futuro. Na fixidez dos propósitos divinos, a transformação prometida era tão garantida como se já tivesse sido realizada.

>Zc-10.4

O versículo 4 confirma o que já havia sido prometido a Judá. Daquela tribo favorecida haveria de sair **a pedra da esquina** (lit., aquilo que se projeta), uma alusão ao chefe do povo. A **estaca** (4; em heb., **yathedh**) significa o pino em forma de gancho que se projetava da parede da casa, no qual eram usualmente

pendurados utensílios caseiros ou implementos de guerra (cfr. #Is 22.23). A sugestão, aqui, é que se podia depender de Judá. De Judá também haveriam de sair os principais guerreiros da nação, aludidos aqui como o arco de guerra. A palavra **exatores** significa que Judá haveria de cobrar tributo de seus inimigos derrotados.

Tão grandes príncipes e líderes realmente surgiram de Judá durante o período dos Macabeus, porém, a referência final dessa promessa é ao "Leão da tribo de Judá", mediante cuja ajuda todo-poderosa a Igreja se expandirá até que o último rebelde remanescente será subjugado.

>Zc-10.6

g) A volta da nação (Zc 10.6-12)

No versículo 6, os sobreviventes das dez tribos, são referidos como a casa de José, tal como em #Am 5.6 e #Ob 18, e a eles é prometido que seriam perpetuamente restabelecidos em suas antigas possessões; seus filhos o verão (7). As palavras, **Eu lhes assobiarei** (8) formam uma promessa de que se mostraria favorável. O "assobio" referido aqui é o do pastor que reúne suas ovelhas, ou o do apicultor que ajunta suas abelhas. No versículo 9, onde Deus fala em semeá-los entre o povo, a referência é, provavelmente, à futura dispersão dos judeus e aos seus bons efeitos. Haveria frutos produzidos por essa sementeira. Embora espalhados, por causa de seus pecados, o propósito divino haveria de transformar a maldição em bênção. Lemos, no livro de Atos, como os judeus dispersos daqueles dias se tornaram o meio de ajudar a fazer progredir a aventura missionária da Igreja infante. As sinagogas judaicas, situadas entre os povos gentios, proporcionavam oportunidade para que o Evangelho fosse pregado e produziam pequenos grupos de convertidos, que se tornavam ativos no trabalho cristão. Porém, em escala muito maior, os "dispersos de Israel" serão usados nos dias futuros, quando houverem de voltar-se para o Senhor. Apesar de se acharem dispersos, o vigilante cuidado de Deus repousa sobre eles. Não têm perdido sua identidade como um povo: ainda vivem com seus filhos (9) e aguardam a restauração prometida. Suas passadas libertações-do Egito e da Assíria-são consideradas como símbolos de seu futuro ajuntamento. A imagem do versículo 11 é tirada do êxodo. Assim como não foi permitido que nenhuma barreira se pusesse no caminho deles, quer fosse mar, rio ou inimigos, igualmente, uma vez mais, nada poderia torcer o propósito de Deus.

>Zc-10.12

A expressão, e **andarão no seu nome** (12) significa que a conduta do povo restaurado será de conformidade com a vontade de Deus.

Zc-11.1

VI. A REJEIÇÃO DO REI-PASTOR E SUAS CONSEQÜÊNCIAS Zc 11.1-13.9

a) A destruição de Jerusalém (Zc 11.1-6)

Este capítulo provê um quadro paralelo ao do capítulo 10. Esses quadros, entretanto, estão em contraste. No capítulo 10 vemos uma nação a prosperar sob a bênção divina, enquanto que aqui vemo-la deteriorando-se e precipitando-se na ruína sob a ira divina. Vindo em seqüência imediata a promessas de favor, esta passagem parece estar fora de seu verdadeiro contexto; porém, não é esse o caso. É clara sua intenção de advertir os judeus que, não obstante a glória do destino final de Israel, Deus nunca permitiria que suas perversidades passassem sem castigo. Aqui, pois, é predita a destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos.

O capítulo tem um início dramático. Muitos comentadores têm tomado o versículo primeiro como apóstrofe dirigida ao templo-cujos materiais, em proporção bastante grande, eram produtos do Líbano, e assim pudesse, em sentido figurado, ser chamado de **ó Líbano**. Mais exato, talvez, é atribuir essas palavras à região do Líbano, e não ao templo, e considerar os versículos 1-3 como uma descrição da terra devastada pelos exércitos romanos. Os invasores viriam do norte, precipitando-se pelas florestas do Líbano e dirigindo-se para o sul através de Basã e o vale do Jordão, estragando a **glória** dos pastores, as ricas terras de pastagens e a **soberba do Jordão** (3), as densas moitas do Jordão. A queda do poderoso cedro do Líbano e a destruição do **bosque forte** (2), ou melhor, "floresta inacessível", eram indicações que nada poderia resistir ao invasor. Se o cedro caísse, também cairiam as árvores de porte menor; a calamidade vindoura se estenderia a todas as camadas sociais da nação.

A causa primária dessa catástrofe é revelada como a má conduta do povo e de seus "pastores" ou governantes, para com o grande Pastor enviado por Deus para alimentar Seu rebanho. Ao profeta é requerido que assuma o caráter,

primeiramente da longa linha de fiéis pastores de Deus, que haviam labutado entre Seu povo escolhido e, em seguida, o caráter do próprio Bom Pastor. Sua incumbência foi de alimentar as **ovelhas da matança** (4); isto é, "destinadas à matança", cujos **possuidores** (ou melhor, "compradores") venderam e mataram sem compunção ou senso de culpa (5). Esses governantes, civis e eclesiásticos eram tão destituídos de fervor patriótico e religioso que não sentiam senso de responsabilidade pelo povo confiado aos seus cuidados.

O quadro de um oprimido Israel encontra materialização em diversos períodos de sua história; e as intervenções de Deus, conforme descritas nos versículos 6 e 7, eram de ocorrência freqüente. Repetidas vezes Ele levantou "pastores" fiéis sobre eles e castigou seus adversários. Os **moradores desta terra** (6) ou "deste globo terrestre", são os vários povos que oprimiram os judeus, em contradistinção com as **ovelhas da matança** (7), que eram objeto de especial cuidado de Deus. Os inimigos de Israel haveriam de cair em dissensões civis e vítimas do despotismo de reis brutais.

>Zc-11.7

b) A rejeição do Bom Pastor (Zc 11.7-14)

Conforme ordenado por Deus (ver versículo 4), e como representante do Bom Pastor de Israel, o profeta então passou a ocupar-se da alimentação do rebanho. Os nomes de suas varas são significativas (7). **Suavidade** seria melhor traduzida como "Graça", a fim de indicar o favor de Deus para com Seu povo. **Laços** transmite o sentido de união, em particular a fusão dos reinos de Judá e Efraim em uma nação só. Esses, pois, seriam os benefícios da conduta correta para com seu verdadeiro Pastor-favor da parte de Deus e unidade entre si mesmos.

>Zc-11.8

Em demonstração de seu cuidado pelo rebanho, o profeta registra o fato de haver removido três dos subpastores infiéis-**num mês** (8). É, realmente, inútil tentar procurar três pessoas em particular a quem essas palavras se possam referir. Calvino reputa a remoção dos três pastores como significando meramente que Deus "tomava extremo cuidado por Seu rebanho, pois o amava, e nada omitia que fosse necessário para sua defesa".

Porém, a despeito de todo o cuidado proporcionado à nação, o serviço do Pastor não foi apreciado. E aqui Zacarias claramente representa Cristo. Seu povo voltou-se contra a Sua bondade usando de inimizade, até ao ponto que Sua alma **se angustiou** (melhor, "se cansou") **deles** (8); e Ele resolveu abandoná-los à sua sorte, alguns para perecerem e os restantes para serem divididos e realizar a destruição uns dos outros (9). Como símbolo de mudança de relação, a vara chamada **Suavidade** foi quebrada (10) para dar a entender a retirada de Seu favor e a abrogação de uma "aliança" ou pacto, em virtude da qual **todos estes povos**, ou nações, eram restringidos para que não molestassem Seu povo. Na tribulação resultante da quebra dessa aliança de favor, os **pobres do rebanho** (11), isto é, o remanescente piedoso, reconheceram o cumprimento da palavra de Deus.

>Zc-11.12

Antes de retirar-se do rebanho, o Bom Pastor pediu seu salário (12); a incongruidade de tal exigência é explicada pela consideração que o "rebanho" consiste de homens. Ele fez o pedido como alguém que pouco se importava se Sua exigência fosse atendida ou não. Mediante tal exigência, Ele revela Seu desgosto para com eles; e em sua resposta, eles indicam o quanto O desprezam, pesando, como Seu salário, **trinta moedas de prata** (12).

>Zc-11.13

Até esse ponto, o profeta havia falado como representante do Senhor, mas agora é o próprio Senhor Quem fala, ordenando a Seu representante que lance o salário insultante (ironicamente descrito como **esse belo preço**) **ao oleiro na casa do Senhor** (13). A indignidade do preço é demonstrado pelo fato que foi lançado ao artífice que fazia os menos valiosos de todos os vasos (cfr. **#2Tm 2.20**). Não é necessário imaginar que ele estivesse realmente presente quando o dinheiro lhe foi lançado. Foi lançado **na casa do Senhor** porque o Senhor era a vítima real do insulto.

Em **#Mt 27.10** esse incidente simbólico sobre o Pastor é descrito como cumprido na traição contra Cristo. O preço que foi concordado entre os representantes da nação e o traidor foi de "trinta moedas de prata", soma essa que quase em seguida foi lançada no interior do templo, pelo traidor tocado de remorso, e subseqüentemente foi gasta na compra do "campo do oleiro". Em **#Mt 27.9** essa profecia é atribuída a Jeremias. A melhor maneira de explicar essa aparente discrepância é atribuí-la a um erro de copista. Porém, não é

improvável que "Jeremias", neste caso, seja um nome genérico que incluía toda a coleção dos livros proféticos, pois a ordem em que esses livros apareciam, no tempo de Mateus, trazia Jeremias em primeiro lugar.

>Zc-11.14

O segundo resultado da rejeição do Pastor é indicado na quebra da vara chamada **Laços** (14). A Suavidade ou "Graça" do rebanho já havia desaparecido; agora desapareceria também a sua unidade.

>Zc-11.15

c) O pastor insensato (Zc 11.15-17)

Tendo já representado a parte do Bom Pastor, o profeta é agora chamado para personificar o pastor infiel. Não é necessário encontrar nenhum significado especial na frase **os instrumentos de um pastor insensato** (15). A diferença não estava tanto nos instrumentos como no pastor. O povo devia ser punido por ter rejeitado o Bom Pastor, sendo entregue aos cuidados de um pastor infiel que não teria nenhum cuidado por aqueles que fossem **cortados** (i.e. separados do corpo da nação), nem pelos **jovens** (melhor, "dispersos"), nem pelos **quebrados** (ou "feridos") nem ainda por aqueles que permanecem calmos (i.e. os fortes, em oposição aos **quebrados**). Ao invés de dispensar-lhes cuidados, iria devorá-los como sua presa.

>Zc-11.17

Como pastor infiel, nesta passagem, deve entender-se o opressor romano, que destruiu a nação judaica e impiedosamente perseguiu os judeus depois de estes rejeitarem a Cristo. Porém, o **pastor inútil** deve ser responsável por suas ações e de acordo com elas ser tratado (17). A **espada** pode ser considerada como a significar aflição generalizada. Os **braços** do falso pastor, símbolo de sua força, deveriam ser completamente enfraquecidos; e seu **olho direito**, símbolo de seu discernimento, deveria ser **tremendamente entenebrecido** por cegueira judicial.

Temos então uma previsão dos sofrimentos dos judeus subsequentes à rejeição de Cristo e da queda final de seus opressores.

Zc-12.1

d) Deus defende Jerusalém (Zc 12.1-9)

Já temos feito comentário sobre a significação de **massa'** (1), que denota um oráculo-usualmente de natureza ameaçadora (ver 9.1n). Aqui, porém, **o peso** ou "oráculo" não é "sobre" ou "contra" (**bh**) Israel, mas em "favor" ou "concernente" (**' al**) Israel, cujos inimigos deveriam ser severamente punidos pelo Senhor, por causa do violento tratamento dado ao Seu povo.

Esta nova profecia começa com um sublime desdobramento da majestade divina. As palavras que estavam prestes a ser proferidas deveriam constituir uma proclamação saída do trono da eterna soberania. Os recursos do universo estavam à disposição do Senhor, para a realização de Seus propósitos. Embora Israel fosse rejeitado, por haver rejeitado o Bom Pastor, haveria ainda de ser livrado do poder de seus opressores e ser exaltado sobre eles.

As figuras usadas para representar a invencibilidade de Jerusalém são notáveis. Ela seria feita como um **copo de tremor** (2), ou de espanto, para as forças assaltantes. Sentem sede de beber o conteúdo da cidade, mas a seca os intoxica e enlouquece. Novamente, Jerusalém será uma **pedra pesada** (3) para seus adversários. A figura pode ter sido aproveitada de uma prova de levantamento de peso e a pedra, que é esse peso, escapa de suas mãos, lacerando-os e ferindo-os.

A cláusula, **quando do cerco contra Jerusalém** (2) é difícil; mas a tradução que, à luz do contexto, parece a mais provável é: "e também sobre Judá será (isto é, o favor prometido no versículo

1) no cerco contra Jerusalém". "Deus não será apenas o guardião da cidade isolada, mas, igualmente, de toda a terra santa" (Calvino). Visto que Deus haveria de abrir seus **olhos** sobre a **casa de Judá**, uma figura que denota consideração favorável, seus adversários cairiam em confusão; os cavalos seriam feridos com **espanto** e cegueira; e seus cavaleiros com **loucura** ou frenesi (4).

Contemplando a confusão dos atacantes, os **chefes** ou príncipes de Judá, falando em lugar de todo o povo, reconhecerão alegremente que devem sua segurança, sob Deus, aos habitantes de Jerusalém (5).

Porém, os chefes de Judá também haverão de compartilhar do triunfo de Jerusalém; e, nessa conexão, é empregado um outro grupo de atraentes

metáforas. Serão como uma **brasa ardente debaixo da lenha, e como um facho entre gavelas** (6), a lenha e as gavelas representando seus inimigos, os quais seriam devorados pelos chefes. O resultado dessa conflagração entre os inimigos de Jerusalém seria que a cidade sobreviveria e continuaria **no seu próprio lugar** (6).

>Zc-12.7

Na libertação assim operada, as **tendas de Judá** (7) receberiam seu primeiro benefício. Esta frase denota o povo do interior, distinguindo-os dos habitantes da cidade. As moradas do povo do interior não eram fortificadas, enquanto que os habitantes da cidade contavam com fortes muros. Porém, conforme temos visto, os chefes do povo sem defesas seriam quais fachos entre as forças atacantes, e se distinguiriam no conflito, assim eliminando todo motivo de vanglória da parte da **casa de Davi** (isto é, os príncipes) e dos **habitantes de Jerusalém contra** seus irmãos mais fracos (7). A glória da libertação, desse modo, não pertenceria nem a Judá nem a Jerusalém, mas ao Senhor. Por sua ajuda, os mais débeis entre o povo serão quais **Davi**, quando Davi estava no zênite de seu poder; e os príncipes serão **como Deus**, ou antes "como um deus", ou como **o anjo do Senhor** (8) perante o povo. "O sentido geral é que o Senhor Deus fortalecerá os mais fracos e dará elevação, honra e influência aos mais excelentes, e adicionará divinamente ao poder dos mais poderosos, pelo que nenhum poder opositor será capaz de resistir a eles, como quando aquele divino anjo do concerto foi comissionado para ser o guia e guardião deles, a respeito do qual disse Jeová, Meu Nome Está Sobre Ele" (Wardlaw).

Neste quadro, a inexpugnável cidade de Jerusalém representa a Igreja. A Jerusalém literal seria devastada pelos romanos, como havia sido devastada em ocasiões anteriores, por outros adversários; mas a Jerusalém espiritual nunca conhecerá derrota infligida pelas "portas do hades".

>Zc-12.10

e) O povo arrependido (Zc 12.10-14)

A misericórdia coroadora de Deus, para com Seu povo escolhido, é agora mencionada. Ele enviaria uma abundante efusão do **Espírito de graça e de súplicas** (10) sobre eles, o que produziria frutos em orações penitentes. Porém "a visão do pecado deve preceder a tristeza pelo pecado" e "a visão do pecado" que terão lhes será dada quando olharem **para mim, a quem traspassaram** (10). O traspassado, sem dúvida alguma, é o próprio Cristo (ver **#Jo 19.36**); porém,

a alteração da primeira para a terceira pessoa, nesta passagem, cria alguma dificuldade, e várias explicações têm sido sugeridas. Tais transições, todavia, não são incomuns nos livros proféticos. Hitzig, entretanto, explica a transição "simplesmente da identificação do Enviador para a identificação do Enviado" (cfr. #Mc 9.37; #Lc 10.16).

As comparações feitas acerca dessa lamentação indicam tanto intensidade como generalização. Será como o lamento de um pai por causa da morte de seu filho único, ou de um filho primogênito; e como o choro da nação por ocasião da morte do rei Josias. Acredita-se que **Hadadrimom** tenha sido uma cidade situada no vale de Megido, onde Josias foi morto (ver #2Cr 35.22). Embora apenas Jerusalém seja mencionada (11) como envolvida nessa lamentação, fica claro, pelos versículos que se seguem que, neste caso, a cidade representa a nação toda.

>Zc-12.12

Wardlaw e outros consideram que as famílias especificamente mencionadas nos versículos 12 e 13 representam as classes liderantes do povo: **a linhagem da casa de Davi** -a linhagem real; **a linhagem da casa de Natã** -a linhagem profética; **a linhagem da casa de Levi** -a linhagem sacerdotal; **a linhagem de Simei** -toda a congregação dos escribas ou mestres. A menção de suas esposas, a chorarem **à parte**, é uma referência à prática que homens e mulheres se sentavam separados, para lamentar ou para adorar. O lamento se estende a todas as classes individualmente-as famílias liderantes mencionadas e **todas as mais linhagens** (14).

Essa lamentação pelo Cristo começou quase que imediatamente após a crucificação (ver #Lc 23.48). O número dos lamentadores muito aumentou no dia de Pentecoste e subseqüentemente; e continuará a aumentar, até que "todo o Israel seja salvo". Essas profecias têm referência especial ao Israel espiritual de Deus; pois o arrependimento é uma parte necessária da experiência cristã.

Zc-13.1

f) A terra purificada (Zc 13.1-6)

Há uma conexão óbvia entre este capítulo e o capítulo 12, devido ao fato que trata da reforma moral que deveria seguir-se ao lamento do arrependimento. A lamentação pelo pecado é acompanhada pela purificação do pecado.

O dia (1) é o mesmo de #Zc 12.11; e o traspasar do Messias rejeitado é, de fato, a abertura da fonte. Este versículo "exibe as duas grandes doutrinas do Evangelho-justificação e santificação" (Henderson). A graça do Espírito de Cristo é necessária para aquela primeira. O apóstolo João, com o gênio da mística, percebe uma ligação entre essa dupla figura e o "sangue e água" que fluiu do lado de Jesus, atravessado pela lança (#Jo 19.34). O sangue era necessário para a expiação, conforme indicado pelos incontáveis sacrifícios de animais no Antigo Testamento; e o Espírito era requerido para a santificação, conforme demonstrado pelas muitas abluções ordenadas pela lei; mas ambas as coisas fluem da mesma fonte. A fonte foi aberta, por antecipação, desde o início, e, à base do que Cristo haveria de realizar mediante Sua morte expiatória, os crentes que viviam sob a dispensação do Antigo Testamento foram salvos. Porém, quando Cristo morreu, a fonte foi aberta em realidade. O termo fonte denota plenitude; e a menção do fato de ter sido aberta para a casa de Davi, e para os habitantes de Jerusalém (1) significa que estava à disposição de todos, desde a família real até o mais humilde habitante da cidade real.

>Zc-13.2

Essa purificação deveria ser caracterizada por uma reforma moral. Os ídolos seriam tirados-seus próprios nomes desapareceriam da memória. Os falsos profetas e o espírito imundo pelo qual eram atuados seriam expulsos (2). Tão grande seria o zelo pela doutrina pura que os próprios pais de qualquer profeta falso, que por acaso ainda permanecesse, se levantariam contra ele e o destruiriam em seu profundo aborrecimento contra o pecado de falar mentirosamente em nome do Senhor (3; cfr. #Dt 13.6-11; #Dt 18.20). Tal seria o descrédito em que cairiam os profetas falsos que eles ficariam envergonhados das coisas de que anteriormente se tinham vangloriado. Não mais usariam mantos de pelos, para mentirem, enganando o povo, que os considerava como profetas (4). A descrição de Elias como homem "vestido de pelos" (#2Rs 1.8) provavelmente se referia a esse manto de pêlo de camelo ou de ovelhas-uma forma de veste que profetas sucessivos parecem ter usado para imitá-lo.

>Zc-13.5

A fim de livrar-se de toda suspeita contra si, o falso profeta tentaria disfarçar-se de lavrador, que desde a juventude esteve ocupado nas tarefas mais humildes da lavoura (5). E, se alguém ainda suspeitasse dele, por causa de

certas cicatrizes nas suas mãos (melhor, "entre suas mãos"; em heb. **ben**; ou seja, sobre seu peito ou costas), ele atribuiria tais cicatrizes, não à causa de que suspeitavam, a saber, adoração idólatra (cfr. **#1Rs 18.28**), mas a ferimentos recebidos na casa de amigos. A referência provavelmente é às lacerações feitas pelos adoradores idólatras, em seu próprio corpo, quando visitavam amigos aflitos (embora essa prática fosse proibida entre os judeus; ver **#Lv 19.28**), ou a ferimentos "recebidos por ocasião de alguma festança em companhia de amigos briguentos" (Wright).

>Zc-13.7

g) O castigo purificador de Israel (Zc 13.7-9)

No versículo 7 a profecia toma uma nova direção, embora seja diretamente contínua desde o início do capítulo. Jeová convoca a Sua espada para ferir Seu Pastor, cujo caráter oficial é primeiramente descrito, para em seguida ser descrita a constituição de Sua Pessoa. Ele é o **Pastor** de Jeová, ao qual foi confiado o Seu rebanho. Em Sua Pessoa, ninguém está preparado como Ele para Sua tarefa, visto que é um **varão** e, ao mesmo tempo, **companheiro** de Jeová (7). A palavra **gebher**, traduzida aqui como **varão**, é enfática e indica que o Pastor é um homem **por excelência**; enquanto que o termo **'amith**, companheiro, contém a idéia de comunhão em condições iguais. A morte de qualquer mero líder judeu, que é a interpretação favorecida por alguns escritores, não pode, por conseguinte, ser considerada como o cumprimento último e verdadeiro desta profecia.

O resultado imediato da morte do Pastor é mostrado em seguida: **espalhar-se-ão as ovelhas** (7). O significado dessas palavras é revelado na aplicação que Cristo deu a elas, conforme está registrado em **#Mt 26.31**. Mas esta profecia também pode referir-se à dispersão dos judeus, após o cerco de Jerusalém por Tito, não obstante o fato que, naquele tempo, tais judeus fossem inimigos do Messias.

O rebanho, porém, não seria abandonado em sua condição dispersa, pois a profecia prossegue para dizer: **mas volverei a minha mão para os pequenos** (7). Essa ação deve ser entendida em sentido gracioso, como em **#Is 1.25** e **#Is 40.11**. O Pastor foi ferido como substituto do rebanho e, por Sua causa, as ovelhas espalhadas serão reunidas e amorosamente protegidas pela mesma mão que empunhou a espada contra o Pastor. Mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, Deus ajuntou os discípulos dispersos e, mediante a

execução da comissão que lhes foi confiada e, através deles, à Igreja de todos os séculos sucessivos, os "dispersos de Israel" têm sido congregados (#Sl 147.2).

Porém, embora a morte do Pastor tenha sido levada a efeito "pelo determinado desígnio e presciência de Deus", a ação daqueles que O crucificaram foi, não obstante, deles mesmos, apesar disso. Foi através de "mãos iníquas" que Ele foi crucificado e morto; e a justiça de Deus exige que a justiça seja executada. Isso explica a predição final deste capítulo. Não é preciso interpretar as **duas partes** e a **terceira parte**, mencionadas nos versículos 8 e 9, com exatidão literal. Os dois fatos que são deixados claros são que haveria uma destruição e matança generalizadas entre aqueles que rejeitassem o Bom Pastor, e que um remanescente haveria de ser poupado. Porém, até mesmo esse remanescente teria de suportar dura punição, ainda que a figura do refinador e seu cadinho (9) deixe claro que essa prova ardente produzirá gloriosos resultados. Deus falará novamente a Israel em termos de graciosidade da aliança e dirá: **É meu povo**; e eles, refinados e purificados por sua longa tribulação, responderão: **O Senhor é o meu Deus**. Punidos por haverem rejeitado o verdadeiro Pastor (#Zc 11.16), serão abençoados quando se voltarem arrependidos para Ele.

Zc-14.1

VII. AS VITÓRIAS FINAIS DO REI-PASTOR Zc 14.1-21

a) A derrota dos inimigos de Jerusalém (Zc 14.1-15)

Neste capítulo, o assunto do capítulo 13 é expandido. As palavras iniciais são dirigidas a Jerusalém e, no versículo 2, é descrita a captura dessa cidade com os horrores que acompanharão tal acontecimento. A cidade seria tão completamente dominada pelo inimigo que este se sentaria no seu próprio centro para dividir o despojo. **Todas as nações** (2), falando de modo geral, seriam representadas pelo exército invasor, pois Roma era a senhora de muitas terras.

Porém, o julgamento de Deus contra Jerusalém haveria de eventualmente redundar contra as cabeças daqueles que seriam ministros de Sua ira contra ela (3) e é significativo que o declínio do império romano data da queda de Jerusalém.

O notável e sublime personagem do versículo 4 promete intervenção divina para facilitar o escape do remanescente favorecido daquela cidade. O Senhor

haveria de combater contra os inimigos daquela cidade. O Senhor haveria de combater contra os inimigos de Seu povo como **no dia em que pelejou no dia da batalha** (3). Talvez haja aqui uma referência ao que aconteceu no mar Vermelho, quando os egípcios perseguiram Israel, após sua saída do Egito. Moisés acalmou o povo, assegurando-lhes: "O Senhor pelejará por vós e vos calareis" (**#Êx 14.14**). Assim como naquela ocasião o Senhor dividiu o mar para eles, permitindo-lhes escapar, igualmente agora, Ele como que dividiria a montanha tendo o mesmo propósito.

A figura do monte dividido indica a direção de fuga do remanescente. Metade do monte haveria de retirar-se para o norte e a outra metade para o sul, assim deixando um vale na direção leste-oeste. **Asel** (5) é, provavelmente, um nome locativo, talvez a Bete-Ezel mencionada em **#Mq 1.11**. Não é de modo nenhum incomum que o termo "Beth.", num substantivo locativo, seja omitido.

>Zc-14.5

O terremoto, referido no versículo 5, não está registrado em qualquer dos livros históricos do Antigo Testamento; mas Amós o menciona de tal modo que indica que se tratava de um desastre de tal importância que podia fornecer comparação para datar outros acontecimentos (**#Am 1.1**).

Ao descrever a vinda do Senhor, para livrar Seu povo e ferir seus inimigos, o profeta altera, abruptamente, as pessoas, da terceira para a segunda-**então virá o Senhor meu Deus, e todos os santos** (melhor "ungidos" ou "anjos") **contigo** (5). Tão clara foi a sua visão sobre esse grande evento que ele se dirige a Jeová como se realmente estivesse presente e descreve a salvação que resultará de Sua vinda. Naquele dia "não haverá luz, os brilhantes se contrairão" (tradução mais correta do versículo 6). Isso significa que os corpos celestes, contraindo-se, diminuirão a luz que costumam fornecer, com a resultante melancolia de um dia de escuridão espessa. A duração dessa condição será de **um dia conhecido do Senhor** (7); isto é, um período contínuo de luz a mesclar-se com trevas, não com a duração de "um dia" de vinte e quatro horas, mas por algum tempo, cuja duração é conhecida somente pelo Senhor. E então, no "tempo da tarde", quando usualmente sobrevêm as trevas, brilhará subitamente a luz e, em lugar de pôr do sol, haverá a alvorada.

Aqui temos um quadro da condição da Igreja Cristã, desde o tempo da queda de Jerusalém, até o presente momento. Tem sido um longo e enfumaçado dia, com alguns períodos mais brilhantes do que outros, ainda que sem qualquer

período de trevas absolutas ou de luz perfeita. Quando esse "dia" aproximar-se de seu fim, em lugar das trevas se tornarem mais densas, como se poderia esperar, a luz se tornará mais brilhante e a glória do Senhor iluminará o mundo. Essa iluminação será caracterizada pela alegria e pela bênção; pois parece que essa é a significação da figura do versículo 8, onde Jerusalém é representada como a linha divisória das **águas vivas**, isto é, águas puras em borbotões, **metade** das quais fluirá para o **mar oriental** enquanto que a outra **metade** fluirá para o **mar ocidental**, não sendo afetadas essas metades pela seca do verão ou pela neve do inverno. Aqui, o mar **oriental** é o mar Morto, e o mar **ocidental** é o mar Mediterrâneo. A significação geral desta figura é que as águas fluirão em todas as direções, e pelo mundo inteiro sendo que a Palestina aparece aqui como símbolo da área mais lata, a trazer vida e fertilidade por onde quer que vão tais águas.

>Zc-14.9

As bênçãos simbolizadas pelos riachos perenes de águas vivas são resultado da volta de Deus por parte do povo. **Um será o Senhor** (9); isto é, os ídolos serão lançados fora e abolidos; e **um será o seu nome**; isto é, Seu nome, exclusivamente, será invocado e adorado.

>Zc-14.10

Quando o grande Rei for assim reconhecido, Sua cidade real atingirá a maior proeminência possível. Essa é a significação da exaltação de Jerusalém, descrita nos versículos 10-12. **Se tornará em planície** (10). Henderson liga esta figura com a das **águas vivas** (8), a fluir pela terra inteira, partindo de Jerusalém. "Toda obstrução, que porventura impeça o livre fluxo das águas vivas pelo mundo inteiro, será removida. O que é alto será nivelado e o que é baixo será elevado". Dizer que esse nivelamento terá lugar **desde Geba até Rimom** é o equivalente a dizer que haveria de cobrir a terra toda, desde o norte até o sul, pois essas cidades marcam, em geral, as fronteiras extremas do norte e do sul, do reino de Judá. A cidade exaltada será **habitada no seu lugar** (10); isto é, seus antigos limites serão ocupados plenamente. **A porta de Benjamim** (alternativamente, o portão de Efraim") estava situado no centro do muro antigo do norte. Desse portão, o muro corria em direção ao oeste, até à **porta da esquina**, e na direção ao leste, até ao lugar da **primeira porta**, que é identificada como a "porta velha", em **#Ne 3.6**. A **torre de Hananeel** ficava situada na esquina do nordeste, perto da "primeira porta" e os **lagares do rei** ficavam no lado sul da cidade, no jardim do rei (ver **#Ne 3.15**). Neste versículo, por conseguinte, temos a largura da cidade, de leste a oeste e de norte a sul.

>Zc-14.12

A segurança da cidade é indicada em seguida. Não haveria mais **anátema** (destruição completa) contra seus habitantes. Sua defesa repousaria nas mãos do Senhor. O quadro pintado no versículo 12 é ao mesmo tempo gráfico e espantoso. Uma praga enviada pelo Senhor fera as fileiras compactas dos inimigos de Jerusalém, subitamente, enquanto estão **de pé**. Seus olhos, cheios de má intenção para com a cidade, e as línguas que proferiram desafios blasfemos contra ela serão consumidos (12). Além disso, tais inimigos serão lançados em repentina confusão a tal ponto que voltarão a espada uns contra outros, tornando-se uma presa fácil para os defensores de Jerusalém e para os homens de Judá. Os próprios cavalos e animais de carga pertencentes aos adversários de Jerusalém serão afligidos por essa praga destruidora, e aqueles que vieram para espoliar, são justamente os que são despojados (13-15).

>Zc-14.16

b) A glória final de Jerusalém (Zc 14.16-21)

Porém, a destruição dos inimigos de Jerusalém não é universal. O remanescente poupado daqueles que subiram contra Jerusalém subirá uma vez mais contra a cidade real, desta vez para **celebrarem a festa das cabanas** (16). Não devemos concluir, pela declaração que **subirão de ano em ano**, para esse propósito, que os ritos do judaísmo substituirão o lugar da economia Cristã. A linguagem aqui empregada é uma figura, e a festa particular que se menciona é a mais apropriada de todas as festividades judaicas, para ilustrar o que o profeta queria dizer. A festa das cabanas ou "tabernáculos" era a festa da colheita, sendo assim um símbolo natural para o ajuntamento das nações no reino de Deus. Além disso, era uma festa de memória para os judeus, comemorando os anos em que Israel vagueou pelo deserto, pelo que, para os gentios ali reunidos, tornar-se-ia também uma festa memorial, lembrando os tempos quando habitavam no deserto da ignorância e da idolatria. Para os judeus e os gentios, agora unidos numa lealdade comum a Cristo, essa festa serviria de lembrança que eram "estranhos e peregrinos" na terra, cuja cidadania estava no céu. Graciosas lembranças, louvores de adoração e alegre antecipação-todas essas coisas, associadas à festa das cabanas -são elementos permanentes da adoração cristã.

>Zc-14.17

Mas, haverá uma seção recalcitrante do remanescente poupado que ainda terá de ser abordada. O fato de não se terem ajuntado à adoração a Jeová seria

retribuído com a retenção das chuvas necessárias para o sustento da vida (17). O versículo 18 é um tanto obscuro. O Egito é especialmente mencionado entre os inimigos de Jerusalém, provavelmente devido ao fato que os egípcios foram os primeiros opressores dos israelitas e também porque, visto que seu país era irrigado pelo Nilo, a retenção de chuvas vindas do Egito pareceria apenas uma pequena desvantagem. A praga ameaçada viria contra eles da mesma maneira que contra todos os outros povos que vierem a negligenciar a observância da **feira das cabanas**, e eles, igualmente, sofrerão necessidade como resultado da retenção das chuvas que se originam em seu próprio país e nos países cujos riachos alimentam o Nilo.

Nos versículos finais desta profecia, é nos dado um quadro sobre uma Jerusalém inteiramente consagrada a Jeová-um quadro no qual a cidade santa é o símbolo da Igreja Cristã a reinar no mundo. As distinções entre secular e sagrada terão desaparecido, pois todas as pessoas e todas as coisas serão então consagradas aos propósitos do Senhor. As **campainhas** ou chapas dos cavalos exibirão a mesma inscrição que se acha na mitra do Sumo-Sacerdote; e as panelas e bacias da casa do Senhor serão santas como as **bacias diante do altar**; tudo será consagrado para santos propósitos.

>Zc-14.21

Alguns escritores entendem que o termo **cananita** (21) significa "traficante" ou comerciante; e a palavra realmente terá esse sentido (ver **#Jó 41.6**). Nesse sentido, esta passagem pode significar que o tráfico nos átrios sagrados, como em **#Jo 2.13-16**, será algo desconhecido; ou, mais provavelmente, que não haverá mais sacerdotes mercenários. Porém, também é possível aceitar essa palavra como tendo referência a todos os frequentadores da casa de Deus. Os antigos habitantes de Canã foram um povo corrupto, pelo que também o nome cananeu foi, algumas vezes, dado a Israel, como repreensão, em tempos de desvio (ver **#Ez 16.3**). A cidade de Deus, portanto, já não seria mais poluída pelo que é ímpio e profano: "Nela nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no livro da vida do Cordeiro" (**#Ap 21.27**).

G. N. M. Collins.

MALAQUIAS

INTRODUÇÃO

I. DATA

Não é possível fixar a data da escrita do livro de Malaquias com qualquer exatidão. Sabemos, por suas referências ao templo e aos sacerdotes, que ele viveu após o retorno do exílio babilônico e após a reconstrução do templo (516 A. C.). A referência em **#MI 1.3**, a um assalto contra Edom, não nos ajuda a fixar sua data, visto que tais ataques ocorreram em grande número no quinto e quarto século A. C. Nem a palavra "príncipe", em **#MI 1.8**, necessariamente se refere a algum governante persa. Entretanto, o estado de coisas durante o ministério do profeta é semelhante ao que é pressuposto pelas reformas de Esdras e Neemias, e muitos eruditos são da opinião que o livro foi escrito pouco antes da chegada de Esdras. Essa data (cerca 460 A. C.) é mui geralmente aceita.

II. PANO DE FUNDO

Os judeus tinham retornado do exílio impulsionados por altas esperanças. Inspirados por Ageu e Zacarias, haviam reconstruído o templo. Esse edifício não possuía a glória do templo original, que havia sido destruído pelos babilônios, mas servia para seu propósito. Mas, com a passagem dos anos, os judeus foram ficando desiludidos. A prosperidade prometida não retornava. A vida era difícil. Estavam cercados por inimigos, como os samaritanos, os quais procuravam impedi-los em cada oportunidade. Sofriam por causa da seca e das más colheitas e da fome.

Começaram a duvidar do amor de Deus. Punham em dúvida a justiça de Seu governo moral. Diziam que o praticante do mal era bom aos olhos do Senhor. Argumentavam que não havia proveito na obediência aos Seus mandamentos e em andar penitentemente perante Ele, pois eram os ímpios, que dependiam de si mesmos, os que prosperavam.

III. A MENSAGEM PROFÉTICA

O profeta, então, começou a responder-lhes, mostrando-lhes que tal ceticismo se baseava na hipocrisia. Se lhes cabia a adversidade, esta havia

caído sobre eles, não a despeito de sua piedade, mas antes, por causa de sua pecaminosidade. Por exemplo, havia a adoração corrompida em seus deveres no templo. Mostravam-se maus líderes de um povo que trazia ofertas inaceitáveis, mesmo depois de haverem prometido melhores ofertas. Os próprios gentios ofereciam sacrifícios mais dignos. O povo também vivia transgredindo, pois os homens se divorciavam das mulheres com quem se tinham casado na juventude e contraíam casamento com mulheres estrangeiras. Prevalciam pecados de todas as espécies: feitiçaria, adultério, desonestidade, opressão aos fracos e impiedade generalizada. Como poderiam esperar a prosperidade quando a nação estava apodrecida com tais práticas?

Malaquias, em verdadeira nota profética, condenou os pecados e convocou o povo para que se arrependesse. Caso purificassem sua adoração, obedecessem à lei e pagassem seus dízimos na íntegra, então o resultado seria as bênçãos de Deus. Ao fazer soar esse apelo, o profeta revelou que possuía uma alta concepção sobre Deus. Deus era o majestoso Senhor dos Exércitos; Seus decretos e juízos eram irresistíveis; Seu amor era santo e imutável.

Malaquias percebia a salvação final para seu povo, não no arrependimento deles, mas na ação do Senhor. Raiaria o grande dia do Senhor. Esse dia purificaria e vindicaria os piedosos e destruiria os ímpios. Esse dia seria preparado com a vinda do profeta Elias.

IV. O HOMEM

Tudo quanto sabemos sobre o profeta propriamente dito, temos de inferir de suas declarações. Ele era um profeta autêntico. Falava com plena autoridade. Podia realmente dizer: "Assim diz o Senhor dos Exércitos". Tinha um amor intenso por Israel e pelos serviços efetuados no templo e sua concepção sobre a tradição e os deveres dos sacerdotes era bem alta. Tem sido dito freqüentemente que enquanto outros profetas frisaram a moralidade e a religião no íntimo, Malaquias punha ênfase sobre a adoravam e o ritual. Mas, apesar de que isso seja verdade quanto aos aspectos gerais, temos de notar que ele não se esquecia totalmente das obrigações morais de Israel (ver a formidável lista de [#MI 3.5](#)), e que, para ele, o ritual não era uma finalidade em si mesmo, mas apenas a expressão da fé do povo no Senhor.

Seu estilo é simples, direto e caracterizado pela freqüente ocorrência das palavras "mas vós dizeis". Talvez isso signifique mais que um método retórico

do escritor; pode ter tido sua origem nos clamores de protesto e dúvida dos perguntadores, quando ele pregou sua primeira mensagem nas ruas.

V. CITAÇÕES EM O NOVO TESTAMENTO

Somente três passagens deste livro são referidas ou citadas no Novo Testamento, a saber: [#MI 1.2](#) e segs.; [#MI 3.1](#); e [#MI 4.5](#) e segs. A primeira delas: "Amei a Jacó. E aborreci a Esaú", contém uma idéia que se tem mostrado um tanto ofensiva para o gosto moderno. Não obstante, é difícil evitar manter alguma doutrina de eleição, em vista das muitas declarações na Bíblia e em vista dos fatos da experiência humana. Verdadeiramente uma delas é freqüentemente aceita, enquanto a outra é abandonada. Foi em apoio à doutrina da eleição do verdadeiro Israel que Paulo citou esse versículo, em [#Rm 9.13](#).

VI. O FIM DA PROFECIA

Com o livro de Malaquias foi arriada a cortina sobre a cena profética, até a vinda do Batista. As palavras vívidas e poderosas dos profetas não mais foram ouvidas. Os escribas e os sacerdotes se tornaram os principais personagens religiosos. A era criativa havia cedido lugar à era do aprendizado. Os judeus contavam, agora, com grande tesouro literário e seus exegetas, aqueles que expunham essa literatura, tornaram-se o novo canal para a voz de Deus. A respeito dessa situação que se aproximava, em que a religião era principalmente legalística, temos um claro sinal no livro de Malaquias.

MI-1.1

I. O TÍTULO MI 1.1

Peso; Alguma coisa falada solenemente especialmente um oráculo divino. Cfr. nota sobre [#Zc 9.1. Malaquias](#). O nome significa "meu mensageiro". Tem havido muita discussão a respeito da questão se este fosse o verdadeiro nome do profeta. Se foi, pode ser a forma contraída de Malaquiah, "o mensageiro do Senhor", na analogia de Abi para Abiah ("Jeová é o meu pai") e Uri para Uriah ("Jeová é a minha luz").

>MI-1.2

II O AMOR DO SENHOR POR ISRAEL MI 1.2-5

Mas vós dizeis (2). O profeta emprega o método vívido de perguntas e respostas por oito vezes (cfr. #MI 1.6-7; #MI 2.14,17; #MI 3.7-8,13). Os homens estavam pedindo uma prova do amor do Senhor. Tal amor podia ser encontrado no favor que Ele demonstrara para com **Jacó** (isto é, Israel), e na rejeição de Edom, um povo que originalmente teve início no irmão gêmeo de Jacó, **Esau**, ainda que em anos mais recentes seus descendentes se tivessem tornado inimigos figadais de Israel (2-3). **Todavia ameí a Jacó**. Ver #Rm 9.13. Edom havia sofrido completa e final desolação e, no futuro, seus lugares devastados serviriam de testemunho de sua perversidade e da ira do Senhor. A referência, no versículo 3, é a alguma calamidade recente que havia caído contra Edom, provavelmente nas mãos dos árabes nabateus, que expulsaram os edomitas de seu antigo território do monte Seir para o distrito do sul de Judá, desde então chamado de Iduméia. **O Senhor dos Exércitos** (4). Esse título ocorre mais de vinte vezes neste livro. **Termo de impiedade** (4). O pensamento é que os homens de uma futura geração veriam a desolação e então concluiriam que Edom deve ter sido desesperadamente pervertida para merecer tal castigo, Israel, por outro lado, terá provas indisputáveis do cuidado soberano de Deus. O versículo 5 poderia ser traduzido como: "O Senhor é grande acima do território de Israel" (I. C. C.).

>MI-1.6

III. ISRAEL DESONRA AO SENHOR MI 1.6-2.9

O filho honrará o pai (6). Em Israel, essa atitude para com o próprio pai, era salientada acima de todas as atitudes. Pensar em Deus como Pai, por conseguinte, deveria resultar em honra à Sua autoridade e majestade. **O meu temor** (6); isto é, a reverência por mim, da espécie que um servo deve a seu senhor. Porém, os sacerdotes desprezam **o meu nome** (6). **Ofereceis... pão imundo...** (7). Essa não é uma resposta à pergunta anterior, mas um segundo predicado descritivo dos sacerdotes, o que é explicado no versículo 8. Eles desprezavam Seu nome ao pensar que **A mesa do Senhor é desprezível** (7), e O poluíam por suas ofertas inaceitáveis. Em lugar de **te** (7) a Septuaginta e o Targum lêem "o", dando a entender que o desprezado era o altar, o que também sucede no versículo 8. **Animal cego** (8). Toda vítima dos sacrifícios tinha de ser sem defeito (ver #Dt 15.21 etc.). **Não faz mal** (8), deve ser compreendido como palavras que expressam os sentimentos dos sacerdotes. **Príncipe** (8); possivelmente algum príncipe ou governante persa; os sacerdotes

traziam ofertas para o altar que não ousariam apresentar à autoridade civil. **Aceitará ele a tua pessoa?** (8); lit., "levantará teu rosto?", isto é, "assegurar-te-á seu favor?" Portanto, os seus esforços para conquistar o favor de Deus de nada serviriam se Lhe trouxessem tais presentes. **Isto veio da vossa mão** (9). Leia-se conforme a Exp. Bible: "Quando coisas como estas vem de vossas mãos, pode Ele aceitar vossas pessoas?" Quanto ao versículo 10, deve-se ler: "Oxalá houvesse um entre vós que fechasse as portas, para que não acendêsseis fogo sobre meu altar em vão!" Seria melhor fechar as portas do templo e não celebrar sacrifício algum do que oferecer tão vã adoração. **Será** (11). Cada vez que aparece no futuro, deve ser lido no presente "é". O ponto em foco é que nos dias do profeta os próprios gentios estavam oferecendo uma adoração mais sincera que os habitantes de Jerusalém.

>MI-1.12

Quando dizeis (12). Cfr. o versículo 7; era a atitude deles, e não tanto suas declarações reais que o profeta tinha aqui em mente. **Lançastes ao desprezo** (13); isto é, os sacerdotes consideravam cansativos os serviços no templo e o povo, segundo seu exemplo, mostrava-se mesquinho e enganoso. **Maldito seja o enganador** (14). Faz-nos lembrar a história de Ananias e Safira, em **#At 5**. O dr. M. Dods cita, mui apropriadamente, de Pirke Aboth 1.16: "Dizei pouco e fazei muito. Sede semelhante a Abraão, que prometeu apenas um pedaço de pão, mas abateu uma novilha tenra e boa".

MI-2.1

Este mandamento (2.1); isto é, o ensinamento dos versículos subseqüentes. Se os sacerdotes não lhe dessem ouvidos, seriam amaldiçoados. **As vossas bênçãos** (2). Provavelmente as bênçãos sacerdotais, embora alguns entendam que essa frase significa as vantagens pessoais desfrutadas pelos sacerdotes. **A semente** (3); isto é, a posteridade dos sacerdotes. Quanto à última frase, a Septuaginta lê: "Eis que renovo de vós o ombro"; isto é, ficareis incapacitados para vossa função de abençoar. A Bíblia alemã tem a interessante tradução: "permanecerá apegado a vós". O significado óbvio do versículo é que os sacerdotes ficariam publicamente em desgraça e totalmente desacreditados, a não ser que aprendessem a ser dignos representantes da aliança de Deus com Levi (4). Nos versículos 5-7 é indicado o verdadeiro serviço sacerdotal. **Paz** (5), aqui, significa "prosperidade geral" (cfr. **#Nm 25.12**). A melhor tradução desse versículo seria: "Minha aliança foi com ele; vida e paz-eu dei-as a ele; temor-e ele me temeu e teve temor perante meu nome". A aliança prometia

prosperidade como recompensa pela verdadeira reverência. **A lei da verdade** (6); isto é, verdadeira instrução. Quando esta era dada pelos sacerdotes, muitos se convertiam de sua impiedade. **Retidão** (6); o oposto de **iniquidade**. **Ele é o anjo** (7); isto é, o mensageiro. O sacerdote, tanto quanto o profeta, era o mensageiro do Senhor, e seu dever era o de proporcionar a **ciência** ou conhecimento, isto é, o conhecimento do Senhor e de Seus mandamentos.

>MI-2.8

Corrompestes o concerto (8); isto é, "quebrastes" a aliança. Isso haviam feito mostrando parcialidade e fazendo, em geral, aquilo que era contrário ao que dele era de esperar-se. Não admira, portanto, que fossem desprezados pelo povo (9).

>MI-2.10

IV. CONDENAÇÃO AOS DIVÓRCIOS E AO CASAMENTO COM ESTRANGEIRAS MI 2.10-16

Não temos nós todos um mesmo Pai? (10). O fato que Israel tinha em Deus um Pai e Criador comum, deveria fazê-los unir-se juntamente e desprezar qualquer traição que tendesse a interromper essa unidade. Porém, Judá mostrava-se **desleal** (11) e tinha profanado o santuário do Senhor com seus casamentos com estrangeiras. **A santidade** (11); isto é, o santuário, e que significa ou o templo ou o povo separado (cfr. #Jr 2.3). **Filha de deus estranho** (11). Era uma mulher que seguia outra religião. O versículo 12 poderia ser traduzido: "Que o Senhor extirpe o homem que faz disso o que chama e o que responde". Esta última frase é uma expressão idiomática e significa "toda a sua posteridade". Há duas maneiras de compreender o versículo 13. Os **choros** podem ser o das mulheres divorciadas, em consequência do que a adoração do povo não era aceitável perante o Senhor. Ou, lendo-se "porque" em lugar de **de sorte que**, o choro poderá assinalar os renovados esforços daquele povo zeloso mas impenitente em busca do favor do Senhor, depois que suas ofertas foram por Ele rejeitadas.

>MI-2.14

A mulher do teu concerto (14); isto é, "a mulher a quem juraste lealdade". O significado da primeira metade do versículo 15 é extremamente obscuro. Oesterley sugere: "Não foi Um só que nos fez e preservou vivos nossos

espíritos? E o que é que esse Um deseja? Uma posteridade piedosa!" O ponto em foco aqui é que quando um israelita se casava com uma mulher não-israelita, a religião de sua descendência tendia mais a ser a da mãe que a do pai. **O Senhor... aborrece o repúdio** (16). O profeta não deixa dúvida em seus ouvintes, quanto à atitude do Senhor para com aqueles divórcios, assim justificando seu apelo que diz: **guardai-vos em vosso espírito** (15), ou seja, prestai atenção. **Aquele que encobre a violência com o seu vestido** (16), melhor: "que encobre o seu vestido com violência". Quando um homem tomava uma mulher como esposa, lançava sobre ela a sua capa (cfr. **#Rt 3.9**). Neste versículo, por conseguinte, "vestido" deve ser compreendido no sentido de "esposa".

>MI-2.17

V. O JULGAMENTO VINDOURO MI 2.17-3.6

O povo havia enfadado ao Senhor (17) afirmando que Ele tinha prazer no praticante do mal e duvidando da justiça de Seu governo. A atitude expressa neste versículo tem de ser compreendida em contraste com um pano de fundo que apresenta as dificuldades dos anos que se seguiram ao exílio. **O meu anjo** (3.1) ou "mensageiro". Em vista de **#MI 4.5**, é natural interpretar tal anjo como Elias. Em **#Mt 11.10,14**, nosso Senhor cita a primeira parte deste versículo e identifica Elias com João Batista. Essa identificação demonstra que as palavras proféticas não devem ser tomadas por demais literalmente. Cfr., igualmente, **#Lc 1.17**. O significado geral é que Malaquias predizia aqui um reavivamento geral da profecia, antes da vinda do Senhor: isso foi cumprido no ministério de João Batista, o qual foi um autêntico profeta e preparou o caminho para a missão de Jesus Cristo.

MI-3.1

O anjo do concerto (1). Esta frase deve ser considerada em oposição **ao Senhor, a quem vós buscais**, pois a palavra "anjo", em hebraico, significa tanto um ser celeste angélico como um mero mensageiro. O dia do Senhor será dia de trevas e não de luz (cfr. **#Am 5.20**); não obstante, seu propósito será purificar e não destruir. Contraste-se isso com o **sabão dos lavandeiros** (2). Nos evangelhos anglo-saxônicos, João Batista é chamado de "lavandeiro" (em Inglês, "the Fuller"). **Os filhos de Levi** (3). O julgamento terá início pela casa do Senhor, na pessoa dos sacerdotes, purificando-os e habilitando-os para sua elevada função (4). O versículo 5 mostra que o profeta se preocupava com

a moralidade do povo, tanto quanto com sua adoração. O Juiz que haveria de vir exporá e condenará os obreiros da iniquidade de todas as espécies. **Pervertem o direito... do estrangeiro** (5). Visto que o "estrangeiro" geralmente contava com poucos amigos para protegê-lo e para assegurarem que lhe seria feita justiça, na lei é-lhe demonstrado cuidado especial (cfr. **#Lv 19.10,33**). **Não mudo** (6). O amor do Senhor por Israel era inalterável e por esse motivo Israel não era destruído (cfr. **#Lm 3.22**).

>MI-3.7

VI. O ARREPENDIMENTO, PROVADO PELOS DÍZIMOS, TRARÁ BÊNÇÃOS MI 3.7-12

Malaquias, agora, apela ao povo para que se volte ao Senhor e à observância de Suas ordenanças. **Dízimos** (8); ver **#Lv 27.30**; **#Nm 18.21**. Vinham furtando a Deus não Lhe dando o que Lhe era devido. Isso tinha feito descer sobre eles uma maldição. Note-se que, no versículo 9, **me** é enfático no hebraico. **Todos os dízimos** (10); isso sugere que algumas pessoas haviam deixado de trazer os dízimos. Mas, o hebraico também pode ser traduzido como "o dízimo inteiro", o que significaria que o povo estava retendo uma parte do que deveria ser trazido. Os tempos eram reconhecidamente difíceis, mas Malaquias apelou para que pusessem Deus à prova, trazendo para a Sua casa aquilo que a lei exigia. Então **as janelas do céu seriam abertas** (uma frase que sugere que vinham experimentando seca e colheitas insuficientes), e haveria mais que suficiente para todos. **Que dela vos advenha a maior abastança** (10). O hebraico diz, lit., "até não haver qualquer suficiência", que deve ser compreendido com o sentido de "até não haver mais qualquer necessidade". Quanto **à casa do tesouro** ver **#Ne 13.5**. O **devorador** (11); isto é, o "gafanhoto". **Vos não será estéril** (11). A causa da vide produzir frutos abundantes seria que a mangra e a ferrugem já não atacariam as plantas (I. C. C.). Quando as nações circunvizinhas vissem a prosperidade que se segue à liberalidade para com Deus, julgariam corretamente que era por ação do Senhor que Seu povo era abençoado.

>MI-3.13

VII. A FUTURA VINDICAÇÃO AOS PIEDOSOS MI 3.13-4.3

Agressivas (13), isto é, obstinadas e insistentes. A atitude do povo para com Deus tinha sido desafiadora. **Falado** (13); a forma do verbo, em hebraico, é o

nifal, que é usado para ação recíproca. O significado disso é que haviam falado um com o outro, talvez em pequenos grupos. Entre si mesmos haviam discutido qual o proveito de servir a Deus lealmente e haviam imaginado que os praticantes da iniquidade é que eram prósperos. **Andar de luto** (14); isto é, fazer penitência por qualquer falha na obediência aos mandamentos do Senhor. **Os que cometem impiedade se edificam** (15), isto é, alcançam prosperidade.

>MI-3.16

Quanto ao versículo 16, alguns, seguindo a Septuaginta, preferem ler: "Tais coisas falaram aqueles que temiam ao Senhor, um para o outro". Porém, é melhor seguir o hebraico: "Então aqueles que temiam ao Senhor falavam freqüentemente um para o outro". As palavras do versículo 14 são as queixas dos cétricos. Os fiéis se recusavam a aceitar esses argumentos e procuravam aprofundar sua comunhão uns com os outros e se assegurarem entre si da justiça de Deus. Seus nomes e seus feitos haviam sido inscritos no Seu **memorial. Naquele dia...** (17). Algumas versões traduzem, mais corretamente: "naquele dia que farei, ou seja, um tesouro peculiar". G. A. Smith traduz: "no dia quando eu me levantar para agir". Na qualidade de tesouro especial de Deus, os fiéis serão poupados do julgamento que se despenhará contra os ímpios. **Vereis outra vez** (18); isto é, "discernireis novamente".

MI-4.1

Haverá a restauração da ordem moral que existia nos dias pré-exílicos. Os ímpios serão punidos, queimados como rastolho (4.1); os piedosos, por outro lado, serão justificados e curados, como que pelos raios do sol (2). **E crescereis** (2). A sugestão é de uma vida alegre, vigorosa e livre de preocupações. **Naquele dia** (3); ver anotações sobre **#MI 3.17**, acima.

>MI-4.4

VIII. CONCLUSÃO MI 4.4-6

Horebe (4); isto é, Sinai. O povo é exortado a relembrar a lei de Moisés. Podemos comparar esse versículo com o fim do livro de Eclesiastes: "De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos". Quanto a **Elias** (5), ver anotação acima, sobre **#MI 3.1**. A vinda desse profeta reconciliará pais e filhos e desviará a maldição que estava ameaçada. A

malquerença entre as gerações mais idosas e mais jovens, que parece estar aqui subentendida, provavelmente era devida, em parte, à lassidão quanto aos laços matrimoniais, que Malaquias já havia denunciado. Estes versículos finais indicam que tanto a lei como os profetas desempenharam um papel na preparação para a vinda do Senhor. Cfr. #Mc 9.4; #Lc 24.44.

J. T. H. Adamson.

III PARTE: O NOVO TESTAMENTO **O EVANGELHO SEGUNDO S. MATEUS**

INTRODUÇÃO

(Ver também o artigo geral intitulado "Os Quatro Evangelhos")

Nosso conhecimento deste Evangelho vem por meio dos códices do Novo Testamento, escritos em pergaminhos do IV e V séculos A. D., de fragmentos escritos em papiros de data mais antiga, de versões primitivas, como por exemplo a Siríaca e a que se chama Latina Antiga, e de citações dos escritores patrísticos desde o século II de nossa era. Os problemas relacionados com o texto e sua transmissão são os mesmos que se aplicam ao Novo Testamento em geral.

I. AUTORIA

Em comum com os outros três Evangelhos, este livro é anônimo. Entretanto, o nome do apóstolo Mateus (#Mt 9.9 e #Mt 10.3) se associa com ele desde o século II. Existem na *História Eclesiástica*, de Eusébio, escrita cedo, no século IV, citações de Papias, bispo no século II (3.39), de Irineu, bispo de Leão, no século II (5.8,2) e de Orígenes, grande teólogo do século III (6.25). Todos estes concordam em afirmar que este Evangelho foi escrito por Mateus, para cristãos hebreus, na língua hebraica. Sem dúvida, estes escritores queriam dizer aramaico. Eusébio acrescenta o testemunho da sua corroboração duas vezes em seu livro histórico (3.24,6 e 5.10,3). Apesar de tantas evidências dum original aramaico, dele não existe o menor vestígio. As primeiras citações do Evangelho são em grego e não há qualquer teólogo em nossos dias que duvide de que o Evangelho, escrito no grego de sua forma atual, existisse na segunda parte do primeiro século. Embora não levando o nome do autor, o Evangelho fornece pelo menos uma evidência interna que confirma sua autoria tradicional. A história da chamada de Mateus, em #Mt 9.9, é seguida da narrativa de uma refeição a qual Jesus compareceu em companhia de publicanos e pecadores (#Mt 9.10 e segs.). O trecho começa com as palavras *kai egeneto autou anakeimenou en te(i) oikia(i)* (#Mt 9.10). Visto que as últimas três palavras significam "em casa", o trecho sugere que a refeição fosse oferecida na casa de Jesus. Entretanto, o trecho paralelo em #Mc 2.15 indica claramente que a festa teve lugar na casa de Levi, isto é, Mateus. O texto em Marcos reza assim: *en te(i) oikia(i) autou*, na casa dele. O

sentido alternativo de #Mt 9.10 é que "em casa" quer dizer "na minha casa", isto é, na do autor, e isto concorda plenamente com Marcos e com os fatos apresentados por ambos os evangelistas. Esta frase serve, então, para identificar o autor.

II. ORIGENS DO EVANGELHO

A hipótese predominante entre teólogos atuais é que o Evangelho de Marcos foi escrito primeiro do que Mateus e Lucas, cujas obras se baseiam em parte sobre Marcos, de onde foram hauridos trechos inteiros, com variantes editoriais e, em parte, sobre outros documentos, agora desconhecidos, que lhes foram acessíveis. Não há certeza sobre o ponto. A evidência em favor da hipótese encontra-se na bem conhecida obra de Streeter, *The Four Gospels*. Consultar também o artigo geral *Os Quatro Evangelhos*. Podemos concordar que os principais ensinamentos do Senhor, tanto como os fatos concernentes a Sua vida, ministério, morte e ressurreição foram transmitidos pelos cristãos primitivos na forma de uma tradição oral. É provável que esta tradição fosse conservada numa forma inalterada, pelo seu uso como catecismo de batizando. O prefácio ao terceiro Evangelho confirma que diversas pessoas procuraram, naquele período, incorporar esta tradição em forma escrita (#Lc 1.1-2).

É bem compreensível que os escritores cristãos, inclusive os evangelistas, aproveitaram tais originais orais e escritos. Há, porém, outras considerações com respeito ao primeiro Evangelho. Se o autor for Mateus, foi ele testemunha ocular do muito que relata, o que não foi o caso dos outros dois evangelistas sinóticos. A tradição de que ele escreveu em aramaico é possivelmente baseada em notas compostas por ele, ou memorandos das palavras do Nosso Senhor, em sua língua materna que serviam para seu próprio uso e para aqueles a quem pregava. Não devemos excluir a possibilidade da preparação de tais notas no tempo do ministério do Senhor, nem da probabilidade do seu uso geral como base de muitas tradições subsequentes, tanto orais como escritas.

Parece certo que pelo menos no II século o Evangelho segundo S. Mateus já ocupava o primeiro lugar entre os quatro. Alguns pensam que a inferência natural é que naquela época este Evangelho era considerado como o primeiro a ser escrito. Dois fatos possibilitam esta teoria. Primeiro, que o Evangelho foi escrito para os cristãos hebreus da Palestina, que constituíram as comunidades cristãs mais primitivas. A evidência interna disto é forte e

repousa em certos fatos, como as referências a Jerusalém como a "Cidade Santa", a menção do sinédrio e dos concílios da sinagoga, o notável respeito dado à lei mosaica, a linguagem rabínica de #Mt 16.19 e #Mt 18.18 e, principalmente, o uso das profecias do Velho Testamento. O segundo fato que contribui para dar primeiro lugar a este Evangelho segue logicamente o primeiro. Constitui uma forte conexão com o Velho Testamento e dessarte uma introdução apropriada ao Novo. Logo no começo se refere ao Velho Testamento, citando Davi e Abraão como antepassados de Jesus Cristo. É notável também que muito do grande discurso que conhecemos como o Sermão da Montanha, que constitui, pela sua posição no Novo Testamento, o alicerce da ética cristã, apresenta uma minuciosa explanação da relação que existe entre a ética do novo evangelho e a da lei. Em todos os primeiros manuscritos gregos do Novo Testamento, este Evangelho ocupa o primeiro lugar entre os quatro e, na maioria, os Evangelhos se encontram no começo do Novo Testamento.

III. O PROPÓSITO DO EVANGELHO

É patente que o propósito do evangelista é apresentar em ordem a história do nascimento, ministério, paixão e ressurreição de Jesus Cristo. Ele agrupa seus fatos a redor de cinco grandes discursos de Nosso Senhor: o Sermão da Montanha (#Mt 5.1-7.27); a comissão aos apóstolos (#Mt 10.5-42); as parábolas (#Mt 13.1-53); o discurso sobre a humildade e o perdão (#Mt 18.1-35); e o discurso apocalíptico (#Mt 24.1-25.46). O evangelista indica esta divisão pela repetição da mesma fórmula, ao fim de cada discurso: "E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso...". Os trechos que intervêm contam dos milagres e outros acontecimentos que seguem certa ordem, que facilita ao leitor fixá-los de memória. O trecho inicial, antes do primeiro discurso (#Mt 1-4) consiste da narrativa do nascimento e infância de Jesus, o ministério de João Batista, o batismo e tentação do Senhor, e uma introdução geral ao seu ministério. O clímax da paixão e ressurreição segue logo o último dos cinco discursos. O evangelista cita freqüentemente versículos tirados das profecias do Velho Testamento e, de fato, interpreta essas profecias como tendo cumprimento em Jesus Cristo; tudo é interpretado de um modo que seria para o judeu palestino do I século prova incontestável, a qual a igreja cristã tem adotado.

Os trechos seguintes são peculiares a S. Mateus: a narrativa do nascimento e da infância (#Mt 1.18 a #Mt 2.23); a introdução geral ao ministério na Galiléia (#Mt 4.23-25); a referência a #Is 53.4 (#Mt 8.17); a cura

dos dois cegos e um mudo endemoninhado e a alusão às ovelhas que não têm pastor (#Mt 9.27-38); o convite aos cansados e oprimidos (#Mt 11.28-30); a referência a #Is 42.1-4 (#Mt 12.15-21); a parábola do trigo e do joio e do tesouro escondido, a da pérola de grande valor, e a da rede lançada ao mar (#Mt 13.24-30,34-50); a referência geral ao ministério da cura (#Mt 15.29-31); a descoberta do dinheiro na boca dum peixe (#Mt 17.24-27); o ensino sobre as crianças e anjos de guarda (#Mt 18.10-11); os ensinamentos a respeito da reconciliação, oração e perdão (#Mt 18.15-35); o ensino sobre eunucos (#Mt 19.10-12); a parábola dos trabalhadores na vinha (#Mt 20.1-16); a parábola dos dois filhos (#Mt 21.28-32); a censura aos fariseus (23); certos trechos do discurso apocalíptico, que é muito mais amplo neste do que nos outros Evangelhos sinóticos (24); a parábola das dez virgens (#Mt 25.1-13); o juízo dos bodes e ovelhas (#Mt 25.31-46); o suicídio de Judas (#Mt 27.1-10); a ressurreição dos santos (#Mt 27.52-53); a guarda posta ao sepulcro (#Mt 27.62-66); o boato falso do roubo do corpo de Jesus e a grande comissão (#Mt 28.11-20).

O evangelista exibe um estilo literário que lhe é peculiar, cuja característica mais notável é a falta de pormenores na descrição dos feitos. As narrativas são geralmente sumárias e os detalhes se entrosam. Vê-se claramente esta tendência comparando as histórias da cura do criado do centurião (#Mt 8.5-13); e da ressurreição da filha de Jairo (#Mt 9.18-26), com os trechos paralelos em Lucas. A formação e a apresentação de Mateus são fundamentalmente simétricas.

Mt-1.1

I. O NASCIMENTO E INFÂNCIA DE JESUS CRISTO Mt 1.1-2.23

a) A genealogia de Jesus (Mt 1.1-17)

Livro da geração (1), isto é, sua árvore genealógica. **Davi** (1). Em descrevendo as origens de Nosso Senhor até Davi, vê-se que o propósito era o de mostrar que as promessas feitas a Davi, como progenitor do Messias, são cumpridas em Jesus Cristo (ver #2Sm 7.12-16; #Sl 89.29,36-37; #Sl 132.11). **Abraão** (1). Promessas semelhantes foram dadas a Abraão (ver #Gn 12.7; #Gn 13.15; #Gn 17.7; #Gn 22.18 e #Gl 3.16).

>Mt-1.3

Tamar (3). Estrangeira e mulher de moral duvidosa (ver #Gn 38). **Racabe** (5). Estrangeira também e originalmente prostituta (ver #Js 2.1; #Hb 11.31). **Rute** (5). Moabita. Ver o livro de Rute para sua história. **Aquela que foi mulher de Urias** (6), isto é, Bate-Seba (ver #2Sm 12.10-24). O fato que o texto a descreve nesta maneira sugere uma recordação intencional da sua relação ilícita com Davi.

>Mt-1.7

Salomão (7) é provável que esta genealogia não delineia a descendência natural, a qual se encontra em #Lc 3.23-38, mas a linha real e legal, em virtude de que Jesus Cristo era herdeiro do trono de Davi. **Ozias** (8), isto é, Uzias (#Is 6.1 e #2Cr 26.1), também chamado Azarias (#2Rs 14.21). Três gerações são omitidas aqui (ver #1Cr 3.11-12), a fim de adaptar a genealogia ao plano do evangelista (ver vers. 17). Esta prática com genealogias era aceita, e não se admite por isto inexatidão. É possível que haja omissões também na primeira e terceira seções da genealogia (vers. 2-6,12-16). **Jeconias** (11), chamado também Joaquim (#2Rs 24.8) e Conias (#Jr 22.24-28); foi privado de descendência sobre o Trono de Davi (#Jr 22.30). Desse modo Jesus Cristo não era descendente natural dele. **A deportação para a Babilônia** (11), se refere aos setenta anos do cativo.

>Mt-1.16

José, marido de Maria (16). As palavras são escolhidas com muito cuidado para evitar qualquer impressão de que José fosse o pai natural de Jesus Cristo. Como esposo de Maria, era pai legal, de sorte que o direito ao trono de Davi foi transmitido por ele. O casamento de José e Maria teve lugar depois da concepção, mas antes do nascimento de Jesus Cristo. **Catorze gerações... catorze gerações... catorze gerações...** (17). A genealogia foi agrupada propositadamente deste modo pelo evangelista, para facilidade de aprendê-la. A palavra grega **oun**, traduzida "de sorte que", implica uma ordem artificial. O sentido da frase é: "isto completa as gerações... entre as catorze gerações".

>Mt-1.18

b) O nascimento de Jesus (Mt 1.18-25)

Desposada (18). Isto quer dizer que já era noiva de José sem ser casada. Infidelidade depois do noivado era considerada adultério. **Do Espírito Santo** (18). A conceição foi operação miraculosa de Deus, o Espírito Santo, pela qual "o verbo se fez carne". **Não queria infamar... intentou deixá-la secretamente** (19). Estas duas possibilidades se ofereciam a José, conforme as leis e costumes judaicos. Um homem do caráter de José escolheria naturalmente a segunda. **Projetando ele isso** (20). Conhecendo o caráter impecável de Maria, naturalmente ficou perplexo, com tal situação. **O anjo** (20). A intervenção dum anjo não faz a história inverossímil. Foi essencial nas circunstâncias, de vez que nenhum esposo acreditaria na veracidade do fato da conceição dum virgem, se não lhe fosse revelada de modo sobrenatural. **Em sonho** (20). Até hoje, no oriente, os sonhos são considerados meio importante de revelação divina. **Filho de Davi** (20). Esta é a forma hebraica para expressar "descendente de Davi". **Jesus** (21). É a forma grega do nome hebraico Josué, que significa "o Senhor salva". **Ele salvará o seu povo dos seus pecados** (21), isto é, da culpa e do castigo do pecado, tanto como da sua influência e poder. Eis a grande declaração fundamental do evangelho no início do Novo Testamento.

>Mt-1.22

Para que se cumprisse (22). Isto quer dizer que a declaração do profeta fez os acontecimentos inevitáveis. **Da parte do Senhor pelo profeta** (22). Nota-se que o Senhor é o autor da profecia. O profeta é o **porta-voz**. Foi assim que os judeus compreenderam a inspiração. A Igreja Cristã aceitou este ponto de vista até o advento do liberalismo do século XIX. Todas as vezes que o texto utiliza a frase "pelo profeta" a tradução mais exata seria "por intermédio do profeta". **Eis que a virgem conceberá... Emanuel** (23). Esta é uma citação da versão grega dos LXX, de Alexandria, de **#Is 7.14**. No grego, a frase **Deus conosco** é tirada da versão dos LXX de **#Is 8.8**, onde é a tradução da palavra hebraica **Emanuel**. Esta é a segunda de duas declarações importantíssimas a respeito do evangelho, todas as duas no espaço de três versículos (ver nota sobre o vers. 21). A segunda revela que Jesus é Deus. Podemos dizer que toda a revelação cristã se baseia nestes três versos.

>Mt-1.25

E não a conheceu (25). Esta descrição conserva perfeitamente o fato do nascimento de Cristo pela Virgem. É implícito, entretanto, que, depois do nascimento de Jesus, José e Maria coabitavam normalmente. **Seu Filho**

primogênito (25). Estas palavras não existem nos melhores e mais exatos manuscritos e deviam ser omitidas. Porém, sugerem que Maria tinha outros filhos mais novos e pelo menos é prova de que sua presença no texto não constituiu dificuldade na aceitação deste fato pelos cristãos da Igreja primitiva. Os nomes dos irmãos do Senhor são citados em **#Mc 6.3**.

Mt-2.1

c) Os magos do Oriente (Mt 2.1-12)

Belém (1). É a mesma aldeia onde o rei Davi nasceu. Não era a cidade de José e Maria. O motivo da sua residência ali é dado em **#Lc 2.1-5**. A aldeia era ao sul de Jerusalém. **Judéia** (1), isto é, a província romana da Judéia, das três províncias palestinas a oeste do Jordão é a que fica mais a sul. **O rei Herodes** (1). Da família Iduméia, era rei, sob os romanos, de toda a Palestina. Cognominado geralmente Herodes, o Grande. **Os magos**, talvez astrólogos pertencentes á mesma classe de homens chamados caldeus em **#Dn 2.2**. É provável que vieram da Mesopotâmia. Embora existindo muitas lendas a respeito, nada se sabe das circunstâncias da sua viagem, além dos pormenores dados neste Evangelho. **Aquele nascido Rei dos Judeus** (2). Esta frase constitui eco das esperanças messiânicas dos judeus. **Sua estrela** (2). Não há evidência suficiente para sabermos se era fenômeno astronômico ou uma manifestação sobrenatural. **A adorá-lo** (2). É patente que os magos já o consideraram como Ser divino.

>Mt-2.4

Os príncipes dos sacerdotes e escribas (4). Era natural que os magos se referiam aos chefes religiosos. Os escribas (heb. **sopherim**, gr. **grammateis**) eram os intérpretes oficiais da lei mosaica e constituíam uma espécie de ordem de religiosos eruditos. **Cristo** (4). Tradução grega da palavra hebraica Messias. Ambas significam "o ungido". Os reis e sacerdotes judeus eram ungidos como sinal de consagração e a cerimônia lhes dava uma santidade especial. **E tu Belém... meu povo de Israel**, (6). Referência a Miquéias (**#Mt 5.2**), sem ser citação exata dos LXX, nem tradução literal do hebraico. Sem dúvida, os chefes religiosos compreendiam o trecho como profecia a respeito do nascimento do Messias e com esta interpretação a Igreja Cristã concorda.

>Mt-2.11

A casa (11). A santa família não se achava mais no estábulo da estalagem de Belém. Visto que este incidente tomou lugar a um tempo indeterminado durante o período de dois anos depois do nascimento de Jesus (ver o vers. 16), há possibilidade de que a família estivesse na Galiléia. A matança dos inocentes em Belém, por Herodes, numa data posterior foi baseada na profecia e não nas informações que lhe foram dadas a respeito do lugar onde o menino Jesus fora encontrado. **Adoraram** (11). Os magos teriam recebido uma revelação ampla a respeito da pessoa de Cristo. **Dádivas** (11). As três qualidades de dádivas são consideradas usualmente como símbolos do ofício tríplice de Cristo, como rei, sacerdote e profeta.

>Mt-2.13

d) A fuga para o Egito (Mt 2.13-23)

O anjo (13), melhor, "um anjo". **Herodes há de procurar o menino** (13). Se a família tinha mudado já de Belém, escapou assim da matança ali. Porém, ainda seria difícil ficar escondida, permanecendo na Palestina. **A morte de Herodes** (15). Ocorreu no ano 4 A. C. Devido ao erro no cálculo dos anos da era cristã, que foi adotada só no IV século, esta era começou realmente uns 4 a 6 anos depois do nascimento de Cristo. **Do Egito chamei o meu Filho** (15). Citação do hebraico de **#Os 11.1**. No contexto original, o trecho se refere à redenção de Israel do Egito pela mão de Moisés. Sua significação oculta, introduzida pelo Espírito Santo, é patenteada aqui pelo evangelista.

>Mt-2.16

Segundo o tempo (16). A implicação aqui é que a visita dos magos teve lugar quando o Senhor tinha quase dois anos de idade. Ver nota sobre o vers. 11 e cfr. o vers. 7. A citação do vers. 18 é tirada em grande parte dos LXX e talvez em parte do hebraico de **#Jr 31.15**. O contexto de Jeremias encadeia a promessa da ressurreição e restauração das crianças mortas por Herodes a suas mães. **Ramá** era cidade da tribo de Benjamim (ver **#Js 18.25**), cujo território se achava logo ao norte de Jerusalém. **Raquel** -esposa de Jacó e mãe de Benjamim, serve como símbolo das mães benjamitas.

>Mt-2.20

A terra de Israel (20), isto é, a Palestina. **Arquelau** (22). Filho de Herodes, o Grande. Na morte de seu pai, em 4 A. C., Arquelau assumiu o poder nas

províncias da Judéia, Samaria e Iduméia, enquanto os outros filhos de Herodes dividiram os demais domínios restantes entre si. Era tirano notório. **As partes da Galiléia** (22). Das três seções da Palestina, a Galiléia era situada mais ao norte. Fizera parte dos domínios de Herodes, o Grande, mas na sua morte não passou a Arquelau, mas ao seu irmão Herodes Ántipas, outro filho de Herodes, o Grande. Ántipas não era rei, mas tetrarca, título grego que significa "governador da quarta Parte". **uma cidade chamada Nazaré** (23). Situada no centro da Galiléia, nos morros do norte da planície de Esdraelom. Este não foi o primeiro contato da sagrada família com Nazaré. **#Lc 1.26** revela que a virgem Maria morava ali. A narrativa dada por Lucas mostra também que ela tinha parentes na Judéia. Em **#Mt 13.55**, José é chamado "o carpinteiro", traduzido do gr. **tekton**, que significa tanto "pedreiro" como "carpinteiro". Pesquisas recentes revelam que Belém era o centro dum grêmio de pedreiros que praticavam sua profissão em todo o país. Este fato pode explicar a conexão que José tinha com Belém e Galiléia. É possível que sentiu que, depois do nascimento do Senhor, seu dever era ficar em Belém, para Criá-Lo ali, mas foi obrigado a mudar de intenção, em consideração aos fatos supramencionados. Se ele tinha compromissos em Nazaré, seria a coisa mais natural fixar-se ali. **Ele será chamado nazareno** (23). O evangelista emprega este termo para significar habitante de Nazaré. Esta expressão não é citada numa profecia do Velho Testamento; por isso, o modo de apresentá-la não é muito positivo. Pode ser que o evangelista se refira à profecia de Isaías a respeito de Cristo, como rebento (heb. **netser**, cfr. **#Is 11.1**). O termo não tem conexão alguma como nazireus mencionados em **#Nm 6**.

Mt-3.1

II. A PREPARAÇÃO PARA O MINISTÉRIO PÚBLICO DE JESUS (Mt 3.1-4.17)

a) O ministério de João Batista (Mt 3.1-12)

Ver notas sobre **#Mc 1.1-8**; **#Lc 3.1-20**. Cfr. **#Jo 1.6-34**. **Naqueles dias** (1), quer dizer, uns vinte e oito ou trinta anos depois dos acontecimentos descritos por último. **João Batista** (1), filho de Zacarias e Isabel e primo de Nosso Senhor, chamado e consagrado desde seu nascimento para ser o precursor de Cristo (ver. **#Lc 1.5-25,57-80**). **O deserto de Judéia** (1). Banda oriental da província da Judéia, a leste da serra principal e a oeste do Mar Morto. Não era deserto arenoso, mas não permitia cultivo rendoso. **Arrependei-vos** (2). O sentido radical desta grande palavra evangélica significa uma mudança de

coração e de pensamento quanto ao pecado. O termo "conversão" acentua a mesma mudança na relação com Deus. **O Reino dos Céus** (2). Esta expressão é peculiar a Mateus, que a adota onde os outros evangelistas escrevem "Reino de Deus". Explica-se esta diferença na origem e mentalidade judaica de Mateus, de vez que os judeus consideravam blasfêmia qualquer referência ao nome de Deus. Por esta razão substituíam o termo "Céus". O reino de Deus significava a soberania ou domínio divino que os judeus esperavam no reino de Israel, em cumprimento das suas esperanças messiânicas. Utilizando a expressão "é chegado o reino", João Batista indicou que o advento de Jesus ia introduzir a nova ordem. **Voz do que clama no deserto... endireitai as suas veredas** (3). Citação dos LXX de **#Is 40.3** que confirma que aquela passagem fala profeticamente de João Batista. João era uma "voz", o único fim de sua pregação era o de mostrar Jesus Cristo aos homens. Sua tarefa era a de preparar o caminho, chamando os homens ao arrependimento, para que pudessem aceitar o Senhor. **Gafanhotos** (4). Alguns pensam que se refere a certa qualidade de feijão do mesmo nome. Entretanto, o povo mais pobre comia gafanhotos. **Eram batizados** (6). O modo de batismo, no tempo de João Batista ou depois, é assunto nunca resolvido por expositores e comentaristas. Ver notas sobre **#Mc 1.4** e **#Mc 1.9-11**. **Confessando seus pecados** (6), não necessariamente a João, mas a Deus.

>Mt-3.7

Os fariseus (7). A mais importante das seitas religiosas entre os judeus, que apareceram no período entre os dois Testamentos. Seu objetivo era acentuar e defender as noções religiosas judaicas em oposição ao helenismo, desde que este estava crescendo no Oriente, mercê da influência dos reis gregos da casa Selêucida da Síria. O nome é a forma helenística do hebraico **perushim**, "os separados". O nome que adotavam por si mesmos era **hasidim**, "os piedosos". Mantinham uma observância escrupulosa da letra da lei mosaica, mas consideravam a tradição rabínica igual às escrituras do Velho Testamento. **Saduceus** (7). Segunda, em ordem, das seitas judaicas, depois dos fariseus; é provável que se originaram como reação àquele partido. É possível que o nome se derive do hebraico **saddiq**, "justos". Ensinavam que a virtude deve ser praticada por amor à própria virtude, sem visar a recompensa. Aceitando essa premissa, chegaram a negar a existência do mundo futuro. Eram os racionalistas da igreja judaica.

A ira futura (7), isto é, o dia de juízo.

>Mt-3.8

>Mt-3.13

b) O batismo de Jesus (Mt 3.13-17)

Ver nota sobre [#Mc 1.9-11](#); [#Lc 3.21-22](#). **Cumprir toda a Justiça** (15). Seu batismo era um passo necessário para cumprir todos os justos propósitos de Deus. Embora não precisando de arrepender-se e não tendo pecado para confessar, Jesus, pelo ato de submeter-se ao batismo, ocupou o lugar do pecador. Este ato simbólico ilustrou outro batismo maior (ver [#Mt 20.22](#)) que O esperava no Calvário, onde Ele cumpriu cabalmente a vontade divina, pela qual veio ao mundo como substituto do pecador. **Lhe** (16). Omitido em alguns manuscritos. **Viu** (16). Parece que Jesus viu a pomba, símbolo da paz, mas [#Jo 1.31-34](#) mostra que João a viu também. **O Espírito de Deus** (16). Naquele momento sagrado, todas as três pessoas da Santíssima Trindade, eram ou visíveis ou audíveis aos sentidos humanos. Não significa este ato que Jesus não era um com o Espírito desde seu nascimento, melhor, desde a eternidade. Agora veio o Espírito para revesti-Lo de poder para seu ministério público. **Meu filho amado** (17). Isto não quer dizer que o Pai estava proclamando que Jesus era seu filho, pela primeira vez, nem que Jesus chegou a compreender só naquele momento sua única relação com o Pai. Era cômescio dessa relação desde sua infância (ver [#Lc 2.49](#)). A mesma proclamação foi reiterada pelo Pai na ocasião da transfiguração ([#Mt 17.5](#)).

Mt-4.1

c) A tentação de Jesus (Mt 4.1-11)

Ver notas sobre [#Lc 4.1-13](#); [#Mc 1.12-13](#). **Então** (1). Imediatamente depois do seu batismo. Há uma relação íntima entre o batismo e a tentação. No primeiro, Jesus se dedicou ao caminho da cruz. No segundo, o diabo lhe apresentou meios pelos quais Ele podia efetuar seu ministério sem ir à cruz. **Conduzido pelo Espírito** (1). Foi pela expressa vontade de Deus que esta crise se produziu na vida de Jesus. Não é que Deus queria ver se Jesus cairia ou não, mas uma demonstração da impossibilidade da Sua queda. Ele foi **ao deserto** (1) porque era preciso enfrentar esta terrível prova a sós.

O diabo (1). Um dos nomes da serpente primitiva do Jardim do Éden, que ocasionou a queda do homem ([#Ap 12.9](#)). É o "príncipe deste mundo" ([#Jo](#)

16.11), "o príncipe das potestades do ar" (#Ef 2.2). Nestes dias científicos, alguns acham dificuldade em acreditar na realidade do mundo dos espíritos, mas não ofende nosso raciocínio o ensino bíblico quanto ao mundo invisível habitado por inteligências que, duma maneira que ignoramos, exercem o poder de sugestão sobre nossa mente. Desde Gênesis até o Apocalipse, a Bíblia ensina que o diabo tem personalidade. **Tendo jejuado** (2). A necessidade do jejum não é explicada. Talvez fosse para demonstrar que, quando mais fraco fisicamente, o Senhor era capaz de enfrentar e vencer o diabo em toda a sua força. O jejum acompanharia um tempo de oração fervorosa. **Manda que estas pedras se tornem em pães** (3). O escopo da tentação era maior do que um simples apelo à fome. Parece que havia a sugestão que pudesse evitar a cruz, tornando-se um reformador social popular. **Está escrito** (4). Cada vez que foi tentado, o Senhor se apoiou na Escritura, dando exemplo fundamental do uso "da espada do Espírito" (ver #Ef 6.17). **Não só de pão viverá o homem...** (4). Citação dos LXX de #Dt 8.3. A citação serve para indicar que o homem sente necessidade tanto espiritual como material e que, conseqüentemente, o primeiro dever de Jesus era o de pregar a palavra de Deus. A palavra "só" indica que as necessidades materiais não haviam de ser completamente esquecidas. Não era então incoerente quando Nosso Senhor operou prodígios como o sustento dos cinco mil (#Mt 14.13-21).

>Mt-4.5

O transportou (5). Sem duvida, em pensamento, por sugestão. Ver o vers. 8 n. **A cidade santa** (5). Esta frase ocorre duas vezes neste Evangelho e nenhuma vez nos outros três. Talvez indique que o Evangelho fosse dirigido aos habitantes de Jerusalém. **Pináculo** (5). É provável que seja referência ao terraço da ala do templo. **Lança-te daqui** (6). A tentação era a de impressionar as massas com milagres. **Está escrito** (6). O diabo sabe citar a Escritura quando lhe convém. Entendemos que a Escritura, que era conhecida de Jesus, veio a sua memória, e a tentação consistiu em sua aplicação errônea. A citação dos LXX de #Sl 91.11-12. É notável que este Salmo, o único trecho da Escritura citado pelo diabo, promete, nos versículos que se seguem, a vitória sobre ele. **Não tentarás o Senhor teu Deus** (7). Citado dos LXX de #Dt 6.16. Neste caso, tentar a Deus quer dizer obrigá-Lo a evitar o desastre. Um homem podia pôr a mão no fogo e queixar-se que Deus não evitou que se queimasse. **Um monte muito alto** (8). O fato de não existir montanha alguma de onde se possa ver o mundo inteiro prova que estas experiências eram subjetivas. **Tudo isto te darei** (9). Em diversos lugares a Bíblia revela que o diabo é responsável pelo governo dos impérios mundiais. **Me adorares** (9). Aqui a tentação era

evitar a cruz e estabelecer um reino pela força, um procedimento que teria tido muita aceitação dos judeus, que assim entendiam o reino. **Satanás** (10). O nome em hebraico significa adversário. Satanás é o advogado de acusação contra os filhos de Deus, nos tribunais do céu. Quanto a seu nome, ver **#Ap 12.9**. Quanto a sua atividade, ver **#1Cr 21.1**; **#Jó 1.2** e **#Zc 3**. **Ao Senhor teu Deus adorarás...** (10). Citação dos LXX de **#Dt 6.13**. Estabelece um dos princípios fundamentais da religião.

>Mt-4.12

d) A residência de Jesus em Cafarnaum (Mt 4.12-17)

João estava preso (12). Para circunstâncias de sua prisão e morte, ler **#Mt 14.1-12**. A cidade de Cafarnaum, onde Jesus foi habitar nessa época, era colônia romana, perto do Mar da Galiléia e o centro do Governo romano na Galiléia. **Zebulom e Naftali** (13). As regiões limítrofes são mencionadas em **#Js 19.10-16,32-39**. A citação nos vers. 15 e 16 é adaptada dos LXX de **#Is 9.1-2**. **Grande luz** (16). Cfr. **#Lc 2.32**; **#Jo 8.12** e **#Mt 12.46**.

>Mt-4.17

Arrependei-vos (17). O Senhor continuou a mensagem de João Batista. Cfr. **#Mt 3.2** e **#Mt 10.7**.

>Mt-4.18

III. O COMEÇO DO MINISTÉRIO PÚBLICO (Mt 4.18-25)

a) A chamada dos quatro discípulos (Mt 4.18-22)

Ver nota sobre **#Mc 1.16-20**; cfr. **#Lc 5.1-11**. **Simão, chamado Pedro** (18). As prováveis circunstâncias da mudança do nome se encontram em **#Jo 1.42**; cfr. **#Mt 16.18**. **Eu vos farei pescadores de homens** (19). Esta promessa é ligada à primeira de todas as chamadas do Evangelho, o que sugere que a tarefa principal do cristão, no mundo, é ganhar outros para Cristo. **Consertando** (21), ou, talvez preparando as redes para pescar. **Deixando imediatamente o barco e seu Pai** (22). Seguir a Jesus às vezes significa o abandono da profissão e separação da família. A chamada do Evangelho requer lealdade absoluta.

>Mt-4.23

b) Um ministério de pregação e de curas (Mt 4.23-25)

Nas suas sinagogas (23). Salões, nas cidades provinciais, onde as congregações dos judeus se reuniam para oração e louvor, no sábado, e para instrução e administração da justiça, nos outros dias da semana. Seu uso começou nos dias de Esdras e Neemias. **O Evangelho do Reino** (26). As boas notícias que o Reino de Deus já ia estabelecer-se. **Curando todas as enfermidades** (23). Nosso Senhor cumpriu este ministério de curas pelo motivo de pura compaixão, em cumprimento da profecia, e assim evidenciou suas credenciais como o Messias. **Síria** (24). Província romana ao norte da Palestina. **Endemoninhados** (24). O estado de ser possuído por demônios era comum no tempo de Nosso Senhor. A natureza do caso é misteriosa, mas ainda existe em certos países pagãos e alguns consideram que certos casos nos manicômios das nações civilizadas podem ser atribuídos a este mal. Não obstante as objeções dos racionalistas, o crente na Bíblia só pode aceitá-lo como fato, como fez o Senhor. Esta obra não é adequada para tratar do assunto satisfatoriamente. **Decápolis** (25). Comarca de dez cidades gregas, a maior parte estando a leste do Jordão e atingindo, no Norte, até Damasco. A frase "além do Jordão" significa o distrito de Peréia, que é a Gileade do Velho Testamento.

Mt-5.1

IV. PRIMEIRO DISCURSO: O SERMÃO DA MONTANHA Mt 5.1-7.29

A forma abreviada deste sermão se encontra em **#Lc 6.20-29**. É bem provável que os ensinamentos do sermão fossem repetidos em diversas ocasiões.

a) O caráter cristão (Mt 5.1-12)

Subiu (1). O fim de subir seria de evitar as multidões e estar a sós com os discípulos para ensiná-los. Ver **#Lc 6.17** n. **Bem-aventurados** (3). "felizes". **Os pobres de espírito** (3). Alusão a **#Is 57.15**. No início, o Evangelho apela aos que compreendem sua necessidade e estão prontos a depender de outrem para as necessidades da vida espiritual. O vers. 4 refere-se a **#Is 61.3** e **#Sl 126.5**. Refere-se aos que estão convictos do pecado ou que lamentam a condição pecaminosa do mundo. Tem também sua aplicação para os cristãos que sofrem

perseguição ou desprezo por causa de sua fé. O conforto nos é dado agora no coração e será manifesto abertamente no mundo vindouro. A palavra **eles**, nos vers. 4-9, é enfática. **Os mansos** (5), isto é, os altruístas. A palavra **herdarão** (5) indica uma posição na família de Deus. **A terra** (5). "A nova terra em que habita a justiça" (#2Pe 3.13), cfr. #Sl 37.11. **Os limpos de coração** (#Sl 24.4; #Sl 51.10; #Sl 73.1). Deus requer a pureza na alma, o que é somente possível por meio do novo nascimento. **Verão a Deus** (8). Agora pela fé, mais tarde face a face (cfr. #Jo 14.9; #1Jo 3.2). **Os pacificadores** (9). O primeiro sentido é que estes são os que efetuam a paz entre Deus e o homem, por meio de Cristo, pela proclamação aos homens da reconciliação do evangelho. Há também referência aqui à paz estabelecida entre homem e homem. Os vers. 10-12 não deixariam os ouvintes em dúvida quanto à atitude do mundo para com o evangelho. O Novo Testamento sempre representa o cristão como alvo de possível perseguição.

>Mt-5.13

b) Testemunho cristão (Mt 5.13-16)

No original dos vers. 13 e 14, a palavra **vós** é enfatizada. A utilidade mais evidente do sal é a de conservar da corrupção. **Vós sois a luz do mundo** (14), refletindo a luz que iluminou o coração. Ver vers. 16 e cfr. #Jo 8.12 e #2Co 4.5-6. **Alqueire** (15). Toda casa possuía essa medida. **Candeia** (15), melhor, "castiçal". **Glorifiquem** (16). Dá a idéia de render louvor a Deus.

>Mt-5.17

c) A relação entre o evangelho e a lei (Mt 5.17-48)

A lei (17). Termo comum entre os judeus para a primeira das três divisões das Escrituras hebraicas, isto é, os cinco livros do Pentateuco. Contudo, o termo tinha, às vezes, um uso mais amplo (ver vers. 18). **Os profetas** (17). Esta referência é propriamente à segunda das divisões das Escrituras hebraicas, que consiste nos livros de Josué a 2Reis e de Isaías a Malaquias. Mas, quando Nosso Senhor emprega as palavras "a lei ou os profetas" é bem provável que se refere a todo o Velho Testamento (cfr. #Mt 7.12). Jesus cumpriu cabalmente a lei, em Sua vida, pela observação constante de seus preceitos; em Seus ensinamentos, pela pregação da ética do amor que cumpre a lei (#Rm 13.10) e em Sua morte, pela satisfação de suas exigências.

>Mt-5.18

Jota (18). A letra hebraica é **yod**, a menor do alfabeto. O **til** era um pequeno sinal como a cedilha, cuja presença em certas palavras podia alterar o sentido. A **lei**, aqui, seria uma referência a todo o Velho Testamento, Nosso Senhor apresenta nesta passagem um conceito muito sublime da inspiração bíblica e indica claramente que o evangelho é baseado no Velho Testamento. O **menor no reino dos céus** (19). Não é possível concluir se o Senhor se refere aqui aos que não têm valor no reino e que nele nunca entrarão ou se está indicando que haverá diferenças de posição e galardão entre os salvos no estado final. Ver **#Mt 18.1-6**. A primeira alternativa talvez seja a mais provável. **Se a vossa justiça não exceder** (20). Nestes termos o Senhor aponta a necessidade de honestidade e realidade na vida espiritual. **Entrareis no reino dos céus** (20). Sinônimo de receber a vida eterna (ver **#Jo 3.16**). **Não matarás** (21). O sexto mandamento do decálogo, citado dos LXX de **#Êx 20.13**. O grego do original refere-se somente à vida humana. **Réu de Juízo** (22). Quer dizer, comparecer perante a assembléia local que se reunia na sinagoga e que era sujeita ao grande concílio dos setenta, o Sinédrio, em Jerusalém. **Qualquer que se encolerizar** (22). Nosso Senhor ensina que o pecado é realmente cometido no coração antes de ser exteriorizado. Aos olhos de Deus essa ofensa é a mesma como a do homem que mata. A lei mosaica podia refrear as ações externas. Jesus, tratando com o coração corrupto do homem, transforma-o (ver **#Rm 8.3-4**). Neste sentido, sua ética cumpre a lei, porque soluciona o problema básico, permitindo, assim, que a lei se cumpra. **Sem motivo** (22). Omitido em diversos manuscritos. **Raca** (22). "Néscio", expressão hebraica de desprezo (ver **#2Sm 6.20**). **Sinédrio** (22). O grande concílio dos setenta. O Senhor menciona essa suprema autoridade para indicar a enormidade da ofensa. **Louco** (22). Tradução da palavra grega **more**. É mais provável que a palavra original fosse a hebraica **moreh**, expressão de condenação, cujo uso significaria um ódio mortal. **Fogo do inferno** (22), gr. **ten geennan tou pyros**. Geena é a forma helenizada do nome do Vale de Hinom, em Jerusalém, onde fogueiras queimavam continuamente o lixo da cidade. Ilustra bem a perdição final.

>Mt-5.23

Tua oferta (23). Refere-se ao sacrifício dado a Deus, de acordo com a lei mosaica. **Vai reconciliar-te primeiro** (24). Deus não pode receber nem o culto nem a pessoa daquele que não vive em perfeita comunhão com o seu próximo.

Concilia-te depressa (25). Os princípios severos enunciados nos vers. 25-26 têm sua expressão ainda mais forte em **#Mt 6.14-15** e **#Mt 18.23-25**.

>Mt-5.27

Não cometerás adultério (27). Sétimo mandamento do decálogo, tirado dos LXX de **#Êx 20.14**. O adultério é o ato de coabitar maritalmente com a mulher de outrem. Na Bíblia, este termo nunca se refere exclusivamente à infidelidade do marido para com sua esposa. **Qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar** (28). É patente que o Senhor não condena aqui a atração natural entre os sexos, mas o olhar licencioso, talvez com referência especial às mulheres casadas. **Em seu coração** (28). A sede do pecado. As ações iníquas têm sua origem no coração corrupto. Como no caso do sexto mandamento, a lei mosaica julga apenas os atos exteriores, enquanto Jesus trata do motivo interior. **Escandalizar** (29), isto é, servir de cilada. Este sentido da palavra original deve ser lembrado no momento da tentação. **Arranca-o e atira-o** (29). Custe o que custar, o pecado há de ser extirpado. A linguagem dos vers. 29 e 30 fornece uma ilustração impressionante. **Tua mão direita** (30). A mão simboliza a ação, enquanto o olho representa o desejo.

>Mt-5.31

Qualquer que repudiar sua mulher (31-32). O vers. 31 repete resumidamente a instrução dada em **#Dt 24.1**. Em contraste com Moisés, Nosso Senhor proíbe absolutamente o divórcio. No Seu ensino sobre o mesmo assunto em **#Mt 19.3-9**, se vê que a provisão mosaica se acomodava à natureza caída do homem. De vez que Jesus veio com o propósito de transformar a natureza humana, Ele repudia tal acomodação e restaura o quinhão primitivo. **A não ser por causa da prostituição** (32). Muitas vezes esta frase é mal compreendida. A infidelidade da parte da mulher não constitui motivo legítimo para divórcio e, então, não pode ser considerada como motivo para a proibição absoluta de **#Mc 10.11** e **#Lc 16.18**. Não há, porém, contradição alguma entre estes três trechos. **Prostituição** (não adultério) refere-se à infidelidade da parte da mulher antes do casamento. Caso fosse descoberta depois do casamento, as palavras do Senhor obrigam o homem a repudiar a mulher, porque aos olhos de Deus, o casamento era nulo. O escritor destas linhas crê que a Escritura ensina que toda mulher pertence, pelas leis da natureza estabelecidas por Deus, ao primeiro homem com quem tenha relações sexuais e que qualquer cerimônia de casamento com outrem, celebrada durante a vida daquele homem, constitui adultério. **Faz que ela cometa adultério** (32), isto é, apresenta-a publicamente

no papel de uma mulher adúltera. Consoante este ensino, o marido que se divorciasse de sua esposa declararia abertamente que ela teria pertencido a outrem antes de casar com ele. **Não perjurarás** (33). Esta exortação abrange as leis mencionadas em **#Êx 20.7**; **#Lv 19.12**; **#Nm 30.2**. **De maneira nenhuma jureis** (34). É a proibição contra qualquer juramento. A lei mosaica introduziu o juramento, sob condições bem definidas, como proteção contra a desonestidade do coração humano. Mas o Senhor veio transformar o coração do homem, de sorte que o juramento não é mais necessário. Ele pode restaurar o quinhão primitivo e, assim, proíbe por completo o juramento e cumpre plenamente o propósito da lei. Ver **#Tg 5.12**. **Nem pelo céu... nem pela terra** (34-35). Citação de **#Is 66.1**. **Jerusalém** (35). Neste Evangelho a cidade capital ocupa um lugar significativo. **A cidade do Grande Rei** (35). Frase tirada do **#Sl 48.2**. Jerusalém, na Palestina, ainda desfrutava desta prerrogativa até a morte e ressurreição do Senhor. Agora existe a nova Jerusalém (**#Gl 4.26**). **É de procedência maligna** (37). A necessidade de juramento tinha sua origem na natureza pecaminosa do homem, como no caso do divórcio supra, sendo a lei impotente para remediar a situação (**#Rm 8.3**). **Olho por olho...** (38). Citação dos LXX de **#Lv 24.20**, é a lei de retaliação. Servia não tanto como mandamento, permitindo que a pessoa injuriada exigisse o máximo direito perante os juízes, antes que estes guardassem dentro dos seus limites legais a vingança do pleiteando. **Que não resistais ao mal** (39). Outra tradução: "que não resistais ao homem mau". A lei mosaica de retaliação ilustra a justiça e juízo inerrantes de Deus. O Senhor manda que uma injúria não há de ser repelida. O escritor interpreta este ensino, tomando como base moral desta exortação o fato que Ele satisfaz cabalmente, no Calvário, todo e qualquer requerimento da lei, cumpriu toda a justiça, endireitou todo o mal e, na sua própria pessoa, sofreu toda vingança e retribuição. Sua ética de não resistência é ligada indissolúvelmente a sua morte expiatória. Se Ele não tivesse satisfeito uma vez para sempre a justiça divina, tal ética não teria base moral. Se a ética de justiça e retidão, em distinção ao amor e não-resistência, fosse mantida depois do Calvário (como muitos ainda praticam e ensinam), o resultado seria uma negação da obra consumada por Cristo. **Obrigat** (41). Referência à prática romana de fornecer um sistema postal, obrigando os membros da população civil a carregar as cartas.

>Mt-5.43

Amarás o teu próximo (43). Ver **#Lv 19.18**. **Aborrecerás o teu inimigo** (43). Esta última frase não existe no Velho Testamento, mas expressa seu espírito, por exemplo, **#Dt 23.6**. **Amai os vossos inimigos** (44). O mandamento

chamando ao amor existia em [#Lv 19.18](#), mas é patente do contexto que sua aplicação entre os israelitas era limitada. No evangelho, não há mais separação entre os homens ([#Gl 3.28](#); [#Cl 3.11](#)). Remove-se, então, esta limitação e o mandamento tem uma aplicação universal. O Novo Testamento ensina que sua aplicação é internacional ([#Lc 10.25-37](#)), social ([#Tg 2.1-9](#)) e pessoal ([#Rm 8.10](#)). [Filhos](#) (45). Dando implicação de semelhança. A regeneração é moral. [Publicano](#) (46), gr. [telonai](#), significando "cobradores de impostos", traduzido inexatamente, na Vulgata, [publicani](#), daí "publicanos". Os [publicani](#) eram realmente funcionários que ofereciam em leilão os impostos de diversas regiões de um país. Os funcionários subordinados vendiam novamente o direito de cobrança aos agentes locais, que exploravam ao máximo o povo. Estes cobradores eram considerados traidores pelos judeus, e seu nome representava tudo o que é vil. [Que fazeis de mais?](#) (47). A implicação contida nesta pergunta é o segredo da ética cristã. O amor faz mais do que sua obrigação. [Publicanos](#) (47). Uma versão alternativa dá [ethnikoi](#) "gentios". O termo dá a entender que estes não possuem concerto divino e não se pode esperar deles coisa melhor. [Sede vós pois perfeitos](#) (48). Adaptado de [#Lv 19.2](#). O argumento é que o crente deve ser guiado pelo quinhão perfeito da ética do evangelho, em contraste com o nível menos elevado da lei.

Mt-6.1

d) Esmolas, oração e jejum (Mt 6.1-18)

[Esmolas](#) (1). Também pode ser traduzido "justiça". [Para serdes vistos](#) (1). Refere-se aos fariseus e sua religião hipócrita. [Já receberam seu galardão](#) (2); tendo agora seu galardão, irão sentir falta no futuro. [Não saiba a tua mão esquerda...](#) (3). Quer dizer, esconde tais atos mesmo dos amigos mais chegados. [Publicamente](#) (4). Omitido em algumas versões.

>Mt-6.5

[Hipócritas](#) (5). O sentido literal dá a entender atores. A palavra não significa necessariamente impostura intencional. Descreve uma religião exteriorizada e ritualista. O vers. 6 é uma adaptação dos LXX de [#2Rs 4.33](#) e [#Is 26.20](#). [Não useis de vãs repetições](#) (7). Refere-se a muitas rezas formais adotadas pelos fariseus, que pouco importavam com sua significação. [Vosso Pai sabe](#) (8). Alguns textos dizem Deus Vosso Pai. A oração não consiste em dar a Deus informações a respeito de nossas necessidades.

>Mt-6.9

Vós orareis assim (9). Ver nota sobre **#Lc 11.1-4**. Neste trecho paralelo de Lucas, lemos "quando orardes dizei" (**#Lc 11.2**). A oração que segue serve como modelo e como oração a ser repetida. **Pai nosso** (9). Somente um filho de Deus, uma pessoa que nasceu de novo, pode fazer uso corretamente desta oração. **Santificado** (9), isto é, considerado com toda a reverência santa. **Teu nome** (9). Subentende o caráter ou essência de Deus, e que Ele realmente é. **Venha o teu reino** (10). O reino virá quando o último inimigo estiver destruído, à volta do Senhor (ver **#1Co 15.24-28**). **Assim na terra como no céu**. Cumprir-se-á "nos novos céus e nova terra" (cfr. **#2Pe 3.13**). **Cada dia** (11), gr. **epiousion**. Esta palavra é desconhecida fora de seu uso aqui e no trecho paralelo de Lucas. Não significa "cotidiano". Os teólogos não concordam ainda se significa para hoje ou para amanhã. Ver **#Lc 11.3** n. **Dívidas** (12). Todo pecado constitui uma dívida perante Deus. **Como nós perdoamos** (12). O perdão divino não é concedido por perdoarmos aos outros e o perdão humano deve imitar o divino. **Não nos induzas...** (13). A mesma idéia ocorre em **#Lc 21.36**. **Teu reino... amém** (13). Esta frase é omitida em alguns textos. Constitui uma afirmação de fé completando assim a oração.

É notável que a única frase na oração, que merecesse comentário especial de Nosso Senhor, é aquela que trata do perdão (14-15). Como em **#Mc 11.21-26**, a ética de amor e de perdão é inseparável da justificação pela fé. Para aceitar a graça de Deus livremente, com consciência pura, é imprescindível compreender que Cristo sofreu a pena de pecado na cruz. Isto significará que nunca mais podemos insistir sobre o castigo de outrem ou a retribuição do mal, mas deveremos mostrar o amor e o perdão a todos livremente. Compare-se **#Mt 18.32,35**. **Quando jejuardes** (16). No contexto, há uma conexão entre o jejum e a oração e aquele, como esta, é uma prática secreta entre o indivíduo e seu Deus.

>Mt-6.19

e) Advertência contra preocupações mundanas (Mt 6.19-34)

Cfr. **#Lc 12.13-21,33-34**. **Aí estará também o vosso coração** (21). Quando o coração está nos céus, todo o ser se consagra aos interesses de Cristo. **Os olhos** (22). Representam aqui os interesses, desejos, ambições e o que prende nossa atenção. A frase significa que estas coisas representam todo o caráter do homem. **Bons** (22). Inteiramente entregues aos interesses de Cristo e ao

serviço de Deus. **Se os teus olhos forem maus** (23). Quer dizer, quando o espírito se preocupa com coisas más. Para a expressão "olho maligno", ver **#Dt 15.9; #Pv 28.22. Se porém a luz que em ti há são trevas...** (23). Uma descrição gráfica do coração que não responde às coisas de Deus. **Não podeis servir a Deus e a Mamom** (24). É impossível manter uma atitude ambígua. Não há terreno neutro na guerra espiritual. O serviço que não é devotado não é realmente o serviço de Deus. **Mamom** é palavra aramaica que significa "riquezas" e, neste contexto, representa o dinheiro e interesses mundanos. **Não andeis cuidadosos** (25) ou, não sejais preocupados. Cfr. **#Lc 12.22-31. Vida** (25) é o gr. **psyche**, "alma". A palavra "alma", na Bíblia, tem um sentido diferente do atual, que é derivado da filosofia de Platão. O uso bíblico origina-se do hebraico **nephesh**, que quer dizer personalidade ou **ego**. Às vezes se refere à vida natural do eu, em contraste com a vida espiritual, ver **#Hb 4.12**. A alma é o centro das emoções e dos apetites. Em toda a Bíblia, o comer e o beber são considerados como função da alma, como aqui. **Olhai** (26), ou estudai. **Poderá acrescentar um côvado** (27). A frase é difícil. A palavra grega **helikia**, traduzida "estatura", deve ser "idade". O côvado é aproximadamente meio metro; então, se fosse questão de estatura, seria necessário empregar um termo como "meia polegada". Uma interpretação da passagem é que ninguém passa, nem por meio metro, o determinado fim da jornada de sua vida.

>Mt-6.28

Olhai (28), ou estudai, como no vers. 26. **Salomão em toda a sua glória** (29). Quanto a sua vida, ver **#1Rs 1-11; #1Cr 28; #2Cr 9**. Os pormenores de sua glória são relatados em **#1Rs 10.4-7. Buscai primeiro o reino de Deus...** (33). Eis uma das frases fundamentais mais características deste Evangelho. Buscar o reino de Deus quer dizer confiar de entrar nele pessoalmente e, então, convidar outros. A **justiça de Deus** é aquela perfeita justiça de Cristo que Ele imputa a todo crente (ver **#Rm 3.21-22**). **Todas estas coisas vos serão acrescentadas** (33). "Estas coisas" se refere principalmente às necessidades da vida, mencionadas nos vers. 25 e 31, que tão facilmente se tornam a maior preocupação do homem. **Os gentios** (32). Estão citados aqui como exemplo daquela atitude mundana e profana. Deus garante o sustento material de todos quantos cumprirem as condições ditadas por Ele e, muitas vezes, provê ainda mais (vers. 30). Em consideração deste fato, o cristão não deve preocupar-se com o futuro, como o vers. 34 indica. O presente lhe dará uma suficiência de dificuldades e tentações.

Mt-7.1

f) Perfeitas relações para com o próximo (Mt 7.1-12)

Cfr. #Lc 6.37-42 com os vers. 1-5. **Não julgueis** (1). Ou, não façais críticas. Não é para apontarmos responsabilidades nem discriminarmos, em nossa atitude para com os outros, mas devemos tratar a todos, especialmente os inconversos, com perfeito amor. Porém, dentro da família e dentro da igreja existe um julgamento que é legítimo (ver #1Co 5, especialmente os vers. 3,12-13). Aqui, o Senhor estabelece um princípio geral. O vers. 2 concorda com #Mt 6.14-15, ver notas. **Argueiro** (3) ou cisco. **Trave**, ou tábuas. O exagero é propositado, para dar ênfase ao ensino. O vers. 6 seria uma advertência contra a pregação irrefletida do evangelho. É preciso ter cuidado em discernir a vontade de Deus quanto às pessoas a quem deveríamos testificar. O mesmo ensino se encontra em #Pv 9.7-8; #Pv 23.9. Os vers. 7-8 constituem uma das mais notáveis promessas do Novo Testamento, quanto à oração. Cfr. #Lc 11.9-13. **Se vós, pois, sendo maus** (11). Aqui o Senhor confirma a doutrina do pecado original. **Boas coisas** (11). O trecho paralelo em Lucas substitui "o Espírito Santo" (#Lc 11.13). O vers. 12 proclama o grande princípio, "a lei dourada". É a manifestação, na prática, do amor cristão. Na palavra inicial "portanto", vê-se a conexão entre uma perfeita relação entre Deus e o homem e do homem para com seu próximo. A bondade de Deus, que dá as boas coisas àqueles que lhas pedirem, exige que este princípio seja posto em prática, como consequência lógica. **Esta é a lei e os profetas**. Cfr. #Rm 13.8-10. Ver também #Mt 5.17 n.

>Mt-7.13

g) A chamada do evangelho (Mt 7.13-23)

Estreita (13). A porta é estreita devido ao fato de que, na vida cristã, não há lugar para coisa alguma que não represente devoção singela à causa do Mestre e dedicação total do homem e de todos os seus bens àquele fim. A exclusão de interesse próprio e a separação do mundo com seus cuidados e diversões tornam a porta e o caminho estreitos. **Espaçoso** (13). Cômodo para a multidão. **Vida** (14). Aqui, como em inúmeros casos na Bíblia, é o contraste de perdição (13). São os dois destinos do homem. **Poucos** (14). Aqui encontramos um dos mistérios da providência divina cuja verdade é provada na experiência, em cada geração sucessiva da raça. É a minoria que alcança a salvação. Na sua totalidade, porém, haverá "uma grande multidão" (#Ap 7.9).

>Mt-7.15

Falsos profetas (15). Estes são os que ensinam o erro e que pretendem autoridade divina para seus ensinamentos. **Vestidos como ovelhas** (15). Quer dizer, apresentando-se como verdadeiros cristãos e talvez pensando que o são de fato. **Lobos devoradores** (15). Pelo seu zelo em desviar os homens do caminho da salvação, eles os destroem com sua propaganda falsa. **Por seus frutos os conhecereis** (16). Muitos que ensinam erros têm uma vida exterior exemplar. São reconhecidos, todavia, não pela conduta, como pelo ensino. **Corta-se e lança-se no fogo** (19). Eles serão cortados da igreja de Cristo e, finalmente, destruídos na segunda morte.

>Mt-7.21

Nem todo... entrará no reino dos céus (21). Mesmo nesse período de ministério de Nosso Senhor, haveria muitos fazendo uma profissão pública de discípulo, embora insinceros e interesseiros. É possível ter uma relação com Jesus Cristo que não seja a que proporciona a salvação. É o grande perigo de uma profissão sem possessão. **Aquele que faz** (21). Uma vida de serviço e santidade é a única prova final de genuína regeneração. **Naquele dia** (22). O dia do juízo. **Não profetizamos nós em teu nome?** (22). Alusão a **#Jr 14.14; #Jr 27.15**. É possível ocupar uma posição de destaque e responsabilidade na igreja de Cristo e ser enganado a respeito de sua própria salvação. Este fato explica muita história cristã. **Expulsamos demônios** (22). O mesmo fato é verdade no caso de reformadores moralistas. **Muitas maravilhas** (22) -gr. **dynameis**, "obras poderosas". Homens de grande influência e poder não escapam desta condenação. **Direi** (23) -gr. **homologeso**, "admitirei" ou "confessarei". **Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade** (23). Citação do **#Sl 6.8**, sendo a maior parte dos LXX. A conduta pecaminosa evidencia um coração irregenerado.

>Mt-7.24

h) Aceitação ou rejeição do evangelho (Mt 7.24-27)

Cfr. **#Lc 6.46-49**. **E as pratica** (24). Como no vers. 21, o tema principal é sempre a obediência. **A rocha** (24). Cfr. **#1Co 3.9-11**. A parábola descreve o contraste entre a perdição eterna do falso e a estabilidade e triunfo final do verdadeiro. Cfr. as duas casas, a da sabedoria e a da tolice de **#Pv 9**.

>Mt-7.28

i) O efeito do sermão (Mt 7.28-29)

Concluindo Jesus este discurso (28). Todos os cinco discursos em que se baseia este Evangelho terminam com esta fórmula. Ver. #Mt 11.1; #Mt 13.53; #Mt 19.1; #Mt 26.1. Consultar também a nota a respeito das origens do Evangelho na **Introdução. A multidão** (28). Nesta referência ao povo e também aos escribas, no vers. 29, vê-se a implicação duma diferença de atitude entre o povo e seus dirigentes. Ver #Jo 7.47-49. **Tendo autoridade** (29). Era patente que Ele era Mestre nesses assuntos e não se interessava na mera repetição de interpretações tradicionais da lei. **Não como os escribas** (29). A interpretação comum é que Jesus não era da mesma classe como os escribas. Existem, porém, certas indicações de que Jesus era, de fato, considerado como escriba e, neste caso, as palavras significam "não conforme ao modo geral dos escribas". Certos textos gregos acrescentam a palavra **auton**, que daria o sentido de "seus escribas". No caso de ser parte do texto original, esta interpretação, seria a correta. Caso não fosse, o fato de ser intercalada em outra versão indica, pelo menos, que, nos tempos primitivos ou a primeira interpretação era considerada autêntica, ou que se impôs no texto.

Mt-8.1

V. OS MILAGRES Mt 8.1-9.34

a) A purificação do leproso (Mt 8.1-4)

Ver notas sobre #Mc 1.40-45, Lc 5.12-14. **Podes tornar-me limpo** (2). Conforme a lei de Moisés, a imundícia cerimonial era aplicável aos casos de lepra. Ver Lv 13, especialmente #Lv 13.45-46. **Jesus tocou-o...** (3). Por tal gesto notável normalmente se tornava imundo cerimonialmente o agente. Porém, no caso de Jesus, Ele purificou o leproso pelo contacto. **Olha não o digas a alguém** (4). Há diversas interpretações desta ordem de Jesus, que Ele manifestou em outras ocasiões também. Provavelmente Ele não queria atrair a multidão por meio de milagres somente, nem tão pouco apresentar-se no papel de um pregador popular, fazendo propaganda com curas miraculosas. **Mostrate ao sacerdote** (4). Em obediência à lei mosaica (ver #Lv 13). **Apresenta a oferta que Moisés determinou** (4). As instruções mosaicas para a purificação do leproso, que tipificam a redenção de Cristo encontram-se em #Lv 14.2-32.

Para lhes servir de testemunho (4), isto é, como evidência ao sacerdote que o leproso foi curado.

>Mt-8.6

b) A cura do criado do centurião (Mt 8.5-13)

Uma narração mais completa deste milagre é dada em #Lc 7.2-10 (ver notas). **Centurião** (5). O posto de centurião era entre sargento e tenente, que correspondia a subtenente e era de muita responsabilidade. **Criado** (6) -gr. país, lit. "rapaz". Esta palavra tinha diversos sentidos, como no português, às vezes significando menino e outras, criado. **Paralítico e violentamente atormentado** (6). Não significa necessariamente que sentia muita dor. **O centurião, respondendo, disse** (8). O centurião não assistiu pessoalmente como se vê no trecho paralelo de #Lc 7.1-10. A resposta foi dada por intermédio de mensageiros. Uso semelhante da palavra "disse" se acha em #Mt 11.3. **Criado** (9). Aqui significa escravo. **Maravilhou-se** (10). Uma indicação da perfeita humanidade de Cristo. **Tanta fé** (10). O centurião compara Jesus a si mesmo, no sentido de que Ele está **sob autoridade**. Indica assim que crê que Jesus tem todo o poder de Deus a seu dispor, e que sua palavra será obedecida incontinenti, mesmo em questões de doença e de morte. **Do oriente e do ocidente** (11). Citação dos LXX do #Sl 107.3. Cfr. também #Is 49.12, 59.19, **Ml 1.11**. O Senhor se refere à entrada dos gentios no reino, mercê do evangelho, e à vasta assembléia final, quando Ele voltar. **Assentar-se-ão** (11) - lit. reclinar-se-ão à mesa. Os antigos tomavam as refeições reclinados num divã, apoiados no cotovelo esquerdo. O Senhor pinta o quadro oriental de um grande banquete para ilustrar o mundo vindouro, não somente aqui como nas parábolas das bodas (#Mt 22.1-14) e da grande ceia (#Lc 14.15-24). **Filhos do reino** (12). Os judeus, a quem o reino pertencia em realidade. **Trevas exteriores** (12). Quer dizer a perdição, a segunda morte. **Ali haverá pranto e ranger de dentes** (12). A palavra **ali** é enfática. A frase alude ao #Sl 112.10. **Como creste** (13). A nossa fé é sempre a medida da bênção almejada.

>Mt-8.14

c) A cura da sogra de Pedro (Mt 8.14-17)

Ver notas sobre #Mc 1.29-34; cfr. #Lc 4.38-41. **Jazendo** (14). No chão, num colchão de palha. **Serviu-os** (15). Este pormenor é incluído para chamar a atenção à natureza imediata e completa da cura. **Expulsou os espíritos** (16).

Esses espíritos eram maus, diabólicos. Tais seres pertencem a outro mundo invisível, cuja natureza e características ignoramos, apesar do progresso científico. Ver notas em 4.24 n. e 9.32 n.

>Mt-8.16

Com a sua palavra (16). Melhor, "com uma palavra". Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças (17). Esta citação, tirada do hebraico de #Is 53.4, é importante pela razão que estabelece o sentido da primeira frase desse verso. Refere-se ao ministério de curas e não ao Calvário. A frase não está bem traduzida nos LXX. #Mc 5.30 e #Lc 8.46 dão a entender que as curas feitas pelo Senhor custaram-lhe caro, fisicamente.

>Mt-8.18

d) O preço do discipulado e uma tempestade apaziguada (Mt 8.18-27)

Ver notas sobre #Mc 4.35-41; #Lc 8.22-25; #Lc 9.57-62. Ordenou que passassem (18). Muitas vezes o Senhor desejou evitar as massas, para estar a sós com Deus ou com os discípulos. Um escriba (19). Quase sempre os escribas são mencionados no plural. Mestre... eu te seguirei (19). Tais palavras têm uma significação tanto espiritual como literal. Ver #Ap 14.4. Mestre, lit. "professor". É notável que o Senhor não faz do discipulado uma coisa fácil, mas exige que cada um pague o preço. O Filho do homem (20). O título que o Senhor adotava com mais freqüência quando falava de Si mesmo. Talvez se origine em #Dn 7.13, onde o título leva uma significação messiânica. Na visão de Daniel, o reino do Filho do homem segue os remos dos quatro animais grandes e os substitui. Nas escolas apocalípticas, no tempo do Senhor, o título era aplicado ao Messias. Outro de seus discípulos (21). Por isso concluímos que aquele que achou dificuldade em aceitar Cristo incondicionalmente era um discípulo professo. Sepultar meu pai (21). Significa que desejava ficar em casa até a morte de seu pai. Deixa aos mortos sepultar os seus mortos (22). Uma resposta difícil. Temos que deixar, em certo sentido, o mundo aos que são do mundo, para que sigam a vida comum do mundo e nos dediquemos à tarefa urgente do reino. Notem que a chamada de Cristo há de ter precedência sobre todos os deveres da vida, inclusive os da família. Ver #Mt 10.37 n. Tempestade (24). Gr. seismos, "perturbação". Seus discípulos (25). Mais exato "eles". Os melhores textos omitem também a palavra "nos" de "salva-nos". Temeis (26) -gr. deiloi, "covardes".

>Mt-8.28

e) A cura dos endemoninhados gergesenos (Mt 8.28-34)

Ver notas sobre [#Mc 5.1-20](#); [#Lc 8.26-39](#). **Gergesenos** (28). Melhor, gadarenos. Gergesa era uma cidade da banda oriental do mar da Galiléia, cujo sítio consta ser o de algumas ruínas descobertas recentemente, de nome Kersa. A cidade pertencia ao distrito de Gádara, tendo o mesmo nome como o de uma das cidades de Decápolis. Tanto a cidade como o distrito de Gádara formavam parte da maior região administrativa de Gerasa, cujo centro era a cidade de Gerasa, em Gileade. **Dois endemoninhados** (28). Somente Mateus faz menção de dois endemoninhados; os trechos paralelos dos outros evangelistas sinóticos falam de um apenas. Uma possível explicação é que o caso de um deles era mais notável devido a sua conversação com Cristo e testemunho subsequente naquela região. Assim seria provável que ele seria o único dos dois sobre quem os evangelistas Marcos e Lucas tinham informações. Mesmo se o evangelista Mateus não tivesse assistido à cura, e sua chamada é narrada no cap. 9, ele era íntimo daqueles que testemunharam este duplo feito. Ver notas sobre [#Mt 20.30](#); [#Mt 21.7](#). **Que temos nós contigo** (29) -gr. **ti heimin kai soi**. O sentido é "o que há de comum entre nós". A pergunta expressa ressentimento com a intromissão. **Atormentar-nos antes do tempo** (29). No Novo Testamento a palavra grega **basanisai** não se limita ao uso primitivo de "torturar", mas tem o sentido mais amplo de "causar sofrimento ou perda de qualquer maneira". **É notável** que os espíritos malignos sabem que a futura retribuição os espera. **Uma grande manada de porcos** (30). Estes animais eram imundos pelas ordenanças da lei mosaica. Era proibido aos judeus possuí-los. **Toda aquela manada se precipitou... e morreu** (32). Este é o único milagre em que Nosso Senhor destruiu vida animal. Não é fácil compreender porque Ele cedeu ao desejo dos demônios. Pode ser que o princípio, neste caso, seja que os que desobedecem com conhecimento de erro, como no caso dos porqueros, privam-se da proteção divina e se expõem à vontade das forças maléficas. Talvez sirva como exemplo aos que tentaram a Deus ([#Sl 78.41](#)). Ver [#Mc 5.11-13](#) n. **Rogaram-lhe que se retirasse** (34). O incidente terminou em tragédia. O povo preferiu seus negócios ao Salvador.

Mt-9.1

f) A cura do paralítico (Mt 9.1-8)

Ver notas sobre #Mc 2.1-12; #Lc 5.17-26. **Entrando no barco passou** (1). Jesus nunca fica onde não é bem-vindo. **Sua cidade** (1). Cafarnaum. Ver #Mc 4.13. **Vendo a fé deles** (2). A fé ativa traz benefícios para outros. **Perdoados te são os teus pecados** (2). Jesus atendeu primeiro à necessidade espiritual do homem, sendo maior do que sua necessidade física. **Ele blasfema** (3). A suposta blasfêmia consistiu na pretensão de perdoar pecado. Jesus, sem ser informado, sabia instintivamente, em seu coração, o que era a natureza dos pensamentos ímpios deles. E fez uma pergunta aguda. Não houve resposta e, de fato, não era fácil responder. Pode ser que os escribas, que consideravam Jesus como enganador pensassem mais fácil dizer insinceramente "perdoados te são os teus pecados", visto que não se observaria resultado exterior. Tal atitude daria a entender que é mais fácil restaurar fisicamente do que espiritualmente. Outra resposta seria que ambas as coisas são fáceis com Deus. **Maravilhou-se** (8). Os melhores textos dizem "teve medo".

>Mt-9.9

g) A vocação de Mateus (Mt 9.9-13)

Ver notas sobre #Mc 2.13-17; #Lc 5.27-32. **Na alfândega** (9). Era um abrigo na rua, onde os cobradores de impostos, sentados, recebiam as taxas e emolumentos. **Em casa** (10). Gr. **em te (i) oikia(i)**. Podia significar a casa de Jesus, mas os outros sinóticos mostram que a casa era de Mateus (#Mc 2.15; #Lc 5.29, onde o gr. **eu te (i) oikia(i) autou**, "na casa dele"). A única interpretação possível que se apresente no Evangelho de Mateus é que o dono da casa era o mesmo escritor deste Evangelho. É parte da evidência interna que Mateus é o autor do Evangelho. **Publicanos** (10). Ver. 5.46 n. **Sãos** (12), gr. "fortes". **Misericórdia quero e não sacrifício** (13). Citação dos LXX de #Os 6.6. **E não** (13). Quer dizer "em preferência a". O mesmo princípio foi enunciado por Samuel na conhecida passagem de #1Sm 15.22. O mesmo trecho recebe um novo refulgor de glória enquanto Jesus o interpreta à luz da salvação para os pecadores. **Os justos** (13). O uso da palavra é irônico e se refere aos que se justificavam a si mesmos. A escritura declara "não há um justo nem um sequer", #Rm 3.10. **Ao arrependimento** (13). Os melhores textos omitem estas palavras; entretanto, sua omissão deixa uma lacuna.

>Mt-9.14

h) O jejum (Mt 9.14-17)

Ver nota sobre #Mc 2.18-22; #Lc 5.33-39. **Muitas vezes** (14). Alguns textos omitem estas palavras. O ensino de Nosso Senhor é que o jejum não é um fim em si mesmo e há de ser praticado somente nas circunstâncias convenientes. O jejum dos fariseus formava parte daquela justiça que o Senhor acabou de condenar (ver vers. 13). **Os filhos das bodas** (15). Os convivas. **Enquanto o esposo está com eles** (15). Enquanto continuavam as festividades das bodas, que às vezes ocupavam alguns dias. **Lhes será tirado o esposo** (15). Jesus refere-se aqui à sua própria morte e ascensão. Os vers. 16 e 17 anunciam o princípio que Jesus Cristo veio estabelecer uma dispensação inteiramente nova, que de modo algum se adaptaria aos moldes da antiga economia judaica. O império da lei tem de ceder para que a graça tenha lugar. **Pano novo** (16). Pano cru. **Odres** (17). Sacos feitos de pele, muito usados no Oriente para transportar líquidos. O processo de fermentação do vinho novo rebentaria odres velhos que teriam perdido sua elasticidade.

>Mt-9.18

i) A cura da mulher que tinha um fluxo de sangue e a ressurreição da filha de um governador (Mt 9.18-26)

Ver notas sobre #Mc 5.22-43; #Lc 8.41-56. **Um chefe** (18). Um juiz. Sabemos dos outros sinóticos que seu nome era Jairo. **Adorou** (18). O ato é sugestivo, por sua compreensão da divindade de Jesus. **Faleceu agora** (18). Os outros Evangelhos contam que a filha de Jairo estava moribunda quando o pai chegou e como, na volta para casa, encontrou mensageiros informando que ela morreria. Mateus combina as duas fases numa só.

>Mt-9.21

Ficarei sã (21) -gr. **sothesomai**, "serei salva". O uso do verbo "salvar", num caso de restauração física, facilmente faz-nos entender que tais milagres têm o fim de ilustrar a restauração espiritual. **Filha** (22). Era costume um rabi dirigir-se assim a uma mulher. **Tua fé te salvou** (22). Ver nota supra. O incidente é uma ilustração notável da fé em ação.

>Mt-9.23

O vers. 23 descreve a situação comum numa casa oriental, onde haja morte. Eram pagas pessoas para lamentarem o falecido. **Os instrumentistas** tocavam flautas. **A menina não está morta, mas dorme** (24). O Senhor quis dizer que

sua morte se tornara um sono passageiro devido ao fato que, dentro em breve, ia ressuscitá-la. **Pegou-lhe na mão** (25). Talvez fez isto para que não se assustasse pelo despertar brusco.

>Mt-9.27

j) A cura de dois cegos e um mudo (Mt 9.27-34)

Cfr. **#Mt 12.22-23**; **#Mt 20.30-34**. Ver também **#Lc 11.14-26**. **Filho de Davi** (27). Naquela época, usava-se este termo falando-se do Messias. **A casa** (28). Talvez na casa de Jesus em Cafarnaum, ou na casa de Mateus, como no vers. 10. **Credeis vós...** (28). Aqui, como nos outros milagres, é a necessidade de fé que é sublinhada. **Olhai que ninguém o saiba** (30). Ver nota sobre **#Mt 8.4** e, para o vers. 31, cfr. **#Mc 1.45**; **#Mc 7.36**. É bem possível que essa desobediência dificultou o ministério do Senhor, atraindo a seu lado muita gente sem fome espiritual, assim contribuindo para a necessidade de ensinar por meio de parábolas (ver cap. 13).

>Mt-9.33

O vers. 33 salienta uma conexão entre os espíritos malignos e a incapacidade física. **O príncipe dos demônios** (34). Satanás. Ver **#Mt 12.24-37**.

>Mt-9.35

VI. A MISSÃO DOS DOZE Mt 9.35-10.4

Ver notas sobre **#Mc 3.13-19**; **#Lc 6.12-19**. **Como ovelhas que não têm pastor** (36). Citação de **#Nm 27.17**. As palavras seguem, com certa divergência, os LXX. Ver também **#Ez 34.5**. Os vers. 37-38 constituem uma das passagens missionárias mais importantes do Novo Testamento. Cfr. **#Lc 10.2**; **#Jo 4.35-38**.

Mt-10.1

Poder sobre os espíritos imundos (1). Autoridade sobre os demônios. **Apóstolos** (2). Gr. **Apostolon**. No original a palavra não goza da significação especial que lhe foi dada no decorrer da história cristã, mas apenas "missionários". Os doze, que são chamados pelo termo mais comum de discípulos, no vers. 1, aqui são denominados apóstolos em virtude da

comissão especial que lhes fora cometida. Notem que os nomes dos doze são agrupados aos pares, o que bem podia corresponder à organização dada pela sua missão.

O primeiro, Simão (2). O nome de Pedro se encontra no primeiro lugar em todas as quatro listas dos doze, (cfr. **#Mc 3.16**; **#Lc 6.14**; **#At 1.13**). Nos Evangelhos e nos Atos ele é o mais destacado dos doze e provavelmente era o líder natural entre eles. Não se segue, porém, que sua liderança jamais tenha sido transmitida a seus sucessores. **Bartolomeu** (3). Geralmente é considerado idêntico a Natanael, de **#Jo 1.45-51**. **Lebeu, apelidado Tadeu** (3). Os melhores textos citam apenas "Tadeu". Lucas dá-lhe o nome Judas (**#Mt 6.16**; **#At 1.13**). **Simão Cananita** (3). Não quer dizer que habitava em Canaã. Simão era outrora membro do partido nacionalista, cujos membros se chamavam "zelotes" (hebraico **qanna**, daí o gr. **kananaios**, "cananeu", termo mais exato). O partido tinha resistido a Herodes, o Grande, e estava prestes a opor-se a qualquer governo estrangeiro pela força das armas. Era como o "Maquis". **Judas Iscariotes** (4). O nome Iscariotes pode significar membro da tribo de Issacar ou habitante de Queriote (**#Js 15.25**), ou aquele que levava a bolsa (do aramaico **secariota**, "bolsa"), ou aquele que foi estrangulado (do hebraico **iscara**, "estrangulação"). A segunda hipótese é a mais provável.

>Mt-10.5

VII. SEGUNDO DISCURSO. A COMISSÃO DOS DOZE Mt 10.5-11.1

Ver nota sobre **#Mc 6.7-13**; **#Lc 9.1-6**. **Pelo caminho das gentes** (5). Havia, na Galiléia, cidades gregas que seguiam uma vida separada dos judeus. Os apóstolos haviam de limitar-se às cidades dos judeus. **Os samaritanos** (5). Eles ocupavam a região central da Palestina, entre a Judéia e a Galiléia. Eram descendentes dos povos orientais importados pelos assírios, depois da destruição do reino israelita no norte, que se misturaram com os nativos israelitas. Desde o tempo de Neemias, eram inimigos ferrenhos dos judeus. Cfr. **#Jo 4.9**. **A casa de Israel** (6). Nem no Velho Testamento, nem no Novo, limita-se este termo somente às dez tribos do norte. **É chegado o reino dos céus** (7). Esta era a mensagem tanto de João Batista (ver 3.2 n.) como de Jesus (**#Mt 4.17**). **Cintos** (9). A dobra do cinto servia como bolso para guardar dinheiro. **Túnicas** (10). Gr. **chitônas**, túnica exterior semelhante à toga romana. **Bordão** (10). Cfr. **#Mc 6.8**, que dá a entender que havia apenas um bordão entre dois. Parece que o Senhor não queria que fossem como viajantes

comuns. **Digno é o operário do seu alimento** (10). Eles haviam de depender das ofertas e da hospitalidade daqueles a quem iam pregar. Estas palavras são citadas em **#1Tm 5.18**, na forma dada por Lucas.

>Mt-10.11

Procurai saber (11). No Oriente, era tão comum oferecer hospitalidade que muito provavelmente receberiam muitos convites para serem hospedados; entretanto, eles não deviam aceitar hospedagem da parte dos que rejeitassem sua mensagem. **Saudai-a** (12). A saudação comum era "paz seja convosco", o que explica o vers. 13. **Sacudi o pó dos vossos pés** (14). Este ato simbólico significava rejeição e condenação. Nem o pó da cidade ímpia havia de permanecer em contacto com eles. **Em verdade** (15) -gr. **amen**, transliteração da palavra hebraica para "em verdade", que dava ênfase ao que segue. **Sodoma e Gomorra** (15). A história da destruição destas cidades se encontra em **#Gn 19**. Ver também **#Ez 16.49-50**; **#Jd 7**. Aplica-se este ensino a Cafarnaum, em **#Mt 11.23-24**. O vers. 16 se refere à mansidão e à vida exteriormente indefesa dos cristãos em face dos seus inimigos no mundo. **Prudentes como as serpentes** (16). Cfr. **#Gn 3.1**, a frase revela quão necessária seria a sabedoria, de vez que a serpente era universalmente considerada a mais prudente de todos os animais. A natureza daquela virtude seria bem diferente, como a seguinte frase indica. Vê-se o exemplo desta sabedoria na prática, em **#1Co 9.19-23**. É sugestivo que estas qualidades deviam manifestar-se em face da terrível oposição que haviam de encontrar. Com o vers. 17, cfr. **#Mc 13.9-13**; **#Lc 12.11-12**; **#Lc 21.12-19**. **Vos será ministrado** (19). O vers. seguinte revela que isto seria pelo ministério pessoal do Espírito Santo. **O irmão** (21). O grego omite o artigo definido. **Os filhos se levantarão** (21). Esta frase é um resumo de **#Mq 7.6**. **Por causa do meu nome** (22). Porque pertencem a Mim. **Aquele que perseverar até o fim será salvo** (22), isto é, que perseverar numa vida de fé.

>Mt-10.23

Alguns têm interpretado a última parte do vers. 23 no sentido de que o Senhor se referia a um encontro com os apóstolos, mais tarde, no Seu ministério. Porém, esta interpretação não consoa com a noção dada neste Evangelho e em todo o Novo Testamento, a respeito da vinda do Filho do homem. Parece que este trecho difícil amplia a comissão apostólica, que se refere aqui a circunstâncias puramente locais, para incluir a obra missionária da igreja universal em todos os séculos. Como fato histórico, ainda é verdade que

existem judeus que precisam do Evangelho e que estão dispostos a aceitá-lo. No vers. 24, o Senhor ensina aos discípulos que se ocupem do mesmo trabalho com que Ele se ocupou, não esperando melhor tratamento do que o que Ele mesmo recebeu. **Belzebu** (25) -gr. **Beelzeboul** ou **Beezeboul**. O nome refere-se a um demônio e é, provavelmente, um termo de desprezo para Satanás. A origem do termo não é conhecida. A primeira parte do vocábulo vem do hebraico **baal**, "senhor". Talvez a segunda se derive do hebraico **zebul**, "casa". Assim, Satanás seria chamado "senhor da casa" (dos demônios). Este sentido concorda bem com o contexto. Outros têm achado uma conexão com o nome **Baal-Zebube**, "senhor das moscas", divindade pagã mencionada em **#2Rs 1**. Neste caso, a mudança da consoante final para "l" sugere o hebraico **zebel**, "esterco" ou "lixo".

>Mt-10.28

Não temais... (28). A pior coisa que nossos inimigos podem fazer é destruir a vida corporal, o que não impede a bendita ressurreição para a vida eterna. A Deus, porém, pertence o poder da "segunda morte", que é eterna destruição. **Alma** (28). Personalidade ou entidade pessoal. O contraste aqui feito é entre este mundo e o que há de vir. **Inferno** (28). Geena, sinônimo da segunda morte. Ver vers. 5.22 n. **Cecil** (29) -gr. **assariou**. A moeda romana "asse", que valia no tempo de Nosso Senhor a décima sexta parte de um denário, tendo hoje o valor de cinco cruzeiros ou menos. **Sem vosso Pai** (29). Sem que Ele se interesse.

>Mt-10.32

Me confessar (32). Testificar que pertence a Mim. No final de contas, o discipulado secreto é impossível. Como se vêem nos vers. 34 e 39, esta confissão pública de fé em Cristo acarreta divisão e conflitos, primeiramente na vida da família. Ver o trecho paralelo de **#Lc 12.49-53**. A mensagem angélica de "paz na terra", que foi proclamada quando Jesus nasceu, não tem seu cumprimento exterior neste mundo. Cumpre-se, agora, no coração e caráter daquele que crê, mais perfeitamente, no mundo vindouro, na "nova terra". **Espada** (34). Apto símbolo da divisão, assim interpretada por **#Lc 12.51**. Os vers. 35-36 são uma citação de **#Mq 7.6**, traduzida do hebraico, que leva a influência dos LXX. O vers. 37 ensina que todo homem deve escolher entre as obrigações muito íntimas para com os parentes mais chegados e as de Cristo. Cfr. **#Mt 15.4**. ver **#Lc 14.26** n. **Digno de mim** (37). Idôneo para meu serviço. Os vers. 38-39 repetem-se em **#Mt 16.24-25**. Ver também **#Mc 8.34-**

35; #Lc 11.23; #Lc 14.26-27; #Jo 12.25. Não toma a sua cruz (38). Esta é a primeira menção da cruz no Evangelho, bem como no Novo Testamento. Era costume o condenado carregar sua cruz até o lugar da execução. Há muita evidência de que o Senhor já antecipara a maneira de sua morte. Estas palavras são o ponto culminante da sua advertência aos apóstolos, que sua missão atrairia prisões e perseguições e até a morte como em Seu caso. Estas palavras importantes têm também uma significação profundamente espiritual, que constitui a base do ensino do apóstolo Paulo a respeito da identificação do crente com a cruz de Cristo (ver #Gl 2.20). Quem achar a sua vida (39). Refere-se àqueles que vivem de modo egoísta. Vida-ver 6.25 n. Aqui a palavra significa a vida do ego, ou vida natural, em contraste com a vida espiritual. Achá-la-á (39). No mundo vindouro. A vida gasta totalmente no serviço de Cristo, neste mundo, achará sua máxima expressão e contentamento depois, na vida eterna.

>Mt-10.41

Galardão de profeta... galardão de justo (41). Refere-se à recompensa merecida por ter recebido um profeta ou um justo. Estes pequenos (42). Uma provável referência aos discípulos fracos, ou talvez aos discípulos em geral. Cfr. o vers. #Mt 11.1 com 7.28 n.

Mt-11.2

VIII. JOÃO BATISTA E CRISTO Mt 11.2-24

Os vers. 2-19 constituem trecho paralelo de #Lc 7.18-35 (ver notas). No cárcere (2). Já foi mencionado este aprisionamento em #Mt 4.12, mas as circunstâncias são descritas no cap. #Mt 14.3-12, onde os pormenores da morte de João são relatados. Feitos de Cristo (2). Seus milagres. Dois (2). Gr. duo. Alguns textos trazem dia, que deve ser traduzida "por". Aquele que havia de vir (3). O Messias profetizado no Velho Testamento, cuja vinda João havia proclamado. Os cegos vêem (5). Alusão a #Is 35.5; #Is 61.1, onde este e mais outros milagres citados neste verso são mencionados, como obras que o Messias deveria efetuar. João entenderia tal alusão. Aos pobres é anunciado o evangelho (5). Mais outra alusão à profecia de #Is 61.1, concernente ao Messias, que João entenderia. Uma cana agitada pelo vento (7). Uma coisa tão comum que ninguém prestaria atenção nela. Muito mais (9). A citação, no vers. 10, vem de #MI 3.1, somente as primeiras palavras seguem os LXX. João Batista era o precursor de Cristo, como estava predestinado, e como o

vers. 11 sugere, era último dos profetas do Velho Testamento. Ver também o vers. 13. Ele pertence à dispensação do Velho Testamento. Há diversas interpretações do vers. 11. O crente mais fraco, tendo a luz do conhecimento da Glória de Deus na face de Jesus Cristo ressurreto, é mais privilegiado do que era João. **Os que de mulher têm nascido** (11). A frase quer dizer "homens mortais" e enfatiza a vida neste mundo. Ainda que João fosse o maior de todos nesta vida, não há posição aqui na terra que se compare à glória da vida vindoura. É lícito perguntar em que sentido era João o maior entre os mortais. Talvez seja que, de toda a humanidade, só ele percebeu, com suas faculdades, no mesmo instante, as três pessoas da santíssima Trindade (**#Mt 3.16-17**). Neste caso, a interpretação poderia ser que, na vida futura esta será a experiência comum do mais pequeno no reino.

>Mt-11.12

Se faz violência ao reino dos céus (12) -gr. **biazetai**. O problema do sentido desta frase e o da conexão dos vers. 12-14 com o contexto é muito grande. Parece que o desenvolvimento do pensamento é o seguinte: João, pelo seu batismo de pecadores, abriu o reino dos céus àqueles que, de modo algum, teriam sido considerados idôneos para obtê-lo. Ele representa o ponto culminante do testemunho do Velho Testamento. Era ele o cumprimento da profecia da vinda de Elias. Se tomamos **biazetai** no sentido passivo, então a frase, com a seguinte, significa que desde João os arautos e mensageiros do reino são recebidos com violenta perseguição. Não apoiamos a interpretação segundo a qual estas não teriam sido as palavras do Senhor, mas de um redator que escreveu sobre a vida de João, depois de decorridos os primeiros anos da igreja primitiva. A expressão "desde os dias de João Batista até agora" pode ser traduzida "desde os dias quando João pregava". Do outro lado, no trecho paralelo de **#Lc 16.16**, o verbo **biazetai** está na voz média. Neste caso, a frase podia significar que o reino dos céus está impondo sua influência ao mundo e comunicando sua força e entusiasmo aos que o recebem e nele entram. **É este Elias que havia de vir** (14). Ver **#Mt 4.5-6**. Aqui o Senhor declara positivamente que a profecia a respeito da vinda de Elias foi cumprida na pessoa de João Batista. É importante notar que não é preciso tomar literalmente toda profecia do Velho Testamento. Parece que o sentido de **#Mt 4.6** é que João havia de ligar o Velho com o Novo Testamento. **Esta geração** (16). Recusou abrir os seus ouvidos e se excusou a atender a João e a Jesus. O Senhor os assemelha a crianças que brincam nas ruas. Alguns interpretam o vers. 17 como descrição de brincadeira de criança-brincando de casamento e de enterro. Outros consideram que era brincadeira popular em que cantavam

os responsos nas palavras deste verso. Os ouvintes de Jesus opuseram-se primeiro a João (18) e depois a Ele (19) e, assim, a aplicação do ensino é patente. **A sabedoria é justificada por seus filhos** (19). Alguns textos substituem "filhos" por obras. No trecho paralelo de Lucas, lê-se "filhos", o que talvez influa no texto aqui. De outro lado, "obras" pode ser uma glosa sobre filhos. Em todo caso, o sentido é o mesmo, referindo-se aos frutos da sabedoria. A sentença quer dizer tanto a sabedoria de João como a de Jesus, que se expressa na pregação de um novo modo de viver, tendo sido justificada pelos resultados.

>Mt-11.20

As denúncias contra as cidades da Galiléia (20-24) são mencionadas por Lucas, mas com outra conotação. Ver **#Lc 10.13-16. Corazim** (21). Distava uma hora de viagem a norte de Cafarnaum. **Betsaida**. Situava-se na banda ocidental do Mar da Galiléia, a uns cinco quilômetros a sudeste de Corazim. **Tiro e Sidom** (22). Cidades situadas na costa mediterrânea da Síria, além da fronteira setentrional da Palestina. O vers. 23 refere-se a **#Is 14.13-15**, onde a frase se aplica ao rei da Babilônia e tem uma possível alusão a Satanás. **Inferno** (23) -gr. **haidou**, que corresponde ao hebraico **sheol**, "sepulcro". Cfr. vers. 24 com **#Mt 10.15**.

>Mt-11.25

IX. O CONVITE DO EVANGELHO Mt 11.25-30

Respondendo (25). As palavras que se seguem expressam a resposta do coração de Jesus às circunstâncias descritas nos vers. que precedem. **Graças te dou** (25). Gr. **exomologoumai**, "reconheço". **Pequeninos** (25). No sentido espiritual. Refere-se aos que recebem a revelação divina com simplicidade de fé. O vers. 27 cfr. com **#Jo 3.35; #Jo 17.2**. A figura empregada nos vers. 28-30 teria imediata aceitação numa comunidade agrícola. **O Jugo** (29). Bem pode representar o ensino de Cristo, o que, por implicação, contrasta com os ensinamentos opressivos dos fariseus (ver **#Mt 23.4**). **Encontrareis descanso para vossas almas** (29). Estas palavras são tiradas de **#Jr 6.16**. Os LXX trazem: "encontrareis purificação das vossas almas" -sendo corrigida no Evangelho conforme o sentido hebraico. **Suave** (30) -gr. **chrestos**, "bom" ou "simpático". O trecho é peculiar ao Evangelho de Mateus.

Mt-12.1

X. DISPUTA COM OS FARISEUS Mt 12.1-45

a) O sábado (Mt 12.1-21)

Ver nota sobre #Mc 2.23-3.6; #Lc 6.1-11. **Um sábado** (1). O sétimo dia da semana começava ao pôr do sol de sexta-feira e terminava ao pôr do sol, no sábado. **O que não é lícito** (2). Os fariseus haviam carregado o dia do sábado com uma multidão de minuciosas observâncias não prescritas por Moisés. Parece que eles protestaram neste caso contra o ato de debulhar espigas com as mãos. **Não tendes lido** (3). Uma referência a #1Sm 21.1-6. O argumento aqui é que, em caso de necessidade, as provisões da lei cerimonial não eram insuperáveis. **Pães da proposição** (4). Ver #Lv 24.5-9. Os colocados na mesa do lugar santo do tabernáculo, cada sábado, e depois de tirados de lá, o sacerdote e sua família os comiam. O vers. 5 alude a #Nm 28.9. Os sacerdotes preparavam os sacrifícios no sábado, não obstante a proibição geral do trabalho. Se as necessidades do culto no templo permitiam que o sacerdote profanasse o sábado, com tanto mais razão o serviço de Cristo sanciona a mesma liberdade. **Misericórdia quero e não sacrifício** (7). Ver nota sobre #Mt 9.3. O princípio anunciado aqui é que a ética é mais importante que o ritual. Não é difícil perceber a aplicação do princípio no contexto. O vers. 8 assevera que Jesus Cristo tem o direito de interpretar as ordenanças mosaicas, que não devem interferir em seu serviço.

>Mt-12.13

O vers. 13 aponta o fato que o poder para obedecer acompanhou o mandamento. Os vers. 18-21 são tirados de #Is 42.1-4. A última parte é um pouco abreviada, seguindo o hebraico, mas na última frase segue os LXX. **Meu servo** (18). No trecho original do Velho Testamento refere-se a Israel, isto é, o verdadeiro Israel é corporalmente representado na pessoa do Messias. Ver também #Is 41.9. **Anunciará aos gentios o Juízo** (#Mt 18). Esta é uma profecia que a justiça de Deus seria revelada aos gentios por meio do evangelho. Os vers. 19-20 revelam a mansidão de Jesus. Ele nunca clamou em voz alta, nem combateu em debate amargamente. Ele nunca desprezou nem ofendeu a fé mais fraca que seja e nem a consciência pesada. **Até que faça triunfar o juízo** (20). Ou, até o triunfo final da justiça.

>Mt-12.22

b) Exorcismo e a blasfêmia dos fariseus (Mt 12.22-37)

Ver nota sobre [#Mc 3.22-30](#); [#Lc 11.14-22](#). [Não é este o Filho de Davi?](#) (23) - título messiânico, ver. 9.27 n. [Belzebu](#) (24). Ver 10.25 n. Aqui Belzebu é identificado com Satanás. [Jesus conhecendo os seus pensamentos](#) (25) -gr. [eidos](#). Ele percebeu, ou compreendeu, o verdadeiro sentido de seus pensamentos. [Vossos filhos](#) (27). Talvez uma referência aos discípulos dos fariseus. Um exemplo de exorcismo entre os judeus é citado em [#At 19.13-16](#).

>Mt-12.28

[O reino de Deus](#) (28). Mateus adota geralmente o termo "o reino dos céus", cuja significação é idêntica. Ver 3.2 n. [É chegado a vós](#) (28). O reino os achou desprevenidos. O poder do Senhor sobre os demônios era evidência da sua identidade messiânica. O vers. 29 é difícil de interpretar. Uma interpretação é que este poder do Senhor sobre os demônios mostra que Satanás já estava "manietado". Esta limitação da atividade de Satanás podia ter acontecido quando o reino de Deus veio, talvez quando o Senhor venceu as tentações de Satanás no deserto, antes de iniciar seu ministério público. Satanás é "furtado" todas as vezes que as almas são tomadas presas pelo evangelho de Cristo. [Quem não é comigo é contra mim](#) (30). Não há meio termo. Ou ganhamos almas para Cristo ou afugentamo-las de Deus. Em [#Mc 9.40](#) o inverso desta verdade é ensinado. Este trecho se aplica a qualquer ensino positivamente antibíblico, ao passo que o de Marcos se refere mais aos casos como de divergências denominacionais.

>Mt-12.31

[A blasfêmia contra o Espírito](#) (31). Este pecado, a rejeição propositada de Cristo e sua salvação é o único que, pela natureza, priva o homem da possibilidade de perdão. Ver [#Nm 15.27-31](#), onde há referência à oferta para expiação do pecado cometido por ignorância e não do pecado intencional. Cometer pecado intencionalmente era blasfêmia contra o Senhor. Ver [#Mc 3.28-29](#) n. e cfr. [#Lc 12.10](#). O vers. 32 apresenta um contraste que à primeira vista parece estranho. A explicação é que o Espírito Santo é quem oferece a salvação ao coração do homem. [Pelo fruto se conhece a árvore](#) (33). O argumento aqui é que as boas obras de Cristo eram evidência de sua bondade e em conseqüência não deram lugar à blasfêmia cometida pelos fariseus. A ilustração da árvore é de sentido duplo, porque o vers. 34 mostra tanto a

malevolência dos fariseus quanto a bondade de Cristo. **Por tuas palavras** (37). Palavras não são a causa, mas a evidência de justificação ou de condenação.

>Mt-12.38

c) O sinal (Mt 12.38-45)

Ver também **#Lc 11.29-32** e cfr. **#Mc 8.11-12. Tomaram a palavra** (38). E a continuação do pensamento dos versos anteriores. Apresentada a afirmação do Senhor, os fariseus pedem evidência, apesar de tudo o que tinham visto de milagres. A palavra **adúltera** (39) significa infiel a Deus; esta metáfora se usa muito no Velho Testamento. **O profeta Jonas** (39). Consultar o livro de Jonas para pormenores. O vers. 40 é tirado dos LXX de **#Jn 1.17. Três dias e três noites** (40). O período em apreço era da sexta-feira de tarde até o domingo de manhã. A expressão quer dizer que três períodos de vinte e quatro horas, da sexta-feira, sábado e domingo, eram parcial e completamente cumpridos. **Ventre da baleia** (40). A palavra grega traduzida "baleia" quer dizer um grande monstro do mar. **Os ninivitas** (41). É significativo que o Senhor dá aos ninivitas a mesma historicidade como os seus próprios ouvintes têm. **A rainha do meio dia** (42). A rainha de Sabá. Ver **#1Rs 10**. O Senhor compara sua sede de sabedoria humana com a atitude dos que recusaram ouvir aquele que é **mais do que Salomão** (42). Notem as afirmações semelhantes quanto à importância de Jesus, nos vers. 6 e 41.

>Mt-12.43

Os vers. 43-45 servem como ilustração do fato que os judeus, embora purificados da idolatria durante o cativeiro babilônico, mostraram uma incredulidade e dureza de coração que produziram um pior estado moral do que aquele que antes possuíam, quando eram idólatras, antes do cativeiro. Cfr. **#Lc 11.24-26**.

>Mt-12.46

XI. JESUS E SUA FAMÍLIA Mt 12.46-50

Ver notas sobre **#Mc 3.21,31-35; #Lc 8.19-21**.

Mt-13.1

XII. TERCEIRO DISCURSO. OS ENSINOS PARABÓLICOS Mt 13.1-53

a) A parábola do semeador (Mt 13.1-23)

Ver notas sobre [#Mc 4.1-20](#); [#Lc 8.4-10](#). **Por parábolas** (3). Uma parábola ilustra uma verdade espiritual na forma de uma história. O vers. 11 revela que originalmente eram dadas aos que ignoravam por completo as verdades espirituais. Ver notas sobre os vers. 13-14 abaixo. Os discípulos, porém, compreenderam e, assim, não precisavam de parábolas para atrair sua atenção. A palavra **vós**, no vers. 11, é enfática e serve de contraste. A interpretação desta parábola foi dada pelo Senhor nos vers. 18-23.

>Mt-13.11

Os mistérios (11). A palavra dá a idéia de segredos, que só os iniciados poderiam compreender. O vers. 12 anuncia um princípio do mundo espiritual. Cfr. o pai do pródigo que correu ao encontro do filho quando este regressou ([#Lc 15.20](#)); também o endurecimento do coração de Faraó por Deus, depois de ter recusado o aviso de Moisés ([#Êx 8.32-9.12](#)). **Vendo não vêem** (13). As coisas espirituais não têm significação para aqueles dotados somente de compreensão natural. Mesmo quando as contemplam eles não entendem, na mesma maneira que os animais não entendem as coisas do nosso mundo. Ver [#1Co 2.14](#). Os vers. 14 e 15 são copiados, palavra por palavra, dos LXX de [#Is 6.9-10](#), que descreve a chamada do profeta, o estado do povo a quem foi enviado, e cita a mensagem que ele havia de comunicar-lhe. Como no tempo de Isaías, assim também no tempo do Senhor, os judeus fecharam os olhos proposadamente contra a verdade espiritual. Ver [#Mc 4.12](#) n. A bem-aventurança mencionada no vers. 16 explica-se no fato de que nasceu uma Luz, com a vinda de Cristo, que era desconhecida nos tempos do Velho Testamento.

>Mt-13.19

A palavra do reino (19). A mensagem do evangelho. **Se ofende** (21). Cai na cilada de satanás. **Os cuidados deste mundo** (22). Refere-se às preocupações que os interesses mundanos quase sempre trazem. **Dá fruto** (23). Note-se mais uma vez que é preciso dar fruto para provar a realidade da fé (cfr. [#Mt 7.24](#)). **Compreende** (19). Significa perceber, crer e apropriar.

>Mt-13.24

b) Outras parábolas (Mt 13.24-53)

1. A PARÁBOLA DO TRIGO E DO JOIO (#Mt 13.24-30) -O reino dos céus (24). Aqui, esta frase aplica-se ao método pelo qual Deus opera durante o tempo do evangelho. O propósito, nesta parábola é o de revelar aquele método, como se vê da interpretação dada pelo Senhor nos vers. 37-43. Joio (25). Uma espécie de centeio falso que cresce como erva daninha no meio do trigo. É muito parecida ao verdadeiro centeio até que as espigas se formam. Farinha de trigo feita com a mistura deste centeio falso é venenosa.

>Mt-13.31

2. A PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA (#Mt 13.31-32) -Cfr. #Mc 4.30-32; #Lc 13.18-19. A mais pequena (32). A semente de mostarda é normalmente muito pequena. Plantas (32) -gr. lachanon, "plantas" ou "legumes". Na Palestina, a mostarda atinge a altura de alguns metros. Vêm as aves dos céus e se aninham nos seus ramos (32). Esta frase se encontra em diversos trechos do Velho Testamento (cfr. #Ez 17.23; #Ez 31.5; #Sl 104.12; #Dn 4.12-21), é semelhante aos LXX de #Dn 4.21. Estas referências fornecem a explicação da parábola. Em #Ez 17, a "árvore" é o novo Israel. Isto é o reino dos céus mencionado na parábola. Mas, em #Ez 31 e #Dn 4, a árvore representa os impérios do mundo gentio, da Assíria e da Babilônia, respectivamente. Desta maneira, a parábola antecipa o desenvolvimento da igreja como poder universal, o que se cumpriu em sua plenitude na idade média. Ora, a interpretação das aves, dada no vers. 19 acima, como figura do maligno, completa o quadro da igreja visível em sua apostasia. Esta interpretação é mais provável do que aquela que vê nessa série de parábolas somente o crescimento benéfico do evangelho. Cfr. #Mc 4.30-32 n.

>Mt-13.33

3. A PARÁBOLA DO FERMENTO (#Mt 13.33) -Fermento. Em todos os casos, na Bíblia, onde o fermento é mencionado simbolicamente, representa o mal. Este fato conforma com a interpretação dada acima, da parábola da mostarda. Uma medida -gr. sata, corresponde ao hebraico seah - aproximadamente seis litros.

>Mt-13.34

4. A EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA DO JOIO (#Mt 13.34-43) -A citação do vers. 35 é tirada do #Sl 78.2. A primeira parte é citada dos LXX, a segunda do hebraico. É notável que o evangelista interpreta o Salmo como profecia de Cristo. **Filhos** (38). Este termo é empregado para significar os que pertencem ou ao reino, ou ao maligno, respectivamente. **O que causa escândalo e os que cometem iniquidades** (41). Alusão ao texto hebraico de #Sf 1.3. O grego da palavra "iniquidade" é **anomian**, ilegalidade. **Os justos resplandecerão** (43). Alusão a #Dn 12.3. Não é que a parábola nem sua explicação implicam dever o cristão tolerar o mal. Antes apresenta esta vida terrestre, na qual tantas vezes o mal predomina, na luz do último triunfo da justiça, aqui descrita.

>Mt-13.44

5. AS PARÁBOLAS DO TESOURO ESCONDIDO E DA PÉROLA DE GRANDE VALOR (#Mt 13.44-46) -**Também** (44). Omitido em alguns textos. Uns interpretam o vers. 44 como referência a Nosso Senhor, que deu tudo o que tinha para comprar o tesouro, que era o seu povo. Outros o interpretam como o pecador dando tudo para conseguir a salvação. Sem dúvida, há elementos de verdade nas duas interpretações. Esta dupla interpretação também se aplica à parábola da pérola de grande valor.

>Mt-13.47

6. A PARÁBOLA DA REDE (#Mt 13.47-50) -Neste caso, uma interpretação da parábola é dada logo. Sua significação é muito semelhante à da parábola do joio. Quando a rede é lançada pelo evangelista, apanha os que são realmente convertidos e também os que somente fazem uma profissão. **Na consumação dos séculos** (49). Haverá naquele tempo a aceitação e a rejeição de muitos.

>Mt-13.51

7. FIM DO DISCURSO (#Mt 13.51-53) -**Instruído** (52), ou, que se tornou discípulo. **Coisas novas e velhas** (52). De sua vez, os discípulos iam tornar-se responsáveis pelos ensinamentos do Mestre, ressaltando novas verdades de tudo que aprenderam Dele e, ao mesmo tempo, revelando a beleza da verdadeira significação escondida dos ensinamentos do Velho Testamento. Para o vers. 53, ver nota sobre #Mt 7.28.

>Mt-13.54

XIII. JESUS EM SUA PÁTRIA Mt 13.54-58

Ver notas sobre #Mc 6.1-6, cfr. #Lc 4.16-30. Sua pátria (54). Mais provavelmente Nazaré e não Cafarnaum (cfr. #Mt 4.13). Maravilhavam-se (54). A palavra no original é muito forte: "ficavam atônitos". O filho do carpinteiro (55). A palavra no grego significa também pedreiro. Ver nota sobre #Mt 2.23. Como o nome de José não é mencionado, muitos comentaristas concluem que já morrera. Seus irmãos (55). Não há razão para supor que estes irmãos, tanto como as irmãs mencionadas no verso seguinte, não eram filhos de José e Maria. A incredulidade (58). Daqueles que pensavam conhecê-lo melhor, o que limitou o poder de Deus.

Mt-14.1

XIV. A MORTE DE JOÃO BATISTA Mt 14.1-12

Ver notas sobre #Mc 6.14-29; #Lc 9.7-9. Herodes, o tetrarca (1). Este é Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande. Tinha governado a Galiléia e a Peréia desde a morte de seu pai. A significação de tetrarca é dada na nota sobre #Mt 2.2. Criados (2). Gr. paisin, "rapazes". João Batista ressuscitou dos mortos (2). Parece que esta superstição tinha muita aceitação. #Lc 9.7 dá a idéia que Herodes não era o autor desta idéia. Cfr. #Mt 16.14.

>Mt-14.3

Herodias (3). Mulher de Filipe, irmão de Herodes. Este não é Filipe, o tetrarca (#Lc 3.1), mas outro irmão do mesmo nome. Não se sabe quais eram os pais dela. A filha de Herodias (6). Salomé, filha de Herodias e de Filipe. Casou-se depois com seu tio Filipe, o tetrarca. Note-se que os acontecimentos deste cap. não são dados em ordem cronológica, mas na ordem que facilita a retenção na memória do leitor.

>Mt-14.13

XV. MILAGRES Mt 14.13-36

a) A primeira multiplicação dos pães (Mt 14.13-21)

Este é o único milagre que todos os evangelistas registram. Ver notas sobre [#Mc 6.30-46](#); [#Lc 9.10-17](#); [#Jo 6.1-15](#). [Jesus ouvindo isto](#) (13). Esta frase liga os milagres, que seguem, com a morte de João, quanto a ordem cronológica. Vê-se dos vers. 1-2 que Mateus narra sua história no passado. Aqui, como em outros trechos, o propósito do escritor não é contar a história na sua ordem cronológica, mas apresentá-la de um modo que fique gravada na memória. [O povo](#) (13), melhor a multidão. [A hora é já avançada](#) (15). Indicação de que era a hora do jantar. [Pães](#) (17), melhor, pãezinhos. [Se assentasse](#) (19). Iam reclinar-se sobre o cotovelo esquerdo, pois era o costume daquela época, para comerem. [Alcofas](#) (20) -gr. [kophinous](#), "cesta para comprar". Ver notas sobre [#Lc 9.17](#). Este milagre ilustra o valor de alimentar-nos com Cristo no coração, mediante fé na sua palavra. Ver [#Jo 6.27-59](#), que relata o discurso do Senhor, sobre o "pão da vida", que seguiu, como resultado direto da multiplicação miraculosa.

>Mt-14.22

b) Jesus anda por cima do mar (Mt 14.22-36)

[À quarta vigília da noite](#) (25). Quer dizer, entre três e seis horas da madrugada. [Sou eu](#) (27) -gr. [ego eimi](#). Esta frase representa o nome de divindade. Ver [#Êx 3.14](#). [Respondeu-Lhe Pedro](#) (28). Só Mateus conta esta ação de Pedro. O incidente é muito característico daquele discípulo impulsivo. [És... o Filho de Deus](#) (33). No aramaico o uso dessa expressão dava a entender que Jesus era divino. [Genesaré](#) (34). A planície a noroeste do Mar da Galiléia. A ação de Pedro descendo do barco respondendo à chamada de Jesus, ilustra claramente a fé que responde à chamada do evangelho e também o conflito entre a fé e a dúvida que surge tantas vezes na experiência do cristão.

Mt-15.1

XVI. CONTROVÉRSIAS COM OS FARISEUS SOBRE RITUAIS Mt 15.1-20

Ver nota sobre [#Mc 7.1-23](#). [De Jerusalém](#) (1). Parece que os principais chefes religiosos vieram para investigar o ministério e doutrina de Jesus. [A tradição dos anciãos](#) (2). No tempo do Senhor, os judeus criam que, além da lei escrita de Moisés, havia uma lei oral que lhe fora dada no Sinai, e que esta lei lhes fora transmitida verbalmente até o tempo da grande sinagoga ou concílio dos anciãos, que sucedeu a Esdras, depois da volta do cativo. Aquele concílio

continuava até 91 A. C. e seria o autor dos muitos acréscimos à lei de Deus, que se encontram no Judaísmo, tanto antigo como moderno.

>Mt-15.2

Não lavam as mãos (2). Este ato consistia em derramar um pouquinho de água fria sobre as mãos estendidas. Os judeus não se interessavam em limpeza, mas no ritual. **Por que transgredis vós também** (3). O Senhor mostra que os acréscimos à palavra de Deus chegam a contradizê-la no fim. **Honra a teu pai e a tua mãe** (4). Quinto mandamento do decálogo. Ver #Êx 20.12; #Dt 5.16. **Quem maldisser... morra de morte** (4). Citação dos LXX de #Êx 21.17. **É oferta** (5). Era possível para o judeu, aproveitando-se de uma falsa interpretação da lei, dedicar seus bens ao templo e assim fugir da responsabilidade de sustentar os pais e continuar a desfrutar de seus bens. Note-se que o Senhor interpreta o mandamento de honrar aos pais num sentido prático. Para as crianças, o significado é a obediência (#Ef 6.1-3) e para os adultos, o sustento dos pais. O Senhor condenou aquela prática comum, baseado na tradição, posto que destruiu por completo o propósito da lei (vers. 6). **O mandamento** (6) gr. **entolen**. Outros manuscritos dizem **nomon** "lei" e **logon** "palavra". Talvez seja a última a mais provável. Os vers. 8-9 citam #Is 29.13 e seguem os LXX, onde difere do hebraico.

>Mt-15.11

Contamina (11). Profana o homem. É termo técnico, que ilustra a idéia judaica segundo a qual o comer certos alimentos vedados priva o homem de santidade e, por último, de sua aceitação por Deus. Os chefes dos judeus ofenderam-se com esta contradição propositada de seus próprios ensinamentos. Nos vers. 13-14 o Senhor ensina luminosamente aos discípulos que os fariseus não têm missão de Deus, sendo eles mesmos cegos. Eles e tudo o que sua religião representava seriam destruídos.

Pedro, falando da parte dos outros, pede uma explanação do ditado que tanto ofendera. Então o Senhor, mais pormenorizadamente, continuou o ensino, para benefício deles.

>Mt-15.17

Ventre (17) gr. **aphedrona**, vocábulo raro que significa "esgoto" ou "cloaca". **Isso contamina** (18). "Isso" é enfático. **Maus pensamentos** (19). Quer dizer

desígnios ímpios. **Blasfêmias** (19). Não somente a blasfêmia no sentido estrito, mas também a crítica ou difamação de outrem.

>Mt-15.21

XVII. MAIS MILAGRES Mt 15.21-39

a) A mulher cananéia (Mt 15.21-28)

Ver notas sobre **#Mc 7.24-30. Tiro e Sidom** (21). Ver notas sobre **#Mt 11.22**. Esta é a única ocasião, de que sabemos, em que o Senhor saiu fora das fronteiras da Palestina, durante seu ministério. **Uma mulher cananéia** (22). A mulher era uma gentia, descendente dos cananeus, que habitavam a Síria e a Palestina, antes da conquista de Josué. **Filhos** (26). Por este termo Nosso Senhor se refere aos judeus. **Os cachorrinhos** são os gentios. O Senhor mostrou esta atitude a fim de provar a fé da mulher.

>Mt-15.29

b) A segunda multiplicação dos pães (Mt 15.29-39)

Ver notas sobre **#Mc 7.31-8.10**. É uma perversidade sugerir que este milagre é o mesmo referido em **#Mt 14.13-21**, sendo esta uma segunda versão de um acontecimento só. Se um Evangelho tivesse mencionado os cinco mil somente, e outro quatro mil somente, então teria sido mais difícil refutar esta opinião. Mas não somente Mateus, mas também Marcos, refere-se aos dois acontecimentos e de um modo tão claro que se torna patente que para eles havia dois milagres diferentes. **Glorificava** (31). Ver nota sobre **#Mt 9.8. Cestos** (37) -gr. *spyridas*, o que se usava no mercado, então maiores do que as cestas de **#Mt 14.20**. Ver nota sobre **#Mt 16.9-10. Magdala** (39). Mais correto seria Magadan. Alguns pensam que fosse subúrbio de Tiberíades. Estes milagres de multiplicação de pães revelam claramente a compaixão do Senhor e sua prontidão em satisfazer as necessidades do homem, quer sejam materiais, quer espirituais. Tiago oferece um ótimo comentário sobre este ponto (**#Tg 2.14-17**).

Mt-16.1

XVIII. CONTROVÉRSIAS COM FARISEUS E SADUCEUS Mt 16.1-12

Ver notas sobre [#Mc 8.11-21](#). [Adúltera](#) (4). Aqui a palavra tem o sentido espiritual de infidelidade a Deus. [O sinal do profeta Jonas](#) (4). Ver nota sobre [#Mt 12.39-41](#). [A outra banda](#) (5). Refere-se ao Mar da Galiléia. Para o vers. 9, cfr. [#Mt 14.17-21](#); para o vers. 10, cfr. [#Mt 15.3-38](#). É importante notar que as diferentes palavras "alcotas" e "cestos", utilizadas nestes versos, são um ponto de diferença, que põe em relevo o fato de serem descritos dois acontecimentos independentes.

>Mt-16.13

XIX. A CONFISSÃO DE SIMÃO PEDRO Mt 16.13-20

Ver notas sobre [#Mc 8.27-33](#); [#Lc 9.18-21](#). [As partes de Cesaréia de Filipos](#) (13). Esta cidade era situada no Nordeste da Galiléia, perto da nascente do Jordão. [Partes](#), quer dizer "o distrito". O vers. 14 revela que a opinião pública deu ao Senhor uma posição de maior destaque, identificando-o com os heróis nacionais do passado. [João Batista](#) (14). O próprio Herodes deu crédito a esta superstição. Ver nota sobre [#Mt 14.2](#). Sabemos, de [#Mt 21.26](#), que João era muito estimado pelo povo, como profeta. A vinda de Elias foi profetizada por Malaquias ([#Mt 4.5](#)) e os judeus ligavam muitas vezes o nome de Jeremias com o profeta prometido em [#Dt 18.15](#). [Tu és Cristo](#) (16). Simão Pedro reconheceu e declarou abertamente a divindade do Senhor. É possível que tenha falado da parte de todos os discípulos. O vers. 20 dá a entender que era uma convicção que todos aceitavam.

>Mt-16.18

[Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja](#) (18). A palavra grega traduzida "pedra" é [petra](#) e serve de trocadilho ao nome de Pedro, que em grego é [Petros](#). A interpretação católico-romana desta passagem é que Pedro é a pedra fundamental da igreja, que gozava de uma primazia entre os apóstolos e se tornou bispo de Roma, passando esta primazia a seus sucessores, os papas. Era difícil sustentar a primeira proposição e impossível defender as outras. Uns comentaristas, apoiados por alguns pais da igreja, tendem a identificar a pedra ou com a confissão de Pedro ou com o Senhor mesmo. A interpretação mais simples é que Pedro é indicado como a pedra, sem ser o único fundamento. Os doze fundamentos da igreja são mencionados em [#Ef](#)

2.20 e #Ap 21.14. Esta interpretação é apoiada pelo fato de que as mesmas palavras são dirigidas a todos os discípulos em #Mt 18.18, como a Pedro em #Mt 16.19.

A palavra traduzida igreja, gr. *ekklesian*, significa uma assembléia escolhida. Nunca se usa em referência à organização exterior da igreja, mas refere-se a toda a companhia dos fiéis para incluir toda a alma regenerada. Esta é a primeira menção da palavra no Novo Testamento. Seu uso nos LXX corresponde ao hebraico *qahal*, "congregação". *As portas do inferno não prevalecerão contra ela* (18). A interpretação comum deste trecho sempre era que os poderes do mal nunca poderão prevalecer contra a igreja de Cristo. Embora verdade, o sentido mais real é que a morte nunca vencerá finalmente os crentes, visto que todos ressuscitarão um dia. A palavra inferno, gr. *haidês*, significa sepulcro, hebraico *sheol*. *As chaves do reino* (19). Isto significa que Pedro tinha o direito de entrar no reino por si mesmo, onde teria autoridade geral, simbolizada pelas chaves que lhe foram confiadas. Pela pregação do evangelho, Pedro abriu o reino dos céus para todo o crente e fechou-o aos descrentes. O livro dos Atos relata o desenvolvimento dessa passagem. Quando Pedro pregou, no dia de Pentecostes (#At 2.1-40), ele abriu a porta do reino pela primeira vez. Ver #At 8.14-17; #At 15.7. As expressões ligar e desligar eram uma parte do vocabulário legal dos judeus e se referem às coisas proibidas e às permitidas pela lei. Pedro e os demais discípulos iam continuar na terra a obra de Cristo, pregando o evangelho e revelando a vontade de Deus aos homens, sendo revestidos com a mesma autoridade que o Mestre possuía. No céu, Cristo sanciona o que é feito no seu nome, em obediência a sua palavra, aqui na terra. *Que a ninguém dissessem* (20). A revelação ficou restrita aos discípulos até depois da ressurreição do Senhor. Cfr. 17.9 n.

>Mt-16.21

XX. PRIMEIRO AVISO DOS SOFRIMENTOS DE CRISTO Mt 16.21-28

Ver notas sobre #Mc 8.34-38; #Lc 9.22-27. *Desde então* (21). A fé dos discípulos, que a confissão de Pedro evidenciou, tinha chegado ao ponto de justificar o prenúncio dos sofrimentos de Cristo. Desde este momento, o ministério do Senhor assume outro caráter, enquanto Ele procura preparar seus discípulos a aceitar o fato que Ele tinha que sofrer, mesmo contra as expectativas deles. *Anciãos* (21). Os chefes religiosos. É provável que se refira aos membros do Sinédrio. *O terceiro dia* (21). Os três dias eram sexta-feira,

sábado e domingo, contando-se os dias conforme o uso dos judeus. **De modo nenhum te acontecerá isso** (22). A reação imediata de Pedro ao novo ensino do Senhor mostra que eles estavam longe de compreender o significado do sofrimento do Mestre. **Satanás** (23). O Senhor reconheceu nas palavras de Pedro uma repetição das tentações que sofreu no deserto, cujo fim era evitar a cruz. **Escândalo** (23). Armadilha ou cilada. **Comprendes** (23) -gr. **phroneis**. É difícil traduzir esta palavra, que ocorre também em **#Rm 8.5** e **#Fp 2.5**. Significa adotar uma atitude sobre a qual se baseia a vida e as ações. Os vers. 24 e 25, confronte-os com **#Mt 10.38-39**. **Renuncie-se a si mesmo** (24). Renunciar as imposições da própria vontade. **Tome sobre si** (24). O original quer dizer "levantar". A palavra é mais forte do que é usada em **#Mt 10.38** e implica que a cruz deve ser levantada para que todos possam vê-la. **Sua alma** (26) -gr. **ten psychen autou**, a mesma palavra que é traduzida "vida" no verso anterior. Perder a alma ou a vida significa perecer. Ver nota sobre **#Mt 6.25** e **#Mt 10.39**. **Então dará a cada um segundo as suas obras** (27). As palavras são tiradas dos LXX do **#Sl 62.12** e **#Pv 24.12**, substituindo-se **kata ten praxin** por **kata ta erga**. Esta mudança dá ênfase à direção da vida, mais do que aos atos individuais. Este grande princípio fundamental do Velho Testamento torna-se mais explícito pelo Senhor, ao esclarecer que terá cumprimento na Sua volta. O conteúdo de ambos estes trechos do Velho Testamento é significativo, levando-nos o de Provérbios a examinar os nossos corações.

>Mt-16.28

O vers. 28 tem causado dificuldades. Talvez possa referir-se a qualquer das seguintes manifestações do reino de Cristo, principalmente a Transfiguração (que já ocorrera. Cfr. **#2Pe 1.16**, onde o apóstolo Pedro afirma ter presenciado a vinda de Cristo), o dia de Pentecostes ou a destruição de Jerusalém.

Mt-17.1

XXI. A TRANSFIGURAÇÃO Mt 17.1-13

Ver notas sobre **#Mc 9.2-13**; **#Lc 9.28-36**. **Pedro, Tiago e João** (1). Estes três discípulos testemunharam em certas ocasiões acontecimentos a que os demais não assistiram. O fato de serem três cumpriu cabalmente a lei de Moisés a respeito de testemunhas. **Transfigurou-se** (2). Sua forma e aparência mudaram-se. **Moisés e Elias** (3). Eles representam a lei e os profetas, respectivamente. Ver **#Jd 9**, onde há uma alusão à ressurreição de Moisés e **#2Rs 2.11**, que conta a história do arrebatamento de Elias. **Bom é estarmos**

aqui (4). Pedro queria perpetuar a visão daquela situação e propôs a construção de tabernáculos ou tendas. **Uma voz** (5). A voz do Pai, as palavras faladas nessa ocasião se comparam às de **#Mt 3.17**. **A ninguém conteis a visão** (9). Supomos que os outros discípulos estavam incluídos nessa proibição. Cfr. **#Mt 16.20**. Quanto mais perto da cruz o Senhor chegava, tanto mais evitava, propositadamente, qualquer manifestação popular em seu favor, que bem podia ter acontecido se os discípulos tivessem proclamado o que sabiam. Cfr. **#Jo 6.14-15**.

>Mt-17.10

A pergunta dos discípulos no vers. 10 tem sua explicação na suposição de que a ressurreição de Jesus significaria o fim do mundo e a inauguração do reino. Assim concluíram que seria necessário Elias voltar e manifestar-se publicamente primeiro. Sua aparição no monte justificaria essa espera. O Senhor respondeu com as palavras de **#MI 4.5-6**, que vaticina a vinda de Elias. **Restaurará todas as coisas** (11). Ver **#Lc 1.17**. Aqui o Senhor reitera que a profecia da vinda de Elias fora cumprida com João Batista. Ver nota sobre **#Mt 11.14**. Jesus não fala dele por nome, mas lembra seu sofrimento que é comparado ao que ele mesmo vai passar (12).

>Mt-17.14

XXII. A CURA DUM MENINO LUNÁTICO Mt 17.14-21

Ver nota sobre **#Mc 9.14-29**; **#Lc 9.37-42**. **Sofre muito** (15) -gr. **kakos echei**, "está muito doente". **Fé como um grão de mostarda** (20). Isto significa que a fé, uma vez implantada no coração, cresce normalmente como qualquer outro organismo. **Este monte** (20). Refere-se a qualquer obstáculo ou dificuldade que parece ser impossível na vida do cristão. Talvez seja uma alusão indireta ao desaparecimento da economia judaica e, mais tarde, do Império Romano pagão. Os melhores manuscritos omitem o vers. 21, que é uma interpolação de **#Mc 9.29**.

>Mt-17.22

XXIII. SEGUNDO AVISO DOS SOFRIMENTOS DE CRISTO Mt 17.22-23

Ver notas sobre #Mc 9.30-32. Cfr. #Lc 9.43-45. **Achando-se eles** (22). Neste período o Senhor viajou de um lugar para outro sem alarde, ao mesmo tempo preparando seus discípulos para a última viagem a Jerusalém, a qual começa em #Mt 19.1. Este segundo aviso do seu futuro sofrimento não é mais bem compreendido pelos discípulos do que o primeiro. As narrativas de Marcos e Lucas revelam que eles começaram a manifestar certa apreensão quanto ao futuro, mas não ousaram pedir explicações.

>Mt-17.24

XXIV. O TRIBUTO DO TEMPLO Mt 17.24-27

Didracmas (24). Gr. *ta didrachma*, "duas dracmas", que era a taxa de meio siclo que cada judeu maior de vinte anos deveria recolher para a manutenção do templo. Valeria cerca de vinte centavos americanos. **Os alheios** (26). Os povos subjugados sempre pagavam uma taxa mais pesada e pagavam primeiro. **Os filhos**, isto é, o povo do rei era **livre**. O Senhor Jesus Cristo era senhor e dono do templo e não lhe cabia pagar a taxa. Entretanto, sua recusa em pagá-la bem podia ser mal entendida e, nesta circunstância, o Senhor não quis ofender. De outro lado, quando um princípio fundamental estava em jogo, o Senhor não modificava sua mensagem para não ofender. Cfr. #Mt 15.10-14. **Um estáter** (27). Esta moeda de prata era a tetradracma-gr. *statera* -que equivalia ao siclo e era a quantia exata para o pagamento da taxa de duas pessoas.

Mt-18.1

XXV. QUARTO DISCURSO. ENSINAMENTOS SOBRE A HUMILDADE E O PERDÃO Mt 18.1-19.2

Este é o último grande discurso antes de Jesus viajar a Jerusalém. Marcos observa que foi dado em casa, referindo-se provavelmente à casa de Pedro (#Mc 9.33 -cfr. #Mt 17.25). O discurso foi proferido em consequência do ciúme que se manifestou entre os discípulos no caminho para Cafarnaum.

a) A humildade (Mt 18.1-20)

Ver também #Mc 9.33-37; #Lc 9.46-48. **Um menino** (2). Talvez um membro da família de Pedro. **Vos converterdes** (3) -gr. *straphete*, "virar". O termo

significa que a vida toda, e não somente a pessoa, torna-se para Deus, o que acontece numa genuína conversão. **Vos fizerdes como meninos** (3). A conversão não significa somente a fé, humildade e simplicidade de crianças, mas também o novo começo da vida por meio da regeneração. **Receber em meu nome** (5), isto é, pelo fato de a criança me pertencer.

>Mt-18.8

Os vers. 8-9 constituem um parêntese no tema geral e falam dos escândalos, lit. "ciladas". Repetem substancialmente os vers. 29-30. **Mão, pé e olho**, respectivamente, as ações, a conduta e os desejos. **O fogo eterno.... o fogo do Inferno** (8-9). A segunda morte. Ver 5.22 n.

>Mt-18.10

No vers. 10 o tema da humildade continua, onde se expressa a idéia de que a falta de humildade constitui uma ofensa. **Seus anjos sempre vêm a face de meu Pai** (1). Esta é mais uma razão para honrar e não desprezar as crianças. É uma alusão aos anjos de guarda que acompanham a toda criança, pelo menos de toda criança piedosa. Seu ministério é explicado em **#Hb 1.14**, que descreve os anjos na presença do Pai dos Céus, onde esperam suas ordens a respeito das crianças. Alguns consideram que se refere à representação exata da criança, já presente no mundo espiritual da realidade. O termo é empregado neste sentido em **#At 12.15**, onde o vocábulo moderno seria "é seu espírito". Entretanto, não há evidência de que os cristãos mencionados em **#At 12.15** acreditavam nesta idéia mais do que as pessoas modernas crêem seriamente em fantasmas.

>Mt-18.11

Os melhores manuscritos omitem o vers. 11. É lamentável perder do contexto este lindo verso tão bem conhecido, mas a omissão é justa. Se fosse parte do original, teria sido difícil omiti-lo. De outro lado, não é difícil compreender que este verso, tirado de **#Lc 19.10** foi intercalado para fazer uma conexão mais natural entre os vers. 10 e 12. Uma versão mais completa da parábola da ovelha perdida se encontra em **#Lc 15.3-7**. **Se perca** (14). Este verso não exclui a possibilidade da perdição, mas observa somente que Deus não a deseja.

>Mt-18.15

Teu irmão (15). É provável que esta palavra não se limita ao irmão na fé, mas tem um sentido mais amplo. **Repreende-o** (15). É preciso que reconheça o seu erro. A última parte do vers. 16 vem de **#Dt 19.15**, seguindo os LXX em geral. O Senhor incorpora este justo e razoável princípio da lei mosaica no Novo Testamento, onde serve para o benefício da Igreja Cristã. **Um gentio e publicano** (17). Tais pessoas não seriam aceitas na igreja. O pecador obstinado deve ser cortado da comunhão cristã, ao menos provisoriamente. Exemplos disso são dados em **#1Co 5.4-5** e **#1Tm 1.20**. Para o vers. 18, cfr. 16.19 n. Aqui a promessa é dirigida a todos os discípulos. O vers. 19 é uma das grandes promessas do evangelho com respeito à oração. É preciso notar a conexão do verso com todo o contexto. A promessa é dada propriamente aos discípulos reunidos, com Cristo no meio (20), com o fim de disciplinar um irmão no erro (17). Repete-se sua autoridade para exercer esta função (18) e a promessa é cumprida porque agem da parte do Pai, no nome do Filho. **Em meu nome** (20). Esta frase subentende o direito a sua autoridade.

>Mt-18.21

b) O perdão (Mt 18.21-19.2)

Pedro aproximando-se (21). O tema dos versos seguintes naturalmente segue o dos versos 14-17, visto que, para ganhar um irmão, é preciso perdoá-lo quando se arrepende. Este trecho é peculiar a Mateus. **Setenta vezes sete** (22). Esta frase significa inúmeras vezes ou, simplesmente, "sempre". A expressão é um grande contraste com o perdão limitado de Pedro. **Dez mil talentos** (24). Uma quantia muito elevada que corresponderia aproximadamente a cinco milhões de dólares americanos. **Para que Se lhe pagasse** (25). Naturalmente a venda do servo e de sua família não seria suficiente para pagar a enorme dívida. Este não é o ponto importante da parábola. **Cem dinheiros** (28). Refere-se aos dinheiros romanos, cujo valor total seria de aproximadamente oito dólares, num contraste notável com os dez mil talentos do vers. 24. **Atormentadores** (34) -gr. **basanistais**. Uma tradução desta palavra é "carrascos". Uma explicação da parábola é dada nas notas sobre **#Mt 6.14-15**. O verdadeiro perdão vem do coração que já foi purificado e regenerado. O perdão é um dos sinais duma fé verdadeira. Outro aspecto dessa verdade é dado em **#Ef 4.32**.

Mt-19.1

O vers. #Mt 19.1 indica o fim da seção XXV, deste Comentário. Ver nota sobre #Mt 7.28. Os vers. 1-2 descrevem sucintamente uma viagem da Galiléia à região da Judéia, além do Jordão, isto é, Peréia. Tal viagem levaria muito tempo, no qual se passaram os acontecimentos descritos em #Lc 9.15-18.34. Também pertencem a este período na Peréia os ensinamentos e incidentes de #Mt 19.3-20.34.

>Mt-19.3

XXVI. ENSINAMENTOS SOBRE O DIVÓRCIO, COMO RESPOSTA AOS FARISEUS Mt 19.3-12

Por qualquer motivo (3). O motivo da pergunta era que existiam dois ensinamentos entre os rabis judaicos sobre o divórcio. Um recusava o divórcio, a não ser por infidelidade ou imoralidade; o outro o permitia por qualquer pretexto trivial. **Aquele que os fez no princípio** (4). Referência a #Gn 1.27 dos LXX. **E disse** (5). Em Gênesis, a frase que segue não é atribuída a Deus, mas constitui parte da narrativa (ver #Gn 2.24). Porém o Senhor a atribui ao Criador. Este fato revela sua compreensão da inspiração das Escrituras. **Uma só carne** (6). Os dois se tornam um pelo ato sexual. Na sua explicação do assunto, o Senhor deixou Moisés de lado e se referiu à revelação primitiva no Éden.

>Mt-19.7

A segunda pergunta dos fariseus (7) alude a #Dt 24.1. Jesus respondeu que a lei mosaica se acomodava, em certas coisas, à natureza pecaminosa do homem. **Prostituição** (9). Ver nota sobre #Mt 5.32. **Comete adultério** (9). Melhor, faz dela uma adúltera. Esta tradução alternativa é comparável com o trecho paralelo em #Mt 5.32 (ver notas).

>Mt-19.10

Não convêm casar (10). O pensamento dos discípulos era este, que é mais prudente para o homem não se casar, uma vez que este ato o liga indissolúvelmente a sua mulher. É difícil seguir a conexão de pensamento entre os vers. 9-10 e os que precedem. **Esta palavra** (11). Talvez uma referência à indissolubilidade do casamento do vers. 9. Neste caso, suas observações sobre eunucos, no vers. 12, têm o propósito de mostrar a possibilidade de disciplina que o cristão pode exercer sobre si. Se ele pode

disciplinar-se a ponto de se abster do casamento, pode, também, disciplinar-se no sentido de guardar suas promessas de fidelidade conjugal. Esta palavra pode ser também uma referência ao comentário dos discípulos, no vers. 10. Neste caso, os vers. 11,12 querem dizer que há alguns que são capazes de se conformar com a idéia dos discípulos, não se casando. Se castraram (12). A má compreensão destas palavras, que foram tomadas literalmente nos tempos de ascetismo, acarretou tragédias, de quando em quando, no decurso da história cristã. As palavras referem-se a abstenção do casamento por causa do evangelho. O princípio em apreço é explicado em #1Co 7.25-38. Quem pode receber isto, receba-o (12). Parece que o Senhor se refere à observação dos discípulos, no vers. 10, e não à indissolubilidade do casamento. Este verso não glorifica a vida celibata, mas implica que somente os que são verdadeiros eunucos podem aceitar o pensamento dos discípulos. Aqueles que podem abandonar todo o desejo de casamento por causa do reino dos céus podem ser chamados a uma vida celibata. Caso não possa fazer isso, o homem deve casar-se normalmente.

>Mt-19.13

XXVII. A BÊNÇÃO SOBRE AS CRIANÇAS Mt 19.13-15

Ver notas sobre #Mc 10.13-16; #Lc 18.15-17. Meninos (13). Parece que não eram crianças, mas meninos de uma idade tal que podiam responder à chamada de Cristo. Dos tais (14). Pessoas com a disposição de crianças.

>Mt-19.16

XXVIII. RIQUEZAS E SALVAÇÃO Mt 19.16-20.16

Para os vers. 16-29. Cfr. notas sobre #Mc 10.17-31; #Lc 18.18-30. Bom Mestre (16). Muitos manuscritos omitem a palavra "bom". A tradução alternativa do vers. 17, conforme esta modificação, diz: "Por que me perguntas a respeito do que é bom?". A frase "não há bom senão um só" concorda com Marcos e Lucas. Não é que o Senhor negue sua divindade por estes termos, mas aponta ao seu interrogador as implicações contidas no adjetivo bom. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos (17). A força do argumento é que o mancebo supunha que os guardava. A frase não é uma declaração do Evangelho. As Escrituras sempre afirmam que ninguém é capaz de guardar os mandamentos. Para os vers. #Mt 18.19. Cfr. #Êx 20.12-16; #Dt 5.16-20; #Lv 19.18. A citação vem dos LXX. O mancebo errou supondo que

tinha guardado os mandamentos (20), especialmente o do amor ao próximo. Contudo ele percebeu que tinha necessidade. **Se queres ser perfeito** (21). Cfr. 5.48 n. **Vai vende tudo o que tens e dá-o aos pobres** (21). Tirado do contexto, este mandamento não é uma instrução geral que obriga a todo crente seguir uma vida de pobreza. O Senhor chamou o homem a este passo, posto que seria a prova mais certa de sua sinceridade. O mandamento concorda com o princípio bíblico que o cristão deve possuir somente o que é necessário para a vida diária e para o trabalho de Deus em que se ocupa. Há três interpretações do vers. 24. Primeira, o camelo e o fundo da agulha podem ser considerados literalmente. Segunda, a palavra camelo significaria "corda" e o fundo da agulha considerar-se-ia ainda literalmente. Terceira, a palavra camelo seria considerada literalmente, mas o fundo da agulha referir-se-ia a uma pequena porta ao lado da porta principal de Jerusalém, pela qual um camelo somente depois de descarregado podia passar e, mesmo assim, ajoelhado e empurrado. Esta última interpretação parece a mais razoável. Em todo caso, o sentido é compreensível e os discípulos logo o entenderam (25). **A Deus tudo é possível** (26). Uma alusão a **#Gn 18.14; #Jó 42.2; #Zc 8.6**. A salvação não é possível pelo esforço humano. É ato sobrenatural.

>Mt-19.27

Nós deixamos tudo (27). Aqui Pedro se compara ao mancebo rico que tinha recusado a renunciar seus haveres. **Que receberemos?** Refere-se à promessa do Senhor de "um tesouro no céu" (21). O Senhor responde bondosamente a pergunta, mas na parábola seguinte (**#Mt 20.1-16**) adverte-os do perigo de julgar o assunto por um padrão terreno. Ver notas sobre o vers. 30. **Na regeneração** (28) - gr. **palingenesia**. Esta frase tem relação com o mundo renovado do futuro, "o novo céu e a nova terra". **Vos assentareis para julgar** (28). Cfr. **#1Co 6.2-3. #Ap 3.21. Ou mulher** (29). Alguns manuscritos omitem estas palavras. **Cem vezes tanto** (29). Alguns textos trazem **pollaplasiona**, "muitas vezes".

>Mt-19.30

O argumento do vers. 30, que se repete em **#Mt 20.16**, é que a recompensa, no mundo vindouro, depende da graça de Deus e da fé em Cristo, e não da qualidade nem da quantidade do serviço feito. Esta parábola, que está só em Mateus, sublinha este fato.

Mt-20.2

Um dinheiro (2). Moeda romana que valia uns poucos cruzeiros. **Ociosos na praça** (3). Os que queriam empregar-se só iam reunir-se na praça. As horas mencionadas nos vers. 5-6 são meio-dia, três da tarde e cinco da tarde, respectivamente. **Recebereis o que for justo** (7). Alguns manuscritos omitem esta frase. **Começando pelos derradeiros** (8). Há uma conexão entre esta frase e **#Mt 19.30-20.16**. Este é o tema principal da parábola. O vers. 15 mostra que tudo depende da graça de Deus que tem direito de dar ou de negar como ele quiser. É preciso cuidar que esta bondade divina não produza em nós uma mágoa. O vers. 16 ensina que todos os crentes receberão igualmente a recompensa, sendo a vida eterna que a morte de Cristo lhes conseguiu. Esta atitude divina, quando julgada do ponto de vista material, como nos vers. 11-12, será considerada assim: os derradeiros serão os primeiros e os primeiros serão os derradeiros. **Muitos serão chamados mas poucos escolhidos** (16). Omitido em alguns manuscritos. Entretanto, cabe bem no texto e se refere às palavras do Senhor em **#Mt 19.23-26**, onde ele fala da dificuldade que muitos experimentam em crer e obedecer ao evangelho, pelo fato de se acharem preocupados com o que podem ganhar para si, quer no mundo presente, quer no mundo futuro.

>Mt-20.17

XXIX. TERCEIRO AVISO DOS SOFRIMENTOS DE CRISTO Mt 20.17-19

Ver notas sobre **#Mc 10.32-34**; **#Lc 18.31-34**. A viagem para Jerusalém continua agora depois da visita à Peréia (ver 19.1-2 n). Como os acontecimentos finais da vida do Senhor se aproximam. Ele procura mais uma vez instruir seus discípulos. E mais uma vez eles não podem compreender, como se vê no pedido dos filhos de Zebedeu, que segue. Contudo, o cumprimento desta profecia minuciosa fortalecerá sua fé na hora da realização. Cfr. a mensagem do anjo em **#Mt 28.6**.

>Mt-20.20

XXX. O PEDIDO DE TIAGO E JOÃO Mt 20.20-28

Ver notas sobre **#Mc 10.35-45**. **Filhos de Zebedeu** (20). **#Mt 4.21** revela que os dois filhos eram os apóstolos Tiago e João. **Dize** (21) -melhor, "manda". Tanto o pedido como a indignação dos outros discípulos (24) mostram que

todos os discípulos ainda esperavam o estabelecimento do reino terrestre, apesar da profecia tão clara da paixão e morte do Senhor, que Ele acabara de anunciar.

>Mt-20.22

Alguns manuscritos omitem a última parte da pergunta do Senhor, no vers. 22. É possível que fora adaptada do trecho paralelo, [#Mc 10.38](#). Esta nota aplica-se também ao vers. 23. Tanto o cálice como o batismo referem-se ao sofrimento e morte do Senhor. [Seja vosso serviçal](#) (26). Como no vers. 27, uma tradução melhor, "será vosso serviçal".

>Mt-20.28

[Para ser servido](#) (28). Não devemos rejeitar o serviço de outrem. Mesmo Cristo aceitou, mas Ele não ambicionou tal serviço e nós devemos seguir seu exemplo. [A sua vida](#) (28) -gr. [ten psychen autou](#), "sua alma". [Resgate](#) (28) -gr. [lytron](#). Esta frase importante fornece uma das poucas ocasiões em que a doutrina duma redenção vicária é mencionada nos Evangelhos sinóticos. A palavra significa o preço pago para libertar cativos. Naturalmente, nem Deus nem o diabo receberam um lucro material pela morte do Senhor, como alguns têm imaginado no passado. O preço consistia na necessidade de dar a sua vida. Dessarte sua vida se tornou o preço de nossa redenção.

>Mt-20.29

XXXI. A CURA DOS DOIS CEGOS Mt 20.29-34

Ver notas sobre [#Mc 10.46-52](#); [#Lc 18.35-43](#). [Dois cegos](#) (30). Marcos e Lucas mencionam apenas um. Ver nota sobre [#Mt 8.28](#).

Mt-21.1

XXXII. OS ACONTECIMENTOS DA ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO Mt 21.1-23.39

a) A entrada triunfal em Jerusalém (Mt 21.1-11)

Ver notas sobre [#Mc 11.1-10](#); [#Lc 19.29-39](#); [#Jo 12.12-15](#). **Betfagé** (1). Uma aldeia perto de Betânia, situada a uns dois quilômetros a leste de Jerusalém, do outro lado do cume do Monte das Oliveiras. **O Senhor os há de mister** (3). A narrativa dos últimos acontecimentos na vida do Senhor revela que havia em Jerusalém e circunvizinhanças pessoas que reconheciam Jesus como o Senhor. É possível que eles se tornaram discípulos durante o tempo do primeiro ministério em Jerusalém, que João descreve. A citação do vers. 5 é uma combinação de [#Is 62.11](#) e [#Zc 9.9](#) e adota em geral os LXX. **Hosana** (9). Palavra hebraica que quer dizer "salve Senhor". Encontra-se em [#2Sm 14.4](#) e [#Sl 118.25](#). Deste mesmo Salmo, vers. 26, é tirada a aclamação **bendito o que vem em nome do Senhor**. Há um contraste notável nos vers. 10 e 11, entre os homens da cidade, que ignoravam a identidade do Senhor, e a multidão que sabia responder à pergunta deles. É muito provável que dentro da multidão houvesse muitos galileus que tinham ido ali para assistir à festa e que já conheciam o Senhor, em consequência de suas pregações e ministério de curas no Norte.

>Mt-21.12

b) A purificação do templo (Mt 21.12-17)

Ver notas sobre [#Mc 11.15-19](#); [#Lc 19.45-47](#). **O templo** (12) -gr. *to hieron*. O termo indica toda a área em cima do monte Moriá que o templo, seus recintos e corte ocupavam. **De Deus** (12). Omitido em alguns textos. **Cambistas** (12). As taxas do templo só se pagavam com moedas sagradas e, por esta razão, era necessário cambiar dinheiro. A venda de pombas tinha por fim o sacrifício. Na sua censura (13), o Senhor cita os LXX de [#Is 56.7](#) e [#Jr 7.11](#). **Indignaram-se** (15). Não era somente a popularidade do Senhor que provocava sua ira, mas também o uso pelos meninos do título de Filho de Davi, que implicava em Jesus ser o Messias. Os sofismas de seus inimigos silenciaram perante os louvores dos meninos, cumprimento da profecia do Salmo que o Senhor citou ([#Sl 8.2](#)). **Betânia** (17). Uma aldeia no declive oriental do Monte das Oliveiras, a uns dois quilômetros a leste de Jerusalém. Ali morava Lázaro e suas irmãs.

>Mt-21.18

c) A figueira infrutífera (Mt 21.18-22)

Ver notas sobre [#Mc 11.12-14,20-26](#). [Senão folhas](#) (19). O fruto da figueira aparece em fevereiro, antes das folhas que só nascem em abril ou maio. Era natural, então, esperar que a árvore desse fruto. [Nunca mais nasça fruto de ti](#) (19). O contexto indica que a figueira infrutífera foi escolhida pelo Senhor para ilustrar as dificuldades e obstáculos no caminho do evangelho ou da vida espiritual.

>Mt-21.23

d) Disputa com os fariseus, no templo (Mt 21.23-22.14)

Ver notas sobre [#Mc 11.27-12.12](#); [#Lc 21.1-19](#).

1. O SENHOR SILENCIA SEUS INTERROGADORES ([#Mt 21.23-27](#)) - Aqui o Senhor raciocina que a pregação de João Batista foi feita sem a autoridade deles e que Ele podia ensinar do mesmo modo.

>Mt-21.28

2. A PARÁBOLA DOS DOIS FILHOS ([#Mt 21.28-32](#)) -Esta parábola está ligada aos vers. anteriores pela referência a João (32). Os sacerdotes e anciãos não tinham crido nEle (25), ao passo que o povo o considerava profeta (26). É notável que no vers. 32 o Senhor dá a resposta à pergunta que ele mesmo fizera. [Reino de Deus](#) (31). Ver notas sobre [#Mt 12.28](#). [No caminho da justiça](#) (32), quer dizer, João veio dirigi-los no caminho da justiça. [Nem vos arrependestes](#) (32). Os fariseus eram semelhantes ao filho que professou obediência sem praticá-la. Os publicanos se assemelham aos que primeiro desobedeceram e depois se arrependeram e foram aceitos por Deus.

>Mt-21.33

3. A PARÁBOLA DOS LAVRADORES MAUS ([#Mt 21.33-46](#)) -Ver nota sobre [#Mc 12.1-12](#). [Plantou uma vinha... edificou uma torre](#) (33). Estas palavras são adaptadas dos LXX de [#Is 5.1-2](#). Os lavradores representam os chefes religiosos dos judeus; os servos são os profetas do Velho Testamento. Deste modo, a parábola descreve a perseguição e a rejeição dos profetas pelos dirigentes civis e eclesiásticos da nação, que dentro em breve iam rejeitar o próprio Filho de Deus.

>Mt-21.42

No vers. 42 o Senhor cita exatamente os LXX do [#Sl 108](#). A pedra é Jesus Cristo. Esta história ilustra sua rejeição pelos judeus, pela qual Ele se tornou a pedra angular da Igreja Cristã, quando Deus o ressuscitou dentre os mortos. Devido à incredulidade e desobediência os judeus são rejeitados e seu privilégio é dado a uma nação (i.e a Igreja Cristã) que dê os seus [frutos](#) (43). Há uma explanação do trecho em apreço em [#1Pe 2.4-10](#).

>Mt-21.44

Uma interpretação do vers. 44 é a seguinte: A primeira frase refere-se aos que estão despedaçados, quando vieram a Cristo para serem reconstituídos novas criaturas nEle; a segunda frase refere-se àqueles que serão destruídos finalmente por Ele no dia do juízo.

Mt-22.1

4. A PARÁBOLA DAS BODAS ([#Mt 22.1-14](#)) -Cfr. [#Lc 14.16-24](#). Esta parábola ilustra a dispensação do evangelho, a graça de Deus, a rejeição da mesma pelos judeus e a chamada dos gentios. [Celebrou as bodas](#) (2). Era o costume oriental que as festividades eram celebradas no lado do noivo e não da noiva. Os pais do noivo responsabilizavam-se para as bodas. [As saídas dos caminhos](#) (9) -gr. [tas diexodous ton hodon](#), "encruzilhada". [Tanto maus como bons](#) (10). Encontram-se ambos dentro da igreja visível. [Vestido de núpcias](#) (11). Este vestido, que era apropriado para as bodas, foi providenciado pelo dono da festa para cada convidado. [Levai-o](#) (13). Os melhores manuscritos omitem. [Haverá pranto e ranger de dentes](#) (13). Ver 8.12 n. O contexto dá a entender que o vers. 14 ensina que há muitos ouvintes do evangelho e membros da igreja visível e apenas poucos corações estão em comunhão com Deus.

>Mt-22.15

e) A questão do tributo a César (Mt 22.15-22)

Ver notas sobre [#Mc 7.13-17](#); [#Lc 20.20-26](#). [Os herodianos](#) (16). Membros do partido que favorecia à dinastia de Herodes e apoiava a autoridade romana. Seu interesse na religião era mínimo e geralmente eles se opunham amargamente aos fariseus. O recado deles, citado no vers. 16, era insincero, cheio de palavras hipócritas e lisonjeiras. A finalidade da pergunta no vers. 17

era embarçar o Senhor. Se ele respondesse afirmativamente, seria denunciado perante o povo como traidor. Respondendo negativamente, podia ser denunciado às autoridades romanas. **César** (17). Título do imperador romano e chefe de estado. César era o sobrenome de Júlio César, o primeiro que aspirou à autocracia, adotada por seu filho adotivo, que foi depois o Imperador Augusto. Logo chegou a ser considerado título. **Dinheiro** (19). Ver 20.2 n. **Dai pois a César...** (21). O Senhor ensina que devemos dar aos magistrados civis tudo o que lhes é devido, contanto que não interfiram no que pertence a Deus.

>Mt-22.23

f) Os saduceus e a ressurreição (Mt 22.23-33)

Ver notas sobre **#Mc 12.18-27**; **#Lc 20.27-40**. **Os saduceus** (23). Ver nota **#Mt 3.7**. **Moisés disse** (34). Ver **#Dt 25.5-6**. Esta ordenança se chama a Lei do Levirato. Um caso primitivo ocorre em **#Gn 38.8**. Os LXX desse verso são a base da citação em apreço. **Conhecendo** (29), isto é, entendendo o sentido. **O poder de Deus** (29). A ressurreição é a evidência máxima desse poder. Cfr. **#Rm 1.4** e **#Ef 1.19-20**. **Nem são dados em casamento** (30) -gr. **oute gamizontai**, quando o sujeito do verbo é a mulher, como pode ser o caso aqui, o sentido é "dar-se em casamento". O sentido literal do verso é que nem os homens nem as mulheres se casam. **Os anjos de Deus** (30). Melhor, "os anjos" simplesmente. O argumento é que os anjos não reproduzem suas espécies. A resposta do Senhor não é uma inferência que as famílias não estarão unidas no mundo vindouro.

>Mt-22.34

g) Controvérsia com os fariseus continuada (Mt 22.34-46)

Ver notas sobre **#Mc 12.28-37**. **Para o experimentar** (35). A resposta do Senhor à pergunta do vers. 37 é adaptada de **#Dt 6.5**, onde se encontra o mandamento original. Aqui a citação vem em parte dos LXX e em parte do hebraico. Obediência a Deus é a primeira obrigação do homem. **Primeiro e grande** (38). Melhor, grande e primeiro. **Semelhante a este** (39). A semelhança consiste na necessidade de evidenciar o amor, com sua devoção absoluta ao bem-estar de outrem. A citação é tirada de **#Lv 19.18**. Para o vers. 40, cfr. **#Rm 13.10**.

>Mt-22.43

Em espírito (43). Talvez uma referência a uma inspiração do Espírito Santo. A citação no vers. 44 vem dos LXX do **#Sl 110.1**. A força da citação repousa na expressão "Meu Senhor". O trecho profetizou a presença atual de Cristo sentado à destra do Pai. A resposta à pergunta do Senhor significa que Cristo é tanto Deus como Homem, implicando assim sua divindade.

Mt-23.1

h) A denúncia dos fariseus (Mt 23.1-39)

Cfr. **#Mc 12.38-40**; **#Lc 20.45-47**. **Na cadeira de Moisés** (2). Sinônimo da autoridade de Moisés. **Observai pois... o que vos disserem** (3). Em consideração das censuras que se seguem, é patente que o Senhor se refere às coisas lícitas. Muito depende do sentido em que ocupam a cadeira de Moisés. Não se pode incluir, por exemplo, a tradição dos anciãos, condenada em **#Mt 15.1-20**. Como o texto revela, o pecado dos fariseus consistia mais em suas práticas más do que nos seus ensinamentos, visto que eles mesmos não praticavam o que pregavam. **Alargam as franjas dos seus vestidos** (5). A franja era um amuleto que consistia numa fita de pergaminho em que foram inscritos certos trechos do Pentateuco. A franja era enrolada e colocada dentro de um pequeno cilindro de metal, levado num estojo quadrado, de couro. Os judeus prendiam esses estojos à testa e no dorso da mão direita, com correias, como interpretação literalíssima de **#Dt 6.8-9**. Normalmente eram usados somente durante a oração, mas parece que os fariseus os usavam sempre com muita ostentação. **Alargam as franjas** (5). Usavam tais franjas em obediência a **#Nm 15.38-39**.

>Mt-23.7

Rabi (7-8) -gr. **Rabbei**, que significa literalmente do hebraico "meu professor". **Mestre** (8), isto é, professor. **O Cristo**, omitido nos melhores textos, provavelmente uma glosa.

>Mt-23.9

A ninguém chameis vosso Pai (9), isto é, no sentido espiritual. Este mandamento condena o uso da palavra **Padre**, com referência ao Clero ou Capelão. **Mestres** (10) -gr. **kathegetai**, lit. guias ou dirigentes-professores.

Servo (11) -gr. **diakonos**, ministro ou servidor. Os vers. 10,12 são muito típicos dos ensinamentos de Nosso Senhor. Cfr. **#Lc 14.11**; **#Lc 18.14**.

>Mt-23.13

Fechais aos homens o reino dos céus (13). Dificultavam o progresso do pecador em busca do arrependimento e conversão. **Devorais as casas das viúvas** (14). Extorquiam dinheiro dos indefesos, de forma que estes contraíam dívidas embaraçosas, enquanto eles mesmos exibiam sua religião. **Mais rigoroso juízo** (14). Frase omitida nos melhores textos. **Prosélito** (15). Os judeus reconheciam duas classes de prosélitos: os que aceitavam os chamados sete preceitos de Noé e os que se submetiam à circuncisão, tornando-se, pela religião, autênticos judeus.

>Mt-23.16

Os vers. 16,22 ilustram bem os sofismas dos fariseus quanto aos juramentos. **Templo** (16) -gr. **naos**, "santuário". O Senhor ensina que todos os juramentos são de igual valor e que ninguém pode fugir das consequências perante Deus, sob os pretextos citados neste versículo.

>Mt-23.23

Dizimais (23). Pela lei mosaica, a décima parte de toda a produção devia ser dada para uso dos sacerdotes e levitas. Ver **#Lv 27.30**. Diversas qualidades da hortelã crescem na Palestina **Endro**, gr. **anethon**, planta da Palestina que nasce sem cultivo, cuja fruta é usada na medicina. A semente do **cominho** tinha valor como especiaria. Os fariseus observavam minuciosamente a lei a respeito dessas coisinhas e se esqueciam por completo dos preceitos mais importantes.

>Mt-23.24

Coais um mosquito (24). Os judeus coavam vinho antes de o tomar, a fim de evitar qualquer contato com coisas imundas. O interior está cheio de rapina e de iniquidade. Os fariseus viviam do que extorquiam de outrem.

>Mt-23.27

Sepulcros caiados (27). Desde que qualquer contato com um cadáver produzia imundície na pessoa, conforme a lei de Moisés, era costume cair os sepulcros para serem bem visíveis e assim evitar qualquer contato com os mesmos.

>Mt-23.33

Condenação do Inferno (33). Seriam considerados dignos do Geena. Ver 5.22 n.

Para que sobre vós caia (35). A geração à qual estas palavras foram dirigidas representa o auge na história pecaminosa da nação, começando com o assassinio de Abel, por seu irmão Caim (ver #Gn 4 e #Hb 11.4) e continuando até a morte de Zacarias, filho de Baraquias. Em #2Cr 24.20-21 lemos a narrativa do homicídio de Zacarias, filho de Jeoiada, "no pátio da casa do Senhor". Sabemos que os livros de Crônicas encerram o Cânon Hebraico do Velho Testamento. Então, se este é o incidente ao qual o Senhor alude, a menção de Abel e Zacarias pode ser considerada como uma referência a todo o Velho Testamento. É problema que o Zacarias que foi morto em #2Cr 24, não era filho de Baraquias. O Zacarias em apreço era o profeta (#Zc 1.1). Este viveu depois do cativo, na época que encerra a história do Velho Testamento. Contudo, não há tradição nem evidência de que fosse assassinado. Outra possibilidade é que este Zacarias é idêntico ao Zacarias, filho de Jeberequias, mencionado em #Is 8.2. Deste último não há outros dados. Este trecho de Mateus é também incluído no Evangelho de Lucas (#Lc 11.49-51).

>Mt-23.38

Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta (38). Referência a #1Rs 9.7-8; #Jr 12.7; #Jr 22.5. Aqui o Senhor prediz a destruição do templo. O ministério do Senhor aos judeus termina com o vers. 39, que prenuncia sua morte, ressurreição e ascensão à presença do Pai. Dali em diante Ele seria conhecido somente pelo novo nascimento. **Bendito o que vem...** (39). Estas palavras são tiradas dos LXX do #Sl 118.26.

Mt-24.1

XXXIII. QUINTO DISCURSO. OS ÚLTIMOS TEMPOS Mt 24.1-25.46

Para #Mt 24.1-51 ver notas sobre #Mc 13.1-37 e #Lc 21.5-38.

a) A aproximação do fim (Mt 24.1-14)

Templo (1) -gr. **hierou**, significa "recintos do templo". A profecia do vers. 2 foi cumprida no tempo do Imperador Juliano, que, num esforço vão de reconstruir o templo, mandou tirar até aquelas pedras que foram deixadas no tempo da destruição de Tito. **Tua vinda** (3) -gr. **parousias**, palavra que expressa uma visita real. As perguntas dos discípulos revelam que eles associavam a destruição de Jerusalém com o clímax do fim do mundo, e que eram convencidos de que Jesus era o Messias cuja manifestação futura, em glória, no fim do mundo, ia inaugurar o eterno estado messiânico. Em parte, suas convicções eram corretas, quanto à primeira convicção, só parcialmente. A destruição de Jerusalém era o sinal de que a velha ordem já era obsoleta e que a nova havia começado. Os discípulos ainda ignoravam a crucificação e ressurreição, as profecias a respeito das quais eles não tinham crido. Compreenderam que a nova era seria inaugurada pela ressurreição do Senhor, que marcava a transição. **Muitos virão** (5). Durante os quarenta anos entre a ressurreição do Senhor e a destruição de Jerusalém, apareceram diversos falsos cristos que conseguiram muitos adeptos. **É mister que tudo isso aconteça** (6). Frase tirada dos LXX de #Dn 2.28; cfr. #Ap 1.1; #Ap 4.1. Os melhores manuscritos omitem a palavra "tudo". **Se levantar reino contra reino** (7). Alusão a #Is 19.2; #2Cr 15.6. O texto segue mais o hebraico do que os LXX. É instrutivo consultar o contexto de ambos os trechos do Velho Testamento, para compreender melhor seu sentido. **Fomes e pestes** (7). Gr. **limoi kai loimoi**. A semelhança entre estas duas palavras gregas causaria omissão da segunda palavra em alguns textos. **Dores** (8). Dores de parto que caracterizarão o início da época messiânica. **Surgirão muitos falsos profetas** (11). Ver notas sobre #Mt 7.15-16. O vers. 12 indica que a influência do mundo ser forte demais para muitos cristãos professos. É notável que a perseverança é um requisito que acompanha a verdadeira conversão (13). **Mundo** (14) -gr. **oikoumene(i)**, o mundo habitado ou civilizado.

>Mt-24.15

b) A grande tribulação (Mt 24.15-28)

A abominação da desolação... no lugar santo (15). Esta frase misteriosa constitui parte do vocabulário técnico apocalíptico. A frase tem sua origem em #Dn 9.27; #Dn 12.11. No trecho paralelo em #Lc 21.20, a explicação é dada

como o cerco de Jerusalém por exércitos vitoriosos e da subsequente destruição da cidade e do Santuário. **O profeta Daniel** (15). O Senhor confirma a autoria do livro de Daniel, o profeta. **Seus vestidos** (18) -gr. **himation**, "manto". **Nem no sábado** (20). Refere-se à tradição legal dos judeus, que proibia viagem que excedesse uma curta distância.

>Mt-24.21

O vers. 21 é adaptado de **#Jl 2.2** e **#Dn 12.1**. Os horrores do cerco de Jerusalém cumpriram amplamente a predição. Cerca de um milhão de judeus foram mortos, a maioria sendo crucificada e uns dois milhões vendidos como escravos miseravelmente.

>Mt-24.22

Escolhidos (22). Ver **#Mt 22.14**. **Farão tão grandes sinais e prodígios** (24). Referência a **#Dt 13.1-4**. A explicação dada em Deuteronômio quanto à função de falsos profetas revela muito do ensino profundo contido nas palavras do Senhor. **No interior da casa** (26) -gr. **tameiois**, lit. "armazéns". O verso é uma advertência para aqueles que correm atrás de qualquer falso profeta que pretenda ser o Cristo, nas regiões rurais. Também adverte do perigo de crer nos rumores falsos de que Cristo vive clandestinamente na cidade. Quando o Filho do homem vier, será manifesto abertamente a todos (27). A força do vers. 28 é que as aves de rapina logo aparecem quando há um cadáver na rua, sendo guiadas pelo instinto ou por um olfato sensível, sem outra advertência. Do mesmo modo, todos os verdadeiros crentes perceberão a vinda do Senhor, ainda que tenha a rapidez de um relâmpago (27) e serão arrebatados à sua presença.

>Mt-24.29

c) A vinda do Filho do homem (Mt 24.29-31)

Logo depois da aflição daqueles dias (29). A tribulação não terminou com a destruição de Jerusalém. O comentarista pensa que inclui a subsequente era cristã. Talvez terá uma intensificação da tribulação no fim da era. As expressões utilizadas no vers. 29 são mais uma vez exemplos da linguagem técnica das profecias. São tiradas de **#Is 13.10**; **#Is 34.4**, com algumas variações dos LXX. O primeiro trecho refere-se à destruição do Império Babilônico e o outro ao Juízo Final, no fim do mundo. **O sinal do Filho do**

homem (30). Quer dizer que o Filho do homem é o sinal. **Todas as tribos da terra se lamentarão** (30). Alusão a **#Zc 12.10-14**. Agora, os homens lamentam em arrependimento; no dia do juízo será o pranto de desespero. **O Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu** (30). Alusão a **#Dn 7.13**, que parece ser também uma profecia da ascensão. As palavras referem-se, sem dúvida, à volta de Cristo, em glória. No verso 31, notem as alusões a **#Is 27.13**; **#Dt 30.4**; **#Zc 2.6**. O Senhor comenta o acontecimento que se chama o arrebatamento dos santos. O apóstolo Paulo amplia suas palavras em **#1Ts 4.15-17**. Notem em dois trechos a presença do Senhor em pessoa, a dos anjos ou do arcanjo, a trombeta, o arrebatamento dos santos e as nuvens.

>Mt-24.32

d) Exortação à vigilância (Mt 24.32-51)

Esta parábola (32). A força da parábola é que os acontecimentos descritos pelo Senhor, nos vers. 5-28 constituem sinais da certeza e iminência da vinda do Senhor. Parece que não há base bíblica neste contexto, para comparar a figueira com os judeus, nem para formular outras interpretações fantásticas. O vers. 34 oferece dificuldades e tem diversas explicações, como a seguinte: **Esta geração** -seria uma referência aos que vêem sinais do fim; outros pensam que a geração é a raça dos judeus; outros ainda consideram que a palavra tem o mesmo sentido como em **#Fp 2.15**, onde se refere aos descrentes em geral. **Estas coisas** (34). Refere-se ao cerco de Jerusalém e contrasta com "aquele dia e hora" (36), que fala do fim do mundo. Cfr. **#Lc 21.32** n. O vers. 35 revela o contraste entre a natureza temporal do universo criado e o caráter eterno da verdade espiritual.

>Mt-24.36

Mas unicamente meu Pai (36). Os melhores manuscritos conservam as palavras que antecedem, "nem o filho". Ver trecho paralelo em **#Mc 13.32**. É difícil compreender esta oração do Senhor quanto à limitação dos seus conhecimentos. Não podemos concluir disso que seu conhecimento era limitado por causa da encarnação. **#At 1.7** revela que tais assuntos constituem ainda a prerrogativa do Pai. **Os dias de Noé** (37). Ver a destruição em **#Gn 7.7**. **Será levado um e deixado o outro** (40). Não é claro se um é levado à glória e o outro deixado para o juízo, ou se um é levado à destruição e o outro deixado vivo. O fato importante é que haverá no fim a separação das duas classes que irão para seus destinos diferentes. Ver **#Mt 13.49**.

>Mt-24.43

A pequena parábola do vers. 43 serve como advertência para aqueles que querem interpretar as alusões das parábolas muito literalmente. A vinda do Filho do homem é comparada às circunstâncias de como vem um ladrão à noite. É patente que a história serve somente para ilustrar a necessidade de vigiar. O trecho dos vers. 42-51 é comparável a [#Lc 12.36-48](#) e também a passagem paralela em [#Mc 13. Pranto e ranger de dentes](#) (51). Ver 8.12 n.

Mt-25.1

e) A parábola das dez virgens (Mt 25.1-13)

A parábola mostra a diferença entre os verdadeiros cristãos e os nominais e reforça a chamada à vigilância, antes da vinda do Senhor. [Saíram ao encontro do esposo](#) (1). Ao anoitecer, no dia do casamento, o noivo levava a noiva para casa, acompanhado dos amigos de ambos. Em caminho, outros os encontravam levando lâmpadas para homenagear os nubentes. [As bodas](#) (10). Às vezes as festividades continuavam até sete dias. [Em que o Filho do homem há de vir](#) (13). Os melhores manuscritos omitem esta frase, que é provavelmente uma glosa.

>Mt-25.14

f) A parábola dos dez talentos (Mt 25.14-30)

Ver notas sobre [#Lc 19.11-28](#). Esta parábola ilustra bem o estado da igreja antes da vinda de Cristo e naquela mesma hora. [Talentos](#) (15). Seu valor era de aproximadamente 750 dólares. [Capacidade](#) (15) -gr. *dynamis*, "poder". [Logo](#) (15). Esta palavra deve ser a primeira palavra do vers. 16. [Duro](#) (24). Severo ou sem misericórdia. [Ceifas onde não semeaste](#) (24). O escravo julgou mal o caráter de seu patrão e por isso não podia conhecê-lo bem. [Atemorizado](#) (25). O escravo calculava que seu mestre o trataria injustamente, fizesse o que fizesse. O vers. 26 não constitui uma aceitação da parte do patrão de que o julgamento do escravo em relação a seu caráter fosse exato. Diz apenas: "se pensaste assim, deverias ter feito assim...". Para o vers. 29, cfr. 13.12 n.

>Mt-25.31

g) O juízo final (Mt 25.31-46)

O vers. 31 alude a [#Zc 14.5](#) sendo a maior parte tirada dos LXX. Os melhores manuscritos omitem a palavra "santo". Talvez fosse intercalada para concordar mais exatamente a citação com o original. Os LXX de [#Zc 14.5](#) dizem [pantes hoi hagioi](#), "todos os santos". O evangelista glosa [hagioi](#) por [angeloi](#), "anjos". [Todas as nações](#) (32). Todos os gentios. A mesma expressão ocorre em [#Mt 24.9](#) e [#Mt 28.19](#). Duas dificuldades surgem com respeito a este julgamento das nações. Primeiro, temos que perguntar se "todas as nações" quer referir-se aos que são de fora e, caso sim, aos que não são judeus ou aqueles que não são cristãos. Se forem aqueles, a interpretação é difícil, visto que a distinção entre judeus e gentios tem sido removida pelo evangelho. Em consideração do fato que os justos aparecem no juízo, é difícil concluir que os cristãos são excluídos. É provável então que o termo seja sinônimo de mundo inteiro, tendo este sentido em [#Mt 24.9](#) e [#Mt 28.19](#). Em segundo lugar, temos que perguntar se este juízo é o mesmo como aquele descrito em [#Ap 20.11-15](#). Os vers. de [#Ap 20.12-13](#) declaram claramente que este juízo é dos mortos. Mas no trecho em apreço nem se fala de vivos e mortos, como tais. Parece que não há solução certa ao problema, sendo natural supor que o juízo descrito neste trecho inclui os vivos e os mortos. É provável que os dois trechos descrevem os mesmos acontecimentos e que a menção dos mortos em [#Ap 20](#) seria parte do contexto ao qual dá ênfase.

Sobre o problema da base do juízo em apreço, em que as obras podem ser consideradas por alguns como fator decisivo no destino eterno, é preciso notar primeiro que as obras são evidências da natureza e da atitude e não são, em si mesmas, meritórias. Em segundo lugar, vemos em [#Ap 20.12-13](#) que as obras constituem evidência do destino eterno. Em terceiro lugar, toda atmosfera do espetáculo apresentado neste trecho concorda inteiramente com a do Evangelho de Mateus em sua totalidade, de vez que enfatiza constantemente a realidade da religião. Esta realidade manifesta-se na vida pela autocrucificação, em contraste com a justiça própria dos fariseus. A ênfase joanina é um pouco diferente da de Mateus, sem porém contradizê-la. [Possuí por herança](#) (34). É significativo que o direito à herança é devido ao fato de ser membro da família e não um direito que depende de ações. [Preparado desde a fundação do mundo](#) (34). Preparado muito antes de as ações serem feitas. O ponto de suprema importância nos vers. 35 e 36 é a relação com Cristo. [Meus irmãos](#) (40). Os irmãos de Cristo são os crentes, membros da verdadeira Igreja (ver [#Hb 2.10-12](#)). Não podemos concluir que os cristãos não assistirão a este juízo, do mesmo modo, não concluímos que as virgens

prudentes (vers. 2), por não serem idênticas à noiva, não representam os verdadeiros cristãos. **Fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos** (41). Não foi preparado para os homens, que sempre tiveram oportunidade de serem salvos do perigo. Ver nota sobre **#Mt 18.8**. Nos vers. 42-45 a falha daqueles que foram condenados consistiu inteiramente na sua negligência. Falharam devido ao fato de não haver amor em suas vidas. O vers. 46 alude aos LXX de **#Dn 12.2**, que se refere à ressurreição dos mortos. Isto dá a entender que os mortos, tanto como os vivos, presenciarão o juízo final.

Estes capítulos contêm a descrição dos acontecimentos seguintes: a trama dos sacerdotes, a unção do Senhor em Betânia, a traição, a instituição da Ceia do Senhor, o julgamento perante os sacerdotes, a negação de Pedro, o julgamento perante Pilatos e, finalmente, a crucificação e ressurreição.

Mt-26.1

XXXIV. A PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO **Mt 26.1-28.20**

a) A consulta dos sacerdotes (Mt 26.1-5)

Ver notas sobre **#Mc 14.1-2**; **#Lc 22.1-2**. O primeiro verso indica o fim do quinto discurso do Senhor. Ver nota sobre **#Mt 7.28**. **A páscoa** (2). Esta grande festa inaugurava o ano religioso dos judeus e comemorava a libertação nacional do jugo egípcio (ver **#Êx 12**). Milhares de peregrinos se ajuntavam em Jerusalém naquela data. A morte do Senhor era o cumprimento daquilo que a festa anual representava. **Sala** (3). O pátio do palácio. **Caifás** (3). Era saduceu e havia sido eleito sumo sacerdote no ano anterior ao ministério do Senhor.

>Mt-26.6

b) A unção e a traição (Mt 26.6-16)

Cfr. **#Mt 6.13** com **#Mc 14.3-9** n. e **#Jo 12.1-8**. **Simão, o leproso** (6). É mencionado somente aqui e no trecho paralelo de **#Mc 14.3**. Comparando **#Jo 12.1-8**, parece provável que este era o pai de Lázaro, Marta e Maria. **Preparando-me para o meu sepultamento** (12). A significação da ação era que seu sepultamento se achava próximo e deste modo simbolizou profeticamente

sua sepultura. **Este evangelho** (13). As boas novas da morte e ressurreição do Senhor.

>Mt-26.14

Para os vers. 14-16 cfr. notas sobre **#Mc 14.10-11**; **#Lc 22.3-6**. **Judas Iscariotes** (14). Ver notas em **#Mc 3.19**. **Eles lhe pesaram 30 moedas de prata** (15). A maior parte destas palavras são tiradas dos LXX de **#Zc 11.12**.

>Mt-26.17

c) A última ceia (Mt 26.17-35)

Ver notas sobre **#Mc 14.12-31**; **#Lc 22.7-38**; cfr. **#Jo 13.1-38**. **No primeiro dia da festa dos pães asmos** (17). A páscoa durava oito dias ao todo. O dia em apreço é quinta-feira, 13 de Nisã, quando começavam as disposições para remover a massa levedada das casas. Assim chegou a ser chamado popularmente "o primeiro dia dos pães asmos". **Comeres a páscoa** (17). As famílias dos judeus celebravam a páscoa com uma refeição ritual, na noite do dia 14 do mês de Nisã, que corresponde aproximadamente a abril. Parece que os discípulos supunham que o Senhor ia observá-lo assim. Entretanto, parece que celebraram a última ceia na noite do dia 13, isto é, no dia 14 conforme o calendário judaico que conta o dia desde o pôr do sol (cfr. **Introdução** ao comentário de João e também a nota preliminar sobre **#Jo 13.1-38**, a respeito da cronologia joanina). **O que mete comigo a mão no prato** (23). Todos os que comiam juntos faziam isto. A força das palavras do Senhor é que o traidor estava presente à mesa naquele momento. **Tu o disseste**, que significa, "sim, o que disseste é verdade".

>Mt-26.26

Jesus tomou o pão (26). O cabeça da família judaica tinha o costume de fazer isto durante a páscoa. Jesus deu à ação uma significação nova. Isto é o meu corpo (26). Se o Senhor tivesse desejado indicar por estas palavras que o pão se transformaria em seu corpo, Ele teria dito "isto se tornou em meu corpo". Durante a festa da páscoa o pai de família tomava o pão na mão e dizia: "isto é o pão de aflição que nossos pais comiam na terra do Egito", significando que uma coisa representava a outra. As palavras do Senhor mudaram completamente a significação de ênfase da festa. Em vez de recordar a redenção típica do Egito, agora a festa expressa a fé na redenção do pecado,

consumada pela sua morte. #Gl 4.25 fornece um exemplo luminoso deste uso do vocábulo "é" estin, no sentido de "representa". Ver também o vers. 28. O cálice (27). Durante a celebração da páscoa pelos judeus, o pai de família fazia circular três cálices, dos quais o terceiro era chamado o cálice da bênção. É provável que este verso se refira ao terceiro. Meu sangue do Novo Testamento (28). A frase é tirada dos LXX de #Êx 24.8, com alusões a #Jr 31.31 e #Zc 9.11. O concerto de #Êx 24.8 foi selado com sangue. Alguns textos omitem a palavra "Novo", mas, sem dúvida, a frase é o cumprimento da predição de #Jr 31.31.

A palavra **Testamento**, gr. **Diathekes**, não significa um concerto que implica um acordo entre dois iguais, mas um dote de um rico em benefício de outrem, como a forma mais comum de doar um dote, era, e ainda é, por testamento. Esta palavra tornou à ter este sentido quase exclusivamente. **Derramado por muitos para a remissão dos pecados** (28). Eis uma declaração clara que a morte de Jesus era necessária para que Deus pudesse perdoar pecados.

Aquela morte proporcionou a Deus a base moral pela qual poderia justificar o homem. **Aquele dia** (29). O dia em que ele voltar em glória.

>Mt-26.31

A citação do vers. 31 é tirada dos LXX de #Zc 13.7, a primeira palavra gr. **pataxon**, "firo", é mudada para gr. **pataxo**, "ferirei". **Irei adiante de vós** (32). Ele ia guiá-los, na maneira de um pastor de ovelhas oriental, que anda na frente. Isto não significa que o Senhor iria primeiro à Galiléia para os discípulos irem ali ao seu encontro, mas que ele lhes apareceria em Jerusalém, de onde os guiaria à Galiléia. **Ainda que me seja mister** (35). Melhor, "ainda que eu deva morrer".

>Mt-26.36

d) A agonia em Getsêmani e a prisão de Jesus (Mt 26.36-56)

Ver notas sobre #Mc 14.32-52; #Lc 22.39-53; #Jo 18.1-12. **Um lugar chamado Getsêmani** (36). Era uma propriedade particular situada do outro lado do ribeiro de Cedrom, à base do Monte das Oliveiras. **A minha alma está cheia de tristeza** (38). Citação dos LXX do #Sl 43.5. **Velai** (38). Eles deviam ficar acordados para enfrentar qualquer eventualidade. **Este cálice** (39). Referência a sua morte e paixão. Cfr. #Mt 20.22. Parece que o vers. 41 expressa o que o

Senhor mesmo estava sentindo naquele momento. A palavra **tentação** tem um sentido mais amplo no Novo Testamento do que em português e abrange toda qualidade de prova de fé e obediência. O Senhor foi tentado a retirar-se da plena vontade de Deus, em face do preço tremendo que haveria de pagar para cumpri-la. Era sua natureza humana, sua carne, que era imaculada, que repelia a cruz. Seu espírito estava pronto e desejoso. Este conflito ocorre, em certa forma, em cada discípulo. **Dormi agora e repousai** (45). É difícil resolver o problema destas palavras. Se era um conselho literal para que tomassem o repouso de que necessitavam, neste caso houve um intervalo considerável entre esta hora e a do verso que se segue. Alguns comentaristas dão a estas palavras um sentido irônico. Em ambos os casos estas palavras dão uma idéia de consumação do conflito no Getsêmani, do qual Ele saiu vitorioso. **Partamos** (46). Não para fugir, mas para encontrar-se com os oficiais.

>Mt-26.50

>Mt-26.57

e) O julgamento perante Caifás e a negação de Pedro (Mt 26.57-75)

Ver notas sobre **#Mc 14.53-72; #Lc 22.54-65; #Jo 18.13-27. Pátio** (58). Os principais edifícios eram construídos ao redor desse pátio. **Criados** (58). Melhor, oficiais. No depoimento das testemunhas falsas (61) estas se basearam nas palavras do Senhor citadas em **#Jo 2.19-21. Conjuuro-te pelo Deus vivo** (63). Esta declaração obrigava a um homem a responder, sob juramento, e requeria resposta. O sumo sacerdote procurava uma confissão que seria a base de acusação de blasfêmia. **Tu o disseste** (64). Isto indica afirmação. **Em breve** (64). Jesus assentou-se à destra de Deus desde a sua ascensão ou, talvez, desde a ressurreição. Notem a alusão ao **#Sl 110.1** e **#Dn 7.13**, na resposta do Senhor. A segunda parte da frase referir-se-ia tanto à ascensão como à segunda vinda de Cristo. Os chefes religiosos entre os judeus seriam testemunhas das virtudes de Cristo após sua ressurreição e assistiriam também à sua segunda vinda. A pergunta do vers. 68 e o pedido irônico quanto ao nome e identidade das pessoas que ele não podia ver, era-lhe exigido para que demonstrasse seu poder sobrenatural.

>Mt-26.69

Pedro estava assentado fora (69). Dos outros evangelistas sabemos que ele se aquentava junto a uma fogueira, no pátio. **Não sei o que dizes** (70). Quer dizer, "não tenho a mínima idéia do que queres dizer". **A tua fala te denuncia** (73). Os galileus falavam um dialeto nortista.

Mt-27.1

f) O julgamento perante Pilatos (Mt 27.1-26)

Cfr. notas sobre **#Mc 15.1-15**; **#Lc 23.1-25**; **#Jo 18.28-19.16**. **O presidente Pôncio Pilatos** (2). Este era procurador romano da Judéia, de 26 a 37 A.D., cujo cargo dependia do prefeito da Síria e tinha sua residência em Cesaréia, mas esteve em Jerusalém para a festa, a fim de controlar qualquer revolta ou distúrbio.

>Mt-27.4

O sangue inocente (4). O artigo deve ser omitido. **Foi-se enforcar** (5). **#At 1.18** diz que ele precipitou-se e supomos que isso aconteceu quando quis enforcar-se. **Compraram** (7). Em tal caso a aquisição era feita no nome do homem de onde provinha o dinheiro. A lei considerava a coisa adquirida pelo falecido

>Mt-27.9

A menção de Jeremias neste trecho (vers. 9) tem dado muita dificuldade, dada a suposição de que a citação vem de Zacarias. Diversas teorias engenhosas existem para solucionar o problema. De fato, há uma alusão a **#Zc 11.12-13**, mas as palavras não concordam pormenorizadamente nem com o hebraico nem com os LXX. O acréscimo mais importante é a palavra "campo", sobre a qual depende o cumprimento da profecia citada pelo evangelista. Tanto esta palavra, como as idéias relacionadas a ela, são oriundas de **#Jr 32.6-9**, onde ocorre a transação de um campo por tantas moedas de prata. A relação entre a profecia e seu cumprimento, ao qual o evangelista chama a atenção, depende dos dois trechos do Velho Testamento. É compreensível então que dos dois profetas, o evangelista escolheria Jeremias, sendo ele o maior e o mais antigo dos dois e que também fornece a palavra essencial da citação. **Barrabás** (16). No aramaico a palavra significa "filho do pai". Constitui um contraste propositado com Jesus, o Filho do Pai. **Mas que mal fez ele?** (23). Esta pergunta de Pilatos, no fim do julgamento admite indiretamente a inocência de Cristo. Não é de admirar que Pilatos quisesse transferir a culpa da execução de

si mesmo para os ombros dos judeus. A resposta dramática do vers. 25 marca a tragédia final na história dos judeus. A maldição invocada sobre eles mesmos pesa sobre eles até hoje. Ouvindo esta declaração dos judeus, Pilatos permitiu que sua pusilanimidade e medo de distúrbios superassem seus sentimentos de justiça.

>Mt-27.27

g) A crucificação e morte do Senhor (Mt 27.27-56)

Ver notas sobre #Mc 15.16-41; #Lc 23.26-49; #Jo 19.2,3,17-37. **A audiência (27)** -gr. **to praitorion**, transliteração do termo latino praetorium. Refere-se à residência do governador. **Coorte (27)**. A unidade consistia de 360 homens. No caso em apreço é possível que a unidade fosse um manípulo, ou seja, uma fração da coorte. **Capa de escarlata (28)** -gr. **chlamyda kokkinen**. Esta capa ou clâmide era o manto dos oficiais do exército e que um broche segurava no ombro direito. Era também um sinal de realeza.

>Mt-27.32

Um homem cirineu, chamado Simão (32). Cirene era uma região da África do Norte, habitada por muitos judeus. Estes mantinham uma sinagoga em Jerusalém (#At 6.9), de forma que haveria sempre muitos deles na cidade. Os dois filhos de Simão, Alexandre e Rufo, tornaram-se cristãos bem conhecidos mais tarde (ver #Mc 15.21). **Constrangeram (32)** -gr. **engareusan**. Ver notas sobre #Mt 5.41 a respeito desta palavra. **Levar sua cruz (32)**. O prisioneiro carregava sua própria cruz e o Senhor, no início, seguiu este costume (#Jo 19.17), mas, evidentemente, era demasiado para suas forças. A viga transversal da cruz era geralmente ligada com cordas até que chegasse ao lugar da execução, quando era fixada em seu lugar. **Lugar da Caveira (33)**. Não se sabe porque o lugar foi assim chamado. É possível que a Igreja do Santo Sepulcro esteja erigida em cima do lugar, visto que antigamente, mas não agora, a área estava fora do muro da cidade. Um sítio alternativo é a colina ao norte de Jerusalém, que é geralmente chamada "o Calvário do Gen. Gordon". À luz das últimas pesquisas, a primeira hipótese é mais provável.

>Mt-27.34

Deram-lhe a beber vinho misturado com fel (34). Alusão ao #Sl 69.21. Esta bebida era dada aos condenados como anodino. **Não quis beber (34)**. O Senhor

recusou qualquer mitigação de seus sofrimentos. **Repartiram os seus vestidos lançando sortes** (35). Citação dos LXX do **#Sl 22.18**. As roupas dos condenados eram divididas entre a soldadesca, como gratificação. É notável que a última parte do verso é omitida nos melhores textos.

>Mt-27.39

Meneando as cabeças (39). Alusão aos **#Sl 22.7** e **#Sl 109.25**, seguindo os LXX. **Tu que destróis o templo** (40). Ver notas sobre **#Mt 26.61**. **Os príncipes dos sacerdotes** (41). Se o sítio da crucificação fosse o da Igreja do Santo Sepulcro, os sacerdotes poderiam do recinto do templo insultá-Lo. **Salvou os outros e a si mesmo não pode salvar-se** (42). Esta era uma profunda verdade no sentido oposto ao que os sacerdotes queriam dizer. **Se é o rei** (42). Uma melhor tradução diz "Ele é o Rei" e neste caso a afirmação é zombaria. **Confiou em Deus; livre-o** (43). Estas palavras são uma citação do **#Sl 22.8**, tirada em parte dos LXX e em parte do hebraico. É possível que os sacerdotes se lembravam da citação do livro apócrifo de Sabedoria (**#Mt 2.13,18-20**).

>Mt-27.45

A hora sexta (45), isto é, meio-dia. **Trevas** (45). Naturalmente, eclipse do sol no tempo do luar não era possível. Não podemos afirmar se o fenômeno era meteorológico ou sobrenatural.

>Mt-27.46

Eli, Eli, lamá sabactani (46). É provável que esta frase em aramaico representa as palavras que saíram da boca do Senhor. O vocábulo Eli, sugere o hebraico **Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste** (46). Citação do **#Sl 22.1**, tirada principalmente dos LXX, mas substituindo o grego "Tu" em lugar de **ho Theos** dos LXX. Neste brado alcançamos as profundezas da redenção. Cristo foi maldito por Deus como sacrifício para os pecados (ver **#Gl 3.13**). **Elias** (47). Alusão ao profeta Elias. O vers. 48 refere-se ao **#Sl 69.21**. É possível que a ação descrita neste verso tinha o fim de zombar dEle.

>Mt-27.51

O véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo (51). O acontecimento simboliza lucidamente o fim da separação entre Deus e o homem. O estranho incidente descrito nos vers. 52-53 é peculiar a este Evangelho. Há

possibilidade de que o evangelista mesmo se encontrou com um destes santos ressurretos. A história se torna mais estranha pelas suas omissões. Não diz o que aconteceu aos santos entre a morte e ressurreição do Senhor, nem narra o fim da história deles. É de supor que os sepulcros ficaram vazios e que foram trasladados aos céus. Alguns pensam que as palavras "a ressurreição dele" devem ser traduzidas "sua ressurreição por ele". Isto dá a entender que os santos apareceram em Jerusalém, na tarde do dia da crucificação, mas não explica o que aconteceu com eles depois. **Maria, mãe de Tiago e de José** (56). A tradição representa-o como irmão de Maria, mãe de Jesus.

>Mt-27.57

h) A sepultura do Senhor (Mt 27.57-66)

Ver notas sobre **#Mc 15.42-47**; **#Lc 23.50-56**; **#Jo 19.38-42**. **Arimatéia** (57). Provavelmente um lugar nas serras de Efraim, na Palestina central. **Lençol** (59). Mortalha. **No seu sepulcro novo** (60). Muitos ricos mandavam construir sepulcros ainda durante sua vida. Era costume fechar sepulcros na maneira descrita aqui, rodando uma pedra para a porta. Os vers. 62-66 são peculiares a Mateus. **No dia seguinte** (62). O sábado dos judeus. **Preparação** (62). Sexta-feira. **De noite** (64). Estas palavras são omitidas nos melhores manuscritos. **Seguraram o sepulcro** (66). O original deste verso é um pouco obscuro. Talvez as palavras signifiquem que o sepulcro fosse segurado na presença da guarda.

Mt-28.1

i) A ressurreição (Mt 28.1-20)

Ver notas sobre **#Mc 16.1-20**; **#Lc 24.1-12**; **#Jo 20.1-31**. **No fim do sábado** (1). Há duas interpretações sobre o tempo mencionado aqui. Pode ser uma referência ao sábado à noite, na hora do pôr do sol, quando, no calendário judaico o primeiro dia da semana começava. Cfr. **#Lc 23.54** onde a palavra grega **epiphoskein** tem o mesmo sentido. Neste caso a visita das mulheres tomou lugar na noite do sábado, o terremoto e a descida do anjo durante a mesma noite e, embora não mencionado, as mulheres teriam voltado no domingo cedo, de manhã (vers. 5). A segunda interpretação é que a frase "no fim do sábado" refere-se ao levantar do sol no domingo.

Neste caso o terremoto ocorreu enquanto as mulheres se aproximaram, na alvorada. Chegando ao sepulcro, as mulheres viram os guardas prostrados em

terra e o anjo assentado na pedra. É preciso chamar a atenção ao fato que a pedra não foi removida com o fim de libertar o Senhor, o que seria desnecessário, mas para permitir que as mulheres entrassem. Das duas alternativas a segunda é a mais aceitável.

>Mt-28.5

Respondendo (5). Ele lhes respondeu para acalmar o medo das mulheres. **Tenhais**, melhor, "tenhais vós". No original "vós" é enfático. **O Senhor** (6). Os melhores manuscritos omitem estas palavras. **Ele vai adiante... o vereis** (7). As palavras significam que o Senhor irá na frente de seus discípulos como Pastor de ovelhas. A declaração não exclui sua manifestação em Jerusalém. Ver 26.32 n. **Eu vos saúdo** (9) -gr. **chairete**, a saudação comum daqueles tempos. Cfr. o nosso "bom dia".

>Mt-28.18

Poder (18) -gr. **exousia**, "autoridade". **Ensinai** (19) -gr. **matheteusate**, "fazei discípulos" ou "ajuntai discípulos". **Ensinando-os a guardar** (20). Isto significa mais do que conhecimento intelectual. **Até a consumação dos séculos** (20), ou "fim da era", quer dizer "até sua vinda". Quão vagarosos e displicentes somos para cumprir esta missão. A existência, no mundo moderno, de milhões que nunca ouviram o nome do Salvador é uma vergonha para nós.

[Basil F. C. Atkinson](#)

O EVANGELHO SEGUNDO S. MARCOS

INTRODUÇÃO

Ver o Artigo Geral "Os Quatro Evangelhos."

I. AUTORIA

Este evangelho não menciona o seu autor. Entretanto, a autoria de Marcos, assistente de Pedro, nunca foi seriamente posta em dúvida. Não se duvida tampouco que este Marcos seja aquele "João, que tinha por sobrenome Marcos", a quem o Novo Testamento se refere oito vezes. Era parente de Barnabé (#Cl 4.10); a afirmação de #1Pe 5.13 pode significar que ele se converteu por meio de Pedro. Nos escritos patrísticos dos primeiros quatro séculos há abundante evidência para a autoria marcana. Papias, Justino Mártir, Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Orígenes, Eusébio e Jerônimo se referem à autoria de Marcos.

II. DATA E LUGAR DA OBRA

Quanto à data do segundo evangelho, as opiniões variam muito dentro dos 35 anos entre 40 A. D. e 75 A. D. Marcos é agora aceito, quase universalmente, como o mais antigo dos quatro evangelhos. Por um lado, a declaração de Irineu que Marcos compôs seu evangelho "depois da saída (exodos) de Pedro e Paulo", indica uma data não anterior a 68. A. D., e não posterior a 70 A. D., ano da destruição de Jerusalém, se aceitarmos a hipótese, não absolutamente segura, de que esta "saída" significa a morte. Dr. Vincent Taylor apóia a data 65 a 67 A. D. e considera precárias as teorias de uma data mais antiga. Por outro lado, a relação de Marcos com os outros sinóticos, especialmente com Lucas que precede os Atos dos Apóstolos (Ver #At 1.1), sugere uma data nos meados do século. Uma data entre 50 e 55 A. D. nos daria uma posição entre os dois extremos.

A maioria dos eruditos, seguindo evidências antigas, apontam Roma como o lugar em que foi escrito. Dr. Graham Scroggie considera que #1Pe 5.13 tende a confirmar esta idéia, caso Babilônia significasse Roma. Outros sugerem Alexandria, Cesaréia e Antioquia da Síria.

É provável que este evangelho fosse escrito para leitores gentílicos em geral e mais particularmente para os romanos. Há relativamente poucas citações e alusões tiradas do Velho Testamento; expressões aramaicas são interpretadas (v.g. #Mc 5.41); os costumes dos judeus são explicados (v.g. #Mc 7.3-11); algumas palavras latinas aparecem. O teor geral da obra, que representa a incessante atividade do Senhor e Seu poder sobre os demônios, a enfermidade e a morte, atrairia o leitor romano, interessado mais em atividade do que em palavras.

III. MARCOS E PEDRO

Uma tradição oriunda de Papias (70-130 A. D.) reconhece, atrás da narrativa de Marcos, a pregação e autoridade do apóstolo Pedro. Esta afirmação de Papias é conservada por Eusébio da seguinte maneira: "Marcos, sendo o intérprete de Pedro, escreveu acuradamente tudo quanto ele se lembrou das coisas ditas e feitas pelo Senhor, porém não as colocou em ordem". Outros escritores patrísticos confirmam esta tradição que, segundo Dr. Vincent Taylor, "é tão segura que, ainda não a possuíssimos, seríamos obrigados a postular algo parecido". Isto não quer dizer que Marcos era apenas um secretário ou amanuense, nem tampouco que não usou material de outras fontes, inclusive as suas próprias reminiscências. É patente que o autor, embora não um dos doze apóstolos, possuía conhecimento muito íntimo dos fatos narrados, em que se revelam todos os sinais de originalidade. A ordem e classificação de material adotadas por Marcos são certamente criticadas pela tradição de Papias. Aparentemente, o evangelho segue uma ordem homilética, em vez de cronológica.

As evidências internas da influência petrina são as seguintes:

O evangelho começa com a chamada de Pedro, sem referência alguma à natividade de Cristo.

O evangelho focaliza o ministério na Galiléia, e mais especialmente nos arredores de Cafarnaum, cidade de Pedro.

A vividez das descrições indica que são as experiências pessoais de uma testemunha ocular.

São omitidos alguns pormenores que destacam a pessoa de Pedro, em a narração da confissão de Pedro, em Cesaréia de Filipe, e do seu andar sobre o

mar. São relatadas minuciosamente as suas derrotas, como a negação do Mestre.

IV. FONTES

Uma vez aceita a prioridade de Marcos, as pesquisas quanto às fontes deste evangelho não têm obtido o mesmo êxito como no caso de Mateus e de Lucas.

A tradição oral tornou-se o objeto de intensos estudos nos últimos cinquenta anos, estudos estes que deram origem à Crítica de Forma propalada por Martin Dibelius. A Crítica de Forma propõe a existência, antes de serem escritos os evangelhos que possuímos, de pequenos círculos de tradição. Estes círculos conservariam o evangelho pelo método oral, embora houvesse alguns evangelhos escritos, como o prefácio de Lucas indica. A nomenclatura desses círculos difere conforme o crítico. B. S. Easton divide o material da maneira seguinte: Ditados, Parábolas, Diálogos, Narrativas Miraculosas e Narrativas da Paixão. V. Taylor distingue Histórias Declarativas, Histórias Miraculosas e Histórias sobre Jesus. A evidente diversidade entre as diferentes análises aponta para o perigo inerente nelas, a saber, a pura subjetividade que as determina, tendo em vista a impossibilidade de verificação externa, que se usa para a Crítica Textual. Uma vez que se propõem investigações além dos documentos escritos, qualquer hipótese razoável pode ser sugerida. Por outro lado, há valor na insistência dos críticos da forma que o evangelho era pregado antes de ser escrito. Com o decorrer do tempo, muito material assumiu forma mais definida para os fins mnemônico e catequético, e disto há indicações na ordem tópica que Marcos adota.

Quanto à sua forma e caráter, esta tradição oral é em grande parte semítica. A presença de uma considerável influência aramaica no grego de Marcos indica isto, sem porém levar-nos a conclusão, mantida por C. C. Torrey e outros, de que o evangelho fosse tradução de um original aramaico. O importante é que este fato aumenta incontestavelmente o valor histórico da obra, visto que Marcos, embora gentílico nas suas simpatias, se coloca perto da tradição dos cristãos judeus. Quanto às fontes documentárias, a questão principal é se Marcos conheceu e utilizou o duvidoso documento "Q". Na opinião do Cônego Streeter é quase certo que "Q" precede Marcos; outros pretendem reconhecer vestígios de "Q" no seu evangelho. Além desta possibilidade indecisa, não há mais para dizer. Alguns procuram provar a existência duma edição preliminar, uma espécie de ensaio, conhecida como

Ur-Markus, isto é, Marcos Original, mas esta sugestão altamente subjetiva pode ser considerada apenas uma hipótese. Em síntese, podemos dizer que a fonte principal deste evangelho é a pregação e ensino de Pedro, cujo sermão em Cesaréia constitui realmente um resumo do evangelho (#At 10.34-43). A esta fonte principal seriam acrescentadas uma parte geral da tradição oral, as reminiscências pessoais de Marcos, e talvez material tirado de outros documentos.

V. TEOLOGIA

a) A Pessoa de Cristo

Consta que Marcos apresenta a pessoa de Cristo como Servo de Jeová (#Is 52.13-53.12), enquanto Mateus o descreve como Rei, Lucas como Homem, e João como Filho de Deus. Diversos aspectos deste evangelho, como a ausência de uma genealogia e a predominância da ação sobre o ensino, apóiam esta descrição. O uso do título "Filho do Homem" ocorre quatorze vezes neste evangelho, e se interpreta na maioria dos casos (#Mc 8.31; #Mc 9.9,12,31; #Mc 10.33,45; #Mc 14.21,41) de acordo com este conceito. Entretanto, desde o primeiro versículo do livro, Marcos identifica o humilde Servo como o próprio Filho de Deus, cujo ministério é autenticado por suas obras poderosas. É inequívoca a atestação divina desta identidade na hora do batismo e da transfiguração (#Mc 1.11; #Mc 11.7). Dr. V. Taylor a considera como o elemento mais fundamental da cristologia marcana, "uma cristologia tão sublime como se encontra em qualquer parte do Novo Testamento, sem excluir o evangelho de S. João".

O ministério messiânico de Jesus, segundo Marcos, se vê como segredo bem guardado, pelo menos até a confissão de Pedro (#Mc 8.30). Sem dúvida, o motivo para sigilo seria de evitar o perigo inerente nos conceitos populares nacionalistas e materialistas, com que as expectativas dos judeus investiram o título. Ao mesmo tempo, o autor desejava assegurar-lhe uma significação tanto ética como apocalíptica. O termo "Cristo" se usa apenas sete vezes, e Jesus nunca o usa com referência a si mesmo.

b) A Obra de Cristo

As duas metáforas usadas em #Mc 10.45 e #Mc 14.24 indicam quais são as doutrinas principais enunciadas. A vida do Nosso Senhor, dada como sacrifício, se descreve como "resgate de muitos", e como o "sangue do Novo

Testamento". Aquele efetua libertação do pecado e do juízo, enquanto este estabelece um novo pacto e comunhão entre Deus e o homem. Estes conceitos em Marcos não são elaborados num sistema de doutrina. Há menos razão ainda para supor que a referência ao "resgate" indique influência paulina. Diz o Dr. James Denney: "Se achamos o mesmo pensamento em Paulo, não digamos que o evangelista fosse exposto à influência paulina, mas antes que S. Paulo aprendeu aos pés de Jesus. Todos os sinóticos mencionam as três ocasiões em que Jesus procurou, propositadamente, advertir os discípulos de sua paixão próxima. Mas é Marcos que observa mais especialmente as diferentes atitudes dos discípulos (#Mc 8.31 e seg.; #Mc 9.31 e seg.; #Mc 10.32).

c) Escatologia

A escatologia do evangelho se encontra principalmente nas duas passagens #Mc 8.38-9.31 e #Mc 13.1-37, em que Jesus discursa sobre dois acontecimentos bem separados em tempo, a saber: a destruição de Jerusalém em 70 A. D., e Sua segunda vinda em glória. Contudo, é preciso reconhecer que Marcos escreve do Reino de Deus em termos predominantemente escatológicos. As idéias básicas deste conceito são, primeiro, o governo real dum Deus soberano, e em segundo lugar, de um reino ou comunidade em que se ingressa (#Mc 9.47; #Mc 10.23). As declarações sobre este segundo conceito podem conter uma possível significação futura, também, mas outras referências, como #Mc 14.25 e #Mc 15.43, se aplicam, inegavelmente, a um cumprimento futuro.

d) Afinidade com o ensino paulino

Foi mencionada acima a sugestão que Marcos fosse sujeito à influência paulina. É assunto de importantes debates desde muito tempo. É verdade que há muito em comum tanto no vocabulário como nas idéias entre este evangelho e os escritos de Paulo. Entretanto, esta semelhança é verificável em quase todos os escritos da igreja primitiva. Por outro lado, é verdade também que muitas das expressões e conceitos doutrinários tipicamente paulinos, como por exemplo "justiça", "justificação pela fé", "união com Cristo", "vida no Espírito" etc., são inteiramente ausentes em Marcos. Só podemos dizer que Marcos viveu e escreveu num ambiente romano e paulino e, mais ainda, que talvez conhecesse algumas das epístolas mais primitivas. Como observa o Dr. V. Taylor: "Marcos nem refaz, nem ofusca a tradição histórica. Seu Jesus é o Jesus da Galiléia".

Mc-1.1

I. A PREPARAÇÃO Mc 1.1-13

a) João Batista (Mc 1.1-8)

Ver notas sobre #Mt 3.1-12; #Lc 3.1-20. Cfr. #Jo 1.6-34. É provável que Marcos queria que o primeiro versículo servisse como título da obra. O **evangelho** (1): não apenas o livro, mas o seu conteúdo das "boas novas concernentes a Jesus Cristo". Os vers. 2 e 3 podem ser considerados como parênteses e, neste caso, o primeiro versículo é ligado ao vers. 4 assim: "Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus...; apareceu João no deserto". Esta sugestão atraente dá relevo ao fato de que as boas novas da vinda do Messias começaram num reavivamento espiritual e não, como se esperava, numa revolução política. Entretanto, este arranjo do texto tende a subordinar a importância da citação do Velho Testamento. É preferível a ARA no primeiro verso, onde termina com ponto, deixando-o como título do livro.

>Mc-1.2

No **profeta Isaías** (2). Realmente uma citação de #MI 3.1, e não de Isaías. A frase mais importante, **no deserto** (3), tem sua aplicação no vers. 4. Marcos cita Isaías como autor desta frase (cfr. #Is 40.3) e talvez incorpore a citação de Malaquias, por ser tão apropriada. As duas profecias são apresentadas a fim de mostrar a natureza da missão de João Batista, como preparação para a vinda do Messias. Ambas as citações, no seu significado primitivo, se referem ao povo de Deus à procura de Jeová. Aqui se aplicam, muito sugestivamente, a Jesus Cristo.

>Mc-1.4

São indicadas também a índole e influência do ministério preparatório de João. O que se prepara é o coração humano. O ministério de João se caracteriza pelo seu poder moral. O **batismo de arrependimento** tem em mira a **remissão dos pecados** (4). **Arrependimento**: O grego (**metanoia**) significava originalmente "mudança de pensamento". Porém, em o Novo Testamento o seu sentido denota um ato deliberado pelo qual se recobra o juízo, com a resultante mudança de conduta. Os pormenores deste aspecto do ministério de João Batista são apresentados em #Lc 3.1-20 (ver notas). Toda a província da

Judéia sentiu o seu impacto. Jesus mesmo veio da Galiléia (9), mas mede-se a influência da missão de João Batista pelo fato de a Judéia ser profundamente tocada por sua mensagem. A confissão de pecados era oral, uma pública confissão, após o que eram mergulhados (**baptizo**, forma intensiva de **bapto**) nas águas do rio, como um ato simbólico.

>Mc-1.6

O vestido e a alimentação de João (6) revelam sua austeridade e separação dos interesses materiais. Seu indumento era típico dos profetas e relembra Elías (**#2Rs 1.8**), a quem João se assemelha em diversos aspectos (**#Mc 9.13**). **Gafanhotos**: alimento somente da classe mais humilde. Consta que os beduínos ainda os comem tostados ou salgados. O testemunho de João focaliza **aquele que é mais forte do que eu** (7), cuja vinda estava próxima, e que ia batizar não com água, mas com o Espírito Santo (8). O ensino do Velho Testamento concordava que estas seriam as características dos dias do Messias (**#Is 44.3; #Ez 36.26; #Jl 2.28**).

>Mc-1.9

b) O batismo de Jesus (Mc 1.9-11)

Ver notas sobre **#Mt 3.13-17; #Lc 3.21-22**. Jesus se apresenta à beira do Jordão em toda simplicidade, como um da multidão que deseja o batismo de João. Mateus narra a surpresa e a desconfiança de João (**#Mc 3.14-15**), na ocasião em que este entrou em contato com o corpo sagrado do Senhor para batizá-lo. João O batizou somente depois da insistência do Senhor. **Logo** (10): o primeiro uso desta palavra predileta de Marcos, que ocorre quarenta e uma vezes nesta obra. Quando Jesus subiu do Rio Jordão, uma tríplice experiência O destacou entre os demais, identificando-O na sua única relação com Deus. Em primeiro lugar, ele viu **os céus abertos** (10), ou melhor, **rasgarem-se** (**schizomenous**), facultando a vista desembaraçada das coisas celestiais (cfr. **#Jo 3.12-13; #Is 44.1**). Em segundo lugar, ele viu o **Espírito que como pomba descia sobre ele**. É patente que a forma de pomba era visível, e não apenas um símile de ternura para descrever o fenômeno, pois Lucas elucida a experiência com as palavras "em forma corpórea" (**#Lc 3.22**). Alguns fazem a sugestão interessante de uma alusão a **#Gn 1.2**, onde o Espírito paira sobre as águas primevas. Em terceiro lugar, brada a voz do Pai dos céus, testemunhando que este é Seu Filho (11). Cfr. **#Mc 11.7** e **#Jo 12.28**. As palavras lembram **#Sl 9.7** e **#Is 42.1**. Revela-se numa luz claríssima a Santa Trindade, focalizando a

Pessoa do Filho. Para o homem conhecer o trino Deus, é preciso que o primeiro encontro sempre seja com a pessoa de Cristo, o Filho.

É notável que Jesus, embora batizado por João, não confessou pecado, e a Igreja primitiva sempre ficou firme quanto à imaculabilidade absoluta dEle. Para Jesus, Seu batismo significa primeiro o cumprir de toda a justiça (cfr. #Mt 3.15 n.); em segundo lugar, um ato de identificação com o povo, sendo "contado com os transgressores" (#Is 53.12); e em terceiro lugar, um ato de consagração ao Seu ministério.

>Mc-1.12

c) A tentação de Jesus (Mc 1.12-13)

Cfr. notas sobre #Mt 4.1-11; #Lc 4.1-14. Sem dúvida foi o próprio Jesus que divulgou os pormenores deste incidente. O relatório de Marcos é brevíssimo, o que é muito curioso, tendo em consideração o evidente interesse do autor no triunfo do Filho de Deus sobre as potestades das trevas. Todos os sinóticos concordam em dar relevo à íntima relação entre o batismo e a tentação de Cristo. Na sua obra *Life and Times of Jesus the Messiah*, Edersheim sugere que Jesus, impelido pelo Espírito, fosse ativo no Seu batismo e passivo na tentação. Pelo batismo Ele cumpriu toda a justiça, e pela tentação Sua justiça foi provada. Antes de iniciar Seu ministério, cujo propósito foi raptar e destruir de uma vez o poder de Satanás em vidas humanas, foi-lhe mister encontrar e vencer aquele inimigo no campo de batalha da Sua própria vida. Cfr. #Hb 2.18; #Hb 4.15. A solidão do lugar se faz sentir pela frase *estava com as feras* (13, ARA) -uma minúcia incluída somente por Marcos. A severidade da luta se vê no fato de que *os anjos o serviam* (13. cfr. #Lc 22.43). Uma explicação puramente psicológica desta história não é satisfatória. Tudo foi real-tanto o encontro, como a pessoa de Satanás e os anjos. Em menor grau, cada discípulo que se sente chamado a uma tarefa penosa só pode esperar um conflito semelhante, em que uma vitória parecida é possível. Marcos julga desnecessário mencionar quem foi o vencedor.

>Mc-1.14

II. O MINISTÉRIO NA GALILÉIA Mc 1.14-9.50

a) A chamada dos primeiros discípulos (Mc 1.14-20)

1. O MINISTÉRIO DE JESUS (#Mc 1.14-15) -Cfr. #Mt 4.12-17; #Lc 4.14-44. Segundo Marcos, o ministério começou **depois de João ter sido preso** (14), o que implica um intervalo entre o batismo de Jesus e seu ministério na Galiléia. Marcos não revela nada a respeito da atividade de Jesus naquele período. Neste como em outros assuntos, o evangelho de S. João completa a narrativa sinótica (cfr. #Jo 1.19-4.42). Jesus começou a proclamar as boas novas de Deus, que já passara o tempo de esperança, e que já tinha chegado o anelado Reino de Deus. À luz do advento deste reino, era mister que todos os homens se **arrependessem e cressem** (15). A responsabilidade humana em relação ao evangelho se expressa nestas duas palavras. **O reino de Deus** (15): o governo divino no coração humano e na sociedade.

>Mc-1.16

2. A CHAMADA DE PEDRO, ANDRÉ, TIAGO E JOÃO (#Mc 1.16-20) - Veja #Mt 4.18-22 n. Compare #Lc 5.1-11. Era fundamental no ministério de Jesus a escolha e preparação dos Doze, que iam compartilhar com Ele a responsabilidade de proclamar as boas novas, durante Sua vida, e de continuar a disseminá-las depois da Sua ascensão. Os dois pares de irmãos mencionados aqui já conheciam Jesus (veja #Jo 1.15-42) e criam que fosse o Messias. Agora Ele os chama ao passo definitivo de deixarem a pescaria para segui-LO incondicionalmente. A vida de pescador os preparava bem nas qualidades de paciência e persistência necessárias para o serviço de ganhar os homens para Cristo. No entanto, precisava-se de mais ainda, e se estivessem dispostos a segui-LO naquela hora, Ele prometia fazer deles **pescadores de homens**. Quando Cristo os chama, Ele tem em mira, não tanto no que são agora, como no que se tornarão mais tarde pela obediência à Sua direção.

>Mc-1.21

b) O primeiro sábado em Cafarnaum (Mc 1.21-45)

Foi com interesse muito particular que Pedro teria relatado os pormenores da história do primeiro dia em que Jesus apareceu na Sua cidade e ministrou na Sua própria casa. A narrativa possui todas as evidências de recordação pessoal de uma testemunha ocular. Um trecho paralelo se encontra em #Lc 4.31-44.

1. A CURA DE UM ENDEMONINHADO NA SINAGOGA (#Mc 1.21-28) - Salientam-se neste evangelho os ensinamentos de Jesus; veja #Mc 2.13; #Mc 4.1; #Mc 6.2,6,34. **Sinagoga** (21): etimologicamente, uma reunião, ou assembléia.

Por extensão, significa o lugar em que a congregação se reúne. Pouco se sabe das origens da sinagoga. As reuniões eram mormente para instrução; o edifício se usava também como tribunal de justiça, (#Lc 12.11; #Lc 21.12), onde se aplicavam penalidades. Era costume o presidente da sinagoga (gr. *archisynagogos*) resolver quem lesse e expusesse as Escrituras aos sábados. Este costume ofereceu muitas oportunidades a Jesus, nesta fase inicial do Seu ministério, pois, por onde quer que aparecesse, foi-lhe facultado o ensino. Mais tarde, Paulo aproveitaria o mesmo ensejo. A autoridade intrínseca no ensino de Jesus oferece vivo contraste com as declarações dos mestres judeus, que se baseavam invariavelmente na tradição ou no parecer dos famosos rabinos.

Enquanto Jesus estava falando, ou Sua presença ou Sua mensagem, ou ambas, provocaram uma manifestação por um homem endemoninhado. O fenômeno de possessão diabólica dá relevo especial ao período da vida terrestre do nosso Senhor. Há apenas dois casos no Velho Testamento, e dois no Novo fora dos evangelhos. Distingue-se nitidamente de desordens psíquicas. Os demônios eram reais, e sabiam da missão messiânica de Jesus antes dos discípulos, fato este que não lhes foi permitido divulgar. (vers. 34; #Tg 2.19). Jesus vinha do Seu recente encontro com o Príncipe do Mal (13). Não admira que os espíritos inferiores de maldade reconhecessem nEle seu vencedor (24). A autoridade da palavra de Cristo se revela não tão somente na excelência da Sua doutrina mas também na força do Seu comando. Pronunciada Sua palavra, logo o espírito imundo convulsiona o homem e sai dele. Lucas, como médico, acrescenta o fato que saiu dele "sem lhe fazer mal" (#Lc 4.35). Jesus nunca deitou as mãos num endemoninhado para libertá-lo. Bastava a palavra falada. O povo se admirou e logo se ouviu o zunzum de conversação (27). A fama de Jesus espalhou-se rapidamente em toda aquela região.

>Mc-1.29

2. A CURA DA SOGRA DE PEDRO (#Mc 1.29-31) -Veja #Mt 8.14-15; #Lc 4.38-39. A casa de Simão e André (29): desde agora torna-se o centro de operações de Jesus na Galiléia (veja #Mc 2.1; #Mc 3.19; #Mc 9.33; #Mc 10.10). Segundo #Jo 1.44, estes dois irmãos eram de Betsaida. Uma hipótese sugere que mudaram de casa no intervalo. Outra propõe que Betsaida fosse o bairro dos pescadores em Cafarnaum. #1Co 9.5 confirma o fato de Pedro ser casado e, mais ainda, que sua mulher o acompanhava no seu ministério subsequente. Para Pedro, esta ocasião no seu próprio lar foi inolvidável. Nota-se quão rápida e completa foi a cura, pelo fato de a sogra restaurada *servi-los*

(31) à refeição sabática, sem o menor sinal do cansaço e debilidade que normalmente seguem a febre.

>Mc-1.32

3. CURAS DEPOIS DE PÔR-SE O SOL (#Mc 1.32-34) -Veja #Mt 8.16-17; #Lc 4.40-41. O sábado findava ao sol posto. Tornou-se lícito então carregar os doentes, sem infração da lei. Os que sofriam doenças físicas não eram classificados com os endemoninhados (32-34). O povo começou a correr para a porta da casa, e logo uma multidão formou. Jesus não desapontou as massas, pois a compaixão e poder divinos sempre se manifestam a favor dos que O buscam na sua necessidade.

>Mc-1.35

4. RETIRO À SOLIDÃO E UMA VOLTA NA GALILÉIA (#Mc 1.35-39) - Cfr. #Lc 4.42-43. Surpreendentemente, Jesus, no meio desta atividade, se levantou alta madrugada (35) e se afastou à surdina da cidade, antes de todo mundo acordar. A história é narrada do ponto de vista dos que, dentro de casa, descobriram sua ausência, e logo sentiram que Ele estava perdendo maravilhosas oportunidades em Cafarnaum, sem apreciar o alcance do Seu êxito. Imediatamente Simão Pedro assume a liderança, e junto com seus amigos, procuravam-nO diligentemente (36, ARA). No original, o verbo usado aqui ocorre só esta vez no Novo Testamento, embora usado freqüentemente nos LXX, v. g. #Sl 33.6. Os motivos que levaram Jesus a retirar-se eram o desejo para comunhão com o Pai (35) e a necessidade de pregar em outros lugares (38). Cafarnaum não podia gozar do monopólio do Seu ministério. Para isso é que eu vim (38): refere-se, não a Sua saída da cidade, mas à Sua missão outorgada pelo Pai (#Lc 4.43).

>Mc-1.40

5. PURIFICAÇÃO DE UM LEPROSO (#Mc 1.40-45) -Veja notas sobre #Mt 8.1-4 e #Lc 5.12-14. As curas milagrosas evidentemente suscitaram muito entusiasmo popular, ao ponto que houve perigo, tão comum também em nossos dias, que este tipo de ministério ofuscasse a obra mais espiritual e fundamental do evangelho. Não se encontra menção de curas no verso 39, por esta razão. Este caso de um leproso, porém, suscitou a compaixão do Senhor, e sua cura não se explica, de maneira nenhuma, por auto-sugestão, nem pelos métodos usados nas curas "pela fé". A lepra da Bíblia varia muito quanto à sua

malignidade, algumas dermatites sendo incluídas nesta classificação. **Se quiseres** (40): compare a expressão semelhante "se tu podes" em **#Mc 9.22**. A Escritura nunca diz que o leproso fosse restaurado, mas purificado. **Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão** (41). "A compaixão de Cristo se expressa por meio daquela mão que nos segura" (Plummer). Depois de experimentar primeiro o poder de Cristo, o homem pôde cumprir as exigências da lei (**#Lc 14.2-20**). A experiência cristã segue esta ordem (**#Rm 8.1-4**). O fato que o homem podia cumprir a lei **serviu de testemunho** (44) tanto para os sacerdotes como para o povo. Para conservar aquela ordem, o leproso recebeu a rigorosa instrução de guardar silêncio (44). Sua desobediência fez com que o Senhor mudasse, temporariamente, Seu ministério da cidade para o campo (45).

Mc-2.1

c) O começo da oposição (Mc 2.1-3.6)

1. O PARALÍTICO E O PERDÃO (**#Mc 2.1-12**) -Veja notas sobre **#Mt 9.2-8**. Cfr. **#Lc 5.18-26**. Este incidente é o primeiro duma série nesta seção, em que a crescente hostilidade a Jesus se manifesta gradativamente entre os escribas e os fariseus. Correu a notícia em Cafarnaum que Jesus tinha voltado e estava novamente em casa. **Em casa** (1): é quase certo que se refere à de Pedro, já mencionada em **#Mc 1.29**. Esta, como a maioria das casas na Palestina, teria uma escada exterior subindo para o eirado. **A palavra** (3): sinônimo de "boas novas"; cfr. **#Mc 4.14,33; #At 8.4; #At 11.19**, etc. Dentro da casa, Jesus anunciava a palavra à multidão. Entrementes quatro homens chegaram conduzindo um amigo paralítico, e estes com louvável resolução e sinceridade venceram todos os obstáculos subindo ao eirado, em que abriram um buraco. Lucas menciona que o eirado foi de ladrilhos (**#Lc 5.19**). Então desceram o homem no leito diante de Jesus. A situação de certas almas necessitadas é tal que se precisa da fé e da simpatia de amigos crentes para levá-los a Cristo (cfr. **#Mc 5.36; #Mc 9.24**). O simples ato de misericórdia criou entre os quatro amigos um precioso laço.

>Mc-2.5

Jesus, vendo a fé deles (5): isto é, a fé de todos os cinco, respondeu-lhes **incontenti**, mas de uma maneira inesperada. É certo que Ele não ensinava que em todos os casos a aflição resulta do pecado (cfr. **#Jo 9.2; #Lc 13.1-5**), mas como Grande Médico faz Seu diagnóstico inerrante. A condição física do

homem se originou de uma causa fundamentalmente espiritual. Antecipou-se assim a conclusão de muita psicoterapia moderna. **Os teus pecados estão perdoados** (5): é o próprio Jesus que perdoa. Sua autoridade é o ponto principal do incidente. Os escribas tinham razão quando perguntaram **Quem pode perdoar pecados, senão um que é Deus?** (7). Esta pergunta foi repto à divindade de Cristo. Ele lhes respondeu primeiro, apontando para seus pensamentos (8). Aquele que conhece os corações pode perdoar o pecado. Em segundo lugar, Ele lhes submete um teste. A pretensão de perdoar os pecados não podia ser averiguada. Porém, a autoridade para curar podia ser demonstrada logo. Se Ele fizer com que o homem ande, então que **saibam que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados** (10). **Filho do homem**: título adotado exclusivamente pelo Senhor, referindo-se a si mesmo, e tirado provavelmente de **#Dn 7.13**. As opiniões diferem muito quanto ao sentido exato do termo, mas a maioria dos expositores considera-o de significação messiânica. Ao menos salienta a essencial humanidade e representação de Cristo. O fato de o Filho do homem **ter sobre a terra** autoridade para perdoar indica que Ele não se esvaziou, na encarnação, de todas as Suas prerrogativas. O homem perdoado recebeu a força de se levantar e andar, pois o perdão divino é sempre acompanhado pelo poder para deixar o pecado e andar em novidade de vida (**#Rm 6.4**).

>Mc-2.13

2. A CHAMADA DE LEVI (**#Mc 2.13-17**) -Veja notas sobre **#Mt 9.9-13**; **#Lc 5.27-32**. Não há realmente dúvida que Levi fosse Mateus, o publicano (**#Mt 9.9**), autor do primeiro Evangelho, embora o nome Levi não figure nas quatro listas dos nomes apostólicos. **De novo saiu Jesus para junto do mar** (13). A frase sugere uma repetição das circunstâncias descritas em **#Mc 1.16**, para a chamada de mais um membro do colégio apostólico. Levi foi funcionário no serviço do tetrarca da Galiléia, Herodes Antipas.

>Mc-2.14

Alfândega (14): melhor **coletoria** (ARA), onde sem dúvida outros colegas profissionais se achavam naquela hora. Sua renúncia de um cargo lucrativo foi maior do que a dos pescadores, sendo irreversível, enquanto para estes havia possibilidade de exercer sua arte de vez em quando. Vê-se na escolha de Levi a graça do Senhor que aceita um desprezado cobrador de impostos como apóstolo, e também a sabedoria divina que precisa do seu conhecimento do

aramaico e do grego. "As únicas coisas que Levi não renunciou em deixar sua velha vida foram a pena e o tinteiro" (A. Whyte).

O primeiro ato missionário de Levi foi o de preparar uma recepção para Jesus em sua casa, à qual foram convidados seus colegas e conhecidos. #Lc 5.29 confirma que a casa era de fato a residência de Levi, e dá-se a impressão de que era mais espaçosa do que o humilde lar de Pedro. No oriente, a mesa é reconhecida como o lugar de mais íntima amizade. Tornou-se escândalo aos olhos dos fariseus que Jesus estava identificando-se desta maneira com pessoas moral e socialmente réprobos. Esta vez eles protestaram diante dos discípulos (16). A resposta de Jesus revela a diferença irreconciliável entre Si e eles, e provoca o conflito que O levará finalmente à morte. A mensagem do Cristo é essencialmente salvadora, mensagem esta para as massas na sua imundície, ignorância e desregramento. É Ele o médico da alma enferma de quem Ele espera a atitude de confiança absoluta. (#Rm 3.21-24).

>Mc-2.18

3. SOBRE O JEJUM (#Mc 2.18-22) -Veja notas sobre #Mt 9.14-17; #Lc 5.33-39. A lei ordenou apenas um dia de jejum, a saber, o grande dia de expiação (#Lv 23.27-29; #At 27.9). Outros dias tinham sido acrescentados ao ponto de o jejum tornar-se um dos elementos principais da vida religiosa no tempo de Cristo (cfr. #Lc 18.12). **Jejuavam** (18), melhor **estavam jejuando** (ARA); os discípulos de João estavam observando um jejum possivelmente enquanto Jesus estava festejando (15). A réplica de Jesus aponta para a incoerência dos seus críticos. Seu companheirismo com os discípulos representa uma experiência tão festiva que se compara ao casamento. **Filhos das bodas** (ARC) (19): termo hebraico que significa ou os **convidados** (ARA), ou o paraninfo e outros amigos íntimos do noivo. Impor sobre a nova situação do evangelho as observâncias religiosas do vetusto Judaísmo seria tão incôngruo como costurar um remendo de pano novo em veste velha, ou deitar vinho novo em odres ressecados e imprestáveis. O resultado em todos os casos seria prejuízo. Isto foi justamente o erro dos mestres judaizantes contra quem S. Paulo dirige mais tarde sua polêmica na Epístola aos Gálatas (#Gl 4.9-10). **Dias virão em que (Jesus) lhes será tirado** (20). "Tirado" é tradução do grego *aparthé* que significa tirar com violência, e assim constitui a primeira alusão à cruz. A palavra se encontra somente aqui e em passagens paralelas. A respeito do jejum, nota-se que Jesus o sanciona sem impô-lo. (#Mt 6.16-18). O valor do jejum reside na auto-disciplina; não no formalismo da vida ascética ou

monástica, mas na subordinação voluntária do físico ao espiritual (cfr. #1Co 9.24-27).

>Mc-2.23

4. JESUS E O SÁBADO (#Mc 2.23-3.6) -Veja notas sobre #Mt 12.1-14; #Lc 6.1-11. Dois incidentes enquadram o quarto protesto farisaico, que freqüentemente se dirige contra Jesus nos evangelhos (cfr. #Lc 13.10-17; #Lc 14.1-6; #Jo 5.1-19; #Jo 9.1-41). Relacionam-se à atitude de Jesus para com o sábado. Em colherem espigas enquanto atravessavam as searas, os discípulos faziam o que era perfeitamente lícito nos outros dias da semana (#Dt 23.25), mas os fariseus consideraram-no como ato de ceifar, que era vedado aos sábados (#Êx 16.26). Jesus replicou, citando como razão justificativa o caso de Davi, cujo prestígio era indiscutível.

O quarto mandamento, como os demais, existe não para impor restrições religiosas, mas para satisfazer a necessidade física e espiritual do homem.

>Mc-2.26

O segundo incidente apresenta o lado positivo. O sábado foi estabelecido não apenas para repouso e passividade, mas para obras de amor e misericórdia (cfr. #Jo 5.16-17).

Mc-3.7

d) A eleição dos Doze (Mc 3.7-19)

Veja notas sobre #Mt 10.1-4; #Lc 6.13-16. Devido a um perigo iminente, Jesus se retirou com seus discípulos para o mar da Galiléia. Ele nunca se expôs desnecessariamente ao perigo, uma atitude apropriada tendo em vista Seu ministério. Segue-se uma descrição pitoresca e viva da multidão que se sentiu atraída pelas Suas curas milagrosas (7-12). Parece que havia duas turmas, uma da Galiléia e outra de regiões mais distantes. Na segunda, quase toda a Palestina foi representada, menos Samaria. Este fato revela quão extensas eram a fama e a influência de Jesus já neste tempo. E com efeito, a multidão se arrojava a Ele para O tocar, especialmente os que padeciam de qualquer enfermidade (gr. *mastigas*, lit. flagelos. Esta palavra se usa novamente em #Mc 5.29,34; #Lc 7.21 e #Hb 11.36 e sugere doenças físicas enviadas como castigo divino). É salutar quando tais aflições levam as almas a

buscar Cristo. O uso do **barquinho** (9) era uma solução muito prática do problema em que Ele se encontrava. Nesta ocasião Ele não o usou, aparentemente, como púlpito. Cfr. **#Mc 4.1**. Refere-se mais uma vez ao exorcismo e pela terceira vez a narrativa recorda que foi proibido aos demônios que reconheceram Jesus de revelar sua identidade (11-12; cfr. **#Mc 1.24-25,34**). Grandes acontecimentos atraem uma multidão sempre e, onde a necessidade humana encontra a satisfação, nunca faltam almas sequiosas. Jesus era sempre suficiente para as exigências cada vez mais insistentes do Seu ministério.

Deixando o mar, Jesus subiu aos outeiros circunvizinhos, onde segundo Lucas (**#Mc 6.12**) Ele passou a noite inteira orando, para se preparar antes da tarefa portentosa de escolher os Doze. Isto foi o primeiro passo na organização da Igreja, e dali em diante o ensino e preparação desses homens se tornou assunto de capital importância para o Senhor. O termo "os Doze" logo se converte em título oficial, usado mesmo em casos quando nem todos estão presentes (**#1Co 15.5**). A escolha deles foi absolutamente soberana: Jesus chamou **os que ele quis** (13). Esta escolha dependia da Sua vontade, não da deles. Do seu livre arbítrio eles responderam e **vieram a ele** (13). Vêm-se as diferentes facetas do seu novo cargo: **comunhão e companheirismo-para que estivessem com ele**; comissão **-para que mandasse a pregar** (14); autoridade delegada-**para que tivessem poder de curar** (15). Certos manuscritos importantes intercalam no verso 14 as palavras "os quais chamou apóstolos", um fragmento talvez interpolado de **#Lc 6.13**. Veja **#Mt 10.2** n.

A lista apostólica aparece quatro vezes no Novo Testamento (cfr. **#Mt 10.2-4; #Lc 6.14-16; #At 1.13**), evidenciando-se ligeiras variações quanto à ordem. Três grupos se distinguem, chefiados por Pedro, Filipe e Tiago filho de Alfeu. Judas Iscariotes é sempre o último. Cinco dos doze (Pedro, André, Tiago, João e Mateus) já foram mencionados na narrativa (**#Mc 1.16,19; #Mc 2.14**). A origem do nome **Boanerges** (17) é incerta. A maioria das explanações procura elucidá-lo por sua relação à frase marcana **filhos do trovão**, um apelido muito apropriado à luz de **#Lc 9.54**.

O primeiro encontro entre Filipe e Jesus é mencionado em **#Jo 1.43**. "Bartolomeu" é patronímico significando filho de Talmái, nome encontrado em **#2Sm 3.3**.

Há uma tradição antiga que identifica Bartolomeu com Natanael (**#Jo 1.45**). João nunca menciona Bartolomeu, e os sinóticos não falam de Natanael.

Embora provável, a identificação não é certa. Tudo o que sabemos de Tomé deriva-se do quarto Evangelho. Tiago filho de Alfeu

se distingue de Tiago filho de Zebedeu. Aquele pode ser o mesmo que Tiago o menor (#Mc 15.40). Nada se sabe de Tadeu, e na lista de Lucas o nome Judas toma seu lugar (#Lc 6.16; #At 1.13). Supõe-se que seja uma e a mesma pessoa. **Simão o cananeu** (ARC). A palavra "cananeu" pode originar-se do hebraico **qanna**, zeloso, dando a tradução correta da ARA "o Zelote". Veja nota sobre #Mt 10.4. **Judas Iscariotes**. O vocábulo Iscariotes significa homem de Keriate, um lugar não identificado ainda. Sua aplicação a Judas indica que ele era o único apóstolo não oriundo da Galiléia. São escolhidos doze homens típicos, todos diferentes, e todos imperfeitos. Contudo, havia lugar para cada um, com uma exceção, na comunhão de Cristo.

>Mc-3.20

e) Acusações contra Jesus (Mc 3.20-35)

Deixando o mar (7) e o monte (13), Jesus e Seus discípulos entram numa casa (20). Agora a oposição vem de dois lados bem diferentes: da Sua família (20-21,31-35) e dos escribas (22-30). Os vers. 22-30 constituem um interlúdio dentro da casa, enquanto Seus parentes O procuram de fora. Esta é a explicação mais natural e satisfatória da redação do trecho pelo evangelista. A oposição da família toma a forma de um protesto bem intencionado mas errado. **Está fora de si** (21): a oração não quer dizer que ele se desvairava, mas que Ele se entregava a uma mania religiosa, tornando-se excêntrico. Mais de uma vez Paulo foi suspeito semelhantemente, e o crente sincero se expõe a esta mesma insinuação.

Seus irmãos (31): a literatura sobre o assunto é extensa. Há três principais interpretações. Eles podem ser os Seus verdadeiros irmãos da parte dos dois pais; ou podem ser meio-irmãos, filhos de José por uma primeira esposa; ou podem ser Seus primos, filhos de Maria, mulher de Cleopas e Irmã da Virgem Maria. A segunda e terceira hipóteses são apresentadas principalmente por escritores católico-romanos que querem defender o dogma da perpétua virgindade de Maria. Infelizmente a evidência disponível não é conclusiva. Entretanto, a inferência mais natural de outros trechos como #Mt 1.25 e #Lc 2.7 é que Jesus tinha irmãos. Do ponto de vista doutrinal, este conceito dá relevo à realidade e perfeição da encarnação. Veja também #Lc 8.19 n. e #Mt 12.46-50. Neste Evangelho, Maria, a mãe do nosso Senhor, aparece somente

aqui; a ausência de referências a José sugere que já fosse morto. Quando, finalmente, Jesus recebeu o recado do lado de fora, Ele respondeu de uma maneira que não desprestigia, nem por um momento, a santidade das relações familiares. Ele asseverou que os laços que unem espiritualmente a família de Deus são mais seguros e mais preciosos, pois se baseiam na obediência à vontade divina. Esta verdade é o germe de onde nasceu a novel Igreja.

Era mais séria a oposição dos escribas (22) que nasceu do amargo ódio e inveja. Veja notas sobre [#Mt 12.22-37](#); [#Lc 1.14-22](#). Atribuíram a Satanás a obra do Espírito Santo. **Belzebu**: nome de ortografia e derivação incertas. Pode originar-se de Baal-zebube, Senhor das moscas ([#2Rs 1.2,16](#)). Não podemos dizer se o nome é sinônimo de Satanás ou representa outra potestade inferior do mal. Parece que a acusação dos escribas foi feita na ausência do Mestre, pois Ele os chamou (23) para lhes replicar. Sua resposta patenteia o contrassenso da alegação (23-27) e então os adverte das tremendas conseqüências dela (28-30). O pior ilogismo é aquele que resulta da descrença. Há uma progressão gradativa nos versos 24-26: um reino, uma casa, Satanás. Quanto menor a unidade, tanto pior a divisão. A divisão de um indivíduo é contradição de termos. A declaração de Jesus sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo é das mais solenes. Mal compreendida, ela pode causar incalculável angústia. Por outro lado, não deve ser tida em pouca conta. O pecado imperdoável não é um ato nem uma palavra isolada, mas a persistente atitude de oposição e rejeição da luz, da parte dos que amam mais as trevas do que a luz ([#Jo 3.19](#)). Jesus não disse especificamente que os escribas já tinham cometido aquele pecado; porém ficavam em iminente perigo.

Réu de eterno juízo (ARC 29). Envolvido num (gr. **enochos**) eterno pecado. Sua atitude de deliberada incredulidade bem podia cristalizar-se até o ponto de impossibilitar o arrependimento, e conseqüentemente o perdão. "De todos os mestres de religião não há outro menos disposto do que Ele a limitar as possibilidades de perdão e de restauração mediante os tesouros inexauríveis da divina graça" (Vincent Taylor).

Mc-4.1

f) Ensino por parábolas (Mc 4.1-34)

Veja notas sobre [#Mt 13.1-23](#); [#Lc 8.4-10](#). Este capítulo introduz um novo método didático no ministério de Jesus com o uso de parábolas. É sugestivo que a mudança de método se manifesta no momento em que Jesus transfere

Sua atenção principal das massas para os Doze, cujo ensino e preparação agora O preocupam. O povo não se perde da vista, mas até aqui a multidão é mais atraída pelas Suas obras do que pelos Seus ensinamentos. Buscaram curas, mas ainda não responderam ao Seu ensino espiritual. **A beira-mar** (1): Mais uma vez, Jesus se separa da multidão, entrando num barquinho, talvez o mesmo que usou em **#Mc 3.9**, e faz dele Seu púlpito, de onde prega a palavra para o povo reunido na praia. A palavra "parábola" contém a idéia básica de comparação, e dali da ilustração de verdades espirituais por meio de uma história tirada da experiência terrestre e natural. Porém, a parábola não é apenas uma ilustração edificante. A exortação **Ouvi** (3), preservada somente em Marcos, e outras parecidas nos vers. 8,23-24, indicam que o propósito da parábola é estimular séria reflexão. A parábola cumpre o papel de arma moral que desperta e anima a consciência.

A parábola de Natã para Davi (**#2Sm 12.1-14**) é exemplo clássico no Velho Testamento desta função. A parábola do semeador (3-8) narrado por todos os três sinóticos reflete a situação imediata em que se encontrava Jesus e Seu ensino. Ao mesmo tempo enuncia princípios que são válidos quanto à pregação da palavra em todos os tempos. **Pedregais** (5, ARC); melhor, solo rochoso (ARA), isto é, terreno raso com subsolo de pedra. Verifica-se na Galiléia esta feição geográfica. Salienta-se na parábola a colheita abundante (8), não obstante os primeiros resultados desanimadores (cfr. **#Jo 4.35**; **#Mt 9.37**). Dos evangelistas somente Marcos dá relevo a esta ênfase, utilizando no original grego o singular quando se refere aos insucessos, e o plural quando descreve os bons resultados: gr. **homem** (4); **allo** (5), **allo** (7); **alla** (8). A semente mais abundante foi aquela que caiu em boa terra.

>Mc-4.10

Antes de explicar a parábola aos Doze particularmente (10), Jesus comenta Seu uso do ensino parabólico, para responder a uma pergunta. O vers. 12 sempre apresenta dificuldades para expositores. Cita-se aqui **#Is 6.9-10**, que sugere um duplo propósito no método parabólico de ensino. Primeiro, revela-se a verdade aos discípulos, e em segundo lugar, se esconde dos que estão de fora (11) como juízo ou castigo por sua cegueira.

A referência ao **mistério do reino do Deus** (11) dá apoio a esta idéia, pois o uso do vocábulo "mistério" no Novo Testamento indica um "segredo revelado", antanho escondido, mas agora conhecido por revelação (cfr. **#Ef 3.3-4**; **#Cl 1.27**). Alguns expositores acham esta interpretação tão inaceitável

que preferem rejeitar o ditado como não sendo um ensino autêntico de Jesus, e consideram isto e a seguinte explicação nos vers. 13-20 como um acréscimo de tradição cristã secundária, de data posterior. Outra interpretação considera o julgamento contra os ouvintes insensíveis um ato de misericórdia que os poupa da culpa de rejeitar a simples verdade. Mais outra aponta para o estilo resumido de Marcos, e sugere que as palavras "para que" do verso 12 equivalem "para que a Escritura se cumpra" (cfr. #Mt 13.14).

A premissa aceita por todos os expositores é que o propósito principal duma parábola consiste em facilitar e não impedir a apreensão da verdade. Além disto, podemos observar que a natureza intrínseca da revelação é tal que a capacidade de recebê-la depende em primeiro lugar da renúncia da vontade individual e em seguida da obediência. "Vinde e vede" (#Jo 1.39) é sempre a seqüência na experiência cristã: a conquista moral há de preceder a iluminação intelectual. Os discípulos já se renderam à soberania de Jesus e portanto podiam compreender (11), se as parábolas escondem temporariamente dos que estão de fora as verdades do reino no nível intelectual, é somente para o fim de conseguir primeiro uma convicção moral que os leva depois ao esclarecimento intelectual. Há muitos que no seu orgulho queriam inverter esta ordem inalterável (cfr. #Mt 11.25). A interpretação da parábola do semeador (13-20) serve como modelo para entender as outras parábolas, da mesma maneira que um professor demonstra um teorema no quadro-negro. O reino se estenderá, semeando a palavra (14). Esta idéia é fundamental ao evangelismo. A tarefa do evangelista não é apenas a de apresentar argumentos convincentes, e de induzir outros por eloquência sedutora a pensar de sua maneira, mas de semear a semente viva da Palavra de Deus no solo do coração humano. O germe da nova vida se encontra na Palavra, sem a implantação da qual ninguém jamais se torna cristão (#1Pe 1.23). As coisas que impedem a aceitação da Palavra são as seguintes: indiferença (15); falta de espiritualidade (16); preocupação com os cuidados e riquezas do mundo (18). Onde a palavra for ouvida, compreendida e aceita, a ceifa é certa (20). **Satanás** (20): esta referência mostra patentemente que Jesus ensinava a existência de um poder pessoal do mal. De outra maneira, Ele bem podia ter interpretado as **aves do céu** (4) como tentações impessoais.

>Mc-4.21

Dois grupos de ensinamentos (21-23 e 24-25), iniciados pela fórmula "E disse-lhes", dão mais pormenores quanto ao método parabólico de ensino, com referência especial à responsabilidade moral dos ouvintes. A parábola da candeia (21)

confirma a observação acima (12) que a grande finalidade da parábola é iluminar e revelar, embora tenha o efeito temporário de ofuscar. **Alqueire**: vasilha usada para medir cereais. O segundo grupo (24-25) ensina a necessidade de abraçar a verdade como condição para receber maior revelação de verdade. Quando o indivíduo não aceita a verdade, diminuem-se seus poderes de percepção, que se atrofiam por falta de uso, exatamente como as faculdades físicas. Veja **#Lc 8.16** n. e cfr. **#Mt 5.15**; **#Mt 10.26**.

>Mc-4.26

A parábola da semente que cresce misteriosamente (26-29) é a única que se encontra somente em Marcos. Salienta-se o fato que a palavra de Deus operará de si mesma no coração humano, dadas as condições favoráveis, justamente da mesma maneira em que a terra por si mesma frutifica (28; cfr. **#Is 40.10**; **#1Co 3.6**). De si mesma: grego-**automate**. A instrumentalidade humana se limita a duas atividades, o semear e o ceifar (**#Jo 4.35,38**). O que acontece entre estas duas atividades depende da vitalidade da semente e da interação frutífera entre a semente e a terra.

>Mc-4.30

É singular a expressão que se usa para introduzir a terceira parábola do reino, a do grão de mostarda: **A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábola o representaremos?** (30, ARC). Melhor com a ARA: Com que parábola o apresentaremos? Como se a parábola fosse uma espécie de embrulho contendo a verdade. Há duas maneiras de interpretar esta parábola. A primeira vê nela a expansão do reino desde um começo insignificante. A segunda, apoiada por Dr. Campbell Morgan, aponta para o desenvolvimento do reino até proporções anormais, permitindo que as aves do céu, símbolo de espíritos maus, se aninhassem nele. Esta segunda interpretação tem o mérito de conformidade quanto ao uso de símbolos, visto que as aves do céu representam o mal não somente aqui mas também na parábola do semeador. A própria história da igreja o confirma, pois ela se corrompeu sob o imperador Constantino que lhe deu uma posição e patronato imperiais que lhe eram impróprios. Veja **#Mt 13.32** n. Por outro lado, a exposição tradicional é mais natural, e consona melhor com os sentimentos gerais do capítulo que exalam otimismo e confiança no triunfo final da Palavra de Deus.

Uma declaração do evangelista ultima os ensinamentos sobre o propósito e os princípios parabólicos. O reino de Deus era completamente diferente do que

muitos pensavam, e as parábolas serviam muito bem para desarraigar aquelas noções erradas, onde ensinamentos diretos não teriam sido aceitos. Revelou-se a natureza do reino ao povo mais por comparação do que por definição. Aos discípulos, porém, Jesus explicava em particular seus ensinamentos mais minuciosamente.

>Mc-4.35

g) Obras Poderosas (Mc 4.35-5.43)

À série de parábolas segue outra de milagres, assim sugerindo que as obras de Jesus justificam Seus ditados. Suas ações confirmam Suas palavras. Mateus arranja o texto de modo semelhante, narrando estes e mais outros milagres depois do Sermão da Montanha (#Mt 8).

1. JESUS ACALMA UMA TEMPESTADE (#Mc 4.35-41) -Veja notas sobre #Mt 8.18-27; #Lc 8.22-25. Jesus resolveu atravessar o lago da margem ocidental para a oriental. Talvez o Seu motivo fosse despedir a multidão, talvez achar um novo campo para Seu ministério. Assim como estava (36): refere-se ao vers. 1. Depois de ensinar o povo e os discípulos por algumas horas, Ele estava cansado demais para ajudar em despedir a multidão. O repentino temporal é característico da região do mar da Galiléia, onde correntes de ar turbilhonam, descendo violentamente da serra pelos barrancos íngremes até o mar. É somente Marcos que conserva o pormenor vívido que Jesus estava na popa dormindo sobre o travesseiro (38). O travesseiro seria um assento de madeira ou de couro, usado nesta ocasião como almofada. Há ressentimento e censura no que disseram os discípulos: Mestre, não te importa que pereçamos! (38). Jesus, despertando, disse ao mar, Acalma-te, emudece! O gr. *pephimoso* é forte: cala-te; literalmente, ponha mordaca. Usa-se também em #Mc 1.25. Este incidente ilustra a autoridade divina de Jesus sobre as forças da natureza. Ele é superior em poder ao temporal que cria medo nos pescadores experimentados. Revela também a realidade da Sua natureza humana, pois Ele labutou evidentemente até os limites da Sua força. Em nenhuma outra ocasião se encontra dormindo. Como homem, Ele precisava de repouso e de alimentação. Outros comentadores vêem no incidente uma mensagem consoladora para a Igreja atribulada por perseguições. Os discípulos estavam seguindo no caminho da obediência, mas nem por isto eram livres de dificuldades. Perigos ameaçam a igreja, mesmo quando ela está praticando os ensinamentos do Mestre. No barquinho, não houve realmente justificação para covardia nem atitudes pusilânimes. Eles já sabiam o

suficiente para crer na impossibilidade do Messias perecer num temporal, e da inverossimilhança de Ele deixá-los falecer nas águas por causa da sua obediência. "Como é que não tendes fé?" (40).

Mc-6.1

h) Rejeição em Nazaré é a missão dos doze (Mc 6.1-13)

Para os vers. 1-6, veja [#Mt 13.53-58](#). Sua terra (1): isto é, Nazaré, como o texto indica. Esta visita é diferente daquela descrita em [#Lc 4.16-30](#) que ocorreu um ano antes. Jesus deixara Nazaré como pessoa particular. Depois voltou como rabino, rodeado dos seus discípulos, com o suposto motivo de dar aos Seus concidadãos outro ensejo de recebê-lo. O resultado era o mesmo: a inveja os corroe. Era-lhes incrível que um dos seus patrícios recebesse uma missão dos céus. Sua atitude se explica pela **incredulidade** (6). Embora inegáveis Seu poder e sabedoria, eles duvidaram quanto à origem divina destas coisas. Logo surge a implicação que as coisas provavelmente sobrenaturais que não vierem de Deus não emanam do diabo. A essência da incredulidade é esta: recusar persistentemente as evidências da presença e do poder de Deus. Não há nada que iniba tanto a operação divina. **Não pôde fazer ali nenhum milagre** (5). Uma das declarações mais ousadas do evangelho, mostrando que os milagres do Nosso Senhor não eram magia. São relacionados positivamente à condição moral e à fé do povo. Embora onipotente, Deus na Sua soberania não agirá em prol de bênção, em face de rebeldia humana. Da família mencionada no vers. 3, Tiago se torna mais tarde presidente da igreja em Jerusalém ([#At 15.13](#); [#Gl 2.9-12](#)), e autor da epístola geral; Judas é o mesmo que escreveu a epístola geral. Pouco se sabe dos demais irmãos ou das irmãs.

>Mc-6.7

Para os vers. 7-13, veja notas sobre [#Mt 10.5-40](#); [#Lc 9.1-16](#). Segundo Mateus ([#Mc 9.35-38](#)), a missão dos Doze teve sua origem na compaixão do Mestre para o povo, que O levou nesse tempo de introduzir colaboradores escolhidos por Ele, que recebiam Sua instrução para aquele fim. Ao mesmo tempo, é provável que esta primeira viagem ministerial fosse de natureza experimental como parte do seu preparo. Daquela experiência eles aprenderiam muito, inclusive o fato que a autoridade de Cristo se aplicava além da Sua presença física, e mais ainda, que aquela autoridade lhes era outorgada. Aprenderiam que Deus podia suprir todas as suas necessidades; que sua comissão integrava

dignidade moral e autoridade. Eles iam dois a dois, para os fins de testemunho e de comunhão (#Dt 19.15; #2Co 13.1). Seu equipamento era simples e prático, evitando os dois extremos de farrapagem e de ostentação luxuosa. **Apenas um bordão:** detalhe peculiar de Marcos. Usava-se o **alforje** para levar provisões. Eles haviam de aceitar a hospitalidade oferecida; onde for negada, eles haviam de sacudir o pó dos pés em testemunho contra o lugar (11). Tal ação não expressava ressentimento pessoal; indicava que o lugar era julgado pagão e o ato devia levar os habitantes à reflexão e ao arrependimento. A segunda frase do vers. 11 na ARC que começa "Em verdade vos digo", e que não se encontra na ARA, é omitida nos principais manuscritos antigos. Foi incluída por assimilação a #Mt 10.15. Os vers. 12 e 13 resumem o tríplice ministério dos Doze como pregação de arrependimento, exorcismo, e a cura dos enfermos. O Novo Testamento se refere à unção com óleo somente aqui e em #Lc 10.34 (onde seu uso é mais medicinal) e em #Tg 5.14. O uso de óleo aqui seria como acessório à cura milagrosa, e como estímulo à fé.

>Mc-6.14

i) Herodes e João Batista (Mc 6.14-29)

Veja notas sobre #Mt 14.1-12; #Lc 9.7-9. Herodes Antipas era filho de Herodes o Grande (#Mt 2.1) e de Maltace. O título de **rei** que se lhe aplicava era apenas de cortesia, e um costume local. Ele era realmente "tetrarca", ou soberano de uma quarta parte, na Galiléia e na Peréia, sob a tutela de Roma. Sem exceção, Lucas usa sempre esse título "tetrarca". **O rei Herodes... disse** (14) (ARC). Melhor, com a ARA: "Alguns diziam". De todas as notícias a respeito de Jesus que chegaram aos ouvidos de Herodes, sua consciência roedora o levaria a focalizar esta: **João o Batista ressuscitou**. Isto explicaria a demonstração de poderes sobrenaturais nEle. Marcos agora narra em retrospecto os pormenores das circunstâncias relativas à morte de João Batista. Os detalhes esclarecem o caráter de Herodes, e ao mesmo tempo tecem loas ao ministério de Jesus na Galiléia dentro da jurisdição de Herodes, e além, dentro de território gentílico. Segundo Josefo, João foi encarcerado em Macaero, um complexo de construções reunindo uma fortaleza, um palácio e um cárcere, situado ao nordeste do Mar Morto. Em verdade, Herodias era sobrinha de Antipas, sendo filha de Aristóbulo seu meio-irmão; ela casara-se com outro meio-irmão chamado Herodes por Josefo, mas que possivelmente tinha o nome Filipos (17). Repetidamente João admoestava Antipas por causa desta união proibida pelos termos de #Lv 18.16; #Lv 20.21, e por conseguinte Herodias nutria ódios contra o profeta que somente Herodes, cuja consciência

não estava ainda completamente abafada, podia refrear. Herodes apresenta o quadro de um ser moralmente vacilante, dividido entre seu respeito para João e sua paixão por Herodias. **A filha de Herodias** (22): Salomé. Existem uns poucos manuscritos importantes que dizem: a filha de Herodes. Isto é inaceitável, pois uma filha da união entre Antipas e Herodias não teria muito mais que dois anos de idade. Além disto, é difícil acreditar que Herodes sentisse prazer numa dança sensual que só podia degradar sua própria filha. A história pinta as maneiras de uma corte oriental. Cfr. **#Et 5.2**. Há razão para crer que Herodes Antipas nos oferece um exemplo de alguém que cometeu o pecado imperdoável (**#Mc 3.29**). Ele brincava persistente e deliberadamente com a verdade que João lhe apresentava, e quando mais tarde Jesus comparece diante dele uma só vez, o Salvador não lhe diz coisa alguma (**#Lc 23.7-11**). O silêncio de Cristo é muito sugestivo, pois se Herodes pudesse responder a uma exortação, é certo que O Senhor lhe teria falado.

>Mc-6.30

j) Milagres e ensinios na Galiléia e Além (Mc 6.30-8.26)

1. A VOLTA DOS DISCÍPULOS (**#Mc 6.30-34**) -Esta é a única ocasião neste Evangelho em que os discípulos se chamam **apóstolos**. Cumprida sua missão, eles voltam ao discipulado, tendo muito ainda para aprender. Eles relataram tudo ao Mestre, que os chama para repousar. Cfr. **#Lc 9.10. Lugar deserto** (31); geralmente identificado com o nordeste do mar. O servo de Cristo precisa de tempo para repouso como para o trabalho. Como acontece muitas vezes, o repouso do Mestre e Seus discípulos foi interrompido pelas reivindicações das necessidades humanas, e mais umas vez é Sua íntima compaixão que inspira os incidentes seguintes (34). A compaixão de Cristo revela o próprio coração de Jeová num quadro de transcendente ternura. Cfr. **#Jr 23.14; #Ez 34**

>Mc-6.34

2. A PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (**#Mc 6.34-44**) -Este milagre é o único comum a todos os quatro evangelhos. Veja **#Mt 14.13-21; #Lc 9.10-17; #Jo 6.1-15**. É provável que a sugestão dos discípulos visasse interesses outros que os do povo. Eles foram desapontados quanto ao retiro a sós com Jesus, e possivelmente tinham fome também (cfr. 31). A resposta de Jesus veio como repto para agirem, aparentemente além das suas possibilidades: "Dai-lhes vós" (37): note a ênfase dada pela ARA-"vós

mesmos". Tais palavras servem como repreensão contínua à igreja na sua incapacidade diante de um mundo faminto. A igreja contempla seus recursos insignificantes com desânimo. Torna-se patente que toda necessidade pode ser satisfeita uma vez que O Senhor tenha o uso daqueles recursos. O denário varia, no seu valor moderno, conforme o câmbio. Por esta razão é melhor computar o valor como salário de um dia para o operário. A quantia mencionada pelos discípulos era além das suas possibilidades, e aquém do mínimo preciso. Marcos descreve o incidente de uma maneira excepcionalmente vívida. A multidão foi organizada **em grupos** (gr. **symposia symposia**, lit. "em grupinhos festivos"); **sobre a relva verde... em grupos** (gr. **prasiai prasiai**, lit. "como canteiros"). As vivas cores das roupas contra o fundo verde da erva produziram o efeito de um jardim, com flores. O propósito deste agrupamento foi evitar confusão e servir a todos "com decência e ordem" (**#1Co 14.40**). Há certa semelhança entre o vers. 41 e **#Mc 14.22**, que talvez sugira nesta refeição no deserto uma antecipação da Ceia do Senhor. Porém a interpretação mais segura é que era costume naquela época o hóspede proceder desta maneira, e estas simples ações do Senhor se revestiram mais tarde de uma significação mais profunda dentro da comunhão apostólica. Fica oculta a maneira em que o milagre foi efetuado, se nas mãos do Senhor mesmo, ou nas dos Seus discípulos. Os racionalistas já tentaram muitas vezes desfazer o elemento milagroso da história, alegando que o número de pessoas fosse exagerado; outrossim, que se persuadiu o povo de partilhar sua merenda. Se fosse assim, é curioso que um acontecimento tão vulgar tenha sido conservado nos quatro Evangelhos. Tudo depende da maneira em que se interpreta a pessoa de Jesus Cristo. Se é realmente Deus manifestado na carne, não há nenhuma dificuldade real em crer que Ele operou nesta ocasião um prodígio de criação, como os evangelistas tão claramente o apresentam. **Cestos** (43): gr. **kophinoi**. Levados pelos judeus em viagem, para não comer alimentação dos gentios, cfr. **#Mc 8.8,19-20**. **Pedaços de pão**: não migalhas, mas os pedaços que sobram depois de divididos os pães. À luz da versão joanina do incidente, que continua com o famoso discurso sobre o pão da vida, não há dúvida acerca da significação da história. Jesus não é apenas o Autor da vida; Ele é também a Força e Sustentador da vida, tão indispensável para a vida do cristão como é o pão cotidiano para o corpo. Jesus oferece perfeita satisfação na vida íntima do crente que pode, cada dia e cada hora, se alimentar com Ele, pela fé.

3. JESUS ANDA POR SOBRE O MAR (#Mc 6.45-52) -Veja notas sobre #Mt 14.22-33; #Jo 6.16-21. Em comparação com a história em que Jesus acalma a tempestade (#Mc 4.35-41), esta salienta o fato principal de Jesus andar por sobre o mar. Naquele incidente, Ele acompanhou os discípulos dentro do barco; neste, eles estavam sós, Ele mesmo os tendo compelido a embarcarem, enquanto despedia a multidão (45), João explica Sua insistência, pelo fato que o povo queria arrebatá-lo para o fazer rei (#Jo 6.15). Os discípulos teriam sido encantados com o plano, pois expressava perfeitamente suas aspirações, Jesus, porém, reconheceu o imenso perigo da situação, que precisava da retirada imediata dos discípulos e Seu afastamento à solidão para orar (46). Repetiu-se a tentação de #Lc 4.5-8. Betsaida (45): é difícil estabelecer a identidade geográfica deste lugar (cfr. 53, e #Jo 6.17). Alguns peritos conjeturam a existência de um bairro de pescadores em Cafarnaum que se distingue da Betsaida Julias ao nordeste. Uma solução mais simples do problema é que os discípulos tentaram atravessar a baía, foram levados pelo vento ao largo, e finalmente seguiram rumo a Genesaré na banda ocidental. É notável que Jesus não se intrometeu logo na situação. Os discípulos labutaram por muitas horas até a quarta vigília da noite (48), isto é, até às três horas da madrugada, segundo o horário romano que Marcos usa. Mesmo naquela hora, ele queria tomar-lhes a dianteira (48). Esta atitude consona com Sua conduta em outras ocasiões (cfr. #Lc 24.28; #Jo 11.6), e podemos inferir que Seu motivo foi a prova da fé deles. Marcos comenta que todos o viam (50). Portanto, não é caso de uma decepção subjetiva, ou de alucinação, mas do aparecimento objetivo de uma pessoa à vista de todos. Não obstante, o coração dos discípulos estava tão endurecido ainda, que nem o milagre da multiplicação dos pães lhes abriu o entendimento (52; cfr. #Rm 11.25; #Ef 4.18). É quase incrível que o coração humano seja tão obtuso às verdades espirituais.

Mais uma vez encontramos objeções racionalistas contra o elemento milagroso. Primeiro, a intervenção de Jesus não seria absolutamente necessária, os discípulos não estando em perigo mortal; em segundo lugar, uma crítica mais séria da narrativa sugere que esta apóia o conceito docético da pessoa de Cristo, como tendo um corpo celestial que não fosse realmente humano. Se, como alguns alegam, Jesus estava apenas andando na rebentação das ondas na praia, não haveria motivo para medo, nem para Ele conversar com eles, nem tampouco haveria explicação das palavras bem claras no meio do mar (47). Além disto é absurdo dogmatizar sobre o que seria possível ou impossível à Sua única Personalidade.

A omissão na história do detalhe sobre Pedro descendo do barco (#Mt 14.28-31) aponta para a influência do apóstolo mesmo na narrativa de Marcos. Como já foi mencionado na **Introdução**, Pedro toma cuidado em não relatar incidentes que possam exaltar a si mesmo. Muitos dos cristãos em Roma e outros lugares sem dúvida sentiram que eles também estavam fazendo pouco progresso contra os ventos de perseguição, e por este motivo a narração do incidente serviria para consolá-los nimamente, garantindo-lhes a presença poderosa do Senhor no temporal.

>Mc-6.53

4. MINISTÉRIO EM GENESARÉ (#Mc 6.53-56) -Veja também #Mt 14.34-36. Genesaré era uma planície fértil e populosa ao sul de Cafarnaum. Esta descrição gráfica do ministério na Galiléia marca o seu apogeu. Enquanto Jesus palmilhava toda a região, o povo O seguia trazendo em leitos os enfermos. Às vezes chegaram atrasados depois da Sua saída, e naquele caso, eles levaram os doentes de um lugar para outro até que O alcançassem. Aparentemente, o povo procurava somente a cura física. Não há nenhuma referência aqui ao ensino, e parece que Jesus se dedicou irrestritamente ao povo naquele setor da sua receptibilidade.

Mc-8.1

8. SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (#Mc 8.1-10) -Veja notas sobre #Mt 15.32-39. O principal problema que se apresenta aqui é a sugestão que a narrativa seja a forma alotrópica do incidente em que cinco mil pessoas foram alimentadas (#Mc 6.35-44). É inegável que há considerável concordância até nos termos. Esta hipótese alega que os discípulos teriam sido incrivelmente estúpidos se tivessem feito a pergunta do vers. 4 (Donde poderá alguém fartá-los?), à luz da sua experiência anterior. Por outro lado, há diferenças ponderosas. Neste segundo caso, o povo passou **três dias** no deserto (2) enquanto no primeiro caso os cinco mil passaram apenas um dia. Na primeira narrativa, os discípulos recomendam que o povo seja despedido; nesta, é Jesus que insiste no contrário pela Sua própria iniciativa. A diferença no número de pessoas, embora não tenha a mesma importância, não é sem peso. Usa-se uma palavra diferente para **cestos** (8). Aqui o gr. é **spyris**, um artigo feito de vergas ou de juncos, usado por comerciantes gentios, e dum tamanho suficiente para carregar um homem (#At 9.25). O termo usado no primeiro incidente é **kophinos**, que se referia ao cesto para provisões dos judeus. Veja 6.43 n., Jesus distingue nitidamente entre os dois termos nos

versos 19 e 20. Veja também #Mt 16.9-10 n. É realmente insatisfatório tratar estas diferenças como "modificações de uma tradição", e parece que os próprios críticos-estavam embaraçados, quando foram obrigados a sugerir que Marcos, geralmente muito perto da tradição original, deixasse os interesses homiléticos modificarem as palavras do nosso Senhor. Sobre a perplexidade dos discípulos, Trench diz o seguinte, na sua obra *Notes on the Miracles*: "É somente o homem de madura fé, a qual os próprios apóstolos neste período nem possuíam, que argumenta do passado para o futuro, e que realmente tira proveito e confiança da sua experiência no passado da fidelidade e amor de Deus (cfr. #1Sm 17.34-37; #2Cr 16.7-8)". A obstinação e estupidez do coração humano são descritas com freqüência nas Escrituras, cfr. #Êx 14.31 e #Êx 16.2-3. Jesus lamentou esta condição nos vers. 17-21. O ponto significativo do incidente é que Jesus se encontrava entre gentios, aos quais também se ofereceu o pão da vida, tanto como aos judeus. Dalmanuta (10): única menção do lugar, e até aqui não identificado. #Mt 15.39 se refere a Magdala (ARC), ou Magadã (ARA), e isto sugere que atravessaram o mar outra vez até a banda ocidental.

>Mc-8.12

9. PEDE-SE UM SINAL DO CÉU (#Mc 8.11-21) -Os vers. 11-13 se comparam a #Mt 16.1-4, onde Jesus condena os fariseus por não discernir os sinais dos tempos. O pedido era insincero, visto que os fariseus estavam mais interessados em fabricar provas que Jesus não fosse o Messias, do que contemplar a possibilidade do contrário. Cfr. #Mt 12.38-42; #Lc 11.29-32. Não lhes faltavam sinais na terra, e o comentário de Jesus aos discípulos (19-21) implica que as duas multiplicações dos pães tivessem aquele cunho. Mas é do céu que eles desejavam sinal: uma voz, um sinal no sol ou na lua, seria para eles mais convincente do que a satisfação da necessidade humana. Mesmo se se houvesse algum fenômeno extraterreno, sua aceitação seria duvidosa, pois é irremediável a cegueira de quem não quer ver. Jesus silenciou em face da perversidade moral dos fariseus. E deixando-os (13); as palavras marcam o trágico momento de abandono.

Jesus aproveitou o ensejo de advertir aos discípulos que tais influências corruptas são a principal causa de cegueira espiritual (15). Cfr. #Mt 16.5-12. #Lc 12.1 ensina que o fermento dos fariseus era a hipocrisia; o de Herodes, provavelmente, mundanismo e sensualidade. Aqui os próprios discípulos desconhecem por completo o significado espiritual e íntimo do ensino do Mestre, pensando que Ele se referisse a algum fermento literal, para o uso do

qual os fariseus tinham leis meticulosas. A falta de percepção dos discípulos não se compara à dos fariseus, pois estes, Jesus resolveu abandonar. Aqueles, que evidenciaram inércia espiritual, precisavam e recebiam a infinita paciência do Senhor. O fato é confortador. O trecho salienta a importância de percepção espiritual, uma qualidade rara mesmo entre discípulos. Essa qualidade reside mais no coração do que na cabeça, e se aplica à simpatia moral antes que à erudição intelectual. Cfr. #1Co 2.9-16; #Ef 1.17.

>Mc-8.22

10. A CURA DE UM CEGO EM BETSAIDA (#Mc 8.22-26) -Há semelhanças notáveis entre este milagre e a cura do surdo e gago (#Mc 7.31-37). Estes dois milagres se encontram somente em Marcos. Nos dois casos, o paciente foi isolado da multidão, o método da cura foi a aplicação de saliva e o toque da mão, e toda forma de publicidade foi evitada. O aspecto singular deste milagre é que a cura foi gradual. O homem, recobrando a vista, disse: "Vejo os homens porque como árvores os vejo, andando" (24). Foi-lhe necessário outro toque da mão para conseguir perfeita recuperação da vista. Este detalhe altamente distinto em si mesmo confirma a historicidade do incidente. É difícil resistir à conclusão de que Marcos introduz esta narrativa propositadamente. Os discípulos eram naquele tempo comparáveis ao cego na primeira fase de cura. E aqui brilham os raios de esperança. Toda a obra de Cristo é completa, e só a perfeição O satisfaz. Aquele que começou a boa obra há de completá-la. Brevemente, pelo segundo toque do Seu Espírito em Pentecoste, eles verão todas as coisas nitidamente.

Desde este ponto, o que domina a narrativa é a aproximação da Paixão, de que há três predições claras (#Mc 8.31; #Mc 9.31; #Mc 10.33).

>Mc-8.27

1) O Messias e Seus sofrimentos (Mc 8.27-9.29)

1. A CONFISSÃO DE PEDRO E A PRIMEIRA PREDIÇÃO (#Mc 8.27-33) - Veja notas sobre #Mt 16.13-23; #Lc 9.18-22. Cesaréia de Filipe é a cidade mais setentrional alcançada por Cristo. Distingue-se de Cesaréia Stratonis na costa mediterrânea, a sede do governo romano mencionada diversas vezes nos Atos. Jesus apresentou aos discípulos duas perguntas. A primeira (27), de caráter geral, obteve a informação de que os homens reconheciam nEle uma pessoa destacada somente. A segunda foi repto para eles pessoalmente, e

Pedro como porta-voz do colégio apostólico, faz a tremenda declaração que Ele é o Messias, prometido desde a antigüidade. É sugestivo que a bem-aventurança do Senhor sobre Pedro é omitida aqui. Sem dúvida, Pedro guardou o silêncio sobre isto. Compare o trecho paralelo em [#Mt 16.13-23](#). Depois da cegueira dos fariseus e a obtusão dos discípulos, Jesus se regozija em ver que a luz começa a penetrar. A vista deles ainda está na fase inicial, pois é patente que, como o homem recentemente curado, sua vista espiritual não era perfeita. Todavia, os que conheciam Jesus melhor, O reverenciavam mais. Nossa experiência com seres humanos não é assim. Muitas vezes a familiaridade produz desprezo; o fulgor da santidade se desvanece, quando a vida de alguém é examinada de perto. É justamente o contrário com Cristo.

A confissão de Pedro constitui o ponto crítico, tanto no ensino de Jesus, como na narrativa evangélica. Jesus mesmo era cômico da sua missão messiânica pelo menos desde o início do Seu ministério público, senão antes. Cfr. [#Lc 2.49](#). Ele compreendeu, desde o início, o lugar de sofrimento e a indispensabilidade da cruz no Seu caminho redentor ([#Jo 2.19](#); [#Jo 3.14](#)). Mas é somente nesta hora decisiva que Ele fala abertamente (32). Daqui em diante, a narrativa de Marcos é dominada pelo único propósito de estabelecer a verdade de que Jesus não foi surpreendido pelos acontecimentos, cujo desdobramento já fora vaticinado desde os séculos, como parte do conselho divino anteriormente determinado ([#At 4.28](#)).

Os discípulos tinham razão quanto ao fato da identidade de Cristo, mas erraram na sua maneira de compreendê-lo. Os profetas do Velho Testamento anteciparam dois aspectos da vinda do Messias, o triunfante ([#Is 11](#)) e o sofredor ([#Is 53](#)). Cfr. [#Lc 24.26](#); [#1Pe 1.10-11](#). Os judeus nutriam esperanças das implicações materiais e políticas do primeiro, e convenientemente deixavam de lado, ou rejeitavam, a sugestão espiritual do segundo. Neste tempo, os próprios discípulos partilhavam os conceitos gerais quanto ao Messias. Portanto, Jesus começou a ensinar-lhes **que era necessário que o Filho do homem sofresse muitas cousas** (31). Os discípulos foram assombrados por esta divulgação, e Pedro, talvez depois de deliberar o assunto, chamou o Senhor à parte, e **começou a reprová-lo** (32). Nas palavras de Pedro, Jesus identificou uma voz conhecida ([#Lc 4.5-8](#)). É solene contemplar o fato que um discípulo bem intencionado pode pela sua falta de espiritualidade, tornar-se instrumento de Satanás. O objetivo do genuíno discipulado é a absoluta conformidade com a mente divina, como se revelava em Jesus, que compreendia as **coisas de Deus** (33). Paulo usa uma frase

semelhante em #Cl 3.2. O seu significado se estende pelos ensinamentos subsequentes.

>Mc-8.34

2. CONDIÇÕES DO DISCIPULADO (#Mc 8.34-9.1) -Cfr. notas, #Mt 16.24-28; #Lc 9.23-27. Marcos menciona aqui, pela primeira vez, a **cruz** (34), cuja notória associação romana criou um efeito espantador entre os apóstolos, que não se registra no leitor moderno. Para o discípulo, a cruz há de significar exatamente o que significou para o Senhor; não tão somente inconveniência e desassossego, mas a morte.

Define-se a atitude do discípulo em relação ao mundo neste contexto. Ele experimentará hostilidade ferrenha que resultará em perseguição, à qual não há de resistir. (#Jo 15.19; #Gl 6.14). Ele há de aceitar as últimas consequências da obediência, e se for necessário, há de arriscar tudo. Sua atitude para consigo é de autonegação, abdicando o trono ocupado por seu ego, a fim de que Cristo seja entronizado e a vida dominada por Ele. Em relação ao seu Senhor, ele há de se submeter inteiramente à vontade divina (34). Paradoxalmente, tal autonegação e tal submissão é o ganho mais seguro e duradouro, enquanto a vida egocêntrica de auto-expressão, tão estimada pelos filósofos modernos, leva o homem a perder sua alma. E uma vez perdida, que dará o homem **em troca**, para remi-la? (37) Tal perda é irrevogável.

Depois de uma doutrina tão severa, Jesus anima os discípulos falando da Sua vinda (8.38)

Mc-9.2

3. A TRANSMUTUAÇÃO (#Mc 9.2-8) -Veja notas sobre #Mt 17.1-8; #Lc 9.28-36. Esta é a segunda vez que o Senhor leva consigo os três discípulos mais íntimos (cfr. #Mc 5.37). Em nenhum lugar é mencionado o nome do **alto monte** (2), mas geralmente se aceita que fosse o Monte Hermom (3.000 metros) a uns vinte quilômetros ao nordeste de Cesaréia de Filipe. É provável que o incidente ocorreu de noite (#Lc 9.32), entretanto Lucas salienta o fato que os discípulos estavam bem acordados naquela hora. Existem diversas hipóteses que procuram explicar os fenômenos relatados, e há muita divergência entre elas. Alguns explicam o incidente como de valor lendário ou simbólico, outros o consideram como história deslocada da ressurreição, mais

outros, os espíritas, vêem nele uma "séance"! Quanto à última hipótese, replicamos que não houve nenhuma comunicação entre Moisés e Elias e os discípulos, e além disto o assunto da sua conversação foi a cruz de Cristo (#Lc 9.31), tópico este incomum nas sessões espíritas! A atuação de Pedro corresponde inteiramente ao seu caráter e serve de sólido argumento em favor da historicidade da narrativa, que cabe muito apropriadamente no contexto geral. Dr. Campbell Morgan considera que os discípulos lobrigaram, não a refulgência divina, mas a glória da perfeita humanidade imaculada; também, que não houve em Cristo coisa alguma que impedisse Sua volta naquela hora aos céus sem morrer, tendo em vista que a morte resulta do pecado, e Ele era sem pecado; que Ele "deu as costas ao céu pela segunda vez, para que, como homem perfeito, tivesse parte no mistério da morte humana". A transfiguração, além de sua imensa significação quanto à pessoa de Jesus, cumpre um papel importantíssimo na educação espiritual dos discípulos, o que deixou uma impressão profunda na igreja primitiva (#2Pe 1.16-18). Serviu para confirmar sua fé, que bem podia ter vacilado depois das revelações dadas em #Mc 8.31,34. A transfiguração mostrou que na realidade o conceito de um Messias sofredor não destoava a revelação do Velho Testamento, mas ao contrário concordava com o testemunho da lei e os profetas, representados por Moisés e Elias. A experiência salientou a importância de dar ouvidos ao Senhor quando Ele falava da Sua iminente paixão (7; cfr. #Dt 18.15). Pedro já se mostrara oposto a esta revelação (#Mc 8.32).

>Mc-9.9

4. A DESCIDA DO MONTE (#Mc 9.9-13) -Veja notas sobre #Mt 17.9-13. Pela última vez Jesus impõe o silêncio aos discípulos por um prazo que findara no dia da ressurreição. Tinha sido mister esconder a identidade de Jesus como Messias, devido às noções políticas e materialistas nutridas geralmente com respeito ao Messias. Mas depois de morto e ressurreto, Jesus nunca mais seria considerado como um Messias terrestre. A pergunta do vers. 11 sobre Elias resultou da sua presença à transfiguração. A resposta do Senhor esclarece dois fatos: primeiro que "Elias" já veio na pessoa de João Batista que foi rejeitado e morto. **Como dele está escrito** (13): uma referência às perseguições suportadas por Elias (#1Rs 19.1-3). O que Acabe e Jezabel eram para Elias, Herodes e Herodias eram para João. Em segundo lugar, o Filho do homem foi destinado a padecer a mesma sorte como seu precursor. No vers. 12, a segunda frase deve ser considerada uma interrogação, como na ARA.

>Mc-9.14

5. O JOVEM EPILETICO (#Mc 9.14-29) -Veja notas sobre #Mt 17.14-21; #Lc 9.37-42. É muito notável o contraste entre a glória no monte e a tragédia e derrotas humanas no vale, e este contraste bem provavelmente é propósito do escritor. **A surpresa da multidão** (15) se explica, não por alguns traços da glória celeste ainda permanecendo sobre Jesus, mas por Sua inesperada chegada tão oportuna. Cfr. vers. 9. A ciência moderna teria diagnosticado o caso como de epilepsia. Entretanto, isto não seria incompatível com a declaração de que a doença resultou da presença do demônio a quem Cristo falou. Já notamos o interesse especial de Marcos nesta laia de exorcismo milagroso (veja notas sobre #Mc 1.21-28 e #Mc 5.1-20), e o trecho em apreço oferece abundantes detalhes vívidos. O grupo no vale é símbolo do mundo: o moço dominado pelas forças do mal, os pais angustiosos, e os nove discípulos derrotados apresentam o quadro em miniatura do que se vê em nossos tempos. Os discípulos tinham recebido autoridade suficiente (#Mc 6.7) para não fracassarem, mas por certas razões, que mais tarde iam aprender, eles falharam diante do repto deste caso. Para completar o quadro, um grupo hostil de representantes diversos da religião ventila suas críticas. É bem fácil criticar as falhas de outros sem fazer mais nada. Nesta situação, o Senhor expressa primeiro Sua tristeza à incredulidade daquela geração (19). Ao mesmo tempo Ele sente compaixão deles: **até quando vos sofrerei? Trazei-mo** (19). É notável que Jesus deixou o jovem sofrer a crise enquanto Ele conversou com o pai (20-24). O motivo disto era, sem dúvida, levar o pai a crer primeiro. **Se tu podes** (22): Jesus salienta a falta de fé no pai, reiterando as mesmas palavras (23). **Eu creio** (24): nestas palavras o pai responde ao desafio de Cristo, pedindo-lhe ao mesmo tempo que Ele ajude sua falta de fé. **A multidão**: não é necessariamente a mesma que cercou Cristo no vers. 14 de quem Ele e o pai do jovem teriam se retirado enquanto o filho possesso vinha.

O caminho mais sábio a seguir depois de fracassar não é o eleger uma comissão de inquérito, nem o discutir entre si os problemas, mas o consultar ao Mestre em segredo. Assim fizeram os discípulos. Comparando a versão de Mateus (#Mt 17.19-21), três razões aparecem como explicação da derrota. Primeiro, a falta de fé os tolheu de usar a autoridade que lhes fora outorgada. Em segundo lugar, faltaram na oração, talvez pela razão que ficaram pasmados com a predição da cruz e conseqüentemente esqueceram de orar, perdendo assim sua comunhão com Deus. Em terceiro lugar, se vê uma falta de disciplina em não jejuarem. As palavras **e jejum** são omitidas da ARA, pois não se encontram nos códices Vaticano e Sinaítico, e teriam sido acrescentadas, segundo alguns comentaristas, para apoiar o ascetismo. A

evidência contra as duas palavras ainda não é definitiva. Em todo caso é claro que somente pela persistente oração e a perseverança na disciplina pessoal pode o homem tratar de tais casos adequadamente.

>Mc-9.30

m) Censuras e advertências (Mc 9.30-50)

1. SEGUNDA PREDIÇÃO DA PAIXÃO (#Mc 9.30-37) -Veja notas sobre #Mt 17.22-23; #Mt 18.1-6; #Lc 9.43-48. Neste ponto começa a última viagem ao sul, rumo Jerusalém onde se desenrolará o drama da Paixão. Há duas possíveis razões para o sigilo: primeiro, que o ministério na Galiléia tinha terminado, e em segundo lugar, que Ele desejou instruir os discípulos. **Ensinava os seus discípulos** (31): em todo o caminho o tema constante é Sua Paixão iminente. Logo segue a segunda predição da cruz (cfr. #Mc 8.29-31). **Entregue** (31): refere-se ao ato divino e não tão somente à traição por Judas. Paulo usa um termo semelhante em #Rm 8.32. Mais uma vez os discípulos não compreendiam, e por isso **temiam interrogá-IO** (32). Sem dúvida, sua incompreensão resultou duma preocupação com esperanças políticas (34). É possível que a disputa nasceu do privilégio concedido aos três que foram especialmente escolhidos para testemunharem a transfiguração. É típico da natureza humana que mesmo os mais altos privilégios espirituais podem criar o orgulho. O pecado cardinal é o orgulho, e de quando em vez Deus toma medidas drásticas que são indispensáveis para produzir em nós aquela humildade que Lhe é de supremo valor. (Cfr. #2Co 12.7). "A humildade é o paramento dos anjos, e o orgulho é a deformidade dos demônios" segundo W. Jenkyns, escritor puritano. A resposta do Senhor (35-37), tanto nas palavras claríssimas, como na lição objetiva de uma criança, colocada no meio, tem a dupla aplicação de encorajar aos pais, professores e todos quantos tenham o cuidado das criancinhas, e ao mesmo tempo de reprovar a ambição orgulhosa.

>Mc-9.38

2. LIÇÕES DO DISCIPULADO (#Mc 9.38-50) -Estes versos constituem uma coletânea dos aforismos de Jesus, espalhados em diversas formas e em vários contextos nos outros Evangelhos. Isto sugere que, ainda genuínos, eles fossem coligidos pela redação de Marcos, e portanto não todos fossem falados na mesma ocasião. Se procuramos um teor comum neles, aparecem dois grupos, o primeiro que salienta o dever da bondade e tolerância mútuas, (38-42), e o segundo que dá ênfase à disciplina pessoal (43-50). O primeiro grupo procura

determinar a atitude do discípulo para com seu próximo, e o segundo grupo aponta para a fidelidade para consigo. O discípulo há de mostrar tolerância com os outros, e severidade consigo. O exorcista mencionado aqui por João (38), em contraste com os de #At 19.13-16, mostrou-se pelo menos sincero e eficiente, não obstante os seus defeitos; onde as vidas estão sendo abençoadas e libertadas do poder do mal, não se deve impedir tal obra. Contra a intolerância eclesiástica não há admoestação mais forte do que esta. Mesmo os atos de serviço menos espetaculares, quando feitos com pureza de motivo, não perderão seu galardão (41). É possível que a atuação dos discípulos em proibir ao homem tivesse servido de tropeço para ele, e merecesse a solene advertência do vers. 42. **Pedra de moinho** (42, gr. **mylos onikos**) -dum tamanho tal que se precisava de um jumento para virá-la. A linguagem do segundo grupo de máximas é patentemente figurada. "Não se deve temer a cirurgia espiritual para salvar a vida da alma" (J. D. Jones). **Inferno** (43,45,47): gr. **geenna**. É preciso discriminar entre este vocábulo e hades, o lugar habitado pelas almas após a morte física. (#Lc 16.23). Geenna se deriva do hebraico **Ge-Hinnom**, "o vale de Hinnom", uma ravina fora de Jerusalém onde havia, em tempos remotos, sacrifícios humanos (#Jr 7.31), e que, mais tarde durante a reforma de Josias, se tornou o monturo da cidade (#2Rs 23.10).

>Mc-9.49

O termo chegou a ser usado metaforicamente para lugar de castigo vindouro. Há umas 15 interpretações do vers. 49, do qual a segunda frase citada na ARC é omitida na ARA, conforme as melhores evidências textuais. Sua inclusão talvez originasse como explanação da primeira frase, à luz de #Lv 2.13. O sentido mais provável é que o sofrimento produz o efeito purificador, uma verdade muito relevante à Igreja em Roma já experimentando perseguição. Nesta hipótese, o **fogo** do verso 49 não é o do verso 48, que é destruidor antes de purificador; **cada um** (49) quer dizer cada discípulo. A conexão do verso 50 parece ser puramente verbal e artificial, pois aqui **o sal** se refere à graça no caráter cristão, que é o sentido comum.

Mc-10.1

III. EM CAMINHO PARA JERUSALÉM Mc 10.1-52

A geografia do primeiro verso se torna incerta por causa de diferenças textuais. Talvez a melhor versão seja "foi para os termos da Judéia e além do Jordão", que indica a região sul da Palestina que se estende aos dois lados do

rio. Em todo caso, os ensinamentos dados e os incidentes relatados deviam ter acontecido durante a viagem.

>Mc-10.2

a) Sobre o casamento e o divórcio (Mc 10.2-12)

Veja também [#Mt 19.3-12](#). Novamente os fariseus preparam uma pergunta maliciosa, [tentando-O](#) (2). O divórcio era um assunto debatido, e havia duas escolas de ensino. O pronunciamento mosaico rezava que o homem podia lavrar uma carta de divórcio se achasse infidelidade nela ([#Dt 24.1-4](#)). Tudo girou em torno da interpretação de infidelidade. A escola de Sammai mantinha-se firme na interpretação rigorosa da lei que o casamento é indissolúvel exceto no caso da infidelidade da mulher. A escola de Hillel adotava uma posição acomodatória, permitindo o divórcio para diversas razões. Na sua réplica, Jesus aponta para o fato que a legislação mosaica era uma concessão à fraqueza humana cuja introdução na lei era necessária para regular o divórcio numa sociedade imperfeita (5). Depois, Jesus os leva além de Moisés até o princípio onde o ideal divino para o homem é que o casamento seja uma instituição permanente, "o indissolúvel vínculo do matrimônio" (6-9). Quando mais tarde os Seus discípulos interrogaram-no particularmente sobre o assunto, Ele desenvolveu mais o tema para mostrar-lhes a igualdade dos sexos neste contexto. A lei judaica não permitiu que a mulher divorciasse o marido. O verso 12 serve então de inovação. Não é possível comentar adequadamente aqui este assunto difícil, quanto à sua aplicação à sociedade moderna. Muito depende da interpretação dada à cláusula exceptiva de [#Mt 5.32](#) e [#Mt 19.9](#). Basta dizer que o ensino de Jesus reconhece, para descrentes provisões que de maneira nenhuma subtraem do ideal divino, e endossa a concessão mosaica, enquanto para os discípulos entra em vigor o mais elevado padrão inalterável. Em [#1Co 7.10-16](#) Paulo estuda o assunto, à luz da nova situação, dentro da igreja, do membro convertido depois de casado, cujo companheiro não aceita a fé. Não há dúvidas quanto à posição do crente individual. "Para sua própria proteção e prosperidade, a sociedade humana faz bem em aceitar a orientação positiva de Cristo, quando se definem os motivos justos para o divórcio que ameaça a vida pessoal e familiar" (Vincent Taylor).

>Mc-10.13

b) Sobre a Infância (Mc 10.13-16)

Veja #Mt 19.13-15; #Lc 18.15-17. Este assunto segue naturalmente o do casamento, uma ordem que leva muitos expositores modernos a considerar o trecho uma inserção tópica. Porém, é muito atraente a sugestão conservadora que associa as crianças com a casa mencionada no vers. 10. "Elas Lhe foram apresentadas para dizer 'boa noite', e receber Sua bênção antes de irem deitar" (Salmon). O Senhor é defensor da mulher e da criança. Quando os discípulos, cheios dos seus conceitos materialistas do Reino, iam afastá-las, Ele **indignou-se** (14, gr. **aganaktein**). É somente aqui que se usa esta palavra indicando ira, com respeito a Jesus. Os discípulos subestimavam o valor duma criança e ignoravam a verdadeira natureza do Reino. Não é preciso que a criança chegue à vida adulta antes de participar no reino; ao contrário, é o adulto que há de converter-se e tornar-se como criança para entrar nele. (Cfr. #Mt 18.3). O Reino não é alcançado tampouco por obras nem méritos. É necessário **receber o Reino de Deus** (15) como dádiva, e por isso se torna mais acessível à criança. O exemplo da criança não salienta a inocência nem a humildade dela, mas sua receptividade e dependência. Assim Jesus tomou-as nos braços e **as abençoava** (16). O quadro encantador se enriquece mais ainda pelo uso da palavra grega composta, **kataeulogei**, achada somente aqui no Novo Testamento, e que quer dizer: Ele as abençoava nimiamente, com fervor.

>Mc-10.17

c) Sobre as Riquezas (Mc 10.17-31)

Veja notas sobre #Mt 19.16-29; #Lc 18.18-30. É a narrativa de Lucas que fala do jovem rico como "príncipe" (ARC) sem porém indicar a natureza da sua posição. Sua juventude indica que a posição aludida não fosse a de responsabilidade na sinagoga. Diversas facetas do seu caráter são atraentes, menos sua avaliação de si mesmo (20). Cfr. #Fp 3.6. Marcos acrescenta os detalhes que o jovem **correu e se ajoelhou** (17) diante de Cristo, o que sugere prontidão e respeito. Sua saudação **bom mestre** é muito invulgar, nunca usada pelos judeus dirigindo-se a um rabino, e talvez empregada pelo jovem como esmero de cortesia. **Vida eterna**: esta expressão, tão comum nos escritos joaninos, se encontra em Marcos somente aqui e no vers. 30. É duvidoso que tenha aqui a mesma significação de uma possessão atual. O jovem provavelmente tinha em mente o conceito escatológico da vida, como herança nos tempos vindouros. O verso 30 confirma esta idéia. Apesar de todos os seus esforços, o jovem não logrou a almejada segurança. Na sua resposta, Jesus escolhe uma das palavras do interlocutor e apresenta-a para uma nova

consideração (cfr. 9.23 n.). As implicações teológicas desta resposta (18) têm sido explicadas em diversas maneiras. Muitos escritores patrísticos e alguns comentaristas modernos consideram que Jesus forcejou por revelar-lhe Sua divindade. Neste caso o sentido parafrástico seria o seguinte: "que só Deus é bom. Porquanto não crês que eu sou Deus, mas apenas um mestre, não aceito o epíteto". Porém, é muito duvidoso que o homem pudesse entendê-lo assim. Realmente, as implicações teológicas são secundárias, e não se pode concluir mais da frase que a bondade, no sentido absoluto, pertence somente a Deus, o Pai. Em contraste, a bondade de Jesus era sujeita ao crescimento, e às provas inerentes na encarnação, pelas quais Ele aprendeu a obediência por aquilo que padeceu. (#Hb 5.8). A principal aplicação das palavras tem em mira a necessidade deste homem que, não obstante sua insegurança quanto ao futuro, se julgava justo e bom diante do padrão da lei (20). O que ele esperava foi uma exortação a empreender alguma obra difícil que lhe valesse mérito excepcional, suficiente para suprir quaisquer deficiências dessa natureza. É a noção popular da acumulação de mérito como medida de bondade, que constitui um dos pecados mais sutis, a que o Senhor se opõe. Esta lição mostra que todo o esforço humano em que o jovem se estribava era incapaz de produzir algo "bom" aos olhos de Deus (#Rm 7.18). É verdade que a obediência perfeita à lei, sem falha nem desvio ganharia a vida eterna. Veja #Tg 2.10-11. Na verdade, este homem ofendia contra o primeiro e o maior mandamento, pois suas possessões eram seu deus. Jesus lhe ofereceu uma porção adequada da lei para servir de alicerce, que o conduzisse a Cristo para que ele fosse justificado, não pelas obras, mas pela fé (#Gl 3.24). A ordem de vender tudo quanto tinha não é, por conseguinte, de aplicação universal, mas era necessário para este homem. Note-se que Jesus não lhe ofereceu vida eterna em troca das suas riquezas, mas simplesmente um tesouro incorruptível em lugar de coisas efêmeras. O caminho da vida verdadeira leva o homem a abandonar tudo quanto sirva de empecilho para depois seguir com firmeza (21). Este é o sentido do imperativo presente do grego *akolouthei*: "segue-me". É perfeitamente possível distribuir os bens em prol de alguma causa benéfica sem tornar-se discípulo de Cristo (#1Co 13.3). Não se sabe se este homem se arrependeu mais tarde e voltou. Uma hipótese atraente o associa com Barnabé.

>Mc-10.23

Nos vers. 23-27 há diversas variações textuais. **Os que confiam nas riquezas** (24): esta frase da ARC é omitida com justiça da ARA. O Texto Ocidental inverte a ordem dos vers. 24 e 25. Com estas modificações, a conversação se desenvolve natural e logicamente para a declaração culminante do verso 27.

Os discípulos ficaram impressionados quando Jesus indicou quão difícil é para um rico entrar no Reino, pois a opinião universal entre os judeus foi que as riquezas representassem o favor divino, como no caso de Jó. O verso 25 deve ser considerado simplesmente como hipérbole oriental. Quando Jesus voltou a repetir o ensino com mais ênfase, embora usando um termo de afeição ("filhos" 24), ele afirmou que não somente os ricos mas também os pobres dificilmente entrarão, e os discípulos ficaram mais assombrados ainda. Afinal de contas, a proposição fundamental do evangelho é esta, que para os homens a salvação é impossível, contudo, não para Deus (27). É o dom de Deus que o dinheiro não pode comprar. Para ricos e pobres igualmente é milagre da divina graça.

>Mc-10.28

Entrementes Pedro estava ocupado com estimativas em que ele se comparava favoravelmente com o jovem rico (28). O **nos** é enfático. Jesus respondendo usou uma linguagem figurada para expressar a verdade que Ele nunca será devedor a ninguém, nem em tempo nem na eternidade (29-30). Ao mesmo tempo Ele desalenta o espírito interesseiro entre os que professam Seu nome. Daí a advertência do verso 31, que se compara com **#Mt 20.1-16** no mesmo contexto.

>Mc-10.32

d) A terceira predição da Paixão (Mc 10.32-34)

Cfr. **#Mt 20.17-19**; **#Lc 18.31-34**. A viagem chega perto do seu fim, e aqui um quadro de profunda solenidade se nos apresenta. Jesus anda na frente à guisa de um pastor oriental (cfr. **#Jo 10.4**) Em seguida, aparentemente em dois grupos, os Doze, pasmados, e depois deles umas pessoas indeterminadas que pressentem vagamente que alguma coisa há de acontecer (32). Outra vez os Doze são chamados à parte e ventila-se o assunto desagradável em termos claríssimos (32-34). Pela primeira vez se revela que os gentios e os judeus se unirão nesta enormidade de crime, os judeus para condenar e os gentios para executar. Se pudessem compreendê-lo, os Doze receberiam uma divulgação nestas palavras que indicava a morte por crucificação. A narrativa de Mateus é explícita na ponto (**#Mt 20.19**).

>Mc-10.35

e) O pedido de Tiago e João (Mc 10.35-45)

Veja notas sobre #Mt 20.20-28. De tais reflexões soleníssimas passamos a um pedido ambicioso numa transição brusca. O incidente ilustra bem o perigo de se preocupar com insignificâncias pessoais numa hora quando acontecimentos de imenso alcance espiritual são iminentes. Segundo Mateus, é a mãe de Tiago e João que formula o pedido. Chamava-se Salomé, e parece que foi a irmã da mãe de Cristo (#Mc 15.40; #Mt 27.56; #Jo 19.25). Tiago e João seriam neste caso primos de Jesus. A cena já foi descrita como "a primeira intriga eclesiástica para obter posições destacadas na Igreja", e sem dúvida originou de uma maquinação de família contra Pedro, o terceiro membro do trio privilegiado. Mas como Bengel comenta, Jesus-estava preocupado com Sua Paixão, sabendo os que seriam colocados à Sua direita e à Sua esquerda, em sentido diferente, dentro em breve. Os discípulos só olhavam para as coisas deste mundo. Usando os símbolos poéticos do cálice e do batismo tirados do Velho Testamento para representar o sofrimento e a aflição inenarrável, Ele procura revelar-lhes o que O separa da glória, e se interpõe entre eles e a realização dos seus desejos. Podemos (39): uma resposta confiante tão ignorante como o seu pedido. Não obstante, Jesus os toma ao pé da letra, como descobriram mais tarde (#At 12.2; #Ap 1.9). Cabia somente ao Pai celestial outorgar o cobiçado lugar, não por favoritismo, mas a quem fosse mais idôneo (40). Seria tão impossível prometer de antemão o prêmio para o primeiro lugar a dois atletas num concurso como era para Jesus prometer os lugares principais no Reino. Era possível que Tiago e João os alcançassem, mas somente na base de aptidão e não como favor pessoal.

>Mc-10.41

Indignavam-se os dez (41); eles evidenciaram uma atitude pouco louvável em comparação com os dois irmãos ambiciosos, pois eles também seriam muito insatisfeitos com o último lugar. Novamente Jesus os toma à parte para recapitular a lição (#Mc 9.33) e explicar-lhes, nos termos mais simples, a diferença essencial entre a grandeza do mundo e a do espírito. No mundo os homens de todos os tempos e de todos os séculos, inclusive o nosso, procuram sua satisfação em governar e assenhorear-se dos outros, aproveitando sua influência pessoal para conseguir sua própria vantagem. No Reino de Deus, a verdadeira grandeza se exhibe em humildade e serviço voluntário.

O fato singular concernente a Jesus é que sem exceção alguma Ele praticava o que pregava. Ele mesmo é a encarnação da sua ética. Todos estes princípios se

englobam num ditado a Seu respeito que é dos mais importantes dos quatro Evangelhos, e certamente o verso chave deste (45). Quanto à sugestão que o ditado não tivesse base histórica, e que fosse o fruto da influência paulina, veja a **Introdução**. Esta declaração é uma das mais primitivas que anuncia o propósito da vinda de Cristo, e define sua missão sob dois aspectos, o de servir, e o de dar. O texto de Marcos pode ser dividido conforme estes aspectos, **#Mc 1.1-10.31** relatando o serviço ou ministério de Cristo, e o resto narrando Seu sacrifício. O maior interesse se focaliza na frase significativa **em resgate por muitos** (gr. **lytron anti pollon**). Há pouca dúvida que Jesus tivesse em mente as predições de **#Is 53**, que relata a obra do Servo Sofredor de Jeová para remir os homens do mal. A figura do resgate implica a libertação por pagamento de um preço, e deve ser compreendida à luz de outras declarações de Jesus, que sugerem que a alma humana possa tornar-se perdida. Aqui se encontra a resposta divina à pergunta humanamente sem solução, do verso **#Mc 8.37**. "Jesus veio para dar a Sua própria vida como preço de resgate a favor daqueles que já perderam sua vida, a fim de que lhes fosse restituída" (James Denney, **Death of Christ**). A palavra grega **lytron** "resgate" ocorre em outros trechos somente em forma composta, por exemplo em **#1Tm 2.6** (**antilytron hyper panton**) onde a preposição que segue é menos intensa. O uso do prefixo **anti** neste caso indica claramente a obra de Cristo como substituição. As duas preposições gregas se comparam, no seu uso, à ação de um escrevente ao serviço de um analfabeto. Aquele faz o que este não pode, isto é, em benefício dele (**hyper**), e mais ainda, faz o que este não precisa fazer, isto é, em lugar dele (**anti**). A palavra "muitos" (**pollon**) é possível alusão a **#Is 53.11-12**, e não tem o sentido de limitar o efeito da obra expiatória de Cristo, como se esta se aplicasse a muitos mas não a todos, e ilustra bem que uma multidão receberá uma bênção do único sacrifício de um Homem (cfr. **#Rm 5.19**). Os pais da Igreja forçaram a analogia demasiadamente até o ponto de debater o recipiente do preço pago, quer Deus quer o Diabo. O resultado foi tão grotesco como a especulação foi inválida. Uma metáfora serve como veículo que expressa uma só faceta da verdade.

>Mc-10.46

f) A cura do cego Bartimeu (Mc 10.46-52)

Cfr. **#Mt 20.29-34**; **#Lc 18.35-43**. Há divergências quanto aos pormenores nas três versões desta história que desde muito tempo preocupam os harmonizadores. Mateus (**#Mt 20.30**) menciona dois cegos, enquanto Lucas (**#Lc 18.35**) coloca o incidente à entrada de Jericó, em vez de à saída. Tais

diferenças são realmente secundárias, sendo do gênero que se encontra sempre na evidência fornecida por testemunhas fidedignas. Em casos como este, se dispuséssemos de todos os fatos, não existiria mais problema. A cura, além de apresentar em todos os seus pormenores uma parábola do evangelho, tem uma significação messiânica (#Is 35.5), e por conseguinte Marcos a introduz aqui. Bartimeu é a primeira pessoa neste Evangelho que se dirige a Jesus pelo uso do título messiânico, **filho de Davi** (48). O incidente todo serve de prelúdio para a apresentação pública do Messias. Não obstante o desenrolar do programa divino e do propósito que levou Jesus infalivelmente a Jerusalém, é fato notável que aquele grito desesperado de necessidade humana o fez parar (49). Deus sempre responde à súplica como esta, caracterizada por resolução (48), clareza (51) e fé (52). O retrato do verso 50, palpitando com vitalidade, se encontra somente em Marcos. **Que queres que eu te faça?** (51); a primeira impressão é de uma pergunta supérflua dirigida ao cego. Porém houve dois propósitos nela, primeiro que o homem foi obrigado a definir sua necessidade, e em segundo lugar, foi demonstrado à multidão que esta vez ele não estava pedindo esmolas. A mesma pergunta tinha sido dirigida antes a Tiago e João (36) mas naquela ocasião a resposta foi bem diferente. Este incidente representa a única visita de Cristo a Jericó.

Mc-11.1

IV. A SEMANA DA PAIXÃO Mc 11.1-15.47

a) A entrada em Jerusalém e o início da semana (Mc 11.1-26)

Com a exceção dos últimos versículos do livro que tratam da assunção, o resto do Evangelho, daqui em diante, se ocupa com a narração dos acontecimentos que tomaram lugar dentro de oito dias. Em comparação, os acontecimentos relatados até aqui ocupam o espaço de três anos. Todos os evangelistas conservam a mesma proporção desigual na relação do texto ao tempo, fato este que indica bem qual a parte do Evangelho salientada pela igreja primitiva. Na linguagem do Dr. J. Denney, "o centro de gravidade da pregação apostólica não é Belém, mas o Calvário; não tanto a vida de Cristo como a Sua morte; não no exemplo como na expiação; não no ensino mas antes na redenção".

1. A ENTRADA TRIUNFAL (#Mc 11.1-11) -Cfr. #Mt 21.1-11; #Lc 19.29-39; #Jo 12.12-15. **Betfagé** (1): mencionado por todos os sinóticos neste contexto, entretanto, o nome não se encontra em nenhum outro lugar nas

escrituras do Velho e Novo Testamentos, embora conhecida na literatura rabínica. O nome significa "casa de figos". A localidade é desconhecida. **A aldeia diante de vós** (2): não é certo se se refere a Betfagé ou a Betânia. Não é essencial ler no verso 2 evidência do conhecimento sobrenatural de Jesus. Uma simples explicação seria que Ele arranhou tudo de antemão com o dono, talvez um discípulo anônimo, como era o dono de casa em **#Mc 14.14**. **No qual ainda ninguém montou**: uma das condições de consagração a Jeová (**#Nm 19.2**; **#1Sm 6.7**). Plummer comenta que o nascimento virginal e a sepultura num sepulcro novo são fatos parecidos. **O Senhor** (3); alguns expositores consideram-no referência ao dono do animal, visto que este título não se usa de Jesus até depois da ressurreição, e mesmo assim somente por Lucas e João. Mas tal interpretação cria uma atmosfera artificial ao redor dos discípulos, pois em todo caso era Jesus que precisava do jumento. Ele assume para si certa soberania sobre os bens dos seus discípulos, embora não os tomando por força. **Logo o mandará de volta**: Jesus prometeu devolver o jumentinho quanto antes. Sua pobreza era tal que, mesmo para esta ocasião, Ele foi obrigado a tomar emprestado o animal que ia montar. Não era sinal de humildade que Ele andou montado num jumento, pois em tempos bíblicos as pessoas reais os montavam para significar sua vinda em paz, e esta é a verdadeira significação da entrada triunfal.

O episódio representa primeiro o cumprimento da profecia de **#Zc 9.9**, e foi neste sentido que o povo o reconheceu. Em segundo lugar, se colhe que Jesus apareceu aberta e propositadamente como Messias. A hora estava próxima em que Ele seria rejeitado e portanto foi-lhe mister revelar Sua missão. Ou Ele é rei, ou vítima de uma grande decepção. Ele há de ser rejeitado como Messias-Rei. Não há mais necessidade de esconder Sua identidade. Em terceiro lugar, a maneira da Sua entrada expressa a índole do ministério messiânico. Não se apresentou como conquistador militar, montado num cavalo aparelhado para guerra, nem como revolucionário político da laia esperada pelos judeus. Seu propósito era, não quebrar o poder de Roma, mas libertar da escravidão do pecado. O grito **Hosana** (9) é transliteração do hebraico de **#Sl 118.25**, e significa "Salve agora". É notável que Marcos não traduz o vocábulo: talvez seja que já era termo de louvor e saudação tão bem conhecido como "rabino".

Chegando na cidade capital, Jesus foi logo ao templo que, segundo a narrativa, Ele contemplou com autoridade. Sua obra tangeu, não tanto a política e as guerras de Israel, mas sim sua vida religiosa. Finalmente, Ele se retirou para pernoitar em Betânia. Isto foi seu costume todas as noites da Semana da Paixão, que Ele passou acampado no Monte das Oliveiras (cfr. **#Mt 21.17**).

>Mc-11.12

2. A FIGUEIRA ESTÉRIL (#Mc 11.12-14,20-26) -Cfr. #Mt 21.18-22. Em Marcos, esta história é dividida em duas partes, separadas pela narração da purificação do templo. O milagre tem sido criticado por teólogos modernos por dois motivos. Primeiro, que a ação do Senhor em buscar figos na Páscoa era insensata; segundo, que tal ação associada com Sua própria fome era improvável e indigna dEle. Uma explicação geral é que o incidente representa faturalmente a parábola de #Lc 13.6-9, mas contra isto há objeções que nem os detalhes nem o sentido são os mesmos. Com referência à primeira objeção, consta que na Palestina a figueira dá fruto temporão, verde e imaturo, que aparece antes das folhas. Chama-se **taksh**, e serve de alimento para os camponeses. A ausência deste fruto seria evidência inegável da esterilidade da árvore. Quanto à segunda objeção, ressumbra que este foi o único milagre de juízo, operado "em misericórdia para o homem, num objeto inânime, para ensinar uma lição moral" (T. M. Lindsay). A figueira era símbolo da nação dos judeus, que abundou em folhas de profissão religiosa, sendo porém estéril quanto aos frutos de justiça. A maldição da árvore foi profecia da sorte das autoridades judaicas que estavam na véspera de rejeitar seu Messias.

>Mc-11.20

O dia seguinte, Pedro ficou assombrado pela rapidez com que as palavras do Senhor tiveram efeito (21), e deste incidente Jesus tira uma lição para os discípulos sobre a eficácia da oração (24). A resposta às orações depende de duas condições, a saber, nossa relação com Deus e com o próximo. A primeira requer a fé (22). **Tende fé em Deus** (gr. **echete pistin theou**), literalmente, tende uma fé que repousa em Deus. Com esta fé será possível enfrentar e remover os montes de obstáculos que se intrometem no caminho do propósito divino. Com verso 23, cfr. #Zc 4.7. A segunda condição em oração é o perdão (25-26). Refere-se aqui ao espírito e atitude do crente quando ora. Isto não quer dizer que o perdão do pecador dispensado por Deus, no sentido evangélico, dependa do perdão que o pecador estende a outros (veja #Ef 4.32).

>Mc-11.15

3. PURIFICAÇÃO DO TEMPLO (#Mc 11.15-19) -Veja notas sobre #Mt 21.12-17; #Lc 19.45-47. Muitos comentadores modernos tendem a identificar este incidente, colocado por todos os sinóticos ao começo da semana da

Paixão, com aquele semelhante, narrado por João, logo no início do ministério de Jesus (#Jo 2.13-17). Há forte divergência de opinião quanto à posição cronológica. Uma solução muito mais satisfatória é que Jesus purificou o templo em duas ocasiões. Esta hipótese concorda também com o plano geral de João, em suplementar os sinóticos e, ao mesmo tempo, explica as importantes diferenças de pormenores, como por exemplo o uso do azorrague de cordas.

Suas observações na noite anterior (11) levaram, Jesus a seguir certo caminho. Ele agia mais uma vez na Sua função de Messias (veja-se #Mt 3.1-4). Nesta ocasião, o Pátio dos Gentios serviu de palco para a cena. Naquele pátio havia um mercado para venda de objetos necessários ao templo, e um câmbio onde se obtinha dinheiro judaico, visto que não se aceitava no recinto sagrado tributo pago em moedas pagãs. Estas provisões aparentemente razoáveis abriram, no entanto, uma porta para a hierarquia extorquir dinheiro e, ao mesmo tempo, para o povo regatear os animais como se fosse bazar oriental, com o conseqüente prejuízo dos peregrinos. Parece que alguns aproveitavam do recinto como atalho entre a cidade e o Monte das Oliveiras (16), minúcia esta notada somente por Marcos. Bem podemos imaginar a confusão ocasionada pela ação de Jesus; é notável que na hora em que Ele ia entregar-se pacificamente aos Seus inimigos, Ele se revelou capaz de indignação por motivos morais. Purificado o mercado, Jesus começou a ensinar (17), baseando sua mensagem sobre os dois trechos do Velho Testamento, a saber, #Is 56.7 e #Jr 7.11. É sugestivo que o trecho em Isaías se refere precisamente à provisão de um lugar de oração e culto para os gentios. Apesar de tudo, as autoridades nada podiam fazer, devido à popularidade de Jesus com as massas (18). Cada dia desta última semana, Jesus andava como homem procurado pelas autoridades e, à tarde, saiu da cidade (19).

>Mc-11.27

b) Ensino em Jerusalém (Mc 11.27-12.44)

1. A QUESTÃO DE AUTORIDADE (#Mc 11.27-33) -Cfr. #Mt 21.23-27; #Lc 20.1-8. **Tornaram a Jerusalém:** talvez no mesmo dia mencionado no vers. 20. Seria a terça-feira, e à luz do que segue, chama-se "O dia das questões". A interferência drástica de Jesus em purificar o templo levou os líderes dos judeus a indagar, como era natural, acerca da autoridade dEle. Segundo eles, se Jesus fosse realmente o Messias, seu primeiro objetivo seria de atacar os romanos, e não os judeus. **Estas coisas** (28): uma referência não tão somente

aos acontecimentos do dia anterior, mas abrange toda a carreira de Jesus, que eles julgavam estar em constante conflito com as autoridades legais. Entretanto, sua pergunta não tinha o motivo de proteger o público de um impostor. Seu alvo era de tecer para Ele um plano fatal. Se Ele insistisse em direitos divinos isto seria para eles blasfêmia; se se estribasse na sua autoridade como filho de Davi, seria réu de traição contra Roma; se negasse autoridade própria, então seria patente sua impostura. Sua réplica (29) não era evasiva, nem subterfúgio. A polêmica de Cristo levou o argumento a um princípio mais básico, pois se eles respondessem certo a Sua pergunta, teriam também a resposta à deles e, ao mesmo tempo, sua autoridade moral seria provada. João Batista deu testemunho de Jesus como Messias. Se reconheciam João como profeta, com autoridade divina, a resposta à sua pergunta era clara, e compreenderiam que a autoridade de Jesus se originava da mesma fonte. O ministério de João era de tamanha importância na vida pública, que lhes coube, na sua posição responsável, pronunciar-se sobre o assunto. Quando então eles confessaram sua ignorância sobre um tópico de máxima significação, realmente se demitiram do cargo de doutores da nação e, portanto, não tinham mais direito de julgar o problema da autoridade de Jesus. Por estas razões, Nosso Senhor não lhes respondeu diretamente. Em vez disso, Ele ofereceu uma amplíssima resposta na parábola que se segue.

Mc-13.1

c) O sermão profético (Mc 13.1-37)

Veja notas sobre [#Mt 24.1-51](#); [#Lc 21.5-38](#). Não é possível dentro dos limites desta obra considerar os pormenores da discussão crítica sobre este maravilhoso capítulo, às vezes denominado o "Pequeno Apocalipse". Por algum tempo prevaleceu a hipótese de que a substância do capítulo originou-se de uma curta obra apocalíptica judaica ou judaico-cristã. Duas considerações tendem a desaproveitar este conceito. Primeiro, faltam-lhe distintas características do genuíno apocalíptico. Não se encontra a linguagem altamente figurada de Daniel e do Apocalipse, com suas bestas misteriosas e suas visões. Além disto, enquanto o apocalíptico é profético, quase ao ponto da exclusão de exortação moral, este último elemento se manifesta através deste capítulo. Em segundo lugar, como Edersheim demonstra, a opinião contemporânea dos judeus sobre o tempo do fim era totalmente dessemelhante ao que se apresenta aqui. Outrossim, é significativo que este sermão de Cristo no Monte das Oliveiras é citado por todos os sinóticos, que concordam entre si nos principais detalhes. Todos os três se harmonizam, colocando-o no mesmo

lugar no ministério do Nosso Senhor (veja #Mt 24.1-51; #Lc 21.5-38). Isto indica que a Igreja primitiva o reconheceu como parte da tradição original do Evangelho.

1. A PERGUNTA DOS QUATRO DISCÍPULOS (#Mc 13.1-4) -Como era Seu costume ao fim do dia, Jesus saiu do templo e da cidade. Em caminho, um discípulo anônimo chama atenção à magnificência do templo. Com sua fachada de ouro, e seu edifício mais vasto do que a maioria das catedrais de nossos tempos, o templo devia ter oferecido um quadro impressionante, visto do Monte das Oliveiras. Algumas das pedras eram de 10 metros de comprimento. Para o judeu, o templo simbolizava a estabilidade, e a presença de Deus no meio do Seu povo. Não se admira que os discípulos ficaram pasmados a ouvirem que o imenso edifício seria totalmente derrubado. Quatro deles, os dois pares de irmãos chamados o início (#Mc 1.16-20), puseram particularmente a Jesus uma pergunta dupla, quanto ao tempo e o sinal (4) de tamanha calamidade. *Estas coisas* (4); não é claro a que se alude. No trecho paralelo de #Mt 24.3 a pergunta é desdobrada em três, que têm em mira o fim do mundo. Seja como for, desta pergunta emana o sermão que salienta dois grandes acontecimentos: o evento imediato da destruição de Jerusalém em 70 A. D., e o acontecimento mais remoto da vinda de Cristo com glória. Compara-se freqüentemente a perspectiva histórica da profecia ao panorama dos Alpes. As crises da estória correspondem aos cumes pintados na tela de um quadro, que nada revela das distâncias que separam as sucessivas serras. Este capítulo, cujas duas crises se separam por mais de 1.900 anos, exemplifica este princípio profético, que sempre há de ser lembrado na interpretação.

>Mc-13.5

2. ADVERTÊNCIAS AOS DISCÍPULOS (#Mc 13.5-13) -Ver notas sobre #Mt 24.4-14; #Lc 21.8-19. Alguns comentaristas entendem que esta seção se deriva de um grupo de ditames relativos à vinda de Cristo, na Parousia (vocábulo que ocorre nos Evangelhos somente em #Mt 24) antes de referir-se a 70 A. D. e, portanto, não faz parte da resposta original ao verso 4. É patente, porém, que Marcos tenciona isto como a resposta, e é preferível pensar que Jesus falou estas palavras, como fez muitas vezes, primeiro aos discípulos no seu contexto, mas visando também às futuras necessidades da igreja. Ele aproveita os acontecimentos da crise imediata para vaticinar os da crise final. Assim se explica o entrosamento dos dois aspectos históricos. *Jesus passou a dizer-lhes: vede que ninguém vos engane* (5). Estas palavras sintetizam o

principal ensino do capítulo (cfr. 9,23,33), e mais ainda salientam o objetivo real de toda profecia bíblica, que não é especulativo mas prático. A profecia existe, não para podermos predizer o futuro, mas para interpretar o presente. Ela não satisfaz nossa curiosidade, mas livra-nos da perplexidade. Os discípulos recebem uma advertência contra enganos. Haveria impostores religiosos (6), desassossego político e internacional (7-8) e calamidades físicas (8). Estas coisas acompanham a marcha dos séculos, sem indicarem especificamente o sinal do fim. Antes, **são o princípio das dores** (8; gr. **odinon** -dores de parto). A segunda advertência (9-13) aponta para o perigo da falha espiritual em conseqüência da pressão contra os cristãos, individual e coletivamente. Este parágrafo ilustra nitidamente a verdade, muito esquecida em dias modernos, que a igreja é chamada ao sofrimento no tempo da graça. De fato, a igreja nunca se espalhou mais do que naqueles tempos quando ela existiu como sociedade ilícita, obrigada a operar clandestinamente. O favor mundano e a prosperidade, como lhe foram concedidos por Constantino, sempre produzem um efeito debilitante. A predição do verso 9 cedo se cumpriu na pessoa de Saulo de Tarso, tanto como perseguidor judeu, quanto cristão perseguido (**#At 9.1-2; #1Co 15.9**). É sugestivo que os vers. 10 e 11 enquadram o Evangelho neste contexto de sofrimento, o que concorda com o livro dos Atos, onde os apóstolos pregam, não a congregações respeitáveis reunidas para aquela finalidade, mas muitas vezes perante os tribunais de justiça. Por esta razão, o verso 11 não justifica o pregador negligente no estudo da sua mensagem; esta promessa se aplica àqueles chamados a comparecerem **incontenti**, para defender sua fé na face de perseguição, e naquela hora lhes serão outorgadas a direção e inspiração do Espírito Santo. **Perseverar até o fim** (13): o sentido aqui não é até o fim dos tempos, como no verso 7, mas até ao máximo (cfr. **#Jo 13.1**) indicando uma perseverança perfeita. Deste modo a perseverança constitui uma característica da vida e testemunho cristãos nesta época. É bem mais fácil ocupar-se em inúmeros trabalhos do que perseverar com paciência (cfr. **#Hb 10.32-39; #Hb 12.3-4; #Ap 1.9**). **Será salvo**: isto é, no sentido escatológico.

>Mc-13.14

3. AS DUAS GRANDES CRISES PROFETIZADAS (**#Mc 13.14-27**) -Veja notas sobre **#Mt 24.15-31; #Lc 21.20-28**. A nova seção da profecia parece começar aqui. Depois de responder à pergunta do verso 4 em termos gerais que apontam para o aspecto negativo dos fenômenos que não indicam o fim, Jesus agora fala de um acontecimento notabilíssimo, e da atuação dos discípulos, quando vier. **A abominação de assolamento** (14; gr. **to bdelygma**

tes eremoseos): expressão derivada de #Dn 9.27; #Dn 11.31; #Dn 12.11. Conforme o uso do Velho Testamento, "a abominação" é qualquer pessoa ou objeto idólatra que suscite repugnância ou ódio no judeu. Cfr. #1Rs 21.26; #2Rs 16.3, onde os LXX usam a mesma palavra. O fato que Marcos, contra o uso gramatical, liga o particípio masculino (gr. *hestekota* "situado" ARA) com este substantivo neutro, indica que ele tem em vista uma pessoa. Isto nos leva a concluir que a primeira referência neste vers. se aplica à profanação do templo pelos romanos em 70 A. D., o que #Lc 21.20 confirma. Contudo, o sentido destas palavras não se limita àquilo, e é provável que Jesus estava fazendo uma profecia indireta, para o bem da igreja, do aparecimento do anticristo. O contexto apóia isto, pois a linguagem dos vers. 19-20 é sem dúvida escatológica, e ultrapassa até as horrendas circunstâncias do cerco de Jerusalém. **Onde não deve estar** (14): frase intencionalmente vaga, tendo em consideração o fato que termos mais explícitos podiam tornar-se politicamente perigosos para os leitores. **Quem lê, entenda** (14): estas palavras podem ser de Cristo, referindo-se a Daniel, ou de Marcos salientando o ensino de Jesus. Os vers. 15-18 pintam em cores vivas uma série de cenas ilustrando a necessidade de fuga imediata em tempo de guerra. Recomenda-se oração para conseguir vantagens temporais em tais circunstâncias (18). **Inverno**: ou, época de temporais. Um pouco antes de 70 A. D., os cristãos de Jerusalém fugiram desta maneira, e Eusébio, historiador eclesiástico, consigna que se refugiaram em Pela, na Peréia, ao leste do Jordão.

>Mc-13.21

Alguns consideram os vers. 21-23 como parêntese dos vers. 5-7, hauridos de outra fonte e refletindo uma posição doutrinária da igreja primitiva consoante #2Ts 2.9. Não há nenhuma improbabilidade inerente na sugestão que Cristo teria reforçado e ampliado as principais lições desta profecia. Seu método como mestre não é menos esmerado que sua arte como médico.

Nesta altura, Jesus fala da segunda crise magna, ainda futura, a saber, a vinda com glória do Filho do Homem. Colhe-se que este acontecimento segue logo após a tribulação dos vers. 14-23, o que confirma novamente a impressão de que o sentido destes versos não se cumpre cabalmente com a guerra de 70 A. D., mas possui uma significação escatológica. É difícil dizer se a linguagem dos vers. 24-25 é simbólica na sua alusão às convulsões políticas e internacionais. Assim a entendia a maioria dos comentadores do último meio século, mas agora, na era atômica, muito que, outrora, foi classificado confiantemente como literatura apocalíptica, se nos apresenta sob o aspecto da

verdade sóbria e da realidade apavorante. Seria positivamente anticientífico afirmar que estas declarações não possam representar objetivamente fenômenos causados por distúrbios cósmicos antes da vinda de Cristo. **Verão o filho do homem vir nas nuvens** (26): referência inequívoca a **#Dn 7.13**. Cedo no Seu ministério, Jesus começou a usar o título "Filho do Homem" a Seu próprio respeito (veja 2.10 n.), mas é aqui que Ele o emprega pela primeira vez com relação à profecia de Daniel. Há muitos detalhes problemáticos neste capítulo, mas brilha nele a verdade luminosa do triunfo final de Jesus; o Messias sofredor por fim entrará na Sua glória. O uso da terceira pessoa na frase, "então verão", sugere que os presentes não iam sobreviver até aquele dia. A reunião dos **eleitos** (27) pelos anjos (cfr. **#Hb 1.14**), dá a entender que o propósito divino declarado no vers. 10 já será cumprido.

>Mc-13.28

4. PARÁBOLAS E EXORTAÇÕES À VIGILÂNCIA (**#Mc 13.28-37**) -Veja notas sobre **#Mt 24.32-51**; **#Lc 21.29-36**. Aqui vem a aplicação prática de todo o que precede. **A parábola da figueira** (28) aponta novamente para a verdadeira finalidade da profecia, que não foi dada para os discípulos exibirem poderes proféticos, mas para que discernissem espiritualmente o desdobramento do plano divino dentro do panorama movediço dos acontecimentos humanos. O vers. 30, citado por todos os três sinóticos, é de reconhecida dificuldade. Das interpretações que há, duas parecem razoáveis. Uma diz que a raça judaica continuará até o fim dos tempos, outra que Jerusalém seria destruída dentro da duração de existência daquela geração. A segunda já se cumpriu, e é a mais aceitável. Swete julga que a palavra geração (gr. **genea**) fosse usada de propósito, visto que permite uma aplicação ampla. Ao menos aprendemos dos vers. 30-31 que a segunda vinda pessoal de Cristo é fato indefectível. O seguinte vers. 32 revela que somente a hora é incerta, sendo oculta nos conselhos do Pai de tal modo que o próprio Filho, na Sua aceitação voluntária das limitações da encarnação, não participa do segredo. Por este motivo, repete-se a exortação à vigilância e oração (33). A parábola do dono da casa (34-35) define a vigilância, não como o abandono das responsabilidades, mas como o fiel cumprimento delas, na expectativa de elas serem examinadas um dia pelo Mestre (**#1Co 3.13-15**; **#2Co 5.10**). O capítulo termina com a afirmação positiva que estas exortações pertencem não somente àquela geração, mas a todas as gerações da Igreja cristã. "A igreja do Novo Testamento tomou as feições que lhe foram dadas por seu Senhor e Mestre, e o que mais exerceu uma influência sobre ela foi o fator indeterminado da Sua volta" (Edersheim).

Mc-14.1

d) A história da Paixão (Mc 14.1-15.47)

1. O PLANO PARA TRAIR JESUS (#Mc 14.1-11) -Veja notas sobre #Mt 26.1-16; #Lc 22.1-6; #Jo 12.1-8. Este parágrafo é tratado como um todo, visto que os vers. 10-11 são ligados diretamente com os vers. 1-2 e o incidente da unção de Jesus foi intercalado por Marcos no intuito de salientar a perfídia e avareza de Judas, disposições estas afetadas pela ação na casa de Simão. Foi ali que Jesus anunciou em termos inconfundíveis a Sua sepultura (8) e Judas chegou a entender finalmente que todas as suas esperanças secretas de poder material e promoção seriam estraçalhadas. A cronologia dos acontecimentos na quinta e sexta-feiras da Semana da Paixão constitui um dos problemas mais intrincados nos Evangelhos. Ressumbra que os acontecimentos obedecem a um plano divino, e não aos desígnios humanos. É patente que os sacerdotes urdiram traças (1) para prender Jesus depois da festa da páscoa a fim de evitar um tumulto (2). A inesperada oferta de Judas Iscariotes lhes facilitou o estratagema sem demora. Eles conseguiram destarte um agente competente a quem cabia agora a responsabilidade, em lugar de si mesmos, de procurar o ensejo para a prisão de Jesus (11). Assim foi que o plano divino se cumpriu, e Jesus, o Cordeiro de Deus, deu a Si mesmo naquele dia da grande festa. Vê-se em Judas o plasma misterioso da soberania divina e do livre arbítrio humano. Não podemos diminuir este para apoucar-lhe a culpa. Jesus tinha que sofrer, mas não era necessário que Judas se oferecesse como traidor. Este abriu a porta para Satanás (#Jo 13.27) e seu caso exemplifica bem o princípio soleníssimo de #Hb 6.4-8, de que há grave perigo em gozar de privilégios espirituais sem reconhecer as responsabilidades.

A bela história da unção é colocada por João "seis dias antes da Páscoa" (#Jo 12.1). É inverossímil que tanta precisão em marcar a data seja errônea; concluímos, portanto, que Marcos e também Mateus que o segue (#Mt 26.6-13) sacrificam a ordem cronológica nos interesses da homilética. É João que identifica a mulher com Maria de Betânia. **Simão o leproso** (3): provavelmente um que já fora curado por Jesus. Talvez um parente de Lázaro e suas irmãs. C. C. Torrey faz esta sugestão original, baseando-se no fato que no aramaico a palavra para leproso é idêntica, quanto às letras consoantes, com vendedor de jarras. Desde o tempo de Orígenes, alguns confundem esta narrativa com a de #Lc 7.36-50. A pouquíssima dificuldade em aceitar duas ocasiões de unção, ao passo que cria um problema enorme afirmar que Maria de Betânia fosse

"pecadora". Além disto, o nome Simão era muito comum. Há refeição teria sido o repasto festivo do sábado. Naquela última festa fraternal parece que, de todos os discípulos e convidados, só Maria percebeu a proximidade do fim. É impossível dizer até que ponto ela compreendeu a significação da sua ação. Podemos acreditar que o culto e adoração, oferecidos em puro amor a Cristo, possuem um valor e um sentido além de nossa compreensão. Ao que sabemos, o corpo de Jesus não recebeu outra unção do que esta para a sepultura; cfr. #Mc 16.1. A realização desta verdade seria motivo de profunda satisfação para Maria. Sua humildade, amor, e fé exemplificam "a comunhão dos seus sofrimentos" (#Fp 3.10). **O vaso de alabastro** (3): provavelmente um frasco quebradiço de unguento munido de um gargalo comprido e estreito. **Trezentos dinheiros** (ARA denários) (5): a quantia representa aproximadamente o que um operário ganhava num ano, o denário sendo o salário de um dia de trabalho.

>Mc-14.12

2. A ÚLTIMA PÁSCOA E A CEIA DO SENHOR (#Mc 14.12-25) -Veja notas sobre #Mt 26.17-29; #Lc 22.7-23. Cfr. #Jo 13.1-35. **No primeiro dia dos pães asmos, quando se fazia o sacrifício do cordeiro pascal** (12, ARA): no calendário cristão a sexta-feira da Paixão e no judeu o 14 de nisã. Para o judeu, esse dia começou ao pôr-do-sol do dia anterior. Os acontecimentos deste parágrafo tomaram lugar então à tarde da quinta-feira. A questão se a Ceia era de fato a refeição pascal ainda é assunto muito debatido dos dois lados sem ser resolvida definitivamente. A tradição sinótica, como aqui, indica claramente que fosse. Por outro lado, João coloca precisa e insistentemente a páscoa na sexta-feira à tarde depois da crucificação (#Jo 18.28; #Jo 19.31). Talvez não se encontre melhor solução do problema que o de concluir, com muitos teólogos, que Jesus a guardou um dia mais cedo, sabendo que não lhe seria possível no dia exato. Por conseguinte, esta hipótese nos permite a crer que "Cristo nossa páscoa" foi sacrificado por nós (#1Co 5.7) naquela mesma hora em que os cordeiros pascoais foram oferecidos em holocausto no templo. Em preparação para a festa, **Jesus enviou dois dos seus discípulos** (13) identificados por Lucas como Pedro e João (#Lc 22.8), à cidade onde haviam de buscar um homem levando **um cântaro** d'água. Esta circunstância era incomum, pois somente as mulheres costumavam levar cântaros (#Jo 4.7). O homem seria sem dúvida um criado, que os levaria ao próprio dono, com quem Jesus teria possivelmente feito algum acordo sobre o uso do cenáculo. Esta idéia encontra apoio na ARA do vers. 14: **O Mestre pergunta: onde é o meu aposento?** Por motivos de segurança era mister conservar a anonimidade

tanto do dono como do lugar da reunião. O **cenáculo** (15) seria mobilado com as necessidades de mesa, divãs, bacia, água e toalhas (#Jo 13.4). Os próprios discípulos preparariam a comida. Talvez o detalhe mais significativo seja a falta de referência à provisão ou à comida de um cordeiro, portanto, é muito duvidoso que houvesse. Não haveria necessidade de um cordeiro simbólico na presença do verdadeiro Cordeiro de Deus, a ser oferecido no próximo dia.

>Mc-14.18

Quando estavam assentados a comer (18, ARA). No princípio comia-se o cordeiro pascal, estando em pé (#Êx 12.11), mas este costume já foi abandonado há muito e agora a festa se celebrava reclinado, para indicar que o povo não era mais escravo, mas livre, usufruindo as bênçãos seguras do país da promessa. A traição é descortinada nos termos mais óbvios (18-21) mas na narração de Marcos não se revela o nome do traidor. Dependemos de João (#Jo 13.26) para o conhecimento do fato que a informação foi comunicada em segredo ao discípulo amado. A enormidade do crime se vê na violação do costume oriental que considera a comensalidade sacrossanta, interditando em absoluto qualquer atuação hostil entre os convivas; cfr. #Sl 41.9. No caso em apreço, Judas não somente comeu com Jesus; num gesto de máxima intimidade meteu a mão com Jesus no mesmo prato (20). **Prato**: gr. **tryblion**; caso fosse a páscoa, o prato seria talvez a sopeira em que se molhavam pedaços de pão. O vers. 21 apresenta tanto a soberania divina como a responsabilidade humana já comentadas (veja 1,2,10,11) e deixa cair sobre Judas plena obrigação. "A necessidade divina da Paixão não desculpa o agente livre que a ocasionou" (Swete).

>Mc-14.22

A versão de Marcos da instituição da Ceia do Senhor (22-25) é abreviadíssima ao ponto de imprecisão, entretanto, expõe o segundo grande tema deste Evangelho concernente à obra de Cristo. (Veja **Introdução**). Colhem-se os seguintes pontos. Primeiro: **tomai, comei** (22): as palavras indicam que Sua morte com todos os seus benefícios era um dom a ser apropriado pelos discípulos, e que tal apropriação é da mais íntima, comparando-se à assimilação física de alimento para sustento do corpo. Em segundo lugar, Sua morte inaugura o **Novo Testamento** (24) ou **aliança** (ARA) da graça, vaticinada pelo profeta Jeremias (#Jr 31.31-34). Moisés falou "do sangue da aliança" (#Êx 24.8) em conexão com o velho testamento que Jeová estabeleceu com Israel no Sinai. Séculos depois, Jeremias descortinou os

termos da nova aliança, a saber, o perdão divino e a presença do Espírito, sem dizer nada sobre sua ratificação por sangue. Tal declaração pareceria surpreendente ao Judeu, visto que os povos orientais só iam selar qualquer aliança ou concerto entre duas pessoas com sangue, como é o caso entre os beduínos. É como que Jesus completava o quadro desenhado por Jeremias; o novo concerto seria selado no Seu sangue. **Por muitos é derramado** (24, cfr. **#Mc 10.45**). Relembra **#Is 53.11-12**. Jesus falou da Sua morte como sacrifício vicário para os homens. **Isto é o meu corpo** (22), **isto é o meu sangue** (24). "O corpo humano do Senhor Jesus estava presente e Seu sangue ainda não foi derramado. Logo, interpretações literais destas palavras hão de ser rejeitadas" (Plummer). Em terceiro lugar, olhando além da Sua morte, antecipa Sua vida ressurreta e a comunhão ininterrupta do reino consumado. A Ceia do Senhor dirige nossa atenção para aquela consumação no futuro, e para a cruz no passado.

>Mc-14.26

3. PEDRO AVISADO DA SUA NEGAÇÃO (**#Mc 14.26-31**) -Veja notas sobre **#Mt 26.30-35**; cfr. **#Lc 22.34**, **Jo 13.36-38**, **18.1**. **Tendo cantado um hino** (26): provavelmente a segunda parte do Hallel (Sl 115-118). Da mesma maneira em que Jesus predisse a traição, assim também em caminho do cenáculo para o Monte das Oliveiras, Ele profetizou a negação por Pedro. Cumprir-se-á a profecia de **#Zc 13.7** nEle e em Seus discípulos. Virá a prova em consequência da qual a fé de todos será abalada. Não obstante, depois da hora tétrica, Ele os encontrará de novo na Galiléia. Dificilmente Jesus se refere à Sua morte sem considerar o que vem depois. Mais uma vez Pedro protesta (**#Mc 8.32**) merecendo uma soleníssima reprovação: **Em verdade te digo que hoje, nesta noite, ... tu me negarás** (30). A negação ia cumprir-se dentro de poucas horas. Bom lembrar que todos os discípulos (31) se associaram com Pedro nos seus veementes protestos de fidelidade.

>Mc-14.32

4. A AGONIA EM GETSÊMANE (**#Mc 14.32-42**) -Veja notas sobre **#Mt 26.36-46**; **#Lc 22.39-46**. Mais uma vez os três privilegiados acompanham Jesus numa experiência que em muitos detalhes relembra a transfiguração. Com os vers. 37-40, compare **#Mc 9.5**; **#Lc 9.32**. **Assentai-vos aqui** (32): com estas palavras Jesus se dirigiu aos oito que ficaram perto da entrada do jardim. Ainda acompanhado dos três, Jesus **começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia** (33; gr. **ekthambeisthai kai ademonein**). Estas palavras representam

dificuldades especiais para o tradutor. Expressam o auge de pavor e sofrimento inenarráveis. As escrituras dizem pouco acerca da alma (gr. **psyche**) do Senhor Jesus, mas torna-se patente a profundidade imensurável da Sua dor humana quando Ele declara: **A minha alma está profundamente triste até a morte** (34). Sua agonia era tamanha que Ele se afastou um pouco dos Seus amigos -Lucas diz que foi "cerca de um tiro de pedra" (**#Lc 22.41**), uma distância permitindo que vissem e ouvissem tudo-e ali Ele buscou a face do Seu Pai. **Aba** (36): aramaico, que quer dizer "pai". O acrônimo **Pai (pater)** não é necessariamente uma tradução de Marcos. Alguns pensam que as duas palavras juntas representam uma fórmula antiquíssima da liturgia. Mais provável ainda é a sugestão que reflita um costume de oração do próprio Senhor Jesus, que alguns dos discípulos adotavam e comunicavam (cfr. **#Rm 8.15; #Gl 4.6**). Seja como for, as palavras ressaltam o fato que nossa fé nasceu entre um povo bilíngüe. **Este cálice**: nunca será possível sondar toda a significação deste cálice de que Jesus recuou com tanto horror. Certo é que simboliza mais do que o sofrimento físico; senão muitos mártires teriam evidenciado mais coragem do que Ele. Podemos dizer que representa a angústia da sua alma imaculada que Deus "fez pecado por nós" (**#2Co 5.21**), e sendo exposta à ira divina contra o pecado, ela experimentou toda a amargura daquela morte, que é o salário do pecado, para que todos os que confiam nEle nunca tomassem daquele cálice (**#Hb 2.9**). A Sua experiência nos leva muito além da nossa, pois só Ele era sem pecado. **Contudo, não seja o que eu quero, e, sim, o que tu queres** (36): as palavras marcam o ponto crucial do Getsêmane. Doutrinalmente, ilustram a verdade do mais alto porte que havia em Jesus uma vontade humana real, separada da vontade do Pai, mas sempre submissa a ela. Experimentalmente, a súplica denota o Seu triunfo de modo que a vitória da cruz foi ganha de antemão em oração no jardim, permitindo que fosse vitoriosamente ao Calvário. O arqui-inimigo do homem introduziu o pecado e a morte, estribando-se na sua própria vontade contra a de Deus (**#Is 14.13-14**). A aceitação da vontade de Deus é sempre uma vitória, enquanto o exercício da vontade própria nos leva infalivelmente para a derrota.

O retrato dos discípulos sonolentos oferece um contraste vivo com o de Jesus orando. Jesus se dirige a Pedro como aquele que protestou sua fidelidade até a morte; agora ele nem tem o vigor de vigiar uma hora. Revela-se claramente no jardim o elemento de embate com forças satânicas. As tentações enfrentadas por Jesus no início do Seu ministério agora são renovadas num titânico assalto final que o investiu com maior intensidade. Côncio que a vitória na tentação seria alcançada somente por meio de vigilância e oração, Ele adverte os Seus

discípulos toscanejando do seu próprio perigo (38). **Dormi agora e descansai** (41). Talvez a frase indique um intervalo no qual Jesus mesmo os guardou.

>Mc-14.43

5. A PRISÃO DE JESUS (#Mc 14.43-52) -Veja notas sobre #Mt 26.47-56; #Jo 18.1-12; cfr. #Lc 22.47-53. Poucos detalhes na história do mundo impressionam os homens tão profundamente como o fato que Judas traiu o Filho de Deus com um ósculo. **E beijou-o** (45): gr. *katephilesen*. A forma do verbo é enfática, indicando fervor e afeto incomuns no ato: "beijou-o afetuosamente". **Um dos que ali estavam** (47); João identifica esta pessoa anônima como Pedro (#Jo 18.10), e o servo do sumo-sacerdote como Malco. Somente Lucas narra a cura da orelha (#Lc 22.51). **Um certo mancebo** (51). Para que a menção deste incidente curioso? Muitos comentadores aceitam a sugestão de que o jovem fosse Marcos, que "pinta seu próprio perfil em miniatura no canto da tela da sua obra prima" (Zahn). Outros julgam que Marcos fosse o filho do "dono da casa" do vers. 14 (cfr. #At 12.12) e neste caso sua presença na situação se explica ainda mais inteligivelmente. Ouvindo o alvoroço, e vendo as tochas no jardim tão próximo, ele se cobriu com a primeira coisa que se oferecesse, e correu fora para investigar. Não há realmente justificativa para a inclusão do incidente, a não ser que seja uma reminiscência pessoal.

>Mc-14.53

6. JESUS DIANTE DO SUMO-SACERDOTE (#Mc 14.53-65) -Veja notas sobre #Mt 26.57-68; #Jo 18.13-14,19-24; cfr. #Lc 22.63-71. As narrativas sinóticas se coadunam para esclarecer que o julgamento de Jesus se efetuou em duas formas, o julgamento eclesiástico diante das autoridades judaicas como Marcos aqui relata, e o civil perante o governador romano que ele conta no capítulo seguinte. O julgamento eclesiástico teve duas fases, a primeira à meia-noite sendo de caráter informal e preliminar, e a segunda cedo de manhã perante o conclave oficial do sinédrio (#Mc 15.1). A versão de Lucas (#Lc 22.54-71) é mais compreensível que a de Marcos neste respeito. O procedimento das autoridades transgrediu, em diversos pontos, a lei judaica. A sessão noturna do sinédrio não tinha força de lei; e o subornar de testemunhas era ilegal também. **O sumo-sacerdote** (53): Caifás (#Mt 26.57), que ocupou o cargo de 18 a 36 A.D. Marcos não diz nada acerca de Anás (cfr. #Jo 18.13). O afeto que Pedro sentia para seu Senhor se manifestou até certo ponto (54) mas quem segue **de longe** já está no caminho de fracasso. Daqui em diante, a narrativa consiste quase exclusivamente de ditames, perguntas e respostas, e

faltam-lhe os detalhes ingênuos que caracterizam a narração da testemunha ocular. Uma possível explanação é que nenhum dos discípulos assistiu de perto ao julgamento, embora #Jo 18.5 sugira que o "discípulo amado" e Pedro estivessem nas imediações. Malogrou a primeira tentativa do sinédrio. As testemunhas discordaram, e Jesus silenciou. Com isto, o sumo-sacerdote procurou rematar o processo, apresentando-lhe uma pergunta categórica a respeito da Sua reivindicação messiânica (61). Respondendo ao desafio, Jesus pela primeira vez no Evangelho confessa Sua identidade, na linguagem de #Sl 110.1 e #Dt 7.13. O sumo-sacerdote, rasgando os seus vestidos (63); foi-lhe vedado o ato para motivos pessoais (#Lv 21.10), mas na sua capacidade oficial ele protestou assim contra uma declaração julgada por ele uma blasfêmia. O Talmude define com exatidão a maneira em que devia ser feito. Para que necessitamos de mais testemunhas? A pergunta revela "a satisfação do conspirador de permissão com a angústia do oficial" (Plummer). Todos o consideraram culpado de morte; entretanto, os sinedristas não tinham autoridade para aplicar a pena, sendo esta a prerrogativa exclusiva de Pilatos. O fato que os membros do tribunal supremo agissem na maneira revoltante do vers. 65 revela o grau de malignidade que os influenciou no julgamento do prisioneiro.

>Mc-14.66

7. A NEGAÇÃO DE PEDRO (#Mc 14.66-72) -Veja notas sobre #Mt 26.69-75; #Lc 22.55-62; #Jo 18.15-18,25-27. Sem a menor dúvida, a narração deste incidente faz parte das reminiscências pessoais de Pedro, e, portanto, pinta-se o quadro tão ao vivo, e por miúdo. Começou a imprecar e a jurar (71) (gr. *anathematizein kai omynai*). O grego não sugere o uso de palavras profanas, antes que afirmou sob juramento. Ele invocou o anátema divino sobre si, caso não fosse a verdade o que dizia. E retirando-se dali, chorou (72) (gr. *kai epibalon eklaien*). O sentido exato do grego ainda oferece dificuldades. É preferível a ARA: *E caindo em si, desatou a chorar.*

Mc-16.1

V. A CONSOMAÇÃO Mc 16.1-20

a) A ressurreição (Mc 16.1-8)

Veja notas sobre #Mt 28.1-20; #Lc 24.1-12; #Jo 20.1-31. Passado o sábado (1). O mais completo silêncio paira sobre este sábado, exceto a curta observação de #Lc 23.56, de que descansaram naquele dia. As versões da

ressurreição diferem nos detalhes, como acontece sempre em narrações por testemunhas oculares. Os principais acontecimentos estão, porém, de acordo. A primeira visita foi a das mulheres ao romper do dia. **Ao nascer do sol** (2): há certa dificuldade em reconciliar isto com a descrição de **#Jo 20.1**, "sendo ainda escuro". Torrey liga a frase com o verso 3: "ao nascer do sol, diziam umas às outras". A ressurreição mesma não foi testemunhada por olhos humanos, e o primeiro sinal dela foi a remoção da pedra (4). Anjos apareceram antes de Jesus ser visto (5). Marcos nos deixa entender que o jovem fosse um anjo. Jesus foi visto primeiro por Maria Madalena (9).

A evidência da ressurreição é indiscutível. O túmulo estava vazio, e ninguém podia produzir o corpo. Não era possível que seus amigos o furtassem, e seus inimigos nem teriam interesse em retirá-lo. Quem precisar de mais evidências ainda as encontrarão na existência e continuação da igreja. É apropriado lembrar aqui as conseqüências que resultam da calamitosa hipótese: "Se Cristo não ressuscitou..." (**#1Co 15.14-19**). **E a Pedro** (7): as palavras ocorrem somente em Marcos, e constituem uma das evidências da influência petrina neste Evangelho. Para Pedro seria uma lembrança preciosa que, não obstante sua lamentável queda, o Senhor ressurreto mostrou-lhe um cuidado todo especial.

>Mc-16.9

b) O epílogo (Mc 16.9-20)

Estes últimos versos constituem um dos maiores problemas textuais do Novo Testamento. A situação é a seguinte. Os dois códices Sinaítico e Vaticano omitem o trecho todo, embora conhecido talvez pelos copistas. Quatro outros manuscritos inferiores oferecem um epílogo alternativo muito mais curto, e três deles acrescentam uma nota explicativa. Quase todos os unciais e cursivos, outras versões e escritos patrísticos, incluem os vers. 9-20. Coneybeare descobriu um manuscrito armênio do século X com uma nota atribuindo os versos a Aristion, discípulo de João a quem Papias alude. Estas evidências indicam que os versos em apreço remontam a uma data muito antiga, talvez 100 A.D., e ainda que não sejam da pena de Marcos, gozam da autoridade indireta de João. A transição do vers. 8 para 9 é abrupta, com mudança de assunto. Maria Madalena é apresentada como personagem nova, embora mencionada no vers. 1. Falta o estilo vivo e pormenorizado tão característico de Marcos, e no seu lugar há um resumo geral das manifestações de Jesus ressuscitado.

É geralmente aceito que este Evangelho fosse mutilado na última página muito cedo, ou que Marcos não pudesse terminá-la, talvez devido à crescente perseguição. Entretanto, ainda existe a possibilidade que Marcos terminou abruptamente no vers. 8, de propósito, e um defensor recente desta hipótese é R. H. Lightfoot ([The Gospel Message of St. Mark](#)).

Uma teoria atraente que corresponde aos fatos é aquela que aponta para a publicação de Mateus e Lucas com detalhes e estilo superiores aos de Marcos, com o resultado que este Evangelho sofreu um eclipse em popularidade, e foi posto de lado por um tempo. Mais tarde, a igreja de Roma teria tido interesse em preservar seus documentos, mas achou um só exemplar do Evangelho de Marcos, nesta forma mutilada, que se tornou o original de todos os exemplares futuros, aos quais foi acrescentada a conclusão atual. O trecho contém quatro seções: a aparição a Maria Madalena (9-11); a aparição aos dois viajantes (12-13; cfr. [#Lc 24.13-35](#)); a aparição aos onze (14-18) e a ascensão e exaltação (19-20).

>Mc-16.12

[Em outra forma](#) (12): o corpo ressurreto de Cristo possuía potências não experimentadas antes da Paixão. [Os onze](#) (14): usa-se o termo no sentido coletivo para designar o colégio apostólico sem referência específica a todos eles. Ainda censurados por sua incredulidade. Eles recebem a grande comissão missionária. [Quem não crer será condenado](#) (16): é notável que não há menção de batismo nesta cláusula negativa. É falta de fé que leva à condenação, e não a ausência de um sacramento. Com vers. 18, compare [#At 28.3-5](#).

>Mc-16.19

Dos vers. 19-20 colhe-se o fato que de certo ponto de vista a obra do Senhor aqui na terra como o Evangelho a narra, foi levado a cabo: [assentou-se à destra de Deus](#). Por outro lado, a obra continua por intermédio da igreja, Seu corpo místico: [e eles, tendo partido, pregaram... cooperando com eles o Senhor](#). O Evangelho que salienta proeminentemente o poder e a atividade do Filho de Deus na terra termina rasgando novos horizontes para a igreja no mundo. Aquela tarefa até hoje é inacabada, mas o mesmo Senhor ainda opera com os que obedecem ao Seu comando, [confirmando a palavra com os sinais que se seguem](#).

[C. E. GRAHAM SWIFT](#)

O EVANGELHO SEGUNDO S. LUCAS

INTRODUÇÃO

Veja também o artigo geral, "Os Quatro Evangelhos"

I. AUTORIA

A autoria do terceiro Evangelho tem sido atribuída a Lucas, o amigo de Paulo, por toda a Igreja Cristã através dos tempos. Essa tradição pode retroceder sem interrupção à metade do segundo século, sendo que nada foi encontrado nos anais da Igreja primitiva para indicar que o livro tenha sido atribuído a qualquer outro escritor. A evidência interna está em harmonia com esse testemunho objetivo.

O nome de Lucas não aparece no Evangelho e ocorre somente três vezes em o Novo Testamento. Só Paulo menciona Lucas e, ao fazer isso, lança alguma luz em torno dele. Ele era médico (#Cl 4.14) e isso implica em que era um homem de cultura e educação. Sua cultura literária aparece no prefácio clássico ao Evangelho (#Lc 1.1-4), no qual ele segue o modo dos historiadores gregos. Traços de seu conhecimento médico aparecem através do livro: vide #Lc 4.23,38; #Lc 5.12; #Lc 8.43; #Lc 13.11; #Lc 22.44. Parece ter sido um gentio, pois que não está incluído na lista dos que &ld; são da circuncisão&rd; em #Cl 4.10-11. Foi um dos companheiros de luta de Paulo (#Fm 24), e o único dos companheiros que o apóstolo teve durante o seu último encarceramento em Roma, pouco antes de seu martírio (#2Tm 4.11). Lucas também foi o autor de Atos (#At 1.1-2), e embora seu nome não apareça tão pouco naquele livro, no entanto, o curso de seu companheirismo com Paulo pode ser traçado nas passagens onde a primeira pessoa do plural do pronome pessoal é usada. Estas seções de &ld; Nós&rd; começam quando Paulo se achava em Trôade em sua segunda viagem missionária (#At 16.9-10). Há alguma probabilidade em Sir W. M. Ramsay com sua teoria de que Lucas era &ld; o homem da Macedônia&rd; na visão de Paulo e pertencia a Filipos, embora a tradição diga que ele pertencia a Antioquia. Ele acompanhou a Paulo e sua companhia de Trôade a Filipos e parece ter permanecido lá quando Paulo e Silas prosseguiram para a Grécia. A terceira pessoa é retomada naquele ponto da narrativa e continua até que Paulo visitasse novamente a Filipos em sua terceira viagem missionária, alguns anos mais tarde (#At 20.5-6). Lucas, então, retoma novamente a primeira pessoa do plural à medida que prossegue com o relato e continua a usá-lo até o final do livro, exceto quando

faz a narrativa relacionada com o aprisionamento de Paulo em Cesaréia. Isso demonstra que Lucas foi companheiro constante do apóstolo a partir da época em que deixou Filipos em sua última viagem para Jerusalém, e que ele permaneceu na Palestina ao alcance fácil de Paulo até que pudesse juntar-se novamente a ele de caminho para Roma.

II. DATA E LUGAR EM QUE FOI ESCRITO

Os dois anos de estada forçada de Paulo em Cesaréia dariam a Lucas bastante tempo e oportunidade para reunir o material necessário para seu Evangelho. Naquela época, senão antes, deve ter sido concebido o seu propósito de escrever um Evangelho e isso deveria ter sido mesmo para ele a coisa mais natural quando se viu na Palestina -a de seguir os passos de Jesus por toda a terra. A data do livro não pode ser determinada com exatidão, mas não há uma razão válida para situá-la em um período posterior. O Evangelho foi escrito antes de Atos, pois Lucas denomina-o “ o primeiro livro” (#At 1.1); e Atos não nos leva além dos dois anos de encarceramento de Paulo em Roma, quer isto dizer, para cerca do ano 62. Todas estas circunstâncias tornam provável que o Evangelho tivesse sido escrito em Cesaréia em 60 A. D. aproximadamente.

III. O ALVO DO ESCRITOR

O livro é endereçado a um cristão particular chamado Teófilo (#Lc 1.1-4), que deve ter sido um homem de uma certa proeminência, porém é desconhecido de outra forma. Não há dúvida nenhuma de que o relato era dirigido a um vasto círculo de leitores e o fato de “ Teófilo” ser um nome grego, indicaria que Lucas tinha em mente os gregos do mundo romano. Eram eles o povo para quem o trabalho missionário de Paulo fora avante.

Lucas escreve como um historiador e estabelece sua narrativa nos moldes da história contemporânea. Principia “ nos dias de Herodes, rei da Judéia” (#Lc 1.5). Menciona o decreto imperial que levou José e Maria da Galiléia para Belém (#Lc 2.1). No decurso da narrativa, Lucas presta atenção cuidadosa a datas e marcos de tempo (por ex. #Lc 1.26; #Lc 2.21,42). Quando dá início ao relato do ministério público do Senhor, ele nota os anos do César reinante e a idade de Jesus e faz um levantamento relacionado aos dirigentes civis e religiosos que estavam relacionados particularmente com a Palestina (#Lc 3.1-2,23).

Este Evangelho apresenta a Jesus como o Homem ideal e como o Salvador de todos os tipos de homens. Aqui vemos-Lo passar por todos os estágios de uma vida humana normal, da infância, através da meninice, até adulto amadurecido. Aqui Ele é visto atingindo a vida humana em todos os seus lados, entrando na vida doméstica do povo e movendo-Se entre todas as classes da sociedade. Lucas torna claro que a simpatia de Jesus dirigiu-se especialmente para com os pobres, os quais compõem a grande maioria da humanidade, e para com as mulheres, as quais eram desprezadas tanto pelos judeus como pelos gentios naquele mundo antigo.

O evangelho universal que Paulo pregava daria a Lucas a base para o retrato que ele pinta do Salvador, e a própria denominação que tinha como o “ médico amado” dar-lhe-ia uma compreensão simpática da natureza e necessidades do homem. Lucas, portanto, estava muito bem qualificado para ser o autor de um livro como este.

Lc-1.1

I. PREFÁCIO Lc 1.1-4

Lucas principia seu Evangelho com uma introdução das mais simples e modestas, finalmente fraseada, que nos mostra o cuidado que ele tomou em assegurar integridade e exatidão para sua narrativa e também da finalidade que tinha em vista. Seu propósito foi o de estabelecer o fundamento histórico da fé cristã. **Muitos houve que empreenderam** (1). Esta afirmativa é a única informação positiva que possuímos com respeito aos relatos escritos por detrás dos Evangelhos sinóticos. Todas essas narrativas desapareceram. **Os fatos que entre nós se realizaram** (1) ou melhor, “ aqueles assuntos que têm sido cumpridos” , isto é, os fatos estabelecidos do evangelho. **Para que tenhas plena certeza das verdades** (4); ou melhor, “ tendo traçado com exatidão o curso de todas as coisas” . Lucas se distingue das **testemunhas oculares** (2), porém reivindica haver feito uma investigação minuciosa. **Excelentíssimo Teófilo** (3). O título indica ser um homem de posição oficial. Isso ocorre três vezes em Atos (vide **#At 23.26; #At 24.3; #At 26.25**).

>Lc-1.5

II. O ADVENTO DO SALVADOR Lc 1.5-2.52

Tais capítulos contêm a mais completa narrativa, em o Novo Testamento, dos fatos relacionados com a encarnação. Registram uma série de acontecimentos começando antes do nascimento de Jesus e levando-nos através de Sua meninice em desenvolvimento. Há uma beleza toda peculiar e uma atmosfera alegre nestas cenas de introdução da história do Evangelho.

a) A anunciação de João (Lc 1.5-25)

A primeira cena se dá no templo, o centro do sistema do Velho Testamento. O **turno de Abias** (5), ou Abija, ao qual Zacarias pertencia, era um dos vinte e quatro turnos em que Davi organizara os sacerdotes (**#1Cr 24.10**). Cada turno ficava prestando serviços no templo por toda uma semana cada seis meses, e incenso era oferecido duas vezes por dia, nos sacrifícios matinais e vespertinos. A narrativa conta acerca do caráter justo do casal já idoso e sem filhos (5-7), e do aparecimento do anjo a Zacarias quando ministrava no altar de incenso (8-12). O primeiro informou ao sacerdote que sua esposa Isabel teria um filho a quem ele chamaria João; e depois descreveu o tipo de vida que João viveria e também o ministério que cumpriria (13-17). Quando Zacarias expressou dúvida em vista da idade adiantada tanto de si mesmo como de sua esposa, o anjo revelou o seu próprio nome e elevada posição e pronunciou um julgamento temporário com respeito ao sacerdote por causa de sua descrença (18-20). A narrativa prossegue e registra o cumprimento tanto do julgamento (21-22) como da promessa anunciada pelo anjo (23-25).

Herodes (5). Diferenciado dos outros Herodes pelo título de “ o Grande”, o qual era um edomita de raça e um judeu por religião; governou os judeus de 37 a 4 A.C. **Entrar no santuário do Senhor para queimar o incenso** (9). Era somente uma vez em toda a vida que um sacerdote poderia receber tal honra e o número de sacerdotes era tão grande que muitos deles nunca chegaram a obtê-la. **No santuário** (9). O santuário interior (gr. **naos**), distinto da estrutura do templo (gr. **hieron**). **Da parte de fora, orando** (10). O povo permanecia à espera no pátio externo, fora do santuário, mas dentro dos muros do templo, enquanto que as nuvens de incenso subiam no lugar santo, simbolizando suas orações.

>Lc-1.13

A tua oração foi ouvida (13). Sem dúvida alguma, Zacarias havia orado por um filho, tempos passados, mas naquele culto solene quando, como sacerdote, ele oferecia as súplicas do povo, sua oração deveria ser a de todos os israelitas

devotos-a vinda do Messias. O anjo estava anunciando o primeiro passo em resposta àquela oração. **Um filho, a quem darás o nome de João** (13). O nome significa &ld; a graça de Jeová&rd; . A dispensação da graça, distinta da lei, estava para ter início (cfr. **#Jo 1.17**). **No espírito e poder de Elias** (17). As palavras do anjo lembram a profecia final de Malaquias (**#Lc 4.5-6**). O Novo Testamento começa onde termina o Velho Testamento. A profecia de Malaquias foi cumprida na pessoa de João, o Batista (**#Mt 11.14; #Mt 17.12-13**). **Eu sou Gabriel** (19). Em duas ocasiões anteriores ele havia sido enviado a Daniel, cujas profecias diziam respeito ao advento do Messias (**#Dn 8.16; #Dn 9.21**). **Para anular o meu opróbrio** (25). O de não ter filhos, o que era sentido agudamente por toda a mulher hebréia. Vide **#Gn 30.23**, onde Raquel emprega as mesmas palavras.

>Lc-1.26

b) A anunciação de Jesus (Lc 1.26-38)

Do templo em Jerusalém a narrativa nos leva ao lar de uma virgem humilde em uma aldeia da Galiléia. O mesmo anjo que anunciara a chegada de João, foi enviado a Nazaré para anunciar um nascimento ainda mais transcendente. Saudou ele a Maria com uma saudação que a embarçou, e ela ficou a imaginar o que significaria aquilo (26-29). Disse-lhe ele que Maria havia encontrado o favor de Deus e que daria à luz um filho, a quem chamaria Jesus. NEle cumprir-se-ia a promessa que havia sido dada por Deus a Davi-um trono e um reino eterno (30-33). Em resposta à pergunta que Maria lhe fez, o anjo concedeu-lhe a explicação-com delicada reserva e um gozo santo-de que Deus haveria de ser o Pai de seu Filho (34-35). Encorajou ele, então, a Maria e contou-lhe a respeito de Isabel. As palavras finais de Maria expressam a submissão humilde com que ela se colocou à disposição de Deus (36-38).

>Lc-1.30

Chamarás pelo nome de Jesus (31). O nome é a forma grega de &ld; Josué&rd; e significa &ld; a salvação de Jeová&rd; . Foi revelado também a José (vide **#Mt 1.21**). **Como será isto?** (34). A indagação de Maria não implica em dúvida alguma ou descrença, tal como indica a pergunta de Zacarias (vide vers. 18), porém simplesmente uma surpresa inocente. **Descerá sobre ti o Espírito Santo** (35); em Sua capacidade como o poder criativo de Deus (**#Gn 1.2**). A encarnação foi o começo de uma nova criação. **O poder do Altíssimo** (35) livre de toda a mancha do pecado. Ainda que verdadeiramente da raça de

Adão, Jesus no entanto nasceu como Cabeça, sem pecado, de uma nova raça. **Será chamado Filho de Deus** (35). As palavras do anjo dão base à filiação divina do filho de Maria quando de Sua concepção pelo Espírito divino. Isto não implica, nem tão pouco exclui a Sua pré-existência. Seu resultado é visto na consciência da paternidade de Deus que Jesus possuía desde Seus anos primordiais. As palavras simples de Maria no vers. 38 são uma expressão sublime de sua fé e consagração de si mesma. Ela aceita o sacrifício que isso envolvia-tal sacrifício de sua reputação, tal como é revelado no que José tencionava fazer com ela antes que o assunto fosse revelado a ele (**#Mt 1.19**).

>Lc-1.39

c) A visita de Maria a Isabel (Lc 1.39-56)

Maria foi para a Judéia de muito bom grado e Isabel recebeu-a com uma saudação inspirada, de intenso sentimento (39-45). O cântico de Maria respira um descanso calmo e profundo e também um profundo senso de exaltação (46-55). Está modelado no cântico de Ana (**#1Sm 2.1-10**), e contém várias citações de Salmos. Maria parece ter permanecido com Isabel até que João nascesse (56). **Possuída do Espírito Santo** (14). O espírito profético do velho pacto veio sobre Isabel e ela mesma reconheceu Maria como a mãe do Messias (43). **Então disse Maria** (46). Suas primeiras palavras expressam o estado de sua alma e revelam o plano altamente espiritual em que ela havia vivido.

>Lc-1.57

d) O nascimento de João (Lc 1.57-80)

As circunstâncias em torno do nascimento e nome da criança fizeram uma impressão profunda sobre as pessoas que habitavam ali por volta (57-66). O cântico de Zacarias está modelado nas profecias e está repleto da idéia da redenção. Mostra que o significado espiritual da idade messiânica e que naquele instante estava sendo introduzida, havia sido bem compreendido pelas almas devotas em Israel (67-75). Ele expressa o seu gozo na parte estabelecida a seu próprio filho com relação a esta obra e então o cântico transborda com uma ação de graças final pela salvação messiânica (76-79). A conclusão histórica da narrativa, relatando acerca do crescimento de João e a preparação para seu ministério (80), concorda com a afirmativa no vers. 66 de que **&ld; a mão do Senhor estava com ele&rd; .**

>Lc-1.66

Guardavam-nas no coração (66); uma expressão característica de Lucas (cfr. #Lc 2.19,51), mostrando que ele colheu algo de suas informações junto ao povo que realmente estava inter-relacionado aos acontecimentos que ele narra. **Para dar a seu povo conhecimento da salvação** (77). Foi este o propósito da obra de João como o antecessor dEle. O povo tinha uma idéia falsa da salvação que o Messias traria. João deveria dar-lhes uma idéia verdadeira como consistente da libertação espiritual do domínio do pecado. **O sol nascente das alturas** (78); uma alusão a #Mt 4.2, sendo esta uma figura bela para descrever o despontar de uma nova era.

Lc-2.1

e) O nascimento de Jesus (Lc 2.1-20)

A história tem início com uma nota histórica acerca de um decreto imperial de um recenseamento do mundo romano (1-3). Quando isso foi posto em operação na Palestina, fez com que José e Maria fossem de Nazaré para Belém a fim de serem alistados em sua própria cidade ancestral; e lá mesmo o Salvador do mundo nasceu (4-7). O interesse do céu com relação ao acontecimento foi manifesto pelas novas que um anjo levou aos pastores nos campos abertos e pelo louvor de uma hoste celestial acompanhando a mensagem (8-14). Os pastores encontraram o bebê recém-nascido através do sinal, que o anjo deu a eles, e depois disso estes espalharam por toda a parte a mensagem do anjo com respeito à criança (15-17). Lucas prossegue contando a impressão produzida entre aqueles que ouviram a história, e dá a entender que havia um contraste bem grande entre a reação momentânea e superficial de maravilha das pessoas todas e os pensamentos e sentimentos profundos de Maria (18-20).

César Augusto (1); o primeiro dos Imperadores romanos, os quais reinaram de 31 A. C, até o ano 14 A. D. **Recensear-se** (1); literalmente, &ld; deveriam ser alistados&rd; . O decreto fora feito com o propósito de ser realizado um recenseamento como a base para os impostos. **Este o primeiro recenseamento** (2); ou antes, &ld; Este foi o primeiro alistamento feito&rd; . A primeira aplicação do decreto na Palestina estava sendo realizada quando Jesus nasceu. Lucas menciona Cirino (Quirino) como o governador da Síria naquela época

porque aquela província romana exercia uma certa medida de supervisão sobre o reino de Herodes. Vide também nota em [#At 5.37](#).

>Lc-2.4

[A cidade de Davi](#) (4); Belém, dez quilômetros ao sul de Jerusalém, era a terra natal de Davi e seu lar original ([#1Sm 17.12,58](#)). [Para todo o povo](#) (10); literalmente, &ld; para todo o povo&rd; , apontando para os judeus como sendo os primeiros a receberem essa alegria. [Cristo, o Senhor](#) (11). Assim, o anjo mesmo declara que o bebê recém-nascido será o Messias prometido.

O cântico dos anjos está situado em duas partes simétricas e apresenta duas cenas correspondentes. Literalmente é: -&ld; Glória nas alturas (céus) a Deus e sobre a terra paz entre os homens de boa vontade&rd; . A frase &ld; homens de boa vontade&rd; é um hebraísmo e significa homens que são os objetos da boa vontade de Deus. O vers. 19 lança luz sobre o caráter de Maria e também indica que Lucas obteve essa informação diretamente dela.

>Lc-2.21

f) A infância de Jesus (Lc 2.21-39)

Seus pais levaram-No ao templo em Jerusalém e levaram a efeito tudo quanto a lei requeria no caso de um primogênito (21-24). O cântico de Simão está assinalado com um arrebatamento dominado e um profundo enlevo espiritual. Ele se representa como sendo um vigia liberto agora de seu dever devido à esperança messiânica, pela qual tinha sido ordenado a que ele esperasse, e que agora apareceu (25-32). Seu modo de dirigir-se a Maria mostra que ele possuía alguma compreensão do significado das profecias que davam uma sombra antecipada dos sofrimentos do Messias (33-35). A já idosa profetisa Ana confirmou o testemunho dele relativamente à criança (36-38). José e Maria voltaram a Nazaré após cumprimento de tudo quanto a lei prescrevia (39).

>Lc-2.22

[Para o apresentarem ao Senhor](#) (22). Todos os primogênitos em Israel pertenciam a Deus por causa da libertação do Egito na noite de páscoa ([#Êx 13.2](#)). Um filho primogênito tinha que ser redimido por uma oferta sacrificial

(#Nm 18.15). A oferta de José e Maria era a que os muito pobres tinham a permissão de substituir um cordeiro (#Lv 12.8).

>Lc-2.34

Para ruína como para levantamento (34); quer isto dizer, a ruína de alguns e a salvação de outros. A todos os que esperavam a redenção de Jerusalém (38). Simeão e Ana representam o povo piedoso em Israel, distinto dos judeus de mente carnal. Parece que houve uma certa expectativa entre eles por todo esse tempo em que se aproximava o advento do Messias.

>Lc-2.40

g) A meninice de Jesus (Lc 2.40-52)

Ele cresceu em corpo, mente e espírito desde a infância (40), por toda a meninice e em Sua mocidade (52). Sua natureza humana era perfeita e completa em cada fase de seu desenvolvimento. Quando chegou aos doze anos de idade, a idade em que um jovem judeu tornava-se um membro da congregação de Israel, Jesus foi levado para Jerusalém, durante a páscoa, pela primeira vez. O incidente que ocorreu nessa ocasião revela a natureza ímpar e sem pecado desse menino em desenvolvimento (41-51).

>Lc-2.41

A festa da páscoa (41). Esta festa comemorava a libertação de Israel do Egito (#Êx 12.1-20). Ocorria na primavera, anualmente e sua celebração, que incluía a festa dos pães asmos, durava oito dias. Entre os companheiros (44). Seria este um grupo da Galiléia, peregrinos, viajando em uma caravana. Quando pararam para a noite, Jesus foi dado em falta. Três dias depois (46). Depois de um dia de jornada e outro mais de volta, Ele foi encontrado no terceiro dia em um dos pátios do templo onde havia passado cada um daqueles dias em Sua ansiedade de aprender dos doutores da lei, os quais estavam acostumados a dar instrução pública durante as festas. Não sabíeis? (49) A resposta de Jesus é uma expressão de surpresa. Havia algo em torno dEle que Ele mesmo Se surpreendeu que Seus pais não o soubessem. A frase do original grego é indefinida, &ld; das coisas de Meu Pai&rd; . Ele sempre estivera ocupado com os afazeres de Seu Pai e não tinha interesses próprios para comprometê-Lo. Isto era o que Seus pais poderiam ter sabido. Aqui está revelada a vida íntima de uma criança que não tinha vontade própria. Suas palavras não subentendem

uma consciência de Sua própria natureza divina, mas sim a consciência de uma natureza humana não decaída. Isso dá em conta Seus pais não terem compreendido o que queria dizer (50). **Era-lhes submisso** (51). Isto expressa a atitude da vida de Jesus em Nazaré no decurso dos dezoito anos seguintes (**#Lc 3.23**). José não é mencionado novamente, sem dúvida nenhuma porque não mais vivia quando teve início o ministério público de Cristo. Jesus trabalhou na mesma profissão de José (**#Mt 13.55**; **#Mc 6.3**), e, sendo o filho mais velho da família, arcaria com o peso do lar após a morte do pai.

Lc-3.1

III. A PREPARAÇÃO DO SALVADOR PARA SEU MINISTÉRIO Lc 3.1-4.13

A transição da vida particular de Jesus em Nazaré para Seu ministério público em Israel foi marcada por dois acontecimentos ímpares em Sua experiência e que constituíram Sua preparação especial para Sua tarefa-o batismo e a tentação. Lucas dá início a seu relato sobre tais acontecimentos com uma referência aos governantes da época (**#Lc 3.1**). Ver o mapa da Palestina na pág. 983. Tibério estava associado com Augusto no governo do Império Romano durante dois anos antes que o último morresse, o que faria o seu décimo-quinto ano A. D. 26. A Judéia estava sob a direção direta do governador romano Pôncio Pilatos, cuja província incluía tanto Samaria como a Judéia. Era uma das quatro partes em que o domínio de Herodes, o Grande, havia sido dividido. Daí o título de tetrarca, &ld; governador de uma quarta parte&rd; , que fora dado aos governantes das outras três partes. Herodes, conhecido como Antipas, e Filipe, eram filhos de Herodes, o Grande. O reino do primeiro incluía a Peréia, o distrito oeste do baixo Jordão bem como a Galiléia. O do último ficava a oeste do alto Jordão e do Mar da Galiléia. Nada se sabe de Lisânias, o qual governou sobre uma pequena divisão política entre Damasco e o Monte Hermom. Os cabeças da hierarquia judaica eram Anás e Caifás (**#Lc 3.2**). Anás havia sido deposto pelos romanos em 15 A. D. porém ainda era Sumo Sacerdote aos olhos dos judeus. Seu genro, Caifás, era o Sumo Sacerdote oficial.

a) A pregação de João, o Batista (Lc 3.1-20)

Vide notas em **#Mt 3.1-12**; **#Mc 1.1-8**. Cfr. também **#Jo 1.6-34**. Tendo recebido um chamado de Deus, João principiou a pregar o arrependimento na região do Jordão e empregava o batismo como um sinal de arrependimento,

cumprindo desta maneira uma profecia de Isaías (2-6). Ele advertia as multidões que iam para serem batizadas que produzissem frutos como prova de arrependimento e dava-lhes direções práticas para abandonar os pecados que os envolviam e fazer o dever especial que era requerido deles (7-14). Em meio à reação de maravilha que chegou a despertar, João lhes contava o porquê dele batizar com água e anunciava também que o Messias estava para vir depois dele e então batizaria com o Espírito Santo e executaria o julgamento (15-17). Lucas, então, completa o seu relato com relação ao Batista, a esta altura, narrando como o seu ministério foi terminado abruptamente com o seu encarceramento, ficando então nas mãos de Herodes, cujo pecado ele havia reprovado (18-20). Cfr. #Mt 14.1-12; #Mc 6.14-29.

Voz do que clama (4). O sentido geral da passagem citada de #Is 40.3-5, é um chamado para preparar um caminho através do deserto para a chegada de um rei. **A ira vindoura** (7). O povo pensou que o julgamento do Messias seria executado sobre seus opressores gentios. João advertiu-os com respeito ao julgamento vindouro para os próprios judeus, declarando que isso era iminente.

>Lc-3.16

Eu na verdade vos batizo com água (16). No original há uma ênfase tanto no &ld; eu&rd; como em &ld; com água&rd; . Isso era tudo quanto João podia fazer. Ele então aponta para o contraste entre o seu próprio batismo com água e o batismo do Messias com o Espírito Santo. Isto é notado em todos os Evangelhos (#Mt 3.11; #Mc 1.8; #Jo 1.33), e é também mencionado por Jesus após a ressurreição (#At 1.5). Obviamente havia um paralelismo tencionado entre o batismo de João com água e o derramamento subsequente do Espírito Santo, no Pentecostes. O ritual que João introduzira foi baseado nas promessas dos profetas (#Is 44.3; #Ez 36.25-27). **E com fogo** (16). Isto se refere ao poder purificador da obra do Espírito, enquanto que a água é referente a seu poder limpador.

>Lc-3.21

b) O batismo de Jesus (Lc 3.21-22)

Vide notas em #Mt 3.13-17; #Mc 1.9-11. Sendo batizado, Jesus Se dedicou a Deus como o Homem representativo, a fim de receber o poder do Espírito Santo, para levar avante Sua tarefa messiânica. Lucas dá somente um breve

sumário do acontecimento, porém acrescenta o aspecto importante de que Jesus **estava orando** naquela hora. Está, portanto, subentendido que a descida do Espírito Santo sobre Ele foi a resposta à Sua oração. A vida de oração de Jesus sobressai neste Evangelho. Há outras nove instâncias de oração na vida do Senhor as quais são somente mencionadas por Lucas (**#Lc 5.16; #Lc 6.12; #Lc 9.18,29; #Lc 11.1; #Lc 22.32-44; #Lc 23.34-46**). **Tu és o Meu Filho amado, em Ti Me comprazo** (22). Essa foi a aceitação do Pai com respeito à dedicação do Filho e Sua aprovação concernente aos trinta anos anteriores de Sua vida particular.

>Lc-3.23

c) A linhagem de Jesus (Lc 3.23-38)

Difere esta da genealogia em **#Mt 1.1-17** porque dá a linha de Maria ao invés da linhagem de José. Lucas traça os antepassados humanos de Cristo, através de Davi e Abraão, até Adão-mostrando, portanto, Sua conexão não somente com Israel, tal como o faz Mateus, mas também com toda a humanidade. As duas linhagens diferem entre Davi e José. Mateus traça a linhagem real de Davi, desde Salomão até José, mostrando Jesus como herdeiro legal de Davi. Lucas traça os antepassados de Maria até Natã, outro filho de Davi (31), mostrando então que Jesus era &ld; da semente de Davi de acordo com a carne&rd; (**#Rm 1.3**). O nome de Maria não é mencionado, porém José é chamado o filho de Heli (23), como sendo seu genro. Lucas termina sua genealogia denominando a Adão, **o filho de Deus** (38). Nele a humanidade teve o seu primeiro começo, como resultado de um ato criador de Deus. Em Jesus, a humanidade teve um novo começo, através de outro ato criador.

Lc-4.1

d) A tentação de Jesus (Lc 4.1-13)

Vide notas em **#Mt 4.1-11; #Mc 1.12-13**. Essa experiência misteriosa realizou-se imediatamente depois que Jesus recebera a plenitude do Espírito Santo quando de Seu batismo e foi o primeiro resultado daquela experiência (1). Foi um ataque direto contra a atitude de completa submissão a Deus, atitude esta que Ele havia tomado, e um atentado sutil da parte do diabo para introduzir o elemento de vontade própria na obra do Messias. Jesus recusou-Se a que o assunto fosse referido a Si mesmo e foi de encontro a cada um dos apelos do adversário na luz da vontade de Deus tal como revelada em Sua

Palavra. Lucas nos dá as três tentações em uma ordem diferente da de Mateus (vide #Mt 4.1-11). É provável que todas foram apresentadas à mente de Jesus ao mesmo tempo e que Ele tivesse separado os diferentes elementos da grande tentação e deu aos mesmos esta forma objetiva, a fim de contar aos discípulos acerca de uma experiência subjetiva, sendo profunda demais à compreensão de qualquer mente humana.

>Lc-4.3

Se és filho de Deus (3); uma alusão à voz que Jesus ouviu quando de Seu batismo. **Está escrito** (4). Jesus não respondeu como o Filho de Deus, mas sim como o Homem representativo, dando uma resposta que qualquer homem pode dar. Todas as Suas citações são de Deuteronômio (#Dt 8.3; #Dt 6.13; #Dt 6.16). **Ela me foi entregue** (6). Jesus não negou a reivindicação que Satanás fez aqui; em outra parte Ele a reconheceu (cfr. #Jo 12.31; #Jo 14.30; #Jo 16.11). A sutilidade desta tentação está no fato de que o diabo ofereceu para colocar a sua própria influência tremenda sobre o mundo à disposição de Jesus para a promoção do reino messiânico. **Porque está escrito** (10). O diabo não citou mal as Escrituras (#Sl 91.11-12), porém aplicou mal essa passagem, fazendo com que ela significasse uma confiança presunçosa em Deus e não fé. **As tentações de toda a sorte** (13); ou antes, "Todo o tipo de tentação", o círculo completo de tentação para o qual a natureza humana do Senhor estava aberta (cfr. #Hb 4.15). **Até momento oportuno** (13). O diabo podia ter voltado ao ataque de tempos em tempos; Lucas, porém, provavelmente faz alusão a seu assalto final no Getsêmani (#Jo 14.30; #Lc 22.53).

>Lc-4.14

IV. O MINISTÉRIO NA GALILÉIA Lc 4.14; 9.50

O relato de Lucas concernente ao ministério do Senhor na Galiléia, principia com Nazaré, Sua cidadezinha natal, e termina com a transfiguração, a consumação real de Sua vida humana. Durante este período Ele reuniu um grupo de discípulos a Seu redor e essa época pode ser dividida em quatro partes, as quais são marcadas por passos quanto ao chamado e treinamento deles.

a) Até o chamado dos primeiros discípulos (Lc 4.14-44)

Após um relato introdutório acerca da volta de Jesus para a Galiléia, é-nos relatado de uma visita a Nazaré e um sábado em Capernaum.

1. A VOLTA PARA A GALILÉIA (#Lc 4.14-15) -Jesus voltou à Galiléia e iniciou um ministério de ensinamento, nas sinagogas, levando-o avante no poder que recebera quando de Seu batismo. Sua fama espalhou-se por toda a província, que, já naquela época era densamente populada. **No poder do Espírito** (14). Todos os evangelistas nos relatam que o Espírito Santo veio sobre Jesus quando de Seu batismo, porém somente Lucas prossegue mostrando como esta experiência influenciou Sua vida. Há quatro referências a isto neste capítulo (vide vers. 1,14,18).

>Lc-4.16

2. UMA VISITA A NAZARÉ (#Lc 4.16-30) -Voltando à sua própria cidade natal, Jesus, no sábado, ensinou na sinagoga. Leu em #Is 61.1-2 e aplicou a profecia para Si mesmo, explicando assim a mudança que havia tomado lugar em Sua vida desde que deixara o Seu lar para receber o batismo de João. A gente foi testemunha do caráter gracioso de Sua mensagem, porém quando Ele mencionou casos da graça de Deus sendo demonstrados aos gentios, eles se enraivecaram e fizeram um atentado para se livrarem dele. A passagem é peculiar a Lucas e é de se duvidar que esta seja a mesma visita que está registrada por Mateus (#Mt 13.54-58) e Marcos (#Mc 6.1-6), mais tarde no ministério.

Segundo o Seu costume (16). Isto lança luz em Sua vida particular anterior. Cada comunidade judaica tinha a sua própria sinagoga para a leitura e ensino da lei e para a adoração de Deus. Era costumeiro permanecer-se de pé enquanto era feita a leitura das Escrituras e sentar-se quando eram ensinadas. **Passou a dizer-lhes** (21). Há uma ênfase solene nessas palavras em seu próprio contexto. Quando Jesus Se sentou, mostrando que Ele tencionava ensinar, um murmúrio e senso de expectativa tomou conta do povo. Ele então quebrou o silêncio com uma exclamação espantosa da parte do povo: **Não é este o filho de José?** (22). Ele era um de seus próprios conterrâneos e havia sido criado entre eles. Por que mostraria Ele tal graça e faria tais reivindicações?

>Lc-4.31

3. UM SÁBADO EM CAPERNAUM (#Lc 4.31-44) -Esta passagem é paralela com #Mc 1.21-39, onde temos o mais completo relato de um dia de

trabalho de sábado na vida de Jesus. Vide notas no mesmo. Lucas nos conta da cura de um endemoninhado, sendo isto feito na sinagoga (31-37), a restauração da mãe da esposa de Pedro, a qual estava com febre em sua casa (38-39), a cura de uma verdadeira multidão de pessoas doentes, na cidade, durante o entardecer (40-41), e a partida na manhã seguinte para uma jornada pela Galiléia (42-44). Cfr. #Mt 8.14-17.

Desceu (31). Capernaum ficava situada às margens do Mar da Galiléia, o qual está a 200 metros abaixo do nível do mar, enquanto que Nazaré ficava na parte montanhosa da Galiléia. **Espírito de demônio imundo** (33). Este é um exemplo típico de possessão demoníaca e o método de cura usado por Cristo ao tratá-la. Demônios pertencem ao reino de Satanás, o qual estava especialmente ativo quando Cristo Se achava entre os homens. **Ao por do sol** (40); marcando o fim do dia de sábado, quando o povo podia então carregar os seus enfermos.

Lc-5.1

b) Do chamado dos primeiros discípulos até a escolha dos doze (Lc 5.1-6.11)

Jesus estivera ganhando adeptos através de Sua pregação, porém, ainda não havia formado um grupo de seguidores pessoais. Agora começou Ele a ligar a Si próprio alguns discípulos regulares. Durante este período os líderes religiosos começaram a demonstrar sua oposição contra Ele.

1. O CHAMADO DE SIMÃO PEDRO (#Lc 5.1-11) -Este incidente é com toda a probabilidade o mesmo tal como está registrado de forma abreviada em #Mt 4.18-22 e #Mc 1.16-20. Vide notas nas mesmas passagens. Somente Lucas narra acerca de Jesus ensinando do barco de Simão (cfr. #Mc 3.9-4.1) e acerca da grande pesca de peixes. O resultado surpreendente que se seguiu à obediência incrédula de Simão, com respeito à ordem do Senhor, quebrou sua confiança orgulhosa que tinha em si mesmo e levou-o aos pés de Jesus com uma confissão de completa inutilidade. Jesus respondeu com uma palavra de encorajamento e disse-lhe que dali por diante seria pescador de homens. Simão e seus companheiros, pois, desistiram da pesca e se tornaram seguidores de Jesus.

>Lc-5.5

Mestre, havendo trabalhado toda a noite (5). Era esta a melhor hora para se pescar. Pedro não esperou resultados, mas deitaria as redes como uma mostra de obediência ao Mestre (5). De **#Jo 1.40-42** sabemos que ele já se havia encontrado com o Mestre. **Retira-te de mim** (8). O resultado deu a Pedro uma tal revelação nova do caráter de Jesus, que deste modo havia recompensado a ele pelo uso do barco, que ele viu seu próprio caráter em uma verdadeira luz. Dirigiu-se naquela hora a Jesus com o título mais elevado e mais santo de **Senhor**.

>Lc-5.12

2. MILAGRES ESPECIAIS DE CURA (**#Lc 5.12-26**) -Durante uma viagem pelas cidades da Galiléia, Jesus curou um leproso que apelara para Ele e o milagre resultou em um grande aumento de interesse popular. Grandes multidões acorreram para serem também curadas, porém Jesus continuou a retirar-Se a fim de orar (12-16). O milagre é descrito com maior brevidade ainda em **#Mt 8.1-4** e mais completamente em **#Mc 1.40-45**, onde podem ser lidas as notas correspondentes. Somente Lucas é quem descreve o homem como estando **coberto de lepra** (12). A fama cada vez mais crescente de Jesus atraiu os líderes religiosos de toda a parte da terra e alguns deles estiveram presentes em outra ocasião, quando Jesus curou um paralisado que havia sido descido através de um telhado em uma casa repleta de gente. Ficaram eles escandalizados quando Jesus disse ao homem enfermo, antes de curá-lo, que seus pecados estavam perdoados (17-24). Entretanto, o povo que testemunhou aquele milagre ficou atônito e mostraram temor, dando também glória a Deus (25-26). Vide notas em **#Mt 9.2-8**; **#Mc 2.1-12**. **Mostra-te ao sacerdote** (14). Jesus não queria que a lei fosse ignorada, e esta requeria que o sacerdote desse um certificado de purificação (vide **#Lv 13**). **Fariseus** (17), Eram eles um partido religioso que tinha a atenção de observar estritamente a lei tal como interpretada pelos escribas ou **doutores da lei** (17). **O poder do Senhor estava com Ele para curar** (17). Estava presente para Jesus usar em Seus milagres de cura. Isto indica Sua dependência em Deus em todo o Seu trabalho. **O Filho do Homem** (24). Esta é a frase que Jesus sempre usou ao falar de Si mesmo. Nenhum dos evangelistas a empregou referindo-se a Jesus e ninguém jamais se dirigiu a Ele usando esse título. Evidentemente Ele mesmo desejava ser encarado como o homem representativo.

>Lc-5.27

3. O DISCIPULADO DE LEVI (#Lc 5.27-39) -Esta passagem é paralela a #Mc 9.9-17 e #Mc 2.14-22, onde há notas relativas a tais trechos. Levi é também conhecido como Mateus, o nome que ele próprio usa. Era ele um coletor de impostos e foi chamado de seu banco de coletor. Respondeu imediatamente, deixando seu negócio lucrativo para tornar-se um seguidor de Jesus (27-28). Deu ele uma recepção a seu novo Mestre em seu próprio lar, o que fez com que se reunisse um grande número de companheiros publicanos e outros párias sociais, juntamente com Jesus. Tal ocasião foi propícia a que Jesus explicasse o propósito real de Sua missão (29-32). Depois uma questão foi levantada com respeito à razão pela qual os discípulos não jejuavam como os discípulos de João e os fariseus. Ao responder-lhes, Jesus deu a primeira idéia concernente à Sua morte (33-35), seguindo-se à mesma duas afirmações parabólicas a fim de mostrar que Ele não estava remendando o velho sistema legal, mas, sim, introduzindo uma ordem inteiramente nova (36-39).

Um publicano (27). Os publicanos eram de duas classes-coletores de impostos diretos e oficiais de alfândega. Levi pertencia à segunda classe. **Os fariseus e seus escribas** (3); isto é, escribas que pertenciam ao partido dos fariseus. A função dos escribas era a de copiar e explicar a lei. Havia carregado a lei com tradição e, entre outras coisas, haviam acrescentado muitos jejuns novos. **Enquanto está com eles o noivo** (34). Jesus estava fazendo alusão ao fato de que João havia chamado a Ele de "o noivo" e a si próprio de "o amigo do noivo" (vide #Jo 3.29). **Vinho novo em odres novos** (38). Duas palavras diferentes são aqui empregadas para "novo": **neos**, isto é, novo com referência a tempo, fresco ou feito há pouco tempo; e **kainos**, novo com referência a qualidade, sem estar estragado ou afetado pelo uso. O vers. 39 é peculiar a Lucas. O Senhor explica como era natural que aqueles que tivessem ido para compreender o valor do velho Judaísmo devessem estar indesejosos de o abandonar por algo novo e não experimentado.

Lc-6.1

4. INCIDENTES DO DIA DE SÁBADO (#Lc 6.1-11) -Esta passagem é paralela a #Mt 12.1-14 e #Mc 2.23-26, onde podem ser lidas as notas equivalentes. Estes dois incidentes mostram como a hostilidade das autoridades religiosas chegaram à frente quanto à observância da lei de sábado. No primeiro caso (1-5), os fariseus criticaram os discípulos de Jesus por estarem debulhando grãos de trigo a fim de satisfazerem a fome, quando passaram pelos campos num sábado, pois que isto era olhado como uma quebra da lei, a qual proibia qualquer tipo de trabalho naquele dia. Jesus

defendeu-os citando o caso de Davi e de seus homens que, quando famintos, comeram do pão asmo sagrado do tabernáculo. No segundo caso (6-11), Ele curou um homem com uma mão mirrada, na sinagoga, após ter desafiado os escribas e fariseus que lá estavam, para declararem se era legal fazer bem ou fazer o mal no dia de sábado.

Aconteceu que, num sábado (1). Em outra versão poder-se-ia ler: "no segundo sábado após o primeiro", um termo curioso usado somente por Lucas, cujo significado é obscuro. **Nem ao menos tendes lido?** (3); referindo-se ao incidente relatado em **#1Sm 21.1-6**. Os fariseus não se atreveriam a criticar o que Davi havia feito. Jesus não anula a lei do sábado, porém reivindica o direito, como o Homem representativo, a administrá-lo para o bem do homem (5).

>Lc-6.12

c) Da escolha dos doze até sua primeira missão (Lc 6.12; 8.55)

Durante esse período, a popularidade de Jesus continuou a aumentar e Seu ministério na Galiléia alcançou o seu ponto máximo. A seção começa com a nomeação dos doze apóstolos, contém os discursos Seus mais importantes na Galiléia e registra uma série de milagres notáveis.

1. A ESCOLHA DOS DOZE (**#Lc 6.12-19**) -Jesus passou toda uma noite numa montanha, a orar, e no dia seguinte Ele escolheu doze dentre Seus discípulos e nomeou-os apóstolos, a fim de indicar, Seu propósito a respeito deles. Seus nomes são os mesmos tal como em **#Mt 10.2-4** e **#Mc 3.16-19**, onde há notas relacionadas ao assunto, com exceção de Judas, o filho de Tiago, o qual é chamado Tadeu nos outros Evangelhos. Jesus, então, desceu com os doze a um ponto qualquer ao lado da montanha e lá um grupo bem grande de Seus próprios discípulos e uma grande multidão de outras pessoas reuniram-se a Seu redor, a fim de O ouvirem e serem curadas. **Parou numa planura** (17); ou melhor "ficou em um lugar plano". Não há discrepância entre isto e a afirmativa em **#Mt 5.1**. O relato em Mateus é acerca do grupo que subiu a montanha com Jesus; Lucas descreve o evento de um ponto de vista particular. Pareceria que nosso Senhor procurou primeiramente estar em particular, no alto da montanha, com Seus discípulos e depois disso teria descido a um lugar mais plano, para falar e ser ouvido por todo o povo. Notar as referências à "grande multidão" em **#Mt 8.1** e a com respeito ao "povo" em **#Mt 7.28**.

>Lc-6.20

2. O SERMÃO AOS DISCÍPULOS (#Lc 6.20-49) -Em meio à cena que acabamos de descrever, Jesus deu uma mensagem que na generalidade é chamada de Sermão da Montanha. O mesmo está registrado em sua totalidade em #Mt 5.1; #Mt 7.29 e partes dele foram provavelmente repetidas em outras ocasiões. Vide comentário em Mateus para notas detalhadas concernentes a seus ensinamentos. A narrativa de Lucas começa com uma série de "Bem-aventuranças" seguidas por uma série de "ais", salientando, por um lado, o contraste em caráter entre aqueles que pertencem ao reino de Deus e aqueles que vivem para o mundo presente e, por outro lado, o contraste entre a felicidade que é a porção de uma classe e a miséria que aguarda a outra classe (20-26). A outra parte da mensagem trata dos deveres requeridos dos membros do reino (27-38). Lucas omite a maior parte do que Mateus relata com respeito à relação de Cristo com a lei mosaica, sendo que tal relação teria muito pouco significado para os leitores gentios. O que ele ensina com ênfase é que o amor é o princípio do reino e a qualidade de destaque de seus membros. Para o vers. 37, vide notas em #Mt 7.1-5. Vêm depois várias afirmativas apontadas e ilustrações práticas mostrando como esse princípio deve ser mantido (39-45). Para os vers. 43-45 vide notas em #Mt 7.15-20. O sermão termina com uma advertência para Seus ouvintes acerca das conseqüências de não darem atenção às Suas palavras (46-49). Cfr. #Mt 7.24-27.

Bem-aventurados vós os pobres (20). Jesus está-Se dirigindo a Seus discípulos e quer dizer com isso que sua pobreza na realidade é uma bênção, porque ajuda a preservar sua dependência de Deus e assim os torna capacitados para Seu reino. **Logo desabou** (49). A palavra para "logo" (*eutheos*) é freqüente em Marcos, porém rara em Lucas. Uma boa interpretação seria "depois disso", incluindo a idéia de seqüência, a qual está sempre implicada.

Lc-9.1

d) Da missão dos doze à partida da Galiléia (Lc 9.1-50)

Esta seção leva o ministério na Galiléia a seu fim. Inclui vários acontecimentos de suprema importância, especialmente a grande confissão de Pedro e a transfiguração do Senhor.

1. A MISSÃO DOS DOZE (#Lc 9.1-9) -O relato de Lucas concernente à comissão dos doze (1-6) é substancialmente o mesmo como em Mateus (#Mt 10.5-15) e Marcos (#Mc 6.7-13), exceto que Mateus dá um relatório mais completo das instruções que Jesus lhes dera e Marcos nos conta que Ele os enviara "dois a dois". Vide notas *in loco*. A comoção causada por tal missão através da Galiléia levou a fama de Jesus aos ouvidos de Herodes Antipas, o qual ficou perplexo pelo que ouviu e tentou arranjar uma entrevista com Ele (7-9 vide #Mt 14.1-12 n. e #Mc 6.14-29 n).

>Lc-9.3

Nada leves para o caminho (3). Esta missão dos apóstolos era limitada a Israel e, como mensageiros do Messias, eles eram dignos do apoio do povo.

>Lc-9.10

2. A ALIMENTAÇÃO DOS CINCO MIL (#Lc 9.10-17) -Quando os apóstolos voltaram com seus relatórios, Jesus levou-os à parte para um retiro na parte nordeste do lago, porém o povo O seguiu e interrompeu Seu plano. Ainda assim Ele deu a eles boa acolhida e ministrou àquela gente.

Quando entardeceu, os doze sugeriram que Ele mandasse embora o povo, a fim de que conseguissem comida e alojamento nas aldeias circunvizinhas. Em vez disso, Ele fez com que os discípulos os alimentassem com o que eles próprios possuíam, cinco pães e dois peixes. Fez Ele com que o povo todo se sentasse em grupos de cinquenta e, depois de ter abençoado o alimento, entregou-o aos discípulos para ser distribuído. Todos se satisfizeram e doze cestos foram cheios com os fragmentos restantes. A importância especial deste milagre é marcada pelo fato de que é o único registrado em todos os quatro Evangelhos. Os relatos paralelos são #Mt 14.13-23; #Mc 6.30-46 e #Jo 6.1-15, onde se podem ler as notas equivalentes.

Uma cidade chamada Betsaida (10). Não "a cidade de André e Filipe" (#Jo 1.44), a qual ficava situada na parte leste do lago, porém Betsaida Júlias que estava no lado oeste do alto Jordão no território de Filipe, o tetrarca. *Cerca de cinco mil homens* (14). Mateus acrescenta "além de mulheres e crianças"; entretanto, destas haveria muito poucas. *Erguendo os olhos para o céu, os abençoou* (16). Todos os quatro relatos notam esse detalhe, vendo nele o segredo de todo o poder manifesto. *Partiu e deu* (16). Os verbos gregos estão em tempos diferentes; *partiu* indica um ato único, e *deu* uma ação contínua. A

medida que o alimento estava sendo distribuído, foi sendo multiplicado. **Doze cestos** (17). A palavra grega para cestos é **kophinos**, sendo que eram usados pelos judeus quando viajavam, para evitarem comprar alimento dos gentios.

>Lc-9.18

3. A CONFISSÃO DE PEDRO A CRISTO (#Lc 9.18-27) -Esta passagem é paralela a #Mt 16.13-28 e #Mc 8.27-38, onde podem ser lidas as notas. Lucas não menciona o lugar onde ocorreu o incidente mas nos conta que Jesus estava orando naquele instante. A resposta de Pedro à pergunta que Jesus fez aos discípulos com respeito a Si mesmo é dada resumidamente e é imediatamente seguida pela predição do Senhor acerca de Sua rejeição e morte nas mãos dos líderes judeus e Sua subsequente ressurreição (18-22). Lucas omite o elogio de Jesus a Pedro e a afirmativa Sua com relação à Sua Igreja, sendo que registra somente Sua advertência aos discípulos de como eles deveriam segui-Lo. Precisavam tomar a sua cruz e estar preparados para perderem a própria vida por Sua causa. Se eles se envergonhassem dEle, então não gozariam de Sua glória quando Ele viesse (23-27).

>Lc-9.20

O Cristo de Deus (20). A primeira confissão de Jesus como o Messias feita por um dos discípulos. Entretanto, o povo ainda não estava preparado para tal notícia por causa do ponto de vista carnal deles com relação ao reino. **Tome a sua cruz** (23); a primeira menção da cruz em Lucas. Isso deve ter deixado os discípulos atônitos, pois que bem sabiam que uma cruz não era carregada apenas como um peso, mas como algo utilizado como instrumento de morte. **Quando vier na Sua glória** (26); a primeira referência de Cristo à Sua segunda vinda. Sua afirmativa no vers. 27 pode significar que a transfiguração, que ocorreria logo depois disso, prognosticaria a glória de Seu reino (cfr. #2Pe 1.16-18).

>Lc-9.28

4. A TRANSGIFURAÇÃO (#Lc 9.28-36) -Isto marcou o ponto mais alto na vida de Jesus. Foi a culminação de Sua humanidade perfeita e sem pecado, pois que a morte não tinha reivindicação alguma sobre Ele. O relato de Lucas referente a esta cena lança maior luz sobre a mesma narrativa nas passagens paralelas (#Mt 17.1-7 e #Mc 9.2-8). Jesus estava orando quando Sua transfiguração teve lugar e o tema de Sua conversa com Moisés e Elias foi

"sua partida", o que se daria em Jerusalém. Ele bem que poderia ter coroado Sua vida terrena como o Filho do homem, estabelecendo Sua partida à maneira do monte da transfiguração, porém Ele Se voltou para o caminho da cruz, a fim de cumprir desta maneira a redenção do mundo. A voz que finalmente se fez ouvir da nuvem, que depois encobriu aquele cenário, expressou a aprovação do Pai com relação à entrega que o Filho havia feito de Si mesmo.

Subiu ao monte (28). O contexto em outros relatos identifica-o como o Monte Hermom, cujo cume coberto de neve, acima de 2.700 metros de altura, pode ser visto de muitas partes da Palestina brilhando como ouro à luz do sol. **Moisés e Elias** (30); os representantes da lei e dos profetas. **Os quais apareceram em glória** (31). Não como espíritos imateriais, mas, sim, na forma corpórea como Jesus estava. Elias havia sido trasladado corporeamente para o céu (#2Rs 2.11), e #Jd 9 dá a entender que o corpo de Moisés havia sido ressuscitado da morte. **Sua partida** (31). A palavra é **êxodo**, uma "saída" e não somente se refere à Sua morte, mas também é concernente a Sua ressurreição e ascensão. Este tema deveria ter sido de interesse especial tanto para Moisés como para Elias pela própria experiência de ambos.

>Lc-9.37

5. O TÉRMINO DO MINISTÉRIO NA GALILÉIA (#Lc 9.37-50) -A transfiguração foi seguida, no dia seguinte, por um milagre realizado ao pé da montanha (37-42). Jesus curou um rapaz endemoninhado a quem os discípulos haviam deixado lá no dia anterior depois de terem tentado curá-lo sem sucesso. Os relatos paralelos em #Mt 17.14-21 e #Mc 9.14-29 (vide notas) revelam mais detalhadamente a razão para essa derrota, porém Lucas salienta o interesse humano da cena no apelo patético do pai com relação a seu **único filho** (38), e em um toque terno de que quando Jesus tirou o demônio do rapaz, **Ele o entregou a seu pai** (42). **Até quando estarei convosco?** (41). Essas palavras revelam um sentimento de saudade no coração de Jesus. Sentiu Ele o contraste entre a descrença e perversidade da raça humana e a dedicação santa do mundo celestial de onde Ele proviera.

>Lc-9.51

V. A VIAGEM A JERUSALÉM (Lc 9.51; 19.28)

A narrativa de Lucas do ministério na Galiléia chega a um final com outra predição da paixão (43-45; cfr. #Mt 17.22-23; #Mc 9.30-32), uma lição objetiva do humildade (46-48; cfr. #Mt 18.1-5; #Mc 9.33-37), e uma advertência contra a intolerância (49-50; cfr. #Mc 9.38-40).

A narrativa contida nesta parte do Evangelho é quase que inteiramente peculiar a Lucas. Em Mateus, a história é limitada a dois capítulos (19-20) e em Marcos a um só (10). A viagem levou vários meses. Em seu decurso, Lucas menciona três vezes o fato que Jesus estava a caminho de Jerusalém (#Lc 9.51; #Lc 13.22; #Lc 17.11).

Isto indicaria três fases na viagem. É provável que estas estavam separadas por diferentes visitas a Jerusalém, pois que o Evangelho de João mostra que Jesus estava na cidade em duas ocasiões durante este período, antes da última páscoa. Tais ocasiões eram a festa dos tabernáculos no outono (#Jo 7.2-10,37) e a festa da dedicação durante o inverno (#Jo 10.22-23).

a) A primeira fase da viagem (Lc 9.51; 13.21)

O primeiro incidente relatado mostra que Jesus, primeiramente, seguiu por Samaria e depois atravessou o Jordão em direção à Peréia e viajou para o sul através daquela região.

1. REJEITADO EM SAMARIA (#Lc 9.51-62) -Jesus enviou mensageiros a Samaria, a fim de prepararem Sua chegada. Já uma vez antes Ele havia passado por Samaria e tinha sido bem acolhido ali (#Jo 4.39-40), mas então Ele estava de volta de Jerusalém. Neste incidente um dos habitantes recusara-Lhe hospitalidade porque Ele estava a caminho de Jerusalém. Tiago e João foram repreendido pelo Senhor por terem desejado chamar fogo do céu sobre eles (51-56). Três incidentes ocorreram quando eles seguiram o seu caminho, nos quais Jesus mostrou o Seu conhecimento quanto aos corações dos homens ao tratar com os assim chamados discípulos duvidosos (57-62; cfr. #Mt 8.19-22).

Os dias em que devia Ele ser assunto ao céu (51); uma referência à Sua ascensão. Manifestou no semblante a intrépida resolução (51). O propósito fixo que o Senhor mostrou em suportar o Seu sacrifício é notado de igual modo em #Mc 10.32. Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos (60). Deixar os espiritualmente mortos, cujos interesses estão somente nesta vida, a fim de atenderem aos deveres da sociedade terrena.

Lc-13.10

8. A ÚLTIMA CENA DA SINAGOGA (#Lc 13.10-21) -Este incidente é peculiar a Lucas e é a última visita registrada de Jesus feita a uma sinagoga. O dirigente da sinagoga, zangado porque Jesus havia curado a mulher enferma no dia de sábado, atacou-O indiretamente ordenando ao povo que não fosse no sábado para pedir uma cura qualquer. Jesus expôs a hipocrisia dele e assim o deixou ficar envergonhado diante do povo (10-17). Chamou-a (12). Isto era fora do comum; geralmente aqueles a quem Ele curou foram ter com Ele. Provavelmente Ele desejava chamar Sua vontade a entrar em ação quando Ele libertou o corpo dela do espírito de enfermidade (11) que a ligava. A quem Satanás trazia presa (16). Jesus encarava o grande inimigo de Deus como a causa de enfermidade humana e impureza corpórea (cfr. #1Co 5.5; #2Co 12.7).

Vendo como o povo se regozijou ao perceber o que Ele estava fazendo, Jesus repetiu as parábolas da semente de mostarda e do fermento, as quais descrevem o resultado duplo da presença do reino do Senhor no mundo, o de produzir uma organização visível e bem grande de um começo pequenino, e o outro resultado seria o de exercer uma influência extensiva e escondida na sociedade humana (18-21). Tais parábolas foram primeiramente dadas no sermão das parábolas registradas em #Mt 13. Vide #Mt 13.31-33; cfr. #Mc 4.30-32.

>Lc-13.22

b) A segunda fase da viagem (Lc 13.22; 17.10)

A esta altura uma quebra parece ter ocorrido na viagem. Depois disso Jesus continuou o Seu caminho progressivo e firme em direção a Jerusalém, ensinando em cada cidade e aldeia à medida que prosseguia (22). Durante esse período pronunciou Ele algumas de Suas maiores parábolas.

>Lc-13.23

1. ADVERTÊNCIAS PELO CAMINHO (#Lc 13.23-35) -Jesus recebeu uma indagação de parte de um dos de Sua companhia, o qual desejava saber se poucos seriam os salvos. Ele não respondeu diretamente, porém instou as pessoas a que se preocupassem com a questão de sua própria salvação; o

tempo viria quando seria então tarde demais e eles vir-se-iam completamente fora. Acrescentou Ele uma predição concernente ao chamado dos gentios, quando gente de todas as partes do mundo gozariam da bênção do reino (23-30). Para o vers. 24 vide #Mt 7.13-14 n. Alguns dos fariseus fizeram uma tentativa de amedrontar a Jesus com uma ameaça da parte de Herodes através de cujo território Ele estava viajando (31). Não conseguiram afastá-lo de Seu propósito. **Ide dizer a essa raposa** (32). Jesus percebeu a esperteza de Herodes por detrás das advertências dos fariseus Ele prosseguiria realizando o trabalho que Lhe fora dado para realizar até que o terminasse em Jerusalém (31-33). No entanto, esse pensamento levou-O a pronunciar um lamento sobre a cidade que tantas e tantas vezes havia-se recusado a receber o Seu ministério. Havia ela rejeitado a salvação que Ele lhe oferecera, e agora a sua gente era deixada à mercê da desolação que estava para vir (34-35), e que na realidade sobreveio à cidade em 70 A. D. **Até que venhas a dizer** (35). Esta pronúncia solene parece significar que a volta do Senhor aguarda o arrependimento nacional de Israel (cfr. #At 3.19-21).

Lc-17.1

6. MAIS ENSINAMENTOS PARA OS DISCÍPULOS (#Lc 17.1-10) -Esta passagem contém quatro ensinamentos breves dados aos discípulos, que parecem não ter conexão alguma com os discursos precedentes. Tratam da grandeza do pecado causando outros a pecarem (1-2), o dever de perdoar um irmão pecador se ele se arrepender (3-4), o poder da fé, ainda que esta seja a menor de todas (5-6), e o fato de que a obediência e boas obras não subentendem mérito algum de nossa parte e não nos dão reivindicação alguma sobre Deus (7-10).

É inevitável (1); isto é, impossível moralmente falando, constatando a condição pecaminosa presente do mundo. **Ofensas** (1); isto é, "ocasiões de tropeços", causas do pecado. **Um destes pequeninos** (2). Jesus chamou até os apóstolos pela designação terna de "filhinhos" (#Jo 13.33) e sua referência aqui é feita principalmente a Seus próprios discípulos. **Sete vezes** (4), o número completo em si mesmo, daí um tempo ilimitado de vezes. **Aumentamos a fé** (5). Esta solicitação feita pelos apóstolos provavelmente surgiu da consciência de sua própria inabilidade natural para preencherem os requisitos morais que Jesus havia estabelecido.

>Lc-17.6

Fé como um grão de mostarda (6). Não era questão de fé adicional, mas, sim, de fé genuína. Vide nota em **#Mt 17.20** e cfr. **#Mt 21.21**; **#Mc 11.23**. **Esta amoreira** (6). A expressão mostra que Jesus estava ensinando ao ar livre e apontou para a árvore enquanto falava. Amoreira parece que era um nome genérico para tipos diferentes de árvores daquela espécie. **Tendo um servo** (7). Não há aspereza subentendida no comportamento descrito por Jesus. Ele está apelando simplesmente aos costumes da vida diária comum em que os servos geralmente eram escravos. Toda a ordem social e econômica do mundo ao tempo de Cristo era baseada no sistema de escravidão. **Servos inúteis** (10). Não no sentido de serem inúteis mesmo, mas, sim, no de não fazerem coisa alguma para darem a seu mestre ou patrão um lucro extra pelo qual um pagamento era de se esperar.

>Lc-17.11

c) A terceira fase da viagem (Lc 17.11; 19.28)

Pela terceira vez Lucas nos relata que Jesus estava-Se locomovendo em direção a Jerusalém. Esta parte da viagem leva-O até Betânia, justamente antes da entrada triunfal na cidade. Suas mensagens durante este período estão permeadas com o pensamento de Sua segunda vinda.

1. OS DEZ LEPROSOS (**#Lc 17.11-19**) -Esses homens haviam clamado a Jesus por misericórdia e Ele enviou-os aos sacerdotes. Isto subentendia uma promessa de purificação, e sua fé foi demonstrada através da obediência deles. Jesus expressou todo o Seu desapontamento com os nove que tomaram sua cura como algo que tinha de ser, mas recompensou o samaritano agradecido com uma bênção adicional.

>Lc-17.12

Que ficaram de longe (12), isto era de acordo com a lei que requeria que o leproso morasse separado de outros e que gritasse, "impuro, impuro" (**#Lv 13.45-46**). **Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes** (14); isto é, conseguir certificados de purificação conforme a lei (**#Lv 13**). **Este estrangeiro** (18); em outra versão, "esse estranho", os samaritanos surgiram da mistura dos israelitas com povos pagãos, que haviam sido introduzidos pelos assírios após a queda do reino do norte (**#2Rs 17.24**).

>Lc-17.20

2. A VINDA DO REINO (#Lc 17.20-37) -Tendo os fariseus indagado a Jesus quando viria o reino de Deus, respondeu Ele que o mesmo não viria com qualquer sinal visível; pois que, assim Ele o disse: "o reino de Deus está dentro de vós" (20-21), referindo-Se a Si mesmo e a vida que estava vivendo entre eles. Virou-Se então, para os discípulos e falou do futuro do reino. Os dias viriam quando eles ansiariam por Sua vinda e Ele os advertiu para não serem levados no caminho errado por falsos rumores, pois que seria um acontecimento visível e universal depois que Ele tivesse passado pelo sofrimento e fosse rejeitado (22-25). Gente estará vivendo sua vida comum de todo o dia quando o Filho do homem for revelado e só estarão preparados para Ele aqueles que não estiverem identificados com os interesses deste mundo, pois que então as relações terrenas serão de súbito completamente divididas (26-36). No vers. 31, Cristo descreve, em termos figurados, a atitude de indiferença para com interesses mundanos que Seus discípulos deveriam tomar, a fim de estarem prontos para a Sua volta. Para a pergunta que os discípulos fizeram (vide vers. 37), Jesus respondeu com uma afirmativa geral que significava que, onde quer que as condições fossem preenchidas, ali apareceriam os agentes de julgamento. **Os abutres** (37); aqueles que apareciam em bandos, o céu claro, voando sobre qualquer corpo morto que estivesse por ali.

Lc-19.1

A história da visita de Jesus à casa de Zaqueu, o publicano (19.1-10) é peculiar a Lucas e cheia de interesse humano. O dispositivo para o qual Zaqueu apelou como um homem de baixa estatura, em meio à multidão, mostra que ele tinha uma vontade fora do comum de ver a Jesus. A isso Jesus reagiu também de modo fora do comum ao convidar-Se a Si mesmo para ser o hóspede de Zaqueu. A multidão criticou este ato de Jesus, porém o mesmo resultou em uma revolução completa na vida do publicano e na salvação de sua casa. **Maioral dos publicanos** (2). Esta é a tradução de uma palavra grega que não aparece em nenhuma outra parte. Provavelmente significa um comissário de impostos. **Zaqueu se levantou e disse** (8); indicando a solenidade da afirmativa que tinha a fazer naquele momento. Foi o resultado de seu contato pessoal com Cristo. **Resolvo dar aos pobres a metade de meus bens** (8); um ato que ele levou avante naquele momento e depois disso. **Restituo quatro vezes mais** (8). Esta foi uma das penalidades extremas impostas pela lei quando um homem era compelido a fazer uma reparação do

que havia roubado (vide #Êx 22.1; #2Sm 12.6). Zaqueu impõe sobre si a penalidade devido às suas ações injustas como um publicano.

>Lc-19.11

6. A PARÁBOLA DAS MINAS (#Lc 19.11-28) Duas razões são dadas para explicar porque Jesus contou essa parábola a esta altura (vide vers. 11). Evidentemente havia uma excitação cada vez mais crescente entre os peregrinos ao se aproximarem de Jerusalém, e esperavam que Jesus estabelecesse lá mesmo o reino messiânico de uma vez por todas. A parábola representa a partida deste mundo do Senhor como sendo algo de necessário, a fim de que Seu reino fosse estabelecido e indica a maneira pela qual os discípulos deveriam ocupar-se durante Sua ausência, assim como o modo pelo qual Ele recompensaria a todos eles quando regressasse. Cada um dos dez servos recebeu a mesma quantia. A mina, portanto, precisa representar aquilo que todos os crentes têm em comum quer seja a graça da Salvação ou o evangelho como aquilo que lhes é confiado (cfr. #1Ts 2.4; #1Tm 1.11). A parábola descreve a atitude dos judeus com relação a seu reino messiânico e termina salientando o castigo que lhes sobreviria por terem rejeitado a Ele. Com esta passagem cfr. #Mt 25.14-30.

>Lc-19.12

Com o fim de tomar posse de um reino (12); um aviso profético da entronização do Senhor no céu em preparação para o estabelecimento de Seu reino aqui na terra. Dez minas (13). A mina não era uma moeda, mas, sim, uma certa quantia de dinheiro. Seu valor não é conhecido com exatidão. Negociai (13). A palavra grega significa "fazer negócio". Seus concidadãos (14); representando os judeus, a quem pertencia por promessa o reino messiânico, distintamente de "seus servos", os quais representam os discípulos. Que negócio cada um teria conseguido (15); ou antes, "o quanto cada um havia negociado". A expressão original não envolve a idéia de lucro. Tive medo de ti (21). Sua atitude é errada. Ele era devedor de dedicação para com seu senhor, porém ele torceu toda a sua conduta. O vers. 25 marca provavelmente uma interrupção de parte do povo a quem Jesus estava se dirigindo. Mostra o quão atentamente eles estavam ouvindo a história e a maneira impressionante pela qual Ele a narrava. Nesse caso o vers. 26 é Sua resposta a eles e o vers. 27 a continuação da parábola.

>Lc-19.29

VI. O MINISTÉRIO EM JERUSALÉM Lc 19.29; 21.38

Jesus havia estado em Jerusalém em várias ocasiões anteriores a esta e ensinara no templo, porém somente João é quem narra acerca dessas visitas. A seção presente trata de Seu ministério final lá e é paralela com #Mt 21.1; #Mt 25.46; #Mc 11.1; #Mc 13.37 e #Jo 12.1-36, onde podem ser lidas as notas. Lucas faz conexão dos acontecimentos que ele registra com o templo, o qual é mencionado oito vezes no decurso da narrativa.

a) A entrada em Jerusalém e a purificação do templo (Lc 19.29-48)

Para os vers. 29-44 vide notas em #Mt 21.1-11; #Mc 11.1-10; #Jo 12.12-15. Jesus Se apresentou deliberadamente na capital do país como o Messias prometido através de uma entrada pública arranjada especialmente. Todos os detalhes dão ênfase à solenidade que Ele ligou ao acontecimento. O envio dos dois discípulos para buscarem o jumentinho indica um plano deliberado de Sua parte. Quando eles levaram o animal para que Ele o montasse, Jesus foi tratado com honrarias reais (29-36). Ao Se movimentar, tornou-Se o centro de uma homenagem entusiástica da parte de uma multidão de pessoas. Ele aceitou as saudações messiânicas da parte deles e repreendeu aos fariseus quando estes sugeriram que Ele os fizesse parar (37-40).

Betfagé e Betânia (29). O primeiro nome era provavelmente o da região em que Betânia estava situada. **Achareis preso um jumentinho** (30). Jesus estava preparando tudo para entrar na cidade da maneira pela qual Zacarias anunciara que o Messias haveria de vir (vide #Zc 9.9). **O Senhor precisa dele** (31). O dono do jumentinho era sem dúvida nenhuma um dos amigos desconhecidos do Senhor que, tal como Lázaro (#Jo 11.3), não aparece na narrativa em nenhuma outra parte.

>Lc-19.41

Quando Ele foi visto entrando na cidade, pronunciou um lamento sobre ela e predisse sua destruição vindoura (41-44). Cfr. #Lc 13.34-35. Entrou Ele então no templo, purificou-o de seu tráfico impuro e ali Se estabeleceu como um mestre. Vide notas em #Mt 21.12-16; #Mc 11.15-18. Ao mesmo tempo as autoridades religiosas estavam planejando matá-Lo, porém se continham em vista de Sua grande popularidade (45-48). De acordo com Marcos, a purificação do templo foi realizada um dia depois da entrada triunfal. Lucas

não dá referência alguma ao tempo, porém liga estes dois acontecimentos como parte de um grande ato messiânico.

Chorou (41). A palavra **eklausen** subentende pranto ou choro audível, diferente do choro em **#Jo 11.35**, onde a palavra **edakrusen** significa que Ele derramou lágrimas silenciosas. **A oportunidade da tua visitação** (44); o período inteiro de oportunidade que lhe fora dado pela presença de Cristo na terra e Suas várias visitas àquela cidade. **Entrando no templo** (45); o templo inteiro, inclusive os seus vários pátios. No pátio grande externo, denominado o pátio dos gentios, pois que estes tinham a permissão de ali entrar, a venda de animais requeridos para o sacrifício era feita pela hierarquia para o próprio lucro deles e isso se tornara um escândalo. O tráfico barulhento impedia o uso mais silencioso do templo para a adoração.

Lc-20.1

b) Ensino diário no templo (Lc 20.1-21.4)

1. OS DIRIGENTES SILENCIARAM (**#Lc 20.1-8**) -Vide notas em **#Mt 21.23-27**; **#Mc 11.27-33**. Certo dia os dirigentes judeus foram ter com Jesus e perguntaram-Lhe que espécie de autoridade Ele tinha para realizar tais coisas. Ele respondeu fazendo-lhes uma pergunta a respeito da fonte de autoridade de João, o Batista o que teria levado à resposta de sua própria pergunta. Eles expuseram sua derrota como guias religiosos ao afirmarem que não o sabiam. Jesus, portanto, recusou-Se em responder à pergunta deles. **O batismo de João** (4). Esta pergunta era bem relevante e deveria ser estabelecida em primeiro lugar, pois que João havia introduzido a Jesus como sendo o Messias e testificava dEle quanto à Sua autoridade divina.

>Lc-20.9

2. A PARÁBOLA DOS LAVRADORES MAUS (**#Lc 20.9-19**) -Vide notas em **#Mt 21.33-46**; **#Mc 12.1-12**. Esta parábola foi dirigida ao povo e salienta o pecado dos líderes religiosos e previa o julgamento que lhes sobreviria. Eles compreenderam que a parábola era uma direta contra eles próprios, porém o receio que tinham do povo retiveram-nos de prendê-Lo. **Plantou uma vinha** (9); a figura é extraída de **#Is 5.1-7**, onde Israel é a vinha de Deus. Os lavradores, na parábola, representam os dirigentes religiosos de Israel e os servos enviados de tempos em tempos representam os profetas. **Enviarei o meu filho amado** (13). Após a entrada triunfal, o ensino do Senhor com

respeito à Sua própria dignidade divina torna-se mais explícita. **Passará a vinha a outros** (16). Esta não é primariamente uma referência feita aos gentios, embora eles estejam envolvidos, mas sim a uma nova Israel composta tanto de judeus como de gentios, "a Israel de Deus" (**#Gl 6.16**). O reino foi tomado dos governantes oficiais e dado a Seus próprios discípulos (**#Lc 12.32**), que formaram o núcleo da nova nação produzindo os frutos do reino (**#Mt 21.43**).

>Lc-20.17

Fitando-os (17); um toque surpreendente. Ele fixou os olhos neles, dando assim solenidade especial à Sua citação das Escrituras. **A pedra que os construtores rejeitaram** (17); do **#Sl 118.22**. Era este um dos Salmos do Hallel entoados por ocasião da páscoa e era encarado como sendo messiânico. **A principal pedra angular** (17); não a pedra angular de um arco, porém a pedra de esquina de uma construção onde as duas paredes se encontram. **Todo o que cair sobre esta pedra** (18); isto é, tropeçar sobre ela em descrença. **Aquele sobre quem ela cair** (18); isto é, em julgamento.

>Lc-20.20

3. PAGANDO TRIBUTO A CÉSAR (**#Lc 20.20-26**) -Vide notas em **#Mt 22.15-22**; **#Mc 12.13-17**. Entretanto, eles O vigiavam e enviaram espias que procuraram pegá-LO em Suas próprias palavras, a fim de que pudessem acusá-LO diante do governador romano. Com cumprimentos repugnantes perguntaram-Lhe se era direito dar tributo a César. A astúcia desta questão estava em seu atentado para procurar colocar a Jesus na ponta de um dilema. Se Ele respondesse "sim", os fariseus expô-LO-iam ao povo que odiava o jugo romano. Se Ele respondesse "não", eles O acusariam de traição contra Roma. A resposta de Jesus foi perfeita, indo ao encontro de cada um dos aspectos da questão que Lhe fora imposta. Significa também que as reivindicações de Deus e do estado não são mutuamente exclusivas.

>Lc-20.27

4. OS SADUCEUS E A RESSURREIÇÃO (**#Lc 20.27-40**) Vide notas em **#Mt 22.23-33**; **#Mc 12.18-27**. Apresentaram, então, os saduceus uma pergunta relacionada a um caso hipotético com a intenção de fazer com que a ressurreição parecesse tolice. Eram o partido aristocrático entre os judeus. Ainda que não fossem tão numerosos quanto os fariseus, possuíam as posições mais elevadas. Não criam em uma vida posterior a esta da terra e viviam só

para as coisas do mundo. Jesus respondeu à pergunta deles de maneira tal a demonstrar que eles não compreendiam a vida ressurreta e também que uma vida depois desta era algo subentendido nos escritos de Moisés a quem eles haviam citado. **Moisés nos deixou escrito** (28). Vide **#Dt 25.5-10**. **A sarça** (37); isto é, na passagem que narra acerca da sarça que queimava como fogo (**#Êx 3.6**). Os saduceus aceitaram a autoridade de Moisés porém não a dos profetas. Aqui o argumento é que, quando Deus fala de Si mesmo como o "Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó", depois que eles morreram em seu estado corpóreo, tais patriarcas deveriam estar vivendo em outro estado.

>Lc-20.41

5. UMA DENÚNCIA SÉRIA (**#Lc 20.41-47**) -Vide notas em **#Mt 22.41-23.36**; **#Mc 12.35-40**. Jesus pôs fim a Seu ensino público e silenciou a Seus adversários fazendo-lhes uma pergunta baseada em **#Sl 110.1**. Tendo citado a afirmação de Davi ao chamar de "Senhor" ao Messias, Jesus fez a pergunta: **Como pode ser ele seu filho?** (44). A impossibilidade dos judeus em responder a isso mostrou que era bem inadequada a idéia que tinham formado acerca do Messias. O argumento do Senhor é baseado na origem davídica, assim como o caráter messiânico do Salmo. Se não tivesse vindo de Davi, então as palavras de nosso Senhor não teriam peso para nós no dia de hoje, qualquer que tivesse sido o peso para com Seus ouvintes daquela época. **Guardai-vos dos escribas** (46). Lucas dá um breve resumo da terrível denúncia do Senhor para com os escribas e fariseus, o que está registrado extensivamente em **#Mt 23**.

Lc-21.1

6. A OFERTA DA VIÚVA POBRE (**#Lc 21.1-4**) Vide notas em **#Mt 12.41-44**. O incidente não é registrado por Mateus. **Gazofilácio** (1); estava situado no pátio das Mulheres, que podia ter acesso através do pátio dos gentios. Consistia em um determinado número de caixas para a recepção de ofertas voluntárias dos judeus. Marcos indica que o elogio da ação praticada pela viúva era especialmente dirigida aos discípulos.

>Lc-21.5

c) Prevendo a destruição do templo (Lc 21.5-38)

Vide notas em [#Mt 24.1-51](#); [#Mc 13.1-37](#). Tanto Mateus ([#Mt 24.3](#)) e Marcos ([#Mc 13.3-4](#)) nos dizem que esta profecia foi proferida no Monte das Oliveiras, depois que Jesus deixara o templo pela última vez. Lucas registra simplesmente a ocasião que o provocara e a pergunta feita pelos discípulos com respeito ao sinal quando sobreviesse a destruição do templo (5-7). Primeiramente Jesus advertiu-os com respeito a serem levados para o caminho errado pelos falsos sinais e prosseguiu descrevendo tudo quanto ocorreria após a Sua partida. Haveria comoções nacionais e calamidades públicas (8-11), mas **antes de todas estas coisas** (12) eles próprios seriam perseguidos tanto pelos judeus nas sinagogas e pelos gentios nos tribunais. Isto lhes daria oportunidades para testemunho (13). **Eu vos darei** (15). A posição **Eu** no original dá ênfase a estas palavras. O próprio Cristo toma a responsabilidade de dar a Seus discípulos o auxílio divino de que precisam para fazerem sua defesa e darem seu testemunho. Eles devem confiar nEle. Eles seriam traídos e odiados e alguns deles até sofreriam o martírio, mas seriam salvos se agüentassem tudo isso pacientemente (16-19). Cfr. [#Mt 10.17-22](#); [#Mc 13.9-13](#); [#Lc 12.11-12](#). O vers. 18, desde que vem depois da afirmativa de que alguns deles seriam levados à morte, precisa ser tomado como uma expressão proverbial para completa segurança espiritual. **Ganhareis as vossas almas** (19); lit., "ganhem suas almas", isto é, atinjam sua salvação eterna.

>Lc-21.20

Depois disso Jesus falou do sinal que anunciaria a próxima destruição de Jerusalém. Quando os discípulos vissem exércitos reunindo-se em torno da cidade, deveriam então fugir a toda força de lá, pois que o julgamento há tanto anunciado sobre Israel estaria para cair e a sujeição aos gentios por um longo tempo estava para ter início (20-24). **Sitiada de exércitos** (20); lit., "circundada". Quando o processo de investida à cidade fosse completado, seria então tarde demais. **Fujam para os montes** (21). O historiador da Igreja primitiva, Eusébio, afirma que quando os exércitos de Roma foram à Judéia, "todo o corpo da Igreja em Jerusalém, tendo sido dirigido por uma revelação divina, foi removido da cidade e permaneceu em uma determinada cidade além do Jordão, denominada Pela". **Estes dias são de vingança** (22); uma referência às muitas profecias do Velho Testamento relacionadas com o julgamento que viria sobre Israel e que agora seriam cumpridas com a destruição da cidade e do templo. A queda de Jerusalém nas mãos dos romanos em 70 A. D. levou toda a dispensação mosaica a um fim trágico. Então começou o "tempo de angústia para Jacó" ([#Jr 30.7](#)) e a "grande

tribulação" de Israel (#Mt 24.21). **Os tempos dos gentios** (24); a época durante a qual os gentios têm oportunidade de receber o evangelho.

>Lc-21.25

Após esta referência à queda de Jerusalém, Jesus passou a contar acerca de Sua própria vinda em poder e glória. Os sinais de sua aproximação seriam tristeza entre as nações e comoções alarmantes em todo o sistema mundial. Quando tais coisas começassem a acontecer, os crentes deveriam erguer sua cabeça, pois que a consumação de sua salvação estaria bem perto (25-28). Quando virem as árvores brotarem, sabem que o verão está próximo; assim também quando virem tais acontecimentos sucederem, saberão que o reino de Deus está bem próximo (29-33). **Em perplexidade** (25); ou antes, como está mesmo na tradução atualizada, "em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas". Os sinais físicos descritos neste versículo são usados na profecia do Velho Testamento como símbolos da violenta destruição de sistemas nacionais e grandes impérios (#Is 13.10; #Ez 32.7). **Então se verá** (27); isto é, não até aquela época. Uma idéia de que a segunda vinda não teria lugar durante a vida dos discípulos. **Vindo numa nuvem** (27) -aparecendo novamente da nuvem que "O encobriu de seus olhos" quando da ascensão (#At 1.9-11). Aqui Jesus parece estar-Se referindo à profecia em #Dn 7.13-14, a qual haveria de ter o seu cumprimento em Sua própria exaltação ao trono de Deus. Sua segunda vinda seria o Seu retorno daquele mundo celestial. **Não passará esta geração** (32); a geração que vivia então. A afirmativa neste vers. tem referência especial à pergunta feita pelos discípulos no vers. 7, e é o único lugar na profecia em que Jesus responde diretamente à pergunta. A destruição do templo estava então a só uma geração distante. Cfr. #Mt 24.34 n.

>Lc-21.34

Entretanto, que eles tomem cuidado para que o dia chegue e não os encontre desprevenidos, pois que ele virá de súbito para toda a raça humana. Que eles vigiem e orem, para que não sejam envolvidos no julgamento, mas que sejam capazes de permanecer diante do Filho do homem quando Ele vier (34-36). A profecia é seguida por uma afirmativa breve do modo pelo qual Jesus passou os últimos dias e noites de Seu ministério público (37-38).

Lc-22.1

VII. A PARTIDA DO SALVADOR Lc 22.1—24.53

Estes capítulos contam como Jesus cumpriu a Sua partida deste mundo através do caminho da cruz, a ressurreição e a ascensão. São paralelas com os últimos três capítulos de Mateus e os últimos dois de Marcos e com os capítulos 13-21 de João. As notas nestes relatos paralelos deveriam ser consultadas.

a) Os preparativos finais (Lc 22.1-13)

Vide notas em [#Mt 26.2-5,14-19](#); [#Mc 14.1-2,10-16](#). Enquanto os líderes dos judeus estavam confabulando em torno da maneira pela qual Jesus seria levado à morte sem causar tumulto, Judas Iscariotes barganhou com eles para trair a seu Mestre (1-6). Quando chegou o dia do sacrifício da páscoa, Jesus enviou a Pedro e João à cidade, a fim de prepararem a refeição da páscoa. Encontrariam eles um homem carregando um cântaro de água, a quem eles deveriam seguir até a casa para onde ele fosse e o cabeça dessa casa deixá-los entrar em um quarto situado em cima, no qual poderia ser preparada a páscoa (7-13).

[A festa dos pães asmos](#) (1); assim chamada porque era requerido que os judeus tirassem de suas casas todo o fermento antes que ela tivesse início (vide [#Êx 12.15](#)). [Os principais sacerdotes e os escribas](#) (2). Os dois partidos religiosos rivais haviam agora se unido contra Jesus. Os principais sacerdotes eram saduceus e os escribas estavam associados aos fariseus. [Os principais sacerdotes e os capitães](#) (4); os dois grupos de autoridades do templo relacionados com a barganha. Os capitães eram os oficiais da guarda do templo, que era um corpo dos levitas.

>Lc-22.14

b) A última ceia (Lc 22.14-38)

Vide notas em [#Mt 26.20-25](#); [#Mc 14.17-31](#); e cfr. [#Jo 13.1-38](#). Quando a hora chegou, Jesus sentou-Se com os discípulos, dizendo-lhes que Ele havia ansiado muito para que chegasse aquela ocasião, pois que Ele não comeria a páscoa com eles até que ela fosse cumprida no reino de Deus (14-18). Ele então instituiu o culto que haveria de comemorar o selo do novo pacto com a Sua morte. Enquanto fazia isso Ele anunciou a presença do traidor à mesa e pronunciou a sua sentença (19-23).

>Lc-22.15

Comer convosco esta páscoa (15). Isto significa com toda a probabilidade que não era, na realidade, a páscoa dos judeus, mas, sim, uma que deveria ultrapassá-la-uma páscoa de significado muito mais elevado. Não há menção de um cordeiro na Última Ceia. Ele estava instituindo um culto para comemorar a realidade que o velho símbolo só aparecia como uma pré-figura. **Até que ela se cumpra no reino de Deus** (16); no banquete espiritual da comunhão dos santos com o seu Salvador. **Tomando um cálice** (17); ou antes, "ele recebeu um cálice"; foi-Lhe entregue um. Era provavelmente um dos cálices que era passado à volta durante o ritual da refeição da páscoa, dos quais parece que havia vários deles. **A nova aliança no Meu sangue** (20); propriamente, "o novo pacto", uma referência à promessa do novo pacto em **#Jr 31.31**. O velho pacto, o da lei, foi ratificado pelo derramamento de sangue no Sinai (**#Êx 24.7-8**). Este novo pacto, o do evangelho, estava para ser ratificado por Seu próprio sangue.

No decurso da ceia uma disputa teve lugar entre os discípulos relativamente a qual deles seria tido como o maior. Jesus reprovou-os declarando que os padrões de grandeza nos reinos da terra eram o reverso em Seu reino, pois que Ele próprio Se achava entre eles como um servo e depois prometeu que por causa de sua lealdade para com Ele, em Sua humilhação, Ele lhes daria lugares elevados em Seu reino (24-30). Prosseguiu Ele dizendo que eles seriam submetidos a um teste nas mãos de Satanás e dirigiu uma advertência a Pedro em conexão a isso, acrescentando uma palavra de ânimo, porém prevendo já que esse discípulo negá-lo-ia por três vezes como o seu Mestre (31-34). Prosseguiu a prepará-los para as novas condições que encontrariam no mundo depois que Ele tivesse sido levado à morte, porém eles compreenderam mal a Sua referência figurada a uma espada e Ele terminou o assunto com uma palavra final e breve: **Basta** (35-38).

>Lc-22.30

E vos assentareis em tronos (30). Esta linguagem figurada significa comunhão com Cristo na direção de Seu reino messiânico. **Satanás vos reclamou** (31); ou antes, "ele te obteve, pedindo". Ele teve a permissão de fazer um teste nos apóstolos, tal como no caso de Jó (**#Jó 1.12**; **#Jó 2.6**). Jesus orou especialmente por Pedro como o líder do grupo e como um dos que mais necessidade tinha de ajuda. **Quando te converteres** (32); "quando tiveres te voltado novamente". Após a ressurreição Pedro foi restaurado à liderança dos apóstolos na cena registrada em **#Jo 21.15-17**. **Afirmo-te, Pedro** (33).

Dirigindo-Se a esse discípulo gabola, por este nome significativo, Jesus lembra-lhe que a força semelhante à rocha não é encontrada na confiança própria. **Aqui estão duas espadas** (38). Pedro possui uma delas e usou-a no Getsêmani (vide **#Jo 18.10**).

>Lc-22.39

c) A agonia e a traição (Lc 22.39-53)

Vide notas em **#Mt 26.36-56; #Mc 14.32-52; #Jo 18.1-12**. O relato de Lucas referente à agonia é o mais resumido dos três (não é registrado por João), porém somente ele conta que um anjo do céu apareceu a Jesus e o confortava (43), e que o Seu suor era como gotas de sangue (44). Em sua história da traição e aprisionamento (47-53), só Lucas é quem narra a maneira pela qual Jesus curou a orelha do servo do Sumo Sacerdote. A ordem do Senhor: **Deixai, basta** (51), foi um lampejo de poder e dignidade inerente, compelindo-os a parar até que Ele executasse este ato de misericórdia antes de Ele mesmo Se entregar a eles.

>Lc-22.44

Estando em agonia (44). A única explicação adequada da experiência de Jesus conforme é descrita neste verso é a que Sua natureza total foi encolhida devido ao fardo misterioso da culpa do mundo que estava sendo posta sobre Ele (cfr. **#2Co 5.21; #Is 53.6**). **Um deles** (50). João nos diz que foi Pedro e dá também o nome do servo (**#Jo 18.10**). **Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas** (53). Com estas palavras Jesus Se entregou.

>Lc-22.54

d) O julgamento judaico (Lc 22.54-71)

Vide notas em **#Mt 26.57-27.2; #Mc 14.53-15.1; #Jo 18.13-27**. Primeiramente Jesus foi levado à casa do Sumo Sacerdote, onde zombaram dele e O espancaram (54-65). No decurso desta cena Pedro, que havia seguido a multidão e sentara-se no meio de um grupo ao redor de uma fogueira, no pátio, foi desafiado repetidas vezes como sendo um dos seguidores de Jesus e cada uma das vezes negou-O redondamente. Enquanto ele estava falando, o galo cantou e o Senhor voltando-Se, **fixou os olhos em Pedro** (61). Isto fez com que a predição do Senhor fosse relembrada por ele e Pedro saiu dali,

chorando amargamente. Pela madrugada o Conselho Judaico realizou uma reunião (66-71). Diante dos dirigentes reunidos, Jesus declarou que Ele estava a caminho de Sua glória e, em resposta à sua indagação, confessou-lhes ser o Filho de Deus.

>Lc-22.55

No meio do pátio (55); em torno do qual os quartos da casa eram arranjados e para o qual eles se abriam. Durante a estação da páscoa as noites eram frias, pois que Jerusalém fica situada a 720 metros acima do nível do mar. **Também é galileu** (59). O dialeto provinciano de Pedro traiu-o (vide **#Mt 26.73**).

>Lc-22.69

Desde agora (69); ou antes, "daqui por diante". Isto pode significar somente "do tempo atual em diante". Jesus está pensando da glória para a qual está indo através da senda da cruz, ressurreição e ascensão. **Logo, Tu és o filho de Deus?** (70). Sua resposta foi afirmativa, e por tal reivindicação eles O condenaram à morte. Entretanto, para conseguir com que fosse executada a pena de morte, o governador romano teria de condená-LO também e a única das condenações que Pilatos ouviria era a de alta traição.

Lc-23.1

e) O julgamento romano (Lc 23.1-25)

Vide notas em **#Mt 27.2-26**; **#Mc 15.1-15**; **#Jo 18.28-19.16**. Levando a Jesus diante de Pilatos, os judeus apresentaram uma queixa política contra Ele, acusando-O de perverter a nação contra lealdade a Roma, pois que reivindicava ser um rei. Em resposta a uma pergunta feita por Pilatos, Jesus confessou que Ele era o rei dos judeus, porém Pilatos imediatamente viu que Ele era inocente de traição e afirmou aos judeus que não achara culpa nenhuma nEle (1-4). Isso fez com que eles apertassem ainda mais a sua acusação e culpavam Jesus de levantar sedição da Galiléia, espalhando-a por todo o país. Chegando a saber que Jesus era um galileu, Pilatos enviou-O a Herodes, o qual se achava em Jerusalém ao tempo da páscoa (5-7). Herodes ficou bem satisfeito com isso, pois que agora o seu desejo de ver a Jesus ia ser gratificado. Jesus, porém, não respondeu a nenhuma de suas perguntas, nem tão pouco as acusações veementes dos principais dos sacerdotes e escribas que O haviam seguido. Herodes sujeitou-O a zombarias nas mãos dos soldados e

mandou-O de volta a Pilatos. Isto resultou em uma reconciliação entre os dois governantes que antes tinham uma certa inimizade entre si (8-12).

Quando Jesus apareceu diante de Pilatos novamente, o governador mandou chamar os dirigentes judaicos juntamente com o povo e informou-lhes que nem ele nem tão pouco Herodes haviam encontrado algo que levasse Jesus à morte, propondo então que Ele fosse chicoteado e mandado embora depois disso. Entretanto, eles pediram que ao invés disso Barrabás fosse liberto, sendo este um rebelde e assassino (13-19). Novamente Pilatos declarou que não encontrara base alguma para a penalidade de morte, mas em vista de seus protestos repetidos, eles continuaram a clamar pela crucificação de Jesus. Por fim, ele aceitou à vontade deles, libertou o assassino e entregou Jesus para ser crucificado (20-25).

Toda a assembléia (1); isto é, o Sinédrio inteiro; o povo ainda não se havia reunido. **Levaram Jesus a Pilatos** (1). A sede do governador romano era Cesaréia, porém ao tempo da páscoa ele geralmente ia para Jerusalém, a fim de preservar a ordem entre as multidões judaicas. **As multidões** (4). Esta é a primeira menção feita às mesmas. Eles haviam-se reunido em multidão, atraídos pela procissão do Sinédrio. **Estando este naqueles dias em Jerusalém** (7). A sede de Herodes era em Tiberíades, mas ele se conformava com a religião nacional e assistia à páscoa, a fim de ser bem acatado entre os seus súditos. O vers. 17 é omitido em algumas versões, porém tal afirmação é feita tanto em Mateus como em Marcos. Parece que os romanos haviam dado aos judeus o privilégio de requerer a libertação de um prisioneiro ao tempo da páscoa. **Pela terceira vez** (22). As tentativas repetidas de Pilatos para libertar a Jesus indicam a impressão profunda que o estranho prisioneiro lhe deixou quando diante dele. **Por causa de sedição e homicídio** (25). Ao repetir as mesmas palavras do vers. 19 e acrescentando **à vontade deles**, Lucas dá ênfase à enormidade da ação de Pilatos.

>Lc-23.26

f) A crucificação (Lc 23.26-49)

Vide notas em **#Mt 27.32-56**; **#Mc 15.21-41**; **#Jo 19.16-37**. Quando Jesus foi sendo levado para fora, um judeu estrangeiro, que estava a caminho da cidade, foi compelido a levar a cruz após Ele. Um grupo de mulheres, no meio da multidão, chorava e lamentava a Jesus incessantemente, e Ele Se voltou e disse-lhes que não chorassem por Ele e sim por si mesmas e por seus filhos,

pois que o julgamento estava por vir (26-31). Ao descrever a cena do Calvário, Lucas acrescenta vários incidentes que não são encontrados em outros Evangelhos, entre os quais a oração de Jesus quando O estavam pregando à cruz (32-38), Sua palavra ao ladrão penitente que apelara a Jesus, a fim de que Ele Se lembrasse dele quando entrasse em Seu reino (39-43), Seu brado em alta voz no momento de Sua morte, e Sua oração final (44-46), bem como a consternação e senso de remorso manifesto pelas multidões que haviam sido levadas pela curiosidade àquele lugar (47-49).

Um cireneu (26). Cirene era a cidade principal de uma região do norte da África, e os judeus daquele lugar tinham uma sinagoga em Jerusalém (#At 6.9). **Filhas de Jerusalém** (28). Não eram as mulheres que haviam seguido a Jesus da Galiléia, mas moradoras da cidade. Mulher nenhuma aparece nos Evangelhos como inimiga de Cristo. O vers. 31 era provavelmente um provérbio da época. Nos lábios de Jesus significa, "Se os romanos tratam dessa maneira de Alguém que eles mesmos admitem ser inocente, como então tratarão aqueles a quem eles acharem ser culpado?".

>Lc-23.33

Lugar chamado Calvário (33); lit., "a caveira". Há um monte baixo e rochoso bem fora do Portão de Damasco e que tem a aparência de uma caveira quando visto da muralha da cidade. **Pai, perdoa-lhes** (34); uma oração não só para os soldados romanos, mas também para os judeus. Esta é a primeira das sete pronunciações da cruz, três das quais estão registradas somente em Lucas (34,43,46), três só por João (#Jo 19.27-30) e a outra por Mateus (#Mt 27.46) e Marcos (#Mc 15.34). **Em grego, latim e hebraico** (38). Estas eram as três línguas usadas então na Palestina. A inscrição é apresentada diferentemente nos quatro Evangelhos. Quando são colocados juntos, temos então: "Este é Jesus de Nazaré, o Rei dos judeus".

>Lc-23.39

Um dos malfeitores (39). Mateus e Marcos dizem que ambos os salteadores "reprovaram" a Jesus (**oneidizon**), porém Lucas nos conta que somente um deles ralhou com Ele ou usou uma linguagem insultosa (**eblasphemei**). A conversão do ladrão penitente teria tido um especial interesse para Lucas como uma ilustração de que o fato da salvação está sempre aberto a todos. **No paraíso** (43); uma palavra persa para um lugar de prazeres. É usada por Jesus,

não para descrever um estado intermediário, mas para assegurar ao penitente uma felicidade celestial.

>Lc-23.44

Quase a hora sexta (44); isto é, melodia. Sobre toda a terra (44); ou antes, "por todo o país", a terra da Judéia. A escuridão não poderia ter sido causada por um eclipse do sol, pois que a páscoa era festejada durante a lua cheia. O véu do santuário (45); o véu que separava o Lugar Santo do santuário mais interno. O despedaçamento do véu seria algo conhecido aos sacerdotes, muitos dos quais mais tarde vieram a ser crentes (#At 6.7). Clamou em alta voz (46); provavelmente as palavras "Está consumado" (#Jo 19.30), que na realidade era um grito de vitória. A oração que se segue é uma citação do #Sl 31.5, e mostra como as Escrituras enchiam a mente de Jesus. E, dito isto, expirou (46); em outras versões, "rendeu o Espírito", subentendendo um ato de Sua própria vontade. O brado em alta voz indicou que Jesus não morreu de exaustão. Todos os evangelistas parecem evitar deliberadamente a referência a que "Ele tivesse morrido". As palavras que usam significam que ele deixou ou entregou Sua própria vida. Sua morte era voluntária, no sentido absoluto do termo. Os acontecimentos extraordinários que o acompanharam marcaram o seu caráter único e sobrenatural. Todos os conhecidos (49). Em contraste com as multidões de Jerusalém, que se foram como se num remorso aparente devido à tragédia estranha que haviam tomado parte do que agora se lamentavam; somente Seus próprios seguidores fiéis da Galiléia permaneceram no cenário até o fim.

>Lc-23.50

g) O enterro (Lc 23.50-56)

Vide notas em #Mt 27.57-61; #Mc 15.42-47; #Jo 19.38-42. José de Arimatéia, um membro do Conselho judaico que não havia votado para a condenação de Jesus e que procurava o reino messiânico, tendo conseguido permissão da parte de Pilatos, sepultou o corpo de Jesus em seu próprio sepulcro novo. As mulheres da Galiléia seguiram-no e viram onde o corpo havia sido depositado. Foram, então, para casa e prepararam especiarias e unguentos e ali permaneceram durante o sábado.

Homem bom e justo (50). João diz que ele era um discípulo secreto de Jesus, e que também Nicodemos estava associado a ele no sepultamento de Jesus (vide

#Jo 19.38-39). Provavelmente nenhum deles havia assistido à reunião do Sinédrio. **A preparação** (54). O dia quando a preparação era feita para o sábado-nossa sexta-feira.

Lc-24.1

h) A manhã da ressurreição (Lc 24.1-12)

Cfr. **#Mt 28.1-20**; **#Mc 16.1-20**; **#Jo 20.1-31**. As mulheres da Galiléia foram com suas especiarias, bem cedo, de manhã, no primeiro dia da semana, encontrando a pedra de entrada removida e o corpo desaparecido. Em meio à sua perplexidade dois anjos apareceram e disseram-lhes que Cristo havia ressuscitado, lembrando-as de Sua predição de que Ele deveria ser crucificado e ressurgir depois ao terceiro dia (1-7). As mulheres voltaram e contaram tudo aos apóstolos, que de início não queriam acreditar. Pedro, porém, correu ao túmulo, a fim de ver por si mesmo e foi depois para casa imaginando o que havia sucedido (8-12).

>Lc-24.3

O Senhor Jesus (3). Esta é a única vez em que esta combinação aparece nos Evangelhos, com exceção de **#Mc 16.19**. É freqüente em Atos e nas epístolas. Os cristãos primitivos chamavam a Jesus do "Senhor", quando chegaram a compreender que na realidade Ele era Jeová manifesto na carne (**#1Co 12.3**). **Maria Madalena** (10). Todos os evangelistas narram de sua presença no túmulo. João não menciona outra mulher e diz que Jesus apareceu primeiramente a ela. Todos os Evangelhos sinóticos dão os nomes de outras mulheres além daquela.

>Lc-24.13

i) O Senhor ressurreto (Lc 24.13-43)

A história do caminho de Emaús e a manifestação naquele lugar, que é brevemente notada por Marcos (**#Lc 16.12-13**), é narrada um tanto extensivamente por Lucas. Ocorreu na tarde da ressurreição, no próprio dia. Nada é conhecido com respeito a Cléopas, a quem Lucas menciona, provavelmente porque ele obteve a história diretamente do primeiro. O que os dois discípulos disseram a Jesus quando Ele Se aproximou deles reflete a perplexidade e expectativa que havia tomado posse deles, em vista de tudo

quanto as mulheres haviam dito (13-24). Ao caminharem em direção a Emaús, Jesus falou-lhes acerca do tema central do Velho Testamento, **as coisas a seu respeito** (25-29). A refeição para a qual eles se sentaram para tomar quando chegaram à aldeia não era a Ceia do Senhor, mas algo de Sua maneira de partir o pão e abençoá-lo abriu os olhos deles para reconhecê-LO Depois disso Ele desapareceu de sua vista, tal a natureza misteriosa de Seu corpo. Eles correram, então, de volta a Jerusalém e acharam os apóstolos e outros discípulos reunidos e contando uns aos outros as novas da ressurreição (30-35). Imediatamente depois disso o próprio Jesus apareceu no meio daquele grupo e saudou-os com uma saudação de paz. A fim de acalmar os seus temores e poder provar a Sua identidade, Ele lhes mostrou Suas mãos e pés feridos e, então, para deixá-los à vontade, pediu-lhes que Lhe dessem algo para comer (36-43).

>Lc-24.18

És o único, porventura, que tendo estado em Jerusalém...? (18); ou antes, "és o único estranho em Jerusalém?". Somente um estranho ou estrangeiro solitário não teria ouvido algo acerca de que toda a Jerusalém falava. **Começando por Moisés** (27). O significado é que Jesus começou com os livros de Moisés e seguiu depois através dos Profetas, livro por livro, expondo as passagens messiânicas em todo o Velho Testamento. **O que a seu respeito constava** (27). obviamente Jesus encontrara a Si mesmo no Velho Testamento. **Ele desapareceu da presença deles** (31). Tornou-se invisível e assim passou de sua vista. Seu corpo ressurreto não era sujeito às leis do mundo natural. Agora Ele estava vivendo em um outro plano de vida.

>Lc-24.34

Já apareceu a Simão (34). Não há registro desta entrevista do Senhor ressurreto com o discípulo que O havia negado. Era sagrada demais para ser registrada. Paulo, porém, se refere a isso como o primeiro de Seus aparecimentos a qualquer outro dos doze (**#1Co 15.5**). **Apalpai-me e verificai** (39). Jesus queria dizer com isso que Ele não era um espírito sem corpo, mas sim a mesma Pessoa que era antes de Sua morte, o Mestre a quem eles supunham ter perdido. Não podemos deduzir das palavras **carne** e **ossos** que Ele estivesse Se referindo à composição de Seu corpo ressurreto. Nem tão pouco devemos deduzir de Seu pedido subsequente por algo que comer que Ele precisava de alimento. O mistério de Seu corpo ressurreto está além de nossa compreensão, pois que está além de nossa própria experiência. **Por não**

acreditarem eles ainda, por causa da alegria (41). Este toque psicológico revela a compreensão profunda de Lucas quanto aos sentimentos dos discípulos naquela noite.

>Lc-24.44

j) As instruções de despedida (Lc 24.44-53)

Lucas segue sua narrativa dos aparecimentos de Jesus no dia da ressurreição, com um sumário de instruções que Ele deu aos apóstolos durante os quarenta dias que se seguiram. Contém sua comissão missionária e termina com uma ordem para esperarem em Jerusalém até que **do alto sejais revestidos de poder** (49). Vem, então, um relato resumido da ascensão e o Evangelho termina com o grande gozo que aquele evento transcendental produziu entre eles. Enquanto aguardavam o Espírito Santo, os discípulos **estavam sempre no templo, louvando a Deus** (53).

Na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos (44). Essas frases correspondem com a divisão tríplice do Cânon hebraico em "Lei, Profetas e os Escritos". **Começando de Jerusalém** (47). Isto havia sido predito no Velho Testamento: "De Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém" (**#Is 2.3; #Mq 4.2**). **A promessa de Meu Pai** (49). Provavelmente uma alusão às Suas próprias palavras de despedida no cenáculo (**#Jo 14.16-17 e #Jo 15.26**). Os profetas do Velho Testamento também predisseram o derramamento do Espírito Santo (**#Is 44.3; #Jl 2.28**). **Sendo elevado para o céu** (51). Lá o seu entronamento teve lugar à mão direita de Deus (**#At 2.33; #Hb 1.3**). Ele sentou-Se no centro do poder derradeiro, a fim de que também pudesse administrar a redenção que Ele havia cumprido.

J. McNicol.

NOTA RELATIVA AOS APARECIMENTOS DE NOSSO SENHOR APÓS A RESSURREIÇÃO

Podemos observar como o testemunho da ressurreição é distribuído entre os quatro Evangelhos.

Mateus se refere a dois aparecimentos de Jesus ressurreto: (1) Às mulheres que visitaram o sepulcro bem cedo de manhã (**#Mt 28.9-10**); (2) aos onze-e

possivelmente a outros-em uma determinada montanha na Galiléia (#Mt 28.16-18).

Marcos menciona três aparecimentos: (1) A Maria Madalena (#Mc 16.9-11); (2) aos dois discípulos em caminho para Emaús (#Mc 16.12); e (3) aos onze quando se sentaram para comer (#Mc 16.14). O relato da ascensão do Senhor ao céu em #Mc 16.19 parece requerer a hipótese de outro aparecimento. Isto é obviamente uma inferência necessária do vers. 19, e assim realmente ascende as referências, em Marcos, a quatro, embora este último não seja explícito.

Lucas narra quatro aparecimentos: (1) Para Pedro (#Lc 24.34); (2) aos dois discípulos a caminho de Emaús (#Lc 24.13-31); (3) aos onze "e outros com eles" (#Lc 24.33-49); e (4) aos onze no dia da ascensão (#Lc 24.50-52).

João descreve quatro aparecimentos: (1) Para Maria Madalena (#Jo 20.11-18); (2) aos discípulos, sendo que Tomé estava ausente (#Jo 20.19-24); (3) aos discípulos, sendo que Tomé estava presente (#Jo 20.26-29); e (4) aos sete discípulos à beira do Mar de Tiberíades (#Jo 21.1-23).

Em conexão com estes vários episódios há um assunto especial em cada Evangelho. Por exemplo, João nos dá os detalhes da experiência de Maria com relação ao Senhor ressurreto e Lucas nos conta da longa caminhada e conversa que os dois discípulos desfrutaram em seu caminho a Emaús. Lucas e João nos narram acerca da posição fora do comum dos panos da sepultura após a ressurreição, enquanto que Mateus só é responsável pelo relato do terremoto e o terror dos guardas. Novamente, Mateus é o único a contar-nos relativamente à trapaça dos soldados pelos principais dos sacerdotes e anciãos; e Marcos é o único a incluir o registro do pensamento terno para com Pedro na mensagem do anjo na sepultura vazia. João somente conta acerca da experiência especial de Tomé e ele, de igual modo, é o único a registrar a cena no lago de Tiberíades.

Com os quatro relatos à nossa frente podemos tentar realizar a tarefa de repartir alguns dos acontecimentos da ressurreição.

Jesus apareceu a Seus seguidores em cinco ocasiões durante o primeiro dia e a ordem parece ter sido:

1. A Maria Madalena (#Mc 16.9-11; #Jo 20.11-18).

2. A Maria, a mãe de Tiago e a Salomé (#Mt 28.9-10).
3. A Pedro (#Lc 24.34).
4. A dois discípulos de viagem para Emaús (#Lc 24.13-35; #Mc 16.12-13).
5. Aos discípulos quando estavam reunidos, sendo que Tomé estava ausente (#Mc 16.14; #Lc 24.33-49; #Jo 20.19-23).

Mais tarde Jesus mostrou-Se novamente, como segue:

6. Aos discípulos quando estavam reunidos, uma semana mais tarde, sendo que Tomé estava presente (#Jo 20.26-29).
7. A sete discípulos à beira do Mar de Tiberíades (#Jo 21.1-23).
8. Aos onze e outros em uma montanha da Galiléia (#Mt 28.16-18). Este aparecimento é considerado por muitos como sendo o mesmo que é referido por Paulo em #1Co 15.6, onde ele afirma: "foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez".

Para completar o relato dos aparecimentos podemos agora sair dos quatro Evangelhos e notar:

9. Para Tiago (#1Co 15.7). Finalmente, e de novo nos registros do Evangelho, temos o aparecimento de nosso Senhor justamente antes da ascensão.
10. Aos onze (#Mc 16.19; #Lc 24.50-52. Notar que nestas duas passagens o aparecimento está necessariamente subentendido, porém não está descrito explicitamente).

O Dr. Godet resume a harmonia dos aparecimentos com as seguintes palavras: "Quando reduzimos pela ordem todos esses registros de aparecimentos, percebemos que Jesus começou pelas ações das quais o objeto era administrar tanto o conforto como uma nova segurança. Essa foi a primeira tarefa a ser cumprida, pois que aqueles corações não estavam todos trêmulos e amedrontados? Esse foi o trabalho do primeiro dia. Ele o cumpriu em sucessão com respeito a Maria Madalena, aos dois discípulos de Emaús, a Pedro e aos doze. "Paz seja convosco!" -tal foi o fardo daquele todo. Depois daquilo, Jesus procura levar de volta ao aprisco um de Seus cordeiros que

havia se desviado e se achava em perigo de perecer-Tomé. Essa foi a tarefa dos dias que se seguiram. Quando o rebanho havia sido reconstituído e completado, Ele os enviou de volta à Galiléia, onde já havia marcado encontro com eles. Lá, na montanha que Ele já havia indicado, uma vez mais Ele dá a comissão a Seus apóstolos; explica Ele isso aos mesmos e acrescenta a promessa de que os ajudará. Por fim, Ele os leva de volta a Jerusalém, onde devem aguardar Sua volta no Espírito, em Pentecostes; e, em um aparecimento final, Ele Se despede deles." (Defence of the Christian Faith, págs. 16-17).

[E. F. Kevan](#)

O EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO

INTRODUÇÃO

Ver também o Artigo Geral, "Os Quatro Evangelhos".

I. AUTORIA

É geralmente aceito que o autor do Evangelho foi um judeu que viveu na Palestina, porém muitos comentaristas não o identificam com João, o apóstolo. Entretanto, há convincentes provas de que ele é o autor deste Evangelho. Admite-se que o Evangelho tenha sido escrito por uma testemunha ocular. O discípulo a quem Jesus amava e que estava presente à última ceia e, finalmente, à crucificação e ao túmulo vazio é o mesmo "que dá testemunho destas coisas" [#Jo 21.24](#). Estes fatos a respeito da testemunha ocular advogam a autoria de João, o apóstolo.

Há evidências internas que são decisivamente favoráveis à identificação do discípulo amado com João, o apóstolo. Seu conhecimento de costumes, festas e topografia judaicos é incontestável. Muitos críticos, entretanto, aceitam como autor do Evangelho um certo João, o presbítero, que foi um discípulo do apóstolo. Esta hipótese é baseada na evidência de Papias, bispo de Hierápolis, que se refere a dois João em sua [Exposição dos oráculos do Senhor](#) um dos quais ele chama o "Presbítero". Outros prestam certo respeito à posição tradicional, sugerindo que João, o Presbítero, fosse apenas o amanuense do apóstolo. O testemunho dos [Alogoi](#) é também tomado como evidência de que o apóstolo João não foi o autor. Este nome foi dado a uma seita obscura que não aceitava o Evangelho como obra de João. Esta posição deles foi seriamente criticada por Irineu. Estes pontos de vista têm recebido mais atenção do que merecem. A limitação de espaço não permite um estudo completo do problema da autoria num comentário desta natureza. Para breve, porém adequado estudo ver: F. F. Bruce, [Are the New Testament Documents Reliable?](#) e H. P. V. Nunn, [The Fourth Gospel](#) (Tyndale Press).

II. RELAÇÃO COM OS EVANGELHOS SINÓTICOS

Alguns sentem dificuldade em reconciliar a apresentação de Cristo, no quarto Evangelho, com o quadro tal qual se apresenta nos Evangelhos sinóticos. Aparentemente, há divergências na apresentação e duração do

ministério de Jesus e no conteúdo de seus ensinamentos. Contudo, é fácil exagerar estas diferenças. #Jo 7.1 mostra conhecimento do ministério de Jesus na Galiléia, ao qual os sinóticos dão testemunho principal. Eles, por sua vez, confirmam certo ministério em algum tempo no sul do país, desde que se referem a discípulos por lá. É bem razoável acreditar num ministério, tendo Jerusalém como centro, assim como narra este Evangelho (#Mc 11.3-6; #Mc 14.12-16). Este ministério estende-se, aproximadamente, por três anos, enquanto que nos sinóticos, o ministério ocupa um ano.

A cronologia geral da semana da paixão parece discordar daquela dos sinóticos. Em João, por exemplo, o incidente da unção precede à entrada triunfal em Jerusalém e aconteceu seis dias antes da páscoa. A crucificação ocorreu antes de os judeus terem comido a refeição pascoal a 14 de Nisã, enquanto que os sinóticos dão a entender que Cristo a comeu com os seus discípulos. A maioria dos problemas a este respeito pode ser enquadrada na presente inabilidade de estabelecer alguma cronologia, devido aos dados incompletos. Deve ser lembrado que os Evangelhos são apresentações de Cristo; não são biografias no moderno sentido da palavra. (Ver nota em #Jo 1.1-38).

III. DATA E LUGAR

Ao chegarmos a uma data, os seguintes fatos precisam ser lembrados. Uma vez que Inácio conheceu o Evangelho, este deve ter sido escrito antes de 115 A. D. Por outro lado, se Marcos e Lucas foram usados em sua composição, a data deve ser depois do ano 85 A. D. Um fragmento do Evangelho encontrado recentemente no Egito é datado entre 130 e 150 A. D. Daí se deduz que o Evangelho foi publicado alguns anos antes de ter sido possível sua circulação naquele país. Mas ainda, outro fragmento de extratos do Evangelho, o qual é datado entre 110 e 150 A. D., faz uso também do quarto Evangelho. Concluimos, portanto, que o Evangelho em grego foi escrito, provavelmente, entre 90 e 110 A. D., ainda que haja possibilidade de o epílogo (#Jo 21.1-25) ter sido escrito tempos talvez mais tarde. Se aceitarmos a hipótese dum original aramaico, é claro que esse aramaico é mais antigo, e provavelmente não foi escrito mais tarde que 70 A. D. (Ver Burney, *The Aramaic Origin of the Fourth Gospel*). Considerando o lugar onde foi escrito, Irineu menciona o apóstolo residindo em Éfeso, e a tradição da Igreja sempre liga o quarto Evangelho com esta cidade.

IV. O SIGNIFICADO DO EVANGELHO

O princípio de interpretação é de importância para quem procura expor o significado deste Evangelho. Ele é o registro da revelação da Palavra encarnada, e deve ser estudado no seu contexto histórico. Para tanto uma análise crítica se faz necessária. Porém a estrutura literária, a unidade de ensino, o desenvolvimento das reivindicações de Cristo, o transcrito lúcido da consciência de Jesus em relação aos grandes temas, exigem uma exposição **teológica**. O Evangelho é de tal maneira unido no seu conteúdo teológico, que é crescente o sentimento de que este é o princípio chave do seu significado interior. O ensino teológico salientado nos sete sinais, as reivindicações messiânicas de Cristo, as controvérsias entre Jesus e os judeus, e a revelação da incredulidade dos judeus, preparam o palco para eventos finais, no ministério de Cristo.

Os temas principais do Evangelho são vida, luz, amor. Cristo veio dar aos homens uma vida mais abundante. Ele é a luz que estava no mundo, em conflito com as trevas, a fonte da verdadeira vida do homem. O sacrifício de sua vida para o mundo foi a expressão do amor de Deus para com o homem.

No prólogo temos a identificação do Jesus histórico com o Verbo Eterno que estava com o Pai. Enquanto a etimologia dos termos mostra certa influência do pensamento grego, a principal inspiração vem da concepção do Verbo no Velho Testamento. O Verbo foi personificado na filosofia do Velho Testamento, e no prólogo deste Evangelho temos um reflexo deste pensamento. A idéia do Verbo manifesto em carne era realmente alheia ao pensamento grego.

Jo-1.1

I. PRÓLOGO Jo 1.1-18

O prólogo ao Evangelho não é um mero prefácio ou introdução, mas uma declaração do tema central e básico no ensino do Filho de Deus, a saber, a encarnação do Verbo. O evangelista pinta o pano de fundo necessário para a revelação do evento redentor, isto é, o Verbo feito carne. O prólogo é poético na sua forma e estrutura, e constitui um hino à Palavra de Deus.

a) O Verbo em relação ao ser (Jo 1.1-2)

Nos primeiros versículos encontramos um eco claro das primeiras palavras do Velho Testamento e também uma indicação do conceito joanino do **Logos**. Em **#Gn 1.1** encontra-se o ato criativo de Deus, porém **#Jo 1.1** revela O Verbo que existiu antes da criação. O pensamento do escritor é impregnado do Velho Testamento e não devemos imaginar que o evangelista esteja tomando emprestado um termo ou conceito da filosofia grega daquela época. Ele expõe uma idéia que remonta ao ensino rabínico, concernente à Palavra de Deus. O **logos** é o Ser cuja existência transcende o tempo. Sua preexistência eterna é implícita. **O Verbo estava com Deus** (1). A preposição **com** (gr. **pros**) implica relação e distinção. Usada com o acusativo significa não somente coexistência mas intercomunicação direta. Plummer sugere "face a face com Deus". **O verbo era Deus** (1). Dito isto, não se deduz que o Verbo era Deus, no sentido exclusivo que o identifica com a totalidade da existência e atributos divinos; entretanto, significa mais do que divindade. Há uma implicação definida na reivindicação de Ele ser Deus. O substantivo **theos** é colocado em primeiro lugar sem o artigo, dando-lhe mais força. O **logos** é então identificado com Deus no sentido de que Ele é coparticipante da essência e natureza divinas e, em virtude de tal relação, pode ser considerado como Deus. No vers. 2, João reúne todas as três cláusulas da primeira sentença. O verbo **era** se usa no sentido absoluto de "existir" e não no sentido de "tornar-se". Sua existência transcende o tempo, não sendo Ele criado.

>Jo-1.3

b) O Verbo em relação à criação (Jo 1.3-5)

Salienta-se agora o fato de o Verbo "tornar-se" algo, o que corresponde ao processo criativo. O Verbo é o instrumento da criação pois **todas as coisas foram feitas por ele** (3); literalmente pode-se dizer que "todas as coisas foram criadas por intermédio dele." Ver ARA. A origem última é o Pai, e nenhum agente intermediário teve parte no trabalho da criação, apesar da crença sustentada pelos gnósticos. **E sem ele nada do que foi feito se fez. A vida estava nEle e a vida era a luz dos homens** (3-4). É excluída a possibilidade de qualquer processo criativo à parte dele. Salienta-se o pensamento que todas as coisas criadas são sustentadas por Ele e se coadunam através do princípio de vida emanada dEle. "A fonte de vida é necessariamente a fonte de luz" (Cambridge Bible).

>Jo-1.5

A luz resplandece nas trevas (5). O pensamento do evangelista agora abrange a esfera espiritual. O homem recebeu iluminação espiritual. Tal revestimento emana da vida que tem seu fundamento na Palavra de Deus. A conexão entre vida e luz é apontada pelo salmista (#Sl 36.9, ver também a #1Jo 1.5). A luz brilha no mundo, e ela está em conflito com as espessas trevas originadas na desobediência e ignorância do homem. Não se pode apagar o testemunho à verdade divina. A luz é inextinguível e incontestável, "as trevas não prevaleceram contra ela".

c) O Verbo em relação com a História (Jo 1.5-13)

O Verbo é agora contemplado em sua relação com a história humana. Sua vinda foi proclamada por João, o qual não é conhecido neste Evangelho como o Batista. Este fato é testemunho acidental à autoria de João, o qual devia ser ligado a outro fato de o próprio apóstolo João nunca ser mencionado pelo nome. João Batista se levanta para dar testemunho da luz e, através dele, conduzir os homens a uma fé vivificante no enviado de Deus, (6-7). "João era a lâmpada que ardia e alumia" (#Jo 5.35) porém Ele é somente um reflexo da verdadeira luz, não derivada, que veio ao mundo (9).

Não necessitamos considerar os vers. 6-8, como alguns comentaristas pensam, no sentido que fossem escritos por um redator que desejou exaltar Cristo a expensas do Batista. A introdução destes versos e a aparente interrupção do contexto podem ser explicadas por referência à situação histórica. O testemunho do Batista é parte integral do texto. Por outro lado, o evangelista insiste na subordinação de João Batista ao Verbo, que há de ocupar o primeiro lugar.

A luz criadora estava presente no mundo, antes da encarnação. Ela se tinha revelado imanentemente ao mundo que fora criado por ela, entretanto o mundo não a conhecia (10). Mais, ainda, Jesus, a Luz, revelou-se historicamente ao seu próprio povo, Israel, que não o recebeu (11). Aqui notamos a manifestação progressiva do Verbo. Ele **estava** (2)... **estava no mundo** (10)... **Ele veio para o que era seu** (11). Seu próprio povo recusou acolhê-lo. A tragédia desta oposição torna-se evidente. Contudo, todos quantos o receberam entraram em uma nova relação com Deus tornando-se **filhos de Deus** (12), através do renascimento espiritual. Esta nova condição, que resulta da regeneração, não se explica como fenômeno psíquico, nem como experiência espírita. Esta experiência não é devido a um processo natural, envolvendo a vontade da carne, nem a vontade do homem (13). Não é

alcançada por nenhuma faculdade inerente do homem, mas por meio de um novo nascimento, provindo de Deus.

>Jo-1.14

d) O Verbo Encarnado (Jo 1.14-18)

Há uma relação notável entre a declaração fundamental do vers. 1 e a do vers. 14. O Verbo que estava no princípio com Deus tornou-se homem; O Verbo que estava com Deus tabernaculou com os homens. Aquele que era Deus estava cheio de Graça e de Verdade. O Verbo eterno é agora identificado com o Cristo da História. **O Verbo se fez carne e habitou entre nós** (14). Note-se que ao mencionar "carne" exclui-se qualquer espécie de Docetismo e outras noções semelhantes dos tempos modernos. Nosso Senhor assumiu um corpo humano real; ele tabernaculou entre os homens. A essência de Deus se manifesta naquele que é Graça e Verdade encarnadas. A majestade e o poder de Deus se encobriram na carne.

E vimos a sua glória (14). João, o Evangelista, está falando como testemunha ocular da glória de Deus. O conceito deve ser tomado subjetivamente. "Este conceito é moral e espiritualmente grandioso" (Plummer). Esta "glória" se define como a "glória do Unigênito do Pai" (14). "A glória de Jesus é proveniente da exclusividade de sua filiação com o Pai" (Hoskyns, **The Fourth Gospel**). A palavra "como" sugere que a filiação de Jesus é diferente de qualquer outra espécie de filiação (como no vers. 12). "Tamanho glória do Verbo encarnado era também a do único filho de Deus, derivada do Pai, para ser revelada aos fiéis" (Bernard, ICC).

Unigênito. A palavra **monogenes** é sinônimo da palavra "amado", que também significa "único filho", sem porém querer dizer "gerado". Sua glória foi manifesta não somente em majestade e poder, (o conceito de glória no Velho Testamento) mas em Graça e Verdade. Graça e Verdade, como atributos característicos do Verbo encarnado, correspondem espiritualmente à vida e luz do Verbo Eterno, no vers. 4.

>Jo-1.15

João Batista dá testemunho da filiação de Jesus (15-17) e este testemunho serve como reforço profético ao testemunho ocular da glória do Verbo. Sua voz é apenas a do arauto. Ele reconhecia suas próprias limitações e declarou

que aquele que o seguia, realmente, o precedia. **Antes de mim** (15). **Protos** refere-se tanto a tempo como a posição e é usada por João para designar a exclusividade da autoridade, dignidade, e pré-existência de Jesus. Este testemunho é também confirmado por todos os cristãos que têm recebido de sua **plenitude** (16), uma plenitude de atributos divinos e de graça. **Graça sobre graça** (16). A preposição grega **anti** significa "em lugar de" ou "em troca de". "Cada bênção apropriada torna-se o fundamento de uma bênção maior" (Westcott). Cada graça usada e apropriada é renovada em medida maior.

A menção de graça sugere um contraste entre Moisés, o profeta de Israel, e Jesus, O Cristo, agora mencionado pelo nome pela primeira vez (17). O evangelista contrasta a lei de Moisés que exigia a obediência do homem embora sem poder para conceder-lhe vida, com a graça que perdoa e a verdade que liberta. Deus agora se revela em Cristo e não está mais oculto. Se Deus estava outrora oculto dos homens, era por causa da refulgência de sua intensa luz que os homens não podiam vê-Lo. Agora Ele é conhecido através de seu Filho, que é a luz do mundo. A expressão **monogenes theos** "Deus unigênito" (ARA) é sustentada pela maioria dos MSS. **Theos** tal qual está no vers. 1 é usado sem o artigo e refere-se a Jesus. Deus, o Pai, foi revelado por seu Filho, referido como Deus, e participante da natureza divina. A outra versão "Filho Unigênito" (18 ARC) salienta a singularidade de sua filiação, a qual aparece no contexto para definir a expressão **que está no seio do Pai**. O significado está claro: o Senhor Jesus tem, de uma vez para sempre, revelado o Pai aos homens. Ele é a perfeita exegese de Deus.

>Jo-1.19

II. JOÃO BATISTA E OS PRIMEIROS DISCÍPULOS Jo 1.19-51

a) João testemunha de Cristo (Jo 1.19-34)

A introdução histórica deste Evangelho começa com o testemunho do Batista. **#Jo 1.19-2.11** dá-nos o relatório completo de uma semana cheia de eventos na inauguração do ministério de Jesus. O testemunho de João está ligado com a identificação significativa do Verbo com o Cristo, que estava no mundo a fim de revelar o Pai. O propósito do escritor torna-se patente na seleção dos eventos que logo revelam a trágica separação daqueles que crêem dos que não crêem. O testemunho do Batista é narrado como o pano de fundo de oposição e preconceitos incipientes. Os sacerdotes e levitas mandam uma delegação de Jerusalém para fazer perguntas a respeito do batismo e suas reivindicações

(19). Isto não é uma dramatização, sem nenhuma base histórica. Os pormenores, tais como a menção dos levitas, a precisão de data, a localização onde o interrogatório foi feito, evidenciam o interesse pelos fatos. A narrativa só podia advir de uma testemunha ocular. **Betânia** (28). Como tal lugar não existia **doutro lado do Jordão** no tempo de Orígenes, este mudou o nome para **Betábara**, e nesta forma o nome aparece em alguns manuscritos (ver ARC, n.).

Os sacerdotes e levitas perguntam autoritariamente **Quem és tu** (19). Ao responder, João nega ser o Cristo, Elias ou o profeta predito por Moisés (20,21; **#Dt 18.15** e segs.). Mais uma vez, eles fazem pressão para saber quem ele pretende ser (22). João declara que é somente **a voz do que clama no deserto** (23). (Cfr. **#Is 40.3**). Sua missão era preparatória. Interrogado com mais insistência, ele declara que o rito do seu batismo é para purificação. Desfaz-se de toda autoridade e dignidade pessoais. Antes ele testemunha da dignidade dAquele que já está presente no mundo. As palavras do vers. 27 **que foi antes de mim** (ARC) estão omitidas na ARA, sendo encontradas em alguns MSS.

>Jo-1.29

Os emissários partem, tendo ouvido o testemunho de João a respeito do Messias. No segundo dia, João Batista vê Jesus e O anuncia como o **Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo** (29). A narrativa de João pressupõe o batismo de Jesus ter sido realizado antes da chegada da delegação. João Batista havia falado com Jesus sobre o significado vocacional da vinda do Messias, e a mensagem ardia no seu coração. O **Cordeiro de Deus** refere-se, ou ao Cordeiro Pascoal de **#Êx 12**, ou ao cordeiro dos sacrifícios matinais e vespertinos de **#Êx 29.38-46**, ou ao cordeiro de **#Is 53.4-12**. Há também o Cordeiro mencionado em **#Gn 22.7**. A concepção do Messias, como o Cordeiro de Deus, tomando sobre si o pecado do mundo, abrange a idéia de sua morte em termos de sacrifício vicário e redentivo. Jesus é o Cordeiro de Deus "cuja completa obediência cumprira os sacrifícios oferecidos no templo" (Hoskyns). E quase certo que aqui há uma referência à profecia de Isaías. Há também a idéia de remoção das culpas pelo tomar vicariamente o pecado. Vê-se uma sugestão de redenção no sofrimento do cordeiro pascoal com quem Jesus é freqüentemente identificado.

Alguns comentaristas modernos julgam que estas gloriosas palavras sejam uma interpolação posterior, acrescentada à narrativa. Segundo eles a significação universal do ato redentivo de Jesus estava além da compreensão

do Batista. O pensamento joanino deve ser entendido como revelação divina pronunciada por João Batista, que como muitos profetas antes dele, falou melhor do que conhecia. Alguns sugerem que João se tivesse embebido nas Escrituras do Velho Testamento, especialmente Isaías, onde o significado universal do ministério do Messias é ressaltado. Há certa evidência para tal conclusão no fato de Simeão e Ana e seu ambiente serem familiarizados com aquelas escrituras (#Lc 2.32; #Is 42.6; #Is 49.6).

>Jo-1.30

João aponta mais uma vez para o Messias que vem após ele em manifestação histórica, mas que o precede no que se refere à dignidade e prioridade (30). **Eu não o conhecia**; a frase implica que João não confiava no seu próprio julgamento. Não há contradição aqui às palavras de #Mt 3.14. João está afirmando que ele não sabia que Jesus era o Messias. Tal conhecimento João recebeu de Deus. **Como uma pomba** (32). O aparecimento de uma pomba que Lucas afirma ter sido um fato objetivo (#Lc 3.22), serviu de confirmação celestial da descida do Espírito Santo sobre o Filho de Deus. Através deste sinal João teve certeza que Jesus era, realmente, o Messias. Assim sendo, João interpreta o seu ministério messiânico em termos de filiação (34). Não há nenhuma justificação aqui da teoria que Jesus não fosse o Filho de Deus até este momento.

>Jo-1.35

b) A chamada dos primeiros discípulos (Jo 1.35-51)

No dia seguinte (35), isto é, no terceiro dia (o tempo e a data são indicados), João Batista vê Jesus andando e, na presença dos seus próprios discípulos, entre os quais está André, repete o seu testemunho: **Eis o cordeiro de Deus** (36). Dois desses discípulos logo seguem Jesus. Quem é aquele cujo nome não é mencionado? A opinião geral o identifica com João, filho de Zebedeu. Os dois pares de irmãos, Simão e André, João e Tiago constituem o núcleo original do discipulado. A hesitação do autor em declarar que foi André o primeiro a trazer seu irmão a Jesus implica que João também trouxe seu irmão a Jesus. O nome do discípulo é omitido; entretanto, parece razoável identificá-lo como o "discípulo amado".

>Jo-1.38

Jesus pergunta-lhes: **Que buscais?** (38). Eles se dirigem a Ele como Mestre e expressam o desejo de passar o dia com Ele. Eles o seguem e ficam com Ele. Não é por capricho que seguem a Cristo. Estão persuadidos a segui-lo, devido ao impacto de sua personalidade maravilhosa sobre eles. **Achamos o Messias** (41) exclama André, enquanto persuade Simão a vir à presença de Jesus. Depois de esquadrinhado por Jesus, Simão recebe um novo nome, **Cefas** (42). Este nome grego corresponde ao aramaico Pedro, "rocha", nome este que traduz bem o caráter do apóstolo. Receber um novo nome significa entrar em uma nova relação com Deus. Cfr. **#Gn 32.28**. (Para a chamada de Pedro e sua saída do lar paterno para seguir a Jesus, ver **#Mt 4.18-22 n.**; **#Mc 1.16-20**; cfr. **#Lc 5.1-11**).

>Jo-1.43

O círculo dos discípulos está aumentando e nos vers. 43-51 temos a chamada de Filipe e Natanael. No dia seguinte, no quarto dia, Jesus propõe uma nova viagem à Galiléia (43). Ele encontra Filipe que, por sua vez, apresenta **Natanael** (45). Natanael foi cedo identificado com o Bartolomeu da narrativa sinótica, pelo fato de seu nome ser associado com o de Filipe. Filipe, então, confessa que Jesus é o Cristo, predito por Moisés e os profetas. **Filho de José** (45). Isto não quer dizer que João desconhece o nascimento virginal. Esta verdade é implícita no prólogo deste Evangelho. "Filho de José" é talvez a designação pela qual Jesus era geralmente conhecido. Natanael se declara francamente incrédulo de que qualquer coisa boa, muito menos o Messias, saia de Nazaré. Filipe, porém, insistindo, lhe diz **vem e vê** (46) assim demonstrando "uma profunda apologética" (Godet). Jesus percebe o valor do seu caráter e afirma ser Natanael aquele **em quem não há dolo** (47). Há aqui talvez um contraste com Jacó, de quem os israelitas derivam o seu nome. Jesus informa a Natanael que o conhece desde antes mesmo que Filipe o tivesse chamado (48). O trecho revela o poder de Jesus em esquadrinhar o coração do homem. **A figueira** (48) era lugar próprio para meditação. Natanael fica profundamente impressionado com Jesus e proclama que este é **O Filho de Deus e Rei de Israel** (49). Jesus então lhe diz que, devido à sua experiência e sua fé, ele receberá uma compreensão mais profunda e um percebimento mais nítido da natureza da obra messiânica (51). Jesus usa o termo **Filho do Homem** em conexão com sua obra messiânica, suprimindo o que faltava na confissão de Natanael. A visão da glória do "Filho do Homem" seria a recompensa à fé. A visão de Jacó é lembrada (**#Gn 28.12**) e Jesus descreve a nova ordem messiânica, a qual está inaugurada com a sua vinda.

Jo-2.1

III. PRIMEIROS SINAIS E DISCURSOS NA JUDÉIA, SAMARIA E GALILÉIA Jo 2.1-4.54

a) O testemunho de Jesus aos judeus (Jo 2.1-3.21)

1. AS BODAS EM CANÁ DA GALILÉIA (#Jo 2.1-12) -O milagre de Caná foi o primeiro dos "sinais" de Cristo (11). O problema que se nos apresenta é saber se o motivo do evangelista é histórico ou alegórico. O evento tem em si marcos de historicidade, os quais podem ser evidenciados pelos seus minuciosos pormenores. Não há dúvida que tais detalhes históricos facilitam uma interpretação alegórica. A história deste milagre tem, indubitavelmente, sua origem em um incidente que manifesta claramente a glória do Senhor. Enquanto que nenhum discurso segue este "sinal" tal qual verificamos no caso dos outros sinais, o evangelista procura associar o sinal com a interpretação e significado espiritual da "nova era" já operante no mundo. A menção das **seis talhas de pedra** usadas para as purificações dos Judeus (6, ARA) sugere a purificação messiânica.

Ao terceiro dia (1); isto é, três dias depois do dia referido em #Jo 1.43 (ver ARA). **Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora** (4). Em tal resposta, Jesus não desrespeita sua mãe. O uso da palavra "mulher" não significa, necessariamente, repreensão. Entretanto, sua resposta é uma recusa. A hora de manifestar sua glória ainda não tinha chegado. "Minha hora" aponta também para o significado mais profundo da sua morte e glorificação (Cfr. #Jo 7.30; #Jo 8.20; #Jo 12.23,27). Maria persiste em sua fé, sem abandonar a esperança (5). Então, Jesus ordena aos servos que encham os seis vasos de pedra com água, até transbordar.

As talhas cheias tinham a capacidade de mais de 450 litros. Uma mudança processou-se na água. **O mestre-sala** (8) prova o vinho, e chamando o noivo, comenta, admirado, da boa qualidade do vinho, e declara que o vinho novo é melhor do que o velho.

Este foi o primeiro dos **milagres** ou **sinais** que Jesus operou. Note-se de passagem que esta é a evidência mais segura contrária às histórias apócrifas de milagres operados na infância de Jesus. A palavra grega usada aqui é **semeion**. É distinta de **dynamis** que pode ser traduzida como "ato de poder", também de **ergon**, "trabalho". Os milagres do quarto Evangelho são sempre considerados

como sinais, mais do que "atos de poder", ou "trabalhos". Os termos são relacionados por causa dos seus valores evidenciais. Jesus assim manifesta sua glória e proclama a nova "era messiânica". Aquele que aparece em carne será o autor de uma nova ordem mundial. **E seus discípulos creram nele** (11). A crença resultou do milagre; nos Evangelhos sinóticos, é a crença que condiciona o milagre.

>Jo-2.12

Entre as duas narrativas relatando os dois sinais intercala-se a história de uma visita a Cafarnaum (12). Sendo perto do tempo da celebração da páscoa em Jerusalém, Jesus e os doze viajaram da região montanhosa a esta cidade, que fica ao lado norte do Mar da Galiléia. Cafarnaum é geralmente identificada como a moderna Tell Hum. Nesta viagem, Jesus estava acompanhado por sua mãe e seus irmãos e discípulos.

>Jo-2.13

2. A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO (#Jo 2.13-22) -O tempo da páscoa estava próximo, e Jesus, junto com os discípulos, ia subindo a Jerusalém, a fim de participar da festa. Esta é a primeira das páscoas mencionadas neste Evangelho. É ocasião própria para inauguração pública do seu ministério. Jesus visita o templo e encontra, dentro do recinto sagrado, na corte dos gentios, um mercado estabelecido para a venda de animais a serem oferecidos como sacrifícios (14). Lá, os cambistas trocam moedas romanas por judaicas. Jesus sente-se indignado ao máximo por tal profanação do templo de Deus. Tomando um azorrague de vimes entrelaçados, expulsa-os do templo (15). A ira do Cordeiro é uma realidade.

>Jo-2.16

A precisão da narrativa e a exatidão das minúcias indicam uma testemunha ocular. Pela ordem de Jesus, bois e carneiros são expulsos, dinheiro dos cambistas é espalhado no chão, pombos são retirados. **Não façais da casa do meu Pai casa de negócio** (16). Não podemos deixar de reconhecer os propósitos de Jesus. O ato é messiânico em sentido. "O relato é um comentário sobre #Mt 3.1" (Westcott). O Senhor vem inesperadamente ao seu templo. O julgamento começa na casa de Deus. O zelo que Jesus revela é messiânico em caráter. Ele protesta contra a falta de reverência e espiritualidade no culto do templo. Seu ato pode ser interpretado como purificação messiânica de todo o

sistema sacrificial, ato este que tem a sanção do zelo profético. **Lembraram-se os seus discípulos de que está escrito: o zelo da tua casa me consumirá** (17). Na palavra **consumirá** pode haver uma referência à morte de Jesus. "A purificação, da qual este ato é um sinal, depende do sacrifício do seu corpo" (Hoskyns e Davy, **The Fourth Gospel**).

>Jo-2.18

Os judeus exigem um sinal, pois reconhecem a importância do ato. Pedem um visível atestado da sua autoridade (18). Recebem a resposta em linguagem metafórica, que não entendem: **Destruí este santuário e em três dias o reconstruirei** (19). Eles o matarão, porém Ele reconstruirá o santuário por eles destruído. A dificuldade neste versículo reside no duplo sentido dos verbos "destruir" e "reconstruir". O verbo "destruir" tem o duplo significado de desfazer, como seja na destruição de um edifício e também da dissolução do corpo. O verbo "reconstruir" aplica-se à construção de uma residência, ou de um santuário. Daí a inferência da ressurreição do corpo. Tendo os verbos dois sentidos, há duas possíveis interpretações. Jesus apresenta o sinal da Sua ressurreição como autoridade para purificar o templo. Os judeus supõem que Jesus se refira literalmente ao templo ainda em construção naquele tempo. Esta construção foi iniciada no ano 20 A. C., e terminada em 63 A. D. Decorreram quarenta e seis anos desde o início da obra, dando ao incidente uma data de 26 ou 27 A. D. Os judeus ainda não pensavam do corpo como templo ou santuário.

Estava Jesus pretendendo, simplesmente, o início de uma nova religião espiritual? O significado deste incidente está ligado com sua posição cronológica. Muitos comentaristas aceitam o acontecimento como fora do seu lugar cronológico e o identificam com o incidente verificado nos Evangelhos sinóticos, realizado no clímax do ministério público de Jesus (**#Mt 21.12-13; #Mc 11.15-17; #Lc 19.45-46**). Esta identificação se baseia na improbabilidade de dois incidentes diferentes, um no início do ministério e outro no fim. Os dois incidentes têm muitos pontos em comum, entretanto, as minúcias narradas e o caráter apropriado do evento no quarto Evangelho, colocam-no como ato inaugural no ministério de Jesus. A interpretação joanina do incidente confirma sua situação cronológica no início do ministério. A narrativa de João não apresenta nenhum aspecto histórico ou cronologicamente improvável. O evangelista vê imensa significação no fato de que, para ele, o incidente se constitui em a chave da controvérsia entre Jesus e os judeus.

>Jo-2.23

3. O NOVO NASCIMENTO (#Jo 2.23-3.21) -O fundo do discurso sobre o novo nascimento consiste na insuficiência de uma crença baseada em sinais externos (23). Jesus não podia confiar naqueles cuja fé era apenas superficial. Tinha conhecimento perfeito de motivação humana (24-25), como se vê na entrevista com Nicodemos.

Jo-3.1

Nicodemos, membro do Sinédrio (um dos principais dos judeus 1, ARA) visita Jesus às caladas da noite, possivelmente para não comprometer a sua posição. Contudo, ele reconhece em Jesus um Mestre vindo da parte de Deus (2). Esta expressão enfática o distingue dos demais mestres formados nas escolas de ensino religioso. Nicodemos mostra-se impressionado com os sinais que Jesus faz (2). Então pede ao Senhor que esclareça seu ensino, especialmente em relação ao reino de Deus. Jesus dá-lhe a resposta: se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus (3). A palavra grega *anóthen* traduzida de novo, pode ser traduzida de cima. A resposta de Jesus contém a pura essência do tema do capítulo. Uma mudança radical do coração é imprescindível e essa mudança se descreve em termos de um nascimento vindo do alto. Uma crença baseada em milagres não é adequada, pois deixa o âmago da personalidade humana intátil. Somente a renovação interior permite ao homem sua participação no Reino de Deus. Nicodemos maravilha-se pelo fato de alguém poder experimentar todo o processo de desenvolvimento na vida, e depois renascer (4). Jesus, então, revela a verdadeira natureza do novo nascimento, e apresenta as condições pelas quais se pode alcançá-lo (5-6). Não fala do nascimento físico, porém de um ato criativo de Deus, no homem interior. As condições de entrada no Reino são cumpridas quando alguém se arrepende e é purificado no coração. Da água e do Espírito (5). Parece que o Senhor Jesus se refere aqui primeiro ao batismo de João (água); porém, o resto da Sua declaração adverte-nos contra o perigo de um ritualismo vazio, sem a eficácia do Espírito Santo, o Único que pode vivificar o homem interior. Alguns comentaristas vêem aqui uma clara referência ao batismo cristão. Entretanto, não há certeza que esta seja a interpretação correta das palavras do Senhor. De qualquer maneira, este verso não sustenta a regeneração batismal. Por outro lado, mais outros comentaristas recusam ver qualquer alusão ao batismo na palavra água e afirmam que o Senhor estava falando acerca dos efeitos purificadores da Palavra de Deus (cfr. #Ef 5.26).

A interpretação mais provável é que Nosso Senhor Jesus Cristo está fazendo uma alusão à necessidade de arrependimento (representado pelo batismo de João em água) e a necessidade de fé (representada pelo seu próprio batismo no Espírito, o qual traz a fé). **O que é nascido da carne, é carne** (6). A vida espiritual não se transmite por processo natural, nem se identifica com qualquer existência carnal. Não há tal coisa como um processo evolutivo da carne para o espírito. Não se admire, portanto, que o nascimento espiritual seja a primeira condição necessária para entrada no Reino de Deus (7). **O vento sopra** (8). A mesma palavra se usa no grego para "Espírito" e "vento". Assim, como a presença do vento é reconhecida pelos seus efeitos, também o Espírito torna-se manifesto pela sua operação. Os movimentos do Espírito são soberanos. A origem e destino da vida do cristão, em quem o Espírito de Deus tem forjado sua obra criativa, são desconhecidos pelo mundo (8).

>Jo-3.9

Nicodemos não entende tal ensino (9). Jesus expressa-se surpreso pela sua ignorância (10). Associando-se com seus discípulos e a totalidade do testemunho profético do passado, Jesus afirma que eles têm visto e conhecido a obra do Espírito e, portanto, são idôneos para dar testemunho da sua atividade (11). Se os judeus rejeitam o seu testemunho concernente às coisas terrestres, ainda que sua origem esteja nos céus (note-se a referência ao novo nascimento), como poderão receber as bênçãos celestiais a respeito da máxima revelação de Seus eternos conselhos? (12). Ninguém subiu ao céu, entretanto, Deus quis que alguém descesse do céu ao mundo (13). Jesus veio do céu, com perfeito conhecimento de Deus, a fim de revelá-Lo aos homens. **Que está no céu** (13). Esta cláusula, entre parênteses na ARA, é omitida nos mais antigos manuscritos.

>Jo-3.12

Jesus prossegue, então, ensinando a Nicodemos as **coisas celestiais** (12). **Assim como Moisés levantou a serpente no deserto...** (14). Jesus ilustra o grandioso tema concernente à vinda do Filho do Homem em carne, por meio de um acontecimento registrado no Velho Testamento (**#Nm 21.8-9**). Quando os israelitas, fatalmente mordidos pelas serpentes, fitaram os olhos na serpente de bronze, logo receberam vida. Do mesmo modo, os homens sujeitos à condenação por causa do pecado poderão receber vida eterna e restauração, olhando para o Senhor levantado entre os céus e a terra. Não resta dúvida que

esta é uma referência à morte de Jesus. A divina necessidade da morte foi aceita por Jesus como único meio da redenção do mundo (15). Sua morte foi determinada, não pela vontade humana, mas pelo amor de Deus que deu seu Filho unigênito, como sacrifício pelo mundo, sacrifício este ao alcance de todos na sua universalidade (16-17). **O mundo** (16) é o palco em que Deus cumpre os seus propósitos de redenção.

>Jo-3.16

É-nos dada nos vers. 16-21 a **logia**, ou autêntica palavra de Jesus, ou se trata de uma interpretação joanina da missão de Jesus Cristo? Não restam dúvidas de que o evangelista se compenetra profundamente da mente de Jesus e, se estas não são suas próprias palavras, **ipsissima verba**, certamente contêm a quinta-essência do glorioso Evangelho. Não temos, entretanto, justificativas para concluirmos que estes versos não são as próprias palavras de Cristo, no contexto dado. Crer **no nome do ... filho de Deus** (18) quer dizer colocar confiança pessoal no Seu ato redentor (18). Aqueles que assim não fazem já estão condenados (18). A verdadeira missão divina é revelada como obra redentora. O Filho do homem veio salvar o mundo, todavia o mundo foi julgado pela sua vinda (17,19). Salvação e julgamento se coadunam na pessoa de Cristo. Então, Nicodemos recebe uma nova interpretação do incidente do Velho Testamento, que ilustra o amor de Deus aos homens, esse amor expresso na morte do Seu Filho. Outrossim, há uma nova ênfase na escatologia realizada: salvação e julgamento são realidades atuais. **A luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz** (19). **Todo aquele que pratica o mal aborrece a luz** (20). A incredulidade é fruto de uma disposição má que evita a luz. A fé é a prática da verdade; ela obedece e procura a luz. Ela folga com a perscrutação divina (21). A obra de Cristo discerne o bem do mal. Eis o verdadeiro julgamento (19), (gr. **krisis**) que Jesus trouxe ao mundo. A vinda de Jesus ao mundo constitui uma crise na história mundial, obrigando os homens, pelos fatos apresentados, ou a virem para a luz, ou a permanecerem nas trevas.

>Jo-3.22

b) O testemunho final de João Batista (Jo 3.22-4.3)

Estes versos apresentam a realização de certos batismos que, aparentemente, não se entrosam com a tradição, nem a apresentação nos Evangelhos sinóticos das respectivas missões de Jesus e João Batista. Uma solução deste problema

é aquela que considera a narrativa como interpolação apologética, acrescentada por um redator que queria demonstrar a superioridade do batismo cristão ao rito legalista de purificação. Entretanto, não há razão para duvidar da historicidade da narrativa. "Acreditamos que neste ponto a obra de Jesus e de seu precursor se entrosam perfeitamente" (Westcott). Os discípulos batizavam na Judéia, enquanto João batizava em Enom (23).

>Jo-3.24

João ainda não tinha sido lançado na prisão (24). A oportunidade para o testemunho final do Batista a respeito de Jesus surge da disputa entre os discípulos de João e outro judeu (25). A disputa girava em torno de purificação. Os discípulos de João estavam enciumados, devido à popularidade de Jesus (26). João atribui, magnanimamente, tais sucessos aos favores de Deus (27), e relembra aos seus seguidores a natureza preparatória da sua própria missão, e sua subordinação a Jesus (28). João ilustra sua relação com Jesus, tirando uma Ilustração do Velho Testamento, que fala da relação de Deus com o "seu noivo Israel" (#Is 54.2-10). João é apenas o amigo do noivo, a quem compete procurar a noiva para o noivo, e preparar todas as coisas necessárias para o casamento.

>Jo-3.29

A responsabilidade inclui a preparação do contrato de casamento e, mais ainda, obriga-o a permanecer diante da câmara nupcial até ouvir a voz do noivo. Foi motivo de alegria para João que o povo se uniu em torno de Jesus, pois isto constituiu o selo do seu próprio ministério (29). "A alegria do precursor na cena evangélica não é diminuída pelo fato de a obra de Jesus ser culminada num ato de sacrifício" (#Jo 1.29). (Hoskyns, *The Fourth Gospel*). Convém que ele cresça e que eu diminua (30). A estrela da manhã entra em ocaso quando nasce o sol na sua glória. E assim que o porta-voz João cede lugar para o Cristo. Nos vers. 31-36, o pensamento torna-se mais abstrato. Com toda probabilidade, estes versos representam as meditações do escritor. O Messias é de origem divina, portanto, único e supremo. O evangelista compara o caráter da obra messiânica com a do Batista, "quem vem da terra" (31). Os ensinamentos de Cristo dão relevo à Sua origem celestial. Jesus Cristo testificava o que havia visto e ouvido do Pai, e nenhum homem destituído da iluminação divina pode receber este testemunho (32). O homem nascido do Espírito põe à prova a Palavra de Deus, autenticando-a na sua própria experiência (33). Cristo é embaixador de Deus aos homens; portanto, confiar

nEle é certificar-se da verdade de Deus. Deus ungiu a Jesus com a plenitude do seu Espírito, em contraste com o revestimento parcial concedido aos profetas antigos (34). Outrossim, Deus deu ao Filho suprema autoridade. Este fato se explica só no seu amor para com Ele (35). O testemunho do evangelista conclui com a mensagem de vida e de juízo. Cristo torna-se relevante aos homens, e a atitude deles em relação à sua pessoa determinará o destino final. Fé no Filho assegura para o homem a posse da vida eterna. **Porém, aquele que não crê (ARC), e que se mantém rebelde (ARA), não verá a vida; mas a ira de Deus permanece sobre ele (36).** "Pesa sobre ele a Ira de Deus" (Rohden).

Jo-4.1

O destino final do desobediente será experimentado em termos de punição eterna. Jesus deixa a Jordânia e volta para a Galiléia, sabendo que o movimento das multidões em torno da sua pessoa provocará a hostilidade dos fariseus (1). Esta volta à Galiléia pode marcar o início do seu ministério, tal qual apresentado nos Evangelhos sinóticos. **Ainda que Jesus não batizava (2).** Esta clara declaração parece entrar em choque com **#Jo 3.26**. A explicação desta aparente contradição encerra-se no fato que, embora Jesus mesmo não batizasse com água, Ele revestiu o ato físico com seu real significado. Possivelmente, os discípulos não tinham percebido o seu significado cristão, apesar de Jesus ter dado ao rito sua verdadeira forma espiritual e celestial (**#Jo 3.5**).

>Jo-4.4

c) O testemunho de Jesus aos samaritanos (Jo 4.4-42)

1. **ÁGUA DA VIDA (#Jo 4.4-19)** -A seqüência do pensamento do escritor torna-se patente na história que se segue. Se a água purifica, ela também mata sede. A referência a Samaria é consoante com a mais ampla implicação da mensagem de Jesus. A missão de Jesus abrange os povos não semitas do mundo. Jesus vai agora ao Norte. Para evitar o desvio através da Peréia, é necessário seguir a estrada norte de Jerusalém à Galiléia, atravessando Samaria. **Era-lhe necessário passar por Samaria (4).** Nestas palavras se vê a urgência constrangedora de Jesus, para cumprir a sua missão.

>Jo-4.5

Chegou pois a Sicar (5). Sicar é identificada usualmente com Askar, uma aldeota na vizinhança de Siquém, lugar onde existe o poço tradicional, ao pé do monte Ebal. É bem provável que este seja o lugar autêntico. Jesus, exausto da longa caminhada, senta-se sozinho à beira do poço. Seus discípulos foram à vila comprar comida (8). **Por volta da sexta hora** (6), isto é, perto de meio dia. João usa aqui o método judaico para calcular a hora. Note-se, entretanto, que no capítulo 19, ele usa o sistema romano. Jesus pede água à mulher samaritana, que acaba de chegar ao poço com seu vaso (7). A resposta da mulher é dada em forma de pergunta, e reflete surpresa e hesitação (9). Ela se impressiona com o fato de Jesus, sendo judeu, pedir-lhe água, e mostra hesitação, por causa da conhecida hostilidade entre judeus e samaritanos. **Os judeus não se dão com os samaritanos** (9); isto parece ser uma nota explicativa do evangelista. Havia, realmente, acerbo antagonismo entre judeus e samaritanos, desde o tempo da volta dos judeus do exílio, e a construção pelos samaritanos de um templo rival no monte Gerizim. Os samaritanos reivindicavam sua descendência das dez tribos e a posse duma pura religião, derivada da lei de Moisés.

>Jo-4.10

Jesus, procurando despertar na mulher o senso de necessidade pessoal e interesse pelas coisas espirituais, fala-lhe de uma dádiva melhor do que aquela que Ele lhe tinha pedido. Ele desejava muito dar-lhe tal dádiva, caso a aceitasse voluntariamente. Trata-se da **água viva** (10). A mulher surpreende-se de que Ele é capaz de trazer água viva da fonte, onde Jacó tinha falhado no mesmo propósito (11-12). É assim que ela interpreta a "dádiva de água viva". A misteriosa alusão de Jesus à água da vida o conduz a anunciar a verdade que Ele mesmo mata a sede do homem para todo sempre. A água do poço de Jacó satisfaz apenas temporariamente, porém Ele pode dar a vida eterna que jorra na alma, satisfazendo cabalmente todos os desejos mais íntimos do homem (14).

>Jo-4.15

A samaritana entende como "água viva" alguma coisa mágica, calculada a tornar a vida mais fácil e confortável. Assim ela pede: **Senhor, dá-me dessa água** (15). Jesus sabe que o único meio de despertar nela o senso de culpa é trazer à tona os seus pecados. Jesus pede-lhe que traga seu esposo (16). Na resposta, a samaritana revela-se um tanto embaraçada e evasiva. Jesus aproveita e resposta para confrontar-lhe com os seus pecados (17-18). A

samaritana reconhece que está na presença de alguém cujo conhecimento não é apenas intuitivo, mas sobrenatural: **Senhor, vejo que és profeta** (19).

>Jo-4.20

2. A NOVA MANEIRA DE CULTUAR DEUS (#Jo 4.20-26) -Neste trecho, aparece a controvérsia a respeito da maneira de cultuar Deus. A mulher, provavelmente, queria desviar a atenção do "profeta" dos seus pecados secretos e por este motivo refere-se ao monte Gerizim, reabrindo o assunto debatido da validade do lugar como centro para culto de Deus (20). É bastante significativa, a importância dada ao lugar de culto por uma alma cujos pecados são expostos. Há salvação em Jerusalém ou em Gerizim? Os motivos da samaritana em apresentar o problema parecem ser mistos. Jesus agora fala de um culto que não se limita a nenhum lugar (21). Jesus apresenta a fé judaica como superior, dizendo **a salvação vem dos judeus** (22), em contraste com a fé dos samaritanos, com seu culto ritualista destituído de valores espirituais. No vers. 23 Jesus define a verdadeira natureza do culto. O local é secundário; o que importa é a realidade espiritual. O advento messiânico dá um golpe mortal aos preconceitos raciais. O culto deve ser pessoal e espiritual, oferecido a Deus pela inspiração do Espírito. Os requisitos indispensáveis para o verdadeiro culto são definidos como sendo realidade na vida íntima e sinceridade quanto ao propósito espiritual. **Deus é Espírito** (24). O original grego coloca a palavra "Espírito" primeiro, salientando desta maneira a natureza de Deus. Essencialmente, Deus é Espírito.

>Jo-4.25

A mulher, cônica da sublimidade das verdades reveladas por Jesus, se declara disposta a esperar pela revelação mais completa que o Messias há de trazer (25). Jesus, em momento dramático, se identifica como o Messias. **Eu o sou, eu que falo contigo** (26). Esta declaração é perfeitamente relevante ao diálogo com a samaritana, pois já chegou a hora do estabelecimento do Reino Messiânico. A nação judaica estava com a mente ofuscada até a hora decisiva da crise.

>Jo-4.27

3. A FÉ DOS SAMARITANOS (#Jo 4.27-42) -Os discípulos agora reaparecem e o diálogo é interrompido (27). A mulher, deslumbrada pela sua descoberta, apressa-se em chegar à vila, para participar a sua experiência com

o povo de Sicar (28-29). Aquele que penetrou no íntimo do seu coração só pode ser o Cristo (29). A expressão de surpresa da parte dos discípulos, tanto como o abandono do cântaro pela mulher, são pormenores literários bem significativos. A mulher desperta o interesse dos seus concidadãos a tal ponto que consegue levá-los a Jesus.

>Jo-4.31

Neste intervalo, os discípulos preparam alguma refeição com os alimentos comprados e convidam Jesus para comer (31). Jesus, ainda vibrando em espírito, em consequência do seu ministério abnegado à samaritana, responde aos discípulos que já tem uma comida da qual eles não tinham conhecimento (32). A linguagem de Jesus requer interpretação espiritual, entretanto, os discípulos a entendem literalmente (33). Então, ele explica a renovação das suas energias através da obediência à vontade divina. Enquanto se aproximam os samaritanos, ele exorta os discípulos a que levantem os olhos para os campos. Há quatro meses para a ceifa (35). A frase sugere que o incidente ocorreu em meados de dezembro. Em contraste com o curso da natureza, a semente lançada no coração da samaritana já estava dando fruto. O ceifeiro espera pelo tempo exato indicado pelo curso da natureza, antes que se receba a justa recompensa. Em comparação, os discípulos já estão ceifando sem precisar esperar. O que semeia se regozija com o que colhe (36). O intervalo de tempo foi eliminado, e os discípulos já recebem os frutos do trabalho de Cristo, assim provando a veracidade do dito: um é o semeador, e outro é o ceifeiro (37), Destarte os discípulos entram no trabalho de outros (38).

>Jo-4.39

O clímax da narrativa é alcançado com a aceitação da fé por muitos samaritanos. O testemunho da mulher levou muitos a crer no Senhor Jesus (39). Eles insistem com Jesus para que fique com eles (40). Jesus permaneceu dois dias entre eles e muitos outros creram por intermédio do seu próprio ensino (41). A fé não é uma experiência que se adquire por ouvir o testemunho de outros; é a confiança vivificante que se baseia na palavra de Cristo. Os samaritanos o reconhecem como o Salvador do mundo (42). A frase não é uma interpretação posterior, colocada na boca dos samaritanos, mas o reconhecimento da forma em que Cristo, o Messias, lhes fora revelado.

>Jo-4.43

d) A cura do filho de um nobre da Galiléia (Jo 4.43-54)

Os milagres de cura são também "sinais" da presença do Reino Messiânico. **#Is 35.5-6**. Jesus testemunhou ao Judaísmo a respeito da nova era. Em Caná da Galiléia, transformou água em vinho, manifestando, desta maneira, sua glória (**#Jo 2.1-11**). Outros sinais em Jerusalém (**#Jo 2.13**) constituem o pano de fundo para o seu discurso com Nicodemos, quando lhe falou sobre o novo nascimento (**#Jo 2.23-3.21**), sendo esta a experiência indispensável para entrar no novo reino. No diálogo com a samaritana, Jesus declara que a hora messiânica do verdadeiro culto já está presente, sem distinção de lugar ou de classe (**#Jo 4.23**). A cura efetuada neste capítulo é também significativa como sinal dessa nova era e se entrosa com o primeiro sinal em Caná (**#Jo 2.1-11**). Depois de uma permanência de dois dias com os samaritanos, Jesus deixa a sua terra e se dirige à Galiléia. Ele mesmo explica a viagem nos termos seguintes: **Porque... um profeta não tem honra, na sua própria terra** (44). Esta seria uma razão adequada para não ir. Por isso, certos comentaristas, seguindo Orígenes, identificam "a terra" com a Judéia (Westcott, Plummer, Hoskyns). Bernard, escrevendo no Comentário Crítico Internacional, considera o vers. 44 "como glosa de **#Mc 6.4**, interpolada por João, ou algum redator posterior, que foi atraído pela menção da Galiléia, sem que seja, porém, apropriada ao texto". O próprio contexto dá-nos a entender que a região referida seria a da Judéia. Nesta hipótese, a razão para a ida à Galiléia seria devido à falta de hospitalidade e à hostilidade do povo, na Judéia. É difícil, portanto, chegar a uma conclusão definitiva, quanto ao local mencionado pelo evangelista. Jesus recebe boa acolhida na Galiléia (45). O incidente da cura do filho do nobre é, em muitos pontos, parecido com a cura do servo do centurião mencionado em **#Lc 7.1-10**. Vê-se uma semelhança filológica no uso do mesmo vocabulário em frases como **ele estava à morte** (47; cfr, **#Lc 7.2**). Ambos os milagres foram realizados à distância e a fé do homem nobre corresponde em muito à do centurião. Contudo, na narrativa joanina a palavra de poder pela qual se efetua a cura é falada em Caná, e não em Cafarnaum. Há, entretanto, evidentes discrepâncias nos detalhes das duas histórias, que não permitem à narrativa joanina ser considerada uma versão livre da sinótica. Plummer apresenta oito diferentes pontos importantes de divergência. **Um régulo** (ARC) 46; **oficial do rei** (ARA), da corte de Herodes, que provavelmente ouviu algo acerca do sinal realizado em Caná da Galiléia. Viajou desde Cafarnaum, que distava aproximadamente 30 quilômetros, e pediu a Jesus que descesse à cidade e curasse seu filho (47). Jesus porém repreendeu a fé que se baseia apenas em presenciar sinais e maravilhas (48). Não obstante, o oficial insistiu em seu pedido, a favor do seu filho, certo de que a cura viria pela presença de Jesus

(49). Jesus não rejeitou a pouca fé que tinha, e ordenou-lhe que voltasse, dizendo, **teu filho vive** (50). O oficial aceitou a palavra de Jesus, como fidedigna. Na manhã seguinte, quando voltava para sua casa, encontrou os seus servos, que lhe informaram da cura do seu filho (51). Perguntou, então, a que hora o filho mostrou-se recuperado e verificou que a febre o deixara exatamente no momento em que Jesus lhe havia declarado: **teu filho vive** (53). A consequência da cura foi que **creu ele e toda a sua casa** (54).

Jo-5.1

IV. OUTROS SINAIS E DISCURSOS NA GALILÉIA, E O INÍCIO DA CONTROVÉRSIA COM OS JUDEUS Jo 5.1-7.52

Muitos comentaristas atuais (por ex. McGregor, Bernard) trocam a posição textual dos capítulos 5 e 6. Nesta hipótese, o capítulo 6 segue o capítulo 4. Presume-se que a transposição dá melhor ordem cronológica aos outros eventos relatados nestes dois capítulos. Sendo assim, a referência em **#Jo 6.1**, feita a Jesus atravessando o Mar da Galiléia, seguiria, naturalmente, a narrativa de **#Jo 4.46-54**. Da mesma maneira, a festa mencionada em **#Jo 5.1** seria identificada com a páscoa de **#Jo 6.4**, e o milagre operado por Jesus em **#Jo 7.21** seria ligado mais estreitamente com o incidente em Betesda. Tal proximidade textual porém não é necessária. O milagre realizado facilmente se destaca, tendo em vista a controvérsia que causou. Pode ser colocado, então, no seu contexto, em **#Jo 7.21**. A identificação da páscoa com a festa referida em **#Jo 5.1** está baseada em um velho manuscrito que traduz a **festa dos judeus**. As versões em português traduzem mais exatamente **uma festa dos judeus**. É evidente que **#Jo 6.1** introduz uma nova etapa na missão de Jesus. É difícil estabelecer seguramente uma seqüência cronológica dos incidentes. Sabe-se que Jesus foi à Galiléia depois dos acontecimentos narrados no capítulo 5. Segue-se então a repentina declaração que Ele foi para o outro lado do mar. Esta súbita retirada de Jesus parece coincidir com a triste notícia da execução do Batista, e a volta dos doze, eventos descritos pelos sinóticos (**#Mt 14.13**; **#Mc 6.31-32**; **#Lc 9.10**). O motivo da retirada de Jesus foi sua necessidade de tranquilidade. A localidade escolhida foi Betesda, ao outro lado do mar (**#Lc 9.10**). Parece-nos que **#Jo 6.1** segue os acontecimentos descritos pelos sinóticos. O ministério de Jesus na Galiléia termina em **#Jo 7.2**, portanto, é bem provável que aquele ministério ocupa os capítulos **#Jo 5.1-7.2**, e principalmente o capítulo 6, o qual descreve dois importantes milagres, a saber, a multiplicação dos pães para as cinco mil pessoas, e o andar sobre o mar.

A modificação de ordem que transpõe o capítulo 6 para seguir o capítulo 4 pode, certamente, fornecer uma conexão mais coesa entre os eventos narrados, porém não se justifica pelas evidências externas ao nosso dispor. Mais ainda, o evangelista seleciona, propositadamente, certos milagres, conforme a sua utilidade em introduzir os discursos de Jesus. Não foi seu propósito dar uma seqüência cronológica de todos os diferentes incidentes na missão do Messias. Assim sendo, alguns incidentes e períodos se apresentam em forma sintética. Nos quatro primeiros capítulos Jesus dá testemunho do início da nova era messiânica. Seus milagres são sinais dessa nova era e seus discursos afirmam o novo nascimento e o novo culto serem as características essenciais deste novo ministério messiânico. Ele já manifestou o seu poder vivificador. Agora o escritor procura mostrar a natureza da oposição e da hostilidade dos judeus ao Messias, até essas disputas chegarem à rejeição deliberada das reivindicações messiânicas. A controvérsia tem o seu início com a cura do paralítico no capítulo 5.

a) Cura do paralítico e a controvérsia seguinte (Jo 5.1-47)

1. O EVENTO DA CURA (#Jo 5.1-9) -Depois disto (1). Melhor, *passadas estas cousas* (ARA). A frase expressa uma seqüência na mente do escritor. *Uma festa dos judeus*. Ver nota acima. Há realmente dificuldade em identificar esta festa. Westcott acredita que seja a das trombetas. A *Century Bible* identifica-a com a festa de Purim, considerando que #Jo 4.35 parece ser uma referência à primavera, e que #Jo 6.4 indica a proximidade da páscoa. A intenção do evangelista é bem clara. Ele salienta a coincidência da visita de Jesus com a festa dos judeus, quando a cidade estaria cheia de pessoas. Era também o sábado (9,16).

Jesus dirigiu-se ao tanque junto à porta das ovelhas. A palavra "porta" é omitida no original grego. O tanque se chamava *Betesda*, que significa "casa de misericórdia". O nome se explica em os pórticos serem construídos como abrigo para os aleijados. Note-se a forma do nome "Betsaida". A forma exata é incerta. Alguns comentaristas sugerem "Bethsatha", que significa "casa de olivas", situado ao norte do templo. A interpretação do nome Betsaida como "casa de pesca" é inaceitável. A fonte intermitente era considerada de valor curativo. *Esperando que... doença que tivesse* (3-4). Este fragmento é omitido nos melhores manuscritos e pode ser uma interpolação acrescentada a fim de explicar o vers. 7. Por outro lado, é bem possível que o trecho fez parte do texto original, e foi omitido "para não dar apoio às práticas pagãs, muito em

voga, celebradas em poços sagrados" (Hoskyns, *The Fourth Gospel*). **Agitada a água** (4), resultado de atividade angélica. Não negamos que existem poderes invisíveis que podem operar milagres da cura, embora inexplicavelmente.

>Jo-5.5

Jesus escolhe um homem que há muito tempo espera perto da água (5-6). É aleijado em consequência de uma moléstia incurável, e seu caso já se tornou desesperado. Jesus, vendo que o homem vem aguardando a sua oportunidade por longos anos, toma a iniciativa e pergunta-lhe: **Queres ficar são?** (6). O paraplético está tão acostumado ao seu estado que não sente mais o desejo de recuperar as suas faculdades (7). A pergunta de Jesus o desperta da sua apatia, dando-lhe ânimo e expectativa. A realidade e perfeição do milagre se evidenciam na obediência imediata do homem (9).

>Jo-5.10

2. O ANTAGONISMO DOS JUDEUS (#Jo 5.10-18) -O milagre foi operado no sábado. Isto constituiu, à vista dos principais dos judeus, uma infração da lei mais rigorosa (#Jr 17.21). O homem é interrogado, provavelmente pelos membros do Sinédrio que o acusam de profanar o sábado (10). **O mesmo que me curou me disse** (11). A defesa do homem é simples, mas irrefutável. "A autoridade daquele que operou o milagre parece-lhe pesar mais que a observância meticulosa da lei" (Westcott). "O aleijado experimentou o poder de Jesus, porém desconheceu o seu nome" (Hoskyns). Jesus apressa-se em sair, enquanto uma multidão se reúne (13). Encontrando o homem restaurado mais tarde no templo, Jesus salienta a significação moral da cura (14). Os milagres de Jesus tinham fins éticos e espirituais. Um princípio de justiça é implícito no ato da cura, e por esta razão o homem não deve **pecar mais**. O homem curado segue o seu caminho, e dominado por algum senso de obrigação, informa aos judeus que foi Jesus que efetuou o milagre (15) "E os judeus perseguiram a Jesus, porque fazia estas cousas no sábado" (16). Esta é a primeira declaração aberta de hostilidade a Jesus.

O Senhor Jesus se justifica nos termos da Sua relação filial ao Pai: **Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também**, Deus é incansável no seu trabalho contínuo em favor dos homens. "O sábado nunca impediu a obra de Deus, também não deve interromper a do Filho" (Plummer). O Filho reivindica sua cooperação com o Pai, e sua obra se coaduna com a do Pai. A atividade restauradora de Jesus no sábado não violou a lei, sendo antes o cumprimento

espiritual da sua verdadeira finalidade. Os judeus compreendem que Jesus reivindica para si uma relação única com o Pai, relação esta que admite uma unidade de ser e de agir que não é menos que igual com Deus, o que representava para os judeus a blasfêmia mais audaciosa (18).

>Jo-5.19

3. A FILIAÇÃO DIVINA DE JESUS CRISTO (#Jo 5.19-29) -Jesus agora responde à acusação de blasfêmia: **o Filho nada pode fazer de si mesmo** (19). "Tão íntima é a relação entre Pai e Filho que o próprio Filho de Deus nada pode fazer de si mesmo" (Bernard). "A vontade e operação dEles são uma" (Clarendon Bible). Resulta desta relação uma identidade e harmonia entre a vontade do Pai e a do Filho. A missão de Jesus se baseia na autoridade do amor do Pai ao Filho, e desse amor emanam Suas obras, e emanarão **maiores obras do que estas** (20). O vers. 21 define essas maiores obras: os mortos, espiritualmente falando, serão vivificados. A missão de Jesus se revela como vivificante. Ao Filho foi confiado também o **juízo** (22). Unem-se em Jesus as duas funções de dar vida e julgar.

>Jo-5.23

No exercício destas prerrogativas, o Filho é a máxima revelação do Pai, que quer que todos, finalmente, honrem ao Filho. Quem rejeita o Filho, desonra o próprio Deus Pai (23). Ver o desenvolvimento no vers. 24. A aceitação da palavra de Cristo, e fé no Pai que o enviou, são condições necessárias para a vida eterna, contemplada aqui, não apenas como bem futuro, mas como possessão atual. **Não entrará em condenação** (ARC; 24); **Não entra em juízo** (ARA, 24). A frase não nega o juízo vindouro, no sentido escatológico, mas para o crente na palavra de Cristo, não há mais tal juízo. O vers. 25 refere aos espiritualmente mortos, que ouvirão a voz de Cristo, e viverão. Deus o Pai, Autor da vida, concedeu ao Filho **ter vida em si mesmo** (26). Ora, este atributo foi transferido ao Cristo histórico, a quem foi outorgada autoridade para exercer juízo, **porque é o Filho do homem** (27). Cristo como Filho do homem é Juiz do homem. A expressão "filho do homem" alude, provavelmente, a Sua humanidade, enfatizando a Sua encarnação. Há uma possível referência messiânica no título. O tema é desenvolvido nos vers. 28-29 que têm em mira a consumação final. O teor geral é positivamente escatológico. Haverá um juízo final, para separar os bons dos maus (29).

>Jo-5.30

4. QUATRO TESTEMUNHAS DA DIVINDADE DE JESUS (#Jo 5.30-47) - As reivindicações de Jesus se baseiam na Sua relação única com o Pai. Jesus não exerce Sua autoridade independentemente. Seus juízos refletem o Seu conhecimento perfeito dos pensamentos de Deus Pai (30-31).

>Jo-5.32

As vindicações de Jesus não repousam exclusivamente no Seu próprio testemunho. Sua autoridade revela autenticidade através da íntima relação com o Pai, e desta maneira Seu testemunho se fundamenta no do Pai. **Outro é o que testifica a meu respeito** (32); este Outro é Deus. Os judeus exigiram evidências externas da Sua autoridade. Agora, Jesus desce do nível sublime onde cita autoridades celestiais para lhes apresentar testemunhos terrestres, que talvez possam convencê-los (34). João lhe deu testemunho, como de "uma lâmpada que ardia e alumia" (35), e os judeus se regozijavam naquele testemunho à verdade. João não era "luz auto-suficiente (#Jo 1.8), mas a lâmpada que precisa ser acesa primeiro, e que se consome no processo de dar luz" (MacGregor). Os judeus mostraram uma alegria quase infantil com essa luz, sem atenderem à chamada solene ao arrependimento.

>Jo-5.36

Eu tenho maior testemunho (36). Aqui Jesus indica como testemunho as obras de poder que Deus permitiu que praticasse. Serviram como evidência e confirmação da presença e poder do Seu Pai. Chama atenção também ao testemunho duradouro e contínuo que Deus deu sobre Ele nas Escrituras do Velho Testamento. Porém, os judeus estavam cegos perante a glória divina, e surdos quanto à sua chamada. Eram escravos à letra da lei, e não podiam apreciar o sentido espiritual das Escrituras. Prova suficiente disto se vê na sua falta de fé no Messias (38). **Examinai as Escrituras** (39). Estudaram as Escrituras, pensando que a obediência mecânica aos preceitos da lei lhes daria o galardão da vida eterna. Não estavam errados em estudar as Escrituras na esperança de encontrar a vida eterna, mas sua interpretação delas estava totalmente errada, e não podiam encontrar o Cristo, que é o centro das Escrituras. **Contudo não quereis vir a mim para terdes vida** (40). Somente Jesus podia dar-lhes a vida, mas eles o rejeitaram. Jesus acusa os judeus de incredulidade. Recusa sua acusação de egoísmo, aplicando a mesma acusação a eles (41-42). Não recebe, como os judeus, a adulação e a glória dos homens. A causa de toda a incredulidade e antipatia neles é a falta do amor de Deus nos

seus corações. Os judeus estavam dispostos a atender às pretensões arrogantes de falsos profetas, porém rejeitam Aquele vindo da parte de Deus o Pai (43). Não é de admirar pois que eles não queriam recebê-Lo, uma vez que não deram devido valor à aprovação divina. Jesus mesmo não os acusa, um deles os acusará. **Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança** (45). Eles pensavam de Moisés como seu defensor e mediador, mas Moisés se tornaria seu acusador em consequência da sua deslealdade à mensagem básica da dispensação mosaica, que apontava para o Cristo. Se tivessem de fato percebido o sentido real da lei de Moisés, ter-lhe-iam dado guarida (46). Se não conseguiram compreender os ensinamentos de Moisés, como podiam jamais aceitar a mensagem de Jesus Cristo? (47).

Jo-6.1

b) A multiplicação dos pães para cinco mil pessoas, e o discurso sobre o Pão da Vida (Jo 6.1-7.1)

1. CINCO MIL PESSOAS ALIMENTADAS (#Jo 6.1-14) -Este é o único milagre comum a todos os quatro Evangelhos. Ver notas, #Mt 14.13-23; #Mc 6.30-46; #Lc 9.10-17. "A narração de uma cena crítica na obra de Cristo na Galiléia é seguida pela narração de uma cena semelhante em Jerusalém" (Westcott). "O evangelista já descreveu e explicou a incredulidade dos judeus em Jerusalém. Agora, não obstante #Jo 4.45-54, expõe a incredulidade dos Galileus" (Hoskyns). Os dois sinais relatados neste capítulo constituem o fundo para o discurso sobre o pão da vida. A multiplicação dos pães para os cinco mil ocorre **depois destas cousas** (1) e **quando a páscoa estava próxima** (4). Embora seja praticamente impossível estabelecer uma cronologia exata dos acontecimentos, é bem provável que o ministério de Jesus na Galiléia, como narrado nos sinóticos, se enquadre dentro do tempo marcado pelos limites do capítulo 6. A narrativa episódica do capítulo 6 abrange "o essencial do ministério na Galiléia" (Westcott). A multiplicação dos pães para os cinco mil tem lugar nos textos sinóticos depois da volta dos discípulos, após suas lidas missionárias e o triste anúncio da morte do Batista. A turba foi conquistada pela benevolência de Jesus que sempre fazia o bem, e o seguiu de lugar em lugar. Note-se que Jesus desejou passar um tempo quieto (cfr. #Mt 14.13; #Mc 6.31; #Lc 9.10). A narrativa joanina difere das sinóticas em diversos pormenores. Não lhe faltam evidências autênticas de uma testemunha ocular. **A páscoa estava próxima** (4). Este detalhe explica a presença de uma grande multidão, e sugere algo para compreender o sentido espiritual do milagre. Jesus vê a turba chegando, e propõe que se coma (5). Tomando a

iniciativa, Ele fala sobre o assunto com Filipe, possivelmente com o intuito de prová-lo, **porque ele bem sabia o que estava para fazer** (6). Filipe responde de uma maneira eficiente e calculada (7). Na sua resposta, ele não avalia a situação à luz da fé, nem contempla a capacidade do Senhor de satisfazer as necessidades do povo. Alguém sugere que a exatidão da resposta pressuponha uma consideração prévia do problema, e que a importância citada represente o total dos seus recursos materiais. **Um rapaz** (9); gr. **paidarion**, "rapazinho". **Cevada** (9); comida dos pobres. O detalhe salienta mais ainda a insuficiência dos recursos dos discípulos. Jesus manda aos discípulos que façam assentar-se o povo. **Povo, homens** (10). É possível que a referência específica aos homens indique chefes de famílias, e que todo o povo se sentou em famílias. Jesus abençoa a parca provisão, que se multiplica milagrosamente para o povo (11). João preserva a ordem de Jesus que recolham os pedaços, em consequência da qual doze cestos ficaram cheios dos pedaços de pão (12,13). A turba fica sobremaneira impressionada e reconhece a significação messiânica do milagre: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo (14). Ver **#Dt 18.15**. O milagre sem dúvida relembra ao povo a provisão do maná, séculos antes. Ver comentário sobre a discussão mais tarde na sinagoga.

>Jo-6.15

2. CRISTO ANDA POR SOBRE O MAR (**#Jo 6.15-21**) -Marcos relata que depois do milagre da multiplicação dos pães para cinco mil, Jesus constringe os Seus discípulos a embarcarem e saírem do lugar do milagre (**#Mc 6.45**). João oferece a razão (15): o povo estava prestes a levá-lo e aclamá-lo rei na próxima festa. Jesus afasta primeiro os seus discípulos do perigoso entusiasmo da turba, então sobe à montanha para oração e comunhão (15). Os discípulos esperavam que Jesus voltasse para eles mais tarde, possivelmente em Betsaida (**#Mc 6.45**), mas "Jesus ainda não viera ter com eles" (17). Na ausência de Jesus, os discípulos seguem rumo a Cafarnaum, mas em caminho um temporal não tarda a desfechar. Estando no meio do mar, vêem Jesus andando por sobre as águas, e ficam atemorizados pela aparição. Jesus os acalma dizendo, **Sou eu. Não temais!** (20). De bom grado, recebem-no no barco.

>Jo-6.22

3. ENSINO SOBRE O PÃO DA VIDA (**#Jo 6.22-59**) -O resultado imediato dos dois sinais é que a multidão vai atrás de Jesus. João não menciona o fato que Jesus despediu a multidão, mas pode-se concluir que muitos ficaram no lugar onde foi realizado o milagre (22). No dia seguinte, atravessaram para a

outra banda do mar, e estavam admirados de descobrirem Jesus ali primeiro (24-25). **Vós me procurais ... porque comestes dos pães** (26). Jesus condena a atitude deles por ser puramente materialista, sem interesse espiritual, Procuraram-No por benefícios apenas materiais. **Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna** (27). Jesus os exorta a apropriarem-se do alimento espiritual que somente Ele dá; ao mesmo tempo aponta para a aprovação divina da sua missão: **Deus o Pai o confirmou com o seu selo** (27). Os judeus entendem o fato que tal dádiva se verifica somente pelas obras que a acompanham. Perguntam o que devem fazer para realizar tais obras (28). Jesus responde que a obra que lhes compete é fé nAquele a quem Deus mandou (29). Embora aceitando Sua pretensão, eles insistem que o dom intangível da fé requer uma evidência externa. Pede-se-lhe um sinal dos céus para confirmar que Ele é autor da vida (30). Porventura será inaugurada a era messiânica com um milagre comparável ao do maná sobrenatural? (31; cfr. **#Êx 16.15**). O Senhor replica a inferência, negando que fosse Moisés que lhes deu o maná, e mais ainda, que esse maná fosse, no sentido espiritual, "pão do céu". **É meu Pai quem vos dá** (32). O verbo do original grego significa ação contínua, em contraste com o aoristo **deu**.

>Jo-6.33

Outrossim, Jesus define o verdadeiro pão como **o que desce do céu e da vida ao mundo** (33). Os judeus desejam este pão, julgando que seja uma provisão miraculosa descida do céu (34). Jesus responde que Ele mesmo é **o pão da vida** (35), que satisfaz a fome espiritual do crente. Os galileus já O viram sem crer nEle, e agora perdem o direito à vida eterna por causa da sua incredulidade (36). Na sua busca, foram motivados por interesses puramente materiais. O motivo que conduz a Cristo é a fé e os que têm essa fé são dados por Deus a seu Filho. **Todo aquele que o Pai me dá** (37). Não é por acaso que o Pai traz os homens para Si (cfr. vers. 44). O dom é irrevogável, pois **o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora** (37). **Eu o ressuscitarei** (40). A ressurreição é complemento essencial ao dom da vida eterna. **No último dia** (40). Ver também vers. 39,44,54. O termo representa o conceito escatológico usado comumente pelos judeus para referir-se ao tempo da plena vindicação e glória do Messias. Cfr. **#Jo 11.24**.

>Jo-6.41

Os judeus são ofendidos pela reivindicação de Jesus, que é o pão da vida que desceu do céu, por ser Ele do proletariado, de família humilde (41-42). Nos

vers. 43-51, Jesus responde, desenvolvendo a idéia, já mencionada, da felicidade de quem crê verdadeiramente nEle (36-40). Somente os que são trazidos e iluminados pelo Pai podem vir a Jesus (44), e tal iluminação vem diretamente por meio da atividade de Deus. **Os profetas** (45); referência àquela seção das Escrituras do Velho Testamento que leva este nome. **E serão todos ensinados por Deus** (45). Cfr. **#Is 54.13**; **#Jr 31.34**; **#Mq 4.2**. Jesus é o único que desfruta do supremo privilégio de ver a Deus (46). De novo Jesus se declara ser o **pão da vida** (48) e afirma, solenemente, que ter fé nEle é ter a vida eterna (47). Contrasta o maná dado no deserto com o pão que Ele dá: enquanto o maná não impediu a operação da morte, (49), quem comer do pão da vida que Ele oferece nunca perecerá (50-51). Opera na Sua pessoa o princípio da vida eterna, em contraste com o maná que perece. Então Jesus identifica este pão espiritual que Ele dá com a sua própria carne, que dará **pela vida do mundo** (51). É pela assimilação da Sua natureza divina que os homens se alimentam espiritualmente.

>Jo-6.52

Neste ponto os judeus se mostram completamente descrentes e começam a disputar entre si (52). O discurso chega ao seu apogeu com a declaração singular de Jesus no vers. 53. O ato de dar a Sua carne pela vida do mundo assume agora um caráter sacrificial. A linguagem é figurada, e muitos comentaristas dão um sentido sacramental aos termos, que se relacionam com os símbolos usados na Ceia do Senhor, para representarem o comer e o beber do corpo e do sangue de Cristo. Entretanto, neste contexto, a idéia primordial se limita ao caráter redentor da morte de Jesus e aos benefícios que resultam duma apropriação dos valores espirituais da Sua morte. É secundário o conceito da maneira em que os homens participam desses benefícios. **Quem comer a minha carne** (54). Jesus assevera que a apropriação dos valores espirituais da sua vida e de sua morte resulta na posse imediata de vida eterna, e a certeza da ressurreição vindoura. **Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida** (55). Sua carne e seu sangue alimentam realmente a alma. Uma íntima união procede da assimilação da Sua natureza (56), tal união sendo parecida com a que existe entre o Pai e o Filho (57). Vers. 58 dá em síntese todo o ensino que precede, e o vers. 59 acrescenta um detalhe histórico, quanto ao lugar onde o discurso fora entregue.

>Jo-6.60

4. O EFEITO SOBRE OS DISCÍPULOS (#Jo 6.60-7.1) -O evangelista descreve os diferentes resultados do discurso. A apresentação das reivindicações de Jesus, e sua revelação de si mesmo como o pão vivo de Deus, partido pela humanidade, produz a incredulidade. **Duro é este discurso** (60). Mesmo os discípulos acharam difícil entender Sua doutrina, e se escandalizaram. O conhecimento sobrenatural de Jesus revela os pensamentos deles, e Ele diz: Isto vos escandaliza? Que será, pois, se virdes o Filho do homem subir para o lugar onde primeiro estava? (61-62). Sua ascensão para a presença do Pai, sem dúvida, removerá qualquer conceito materialista do comer da carne e do beber do sangue de Cristo, e mostrará o verdadeiro significado de participação espiritual nos Seus méritos e triunfo. A cruz e a ressurreição são os fatos básicos da revelação. A resposta espiritual a estes fatos se produz mediante a palavra de Jesus, que é **espírito... e vida** (63). A vida carnal não pode evoluir para tornar-se vida espiritual. A apropriação espiritual é obra do Espírito. As palavras de Jesus neste discurso são vivificantes, e criam na alma desejos espirituais e vida.

>Jo-6.64

A incredulidade dos discípulos não se constituiu em nenhuma surpresa para Jesus. Ele previu a deslealdade deles, e a traição de Judas era-lhe conhecida de antemão (64; cfr. #Jo 13.11). Por esta razão, Jesus salienta o poder do Pai em despertar resposta espiritual em todos aqueles que realmente crêem (65). Este discurso marca o apogeu no ministério de Jesus, pois desde então **muitos dos seus discípulos o abandonaram** (66). As palavras de Jesus coam os genuínos discípulos dos demais homens. Jesus se dirige ao círculo de seus discípulos mais íntimos com as seguintes palavras: **Porventura quereis também vós outros retirar-vos?** (67). Jesus encontra lealdade e crescente convicção na magnífica declaração de Pedro: **Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna** (68). A confissão de Pedro é reforçada pelo testemunho unido dos Seus discípulos: **Nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus** (69). Pedro fala em nome de todos, mas há um traidor entre eles. O traidor já é conhecido por Jesus (70, cfr. nota sobre vers. 64). **Judas, filho de Simão Iscariotes** (71). Iscariotes provavelmente significa "homem de Queriote", e em tal caso, Judas seria o único discípulo que não era galileu. O evangelista acrescenta com pesar que seria ele o traidor do Mestre. Tal ato só pode ser cometido por alguém que é **diabo** (71; cfr. 7.20 n.). A tragédia se torna mais dramática por ser ele um dos doze.

Jo-7.1

Jesus retira-se por um tempo da oposição ativa dos judeus na Judéia, que a cura do paralítico tinha provocado. Agora ele anda na Galiléia, aguardando a hora da Sua manifestação (7.1).

>Jo-7.2

c) A Festa dos Tabernáculos (Jo 7.2-52)

1. A DECISÃO DE VISITAR JERUSALÉM (#Jo 7.2-13) -O ponto focal muda agora da Galiléia para Jerusalém, e consta que a **festa dos tabernáculos** está próxima (2). Os irmãos de Jesus querem que Ele ostente o Seu poder espetacularmente, autenticando assim o seu ministério messiânico perante o povo. Insistem que participe da festa dos tabernáculos em Jerusalém, sabendo que haveria grandes turbas na cidade (3-4). A festa comemorou a peregrinação dos judeus no deserto, tempo em que moravam em tendas. A festa também marcou o regozijo associado com a colheita de setembro e outubro (cfr. #Lv 23.34 e segs.; #Dt 16.13-15). A resposta de Jesus relembra aquela dada a Maria (6; cfr. #Jo 2.4); não tinha chegado ainda a hora da Sua manifestação aos homens. Jesus se refere a sua morte e glorificação. Seus irmãos podem ir à festa a qualquer hora, pois estão em harmonia com o espírito deste mundo. Ele feriu o mundo com Seu testemunho à verdade, revelando o caráter essencialmente mau do mundo (7). **Eu por enquanto não subo** (8). As palavras "por enquanto" são possivelmente uma interpolação, para explicar a aparente contradição entre sua declaração e subsequente ação. **Subo**; uma possível sugestão espiritual da sua ascensão. O festival dos tabernáculos, celebrando a terminação do trabalho, não lhe era apropriado ainda. Em espírito, ele esta na festa da páscoa. Afinal, Jesus também sobe à festa, **mas em oculto** (10), para não dar uma demonstração pública do Seu poder. A narrativa revela algo da reprimida agitação, dos boatos em circulação, e da muita especulação, que giram em torno da pessoa de Jesus, já uma figura de interesse nacional. Alguns dizem que é bom; outros que Ele engana o povo. Ninguém ousa expressar sua verdadeira opinião, por medo dos judeus (11-13).

>Jo-7.14

2. O ENSINO NO TEMPLO (#Jo 7.14-39) -A inesperada chegada de Jesus à festa e Seu ensino no templo causam estupefação e admiração. **Como sabe este letras...?** (15). Os judeus se maravilham do Seu indubitável conhecimento e sabedoria, pois sabem que Ele nunca recebeu a educação religiosa dos

rabinos. Jesus replica que Seu ensino não provém de si mesmo. Sua origem é de cima (16), e prova-se divino àqueles que lhe obedecem (17). **Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina** (17). Obediência moral é mais importante do que compreensão intelectual. É o cânon da realidade espiritual, a chave essencial para entender os Seus ensinamentos. A prova que o ensino não provém de si está no desinteresse de sua motivação. A autoridade do ensino de Jesus repousa no fato que **Ele procura a glória de quem o enviou** (18). Não é difícil perceber porque os judeus rejeitaram os seus ensinamentos. Eles mesmos violaram as leis que Moisés lhes dera. Se tivessem obedecido ao espírito daquela lei, não teriam procurado a morte de Jesus (19). São totalmente injustos. **Quem é que procura matar-te** (20). Os cidadãos ignoram as verdadeiras intenções dos seus líderes, e tratam com desdém a sugestão de uma tentativa, contra ele. Isto os leva a crer que Ele tem **demônio**.

>Jo-7.21

Jesus, então, lembra-lhes do milagre que operara no sábado numa visita anterior a Jerusalém (cfr. **#Jo 5.1-16**). Todos ficaram maravilhados na ocasião (21-23). **Pelo motivo de que...** (22). Nas Escrituras, a circuncisão precede a lei em tempo, portanto impor-se-á em qualquer conflito entre as duas. Tal conflito surge, inevitavelmente, quando o oitavo dia depois de parto cai num sábado. Se se permite no sábado o rito de circuncisão, que simboliza a restauração parcial da natureza humana, por que se zanga quando Jesus cura, num sábado, **ao todo, um homem?** (23). Eles julgavam segundo a aparência, e por isso são incapazes de entender que a Sua ação, não somente harmoniza perfeitamente com o espírito da lei, mas, na realidade, a cumpre (24).

>Jo-7.26

Ele fala abertamente (26). O povo de Jerusalém está maravilhado da coragem com que Jesus reivindica Seus direitos e imaginam que, em consequência, os próprios governantes serão convencidos da verdade que Ele proclama. Eles, entretanto, conhecem a cidade dEle, e julgam que Ele não satisfaz as condições messiânicas. Ele declara-se abertamente, enquanto o Messias se envolveria em mistério (27).

>Jo-7.28

Jesus comove-se profundamente ao ver as concepções errôneas do povo e cita suas objeções: **Vós não Somente me conheceis, mas também sabeis donde eu**

sou (28). Conhecem, de fato, algo da Sua história terrestre, mas ignoram o propósito da sua missão e o Pai que o enviou. **Eu o conheço** (29). O fato que os judeus O rejeitam não abala Sua própria convicção quanto a Sua divina origem e missão. O significado da sua missão não é ignorado, pois conhecem as intenções de Jesus, e procuram prendê-Lo; **porém ninguém lhe pôs a mão** (30), porque ainda não era chegada a hora da Sua paixão (cfr. **#Jo 7.6-8.20**). O povo, entretanto, fica do lado dEle. A sua fé se firma nos Seus **milagres** (31; "sinais").

>Jo-7.32

Os fariseus, enciumados do movimento popular em favor de Jesus, instigam os **principais dos sacerdotes** (32) a planejarem a prisão de Jesus. Os principais sacerdotes seriam os membros sacerdotais do sinédrio. Jesus observa os oficiais enviados para prendê-lo, e os saúda com o recado misterioso: **Ainda por um pouco do tempo estou convosco, e depois irei para junto daquele que me enviou** (33). Jesus entende que este atentado sobre sua vida é o começo do fim. Logo há de partir, pelo caminho divinamente indicado da Sua morte. O dia da oportunidade ainda está ao alcance deles, mas o dia chegará em que procurarão, arrependidos, o Seu auxílio, sem achá-lo. Não poderão segui-Lo para os céus (34). Os judeus são mistificados pela declaração enigmática, e supõem que aluda a uma nova missão alhures **entre os gregos** (35). A interpretação errônea das Suas palavras contém uma verdade, quanto ao crescimento do evangelho depois da Sua morte, por eles provocada. Anunciam palavras de juízo e de condenação, cujo significado não percebem.

>Jo-7.37

No último dia, o grande dia da festa (37). Neste dia, realizaram-se cerimônias especiais, e do que parece, não se repetiu a libação de água de Siloé, oferecida diariamente nos sete dias precedentes. A cerimônia consistiu em derramar água de um vaso de ouro, para comemorar a provisão de água no deserto. Agora, suprindo a falta de água cerimonial, Jesus exclama: **Se alguém tem sede, venha a mim e beba** (37). Nesta declaração, se apresenta como a água da vida para todos os que crêem. **Do Seu interior...** (38). O crente se torna uma fonte de vida para outros. Cfr. **#Dt 8.15-16**. Pode ser tomada como referência ao Espírito, que seria dado em toda a Sua plenitude uma vez que a obra de Cristo fosse consumada. O resultado da glorificação de Jesus seria o derramamento do Espírito Santo (39).

>Jo-7.40

3. A CRESCENTE CONTROVÉRSIA (#Jo 7.40-52) -Em conseqüência das declarações de Jesus, dá-se uma divergência de opinião entre os da multidão. Alguns crêem nEle como o profeta predito por Moisés (40; cfr. #Dt 18.15), outros como o próprio Cristo (41), o Messias. Mais outros, que ignoram fatos elementares, os quais o evangelista não se preocupa em corrigir, dizem que o Messias há de aparecer em Belém (Cfr. #Mq 5.2). E outros ainda querem prendê-lo por força, mas não ousam fazê-lo (44).

>Jo-7.45

A narrativa focaliza agora os oficiais que não conseguiram tomá-lo preso. São interrogados pelos membros do sinédrio e citam, na sua própria defesa, a autoridade com que Ele lhes falou (46). Cfr. #Mt 7.28-29. Os fariseus os desprezam por terem sido enganados e asseveram orgulhosamente que nenhum fariseu jamais seria iludido desta maneira (48). A plebe, ignorante da lei, é colocada por eles sob a maldição, por a violarem (49).

Nicodemos, membro do Sinédrio, que visitou Jesus secretamente (#Jo 3.1-21), protesta contra tal procedimento ilegal, e lembra-lhes que não foi dada a Jesus a oportunidade de ser ouvido (51). Silenciam a Nicodemos com desdém, acusando-o de proceder como qualquer galileu ignorante e insistindo que profeta nenhum jamais apareceu na Galiléia (52; cfr. vers. 41; #Jo 1.46).

>Jo-7.53

V. A MULHER ADÚLTERA Jo 7.53-8.11

São incontrovertíveis as evidências interna e externa contra a tradição que afirma ter sido esta história escrita por João. A evidência, tanto dos manuscritos e versões mais antigos, com exceção do Códice D, como também o testemunho patrístico, é contra sua inserção no quarto Evangelho. A história interrompe definitivamente a seqüência da narrativa. Entretanto, faz parte da autêntica tradição da igreja. A evidência interna a identifica, quanto ao estilo e fraseologia, com os sinóticos. Muito cedo tornou-se conhecida como genuíno episódio no ministério de Jesus e foi aceita pela sua antigüidade e autoridade. Não há relevância teológica a ser atribuída à sua posição no contexto. "É provável que sua introdução sirva como glosa ilustrativa das palavras **Eu a**

ninguém julgo (#Jo 8.15)" (Temple). Aparentemente, o incidente ocorre nos últimos dias antes da Paixão de Jesus.

Jo-8.3

Este passa o dia no templo e à noite volta para o lar em Betânia, ou para o Monte das Oliveiras. Certa manhã, enquanto ensina no templo, os judeus lhe trazem uma mulher surpreendida em adultério (3,4). Querem enredá-lo num dilema (6) e perguntam acerca da punição que deveria ser aplicada no caso (5). Se Jesus recomendar a clemência, Ele se coloca em oposição à lei de Moisés. Se Ele recomendar apedrejamento, os judeus sabem que tal julgamento entra em choque com a jurisdição romana, que reserva para si o direito de aplicar pena de morte. Jesus então escreve com o dedo na areia e o gesto os incomoda. Pelo ato, Jesus mostra que não pronunciará julgamento, mas eles não tomam conhecimento do gesto e insistem em interrogá-lo (7). Então Jesus diz: **Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire pedra** (7) e continua escrevendo na terra. Os judeus compreendem que o que está sendo escrito é a sua própria condenação e se esquivam da presença silenciosa de Jesus (9). Percebem que seus motivos mais íntimos têm sido julgados. Jesus deixa de lado o aspecto legal e frisa o significado moral nas suas próprias vidas.

>Jo-8.10

Jesus e a mulher agora ficam a sós, pois todos os acusadores se retiraram. Jesus pergunta-lhe sobre seus acusadores e a condenação que lhe apresentaram (10). Ele não pronuncia a palavra de julgamento, mas a exorta a que não peque mais (11). Jesus não trata o pecado levemente, nem o desculpa, porque a justiça de Deus o condena. A lição que Jesus ensina aos judeus é que eles não são agentes do castigo divino. "A verdade de Jesus repreendeu a mentira nos escribas e nos fariseus; a pureza de Jesus condenou a sensualidade da mulher" (C. J. Wright, **Tile Mission and Message of Jesus**, pág. 795).

>Jo-8.12

VI. MAIS OUTROS ENSINOS E A CRESCENTE OPOSIÇÃO DOS JUDEUS Jo 8.12-10.42

a) O debate com os judeus continua (Jo 8.12-59)

1. DISCURSO SOBRE A LUZ DO MUNDO (#Jo 8.12-20) -Jesus continua ensinando no templo, como se vê no vers. 20. Reivindica o grande direito de declarar-se a **Luz do Mundo** (12). A luz e a água eram características da festa dos tabernáculos. A coluna de fogo que guiava o povo no deserto foi comemorada na festa pela cerimônia de acender-se quatro imensos candelabros, no Pátio das Mulheres. A cerimônia serviu perfeitamente para apresentar as reivindicações do Mestre. Os escritores do Velho Testamento falavam muitas vezes de luz, metaforicamente, e possivelmente Jesus tinha isto em mente na ocasião. O Messias seria "luz dos gentios" (#Is 42.6). A metáfora abrange as duas idéias de iluminação e testemunho. Jesus Cristo é a luz do mundo, banindo as características maléficas das trevas e testemunhando da revelação final de Deus aos homens. **Quem me segue** (12); talvez uma referência à coluna de fogo; a associação de luz e vida relembra o #Sl 36.9.

>Jo-8.13

Os fariseus contestam a validade do testemunho de Jesus, que dá de si mesmo (13). Jesus aceita o princípio envolvido quanto à evidência, mas lembra-lhes certos fatos relativos à sua origem e destino que fazem do seu caso algo excepcional (14). O testemunho de si mesmo provém de sua singular autoconsciência. Eles julgam **segundo a carne** (15). A palavra "julgar" admite diferentes interpretações, abrangendo testemunhar condenar e conhecer. Seu julgamento a respeito de Jesus é superficial (15). **Eu a ninguém julgo** (15). Esta declaração não nega que o Senhor era juiz. Aqui Ele salienta o fato que sua missão atual não é a de julgar. Entretanto, sua presença no mundo representa um desafio, e os homens são condenados quando o rejeitam (cfr. #Jo 3.19). Desta maneira, o seu julgamento é finalmente autoritário e justo, satisfazendo a todos os requisitos legais (#Dt 17.6). Sua identidade se firma na boca de duas testemunhas, Ele e Seu Pai (16,18). A petulância dos fariseus em exigir que Jesus revele a outra testemunha demonstra a cega ignorância deles (19). A vida e missão de Jesus atestam a união do Pai e do Filho. Os judeus não tentam prendê-lo, porque sua obra ainda não está completa (20; Cfr. #Jo 7.8,30).

>Jo-8.21

2. CONSEQÜÊNCIAS DA INCREDELIDADE (#Jo 8.21-30) -**De outra feita** (21) a frase une este discurso ao que precede. Jesus desenvolve as implicações de suas reivindicações, revelando a verdadeira natureza da incredulidade e seu destino: **perecereis no vosso pecado** (21). Os judeus continuam incrédulos e

desdenhosos. Jesus reafirma que não poderão encontrá-Lo quando for e os judeus supõem que tenta suicidar-se. Que não podem segui-Lo se explica no fato que, "quanto à origem, afinidades e ponto de vista, pertencem a dois reinos diferentes" (Mac Gregor).

>Jo-8.23

Cristo é o eterno **eu sou** (23) e fé nEle é o fator vivificante que determina o nosso destino. Segue-se, mais uma vez, a solene declaração: **Morrereis em vossos pecados** (24). Perguntam-lhe, quem és tu? Ele lhes responde: **Que é que desde o princípio vos tenho dito?** (25). O grego permite várias interpretações desta resposta. "Eu sou Deus, o princípio de todas as coisas, eu que vos Falo"(m. Soares). "Isso mesmo que já desde o princípio vos disse" (ARC).

>Jo-8.26

Jesus tem **muitas cousas para dizer a vosso respeito e vos julgar** (26). É preciso que pronuncie julgamento. Falou já da sorte dos que morrem em seus pecados (cfr. o vers. 21). O discurso continua o tema do vers. 16. Seu julgamento é verdadeiro, sendo o do seu Pai (26). Mas os judeus não entendem quando Jesus faz alusões a seu Pai (27) nem poderão entender até que Ele seja **levantado** (28). Refere-se à próxima consumação do seu ministério, que terminará pela sua morte. Assevera outra vez a sua consciente união com o Pai e sua obediência à vontade do Pai (29). A crassa ignorância espiritual dos judeus é mitigada pela fé dos **muitos que creram nele** (30).

>Jo-8.31

3. A VERDADEIRA LIBERDADE DOS VERDADEIROS FILHOS (#Jo 8.31-15) -Jesus agora se dirige aos que estão dispostos a ouvir-lhe as palavras. Seus ensinamentos os esquadriarão, mas, se eles os aceitarem com sinceridade, serão levados a uma fé mais profunda. Explica-se assim a simpatia inicial dos judeus e o seu antagonismo subsequente. A severidade do tom de Jesus, a exigência inflexível de justiça, o desafio do Seu ensino e a abnegação do discipulado, se combinam para apresentar a verdade, de tal maneira que as atitudes básicas dos judeus ficam reveladas. A apresentação da verdade revela o alicerce movediço da sua fé. Revela também a verdadeira natureza da Sua controvérsia com os judeus.

Se vós permanecerdes na minha palavra (31). O verdadeiro discípulo permanece na Palavra de Deus. Somente assim pode penetrar mais profundamente nos ensinamentos de Jesus e receber o conhecimento da verdade que o libertará (32). Obediência à verdade na prática é o único meio de conhecê-Lo. A experiência contínua da presença de Deus é a verdadeira liberdade. Os judeus interpretam a liberdade no sentido político (33). São descendência de Abraão, e jamais foram escravos de alguém. Na realidade, tinham passado por períodos sucessivos de escravidão sob os babilônios, egípcios, persas e romanos, porém nunca se submeteram à escravidão. Jesus fala da liberdade do espírito. Escravo é aquele que é dominado pelo pecado (34) e, em virtude desta escravidão ao pecado, não tem direitos na casa do seu Senhor (35). Somente o filho da casa tem direito. Os judeus incrédulos, enquanto ficam escravos do pecado, não têm direito às promessas de Deus que lhes garantem acesso à casa paterna. Verdaderamente sereis livres (36). Conseguem genuína liberdade espiritual por intermédio do Filho e os que são libertados permanecem na sua comunhão. Os judeus são carnalmente descendentes de Abraão (37-39), porém isto não quer dizer que são realmente "filhos" de Abraão (Cfr. #Rm 9.7). Não reconhecem Aquele que está no seu meio, como expressão visível da vontade e verdade divinas; ao contrário, querem matá-Lo. Nisto estão de pleno acordo com a massa incrédula da nação: a minha palavra não está em vós (37). Suas palavras encontram oposição. Ele segue o exemplo do Seu Pai e eles seguem o do pai deles. A ênfase é colocada na diferença de origem, meu Pai... vosso pai (38). Os judeus ainda insistem que Abraão é seu pai, o que leva Jesus a comparar as duas paternidades. As ações dos judeus revelam que praticam as obras de seu verdadeiro pai, as quais não correspondem à natureza de Abraão (39-40).

>Jo-8.52

4. CRESCENTE HOSTILIDADE DOS JUDEUS (#Jo 8.52-59) -Agora os judeus estão plenamente convencidos de que Jesus está possesso de um demônio. Interpretam literalmente as suas palavras não verá a morte (51). Porventura, é Jesus maior do que Abraão e os profetas? (52-53). Jesus nega a acusação de autoglorificação e reafirma que seu único motivo é o de cumprir a vontade do pai (54, cfr. vers. 50; #Jo 5.31 etc.). Ele conhece o Pai; eles nem o reconhecem (55). Deus será glorificado nEle, através do seu conhecimento incomparável do Pai. Caso negasse isto negaria também a validade de Sua missão. Ele guarda a palavra de Deus pela lealdade que mostra à sua comissão (55).

>Jo-8.56

Abraão alegrou-se por ver o meu dia (56) -o dia do Messias. Abraão antecipou a vinda de Cristo, tendo certeza do cumprimento das promessas. Não somente previu o advento de Cristo; agora, regozija-se no Seu dia. É implícito que Abraão ainda goza de uma existência consciente que permite sua alegria no dia de Cristo. Os judeus perguntam se Jesus já viu Abraão, porque o Mestre ainda não tinha **cinquenta anos** (57). A dramática resposta de Cristo contém a reivindicação empolgante de sua pré-existência: **Antes que Abraão existisse, eu sou** (58). **Eu sou**: no original grego, **ego eimi**. Note-se o contraste entre os verbos **ginomai** e **eimi**, entre o ser criado e o eterno. Jesus se declara o eterno "eu sou". Sua vida tem a característica divina de não ser sujeita ao tempo. Os judeus compreendem o sentido da sua afirmação: pré-existência absoluta significa igualdade com Deus. Isto, para eles, é blasfêmia, de sorte que pegam em pedras para matá-Lo, mas Jesus se esconde e sai do meio deles. A frase **passando pelo meio deles, e assim se retirou** (59, ARC) é omitida na ARA, pois parece ser um acréscimo posterior.

Jo-9.1

b) A cura do cego e a conseqüente controvérsia (Jo 9.1-41)

1. O ATO DA CURA (**#Jo 9.1-12**) -A narrativa no capítulo 9 segue o discurso do capítulo 8 e descreve uma cura, que caracteriza a nova era messiânica. **Jesus vê um homem cego de nascença** (1), e os discípulos lhe perguntam: **Mestre, quem pecou, este ou seus pais...?** (2). Alguns judeus acreditavam que em tais casos a culpa podia ser atribuída a um pecado cometido ou no ventre da mãe, ou nalguma pré-existência. Acreditavam também no sofrimento retribuído aos filhos por causa das ofensas dos pais. Jesus não trata deste aspecto do problema, mas aproveita a ocasião para manifestar a Sua glória (3). Parece que Ele não admite a necessidade duma conexão moral com a condição física. "O problema não é descobrir a origem do sofrimento, mas saber enfrentá-lo" (**Expositor's Greek Testament**). O sofrimento se torna assim a oportunidade para ação divina. Jesus reconhece a urgência da situação. **Convém que eu faça...** (4, ARC) **convêm que façamos...** (4, ARA). A forma "façamos" pode referir-se ao Pai e ao Filho, ou a Jesus e seus discípulos. A relação de Jesus com o Pai se mantém num âmbito totalmente diferente do que existe entre Ele e os doze (cfr. **#Jo 5.17**). O tempo está curto: enquanto Ele está **no mundo** (5), é a fonte de luz (cfr. **#Jo 8.12**). Esta verdade se torna patente pela cura que se segue. **Cuspiu na terra e, tendo feito ludo com a**

saliva, aplicou-o aos olhos do cego (6). O elemento de grande significado na cura é a unção dos olhos do cego com a saliva, à qual, juntamente com o lodo, se atribuía poder curativo. Esta maneira de proceder tinha o objetivo de criar fé. Segue-se a ordem de ir ao tanque de Siloé para lavar os olhos (7). O tanque estava situado no Vale de Cedrom, ao sueste de Jerusalém. O nome do tanque significa "Enviado", um dos títulos de Jesus (cfr. #Jo 13.16). No contexto da história, o nome pode ser interpretado como referência às águas vivas de Siloé (ver #Is 8.6). Alguns pormenores da narrativa sugerem que aqui temos o testemunho pessoal do homem curado. Os vizinhos ficam tão admirados pela cura, que começam a duvidar da identidade do beneficiado (8-9).

>Jo-9.10

Quando o homem dá prova da sua identidade, perguntam-lhe como recebera a vista (10). Ele descreve o método utilizado para efetuar a cura e atribui o sucesso ao homem chamado Jesus (11).

>Jo-9.13

2. OUTRAS DISPUTAS COM OS JUDEUS (#Jo 9.13-34) -O uso de lodo para curar no sábado fornece o combustível para a controvérsia acerba que se segue (14). O incidente focaliza um dos pontos mais debatidos entre Jesus e as autoridades religiosas. Para estas, o ato de curar envolvia uma violação da lei (13), necessitando o comparecimento do homem perante o Conselho da Sinagoga local, denominado Bet-din. Alguns dos fariseus asseveram que tal prodígio não podia ter sido operado por alguém não vindo de Deus. Para resolver a discussão entre os vários grupos, chama-se o homem curado, a fim de que ele mesmo faça uma declaração sobre o seu caso. Ele acredita que Jesus é profeta (17). Até este momento, os fariseus crêem na cura, porém agora procuram desfazer sua realidade e chamam os pais para depor. Estes afirmam ser o seu filho aquele que foi curado e testificam que nasceu cego (20). Quanto à cura, declinam de pronunciar-se por medo de serem excomungados pelos fariseus (22), deixando seu filho testemunhar (21,23). Os fariseus já se decidiram sobre a sorte de Jesus e fazem pressão para que o homem se declare errado. Dá glória a Deus (24), isto é, "fala a verdade". Cfr. #Js 7.19. O homem insiste categoricamente na genuinidade da cura: uma coisa sei; eu era cego, e agora vejo (25). Prossegue-se o interrogatório, sem que apareça a menor incoerência no depoimento do homem. Este se aborrece de tanta inquirição e, perdendo a paciência, pergunta com sarcasmo se tanto interesse da parte deles significa o desejo de se tornarem discípulos de Jesus

(27). Com isto, os fariseus o vilipendiam, acusando-o de ser discípulo de Jesus; quanto a si, são discípulos de Moisés (28). Põem em dúvida tanto a origem como a autoridade de Jesus (29). O homem se admira que os fariseus ignorem a origem daquele cujo poder produz tais prodígios. Ele, notando a óbvia confusão, pergunta-lhes, ousadamente, e em tom irônico, como alguém podia praticar tais milagres sem a ajuda de Deus. Deus atende aos que o adoram, e que fazem a Sua vontade (30,33). A frustrada raiva dos fariseus se expressa em insultos, pois não há resposta aos argumentos apresentados pelo cego de nascença (34).

>Jo-9.35

3. APLICAÇÃO ESPIRITUAL DO SINAL (#Jo 9.35-41) -Os fariseus expulsam o homem. A frase, um tanto vaga, não indica sua excomunhão. Jesus o encontra e pergunta-lhe: **crês tu no Filho de Deus?** (35, ARC). A ARA traduz "Filho do homem", em conformidade com os manuscritos mais antigos. O homem entende a significação do título, sem saber a que se refere (36). Agora Jesus proclama o seu Messiado (37), e o homem logo crê nEle, adorando-O (38). Esse ato de adoração inspira Jesus a comentar a aplicação espiritual do sinal; **Eu vim a este mundo, para juízo** (39). Apesar da missão de Jesus não ser, especificamente, de juízo (cfr. #Jo 3.17-8.15), este é o resultado inevitável da sua vinda (cfr. #Jo 5.22). O processo judicial já opera naqueles que não sentem necessidade de Cristo, de tal maneira que permanecem nas trevas de ignorância, enquanto os que aceitam a luz ficam cada vez mais esclarecidos. Alguns dos fariseus que assistiram ao incidente acham incrível que eles mesmos sejam considerados como cegos (40). Jesus replica seu argumento, dizendo que a cegueira de ignorância pode ser perdoada, mas não se perdoa a cega auto-satisfação, a qual os impossibilita de perceber a verdade. Tanto maiores seus privilégios, quanto maior sua condenação.

Jo-10.1

c) A alegria do Bom Pastor (Jo 10.1-21)

Nesta alegoria, Jesus continua o diálogo com os fariseus cegos. O sinal da cura do homem nascido cego serve como pano de fundo para o quadro. Não há justificativa para transpor a seção #Jo 10.19-29, colocando-a depois de #Jo 9.41, como alguns comentaristas recomendam. Os termos da alegoria são completos, entretanto, tomam-se compreensíveis com o desenvolvimento do tema. Jesus usa uma metáfora apropriada, dando-lhes sua interpretação. A

forma de ensino que se usa chama-se, no original grego, **paroimia** (6), e não **parabole**. É mais alegoria do que parábola. Sem exagerar a distinção, pode-se dizer que **paroimia** é mais do que provérbio, é tipo de metáfora. O capítulo 9 termina com palavras solenes de advertência aos fariseus. A frase **em verdade, em verdade**, de **#Jo 10.1**, introduz uma amplificação do discurso anterior, em forma de alegoria.

Os fariseus já se revelaram incompetentes para serem guias espirituais (cfr. vers. 4). O **aprisco** (1) oriental é cercado de pedras, no qual há uma **porta**. As ovelhas entram ali ao anoitecer e são vigiadas pelo porteiro que guarda a entrada. O pastor volta pela manhã, e para ele o porteiro abre a porta (3). O **ladrão** tentaria pular uma parte do muro longe da entrada (1). A maneira de entrar no curral revela quem é o verdadeiro pastor (2). Outrossim, as ovelhas conhecem o pastor, pois lhe reconhecem a voz (5). O genuíno pastor conhece as suas ovelhas, chama-as pelos nomes e as conduz para fora (3). "O caráter indefeso da ovelha contrasta-se com a ação independente do pastor. A liberdade da ovelha depende dessa ação do pastor, é somente por seu intermédio que a ovelha desfruta de liberdade" (Hoskyns). O pastor vai adiante de suas ovelhas para guiá-las, e elas o seguem (4).

Os fariseus não podem entender a mensagem desta alegoria. Não percebem que a sua ação em excomungar o homem outrora cego contrasta com a do pastor que o recebeu cordialmente. A sua incompreensão evidencia auto-satisfação cega. Eles entendem perfeitamente os termos pastorais da alegoria, sem poderem compreender o seu significado (6).

>Jo-10.7

Jesus agora interpreta a alegoria. Identifica-se com **a porta das ovelhas** (7). No Oriente Médio, o pastor freqüentemente se deitava à porta, tornando-se literalmente "a porta" das ovelhas. Não há nenhuma justificativa para a tradução desta frase, como "eu sou o pastor das ovelhas", segundo os manuscritos existentes.

Jesus é a porta, tanto de entrada como de saída. Por Ele entramos à presença do Pai (**#Jo 14.6**) e por Ele saímos para uma vida de liberdade e serviço. Jesus põe de lado a falsa autoridade dos fariseus que usurpam, injustificavelmente, a posição de liderança espiritual. "Em relação ao curral, Cristo é a porta" (Westcott).

>Jo-10.8

Jesus compara as Suas reivindicações de ser a porta, com as dos falsos pastores: **todos quantos vieram antes de mim, são ladrões e salteadores** (8). Esta se refere provavelmente aos lobos contra os quais o verdadeiro pastor mantinha sempre uma luta constante. Os lobos da alegoria representam toda a hierarquia religiosa que ofusca o ensino de Deus, colocando as tradições humanas no lugar dos mandamentos divinos. As ovelhas reconhecem os impostores, os lobos disfarçados em ovelhas, e não são enganados. Só Jesus é a porta das ovelhas (9). Só Ele pode mediar entre Deus e o homem para a salvação. "Não aos fariseus, mas a Jesus só, compete a admissão ou a rejeição no aprisco de Deus" (**Expositor's Greek Testament**). **Entrará e sairá e achará pasto** (9). Esta linguagem pitoresca expressa completa liberdade de ação, junto com satisfação e segurança. Cfr. **#Nm 27.15-21**.

>Jo-10.10

Jesus agora compara o objetivo dos ladrões com o Seu. **O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir** (10). Ele quer explorar os outros. Torna-se patente, no fim, que os seus objetivos são prejudiciais. Cristo veio **para que tivessem vida e a tivessem em abundância** (10).

A frase relembra a superabundância da graça divina. O propósito de Cristo é de lhes proporcionar em abundância tudo o que enriquece a vida. Cfr. **#Sl 23.1**. Jesus se descreve agora como o bom pastor que dá a sua vida pelas ovelhas. A morte de Jesus é voluntária. Ele dá, ou entrega, a sua vida. "A metáfora salienta o aspecto do risco na presença de perigo, mais do que a perda de vida" (Brooks). Entretanto, o sacrifício da sua vida é também contido na expressão, **bom pastor**; "bom" pode significar belo, nobre, competente. A metáfora estende a sua aplicação da porta para o pastor, dos falsos mestres, como ladrões, para o mercenário. Esta transição de pensamento é natural à mente hebraica. O mercenário, que pastoreia as ovelhas para fins lucrativos, as abandona na hora de perigo (12). Não tem genuína solicitude para com as ovelhas, pois não são dele (13). Desta maneira o rebanho se torna vítima dos lobos. O bom pastor conhece as suas ovelhas; este conhecimento é recíproco e o leva a dar a sua vida por elas (15). O estreito conhecimento entre o pastor e as ovelhas corresponde ao que existe entre o Pai e o Filho. **Ainda tenho outras ovelhas** (16). Estas outras são os gentios que compartilharão os benefícios do Seu sacrifício. **Haverá um rebanho e um pastor** (16). Os apriscos podem ser muitos. Há, porém, somente um rebanho.

>Jo-10.17

O Filho tem autoridade, não somente para dar a sua vida, mas também para reassumi-la (17). A Sua morte não foi uma tragédia devida a circunstâncias que Ele não pôde controlar. Foi voluntária a ação em dar a Sua vida. Mais ainda, Ele pode reassumi-la na ressurreição. Embora Sua ação provenha do Seu livre arbítrio, Sua morte foi divinamente determinada, pois tal morte é a condição necessária imposta pelo amor do Pai (17). Jesus recebeu uma comissão do Pai, portanto, depende dEle para cumpri-la (cfr. #Jo 5.30). A idéia de reassumir a Sua vida concorda com o ensino de outros passos que atribuem a ressurreição do Filho à operação do Pai. Este discurso divide mais ainda os judeus (19). Alguns afirmam que está louco; enquanto outros acham que a Sua linguagem não é de um lunático. Mas outros lembram o prodígio da cura e dizem: **pode, porventura, um demônio abrir os olhos aos cegos?** (21).

>Jo-10.22

d) A festa da dedicação (Jo 10.22-42)

O drama está próximo ao seu ponto culminante. Vários discursos foram feitos. Agora a tempestade vai desfechar sobre Ele. Nesta **festa da dedicação** (22), o Senhor Jesus faz mais um discurso evangélico.

Celebrava-se... a festa (22). Note-se que a cronologia joanina segue as festas. A festa da dedicação (hebr. **chanucchah**) realizava-se em dezembro e foi instituída para comemorar a restauração dos cultos no templo, em 165 A. C., pelos macabeus, depois de ter sido profanado por Antíoco Epifanes. O começo da narrativa oferece pormenores luminosos das circunstâncias em que foi proferido o discurso.

>Jo-10.23

Jesus anda no templo, à altura do pórtico de Salomão, quando os judeus o cercam (23-24). Resolvem obrigá-lo, definitivamente, a dar resposta exata às suas perguntas. Insistem que se declare claramente quanto às Suas reivindicações messiânicas. **Até quando nos deixarás a mente em suspenso?** (24). Se é o Messias, que se declare (gr. **heos pote ten psychen hemon aireis?** Cfr. o uso de **aireo** no vers. 18, onde é traduzido "tirar a vida"). Podemos parafrasear o vers. 24 assim: Até quando continuarás a ameaçar a nossa vida?

"Os judeus entendem o perigo, sem perceberem que o cumprimento do seu próprio destino o torna necessário" (Hoskyns, *The Fourth Gospel*). A implicação é clara: a salvação da nação depende do ministério de Cristo. Este é o sentido mais profundo da declaração de Caifás em [#Jo 11.50](#).

>Jo-10.24

Se tu és o Cristo, dize-o francamente (24). Os judeus acham que o tempo é oportuno para uma inequívoca declaração de sua autoridade, se Ele realmente a possui. Jesus responde que já o tem dito, porém a incredulidade e cegueira espiritual lhes impossibilitam reconhecer as obras dEle, que são as evidências mais óbvias do seu ministério. Eles não são Suas ovelhas; **as minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço e elas me seguem** (27); recebem **a vida eterna** (28, cfr. vers. 10). Ninguém as arrebatará da minha mão (28). Este verso ensina a segurança eterna do crente, contudo isto não deve constituir motivo para negligenciar o esforço espiritual e a vigilância. **Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo** (29). "A unidade da Igreja é sua força invencível" (Clarendon Bible). Cfr. [#Jo 6.39](#); [#Jo 17.2](#). "A vida eterna, que é o dom do Pai ao Filho, é maior do que qualquer potência da terra" (C. J. Wright). Este verso salienta o fato que o Pai é a autoridade final de que depende a segurança dos seus filhos. **Eu e o Pai somos um** (30). O evangelista não define a natureza da união do Pai com o Filho. Agostinho considera que o verbo grego **esmen** (somos) refuta o Sabelianismo, e que **hen** (um) rebate o Arianismo. Os judeus entendem estas palavras como reivindicação de absoluta autoridade, que, para eles, seria a pior blasfêmia. Pegam em pedras para matá-lo (31; cfr. [#Jo 8.59](#)). Jesus procura convencê-los, apontando para suas boas obras; **por qual delas me apedrejais?** (32). Não é por boas obras, eles respondem, mas pela blasfêmia de colocar-se numa posição de comunhão privilegiada e única com o Pai. Eles julgam que, desta maneira, Ele declara-se Deus (33).

>Jo-10.34

Jesus lhes responde com dois argumentos. Primeiro, apela para o Velho Testamento (34) e, então, aponta para o caráter da Sua Missão (37-38). Se os dirigentes dos judeus são chamados "deuses" no [#Sl 82.6](#), em virtude da sua divina comissão e da autoridade e ofício sagrado outorgados nas Sagradas Escrituras, como podem chamar Cristo blasfemo, sendo Ele ungido e enviado ao mundo pelo Pai? Se os dirigentes judaicos são designados "deuses" em virtude da sua comissão, quanto mais apropriado seria o termo para Aquele

que foi consagrado pelo Pai. O Filho de Deus foi dedicado à obra de redenção e a Sua morte seria a máxima expressão da Sua santificação (#Jo 17.19). Note-se que a palavra traduzida "dedicação", em conexão com a festa (22), é outra de que se usa para a dedicação de Jesus (36). Esta se usa só de pessoas; aquela, de coisas.

>Jo-10.38

O segundo argumento é que as Suas ações correspondem ao Seu ensino. **As obras** (38), em si mesmas, são adequadas para o exercício de fé e constituem evidências em favor de suas reivindicações. O testemunho de Seus feitos conduz ao entendimento da doutrina da Sua união com o Pai; "que possais saber (aoristo) e compreender (presente) que o Pai está em mim, e Eu estou no Pai" (38).

>Jo-10.39

Jesus livra-se da tentativa dos judeus de prendê-lo e retira-se para além do Jordão (39-40). Sua retirada à Peréia, o local do primeiro ministério do Batista, é sugestiva (#Jo 1.28). Jesus permanece ali por um período de dois meses até a aproximação da páscoa. Muitos O procuram, lembrando o testemunho fiel de João Batista a respeito da Sua pessoa (41). Desta maneira, o evangelista contrasta habilmente a incredulidade dos judeus em Jerusalém com a fé dos habitantes do Jordão, que ainda lembravam o testemunho sobre Jesus, dado pelo Batista.

Jo-11.1

VII. A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO E SEUS EFEITOS PARA OS JUDEUS Jo 11.1-57

A historicidade deste incidente é recusada por muitos críticos. Afirma-se que escritores dos Evangelhos sinóticos omitiram o incidente pela simples razão de que não o conheceram. Tais hipóteses baseadas em omissões são precárias. Ainda mais, essa hipótese afirma que o incidente foi incluído na narrativa joanina para fins alegóricos, em apoio do principal tema do autor. Esses críticos admitem, sem dúvida, a existência de algum acontecimento histórico, mas alegam, ao mesmo tempo, que o material histórico foi tão adaptado ao estilo dramático do autor, que se torna impossível separar os elementos históricos dos alegóricos. Deste modo, as circunstâncias pormenorizadas que

normalmente são consideradas como evidências da exatidão histórica da narrativa tornam-se apenas os últimos retoques de um autor, cuja imaginação procura embelezar e salientar certos aspectos do quadro que apresenta.

Creemos que a narrativa revela claramente o **imprimatur** da sua historicidade exata. O texto apresenta um milagre com todos os dados históricos e observações. O milagre da ressurreição de Lázaro não é mais extraordinário do que a ressurreição do filho da viúva de Naim, à parte da duração do tempo em que o corpo de Lázaro jazia no sepulcro. Que os sinóticos omitem o incidente se explica adequadamente pelo fato que o evento ocorreu perto de Jerusalém, nos últimos dias de vida terrestre de Jesus, e como tal não se adaptou tanto ao esquema literário dos autores, que se preocupam mais com o ministério na Galiléia do que aquele em Jerusalém. No quarto Evangelho, o incidente se entrosa perfeitamente com o plano literário do livro, que o apresenta como o último e mais impressionante dos sinais que revelam a glória do Filho de Deus. Não resta dúvida que existem dificuldades quanto à historicidade da narrativa, porém, não há necessidade de aceitar as limitações duma interpretação alegórica, que também deixaria muitos problemas a solucionar.

a) A morte de Lázaro e o ensino sobre a ressurreição (Jo 11.1-31)

No Evangelho segundo S. João, este incidente representa o apogeu do ministério público de Jesus. João já revelou a natureza do conflito entre Jesus e as autoridades. Desencadeia-se o temporal agora contra Jesus.

Ainda na Peréia, Jesus ouve falar da doença de Lázaro, irmão de Maria e Marta. Maria é identificada como a mulher incógnita de **#Mc 14.3-9**, que ungiu os pés de Jesus na casa de Simão (2). Lázaro é mencionado como alguém que Jesus amava (3,5).

O nome Lázaro (heb. **Eleazar**) significa "Deus, meu socorro". Jesus recebe o recado, mas declara que o resultado não será morte, porém um ensejo para exhibir a glória do Filho (4). **A enfermidade** de Lázaro seria mais um elo na correia das circunstâncias que ligam Jesus à cruz. **Jesus ainda se demorou dois dias no lugar onde estava** (6). É supérfluo perguntar por que Jesus se demorou. A demora foi de acordo com o plano da palavra de Deus, não para fazer prova da fé das mulheres.

>Jo-11.7

Jesus então propõe uma nova viagem **para a Judéia** (7). Os discípulos procuram desviá-Lo do seu propósito, pois sabem que Ele encontrará renhida oposição por parte dos judeus (8). Jesus, em sua resposta, declara um axioma geral no plano divino: **Não são doze as horas do dia?** (9). Ele tem uma missão a cumprir, e o tempo necessário para desempenhá-la (cfr. **#Jo 9.4**). Quando aquele tempo estiver esgotado, a noite da sua paixão estará próxima. Há sugestão também da possibilidade de alguém passar o seu tempo sem cumprir sua missão, e assim tropeçar nas trevas da desobediência depois, não sendo guiado pela luz (10; cfr. **#1Jo 2.10-11**). Jesus então declara o propósito da sua viagem: **vou despertá-lo** (11, ARA); vou despertá-lo do sono (ARC). Os discípulos interpretam a palavra "sono" literalmente e comentam, **se dorme, estará salvo** (12), ou, "vai ser curado"; portanto, torna-se desnecessária sua visita. Com isto, Jesus explica-lhes claramente que **Lázaro morreu** (14). Os discípulos haveriam de testemunhar um prodígio que aumentaria sua fé nEle, e Jesus, visando ao proveito espiritual deles, se alegra que estava fora de cena, quando Lázaro morreu. **Mas vamos ter com ele** (15). Tomé, crendo que a partida para a Judéia resultará em morte para todos do grupo, lealmente encoraja os demais discípulos que o acompanhem: **vamos também nós para morrermos com Ele** (16).

>Jo-11.17

Quando Jesus chega a Betânia, encontra Lázaro sepultado há **quatro dias** (17). Há ali várias pessoas que foram de Jerusalém para consolar as mulheres de luto (19). Marta apressa-se para ir encontrar Jesus, enquanto Maria fica **sentada em casa** (20). Vê-se nestes pormenores a diferença de temperamento das duas mulheres. **Senhor, se estiveras aqui não teria morrido meu irmão** (21). As palavras não constituem uma reprovação, mas a mistura de fé e esperança em Marta. Ela possuía fé que Jesus podia ter curado seu irmão e que mesmo agora podia chamá-lo de entre os mortos. Jesus assevera que o irmão **há de ressurgir** (23). Marta, como judia piedosa, crê na certeza de uma ressurreição final, porém tal crença não lhe alivia o luto do momento (24).

>Jo-11.25

Neste instante, Jesus lhe anuncia a verdade estupenda que Ele é **a ressurreição e a vida** (25). A ressurreição não é apenas uma esperança futura, é realidade no presente, é poder vivificador, encarnado em Jesus. A vida de que o homem carece é Jesus mesmo. Jesus não disse "Eu prometo", nem "Eu procuro", nem

"Eu trago", mas "Eu sou" (Westcott). O crente sobrevive à morte em virtude da vida eterna, obtida pela sua fé (26). A morte não tem mais poder sobre o crente, cuja vida está escondida com Cristo em Deus (cfr. #Cl 3.1-3). Segue-se a penetrante interrogação de Jesus: **Crês isto?** (26). A aceitação desta verdade é indispensável para compreender o sentido espiritual do milagre da ressurreição. Marta lhe declara que, de fato, crê (27). Sua confissão corresponde fielmente à sua compreensão das funções do Messias, mas é aquém da declaração que Jesus faz sobre sua Pessoa.

>Jo-11.28

Em seguida, Marta retira-se para chamar sua irmã e lhe diz: **O Mestre chegou e te chama** (28). Entrementes, os judeus vêem Maria sair da casa e, concluindo que ela vai ao sepulcro para chorar, acompanham-na (31).

>Jo-11.32

b) O milagre e seu significado (Jo 11.32-44)

Maria encontra-se com Jesus e ajoelha-se aos seus pés (32). Ela diz as mesmas palavras que as duas irmãs repetiram tantas vezes uma à outra (cfr. vers. 21). A sua intensa aflição não lhe permite dizer mais nada. Jesus comove-se profundamente com o pranto de Maria e dos judeus, e **agita-se em espírito** (33).

Há diversas interpretações das comoções de Jesus. Muitos comentaristas pensam que são devidas à intensidade de sua simpatia. Ele sentiu a crueldade da perda das irmãs e identificou-se com elas, na sua dor. Outros acham que Ele sentiu alívio emotivo na presença da morte. Mais outros pensam que o pranto hipócrita dos judeus o provocou à ira e que Ele chorou de indignação.

A intensidade emotiva da sua personalidade se explana, tanto aqui como na ocasião quando chorou sobre Jerusalém (#Lc 19.41), em parte pela incredulidade dos judeus, cujo aparecimento em cena neste momento é sugestivo. Em parte se explica pelo esgotamento pessoal que Ele sentiu para poder efetuar tamanho prodígio. Ainda que a experiência emotiva seja profunda, é também disciplinada. Jesus é o Filho de Deus, manifestando em sua vida o amor e compaixão divinos.

>Jo-11.36

Os judeus, em descrever a tristeza de Jesus, expressam, não propositadamente, uma grande verdade: **Vede quanto o amava!** (36).

Quando Jesus chorava no sepulcro, alguns duvidam da realidade dos seus sentimentos (37). Novamente Jesus geme em espírito. "Mais uma vez o ceticismo zombador dos judeus desperta Sua indignação" (Clarendon Bible). Jesus fica em pé em frente do sepulcro e manda tirar a pedra (39). Marta acha isto inconveniente, pois já cheira mal (39). Jesus repreende a sua falta de fé com a declaração que ela há de testemunhar a glória **de Deus** (40, cfr. vers. 4,23). A morte estará vencida. Jesus ergue os olhos e dá graças a Deus, já antecipando a resposta à sua prece: **Pai, graças te dou porque me ouviste... eu sabia que sempre me ouves** (41-42). A operação de Deus confirmaria a divina união entre o Pai e o Filho. A resposta a Sua oração era certa e infalível, porém, Jesus orou da seguinte maneira: "assim falei, por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste" (42). Há uma distinção necessária entre a oração dirigida a Deus em conformidade com a vontade divina, e a ação de graças oferecida publicamente perante o povo (cfr. **#Jo 12.30**).

Jesus agora chama Lázaro pelo nome, o que se torna sugestivo, à luz da declaração em **#Jo 5.25-28** e segs. Quando Jesus clama em alta voz, **Lázaro, vem para fora**, este obedece incontinenti. Assim a história chega ao seu fim, e o silêncio se interpõe. Ignoramos as reações dos que testemunharam este sinal, pelo qual Jesus manifestou a Sua glória.

>Jo-11.45

c) Os judeus planejam a morte do Senhor Jesus (Jo 11.45-57)

O último sinal é já dado aos judeus, que são nitidamente divididos em grupos. Muitos dos que testemunharam os milagres crêem nEle (45), enquanto outros, hostilizados, retiram-se para relatar tudo aos fariseus (46). Os saduceus e fariseus formam uma coligação e convocam um conselho. **Que estamos fazendo?** (47). Eles julgam necessário medidas imediatas. O Cristo operou prodígios, enquanto eles estão inoperantes. Temem que serão depostos das suas prerrogativas pelas autoridades romanas, se pronta ação não for tomada para coibir as atividades revolucionárias deste Jesus (48).

>Jo-11.49

Caifás, sumo sacerdote naquele ano (49). Isto não implica a eleição anual de um sumo sacerdote. Apenas chama atenção à importância notável daquele ano. Caifás toma a frente da situação, rejeita sumariamente suas ponderações e recomenda a pena de morte. Convém que Jesus seja entregue às autoridades e morra pelo povo. Só assim será salva a nação (50). Se deixarem Jesus viver, os judeus se expõem ao perigo de perder a existência nacional. É irônico que o sumo sacerdote desta maneira proclame a grande verdade que Jesus deveria morrer pela nação toda. O evangelista acrescenta, numa antecipação proléptica, a verdade complementar que Jesus ia, pela sua morte, remir também os gentios: **e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos** (52).

>Jo-11.53

O conselho resolve aplicar pena de morte a Jesus (53). Entrementes, Ele se retira para Efraim, uns 20 km. ao norte de Jerusalém, onde se demora, pois sabe da hostilidade aberta dos judeus (54). A páscoa está próxima e as multidões sobem a Jerusalém para celebrarem os ritos de purificação necessários (55). Muitos duvidam que venha à festa. **Não virá ele à festa?** (56). As autoridades dos judeus fizeram também seus preparativos e deram ordens para serem notificados logo que Jesus chegasse à capital (57).

Que contraste entre a serena retirada de Jesus a Efraim e as maquinações febris da hierarquia religiosa!

Jo-12.1

VIII. O FIM DO MINISTÉRIO PÚBLICO DO NOSSO SENHOR **Jo 12.1-50**

a) Jesus ungido em Betânia (Jo 12.1-8)

Em João, o incidente da unção de Jesus ocorre depois que as autoridades resolvem prender Jesus e confirmam a resolução de tomar sua vida. A situação cronológica, os pormenores e ênfase geral deste Evangelho são diferentes dos que se encontram nas narrativas sinóticas. Cfr. **#Mc 14.3-9; #Mt 26.6-13; #Lc 7.37-50.**

O problema que se nos apresenta é de ordem crítica e cronológica. A versão que João oferece se compara, em muito, com a narrativa de Lucas, concernente à pecadora que ungiu Jesus. Este último incidente ocorreu muito antes da morte de Jesus. Na narrativa de João vê-se também evidência da fonte original em Marcos e Mateus. Entretanto, João identifica a mulher incógnita com Maria, irmã de Marta. A Igreja Latina pensou que Maria ungiu Jesus em duas ocasiões, primeiro quando foi salva do caminho de pecado e, depois, em Betânia.

João fixa a data do incidente **seis dias antes da páscoa** (1), enquanto Marcos indica dois dias antes (**#Mc 14.1**). As dificuldades cronológicas estão ligadas com o problema da data certa da crucificação. Westcott sugere 8 de Nisã, para este incidente, baseando-se em 14 de Nisã para a crucificação. Jesus devia ter chegado, neste caso, no último sábado judaico antes da páscoa. Outros optam pela segunda-feira, 10 de Nisã, dia em que o cordeiro pascoal era separado. Neste Evangelho, o incidente precede a entrada triunfal.

>Jo-12.2

A festa é realizada em Betânia, na casa de Simão (cfr. **#Mc 4.3**). Marta serve, e Lázaro está presente (2). Maria toma **lima libra de bálsamo de nardo puro** (3). Gr. **pistike**. Não é claro o significado do vocábulo original. Às vezes significa "notável" sendo possivelmente um adjetivo de uso local. Moffatt traduz "real", pelo fato de o nardo ser muitas vezes falsificado. Maria unge os pés de Jesus e enxuga-os com os seus cabelos (3). Judas Iscariotes protesta contra a extravagância do ato e quer saber porque o seu valor em dinheiro não fosse **dado aos pobres** (5). Seus motivos não são filantrópicos; seu interesse é mercenário, pois é ele que guarda a bolsa e, como tesoureiro do colégio apostólico, encontra-se numa posição que facilita algum desfalque. **Tirava o que nela se lançava** (6). Tirava: gr. **ebastazen**, "levava, furtava". Jesus explica porque Maria não distribuiu o valor do nardo, em dinheiro, aos pobres: "Deixai-a que ela guarde isso para o dia em que me embalsamarem" (7). O que sobra da unção, Maria guarda em antecipação da Sua morte. A devoção de Maria contrasta com o espírito interesseiro de Judas. Este facilmente apresenta razões, apoiadas pela prudência para não gastar tanto. Teria sido difícil para Maria justificar sua ação pelo raciocínio. O amor de Maria se derrama sobre os pés de Cristo em antecipação da Sua paixão e, assim, contrasta com a cupidez de Judas, a qual, gradativamente, se torna ódio.

>Jo-12.9

b) A entrada triunfal em Jerusalém (Jo 12.9-19)

As notícias do milagre já foram divulgadas entre a plebe (9). Os principais sacerdotes e saduceus se enfurecem diante da nova sensacional e procuram matar também a Lázaro, por ser ele a refutação viva da sua negação da doutrina da ressurreição (10-11).

>Jo-12.12

Exulta-se a multidão de peregrinos nas ruas. Com ramos de palmeiras nas mãos, saem ao encontro de Jesus, dando-lhe espontaneamente as boas vindas na capital (12-13). Ver também notas sobre trechos paralelos em [#Mt 21.1-11](#); [#Mc 11.1-10](#); [#Lc 19.29-40](#). O grito de bem-vindo é tirado do [#SI 118.25-26](#). **Hosana** (13): termo hebraico, que significa "salve agora". A manifestação tumultuosa de boas-vindas messiânicas é aceita por Jesus, que entra na cidade montado num jumentinho (14), símbolo de paz. Jesus queria impressionar a mente popular não somente com o caráter da Sua vinda, mas também com a natureza do Seu reino. O evangelista cita as palavras da antiga profecia em [#Zc 9.9](#), naquela hora cumprida (15), e comenta que a significação desta ação de Jesus seria entendida somente à luz dos acontecimentos subsequentes (16).

>Jo-12.17

A população da cidade contribui também à aclamação geral, depois de ouvirem o testemunho dos judeus que assistiram à ressurreição de Lázaro (17-18). **Eis ai vai o mundo após ele** (19). O júbilo universal convence os embaraçados fariseus da sua própria fraqueza em face deste poder tão irresistível.

>Jo-12.20

c) A pergunta dos gregos e a sombra do Calvário (Jo 12.20-36)

Alguns gregos (20). Gentios de nascimento que se tornaram prosélitos. Rogaram a Filipe: **Senhor, queremos ver a Jesus** (21). A procura de Filipe explica-se possivelmente no fato dele ser natural de **Betsaida da Galiléia** (21), uma cidade onde moravam muitos gregos. Quando Jesus ouve o seu pedido por intermédio de André e Filipe, Ele proclama uma verdade que expressa perfeitamente o que passa pela sua alma. Dirige-se à multidão, declarando que

a hora da sua glorificação está próxima (23). Antecipa na vinda dos gregos as primícias da colheita segurada pela Sua morte. O grão de trigo deve **cair na terra e morrer** (24) antes de produzir frutos. Sua missão deve culminar em morte, a fim de que Ele recebesse a colheita de almas remidas.

O trabalho penoso do Messias há de preceder o fruto (**#Is 53.11**). O Filho do homem será glorificado mediante o sacrifício da sua vida, conforme o princípio da vida que requer sacrifício, pelo que Jesus se tornará garantia da vida eterna. O ditado do vers. 25 ocorre em todos os Evangelhos (**#Mt 10.39; #Mc 8.35; #Lc 9.24**). O princípio de sacrifício é aplicado a todos os que seguem a Jesus no caminho da obediência. Os tais estarão sempre com Ele e serão honrados pelo Pai (26).

>Jo-12.27

Agora está angustiada a minha alma (27). Jesus treme diante das dores atrozes que O esperam, entretanto, recebe nesta hora a confirmação celestial que o caminho da obediência à cruz O levará para a glória final (28). O pai confirma publicamente a obediência do seu filho. Quando o povo procura saber o que significa o som nos céus (29) Jesus lhes declara que aquela voz falou por causa deles.

>Jo-12.31

O julgamento deste mundo está próximo (31) e o **seu príncipe** (título do diabo) será destronizado. Inaugurar-se-á um novo reino quando o Filho for levantado. Sua vitória na cruz será aclamada universalmente (32-33). O povo fica perplexo, não podendo reconciliar sua idéia de um Messias com as palavras de Jesus. A noção popular era que o Messias chegaria do céu e ficaria para sempre. Perguntam-lhe: **Quem é esse Filho do homem?**

Jesus os convida a andarem na luz, enquanto Ele está entre eles, e a crerem na luz.

>Jo-12.35

Adverte-os da possibilidade de andar nas trevas e rejeitar a luz (35-36). Crer nEle significa ser espiritualmente iluminado.

>Jo-12.37

d) A resposta ao ensino do Senhor Jesus (Jo 12.37-50)

Com a retirada de Jesus, o evangelista dá em resumo a significação da Sua rejeição. Os judeus tinham corações endurecidos e olhos espiritualmente cegos.

>Jo-12.38

A rejeição de Jesus pelos judeus é demonstrada como o cumprimento das profecias (38-41; cfr. #Is 53.1; #Is 6.9-10). Contudo, entre eles alguns creram nEle, mas sem confessá-lo, por medo de excomunhão (42-43).

>Jo-12.44

Nos vers. 44-50 encontra-se o sumário dos aspectos mais importantes nos discursos de Jesus, em que se revela a verdadeira natureza de fé e descrença. Fé em Cristo é idêntica à fé em Deus (44). Ver a Cristo é o mesmo como ver a Deus (45). Fé em Cristo dissipa as trevas. Cristo veio, não para julgar o mundo, **mas para salvá-lo** (47). Mesmo assim, o que determina a salvação ou perdição do homem é sua própria atitude (48). O ensino de Jesus não origina de si mesmo, mas de Deus (49). Jesus falou o que o Pai lhe ordenou. A palavra e a vontade de Deus, manifestas em Jesus, trazem vida eterna (50). Os judeus negaram a Deus pela sua rejeição do Seu ensino. A sua incredulidade é exposta: ficam sob a condenação divina.

Jo-13.1

IX. DISCURSOS FINAIS E A ORAÇÃO SACERDOTAL Jo 13.1-17.26

a) A véspera da crucificação (Jo 13.1-38)

A data exata da última ceia e da crucificação constituem o maior problema na cronologia joanina. Enquanto os Evangelhos sinóticos parecem colocar a ceia no dia 14 de Nisã, João marca o dia antes. A cronologia joanina parece-nos preferível pelas seguintes razões. Os inimigos de Cristo resolveram não o prender no dia da festa. Teria sido ilegal levá-lo ao tribunal num dia de festa. Mais ainda, era ilegal levar armas num tal dia. Linho foi comprado é

especiarias preparadas naquele dia, duas atividades impróprias à festa. Algumas autoridades acham que os saduceus, no ano da crucificação, observaram a festa um dia mais tarde que os fariseus. Esta hipótese é uma possível explicação da aparente discórdia.

1. A LAVAGEM DOS PÉS DOS DISCÍPULOS (#Jo 13.1-20) -O evento realiza-se no cenáculo onde Jesus participa duma refeição com os seus discípulos. Jesus sabe que a hora da Sua paixão está próxima. João não descreve a instituição da Ceia do Senhor (ver #Mt 26.20-35; #Mc 14.17-31; #Lc 22.14-38).

Em vez disto, João pinta o gesto do Mestre que realmente interpreta o valor da Sua morte. A lavagem dos pés dos discípulos deve significar mais do que uma lição em condescendência divina, pois o incidente se enquadra no discurso de Jesus relativo à Sua hora, que se aproxima, e à traição de Judas. Note-se que a traição é atribuída ao diabo (2; cfr. vers. 27; #Gn 3.15).

>Jo-13.4

Jesus levanta-se da ceia, tira a vestimenta de cima, e tomando uma toalha, cinge-se com ela. **Tirou a vestimenta** (4; gr. **tithemi**, se usa em #Jo 10.11, com referência ao **dar** a vida pelas ovelhas). Então, começa a lavar os pés dos discípulos, ato humilde normalmente praticado por um escravo, e que um deles bem podia ter feito na hora da sua chegada. Quando Pedro protesta contra o gesto (6), Cristo lhe responde que saberá só depois o que significa (7). Pedro faz protesto de novo (8) e mais uma vez Jesus lhe responde. Logo Pedro pede, não somente os pés mas também as mãos e cabeça (9). Nisto Pedro confunde o símbolo com a realidade. O vers. 10 parece significar que a lavagem dos pés é adequada em expressar purificação completa.

>Jo-13.10

Quem toma banho em casa, antes de sair não precisa mais do que a lavagem dos pés, quando chega à casa do hóspede. **Vós estais limpos, mas não todos** (10). Apesar de tomar parte na lavagem, Judas não está limpo no sentido espiritual.

>Jo-13.14

Jesus agora explica o simbolismo do seu ato. Os discípulos o chamam de Mestre e Senhor. Contudo, praticou o serviço de um escravo assim manifestando sua humildade absoluta. A humilhação de Cristo foi uma condição da redenção do homem. O Mestre os exorta a assumirem a mesma atitude de humilhação voluntária (14-15), e, em seguida, revela a verdadeira natureza de autoridade. O escravo não é maior do que seu Mestre, nem o enviado maior do que Aquele que enviou. A pura felicidade é reservada para quem seguir o seu exemplo. Então, Jesus fala de Judas, que O há de trair brevemente (18), "para que se cumpra a Escritura". Nesta hora Jesus fala das coisas que lembrarão depois e a lembrança das Suas palavras servirá de confirmar sua confiança do apostolado (19). Eles são os seus arautos e quem os recebe, recebe também ao Filho e ao Pai (20).

>Jo-13.21

2. JUDAS DESMASCARADO (#Jo 13.21-30) -Jesus, perturbado pela presença de Judas, revela que um dos doze haveria de traí-lo (21). Na consternação geral que se segue, Pedro faz sinal ao discípulo a quem Ele amava, o qual se **reclina sobre o peito de Jesus** (23), para saber se conhece o traidor. Ao amado discípulo sobre o Seu peito Jesus responde que revelará o traidor, dando-lhe um pedaço de pão (26). Alude Jesus ao costume dos orientais de tomarem um pedaço de pão molhado no prato, como sinal de especial favor, o que constitui, no caso, o último apelo à consciência de Judas. Deu-o a Judas, dizendo, **O que pretendes fazer, faze-o depressa** (27). No coração de Judas, já foi perpetrado o crime. Os demais discípulos não entendem as palavras que Jesus lhe profere e pensam que o Mestre lhe ordena que desse alguma coisa aos pobres (29). Judas se retira nas trevas da noite. E banido da esfera de luz, lança-se nas trevas exteriores.

>Jo-13.31

3. O NOVO MANDAMENTO (#Jo 13.31-38) -Na noite da sua traição, Jesus dá Sua mensagem de despedida. Muitos comentaristas pensam que as palavras "Levantai-vos, vamo-nos daqui" (#Jo 14.31) marcam uma definida mudança de cenário. Realmente, a mudança ocorre somente no cap. 18, de modo que uma transposição do texto é sugerida. Entretanto, os manuscritos antigos não parecem justificar a teoria.

As palavras marcam uma pausa no discurso, a não ser que haja uma mudança intermediária de cenário, entre o incidente no cenáculo e o no pátio do templo,

mencionado no fim do cap. 14. Neste caso, a figura da videira, no cap. 15, seria sugerida pela videira de ouro que ornava a entrada do templo.

Após a saída de Judas, volta a dirigir-se aos seus discípulos e declara-lhes que a hora da Sua glorificação está próxima. Deus será glorificado na morte do Seu Filho. A glorificação do Filho do homem tem sua realização não somente no presente, mas também no futuro, após o cumprimento da Sua missão divina (32). "Da mesma maneira em que Deus é glorificado no Filho, assim também o Filho será glorificado na beatitude perene do Pai" (Cambridge Bible). Jesus emprega um termo de carinho **filhinhos** (33), quando-lhes fala da Sua iminente partida. Eles, porém, não estarão permanentemente separados da Sua presença, como será o caso dos judeus. Jesus dá aos seus discípulos um novo mandamento, cujo cumprimento se explica na frase "assim como eu vos amei" (34). A característica mais notável do discipulado, que é, portanto, a prova da sua genuinidade, seria o amor uns aos outros (35). Quando Pedro pergunta, **Senhor, para onde vais?** (36), Jesus lhe responde que não pode segui-lo agora, somente mais tarde. A segunda pergunta de Pedro, que mostra seu irrefletido entusiasmo, provocam palavras de advertência profética (38).

Jo-14.1

b) O último discurso (Jo 14.1-16.33)

1. CRISTO CONFORTA OS DISCÍPULOS (#Jo 14.1-15) -Jesus refere-se agora ao propósito da Sua partida e ao destino deles. Em palavras de ternura e compaixão, ordena-lhes que não dêem lugar ao medo. **Credes em Deus** (1). Jesus os exorta a ter fé em Deus e nEle **Muitas moradas** (2). Ele irá preparar-lhes um lugar. Sua retirada do mundo é necessária, para que mais tarde Ele possa voltar e recebê-los eternamente. O sentido em que Cristo os "receberá" tem sido interpretado ou como referência à morte, ou no aspecto escatológico. (Ver #At 7.59; #2Co 5.8; #Fp 1.23). Eles entendem que Sua "partida" se refere à Sua morte. Tomé interpola o discurso, afirmando que eles Ignoram não somente o Seu destino, mas também o caminho. Responde-lhe Jesus: **Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida** (6). A meta é o conhecimento do Pai e este conhecimento somente Ele pode conceder. Conhecer a Jesus Cristo quer dizer conhecer a Deus. Filipe deseja uma teofania, a manifestação visível do Deus invisível, pensando que a revelação material da divindade seria prova irrefutável da Sua existência (8).

>Jo-14.10

Note-se como esta citação do mal-entendido dos discípulos serve para autenticar o relato. Mas, quem vê a Jesus, vê o Pai. Jesus insiste na sua união com o Pai, união esta que é assegurada pelas Suas obras, pois tanto Suas palavras como Suas obras originam do Pai (10). As Suas obras deviam convencê-los da verdade das Suas reivindicações. Fé nEle possibilitará obras ainda maiores do que as dEle (12). A retirada de Jesus lhes significaria o derramamento do Espírito, cujo poder operaria neles para a execução de obras gloriosas. A presença de Jesus ao lado do Pai lhes asseguraria a resposta a todas as suas orações "em Seu nome" (13,14). Destarte, o Pai seria glorificado nas vitórias do Seu Filho, efetuadas pela instrumentalidade das orações dos discípulos. Sua obediência a Cristo é a prova do seu amor (15).

>Jo-14.16

2. A PROMESSA DO ESPÍRITO SANTO (#Jo 14.16-31) -Jesus promete mandar-lhes **outro Consolador** (16). Gr. **parakletos** (advogado). A palavra é usada quatro vezes neste Evangelho e uma vez em 1João. O sentido literal de **parakletos** é "aquele que é chamado ao lado de outrem", ou "aquele chamado para ajudar perante o tribunal", dali "advogado" (Ver #1Jo 2.1). As funções do Espírito Santo são as seguintes: convencer (#Jo 16.8); dar testemunho (#Jo 15.26); ensinar (#Jo 14.26). A tradução "consolador" salienta um aspecto do vocábulo original. Do ponto de vista etimológico, a tradução "advogado" é mais exata. No trecho em apreço, a palavra "Consolador" serve bem no contexto geral. O Consolador nos ajuda, não somente pelo fato de oferecer-nos o seu conforto, mas também pela revelação da pessoa e obra de Jesus. O versículo confirma a distinta personalidade do Espírito Santo. Este Espírito de Verdade permanecerá com eles. Será o novo Consolador que chegarão a conhecer. O mundo não conhece o Espírito da Verdade, nem pode recebê-lo (17).

>Jo-14.18

A grande consolação final dos discípulos seria o advento de Cristo mesmo. **Não vos deixarei órfãos** (18). Jesus dá aos seus discípulos a promessa da Sua aparição, que seria o selo da sua verdadeira união com o Pai. Isto se cumpriu depois da ressurreição. A obediência dos doze aos Seus mandamentos seria o teste do seu amor e a prova da sua união com Ele. A recompensa para sua obediência seria a manifestação do Cristo ressurreto e glorificado (21). Judas Tadeu (não o traidor) fica perplexo ao falar de uma manifestação limitada

apenas aos discípulos (22). A resposta de Jesus indica a natureza verdadeira do Seu reino e define as condições da Sua manifestação. A condição imprescindível do amor resulta em obediência à Palavra e em comunhão espiritual com Deus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra... e viremos para Ele e faremos nele morada (23). Sem amor, não pode haver obediência. Estes versículos apresentam um conceito de Deus muito além do transcendentalismo judaico.

Jesus promete que o **Parakletos** trará o Seu ensino à lembrança. A obra do Consolador é mais do que uma reminiscência da **ipsissima verba** do Filho de Deus; "é a representação viva de tudo quanto Ele disse aos discípulos; é a exposição criadora do Evangelho" (Hoskyns, **The Fourth Gospel**). Aos discípulos, perturbados em espírito, Jesus deixa a herança da Sua paz, essa paz que o mundo nem pode dar, nem tirar (27). Eles não devem temer, pois Ele já afirmou que ia ao Pai um, acontecimento que só pode proporcionar alegria e prazer. Jesus voltará para o Pai e este fato lhes assegurará a bênção real da Sua paz. Ele prediz os acontecimentos para confirmar a sua fé (29). **O Pai é maior do que eu** (28). A frase compara o ofício e funções, não o mérito e dignidade, de duas pessoas da Trindade, e deve ser interpretada à luz do contexto. Não há aqui nenhuma referência à criação do Filho com a implicação de Sua inferioridade ao Pai. Vê-se na frase a condição necessária à encarnação. Jesus afirma que o Pai é a meta final, a quem voltará por meio de Sua humilhação e morte.

>Jo-14.30

Jesus faz pausa no Seu discurso. Resta-lhe pouco tempo para falar. **O príncipe do mundo** (30) está prestes a fazer sua obra diabólica. Não obstante, não poderá prevalecer contra Ele, pois "não tinha nada nEle" que servisse para seus estratagemas. Entretanto, Jesus deve sofrer e a cruz revelará ao mundo o Seu amor para com o Pai (31).

Uma pausa no discurso pode ser indicada pelas duas frases "Não falarei muito convosco" (30) e "vamo-nos daqui" (31).

Jo-17.1

c) A oração de consagração (Jo 17.1-25)

Este capítulo encerra a oração que Jesus oferece ao Pai na véspera da crucificação e na presença dos discípulos. Foi pronunciada, ou no Cenáculo, ou no pátio embaixo ou possivelmente na área do templo. As idéias principais da oração originam-se nos ensinamentos dos capítulos 14-16.

1. A ORAÇÃO DO SENHOR JESUS EM SEU PRÓPRIO FAVOR (#Jo 17.1-8) -A oração de Jesus revela que entende que já chegou a hora antecipada em #Jo 2.4 e #Jo 7.6 e mencionada como próxima em #Jo 12.23. É a hora da Sua glorificação mediante a morte. **Glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique** (1). Nesta súplica, Jesus deseja alcançar a glória do Pai e do Filho, pelo ato de cumprir a redenção, que vem assegurar a salvação do homem. Define-se a vida eterna, agora uma possibilidade real mercê desta glorificação mútua, como o conhecer a Deus, mediante Seu Filho, Jesus Cristo (3). E em seguida, Jesus pede em oração aquele estado de exaltação gloriosa de que desfrutava com o Pai antes da sua vida terrestre (5). Note-se aqui a evidência da pré-existência do Filho. Ver o vers. 24. Ele consumou perfeitamente a obra que Lhe fora confiada (4-6). Jesus identifica a consumação desta obra com a manifestação do nome de Deus aos discípulos: **Manifestei o teu nome** (6). Sua missão está limitada àqueles que o Pai Lhe deu. Da sua parte, os discípulos reconhecem que Seu ensino é divino em origem e que Sua missão provém do Pai.

>Jo-17.9

2. A ORAÇÃO PELOS DISCÍPULOS (#Jo 17.9-19) -A unidade e reciprocidade de conhecimento entre o Pai e o Filho são os princípios em que Jesus baseia sua oração em favor dos discípulos, para que saibam que pertencem a Deus (10). Jesus é glorificado pela fé deles. Entretanto, Ele deve voltar para junto do Pai, enquanto eles hão de continuar no mundo. Implora que sejam guardados de todo mal (11-15) e que a unidade existente entre eles reflita aquela que existe entre o Pai e o Filho. Notem-se as variações no vers. 11. "Guarda em teu nome aqueles que me deste" (ARC); "guarda-os em teu nome, que me deste" (ARA). A primeira concorda com #Jo 6.37 e #Jo 17.24. Em todo caso, Ele pede a fidelidade dos seus discípulos. Todos Lhe foram fiéis, exceto Judas, **o filho da perdição** (12). O termo pode ser um hebraísmo que indica o fato de que Judas está destinado à perdição por causa da sua ação pecaminosa. A doutrina de predestinação para julgamento não está implicada no caso. Em seguida, Jesus pede que os discípulos possam participar do gozo da Sua missão cumprida (13). Deu-lhes a Sua palavra e na aceitação daquela palavra os discípulos incorreram na hostilidade do mundo (14). Não pede que

sejam tirados do mundo, pois isto seria um obstáculo aos propósitos divinos. Pede que sejam guardados do mal que há no mundo. Algumas variantes dizem "guardados do maligno". Cfr. #Jo 13.2-27. Com isso, O Senhor Jesus consagra, solenemente, os discípulos à missão, e pede que o Pai celestial "possa santificá-los àquela vida de fidelidade absoluta à verdade, encarnada em Sua própria pessoa" (C. J. Wright). Os discípulos deviam permanecer no mundo, a fim de cumprir a missão do Pai (18). Logo em seguida, Jesus se santifica àquela morte de sacrifício que o espera. Suas palavras de consagração tornam Sua morte eficaz. Por essa mesma morte seria conseguida a consagração também daqueles por quem Ele ia morrer.

>Jo-17.20

3. A ORAÇÃO DE JESUS PELA IGREJA (#Jo 17.20-26) -Nesta oração, o pedido de Jesus abrange todos aqueles que futuramente seriam discípulos, em resultado das lidas apostólicas (20). Implora a sua unidade, que há de refletir a do Pai e do Filho (21). Uma unidade, espiritualmente orgânica, convencerá o mundo da sua missão. Essa unidade se conseguirá na medida em que assimilam a glória do Filho. E a manifestação ao crente do amor do Pai para com o Filho que unirá todos numa unidade perfeita. A máxima bem-aventurança é estar com Ele, contemplando Sua inefável glória, já Sua, desde toda eternidade. "Jesus pede que a **ecclesia militans** se torne a **ecclesia glorificata**" (Hoskyns). O mundo não conhece o Pai (25); entretanto, Jesus O revela aos discípulos, e na Sua última petição roga que possam participar daquele mesmo amor que o Pai tem para com o Filho (26).

Jo-18.1

X. A PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DO SENHOR JESUS CRISTO Jo 18.1-20.31

a) O julgamento e crucificação de Jesus (Jo 18.1-19.42)

1. A PRISÃO (#Jo 18.1-11) -Ver notas em #Mt 26.36-56; #Mc 14.32-52; #Lc 22.39-53. Chega ao seu auge o ódio dos judeus. Jesus atravessa o **ribeiro Cedrom** (1). Durante a maior parte do ano, o leito fica sem água. João omite a narração da oração de Jesus na agonia (cfr. #Mt 26.36 e segs.; #Mc 14.32 e segs.; #Lc 22.39 e segs.). Judas dirige uma escolta com tochas e armas (3). A referência a **lanternas, tochas e armas** (3) é evidência de uma testemunha ocular. O evangelista menciona que Jesus se entregou voluntariamente (4).

Jesus revela Sua identidade nas palavras **Sou eu** (5). Os soldados e Judas ficam, temporariamente, transtornados pela declaração majestosa e caem por terra. Jesus então repete: **A quem buscais?** (7) e recebe dos soldados a mesma resposta. Estes podem prendê-lo, porém não aos discípulos (8) que conseguem fugir em cumprimento das Escrituras (9). Jesus repreende o ato impulsivo de Pedro quando fere o servo do sumo-sacerdote. Logo rende-se, dizendo: **Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?** (11).

>Jo-18.12

2. O JULGAMENTO ECLESIASTICO E A NEGAÇÃO DE PEDRO (#Jo 18.12-27) -Ver notas em #Mt 26.57-27.2; #Mc 14.53-15.1; #Lc 22.54-71. Jesus é levado preso à presença de Anás, sogro de Caifás. Anás tinha sido deposto do munus de Sumo Sacerdote por Valerius Gratus, procurador romano antes de Pilatos, mas ainda exercia sua influência sorrateiramente. Simão Pedro e outro discípulo conhecido do sumo sacerdote, provavelmente João, O seguem. A narrativa deste exame perante Anás não aparece nos sinóticos. Provavelmente teve lugar na residência de Anás. João relata um interrogatório perante Anás à noite e outro perante Caifás pela manhã. Entrementes, João consegue entrar no pátio (15) e faz com que Pedro o acompanhe. Interrogado, Pedro nega, três vezes, ser discípulo de Jesus (15,25,27). Jesus, examinado quanto às Suas doutrinas, afirma serem conhecidas por todos, dizendo: **Pergunta aos que ouviram** (21). Jesus é mal tratado por ter respondido a Anás, ex-sumo sacerdote, de uma maneira julgada insolente pelos guardas. Teria sido perfeitamente natural usar ainda o título de sumo sacerdote com referência a Anás (22). A réplica de Jesus é irrefutável (23). Dali, Jesus é enviado a Caifás. Pedro bem podia ter testemunhado quanto aos ensinamentos de Jesus, mas em vez disto, nega o seu Mestre (25-27).

>Jo-18.28

3. O JULGAMENTO CIVIL (#Jo 18.28-19.16) -Ver notas em #Mt 27.2-31; #Mc 15.1-20; #Lc 23.1-25. Após o Seu julgamento pelo sinédrio, na casa de Caifás, Jesus é levado ao **pretório**, na residência do governador. Os judeus permanecem do lado de fora, para não serem contaminados cerimonialmente antes de se celebrar a páscoa. Pilatos inquirir da acusação levantada contra Jesus (29). Os judeus tentam evitar uma resposta. Desejam que o governador confirme a sua decisão, mas Pilatos prefere deixar a responsabilidade com eles, tendo em vista a falta de uma acusação específica. Os judeus queriam apedrejar Jesus, se tivessem oportunidade, mas não podiam fazê-lo legalmente

(31). O fato de outras vítimas terem sido assassinadas pela população judaica não altera a lei. Às vezes, as autoridades romanas fechavam os olhos a tais crimes. Pilatos então interroga Jesus das acusações feitas contra Ele, dizendo: **És tu o rei dos judeus?** (33). Em resposta, Jesus lhe pergunta se as palavras representam o reconhecimento pessoal das Suas reivindicações como Rei, ou se ele está citando outros (34). Pilatos replica com desdém e com isto Jesus lhe anuncia o caráter do Seu reino (36). Não é deste mundo, nem é estabelecido por poderes naturais, sendo um reino espiritual cujo alicerce é a verdade. Note-se que Jesus, falando com o sumo sacerdote, se expressa nos termos escatológicos dos judeus, e falando com Pilatos, apela para a verdade. Pilatos despede Jesus com galhofa (38).

>Jo-18.38

Pilatos, saindo do pretório, dirige-se aos judeus e declara-se convencido da inocência de Jesus (38). Acomodando-se com a situação, sugere que Jesus seja solto e Barrabás guardado preso. Os judeus com gritos pedem que Barrabás seja solto (40). Pilatos procura salvar Jesus da pena de morte e, ao mesmo tempo, aplacar a fúria dos judeus, propondo uma pena mais leve. Falta-lhe a coragem de pôr Jesus em liberdade.

Jo-20.1

b) A ressurreição (Jo 20.1-31)

Ver notas em **#Mt 28.1-20**; **#Mc 16.1-20**; **#Lc 24.1-12**. As aparições de Jesus ressurreto são concentradas em Jerusalém. O evangelista seleciona algumas cenas que oferecem um palco mais apropriado para essas manifestações. As cenas são episódicas em forma.

1. O SEPULCRO VAZIO (**#Jo 20.1-10**) -O trabalho de embalsamento é suspenso durante o sábado, de modo que Maria Madalena chega ao sepulcro no primeiro dia da semana, na primeira páscoa cristã, e descobre a pedra removida da entrada. Conclui que o corpo foi retirado dali. É possível que ela tenha sido acompanhada por outras mulheres, e que se afastou delas mais tarde. Apressa-se por dar informações a Pedro e ao discípulo amado, que vêm correndo ao sepulcro. Os pormenores citados na narrativa sugerem as reminiscências de uma testemunha ocular. Quando Pedro entra no sepulcro, encontra os lençóis ainda conservando sua forma, devido aos bálsamos, mas o lenço usado com turbante na cabeça de Cristo deixado como invólucro,

cuidadosamente dobrado e posto ao lado. João também entra e compreende que Jesus já ressuscitou. Nenhum ladrão teria deixado os lençóis naquele estado. O prodígio máximo já ocorreu.

>Jo-20.11

2. JESUS APARECE A MARIA MADALENA (#Jo 20.11-18) -Maria volta ao sepulcro e permanece ali, chorando. Dois anjos se sentam onde o corpo jazia e perguntam-lhe: **por que choras?** Ela dá suas razões (13). Fala de maneira semelhante a outro que pensa ser o jardineiro. Ouvindo a menção do seu nome, ela reconhece o Senhor (16). Toca os Seus pés, mas o Senhor não permite nenhum outro contato. **Não me detenhas** (17). O original grego significa "não me toques mais". O Senhor explica a proibição no fato de Ele não ter subido ao Pai. Maria Madalena deve preparar-se para aquele evento e deixar de desejar uma aproximação apenas física com o Mestre. Com isto, Ele a encarrega com a responsabilidade de declarar aos discípulos Sua próxima glorificação, a qual será o penhor da dos Seus discípulos também. Quando Cristo convida aos onze que O toquem (#Lc 24.39) o original grego usa outro verbo, que significa "apalpar" mais do que "apegar". O motivo para tocar Cristo nos dois casos é bem diferente.

>Jo-20.19

3. APARIÇÃO AOS DISCÍPULOS (#Jo 20.19-23) -Os discípulos escondem-se em Jerusalém. O Senhor vem ao seu encontro, traspassando portas fechadas e se apresenta no meio deles, saudando-os com palavras de paz (19). Não era fantasma. Possuía o que Paulo chama de "um corpo glorificado" (#1Co 15.44). O relato é contado de tal maneira que o leitor reconhece o acontecimento como cumprimento das promessas de Jesus, feitas nos seus últimos discursos. Ele proporciona a prometida paz (#Jo 14.27) e torna realidade o gozo perfeito (#Jo 15.11). Envia-os para sua missão mundial e sopra sobre eles o Espírito Santo. O ato antecipa a descida real do Espírito no dia de Pentecostes. **Se de alguns perdoardes o pecado...** (23). Os comentaristas discordam se esta comissão se aplica somente aos discípulos ou a outros, também. Jesus confere-lhes o poder de perdoar ou de reter os pecados. Em virtude da sua íntima comunhão com Cristo, eles têm autoridade de agir em Seu nome; tornaram-se veículos do perdão divino e agentes ou da remissão, ou da retenção, do pecado. Este poder que lhes foi outorgado consiste em proclamar, com autoridade, o perdão mediante a morte vicária de Cristo. A autoridade de Cristo lhes é concedida pelo Espírito que mora neles. Esta autoridade não se

limita aos ministros consagrados da Igreja mas abrange toda a Igreja, que deriva sua autoridade do Espírito que vive nela e dos ensinamentos do Cabeça da Igreja.

>Jo-20.24

4. JESUS APARECE A TOMÉ (#Jo 20.24-31) -Jesus aparece outra vez aos seus discípulos e os saúda com Sua paz. Nesta ocasião, Tomé está presente. Este já anunciou que recusa crer na ressurreição sem ver o sinal dos cravos e da lança nas mãos e lado de Jesus. Jesus se manifesta, revelando os sinais da Sua paixão e convida Tomé que ponha o dedo nas Suas mãos e a mão no Seu lado. Desta feita, Tomé confessa com ardor sua fé, fazendo sua nobre declaração: **Senhor meu e Deus meu!** (28). A expressão não é dirigida ao Pai, como afirmam os unitarianos. Ao contrário, é a confissão de fé na divindade de Cristo, da parte de um cético famoso. A narrativa focaliza esta magnífica confissão e, em prosseguimento, anuncia a fé que nem precisa das evidências tangíveis da paixão. Jesus declara que a evidência registrada pelos sentidos é inadequada para sustentar fé: **Bem-aventurados os que não viram e creram** (29). O evangelista remata, declarando qual o propósito que inspira a obra (31), a saber, o de trazer o leitor, embora entre aqueles que "não o viram", à fé em Cristo. É vão o estudo deste Evangelho que não leve o leitor à fé na divindade de Cristo e à aceitação da vida eterna.

Jo-21.1

XI. EPÍLOGO Jo 21.1-25

Muitos comentaristas duvidam que este último capítulo seja da pena do evangelista João. Trata-se claramente de um apêndice à obra. Entretanto, a semelhança de teor, de estilo literário e de estrutura, entre ele e os demais capítulos da obra, apóiam decididamente a autoria única.

a) Jesus aparece no Mar de Tiberíades (Jo 21.1-14)

A semelhança entre este passo e #Lc 5.1-11 não implica necessariamente que João aproveitou a narrativa de Lucas. Seguindo a sugestão de Pedro, seis discípulos, inclusive Tomé, Natanael, os filhos de Zebedeu e mais dois cujos nomes não são mencionados, passam a noite toda pescando no mar de Tiberíades sem apanhar coisa alguma. De madrugada, Jesus aparece na praia e dirige-se afetuosamente aos discípulos: "Filhos, tendes aí alguma coisa de

comer?" (5). Quando respondem que não, Ele manda lançar a rede à direita do barco. A mera obediência à Sua palavra produz resultados além das expectativas. Com isto, o "discípulo amado" reconhece o Senhor e informa Pedro, que logo lança-se ao mar (7). Os outros chegam para achar uma refeição já pronta, e recebem a ordem de trazer dos peixes apanhados. Pedro arrasta a rede para a praia e Jesus convida-os, dizendo: **Vinde, comei** (12). Esta era a terceira vez que Jesus se manifestou aos discípulos. As duas outras ocasiões são citadas em **#Jo 20.19** e segs. e **#Jo 20.26** e segs. O milagre da pesca tem o objetivo de ensinar as condições únicas em que os discípulos, como pescadores de homens, poderão fazer a obra.

>Jo-21.15

b) A comissão de Pedro (Jo 21.15-23)

A figura do pescador e dos peixes é agora substituída no ensino do Senhor pela do pastor e das ovelhas e a mudança marca a extensão da missão dos discípulos. Pedro negou o Mestre três vezes. Agora Jesus o obriga a afirmar três vezes o seu amor. **Amas-me...?** (15). No original grego, o verbo é **agapao**, que sugere amor que envolve uma escolha deliberada. Na sua resposta, Pedro usa o verbo **phileo**, uma forma inferior de amor, que corresponde a "gosto de". No vers. 17, Jesus emprega o verbo **phileo**, "Gostas de mim?". Pedro se entristece com esta pergunta. A diferença nos verbos mostra que o Senhor exigiu menos de Pedro a segunda vez. Note-se também a crescente humildade de Pedro. Entretanto, às vezes os dois verbos são usados como sinônimos. O Senhor ordena que Pedro pastoreie Seus cordeiros (gr. **probatia**).

>Jo-21.20

Pedro interroga o Senhor quanto ao futuro do "discípulo amado", o qual na ceia reclinara sobre o peito de Jesus (20), mas Jesus repreende-o. A responsabilidade de Pedro é seguir ao Senhor, que diz do discípulo amado: **Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?** Este dito foi interpretado pelos apóstolos que João não ia morrer. O autor procura corrigir o mal-entendido neste epílogo. Alguns sustentam que João já tinha morrido e que o escritor do trecho estava querendo reconciliar o fato da morte de João com a suposta predição de Sua imunidade à morte.

>Jo-21.24

c) Conclusão (Jo 21.24-25)

Os dois últimos versículos foram acrescentados por pessoas anônimas, que asseveram que "o discípulo que dá testemunho a respeito destas cousas" é o autor deste Evangelho (24). Este discípulo é um dos sete que saíram para pescar (2); também é conhecido como o discípulo a quem Jesus amava (20). **Sabemos que o seu testemunho é verdadeiro** (24). A quem se deve atribuir este testemunho adicional? Muitos, inclusive Lightfoot, identificam o grupo mais íntimo do colégio apostólico, enquanto outros optam pelos anciãos em Éfeso, associados com João e sua obra. Mais outros sustentam que o próprio João está falando em nome de todos. Os leitores são lembrados que o quarto Evangelho é limitado quanto aos dados. O vers. 25 não é exagero retórico, mas a franca confissão das limitações literárias de quem empreendeu uma tarefa tão vasta. No mundo inteiro não caberiam os volumes necessários para narrar tudo a respeito do evento encarnado da redenção, que teve suas origens no eterno propósito de Deus. Este último versículo foi omitido no texto preparado por Tischendorf, mas a omissão foi combatida com êxito. Não há evidência documentada para tal omissão.

A. J. MACLEOD

OS ATOS DOS APÓSTOLOS

INTRODUÇÃO

Ver também o Artigo Geral, "A Igreja Primitiva"

O livro dos Atos é continuação do terceiro Evangelho, escrito pelo mesmo autor, Lucas, o médico amado e companheiro do apóstolo Paulo (cfr. [#Cl 4.14](#)). A evidência externa de vários escritores, do segundo século em diante, é unânime e suficiente sobre este ponto, e a evidência interna do estilo, perspectiva e assunto dos dois livros é igualmente satisfatória.

Atos, como o terceiro Evangelho, é dedicado a um certo Teófilo (cfr. [#Lc 1.3](#) com [#At 1.1](#)). O terceiro Evangelho é o "primeiro tratado", como se lê na sentença inicial de Atos. Teófilo parece ter sido pessoa de certa distinção, à vista do tratamento que Lucas lhe dá-"excelentíssimo" -atribuído alhures aos governadores romanos da Judéia ([#At 23.26](#); [#At 24.3](#); [#At 26.25](#)). Ele já havia recebido alguma informação a respeito da fé cristã, e foi para lhe fornecer uma explicação mais precisa de sua fidedignidade que Lucas, em primeiro lugar, escreveu a história dos primórdios do Cristianismo, começando do nascimento de João Batista e de Jesus (cerca de 8-6 A. C.) até o fim dos dois anos de prisão de Paulo em Roma (cerca de 61 A. D.).

Assim, Lucas e Atos não são realmente dois livros, porém duas partes de uma obra só. O breve preâmbulo do Evangelho ([#Lc 1.1-4](#)) intencionalmente se aplica a ambas. Alguns eruditos têm sugerido que Lucas projetou escrever um terceiro volume, mas os argumentos que alinham em abono dessa idéia não são conclusivos.

I. DATA

A data dessa obra dupla é matéria discutida; alguns a colocam em 90 A. D., mas o peso da evidência parece-nos favorecer uma data anterior, provavelmente não muito depois do último fato narrado em Atos. O livro de Atos termina com uma nota de triunfo, como já tantas vezes se tem feito notar: Paulo proclamando o Evangelho em Roma, no coração do Império, sem impedimento algum. Contudo, mesmo assim, não é fácil crer que Lucas nada mais dissesse quanto ao que aconteceu a Paulo mais tarde, se de fato escreveu após a morte do apóstolo. Parece também provável que ele escreveu antes de dois importantes acontecimentos-o Grande Incêndio de Roma, em 64 A. D.,

seguido da perseguição aos cristãos por Nero, e a guerra judaica, em 66-70 A. D., que culminou na destruição de Jerusalém e do templo, com o que se extinguiram o sacerdócio e o culto judaicos. É difícil pensar que a atmosfera de Atos fosse exatamente aquela que se retrata neste livro, se ao tempo de sua redação esses eventos históricos já houvessem ocorrido, ao invés de ainda estarem no futuro.

Logo no início do segundo século, os quatro Evangelhos que, até então, haviam circulado separadamente, começaram a aparecer juntos numa só coleção. Isto fez que se separassem as duas partes da história de Lucas. A segunda parte logo começou a circular independentemente, sob o título de "os Atos dos Apóstolos". Existe alguma evidência textual de que a separação das duas partes motivou ligeira adaptação no fim de Lucas e no começo de Atos. Possivelmente por essa época, a primeira parte (Lucas) foi rematada com o acréscimo das palavras "sendo elevado para o céu" (#Lc 24.51), o que naturalmente causou a adição das palavras "foi elevado às alturas", em #At 1.2. Se isto é fato, algumas discrepâncias que têm sido notadas entre as duas narrativas da ascensão, como vêm em Lucas e em Atos, desaparecem, porque neste caso não teria havido nenhum registro desse fato no primeiro deles (Lucas).

II. LUCAS, MÉDICO

Lucas mesmo não acompanhou pessoalmente a Jesus nos dias de Sua vida terrena. Segundo uma tradição primitiva, fortemente apoiada de vários modos, ele era natural de Antioquia da Síria, e neste caso podemos concluir que suas primeiras relações com o Cristianismo dataram do início do testemunho cristão naquela cidade, quando o Evangelho pela primeira vez foi pregado em larga escala aos gentios, estabelecendo-se ali a primeira igreja gentílica. Porquanto parece que Lucas era gentio. Em #Cl 4.10 e seg. Paulo envia saudações de três amigos-Aristarco, Marcos e Jesus, conhecido por Justo -dizendo serem estes seus únicos cooperadores judeus. E como continua no vers. 14 a enviar saudações de mais três-Epafras, Lucas e Demas-concluimos que estes eram cristãos gentios.

Há vários traços nesta história de Lucas que denunciam nele mentalidade de grego. Sir William Ramsay sugeriu que ele foi irmão de Tito e, se tal sugestão pode ou não ter seu fundamento em #2Co 8.17-19 (Orígenes entendia que o irmão aí referido, "cujo louvor no Evangelho está espalhado por todas as igrejas", era Lucas), pelo menos é uma possibilidade. Lembramo-

nos que Tito também era grego, de Antioquia (#Gl 2.1-3) e que, embora se evidencie das epístolas que ele desempenhou papel muito importante entre os companheiros de Paulo, nunca entretanto é mencionado em Atos.

III. FONTES DE INFORMAÇÃO

Quais, então, foram as fontes de informação a que Lucas recorreu, ao traçar acuradamente o curso de todos os acontecimentos, desde o princípio? Naturalmente ele presenciou alguns fatos narrados em Atos. Isto ele indica, sutil mas inequivocamente, quando passa de repente da terceira pessoa para a primeira do plural, em #At 16.10; #At 20.5; #At 27.1, três versículos que assinalam o começo do que chamamos seções do "pronomes nós". E como a maior parte da segunda metade de Atos, fora mesmo as ditas seções, é dedicada à atividade de Paulo, o médico amado do apóstolo teve muitas oportunidades de colher informações de primeira mão acerca dos supra-referidos acontecimentos.

Teve possivelmente muitos outros informantes sobre os primeiros dias de vida da Igreja, antes da conversão de Paulo, tanto quanto acerca de fatos narrados no seu Evangelho. Sendo natural de Antioquia, devia ter entrado em contato com muitos que lhe puderam contar a respeito desses primórdios, como Barnabé e possivelmente Pedro (cfr. #Gl 2.11); e teve oportunidades especiais de ampliar seus conhecimentos durante os dois anos que Paulo esteve detento em Cesaréia (#At 24.27). Aí vivia Filipe, o evangelista, com suas quatro filhas profetisas, mencionadas, por escritores que vieram depois, como informantes acerca de pessoas e fatos da novel Igreja. Em Jerusalém, Lucas hospedou-se em casa de Mnason, um dos primeiros discípulos (#At 21.16), avistou-se com Tiago, irmão do Senhor, e alguns supõem que ele entrou em contato até com Maria, mãe de Jesus, dela ouvindo a história da natividade, por ele narrada no início do seu Evangelho.

IV. COMPOSIÇÃO

Provavelmente empregou boa parte dos dois anos passados em Cesaréia pondo em ordem o material assim coligido. E quando acompanhou Paulo a Roma, pode ter encontrado lá outros informantes. Uma vez pelo menos, durante a prisão do apóstolo em Roma, Marcos e Lucas lhe fizeram companhia. Alguns têm sustentado, à vista de evidência interna, que Lucas ampliou o que já houvera coligido com informações prestadas por Marcos, cujo Evangelho, baseado na pregação de Pedro, alguns escritores antigos

dizem ter aparecido em Roma. Este parecer, visto afetar o terceiro Evangelho, é conhecido por hipótese Proto-Lucas, mas pode bem ser que Lucas deveu a Marcos também algumas informações contidas nos primeiros capítulos de Atos.

V. CARÁTER HISTÓRICO

As fontes de informação a que Lucas recorreu eram de valor insuperável e ele bem soube usá-las. A obra que daí resultou é uma maravilha de exatidão histórica. Diferentemente de outros historiadores do Novo Testamento, ele ajusta suas narrativas ao quadro dos acontecimentos contemporâneos do Império. É o único escritor neotestamentário que menciona tantas vezes nome de imperador romano. Suas páginas estão repletas de referências a governadores de província e reis clientes. O historiador que procede assim deve fazê-lo cuidadosamente, se não quiser correr o risco de ser inexato. Lucas suporta galhardamente o exame mais acurado. O que mais tem impressionado os críticos é o conhecimento perfeito por ele revelado de uma multiplicidade de títulos usados por funcionários do império, em cidades e províncias, empregando-os sempre com acerto. Quase de espantar é o modo ágil como, em poucas pinceladas, ele expressa o colorido local exato das mais diferentes localidades mencionadas em sua narrativa.

A defesa mais pormenorizada e completa da exatidão histórica dos escritos de Lucas foi feita, como bem se sabe, por Sir William Ramsay, que dedicou muitos anos a pesquisas arqueológicas intensas na Ásia Menor. Quando, no fim do século passado, ele para lá se dirigiu pela primeira vez, tinha como verídica a teoria de Tübingen então corrente, de que os Atos eram produção tardia e lendária dos meados do segundo século. Não foram interesses apologéticos, mas a evidência oferecida pela arqueologia que o compeliu a reconhecer que os escritos de Lucas refletem as condições, não do segundo século, mas do primeiro, que eram muito diferentes, e as refletem com inexcedível exatidão. Ramsay resume as qualidades de Lucas como historiador nas seguintes palavras:

"A história de Lucas não pode ser igualada quanto à sua fidedignidade... Lucas é um historiador de primeira ordem: não apenas suas declarações de fato são dignas de confiança: ele possui o verdadeiro senso histórico; fixa sua mente na idéia e no plano dominantes na evolução da história; e acerta sua maneira de tratar os incidentes, regulando-a com a importância de cada um deles. Toma os eventos importantes e críticos, e mostra minuciosamente sua

verdadeira natureza, enquanto por outro lado refere ao de leve ou omite de todo muita coisa que não tem importância ao fim que tem em vista. Em suma, este autor deve figurar entre os maiores historiadores"... ([The Bearing of Recent Discovery on the Trustworthiness of the New Testament](#) (1915), págs. 81, 222).

A tese de Ramsay é frequentemente havida como exagerada, porém estudantes de Atos que ignoram as contribuições dele, únicas no gênero, ao estudo desse livro, privam-se a si e a seus alunos de um cabedal de saber. "Todo leitor do livro [St. Paul the Traveller](#) conhece com que riqueza de minúcias Ramsay expõe o valor histórico de inúmeras passagens de Atos" (W. F. Howard, [The Romance of New Testament Scholarship](#) (1949), pág. 151).

Um ilustre contemporâneo de Ramsay, que também fez muito, de um ponto de vista bem diferente, para firmar o valor histórico dos escritos de Lucas, foi Adolf von Harnack, de Berlim. (Vejam-se os seus livros [Luke the Physician](#) (1907), [Acts of the Apostles](#) (1909), [Date of the Acts](#) (1911)).

VI. A ATMOSFERA PALESTINENSE DOS PRIMEIROS CAPÍTULOS

Os primeiros capítulos de Atos refletem uma atmosfera diferente daquela do fim do livro. Quando Paulo sai pelo mundo, em suas viagens missionárias, a gente sente e respira o ar fresco dos espaços amplos do império romano; mas no princípio do livro o escritor lida com acontecimentos de Jerusalém e de outras partes da Palestina, percebendo-se em muitas localidades uma atmosfera nitidamente semítica. Algumas partes desses primeiros capítulos oferecem acentuada evidência lingüística de terem sido traduzidas de fontes aramaicas para o grego. Com efeito, o eminente professor C. C. Torrey, de Yale, autoridade em línguas semíticas, escreveu um livrinho [The composition and Date of Acts](#) (1916) para provar que toda a parte de Atos do princípio até ao vers. [#At 15.34](#) foi traduzida de um único documento aramaico. Embora haja-se excedido nessa afirmativa, amontoou algumas evidências de peso quanto à origem aramaica de muita coisa nesses capítulos, especialmente nos relatos da pregação apostólica.

VII. INTERESSE APOLOGÉTICO

Embora o principal e declarado objetivo da história de Lucas seja apresentar a Teófilo uma narrativa fidedigna da origem do Cristianismo,

outros alvos podem ser descobertos. Um deles, aliás patente, é demonstrar que o movimento cristão não se constituía ameaça à lei e à ordem no império romano. E demonstra-o citando os testemunhos de representantes do governo imperial. Como Pilatos declara nosso Senhor isento de culpa no tocante às três acusações que lhe fizeram de rebelião, sedição e traição (#Lc 23.4,14,22), assim, quando acusações semelhantes são feitas aos Seus seguidores, Lucas mostra que não são bem sucedidas. É verdade que os pretores de Filipos prendem Paulo e Silas por ameaçarem a propriedade alheia, porém logo mais os soltam, desculpando-se humildemente por seu arbitrário excesso de jurisdição. (#At 16.19 e segs., #At 16.35 e segs.). Os politarcas de Tessalônica alegram-se por encontrar cidadãos naquela cidade que sirvam de fiadores da boa conduta dos missionários (#At 17.6-9). Gálio, procônsul da Acaia e irmão do influente Sêneca, que foi tutor e consultor de Nero no início do governo deste, recusa ouvir as acusações feitas a Paulo pelos judeus coríntios, reconhecendo não serem acusações de que as leis romanas pudessem conhecer, senão questões particulares da teologia judaica (#At 18.12-17). Em Éfeso, Paulo goza da boa vontade dos asiarcas, principais das cidades da Província da Ásia (#At 19.31). E quando um tumulto se levanta pelo alarido de interesses particulares *versus* a ameaça implícita do Cristianismo ao culto da Ártemis efésia, o escrivão da cidade testifica que Paulo e seus companheiros não são réus de nenhum crime com relação ao culto da grande deusa (#At 19.35-41). Em Jerusalém, inimigos acérrimos de Paulo fazem o que podem para conseguir sua condenação pelos governadores romanos Félix e Festo, com notável fracasso; Festo e o minúsculo rei Agripa II concordaram que o apóstolo não cometera ofensa digna de morte ou prisão, e que podia ser solto não fora, a fim de assegurar um julgamento imparcial do que aquele que temia receber na Palestina, haver apelado para o supremo tribunal do Imperador em Roma (#At 26.32). E os Atos concluem com uma nota de triunfo, é verdade apresentando Paulo preso, porém a continuar sua obra missionária, sem ser molestado, na própria Cidade Imperial. É improvável que essa nota triunfante fosse tão sem reservas como é, se Lucas houvesse escrito após o desencadeamento da perseguição neroniana ou a execução de Paulo.

VIII. OPOSIÇÃO JUDAICA

Não se pode negar, entretanto, que dificuldades surgissem, aonde quer que Paulo e seus companheiros se encaminhassem. Se o novo movimento era realmente tão inocente como Lucas sustenta, por que invariavelmente se cercava de tanta agitação? Excetuando o incidente de Filipos e o tumulto de Éfeso, Lucas explica essa perturbação, atribuindo-a à oposição instigada em

quase toda parte pelos judeus. No Evangelho é o Sinédrio judaico, dirigido pelos principais sacerdotes saduceus, que prevalece contra o desejo de Pilatos, de declarar Jesus inocente, e força-o a condenar o Mestre. Assim nos Atos são os judeus os mais rancorosos inimigos do Evangelho em quase todos os lugares visitados por Paulo. Em Damasco, Jerusalém, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra, Tessalônica, Beréia, Corinto são seus próprios patrícios que opõem os maiores entraves ao seu trabalho. Ressentem-se profundamente do modo como Paulo, segundo lhes parece, penetra nos seus domínios, visitando as sinagogas e atraindo a si aqueles gentios que ali assistem ao culto e que, conforme os judeus esperam, tornar-se-ão um dia prosélitos de sua religião. O grosso dos judeus, em todas as cidades a que Paulo se dirigia, não considerava Jesus como o Messias, e enfurecia-se quando os gentios O aceitavam. E enquanto os Atos registram o avanço firme do Evangelho nas grandes comunidades gentílicas do Império, relatam ao mesmo tempo a rejeição dele, cada vez maior, por parte da nação à qual primeiro era ele oferecido.

IX. ÊNFASE TEOLÓGICA

Do ponto de vista teológico, o tema dominante de Atos é a obra do Espírito Santo. Logo no início, o Senhor ressuscitado promete enviá-lo, promessa que para os judeus se cumpre no capítulo 2, e para os gentios no capítulo 10. Os apóstolos proclamam sua mensagem no poder do Espírito, manifesto por sinais externos sobrenaturais; a aceitação dessa mensagem pelos convertidos é de igual modo acompanhada de manifestações visíveis do poder do mesmo Espírito. Isto provavelmente explica o que alguns têm achado ser uma dificuldade nos Atos- que o Espírito é recebido por alguns crentes após o arrependimento e o batismo (como foi o caso dos judeus que creram, no dia de Pentecostes, #At 2.38); por alguns depois do batismo e a imposição das mãos de apóstolos (como no caso dos samaritanos, #At 8.15 e segs. e os discípulos de Éfeso, #At 19.6), e por outros imediatamente ao ato de crer, antes do batismo (como foi o caso dos familiares de Cornélio, #At 10.44). O de que Lucas está cogitando, em cada caso, não é tanto a operação invisível do Espírito na alma, como é Sua manifestação exterior no falar línguas e profetizar.

Com efeito, o livro inteiro bem podia chamar-se, como o Dr. Pierson o fez no título de sua exposição, "Os Atos do Espírito Santo". O Espírito de Deus dirige toda a obra; guia os mensageiros, tais como Filipe no cap. 8, e Pedro no cap. 10; dirige a igreja de Antioquia na separação de Barnabé e Saulo para a obra a que os chamara (#At 13.2); encaminha-os de lugar a lugar,

impedindo-os de pregar na Ásia ou de entrar na Bitínia, porém dando-lhes indicações precisas da necessidade de atravessarem o mar na direção da Europa (#At 16.6-10); é mencionado com preeminência na carta do Concílio dos Apóstolos às igrejas da Síria e Cilícia: "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós" (#At 15.28). Fala mediante profetas, predizendo por exemplo a fome dos dias de Cláudio, e a prisão de Paulo em Jerusalém (#At 11.28; #At 21.11), assim como falou pelos profetas nos dias do Velho Testamento (#At 1.16; #At 28.25). É Ele quem primeiro designa os anciãos de uma igreja, para supervisioná-la (#At 20.28). Pode-se mentir a Ele (#At 5.3), pode-se tentá-LO (#At 5.9) e a Ele resistir (#At 7.51). É Ele a primeira Testemunha da verdade do Evangelho (#At 5.32).

X. O ELEMENTO MIRACULOSO DO LIVRO

Tem-se argüido contra Lucas o mostrar-se tão apaixonado de milagres. Esta objeção tem pouco valor para os que aceitam a origem sobrenatural do Cristianismo. Lucas não relata milagres pelo simples gosto do miraculoso; para ele, como para os outros evangelistas, os milagres são importantes por serem sinais tanto quanto prodígios-sinais, isto é, da inauguração da Nova Era, sinais do Ministério messiânico de Jesus. Porque assim como Jesus nos Evangelhos realiza estes sinais e obras poderosas em Sua própria Pessoa, assim é Ele quem, nos Atos, realiza-os do céu por Seu Espírito em Seus representantes, agindo estes em Seu Nome e por Sua autoridade.

Vale notar, outrossim, que o elemento miraculoso não surge a esmo pelo livro: é mais acentuado no princípio do que no fim, e é isto mesmo que devemos esperar. "Temos assim uma redução firme da ênfase sobre o aspecto miraculoso da obra do Espírito, que corresponde à sua elucidação e progresso nas epístolas paulinas; parece razoável supor que Lucas reproduz aqui suas fontes de informação com fidelidade" (Cfr. W. L. Knox, *The Acts of the Apostles* (1948), pág. 91).

Quando consideramos quão escasso é o conhecimento que temos do progresso do Cristianismo em outras direções, durante os anos 30-60 A.D., e em todas as direções durante as décadas que se seguiram àqueles trinta anos, podemos avaliar quanto devemos aos Atos o conhecimento relativamente minucioso que temos de sua expansão ao longo da estrada de Jerusalém a Roma durante o período da mesma.

At-1.1

I. O NASCIMENTO DA IGREJA At 1.1-5.42

a) Os quarenta dias e depois (At 1.1-26)

Nos primeiros cinco capítulos temos uma série de cenas, ou retratos em miniatura, da primitiva comunidade cristã de Jerusalém. Começa o livro no ponto em que o Evangelho de Lucas terminou, com o Senhor ressuscitado aparecendo aos discípulos, a intervalos, durante quarenta dias, ordenando-lhes que esperem em Jerusalém até que recebam poder celestial, para depois agirem como Suas testemunhas naquela cidade, na Judéia e Samaria, até aos confins da terra. Já se tem dito que esta indicação geográfica tríplice (#At 1.8) constitui-se uma espécie de índice do Esboço de Atos, visto ser essa a ordem em que Lucas descreve a propagação do Evangelho. As palavras de Cristo **Sereis minhas testemunhas** são dignas de nota por serem citadas de #Is 43.10. A inferência é que essas palavras do grande profeta do Velho Testamento se cumprem nos discípulos de Jesus; eles formam o remanescente do antigo Israel e o núcleo do novo.

Vem depois a narrativa da ascensão, após o que os discípulos em número de 120, aguardam em Jerusalém o cumprimento da promessa do Espírito, e nesse ínterim preenchem a vaga deixada no colégio dos doze com a deserção de Judas, cuja queda eles vêem predita no Velho Testamento (cfr. #Mt 27.9 e seg.; #Jo 17.12).

O primeiro livro (#At 1.1), isto é, o terceiro Evangelho, também endereçado a Teófilo (#Lc 1.3). Quem era esse **Teófilo** não podemos dizer ao certo, senão que parece ter sido um cidadão romano de categoria eqüestre, e possivelmente exercia cargo administrativo, como sugere o título "excelentíssimo" (#Lc 1.3). **Tudo quanto Jesus começou tanto a fazer como a ensinar** (1). Visto como o assunto do terceiro Evangelho é sumariado assim, a inferência é que este novo volume vai tratar do que Jesus continuou a fazer e a ensinar após Sua ascensão-pelo Seu Espírito em Seus seguidores. **Sendo visto por eles por espaço de quarenta dias** (3). Daí vem que no calendário cristão o dia da ascensão cai no quadragésimo dia depois da páscoa. Contudo a exaltação de Jesus à direita de Deus, que é o fato comemorado realmente no dia da ascensão, não esperou, para consumir-se, esse quadragésimo dia após Seu triunfo sobre a morte. Na primitiva pregação apostólica a ressurreição e a ascensão, as quais em conjunto constituem a exaltação de Cristo são encaradas

como um movimento contínuo. O quadragésimo dia apenas marcou a última vez que Ele desapareceu da vista dos discípulos, depois de uma aparição como ressuscitado: a série de visitas freqüentes, se bem que intermitentes, chegava agora ao fim com uma cena que os convenceu da glória celestial do seu Mestre. Não devemos imaginar que os intervalos entre essas aparições Ele os passou limitado a alguma condição terrena. **As coisas concernentes ao reino de Deus** (3). Esta curta declaração foi desenvolvida pelos gnósticos de modo a representar Jesus a transmitir doutrina esotérica, qual a que as escolas deles mantinham. Todavia "o reino de Deus concebe-se que é vindo nos eventos da vida, morte e ressurreição de Jesus; proclamar tais fatos, em seu devido lugar ou ambiente, é proclamar o Evangelho do Reino de Deus" (C. H. Dodd). Não há dúvida que a relação que a paixão e a vitória de Jesus tinham com a mensagem do reino foi agora patenteada aos discípulos. **Vós sereis batizados com o Espírito Santo** (5). Cfr. a pregação de João Batista em **#Mc 1.8**. **Assim virá** (11). Possivelmente com referência particular **à nuvem** (9); cfr. **#Lc 21.27** (**#Mc 13.26**); **#Mc 14.62**. A lista dos apóstolos no vers. 13 concorda com a de **#Lc 6.14** e segs., variando algo na ordem, e omitido aqui o nome de Judas Iscariotes.

>At-1.18

Ora, este homem (18). Os vers. 18 e 19 devem ser considerados como um parêntese de Lucas, não como parte das palavras de Pedro aos seus condiscípulos. **Precipitando-se** (18), ou "intumescendo-se". **Campo de Sangue** (19). Cfr. **#Mt 27.8**.

>At-1.20

As citações do vers. 20 são feitas dos **#Sl 69.25**; **#Sl 109.8**. **Começando no batismo de João...** (22). Este período é o do ministério público de Jesus, abrangido pela pregação apostólica (cfr. **#At 10.37**) e pelo Evangelho de Marcos. A qualificação principal é que o novel apóstolo seja, entre os doze, **testemunha... da sua ressurreição** (22). **José, chamado Barsabás** (23). A seu respeito Pápias relata, louvando-se na autoridade das filhas de Filipe, que ele, bebendo veneno de cobra nada sofreu (cfr. **#Mc 16.18**). **Matias** (23). Não há mais notícia dele a que se deva atenção. **Lançaram em sortes** (26). Seleção deliberada e oração tiveram seu lugar nessa nomeação tanto quanto o sorteio. Esta era uma instituição sagrada no antigo Israel um meio muito em voga de se descobrir com certeza a vontade divina (cfr. **#Pv 16.33**) sendo de fato o princípio de decisão aplicado no caso do Urim e Tumim. Esta é a primeira e

última ocasião do emprego do sorteio pelos apóstolos; pertence-o que é bem digno de nota ao período entre a ascensão e o Pentecostes; Jesus se ausentara e o Espírito Santo ainda não tinha vindo. Contudo se há melhores meios de se designarem homens competentes para as responsabilidades eclesiásticas há também os piores. Foi contado com os onze apóstolos (26). A idéia de que Paulo fora divinamente indicado para ser o décimo segundo, e de que os apóstolos previram erradamente o plano de Deus, mostra uma má compreensão do caráter único do apostolado de Paulo.

At-2.1

b) O dia de Pentecostes (At 2.1-13)

O dia de Pentecostes, a festa das semanas (cfr. #Lv 23.15; #Dt 16.9), que caía no quinquagésimo dia após a páscoa, encontrou a pequena comunidade reunida. Subitamente eles foram dominados pelo Espírito Santo, que desceu do céu, enquanto sinais audíveis e visíveis acompanharam a efusão do prometido Dom celestial. Houve um som, como de um vento impetuoso (2); apareceram, distribuídas, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles (3). Mais impressionante, porém, foi prorromperem todos em falas diferentes, ouvindo-se os discípulos a louvar a Deus em línguas e dialetos diversos do seu aramaico galileu, mas reconhecíveis pelos visitantes, forasteiros, que falavam alguns deles. A maioria desses visitantes falaria o dialeto grego comum (o *koiné*), exceto os das partes orientais (Pártia, Média, Pérsia, Mesopotâmia, Síria) que falariam dialetos aramaicos.

>At-2.5

Estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, de todas as nações debaixo do céu (5). Segundo tradição rabínica, a festa das semanas era o aniversário da outorga da lei do Sinai, sendo que, quando isso se deu, a voz de Deus foi ouvida por todas as nações da terra (setenta ao todo, na estimativa rabínica). Contudo, os gentios não são visados agora, aqui; mesmo que, à semelhança do Códice Sináítico, omitamos neste verso a palavra *judeus*, o termo *piedosos* (gr. *eulabes*) usa-se no Novo Testamento somente no caso dos judeus. São visados, aqui, judeus de todas as terras da Dispersão. Ouvimo-los falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus (11). Provavelmente está na mente do narrador a rescisão da maldição de Babel.

>At-2.14

c) A pregação apostólica (At 2.14-36)

O dialeto galileu era tão característico e difícil de ser entendido pelos não-galileus que o fato de os discípulos deixarem as peculiaridades de sua fala local e de súbito se capacitarem a falar em línguas compreendidas pelas multidões heterogêneas, então em Jerusalém, não pode escapar de ser notado. Quando as atenções ficaram presas desse modo, Pedro aproveitou a oportunidade para se levantar com os outros apóstolos e dirigir a palavra a todos que estavam ao alcance de sua voz (14). Vale notar as palavras do seu discurso, porque mostram a forma regularmente adotada na pregação apostólica primitiva, ou o **Kerygma**, o modelo ou esboço que também pode ser traçado como a estrutura original de nossa tradição evangélica. Esse modelo apresenta quatro principais aspectos: primeiro, uma narração do ministério público e dos sofrimentos de Jesus; segundo, o atestado divino de Seu Ministério messiânico que a ressurreição oferece, da qual o orador afirma ser testemunha ocular; terceiro, "testemunhos" do Velho Testamento, provando ser Jesus o Messias; e por fim exortação ao arrependimento e à fé.

Estes aspectos podem ser observados bem claramente no discurso de Pedro, proferido quando os fatos que culminaram na crucificação estavam vivos na memória dos ouvintes. Tem-se comentado muitas vezes a mudança operada nesse apóstolo desde a noite da traição. Aqui ele acusa seus ouvintes, abertamente, do crime de haverem entregue seu Messias "por mãos de iníquos" (isto é, os romanos), levando-O à morte.

>At-2.16

É impressionante o uso que Pedro faz dos testemunhos do Velho Testamento: declarando **é o que foi dito** (16), proclama que o tempo, de que testificaram os profetas, chegou. Por exemplo, as palavras do **#Sl 16.10**, "Não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção", atribuídas a Davi pelos textos hebraico e dos Setenta, não podem-argumenta ele -referir-se a Davi porque todo o mundo sabe que este morreu, sua alma **foi deixada** no Seol, habitação dos mortos, e seu corpo experimentou de fato corrupção. A quem, pois, se referem tais palavras? Não a Davi, mas Àquele por ele prefigurado, "o Filho maior do grande Davi", o Rei Messias.

Até este ponto qualquer rabino de Jerusalém teria concordado com Pedro. Mas, prossegue ele, só houve uma Pessoa de quem verdadeiramente se podia

dizer aquilo-Jesus de Nazaré; porque apesar de ter morrido (como todos sabiam), Sua alma não foi deixada no Hades, nem Sua carne sofreu corrupção. Levantou-se dos mortos, acrescentando Pedro -"do que todos nós somos testemunhas"; "vimo-IO vivo". Portanto, Jesus Nazareno, crucificado pelos homens, levantado dentre os mortos por Deus, é o verdadeiro Messias; a pedra que os edificadores rejeitaram veio a ser cabeça de esquina. Mais tarde vemos Paulo, em Antioquia da Pisídia, argumentando deste modo; baseado no [#Sl 16](#) ([#At 13.35-37](#)). Jesus, porém, não apenas morreu e ressurgiu; Ele também ascendeu ao céu; Pedro e seus companheiros viram-no subir. Nisto foi cumprido outro Salmo davídico, o 110, "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés". Quem foi elevado à direita de Deus? Não foi Davi, mas o Rei Messias. Que este Salmo era interpretado messianicamente naquele tempo vê-se claro do incidente narrado em [#Mt 22.41](#) e segs. Também isto correspondia aos fatos reais acerca de Jesus Nazareno. Ele era, portanto, indubitavelmente Senhor e Messias.

[O profeta Joel](#) (16). A citação é feita de [#Jl 2.28-32](#). Os fenômenos físicos dos vers. 18 e 19 podem ter trazido à lembrança dos ouvintes as trevas estranhas da tarde de Sexta Feira da Paixão e o mais que se lhes seguiu.

>At-2.17

>At-2.37

d) A primeira igreja cristã (At 2.37-47)

Convencida pela força do argumento de Pedro, a multidão foi acutilada por sua própria consciência. Vendo-se culpados do sangue do Ungido do Senhor, exclamaram: "Que faremos, irmãos?" ouvindo de Pedro a garantia de que o perdão e o dom do Espírito Santo lhes seriam concedidos por Deus se se arrependessem e fossem batizados no Nome de Jesus como Messias. Aquela geração, de um modo geral, provara-se perversa, contudo havia um lugar para um remanescente fiel. Havendo antes citado, de [#Jl 2.32](#), as palavras [Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo](#) (21), Pedro agora insta com os seus ouvintes que se salvem daquela geração perversa. Tão eficaz foi sua exortação que três mil creram nas boas novas e foram batizados, formando assim a primeira igreja cristã.

Segue-se um quadro da primitiva comunidade cristã, reunida diariamente em várias casas para partir o pão, acorrendo ao templo (aparentemente se reunia na colunata chamada de Salomão, a julgarmos de #At 3.11 e #At 5.12), aderindo ao ensino e à companhia dos apóstolos, aumentando em número cada dia, louvando a Deus e gozando da simpatia de todo o povo. Os milagres que, operados antes por Jesus em pessoa, foram "sinais" do advento da era messiânica, continuaram a ser operados por Ele, lá do céu, mediante Seus discípulos, agindo estes no Seu Nome, fornecendo assim uma prova adicional de que o reino divino tinha invadido a era presente, porque essas obras poderosas eram, de fato, "poderes da era por vir". **Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado** (38). Este mandamento parece que não causou surpresa aos ouvintes de Pedro, os quais provavelmente estavam já familiarizados com a prática do batismo. O batismo cristão, como o de João, é batismo em água, acompanhado de arrependimento, mas administrado no Nome de Jesus e associado com a dádiva do Espírito. Como o de João, tem uma referência escatológica, porém anuncia a realização daquilo para o que o batismo de João apontava. Cfr. ver 39 com #Is 57.19; #Jl 2.32. **A doutrina dos apóstolos e a comunhão** (42). A comunhão era indicada no **partir do pão e nas orações** e igualmente na comunidade dos bens (45 e segs.). **Diariamente** (46). Este advérbio modifica todos os verbos da sentença. **Acrescentava-lhes o Senhor...** (47). Note-se a versão ARA: "o Senhor acrescentava-lhes, dia a dia, os que iam sendo salvos" -não sendo a referência aqui a um processo contínuo de salvação em cada indivíduo, mas uma afluência contínua de pessoas que, uma após outra, aceitavam a salvação oferecida e eram incorporadas na comunidade dos salvos.

At-3.1

e) Um milagre e suas conseqüências (At 3.1-5.42)

1. CURA DE UM COXO (#At 3.1-26) -No cap. 3 Lucas dá um exemplo dos "prodígios e sinais (#At 2.43), narrando um deles que teve conseqüências interessantes. Os apóstolos e os outros crentes continuaram a observar os costumes dos judeus, pelo que assistiam no templo regularmente. Uma tarde, quando Pedro e João para lá se dirigiam, à hora da oblação (cerca das 15 horas), ao passarem pela Porta Formosa, chamada de Nicanor, feita de bronze coríntio, que levava ao Pátio dos Gentios para o das Mulheres, a atenção deles foi atraída por um coxo de nascença, que ali se postava a pedir esmolas ao povo que passava pela porta. Pedro ordenou-lhe que se levantasse e andasse, invocando a autoridade de Jesus, o Messias Nazareno. Ajudando-o a erguer-se

sobre os pés, o coxo andou e, cheio de gozo pela nova força que sentia, elevou a voz em louvor a Deus, saltando, de modo que todo o povo por ali o observava. Naturalmente foi grande a sensação, visto como todo o mundo conhecia o coxo que havia tanto tempo ali se sentava a esmolar. Aglomerando-se uma multidão na colunata de Salomão, Pedro aproveitou a ocasião para anunciar Jesus como o Messias, rejeitado e crucificado pelos judeus, porém agora levantado dentre os mortos a oferecer remissão dos pecados e o cumprimento das promessas proféticas feitas a Israel. O homem curado permanecia ali ao lado, dando testemunho poderoso da verdade do que Pedro dizia, porque fora pelo poder do Nome de Jesus que obtivera cura, sendo esta um "sinal" messiânico patente, visto como todos podiam lembrar-se do que profetizara Isaías acerca da era do Messias: "Os coxos saltarão como cervos" (#Is 35.6).

A hora da oração (1). Os tempos marcados para oração eram de manhã cedo, hora do sacrifício matutino; à tarde, hora do sacrifício vespertino; e ao pôr do sol. Josefo (**Ant.** 14.4-3) diz que se ofereciam sacrifícios no templo "duas vezes por dia, de manhã e cerca da hora nona". **Chamada Formosa** (2). Provavelmente era a mesma que o Mishna chamava "Porta de Nicanor", feita de bronze coríntio e descrita por Josefo como "de muito maior valor do que as chapeadas de prata e embutidas de ouro". (**Guerra Judaica**, #At 5.5-3). **Pórtico chamado de Salomão** (11), que percorria toda a extensão do lado oriental do pátio exterior (cfr. #Jo 10.23).

>At-3.13

Seu Servo Jesus (13). É expressão que lembra o Servo do Senhor, retratado em #Is 42.1 e segs., #Is 52.13 e segs. Com a declaração aqui, de que Deus glorificou a Seu Servo Jesus, conferir #Is 52.13, "Eis que o meu Servo... será exaltado e elevado" (nos **LXX doxazo**, o mesmo verbo empregado aqui). **O Santo e o Justo** (14); duas designações messiânicas. **O Autor (Príncipe) da vida** (15). "Príncipe" corresponde ao gr. **archegos**, "pioneiro", aparecendo também em #At 5.31; #Hb 2.10; #Hb 12.2. **Por ignorância** (17); isto é, não sabiam que matavam ao seu próprio Messias. **Que o Cristo havia de padecer** (18). Não esta expressamente profetizado no Velho Testamento que o Messias padeceria; esta declaração baseia-se no fato de Jesus identificar o Servo Sofredor com o Messias, e ter Ele aceito o Ministério e havê-lo cumprido neste sentido (ver #At 2.23).

>At-3.19

Quando vierem os tempos do refrigério (19). O sentido provável é que a aceitação, pelos judeus, de Jesus como o Messias apressaria aquelas condições de bênçãos mundiais que os profetas descreveram como características da era messiânica. Até aos tempos da restauração de todas as coisas (21). Em lugar de restauração (reintegração) leia-se "estabelecimento" ou "cumprimento". O sentido é: "até ao tempo em que tudo quanto Deus falou pelos profetas tiver sido cumprido". Disse, na verdade, Moisés (22). É citação de #Dt 18.15 e segs., "testemunho" messiânico favorito da Igreja primitiva; cfr. #At 7.37; também #Jo 1.21; #Jo 6.14; #Jo 7.40. Os judeus cristãos, particularmente dos primeiros séculos A. D., viam em Jesus um segundo Moisés. A ele ouvireis (22). As palavras "a ele ouvi", que soaram do céu na Transfiguração (#Mc 9.7; #Lc 9.35) provavelmente são um eco desta ordem do Deuterônomo. Todos os profetas a começar com Samuel (24). Samuel é considerado aqui o primeiro de uma série de profetas (cfr. #1Sm 3.20). Não há registrada qualquer profecia messiânica de Samuel, porém o sentido geral aqui é que os dias, então chegados, marcavam a consumação de tudo quanto os profetas haviam predito. Dizendo a Abraão (25). As palavras que se seguem são uma citação livre de #Gn 12.3; #Gn 18.18; #Gn 22.18. Tendo levantado a seu Servo (26). Aqui e no vers. 22 levantado pode não se referir à ressurreição de Cristo, mas ao fato de Deus levá-lo para libertar Israel, como em #At 13.22 onde se diz que Ele "levantou a Davi" (ver também #At 13.33).

At-6.1

II. A PERSEGUIÇÃO CAUSA EXPANSÃO At 6.1-9.31

a) Designação dos sete e a atividade de Estêvão (At 6.1-15)

Novo desvio da narrativa de Atos é assinalado pela apresentação do nome de Estêvão. Este aparece primeiro como um dos sete oficiais designados para supervisionar a distribuição das ofertas, retiradas do fundo comum para os membros mais pobres da comunidade. Logo no início a Igreja atraiu judeus helenistas (isto é, judeus de fala grega, de fora da Palestina) tanto quanto judeus naturais da Palestina e que falavam aramaico; não tardou que se levantassem queixas de que as viúvas destes últimos estavam sendo favorecidas na distribuição diária. É significativo que os sete oficiais escolhidos pela comunidade e designados pelos apóstolos para supervisionar essa atividade tivessem todos nomes gregos, sendo provavelmente judeus helenistas. Dois dos sete, Estêvão e Filipe, estavam destinados a deixar

vestígios dos seus serviços à Igreja, os quais se projetaram muito além dos limites desta função especial para a qual foram designados. Estêvão parece ter tido uma compreensão excepcionalmente nítida do rompimento total com o culto judaico, que o novo movimento lógico e finalmente envolvia. Com isto ele deixou assinalado o caminho que Paulo mais tarde palmilhou e especialmente o escritor de Hebreus.

Os doze conservavam o respeito e a boa vontade da população de Jerusalém; assistiam regularmente ao culto no templo, e exteriormente pareciam judeus praticantes. A única coisa que os distinguia dos outros era crerem em Jesus e anunciarem ser Este o Messias. Todavia soou uma nota diferente nos debates travados na sinagoga dos helenistas, freqüentada por Estêvão, visto que este admitia a abolição do culto do templo e a instituição de uma nova forma de culto mais espiritual. As acusações feitas a Estêvão por seus opositores se apresentam deturpadas, entretanto, não é difícil descobrir a orientação real dos argumentos dele; o discurso que proferiu e de que nos dá conta o cap. 7, não é tanto uma "apologia" sua (tal defesa pouco redundaria numa absolvição, como Estêvão bem sabia), como é uma exposição racional do seu ensino quanto à natureza transitória do culto judaico. Ora, o povo de Jerusalém vivia do templo; para a manutenção do seu culto contribuía os judeus do mundo inteiro; as multidões de peregrinos, que regularmente acorriam às grandes festas, proviam enorme renda à cidade. Atacar o templo era, portanto, à vista de todos, atacar o meio de vida deles. As autoridades viram logo haver chegado a oportunidade; chamaram Estêvão a juízo, com fundamento na denúncia do povo. A acusação contra ele foi praticamente a mesma que formularam contra o seu Mestre antes (#Mc 14.58) e contra Paulo, mais tarde (#At 21.28). Alegaram que ele cogitava da destruição daquele "santo lugar".

Murmuração dos gregos contra os hebreus (1). Gregos (ou antes "helenistas") eram judeus de fala grega, principalmente das terras da Dispersão; os **hebreus** eram judeus de fala aramaica, muitos dos quais, como os apóstolos, eram naturais da Palestina. **As viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária** (1). Da caixa comum, em que o valor das propriedades dos membros mais ricos era lançado (#At 2.45; #At 4.34-35), fazia-se distribuição diária com os necessitados, entre os quais, naturalmente, sobressaíam viúvas. **Escolhei dentre vós sete homens** (3). Dos nomes destes sete evidencia-se que eram helenistas; um deles, com efeito, não era judeu nato, mas prosélito da cidade gentílica de Antioquia. Provavelmente eram reconhecidos como líderes da comunidade helenista na primitiva igreja de Jerusalém. Note-se que mesmo para o desempenho de deveres práticos, como os que lhes caíram por sorte,

requerem-se dotes espirituais, assim como boa reputação e prudência de um modo geral (3). Embora tivessem sido designados nesta ocasião para a obra da beneficência, o ministério daqueles, dentre eles, de quem temos mais alguma notícia, não se restringiu a esta forma de serviço. **Nicolau** (5). Segundo Irineu (que pode ter recebido informação de Papias), os nicolaítas de **#Ap 2.6-15** tomaram o nome deste Nicolau; se verdade, ou não, ninguém pode afirmar. **Impuseram-lhes as mãos** (6). Os sete foram escolhidos pelo povo; a imposição das mãos dos apóstolos confirmou essa escolha, comissionou os sete para o seu trabalho especial, e expressou da parte dos apóstolos seu companheirismo nessa obra. **Muitíssimos sacerdotes** (7). Muitos dos sacerdotes vulgares eram homens humildes e piedosos, o que não acontecia com os políticos eclesiásticos, ricos, da linhagem sumo-sacerdotal. **Levantaram-se alguns da sinagoga...** (9). Provavelmente a referência aí é a uma sinagoga, embora vários comentadores tenham entendido tratar-se de cinco, quatro, três e duas. Como **os da Cilícia** a freqüentavam, Saulo de Tarso podia figurar entre os seus membros. **Libertos** (9). Provavelmente judeus libertos, ou descendentes de libertos, procedentes dos vários lugares mencionados. Deissmann sugere libertos da casa imperial. Não há razão suficiente para se rejeitar o texto, aqui, em troca da emenda atraente-"líbrios" -sugerida por Beza, Tischendorf e Dibelius. **E o levaram ao conselho** (12), isto é ao Sinédrio.

At-7.1

b) Defesa e morte de Estêvão (At 7.1-8.1)

Preso e interrogado pelo Sinédrio, Supremo Tribunal da nação judaica, presidido naqueles dias pelo Sumo Sacerdote, Estêvão expôs o seu caso sob a forma de uma resenha histórica, como era costume entre os judeus. Os dois principais temas de seu discurso são, primeiro, que a nação, a partir dos dias de Abraão, nunca se preocupou em fixar-se num lugar da terra; uma tenda móvel, por conseguinte, servia mais de santuário do que um edifício permanente. E segundo, que a nação, a partir do tempo de Moisés, sempre se rebelara contra Deus e se opusera aos Seus mensageiros, numa série de atos que culminara em eles matarem "o Justo". Dificilmente se podia imaginar houvesse uma linha de argumentos menos adequados a apaziguar aqueles juízes. Após urna ou duas interrupções de ira, que Estêvão enfrentou com verdadeiro gênio profético, foi impedido de terminar seu discurso; lançaram-no fora do edifício e apedrejaram-no. Se sua morte foi um simples ato de linchamento legal ou um excesso de jurisdição da parte do Sinédrio, não está bastante claro. Provavelmente tanto foi uma coisa como outra. Se bem que a

ratificação do Procurador fosse tecnicamente necessária para a execução, ele no momento estava em Cesaréia, sua residência costumeira. Caifás e Pilatos certo que se entendiam mutuamente, em virtude do que se confiava que este último fechasse os olhos quando isso convinha. (Era caso excepcionalíssimo um governador romano deixar o mesmo Sumo Sacerdote no exercício da função durante todo o período de sua Procuradoria, como Pilatos fez com Caifás).

Então lhe perguntou o sumo sacerdote (1), funcionando como presidente do tribunal. Quando estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã (2). Harã fora uma florescente cidade na primeira metade do segundo milênio A. C., época a que pertenceu Abraão. De acordo com o Texto Recebido de #Gn 11.31, 12.5, foi depois da chegada de Abraão a Harã que as palavras citadas aqui no vers. 3 lhe foram ditas. Porém Filo e Josefo concordam com Estevão que Abraão recebeu uma comunicação divina antes de se dirigir a Harã (cfr. #Gn 15.7, Ne 9.7). Mas prometeu... (5). Cfr. #Gn 17.8. E falou Deus assim... (6). É citação de #Gn 15.13 e seg. Quatrocentos anos (6). A exegese rabínica contava quatrocentos anos do nascimento de Isaque ao êxodo. E me servirão neste lugar (7). Estas palavras vêm de #Êx 3.12, onde são proferidas a Moisés e onde o lugar referido é Horebe. O entrelaçamento de passagens separadas é característica do discurso de Estêvão, aqui resumido. Então lhe deu a aliança da circuncisão (8); cfr. #Gn 17.10, 21.4. "Assim, embora ainda não houvesse um lugar sagrado, todas as condições essenciais à religião de Israel foram cumpridas" (Lake e Cadbury).

>At-7.9

Os patriarcas, invejosos de José, venderam-no para o Egito (9). A narrativa, a começar daqui até ao vers. 34, consiste em grande parte, numa miscelânea de passagens tiradas de Gn 37; Êx 3. Setenta e cinco pessoas (14). O Texto Hebraico Recebido, de #Gn 46.27, Êx 1.5, Dt 10.22 dá setenta pessoas, inclusive Jacó e seus dois filhos; o número setenta e cinco vem dos LXX de #Gn 46.27 e #Êx 1.5; omite Jacó e José, porém conta nove filhos deste último. E foram transportados para Siquém (16). Jacó foi sepultado na caverna de Macpela em Hebrom (#Gn 49.29 e segs.); José foi sepultado em Siquém (#Js 24.32). No sepulcro que Abraão ali comprara a dinheiro os filhos de Emor (16). Abraão comprara a caverna de Macpela, em Hebrom, aos heteus (#Gn 23.16); Jacó comprou a terra em Siquém, que deu a José (e onde este foi sepultado), os filhos de Hemor (#Js 24.32). Não somente passagens separadas

(ver o vers. 7), como incidentes distintos são entrelaçados no resumo que Lucas apresenta do discurso de Estêvão.

>At-7.18

Até que se levantou ali outro rei que não conhecia a José (18); provavelmente é referência a fundação da 19ª Dinastia (cerca de 1320 A. C.). Era mui formoso (20); lit. "formoso aos olhos de Deus" (como vem na ARA). A filha de Faraó o recolheu (21); isto é, adotou-o. Eusébio chama-a Merris; cfr. Meri, filha de Ramessés II e de uma princesa hetéia. Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios (22). Estêvão é mais moderado que a generalidade dos escritores heleno-judaicos, que apresentam Moisés como fundador de toda a ciência e cultura e até de toda a civilização do Egito. Era poderoso em palavras e obras (22). Moisés, em #Êx 4.10, negou que fosse eloqüente, mas a referência aqui pode ser a palavras escritas. Josefo (Ant. 2.10) refere uma lenda das proezas guerreiras de Moisés. Quando completou quarenta anos (23). #Êx 2.11 diz simplesmente "sendo Moisés já homem". Cuidava que seus irmãos entenderiam... (25). Esta explicação do seu ato não consta no Velho Testamento. Filo, como Estêvão, considera a defesa dos israelitas por parte de Moisés, neste ponto de sua carreira, como habilidade política decisiva. E note-se aqui o paralelo: Moisés apresentou-se como mensageiro de paz e livramento, mas foi rejeitado; Jesus, no devido tempo, foi tratado do mesmo modo. Nasceram-lhe dois filhos (29); isto é, Gérson e Eliézer (#Êx 2.22, 18.3-4). Apareceu-lhe no deserto do monte Sinai um anjo (30). Estêvão frisa que Deus não está preso a uma cidade ou país; apareceu a Abraão na Mesopotâmia, e no deserto a Moisés, na terra em que este era peregrino (29). Este anjo é o mensageiro da Presença divina, que fala como Deus (32). A este... enviou Deus como chefe e libertador (35). O rejeitado é o salvador designado por Deus; é isto o que se vê nos casos de José, Moisés e Jesus. Pela mão (35), isto é, com a assistência (ARA).

>At-7.37

Deus vos suscitará... um profeta (37). Esta citação de #Dt 18.15 (ver #At 3.22, acima) ajuda ainda a estabelecer paralelo entre Moisés e Cristo. É este quem esteve na congregação no deserto (38). Provavelmente é alusão a #Dt 18.16 (seguindo imediatamente as palavras citadas no verso anterior), onde se faz menção do "povo reunido em assembléia (heb. qahal, LXX ekklesia) em Horebe. Como Moisés esteve com a antiga ekklesia, assim Cristo está com a nova ekklesia, sendo porém esta ainda uma igreja peregrina, "a congregação

no deserto". **Com o anjo que lhe falava** (38). Em **#Êx 32.34** Deus diz a Moisés, "o meu anjo irá adiante de ti"; mais tarde, porém, por insistência de Moisés, Ele faz uma promessa mais pessoal, "Minha presença (isto é, "Eu mesmo", **autos** nos LXX), irá contigo" (**#Êx 33.14**). Em Jubileus At 1.27, 2.1, entretanto, um anjo fala com Moisés no Sinai (ver o vers. 53, abaixo). **Naqueles dias fizeram um bezerro** (41). Ver Êx 32, onde vem narrado este incidente.

>At-7.42

Mas Deus se afastou e os entregou ao culto da milícia celestial (42). Esta declaração aparentemente não se baseia em a narrativa das peregrinações no deserto, como vem no Velho Testamento, mas parece ser uma inferência da passagem de **#Am 5.25-27**, citada nos vers. 42,43. No Texto Recebido, hebraico, de Amós, o povo de Israel é avisado que o rei assírio o desterrará para "além de Damasco", e que eles levarão para lá os utensílios da idolatria, em virtude da qual essa calamidade está prestes a vir sobre eles. Nos LXX (citação aqui com variantes), essa idolatria-o culto da milícia celestial, especialmente do planeta Saturno-é datada do período do deserto. **Porventura me oferecestes... no deserto?** (42). A construção grega faz esperar resposta negativa. Não foi a Jeová, mas às deidades astrais do paganismo que eles adoraram. **O tabernáculo de Moloque** (43). Em contraste com o tabernáculo **do testemunho** (44). O hebraico significa "Sakkut vosso rei", sendo Sakkut um nome acadiano do deus do planeta Saturno. **A estrela do vosso deus Renfã** (43). Uma versão de Amós tem "Chiun", forma de Kaiuanu, nome assírio de Saturno; nos LXX (citados aqui) o nome assírio é substituído por outro egípcio do mesmo deus planetário, aqui representado por **Renfã**. Para além da **Babilônia** (43). Estêvão tem o cativoiro babilônico em mente, como era natural a quem falava em Jerusalém, e por isso diz "para além da Babilônia", em lugar de "para além de Damasco", como diz Amós, referindo-se ao princípio do cativoiro assírio.

>At-7.44

O tabernáculo do testemunho (44), assim chamado porque encerrava o "testemunho" que Deus dera a Israel, consistindo nas tábuas da Lei-vindo daí chamar-se a arca, que as abrigava, "arca do testemunho" (por ex. **#Êx 25.22**). **Segundo o modelo que tinha visto** (44); citado de **#Êx 25.40** (cfr. o desenvolvimento desta idéia em **#Hb 9.1** e segs.). **Levaram-no com Josué** (45) (cfr. **#Hb 4.8**). **Até aos dias de Davi** (45). O processo do desalojamento dos

cananeus, começado sob Josué, só se completou no tempo de Davi; além disso, e mais especialmente, gerações sucessivas foram passando a tenda uma a outra, até ao reinado de Davi (#2Sm 7.6; cfr. #1Cr 17.5).

>At-7.46

Pediu para achar tabernáculo para o Deus de Jacó (46). Cfr. #Sl 132.5. Algumas excelentes autoridades em crítica textual têm aqui "a casa de Jacó", porém esta lição fica em rude conexão com o vers. 47, **Mas foi Salomão quem lhe edificou a casa**. A ênfase é dada a **casa** -casa fixa, distinta de tenda móvel. Estêvão considera a construção do templo um passo atrás, e rebate a idéia de Deus morar numa casa, citando #Is 66.1-2 (49-50). De outras divindades podia-se conceber tal coisa, porém não do **Altíssimo** (48). Este ataque inequívoco ao centro acariciadíssimo da religião nacional causou provavelmente uma explosão de ira, que deu lugar à invectiva do vers. 51.

>At-7.51

Homens de dura cerviz... (51). A linguagem desta denúncia é vazada no Velho Testamento; cfr. #Êx 33.5, Lv 26.41; #Dt 10.16, Is 63.10, Jr 4.4, 6.10, 9.26, Ez 44.7. **Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo** (52). Cfr. a acusação de nosso Senhor em #Mt 23.29-37 e a inferência de Suas palavras em #Mc 12.2-8; #Lc 13.33-34. **Vós que recebestes a lei por ministério de anjos** (53). Quanto à mediação da lei pelos anjos, cfr. #Gl 3.19; #Hb 2.2. A idéia não consta no Velho Testamento, mas se encontra em Jubileus 1.29, Testamento de #Dn 6.2, Josefo (*Ant.* 15.5-3) e Filo (*Sobre Sonhos*, 1.141 e segs.).

>At-7.54

Ouvindo eles isto... (54). Interromperam o discurso; ouviram mais do que desejavam. **Jesus que estava (de pé) à direita de Deus** (55). Não devemos insistir aqui na idéia de Jesus estar de pé, contrariamente à menção mais regular de se achar Ele sentado à direita de Deus. **Vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus** (56). Este é o único lugar do Novo Testamento, fora dos Evangelhos, onde ocorre o título "Filho do homem" (a expressão em #Ap 1.13; #Ap 14.14 é diferente). Muitos membros do Sinédrio devem ter lembrado as palavras do próprio Jesus (#Mc 14.62), que arrancaram deles o veredicto de blasfêmia. **As testemunhas deixaram suas vestes aos pés de um jovem, chamado Saulo** (58). Era dever das testemunhas lançar as

primeiras pedras. A menção de Saulo sugere que lhe tocou alguma responsabilidade no ato, o que se confirma em #At 8.1. **Senhor, não lhes imputes este pecado** (60). Contraste-se a oração de Zacarias, morrendo em situação semelhante (#2Cr 24.22). **E Saulo consentia na sua morte (#At 8.1)**. Isto pode significar, porém não necessariamente, que ele era membro do Sinédrio. Cfr. #At 22.20; #At 26.10.

At-8.1

c) Filipe e os Samaritanos (At 8.1-25)

A execução de Estêvão foi o sinal para uma campanha mais decisiva de repressão. A grande comunidade de crentes de Jerusalém foi dispersa por toda a Palestina e até às suas fronteiras, embora os apóstolos, que talvez na mente do povo não estivessem identificados com a atividade de Estêvão, permanecessem em Jerusalém. Entretanto, a dispersão causou mais bem do que mal à causa; os que desse modo foram espalhados levaram consigo as boas novas e a disseminaram por toda parte, atingindo mesmo o norte como Antioquia da Síria, o que deu lugar a notável desenvolvimento do trabalho naquela cidade em poucos anos. Mas na sede, nova iniciativa foi tomada quase que imediatamente: Filipe, um dos sete, partiu de Jerusalém para Samaria, cuja população cismática, semijudaica, passou ele a evangelizar. Até então o evangelho fora anunciado só a judeus. A obra evangelística de Filipe teve notável êxito e, quando as notícias desse fato chegaram aos ouvidos dos apóstolos, Pedro e João foram enviados lá para fazerem sindicância. (Ter-se-ia João lembrado da proposta que um dia fizera relativamente aos samaritanos, #Lc 9.54?). Chegando lá os dois apóstolos, tiveram confirmação da genuinidade da conversão dos samaritanos, e os convertidos receberam o Espírito Santo. O episódio de Simão Mago, neste ponto, é interessante, entre outras coisas, porque em literatura cristã posterior ele aparece como pai de todas as heresias.

Todos, exceto os apóstolos, foram dispersos (1). Parece, do que se segue, que os crentes helenistas eram o alvo principal da perseguição, talvez por estarem mais intimamente associados a Estêvão. Desse tempo até o ano 135 A. D. a igreja de Jerusalém parece que se compunha quase só de "hebreus". **Assolava** (3), como animal feroz, a devorar uma vítima. **A cidade de Samaria** (5). A cidade que no Velho Testamento se chamava Samaria foi restaurada por Herodes, o Grande, que lhe deu o nome de Sebaste. A lição variante, "uma cidade de Samaria", aparece em várias autoridades; se está certa, a cidade em

questão podia ser Gita, que no dizer de Justino fora a cidade natal de Simão Mago. Seja como for, a pregação do evangelho aos samaritanos representou uma ampliação do seu escopo (cfr. #At 1.8). **Certo homem, chamado Simão** (9). Diz-se que tempos depois Simão Mago visitou Roma e outras partes, onde granjeou muitos adeptos; os simonianos, segundo se sabe, sobreviveram pelo menos até o terceiro século. **O poder de Deus, chamado o Grande Poder**. Pode significar que ele se dizia o Grão Vizir do Altíssimo. **O próprio Simão abraçou a fé** (13). Não há necessidade de se entender que ele recebeu o dom da "fé salvadora". Ficou apenas convencido do poder do Nome de Jesus, ao ver as obras poderosas que pelo mesmo eram operadas.

>At-8.14

Enviaram-lhes Pedro e João (14). Por algum tempo os apóstolos de Jerusalém exerceram a supervisão geral da vasta obra de evangelização. **Oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo** (15). Evidentemente não haviam recebido o Espírito Santo ao serem batizados; não, pelo menos, no sentido de Lucas (que regularmente envolve a manifestação de algum dom espiritual). **Haviam sido batizados em nome do Senhor Jesus** (16); lit. "para o nome do Senhor Jesus", expressão esta que só se encontra em Atos, aqui e em #At 19.5. A pessoa assim batizada testemunha publicamente que passou a ser propriedade de Cristo. **Então lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo** (17). Ouve-se dizer com frequência que esse ato apostólico foi confirmação, considerada como distinta do batismo, na qual se concede o Espírito. Mas a evidência do Novo Testamento é contrária a tal interpretação. Paulo, por exemplo, dá como certo que todos os crentes batizados têm o Espírito de Deus (cfr. #Rm 5.5; #Rm 8.9; #1Co 12.13). (Tal contradição de termos, como se se afirmasse "crente não batizado", não se encontra no Novo Testamento). Nunca se cogita de fazer distinção entre batismo e confirmação, a não ser quando o rito de iniciação cristã veio a ser objeto disso. Na ocasião em apreço temos provavelmente um ato de reconhecimento e incorporação da nova comunidade de crentes samaritanos na comunidade maior da Igreja apostólica, sendo a imposição das mãos um ato que expressava companheirismo, cercado de manifestações do Espírito Santo em os neoconvertidos. (Veja-se **The Seal of the Spirit**, de G. W. H. Lampe, 1952, págs. 64 e segs.). **Ofereceu-lhes dinheiro** (18). Com isto ele fez que se incluísse o termo "simonia" no vocabulário eclesiástico. **Fel de amargura** (23); provavelmente um genitivo semitizante, a significar "amargo fel"; citação de #Dt 29.18 (cfr. #Hb 12.5). **Laço de iniquidade** (23). Cfr. #Is 58.6. **Sobrevenha a mim** (24). O texto "ocidental" acrescenta "que nunca parou de chorar

copiosamente", cláusula adjetiva ligada canhestramente ao fim da sentença, ao invés de vir imediatamente depois do seu antecedente "Simão". **Voltaram para Jerusalém** (25); isto é, provavelmente Filipe, bem como os dois apóstolos.

>At-8.26

d) Filipe e o tesoureiro etíope (At 8.26-40)

Uma vez estabelecido o trabalho em Samaria, Filipe foi enviado pelo Espírito Santo a entrar em contato com o tesoureiro de Candace, rainha mãe dos etíopes (núbios), a qual reinava em Merói, entre Assuã e Khartoum. Estivera ele peregrinando em Jerusalém e agora retornava ao sul, viajando de carro. Lia com ansiedade a grande profecia do Servo Sofredor em Isaías, o que deu ensejo a Filipe de anunciar Jesus baseado nessa mesma passagem-com muitíssima propriedade, porque esta, mais do que qualquer outra parte do Velho Testamento, dá colorido à linguagem de nosso Senhor sobre a missão de Sua vida, tanto quanto à linguagem de certo número de escritores do Novo Testamento. Quando este novo convertido prosseguiu viagem com alegria, Filipe continuou a sua na direção do norte, ao longo da estrada costeira para Cesaréia, onde mais de vinte anos depois vamos encontrá-lo com sua família.

Um anjo do Senhor falou a Filipe (26). A linguagem aqui é curiosa por lembrar lugares onde se desenrolaram fatos da vida de Elias e Eliseu, como vêm narrados no Velho Testamento. **Gaza, que é deserta** (26). A Gaza antiga permanecera deserta desde sua destruição no ano 93 A. C. A Nova Gaza, edificada em 57 A. C., ficava à beira do mar, um pouco ao sul da cidade velha. **Candace, rainha dos etíopes** (27). O rei era endeusado como filho do deus Sol e considerado muito santo para exercer funções seculares; estas ficavam a cargo de sua mãe, que as exercia por ele. A rainha mãe assumia o título dinástico de **Candace**. **Viera adorar em Jerusalém** (27); provavelmente como "temente a Deus" (veja-se **#At 10.2**, adiante). **Ouviu-o ler o profeta Isaías** (30). Os antigos habitualmente liam em voz alta. **A passagem da Escritura que estava lendo era esta** (32). As palavras são de **#Is 53.7-8**, na versão dos Setenta, o que explica as diferenças entre a passagem aqui e como vem no Velho Testamento, que representa o Texto Hebraico Recebido. Sem dúvida conseguiu em Jerusalém um rolo do livro de Isaías em grego. **A quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?** (34). As respostas que, através dos séculos, têm sido dadas a esta pergunta encheriam um livro. Contudo nenhuma resposta satisfaz tanto como a que Filipe deu, quando, **começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus** (35). **Filipe**

respondeu (37). A condição declarada por ele e a resposta do eunuco não fazem parte do texto original (aparecem primeiro na recensão "ocidental"), porém refletem o modo como procediam os primitivos cristãos na cerimônia do batismo. **O Espírito do Senhor arrebatou a Filipe (39)**. O texto "ocidental" tem: "o Espírito do Senhor caiu sobre o eunuco, e o anjo do Senhor arrebatou a Filipe". Embora o texto mais autêntico não diga explicitamente que o eunuco recebeu o Espírito, o fato está provavelmente implícito na declaração de que **ele seguiu o seu caminho, cheio de júbilo. Azoto (40)**. É a Asdode do Velho Testamento, trinta e dois quilômetros ao norte de Gaza. **Até chegar a Cesaréia (40)**, porto do Mediterrâneo, cerca de oitenta quilômetros ao norte de Asdode, construído por Herodes, o Grande, lá pelo ano 13 A. C. Parece que aí Filipe fixou residência e criou família (cfr. **#At 21.8**).

At-9.1

e) Conversão de Saulo de Tarso (At 9.1-31)

O cabeça da campanha de repressão ao Cristianismo, a qual se seguiu à morte de Estêvão, era Saulo de Tarso, destinado a tornar-se um dos maiores homens de todos os tempos. Embora nascido cidadão romano, na cidade grega de Tarso, na Ásia Menor, foi criado por pais judeus, não como helenista, senão como "hebreu de hebreus" (**#Fp 3.5**). Fora mandado a Jerusalém para educar-se aos pés de Gamaliel, o grande líder dos fariseus, com quem, na qualidade de conselheiro prudente, já entramos em contato. O discípulo mostrava ter pouco da moderação do mestre. Como judeu da Cilícia, bem que podia ser freqüentador da sinagoga onde se feriram os debates de Estêvão, ali ouvindo os argumentos fadados a minar toda a estrutura religiosa do Judaísmo. A mente de Saulo, tão perspicaz como a de Estêvão, percebeu quanto era inconciliável a velha ordem com a nova, e saiu a campo como vigoroso campeão daquela, resolvido a extinguir o movimento revolucionário.

No martírio de Estêvão parece que ele desempenhou algum papel oficial, e daí por diante, aonde quer que os crentes se dirigissem na sua dispersão, ali Saulo os perseguia, não somente na Palestina, como até em Damasco. Para as sinagogas desta última levou uma carta do Sumo Sacerdote, autorizando-o a capturar e trazer para Jerusalém todo aquele que, fugindo, procurasse refugiar-se na antiga cidade síria. As ordens do Sumo Sacerdote eram acatadas nas sinagogas do Império, e sua autoridade em matéria religiosa era sancionada pelo poder romano. Foi na sua viagem a Damasco que Saulo defrontou com a visão do Cristo ressuscitado, que tão grande revolução operou em sua vida,

fazendo dele, dali por diante, o mais valente campeão da fé que até então procurara destruir. "Unicamente a conversão e o apostolado de São Paulo", na opinião do estadista do século dezoito, George, Lord Lyttelton, "devidamente considerados, foram de si mesmos uma demonstração suficiente de que o Cristianismo é uma revelação divina. Quando refletimos nas implicações desse fato, concordamos com essa opinião. Lucas percebeu a importância da conversão de Paulo, visto como, apesar do espaço limitado de que dispõe, narra-a com alguns pormenores três vezes, uma na terceira pessoa (#At 9), e duas vezes contada pelo própria apóstolo (#At 22; 26).

Aparecendo o Senhor a Ananias, preparou desse modo o caminho para a recepção de Paulo pelos cristãos de Damasco. As palavras de Cristo, mencionando-o como "vaso escolhido", nunca mais saíram da memória do apóstolo. Anos mais tarde reconhecia ele que, sem o saber, fora separado por Deus para a obra do evangelho, antes mesmo de nascer (#Gl 1.15; #Rm 1.1). Judeu de nascimento e formação, era também cidadão romano; os privilégios inerentes a essa cidadania mais de uma vez lhe foram de proveito. Embora muitas vezes se tenha exagerado a influência da atmosfera educacional de Tarso, sua terra natal, não é necessário minimizá-la ao ponto de fazê-la desvanecer-se de todo.

À sua conversão e batismo seguiu-se imediatamente ousada proclamação de Jesus como o Filho de Deus, nas próprias sinagogas de Damasco, junto às quais fora acreditado pelo Sumo Sacerdote para uma finalidade muito diferente. Contudo suas atividades ali e no território vizinho, do nabateu rei Aretas IV (a "Arábia" de #Gl 1.17), provocaram tanta oposição que, afinal, ele teve de ser despachado ocultamente da cidade, já bastante agitada para continuar a abrigá-lo. Talvez os judeus dali combinassem com os representantes locais de Aretas a sua captura.

Três anos depois de sua conversão, voltou a Jerusalém onde passou quinze dias com Pedro, avistando-se também com Tiago, o irmão do Senhor (#Gl 1.18-19). Seu contato com estes e outros cristãos foi facilitado por Barnabé, que presumivelmente o conhecera antes, podendo testificar sua sinceridade. Quando, porém, começou a fazer nas sinagogas de Jerusalém o que fizera em Damasco, teve outra vez de ser retirado da cidade por medida de segurança, sendo acompanhado até à costa, onde embarcou com destino a Tarso. "Assim, pois", diz Lucas, "a Igreja teve paz" (#At 9.31). A primeira onda de perseguição parece que arrefeceu com a conversão do perseguidor chefe.

Sumo Sacerdote (1). Provavelmente ainda é Caifás. **Caso achasse alguns que eram do Caminho** (2). "O Caminho" era uma expressão idiomática judeu-cristã, pela qual se denominava o Cristianismo (cfr. #At 19.9,23; #At 22.4; #At 24.14,22). Provavelmente iria prender ali os principais refugiados da Judéia, e não propriamente os crentes damascenos, como Ananias. **Duro é para ti... E disse-lhe o Senhor** (5-6). Estas palavras foram tiradas das passagens paralelas de #At 22.10 e #At 26.14 e insertas aqui; cfr a ARA. **Ouvindo a voz** (7), isto é, a voz de Paulo: "mas não ouviram a voz daquele que falava comigo", diz ele em #At 22.9. **Ananias** (10). Seu caráter Paulo descreve-o em #At 22.12. Parece que era natural de Damasco, e que só por notícia sabia do desencadeamento da perseguição em Jerusalém (13). Não temos informação de como se estabeleceu o Cristianismo em Damasco; podiam tê-lo levado da Galiléia para lá. **A rua que se chama Direita** (11). Hoje é chamada Darb al-Mustaqim. **Viu em visão** (12). Podemos distinguir as três primeiras visões de Paulo: na estrada de Damasco (4 e segs.); na casa de Judas (12); e na sua volta a Jerusalém (#At 22.17 e segs.). **Dos principais sacerdotes** (14). Ver #At 4.6, acima. **Todos os que invocam o teu nome** (14); isto é, os que invocam Jesus como Senhor (cfr. #At 2.21). **Quanto lhe importa sofrer pelo meu nome** (16). Deveria ele aturar muitas vezes mais o que fizera outros sofrer pelo mesmo Nome. Porém no reino de Cristo o sofrimento pelo Rei é um sinal seguro do Seu favor e um penhor de Sua recompensa. **Impôs sobre ele as mãos** (17); não apenas em sinal de companhia, saudando-o como companheiro cristão (**Saulo, irmão**), como também porque Ananias, muito embora fosse um cristão comum, ou "particular", agiu nessa ocasião como delegado do Senhor, devidamente designado para aquele serviço. **Fiques cheio do Espírito Santo** (17). Tal plenitude era necessária para o exercício do ministério profético descrito no vers. 15. Os vers. 20-22 deixam claro que a manifestação particular do Espírito em Saulo foi o poder sobrenatural de sua pregação missionária. **Como que umas escamas** (18), ou melhor, "uma substância escamosa (ou como flocos)". **Levantou-se e foi batizado** (18). Provavelmente deve-se inferir daí que (diferentemente dos samaritanos em #At 8.16) Saulo recebeu o Espírito Santo antes de ser batizado. **Então permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos** (19). Se isto se deu antes ou depois de sua visita à Arábia (o reino nabateu), mencionada em #Gl 1.17, não se pode dizer ao certo. As indicações cronológicas de Lucas, neste ponto, são vagas; sabemos de #Gl 1.18 que os fatos dos vers. 26 e seguintes aconteceram três anos depois da conversão de Paulo. **Que este é o Filho de Deus** (20). É significativo que a única vez que ocorre este título nos Atos seja no relato da primeira pregação de Saulo. Enquanto a filiação divina do Messias é um corolário do #Sl 2.7, o uso que Paulo faz do título aqui provavelmente marca

um progresso na designação até aqui feita de Jesus como Senhor e Messias (por ex. #At 2.36). **Provando** (22). O termo grego **synbibazo** sugere provavelmente que o método dessa prova era colocar as Escrituras proféticas lado a lado com os fatos que lhes davam cumprimento. **Os judeus deliberaram entre si tirar-lhe a vida** (23). Segundo Paulo conta em #2Co 11.32, "o governador preposto do rei Aretas montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender". A situação era provavelmente como foi sugerida em nosso sumário acima. **Levou-o aos apóstolos** (27). O termo é empregado aqui em sentido mais lato. Conforme #Gl 1.18-19, os únicos apóstolos (em sentido restrito) que ele viu foram Pedro e Tiago, o irmão do Senhor. **Discutia com os helenistas** (29), sem dúvida na mesma ou mesmas sinagogas que testemunharam idêntica atividade de Estêvão. **Assim as igrejas tinham paz** (31). Os melhores textos têm "igreja" (no singular), estando os verbos que se lhe seguem igualmente no singular.

>At-9.32

III. ATOS DE PEDRO: RECEPÇÃO DOS GENTIOS At 9.32-12.24

a) Pedro na Palestina Ocidental (At 9.32-43)

Um sinal da paz de que a Igreja gozava se vê em Pedro evangelizar o território semigentílico, na Planície de Sarom, e visitar Lida e Jope, onde realizou milagres de cura. O fato de hospedar-se, quando nesta última cidade, na casa de um homem que exercia uma profissão imunda, mostra como ele ia-se emancipando mais em suas relações para com a lei cerimonial.

Os santos que habitavam em Lida (32). É claro que havia cristãos em Lida e Jope antes de Pedro visitar estas cidades (cfr. vers. 36). **Arruma o teu leito** (34). O grego podia significar alternadamente "apronta-te para comer"; isto estaria de acordo com o interesse que Lucas e outros escritores neotestamentários mostram alhures pela nutrição dos convalescentes. **Sarona** (35); a planície costeira de Sarom. **Tabita** (36); em aramaico é "gazela"; em grego é **Dorcas**. **Depois de a lavarem** (37); refere-se à praxe judaica da "purificação dos mortos". **Mostrando-lhe túnicas e vestidos** (39). A "voz média" do verbo grego indica que elas estavam usando essas vestes naquele momento. **Ficou... em casa de um curtidor, chamado Simão** (43). Simão morava na praia (#At 10.6), talvez porque sua profissão exigisse o emprego de

água do mar, e Pedro, sendo pescador, preferisse hospedar-se nessa parte da cidade.

At-10.1

b) Pedro e Cornélio (At 10.1-48)

Grande passo avante precisava ainda ser dado, e foi em Jope que Pedro aprendeu a lição de que não se deve chamar comum ou imundo aquilo que Deus limpou. Teria sido à luz desta lição que ele acrescentou, ao ensino de nosso Senhor sobre comidas, o comentário, "E assim considerou ele puros todos os alimentos", como se vê em [#Mc 7.19](#)? Seja como for, havendo aprendido esta lição, teve imediatamente de pô-la em prática ao ser convidado para visitar Cornélio, centurião romano, em Cesaréia, e fazê-lo conhecer, com a família, as boas novas. Este é outro episódio a que Lucas obviamente dá muita importância, porque, depois de narrá-lo no cap. 10, volta a referi-lo no cap. 11, onde Pedro mesmo conta a história, e torna a mencioná-lo no cap. 15, outra vez por intermédio de Pedro.

Cornélio, como Pedro, fora preparado por Deus para a nova situação. Membro da classe de pessoas que Lucas denomina "tementes a Deus", adeptas do culto judaico, espiritual e monoteístico, celebrado nas sinagogas, sem que fossem de todo prosélitos e membros da comunidade de Israel, foi instruído, por uma visão, a mandar chamar a Pedro. Quando este entrou na casa e começou a anunciar a ação divina na cruz e na ressurreição de Cristo, mais uma prova da direção de Deus lhe foi dada com o ato repentino do Espírito Santo apossando-se daquela família gentia, o que foi manifesto pelos mesmos sinais externos do dia de Pentecostes. Houve uma diferença: no Pentecostes os que foram batizados receberam o Espírito; Cornélio e seus familiares se batizaram porque antes receberam o Espírito. Sem este sinal evidente do favor divino, Pedro podia hesitar em batizá-los.

Centurião da coorte, chamada a italiana (1). Os centuriões tinham a posição de oficiais não comissionados, cabendo-lhes a responsabilidade de capitães. Eram a espinha dorsal do exército romano, é impressionante como de todos os centuriões mencionados no Novo Testamento sempre se diz alguma coisa que os recomenda. A coorte italiana pode ser idêntica à "segunda coorte italiana de cidadãos romanos", de que há inscrições comprobatórias na Síria, do ano 69 A. D. **Temente a Deus** (2), pertencente à classe de gentios que aderiam de modo geral à fé, ao culto e às práticas judaicas, sem se submeterem à

circuncisão e sem se tornarem prosélitos de todo. **Subiram para memória** (4). O verbo "subir" pode sugerir as ofertas queimadas (heb. *ʾolah*, lot. "subindo"). O vocábulo grego *mnemosynon*, traduzido "memória", usa-se em **#Lv 2.2** e segs. nos LXX, com relação à parte da oferta de manjar que se apresentava a Deus. Quanto à eficácia sacrificial dessa conduta de Cornélio, cfr. **#Sl 141.2; #Fp 4.18; #Hb 13.15-16**.

>At-10.9

Por volta da hora sexta (9); isto é, meio-dia. **Êxtase** (10), estado em que a pessoa, por assim dizer, "fica fora" de si. **Um certo vaso** (11); lit. "um objeto"; a palavra grega (*skeuos*) é indefinida. **Um grande lençol** (11); sugerido ao subconsciente de Pedro possivelmente pela tolda aberta no eirado, ou a vela de um barco no horizonte, do lado ocidental. **Quatro pontas** (11). O vocábulo grego *arche*, aqui traduzido "ponta" (lit. "começo") usava-se na linguagem médica por extremidade de atadura, e entre os marinheiros no sentido de "corda". **Toda sorte de quadrúpedes** (12). Os melhores textos omitem **feras** aqui e transpõem **da terra** para depois de **répteis** (veja-se a ARA). Daí resulta a divisão tríplice do mundo animal, cfr. **#Gn 6.20**. (O Texto Recebido é aqui influenciado por **#At 11.6**). **De modo nenhum, Senhor** (14); cfr. o protesto de Ezequiel (**#Ez 4.14**). As leis dietéticas judaicas baseavam-se em **#Lv 11**. Tais leis, em seu aspecto cerimonial, eram agora abrogadas explicitamente, como o haviam sido implicitamente no ensino de Jesus, **#Mc 7.14** e segs.

>At-10.19

Disse-lhe o Espírito (19). O Espírito de íntima admonição profética. **Eu os envie** (20). Isto levanta a questão sobre a relação entre o Espírito, falando agora no íntimo de Pedro, e a manifestação aparentemente externa do anjo a Cornélio. **Que lhe foram enviados por Cornélio** (21). Os melhores textos omitem estas palavras (ver a ARA). **Foi instruído por Deus** (22); lit. "recebeu uma comunicação oracular" (gr. *chrematizo*). **Alguns irmãos de Jope** (23). Foram em número de seis (**#At 11.12**). **Indo Pedro a entrar...** (25). O texto "ocidental" amplia este verso assim: "E aproximando-se Pedro de Cesaréia, um dos servos correu na frente a anunciar que ele chegara. Então lhe saiu Cornélio ao encontro...". **Adorou-o** (25), ou "prestou-lhe homenagem" (gr. *proskyneo*). Não implica necessariamente honras divinas. **Faz hoje quatro dias** (30). No primeiro dia Cornélio teve a visão; no segundo, Pedro teve a sua e os mensageiros de Cornélio saíram a buscá-lo; no terceiro, Pedro e os outros

deixaram Jope; no quarto, chegaram a Cesaréia. **Fizeste bem em vir** (33), expressão de agradecimento, isto é "Obrigado por teres vindo".

>At-10.34

Deus não faz acepção de pessoas (34). Cfr. #Dt 10.17; #Rm 2.11; #Ef 6.9; #Cl 3.25. O sentido é: "Deus não tem favoritos". A eleição divina não implica parcialidade; a graça de Deus alcança livremente tanto a gentios como a judeus. Para nós hoje, isto é um lugar-comum, mas para Pedro era uma idéia revolucionária. **A palavra que Deus enviou aos filhos de Israel..** (36). Daqui até ao fim do vers. 43 temos o sumário completo da mensagem apostólica em Atos. Abrange o período que vai do ministério de João Batista à ressurreição, e tem em perspectiva o juízo futuro. O presente sumário traz as marcas de uma tradução bem literal do aramaico. **Por toda a Judéia** (37); aqui no sentido mais lato de Palestina (cfr. #Lc 4.44). **Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo** (38). "Ungiu" traz a idéia mais formal de "fê-IO Messias"; a ocasião que ele tem em mente é o batismo de nosso Senhor, Cfr. #Is 61.1, citado em #Lc 4.18. **Na terra dos judeus** (39); isto é, toda a Palestina, como **Judéia** no vers. 37. **Nós que comemos e bebemos com ele** (41). Isto dá ênfase à realidade de Sua ressurreição corporal. Cfr. #Lc 24.41-43 (e em #At 1.4, "ajuntando-os" talvez deva traduzir-se "comendo com eles", ver a ARA; gr. *synalizomenos*). **Foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos** (42). Isto lembra a visão do "Filho do homem" em #Dn 7.9 e segs. **Remissão de pecados** (43). A principal profecia do Velho Testamento que promete a remissão de pecados mediante Cristo é #Is 53.

>At-10.44

Caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra (44). Como Pedro sugere no vers. 47 (cfr. #At 11.15), este episódio foi uma reprodução da descida do Espírito no primeiro grupo de discípulos em #At 2. O presente caso tem sido chamado com propriedade "o Pentecostes do mundo gentílico". Para que este fato, sem precedente, ocorresse foi necessário que outro, não rotineiro, acontecesse: a aceitação do evangelho por parte de gentios;urgia que Deus agisse imediatamente. **Engrandecendo a Deus** (46); cfr. #At 2.11, "falar... as grandezas de Deus". **Ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo** (48). Veja-se #At 2.38. Em parte alguma se dá a entender que algo foi dito a estes gentios sobre a necessidade ou mesmo conveniência da circuncisão.

At-11.1

c) Os outros apóstolos aprovam o ato de Pedro (At 11.1-18)

A notícia chegou célere a Jerusalém. Retornando Pedro, viu-se obrigado a defender-se das críticas dos seus companheiros de apostolado. A atividade de Estêvão parecera bastante nociva aos olhos de homens que, embora seguidores de Jesus, ainda eram judeus ortodoxos. Todavia, para eles não fora menos prejudicial a atitude do líder dos apóstolos, que violara um costume sagrado. Aparentemente os apóstolos ainda gozavam de alguma estima do povo, porém provavelmente iam perder esse bom conceito se se espalhasse a notícia de que o líder dentre eles havia confraternizado com incircuncisos. É provável fosse mais do que coincidência que Herodes Agripa I, não muito tempo depois, querendo ganhar popularidade, lançou mão violentamente de dois dos apóstolos, e também aparecesse logo Tiago, o irmão do Senhor, como líder da igreja de Jerusalém.

No entanto, quando Pedro contou a experiência que tivera da direção do Senhor, e do derramamento do Espírito Santo na casa de Cornélio, perguntando, "Quem era eu para que pudesse resistir a Deus?", os apóstolos se convenceram de que ele agira corretamente e louvaram a Deus por Sua graça concedida aos gentios.

>At-11.2

Os que eram da circuncisão (2). Provavelmente se alude aqui ao partido mais "rigorista" da igreja de Jerusalém, embora que a mesma frase, em **#At 10.45**, signifique apenas cristãos judeus. **Palavras mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa** (14). São termos que complementam a versão do vers. **#At 10.22**. A "casa" incluía não somente a família, no sentido moderno da palavra, como todos nela estavam sob a autoridade do chefe do lar-escravos, atendentes e outros que tais. Cfr. **#At 16.15-31** e segs. **#At 18.8**. **João, na verdade, batizou com água** (16). Palavras do Senhor em **#At 1.5**. **Também aos gentios** (18); melhor, "até aos gentios" (aos olhos dos judeus era o sinal mais assombroso da graça divina).

>At-11.19

d) A primeira igreja gentílica (At 11.19-30)

Os outros apóstolos podiam bem aprovar o ato de Pedro, porque quase ao mesmo tempo houve um grande trabalho, com resultados de vasto alcance, em Antioquia, ao norte da Síria, por onde andaram alguns judeus helenistas, durante a dispersão que se seguiu à morte de Estêvão. A atmosfera de Antioquia era o mais diferente possível da de Jerusalém. Nessa movimentada capital do norte, cidade comercial onde se encontravam europeus e asiáticos, e onde a civilização grega entrava em contato com o deserto sírio, os homens naturalmente poliam reciprocamente suas rudes arestas, e as diferenças religiosas que tanto avultavam na Judéia, começaram a parecer menos importantes. Foi aqui, pois, que alguns desses helenistas, não contentes de pregar a Jesus nas sinagogas aos seus companheiros igualmente helenistas, puseram-se a pregá-lo também aos gentios gregos, resultando que muitos deles abraçaram a nova fé, de modo que a segunda igreja cristã a ser fundada contava com numerosos elementos gentílicos, recebendo os discípulos ali, pela primeira vez, o nome de "cristãos".

Quando a notícia dessa inovação chegou a Jerusalém, os apóstolos, desejosos de averiguar o caso, mandaram lá o homem apropriado para esse trabalho, Barnabé, "filho de exortação", como seu nome quer dizer. Dirigiu-se ele a Antioquia e, em vez de escandalizar-se com a mistura de judeus e gentios, regozijou-se diante desse assombroso sinal da graça de Deus, ficou-se lá entre eles, fazendo o que podia para ajudar a nova igreja a crescer. A obra, porém, progredia rapidamente, e Barnabé, procurando na mente um auxiliar condigno lembrou-se de Saulo, que havia algum tempo estava em Tarso, percorrendo as regiões circunvizinhas. Foi buscá-lo e dele fez seu cooperador. Continuaram ambos a promover a grande obra que Deus inaugurara em Antioquia.

Foi por esse tempo que o profeta Ágabo anunciou na Igreja de Antioquia que estava para vir grande e generalizada fome. Suetônio, historiador romano, confirma que o reinado do Imperador Cláudio foi assinalado por épocas em que não houve safras. Diz-nos Josefo que por volta do ano 46, a Palestina foi castigada duramente por uma fome, e que a rainha-mãe judia, de Adiabene, no norte da Mesopotâmia, comprou trigo no Egito e figos em Chipre para acudir às necessidades dos judeus palestinos. Ao mesmo tempo Barnabá e Saulo foram enviados a Jerusalém pela Igreja de Antioquia, conduzindo à igreja-mãe o produto de uma coleta especial que a igreja-filha levantara para ajudar os cristãos palestinos em sua situação angustiada. A igreja de Jerusalém parece que sofria de pobreza crônica; mais adiante vamos encontrar Paulo organizando coletas nas igrejas gentílicas por ele fundadas, a fim de socorrer aquela em suas necessidades. Foi provavelmente durante esta visita de

Barnabé e Saulo, de socorro aos famintos, que ocorreram os fatos de #Gl 2.1-10. A "revelação, em virtude da qual foram lá (#Gl 2.2), seria então a profecia de Ágabo (#At 11.28), e as palavras de #Gl 2.10 aplicam-se especialmente a essa visita: "Recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer".

Então os que foram dispersos (19). Estas palavras levam-nos de volta ao ponto de partida, em #At 8.4, que começa com a mesma expressão. Fenícia (19); isto é, Tiro, Sidom, etc.; (cfr. #At 21.3 e segs., #At 27.3). Antioquia (20). A antiga capital do reino selêucida, mas, na época, sede do governo da província romana da Síria, e a terceira cidade do mundo, em extensão (Roma era a primeira, e Alexandria, a segunda). Falavam aos gregos (20). Seja "gregos" a lição exata aqui, seja "helenistas", o sentido certamente é que gentios que falavam grego foram evangelizados. Enviaram Barnabé (22), do mesmo modo como enviaram Pedro e João a Samaria (#At 8.14). E partiu Barnabé para Tarso, à procura de Saulo (25). Este, desde o vers. #At 9.30, estivera em várias partes da província unida siro-ciliciana, na qual ficavam situadas Tarso e Antioquia (#Gl 1.21). Em Antioquia foram os discípulos pela primeira vez chamados cristãos, isto é, ficaram comumente conhecidos por esse nome. Só dos gentios podiam ter recebido tal nome (que significa "povo de Cristo"), porque aos ouvidos dos gentios a palavra "Cristo" soava como simples nome de pessoa, enquanto que para os judeus significava "Messias", não querendo eles, os judeus, chamar aos seguidores de Jesus "povo do Messias".

>At-11.27

Naqueles dias (27); isto é, durante o ano que Barnabé e Saulo passaram em Antioquia (26). Ágabo (28). Este reaparece em #At 21.10, numa "seção do pronome nós", de Atos. Por todo o mundo (28); isto é, mundo romano. Nos dias de Cláudio César (28). Cláudio foi imperador do ano 41 ao 54 A. D. Não está claro em que tempo, antes da fome, ocorreu a predição. Provavelmente os cristãos de Antioquia foram guardando dinheiro, sistematicamente, até que o tempo da necessidade chegou e então enviaram Barnabé e Saulo, como seus delegados, levando a soma acumulada para os cristãos de Jerusalém.

At-12.1

e) Herodes Agripa e a Igreja (At 12.1-24)

Nova onda de perseguição arrebatou sobre a igreja de Jerusalém e desta vez os apóstolos, longe de ficarem imunes, foram os principais objetos do ataque. Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, recebera do seu amigo o Imperador Calígula (37-41) vasta doação em território, na Palestina e próximo a ela, juntamente com o título de rei; e Cláudio (41-54) acrescentou a esse território as regiões da Judéia e Samaria. Durante seu curto reinado sobre a Judéia (41-44), Herodes, a despeito de suas faltas, mostrou-se patrocinador diligente da fé judaica, e manteve relações amistosas com os líderes religiosos do povo. Dizem que certa ocasião, quando lia a lei na festa dos tabernáculos, as lágrimas lhe vieram aos olhos ao ler [#Dt 17.15](#) ("estabelecerás, com efeito, sobre ti como rei aquele que o Senhor teu Deus escolher; homem estranho, que não seja de entre os teus irmãos, não estabelecerás sobre ti"), porque se lembrou da origem edomita da sua família; mas a população exclamou: "Não te aflijas; tu és nosso irmão!".

A história da execução de Tiago, filho de Zebedeu, e da prisão de Pedro, por ele ordenadas, é bastante conhecida. As palavras "vendo ser isto agradável aos judeus" são significativas pelas razões já sugeridas. A idéia de haver João sofrido martírio por essa época, como Tiago, tem fundamentos muito frágeis, apesar do vigor com que alguns críticos do Novo Testamento a defendem. A fuga de Pedro, da prisão, e sua inesperada visita à casa de Maria, onde os crentes oravam por ele, são narradas magistralmente. Para onde ele foi, ao voltar de lá ([#At 12.17](#)), é incerto; não há fundamento razoável para a tradição que diz haver-se encaminhado a Roma, por esse tempo. Suas palavras "Anunciai isto a Tiago e aos irmãos" sugerem que por essa época Tiago, irmão do Senhor, havia conquistado uma posição de destaque na igreja de Jerusalém. Logo depois disso, Herodes morreu em circunstâncias dramáticas e impressionantes, fato narrado tanto por Lucas como por Josefo. Os dois historiadores diferem em pormenores, porém concordam nas partes essenciais do fato. Quanto às diferenças podemos citar o historiador alemão Eduard Meyer: "Nas linhas gerais, na data, e na idéia geral, ambas as narrativas estão em pleno acordo. Nos pormenores, muito interessantes, que de nenhum modo devem ser havidos como "tendenciosos" ou atribuídos à tradição popular, a narrativa de Lucas oferece uma garantia de que pelo menos é tão segura quanto a de Josefo.

>At-12.3

[Eram os dias dos pães asmos](#) (3). Os dias dos pães asmos começavam na véspera da páscoa, dia 14 de Nisã, e duravam até o dia 21 desse mês (cfr. [#At](#)

20.6). O dia 14 de Nisã naquele ano (44 A. D.) caiu no dia 1 de maio-atraso este fora do comum, devido à intercalação de um segundo mês de Adar naquele ano, de 19 de março a 17 de abril inclusive. **Quatro quaternos de soldados** (4). Um quaterno para cada vigília da noite. Pedro estava guardado por quatro soldados de cada vez, dois dos quais provavelmente o ladeavam, e dois colocavam-se à porta. **Depois da páscoa** (4). A páscoa, rigorosamente falando celebrava-se no dia 14 de Nisã, mas o termo era usado algumas vezes num sentido mais geral, abrangendo também a festa dos asmos (cfr. #Lc 22.1); esse é o sentido aqui. **Eis, porém, que sobreveio um anjo do Senhor** (7); cfr. o vers. 19. Provavelmente o fato mais notável, dos nossos tempos, comparável à soltura de Pedro foi a libertação misteriosa do Sadhu Sundar Singh, de um poço onde fora metido por uma autoridade tibetana (contado por Streeter e Appasamy, **The Sadhu**, págs. 30 e segs.). Contudo "Pedro pensava fosse tudo uma visão", até que se viu seguro e salvo. O Sadhu pensava que era um homem quem o socorria, quando este desapareceu" (L. E. Browne). **Depois de terem passado a primeira e a segunda sentinela, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade** (10). Evidentemente havia que passar por três portões e três sentinelas (permitiram-no passar a primeira e a segunda, pensando presumivelmente tratar-se de um servente; mas não era de se esperar que um servente passasse além da sentinela exterior à noite, tornando-se necessário tomar outra direção" (Ramsay). Assim sendo, o portão que dava para a cidade abriu-se **automaticamente**; como, não se diz. Mas em toda essa descrição transpira o depoimento de uma testemunha ocular, inclusive a adição "ocidental" -"e desceram os sete degraus" - inserta depois das palavras **tendo saído**. Provavelmente Pedro fora preso na Torre Antônia, na área noroeste do templo. **Foi à casa de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos** (12). Parece que esta casa serviu de lugar de reunião a um grupo de cristãos de Jerusalém; há uma sugestão interessante de ter sido a casa onde se realizou a última Ceia. O grupo a que se associa o nome de Tiago, Irmão do Senhor, parece que se reuniu em outro lugar (17). **Saiu a escutar** (13); melhor, "para responder à porta" (gr. *hypakouo*). **É o seu anjo** (15); isto é, seu anjo de guarda ou a reprodução do seu espírito, capaz de assumir suas feições e de ser tomado por engano como a própria pessoa. O conceito iraniano **fravachi** assemelha-se a este. Cfr. também a referência aos anjos das crianças, que contemplam a face de Deus (#Mt 18.10). **Fazendo-lhes sinal com a mão para que se calassem** (17); outra prova de testemunho de vista. **Retirou-se para outro lugar** (17). Pode significar simplesmente que se escondeu. Não disse a ninguém, na ocasião, para onde ia, e Lucas, anos depois, não pôde descobrir que lugar fora esse.

>At-12.19

Ordenou que fossem justicadas (19), presumivelmente foram executadas. É provável que Herodes suspeitasse de se haverem conluiado para livrar Pedro. Sua terna se abastecia do país do rei (20). O litoral fenício dependia da Galiléia em matéria de gêneros alimentícios, como nos dias de Hirão e Salomão (#1Rs 5.9 e segs.). Em dia designado (21). Diz Josefo que foi numa festa em honra do Imperador Cláudio (**Ant.** 19.8.2), possivelmente em seu aniversário natalício, dia 1 de agosto. Pode muito bem ter ensejado a reconciliação pública de Herodes Agripa e seus vizinhos fenícios. **Vestido de traje real** (21). "Ostentava um manto todo tecido de prata, de maneira maravilhosa" (Josefo). **O povo** (22); gr. **demos**; isto é, a população de Cesaréia. **É voz de um deus, e não de homem** (22). Segundo Josefo, os bajuladores, dirigindo-se-lhe como a um deus, diziam: "Sê gracioso para conosco: até aqui te reverenciamos como homem, mas doravante reconhecemos-te como superior a um mortal". **O anjo do Senhor o feriu** (23). Veja-se no Velho Testamento esta expressão, em #2Rs 19.35. **Por ele não haver dado glória a Deus** (23). Aceitou honras divinas dos seus adutores, ao invés de atribuí-las a Deus. **Comido de bichos** (23). Um colega médico dá o seguinte diagnóstico dessa doença: quisto hidático. **Expirou** (23); cinco dias depois, com a idade de cinquenta e quatro anos. Morre o perseguidor; a causa que ele perseguiu sobrevive com vigor cada vez maior (24).

>At-12.25

IV. ANTIOQUIA TORNA-SE UMA IGREJA MISSIONÁRIA At 12.25-16.5

a) A evangelização de Chipre (At 12.25-13.12)

Voltando Barnabé e Saulo de Jerusalém para Antioquia, levaram consigo a Marcos, primo de Barnabé e, por algum tempo, continuaram a ministrar à igreja, como fora seu costume. Além de Barnabé e Saulo, os mestres de maior talento daquela igreja, havia mais três: Lúcio de Cirene, Simeão por sobrenome Niger (Negro), que somos tentados a identificar com Simão Cireneu de #Lc 23.26; e Manaém, colação de Herodes Antipas. Este Manaém era possivelmente neto de outro Manaém, mencionado por Josefo como favorito de Herodes, o Grande. Talvez foi ele quem prestou a Lucas a maior parte das informações especiais que aparecem nos Atos acerca da família dos Herodes.

Todavia o Espírito Santo tinha outra obra para a igreja da Antioquia realizar, pelo que lhe disse (presumivelmente por intermédio de um daqueles profetas) que separasse Barnabé e Saulo para o trabalho especial a que os tinha chamado. É digno de nota que os dois ministros mais habilitados daquela Igreja é que foram assim separados para o que chamamos "missões estrangeiras", embora esta expressão não seja realmente aplicável àquele tempo, quando quase todo o mundo civilizado estava politicamente unido sob o governo de Roma.

Aquiescendo na divina vontade assim expressa, a igreja enviou os dois homens, manifestando-lhes seu companheirismo com a imposição das mãos. Marcos partiu com eles como **ministro** (5); alguns entendem querer dizer que os dois missionários se aproveitaram do conhecimento que Marcos tinha da história do Evangelho; era ele provavelmente um dos "ministros da palavra", mencionados em **#Lc 1.2**. Navegando de Selêucia, porto de Antioquia, desembarcaram em Chipre, ilha de onde Barnabé era natural, e atravessaram-na de leste a oeste. Chegando a Pafos, a capital ocidental, aí ocorreu o encontro de Paulo com o mágico Barjesus, que pertencia à roda íntima de Sérgio Paulo, procônsul da província. Parece que ele era dessa espécie de mágicos favoritos de que alguns homens eminentes gostavam de se cercar, e provavelmente temia que, se Sérgio prestasse atenção aos missionário, seus próprios dias, como mágico da corte estariam contados. Comentadores antigos gostavam de salientar que a cegueira temporária do mágico foi destinada por Paulo a produzir nele o mesmo efeito que a sua, de três dias, produzira em Damasco. Ramsay mostra ter razão em acreditar que alguns membros da família de Sérgio foram cristãos, em gerações posteriores.

Barnabé e Saulo voltaram (#At 12.25), isto é, para Antioquia. **Salamina (#At 13.5)**. Situada na costa oriental de Chipre, cidade principal da ilha e sede do governo da parte leste.

At-13.7

Procônsul (7). Os romanos haviam anexado Chipre no ano 57 A. C. **Sérgio Paulo (7)**. Provavelmente o mesmo indivíduo cujo nome aparece numa inscrição romana, como curador do Tibre, no princípio do reinado de Cláudio. **Elimas, o encantador (porque assim se interpreta o seu nome) (8)**. Não quer dizer que "Elimas" seja equivalente a "Barjesus", mas que "Elimas", sendo palavra semítica, significa "encantador", ou mágico (gr. **magos**). **Saulo,**

também chamado Paulo (9). A partir daqui o apóstolo é chamado regularmente pelo seu cognome Paulo (lat. **Paullus**), em vez de Saulo, seu nome hebraico de nascimento. Paulo se lhe apropria mais, agora que a história se movimenta para ambientes predominantemente gentílicos. **O procônsul... creu, maravilhado com a doutrina do Senhor** (12). Tem-se sugerido que a cortesia do procônsul foi tomada erradamente por conversão, mas um oficial romano positivo, prático, era exatamente o homem que havia de se convencer pelo ato de força que acompanhou o ensino apostólico (cfr. **#Lc 4.32**).

>At-13.13

b) Discurso de Paulo em Antioquia da Pisídia (At 13.13-41)

De Chipre o grupo atravessou de navio para a Ásia Menor, onde Marcos os abandonou, regressando a Jerusalém. As razões que teve para proceder assim não são declaradas; talvez se ressentisse da maneira como seu primo Barnabé ia resvalando para um segundo plano. Quando partiram de Antioquia, dizia-se **Barnabé e Saulo** (2); ao deixarem Chipre, era **Paulo e seus companheiros** (13). Fosse qual fosse a razão, Marcos voltou. Barnabé parece que não se importava com o caso; era ele um notável exemplo do velho ditado:

É preciso dom, mais do que é possível dizer,

Para se ocupar lugar secundário com prazer.

Barnabé e Paulo, agora sós, dirigiram-se para o interior (Ramsay pensou que a causa foi Paulo ter contraído malária nos terrenos baixos alagadiços, próximos do litoral embora seja isto mera especulação). Chegaram a Antioquia da Pisídia, colônia romana da província da Galácia e aí ficaram algum tempo. As colônias romanas desempenharam importante papel nos planos de campanha de Paulo, em todas as suas viagens missionárias. Com verdadeiro instinto estratégico, ele escolheu, para evangelização intensiva, os pontos importantes ao longo das principais estradas entre Jerusalém e Roma. Outro aspecto destacável do seu método se vê em Antioquia da Pisídia, onde eles primeiro entraram em contato com a sinagoga judaica local. Em toda parte o programa constante de Paulo era "primeiro ao judeu".

No primeiro sábado após chegarem a Antioquia da Pisídia, encaminharam-se à sinagoga. Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga convidaram os estranhos a dizer alguma palavra de exortação que tivessem

para os presentes. Paulo levantou-se e falou. O resumo do seu discurso é dado mas um tanto extenso, provavelmente para mostrar a espécie de sermão que costumava pregar nas sinagogas de todo o Império. Narrou o livramento que Deus operara em prol do povo de Israel, por ocasião do êxodo, e esboçou-lhes a história de Moisés a Davi. Depois passou de Davi ao prometido Messias da sua descendência, declarando que esse Messias prometido aparecera nos seus dias na pessoa de Jesus, cuja morte e bem atestada ressurreição provaram ser Ele o Messias predito nas Escrituras hebraicas. Como Pedro em Pentecostes, argumentou que as palavras do #Sl 16.10, "Não permitirás que o teu Santo veja a corrupção", não podiam aplicar-se a Davi, que viu a "corrupção", mas ao descendente de Davi, que naqueles últimos dias, segundo fora evidente, ressurgira dos mortos. O sermão findou com uma aplicação, à situação presente, do aviso do profeta Habacuque às vésperas da invasão dos caldeus: "Vede, ó desprezadores, maravilhai-vos e desvanecei... (a palavra "desprezadores" é citada dos LXX, onde substitui a frase "entre as nações" do texto hebraico).

>At-13.14

Antioquia da Pisídia (14), sendo esta uma das regiões da província da Galácia. **Depois da leitura da lei e dos profetas** (15). A lei era lida toda, conforme um lecionário fixo; as leituras eram selecionadas dos profetas, com alguma semelhança ou relação com a lição precedente da lei. **Os chefes da sinagoga** (15). A estes incumbia planejar o culto público, e convidar membros idôneos da congregação para fazer as leituras e dirigir a palavra. **Varões irmãos** (15). Como em qualquer outra parte dos Atos, essa expressão deve traduzir-se simplesmente "Irmãos".

>At-13.16

Varões Israelitas, e vós outros que também temeis a Deus (16). Estas palavras indicam os dois elementos de que se compunha a congregação, judeus e os gentios "tementes a Deus" (ver #At 10.2). **Suportou-lhes os maus costumes** (18). Alguns textos, com a mudança de uma letra no verbo grego assim traduzido, têm "levou-os como uma ama" (cfr. #Dt 1.31). **Sete nações** (19). Veja-se #Dt 7.1. **Cerca do quatrocentos e cinqüenta anos** (20). Este período cobre o tempo a partir da peregrinação dos patriarcas até a ocupação da terra. **Achei a Davi...** (22); citação do #Sl 89.20 e #1Sm 13.14. **Havendo João primeiro pregado...** (24). Os vers. 24-31 contém um esboço da pregação apostólica, semelhante ao de #At 10.36-43. **Não sou aquele** (25); isto é, o

Messias. Cfr. #Jo 1.20-21. Eles... tirando-o do madeiro (29); temos aí um plural de sentido geral. Nos Evangelhos consta que isso foi feito por José de Arimatéia e Nicodemos. A nós, seus filhos (33). Leia-se "a nós e a nossos filhos" (F. H. Chase) Ressuscitando a Jesus (33). O sentido aqui é Deus levantar a Jesus como Messias, assim como levantou a Davi como rei (22); contraste-se com o vers. 34, onde se tem em vista a ressurreição: Deus o ressuscitou dentre os mortos. Tu és meu filho, eu hoje te gerei (33); citação do #Sl 2.7. O dia da unção do rei "era idealmente o dia em que ele, como representante da nação, nascia para uma nova relação de filho para com Jeová" (F. H. Chase); é provável que se faça alusão aí ao dia do batismo de Jesus (quando Deus lhe falou, "Tu és meu Filho..."). Dar-vos-ei as santas e fiéis bênçãos de Davi (34); citação de #Is 55.3. Tais bênçãos prometidas a Davi encontram seu cumprimento em Cristo mediante Sua ressurreição. Todo o que crê é justificado (39). É digno de nota que somente neste sermão do Paulo, nos Atos, o conceito da justificação se declara explicitamente. A fé em Cristo leva o homem a uma posição de completa justiça perante Deus, o que a lei jamais pôde realizar. Vede (41); cfr. #Hc 1.5 (que por sua vez serve de eco a #Is 29.14).

>At-13.42

c) Como reagiram ao evangelho em Antioquia da Pisídia (At 13.42-52)

O discurso de Paulo foi escutado com especial interesse pelos gentios que freqüentavam o lugar de culto judaico, sendo eles os "tementes a Deus", como Lucas lhes chama, os quais, sem se tornarem prosélitos, eram atraídos pelo puro culto do Judaísmo e mesmo guardavam a lei judaica até certo ponto, por exemplo, observando o sábado. Foram atraídos sobremaneira pelo anúncio que Paulo fez do perdão dos pecados mediante Cristo, e pediram que lhes falasse outra vez no sábado seguinte. Essa gente, na verdade, constituía o principal núcleo dos convertidos de Paulo na maioria das cidades aonde ele se dirigia, visto como lhes oferecia mediante Cristo os mesmos direitos que os crentes judeus tinham diante de Deus, sem necessidade de observarem a lei cerimonial judaica nem de se tornarem prosélitos.

A adesão deles ao apóstolo naturalmente despertou a inveja dos judeus da dispersão, os quais se ressentiam de Paulo levar após si os gentios cuja conversão ao Judaísmo eles esperavam. Tal inveja subiu de ponto em Antioquia da Pisídia, visto como os "tementes a Deus" espalharam a notícia e

no sábado seguinte quase toda a população gentílica da colônia afluiu à sinagoga. Quando os judeus manifestaram seu aborrecimento, Paulo anunciou que, visto como eles se julgavam indignos da vida eterna que ele proclamava, ia agora dedicar-se aos gentios-processo este que seria repetido de cidade em cidade. Porém tão grande oposição foi levantada pelos judeus, que Paulo e Barnabé tiveram de deixar a cidade, todavia não antes que numerosos "tementes a Deus" confessassem a Cristo, formando ali uma igreja.

>At-13.43

Prosélitos religiosos (43). Discute-se aqui se se trata de verdadeiros prosélitos ou "tementes a Deus"; se prevalecer a última hipótese (como sugere a palavra traduzida "religiosos", gr. *sebomenoi*), então este é o único lugar onde tais pessoas são chamadas **prosélitos**, termo este empregado em outros lugares no seu sentido restrito. **Vida eterna** (46). Gr. *zoe aionios*, representando a expressão judaica "a vida da era por vir (a era ressurrecional)", que os crentes em Cristo recebem quando ainda vivem temporalmente na era presente. **Eu te constitui para luz dos gentios...** (47). Esta citação de um dos Cânticos do Servo (#Is 49.6) implica que a missão do Servo do Senhor, inaugurada por Jesus, é continuada por Seus seguidores. Todos os que haviam sido destinados para a vida eterna (48); cfr. o vers. 46. O verbo traduzido "destinado" pode ter aqui o sentido de "inscritos", "arrolados". Cfr. #Ap 13.8; #Ap 17.8.

At-14.1

d) Icônio, Listra e Derbe (At 14.1-28)

A cidade seguinte a ser visitada foi Icônio, em cuja sinagoga, de igual modo, os apóstolos entraram, e como resultado de sua pregação grande número, tanto de judeus como de gentios, creu. Contudo não tardaram em ser forçados a deixar essa cidade, do mesmo modo como acontecera em Antioquia. Perseguidos todavia em uma cidade, fugiam para outra. Dirigiram-se a Listra, outra colônia romana, onde a cura de um aleijado, efetuada por Paulo, provocou uma explosão de entusiasmo religioso no meio da população nativa da Anatólia. Imaginando que a sua cidade fora outra vez favorecida com a visita do deus supremo e seu principal arauto, como constava na mitologia, prepararam-se para prestar honras divinas aos missionários. Pesquisas arqueológicas recentes revelaram que naquela região Hermes (Mercúrio) associava-se ao culto de Zeus (Júpiter).

Quando os apóstolos descobriram o que ia acontecer (o uso da língua licaônica impediu que eles se apercebessem logo da situação), com muita dificuldade conseguiram dissuadi-los daquilo, e Paulo aproveitou a ocasião para instruí-los na verdade acerca do único e verdadeiro Criador, que Se revelara na criação e na providência. Este curto sumário de seu discurso lembra a narrativa mais extensa de sua alocução em Atenas (#At 17.22-31); e se no cap. 13 temos uma amostra dos sermões que Paulo pregava nas sinagogas, aqui temos uma amostra dos que ele pregava aos pagãos, a qual posta lado a lado do discurso de Atenas, como vem no cap. 17, e dos argumentos de #Rm 1.18-2.16, mostra-nos a função própria da "revelação natural" como **praeparatio evangelica**.

A visita a Listra foi abreviada inesperadamente pela chegada de judeus de Antioquia da Pisídia e de Icônio, os quais insuflaram um tumulto, no qual Paulo, que fazia pouco havia sido aclamado como mensageiro dos Imortais, foi tratado brutalmente e expulso da cidade como morto. Quando reviveu (isto é narrado de tal modo que sugere uma intervenção miraculosa), dirigiram-se a Derbe, cidade vizinha. Depois de repetirem ali o seu programa e fundarem outra igreja, voltaram por Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia, encorajando os novos discípulos e consolidando as jovens igrejas com a designação de presbíteros em cada uma delas. Alguns missionários de hoje haveriam de considerar pouco prudente ordenar presbíteros, crentes "nativos", recentemente convertidos do paganismo! Não devemos, porém, olvidar a coragem dos apóstolos em tornar a visitar cidades das quais não fazia muito haviam sido expulsos em circunstâncias tão afrontosas e com tamanha brutalidade. Daí rumaram ao litoral, pregando o evangelho no percurso, até que alcançaram Atália, onde embarcaram com destino ao rio Orontes e Antioquia da Síria.

Icônio (1). É o atual entroncamento ferroviário de Cônia, naquela época a cidade mais oriental da região frígia da província da Galacia. **Juntos** (1), melhor dito "de igual modo" (como em Antioquia da Pisídia). O vers. 2 recebeu nova redação no texto "ocidental", ficando da seguinte forma: "Mas os líderes e os chefes da sinagoga dos judeus insuflaram perseguição contra os justos, e indispuseram os gentios com os irmãos. Contudo o Senhor logo concedeu paz". Esta nova redação sem dúvida teve o intuito de abrandar a transição do vers. 2 para o vers. 3, mas envolve uma perseguição dupla. O vers. 2 é de fato parentético, preparando o caminho para o vers. 5; a conjunção **entretanto** com que se inicia o vers. 3 retoma o fio da narração, devendo traduzir-se "de modo que". **Pelos apóstolos** (4). Barnabé não pertencia ao

número dos doze mais do que Paulo, contudo, como este, era provavelmente uma testemunha da ressurreição, sendo eles ambos, em qualquer caso, comissionados (gr. **apostoloi**) da igreja de Antioquia da Síria. **Fugiram para Listra e Derbe, cidades da Licaônia** (6); isto é, cruzaram a fronteira regional, da Frigia para a Licaônia, outra região da Galácia romana. **A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio** (12). Os nomes dos deuses, dados por Lucas, são "Zeus" e "Hermes", formas gregas; **na língua licaônica** (11) empregaram sem dúvida nomes naturais da Anatólia. Um altar perto de Listra registra a consagração a Zeus de uma estátua de Hermes com nomes licaônicos; outro altar nas proximidades é dedicado ao "Ouvidor de orações" (presumivelmente Zeus) e a Hermes. A narrativa de Ovídio, de como ambos estes deuses foram recebidos hospitaleiramente e não reconhecidos por Filemom e Báucis, também tem por cenário estas localidades. **O principal portador da palavra** (12). Hermes tinha um título semelhante a este nos mistérios egípcios. **O sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente da cidade** (13) (o templo de Zeus Própolis). **Para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo** (15). Cfr. #1Ts 1.9, onde há linguagem muito parecida. **O qual nas gerações passadas...** (16). Cfr. a referência aos "tempos da ignorância" em #At 17.30. **De Antioquia** (19); isto é, Antioquia da Pisídia. **Apedrejando a Paulo** (19); cfr. #2Co 11.25, "uma vez fui apedrejado". **Derbe** (20); de uma palavra licaônica que significa "junípero". **Através de muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus** (22); transição do discurso indireto para o direto. Traduzamos: "dizendo, Através de muitas tribulações...". Aqui "o reino de Deus" é algo a ser ainda realizado. **Atália** (25); é a atual Antália, na foz das Cataratas; era o principal porto da Panfília. **Quantas coisas fizera Deus com eles** (27); expressão enfática de serem os apóstolos simples agentes de Deus, ou mesmo seus instrumentos. **Não pouco tempo** (28) (expressão idiomática característica de Lucas); provavelmente coisa de um ano.

At-15.1

e) A carta apostólica expedida pelo Concílio de Jerusalém (At 15.1-16.5)

1. A CARTA EXPEDIDA (#At 15.1-29) -As igrejas fundadas por Paulo e Barnabé durante esta viagem são as da Galácia, às quais o apóstolo dirigiu a carta que se conhece. Não muito depois de ter deixado aquelas igrejas, surgiu uma crise no meio delas provocada pela atividade de judaizantes, que instavam sobre a necessidade de serem acrescentadas a circuncisão e a

observância da lei cerimonial à fé em Cristo. Chegando a notícia desse fato aos ouvidos de Paulo em Antioquia, este escreveu-lhes uma carta urgente: "Admira-me que estejais passando tão depressa... para outro evangelho" (#Gl 1.6). A Epístola, escrita num estado de excitação, revela sua amorosa ansiedade e temor de que esses filhos recém-nascidos sejam seduzidos, e deixem a simplicidade de Cristo, bem como revela sua indignação contra aqueles que os perturbavam.

A mesma questão tornou-se de real importância em Antioquia também, por essa época. A missão gentílica, sediada em Antioquia, ia resultar predominantemente no estabelecimento de igrejas de igual modo gentílicas; e o partido judaico mais extremado de Jerusalém via que, se tinha de agir, então era preciso agir logo. E assim organizaram uma campanha, levada a efeito não só nas novas Igrejas da província da Galácia, como também na própria Antioquia, cidadela do Cristianismo gentílico, urgindo completa adoção da lei judaica por todos os cristãos, como condição indispensável de salvação e de comunhão com os seus irmãos judeus.

O que aconteceu em Antioquia vem descrito por Paulo em #Gl 2.11 e segs. Os judaizantes faziam valer seu ponto de vista com tamanho vigor que até Pedro, que estava em Antioquia nesse tempo e sabia perfeitamente o que havia de certo e de errado naquele movimento, foi arrastado à aparência alarmante de uma "dissimulação", como Paulo chama, visto como se retraía da companhia dos cristãos gentios. Essa atitude, embora Pedro pudesse justificá-la sobre o fundamento de ser conveniente, ia produzir efeito desastroso. Até Barnabé inclinou-se a seguir-lhe o exemplo. Paulo enfrentou a situação com energia, acusando francamente a Pedro de dissimulação. Sua repreensão produziu salutar efeito; no Concílio de Jerusalém, que se seguiu, Pedro apoiou intransigentemente a argumentação de Paulo.

Mas o problema levantado pelos judaizantes tinha de ser discutido e resolvido, para que à Igreja Cristã se evitasse o risco de ser dividida, logo no seu início, em dois corpos, um judaico e outro gentílico. Então a igreja de Antioquia enviou delegados aos apóstolos e anciãos de Jerusalém, e ali o caso foi discutido amplamente por eles na reunião conhecida por Concílio de Jerusalém. Apesar dos argumentos do partido farisaico da igreja, o peso da influência de Pedro, apoiada por Barnabé e Paulo, que narraram as bênçãos de Deus sobre a missão gentílica, e por fim o resumo judicioso de Tiago inclinaram a mente do Concílio na direção liberal.

Condição alguma se devia impor aos cristãos gentios para a salvação, ou para a admissão deles à plena fraternidade cristã, salvo aquela que Deus mesmo aceitara como suficiente, a fé em Cristo. Uma vez estabelecido esse princípio, foi mais fácil tratar da questão prática das relações sociais. Seria manifestamente um ato de cortesia e virtude da parte dos cristãos gentios respeitarem certos escrúpulos judaicos; e a decisão da reunião foi por conseguinte declarada numa carta que se escreveu à igreja de Antioquia e suas igrejas filhas, pedindo-lhes que se abstivessem dos alimentos sacrificados aos ídolos, do sangue e de carnes das quais o sangue não houvesse escorrido convenientemente (**animais estrangulados**) e que se conformassem com o elevado código de relações entre os sexos, divinamente estabelecido. É absurdo dizer, como alguns têm feito, que Paulo jamais teria aceitado tais condições para suas igrejas gentílicas. Quando princípios estavam em jogo, o apóstolo era inflexível; em caso contrário, não havia quem contemporizasse mais do que ele, havendo vários lugares em suas cartas onde insta com os seus convertidos e outros para que observem esse dever de respeitar os escrúpulos e a consciência alheia (cfr. **#1Co 8.1** e segs.; **#Rm 14.1** e segs.).

Alguns indivíduos que desceram da Judéia (1). Provavelmente os mesmos referidos em **#Gl 2.12**, "alguns da parte de Tiago" (embora haja manuscrito que autorize a ler no singular: "alguém veio da parte de Tiago"). Cfr. vers. 24. **Alguns da seita dos fariseus, que haviam crido** (5). Nada havia que impedisse um fariseu de aceitar a Jesus como Messias, conservando ao mesmo tempo os dogmas distintivos de sua seita, mas a tendência era tornar-se cristão de espírito legalista. (Paulo, naturalmente, era a grande exceção a essa tendência). **É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés** (5). Naturalmente os objetos dessa determinação eram os convertidos gentios. Não está claro se a "necessidade" aí era "para a salvação em absoluto", ou se era "necessário para obter o reconhecimento dos cristãos judeus e a confraternização com eles". Provavelmente esses fariseus consideravam isso uma distinção sem diferença.

>At-15.6

Então se reuniram os apóstolos e os presbíteros (6). Parece do vers. 12 (toda a multidão) que outros membros da igreja de Jerusalém estavam presentes, embora a deliberação e a decisão coubessem aos líderes. **Que os gentios ouvissem por meu intermédio a palavra do evangelho** (7); é referência ao caso de Cornélio (ver o cap. 10). **Concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera** (8); cfr. **#At 10.47**; **#At 11.15-17**. Purificando-

lhes pela fé os corações (9). "Purificando", como concedendo no vers. 8, é no grego um particípio aoristo simultâneo, e ambos os particípios denotam o mesmo evento: quando aqueles gentios creram no evangelho, o Espírito Santo desceu sobre eles, purificando-lhes os corações (cfr. **#At 10.15**, "o que Deus purificou"). **Um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós** (10). As obrigações da religião judaica são mencionadas freqüentemente como "jugo" pelos rabinos (cfr. as palavras de Jesus, "meu jugo", **#Mt 11.29-30**). As palavras de Pedro expressam provavelmente a atitude geral da plebe judaica para com a praticabilidade da guarda da lei. **Mas cremos...** (11). Este verso provavelmente significa: "Mas pela graça do Senhor Jesus somos salvos pela fé, assim como eles".

>At-15.13

Falou Tiago, dizendo (13). Tiago parece ser reconhecido, por essa época, como líder da igreja de Jerusalém, e um que fazia jus à lealdade dos legalistas. **Simão** (14), isto é, Pedro; Simeão expressa mais corretamente o heb. **Shim'on**, do que Simão. **Constituir dentre eles um povo para o seu nome** (14); dentre os gentios, isto é, tanto quanto dentre os judeus. Tem-se atribuído a este verso uma significação "dispensacional" exagerada, além das implicações do seu contexto. **Conferem com isto as palavras dos profetas** (15). A principal citação é de **#Am 9.11-12** (LXX), com adições no princípio e no fim. Como a presença dos crentes judeus na Igreja cumpriu a predição da restauração do tabernáculo de Davi, assim a presença nela dos crentes gentios cumpriu a alusão de Amós (LXX) aos "demais homens" e a "todos os gentios". **Diz o Senhor...** (17). As palavras que se seguem e terminam a citação devem ser lidas: "que faz estas coisas conhecidas desde o princípio do mundo" (RV); cfr. **#Is 45.21**.

>At-15.20

Que se abstenham (20). No Texto Recebido, que deve ser mantido, as condições declaradas para relações sociais consistem nas principais leis da alimentação; a fornicção, proibida aqui, pode denotar infrações da lei judaica do matrimônio, como está em **#Lv 18** (a fornicção em sentido geral, era em qualquer caso absolutamente proibida a todos os cristãos).

O texto "ocidental", aqui e no vers. 29 (e **#At 21.25**), converte estas condições em regulamentos éticos-abstinência da idolatria, fornicção (em sentido geral) e derramamento de sangue-acrescentando uma forma negativa da regra áurea:

"não façam aos outros o que não querem que se lhes faça". A lição "ocidental" reflete uma época em que a controvérsia judaizante não mais existia e estava esquecida. **Porque Moisés, desde tempos antigos...** (21), isto é, não há perigo de ser esquecida a lei mosaica, visto como regularmente é dada a conhecer nas sinagogas, através de todo o mundo gentílico. **Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós** (28). A consciência que têm de estarem possuídos do Espírito é tão completa que a comunidade é considerada como o Seu porta-voz ou veículo.

>At-15.30

2. A CARTA É RECEBIDA (#At 15.30-16.5) -A carta foi levada a Antioquia por dois cristãos de Jerusalém, Judas e Silas, que acompanharam de volta os delegados daquela cidade. O recebimento da carta em Antioquia causou grande satisfação.

Então Paulo e Barnabé concordaram em fazer nova visita às igrejas evangelizadas em sua primeira viagem, porém discordaram a respeito de Marcos. Barnabé recusou dispensar a companhia de seu primo; o desfecho da dissensão foi que, em vez de uma só excursão missionária, houve duas: Barnabé e Marcos indo outra vez a Chipre, enquanto Paulo tomou a Silas, que tinha a dupla vantagem de ser membro da igreja de Jerusalém e ser cidadão romano, e com ele saiu a percorrer as cidades da Ásia Menor, visitadas na primeira viagem, entregando às igrejas, cópias do decreto apostólico.

Em Listra juntou-se-lhes Timóteo, a quem Paulo circuncidou para que fosse mais útil na obra do evangelho. Pessoas há de mentalidade acanhada que, diante disso, acusam o apóstolo de incoerência (ou, por outra, negam a veracidade da declaração de Lucas); porém Paulo se ateve, de fato, a uma coerência superior, descrita em #1Co 9.19-23. Ele combatia qualquer idéia de ser necessário os cristãos se circuncidarem a fim de completarem a sua salvação; o caso, porém, é que Timóteo fora criado por sua mãe e sua avó, que eram judias, para ser um judeu religioso em todo o sentido, exceto quanto à circuncisão. Para os gentios ele era, portanto, judeu, mas para os judeus, era gentio porque, sendo seu pai grego, não fora circuncidado. Por conseguinte, a fim de regularizar sua situação, Paulo o circuncidou; era melhor que ele fosse distintamente uma coisa ou outra, do que manter uma posição ambígua.

>At-15.34

Mas pareceu bem a Silas permanecer ali (34). Este verso, tomado pelo Texto Recebido ao texto "ocidental", não consta do original; contradiz o vers. 33, porém foi interpolado num esforço por explicar por que Silas aparece outra vez em Antioquia no vers. 40; entretanto, é fácil supor que Paulo mandou chamá-lo em Jerusalém. **Houve tal desavença** (39); lit. "houve tal atrito" (gr. **paroxysmos**). É ocioso censurar um ou outro apóstolo; o progresso posterior de Marcos provou que Barnabé tivera razão por seu lado, mas provavelmente Marcos não teria progredido assim na companhia de Paulo. **Paulo, tendo escolhido a Silas...** (40). Este é chamado Silvano nas Epístolas paulinas e em **#1Pe 5.12**. Parece, à vista de **#At 16.37**, que ele, como Paulo, era cidadão romano. **Síria e Cilícia** (41). A dupla província, mencionada no vers. 23.

At-16.1

Havia ali um discípulo (16.1); isto é, em Listra, fator comum nas expressões **Derbe e Listra** (1), e **Listra e Icônio** (2). **Uma mulher judia** (1). É chamada Eunice em **#2Tm 1.5**. Sobre o seu casamento "misto", Ramsay sugere que os judeus frígios eram menos exclusivistas do que os da Palestina.

>At-16.6

V. EVANGELIZAÇÃO DAS PRAIAS DO MAR EGEU At 16.6-19.14

a) Passando à Europa: o Evangelho em Filipos (At 16.6-40)

Quando caminhavam na direção de Éfeso, tiveram consciência de várias inibições, procedentes do céu, que lhes barraram aquela estrada, fazendo-os mudar de rumo para o norte, até que se acharam no porto de Trôade, sobre o mar Egeu, outra colônia romana, onde novo companheiro se lhes juntou, Lucas, o escritor da narrativa.

Em Trôade Paulo teve de noite uma visão que levou todo o grupo a concluir que Deus os chamava para atravessarem na direção da Europa e evangelizá-la. E assim cruzaram o Egeu, pelo norte, e desembarcaram em Neápolis, na Macedônia, hoje chamada Cavala, e avançaram pelo interior, à colônia de Filipos, onde ficaram, visto Paulo conhecer quanto valia estabelecer uma igreja ali, perto do término oriental de grande estrada romana, a Via Egnatia, que ligava o Egeu ao Adriático. A importância da cidade, como colônia

romana, talvez estivesse na mente de Paulo quando, mais tarde, lembrou ele aos cristãos filipenses serem eles "uma colônia do céu" (#Fp 3.20).

Parece que não havia sinagoga em Filipos, presumivelmente devido à falta do mínimo requerido de dez homens; contudo dirigiram-se à margem do rio Gangites, onde se costumava fazer oração, e falaram às mulheres que ali estavam reunidas. Uma destas, Lídia de Tiatira, negociava com púrpura, artigo este com o qual sua cidade natal havia muito se celebrizara. Quando ouviu o evangelho, creu, foi batizada juntamente com os seus e persuadiu os quatro missionários a se hospedarem em sua casa.

Lídia é a primeira de três pessoas em Filipos, cuja experiência do poder de Cristo em suas vidas se menciona de modo especial. Essas três pessoas são de tal maneira diferentes entre si que é bem possível terem sido escolhidas de propósito para se mostrar como esse poder de Cristo era capaz de trazer paz e livramento aos tipos mais diferentes de indivíduos. A segunda pessoa foi uma jovem escrava, adivinhadora, que teimava em gritar atrás de Paulo e seus amigos, pelas ruas de Filipos, dando um testemunho que ninguém havia encomendado, até que Paulo, no Nome de Cristo, exorcizou o espírito de que estava possessa. Infelizmente, no entender dos senhores da moça, Paulo exorcizara ao mesmo tempo os meios de vida deles, e isto resultou em Paulo e Silas serem arrastados à presença dos pretores-denominação pomposa pela qual os dois principais magistrados desta e de outras colônias romanas gostavam de se chamar -com a queixa: "Estes homens, sendo judeus, perturbam a nossa cidade, propagando costumes que não podemos receber nem praticar porque somos romanos". É digno de nota que nas duas principais ocasiões, nos Atos, em que os gentios se opõem ao evangelho, fazem-no porque este ameaça interesses financeiros, sendo que a outra vez ocorreu em Éfeso.

Paulo e Silas foram detidos não somente porque eram os líderes do grupo, como também possivelmente por parecerem mais judeus do que Timóteo, que era grego pelo lado paterno, ou Lucas, que provavelmente era grego de todo. Os pretores, sem procurarem averiguar cuidadosamente as alegações feitas, mandaram que os dois homens fossem açoitados com as varas dos lictores, que eram assistentes dos magistrados veteranos, e fossem encarcerados com segurança. Todavia, enquanto os dois missionários louvavam a Deus em voz alta, à meia noite, apesar de sua posição forçada e dolorosa, um terremoto soltou as barras da prisão e as algemas dos presos. O carcereiro, provavelmente ex-soldado, acordou no espírito assim como no corpo, e pela

preservação de sua vida como pela salvação de sua alma reconheceu-se devedor aos homens a quem, poucas horas antes, houvera metido no tronco.

Os pretores, na manhã seguinte mandando soltar os presos, verificaram que o feitiço virara contra os feiticeiros, uma vez que vieram a saber o que na excitação da véspera tinham deixado de averiguar, isto é, que aqueles homens eram cidadãos romanos, e por conseguinte legalmente protegidos contra o tratamento vergonhoso a que tinham sido submetidos. Assim, tiveram de passar pela humilhação de cerimoniosamente retirar da prisão os dois missionários. Logo depois Paulo, Silas e Timóteo se retiraram da cidade, ao que parece deixando Lucas para ajudar a novel igreja que depressa se tornou digna de imitação.

Região frígio-gálata (6). Rumaram ao norte, depois que o caminho para a província da Ásia lhes fora impedido. A primeira intenção deles provavelmente fora percorrer a principal estrada na direção do oeste para Éfeso. **O Espírito não lho permitiu** (7). Leia-se "o Espírito de Jesus" (ARA). **Um varão macedônio** (9). É ocioso inquirir como Paulo soube que se tratava de um macedônio; as palavras, **Passa à Macedônia e ajuda-nos**, foram bastantes para identificá-lo. **Imediatamente procuramos partir** (10). Tais palavras assinalam o princípio da primeira "seção do pronome nós" neste livro de Atos, a qual vai até o vers. 17. **Filipos** (12); tomou o nome de Filipe da Macedônia, que a reedificara como cidade fortificada, cerca de 350 A. C. Foi feita **colônia** romana quando Antônio e Otaviano ali estabeleceram seus veteranos, após a batalha de Filipos em 42 A.C. **Primeira cidade desta parte da Macedônia** (12). Leia-se "cidade do primeiro distrito da Macedônia" (a Macedônia fora dividida pelos romanos em quatro áreas administrativas).

>At-16.16

Possessa de espírito adivinhador (16), lit. "pitonisa". Supunha-se que os tais possessos eram inspirados de Apolo, o deus "pítio", cujo principal oráculo ficava em Delfos (também chamado Pitom), onde se acreditava que ele estava encarnado numa serpente ("Pitom"). **Servos do Deus Altíssimo, que nos anunciam o caminho da salvação** (17). Estas frases religiosas eram correntes tanto nos meios gregos como nos judaicos naquele tempo. Entre os gentios a "salvação" (gr. **soteria**) era objeto de muitas promessas e orações ao "Deus Altíssimo" (gr. **theos hypisistos**) e a outros "deuses salvadores" (gr. **theoi soteris**), e era oferecida aos iniciados das religiões de mistérios. **Os magistrados** (20); mais exatamente "pretos" (que é o sentido do grego

strategoi, usado como título civil). Eram os dois magistrados colegiados mais antigos da colônia. O termo grego mais geral para magistrados (**archontes**) traduz-se por **autoridades** no final do vers. 19. **Mandaram açoitá-los com varas** (22). Cfr. **#2Co 11.25**, onde Paulo diz que recebeu este tratamento em duas outras ocasiões. As varas eram as que os assistentes dos pretores, chamados **lictors**, conduziam em feixes (**ascas**) como distintivos do cargo. **Prendeu-lhes os pés no tronco** (24). Este era um instrumento de tortura, tanto quanto de segurança, pois tinha mais de duas aberturas para as pernas, que podiam assim ser forçadas para um e outro lado, causando grande incômodo e sofrimento. **Paulo e Silas oravam e cantavam a Deus** (25). "As pernas nada sentem no tronco, quando o coração está no céu", disse Tertuliano. **Ia suicidar-se** (27); visto que, presumivelmente, era responsável pela segurança dos prisioneiros, não podendo nem um terremoto eximi-lo dessa responsabilidade. **Todos aqui estamos** (28). Isto sugere que os dois missionários foram capazes de exercer algum domínio moral sobre os outros detentos. O carcereiro e seus movimentos podiam ser vistos de dentro da prisão, projetada sua silhueta no vão da porta, embora ele não visse os prisioneiros, mergulhados que estavam na escuridão. **Que devo fazer para que seja salvo?** (30). É difícil dizer o que ele quis significar com tais palavras, mas a salvação que recebeu foi completa, como resultado de aceitar a **palavra de Deus** (32). **Lavou-lhes os vergões dos açoites e foi batizado** (33). "Lavou-lhes os vergões e foi lavado ele mesmo dos seus pecados" (Crisóstomo). **Com todos os seus** (34); toda esta frase é um advérbio no grego (**panoikei**), que modifica os verbos **alegrar-se** e **crer**. Quanto a toda a sua casa tornar-se cristã cfr. as histórias de Cornélio (**#At 11.14**), de Lídia (**#At 16.15**), e de Crispo (**#At 18.8**). **Quadrilheiros** (35), isto é, os **lictors**; lit. os "porta-varas" (gr. **rhabdouchoi**). **Sem ser sentenciados** (37); gr. **akatakritos**, que provavelmente representa aqui a expressão latina **re incognita**, "sem investigarem nosso caso". Havia uma série de leis (as leis Valerianas e Porcianas) que isentavam os cidadãos romanos de todas as formas degradantes de castigo. **Rogaram que se retirassem** (39). Não podiam expulsar cidadãos romanos de uma cidade romana, mas apenas solicitar que se retirassem. A responsabilidade de proteger dois cidadãos romanos não benquistos era aparentemente mais pesada do que se sentiam capazes de tomar sobre si.

At-17.1

b) Tessalônica e Beréia (At 17.1-15)

Paulo e seus companheiros continuaram viagem ao longo da estrada Egnácia rumo a Tessalônica, capital da Macedônia, onde permaneceram o tempo bastante para ali fundarem nova igreja. A mensagem que resultou na fundação dessa igreja vem declarada em **#1Ts 1.9-10**. Porém depois que Paulo expôs o evangelho na sinagoga por três sábados seguidos, mostrando à luz de leituras bíblicas que Jesus era o Messias, os judeus que se lhe opuseram, acusaram-no perante os politarcas-nome dado aqui e em numerosas inscrições aos principais magistrados desta e de algumas outras cidades macedônicas. Paulo precisou deixar a cidade às pressas, talvez porque Jasom, seu hospedeiro, teve de prestar fiança para que ele se ausentasse. Prosseguindo na direção do sul, veio ter a Beréia, e encontrou aí a respectiva comunidade judaica mais tratável do que a de Tessalônica; contudo os judeus tessalonicenses foram ao seu encalço e ali excitaram o povo contra ele. Assim teve de ser acompanhado por irmãos, desde Beréia a Atenas, onde esperou por Silas e Timóteo, que tinham ficado atrás. (O curso dos acontecimentos nesta conjuntura deve ser reconstituído comparando-se esta passagem de Atos com **#1Ts 2.17-3.8**).

Anfípolis (1), cabeça de ponte à margem do Struma, e **Apolônia**, entre o Struma e o Vardar, eram cidades macedônicas servidas pela estrada Egnácia. **Tessalônica** (1), feita cidade livre pelos romanos em 42 A. C., era a capital da província romana da Macedônia. **Expondo e demonstrando** (3); isto é, expondo as Escrituras proféticas e colocando-as lado a lado dos acontecimentos históricos recentes que as cumpriram. **Convinha que o Cristo padecesse...** (3). É expressão enfática, veja-se **#Lc 24.26,46**. **Gregos piedosos** (4); isto é, "tementes a Deus". **Magistrados da cidade** (6). Gr. **politarchai**, palavra esta que não se encontra na literatura clássica, porém é atestada em epígrafes. Tessalônica era governada por uma junta de cinco de tais magistrados, daquele modo denominados na era Augusta. **Estes que têm transtornado o mundo** (6). A palavra (gr. **anastatoo**) sugere agitação revolucionária subversiva. **Outro rei** (7); "outro imperador". A acusação, como foi formulada, era seríssima e não podia deixar de ser considerada. **Após terem recebido deles a fiança estipulada** (9). Jasom e seus associados ficaram como fiadores da conduta de Paulo, que neste caso envolvia seu afastamento de Tessalônica, situação esta referida em **#1Ts 2.18**.

>At-17.10

Beréia (10). Cidade da Tessália. **Mais nobres** (11); isto é, mais liberais ou de espírito franco, arejado. **Fosse como para o mar** (14); melhor, "até ao mar", talvez a Metone ou Dium, onde embarcou para o Pireu, porto de Atenas.

>At-17.16

c) Paulo em Atenas (At 17.16-34)

A permanência de Paulo em Atenas é relatada por Lucas de modo tal que os estudantes clássicos reconhecem ser verdade o que ele narra. Vários séculos antes, essa cidade fora censurada pelos seus estadistas por se interessar mais em ouvir contar novidades do que em atender a assuntos de maior importância (cfr. #At 17.21). Nada se diz da apreciação estética de Paulo a respeito das esculturas de Fídias, ou de algum sentimento suscitado no peito desse campeão da liberdade cristã, uma vez que sabia estar diante do berço da democracia. Para ele a vista da bela cidade de Cécrope, tão cheia de ídolos, era dolorosa. Aqui dissertou não somente entre os judeus na sinagoga, como também entre os atenienses na praça, a Ágora, centro da vida ateniense, onde disputou com os adeptos das duas ilustres escolas, estóicos e epicureus, aqueles buscando a auto-suficiência como o mais elevado bem, os últimos buscando o prazer. A esses Paulo pareceu como **pregador de estranhos deuses** (18), pelo que o levaram à Corte do Areópago a fim de expor o seu ensino.

Essa era a instituição mais antiga de Atenas, fundada, segundo a tradição, havia mais de mil anos pela padroeira da cidade, a deusa Atena. Quando Atenas se tornou uma democracia no quinto século A. C., grande parte do poder dessa Corte foi abatida, porém ela conservou grande prestígio moral, que tendia a crescer sob os romanos. Há evidência de que por esse tempo uma de suas funções era examinar e licenciar preletores públicos.

O discurso de Paulo perante aquela corporação, como vem narrado por Lucas, seguiu uma orientação não diferente daquela do discurso proferido em Listra (#At 14.15-17). Começando com uma referência a um altar dedicado AO DEUS DESCONHECIDO (tipo de consagração de altar em Atenas testificado por outros escritores), Paulo declarou que sua missão era fazer conhecido deles esse Deus desconhecido. E prosseguiu na descrição da obra divina da criação e da providência, usando linguagem tomada de empréstimo a alguns dos poetas gregos, como Epimênides de Creta (**Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos**) e Arato da Sicília (**Porque dele também somos geração**).

Paulo então argumentou que Deus não devia ser adorado segundo o sistema idolátrico de Atenas e do mundo pagão em geral; e que, embora até então Ele

tivesse dissimulado a ignorância dos homens, agora mudara de proceder, ordenando a todos, em todo lugar, que se arrependessem, em vista do juízo vindouro do mundo, do qual fora dada uma prova pública, visto que o Homem designado para executar esse juízo tinha ressurgido dos mortos. (Quanto a esta ênfase sobre a varonilidade de Cristo em conexão com a Sua função de juiz do mundo, cfr. #Dn 7.13; #Jo 5.27). O auditório escutou com bastante interesse até Paulo falar na ressurreição. Isto agora é que não puderam suportar. A imortalidade da alma era um lugar-comum de suas diversas escolas filosóficas, mas a ressurreição do corpo era para eles tão absurda quanto indesejável. Ainda hoje é uma pedra de tropeço para muitos, tanto quanto o era para os atenienses, todavia é parte integrante da fé cristã.

Tão dada à idolatria (16); isto é, cheia de templos e imagens de divindades pagãs. Gentios piedosos (17); isto é, "tementes a Deus". Epicureus (18). Estes tomavam o nome de Epicuro, fundador dessa escola (341-270 A. C.). Os estóicos, ou seguidores da doutrina do Pórtico, eram assim chamados do Pórtico Colorido (colunata) onde Zenão, seu fundador (340-265 A. C.) ensinava os seus discípulos. Tagarela (18); gr. spermologos, mascate intelectual, camelo de filosofia de segunda-mão (termo de gíria característica dos atenienses). Jesus e a ressurreição (18). Estes nomes podiam ter sido entendidos pela plebe de Atenas como pertencentes a duas novas divindades. Areópago (19). Aqui não se refere a lugar, mas à corporação de homens, a Corte do Areópago. Pois todos os de Atenas... de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades (21). Vários exemplos desta caracterização dos antigos atenienses podem-se achar na literatura clássica. Areópago (22); aqui como no vers. 19 não é o lugar, sim a corporação de homens. Um tanto supersticiosos (22), ou "muito religiosos". AO DEUS DESCONHECIDO (23). Sobre isto veja-se The Areopagus Address, de N. B. Stonehouse, págs. 15 e segs. Sem conhecer (23), isto é, confessando que Ele vos é desconhecido. Não habita em templos feitos por mãos (24). Cfr. #At 7.48, e veja-se The New Temple de R. A. Cole. Nas palavras do vers. 25 os epicureus achariam confirmação para o seu ponto de vista de que o divino Ser não precisava de nada que os homens pudessem dar e os estóicos, por sua vez, para a sua idéia de que Ele é a fonte de toda a vida. De um sangue fez... (26). Os melhores textos omitem "sangue" (ver a ARA; a referência então será ao "único homem", de quem, na Bíblia, todos descenderam. Isto contraditava a crença querida dos atenienses de terem eles brotado do solo da Ática. Havendo fixado os tempos... e os limites da sua habitação (26). Cfr. #Dt 32.8. Pois nele vivemos, e nos movemos... (28). Esta citação de Epimênides é interessante por várias razões. Uma era que, na lenda grega, ele teria

aconselhado a ereção de "altares anônimos" em Atenas e seus arredores; outra é que mais um verso do mesmo contexto é citado em [#Tt 1.12](#). No contexto referido, Epimênides dirige-se ao Deus Supremo, dizendo:

"Modelaram um túmulo para Ti, ó santo e elevado,

Os cretenses, sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos

Porém Tu não estás morto; para sempre Te ergueste e vives,

Pois em Ti vivemos, e nos movemos, e existimos".

>At-17.30

[Não levou em conta](#) (30); cfr. [#Rm 3.25](#), "deixou impunes os pecados anteriormente cometidos". [Há de julgar o mundo com justiça](#) (31); baseado em passagens do Velho Testamento como [#Sl 96.13](#). [Varão que destinou](#) (31); cfr. [#At 10.42](#). [Quando ouviram falar de ressurreição de mortos](#) (32). O tragediógrafo Ésquilo tinha apresentado o deus Apolo a dizer, na ocasião em que a Corte do Areópago fora fundada pela deusa Atena, padroeira da cidade, "Porém quando a terra embeber o sangue de um homem, uma vez este morto, não haverá ressurreição" (a mesma palavra grega [anastasis](#) Paulo usou em sua pregação). Esse, aos olhos dos atenienses, era maior autoridade do que Paulo. [Dionísio, o areopagita](#) (34). Membro da Corte do Areópago. A coleção de literatura neoplatônica, atribuída a este Dionísio, foi produzida com efeito vários séculos depois de sua época.

At-18.1

d) Paulo em Corinto (At 18.1-28)

1. FUNDAÇÃO DA IGREJA ([#At 18.1-17](#)) -Paulo mudou-se depois para Corinto, grande cidade comercial com um ancoradouro duplo. Depois de sua destruição pelo general romano Múmio em 146 A. C., ficou em ruínas durante cem anos, até que em 46 A. C. Júlio César a reedificou como colônia romana. Por muito tempo gozara indesejável fama de baixa moralidade, e só foi com dificuldade que a igreja, em breve a ser ali fundada, manteve em xeque essa moral baixa. Entretanto Paulo conhecia a importância de deixar naquela cidade forte "célula" da nova comunidade, pelo que passou ali dezoito meses.

Lá encontrou Áquila e sua mulher Priscila, que lhe prestaram tanto auxílio em seus subseqüentes trabalhos.

A princípio, com algum êxito, fez da sinagoga local a base de suas operações, todavia quando a oposição judaica tornou impossível continuar lá, valeu-se da hospitalidade de Tício Justo, um "temente a Deus" que morava numa casa contígua à sinagoga. (Ramsay supôs, provavelmente com razão, que o nome completo desse cidadão era Gaio Tício Justo, sendo ele o "Gaio, meu hospedeiro", referido por Paulo em [#Rm 16.23](#), o mesmo de [#1Co 1.14](#)).

À proporção que Paulo anunciava as boas novas em Corinto, muitos creram, inclusive o principal da sinagoga, Crispo (cfr. [#1Co 1.14](#)). Seus opositores judeus, porém, não esmoreceram nos esforços por embaraçar-lhe os passos, e logo o acusaram, perante Júnio Gálio, procônsul romano da Acaia, de propaganda religiosa ilegal. Gálio é um tipo interessante; era irmão muito estimado de Sêneca, o filósofo estóico e tutor de Nero. Há inscrição que mostra ter ele governado a Acaia de 51 a 52. Ouviu as alegações capciosas dos acusadores de Paulo. Se este houvesse infringido a lei romana-disse ele - atendê-los-ia, mas como a questão parecia concernir só às crenças e interpretações judaicas, estava fora de sua jurisdição. Ramsay frisa a importância da decisão de Gálio, como precedente de que outros governadores se serviram, e como sinal para o apóstolo de que se podia confiar que o governo romano protegeria a liberdade dos pregoeiros cristãos, e nessa confiança mais tarde ele próprio apelou para César.

A cena que se seguiu à repulsa dos judeus por parte de Gálio, com o espancamento do principal da sinagoga pelo populacho grego, mostra como o sentimento antijudaico estava, já naqueles dias, à flor da pele. Se este Sóstenes é o mesmo de [#1Co 1.1](#), então, como o seu antecessor Crispo, veio a tornar-se cristão. Outro eminente coríntio convertido foi Erasto, tesoureiro da cidade ([#Rm 16.23](#)), cujo nome foi identificado, com muita probabilidade, numa inscrição coríntia.

>At-18.2

Ponto (2). Província do norte da Ásia Menor, na costa meridional do mar Negro. **Priscila** (2); forma diminutiva e familiar do seu nome. Paulo refere-se regular e mais formalmente a ela como "Prisca". **Cláudio decretara que todos os judeus se retirassem de Roma** (2); todos os judeus, isto é, que não eram cidadãos romanos. Segundo Suetônio, foram expulsos "porque constantemente

estavam em tumulto, à instigação de Cresto", provavelmente uma alusão canhestra às disputas entre judeus cristãos e não-cristãos em Roma. A expulsão pode ser datada de 49-50 mais ou menos. **Faziam tendas** (3). A palavra pode significar, mais amplamente, "trabalhadores em couro". Considerava-se conveniente um rabino exercer uma profissão de trabalho manual, de modo a não tirar lucro monetário de sua sagrada função de mestre. **Todos os sábados** (4). O texto "ocidental" acrescenta, "inserindo o nome do Senhor Jesus" (isto é, como um desenvolvimento interpretativo das leituras feitas nos profetas). **Foi constrangido no espírito** (5); melhor, "devotou-se inteiramente à pregação", sendo supridas suas necessidades materiais por donativos que Silas e Timóteo trouxeram das igrejas da Macedônia. **Blasfemando** (6). "Falando mal do nome de Jesus". **Que servia a Deus** (7); isto é, um temente a Deus. **Com toda a sua casa** (8). Cfr. #At 11.14; #At 16.15,31 e segs. **Ninguém ousará fazer-te mal** (10). Esta promessa cumpriu-se no fracasso do ataque descrito nos vers. 12-17. **Um ano e seis meses** (11). Provavelmente do outono de 50 à primavera de 52.

>At-18.12

Quando Gálio era procônsul da Acaia (12). Cfr. #At 13.7,12; #At 19.38. Uma Inscrição em Delfos, registando uma proclamação de Cláudio, oferece a probabilidade de Gálio ter sido nomeado para o seu pro-consulado em julho do ano 51. A província romana da Acaia incluía toda a Grécia ao sul da Macedônia. **Este persuade os homens a adorar a Deus por modo contrário à lei** (13); isto é, propaga uma **religio illicita**, um culto que não tem licença da lei romana para ser divulgado. **Não quero ser juiz dessas coisas** (15). Antes a oposição judaica recorreu a tumultos do populacho, ou aos magistrados das cidades; agora tenta influenciar um tribunal mais alto, o magistrado provincial, contra os apóstolos. A decisão de Gálio, de ser o evangelho uma forma do Judaísmo, que era uma religião especificamente protegida pelo direito romano, não logrou validade indisputada por muitos anos, mas como um precedente proporcionou proteção ao Cristianismo por dez anos, tempo este de importância vital e decisiva. **Gálio não se incomodava com estas coisas** (17); Isto é, fechou os olhos ao procedimento da turba pagã, que secundou a repulsa dos judeus do local por parte do procônsul, atacando um dos seus principais representantes.

>At-18.18

2. PAULO DEIXA CORINTO E APOLO APARECE (#At 18.18-28) -Na primavera de 52 Paulo deixou Corinto para fazer rápida visita a Jerusalém, durante a páscoa. De caminho passou em Éfeso, porém aí desta vez não pôde demorar, apesar do convite insistente da sinagoga. No entanto, prometeu voltar e cumpriu esta promessa no outono. Nesse ínterim grande interesse foi despertado na sinagoga de Éfeso por um judeu alexandrino, chamado Apolo, muito versado nas Escrituras do Velho Testamento e também na história de Jesus, a qual, sendo por ele cotejada com essas Escrituras, convenceu-o de que Jesus era de fato o Messias; e com a sua argumentação poderosa expunha seu ensino na sinagoga. Áquila e Priscila, que acompanharam a Paulo de Corinto a Éfeso, ouviram-no e, como ele só conhecesse o batismo de João, ensinaram-lhe o caminho do Senhor com maior precisão, tirando assim proveito do ensino que eles mesmos receberam de Paulo. Procurando Apolo prosseguir viagem para a Grécia, os irmãos recomendaram-no à igreja de Corinto. E tão poderosa foi a assistência por ele prestada aos cristãos dali que Paulo lhes pôde escrever depois: "Eu plantei, Apolo regou" (#1Co 3.6). Embora alguns coríntios procurassem fazer dele um cabeça de partido rival de Paulo, é claro que não havia sentimento de oposição entre os dois (cfr. #1Co 16.12). **Tendo raspado a cabeça em Cencreia, porque tinha voto** (18); isto é, Paulo. Tratava-se de voto temporário de nazireu, talvez em ação de graças pelas promessas dos vers. 9,10. Cfr. #At 21.23-24. Cencreia era o porto oriental de Corinto, no mar Egeu: cfr. #Rm 16.1. **Éfeso** (19). Antiga cidade grega; nessa época era capital da província da Ásia e principal centro comercial da Ásia Menor. **É-me necessário em todo o caso guardar em Jerusalém a festa que se aproxima** (21). É uma adição "ocidental" ao texto original, mas sem dúvida apresenta a verdadeira razão da partida apressada de Paulo. A festa provavelmente era a páscoa, que no ano 52 A. D. caiu no princípio de abril, e como os mares ficaram fechados à navegação até 10 de março, havia pouco tempo a perder. **Atravessando... a região da Galácia e Frígia,** em nova visita às igrejas fundadas em sua primeira viagem missionária pela Ásia Menor.

>At-18.24

Natural de Alexandria (24) e talvez por isso dado à interpretação alegórica das Escrituras, como Filo. **Homem eloqüente** (24); ou "homem instruído". **Fervoroso de espírito** (25), isto é, cheio de entusiasmo. **As coisas do Senhor** (25); isto é, os fatos narrados no evangelho acerca de Jesus. **Conhecendo apenas o batismo de João** (25). O conhecimento que possuía do evangelho é possível que ele o tivesse adquirido de fonte galiléia, antes que dos apóstolos de Jerusalém. **Querendo ele passar à Acaia** (27). De acordo com o texto

"ocidental", alguns visitantes coríntios em Éfeso ouviram-no aí e persuadiram-no a acompanhá-lo de volta a Corinto.

At-19.1

e) Éfeso e a província da Ásia (At 19.1-41)

1. EVANGELIZAÇÃO DE ÉFESO (#At 19.1-20) -Havendo feito sua visita à Palestina, Paulo voltou por terra a Éfeso e aí permaneceu por mais ou menos dois anos e meio, do outono de 52 à primavera de 55. Realizou naquela cidade grande trabalho que se irradiou a outras da Província da Ásia, como Colossos, Laodicéia e Hierápolis. O efeito da pregação é retratado com vivacidade por Lucas em alguns camafeus. Primeiro encontramos os doze "discípulos" que só conheciam o batismo de João e nunca haviam ouvido falar do Espírito Santo; talvez fossem fruto da pregação de Apolo no seu início. Depois temos o afastamento de Paulo da sinagoga para o salão de aula de Tirano onde, segundo uma tradição textual, prelecionava diariamente das onze da manhã às quatro da tarde, durante o calor do dia, depois de gastar presumivelmente as primeiras horas da manhã no ofício de fabricar tendas. As obras poderosas efetuadas mediante Paulo em Éfeso ocasionaram choques com os mágicos locais, descrevendo Lucas com brilho o caso dos filhos de Ceva. A incineração dos rolos de pergaminho dos mágicos faz-nos lembrar que tais rolos se relacionaram tão intimamente com Éfeso no mundo antigo que se chamaram comumente *Ephesia grammata*, "cartas efésias".

Tendo passado pelas regiões mais altas (1). Paulo em vez de tomar o principal caminho de Éfeso, pelos vales Licus e Meandro, parece que tomou uma estrada mais ao norte, alcançando a cidade pelo lado setentrional do monte Messógis. **Discípulos** (1). Esta palavra estando desacompanhada de outras que lhe modifiquem o sentido, não significa "discípulos de João", e sim "discípulos de Jesus", quaisquer que fossem as falhas do conhecimento que tinham. **Nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo** (2), referência especial ao Espírito Santo como fora enviado no Pentecostes com manifestação exterior (regularmente é assim nos Atos). **Certamente João batizou...** (4); cfr. #At 1.5-11.16. **Que cressem naquele que vinha depois dele** (4); cfr. #Jo 1.26 e segs., #At 3.25 e segs. Há impressionante concordância entre João e Atos, quando falam de João Batista e do Espírito Santo. **Foram batizados em o nome do Senhor Jesus** (5). É a mesma expressão de #At 8.16. Este é o único exemplo de rebatizar-se alguém, registrado no Novo

Testamento. E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo (6), como acontecera aos convertidos samaritanos em #At 8.17.

>At-19.9

Falando mal do Caminho (9), isto é, do evangelho, como em #At 9.2. Disputando (9); melhor, "promovendo discussões" (gr. *dialegomai*). Na escola de um certo Tirano (9), de tanta utilidade em Éfeso como a casa de Tício Justo em Corinto. O texto "ocidental" acrescenta "desde a quinta à hora décima", na folga do meio-dia, quando Tirano não utilizava seu salão de aula. Dois anos (10). Provavelmente dois anos e meses o que, somado aos três meses do vers. 8, aproxima-se dos três anos de #At 20.31. Todos os habitantes da Ásia (10), isto é, da província romana desse nome, e especialmente da área ao redor de Éfeso. Provavelmente todas as sete igrejas visadas no Apocalipse (#Ap 1.11), assim como as de Colossos e Hierápolis (#Cl 4.13), foram fundadas nesse tempo. Lenços e aventais (12). Duas palavras de origem latina: *sudaria* (lit. "panos de enxugar suor"; cfr. #Lc 19.20; também #Jo 11.44-20.7), e *semicinctia* (peças que Paulo usaria quando trabalhava na confecção de tendas).

>At-19.13

Esconjuro-vos por Jesus (13). O emprego deste e de outros nomes judaicos nos exorcismos pagãos é confirmado por rolos de papiro de fórmulas mágicas que chegaram até nós. Principal dos sacerdotes (14). Lucas provavelmente está citando, porém não confirmando, a informação que Ceva dava de si mesmo. Acreditava-se que um Sumo Sacerdote judeu conhecia a pronúncia secreta do Nome inefável do Deus de Israel, e assim dispunha de um conjuro especialmente poderoso. Confessando e denunciando suas próprias obras (18); isto é, seus conjuros; divulgá-los era torná-los inúteis. Artes curiosas (19); isto é, práticas de magia. Livros (19); isto é, rolos de papiro ou pergaminho. Peças de prata (19); dracmas (denários).

>At-19.21

2. O TUMULTO EM ÉFESO (#At 19.21-41) -A cena mais vibrante de quantas Lucas nos apresenta do ministério de Paulo em Éfeso é a assembléia tumultuosa no grande teatro da cidade, ao ar livre, ultimamente escavado, estimando-se que comportava 25.000 pessoas. A corporação local dos ourives, que auferia considerável lucro da venda de imagens de prata da grande deusa

Ártemis, colocadas em nichos igualmente de prata, ficou alarmada quanto ao futuro de sua arte, à vista de tanta gente que abraçava o Cristianismo. Disfarçando essa preocupação sob a capa de interesse pela honra da deusa, convocaram, indignados, um comício. A indignação deles propagou-se ao público em geral que acorreu ao teatro, onde encenaram um tumulto pró-Ártemis e anti-judaico. (Note-se o humorismo do vers. 32). Paulo foi impedido de entrar no teatro pelos asiarcas, principais das cidades da província, de cujo meio saíam os sumos sacerdotes do culto imperial na Ásia. Alexandre, judeu residente na cidade, procurou falar à turbamulta talvez com o intuito de livrar a comunidade judaica de responsabilidade no ressentimento do povo. Os amotinados, não em condições de fazer tais distinções sutis, gritando impediram-no de falar e durante duas horas bradaram "Grande é a Diana (Ártemis) dos efésios!". Por fim o escrivão local, grandemente agitado e receoso de que as autoridades romanas punissem severamente a cidade por causa desse alvoroço, persuadiu-os a que se acalmassem e fossem para casa, declarando que se tinham alguma queixa contra aqueles homens, que a apresentassem às autoridades na devida forma.

Ir a Jerusalém (21), com os delegados de suas igrejas gentílicas, os quais levavam donativos dessas igrejas para os cristãos de Jerusalém. **Importa-me ver também Roma** (21). Cfr. **#Rm 1.11** e segs., **#At 15.23** e segs. relativamente aos planos de Paulo. Ramsay encontra aqui "a concepção clara de um plano de vasto alcance", de visitar Roma quando fosse evangelizar "a principal sede da civilização romana no Ocidente" (isto é, a Espanha), e considera esta decisão uma crise na carreira de Paulo. **Timóteo** (22). Cfr. **#Fp 2.19** sobre esta missão de Timóteo na Macedônia. **Diana** (24). Infelizmente este nome romano foi empregado pelos tradutores em lugar do nome grego Ártemis, que era a grande deusa de Éfeso (forma local da grande deusa-mãe, cultuada na Ásia Menor desde tempos imemoriais), cujo templo era uma das sete maravilhas da antigüidade. **Aquela que toda a Ásia e o mundo adoram** (27). Contam-se mais de trinta lugares, no mundo inteiro, onde se celebrava o culto da Ártemis efésia. **Os macedônios Gaio e Aristarco** (29). Leia-se "macedônio", como está em alguns MSS, referindo-se a Aristarco; Gaio era de Derbe, na Ásia Menor (**#At 20.4**). Os dois podem ter informado este incidente a Lucas. **Arremeteram para o teatro** (29). O teatro de Éfeso, ao ar livre, podia acomodar 25.000 pessoas e era um lugar conveniente para assembléias do povo, regulares ou irregulares. **Os principais da Ásia** (31) lit. asiarcas. É digno de nota que Paulo encontrou simpatizantes nas camadas mais altas da sociedade efésia. **O escrivão da cidade** (35); gr. **grammateus**. Era eminente oficial de ligação entre a administração municipal independente de Éfeso e o

governo provincial romano. **Guardião do Templo da grande Diana** (35) -título que a cidade prezava muito. **A imagem que caiu de Júpiter** (35); isto é, do céu; presumivelmente um meteorito, em que se podia ver uma coisa parecida com os "muitos seios" da deusa. **Sacrílegos** (37); isto é, ladrões de templos. **Há procônsules** (38), em sentido geral, porque Junius Silanus, procônsul da província, fazia pouco fora assassinado (nos fins de 54), e seu sucessor ainda não havia chegado. O procônsul presidia as sessões periódicas do tribunal. **Em assembléia regular** (39). Três vezes no mês havia uma assembléia regular (gr. *ekklesia*). Roma não tolerava uma aglomeração irregular e tumultuosa como aquela. **Sejamos acusados** (40); isto é, pelos romanos.

At-20.1

VI. COMO PAULO REALIZOU SEU IDEAL DE VER ROMA At 20.1-28.31

a) Paulo viaja à Palestina (At 20.1-38)

1. O APÓSTOLO NAVEGA COM OS DELEGADOS (#At 20.1-16) - Chegada ao fim sua estada em Éfeso, Paulo passou algum tempo na Macedônia e Grécia, quando viajou às fronteiras do Ilírico (a moderna Albânia e Iugoslávia), conforme lemos em #Rm 15.19. Organizara coletas, como um sinal objetivo de fraternidade, em suas igrejas gentílicas, para os cristãos pobres da igreja de Jerusalém, e na primavera de 57 navegou à Palestina com os delegados nomeados por essas igrejas para fazerem a entrega desses donativos. Sua intenção, depois dessa visita a Jerusalém, era navegar do Mediterrâneo oriental na direção do Ocidente, passando pela cidade de Roma a caminho da Espanha (#At 19.21, Rm 15.23 e segs.). Lucas juntou-se a ele de novo em Filipos, acompanhando-o a Jerusalém, como se vê da narrativa pormenorizada que faz dessa viagem à Palestina, empregando o verbo na primeira pessoa do plural. A visita feita a Trôade revela algo do costume de Paulo ao visitar uma igreja; notamos incidentalmente que seus sermões (ou antes diálogos) não eram desses de vinte minutos, e mesmo quando o discurso foi interrompido momentaneamente por um acidente fatal, depois de acalmar a todos quanto ao estado do moço, a reunião continuou até ao romper do dia.

Abraçando-os (1). Leia-se "tendo-os exortado, despediu-se deles". **Dirigiu-se para a Grécia** (2), isto é, à província da Acaia (cfr. #At 19.21 e ver #At 18.12). **Onde se demorou três meses** (3); principalmente em Corinto, onde em princípios do ano 57 A. D. escreveu sua epístola aos Romanos.

Acompanharam-no... (4). Os nomes são dos delegados das igrejas de Paulo, de ambas as costas do Egeu, os quais iam levando os donativos dessas igrejas para os cristãos de Jerusalém (cfr. #At 24.17, 1Co 16.1 e segs. #2Co 8.1 e segs.; #Rm 15.25 e segs.); **Sópatro** (4); talvez o Sosípatro de #Rm 16.21. **Estes nos precederam, esperando-nos em Trôade** (5). Atravessaram partindo de Cencréia, presumivelmente, enquanto Paulo e Lucas atravessaram de Filipos.

>At-20.6

Navegamos de Filipos (6). Vale notar que esta outra "seção do pronome nós" (#At 20.5-21.18) começa onde a primeira findou (#At 16.17) -em Filipos, onde Lucas pode ter passado todo o período entre uma e outra. **Depois dos dias dos pães asmos** (6). No ano 57 A. D. esses dias terminaram na quinta-feira 14 de abril. **No primeiro dia da semana, estado nós reunidos com o fim de partir o pão** (7); isto é, para celebrar a Ceia do Senhor; provavelmente era costume deles fazer isso todos os domingos à tarde. No caso presente, quando "partiram o pão" era já a manhã da segunda-feira (11), visto que Paulo **prolongou seu discurso até à meia-noite** (7). **Havia muitas lâmpadas** (8). O ar encheu-se da fumaça do óleo queimado, o que teria contribuído mais para o sono de Êutico. **Foi levantado morto** (9). Lucas, na qualidade de médico, provavelmente não teve dúvida de que o rapaz falecera. **A vida nele está** (10); provavelmente dando a entender que a vida voltara ao moço. Cfr. #1Rs 17.22, #2Rs 4.34-35. **Partiu o pão** (11); o artigo definido lembra o vers. 7 e indica que agora, por fim, celebraram a Ceia do Senhor conforme haviam planejado. **E comeu** (11). Refere-se à refeição que tomaram, depois de partirem o pão eucarístico. **Conduziram vivo o rapaz** (12). Êutico evidentemente recobrou os sentidos antes mesmo de Paulo prosseguir viagem. **Devendo ele ir por terra** (13). A rota marítima de Trôade a Assôs era mais longa do que o trajeto por terra, visto que contornava o cabo Lecto. **Mitilene** (14). Principal cidade da ilha Lesbo. **Ficando em Trogílio...** (15). Esta cláusula não consta nos melhores textos, mas a declaração é em si mesma provável. **Paulo tinha determinado passar adiante de Éfeso** (16). Provavelmente decidira isto em Trôade, e por isso escolheu um navio direto que atravessou em linha reta ao largo do golfo de Éfeso, a fim de alcançar a Palestina em tempo.

>At-20.17

2. PAULO DESPEDE-SE DOS PRESBÍTEROS DE ÉFESO (#At 20.17-38) - O encontro do apóstolo em Mileto com os presbíteros da igreja efésia é importante porque contém o único registo de um discurso seu frente a um

auditório de cristãos. A autenticidade deste discurso é fortemente apoiada por sua semelhança com a linguagem das epístolas de Paulo, e tanto mais porque não há provas de Lucas ter conhecido tais epístolas. O discurso lança luz sobre o curso dos acontecimentos ocorridos há pouco e sobre os pressentimentos do apóstolo quanto ao futuro, embora nada o demova da determinação de levar a cabo a obra divinamente a ele destinada e de acabar sua carreira jubilosamente.

De Mileto mandou a Éfeso (17), distante umas oito léguas. Provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram (19). Cfr. a referência feita a Alexandre, o latoeiro, em #2Tm 4.14, a qual pode ser pertinente ao caso, se ele é o Alexandre de #At 19.33. Além disso é claro, de referências feitas nas Cartas aos Coríntios (cfr. #1Co 15.30-32, 2Co 1.8-10) que Paulo ficou exposto a sério perigo durante seu ministério em Éfeso, além do ocasionado pelo tumulto de #At 19.23 e segs. Tanto a judeus como a gregos (21); cfr. #Rm 1.14 e segs., #At 3.9. O arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus (21). Sobre este sumário da mensagem de Paulo, cfr. #At 26.20; #Rm 10.9 e segs., #2Co 5.20 e segs. Ligado eu pelo espírito (22); isto é, constringido pelo Espírito (cfr. #At 16.6-7). O Espírito Santo de cidade em cidade me assegura (23). Falando mediante os profetas em várias igrejas (cfr. #At 21.4-11). Comparem-se as apreensões manifestas em #Rm 15.13. Para testemunhar o evangelho da graça de Deus (24). Isto evidentemente é o mesmo que pregar o reino de Deus (25). Sei que todos vós... não vereis mais o meu rosto (25). Sua intenção, se sobrevivesse aos perigos previstos de Jerusalém, era ir à Espanha. Se realmente eles tornaram a vê-lo, não se sabe. Estou limpo do sangue de todos (26). Quanto a essa idéia geral cfr. #Ez 33.19. O Espírito Santo vos constituiu supervisores (28), isto é, bispos, (gr. episkopos). No primeiro século A. D. "presbítero" (cfr. o vers. 17) e "bispo" eram termos equivalentes. A qual ele comprou com o seu próprio sangue (28). Ou "com o sangue do Seu Bem-Amado". Lobos vorazes (29). Refere-se a uma classe de falsos mestres; outra classe é indicada no vers. 30. Três anos (31); veja-se #At 19.10. A palavra da sua graça (32). "Esta mensagem da generosidade gratuita de Deus é a palavra que produz o maior efeito no coração do homem, e assim está apta a edificar a igreja" (Rackham). Herança entre todos os que são santificados (32); cfr. #At 26.18, Ef 1.14, Cl 3.24. Estas mãos serviram para o que me era necessário (34). Sem dúvida disse isto mostrando as mãos. Cfr. #1Co 9.15 e segs.; #2Co 11.7 e segs.; #1Ts 2.9, 2Ts 3.7 e segs. Mais bem-aventurado é dar que receber (35). Estas palavras de Cristo não estão registadas nos Evangelhos, embora seu sentido geral possa

corresponder a outros dizeres que lá se encontram. Parece que já circulavam coletâneas de frases de Jesus.

At-21.1

b) De Mileto a Cesaréia (At 21.1-14)

Quando Paulo e seus companheiros deixaram Mileto, prosseguiram viagem à Palestina desembarcando em Tiro, onde o navio devia ser descarregado. A cena de sua partida de Tiro, acompanhado até ao navio pelas famílias cristãs daquela cidade, amigas leais depois de uma semana de convivência com ele, mostra como o Cristianismo primitivo unia os crentes em fortes laços de amizade. À medida que ele prosseguia, passando de um porto a outro, tornavam-se mais ameaçadoras as indicações do perigo que o aguardava em Jerusalém. Os discípulos tírios, falando por inspiração, pediram-lhe que não continuasse a viagem. Em Cesaréia o profeta Ágabo reaparece para predizer claramente o que vai acontecer ao apóstolo. Porém "nada disto me demove", dissera ele em Mileto e continuava dizendo. Não devemos concluir daí que ele errou em prosseguir a viagem; esses amigos procuraram dissuadi-lo porque anteviam os riscos a que ele se exporia em Jerusalém, contudo pareceram reconhecer que os movimentos de Paulo eram orientados por Deus quando aquiesceram na decisão dele, dizendo **Faça-se a vontade do Senhor**.

Em Cesaréia vamos outra vez encontrar Filipe, onde o deixamos, segundo vimos no fim do cap. 8. Agora o temos em sua casa, com as quatro filhas profetisas. Como já notamos, Lucas provavelmente deveu a elas alguma informação sobre fatos registados no seu Evangelho e sobre a história da Igreja em seus primórdios, informação prestada, se não nos poucos dias passados desta vez em Cesaréia, durante os dois anos que Paulo esteve preso ali.

Cós (1), ilha do Dodecaneso; **Rodes** (1), a maior ilha desse grupo; **Pátara** (1), porto do sudoeste da Ásia Menor. **Chipre à vista** (3); gr. **anaphaino**, aparentemente um termo de náutica, empregado ao se avistar terra. **Encontrando discípulos** (4); gr. **aneurisko**, dando a entender que tiveram de procurá-los. A igreja de Tiro provavelmente fora fundada pelos dispersos que passaram pela Fenícia, segundo lemos em **#At 11.19**. **Ptolemaida** (7); é Aco no Velho Testamento, e modernamente Acre ou Akka. Por essa época era colônia romana. **Quatro filhas** (9). Pelo menos algumas das filhas de Filipe passaram os anos de sua velhice na província da Ásia, onde alcançaram

renome como autoridades em matéria de pessoas e fatos relacionados com os primeiros dias do Cristianismo (cfr. Eusébio, *Hist. Ecles.*, 3.31-39-5.24).

>At-21.10

Ágabo (10). Cfr. #At 11.27-28. Suas inopinadas aparições e desapareções "não são ficção, porém vida real" (Lake and Cadbury). *Tomando o cinto de Paulo, ligando com ele seus próprios pés e mãos* (11). Profecias dramatizadas como esta foram comuns no Velho Testamento (cfr. #1Rs 11.29 e segs.). *Assim os judeus em Jerusalém farão ao dono... e o entregarão nas mãos dos gentios* (11). No seu sentido geral, não em cada pormenor, cumpriu-se esta profecia; de fato Paulo, arrebatado das mãos dos judeus, foi entregue pelos gentios. *Faça-se a vontade do Senhor* (14). Cfr. as palavras de Jesus no Getsêmani. Há uma série de paralelos, provavelmente intencionais, entre esta narrativa da última viagem de Paulo a Jerusalém e a última viagem de nosso Senhor àquela cidade.

>At-21.15

c) Paulo em Jerusalém (At 21.15-23.35)

1. O APÓSTOLO EM APUROS (#At 21.15-30) -De Cesaréia Paulo e seus companheiros subiram a Jerusalém, hospedando-se o grupo na casa de Mnasom, um dos primeiros crentes, provavelmente helenista. Em sua casa os cristãos gentios podiam contar com boa acolhida. Quando a delegação procurou Tiago e os presbíteros da igreja de Jerusalém, foi por eles bem recebida, contudo essa boa gente estava francamente perplexa com os boatos exagerados que haviam chegado lá concernente à atitude de Paulo para com a lei. Admitiam que a posição relativamente aos crentes gentios fora definida no Concílio dos Apóstolos, porém queriam que Paulo, de modo prático, desmentisse a notícia de que ele dissuadia os cristãos judeus de guardar a lei e de circuncidar os filhos. Paulo, até onde podemos ver, continuou a observar a lei e isso fez enquanto viveu, especialmente na companhia de judeus, e sua aquiescência no conselho de Tiago, nessa ocasião, participando da cerimônia de purificação de quatro homens que haviam tomado voto temporário de nazireu, e pagando as respectivas despesas, estava em perfeita concordância com o princípio por ele estabelecido: "Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus" (#1Co 9.20). Podemos comparar isto com o voto por ele mesmo tomado (#At 18.18), que envolveu o corte do seu cabelo. Por causa destas atitudes Paulo tem sido censurado sem necessidade por

pessoas cujo ideal parece ser o de um tipo inferior de coerência, que tem sido chamada "a virtude de espíritos tacanhos".

A execução desse programa ocasionou a presença de Paulo no templo, e foi aí que ele se tornou alvo de um clamor público provocado por alguns judeus provenientes da província da Ásia, os quais o reconheceram. Vendo-o na cidade com um gentio cristão de Éfeso, imaginaram que ele introduzira esse homem no templo. Irrompeu de repente um alvoroço, o povilêu arrastou Paulo para fora do lugar sagrado, espancando-o sem parar; e logo que saíram, as portas do templo se fecharam.

Nossos preparativos (15); "nossa bagagem". Mas a simples palavra grega **episkeuasamenoi**, traduzida "tendo feito os nossos preparativos", pode significar aqui "tendo alugado cavalos". **Velho discípulo** (16) (gr. **archaios**) sugere que era membro fundador da Igreja. Traduzamos: "trazendo-nos a Mnasom de Chipre, um dos primeiros discípulos, com quem deveríamos nos hospedar". **Paulo foi conosco encontrar-se com Tiago, e todos os presbíteros se reuniram** (18). Aparentemente nenhum dos antigos apóstolos residia por esse tempo em Jerusalém. Tiago (o irmão do Senhor) é o líder incontestado da igreja dessa cidade.

>At-21.20

Quantas dezenas de milhares (20). É muito fácil subestimarmos a pujança do Cristianismo judaico primitivo. **Zelosos da lei** (20); isto é, "zelotes em prol da lei". **Os costumes** (21); isto é, os determinados na lei judaica, "recebidos de Moisés por tradição" (cfr. #At 6.14; #Gl 1.14). **Faze por eles as despesas** (24); cfr. #Nm 6.14-15, sobre a natureza de tais despesas. **Escrevemos** (25). É referência à carta apostólica de #At 15.23-29.

>At-21.27

Quando já estavam por findar (27). Melhor, "quando iam cumprir-se"; os fatos seguintes ocorreram mais ou menos no princípio dos sete dias, e não no fim. **Este é o homem que por toda parte ensina todos a ser contra... este lugar** (28). Cfr. a acusação apresentada contra Estêvão (#At 6.13). **Introduziu até gregos no templo e profanou este recinto sagrado** (28). No pátio exterior qualquer pessoa podia entrar; mas passar daí para diante era vedado aos gentios sob pena de morte. O governo romano ratificava a sentença de morte lavrada pelo Sinédrio contra esse ultraje, ainda mesmo se o ofensor fosse cidadão romano.

Avisos em grego e latim estavam afixados na linha divisória que separava o pátio exterior do interior, chamando a atenção dos visitantes gentios para que não a transpusessem. Um desses avisos, achados em 1871, presentemente está em Istambul; outro, encontrado em 1935, está no Museu Palestinese. Pela letra da lei, Trófimo (29) é que era o culpado, caso fosse verídica a acusação, ainda que Paulo tivesse a culpa de ajudá-lo e ser cúmplice no delito.

>At-21.31

2. PAULO NÃO CONSEGUIE PACIFICAR O MOTIM DE JERUSALÉM (#At 21.31-22.29) -Sobranceira ao templo ficava a fortaleza Antônia, na qual estacionava uma guarnição romana. Ouvindo falar do motim, o capitão da referida guarnição mandou soldados que livraram Paulo de ser linchado. Mesmo assim, os amotinados acotovelavam-se e empurravam os soldados com tamanha violência ao subirem as escadas da fortaleza que estes tiveram de carregá-lo para que não o arrebatassem. No topo da escada estava o comandante (capitão) que imaginou fosse Paulo um agitador egípcio, que algum tempo antes se apresentara ao povo fingindo-se um segundo Moisés e que provocara profundo ressentimento popular ao deixar que seus sequazes fossem despedaçados pela soldadesca de Félix, enquanto ele mesmo conseguiu safar-se. Surpreendeu-se, pois, o comandante quando Paulo se lhe dirigiu em grego, pedindo que o deixasse falar ao povo.

Obtendo licença, Paulo em pé na escada se dirigiu à multidão em baixo, não em grego mas em vernáculo (aramaico). Silenciaram ao ouvir que lhes falava no idioma pátrio. Disse-lhes Paulo como se criara aos pés de Gamaliel naquela mesma cidade, como perseguira os cristãos e como se convertera perto de Damasco, frisando o papel desempenhado por Ananias, homem "piedoso conforme a lei". Ouviram tudo isso em silêncio e com interesse, porém quando Paulo mencionou a comissão recebida para evangelizar os gentios, a fúria do povo explodiu outra vez, de modo que o comandante, já desorientado, mandou que ele fosse flagelado a fim de descobrir o verdadeiro motivo daquela agitação. Paulo, no entanto, declarou-se cidadão romano, e assim escapou do azorrague que era um instrumento de tortura muito mais bárbaro do que as varas dos lictores de Filipos.

O comandante da força (31), isto é, o tribuno militar encarregado da coorte auxiliar, de prontidão na fortaleza Antônia. Ao chegar às escadas (35). Dois lances de escada levavam da fortaleza ao pátio exterior do templo. Não és o egípcio...? (38). A história desse agitador egípcio é narrada por Josefo em seu

livro *Guerra Judaica*, 2.13.4 e *Antigüidades Judaicas*, 20.8.6. **Quatro mil sicários** (38). A referência é aos *sicarii*, que se haviam especializado em assassinar romanos e judeus pró-romanos. O número "quatro mil" é mais provável do que os 30.000 de Josefo. **Em língua hebraica** (40); isto é, em aramaico.

At-24.1

d) Paulo em Cesaréia (At 24.1-26.32)

1. PAULO E FÉLIX (#At 24.1-27) -Félix, plebeu de nascimento e liberto, que galgou elevada posição mercê de seu irmão Palas, foi um favorito influente na corte imperial, tendo sido exposto ao sarcasmo público de todos os tempos num epigrama cortante de Tácito: "ele exerceu a autoridade de rei com a mentalidade de escravo". Sua atual esposa era Drusila, filha mais moça de Herodes Agripa I; ambos conheciam alguma coisa do Cristianismo, se bem que o interesse deles fosse estritamente acadêmico.

Poucos dias depois, uma delegação do Sinédrio, à frente o Sumo Sacerdote, e assistida pelos préstimos de um orador medíocre chamado Tértulo, desceu a Cesaréia para apresentar sua acusação contra Paulo. Tértulo começou seu discurso num estilo florido e pomposo, que se foi degenerando até acabar capenga. Paulo foi acusado apenas em termos gerais, não diferentes daqueles com que Jesus fora denunciado perante Pilatos (#Lc 23.2).

A cada acusação de Tértulo, entretanto, Paulo opôs uma negativa categórica, dizendo exatamente o que foi que o trouxera a Jerusalém e o que fizera desde que aí chegara, insistindo outra vez que toda a controvérsia entre ele e os seus opositores girava em torno da questão da ressurreição, que não era uma idéia por ele inventada, mas que houvera sido recebida dos seus maiores. Se verificarmos o lugar central que a ressurreição ocupa no evangelho pregado por Paulo, não usaremos de evasivas ante esta declaração sua.

Félix adiou o prosseguimento da causa até que o comandante Lísias descesse de Jerusalém para dar seu depoimento. Nesse ínterim, ele e sua esposa Drusila aproveitaram-se da estada de Paulo em Cesaréia para chamá-lo freqüentemente à sua presença e com ele discutir algo de teologia. Apesar de ser acadêmico o interesse deles, o de Paulo não o era, donde o apóstolo aproveitar a oportunidade para discorrer sobre três assuntos a respeito dos quais aquele casal precisava muito ouvir, a saber-a justiça, o domínio próprio

e o juízo vindouro-e tanto assim foi que Félix ficou trêmulo, não indo além daí. Continuou protelando uma decisão sobre o caso de Paulo, na esperança de receber dinheiro para soltá-lo, até que dois anos depois foi chamado a Roma. E sabendo que os judeus provavelmente, fosse como fosse, enviariam um relatório desabonador à sede do governo imperial sobre o exercício de seu cargo público, decidiu granjear as boas graças deles pelo menos não soltando Paulo, e deixando-o detido até que o seu sucessor Festo chegasse e tomasse conta do caso.

>At-24.2

Tendo nós, por teu intermédio, gozado de paz perene (2). A procuradoria de Félix foi assinalada por sérios esforços no sentido de serem eliminados bandos de insurretos, e tão grande foi o descontentamento que isso causou, que somente por cortesia podia-se chamar de "pacífica" a situação decorrente. Os judeus de Jerusalém, no entanto, haviam cooperado com Félix na captura do egípcio mencionado em #At 21.38. Este homem é uma poste e promove sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo (5). Tértulo apresenta Paulo como um perturbador da paz, em termos calculados a sugerir que se tratava de outro cabeça de rebelião, da marca daquele que Félix com tanta energia suprimira, porém mais perigoso que quaisquer outros em vista de suas atividades terem um âmbito maior. Era fácil pintar o messianismo espiritual do evangelho como uma forma de messianismo militante e político (cfr. #At 17.6-7). A seita dos nazarenos (5). A explicação mais natural é que os cristãos receberam tal apelido do nome de Jesus Nazareno, mas há outras explicações, como a que dá o termo como significando "observantes". Em hebreu e árabe os cristãos ainda são conhecidos por "nazarenos". Nós o prendemos... que viessem a ti (6-8). Esta passagem é uma lição "ocidental" que entrou no Texto Recebido; embora não abonada pelas melhores autoridades, traz fortes indícios de genuinidade. A referência exprobatória à grande violência (7) com que Lísias arrebatara Paulo das mãos dos seus inimigos judeus, quando estes iam julgá-lo conforme sua lei, é uma adulteração grosseira dos fatos, maior do que aquela perpetrada pelo próprio Lísias na carta que escrevera a Félix (#At 23.27). Doze dias (11). Das notas sobre tempos, que nesta parte dos Atos são bem abundantes (cfr. #At 21.15,18,26-27; #At 22.30-23.11-12,23-32; #At 24.1) concluímos que os sete dias de #At 21.27 apenas começavam quando Paulo foi preso. O caminho a que chamam seita (14). Os cristãos denominavam o seu movimento "o Caminho" porque, segundo entendiam, nele se cumpria verdadeiramente a fé de Israel e era o único caminho da salvação. Os não-cristãos chamavam-no "seita" uma facção do Judaísmo,

(porém muito menos respeitável do que os partidos dos saduceus, fariseus e outros). A palavra grega é *hairesis*, empregada com relação à "seita dos saduceus" (#At 5.17) e à "seita dos fariseus" (#At 15.5). **Tanto de justos como de injustos** (15). Este é o único lugar do Novo Testamento em que Paulo se refere definitivamente a uma ressurreição dos injustos (cfr. #Jo 5.28-29; #Ap 20.12 e segs.). **Trazer esmolas à minha nação, e também fazer oferendas** (17). O dinheiro contribuído pelas igrejas gentílicas em socorro dos cristãos de Jerusalém. **Salvo estas palavras que clamei** (21). Não está se culpando das palavras proferidas diante do Sinédrio (ele acabou de repetir o mesmo argumento perante Félix, vers. 14-15); mas sustenta que a única acusação que podem com propriedade formular contra ele é de natureza teológica. **Conhecendo mais acuradamente as coisas com respeito ao Caminho** (22) - possivelmente por intermédio de **sua esposa Drusila, que era judia** (24), filha de fato do "rei Herodes" de #At 12.1. (Félix, apesar de plebeu, ligou-se pelo casamento a famílias distintas; suas três sucessivas esposas foram princesas, uma das quais neta de Antônio e Cleópatra. Drusila foi sua terceira esposa. Tiveram um filho, Agripa, que pereceu na erupção do Vesúvio do ano 79 A. D.). **Quando eu tiver vagar, chamar-te-ei** (25). Aliás fez isto freqüentemente, movido em parte pelo interesse teológico de natureza estritamente imparcial, e em parte por ambição financeira (26). As leis contra o suborno eram muito mais vezes violadas do que observadas pelos administradores das províncias romanas. Ramsay era de parecer que por essa época a situação financeira de Paulo melhorara muito; não há bastantes provas disso, mas sem dúvida recebera donativos em dinheiro das igrejas gentílicas por ele fundadas. **Dois anos mais tarde Félix teve por sucessor Pórcio Festo** (27). Félix foi demitido por causa de sua intervenção violenta mas ineficaz em distúrbios havidos entre judeus e gentios de Cesaréia.

At-27.1

e) Paulo navega para Roma (At 27.1-28.31)

1. **COMEÇA A VIAGEM (#At 27.1-12)** -A narração da viagem e naufrágio de Paulo é uma descrição vívida, pitoresca, como tantas outras na Bíblia. Tem sido chamada "um dos documentos mais instrutivos, que nos leva a conhecer a antiga arte de marinhagem" (**The Voyage and Shipwreck of St. Paul**, por James Smith, 4. edição de 1880, continua sendo um manual indispensável ao estudo deste capítulo). Não é necessário ver nisso uma alegoria ou figura do despertamento e progresso da religião na alma, ou da história da Igreja Cristã, que nos leve a tirar proveito espiritual da mesma.

Acima de tudo, tem seu valor por nos retratar o caráter de Paulo, rodeado de circunstâncias que com muita probabilidade revelam em qualquer pessoa o que ela realmente é. Já o temos visto em diferentes situações, mas agora o temos como homem prático numa emergência difícil. Não aconteceu só uma vez nem duas o mundo ter de agradecer a grandes santos e místicos seu auxílio em tempos críticos, auxílio que os homens realistas e práticos do mundo dos negócios têm sido incapazes de prestar. Quando Ló teve de ser libertado do poder de Quedorlaomer e seus aliados, foi Abraão-o homem de fé, Abraão que não era "prático", do ponto de vista do comércio, dos métodos seculares-foi ele que não perdeu a oportunidade e mostrou que era o homem para aquela situação.

Lucas, companheiro de viagem de Paulo nesta ocasião, viu o mar com os olhos de um grego e nos conta o que presenciou. Juntamente com Lucas e Aristarco, Paulo navegou da Palestina sob o comando de um centurião por nome Júlio, membro do corpo de correios imperiais. Com sua facilidade de fazer amigos, o apóstolo granjeou logo as simpatias desse oficial romano (é notável como os centuriões no Novo Testamento são invariavelmente apresentados como pessoas simpáticas). Essa amizade foi útil a Paulo não apenas em Sidom, no princípio da viagem, como com maior vantagem no fim da mesma, quando os soldados estiveram a ponto de matar os presos, para impedir que fugissem.

Alcançaram Mirra no primeiro navio, o qual fazia escala nos portos da província da Ásia. Aí houve transbordo para um navio da frota alexandrina que carregava trigo. O Egito era o grande celeiro de que Roma se abastecia; a frota marítima que servia ao comércio de trigo entre estes dois centros pertencia ao Governo. A navegação no Mediterrâneo era perigosa depois de 14 de setembro; ficava de todo suspensa no inverno, a partir de 11 de novembro. Antes de alcançarem Bons Portos, ancoradouro no sul de Creta, o dia da expiação ("o Jejum" do vers. 9) já havia passado, pois em 59 A. D. caiu em 5 de outubro. Como já ficava tarde para navegar com segurança, convocou-se uma conferência de bordo a que Paulo, como passageiro distinto e navegante experimentado, parece esteve presente. Insistiu muito com eles que ficassem onde se achavam, em Bons Portos, mas o mestre e o piloto julgaram poder alcançar Fenice, outro porto, mais conveniente e mais ao oeste, na costa meridional de Creta. Ao centurião, como principal oficial a bordo, cabia decidir e, por isso, naturalmente, aceitou o conselho dos peritos e não o de Paulo. E navegaram para Fenice.

Que navegássemos para a Itália (1). Lucas volta a juntar-se ao grupo e com este permanece até **#At 28.16**; contudo é provável que não se distanciou de Paulo durante os dois anos que este passou preso na Palestina. **Coorte augusta** (1); "a Coorte Imperial". Existe prova de ter havido uma coorte de nome semelhante (**Cohors I Augusta**) na Síria, ao tempo de Augusto, mas aqui provavelmente se trata do corpo imperial de correios oficiais (**frumentarii**), destacados para o serviço de comunicações entre o Imperador e suas tropas nas províncias. **Um navio adramitino** (2). Adramítio era um porto da Mísia, defronte de Lesbos. O navio era costeiro; Júlio esperava que em algum dos portos que escalasse achariam outro barco que se destinasse a Roma. **Aristarco** (2). Cfr. **#At 19.29-20.4**. **Naveguemos abaixo de Chipre** (4); isto é, a sotavento dessa ilha, a leste e ao norte da mesma. Os ventos que predominavam no Levante por todos os meses do verão sopravam do oeste ou noroeste. **Mirra** (5) era importante centro do tráfico transmarino e um dos principais portos do comércio de trigo egípcio. **Um navio de Alexandria** (6). Soprando um vento constante de leste, a melhor rota de Alexandria a Roma incluía Mirra como porto de escala. **Cnido** (7) fica no extremo do promontório triópio do sudoeste da Ásia Menor. **Navegamos abaixo de Creta** (7); isto é, a leste e ao sul dessa ilha. **Costeando-a dificilmente** (8); talvez devido aos arrecifes à volta do cabo Salmona (na extremidade oriental de Creta). **Bons Portos** (8). Modernamente chama-se Calolimônias. Para além de Bons Portos o litoral dá volta para o norte, e, por isso, não haveria mais tão boa proteção contra os ventos do noroeste. **Fenice** (12); tal vez idêntica à moderna Fineca. A identificação mais popular com Lutro (conforme J. Smith) é provavelmente responsável pela fraseologia duvidosa do final do verso: "o qual olhava para o nordeste e para o sudeste".

>At-27.13

2. **TORMENTA E NAUFRÁGIO (#At 27.13-44)** -Antes, porém, que tocassem no porto de Fenice, um tufão de vento caiu sobre eles, desencadeado do monte Ida, em Creta, soprando do nordeste e arrastando-os para longe da costa da ilha. Com enorme dificuldade recolheram o bote a bordo (quando o tempo era normal ele era rebocado pela popa) e, alijando ao mar parte da carga, pensaram que, ziguezagueando com cuidado, evitariam ser arrastados para os bancos de areia da costa da Líbia. Durante quinze dias assim fizeram, avançando em zigue-zague para o oeste e para o norte, no Mediterrâneo central, até que todos perderam a esperança de salvar-se-todos, exceto Paulo, que se sobressaía como o único a bordo capaz de dominar a situação

desesperadora e de inspirar coragem e nova esperança aos seus companheiros de viagem. A confiança que a visita de um anjo lhe infundiu na alma, procurou ele por seu turno transmiti-la aos demais, animando-os a tomar alimento.

A confiança de Paulo mostrou que tinha razão de ser. Viram que se avizinhavam de alguma terra e, embora pelo motivo de prender-se a proa numa restinga e a popa ser açoitada pelas ondas o navio se partisse ao meio, todos a bordo deram à praia, com vida, em número de 276 pessoas.

>At-27.14

Um tufão de vento, chamado Euroaquilão (14), híbrida formação, do gr. Euros (vento oriental) e lat. Aquilo (vento norte). Clauda é modernamente Gavdho, em ital. Gozzo, em cujas proximidades feriu-se a Batalha do Cabo Matapã, em 28 de março de 1941. A custo conseguimos recolher o bote, isto é, a bordo. Usaram de todos os meios para cingir o navio (17). Os "meios" parece que foram cabos com que ligaram o navio à volta, à maneira de cinta. Smith faz a seguinte citação do Dicionário Naval de Falconer: "Reforçar as amarras de um navio é passar-lhe à volta do casco um cabo grosso, quatro ou cinco vezes, para sustê-lo... quando se desconfia que não é bastante forte para resistir à violência do mar". Sirtes (bancos de areia) (17), ao largo da costa norte da África. Arriaram os aparelhos (17). Para Smith o sentido é: baixaram ao convés de "armação flutuante do navio". Aliviaram o navio (18). Começaram a alijar ao mar o carregamento de cereal. A armação do navio (19), isto é, acessórios sobressalentes. Não aparecendo nem sol nem estrelas (20). Ficaram assim ignorando que direção tomavam.

>At-27.21

Era preciso terem-me atendido (21). Avaliamos quanto custou a Paulo deixar de dizer "Bem que eu vos disse"; entretanto agora se revela um gigante de força a animar os seus desesperados companheiros de viagem. Deus te deu todos quantos navegam contigo (24). Cfr. #Gn 18.26 onde se declara o princípio de que a presença de homens justos é uma proteção para a comunidade em que vivem. Sendo nós batidos de um lado para outro no mar de Ádria (27); melhor, "enquanto éramos impelidos para lá e para cá através do mar de Ádria", isto é, o Mediterrâneo central. (Não se trata do mar Adriático, que naquela época era conhecido por "Golfo de Ádria"). Aproximavam-se de alguma terra (27); lit. "alguma terra se aproximava".

Possivelmente ouviam a rebentação das ondas numa praia. **Lançando o prumo...** (28). As sondagens aí mencionadas são de fato as que um navio encontra, passando por Koura a caminho da Baía de São Paulo, em Malta. **Lançaram da popa quatro âncoras** (29), para servirem de breque ou freio ao navio. Fixando-se a popa, nesse caso, a proa ficou apontando para a praia. **Se estes não permanecerem a bordo** (31). Nota-se outra vez a presença de espírito de Paulo. Se os marinheiros tivessem fugido, não teria havido bastantes braços hábeis para manobrar o navio. **Cortaram os cabos do bote** (32), isto é, a cordoalha da estralheira, possivelmente por compreenderem mal o conselho de Paulo. Por certo impediram que os marinheiros fugissem, mas também tornaram mais difícil a operação do desembarque.

>At-27.33

Hoje é o décimo quarto dia em que... estais sem comer (33). Cfr. vers. 21, "muito tempo sem comer". Diversas podiam ser as razões disso, tais como a dificuldade de cozinhar, a deterioração da comida pela água do mar, enjôo, etc. **Deu graças** (35); gr. **encharisteo**. Alguns têm conjecturado que os cristãos a bordo fizeram dessa refeição uma Eucaristia. **Duzentas e setenta e seis pessoas** (37). O manuscrito Vaticano diz "setenta e seis", mas não há improbabilidade para o número maior. No ano 63 A. D. Josefo embarcou para Roma num navio que levava 600 pessoas (o qual também naufragou no mar de Ádria). **Aliviaram o navio** (38); isto é, alijando ao mar o que ficara do carregamento de cereal (cfr. o vers. 18). **Uma enseada, onde havia praia** (39); lit. "com uma praia arenosa". **As amarras do leme** (40); isto é, das pás do leme. **Um lugar onde duas correntes se encontravam** (41). Era o estreito canal entre Malta e Salmoneta (Smith). **Outros em destroços do navio** (44); ou possivelmente "às costas de membros da tripulação" (lit. "em cima de alguns do navio").

A EPÍSTOLA AOS ROMANOS

INTRODUÇÃO

(Veja também o artigo geral, "As Epístolas de Paulo").

I. A IGREJA CRISTÃ EM ROMA

a) Sua origem

Paulo declara expressamente que não foi o fundador da comunidade de santos da cidade de Roma (#Rm 1.10-15; #Rm 15.20-22). Temos aí uma exceção à sua regra de não edificar sobre fundamento alheio (#2Co 10.16). Reconhece como suas as Igrejas estabelecidas por seus cooperadores. Por quem, como e quando a Igreja de Roma veio a existir é um dos problemas da história da Igreja primitiva. Não é aceitável a tradição de ter sido Pedro o seu fundador, contudo isso não exclui o fato de ter estado esse eminente apóstolo, por certo, uma ou outra vez em Roma, e ter aí sofrido o martírio. Todavia, quando Paulo escreveu esta carta, é evidente que Pedro lá não se achava. Estivesse em Roma esse suposto chefe da Igreja, e certamente Paulo teria mencionado o fato, ou, com efeito, jamais teria endereçado uma epístola àquela comunidade. Crê-se que a igreja de Roma se originou do testemunho e dos trabalhos dos cristãos cidadãos do Império, que viajavam constantemente para a metrópole, e dali para outras partes. Não é improvável que a obra de evangelização tivesse sido começada pelos "forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos" (#At 2.10). Essas testemunhas do Pentecostes teriam sido ajudadas posteriormente por cristãos de Antioquia da Síria, Éfeso e Corinto, e assim teve incremento a comunidade. Ao tempo em que Paulo escreveu esta carta, a igreja cristã ali já devia ser razoavelmente grande.

b) Suas características

A igreja de Roma evidentemente compunha-se tanto de judeus, como de gentios. Paulo não se dirige a nenhum dignitário eclesiástico, distinto dos outros, ou a quaisquer pessoas de reconhecida autoridade, donde se conclui que ali não havia uma organização central. Crê-se que a igreja se compunha de, pelo menos, quatro diferentes congregações, a saber, a da casa de Áqüila e Priscila, no Aventino; a do Palácio Imperial; a da casa de Hermes; e a da casa de Filólogo (ver #Rm 16.3-15).

Se os judeus cristãos palestinos fundaram aquela comunidade, devem ter evangelizado primeiro seus patrícios, dos quais havia uma colônia em Roma, com muitas sinagogas. O apóstolo, através de toda esta epístola, dá a entender que judeus iriam lê-la, dirigindo-se-lhes em particular e fazendo muitas alusões ao Velho Testamento (há cerca de sessenta citações diretas) e à história dos filhos de Israel.

Por outro lado, Paulo, por certo, tinha em mente que gentios iriam também ler sua epístola, os quais constituíam a maior parte daquela comunidade cristã. É a eles que se dirige no começo da carta (#Rm 1.1-15). Cfr. também #Rm 15.14-16 e #Rm 11.13, onde encontramos a declaração inequívoca-"Dirijo-me a vós outros, que sois gentios! Visto, pois, que eu sou apóstolo dos gentios...". Também não deixa de ser significativo que a maior parte dos nomes citados no cap. 16 é de origem grega ou romana. Vê-se, pois, que a igreja cristã de Roma compunha-se de judeus e gentios, sendo estes mais numerosos, e, possivelmente, em grande parte, aceitaram o Cristianismo por via de uma prévia conversão ao Judaísmo. Isso justifica as citações que o apóstolo faz do Velho Testamento e a referência ao problema da raça judaica.

II. LOCAL E DATA DA EPÍSTOLA

Não há dúvida quanto à origem geográfica desta epístola. Paulo, em sua terceira viagem missionária, esperou em Corinto os delegados das igrejas gentílicas, os quais levavam as ofertas que haviam sido coletadas para os judeus cristãos pobres de Jerusalém (ver #At 20.2-3). Sobre essa coleta, lemos em #1Co 16.1-4 e #2Co 8, e, em #At 24.17, sobre a última visita do apóstolo a Jerusalém, depois que todos os delegados chegaram a Corinto. Alguns dos nomes citados no último capítulo desta epístola, tais como Febe, a diaconisa de Cencreia, porto de Corinto, "Gaio, meu hospedeiro" (cfr. #1Co 1.14); "Timóteo, meu cooperador" (cfr. #2Co 1.1), "Erasto, tesoureiro da cidade" (cfr.: #2Tm 4.20), estão associados muito claramente a Corinto. Uma epístola como esta aos Romanos, escrita cuidadosa e ponderadamente, só podia ser redigida com calma, quando Paulo pôde fixar residência, durante algum tempo, num lugar. Ele demorou três meses em Corinto, segundo informa o historiador Lucas (#At 20.3), tempo este suficiente para a redação da epístola.

Temos uma indicação da época em que foi escrita no cap. 15, onde o apóstolo revela que está prestes a viajar à Palestina, levando "a coleta para os pobres", quando então espera estar desimpedido para visitar Roma e, depois, a

Espanha. Isto se refere ao fim da terceira viagem missionária e à última visita a Jerusalém. Foi às vésperas de sua partida para esta última cidade que ele terminou esta carta e a endereçou a Roma. Relativamente à cronologia exata da vida e obra de Paulo, nenhuma autoridade no assunto pode ser dogmática, mas o tempo da última visita a Jerusalém é colocado entre os anos 56 e 59 A. D., não sendo possíveis outras datas.

III. A OCASIÃO DA EPÍSTOLA

Por que Paulo teria escrito à igreja de Roma, visto como nem ele nem qualquer dos seus companheiros de trabalho a havia fundado, nem ele a visitara antes? A resposta a esta pergunta envolve a questão da forma da epístola. É ela um tratado teológico, ou simplesmente uma carta ocasionada por circunstâncias da carreira de Paulo? Pode ser, de algum modo, uma e outra coisa, mas o ponto é se o apóstolo quis, por iniciativa própria, expor o evangelho que pregava, ou se tomou da pena para escrever uma carta ditada por problemas iminentes. Há quem pense que Paulo sentia estarem contados seus dias, pelo que desejava deixar à posteridade uma declaração definitiva daquilo que pregava. Admite-se que a doutrina do apóstolo, em seus dias, foi mal compreendida, sendo atacada, nunca deixando de ter críticos (especialmente nas fileiras do Judaísmo), não havendo sido jamais apresentada de uma maneira sistemática. Sugere-se, portanto, que Romanos é o documento do testamento final do grande apóstolo dos gentios. Além disso, argumenta-se que a Igreja de Roma era a depositária que convinha deste documento oficial, autorizado. A forma lógica e teológica da epístola, que é a mais sistemática, mais raciocinada e mais doutrinária de quantas cartas Paulo escreveu, não oferece base para a teoria formal. Mas que Romanos é um tratado de teologia, é dizer mais do que os fatos demandam. Notem-se os seguintes argumentos contrários a esta hipótese de ser um elaborado manifesto de teologia paulina.

Há várias indicações na epístola de que Paulo se dirige a uma comunidade cristã de então, levado por circunstâncias que deram realidade a esta carta.

Não se justifica mesmo a idéia de que o apóstolo sentia "escaparem-se as areias do tempo" e estar sua carreira prestes a terminar, de modo que fosse necessário deixar seu sistema de teologia à posteridade. Pelo contrário, quando ele escreveu, seus olhos fitavam o futuro de novo tentame missionário.

Será que, em qualquer caso, Romanos apresenta o ensino completo do apóstolo? Não há, nas outras epístolas que escreveu, mais de sua teologia, a que não dera ocasião imediata aquilo que deu lugar a Romanos?

O propósito que Paulo teve em escrever está claramente expresso na carta, e ele não teve razão de ocultar quaisquer veleidades teológicas. Escreveu para dar a entender sua real intenção de visitar os cristãos de Roma (ver [#Rm 1.10-13](#)), de modo que repartisse com eles, como apóstolo de Jesus Cristo, "algum dom espiritual" (cfr. [#Rm 15.29](#)). Como o cap. 16 revela, aproveita-se o mais possível de suas relações de amizade. Declara-lhes também que sua ida a Roma faz parte de um plano mais vasto (ver [#Rm 15.15-24](#)). Tanto quanto lhe foi possível, completou a evangelização dos gentios na direção de leste; agora quer empreender nova aventura missionária no oeste. Escreve-lhes para conseguir a cooperação deles nesse plano, uma vez que Roma é um verdadeiro centro estratégico e sua comunidade cristã é um grupo influente naquele sentido. Toda a parte doutrinária da epístola foi escrita com este mesmo propósito, a fim de que a Igreja ali pudesse alcançar a grandeza da graça divina e a amplitude da misericórdia de Deus, tão admirável e tão envolvente, que a evangelização, pela parte que lhe tocava (e a eles também), era absolutamente imperiosa.

IV. O PROBLEMA TEXTUAL

A questão agora é se esta epístola é um todo completo, composta em sua inteireza e num mesmo tempo pelo apóstolo, ou se outro autor colaborou com alguma parte, em data anterior ou posterior. O problema surge de quatro lados:

Uma forma abreviada de Romanos esteve em circulação durante o segundo e o terceiro séculos. Existe evidência textual de que há manuscritos que terminam no cap. 14.

A epístola, como a possuímos hoje, termina em vários lugares: "E o Deus de paz seja com todos vós. Amém" ([#Rm 15.33](#)). "A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém" ([#Rm 16.24](#)). "Ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio, de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém" ([#Rm 16.27](#)).

No texto breve, revisto, a doxologia que nas versões portuguesas aparece em [#Rm 16.25-27](#) vem no final do cap. 14. Alguns manuscritos o

inserir tanto no fim do cap. 14 como no final do 16. Intrinsecamente também sua genuinidade tem sido posta em dúvida por alguns, como não sendo do estilo costumeiro de Paulo.

As saudações pessoais do cap. 16, segundo se alega, não se apropriam às circunstâncias, visto como Paulo, em comparação, era um estranho à igreja de Roma. Apropriam-se antes à igreja de Éfeso.

Apesar destas objeções, a integridade da epístola ainda se mantém. A solução do problema textual encontra-se provavelmente na crença de que o herege Marcion (que floresceu, em Roma, de 154 a 166 A. D.) deliberadamente cortou os dois últimos capítulos, porque o 15 atribuía ao Judaísmo o papel de preparação para a propagação do evangelho. Veja-se, por exemplo, o vers. 4: "Pois tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança". Demais disto, o cap. 15 traz pelo menos cinco citações do Velho Testamento, enquanto o cap. 16 era de nenhuma importância para o ponto de vista de Marcion, não lhe sendo contrário nem a favor. A versão maior, como a possuímos, é aceita como sendo a original, visto como a abreviada, que termina no cap. 14, manifesta tendência contrária ao Velho Testamento. Quanto ao cap. 16, é até certo ponto apropriada a menção daquelas pessoas, se se considera que o propósito de Paulo era entrar em contacto com o maior número delas, convindo Roma como lugar de residência aos amigos de Paulo tanto quanto Éfeso, mesmo à parte da hipótese de ser esta última o local de origem de muitas das epístolas paulinas. O ponto de vista por nós aceito é que em Romanos temos uma carta completa, escrita de uma vez pelo apóstolo em Corinto, transmitida até nós hoje em toda a sua integridade. Todas as teorias de fragmentação textual caem por terra em face da unidade da mensagem.

Rm-1.1

I. PRÓLOGO Rm 1.1-17

a) A dedicatória (Rm 1.1-7)

A saudação abreviadamente é-"Paulo a todos os chamados em Roma". A forma é semelhante à adotada em todas as suas cartas, porquanto era este o estilo epistolar ordinariamente usado no primeiro século. Temos no grego muitos exemplos disso, todos seguindo o mesmo modelo, primeiro o nome do

escritor, depois o do leitor acompanhado da saudação. Esta fórmula varia na literatura paulina de acordo com as circunstâncias. Aqui, visto dirigir-se a uma igreja que ele não fundou nem até ali visitou, apresenta suas credenciais. **É servo de Jesus Cristo** (1; lit. "escravo"), pessoa cuja vida é de invariável lealdade e inquestionável obediência, escravo, propriedade de Jesus Cristo. O apóstolo pertencia à classe cujas orelhas foram furadas e cuja liberdade estava em ser cativo. Entre as várias palavras gregas do Novo Testamento, que se traduzem por "servo", este vocábulo **doulos** é o mais forte e o mais freqüente. É interessante lembrar que a categoria do escravo dependia do seu senhor. **Chamado para ser apóstolo** (1); lit. "enviado", "mensageiro", assim traduzido em **#2Co 8.23; #Fp 2.25**. É escolha divina, chamamento imperioso para uma função, a que não se pode desobedecer. Na biografia bíblica, este chamado segue normalmente ao apelo para arrependimento e à entrega pessoal pela fé, bem como à convocação para seguir o Senhor no modo de vida. A chamada especial aqui é para o apostolado. Paulo invariavelmente afirmava que fora chamado diretamente para este elevado ofício (cfr. "não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum", **#Gl 1.1**). Essa dignidade normalmente provinha por mediação da Igreja viva. O título pertenceu primeiramente aos Doze, cuja honra procedia de haverem estado com Jesus nos dias de Sua carne. Mais tarde foi dado a outros líderes e pregadores da igreja (cfr. **#At 14.14**). **Separado para o evangelho de Deus** (1). É assim que Paulo se apresenta. É consagrado ou "posto de parte" para o serviço do evangelho. Dedicção é a resposta do homem ao ato da escolha divina, e estas idéias devem ser postas em relevo. A separação é toda de Deus, que consagra Seus servos, os quais, por seu turno, se dedicam a Ele.

Temos agora um exemplo do hábito que Paulo tinha de "afastar-se por uma tangente". Na maioria de suas saudações e noutras partes ele expande o pensamento, umas idéias seguindo outras em rápida sucessão. Aqui a palavra "apóstolo" conduz ao "evangelho" que, por sua vez, leva o escritor a uma passagem de grande valor cristológico. O estilo é lacônico e de longo alcance. Passa a definir o evangelho de Deus como divino (1), predito (2) e cristocêntrico (3-5).

O evangelho não é invenção de homens; procede do céu. Vemos isto na ênfase da preposição-**de Deus** (1); Paulo tem aqui em mente a origem do evangelho. Antes de descrever sobre que versa esse evangelho, o apóstolo afirma a harmonia que há entre sua mensagem e a revelação dada antes ao povo judeu. Está de acordo com todas as promessas dos antigos profetas; firma-se **nas Sagradas Escrituras** (2); isto é, no Velho Testamento.

O principal traço característico do evangelho é apresentar-nos Jesus Cristo como sendo tudo em todas as coisas. Em consequência, Paulo se deixa cativar pela apreensão (conhecimento) que tem do Senhor, que Se antecipou em tomar conta dele (apreendê-lo) no poder de Sua ressurreição. Nesta passagem cristológica (vers. 3-5), ele dá ênfase primeiro à encarnação, visto como este é que deve ser o ponto de partida da mensagem evangélica. Mas a vinda de Cristo **segundo a carne** (3) foi cumprimento de profecia messiânica; desta forma, fica justificada a declaração feita no vers. 2. Depois, **segundo o espírito de santidade** (4), isto é, quanto à Sua perfeição moral, Ele se manifestou como sendo Filho de Deus desde toda a eternidade mediante o milagre da ressurreição. A palavra **declarado** (4) da versão de Almeida tem atrás de si o grego "determinado" ou "designado", a sugerir que a obra da redenção do mundo fora predestinada na eternidade, antes da encarnação de Cristo.

>Rm-1.4

Este evangelho sublime, divino, profetizado e cristocêntrico torna-se, como tal, a regra dos cristãos. Quem escreve a carta e os que a lêem são um **em Jesus Cristo, nosso Senhor** (4). Note-se o uso que Paulo faz dos nomes oficiais e universais do Filho de Deus, que é Salvador, Messias e Rei. Mediante Ele, os romanos recebem **graça**, e, por acréscimo, Paulo recebe o **apostolado** (5). Graça, favor divino por pecadores indignos, é a nova relação em que os crentes estão para com Deus. O fim para o qual ele recebeu o apostolado é a **obediência à fé** (5), ou submissão confiante de todos os gentios ao Salvador do mundo. Paulo é o apóstolo da gentilidade, e daí o seu interesse pelos romanos, como participantes potenciais e atuais da graça divina. Donde conclui o direito que tem de se dirigir a eles. **A todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes santos** (7). Há evidentemente uma comunidade cristã na metrópole, preciosa ao coração de Deus e cujo destino é novidade de vida para a perfeição moral. A dedicatória, propriamente, conclui com uma bênção, em que se combinam **graça e paz**, uma idéia grega e outra hebraica.

>Rm-1.8

b) Ação de graças e súplica (Rm 1.8-12)

O apóstolo exprime sua satisfação a respeito de cada um dos cristãos romanos, porque a fé que eles possuem não está escondida num canto obscuro, mas é do domínio público. Arautos da fé, têm eles sido a tal ponto que Deus, a quem

Paulo adora em espírito pela pregação de Seu Filho, é testemunha da menção contínua que deles faz em suas orações. A idéia central de suas petições é que Deus apresse o dia em que possa encontrá-los, se é da vontade divina, havendo uma razão dupla para esse pedido. É que deseja firmá-los, repartindo com aqueles irmãos um dom espiritual, e também receber o conforto da fé mútua, deles e sua.

>Rm-1.13

c) Explicação pessoal (Rm 1.13-17)

Os cristãos de Roma deviam saber que, embora impedido de realizar esse desejo, Paulo muitas vezes houvera proposto visitá-los, para ver o mesmo trabalho espiritual, feito entre eles como já fora feito alhures, entre outros gentios. Sente-se devedor tanto a civilizados como a incivilizados, a sábios como a ignorantes. A comissão que recebera foi para pregar o evangelho a toda gente e, quanto ao seu ardor pessoal, sente que tem para com os romanos uma dívida de evangelização, porquanto se ufana (note-se a meiose, **não me envergonho**) de pregar o evangelho, o qual é capaz de salvar a todos quantos crêem, judeus ou gregos, embora aqueles antes que os outros tenham direito e interesse nisso (16). No evangelho a justificação divina (ver a nota introdutória à II seção) revela-se de fé em fé-os crentes levam outros a crer! Isto havia sido revelado igualmente aos profetas (cfr. vers. 2) como se vê pelas palavras de Habacuque, **O justo** (isto é o justificado) **viverá por fé** (17; cfr. **#Hc 2.4**).

>Rm-1.18

II. PRINCÍPIOS DO EVANGELHO Rm 1.18-5.21

O apóstolo agora passa para a seção doutrinária de sua carta, encetando uma discussão dos princípios do seu evangelho. O assunto do tratado foi declarado no vers. 17, como **a justiça de Deus revelada de fé em fé**. Este grandioso tema é o próprio cerne da epístola, como o era do evangelho pregado por Paulo. Expresso singelamente, vem a ser "justificação somente pela fé". O problema pessoal do apóstolo, não primeiramente de seu espírito, mas de sua vida prática, era-"Como posso ajustar relações com Deus?" Antes da experiência empolgante da estrada de Damasco, Paulo ensaiou resolver o problema à maneira judaica, praticando o bem, isto é, estabelecendo relações justas com Deus por cumprir a lei divina. O método não dera certo. Nenhum mortal já

houve sem pecado, muito menos positivamente santo, que guardasse todos os mandamentos de Deus. Toda a teologia de Paulo era experimental; descobriu ele que por meio da fé na obra consumada de Cristo ajustava suas relações com Deus. Não que o fizesse por si, mas era isso obra da "justiça de Deus". É este o sentido da justificação. Os termos que emprega para significar "justo", "justificação" e "justiça" (**dikaïos, dikaïosis e dikaïosyne**) todos procedem da mesma raiz. Justificação pela fé, por conseguinte, significa justiça pelo ato de crer, a passagem para uma relação adequada com Deus mediante a fé no evangelho revelado de Jesus Cristo.

Devido a esta bendita razão de sua própria experiência é que ele não se envergonhava do evangelho de Deus. Alguns judeus em Roma podiam escandalizar-se com tal evangelho, e gentios podiam considerá-lo estultícia (#1Co 1.23); mas, para o apóstolo, este mesmo evangelho é verdadeira dinamite (**poder**), uma força espiritual, atividade manifesta de Deus na sua vida, trazendo salvação no seu sentido mais vasto ao espírito, à alma e ao corpo, tanto aqui como no futuro. Esta atividade divina dentro da experiência humana, esta passagem para uma relação justa com Deus, e a manutenção dela, é a essência de toda a mensagem do apóstolo. À medida que se for desenvolvendo o tema da justiça de Deus no decorrer da carta, virão à tona as doutrinas da justificação, santificação e predestinação, expostas e defendidas por ele.

a) A "justiça" dos gentios (Rm 1.18-32)

A "justiça" da raça humana é, de fato, injustiça. O ideal moral absoluto é a justiça de Deus, que só pode vir dEle e ser revelado, ou feito conhecido somente por meio do evangelho de Jesus Cristo. Nessa conformidade, Paulo traça um retrato vívido da injustiça do mundo gentílico, descrevendo a religião pagã (**impiedade**) e a moralidade pagã (**injustiça**). Sobre uma e outra **a ira de Deus** se revela (18), de igual modo como se revela Sua justiça (ver vers. 17). A idéia de juízo é freqüente no Velho Testamento como parte integrante da justiça de Deus tratando retamente com o Seu povo e com o mundo gentílico. Os judeus que liam Paulo, pelo menos, estavam bem certos das implicações da frase "a ira de Deus".

1. A RELIGIÃO PAGÃ (#Rm 1.18-25) -O mundo pagão, do tempo de Paulo, adorava ídolos feitos à semelhança de homens (Atenas) e de animais (Egito). Tal politeísmo era a consequência religiosa do racionalismo. Os gentios tornaram-se **nulos em seus próprios raciocínios** (21); isto é, fúteis em suas

filosofias. A palavra grega **dialogismos** é comumente traduzida "imaginação" ou "raciocínio", e, uma vez, "discussão", nesta epístola (#Rm 14.1). Cfr. #Mt 15.19; #Mc 7.21; #Lc 2.35; #Lc 5.22-6.8; #Lc 9.46-47; #Lc 24.38; #1Co 3.20; #Fp 2.14; #1Tm 2.8; #Tg 2.4. "Raciocínios" é o que mais se aproxima da idéia da raiz verbal, que significa "fazer considerações, ou cálculos", ou simplesmente "raciocinar". Essa jactanciosa teorização levava à idolatria, visto como, obscurecendo ou detendo a verdade (18), fazia-os afastar-se de Deus e a excogitar ignóbeis substitutos dEle (23). Eles deviam compreender melhor! Deviam conhecer o que era cognoscível; Deus Se lhes revelara. Sua mão oculta, desde o princípio, podia ser bem discernida. Deus sempre deu testemunho de Si, tanto pela natureza como pela consciência. Não havia desculpas para a ignorância deles. Embora seja paradoxal falar em ver o invisível, as coisas invisíveis de Deus, **o seu próprio poder e divindade**, "Deus em ação e na Sua essência", nunca estiveram escondidas do homem (20). E assim Paulo condena as filosofias gentílicas por alienarem de Deus os homens, Deus que é a verdade, e por conduzirem ao culto vão dos ídolos. Veja-se no vers. 25 a expressão "mudaram a verdade de Deus em mentira" e compare #2Ts 2.11 n.

>Rm-1.26

2. MORALIDADE PAGÃ (#Rm 1.26-32) -Uma religião impura resulta numa vida também impura. Esse quadro horrível do paganismo é corroborado por escritores do tempo de Paulo. Foi uma época de vícios desavergonhados e pecados anti-sociais; um tempo de indizível decadência moral. O juízo inevitável de Deus caiu sobre os que preferiam a razão humana à divina revelação. Três vezes o apóstolo assevera que Deus os abandonou: **Deus os entregou** (24,26,28). Tem-se observado que esse abandono é decididamente punitivo não meramente permissivo no sentido de Deus permitir que os pagãos idólatras O desprezassem; nem privativo, no sentido de privá-los de Sua graça. É castigo positivo pela ignorância culposa e pecaminosidade voluntária.

O juízo divino foi uma conseqüência inevitável, uma colheita da sementeira feita (27). O mundo pagão entregou-se à lascívia, no uso desnaturado dos corpos em perversões sexuais (26-27), e, finalmente, a uma disposição mental reprovável (28). Observe-se aqui o jogo de palavras. Visto como os pagãos **não gostaram (edokimasan) de conservar Deus no seu conhecimento, Deus os entregou a uma disposição mental reprovável (adokimon noun)**; isto é, exatamente como esses estultos e sórdidos pagãos reprovaram Deus assim o

Senhor os abandonou a uma consciência reprovável. O vocábulo grego **adokimos** originalmente alude à aferição de metais; os que não resistiam ao teste eram "reprovados". O adjetivo é traduzido por três palavras portuguesas: "rejeitado" (#Hb 6.8), "desqualificado" (#1Co 9.27) e "reprovado" (#Rm 1.28; #2Co 13.5-7; #2Tm 3.8; #Tt 1.16). O vers. 32 indica que os pecados aí condenados não resultam de ceder a tentações súbitas, mas são alimentados deliberadamente e estimulados nos outros.

Rm-2.1

b) A "justiça" dos judeus (Rm 2.1-3.20)

Tal como a "justiça" do mundo pagão, a dos judeus é também uma miserável quimera e fracasso. Detentores de maiores privilégios do que os gentios, os judeus, nada, obstante, não alcançaram a justificação. Antes de entrar na acusação de Israel, o apóstolo apresenta dois princípios preliminares-o juízo imparcial de Deus (#Rm 2.1-11) e a universalidade da obrigação moral (#Rm 2.12-16).

1. O JUÍZO IMPARCIAL DE DEUS (#Rm 2.1-11) -O vers. 11 sumariza o primeiro princípio sobre que Paulo baseia seu libelo contra o seu próprio povo. Quando os judeus assumem o papel de censores da justiça, o que sempre fazem, condenam-se a si mesmos, porque tais juízes cometem as mesmas coisas por eles condenadas. É um postulado de Paulo, que todos os judeus concordam relativamente à justiça indiscutível de Deus em julgar (ver vers. 2). Daí vem que o veredito divino está de acordo com a realidade moral (**verdade**) do caso, fora de privilégio ou profissão de fé. O apóstolo desfaz a falsa pretensão de estar o povo judeu isento do juízo universal, à base de integridade, ou por ser menos pecador do que o mundo pagão. Mesmo o fato de serem privilegiados como nação está longe de eximi-los do juízo (cfr. #Mt 3.9; #Jo 8.33; #Gl 2.15). Se este juízo ainda não caiu sobre os judeus praticantes dos mesmos pecados, como aconteceu com os pagãos, deve-se isto somente à **tolerância** divina (4). A aparente indiferença de Deus em face do pecado é inteiramente devida à Sua **longanimidade**, cujo alvo é induzir ao arrependimento. O cabedal da graça **a riqueza da sua bondade** -e o cabedal de ira-**acumulas contra ti mesmo** (5) -são postos em solene contraste. Toda pessoa será julgada segundo suas obras, judeus e gentios, por igual. Dura impenitência é um investimento de ira divina com juros, a serem realizados **no dia da Ira** (5). Cfr. #Is 13.6; #Ez 30.3; #Sf 1.7; ver também referências no Novo Testamento ao "dia do Senhor" (#At 2.20; #1Co 1.8; #2Co 1.14; #1Ts

5.2). Nesse dia, a justiça divina do julgamento manifestar-se-á rigorosamente justa, a recompensar cada pessoa segundo suas obras. Se estas forem o fruto de paciente bem-fazer, à procura de glória, honra e incorrutibilidade, o resultado será a vida eterna (7). Mas o espírito faccioso, a desobediência à verdade, e obediência à injustiça culminarão em ira e agitação, em perplexidade e angústia, para todos quantos fazem o mal, particularmente o judeu (que deveria conhecer melhor), mas também o grego (8-9). Assim se demonstra a imparcialidade do juízo divino. Ninguém ficará isento.

>Rm-2.12

2. A UNIVERSALIDADE DA OBRIGAÇÃO MORAL (#Rm 2.12-16) - Todos são responsáveis perante Deus em juízo, quer, como os judeus, possuam a lei mosaica, quer, como os gentios, a lei "natural", escrita na consciência de todos os homens, criados que são à imagem divina. Todos têm um padrão válido por onde serão julgados, porque não é aquele que possui a lei que é considerado justo, mas o que a pratica. Os judeus não se podem orgulhar de sua Torá, porque não importa se alguém tem ou não tem uma lei. Nossas ações fornecem o critério para o julgamento. Todo homem tem uma **consciência** (15; gr. **syneidesis**), percepção moral, um conhecimento que julga entre o ato e o seu valor ético, ou entre o homem e Deus como verdade ou realidade última. (Paulo emprega o termo ainda em #Rm 9.1 e #Rm 13.5 desta epístola e várias vezes nas outras cartas). Se ele atende a essa consciência, ela infalivelmente o acusará ou o inocentará, particularmente quando, no dia de Deus, todos os segredos forem descobertos e julgados por Jesus Cristo (16). O evangelho de Paulo é outra vez aqui declarado cristocêntrico, o que é, com efeito, sua principal característica.

>Rm-2.17

3. LIBELO ACUSATÓRIO CONTRA OS JUDEUS (#Rm 2.17-29) -Estando já assim preparado o caminho, por afirmar a imparcialidade e a universalidade do juízo divino, o apóstolo agora procede à acusação específica da pretensa justiça dos judeus. Estes, tanto quanto os gentios, não têm vivido de acordo com as luzes que possuem, sendo que as suas são maiores do que as destes últimos. De fato, a revelação, como dom divino outorgado aos judeus, foi reconhecida como regra privilegiada de vida, tanto como patrimônio deles. Paulo refere a duas coisas de que os judeus se orgulhavam, a lei (vers. 17-24) e a circuncisão (vers. 25-29), se bem que nem obedecessem à lei, nem fossem realmente circuncidados de coração.

Tu que tens por sobrenome judeu (17); ou antes, "trazes o nome de judeu", ou "dizes que és judeu". A ênfase é na nacionalidade deles. O nome "hebreu" fala de origem e idioma; "israelita" lembra a relação com Deus e a religião; "judeu" alude à raça, para distingui-los dos gentios. A enumeração que se segue, das vantagens incluídas na outorga da lei, é algo satírica, porque o apóstolo dá a entender que os judeus perverteram seus privilégios. **Repousas na lei** (17). A palavra aqui empregada **epanapausis** sugere complacência. Os judeus eram escolhidos de Deus; a outorga da Torá era uma prova desse fato. Vinha daí considerarem esse patrimônio como bastante, sem preocupações com a sua prática. **Glorias-te em Deus** (17). São acusados de ter uma idéia errônea da relação em que estão para com Deus. É certo que se devem gloriar no Senhor (cfr. **#Jr 9.24**), porém não arrogantemente. A atitude deles era ditada pela consciência que tinham de uma superioridade sobre as demais raças, por eles havidas como espécies inferiores, sem lei. Pretendiam estar em tão íntimas relações com Deus, em virtude de possuírem a lei, que conheciam qual era a vontade divina. **Aprovas as coisas excelentes** (18); lit. "julgas as coisas que divergem". O sentido é que os judeus pretendiam ser capazes de discernir entre o certo e o errado, bem como os matizes do valor moral entre um bem menor e outro maior (cfr. **#Fp 1.10**). Por causa de todas estas vantagens da lei, os judeus orgulhavam-se da habilidade que tinham de ensinar, orientar e julgar os outros. **Guia dos cegos** (19; cfr. **#Mt 15.14; #Mt 23.16**) era provavelmente uma frase proverbial. **Instrutor de ignorantes** (20); isto é, de crianças em conhecimentos religiosos, como os gentios pareciam aos olhos dos judeus. Tais pretensões soberbas baseavam-se na **posse da forma da sabedoria e da verdade que tinham na lei** (20). Significaria Paulo que os judeus possuíam realmente o segredo do Senhor, a fonte de toda sabedoria e verdade, visto que o termo **forma** (no gr. **morphosis**) implica esboço, delineamento, "a perfeita corporificação", da forma essencial (gr. **morphe**; cfr. **#Fp 2.6-7**)? Ou dá a entender, como o contexto poderia sugerir, que os judeus tinham apenas a aparência da verdadeira **morphe**, em virtude do seu fracasso em cumpri-la? O apóstolo usa o termo **morphosis** apenas nesta passagem e em **#2Tm 3.5**, onde é posto em contraste com **dynamis**, "poder". Certo que o dom da revelação era real; mas a questão era que o judeu, por sua obediência, podia ter mais perfeita compreensão daquela revelação, e, a despeito de sua jatância, era na realidade um pobre guia e deficiente luz retificadora e mestre dos pagãos.

A isto segue, nos vers. 21-24, uma exposição corajosa da injustiça dos judeus. "Bem, Professor-dos-Outros, o Sr. ensina-se a si mesmo? O Sr. prega contra o furto, e o Sr. mesmo é ladrão?" etc. **Cometes sacrilégio?** (22); ARA "Roubas os templos?" Era este evidentemente um crime pelo qual os judeus algumas vezes foram censurados (cfr. **#At 19.37**). "A pessoa que abomina os ídolos não deve furtar os sacrários deles, fazendo assim da cobiça um ídolo" (Ward). No vers. 24, Paulo cita livremente **#Is 52.5** (LXX). Concorre para a desonra do nome de Deus entre os pagãos a falta de coerência judaica entre a profissão e a prática, sua jatância de gozar do favor de Deus, ao passo que desconsidera completamente o padrão divino de moralidade. **A circuncisão tem valor** (25). Paulo admite as vantagens deste rito peculiar e distintivo, no qual os judeus se vangloriavam, e pelo qual os gentios os desprezavam. A circuncisão tem suas vantagens, mas somente se a lei for observada. Se for transgredida, então a circuncisão torna-se incircuncisão. Semelhantemente, se o incircunciso observa as exigências da lei, sua incircuncisão neste caso deve ser-lhe creditada como circuncisão? O homem incircunciso por natureza (como os não judeus) que cumpre a lei, julgará o judeu transgressor dela. Paulo declara sem tergiversar que o gentio correto, em seu estado de incircuncisão, é tão bom quanto o judeu desobediente, ainda que circunciso. **Letra** (27-29); gr. **gramma**. No primeiro caso a referência pode ser à letra da circuncisão, o mandamento literal; mas, provavelmente, significa a letra da lei, que é claramente o sentido no vers. 29, assim acentuando a exterioridade da lei. Paulo tem aqui em mente "a palavra escrita como autoridade externa, em contraste com a influência direta do Espírito como manifesta no novo concerto" (G. Abbott-Smith, **Greek Lexicon**). Paulo emprega o mesmo contraste em **#Rm 7.6** e **#2Co 3.6**; cfr. **#At 7.51**. A idéia de circuncisão do **coração** (29) pertence também ao Velho Testamento (cfr. **#Dt 10.16**; **#Jr 4.4**; **#Jr 9.26**; **#Ez 44.7**). Daí, **não é judeu quem o é apenas exteriormente** (28). Assim Paulo põe abaixo, inequivocamente, a alegada justiça do judeu.

Rm-3.1

4. RESPOSTA ÀS OBJEÇÕES DOS JUDEUS (**#Rm 3.1-20**) -Essa redução da justiça judaica a injustiça não podia deixar de ser impugnada. A crítica à condenação formulada pelo apóstolo (vers. 18) podia provir dos seus oponentes, ou talvez surgisse na mente de Paulo, ao arrazoar ele seu grave libelo contra os de sua raça. Nesta epístola especialmente, ele imagina um impugnador, a cujos argumentos casuísticos responde (cfr. **#Rm 4.1** e segs., **#Rm 6.1** e segs., **#Rm 7.7** e segs.). São quatro as objeções do suposto perguntador importuno.

1. Se os judeus são condenados igualmente com os gentios e são pecadores tão grandes quanto estes, de que servem os seus privilégios, e qual é a vantagem da circuncisão? Paulo responde que, a despeito de os judeus abusarem dos seus privilégios, estes permanecem para a conveniente aceitação deles e seu testemunho mundial. Aqui refere apenas às bênçãos maiores (enumera outras no cap. #Rm 9.4-5); os judeus as recebem de Deus, como "depositários da revelação". O termo **logia** (oráculos; cfr. #At 7.38; #Hb 5.12; #1Pe 4.11) refere-se particularmente às palavras de Deus no monte Sinai e às Suas promessas de um Messias vindouro.

2. Se os judeus não procedem retamente com Deus, que será de todos os oráculos divinos e das promessas que lhes foram feitas? Não será que Deus volta atrás e se desdiz? Paulo repele o argumento. A infidelidade de **alguns** (3; e o apóstolo, dizendo "alguns", usa de caridade) não põe em dúvida a fidelidade divina. É óbvio que, se um concerto é quebrado pela infidelidade de uma das partes, a honra da outra não fica diminuída. **Segundo está escrito** (4). A citação é do #Sl 51.4 (LXX). Embora a infidelidade humana prevaleça, o caráter divino é mantido em todos os pronunciamentos de Deus acerca do pecado.

3. Uma objeção dá lugar a outra. O perguntador importuno continua pondo em dúvida a justiça divina no castigo dos pecadores. Se a injustiça dos judeus serve só para realçar a justiça divina, e se o fracasso da nação judaica serve apenas para acentuar, pelo contraste, a retidão de Deus, pode este honrosamente condenar tais pecadores que o servem deste modo? Paulo rejeita a idéia por absurda, e declara que ela virtualmente nega a prerrogativa de Deus, de submeter o mundo a qualquer julgamento. Se nossas malfeitorias fazem realçar a justiça divina, diremos que Deus é injusto por aplicar sua ira contra nós? **Quem exerce vingança? (Falo como homem)** (5); isto é, "Perdoai meu modo de dizer muito humano; é talvez um antropomorfismo por demais ousado".

4. Se minha pecaminosidade-continua o impugnador-serve para glorificar a santidade de Deus, este fato não somente corta pela raiz o direito divino de julgar-me, mas tolera o meu pecado. Note-se como, na apresentação que Paulo faz da objeção, **a verdade de Deus** é posta em contraste com a **mentira** dos judeus (7); isto é, a fidelidade divina a todas as promessas e à revelação é contraposta à infidelidade incrédula e à falsidade prática de Israel. Por que sou ainda julgado como pecador? Argúi o impugnador. A conclusão lógica

certamente é: **Pratiquemos males para que venham bens**. Aqui Paulo revela que alguns o haviam caluniado de declarar esta máxima imoral como parte de sua doutrina. Tais detratores são repelidos sumariamente: a condenação destes é justa (8).

Estas quatro perguntas o apóstolo volta a referi-las adiante. As três primeiras objeções são mencionadas no cap. 9, enquanto a quarta, no cap. 6.

>Rm-3.9

No restante desta seção (vers. 9-20) Paulo continua a expor a injustiça judaica. Frisa que ela é condenada pela Escritura tão severamente quanto a injustiça dos gentios. Judeus e gentios são pecadores. Recorre o apóstolo para a absoluta autoridade da Palavra de Deus, universalmente admitida pelos judeus, e apresenta, como prova, um mosaico de versos escriturísticos. Com exceção de dois, são todos eles tirados dos Salmos, e são citados da versão dos LXX. Tais passagens representam a lei e todas elas se aplicam ao judeu em sua injustiça. A conclusão desta seção vem no vers. 20. O fracasso do judeu em achar justificação era devido ao método errado que adotava; de fato, nenhum vivente pode esperar ajustar sua posição diante de Deus por essa forma, porque **pelas obras da lei nenhuma carne será justificada**. Verdadeiramente, a lei traz desesperança, visto criar uma consciência de pecado, revelar o que este significa tanto para Deus como para o homem, para o Juiz e para aquele que é julgado.

>Rm-3.21

c) A justiça divina (Rm 3.21-31)

Agora Paulo procede à descrição da **justiça de Deus** (21; cfr. **#Rm 1.17**), o método pelo qual ele próprio se ajustou com Deus. Notem-se as seguintes características.

Independente da lei (21). A lei revela o dever que Deus exige do homem (quer esteja contido na lei, nos profetas e nos escritos, ou mais especificamente na lei do Pentateuco) e requer esforço moral ou obras para a justificação do homem. A justiça de Deus independe do cumprimento da lei.

Em segundo lugar, ela é testemunhada pela lei (21). O mosaico de passagens escriturísticas, previamente apresentado (**#Rm 3.10-18**), foi extraído

principalmente dos escritos, terceira seção da Torá: agora o apóstolo completa o testemunho da lei referindo a lei e os profetas (21). O novo meio de o homem ajustar suas relações com Deus não é absolutamente novo, mas foi realmente predito em ritos, tipos e profecias através do Velho Testamento.

>Rm-3.22

Em terceiro lugar, a justiça de Deus é fornecida em Cristo mediante a fé (22-25). É para quantos crêem, é **pela fé de Jesus Cristo** (22). O grego tem aqui o caso genitivo e assim pode ser traduzido quer subjetiva, quer objetivamente. A justiça divina pode ser alcançada pela fé do Salvador, exercida até à cruz, fé poderosa que foi parcela integrante do valor expiatório do Seu sacrifício supremo. Por outro lado, e em harmonia com o uso do Novo Testamento, esta fé é projetada em Jesus, como seu objeto, e assim se torna fé no Redentor. **Todos pecaram e carecem da glória de Deus** (23). **Glória** (gr. *doxa*) é o esplendor visível do caráter perfeito de Deus. É a glória chequiná do Velho Testamento (cfr. **#Rm 9.4; #Êx 16.10; #Êx 24.16** e segs., **#Êx 29.43; #Êx 33.18,22**, etc.), e no Novo Testamento é expressa na vida encarnada de Jesus, o Verbo ou expressão do Pai (ver **#Jo 1.14; #2Co 3.18; #2Co 4.6**). Quanto à glória de Deus, todos os homens estão em falta (carecem dela). O grego **hysterein** significa "ficar em falta", "ser inferior", "sofrer necessidade" (cfr. **#Mt 19.20; #1Co 8.8; #2Co 11.5; #Fp 4.12**). Esta deficiência universal é um dos aspectos do pecado. Tanto na realidade como em consciência todos estamos muito distantes da luz ofuscante da perfeição divina.

>Rm-3.24

Mas, em face desta pecaminosidade universal, a justificação é gratuita ou pela graça (24). Cristo é uma propiciação proposta por Deus. A fé é o meio. O sangue de Cristo é o preço aceito, na paciência divina, em virtude do qual os pecados do homem, anteriormente cometidos, são esquecidos. Paulo expressa a base da justiça em duas frases significativas: **mediante a redenção que há em Cristo Jesus** (24) e **propiciação mediante a fé no seu sangue** (25). O grego **apolytroxis** significa "libertação efetuada com o pagamento do resgate", daí redenção, emancipação ou livramento. A palavra para propiciação, **hilasterion**, é o neutro de um adjetivo derivado do verbo **hilaskomai**, que tem três sentidos: aplacar, conciliar ou apaziguar alguém; ser propício ou misericordioso; ou fazer propiciação por. O Novo Testamento usa as duas últimas traduções (ver **#Lc 18.13** e **#1Jo 2.2**). A idéia não é de conciliação de um Deus zangado por causa da humanidade pecadora, mas é de expiação do pecado por um Deus

misericordioso mediante a morte expiatória do Seu Filho. Não exclui necessariamente, porém, a realidade de ira justa por causa do pecado. Cristo é, portanto, o meio de satisfação pelo pecado, que é efetuada por Sua morte, o **sangue** significando o princípio de vida sacrificada. (cfr. **#Gn 9.4; #Lv 17.11; #Dt 12.23**). Daí a expressão da ARA: "no seu sangue (mediante a fé)" ser preferível à da ARC pela fé **no seu sangue**. A justificação em tais bases, nada tem a ver com o esforço moral do homem, nem com o seu mérito espiritual. É concedida **gratuitamente, por Sua graça** (24). Noutras palavras, somos declarados inocentes em troca de nada, sem preço, e só em virtude do amor imerecido de Deus para com os pecadores. Por causa deste novo método de ajustamento com Deus, os pecados dos homens no passado foram esquecidos, e os do presente têm seu castigo adiado (25), tudo em perfeita justiça da parte de Deus.

>Rm-3.26

A quarta característica da justiça de Deus é que é divinamente reta (26-31). O apóstolo agora desdobra sua última frase: tendo em vista **a manifestação da sua justiça** (26). Deus não é somente justo, como sempre é; também pode justificar ou colocar em correta relação aqueles que têm fé em Jesus, embora que, fora de Cristo, não tenham eles direito a tal justificação. Deus é justo; e por causa de Sua justiça eterna e intrínseca (não a despeito dela) considera justo o pecador que **crê em Jesus** (26). Nesta base de justificação só pela fé, o apóstolo desafia a jactância do judeu. Não há cabimento para ela. **Por que lei?** (27); isto é, sobre que fundamento é ela excluída? Paulo emprega o termo "lei" de vários modos. Representa a Torá e o Pentateuco; aqui significa um princípio estabelecido. A regra **das obras** (27) não exclui a jactância, porque muitos fariseus viviam cheios de autoglorificação. Mas a regra da fé exclui absolutamente qualquer exultação dessa natureza. A conclusão definida de todo este assunto é que o homem se ajusta com Deus pela fé, fora de qualquer cumprimento da lei (28). Este princípio de fé anula de vez o muro de separação entre judeus e gentios; Deus é Deus de uns e de outros, se crêem. E tal fé é a condição **sine qua non**, que somente Deus pode conceder. **Pela fé... mediante a fé** (30). Estas expressões apenas salientam o contraste entre a circuncisão e a incircuncisão. Não há diferença na qualidade, nem no método de ter fé. Assim é que, se há um Deus, há um povo cujo sinal distintivo é a fé. Deus olha por cima da circuncisão para a fé do judeu, e igualmente olha por cima da incircuncisão para a fé da parte do gentio. Ambos realmente ostentam a mesma "marca registrada". Ademais, acrescenta Paulo, no regime dessa fé, a

lei não é desbancada, senão estabelecida. Deus não se torna, por isso, fraco ou sentimental. Sua justiça está satisfeita.

Rm-4.1

d) A justiça abraâmica (Rm 4.1-25)

Agora, Paulo toma o caso de Abraão como prova, mostrando a relação do novo sistema de justificação com o ensino do Velho Testamento. Imagina o impugnador a perguntar onde, nesse debate, fica Abraão. Caracteriza-se ele pela fé ou pelas obras? É este um ponto crucial, contudo o apóstolo demonstra, além de qualquer dúvida, que o patriarca foi justificado pela fé e não pelas obras da lei. A base do argumento é **#Gn 15.6** -"Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça". O exame da vida de Abraão revela três realidades.

1. SUA JUSTIÇA FOI INTEIRAMENTE PELA FÉ (**#Rm 4.1-8**) -Era universalmente aceito pelos judeus que Abraão fora singularmente justo, tendo melhores fundamentos para se jactar, do que a maioria dos homens. Mas tal ufania é inadmissível à vista de Deus (2). A Escritura diz que **Abraão creu em Deus**, e isso lhe foi imputado **para justiça** (3; ver. **#Gn 15.6**). Ora, se alguém trabalha, seu salário não depende da boa vontade do patrão, mas torna-se uma dívida deste para com o seu empregado (4). Todavia, se não trabalha, crendo apenas nAquele que justifica ao pecador, sua fé é considerada como justiça (5).

O sagrado escritor de Hebreus faz eco ao ponto de vista do Velho Testamento, nos vers. **#Rm 11.8-19**. Foi notável a fé demonstrada por Abraão, e o referido escritor tem para ele um lugar conspícuo em sua galeria de honra. E digno de nota que Tiago, em sua epístola (**#Rm 2.23**), também cita **#Gn 15.6**, acrescentando "E foi chamado amigo de Deus". Paulo e Tiago chegam à mesma conclusão, partindo de pontos de vista diferentes. Quando Tiago declara: "Não foi por obras que o nosso pai Abraão foi justificado?" (**#Rm 2.21**), seu alvo é recomendar as boas obras como prova necessária e fruto essencial da fé. A tarefa de Paulo, por outro lado, é condenar as boas obras como base última da salvação, e negar-lhes qualquer mérito para ajustar relações com Deus. Prossegue o apóstolo salientando que este novo sistema de justificação, apresentado em seu evangelho, está radicado no Velho Testamento e, para isso, mostra que Davi também se distinguiu pela fé; visto como expressou a bem-aventurança daqueles que são considerados justos à

parte de qualquer mérito proporcionado por obras (#SI 32.1-2). Tal estado de altíssima felicidade do homem perdoado não é o próprio Davi quem o declara, senão Deus mesmo. O salmista está simplesmente registrando o fato bendito, embora que exultando pessoalmente, em consequência da sua própria experiência.

>Rm-4.9

2. A JUSTIÇA DE ABRAÃO INDEPENDU DA CIRCUNCISÃO (#Rm 4.9-12) -A experiência do patriarca decorreu na seguinte ordem: primeiro a fé, seguindo-se a justificação e depois a circuncisão. Os judeus inverteram a ordem, pondo em primeiro lugar o rito. Com a idéia de bem-aventurança como liame, o apóstolo mostra que Abraão possuía este fruto da fé, antes de sua circuncisão (10). **Recebeu o sinal da circuncisão como selo** (11). O próprio rito era o sinal ou confirmação do concerto feito por Deus com Abraão (cfr. #Gn 17.1-14; #At 7.8). Nesta base, o Patriarca é **o pai de todos os que crêem** (11), circuncisos ou não (cfr. #2Pe 1.1). Em desafio à doutrina ortodoxa judaica, Paulo afirma um dos princípios vitais do seu próprio ensino, qual seja a porta franqueada aos gentios, o privilégio universal da justificação pela fé.

>Rm-4.13

3. A JUSTIÇA DE ABRAÃO INDEPENDU DA LEI MOSAICA (#Rm 4.13-22) -O ponto ferido por Paulo, a seguir, é que Abraão foi considerado justo com Deus uns quatrocentos anos antes que a lei viesse a existir, antes que fosse promulgada no monte Sinai. **A promessa de ser herdeiro do mundo** não foi feita ao patriarca nem à sua posteridade por intermédio da lei, e sim mediante **a justiça da fé** (13). "Herdeiro do universo" interpreta-se como a suma de todas as promessas feitas a Abraão, como reveladas em #Gn 12.3-7; #Gn 13.15-16; #Gn 15.1,5,18; #Gn 17.8-19, e mencionadas em #At 3.25 e #Gl 3.8. Estas promessas incluíam a dádiva de um filho e herdeiro uma descendência inumerável, o Messias e Seu reino universal. Observe-se o modo pelo qual nosso Senhor, em uma das beatitudes, espiritualizou a idéia da herança do mundo, ao declarar que os mansos herdariam a terra (#Mt 5.5). Se os da lei a herdassem, a fé **se tornaria vã**, e a promessa, de **nenhum efeito** para assegurar justiça (14). A lei, entretanto, desperta somente o senso de pecado, culpa e penalidade. Remova-se a lei e o pecado desaparece (15). Nessa conformidade, a fé e não a lei é a base da justiça de Abraão à vista de Deus.

O apóstolo argumenta semelhantemente em #Gl 3.17 e segs., mas a lógica aí é mais legal e histórica, ao passo que aqui é mais doutrinária. Leis e graça são incompatíveis. Daí vem que a promessa é confirmada a toda a descendência, não somente à que procedeu da lei, mas igualmente à que procedeu da fé (16). Por essa fé, Abraão se torna pai de todos os que crêem, gentios e judeus. Num sentido físico, dizia a promessa que ele seria pai de todos (#Gn 17.5); porém Paulo está pensando aqui numa paternidade espiritual e universal. Abraão, pai dos fiéis, aparece perante Deus como representante de todos os crentes, judeus ou gentios (16,17).

Notem-se os dois atributos divinos, impressionantes e apropriados, que Paulo acrescenta aqui: **Deus que vivifica os mortos, e chama à existência as coisas que não existem** (17). O poder vivificador de Deus é visto nos seguintes milagres: a capacidade de Abraão procriar Isaque (19; cfr. #Hb 11.12, "aliás já amortecido"); o livramento de Isaque da morte, no altar do sacrifício (cfr. #Hb 11.19, "Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dos mortos") e a ressurreição de Cristo (24). O segundo atributo, de chamar à existência o que não existe, tem referência aos filhos nascituros, à posteridade do pai Abraão, quando historicamente, ele não tinha filhos.

>Rm-4.20

Outra vez Paulo elogia a fé do patriarca. **Não duvidou... mas, pela fé, se fortaleceu** (20), significando que, em referência à promessa divina, Abraão não vacilou em incredulidade, mas foi fortalecido pela fé, glorificando destarte o nome de Deus pela confiança plena na capacidade divina de cumprir a dita promessa. A conclusão deste caso de Abraão, apresentado como prova, é a declaração inicial de que sua fé lhe foi imputada como justiça (22; cfr. vers. 3).

Agora, o apóstolo se prepara para o seu maior tema, a justiça do crente. Esta aceitação de Abraão, pai dos fiéis, está registrada para que também creiamos e reivindicemos a justiça de Deus mediante Jesus, que Se ofereceu por nossas transgressões e ressuscitou para nossa justificação (23-25).

Rm-5.1

e) A justiça do crente (Rm 5.1-21)

Passa agora o apóstolo mais para o âmbito do subjetivismo ou da experiência. Alguns consideram este capítulo um parêntese devocional, visto basear-se na experiência pessoal de Paulo quanto ao modo de ser tratado por Deus. Contudo, o grande tema da justificação pela fé recebe aqui maior desenvolvimento. Paulo jamais considera a possibilidade de justificação que não se acompanhe invariavelmente de santificação: uma e outra, para ele, estão de fato inseparavelmente ligadas. Uma é o batente, a absolvição preliminar; a outra é a longa estrada que conduz à Jerusalém celestial. O apóstolo une-se a todos os crentes e fala por eles. Declara os benditos efeitos da justificação baseada firmemente no ajustamento de relações com Deus (1-5). Depois, em estilo poético, vem a garantia dessa bem-aventurança (6-11). A isto se acrescenta o método da justificação, o modo como os homens de fé a realizam mediante o novo Cabeça da raça (12-21).

1. OS BENEFÍCIOS QUE A JUSTIFICAÇÃO TRAZ (#Rm 5.1-5) - **Temos paz com Deus** (1). Os justificados pela fé têm assegurada sua paz com Deus. Os melhores textos trazem o subjuntivo, em vez do indicativo, **echomen**, sendo a única diferença a vogal longa ou breve. Donde a forma exortatória da versão ARA, "tenhamos". Todavia, como Paulo com referência a ensino e pregação, raramente emprega um pelo outro, o sentido é o de exortação branda "devemos ter" e, daí, "temos" (cfr. o comentário sobre Romanos do I.C.C., pág. 120). Realmente, como pessoas de fé, gozamos paz com Deus. Trata-se de uma nova relação para com Deus, que não é questão de mero sentimento, mas de fato. Em segundo lugar, **temos acesso** (2). Aquele que crê não passa a gozar do favor de Deus à base de merecimento próprio. A idéia de acesso é introdução à câmara da presença do rei. Esta apresentação ao trono real é efetuada por alguém que está junto do próprio monarca. É Jesus que nos leva a Deus (cfr. #Ef 2.18-3.12). O apóstolo descreve pelo termo **graça** o favor ativo do Pai para com os que crêem (2; cfr. #Gl 5.4; #1Pe 5.12). Os justificados são introduzidos num estado de graça que produz segurança e confiança. Um terceiro resultado de se estar em relações justas com Deus é gozo, triunfo baseado na esperança e vitorioso sobre a tribulação (2-3). Os que crêem exultam **na esperança da glória de Deus** (2). "Gloriam-se na glória" (cfr. #Rm 3.23), que um dia será a coroa e a consumação de todas as coisas para os justificados. Também se ufanam até das tribulações, porque as aflições produzem muitas qualidades excelentes nos que crêem, os quais sabem que os sofrimentos produzem paciência, e tal perseverança (cfr. #Rm 2.7) leva a um caráter provado, e esta experiência provada (cfr. #2Tm 2.3) traz esperança. (Paulo usa outra vez este estilo de encadeamento no cap. #Rm 10.13-15; cfr. também #2Pe 1.5-7). Esta elevada esperança não acarreta vergonha nem se

mostra ilusória (cfr. #2Co 7.14; #2Co 9.4) porque as almas dos que crêem estão inundadas do amor de Deus, que é de fato, a presença do Paráclito (5). Os justificados se tornam cômicos do amor de Deus para com eles mediante o Espírito habitando no seu íntimo. (Cfr. a bem-aventurança do homem a quem Deus atribui justiça independentemente de obras; #Rm 4.5-8). Note-se que nesta epístola é esta a primeira vez que Paulo se refere ao Espírito Santo.

>Rm-5.6

2. A SEGURANÇA DOS CRENTES (#Rm 5.6-11) -Os que crêem, estando de relações ajustadas com Deus, gozam esse novo estado, sua posição na graça, com perfeita segurança. Isso lhes está garantido, de um lado pela morte de Jesus Cristo na cruz (6-8), e, de outro lado, pela vida de ressurreição do mesmo Salvador (9-11). **Cristo morreu pelos ímpios** (6; cfr. vers. 8). A morte de Cristo na cruz foi por nós, primeiro, **quando éramos fracos** (6); isto é, quando éramos incapazes de nos salvar a nós mesmos por mérito legal, e éramos com efeito ímpios (6), pecadores (8) e inimigos (10). Em segundo lugar, foi por nós **a seu tempo** (6). Essa época apropriada, o "momento psicológico" do relógio do mundo, é frequentemente expressa por Paulo (cfr. #Gl 4.4; #Ef 1.10; #1Tm 2.6; 6.15; #Tt 1.3). Por nós, então, na plenitude dos tempos, Cristo morreu, embora não somente nada tivéssemos que nos recomendasse, mas na verdade tínhamos tudo contra nós. No vers. 7 o apóstolo estabelece um contraste entre o homem justo e o homem bom. Por um dificilmente alguém morreria; pelo outro alguém poderia animar-se a morrer. O **justo** é aquele que guarda a lei, modelo de rigoroso dever. O **bom** é aquele que em espírito e, por disposição própria, excede as justas exigências da lei (cfr. #Mt 5.20).

>Rm-5.9

Muito mais agora (9). Paulo prossegue em afirmar a segurança da justiça do crente com um triunfante argumento a **fortiori**. O amor de Deus por nós, indignos e rebeldes pecadores, é atestado pelo sacrifício de Seu Filho em nosso lugar, a morte na cruz que nos leva a uma completamente nova relação com Ele. Este admirável amor de Deus, pondo-nos em justas relações com Ele, é o maior fato de nossa salvação, maior do que nossa nova vida. Deus operou reconciliação **pela morte de seu Filho** quando estávamos em incredulidade hostil (10). Muito mais agora Deus será capaz de manter-nos em paz consigo, como Seus amigos, pela vida do Seu Filho. Se Deus pode realizar nossa justificação, sem dúvida alguma também pode levar a efeito nossa

santificação. A idéia é toda de vida, a vida do crente por intermédio da vida do Salvador. Paulo não emprega o termo "Santificação" avaliando o que é maior e o que é grande. Ele põe em contraste a justificação e a salvação. Mas este último termo tem o sentido de santidade progressiva. Em união com Cristo como Senhor vivo, somos potenciados a viver uma vida santa de vitória moral e espiritual, de modo que, em nossa personalidade santificada, escapamos da ira de Deus no dia do juízo, mediante o mérito e a mediação de Jesus Cristo.

>Rm-5.11

Essa obra levada a efeito na cruz, que ajusta as relações dos crentes com Deus e envolve a conservação dessas relações mediante a vida de Jesus, é fonte de gozo constante (11). Essas relações são designadas pelo termo **expição** (ARC-"reconciliação"). O grego **katallage** significa "mudança" ou "troca"; daí vem que, quando se diz de pessoas, uma mudança de inimizade para amizade, é reconciliação. Implica uma mudança de atitude da parte de Deus e do homem. A necessidade de mudança do lado humano é óbvia; porém muitos teólogos negam qualquer necessidade disto do lado divino. O amor de Deus é permanente e Ele em Si mesmo é imutável. Note-se, no entanto, que o apóstolo fala de sermos recipientes (gr. **elabomen**) de uma reconciliação que Deus livremente nos dá. Implícita na doutrina da justificação está a nova atitude de Deus para com o pecador, na base do mérito de Jesus Cristo.

>Rm-5.12

3. JUSTIÇA PELA GRAÇA (#Rm 5.12-21) -O apóstolo conclui esta seção, da justiça do crente, frisando que é na verdade uma posição na graça, visto que é realizada mediante a graça (vers. 15-20). O canal da justificação é por meio de uma Pessoa pelo dom gratuito de Deus, princípio este que leva Paulo a discutir os dois cabeças da raça humana, Adão e Cristo (cfr. #1Co 15.21 e segs.). Note-se a construção da passagem. Depois de declarar a verdade da universalidade do pecado e sua penalidade mediante Adão (12), o apóstolo faz uma digressão em parêntese (13-17), e volta ao seu argumento nos vers. 18-19. Temos no vers. 12 um anacoluto gramatical. Não há oração correlativa para a cláusula que começa "assim como", a qual descreve Adão como tipo daquele que teria de vir. Essa locução conjuntiva "assim como" não encontra sua correlativa senão no vers. 18, depois de fechado o parêntese que tratou de algumas dificuldades.

A passagem decisiva é o vers. 12, onde é apresentada a doutrina da relação de um para com muitos. Ênfase especial é dada às duas preposições usadas no grego, **dia**, "através de", e **eis**, "para dentro", pelas quais se indicam um canal e uma passagem. Por um homem, como canal, o pecado entrou no mundo (**kosmos**) e, pelo pecado, a morte, como penalidade. O mundo até então fora declarado "muito bom" pelo Criador, mas agora, pela transgressão de Adão, o pecado e a morte entraram nele. O ponto a que Paulo quer chegar é que todos estão envolvidos no pecado de Adão, todos pecaram nele e com ele. A humanidade não é considerada apenas como havendo pecado e sido debitada legalmente pela transgressão de Adão, porém todos são declarados como havendo real e ativamente pecado juntamente com Adão.

Esta declaração dogmática leva o apóstolo a um parêntese, onde ele enfrenta duas dificuldades. A primeira é que até ao tempo de Moisés a lei não houvera sido declarada. Como não havia lei, não podia haver pecado. O apóstolo aceita o argumento, admitindo que **o pecado não elevado em conta quando não há lei** (13); isto é, não é considerado como culpa, envolvendo penalidade. Em segundo lugar, ele argumenta que, houvesse ou não houvesse lei, a penalidade de Adão veio operando desde o tempo deste. Ninguém podia negar a universalidade da morte, e Paulo endossa a doutrina de que a morte e a sentença de Deus sobre o pecado, embora não houvesse lei até ao tempo de Moisés, e se bem que os que assim sofriam essa pena não houvessem transgredido à semelhança do pecado de Adão, isto é, comendo o fruto proibido (14). Comentando este vers. 14, alguns argumentam a favor da universalidade do pecado, porém não de sua originalidade. Isto seria negar nossa unidade em Adão, a qual é tipo da unidade dos remidos em Cristo.

Até aqui Paulo está traçando uma comparação entre Adão e Cristo. Ambos, por um simples ato, influenciaram a raça inteira. Agora segue-se o contraste. O efeito do pecado de Adão é a morte; o efeito da justiça de Cristo é a vida. Paulo, porém, não o formula nestes termos. Declara que o resultado é graça abundante ou transbordante, ou seja **o dom pela graça** (15), que adiante é definido, no vers. 17, como **o dom da justiça**. A sentença era de um para a condenação de todos; o dom gratuito era de muitas transgressões para um pronunciamento de justificação (16). O grego **dikaioma**, não o costumeiro **dikaiosis**, traduzido simplesmente justificação, significa uma sentença judicial, ou decreto, ou ato de justificação, ou ajustamento de relações com Deus. A mesma palavra grega ocorre em **#Rm 1.32-2.26**; **#Rm 8.4**, a qual a ARA traduz por "sentença" ou "preceito". O contraste entre Adão e Cristo é ainda desenvolvido no vers. 17, onde um estabelece o reinado de pecado e morte, e

o outro o reinado de graça e vida. A união com Cristo anula eternamente a união pecaminosa com Adão.

Paulo agora retoma o princípio declarado no vers. 12, reafirmando-o e adicionando a outra cláusula do paralelismo, **assim também pela justiça de um veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida (18). A ofensa de um... a justiça de um (18)**. A diferença é entre agente e ato.

>Rm-5.19

A suma de toda a comparação e contraste entre Adão e Cristo vem declarada no vers. 19, como conclusão do argumento de que a justiça do crente provém da graça. Resta-nos, o problema da relação de Adão e Cristo com o gênero humano, pela qual o pecado, de um lado, e a graça, de outro, são transmitidos. A imputação é um conceito legal e não satisfaz completamente. A teoria de chefia (cabeça) federal ajuda. Paulo ensina alhures que essa chefia espiritual de Cristo antecipou-se à chefia física de Adão (cfr. **#Ef 1.4; #Cl 1.15-17**; ver também **#Jo 1.1-5**). Todavia, das deduções que tira do fato, o apóstolo indica uma relação mais íntima, porque a humanidade não tem poder de escolha para comissionar seu representante. O fato científico da solidariedade da raça oferece a melhor solução. Como o todo está contido no germe, a árvore na semente, assim toda a humanidade reside em Adão e, pela graça mediante a fé, também em Cristo. Assim como somos um organismo físico, também somos um organismo espiritual.

Paulo conclui esta seção da justiça do crente acrescentando uma nota sobre a função da lei. "Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça; a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo nosso Senhor". A graça não é o fim, porém, mediante a justiça, tem sua consumação na vida eterna.

Rm-6.1

III. PROBLEMAS DE ÉTICA LEVANTADOS PELO EVANGELHO Rm 6.1-23

Prossegue Paulo na defesa da doutrina da justificação pela fé contra a acusação de ser ela incompatível com a moralidade comum. E o faz afirmando a doutrina da santificação. Não se trata de mera seqüência teórica da

justificação; é um fato nítido da experiência do apóstolo. Como os vers. 1-11 mostram, Paulo não somente sabia o que significava ajustar relações com Deus, mas igualmente o que era manter-se nessa posição. Ver também [#Rm 7.7-25](#). "Tinha em tão alta estima o Espírito de Cristo como poder de santidade, quanto o sacrifício do mesmo Cristo como razão para o perdão de seus pecados". Este problema de ética assume duas formas. Primeiro, ser considerado justo por Deus não é apenas estimular o pecado? Segundo, não resulta em depravação?

a) A acusação de licenciosidade (Rm 6.1-14)

A doutrina de Paulo sobre a justificação-argumenta o impugnador -implica em "quanto mais pecado, tanto mais graça". Se mais pecado significa mais graça, por que não continuar pecando? A réplica do apóstolo centraliza-se no fato da união do crente com Cristo. Esta relação mística com o Salvador é apresentada aqui pela primeira vez nesta epístola. O pensamento característico do apóstolo é ilustrado no rito do batismo por imersão. Nesta os três movimentos são simbólicos: para dentro d'água-morte; debaixo d'água-sepultamento; fora d'água-ressurreição. Ser [batizado em Jesus Cristo](#) é entrar em união com a Sua morte (3), Seu sepultamento (4) e Sua ressurreição (5). O sepultamento é de fato uma confirmação da realidade da morte. A morte de Cristo dizia respeito ao pecado. Foi o sacrifício pelo qual o pecado foi extinto (cfr. [#Hb 9.26](#)). De uma [vez para sempre morreu para o pecado](#) (10) (cfr. [#1Pe 3.18](#); [#Hb 7.27](#); [#Hb 9.12-28-10.10](#)). A ressurreição assinalou sua entrada numa nova vida "à parte o pecado". Nessa conformidade, o crente passa pelas mesmas experiências. O resultado da justificação é a vida de santificação. Deus não somente ajusta nossas relações consigo, mas conserva-nos nessa posição. Sua justiça primeiro é imputada, depois é-nos comunicada. Até aqui Paulo está tratando da parte de Deus na santificação mediante a união com Cristo operada pela fé. Agora, nos vers. 12-14, declara o aspecto humano dessa transação. O esforço moral é necessário na justiça progressiva do crente. Este não deve apresentar seus membros como [instrumentos de iniquidade](#) (13). Trata-se de pecado habitual (gr. [paristanete](#); tempo presente, ação continuada). A segunda apresentação, como [instrumentos de justiça](#), é "um ato de escolha" (gr. [parastesate](#); pretérito de ação completa) pelo qual os crentes se entregam definitivamente a uma vida de santidade, embora que não continuamente isenta de pecado. "Não prossigais apresentando vossos membros ao pecado como armas de iniquidade. Apresentai-vos definitivamente a Deus".

A transição para o próximo aspecto do problema de ética acha-se no vers. 14, onde Paulo exulta com a certeza de justiça progressiva, e exclama: "O pecado não terá domínio sobre vós. Não estais debaixo da lei e, sim, da graça". O "não farás" da lei deve ceder lugar ao poder do Espírito.

>Rm-6.15

b) A acusação de revolta contra a lei (Rm 6.15-23)

Outra vez se alega que este evangelho da "justiça de Deus" resulta em completo desrespeito à lei. Esta é a principal acusação judaica à doutrina da graça ensinada por Paulo. Ora essa! a lei agora pode ser desconsiderada e o pecado, estimulado. Temos aí a heresia do antinomianismo.

Paulo responde à objeção contra a livre graça dizendo que, embora seja verdade que o crente não está sob a lei, mas sob a graça isto não significa que ele esteja sem lei. Deve lealdade a Deus. De dois possíveis senhores, um exerce domínio sobre nós-Deus ou o pecado (16). Para esclarecer o ponto, o apóstolo ilustra com a lei da escravatura, vigente em seus dias. Um escravo podia comprar sua liberdade, pagando seu preço ao templo, isto é, dava o dinheiro do seu resgate a algum deus ou deusa, e por essa forma reivindicava sua liberdade; mas o dinheiro ia de fato parar, por via do templo, às mãos do senhor. Assim a divindade resgatava o escravo do poder de seu senhor, e ele ia embora liberto, se bem que ainda escravo do deus. De semelhante modo, o crente é livre no sentido de se haver tornado escravo de Deus. Não é um irresponsável, sem senhor, porque Jesus é o Senhor de toda a sua vida. O apóstolo reconhece a insuficiência da analogia, lembrando porém aos leitores que ele fala **como homem** (cfr. #Gl 3.15) e, devido **à fraqueza de vossa carne**, isto é, a imaturidade deles (19). Paulo conclui seu argumento apelando para resultados ou frutos dos dois serviços, pecado ou justiça. Aquele dá lugar a vergonha e morte; esta resulta em santificação e vida eterna.

Rm-7.1

IV. O CRISTÃO E A LEI Rm 7.1-8.39

Outra dificuldade envolvida na doutrina de ser a "justiça de Deus" um dom gratuito, ou "justificação somente pela fé", era a posição ocupada pela lei. Esta quase que era adorada pelos judeus, sendo pura blasfêmia dizer que a fé

tomava o seu lugar. Paulo agora passa a tratar desta questão de revogação da lei.

a) A lei só é válida enquanto vivemos (Rm 7.1-6)

Emprega a ilustração da viúva emancipada, livre da lei do marido, por morte deste. Fica livre para casar de novo. A lei é suplantada, não vigora mais neste caso. De igual modo os crentes **morrem relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo** (4); isto é, quer seja por causa da cruz, quer seja por meio da Igreja. Esta segunda interpretação da frase deve ser preferida. O "vós" torna-se "nós" (4) em virtude de irmos a pertencer ao corpo de Cristo, a totalidade de cujos membros constitui o corpo de que Cristo é a Cabeça. A idéia da analogia é que o crente, morrendo relativamente à lei, fica livre para se unir ao Senhor ressuscitado. O apóstolo aqui substitui o pecado pela lei; a mortificação do pecado, acompanhada de vida para a justiça, foi objeto do seu ensino no capítulo precedente. Agora insiste na emancipação pela morte. **Segundo a carne** (5) quer dizer a vida de indulgência pecaminosa; seu oposto é "segundo o espírito". "Paixões pecaminosas" (5). Os dois estados de escravidão são outra vez contrastados pelas frases **novidade de espírito e caducidade da letra** (6); representam o estado da graça e o estado da lei.

>Rm-7.7

b) Lei e pecado não são sinônimos (Rm 7.7-25)

Como vimos, Paulo em seu argumento substituiu o "pecado" pela "lei". Este fato fez surgir, fosse no seu próprio espírito, fosse no dos seus críticos, a pergunta **É a lei pecado?** São idênticas as duas coisas? O homem regenerado morre para o pecado e para si mesmo, e assim morre para a lei. Qual é pois a relação que há entre pecado e lei? O apóstolo define a conexão entre os dois partindo de sua própria experiência pessoal. Nessa conformidade, este trecho é altamente autobiográfico, embora alguns comentadores tenham pensado que Paulo fala aí de modo genérico. O melhor parecer é que é o homem regenerado que aí fala de sua própria experiência. Não temos descrição da experiência da irregeneração **per se**, senão o retrospecto do homem justo, visto que somente este está em condições de avaliar a escravidão do pecado. Paulo considera típica sua própria experiência. A verdadeira relação entre a lei e o pecado é apresentada sob três aspectos.

1. A LEI REVELA O PECADO (#Rm 7.7-8) -Eu não teria conhecido o pecado (má concupiscência ou cobiça) se a lei não dissesse (7). Se não houvesse lei, não teríamos consciência da força do pecado, e assim estaríamos despercebidos de sua existência. É isto com efeito um truísmo de ética, que não precisa de comentário. O pecado, tomando ocasião (8-11). O pecado, como qualquer estrategista militar, fez da lei uma espécie de "base de operações". É este o sentido literal da palavra grega *aphorme* quando aplicada a operações militares. Significa "ponto de partida" e, assim, metaforicamente, "ocasião", "incentivo", "oportunidade" (cfr. #2Co 11.12; #Gl 5.13). A alma, ignorando as proibições da lei, sente-se feliz no pecado que ela não reconhece; quando porém surge o conhecimento do pecado, este rebela-se contra a lei, que prossegue dizendo "Não farás" isto nem aquilo. E desta forma o pecado opera toda sorte de concupiscência (8).

>Rm-7.9

2. A LEI ESTIMULA O PECADO (#Rm 7.9-13) -Outrora, diz Paulo, eu vivia livre de qualquer consciência de pecado. Eu realmente vivia alheio à lei. Mas, sobrevivendo o preceito (isto é, uma particular injunção da lei), reviveu o pecado (gr. *anazen*, dar um salto para a vida) e eu morri (9). A experiência do apóstolo era que a lei, decretada para promover a vida (cfr. #Rm 10.5; #Lv 18.5) pela obediência, resultou para ele em morte. Com efeito, mediante a lei, o pecado seduzindo-o (Cfr. #Gn 3.13; #2Co 11.3; #1Tm 2.14) matou-o (11). Esta morte não significa atrofia ou paralisia de uma ou outra função vital. Quer dizer morte completa, aquilo mesmo que impelira Paulo a perseguir freneticamente o Caminho, naquela mania de ódio, da qual só o Senhor o "curou" com a visão da estrada de Damasco. Toda cobiça gerada pela lei (isto é, má "concupiscência") devia apresentar-se com novo aspecto de hediondez à vista do cristão, ao olhar ele para o passado do perseguidor feroz, como Paulo por certo olhou retrospectivamente para Saulo e compreendeu a miséria do seu ódio. O apóstolo insiste que a lei, no todo ou em parte, é santa, justa e boa (12). O fim que se propõe é conceder vida. Apenas quando pervertida pelo pecado e tornada subserviente ao engano deste é que ela opera a morte. O pecado é a maldade que pôs emboscada a Saulo e o matou. A intenção divina era mostrar o pecado em suas verdadeiras cores, como já foi declarado (13; ver vers. 7-8). O pecado, porém, transformou a lei, bênção de Deus, em maldição.

>Rm-7.14

3. A LEI ENTRA EM CONFLITO COM O PECADO (#Rm 7.14-25) -O apóstolo atinge agora o âmago de sua amarga experiência. Confessa que vê o melhor e o aprova, mas inclina-se para o pior. Descobre a diferença que existe entre a natureza da lei e sua própria natureza. O **espiritual** e o **carnal** (14) opõem-se entre si: um é do Espírito, o outro é da carne, Paulo continua numa descrição clássica de dupla consciência, para traçar seu conflito íntimo entre o que os psicólogos chamam eu organizado e desorganizado. O eu real centraliza-se num ideal, que no caso de Paulo é Cristo, ou a lei santa e boa. O pecado, personificado no retrato gráfico e emocional, é o eu desorganizado que definitivamente não é o Paulo que ele anseia ser. Quando faz o que não aprova declara que **não é mais ele que o faz, e sim o pecado** (20), identificado aqui com a sua individualidade inferior ou desorganizada. A experiência do apóstolo provê um princípio que vem enunciado no vers. 21, o qual opera por toda a vida. "Para estar salva do pecado, a pessoa precisa reconhecê-lo seu e ao mesmo tempo renegá-lo; é este paradoxo prático que se reflete neste versículo" (James Denney). A expressão emocional deste conflito íntimo e dupla consciência culmina num brado de aflição ou desespero (24). Paulo torna a viver a experiência, apresentada como típica, de ser pecador convicto. **Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte?** (24). O corpo é o instrumento do pecado e cujo destino é a morte. Tão repulsivo é o pecado e tão sinônimo de morte, que Paulo se agonia por se livrar deste corpo, que ele em seu horror sente que é morte. E vem a seguir a reação repentina no hino de louvor, visto que a salvação inunda sua alma. "Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor".

Rm-8.1

c) A lei é dominada pela graça (Rm 8.1-39)

A lei, embora revele e excite o pecado e cause divisão na personalidade, é ainda, no seu propósito, santa e boa. Seria amiga do homem, se tivesse permissão de operar; mas é **enferma pela carne** (3). Contudo, mediante Cristo, é forte e condena o pecado na carne, porque Cristo é absolutamente justo e reside em nosso íntimo. Também estamos em Cristo e, por esta união, cumprimos a lei (1-4). A obediência de Cristo é nossa obediência. Satisfazemos, deste modo, os reclamos da lei e desarmamo-la. Assim, neste capítulo o apóstolo traça o curso da vida cristã, na qual a graça triunfa sobre a lei, e os crentes experimentam livramento do pecado.

1. O FRACASSO DA LEI (#Rm 8.1-4) -O sistema anterior de vida, mediante a obediência à lei, manifestamente nunca logrou êxito. Agora prova-se bom pela encarnação de Jesus e a presença do Espírito. A lei é incapaz de conferir benefícios, mas o que ela falhou em fazer, a graça realizou mediante Cristo e o Espírito Santo. A vida triunfante começa aqui e agora na ausência de qualquer sentença por desajustamento com Deus. Unido a Cristo, o crente é absolvido e está livre para sempre da lei do pecado e da morte. A justa exigência da lei, uma vida reta, é levada a cabo não "por" nós, mas em nós (4). Isto é o que fora impossível à lei (3). A idéia é mais de inabilidade inerente da lei em fazer algo no sentido de uma vida santa, do que meramente de sua impotência por fazer o que Cristo realizou. O fracasso da lei é absoluto. A nova lei sob que estamos é a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus, a qual emancipa da lei do pecado e da morte (2). O pecado é estranho à vida humana. É um intruso. Enviando Seu Filho em semelhança de carne pecaminosa (3), Deus enfrentou o problema do pecado. Paulo não quer dizer aí que Jesus assumiu carne pecaminosa, como se toda carne fosse manchada ou corrompida pelo pecado. Os evangelistas são bem claros acerca do advento de nosso Senhor no que diz respeito à Sua concepção. A santidade do menino Jesus é acentuada tanto por se originar do Espírito Santo quanto por ser Ele em si mesmo santo (cfr. #Lc 1.35). A carne de nosso Senhor era a da verdadeira humanidade, não degradada, da intenção divina. Seu corpo era apenas "na aparência de carne pecaminosa" (Moff.), e não na própria carne pecaminosa que herdamos de Adão. A idéia de Paulo aqui é que o Pai enviou Seu Filho para enfrentar a questão do pecado nas mesmas circunstâncias e ambiente em que a raça humana em Adão fora derrotada. Esse combate oferecido ao pecado implica tudo que Jesus era, disse e fez para condená-lo em Seu próprio corpo no madeiro (cfr. 3, "como oferta pelo pecado"; cfr. também #Rm 3.25). A carne era a esfera ou domínio do pecado; mas, no caso dos crentes, Deus tornou ilegítima essa esfera de influência, tendo a morte do Filho anulado o poder do pecado sobre os santos, completa e permanentemente. O homem, em Cristo, está livre para sempre da lei do pecado e da morte. A justa exigência da lei (4), uma vida íntegra, é realizada não pela lei (porque esta falhou), mas pela graça.

>Rm-8.5

2. A VITÓRIA DA GRAÇA (#Rm 8.5-13) -O apóstolo prossegue a descrever a vida da graça, como sendo do Espírito, contrastando-a com a vida da carne sob a lei. A vida velha tem seus interesses e se deixa absorver por coisas da carne, mas a vida nova se entretém de coisas espirituais. Se nossa vida se põe de acordo com a carne, nossa mentalidade recebe a influência disso. Se

prevalece o elemento espiritual, os resultados análogos se verão em nossa compostura espiritual. A suma de tudo isto vem a ser que a mente carnal é morte; mas **a mente do Espírito é vida e paz** (6). Por um lado, a morte é o resultado da vida carnal: por outro, a vida flui da vida do Espírito. A razão disso é clara. A vida carnal é hostil a Deus, pois frustra os ideais divinos para a humanidade. Centraliza-se em si mesma e está em guerra contra Deus. Por sua própria natureza, é incapaz de se submeter à lei de Deus (7). Considerando como supremo o mundo de seu próprio eu e nele vivendo, não pode agradar a Deus (8). A carne é, de fato, a sede da revolta contra Deus. Como sinônimo de carne, no sentido em que Paulo aí emprega o termo, João apresenta "o mundo" (cfr. **#Jo 16.8-11**; **#Jo 17.6-9**). É a vida sem Deus: vida de egoísmo, de indulgência própria e desobediência à luz da consciência.

>Rm-8.9

Paulo volta então diretamente a seus leitores como a cristãos em quem o Espírito habita (9). A força propulsora da vida espiritual é o Espírito Santo morando no íntimo. Daí a vitória da graça sobre a lei; porque pela graça, mediante a fé, o Espírito neles está, e eles no Espírito. Note-se aqui a preposição "em", característica de Paulo, usada por ele no sentido metafórico de união ou comunhão com Deus em Cristo por meio da fé (**#Rm 8.11-9.1**; **#1Co 3.16**; cfr. **#1Ts 4.8**). **O Espírito de Deus... o Espírito de Cristo** (9) são expressões que se usam uma pela outra, mostrando a igualdade e as funções da Divindade una. O Pai é a fonte de toda a graça; o Filho é o canal; o Espírito, procedendo do Pai e do Filho, é o agente. O critério pelo qual se julga um crente é a presença íntima desse poder propulsor, sem cujo dinamismo não pode haver comunhão com Deus. **O corpo está morto por causa do pecado** (10). Estas palavras têm sido interpretadas como significando que nossos corpos estão destinados à morte como castigo do pecado; ou que eles, unidos a Cristo, participam da morte de cruz e reconhecidos assim como mortos, estando paga a penalidade; ou ainda que nossos corpos estão mortos para nós como instrumentos do pecado. Corpo e carne empregam-se no mesmo sentido, estando em contraste com espírito. Esta última interpretação parece ser a melhor, por se harmonizar mais com o contexto (cfr. as frases "corpo do pecado", **#Rm 6.6**, e "corpo desta morte", **#Rm 7.24**). **Por causa do pecado... por causa da justiça** (10). É outro modo de expressar a vitória da graça sobre a lei. Nada senão a morte está no velho procedimento do pecado, mas somente vida pulsa no novo proceder de justiça, ou justificação, esse prodígio que Deus realiza para nós, sem nossa participação, pois somos incompetentes para tanto. Tal justificação, pura atribuição judicial de justiça a nós da parte de Deus, é a

base dessa justiça moral como resultado da recepção das bênçãos de Cristo. A declaração do vers. 11 acerca do Espírito é análoga à que foi feita no vers. 10 a respeito de Cristo. Isto torna o versículo de muitíssima importância para o conceito trinitário de Deus, tão vital e indispensável a um verdadeiro conhecimento cristão.

>Rm-8.12

Os vers. 12 e 13 constituem um aparte exortativo. Os irmãos de Roma são admoestados, juntamente com o pregador, a não continuar cedendo aos baixos instintos, como se fosse isto necessário (cfr. #Rm 1.14; #Rm 13.8), mas a prosseguir vivendo para o Espírito, mortificando toda ação egoística e ganhando assim não morte, mas vida real.

>Rm-8.14

3. O ALVO DA GRAÇA (#Rm 8.14-17) -A filiação com Deus é o fim glorioso de toda a vitória da graça. **Guiados pelo Espírito de Deus** (14). Aqueles cujas vidas são dirigidas pelo Espírito estão, de fato em relação filial para com o Pai, a partir do momento em que receberam o mesmo Espírito. Estão investidos de uma dignidade que lhes dá direito a privilégios (cfr. o conceito que Pedro faz do cristão, como sacerdócio real, #1Pe 2.9). A aceitação voluntária e cordial da direção íntima do Espírito na conversão, coloca-os longe de retornar a um estado de escravidão ao medo (15). Na vida velha viviam temendo a maldição da lei. **O espírito de escravidão** (15) não é o espírito humano nem o divino, mas é índole, disposição de ânimo, ou estado. A frase correspondente **o Espírito de adoção** (15) é "delicadamente ambígua" e pode ser a condição permanente de filho, ou o espírito humano cômico da relação filial, ou o Espírito Santo como o Criador de verdadeira condição de filho.

Qualidade de filho significa estado de adoção, uma posição conferida a alguém, para o qual essa posição não é natural. É por um ato de graça de Cristo que os crentes estão nessa relação. Os judeus não tinham o costume de adotar filhos, que era comum entre romanos e gregos.

Paulo não faz digressão para negar qualquer doutrina de paternidade universal, mas ensina definitivamente a necessidade da filiação cristã, da relação com Deus como Pai em Jesus Cristo mediante o Espírito Santo. Esta filiação não é simples reconhecimento oficial de um laço filial, um título apenas. É um fato

real. Somos filhos com o direito de dizer **Aba, Pai** (15), como a partilhar da filiação do Filho eterno. Esse brado erguido ao céu é uma combinação do aramaico e do grego, duas línguas faladas na época. A mesma interjeição dupla encontra-se em **#Mc 14.36** e **#Gl 4.6**. É provável que nosso Senhor usasse esta fórmula, tendo os apóstolos seguido Seu costume. Esse brado sob emoção intelectual ou espiritual revela a alma desnuda do crente e se acompanha espontaneamente do testemunho corroborante do Espírito Santo sobre essa filiação real (16).

Paulo então prossegue exultante nesse pensamento, **se somos filhos, somos também herdeiros** (17; cfr. **#Rm 4.14**). A idéia de herança percorre o Velho como o Novo Testamento (cfr. **#Nm 26.56; #Sl 25.13; #Is 60.21; #Mt 5.5; #Mt 21.38; #Gl 3.29-4.7**). O advento do Espírito para morar em nosso íntimo é o penhor, ou prognóstico da herança do crente (cfr. **#2Co 1.22; #2Co 5.5; #Ef 1.14**). Cristo é o Filho de Deus; logo somos co-herdeiros seus, **herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo** (17). Os cristãos têm uma herança em comum com Cristo, da qual participarão no devido tempo. No vers. 17b Paulo pode estar referindo um dito familiar da Igreja primitiva (cfr. **#2Tm 2.11-13**), isto é, que os crentes, tendo a experiência da adoção, herdaram juntamente com Cristo, se de fato "participam dos Seus sofrimentos, a fim de também participar de Sua glória". A vida do cristão é uma reprodução da vida de Cristo. **Com Ele sofremos** (17) implica o companheirismo em levar a cruz, ou o sacrifício próprio; não que as nossas experiências sejam redentoras em si, mas preenchamos "o que resta das aflições de Cristo" (ver **#Cl 1.24**).

>Rm-8.18

4. A GLÓRIA A SER REVELADA (**#Rm 8.18-27**) -No seu êxtase, em face da vitória da graça Paulo alçou o vôo muito além das mais ricas possibilidades da lei. Transportou-se para uma esfera jamais conhecida por ela. A Idéia de sofrimento não o abate (18). Não tem dúvidas sobre quanto é duro seguir a Cristo (cfr. seus sofrimentos em **#At 19.23-41; #At 20.18-35; #2Co 1.3-11; #2Co 6.4-10; #2Co 11.23-33**). Tão pouco duvida que a glória por vir excederá de muito os sofrimentos presentes. Essa glória futura ou a manifestação final de Deus em Cristo não será simples visão objetiva, mas uma transformação subjetiva do caráter do crente (cfr. **#2Co 3.18; #1Jo 3.2**). A certeza da glória futura não é uma comoção passageira de otimismo. Paulo confirma sua confiança com o testemunho de três fatos.

>Rm-8.19

Primeiro, cita a unidade orgânica da criação (vers. 19-22), afirmando assim um fato científico encarado do ponto de vista teológico. O homem e a natureza estão de tal modo intimamente relacionados, que, como pelo pecado a natureza sofreu com ele, assim pela livre graça, que ajusta suas relações com Deus, a natureza também participa da esperança de um reajustamento ou perfeito acabamento. **A criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente** (20). O homem caiu por sua livre vontade, mas o universo automaticamente e não voluntariamente se corrompeu com ele, de acordo com o decreto de Deus. Sua sorte foi tornar-se **sujeito à vaidade** (20), ou receber a maldição da futilidade, insatisfação ou deficiência, todavia não sem esperança de livramento. A redenção do homem significará para a natureza inteira, a suspirar, o cumprimento da profecia acerca do deserto que florescerá como a rosa. O apóstolo torna a referir o tema principal desta passagem, a saber, que a graça atual da possessão das **primícias do Espírito** aguarda a futura **redenção de nosso corpo** (23). Numa expectativa idêntica e fervorosa da redenção do mundo visível, os crentes que têm a experiência do "penhor" do Espírito, o antegozo de Seu poder transformador, também suspiram por que o corpo se liberte do pecado e seu ambiente. A ressurreição será a etapa final da filiação com Deus.

>Rm-8.24

Paulo agora passa a chamar, como sua segunda testemunha, a esperança consciente do cristão, a qual, por sua própria natureza, prova a realidade da glória futura (vers. 24-25). É outro fundamento de certeza. **Porque pela esperança fomos salvos** (24). Dando ênfase, deste modo, à esperança, não quer ele com isso desconsiderar ou diminuir a função preeminente da fé na salvação do crente. Alguns preferem traduzir "na esperança", evitando assim má compreensão, mas "pela esperança" e "mediante a esperança" vêm a dar no mesmo. A fé é o meio definido da salvação, e a esperança só pode surgir de uma atitude de fé. A idéia que o apóstolo apresenta é que, por sua própria natureza, a esperança testifica do fato da glória futura. A esperança deixa de ser esperança se vê consumado aquilo que aguarda. Cumpre-nos, então, esperar pelo fim, suportando, exercendo paciência. Estamos salvos, contudo a plena salvação ainda está no futuro.

>Rm-8.26

O auxílio do Espírito Santo é a terceira testemunha da plena realização da adoção, terceiro fundamento de certeza de que a graça se tornará glória (vers. 26-27). **Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza** (26). Paulo é robustecido em sua fé, relativamente à glória final do crente, com a experiência comum a todo cristão concernente à operação do Espírito em patrocinar os nossos anseios, em oração, para que chegue a um desfecho nossa adoção como filhos de Deus. Se Deus está assim interessado em nossa movimentação para esse desfecho glorioso, então o fim não é uma ilusão, e sim uma realidade maravilhosa. O verbo **assiste** (gr. **synantilambanetai**) é, no original, uma palavra enérgica, composta de duas preposições, **syn**, "em companhia de" e **anti**, "em frente de", como prefixos do verbo **lambanein**, "apoderar-se de". A metáfora é a de um ajudante que sustenta o peso em cooperação com o portador, pegando na outra extremidade da carga. **Fraqueza** refere-se à debilidade do cristão em sua ignorância, ou compreensão parcial da vontade de Deus, **porque não sabemos orar como convém** (26). Aqui se verifica o auxílio específico do Espírito. Sua intercessão é em nosso íntimo; a intercessão do Salvador é à direita de Deus (**#Hb 7.25**). O Paráclito, não simplesmente ao nosso lado, mas habitando em nós, fortalece-nos, energizando e inspirando os anseios inarticulados da alma no sentido da plena filiação de justiça transmitida, como fruto de justiça imputada. A intercessão divina dá expressão aos nossos suspiros e nessa intervenção logra bom êxito: nosso grande anseio pela consumação é levado ao trono de Deus. **Aquele que sonda os corações** (27) é Deus mesmo, onisciente, que conhece a direção e os movimentos do Espírito inspirando as aspirações humanas. Todavia, ainda mais especificamente o Pai sabe a **mente do Espírito** (27), porquanto é Sua.

>Rm-8.28

5. A SOBERANA VONTADE DE DEUS GARANTE A GRAÇA (**#Rm 8.28-30**) -O espírito humano e o divino Espírito, harmonizados numa vontade, estão de fato-afirma-o Paulo neste parágrafo-realizando a vontade de Deus que abrange todas as coisas. Em vista dessa divina operação em nós e em nosso favor, somos advertidos de que para os que amam a Deus tudo lhes coopera para o bem, isto é, os que são eficazmente **chamados segundo o seu propósito** (28). A divina vontade está por trás dos chamados, que, não somente ouvem o chamamento, mas lhe obedecem. O que ficou estabelecido na presciência e na predestinação divinas, atinge inevitavelmente o alvo divino para a glória divina, que inclui o bem-aventurado estado dos eleitos. O propósito e o plano eterno é fazer os crentes **conformes à imagem de seu Filho** (29), o qual é por Si mesmo a imagem perfeita do Pai (cfr. **#1Co 15.49; #2Co 3.18-4.4; #Cl**

1.15), de modo que Ele é o primogênito entre muitos irmãos. **Primogênito** (29) implica, não simplesmente prioridade, mas preeminência no meio da multidão de irmãos redimidos. Paulo revela as etapas do decreto divino e sua realização. A ordem eterna operando no espaço é presciência, depois predestinação. Esta se baseia no "conhecimento prévio". Uma etapa dá lugar a outra. A expressão "conhecer de antemão" (gr. **proginosko**) significa "unir-se antes com alguém" (Cremer, p. 161). A idéia é de uma associação pessoal e pré-temporal, no sentido dinâmico e não estático, visto que é a origem prolífica de atividades subseqüentes. Assim, "conhecer de antemão" alguém é entrar em comunhão com a finalidade de lhe conferir um favor especial, enquanto que "predestinar" decide que esse favor assuma o aspecto da filiação em Cristo. Presciência, segundo o uso bíblico do verbo "conhecer" (cfr. **#Sl 1.6; #Sl 144.3; #Os 13.5; #Am 3.2; #Mt 7.23; #Jo 10.27; #1Co 8.3; #Gl 4.9**) implica favor ou graça como o eterno começo de todos os outros processos da salvação, interpretação esta que concorda com toda a teologia paulina. Então o decreto divino entra no tempo e se manifesta como chamada, justificação pela fé e, por fim, glorificação (30). Esta miraculosa consumação, planejada na eternidade, realiza-se em nossos corações crentes com a promessa de terminar, entre louvores, no estado de santificação aqui e de glória no além.

>Rm-8.31

6. UM HINO DE LOUVOR (**#Rm 8.31-39**) -Com um hino triunfante de louvor, Paulo encerra a análise do curso da vida cristã, que se desenvolve em âmbito fora do alcance e poder da lei. Se Deus dirige o nosso destino, nada mais importa. A nós, que somos da família da fé, Ele deu Seu próprio Filho, e com o dom maior certamente virá o menor. **Não poupou a seu próprio Filho** (32), isto lembra o sacrifício de Abraão (**#Gn 22.16**). Desta promessa que abrange tudo, promessa de bênção ilimitada, o apóstolo continua, voltando à primeira declaração do vers. 1, "Agora, pois, nenhuma condenação há". O pensamento do hino subordina-se a duas principais interrogações: primeira, **Quem intentara acusação contra os eleitos de Deus?** (33), e segunda, **Quem nos separará do amor de Cristo?** (35). Se Deus os justifica, ousará alguém acusar os eleitos de Deus? E ainda, se o próprio Cristo morreu pelos fiéis, ressurgiu por eles, e agora, à direita de Deus, é o seu constante Advogado, haverá força que possa partir os laços de amor que prendem o Salvador aos salvos? Não pode haver acusação contra eles, nem pode haver dissolução dos laços redentores.

>Rm-8.35

Em sua confiança extasiada, Paulo desafia toda a oposição imaginável. Há duas classes de opositores. Primeiro, ele alinha adversidades temporais (35), experimentadas geralmente pelos que professam fé em Cristo, os quais, sofrendo com Ele, partilharão igualmente de Sua glória. Os sofrimentos são reais, como o apóstolo bem sabe (cfr. #Rm 16.4; #1Co 4.11; #1Co 15.30; #2Co 11.26-27; Cfr. #At 12.2) e, para ilustrar o seu caso, cita o #Sl 44.2 (LXX). Segundo, há poderes espirituais que ele refere quase com desdém, dada a futilidade de suas tentativas para nos separar do amor de Cristo. Vêm catalogados em grupos de dois e de três, alternadamente: **nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem poderes, nem coisas do presente, nem do porvir, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura**. Cristo venceu todos os inimigos e pô-los debaixo dos Seus pés. A gloriosa consumação desta vitória é Deus ser "tudo em todos" (cfr. #1Co 15.24-28).

Rm-9.1

V. O PROBLEMA DOS DIREITOS E PRIVILÉGIOS JUDAICOS Rm 9.1; 11.36

Paulo agora parece que atingiu seu clímax e tudo está preparado para a aplicação prática de seu ensino sobre como ajustar relações com Deus e como manter essas mesmas relações de reconciliação. Expôs sucessivamente as doutrinas da justificação, santificação e glorificação. Mas daí emerge outro problema, a questão judaica. O apóstolo deve ter enfrentado essa dificuldade muitas vezes. Declarada em termos simples, é a seguinte: Este novo evangelho de "justiça pela fé", em lugar de "justiça pela lei", o qual abre a porta da salvação para os gentios, abroga os direitos e privilégios da aliança com a raça judaica e, além disso, não os leva em consideração como veículos da revelação. Os judeus não são apenas rebaixados na ordem da graça, mas de todo em todo rejeitados. Que valor tem, pois, sua história e que vai ser do seu futuro? Os fatos históricos não parecem concordar com o evangelho de Paulo; daí vem que deve ser falso o evangelho de um novo método de vida por ele pregado. Nenhum pregador podia alterar o lugar dos judeus na revelação de Deus.

Paulo sentiu vivamente essa objeção. Valia ela como acusação de não ser ele um apóstolo autêntico, e seu evangelho estava sendo considerado como de todo faltando à verdade. Não era esta, contudo, a dor mais aguda. A tragédia dos judeus era que eles tinham sido deixados fora da revelação progressiva de

Deus e cortados da economia da graça. Refere, por isso, Paulo esse problema histórico. Era óbvio que o povo de Deus estava perdendo seu lugar no reino, e os gentios estavam nele entrando. O evangelho, entregue ao povo pagão, estava sendo prontamente aceito e parecia que Israel não estava sendo salvo, nem se mostrava prestável para nada. Quando os gentios estavam em seus pecados, Israel tinha a revelação de Deus. Era o povo escolhido de Deus. Eleito e rejeitado! Como podia ser isso? Paulo ensaia a solução do problema em três assertivas. A primeira trata da absoluta soberania de Deus (#Rm 9.1-29), a segunda refere a responsabilidade judaica na situação histórica (#Rm 9.30-10.21), e a terceira menciona o propósito misericordioso de Deus (#Rm 11.1-36).

a) A absoluta soberania de Deus (Rm 9.1-29)

1. A TRISTEZA DE PAULO (#Rm 9.1-5) -Como prefácio do principal problema de que vai tratar, ele expressa sua angústia pela condição dos judeus. **Digo a verdade em Cristo** (1). É o seu juramento solene. Seus adversários judeus acusavam-no de falta de sinceridade; daí sua defesa veemente, na qual se revela como verdadeiro patriota. Amava os de sua raça e não se envergonhava de chamá-los **meus irmãos, meus compatriotas segundo a carne** (3). Ufana-se dos privilégios judaicos e refere-os com certo floreio de linguagem, sendo o maior deles ser o Cristo descendência de Israel (5). A sinceridade do desapontamento do apóstolo, pelo fato de sua própria raça não estar desempenhando sua função e aceitando o Messias, evidencia-se por seu nobre desejo de ser **anátema, separado de Cristo**, por amor de seus irmãos (3; cfr. a oração de Moisés, #Êx 32.32-33).

>Rm-9.6

2. DEUS NÃO É INFIEL A SUAS PROMESSAS (#Rm 9.6-13) -Este é o conteúdo da primeira objeção. Paulo começa sua réplica por negar que **a palavra de Deus haja falhado** (6). As promessas que acabava de mencionar (4) não foram quebradas, mas cumpridas com o verdadeiro Israel. O Israel de Deus, daqui por diante, é contrastado com o Judaísmo, que até há pouco fora o herdeiro oficial de Abraão, porém agora foi rejeitado devido à sua falta de fé e recusa de aceitar os direitos do Messias. O apóstolo esclarece a distinção que faz entre a filiação espiritual e a carnal, empregando ilustrações tiradas à história dos patriarcas. Dava a história a entender à raça judaica ter ela direitos sobre Deus, invertendo o que parece ser mais normal, Deus ter direitos sobre ela? Por que eram semente de Abraão, seriam todos os judeus filhos de Deus?

Paulo declara que Deus, no exercício de sua vontade soberana, tem decretado que a fé, não hereditariedade, é o princípio eterno de filiação. Dentro do propósito redentor de Deus, suas reais promessas a Sara e a Rebeca foram cumpridas. Deus era livre para exercer Sua graça seletiva no caso dos patriarcas, uma vez que somente Ele é o originador dos propósitos dela. A justiça, pois, **não é por obras, mas por aquele que chama** (11), excluindo destarte todo mérito humano. Jacó e Esaú não foram tratados de modos diferentes por motivo da vida e do caráter deles, porque Jacó fora escolhido antes que ele e o irmão nascessem (11-12). **Amei a Jacó, porém me aborreci de Esaú** (13) deve ser isto interpretado no sentido das duas nações, não dos indivíduos, segundo se deduz da referência original nas duas citações do Velho Testamento (**#Gn 25.23; #Mt 1.2-3**). Além disso, "amor" e "aborrecimento" não são fundamentos de eleição, como nós entendemos estes sentimentos subjetivos. Deus não é arbitrário em Sua escolha e não pode ser acusado de favoritismo irracional. Os termos sentimentais indicam antes uma função e um destino nacionais. Judá, e não Edom, foi eleito para revelação progressiva na história. Esta significação pode ser mantida pelo seguinte modo de traduzir: "Amei a Jacó, porém a Esaú amei menos" (cfr. **#Gn 29.30-33; #Mt 10.37; #Lc 14.26; #Jo 12.25**).

>Rm-9.14

3. DEUS NÃO É INJUSTO NO SEU MODO DE TRATAR (**#Rm 9.14-24**) - O judeu impugnador (real ou imaginário) prossegue na acusação dizendo que, se o Evangelho de Paulo é verdadeiro, então Deus tem sido injusto. O apóstolo enfrenta primeiro a insinuação de que Deus é injusto nas escolhas que faz (vers. 14-18). E expressa veemente e categoricamente sua contestação: **De modo nenhum** (14). Ninguém afirme tal coisa! Misericórdia e compaixão pertencem de todo a Deus. Tanto assim é que não podemos compreender, mas só aceitar a incidência delas como sendo Sua vontade. Não é nova esta doutrina. Foi revelada na antigüidade a Moisés (**#Êx 33.19, LXX**). Nem o propósito nem o esforço humano entra na eleição divina. **Não depende de quem quer, ou de quem corre** (16). Deus sozinho age sozinho. É isto e ninguém pode impedi-lo! **Faraó** (17) é apenas um instrumento que dá oportunidade a que Deus manifeste nele Seu poder e publique Seu santo nome em toda a parte. Absolutamente porque quer, Deus mostra misericórdia; e, igualmente porque quer, Ele endurece os homens. Note-se que no vers. 18 o verbo querer é **thelo** e não **boulomai**. Este último denota vontade firme, determinação de propósito. Paulo usa-o com parcimônia e prefere a primeira palavra, como aqui, o que permite ver por trás do caráter divino mais do que

simples volição (cfr. #Ef 1.5-11). E Deus, como nosso Pai em Cristo Jesus que quer de uma forma ou de outra; não se trata de um querer divino rígido, frio. Numa palavra, é Deus e não uma Vontade desconhecida que quer.

>Rm-9.19

Prossegue Paulo e agora enfrenta a acusação de que, se o que ele diz é verdade, então Deus é injusto e merece censura (vers. 19-24). Se Deus é absolutamente livre para eleger no sentido do melhor ou do pior, como Paulo acaba de demonstrar, que é da responsabilidade humana? Visto como ninguém pode resistir a essa vontade divina onipotente, o pecado deixa de ser voluntário (19); decorre daí que o pecador não merece censura. Responde Paulo que tal argumento não procede. A criatura não pode achar falta no Criador, embora que o contrário se dê. Quem é que discute com Deus? A coisa formada simplesmente não pode alterar com Deus sobre como se formou (20). O apóstolo introduz a ilustração do oleiro e do barro (cfr. #Is 29.16; #Is 45.9-10; #Is 64.8; #Jr 18.6). É prerrogativa do oleiro fazer do mesmo barro **um vaso para honra e outro para desonra** (21), uma obra primorosa de arte e outra para uso doméstico. (Cfr. #2Tm 2.20). "Que resposta tens agora a dar?" Paulo desafia o seu opositor. Se Deus quer, por um lado, revelar Sua ira e manifestar Seu poder, a Vontade é Sua e Ele aguarda a Sua oportunidade para revelá-la. Se por outro lado, Deus quer publicar Sua misericórdia em eleger alguns para a salvação, ainda é isso uma questão de Seu bom querer.

>Rm-9.22

O contraste é expresso vividamente com os termos **vasos de ira** (22) e **vasos de misericórdia** (23). A vontade soberana de Deus em relação com estes últimos é uma eterna preparação para a glória. Pode-se interpretar igualmente que os primeiros são predestinados, antes de o mundo existir, para a destruição? Os vasos de ira são os desobedientes, com quem Deus está justamente irado e sobre quem desce o castigo por causa do pecado. Foram eles também de antemão preparados para a perdição eterna? Note-se, em primeiro lugar, que os dois verbos são diferentes. Os vasos de misericórdia são **preparados de antemão** (23), gr. **proetoimasen**, ao passo que os vasos de ira são **adaptados, apropriados** (22), gr. **katertismena**; lit. tornar "adequados" ou "completos", com o participio perfeito dando o sentido de "equipados", ou "aperfeiçoados". Não se declara que Deus é o agente dessa "adaptação". A condição se declara apenas como fato histórico. Daí vem que alguns prefeririam a tradução "apropriados para a destruição", isto é, "maduros e prontos para a destruição"

(Moffatt). Em segundo lugar, note-se que os prefixos dos dois verbos paralelos são diferentes-**pro**, significando antecipação, e **kata**, significando intensidade da ação do verbo. É legítimo deduzir do fato que no caso dos desobedientes falta a ênfase do aspecto eterno. O mistério da predestinação deve ser mantido, todavia não parece haver aqui nenhum apoio para se dogmatizar acerca da predestinação para a condenação, enquanto que a pré-ordenação paralela para a glória é declarada sem sombra de dúvida. Em terceiro lugar, parece claro da linguagem e do pensamento de Paulo que, enquanto no caso dos vasos de misericórdia a ação de Deus consistiu em preparar de antemão, no caso dos vasos da ira Ele não empreendeu nenhuma ação, mas **suportou com muita longanimidade** (22). Ele foi ativo de um lado e passivo do outro. "Deus tem tolerado muito pacientemente os objetos de sua ira" (Moffatt). Paulo deixa deste modo seus oponentes sem poder responder, porquanto nenhum mortal pode replicar ao direito que Deus tem de eleger, ou ao exercício desse direito. Não há réplica, não obstante o caráter de Deus permanece irrepreensível.

>Rm-9.25

4. A ELEIÇÃO DIVINA É CONFIRMADA PELAS ESCRITURAS (**#Rm 9.25-29**) -Em toda esta seção, que trata da questão judaica, é provável que o apóstolo tenha em mira mais particularmente os judeus cristãos de Roma. Por isso, reporta-se naturalmente à lei e ao testemunho, para confirmação do que acaba de declarar. Para corroborar sua conclusão de que a divina vontade é absolutamente livre para incluir gentios e rejeitar judeus (25-26), e para fazer uma eleição dentre os eleitos, Paulo cita livremente, primeiro, **#Os 2.23** (LXX) e **#Os 1.10** (LXX) e depois **#Is 10.22-23** (LXX) e **#Rm 1.9**. Aqui se introduz a doutrina do "remanescente", que voltará a ser referida em **#Rm 11.1-10** (ver as notas respectivas).

>Rm-9.30

b) A responsabilidade judaica na situação histórica (Rm 9.30-10.21)

Nesta defesa da legitimidade do seu evangelho, cuja essência era o novo meio de justificação pela fé, não por obras, Paulo destroçou todas as acusações, fulminando-as com uma predestinação, alta e inescrutável. Seus oponentes silenciaram, mas o apóstolo pressente que os judeus vão refugiar-se agora em uma atitude de fatalismo. Para evitar uma descaída para o determinismo,

Paulo se põe a examinar a questão da responsabilidade humana. O problema judaico é portanto revisado, agora não do ponto de vista divino, como há pouco, mas do ponto de vista humano. Paulo assevera que os judeus merecem censura por haverem sido rejeitados por Deus como instrumentos da revelação ao mundo e (o que é ainda mais trágico) como filhos de Deus.

1. OS JUDEUS BUSCAVAM A JUSTIÇA DA LEI, AO INVÉS DA JUSTIÇA DA FÉ (#Rm 9.30-10.13) -Os judeus são responsáveis por sua própria apostasia. São eles que rejeitam a Deus, e não Deus que os rejeita. Traça-se vivo contraste entre os gentios que tinham apenas a luz da consciência, e os judeus que possuíam uma revelação especial. Aqueles alcançaram a salvação pela fé, sendo aliás aceitos por Deus; os judeus perderam o caminho da vida por dependerem da observância da lei. Tropeçaram em (isto é, "ofenderam-se", ou "mostraram-se irritados com") a pedra de tropeço (isto é, "a pedra que causa tropeço ou ofensa") (32). A referência é à cruz (#1Co 1.23), uma aparente vergonha que os judeus não podiam tolerar fosse o destino do seu Messias.

Rm-11.1

c) O propósito misericordioso de Deus (Rm 11.1-36)

Paulo agora passa a considerar mais detidamente se o fato histórico da apostasia dos judeus e o conseqüente desamparo da parte de Deus, redundam necessariamente na rejeição final e absoluta de Israel. Ele chega a uma conclusão negativa e vibra, cheio de esperança, ao reafirmar o fato do remanescente fiel e de uma eleição de entre eleitos. Depois, confia que, como os judeus contribuíram para a conversão dos gentios, assim estes serão os agentes da conversão dos judeus. O resultado do propósito divino será a inclusão de todos sob a graça.

1. A REJEIÇÃO DOS JUDEUS É PARCIAL, NÃO TOTAL (#Rm 11.1-10) - Terá Deus rejeitado seu povo? De modo nenhum (1). O apóstolo calorosamente repudia a idéia de que a desobediência de Israel equivalia a Deus rejeitar seu próprio povo. Pode ter parecido que era esta de fato a conclusão do argumento de Paulo, mas ele a rejeita numa linguagem forte. A própria idéia de uma rejeição total do povo escolhido e favorecido por Deus é tão blasfema para ele como para os judaizantes. Deus não o rejeitara de todo. Esse desfecho de um abandono total, que a situação histórica até parecia corroborar, foi evitado por uma referência ao passado. Paulo escolhe o caso de

Elias (#1Rs 19). É fato paralelo à presente situação. O profeta tivera bom motivo de condenar Israel e desesperar do destino desse povo; porém Deus corrigiu esse pessimismo com a revelação do remanescente. Por obstinado que algum povo seja em qualquer tempo, sempre há lugar para um restante escolhido por Deus. O Senhor ainda queria ser gracioso com Israel. A eleição provém da graça. Se proviesse das obras, não podia haver graça. **A eleição o alcançou, e os mais foram endurecidos** (7). Israel, no seu conjunto, falhou em ajustar suas relações com Deus, mas a verdadeira eleição alcançou de Deus essa justiça. Os demais foram endurecidos, segundo o propósito divino (cfr. #Rm 9.18); isto é, foi-lhes dado um "espírito de entorpecimento" (8; cfr. #Is 29.10), espécie de insensibilidade espiritual. Citando o #Sl 69.22-23, Paulo coloca-os no mesmo plano dos adversários de Davi (9-10).

>Rm-11.11

2. A REJEIÇÃO DOS JUDEUS E SÓ TEMPORÁRIA, NÃO FINAL (#Rm 11.11-15) -Outra vez, fazendo pressão sobre a elevada predestinação de Deus, o impugnador parece perguntar: "Foi o propósito de Deus fazer que os judeus tropeçassem para cair? O Onipotente causou essa irreparável tragédia?" (11). Mais uma vez, Paulo protesta: **De modo nenhum**. A queda não foi um fim em si mesma, porém tinha em vista um resultado maior. A ruína de Israel não foi final. Um grande resultado de sua defecção é a salvação dos gentios, que é, por sua vez, um acicate para os ciúmes dos judeus (11). O apóstolo ainda repudiou qualquer dogmatismo fácil que os seus adversários pudessem extorquir da situação. Recorre ainda a uma última justificação de Deus contra simples aparências. Se a **queda** de Israel é a riqueza do mundo, e a sua perda é ganho dos gentios, então, **a fortiori**, uma bênção muito maior pode ser antecipada da recuperação deles. A palavra **queda** (gr. **paraptoma**) é um conceito moral, sugerindo transgressão; daí **plenitude** (gr. **pleroma**) deve ter também um sentido ético, embora o termo grego seja neutro, significando "perfeição". O contexto sugere uma perfeita consumação da fé, um alvo espiritual que não exclui sucesso material. O que Paulo diz dirige-se aos gentios. Quer, todavia, que compreendam que uma das razões pelas quais ele faz o mais possível de sua comissão especial como apóstolo é que seus irmãos se encham de ciúmes e, por essa forma, encontrem eles mesmos a salvação. Os vers. 13-15 repetem assim o pensamento dos vers. 11 e 12. Esta idéia de ação recíproca, entre judeus e gentios, é ainda mais ampliada por uma ilustração.

>Rm-11.16

3. A FIGURA DA OLIVEIRA (#Rm 11.16-24) -Paulo começa com duas metáforas em mente: a parte da massa oferecida como oferta alçada (#Nm 15.19-21) consagrando a massa inteira, e a raiz santa consagrando os ramos. Deixa de lado, entretanto, a primeira e desenvolve a segunda (cfr. #Jr 11.16; #Os 14.6). A figura da oliveira serve ao duplo propósito de avisar os gentios contra a soberba e de fundamentar o otimismo judaico de Paulo. Os gentios inclinam-se a adotar uma atitude arrogante para com os judeus, por causa do dom recebido da justiça de Deus pela fé. Paulo, pois aplica a ilustração primeiro a eles. Acontece que se quebram ramos, e galhos de oliveira brava são enxertados em meio deles. Em conseqüência, as vergôntes enxertadas alimentam-se da seiva das raízes originais. Daí Paulo insistir que os gentios não se "gloriam" como ramos da oliveira (18), visto que os ramos são sustentados pelas raízes, e não vice-versa. A fé não abuse do privilégio. Não te ensoberbeças, mas teme (20). Deus castigou os judeus, os ramos naturais. Portanto o apóstolo adverte os gentios, ramos enxertados, que esta severidade de Deus não tome o lugar da bondade usada para com eles (22). Paulo então aplica sua ilustração aos judeus (23-24). A esperança que nutre pelo futuro deles apresenta-se como perfeitamente natural com o argumento a fortiori de quanto mais (24) podem os ramos naturais, antes cortados, ser de novo enxertados em sua própria oliveira. Se Israel apenas renunciar à sua incredulidade persistente, Deus é poderoso para o enxertar de novo (23). Aqui ele dá a entender uma realidade espiritual, se não hortícola; os ramos originais são mais aparentados da árvore do que as vergôntes da espécie brava e, por conseguinte, mais fáceis de enxertar no tronco do qual foram tiradas.

>Rm-11.25

4. A PLENITUDE DE JUDEUS E GENTIOS (#Rm 11.25-32) -Assim, continua Paulo, pode-se ver o propósito divino operando para o bem através de uma aparente severidade, a fim de produzir a restauração de todos. Chama atenção para este mistério (25). Na época de Paulo, a era das "religiões de mistérios", o sentido desta palavra era o de segredo só conhecido dos iniciados. Todavia, por esse termo aplicado à fé cristã, Paulo quer dizer um segredo, oculto no passado, mas agora revelado de todo (cfr. #Rm 16.25; #1Co 2.7; #Ef 6.19; #Cl 2.2; #1Tm 3.9). Aqui o sentido particular do mistério é a nova luz projetada na incredulidade dos judeus. A situação histórica devia ser agora encarada com uma interpretação diferente. Esta falta de Israel não devia ser sua última condição, porque sua restauração era da vontade divina. O apóstolo deseja que os judeus tomem nota deste ponto, para que no orgulho de

sua própria sabedoria não cheguem a uma conclusão errada. **Endurecimento em parte a Israel** (25). O grego tem **porosis**, de **poros**, pedra, donde "revestir-se de uma calosidade". Não se menciona o agente do endurecimento. É apenas um fato histórico interpretado moralmente. O endurecimento parcial de Israel resultará finalmente em sua salvação, como foi decretado na eternidade. **Até que haja entrado a plenitude dos gentios** (25); isto é, até que se complete a "grande multidão de **#Ap 7.9**. Sugere-se com isso que haverá pouca correspondência ao evangelho por parte dos judeus enquanto os gentios estão sendo trazidos ao reino. **E assim todo o Israel será salvo** (26). Esta conclusão, tomada com o vers. 32, **a fim de usar de misericórdia para com todos**, não raro se interpreta como universalismo paulino. Em que sentido usa o apóstolo esses termos? No vers. 32, a palavra **todos** refere-se evidentemente aos judeus incrédulos, e aos gentios incrédulos que agora estão chegando ao reino por seu arrependimento e fé. No vers. 26, **todo o Israel** podia significar ou o verdadeiro Israel espiritual, ou o povo considerado como raça. Alguns comentadores, tendo em mente declarações tais como as de **#Rm 9.6-8**, nas quais Paulo dá ênfase à natureza espiritual do verdadeiro Israel, interpretam a palavra aqui como se referindo à verdadeira e eterna semente de Abraão, a qual inclui, naturalmente, tanto judeus como gentios (cfr. **#Gl 6.16**). Outros acentuam que nos versos seguintes Paulo parece ter claro na mente os judeus como raça, e julgam que "Israel" deve portanto ser interpretado neste sentido no vers. 26. Nesse caso Paulo, colocado "no tempo de hoje" (vers. 5), está mirando um futuro, até que o Israel histórico seja salvo. Outros interpretam isto do povo judaico como um todo. Outros acham que a frase não deve ser considerada assim com tanta elasticidade, e que ela tem o mesmo sentido em relação aos judeus, como o termo "plenitude dos gentios" relativamente aos não judeus; isto é, **todos** significa "todos aqueles que, no propósito de Deus, se voltem a Cristo pela fé". Interpretar a frase como se referindo a uma salvação universal outorgada aos homens e mulheres, à vista do seu nascimento físico, independente de sua fé, seria contraditar o ensino claro de Paulo em outros lugares (ver v. g. **#Rm 2.28-29**). **Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis** (29); isto é, o Deus imutável nunca sente pesar por Suas promessas, nem vacila em Seu propósito, fato este que nos vers. 26 e 27 Paulo corrobora citando **#Is 59.20-21** e **#Is 37.9**. Do ponto de vista do evangelho, os judeus são objeto da hostilidade de Deus, **são inimigos** (28); mas, do ponto de vista da "eleição", **são amados** (28). Ativamente e "no tempo de hoje", os judeus são contrários a Cristo, para vantagem dos gentios; passivamente, isto é, sob considerações históricas, são amados, no sentido do pacto. A desobediência caracteriza judeus e gentios à vista de Deus, e até nisso há um propósito; é assim para que Deus tenha misericórdia de uns e de outros, visto como

ninguém pode realmente reclamar preeminência sobre outros. Fora da misericórdia não há nada para judeus ou gentios.

>Rm-11.33

5. DOXOLOGIA (#Rm 11.33-36) -O apóstolo acabou de argumentar. Vindicou a justiça e a misericórdia de Deus na rejeição dos judeus e na eleição dos gentios sobre a base do propósito misericordioso de Deus. Mostrou como até a incredulidade e o pecado são dirigidos para o bem. Paulo deixa de arrazoar e termina com uma palavra de louvor. Os decretos eternos de Deus estão além da compreensão do homem, contudo são sábios e bons. Os atos divinos são todos misteriosos. Se Deus condena, quem é que discutirá ou anulará o Seu decreto? Contemplamos Suas obras na redenção, todavia são baldados de todo os esforços por descobrir "como" se executam elas; porque, depois de tudo, Deus é insondável, inescrutável. Tudo tem nEle sua origem, mantém-se por Ele, e para Ele chega à consumação, para a Sua glória. Este ato de louvor parte do coração do apóstolo; esta nobre doxologia "ergue-se em singela grandeza como uma das colunas dos patriarcas (cfr. #Gn 28.18; #Gn 35.14), erigidas em memória de alguma revelação especial da bondade e majestade de Deus."

Rm-12.1

VI. O CRISTIANISMO NA PRÁTICA Rm 12.1; 15.13

a) Introdução (Rm 12.1-2)

O apóstolo encerrou as partes doutrinárias da epístola, que se ocuparam de princípios e problemas. Mostrou como ajustar relações com Deus e como manter essas relações. Defendeu esta livre justiça de Deus contra todas as objeções. Agora procura explicar a vida da fé na prática e inculcar a seus leitores o dever da vida cristã. A justiça de Deus aceita pelo crente é uma experiência interior que deve ter expressão exterior. A conclusiva **pois** do vers. 1 marca a transição, das doutrinas da justificação, santificação e eleição, por ele defendidas, para o Cristianismo aplicado. A vida cristã é radicalmente consagrada a Deus, vivida não em conformidade com o mundo, mas em "transformação" no sentido de Deus. O modo como o apóstolo se dirige aos cristãos de Roma serve de modelo para todos os veros pregadores. **Rogo-vos, pois, irmãos** (1); cfr. o mesmo apelo em #Ef 4.1; #1Tm 2.1; #1Co 4.16. Note-se que **as misericórdias de Deus** (1) constituem a base do apelo. São as

misericórdias todas que Paulo referiu na maneira compassiva de Deus tratar os pecadores de ambos os lados, judeus e gentios. O que pede é um **culto racional** (1), isto é culto espiritual, ou oferenda, em contraste com o sacrifício de animais brutos, uma entrega moral a Deus, antes que cerimonial (cfr. **#1Pe 2.5**). Esta consagração envolve corpo e espírito. Pode ser que Paulo insista com os cristãos romanos para apresentarem seus **corpos** (1) pelo motivo de existir uma tendência para amesquinhar a carne e abusar do templo terrestre como essencialmente mau. O conceito que o cristão faz do corpo, como sagrado e como servo da alma, é único entre as religiões do mundo. Uma vida santa é nimiamente agradável a Deus (cfr. **#Rm 14.18**; **#Fp 4.18**). Este **sacrifício vivo** inclui também a mente que, entretanto, deve ser renovada para poder ser oferecida (2). É um milagre de transformação, readaptação a realidades temporais e eternas. As idéias que esses termos apresentam, de não-conformidade e transformação, são impressionantes. A primeira tem a raiz **schema**, implicando aparência externa; a outra deriva-se de **morphe**, significando semelhança essencial e radical. A consequência é o reconhecimento da vontade de Deus como justa, adequada e ideal.

Depois deste exórdio, que apresenta o princípio fundamental da vida cristã, sacrifício pessoal e devotamento a Deus, o apóstolo passa a aplicar a lei em quatro seções exortativas.

>Rm-12.3

b) Ética pessoal (Rm 12.3-21)

Nesta seção, o apóstolo evidentemente visa às relações com cristãos e pagãos. Suas advertências são dadas espontaneamente, sem qualquer tentativa de apresentação lógica; todavia, muitas, de maneira característica, se apresentam agrupadas.

1. O EXERCÍCIO DOS DONS (**#Rm 12.3-8**) -**Pela graça que me foi dada** (3); Moff. "em virtude do meu ofício". Paulo declara que os talentos de Deus recebidos devem ser usados com humildade. Os que têm dons especiais são tentados a fazer alto conceito de si mesmos e a se tornar importantes; daí o apóstolo avisar que os tais se devem olhar com seriedade e evitar vaidade. Uma atitude razoável quanto a isso baseia-se no fato de os dons procederem de Deus, e, na verdade, da interdependência de todos, visto como **Deus repartiu a cada um segundo a medida da fé** (3). Esta idéia de distribuição segundo a fé, como norma da concessão de dons, leva o apóstolo a apresentar

a figura do corpo com seus membros (4-5; cfr. #1Co 12.12; #Ef 4.16; #Cl 1.18). Ele está pensando claramente na comunidade cristã como organismo social, com os seus vários membros cooperando em serviço mútuo. Segue uma lista de sete dons ilustrativos, correlacionados em suas funções (6-8). A **profecia** (6), isto é, a declaração inspirada da verdade, ou a pregação (cfr. #1Co 15.1) deve ser exercida **segundo a proporção da fé**. Pode isto querer dizer que, quanto mais cheia de fé for a pessoa, tanto melhor será sua pregação, ou, então, que suas palavras devem sempre estar em harmonia com o seu credo (interpretando-se objetivamente a palavra "fé"). **Ministério** (isto é, o trabalho de diácono, serviço no que concerne às coisas materiais, antes que às espirituais), **ensino** e **exortação** são três dons que devem ser usados cada qual no seu lugar; do contrário, não produzirão efeito (7-8). A contribuição ou a liberalidade deve ser exercida **com simplicidade** (8), isto é, sem ostentação (cfr. #2Co 9.11-13; #Tg 1.5) e simplesmente por causa da necessidade. **Quem preside** (8); isto é, o que tem autoridade, ou qualidades de liderança. A referência pode ser ao lar (cfr. #1Tm 3.4-5,12) ou à congregação (cfr. #1Ts 5.12; #1Tm 5.17). **Quem exerce misericórdia** (8); isto é, quem é ativo em servir alegremente aos outros (Moff. traduz "o visitador de enfermos deve ser jovial"). A frase expressa a idéia geral de afabilidade cristã.

>Rm-12.9

2. A LEI DO AMOR EXPRESSA EM VÁRIAS ATIVIDADES (#Rm 12.9-13) -O amor, que é realmente o princípio governante da vida cristã, é mais do que uma comoção e é de natureza mais firme do que mero sentimentalismo ou pura filantropia. O termo grego **agape** implica uma cota de intelecto e volição tanto quanto de sentimento. Tem afinidade com a qualidade divina das "misericórdias de Deus" (1) e com toda a Sua intervenção redentora nos destinos de um mundo perdido. Se este amor for **sem dissimulação**, (9), isto é, vazio de hipocrisia, puro e sincero em suas manifestações, então encontrará várias formas de se mostrar ativo. O amor produzirá aborrecimento ao mal e apego ao bem (9). Também inspirará uma afeição mútua de almas congeniais (10). **Preferindo-vos em honra uns aos outros** (10) é uma frase capaz de ser interpretada de vários modos. Pode significar a colocação dos interesses alheios na frente dos nossos, ou sermos diligentes em honrar os outros, ou com avidez avantajarmo-nos aos outros em obras louváveis. **No zelo não sejais remissos** (11); a idéia é que o amor, se lhe dermos permissão de nos governar, nunca deixará que o entusiasmo arrefeça. **Fervorosos no espírito** (11) é memoravelmente traduzido por Moffatt, assim: "conservai o brilho espiritual", sendo a referência não ao espírito divino, mas ao humano.

Servindo ao Senhor (11); isto é, o Senhor Jesus Cristo. Alguns MSS dizem **to(i) kairo(i)**, em vez de **to(i) Kyrio(i)**, donde se traduzir "servindo à oportunidade" (cfr. #Ef 5.16). O apóstolo ainda está referindo as multiformes manifestações da dinâmica do amor na vida cristã, citando o ardor da realidade da esperança cristã, a paciência no sofrimento, a perseverança na oração, o partilhar das necessidades dos irmãos em Cristo, e a prática da hospitalidade (12-13)

>Rm-12.14

3. OUTRAS MÁXIMAS DE ÉTICA CRISTÃ (#Rm 12.14-21) -Nesta outra lista de preceitos morais; Paulo pode ter mais em mente pessoas não cristãs. Alguns, por certo, se relacionam definidamente com os de fora da comunidade da Igreja. O vers. 14 é um eco do ensino de nosso Senhor no Sermão do Monte (#Mt 5.44). "Partilhai das alegrias e tristezas dos outros", admoesta o apóstolo (15). **Tende o mesmo sentimento** (16); lit. "pensai nas mesmas coisas" (cfr. #2Co 13.11; #Fp 2.2; #Fp 4.2), isto é, nunca modifiqueis vossa atitude cristã para com os vossos companheiros. Acautelai-vos de ambições egoísticas. "Não aspireis a tarefas altivas, mas segui o curso dos deveres humildes" (Prof. David Smith). Precavei-vos da presunção (cfr. #Pv 3.7). Nunca torneis mal por mal (17; cfr. #Mt 5.43-44; #1Co 13.5-6; #1Ts 5.15; #1Pe 3.9). **Procurai as coisas honestas** (ARC) (17); melhor, como na ARA, "Esforçai-vos por fazer o bem perante todos"; isto é, ou considerai as melhores coisas de qualquer filosofia ou religião de vosso meio cosmopolita (cfr. #Pv 3.4; #2Co 4.2; #2Co 8.21), ou pensai nobremente a respeito de todos, ou almejais ficar acima de qualquer censura à vista de todos (Moff.). A admoestação seguinte é estar em paz com todos, subordinando-se à restrição **quanto depender de vós** (18).

>Rm-12.19

Paulo introduz no seu sermão um tom homilético, chamando **amados** aos seus ouvintes, para causar neles a impressão de que os vê em Roma, embora lhes dite sua epístola. Esta última exortação acerca da vingança é um ponto importante, ele parece dizer-lhes. **Dai lugar à ira** (19). Pode significar ou que devemos deixar com Deus o exercício da ira, como se declara em #Dt 32.35, ou devemos deixar que o princípio da retribuição, inerente ao universo moral, tenha livre curso, ou devemos dar lugar à cólera ou à de nosso inimigo, isto é, "que a cólera arrefeça". A primeira alternativa é a melhor interpretação. A atitude do cristão sob a regra do amor deve ser misericordiosa, o contrário

exato das represálias. **Amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça** (20); isto é, faz que ele tenha um sentimento ardente de vergonha. O verso é citação de **#Pv 25.21-22** (LXX). Portanto, faze que o bem triunfe sobre o mal (21).

Rm-13.1

c) Moral política (Rm 13.1-7)

Nesta segunda seção de admoestações, Paulo sai de assuntos puramente pessoais para o âmbito da moral política, e declara os deveres do cristão em face do Estado, assunto este relevantíssimo para os seus leitores romanos. O ponto de vista do apóstolo acerca do Estado, em relação com o crente, encerra o princípio da submissão cristã, que sempre tem sido reconhecida como da vontade divina, obrigatória à Igreja. As bases desta obediência aos poderes seculares podem ser expressas em três tópicos.

1. O GOVERNO CIVIL É INSTITUIÇÃO DIVINA (**#Rm 13.1-2**) -**Todo homem** (1). Paulo exorta os cristãos romanos, não apenas como comunidade social, mas como indivíduos, que se sujeitem ao governo romano. O apóstolo sempre achará justos e prestativos os altos funcionários romanos, mas este fato não explica de todo o ditame inspirado sobre relações políticas. É a revelação divina para a Igreja em todas as épocas, da qual se fornecem fundamentos racionais. O primeiro é que toda autoridade procede elementarmente de Deus, e, por conseguinte, os poderes que existem são de origem e sanção divinas. Os governos têm seu lugar nos propósitos de Deus. Teologicamente, a doutrina é esta, que Igreja e Estado são fatores no reino de Deus, tendo cada qual sua função particular. O crente que se opõe à autoridade terrena está, de fato, desobedecendo a Deus. Por essa deslealdade, o rebelde incorrerá em juízo. Tem sido plausivelmente sugerido que no pensamento de Paulo, aqui, tanto judeus como gentios são encarados como possíveis, se não reais, opositores do governo. Os judeus em sua agressividade religiosa, e os crentes gentios, em seu dogmatismo cristão, podiam entregar-se a algum fanatismo exacerbado contra **as autoridades que existem** (1). Tal procedimento é condenado.

>Rm-13.3

2. O GOVERNO CIVIL TEM A MISSÃO DE PROMOVER O BEM E PREVENIR O MAL (**#Rm 13.3-4**) -A obediência às autoridades seculares é ordenada, ainda mais, por causa de servirem à justiça de Deus, que é o tema da epístola. Duas vezes aqui, Paulo diz que a autoridade secular é **ministro de**

Deus (4), passando da idéia de sua ordenação divina para a de sua finalidade. O cristão deve obedecer ao magistrado porque a este, nas mãos de Deus, cumpre manter a ordem, louvando o bem e punindo o mal. Só os malfeitores é que temem diante dos juízes da terra, visto como estes estão do lado da justiça.

>Rm-13.5

3. O GOVERNO CIVIL TEM A APROVAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRISTÃ (#Rm 13.5-7) -Obediência às autoridades que existem é dever do cristão, não só por causa das conseqüências penais inevitáveis da oposição, senão por amor da consciência. A constituição moral do crente aprova o que a constituição moral do Estado realiza. Daí vem o dever de pagar impostos, devidos pelo fato de serem cidadãos de Roma, ou por serem um povo sob dominação (6). De fato, o apóstolo, ampliando o escopo da obrigação, declara que tudo quanto é devido deve ser pago (7; cfr. #Mt 17.25; #Mc 12.17; #Lc 20.25).

>Rm-13.8

d) Ética pessoal (Rm 13.8-14)

Neste ponto, Paulo volta às exortações quanto às relações mútuas, seguindo o estilo do cap. 12. Acabou de dizer "Pagai a todos o que lhes é devido", com o que volta ao princípio fundamental de toda ética, a lei do amor. O cristão tem uma dívida, denominada por Bengel "seu débito imortal", Orígenes diz "É nosso dever pagar sempre, e sempre dever, esta dívida do amor". O amor é a única obrigação que cumpre todas as outras. Realiza o fim de toda a lei (cfr. #Gl 5.14). Como reforço desta exortação de amar, Paulo lembra a próxima volta de nosso Senhor. A iminência da Parousia é citada como um dos mais fortes motivos da vida cristã. **Conheceis o tempo** (11). É a época definida antes da segunda vinda, o período ainda a passar até que o Senhor apareça de novo, segundo a promessa (cfr. #Mc 1.15; #1Co 7.29; #Hb 9.9). A admoestação é para **despertarmos** (11), estarmos de pé, agindo e vivendo mais intensamente a vida cristã no seu amor dinâmico. O fim da "oportunidade" está próximo, cada dia mais perto. A ARA coloca a palavra "princípio" antes de **cremos** (11), com o que se ajusta corretamente o aoristo de um tempo definido, isto é, da conversão. O avivamento do crente com o estímulo dos sinais dos tempos resultará em três firmes deveres de uma vida mais elevada. Primeiro, **revistamo-nos das armas da luz** (12; cfr. #2Co 6.7; #Ef 6.13; #1Ts 5.8), cuja atitude oposta é a abjuração de toda obra má, associada com a noite

da ignorância. Segundo, **andemos dignamente** (13). O procedimento deve ser tão decente, como em pleno dia. A luz contrasta-se com as trevas, no vers. 12, e aqui é o dia que se opõe à noite, visto que a admoestação se baseia na transitoriedade da noite e a proximidade do dia do Senhor. Terceiro, **revesti-vos do Senhor Jesus Cristo** (14); em sentido negativo, é recusar todo incentivo ao homem inferior e suas cobiças. Cristo é aqui apresentado como a armadura completa do crente (cfr. **#Gl 3.27**).

Rm-14.1

e) Os fortes e os fracos (Rm 14.1-15.13)

Agora Paulo refere a uma situação especial da comunidade romana, acerca da qual foi informado com segurança. Em toda igreja sempre há irmãos que alimentam idéias menos corretas da verdade cristã, e comumente são pertinazes na defesa do seu credo falho. Os tais não devem ser humilhados. A consciência deles, iluminada parcialmente quanto à liberdade que os cristãos gozam em Cristo, deve ser respeitada, e o comportamento dos outros membros da sociedade cristã não deve ofendê-los. Por outro lado, esses irmãos importunos não devem criticar os demais, nem apresentar suas idéias como padrão para os outros e exigir destes uniformidade. Evidentemente o apóstolo estava acostumado com esse tipo de mentalidade, visto como em outras igrejas havia irmãos sob as suas vistas, especialmente em Corinto (cfr. **#1Co 8.1; #1Co 10.33**) e em Colossos (cfr. **#Cl 2.16-23**). Duas das questões muito debatidas, em torno das quais havia opiniões diferentes no tempo de Paulo, eram a guarda do dia de descanso e o comer carne. Provavelmente a igreja de Roma recusava aceitar como membros aqueles que mantinham opiniões excêntricas. Paulo, então, se esforçou por inculcar uma atitude mais branda, no sentido de que os tais fossem recebidos, na condição de confessarem os pontos essenciais da fé cristã, para depois serem instruídos no Senhor. Muitos tinham escrúpulos em torno daqueles assuntos, e o apóstolo então procurou evitar cisma na igreja, bem como aconselhar tolerância sob a lei do amor.

1. O IRMÃO MAIS FRACO NÃO DEVE SER DESPREZADO (#Rm 14.1-12) -Paulo, primeiro que tudo, salienta o ponto de cada pessoa ter suas próprias convicções. Por elas regulará seu comportamento, com honestidade intelectual e moral, e deixará que o seu próximo faça o mesmo. Cada um vive não na presença dos seus companheiros, senão diante do Senhor, em cujo tribunal todos compareceremos. **Débil na fé** (1) implica falta de equilíbrio em discernir o essencial e o não-essencial da fé salvadora e santificadora. Paulo,

com autoridade apostólica, manda receber tais irmãos fracos na companhia cristã, porém **não para discutir opiniões** (1); isto é, sem entrar em críticas ou não para condenar os escrúpulos deles. Preconceitos de somenos importância não são fundamento bastante para que a alguém se neguem os privilégios dos sacramentos. Então passa a notar os dois problemas em lide, o comer carne (3-4) e os dias santos (5). Há, provavelmente, o caso do ex-judeu que ainda é favorável à carne cerimonialmente pura, diferindo do ex-pagão que entende poder comer de qualquer carne, se quiser. Não está claro se se trata de abstinência de carne, só por ser carne, ou se entrava em consideração o estar ela manchada por ter sido consagrada a ídolos (**#1Co 10.25**). É provável que o preconceito girasse em torno de ambas as hipóteses. Em qualquer caso quem comia não devia criticar quem não comia. Diante de Deus somente, e não de seus companheiros, o que come **está em pé ou cai** (4) a saber, é absolvido ou condenado, ou, se tomado o caso subjetivamente, fica moralmente firme em sua liberdade, ou se torna imoral na licença. Todavia, Paulo acrescenta que o livre não estará em perigo, porque o Senhor pode preservá-lo, tendo-o já **acolhido** (3). A outra questão há de se resolver no mesmo espírito de liberdade e tolerância. Uma pessoa defende a santidade de certos dias; outra considera iguais todos os dias. Cada qual deve acertar o modo de encarar tais assuntos **para o Senhor** (6). Este motivo de culto torna justa a observância ou a não-observância. Paulo firma-se neste princípio normativo da inspiração do culto e o desenvolve nos vers. 7-12. O Domínio de Cristo é supremo e abrange tudo, a vida, a morte e o juízo. Quando os cristãos se lembram de que todos darão contas de si mesmos a Deus (12), outros assuntos adquirem sua exata perspectiva.

>Rm-14.13

2. A CONSCIÊNCIA DO IRMÃO MAIS FRACO DEVE SER RESPEITADA (**#Rm 14.13-23**) -Do seu sábio conselho aos cristãos romanos, para que não se julguem uns aos outros, o apóstolo passa a sugerir que a liberdade de crítica, eles podiam empregá-la melhor voltando-a contra si mesmos. Nunca deviam pôr tropeço no caminho dos irmãos mais débeis, ostentando sua própria liberdade na questão de comidas e bebidas. Tal liberdade, na presença daqueles cuja consciência desaprovava aquela atitude, podia tornar-se um obstáculo ou **uma ocasião de queda** (13), isto é, um laço na senda do progresso moral. Iniciativa tomada contra a luz da consciência, por pobre que seja essa luz, é fracasso moral. Quando o apóstolo declara estar persuadido de que nenhuma carne é **de si mesma impura** (14), está-se referindo apenas a coisas comestíveis proibidas pela lei cerimonial, ou por

algum costume. Alguns pensam diferentemente, e para eles, quanto para todos, a sua opinião é que deve servir de norma. O motivo do afastamento dessa norma, para se atentar na opinião de um irmão débil, é o princípio dominante do amor, que Paulo já expôs (#Rm 12.9-13), e ao qual ele agora acrescenta o fato de que tal irmão é amado pelo Senhor, participante dos benefícios de Sua morte expiatória (15). **Não faças perecer** (15). Paulo emprega esta frase impressiva para descrever o que resulta afinal quando um irmão fraco é levado a proceder contra sua própria consciência. Permitir alguém que o seu **bem** (16), isto é, sua liberdade danifique ou faça perecer os outros desse modo, seria levar o evangelho a ser vituperado. No que diz respeito ao reino de Deus, o amor é mais importante de que questões de comida e bebida. Sua expressão em justiça, paz e gozo é o que mais importa. O apóstolo evidentemente combate aqui os conceitos materialistas dos judeus concernentes ao reino messiânico. **Não destruas** (20); verbo diferente do que foi usado no vers. 15. É o oposto de **edificar** (19). O princípio de abstinência total de tudo quanto escandaliza é recomendado como norma cristã de viver a vida de justiça-pela-fé, a fim de que um irmão não seja tentado, não tanto para a degradação carnal, quanto para a ruína moral e espiritual pelo sufocamento da consciência. Em certas circunstâncias, nossa fé pode ter de se expressar não abertamente, senão secretamente em nossa comunhão com Deus. Homem feliz é o de consciência clara. Mas o que procede contra sua consciência condena-se a si mesmo. O fator de todo importante é a fé. Mudar alguém o seu procedimento neste particular sem crer que está certo é, de fato, um pecado (23).

Rm-15.1

3. APELO PRÓ UNIDADE (#Rm 15.1-13) -Agora o apóstolo adverte contra a insensatez das divisões, insistindo em união dentro da igreja em Roma, especialmente com referência às questões da liberdade cristã e ao privilégio dos gentios. Baseando seus conselhos no ensino já apresentado, apela por compreensão e prestimosidade mútuas, entre aqueles cujas opiniões e práticas difiram nos assuntos que ele tem discutido. Os **fortes** (1). É esta a primeira vez que o apóstolo emprega este termo para descrever aqueles cuja consciência goza de maior esclarecimento, embora a idéia estivesse implícita no uso que antes fez do termo "débil" (cfr. #Rm 14.1), empregado para designar os oponentes deles. A idéia é de capacidade moral, que não apenas serve aos que a possuem, como também a outros que precisem de apoio. Verdadeira unidade de corações pode ser alcançada de duas maneiras, ambas essenciais. Primeiro, é o dever que têm os fortes de suportar os fracos, e não de defender seus

próprios direitos. O egoísmo deve ser banido. Cristo deu-nos exemplo de uma vida de sacrifício próprio, porquanto **não se agradou a si mesmo** (3). Para confirmar este ponto, Paulo cita um salmo messiânico (**#Sl 69.9**); isto o leva a defender o valor das Escrituras como inspiração de vida cristã (4; cfr. **#2Tm 3.16**).

A segunda maneira de realizar a unidade está em os fortes, representando as autoridades da igreja, admitirem os débeis em sua comunidade. Neste dever, o apóstolo já insistiu (**#Rm 14.1**), empregando o mesmo termo **acolhei-vos** (7), porquanto, em última instância, é Cristo quem nos acolhe a todos, fortes e fracos. Glória, pois, a Deus!

Paulo, então, lembra à igreja de Roma que a misericórdia de Deus se estende igualmente a judeus e gentios. Nessa base ele exorta à unidade os circuncisos e os incircuncisos. É inconcebível que, por causa desta universalidade do evangelho, a comunidade em Roma vá cindir-se, ou sofrer de algum modo. Cristo foi servo de judeus e gentios. Por Sua vida e obra nosso Senhor confirmou à circuncisão as promessas feitas aos patriarcas (cfr. **#Rm 9.4-5**). Contudo as promessas feitas à incircuncisão no Velho Testamento são igualmente confirmadas, de modo que **os gentios glorifiquem a Deus por Sua misericórdia** (9). Paulo assegura que todos são "um em Cristo Jesus". Para provar aos judeus esta sublime verdade, o "mistério" de sua epístola, acrescenta várias passagens do Velho Testamento; ver **#Sl 18.49** (LXX); **#Dt 32.43**; **#Sl 117.1** (LXX); **#Is 11.10** (LXX). E conclui a seção com uma bênção. **O Deus da esperança** (13); cfr. vers. 5, "o Deus de paciência e consolação", e vers. 33, "o Deus da paz". Todas estas qualidades Deus concede aos crentes. Cfr. também **#Rm 14.17**.

>Rm-15.14

VII. EPÍLOGO Rm 15.14-16.27

a) Paulo explica por que escreve (Rm 15.14-21)

O apóstolo chega agora à conclusão de sua nobre epístola. Começa a seção final referindo sua própria vocação, dando-a como explicação do motivo pelo qual escreve aos cristãos romanos. Com elevado tato, elogia a madureza espiritual deles e a capacidade de se auxiliarem mutuamente. Está persuadido de que eles estão **possuídos de bondade** (14). Sua carta apenas lhes traz à memória verdades que já haviam aprendido, embora ele não lhes tivesse

ensinado. Sua ousadia em se lhes dirigir procedia do fato de ser apóstolo dos gentios. Descreve a comissão divina recebida em termos de sacerdócio (16): **ministro** (gr. **leitourgos**; lit. "sacerdote", cfr. **#Hb 8.2**), **sagrado encargo de anunciar** (gr. **hierourgon**; "ministrando em sacrifício") e **oferta** (gr. **prosphora**) são três termos do ofício sacerdotal. No exercício do seu ministério de pregação, como profeta de Deus, ele é também sacerdote, a oferecer o sacrifício dos gentios, feito justo para Deus e santificado pelo Espírito Santo. Idêntica metáfora de sacrifício oferecido é usada em **#Rm 12.1-2** e **#Fp 2.17**, com a associação da mesma idéia de aceitação garantida.

O êxito de sua obra entre os gentios é outra marca de sua comissão apostólica, sobre a qual ele fundamenta sua autoridade para escrever esta epístola. Sua missão prosperou, não por ele mesmo, senão por Cristo operando nele. Esses milagres operados **pelo poder do Espírito de Deus** (19) são os únicos sobre os quais tem liberdade de falar. Refere seu campo de trabalho, **desde Jerusalém e circunvizinhanças, até ao Ilírico** (19); isto é, "a costa noroeste do Adriático e seu interior, a estender-se talvez até à província romana da Macedônia". Dá a entender a maioria das províncias romanas orientais, embora não haja notícia nos Atos de viagens missionárias na Ilíria. Conquanto não individualista, hesita em mencionar os trabalhos dos outros; sua política foi sempre fazer trabalho pioneiro de evangelização, e não **edificar sobre fundamento alheio** (20), regra que ele declara também em **#2Co 10.15-16**. A figura de fundamento ele também emprega em **#1Co 3.10** e **#Ef 2.20**. Com uma citação de **#Is 52.15** justifica sua estratégia missionária, de ir a regiões distantes.

>Rm-15.22

b) Planos de futuras viagens (Rm 15.22-33)

Tratando agora mais de assuntos pessoais, Paulo alude a planos seus do futuro. O lançamento de todos esses novos alicerces impediu-o até então de visitar a cidade de Roma. Agora, porém, a obra estava terminada; e, como desejou durante muitos anos visitá-los, espera em breve ir até lá, de caminho para a Espanha. De fato, o apóstolo espera a assistência dos cristãos romanos no sentido de patrocinarem sua atividade missionária no Ocidente. **Depois de haver primeiro desfrutado um pouco a vossa companhia** (24). Não os deixará antes de ter a oportunidade de saciar seu desejo de gozar a companhia deles, o que já expressou no vers. 23.

Enquanto isso, Jerusalém reclama seu ministério, como portador de ofertas da Macedônia e Acaia para os pobres. Os cristãos hebreus haviam distribuído com os gentios seus tesouros espirituais; é, portanto, dever dos novos convertidos contribuírem com coisas temporais para suprir as necessidades da igreja-mãe. Cumprida essa missão caritativa, Paulo planeja visitar Roma, de passagem para a Espanha. Chegou àquela cidade em circunstâncias jamais previstas em seus planos; todavia, cumpriu-se abundantemente a esperança que tivera de ir até lá **na plenitude da bênção de Cristo** (29). Não sabemos se ele chegou a ir até à Espanha.

Esta parte pessoal da carta finaliza com um apelo apostólico para que orem a Deus por ele. Seu primeiro pedido é que se veja livre dos incrédulos da Judéia, isto é, os judeus que ainda rejeitavam os direitos de seu Messias; depois, que sua contribuição missionária fosse aceita pelos santos de Jerusalém; em terceiro lugar, que sua visita ao Ocidente redundasse em edificação pela vontade divina, com o resultado bendito de refrigério tanto para os cristãos romanos, como para si mesmo. **Possa recrear-me** (32): como os fatos posteriores mostraram, esse desejo de Paulo esteve longe de cumprir-se. Sua experiência tanto em Jerusalém, como em Roma, foi muito diferente do sonho suave que ele alimentara. Cfr. 5 e 13 com o 33.

Rm-16.1

c) Saudações a amigos em Roma (Rm 16.1-16)

Como **#Hb 11** tem sido chamado "galeria" de santos do Velho Testamento, assim podemos chamar **#Rm 16** "galeria" de crentes do Novo Testamento. Pode parecer estranho que Paulo, sem nunca ter estado em Roma, tivesse ali tantos amigos. Mas os judeus do primeiro século (como de todos os séculos posteriores) eram um povo comerciante e dado a migrações. Percorriam as estradas de comércio, procurando os mercados. Os elogios e saudações variam, sendo cada qual um verdadeiro índice de trabalho realizado e de caráter conquistado. Dos nomes desta lista histórica, um terço é de mulheres, a revelar o lugar proeminente que elas ocupavam na igreja de Roma. Paulo foi pioneiro no reconhecimento da função das mulheres no serviço cristão, e sua atitude tem sido muito mal compreendida neste particular. O testemunho que dá de **Febe** (1-2) é honrosíssimo. É apresentada como **irmã**, isto é, da família espiritual do Senhor, sugerindo igualdade de privilégios na irmandade, como **serva** da igreja em Cencreia, isto é, diaconisa (cfr. **#Fp 1.1**), e como **protetora** (gr. **prostatis** "patrocinadora"), a implicar que era uma senhora de recursos,

que trabalhara no meio da população das docas, no porto de Corinto. Acredita-se que Febe estava de viagem para Roma e Paulo confiou aos seus cuidados esta preciosa epístola, para que a fizesse chegar com segurança ao seu destino. **Priscila e Áqüila** (3) eram um casal, a quem Paulo encontrara em Corinto (**#At 18.1-3**), quando de sua primeira visita àquela cidade; sendo do mesmo ofício (eram fabricantes de tendas), o apóstolo hospedara-se com eles. Lemos mais sobre eles em **#At 18.18-19,26; #1Co 16.19; #2Tm 4.19**. Parece que arriscaram a vida por Paulo, em algum incidente de que não se tem notícia, mas que era bem conhecido de todas as igrejas. Note-se como essas igrejas se juntaram a Paulo nessa expressão de reconhecimento. Aqui, como em quatro dos seis exemplos em o Novo Testamento, o nome da esposa precede o do marido, ignorando-se o motivo. **A igreja que se reúne na casa deles** (5) vem incluída na saudação de Paulo. Na Igreja primitiva, havia a princípio poucos templos, se é que os havia. Grupos de cristãos reuniam-se em casas de crentes de projeção, ou em outras salas disponíveis (cfr. **#Mt 26.18; #At 12.12; #1Co 16.19; #Cl 4.15; #Fp 2**). Este é o primeiro dos cinco grupos de crentes da lista de Paulo, mas o único que é mencionado definitivamente como igreja (ver vers. 5,10-11,14-15). **Epêneto** (5) é assinalado como "especial amigo e um dos primeiros convertidos de Paulo na **Acaia** (isto é, Corinto), como fora Estéfanos (**#1Co 16.15**). Note-se, porém, que os melhores MSS dizem "Ásia"; neste caso, ele seria um convertido efésio. **Maria** (6) vem mencionada por causa de seu trabalho notável, fosse a Paulo (**ARC, por nós**), fosse à igreja em Roma (**ARA, "por vós"**). **Andrônico e Júnica** (7) são **parentes** ou antes compatriotas (cfr. **#Rm 9.3**), isto é, hebreus como Paulo. **Júnica** podia ser homem ou mulher. Mais três informações: tinham sido **companheiros de prisão** de Paulo, provavelmente a implicar apenas prisão por amor de Cristo, e não que tivessem estado com o apóstolo na mesma prisão. **Notabilizaram-se entre os apóstolos**, isto é, eles mesmos notáveis apóstolos no sentido lato de pregadores missionários (cfr. **#At 14.14; #1Co 15.7; #2Co 8.23; #2Co 11.13**). **Estavam em Cristo antes de mim**, isto é, converteram-se ao novo caminho da justiça-pela-fé antes que Paulo tivesse sua experiência na estrada de Damasco. **Amplíato** (8), nome de escravo, ignora-se quem fosse, como também **Urbano**, outro nome de escravo, e **Estáquis** (9) e **Apeles** (10), distinto como cristão bem provado (cfr. **#1Co 11.19; #2Co 10.18; #2Co 13.7**). **Os da casa de Aristóbulo** (10) é o segundo grupo mencionado de cristãos. Esse nobre era neto de Herodes o Grande, e vivia retirado em Roma. Os que lhe pertenciam, apropriadamente chamados "sua casa" inclusive funcionários e escravos tinham no seu meio uma comunidade cristã. **Herodião** (11) como o nome indica, pertencia a Herodes e provavelmente está incluído na casa de Aristóbulo. Pode ter sido um líder do grupo já mencionado (10). Como

Andrônico e Júnia, é referido como **parente** de Paulo. Daí se conclui que, se excluirmos Maria, que pode ter sido judia, há apenas três judeus da igreja em Roma no catálogo de elogios. Semelhantemente, dentre os que de Corinto enviam saudações, como se lê adiante neste cap. (vers. 21-23), há somente três hebreus. Os da casa de **Narciso** (11) são o terceiro grupo mencionado de cristãos. **Trifena e Trifosa** (12) eram provavelmente irmãs gêmeas; seus nomes significam "Delicada" e "Deliciosa" ("Deliciosa" e "Deferente", conforme sugere Denney). Paulo registra, talvez com um toque de humor, que a despeito de seus nomes, "trabalharam no Senhor". Outra senhora, **Pérside**, é honrada neste versículo. O nome ocorre num epitáfio como de mulher liberta. **Rufo** (13) é talvez o cireneu referido em **#Mc 5.21**. O apóstolo menciona-o como "eleito", no sentido de ser separado para serviço distinto. Sua mãe em algum tempo evidentemente cuidara de Paulo, e assim, nesse caráter maternal, é incluída na saudação. Segue-se agora outro grupo de crentes, o quarto neste rol de honra, nomeando-se os mais importantes-**Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas** (14). Uma quinta companhia de santos, se não realmente uma igreja, vem a seguir. Mencionam-se os membros proeminentes -**Filólogo** (lit. "amigo da sabedoria") e **Júlia**, que se supõe fossem marido e mulher, com sua família **Nereu e sua irmã, e Olímpia** (15). **Ósculo santo** (16) refere-o Paulo em **#1Co 16.20; #2Co 13.12; #1Ts 5.26**. Outra expressão é "ósculo de amor" (**#1Pe 5.14**). Era costume no Oriente saudar com um beijo. O apóstolo finaliza seu rol de honra com uma saudação aos santos de Roma enviada pelas **igrejas de Cristo** (16). É esta a frase de sentido mais geral que Paulo adota. Arroga-se falar algumas vezes em nome da coletividade de igrejas (cfr. **#Rm 16.4; #1Co 7.17; #2Co 8.18; #2Co 11.28**). Sua prática, todavia, é localizar a comunidade, enquanto generaliza os membros, "todos os santos" de tal ou qual igreja (**#2Co 13.13; #Fp 4.22**). Uma vez ele escreve "as igrejas da Ásia" (**#1Co 16.19**).

>Rm-16.17

d) Uma admoestação final (Rm 16.17-20)

Esta advertência contra falsos mestres é tão surpreendente, por vir inopinadamente, quanto aquela da carta aos filipenses (**#Rm 3.2**). Sugere-se que nesta altura da epístola, Paulo tomou a pena da mão do seu escriba para adicionar seu nome como prova de autenticidade (cfr. **#1Co 16.21-24; #Gl 6.11-18; #2Ts 3.17-18**). E então a emoção pastoral apoderou-se do coração do apóstolo que não pôde resistir ao desejo de dar uma última palavra de exortação. Tal interpretação conviria a uma situação normal. Por outro lado, alguns apresentam a idéia, como no caso da igreja de Filipos, que algo de

incomum acontecera, talvez a chegada à cidade de Roma de falsos mestres, contra os quais Paulo sente que urge advertir. Não se sabe ao certo quem teriam sido. Os judaizantes sempre hostilizavam o apóstolo, farejando-lhe os passos. O teor da advertência parece sugerir os antinomianos, cuja licenciosidade imoral se baseava na doutrina de "tanto mais pecado, quanto maior graça". Paulo exorta os santos de Roma com uma ordem impressionante, **rogo-vos que noteis bem aqueles** (17); isto é, de modo que não os sigais. Em **#Fp 3.17**, o termo é empregado positivamente como apelo para seguir um bom exemplo. O mal desses falsos mestres não consistia só na doutrina deles, mas na influência que exerciam para provocar cismas. Provocavam **divisões e escândalos** (17), isto é, "dissensões". A experiência de Paulo em outras igrejas leva-o a fazer este aviso com ansiedade. Parece que conhece bem esses perturbadores. O alvo deles não é glorificar ao Senhor, mas beneficiar-se a si próprios (18). Paulo acusa de egoísmo esses enganadores. São "escravos de seus baixos desejos" (Moff.); cfr. **#Fp 3.19**. Praticam também a refinada arte da adulação e de colocar armadilha aos incautos. Paulo elogia a fidelidade da Igreja em Roma à fé cristã tradicional, que já era largamente conhecida. Depois, seu ideal em relação a eles (cfr. **#Mt 10.16**) é que o move a fazer este aviso (19). O título apropriado de **Deus de paz** (20; cfr. **#Rm 15.33**) é usado nesta exortação para que se previnam dos que causam divisões e escândalos. Confia Paulo que o Autor da paz é mais forte do que o destruidor dela, e que logo Satanás será derrubado e esmagado pelos santos de Roma (cfr. **#Gn 3.15**; cfr. também **#2Co 11.13-15**).

>Rm-16.21

e) Saudações dos irmãos coríntios (Rm 16.21-23)

Paulo interrompeu suas saudações para fazer um aviso que achava de muita urgência. Agora procura terminar. Seus companheiros em Corinto, de onde escreve, desejam associar-se às suas saudações. Seja pelo motivo de serem cristãos proeminentes, seja por causa de alguma ligação que têm com a cidade de Roma, isto não está revelado. Timóteo (21) é bem conhecido, como companheiro íntimo e cooperador no evangelho. **Lúcio, Jasom e Sosípatro** são três compatriotas de Paulo que estão com ele em Corinto, assim como tem três amigos hebreus em Roma (7-11). Os três judeus coríntios podem ser identificados com Lúcio de Cirene, relacionado com Antioquia (**#At 13.1**), Jasom, hospedeiro de Paulo em Tessalônica (**#At 17.5-9**), e Sosípatro, de Beréia, que foi com Paulo de Corinto para a Ásia (**#At 20.4**). Parecia ao amanuense que Paulo tinha aí terminado, e por isso acrescentou seu nome

Tércio (22) às saudações. Entretanto, o apóstolo lembra-se de mais alguns interessados nos irmãos de Roma, e então coloca um pós-escrito (23). **Gaio**, diz ele, **meu hospedeiro**; é claro que encontrou pousada em casa dele, durante sua estada em Corinto. É provavelmente o mesmo a quem o apóstolo batizara junto com Crispo (#1Co 1.14). O nome encontra-se em #At 19.29-20.4; #3Jo 1. Todavia, ele também hospedava **toda a igreja**, isto é, a igreja de Corinto. As reuniões dela, presumivelmente, eram em sua casa. **Erasto** (23) era alto funcionário em Corinto, tesoureiro da cidade, e certamente cristão. É muito provável que tivesse tido antes alguma relação civil com a cidade imperial. O mesmo nome vem mencionado em #At 19.22 e #2Tm 4.20. **Quarto** (23) ignora-se quem era. A bênção do vers. 24, e entre parênteses na ARA, é omitida nos melhores MSS. Ver a **Introdução**.

>Rm-16.25

f) Doxologia final (Rm 16.25-27)

Embora nem sempre terminasse suas epístolas com uma doxologia, Paulo compôs várias (cfr. #Rm 11.36; #Gl 1.5; #Ef 3.20; #Fp 4.20; #1Tm 1.17). O louvor é aqui oferecido a Deus em dois aspectos de Sua perfeição. **É poderoso para confirmar** (25) e é também **Deus único e sábio** (27). Esta capacidade divina já foi referida nesta epístola (#Rm 1.16; #Rm 14.4). A onipotência de Deus é redentora mediante o evangelho, visto que este é "o poder de Deus para salvação". Este conceito, que foi salientado no princípio da epístola, agora, na conclusão, é proclamado, depois da exposição inspirada do evangelho que foi confiado ao apóstolo. Este evangelho descreve-se como **pregação** de Jesus Cristo (25); isto é, o oferecimento de uma justiça pela fé, em lugar de uma justiça de obras, sobre o fundamento da obra consumada de reconciliação mediante a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. É também **o mistério... que agora se tornou manifesto**, referência à inclusão dos gentios nos privilégios da justiça de Deus. Também **foi dado a conhecer por meio das Escrituras** (26), isto é, foi atestado. O evangelho, Paulo veio afirmando, foi provado pelas Escrituras do Velho Testamento (cfr. #Rm 1.2; #Rm 3.21; #Rm 9.1; #Rm 11.36). Os profetas antigos foram comissionados pelo eterno Deus para declarar Sua vontade de salvação a todos os homens, **para a obediência da fé** (26) ARC, dando a entender que fé e obediência são sinônimos (cfr. #Rm 1.5). A idéia emerge em #Rm 1.5; #Rm 6.16 e #Rm 16.19. A ARA sugere "obediência por fé", dando interpretação objetiva antes que subjetiva do termo "fé". Paulo também, através de sua epístola, concebe a divina onipotência em seu aspecto redentor como força no íntimo do crente, pela qual ele é capaz de

se manter de pé. O poder que firma os santos de Roma é uma experiência íntima pela qual ele é sustido (#Rm 14.4). Assim, pois, nesta doxologia final, os conceitos característicos do ensino de Paulo são repetidos: o novo caminho como real consumação do antigo, a chamada eficaz de Deus ao Seu servo, em ambas as dispensações, para revelar Sua vontade, a universalidade do evangelho e a condição única, a "fé". **Único sábio** é outro aspecto do caráter divino, que provoca a adoração do apóstolo. A sabedoria de Deus no pensamento paulino não é mera especulação, ou filosofia, além do alcance da compreensão humana. É antes um atributo no qual Paulo vê as misericórdias de Deus para com homens pecadores, praticamente propostas e consumadas mediante Jesus Cristo. Tal sabedoria é prerrogativa única e propriedade exclusiva de Deus. Daí vem a glória eterna que Lhe é devida! **Laus Deo.** Amém.

G. T. THOMSOM

F. DAVIDSON

AS EPÍSTOLAS AOS CORÍNTIOS

INTRODUÇÃO

(Veja também o artigo geral "As Epístolas de Paulo")

I. CONTACTOS DE PAULO COM A CIDADE DE CORINTO

O evangelho alcançou a cidade de Corinto, a principal da Acaia, cerca de vinte anos após a crucifixão de Jesus. A população era constituída de gregos nativos, colonos romanos e de judeus. A cidade estava situada na principal rota comercial entre o Leste e o Oeste, por isso havia uma corrente ininterrupta de comerciantes de espírito inquieto e vivaz. Nas próprias cartas aos coríntios descobre-se o efeito de tal atmosfera na vida dos crentes dali.

Somos informados a respeito de duas visitas de Paulo a Corinto em [#At 18](#) e [#At 20.1-3](#). Ele também manteve correspondência com aquela igreja em várias ocasiões, como recebia também cartas e informações dos crentes. (Veja-se [#1Co 7.1](#); [#2Co 2.4](#)). As relações do apóstolo com a Igreja de Corinto revelam um caráter muito íntimo e pessoal. Ele foi o pioneiro na evangelização da cidade, ([#1Co 3.6](#) e [#1Co 4.15](#)) e acompanhava o crescimento daquela igreja com vivo interesse. Ali existiam dificuldades peculiares. Havia muito entusiasmo de mistura com muita propensão ao erro, algumas vezes o espírito sectário tomava vulto e parece que o Apóstolo teve seus detratores que procuraram minar sua influência. Isto se constata muito facilmente na segunda epístola.

A primeira visita a Corinto verificou-se no que chamamos de segunda viagem missionária de Paulo. Ali chegou ele após sua visita a Atenas, logo pregando na sinagoga ([#At 18.4](#)). Paulo enfrentou tal oposição da parte dos judeus, que foi levado a declarar: "Sobre a vossa cabeça o vosso sangue! eu dele estou limpo, e desde agora vou para os gentios". ([#At 18.6](#)). Tais palavras parecem sugerir controvérsia sobre a culpa da crucifixão de Jesus. Que o apóstolo fez da Cruz seu assunto fundamental em Corinto, prova-o o que encontramos na primeira carta: "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado", ([#1Co 2.2](#)). Talvez a experiência do apóstolo em Atenas o tivesse levado a esta decisão, o que é bem possível.

Ao mesmo tempo houve alguns convertidos de entre os judeus. O primeiro foi Áquila e sua esposa Priscila. Não eram naturais de Corinto, mas

residiam ali e Paulo morou com eles (#At 18.1-3). Depois vem Crispo, principal da sinagoga. (#At 18.8). Este creu no Senhor com toda sua família. A seguir, vem Sóstenes (#1Co 1.1) que pode ser o mesmo referido em #At 18.17, como o "principal da sinagoga". Se assim é, ele também recebeu a fé em Jesus Cristo. Mais tarde viajou com Paulo e esteve com ele em Éfeso, pois seu nome está na relação daqueles da Igreja de Corinto aos quais Paulo envia saudações na primeira carta (#1Co 1.1). Todavia, o êxito mais importante de Paulo foi entre os próprios coríntios, a respeito dos quais se diz: "muitos dos coríntios... criam" (#At 18.8). Também Deus lhe assegurou por meio de uma visão: "tenho muito povo nesta cidade" (#At 18.10). Os judeus hostis continuaram a perseguir o apóstolo e, eventualmente, o trouxeram perante Gálio, lugar-tenente ou procônsul romano da Acaia (#At 18.12). Gálio não deu atenção a esses judeus e o incidente refluiu sobre a cabeça de Sóstenes, que era o principal da sinagoga, isto através de uma demonstração antijudaica por parte da população grega (#At 18.17). A menção do nome de Gálio como procônsul dá-nos razão de colocar a primeira visita de Paulo a Corinto entre os anos 50 a 55 do primeiro século, pois o consulado de Gálio é colocado no verão, ano 51, ou o mais tardar no ano 52. O apóstolo demorou-se ali cerca de dezoito meses (#At 18.11), o que lhe deu excelente oportunidade para estabelecer a igreja naquela cidade. Não foi a sua maior permanência em um só lugar, pois lemos de sua estada por dois anos, mais tarde, em Éfeso (#At 19.10).

II. AS VISITAS DE PAULO A CORINTO

Quantas vezes o apóstolo ainda visitou Corinto? Somente mais uma visita está registrada em #At 20.1-3. Não há pormenores, mas foi uma visita anterior à sua última viagem a Jerusalém e, por isso, pode ser considerada como sua última visita a Corinto. Desse modo, temos em Atos o registro da primeira e da última visitas. Nas epístolas que ora estudamos, o apóstolo fala como se esta última visita fosse realmente uma terceira (#2Co 13.1). Neste particular, não há dúvida que existe certa ambigüidade, visto como foi cancelada uma visita que havia sido prometida (#2Co 1.23). Se outra visita foi realizada, não há referência explícita, o que torna difícil encontrar solução segura sobre a questão. O que sabemos é que Paulo teve de escrever com certo rigor aos coríntios sobre a conduta deles (#2Co 2.4), e adiou sua prometida visita a fim de que não estivesse presente para repreendê-los mais severamente do que por meio da sua carta (#2Co 1.23). Se a visita prometida não foi realizada, então não houve uma visita intermediária.

III. A DATA DAS EPÍSTOLAS

O valor da discussão deste assunto está simplesmente em reconstituir as circunstâncias que se relacionam com a redação de 1 e 2 Coríntios. Sabemos que Paulo demorou por dezoito meses em Corinto, na sua primeira visita, viajando depois, por mar, até Éfeso; visitou Jerusalém e Antioquia, percorreu os lugares da Ásia Menor onde, anteriormente, fizera trabalho missionário, voltando então a Éfeso onde demorou dois anos (#At 18.11,18-23-19.1). Escreveu de Éfeso a primeira carta aos Coríntios, talvez um ano após sua chegada ali, no ano 55 A. D. A carta foi escrita, em parte para condenar o espírito faccioso existente entre eles, fato que lhe chegou ao conhecimento por intermédio dos membros da família de Cloe (#1Co 1.11) e, em parte, para repreender os coríntios por motivo de um ato de baixa imoralidade cometido por um membro daquela igreja e contra quem eles não tomaram as medidas radicais que o caso exigia (#1Co 5.1-8); e também foi escrita para responder a respeito de certas questões, sobre as quais lhe haviam solicitado conselhos (#1Co 7.1). Parece que Timóteo já estava viajando para Corinto, quando Paulo escreveu esta carta (#1Co 16.10) de modo que esta foi levada diretamente a Corinto por algum outro portador.

Sabemos com segurança que pouco tempo após Paulo haver escrito esta carta (embora não fosse a primeira que escrevera aos coríntios, como vemos em #1Co 5.9), ele mesmo partiu para Corinto via Macedônia (#1Co 16.5). Embora tenha sido este o plano que ele estabeleceu finalmente, já havia previamente falado em ir primeiro a Corinto e, então, à Macedônia, voltando após a Corinto. Faz referência a esta intenção declarada antes (#2Co 1.15-16) porque parece que alguns ficaram ofendidos por causa da modificação do plano, e tentaram, fazendo referências aviltantes, solapar sua influência entre os coríntios. Poderíamos ainda supor que o portador que levou a primeira carta aos coríntios regressou logo a Éfeso, com informações sérias a respeito do estado daquela igreja. Em consequência disso, Paulo, em vez de visitar Corinto imediatamente escreveu às pressas uma carta (que não chegou até nós), na qual repreendeu os coríntios um pouco severamente, carta que enviou a Corinto pelas mãos de Tito. (Veja-se #2Co 2.3-4,9 e #1Co 7.5-16). Isto deixou o apóstolo muito preocupado e muito ansioso por saber, logo que possível, como os coríntios tinham reagido a tal reprovação. Tito tinha de voltar pela Macedônia; e Paulo deixou Éfeso e foi primeiro a Trôade e, depois, à Macedônia, no intuito de encontrar Tito o mais breve possível. Quando o encontrou ficou muitíssimo alegre em saber, por intermédio dele, que aquela carta severa tivera efeito benéfico, e que os coríntios haviam reconhecido

plenamente o ponto de vista do apóstolo (#2Co 2.12-14). Em consequência disto escreveu a carta que chamamos 2 aos Coríntios e enviou Tito de volta com a mesma, juntamente com outros dois irmãos (#2Co 8.16-24). Esses entregaram a epístola e também completaram o recolhimento de uma coleta que tinha sido levantada em Corinto para os crentes pobres em Jerusalém (#2Co 8.11). 2 Coríntios foi portanto escrita da Macedônia e expressou a alegria de Paulo sobre os resultados alcançados em Corinto. Nela, todavia, o apóstolo também não hesitou em ministrar-lhes as lições a respeito da "discórdia" sobre a qual se deteve nos últimos quatro capítulos (#1Co 10.1-13.10).

Esta reconstituição é apenas conjectural e não é aceita por muitos. Alguns admitem que essa carta tão severa e mencionada em #2Co 2.3 é a mesma 1 Coríntios; outros sugerem que 2 Coríntios, como a possuímos, é constituída de duas ou três divisões tomadas de epístolas diferentes, escritas por Paulo aos coríntios em diferentes ocasiões. Tais divisões distintas seriam 1 a 9, exceção feita de #1Co 6.14-7.1, e #1Co 10.1-13.10. Tal possibilidade não pode ser desdenhada e a ela nos referiremos depois. Tal ponto de vista, porém, não é absolutamente necessário, e excelentes argumentos podem ser alinhados em favor da unidade de 2 Coríntios, como esta se apresenta. Em qualquer caso, porém, a autoria de Paulo quanto ao conteúdo total é indisputável.

Eventualmente, o próprio Paulo chegou a Corinto partindo da Macedônia, onde se demorou, por três meses. Uma vez mais teve de escapar à perseguição dos judeus e deixou Corinto por terra em vez de viajar por mar, como era sua intenção a princípio (#At 20.3). Até onde é possível verificar-se, o apóstolo jamais voltou a Corinto.

IV. EVIDÊNCIA EXTERNA

Muito tempo depois, Clemente de Roma enviou uma carta à Igreja de Corinto, escrita daquela cidade. Isto ocorreu mais ou menos no ano 95 A. D. e nessa carta Clemente faz referência a uma epístola de Paulo que pode ser identificada com a 1 Coríntios. Essa referência posterior torna 1 Coríntios uma das mais bem autenticadas epístolas do Novo Testamento. Possivelmente a referência mais remota a 2 Coríntios é encontrada nos escritos de Irineu e Clemente de Alexandria, já nos fins do segundo século, mas a genuinidade da epístola jamais foi posta em dúvida.

V. A IGREJA EM CORINTO

A Igreja em Corinto foi formada a princípio de uns poucos judeus e muitos gentios, como já foi dito. Seus pontos fracos e fortes podem ser notados através do estudo das cartas que Paulo lhe endereçou. Em nenhuma dessas epístolas, contudo, nem no relato das visitas de Paulo encontrado nos Atos, nos é referido exatamente o que aconteceu na igreja e que deu lugar à severa repreensão que lhes foi aplicada. Somos informados de um caso de incesto peculiarmente vergonhoso (#1Co 5.1-5); houve também um caso de um "que fez o mal" (#2Co 7.12), se é que se trata de duas pessoas diferentes. Mas deduzimos que houve um motivo mais geral, além dos referidos, que inquietou o apóstolo, como algum movimento que lançava dúvidas sobre o seu apostolado, e lhe contrapunha um rival (#2Co 11.1-6). Não temos bastante luz sobre este assunto para, com exatidão, traçar o curso dos acontecimentos.

Tentemos chegar a uma conclusão até onde possível. Do livro de Atos sabemos que Apolo também visitou a Acaia (e certamente Corinto, a capital) e pregou ali com bastante aceitação (#At 18.28). Ele é também mencionado por Paulo elogiosamente, em 1 Coríntios -"Apolo regou" -(#1Co 3.6). E é interessante observar que o nome de Apolo foi um dos escolhidos para líder de um partido -"Eu sou de Apolo" -(#1Co 1.12). Do que lemos a seu respeito em Atos, parece ter sido um judeu culto que se tornou cristão e orador eloqüente. Evidentemente não era responsável pela criação do partido que tinha o seu nome como bandeira, nem tampouco Paulo pelo outro que tinha o seu. Timóteo, Tito e Suas também trabalharam com Paulo em Corinto (Veja-se #At 18.5 e 1 e 2 Coríntios, onde se fala deles).

Tem-se especulado se Pedro fez alguma visita a Corinto, e isto por causa da referência ao "Partido de Cefas" (#1Co 1.12). Em todo o Novo Testamento não se pode descobrir qualquer referência ou idéia de ter ocorrido tal visita. Que representaria, em particular, esse partido de Cefas? É um problema para o qual não se tem resposta certa; mas devido ao fato de o próprio Paulo em sua epístola aos Gálatas declarar: "Resisti a Pedro face a face" (#Gl 2.11), é possível que notícias dessa desavença entre eles em assunto de tanta seriedade tivessem chegado a Corinto e ali alguns ficassem do lado de Pedro. O caso teria sido, então, a estrita observância da lei judaica por todos os cristãos.

VI. PROPÓSITO DE PAULO EM ESCREVER

A índole do povo de Corinto, devido à população ser constituída de raças diversas, prestava-se a divisões partidárias. Até mesmo os crentes foram atingidos por esse espírito sectarista, ostentando os nomes dos líderes mais destacados, até mesmo o do próprio Cristo, para fazer sobressair suas várias divisões. Contra isto o apóstolo tinha de escrever de maneira muito forte, e os primeiros quatro capítulos de 1 Coríntios são destinados a salientar o mal do espírito sectário entre os cristãos. Paulo atribui a causa dessas divisões a uma falsa concepção de sabedoria, de um lado, e do ministério cristão, do outro. Essas divisões na igreja eram um mal, não somente por causa da amargura que produziam, mas também porque os mestres, cujos nomes os diversos partidos adotavam, não viviam a se opor mutuamente. Isto acontecia entre a população pagã de Corinto, onde existiam mestres de opiniões opostas. Por exemplo, Públio Élio Aristides, do segundo século informa que "em cada rua de Corinto pode-se encontrar um "sábio" que tem sua própria solução para os problemas da vida". Esse partidarismo pode ser atribuído à natural tendência entre os gregos para certa inconstância mental; também uma curiosidade em torno de mistérios, a qual se satisfazia com muitas explicações possíveis, sem necessariamente decidir sobre qual era a verdadeira (cfr. #At 17.21). Para que a comunidade cristã não seguisse tal tendência, o apóstolo escreveu energicamente: "Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós?" (#1Co 1.13).

Todavia, temos apenas considerado os nomes dos partidos mencionados em 1 Coríntios. Todos esses nomes eram de homens genuinamente bons, e a dificuldade não foi causada por eles, mas pelos próprios coríntios que usavam os nomes deles para fins sectaristas. Em 2 Coríntios encontramos uma situação diferente, porque agora um grupo de outros "apóstolos" surgiu, solapando a influência de Paulo, que a eles se refere nos últimos quatro capítulos dessa epístola. Quando os menciona, é levado a usar de grande clareza de linguagem. Mostra a atitude deles. Diziam: "Suas cartas (de Paulo), com efeito, são graves e fortes, mas a presença dele é fraca, e a palavra, desprezível" (#2Co 10.10). Contra estes Paulo tem de falar acerca de si próprio, de uma maneira que, obviamente, o fere. "Mas o que faço, e farei, é para cortar ocasião àqueles que a buscam" (#2Co 11.12); e "o que falo, não o falo segundo o Senhor e, sim, como por loucura nesta confiança de gloriarme" (#2Co 11.17). E segue uma relação de experiências de sua própria vida, que não teríamos conhecido, se esses semeadores de desordens na igreja de Corinto não tivessem dado lugar a isso. Assim, do mal resultou o bem. O que nos inspira maior interesse, ao contemplarmos esses acontecimentos, é o fato de o apóstolo ter-se conservado em comunhão com tal grupo de crentes

sectaristas. Não se separou deles, como se fossem gente intratável, mas cumpriu a ordem de nosso Senhor "não desesperando de ninguém" (ver [#Lc 6.35](#)). E em meio a essas palavras de controvérsia pessoal, podemos sentir o espírito do amor cristão e a operação do princípio proclamado em [#1Co 13](#). "Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol das vossas almas. Se bem que tanto mais vos ame, tanto menos seja amado por vós" ([#2Co 12.15](#)).

VII. DUAS CARTAS, OU TRÊS?

Façamos aqui uma digressão a fim de considerar se esses capítulos ([#2Co 10](#) a 13), na posição que ocupam atualmente, não estão deslocados, devendo então ser considerados como uma carta separada, e mesmo como a carta referida em [#2Co 2.3-4](#). Vejamos como Paulo a descreve:

"E isto escrevi para que, quando for, não tenha tristeza da parte daqueles que deveriam alegrar-me; confiando em todos vós de que a minha alegria é também a vossa. Porque no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida".

Agora, se passarmos diretamente destas palavras para o cap. 10, podemos apreciar a força do argumento acima apresentado. O cap. 10 assim começa:

"E eu mesmo, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo, eu que, na verdade, quando presente entre vós, sou humilde; mas, quando ausente, ousado para convosco, sim, eu vos rogo que não tenha de ser ousado, quando presente, servindo-me daquela firmeza com que penso devo tratar alguns que nos julgam como se andássemos em disposições de mundano proceder".

Mais adiante, em [#1Co 11.2-3](#), lemos:

"Porque zelo por vós com zelo de Deus; visto que vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo. Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva, com a sua astúcia, assim também sejam corrompidas as vossas mentes, e se apartem da simplicidade e pureza devidas a Cristo".

Tais sentimentos, pensam alguns, ajustam-se tão bem à descrição que Paulo faz da referida carta, que muitos comentadores concluem constituírem estes capítulos a carta em questão e, portanto, devem ser cronologicamente colocados antes de 1 a 9. A atual colocação, porém, é encontrada em todos os manuscritos e não aparece qualquer evidência que indique não pertencerem os quatro últimos capítulos originalmente aos primeiros nove. Portanto, a questão só pode ser discutida do ponto de vista da evidência interna, não se conseguindo unanimidade de opinião. Em defesa da correção da ordem atual pode-se argumentar que os caps. 1 a 9, embora registrem alegria, também contêm reprimenda (veja-se por exemplo #1Co 1.23). Isto indica que a reprimenda não está inteiramente fora do pensamento do autor, por isso o tom de advertência dos últimos quatro capítulos pode seguir apropriadamente a matéria dos nove primeiros. Demais disto, o tom ou linguagem de 10 a 13 não é todo de hostilidade; e pode-se dizer não ser bastante severo para justificar a alegação feita de ser uma carta de repreensão. Amor genuíno e profundo interesse assinalam esses capítulos (veja-se por exemplo #1Co 12.20): "Temo, pois, que, indo ter convosco, não vos encontre na forma em que vos quero, e que também vós me acheis diferente do que esperáveis, e que haja entre vós contendas, invejas, iras, porfias, detrações, intrigas, orgulho e tumultos". Quando se consideram essas qualidades de cada divisão, o teor geral de cada seção não é tão diferente que a última não possa vir em seguimento da primeira.

Teria o apóstolo conseguido reatar suas boas relações cristãs com a Igreja de Corinto, e também entre os membros da própria Igreja? Aqueles que colocam os caps. 10 a 13 antes dos caps. 1 a 9 podem responder: Sim. Se achamos que a ordem desses capítulos deve ser como se apresenta na carta, podemos ainda crer que Paulo, pelo Espírito Santo, teria sido uma vez mais "consolidado e confortado" como o fora nas ocasiões anteriores (veja-se #2Co 1.1-14).

VIII. O ENSINO DESTAS EPÍSTOLAS

A igreja de Corinto era, a um só tempo, fonte de alegria e de ansiedade para o apóstolo. As duas epístolas que estudamos são caracterizadas por um espírito de interesse pessoal intenso, da parte do autor, pelos crentes dali. Este interesse impediu-o de desenvolver uma linha de doutrina, como, por exemplo, na epístola aos Gálatas; ou uma apresentação sistemática do caminho da salvação em Cristo Jesus, como é o caso de Romanos (embora seja interessante recordar que a carta aos Romanos foi escrita em Corinto).

Muitos tópicos doutrinários são abordados, alguns de capital importância para a compreensão da fé cristã. Certas divisões tratam da natureza da sabedoria humana e da sabedoria divina (#1Co 1 a 4); a doutrina da conduta cristã (#1Co 5; 6; 8; 9 e 11); o conceito cristão do casamento (#1Co 7; cfr. #2Co 6.14-7.1); a instituição e significação da Ceia do Senhor (#1Co 10 e #1Co 11.17-34). Há também o ensino relativo à unidade da Igreja (#1Co 12-13; 16.1-9 e #2Co 8 e 9); sobre os dons espirituais (#1Co 14); sobre a Ressurreição (#1Co 15) e o ministério cristão (#2Co 3.1-6.10; #2Co 10.1-13.13). Desta relação pode-se constatar que uma perda muito grande a Igreja teria sofrido se estas epístolas não tivessem sido escritas ou preservadas.

1Co-1.1

I. INTRODUÇÃO 1Co 1.1-9

a) Saudações aos crentes de Corinto (1Co 1.1-3)

O apóstolo adota a forma usual de saudação grega, na qual o nome do escritor vem no princípio. Apresenta-se ele como alguém que foi **chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo** (1). Estava bem cômico de que Deus agira na sua chamada. Conhecendo a narrativa da conversão de Paulo (veja-se #At 9.1-16), podemos apreciar por que ele constantemente a ela se refere, seja diretamente (veja-se v. g. #At 22.1-16), seja indiretamente nas saudações de suas epístolas. Podemos também inferir que Paulo tinha interesse em sublinhar sua missão e autoridade apostólicas, de Deus recebidas, especialmente quando escrevia a igrejas onde, como no caso de Corinto, havia certa tendência da parte de alguns para desacreditá-las. **O irmão Sóstenes** (1). Tem prazer em juntar ao seu o nome de outro crente, pensando sempre em termos de companheirismo com outros no evangelho (cfr. #2Co 1.1 e as outras epístolas suas). (A respeito de Sóstenes, veja-se a **Introdução**). **A Igreja de Deus, que está em Corinto** (2) é a maneira notável como o apóstolo fala do grupo de crentes, homens e mulheres, de Corinto-os representantes locais da única Igreja de Deus. **Santificados em Cristo Jesus** (2), isto é, separados ou dedicados a Deus, por sua união com Cristo Jesus. O tempo do verbo no grego, correspondente à palavra "santificados", indica um estado contínuo, resultante de uma experiência anterior de santificação. **Chamados para ser santos** (2) mais uma vez indica que a posição do crente procede de Deus e não é ganha por méritos próprios (veja-se nota sobre #Fp 1.1). **Com todos os que, em todo lugar, invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo** (2). A Igreja de Cristo é universal, "católica", e contudo há um sentimento íntimo entre as

respectivas partes, entre todos os indivíduos e Cristo-**Senhor deles e nosso** (2). Podemos considerar as frases descritivas no vers. 2, que seguem as palavras **igreja de Deus**, como expositivas da doutrina da Igreja e como maneira de descrever os seus membros. Observe-se a seqüência-"de Deus", "santificados", "chamados", "invocam", "deles e nosso". A Igreja é criação de Deus, que Ele por Sua vontade criou para Si. Seus membros são santificados, postos à parte para uso de Deus; são chamados-também significando potenciados-para ser santos; e eles continuamente invocam o nome de Jesus Cristo, cientes de que outros, em outros lugares, fazem o mesmo, não se considerando eles, portanto, como sendo a Igreja toda, ou que somente eles estão de posse de Cristo. **Graça... paz** (3); a primeira é a fonte de onde emana a nossa salvação; a segunda é a recompensa da confiança pessoal em Deus. **Deus nosso Pai, e... o Senhor Jesus Cristo** (3). A associação do nome de Jesus com o de Deus o Pai, em frases incidentais como esta, oferece-nos uma garantia da fé apostólica na deidade de Jesus Cristo, mais do que o fariam declarações formais. A doutrina da Santíssima Trindade não decorre de textos isolados; cremos que ela subjaz a todo o Novo Testamento. Teremos outras ocasiões de lhe fazer referência, à medida que prosseguirmos (vejam-se especialmente as notas sobre o cap. 15).

>1Co-1.4

b) Gratidão pela graça que lhes fora dada (1Co 1.4-7)

O apóstolo afirma que rende graças a Deus continuamente pelos resultados da pregação do evangelho em Corinto, através da qual a graça divina foi aceita por muitos (4). Deus lhe havia dito: "tenho muito povo nesta cidade" (**#At 18.10**), o que se tornou para ele uma fonte de grande alegria. **Graça, que vos foi dada** (4), o que indica uma experiência definida, no passado. Resultou isto no enriquecimento (5), de acordo com o testemunho que o apóstolo dera de Cristo, o que foi então confirmado neles (6). Os crentes coríntios demonstravam plena fé cristã e viviam na expectativa da volta de Cristo (7). O apóstolo desse modo teria querido ensinar-nos a considerar esta expectativa como expressão máxima da fé cristã. E é mesmo; hoje, a negligência generalizada por este assunto indica até onde vai o nosso desvio da fé apostólica da Igreja. Cfr. a atitude dos "escarnecedores", em **#2Pe 3.3-4**.

Agradecendo a Deus a graça concedida aos coríntios, notamos que o apóstolo refere a "palavra" e o "conhecimento" como dons especiais outorgados aos crentes daquela cidade. Isto é significativo à luz do que se lê adiante nesta epístola. Por exemplo, ficamos sabendo no cap. 14 o que entendia ele a

respeito de falar línguas. Anima antes os coríntios a "profetizar", isto é, a dar expressão à mensagem do evangelho. Outrossim, nesta epístola discutem-se o verdadeiro e o falso "conhecimento" (vejam-se os vers. 18 e segs.). Os coríntios, pois, por sua atividade intelectual estavam provocando a discussão de novidades, sobre as quais havia necessidade de orientação apostólica.

>1Co-1.8

c) Confiante esperança neles (1Co 1.8-9)

Jesus Cristo vos confirmará até ao fim (#1Co 7.8). "Confirmar" significa fortalecer a graça já concedida, de modo a fazê-la durar até ao fim. O resultado será tornarem-se eles irrepreensíveis, inatacáveis, **no dia de nosso Senhor Jesus Cristo** (8), isto é, quando Cristo voltar como juiz. **Fiel é Deus** (9). Podemos confiar plenamente nas promessas divinas. Esta é a razão pela qual a confiança em Deus é a pedra de toque e a alegria do verdadeiro cristão. **Fostes chamados** (9). A certeza de que é Deus quem nos chama **para a comunhão do Seu Filho Jesus Cristo** (9) remove muitos temores oriundos da confiança própria. Este pensamento tem sido objeto da atenção de muitos mestres cristãos. A frase **comunhão do Seu Filho** é um modo de referir à Igreja, e seu uso aqui é significativo em vista dos sentimentos sectaristas que haviam surgido em Corinto, a respeito dos quais o apóstolo vai já tratar com seriedade. Os crentes devem estar em comunhão uns com os outros porque cada um deles está nessa relação para com Cristo.

>1Co-1.10

II. DIVISÕES NA IGREJA (1Co 1.10; 4.21)

a) Exposição dos fatos (1Co 1.10-17)

Os vers. 10-17 são algo chocantes. Os "santos" estão brigando uns com os outros! Como explicar isto? A santidade, no Novo Testamento, significa em primeiro lugar um estado diante de Deus, mas deve também manifestar-se em santidade de vida. Isto requer exercício voluntário e autodisciplina. **Pelo** (ou "mediante" o) **nome de nosso Senhor Jesus Cristo** (10). Trazer à lembrança o Mestre divino, eis o meio de fazer alguém envergonhar-se dos seus próprios pecados. Aliás Paulo não ousou corrigir os santos por sua própria autoridade. **Antes sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer** (10). "Mente" e "parecer" talvez se diferenciem em aquela significar

acordo de pensamento, e este querer dizer acordo em decisão ou propósito. **Fui informado pelos da casa de Cloe** (11). Alguns cristãos de Corinto estavam contristados com as atitudes sectaristas dentro de sua igreja, e apelaram a Paulo. Cloe não se menciona mais em parte alguma. **Eu sou de Paulo; e eu de Apolo, e eu de Cefas; e eu de Cristo** (12). Qual fosse o ensino particular, ou ponto de vista, de cada um destes partidos, não se pode determinar com certeza. Talvez se tratasse apenas de preferências pessoais, mas neste caso é difícil explicar a razão de ser do partido **de Cristo**. Várias sugestões têm sido apresentadas -que os **de Paulo** eram um grupo que talvez mais do que este apóstolo dava ênfase à libertação de sob o jugo da lei judaica; os **de Apolo** eram aqueles influenciados por sua retórica, provindos de Alexandria, centro de retórica judaica; os **de Cefas** podiam ser oponentes dos Paulinos, homens que se firmavam na lei e no cerimonialismo dos judeus (ver a **Introdução**); e os **de Cristo** podiam ser cristãos que arrogavam para si, de um modo exclusivo, o nome do Salvador. Tudo isto, porém, é conjectura, e em qualquer caso não interfere com a principal mensagem da seção que é evitar distinções sutis que levam a meras diferenças verbais (Veja-se outra vez **#2Co 10.7-18**).

>1Co-1.13

O apóstolo enfrenta a situação de modo muito eficaz. **Acaso Cristo está dividido? foi Paulo crucificado em favor de vós?** (13). A união dos cristãos entre si está em Cristo, e nunca será conseguida por acordo em torno de teorias. **Fostes porventura batisados em nome de Paulo?** (13). O rito do batismo podia ser mal interpretado como algo que o seu ministro pudesse realizar por virtude própria (veja-se o vers. 15). O apóstolo rende graças (nas presentes circunstâncias) por haver batizado muito poucos. **Não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho** (17). O intuito destas palavras não é depreciar o batismo, mas dar ênfase ao fato de que a pregação de Cristo, levada a efeito por ele, Paulo, não podia dar ocasião a ninguém dizer que, por ela, o apóstolo granjeava convertidos para si. E tal pregação era desataviada de retórica mundana, **sabedoria de palavras** (17), que era, nos dias de Paulo, o critério pelo qual se reconhecia quem falava bem. Ele, porém, se absteve disso, porque a força salvadora de sua mensagem não estava em sabedoria de palavras, mas na **cruz de Cristo** (17).

>1Co-1.18

b) A causa (raiz) das divisões: uma concepção errônea de sabedoria (1Co 1.18; 3.4) e do ministério cristão (1Co 3.5-4.13)

1. CONTRASTADAS A VERDADEIRA E A FALSA SABEDORIA (#1Co 1.18-2.5) -A pregação da cruz é loucura para os que se perdem (18). O homem natural, isto é, como nasce no mundo, não pode crer na séria conseqüência do pecado, e por isso não se pode compenetrar da necessidade de receber a Cristo, que foi feito pecado por nós (#2Co 5.21). Uma coisa parece loucura ao homem natural, quando não se ajusta às suas idéias preconcebidas. Para nós, que somos salvos, é poder de Deus (18). O grego tem os verbos destas duas frases assim: "Os que estão perecendo... nós que estamos sendo salvos". Cada frase representa uma classe. O Novo Testamento ensina que os "santos", isto é, os verdadeiros crentes, estão na classe dos salvos, contudo ainda não estão plenamente santificados. A santificação é um processo.

>1Co-1.20

O apóstolo agora passa a considerar a natureza e o valor da sabedoria do mundo, contrastando-a com a natureza e o valor da sabedoria que se acha em Cristo Jesus. Não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? (20). Todos os sistemas filosóficos da lavra do homem, que se alheiam de Deus ou O definem segundo a imaginação humana, acabam em nada, em loucura. "Porventura, pesquisando, poderás encontrar Deus?" (#Jó 11.7). Por sua própria sabedoria o mundo não O conheceu (21). Na última parte de #Rm 1, o apóstolo discorre longamente sobre os falsos caminhos palmilhados pelo homem. Podia-se fazer um confronto das duas passagens. Tanto é verdade que Deus é manifestado pelo universo em si (esta é a mensagem de #Rm 1) como é verdade que o homem não pode ter um verdadeiro conhecimento de Deus só pelos dons naturais (é esta a mensagem de #1Co 1). A loucura da pregação (21). Pregação aqui, no grego, significa a "mensagem". Refere-se aos simples fatos, como podíamos dizer, da história cristã, o conteúdo do evangelho. Este conteúdo parecia "loucura" (porque muito fora do comum; como o nascimento virginal, a ressurreição) aos gregos contemporâneos do apóstolo. Ainda parece loucura a muitos hoje, porque a mentalidade grega (mais ou menos racionalista) persiste na Europa. Os que crêm (21). "Crer" no Novo Testamento não implica comumente assentimento intelectual em primeiro lugar; antes é confiança pessoal adicionada a obediência. Aceitando-se os fatos do evangelho como provindos de Deus e, portanto, confiando-se neles plenamente, entra-se num estado de salvação.

>1Co-1.22

Os judeus... sinais, os gregos... sabedoria (22). Temos aí a suma das características raciais de cada classe numa palavra. Os judeus eram caçadores de milagres. Lembramo-nos da atitude de nosso Senhor para com os ditos milagres. Aliás, procurava ocultá-los. A sabedoria dos gregos era uma atividade intelectual. Ninguém nega a elevada percepção intelectual dos filósofos gregos, nem a superioridade de muitos de seus escritos. Todavia nada disto tem poder salvador para o gênero humano em sua generalidade. Algo mais é necessário, na presença do qual as lucubrações humanas mais sublimadas se mostram de nenhum poder. Esse algo é **Cristo crucificado** (23), que é **pedra de tropeço** (23) para os judeus, por várias razões. Em si mesma a cruz é sinal de ignomínia e derrota. Além disso, feria a sensibilidade da consciência judaica. Era o reverso da vitória do Messias, a estabelecer um "reino glorioso, aqui e agora".

>1Co-1.23

É **loucura** (23) para os gregos, porque não parece ter explicação intelectual. Houve porém alguns **judeus e gregos** que acharam **ser ela o poder e a sabedoria de Deus** (24). Poder de Deus porque o pecado, até aí adversário invicto do homem, foi por ela vencido; sabedoria de Deus porque mostra que Ele conhecia a verdadeira natureza do fracasso do homem e fez provisão para o mesmo. E o apóstolo conclui declarando triunfantemente que a **loucura de Deus** (como assim julgam) é **mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens** (25).

>1Co-1.26

À vista disso, não é de surpreender que **não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento** (26). As idéias deles estavam já fixas em outro canal. Pelo contrário, Deus "exaltou os humildes e os mansos". Ele escolheu **as coisas loucas... as coisas fracas... as coisas humildes... e as desprezadas, e aquelas que não são** (27-28) para mostrar Seu poder. Se Deus pode exaltar coisas que os homens rejeitaram como inúteis-tanto coisas como pessoas-então Ele é onipotente. **A fim de que ninguém se vanglorie em Sua presença** (29). O primeiro passo para a recuperação do gênero humano é descobrir que, fora de Deus, o homem não tem qualquer base para existir. Os vers. 30 e 31 resumem o pensamento do apóstolo. Podiam ser parafrazeados assim: "Vós, cristãos, entretanto, reconheceis de fato vossa dependência de Deus, porque sois filhos de Deus em Cristo Jesus, isto é, mediante Seus méritos e vossa relação com Ele. Jesus

Cristo é para nós a verdadeira sabedoria que vem de Deus; Ele também representa absoluta justiça e santidade, e completa restauração ao estado de perfeição, em nosso favor. Por consequência seguimos a verdade, como está escrito. "Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor" (Veja-se #Jr 9.23-24).

O apóstolo Paulo mesmo procedia assim.

1Co-4.1

Ministros... e despenseiros (4.1). O pensamento do apóstolo passa de um aspecto do caso para outro. Depois de dizer que os ministros em si nada são, e que é tolice alguém se proclamar adepto de um mestre humano, passa a considerar que ele e Apolo são ministros de Cristo-o nome de Jesus dá-lhes uma posição que não deve ser subestimada. Emprega a metáfora da mordomia. O mordomo (ou despenseiro), tendo irrestrito acesso aos haveres de seu patrão, precisa ser honesto tanto quanto leal ao mesmo patrão (1). A única pessoa cuja apreciação o mordomo valoriza (ou teme) é o seu senhor-a **mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós... pois quem me julga é o Senhor** (3-4). O mordomo nem sequer pode confiar no juízo que faz de si mesmo; pode não estar cômico de suas próprias falhas (4). O conselho do apóstolo, portanto, aos cristãos é no sentido de desistirem de emitir juízo uns sobre os outros, deixando o exercício desse julgamento para Cristo, quando vier, e **então cada um receberá o seu louvor da parte de Deus** (5). É parte significativa do evangelho apresentado por Paulo o fato de o Senhor vir para julgar. Uma cláusula do Credo Niceno conserva-nos de sobreaviso com relação a esta verdade -"Creio... que Ele virá em glória, para julgar os vivos e os mortos".

Deste modo o apóstolo enfatiza seu ensino concernente aos ministros cristãos. Todo o seu conceito repousa em Cristo, de quem eles são ministros. Todos os crentes pertencem a Cristo; os ministros foram instrumentos por meio dos quais creram (#1Co 3.5).

>1Co-4.6

7. O EXEMPLO DOS APÓSTOLOS (#1Co 4.6-13) -**Apliquei a mim e a Apolo** (6). Desde a primeira referência às várias divisões em #1Co 1.12, Paulo omitiu qualquer alusão a líderes, exceto ele mesmo e Apolo. De #1Co 16.12 podemos inferir que o assunto fora discutido com Apolo, e este, sem dúvida, concordou com a decisão de Paulo de usar os dois como ilustração de

fragilidade humana, a fim de mostrar aos coríntios que **não deviam ultrapassar o que estava escrito** (6). Aí provavelmente se refere às Escrituras e significa que a opinião que fazemos do homem deve ser bíblica. Podíamos ainda entender daí que "na apreciação que fazemos dos homens não devemos ir além do que se acha escrito (isto é, manifesto) no caráter deles". Exaltando **um** (digamos Paulo) **em detrimento de outro** (como Apolo) incentivavam o orgulho deles, coríntios. A tolice de tal orgulho é evidenciada nos versos seguintes. **Que tens tu que não tenhas recebido?** (7). Este pensamento corta pela raiz toda vanglória.

>1Co-4.8

Já estais fartos... (8). Paulo fala ironicamente. Tal vanglória de si mesmos como crentes não é compatível com a verdadeira espiritualidade. **Oxalá reinásseis** (8). É uma súplica fervorosa pelo advento do reino de Deus, que torna ainda mais vívida a descrição que adiante faz dos seus sofrimentos presentes. **Espetáculo** (9); é referência às disputas dos gladiadores na arena. Ele figura o mundo inteiro e até os anjos como espectadores, ao passo que os apóstolos, um grupinho fraco, são por fim introduzidos em cena para combaterem até à morte. Com certa ironia ele contrasta ainda mais as pretensões dos coríntios com a experiência atual dos apóstolos, que são desprezados e tratados como escravos. **E nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos** (12). Veja-se **#At 18.2-3** e cfr. **#1Ts 2.9** e **#2Ts 3.8**. Cfr. também **#1Cr 9.18**. (12). O apóstolo põe em prática o ensinamento de nosso Senhor no Sermão do Monte. Veja-se **#Mt 5.44**. A atitude dos coríntios, na aparência, era muito diferente. Veja-se **#1Co 6.7**. Os termos **lixo** e **escória**, no vers. 13, trazem a idéia de sacrifício. Tamanha degradação Paulo pode querer dizer que é em favor dos outros. Toda esta passagem revela a profunda simpatia do apóstolo e seu grande interesse pelos cristãos coríntios.

>1Co-4.14

c) Último apelo para pôr fim às divisões (1Co 4.14-21)

Escrevo para vos admoestar como a filhos meus amados (14). Isto mostra verdadeira simpatia de Paulo pelos coríntios. **Eu pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus** (15). Aqui ele reclama explicitamente para si ter sido o primeiro a pregar o evangelho em Corinto. Provavelmente o mesmo aconteceu com a Grécia de modo geral. Veja-se **#At 16.6-11**; **#At 18.1-18**. Pode, portanto, exigir deles justificadamente atenção e lealdade-**que sejais meus imitadores**

(16). Com efeito enviou-lhes Timóteo para lhes lembrar o que dele haviam aprendido, o que evidentemente vieram a esquecer (17). **Ensoberbeceram-se** (18). Esta palavra aliás é distintiva desta epístola, onde ocorre seis vezes (#1Co 4.6,18-19; #1Co 5.2; #1Co 8.1; #1Co 13.4). Indica uma atitude de superioridade sobre os outros, verdadeira antítese do espírito cristão. **Não a palavra, mas o poder** (19). A atitude do apóstolo para com esses tais é desafiadora. Que sejam provados e vejamos se a força de agir é tão grande como a jactância deles quer sugerir. **O reino de Deus consiste não em palavra mas em poder** (20). O que revela que somos membros desse reino é o poder de Deus em nossa vida, e não mera profissão de lábios. **Irei a vós outros com vara** (21). O apóstolo assume atitude autoritária dispondo-se a aplicar medidas disciplinares contra eles, caso seja necessário. Esta deliberação, no entanto, procede não do desejo de dominá-los, mas de real ansiedade pelo bem estar espiritual deles, como se vê das palavras seguintes, **ou com amor e espírito de mansidão** (21). A eles cabia escolher.

1Co-5.1

III. DELITOS MORAIS NA VIDA DA IGREJA 1Co 5.1-6.20

a) Frouxidão no caso de incesto (1Co 5.1-13)

O apóstolo passa de súbito a comentar a frouxidão moral dos cristãos coríntios. Primeiro é o caso notório do crente que tomou a mulher de seu próprio pai. Podemos supor que o pai já houvesse morrido; contudo, esse ato era contrário às leis matrimoniais do Velho Testamento, as quais ainda obrigavam a Igreja. Além disso era um ato que nem os gentios toleravam (veja-se o vers. 1). Mas o que mais admirava era a igreja ali aceitar a situação sem discuti-la! **Andais ensoberbecidos e não chegastes a lamentar** (2). **Eu... já sentencieiei** (3), diz ele. Este é um dos casos em cuja condenação ninguém deve hesitar; não é possível haver circunstâncias que o atenuem. Com palavras muito solenes o apóstolo instrui a igreja como deve proceder- **Em nome do Senhor Jesus... seja ele entregue a Satanás para a destruição da carne** (4-5). A igreja devia convocar uma assembléia solene e, cônica do poder do Senhor Jesus Cristo (note-se o título completo) no seu meio, entregasse a Satanás o irmão escandaloso. Paulo mesmo estaria com eles, **e o meu espírito** (4). Pode significar que empregaria o tempo em fervente oração por eles. **Seja entregue a Satanás**. O Novo Testamento ensina que Satanás é o "príncipe deste mundo" (veja-se #Jo 12.31). Contudo tem poder apenas sobre a "carne" (#Jó 2.5-6; #Lc 13.16; #2Co 12.7). Em #1Tm 1.20 lemos: "Himeneu e Alexandre, os quais

entreguei a Satanás para que aprendam a não blasfemar". Estas passagens mostram que Satanás tem permissão de Deus para infligir sofrimento físico aos homens, o que pode resultar no arrependimento deles.

Devemos admitir que hesitaríamos muito, hoje em dia, em fazer precisamente o que o apóstolo mandou que os coríntios fizessem. Podíamos desculpar-nos lembrando que a Igreja dos tempos apostólicos tinha de agir de modo especial em determinadas circunstâncias, a fim de, inequivocamente, estabelecer a autoridade do Senhor ressuscitado. Demais disto, a Igreja apostólica era uma corporação pequena, relativamente, e por conseqüência sua vida era muito mais intensa em assuntos espirituais (ou era capaz de o ser, sob a direção apostólica).

Mas, embora hoje possamos achar difícil pensar nos termos precisos aqui usados pelo apóstolo, não há razão para não tomarmos a sério e pormos em prática o conselho que ele dá, a saber, excluir da congregação os que são malfeitores notórios. Olhando o vers. 11 adiante, vemos ali uma lista de pecados que devem ser tratados desse modo. Qualquer membro da igreja que peque dessa forma deve ser francamente condenado em face da congregação, fazendo-se ver a ele que Satanás o tem preso em tais práticas, afastando-se do seu convívio os outros crentes, na esperança de que venha a descobrir a gravidade de sua situação e se arrepender, de modo que **seu espírito se salve no dia do Senhor Jesus** (5).

>1Co-5.6

Fermento (6). Aqui o termo é empregado como símbolo da natureza humana corruptível. Se um elemento de corrupção for tolerado na igreja, toda ela se corromperá. **Lançai fora o velho fermento** (7). O uso que faz dessa palavra lembra-lhe a cerimônia da páscoa, na religião do Velho Testamento, e pelo Espírito é levado a ver na mesma uma ilustração da dispensação cristã. Cristo é **nossa páscoa** (7) e foi **imolado por nós** (7). Por isso **celebremos a festa... com sinceridade e verdade** (8). Os israelitas na antigüidade ficaram de sobreaviso e se prepararam, espiritual e moralmente, para a observância da páscoa. Assim também devem estar os cristãos, em todo o tempo da presente era da páscoa de Cristo.

>1Co-5.9

Acrescenta o apóstolo, no vers. 9, que já lhes aconselhara, numa epístola anterior, a **não se associarem com os impuros**. Esclarece agora o que quis significar: não deviam admitir pessoas impuras como membros na igreja. Reconhece que os crentes, em suas relações com o mundo, não podem evitar o contacto dos impuros, avarentos ou roubadores (10). Mas, **se alguém que se diz irmão for impuro, com esse tal nem ainda comais** (11). Esta referência a uma carta anterior é muito interessante. Ao que saibamos, nada ficou dessa carta, que chegasse ao nosso conhecimento, a não ser (como alguns pensam) que **#2Co 6.14-7.1** seja parte da mesma.

O apóstolo termina sublinhando outra vez a necessidade que a Igreja tem de manter disciplina para os seus membros-**os de fora Deus os Julgará** (13). E assim, insiste com os coríntios que **expulsem do seu meio o malfeitor** (13).

1Co-6.1

b) Questões levadas a juízes pagãos (1Co 6.1-11)

Esta passagem ensina que se os crentes têm pendências uns com os outros, devem levá-las ao conhecimento de outros crentes, para serem por estes julgadas e não levá-las aos juízes pagãos (1). Mas a só existência de tais animosidades entre irmãos é índice de falta de compreensão espiritual. Os crentes que forem injuriados devem sofrer isso, e não procurar desforra (7). Cfr. **#1Co 4.12-13** onde, sem dúvida, ele teve esta situação em mente.

>1Co-6.2

Os santos hão de julgar o mundo (2). **Havemos de julgar os próprios anjos** (3). Tais afirmações surpreendentes não são invencionices de Paulo. Nosso Senhor ensina no Evangelho de Mateus que os apóstolos se sentarão "em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel" (**#Mt 19.28**). Veja-se ainda **#Ap 20.4**, "Vi também tronos e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar". Esse julgamento a cargo dos santos será também exercido nos anjos, ou seres espirituais. A crença nos anjos está, naturalmente, presente em toda a Escritura e tem sido mantida pelos cristãos através dos séculos. **#Hb 1** e **2** trata da função e posição deles.

>1Co-6.4

Constituíis um tribunal daqueles que não têm nenhuma aceitação na Igreja! (4). Estas palavras têm sido interpretadas de vários modos. Podiam ser irônicas. E podiam significar que mesmo os crentes menos aceitos são mais dignos de julgar do que os pagãos. Podiam referir-se aos pagãos, "que nenhuma aceitação" tinham na igreja. Este escritor aceita a primeira hipótese, porque o apóstolo prossegue orientando os coríntios na escolha de pessoas sensatas (5) entre eles para exercerem juízo. Pareceria, a julgar pelo procedimento estulto desses coríntios, que tais homens eram com efeito de nenhuma aceitação entre eles.

>1Co-6.9

O apóstolo prossegue avisando-os que, se continuam nos pecados que os caracterizavam antes de se converterem, **não herdarão e reino de Deus** (9-10). Os pecados enumerados aqui indicam o baixo padrão moral da vida em Corinto, antes da chegada do evangelho. **Mas vós vos lavastes... fostes santificados.... justificados** (11). O evangelho, porém, ergueu os que o aceitaram para uma nova posição diante de Deus. Entretanto os velhos pecados apegavam-se firmemente neles e alguns não se haviam ainda aproveitado do poder do Espírito Santo que opera na vida dos crentes, para lançarem fora tais pecados. Pode haver aqui uma referência ao rito do batismo (cfr. #At 22.16). Santificação e justificação são aspectos da regeneração.

>1Co-6.12

c) O pecado da sensualidade (1Co 6.12-20)

O vers. 12 contém toda a filosofia a atitude cristã para com as coisas terrenas. (Usamos a palavra "terrenas" em lugar de "mundanas". A primeira significa o que por natureza pertence a esta vida aqui na terra; a segunda significa civilização humana desenvolvida pelo homem sem referência a Deus). **Todas as coisas são lícitas**, diz o apóstolo, **mas nem todas convêm**, ou não são proveitosas; e mais, embora lícitas, ele tem cuidado para não **se deixar dominar por elas**. Pode, portanto, não convir, às vezes, participar de algumas dessas coisas terrenas; e em tempo algum a condescendência com elas deve levar à escravização.

Ora, é claro que os folguedos e a impureza se associavam intimamente à idolatria; os que usavam sua liberdade com relação a uma dessas coisas podiam reclamar igual liberdade a respeito de outra. Paulo então mostra que o

princípio de liberdade, apresentado no vers. 12, não se aplica a coisas definitivamente ruins em si mesmas. Com relação ao alimento, este e o corpo foram feitos um para o outro, e ambos eventualmente perecerão ou "serão reduzidos a nada" (gr. lit.). Comer ou não comer é, pois, matéria neutra. A impureza, entretanto, pertence a um gênero de todo diferente. O corpo não foi feito para ela, **mas para o Senhor** (13), como se prova pelo fato de Deus nos levantar na ressurreição (14). Os corpos dos crentes são de fato **membros de Cristo** (15), por uma união espiritual com Ele (17), pelo que devem ser instrumentos para o Seu uso. Como pode um crente condescender na entrega do seu corpo a uma meretriz? Porque a impureza é nada menos que isso (16). Fugi, pois, da impureza, diz o apóstolo (18). Todo outro pecado é fora do corpo, mas este o atinge, cumprindo ter cuidado especial para evitá-lo. Em outras palavras, o crente é habitação do Espírito Santo e no sentido mais profundo não se pertence a si mesmo (19). Um resgate de alto preço foi pago por ele; deve pois glorificar a Deus por isso, fazendo-se, no corpo e no espírito, instrumento de Deus (20). Note-se como o apóstolo repete a frase **não sabeis?** (**#1Co 15-16,19**), lembrando-lhes assim o orgulho que tinham da plenitude do seu conhecimento e sabedoria cristã.

Esta passagem proporciona-nos a doutrina cristã a respeito do corpo e prepara-nos para a crença na sua ressurreição, que nos é apresentada cabalmente no cap. 15. Também esboça o princípio de liberdade cristã, assunto que volta a ser tratado no cap. 8 (veja-se). O fato básico, que governa o exercício da liberdade cristã, é que o crente foi remido pelo precioso sangue de Cristo, e assim Lhe pertence. Sua dedicação a Cristo é mais profunda do que anteriormente ao "mundo", ao qual pertenceu antes de ser resgatado.

1Co-7.1

IV. RESPOSTAS A PERGUNTAS 1Co 7.1-14.31

a) Casamento (1Co 7.1-40)

1. A OPINIÃO PARTICULAR DO APÓSTOLO SOBRE O CASAMENTO (**#1Co 7.1-9**) -Passa o apóstolo a responder perguntas formuladas pela igreja dos coríntios. A primeira delas diz respeito ao casamento e aos deveres recíprocos de marido e mulher. Afirma **claramente ser bom o homem não tocar mulher** (1). Para ele, o companheirismo que em Cristo tinha com os demais crentes satisfazia plenamente a necessidade humana de companhia, a que o casamento normalmente supre. Com efeito, ficava mais do que

satisfeita, porque para o apóstolo o companheirismo cristão ou espiritual era até mesmo mais profundo do que o casamento. Contudo, reconhece que "por causa da tentação para a imoralidade" (2) existente numa cidade pagã como Corinto, havia fortes razões pelas quais seus sentimentos pessoais nessa questão deviam ser desatendidos. Paulo, aqui, não faz um conceito menos digno do matrimônio. Está escrevendo na contextura de um estado de coisas existente. O que ele diz deve ser interpretado dentro dessa contextura. Passa a dar conselho concernente ao estado matrimonial. Um homem e uma mulher ligados pelo casamento têm o dever de atentar para as necessidades um do outro. Um falso ascetismo pode realmente dar oportunidade a Satanás de levar um ou outro ao pecado. **Isto vos digo como concessão** (6). Na ARC se lê "por permissão". Não quer ele dizer que tem permissão, porém não mandamento, do Espírito para dizer isto; senão que sua sugestão, para que os homens e as mulheres se casem, não deve ser vista como ordem, e sim apenas como permissão. Seu verdadeiro desejo é declarado no vers. 7. Contudo aqui novamente ele observa que os homens e as mulheres têm capacidades e dons variados, de modo que ele seria o último a julgar um irmão ou a insinuar, por pouco que fosse, sua própria superioridade.

>1Co-7.9

É melhor casar do que viver abrasado (9). O apóstolo declara aqui graus de moralidade cristã—é melhor casar, porém o melhor é ficar solteiro, de modo a pessoa poder dedicar-se inteiramente a Cristo. Daí teólogos católicos terem elaborado a teoria do "padrão duplo", isto é, um padrão para os cristãos comuns, e outro para os "experimentados". O sistema monástico nasce desta concepção. O ponto de vista evangélico de Cristianismo prefere não fazer tal distinção, porque ela conduz inevitavelmente à crença de que os "religiosos" adquirem méritos, o que é contrário ao princípio básico da redenção, como compreendido pelos evangélicos. Embora não se negue que o sistema monástico tem levado alguns dos seus membros a um grau elevado de santidade e à realização de obras admiráveis por Cristo, a opinião evangélica é que, apuradas as contas, o sistema resvala para o lado oposto. O fato de a Igreja Romana ensinar abertamente haver méritos no monasticismo parece justificar a opinião evangélica sobre esta matéria. Embora não tenhamos que hesitar em dizer com Paulo que certo modo de agir é superior espiritualmente a outro, devemos evitar a sistematização e a formação de institutos de gente "superior". A discussão destes assuntos constitui o escopo da teologia moral e ascética.

>1Co-7.10

2. MANDAMENTO DIVINO CONTRA O DIVÓRCIO (#1Co 7.10-11) -O apóstolo declara, em termos categóricos, que o voto do matrimônio vigora por toda a vida. E tem o cuidado de lembrar aos coríntios o ensino de Cristo sobre esta questão. **A mulher não se separe do marido (se, porém, ela vier a separar-se, que não se case)... o marido não se aparte de sua mulher** (pensando em casar com outra). O apóstolo interpreta o ensino de nosso Senhor, portanto, como permitindo a separação, porém não o divórcio.

>1Co-7.12

3. ACERCA DE CÔNJUGES INCRÉDULOS (#1Co 7.12-16) -**Digo eu, não o Senhor** (12). Paulo agora passa a tratar de um problema que não fora objeto de nenhum mandamento específico de nosso Senhor. Que fazer quando um cônjuge é crente e o outro ainda é pagão? Devia haver muitos casos desses em Corinto, como ocorrem hoje constantemente no campo missionário. Aconselha os cristãos a não se separarem do cônjuge incrédulo, a não ser que este voluntariamente vá embora (#1Co 12; 13; 15). Tal conselho nos impressiona de pronto, por sua caridade e espírito cristão. O apóstolo tece outros comentários: **O marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos** (14). Os comentadores não são acordes sobre o sentido destas palavras. Querirão dizer que o incrédulo ou a incrédula em razão de sua união conjugal com uma crente ou um crente, participa com o cônjuge fiel de uma posição de santidade diante de Deus e, além disso, que os filhos nascidos de tal união (e **a fortiori**, da união de dois crentes) são de algum modo santos (i. e., isentos da mancha do pecado original)? Significarão que, por serem santificadas as relações com o cônjuge inconverso, no mundo subjetivo do pensamento e vida do crente, nada há de mal em manter tais casamentos já existentes, aos quais se refere? Se as relações, dessa forma, não fossem santificadas, então os filhos, por igual, seriam uma ofensa a Deus (**impuros**), porém **agora são santos**, isto é, não há mal que lhes pegue por serem filhos de tal casamento "misto". Ou, ainda, significarão simplesmente que, por ser Cristo mais forte que Satanás, o cônjuge fiel exercerá uma influência dominadora no lar, introduzindo, neste, dose elevada de santidade, de modo que, de fato, os filhos que aí se criem são santos? Este escritor subscreve esta terceira alternativa, visto a mesma estimular os cônjuges crentes à evangelização dos seus familiares.

>1Co-7.15

Se, no entanto, o cônjuge infiel deliberar se apartar, **que se aparte** (15), diz o apóstolo. O vínculo matrimonial não exige do crente um esforço por conservar essas relações sob tais circunstâncias. Não há certeza de resultar daí a salvação do marido ou da esposa descrente (16). Conclui reconhecendo que se deve decidir cada caso individual à luz dos dons e da vocação recebida de Deus, de sorte que essa decisão seja tomada, por fim, entre o indivíduo e seu Senhor (17). Vejam-se os vers. 7,20 e 24 onde o mesmo pensamento aparece.

>1Co-7.17

4. É NECESSÁRIO PERMANECER NO ESTADO EM QUE FOMOS CHAMADOS (#1Co 7.17-24) -Paulo ensina: cada indivíduo tem seu próprio dom ou posição na sociedade que a divina providência lhe concedeu. Deve procurar viver para a glória de Deus no lugar em que o Senhor o colocou, e não procurar ou esperar grande mudança porque se tornou cristão. E vêm como exemplos: circuncisão ou incircuncisão (18); servo (escravo) ou livre (20). A atitude cristã é permanecer a pessoa no seu estado particular, no que concerne à aparência exterior, porém permanecer **nele diante de Deus** (24). Isto é o que faz toda a diferença, relativamente ao sentido que o "estado" tem para a pessoa em causa. A circuncisão, por exemplo, nada é em si, nem a incircuncisão é impedimento algum. O essencial é observar os mandamentos como apresentados por Cristo (19). Outrossim, aquele que ao ser chamado era escravo, não se preocupe com isto; embora que, se lhe oferecerem liberdade, deve aproveitar-se da oportunidade. Esta questão de posição social não é o que importa. Porque o escravo cristão é espiritualmente livre em Cristo, e o livre faz-se voluntariamente servo de Cristo quando se torna crente. **Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens** (23). As primeiras palavras são um eco de #1Co 6.20. Uma vez que pertencem a Cristo, os crentes não mais seguem servilmente o juízo humano em assuntos que tais. O espírito cristão transcende os empecilhos terrenos, ciente de que as circunstâncias da vida estão todas sob a direção de Deus.

>1Co-7.25

3. UM PROBLEMA ESPECIAL: O CASAMENTO DE VIRGENS (#1Co 7.25-40) -Existe alguma dificuldade em descobrir se Paulo se dirige aqui a pessoas casadas que se abstiveram da consumação física do casamento, ou se responde à pergunta "Devem os pais cristãos dar as filhas em casamento?" o

que parece ser o sentido. Vejam se especialmente os vers. 36-38. Se a passagem for interpretada do primeiro modo a resposta é a seguinte: o homem que acha ser mais prudente casar tem toda a liberdade de fazê-lo. Se, entretanto, pode permanecer firme no seu propósito-e sua consorte também então **faz melhor** (38) Este escritor, no entanto, vê na passagem a resposta à pergunta atinente à responsabilidade dos pais na questão do casamento de suas filhas. Respondendo, Paulo aproveita a oportunidade de lembrar e repetir o que disse antes sobre o casamento em geral e acerca da necessidade de se glorificar a Deus naquela condição de vida em que Ele nos encontrou. **Estás casado? não procures separar-te. Estás livre de mulher? não procures casamento** (27). Este princípio aplica-se às mulheres tanto quanto aos homens, e nos versos seguintes é desenvolvido em sua dupla aplicação. O celibato deve ser preferido, contudo o apóstolo percebe perfeitamente que todos não receberam esse dom. Se todas as circunstâncias sugerirem que a uma filha se deve dar consentimento para casar, que se case. Todavia as que forem capazes de ficar solteiras, farão melhor (36-38).

O ensino da passagem, no seu todo, é bastante claro. Desestimula para o casamento, no interesse de maior serviço cristão. O apóstolo que, naturalmente, estava bem informado sobre como marido e mulher podiam colaborar, cada qual adornando o serviço do outro, torna claro que está exprimindo sua opinião pessoal-**dou minha opinião** (25) -tendo o cuidado de não ser dogmático ou de estabelecer regras fixas e rígidas. **O tempo se abrevia** (29), isto se refere provavelmente à esperança da volta de nosso Senhor e certamente encerra a idéia de que a oportunidade de servi-lo cedo passará. Este não é tempo **de cuidar das coisas do mundo** (33-34) e de dar primazia à mulher ou ao marido, como fazem as pessoas casadas. Trabalho pioneiro muitas vezes demanda sacrifícios especiais, havendo ainda tarefas, no campo missionário da atualidade, que só podem ser executadas por pessoas livres de laços ou responsabilidades de família.

>1Co-7.30

Os vers. 30 e 31 desenvolvem o pensamento de que aqueles que servem ao Reino devem se desvencilhar de cuidados e ambições mundanas. Choramos por causa de perdas ou contrariedades. Alegramo-nos porque de alguma forma alcançamos êxito. Compramos e acumulamos conforto e riqueza para nós mesmos. De todas estas maneiras demonstramos que nossas afeições estão postas em coisas da terra. A ordem de Paulo, aqui, é exatamente a mesma que foi dada aos cristãos de Colossos: "Pensai nas coisas lá do alto" (#Cl 3.2). Os

valores e qualidades espirituais é o que de fato perdura. **A aparência deste mundo passa** (31), todas aquelas coisas exteriores em que tanto nos interessamos.

A seção conclui respondendo outra pergunta a respeito de novo casamento das viúvas. Enquanto o marido vive, a mulher está ligada a ele. É esta a posição **legal**, e presumivelmente se estende ao caso da separação sugerida no vers. 15. Mas, se o marido morre, a mulher fica livre para casar de novo. Contudo, mesmo assim, não se deve precipitar. Seu novo casamento deve ser feito **no Senhor** (39). E no entender de Paulo, não somente será ela mais feliz evitando novo consórcio, porém ele dá este conselho como quem está convencido de que isto é o que o Espírito Santo quer que ele ensine.

1Co-8.1

b) Carnes sacrificadas aos ídolos (1Co 8.1-11.1)

1. O PRINCÍPIO ENUNCIADO (#1Co 8.1-13) -Neste capítulo o apóstolo trata de um problema nascido das circunstâncias dos tempos em que os coríntios viviam, a respeito do qual lhe fizeram indagações por carta. Os alimentos vendidos publicamente no mercado podiam ter-se relacionado antes com o culto dos ídolos. Era direito os cristãos se servirem de tais alimentos? Paulo aproveita a ocasião para enunciar um princípio, a saber: embora a vida se derive de Deus, restrições que se lhe imponham podem ser necessárias ao crente, com o fito de se evitar escândalo para um irmão mais fraco, isto é, evitar que ele tropece.

O saber ensoberbece, mas o amor edifica (1). Estudantes de filosofia estarão familiarizados com várias teorias sobre o saber. O apóstolo, como universitário que fora, estava a par de tais teorias correntes no seu tempo. Mas nos primeiros três versos deste capítulo indica que a fé em Deus entra como fator de nosso modo de pensar, o qual determina toda a nossa atitude para com a vida. O mero saber enche de soberba, mas genuíno amor pelos outros leva a pessoa a procurar a edificação deles. Sem este amor, o saber é um fator anti-social. Demais disto, deve-se ter o cuidado de reconhecer que ninguém pode saber tudo com perfeição (vers. 2), porque todas as coisas têm sua última essência em Deus, e o finito não pode abarcar o infinito. Todavia, embora não possamos conhecer a Deus perfeitamente, podemos **amá-lo**. Donde se segue a certeza de que Ele nos conhece, com tudo quanto este conhecimento implica (3).

>1Co-8.4

O ídolo nada é (4). Feita a advertência o apóstolo volta ao ponto referido no vers. 1. Têm razão em ensinar que todos os ídolos e, com efeito, todos os chamados deuses e senhores, nada são (4). Há um só Deus (6). Este verso é qual uma declaração formal de fé, e muitas vezes se usa como exemplo de credo da igreja primitiva. Contudo, é dificilmente um credo, como hoje entendemos o termo, isto é, uma declaração formal de fé, expendida autorizadamente pela Igreja. Com o fim de enfrentar este problema particular e sob a inspiração do Espírito Santo, Paulo resume com estas palavras, para os seus leitores, a unicidade do Pai do Filho. De quem... pelo qual (6). Ele distingue a relação do Pai e a do Filho para com a criação. O Pai é a origem de tudo; o Filho dá sentido a todas as coisas. Nesta conexão, veja-se #Cl 1.16-17.

>1Co-8.7

Não há esse conhecimento em todos (7). Os que não têm esse conhecimento sobre a unicidade de Deus reagirão de modo diferente diante de um ídolo. Uma vez que acreditam neste, suas consciências ficarão turbadas e com razão, se eles usarem alimentos que lhe foram oferecidos.

Toda esta passagem se dirige aos que se regozijavam em estar emancipados dessa escravidão. Com o fim de demonstrarem sua liberdade (9), provavelmente se sentiam seguros para se afastar da norma e servir-se dessa carne, julgando que esse testemunho os recomendava a Deus. Paulo opõe-se a esta idéia: a participação ou a abstenção não fará melhores ou piores aqueles que estão livres de superstição (8). Contudo, sua liberdade pode vir a ser um tropeço para os fracos (9). Uma advertência entretanto devia ser feita. Irmãos ainda não bem firmes na fé podem ver um companheiro cristão sentado a comer no templo dos ídolos e se persuadirem, contra sua própria consciência, a participar também dessas coisas oferecidas aos ídolos (10). Para eles isto equivaleria a participar do culto idolátrico. Deste modo sua vida e seu testemunho cristãos se arruinariam (11). Fazer um crente manchar sua consciência desta forma é pecar contra Cristo que por ele morreu (11-12). Por isso é que se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne (13).

O ponto levantado neste capítulo, embora se refira à situação particular em Corinto, é de interesse permanente para os crentes. Lança luz, por exemplo,

sobre a questão do jejum. O apóstolo podia ensinar claramente que o simples jejum, desacompanhado de uma disposição espiritual para com Deus, é inútil. Ele próprio jejuara muito- "em jejum muitas vezes" (#2Co 11.27) -mas fora por necessidade, no curso de seu trabalho para o Reino. Também se aplica esse princípio com referência, por exemplo, a prazeres ou entretenimentos-que para nós são inocentes, mas que podem escandalizar os crentes "novos". Se com o nosso comportamento descuidado ofendemos a consciência deles, **pecamos contra Cristo** (12). É sério pensar nisto.

1Co-11.1

Meus imitadores, como também eu sou de Cristo (11.1). Os outros deviam imitá-lo nisto: em ser ele imitador de Deus nesta questão de não dar escândalo, a fim de que muitos fossem salvos.

>1Co-11.2

c) Culto público-os princípios em jogo (1Co 11.2-14.40)

1. HOMENS E MULHERES NA CONGREGAÇÃO-SUAS DIFERENTES POSIÇÕES (#1Co 11.2-16) -Nesta seção Paulo dá instruções a respeito da conduta própria dos cristãos, homens e mulheres. Embora à primeira vista algumas de suas declarações sejam difíceis de compreender (veja-se v. g. vers. 10), todavia, se refletirmos na passagem, podemos ver a importância do seu ensino geral e sua necessidade hoje. Os costumes sociais que fornecem o fundo de cena para o pensamento dele são, naturalmente, diferentes dos nossos; mas os fatores envolvidos são os mesmos, a saber, modéstia, propriedade, ordem.

>1Co-11.3

Cristo é o cabeça de todo homem (3). Este vers. coloca a matéria toda em sua perspectiva própria. Paulo enuncia um princípio, grande e básico, da ordem da criação, e aplica-o na solução da matéria em apreço. **Cabeça coberta** (4). Cobrir a cabeça é sinal de sujeição. O homem, criado à imagem de Deus (7), não precisa "cobrir-se" na presença das outras criaturas (talvez inclusive os anjos), mas é apropriado às mulheres fazerem assim, visto que, por desígnio de Deus, ela é sujeita ao homem. **Rapada** (6). Uma mulher rapar a cabeça naqueles tempos, era sinal de vergonha ou desgraça, indicativo de que a tal era adúltera. **A mulher para o homem** (9). O conceito que a Escritura faz do

casamento é tal que, apesar de a mulher dever obediência a seu marido, os deveres deste para com sua esposa defendem-na de ser dominada arbitrariamente por ele (veja-se v. g. #1Pe 3.7).

>1Co-11.10

Portanto deve a mulher trazer véu na cabeça (10), como "sinal de autoridade" (ARA). Tem havido muitas interpretações para este vers. difícil. A mais simples parece também ser a mais natural. O vers. precedente declarou que a mulher se originou do homem e foi criada por causa dele. Cobrir a cabeça era um modo de reconhecer (ou era um "sinal" de) esta ordem divina na obra da criação, símbolo da autoridade do seu marido. Por causa dos anjos (10). Para nós é uma frase de sentido obscuro, mas provavelmente era bem compreendida pelos cristãos coríntios da época. Alguns relacionam este vers. com a narrativa da união dos "filhos de Deus" com "as filhas dos homens" em #Gn 6 (onde a Septuaginta tem *angeloi* pelos "filhos de Deus"), mas a razão de tal referência aqui não é muito clara. Uma interpretação mais simples é a que vê aqui uma referência ao fato de os judeus e a Igreja Cristã primitiva pensarem que os anjos estavam presentes em suas reuniões de culto. Onde estiverem reunidos, santa e ordeiramente, cada adorador deve mostrar que reconhece a ordem da criação divinamente estabelecida. Paulo reforça seu argumento apelando para o costume natural e o senso comum. Não vos ensina a própria natureza (14). Devemos pois traduzir seu conselho em termos aplicáveis aos costumes de hoje em dia, a fim de garantirem condições que, semelhantemente, produzam modéstia, propriedade e ordem.

>1Co-11.17

2. A OBSERVÂNCIA DA CEIA DO SENHOR (#1Co 11.17-34) -Paulo agora passa ao importante assunto do modo de observar a Ceia do Senhor na Igreja. Nos tempos apostólicos era, com regularidade, precedida da "festa do amor" (gr. *agape*), a fim de, sem dúvida, estabelecerem um confronto mais estreito com a última Ceia. Como era de praxe, cada membro levava sua comida. Contrastando com as reuniões sociais costumeiras, ricos e pobres se juntavam nessas festas cristãs, de modo que tinha de haver considerável disparidade nas quantidades de alimento que uns e outros forneciam. Mas, ao invés do repartirem os alimentos com todos, cada qual conservava para si a parte que tinha levado, com o vergonhoso resultado descrito no vers. 21. E assim as tais festas, que tinham o intuito de fomentar sociabilidade, falhavam inteiramente

neste objetivo, e o apóstolo a bem dizer aconselhou a suspensão delas (veja-se o vers. 22).

Por causa desses abusos, Paulo declara que não pode louvar os coríntios nesse particular (17), em contraste com o elogio que lhes fez por observarem as ordenanças (tradições) que lhes entregara (veja-se o vers. 2). Volta a referir à existência de partidos entre eles (18), acrescentando: **até mesmo importa que haja partidos (heresias) entre vós para que também os aprovados se tornem conhecidos em vosso meio** (19). Heresia não é somente sustentar uma opinião errônea, mas é escolhê-la definitivamente e tomar posição a seu lado. O propósito de Deus, consentindo essas facções, é tornar manifestos aqueles que são **aprovados por Ele**. Paulo então declara: o que eles fazem, quando se reúnem, não é absolutamente celebrar com propriedade a Ceia do Senhor (20). Permitindo excessos, deixando que, alguns saiam dali com fome, e envergonhando os membros mais pobres da congregação, com isto **menosprezam a Igreja de Deus** (22). Esta frase pode ser relacionada com o vers. 29, tendo-se em mente que estoura **vos reunis na Igreja** (18) não se refere, naturalmente, a ajuntamento num templo, mas descreve a natureza especial e solene dessa reunião. O que se condena em toda esta passagem é deixar de **discernir** ou formar opinião sobre o corpo (isto é, a Igreja) quanto ao seu verdadeiro valor.

>1Co-11.23

A narrativa completa que o apóstolo faz da instituição da Ceia do Senhor (note-se que ele declara tê-la **recebido do Senhor**) é a fórmula que a Igreja desde então tem usado na celebração desse rito (23-25). O vocábulo "eucaristia" vem da palavra grega que significa **dar graças** (24) e às vezes se emprega em lugar de Santa Comunhão. **Isto é o meu corpo** (24). Toda idéia "carnal" de participação fica excluída pelo fato de o Senhor estar vivo quando disse essas palavras, isto é, foi antes de sua morte. O **corpo** e o **sangue** de Cristo são recebidos de uma maneira espiritual. **Fazei isto** (24). Estas palavras não estão em Mateus e Marcos; a ordem fundamenta-se, pois, no testemunho de Paulo. Suas palavras pressupõem que a prática vigorava na Igreja e compreende-se que procederam do próprio Senhor. **Em memória de mim** (24-25). A repetição é impressionante e nos dá a razão escriturística para a observância da Ceia do Senhor. Sua finalidade é fazermos recordação do Salvador, em todos os eventos de sua vida, mas principalmente de sua morte por nós na cruz; e, em recordá-lo, sentirmos sua presença conosco. A santa Ceia é, pois, uma "recordação" de Cristo e uma "comunhão" com Ele.

Testamento (25) é o mesmo que "concerto". Os termos "Velho Testamento" e "Novo Testamento" derivam-se deste versículo. **Anunciais** (26). É o mesmo verbo usado em **#1Co 9.14**. A celebração desta ordenança é, portanto, o "grande anúncio da morte de Cristo" e um testemunho ao mundo a respeito da devoção dos cristãos ao seu Senhor, e da confiança deles na Sua morte **até que Ele venha** (26). **Réu do corpo...** (27). Este vers. é um solene aviso contra os que participam irrefletidamente da Ceia do Senhor. Essas palavras significam que esses tais são réus de um crime cometido contra a santidade do corpo e do sangue do Senhor, colocando-se destarte do lado dos inimigos de Cristo, que o crucificaram. Este memorial nos foi dado pelo próprio Cristo; o abuso dele leva à **condenação** (29) ou "juízo". Deve-se notar que **indignamente** (27-29) é uma coisa, "indignos" é outra, e tais nunca deixaremos de ser. O sentido exato do vers. 30 é obscuro. Pode ser interpretado metaforicamente, como a descrever a incompetência espiritual deles, coríntios; ou pode relacionar-se com o "juízo" do vers. 29 e interpretar-se como descrição dos males físicos que resultam dos excessos deles, sendo sinais externos do juízo de Deus. O vers. 31 urge que estejamos atentos sobre nós mesmos-nossos motivos e pensamentos-**sendo castigados** (disciplinados), porém não **condenados** (32). O apóstolo termina exortando que dirijam aquelas reuniões da Igreja de um modo decente e ordeiro, prometendo-lhes que discutirá ainda o assunto quando da próxima visita que lhes fizer (33-34).

O fato de Paulo ter dedicado tanto espaço à doutrina concernente à Ceia do Senhor mostra sua importância na vida cristã. Ao mesmo tempo, façamos dela uma idéia justa, sem exagero. Fora dos Evangelhos e desta Epístola, há muito poucas referências a esta ordenança. Sua instituição por nosso Senhor e o mandamento para que a celebremos em sua memória leva-nos a colocá-la no centro da nossa vida cristã. Contudo, concentrar nela nossa vida devocional é subverter o equilíbrio espiritual e, como sabemos da história da Igreja, isso conduz a erro grave e superstição.

1Co-15.1

V. O EVANGELHO DA RESSURREIÇÃO 1Co 15.1-58

a) Sumário dos fatos (1Co 15.1-19)

O apóstolo agora vai tratar de um dos mais gloriosos temas de todos os seus escritos-a certeza da ressurreição dos crentes. **O evangelho** (1). Notem-se seus pontos cardeais. A morte de Cristo **pelos nossos pecados** (3). Sua sepultura e

ressurreição (4). O tempo do verbo no grego indica o estado de Cristo presentemente ressurreto. Estes eventos são fatos da história que aconteceram **segundo as Escrituras** (3-4), isto é, em cumprimento de profecias do Velho Testamento. **A menos que tenhais crido em vão** (2). Isto antecipa o argumento que ele vai apresentar. Essa declaração é puramente hipotética e vem expressa mais amplamente no vers. 17.

>1Co-15.5

A multidão de testemunhas da ressurreição (porque foi uma multidão em relação com o que se exige ordinariamente para que um testemunho seja válido) é trazida à lembrança (5-8). Esta passagem é a declaração escrita mais antiga que possuímos da evidência histórica da ressurreição de Cristo. **Depois disso** (6-7); **depois de todos** (8). A relação das testemunhas parece estar em ordem cronológica. Os Evangelhos registam nove aparições distintas do Senhor ressuscitado. Não há, fora daqui, outra referência bíblica à aparição aos quinhentos de uma vez e à outra a Tiago. Visto que nos Evangelhos nosso Senhor não foi reconhecido por seus irmãos e, nos Atos, Tiago aparece como apóstolo, a referência a esta aparição especial é significativa. **Um nascido fora de tempo** (8). Paulo contrasta sua conversão com a dos outros apóstolos. A conversão destes foi o resultado de longa convivência com Cristo. A dele foi uma experiência súbita e esmagadora. **Não sou digno de ser chamado apóstolo** (9). Cfr. **#Ef 3.8**. A uma palavra de sentido arrependimento pela perseguição que antes movera à Igreja segue-se o gozo maior na **graça de Deus** que o habilitou a trabalhar **muito mais do que todos os outros**. **O que sou** (10); não "quem sou". Parece que ele se refere a caráter e dotes adquiridos.

>1Co-15.12

Como afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? (12). Chegara ao conhecimento de Paulo que se ensinava uma falsidade na igreja sobre o assunto em foco. Cfr. **#2Tm 2.17-18**. Sabemos que os atenienses rejeitaram a idéia da ressurreição (veja-se **#At 17.32**), e Corinto podia ter recebido a influência dessa atitude dos gregos. Entre os convertidos judeus, também, podia haver alguns que se tinham deixado influenciar pela atitude dos saduceus. Cfr. **#At 23.8**. O objetivo de Paulo é mostrar que essa negação é contrária aos fatos e indicar quais são as implicações lógicas da mesma.

>1Co-15.14

Se Cristo não ressuscitou (14). Ou melhor, "Se Cristo não foi levantado", e assim em toda esta passagem. A ressurreição faz parte do evangelho (4-12). Mas negar a ressurreição humana envolve negar a de Cristo (16). Mostra-se claramente o que isso implica para eles e para os apóstolos. Sua esperança de salvação é vã (14-17; cfr. o vers. 2) e os seus mestres, em cuja palavra confiaram, não apenas estavam enganados, porém deliberadamente apresentaram um falso testemunho (15). **De Deus** (15); no gr. *kata*, "contra". Paulo quer dizer que ele estava atribuindo a Deus uma falsidade, interpretando-O mal, e assim apresentando algo "contra" Ele. Além do que, se não há ressurreição, os que morrem confiados em Cristo estão realmente no mesmo nível dos animais brutos que perecem (18). Temos também de admitir que Deus nos deixa esperar de Cristo o que nunca será realizado-situação esta deplorável. **Os mais infelizes de todos** (19). Quer dizer que os crentes nesta vida negam a si o que o povo chama prazer, e no além não gozam de nenhuma felicidade.

>1Co-15.20

b) Conseqüências dos fatos (1Co 15.20-34)

Mas agora Cristo ressuscitou (20). Paulo arreda de si aquelas hipóteses e volta ao fato sólido da ressurreição. **Em Adão... em Cristo** (22). Este contraste entre o velho e o novo, entre Adão como representante da humanidade caída, e Cristo como cabeça de todos os remidos, é um tema favorito de Paulo. De uma forma ou de outra aparece em certo número de suas epístolas (cfr. **#Rm 5.12-19**; **#Ef 4.22-24**; **#Cl 3.8-11**). Mais adiante neste capítulo ele volta a este pensamento. **Cada um por sua própria ordem** (23). Paulo indica uma **seqüência** nos acontecimentos que leva ao fim (cfr. **#1Ts 4.13-17**), porém não indica intervalos de tempo. Nos vers. 24-28 ele conduz nossas mentes além das fronteiras do espaço e do tempo para a vitória final de Cristo a culminar em Deus sendo **tudo em todos** (28). Note-se como o pronome pessoal "ele" nestes versos às vezes se refere a Deus o Pai, outras vezes se refere a Deus o Filho. "Convém que ele (Cristo) reine, até que ele (Deus) haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés (dele, Cristo)... Claro é que (Deus) está excetuado, o qual pôs tudo sob (Cristo)... O próprio Filho se sujeitará a (Deus) que tudo pôs sob (Cristo)". A relação entre Cristo e o Pai, expressa nesta passagem, é do maior valor para nós na formulação da doutrina da Santíssima Trindade. Temos aí uma amostra da "subordinação do Filho" -para usarmos o termo teológico-mas isto não colide de modo algum com a crença na plena deidade de Cristo, o qual participa com o Pai da "substância" da Divindade. A

"subordinação" diz respeito ao ofício, não à pessoa. A referência é à obra de Cristo como Redentor e como Rei no reino de Deus. Ele foi designado para essas funções pelo Pai (27). Cfr. #1Co 3.23.

>1Co-15.29

Os que se batizam pelos mortos (29). Esta é uma frase difícil, que tem sido interpretada de muitas maneiras. Alguns vêem aqui referência a um costume local, de pessoas se batizarem vicariamente, em favor de algum parente ou amigo que morrera crente em Cristo, mas sem ter recebido o batismo. Sabe-se que tais batismos houve no segundo século. Entretanto, relacionavam-se principalmente com seitas heréticas, não havendo referência a tal prática nos dias do apóstolo. Se é este o sentido, deve-se notar que Paulo de modo algum se associa a esses batismos, nem seus leitores. Refere-se na terceira pessoa àqueles que praticam esse rito, e seu objetivo é simplesmente mostrar que o que eles ensinam (isto é, negando a ressurreição) está em contradição com o que fazem (visto que os mortos não se aproveitam desse auxílio). Outros explicam interpretando a frase assim: "os que se batizam por causa dos mortos", isto é, como resultado do testemunho que deram enquanto vivos, ou ao morrerem. Então a inconsistência estaria no próprio ato do batismo, e a ênfase seria ao seu simbolismo de morte e ressurreição. Sentido semelhante se obtêm caso suponhamos que neste versículo Paulo está pensando no simbolismo do batismo, e não se está referindo absolutamente aos que morreram fisicamente. A pessoa que se batiza reconhece que está morta com Cristo, e neste sentido o batismo é apenas "pelos mortos" (Cfr. #Rm 6.1-11, onde este pensamento é desenvolvido). Segundo este parecer, a frase **pelos mortos** é aí colocada por Paulo somente porque ele quer fazer, por força, os leitores recordar esse simbolismo.

>1Co-15.31

A esperança da ressurreição também explica a disposição dos cristãos de suportar sofrimentos neste mundo. **Dia após dia morro!** (31). O corolário, aí implícito, é que ele também, dia após dia, ressurge para a vida. Contraste-se isto com o **amanhã morreremos** (32) e a concepção materialista e epicurista da vida, que Paulo ironicamente sugere que teríamos de adotar, caso a ressurreição não fosse um fato. **Como homem** (32); "humanamente falando". **Lutei com feras** (32). Sem dúvida o sentido aqui é figurado, da feroz oposição que ele enfrentou. No grego a palavra é uma só-"lutar com feras". **Más conversações** (33). É citação de um poeta grego, Menandro. Ou melhor: "As más companhias corrompem os bons costumes". Reconhecendo bem a

natureza corruptora da doutrina que ele está combatendo, Paulo encerra a seção apelando para uma vida justa. **Alguns ainda não têm conhecimento de Deus** (34), o que é evidência de uma igreja "mesclada" ou confusa.

>1Co-15.35

c) A natureza do corpo ressurreto (1Co 15.35-49)

O apóstolo usa fatos muito conhecidos da natureza para mostrar a razoabilidade da crença numa forma mais elevada de vida no estado de ressurreição. Raciocina "por analogia". Deve-se compreender bem que ele não procura provar a ressurreição nestes versículos. Trata do caso da pessoa que concorda com a lógica do seu argumento anterior, mas se inquieta com as indagações apresentadas no vers. 35. **Insensato!** (36). Com três analogias, mostra que a identidade da matéria é preservada numa variedade de formas. O trigo continua sendo trigo, quer sob a forma de semente, quer sob a de planta; a carne continua sendo carne, seja humana, seja de alguma outra espécie de animal; a matéria é a mesma, quer exista na terra, quer no sol, na lua ou nas estrelas. Toma a última ilustração para dar ênfase ao ponto. A diferença só existe na forma, **em glória** (41). Assim também o corpo ressurreto difere do corpo natural. Como se semeia a semente, assim o homem nasce; como morre a semente, assim o homem; como a semente passa a nova vida como planta, assim o homem ressurge em glória. Os termos **natural** e **espiritual** não devem ser entendidos como expressão da "substância" de que os corpos são feitos, mas como a dar ênfase à sua adaptabilidade. O "corpo espiritual" de algum modo germina do "corpo natural", embora que o desenvolvimento seja glorioso além de nossa compreensão, e o "corpo espiritual" é perfeitamente adaptado à vida plena de um espírito glorificado. Este contraste entre a vida natural e a espiritual leva-o outra vez a contrastar Adão, **ser vivente**, com Cristo, **espírito vivificante** (45). O contraste é traçado com alguns pormenores (45-49). O vers. 49 pode ser lido como na ARA "devemos trazer também a imagem do celestial". Isto combina com o método de Paulo de insistir que comecemos logo a "vestir-nos de Cristo", e a perfazer sua analogia com esta aplicação prática.

>1Co-15.50

d) Imortalidade (1Co 15.50-58)

As duas esferas havendo sido claramente discernidas, resta estabelecer a antítese entre elas e mostrar como vencê-las. **Digo-vos um mistério** (51); isto é, algo que esteve oculto, mas agora está revelado. Paulo deixa aqui a esfera

do conhecimento natural, onde a analogia é possível, e descreve a futura vinda de Cristo do ponto de vista de um crente aqui na terra (cfr. #1Ts 4.13-18). Por analogia ele já mostrou que os que morreram **serão ressuscitados incorruptíveis**. Por revelação, apresenta o corolário disso, a saber, os que estiverem vivos à vinda de nosso Senhor **serão transformados** (52). **Trombeta** (52). Usava-se a trombeta para transmitir ordens, como hoje se usa o clarim. É empregada aqui metaforicamente, mas com referência ao seu uso no Velho Testamento (veja-se #Êx 19.16). **Tragada foi a morte pela vitória** (54). É citação de #Is 25.8. A morte é pintada aqui como um monstro, incapaz de reter suas vítimas, vendo-se frustrada no seu intento com relação aos que estiverem vivos na vinda de Cristo. Esta vitória em que Paulo se regozija, considerando-a já presente, vem **por nosso Senhor Jesus Cristo** (57). **O aguilhão da morte** (56). Veja-se #Os 13.14. Leia-se #Rm 4 e 5, onde Paulo desenvolve seu ensino referente ao pecado, à lei e à morte. O pecado dá à morte o seu poder, e ele mesmo deriva da lei a sua força. **Sede firmes** (58). Outra vez aqui a aplicação prática da doutrina. As palavras **em vão** reportam-nos à sua hipótese original. Porque os coríntios não tinham crido em vão (cfr. vers. 2), podem ficar certos de que o seu trabalho, no Senhor, não será debalde. A fé na ressurreição, portanto, torna-se a maior proteção contra a instabilidade e o maior incentivo para o serviço.

1Co-16.1

VI. INSTRUÇÕES FINAIS 1Co 16.1-24

a) Contribuição sistemática (1Co 16.1-9)

A coleta para os santos (1). Destinava-se aos pobres de Jerusalém e fora idealizada com prazer pelo apóstolo. Cfr. 2Co, cujos capítulos 8 e 9 tratam largamente deste assunto. Veja-se também #At 24.17. **No primeiro dia da semana** (2). Parece que esse dia já tinha significação especial para os cristãos. **Ponha de parte e vá juntando**. Ou colocassem de parte, em casa, uma quantia proporcional ao que tivessem recebido, ou por outra a trouxessem à tesouraria central da igreja. Em qualquer caso, é claro que a insistência é pela contribuição regular e proporcional. **Aqueles que aprovardes** (3). A razão desse cuidado é exposta em #2Co 8.20-21. **Devo percorrer a Macedônia** (5). O apóstolo não refere o local onde está, ao escrever esta carta. Esse local é dado como sendo Éfeso, no vers. 8, onde, apesar de todas as dificuldades, havia tremendas oportunidades que demandavam sua presença.

>1Co-16.10

b) A respeito de Timóteo, Apolo e Estéfanos (1Co 16.10-18)

Os vers. 10 e 11 lançam luz sobre o caráter de Timóteo, do qual temos uma idéia estudando as cartas que Paulo lhe escreveu. O apóstolo mostra-se muito solícito pelo bem-estar do seu "filho muito amado". O vers. 12 mostra que, apesar das divisões na igreja, Paulo de modo algum desconfiava de Apolo. Talvez este se mantivesse à distância, para que sua posição não se agravasse. Veja-se também a **Introdução**.

>1Co-16.13

Sede vigilantes... (13-14). Estas palavras soam como exortação final da Epístola. Voltando à idéia de que tudo se faça **com amor**, mostra estar convencido que nisso está a solução de todas as dificuldades práticas daquela igreja.

>1Co-16.17

Estéfanos... Fortunato... Acaico (17); membros da comunidade cristã de Corinto, os quais haviam trazido notícias dessa igreja, e podem ter sido os portadores da carta que continha as várias perguntas a que Paulo procurou responder. Regressando, devem ser reconhecidos como auxiliares de Paulo e seus colaboradores no evangelho.

>1Co-16.19

c) Saudações e oração final (1Co 16.19-24)

O apóstolo é um traço de união entre os cristãos de diferentes lugares; transmitindo saudações de um grupo para outro, dá ênfase à solidariedade que mantêm entre si. Áquila e Priscila estiveram com ele em Corinto e agora lhe fazem Companhia em Éfeso. **Ósculo santo** (20). Era um método oriental de saudação, que aquela Igreja adotava. Ainda é usado, em ocasiões especiais, na Igreja Ortodoxa Oriental. **De próprio punho** (21). Parece que era costume de Paulo acrescentar por último uma saudação de seu próprio punho, como para autenticar suas cartas. **Se alguém não ama ao Senhor** (22). Amor pessoal a Jesus Cristo é a essência do Cristianismo. **Anátema** (22). Palavra grega que significa "posto de lado", ou, com maior ênfase, "amaldiçoado". **Maranata** (22). É provavelmente palavra aramaica, significando "Vem, nosso Senhor!". A bênção final é distintamente paulina.

W. C. G. PROCTOR

II CORÍNTIOS:

(Veja também "As Epístolas aos Coríntios".)

2Co-1.1

I. TRIBULAÇÕES E VIAGENS RECENTES DO APÓSTOLO 2Co 1.1-2.13

a) Saudação (2Co 1.1-2)

É interessante comparar as sentenças introdutórias desta epístola com as de 1 Coríntios. Notamos a omissão da palavra "chamado" na frase "chamado... para ser apóstolo" (#1Co 1.1). A frase assim mais extensa convinha a uma primeira carta. Semelhantemente, ele se referira aos coríntios, na primeira carta, como "chamados para ser santos" (#1Co 1.2). A posição e vocação deles estão já bem claras e, por isso, não é necessário repeti-las. São simplesmente **a igreja de Deus que está em Corinto** (1). Na primeira carta o apóstolo generaliza mais as relações da igreja de Corinto, estendendo-as a "todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (#1Co 1.2). Aqui dirige a atenção deles para os cristãos que lhes ficavam perto-**todos os santos em toda a Acaia** (1). É bom lembrar aos crentes a conveniência da camaradagem com outros que lhes sejam vizinhos, assim como os laços que os prendem, em Cristo, aos que estão longe.

>2Co-1.3

b) Deus conforta o Seu povo (2Co 1.3-11)

Em seguida, Paulo fere a nota predominante desta Epístola-a necessidade de reconciliação uma atitude misericordiosa de uns para com os outros, uma consolação mútua-e isto ele faz referindo Deus como o **Pai de misericórdias e Deus de toda consolação** (3). As experiências pessoais recentes que tivera em Éfeso (ver #1Co 15.32; #At 19) dão significação especial às palavras dos vers. 4 e 5. **Manifestam-se em grande medida** (5). Para o apóstolo, sofrer por Cristo constituía o maior gozo, por fazê-lo sentir-se mais achegado ao Senhor; e sua experiência constante era que, em tais casos, a graça de Deus se mostrava tanto mais transbordante (ver também #2Co 4.10). **Os mesmos sofrimentos** (6). O apóstolo atribui aos coríntios, em face da indiferença geral, os mesmos

sentimentos de dor e aflição que ele próprio experimentara, e também confia que agora eles gozem a mesma consolação concedida por Deus. **A nossa esperança a respeito de vós está firme** (7). A uma pessoa que tenha estado caída por certo tempo é de grande auxílio, para sua reabilitação, que seus companheiros tenham dela um conceito elevado. **Desesperado até da própria vida** (8). O tumulto em Éfeso fora uma ameaça à vida do apóstolo (ver **#At 19**), mas essa experiência fizera-o reconhecer uma vez mais que sua segurança estava nas mãos de Deus. **Sentença** (9). Pelo que dizia respeito à sua natureza humana, a morte parecia inevitável.

>2Co-1.12

c) Paulo nega que tenha sido volúvel (2Co 1.12-22)

O testemunho da nossa consciência (12). As epístolas, assim como os Atos, mostram que Paulo era coerente, em consciência, nas suas maneiras de agir. **Simplicidade e pia sinceridade** (12). O grego tem "santidade e sinceridade de Deus" (ARA) isto é, a santidade e a sinceridade que Deus concede em Sua graça. **Sabedoria carnal** (12). Ver notas sobre **#1Co 1.18-25** e **#2Co 2.6-16**. **Nenhuma outra coisa** (13). O apóstolo ensina e escreve as mesmas coisas coerentemente. **Vossa alegria** (14). Parece que ele sentia, de modo especial, uma relação espiritual íntima com os coríntios e, falando desse modo, espera que se regozijem a seu respeito, assim como ele próprio se alegra acerca deles. **Dia do Senhor Jesus** (14); é uma expressão de sentido geral, do triunfo manifesto de Cristo como Salvador e juiz. Resume tudo quanto se ensina na Escritura sobre a segunda vinda e o juízo.

>2Co-1.15

Segundo benefício (15). Paulo esperava visitar Corinto, seguir daí à Macedônia e regressar a Corinto, dando assim duas oportunidades a esta cidade (ver a **Introdução**). Alguns cristãos dali se ressentiram de o apóstolo haver falhado em realizar esse plano. **A carne** (17). Falta de firmeza para executar uma tarefa é característica de "homens carnis". Paulo afirma enfaticamente que não é homem de duas palavras, "sim e não". **Deus é fiel** (18). No tocante ao nosso Deus, não há que desconfiar, e Paulo toma para si o mesmo padrão elevado. A pregação do Evangelho entre eles, levada a efeito por Paulo, Silvano e Timóteo, fora uma coisa positiva e definida. Porque em Cristo todas as promessas de Deus se realizam. Deus, igualmente, diz ele, **nos confirmou convosco** (21), e **nos ungiu** (21), e **nos selou** (22); isto é, Deus

imprimiu em nós a sua marca, como propriedade sua. Deu-nos o **penhor do Espírito em nossos corações** (22), isto é, o pagamento do sinal, ou uma amostra do poder do Espírito Santo.

>2Co-1.23

d) Razões pessoais de não ter visitado Corinto (2Co 1.23-2.4)

Para vos poupar (23). Paulo adiou sua visita para que suas comoções serenassem, e não hesita em empregar linguagem calculada a persuadir os homens quanto à sua sinceridade. **Domínio** (24). O apóstolo não pretende exercer autoridade definitiva sobre os coríntios, no tocante à fé; antes, nivelasse a eles como irmão nessa mesma fé. **Fé** (24). A palavra grega traz as idéias de confiança pessoal e obediência.

2Co-2.1

Voltar (2.1). Tanto quanto saibamos do Novo Testamento, somente há certeza de duas visitas a Corinto. Portanto o verbo **voltar**, aí, podia ter interpretação mais ampla e ser tomado como referência a uma comunicação recebida de Paulo, quer por carta (não existe mais?), quer por um recado. **Escrevi** (3). Isto favorece a idéia de que houve uma carta que hoje se considera perdida (ver a **Introdução**).

>2Co-2.5

e) O Apóstolo exorta ao perdão (2Co 2.5-13)

Se alguém causou tristeza (5). Paulo não é bem explícito aqui na censura, demonstrando assim, como cristão, um espírito benévolo. Os crentes não devem guardar lembrança de afrontas recebidas e já perdoadas. Pela versão ARA deste versículo, nota-se que Paulo afirma ser a ofensa prejudicial à igreja toda. Pode sugerir que à igreja não havia tomado aquela vergonha suficientemente a sério. **Deveis, pelo contrário, perdoar-lhe** (7). O crente deve sempre estar pronto a perdoar (como foi perdoado por Deus). Isto concorda com o ensino de nosso Senhor. **Consumido por excessiva tristeza** (7); desaconselha castigo muito severo. **Confirmeis** (8); Isto é, "ratifiquéis", leveis sem falta o arrependido a saber que está plenamente reabilitado. Podemos inferir dessas palavras que essa restauração se faria recebendo de volta ao convívio da igreja, como pecador arrependido. Foi por isso também que vos

escrevi (9). A "carta perdida" evidentemente exortava que se tratasse com a devida caridade o caso aflitivo, cujos pormenores nos são desconhecidos. **Na pessoa de Cristo** (10); o grego tem "na presença de Cristo" (ARA) significando a certeza de que Cristo estava presente, aprovando. A frase implica "agindo em lugar de Cristo", e é mais uma referência à restauração oficial do ofensor por Paulo, agindo este em lugar de Cristo, Rei e Cabeça da Igreja. **Satanás** (11); o adversário obteria vantagem sobre a igreja se perdurassem sentimentos de severidade.

>2Co-2.12

Trôade (12). O apóstolo lembra suas recentes viagens para que os coríntios saibam ter ele estado todo o tempo procurando só fazer a vontade de Deus, e não estava faltando à promessa de visitá-los, como podia parecer a qualquer observador superficial. A narrativa de **#At 20** é muito breve, sem pormenores. Relata simplesmente que Paulo, depois do tumulto de Éfeso, "partiu para a Macedônia. Havendo atravessado aquelas terras, fortalecendo-os com muitas exortações, dirigiu-se para a Grécia, onde se demorou três meses" (**#At 20.1-3**). A presente epístola foi escrita da Macedônia durante o tempo referido nesses versículos.

>2Co-2.14

II. A NATUREZA DO MINISTÉRIO CRISTÃO 2Co 2.14-6.10

O apóstolo interrompe de súbito a narrativa para falar da natureza do ministério cristão. Podemos supô-lo muito perturbado em espírito acerca dos coríntios, como teriam recebido suas repreensões, mandadas na "epístola perdida". Mas, pensando nisto, é levado a ver a natureza maravilhosa do ministério que Cristo lhe cometeu, e então passa a falar sobre ele. Fazendo assim, glorifica a Deus que "concedeu tais dons aos homens" (**#Ef 4.8**), e também ergue o nível da disputa, entre si e os coríntios, a um plano elevado.

a) O Evangelho triunfa (2Co 2.14-3.6)

Graças a Deus (14). Em suas cartas Paulo acha continuamente motivo de dar graças. Nesta epístola cfr. **#2Co 8.16-9.15**. **Conduz em triunfo** (14). Pode ter surgido na mente do apóstolo o costume antigo de conduzir em marcha triunfal os adversários vencidos. Assim, alegra-se ele por ser o crente "conduzido em triunfo" por Cristo. **Fragrância** (14) é uma palavra

originalmente relacionada com os sacrifícios, e aqui é introduzida ao lembrar-se Paulo do incenso que se usava nos préstitos triunfais. O apóstolo tem espalhado por toda a parte o conhecimento de Deus, assim como o turiferário disseminava a fragrância do incenso. Mas a pregação da palavra produz um duplo efeito. Aos que aceitam a mensagem e são **salvos** (15), ela traz vida; aos que se recusam a ouvi-la, seu efeito é **cheiro de morte** (16), visto como em consequência dessa recusa eles **se perdem** (15). **Suficiente** (16). Apercebendo-se Paulo de tão poderosa influência que dele emana, reconhece humildemente sua insuficiência e sua dependência de Deus (veja-se também **#2Co 3.5**). **Muitos que corrompem a palavra de Deus** (17). O apóstolo de modo algum atenua o rigor da mensagem do evangelho para fazê-la mais aceitável ao pensamento humano. Tal processo, aliás já começara em seus dias. **Em Cristo** (17). Toda a vida, pensamento e ações de Paulo centralizavam-se em Cristo. Esta forma de expressão é sua favorita (cfr. **#Gl 2.20**).

2Co-3.1

Cartas de recomendação (3.1). Sobre essa prática de recomendar mestres a outras igrejas, veja-se **#At 18.27**. Parece que alguns mestres haviam visitado Corinto, levando tais cartas, talvez escritas pelos presbíteros de Jerusalém. Paulo aqui argumenta que a posse de tais documentos não garantia a verdade do ensino do mestre que os exibisse. Meio melhor de julgar o mestre era o fruto do seu trabalho. Assim, os que se haviam convertido por seu ministério em Corinto eram sua carta, a qual, se devidamente lida, era suficiente recomendação. Do uso da expressão **outra vez** (1), repetida em **#2Co 5.12**, pode parecer que os mestres seus oponentes estavam acusando-o de se haver recomendado a si próprio, e então lembravam que essa credencial não inspirava muita confiança, comparada com as cartas de que eram portadores. Mais adiante, em **#2Co 10.12**, Paulo faz voltar contra eles essa acusação. **Carta de Cristo** (3); frase impressionante, que se refere à mensagem proclamada pelo testemunho da vida do crente quando dirigido pelo **Espírito do Deus vivente**. O pensamento leva a uma referência ao velho concerto, que também fora escrito por Deus, cujas leis apelavam ao sentimento exterior dos homens. Contrasta-se então isto com o novo concerto, que é operação íntima, do reino da mente e do espírito. **Tábuas de carne...** (3); melhor dito, "tábuas que são corações de carne", o que torna mais clara a referência a **#Ez 11.19**. A frase inteira lembra **#Jr 31.33**. **Nossa suficiência vem de Deus** (5). O ministro nada é (ver **#1Cr 4**); Deus é quem opera eficazmente. Neste e no vers. seguinte, Paulo responde a pergunta que fez em **#2Co 2.16**. **Testamento** (6); o grego tem "concerto", aliança (ARA). A Bíblia fala do "antigo concerto" e do

"novo concerto" descrevendo a lei, de um lado, e do outro lado o dom divino da graça mediante Jesus Cristo. **Letra... espírito** (6). Estas palavras contrastam a primeira dispensação com a última. O Judaísmo fora a observância de uma lei, mas o Cristianismo consiste em viver uma vida. Um ministério de preceitos devia ser mortal devido à incapacidade de o homem conformar-se ao que estava escrito ("a letra"); porém a mensagem de salvação traz vida por meio do espiritual ou do vivificante, qualidades que o Espírito Santo outorga ao evangelho. Paulo tem ainda em mente aqui passagens como **#Jr 31.31-34** e **#Ez 11.19-20**.

>2Co-3.7

b) A glória do evangelho é maior e patente (2Co 3.7-4.6)

Ministério da morte (7). Referindo-se deste modo à lei de Moisés, o apóstolo lembra que a morte foi o que resultou do fracasso do homem em guardar a lei. Apesar disso, a instalação desse ministério foi acompanhada de muita glória-a glória do Sinai, e igualmente a que se refletiu no rosto de Moisés. A razão disso é que a lei revela a vontade de Deus. **Maior glória** (8). O dom da vida será ainda mais abundante para a glória de Deus, porque agora a misericórdia e o amor se combinam com a justiça no conhecimento que o homem tem de Deus. **Condenação... justiça** (9). Sob a lei, o homem foi condenado por causa de sua provada injustiça. Em Cristo, ele recebe uma justiça, não sua própria, justiça que é perfeita à vista de Deus. Esta é ministrada com muito maior glória. **Ousadia no falar** (12). O apóstolo não usa de meios termos em sua pregação; nem precisa dar uma forma aprimorada ao que diz. A mensagem do evangelho é de extrema e urgente necessidade, pelo que dispensa enfeites humanos. **Véu** (13); é referência a **#Êx 34.32-35**. **Terminação** (13). A idéia na mente do apóstolo parece ser que Moisés velou a face para que os israelitas não vissem a transitoriedade da dispensação (inaugurada daquela forma) com o desvanecimento da glória. Falharam, porém, em perceber tanto o propósito da lei como a dispensação nova e maior que se seguiria. **Em Cristo é removido** (14). Paulo recebeu de Deus a comissão especial de proclamar a plenitude de Cristo, isto é, que Ele era o cumprimento ou o "fim" (ver **#Rm 10.4**) da lei; de sorte que quem tivesse Cristo tinha, nEle, toda a justiça reclamada pela lei. (Este tema é mais desenvolvido em Gálatas e Romanos). **O Senhor** (17), isto é, o Senhor Cristo. Paulo parece empregar aqui a palavra **Espírito** no sentido em que a empregou nos vers. 6 e 8 acima, de modo que permanece ainda o contraste implícito com a "letra". **Há liberdade** (17), isto é, a consciência da natureza repressora e condenadora da lei é dissipada. Os crentes não mais

desejam quebrar a lei; estão imbuídos do espírito dessa mesma lei. **Mudados** (18); a ARA tem "Mas todos nós, com o rosto desvendado, contemplando como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, como na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito". Isto ensina que o homem que se voltou para Cristo e O reflete em sua vida, é transformado mais e mais em glória, por Cristo, que é o Espírito. A lei contém a mente do Espírito.

2Co-4.1

Não desfalecemos (4.1). O apóstolo, estava sempre ciente da glória do ministério do evangelho, e certo de que os seres humanos, por si mesmos, eram indignos dele; daí tornar a dizer que Deus dá a graça (ou misericórdia) para o ministério, e assim sustenta a glória deste com o Seu poder. **Não andando com astúcia** (2). Nenhuma argumentação humana serve para recomendar o evangelho ao mundo; isto se torna astúcia, inevitavelmente. **Tratando enganosamente a palavra de Deus** (2). O verbo grego traduzido "tratando enganosamente" reitera a idéia de astúcia, isto é, a manobra humana com um fim em mira, que não é a verdade; cfr. **#2Co 3.12** acima. A frase **a palavra de Deus** pode-se interpretar em sentido amplo, como revelação de Deus. Que se refere aqui primeiramente à mensagem do evangelho, não há dúvida; mas também se refere à revelação de Deus no velho concerto, que serve de painel de fundo ao evangelho; e assim podia, em última instância, interpretar-se (por nós hoje) como se referindo à Bíblia toda. **Recomendando-nos à consciência de todo homem** (2). O evangelho recomenda-se a todos, exceto aos malfeitores voluntários, e o crente deve ser pessoa cuja vida todos possam recomendar. **Encoberto** (3). A palavra "encoberto" é a mesma usada em **#2Co 3.13**, (punha véu), e o pensamento se liga àquela passagem. **O deus deste século** (4). A referência é à ordem temporal presente. A Bíblia atribuí este papel a Satanás (Ver **#1Co 5.5**). **A luz da glória do evangelho de Cristo** (4). O trabalho do deus deste mundo tem por objetivo desviar da luz os homens. Paulo outra vez chama atenção para a "glória" do evangelho, talvez tendo ainda em mente o ministério da lei. **Imagem de Deus** (4). "Ninguém jamais viu a Deus: o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou" (**#Jo 1.18**). Em **#1Co 11.7**, Paulo declara que o homem é "a imagem de Deus", voltando o pensamento a **#Gn 1.26**. O pecado deslustrou essa imagem em toda a humanidade; mas é vista de novo, perfeitamente, em Cristo. **Brilhe a luz** (6); é referência a **#Gn 1.3**. Cristo, a luz do mundo (**#Jo 8.12**) brilha no coração do crente. Iluminação espiritual acompanha a regeneração, e esta por sua vez origina-se em Cristo. A idéia do versículo no

argumento de Paulo é que Deus foi quem brilhou; portanto, toda incredulidade no homem deve-se não à obscuridade da mensagem, mas à deliberada hostilidade do mesmo homem. Porque a verdadeira luz agora resplandece, Paulo proclama-a.

>2Co-4.7

c) O tesouro celestial em vasos de barro (2Co 4.7-18)

O vers. 7 torna a expressar a verdadeira origem e poder do ministério cristão. O ministro é **vaso de barro**. Ver **#2Co 3.5**, acima. **Abatidos** (9). A vida de Paulo era cheia de aflições. Todavia, a despeito de seus sofrimentos, sabia que podia ser muito pior. Não permite que sua fé seja abalada. **Levando no corpo o morrer de Jesus** (10). Era assim que o apóstolo podia interpretar as aflições que suportava ministrando no nome de Cristo. Seu Mestre sofrera grandes aflições nos dias de sua vida na carne, e o discípulo está pronto para experimentar os mesmos dissabores; porque neles e por eles sente consigo a presença de Cristo, transformando tais aflições mortais em retumbante vitória. Assim sendo, **também a vida de Jesus** (10) se manifesta no corpo do discípulo, isto é, nas suas experiências terrenas. O vers. 11 reitera o pensamento. **Morte... vida** (12). A vida árdua do apóstolo contrasta-se com o fruto de salvação manifesto em seus convertidos.

>2Co-4.13

Eu cri (13). No grego esse verbo tem a mesma raiz da palavra "fé". Confiança pessoal em Deus conduz a testemunho por Ele, ainda que isso inclua nova narrativa das aflições. O salmista tivera a mesma experiência. (Ver v. g., **#Sl 116.9-11**). **Por amor de vós** (15). O apóstolo torna a expressar seu desejo pessoal da salvação dos coríntios. **Homem interior** (16). O espírito de Paulo revigorava-se mais e mais nos seus trabalhos por Cristo, a despeito do esgotamento físico a que as aflições o submetiam. Os vers. 17 e 18 expressam confiança no cuidado de Deus pelo crente. Não contém uma "filosofia do sofrimento", isto é, não explicam a causa ou o propósito do sofrimento, mas afirmam, sim, o conhecimento seguro da realidade das coisas eternas, em face das quais as temporais são de somenos importância (cfr. **#Rm 8.18**). Uma riqueza de sentido está no uso que ele faz da frase **nossa leve aflição** (17), com que descreve tudo quanto sofrera.

2Co-5.1

d) A casa terrestre e a celestial (2Co 5.1-10)

O cap. 5 está intimamente relacionado com o precedente, e desenvolve mais a idéia da glória eterna do crente, em contraste com sua presente vida temporal. **Da parte de Deus um edifício** (1). Paulo entra em maiores particularidades, quando trata da ressurreição pessoal dos crentes, do que a maioria dos outros escritores do Novo Testamento. A casa terrestre do espírito do homem é comparada a um **tabernáculo**, ou "tenda", mas a casa celestial, a um **edifício** (1). **Céus** (1); isto é, as regiões espirituais onde Deus habita. O plural é de uso judaico. A Escritura com essa palavra descreve-nos o "lugar" e o "estado" da alma em bem-aventurança. Não é incorreto dizer que nada está revelado a respeito do céu, a não ser a felicidade dos que, por Cristo, são levados para lá. Isto basta como estímulo da fé. **Não por querermos ser despidos** (4). Paulo não deseja morrer, senão experimentar "vitória sobre a morte" o que vai ser a sorte feliz dos crentes que estiverem vivos na vinda de Cristo (ver **#1Co 15.50-55**). **Foi o próprio Deus quem nos preparou para isto** (5). Deus preparou os crentes para a vida no céu, e essa vida incluirá existência "no corpo". **Enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor** (6). A íntima união com Cristo, após a morte, ou em Sua vinda, em comparação com a qual esta vida pode ser descrita como um estar "ausente" dEle, é o que leva o apóstolo a fazer esta declaração. **Fé... vista** (7). Estas palavras indicam a diferença entre os dois estados. **Por isso nos esforçamos** (9). Note-se que o apóstolo não deixou que a contemplação do estado celestial lhe paralisasse as mãos para o trabalho de Cristo, o qual precisa ser realizado nesta vida terrena. **Tribunal** (10). A palavra grega, aí, significa "trono para a concessão de prêmios" e era empregada com relação aos jogos olímpicos. O "trono do juízo de Deus", em **#Ap 20.11**, é uma palavra diferente. A idéia de galardão para os fiéis aparece claramente no ensino de nosso Senhor (veja-se v. g. a parábola dos Talentos, **#Mt 25.14-30**), e também nos escritos em geral do Novo Testamento. A palavra **compareçamos** (10), também, sugere um comparecimento para receber prêmios, não para juízo. Pode ser traduzida "sejamos conhecidos" (cfr. vers. 11). O vocábulo grego **receba** (10) tem sentidos vários, como "suprir", "levar", "ganhar". O sentido, pois, seria que os crentes, trabalhando por Cristo, podem realizar algumas coisas **boas**, e outras **más** (lit. "sem valor"). A espécie de cada uma será revelada quando "nos manifestarmos perante o tribunal de Cristo".

>2Co-5.11

e) O ministério da reconciliação (2Co 5.11-6.10)

O apóstolo passa a indicar o efeito do ministério cristão nas vidas de homens e mulheres que atendem ao evangelho. E roga aos seus leitores que aceitem a reconciliação que Deus providenciou mediante Cristo. **Temor do Senhor** (11); isto é, reverência para com Deus. **Persuadimos** (11). Nossa argumentação é com os homens, diz ele, porém Deus conhece nossa mente íntima. **A vossa consciência nos reconheça** (11). Neste ponto Paulo parece voltar ao pensamento de **#2Co 3.1-2**. Espera que os coríntios percebam a sinceridade do seu ministério. É isto que deve recomendar seu trabalho perante eles. Cfr. **#2Co 10.18**. **Gloriarmos** (12); lit. "vangloriades". Alguns tinham insinuado nos coríntios o desprezo por Paulo e seus companheiros, porque estes viviam em tais aperturas. Mas um exame da vida íntima do apóstolo dar-lhes-á toda a resposta de que precisam para transmitir àqueles cuja ufania se limitava a exterioridades. Cfr. **#2Co 10.7** e ver a nota sobre **#2Co 10.12**. Pelo vers. 13 o apóstolo provavelmente leva os coríntios a saber que, pareça ele louco ou não, é ministro de Deus, não o afetando a opinião que dele façam os seus detratores. Talvez estas palavras visem a responder a duas críticas diferentes. Alguns possivelmente dissessem que ele era um extático; outros, que era demasiadamente moderado, sóbrio, um morto em vida.

>2Co-5.14

Os vers. seguintes dão-nos um conhecimento valioso da compreensão que o apóstolo tinha da morte de Cristo. Começa dizendo que **o amor de Cristo nos constrange** (14); isto é, o amor que Cristo mostrou pela raça humana, morrendo por ela, faz que se robusteça a lealdade do apóstolo por tão grande Salvador. Se Cristo morreu assim **por todos** (14; lit. "em lugar de todos"), devem todos considerar-se como havendo morrido também; porque Cristo representa em grau supremo toda a raça humana. (Ver **#Cl 1.17**, "nEle tudo subsiste"). Por conseguinte, **não devem viver mais para si mesmos, mas para ele** (15). Note-se a repetição: "Um morreu por todos"... "ele morreu por todos"... "aquele que por eles morreu". A morte de Cristo para a salvação do homem é a suprema revelação do amor de Deus e, pois, deve "apoderar-se de nós" ("constranger-nos"). **A ninguém conhecemos segundo a carne** (16); isto é, fazendo da vida na carne ou terrena o padrão de nosso julgamento. **Conhecemos a Cristo segundo a carne** (16). Cristo também viveu sua vida terrena, mas agora não pensamos mais nEle sob este aspecto. **Já agora não o conhecemos deste modo** (16). Jesus não somente passou para o reino do espírito, como também a revelação de quem Ele era-o Filho de Deus-faz que o conhecimento terreno que dEle se teve passe a plano secundário. Mais adiante,

a heresia conhecida por "docetismo" ensinava que a vida terrena de Cristo fora irreal; todavia o apóstolo está longe de querer insinuar isto aqui. **Nova criatura** (17); o crente, igualmente, entrou em nova esfera de existência. Os vers. 18 e 19 apresentam o plano de Deus de reconciliar o mundo consigo, o que abre aos homens este novo âmbito de vida. **Reconciliou** (18). É Deus mesmo quem extingue o pecado do mundo. É a expiação que possibilita a reconciliação (ver também **#Rm 5.10**). **Não imputando aos homens as suas transgressões** (19). É um ato de Deus que mostra a profundidade do Seu amor e misericórdia pelos fracos seres humanos. Cristo levou sobre Si o fardo inteiro do pecado, de sorte que o homem está livre de ter que responder pelo seu passado de transgressões. **Deus... em Cristo, reconciliando** (19). Este versículo não é tanto uma prova da divindade de nosso Senhor (Deus em Cristo), como é uma declaração de que Deus estava reconciliando em Cristo. **Ministério da reconciliação** (18). **Palavra da reconciliação** (19). Descrevendo por estes dois modos o seu ministério, o apóstolo dá ênfase aos elementos "declaração" (palavra) e "aplicação".

>2Co-5.20

Embaixadores em nome de Cristo (20). Atrás de toda a atividade apostólica, estava a consciência que ele tinha da Pessoa de Cristo. O apóstolo emprega aqui uma palavra indicativa de uma posição de elevadíssima honra outorgada pelo Cristo Vivo. Rogamos que vos reconcilieis com Deus (20). Era este o grande anelo do apóstolo com relação à humanidade inteira. Concita os homens a aceitar a reconciliação que Deus operou em Cristo. A morte de nosso Senhor foi eficaz não somente para desfazer a hostilidade do homem para com Deus, como também para resolver a necessidade que Deus tinha de afastar-se do homem. O caminho agora está aberto para o perdão divino. Deus **o fez** (isto é, a Cristo) **pecado** por nós (21). Provavelmente é esta uma frase sem precedente na literatura, apropriada a descrever um fato único, sem igual. Cristo não foi feito "pecador", e sim **pecado**. Portanto, o castigo que sofreu não foi por pecados seus, mas levou sobre Si toda a culpa do pecado do mundo inteiro. (O leitor deve ler **#Gl 3.13** e **#Rm 8.3** para verificar os modos de Paulo expressar a mesma verdade revelada). Ele suportou isto **por nós** (21), para que fôssemos libertos do pecado e nos reconciliássemos com Deus. Esta reconciliação tem também um significado positivo, porque por ela **somos feitos justiça de Deus nele** (21); isto é, somos considerados justos por Deus, embora na realidade ainda não o sejamos. Esta é a doutrina da justificação. Há um paralelismo entre o fato de Cristo ser feito pecado, apesar de Ele mesmo

ser impecável, e o crente ser considerado justo desde o primeiro momento de sua fé.

2Co-6.1

O apóstolo agora resume em termos gerais a obra e o caráter de um ministro. **Em vão** (6.1); isto é, sem que seu efeito se manifeste na vida de cada um. O vers. 2 é citação de **#Is 49.8**, que encerra uma profecia messiânica. **Dia da salvação** (2); isto é, a época em que a salvação se faz presente, pelo fato de ter sido trazida por Cristo. **O ministério não seja censurado** (3). O apóstolo reconhece que o mau procedimento dos seus convertidos servirá para descrédito do seu ministério para com eles. Nos vers. 4-10 descreve a natureza e caráter do ministério que ele tem exercido. **Em tudo recomendando-nos a nós mesmos** (4). Cfr. **#2Co 3.1-2**; **#2Co 5.12**. Vai aqui a resposta àqueles que têm posto em dúvida suas credenciais de apóstolo. Em todas as circunstâncias, Paulo e seus companheiros mostravam que não tinham "recebido a graça de Deus em vão", e assim se tornavam um exemplo para os coríntios. Através de toda espécie de experiência difícil (4-5) e a despeito de acusações falsas e opiniões contrárias a respeito deles (8-9), a pureza do seu caráter provava-se pelo teor espiritual da vida que levavam (6), pela verdade e poder de sua mensagem (7), e pelo modo como reagiam aos sofrimentos que lhes eram infligidos (9-10). É desta forma que o verdadeiro ministro de Deus se recomenda à atenção dos seus ouvintes.

>2Co-6.11

III. UM APELO PESSOAL 2Co 6.11-7.16

a) O afeto seja mútuo (2Co 6.11-13)

O apóstolo, de um modo pessoal, volta-se agora para os coríntios e lhes faz um apelo ardente para que entre eles haja afeição e sinceridade mútuas. **Não tendes limites em nós** (12); isto é, "Não vos damos um lugar limitado em nossa afeição; vós é que limitais a afeição que podíeis gozar de nossa parte". **Retribuição** (13); isto é, "dai-me, assim como eu vos dou". Paulo deseja tocar em assunto que pode magoá-los, mas reafirma que lhes tem amor.

>2Co-6.14

b) Exortação à separação (2Co 6.14-7.1)

Esta seção parece um tanto isolada, visto como o assunto pessoal volta a ser tratado em #2Co 7.2 e segs., que reatam o pensamento de #2Co 6.13. O tema, aqui, é casamento com incrédulos, tópico que também foi discutido em #1Co 7.10 e segs. O apóstolo exorta vigorosamente os crentes a que não se misturem com incrédulos no sentido de participarem do seu modo de vida. O casamento, naturalmente, é a maneira suprema de se partilhar da vida de outrem; mas o apóstolo parece ampliar o escopo de sua exortação à medida que vai escrevendo. **Belial**, o Maligno (15); isto é, Satanás. **Vós sois o templo do Deus vivente** (16). Esta é uma das grandes frases da Escritura, revelação maravilhosa em poucas palavras tão cheias de sentido. Deus habita nos corações e mora na vida dos crentes; Ele nenhuma comunhão tem com Satanás. Por conseguinte, os crentes não podem tolerar a companhia dos incrédulos, naquelas atividades que os distinguem como tais. **Retirai-vos** (17). É citação de #Is 52.11, onde o profeta se dirigiu aos sacerdotes. Como os sacerdotes de Israel deviam ser rigorosamente "limpos", assim agora todos os cristãos devem sê-lo, visto como todos são "sacerdotes". O apóstolo amplia o pensamento da passagem de Isaías por meio de uma referência também a #Ez 37.27.

2Co-7.1

Carne e espírito (7.1). O homem inteiro deve manter-se puro.

>2Co-7.2

c) Paulo regozija-se com o arrependimento deles (2Co 7.2-16)

Acolhei-nos (2). Voltamos ao tema suscitado em #2Co 6.13. O apóstolo torna a referir a ansiedade que tivera com a disputa entre si e os coríntios, ansiedade que sentiu quando partira para a Macedônia, e lá aguardara a chegada de Tito. Este tópico ajuda-nos a conjecturar quanto à ocasião e às circunstâncias em que esta epístola foi escrita; dela nos ocupamos na **Introdução** (ver esta). Ele escrevera-lhes uma carta enérgica, levada provavelmente por Tito. Assim que a despachou, sentiu que se excedera na linguagem, perdendo de todo a simpatia dos coríntios. **Não me arrependo, embora já me tenha arrependido** (8). Transbordou de alegria quando soube, por meio de Tito, que eles haviam recebido a carta num espírito de vero arrependimento (ver os vers. 4,6,9,13). **Da qual ninguém se arrepende** (10); o arrependimento que conduz à salvação não é nunca para se lamentar. **A tristeza do mundo produz morte** (10). Quando

os prazeres do mundo falham, como acontece inevitavelmente, o fim é desespero e morte. **Por causa do que fez o mal** (12); a natureza exata do malfeito não está declarada. Não se tem certeza se foi o mesmo caso narrado em **#1Co 5.1. Vossa solicitude a nosso favor** (12). O apóstolo continua regozijando-se na "desavença, que tanto mais granjeou estima", tendo isto revelado aos coríntios quanto cuidavam dele. Neste ponto, eles deram um exemplo de justa correspondência ao evangelho, de como a graça de Deus opera na restauração dos laços de amor.

2Co-8.1

IV. A COLETA PARA OS POBRES DA JUDÉIA 2Co 8.1-9.15

a) Tito tomará providências sobre a coleta (2Co 8.1-15)

O trecho que agora consideramos é de grande interesse, embora o assunto, sendo uma "coleta especial", possa parecer de importância passageira. O interesse, no entanto, jaz no fato de o apóstolo exortar os irmãos da Acaia a que juntem suas ofertas às dos irmãos da Macedônia, a fim de suprirem as necessidades materiais dos crentes pobres de Jerusalém. Assim aprendemos da Escritura que temos obrigações para com nossos irmãos mais pobres; e que o cumprimento dessas obrigações pode ter rica significação espiritual.

>2Co-8.2

As circunstâncias na Macedônia, quando esta coleta foi levantada, não eram de prosperidade. Os irmãos ali estavam em **muita prova de tribulação e profunda pobreza** (2), quando contribuíram liberalmente e, com efeito, **acima de suas posses** (3). E ficaram ansiosos por fazer chegar essas ofertas ao seu destino por mãos de Paulo e seus companheiros, considerando essa dádiva aos santos de Jerusalém como expressão de **companheirismo** e assistência (4). **Tito** (6). Foi Tito quem empreendeu coleta idêntica entre os coríntios. O apóstolo exorta-os a que mostrem o mesmo zelo neste assunto prático, cristão, assim como se mostravam zelosos na **fé**, na **palavra**, no **saber** e em todo o **cuidado** (7), matérias estas de caráter mais "espiritual". É claro que ele considerava a plena vida cristã abrangendo ambas estas atividades. Admite, entretanto, no vers. 8, que lhe falta autoridade para exigir deles a coleta; apenas lhes dá oportunidade de provar, como ele diz, a sinceridade do vosso amor (8). O vers. 9 resume admiravelmente todo o propósito da encarnação. A posição de glória que Cristo desfrutava com o Pai foi por Ele sacrificada, a fim de nos

auxiliar. Cfr. #Fp 2.6-7. Assim, devemos sacrificar alguma coisa para ajudar a outros. Veja-se também #1Pe 2.20-21, onde a vida e a morte de nosso Senhor nos são apresentadas como exemplo. Desde o ano passado (10). Uma referência de data que ajuda a colocar a redação desta epístola em determinado tempo. Evidentemente por essa época os coríntios haviam empreendido fazer essa coleta; agora Paulo incita-os a levá-la a cabo. Talvez se detenha algo neste assunto para levá-los a ocupar-se de um assunto prático, como antídoto seguro das suas querelas em torno de assuntos que agora devem esquecer. Boa vontade (12). Cfr. o elogio de nosso Senhor à viúva que "de sua pobreza" deu uma quantia assaz pequena (#Mc 12.41-44). Ninguém pode dar o que não possui. Nosso Senhor atenta para o espírito em que a dádiva é feita. Note-se também que deve haver uma igualdade (14), no sentido de que ninguém deve ser sobrecarregado na contribuição, não havendo da parte de quem a recebe uma necessidade correspondente. Outros não devem ser indevidamente aliviados, e vós sobrecarregados (13). Outra ocasião pode surgir em que as posições se invertam. O que muito colheu (15). É uma citação livre de #Êx 16.18.

>2Co-8.16

b) Arranjos feitos para o levantamento da coleta (2Co 8.16-9.5)

Este passo mostra a capacidade de organização de Paulo e quanto conhecia a natureza humana. Tito é um dos que tomarão providências para o levantamento da coleta. Outro irmão (18) o ajudará, e talvez ainda outro ou dois mais (ver #2Co 9.5). O "irmão" mencionado no vers. 18 não sabemos quem era, mas evidentemente era bem conhecido dos coríntios, porque o seu louvor no evangelho estava espalhado por todas as igrejas (18). Além do que, fora eleito pelas igrejas para viajar com Paulo (19). Podíamos pensar em Barnabé ou João Marcos; a qualquer dos dois conviriam essas palavras. Outros têm sugerido Lucas e Apolo. Nossa boa vontade (19). Os vers. 20 e 21 mostram o desejo de Paulo de que o destino de cada centavo seja bem conhecido. Nosso irmão (22). É outro cristão desconhecido. Usando de um pouco de liberdade, podemos pensar que esse irmão era um "contador" cristão, cujo entusiasmo aumentaria em face da boa vontade dos coríntios, visto como à profissão de contabilista aliava o seu dom de evangelista. Tito... mensageiros das igrejas (23). De Tito se certifica que era emissário pessoal de Paulo, não na categoria de servo seu, mas evidentemente dedicado ao grande apóstolo, a quem com alegria ajudava; "verdadeiro filho, segundo a fé comum", é como Paulo o chama em #Tt 1.4. A palavra grega "mensageiros" é "apóstolos". Seu

emprego aqui em sentido geral parece indicar que esse termo não tinha ainda adquirido o sentido específico que hoje lhe damos. Eram homens designados por conselhos de igrejas locais, enviados para levar saudações e instruções a outras igrejas, ou evangelizar novas áreas. Eram "viajantes em prol de Cristo".

O apóstolo evidentemente tem falado aos cristãos macedônios do zelo dos coríntios a respeito da coleta; mas, conhecendo a fraqueza da natureza humana, e talvez temendo as conseqüências das disputas que haviam surgido, toma a precaução de enviar na frente esse grupo de mensageiros; de modo que, quando vier, acompanhado talvez de alguns macedônios, a coleta esteja pronta, e corresponda à expectativa.

2Co-9.5

Não de avareza (5). O apóstolo esforçou-se por erguer o ato da contribuição a um alto nível espiritual.

>2Co-9.6

c) Princípios da contribuição cristã (2Co 9.6-15)

Prossegue o apóstolo referindo o espírito com que os crentes devem contribuir para socorrer os outros em suas necessidades, e como o recebimento, com gratidão, dessas dádivas deve levar seus beneficiários a orar em favor dos ofertantes. Assim, estabelece-se uma bênção recíproca, e o apóstolo glorifica a Deus ao contemplar este resultado abençoado.

Aquele que semeia pouco (6). É uma lição que a natureza nos ensina, aplicada à vida espiritual. Se a semente é semeada com parcimônia, a safra será escassa. Assim, se nos retraímos, ou se relutamos em nosso serviço cristão, a colheita será diminuta. O vers. 7 dá-nos o espírito desse serviço. **A quem dá com alegria** (7). O grego tem "hilaridade". Sugere um espírito de real prazer, que faz a pessoa não caber em si. **Deus pode (é poderoso)** (8). O homem não dá do que é propriamente seu, e sim daquilo que Deus lhe tem dado. A Bíblia lembra-nos isto em muitas passagens-"Das tuas mãos to damos" (#1Cr 29.14). No vers. 9, o apóstolo cita o #Sl 112.9. Este Salmo descreve o gênero de vida de um homem justo. Será rico em sua casa, e dará a outros. Não temerá notícias más porque seu coração está firme em Deus. Em outras palavras, a Bíblia ensina que o homem de Deus não sofrerá necessidade, mas terá de fato o suficiente para dar a outros. **Dará pão** (10); a ARA dá o sentido com maior

clareza: "Aquele que dá semente ao que semeia, e pão para alimento, também suprirá e aumentará a vossa sementeira, e multiplicará os frutos da vossa justiça". **Redunda em muitas graças a Deus** (12). Deus organizou a vida humana por tal forma, que o nosso serviço pelos outros redunda em bênção para nós e contribui para a glória de Deus, que é o Criador de todas as coisas. **Obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de Cristo** (13). Os santos, que vão receber a dádiva, dar-lhe-ão tanto melhor acolhida por proceder ela da aceitação do evangelho pelos coríntios. **Oram eles a vosso favor** (14). Um elo de amor é forjado por essas dádivas. **Graças a Deus** (15). A contemplação de todos estes resultados leva o apóstolo a regozijar-se, em espírito, com a operação de Deus no coração humano. **Seu dom inefável** (15). Cfr. **#2Co 8.9**. O apóstolo é levado naturalmente a pensar na generosidade divina para com os homens, dando-lhes Cristo pensamento este que nunca encontra palavras adequadas que o expressem.

2Co-10.1

V. AUTORIDADE APOSTÓLICA DE PAULO 2Co 10.1-13.10

No cap. 10, penetramos numa atmosfera totalmente diferente daquela do capítulo anterior. Por esta razão, crêem alguns que esta seção é parte da carta perdida, na qual o apóstolo falou com tanta severidade aos coríntios que temeu perder de todo, com essa atitude, a amizade deles (ver **#2Co 7.8**).

a) Paulo defende-se de falsas acusações (2Co 10.1-18)

Neste capítulo, as acusações que o apóstolo refere, das quais precisa defender-se, são, primeiramente, que sua presença entre eles é **desprezível** (1), mas, quando está ausente, escreve com **ousadia** (10); em segundo lugar, que ele anda **segundo a carne** (2). Obviamente, tinham surgido alguns detratores que procuravam solapar sua autoridade. Talvez não fossem coríntios, mas outros "apóstolos itinerantes", os quais procuravam obter apoio para si falando mal dos outros. Os tais teriam conhecido os escritos de Paulo, não só os dirigidos aos coríntios, mas a outras igrejas também; daí o termo **cartas** (10) poderem significar mais do que cartas aos coríntios. Procuravam estabelecer uma comparação desfavorável entre estes "documentos graves e fortes" e o aspecto e modo de falar, sem importância, do apóstolo que os escreveu. Tal afirmação podemos atribuir a ciúme; não precisamos tomá-la como expressão de realidade. O homem que quase chegou a persuadir o rei Agripa a tornar-se cristão, ou que pôde com um discurso silenciar uma turba amotinada, não é

crível que fosse **fraco e desprezível** quando falava (10). Hoje conhecemos algo da força da propaganda -a repetição constante de mentiras que, em consequência disso, são aceitas como verdade. Tais detratores eram propagandistas desse tipo. O apóstolo desafia os coríntios a que ponderem de novo o assunto.

Relativamente à segunda acusação, o apóstolo distingue entre andar **segundo a carne** e **andar na carne** (31). Esta última hipótese é de necessidade, enquanto vivemos aqui. O sentido da primeira frase seria viver para este mundo, de acordo com os seus padrões. No caso vertente, parece referir-se à maneira de Paulo pregar o evangelho e seu hábito de prover ele mesmo ao seu sustento, em contraste com uma apresentação mais elaborada da religião e a aceitação de hospitalidade, como de direito, por alguns outros "apóstolos", que visitaram Corinto (ver **#2Co 11.13**). À primeira vista, esse "andar segundo a carne" calha nesses "apóstolos", antes que em Paulo. Todavia, uma coisa que distingue a falsa propaganda é atribuir seus próprios defeitos àqueles a quem ela persegue. Podemos compreender de várias alusões feitas desta epístola que esses apóstolos faziam muita exibição e alarde que impressionaram algumas pessoas. Paulo, por outro lado, era humilde e manso no modo de se conduzir, sempre considerando os outros e tendo aversão à imposição de seus direitos. A acolhida, que essa propaganda mentirosa obteve, forçou o apóstolo a narrar outra vez seus sofrimentos por Cristo, sem paralelo entre os falsos apóstolos.

Com esta Introdução geral em mente, podemos agora considerar a passagem nos seus pormenores. **Mansidão e benignidade de Cristo** (1); a história de Jesus, que o evangelho nos conta, confirma isto. O apóstolo procura apresentar em si as características do seu Mestre. **As armas da nossa milícia não são carnis e, sim, poderosas em Deus para destruir fortalezas** (4). A palavra "carnis" aqui pode-se compreender como primeiramente se referindo a métodos adotados por homens "naturais" para triunfarem de seus inimigos, ou alcançarem seus propósitos. Do vers. 5 deduzimos que é de pensamento e de comportamento que o apóstolo está principalmente cogitando. Nesta esfera, argumentação, intimidação e compulsão constituem-se os métodos de homens naturais. **Fortalezas**; isto pode referi-se a opiniões defendidas estreitamente. Estas devem ser examinadas à luz do conhecimento de Deus, e abandonadas, se forem falsas. Todo pensamento deve ser trazido **cativo à obediência de Cristo** (5). É claro que o apóstolo traz em mente uma parte da igreja de Corinto contra a qual receia que tem de tomar uma atitude rigorosa. É a última medida que desejaria tomar, mas não hesitará em tomá-la, se for necessário. **Olhais... segundo a aparência?** (7); provavelmente a melhor tradução é na

afirmativa. O pensamento liga-se outra vez ao argumento do vers. 12 e segs. Os que se gloriam por essa forma proclamam-se pertencentes a Cristo de maneira especial (cfr. a referência ao "partido de Cristo" em #1Co 1.12), porém Paulo Lhe pertence de igual modo. **Porque ainda que eu me glorie mais alguma coisa** (8). Pode referir-se outra vez a uma das críticas que lhe faziam. A ARA traduz "se eu me gloriar um pouco mais". **Louvam-se a si mesmos** (12). Esta parecia ser uma acusação que lhe faziam pregadores que por lá andaram (cfr. #2Co 3.1-5.12). Paulo devolve a acusação aos seus detratores. Sua experiência espiritual fazia-o afastar de si qualquer coisa que nele pudesse atrair elogios; humilhava-se completamente por estar cômico da mudança que a graça de Deus, agindo em sua vida, havia operado nele. Porém, no caso vertente, é forçado a falar como de homem para homens, e tornar a contar suas próprias obras e procedimento. **Até vós** (13). O apóstolo passa a relatar as experiências que tivera, as quais foram como que o fundamento, para que eventualmente recebesse de Deus o privilégio de pregar aos coríntios. Assim, espera poder agora ser capaz de prosseguir, como diz, **para além das vossas fronteiras** (16). Se atentarmos para #Rm 15.19-24, veremos que ele esperava visitar a parte ocidental da Grécia, Roma e até a Espanha. **Em campo alheio** (16). O vers. 17 dá a entender que ele atribui a glória **ao Senhor**. O vers. 18 deve ser lido à luz de #2Co 3.1; #2Co 5.12; #2Co 10.12.

2Co-11.1

b) O caráter do ministério de Paulo (2Co 11.1-15)

Agora o apóstolo prorrompe num discurso calculado a desmascarar esses falsos mestres. Faz isto porque **zela** pelos coríntios (2) e muito se aflige em pensar que eles podem ser desencaminhados. Deseja apresentá-los a Cristo como **virgem pura** (2), isto é, como povo cuja fé não foi contaminada pela falsidade. Anseia que as mentes deles **não sejam corrompidas e se apartem da simplicidade que há em Cristo** (3). Note-se que a ARA insere as palavras "e pureza" depois de **simplicidade**. Em vista da atitude dos críticos modernos para com os primeiros capítulos do Gênesis, é de grande interesse a menção que Paulo faz, neste versículo, à narrativa da tentação de Eva pela serpente. O apóstolo gostava muito de se reportar ao Velho Testamento. Várias vezes em suas epístolas ele se refere a Adão (v. g. #1Co 15; #Rm 5). São frequentes também referências a Abraão, Davi e outras personagens do Velho Testamento.

>2Co-11.4

Censura os coríntios por darem ouvidos, pacientemente, a falsos mestres. **A esses de boa mente tolerais** (4); ou por outra, "vós sois muito pacientes"; diz isto sem dúvida com ironia. **Falto no falar** (6). A frase significa: não obedece às regras da retórica ensinadas nas escolas. Paulo desafia-os a considerar se, no final de tudo, ele não os levou a apreciar coisas mais profundas do que **esses tais** (os mais excelentes) **apóstolos** (5), frase esta igualmente irônica, significando aqueles que eram mais do que simples mensageiros. Impunham-se como autoridades.

Paulo refere-se ao fato de não ter sido pesado a eles. Alguns eram bastante estultos para pensar que o evangelho por ele pregado tinha, por isso mesmo, menos valor. Cfr. **#2Co 12.13** com o vers. 7. **Despojei (roubei) outras igrejas** (8). Paulo está mostrando, realmente, que não recebia absolutamente salário para pregar o evangelho. Se o que outras igrejas lhe deram para seu sustento, tinha de ser considerado como "proventos" ou ganhos, então ele tinha com efeito "despojado" (roubado) essas igrejas, visto como o serviço não fora prestado a elas, e sim aos coríntios. Deste modo, ele reduz o argumento todo a um absurdo. Suas necessidades sempre eram supridas e, se não tinha recebido mesmo qualquer coisa material da parte dos coríntios, foi porque os cristãos macedônios tinham ido ao encontro da maior parte de tais necessidades. Quanto a isto, sabemos, de **#At 18.5**, que Timóteo e Silas foram portadores desse auxílio ao apóstolo. Sobre o princípio geral enunciado nestes versículos, vejam-se as notas em torno de **#1Co 9.1-27**. **Serem considerados iguais a nós** (12). É um desafio lançado aos falsos apóstolos, para que tratem de ganhar a vida.

>2Co-11.14

Satanás... seus próprios ministros (14-15). O Novo Testamento ensina que temos um adversário espiritual em atividade neste mundo, a saber, Satanás; e que este escraviza homens para serem ministros seus. O "evangelho" deles pretendia apresentar-se como "evangelho de justiça", com o fito de enredar os incautos. É essencial que os que de fato desejam salvar-se saibam que a justiça lhes vem somente pela fé em Cristo Jesus, não de obras que pratiquem, para que ninguém se vanglorie (ver **#Ef 2.9**); e devem usar este conhecimento que têm do assunto no exame de qualquer ensino que lhes for apresentado.

>2Co-11.16

c) A defesa de Paulo baseia-se em sua vida e obra (2Co 11.16-12.11)

Passa agora o apóstolo a defender-se narrando outra vez as agruras pelas quais passou. Reconhece que o que vai fazer não é **segundo o Senhor** (17). Nisto, não vai de encontro a qualquer coisa fundamental, porém apenas não está de acordo com o procedimento costumeiro dos cristãos, os quais não andam se gabando. **De boa mente tolerais os insensatos** (19). Possivelmente o apóstolo, com delicadeza, está sendo irônico neste versículo. Gente superior pode usar de um pouco de condescendência com os de baixa classe! Mas, diz ele no vers. 20, estais vendo o que esses falsos apóstolos vos fazem com o vosso consentimento. Paulo está sugerindo, outra vez com ironia, que ele não ousara avançar tanto, e que os tais lançavam-lhe em rosto tamanha fraqueza. Então, prossegue comparando suas próprias qualificações, como apóstolo, com as dos outros mestres deles, ao narrar de novo suas experiências como ministro de Cristo. Da narrativa apresentada nos Atos colhemos bastante informação que nos possibilita identificar alguns dos incidentes referidos nos vers. 23-27.

>2Co-11.23

Como fora de mim (23). O apóstolo considera esta espécie de argumento como tolice, inconveniente para um cristão; mas forçam-no a isto. **A preocupação com todas as igrejas** (28). Os labores estupendos de Paulo por Cristo estão indicados nesta frase. Era um obreiro infatigável, tanto fisicamente (viajava sempre) como mentalmente (escreveu numerosas epístolas) e espiritualmente. Seu exemplo é um estímulo para todos quantos empreendem trabalho missionário. Nos vers. 32 e 33, alude à sua fuga emocionante de Damasco, narrada em **#At 9.24-25**. O apóstolo menciona **Aretas** (32) por nome. Este seria Aretas IV, rei dos Árabes Nabateus. É o único lugar onde se diz que ele também dominava sobre Damasco. A história secular não registra este fato.

2Co-12.1

Prossequindo a descrever suas experiências, volta-se agora à esfera das **visões e revelações** (12.1). Nesta conexão, a entender-se que as palavras **conheço um homem em Cristo** (2) se referem de fato a ele próprio, o apóstolo torna-se reticente e dá a experiência como não tendo sido sua. A natureza desta fica além do que nos é comum, e temos de aceitá-la como nos é narrada aí, sem tentar explicá-la ou procurar um caso que lhe seja paralelo. **Terceiro céu** (2), isto é, o lugar onde Deus habita. "Primeiro céu" dizia-se da atmosfera onde voam as aves. O "segundo" era a região do sol, da lua e das estrelas. **Paraíso**

(4). Palavra usada na cosmologia judaica, equivalente a terceiro céu; era considerado a mansão dos bem-aventurados. **Palavras inefáveis** (4); isto é, idéias que lhe foram comunicadas não por meio de palavras, como ordinariamente. **As quais não é lícito ao homem referir** (4). É esta a percepção espiritual do apóstolo sobre a inviolabilidade de sua experiência. As coisas profundas do espírito não podem ser explicadas em linguagem humana.

>2Co-12.5

No vers. 5, ele torna a expressar que era indigno dessa experiência, não desejando parecer mais do que era aos olhos de todos (6). Regozijava-se de que em si mesmo não era nada; talvez mesmo seu físico não tivesse qualquer atrativo, de modo que o interesse de todos se fixasse na mensagem que pregava, e não na sua personalidade. **Espinho na carne** (7); alguma enfermidade física, de que se queixava continuamente. Não o incapacitava para o trabalho, porém era como "espinho" que de vez em quando o atormentava. Note-se a atitude do apóstolo para com esse dissabor. Orou **três vezes** para se ver livre dele (8; cfr. **#Mt 26.36** e segs.) e recebeu a resposta de que a graça de Deus lhe era bastante (9). Noutras palavras, Deus prometeu-lhe que esse sofrimento jamais o venceria, no sentido de impedi-lo de trabalhar para Ele. Este incidente é de muito interesse para os obreiros cristãos que lutam com empecilhos de qualquer que seja a natureza. Também diz respeito ao caso de doenças e ao ministério de cura, para que não desanimemos de esperar alívio em resposta às nossas orações, mas reconheçamos que algumas vezes Deus pode ter um motivo quando nos recusa um restabelecimento completo da saúde. A condição espiritual do enfermo é mais importante do que sua sanidade física. A oração pelos doentes é um ministério cristão que sempre se acompanha de bênçãos. No caso de Paulo, ele sentia real **prazer nas enfermidades** (10), tanto quanto em outros tormentos, porque em tudo isto sentia o **poder de Cristo** (9) sobre ele repousando. Experimentando isto, pôde dizer-**em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos** (11); talvez outra referência irônica aos tais apóstolos que alardeavam suas próprias virtudes, orgulhando-se de suas credenciais (cfr. **#2Co 11.5,13**).

>2Co-12.12

d) O amor e o interesse do apóstolo (2Co 12.12-21)

Nesta seção, ele declara que todo o seu desejo é a edificação da igreja dos coríntios. Não é a glorificação de si mesmo o que ele procura; em tudo quanto fazia era levado pelo amor que lhes votava. Todo este tópico ressumbra ironia, ao referir-se Paulo outra vez a algumas acusações que lhe faziam, e ao mostrar

quanto eram absurdas. Cfr. vers. 12. **Não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros** (14). Era este o seu modo de proceder. Coisas materiais não o fascinavam, porque ele já possuía algo das riquezas de Cristo. **Pela terceira vez** (14). Veja-se abaixo nota sobre **#2Co 13.1. Eu de boa mente me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol das vossas almas** (15). Incansável era a sua atitude de serviço para com eles, e todavia parecia-lhe que, apesar de tanto anelar a afeição deles e quanto mais lhes revelava amor, tanto menos era por eles amado. **Sendo astuto, vos prenda com dolo** (16). Estes sentimentos Paulo está repudiando, mas aqui, de modo causticante, emprega as palavras que os seus detratores usam, como que dizendo: "Ora, eu vos prenda com dolo, não foi mesmo?". E então refuta insinuação tão vil com as palavras que se seguem (17-18).

>2Co-12.20

Embora fosse um idealista intímido, Paulo era também um indivíduo prático. Não hesita em dizer, nos vers. 20 e 21, o que acontecerá de fato quando ele os visitar da próxima vez. Reconhece que muitos que pecaram em matéria de impureza, prostituição e lascívia (21) podiam não ter-se arrependido; e, neste caso, é ele quem vai sentir-se humilhado. O verdadeiro discípulo de Cristo identifica-se por tal forma com o seu Mestre divino, que vem a sentir as tristezas deste com relação aos pecadores.

2Co-13.1

e) Última exortação (2Co 13.1-10)

Terceira vez (1). Podemos entender as três visitas assim: a registrada em **#At 18.1**, a visita de que ele desistiu (ver **#2Co 1.16**) e esta que agora tem em mira (ver a **Introdução**). Sabe o apóstolo existirem ainda membros da Igreja de Corinto que persistem no pecado (2). É admissível que a situação lá fosse muito difícil para os cristãos, devido ao ambiente de baixo padrão moral; o apóstolo está lutando decididamente para arrebatá-los das garras do pecado. No vers. 7, temos outra daquelas revelações de realidade espiritual, peculiarmente intensas, que caracterizam os escritos de Paulo e os demais do Novo Testamento. **Foi crucificado em fraqueza, contudo vive pelo poder de Deus** (4). Ver Cristo crucificado seria vê-lo aparentemente vencido por Seus inimigos, impotente às mãos deles. Contudo, este mesmo espetáculo de fraqueza era, na realidade, uma manifestação do poder de Deus—porque nele Deus recebeu em si a ferroadada do pecado, suportou-lhe o veneno e ergueu-se triunfante. Sofrendo o efeito do pecado, isto é, a morte, Ele pareceu fraco. Mas foi a fraqueza daquele que conhecia Sua própria força, daquele que consentiu

em ser fraco, apercebido do Seu grande poder. **Nós também**, diz o apóstolo, **somos fracos nele; mas viveremos com ele** (4).

>2Co-13.5

Mesmo nesta última fase da história cristã daquela igreja, o apóstolo está preparado para desafiá-los a que se examinem a si mesmos se estão **na fé** (5). Nenhum cristão pode dispensar este auto-exame. Serve para aprofundar a fé, onde esta for verdadeira. **Reprovados** (5). Esta palavra traz a idéia de rejeição depois da prova. Ninguém é rejeitado por Deus sem antes ser provado, e somente depois de provado incorrerá em reprovação, se for achado "adequado para a destruição" (**#Rm 9.22**). O apóstolo termina a epístola exortando à honestidade (7), que leva ao **aperfeiçoamento** (9). **Rigor** (10). Paulo anseia que todas as causas de atrito sejam afastadas antes de sua chegada a Corinto, e que eles correspondam às suas exortações escritas. E assim nada haverá para ele destruir ou arrancar, quando chegar ali.

>2Co-13.11

VI. CONCLUSÃO 2Co 13.11-14

Esta epístola fornece-nos as belas palavras da Bênção Apostólica, que se usa onde quer que os crentes se reúnam para a oração (13). **Graça**. Esta linda palavra bíblica tem um sentido que vai da simples idéia de "auxílio", depois "favor" e "prêmio não merecido", até o conceito de "caráter íntimo". Cristo ajuda-nos em nossa vida; favorece-nos grandemente, tornando para nós o mal em bem; e habita em nós de modo que espelhemos Seu caráter diante do mundo. A frase **o amor de Deus** pode-se considerar como referindo o amor do Pai; "de tal maneira amou Deus ao mundo, que deu...". Tal amor, em sua disposição de dar e perdoar, deve fazer-se sentir também na vida e nas ações dos discípulos de Cristo. A palavra **comunhão** também se traduz por "companheirismo", no Novo Testamento. A primeira referência aqui é àquele companheirismo que o Espírito Santo estimula ou cria no meio de todos quantos estão "em Cristo". Sempre devemos estar lembrados de que o Espírito Santo é uma Pessoa, e não mera influência. Ele é o "outro advogado" que o Pai enviou no nome do Filho, conforme a promessa de Cristo em **#Jo 14.26**. Ele habita no meio dos crentes e os constitui em Igreja de Cristo. É também o companheiro pessoal de cada crente de per si, confortando-o, isto é, fortalecendo-o, e também trazendo-lhe à memória sua união espiritual com Cristo e, em Cristo, com todos os crentes.

W. C. G. Proctor

A EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

INTRODUÇÃO

Ver também o artigo geral, "As Epístolas de Paulo".

I. OCASIÃO E TEMA

A autenticidade desta epístola nunca foi posta em dúvida pela Igreja primitiva, e o mais extremado e radical criticismo do Novo Testamento a tem considerado como indubitavelmente paulina. Trata-se de uma vindicação apaixonada, vigorosa e intransigente, tanto do Evangelho da graça de Deus como da própria autoridade de Paulo como apóstolo de Cristo, o qual o havia comissionado para anunciar esse Evangelho. A alma de Paulo incandesce ao escrever, visto estar perturbado, até às maiores profundezas de seu ser, pela grave crise que havia surgido nas igrejas da Galácia. Os gálatas, a maioria dos quais eram gentios que tinham escutado a pregação de Paulo e tinham crido em Cristo para sua salvação, haviam agora, entretanto, adotado apressadamente (#Gl 1.6) a insidiosa sugestão de certos mestres judaizantes, os quais lhes haviam ensinado que tinham de ser circuncidados e observar a lei judaica. A alma de Paulo recua, horrorizada, perante tal idéia que obscurece a verdade vital da toda-suficiência de Cristo para a salvação; portanto, ele escreveu essa epístola a fim de salvar seus amados convertidos de serem fatalmente desviados da verdade. No dizer de Godet, esta epístola "marca época na história do homem", visto ser "o documento perenemente precioso de sua emancipação espiritual".

II. SEU ENSINO

A transição do Judaísmo para o Cristianismo foi um processo lento para alguns dos primeiros judeus crentes. Houve fariseus que creram (#At 15.5), e alguns desses ensinavam que, antes de um gentio poder tornar-se Cristão, era-lhe necessário tornar-se primeiramente judeu, submetendo-se à circuncisão e observando a lei judaica, tanto moral como ritual. Alguns desses crentes judeus mais estritos se tinham apresentado aos crentes da Galácia com esses ensinamentos perturbadores. Os mestres judaizantes seguiam após os passos de Paulo, e isso durante toda a vida do apóstolo. Já em cerca de 62 D. C. encontramos-os a conspirar contra ele, em Roma, pelo que ele foi impelido a escrever, com algo do fogo que incandesce nesta epístola, algumas palavras

bem mordazes sobre eles, como também a comparar com eles, como em #Gl 6.16, o verdadeiro Israel, que adora pelo Espírito de Deus, que se gloria em Cristo Jesus, e que não confia na carne nem depende de qualquer privilégio externo (#Fp 3.2-3). Nesta epístola, Paulo frisa de modo muito agudo a eficácia toda-determinante da fé, conforme fica demonstrado no caso de Abraão, o crente típico (#Gl 3.6-9), o qual, conforme o apóstolo diz noutra passagem, era crente e assim foi justificado, antes mesmo de haver sido circuncidado (#Rm 4.10 e segs.).

A epístola aos Gálatas dá ênfase marcante a dois assuntos, a saber, a cruz e a fé. As grandes palavras de Habacuque: "... o justo viverá pela sua fé...", são citadas (#Gl 3.11). A lei foi um preceptor-escravo que exercia sobre os homens uma férrea disciplina até que Cristo veio, até o raiar da era da fé, na qual, mediante a fé, nos tornamos filhos de Deus (#Gl 3.24-4.7). Cristo morreu a fim de redimir-nos da maldição de havermos desobedecido à lei de Deus (#Gl 3.13), pelo que todos aqueles que dependem exclusivamente dEle para sua salvação são "justificados", isto é, aceitos por Deus, o qual lhes proporciona Seu Espírito Santo, derramando nos seus corações o amor filial e uma santa confiança (#Gl 3.14; #Gl 4.6). Retornar à lei seria recuar para a imaturidade e as restrições da infância espiritual (#Gl 4.9). O cerne da mensagem da epístola se encontra em idéias semelhantes a essas, conforme ficará demonstrado na exposição.

A lei foi dada posteriormente em relação à promessa feita a Abraão, e foi dada a fim de intensificar o senso de pecado (#Gl 3.15 e segs.); a lei cumpre, por conseguinte, a sua função, quando nos conduz, profundamente convictos de pecado, a gemer sob a maldição da lei desobedecida (#Gl 3.10), aos pés de Cristo, em Quem, exclusivamente, há justificação perante Deus. Assim, à semelhança de Paulo, por meio da lei morremos para a lei, como fonte de justificação, a fim de que possamos viver a nova lei no Espírito (#Gl 2.19 e segs.). O Espírito Santo, que habita no crente, trá-lo de volta à lei, como eterno padrão de justiça pessoal, e o capacita a cada vez mais viver de conformidade com esse padrão (ver comentários sobre #Gl 5.13-25). Submeter-se à circuncisão realmente significaria um passo retrógrado para os crentes gálatas: significaria retornar à confiança em meras ordenanças carnis, após terem conhecido coisas melhores. Portanto, precisavam lançar fora completamente o jugo da escravidão à lei cerimonial (#Gl 5.1), pois, tendo iniciado a vida espiritual no Espírito, convinha que prosseguissem no Espírito, a fim de que possuíssem toda a riqueza espiritual que em Cristo estava entesourada para eles (#Gl 3.2-3).

III. ENDEREÇO E DATA

Para quem foi enviada a epístola aos Gálatas? e quando foi ela escrita? Essas perguntas têm provocado muita discussão em tempos modernos.

Em 25 A. C., Augusto formou a província romana da Galácia. Ele a usou como núcleo do país da Galácia (assim chamado porque uma tribo de gauleses se estabeleceu ali no terceiro século A. C.), tendo como fronteira sulista mais ou menos o centro da Ásia Menor, e adicionou a isso uma porção do Ponto, no nordeste, parte da Frígia, no sudoeste, e a maior parte da Licaônia, ao sul. Esses distritos do sul e do sudoeste eram, política e comercialmente, os mais importantes da província, muito mais que os demais pelo fato de estarem providos de estradas. A questão que se levanta é a seguinte: Os gálatas para os quais Paulo escreveu são os descendentes dos gauleses da parte norte da província, cuja cidade principal era Ancira (a moderna Ancara), ou eram antes os Cristãos das cidades evangelizadas por Paulo durante sua primeira viagem missionária-em Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe-todas as quais se tinham tornado parte da província gálata dentro de comparativamente poucos anos?

A "teoria da Galácia do norte" tem sido advogada por Lightfoot, Chase, e outros. O grande expoente da "teoria da Galácia do sul", em tempos recentes, tem sido Sir William Ramsay, o qual tem sido seguido por uma grande hoste. Por diversas razões esta última teoria parece ser, no todo, a mais razoável. Em sua obra, [Historical Commentary on Galatians](#), Ramsay apresenta, de modo assaz interessante, os paralelos entre o discurso de Paulo em Antioquia da Pisídia ([#At 13](#)) e esta epístola, e declara que as coincidências são tão arcantes que tornam cada um dos dois documentos o melhor comentário sobre o outro.

Em [#1Pe 1.1](#), "Galácia" significa, além de qualquer dúvida, a província romana. Muitos têm argumentado que Paulo, com seu agudo senso de cidadania romana, quase certamente teria usado esse termo com o mesmo sentido. Ramsay, Zahn, e outros, sustentam que Paulo sempre adota o ponto de vista imperial e escreve como romano. Seu emprego de termos tais como Acaia, Macedônia, Síria e Cilícia é considerado como consistentemente imperial; portanto, o mais provável é que ele tenha feito outro tanto com a Galácia.

Se Paulo alguma vez visitou o norte da Galácia, a primeira vez em que é possível que ele o tenha feito, foi na ocasião mencionada em [#At 16.6](#), mas a narrativa que ali se encontra não apóia a sugestão que ele tenha feito uma campanha missionária. Antes, ela parece significar que ele tão somente passou pelo extremo ocidental do país. Além disso, o período que é referido, em [#At 16.6](#), foi após o concílio de Jerusalém, no ano 50 D. C., quando a questão da circuncisão foi discutida e resolvida. Aqui surge um poderoso argumento contrário à teoria da Galácia do norte. Se os gálatas, para quem esta epístola foi escrita, precisam ser procurados no norte da Galácia, então, quando Paulo lhes anunciou o Evangelho, já teria nas mãos a autoridade dos decretos do concílio de Jerusalém ([#At 16.4](#)). Também é improvável que naquela data, os judaizantes, que insistiam sobre a circuncisão, pudessem fazer tal impressão sobre os Gálatas, conforme, a julgar pela epístola, evidentemente conseguiram fazer. Isso parece implicar em que a epístola deve ter sido escrita antes do concílio de Jerusalém, uma conclusão a que chegou Calvino fazemos muitos séculos, e que é a opinião de muitos estudiosos de nossa época. Nesse caso, a epístola aos Gálatas teria sido a primeira das cartas de Paulo, e provavelmente foi escrita no ano 49 D. C., pouco depois de sua volta da primeira viagem missionária, talvez em Antioquia.

Não há qualquer menção direta, no Novo Testamento, sobre a fundação de igrejas no norte da Galácia, e parece estranho procurar as gálatas referidos nesta epístola, nas hipotéticas igrejas do norte da Galácia, deixando de lado as bem conhecidas igrejas do sul da Galácia, as quais certamente eram caras ao coração de Paulo, como a esfera de sua primeira grande campanha missionária, as quais também ficariam destituídas de correspondência sua, se é que a teoria do norte da Galácia está correta. (Ver também comentário sobre [#Gl 2.13](#)).

A visita de Paulo a Jerusalém, mencionada em [#Gl 2.1-10](#), é aqui considerada como a visita mencionada no fim do décimo primeiro capítulo do livro de Atos. O sentido de [#Gl 2.1](#) parece ser que a visita mencionada ali teve lugar catorze anos após a conversão de Paulo (ver comentários). A visita mencionada em Atos teve lugar, provavelmente, no ano 46 ou no início do ano 47 D. C., e nada existe que nos impeça de acreditar que a conversão de Paulo tenha tido lugar tão cedo como o ano 32 D. C. A visita mencionada na epístola aos Gálatas ocorreu "em consequência de uma revelação" ([#Gl 2.2](#), Moff.); a visita mencionada no livro de Atos teve lugar em consequência de uma revelação feita a Ágabo ([#At 11.28](#) e segs.). A visita referida em Gálatas resultou de uma conferência **particular** entre Paulo e os outros apóstolos; o

concílio do ano 50 D. C. (#At 15) foi uma reunião da Igreja inteira com a finalidade de discutir de modo mais formal, publicamente, após diversos anos de trabalho missionário entre os gentios, a questão sobre como deveriam ser tratados os gentios convertidos, para que se chegasse àquilo que poderia ser chamado de decisão oficial sobre o problema. O concílio chegou à mesma decisão no referente à circuncisão que a chegada na conferência particular, e Paulo menciona essa conferência particular a fim de indicar aos gálatas que a questão sobre a circuncisão, em princípio, já havia sido resolvida desde alguns anos antes dele lhes ter escrito. Finalmente, conforme diz C. T. Woods, em sua obra *Life, Letters, and Religion of Paulo*, "em #Gl 2.11 aprendemos que Pedro, em Antioquia, vacilou acerca da questão judaística, levando Barnabé a fazer o mesmo. Isso é inteligível após uma conferência particular em Jerusalém; mas é quase impossível após o concílio de Jerusalém, onde Pedro fizera um discurso público, e após a primeira viagem missionária, onde Barnabé tomara uma atitude final para com a questão da circuncisão".

Gl-1.1

I. HISTÓRIA E APOLOGÉTICA Gl 1.1-2.21

a) Saudação inicial (Gl 1.1-5)

A saudação tem início com uma asseveração enfática sobre a autoridade apostólica de Paulo, e é vazada em palavras tais que apresenta uma afirmação sucinta da verdade central do Cristianismo, a morte expiatória de Cristo. Assim, essa verdade fundamental, da qual a epístola tanto tem a dizer, nos é exibida desde o princípio.

Não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum (1); isto é, não da parte de homens (como fonte última), nem por intermédio de homem algum (como o canal). Cfr. #Gl 1.12. Se Gálatas foi a primeira epístola de Paulo, pode ser também o primeiro documento escrito do Novo Testamento; e, nesse caso, torna-se ainda mais digno de nota o fato que, em seus versículos iniciais, Jesus, o Senhor ressurrecto, é posto no lado divino da realidade, em contraposição com os homens e paralelamente a Deus, como fonte de graça e paz. Graça... e paz (3); o primeiro termo indica o favor gratuito, desmerecido, da parte de Deus para com os homens pecaminosos; o último indica seu fruto e realização na alma crente. Cristo, em obediência à eterna e soberana vontade de nosso... Pai, gratuitamente se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste (para fora de) mundo perverso (ou época presente,

com todos os seus males, uma tradução que exhibe a ênfase sugerida pela ordem das palavras no grego). Esses "males" são claramente descritos em #Ef 2.1-3; ver anotações ali. Como a Sua morte efetuou nossa salvação será explicado mais plenamente adiante. Voltar as costas para a cruz de Cristo, a única esperança do pecador, é considerado o cúmulo da insensatez. Os Gálatas estavam fazendo justamente isso (cfr. #Gl 2.21-5.4). A glória (5); isto é, a glória que pertence pre-eminentemente a Deus: Deus é "o Deus da glória" (#At 7.2). A grande salvação operada por Cristo faz com que essa glória brilhe resplendentemente. Cfr. #Fp 2.11; #Ef 3.21.

>Gl-1.6

b) O único Evangelho (Gl 1.6-10)

É notável o fato que Paulo, contrariamente a outras epístolas suas, não inicia esta louvando seus leitores; mas atira-se do imediato à tarefa de condenar os Gálatas por tão depressa estarem abandonando o Evangelho da graça de Deus, preferindo algo que não é evangelho de forma alguma. Ele condena severamente certos mestres, os iniciadores de todo o engano os quais estavam perturbando a paz das igrejas da Galácia e corrompendo e pervertendo o Evangelho de Cristo. Mui enfaticamente o apóstolo declara que existe um só Evangelho. A lealdade a Cristo o constrange a usar linguagem extremamente franca.

Estejais passando tão depressa (6); "trocando rapidamente" (Moff.). O processo tinha prosseguimento mesmo enquanto Paulo estava escrevendo. O verbo é usado para indicar migrações de um lugar para outro (#Hb 11.5), bem como para alteração na religião e na moral (#1Rs 21.25, LXX). **Na graça** (6). A chamada de Deus opera no âmbito da graça, e não no círculo das obras ou das observância cerimoniais. **Outro evangelho; o qual não é outro** (6-7). Duas palavras gregas diferentes são aqui traduzidas como "outro"; a primeira significa um evangelho de espécie diferente (em grego, **heteron**), e a segunda significa outro numericamente (em grego, **allo**). O chamado evangelho, para o qual os gálatas se estavam voltando de fato não era evangelho, pois existe um único Evangelho. **Perturbam** (7). O verbo ocorre freqüentemente no Novo Testamento com o sentido de "perturbar mentalmente" (#Mt 2.3; #Jo 14.1; #At 15.24).

>Gl-1.7

Perverter (7); "virar ao contrário, alterar para o oposto". **Ainda que nós... pregue... se alguém vos prega** (8-9); isto é, "se alguém vier a pregar" (subjuntivo) -uma suposição quase inconcebível; "se alguém está pregando" (indicativo) -maravilha das maravilhas, está acontecendo, e tem prosseguimento. **Seja anátema** (8-9). Quanto à linguagem extremamente severa de Paulo, há alguns comentários mordazes nas anotações da obra de James Denney, **The Death of Christ**, capítulo III. Tão violenta condenação desperta nossa curiosidade; e nos faz desejar muito saber exatamente qual era o falso ensino que sacudiu tão profundamente o apóstolo.

>Gl-1.10

O vers. 10 é parentético, fazendo alusão a alguma sugestão de seus oponentes que afirmavam que o apóstolo procurava conquistar o favor dos homens. Parece que o significado é: "Pois estou agora (em declarações como estas) buscando o favor dos homens, ou o de Deus? Se alguém alguma vez disse tal coisa sobre mim (a saber, que eu busco o favor dos homens), poderá dizê-lo novamente agora? O que quer que os homens pensem de mim, desejo somente agradar a Cristo, de Quem sou escravo, e ser leal ao Seu evangelho, seja qual for o custo".

>Gl-1.11

c) O Evangelho de Paulo não derivado dos homens, mas de Deus (Gl 1.11-24)

O Evangelho que Paulo pregava lhe foi dado por revelação especial (11-12). Sua educação anterior jamais poderia tê-lo conduzido a tal Evangelho (13-14). Deus lhe revelou o Seu Filho e, quando isso sucedeu, ele não consultou outros seres humanos, mas partiu para a Arábia para comunhão exclusiva com Deus (15-17). Quando, finalmente, ele visitou Jerusalém pela primeira vez desde a sua conversão, dois ou três anos após esse acontecimento, seu contacto com os que já eram apóstolos desde antes dele, não foi nem íntimo nem prolongado, e partiu de Jerusalém sem ao menos ter ficado conhecido pessoalmente pela grande maioria dos crentes.

Não é segundo o homem (11). Seu Evangelho não era da espécie de ensino que o coração do homem pudesse porventura imaginar. Nem a doação original (12), nem as instruções detalhadas posteriores sobre o significado daquela, eram segundo o homem. **Revelação** (12). Essa palavra significa

"desvendamento". Em vista do vers. 16, parece provável que o sentido seja "um desvendamento de Jesus Cristo". O véu que ocultou Cristo da visão dos mortais, foi tirado para um lado. **Meu proceder** (13); isto é, conduta, comportamento, conforme aparece frequentemente no Novo Testamento (cfr. **#Ef 4.22**; **#1Pe 1.15,18**; **#1Pe 2.12**; **#1Pe 3.1-2**). **Judaísmo** (13). Aqui é contrastado com a **igreja de Deus. Sobremaneira** (13). Essa forte expressão ocorre também em **#Rm 7.13**; **#1Co 12.31**; **#2Co 1.8**. **Devastava** (13); o mesmo verbo grego ocorre no vers. 23 e em **#At 9.21** ("exterminava"), referindo-se às atividades perseguidoras de Saulo. Os verbos **perseguia** e **devastava** estão no tempo verbal imperfeito, o que em grego indica um curso de ação que prosseguiu até a sua conversão. **A muitos da minha idade** (14); seus jovens contemporâneos na escola de Gamaliel, entre os quais ele era um líder notável e herói (**#At 7.58**). **De meus pais** (14). Os pais de Paulo eram fariseus estritos (**#Fp 3.5**), e todas as influências que foram exercidas pelo seu lar sobre ele tornavam sua conversão ao Cristianismo extremamente improvável.

>Gl-1.15

Me separou (15). Paulo quer dizer que, antes de seu nascimento, ele fora separado por Deus com um propósito especial, à semelhança de Jeremias (**#Jr 1.5**); cfr. **#Rm 1.1**. É digno de nota como, palavra após palavra, salienta o fato que sua conversão foi obra exclusiva de Deus; pois diz ele: Aproveu a Deus, separou, chamou, sua graça. **Revelar seu Filho em mim** (16). Quando o véu foi tirado para o lado (12), Paulo viu que Cristo era o Filho de Deus, assentado à direita do poder, decisivamente comprovado ser tal por meio de Sua ressurreição (**#Rm 1.4**). Isso foi o raiar da manhã em seu coração (**#2Co 4.6**). **Carne e sangue** (16); cfr. as palavras de nosso Senhor a Pedro (**#Mt 16.17**). **Apóstolos antes de mim** (17). Paulo era apóstolo, possuindo absolutamente a mesma autoridade que os discípulos originais; ele vira o Senhor ressurrecto (**#1Co 9.1**; **#1Co 15.8**).

>Gl-1.17

Arábia (17); provavelmente alguma porção dos desertos árabes, dentro de fácil acesso a partir de Damasco. Que ele foi até a península do Sinai, conforme alguns têm suposto, é realmente extremamente duvidoso. Seu desejo, é de supor-se, era de estar sozinho com Deus, para meditar e pensar. Não há menção dessa viagem à "Arábia" em **#At 9**. Podemos conjecturar que Paulo peregrinou durante "certos dias" em Damasco (**#At 9.19-22**), foi para a Arábia, e

então regressou a Damasco, entrando nos "muitos dias" referidos em #At 9.23, sendo que esses dias formaram uma grande parte dos "três anos" mencionados no versículo seguinte aqui. **Decorridos três anos** (18); quase certamente, três anos após a sua conversão, pois dessa data em diante é que Paulo calculava qualquer coisa digna de consideração em sua vida. **Para avistar-me com Cefas** (18). Há traduções que dizem: "para tornar-me conhecido de Cefas"; no dizer de Beet, "um propósito muito diferente de desejar obter sanção apostólica para a sua obra". **Tiago, o irmão do Senhor** (19). Assim descrito para ser distinguido de Tiago, filho de Zebedeu, que na ocasião ainda estava vivo. Se esse Tiago é aqui chamado de apóstolo, é um ponto mudo. Talvez assim tenha sido, no sentido mais lato em que essa palavra é algumas vezes empregada no Novo Testamento, como quando, por exemplo, foi empregada para Barnabé (#At 14.4,14). Tiago não era um dos discípulos originais de Jesus (#Jo 7.5), mas aqui ele aparece em íntima associação com os apóstolos, em Jerusalém. O Cristo ressurrecto apareceu para ele (#1Co 15.7), e esse aparecimento, com toda a probabilidade, produziu a sua conversão. Não há razão válida que nos impeça de acreditar que Tiago tenha sido filho de José e Maria. (Quanto a esse problema inteiro examinar o livro do dr. William Patrick, **James, the Lord's Brother**, bem como a elaborada dissertação no Comentário de Eadie). **Diante de Deus testifico que não minto** (20). Os oponentes de Paulo, sem dúvida alguma, haviam torcido o propósito da visita de Paulo: isso explica a forte linguagem que ele emprega aqui. **Síria... Cilícia** (21), são províncias vizinhas. Ficavam bem longe de Jerusalém, pelo que durante muito tempo Paulo era desconhecido para as igrejas Cristãs de Jerusalém e das circunvizinhanças (22). Que Paulo pregou em sua província nativa, como também na Síria, podemos deduzir da menção sobre as igrejas da Síria e da Cilícia, em #At 15.41. **Ouviam somente dizer** (23); mais literalmente, "estavam apenas ouvindo". **Glorificavam a Deus a meu respeito** (24). Paulo já estava começando a ser reconhecido como exemplo típico do poder remidor de Cristo (#1Tm 1.16).

Gl-2.1

d) Apostolado de Paulo reconhecido em Jerusalém (Gl 2.1-10)

A próxima vez que Paulo foi a Jerusalém, foi catorze anos depois de sua conversão. Ele foi até ali, não convocado por Pedro e pelos demais apóstolos, como se eles possuíssem autoridade superior à sua, mas em obediência a um mandamento direto recebido da parte do Senhor; e, ao ali chegar, agiu como alguém que estivesse em termos de igual autoridade com os discípulos

originais. Após uma conferência perfeitamente amigável, concordaram sobre uma divisão de campos de serviço, e as mãos foram cordialmente estendidas em ratificação do acordo estabelecido. O mesmo Evangelho deveria ser pregado tanto aos judeus como aos gentios, baseado nas mesmas condições, ainda que houvesse diferentes esferas de serviço-esse foi o cerne do acordo.

Catorze anos depois (1); isto é, quase certamente, após a sua conversão. Catorze anos de vida e serviço cristãos jaziam atrás dessa visita, a qual, com toda a probabilidade, pode ser identificada com a visita ligada ao envio do auxílio aos santos pobres, referido em **#At 11.28-30**, sendo que a data da mesma provavelmente foi cerca de 46 D. C. **Em obediência a uma revelação** (2); "em conseqüência de uma revelação" (Moff.), isto é, impulsionado pela luz sobre natural da parte de Deus. **Em particular** (2). Uma discussão completa, feita publicamente, talvez fornecesse a alguns dos "falsos irmãos" a oportunidade de fazer discursos extremados, com resultados indesejáveis. **Aos que pareciam de maior influência** (2); "as autoridades" (Moff.); "os líderes reconhecidos" (Ramsay). **Correr... em vão** (2). "O que preocupava a Paulo era se sua obra missionária inteira, passada e presente, viesse a ser declarada "inútil", caso ela fosse considerada "vã" -o que seria realidade se a Igreja de Jerusalém insistisse que os crentes gentios eram obrigados a aceitar a circuncisão" (Comentário de Moffatt). A ilustração da corrida era favorita de Paulo (cfr., especialmente, **#1Co 9.24**; **#Fp 3.13-14**; **#2Tm 4.7**).

Os vers. 3-5 encontram-se entre os mais difíceis de ser interpretados no Novo Testamento. Conforme diz Lightfoot: "O fio da sentença está partido, reunido, e novamente partido". Farrar e outros têm pensado que Tito foi realmente circuncidado. F. C. Burkitt (**Christian Beginnings**, pág. 118), diz: "Quem pode duvidar que foi a faca que realmente circuncidou a Tito que também cortou a sintaxe de **#Gl 2.3-5** em pedaços?". Aqueles que assim compreendem, pensam que Paulo queria dizer que, embora tenha cedido nesse ponto não o fez por compulsão: Tito não foi **constrangido** a ser circuncidado. Porém, isso parece uma construção muito forçada da linguagem de Paulo. É muito mais natural compreender que ele queria dizer que Tito mui definitivamente não foi circuncidado. "Mas nem mesmo meu companheiro Tito, embora fosse grego, foi obrigado a ser circuncidado" (Moff.). Ver o artigo "Was Titus Circumcised?" ("Foi Tito Circuncidado?"), por A. B. Bruce, **The Expositor**, Primeira Série, vol. XI, 1887. **E isto por causa dos...** (4). A exigência que Tito fosse circuncidado foi resistida "por causa dos falsos irmãos", a fim de impedir as desastrosas conseqüências que daí se originariam, tivesse o apóstolo cedido a tal demanda. A metáfora usada por Paulo é a de espias ou

traidores que se introduzem em um acampamento sem ser notados. O verbo **espreitar** (4) ocorre em **#Js 2.2**; **#2Sm 10.3**, na LXX.

>Gl-2.6

Àqueles que pareciam ("que eram reputados") **ser de maior influência** (6). O verbo, que é a mesma palavra que aparece em **#Gl 2.2**, em realidade está no tempo presente; isto é, "aqueles que são considerados como autoridades" (Lightfoot). **Aparência** (6); lit., "face". Não é por causa de qualquer privilégio externo, em seu contacto com o Senhor, que aquelas "autoridades" eram o que eram. **Acrescentaram** (6); certas versões traduzem "proporcionaram". Os de maior influência nada proporcionaram de novo conhecimento a Paulo, nem viram defeito algum em seu Evangelho. **Me fora confiado** (7). A mesma palavra e pensamento se encontram em **#1Ts 2.4**; **#1Tm 1.11**; **#Tt 1.3**. O tempo verbal perfeito é usado aqui a fim de indicar que tal encargo fora entregue permanentemente nas mãos de Paulo. **Em Pedro... em mim** (8). Melhor, conforme certas versões, "a favor de Pedro... a favor de mim". **Que eram reputados colunas** (9; "reputados", a mesma palavra outra vez; cfr. **#Gl 2.2,6**). Qualquer que tenha sido o sentido das palavras de nosso Senhor a Pedro, em Cesaréia de Filipe (**#Mt 16.18**), elas não lhe deram qualquer preeminência ou liderança superior. Tiago e João compartilhavam com Pedro da responsabilidade e do privilégio de serem "colunas" da Igreja.

>Gl-2.11

e) Paulo repreende a Pedro (Gl 2.11-14)

Paulo estava tão longe de ser inferior a Pedro que, em Antioquia, Pedro foi severamente repreendido pelo apóstolo aos gentios por motivo de comportamento incoerente. Não há menção desse incidente no livro de Atos. "A omissão é instrutiva, pois dá a impressão, deixada pela própria epístola, que a colisão foi um incidente transitório, sem qualquer efeito duradouro sobre a história da Igreja" (**Expositor's Greek Testament**). No que tange à época em que ocorreu esse incidente, somos deixados no terreno das conjeturas. Provavelmente foi no tempo entre os acontecimentos dos versículos anteriores e o concílio referido em **#At 15**; e os "alguns da parte de Tiago" (12) são idênticos com os "alguns indivíduos que desceram da Judéia" (**#At 15.1**), os quais, pelo próprio Tiago, são descritos como "alguns de entre nós, sem nenhuma autorização" (**#At 15.24**), cuja posição foi repudiada por Tiago.

Cefas (11), que aparece novamente no vers. 14. O "homem de pedra" negou tristemente o sentido de seu nome nessa ocasião. **Se tonara repreensível** (11); melhor, "aparecia condenado", isto é, por causa de sua conduta incoerente. Notar os tempos verbais imperfeitos no vers. 12, "começou a recusar e a manter-se afastado" (Moff.).

>Gl-2.13

O próprio **Barnabé** (13), o de coração grande. Um importante argumento a favor da teoria sobre o sul da Galácia (ver **Introdução**) pode ser encontrado aqui. Barnabé esteve com Paulo somente durante a primeira viagem missionária do apóstolo.

>Gl-2.15

f) Justificação e União com Cristo mediante a fé (Gl 2.15-21)

Paulo deixa de lado a disputa em Antioquia, e se eleva para regiões altaneiras de pensamento e de experiência. A justificação vem por meio da fé em Cristo, e não pelas obras da lei. Paulo se considerava crucificado de uma vez para sempre juntamente com Cristo, e assim possuía a vida que é realmente vida, por intermédio da fé em Cristo, o qual morreu por ele e agora vivia nele. Mas, se a justiça vem por meio das obras da lei, a conclusão é que a morte de Cristo foi supérflua, sem causa suficiente.

Paulo passa do incidente em Antioquia "a fim de discutir a questão conforme seus próprios méritos, ainda que a princípio tivesse ainda em mente a situação em Antioquia, como se mentalmente estivesse a dirigir-se a Pedro, se é que não estava citando o que disse a ele" (I. C. C.). Tanto ele como Pedro, judeus como eram, haviam descoberto que a salvação jamais pode ser alcançada pelas "obras da lei" (16); mas deve vir **mediante a fé em Cristo Jesus** (16), fé essa que tem origem nEle e que depende exclusivamente dEle (cfr. **#Rm 3.26**). Esse grande verbo paulino, "justificar" emerge aqui. A justificação envolve mais que o perdão dos pecados; no Breve Catecismo de Westminster é definida como segue: "A justificação é um ato da graça livre de Deus, mediante o qual Ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos aos Seus olhos, baseado somente na retidão de Cristo, a nós imputada, e recebida exclusivamente pela fé". É justamente o contrário da condenação (cfr. **#Rm 8.33-34**).

>Gl-2.17

O argumento dos vers. 17 e 18 é muito condensado. Paulo está ali respondendo a uma suposta objeção, de que a fé em Cristo não torna os judeus melhores que os pecadores gentios, e que, portanto, Cristo é um agente do pecado. Escreve o apóstolo: "Longe de nós tal pensamento! Pelo contrário, eu me constituiria transgressor se retornasse à lei como meio de justificação". **Certo que não** (17); jamais seja assim! Por dez vezes, em suas epístolas, Paulo emprega essa poderosa expressão como a repelir, impelido por grande horror, alguma sugestão feita; cfr. tais passagens como **#Rm 3.4; #Rm 6.2; #Rm 7.7. Porque** (19); essa palavra estabelece a declaração prévia: "Ao abandonar a lei como origem da justificação, tão somente eu seguia a orientação da própria lei. Pois a própria lei, por suas minuciosas exigências que eu nunca poderia cumprir, convenceu-me que é totalmente impossível que eu seja justificado por ela. Assim, morri para a lei, para que pudesse viver para Deus, o qual me justifica gratuitamente por Sua graça, à base do que Cristo fez por mim e em meu lugar".

>Gl-2.20

Alguém já afirmou que quando chegamos ao vers. 20 é como se subitamente tivéssemos passado de um campo de batalha devastado para um lindo jardim. Esse versículo, entretanto, está indissoluvelmente ligado com o anterior. Paulo explica como e onde ele morreu, e igualmente esclarece a natureza e a fonte da vida que agora possuía. **Estou crucificado** (19); melhor, "tenho sido crucificado". Trata-se de um tempo verbal perfeito, o que sugere uma morte cujos efeitos permanecem perpetuamente. **Já não sou eu** (ênfase sobre a palavra "eu") **quem vive, mas Cristo vive em mim**. "A melhor exposição sobre esta passagem é a feita pelo próprio Cristo, em Sua declaração acerca da vinha e seus ramos (**#Jo 15**). O ramo, ainda que esteja vivo e a florescer, não possui vida própria, pois sua vida pertence propriamente à vinha. A explicação teológica a respeito é que quando os homens morrem com Cristo sobre a cruz, Ele passa a viver dentro deles pelo Seu Espírito" (Macgregor). **Esse viver... pela fé**; mais literalmente, "a vida que agora vivo na carne, na fé vivo"; isto é, a vida vivida na carne tem sua raiz oculta noutra parte. **Pela fé no Filho de Deus**; cfr. anotação sobre **#Gl 2.16**, acima. **Se entregou** (20). O amor é eterno; a suprema exibição e a prova desse amor é a cruz. Ali o Filho de Deus (cfr. **#Gl 4.4**) se entregou a Si mesmo à morte que envolvia uma maldição (cfr. **#Gl 3.13**). **Por mim**. Temos aqui um tocante exemplo de fé apropriadora. "Lembra-vos, sou o pecador a quem Jesus veio salvar". A vida de que Paulo

agora desfrutava era uma doação do favor desmerecido de Deus (21). Trata-se de uma vida aceitável aos olhos de Deus, na qualidade de justo em Cristo. **Não anulo** (21). Paulo deixa subentendido que aqueles que anulam a graça de Deus, são os que pensam que poderão ser aceitos por Deus por intermédio de suas próprias boas obras; pois, se assim fosse "Cristo morreu em vão", ou, como diz Lightfoot, "inutilmente, sem causa suficiente".

Gl-3.1

II. DOCTRINÁRIA E ARGUMENTATIVA Gl 3.1-4.31

a) Apelo à experiência e às Escrituras (Gl 3.1-9)

Paulo apela para a experiência dos crentes gálatas. Cristo crucificado havia sido vividamente apresentado a eles, e pela fé nEle é que tinham recebido o Espírito. Será que realmente pretendiam voltar para ordenanças carnis? Abraão foi justificado pela fé; e somente aqueles que vivem segundo o princípio da fé é que são seus filhos autênticos.

Insensatos (1); "destituídos de bom senso" (Moff.); a mesma palavra traduzida como "néscios" em **#Lc 24.25**. **Fascinou** (1); esta palavra era freqüentemente empregada pelos gregos para indicar o engano produzido pela magia, algumas vezes com o "Olho mau". "Tão estranho era a cegueira espiritual deles que Paulo assume que alguém lançara um mau olhar contra eles; e pergunta quem era o mágico que assim fizera" (Beet). **Exposto** (1); "abertamente apresentado", "publicamente exibido". Aqueles que tinham ouvido o Evangelho com fé no coração (2-3) receberam bênçãos infinitamente mais preciosas que aqueles que estão debaixo da lei jamais poderão receber-receberam o Espírito Santo. Começar "no Espírito" e procurar madureza de experiência "na carne" é tornar-se estúpido e violar a lei do verdadeiro progresso espiritual. **Sofrestes** (4). Alguns preferem entender que esse verbo (em grego, **pascho**) se refira à experiência espiritual. Assim pensava Moffatt: "Tivestes toda aquela experiência em troca de nada?". Porém, parece que em nenhuma outra porção do Novo Testamento esse verbo aparece com esse sentido, e é mais provável que a referência aqui seja à perseguição suportada por eles. **Em vão** (4); "em troca de nada" (Moff.); uma palavra diferente da que é empregada em **#Gl 2.21**. **Vos concede** (5); "supre", no dizer de certas versões. A sugestão aqui é de grande abundância. É Deus Quem faz isso; de conformidade com **#Gl 4.6**, Ele envia o Espírito de Seu Filho aos corações de Seus filhos.

>Gl-3.6

Notamos novamente a ênfase posta sobre a fé, o que leva o apóstolo a lançar mão da ilustração de Abraão como crente típico (6). #Gn 15.6 ("o grande texto de Gênesis", conforme Lutero o descreveu) é citado não somente aqui, mas também em #Rm 4.3; Tg 2.23. A Abraão foi prometida uma descendência tão inumerável como a areia das praias do mar. Quem compõe essa descendência? Aqueles que são da fé (7), "aqueles cujo ponto inicial, cujo princípio fundamental é a fé" (Lightfoot). Tendo a Escritura previsto... (8); uma notável personificação. Justificaria; literalmente, seria "está justificando". Esse é o método perpétuo e invariável de Deus. O Evangelho, segundo foi anunciado a Abraão, falava em bênção para todas as nações, e isso por intermédio da fé. A citação aqui feita é uma fusão de #Gn 12.3 com #Gn 18.18 O crente Abraão (9). A fé era a característica essencial da religião de Abraão, e é típica de toda verdadeira religião.

>Gl-3.10

b) A maldição e a bênção (Gl 3.10-14)

Aqueles que permanecem sob a lei, só podem esperar a maldição da lei. Cristo morreu a fim de redimir-nos dessa maldição, para que, em lugar da maldição, a bênção prometida a Abraão, a bênção do Espírito Santo prometido, pudesse ser estendida a todas as nações por meio da fé.

Aqueles que buscam a salvação pelas obras da lei (10) logo descobrem que estão tentando realizar um feito impossível. A maldição da lei desobedecida repousa sobre eles (#Dt 27.26 é citado). Nunca foi tencionado que a bênção haveria de vir por meio da lei, mas sim, pela fé (11). É citada aqui uma das maiores afirmações do Antigo Testamento (#Hc 2.4). Ver também #Rm 1.17; #Hb 10.38. A lei não procede de fé (12). A lei não começa sobre um princípio de fé; antes, porém, se opõe à fé. Resgatou (13); lit. "nos tirou para fora", o mesmo verbo que aparece em #Gl 4.5. É sugerido aqui o custo infinito de nossa salvação. Fazendo-se (13); melhor, "tendo-se tornado". Maldição (13). Temos aqui uma forte declaração, que nos faz lembrar doutra declaração ainda mais forte, em #2Co 5.21. "Ele fez com que nossa condenação fosse a Sua própria. Tomou sobre Si não apenas a chamada de um homem, mas também nossa responsabilidade como homens pecaminosos. E nisso que repousa Sua obra como Redentor, pois é aqui que a medida, ou antes, a imensidão de Seu

amor pode ser vista" (Denney, *The Death of Christ*, I. V. F., ed., pág. 92). **Em nosso lugar** (13). A preposição grega usada é **hyper**, "a nosso favor". Esse versículo, entretanto, parece exigir a idéia de substituição. Diz A. T. Robertson em sua *New Testament Grammar*, que somente a violência pode tirar daqui essa idéia. **#Jo 11.50** é outro versículo onde essa preposição traz em si a idéia de substituição; ver também **#2Co 5.20** e **#Fm 1.13. Porque está escrito...** (13). A citação é tirada de **#Dt 21.23**. Cristo morreu a morte do pior malfeitor uma morte que inclui a mais evidente das maldições, tão intimamente Ele se identificou com o principal dos pecadores. **Madeiro** (13) "forca" (Moff). Para Cristo a cruz maldita para todas as nações a bênção prometida a Abraão (14). Essa bênção é a bênção da justificação, conforme demonstrado pelo contexto. Esse é um dos resultados da obra expiatória de Cristo; outro desses resultados é a presença do Espírito Santo no crente (cfr. **#At 2.33**). **O Espírito prometido** (14). Quanto a essa promessa ver passagens como **#Ez 36.27** e **#Jl 2.28**.

>Gl-3.15

c) A verdadeira função da lei (Gl 3.15-23)

A promessa é um fato anterior à lei, e é o elemento original e essencial no propósito de Deus. A lei era uma provisão meramente temporária; não era contrária à fé, mas foi dada a fim de preparar os homens para a era da fé.

Irmãos (15). Um toque de ternura, como que para mitigar a severidade de muito que fora escrito. **Falo como homem** (15); "Para tomar uma ilustração da vi da humana meus irmãos" (Moff). **Ninguém a revoga** (15); o verbo é o mesmo que em **#Gl 2.21**. **Ou lhe acrescenta** (15); "adiciona novas cláusulas" (Lightfoot).

>Gl-3.16

No vers. 16, Paulo tem sido freqüentemente acusado de fazer uma aplicação errônea das palavras citadas por ele do livro de Gênesis. A verdade bem ao contrário pode ser que seus críticos não têm visto tão profundamente as coisas de Deus como ele. Ele não está aqui a sugerir-nos a idéia que o Antigo Testamento inteiro olha para a vinda de um indivíduo, o Cristo; que sumariza em Sua pessoa o povo da aliança em Quem o Israel de Deus é abençoado com todas as bênçãos espirituais? Cristo e Seu povo são um só, conforme Paulo explica mais completamente um pouco mais adiante (**#Gl 3.27-29**). Se pudesse

ser demonstrado que a herança depende da observância da lei, isso anularia e abrogaria a promessa. **A concedeu gratuitamente** (18). O tempo verbal perfeito indica que os efeitos da promessa são permanentes.

>Gl-3.19

Qual, pois, a razão de ser da lei? (19). Melhor, lit., "Que, então, é a lei?". Sua inferioridade é destacada de três maneiras. Primeira, em lugar de justificar, ela condena; ela foi **adicionada** a fim de salientar mais claramente a pecaminosidade da natureza humana e aprofundar o senso de pecado no coração humano (cfr. **#Rm 3.19-20**; **#Rm 5.20**). Em segundo lugar, esteve em vigor apenas durante algum tempo. Em terceiro lugar, não veio diretamente da parte de Deus: houve uma dupla interposição, a saber, a dos anjos e a de Moisés. Quanto aos **anjos**, cfr. **#At 7.53** e **#Hb 2.2**. **Deus é um** (20). Tem sido dito que há mais de 250 interpretações sobre esse difícil versículo; mas isso certamente é um exagero. O sentido da primeira cláusula parece suficientemente claro: a própria idéia de um mediador implica em duas partes interessadas. Quanto à segunda cláusula, a interpretação que acompanha esse pensamento, e que parece satisfatória, tem sido apresentada por Lightfoot. Deus tratou com Abraão diretamente, sem mediações. "Diferentemente da lei, a promessa é absoluta e incondicional. Depende exclusivamente do decreto de Deus. Não há duas partes interessadas a se compactuarem. Nada existe que pertença à natureza de estipulação. O doador representa tudo, o recebedor nada representa". **De modo nenhum** (21); cfr. 2.17 n. A lei nunca teve a intenção de comunicar vida nem de proporcionar a justiça.

>Gl-3.22

A Escritura (22); ver, por exemplo, passagens tais como **#Dt 27.26**, citada em **#Gl 3.10**, e **#Sl 143.2**, citada em **#Gl 2.16**; passagens semelhantes são citadas em **#Rm 3.10-18**. **Encerrou tudo** (22); "entregou tudo, sem exceção, à custódia do pecado" (Moff.). O mesmo verbo é empregado em **#Gl 3.23** (**encerrados**) e em **#Rm 11.32**; também em **#Lc 5.6**, sobre a rede que apanha os peixes. A lei encerrou os homens em sua prisão, assim lhes transmitindo um senso de culpa e do poder do pecado. **A fé** (23); isto é, a fé referida no vers. 22, a fé que justifica; cfr. vers. 11 e 14. **Estávamos sob** (23). O tempo verbal imperfeito descreve a atividade incessante da lei como carcereira. O mesmo verbo (em grego, **phroureo**) é empregado para designar o fato dos crentes serem guardados, em **#1Pe 1.5**; é também empregado para indicar literalmente a guarda de uma cidade, em **#2Co 11.32**.

>Gl-3.24

d) Nesta era da fé somos filhos de Deus (Gl 3.24-4.7)

A lei nos conduziu a Cristo, em Quem pudemos encontrar justificação, mediante a fé. O estado de tutela pertence ao passado: temos nos tornado espiritualmente adultos, atingindo a estatura de filhos e herdeiros de Deus.

Aio (24); "tutor", "preceptor"; "a lei agia como tutor-escravo para conduzir-nos a Cristo" (Wey). Desse modo a lei nos orientava como nosso **paidagogos**, "orientador de crianças", de qual termo se origina a palavra portuguesa "pedagogo"; ela ocorre também em **#1Co 4.15**. Descreve um escravo de confiança, nas famílias antigas das classes sociais mais ricas, o qual levava as crianças da família da escola e para a escola. Ele tinha essa supervisão sobre elas entre as idades de sete e dezessete anos, e ele as resguardava da sociedade má e das influências imorais. A função da lei termina quando nos tem conduzido a Cristo e nos deixa entregues em Suas mãos, não meramente para receber instrução, mas, acima de tudo, para recebermos redenção, que inclui a completa filiação. **Todos vós sois filhos** (26). A sentença fica mais clara pelo emprego da vírgula, como segue: "Pois todos vós sois filhos de Deus, mediante a fé, em Cristo Jesus". Não são todos os homens, indiscriminadamente, que são filhos de Deus, mas somente aqueles que têm verdadeira fé e estão em união vital com Cristo. **Batizados** (27); a única referência ao batismo nesta epístola. Para aqueles gálatas, o batismo fora um momento de intensa crise espiritual: haviam sido batizados **em Cristo**, isto é, para "dentro de Cristo". **Vos revestistes** (27); a saber, no momento do batismo. Quanto à ilustração, cfr. **#Ef 4.24**; **#Cl 3.10**; e, especialmente, **#Rm 13.14**. Aqui significa possuir a posição de Cristo perante Deus. O batismo deles não somente os selou, mas também tornou mais real para eles o fato que eram um com o crucificado e ressurecto Senhor.

>Gl-3.28

Dessarte não pode haver (28); "não há espaço para" (Lightfoot e Moff.). No Livro de Oração dos judeus encontramos as seguintes palavras: "Bendito és Tu" ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste um escravo. Bendito és tu, que não me fizeste uma mulher". Paulo ultrapassou em muito além do ponto da vista dessa oração, que provavelmente recua até à sua época. Duncan (**Moffatt Commentary**) sugere que poderíamos dizer hoje em dia que,

"não há lugar para homem branco e homem negro, patrão ou empregado, capitalista ou mensalista, homem ou mulher. Tais distinções, naturalmente, existem no mundo natural, mas agora não podem mais ser consideradas como finais". **Um** (28); "um homem". "Um coração bate em todos: uma mente guia a todos; uma vida é vivida por todos" (Lightfoot), **De Cristo** (29). Eles eram membros de Cristo; poderíamos até dizer, eram parte de Cristo (cfr. **#Ef 5.30**). Nessa qualidade, eram herdeiros; não porém, segundo a lei, mas **segundo a promessa**.

Gl-4.1

No capítulo 4, é levado adiante o pensamento que, antes da vinda de Cristo, a raça humana estava em seu período de menoridade, ainda que isso seja considerado de um ponto de vista levemente diferente. **Menor** (4.1); a palavra no grego, empregada por Paulo, está em oposição a "homem", em **#1Co 13.11**, bem como em oposição a "perfeito" ou "adulto", em **#1Co 14.20**. **Tutores** (2), isto é, guardiães de sua pessoa. Esta é a única instância em que Paulo emprega esta palavra; no Novo Testamento ela só ocorre novamente em **#Mt 20.8** e **#Lc 8.3**, e se refere ao despenseiro de uma casa ou de terras. **Curadores** (2); "encarregados" (Moff.); isto é, guardiães de sua propriedade. Esse vocábulo ocorre com freqüência no Novo Testamento com o sentido de "despenseiro", literalmente, em **#Lc 12.42**; **#Lc 16.1**; metaforicamente, em **#1Co 4.1**; **#1Pe 4.10**. Em **#Rm 16.23** ele denota o "tesoureiro" de Corinto. **Rudimentos** (3). O termo aqui usado descreve, em **#2Pe 3.10,12**, os elementos físicos, o fogo, a água, etc. A maioria dos primitivos pais da Igreja compreendiam que ela se refere ao sol, à luz e às estrelas, e **#Gl 4.9-10** era reputada passagem que dava algum apoio a essa idéia. A palavra também significa os primeiros princípios ou rudimentos de qualquer assunto (como em **#Hb 5.12**), e esse é o sentido mais provável aqui. A tradução "espíritos elementares" é dada por Moffatt. Porém, nenhum exemplo do emprego dessa palavra em tal sentido pode ser encontrado no grego clássico ou no grego helenista. É difícil ver qual base real existe para uma noção tão sutil e bizarra, quando uma tradução mais simples é disponível e encontra forte apoio em outras passagens do Novo Testamento. Em **#Hb 5.12**, o contexto claramente exige o sentido "rudimentos". Em **#Cl 2.8,20** o ensinamento religioso rudimentar de certos hereges parece ser contrastado com "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" que se encontram em Cristo (**#Cl 2.3**). Aqui, a associação da palavra com o termo **menores** parece fixar sobre ela a idéia de "rudimentos". As nações pagãs estavam na classe infantil mais baixa, e o ensino desfrutado pelos judeus era apenas rudimentar em comparação com a revelação outorgada em Cristo.

>Gl-4.4

A plenitude do tempo (4); cfr. #Mc 1.15. Foi o tempo apontado pelo Pai celeste (cfr. #Gl 4.2), e podemos ver que era o momento exatamente certo ao estudarmos a condição do mundo, política, moral e religiosamente, quando Cristo chegou. **Enviou** (4). O verbo transmite a idéia de Deus haver enviado o Filho de Sua própria parte, partindo do estado da glória pre-existente (cfr. #Jo 17.5). **Seu Filho** (4); a mesma frase que em #Rm 1.3. Frases semelhantes ocorrem em #Rm 8.3,32. **Nascido** (4); isto é, "feito". Ele foi enviado da parte de Deus, nasceu de uma mulher, e assim se tornou verdadeiramente humano. A realidade da encarnação é a idéia aqui frisada. Não podemos considerar que essa frase aluda definidamente ao milagre que está envolvido no nascimento de Cristo, embora o grande erudito alemão, Zahn, tenha defendido denodadamente essa idéia, e embora a menção de Sua mãe, exclusivamente, certamente seja notável. **Sob a lei** (4). O legislador submeteu-Se ao jugo de Sua própria lei, a fim de observá-la em todos os seus preceitos e a fim de também levar sobre Si a sua maldição (#Gl 3.13). "Ele veio de uma pátria além das estrelas, de um céu acima dos céus... Podemos sumarizar o ensinamento evangélico sobre esse tema majestoso em três breves declarações: Ele veio da parte de Deus; Ele desceu do céu; Ele veio em carne" (D. M. McIntyre, *Christ the Lord*, pág. 65). **Resgatar** (5). Isso, conforme já foi explicado, Ele realizou na cruz (#Gl 3.13). **A adoção de filhos** (5); ou "como filhos". Em Sua graça, Deus tem recebido em Sua família aqueles que anteriormente pertenciam a uma família inteiramente diferente (#Jo 8.44), dando-lhes "o direito de receber todas as bênçãos e todos os privilégios dos filhos de Deus". Tais bênçãos e privilégios só podem ser desfrutados por aqueles que têm sido remidos.

>Gl-4.6

Enviou (6); o mesmo verbo que em #Gl 4.4. A presença e operação do Espírito Santo no coração são evidência certa de filiação (cfr. #Rm 8.14-16). **O Espírito de seu Filho** (6). O Espírito Santo é outorgado pelo Pai, mediante a intercessão do Filho (#Jo 14.16), é enviado pelo Filho da parte do Pai (#Jo 15.26), e presta testemunho sobre o Filho (#Jo 15.26; #Jo 16.14). Cfr. frases tais como "o Espírito de Jesus Cristo" (#Fp 1.19) e "O Espírito de Jesus" (#At 16.7). **Nossos corações** (6). É como Se Paulo tivesse dito: "Vós, gálatas, sois filhos, mas nós, judeus, também o somos". **Clama** (6); essa palavra denota um forte clamor e descreve oração fervorosa e importuna. **Aba, Pai** (6). Essa

expressão ocorre novamente em #Mc 14.36 e #Rm 8.15. **Aba** é o termo aramaico para "pai". Podemos encontrar aqui uma ilustração do que Paulo tem estado a dizer (#Gl 3.28) sobre a unidade de todos os crentes em Cristo; "pois **Aba** e **Pai** une os hebreus e os gregos nos mesmos lábios, tornando o solicitador ao mesmo tempo judeu e gentio" (Macgregor). Ver I. C. C. sobre #Rm 8.15 e o artigo "Abba", em H. A. C. **Não és** (tu) (7). Paulo aplica essa questão a cada crente individual. **Também herdeiro por Deus** (7). Evidentemente esta versão traduz uma variação mais correta que a de certas traduções. "Tudo devendo a Deus" (Moff.).

>Gl-4.8

e) A loucura de pôr-se novamente em escravidão (Gl 4.8-11)

Ou antes sendo conhecidos por Deus (9). Cfr. #Jo 15.16 e #1Jo 4.10. "Deus os conheceu antes de terem-No conhecido" (Eadie). Quanto a esse conhecimento, que traz em si o segredo da vida eterna, cfr. #Mt 7.23; #Jo 17.3. **Como estais voltando...?** (9), o que dá idéia de um processo ainda em continuação. **Rudimentos fracos e pobres** (9); cfr. 4.3 n. **Fracos**, visto serem impotentes para "resgatar" (5); **pobres**, porque não podem aumentar a riqueza espiritual daqueles que são herdeiros de Deus (7). A riqueza espiritual dos filhos de Deus é referida vezes sem conta no Novo Testamento (#1Co 1.5; #1Co 3.21-23; #2Co 8.9; #Tg 2.5). **Guardais** (10); "vós observais minuciosa e escrupulosamente", esforçando-vos para nada omitir. Várias ordenanças judaicas são mencionadas: **dias**, isto é, sábados, jejuns, festividades; **meses**, isto é, luas novas (cfr. #2Rs 4.23); **tempos** (ou estações), isto é, festas anuais, tais como a Páscoa, o Pentecoste, etc.; **anos**, isto é, os anos sabáticos. Nenhuma base pode ser encontrada aqui para a idéia que a lei sabática foi abrogada por Cristo. O que Paulo condena neste passo é a observância escrupulosa do sábado judaico, com todas as suas estreitezas farisaicas, bem como a escrupulosa observância de outros dias judaicos sagrados, como meios de salvação. **Receio de vós** (11); melhor ainda, "receio por vós". **Em vão** (11); a mesma palavra que em #Gl 3.4.

>Gl-4.12

f) Apelo para lembrarem sua primeira recepção ao Evangelho (Gl 4.12-20)

Sede qual eu sou (12); ou "tornai-vos tais qual eu", livres das ordenanças judaicas. **Eu sou como vós** (12); ou, "tornei-me tal qual sois"; isto é, ele lançou por terra a carga da lei judaica a fim de colocar-se no nível de seus convertidos gentios. **Em nada me ofendestes** (12); isto é, nos primeiros e melhores dias, mas, pelo contrário, me tratastes conforme descrevi nos vers. 13 e 14. **Por causa de uma enfermidade física** (13). Foi por causa de alguma fraqueza corporal que ele terminou pregando o Evangelho aos gálatas. A teoria de Ramsay a respeito é interessante. Segundo ele, a "enfermidade da carne" de Paulo, que seria a mesma coisa que o "espinho na carne" de **#2Co 12.7**, foi um ataque de malária que lhe sobreveio quando andava pregando pelo distrito baixo e pantanoso de Perge, na Panfília (**#At 13.13**), o que o levou a dirigir-se para o norte, à procura do ar das montanhas. Outras sugestões são vista fraca ou epilepsia; ninguém sabe qual essa enfermidade com certeza, entretanto. **A primeira vez** (13); "durante minha visita anterior" (Moff.), provavelmente na viagem anterior à viagem de retorno (**#At 14.21-24**). A melhor tradução do vers. 14 seria "aquilo que vos foi uma tentação em minha carne". Parece que havia algum sintoma, em conexão com a enfermidade de Paulo, que o tornava um espetáculo humilhante, e isso provavelmente foi o que tentou os gálatas a receber sua pregação com desprezo; a reação deles, entretanto, foi muito diferente disso. **Desprezo** (14); lit., "cuspiastes fora". É interessante lembrar que foi no sul da Galácia que Paulo e Barnabé foram confundidos com divindades pagãs (**#At 14.12**).

>Gl-4.15

O versículo 15 tem sido empregado para escorar a teoria que o "espinho" de Paulo era vista fraca, mas as palavras quase certamente são metafóricas. **Os que** (17); isto é, os mestres judaizantes. **Vos obsequiam** (17); ou então, "vos dão importância". Semelhantemente, no versículo seguinte. **Não o fazem sinceramente** (17), isto é, não com bons motivos. **Querem afastar-vos de mim** (17); melhor ainda, "querem fechar-vos", isto é, fora da Igreja de Deus. As palavras "de mim" não se encontram no original; representam uma interpretação, e não uma tradução. Assim, ao insistirem sobre a circuncisão, os falsos mestres estavam, em realidade, fechando os gálatas longe de Cristo (cfr. **#Gl 5.4**). **Para que o vosso zelo seja em favor deles** (17); ou então, "para que lhes deis importância". O que Paulo queria dizer no vers. 18, é: "Não me queixo da atenção que vos está sendo dada, contanto que a mesma tenha boas intenções. Mas estou apelando para que também me dediqueis afeição, e que a mesma seja tão calorosa como quando estive entre vós". **Meus filhos** (19); uma súbita explosão de profunda afeição. Essa é a única instância de tal

expressão nos escritos de Paulo; ela é freqüentemente encontrada nos escritos de João. Paulo afirma que ele tinha mais direitos da afeição deles do que aqueles outros, visto que lhe deviam sua nova vida em Cristo (cfr. #1Co 4.15). A mesma angústia de espírito, que sentiu quando pregava a eles, se fazia presente novamente, em vista do perigo espiritual que corriam. **Formado** (19). O propósito do novo nascimento é que a vida e o caráter cristãos cresçam cada vez mais: será que o novo ensino, ao qual estavam dando ouvidos, contribuiria para o crescimento espiritual deles? **Em outro tom de voz** (20). "Se ao menos eu e vós pudéssemos estar face a face, não palmilharíamos sem tardança pela mesma antiga vereda novamente?". Mas, na situação presente, ele estava **perplexo** a respeito deles.

>Gl-4.21

g) A alegoria dos dois filhos de Abraão (Gl 4.21-31)

Está escrito (22); uma referência geral a #Gn 16; 21.1-21. **Estas cousas são alegóricas** (24). Para aqueles que realmente "ouvem" (21), elas dizem algo distinto do sentido que jaz à superfície da história. **Porque estas... são** (24), isto é, representam tipicamente. Cfr. passagens tais como #Mt 13.37-39; #Mt 26.26-28; #1Co 10.4. **Gera para escravidão** (24); ou, "dá filhos para a escravidão".

>Gl-4.25

Agar é o monte Sinai na Arábia (25). Algumas versões apresentam a tradução de uma variante encontrada em muitos manuscritos e adotada por Lightfoot e por outros, "pois Sinai é uma montanha na Arábia", isto é, conforme Lightfoot comenta: "na terra dos escravos, os quais descendem de Agar". **Corresponde** (25); isto é, "pertence à mesma categoria". Jerusalém estava em escravidão política como também em escravidão espiritual, não tendo recebido a liberdade que Cristo lhe ofereceu. **A qual é nossa mãe** (26). Quanto a Jerusalém como mãe dos crentes, ver #Sl 87. Os crentes já são cidadãos da Jerusalém celestial (#Lc 10.20; #Fp 3.20; #Hb 12.22). **Está escrito: Alegra-te...** (27), uma citação tirada de #Is 54.1 (LXX), passagem essa que prediz a vasta multiplicação dos filhos de Jerusalém. Sob a figura de uma esposa negligenciada e estéril, é descrita a desolação do exílio; mas a Jerusalém é prometido um dia de bênçãos e crescimento. A profecia de Isaías está sendo espiritualmente cumprida na chamada dos gentios para a Igreja de Deus (cfr.

#Is 49.18-23). Baseado em #Is 54.2, William Carey Taylor pregou o seu famoso sermão missionário.

>Gl-4.29

No vers. 29 a alusão parece ser a #Gn 21.9, mas o tempo verbal imperfeito que aqui aparece ("estava perseguindo", "continuou a perseguir"), sugere o fato que o incidente mencionado em #Gn 21.9 não era acontecimento isolado. **Que diz a Escritura?** (30) a referência é a #Gn 21.10. O sentido essencial, sem dúvida alguma e dado por Lightfoot: "A lei e o Evangelho não podem co-existir; a lei tem de desaparecer perante o Evangelho". O vers. 31 apresenta um sumário da passagem inteira (21-31) e conduz diretamente à exortação no versículo seguinte. Devemos observar a ênfase posta, do princípio ao fim da passagem, sobre **livre**. Quanto a esta passagem podemos observar que esse é um claro exemplo de espiritualização do Antigo Testamento, o qual, contudo, não justifica qualquer emprego geral do método alegórico de interpretação bíblica.

Gl-5.1

III. PRÁTICA E HORTATÓRIA Gl 5.1-6.18

a) Apelo para se apegarem à liberdade (Gl 5.1-12)

A verdadeira tradução do versículo primeiro parece ser a de certas versões: "Com liberdade Cristo nos libertou: permaneí firmes, portanto...". Alguns preferem lugar esse versículo aos versículos anteriores, como conclusão do argumento de Paulo. **Permaneí... firmes** (1). Paulo usa novamente esse verbo em #2Ts 2.15; #1Co 16.13; #Fp 1.27; #Fp 4.1. **Jugo de escravidão** (1); lit., "uma canga", isto é, qualquer canga, quem quer que procure impô-la. Cfr. #At 15.10 e contrastar com #Mt 11.29-30. **Eu, Paulo, vos digo** (2); isto é, com a autoridade de apóstolo de Cristo, e como alguém que conhece por amarga experiência a verdade do que digo. A submissão à circuncisão significa recuar para o método de procurar a salvação pelas obras da lei (3), e assim envolve a aceitação da obrigação de guardar a lei em sua inteireza, o que requer um cumprimento perfeito de seus preceitos (#Gl 3.10).

>Gl-5.4

De Cristo vos desligastes (4). Certas versões traduzem: "Separados estais de Cristo". O verbo grego, *katargeo*, é traduzido "abolir", em **#1Co 15.26**, e "destruir" em **#Hb 2.14**. Neste caso denota o rompimento de toda a conexão. Em **#Rm 7.2,6**, Paulo emprega o termo para indicar a esposa que é "desobrigada da lei do marido" por meio da morte deste; assim, igualmente, o crente Cristão é "desobrigado da lei". **Da graça decaístes** (4); isto é, da graça especial da justificação sob a condição de fé. **Porque** (5); o verdadeiro caráter dos filhos de Deus se vê em nós que, por intermédio da fé, temos uma expectativa espiritual ou dada pelo Espírito sobre a glória que haverá de ser. **Aguardamos** (5). Verbo que Paulo usa frequentemente (ver **#1Co 1.7**; **#Rm 8.19,23,25**; **#Fp 3.20**). Todas essas passagens apontam para a glória que aguarda o povo de Deus por ocasião da vinda de Cristo. **A esperança da justiça** (5) é a esperança associada à justiça ou inspirada por ela, a esperança que nos pertence por havermos sido justificados (cfr. **#Rm 5.2** e **#Cl 1.27**). Os filhos de Deus atualmente possuem justiça em Cristo, e esta traz em si a promessa da glória futura. (Cfr. "a esperança do seu chamamento", em **#Ef 1.18**; **#Ef 4.4**). **Porque em Cristo Jesus...** (6); isto é, quando nos tornamos crentes, aquilo que tem o poder não é alguma diferença carnal e externa, operada pelo homem, mas é a atividade da fé, interna, operada pelo Espírito, que se manifesta em amor. **Que atua pelo amor** (6), o amor com o qual se cumpre a lei inteira (14). "Nessas palavras", diz Bengel, "se apóia todo o Cristianismo". E, no dizer de Lightfoot, é "a ponte por sobre o abismo que parece separar a linguagem de Paulo da linguagem de Tiago. Ambos asseveram um princípio de energia prática, em oposição a uma teoria estéril e inativa". Quanto a **fé, esperança e amor**, em íntima conexão, examinar **#1Ts 1.3**; **#Rm 5.1-5**; **#1Co 13.13**; **#Cl 1.4**.

>Gl-5.7

Vós corréis bem (7). Novamente, como em **#Gl 2.2**, temos uma metáfora baseada nas corridas. **Impediu** (7). Temos aqui uma metáfora tirada das operações militares, que sugere a idéia da destruição de um trecho de estrada, para impedir o progresso de um exército que avança. **Daquele que vos chama** (8); isto é, Deus, como em **#Gl 1.6,15**. O verbo está no presente do indicativo, como em **#1Ts 5.24**. Deus os chamou, na crise da conversão (**#Gl 1.6**), mas continua a chamá-los para alturas mais excelentes de visão e conhecimento. Estavam eles dando ouvidos a Deus, ou a alguma outra voz, alguma voz enganadora? O vers. 9 é um provérbio, citado também em **#1Co 5.6**. A referência pode ser a uma pessoa, aquele que os impedia (7), ou aquele que os perturbava (10), ou talvez, e mais provavelmente, a referência diz respeito a

uma infusão de ensinamentos falsos que, por insignificantes que parecessem, se propagariam e operariam dano infinito. **Confio** (eu) (10), "que vos conheço tão bem, e que me lembro de vosso zelo anterior" (Lightfoot), tenho boas esperanças a vosso respeito, a despeito de tudo. **Que vos perturba** (10); o mesmo verbo que em **#Gl 1.7**.

>Gl-5.11

Ainda (11); como nos dias antes de sua conversão, como talvez alguém tivesse sugerido maliciosamente. **Escândalo** (11). Algumas versões dizem "pedra de tropeço". O vocábulo grego **skandalon** significa "o gatilho de uma armadilha", e então a própria "armadilha", assim apontando para qualquer coisa que atrapalha, apanha e impede. **Desfeito** (11); o mesmo verbo que em **#Gl 5.4**. Essas palavras, naturalmente, são irônicas. Paulo continuava pregando a Cristo crucificado (**#Gl 2.20; #Gl 3.1,13; #Gl 6.14**), o que para os judeus era um escândalo (**#1Co 1.23**); eis porque ele era perseguido. **Se mutilassem** (12); isto é, rompessem todas as ligações com a Igreja. Ramsay adota essa interpretação, mas quase todos os eruditos modernos favorecem uma tradução mais drástica e mesmo espantosa, como a desta versão. Por que haveriam de parar na circuncisão? por que não prosseguiram até à mutilação física, à semelhança dos sacerdotes da deusa Cibele, na região da Galácia? O verbo é o mesmo encontrado em **#Dt 23.1** (LXX). **Incitam** (12). No original, um verbo que não ocorre no grego clássico, ainda que era usado no vernáculo, conforme fica provado, por exemplo, por seu emprego em uma carta datada de 41 D. C., encontrada no Egito. Ocorre duas vezes mais no Novo Testamento (**#At 17.6** e **#At 21.38**) com o sentido de fomentar desordem social.

>Gl-5.13

b) As obras da carne e o fruto do Espírito (Gl 5.13-26)

Porque (13); isto é, Bem que posso usar tão forte linguagem acerca daqueles que vos incitam (12), visto que fostes chamados à **liberdade**. **Ocasão** (13); uma palavra peculiar a Paulo no Novo Testamento, e que denota, tanto em **#Rm 7.8,11** e **#2Co 11.12** como aqui, uma oportunidade para o pecado. Na linguagem militar era aplicada para denotar uma base de operações. Há exortação similar, em **#1Pe 2.16**. **Sede... servos uns dos outros, pelo amor** (13), assim obedecendo ao ensinamento de Cristo (**#Mc 10.44**). Esse método do amor (14) é melhor maneira de observar a lei do que ser circuncidado (3); de fato, é a única maneira (cfr. o vers. 6). Encontramos o mesmo pensamento

em **#Rm 13.8. Mordeis e devorais** (15). A feroz contenda das seitas em luta, na Igreja, resulta em destruição mútua. **Andai** (16); isto é, vivei vossa vida diariamente. Esse verbo é freqüentemente empregado por Paulo nesse sentido; ver **#Rm 6.4; #Rm 8.4; #1Co 3.3; Ef. 4.1,17; #Fp 3.18. No Espírito** (16); algumas versões dizem "pelo Espírito", isto é, guiados por Ele (cfr. **#Rm 8.14,18**, aqui).

>Gl-5.17

Carne (17). Neste contexto, essa palavra não significa o corpo, como se a sede do pecado fosse esse. Deve-se notar que muitos dos pecados mencionados nas "obras da carne" são pecados espirituais. "Carne", no dizer de Malanchthon, é "a natureza inteira do homem, seu senso e razão, sem o Espírito Santo". O filho de Deus tem habitado em si o Espírito Santo, e Ele é a fonte da nova vida, o que explica o motivo dessa "guerra irreconciliável" sobre a qual fala este versículo. Parece que Paulo dizia: "Não tendes prova clara da presença desses dois antagonistas em vosso coração? De que outra maneira podeis explicar o fato que nem sempre obedeceis aos ditames da consciência?". Certamente há conflito, mas permanece inalterado o fato que os crentes não estão debaixo da lei (18). Esta não mais os condena, nem se trata de um constrangimento aborrecível sobre eles. Docemente constrangidos pelo Espírito, fazem a vontade de Deus.

>Gl-5.19

As obras da carne são conhecidas (19); suficientemente manifestas naquele velho mundo pagão, suficientemente manifestas por toda parte em nosso mundo atual. Não há tentativa, nos vers. 19-21, para mencionar todos os pecados possíveis; são dados apenas alguns exemplos mais notáveis. Lightfoot classifica-os sob as quatro categorias de paixões sensuais, manuseios ilegítimos das coisas espirituais, violações contra o amor fraternal, e excessos intemperantes.

(i) **Paixões sensuais** (19). **Prostituição, impureza, lascívia... Lascívia**; isto é, "devassidão" (Lightfoot), indecência aberta e desavergonhada. Essa palavra ocorre em **#Mc 7.22; #2Co 12.21; #1Pe 4.3; #2Pe 2.7** (sobre os homens de Sodoma); e outros lugares. Não nos devemos esquecer que naquele antigo mundo pagão o vício sexual era provido pela lei pública, sendo incorporado até mesmo na adoração aos deuses.

>Gl-5.20

(ii) Manuseios ilegítimos das coisas espirituais (20). **Idolatria, feitiçarias...** O primeiro se refere ao reconhecimento público dado aos deuses falsos. Moffatt traduz **feitiçaria** como "mágica"; a referência é ao tráfico com os mortos, e assim sendo, com os poderes malignos, tão severamente condenado no Antigo Testamento (ver, por exemplo, **#Is 8.20**; ver também **#Ap 21.8**; **#Ap 22.15**).

(iii) Violações contra o amor fraternal (20-21). **Inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas...** Algumas variações: **Ciúmes**, isto é, "emulações". **Iras**, significa explosões apaixonadas de ira. **Facções**, isto é, "heresias", ou seja, partidos, uma forma agravada de divisões. "Homicídios", ainda que apareça em algumas versões, é palavra que não se encontra no original.

>Gl-5.21

(iv) Excessos intemperantes (21). **Bebedices, glotonarias.** As duas palavras ocorrem novamente em **#Rm 13.13**, e a segunda palavra em **#1Pe 4.3**.

Aqueles que praticam (21) tais coisas necessariamente, pela própria natureza das coisas, estarão fora da santa cidade de Deus que virá (ver **#Ap 22.15**). As obras da carne envolvem uma labuta árdua, maçante, inútil, que no fim produz os salários daquela morte que é a antítese da vida eterna (**#Rm 6.23**).

>Gl-5.22

Fruto (22), em contraste, é o sinal certo da vida saudável da árvore, e "o fruto do Espírito" é a linda, calma e sempre progressiva manifestação por meio da conduta, e até à idade avançada (**#Sl 92.14**), daquela nova vida que foi comunicada por Deus. Paulo não escreve sobre "frutos" e, sim, sobre "fruto"; cfr. "fruto da justiça" (**#Fp 1.11**, grego) e "fruto da luz" (**#Ef 5.9**). Um belo cacho de nove variedades de fruto é aqui descrito. "Semelhante à cadeia das graças, em **#2Pe 1.5-7**, todas estas variedades estão ligadas como que para sugerir que a ausência de qualquer delas significa a anulação de todas" (artigo "Fruit", em H. A. C.). A tríplice classificação feita por Lightfoot, em hábitos mentais, qualidades sociais e princípios gerais de conduta, uma vez mais é de grande ajuda.

(i) Hábitos mentais (22). **Amor**. O Espírito Santo inspira na alma aquele amor a Deus e aos homens que é o cumprimento da lei (cfr. vers. 14). Examinar o admirável elogio de Paulo ao amor, em **#1Co 13**. **Alegria**. Profundo regozijo de coração, tal como as bebedeiras e outras obras da carne jamais podem produzir. Essa alegria é a alegria "no Senhor" (**#Fp 4.4**), e não por causa das circunstâncias. **Paz**. O senso de harmonia no coração no que tange a Deus e ao homem, aquela paz de Deus que guarda o coração contra todas as preocupações e temores que pretendem invadi-lo (**#Fp 4.7**).

(ii) Qualidades sociais (22). **Longanimidade**. Paciência passiva debaixo das injúrias ou danos sofridos. **Benignidade**. A bondosa disposição para com o próximo. **Bondade**. Beneficência ativa, sendo assim um passo além da benignidade. Nenhum tributo mais excelente poderia ser pago a Barnabé do que ter sido dito dele que era "homem bom", e isso por estar "cheio do Espírito Santo e de fé" (**#At 11.24**).

(iii) Princípios gerais de conduta (22-23). **Fidelidade**; cfr. **#Tt 2.10**, onde a palavra é também assim traduzida. Algumas versões dizem "fé"; mas certamente esta versão é mais correta. **Mansidão**. O temperamento especialmente Cristão de não defender de unhas e dentes os próprios direitos. Nosso Senhor associa bênção a essa virtude (**#Mt 5.5**), sendo um de Seus próprios atributos (**#Mt 11.29** e **#2Co 10.1**). **Domínio próprio**. Geralmente traduzido por "temperança" noutras versões; "auto-controle". A idéia sugerida é a do indivíduo que sabe controlar firmemente seus desejos e paixões; a palavra ocorre em **#At 24.25** e **#2Pe 1.6**.

>Gl-5.23

Contra essas coisas... (23). A lei existe para propósitos de restrição, mas, quanto a estas virtudes, nada existe para limitá-las (cfr. **#1Tm 1.9-10**). **Crucificaram** (24). Aqueles que pertencem a Cristo consentiram que a velha e corrompida natureza, "o homem velho" (**#Rm 6.6**), fosse pregada à cruz de Cristo; precisam sustentar essa atitude de mente. **No Espírito** (25); ou "pelo Espírito", como também no vers. 16. **Andemos** (25). Uma palavra diferente da que é empregada no vers. 16, pois se trata de vocábulo que dá a idéia de andar em fila: no grego clássico era usado para indicar a marcha em ordem de batalha. Paulo também a usa em **#Rm 4.12**, referindo-se ao fato de andarmos na mesma linha da fé de Abraão. A idéia sugerida é que a orientação do Espírito Santo deve ser seguida bem de perto. **Possuir de vanglória** (26). O substantivo só aparece novamente em **#Fp 2.3**, no Novo Testamento, onde a

"humildade de mente" é colocada em notável contraste com o mesmo. Essa busca insensata pela honra inútil se revela de duas maneiras: **provocação** e **inveja**. A primeira dessas palavras ocorre somente aqui, no Novo Testamento, e traz em si a idéia de "desafio para combate", o que pode facilmente ser seguido pela "inveja", isto é, preocupação por causa da superioridade alheia. Paulo prossegue a fim de falar de uma atitude inteiramente diferente que o crente deve assumir para com os irmãos, mesmo no caso daqueles que tiverem errado grosseiramente.

Gl-6.1

c) Carregando as cargas (Gl 6.1-5)

Irmãos (1). Bengel diz que "um argumento inteiro jaz oculto sob essa palavra". **Se** (1); ou "mesmo que". **Surpreendido**; "apanhado", conforme algumas versões; talvez no próprio ato do pecado, de modo que sua culpa fica além de qualquer dúvida. **Nalguma falta**; ou "qualquer transgressão". A mesma palavra ocorre em **#Mt 6.14**; lit., "uma queda ao lado", de modo que o ofensor saia da vereda reta pela qual o Espírito orienta (cfr. 5.25 n.). **Vós, que sois espirituais** (1); isto é, vós, que tendes o Espírito, que sois guiados por Ele e que andais por Ele (**#Gl 3.2,14**; **#Gl 4.6**; **#Gl 5.18-25**), vós, em cuja vida o fruto do Espírito, -do qual fruto faz parte a mansidão-está crescendo cada vez mais. **Corrigi-o** (1). Um verbo interessante, usado de várias maneiras no Novo Testamento. Nos clássicos é empregado para indicar o ajustamento de ossos fora de lugar; no Novo Testamento, porém, é usado para indicar equipamento e preparação (**#Hb 10.5**; **#Hb 11.3**), e o concerto de redes de pesca (**#Mt 4.21**). É o verbo traduzido como "aperfeiçoe", em **#Hb 13.21** e **#1Pe 5.10**. O dano provocado no irmão faltoso, por causa de sua transgressão, deve ser reparado, e ele deve ser novamente posto em seu lugar no corpo de Cristo. **Guarda-te** (1). A exortação é dirigida à consciência de cada qual: que cada qual considerasse sua própria tendência e possibilidade de pecar, lembrando que algum dia talvez venham a necessitar do mesmo tratamento misericordioso. **As cargas uns dos outros** (2). A ênfase recai sobre **uns dos outros**; a auto-centralização é condenada. As **cargas** são o peso do pecado por causa do pecado que o irmão faltoso está carregando, bem como todos os outros pesos da tristeza e da preocupação que podem sobrecarregar os corações de nossos semelhantes. Aqui temos cargas melhores de serem carregadas que o peso da lei, e aqui temos a melhor de todas as leis que devemos cumprir, a **lei de Cristo**.

>Gl-6.3

Uma atitude mental inteiramente diferente é em seguida descrita no vers. 3, a atitude de reivindicar superioridade espiritual sobre um irmão caído. Tal atitude só pode ser assumida por alguém que iludiu a si mesmo. **A si mesmo se engana** (3); isto é, por suas próprias fantasias. O verbo grego ocorre somente nesta passagem no Novo Testamento, e o adjetivo correspondente ocorre em **#Tt 1.10**. Todas as comparações entre nós mesmos e os outros devem cessar, e cada qual deveria ter como alvo fazer com que sua própria obra seja digna (4), e "então ele terá algo em que gloriar-se em sua própria conta, e não em comparação com seus semelhantes" (Moff.). **Prove** (4). Verbo empregado nos escritos clássicos para indicar a avaliação de metais e moedas. Ocorre nesse senso em **#Pv 17.3** (LXX) e em **#1Pe 1.7**. Com o sentido de examinar e testar ocorre também em **#1Co 3.13; #1Co 11.28; #1Ts 5.21**. **Em outro** (4); lit., "no outro"; algumas versões traduzem, "em seu próximo". **Fardo** (5). Palavra diferente da que aparece no vers. 2. A palavra empregada ali destaca o peso da carga; esta palavra simplesmente denota o fato que se trata de algo que deve ser transportado (**phortion**, do verbo **phero**, "eu carrego"). Para cada indivíduo há certa carga de responsabilidade pessoal que ele não pode transferir para ombros alheios, e, se ele devotar sua mente à mesma ele não terá nem o tempo nem a inclinação de comparar-se com os outros.

>Gl-6.6

d) Semeando e colhendo (Gl 6.6-10)

Sendo instruído (6). O termo grego deu origem às nossas palavras "catequizar" e "catecismo". A referência é ao ensino oral. **Faça participante**; lit., "compartilhe com". **Cousas boas** (6). Em **#Lc 12.18; #Lc 16.25** essa expressão significa riquezas mundanas, e freqüentemente assim tem sido compreendida aqui; em outras palavras, julgam que Paulo estivesse exortando os crentes a doarem liberalmente para o sustento financeiro de seus mestres cristãos. Essa idéia talvez esteja incluída, mas a frase parece ser capaz de uma aplicação mais lata. Cada crente tem sua própria carga peculiar de responsabilidade que lhe cabe carregar, "mas" (conforme começa este versículo) que o tal não se esqueça do seguinte: que ele deve compartilhar com seu mestre em toda boa obra. **Não vos enganeis** (7); a mesma frase é empregada em **#1Co 6.9; #1Co 15.33; #Tg 1.16**; lit., "não sejais desviados". **Zomba** (7). O verbo significa, literalmente, "virar o nariz desprezivelmente"; no Novo Testamento ocorre somente aqui; é de ocorrência freqüência na LXX (exemplo, **#Sl 80.6; #Pv**

15.20; #Jr 20.7). **Semear** (7). Em #2Co 9.6 essa figura é empregada em conexão com o gasto de dinheiro, mas, novamente, uma aplicação mais lata está em vista aqui. Ninguém pode brincar com as leis de Deus; Ele não as alterará em nosso benefício. O que um homem colhe é o resultado inevitável do que ele semeia (cfr. #2Co 5.10). No vers. 8, a **carne** e o **Espírito** parecem ser considerados como canteiros, enquanto que a **corrupção** é contrastada com a **vida eterna**. Desde #Rm 2.7 esta última, expressão parece incluir as idéias de "glória, honra e imortalidade"; cfr. #1Tm 6.19. **Não nos cansemos de fazer o bem** (9). A mesma exortação pode ser encontrada em #2Ts 3.13. O verbo sugere a idéia de desmaio, ou desânimo; é traduzido por "esmorecer" em #Lc 18.1 e por "desfalecer" em #2Co 4.16; #Ef 3.13. **O bem** (9), isto é, "fazer o que é bom" -tal é o "bem" sugerido nos vers. #Gl 1,2,6,10. A aplicação, neste passo, é à melhor espécie de sementeira. **A seu tempo** (9); isto é, no tempo apropriado para a colheita, e não antes. A grande ocasião da colheita será na vinda do Senhor Jesus (cfr. #Mt 13.39; #Tg 5.7). **Desfalecermos** (9); um verbo usado em #Mt 15.32 e #Mc 8.3 para indicar exaustão física, e em #Hb 12.3,5 para indicar relaxamento de esforço. Parece descrever aqui o colapso moral e espiritual que pode ser provocado pela aparente falta de resultados na obra cristã, ou por esperança adiada que chega a adoecer o coração (#Pv 13.12). **Oportunidade** (10); a mesma palavra que a traduzida como "tempo" no versículo anterior. Há um período próprio para a sementeira, e outro para a colheita; o que importa agora é que semeemos abundantemente. **Aos da família da fé** (10). Macgregor sugere, como tradução bastante literal, "as pessoas domésticas da fé", aquelas que, dentre os judeus ou gentios, entraram na casa de Deus através da porta da fé (#At 14.27) e agora vivem ali, por uma fé semelhante à de Paulo (#Gl 2.20); cfr. #Ef 2.19.

>Gl-6.11

e) Conclusão (Gl 6.11-18)

Com que letras grandes (11). Paulo freqüentemente escrevia o versículo final de uma epístola com sua própria mão (ver #1Co 16.21; #Cl 4.18; #2Ts 3.17). Isso parece sugerir que, nessa altura da escrita, Paulo tomou a pena da mão do amanuense, e escreveu os oito versículos finais de nossa epístola em caracteres grandes e cheios, talvez para efeito do ênfase. Algumas das idéias principais da carne são aqui repetidas, a fim de fixá-las mais indelevelmente sobre as mentes de seus leitores. **Querem ostentar-se** (12); lit., "querem revestir-se de rosto bom". **Na carne** (12); em ordenanças meramente corporais e externas. O motivo impelidor daqueles mestres judaizantes não era um zelo

sincero pela lei, mas sim, o desejo indigno de escapar das perseguições. Pois era a pregação da cruz como a única esperança do pecador, com a exclusão de toda dependência sobre a lei para a salvação, que provocava a perseguição contra os crentes (cfr. #Gl 5.11). **Aqueles que se deixam circuncidar** (13); "aqueles que recebem a circuncisão", "o partido da circuncisão" (Moffat e Lightfoot); isto é, aqueles que insistem que a circuncisão é essencial para a salvação. Eles próprios não observavam coerente e rigidamente todos os requisitos da lei. Por outro lado, o apóstolo talvez quisesse dizer que mui certamente os tais não obedeciam perfeitamente à lei, a qual exigia nada menos que obediência perfeita (#Gl 3.10).

>Gl-6.14

Longe esteja de mim (14); lit., "jamais me aconteça"; a mesma forte expressão que se encontra em #Gl 2.17 e #Gl 3.21. **Crucificado** (14); de modo definitivo e com resultados permanentes; o tempo verbal usado é o mesmo que em #Gl 2.20. O **mundo** estava crucificado para Paulo, visto que o mesmo para sempre perdera seu poder e encanto; e, visto que ele também estava crucificado **para o mundo**, devido à real transformação que nele fora operada, agora ele estava morto para todas as atrações exercidas pelo mundo. Comparar com o bem conhecido hino de Isaac Watts: "Quando contemplo a admirável cruz". O vers. 15, de conformidade com o texto autêntico, está bem traduzido nesta versão. Cfr. #Gl 5.6 e #1Co 7.19, visto que as três passagens provêm material para estudo proveitoso das coisas que realmente têm valor no Cristianismo. O que realmente pesa não é algo externo, e, sim, a regeneração interna, operada pelo Espírito Santo, ou seja, a **nova criatura** (ou "nova criação") -a mesma frase que em #2Co 5.17 -que toma o lugar do homem que foi crucificado.

>Gl-6.16

Andarem (16); a mesma palavra que em #Gl 5.25. **Regra** (16); isto é, o princípio estabelecido nos vers. 14 e 15. O vocábulo grego é **kanon**, que ocasionalmente indica uma régua de carpinteiro ou linha de medir do pesquisador, do qual se deriva nossa palavra "cânion", que é aplicada às Santas Escrituras como "a única regra que nos orienta sobre como podemos glorificar a Deus e dEle desfrutar". **Paz... misericórdia** (16). A paz que Paulo havia invocado sobre os seus leitores (#Gl 1.3), Paulo agora adiciona a misericórdia. Os miseráveis pecadores necessitam de misericórdia de Deus (#Ef 2.4). "É na misericórdia de Deus que têm início todas as nossas esperanças", e é somente dela que flui a paz permanente de coração. **E sobre o Israel de Deus** (16); "até

mesmo sobre..." (Moff.). A Igreja dos homens e mulheres redimidos é o Israel de Deus (#Gl 3.7,9,14,29). Cfr. #Rm 2.28-29; #Fp 3.3; #1Pe 2.9-10. Temos aqui uma alusão aos #Sl 125.5 e #Sl 128.6.

>Gl-6.17

Ninguém me moleste (17). Os judaizantes haviam-no molestado gravemente. Mas agora ele esperava havê-los silenciado definitivamente. Havia provado inequivocamente que era um verdadeiro apóstolo de Cristo; se quisessem provas extras, era suficiente olharem para as cicatrizes (**marcas**) de seu corpo. "Trago no corpo as marcas de Jesus". O vocábulo grego traduzido por "marcas" é **stigmata**. Os escravos ocasionalmente eram marcados a ferro com o nome de seus senhores, e as pessoas dedicadas ao serviço de um deus eram também assim marcadas a ferro em brasa; desse modo, parece que Paulo reputava as cicatrizes que lhe tinham ficado no corpo, devido o apedrejamento que sofreu em Listra, no sul da Galácia (#At 14), como prova certa e infalível de que era o escravo de Jesus, alguém que havia entrado na "comunhão dos seus sofrimentos" (#Fp 3.10). Em suas cartas posteriores, Paulo freqüentemente se descreve como escravo de Cristo (#Rm 1.1). Ele se gloriava em tais "marcas" e não na circuncisão. **Irmãos** (18). Ainda que não esteja indicado nesta versão, essa é a última palavra da epístola, a qual assim ocupa posição enfática. Paulo queria que os "gálatas insensatos" (#Gl 3.1) compreendessem que, apesar de todas as coisas duras que lhes tinha escrito, continuavam sendo seus irmãos. Assim, nas palavras de Bengel, "a severidade da epístola, considerada como um todo, é abrandada".

ALEXANDER ROSS

A EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

INTRODUÇÃO

Veja também o artigo geral, "As Epístolas de Paulo".

I. AUTORIA E DATA

É um fato bem atestado e geralmente aceito que Paulo foi o escritor desta epístola, como afirma o prefácio (cfr. #Ef 3.1). As circunstâncias do escritor, como são reveladas incidentalmente pelo texto, sugerem que a epístola fosse escrita durante o período em que Paulo esteve preso em Roma (#At 28.16; #At 28.31), visto que fala de si como prisioneiro (#Ef 4.1) em cadeias (#Ef 6.20) por amor dos gentios, (#Ef 3.1). Os amplos conceitos de um habitante do Império que se manifestam nesta epístola confirmam esta idéia. Não se acha revelada nenhuma ocasião especial, nem propósito imediato em escrever a epístola, exceto o fato de que Tíquico levaria outra correspondência para a Ásia (#Cl 4.7). O ensejo para escrever se ofereceu, provavelmente, num tempo de lazer, calmo e ininterrupto, que o apóstolo experimentava em sua prisão em Roma-era pouco mais que detenção em casa (#At 28.16 e segs.). Nessa atmosfera sossegada do Império romano, seu pensamento amadureceu e o Espírito lhe revelou, mais claramente que nunca, uma filosofia divina da história do mundo, os altos propósitos de Deus e o destino glorioso da Igreja. Tais pensamentos e revelações haviam de ser expressos; e no tempo vazio de sua longa espera pelo processo (#At 28.30), e com a oportunidade de enviar a carta, providenciada pela viagem de Tíquico, Paulo escreve esta nobre obra.

Alguns têm pensado que a epístola foi escrita durante sua prisão em Cesaréia (#At 23.33; #At 27.2), mas Roma é muito mais aceita como o lugar de origem. A data mais provável que podemos dar-lhe é portanto, 61 A. D.

II. DESTINO

Duas séries de fatos se combinam para sugerir que esta epístola fosse enviada, não a uma igreja em particular, mas a um grupo de igrejas dentro de uma área limitada. O fato de as palavras "em Éfeso" não ocorrerem nos manuscritos mais autorizados e o fato de não figurarem as saudações que usualmente acompanham as epístolas de Paulo a uma igreja onde ele fosse

conhecido (como era em Éfeso, onde passou mais de dois anos, #At 19.10), sugerem que um círculo de leitores, mais amplo do que uma simples igreja, fosse visado pelo escritor.

Todavia, há indicações de natureza pessoal que parecem confinar a epístola aos limites de uma área relativamente restrita. Refere-se à fé do grupo que Paulo tinha em mente em #Ef 1.15 e menciona o fato de que os destinatários sabiam das condições do apóstolo, e simpatizavam com ele (#Ef 3.13). Esse grupo de igrejas não era, provavelmente, muito diferente daquele ao qual se dirigiu João, em #Ap 1.4. Entre elas, a de Éfeso gozava de uma importância capital e é bem possível que esta epístola se tenha tornado muito conhecida, principalmente por meio da circulação de cópia pertencente aos efésios.

III. RELAÇÃO COM COLOSSENSES

A relação literária entre esta epístola e a que dirigiu aos Colossenses é tão próxima que as duas têm sido chamadas "epístolas gêmeas". A metade dos versos de Efésios pode ser encontrada, em linguagem ou em substância, em Colossenses. Cerca de 40 coincidências de pensamento e de linguagem podem ser reconhecidas; contudo, as expressões comuns são tão intimamente relacionadas com a estruturação de cada epístola que é impossível crer que sejam o fruto de imitação, ou de falsificação. Especialmente significativa é o fato que, enquanto palavras e frases semelhantes aparecem nas duas cartas, o contexto e a associação de idéias são diferentes. As semelhanças que existem entre as duas podem ser explicadas, razoavelmente, pelo fato de as circunstâncias que cercavam o autor terem sido as mesmas em cada caso; as diferenças se explicam, principalmente, nas condições diferentes das pessoas às quais foram endereçadas. Não há, por exemplo, nenhum assunto de controvérsia na epístola geral aos Efésios, como o que se encontra na carta à igreja individual em Colossos (#Cl 2.16-23). Se há qualquer precedência cronológica, parece que a carta aos Colossenses foi escrita antes da aos Efésios, porquanto nesta o pensamento comum a ambas é plenamente desenvolvido.

Efésios e Colossenses são muito parecidas em sua estrutura. Cada uma apresenta uma seção doutrinária (#Ef 1.1-4.16; #Cl 1.1-3.4) e cada uma conclui com uma aplicação prática. A maneira como os tópicos se sucedem, um ao outro, na mesma ordem é digna de observação: a relação de Cristo com a Igreja aparece no primeiro capítulo de cada epístola: são paralelas a

referência de Paulo à sua comissão (#Ef 3.1-13; #Cl 1.23-29), e o sumário da doutrina no fim das seções doutrinárias (#Ef 4.1-16; #Cl 3.1-4). Nas seções práticas se vêem exortações paralelas contra certos pecados (#Ef 4.17-5.21; #Cl 3.5-17) e se encontram passagens notáveis sobre relações humanas dentro do evangelho (#Ef 5.22-6.9; #Cl 3.18-4.1).

Ef-1.1

I. OS DESTINATÁRIOS Ef 1.1-2

Nas frases iniciais desta incontestada epístola, Paulo expõe, muito simplesmente e sem ênfase especial, sua autoridade como escritor. Ele se fundamenta na graça imerecida outorgada por Deus que o fez **um apóstolo... pela vontade de Deus** (1). Essa é sua autoridade suprema; em outros contextos, ele se estriba nela plenamente, e com razão (#1Co 9.1; #1Co 15.8; #2Co 12.11; #Gl 1.1). **Santos** (1). A conotação de então era diferente do significado especial de hoje. Em seu uso moderno, o vocábulo se refere à aquisição de um grau extraordinário de santidade; no Novo Testamento se aplica, simplesmente, a alguém que for santificado pelo Espírito (#1Co 6.11), como todos os verdadeiros crentes o são. Todo crente sem exceção, é, portanto, um santo e deve viver como tal. Os crentes do Velho Testamento eram também "santos"; os leitores, aqui visados, portanto são especificamente definidos como **os fiéis em Cristo Jesus**.

A epístola começa com uma bênção em termos do favor, não merecido, de Deus aos homens e a paz que este favor outorga ao coração. Esta é a forma usual da saudação paulina. Paulo se deleitava em usar a saudação composta de **graça e paz**, que une a saudação comum dos gregos 'graça', com a dos hebreus, 'paz'. A conexão das frases **do Senhor Jesus Cristo e de Deus nosso Pai** (2) deveria ser considerada como inconcussa evidência da divindade de Cristo. Tais alusões incidentais, fazendo-O 'igual a Deus' (#Jo 5.18) nos fornecem evidências muito valiosas.

>Ef-1.3

II. AÇÃO DE GRAÇAS POR BÊNÇÃOS SOBRE TODA A IGREJA Ef 1.3-14

O desenvolvimento invencível do inspirado pensamento apostólico passa, rapidamente, além dos frágeis limites da rígida análise gramatical e apresenta,

como nenhum processo lógico o poderia fazer, uma concepção de coisas patentemente divinas em origem. Ele revela a profundidade e sublimidade imensuráveis do seu pensamento. Devido à natureza geral deste, as sentenças de Paulo, aqui, são privadas do elemento muito intenso dos seus escritos costumários, a saber, o uso do pronome pessoal como sujeito. Compare, por exemplo, o calor da saudação pessoal em #1Ts 1.2; #2Ts 1.3; #Gl 1.6; #Cl 1.3; #Fp 1.3. O paralelo mais próximo que temos se encontra em #2Co 1.3-11; o elemento pessoal, porém, aparece mais fortemente ali e os conceitos são, em geral, mais comuns. Este parágrafo (#Ef 1.3-14), é formado por três estrofes em prosa: o propósito do Pai (3-6); a redenção do Filho (7-12); e o selo do Espírito (13-14).

Características salientes se destacam neste parágrafo. As três Pessoas da Trindade aparecem em ordem: o Pai, no verso 3; o Filho (o Amado), no fim do verso 6; e o Espírito Santo, no verso 13. Pensamentos são expressos com respeito a cada um, em versículos separados, que, em todos os casos, finalizam com o refrão para louvor e glória da sua graça, ou para louvor de sua glória. A vontade de Deus é salientada pela reiteração dos versos #Ef 5,9,11 (cfr. vers. 1). A frase central é o mistério da Sua vontade, no vers. 9; e este mistério encontra expressão no vers. 10, "de fazer convergir nele todas as coisas" (ARA).

a) O Propósito do Pai (Ef 1.3-6)

A repetição significativa da preposição em deve ser notada. A doxologia do vers. 3 é também encontrada em #2Co 1.3; #1Pe 1.3. Este versículo forma o texto do qual os vers. 4-14 são uma ampliação expositiva. Bênçãos espirituais (3) São típicas do Novo Testamento. As bênçãos do Velho Testamento eram, em geral, temporais (cfr. #Dt 28.3,5).

Lugares celestiais (3); não há, no original grego, substantivo ("lugares") que o adjetivo "celestiais" modifique. A expressão é vaga, não com a indeterminação da incerteza, mas por ser a descrição de coisas que ultrapassam nossa plena compreensão. O uso do termo é limitado a esta epístola (veja também #Ef 1.20; #Ef 2.6; #Ef 3.10; #Ef 6.12). Compilando o sentido de diferentes passagens em que o termo aparece, achamos que se refere à esfera das bênçãos espirituais (#Ef 1.3), onde Cristo está agora assentado, acima de toda e qualquer autoridade (#Ef 1.20), e até onde os crentes têm sido elevados (#Ef 2.6) para manifestação da glória de Deus (#Ef 3.10). Mas, não é uma esfera de perfeita paz e gozo, pois é habitada pelas

"hostes espirituais maldade", contra as quais o crente tem, incessantemente, de lutar (#Ef 6.12). A interpretação mais próxima a que podemos chegar é a seguinte: o termo refere àquele reino das realidades espirituais em que as grandes forças do bem e do mal combatem; em que, também, Jesus Cristo está assentado soberanamente, e nós simbolicamente, nele. É o reino da experiência espiritual-não um lugar físico, mas uma esfera de realidades e experiências espirituais. De #Cl 1.20 deduz-se que o pecado tem introduzido desordens nas regiões celestiais. Quão vasto é o escopo do evangelho na visão de Paulo! A imensidade cósmica dessas verdades deve dinamizar, em nós, o poder do evangelho.

A expressão **em Cristo** (3) foi de origem judaica, no sentido em que "Cristo", se refere ao Messias dos judeus. Mas nos escritos de Paulo, seu sentido é muito mais extenso do que o do Messias judaico. Para Paulo, "Cristo" abrange o Messias da profecia, o Jesus da história e o Senhor da glória que lhe tinha sido revelado na entrada de Damasco (#At 9). Para Paulo, o conceito de Jesus como homem terrenal, apresentado tão vividamente nos Evangelhos, tinha sido tão completamente sublimado por aquele do Senhor ressuscitado, sobre o qual ele se expressa nos termos notáveis de #2Co 5.16. A preposição **em** expressa, com uma simplicidade insondável, a união que existe entre Cristo e os crentes; expressa muito mais do que podemos compreender ou apreciar, e sugere-nos algo da profunda subjetividade dessa união mística (veja #Gl 2.20). O pleno propósito de Deus este respeito é declarado no vers. 10.

A exposição do vers. 3 nos versos 4-14 não se faz por um processo de refinada trituração, pois a ampliação é tão rica e profunda como o texto. As tremendas verdades da eleição e do eterno propósito de Deus são apresentadas a seguir. **Assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo** (4) -o fato da eleição era bem conhecido, e uma fonte de orgulho para cada judeu, pois este se tornava membro do povo escolhido do Velho Testamento. Aqui Paulo se refere a um princípio de seleção que já estava em evidência na obra da providência divina, e que agora se mostra num quadro maior; nunca mais seria limitada, como outrora, ao povo judeu, mas agora abrange também todos os crentes em Cristo. Do mesmo modo como Israel foi o povo eleito de Deus no Velho Testamento, os cristãos o são no Novo. A eleição é mal compreendida quando considerada do ponto de vista intolerante e egoísta; é preciso contemplá-la, tendo em consideração o objetivo do vers. 9. **Antes da fundação do mundo** (4) este pensamento nos leva além do tempo, até a eternidade. Esse novo povo, a igreja cristã, não é o resultado do oportunismo precipitado e temporal, mas faz parte do eterno propósito de Deus, tão bem como o povo de

Israel. O Cristianismo não é uma inovação, mas toma o seu lugar na continuidade do plano divino. Compare "antes da fundação do mundo" (i. e., desde a eternidade, em #1Co 2.7) e "antes dos tempos eternos!", (em #2Tm 1.9; #Tt 1.2). O objetivo dessa eleição é o seguinte: **sermos santos e irrepreensíveis perante Ele em amor** (4). O ideal, quanto ao crente individual, é a santidade. Para os aspectos mais amplos, veja os vers. 6 e 10. Toda esta grande obra de Deus foi feita **em amor**; e o alvo divino é inculcar, em nós, aquele santo amor que labutou por nós.

Paulo dá relevo, mais adiante, ao fato de que não há nenhum destino fatal na vida do crente, quando ele fala em Deus que "nos destinou para Ele, para adoção de filhos por meio de Jesus Cristo" (5). A filiação que o homem recebeu de Deus, em virtude de ser criado à imagem divina (#Gn 1.26 e segs.), requeria renovação depois da queda. Esta renovação foi, antes de tudo, completada no Filho de Deus encarnado (compare "imagem", em #Gn 1.26 e segs. e #Hb 1.3) e, então, naqueles que estão "nEle", pela fé. A filiação se verifica através da regeneração e da adoção: enquanto o novo nascimento altera nossa natureza, a adoção altera nossa relação com Deus. Ambas se nos tomam possíveis **por Jesus Cristo** (5), isto é, por sua obra redentora. Deus fez tudo isto **segundo o beneplácito de sua vontade**; a frase engloba a primeira e última expressão do propósito eterno, e além disso não podemos ir. O fim que Deus almeja em sua majestosa obra é **a glória de sua graça** (6).

>Ef-1.7

b) A Redenção do Filho (Ef 1.7-12)

Eis a exposição mais sublime jamais formulada do pleno propósito de Deus. Muito do Novo Testamento é expresso em termos mais familiares ao judeu que a qualquer outra nacionalidade, porque são os termos de sua antiga religião. **A Redenção** (7) encontra sua principal ilustração histórica no êxodo do Egito, que marca o nascimento do povo hebreu como nação. A redenção operada por Cristo também criou um novo povo, e esta redenção foi conseguida ao preço da sua morte, isto é, do **seu sangue**, como diz o vers. 7. Há, por implicação, um estado de escravidão: no Velho Testamento, os israelitas são levados cativos pelos egípcios; no Novo Testamento, todos os homens são cativos do pecado e de Satanás. A redenção é o livramento do cativo (veja #Êx 12.7,13; #Hb 9.12). **O perdão** (7) é tão central na experiência cristã que é mencionado aqui como o aspecto chave. As magníficas dimensões de todo o plano da graça abrangem nada menos que as

riquezas (7) de Deus, proporcionando-nos o dom de **sabedoria**, que dá percepção da realidade; e o de **prudência**, que nos guia no caminho certo quanto à ação (8). Os capítulos 1-3 desta epístola demonstram esta sabedoria; os capítulos 4-6 tratam do aspecto prático da prudência.

>Ef-1.9

O mistério da Sua Vontade (9). A palavra "mistério" no Novo Testamento não tem o seu significado moderno de alguma coisa curiosa e ininteligível, mas sim de algo inescrutável à razão humana, que agora se tornou objeto da divina revelação. Este segredo divino agora se revelou. Veja as notas sobre **#Cl 1.26. Propusera em si mesmo** (9) ARC; melhor, "que propusera em Cristo" (ARA), por cuja obra o mistério se efetuou.

>Ef-1.10

Dispensação (10), lit. administração, mordomia (gr. **oikonomia**); nos termos do assunto em apreço, refere-se à execução pelo Filho dos propósitos do Pai, quando o tempo era oportuno, i. e., na era do evangelho. **Congregar em Cristo todas as coisas** (10) (Fazer convergir nEle todas as coisas-ARA), indica a totalidade do universo e não simplesmente a igreja, como no vers. 23; cfr. **#Cl 1.18**. Esta totalidade final se verificará sob Cristo, como Cabeça: esta é a verdade secreta, o mistério que agora é revelado. Assim serão levadas a um fim, as discordâncias e confusões do mundo. Mas, isso será alcançado somente **em Cristo**. Esta verdade se relaciona com **#Jo 1.3**, "todas as coisas foram feitas por Ele" e com **#Cl 1.16** e segs., tudo foi criado "por Ele e para Ele; todas as coisas subsistem por Ele" (ARA: nEle). A unidade quebrada deve ser restaurada no fim e aquela restauração será efetuada através de Cristo. Quão longe Ele estava, pois, de ser meramente o Messias nacional da expectativa judaica! Mesmo o título "o Salvador do mundo" não lhe é designação adequada. Ele é o Salvador do Universo. Veja também **#Rm 8.18-25**.

>Ef-1.11

No vers. 11, Paulo volta a um assunto mais vulgar; trata-se dos judeus (11), dos gentios (13) e depois de ambos (14). Ele mostra, desta maneira, o lugar do judeu e do gentio no propósito de Deus. Baseia-se em termos da Escritura judaica, com a qual ele e muitos dos seus leitores, tinham uma perfeita familiaridade. **Segundo o conselho da Sua vontade** (11). Tudo não está

realmente à mercê da vontade dos homens. **Faz todas as coisas**, ou melhor, "opera em"; assim o propósito divino é realizado, não por constrangimento externo, mas pela operação no coração. **Que de antemão esperamos** (12) (ARA); uma referência à prioridade cronológica dos cristãos judeus sobre os cristãos gentios (cfr. **#Rm 2.10**). Todos os primeiros cristãos, ao que sabemos, foram judeus; e a admissão dos gentios foi considerada uma novidade. Veja **#At 10** e 15.

>Ef-1.13

c) O Selo do Espírito Santo (Ef 1.13-14)

Havendo indicado a prioridade histórica dos cristãos judeus na Igreja, Paulo se apressa a incluir os gentios, pois a maioria dos seus leitores, na Ásia Menor, não seria de judeus. Mesmo os leitores gentios, eram também escolhidos de Deus, e **tendo ouvido a Palavra da verdade**, creram; e a realidade da sua conversão e aceitação é assegurada pelo poder do Espírito que operou neles; eles foram **selados com aquele Santo Espírito da promessa** (13). Isto era, também, uma parte da antiga promessa de Deus (veja **#Gl 3.14**; **#At 2.38**; **#At 10.47**). O dom do Espírito Santo aos gentios foi tanto o meio pelo qual Deus autenticou as conversões gentílicas de então (**#At 10.47**), como sua antecipação do cumprimento de bênçãos no futuro. Essas bênçãos são descritas de duas maneiras. Primeiro, Paulo usa uma metáfora da vida mercantil, **o penhor da nossa herança** (14), que se refere a um penhor colocado em depósito, por um tempo, e depois resgatado; mais tarde o vocábulo veio a significar uma prestação, e a prova da natureza fidedigna dum contrato. Em segundo lugar, ele diz aos seus leitores, "Vós fostes selados até ao resgate da Sua propriedade" (ARA). A completa emancipação do povo de Deus ainda está no futuro (**#Mt 3.17**), mas é certa, pois eles estão em Cristo e são selados nEle pelo Espírito Santo. O refrão **em louvor de Sua glória**, ocorrendo pela terceira vez, encerra essa maravilhosa doxologia.

>Ef-1.15

III. AÇÃO DE GRAÇAS PELO ESTADO ESPIRITUAL DOS LEITORES Ef 1.15-23

Por isso (15): estas duas palavras reúnem, em si, toda a revelação do propósito de Deus, manifesta nos versos anteriores (3-14). Essa revelação mostra a fé como parte de um imenso todo, infracionado, de modo que Paulo não pode

senão dar graças por vós (16). O interesse de Paulo focalizava a fé e o amor dos seus leitores... (15). Paulo sempre olhava para essas evidências do estado espiritual dos crentes com a mais ardente paixão (veja #Rm 1.8. #Cl 1.4 n.; #1Ts 5.13; #2Ts 1.3 e #Fm 5). Nós também devíamos nos concentrar mais no crescimento da fé e do amor, do que no mero sucesso externo da nossa organização eclesiástica.

>Ef-1.16

Não cesso de dar graças por vós (16). As orações de Paulo eram particulares e francas, e nelas havia menção direta das Igrejas e dos crentes pelos quais ele se interessava. (#Rm 1.9; #1Ts 1.2; #Fm 4). A suprema importância que Paulo atribui à oração e ao conseqüente estímulo na vida espiritual são indicados pelo nome que ele dá a Deus (17). Embora orasse muito, Paulo nunca levou a oração ao desprezo, por um espírito de familiaridade negligente ou irreverente. Ele acha inspiração e esperança na relação entre Jesus Cristo e Deus, o Pai, a quem pertence toda a glória. Sua oração roga, para os crentes, um dom especial do Espírito Santo, em relação ao conhecimento: um espírito de sabedoria e de revelação, isto é, não o conhecimento em geral, mas o conhecimento dele. Revelação aqui significa "tirar o véu" (cfr. #2Co 3.12-17). Paulo ora, aqui, para que a experiência que já lhe havia sido dada (#Ef 3.3) fosse concedida aos seus leitores. A fé elementar não é suficiente para as etapas mais avançadas da vida cristã. A gratidão de Paulo no vers. 15 não exclui a oração dos vers. 18 e seguintes. É propósito de Deus que o conhecimento e outras qualidades lhes sejam acrescentadas (veja #2Pe 1.5). Os olhos do vosso entendimento (18); compare a ARA "os olhos do vosso coração". Tal sabedoria é muito além do mero conhecimento intelectual. A mente só não pode alcançar a verdade de Deus; o coração do homem, com suas emoções, especialmente a vontade, devem todos estar consagrados àquele alvo. De outro modo, a parte essencial da revelação divina se ofusca ao estudioso, deixando-lhe somente uma estrutura insatisfatória e incompreensível de conhecimentos bíblicos. Este fato explica a infertilidade de muito estudo intelectual das Escrituras.

>Ef-1.18

Para saberdes (18): Paulo analisa sua petição para os leitores em três cláusulas: a primeira se refere ao passado; i. e., ao chamado de Deus, contemplado do prisma inalterável do qual nossa segurança depende. O crente repousa, não sobre sua imperfeita aceitação do chamado de Deus, mas sobre o

fato de que aquilo que ele ouviu e abraçou é a voz de Deus, o Pai da glória (cfr. #1Ts 5.24). A segunda cláusula se refere ao futuro, ao destino glorioso do crente, às **riquezas da glória da sua herança dos santos** (18). O ponto de vista é ainda o mesmo: não é o aspecto da herança do crente que está em vista, mas "as riquezas da glória" da herança de Deus em seu povo. Novamente, como no vers. 11, a idéia é aquela de #Dt 32.9. A terceira cláusula se refere ao presente; o poder que opera agora no crente, e em seu favor, não é nada menos que "a força de Seu poder que Ele exerceu em Cristo" quando O ressuscitou e O exaltou (19-23). Com respeito aos **lugares celestiais** (20), veja 1.3 n.

>Ef-1.21

O vers. 21 engloba todas as distinções, títulos e poderes do mundo espiritual: tudo, sem exceção, é colocado sob o Cristo exaltado (cfr. 1.16 n.) A seqüência de pensamento que se encontra aqui, pode ser traçada através das Escrituras, desde a promessa original feita por Deus a nossos primeiros pais no Jardim do Éden (#Gn 1.26), e, depois, na renovação profética da promessa em #Sl 8.4-5 (cfr. vers. 22), até o inspirado comentário sobre ela em #Hb 2.6-9. Somente em Cristo pode a humanidade alcançar o destino prometido. Através de suas epístolas, Paulo dá relevo a dois pontos com respeito à relação entre Cristo e a Igreja, a saber, união e chefia: Cristo e seu povo são um, e Ele é o cabeça. Esta verdade notável é expressa pela metáfora de um corpo humano (23) no qual o bem-estar depende da união da cabeça e do corpo, e também do governo do corpo pela cabeça (cfr. #Cl 1.18 n.). Numa descrição subsequente da Igreja, como **a plenitude daquele que a tudo encerra em todas as coisas** (23) Paulo ensina que Cristo não é completo sem ela. Isto é verdade, não por causa de qualquer lacuna na santa Trindade que a Igreja preencha, mas simplesmente pela vontade de Deus Pai que **deu o Filho à igreja para ser o cabeça sobre todas as coisas** (23). Como Ele é o cabeça da Igreja, assim a Igreja é o seu complemento.

Ef-2.1

IV. SUA RELAÇÃO (COMO PECADORES) COM CRISTO Ef 2.1-10

Em seus mais altos rasgos de inspiração e oratória Paulo nunca perde a visão do fim prático que tinha em mira, que é o bem-estar espiritual dos seus leitores. Assim, ele volta aqui, na contemplação da glória do Senhor exaltado, para considerar as necessidades prementes daqueles a quem se dirige. O

principal verbo da sentença inicial se encontra no vers. 5: **nos deu vida**. O teor do pensamento é de algum modo interrompido por uma longa explanação do que significa **mortos** (1) e as implicações do estado no qual o termo se refere (2-3). Não é uma condição física, mas o estado espiritual dos vivos produzido pelos **delitos e pecados** (1); ainda que inclua também morte física, que é a penalidade do pecado (**#Rm 6.23**). Aquele estado aponta para a necessidade da regeneração ou do novo nascimento (**#Jo 3.3**) e da vida mais abundante (**#Jo 10.10**). Sua origem se encontra na queda do homem e em sua conseqüente separação de Deus (**#Gn 3**); sua cura está na união com Cristo (5). Os leitores poderão apreender melhor o que Paulo quer dizer, consultando a sua própria experiência no passado, quando o curso da sua vida era governado pelo próprio mundo, o que lhes parecia perfeitamente natural, inevitável e justo àquele tempo (2). Não era reconhecido, porém, o impulsionador da vida não regenerada que foi o próprio Satanás, **o príncipe das potestades do ar**, a força controladora **do curso deste mundo**. A autoridade de Satanás não é suprema, pois esta pertence só a Deus; aquele exerce sua autoridade por permissão divina (cfr. **#Jó 1**). Uma parte do significado da queda é que a humanidade, até então sob o controle e a orientação de Deus, passou doravante ao domínio espiritual e direção de Satanás. Visto que esse governo do mal tem sido há tanto tempo a norma de conduta entre os homens naturais, sua origem não é mais percebida, mas é simplesmente chamada "a natureza humana". Entretanto, torna-se patente aqui, sem oferecer desculpas para o homem, que as forças espirituais da maldade governam o mundo natural: essas forças se definem como **o espírito que agora atua nos filhos da desobediência** (2). Não é de admirar, portanto, a história passada, o estado presente, e a perspectiva futura do homem, numa palavra, **o curso deste mundo**. Na verdade, não fosse a intervenção de Deus e unicamente isso, uma catástrofe irremediável teria, há muito tempo, destruído a humanidade (veja **#2Ts 2.7**).

Esta é uma doutrina sem dúvida muito severa, dolorosa e humilhante. Por conseguinte, Paulo procura aliviar a tristeza que ela possa causar e, participa dessa mágoa, trocando o **vós andastes** do vers. 2, (que se refere aos gentios), pelo **nós andamos** no vers. 3 (que inclui a raça especialmente favorecida dos judeus). **Entre os quais todos nós andamos outrora** (3); uma tremenda admissão a ser feita por um judeu, mas Paulo havia aprendido de Cristo de tal maneira que apresenta sua confissão, não com relutância, mas como um dos fatos mais profundos da revelação divina. **Por natureza filhos da ira** (3); i. e., da ira de Deus. A expressão é judaica, asseverando a depravação essencial da natureza humana, que se seguiu à "queda do homem", comumente chamada "pecado original".

>Ef-2.4

O quadro sombrio que Paulo pinta do homem, cujo estado natural fica sob este domínio, agora serve como pano de fundo contra o qual as gloriosas riquezas da misericórdia de Deus são expostas (4). Depois das frases **vós e nós todos**, segue-se **mas Deus**; nada-a não ser a intervenção de Deus-pode reorientar a vida do homem para evitar o irreparável desastre, e assegurar-lhe um nobre destino. **Misericórdia e amor** (4): os atributos que impulsionaram Deus a nos ajudar; nunca se encontrou sugestão alguma de que houvesse algo no homem caído que instigasse a obra redentora de Deus. O supremo motivo é aquele de **#Jo 3.16; seu grande amor**, (ARA). A grandeza do amor divino é salientada pela repetida menção da queda do homem e sua condição natural arruinada: **estando nós mortos em nossos delitos** (5). A bênção comunicada ao homem, pela obra de Cristo, é a da nova vida, porquanto os mortos precisam ser **vivificados** antes que qualquer coisa possa ser feita para eles, ou por eles. Como Jesus afirmou a Nicodemos: "Necessário vos é nascer de novo" (**#Jo 3.7**). É somente pela união com Cristo que os homens podem ter vida nova: eles são ressuscitados, não por si mesmos, mas **juntamente com Cristo**; tudo em nossa redenção depende de termos uma relação estreita e vital com Ele, que fez todas as coisas por nós: Sua parte não falhará; nossa parte é simplesmente ir a Ele. Aqui, portanto, Paulo interpõe uma cláusula em que o verbo está no perfeito, para indicar que nossa salvação, em sua totalidade, é devida ao livre favor de Deus. Este pensamento, implícito na frase "estando mortos nos vivificou"; é central em todos os escritos de Paulo.

>Ef-2.6

Em frases paralelas às de **#Ef 1.20**, Paulo expressa agora os passos na obra de Deus em nosso favor (6). Como Cristo morreu por nós, também Ele ressuscitou da morte por nós, e por nós subiu ao alto; e assim é que o cristão pode dizer, com acerto "Estou crucificado com Cristo" (**#Gl 2.20**), assim também lhe é revelado que participa na ressurreição e na ascensão de Cristo. É fácil demais pensar nesses eventos da ressurreição, da ascensão e da entronização, associando-os somente a Cristo. Aqui vemos que tal conceito é inadequado. Enquanto essas experiências são ainda objetos de esperança para nós, Jesus, de modo real, as tem experimentado e possuído por nós. A obra de Cristo é a nossa salvação e se aplica não somente a nós, mas também a um ambiente mais amplo e mais vasto (7). Muito além do tempo e das condições em que vivemos agora, Deus propõe mostrar **a suprema riqueza da sua graça**,

em bondade, para conosco em Cristo Jesus. Sua graça e misericórdia para conosco serão guardadas em eterna lembrança. A frase "em Cristo Jesus" retém a idéia penetrante de união com Cristo.

>Ef-2.8

Paulo, novamente, salienta a grandeza do amor de Deus, em empreender a obra da salvação do homem: **é inteiramente pela graça** (8). A palavra **isto** tem ocasionado alguma controvérsia por causa da dificuldade em determinar a sua conexão gramatical. Muitos consideram que se refere à fé e, conseqüentemente, a fé tem sido chamada **o dom de Deus**. É possível, porém, que a forma neutra de **isto** reúna o sentido total da cláusula **pela graça sois salvos, mediante a fé. Não das obras** (9): define melhor o sentido de **não vem de vós** (8). A tendência, quase inextirpável no homem natural, de ufanar-se não tem lugar no plano divino da salvação. A idéia deste versículo é ilustrada e ampliada em **#Rm 4.1-5. Pois somos feitura dele** (10). Da mesma maneira em que as palavras do **#Sl 100.3** se referem, em termos semelhantes, à primeira criação do homem, Paulo aponta aqui para a recriação do homem em Cristo Jesus, como sendo uma obra totalmente divina. Para a idéia de uma nova criação, veja **#2Co 5.17** e **#Gl 6.15**. Paulo, apesar de não dar lugar às obras no tocante à regeneração (veja **#Rm 4**), insiste em que elas têm seu lugar essencial na vida do crente como fruto da regeneração: **criados em Cristo Jesus para as boas obras**. Compare **#Tg 2.14** e segs. Não há discordância entre Paulo e Tiago, mas apenas uma diferença de ênfase. As obras a respeito das quais Paulo fala neste verso não são inventadas pelos crentes, mas dadas pela direção de Deus, que "de antemão as preparou para que andássemos nelas" (ARA). O cristão deveria orientar sua vida dentro de linhas divinamente planejadas, seguindo um modo de viver preparado por Deus. Este é o verdadeiro plano para a vida verdadeira.

>Ef-2.11

V. SUA RELAÇÃO (COMO GENTIOS) COM OS JUDEUS Ef 2.11-22

Portanto, lembrai-vos (11): aponta para uma série de pensamentos que pareciam mais significantes para Paulo do que para qualquer outra pessoa, pois ele estava na vanguarda na longa luta pelo reconhecimento dos cristãos gentios em pé de igualdade com os cristãos judeus. Seus leitores sabiam, sem dúvida, algo dessa luta. Deviam, de modo especial, esses leitores-**os gentios na**

carne, seu lugar na Igreja cristã, aos esforços de Paulo. Sem ele podiam ter sido relegados, pela Igreja primitiva, a um estado de subordinação, ou mesmo obrigados a formar uma Igreja cristã dos gentios, separada e secundária. Neste verso, Paulo explica a grande divisão que eles experimentavam nos seus dias de impenitência, fazendo-os lembrar o que eram no passado, em contraste com o que são agora. Como gentios, chamavam-se a "incircuncisão", não tendo no seu corpo o sinal do concerto: este é o significado da expressão **gentios na carne** (11). Seu maior prejuízo resultou, não da sua separação do Judaísmo, mas da de Deus. **Sem Cristo** (12); antônima de "em Cristo", sendo este o tema principal desta epístola. Os judeus tinham esperança nos **concertos da promessa** (do Messias; cfr. #At 13.32 e segs.), mas os gentios não tinham esperança alguma. O mundo sem Deus é um mundo sem esperança; a vida ateuista é uma vida desesperada. É somente aqui, em o Novo Testamento que se usa a palavra **atheos, sem Deus** (12). Tais pessoas estavam sem Deus, não como tendo sido abandonados por Ele (pois não o foram), mas no sentido de não o conhecerem nem confiarem nEle. Que verdade séria é, que todos os que não estão "em Cristo" são realmente ateístas aos olhos de Deus. Quão grande inspiração isto deve ser para que espalhemos o evangelho! Por outro lado, eles estavam **no mundo** (12), como os cristãos estão "em Cristo". E naquele mundo estavam seu tesouro e seu coração (veja #Mt 6.19-21,23).

>Ef-2.13

Mas agora em Cristo Jesus (13). Um contraste semelhante se encontra no vers. 4: "Mas Deus". Já foi descrita sua condição, quando seus interesses estavam centralizados no mundo e eles estavam "separados de Cristo"; mas agora se apresenta a sua nova condição **em Cristo Jesus**. Os termos **longe** e **perto** se repetem no vers. 17, em um contexto que relembra #Is 57.19 (cfr. #Dt 4.7). Os que estão **longe** são os gentios; os que estão **perto** são os judeus. **O sangue de Cristo**, se refere, em #Ef 1.7, à redenção. Aqui ressalta o seu efeito em juntar os que o pecado havia separado por uma parede de ira e de ódio. Somente no **sangue de Cristo** podem os homens e as nações achar a solução verdadeira, a única possível e praticável, daqueles problemas de raça e de classe que afligem o mundo. A figura usada é comum no Velho Testamento, onde cada pacto e concerto entre Deus e o homem foi realizado por um sacrifício. Sobre o plano individual, veja #Gn 15. sobre o plano nacional, #Êx 24. Veja também #Mc 14.24. Parece que no vers. 14, Paulo desenvolve a idéia de #Is 57.19, de onde tira o conceito de **paz** ali encontrado, aplicando-o à pessoa do Senhor Jesus. A ação do Salvador é vista aqui em juntar aqueles que de há muito se conservavam à parte, por causa do orgulho e do ódio, e esta união é efetuada,

não meramente pelo ato externo de Cristo, unicamente, pela comunhão mútua com Ele. Pois **Ele é nossa paz** e essa união é tão íntima, que as duas partes se tornam uma. Ela não consiste em um mero armistício, é uma paz duradoura.

>Ef-2.14

A parede de separação (14) é uma metáfora significando tudo o que separava os judeus dos gentios, e deve sua eficácia à existência de uma real parede no templo que separava o pátio dos gentios, o mais exterior, acessível somente aos gentios, daqueles pátios interiores que eram privativos aos judeus. Foi encontrada, nos escombros do antigo templo de Jerusalém, uma das pedras inscritas desta parede, sobre a qual é legível ainda a ameaça de morte, contra o gentio que a tentasse transpor. Do modo como essa parede no templo era uma barreira física entre judeus e gentios, assim a **lei mosaica dos mandamentos na forma de ordenanças** (15) constituía o elemento significativo em sua separação moral (e também na separação entre os homens e Deus). Mas, quando Cristo foi crucificado, o véu do templo se rasgou em dois, o que representa o fim das ordenanças legais como sistema de vida do crente, e possibilitou acesso direto a Deus, tanto para os judeus como para os gentios (cfr. vers. 18 com **#Hb 10.19**). Note a passagem paralela em **#Cl 2.14**, onde a mesma idéia se expressa em termos diferentes. No vers. 14 temos a frase **fez de ambos um**; mas no vers. 15, desenvolve-se mais ainda o pensamento, que introduz o conceito da nova criação. **Os dois** são o judeu e o gentio. **O novo homem** é o cristão. Até aqui o conceito de unidade tinha em vista o reatamento depois do rompimento entre judeu e gentio, mas agora inclui a renovação de comunhão entre os homens e Deus pela obra expiatória de Cristo. Mediante esta nova criação há paz; e o mundo está verificando, constantemente, que essa paz não se consegue por outro modo. A reconciliação efetuada por Cristo é descrita no vers. 16 como afetando a **ambos**, i. e., aos dois grupos do vers. 15. A expressão **em um corpo** (16) é paralela à anterior "novo homem". No Calvário, Jesus pôs fim ao grande obstáculo da paz, que é a inimizade, destruindo-a pela cruz. Esta verdade se aplica à inimizade entre homem e homem e, principalmente, entre o homem e Deus. O pensamento de **#Is 57.19** ainda se reflete na mente do escritor.

>Ef-2.17

Vindo (17): não se refere à encarnação, mas à proclamação da paz que havia sido garantida pela obra de Cristo, descrita nos vers. 14-16. Esta pregação de Cristo, **a vós outros que estáveis longe** (gentios) e **aos que estavam perto**

(judeus), foi realizada pelo Espírito Santo, através dos apóstolos e mestres. Ela veio a ambas essas grandes divisões da humanidade pela operação do Espírito Santo (18), que levou tanto o judeu como o gentio, num só corpo (16), ao Pai, pela virtude da obra sacrificatória de Cristo. Os forasteiros (19) (peregrinos, ARA) constituíam uma classe de residentes reconhecidos pela lei, que recebiam certos privilégios definidos. O próprio nome, porém, sugere que sua posição não era permanente; eram tolerados como residentes, mas não tinham direitos como cidadãos. Esta podia ter sido a posição permanente dos gentios na igreja, se não tivesse triunfado a prestigiosa advocacia do próprio Paulo. **Santos** (19): usa-se o termo em seu significado essencial de um povo santo e separado em virtude do seu chamado. Era termo cobiçado entre os judeus; mas aqui, Paulo lhe dá um sentido mais amplo, referindo-se à Igreja Cristã, visto que ela herdou tanto as promessas como os privilégios do Judaísmo (veja **#1Pe 2.9**).

>Ef-2.19

A metáfora política dá lugar agora à doméstica. A **família de Deus** (19), como figura da igreja, refere-se a uma comunhão mais íntima e pessoal do que a que existe na vida política: eles eram membros de uma só família. A figura muda novamente de modo natural, da família para a estrutura da casa, em si. Nessa estrutura os **apóstolos e profetas** são as pedras fundamentais (20), enquanto a principal pedra da esquina é o próprio Jesus Cristo. Outros aspectos da mesma verdade se apresentam no uso de igual metáfora, embora de um modo um pouco diferente, em **#1Co 3.11**, cfr. **#Is 28.16**. Para a relação do novo edifício com o velho, veja **#At 15.16** e segs., e **#Am 9.11**. É preciso lembrar que as metáforas expressam apenas alguns aspectos da verdade, e que muitas figuras são necessárias para rematar o quadro completo. O significado do vers. 21 se deriva da palavra grega usada para **templo**. Há, no Novo Testamento, duas palavras que se traduzem por "templo": **naos**, a parte mais central do santuário; e **hieron**, todas as construções dentro das paredes externas. O uso de **naos** aqui indica o sentido seguinte de ARA: "no qual todo edifício (dentro do recinto sagrado) cresce ou forma parte do santuário". Muitas autoridades ainda preferem a interpretação da ARC, que traduz assim: "no qual todo edifício (i. e., do próprio santuário) cresce (à medida que cada crente é acrescentado à estrutura, conforme **#1Pe 2.4**) para templo santo do Senhor". Neste caso, somente o **naos** surge na figura. A expressão **no Senhor** substitui a "**em Cristo**", que ocorre tão freqüentemente nos primeiros versos. Sente-se a influência das concepções do Velho Testamento. Até aquele tempo, os judeus se orgulhavam do fato de Deus morar entre eles (**#Êx 25.8**); mas agora os

crístãos, sendo participantes da crescente Igreja, são "uma habitação de Deus, no Espírito" (22 ARA).

Ef-3.1

VI. O MISTÉRIO DO EVANGELHO Ef 3.1-21

Agora Paulo volta à questão do **mistério** (3; cfr. #Ef 1.9 e seg. e veja #Cl 1.26 n.), referindo-se, com ênfase especial, à única relação produzida na sua própria experiência. O argumento começa no primeiro verso, sendo interrompido logo no fim do mesmo e prosseguindo somente no vers. 14, com a expressão **por esta causa**. Os versos intercalados constituem, logicamente, uma digressão, que contém os mais nobres e majestosos sentimentos de coisas sublimes. Paulo inicia sua tese, mas a lembrança da maneira em que o mistério foi revelado a ele, "o menor de todos os santos" (8), empolga sua atenção.

O pensamento expresso na frase **o prisioneiro de Jesus Cristo** (1), mitigou toda a experiência do apóstolo como aprisionado- experiência esta a que um homem tão ativo e ardoroso se adapta dificilmente. Aceitando-a, embora árdua, como a vontade do seu Mestre, ele a aproveita do melhor modo e, através dessa circunstância, glorifica e serve ao seu Senhor. Paulo, calmamente, lembra a seus leitores gentios de que sua prisão, instigada por inimigos judaicos, resultava de ter advogado plenos direitos de liberdade para os gentios na Igreja Cristã. Os únicos enredados na situação, a quem não menciona, são os carcereiros romanos, presentes com ele. O sentido da cláusula condicional, no vers. 2, pode ser expresso pela frase coloquial "certamente vós tendes ouvido". Muitos dos seus leitores nunca o tinham visto, mas as notícias de seu trabalho, e especialmente, da revelação central de que ele foi feito ministro, se haviam espalhado em toda parte. **Graça** (2); não a graça da salvação individual, mas aquela do evangelho na sua plenitude, a qual Paulo tinha recebido pela revelação de Deus. Este evangelho não era o produto de sua própria imaginação, nem uma tradição herdada de seus antepassados, nem ainda algo que lhe fosse comunicado pelos apóstolos de nosso Senhor, mas uma revelação especial de Deus (3). **Conforme escrevi há pouco, resumidamente** (3), i. e., nos primeiros versos desta epístola (#Ef 1.9 e segs.). Um estudo daquela passagem seria suficiente para dar aos seus leitores um indício de sua compreensão do mistério de Cristo. Isto não é auto-louvor nem orgulho, mas o simples reconhecimento da obra de Deus na sua vida, concedendo-lhe compreensão das coisas profundas da vida espiritual. Embora tivesse sido ele o principal meio de comunicação pelo qual Deus tinha

manifesto esse mistério, ele inclui também a instrumentalidade dos **santos apóstolos e profetas** (5). Podemos citar, como exemplos, o caso de Filipe e o eunuco etíope (**#At 8.26** e segs.), e o de Pedro e Cornélio (**#At 10**). Os profetas mencionados aqui não são os do Velho Testamento, mas os do Novo (veja **#Ef 2.20**).

Paulo agora manifesta a essência do **mistério** mais precisamente do que jamais o fizera. Não é simplesmente que os gentios podem ter parte na salvação comum, mais especificamente, "que os gentios são co-herdeiros e membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho" (6). A reiteração na ARA, do prefixo "com", traduz uma repetição semelhante no original grego do prefixo **syn** -significando "junto com": esta reiteração é tão significativa que deve ser preservada. Na verdade, esta é a essência da revelação. Os gentios não seriam salvos por uma salvação própria a eles, com bênçãos inferiores, apropriadas ao seu estado de párias; ao contrário, eles participavam igualmente, da salvação que os judeus gozavam. Eles eram "co-herdeiros" em relação aos crentes judeus; "co-membros do corpo" em relação a Cristo, o Cabeça; e "co-participantes da promessa", em relação às promessas históricas de Deus. **O dom da graça de Deus** (7). Paulo sempre era cômico da maravilhosa obra da graça que Deus tinha realizado nele (**#Gl 1.15** e seg.), à qual fez freqüentes referências, como no vers. 8; veja também **#Cl 1.24** e segs. **O menor de todos os santos** (8): Paulo insere uma frase de profunda humildade, temendo que algum leitor julgasse haver qualquer exaltação própria no que dissera. Veja também **#1Co 15.9**. **As insondáveis riquezas de Cristo** (8). O evangelho não é simplesmente uma doutrina, nem um mero padrão de vida; o evangelho proporciona "riquezas em medida incalculável". O vasto propósito divino mira nada menos que o alvo de **fazer todos os homens verem** a verdade: essa é a verdade especial que o apóstolo recebeu, de modo todo particular, como uma "dispensação" (9). Esta nova revelação da verdade não era um novo pensamento da parte de Deus, nem uma divergência do seu plano original, imposto pelo curso dos acontecimentos. Esta verdade estava oculta **em Deus que criou todas as coisas** (9), existindo, portanto, desde o princípio. Mas, Deus não a tinha revelado ainda. Além da salvação dos gentios, esta revelação do mistério secular propõe também a comunicação às criadas inteligências não humanas, **a multiforme sabedoria de Deus** (10). **Lugares celestiais** (10): veja 1.3 n. O instrumento especial para a instrução desses seres de natureza diferente é a **igreja**; não é o cristão individual, nem o corpo eclesiástico, mas aquela unidade dos crentes de todas as nações e de todas as eras, da qual Cristo é o

Cabeça. O eterno propósito de Deus, em Cristo Jesus, (11) tinha em mira não tão somente homens, mas "toda a criação" (cfr. #Rm 8.19-21).

>Ef-3.12

Mas, a consequência mais imediata e pessoal da obra de Cristo é a que permite aos crentes se aproximarem de Deus, pela fé, com ousadia (12). Uma nova referência à prisão de Paulo (13) conclui o parêntese que se abre no vers. 1. A fé inextinguível de Paulo nos eternos propósitos de Deus se manifesta em sua exortação para que os efésios não se desanimassem por causa das suas tribulações em favor deles. O último objetivo, *vossa glória*, deve sempre ser tido em mira.

>Ef-3.14

A repetição da frase *por esta causa* (14 cfr. vers. 1) mostra que o apóstolo está resumindo o pensamento que havia sido interrompido pelo parêntese dos vers. 2-13. O que segue está na forma de uma oração, a base da qual está toda a maravilhosa obra de Deus, que lhe foi revelada nos pormenores desdobrados no capítulo 2. *Me ponho de joelhos* (14). A atitude costumeira de oração entre os judeus era ficar em pé (#Lc 18.11); a posição de joelhos expressava solenidade especial ou urgência incomum (#Lc 22.41; #At 7.60). Intensificase o significado da frase quando notamos que um texto favorito de Paulo era #Is 45.23 (veja #Rm 14.11; #Fp 2.10). Esta oração que talvez deva ser considerada a parte final da oração iniciada em #Ef 1.17-23, começa com uma referência ao Pai (cfr. #Ef 1.17). A idéia não se traduz tão facilmente, pois nossa palavra *família* (15) não é derivada de "pai", enquanto o vocábulo grego *pátria* (família) é derivado de *pater* (pai). *Tanto no céu como na terra*. Quão sublime é sempre o pensamento de Paulo (veja também #Ef 1.10-21)! Entende-se que a paternidade de Deus não é uma simples metáfora proveniente de relações humanas. O contrário é o caso. Deus é Pai; o arquétipo de toda paternidade se encontra em Deus e todas as outras paternidades são derivadas dEle.

>Ef-3.16

A primeira petição, como em #Ef 1.17, roga a operação do Espírito Santo no coração do crente (16). Em #Ef 1.17, pede-se mais especialmente o conhecimento (i. e. revelação). Aqui Paulo procura mais o poder (i. e. a realização). Em #Ef 1.19, pede o conhecimento da "suprema grandeza do

poder divino"; em #Ef 3.16, ora para que seus leitores possam experimentar aquele poder, a fim de que a aquisição do conhecimento desejado lhes seja possível (18). Cfr. #1Co 2.14. A segunda petição é para Cristo habitar neles (17). Como crentes, eles estão "em Cristo"; define-se destarte sua posição diante de Deus. Pede-se aqui que os cristãos cheguem a apreciar na sua experiência real a verdade complementar que Cristo deve habitar em seus corações. Esta é a consequência de estarem em Cristo, e depende do exercício da fé pelo crente. O fato de estar "em Cristo", deve expressar-se na vida do cristão pelo amor, correlativo essencial da fé (cfr. 1.15 n.). Ambos são elementos da aptidão necessária para o crente compreender a verdade revelada de Deus. Sem a força outorgada pelo Espírito divino, através desses elementos, a mente humana, mesmo do crente, não pode alcançar a revelação de Deus. Nenhum santo, ainda que seja dotado com a plenitude da força espiritual, pode, por si mesmo, esperar obter a totalidade da verdade divina: é propósito de Deus que compreendamos a verdade **com todos os santos** (18). Somente a Igreja em toda a sua inteireza pode perceber a plenitude da revelação divina. Este pensamento nos deve humilhar. **O amor de Cristo excede a todo entendimento** (19); por conseguinte, permanece um ideal; é algo que nunca se chega a atingir; entretanto, sempre há possibilidade de aproximá-lo mais. O conhecimento não é o apogeu das bênçãos pelas quais Paulo ora, pois ele roga uma experiência mais profunda ainda; **que vós sejais tomados de toda a plenitude de Deus**. Veja também #Cl 2.9. O tempo aoristo do verbo **tomados** sugere que esta experiência não seja considerada como gradualmente adquirida, mas como uma realização positiva na vida do crente.

>Ef-3.20

Segue-se, então, uma magnífica doxologia. Paulo já pediu grandes coisas, mas entende que seus pensamentos e suas aspirações mais sublimes nunca podem esgotar os recursos de Deus. Assim sendo, ele vai além, e pede que Deus opere infinitamente mais do que o coração humano possa esperar ou imaginar, além **de tudo quanto pedimos ou pensamos** (20). O alicerce desta esperança e confiança repousa no fato de que o poder do Espírito de Cristo **opera em nós**. Deus há de ser glorificado "na Igreja e em Cristo Jesus" (21, ARA); a Igreja é o corpo do qual Cristo é o Cabeça e os dois aqui são considerados como inseparáveis (veja #Ef 1.23).

Ef-4.1

VII. A UNIDADE DO ESPÍRITO Ef 4.1-16

Aqui Paulo entrega a tocha a outros. Por muito tempo já, ele a tem levado. Agora ele é **prisioneiro do Senhor** (1, ARA). Pode pregar e escrever, mas a esfera em que pode pôr em prática os princípios do evangelho se limita a uma prisão. Cabe a outros, seus leitores, mostrarem ao mundo exterior como a verdade cristã pode ser praticada na vida cotidiana. **Rogo-vos, pois, eu...** (1). O padrão estabelecido para a vida cristã é transcendentemente alto como é indicado nos capítulos anteriores. O apóstolo não deixa seus leitores em dúvida quanto às responsabilidades da **vocação com que fostes chamados**, que são muito grandes; contudo, vale-nos sempre o "poder que opera em nós" (**#Ef 3.20**), sem o qual não pode haver sucesso, e com o qual não pode haver fracasso final. A soberana vocação do cristão (cfr. **#Fp 3.14**) não deve torná-lo orgulhoso. As virtudes simples e humildes do vers. 2, que não podem ser mantidas pelo coração natural do homem, são essenciais à vida cristã diária. O pensamento pagão, tanto antigo como moderno, comumente as trata com repugnância, considerando-as como defeitos. O cristão deve depender da verdade revelada por Deus, e do poder do Espírito que habita em nós, para que se cumpra o bom propósito de Deus nas vidas humanas que lhe são consagradas.

Uma característica essencial do espírito cristão é a capacidade de suportar as fraquezas de outros, **com longanimidade suportando uns aos outros em amor**. A grande finalidade deste modo de agir é manter **a unidade do Espírito pelo vínculo da paz** (3). Os muitos cismas que aparecem na unidade cristã, através da história da Igreja, são devidos, não tanto a grandes crimes e a planos maquiavélicos entre irmãos, nem a vastas e profundas diferenças de opinião, mas, na maioria dos casos, à falta dessas simples virtudes, básicas à fé cristã, que sustentam a unidade de todos.

Esta unidade não tem de ser criada pelo cristão, pois já existe. **Ele se esforça, portanto, em preservá-la** (3). A realidade dessa unidade é agora desdobrada. Apresentam-se sete aspectos, em que os elementos caem em três grupos em torno das três Pessoas da Trindade. Há, primeiro, **um só corpo**, a Igreja, que deve sua existência e unidade a **um só Espírito**, e que se dirige no poder daquele Espírito a um só alvo da **esperança** (4). Em segundo lugar, há **um só Senhor**, Jesus Cristo, o grande objeto de **uma só fé** pela qual os homens crêem para a salvação, o qual tem dado à Igreja a ordenança inicial de **um só batismo** (5). Em terceiro lugar, há **um só Deus e Pai de todos**, fonte suprema de toda unidade (6).

Depois de dar relevo à unidade em geral, Paulo volta agora à consideração dos cristãos individuais, que juntos constituem essa unidade. Não são peças uniformes de um mecanismo, cada um possuindo uma individualidade que Deus reconhece e usa em Seu serviço. Cfr. [#Rm 12](#), onde idéias semelhantes se apresentam. No vers. 7 o apóstolo fala em termos gerais sobre o dom da graça de Deus, à qual repetidamente se refere, quando relata sua própria experiência dela, no cap. 3 (veja [#Ef 3.2-7](#) e seg., onde Paulo identifica sua própria missão, aos gentios, com este dom da graça). Agora ele aponta para [cada um de nós](#), como possuidor de um semelhante dom da graça, o qual difere, entretanto, conforme o individual. As diferenças entre esses dons não são determinadas por habilidade ou capacidade natural, mas [segundo a proporção do dom de Cristo](#). Cfr. [#1Co 12.1-11](#) n. Os "carismas" são associados à ascensão de Cristo (8; cfr. [#Ef 1.19](#) e seg.). Aqui se refere à figura do rei vitorioso (cfr. [#Cl 2.15](#) n.), distribuindo os despojos de guerra, como é sugerido pelo [#Sl 68.18](#). Neste Salmo Deus é visto guiando seu povo, triunfalmente, através do deserto (vers. 4-7), através de Basã (vers. 15), e depois entrando, vitoriosamente, com 20.000 carros de guerra em Sião (vers. 17). Paulo aponta para este Salmo, como prefigurando a triunfante ascensão de Cristo. Veja ainda [#Jo 7.39](#), onde o dom principal é indicado; cfr. [#At 2](#).

>Ef-4.8

Paulo explica esta referência no vers. 8, abrindo um parêntese nos vers. 9 e 10. A alusão à descida se refere, provavelmente, àquela do céu à terra na encarnação; esta é uma explicação satisfatória, embora alguns lhe dêem uma aplicação mais extensa baseando-se em [#1Pe 1.18](#) e segs. A identidade daquele que sofreu humilhação na terra, mas que foi exaltado no céu, é ressaltada no vers. 10. Esta exaltação preenche o grande propósito de Deus: [para ele encher todas as coisas](#) (veja também [#Ef 1.23](#)).

>Ef-4.11

No vers. 11 são mencionadas cinco ordens no ministério, em que se explicam alguns dos "dons" do vers. 8. Os bem conhecidos termos "bispo", "presbítero" e "diácono" não aparecem, e por isso alguns sugerem que a razão para a omissão resida no fato de esses três termos se referirem aos oficiais das igrejas locais, enquanto aqui Paulo tem em vista a Igreja universal, e por conseguinte menciona os que servem à Igreja em geral. Veja também [#1Co 12.28](#) n. À medida que a história da Igreja progredia, todas as funções do ministério eram incorporadas nos três ofícios locais. O propósito para o qual Cristo dá à sua

Igreja os referidos dons, não é que os beneficiados sejam seus únicos servos na Igreja e no mundo, mas que, através deles, cada membro da Igreja possa ser inspirado a servir a Seu Senhor. Entretanto, "a obra do ministério" tem sido de tal modo limitada aos oficiais das igrejas, que a Igreja universal, "o corpo de Cristo", não tem sido edificada como devia: somente poucos trabalham, enquanto a grande maioria dos membros das igrejas apenas acompanha, ignorando completamente sua tarefa divinamente ordenada.

>Ef-4.12

Para a edificação do corpo de Cristo (12). A frase combina as duas figuras favoritas de Paulo, referindo-se à unidade estrutural e orgânica da Igreja. (cfr. **#1Co 3.16-17**; **#1Co 12.12-17** n.). Ele não receia usar metáforas misturadas, falando primeiro do templo que "cresce" (**#Ef 2.21**), e aqui, do corpo que é edificado. Do lado divino, já existe uma unidade (4-6); do lado humano, essa unidade deve ser alcançada pela Igreja, por meio do uso correto dos dons mencionados acima. **Progresso no conhecimento do Filho de Deus** (13) é essencial para a realização dessa unidade. O conceito do "varão perfeito", desenvolve esta idéia de unidade. Nosso progresso espiritual não será determinado por individualismo, como se o propósito de Deus fosse a produção de grandes homens. O individualismo deve dar lugar àquela unidade orgânica, cujos interesses e objetivos estão muito além do alcance do indivíduo e que se definem aqui como **a medida da estrutura da plenitude de Cristo**. O individualismo é indício da imaturidade da infância. Eis o contraste feito aqui; devemos ser homens "maduros" e não meninos... **levados em redor por todo vento de doutrina** (14). O pensamento de Paulo focaliza a vacilação e a instabilidade infantil, bem como o individualismo. Os barquinhos estão à mercê do vento e das ondas de um modo desconhecido dos grandes veleiros. Os ventos são uma figura dos homens que ensinam "outro evangelho" (cfr. **#Gl 1.6-9**), e que pervertem a verdade por **astúcia. Seguindo a verdade** (15): o verbo não se limita ao ato de falar, mas inclui outras formas de testemunhar. Nesta epístola incontroversa Paulo não empreende nenhuma declaração de erros quaisquer, nem uma detalhada refutação dos mesmos. Recomenda uma ação positiva que seria a melhor proteção possível contra a infiltração de todo e qualquer erro. A melhor defesa é o ataque. Outro aspecto da resistência ao erro é a apresentação, ao inimigo, de uma frente de combate comum. **Cresçamos** (15). O processo não se manifestará em moldes individualistas, mas será sujeito aos interesses da coletividade. **Naquele... Cristo** (15): uma recapitulação da idéia no vers. 13. Este crescimento abrange não somente a parte essencialmente religiosa da vida, mas todos os seus aspectos. Ele deve

ser governado, não pelos interesses diversos dos membros individuais do corpo, mas por Aquele **que é o Cabeça, Cristo** (15).

>Ef-4.16

No vers. 16 Paulo tem em vista a estrutura, maravilhosa e complicada, do corpo humano, firmemente unido por juntas e ligaduras apropriadas (veja passagem paralela, **#Cl 2.19**, e cfr. **#1Co 12.12-27**). Nisto ele reconhece o lugar e a influência de **cada parte**, funcionando "segundo a justa cooperação". Assim, pelo funcionamento correto das partes individuais é edificada uma estrutura coerente e harmoniosa. Novamente o apóstolo utiliza metáforas que indicam tanto a unidade espiritual como orgânica: ambas são necessárias na apresentação desta grande verdade.

>Ef-4.17

VIII. ELEMENTOS ÉTICOS DA VIDA CRISTÃ Ef 4.17-5.21

Um novo aspecto da experiência cristã se nos apresenta, em uma revisão dos elementos éticos, indispensáveis à vida espiritual. Note a permanência desta metáfora através dos capítulos 4 e 5 (**#Ef 4.1,17; #Ef 5.2,8,15**). Os vers. 17-19 apresentam a injunção na forma negativa: **não... como andam os gentios** (17). Este "andar" dos gentios é apresentado como vão, entenebrecido, alheio, ignorante; e a razão dada para isto é a "dureza dos seus corações" (18; cfr. **#Ef 2.12**). A expressão **vaidade dos próprios pensamentos** (17) aponta o fato que a razão humana, sem a iluminação do Espírito de Deus, inevitavelmente leva à desilusão e ao fracasso. A afirmação é dura, mas a história da humanidade a confirma. **Obscurecido de entendimento** (18). Mostra o estado natural do homem até que a experiência de **#Ef 1.18** lhe chegue; até então, ele está **alheio à vida de Deus**. O fato da queda do homem (**#Gn 3**) está em vista aqui; seu estado presente é o resultado, não só da separação de Deus, mas também da alienação ativa. A vida divina nos é necessária, mas não a possuímos por natureza. **Tendo-se tornado insensíveis** (19); tais pessoas resistiram às ânsias da consciência e agora não se importam mais com ela. Esta condição abre a porta para o mal, enquanto eles, da sua própria vontade, entregam-se, sem restrição, aos deleites de toda espécie, como se consistisse nisso a principal tarefa da vida. (Veja **#Rm 1.21-28**).

>Ef-4.20

Mas não foi assim que aprendestes a Cristo (20). Nesta sucinta frase, o apóstolo desvia o pensamento de seus leitores daquelas idéias aviltantes para a fonte de toda a pureza que é Cristo. A frase que começa com a palavra **se** do vers. 21 tem a mesma construção de **#Ef 3.2**. A cláusula condicional não expressa dúvida, mas é usada para ênfase, a fim de que o leitor verifique a afirmação feita: "de fato o tendes ouvido" (ARA). **Aprendestes... tendes ouvido... fostes instruídos** (20-21); cfr. **#Jo 6.45. A verdade é em Jesus Cristo** (21): cfr. **#Jo 14.6**. Sua instrução em Jesus Cristo é agora considerada, negativa e positivamente. Eles, por certo, abandonaram sua antiga maneira de viver, despindo-se dela como de uma roupa suja. A velha vida dominada pela vontade própria, chama-se **o velho homem**, uma metáfora predileta de Paulo. Cfr. **#Rm 6.6; #Cl 3.9**; cfr. também o conceito do primeiro e do segundo Adão, **#Rm 5.12-19; #1Co 15.21-58**. O lugar do **velho homem** será tomado por "uma nova criação" (**#2Co 5.17**), **o novo homem** (24). A petição para renovação da vida é logo respondida pelo poder de Deus, como vemos no vers. 24. O **novo homem** é o resultado de uma obra divina de criação, na qual se cumpre a exigência expressa em outra metáfora, "Necessário vos é nascer de novo" (**#Jo 3.7**). A nova criação torna a ser semelhante a Deus, em manifestar **justiça e retidão**, em contraste com a impureza e o engano mencionados no vers. 22.

>Ef-4.25

A ligação dos vers. 25-31 com o que os precede é salientada pelo uso do mesmo verbo nos vers. 22 e 25, onde se traduz "despojeis" e "deixando", respectivamente. As implicações e conseqüências do despojamento do velho homem são as seguintes: há cinco coisas que devem ser renunciadas.

1. MENTIRA (VERSO 25). "Deixando a mentira" -**A Mentira**, tem um sentido mais amplo, não se limitando ao que se diz. A injunção é reforçada por uma citação em **#Zc 8.16**, e por um apelo à união vital dos cristãos revelada na comunhão da Igreja.

>Ef-4.26

2. IRA PECAMINOSA (VERSOS 26-27) -Há ira que é justa e este fato é ressaltado por uma citação do **#Sl 4.4** (versão dos LXX). A ira justa facilmente se transforma em ressentimento quando susceptibilidades pessoais começam a se fazerem sentir. Como Deus "não conserva para sempre sua ira" (**#Sl 103.9**), assim também os homens são exortados a controlar bem a sua.

Não se ponha o sol sobre vossa ira (veja #Dt 24.13-15). Alimentar ira pessoal, ou mesmo irar-se justamente por longo tempo, faz com que o maligno entre em nossa vida.

>Ef-4.28

3. FURTO (VERSO 28) -É provável que o furto tenha sido praticado por muitos dos gentios convertidos durante toda a sua vida, até a conversão. Em momentos de tentação o hábito podia ressurgir na vida cristã. O remédio consiste em superar a tentação com labores honestos para se poder prover do necessário, tanto para uso pessoal, como para a carência de outros. A má vontade de trabalhar honestamente é a raiz de quase todas as formas de roubo.

>Ef-4.29

4. LINGUAGEM TORPE (Versos 29 e 30) -A linguagem indecente pode tornar-se um hábito tão arraigado que estoura subitamente em circunstâncias inesperadas; veja #Mc 14.71. Não basta suprimi-la; é preciso cultivar positivamente a **que for boa**. Devemos tentar edificar outros, ajudando-lhes pelas nossas palavras, e não simplesmente entretendo-os com uma conversa polida. A posição do vers. 30 liga-o ao assunto da má conversa, e logo confrontamos o fato solene de que as nossas palavras, que julgamos tão superficialmente, podem entristecer o Espírito Santo (cfr. #Mt 12.37). Nossas palavras não deveriam ser apenas uma reação instintiva ao estímulo exterior, como o são freqüentemente. O Espírito Santo deveria controlá-las (veja vers. 18). **No qual fostes selados** (30); cfr. 1.13 n.

>Ef-4.31

5. MAU HUMOR (VERSO 31) -Paixões más se expressam de vários modos, e cada uma deve ser deixada no despojamento do velho homem.

Injunções positivas (32) enchem o vácuo produzido pelas proibições negativas. Um requisito da comunhão cristã é o perdão, não apenas a bondade ou a delicadeza, mas um perdão congênere ao de Deus. Note a mesma ênfase na Oração Dominical (#Mt 6.12-15).

Ef-5.1

No vers. 1 o apóstolo aponta para o mais sublime exemplo, que se possa achar. A possibilidade de segui-lo é indicada pela referência à filiação: **como filhos amados**. **Andar** (2): tropo metafórico trazido de **#Ef 4.1-17**, indicando claramente a continuação do mesmo assunto. Como no vers. 1, o amor cristão se apresenta no mais elevado grau: **como também Cristo vos amou**. Ele mostrou o seu amor entregando-se **por nós**, i. e., "em nosso favor". Tal é o amor cristão; não é um mero sentimento de afeição, mas um auto-sacrifício. **Como oferta e sacrifício** (2). A natureza incidental desta referência à expiação do nosso Senhor, indica que este aspecto da sua morte era mutuamente aceito por Paulo e seus leitores. Ambas as palavras são usadas para sacrifícios, envolvendo o derramamento de sangue, mas quando usadas juntas, como aqui, a palavra **oferta** pode referir-se mais particularmente às oblatas incruentas. O cumprimento cabal, em Cristo, das prefigurações velho-testamentárias é assim indicado. **Em aroma suave** (2). Cfr. **#Gn 8.21**; **#Lv 1.9,13,17**, etc. Uma frase tomada do Velho Testamento, indicando a aceitação divina do sacrifício.

É claro que certos pecados ameaçaram a paz e a segurança dos cristãos gentios primitivos de um modo especial (3). Eles tinham sido criados neles (**#Ef 2.1-3**), e evidentemente alguns, que se diziam cristãos, ainda acharam nos mesmos uma forte tentação. Veja especialmente as cartas de Paulo aos Coríntios. O único caminho seguro era nem sequer fazer menção de tais coisas; a idéia do mal, tanto quanto o ato, devia ser excluída. Isto, realmente, era o mínimo que uma profissão de fé podia exigir. Os pecados pequenos, dos quais os piores se derivam, são condenados logo depois (4). Há muitos em todas as classes da sociedade que não cometeriam os pecados mais grosseiros, mas que se deliciam em **palavras vãs** e **chocarrices**. **Inconvenientes** (4); cfr. "como convém a santos", no verso anterior. Os lábios do cristão devem constantemente se encherem com os louvores de Deus; não com aquele louvor extravagante e barulhento que provoca a zombaria dos homens, mas com um espírito de incessante gratidão, que se expressa de muitas maneiras afáveis que não podem senão influenciar o ímpio para o bem. Veja também **#Ef 4.29**. **Sabei, pois isto**; no vers. 5 Paulo indica que seus leitores certamente compreenderão que ninguém que se entrega aos vis pecados já mencionados, terá parte alguma naquela herança que é seu quinhão em Cristo (**#Ef 1.14-3.6**). Note-se a frase **o reino de Cristo e de Deus**; veja **#Mt 25.34** e **#Tg 2.5**. O vers. 6 tem uma advertência contra o poder da propaganda insidiosa. Tem aplicação especial àqueles que se rendem à astúcia de falsos sectários, que vão de porta em porta à procura dos incautos. Veja também **#Ef 4.14**; vê-se a importância magistral deste assunto na seguinte declaração paulina: **porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência**.

>Ef-5.8

A profissão de fé dos leitores os obriga, imprescindivelmente, a fugir do pecado. Na sua vida anterior, ofuscada pela incredulidade, eram **participantes com eles**, mas agora são a luz do mundo (8, cfr. **#Mt 5.14**). Novamente a exortação se repete para os cristãos andarem como devem (cfr. **#Ef 4.1,17; #Ef 5.1**). **Fruto do Espírito** (9) ou melhor: fruto da luz (ARA). Paulo introduz aqui o contraste entre estes frutos e **as obras infrutíferas das trevas** (11). O "fruto da luz" consiste em **bondade e justiça e verdade**, no sentido mais absoluto, indicado por **toda. Provando** (10); pondo tudo à prova, os filhos da luz podem evitar o engano (cfr. vers. 6), e assim chegar a conhecer qual a vontade do Senhor. Mas, o cristão deve ir além da mera fuga das **obras das trevas** (11); tem de expor sua verdadeira natureza à influência da luz que há em si, e mostrar o que é na realidade. **É vergonha** (12); cfr. vers. 3 n. Muito de que se lê nos jornais, revistas e novelas aumenta a dificuldade de o leitor conservar os pensamentos puros, e fornece tópicos sórdidos para todos, inclusive para os cristãos. **Porque tudo que se manifesta é luz** (13). Considerando o que segue, parece melhor interpretar isto no sentido seguinte: que o mal, quando exposto à verdade, tem de mudar. Isto aconteceu na própria experiência dos leitores. Agora deviam brilhar de tal modo, que outros experimentassem a mesma mudança. Para dar ênfase à idéia que tudo que se expõe à luz é transformado, Paulo cita umas palavras (14), de fonte desconhecida, possivelmente tiradas de um hino cristão primitivo (cfr. vers. 19). Elas chamam os homens para perceberem a obra transformadora da luz do mundo (**#Jo 8.12**). **Vede como andais** (15). Pela última vez na epístola repete-se a exortação a **andar** como cristãos (15; cfr. também **#Ef 4.1,17; #Ef 5.1,8**). Eles devem exercitar-se com o máximo cuidado para não viver imprudentemente, como tantos fazem. Deste modo, aproveitarão cada oportunidade de fazer o bem nestes tempos maus. **Remindo** (16); lit. "resgatando". O crente sempre deve ter o alvo de conhecer e fazer **a vontade do Senhor** (17). Esta deve ser a sua primeira preocupação. Que a vontade de Deus pode ser conhecida por aqueles que a buscam, já foi entendido, há muito (**#Sl 25.8**). O contraste notável do vers. 18 não seria notado tão prontamente por um crente de nossa época; mas o hábito da embriaguez era tão universal entre as populações pagãs, das quais os cristãos gentios se originaram, que tal contraste lhes era realmente apropriado. Veja também **#At 2.15** e segs. O ébrio procura algum suposto "bem" em seus excessos, mesmo, talvez sua "inspiração". O verdadeiro "bem" se acha na plenitude do Espírito Santo. Aquilo que os homens procuram através da embriaguez não é encontrado desta forma; suas esperanças são

inevitavelmente ilusórias. Tudo o que os homens procuram na satisfação de suas necessidades e desejos pode ser encontrado no Espírito Santo. Este verso relembra o entusiasmo dos cristãos primitivos. Sua religião não se tinha tornado ainda um formalismo frígido e correto. A camaradagem barulhenta dos beberrões é bem conhecida e, em vivo contraste com isso, Paulo retrata cristãos cheios do Espírito, que gozam de uma comunhão mais pura, e entoam cânticos mais nobres, enquanto se animam uns aos outros com os louvores de Deus (19). Paulo não fala aqui de uma forma de culto estereotipada, mas da expressão espontânea de uma vigorosa vida espiritual. O verdadeiro louvor a Deus não é produto da efervescência superficial e extravagante: é uma coisa do coração. **Hinos e cânticos espirituais** (19). Esta é uma indicação interessante de que a igreja primitiva desenvolveu sua própria expressão poética de culto e louvor, além do uso dos Salmos do Velho Testamento. Cfr. **#Cl 3.16**. Alguns comentadores fazem uma distinção entre os dois, sugerindo que os **hinos** fossem cantados pela congregação, enquanto os **cânticos espirituais** se constituíssem de solos. A incessante providência de Deus (20) é razão suficiente para as expressões de louvor mencionadas acima. A auto-entrega do cristão a Cristo envolve uma relação para com os outros tão humilde como abnegada (21). **Sujeitando-vos uns aos outros**: a exortação parece ser, talvez, curiosa para seguir uma recomendação à livre expressão do entusiasmo espiritual como se recomenda no vers. 19. Mas é característico do testemunho cristão, que sua ousadia seja condicionada por uma constante preocupação com os sentimentos e o bem-estar dos outros e que por isso se submeta às ternas exigências das circunstâncias (cfr. **#1Co 14.26-33**). O motivo para submissão não se encontra naqueles a quem é preciso submeter-se em amor: procurá-lo-emos em vão ali. Se olharmos somente para eles, pode tornar-se impossível nossa submissão. O motivo deve ser "o temor de Cristo" que é o termo equivalente no Novo Testamento ao do "temor do Senhor" no Velho. O princípio estabelecido, neste verso, é desenvolvido nas seções seguintes.

>Ef-5.22

IX. RELAÇÕES CRISTÃS NA VIDA FAMILIAR Ef 5.22-6.9

Na intimidade da vida no lar, a ética cristã é freqüentemente sujeita a um teste rigoroso. A boa ordem na sociedade e em todas as relações humanas depende do reconhecimento do princípio divinamente revelado de subordinação. Esta idéia é desenvolvida na exortação feita no vers. 21. Esses princípios Paulo aplica, agora, a esposas e maridos (22-23), a filhos e a pais (**#Ef 6.1-4**) e a

servos e senhores (#Ef 6.5-9). Em cada caso Paulo começa com os inferiores, cuja responsabilidade principal é a obediência.

a) Esposas e Maridos (Ef 5.22-33)

As mulheres sejam submissas (22). O sentimento deste verso contém uma idéia, tão distanciada do comum, e tão contrária à norma do mundo moderno, que alguns podem julgá-la a quinta essência do retrocesso nas relações sociais civilizadas. Não tem a mulher alcançado, pela marcha triunfal da civilização, igualdade com o homem, igualdade essa que sempre foi seu direito natural, mas que só chegou a ser reconhecida recentemente? Em resposta podemos afirmar que em muitas coisas, por exemplo, em qualidades espirituais, a mulher é, por ordenação divina, o par natural do homem. Mas, nas relações da vida familiar Deus estabeleceu uma certa ordem, pela qual a mulher deve estar sujeita ao marido. Veja notas sobre #1Co 11.2-16, e #Cl 3.18. Esta subordinação não implica inferioridade (veja nota sobre #Ef 6.1). A sanção dada para encorajar as esposas neste rumo divinamente indicado, e contra o qual o ser natural pode rebelar-se, se acha nas palavras **como ao Senhor**. Visto que neste assunto Deus estabeleceu uma lei, o único caminho é de obedecer a essa lei por amor a Ele, e como a Ele. Muitos problemas domésticos, aparentemente insolúveis, encontrariam sua solução se este princípio lhes fosse aplicado. A ordenação divina para a vida familiar é que o **marido seja o cabeça da mulher** (23), não em sentido despótico, nem por imposição do homem, mas **como também Cristo é o cabeça da igreja** (23). O marido deve basear sua conduta na de Cristo para com Sua igreja. Nesta relação não havia opressão, mas sacrifício, pois Ele é o **salvador do corpo** (o "corpo" sendo a Igreja, como em #Ef 1.23-4.16). Repete-se o preceito para dar-lhe ênfase (24).

As responsabilidades especiais que se aplicam ao marido como cabeça são tratadas em mais detalhes do que as que se referem à subordinação da mulher. O padrão celestial é novamente apresentado, de modo que o marido cristão deve amar sua esposa como **Cristo amou a Igreja**. A atitude do marido para com a esposa não deve ser de domínio, mas de sacrifício próprio. Oxalá que as esposas aprendessem a lição dos versos que lhes são endereçados, e que os maridos, de sua parte, aplicassem, a si mesmos, os versos dirigidos a eles e não **vice-versa!** Paulo salienta, não os direitos, mas sim as responsabilidades. A harmonia e a felicidade serão adquiridas ao se cumprirem as responsabilidades antes de se insistir nos direitos.

Tendo introduzido a idéia do amor de Cristo pela Igreja, Paulo é levado a desenvolver este tema. O propósito de nosso Senhor em dar-se pela Igreja se expressa pelos dois termos **santificar** e **purificar** (26), os quais se referem à purificação do pecado pelo seu sangue, e à conseqüente santificação do povo purificado pela íntima operação do Espírito Santo (cfr. vers. 2). Aqui se fala da Igreja no sentido coletivo e não dos indivíduos que a compõem. **A lavagem de água pela palavra** (26). Esta é uma referência quase certa ao batismo. **A palavra** se refere ou à confissão de fé (cfr. **#At 22.16**; **#1Pe 3.21**), ou à fórmula batismal (veja **#Mt 28.19**). **Para a apresentar a si mesmo** (27). A metáfora de um casamento se repete. A função de apresentar a noiva ao noivo pertencia, normalmente, ao amigo do noivo. Cfr. **#2Co 11.2**, onde Paulo se apresenta nesta luz. Aqui Cristo é tanto quem apresenta, como quem recebe. **Santa e sem defeito** (27). Cfr. **#Ef 1.4** e **#Cl 1.22**. As palavras têm um significado sacrificatório (cfr. **#Êx 12.5** e **#1Pe 1.19**), mas não são usadas aqui para indicar a perfeição da obra de Cristo na Sua Igreja. Paulo resiste à tentação, sempre presente nele, de desprender-se de todos os outros tópicos para falar das glórias do seu Senhor. Com um esforço, ao que parece, volta ao assunto que tem diante dos olhos, a saber, os deveres dos maridos. Tal é o cuidado e a ambição de Cristo para com o Seu Corpo, a Igreja; assim também **devem os maridos amar as suas mulheres como a seus próprios corpos** (28), procurando o seu progresso nas coisas espirituais, e sempre lutando por uma união mais íntima nas coisas profundas de Deus. Paulo agora passa da idéia de chefia para a de uma profunda e misteriosa unidade (29). Na união estreita e íntima do marido com a esposa, é muito justo e, no sentido mais elevado, bem natural, que o amor mais profundo e sublime os una. **Membros do seu corpo** (30). A posição bem definida, que Paulo assume com referência à união estreita entre marido e mulher podia requerer evidências mais seguras do que uma simples asserção. Esta evidência ele agora fornece (31), referindo-se a **#Gn 2.24**, uma passagem cuja importância já foi indicada por nosso Senhor (**#Mc 10.6-9**). **Por isso deixará**: a causa indicada em **#Gn 2.24**, é o fato que "do varão foi tirada" a mulher. No segundo caso, quando Paulo diz: "mas eu me refiro a Cristo e à sua igreja", o motivo se baseia no fato muito mais excelente que nós **somos membros do seu corpo** (30). O sentido neo-testamentário de **mistério** (32) é de algo oculto que "Deus agora revelou"; este contexto se refere à revelação portentosa da relação de Cristo para com a Igreja (cfr. **#Ef 3.1-13**). Novamente, no vers. 33, Paulo chama a atenção do leitor para o tema desta passagem, e sintetiza as lições aplicáveis tanto aos maridos como às mulheres.

b) Filhos e pais (Ef 6.1-4)

A relação entre pais e filhos, que nas gerações passadas era tão intimamente mantida, tem perdido, em nossos dias, muito de sua solidariedade e influência. Assim sendo, essas palavras são de máxima importância hoje em dia. O verbo (**hypakouo**) que se usa aqui para "obedecer ordens", tem o sentido de "obediência literal à autoridade", o que não figura na frase em **#Ef 5.22**, "sejam submissas" onde o verbo (**hypotasso**), significa "arrumar em ordem". **No Senhor** é uma expressão que o escritor não amplia nem explica, mas é evidente que as ordens divinas não podem ser cumpridas sem a graça e o poder provenientes do Espírito do Senhor, que habita em nós. A própria lei da natureza outorga autoridade ao pai e exige obediência da prole; e a lei de Deus, especificamente, engloba a injunção no quinto mandamento (2), reforçando-o com a promessa de vida longa e prosperidade para aquele que for obediente (3). A obediência perfeita, especialmente nas crianças, depende, em grande parte, do exercício correto de autoridade pelos pais (4). Uma disciplina áspera e inconstante pode facilmente desanimar a criança (veja **#Cl 3.21**). Se o pai conhece que seu guia e exemplo real é o Senhor, então sua **doutrina e admoestação** (4; ARA "disciplina e admoestação") serão adequadas e justas. Os métodos modernos de orientação infantil no lar, na igreja, na escola e no tribunal de justiça juvenil podem dever muito à psicologia, mas é fácil não salientar adequadamente o poder e a influência do Espírito do Senhor.

>Ef-6.5

c) Servos e Senhores (Ef 6.5-9)

Usa-se a mesma palavra para obediência aqui no vers. 5, como no vers. 1, implicando obediência literal a uma palavra de ordem. Os **servos** eram, na realidade, escravos (**douloi**), mas somente **segundo a carne**; em espírito e consciência eram livres (**#Gl 3.28**). Mais do que nunca, em nossos dias, é de grande significação que o Novo Testamento sempre exige que a mente e o coração se libertem. A escravatura moderna visa à sujeição total da mente e da vontade, tanto quanto do corpo ao domínio do déspota. A obediência do escravo deve ser séria, **com temor e tremor**, não proveniente de motivos mistos, nem tendo em vista objetivos fingidos, mas **na sinceridade do... coração**; e a mais alta consideração do seu serviço é esta: que tudo se faça **como a Cristo**. O Novo Testamento nem justifica o sistema de escravatura, nem requer sua abolição imediata por meios violentos; porém, semeou muitas

verdades, cujo crescimento ia rematar, inevitavelmente, a escravatura na vida social. E assim foi. Há uma lição objetiva de incalculável valor aqui, para todos quantos pretendem ser reformadores sociais, especialmente para aqueles que por coerção e revolução querem acelerar a lenta marcha dos juízos divinos. Aquele que fez o homem e a quem toda raça humana deve sua origem, sabe, melhor que todos, como proceder em realizar mudanças salutares e necessárias, sem destruir coisas preciosas no processo. O serviço do escravo há de ser trabalho honesto: ele não deve trabalhar, olhando para seu mestre, ficando de braços cruzados logo que a vigilância cessar, nem também servindo com o motivo escrupuloso de agradar a um senhor terreno. Sua única pretensão deve ser de agradar o Supremo Senhor e Mestre, Jesus Cristo (6). O Novo Testamento exige um padrão muito alto, mesmo para os escravos! Quanto mais essas injunções se aplicam àqueles que trabalham na liberdade e com os privilégios das condições modernas! Quão longe estamos dos nossos ideais! À recompensa natural do serviço bom e honesto, que raras vezes falha, é adicionado o maior incentivo da recompensa celestial (8); o operário exímio trabalha não apenas para os homens, mas **como ao Senhor** (7; cfr. **#Mt 25.21-23**).

>Ef-6.9

Os senhores devem ter o mesmo espírito e os mesmos ideais que os escravos (9). Isto é, precisam fazer o melhor que puderem para aqueles que estão sob suas ordens e devem procurar os interesses deles em tudo; não devem mandar arrogantemente, mas com paciência, exercendo sua autoridade com justiça, e sem ameaças. Veja **#Fm 16**. A razão suprema para esta atitude é o fato, dominante em todas as coisas, que o **Senhor tanto deles como vosso, está nos céus**. Ele não respeita os direitos individuais do senhor, mais que os do servo. O mérito saliente desta passagem é que, em condições sociais em que havia muito mal, Paulo não procurou apresentar um programa de reforma social, o que seria muito debatido, ao contrário, foi entregue uma mensagem que dá relevo à moralidade básica e aos princípios espirituais. Esses princípios se aplicavam às condições existentes naquela época e os seus efeitos produziram, inevitavelmente, aquelas mudanças muito salutares ao bem-estar da humanidade.

>Ef-6.10

X. A GUERRA ESPIRITUAL Ef 6.10-20

Depois de dar orientação às classes particulares, o apóstolo se volta para todo o grupo da comunidade cristã, e fala de um inimigo externo, cujos assaltos podem ser esperados. Ao mesmo tempo, ele indica o equipamento de que o cristão individual precisa, para enfrentar aqueles inevitáveis assaltos. Mulheres, maridos, filhos, pais, servos, senhores, cristãos todos, são enredados nesta luta: cada um tem sua parte a fazer e seu dever a cumprir. Assim, o término da epístola retorna à idéia salientada no início, do poder divino nos homens (#Ef 1.9). O tempo presente do verbo **sede fortalecidos** (10) aponta, não para a necessidade de adquirir-se novas forças, mas para o usufruto do poder que o cristão já possui pela sua união com Cristo. **Revesti-vos de toda armadura de Deus** (11). A palavra "toda" não é achada no original, e sua inserção obscurece o sentido real, que é "vesti a panóplia de Deus". "Panóplia" significa uma armadura completa, mas o original grego salienta o fato que é de Deus. A necessidade da armadura de Deus é indicada pelas palavras **ciladas do diabo** i. e., os métodos e estratagemas do maligno, que "faz guerra" contra a alma do homem. (Veja #1Pe 2.11). O uso do pronome pessoal **nós** é notável no começo do vers. 12, que distingue entre este conflito em que os cristãos se empenham e o da mera violência física. Paulo tem por certo que a vida cristã é compreendida por seus leitores como uma vida de conflitos; seu objetivo é explicar que não se trata de uma luta física, mas espiritual. Os inimigos da alma não são forças terrenas, nem seres iguais ao homem, mas são os líderes das forças espirituais do mal neste universo. Este é um pensamento que deve despertar o crente, levando-o aos máximos esforços. Temos sido advertidos; mas são muito poucos os que prestam atenção. Esta é realmente a situação; e se a alma humana e os interesses da humanidade estão expostos a estes assaltos sutis e violentos, não admira então que o mundo se agite em tormentos; pois, relativamente poucos se têm preparado para resistir aos assaltos do demônio.

>Ef-6.13

Afirma-se no vers. 13, segundo fato fundamental. O primeiro foi que nossa luta é espiritual; o segundo, é este: que para uma luta espiritual desta natureza as armas são essenciais, e sem elas não se pode resistir às forças do mal. Nesta esfera, a bomba atômica não tem mais utilidade do que arcos e flechas. A figura de Paulo seria a de defensores que resistem ao assalto (14). Alguns comentaristas sugerem que esta descrição represente as forças da Igreja de Cristo avançando contra os poderes do mal; nesta interpretação, porém, não cabe o quadro em apreço. A figura que Paulo adota era conhecida aos leitores do Velho Testamento, pois ela ocorre em duas passagens em Isaías: veja #Is

11.5 e #Is 59.17. Orientado pelo Espírito, Paulo aplica, corajosamente, essas passagens, que no Velho Testamento se referiam ao Messias, àqueles que "estão em Cristo Jesus". É estranho paradoxo que o **evangelho da paz** (15) seja parte da armadura de guerra do cristão, mas este é o fato. A relação deste evangelho com **os pés**, pode parecer estranha, mas esta ilustração se encontra em #Is 52.7. Cfr. #Is 10.15, e dali provavelmente sua origem. **O escudo da fé** (16). A referência aqui é ao maior e mais pesado dos dois escudos que se usavam nas guerras, com a finalidade de proteger todo o corpo das armas do inimigo. Significa uma proteção completa e indispensável. **Os dardos inflamados** (16): sugestiva alusão aos dardos mortais que podem resultar dos ataques de Satanás. **O capacete da salvação** (17). Veja #Is 59.17. Do modo como Cristo se vestiu para a peleja, assim também deve o cristão se preparar. Veja #Is 11.4, de onde é tirada a segunda figura deste verso. No verso em Isaías, é preferível ler "espírito" em lugar de "sopro", da maneira seguinte: "ele ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o Espírito dos seus lábios matará o perverso". Veja também #Ap 1.16-19.15 para e mesma figura. Eis a única arma ofensiva na armadura cristã, **a palavra de Deus**, em que reside o poder do Espírito Santo. O cristão deve usá-la, tendo fé absoluta na sua eficácia.

>Ef-6.18

Unem-se a palavra de Deus e a oração no propósito divino, as quais devem ser usadas sempre em conjunto. Veja o vers. 18. Ambas são necessárias na luta espiritual; tanto nossas palavras dirigidas a Deus, como a proclamação de Deus ao inimigo. A oração não deve ser apenas o exercício ocasional da alma: o crente deve orar **em todo tempo**, i. e., em todas as ocasiões, e com respeito a todas as coisas; em tudo devemos consultar a orientação e ajuda do Espírito. Devemos orar, não somente por nós mesmos, mas **por todos os santos**, e por esta razão estar vigilantes e despertados em meio às tentações de indolência e torpor. A humildade e a dedicação do grande apóstolo se patenteiam no seu fervoroso pedido de orações especiais em seu favor, não para que ele goze de descanso nem de folga, mas para que seja capaz de executar os propósitos que Deus tinha planejado para ele (19). O vers. 20 descortina novamente as circunstâncias em que Paulo se encontrava, como em #Ef 4.1. Embora embaixador do Rei celestial e do seu reino, foi feito prisioneiro; mas sabe que isto não o isenta das suas responsabilidades para com Deus e com o evangelho; sua detenção pode criar inúmeras dificuldades e tentações também, mas ele compreende seu dever de falar ousadamente, **como me cumpre fazê-lo**.

>Ef-6.21

XI. CONCLUSÃO Ef 6.21-24

Recomenda-se a missão de Tíquico aos leitores (21-22). O nobre caráter de Tíquico se revela em cada uma das poucas referências feitas a ele (veja #At 20.4; #Cl 4.7; #2Tm 4.12; #Tt 3.12). Agora, é este o portador desta carta à igreja de Éfeso, e de #Cl 4.7 deduzimos que Onésimo fosse seu companheiro. A bênção que conclui a epístola (23-24) adota uma forma geral, de conformidade com o objeto da epístola, que contrasta com #Cl 4.10-18. **Paz**: a antiga saudação hebraica, assim como graça era a grega. Em vez de unir as duas saudações para formar sua expressão favorita "graça e paz", como em #Ef 1.2, Paulo aqui as separa. A amplitude da significação de "paz", nos escritos paulinos se revela por um estudo de #Ef 2.14-17 e #Ef 4.3. "Graça": chamada mais exatamente em outras passagens "a graça de nosso Senhor Jesus Cristo" (#Rm 16.20; #1Co 16.23; #2Co 13.4, etc.); veja ainda #Ef 4.7 e #2Co 8.9. **Sinceramente**: esta palavra, com que a epístola termina se traduz em outra parte, "imortalidade" (#2Tm 1.10) e "incorupção" ou "inocorruptibilidade", (#Rm 2.17; #1Co 15.42,50,53 e segs.). **Amam**: o amor neste caso não é o terrestre, mas aquele amor de Deus "derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (#Rm 5.5).

W. G. M. Martin.

A EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

INTRODUÇÃO

Ver também o artigo geral, "As Epístolas de Paulo"

I. A FUNDAÇÃO DA IGREJA

A cidade de Filipos era originalmente chamada Crenides (pequenas fontes), tendo sido denominada, posteriormente, no ano 350 A. C., Filipos, em homenagem a Filipe da Macedônia, pai de Alexandre, o Grande. Cerca do ano 168 A. C. a cidade passou para o domínio romano, quando a província da Macedônia foi subjugada. Em 42 A. C. tornou-se colônia romana (#At 16.12) ou reduto militar, em honra da vitória de Antônio e Otaviano sobre as forças republicanas de Bruto e Cássio, vitória esta que vingou o assassinio de Júlio César. Onze anos mais tarde, em 31 A. C., Otaviano, agora Imperador Augusto, recolonizou Filipos. Uma colônia romana deveria ter, então, tanto a sua forma de governo quanto os seus costumes modelados pelos da própria Roma. Seus magistrados eram devidamente escolhidos pelos cidadãos da própria colônia e a autoridade daqueles magistrados, dentro da cidade, era suprema. Há alusões ao estado colonial de Filipos em #Fp 1.27 e #Fp 3.20. A administração da cidade era, pois, inteiramente romana, sob pretores e litores (#At 16.35). O acontecimento mais notável acerca de Filipos é que ali se realizou a primeira conquista de Paulo, na Europa, tendo sido "o berço do Cristianismo europeu".

A história da fundação da igreja é relatada em #At 16. Os membros da comunidade cristã eram, em sua maioria, gregos e possivelmente alguns cidadãos judeus e romanos. As mulheres tinham um lugar de merecida honra (#At 16.13-14).

II. OCASIÃO EM QUE FOI ESCRITA

Houve duas razões principais que induziram o apóstolo a escrever aos filipenses. A primeira, para hipotecar-lhes sua gratidão pelo fato de eles, simpatizando com seu apostolado e partilhando de suas aflições, lembrarem-se de enviar-lhe algumas dádivas por intermédio de Epafrodito, um de seus membros (#Fp 4.10-18). A segunda, para corrigir algumas pequenas desordens existentes no seio da igreja.

Parece que a congregação de Filipos foi a única da qual o apóstolo aceitou dinheiro. É testemunho eloqüente da absoluta confiança de Paulo na compreensão dos membros da igreja, quanto à relação mútua, e também o reconhecimento do direito de Paulo viver pelo evangelho e viver independentemente. Evidentemente, tal envio de dádivas há muito não acontecia, mas o apóstolo, com infinita delicadeza e tato exemplar, não lhes exprobra qualquer incúria cometida contra ele. Faltava-lhes somente oportunidade (#Fp 4.10). Mas o amor e cuidado pelo apóstolo eram tão ardentes e reais como sempre. É provável que os oficiais da igreja ocupavam papel saliente no ministério de auxílio econômico ao apóstolo, como se pode deduzir da menção especial feita por aquele, na dedicatória da carta, dirigida aos bispos e diáconos, o que, em nenhuma das outras epístolas, ocorre de modo semelhante.

O próprio Epafrodito foi também enviado como ajudante do apóstolo em sua prisão, porém, neste mesmo tempo, o mensageiro dos filipenses adoeceu gravemente e quase morreu. Por esse motivo, logo que Deus, apiedando-se de Paulo e de Epafrodito, restaurou a saúde deste, o apóstolo o enviou de volta a seus irmãos de Filipos.

É claro que Epafrodito, a dádiva viva dos filipenses a Paulo, tenha sido portador, além das oferendas a que já aludimos, de uma carta na qual eram focalizados certos problemas da igreja. Por esse motivo, o apóstolo, aproveitando o fato de estar Epafrodito cheio de saudade de sua terra, após restabelecer-se da moléstia que o acometera, fê-lo portador da extensa carta que estamos apreciando, que não é senão a resposta aos seus irmãos de Filipos. Uma corrente de inquietação sobre parte dos convertidos pelo apóstolo foi revelada dada a ansiedade de Paulo em reafirmar aos filipenses sua profunda gratidão. Regozijou-se realmente seu mestre amado naquelas ofertas voluntárias? Estaria ele um pouco mais frio do que usualmente ou eles não o estavam compreendendo bem? Paulo, em palavras memoráveis, no entanto, enche suas mentes e seus corações de paz. A outra importante razão que também deu motivo à epístola foi a necessidade de corrigir certas irregularidades da igreja, as quais, provavelmente, foram relatadas na carta que os filipenses enviaram a Paulo. Tais irregularidades poderiam ser mais bem esclarecidas pelo próprio Epafrodito. Possivelmente eram as seguintes:

Pessimismo reinante entre os filipenses por causa da perseguição e as más notícias da prolongada prisão de Paulo.

Divisão na igreja, dada a incompatibilidade pecaminosa de alguns de seus membros. Duas mulheres, em particular, Evódia e Síntique, foram a causa do atrito (#Fp 4.2). Não houve em Filipos partidarismos extremados, como em Corinto, mas simplesmente murmurações e discussões de caráter secundário.

Deslealdade, rastejando de seus lugares sombrios, cresceu, em sua ausência, alimentada pelos judeus inimigos de Paulo (#Fp 3.2 e #Fp 4.8). Isso, entretanto, era apenas em pequena escala e Paulo sentia que uma advertência bastava para restaurar a antiga lealdade.

III. LUGAR E DATA

Quatro das cartas de Paulo foram escritas, conforme nelas está mencionado, quando o apóstolo estava na prisão (#Ef 3.1; #Ef 6.20; #Fp 1.7,13-14; #Cl 4.18; #Fm 9). A questão surge quanto ao lugar da prisão e se todas foram escritas durante o mesmo aprisionamento. A tradicional resposta é Roma, como sendo a fonte do escrito, o que tem sido contestado primeiro em favor de Cesaréia e por último em favor de Éfeso. O livro de Atos menciona três encarceramentos. Em Filipos (#At 16.23), em Cesaréia (#At 23.23) e em Roma (#At 28.30). A prisão em Filipos foi, obviamente, muito curta para qualquer atividade literária. A objeção contra Cesaréia é do mesmo modo considerável em relação à Epístola aos Filipenses, porque, no momento de escrevê-la, Paulo estava antecipando sua libertação próxima, mas, na prisão em Cesaréia, ele aguardava ansiosamente sua longa viagem a Roma. A teoria a favor de Cesaréia é abandonada quase que unanimemente. Deste modo resta Roma, mas também ela não em posse do campo. Recentemente, Éfeso tem sido apontada como a fonte das epístolas da prisão e das quatro cartas pode-se afirmar que Filipos, pelo menos, está definitivamente fora da questão. O fato de Éfeso ser considerada como fonte da Epístola aos Filipenses pode ser brevemente considerado pelo modo como foi apresentado pelo Reitor G. S. Duncan, Prof. J. H. Michael e outros.

Embora não haja nas Escrituras nenhuma declaração definitiva a respeito de alguma prisão de Paulo em Éfeso, todavia nenhum forte argumento pode ser baseado em tal silêncio. Pelo contrário, Paulo fala de muitas prisões, em uma carta (#2Co 11.23) escrita antes das prisões de Cesaréia e Roma. A antipatia dos judaizantes era suficientemente amarga para tornar possível um encarceramento de Paulo logo no início de seu ministério em Éfeso. Admite-

se também que as palavras de Paulo, em [#1Co 15.30-32](#) e [#2Co 1.8-10](#), tratam implicitamente de sua prisão em Éfeso.

Quando a Epístola aos Filipenses foi escrita, Timóteo estava sendo esperado para breve em Filipos ([#Fp 2.19](#)). Isso, aliás, está em concordância com [#At 19.22](#). Paulo, se posto em liberdade, espera ir a Filipos ([#Fp 1.27](#) e [#Fp 2.24](#)), mas, se a epístola foi escrita de Roma, este fato entra em conflito com [#Rm 15.24](#).

[#Fp 1.30](#) cresce em significação se foi escrita de Éfeso. Paulo, com efeito, diz: "Vós me vistes na prisão em Filipos e agora ouvis a respeito de minha prisão em...". Se estivesse em Roma, o apóstolo estaria colocando juntos dois acontecimentos que tiveram entre si um intervalo de cerca de doze anos. Se em Éfeso, houve um espaço de tempo relativamente curto entre a ocasião em que foi escrita a carta e a visita do apóstolo a Filipos, que ocorreu no verão de 54 A. D.

[#Fp 1.13](#) tem sido bastante evocado para indicar Roma como sendo a fonte de onde a carta fluiu, porém a palavra [pretório](#) era usada comumente para designar a residência do governador de qualquer província e não somente para designar um lugar supremo em Roma. Assim também a frase "da casa de César" não se limita apenas a Roma, mas a todos aqueles que, em Roma ou em qualquer outro lugar, estavam ligados ao serviço de César.

É evidente em [#Fp 2.26](#) que os filipenses tinham ouvido que Epafrodito adoecera e que Paulo sabia estarem eles a par do acontecido. Mas a distância existente entre Roma e Filipos tornava praticamente impossível freqüentes comunicações entre Paulo e os conversos indicados na Epístola aos Filipenses. Epafrodito teria que gastar cerca de um mês para fazer uma viagem de Roma a Filipos, enquanto que para fazer uma viagem de Éfeso a Filipos duas semanas seriam suficientes.

Pelo exposto, parece não ser inteiramente infundada a idéia da prisão de Paulo em Éfeso, mas ainda não vimos um argumento suficientemente forte para destruir a posição tradicional de uma prisão de Paulo em Roma.

A alegação de que a distância entre Éfeso e Filipos é mais curta é consideravelmente enfraquecida quando notamos que, como dizem Wood e outros, a comunicação entre Roma e Filipos era fácil e freqüente, pois a

Macedônia estava situada às margens da Via Egnatia, a grande estrada que ia do Helesponto ao Adriático.

Os termos "pretório" e "casa de César" devem igualmente ser usados, tanto em referência a Éfeso, como a Roma, porém, Roma é o lugar a que os mesmos mais claramente se referem.

Se Éfeso for de fato a fonte das epístolas da prisão e, mui especialmente, a de onde saiu a Epístola aos Filipenses, é de admirar que nenhum traço desta opinião seja achado nos primeiros séculos.

Mesmo que as palavras do apóstolo em [#1Co 15.30-32](#) e [#2Co 1.8-10](#) signifiquem que ele sofreu aprisionamento em Éfeso, não se pode concluir disso que as epístolas da prisão tenham ali sido escritas.

A prisão em Roma tinha uma causa específica para sua duração, porquanto Paulo estava ali esperando ser julgado; mas o aprisionamento em Éfeso foi, comparativamente, por um tempo muito curto e, na verdade, os partidários da hipótese de Éfeso realmente postulam vários períodos curtos de prisão.

Finalmente, se a hipótese de Éfeso é certa, temos que [#Fp 1.12-20](#) deve ter uma interpretação à parte do apelo, que Paulo sabia dever ser ouvido em Roma, diante de César ([#At 25.11](#)).

O assunto em causa não pode ser dogmaticamente decidido, mas, felizmente, não perturba a mensagem permanente do apóstolo. Entrementes, podemos aceitar a origem romana e a data 61-63 A. D.

(Se Éfeso, a data apontada é 54-57 A.D.) A maioria dos que aceitam Roma como o lugar de origem da epístola, crê que ela foi a última do período das epístolas da prisão. Essas, indubitavelmente, podem ser divididas em dois grupos, tanto geográfica quanto teologicamente. Efésios, Colossenses e Filemom tomam o mesmo destino no vale de Licus, na Ásia Menor, enquanto que Filipenses vai localizar-se na Europa. Do mesmo modo, essa epístola permanece isolada entre as cartas escritas na prisão, como não tratando da onda de heresias gnósticas que avassalavam as igrejas da Ásia Menor. As três cartas -Efésios, Colossenses e Filemom- foram escritas quase que ao mesmo tempo, enquanto Filipenses vem por si mesma em data posterior. O fato de essa epístola ter sido escrita mais tarde que as demais pode ser defendido pelo

fato de observarmos que: a) as comunicações entre Filipo e Roma, subentendidas em #Fp 2.26, devem ter tomado um tempo considerável; b) quando Paulo escreveu aos Filipenses, era bem conhecido "em todo o pretório" (isto é, em todo o palácio e em todos os outros lugares). Ele tinha entrado em contacto com muitos soldados e outras pessoas, de modo que o motivo de sua prisão era de conhecimento geral, pelo que muitos se interessavam pelo seu apelo a César (#Fp 1.13 e segs.).

A inferência é que a Epístola aos Filipenses deve ter sido escrita pelo término da prisão de Paulo e, deste modo, a data sugerida está entre 61-63 A. D.

IV. CARACTERÍSTICAS

Esta carta apresenta três características dignas de nota. É, em primeiro lugar, a mais pessoal de todas as cartas de Paulo. Não há restrições de sua parte. Ele escreve, mais como amigo do que como bispo ou eclesiástico. Na saudação inicial dispensa o título "apóstolo" e com plena ciência do lugar que ocupa no coração de seus leitores, ele se chama simplesmente "servo". A passagem intensamente biográfica de #Fp 3.4-14 revela uma profunda experiência espiritual com toda a naturalidade de perfeita confiança. Enquanto dita seus pensamentos, ele parece ter seus amigos a seu lado aí em Filipo.

A carta é também notável pela revelação da pessoa de Cristo. A grande passagem cristológica (#Fp 2.5-11) é aí introduzida não com um propósito de ensinamento doutrinário, mas para mostrar aos leitores a graça da humildade. O exemplo supremo de pobres de espírito é aquele manifestado na encarnação de Jesus, o Senhor da Glória. Daí a exortação prática de possuir o espírito de Jesus Cristo e amar ao próximo mais que a si mesmo. Que tão grande revelação da pessoa de Nosso Senhor tenha vindo tão espontânea da mente de Paulo convence-nos mais prontamente de sua realidade e verdade.

A terceira característica é a nota dominante de alegria. O nome "alegria" (*chara*) é encontrado cinco vezes (#Fp 1.4,25; #Fp 2.2,29; #Fp 4.1), enquanto que o verbo "regozijar" (*chairein*) aparece onze vezes (#Fp 1.18 duas vezes, #Fp 2.17 duas vezes, #Fp 2.18 duas vezes, #Fp 2.28; #Fp 3.1; #Fp 4.4 duas vezes, #Fp 4.10). O fato de o apóstolo, em circunstâncias humanamente tão tristes, escrever com um otimismo tão magnífico torna a brilhante exortação muito mais notável, Paulo, realmente, sente-se bem acima das circunstâncias e senhor da situação, sua "cabeça ensanguentada, mas do pé (altiva)". Ele não

estava apenas fazendo um espetáculo e representando sua parte, a fim de que os crentes filipenses pudessem ter um bom exemplo para suas dificuldades peculiares e perseguições pessoais. Era uma alegria "no Senhor". "Regozijai-vos comigo" é um apelo sincero e ressonante. Indica para todos os tempos o dever do otimismo cristão.

V. INTEGRIDADE

A genuinidade da Epístola aos Filipenses é quase que universalmente aceita. Desde os primeiros tempos ela tem sido aceita como uma carta autêntica do apóstolo Paulo à igreja cristã em Filipos. Sua unidade é que tem sido discutida, supondo que Paulo tenha escrito aos filipenses outras cartas além desta, alguns críticos lançaram a teoria de que esta epístola é composta, uma combinação de pelo menos duas cartas. Uns poucos fatos sugerem a probabilidade de tal ponto de vista, como por exemplo o termo "finalmente" em #Fp 3.1a; a rápida mudança de tom expressa em #Fp 3.2 "cuidado com os cães"; a expressão tardia de gratidão (#Fp 4.10 e segs.); e o duplo "amém" (#Fp 4.20,23). Do mesmo modo sugere-se que em nossa epístola há uma interpolação, ainda que paulina, mas pertencente a outra carta nos filipenses. Muitos estudiosos não aceitam a solução de uma "interpolação", mas, sim, de uma "interrupção", solução esta totalmente aceita aqui. O argumento básico de alguns redatores para uma inserção paulina é a mudança brusca de tom em #Fp 3.2. Isto pode ser satisfatoriamente interpretado de um ponto de vista psicológico. O apóstolo está ditando sua carta e, enquanto fala, chegam notícias de alguma ofensa judaica em Filipos. Este fato distrai seu pensamento e imediatamente ele irrompe na grave advertência: "Acautelai-vos dos cães! acautelai-vos dos maus obreiros! acautelai-vos da falsa circuncisão!". O hábito do apóstolo de "cortar por uma tangente" de há muito tem sido observado por estudiosos. Como uma pedra lançada ondula a corrente transbordante, do mesmo modo a corrente de seus pensamentos pode ser levada para diferentes canais. A deficiência da teoria da interpolação é a dificuldade encontrada por seus defensores em traçar os limites exatos da interpolação. Alguns dizem #Fp 4.8, outros #Fp 4.9 e ainda outros #Fp 4.20. Existem ainda hipóteses de três cartas paulinas que formariam a que temos em mãos. Essas teorias de divisão destroem-se a si mesmas.

Fp-1.1

I. SAUDAÇÃO INICIAL Fp 1.1-2

E Timóteo (1). Neste preâmbulo, Paulo associa Timóteo consigo mesmo, não como autor, mas como companheiro de lutas. Pode ter sido até o amanuense do apóstolo. Os dois nomes também aparecem juntos nas saudações do começo de 2 aos Coríntios, Colossenses, 1 e 2 aos Tessalonicenses e Filemom. Paulo intitula-se a si e a seu assistente como **servos de Cristo Jesus**. No grego a palavra **douloi** significa literalmente "escravos" e demonstra que os laços espirituais entre Cristo e eles era de servidão, pois eles se haviam dado a Cristo, como a um Senhor e não se iriam livres (**#Êx 21.5-6**). Paulo não usa seu título de apóstolo aqui (cfr. **#1Co 1.1**; **#Gl 1.1**). Sem dúvida porque sua posição jamais foi disputada na relação de amor existente entre ele e esta igreja. Note-se a ordem no uso do nome de Nosso Senhor. Em algumas versões temos **Jesus Cristo** e em outras "Cristo Jesus", que é a ordem preferida no texto grego. Isto é importante porque Paulo é cuidadoso neste ponto. Quando a ênfase recai sobre a humanidade histórica de Cristo, ele coloca "Jesus" primeiro, em qualquer construção; quando, porém, a palavra "Cristo" tem a precedência, ele significa com isso o Cristo ressurreto, o Messias eterno.

Os destinatários são **todos os santos... com os bispos e diáconos** (1). O apóstolo chama os filipenses convertidos de **santos**, tanto por causa de sua presente justificação através de Cristo, como por causa de seu fim assegurado inteiramente por Sua divina Pessoa, totalmente santificados nEle (cfr. **#Fp 1.6**). A adição **com os bispos e diáconos** torna esta saudação única. O termo **episkopos** ou "bispos" significa alguém que inspeciona ou revista, uma espécie de superintendente (cfr. **#1Ts 5.12**, "os que vos presidem"). Do uso desse termo na literatura paulina, muitos adotam a opinião que o **episkopos** estava presente na igreja primitiva, desde a sua fundação, e não que apareceu mais tarde, em séculos posteriores. Outros notam que **presbyteros** ("presbítero" ou "ancião") é o nome geral do dirigente de uma igreja, no Novo Testamento, e estão convictos de que o episcopado é de data posterior. **Episkopos** o **presbyteros** são aceitos como termos idênticos, especialmente porque encontramos, na Epístola aos Filipenses, a palavra **bispos**, no plural. É interessante ressaltar aqui a origem das duas opiniões a respeito do governo da igreja. O vocábulo **diakonos** aparece freqüentemente nos Evangelhos e Epístolas, sendo traduzido por "servo" ou "ministro" que é sua significação. Num sentido mais técnico "diácono" é o termo aplicado à classe dos oficiais da igreja, cujo dever se relaciona mais com os negócios materiais da igreja, do que com assuntos espirituais (**#1Tm 3.8**). A função especial dos diáconos pode ter tido origem na escolha dos sete, em **#At 6**, ainda, que ali tal nome não seja mencionado para eles. As saudações do vers. 2 são uma combinação cristã do

grego familiar e da forma de saudação dos hebreus, **graça e paz** que somente podem vir de Deus, o Pai, e do Senhor Jesus Cristo (#Ef 6.23-24 n).

>Fp-1.3

II. AÇÃO DE GRAÇAS E ORAÇÃO Fp 1.3-11

Uma predominante feição característica da vida do apóstolo é a ação de graças. Constantemente, em cada carta, com exceção da Epístola aos Gálatas, ele infunde no coração dos convertidos o sentimento de gratidão a Deus (#Cl 1.12 n.), Cada oração é feita com esse espírito. Aqui nos vers. 3-8 Paulo expressa gratidão a Deus pela **amizade** (5) que desfrutou com os convertidos em Filipos. Desde o primeiro momento da evangelização da cidade de Filipos até o tempo de seu encarceramento, jamais se quebrou um elo sequer desta amizade. O gr. **koinonia** deriva-se da raiz que significa "fazer comum" e tem duas aplicações no Novo Testamento. Significa sociedade, comunhão, ter todas as coisas em comum, como na prática da igreja pentecostal (#At 2.42), Como não pode haver comunhão sem que haja um "dar" e um "receber", a palavra também é usada no sentido de "contribuição" (#Rm 15.26; #2Co 8.4; #2Co 9.13; #Hb 13.16. Cfr. também #Fm 6 n.). O uso de Paulo aqui envolve ambos os sentidos, uma vez que rende graças por sua camaradagem pessoal com os filipenses, uma união louvável não só por si mesma como uma real contribuição para o evangelho. **No evangelho** (5); melhor, como em algumas versões, que dão plena força à preposição **eis** ("para" ou "em"), lendo "pela vossa cooperação no evangelho".

A ação de graças de Paulo é inspirada na lembrança (3), expressa em oração (4), seguida de alegria (4) e robustecida pela convicção de que Deus mesmo fará perfeita Sua obra da graça em suas vidas (6). O apóstolo se sente justificado nesta atitude para com Deus e para com os cristãos em Filipos por duas razões. Primeiro, **eu vos tenho posto em meu coração** (7), uma confissão aberta de amor, interpretada mais adiante, no vers. 8, que significa "meu amor é grande, na verdade, pois é o próprio amor de Cristo amando-vos através de mim", tão íntima é a **koinonia** entre o apóstolo e seu Salvador. Segundo, **todos vós fostes participantes da minha graça**, isto é, todos são participantes comigo da graça divina, dada a mim enquanto padeço prisões e estabeleço o evangelho por meu testemunho aqui em Roma e defendo minha fé nas cortes de justiça. A ajuda e simpatia que me estão dando tornam isso manifesto.

>Fp-1.9

Paulo revela que este espírito totalmente impregnado de ação de graças sempre o dominava em todos os exercícios espirituais e o conduzia a uma oração definida. **E peço isto** (9). Sua palavra aqui, **proseuchomai**, é o termo mais amplo e mais sagrado. É irrestrito quanto ao conteúdo e nunca é empregado para uma súplica feita a um homem, mas unicamente a Deus. Nesta carta, o apóstolo emprega dois outros termos para oração **deesis** e **aitema**. A primeira (**#Fp 1.4,19**) implica uma necessidade real, uma petição urgente; a segunda (**#Fp 4.6**), porém, indica "aquilo que eu preciso pedir", é uma súplica definida. As três palavras, com seus matizes peculiares, encontram-se combinadas em **#Fp 4.6**.

Algumas orações de Paulo nos foram preservadas e se caracterizam por uma adaptabilidade perfeita a cada necessidade agudamente sentida. No caso dos filipenses, ele reconhecia existir um fervente e genuíno emocionalismo, porém, que eles tinham grande necessidade de uma luz compensadora. Ele ora, portanto, não para que se arrefeça o amor dos filipenses, mas para que esse sentimento mais e mais abunde neles, equilibrado, porém, por **conhecimento** e **juízo** ou "discernimento moral" (9). Deste modo, o amor não se tornaria um impulso desregrado, mas um princípio orientador, com o fim prático de que eles pudessem distinguir as diferenças existentes entre as várias qualidades morais e, desse modo, escolher a melhor. **Para que aproveis as cousas que são excelentes** (10). Uma possível alternativa na interpretação é "posta para provar coisas diferentes", com um voto favorável à mais elevada. O resultado de tal amor e de tal luz em combinação seria, inevitavelmente, que os filipenses saberiam o que deveriam ser ou não ser, **sinceros e sem escândalo** para si mesmos e para os outros (10). Desse modo, aqueles para quem era feita a oração de Paulo, com amor, enriquecidos por sua intercessão, possuiriam três coisas: uma faculdade de crítica (9-10), um caráter sincero (10) e uma vida cheia de fruto de justiça (11). Todos os louváveis benefícios, bem como a conduta cristã dos santos de Filipos, estariam em perfeita harmonia, todos unidos para **glória e louvor de Deus**. Note-se que o gr. **karpos** é singular o não plural, "fruto" não frutos. As raízes de uma nova vida em Cristo produzem o único fruto de santidade ou semelhança de Cristo, embora em diferentes formas e padrões humanos (cfr. **#Gl 5.22** n.).

>Fp-1.12

III. A SITUAÇÃO EM ROMA Fp 1.12-26

Nesta seção Paulo revela vários fatos acerca de si mesmo e de seu trabalho evangélico em Roma. Os vers. 12 e 13 afirmam que ele estava na prisão, aguardando julgamento, cujo veredito poderia ser até mesmo a morte. Seus negócios (i. e., **as coisas que me aconteceram**), acerca dos quais o apóstolo sabe que os filipenses estavam profundamente preocupados, juntamente com as **minhas cadeias em Cristo** (13), combinam-se testemunhar sua prisão real. No vers. 20, Paulo revela inteira e francamente quão séria era a situação, com sucessivas alternativas de vida ou morte. Seu corajoso exemplo de pregar desassombadamente o evangelho, até mesmo como prisioneiro, serviu, contudo, para infundir ânimo no coração dos crentes da igreja, em Roma, a fim de que evangelizassem com um entusiasmo maior. O campo de ação missionária do apóstolo é por ele descrito como sendo **todo o palácio** e todos os demais lugares (13), lit. "em todo o pretório". A palavra pretório tanto pode significar o quartel-general de um acampamento romano, como a residência oficial do governador de uma província, ou mesmo a guarda imperial, um corpo escolhido de tropas especiais. No segundo sentido é ela empregada nos Evangelhos e Atos (ver **#Mt 27.27; #Mc 15.16; #Jo 18.28,33; #Jo 19.9; #At 23.35**). Não há, contudo, evidência de que a mesma haja sido empregada como significando o palácio do imperador em Roma e é provável que, no passo bíblico citado, Paulo emprega o termo na significação de guarda pretoriana, que era comumente conhecida como o pretório. Tem sido levantada a suposição de que a palavra pretório, usada em **#Fp 1.13**, foi empregada para significar autoridades judiciais diante de quem o apóstolo deveria ser submetido a julgamento, mas não há nenhuma prova de que o referido julgamento haja ocorrido no tempo em que a epístola foi escrita. Paulo, em sua casa alugada, estaria guardado por um soldado da guarda pretoriana (**#At 28.30**) e, como este era constantemente substituído por outros da mesma corporação, não é de admirar que, em pouco tempo, o que ele pregava e ensinava a cada um, bem como a todos que o visitavam, fosse divulgado, não só no seio de toda a guarda pretoriana, mas por todos os demais lugares, penetrando até na Casa de César, como se vê em **#Fp 4.22**, em que o apóstolo se apresenta como prisioneiro por amor de Cristo.

>Fp-1.15

Evidentemente, Paulo contribuía para o encorajamento de dois tipos de pregadores, alguns de má e outros de boa vontade (15 e segs.). Entre os primeiros, certamente, estão incluídos os dirigentes da comunidade cristã, antes da chegada de Paulo, porque não obtendo a simpatia do apóstolo os

pontos de vista que defendiam e os métodos que seguiam, logo se encheram de ciúmes dele, dada a sua influência. Os últimos eram poucas, mas nobres almas, que não julgavam a situação de Paulo como a de um indivíduo egocêntrico que buscava a sua própria glória, mas sim como a de quem se devotara inteiramente à obra do evangelho. Esses, portanto, alegremente, deram ao apóstolo todo o amor e simpatia, na perigosa situação em que se achava e a si mesmos se apresentavam como as mais corajosas testemunhas de Cristo. A reação de Paulo a essa rivalidade é magnânima. Os motivos que levam à proclamação do evangelho podem ser confusos e até mesmo destituídos da verdadeira dignidade, mas o que verdadeiramente importa é **que Cristo seja anunciado** (18).

>Fp-1.19

Eu sei que disso me resultará salvação (19). Paulo estava confiante que no final sairia salvo. O termo **salvação** tem uma conotação muito ampla no Novo Testamento e Paulo via algo de espiritual em sua temporal libertação. Alguns estudiosos descobrem aqui uma citação de **#Jó 13.16** que, na versão dos LXX, diz: "Isto resultará em salvação para mim". Depois de passar pelo sofrimento da prisão e do julgamento, Paulo crê que será posto em liberdade, não apenas para seu próprio conforto, porém muito mais pelo triunfo e fortalecimento do evangelho. Dois fatores assegurariam aquele fim desejado: a intercessão dos filipenses e os recursos que lhe foram outorgados **pelo Espírito de Jesus Cristo** (19). Esta última frase é encontrada somente aqui no Novo Testamento, porém, há expressões semelhantes em vários outros lugares que põem fora de dúvida que, na mesma, deve ser compreendida a terceira Pessoa da Divindade (ver **#At 5.9; #At 16.7; #Rm 8.9; #2Co 3.17; #Gl 4.6**). A expressão que Paulo usa aqui compreende a doutrina que mais tarde foi conhecida como a "operação" do Espírito Santo do Filho junto ao Pai, como na famosa cláusula do credo **filioque. Em nada... envergonhado** (20). Que ele pudesse ser uma testemunha desassombrada de seu Senhor era a esperança do apóstolo, enquanto considerava estes dois fatores de sua salvação, isto é, a intercessão e a graça do Espírito Santo. Mas qualquer que fosse o veredito legal da corte de Roma, seu alvo era glorificar a Cristo, quer com o prolongamento de sua vida terrena, quer com sua morte iminente. A atitude de Paulo em relação ao resultado de seu julgamento é de perfeita submissão à vontade de Deus, ainda que sentisse que seria posto em liberdade. Mas a vida ou a morte terão o mesmo resultado-**Cristo será glorificado** (20).

>Fp-1.22

O apóstolo, contudo, não é sobre-humano, a despeito de toda a sua confiança e não é, portanto, absolutamente capaz de banir a possibilidade de morte. Isto cria para ele um dilema: **O que deva escolher, não sei, mas de ambos os lados estou em aperto** (22-23). **Mas se eu vivo na carne, isto é o fruto do meu trabalho** (22; gr. **touto moi karpos ergou**). Várias interpretações têm sido dadas a esse trecho. a) **Ficar na carne** pode ter a significação de "fruto" ou de recompensa de seus trabalhos no evangelho. Sua conservação em vida seria uma recompensa por seu trabalho no passado;

b) Essa versão e interpretação do grego não é satisfatória, porquanto a última coisa que o apóstolo considera e assim mesmo como não tendo valor algum é o mérito humano e em nenhuma parte ele emprega a palavra "fruto" com a significação de recompensa por um trabalho feito; c) A versão mais simples transmite o pensamento geral do apóstolo: "Mas se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, não sei então o que hei de escolher". A tradução do Dr. J. W. C. Wand apresenta o discutido trecho na seguinte forma: "Para mim, na verdade, a vida tem a significação de Cristo e a morte me traria uma grande vantagem. Mas também como a existência física dá uma oportunidade de trabalho frutífero, eu dificilmente sei o que preferir".

Eu estou em aperto de ambos os lados (23). O verbo é **synechomai**, que significa ser constrangido ou pressionado. É ele encontrado também em **#Lc 12.50; #At 18.5 e #2Co 5.14**. Duas forças poderosas agiam nele, tornando-o imóvel em ambas as direções. Pessoalmente, todo o seu coração se inclinava para estar com Cristo, na felicidade de uma vida eterna perfeita; mas, ao mesmo tempo, a necessidade urgente de seus filhos na fé prendia-o à vida terrena e ao privilégio de seu trabalho. Da expressão do pensamento do apóstolo aqui, embora conciso, pode afirmar-se com segurança que ele não admitia nenhum dogma ou doutrina a respeito de um estado intermediário. Seu pensamento é mais semelhante ao relatório dos teólogos de Westminster, quando afirma que "as almas dos crentes que dormem no Senhor tornam-se perfeitas em santidade e imediatamente passam para a glória; e seus corpos, sendo unidos com Cristo, permanecem na sepultura até o dia da ressurreição" (cfr. **#Hb 12.23; #2Co 5.1,6,8; #Lc 23.43**).

>Fp-1.27

IV. INCENTIVOS À UNIDADE CRISTÃ Fp 1.27-2.4

Nesses versículos Paulo expõe, de modo mais incisivo, a atitude e o espírito que deseja ver na igreja de Filipos. As frases principais são, **que permaneçais firmes em um só espírito** (27) e **sendo de comum acordo, de um só pensamento** (#Fp 2.2). Essas palavras enfatizam o dever da unidade cristã. Evidentemente houve em Filipos indicações de rompimento, embora incipientes, definitivamente perigosas. Os filipenses eram os convertidos a quem Paulo devotava mais amor e a igreja de Filipos era a que menos lhe dava cuidados, tão verdadeira e leal era. Mas não era perfeita. Por isso, necessitava também de exortações e de conselhos. No caso dos crentes de Filipos, duas coisas se faziam mister para estabelecer entre eles uma perfeita harmonia de vida e testemunho: solidez da conduta cristã e continuidade da luta contra o mal. **Fazei que as vossas conversas girem unicamente em torno do evangelho de Cristo** (27). Note-se que o termo "conversas" tinha um sentido amplo de comportamento, conduta, como a palavra latina **conversatio**. O grego aqui é **politeuesthe**, "viver como um cidadão, da raiz **polis** "cidade". A palavra é encontrada outra vez em #At 23.1, onde Paulo faz referência à sua boa cidadania, pois era cidadão romano de nascimento. Os cristãos de Filipos, residindo nessa colônia romana (#At 16.12), compreendiam bem os privilégios e obrigações de sua cidadania. Assim como uma colônia romana era obrigada a reger-se pelas leis do Império, assim também a igreja de Filipos deveria mostrar pelo seu procedimento que seus membros eram cidadãos do Reino dos Céus. "Somente deixai que a vossa maneira de viver seja digna do evangelho de Cristo". "Vivei a vida do evangelho", Paulo exorta os filipenses, pois o evangelho supre todas as necessidades.

Combatendo juntamente (27). A unidade cristã pode ser alcançada pela participação de todos os crentes no mesmo combate. O verbo grego aqui é **synathlountes**; o prefixo **syn** aplica-se á comunidade, indicando a luta em que todos se empenham juntamente. No vers. 30, Paulo afirma, para encorajá-los, que eles lutam juntamente com ele, **tendo o mesmo conflito** (gr. **agon**, cfr. #Fp 4.3; #Rm 15.30). Este companheirismo no sofrimento por causa do **amor pela fé no evangelho** (isto é, as coisas reveladas para a salvação e mais seguramente cridas) é uma força unificadora. É uma verdadeira graça de Deus outorgada aos filipenses, que não precisam ficar atemorizados nem recuar ante a perseguição, considerada deste ponto de vista, uma vez que isso constituía um privilégio dos santos, **porque a vós é dado** (29), isto é, a perseguição para vós é concedida como um presente. A expressão do grego **echaristhe** enfatiza a idéia de dádiva, sendo a raiz **charis** (graça).

Que Paulo era um sofredor, seus filhos na fé bem o sabiam, desde a primeira vez em que esteve em Filipos até a prisão atual em Roma. Tal era o seu quinhão por amor de Cristo. Agora a perseguição era também deles; portanto, Paulo exortava-os a **permanecer firmemente em um só espírito** (27). Coragem ao sofrer hostilidades, diz o apóstolo é um sinal visível da destruição final do inimigo, **prova evidente de perdição** (28) mas para eles é uma prova de **salvação**, não provinda de qualquer fonte humana, mas promanada inteiramente do próprio Deus. Em outras palavras, o destemor dos cristãos, diante da perseguição, infunde pavor no coração dos perseguidores, enquanto contribui para o crescimento da confiança no coração do crente sofredor. As palavras **perdição** (gr. **apoleia**) e **salvação** (gr. **soteria**) estão em absoluto contraste. A primeira é uma terrível negativa, uma espantosa perda; a outra, uma libertação positiva do pecado, uma bendita segurança para a eternidade. Paulo aconselha o cultivo dessas forças construtoras da resistência e combate ao pecado para a criação de uma verdadeira comunidade espiritual. Insiste ele em fazer aos filipenses duas exortações com o mesmo alvo: completar sua alegria e preservar neles um espírito humilde para com toda a irmandade. Primeiro, ele os exorta a união por uma súplica cheia de amor para que seu coração transbordasse de gozo, como se fora a habitação de felicidade espiritual, **completai minha alegria** (#Fp 2.2). Eles já lhe haviam dado motivo de júbilo (#Fp 1.3; #Fp 4.10), mas se quisessem que seu gozo fosse completo, deixassem de praticar aquelas coisas a que se refere e se tornassem unidos.

Fp-2.1

A admoestação é sustentada por quatro fortes razões (2.1) que o apóstolo, em estilo exortativo, crê que certamente trarão importância, porque, seguramente, tais coisas são reais e servem para atrair poder. Moffatt traduz o verso referido assim: "Desse modo, por todos os estímulos de Cristo, por todo incentivo de amor, por toda a vossa participação no espírito, por todos os vossos ternos afetos eu vos rogo que me deis uma completa alegria, por saber que estais vivendo em harmonia".

Uma segunda admoestação com o fito de estimular a unidade é acrescentada, o cultivo da humildade. Forças desagregadoras fortemente se abaterão sobre os crentes se entre eles tiver preponderância e espírito de **baixeza** (3). A cidadania celestial da vida espiritual em comum dos membros da igreja em Filipos será completamente preservada, se desinteressadamente cada um, ou cada grupo, atentar também para os interesses de seu próximo, considerando-o superior a si. Entre os pagãos, o espírito de humildade não constituía uma

virtude, mas um grave defeito. **Contenda** (3, ARA "partidarismo") contribuía, no entanto, para a formação de facções no seio da igreja, que tentariam manobrar todas as coisas a seu modo, por amor de interesses partidários. **Vanglória** significa a ambição de cada membro da igreja em adquirir posição de relevo e bem assim criar um séquito para que assim pudesse exercer um ministério pleno de vaidade pessoal.

>Fp-2.5

V. O EXEMPLO DE CRISTO Fp 2.5-18

O apóstolo apela para o exemplo de Cristo como sendo uma inspiração de humildade espiritual necessária à formação de uma sociedade unida e feliz. Esta seção tem duas partes: **#Fp 2.5-11** e **#Fp 2.12-18**.

a) O auto-aniquilamento e a auto-humilhação de Cristo (Fp 2.5-11)

Essa é a grande passagem cristológica, que projeta luz sobre a encarnação de Jesus Cristo. A grande verdade aqui revelada é justamente a que dimana do pensamento do apóstolo, quando se voltou para o advento histórico de Cristo, a fim de ilustrar a doutrina da humilhação do Filho de Deus (cfr. **#2Co 8.9**). O coração da doutrina está na frase **tornou-se a si mesmo como não tendo reputação alguma**, ou melhor, **esvaziou-se de si mesmo**, sendo esta última frase a tradução literal do grego **ekenosen**, de que se deriva o termo teológico e técnico **kenosis** ou auto-aniquilamento. Jesus, que existiu **em forma de Deus e igual a Deus** (6), humilhou-se a Si mesmo **tomando a forma de servo** (7) em lugar da pré-existente forma de Deus.

Note-se que nesta passagem há três idéias gradativas: "essência" (gr. **hyparchon**, lat. **essentia**); "forma" (gr. **morphe**, lat. **forma**); "figura" (gr. **schema**, lat. **figura**). Essência, existência ou ser são fundamentais e devem existir em alguma forma, que, uma vez adotada, permanece sempre a mesma. Cada ser tem sua própria forma. Forma é a expressão permanente da existência. Assim temos a forma de Deus, a forma de um anjo, a forma de homem, a forma dos animais; todas essas formas são qualidades inalienáveis ao ser ou existência. A figura, no entanto, é transitória. Em outras palavras: a figura ou aspecto podem mudar, mas forma permanece. Desse modo a aparência deste mundo (**schema**) passa, não porém sua forma (**morphe**), (**#1Co 7.31**). Satanás pode transfigurar-se num anjo de luz, mas não pode transformar-se em tal (cfr. **#2Co 11.14**). Assim nosso Senhor existiu

primeiramente na **forma de Deus**, uma forte afirmação de Sua deidade essencial e na encarnação e aniquilamento de Si mesmo Ele adotou a **forma de servo**, o que resultou em se tornar homem, tornando-se seu Ser **na semelhança de homem**.

O apóstolo encontra em Cristo o exemplo supremo do que por ele havia ensinado nos vers. 3 e 4. Descreve ele, primeiro, a altura da qual Cristo desceu, **sendo** (gr. "sendo originalmente") **na forma de Deus** (6). Isso demonstra os atributos essenciais de Deus e compreende não somente a pré-existência de Cristo, mas Sua existência como Deus era uma divina maneira do ser. Ele era em tudo, consoante mostra a cláusula seguinte, **igual a Deus** (6). Entretanto, Ele não considerou esse modo de ser como algo que devesse ser usurpado, mas "despojou-Se a Si mesmo". Em segundo lugar, o apóstolo descreve até onde Cristo desceu. Em vez de viver em igualdade com Deus, **tomou a forma de servo** (de Deus), como um ser humano entre os homens (7). Assim, **sendo achado na forma de homem** ("sendo reconhecido como verdadeiramente humano"), não buscou a Sua própria glória (**#Jo 7.18**), mas **humilhou-se a Si mesmo**, vivendo na obediência de servo, sem cessar até a crucifixão (8). Em terceiro lugar, o apóstolo descreve a altura a que Deus **soberanamente o exaltou** (9), gr. **hyperypsozen**, indicando o prefixo uma exaltação superior a qualquer outra. Deus colocou assim o selo de Sua aprovação sobre a humildade, "o espírito que estava em Cristo Jesus".

>Fp-2.6

Assim a encarnação consistiu no próprio aniquilamento voluntário de Cristo, processo esse claramente expresso no verso **que... não teve por usurpação ser igual a Deus** (6). Diversas interpretações são aqui possíveis, de acordo com o sentido da palavra **harpagmon** ativa ou passiva, isto é, "usurpando" ou uma coisa "usurpada". Paulo pode estar dizendo que Jesus não considerou sua igualdade com Deus uma "usurpação", um "ato de usurpar", um "roubo", isto é, algo ainda são legitimamente seu. Mas, embora tão indiscutivelmente igual a Deus, Cristo despiu-se de todas as prerrogativas divinas e fez-se homem. Ou então a significação pode ser que Jesus não considerou Sua igualdade com Deus "algo que devesse ser conquistado", um prêmio, alguma coisa a "se apegar", com avidez, como se fora o acúmulo de riquezas. Jesus livremente despiu-se dessa igualdade com Deus". Nesse ponto de vista a "igualdade com Deus" já era prerrogativa de Cristo em Seu estado anterior, pois só assim poderia deixá-la. Uma terceira opinião que, à semelhança da segunda, também admite o sentido passivo de **harpagmon**, dá a significação de que Jesus não

considerou a alguma coisa que devesse ser arrebatada e possuída como presa (cfr. a tentação de Satanás em #Gn 3.5 -"sereis como Deus"). Pelo contrário, Cristo esvaziou-Se a Si mesmo, a fim de que pudesse obter aquela qualidade e manifestar sua deidade inerente em Si, humilhando-se e tornando-se **obediente até a morte e morte de cruz**. Esse ponto de vista ainda mais se fortalece à luz de #Hb 5.8-9. Cristo considerou o alvo de Sua exaltação final, após a consumação da obra redentora, como algo que deveria ser alcançado, não por força de usurpação de que fosse o autor, mas como um compromisso divino plenamente satisfeito pelo sacrifício da cruz.

Qualquer que seja a interpretação dessa difícil passagem cristológica, pode ser aceita a distinção entre "deidade" e "igualdade com Deus". Não padece dúvida o fato de que o pensamento do apóstolo, a esse respeito, é que "igualdade com Deus" significa o ato pelo qual Deus exaltou a Seu Filho a um plano superior e Lhe deu um **nome que é sobre todo nome** (9-11). Deste modo, não Sua deidade, mas Sua igualdade com Deus é o prêmio conquistado por Cristo por Se haver humilhado a Si mesmo, por tornar-se homem e por cumprir perfeitamente o plano redentivo da vontade de Deus, o Pai.

>Fp-2.12

b) Normas práticas de vida para os filipenses (Fp 2.12-18)

1. OPERAI VOSSA PRÓPRIA SALVAÇÃO (#Fp 2.12-16) -O exemplo de humilhação de Jesus, em todo o Seu estupendo sacrifício, deve inspirar aos que o lêem a uma vida de verdadeiros discípulos, especialmente imitando-o quanto a Sua impressionante humildade. Os filipenses (não todos, talvez, porém vários deles) eram propensos a um alto espírito de divergência, a fonte fértil de dissensões. O dever imediato deles, portanto, muito mais na ausência de Paulo do que na sua presença, de cujo auxílio espiritual presentemente estavam privados, era trabalharem para operar a Sua própria salvação, elevar cada esforço individual ao máximo, a fim de que fossem libertados do pecado que os estava bloqueando. A exortação é dirigida, em primeiro lugar, ao grupo faltoso, mas por fim é extensiva a toda a igreja de Filipos, porque é dever de cada um trabalhar, não somente pela Sua própria perfeição, mas também pela de seu próximo.

A mesma exortação é apresentada quanto a seu modo, base e propósito. **Com temor e tremor** (12). Descreve como os filipenses deveriam trabalhar ardentemente pela sua própria salvação (cfr. #2Pe 1.10. A frase ocorre

também em #1Co 2.3; 2Cor 7.15 e #Ef 6.5). Essas três referências implicam numa dúvida ansiosa, pelo temor de que fossem desfeitos os laços da fraternidade e todas dizem respeito à esfera humana. Nesta passagem a exposição é dada com freqüência como à vista de Deus e a tradução que se oferece "com meticulosa reverência" (Wand) ou interpretação semelhante. Isto é permitido se a conduta da comunidade não é obscurecida.

>Fp-2.13

A base da admoestação está inspiradamente afirmada na frase **Porque Deus é o que opera em vós** (13), isto é, "habilita-vos". A ênfase, portanto, recai sobre a palavra **Deus**. No grego ela vem colocada em primeiro lugar. Não é Paulo quem é dinâmico, nem qualquer ideal elevado deles mesmos, que podem operar e completar a salvação. É Deus apenas. A graça divina interior procede para com ambas a vontade e a ação, de modo semelhante. Deste modo, tanto o querer como o efetuar são operações da graça divina, produzidas pela **boa vontade** de Deus (13). O apóstolo emprega o mesmo vocábulo grego **eudokia**, em #Fp 1.15, para descrever a atitude de outros para com ele mesmo.

Aqui ele o emprega, como em #Ef 1.5,9; #2Ts 1.11, para significar o **benelácito da vontade de Deus**. O propósito da exortação aos filipenses para que operem sua própria salvação é no sentido de que **vos torneis irrepreensíveis e sinceros filhos de Deus inculpáveis** (15). Este deve ser o desígnio deles e o alvo da Providência divina. A vida dos filipenses na sociedade dos santos deve ser unificante, trazendo unidos cada indivíduo, família ou grupo, e não dispersiva, devido às ofensas. Como filhos de Deus estão eles destinados a ser **astros do mundo** (15; ARA "luzeiros"). A figura é de uma estrela resplandecendo em uma noite escura. Seu brilho atrativo fere a imaginação do apóstolo e ele os vê, num instante, irradiando as palavras da vida e dissipando as trevas espirituais, **no meio de uma nação perversa** ("geração", cfr. #Dt 32.5).

>Fp-2.17

2. ALEGRAI-VOS E REGOZIJAI-VOS COMIGO (#Fp 2.17-18) -Esta é a segunda injunção que Paulo faz aos crentes em Filipos como resultado prático da humilhação do Senhor Jesus Cristo. O pensamento principal do apóstolo em toda esta seção é o exemplo do sacrifício em Cristo, depois em si mesmo e nos filipenses. Se os filipenses abandonarem o espírito de auto-suficiência, que é entre eles a causa de algumas divisões e crucificarem o orgulho e

vontade-própria, serão verdadeiramente **filhos de Deus** (15). Se sua fé encontrar expressão semelhante à vida de sacrifício e trabalho de Jesus Cristo, então Paulo saberá que seu ministério não foi **em vão** (16) e então se regozijará. Mesmo se em adição a essa vida de sacrifício dos filipenses (cfr. **#Rm 12.1**) o apóstolo for levado a derramar seu próprio sangue como libação de sacrifício (17; cfr. **#Nm 28.7**), isto deve ser considerado motivo de triunfante alegria tanto para eles como para o próprio apóstolo.

>Fp-2.19

VI. PRÓXIMAS VISITAS Fp 2.19-30

Nesta seção o apóstolo revela seus planos para o futuro. Fala de três visitas aos filipenses, uma por Timóteo (19-23) outra por ele mesmo (24) e a terceira por Epafrodito (25-30).

A decisão de enviar Timóteo firma-se no desejo de alegrar tanto nos filipenses quanto a si mesmo pela troca de notícias. Timóteo é o homem certo para aquele empreendimento e um testemunho elevado é dado a seu respeito. Ele apenas, dentre o círculo de amigos e ajudadores de Paulo, é o que tem **igual sentimento** (20; lit. "de igual espírito"). O coração de Paulo está cheio de cuidado pela igreja de Filipos, mas todos que cercavam o apóstolo naquele momento, estavam completamente ocupados com seus próprios interesses, com exceção de Timóteo (21). Faz Paulo essa angustiada condenação a todos os seus seguidores e assistentes, a todo o círculo interno de seus amigos? Dificilmente, pois onde estavam Lucas e Epafrodito naquele tempo? A linguagem seguramente expressa mais as especiais qualidades de Timóteo para ir a Filipos, um egoísmo tanto dos pagãos como de alguns cristãos imaturos que o cercavam, do que um impedimento, por incapacidade espiritual, dos demais companheiros de trabalho evangélico. Timóteo ganhou seu estímulo, é um servo experimentado do Senhor e um verdadeiro filho espiritual de seu pai na fé, Paulo, donde o advérbio **gnesios**. O termo grego refere-se a "filho nascido legalmente", "nascido pelo casamento", genuíno, verdadeiro. Timóteo reproduz a natureza do apóstolo como um pai espiritual, especialmente no cuidado para com os filipenses. Esta solicitude é traduzida no fato de o apóstolo desejar enviá-lo a eles como sendo o companheiro que tinha um sentimento igual ao seu e cuja experiência no evangelho também era por eles conhecida.

>Fp-2.24

A segunda visita prevista nos filipenses é do próprio Paulo (24). Ele refere-se a isso brevemente. Ao mesmo tempo em que está pronto a se tornar um mártir por causa de sua fé, o apóstolo está plenamente confiante que será libertado. Atente-se para a repetição da frase **no Senhor** (19,24), Esta é a esfera de todos os seus planos.

A terceira visita que Paulo tem em mente é a de Epafrodito, nome que aparece apenas nesta epístola (#Fp 2.25 e #Fp 4.18). Esse nome significa "amável" e, provavelmente, esse cooperador era digno do nome, pois era muito amado pelos filipenses. Não deve ele ser confundido com Epafras (#Cl 1.7; #Cl 4.12; #Fm 23). Paulo dá a ele cinco títulos: **Meu irmão e companheiro de lutas e cooperador** e, depois, **vosso mensageiro e vosso auxiliar nas minhas necessidades**. Não era voluntariamente que o apóstolo o deixava ir, mas julgava necessário fazê-lo por amor do próprio Epafrodito, dos filipenses e de si mesmo. Havia três razões para sua volta. Epafrodito adoecera, ficando às portas da morte (27,30) e se angustiava de saudade por rever os seus, principalmente depois que soubera que esses tiveram conhecimento de sua enfermidade (26). Além disso, a posição que Epafrodito ocupava na igreja devia ser importante e seu trabalho entre eles muito apreciado, daí o grande afeto que os filipenses sentiam por ele. Finalmente, por amor do próprio Paulo, Epafrodito está sendo enviado de volta, dedução que se tira da frase **e eu tenha menos tristeza** (28). Provavelmente Paulo está pensando na morte da qual seu amigo escapara pela misericórdia de Deus e em torná-lo a salvo de uma possível recaída, da doença que o acometera, por força dos perigos a que estava exposta a saúde de Epafrodito em Roma. Também é possível que o pensamento de reunião e explicações mútuas entre Epafrodito e os filipenses trouxesse algum alívio à angústia do apóstolo, por causa da ansiedade de que eles eram presa. É possível até que algum mal-entendido houvesse sido levantado entre eles.

Fp-3.1

VII. ADVERTÊNCIA CONTRA FALSOS MESTRES Fp 3.1-21

O apóstolo tinha terminado de ditar **Finalmente, meus irmãos, regozijai-vos no Senhor** (1), quando alguma coisa aconteceu que fez voltar o curso de seus pensamentos felizes à corrente menos congratulatória. O que aconteceu, porém, não pode ser afirmado definitivamente. Pode ter ocorrido algo que impediu Paulo de continuar a escrever e, antes que voltasse novamente à

redação da epístola, um grave relatório chegasse às suas mãos. Provavelmente alguma notícia de desordens em Filipos, juntamente com outras de agitações fomentadas contra ele próprio em Roma. Seja o que for, a verdade é que Paulo começa a falar rápida e veementemente, em indiscutível admoestação contra três classes de falsos mestres.

>Fp-3.2

a) Advertência contra os judaizantes (Fp 3.2-11)

Cfr. #Gl 3.1-29; #Gl 4.21-31; #Rm 2.25-29. Ver também a **Introdução** a Gálatas. Paulo, completamente cheio de justa indignação dá a esses homens nomes equivalentes a seus caracteres, como **cães, maus obreiros, falsa circuncisão** (2). **Cães** é uma palavra de desprezo. Eram eles os párias do Oriente, que se alimentavam de rebotalhos das ruas. Paulo inferia que os judaizantes estavam colocados em plano oposto ao concerto e à graça, merecendo, portanto, o mesmo tratamento que eles davam aos gentios. Os judaizantes injuriavam por onde quer que andassem e iam por toda parte com perversa e pessoal animosidade. Eram também eles iguais à **circuncisão**, "partido da incisão", "os que mutilam a carne". O grego é **katatome** em oposição a **peritome**, deste modo, uma paródia de desprezo -amputação, não circuncisão. A palavra implica em rito despojado de fé, símbolo vazio, apenas mutilação do corpo. **Peritome**, ao contrário, significa uma circuncisão real de fé, como no vers. 3-os que servem a Deus e se gloriam em Jesus Cristo que é a única fonte da justiça. Os que fazem assim não põem sua confiança em sua própria justiça nem nas obras da carne.

>Fp-3.4

Nos vers. 4-11 encontramos uma síntese biográfica de Paulo, na qual declara que ele tem todos os privilégios raciais dos judaizantes e ainda mais que eles. Revela como ele mesmo podia orgulhar-se em termos de lei. Há sete excelentes anotações: "Se alguém cuida que pode fiar-se em privilégios externos, eu posso mais ainda. Fui circuncidado ao oitavo dia; pertencço à raça de Israel, da tribo de Benjamim; hebreu filho de hebreus, fariseu de acordo com a lei, a ponto de ser um ardoroso perseguidor da igreja; imaculado segundo o padrão da justiça legal". O vers. 9 apresenta duas qualidades da justiça que, em sua vida cheia de experiências, Paulo conheceu muito bem: **que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé**; isto é, uma legal, outra atribuída. Paulo apóia-se apenas em

Cristo para a justiça. Seu grande problema, a que dá forma definida na epístola aos Romanos, é "Como posso ser justo diante de Deus?" e encontra solução através da fé em Cristo ressuscitado. Todos os méritos religiosos e hereditários, a justiça que procede da lei, é considerada por ele como **perda** (8) ou "refugio", aquilo que é desprezado como sendo inútil. Seus valores sofreram uma revisão radical. O tesouro mais precioso ele agora ambiciona, **a excelência do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor** (8). O pronome possessivo singular, **meu**, é bastante impressionante. Paulo não se envergonha de pertencer a seu Senhor.

O pensamento primordial destes versos está no conhecimento por experiência do Cristo ressuscitado. O apóstolo move-se ao redor deste fato e revela-o como sendo a força dinâmica de toda a sua auto-renúncia, o motivo precípua do repúdio total de todo e qualquer mérito pessoal. Ele expressa seu objetivo de modo diferente: **para ganhar a Cristo** (8), que eu possa **ser achado nele** (9), **para o conhecer** (10) e **para de algum modo alcançar a ressurreição dentre os mortos** (11). Estas quatro frases merecem consideração.

1. PARA GANHAR A CRISTO (#Fp 3.8) -Paulo usa para "ganhar" o mesmo termo grego que usou anteriormente para avaliar os ganhos (ver vers. 7). Ele já possui Cristo, mas não ainda totalmente. A vida cristã é uma luta de fé. Seu alvo não é atingido automaticamente.

>Fp-3.9

2. PARA QUE EU POSSA SER ACHADO NELE (#Fp 3.9) -Paulo pensa aqui acima de tudo em sua comunhão com Cristo. Levado a uma união espiritual com Cristo (**nEle**) pela fé, não pela lei, ele está salvo agora e sempre. Ele é a salvação completa, uma perene amizade com Deus, o Pai, através de Cristo, o Filho. Este conhecimento pessoal de Cristo torna-se ainda mais explícito.

>Fp-3.10

3. PARA O CONHECER (#Fp 3.10) -o próprio Cristo que Paulo deseja conhecer cada vez mais, o Cristo da ressurreição, o Cristo da cruz. As três frases cheias de significação, **o poder da ressurreição, a comunhão de seus sofrimentos, conformando-me com Ele na Sua morte**, contêm uma riqueza de sentido. A pergunta surgida refere-se ao fato de elas se referirem à vida do apóstolo em Cristo ou a seus serviços para Ele. A resposta é que certamente

elas incluem ambas. O poder de sua ressurreição; não o poder da doutrina simplesmente, que no terceiro dia, de acordo com as Escrituras, Jesus ressuscitou dos mortos, embora este fato também seja poderoso (cfr. #At 17.31; #Rm 1.4; #Rm 4.25); porém o poder da vida ressurreta do Salvador, realizada na vida e trabalhos diários de Paulo (cfr. #Rm 8.10-11; #Rm 15.18-19; #2Co 4.7-11; #2Co 12.9). A comunhão de seus sofrimentos, uma experiência tão intimamente ligada ao fluxo vital da graça provinda do Deus vivo e ressurreto que ela vem juntamente com a própria realização de Cristo. Um único artigo no grego serve igualmente para o poder da ressurreição e a comunhão de seus sofrimentos, tornando, deste modo, as duas frases numa só gramaticalmente. A comunhão com o sofrimento de Cristo é adquirida através da experiência da negação de si mesmo (#Mc 8.35), em aprender a obediência (#Hb 5.8) na obra da redenção (#2Co 4.11-12). Conformando-se com Ele na Sua morte. Esta é uma experiência íntima relacionada com a forma essencial (gr. morphe) e não com a figura exterior (gr. schema), como em #Rm 12.2, onde Paulo proíbe conformar-se com o mundo. Cfr. #Gl 2.20; #Gl 5.24; #Gl 6.14.

>Fp-3.11

4. PARA DE ALGUM MODO ALCANÇAR A RESSURREIÇÃO DENTRE OS MORTOS (#Fp 3.11) -No conhecimento de Cristo, como Paulo já compreendera, está a bênção sem par de levantar-se com Cristo na ressurreição dos mortos. Conhecer a Cristo no poder de sua ressurreição e conformar-se com Ele na Sua morte, é estar a caminho da glória através da ressurreição. A justiça atribuída de Cristo transforma-se em justiça adquirida, pois o conhecimento experimental do Salvador transforma a vida totalmente. Paulo antecipa-se, tornando real a vida ressuscitada e vitoriosa de Cristo em sua própria personalidade e partilhando com a mente de homens justos, transformados. O "dia de Senhor" será um dia glorioso para o apóstolo. Paulo não tem qualquer dúvida a respeito de seu destino. As palavras para de algum modo não expressam dúvida, mas uma livre vontade de seu coração de tomar parte na "ressurreição da vida" (#Jo 5.29).

>Fp-3.12

b) Advertência contra os perfeccionistas (Fp 3.12-16)

O apóstolo fala de sua própria experiência de um modo bem franco. Alguns de seus conversos menos iluminados podem crer que sejam perfeitos, mas Paulo

nega-lhes tal perfeição. Este convencimento é habilmente condenado. Mas prossigo, Paulo o pai espiritual humildemente confessa, para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus (12). O verbo grego no aoristo passivo (*katelephthen*) denota uma ação definitivamente no passado, um acontecimento específico na experiência do apóstolo, isto é, sua conversão. A finalidade de Cristo em salvá-lo deve ser completada por sua luta contínua na mesma direção. "Continuo na conquista, porque do mesmo modo fui conquistado". Mas mesmo assim, através de toda sua vida, inteiramente consagrada, Paulo não se atribui perfeita santificação. Ao contrário, como um corredor numa competição, ele se esforça para ir avante, na direção da meta, para alcançar o prêmio de estar com Cristo nos céus. A idéia do fim do cristão e sua felicidade é comum na literatura paulina e resume-se em receber plenamente tudo o que Deus nos deu em Cristo. Cfr. #1Co 2.9; #Ef 4.13-14; #Cl 4.12. Ver também #1Pe 5.4 ("coroa de glória"); #2Tm 4.8 ("coroa de justiça"); #Ap 2.10 ("coroa da vida").

Para Paulo a abençoada consumação da boa luta cristã jamais é apenas uma experiência individual. Ele revela seu ideal de inspirar seus convertidos a uma "perfeição dos santos". Assim ele continua todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento (15). Alguém sugeriu que Paulo está aqui sendo irônico: "aqueles que entre vós vos julgais perfeitos". O sentido está no grego *teleioi*. Paulo em suas cartas usa esse termo nove vezes (#Fp 3.15; #1Co 2.6; #1Co 14.20; #Ef 4.13; #Cl 1.28; #Cl 4.12; #Rm 12.2; #1Co 13.10). Apenas os seis primeiros referem-se a pessoas; #1Co 14.20 e #Ef 4.13 estilo definitivamente em contraste com *nepios* (criança). Logo, "maduro" é claramente um sentido de *teleios*. É possível que a palavra fosse usada na igreja primitiva em referência aos cristãos amadurecidos na fé (cfr. #Hb 5.14). Alguns traduzem também por "iniciado", palavra usada para designar os que tinham acesso aos cultos dos mistérios da época. Mas a tradução "perfeito" é a que melhor convém quando chegamos à conclusão de que a realização de nossa finalidade é possível nos vários estágios de nossa experiência. Assim é que a perfeição da criança é diferente da do jovem, do adulto e do velho. Outro modo de interpretação é examinar a palavra "santos" que Paulo emprega à luz de seu fim. Ninguém é absolutamente perfeito, mas tanto Paulo como seus filhos na fé ainda se encontram a caminho da perfeição e já podem ser chamados santos. Por isso, não se deve presumir exista aqui sarcasmo. Paulo exorta aos filipenses (principalmente aos perfeccionistas existentes entre eles) que julgavam ter atingido tal perfeição, a que tenham o mesmo sentimento (15). Ter esta opinião, isto é, o de visar chegar a uma altura ainda não atingida. Se seus filhos na fé, em Filipos, tiverem idéias diferentes, o próprio

Deus lhes dará a necessária revelação: deste modo, gentilmente Paulo admoesta a facção dos perfeccionistas. Apenas uma coisa mais o apóstolo precisa dizer, antes de ir além. "Todavia, andemos de acordo com o que já alcançamos" (16). A perfeição é conseguida apenas pelo progresso do estágio já alcançado. Este progresso não pode ser alcançado no isolamento da desunião, mas andando passo a passo com os outros. O gr. **stoichein** - "andar" significa marchar em fileira na mesma direção.

>Fp-3.17

c) Advertência contra os antinomistas (Fp 3.17-21)

Crê-se que Paulo, nesta seção, está pensando nos antinomistas (lit. "aqueles que são contra a lei ou código moral"). Os sentimentos desses pareciam ser de uma espiritualidade tão alta que menosprezavam a carne como sendo mal, entretanto, tal espiritualidade é espúria. Não há necessidade, segundo tal opinião, de se obedecer à lei naquilo que diz respeito à carne, porque o espírito é tudo. Na verdade, ao espírito compete dominar seu contaminado sócio, o corpo. Tal atitude, no entanto, para com esse, ora descamba para o ascetismo, ora resvala para o libertinismo. Aqui em Filipos, evidentemente, a inclinação foi para a última alternativa, ou seja, grosseira sensualidade. Tais idéias usadas como um caminho de vida são absolutamente alheias à verdade cristã. Paulo exorta os filipenses a seguirem seu exemplo (17) e a evitarem o dos antinomistas, em seu meio, porque os tais fazem deuses de seus apetites (19). O evangelho de Jesus Cristo, pregado pelo apóstolo aos filipenses, põe ênfase no que é espiritual e não no que é carnal, sobre as coisas celestiais e não sobre as terrenas (cfr. **#Cl 3.1**). A **pátria** deles ("cidadania", ver 1.27 n.) **está nos céus** (20). Por isso, o caminho da vida cristã é regulado pelo Senhor Jesus Cristo, cuja regra espiritual na vida dos crentes envolve dois fatos, a Sua segunda vinda e a transformação do corpo (20-21). Longe do desprezo pelo corpo, o que deve haver é reverência. **Nosso corpo abatido** (21). Não se deve compreender como uma depreciação; é somente uma interpretação infeliz. Mesmo a idéia de humilhação quer dizer apenas que o corpo que agora temos está subordinado às limitações terrenas, inclusive a morte; porém, tem a potencialidade de exaltação, glorificação, transformação em um corpo espiritual **semelhante ao seu corpo glorioso** (21). O onipotente poder de Cristo, o Redentor, completará esta maravilhosa obra.

Fp-4.1

VIII. TRÊS EXORTAÇÕES FINAIS Fp 4.1-9

O primeiro versículo pode ser a conclusão da seção anterior- um apelo geral a **permanecerem unidos** ("firmes") **no Senhor**. Também pode referir-se à advertência que Paulo está por fazer. Deste modo ele dá três últimos conselhos, a fim de que permaneçam firmes, um diretamente a indivíduos e os demais à igreja como um todo.

>Fp-4.2

a) Conselhos de reconciliação (Fp 4.2-3)

Duas mulheres, que tinham certa posição de destaque na igreja, desavieram-se-Evódia e Síntique. Cada uma possuía um grupo de seguidores, pelo que a semente da discórdia estava sendo semeada no seio da igreja. Paulo as exorta para que **tenham o mesmo sentimento no Senhor** (cfr. #Fp 2.2) e a viverem em harmonia. A assistência de uma terceira pessoa é solicitada para completar a pacificação. Quem é o fiel companheiro aqui mencionado não se sabe. Semelhantemente não se pode identificar quem é Clemente. Possivelmente ambos eram bispos em Filipos (ver #Fp 1.1). A expressão simbólica **livro da vida** só é encontrada aqui e no Apocalipse (cfr. #Ap 3.5; #Ap 13.8; #Ap 17.8; #Ap 20.12,15; #Ap 21.27). Mas cfr. #Êx 32.32; #Sl 69.28; #Is 4.3; #Dn 12.1; #Lc 10.20.

>Fp-4.4

b) Conselhos de regozijo (Fp 4.4-7)

A nota predominante da epístola é a alegria. Ela vem à tona em todos os lugares. As coisas que se seguem ao regozijo são aqui apresentadas em número de cinco: suave equidade (**moderação**, "indulgência", "gentileza"), a presença de Jesus (**o Senhor está perto** ou, talvez, "está próximo"; Sua presença e não sua Parousia, ausência de cuidado, oração com ações de graças (ver #Fp 1.9) e a paz de Deus.

>Fp-4.8

c) Conselhos de justiça (Fp 4.8-9)

Esses conselhos se integram no cômputo dos verdadeiros valores da vida. **Pensai nessas coisas** significa "tomai essas coisas na devida conta". Tem a força de um apelo ao julgamento moral. Que valores são esses? O apóstolo dá uma lista de sete: real (**verdadeiro**), venerável (**honesto**), direito (**justo**), **puro, amável** (tudo o que é de boa fama), respeitável (tudo o que for de valor moral digno de louvor). Tais virtudes, na acepção de Paulo, eram mais excelentes que todas as demais, por isso ele exorta os crentes a ocuparem seus pensamentos com elas e a fazerem norma prática de seu modo de viver. Isso porque a mera contemplação daquelas coisas não é suficiente. O pensamento deve ser traduzido por ação, de acordo com o próprio ensinamento e exemplo de Paulo (9). Se deste modo andarem, **o Deus de paz** será com eles (cfr. vers. 7).

>Fp-4.10

IX. RECONHECIMENTO DE DÁDIVAS Fp 4.10-20

Nesta seção Paulo expressa, em primeiro lugar, sua gratidão pela generosidade da igreja dos filipenses. Este elevado e maneiroso reconhecimento é, na verdade, a causa principal da epístola. Outra vez o prisioneiro grandemente se regozija. E agora por causa do zelo para com ele de seus amados filhos na fé. Estes sempre se lembravam de suas necessidades materiais, mas, ultimamente, não tinham achado oportunidade para lhe enviar qualquer dádiva, faltando ocasião apropriada para isso. Não resta dúvida de que as dádivas que então chegaram às mãos de Paulo, por intermédio de Epafrodito, chegaram no mais oportuno momento. Mas, ao mesmo tempo em que se regozija pela generosidade dos filipenses, sente o apóstolo que lhes deve asseverar sua completa independência das condições materiais, pois pode depender do poder de Cristo, existente nele (13), não sendo um homem ansioso à espera de dádivas. É a graça da liberalidade outorgada pelos filipenses que enche de regozijo o coração do apóstolo. Há quem descubra no vers. 18 um trocadilho do nome de Evódia, a quem Paulo faz referência no vers. 2, porque um **cheiro de suave sacrifício** é, no original, **osmen euodias** "perfume de boa fragrância" ou "de evódia". Pode ser que Evódia houvesse tido um papel proeminente na aquisição de dádivas que foram enviadas a Paulo por intermédio de Epafrodito. Um trocadilho semelhante é encontrado em **#Fm 11** (Onésimo).

>Fp-4.14

Paulo prossegue em seu reconhecimento pelas dádivas dos filipenses com louvor à característica liberalidade deles (14-16). Desde a fundação da comunidade cristã ali, alguns anos antes, os filipenses revelaram uma constante consideração ao apóstolo, procurando sempre suprir-lhe as necessidades imediatas. Enviavam-lhe vez por outra contribuições espontâneas. Parece mesmo que Paulo fez dos filipenses seus únicos benfeitores. Eles eram tão leais, amáveis e desejosos de contribuir. Enquanto ele recebe essas novas agora, suas muitas dádivas afetuosas voltavam-lhe ao espírito. Todas eram levadas à presença de Deus. Sob o ponto de vista espiritual mais do que do lado material, Paulo declara aos filipenses que seriam compensados por sua bondade, não como compensação, na verdade, mas como um elogio. Deus é o banqueiro do apóstolo. "Minhas necessidades vós supris. Vossas necessidades meu Deus suprirá" (19).

>Fp-4.21

X. SAUDAÇÃO FINAL Fp 4.21-23

Crê-se que essas últimas linhas da epístola foram escritas pela própria mão do apóstolo (cfr. #2Ts 3.17; #1Co 16.21; #Gl 6.11; #Cl 4.18). A pequena frase **em Cristo Jesus** é usada às vezes com o verbo **salute** e outras vezes com o nome **santo** (21). Emprega-se com o verbo em #Rm 16.22 e #1Co 16.19, onde é ligeiramente mudada para **no Senhor**. Mas a associação com o nome é preferida aqui (cfr. #Fp 1.1). **Os irmãos que estão comigo**, que enviam saudações, não são nomeados. Poderiam ser conhecidos se conhecêssemos o lugar onde Paulo estava preso, se Roma ou Éfeso, mas o portador da epístola, Epafrodito, poderia suprir toda a informação necessária àqueles. "Com vosso espírito" em lugar de **com vós todos** (23), de acordo com os melhores textos. "Com vosso espírito" significa que a graça é desejada para ser infundida na mais íntima natureza e é também encontrada em #Gl 6.18 e #Fm 25.

F. DAVIDSON

A EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

INTRODUÇÃO

Ver também o artigo geral, "As Epístolas de Paulo".

I. DESTINATÁRIO

Colossos, nos tempos do Novo Testamento, era uma cidade cuja glória tinha perecido havia muito tempo. As cidades vizinhas no vale do Lico, Hierápolis e Laodicéia, tinham entretanto atingido uma posição de muito maior eminência. Numa parada ali do grande exército do Xerxes, durante a sua marcha contra a Grécia, Colossos foi descrita como uma grande cidade da Frígia (Her. VII, 30); porém Estrabão, escrevendo duas gerações antes de Paulo, chama-a "uma pequena cidade". Significativo, também, é o fato que, enquanto Laodicéia e Hierápolis aparecem muito nos registros primitivos da Igreja Cristã, Colossos praticamente desaparece. Isto induziu o Bispo Lightfoot a escrever: "Sem dúvida Colossos foi a Igreja menos importante para a qual uma epístola de São Paulo foi endereçada".

Além da população frígia havia em Colossos um número substancial de judeus e gregos. Referências tais como [#Cl 1.27](#); [#Cl 2.23](#); [#Cl 3.7](#), sugerem que uma grande proporção dos membros da Igreja de Colossos era gentia, enquanto que a presença de um elemento judeu pode ser inferida pela natureza da heresia que Paulo atacava no curso da carta. Há também testemunho independente da presença de uma numerosa e influente comunidade judaica no distrito.

"Nós damos graças a Deus... porquanto ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus" ([#Cl 1.3-4](#)). "Epafras... que também nos declarou a vossa caridade no Espírito" ([#Cl 1.7-8](#)). Estas expressões, e particularmente as palavras introdutórias do capítulo 2, revelam que pelo menos no tempo da composição da carta, o apóstolo não tinha visitado a Igreja em Colossos. Apesar disso, a relação entre Paulo e esta igreja é muito íntima e cordial. Epafras, que aparece na carta como um dos que lhes tinham anunciado o evangelho, é apresentado em alguns manuscritos como tendo agido neste múnus, da parte do apóstolo ([#Cl 1.7](#)). Ele era provavelmente um dos convertidos de Paulo em Êfeso. Além disso, Paulo teve contacto com a Igreja por meio de Filemom e agora por meio de Onésimo, escravo de Filemom (veja [#Cl 4.9](#)). Foi na ocasião da

volta de Onésimo a Filemom, para entregar-lhe a carta de Paulo, e acompanhado por Tíquico, que esta carta foi expedida.

II. AUTORIA E DATA

Está claro que Colossenses foi escrita no mesmo tempo que Filemom e as duas cartas parecem ter sido distribuídas pelos mesmos mensageiros. A questão da autenticidade de Colossenses está, portanto, intimamente ligada à de Filemom. Baur, ao rejeitar a autenticidade de Colossenses, foi forçado a negar também a de Filemom. Ele encontrou em Colossenses idéias as quais ele considerou pertencer a um gnosticismo posterior. Porém o autor da epístola é compelido a usar certos termos quase-gnósticos a fim de destruir, mais completamente, o ensino dos heréticos. Não pode haver nenhuma dúvida de que Paulo escreveu Filemom (veja a introdução àquela carta) e o argumento que atribui a mesma autoria a ambos é irresistível. Além disso, o testemunho externo de Colossenses é muito forte e os eruditos estão geralmente a favor da autoria paulina.

A carta obviamente pertence a um período quando Paulo estava preso (Cfr. [#Cl 4.3,18](#)). Alguns comentadores a colocam com outras 'cartas de prisão', no tempo de um aprisionamento anterior, com a sugestão de que o lugar foi Éfeso. Eles salientam os fatos que Paulo escreve no seu nome e no de Timóteo, e que tinha Timóteo consigo em Éfeso. Além disso, eles argumentam que Paulo parece estar em íntimo contacto com a Macedônia e a Ásia Menor. Isso não sugere talvez Éfeso mais do que Roma? Outrossim, teria Paulo enviado Onésimo todo o caminho desde Roma até Colossos, tendo em vista as grandes dificuldades das viagens naqueles dias? Para uma consideração detalhada desta sugestão, veja a [Introdução](#) a Filipenses.

Estes argumentos parecem fortes até serem reunidos os argumentos tradicionais a favor de Roma. Roma era um lugar ideal para um escravo trãnsfuga como Onésimo. Mais ainda, a composição destas cartas gêmeas exigiria, razoavelmente, um demorado aprisionamento, e não há nenhuma evidência disso em Éfeso. A crise em Éfeso parece ter sido severa e repentina. O aprisionamento em Roma satisfaria as condições requeridas para uma redação cuidadosa e ampla como é encontrada nestas epístolas. Além disso, há referências em Filipenses ao "Pretório" e à "casa de César" que logo devem sugerir Roma. Pode ser seguramente aceita, então, a hipótese que a carta foi escrita durante o aprisionamento registrado em [#At 28](#), provavelmente no ano 61 A. D. (veja também o artigo geral, "As Epístolas de Paulo").

III. OCASIÃO

A carta aos colossenses foi escrita principalmente para combater uma heresia sutil e perigosa. Tentativas têm sido feitas para identificar e nominar a heresia, sendo notável entre elas a de Lightfoot que procura identificá-la como o Essenismo judaico. Porém, mais importante do que identificar a heresia é ver os seus princípios fundamentais. A passagem de relevância principal é [#Cl 2.8-23](#). Neste trecho, vários elementos da heresia são mencionados ou implicados. O ensino é representado como uma "filosofia" ([#Cl 2.8](#)); provavelmente insistia na execução do rito iniciatório judaico da circuncisão ([#Cl 2.11](#)); obrigava a observância de dias especiais, tais como as luas novas e o sábado ([#Cl 2.16](#)), e com práticas ascéticas ([#Cl 2.16](#)). Houve também uma tendência para despojar Cristo da toda suficiência da Sua mediação entre Deus e o homem, interpondo seres espirituais como um meio de comunicação entre o homem e a divindade, e a conseqüente adoração destes seres ([#Cl 2.18-19](#)).

O elemento judaico é bastante claro. O que pode ser dito do mais estranho elemento de adoração de anjos? Aqui estão discernidas definidas tendências gnósticas. A base do gnosticismo é a doutrina que a matéria é má. Na criação, Deus não poderia vir em contacto direto com a matéria. É necessário, portanto, pressupor um número de emanções da divindade, um número de seres espirituais germinativos, o primeiro emanando de Deus, o segundo do primeiro e assim por diante até que, descendo eles mais e mais, possibilita finalmente contacto com a matéria. Somente assim poderia Deus ter criado o universo e, ao mesmo tempo, manter inviolável a Sua Santidade. Segue-se, então, que a hierarquia destes seres angélicos teriam controle do universo material no qual o homem tem de viver. Este deve, portanto, obter o apoio dos seres espirituais que o protegeriam contra as forças em ação no universo material. Assim a obra de Cristo havia de ser suplementada por um culto de anjos.

Torna-se patente que a heresia é coisa grave. Ousa afirmar a insuficiência de Cristo na obra da redenção humana. Paulo se opõe a esta "filosofia" -pode ser muito bem chamada uma "teosofia" -afirmando a supremacia absoluta de Cristo no universo. Contra o pano de fundo desta heresia deve ser vista a importância suprema da grande passagem em [#Cl 1.15-20](#), onde a significação cósmica da pessoa e obra de Cristo é magistralmente demonstrada. Cristo não é um dos muitos seres espirituais através dos quais a nossa redenção é realizada. Ele é superior a todas as coisas,

o Agente da criação, o Unigênito, no qual foi do agrado do Pai que toda a plenitude residisse. A significação e propósito do universo são, portanto, conhecidos nEle.

A própria heresia que Paulo combate explana o fato que esta carta tem um tom mais filosófico do que outras epístolas paulinas. Porém, mesmo nesta carta, o magno pensamento de reconciliação é central, e a grande doutrina de nossa participação mística na morte e ressurreição de Cristo é demonstrada. Ocasionalmente por uma heresia específica, a carta, nas mãos de Paulo, torna-se uma declaração da fé vital nos seus aspectos doutrinários e éticos.

Existe uma íntima relação entre este livro e Efésios, havendo em ambas passagens virtualmente idênticas. Para uma nota sobre isto, veja a [Introdução aos Efésios](#).

CI-1.1

I. SAUDAÇÃO E AÇÃO DE GRAÇAS CI 1.1-8

Nas suas sentenças iniciais o apóstolo adota a forma costumeira de saudação, porém, com seus próprios toques hábeis, apresenta-a em moldes cristãos. Considerando o uso do título autoritário, particularmente da frase [pela vontade de Deus](#), alguns comentaristas pensam que Paulo está procurando defender a sua autoridade contra aqueles que possam desconfiar dela (cfr. [#Gl 1](#)). Em vista, todavia, do uso da mesma expressão em [#1Co 1.1](#); [#2Co 1.1](#); [#Ef 1.1](#), etc., Lightfoot se inclina para a opinião que a expressão deve ser tomada como "uma renúncia de todo valor pessoal, e uma declaração da graça imerecida de Deus". Esta é provavelmente a interpretação certa. Pois a frase "pela vontade de Deus" sai livremente da pena do apóstolo nos contextos onde não pode ter nenhuma significação polêmica (cfr. [#Rm 15.32](#)). [Timóteo](#) (1). Timóteo está freqüentemente associado com Paulo na saudação inicial (cfr. Filipenses e Filemom), e a saudação aqui é claramente de ambos. A associação não se menciona mais depois do vers. 23. O povo a quem o apóstolo escreve é designado ["santos e fiéis irmãos em Cristo"](#) (2). Como santos, eles foram separados para Deus, pois a significação fundamental da palavra é "posto de lado, reservado". Talvez o incomum título suplementar de ["fiéis irmãos em Cristo"](#) sugira por implicação que Paulo esteja se dirigindo somente àqueles que estão firmes na sua profissão. Veja, porém, [#Ef 1.1](#). Os melhores manuscritos dão a saudação como "graça a vós e paz da parte de Deus nosso

Pai", omitindo "e o Senhor Jesus Cristo". Este é o único lugar onde o nome do Pai é mencionado sozinho, em uma bênção paulina inicial.

>Cl-1.3

Damos graças (3). Na "ação de graças" Paulo adota o modo convencional grego de iniciar cartas. Mas, aqui é mais do que uma convenção. É carregado com sentimento genuíno e é usado para introduzir gradualmente o tema principal da carta (cfr. #Ef 1.15-23). **Desde que ouvimos** (4). Isso mostra que Paulo tinha de depender de notícias para o seu conhecimento das condições em Colossos (veja a **Introdução**); claramente, houve muitas coisas nessas notícias para alegrar seu coração. A relação entre a fé, o amor, a esperança (4-5), deve ser notada, (cfr. #1Co 13.13; #1Ts 1.3; #1Ts 5.8; #Ef 1.15 n.). **Fé** é a essência da vida cristã no seu aspecto religioso de nossa relação com Deus; **amor** representa o aspecto de nossa relação com o próximo; enquanto que a vida toda está baseada sobre uma grande **esperança**, "a esperança sendo aqui não tanto o ato de esperar como o objeto esperado" (C. H. Dodd). Esta esperança tinha sido proclamada aos Colossenses **pela palavra da verdade do Evangelho** (5) que eles tinham ouvido antes dos ensinamentos heréticos chegarem. **Em todo o mundo** (6). Este evangelho produz frutos em toda espécie de solo e assim traz o selo da universalidade. Não é como o ensino fantasiado dos falsos mestres que queriam fazer da Igreja Colossense o núcleo de um culto esotérico. A fé cristã faz um apelo universal. Esta os colossenses tinham recebido **"na verdade"** (6), isto é, "na sua simplicidade genuína, sem adulteração" (Lightfoot). O evangelho lhes tinha sido levado por Epafras que tinha agido como representante de Paulo... **Que também declarou** (8). Ele já tinha comunicado a Paulo o amor deles no Espírito. As partes menos agradáveis do relatório são naturalmente deixadas sem menção nesta seção de ações de graças.

>Cl-1.9

II. ORAÇÃO PELO PROGRESSO ESPIRITUAL DOS COLOSSENSES Cl 1.9-14

Por esta razão (9): refere-se a todo o parágrafo precedente. A substância da oração do apóstolo é realmente para os seus leitores serem fortificados contra o falso ensino (veja **Introdução**). Por causa do perigo para a verdade, em face da nova especulação, Paulo ora, a fim de que possam ser **"cheios do conhecimento da sua vontade em toda a sabedoria e inteligência espiritual"**

(9). O fim de tudo isto é prático: que **"andam dignamente diante do Senhor"** (10). A sã doutrina nos leva a conduta correta. A última não é possível sem a primeira. Notar a correlação característica entre a doutrina e a conduta. Para Paulo, o Cristianismo não é um simples "modo de vida" no sentido moderno, mas sempre um modo de vida fundamentado sobre uma doutrina. **Agradando em tudo** (10): não significa "agradando a todos". A frase é traduzida melhor na ARA: "para o seu inteiro agrado", isto é, do Senhor. O fortalecimento do crente pelo poder de Deus, que Paulo tem em mira, conduz à paciência, à alegria e às ações de graças (11-12). Esta última é recomendada aos Colossenses como dever cristão (cfr. **#Cl 2.7; #Cl 3.17; #Cl 4.2**). Eles tinham muitos motivos para dar graças. Pois Deus os fez idôneos para participarem no destino dos santos **"na luz"**. O Reino celestial para o qual tinham sido trazidos é um reino de Luz. Cfr. **#Ef 5.8**. Lightfoot parafraseia o vers. 13: "Éramos escravos na terra da escuridão. Deus nos resgatou desta escravidão. Ele nos transplantou dali e nos fixou como colonos e cidadãos livres no reino do Seu Filho no Reino da Luz". Note que a palavra traduzida como **"transportou"** (13) é usada da migração de povos inteiros de uma região para outra. Aqui pode haver a idéia de um "êxodo" cristão. O reino para o qual os cristãos foram transportados é o "Reino do seu Filho amado" e não o de anjos inferiores. Assim começa a controvérsia da heresia (veja a **Introdução**). Cfr. **#Hb 1.1-2.8**. Encontrando-se neste reino o crente não é mais sujeito aos poderes das trevas (cfr. **#Ef 6.12**). Esta transportação envolve uma gloriosa emancipação. O vers. 14 apresenta o quadro de um benfeitor que liberta um escravo mediante o pagamento de um resgate. É verbalmente idêntico a **#Ef 1.7** (veja nota ali).

>Cl-1.15

III. CRISTO EM RELAÇÃO COM DEUS, COM O UNIVERSO, E COM A IGREJA Cl 1.15-19

Esta é a passagem chave da epístola. Até aqui Paulo tem mostrado que a nossa salvação foi efetuada por Cristo. Relacionando este fato com a heresia que ele está combatendo (veja **Introdução**), Paulo agora procura provar, definitivamente, que nenhuma agência angélica é necessária para a salvação. Com este fim, ele estabelece a relação de Cristo com Deus e com o universo. O leitor reconhecerá logo no argumento de Paulo uma semelhança íntima com a doutrina do Logos no prólogo do Evangelho de João (**#Jo 1.1-18**).

Cristo é a **"imagem do Deus invisível"** (15). A palavra traduzida "imagem" (gr. **eikon**) traz a significação de semelhança e envolve representação e

manifestação. Assim Deus, a quem nenhum homem jamais viu, torna-se manifesto em Cristo (cfr. #Jo 1.18). Paulo escreve em outra parte que os cristãos têm contemplado "a glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (#2Co 4.6). O escritor aos Hebreus fala de Cristo como sendo "a expressão exata do Seu ser" (#Hb 1.3). A palavra usada em Hebreus é outra que está usada aqui, mas o pensamento está intimamente relacionado. Esta "imagem do Deus invisível" é o "primogênito de toda a criação" (15). Esta frase foi usada pelos Arianos para provar que Cristo foi um ser criado e não coeterno com o Pai. A palavra gr. *prototokos* pode denotar o único anterior à criação. Cristo é destarte colocado fora da criação. Moffatt traduz "nascido primeiro antes de toda a criação". Que esta é a significação se vê claramente no próximo verso. Outrossim, há o pensamento que como "primogênito" ele é herdeiro de toda a criação.

>Cl-1.16

Nos vers. 16 e 17 note as três coisas ditas de Cristo, quanto à sua relação com o Universo. Primeiro, Ele é o fundamento da criação (16a). Isto significa que todas as coisas criadas, tanto visíveis como invisíveis, devem-lhe sua existência. Isto mostra a verdadeira posição da hierarquia dos poderes angélicos que os heréticos queriam estabelecer em rivalidade com Cristo. Os termos *tronos*, *domínios*, etc., estavam sendo usados na angelologia de então. Paulo usa estes termos para mostrar que "todas as possíveis existências são inclusas". Devendo a sua existência a Cristo, elas estão subordinadas a Ele; cfr. #Ef 1.21. Em segundo lugar, Cristo é o objetivo último do Universo. *Todas as coisas foram criadas para Ele* (16b). "Como toda a criação emanou dEle, assim tudo converge novamente para Ele" (Lightfoot). Cfr. #Hb 2.10. Em Cristo, então, se explica o propósito íntimo da criação. Em terceiro lugar, como Ele é tanto a fonte como o objetivo da criação, assim também nEle todas as coisas subsistem (17b). A palavra gr. *synesteken* traduzida *subsistir* significa 'coadunar-se'. Lightfoot faz esta conclusão numa admirável sentença: "Ele imprime sobre a criação aquela unidade e solidariedade que fazem dela um cosmos ao invés de um caos".

O Universo, então, acha seu começo, continuação e término em Cristo. Esta declaração profundamente teológica, dando uma significação cósmica a Cristo, não é a espécie de passagem que esperamos ler em escritos cujo interesse principal é religioso. Mas o lado especulativo da heresia em Colossos exigiu uma declaração tal. O pensamento do apóstolo não era incoeso. Até as

crenças que principalmente interessam à vida espiritual têm de ser coordenadas com a nossa interpretação da ordem total da realidade.

Tendo mostrado que nenhum poder e nenhum ser pode colocar-se num lugar junto com Cristo em sua concepção de criação, Paulo procede para mostrar que nenhum ser pode partilhar com Ele seu lugar no culto e vida da Igreja. Pois como Cristo é a fonte e chefe da criação natural, também Ele é o cabeça da nova criação, a Igreja. "O corpo, a Igreja" (18). Paulo em outra parte descreve a Igreja como o corpo de Cristo, usualmente começando com a função dos membros e insistindo na sua interdependência (cfr. #1Co 12.12-26). Ao usar esta figura aqui, ele propõe a idéia de que Cristo é a Cabeça, não simplesmente no sentido que a cabeça é o membro mais importante e controlador do corpo (cfr. #Ef 1.22-23 n), mas antes que "todas as forças do corpo estão reunidas na cabeça" (E. F. Scott). Sua qualificação para ser cabeça da Igreja se expressa em termos semelhantes àqueles usados para descrever a sua relação com a criação. Note o uso paralelo do termo **primogênito** (gr. **prototokos**). Através de sua ressurreição dos mortos, Cristo é o primogênito da nova criação. "Em todas as coisas", (isto é, em todas as matérias tanto da ordem natural como da espiritual); portanto, Ele tem "proeminência". O vers. 19 fornece uma explanação desta proeminência absoluta de Cristo. "Porque aprovou a Deus que nEle residisse toda a plenitude". A palavra "plenitude" (gr. **pleroma**) designa "a totalidade dos poderes e atributos divinos" (Lightfoot). Nos escritos gnósticos o termo foi usado para designar a totalidade das emanções divinas (veja **Introdução**), e alguns têm sugerido que uma significação igual já começasse a se unir ao termo na Igreja em Colossos, sob a influência de professores heréticos. Seja assim ou não, o propósito de Paulo em usar o termo neste contexto está claro. Cristo não pode ser considerado como um entre muitos poderes celestiais. Ele não necessita de nenhum auxiliar. Na sua obra redentora vemos a plenitude da ação divina. **Habitar** (19), isto é, "morar permanentemente".

>Cl-1.20

IV. A OBRA RECONCILIADORA DE CRISTO Cl 1.20-23

Deve ser notado que a obra reconciliadora de Cristo abrange tudo. #Rm 8.19-22 mostra que no ensino do apóstolo até a criação natural toma parte na discórdia cósmica. E a reconciliação, para ser completa, deve tratar com "todas as coisas... quer sobre a terra, quer nos céus" (20). C. H. Dodd interpreta assim: "Deus tem escolhido Cristo para pôr fim a todas as penosas

desarmonias dentro do seu universo e trazer tudo debaixo de um governo efetivo".

Isto se realiza uma vez por todas por aquele ato divino que é a morte de Cristo, uma obra cujo efeito final não era ainda patente. Cfr. Romanos, cap. 8. Este pensamento é desenvolvido mais completamente em Efésios (veja #Cl 1.9; #Cl 2.13). O que tem acontecido assim numa escala universal se revela na experiência dos próprios colossenses. Esta completa salvação realizada por Cristo não necessita da ajuda de outros poderes celestiais, e nela os próprios crentes têm participado. A condição anterior dos crentes colossenses é descrita nos termos mais fortes-"**estranhos e inimigos**" (21). Eis um exemplo da hostilidade superada. A verdade teológica do vers. 20 é vista agora na experiência evangélica. **No corpo da sua carne** (22). Estas palavras sublinham a verdade que Cristo participou completamente na vida do homem a fim de combater o pecado no seu próprio terreno, e que Ele executou a nossa redenção eterna por um ato decisivo na História do mundo. Pela sua vitória, Cristo apresenta o crente sem mácula e sem acusação qualquer contra ele. C. H. Dodd salienta o fato que não se refere neste verso a uma perfeição moral que os colossenses um dia alcançarão. Paulo trata aqui da justificação pela fé, e os termos "**santos, inculpáveis e irrepreensíveis**" (22) se referem à posição atual dos crentes em Cristo. Cfr. #Ef 1.4; #Ef 5.27. Há, sem dúvida, uma condição para ser cumprida, a saber, que eles mantenham imaculada a sua fé naquele que os justifica. Devem-se apegar a este evangelho universal e não serem desviados por qualquer culto extravagante.

>Cl-1.24

V. A TAREFA DO APÓSTOLO NA PROCLAMAÇÃO DESSA OBRA Cl 1.24-2.3

Paulo nunca deixou de maravilhar-se e regozijar-se da mordomia do evangelho que lhe foi confiado. **Preencho o que resta das aflições de Cristo** (24). Não existe nenhuma sugestão em qualquer escrito de Paulo de que os sofrimentos de Cristo sejam insuficientes para a redenção do mundo. Pelo contrário, a insistência é tão constantemente no outro sentido que qualquer interpretação deste verso deve, primeiro que tudo, admitir que nenhum sofrimento da parte do discípulo é necessário para suplementar a expiação pelo pecado. Qual é então a significação desta frase? Lightfoot faz uma útil distinção entre a "eficácia sacrificial" e a "utilidade ministerial" dos sofrimentos de Cristo. Considerando este último ponto de vista, há um sentido

em que as aflições de Cristo são incompletas: "... as aflições de cada santo e mártir suplementam as aflições de Cristo. A igreja está construída por atos repetidos de abnegação praticados por indivíduos e gerações sucessivas". Uma interpretação pode também ser apresentada da maneira seguinte: Paulo neste contexto introduz a idéia da união mística do crente com Cristo. O apóstolo, desta forma, suporta as suas aflições em comunhão com Cristo, e estas ainda não são completas. Tais aflições não são suportadas por causa delas próprias, mas "por causa do seu corpo, que é a Igreja" (24). Para cumprir (25); isto é, para divulgar o evangelho (Cfr. #Rm 15.19).

As religiões mais prolíferas na idade helenística foram aquelas praticadas por seitas exclusivas, conhecidas como "religiões de mistério". O culto tinha duas partes. Havia o culto geral com o ensino de uma crença, aberto para todos sem distinção. Em seguida havia certos ritos e ensinamentos secretos, que eram reservados para os poucos escolhidos, os iniciados privilegiados. Deste elemento esotérico originou o nome de "religiões de mistério". Será que Paulo tinha em mente estas religiões quando escreveu sobre o "mistério"? (26). Consta que na época de Paulo a palavra era geralmente usada para significar um segredo de qualquer espécie, e que o simples uso da palavra não implica necessariamente uma alusão às religiões esotéricas. O que o apóstolo escreve nos vers. 26-28 sugere fortemente que ele tem a figura destas religiões na sua mente, mas que ele a usa intencionalmente de um modo contraditório. Há um "mistério que esteve oculto... mas agora foi manifesto" (26), porém aqui a idéia de uma sociedade secreta está inteiramente excluída. Pois os pregadores cristãos "pregam admoestando a todo homem, e ensinando a todo homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo". A palavra "perfeito" era usada nas religiões de mistério para descrever o homem plenamente iniciado e conseqüentemente "maduro" (gr. *teleioi*; cfr. #1Co 2.6 e veja também a nota sobre #Fp 3.15). O Cristianismo na sua plenitude é para "todo homem" (cfr. #Ef 1.9; #Ef 3.3-9; #Ef 6.19; veja também #Cl 4.3).

>Cl-1.27

E qual é este mistério? Lightfoot sugere a oferta da salvação ao mundo gentílico e interpreta "Cristo em vós" (27) como se referindo especificamente aos gentios. "Não Cristo, mas Cristo dado livremente aos gentios, é o "mistério" de que Paulo fala". E. F. Scott, por outro lado, acha duvidoso que este grande "mistério" consista em nada mais do que "a inauguração de uma missão gentílica". Ele verifica que nos vers. 25 e 26 o termo "mistério" está

em oposição à "palavra de Deus", tanto que com toda probabilidade o "mistério" refere-se ao conteúdo do evangelho, antes que à sua propagação. "O Mistério de Deus, oculto desde toda a eternidade e agora revelado, é a permanência de Cristo no seu povo quer sejam judeus ou gentios". Mas, à luz de #Ef 3, a primeira interpretação parece mais segura. Esta permanência de Cristo no seu povo é a "esperança da glória", a promessa da herança vindoura do crente.

>Cl-1.29

Segundo a sua eficácia (29). Este trabalho do ministério de Paulo não se firma na sua própria força. Esta é uma declaração característica de Paulo no tocante à relação entre graça e liberdade. Cfr. #Fp 2.12-13.

Cl-2.1

Por quantos não viram o meu rosto (2.1). O apóstolo torna claro que o seu ministério e cuidado abrangem aqueles que ainda não encontrou. Provavelmente a carta estava destinada a ser lida também para as outras igrejas do Lico-Laodicéia e Hierápolis (veja a **Introdução**). Os vers. 2 e 3 introduzem a discussão de Paulo sobre a heresia colossense. O segredo do poder para os colossenses, consiste numa harmonia de espírito (**corações... vinculados em amor**), e a apropriação real do seu tesouro em Cristo. Não existe, **tesouro secreto de sabedoria** (3) que não esteja em Cristo mesmo.

>Cl-2.4

VI. ADVERTÊNCIA É REFUTAÇÃO DO FALSO ENSINAMENTO Cl 2.4-23

Agora vem a referência direta aos mestres cujas heresias ocasionaram a carta. O grego **paralogizetai** traduzido como **enganar** traz a idéia de ser desencaminhado por raciocínios insubstanciais (Lightfoot). O uso de "palavras persuasivas" é o meio por excelência de produzir este resultado. A heresia, evidentemente, se recomendava por causa de sua plausibilidade nos lábios dos mestres, e também atraía os pseudo-intelectuais. As palavras traduzidas por **ordem e firmeza** (5) são metáforas tiradas da vida militar. Lightfoot parafraseia: "a ordem militar e a sólida falange que a nossa fé em Cristo apresenta contra o assalto do adversário". **Assim andai** (6); cfr. #Cl 1.10 e #Ef 1.17 Não devem afastar-se dos preceitos do evangelho recebidos no começo.

Arraigados e sobreedificados (7). Ressaltam diferentes idéias, o primeiro vocábulo sendo particípio perfeito e o último particípio presente. "A inabalável fé do cristão é firmada de uma vez por todas, e a conduta baseada nela se evolui constantemente" (E. F. Scott). Note as numerosas referências à ação de graças (cfr. 1.12 n.).

>Cl-2.8

Dois fatores combinam para dificultar a exposição detalhada dos vers. 8 a 15: primeiro, a concentrada apresentação das doutrinas essenciais da fé, e segundo, as alusões a uma heresia cujos pormenores ignoramos, da qual não temos nenhuma declaração sistemática. Entretanto, o ensino principal da passagem fica fora de dúvida.

Tende cuidado... filosofia (8). Não deve ser imaginado que aqui Paulo lança um ataque sistemático contra a filosofia como tal. As palavras **e vãs sutilezas...** indicam a espécie de filosofia (e talvez aqui a palavra deva estar entre aspas) que Paulo tem em mente, a saber, um ensino vão, embora plausível. Este ensino **não é segundo Cristo**. É baseado sobre tradição humana, quer dizer, é um sistema secreto privativo duma seita. Além disso é **segundo os rudimentos do mundo** (8). O gr. **ta stoicheia**, traduzido por "os elementos", tem uma etimologia interessante. De "coisas postas em linha" ela veio a significar as letras do alfabeto, em seguida, os rudimentos de qualquer matéria, e gradativamente chegou a ser aplicada aos elementos do universo físico. Depois foi usada para os poderes que controlariam o universo. Esta é a significação dada por muitos comentadores à palavra como aparece neste verso. A significação seria então que o ensino em apreço se deriva do culto angelológico, antes que de Cristo. É preciso resistir com intransigência ao trabalho destes hereges, que desejam insinuar um evangelho suplementar. Porque Cristo não pode precisar de supridor. Nele **habita corporalmente toda a plenitude da divindade** (9). **Corporalmente** aqui não é uma referência ao corpo humano de Cristo. A significação é que a plenitude da divindade em seu todo está em Cristo. Não falta em Cristo nenhum elemento da natureza divina. **Estais perfeitos nEle** (10). Do mesmo modo como Cristo não pode precisar de supridor, assim a vida em Cristo não pode ser enriquecida. Ele é a Cabeça de todos os poderes. Tendo-o, não necessitamos de nenhum outro (cfr. notas sobre **#Cl 1.17-18** e **#Ef 1.21**).

>Cl-2.11

O rito da circuncisão como administrada em Israel representa o que nos aconteceu (11). A circuncisão física era um corte da carne; a circuncisão espiritual é da mesma sorte uma operação pela qual é cortada toda a natureza carnal, descrita aqui como "o despojamento do corpo da carne" (Cfr. #Rm 6.6).

A transição da idéia da circuncisão espiritual para aquela do batismo é uma coisa natural. Aqui temos outro quadro da experiência do crente. A figura usada é aquela da imersão. Houve um sepultamento do crente com Cristo e uma ressurreição para novidade de vida. (Cfr. #Rm 6.4). Não se deve supor que o apóstolo considera que o simples ato do batismo faz isto, *ex opere operato*. É "mediante a fé no poder de Deus" (12) que o rito ganha significação e eficácia. *Mortos nos pecados e na incircuncisão da vossa carne* (13). Estamos a concluir desta declaração que Paulo apresenta a incircuncisão como símbolo da perversidade natural? O teor geral do seu ensino se opõe a esta opinião. Parece que a figura é usada apenas para ressaltar o contraste entre o estado anterior deles e a posição atual em Cristo. É como se dissesse: "Estáveis moral e espiritualmente mortos e nem tínheis o sinal racial para vos dar esperança. Mas agora...". O perdão (13) é a grande bênção inicial que nos é outorgada em Cristo. Paulo introduz no vers. 14 duas figuras para descrever o que Deus tem feito com o pecado e a culpa. Primeiro, Ele cancelou o escrito de dívidas (14). A lei é aqui contemplada como débito do homem pelo que ele é responsável. É *contra nós* porque permanece como testemunho da nossa falência, mas Deus, em Cristo, cancelou o título da dívida. Segundo, Ele fez ainda mais. Ele a tomou e a jogou fora (14). Lightfoot parafraseia "a lei de... ordenanças foi cravada na cruz, rasgada com o corpo de Cristo, e destruída com a sua morte". A sugestão de que se refere ao cancelamento de uma dívida por ser cravada num lugar público não é convincente. Não há nenhuma evidência de tal costume.

>Cl-2.15

No vers. 15 há uma súbita mudança de figura. Um fato surge com nitidez. Cristo *despojou principados e potestades*. A metáfora é militar. Ele combateu poderes invisíveis, despojou-os de suas armas e os exibiu à maneira do triunfo romano. (Cfr. #Ef 4.8, onde este pensamento se relaciona com a ascensão do Nosso Senhor). Por esta razão não há poderes a que devemos temer. Não estamos mais submetidos à escravidão, seja da lei ou de poderes angélicos.

Esta afirmação prossegue para o importante aspecto da crítica de Paulo à heresia. Os colossenses são advertidos contra o perigo de confundir a sombra e a substância. Os mestres heréticos queriam que observassem as práticas e ritos ascéticos, que seriam de nenhum proveito para o homem que está em Cristo.

>Cl-2.16

Pelo comer ou pelo beber (16). Embora a Lei levítica silenciasse sobre o assunto da bebida, esta regra ascética tinha provavelmente uma íntima relação com o Judaísmo, particularmente quando associada como aqui, com a observância de dias santos, luas novas, dias de sábado, e as cerimônias anuais, mensais e semanais do Judaísmo (cfr. #Gl 4.10). A objeção a estas práticas é que elas são, antecipadamente, **uma sombra das coisas futuras** (17; cfr. #Hb 10.1). Em cada caso "a realidade, o antítipo, é encontrado na dispensação cristã" (Lightfoot). **O corpo** (17), isto é, "a substância". O vers. 18 é notoriamente difícil de interpretação. Em 1912, Sir William Ramsay descobriu uma inscrição em **Klaros** contendo a palavra aqui traduzida por "metendo-se" (ARC). Nesta inscrição o mesmo verbo é usado de um neófito que, depois de completar o seu curso de iniciado, ingressa num movimento. Isto sugere que neste verso o apóstolo usa a grandiosa linguagem destes cultos misteriosos num tom de desdém. **Coisas que não viu** (ARC). A negativa deve ser omitida. A frase então se refere às **visões** executadas diante do adorador. Compare a ARA. Tais pessoas não se firmam em Cristo que, como Cabeça do corpo, lhes dá unidade e vitalidade (19). Delas vem a tendência, portanto, para desintegração. Note a implicação nesta figura de uma relação direta entre cada crente e o próprio Cristo, sem uso de intermediários.

>Cl-2.20

Pois se estais mortos (20). Os que morreram com Cristo para as coisas do mundo, não devem experimentar uma nova escravidão à tradição humana. As proibições propostas pelos hereges (21) mostram que ainda estão sobre o domínio da matéria. O vers. 23 participa da dificuldade do vers. 18. Suspeita-se uma corrupção do texto original. **Aparência de sabedoria**: sugere que as práticas não tinham base doutrinal sã. A paráfrase de Lightfoot dá provavelmente a significação tão exatamente quanto possível: "Todas estas coisas têm ares de sabedoria; reconheço isto. Há uma ostentação oficiosa de devoção religiosa, uma afetada aparência de humildade; há uma severa

disciplina ascética que maltrata o corpo; porém, não há nada de valor real para deter a indulgência da carne".

Cl-3.1

VII. A NOVA VIDA E A VELHA Cl 3.1-11

Sobre a figura do batismo Paulo já tem indicado (#Cl 2.12) que o crente está sepultado e ressuscitado com Cristo. Ele agora procede a salientar as implicações deste sepultamento e ressurreição. O cristão pôs termo às coisas mundanas, que para os hereges são de máxima importância. Mediante a sua ressurreição com Cristo, pertence a um mundo mais elevado e os seus desejos e conduta devem corresponder a um nível mais elevado. **A vossa vida está escondida...** (3), isto é, a nova vida. Lightfoot parafraseia: "quando vos colocastes debaixo da água batismal, desaparecestes do mundo para sempre. Ressuscitastes, é verdade, mas subistes somente para Deus. Doravante o mundo nada sabe da vossa nova vida...". Note aqui que esta nova vida é comparável àquilo apresentado pelas religiões de mistério por estar "oculta", contudo, em vivo contraste não conta com ordenanças e intermediários. É uma vida intimamente em contacto com Deus. Por causa desta relação direta e, em contraste com o desejo dos hereges para penetrarem reinos intermediários (#Cl 2.18), o cristão pode fixar sua mente sem impedimento nas coisas do mais alto céu, onde Cristo se assenta entronizado. Porém, ainda que o verdadeiro carácter desta nova vida esteja escondido agora, se manifestará naquele dia quando o Senhor aparecer (4). O dia da manifestação de Cristo será também o dia da manifestação do cristão (cfr. #1Jo 3.2).

>Cl-3.5

Uma lista de coisas para as quais o cristão está morto é dada no vers. 5. Por que é preciso, podemos perguntar, o crente **mortificar** os seus membros se já está morto? Em resposta a esta questão devemos dizer alguma coisa sobre o método dialético do apóstolo nestes assuntos. Ele sempre procura fazer com que o crente veja as implicações da sua nova posição. O cristão deve aceitar esta nova posição pela fé e procurar pela graça de Deus fazê-la uma realidade experiente. "No plano ideal e puramente religioso, o cristão pela fé... já deixou a velha vida para entrar na nova. Porém, Paulo era bastante realista para reconhecer que não seguia automaticamente que o cristão cessasse de pecar... A firme intenção da mente e da vontade é necessária para aquilo que já foi dado em princípio tornar-se experiência real". (C. H. Dodd sobre #Rm 6.11,

Moffatt Commentary). A elaboração clássica do pensamento no vers. 6 é encontrada em **#Rm 1.18**, onde Paulo indica a conseqüência temível do ateísmo. Ali ele ousa dizer que Deus "os entregou à imundícia". É bom notar que este lamentável estado que parece ser o resultado automático do pecado é realmente expressão da reação do próprio Deus vivo contra o pecado, e se chama "a ira de Deus". O vers. 7 é característico do apóstolo. Mais de uma vez ele lembra aos seus leitores aquilo de que eles têm sido salvos (cfr. **#1Co 6.9-11**). A recordação é usualmente seguida logo por um "porém", (cfr. o vers. 8) introduzindo uma descrição do seu estado presente, que enaltece a graça de Deus. O despir-se do **velho homem** (9) e o vestir-se do **novo homem** (10) implicam um rompimento com tudo quanto se associa à vida velha. Vede as notas sobre a passagem paralela em **#Ef 4.22-24**. O **novo homem** é uma criação de Deus, renovada de acordo com aquele homem ideal concebido originalmente na mente do Criador. O pensamento da nova vida sugere outra mudança, especialmente na relação de raça com raça e de um estado com outro. Estas diferenças raciais, religiosas e culturais são transcendidas em Cristo. **Bárbaro** e **cita** não estão em contraste um com o outro, como estão os outros pares de palavras neste verso. **Barbaroi** era o nome dado pelos gregos àqueles que falavam qualquer língua ininteligível, isto é, os estrangeiros não civilizados. (A palavra **barbaroi** é onomatopéica). Os romanos conheciam todas as raças estrangeiras como "citas".

>Cl-3.12

VIII. AS VESTES DA SANTIDADE Cl 3.12-17

As virtudes do vers. 12 devem substituir os vícios do vers. 8. O despimento das velhas vestes há de ser seguido pela vestidura das novas. Vede as notas sobre **#Ef 4.25-31**, onde os aspectos negativos são mais amplamente apresentados.

Eleitos... santos e amados (12); uma alusão à relação do pacto do Velho Testamento. As palavras aplicam-se num novo sentido mais nobre ao novo Israel de Deus. Este privilégio é a base da grande responsabilidade do cristão. **Entranhas de misericórdia** (12). **Splanchna** (gr.) traduzida por "entranhas", consideradas como o centro das afeições. A expressão é mais bem traduzida na ARA, "Ternos afetos de misericórdia". **Longanimidade** (12); a habilidade para suportar com paciência toda a desinteligência e oposição.

>Cl-3.13

Assim como Cristo vos perdoou (13). A ARA traduz "Como o Senhor", que é preferível, e ressalta mais o argumento.

Se o Mestre perdoa os seus servos, muito mais ainda estes devem perdoar-se uns aos outros, (cfr. a parábola de Nosso Senhor em **#Mt 18.23-35**). **Sobre todas estas coisas** (14). Lightfoot e outros interpretam este verso como significando que "o amor é a veste exterior que sustenta as outras nos seus lugares". A força desta frase e da palavra "**vínculo**" é nesse caso óbvia. **A paz de Deus** (15; ou a "paz de Cristo" ARA, cfr. **#Jo 14.27**) deve ser o "árbitro" (ARA) em todas as coisas. Esta é a melhor significação da palavra grega **brabeueto** traduzida por **domine** na ARC. Quando ocasiões de disputa surgem na comunidade (note a referência a **um corpo**) como sempre acontece, então a paz de Cristo deve dar decisão. Esta exortação nos chama a cultivar o temperamento do meigo amor.

>Cl-3.16

A mensagem cristã há de ser tão profundamente enraizada na vida cristã que governe o pensamento do crente (16). Lightfoot usa a sugestiva frase "monitor interior". O lugar proeminente que a **salmódia** ocupou nas igrejas dos tempos do Novo Testamento é indicado neste verso. Alguns dos **hinos** e **cânticos espirituais** eram provavelmente expressões espontâneas de louvor. E. F. Scott compara-os com os "cânticos" espirituais e espontâneos dos negros da América do Norte (veja **#Ef 5.19**). **Fazei tudo em nome do Senhor Jesus** (17). Não se refere aqui à invocação do seu nome. É uma exortação para o cristão fazer tudo, como se estivesse na sua presença, e para Ele. Ouve-se nas repetidas exortações para dar graças o eco de **#Cl 2.7**.

>Cl-3.18

IX. INJUNÇÕES CONCERNENTES À VIDA DOMÉSTICA Cl 3.18-4.1

A apresentação do assunto aqui deve ser comparada com aquela em **#Ef 5.22-6.9** n. O apóstolo escreve concernente à atitude cristã para com as afinidades dentro da família. São três; a de esposo e esposa, a de pai e filho, e a de senhor e servo. **Esposas submetei-vos** (18). Se pelo padrão moderno Paulo parece deixar de tratar a esposa em pé de igualdade com o esposo, dois fatos devem ser lembrados. Em algumas das igrejas daquela época havia, evidentemente,

uma tendência de as mulheres negligenciarem os seus deveres domésticos e procurarem uma emancipação desnatural. (Cfr. as várias referências nas epístolas pastorais). Também nos dias de Paulo o conceito geral atribuía todos os direitos ao homem. A coisa realmente significativa aqui é que o apóstolo insiste que haja obrigações de ambos os lados. A ordem para os filhos (20) está de acordo com o decálogo e o ensino de todo o Velho Testamento. Os pais têm de exercer disciplina, porém, não de uma maneira tal, que se degenere em ralar aos filhos. **Desanimados** (21). Lightfoot parafraseia "emprender seus trabalhos com uma disposição de espírito negligente, triste, feia".

Indubitavelmente, o caso de Onésimo e Filemom (veja **Introdução** a Filemom) sugeriu a declaração dada aqui (**#Cl 3.22-4.1**) quanto à afinidade entre servos e senhores. Isto não quer dizer que o caráter desses dois cristãos pode ser deduzido destas instruções. O escravo deve trabalhar criteriosamente, lembrando que tudo o que faz é feito para o Senhor. Qualquer que seja o tratamento que o escravo recebe às mãos do seu senhor terreno, ele deve lembrar que receberá a sua recompensa do Senhor Celestial pelo trabalho bem feito (25). Veja as notas sobre a passagem paralela em **#Ef 6.5-9**. Será que Paulo desculpa o sistema total da escravidão? Está tentando narcotizar o escravo, para este aceitar as injustiças do sistema atual em troca das recompensas prometidas no céu? Questões desta natureza são bem respondidas uma vez que colocamos as declarações do apóstolo no contexto daquela época. Perante a lei o escravo era um "bem móvel", portanto, tratá-lo com justiça parecia ridículo. E contudo, esta é a questão real levantada aqui.

Cl-4.1

O escravo deve ser tratado com justiça e equidade (4.1), isto é, como uma pessoa tendo direitos. E assim, enquanto Paulo não condena o sistema de escravidão, ele procura estabelecer aquela relação que ia finalmente derrubá-lo pela operação gradual da consciência cristã (veja a discussão desta questão em Filemom). No vers. 25 a primeira parte provavelmente se refere ao escravo, a segunda ao senhor. Isto harmoniza a relação da frase com a que precede e com o verso que segue.

>Cl-4.2

X. EXORTAÇÃO À ORAÇÃO, SABEDORIA E CONVERSAÇÃO PRUDENTE Cl 4.2-6

Nesta seção o apóstolo ressalta primeiro o dever da igreja para com seus mensageiros. Os colossenses são exortados a continuarem firmes em oração. **Vigiai na mesma** (2); gr. **gregorountes**; não deve haver indolência nem negligência com respeito à oração. Moffatt, enquanto não aderindo rigorosamente ao original, dá uma sugestiva versão: "mantende o vosso entusiasmo pela oração". São solicitadas orações especiais a favor de Paulo e seus companheiros "para que Deus nos abra porta à palavra", isto é, que as oportunidades de pregar-lhe sejam concedidas.

>Cl-4.3

Mistério de Cristo (3) veja **#Cl 1.26-28**. Depois Paulo dá relevo ao dever cristão para com **os seus que estão fora**. Ele compreende, como os cristãos colossenses hão de compreender, que o testemunho mais efetivo ao poder do evangelho é a vida, (**o andar**) e a conversação (**palavra**) do cristão comum. A perversidade da época fez com que as oportunidades para praticar o bem se tornassem cada vez mais preciosas e, por conseguinte, os cristãos deviam sentir-se obrigados a aproveitar cada momento (6; cfr. **#Ef 5.15-16**).

>Cl-4.6

A palavra deles havia de ser **com graça** (6). Paulo não está pensando do estilo lingüístico, naturalmente. A idéia é de ser agradável. E. F. Scott sugere que nestes versos o apóstolo bem podia ter pensado daquelas pessoas bem intencionadas que sentiram a necessidade de denunciar todos os costumes pagãos-a tempo e fora de tempo-com o resultado que todo mundo ficou contra elas. Comportamento e a conversa deviam atrair mais do que repelir. **Temperada com sal** (6). Não se refere aqui à preservação do mal e da corrupção, mas à necessidade de evitar argumentos fátuos e inconseqüentes.

>Cl-4.7

XI. RECOMENDAÇÕES E SAUDAÇÕES FINAIS Cl 4.7-18

Esta seção é muito mais minuciosa e pessoal do que os versos finais de Efésios, onde as saudações pessoais estão totalmente ausentes. Paulo não necessita expor os pormenores de sua condição. Estes podem ser dados por Tíquico, portador da carta. Ele já recebeu de Paulo instruções para visitar Colossos, justamente com o propósito de dar-lhes esta informação. **Para que**

saiba do vosso estado (8-ARC). A versão da ARA é preferível: "... vos dar conhecimento da nossa situação". Este propósito de Paulo já foi mencionado no verso anterior. Tíquico era nativo da Ásia Menor (cfr. #At 20.4), e tinha acompanhado Paulo cerca do fim de sua terceira viagem missionária. Em conexão com as missões em Creta e Éfeso (cfr. #Tt 3.12; #2Tm 4.12), Paulo o menciona novamente. A descrição dele como um **fiel ministro** (7) provavelmente se refere ao serviço que tinha prestado ao próprio apóstolo. **Onésimo, fiel e amado irmão** (9). Não há nenhuma referência aqui à sua reforma. Mas a recomendação recordaria sua conversão àqueles que o tinham conhecido. **Aristarco** (10). Era tessalonicense (#At 19.29). **Prisioneiro comigo**. Parece que Aristarco aceitou voluntariamente prisão com Paulo a fim de servi-lo. A sua associação com Paulo pôde, talvez, ter despertado suspeita, e ter ocasionado sua prisão por algum tempo. **Marcos** (10). Esta é a primeira menção de Marcos depois do rompimento de #At 15.39. As impressões daquele incidente já se apagaram. Visto que esta é a primeira vez que Paulo escreve aos colossenses os **mandamentos** (10) previamente recebidos pela Igreja, devem referir-se a alguma mensagem levada por Epafras. Não sabemos nada acerca de **Jesus, chamado justo** (11). A pontuação deste verso na ARC deve ser emendada para dar o sentido da ARA: "os quais são os únicos da circuncisão que cooperam pessoalmente comigo" -cfr. sua queixa em #Fp 1.15-16. **Epafras** (12), colossense já recomendado em #Cl 1.7. **Servo de Cristo** (12): gr. -**doulos Christou**. Há somente uma outra ocasião em que Paulo usa esta frase falando de outrem, que geralmente, aplica a si mesmo (cfr. #Fp 1.1). O termo é uma das melhores recomendações. **Em toda a vontade de Deus** (12). Paulo não diz: não importa o que acontece. Seu pensamento é que eles devem identificar-se com a vontade divina de tal modo que nada os abalará. **Perfeito** (veja nota #Fp 3.15). O vers. 14 é a fonte de nossa informação de que Lucas era médico. A sua longa associação com o apóstolo pode ser explicada pelo fato que a doença de Paulo, qualquer que fosse, o acompanhava constantemente. **Demas** (14). Note que não há nenhum epíteto de recomendação. Esta omissão é talvez prenúncio da situação descrita em #2Tm 4.10.

>Cl-4.15

Paulo agora manda saudações às pessoas conhecidas por ele nas igrejas que o mensageiro visitará. **A Igreja que está na sua casa** (15). As cristandades primitivas não tinham edifícios reservados somente para o culto. Era necessário que uma igreja em qualquer cidade se dividisse em pequenas comunidades celebrando o culto de adoração em casas particulares, (cfr. #At

12.12; #Rm 16.5). Às vezes uma reunião geral era convocada ao ar livre. O vers. 16 lança luz sobre as intenções de Paulo ao escrever esta carta. Está claro que, apesar do caráter íntimo das epístolas, Paulo queria que fossem lidas a toda a igreja reunida. Além disso, a referência à troca de cartas entre os cristãos em Colossos e os de Laodiceia mostra que as epístolas eram destinadas a uma circulação entre igrejas, e não eram mensagens ocasionais a um só grupo. É provável que a aludida carta laodicense esteja perdida, embora alguns acreditem que seja aquela conhecida como **Efésios. Árquipo** (17) membro da família de Filemom (#Fm 2). Talvez fosse encarregado dos negócios da igreja na ausência de Epafros.

>Cl-4.18

E de próprio punho, Paulo (18). Paulo termina a sua carta ditada, com uma saudação de sua própria mão. Os papiros da época mostram que este costume era muito geral. Além disto, do que parece, Paulo usava o seu autógrafo como garantia da genuinidade da epístola (cfr. #2Ts 2.2; #2Ts 3.17). **Minhas prisões** (18). **Minhas algemas** (ARA). As suas cadeias moveram-se mesmo quando ele estava assinando a carta? O som da pena e das cadeias juntas constitui a prova final de que as algemas do pregador nunca podem reter a Palavra de Deus.

J. Ithel Jones

AS EPÍSTOLAS AOS TESSALONICENSES

I TESSALONICENSES

INTRODUÇÃO

Ver também o artigo geral, "As Epístolas de Paulo".

I. NOTAS GERAIS

Tessalônica (Saloniki) chamava-se Terme, antigamente, mas após sua reconstrução por Cassandro cerca de 315 A. C. foi chamada Tessalônica, para sua esposa, uma meia-irmã de Alexandre Magno. Tanto no tempo macedônico como no período romano era uma cidade importante. Os romanos a tornaram a capital da província da Macedônia em 164 A. C., e uma cidade livre após a batalha de Filipos, em 42 A. C.. A grande estrada Egnácea a cruzava, por seu caminho de Neápolis, sobre o Mar Egeu, até Dirráqueo sobre o Mar Adriático.

A primeira visita de Paulo a Tessalônica ocorreu provavelmente no início do verão do ano 50 A. D. [#At 17.1-9](#) cita esta visita. Nesta cidade, Paulo e seus companheiros Silas (Silvano) e Timóteo, pararam por algum tempo pela primeira vez, após a sua partida de Filipos, na "segunda viagem missionária". De acordo com o seu costume, visitaram a sinagoga local. Por três sábados sucessivos Paulo tentou convencer a congregação da sinagoga, pelas Escrituras do Velho Testamento, que o Messias deveria sofrer, e levantar-se da morte, e que Jesus, portanto, era esse Messias.

Diversos dos ouvintes creram na mensagem, inclusive um grande número de gentios tementes a Deus. Mas o conseqüente atrito entre as autoridades da sinagoga e os missionários produziu desordem pública. Os magistrados da cidade, os "politarcos", como Lucas os chama (título este que se usava também para os principais magistrados de outras cidades macedônicas) receberam informações de que Paulo e seus companheiros eram agitadores messiânicos. Já ocorreram distúrbios em muitos outros lugares através do Império Romano, onde havia comunidades judaicas, e os agitadores proclamavam outro rei, em rivalidade com o Imperador. Tal denúncia foi anotada com a máxima gravidade. Mas Jasom, hospedeiro de Paulo, e mais outros amigos dos apóstolos em Tessalônica, deram fiança por eles,

comprometendo-se quanto à saída pacífica dos pregadores da cidade. Assim os despediram de noite.

A novel igreja que os missionários foram obrigados a deixar em Tessalônica seria exposta a certa perseguição. Paulo ficou preocupado pela segurança dos conversos, e sua firme perseverança na fé, tendo em vista especialmente a sua súbita retirada, que impediu que lhes desse toda a instrução necessária para estabelecer uma comunidade cristã recém-fundada (cfr. #1Ts 3.10). Mas estava comprometido pela garantia dos seus amigos de Tessalônica: não podia voltar por ora. De Tessalônica foi a Beréia com Silas e depois Timóteo se uniu a ele Paulo enviou Timóteo de volta a Tessalônica e Silas a outras regiões da Macedônia, enquanto ele mesmo seguiu para Corinto. Após algumas semanas, Silas e Timóteo voltaram para esta cidade e Timóteo podia informar Paulo que os cristãos tessalonicenses, longe de sucumbirem à perseguição com que tinham sido provados, estavam permanecendo firmes e, mais ainda, estavam propagando o evangelho por sua própria iniciativa. Mas havia diversos assuntos sobre os quais eles desejavam esclarecimentos suplementares, especialmente com respeito ao ensino de Paulo relativo à volta de Cristo. Alguns membros da congregação tinham falecido desde que Paulo deixara a cidade, e os fiéis estavam impacientes para saberem se estes, em conseqüência, sofreriam alguma desvantagem no regresso de Cristo, em comparação com aqueles que ainda estivessem vivos.

Paulo se exultava com as boas notícias, trazidas por Timóteo, e escreveu logo para congratular-se com os seus conversos em Tessalônica, encorajando-os, e tratando ao mesmo tempo dos problemas práticos. A carta que ele escreveu chegou até nós como a Primeira Epístola aos Tessalonicenses.

II. DATA, AUTORIA E CANONICIDADE

Segue-se dos fatos supra que esta carta foi escrita na primeira fase da permanência de Paulo em Corinto—cerca do fim do ano 50 A.D. Para a volta de Timóteo da Macedônia a Corinto, e suas notícias de Tessalônica, consultar #At 18.5.

Embora Paulo associe seus dois cooperadores consigo na saudação (#1Ts 1.1), a carta é realmente dele só (cfr. #1Ts 2.18; #1Ts 3.5 e #1Ts 5.27); note-se o uso da primeira pessoa do singular. Tem-se apresentado pouca dúvida séria quanto à genuinidade da carta. A idéia de F. C. Baur de que foi escrita depois do ano 70 A. D. por um discípulo de Paulo, com a finalidade de

despertar interesse na volta de Cristo, baseia-se sobre argumentos subjetivos que não conseguiram apoio geral. O tom pessoal de cuidado pastoral e de afeição fala fortemente em favor da autenticidade da carta. Foi incluída no Cânon de Marcion (cerca de 140 A. D.), e no Cânon Romano ortodoxo preservado no Fragmento Muratório do fim do século II.

III. ENSINO

Nesta epístola, Paulo não procura dar instrução sobre apenas uma só doutrina, nem corrigir apenas um só erro, com a exceção de doutrina escatológica, a qual deseja completar, a fim de remover alguns equívocos e perplexidade sobre o assunto. É sobretudo uma carta missionária para os seus conversos, e referências à doutrina cristã são acidentais antes que centrais. Por esta razão, tornam-se mais significativos ainda sua introdução e desenvolvimento. Podemos notar os seguintes pontos doutrinários.

a) Sobre Deus o Pai

Paulo goza, constantemente, do senso da presença imediata de Deus. É básico ao pensamento paulino que a fonte e alvo de tudo é Deus, em cuja presença ele vive e trabalha, momento após momento. Deus é quem escolhe o Seu povo (#1Ts 1.4); é Ele o objeto da sua fé (#1Ts 1.8), como o vivo e verdadeiro Deus a quem se converteram dos deuses falsos (#1Ts 1.9). É Ele quem inspira a autoridade e arrojada confiança dos apóstolos (#1Ts 2.2); é por permissão dEle que o evangelho tem sido confiado à responsabilidade de Paulo (#1Ts 2.4); é o beneplácito de Deus que se deve buscar, e Sua aprovação que se deve invocar (#1Ts 2.5,10); é a vontade de Deus que deve ser feita (#1Ts 4.3; #1Ts 5.18); é a direção de Deus que os homens devem seguir (#1Ts 3.11). Deus chamou o seu povo a uma vida santa (#1Ts 4.7): e somente Ele pode conferir-lhes a santidade para a qual os tem chamado (#1Ts 5.23). É Deus quem ressuscitou a Jesus e trará também consigo da morte aqueles que dormem nEle (#1Ts 4.14). Assim Deus completará a salvação para a qual os designou (#1Ts 5.9).

b) Sobre o Senhor Jesus Cristo

A maneira espontânea e natural em que Paulo associa Cristo com Deus o Pai é testemunho muito mais eloqüente da pessoa de Cristo, do que uma declaração formal da sua divindade. A igreja de Tessalônica está em "Deus o Pai e no Senhor Jesus Cristo", e Paulo a saúda, rogando graça e paz "de Deus

nosso Pai e o Senhor Jesus Cristo" (#1Ts 1.1). Semelhantemente em #1Ts 3.11, Paulo pede a direção divina de "nosso Senhor Jesus Cristo", tanto de "Deus... nosso Pai", numa associação estreita e direta.

c) Sobre o Espírito Santo

O Espírito Santo penetra todos os aspectos da vida cristã, a qual é realmente fruto da sua criação. O evangelho é proclamado pelo Seu poder (#1Ts 1.5). Não é apenas o gozo do Espírito Santo que é concedido a todos os que crêem nEle (#1Ts 1.6), Ele mesmo lhes é dado (#1Ts 4.8), para efetuar Sua obra santificadora em suas vidas (#2Ts 2.13). Na vida da igreja também Ele executa Sua parte em comunicar a vontade divina, através da declaração profética; menosprezar ou reprimir este tipo de mensagem é "extinguir o Espírito" (#1Ts 5.19).

d) Sobre a Pregação Apostólica

Vê-se que a mensagem que tinha trazido a salvação aos cristãos tessalonicenses é a mesma anunciada noutras partes do Novo Testamento. Seus fatos básicos são os seguintes: a morte de Jesus ("por nós" -#1Ts 5.10) e sua ressurreição (#1Ts 4.14; #1Ts 1.10), fatos estes já cumpridos; Sua segunda vinda que sucederá no Dia do Senhor, em que Seu povo, salvo por Ele da ira vindoura, e participando já da sua ressurreição nos que antes morreram, viverá para sempre com Ele (#1Ts 1.10; #1Ts 4.15 e segs.; #1Ts 5.1 e segs.). Os que creram nesta mensagem se voltaram das falsidades para o Deus vivo e verdadeiro, a fim de servi-lo à luz do segundo advento de Cristo (#1Ts 1.9 e segs.). Torna-se patente a implicação do serviço a Deus, pela instrução clara dada sobre a prática da vida cristã, tanto em toda esta epístola como na seguinte (#1Ts 4.1-12; #1Ts 5.6 e segs.).

e) Sobre Responsabilidade Pastoral

Em cada sentença desta carta, Paulo se mostra um verdadeiro e fiel pastor, que se regozija na sua grei, e que cuida por seu bem estar espiritual com confiança e genuíno interesse. Paulo dá graças a Deus por eles, ao mesmo tempo intercedendo por eles. Cuida deles incansavelmente como um pai velando pelos seus filhos. Sacrifica-se por eles para não lhes ser uma responsabilidade pesada. "Eis um novo fenômeno na história humana: aparece um homem para quem a firmeza religiosa e o progresso ético de outros eram

questões de vida e morte" (ver especialmente #1Ts 2.8; #1Ts 3.6-8)" (C. A. Scott).

1Ts-1.1

I. SAUDAÇÃO

Paulo, Silvano e Timóteo (1). Estão associados com Paulo na saudação, os dois amigos que tinham colaborado com ele na evangelização de Tessalônica e que agora estavam com ele em Corinto. Silvano, o Silas de #At 15.22 e segs., era membro helenístico da igreja em Jerusalém, e cidadão romano, que se uniu a Paulo como companheiro de viagem após o Concílio de Jerusalém, no início da segunda viagem missionária. Paulo dá aos seus amigos o nome formal quando escreve acerca deles, enquanto Lucas prefere o nome mais familiar e íntimo. Timóteo, nativo de Listra, na Ásia Menor, acompanhou Paulo e Silvano, quando passaram na sua cidade natal, no começo da viagem (#At 16).

>1Ts-1.2

II. AÇÃO DE GRAÇAS 1Ts 1.2-10

Paulo e seus amigos expressam a sua alegria pela firmeza e atividade dos convertidos na graça cristã e no testemunho. Os fatos da fé estavam bem difundidos em toda parte, dando o seu próprio fruto. **Fé... amor... esperança** (3). A tríade das graças reaparece no vers. 8, também em #Cl 1.4 (ver notas), bem como na famosa passagem de #1Co 13.13. Os autores se regozijam de que estas graças são manifestas na vida e na atividade dos tessalonicenses. **Sabendo que a vossa eleição** (4). Eles tinham reconhecido a genuinidade do Cristianismo dos tessalonicenses pela maneira com que receberam o evangelho no início, agora confirmado pelas notícias trazidas por Timóteo. **Vós vos tornastes nossos imitadores** (6) -tanto na conduta cristã, como na paciência evidenciada em perseguição. **Macedônia e Acaia** (7). Estas duas províncias romanas ocupavam, juntas, quase toda a área da Grécia moderna. Depois da Igreja de Tessalônica, a principal da Macedônia era a de Filipos, e a mais notável da Acaia, a de Corinto. **Em todos os lugares** (8). Teriam Priscila e Áquila (#At 18.1-3) informado a Paulo que notícias de Tessalônica já chegaram até Roma? **Eles mesmos** (9); isto é, o povo da Macedônia e Acaia e outros lugares. **E vos convertestes dos ídolos para servirdes o Deus vivo e verdadeiro** (9). Comparar a exortação apostólica aos pagãos de Listra: "que

vos convertais dessas vaidade ao Deus vivo" (#At 14.15). Esta era a primeira necessidade quando o evangelho foi proclamado aos gentios. **E esperar dos céus a Seu filho o qual ressuscitou dos mortos** (10). Estas palavras, em que os tessalonicenses estavam lembrados da sua conversão, mostram-nos que a mensagem que lhes foi pregada concorda perfeitamente com a pregação primitiva da Igreja apostólica. Com referência à estreita conexão nesta pregação entre a ressurreição de Cristo e a Sua segunda vinda, veja-se #At 17.31. Evidentemente, a volta de Cristo ocupava um lugar proeminente na pregação apostólica em Tessalônica, bem como em outros lugares, nos dias do Cristianismo primitivo (#At 3.20; #At 10.42). **Jesus, que nos livra da ira vindoura** (10). Uma tradução mais literal ressalta a pessoa de Cristo-"Jesus, nosso libertador da ira vindoura", isto é, do julgamento divino, que cairá sobre a terra, no fim dos séculos.

1Ts-2.1

III. APOLOGIA 1Ts 2.1-16

A conduta de Paulo tinha sido representada numa luz desfavorável aos convertidos que ele deixou em Tessalônica, e agora ele se defende. Paulo e seus companheiros não os tinham explorado, vivendo às suas expensas; ao contrário, tinham mostrado toda a delicadeza e cuidado para com eles. Tinha trabalhado noite e dia para ganhar sua própria vida, enquanto estavam ocupados, pregando as boas novas, e edificando a recém-nascida comunidade cristã. E os cristãos tessalonicenses, por sua vez, se mostraram genuinamente convertidos, perseverando em meio da perseguição, à semelhança dos cristãos da Palestina. **Havendo primeiro padecido, e sido agravados em Filipos** (2); uma referência aos bem conhecidos eventos relatados em #At 16.19 e segs. **Não com engano, nem com imundícia, nem com fraudulência**. Tantos charlatães errantes percorriam o Mundo Romano, revendendo panacéias religiosas ou filosóficas, que era necessário aos apóstolos insistirem na pureza dos seus motivos e conduta, em contraste com aqueles impostores. **Podíamos, como apóstolos de Cristo ser-vos pesados** (6). Paulo renuncia voluntariamente seu inegável direito de depender materialmente daqueles cuja prosperidade espiritual era seu cuidado (#2Ts 3.9; #1Co 9.4; #2Co 11.7). Aqui ele associa Silvano e Timóteo consigo, como **apóstolos** no sentido mais amplo do termo (isto é, missionários). **Fomos brandos** (7); gr. **epioi**. Há uma variante que diz "éramos crianças" (gr. **nepioi**); mas **brandos** parece preferível, e mais apropriado no contexto.

>1Ts-2.9

Trabalhando noite e dia (9); cfr. #2Ts 3.7; #At 18.3 e #At 20.34. Este programa não somente reflete o desejo de ser financeiramente independente daqueles entre os quais "eles ministravam"; também os contrastava com os traficantes religiosos da época, dando, ao mesmo tempo, bom exemplo aos convertidos. Para que vos conduzísseis dignamente para com Deus que vos chama para o Seu reino e glória (12). O mais elevado incentivo para uma vida santa está posto diante deles. Em o Novo como no Velho Testamento, o povo de Deus deve manifestar o caráter de Deus. Pela fé, eles já entraram no Reino de Deus, mas a revelação da plena glória pertence a um dia ainda futuro; eles eram, porém, herdeiros da glória e deveriam viver idoneamente. Não como a palavra de homens, mas como a Palavra de Deus (13). Paulo estava muito acostumado a ouvir sua mensagem denunciada como invenção humana, não tão somente pelo judeus não cristãos, mas também por muitos judeus cristãos. Portanto, ele ficava grandemente encorajado quando sua pregação era recebida como as boas novas de Deus-Cfr. #Gl 1.11-12. As Igrejas de Deus que na Judéia estão em Cristo Jesus (14); a igreja original de Jerusalém em dispersão (cfr. #At 9.31; #Gl 1.22). Os quais também mataram o Senhor Jesus e os Seus próprios profetas (15). A severidade desta referência aos judeus (14) é sem paralelo nos escritos de Paulo, e tem sido suspeita de ser uma interpolação. Não há, entretanto, qualquer base textual para tal suspeita, e o sumário do seu comportamento concorda estritamente com a narrativa dos Atos. A perturbação provocada pelos líderes das comunidades judaicas de Tessalônica e Beréia estava viva na mente de Paulo. Seria absurdo imaginar que o autor dos vers. 14-16 não pudesse também expressar-se na linguagem #Rm 9.1-5. Nos impedem de falar aos gentios (16). (Cfr. #At 13.45). A fim de encherem sempre a medida dos seus pecados (16). Para a mesma idéia, veja-se #Mt 23.32. Mas a ira de Deus caiu sobre eles até o fim (16). Alguns sugerem que esta oração pressuponha a destruição de Jerusalém no ano 70 A. D., o que significaria que esta seção é uma adição posterior à carta, ou que toda a carta é uma epígrafe falsa. (Baur). Os judeus da dispersão não foram, em geral, envolvidos naquele desastre. Paulo quer dizer que, por sua oposição persistente ao evangelho, eles tinham acumulado para si aqueles julgamentos escatológicos, que poderiam ter evitado por aceitá-lo (#At 2.38; #At 3.19). Na literatura cristã antes do ano 70 A. D., não se encontra uma distinção muito clara entre a destruição de Jerusalém (a qual, os cristãos ensinados pelo Senhor, sabiam estar próxima) e o juízo final do Dia do Senhor.

>1Ts-2.17

IV. NARRATIVA DOS EVENTOS DESDE A SAÍDA DE PAULO DE TESSALÔNICA 1Ts 2.17-3.10

Não era falta de interesse que impediu a Paulo de permanecer por mais tempo com eles, ou de voltar para vê-los; eram as circunstâncias sobre as quais ele não tinha controle. Paulo lhes confirma a sua ânsia por eles, e sua alegre confiança neles em vista do regresso de Cristo. Tal era a sua impaciência de saber como passavam, que mandou Timóteo voltar para visitá-los, com a incumbência de fortalecer-lhes a fé, no meio das aflições. O relatório de Timóteo acerca de seu bem-estar e firmeza na fé, o encheu de gozo e também de saudades.

>1Ts-2.18

Eu, Paulo (18) -dos outros signatários, Timóteo os havia visitado recentemente, e Silvano tinha feito uma curta visita à Macedônia (#At 18.5), se não a Tessalônica mesma. **Satanás no-lo impediu** (18). W. M. Ramsay supõe que Paulo reconheceu esta interferência sutil atrás da ação do politarca que exigiu fiança de Jasom (#At 17.9), e a quem intimou judicialmente, para que Paulo, alegado causador do tumulto, não voltasse a Tessalônica. **Não sois vós diante de Nosso Senhor Jesus Cristo em Sua Vinda?** (19). Se a vida dos convertidos recomenda o trabalho de Paulo, ele contemplará com alegria a revisão do seu serviço, que terá lugar na vinda de Cristo (Cfr. #Fp 2.16; #Fp 4.1). Esta é a primeira ocorrência da palavra grega **parousia** (traduzida "vinda") nas epístolas paulinas. Seu sentido comum é **presença** (#2Co 10.10; #Fp 1.26; #Fp 2.12); mas o sentido escatológico é análogo ao seu uso idiomático no vernáculo helenístico, para a chegada de algum dignitário numa visita oficial. É assim usado, quanto ao retorno de Cristo, 18 vezes no Novo Testamento; das quais as epístolas aos Tessalonicenses contêm sete.

1Ts-3.1

De boa mente quisemos deixar-nos ficar sós em Atenas (3.1) aqui o **nós** é puramente epistolar, referindo-se só a Paulo. Cfr. vers. 5. Para a ocasião veja-se #At 17.15 e segs. Para **ministro** (2; gr. **diakonon**) há uma bem atestada variante -"cooperador" (gr. **synergon**) (ver #1Co 3.9). **Para isto fomos ordenados** (3). É aceito em todo o Novo Testamento que a aflição é normal para os cristãos; é, de fato, uma evidência da genuinidade da sua fé, e penhor da sua herança na glória vindoura -cfr. #At 14.22; #Rm 8.17 e segs., #2Tm

2.12. É digno de nota que a inevitabilidade da tribulação formou parte da instrução apostólica aos cristãos tessalonicenses, como aos outros (4). Aquilo que tinha sido um agudo problema para a fé nos tempos do Velho Testamento - o sofrimento dos justos-veio a ser reconhecido como elemento essencial no propósito de Deus para o Seu povo. Desde que o próprio Senhor sofreu, eles podem aguardar nada menos que isto; antes se gloriem na tribulação (cfr. #Jo 15.20; #Jo 16.33 e #Rm 5.3).

>1Ts-3.11

V. ORAÇÃO POR UMA BREVE REUNIÃO 1Ts 3.11-13

Paulo ora por uma próxima reunião com os amigos tessalonicenses, e por seu crescimento em amor e santidade, tendo em vista a volta de Cristo.

Ora Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo encaminhe a nossa viagem para vós (11). O fato que o verbo **encaminhar** é singular no grego, não obstante seu sujeito composto não tem significado teológico como é algumas vezes, imaginado; em tal construção o verbo geralmente concorda com o sujeito mais próximo. Mas é significativo que Cristo é assim associado em ação com Deus, o Pai. **A fim de que sejam os vossos corações confirmados em santidade** (13) (ARA). A segunda vinda de Cristo seria para os cristãos tessalonicenses como para Paulo também (#1Ts 2.19), o incentivo de uma vida santa. (Cfr. #1Jo 2.28; #1Jo 3.3). O dia do regresso de Cristo é o dia quando Ele examinará a história do Seu povo. **Na vinda do Nosso Senhor Jesus Cristo com todos os Seus santos** (13). Cfr. a descrição do Dia do Senhor em #Zc 14.5 (LXX) -**O Senhor meu Deus virá e todos os santos** (gr. **hagioi**, como aqui) com Ele. Esta descrição é baseada no primitivo vocabulário teofânico do Velho Testamento, como em #Dt 33.2 e #Sl 68.17 (ver também #Dn 7.10 e as palavras de Enoque citadas em #Jd 14, e declarações em o Novo Testamento, como aquelas de Jesus em #Mc 8.38 e #Mt 25.31). Portanto, aqui, como em #2Ts 1.7, podemos considerar os **santos** primeiramente como anjos ministradores, embora haja motivo, em #2Ts 1.10, para ver crentes falecidos associados com eles.

1Ts-4.1

VI. EXORTAÇÃO À VIDA SANTA E AO AMOR FRATERNAL 1Ts 4.1-12

Paulo os exorta à consagração e pureza pessoais, especialmente nas relações sexuais. Ele acrescenta o conselho de manter o amor fraternal, ainda que supérfluo no caso deles, e de zelar do seu trabalho diário, a fim de não tornar-se um fardo para outros.

No Senhor Jesus (1), isto é, pela Sua autoridade. Convém andar (11), isto é, conduzir-se; este senso ético de andar é comum no Novo Testamento. Vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição (3). Paulo atribui importância especial a este aspecto da santidade prática, porque na esfera das relações físicas entre os sexos mesmo a mais elevada ética pagã daquela época se distanciava por muito do padrão mais baixo entre os judeus e os cristãos. A prostituição era tão amplamente tolerada no mundo greco-romano que quase chegou ao mesmo nível de indiferença ética, atribuída à comida e à bebida. A experiência provou que preceitos insistentes deste tipo não eram supérfluos para cristãos convertidos do paganismo. Possuir seu vaso (4); isto é, saber controlar seu corpo. Outra interpretação é saber viver com sua esposa; esta interpretação não é tão apropriada aqui, apesar de o mesmo sentido de "vaso" (gr. *skeuos*) ocorrer em #1Pe 3.7. Como os gentios que não conhecem a Deus (5) cfr. #Rm 1.24 e segs. Que ninguém ofenda ou defraude a seu irmão nesta matéria (6); isto é, no assunto já referido. Paulo parece estar pensando numa falha desta ordem mesmo dentro do círculo familiar de um irmão na fé. Porque o Senhor é vingador de todas estas coisas (6) -Cfr. #Ef 5.6. Não nos chamou para a imundícia, mas para a santificação (7). Num sentido, os crentes já são santos, separados por Deus para Si mesmo; noutra sentença, devem manifestar esta santificação na vida cotidiana. Portanto, quem despreza (8), isto é, quem desobedece estes preceitos apostólicos acerca da pureza prática. Instruídos por Deus (9) -Cfr. #Is 54.13; #Jo 6.45 e #1Jo 2.20. Procureis viver quietos, tratar dos vossos próprios negócios e trabalhar com as próprias mãos (11). Isto não é um novo assunto, mas pertence ao dever do amor fraternal; a conduta de um membro afeta o bem-estar de toda a comunidade. A palavra grega traduzida procureis é *philotimeisthai*; literalmente "ser ambicioso". Supõe-se usualmente que uma expectativa escatológica exagerada (cfr. #2Ts 2.2; #2Ts 3.6 e segs.) fez com que alguns deles se tornassem excitados, inquietos, e negligentes dos seus negócios. Isto poderia torná-los um peso para outros, e daria a todo o grupo uma má reputação. O amor fraternal, por conseguinte, exige hábitos moderados e industriais. A idéia paulina de prontidão para a volta do Senhor se equipara à advertência do evangelho. Estejam cingidos os vossos lombos e acesas as vossas candeias (#Lc 12.35). Ele mesmo lhes havia ensinado esta lição pelo exemplo tão bem como por preceito.

>1Ts-4.13

VII. CONCERNENTE A SEGUNDA VINDA 1Ts 4.13-5.11

Paulo acalma a ansiedade deles acerca da posição dos do seu número que haviam morrido; não sofrerão qualquer desvantagem no regresso de Cristo, mas serão levantados dos mortos, e reunidos àqueles que estarão ainda vivos, para formar um séqüito unido do Senhor. O tempo da Sua volta é desconhecido; é, portanto, necessário que Seu povo esteja continuamente pronto e vigilante.

Acerca dos que já dormem (13) -alguns do seu número haviam morrido depois da partida de Paulo (possivelmente como resultado de perseguição); perderiam eles a recompensa de glória que seria concedida aos cristãos na segunda Vinda? **Como os demais** (13); isto é, os descrentes-cfr. **#Ef 2.3. Que não têm esperança** (13) -cfr. **#Ef 2.12**. O desespero do mundo pagão em face da morte pode ser abundantemente ilustrado pela literatura e inscrições da época. **Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou** (14); a quintessência do evangelho (cfr. **#1Co 15.3** e segs.). **Assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele** (14; ARC); isto é, trará da morte, pela ressurreição. Embora numa data posterior, subirão com Jesus, participando da sua ressurreição - **#1Co 15.20** e segs. À frase preposicional **em Jesus** é literalmente "mediante Jesus" (ARA) (gr. **diá tou Iesou**); a expressão "aponta Jesus como elo intermediário entre o sono de Seu povo e a Sua ressurreição pela mão de Deus" (G. Milligan). Cfr. **#Rm 8.11**; **#1Co 15.18**. A morte mediante Jesus não é senão o prelúdio da ressurreição com Ele. **Pela palavra do Senhor** (15); isto é, pela autoridade de uma afirmação do próprio Cristo. Não achamos equivalente exato do que segue em nenhuma afirmação de Cristo preservada nos evangelhos, mas não é preciso concluir que Paulo esteja citando uma revelação particular que lhe foi dada como profeta. **Nós que ficarmos vivos para a vinda do Senhor** (15). Se Paulo se inclui aqui entre aqueles que estariam vivos naquela data, alguns anos mais tarde, (em **#1Co 6.14** e **#2Co 4.14**), ele se identifica com o número dos que seriam ressuscitados da morte. Seu cálculo da probabilidade da Sua participação numa experiência ou noutra variava de tempos em tempos, mas como ele não sabia quando a **parousia** teria lugar, ele não podia saber se de fato estaria vivo ou morto quando acontecesse. **O Senhor mesmo** (16) -para a ênfase, cfr. **#At 1.11**: "Esse mesmo Jesus". **Com alarido** (16 ARC) -literalmente, "uma palavra de ordem" (ARA) (gr. **keleusma**; cfr. sua única ocorrência nos LXX em **#Pv 30.27** -"o gafanhoto

marcha à palavra de ordem"). **Com voz do arcanjo** (16); é incerto pensar aqui de Miguel ou de outro arcanjo individual. **E com a trombeta de Deus** (16); cfr. **#Mt 24.31**; **#1Co 15.52** ("a última trombeta"). O alarido, a trombeta e a voz podem ser figuras diferentes do mesmo evento. A linguagem reflete as passagens teofânicas do Velho Testamento; cfr. **#Jl 2.1** e segs., especialmente o vers. 11. **Os mortos em Cristo** (16); cfr. vers. 14; **#1Co 15.18** e **#Ap 14.13**. **Nas nuvens** (17); Cfr. **#Dn 7.13**; **#Mc 13.26**; **#Mc 14.62**; **#Ap 1.7**. **Encontrar o Senhor** (17) -Gr. **eis apantesin tou kyriou**. Quando um dignatário fazia uma visita oficial, ou **parousia**, a uma cidade nos tempos helenísticos, era praxe que os principais cidadãos, indo ao seu encontro o acompanhassem na última etapa da caminhada. Era chamada **apantesis**; é usada também em **#Mt 25.6**; **#At 28.15**. Assim o Senhor é descrito como acompanhado à terra pelo Seu povo, tanto por aqueles recentemente erguidos da morte como os que permanecerem vivos. **Assim estaremos para sempre com o Senhor** (17) -o apogeu da bem-aventurança.

1Ts-5.1

Mas dos tempos e das estações (5.1) - gr. **chronoi** e **kairoi**, denotando respectivamente as épocas (ARA) a decorrer antes da **parousia**, e os tempos críticos que os caracterizam (Milligan). **O Dia do Senhor virá como o ladrão de noite** (2). Para símile, cfr. **#Mt 24.43**; **#Lc 12.39**; Ap. 3.3; 16.16. Veja-se também **#Lc 21.34** e segs. para um símile paralelo, e **#Lc 17.24** e segs., quanto ao ensino geral. Das suas palavras **sabeis perfeitamente** (vers.

2) -podemos inferir que Paulo já lhes tinha dado algum ensino oral a respeito, baseado nas palavras de Jesus. Paulo aqui identifica a expressão **Dia do Senhor** do Velho Testamento, com a segunda Vinda de Cristo. **Como as dores de parto** (3). Os ais que precedem o início da era messiânica são chamados, na literatura judaica, **hebhlo shel Mashiah** ("o princípio das dores do Messias"); cfr. **#Mc 13.8**. **Filhos da luz** (5); cfr. **#Lc 16.8**. **Filhos do dia** (5); não meramente sinônimo de "Filhos da luz", mas caracterizando os crentes como participantes da glória a ser revelada no Dia do Senhor. **Não durmamos** (6). Se somos filhos da luz e filhos do dia, conduzamo-nos dignamente.

Os versículos seguintes apresentam um paralelo claro com **#Lc 21.34-36**. **A couraça da fé e amor, e tomando como capacete a esperança da salvação** (18) (ARA). Veja-se **#1Ts 1.3**, para a tríade das graças; para elaboração da metáfora da armadura, cfr. **#Ef 6.11** e segs. **Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação** (9) cfr. **#1Ts 1.10** e **#Rm 5.9**. Nesta última

referência como aqui, a **ira** é o julgamento do Dia do Senhor. **Quer vigemos, quer durmamos** (10), isto é, quer sobrevivamos para a sua Vinda ou tenhamos de morrer. As palavras são as mesmas usadas acima com respeito à vigilância moral e ao descuido respectivamente, mas Paulo não quer dizer com isto que não nos importará no fim, se fomos vigilantes e prudentes, ou não! Ele indica o fato como também em **#1Ts 4.15** e segs. que nenhuma diferença será feita entre os santos mortos e os vivos no aparecimento de Cristo. Ambos os grupos viverão juntos e juntos com Cristo, desde que Ele morreu por todos. Cfr. **#Rm 14.9**. "O ponto real de todo este parágrafo, cujo lema-"vigiai e orai" -deveria ser gravado no escudo de cada paladino do evangelho, é o paradoxo, tão difícil de compreensão para nós, mas muito menos difícil para as mentes instruídas nos profetas, que salienta a iminência da **parousia**, enquanto nega a sua chegada imediata" (W. Neil).

>1Ts-5.12

VIII. EXORTAÇÕES GERAIS 1Ts 5.12-22

Os cristãos são exortados a seguir uma vida ordeira, sossegada e ativa em fazer o bem. **Reconheçais aqueles que trabalham entre vós e presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam** (12), isto é, dá-lhes honra na prática submetendo-se à direção deles. O termo **pro-istamenoí**. ("os que presidem" ARA, "os líderes") que se usa aqui, aparece também em **#Rm 12.8** referindo-se aos líderes da igreja em Roma; eles são, sem dúvida, idênticos àqueles que em outra parte, são chamados pastores, anciãos e bispos. Presumivelmente, tinham sido designados pelos missionários como anciãos das igrejas da Galácia, (**#At 14.23**) -mas não existe qualquer registro disto. **Rogamo-vos também, irmãos** (14). Pode ser que este versículo se dirija mais propriamente aos líderes. **Que admoesteis aos desordeiros** (14), literalmente-"Os que não conservam a formação em fileira", ou "os que gazeiam" (gr **ataktous**), referindo-se aqui aos preguiçosos, que negligenciavam seus deveres diários, e viviam na ociosidade -cfr. **#1Ts 4.11**. **Ninguém dê a outro mal por mal** (15). Os preceitos éticos das epístolas paulinas vibram com o eco dos ensinamentos de Jesus (cfr. **#Rm 12.17**). **Regozijai-vos... orai... dai graças** (16-18). A vida cristã tem de ser vivida numa atmosfera de contínua alegria, oração e gratidão a Deus. **Não extingais o Espírito; não desprezeis as profecias. Examinai tudo** (19-21). Aqui se refere ao exercício do dom de profecia, sob o impulso do Espírito Santo, fenômeno comum na igreja dos dias apostólicos. O dom era facilmente imitado, de modo que se precisava de discernimento, especialmente por parte dos líderes (**Examinai tudo**). O dom mesmo não era

desprezível como a profecia genuína não devia ser reprimida, para não "extinguir o Espírito". **Retende o bem. Abstende-vos de toda a aparência do mal** (21-22). Provavelmente estas cláusulas deveriam ser tomadas juntas, como par de preceitos complementares. **Forma de mal** (ARA) -literalmente, "Espécie de Mal" (gr. **eidōs**). A tradução **aparência do mal** é baseada no outro sentido de **eidōs**.

>1Ts-5.23

IX. ORAÇÃO, SAUDAÇÃO FINAL E BÊNÇÃO 1Ts 5.23-28

O mesmo Deus de paz (23) -cfr. **#Rm 15.33**. **Vos santifique em tudo** (23); isto é, completar a obra de santificação já iniciada (cfr. nota: sobre **#1Ts 4.7**); o aoristo optativo **hagiasai** aqui indica "um processo visto em perspectiva, e assim contemplado como ato, já completo" (Hogg e Vine). **Todo vosso espírito, e alma, e corpo sejam preservados irrepreensíveis** (23). Essa cláusula expressa a mesma oração dum novo modo; o aoristo optativo é novamente usado com a mesma força (**teretheie**). Não é certo que a referência ao **espírito, alma e corpo** seja interpretada como confirmação formal da doutrina da natureza tricotômica do homem, visto que **espírito** representa o percebimento de Deus, e **alma** o reconhecimento do **ego** na vida íntima da personalidade. Seria igualmente possível deduzir uma doutrina formal da natureza quadripartida do homem, em **#Mc 12.30**. O vers. 24 quer dizer que Aquele que chama o Seu povo para a santidade é o mesmo que também santifica. **Eu vos conjuro pelo Senhor que esta carta seja lida a todos os santos irmãos** (27). Não é claro porque Paulo tão solenemente obriga os destinatários, sob juramento, a ler a carta a cada membro da comunidade. Não é sustentável a teoria de Harnack que havia dois grupos distintos na igreja dos tessalonicenses, um gentio, e outro judeu, e quando esta epístola foi primeiramente dirigida aos gentios, Paulo desejou que o seu teor fosse comunicado ao grupo de judeus também. Possivelmente ele queria assegurar que aqueles membros "ociosos" (vers. 14) ouvissem o que ele tinha para dizer. Por outro lado, estas palavras podem ser apenas um pedido solene para ler a carta numa reunião de toda a igreja.

F. F. Bruce

II TESSALONICENSES

INTRODUÇÃO

I. DATA, AUTORIA E CANONICIDADE

A segunda epístola aos Tessalonicenses, como a primeira, é endereçada "à igreja dos tessalonicenses", sendo enviada por "Paulo, Silvano e Timóteo". A situação em apreço na segunda carta é muito semelhante àquela tratada na primeira. Isto sugere que a segunda foi enviada também de Corinto, e não muito tempo após a remessa da carta anterior. Como 1 Tessalonicenses, esta epístola aparece nas primeiras listas das cartas paulinas, ainda conservadas hoje. A evidência externa para sua canonicidade é tão segura quanto a da primeira epístola. É citada por Policarpo, cerca de 120 A. D.

Contudo, diversas dificuldades têm surgido para impedir a aceitação inequívoca destas evidências interna e externa. O estilo de 2 Tessalonicenses seria formal e oficial em contraste com a primeira. Este ponto de vista não importa muito, pois se origina de tais expressões como "devemos dar graças a Deus, como é justo" (vers. 3), que realmente não precisam de explicação especial, como aquela oferecida por Dibelius, de que 2 Tessalonicenses, em contraste com a primeira epístola, fosse escrita especificamente para ser lida na igreja (ver #1Ts 5.27).

Outro argumento mais ponderado é que 2 Tessalonicenses insiste em certos eventos precederem o Dia do Senhor, enquanto 1 Tessalonicenses enfatiza o caráter imprevisto daquele dia, "como ladrão de noite". Entretanto, é preciso distinguir entre os termos surpresa e iminência. As palavras de Paulo acerca da volta repentina de Cristo em 1 Tessalonicenses tinham sido interpretadas para significar sua iminência. Era, portanto, necessário apontar para o fato que diversas coisas haveriam de acontecer primeiro.

Descrevendo essas coisas, Paulo usa, em 2 Tessalonicenses, uma linguagem apocalíptica, sem paralelo em todos os seus escritos. Temos, de fato, um pequeno apocalipse em #2Ts 2.3-12. Isto não constitui um argumento adequado contra a autenticidade da carta; aliás, nosso conhecimento atual das crenças apocalípticas da época, com referência especial à manifestação do anticristo, tem contribuído muito para reduzir o que constituía um grande obstáculo (veja o comentário abaixo).

As semelhanças entre as duas epístolas aos tessalonicenses têm apresentado problemas, a seu modo quase tão grandes quanto as diferenças.

Não obstante a admoestação na primeira epístola contra a ociosidade intranqüila, resultante da excessiva expectativa escatológica, a mesma situação é implícita na segunda. No entanto, se a ênfase da primeira epístola, sobre o imprevisto da parousia tinha sido entendida para significar sua iminência, então a tendência de ausentar-se do trabalho deveria ter aumentado, a despeito de todas as admoestações para permanecerem calmos e cuidar dos negócios comuns da vida.

II. RELAÇÃO COM 1 TESSALONICENSES

Existem inegáveis problemas quanto à relação entre as duas epístolas, devido em grande parte à nossa informação tão inadequada sobre as circunstâncias em Tessalônica. Deixando de um lado a solução simplista que considera 2 Tessalonicenses como falsificada, várias teorias têm sido propostas, a fim de harmonizar a relação entre as duas epístolas. Uma hipótese sugere que 2 Tessalonicenses fosse escrita primeiro que 1 Tessalonicenses. Mas isto agrava a dificuldade. 2 Tessalonicenses implica alguma correspondência anterior por meio de carta (cfr. #2Ts 2.2,15 e #2Ts 3.17) enquanto 1 Tessalonicenses oferece evidência segura de ser a primeira carta escrita à igreja de Tessalônica após a partida de Paulo daquela cidade (veja #2Ts 2.17, 3.10). Segundo T. W. Manson (Rylands Bulletin, Março, 1953) 2 Tessalonicenses foi levada a Tessalônica por Timóteo, na ocasião mencionada em #1Ts 3.2.

Já foi mencionada a teoria de Harnack, de que 1 Tessalonicenses fosse escrita Para o grupo gentílico da igreja de Tessalônica, e 2 Tessalonicenses para o grupo judaico. O ensino apocalíptico de #2Ts 2, segundo Harnack, seria mais intelegível aos judeus. Entretanto, é incrível que o próprio Paulo tivesse concordado em tal divisão entre cristãos gentios e judeus, ao ponto de escrever uma carta separada para cada grupo. Sem dúvida alguma, ele teria tomado a mesma atitude que assumiu, quando uma divisão daquela natureza começou a manifestar-se em Antioquia. Em tal caso, teria feito da unidade cristã o seu assunto primordial (cfr. #Gl 2.11).

Outra sugestão é fornecida por F. C. Burkitt, "que ambas as cartas foram redigidas por Silvano (Silas); que foram lidas a Paulo, e este as aprovou, acrescentando #1Ts 2.18 e #2Ts 3.17 com o seu próprio punho". A

sugestão não é de grande valor, pois Burkitt a propôs como suplemento à hipótese de Harnack. Antes, #2Ts 3.17 parece confirmar a autenticidade de toda a carta como paulina, a despeito da idéia de Burkitt de que os termos do pós-escrito autografado de Paulo "sugerem que este não é inteiramente responsável por todo o resto".

Por fim, todas estas hipóteses suscitam maiores dificuldades do que a simples afirmação de que 2 Tessalonicenses foi escrita por Paulo (que acrescentou os nomes dos seus companheiros) para proveito de toda a igreja dos tessalonicenses, não muito tempo após a remessa de 1 Tessalonicenses, e tendo a finalidade de resolver novos problemas na situação local, da qual Paulo tinha recebido as últimas notícias. A perseguição dos cristãos parece ter cessado, e não há mais motivo para repetir advertências anteriores, quanto a pureza moral. Mas a agitação escatológica não estava diminuindo, em parte porque as palavras de Paulo em 1 Tessalonicenses foram mal compreendidas, e em parte por causa de certo ensino recebido de outra fonte, e apresentado talvez como genuinamente paulino. Era, portanto, necessário atender com mais firmeza, e com maior esclarecimento, ao assunto em apreço.

2Ts-1.1

I. SAUDAÇÃO 2Ts 1.1-2

Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses (1). Uma comparação com a saudação em 1 Tessalonicenses confirma, categoricamente, que ambas as cartas foram escritas a toda a igreja dos tessalonicenses.

>2Ts-1.3

II. AÇÃO DE GRAÇAS E ENCORAJAMENTO 2Ts 1.3-12

Devemos dar graças a Deus... como é justo (3). A pretensa formalidade desta linguagem tem sido contrastada com #1Ts 1.2 e segs., e usada como argumento contra a autenticidade de 2 Tessalonicenses. Mas, se os cristãos de Tessalônica tinham protestado contra o que consideravam elogio excessivo na primeira carta, Paulo bem podia responder-lhes: "Mas é muito justo, dar graças a Deus por vós; é o mínimo que podemos fazer". Eis a força da expressão aqui.

>2Ts-1.4

Nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus (4). Isto não discorda com #1Ts 1.8. "não temos necessidade de falar coisa alguma"; mesmo se não houvesse necessidade, ainda Paulo falaria. Cfr. #1Ts 2.20. Uma prova clara do justo juízo de Deus (5). Como em #1Ts 3.3 e segs., Paulo declara que as aflições deles são uma prova de genuinidade da sua fé; mais ainda, sua constante paciência os qualifica para herdarem o reino divino: será vindicada neles, como nos seus perseguidores, a justiça de Deus.

>2Ts-1.6

Dê em paga tribulação aos que vos atribulam, e a vós que sois atribulados, descanso conosco (6-7). O dia da volta de Cristo será o dia da retribuição equitativa, e também da recompensa. O descanso é folga ou alívio (gr. anesis) após a fadiga e o conflito. Quando se manifestar o Senhor Jesus do céu (7). Refere-se à sua manifestação em glória (cfr. #1Co 1.7; #Lc 17.30). Com os anjos do seu poder (7). Cfr. #Mc 8.38; #Mt 25.31 e outras passagens mencionadas na nota sobre #1Ts 3.13. Como labareda de fogo (8). Aqui, novamente, se reflete a linguagem teofânica do Velho Testamento (Cfr. #Sl 18.8 e segs., #Is 66.15). Tomando vingança (8). O exercício de julgamento por Cristo em o Novo Testamento é baseado em #Dn 7.13 e segs. (Cfr. #Jo 5.27; #At 17.31). Que não conhecem a Deus (8); isto é, que O desprezam, "não se importaram de ter o conhecimento de Deus". (#Rm 1.28). Eterna destruição (9); referência à destruição que acompanhará a época vindoura, com a decisiva implicação de finalidade. Tal destruição consiste na exclusão da presença do Senhor, de quem só emana a "fonte da vida". Para ser glorificado nos seus santos (10). Este pode significar seus santos anjos (cfr. #1Ts 3.13 n.), mas o paralelismo com as palavras seguintes e ser admirado em todos os que creiam (ARA) sugere que são os cristãos em vista. Participarão também da Sua glória; a revelação do Senhor Jesus nos céus (7) coincide com o dia da manifestação dos filhos de Deus (#Rm 8.19).

>2Ts-1.11

Que nosso Deus vos faça dignos de sua vocação (11). Uma provável antecipação do dia da recompensa na parousia; que os tessalonicenses, naquele dia, possam ser julgados dignos da divina chamada; mesmo assim, a frase implica uma oração pelo seu atual progresso espiritual. E cumpra todo o desejo de sua bondade (11). Refere-se aos seus próprios desejos, embora seja

verdade inegável que todo desejo digno, como toda "obra de fé", são o fruto do Espírito Santo neles. Cfr. #Gl 5.22 e #Fp 2.13.

>2Ts-1.12

Para que o nome do nosso Senhor Jesus Cristo seja glorificado em vós e vós nele (12). Esta é mais uma referência à parousia, em primeiro lugar. A oração de Paulo seria cumprida cabalmente, somente se o nome do Senhor fosse glorificado neles dia após dia durante a vida toda.

2Ts-2.1

III. EVENTOS QUE PRECEDEM O DIA DO SENHOR 2Ts 2.1-12

Alguns dos cristãos tessalonicenses tinham formulado a noção que o Dia do Senhor já tinha começado. Paulo explica que aquele dia há de ser precedido pela grande apostasia, dirigida pelo anticristo, o qual será aniquilado pelo advento do Dia do Senhor.

Pela vinda (1). Melhor, no que diz respeito à vinda (ARA). A preposição grega é hyper. Nossa reunião com ele (1): uma possível referência ao evento descrito em #1Ts 4.17, quando aqueles que sobrevivem até a parousia serão arrebatados juntos com os que serão levantados dos mortos "para o encontro do Senhor nos ares". Quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós (2); isto é, nem por declaração profética, nem por comunicação oral, nem por carta que pretende originar de Paulo e seus companheiros. Não fica claro se Paulo suspeitava que uma carta tivesse sido enviada em seu nome aos tessalonicenses, sem a sua autorização. Certamente seria injustificável supor que esta observação ponha alguma dúvida sobre a autenticidade de 1 Tessalonicenses. Mesmo se 2 Tessalonicenses fosse pseudônima, seria inverossímil o autor pretender lançar suspeita sobre 1 Tessalonicenses. É possível que a referência à carta como de nós aluda às falsas conclusões tiradas da redação de 1 Tessalonicenses. É mais provável, porém, que Paulo temia que a idéia de que o Dia do Senhor havia já começado, tivesse sido inculcada na mente dos tessalonicenses por alguma comunicação reclamando a sua autoridade, e da qual não tinha recebido ainda informações exatas. Que o Dia do Senhor estivesse perto (2); tenha chegado o dia (ARA). Cfr. #1Ts 5.2. Isto não acontecerá; é preciso acrescentar esta apódose da cláusula condicional. Nota-se a frase seguinte: sem que primeiro venha a apostasia: a

palavra grega apostasia significa revolta, ou rebelião neste caso sendo de caráter religioso. Seja revelado o homem da iniquidade (3-ARA). O mesmo como "o iníquo" (8), também chamado o anticristo, Belial e a Besta que sobe do abismo (#Ap 11.7). É o líder da grande rebelião escatológica contra Deus. O filho da perdição (3): hebraísmo, significando "aquele que está determinado para a destruição". A mesma frase é usada em relação a Judas Iscariotes em #Jo 17.12 onde pode ser traduzido "o rapaz perdido". O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora (4); literalmente, "objeto de adoração" (gr. sebasma). Esta linguagem relembra a descrição do anticristo pré-cristão, Antíoco Epifanes, dada em #Dn 7.25-8.9 e segs.; #Dn 11.36 e segs.; Cfr. também #Ap 13. Se assentará como Deus no templo de Deus (4). Este pormenor sobre o anti-cristo relembra o imperador Gaio que, no ano 40 A. D., queria levantar sua estátua no templo em Jerusalém. Aquela crise recordou vividamente aos cristãos o discurso escatológico de Jesus preservado em #Mc 13. As palavras "quando virdes a abominação da desolação estar onde não deve" (#Mc 13.14) se aplicam bem à política daquele imperador. Note-se a referência a uma pessoa. Não vos lembrais...? (5). Um aspecto interessante do elemento apocalíptico no kerygma primitivo.

>2Ts-2.7

Sabeis o que o detém; o agente retentor é impessoal neste verso, e pessoal no vers. 7; este fato é significativo. O apóstolo é intencionalmente vago quando escreve sobre o assunto, mas parece que foi mais explícito no seu ensino oral em Tessalônica. Isto apóia a interpretação de o Império Romano ser o agente retentor, desde que pode ser considerado tanto um poder impessoal, como uma pessoa encarnada no Imperador. Após a acusação levada contra Paulo em Tessalônica (#At 17.6 e segs.), qualquer alusão ao poder imperial tinha de ser vaga quanto possível, por perigo da carta cair em mãos impróprias. Porque já o mistério da injustiça (ARC: iniquidade) opera (7). O princípio da rebelião contra Deus já está agindo, na oposição feita ao evangelho em Tessalônica e noutros lugares, mas não está abertamente entronizado no mundo, como será na breve duração do domínio do anticristo, porque há um que agora o detém (7). Neste passo, é um agente pessoal que retém o espírito de ímpia revolta, indicando o Imperador. Outros há que consideram aquele que detém como uma figura apocalíptica, no mesmo sentido como o anticristo, "o anjo do abismo" de #Ap 9.1 e #Ap 20.1. Caso for assim, não haveria inconveniência em usar termos mais explícitos. Menos plausível ainda é a sugestão de que aquele que detém seja o Espírito Santo. Se "o que detém" é realmente o Imperador, não precisa concluir que o Imperador Cláudio, (41-54) então

reinante, seja especificamente indicado, ou que Paulo estivesse pensando em Nero, sucessor de Cláudio, cuja elevação se deteve enquanto Cláudio vivia. Nero tinha apenas doze anos em 50 A. D., e Paulo escreveu os mais notáveis elogios do poder romano após a elevação de Nero ao trono. Paulo tinha razão em mostrar-se constantemente grato pela proteção das autoridades imperiais, que reprimiam as forças mais hostis ao evangelho. Quando essa proteção fosse retirada, as forças do anticristo poderiam exercer, livremente, a sua própria vontade.

Devem ser mencionadas outras tentativas de identificar o "poder que detém". B. B. Warfield sugere que fosse a continuação do Estado judaico: "Logo que a apostasia judaica se completou, e Jerusalém foi entregue aos gentios... a separação do Cristianismo do Judaísmo, já iniciada, se tornou patente. Intensificou-se o conflito entre a nova fé e o paganismo, cuja expressão principal era o culto ao Imperador. Foi desencadeado o poder perseguidor do Império, inevitavelmente (Biblical and Theological Studies. pág. 473). Até que do meio seja tirado (7). O sujeito desta cláusula é o retentor, mas seria considerado sedicioso falar explicitamente da remoção do Imperador. Daí a imprecisão de Paulo. Gr. ek mesou genesthai-ser afastado do meio. Forma quase passiva, correspondente à voz ativa: ek mesou airein (#1Co 5.2; #Cl 2.14). Cfr. latim: e medio tollere. Por não ter reconhecido esta expressão idiomática, alguns têm forçado uma tradução literal das palavras: 'Até que ele (o anticristo) se torne (ou apareça) no meio'. Não atribuímos a Paulo este significado. E então será revelado o iníquo. A construção normal do grego corresponde à forma semita "homem do pecado" (3). Seu aparecimento ou manifestação precede a do verdadeiro Cristo. Com o sopro da sua boca (8) isto é, com a Sua palavra. Cfr. #Ap 19.15. Pelo esplendor da Sua vinda (8): referência à glória da parousia. O anticristo terá também a sua "parousai" (9). Sua manifestação revelará o seu dinamismo satânico-com todo poder e sinais e prodígios de mentira (9). Cfr. #Ap 13.2-13 e segs. Porque não receberam o amor da verdade (10). Quem recusa aceitar a verdade de Deus é certo de ser enganado pelo erro, conforme #Rm 1.18 e segs. Para que creiam a mentira (11). Essa mentira será a contrafação da verdade (vers. 12). Cfr. #Rm 1.25 - "pois mudaram a verdade de Deus em mentira"; literalmente "que trocaram a verdade de Deus pela mentira". No Zoroastrismo também a mentira (Avestandruj) denota o sistema total do mal.

Para um estudo mais detalhado, ver Pauline Eschatology por Geerhardus Vos, pág. 94 e segs.

>2Ts-2.13

IV. ADICIONAL AÇÃO DE GRAÇAS E ENCORAJAMENTO 2Ts 2.13-3.5

Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós (13). Cfr. #2Ts 1.3. Irmãos amados no Senhor (13): Cfr. #1Ts 1.4. Por vos ter Deus elegido desde o princípio (13): veja nota sobre #1Ts 1.4. Talvez a frase desde o princípio indique a eternidade da escolha de Deus, como em #Ef 1.4. Se Paulo quisesse indicar os primeiros dias da sua pregação em Tessalônica, provavelmente teria usado outra expressão como "o princípio do Evangelho" (#Fp 4.5). Notemos a variante: "primícias" (M. Soares), (gr. aparchen), ao invés de "desde o princípio" (gr. ap' arches). Ambas são bem atestadas, mas ap' arches é preferível. Optando para "primícias", o sentido seria o de #Tg 1.18, em que a fraseologia cristã entrosa o conceito judaico de Israel como as primícias de Deus entre as nações. Harnack, de acordo com a sua teoria quanto aos destinatários desta epístola, considera aparchen (desde o princípio) evidência de os crentes judeus serem as "primícias" da missão de Paulo em Tessalônica. Para a salvação (13). "Os vers. 13 e 14 deste capítulo constituem um sistema de teologia em miniatura. A ação de graças do apóstolo abrange toda a obra da salvação, desde a eterna escolha de Deus, até a consumação da glória do nosso Senhor Jesus Cristo no mundo vindouro" (J. Denney). Em santificação do Espírito (13). Cfr. #1Ts 4.3 e segs.. Quem nos santifica é o Espírito Santo. Para alcançardes a glória do Nosso Senhor Jesus Cristo (14); isto é, na ocasião da parousia. Cfr. #Rm 2.6 e segs., #Rm 8.18 e segs., 30.

>2Ts-2.15

Retende as tradições (15). Estas tradições são as coisas que lhes foram entregues (gr. paradosis). São associados com este termo dois verbos no grego-paralambanein (receber por sua vez, ou em sucessão), cfr. #1Ts 2.13-4.1 e #2Ts 3.6; e paradidonai (entregar), ambos sendo achados em conjunção, como por exemplo em #1Co 11.23 e #1Co 15.3. Note-se a ênfase dada à continuidade da transmissão da verdade do Cristianismo. Esta tradição é idêntica com o testemunho apostólico, apoiando-se na autoridade do próprio Cristo (Veja O. Cullman, 'Paradosis and Kyrios', Scottish Journal of Theology, iii; 1950, pg. 180). Seja por palavra, seja por epístola nossa (15). O adjetivo "nossa" se refere tanto à palavra como à epístola. A frase quer dizer, "Quer por nosso ensino oral, quer por nossa carta". Sem dúvida, a referida epístola é 1 Tessalonicenses. E o próprio nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Deus e Pai console os vossos corações (16-17). São unidos frequentemente na ação o Senhor Jesus e Deus o Pai (Cfr. #1Ts 3.11). Aqui, como em #2Co

13.13, o Senhor Jesus é mencionado primeiro. "O único significado teológico a ser atribuído às variações na ordem é que há completa igualdade, entre o Pai e o Filho, no pensamento do apóstolo". (W. Neil).

2Ts-3.1

Finalmente, irmãos, orai por nós (3.1). Cfr. #1Ts 5.25. Para que a Palavra do Senhor tenha livre curso (ARC), ou se propague (ARA); cfr. #SI 147.15; "sua palavra corre velozmente". Refere-se aqui, certamente, ao evangelho que Paulo e seus companheiros estavam proclamando em Corinto. Paulo alude aos perigos naquela cidade, quando solicita oração, a fim de que sejam livres de homens dissolutos e maus (2). A palavra dissoluto é tradução do grego atopos, literalmente "fora de lugar", daí, desajustado, impróprio, perverso. Paulo tem em mira, principalmente, seus adversários judaizantes. Por que a fé não é de todos (2). Há duas maneiras de entender a frase, ou "nem todos os homens exercem fé" (em Cristo), "ou nem todos os homens seguem a fé" (isto é, o evangelho). O sentido geral não muda, seja fides qua creditur, ou fides quae creditur, mas o primeiro é o mais provável. Todavia o Senhor é fiel (3). Fiel: gr. pistos, é a primeira palavra na frase no original grego, ligando-se naturalmente com pistis (fé) a última palavra da frase anterior. Cfr. #1Ts 5.24 Vos guardará do Maligno (3); aqui, como na Oração Dominical de #Mt 6.13, o grego poneros (mal) pode ser pessoal (Maligno) em ambos os casos. E temos confiança (4). Cfr. #1Ts 4.1-9 E o Senhor conduza os vossos corações ao amor de Deus (5), o Senhor sendo Jesus Cristo. "O amor de Deus" pode ser o crescente amor dos tessalonicenses para com Ele ou pode referir-se à sua compreensão mais perfeita do amor de Deus por eles. A frase pode ser considerada à luz do que segue: e na paciência de Cristo, onde tem o mesmo uso do genitivo. Paciência de Cristo: é atributo do Mestre que o autor deseja ver reproduzido no Seu povo. Assim sendo, seria mais natural tomar a frase o amor de Deus como sendo o amor que Deus mostra aos homens.

>2Ts-3.6

V. A NECESSIDADE DE DISCIPLINA 2Ts 3.6-15

Os crentes em Cristo hão de separar-se das pessoas na sua congregação que recusam trabalhar para o seu sustento.

Nós vos ordenamos... no nome do Senhor Jesus Cristo (6). A autoridade apostólica se fundamenta na de Cristo; os Seus apóstolos são Seus embaixadores credenciados. Todo irmão que ande desordenadamente (6); gr. ataktos; cfr. o adjetivo ataktous em #1Ts 5.14 Nos dois versículos usa-se uma

metáfora militar, que se aplica aos que saem das fileiras do exército, ou que se ausentam do serviço. Paulo retorna ao problema dos que deixam de ganhar seu sustento, sem seguir a tradição que de nós recebestes. Este aspecto prático da "tradição" foi enfatizado tanto pelo exemplo como pelo preceito. As palavras dos vers. 7-9 chamam atenção à própria conduta do apóstolo neste respeito. Cfr. #1Ts 2.6 e segs. e outras passagens citadas na nota. Se alguém não quer trabalhar, também não coma (10). Isto bem pode ser um provérbio judaico, baseado em #Gn 3.17 e segs. Mesmo os rabinos sabiam ganhar a vida por trabalhos manuais, para não fazerem do ensino da lei meio de lucro. Paulo se sustentava trabalhando com couro. Não trabalhando, mas se intrometem na vida alheia (11). O grego revela um trocadilho: meden ergazomenous alla periergazomenous. Cfr. Inglês de Moffatt: "Busy-bodies, instead of busy". Trabalhando tranqüilamente, comam o seu próprio pão (12); isto é, o pão que ganham. Cfr. #1Ts 4.11. Não vos canseis de fazer o bem (13). Cfr. #Gl 6.9. Caso alguém não preste obediência à nossa palavra dada por esta epístola, notai-o (14). Mais uma vez o autor usa a sua autoridade apostólica. Paulo não ordena aqui uma excomunhão formal, mas recomenda uma prática reprovação dos preguiçosos, para que se envergonhem e mudem seus costumes. Tais pessoas não devem ser tratadas como inimigas (vers. 15), nem "como gentios ou publicanos" (#Mt 18.17). Ainda são irmãos, membros da comunidade cristã, que deviam aceitar a disciplina fraternal.

>2Ts-3.16

VI. ORAÇÃO, SAUDAÇÃO FINAL E BÊNÇÃO 2Ts 3.16-18

Paulo se despede dos tessalonicenses, pedindo em oração uma bênção para eles. Indica também que a assinatura pessoal autentica esta e as demais cartas como genuínas. O Senhor da paz (16). Ele é "da paz, o autor e amigo". Cfr. a frase "Deus de paz" em #1Ts 5.23; #Rm 15.33 e #Rm 16.20; #Fp 4.9; #Hb 13.20; também #1Co 14.33; #2Co 13.11. A saudação é de próprio punho: Paulo. Este é o sinal em cada epistola; assim é que eu assino (17). Para que seus amigos não fossem enganados por uma carta espúria levando seu nome, Paulo chama atenção ao fato que todas as suas cartas são autenticadas por algumas palavras na sua própria caligrafia, ao fim. Geralmente usava um amanuense para escrever suas cartas, como Tércio, por exemplo (#Rm 16.22). Encontra-se uma referência ao estilo caligráfico de Paulo em #Gl 6.11. A graça do nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós (18). A mesma fórmula para bênção (menos a palavra "todo") é usada em #1Ts 5.28 e #Rm 16.20.

F.F. Bruce

AS EPÍSTOLAS A TIMÓTEO E A TITO

INTRODUÇÃO

I. AUTORIA

Em contraste com a Epístola aos Hebreus, que não traz no texto nenhuma indicação clara do seu autor, estas três epístolas declaram abertamente terem sido escritas pelo apóstolo Paulo. Há evidência externa, primitiva e bastante forte, em apoio disto, não havendo evidência igual contra esse fato. A incerteza de hoje em dia sobre este ponto deve-se inteiramente a considerações internas e teóricas: estas considerações são de pouco proveito, visto não levarem a uma conclusão e apenas criarem hesitação e desconfiança. Embora o seu tema e, ainda mais, o seu vocabulário possam usar-se em argumento contra a possibilidade da autoria de Paulo, nenhum desses raciocínios é decisivo. Muito ainda se pode dizer sobre o outro lado da questão, e muitos eruditos de responsabilidade têm ainda aceitado a autoria paulina. Parece-nos, pois, mais prudente que façamos o mesmo, sem tentar dizer, pormenorizadamente, tudo quanto pode ser dito de ambos os lados; tal discussão não é a finalidade precípua deste comentário.

As próprias epístolas não somente endossam esta atitude, como também exortam com instância que não nos demos a debates que não produzem efeitos satisfatórios, e que não somente não trazem benefícios positivos, como podem servir para minar em alguns a sua fé. (Ver [#1Tm 1.4; 6.20-21](#); [#2Tm 2.14-23](#); [#Tt 3.9](#)). Tais epístolas apresentam de igual modo, incidentalmente, muitos traços pessoais que assentam em Paulo e se apropriam às suas circunstâncias, de modo que não podem deixar de ser genuínas. Sobretudo, documentos que se apresentam como canônicos, mas que não o são, cedo deixarão de ser considerados como tais, como registos divinamente inspirados do ensino apostólico; e, por conseqüência, quem quer que alimente tais dúvidas sobre estas epístolas faria melhor se deixasse de fazer comentários pormenorizados em torno da permanente significação cristã das mesmas. Seria melhor que omitissem tais documentos do seu Cânon atuante das Escrituras, até que as dúvidas se lhes dissipassem e eles estivessem mais bem persuadidos do assunto. Quanto a nós, aceitamo-las como paulinas, e desejamos com o auxílio de Deus procurar entendê-las deste modo.

II. DATA

Concorda-se geralmente ser impossível colocar estas epístolas nos limites da vida de Paulo, segundo a conhecemos dos Atos dos Apóstolos. Para que tenham explicação, elas requerem a aceitação da hipótese, da qual com efeito fornecem a evidência mais decisiva, de que Paulo foi solto da prisão referida no fim dos Atos (cfr. #Fp 2.24; #Fm 22); teria permissão de empreender, por certo tempo, viagens e intenso trabalho missionário, antes de ser outra vez preso e levado a Roma, para agora enfrentar o martírio. A falta de mais informações torna impossível fixar com certeza, como alguns têm procurado fazer, a cronologia e a ordem dos acontecimentos desses últimos anos do apóstolo. É claro que estas epístolas foram escritas entre mais ou menos 62 A. D. e a data do martírio de Paulo, que deve ter ocorrido entre 65 e 68 A. D.

III. OCASIÃO E PROPÓSITO

Aqui podemos falar com maior certeza, à vista da plena evidência e das inconfundíveis implicações destas mesmas epístolas. São claramente cartas pessoais, escritas pelo apóstolo Paulo aos seus íntimos cooperadores Timóteo e Tito, a respeito da responsabilidade da supervisão que eles tinham de exercer, particularmente nas igrejas de Éfeso (possivelmente da província da Ásia também) e de Creta. Estas epístolas têm muitas características em comum e, por conseguinte bem podem ser consideradas em conjunto. O primeiro interesse delas é a preservação e propagação da verdade do evangelho, e a promoção e manutenção de uma salutar conduta cristã por parte dos que o pregavam, e dos que criam.

Tanto maior interesse Paulo tem por uma atividade oportuna da parte dos seus cooperadores quanto sabe que a oportunidade dele próprio, de dar testemunho, está passando, e que o futuro da obra vai depender da nova geração. E mais se preocupa por saber das ameaças já prevalecentes nos seus dias, de falsas doutrinas e suas maléficas conseqüências morais em caracteres pervertidos e conduta depravada. Exortações visando à autodisciplina, à fidelidade na pregação e no ensino da Palavra de Deus, à necessidade de ordem condigna no lar e na igreja, à importância de confiar o ministério e a superintendência das congregações somente a pessoas de qualidades morais provadas e firmes, é o de que tratam estas epístolas. O que importa é que o evangelho da graça salvadora seja recebido em sua plenitude, e fielmente comunicado a outros em sua integridade.

Isto só se pode dar se aqueles que foram chamados para administrá-lo forem achados fiéis e encontrarem outros a quem transmitir seu sagrado depósito. Porquanto a sucessão apostólica, que é necessário preservar, é a guardiã da mensagem a ser proclamada, e do ensino a ser transmitido. Semelhantemente, isto só se dará se aqueles que forem trazidos para o domínio do evangelho e seu ensino, corresponderem cordial e sinceramente ao Senhor da graça e se entregarem à prática das boas obras. Porque a fé cedo se corromperá e perderá, se não for mantida com uma boa consciência para com Deus, e a menos que ela opere por amor e boa vontade na prática para com os homens.

IV. AS FALSAS DOUTRINAS

Os documentos neotestamentários revelam, em muitos lugares, que as primeiras congregações de crentes em Jesus, como Cristo e Senhor, cedo se viram perturbadas pelo aparecimento, no seio delas, de falsos mestres. Há, igualmente, uma percepção profética (ver [#1Tm 4.1](#); [#2Tm 3.1](#)) de que essa espécie de mal recrudescerá cada vez mais à medida que esta dispensação avançar para o seu fim. Pela linguagem pitoresca da parábola de Cristo, sabia-se que na igreja visível o joio haveria de surgir em meio ao trigo, e que ambos amadureceriam e se desenvolveriam amplamente, até ocorrer a inevitável separação, rejeição e colheita do dia do juízo.

Estas epístolas particulares deixam claro que esse mal irromperá de dentro da igreja professa, quando os homens cessarem de prestar à verdade uma lealdade cordial, obediência submissa e consciente, voltando-se eles a inquirições que só geram presunção e desassossego espiritual, antes que fé e firmeza na piedade. Tais questões são em si mesmas tolas e sem proveito; e enredam aqueles que as procuram com viva irreverência. As lucubrações deles conduzem alguns à pretensão arrogante de uma falsa ciência, no fundamento da qual se opõem à verdade e abandonam a atitude simples de fé na mesma. E assim se tornam de mente corrompida, faltos de entendimento, morbidamente absorvidos numa espécie de investigação e controvérsia que só produz contenda. Ver [#1Tm 1.4-7,19](#); [3.9](#); [6.3,5,20-21](#); [#2Tm 1.13](#); [#2Tm 2.16,18,23](#); [#2Tm 3.8](#); [#Tt 1.10-11,14,16](#); [#Tt 3.9-11](#).

É característico de tais homens substituírem a Palavra e o propósito revelado de Deus pelas fantasias e mandamentos de homens. Por exemplo, requerem a renúncia do casamento e a abstinência de certos alimentos, quando Deus, que criou todas as coisas, criou também tais alimentos para serem

usados no espírito de oração agradecida (#1Tm 4.3-5). Ora, por pensarem que o corpo humano é por demais material e, pois, bastante mau para ter um destino eterno na ressurreição, asseveram que esta ressurreição de que trata a fé cristã é um avivamento espiritual que já ocorreu (#2Tm 2.18). Pior ainda, tais pessoas não só se tornam insensíveis à verdade, como no fim se tornarão vítimas de espíritos enganadores e suas doutrinas perversas (#1Tm 4.1-2). Semelhante mal propaga-se danosamente como moléstia maligna, e requer nada menos do que completo afastamento dele (#2Tm 2.16-17).

Esses que resistem à verdade estão além do alcance da redenção (#Tt 1.15-16). No interesse do bem-estar espiritual dos verdadeiros crentes, os tais devem ser veementemente repreendidos e, se recusam ouvir, devem ser rejeitados de todo (#Tt 3.10-11). Por outro lado, os que foram desencaminhados por eles e se deixaram prender pelas astúcias do diabo, necessitam de ser tratados com simpatia e paciência, a fim de serem recuperados para o verdadeiro serviço do Senhor (#2Tm 2.24-26). Num e noutro caso não adiantam discussões cara a cara. A melhor resposta e antídoto para tal situação é uma exposição positiva da verdade.

V. DESENVOLVIMENTO DE FORMAS DE DOUTRINA CRISTÃ E DE ORDEM ECLESIASTICA

Nestas epístolas há sinais significativos de um processo de desenvolvimento. O conteúdo da fé condensa-se claramente em breves sumários confessionais, muitas vezes de tal modo compostos que apresentam um desafio moral. Assim é que encontramos numerosas "declarações fiéis" (#1Tm 1.15-4.9; #2Tm 2.11; #Tt 3.8), que, diz o apóstolo, são dignas de serem apropriadas com vigor e correspondidas com fé. Encontramos princípios essenciais expostos e aplicados a problemas práticos particulares de uma forma que não somente podem ser claramente ensinados, mas que também se destinam a ser inculcados aos fiéis com exortação de agirem em conformidade com eles.

Alguns pontos da teologia cristã fundamental são explicitamente enfatizados de uma nova maneira, a fim de rebaterem as falsas doutrinas predominantes. Há, por exemplo, a ênfase assinalada sobre a natureza essencial, atributos e unidade de Deus como o soberano Criador e Salvador de todos (ver #1Tm 1.1-17; 2.3-5; 4.4-10; 6.13,15,16; #2Tm 2.13; #Tt 1.2-3); sobre Cristo como o único Mediador entre Deus e os homens; sobre Sua Pessoa e obra; sobre Sua humanidade e Sua morte, como preço de resgate,

único e todo-suficiente meio de redenção, renovação espiritual e consagração a Deus e a Seu serviço (ver #1Tm 1.1; 2.5-6; 3.16; #2Tm 1.10; #Tt 2.13-14; #Tt 3.5-6).

Há evidências de culto congregacional com ordem e mais bem regulamentado, o que se nota nas referências ao lugar necessário da leitura da Palavra de Deus, da exortação e do ensino (#1Tm 4.13), das súplicas, orações, intercessões, ações de graças (#1Tm 2.1). Há indícios de hinos, de fragmentos de credo e de liturgia, de doxologias (ver #1Tm 3.16; 6.13-16; #2Tm 1.9-10; #2Tm 2.8,11,13; #2Tm 4.1; #Tt 2.11-14; #Tt 3.4-7). Dá-se orientação para a designação adequada de pessoas que sirvam na superintendência e no ministério, no cuidado pastoral e na exposição da Palavra; faz-se um aviso claro e circunstanciado do perigo que existe nas nomeações apressadas e imprudentes. Cada congregação local ou igreja é reconhecida como família de Deus, destinada por Deus para ser guardiã e testemunha da verdade. Tais congregações ficarão firmes e fiéis em face de perigos de dentro e de fora se somente prestarem diligente atenção a esse procedimento adequado (#1Tm 3.15). Todavia, sublinhando toda essa orientação detalhada e expressa predominantemente na mesma, está a percepção de que o que mais importa, sobretudo, não é o sistema, e sim o homem; a ênfase principal não é feita ao ofício ou às formas, mas ao genuíno caráter cristão e à conduta coerente.

1Tm-1.1

I. SAUDAÇÃO PESSOAL 1Tm 1.1-2

Paulo escreve na qualidade de **apóstolo** (1), como alguém consciente de uma missão que lhe foi dada por determinação divina. Escreve como servo de Jesus, reconhecido este como Messias ou o Senhor ungido; podia-se quase dizer que ele escreve como embaixador do "Rei Jesus". A fórmula "Cristo Jesus" é característica desta epístola veja-se a ARA aqui e confira-se com #1Tm 1.12,14,15. Esta comissão de Paulo expressa a atividade divina na salvação dos homens, e tem a finalidade de ajudá-los a alcançar **esperança** certa desta salvação em Cristo. Tal linguagem indica logo que esta carta é mais do que uma epístola particular e pessoal. É escrita a Timóteo como a um genuíno cristão da segunda geração, um dos verdadeiros filhos na fé em Cristo, de quem Paulo pode esperar que prossiga na obra e no testemunho do evangelho. A carta diz respeito à atividade de Timóteo como ministro na igreja, casa ou família de Deus; ver #1Tm 3.14-15. O modo espontâneo como

Cristo é duas vezes mencionado em união com Deus, nestes versículos, implica um significativo reconhecimento de Seu lugar na Divindade.

>1Tm-1.3

II. UMA INCUMBÊNCIA RENOVADA 1Tm 1.3-20

a) Apelo para combate a falsas doutrinas (1Tm 1.3-11)

Paulo lembra a Timóteo uma tarefa particular que lhe fora confiada, quando instou com ele que permanecesse em Éfeso; devia admoestar os que iam-se desviando para doutrinas falsas e sem proveito, e fazê-los voltar à vida cristã sincera e devotada. É digno de nota como as igrejas tão depressa foram perturbadas, em seu próprio selo, por falsos mestres, e como Paulo encarava a estes com soleníssima gravidade, tomando precaução, deliberada e constantemente, contra a influência deles, por ser potencialmente fatal. Cfr. #1Tm 6.3-5; #At 20.28-30; #Gl 1.6-9. Os vários erros são todos compreendidos sob a designação de **outra** ("diferente") **doutrina** (3). Note-se que isto implica uma reconhecida "forma de doutrina", ou "modelo de ensino" (#Rm 6.17), já aceito geralmente. O perigo aqui é dar indevida atenção a **fábulas** e **genealogias** (provavelmente judaicas) (4), possivelmente acréscimos fantasiosos ao Velho Testamento, e excêntricas interpretações dele. Procurar achar esperança em descendência humana é coisa que nunca termina e não satisfaz, isto é, **não tem fim** (4). Tais inquirições só servem para dar lugar a disputa; não aproveitam para firmar confiança. **Serviço de Deus** (4). O sentido ou é que não promovem a dispensação de Deus no evangelho que oferece aos homens salvação pela fé, ou não incentivam aquele desempenho eficaz da mordomia da vida, a que como crentes somos chamados.

Em contraste com essas atividades errôneas de alguns, o ensino prático do evangelho requer uma correspondência que se expressa em íntima sinceridade e ativa boa vontade. As quatro características do vers. 5 se adquirem pela ordem inversa. **Fé**, que não é mera simulação, é o fundamento. Dela procede o íntimo contentamento de um **coração puro**, e o interesse por conservar uma **consciência boa**, e a prática exterior do amor (**caridade**) para com Deus e os homens. Tal amor é **o fim** em vista, o alvo ou consumação da fé salvadora. Cfr. #At 15.9-24.16; #Gl 5.6.

As "certas pessoas", antes referidas, não só falhavam em perseguir e atingir esse fim, como também **se voltavam a vãs altercações**, em lugar de se

entregarem à ação, e se davam a uma atividade destituída de valor, ao invés de ser frutífera (6). São pessoas dominadas pelo desejo de serem autoridades ou **mestres da lei** (7), como os rabinos judeus. De fato, não têm compreensão exata daquilo a respeito do que não somente falam, mas até fazem asseverações autoconfiantes. São, pois, um perigo sério para a comunidade cristã, capazes de enganar e desencaminhar a muitos.

>1Tm-1.8

Para que não se compreenda mal sua referência depreciativa aos pretensos mestres da lei, Paulo introduz uma declaração (vers. 8-11) de que a lei é boa, que apóia e suplementa o evangelho por proibir tudo quanto se opõe ao seu salutar ensino. A falta está do lado dos falsos mestres, que não usam a lei como Deus quis que fosse usada, isto é, para reprimir e condenar os malfeitores. Não foi destinada para ser objeto de interpretações fantasiosas e especulações inúteis da parte dos justos ou justificados. Os malfeitores são aqui apresentados como falhos de padrões morais, sem reverência a Deus, destituídos do senso do que é santo, sem consideração a relações de família, à vida humana, à pureza sexual e à boa fé na vida social. Em consequência disto eles são desregrados, pecadores, profanos, sem misericórdia. Nos vers. 9 e 10 Paulo obviamente segue a ordem dos Dez Mandamentos e de súbito especifica violações deles em sua forma mais grosseira. **A sã doutrina** (10), ou ensino sadio é uma frase característica e peculiar das Epístolas Pastorais. Contrariamente, a falsa doutrina é qual câncer (#2Tm 2.17); e devotamento a ela é sinal de doença espiritual (#1Tm 6.3-4). **O evangelho da glória** (11). A glória de Deus revela-se aos homens no evangelho que lhes fala de Cristo; "glória", aí, refere-se virtualmente ao próprio Cristo. Cfr. #Jo 1.14-18; #2Co 4.4-6.

>1Tm-1.12

b) A experiência que Paulo tem da salvação (1Tm 1.12-17)

Prossegue o apóstolo indiretamente a encorajar Timóteo a uma apreciação elevada, todavia humilde, de sua vocação, e a devotar-se ininterruptamente a ela. Isto ele faz por meio de uma doxologia típica e parentética, a Cristo e a Deus, pela maravilhosa experiência que ele próprio tem da misericórdia divina, e por haver sido designado por Cristo para a mordomia desse evangelho (note-se também o vers. 11), a que ele primeiro devia sua salvação. Por experiência sabem os crentes que à confiança em Cristo e ao serem por

Ele intimamente fortalecidos se segue, como complemento, serem eles alvo da confiança do Senhor que lhes dá para realizar um determinado ministério (12). A palavra **ministério** (gr. **diakonia**, sem o artigo definido) é potencialmente de sentido muito geral, embora Paulo muitas vezes empregue o termo (e "ministro", gr. **diakonos**) como nenhum escritor do segundo século o teria feito, para referir o seu ofício de apóstolo (cfr. **#Rm 11.13; #2Co 3.6; #2Co 5.18; #2Co 6.3**). **Insolente** (13), gr. **hybristes**, descreve um praticador de ultrajes, pessoa dada a violências. Quando Paulo se mostrara outrora sem misericórdia, firme na convicção de saber o que era certo, foi tratado misericordiosamente, como pessoa cuja incredulidade ativa impedia-a de compreender a verdade. É assim a superabundante graça divina (cfr. **#Rm 5.8,10,20**), com que em Cristo Jesus somos tratados, a qual nos move a viver a vida de **fé e amor** característica do cristão (14), ao invés da vida pecaminosa, típica, da incredulidade e inimizade (tão violentamente demonstrada em Saulo, antes de se converter). E foi assim, por uma experiência profunda e pessoal do benefício do evangelho que Paulo aprendeu e exemplificou o caráter e a fidedignidade desse mesmo evangelho em que, por desígnio de Deus, ele rogava aos homens que cressem (como **fiel**) e recebessem (como **digno**) (15). Porque ele ainda (note-se o tempo presente do verbo, **eu sou**) se reconhecia como o **principal** dos pecadores (15). Sabia que o propósito da encarnação do Filho de Deus como Messias Jesus foi salvar pecadores como ele. Sabia que o propósito de Deus, em mostrar a tal principal pecador, como ele, tamanha misericórdia, de todo imerecida, foi fazer de sua vida uma **amostra** de quanto podia realizar a longanimidade de Cristo (Isto é, para com um opositor tão violento). Tal exibição de misericórdia encorajaria outros, de futuro, a depositar sua confiança no mesmo Salvador, e assim entrar no gozo da vida eterna. O vers. 17 inclui alguns atributos infinitos e absolutos de Deus, que são dignos de nota. **Rei eterno**. Ele é o soberano de tudo.

>1Tm-1.18

c) Um lembrete e uma advertência (1Tm 1.18-20)

Paulo apela às palavras inspiradas, que no princípio do ministério de Timóteo indicaram a obra e o combate espiritual a que ele fora chamado (cfr. **#1Tm 4.14**). Adverte-o então sobre a causa oculta do desastre espiritual a que alguns já haviam chegado. **As profecias** (18) podiam ter assinalado Timóteo como escolhido de Deus para um serviço especial. Cumpria-lhe, nelas firmado, encontrar inspiração ou fortalecimento para empreender boa campanha (gr. **strategia**) para Deus (18). Uma comparação dos vers. 18 e 19 com o vers. 5

sugere que Paulo está repetindo uma recomendação anteriormente feita a Timóteo acerca da importância da sinceridade moral. Porque alguns têm falhado exatamente nisto, afastando de si, deliberadamente, a boa consciência a que se deviam firmar, é que naufragaram quanto à fé cristã e se tornaram heréticos na doutrina. (Desejando-se mais pormenores a respeito de Himeneu (20), veja-se #2Tm 2.16-18). O erro deles é tão blasfemo que para o seu próprio bem tiveram de ser severamente disciplinados. **Entreguei a Satanás** (20); cfr. #Jó 2.6; #1Co 5.5. Parece tratar-se de excomunhão. Colocando se tais pessoas fora da esfera do reino ou proteção de Cristo ficavam elas expostas ao domínio de Satanás e particularmente sujeitas ao poder que ele tem de infligir doenças físicas.

1Tm-2.1

III. EXORTAÇÃO À ORAÇÃO 1Tm 2.1-7

Começa Paulo indicando aqui os itens particulares de sua exortação geral. Refere como de precípua importância à prática ampla da oração **por todos os homens** (1). Parece provável que uma doutrina herética, judaica ou gnóstica, sugeria que a salvação se restringia a uma raça particular, ou a certas classes de pessoas. Paulo por conseguinte justifica sua exortação universal como uma asserção sêxtupla. Aponta para o caráter e a vontade de Deus, como sendo Salvador de todos, para a Sua unidade como único Deus de todos os homens, para a Sua provisão em dar o homem Cristo Jesus como único Mediador entre Ele e toda a raça humana; para o escopo universal do ato redentor de Cristo, que foi **por todos** (6), para o conseqüente testemunho dessa redenção realizada, que se está dando agora, de que o tempo oportuno para ela chegou; por fim, aponta para sua própria designação, feita por Deus, a fim de participar da proclamação dessa redenção, na qualidade de simples **mestre dos gentios** (7), isto é, chamado a evangelizar os homens de todas as nações indiscriminadamente.

As quatro palavras que emprega para significar oração (1) podem ser progressivas, tanto quanto compreensivas, e indicam a súplica de alguém em necessidade, orações de um modo geral, dirigidas unicamente a Deus, a ousadia confiante de acesso à presença do Senhor, para Lhe fazermos conhecidos nossos pedidos, acompanhados de ações de graças pelas misericórdias de que gozamos e pelas orações respondidas. A palavra **intercessões** (gr. **enteuxeis**) não se refere necessariamente a pedidos em favor de outras pessoas; sua principal idéia é de acesso a um superior para Lhe fazer

rogativas. Tais orações devem ser primeiro pela salvação de todos; segue-se um dever complementar, se os crentes querem gozar de liberdade neste mundo, para viver como lhes cumpre: orar pelos governantes e por todos quantos se acham em eminência, de modo que, governando, preservem a paz e a ordem. **Com toda piedade e respeito** (2) significa a reverência devida a Deus e um senso adequado da seriedade da vida. **Isto** (a saber, tais orações) é intrinsecamente bom e agradável a Deus, porque está em harmonia com a Sua vontade para com os homens (3). O vers. 4 não diz que Deus determinou salvar a todos; diz simplesmente que Seu desejo, de modo geral, para com a humanidade é que todos por igual gozem a salvação (cfr. **#Ap 7.9-10**). Esta universalidade procede primeiro da unicidade de Deus. Visto que Ele é o único Deus, trata diretamente e do mesmo modo com todos (veja-se **#Rm 3.30**; **#Rm 10.12**). **Homem** (5); gr. **anthropos**, "ser humano", sem o artigo definido. A própria humanidade de Cristo e Sua designação para ser o único mediador entre Deus e os homens, reforça a indicação de que a salvação nEle providenciada é para todos, sem discriminação. **Resgate** (6), gr. **antilytron**, indica um preço pago para livramento, ou alforria. A preposição **anti** "ao invés de" sugere substituição; cfr. **#Mc 8.37**; **#Mc 10.45** (grego). Note-se que o que desse modo Cristo deu foi Sua própria pessoa (6). **Na fé e na verdade** (7) pode indicar a sinceridade de Paulo ou mais provavelmente o assunto de seu ensino; cfr. o vers. 4.

>1Tm-2.8

IV. ORIENTAÇÃO SOBRE ORAÇÃO E ENSINO NA CONGREGAÇÃO 1Tm 2.8-15

Em todas as congregações são os homens que devem geralmente dirigir orações e os que o fazem devem ter o cuidado de fazê-lo dignamente. Semelhantemente nas congregações as mulheres devem abster-se de adornos excessivos e procurar recomendar-se por suas boas obras. Precisam apresentar-se com modéstia e discrição estando prontas com calma e submissão para aprender e não com desejo agressivo de ensinar. O lugar próprio da mulher com relação ao homem está indicado pela ordem original da criação; e sua incapacidade para atuar como guia do homem demonstra-se pelo modo como Eva foi enganada e como transgrediu o mandamento de Deus. A vocação especial da mulher é a maternidade; e embora atualmente dê à luz filhos com sofrimento e em perigo de vida (ver **#Gn 3.16**), aquelas que correspondem plenamente às exigências do evangelho passarão indenidas por essa experiência.

No vers. 8 Paulo faz uma recomendação com autoridade, que se aplica a **todo lugar** onde crentes se reúnam para o condições de oração eficaz são pureza culto. "Levantar as mãos" era uma atitude externa, reconhecida, de oração (ver #Êx 17.11-12; #1Rs 8.22; #Sl 28.2). As (com relação à pessoa que ora), paz (com relação ao próximo) e fé (com relação a Deus) (8). As mulheres devem dar um testemunho silencioso por seu traje conveniente e maneiras modestas, por suas vidas de atividade em boas obras (9-10). Cfr. #1Pe 3.1-6. **Timidez**, gr. **Aidos**, significa um sentimento de acanhamento que preserva de conduta inconveniente; **sobriedade**, gr. **sophrosyne**, descreve uma circunspeção equilibrada. Nos cultos públicos convêm à mulher estar silenciosa e submissa-isto faz parte de sua verdadeira dignidade-e não procurar arrebatar as rédeas do controle e dirigir o homem (11-12). Paulo não **tolera**, ou não permite isto; fazê-lo seria incentivar algo mau para ambos os sexos e violar a ordem da criação. Este apelo à mente e propósito do Criador mostra claro que Paulo não baseia o que diz simplesmente na posição atribuída à mulher na sociedade dos seus dias. Antes apela a um princípio, cuja orientação é de aplicação universal e permanente (ver #1Co 11.2-16). Demais disto, a tragédia da queda estabelece a verdade geral de que a mulher se deixa mais facilmente enganar do que o homem; desta sorte não lhe compete assumir a liderança em decidir qual doutrina ou qual prática convém à comunidade cristã. (Note-se entretanto que é privilégio da mulher ensinar crianças e mulheres mais jovens; veja-se #2Tm 1.5; #2Tm 3.14-15; #Tt 2.3-4). No vers. 15 a mudança para o plural-**elas** -segue a referência a "mulher" nos vers. 11-14, que ali se emprega em sentido genérico e coletivo. A sentença final indica o que toda mulher em particular deve fazer ativamente para experimentar as bênçãos da salvação, no que concerne ao desempenho de sua função materna. Cfr. #1Tm 1.5, as palavras **em fé**, etc. indicam o caminho da obediência cristã.

1Tm-3.1

V. QUALIFICAÇÕES PARA O MINISTÉRIO CRISTÃO 1Tm 3.1-16

A função de supervisionar a igreja de Deus ou de cuidar dela (ver o vers. 5), é uma tarefa digna que deve ser realizada com esmero. Requer pessoa de caráter inculpável, puro, disciplinado e generoso, que dirija bem sua própria casa; e particularmente não neófita, mas alguém cuja boa conduta, já firmada, como cristão, tenha boa reputação, de sorte a não dar ocasião ao diabo de acusá-lo ou enredá-lo, seja por seu próprio orgulho, seja pelas censuras dos de fora da

igreja. Semelhantemente, os que vão servir como diáconos devem primeiro ter sido aprovados por seu comportamento cristão coerente e consciencioso, particularmente em questões que envolvam autodisciplina e direção do próprio lar. Porque, de igual modo, este é um ministério que deve ser cumprido corretamente, e os que dele se desincumbem com dignidade asseguram por este modo sua posição de cristãos e aumentam grandemente a confiança franca com a qual podem recomendar a fé cristã.

a) O ofício de bispo (1Tm 3.1-7)

O primeiro cuidado de Paulo aqui é estimular uma consideração adequada à tarefa de supervisão ou episcopado (gr. *episkope*), e o reconhecimento correspondente de que os que vão desempenhá-la devem ser homens de conduta ilibada. **Bispo** (gr. *episkopos*) e "ancião" (gr. *presbyteros*) eram, nos tempos do Novo Testamento, termos sinônimos de um só ofício (ver [#Tt 1.5-7](#); [#At 20.17-28](#)); o primeiro indica função ou dever; o segundo dignidade ou condição. **Esposo de uma só mulher** (2); esta frase interpreta-se de vários modos. A frase paralela de [#1Tm 5.9](#), **esposa de um só marido**, sugere que o seu significado é "casado só uma vez". Quer dizer, sem dúvida, homem desimpedido (o que não era o caso de muitos convertidos à fé), livre de complicações sexuais. **Paciente**, não briguento (3); no grego significa "indulgente" ou ponderado, e "não contencioso". Se a pessoa fracassa em dirigir seus próprios filhos, mostra-se incapaz para supervisionar a igreja, e dirigir outros eficientemente. **Ensoberbecido** (6); o particípio grego significa "anuviado", e, assim, um estado de confusão de espírito, devido a presunção por se haver elevado de súbito ao ofício. **Condenação do diabo** (6), provavelmente é referência à condenação em que o diabo incorreu por seu orgulho insensato. Embora alguns, pelo fato de o termo grego *diabolos* ocorrer nestas epístolas no sentido de "caluniador" ou "acusador" (ver o vers. 11), interpretem-no nos vers. 6 e 7 com este significado. Então a frase no vers. 6 significaria "a condenação proferida contra ele pelo caluniador típico"; e os vers. 6 e 7, reforçariam no fim a primeira qualidade de um bispo, mencionada no vers. 2, isto é, "irrepreensível", gozando de boa reputação, e assim não sujeito a ataques fáceis por parte do "caluniador".

>1Tm-3.8

b) O ofício de diácono (1Tm 3.8-13)

Diáconos (8). O vocábulo grego tem o sentido muito geral de "ministro". Mas na comunidade cristã, obviamente, tornou-se termo especial designativo de uma classe de auxiliares subordinada aos bispos ou anciãos; cfr. #Fp 1.1. Como são morais as qualificações enfatizadas em toda esta seção, e como tais são as que devem caracterizar todo bom crente, o mesmo que se requer dos bispos, requer-se dos diáconos. Se, no entanto, como parece provável, os diáconos faziam visitação domiciliar e cuidavam do dinheiro da igreja, há uma propriedade especial para as qualificações sublinhadas no vers. 8. **De língua dobre**, significa dizer coisas diferentes a diferentes pessoas, de acordo com a ocasião; ou o termo grego **dilogos** pode querer dizer apenas "dado a repetição", isto é, mexeriqueiro, leva-e-traz. Cobiçosos de sórdida ganância; o grego significa ávidos de lucros por meios indignos; cfr. #Tt 1.7-11. **Mistério** (9) é algo oculto dos homens em geral, mas francamente revelado aos privilegiados, no caso vertente aqueles que têm fé (cfr. #1Tm 3.1). Tal fé e compreensão só podem ser mantidas salutarmente onde houver obediência ativa e conscienciosa; cfr. #1Tm 1.5-19; 2.15. A ninguém se deve permitir que sirva como diácono, se primeiro não tiver sido aprovado como digno à vista de todos.

>1Tm-3.11

No vers. 11, a palavra grega "mulheres" obreiras ou diaconisas (cfr. #Rm 16.1). As quatro qualificações requeridas são rigorosamente paralelas às exigidas dos homens no vers. 8; no mau emprego da língua as mulheres são mais propensas à **maledicência** (gr. **diaboloí**). **Um bom grau** (13) tem sido interpretado como o primeiro degrau na escada da promoção; mas esta idéia não condiz com o contexto. Alguns consideram "honrosa posição e grande confiança", como referência à relação com Deus, tendo em mira, particularmente, o dia do juízo e das recompensas; cfr. #1Tm 6.19; #1Jo 2.28; #1Jo 3.21; #1Jo 4.17. Parece, entretanto, mais apropriado interpretar as palavras em relação ao homem, porque a principal ênfase de toda esta seção está na necessidade de ser alcançada e mantida uma reputação digna aos olhos dos homens por parte de todos quantos exercem função na igreja. Quanto ao uso da palavra **intrepidez**, cfr. #2Co 7.4.

>1Tm-3.14

c) O propósito destas instruções (1Tm 3.14-16)

Como se deve proceder (15). Paulo está interessado em orientar a conduta de todos os membros da igreja, não somente de Timóteo, e isto por causa do caráter do meio em que vivem. Ele visa a cada congregação local; não emprega artigos definidos. Cada congregação é uma genuína **casa** (isto é, "templo" ou "família") e **igreja** de Deus, não ocupada como os templos pagãos por ídolos inanimados, senão gozando a manifesta presença do **Deus vivo** (15). Aliás, sua existência como corporação, e suas reuniões públicas regulares, provêm para a verdade, em dada localidade, um testemunho visível, ou coluna, e baluarte duradouro-gr. **hedrioma**. O vers. 1 resume essa **verdade** dando-a como **mistério** revelado aos que têm o espírito de vera piedade ou devida reverência. A confissão cristã comum indica a grandeza desse mistério (o grego diz que é "confessadamente" grande). E segue-se uma citação dessa confissão, abruptamente introduzida no grego por um pronome relativo masculino, obviamente referindo-se a Cristo; porque esse "mistério" é uma Pessoa (cfr. **#Cl 1.27**). As frases rítmicas e antitéticas sugerem ser isso citação de um primitivo credo em forma de hino. A preexistência de Cristo está aí implícita, e afirmada Sua encarnação. Foi pelo que aconteceu no reino do Seu espírito que Sua verdadeira identidade foi vindicada (cfr. **#Rm 1.3**). Esta manifestação de Deus na história revelou novas maravilhas até mesmo aos anjos (cfr. **#Ef 3.10; #1Pe 1.12**), e proveu um evangelho para ser pregado a todas as nações. A recompensa que a Cristo cabe, em conseqüência, é uma multidão de crentes, reunidos de toda a terra, e Sua própria exaltação a um lugar permanente de glória no céu.

1Tm-4.1

VI. SOLENE ADVERTÊNCIA ACERCA DE FALSAS DOCTRINAS 1Tm 4.1-5

Em surpreendente contraste com estas coisas (**#1Tm 3.15-16**), Paulo testifica que o Espírito deu testemunho inconfundível de que no futuro haverá, da parte de alguns na igreja, abandono da verdade revelada. Fundamentalmente, será isto devido à influência de maus espíritos, e mais imediatamente aos falsos ensinamentos de homens hipócritas, que servirão de instrumentos desses espíritos maus, e que indebitamente insistirão na necessidade da abstenção do casamento e de certos alimentos. Tais doutrinas contradirão diretamente o propósito do Criador, particularmente aquele que visa os crentes plenamente instruídos. Porque tudo o que Deus fez não é só bom em si mesmo como foi destinado ao uso do homem. Nada, pois, é para ser rejeitado como absolutamente inutilizável. Antes precisamos aprender a santificar, própria e

continuamente, coisas para nosso uso, num espírito de gratidão, expresso em apropriada oração a Deus, particularmente aquela aprendida da Palavra escrita de Deus.

O **Espírito afirma** (1); provavelmente mediante os profetas cristãos, ou possivelmente por meio de Paulo mesmo (cfr. **#At 20.23**; **#At 21.11**; ver também **#Mt 24.11**). **Últimos tempos** (1); no grego significa "mais tarde", ou subseqüentemente à época em que Paulo escrevia; não "últimos", "posteriores". **A fé** (1), com o artigo definido, indica o corpo de verdades reveladas (cfr. **#1Tm 1.19**; **#Jd 3**). **Os ensinamentos** (1) não dizem respeito a demônios, porém partem deles. Contrariamente ao Espírito e ao mistério da piedade levantam-se espíritos enganadores e seus falsos ensinamentos. Tais homens, como se diz, ou são destituídos de sensibilidade moral, ou trazem o ferrete do pecado, isto é, algo conhecido na consciência íntima dos indivíduos em questão ("a própria" consciência, nota-se a ênfase), embora enganem a outros por sua hipocrisia. As afirmações dos vers. 3-5 são significativas, quando estudadas em relação com as opiniões dos gnósticos e dualistas, de que a matéria é má e não criada por Deus. Contudo, embora Deus tenha criado tudo para uso do homem, o seu emprego correto depende da fé, pleno conhecimento e um espírito de gratidão ativamente expresso. **Palavra de Deus** (5) é uma frase comumente usada para significar expressões divinamente inspiradas, especialmente como se acham nas Escrituras. Aqui sugere o uso de dar "graças", segundo a fraseologia autêntica do Velho Testamento; ou pode significar que tal consumo de alimentos é sancionado por direção divina explícita.

>1Tm-4.6

VII. ENSINO E CONDUTA PESSOAL DE TIMÓTEO 1Tm 4.6-16

Paulo esclarece a Timóteo que sua chamada para o serviço de Cristo demanda fiel devotamento, tanto em sua vida como em seu ministério junto a seus companheiros cristãos. Deve ser cuidadoso em pregar o que é verdadeiro e proveitoso, quanto pessoalmente em praticar e seguir isso mesmo. O ministério da Palavra deve ser diligentemente cumprido em seus vários aspectos, e os dons de Deus, para tal serviço, exercidos plenamente. Tal ministério requer completa consagração. A vida, por esta forma vivida, conduz à dupla recompensa da salvação plenamente gozada tanto pelo pregador como igualmente pelos ouvintes.

É da responsabilidade de Timóteo expor estas verdades (ver os vers. 4-5) aos cristãos, lançá-las como fundamento de conduta correta (gr. **hypotithemenos**). Só agindo assim é que seu adestramento na verdade e obediência a ela (cfr. **#2Tm 3.10**) virão a consumir-se num ministério digno. É também por um ministério assim que a pessoa se confirma como **bom ministro de Jesus Cristo** (6). As idéias sugeridas pelos vocábulos **profanas e piedade, rejeita e exercita-te estão** em oposição entre si (7). A pessoa só se pode entregar ao bem se nada tiver a ver com o mal. O ministro de Cristo deve manter-se espiritualmente idôneo por meio de alimento adequado (6) e exercício (7). Ao invés da ilusória autodisciplina do ascetismo (3), que Timóteo se entregue a adequado e vigoroso adestramento cristão (cfr. **#1Co 9.25-27**). Quando muito, a disciplina corporal como um fim em si mesma tem só valor limitado (8). Em sua preparação o ministro cristão deve fazer da **piedade** (8), ou da consagração de sua vida ao devido culto a Deus, seu alvo dominante. O benefício, ganho deste modo, é sem limite; interessa à **vida** verdadeiramente espiritual antes que à existência física (gr. **zoe**, e não **bios** como em **#2Tm 2.4**); e promove seu futuro tanto quanto seu presente bem-estar, ou gozo completo (8). Esta doutrina é digna de ser criada e recebida, isto é, tomada como base de conduta por todos os cristãos (9). Ela indica o "fim" que Paulo tem em mira (note-se o emprego do pronome **nós** no vers. 10) quando persiste em enfrentar o esforço e a resistência física exigida pelos labores apostólicos. Outrossim, a esperança desse benefício se funda, não em produzir tal resultado, mas em Deus, no Seu caráter revelado de pessoa **viva** (gr. **zon**) e Salvador (10). Estes característicos asseguram ao homem que Deus tem poder e está pronto a lhe dar verdadeira vida (gr. **zoe**). Enquanto Deus, por Suas graciosas providências, mostra-Se ativo com todos (cfr. **#Mt 5.45**; **#Mt 6.26**), a plena demonstração de tudo quanto Sua atividade salvadora pode significar é especialmente percebida na experiência dos crentes.

>1Tm-4.11

Esta prática cabal da vida cristã Timóteo deve prescrever e expor (11), a fim de levar seus ouvintes a ocupar-se com ela plenamente conscientes do que fazem. Sua relativa mocidade e natural timidez não devem servir de pretexto para que o desprezem (12; cfr. **#1Co 16.10-11**). Antes, deve apresentar-se francamente diante de todos, como modelo para ser imitado (cfr. **#Fp 3.17**; **#2Ts 3.9**), não só no ensino, como na conduta, e no amor, na fé e na pureza subjacente, dos quais a conduta obviamente é expressão (12). Outrossim, como pessoa chamada para um ministério especial na congregação, deve ele

prestar constante atenção (13) às três principais e respectivas responsabilidades: **leitura** pública das Escrituras; **exortação** ou pregação (isto é, sermões); **doutrina** ou ensino (cfr. #Lc 4.16; #At 13.15; #At 15.21; #At 17.2-3).

>1Tm-4.14

Não deve esquecer e deixar de exercer o **dom** especial que tem para tal ministério (14). Note-se que tal capacidade, recebida de Deus, requer cooperação humana para o seu perfeito exercício (cfr. #Fp 2.12-13; #2Tm 1.6). Timóteo tinha tido a certeza do caráter e da comunicação desse dom através do testemunho complementar de uma profecia e de uma solene ordenação (cfr. #At 13.1-3). Note-se a significativa referência à corporação de anciãos locais, que agiam conjuntamente (**presbitério**), e a combinação em ordem significativa da profecia e do ato simbólico dirigidos ao recipiente (isto é, "palavra" e "sacramento"). O ministro deve entregar-se de corpo e alma a estas coisas constantemente (15). Não só deve deste modo fazer "progresso", mas deve ficar patente a todos que ele cresce assim na graça do caráter pessoal e na plenitude e qualidade do seu ensino. Tais são os deveres a que ele deve aplicar-se incessantemente (16). Procedendo assim, o ministro assegura sua plena salvação e a de seus ouvintes por igual. Note-se como o ministro explicitamente cumpre o seu ministério por aquilo que diz (aqueles a quem serve são apresentados como **ouvintes**) e implicitamente o completa pelo seu modo de vida.

1Tm-5.1

VIII. GRUPOS ESPECIAIS NO SEIO DA IGREJA 1Tm 5.1-6.2

a) Instruções gerais (1Tm 5.1-2)

O ministério como o de Timóteo envolvia relações com o povo, fazendo este defrontar-se solenemente com a verdade. Deste dever Timóteo devia desincumbir-se, mas cumpria fazê-lo convenientemente, em verdadeira afeição e com prudência. Não assenta bem num ministro relativamente jovem, como Timóteo, repreender asperamente a ninguém mais idoso que ele. A ressalva com **toda a pureza** (2) refere-se particularmente ao ministério de Timóteo junto às mulheres jovens. É uma de suas responsabilidades exortá-las, porém deve precaver-se de qualquer desenvoltura que tenda a interesses ou intimidades inconvenientes, ou até mesmo atitudes que sugiram isso. Em

#Tt 2.3-5 o genuíno adestramento de mulheres jovens é explicitamente confiado a senhoras crentes mais idosas.

>1Tm-5.3

b) Instruções acerca de viúvas (1Tm 5.3-16)

Citando as viúvas como objeto de consideração e cuidado, devem ser distinguidas com essa honra e auxílio aquelas que, por um lado, são desvalidas, e, por outro, são realmente dignas. Sempre que for possível, as viúvas devem ser sustentadas por seus próprios filhos, ou famílias; é este um dever cristão óbvio, não devendo a igreja ser sobrecarregada com ele desnecessariamente. Só devem ser inscritas para exercerem ministério e receberem manutenção as viúvas de sessenta ou mais anos, que se tenham casado só uma vez e não pretendam casar-se de novo, tenham boa reputação como diligentes em boas obras. Mulheres mais moças não servem para esse cargo. Podem ser tentadas a casar outra vez, ou cair na cilada de se aproveitarem de visitas domiciliares para mexericos ou conversas ociosas. É melhor então que as tais tornem a casar e assumam a responsabilidade de dar à luz filhos e de tomar conta de suas próprias casas. Por esta forma podem elas mesmas ajudar as viúvas que, de outro modo, a igreja teria de socorrer.

Honra (3). Isto pode incluir a provisão de assistência material necessária; ver o vers. 17 e #Mt 15.5-6. Verdadeira viúva, que precisa de tal assistência, é aquela desprovida de meios ou de parentes que a sustentem; é **desamparada** (5). **Netos** (4). Toda viúva, que tem tais parentes, deve ser por eles sustentada. Isto significa que eles, como primeira obrigação, devem **aprender** (isto é, fazer disso sua prática regular) a mostrar piedade filial para com membros de sua própria família, e a recompensar deste modo seus parentes ou avós. Tal procedimento é **aceitável** (4) não só aos que são assim beneficiados, como também "diante de Deus".

>1Tm-5.5

A verdadeira viúva, além de ser desamparada, recomendar-se-á como digna de sustento pelo hábito adquirido de esperar em Deus, não nos homens, e de viver em freqüente oração (5). Em contraste com ela, o tipo de mulher que desperdiça a sua vida e tudo quanto esta representa, não deve ser havida como verdadeira viúva; porque, embora viva, à vista de Deus já morreu (6). A necessidade de fazer estas distinções e de manter um padrão elevado deve ser

ênfatisada decididamente por Timóteo, tendo em vista, não afastar do benefício algumas viúvas, mas zelar para que todas vivam irrepreensivelmente (7). Todo crente deve cuidar das necessidades dos seus parentes, e sobretudo dos membros de sua família. Se não faz isto, nega praticamente a fé que professa com a boca. E procede pior que os pagãos incrédulos, visto como estes reconhecem seu dever em tais circunstâncias (8).

>1Tm-5.9

Nos vers. 9 e 10 alguns encontram a mais antiga referência escriturística, significativa, a uma "ordem de viúvas" (muitas vezes mencionada em outros escritos primitivos dos cristãos). Estas parece que eram "mulheres anciãs", antes que "diaconisas" (ver #1Tm 3.11) que dificilmente seriam todas de mais de sessenta anos. As responsabilidades particulares delas parece que eram cuidar de crianças, especialmente órfãs, e de mulheres mais moças. Isto envolveria visitação domiciliar. As qualificações para inscrição obviamente são rigorosas. Tais condições parecem claramente as do ministério, antes que meramente da manutenção, a menos que a referência seja a viúvas especialmente selecionadas e necessitadas, às quais se garantia sustento vitalício pela igreja local. **Esposa de um só marido** deve significar "casada só uma vez" e, implicitamente, comprometida a não casar outra vez.

>1Tm-5.12

Paulo apresenta duas razões contra a inscrição de viúvas moças. Primeiro, é imprudente fazê-las comprometer-se a não casar outra vez. Porque, querendo elas mais tarde casar-se, tal desejo, inocente em outras circunstâncias, envolverá rebelião contra o jugo de Cristo, fazendo-as condenar-se a si mesmas pelo fato de anularem **seu primeiro compromisso** (12). Segundo, dar-lhes-á uma oportunidade indesejável de se tornarem tagarelas, abelhudas, antes que obreiras ativas (13). Paulo parece sugerir o seguinte: as mulheres moças, ainda ativas, as quais, como esposas, estiveram ocupadas com a direção de suas casas, se de repente passam a receber sustento e possivelmente um ministério que em grande parte consiste em visitas domiciliares e em exortação, podem cair na tentação de ficar preguiçosas e palradoras, ocasionando complicações com a revelação de confidências. Portanto, para evitar o perigo de dar aos inimigos ocasião de censurar os cristãos, é melhor que tais mulheres casem de novo e voltem a ocupar-se de todo com as responsabilidades de família. Diriam alguns que esta passagem implica que a experiência da vida conjugal desenvolve na mulher aptidão para algumas

tarefas e reduz a capacidade para outras; que as mulheres mais moças, mantidas pela igreja para servirem como diaconisas, sejam solteironas, não viúvas; ou, por outra, que as viúvas sadias, de menos de sessenta anos, devem procurar alguma coisa em que se ocupar (se não for um marido), e não serem sustentadas, mesmo na hipótese de serem obreiras da igreja. O **adversário** (14) parece significar aqui o opositor humano típico, não o diabo. No vers. 15 Paulo apela ao testemunho da experiência para confirmação do seu juízo. Esta espécie de extravio do caminho de Cristo (11), para seguir a Satanás, tem ocorrido em alguns casos. O advérbio **já** sugere que os casos ocorreram no curto espaço de tempo depois que as primeiras inscrições de viúvas moças foram feitas. É também significativo por indicar que a data provável desta referência à organização eclesiástica não é, por conseqüência, tão tardia como à primeira vista pode parecer provável.

>1Tm-5.17

c) O tratamento adequado, a disciplina e a designação de presbíteros (1Tm 5.17-25)

Timóteo recebeu incumbência especial relativamente aos presbíteros, que eram os líderes das igrejas locais. Alguns destes eram também pregadores e mestres ativos. Timóteo, em particular, é advertido solenemente (21) a precaver-se de preconceitos injustos contra pessoas, ou parcialidade indébita em favor delas. Primeiro, deve olhar no sentido de que o valor do serviço dos presbíteros seja reconhecido e eles sejam largamente recompensados (17). Segundo, pode ser necessário disciplinar alguns que fracassem: mas nenhuma acusação deve ser tomada a sério, se não for devidamente comprovada por testemunhas (19); se se verificar que alguém é culpado de atos pecaminosos, o tal deve ser repreendido publicamente (20). Terceiro, não deve fazer nomeações apressadas, para que sua própria posição não fique comprometida por acumpliciar-se com o pecado, e ele mesmo se contamine (22). Visto como nem todo o mal nem todo o bem do caráter de uma pessoa é de pronto conhecido. Há outros elementos nele pouco manifestos, mas que podem ser descobertos pelo investigador paciente e atento. Nas designações para o presbiterato, portanto, é erro receber ou rejeitar alguém muito apressadamente.

Presbíteros (17). Em contraste com o vers. 1, aqui a referência é àqueles que estão à frente de uma igreja local como seus líderes. O verso seguinte esclarece que a **honra** que se lhes deve prestar inclui sustento material (cfr. o vers. 3); outrossim, deve ser honra **dobrada** ou "ampla". Não só lhes deve ser

prestada essa honra; também devem ser reconhecidos como de fato merecedores dela. No vers. 18 Paulo cita [#Dt 25.4](#), não para dar ênfase à letra da lei, mas para apelar ao princípio moral que essa lei ilustra. Note-se a ARA-"quando pisa" -isto é, enquanto está trabalhando. Alguns têm perguntado se a frase [A Escritura declara](#) abrange a segunda citação, visto encontrar-se em [#Lc 10.7](#). Em caso afirmativo, será uma referência notável ao terceiro Evangelho como Escritura. Mais provavelmente estas palavras são um provérbio muito conhecido então, citado por nosso Senhor, e aqui usado por Paulo para indicar o sentido da primeira citação do Velho Testamento. Quanto ao vers. 19, ver [#Dt 19.15](#). [Os que e todos](#) (20) talvez se devam considerar como referindo só os presbíteros, embora a segunda expressão e alguns pensam que a primeira também, possa referir-se aos membros da igreja em geral. [Imponhas as mãos](#) (22). Sobre esta prática cfr. [#1Tm 4.14](#); [#2Tm 1.6](#). O sentido é, "Não ordenes ninguém com precipitação desnecessária", injunção esta que se aplica com propriedade à admoestação precedente contra a parcialidade. Timóteo só servirá bem a Deus e às igrejas se conservar a si mesmo puro, recusando-se a admitir os indignos na liderança da igreja. Abrindo um parêntese para assunto pessoal (23) -sinal surpreendente da autenticidade da epístola-Paulo mostra que esta exortação de se conservar puro não impede necessariamente Timóteo, no interesse de sua saúde, de deixar de ser abstêmio total (note-se a força da expressão [não continues](#)) e beber vinho com moderação. [Um pouco de vinho](#): contraste-se com [#1Tm 3.3](#). Observe-se como era precária a saúde de Timóteo. [São manifestos antes](#) (24); isto é, "são notórios". [Só mais tarde são manifestos](#), isto é, algumas pessoas são acometidas mais adiante pelos efeitos dos seus pecados, que no devido tempo as encontram. [Quando assim não seja](#) (25) significa "boas obras que não se manifestam imediatamente"; todavia não se ocultam de todo.

1Tm-6.1

d) Dever dos escravos cristãos (1Tm 6.1-2)

Estes versos fornecem a Timóteo mais instrução para que ele a transmita concernente à honra devida (1; cfr. [#1Tm 5.3-17](#)) agora da parte dos escravos para com os seus senhores. Só desonra trará ao nome de Deus e Seu evangelho, visto ser aparentemente uma subversão da ordem social existente, os cristãos sob regime de escravidão deixarem de ser bons escravos. Se acontecer que seus senhores sejam crentes também, não devem por isso deixar de respeitá-los convenientemente como seus senhores humanos. Devem antes servi-los melhor por serem cristãos aqueles que recebem seus serviços agora

melhorados. **Toda honra** (1) quer dizer honra sob todas as formas em que seja devida.

>1Tm-6.3

IX. OUTRAS ADVERTÊNCIAS 1Tm 6.3-10

É fácil a pessoa deixar-se desencaminhar pelos atrativos mundanos do ensino de alguns homens, e todavia tal ensino permanece sob condenação, por ser "diferente" (3) ou heterodoxo, visto como os que o propagam abandonaram claramente a lealdade espiritual fundamental, sendo indignas sua condição e conduta pessoais. Outrossim, o ensino deles causa violento conflito social, porque só serve para perverter o critério moral do homem, afastá-lo da verdade e obsedá-lo com a idéia de que o propósito da prática da piedade é lucro material (4-5). Não que não haja grande lucro na verdadeira piedade, mas somente quando se é livre de cobiça (6). Visto como não podemos acumular riquezas e levá-las conosco quando deixarmos este mundo, cumprimos ficar satisfeitos se temos alimento e com que nos vestir (7-8). Porquanto os que vivem preocupados em adquirir riquezas, são vítimas de engodo, caem em armadilha, ficam obsessos e inteiramente vencidos (9). Esse amor ao dinheiro é raiz que, se for deixada a crescer, só produz males de toda sorte. Os que se permitem ficar preocupados com ele, comumente se desviam da fé e se atormentam com muitas dores (10).

Nos vers. 3 e 4 estabelece-se um contraste entre a doutrina "sadia" e os mestres "enfermos". Prova-se que um ensino é **sadio** (3), primeiro, se tem Cristo como autor e, segundo, pelo espírito de temor de Deus e pela conduta de quem o promove. Contrariamente, o falso mestre condena-se pelo ar de superioridade que assume, por sua falta de compreensão, e por sua mórbida obsessão pelo gênero de discussão que só produz contenda (4). No vers. 5 os particípios gregos (não adjetivos) descrevem perdas permanentes que tais pessoas sofrem; sua capacidade de julgamento moral é destituída, e ficam privadas da verdade. De sorte que têm por hábito supor que a piedade é meio de auferir lucro material. **Lucro** (5), no grego **porismos**, que significa virtualmente "bom negócio", isto é, fonte de lucro ou meio de adquirir vantagens materiais. A declaração feita no vers. 7 confirma a atitude implícita do apóstolo, nesta passagem, com relação a coisas materiais; a importância destas é apenas secundária e passageira; não são parte da personalidade, verdadeira e permanente, nem se transferem para a vida além-túmulo. No vers. 8 o verbo grego está no futuro do indicativo. Não é tanto uma exortação, como

é afirmação dogmática de que este é o meio de se viver-contente contrariamente à atitude de meter na cabeça a idéia de adquirir riquezas. **Concupiscências insensatas e perniciosas** (9), isto é, desejos violentos, duplamente condenáveis, como negativamente estúpidos e positivamente prejudiciais. A preocupação mental de se ficar rico e o conseqüente esforço exagerado para atingir esse alvo resultam em perda negativa ("desvio da fé") e dano positivo. Comparando-se com o "bom negócio" da piedade, não compensa (10).

>1Tm-6.11

X. SOLENE EXORTAÇÃO PESSOAL 1Tm 6.11-16

Paulo exorta que Timóteo se mantenha fiel à sua vocação cristã, a que se desvencilhe de ardis como seja o amor do dinheiro, a que alente e procure as virtudes cristãs (11). Mantenha ele a luta dignamente até ao fim, para alcançar o prêmio. Entregou-se a esta carreira por força de sua **profissão** cristã (12). A lembrança de que Deus vê e não deixará de ajudar, de que Jesus Cristo confirmou a verdade que Timóteo tem confessado, e isto fez Ele pelo testemunho de Seus padecimentos, e que vai ser manifestado como Juiz pelo soberano Deus-que a lembrança de tudo isto dê força à exortação que Paulo lhe faz de não manchar ou expor a censura sua obediência cristã (13-16).

É possível aqui dar a algumas das frases uma interpretação particular. **Homem de Deus** (11) pode referir-se à condição de Timóteo como obreiro: era assim que no Velho Testamento se designava um profeta (ver **#1Sm 9.6**).

>1Tm-6.12

A última parte do vers. 12 pode referir-se à sua ordenação, e o vers. 13 ao testemunho fiel de nosso Senhor perante Pilatos. O vers. 14, então, será uma exortação específica a Timóteo para que se desincumba de seu ministério. Entretanto, parece preferível dar a essas frases um alcance mais geral. **Homem de Deus** pode ser designação de qualquer cristão experimentado (ver **#2Tm 3.17**). O vers. 12b pode aludir ao batismo de Timóteo. "O primeiro compromisso" (note-se o artigo definido) é "a fé" ou verdade então confessada; Alude-se à "fé confessada", não à confissão que dela Timóteo fizera. Esta mesma **boa confissão** -lembra ele a Timóteo-foi atestada como verdadeira por nosso Senhor através de Sua morte e ressurreição, ocorridas "sob Pôncio Pilatos" (igualmente uma possível interpretação da frase grega,

como vem no Credo Apostólico). Algo da fraseologia aí empregada bem pode ser eco das confissões de fé que, então, eram usadas no batismo. Observe-se a referência a Deus como Preservador, etc. e à paixão e segunda vinda de Cristo. Quer dizer pois que Paulo não sabe de nada melhor para exortar a Timóteo do que dirigir-lhe palavras aplicáveis não somente a ele, como obreiro especial, mas a ele (e igualmente a todos) como crente em Cristo. No vers. 12, a diferença de tempo dos verbos gregos sugere **combate** como atividade ininterrupta, e **tomar posse** como ato decisivo. A **manifestação** de Cristo (14; no grego **epiphaneia**) ocorrerá no tempo próprio por vontade e ato de Deus, e como "amostra" ou sinal de Sua mão (cfr. **#Jo 2.18**). Os vers. 15 e 16 descrevem, de maneira significativa, a majestade inigualável de Deus. Em Sua absoluta bem-aventurança e vida infinda, Ele é completamente auto-suficiente. E tais coisas Lhe pertencem de todo e a Ele só. É pois Senhor exclusivo de tudo e todos. Assim, deve-se-Lhe render toda a honra e atribuir todo o poder.

>1Tm-6.17

XI. USO CORRETO DAS COISAS MATERIAIS 1Tm 6.17-19

Os crentes ricos precisam precaver-se do sentimento de confiança excessiva que a posse de bens materiais possa despertar neles. Sua firme esperança deve repousar, não nas riquezas e sua incerteza característica, mas em Deus, o Doador de todos os bens (17). Precisam, outrossim, lembrar-se de que tais riquezas não são dadas para serem acumuladas, porém usufruídas (cfr. **#1Tm 4.3-5**), usadas na **prática do bem** (18). Destarte, repartir coisas boas, liberalmente, com os outros é a maneira de entesourar, para o futuro, algo mais duradouro do que riquezas terrenas, e assim possuir a verdadeira vida (gr. **zoe**), antes que simplesmente ter em abundância os meios materiais da presente vida (gr. **bios**). Ver **#1Jo 3.17**; **#Lc 12.15**.

Observe-se o contraste entre este **presente século** (17) e o tempo **futuro** (19); cfr. **#Mt 6.19-21**. **Nem depositem a sua esperança na...** Temos aí, em evidência, a força do tempo perfeito no grego; aliás a advertência torna-se mais forte por ser a idéia dar proeminência, não às "riquezas" enganosas, mas à sua instabilidade. Os que possuem riquezas terrenas são exortados a usá-las na aquisição de bens melhores e mais duráveis. Para isto, paradoxalmente, eles precisam de fato e cordialmente, estar prontos a repartir seus haveres materiais com os outros.

>1Tm-6.20

XII. EXORTAÇÃO FINAL 1Tm 6.20-21

Dirigindo-se a Timóteo, de modo enfático e pessoal, Paulo resume aqui seu propósito principal, duplo, em escrever-lhe, a saber assegurar que ele preserve e passe adiante, intacto, o depósito da verdade, evitando as falsas doutrinas, ímpias e arrogantes, as quais já haviam fatalmente desencaminhado alguns.

Timóteo é considerado aqui como um mordomo a quem se confiou um "depósito" (20); (cfr. #2Tm 1.12-14; #2Tm 2.2), isto é, o que Judas (vers. 3) chama "a fé que uma vez por todas foi entregue aos santos". "Ciência" (falsamente assim chamada) sugere aí uma pretensão injustificada que, em consequência, atrai aderentes para a própria ruína deles, como crentes. **A graça seja convosco** é a maneira distintiva de Paulo apresentar a saudação cristã, com a qual encerra suas epístolas; ver #2Ts 3.17-18.

A. M. STIBBS

II TIMÓTEO: PLANO DO LIVRO

(Quanto à Introdução Geral a esta Epístola, ver "As Epístolas a Timóteo e a Tito".)

2Tm-1.1

I. COMUNICAÇÃO PESSOAL E SAUDAÇÃO 2Tm 1.1-2

Comparar e ver anotações sobre #1Tm 1.1-2 e #Tt 1.1-4. Era característico de Paulo atribuir seu apostolado à **vontade de Deus** (cfr. o vers. inicial de 1 e 2 Coríntios, Efésios e Colossenses). Ele estava irresistivelmente consciente que sua nomeação ao apostolado viera da, parte de Deus; ver. #Gl 1.1,15-16. **De conformidade com a promessa da vida... em Cristo Jesus** (1). Isso expressa o escopo do apostolado de Paulo; seu alvo era tornar conhecida essa promessa, levando os homens a aceitá-la) de que ele fora comissionado por Deus (cfr. #Tt 1.1-3). **Ao amado filho Timóteo** (2); uma afetuosa indicação de íntima associação, particularmente como líder e seguidor na obra de Deus (cfr. #1Co 4.17). Paulo freqüentemente se dirigia assim a seus convertidos; ver #1Co 4.14-15; #Gl 4.19; #Fm 10.

>2Tm-1.3

II. AÇÃO DE GRAÇAS PELA FÉ DE TIMÓTEO 2Tm 1.3-5

Paulo confessa a profundidade de seus sentimentos relativos a Timóteo, sentimentos que ele continuamente expressava em suas orações, sentimentos que incluíam o ansioso anelo de ter a alegria de ver novamente a Timóteo, em lugar de relembrar as lágrimas que derramou quando se separaram. Acima de tudo, diz Paulo, ele agradecia a Deus ao relembrar-se, nas suas orações, da sinceridade da fé de Timóteo, bem como da fé que semelhantemente era posse de sua avó e de sua mãe, antes dele. (Parece melhor tornar assim a memória sobre a fé de Timóteo a causa do sentimento de agradecimento de Paulo, considerando-se as cláusulas conexas como descritivas das circunstâncias daquelas ocorrências. A compreensão do sentido exato da cláusula é facilitada se substituirmos a palavra **porque**, no vers. 3, por "ao" -"ao lembrar-me de ti nas minhas orações sem cessar, noite e dia"). No contexto desse pensamento acerca de Timóteo, Paulo se torna consciente de quanto ele igualmente deve a seus antepassados, de quem ele aprendeu a servir ou adorar a Deus com sinceridade consciente (3), Portanto, pode-se considerar ambas essas

referências como testemunhos cristãos quanto ao valor de uma boa criação religiosa judaica. Pois, quando a Timóteo foi ensinado o Antigo Testamento, sendo ele ainda criança (#2Tm 3.15) seus mestres nas Escrituras provavelmente ainda não haviam confiado em Cristo.

>2Tm-1.6

III. NECESSIDADE DE CORAGEM E FIDELIDADE 2Tm 1.6-14

Paulo relembra a Timóteo que ele possuía um dom espiritual, e que Deus não dota os homens a fim de torná-los covardes, e, sim, corajosos, amorosos e disciplinados-de fato, "auto-controlados". Por conseguinte, cabia-lhe avivar até às chamas o fogo que Deus lhe outorgara, e no poder de Deus aceitar sua parte em qualquer sofrimento no qual o Evangelho o envolvesse, não hesitando em associar-se ao testemunho referente a nosso Senhor e ao apóstolo Paulo como alguém que sofria prisões por causa de Cristo. A fim de reforçar esse apelo, Paulo relembra a Timóteo sobre quão maravilhoso é o Evangelho; pois, de conformidade com os graciosos propósitos de Deus, e não por motivo de qualquer coisa que tivéssemos praticado, Ele nos salvou. Esse dom da graça, que já nos havia sido dado antes da história do mundo ter início, agora se manifestou abertamente mediante o advento de Jesus Cristo a fim dEle ser nosso Salvador, e mediante Sua vitória sobre a morte. Em conseqüência, através do Evangelho que agora era pregado, foi trazida à luz a vida incorruptível (que os homens podem contemplar como uma realidade e abraçar como uma possessão, fazendo contraste com a negra incerteza anterior sobre sua existência, quando os homens desesperavam de desfrutar dela). Esse é o Evangelho, dizia Paulo, que fui comissionado de pregar; e é procurando desincumbir-me dessa comissão que estou sofrendo deste modo. Não obstante (a despeito das prisões e da possibilidade de sofrer o martírio) não vejo qualquer razão para envergonhar-me do Evangelho. Pois Deus é fiel e capaz; portanto (embora meu dia de servir como despenseiro do Evangelho esteja terminado) estou certo que Ele preservará aquilo que me confiou a fim de que lhe sejam prestadas contas a Seu contento, no dia final de prestação de contas. É esse esboço de doutrina sã, diz ainda Paulo a Timóteo, o qual eu te transmiti, que deves tornar teu e preservar em fé responsiva e amor ao próprio Cristo. Relembra-te, igualmente, que o Espírito de Deus habita em nós a fim de capacitar-nos a desempenhar nossa incumbência de despenseiros. **Por esta razão** (6), é uma referência à **fé sem fingimento** de Timóteo. Note-se como Timóteo não é exortado a buscar novas graças; pelo contrário, é exortado a

relembrar-se da graça que já lhe tinha sido proporcionada, e é incitado a reavivá-la (ver #1Tm 4.14 n). **Covardia** (7), mais do que simples temor. **Espírito** (7) pode ser interpretado como referindo-se ao Espírito Santo; ou então pode descrever o espírito humano sob a ação do Espírito Santo. Os dois se complementam; cfr. #Rm 8.14-16. **Seu encarcerado** (8); isto é, por ação do Senhor; cfr. #Ef 3.1; #Fm 9. Aqueles que São salvos são primeiramente chamados por Deus de conformidade com Seu próprio propósito, livremente pré-determinado; essa **vocação** é santa porque por seu intermédio somos levados à semelhança e comunhão com Ele; cfr. #Rm 8.28-30. Se por um lado as epístolas pastorais repetidamente insistem que as boas obras são o fruto tencionado da salvação, elas deixam igualmente claro, em estilo tipicamente paulino, que as boas obras humanas não são a causa da salvação; cfr. #Tt 3.5; #Ef 2.8-10. **Antes dos tempos eternos** (9), esta tradução segue o grego bem de perto; cfr. #Tt 1.2; #Rm 16.25. **Destruiu a morte** (10); isto é, aboliu-a, nulificou-a como poder dominante sobre os homens; o termo grego, **katargein**, significa "tornar inoperante". **A vida e a imortalidade**; a última palavra indica o caráter da primeira isto é, vida completamente isenta de destruição. **Tenho crido** (12). O tempo verbal perfeito, no grego, é usado aqui para dar a entender uma atitude contínua de confiança conseqüente de sua adoção decisiva. **Meu depósito** (12); visto que a mesma palavra grega claramente se refere, em #2Tm 1.14 (cfr. #1Tm 6.20) ao "depósito" do Evangelho, o depósito confiado às mãos do despenseiro, é mais apropriado o sentido que esta versão acertadamente lhe dá. Porém, a interpretação de outras versões, como "o que lhe entreguei", é igualmente possível. Uma asseveração da parte de Paulo, sobre a expectativa de sua salvação final (cfr. #1Ts 5.23) se adapta ao contexto. Seu emprego dos termos "guardar" e "depósito" talvez tenha sugerido um novo emprego, com um sentido contrastado, em #2Tm 1.14.

>2Tm-1.15

IV. PAULO LOUVA A DEVOÇÃO DE ONESÍFORO 2Tm 1.15-18

Paulo reforça seu apelo para que Timóteo não tenha vergonha do Evangelho e do apóstolo deste (#2Tm 1.8) numa época de perseguições, lembrando-lhe tanto os muitos que se haviam envergonhado de associar-se abertamente a Paulo, o prisioneiro, como também certa pessoa que disso não se envergonhou, notabilizando-se. Visto que Onesíforo havia demonstrado tal bondade para Paulo, na necessidade do apóstolo, este agora orava ao Senhor que recompensasse Onesíforo, mostrando-se misericordioso tanto à sua

família como a ele mesmo, no vindouro dia do julgamento e da recompensa divinos. **Me abandonaram** (15); um decisivo ato de repúdio; haviam negado a Paulo. Em contraste, Onesíforo não apenas reconheceu e ajudou a Paulo após seu aprisionamento, porém, mais tarde, quando chegou a Roma, esforçou-se extraordinariamente para encontrar Paulo (o que aparentemente não foi tarefa fácil) a fim de outra vez encorajá-lo (16-17). O próprio Timóteo tinha conhecimento dos muitos ministérios realizados por Onesíforo em Éfeso (18). Acompanhando o original e certas versões, deve-se eliminar a palavra "me", neste versículo. Onesíforo aparece aqui como alguém que estava separado de sua família, ou por motivo de estar ausente de casa, ou, mui provavelmente, por motivo de falecimento (cfr. **#2Tm 4.19**). Isso não significa, no entanto, que Paulo estivesse orando a favor de seu presente bem estar como morto, uma prática inteiramente sem base nas Escrituras. A oração diz respeito não ao estado intermediário de todos, e, sim, à conduta nesta existência, bem como à recompensa no futuro dia de julgamento. Portanto, tal desejo que Onesíforo recebesse adequada e apropriada recompensa, é um desejo que pode ser igualmente expresso a favor dos vivos ou dos mortos, pois está em plena harmonia com o claro ensino de nosso Senhor e do Novo Testamento. Ver **#Mt 10.33**; **#Mc 8.38**; e comparar e contrastar com **#2Tm 4.14**.

2Tm-2.1

V. NOVA EXORTAÇÃO À CONSTÂNCIA E À DILIGÊNCIA **2Tm 2.1-13**

Seguindo o exemplo de Onesíforo, e em contraste com o malogro de outros, Paulo exorta a Timóteo que busque suas forças em Cristo e esteja preparado para sofrer dificuldades. Duas tarefas são supremamente importantes: primeira, que o depósito da verdade, o pleno Evangelho, seja fielmente transmitido a homens fiéis, que por sua vez o transmitam a outros; e segunda, que o propósito de Deus na entrada do Evangelho fosse cumprido na salvação eterna dos eleitos. Essas tarefas exigem para seu desencargo uma devoção, uma disciplina e uma diligência tais como as que se encontram no soldado (3-4), no atleta (5) e no fazendeiro (6). Essas tarefas também podem envolver sofrimento, conforme se podia ver na experiência Cristã diária do próprio idoso apóstolo. Em face do possível martírio, que era a expectativa de Paulo para futuro imediato, e que poderia tornar-se também a expectativa de Timóteo, é conveniente relembrar a fidelidade de Deus e a recompensa celestial garantida em vista do presente sacrifício e constância terrenos, mas

também lembrar a vergonha correspondente que deve acompanhar o fracasso.

Fortifica-te (1). O tempo verbal presente, no grego, e a voz passiva, significa "sê continuamente fortalecido". **Na graça que está em Cristo Jesus** (1) indica a única esfera em que isso é possível. **Transmite** (2); grego, **paratithenai**, derivado da mesma raiz que "depósito" (gr. **Paratheke**) em **#2Tm 1.14**. Timóteo havia sido solenemente encarregado do Evangelho por Paulo. Agora é incumbido a, semelhantemente, transmiti-lo a ministros dignos de confiança, que por sua vez haverão de transmiti-lo a outros. **Através** (isto é, na presença) de **muitas testemunhas** (2) pode referir-se aos presentes quando Timóteo foi consagrado para o ministério; ou a frase também pode significar o conteúdo do Evangelho de Paulo que havia sido confirmado a Timóteo "através" (gr. **dia**) do testemunho de muitos outros. **Participa** (3); o sentido é "sofre comigo" (cfr. **#2Tm 1.8**). **Soldado em serviço** (4); gr. **strateuomenos**, isto é, servindo como soldado. Tal serviço exige que o indivíduo se desligue completamente das atividades mundanas ordinárias, obedecendo unicamente e de todo coração ao oficial comandante, cumprindo o propósito de seu alistamento para as forças armadas. No vers. 5 temos referência a um competidor nos jogos atléticos. Na antigüidade o vencedor ganhava uma coroa de louros como prêmio. **Segundo as normas** (5); isto é, em estrita conformidade com o exigido pelo contexto particular, primeiramente no treinamento e a seguir na realização da prova atlética. **Que trabalho** e **primeiro** (6) são palavras significativas adicionadas a uma declaração que doutro modo seria geral. Tal participação faz contraste com a participação naturalmente inferior do indolente. Essas três ilustrações (**#2Tm 2.3-6**) reforçam diferentes aspectos do desafio a uma total devoção ao digno desengano do ministério do Evangelho.

>2Tm-2.7

Pondera o que acabo de dizer (7); isto é, entende o que acaba de ser dito, em sua aplicação prática a teu próprio ministério. Aqui não encontramos uma exortação vazia, visto que a **compreensão**, isto é, a capacidade de discernir corretamente, ser-lhe-ia outorgada pelo Senhor. **Ressuscitado** (8). Timóteo deveria encontrar inspiração na memória de **Jesus** vindicado como o "Messias" (**Cristo**), não apenas por Seu nascimento humano como **descendente de Davi**, em cumprimento das profecias, mas, muito mais ainda, por Sua ressurreição dentre os mortos; cfr. **#At 2.36**; **#Rm 1.1-4**. Portanto, Ele podia ser lembrado na qualidade de Senhor vivo. Essa verdade essencial a respeito dEle faz parte do Evangelho que foi entregue a Paulo para que este o pregasse

(e, por meio de Paulo, foi entregue a Timóteo); cfr. #Rm 2.16; #Rm 16.25; #1Co 15.1.

>2Tm-2.9

Pelo qual (9); isto é, por causa deste meu Evangelho que prego. O vocábulo evangelho (8) refere-se tanto às boas novas como à evangelização, neste caso, Estou sofrendo até algemas, como malfeitor (9). Essas palavras destacam as indignidades e a vergonha inteiramente desmerecidas que Paulo estava sofrendo, e das quais Timóteo deveria estar pronto para compartilhar. Não está algemada (9); isto é, conforme Paulo estava. É impossível que a Palavra de Deus seja assim encarcerada. Por esta razão (10); isto é, por causa do Evangelho e de sua propagação. Tudo suportado (10); isto é, submeto-me pacientemente a toda espécie de experiência, mesmo a pior; cfr. #Hb 12.2. O alvo em mira era que aqueles aos quais Deus havia escolhido livremente para tal destino, também pudessem encontrar realmente a salvação-a salvação que é encontrada no Messias Jesus (acima referido, em #2Tm 2.8) e que possui uma glória cuja qualidade e plena manifestação são eternas, e não temporais.

>2Tm-2.11

As frases que encontramos nos vers. 11-13, citadas como palavras dignas de crédito, possivelmente foram tiradas de algum hino familiar, ou são uma cadeia de aforismos, cuja intenção é inspirar fidelidade até à morte e esperança de compartilhar da glória eterna de Cristo. Nossa entrada nessa glória corresponderá à nossa participação em Seus sofrimentos nesta existência; cfr. #Rm 8.17. Se já morremos (11); refere-se ao evento decisivo, ou da crucificação espiritual, juntamente com Cristo, ou do martírio físico, considerado aqui como experiência já passada (grego, tempo verbal aoristo). Contrastar com "se perseveramos" (12; grego, tempo verbal presente), isto é, uma atividade continuada. Note-se o contraste paradoxal entre o caminho e o alvo-por meio da morte até à vida, por meio de submissão paciente até o poder soberano. Se o negamos (12; grego, tempo verbal futuro-"se o negarmos"); uma possibilidade mais remota é aqui sugerida; cfr. #Mt 10.33. Apesar de que se os homens não O confessarem aqui isso afetará seu futuro reconhecimento por parte de Cristo, se os homens não confiarem nEle e não Lhe forem fiéis, isso não impede que Ele continue a ser-lhes fiel e merecedor da confiança deles; cfr. #Rm 3.3. Ser falso para Consigo mesmo é algo que Deus, mesmo onipotente como é, não pode fazer.

>2Tm-2.14

VI. ALGUMAS REGRAS DE CONDUCTA 2Tm 2.14-26

Havia o perigo crescente da atenção ser desviada para as especulações inúteis e demolidoras e para a controvérsia. Dois homens são chamados pelos seus nomes, que estavam propagando doutrina errada a respeito da ressurreição. Por conseguinte, Timóteo tinha o dever de lembrar aos crentes, e particularmente aos "homens fiéis" (vers. 2) a quem lhe competia transmitir o Evangelho a ser anunciado, sobre as verdades que Paulo acabou de enumerar (vers. 4-13). E Timóteo devia exortá-los solenemente a não se deixarem envolver nas controvérsias que então prevaleciam. Quanto a si mesmo, que Timóteo aderisse à apresentação direta da verdade de modo aprovado por Deus, e que a ele, na qualidade de obreiro, não desse motivo para envergonhar-se à vista de Deus, particularmente no futuro dia do julgamento. A Timóteo cabia evitar fantasias irreverentes, capazes de ser tão destruidoras como o câncer corroedor. Se o fato de alguns haverem se desviado da fé, fazia com que ele temesse pela própria sobrevivência da comunidade cristã, que também se lembrasse que a Igreja verdadeira é o firme fundamento do próprio Deus, ainda que nem todos quantos professam reconhecer Cristo como Senhor são membros autênticos dessa Igreja; pois somente Deus reconhece aqueles que verdadeiramente Lhe pertencem. Professar o nome de Cristo envolve a exigência (a que alguns não respondem favoravelmente) de desistir do pecado. Assim como os muitos artigos existentes em uma grande mansão variam em qualidade, e alguns são de pouco ou nenhum valor, incapazes para um uso honroso, igualmente, a comunidade de cristãos professos é uma companhia heterogênea. O crente individual, como Timóteo, que tem o discernimento para reconhecer isso, deve procurar, mediante a auto-purificação diligente, deixar de pertencer à classe dos vasos de desonra, assim se tornando apto e preparado para o uso honroso no serviço do Senhor. Tal crente deve abandonar a auto-indulgência e compartilhar da companhia e das ambições espirituais dos crentes sinceros. Deve rejeitar ocupar-se de investigações insensatas, que promovem apenas violentas altercações. Na qualidade de alguém que foi chamado para o serviço do Senhor, ele não deve meter-se em controvérsias com os que estão iludidos pelo erro, mas antes, mostrar-se gentilmente paciente para com eles, procurando instruí-los mansamente na verdade, na esperança que Deus lhes conceda uma mente mais reta, e assim escapem do diabo que os aprisionou, daí por diante devotando-se a fazer a vontade de Deus.

Evitem contendas de palavras (14); isto é, não se metam em controvérsias. As frases que se seguem indicam seu resultado. Negativamente, tais coisas não têm proveito; positivamente, em lugar de edificar aos ouvintes, antes os subvertem, ou seja, envolvem-nos em "catástrofe" espiritual. **Que não tem de que se envergonhar** (15); o termo grego pode ter uma força passiva, isto é, "de que ser envergonhado"; cfr. **#Fp 1.20. Que maneja bem** (15); lit., "que corta reto"; possivelmente uma metáfora aproveitada do traçado de estradas ou sulcos retos, e assim teria o sentido de não desviar-se da **palavra da verdade**, isto é, do Evangelho; cfr. **#Gl 2.14. Evita** (16), isto é, "mantém-te afastado de", "retira-te de". **Falatórios... profanos** (16), isto é, conversas destituídas de valor, cercadas de um espírito irreverente. Os que se dedicam a essas coisas progridem somente na direção errada, isto é, na impiedade; o espírito de irreverência é algo que cresce. Tais falatórios, ao receber oportunidade de manifestar-se, mediante a indulgência de alguns, se espalha como o câncer maligno, que corrói o tecido saudável. **Himeneu** (17) é também mencionado em **#1Tm 1.20**. A crença na ressurreição física era de difícil aceitação para alguns (cfr. **#1Co 15**), especialmente para aqueles que rejeitavam toda matéria considerando-a má. Assim, os tais interpretavam a **ressurreição** (18) como um reavivamento espiritual ou iniciação já experimentada, não compreendendo assim a verdade e abalando a fé de outros.

>2Tm-2.19

O firme fundamento de Deus permanece (19); isto é, é incapaz de ser derrubado. A referência, aqui, é à verdadeira edificação da Igreja de Deus; cfr. **#Ef 2.19-22**. Sua dupla comprovação indica, pelo lado de Deus e pelo lado do homem, como seus membros genuínos podem ser distinguidos e separados dos falsos. Desejando-se luz sobre as citações virtuais, ver especialmente **#Nm 16.5,26**; cfr. **#Is 52.11**. Note-se que a autenticidade dos outros é conhecida apenas por Deus, e que cabe a cada qual que professa reconhecer Cristo como Senhor, tornar certa a sua eleição mediante ação coerente e apropriada. O vers. 21 reitera a responsabilidade do indivíduo de separar-se da conspiração de associações indignas. Note-se a referência óbvia aos falsos mestres, no caso de Timóteo. O vers. 22 indica verdades complementares. A contaminação que parte do íntimo, bem como aquela que vem de fora, devem ser igualmente evitadas, e o crente deve seguir a associação com os sinceros. Note-se a repetida indicação de que algumas investigações são insensatas e ineptas, isto é, destituídas de luz, visto que não geram edificação, mas antes, contendas (23). **O servo do Senhor** (24); essa designação se aplica a qualquer crente (**#1Co 7.22**), mas, particularmente, àqueles que são chamados a um ministério

especial, como foi o caso de Timóteo; cfr. #Tt 1.1. **Brando... paciente** (24); isto é, bondoso em suas palavras e conduta, paciente para com o mal. **Apto para instruir... disciplinando** (24-25); isto é, devotado à exposição positiva da verdade, em lugar de entrar em controvérsias com os que se opõem à verdade. Eis como aqueles que têm sido iludidos pelos falsos ensinamentos deveriam ser tratados (mas contraste-se o tratamento mais drástico que deve ser usado para com os propagadores deliberados dos falsos ensinamentos, #Tt 3.10); pois os que têm sido iludidos podem ser conquistados de volta somente quando Deus lhes conceder uma mudança de mentalidade a fim de que entrem no pleno conhecimento da verdade (25). O vers. 26, corretamente interpretado parece ser que aqueles que têm sido conquistados vivos pelo diabo possam assim ser reconquistados para a sensatez, escapando da armadilha de Satanás e passando a cumprir a vontade de Deus.

2Tm-3.1

VII. ADVERTÊNCIA SOBRE A APOSTASIA VINDOURA 2Tm 3.1-9

Se Timóteo estranhasse que tantos males pudessem surgir dentro da Igreja visível, Paulo agora desejava que ele soubesse que condições piores haveriam de prevalecer, quando o fim da dispensação se aproximasse. A pecaminosidade da voluntariedade humana encontrará plena e irrestrita expressão por meio de ações, palavras e pensamentos. Cessarão as práticas da reverência, do dever, da gratidão, do amor ao próximo e aos parentes, e da honra aos pactos assumidos. Os homens tornar-se-ão diabólicos, descontrolados, violentos, inimigos da virtude, prontos para trair a seus semelhantes, inexoráveis, desviados pela sua própria presunção. Aqueles que professarem ser religiosos preferirão o amor aos prazeres do que o amor a Deus; externamente fingirão certa forma de reverência, mas repudiarão deliberadamente seu autêntico poder transformador. Homens dessa classe precisam ser evitados. São do tipo que sutilmente se impõem e desviam mulheres fracas, as quais, por causa de sua consciência sensível devido a seus atos pecaminosos, por causa de sua tendência de se deixarem dominar pelas emoções, por causa de seu amor pelas novidades, e por causa de sua incapacidade de entender a verdade, tornam-se presas fáceis. Tais homens devem ser reconhecidos em seu verdadeiro caráter, visto que são oponentes da verdade, dotados de mente depravada, que aos olhos de Deus são rejeitados em relação à própria fé que professam possuir (cfr. #Mt 7.22-23). Não

obstante, sempre haverá um limite ao progresso que fizerem; pois todos verão que seu comportamento é manifestamente insensato.

Nos últimos dias (1). A era cristã, como um todo, é assim descrita em certas passagens bíblicas (ver **#Hb 1.2**), mas a referência, neste versículo, é explicitamente ao fim de nossa dispensação. Note-se o tempo verbal futuro, **sobrevirão**, ainda que os tempos verbais presentes, em **#2Tm 3.5-6**, indiquem que o mal que só mais tarde haveria de amadurecer, já estava em operação. Cfr. **#Mt 13.24-30**; **#2Ts 2.7-8**. **Difíceis** (1); grego, **chalepos**; isto é, "difíceis de neles vivermos". **Os homens** (2); o grego tem o artigo definido, como aqui, significando não os homens ou a humanidade em geral. O contexto inteiro, especialmente o vers. 5, sugere que essa manifestação do mal deverá ocorrer dentro da esfera do Cristianismo professo. Não são os pagãos sem luz, mas aqueles que resistem à verdade e repudiam o poder do Evangelho que se tornam corrompidos. Cfr. **#2Ts 2.3**, onde Paulo ensina que primeiramente deverá ocorrer "um desvio para fora" (gr. **apostasia**), isto é, para fora da verdade. Note-se, nos vers. 2-4, **serão egoístas... antes amigos dos prazeres que amigos de Deus**, isto é, serão homens que se devotam à auto satisfação do que em ser agradáveis a Deus. Essa é a própria essência do pecado e da prática do pecado, que na terminologia educacional se chama de "auto-expressão". **Arrogantes** (2); gr. **hyperephanos**, isto é, "altivos", desprezando os outros. **Blasfemadores** (2); isto é, aqueles que falam desrespeitosamente, quer a respeito de Deus ou do homem. **Implacáveis** (3). O gr. **aspondos**, descreve não tanto aqueles que rompem seus pactos, conforme certas versões dão a entender, e, sim, aqueles que não entram em relações de aliança, o que explica esta tradução. **Inimigos do bem** (3); gr. **aphilagathoi**, isto é, aborrecedores de todo bem, quer nas coisas ou nas pessoas. **Atrevidos** (4). gr. **propetes**, "temerários" (ver **#At 19.36**). **Negando** (5); cfr. **#1Tm 5.8**; **#Tt 1.16**. **Foge também destes** (5); contrastar com **#2Tm 2.5**. Evidentemente os tais devem ser considerados impossíveis de ser redimidos, capazes de causar tão somente danos. **Mulherinhas** (6); gr. **gunaikaria**, um diminutivo que expressa desprezo. Quanto à maior facilidade com que as mulheres são desviadas, cfr. **#1Tm 2.14**. **Janes e Jambres** (8) são mencionados em certo Targum hebraico sobre **#Êx 7.11**, como mágicos que se opuseram a Moisés. Essa comparação talvez implique, semelhantemente, no uso de poderes ocultos; ver anotação sobre "impostores" (**#2Tm 3.13**). **De todo corrompidos na mente** (8), isto é, não mais capazes de entender a verdade (cfr. **#Rm 1.21-22**; **#Ef 4.17-18**). Contrastar o vers. 9 com **#2Tm 2.16** e **#2Tm 3.13**. Apesar de que tais homens irão se tornando cada vez piores em sua depravação e em seu poder de iludir aos

outros, não serão capazes de fazê-lo sem que sua insensatez seja geralmente reconhecida. **A daqueles** (9) é uma referência a Janes e Jambres.

>2Tm-3.10

VIII. APELO EM PROL DA PREGAÇÃO DA PALAVRA, A DESPEITO DAS PERSEGUIÇÕES 2Tm 3.10-4.5

a) O exemplo da própria experiência de Paulo (2Tm 3.10-13)

Quão diferente é a história prévia de Timóteo de tudo isso (isto é, de **#2Tm 3.1-9**)! Paulo relembra Timóteo sobre sua própria fé e prática, bem como das perseguições e sofrimentos nos quais foi envolvido devido a seu serviço cristão, não menos no início de seu trabalho missionário nas vizinhanças do lar de Timóteo. Que Timóteo se convencesse que sua experiência era típica. Todos quantos resolvem viver vidas de legítima devoção cristã devem esperar perseguições; e tal perseguição se vai intensificando conforme o contraste aumenta entre o bem e o mal, quando então os homens ímpios se tornam piores, tanto em seu cego desvio da verdade, como em seu poder de iludir aos outros.

Tu, porém, tens seguido (10), isto é, em discipulado responsivo; cfr. **#1Tm 4.6**. Paulo não se estava ufanando, mas lembrando seu devotado seguidor acerca dos elementos essenciais da devoção a Cristo. **Quais** (11). Em ilustração ao que dizia, Paulo seleciona algumas provações que eram especialmente bem conhecidas a Timóteo, mediante as quais ele pela primeira vez aprendeu que tais aflições fazem parte da inevitável experiência de todos os verdadeiros crentes (ver **#At 14.19-22**), Essa é a lição focalizada no vers. 12 (cfr. **#Mt 5.10; #Mt 10.22; #Jo 15.20**). **Todos quantos querem** (12); lit., todos quantos estão resolvidos. **Piedosamente em Cristo Jesus** (12) é uma significativa descrição do espírito e da esfera da vida cristã autêntica, isto é, correspondendo em reverente devoção, como alguém que é capacitado e constrangido por uma vital relação pessoal. **Impostores** (13). O gr. **goetes**, significa, lit., "lamentadores", referindo-se aos encantamentos por meio de lamentações; portanto, fica aqui subentendido o uso de artes mágicas.

>2Tm-3.14

b) O Valor das Escrituras (2Tm 3.14-17)

O mais importante é que Timóteo conhecia a verdade revelada de Deus, e fora assegurado sobre seu valor por parte daqueles que o ensinaram quando ainda era criança. Seu dever, por conseguinte, era aderir determinadamente a essas coisas. Pois as sagradas Escrituras, nas quais ele fora instruído, são qualificadas para guiar os homens à experiência daquela salvação divina que é desfrutada por meio da fé no Messias Jesus, não havendo outra coisa qualificada para tanto. E não somente isso, mas cada passagem das Escrituras, visto dever sua origem ao hálito criativo do Espírito de Deus (em gr. **theopneustos**, "soprado por Deus"; cfr. **#Sl 33.6**), tem o seu devido valor para a educação moral do homem de Deus e para seu completo equipamento para toda espécie de boa obra.

Tu (14); em agudo contraste com os **homens perversos** (13). **Desde a infância** (15); lit., "desde bebê"; uma referência ao fato de Timóteo haver sido instruído desde a mais tenra infância nas letras sagradas (ver **#2Tm 1.5**). **As sagradas letras** (15); lit., "os escritos sagrados". Usada com o artigo definido, essa é, virtualmente, uma expressão técnica (encontrada também nos escritos de Filo e de Josefo) que significa o Antigo Testamento. Note-se a significativa descrição cristã do tema e propósito das sagradas letras. Não somente fornecem conhecimento ou informação, mas, igualmente, sabedoria prática. **Podem** (15). No grego, essa palavra é um particípio presente, o que indica uma qualidade permanente. **Toda Escritura** (16). O sentido dessas palavras é que cada passagem bíblica (da porção que acabara de ser referida) visto ser inspirada por Deus, também é proveitosa; portanto, o crente não deve desprezar porção alguma das Escrituras. **Educação na justiça** (16), isto é, no caminho (ou vida) da retidão. **Perfeito e perfeitamente habilitado** (17). No grego, tanto o adjetivo como o particípio repetem a mesma raiz, reforçando a idéia de "perfeitamente equipado e adaptado".

2Tm-4.1

c) Exortação de Paulo a Timóteo (2Tm 4.1-5)

Portanto, em vista de sua chamada ao ministério, Paulo exorta solenemente a Timóteo, na presença de Deus, e à luz da prestação de contas que ele terá de render ao Rei Jesus, quando Ele vier para julgar, a pregar a Palavra, a estar sempre preparado para pregá-la em todas as ocasiões, quer sejam favoráveis ou não, e a aplicar o seu desafio aos seus ouvintes, tanto para repreendê-los como para consolá-los com uma paciência interminável e com uma instrução

que possa ser compreendida. Timóteo deveria fazer isso sem tardança, pois chegaria o tempo quando os homens não mais tolerariam essa espécie de ensino proveitoso, mas abandonariam a verdade e se apegariam às ficções seguindo mestres que ensinam coisas satisfatórias para sua imaginação fantasista. Portanto, Timóteo deveria ser constantemente sóbrio, circunspecto disposto a sofrer tribulações, ativo na propagação das boas novas cristãs, desincumbindo-se de seu ministério plenamente.

No vers. 1, Paulo conjura Timóteo por Deus, por Cristo, o futuro Juiz, por Sua "epifania" ou Segundo Advento, e por Seu reino. É característica importante do Evangelho neotestamentário a doutrina que Jesus deverá julgar a todos os homens, e que chegará o dia quando Ele será assim manifestado, Cfr. #At 17.31; #Rm 2.16. Essa frase, **há de julgar vivos e mortos**, se encontra nos primeiros credos cristãos. **Prega a palavra** (2); isto é, o Evangelho; cfr. #At 6.4; #Cl 4.3. **Insta, quer seja oportuno, quer não** (2); lit., "prosegue" (*epistethi*). Está no imperativo aoristo, o que mostra ser uma ordem que Timóteo precisava cumprir. **Corrige, repreende, exorta** (2). Note-se como a Palavra e seu pregador devem primeiramente ferir, para em seguida curar. **Com toda** (isto é, com toda espécie de) **a longanimidade e doutrina** (2). Isso indica ao mesmo tempo como o ministro deve manusear seus ouvintes e como ele deve selecionar o assunto de suas pregações. Ele deve prover variado e positivo ensinamento, e não monótona e negativa condenação. A expectativa futura, descrita nos vers. 3 e 4, adiciona razão extra para que se pregue agora, em todas as ocasiões possíveis. **Não suportarão** (3); "não terão a mente nem a paciência de receber". Note-se como tais homens ouvirão com motivos e interesses torcidos; sua atitude contrária à verdade será determinada por seu capricho egoísta, que prefere desprezar a verdade e aceitar as fábulas.

>2Tm-4.6

IX. DESCRIÇÃO DAS PRÓPRIAS CIRCUNSTÂNCIAS; SAUDAÇÕES FINAIS 2Tm 4.6-22

Paulo declara que estava pronto para morrer como mártir, o que sabia estar prestes a acontecer. A obra de sua vida estava terminada; ele fora fiel ao seu encargo. Agora podia olhar para aquela futura consumação da salvação, que o Senhor proporcionará, naquele dia em que Ele vier como Juiz, a todos quantos tiverem sua expectativa assim fixada em Seu aparecimento. Dentre os amigos íntimos e colegas de trabalho de Paulo, somente Lucas estava presentemente consigo. Portanto, Paulo roga a Timóteo que procure vir ter consigo

imediatamente, trazendo em sua companhia tanto a Marcos como alguns objetos de uso pessoal do apóstolo, que ele deixara em Trôade. Em seu aprisionamento e julgamento, Paulo passou por alguns desapontamentos. Demas o abandonara. Alexandre chegara a insultá-lo, falando contra o apóstolo. Ninguém estava preparado para tomar publicamente a sua defesa. O Senhor, porém, não o desapontou, capacitando-o a declarar amplamente a substância do que pregava a todos quantos quisessem ouvi-lo. Paulo foi preservado de ser dominado e silenciado, e estava persuadido que o Senhor o levaria em segurança através da experiência que agora o esperava, e que o faria entrar no reino celestial. A Ele era devida a glória eterna. Timóteo deveria transmitir as saudações de Paulo a seus amigos especiais, aceitando também saudações da parte de alguns que porventura desejassem enviá-las ao apóstolo. Visto que Paulo estava destituído da companhia daqueles que talvez Timóteo julgasse estarem consigo, o apóstolo solicita que Timóteo venha antes do inverno. Que Timóteo reconheça a presença do Senhor em seu coração; e que a graça salvadora de Deus esteja com todos aqueles que estavam na companhia de Timóteo.

As circunstâncias em que se achava Paulo proviam motivo adicional pelo qual convinha que Timóteo fosse zeloso (#2Tm 4.5). As libações, ou seja, o derramamento de um pouco de sangue (#Dt 12.27) ou de um pouco de vinho (#Nm 28.7) ao Senhor, acompanhava os sacrifícios; Paulo se refere, aqui, ao derramamento de seu próprio sangue. Cfr. #Fp 2.17. Note-se que o que era então uma possibilidade remota, agora era realmente uma certeza imediata, pois já havia até tido início. **O bom combate** (7); isto é, "da fé" (cfr. #1Tm 6.12). **Completei a carreira** (7); cfr. #At 20.24. **A fé** (7); isto é, o Evangelho, ou depósito doutrinário, confiado a Paulo. Tal depósito ele havia guardado com sucesso (cfr. #2Tm 1.14). **Guardada** (8); isto é, reservada, separada. **A coroa da justiça** (8); ou a coroa é a recompensa pela retidão, ou a retidão é o conteúdo da coroa (cfr. #1Pe 5.4). Essas duas idéias podem ser combinadas naquela consumação celestial da retidão ou justificação proporcionada por Deus, sendo que por enquanto o crente usufrui apenas de seus primeiros frutos (cfr. #Rm 5.1-2), isso é sugerido pelo fato que ela será igualmente compartilhada por todos quantos tiverem dedicado seu amor a essa manifestação coroadora do Senhor, quando Ele vier para julgar retamente, por ocasião de Seu Segundo Advento.

>2Tm-4.10

Demas (10) não é aqui acusado de apostasia, mas apenas de falta de disposição para enfrentar a possibilidade de sofrimentos físicos ou morte, por continuar associado a Paulo, o prisioneiro, que provavelmente seria martirizado. Contraste-se o fato que Demas amou "o presente século" com aqueles que "amam a sua vinda" (8). **Toma contigo a Marcos** (11). A despeito de sérias dúvidas quanto à sua aptidão para o ministério (**#At 15.38**), aqui Paulo (cfr. **#Cl 4.10**) louva Marcos como **útil para o ministério**, talvez no Evangelho ou talvez para algumas necessidades pessoais do apóstolo. Alguns pensam que o fato de Marcos provavelmente ter tido conhecimento do latim, o tornava particularmente útil em Roma. O vers. 12 deixa subentendido que talvez Paulo necessitasse de Marcos para tomar o lugar de Tíquico. Paulo dependeu de Tíquico mais de uma vez para levar mensagens e agir como seu representante (ver **#Ef 6.21-22**; **#Cl 4.7-8**; **#Tt 3.12**). **A capa** (13); isto é, uma veste externa bem folgada, aparentemente necessária para Paulo usar durante os frios meses de inverno; ver o vers. 21. **Os pergaminhos** (13); em gr. **membranai**, palavra de origem latina, que significa peles especialmente preparadas, preferíveis ao papiro para documentos importantes. Tais pergaminhos eram especialmente preciosos para Paulo. Presumivelmente tratava-se de cópias das Escrituras do Antigo Testamento, ou, possivelmente, de manuscritos e documentos pessoais valiosos pertencentes a Paulo. **Causou-me muitos males** (14); isto é, "demonstrou-me muitos maus tratos". **O Senhor lhe dará a paga** (14), uma citação virtual de **#Sl 62.12** (cfr. **#Pv 24.12**), implicando em: "Ao Senhor pertence retribuir-lhe de conformidade (não pertence a mim ou a ti)"; cfr. **#Rm 12.19**. "Nesse ínterim", fica subentendido pelas palavras de Paulo a Timóteo, "necessitas de ter cautela com ele".

>2Tm-4.16

Na minha primeira defesa (16). De conformidade com o procedimento legal romano, Paulo havia comparecido uma vez ao tribunal a fim de apresentar sua defesa. Nessa ocasião ele teve de pleitear sozinho a seu favor. Não tinha advogado nem testemunhas de defesa. Aqueles que poderiam ter vindo em sua defesa, tinham-no abandonado, presumivelmente por temor, e não por malícia deliberada, como no caso de Alexandre. Portanto, Paulo agora orava que Deus, em Sua misericórdia, não tomasse em consideração contra aqueles o fato de terem abandonado o apóstolo. **Para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida** (17). O verbo grego, acompanhado em seu sentido por esta versão, significa "plenamente realizado"; cfr. **#2Tm 4.5**. A preocupação de Paulo era que a proclamação do Evangelho fosse fielmente levada a efeito por meio dele, na capital do império, a fim de que todos a

ouvissem. "Ser livrado da boca do leão" (17) talvez fosse uma frase corrente significando livramento de algum perigo avassalador iminente. Por outro lado, "leão" pode referir-se, ou às feras do anfiteatro, ou ao imperador Nero, ou a Satanás. Em #1Pe 5.8, ser devorado pelo leão, parece significar que o testemunho do crente é silenciado quando este se rende por medo do diabo. Cfr. também a oração do Pai Nosso-"livra-nos do maligno" -a respeito do qual parece haver mais reminiscências no vers. 18. **Me levará salvo para** (18); o grego, tem "eis" em lugar de "para" e isso torna esta sentença extremamente significativa. A salvação de Paulo deveria ser completada quando fosse transportado "para dentro" de **seu reino celestial**, isto é, o reino de Cristo Jesus. O livramento com o qual esperava ser livre de todo mal não era a morte, ainda que lhe viesse por intermédio da morte. Note-se que a doxologia (18) é dirigida a Cristo considerado como Deus. A bênção do vers. 22 é dupla: a primeira porção é dirigida pessoalmente a Timóteo, enquanto a segunda porção é a "assinatura" distintiva de Paulo (ver #2Ts 3.17-18).

A. M. Stibbs

TITO: PLANO DO LIVRO

(Para uma introdução geral a esta epístola, ver "As Epístolas a Timóteo e a Tito".)

Tt-1.1

I. COMUNICAÇÃO E SAUDAÇÃO PESSOAIS Tt 1.1-4

Ver notas sobre [#1Tm 1.1-2](#). Paulo escreve, constrangido pela obrigação do seu serviço a Deus, e pela autoridade da comissão de Cristo. Tal serviço e tal comissão têm por objetivo trazer à fé em Cristo, e ao pleno conhecimento da verdade, aqueles que Deus escolhera para salvar. (Cfr. [#At 13.48](#); [#1Ts 1.4-8](#)). Note-se que é uma parte essencial da obra apostólica instruir na verdade, e que essa verdade é revelada em Cristo. Veja-se [#Mt 28.19-20](#); [#Jo 1.14](#); [#Ef 1.13](#); [#Ef 4.20-21](#). Para ser entendida e usufruída, essa verdade requer um espírito de **piedade** (1), isto é, genuína reverência para com Deus. O fundamento da confiança, tanto no apóstolo ou pregador da verdade, como naquele que recebe o ensino, é a **esperança da vida eterna** (2). O alicerce desta confiança foi lançado antes do começo da história do mundo, sendo baseado na promessa de Deus, que não pode enganar ou mentir. Cfr. [#Nm 23.19](#); [#Hb 6.18](#). Note-se a garantia seguríssima da palavra de um tão grande Deus. Deus anunciou a Sua palavra claramente aos homens, tendo chegado o tempo apropriado ([#1Tm 2.6](#)), por meio da mensagem do evangelho. Sua proclamação, diz Paulo, **me foi confiada** (3) por ordem direta e pessoal de Deus, que efetua a nossa salvação. No vers. 4, Paulo, judeu por nascimento, saúda a Tito, um grego ([#Gl 2.3](#)), trazido à fé, que ambos agora partilham em uma intimidade familiar. Podemos concluir do vers. 4 que Tito devia a sua conversão a Paulo.

>Tt-1.5

II. QUALIFICAÇÕES DOS PRESBÍTEROS OU BISPOS Tt 1.5-9

Paulo deixou Tito em Creta, para completar aí o estabelecimento da obra missionária e, mais ainda, para supervisionar a escolha de presbíteros em toda igreja local ([#At 14.23](#)). Além de encarregar Tito com a tarefa, Paulo lhe havia indicado a maneira mais apropriada de cumprir sua missão, em descrever o caráter dos homens mais idôneos para o munus. Paulo agora repete e reforça essas instruções. Quanto a caráter e conduta, o candidato deve estar acima de

censuras, livre de incongruentes fraquezas morais, ativo em praticar boas obras, disciplinado na busca de santidade pessoal, absolutamente leal à verdade recebida, para poder encorajar a muitos pelo seu ensino, e mostrar o erro de quem ensine o contrário. Cfr. #1Tm 3.1-7. Vejam-se notas sobre essa passagem.

Tito deve pôr em ordem (5) qualquer coisa que estivesse deficiente. Observa-se que os mesmos oficiais são chamados presbíteros (gr. presbyteroi) e bispos (gr. episkopoi). Este salienta a sua função de superintendente, enquanto aquele destaca a posição de prioridade. Pode haver pluralidade de tais oficiais em qualquer igreja. Cfr. #At 20.17-28. A vida pessoal e familiar, bem como os bons antecedentes do candidato são fatores sumamente importantes na escolha, que depende do caráter e de reputação. Não acusados de dissolução nem desobedientes (6); a frase se aplica aos filhos do candidato. Note-se a clara indicação de que os filhos de um verdadeiro lar cristão não devem ser dissolutos nem insubordinados, mas crentes obedientes ao evangelho. O caráter irrepreensível é indispensável ao presbítero, pois tem que ser um bispo (7), isto é, tem de exercer a superintendência, sendo responsável perante Deus como mordomo da Sua casa, da Sua igreja. A palavra fiel (9), essencial à sã doutrina, é aquela que corresponde à doutrina apostólica. Paulo, a quem foi confiada essa palavra, deseja sobremaneira que as pessoas indicadas como despenseiros da mesma mensagem a retenham firmemente para si mesmas, e depois a conservem e propaguem com fidelidade. Cfr. #2Tm 2.2.

>Tt-1.10

III. AVISO ACERCA DE FALSOS MESTRES Tt 1.10-16

Note-se aqui a correspondência significativa com #Mc 7.1-23 e avisos semelhantes pronunciados por Cristo. Precisa-se de bispos que possam expor o erro dos que se opõem à verdade (9). Há muitos que procuram desviar os homens por meio de falsos ensinamentos, e que devem ser silenciados. Outrossim, os crentes facilmente se inclinam para a mentira e licenciosidade, como deixa claro o testemunho acertado de um dos seus próprios poetas. Para os crentes em Creta manter a vida espiritual sadia, era muito necessário expor os falsos mestres e seus ensinamentos fantásticos, de origem puramente humana. Nestes casos, há uma conexão entre os pensamentos do coração e as coisas praticadas diariamente. O homem que, pela incredulidade do coração, se torna intimamente corrupto, também corrompe tudo quanto toca na vida. Embora confessem a Deus com os lábios, os seus feitos proclamam que não O

conhecem. Em verdade, à vista de Deus são abomináveis, por causa da desobediência e, por isso, reprovados nas suas obras.

Os falsos mestres são **desordenados** (10), isto é, não se submetem à verdade divinamente revelada. **Faladores vãos e enganadores** (10). Ensinam coisas sem substância ou realidade (cfr. **#Rm 1.21-22**). São capazes de desviar as mentes dos homens. Os mais perigosos são os judaizantes, que propagam ensinamentos tirados do Judaísmo (cfr. vers. 14). Devem ser silenciados, não somente por causa do perigo de famílias inteiras serem transtornadas na sua fé, mas também porque procuram lucro material enquanto propagam o erro.

>Tt-1.12

No vers. 12, Paulo cita uma linha do verso hexâmetro do filósofo cretense Epimênides, que escreveu cerca de 600 A. C. Em notável linguagem, Paulo o chama **profeta**, e endossa o seu **testemunho** como **verdadeiro** (13). Temos aqui autoridade bíblica para crermos que, em certo sentido restrito, as nações gentílicas tiveram os seus próprios profetas. Note-se a expressão **ventres preguiçosos**, ou **glutões**. É bem provável que a citação era bastante conhecida. É fato que os cretenses tinham, no mundo grego, uma reputação proverbial como **mentirosos** (12). Segue-se uma exposição radical e uma condenação aberta do caráter do falso ensino e dos que o propagam. Em contraste com o evangelho, que é "de Deus", que é **a verdade**, o ensino falso é dos **homens** e consiste de **fábulas**, ou mera ficção (14). Os mestres de tal ensino voltaram as costas à verdade. Quem dá ouvidos aos seus ensinamentos faz o mesmo (cfr. **#Is 29.13**; **#Mc 7.6-9**). Os **mandamentos**; provavelmente proibiam o uso de certas coisas como impuras (cfr. **#1Tm 4.3**; **#Cl 2.16-21**). O vers. 15 significa que as coisas são puras ou não ao homem, de acordo com sua condição espiritual e moral. A impureza tem suas origens no homem interior, no íntimo do ser, não nas coisas exteriores (cfr. **#Mc 7.15**). **Reprovados** (16); gr. **adokimoi**, "não aprovado", termo usado muitas vezes por Paulo.

Tt-2.1

IV. INSTRUÇÕES PARA VÁRIOS GRUPOS NO SEIO DA IGREJA Tt 2.1-10

Tendo mostrado porque o erro dos que se opõem à verdade deve ser exposto (**#Tt 1.10-16**), Paulo agora passa a indicar como "exortar na sã doutrina" (ver **#Tt 1.9-2.1**). Todas as injunções aqui dadas a Tito, e as pormenorizadas

exortações que este há de dar aos outros, referem-se à conduta. O melhor antídoto para o ensino falso é o ensino positivo e exortações morais, calculadas a promover saúde espiritual. Já foi observado que as pessoas iludidas por ensinamentos errados são corrompidas primeiro no coração, e esta corrupção se manifesta depois na vida. Por isso, os que desejam manter, por meio de seus ensinamentos, o bem-estar espiritual dos outros, devem exigir uma conduta que corresponda à pureza de coração. No ministério público de Tito, este é o tipo de exortação que há de pronunciar. As suas exortações não de ser adaptadas às necessidades dos diferentes grupos no seio da igreja, conforme a idade. Há de exortar as senhoras idosas a ensinarem, por sua vez, as mulheres mais jovens. O seu próprio exemplo e comportamento não de reforçar os seus ensinamentos, especialmente quando se dirigem a rapazes. A siseudez e incensurabilidade do ministério de Tito envergonhará e silenciárá qualquer oponente. Os escravos, que têm de servir a senhores humanos, necessitam de exortação especial, a fim de se mostrarem obedientes e fiéis, exibindo de uma maneira atraente o valor do evangelho, que declara ser Deus o Salvador dos homens.

>Tt-2.2

Graves (2); gr. **semnos**; "respeitáveis" (ARA). A seriedade da sua atitude para com a vida se revela na maneira de vestir-se e comportar-se. **Sóbrios**; gr. **sophron**; "temperantes" (ARA). Cfr. vers. 4-5,6. A palavra descreve o domínio do espírito que resulta de habitual autodisciplina. **Sãos** (ARC); melhor, "sadios" (ARA). Ver **#Tt 1.13**. **Caluniadoras**; gr. **diaboloí**. Ver **#1Tm 3.6-11**. **Mestras** (3); as mulheres mais idosas devem cumprir um ministério de ensino entre as mulheres mais jovens, mas não na congregação em geral; ver **#1Tm 2.11-12**. Os vers. 4 e 5 ensinam que as crentes casadas devem reconhecer na família e no lar a sua esfera de serviço, como esposas e mães exemplares, em toda submissão, reconhecendo o marido como cabeça do lar. Sem esta atitude, o evangelho de Deus pode ser acusado de inspirar uma liberdade imprópria que perturbe a vida doméstica (cfr. **#1Tm 6.1**). **Boas** (5); bondosas, isto é, não violentas ou de gênio mau no governo do lar. Cfr. o uso desta palavra em **#Mt 20.15**.

>Tt-2.7

Em tudo te dá por exemplo (7). A referência pessoal é enfática. O "exemplo" prático (gr. **typos**) do viver correto, o próprio Tito deve fornecer para que outros o observem. **Incorrupção, gravidade** (7) descreve características do

ensinador, não do ensino, isto é, refere-se à sinceridade e seriedade com que ele deve transmitir os ensinamentos. Além disso, o que Tito ensina deve ser não apenas intrinsecamente "são", mas também apresentado de tal modo que seja **irrepreensível** (8). O oponente da verdade, cujo alvo é caluniar os mestres dela e propagar o erro, deve ser confundido pelo ministério sadio da palavra, bem como pela incensurabilidade da vida do crente. **Contradizendo** (9). A palavra grega **antilegein**, pode significar "opor-se", "mostrar ativa inimizade contra". **Defraudando** (10); o grego literal significa "reservando para si mesmos". **Toda a boa lealdade** (10). "Toda", gr. **pas**, tem aqui força extensiva e significa "em toda ocasião possível". **Ornamento** (10). O verbo gr. **kosmein** pode ser usado em referência ao engaste de uma jóia, por meio da qual esta fica destacada. **A doutrina de Deus nosso Salvador** (10), isto é, não os preceitos éticos de nosso Senhor, mas o evangelho da nossa salvação. Ver o vers. 11.

>Tt-2.11

V. O DEVER CRISTÃO DE PRATICAR BOAS OBRAS Tt 2.11-3.11

Paulo acaba de indicar que o evangelho da salvação de Deus deve ser atrativamente posto em evidência pelas apropriadas boas obras. Isto é, pelo comportamento cristão, daqueles que crêem (**#Tt 2.5-10**). Agora, introduz duas notáveis sùmulas doutrinárias das características essenciais desse evangelho (**#Tt 2.11-14**; **#Tt 3.3-7**), ambas as quais têm o objetivo de mostrar que uma vida de boas obras é propósito de Deus e também a única vida apropriada para todos quantos usufruem os benefícios da Sua graça redentora e misericórdia salvadora. Por conseguinte, Paulo escreve que a responsabilidade de Tito é confiantemente proclamar esse evangelho, que é mui digno de ser crido, e então aplicar com autoridade suas conseqüências práticas, exortando ou censurando a todos os que professam crer nele, com o fito de levá-los a dar a mais cuidadosa atenção à vida de boas obras. Este é o ensino, diz Paulo, que tanto é virtuoso em si mesmo como proveitoso aos homens. Questões e assuntos tolos que, por contraste, nada produzem senão conflito e divisão, devem ser evitados por serem evidentemente bastante inúteis. Deste modo, qualquer que demonstre um perverso interesse nessas questões, e recuse deixá-las, depois de exortado, deve ser evitado.

Há manifestado (11) (aoristo grego). A expressão aponta um ato definido, isto é, a encarnação e obra expiatória de Cristo (cfr. **#Tt 3.4**). Em caráter e

propósito, a graça assim manifestada é "salvadora", "trazendo salvação", e isto não apenas aos judeus, mas **a todos os homens**.

Seu escopo é mundial. A graça salvadora de Deus traz-nos sob uma disciplina que nos instrui nitidamente quanto ao dever de reorientar a nossa presente vida. Negativamente, devemos, com determinação, abandonar aquela velha vida dominada, não pela reverência a Deus, mas pelos meros interesses deste mundo: do lado positivo, devemos procurar viver corretamente, em relação a nós mesmos, ao próximo e a Deus, -isto é, **sóbria, justa e piamente** (12). Esse evangelho também nos dá uma esperança para além da vida atual, que devemos antecipar como **bem-aventurada** (13), a saber, a consumação da suprema felicidade, pois o segundo advento de Cristo será uma aparição (gr. **epiphaneia**) da **glória** de Deus, como o primeiro o foi de sua **graça** (#Tt 2.11). Então Jesus se revelará não apenas como **nosso Salvador** mas também em toda a glória da Sua majestade e grandeza como **Deus**. A capacidade de Cristo, de ser o **nosso Salvador**, depende do único ato que Ele consumou, sacrificando-se a Si mesmo, em nosso favor, como preço da redenção (vers. 14; cfr. #Mc 10.45; #1Tm 2.6). A plena salvação que Ele assim realizou significa, negativamente, a nossa libertação de toda iniquidade e, positivamente, a nossa purificação para sermos o Seu povo escolhido, consagrado às boas obras. Assim, a vida transformada está subentendida e possibilitada para todos os que conhecem a Deus, e Seu Cristo como Salvador. É, portanto, o que, com justiça, Deus e os homens esperam do crente. **Ninguém te despreze** (15), isto é, quando assim falares, não permitas que alguém trate o que dizes como indigno de sua atenção.

Tt-3.1

Os vers. 3.1-2 dão detalhadas instruções sobre a correta conduta cristã neste mundo. Esta conduta é considerada, tanto em relação às autoridades civis como em relação aos concidadãos. O crente deve assumir as suas responsabilidades cívicas, sendo pronto a tomar parte em qualquer atividade condigna. O ensinamento é particularmente significativo aqui, visto que os cretenses tinham reputação de sediciosos. De igual modo, os crentes devem agir com toda boa vontade nas suas relações humanas, evitando atacar seja quem for por palavras ou feitos, e mostrando na prática um espírito de consideração e humildade para com todos.

>Tt-3.3

O que deve inspirar tal conduta é a dupla lembrança, primeiro, do que nós, mesmos éramos, por natureza, **odiosos** como qualquer outro (3), e segundo, de que Deus nos tratou bondosamente quando nos salvou, sem que o merecêssemos. Aí está, pois, mais uma vez declarado o evangelho da graça salvadora. O vers. 3 fornece uma descrição geral da pecaminosa natureza humana-o **que nós também éramos outrora. Insensatos** (3) "nescios" (ARA) literalmente "sem compreensão". Os homens pecadores mostram quão odiosa perante Deus é a sua condição pecaminosa, visto que odeiam até mesmo uns aos outros. O vers. 4 revela que a mudança de nossa condição se deve inteiramente a Deus, à Sua iniciativa, à Sua bondade e amor ativo (em contraste com o nosso ódio e ativa inimizade), e à Sua franca intervenção para nos salvar. O vers. 5 torna isso ainda mais explícito. Nossa salvação não é resultado de quaisquer obras de justiça por nós praticadas; é inteiramente determinada pela misericórdia de Deus. Os vocábulos "não", "nós" e "Sua" são todos enfáticos. Essa salvação se torna oficialmente nossa, através da vivificação interior pelo Espírito (cfr. **#Jo 3.5**, "nascer da água e do espírito"). O dom do Espírito, que nos vivifica e habita em nós, nos foi concedido por Deus, através do Cristo e Sua obra salvadora (6; cfr. **#Jo 7.39**). Desta maneira, todas as pessoas da Trindade operam em prol da nossa salvação. E o evangelho completo inclui não somente a dádiva do Filho de Deus para a nossa justificação, mas também o dom do Espírito de Deus para fazer de nós herdeiros que, pela vida que Ele nos comunica, possamos ter esperança de usufruir a salvação eternamente (7). Cfr. **#Tt 1.2; #Rm 8.11,15-17,23,24; #Gl 4.4-7**. Pode-se interpretar a lavagem do batismo do vers. 5, como símbolo de dois benefícios: **regeneração** e **renovação** espiritual (5), benefícios possivelmente referidos como **sendo justificados** e sendo **feitos herdeiro, segundo a esperança de vida eterna** (7); no primeiro caso, dando um novo estado de aceitação com Deus (em outras passagens chamado "adoção". Ver **#Gl 4.5**); no outro, dando a bênção complementar da nova vida gerada pelo Espírito. Nota-se que **regeneração** (gr **palingenesia**), embora sugira um novo nascimento ou nova natureza, pode melhor significar uma mudança de estado, e portanto, inclui a idéia de "naturalização".

>Tt-3.4

O evangelho, em síntese, dos vers. 4-7, e doutrina digna de confiança, e dá a Tito o direito de pronunciar as mais fortes afirmações a seu respeito (ver o vers. 8) e que leva os que, por seu intermédio, vierem a confiar em Deus, a dedicar-se à prática das **boas obras. Procurem** (8), gr. **proistasthai**, pode significar "praticar resolutamente", "consagrar-se inteiramente a" (cfr. **#Tt**

2.14). Observe-se como são similares as descrições dos ensinamentos prejudiciais encontradas no vers. 9 e em #1Tm 1.4; 6.4-20; #2Tm 2.23. Um **homem herege** (gr. **hairesikos**) é, principalmente, um causador de divisões, isto é, "faccioso" (ARA). A idéia essencial é de alguém que, de si mesmo, resolve separar-se da verdade para seguir e propagar ensinamentos diferentes. Assim, "ser herético" vem a significar "manter doutrina falsa". Note-se, porém, as referências fundamentais da palavra, primeiro à causa moral, vontade própria, e então à má consequência: divisão. Tais homens não precisam de argumentos, mas de admoestação. **Pervertido** (11) -o que patenteia o lapso completo na sua condição moral (não intelectual) é o fato de recusar atender à admoestação.

>Tt-3.12

VI. MENSAGENS PESSOAIS E SAUDAÇÕES FINAIS Tt 3.12-15

Paulo dá instruções a Tito para juntar-se com ele em Nicópolis, onde pensa passar o inverno: Tito deve ir, logo que chegar ou Artemas ou Tíquico que Paulo promete enviar, com a suposta finalidade de assumir a direção da obra em Creta, pela qual era Tito responsável. Também este deve facilitar a viagem de Zenas e Apolo, que também possivelmente iam juntar-se a Paulo. Essas instruções fazem Paulo voltar, em pensamento, à final reiteração de seu principal ensinamento, isto é, que os crentes de Creta deviam aprender a usar toda e qualquer oportunidade para fazer boas obras e suprir as necessidades de outros. Somente assim as suas vidas se tornariam frutíferas. Em seguida, Paulo envia a Tito saudações de todos os seus companheiros; ele mesmo saúda a todos em Creta que tenham verdadeiro amor cristão por ele e seus colaboradores no evangelho. Finalmente, aduz a sua bênção característica.

Nicópolis (12). Há três cidades assim chamadas: uma na Cilícia, outra na Trácia ou Macedônia, e mais outra no Épiro. É bem provável que a referência aqui seja à última. **Ali** (12): implica que Paulo não estava em Nicópolis quando escreveu. **Encaminha com diligência** (13); há numerosas indicações nas epístolas de que os crentes tinham aprendido, e deles se esperava, que hospedassem e tomassem providências em favor dos fiéis nas suas viagens, particularmente daqueles que se exerciam na pregação. Ver #Rm 15.24; #1Co 16.6; #3Jo 5.8. **Na fé** (15); eis o laço que os unia em amor cristão, não em mero amor natural. Cfr. #1Tm 1.2. **A graça seja com todos vós** (15). Ver #1Tm 6.21.

A. M. STIBBS

A EPÍSTOLA A FILEMOM

Veja-se também o artigo geral, "As Epístolas de Paulo".

INTRODUÇÃO

I. PROPÓSITO DA CARTA

O objetivo desta epístola e as circunstâncias que a originaram tornam-se claros logo que o texto é examinado. Várias minúcias suplementares podem ser reunidas pela comparação com a epístola aos Colossenses. Da própria epístola, entretanto, aprendemos que Filemom era um convertido e íntimo amigo pessoal de Paulo, aparentemente um homem de grandes recursos, e conhecido pela sua generosidade para com os irmãos necessitados. Seu escravo, Onésimo, tinha fugido, provavelmente com algum dinheiro do seu patrão. Dirigiu-se para a distante metrópole onde Paulo estava preso e, entrando em contato com o apóstolo, foi levado ao verdadeiro arrependimento e fé em Cristo, ou do paganismo, ou de uma profissão de fé superficial e insincera. Movido pelo amor e gratidão, ele se afeiçoou a Paulo, e começou a prestar-lhe o serviço pessoal que podia. Paulo, no seu encarceramento, apreciou sobremaneira estas atenções, mas sentiu a inconveniência de reter o servo de outrem. Persuadiu, portanto, Onésimo a voltar para seu mestre. Uma carta de explicação foi altamente desejável para informar Filemom do fato de que, na opinião de Paulo, Onésimo se tinha arrependido deveras, e também para facilitar uma reconciliação completa entre senhor e escravo. Felizmente, a epístola tem sido preservada, como único exemplo que ainda existe, de muitas cartas particulares que Paulo, sem dúvida, escreveu, e esta única carta lança valiosa luz sobre seu caráter e sua maneira de pensar.

II. LUGAR E DATA DA OBRA

O lugar onde a epístola foi escrita e sua data, tanto como o lugar ao qual foi enviada, não são indicados no texto, porém a íntima relação com Colossenses (#Cl 4.7 e segs.) mostra que foi escrita ao mesmo tempo que aquela epístola e, portanto, ao mesmo tempo que Efésios. Estas "Cartas de Prisão" são geralmente consideradas como pertencentes à prisão de Paulo em Roma, mencionada em #At 28.30, o que concorda perfeitamente com os dados em Filemom. Isto sugere uma data de, aproximadamente, 6.1 A. D. Alguns que julgam que estas epístolas fossem escritas em Éfeso (ou em Cesaréia),

apontam para o fato de que seria mais fácil para Onésimo alcançar aquelas cidades do que Roma. Esta consideração não constitui um argumento seguro contra a aceitação de Roma como lugar onde Paulo a redigiu. Um fugitivo desejaria escapar para tão longe quanto fosse possível, e receberia com agrado a ocultação oferecida por uma grande metrópole. Para uma exposição pormenorizada dos argumentos em favor de Éfeso como lugar em que foi escrita, veja-se a introdução a Filipenses.

#Cl 4.7-9 mostra que Onésimo foi, pelo apóstolo, enviado de volta para Colossos, na companhia de Tíquico, sendo apresentado aos colossenses como "um de vós". É natural inferir que a família de Filemom residia ali, embora sugestões alternativas de sua residência em alguma cidade dos arredores não estejam completamente excluídas. Lightfoot, por exemplo, favorece Laodicéia. De Filemom vers. 2 parece que Arquipo era da casa de Filemom e, se aquele residia fora de Colossos, isto poderia explicar a curiosa mensagem que lhe foi enviada em #Cl 4.17. O fato de que Tíquico não é mencionado na carta a Filemom, nem Filemom em Colossenses, podia também ser explicado pela hipótese de Filemom ter residido fora de Colossos. Tais pontos, entretanto, podem ser explicados de maneira diferente, de modo que a evidência contra a residência em Colossos é realmente insubstancial.

III. AUTENTICIDADE

É muito raro encontrar dúvidas quanto à autenticidade da carta, e estas se baseiam geralmente no fato que o conteúdo da carta é demasiadamente particular e comum, o que realmente constitui um forte argumento contra a probabilidade de falsificação. "Esta epístola figura em todos os catálogos desde o Cânon Muratório, e em todas as versões antigas" (Ellicott).

IV. PONTO DE VISTA E CARACTERÍSTICAS

A atitude do cristão diante da escravidão é o assunto mais importante na epístola, pois mostra o apóstolo devolvendo um escravo ao seu senhor, enquanto, por outro lado, demonstra sua afetuosa simpatia por aquele escravo. Defensores da escravidão têm salientado o primeiro fato; os oponentes, com muito mais razão, o segundo, pois o espírito da carta tenta contra as próprias raízes do sistema. Pregar amor fraternal entre senhor e escravo, no fim das contas, faz da escravidão uma incoerência. Se a abolição da escravatura tivesse sido mensagem política naqueles dias, poderíamos supor que o apóstolo teria sido abolicionista. Entretanto, a política de então não visava a

tamanha mudança, e Paulo não podia ter previsto a abolição do sistema num mundo tão perverso. Porém, pela providência divina, a abolição foi finalmente realizada, e nisto a influência desta epístola desempenhou grande papel.

Portanto, a epístola não deve ser considerada parte de uma campanha política organizada por Paulo, nem como espécie de propaganda subversiva contra a instituição da escravidão. Ele não se preocupa aqui com as considerações dos aspectos positivos ou negativos do sistema, mas com o bem-estar espiritual de Filemom e Onésimo, e a promoção da fraternidade cristã entre eles. Se Paulo não pugna especificamente contra a escravidão, muito menos procura defendê-la. Paulo ensina que os servos cristãos devem respeitar os direitos dos seus senhores, de acordo com as leis daqueles dias (cfr. #Ef 6.5 e segs.). Talvez, fosse em parte influenciado por este princípio geral, ao aconselhar a volta de Onésimo; porém, não é preciso exagerar o grau em que estas considerações motivaram-no. Teria ele, para dar consideração à lei romana, mandando Onésimo retornar para um senhor cruel e pagão, capaz de torturá-lo e crucificá-lo? Não há vestígio de apoio para tal sugestão. Sem dúvida, ele conhecia #Dt 23.15. É claro que considerou o caso segundo seus méritos. Conhecia e amava igualmente Onésimo e Filemom; entendia as circunstâncias, e achava melhor para todos que Onésimo voltasse; e provavelmente Onésimo, desiludido, num país distante, pensava assim também.

Fm-1.1

I. SAUDAÇÕES 1-3

As mais importantes características da epístola são o amor ao escravo e a insistência sobre o novo ideal da fraternidade cristã. Onde estes conceitos prevalecem, o fim da escravidão é certo. A epístola tem sido louvada, e com razão, por sua diplomacia e urbanidade. Uma deliciosa familiaridade de estilo às vezes aparece. Entretanto, Paulo estava absolutamente sério. O Comentário de Matthew Henry distingue não menos que catorze argumentos em favor da reconciliação, nesta breve carta, um sinal de que muita meditação e oração precederam a sua escrita. Lutero observa que Paulo, na defesa de Onésimo, se põe no lugar do infrator, imitando a obra mediadora de Cristo. "Porque nós todos somos Onésimos".

Filemom (1) era, sem dúvida, colaborador de Paulo na obra cristã. "À irmã Áfia" (2); aparentemente esposa de Filemom. Arquipo (2); provavelmente

filho de Filemom, e pastor missionário em Colossos ou circunvizinhanças (cfr. #Cl 4.17), por isso chamado "companheiro de lutas" (ARA) de Paulo. Quanto a Filemom, Arquipo, e o lugar da prisão de Paulo, veja-se também a introdução. Se Arquipo visitava freqüentemente a casa de seu pai em Colossos, bem podia ser saudado apropriadamente ali, ainda que trabalhasse e vivesse normalmente em outro lugar. À Igreja (2); isto é, o grupo que se reunia na casa de Filemom para os cultos (vide #Cl 4.15 nota). A forma de saudação no vers. 3 é a mesma como em #Cl 1.2 (veja nota).

>Fm-1.4

II. AÇÃO DE GRAÇAS POR FILEMOM 4-7

Sempre (4); pode referir-se a "dou graças" ou a "lembrando-me". A ênfase sobre a constante gratidão concorda com a passagem paralela em #Fp 1.3 **Ouvindo do teu amor e fé** (5). Os informantes seriam homens como Epafras (#Cl 4.12) e talvez Onésimo. Amor e fé são qualidades que Paulo realça continuamente. Cfr. #Ef 1.5 e #Cl 1.4. A redação aqui levanta uma dificuldade que não se encontra nos paralelos em Efésios e Colossenses. À primeira vista, temos a impressão de que o apóstolo fizesse de seus irmãos (**todos os santos**) objetos de fé juntamente com Jesus, o que é claramente inconcebível. A melhor maneira de resolver a dificuldade é salientar a mudança nas preposições gregas: o sentido literal da frase é o seguinte-"fé para com (gr. **pros**) o Senhor Jesus Cristo e para (gr. **eis**) todos os santos". Quer dizer que esta fé se estende aos santos irmãos em beneficência e liberalidade. Weymouth traduz assim: "Fé, a qual vós manifestais para todos os santos".

>Fm-1.6

O vers. 6 indica qual o conteúdo das orações mencionadas no vers. 4. **Comunicação**: gr. **koinonia**, que se traduz como "companheirismo". O sentido ativo do verbo cognato é "repartir", isto é, compartilhar bens materiais ou espirituais com outros. No sentido passivo quer dizer "participar", ou "aproveitar" do companheirismo com Cristo ou com os irmãos, ou ambos. Cfr. #Fp 1.5 n. **Eficaz**; isto é, operosa e eficiente na produção de resultados. **No conhecimento de**: melhor, "no pleno conhecimento" (ARA); gr. **epignosis**. A palavra significa mais do que conhecimento e tem o sentido de "reconhecimento" ou "compreensão clara". **Em vós**: a ARA traduz "em nós", isto é, "em nós cristãos"; a versão é bem atestada, e parece preferível à tradução da ARC. **Em Cristo Jesus**; melhor como na ARA: "para com Cristo".

A preposição grega eis significa movimento para, mais do que posição fixa. Se a "Comunhão da tua fé" (ARA) é interpretada como a comunicação ou implantação da fé pela pregação, o verso então seria simplesmente uma oração, para que a pregação de Filemom pudesse produzir nos outros o conhecimento referido. É mais comum, todavia, entender a frase "companheirismo na fé", no sentido dado acima. Existem, portanto, diversas possíveis interpretações. Os atos de caridade de Filemom levarão outros a compreender as altas possibilidades da vida cristã. Por outro lado, a comunhão de Filemom com Cristo e os irmãos deve levá-lo a entender, e almejar, esse alvo. Mais ainda, as atividades caridosas de Filemom se tornarão mais completas através de sua gradativa compreensão de que tantos nobres dons são franqueados ao cristão. O apóstolo ora para que a fé de Filemom, operando no âmbito do pleno conhecimento, possa tornar-se mais frutífera. Esta interpretação tem a vantagem de salientar o proveito espiritual na vida do próprio Filemom, uma idéia fortemente defendida pelos paralelos em #Cl 1.9; #Ef 1.17 e segs.; #Fp 1.9-10. Em todos estes trechos Paulo deseja (para seus leitores) crescimento no conhecimento. Ao mesmo tempo, esta interpretação se refere às suas atividades caridosas, as quais tinham proeminência no espírito do apóstolo. **As entranhas** (7); isto é, "**o coração**" (ARA); veja-se nota sobre #Cl 3.12. **Reanimado** (7) (ARA); a mesma palavra grega se usa para "dou-vos descanso", em #Mt 11.28.

>Fm-1.8

III. JUSTIFICATIVA DE ONÉSIMO 8-21

O que convém (8); isto é, próprio de um cristão. Paulo, pois, não receia exceder sua autoridade apostólica em ordenar, porém, prefere apelar para a generosidade de um coração bondoso como o de Filemom, e reforça seu apelo apontando para sua própria fraqueza, e não para sua autoridade. Ele é **Paulo o velho, e também agora prisioneiro** (9). Tinha provavelmente de cinquenta a sessenta anos, porém, cansado pelas perseguições e lidas, podia realmente chamar-se velho. Para "velho" alguns manuscritos têm "embaixador", mas "velho" é uma versão mais atestada, e mais apropriada no contexto. No vers. 10, o nome Onésimo figura no fim do texto grego. É discretamente reservado até que Filemom tome conhecimento da conversão de Onésimo, e do amor de Paulo por ele. O significado do nome é "útil". No vers. 11, portanto, Paulo introduz intencionalmente um jogo de palavras. Ele, porém, não o faz inoportunamente, repetindo termos exatamente semelhantes, mas refere-se ao escravo, "útil" pelo nome, antigamente sem proveito, mas agora, conforme o

seu nome, realmente proveitoso. **Eu to tornarei a enviar** (12); aoristo epistolar equivalente a "eu to envio" (ARA). A palavra **receber** (ARC) (12) não se encontra nos melhores manuscritos, mas concorda com o significado do vers. 17. A tradução mais nítida se encontra na ARA: "eu to envio de volta em pessoa, quero dizer, o meu próprio coração". **Eu queria conservá-lo; nada quis fazer** (13-14); no grego, para "queria", usa-se um verbo e um tempo diferentes dos que se usam para "quis". Paulo "desejava" retê-lo, porém "resolveu" não fazer assim. Ele estava certo de que Filemom, que o teria servido em pessoa com alegria, não se queixaria de fazê-lo por intermédio do seu escravo, porém Paulo não quis tomar a liberdade de reter Onésimo, e assim obrigar Filemom a conceder este benefício. De 11-16, Paulo acentua quão proveitoso Onésimo se tornou. O vers. 15 sugere que Deus tivesse planejado, através da breve inconveniência da fuga do servo por algum tempo (lit. "por uma hora"), dar a Filemom a satisfação de recebê-lo para sempre.

Seria deplorável se Filemom, pela rejeição de Onésimo, perdesse uma oportunidade, divinamente enviada, que mirava uma bênção eterna. Paulo diz "**pode ser que**" (ARC), pois não conhece plenamente os planos de Deus, nem o que farão Onésimo e Filemom no futuro. Deseja, porém, que Filemom considere o que parece ser uma notável orientação da Providência divina. **Não já como escravo** (ARA, 16). As palavras de Paulo talvez sugeriram a libertação legal, mas não há certeza disto. Ele frisa no argumento que Onésimo deve ser tratado como irmão, e não como escravo, no sentido aristotélico, de um "utensílio vivo". Então, pelo prolongado companheirismo **na carne e no senhor** (16), isto é, nas ocupações terrenas e espirituais, Onésimo se mostrará ainda mais agradável a Filemom do que se mostrou a Paulo durante a breve estada com ele. Filemom o amará mais, não simplesmente porque o conhecia por mais tempo que Paulo, e certamente não porque era seu escravo legal, mas porque Filemom gozará de preciosa e íntima comunhão com ele em Cristo, por muito tempo.

>Fm-1.17

Se, portanto (17). Este verso lembra que Onésimo é agora digno de ser tratado como irmão de modo que Paulo pode dizer com razão: "Se me tens por companheiro e amigo bem relacionado pelos íntimos laços espirituais, recebe-o como a mim mesmo".

Todavia, a possibilidade de Filemom nutrir sentimentos de queixa não podia ser ignorada. Ele bem podia sentir-se ofendido pelo simples fato da fuga do

escravo, e por causa de dinheiro que este possivelmente tivesse roubado. **Se te deve alguma coisa** (18) não quer dizer que Paulo não soubesse nada definido a respeito, porém com tato o apóstolo evita falar abertamente em roubo, dando lugar a que Filemom reivindique o que ele achar certo, ou deixe de reivindicar se estiver assim disposto. **Eu, Paulo, do próprio punho, o escrevo** (19), isto é, como fiador, prometendo dar qualquer restituição exigida. Certamente isto não é um simples gracejo, mas o meio de convencer a Filemom de sua séria intenção. Contudo, não significa uma fiança legalmente reconhecida, mas a palavra de honra de um cavalheiro. **Para não te alegrar...** (19). Se existe qualquer resquício de simulada sinceridade sobre o valor legal destas palavras, é apenas com a finalidade de não dar uma impressão demasiadamente séria quanto à sua própria liberalidade. Se Filemom, ofendido e talvez financeiramente embaraçado pelo roubo que se seguiu à sua costumeira liberalidade cristã achasse injusto Paulo sugerir renúncia de toda compensação, então Paulo estava pronto para pagar. Embora pobre, não era sem recursos. Ele espera, entretanto, que Filemom seja generoso, lembrando-lhe que "ele deve até a si mesmo", isto é, sua conversão, à instrumentalidade de Paulo. Isto ocorreu provavelmente como resultado do seu contato pessoal com o apóstolo em Éfeso.

>Fm-1.20

O vers. 20 é um afetuoso apelo à generosidade. **Eu me regozijarei**. O verbo e o nome Onésimo têm a mesma raiz. **Reanima-me o coração** (20); cfr. 7 n. A confiança de Paulo (21) foi, sem dúvida, justificada. Se a epístola tivesse sido desconsiderada teria sido também destruída. **Mais do que estou pedindo** (21). Isto pode sugerir a possibilidade de alforria. Em todo caso, Paulo pede que Filemom faça o máximo possível por Onésimo.

>Fm-1.22

IV. SAUDAÇÕES FINAIS E BÊNÇÃO 22-25

Pousada (22); i. e. hospitalidade, naturalmente na casa do próprio Filemom, se possível. A expectativa da vinda de Paulo daria incidentalmente mais um incentivo à condescendência ao rogo por Onésimo. As saudações dos vers. 23 e 24 concordam com as de **#Cl 4.10-14**; entretanto, "Jesus, conhecido por Justo" (possivelmente desconhecido por Filemom) é omitido. **Epafras**, chamado aqui seu **companheiro de prisão**; i e "prisioneiro de guerra" (a palavra que se usa no vers. 1 é outra). Em Colossenses esta designação é dada

a Aristarco, e não a Epafras. Esta variação talvez não tenha significação, embora alguns tenham sugerido que indique um rodízio entre os amigos de Paulo, que compartilhassem voluntariamente das suas prisões. Uma forma de bênção semelhante à do vers. 25 foi usada freqüentemente pelo apóstolo, ressaltando a importância do espírito humano, e a graça de Cristo, que lhe é necessária. O plural possessivo **Vosso Espírito** (cfr. vossas orações, no vers. 22) inclui todas aquelas endereçadas no começo da epístola.

T. E. Robertson

A EPÍSTOLA AOS HEBREUS

INTRODUÇÃO

Há diversas perguntas que naturalmente são feitas a respeito da escrita de um documento do Novo Testamento, as quais, no caso desta epístola, são impossíveis de ser respondidas com qualquer grau de certeza. Apesar de que podem ser sugeridas respostas possíveis, as quais até certo ponto podem ser sustentadas com alguma razão, a verdade clara é que não sabemos nem quem escreveu esta epístola nem para quem ela foi escrita inicialmente. Nossa ignorância sobre esses particulares, entretanto, não impede a justa compreensão do valor teológico e espiritual (e nem o diminui) de um documento que desde o princípio tem comprovado por si mesmo ser autoritativo em vista de seu valor intrínseco. De fato, a única resposta adequada, dada pela fé cristã a essas perguntas, é que o próprio Deus é seu Autor primário e que os crentes de todos os séculos são os leitores divinamente desejados para essa epístola. Pois, por intermédio desta epístola Deus, inquestionavelmente, tem falado e continua a falar ao Seu povo, por meio de Seu Espírito. Afinal de contas, essa é a vindicação mais importante do lugar desta epístola no "cânion" do Novo Testamento.

I. AUTORIA

Na própria epístola não encontramos indicação explícita sobre seu escritor. Os escritores cristãos primitivos também não nos provem qualquer testemunho unânime ou convincente. Tertuliano é definido em seu testemunho; afirma ele que Barnabé foi quem a escreveu. Mas a tal testemunho falta confirmação; ainda que reste algo a dizer a favor do mesmo. O homem a quem foi dado o nome cristão que significa "filho da exortação" (#At 4.36), bem poderia ter sido o responsável por esta "presente palavra de exortação" (#Hb 13.22). Sendo levita, certamente ele se interessava mais que ordinariamente nos rituais sacrificais; sendo judeu de Chipre, mui possivelmente ele tivera íntimo contacto com os ensinamentos helenistas e filosóficos do judaísmo de Alexandria, com os quais tanto o escritor como os seus leitores parecem ter tido alguma familiaridade; na qualidade de alguém que se converteu imediatamente após Pentecoste (o que talvez seja referido em #Hb 2.3-4) indubitavelmente ele foi influenciado pelo ensino de Estêvão, uma influência que parece persistir nesta epístola.

Em Alexandria, onde a epístola foi aceita por seus próprios méritos, há evidência de uma tendência crescente, no terceiro século de nossa era, de ligá-la ao apóstolo Paulo, ainda que bastante indiretamente. Clemente sugeriu que Paulo escreveu-a em hebraico e que Lucas a traduziu para o grego. Orígenes se inclinava a pensar que os pensamentos originais fossem do apóstolo, ainda que não a forma escrita e a linguagem finais. Tal conexão dessa epístola ao nome de Paulo muito contribuiu para que lhe conferissem autoridade apostólica, na falta do que muitos hesitaram em aceitá-la como canônica. Conseqüentemente, muitas cópias manuscritas vieram a ser intituladas "A Epístola de Paulo aos Hebreus". Entretanto, essa atribuição da epístola ao apóstolo, não é aceita pela maioria dos eruditos contemporâneos. A própria evidência interna da epístola, como sua linguagem, estilo e conteúdo, é considerada como prova conclusiva contra essa suposição (por exemplo, contrastar #Hb 2.3 com #Gl 1.12; #Gl 2.6).

Outras sugestões são inteiramente especulativas. Incluem os nomes de Apolo, Silas, Áqüila (ou Prisca e Áqüila) e Filipe, o evangelista. Dentre essas, a sugestão de Lutero-Apolo-é talvez a mais acertada. Pelo que sabemos de Apolo (ver #At 18.24-28), ele é exatamente o tipo de homem que poderia ter escrito tal epístola. Porém, não existe qualquer outra evidência para comprovar que ele tenha sido seu autor. Quando um escritor humano das Escrituras foi providencialmente levado a ocultar sua identidade, não há necessidade de tentar descobri-la, havendo pouco ou nenhuma esperança de sucesso nessa tentativa. É mais sábio que nos contentemos em não sabê-lo.

II. OS PRIMEIROS RECEBEDORES

Na própria epístola não existe indicação clara sobre para quem foi endereçada originalmente esta epístola. O título familiar, **Aos Hebreus**, recua até o segundo século. Seu conteúdo confirma poderosamente que ela foi escrita para crentes judeus. Nela não há a menor referência ao paganismo; e as Escrituras do Antigo Testamento e os rituais levíticos são tratados com notável respeito, como possuidores de sanção e autoridade conferidas por Deus. As modernas tentativas de sugerir que a epístola foi escrita para crentes gentios podem ser consideradas mais engenhosas que convincentes.

Semelhantemente, há falta de informação nesta epístola no tocante à localização de seus leitores originais. Jerusalém, Cesaréia, Antioquia da Síria, Éfeso, Alexandria e Roma são lugares que já foram sugeridos pelos estudiosos. O fato que os leitores ainda não tinham ouvido a Cristo (#Hb 2.3)

é contrário à suposição que vivessem em Jerusalém permanentemente. Seu passado geral, apesar de inquestionavelmente judaico, parece ter sido helenista e um tanto alexandrino, e não exclusivamente palestínico e rabínico. Parece que os leitores visados eram os judeus da dispersão, cujas Escrituras era o Antigo Testamento vertido para o grego. A frase "Os da Itália vos saúdam" (#Hb 13.24) pode ser interpretada como a indicar que certas pessoas, afastadas da Itália, estavam enviando saudações à sua terra natal. Caso essa interpretação seja a correta (ver anotações *ad loc*) isso favoreceria a opinião que os recebedores da epístola foram uma seção judaica da comunidade Cristã de Roma. Talvez seja significativo que a citação dessa epístola mais antiga que se conhece, ocorra em uma carta escrita por Clemente de Roma cerca de 95 D. C. Além disso, a referência à perseguição, em #Hb 10.32-34, poderia ser uma referência à expulsão dos judeus (crentes) de Roma, decretada pelo imperador Cláudio por volta de 50 D. C. Ver #At 18.3.

É claro, pelo conteúdo da própria epístola, que ela foi originalmente escrita para um grupo definido de leitores. Ver #Hb 2.3; #Hb 5.11-12; #Hb 6.9-10; #Hb 10.25,32-36; #Hb 13.7,19,23-24. Tais leitores conheciam tanto ao escritor como a Timóteo. O escritor esperava poder ir vê-los. Os leitores já eram crentes há muito tempo; e eram conhecidos do escritor desde o início de sua fé cristã. Pelas referências na epístola (ver #Hb 13.24) depreende-se que aparentemente formavam um círculo exíguo, que talvez tivessem como templo uma casa familiar, onde se reuniam, e não alguma numerosa comunidade que, presumivelmente, teria incluído convertidos mais recentes.

Parece possível sugerir (ainda que isso não passe de uma sugestão) que os recebedores particulares dessa epístola foram um grupo de judeus que originalmente haviam sido membros de alguma sinagoga da dispersão. Eram homens devotadamente zelosos ao judaísmo, e ao judaísmo conforme o entendiam, e não à residência permanente na Palestina, e, sim, devido estudarem o Antigo Testamento, ainda que no grego. Não desconheciam o pensamento alexandrino. Sendo judeus, originalmente haviam tido o zelo de visitar Jerusalém durante as grandes festividades religiosas anuais. Possivelmente foi quando, como um grupo, estavam em visita a Jerusalém, por ocasião do grande Pentecoste cristão ou pouco depois, que os leitores, tanto quanto o escritor sagrado, foram convertidos à fé em Jesus como o Cristo, por terem ouvido a pregação dos apóstolos e por terem visto os sinais visíveis do poder do Espírito Santo (#Hb 2.3-4). É mesmo possível que tenham visto e compartilhado da perseguição que se levantou contra a igreja em Jerusalém por parte das autoridades judaicas e de judeus zelosos

semelhantes a Saulo de Tarso; e é possível que #Hb 10.32-34 se refira a isso (ver #At 5.41; #At 8.3; #At 9.13-14). É perfeitamente possível que subseqüentemente os leitores ministraram aos santos pobres de Jerusalém, partindo da base onde moravam (#Hb 6.10). Tal fundo para sua entrada na experiência da nova vida em Cristo daria significado adicional à asseveração do escritor do que os seguidores de Jesus não possuem Jerusalém terrena como sua cidade pátria; pelo contrário, é-lhes necessário sair porta fora após Cristo (#Hb 13.12-14). Sendo crentes eles tinham "chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial" (#Hb 12.22). E nesta não necessitavam mais de permanecer no átrio exterior em volta do santuário, no qual somente o Sumo Sacerdote podia entrar, e isso apenas uma vez por ano; mas eles mesmos podiam, livre e continuamente, entrar ousadamente através do véu agora rasgado até o próprio santo dos santos da presença de Deus.

III. DATA

É impossível fixar a data da epístola com certeza absoluta, ainda que se possa dizer com considerável confiança que, muito provavelmente, ela foi escrita entre 60 e 70 D. C. Seus leitores já eram crentes há muitos anos (#Hb 5.12; #Hb 10.32). Alguns de seus líderes originais já haviam falecido (#Hb 13.7). Por outro lado, Timóteo ainda estava vivo (#Hb 13.23). Parece possível argumentar que, se a destruição de Jerusalém tivesse tido lugar, o escritor não deixaria de referir-se ao fato, particularmente em vista de que isso foi um significativo julgamento de Deus contra a antiga ordem de adoração judaica.

IV. MOTIVO E PROPÓSITO

A fim de sermos capazes de verificar o motivo e o propósito da epístola, necessitamos primeiramente apreciar as circunstâncias daqueles para quem a epístola foi escrita. Nessa conexão, sua condição espiritual se reveste de muito maior significação que sua localização geográfica. Para termos qualquer evidência a respeito, dependemos inteiramente da evidência fornecida pela própria epístola. O escritor claramente contrasta o estado em que seus leitores se encontram com o estado em que estavam anteriormente, com o em que deveriam estar, e com o estado em que pareciam estar no perigo de cair. Ainda que crentes eram indolentes (#Hb 5.11-6.12) e desanimados (#Hb 12.3-12). Haviam perdido seu entusiasmo inicial pela fé (#Hb 3.6,14; #Hb 4.14; #Hb 10.23,35). Haviam deixado de crescer, ou melhor, de progredir, e sofriam de séria deficiência no que tange à compreensão e ao discernimento espirituais (#Hb 5.12-14). Estavam deixando de freqüentar as reuniões cristãs (#Hb

10.25) e de ser ativamente leais a seus líderes cristãos (#Hb 13.17). Necessitavam ser novamente exortados a imitar a fé daqueles que os tinham precedido na viagem para a glória (#Hb 13.7). Tendiam para ser facilmente levados ao redor por ensinamentos novos e estranhos (#Hb 13.9). Corriam o perigo de não estarem à altura das promessas de Deus (#Hb 4.1), desviando-se daquilo que tinham ouvido (#Hb 2.1). Estavam mesmo no perigo de abandonar completamente a fé, numa deliberada e persistente apostasia (#Hb 3.12; #Hb 10.26); e esse perigo tornar-se-ia mais grave se deixassem de freiar qualquer dentre seu número que estivesse se movendo nessa direção (#Hb 3.13; #Hb 12.15). Caso cederem a tal tentação e vierem a rejeitar realmente o Evangelho de Cristo, não poderão esperar senão o julgamento (#Hb 10.26-31).

Particularmente na qualidade de quem anteriormente haviam sido zelosos aderentes do judaísmo, parece muito provável que os leitores originais da epístola tenham ficado pessoalmente desapontados com o Cristianismo porque, por um lado, ele não lhes tinha proporcionado qualquer reino visível terreno e, por outro lado, o Cristianismo havia sido decisivamente rejeitado pela grande maioria dos seus irmãos de raça, os judeus. Além disso o contínuo apego ao Evangelho parecia apenas envolvê-los na participação das repreensões injuriosas de um Messias sofredor e crucificado, e no ter de enfrentar a possibilidade de violenta perseguição anti-cristã. É bem possível, portanto que se sentissem seriamente tentados a renegar a Jesus como o Messias e tornar a abraçar os bens visíveis e preferíveis, que o judaísmo parecia continuar a oferecer-lhes.

Que era o judaísmo que assim os atraía, em detrimento do Cristianismo, parece confirmado pelo modo óbvio com que o escritor resolve, desde o início da epístola, demonstrar a superioridade do novo pacto sobre o antigo, exibindo particularmente a proeminente excelência de Jesus, o Filho de Deus, em comparação com os profetas e os anjos, os líderes e os sumos sacerdotes que operavam na antiga dispensação. Portanto, o escritor mostra que se a antiga ordem era imperfeita e provisória, o Cristianismo trouxe perfeição (#Hb 7.19), e perfeição que é eterna (#Hb 5.9; #Hb 9.12,15; #Hb 13.20). Tanto o autor como seus leitores originais aparentemente eram judeus helenistas que tinham alguma familiaridade com o pensamento filosófico dos gregos, e parece que o autor lança mão de idéias baseadas em tais origens ao declarar que a antiga ordem continha meramente "figura do verdadeiro" (#Hb 9.24) ou então apenas a "sombra dos bens vindouros, não a imagem real das cousas" (#Hb 10.1). Por outro lado, o Cristianismo é a própria verdade, a celestial e ideal realidade, que possui real e absolutamente todos aqueles valores inerentes que naquela

ordem antiga, quando muito, podem apenas ser refletidos ou prefigurados. Não obstante, visto que seus leitores reconheciam a autoridade divina das Escrituras do Antigo Testamento, seu argumento final em favor do reconhecimento da superioridade de Cristo sobre os anjos e sobre o sacerdócio levítico, e a favor da superioridade de Seu sacrifício-de Si mesmo-sobre os sacrifícios de touros e bodes, é o testemunho profético do próprio Antigo Testamento. Ver [#Hb 1.5-13](#); [#Hb 7.15-22](#); [#Hb 10.5-10](#).

O propósito do escritor, por conseguinte, era tornar seus leitores plenamente cômnicos, primeiramente, da admirável revelação e salvação dada por Deus aos homens, na pessoa de Cristo; em segundo lugar, deixá-los plenamente cômnicos do verdadeiro caráter celestial e eterno das bênçãos assim livremente oferecidas e apropriadas pela fé; e em terceiro lugar, para dar-lhes plena consciência do lugar de sofrimento e paciente persistência (mediante a fé) no presente caminho terreno até o alvo do propósito de Deus, conforme demonstrado na experiência e na obra do Capitão de nossa salvação e na disciplina de Deus aplicada a todos os Seus filhos. Em quarto lugar, ainda, para proporcionar-lhes consciência do terrível julgamento que certamente sobrevirá a qualquer que, conhecendo tudo isso, rejeitar tal revelação em Cristo. Tendo-se esforçado para torná-los cômnicos de tudo isso, o propósito complementar do escritor é impeli-los a agir de conformidade com esse conhecimento. Tais propósitos são apresentados através da epístola inteira mediante o emprego de exposição racional, exortação desafiadora e solene advertência.

V. CONTEÚDO

Conforme já foi indicado, o conteúdo desta epístola só pode ser apropriadamente apreciado em relação a seu motivo e propósito. O escritor obviamente considera as Escrituras do Antigo Testamento como plenas de figuras e antecipações sobre as autênticas realidades do propósito de Deus. Por conseguinte, ele as usa continuamente em apoio de seu tema, a fim de ilustrá-lo e desenvolvê-lo. Ele relembra, por exemplo, como Deus tirou um povo do Egito, como o Senhor estabeleceu um pacto com tal povo, no Sinai, e como proveu um sacerdócio e um culto centralizado no tabernáculo, para a manutenção da relação de aliança. Relembra ainda como muitos, que assim começaram com Deus, terminaram perecendo no deserto ([#Hb 3.16-17](#)). Por um lado, falharam por motivo de incredulidade, em vista do que não abraçaram a promessa de Deus de entrar na herança (3.18-19; 4.2,6). Por outro lado, ficaram sujeitos ao julgamento divino por terem desobedecido aos

regulamentos contidos no concerto (#Hb 2.2). Por exemplo, o castigo imposto àqueles que cometeram adultério espiritual, adorando a outros deuses, foi a morte (#Hb 10.28). Ou, semelhantemente, quando Esaú, que nasceu e foi criado no seio da família privilegiada, desprezou seu direito de primogenitura e o vendeu, perdeu-se irremediavelmente; pois para ele não houve mais oportunidade de arrependimento (#Hb 12.16-17). Através de tais passagens das Escrituras o escritor estava cômico de que aqueles para quem a luz de Deus é dada e a quem é feita a chamada de Deus, ou prosseguem na companhia de Deus, em fé e obediência, até possuírem a plena herança, ou, mediante a rejeição à luz, desobedecendo a chamada divina, ficam sujeitos ao julgamento divino.

Portanto, o escritor anseia e teme a respeito de seus leitores originais; anseia por desejar que todos prossigam para a perfeição (#Hb 6.1), e teme que algum deles recue da graça de Deus (#Hb 12.15). Pois haviam provado os benefícios superiores (#Hb 6.4-5) do maior "êxodo" (em gr. *exodos*, #Lc 9.31; cfr. #Ef 2.8,14,15) realizado por Jesus, em Jerusalém. Havia sido selados e consagrados pelo sangue do novo pacto (ver #Hb 10.29). À semelhança do que aconteceu aos israelitas no Sinai, essas coisas não só lhes impõem certas obrigações à fé e à obediência, mas também lhes apresenta a oportunidade de herdarem a promessa divina. Todavia, os perigos que os ameaçavam eram exatamente similares àqueles que ameaçaram aos israelitas sob a primeira aliança. Havia o perigo da incredulidade; havia o perigo complementar de desobediência e apostasia, ou de rejeitarem deliberadamente a luz com o conseqüente afastamento entre suas pessoas e o Deus vivo (#Hb 3.12; #Hb 10.26-38). Por conseguinte, eles precisavam de encorajamento para prosseguirem, e de advertência para que não voltassem as costas ao Senhor; e desses elementos a epístola está repleta.

O escritor não estava menos persuadido que, em contraste com o primeiro pacto, a revelação e a redenção outorgadas aos homens, em Cristo, são a verdade final de Deus. A obrigação de dar ouvidos e a certeza de completa provisão divina são, portanto, absolutas. Essas coisas fixam ou a plena salvação ou a final condenação do indivíduo. Portanto, a urgente preocupação do escritor sagrado é exortar seus leitores para que correspondam favoravelmente de modo franco, advertindo-os a dar ouvidos à mensagem do Evangelho, como convém fazer.

O autor proveu um sólido fundamento para tais exortações e advertências mediante exposição, com algum detalhe, sobre a superioridade de

Cristo e o que é dado sob o novo pacto sobre tudo quanto costumava ser outorgado sob o antigo pacto. Em Cristo temos a revelação final de Deus, maior que qualquer revelação até ali dada por meio dos profetas e dos anjos, visto que Jesus Cristo é o próprio Filho de Deus. Em Cristo encontramos a reconciliação final do homem com Deus porque, tendo condescendido em tornar-se verdadeiro homem, participante de carne e sangue, Ele rebaixou-se mais ainda ao provar a morte a favor de todo homem, assim eliminando o pecado ao tornar-se a oferta pelo pecado. Assim sendo, a verdadeira casa ou comunidade do povo de Deus está sendo edificada, e Cristo é sua Cabeça, e todos quantos confiam nEle são chamados a pertencer a ela. Porém, tornam-se participantes dela somente se apegarem à sua confiança através desta experiência provadora no deserto, que se situa entre o grande êxodo e a vindoura herança da promessa.

Outrossim, aquela comunidade foi chamada para compartilhar de um novo pacto, que é pleno de melhores promessas, e do qual Jesus se tornou o mediador eficaz por intermédio de Sua decisiva obra redentora e por Sua interminável ministração de seus benefícios. Na qualidade de seu Sumo Sacerdote, Ele solucionou o problema do pecado de uma vez para sempre, pela oferta única de Sua vida terrena e humana, sobre a cruz. Isso assegurou para Si, na qualidade de representante dos chamados, não apenas entrada até à presença de Deus mas igualmente entronização à mão direita de Deus. E o véu de separação que os mantinha fora do santo lugar foi decisivamente rompido. Portanto, os chamados podem chegar-se até o próprio trono de Deus, ali encontrando um trono gracioso, onde está assentado Alguém que está sempre pronto para falar a favor deles a Deus. Portanto, podem eles olhar para seu Sumo Sacerdote assentado no trono, para receber graça que satisfaça cada uma de suas necessidades e leve até à mais plena perfeição a salvação que receberam. Assim sendo, podem estar certos do cumprimento neles, na qualidade de Seu povo, de todas as promessas divinas inclusas no maravilhoso novo concerto. E visto que a maravilha de tais privilégios está descortinada perante eles que Se apeguem à sua confiança e à sua confissão franca, prosseguindo para uma mais completa experiência e desfrutamento dos resultados postos à sua disposição.

Uma outra importante verdade havia que precisavam aprender mais efetivamente. Aqueles que assim querem ter relações com Deus, devem fazê-lo por meio da fé. Ele é o grande Invisível, e Suas maiores recompensas jazem no futuro. De fato, a aparência imediata e a experiência presente do indivíduo parecem ambas negar Sua presença e contradizer a esperança de Sua

recompensa. Portanto, a fé é indispensável para a correta consciência dessas realidades espirituais e para a contínua perseverança. Neste particular, uma vez mais, as Escrituras do Antigo Testamento, na qualidade de livro instrutivo transmitido por Deus, mostram, mediante o testemunho das vidas e das realizações de certos homens, que isso tem sido continuamente verídico na experiência de todos aqueles que, de qualquer maneira, têm agradado a Deus e se têm tornado herdeiros de Suas promessas. Assim, o escritor desejava encorajar seus leitores a não recuarem por que no Cristianismo falte glória visível e triunfo imediato e terreno. Pelo contrário, diz ele: "Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel" (#Hb 10.23). E também: "Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir" (#Hb 13.14). O reino que nos foi dado para dele desfrutar, só será plenamente revelado quando houver passado esta ordem temporal por ocasião do julgamento.

Por conseguinte, que os chamados encontrem sua completa suficiência exclusivamente em Cristo, em Sua imutável Pessoa (#Hb 13.8), em Sua permanente companhia (#Hb 13.5-6) e na toda-suficiência de Seu ato expiatório efetuado fora dos portões de Jerusalém (#Hb 13.12). Longe de cederem à tentação de abandonar o Cristianismo e de retornar ao judaísmo, antes deviam, de uma vez por todas, qualquer que fosse a intensidade da repreensão que nisso estivesse envolvido, afastar-se decididamente do judaísmo associando-se abertamente a Jesus, o crucificado, como sua única, esperança (#Hb 13.13). Pois, escreve o escritor em sua bênção final, esse Jesus é "nosso Senhor"; Ele é "o grande Pastor das ovelhas" (#Hb 13.20). Todas as nossas esperanças estão corretamente fixadas nEle. Pois tal confiança de modo algum é vã. Deus O ressuscitou de entre os mortos. O pacto que Sua morte selou já está em operação. O próprio Deus está ativamente ocupado em seu cumprimento. Por conseguinte, podemos depender dEle de que Ele levará até ao aperfeiçoamento aquilo que nos envolve. Portanto, apesar de que outros estejam recuando- e é conveniente que essa tremenda advertência seja anunciada- é impossível que nós também recuemos. Exatamente, "Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma" (#Hb 10.39).

Desejando maiores observações sobre o novo pacto, sobre o sacerdócio de Cristo e sobre as passagens de advertência, ver os Apêndices I, II e III.

Note-se alteração de exposição e exortação e a seqüência íntima de pensamento nas seções expositórias.

Hb-1.1

I. INTRODUÇÃO: A PALAVRA FINAL DE DEUS POR MEIO DE SEU FILHO Hb 1.1-4

Essa grande declaração inicial indica o tema principal do escritor (cfr. #Hb 3.1). Essa visão sobre a supremacia e suficiência absolutas de Cristo domina o pensamento da epístola inteira. Cristo é superior e ultrapassa todos os outros mediadores entre Deus e os homens, tais quais os profetas (1) e os anjos (4). Note-se a continuidade entre a revelação do Antigo Testamento e aquela que foi dada então em Cristo. A primeira revelação prepara o terreno para a segunda; a segunda consuma a primeira (cfr. #Hb 10.8-9). Note-se, igualmente, que essa revelação final de Deus é dada ao homem não somente na encarnação do Filho, mas no Filho como o cumpridor da obra de expiação pelo pecado (cfr. #1Jo 4.9-10), e que a plena significação "dessa revelação e obra redentora só pode ser apreciada por aqueles que, mediante a fé, percebem que o Cristo anteriormente crucificado está agora entronizado, e, assim, é capaz de salvar até o limite extremo todos quantos se aproximam de Deus por intermédio dEle (ver #Hb 8.1-7.25).

>Hb-1.2

Nos vers. 2-4 há oito declarações sucessivas acerca de Cristo. Em Seu ser eterno Ele é Deidade genuína e absoluta, o **resplendor** ou brilho visível da glória de Deus, sendo Ele mesmo a expressão exata da deidade (gr. **charakteres hupostaseos**, "reprodução da substância"), o Filho eterno do Pai, "vero Deus do Deus verdadeiro". No planejamento divino do universo, Cristo é o autor, sustentador e fim. Tudo foi criado por Ele. Ele sustenta a criação inteira. Ele é o seu herdeiro. Note-se que o fim é visto desde o início; a divina nomeação do Filho como herdeiro do universo precede a criação do universo. Em relação aos homens, Cristo é o Profeta, o Sacerdote e o Rei dos homens. Em Cristo Deus proferiu Sua final palavra de revelação; e assim Ele traz Deus aos homens (cfr. #Jo 1.14-18). Em Sua própria Pessoa Ele expurgou nossos pecados e consumou a obra de reconciliação; e assim Ele apresenta os homens a Deus. Agora Ele está entronizado à mão direita de Deus. Na qualidade de exaltado Deus-Homem, Ele obteve, por virtude de herança, uma posição muito acima de todos os outros (cfr. #Ef 1.20-21; #Fp 2.9-11).

>Hb-1.5

II. O FILHO É SUPERIOR AOS ANJOS Hb 1.5-14

No pensamento judaico, os anjos mantinham um importantíssimo lugar como medianeiros da revelação de Deus a Seu povo. Por conseguinte, o escritor passa a demonstrar a superioridade de Cristo sobre os anjos, a fim de estabelecer a superioridade da mensagem dada por Ele (cfr. #Hb 2.5-8). Isso ele faz mediante sete citações tiradas do Antigo Testamento. O método inteiro empregado é muito significativo. Implica, primeiramente, em que o Antigo Testamento possui uma direta relevância e uma autoridade decisiva para os crentes cristãos. Em segundo lugar, as palavras citadas são atribuídas não aos salmistas e profetas humanos, mas diretamente a Deus, como seu autor. Cfr. a afirmação do vers. 1. Em terceiro lugar, agora é possível, para aqueles que estão familiarizados com a revelação final em Cristo, perceber nas palavras do Antigo Testamento um sentido e um significado, referentes a Cristo, que seriam impossíveis de ser observados com a mesma compreensão, ou por aqueles que as escreveram, ou por qualquer pessoa antes da vinda de Cristo. Cfr. #1Pe 1.10-12.

Filho (5) é o **mais excelente nome** (4) mediante o qual é aquilatada a superioridade de Cristo sobre os anjos. O Filho é superior aos anjos, primeiramente, por causa do que Ele é eternamente como Deus; em segundo lugar, por causa do que Ele agora se tornou como o exaltado Deus-Homem. A primeira citação (5a) é baseada em #Sl 2.7 e introduz ambos esses pensamentos. Jamais houve tempo quando o Pai não podia dizer a Ele, **Tu és meu Filho**. Chegou porém o dia quando, mediante a ressurreição, em humanidade glorificada, Ele foi gerado a um novo estado, como o Homem exaltado. Assim é que em #At 13.33 essa citação do Salmo 2 é explicitamente aplicada à ressurreição de Cristo. Em conseqüência, Ele não é Filho apenas em virtude de Sua deidade; mas agora foi exaltado para ser um filho ("O primogênito entre muitos irmãos", #Rm 8.29) em virtude de Sua humanidade. A segunda citação (5b), a promessa feita a Davi concernente o seu descendente (#2Sm 7.14), é o cumprimento dessa promessa em Cristo de um modo que nunca foi nem poderia ser cumprida em Salomão. Semelhantemente, Ele é o "Primogênito" (6) em duplo sentido (cfr. #Cl 1.15-18), primeiramente como o único-gerado do Pai, que sempre existiu antes da criação do universo e que é seu Senhor, e, agora, como o primogênito dentre os mortos que, na qualidade de grande preparador do caminho da salvação, abriu o caminho para os muitos que entrarão na glória como filhos (#Hb 2.10). A terceira citação (6) foi feita a fim de indicar que esse Seu ofício, em relação aos homens, tanto como Criador quanto como Redentor, será consumado por

ocasião de Sua segunda vinda, quando Ele novamente vier a este "mundo" (6) a fim de julgá-lo. Pois a visão profética de Deus vindo para julgar será cumprida na Pessoa de Seu Filho. Então a Sua deidade será abertamente manifestada. Então todos os anjos O adorarão. Ver [#SI 97.7](#) (a palavra hebraica "deuses" é traduzida "anjos", [angelos](#), no grego da Septuaginta, e assim aparece no texto original da epístola aos Hebreus).

>Hb-1.7

A quarta e a quinta citações (7-9) mostram que enquanto os anjos cumprem seu serviço (exemplo, no Sinai) por meio do vento e do fogo, isto é, na esfera material, de modo transitório, em subserviência, própria de criaturas, à vontade divina, o Filho, por sua vez, é uma personalidade moral livre, assentado pessoalmente no trono de Deus para sempre, com todo o direito. Em vista de Seu direito, na qualidade de Deus-Homem, Ele foi exaltado e ungido como Aquele a Quem pertence a pre-eminência. Essas citações são tiradas de [#SI 104.4](#); [#SI 45.6-7](#). A sexta citação (10-12) mostra que, em contraste com as coisas criadas, o Filho é o Criador, o soberano, o Senhor imutável. As palavras de [#SI 102.25-27](#), dirigidas a Jeová, são aplicadas a Jesus. Isso implica em que Ele é Jeová. NEle não haverá nem decadência nem falecimento. Cfr. [#Hb 13.8](#).

>Hb-1.13

Finalmente, conforme mostra a sétima citação (13), o Filho é superior aos anjos não apenas naquilo que Ele agora é Deus, mas igualmente naquilo que agora Deus está fazendo por Ele, como Homem exaltado ou Messias entronizado. Por nomeação divina Ele deverá continuar a ocupar o trono na expectativa inabalável de triunfo completo ([#SI 110.1](#)). Os anjos, em contraste com isso, são enviados da parte do trono para cumprir ministério a favor daqueles que compartilharão dessa gloriosa consumação da plena salvação do homem (14). Os [que hão de herdar a salvação](#) (14); essa é a primeira de uma série de expressões usados pelo escritor para descrever o povo de Deus e seu destino (ver [Introdução](#)).

Hb-2.1

III. APLICAÇÃO E ADVERTÊNCIAS PRÁTICAS Hb 2.1-4

O escritor sagrado introduz aqui a primeira de suas características palavras de urgente exortação e solene advertência (ver Apêndice III, "As Passagens Admoestadoras"). Essa nova revelação impõe, sobre todos quantos a ouvem, a suprema obrigação de prestar-lhe ouvidos, obrigação essa que, devido a certo número de razões, é mais obrigatória que a da obediência à lei de Moisés. Em primeiro lugar, há a autoridade conhecida daquela lei. Tratava-se ela de uma palavra que não podia ser desafiada ou desconsiderada impunemente. Sob ela todo pecado de comissão (isto é, **transgressão**), e todo pecado de omissão (isto é, **desobediência** ou "não dar ouvidos"), recebia seu **justo castigo** (2). Em segundo lugar, há o caráter da nova mensagem, que é a **salvação** (3), tão grande e de tal espécie a ponto de ser admirável (cfr. **#Jo 1.17**). A terceira razão é a própria Pessoa do Mensageiro. Do lado divino, a lei sinaítica foi entregue a Moisés por meio de anjos (cfr. **#At 7.53; #Gl 3.19**); pois tratava-se de uma revelação mediada. Mas esta nova revelação é direta e imediata, dada pelo próprio Senhor, pessoalmente. Em quarto lugar, encontramos a confirmação decisiva da mensagem. Em adição ao fato dela haver sido proferida pela primeira vez pelo próprio Senhor, **ela foi-nos depois confirmada** (3) pela evidência prestada por testemunhas oculares, como também pelo testemunho extraordinário de uma grande variedade de sinais miraculosos da parte de Deus e por dons do Espírito Santo, que, em sua distribuição claramente não eram dispostos pelo homem, mas inteiramente de conformidade com a vontade divina (4). Cfr. **#Mc 16.20; #1Co 12.11**. Finalmente, há as inevitáveis conseqüências de **negligenciarmos** (3) tal mensagem. Afastarmo-nos até que ela fique fora de nosso alcance (1), quando temos a oportunidade de dar-lhe atenção, certamente nos deixa sem desculpa e na expectativa apenas do julgamento. Esse ponto se torna ainda mais explícito adiante (ver **#Hb 10.26-27**). **Como escaparemos nós...?** (3, futuro do indicativo). Note-se a certeza subentendida do julgamento por vir.

>Hb-2.5

IV. ENCARNAÇÃO, SOFRIMENTO E MORTE DO FILHO DE DEUS Hb 2.5-18

Neste capítulo o escritor trata de uma dificuldade que seus leitores talvez descobrissem em seu ensino acerca da superioridade de Jesus sobre os anjos, pois às mentes judaicas o lugar dos anjos não era de pequena importância. Para eles era claro que, na ordem presente, os anjos são superiores aos homens. Por exemplo, por ocasião da transmissão da lei, eles eram os medianeiros entre Deus e os homens (2). Ora, se Jesus era homem, e mais

ainda, se Ele sofreu e morreu, como se pode dizer que Ele é superior aos anjos na qualidade de mediador (#Hb 1.4)? Em resposta, estes versículos indicam primeiramente o fato e a significação de Sua exaltação como homem-**vemos... Jesus... coroadado** (9); note-se o emprego de Seu nome humano desacompanhado de qualificativos. Em segundo lugar, descrevem os propósitos salvadores divinamente ordenados de Sua humilhação anterior, juntamente com sua aptidão moral (para Deus) e com suas conseqüências benéficas (para os homens). Acresce ainda que esses versículos indicam que não apenas Jesus, mas também os homens-por intermédio de Jesus, como seu Sumo Sacerdote e Capitão da salvação-são chamados para herdar um destino de glória e domínio.

Tudo isso havia sido profeticamente antecipado nas Escrituras. No #Sl 8 fica claro que, embora o homem, nesta presente ordem mundial, começa sendo feito "por um pouco" inferior aos anjos, o propósito final de Deus é conceder-lhe honra e domínio sobre até mesmo os anjos. Pois **Todas as cousas** (8) inclui os próprios anjos. Cfr. #1Co 6.3. Essa consumação, como é claro, ainda não foi realizada em toda a sua plenitude (8c). Por conseguinte, ainda deve ser referida como algo futuro; isso será no **mundo que há de vir** (5); ou seja, na "vindoura ordem mundial" (cfr. #Hb 6.5). Ora, o tema do escritor é justamente essa consumação vindoura ou salvação completada, o que também deveria ser o constante objeto da esperança do crente (ver #Hb 10.37-39; #Hb 11.13-16; #Hb 13.14).

>Hb-2.9

Por outro lado, deve-se perceber na Pessoa de Jesus uma presente realização do destino do homem. Ele, sendo verdadeiro homem, à semelhança dos homens, começou **tendo sido feito** (por um pouco) **menor que os anjos** (9). Mas agora foi **coroadado de glória e de honra** (9). Desse modo, vê-se que o #Sl 8 é um salmo messiânico. O propósito de Deus relativo ao homem só é cumprido por intermédio daquele Homem, que é Cristo (cfr. #Gl 3.16).

Igualmente, em relação ao propósito tencionado de Deus para com os homens, é possível percebermos por que o Filho de Deus foi humilhado até a forma de servo. Pois, sendo homem, Ele foi coroadado de glória e de honra somente porque padeceu a morte (9). Por maravilhosa manifestação da graça de Deus, Ele se tornou homem a fim de, em benefício da humanidade como um todo (isto é, **por todo homem**), Ele assim pudesse entrar na morte. Realmente, era supremamente conveniente (10), e um ato digno do próprio Deus, que é a

causa final e a finalidade final de **todas as cousas**, que, a fim de conduzir homens pecaminosos à verdadeira glória da humanidade, que haviam perdido irremediavelmente, Deus proveesse para os homens um Salvador dessa qualidade. Ao entrar em Sua própria glória por meio de sofrimento Ele abriu o caminho através do qual os "muitos" (cfr. **#Is 53.12**; **#Mc 10.45**) pode agora ser levados a compartilhar da mesma glória humana na qualidade de filhos de Deus e co-herdeiros juntamente com Cristo (cfr. **#Rm 3.23**; **#Rm 5.2**; **#Rm 8.29-30**). O sofrimento da morte experimentado por Jesus, por conseguinte, foi inteiramente necessário para qualificá-LO a funcionar como Salvador dos homens. **Autor** (10); lit., "líder". Essa palavra é novamente traduzida como Autor em **#Hb 12.2**.

A obra de nosso Senhor resultou no fato de Ele tornar-se o Cabeça de um grupo ou comunidade salva, isto é, aqueles a quem Deus deu a Jesus Cristo, através e por causa do que Ele realizou (cfr. **#Jo 17.2,6,26**). As citações baseadas no Antigo Testamento, em confirmação a esse ponto, são notáveis. A primeira (12) é tirada de **#Sl 22**, um salmo que prevê a cruz. A constituição da **congregação** ou "igreja" que conta com Cristo em seu meio, a revelar Deus a Seus irmãos, só é possível por causa de Seu sacrifício. As duas outras citações (13) são de **#Is 8.17-18**. Frequentemente atribuem a primeira a **#Sl 18.2**; mas a Septuaginta de **#Is 8.17-18** sugere que esta passagem é a fonte de ambas as citações. É um lugar, no Antigo Testamento, onde claramente emerge o pensamento de um remanescente crente ou "igreja".

>Hb-2.14

Esses **filhos** eleitos (14) no propósito divino, na qualidade de homens eram participantes "de carne e sangue" e, na qualidade de pecadores, estavam sujeitos à escravidão e ao temor, sujeitados debaixo do diabo e do poder da morte (14-15). Não havia esperança de uma comunidade redimida vir a levantar-se para usufruir do destino que Deus tencionou para o homem, a não ser que essa prisão, efetuada pelo diabo e pelas "portas do inferno" viesse a ser rompida (ver **#Mt 16.18**; **#Mc 3.26-27**; **#1Co 15.17-19**). E esse rompimento se verificou quando o Filho de Deus se encarnou e entrou na morte, não como vítima indefesa, mas como o grande Vitorioso. (Cfr. **#Ap 1.18**; **#Rm 14.9**).

>Hb-2.16

Essa salvação foi preparada para os homens, e não para os anjos (16). Cristo veio redimir a **descendência de Abraão**, isto é, os homens de fé (cfr. **#Gl**

3.7,9,29). Note-se que a palavra "socorre" não se refere ao fato de Ele ter-se tornado homem, e, sim, à Sua obra de socorro e redenção. Cfr. #Jr 31.32, onde a Septuaginta tem a mesma palavra grega que descreve um gracioso "agarrar" a fim de arrebatá-lo do estado de escravidão. Cristo pôde (17-18) socorrê-los plenamente desse modo, somente se entrasse de modo completo, na qualidade de homem autêntico, em sua experiência ou provação humana. O que necessitavam era de alguém que pudesse corrigir suas relações com Deus (17) e ajudá-los a triunfar sobre as contínuas tentações da vida (18). Portanto, na qualidade de "Autor da salvação deles" (10), o Filho de Deus se tornou um Sumo Sacerdote que foi **fiel** no desencargo de Sua obra de **propiciação** pelos pecados do povo inteiro de Deus, e **misericordioso**, isto é, compassivo ou pronto para simpatizar com os tentados e para socorrê-los, em vista de Sua experiência pessoal das tentações humanas. Eis porque, portanto, **Ele** palmilhou a vereda da encarnação, sujeitando-se ao sofrimento e à morte.

Hb-3.1

V. JESUS CRISTO É SUPERIOR A MOISÉS Hb 3.1-6

Moisés foi o mediador humano do velho pacto; ele foi chamado para ser servo especial e sem paralelo do Senhor. Ver #Nm 12.5-8. Os israelitas traçavam até ele seu senso de posição e chamada como povo consagrado de Deus. A irmandade Cristã é, semelhantemente, dedicada e chamada por intermédio de Jesus (#Hb 2.11), o Mediador do novo pacto. Portanto, os crentes deveriam "considerar" (1), isto é, fixar sua visão, sua constante atenção mental, em Jesus, a Quem têm confessado como seu **Apóstolo e Sumo Sacerdote**. Ele combina em Sua própria Pessoa ambos esses ofícios. Como Deus, Ele foi "enviado" a fim de revelar Deus aos homens; como Homem, Ele se tornou Sumo Sacerdote a fim de reconciliar os homens a Deus. **Participais da vocação celestial** (1). Aqui temos um contraste subentendido com a herança terrestre que foi apresentada àqueles que saíram, do Egito sob a liderança de Moisés.

>Hb-3.2

Jesus se assemelha a Moisés em certo número de particulares. Deus O nomeou ou **constituiu** (2); isto é, Sua posição e função foram divinamente constituídos (cfr. #1Sm 12.6). Ele foi **fiel** (2). A esfera de Sua obra era a casa inteira de Deus (4-6). Cfr. #Nm 12.7. Jesus também ultrapassa Moisés e é digno de maior glória e honra do que este. Pois o Moisés fazia parte da casa na qual servia, sendo ele mesmo pertencente ao povo de Deus (3). Mas Cristo é o

edificador da casa, pois Cristo é o próprio Deus (4). A tarefa declarada do rei unguido de Deus é edificar uma casa para Seu Nome (#2Sm 7.13); e a Igreja que Jesus afirmou que edificaria é a "casa de Deus" ou novo "Israel" (cfr. #1Tm 3.15; #Gl 6.16). Portanto, nós, os crentes, é que somos essa "sua casa" (6). Outrossim, Moisés era meramente um servo nessa casa (5). Mas Cristo é exibido como o Filho que dirige a casa de Seu Pai (ver 6). Ele é seu Cabeça; por virtude de Sua posição de Filho a casa é sua (6; cfr. #Mt 1.21: "seu povo"). Note-se que Cristo é aqui chamado Filho em referência a Deus (cfr. #Hb 1.2); há uma definida implicação de Deidade nisso. Novamente, o trabalho de Moisés era preparatório (5); apontava para o que haveria de aparecer futuramente; testificava sobre a espécie de obra que seria realizada por Aquele que viria. Ver #Dt 18.15-19. Cristo é o cumprimento de tudo quanto Moisés previu. Cristo não aponta para outro senão para Si mesmo. Não admira, pois, que esta epístola ressalta tanto o "Considerai atentamente Aquele" (#Hb 3.1; #Hb 12.3). Semelhantemente, a casa de Deus do Antigo Testamento, na qual Moisés serviu, apontava para a futura Igreja Cristã, a atual casa de Deus sobre a qual Cristo foi posto como Filho.

Na segunda metade do vers. 6 o pensamento se volta para a aplicação pessoal daquilo que acaba de ser dito. Esses privilégios só podem ser plenamente desfrutados se aqueles que tiverem abraçado a esperança que lhes foi exibida em Cristo, persistirem perseverantemente até que a sua esperança se torne em realidade. Precisam continuar nessa aberta confiança, e nesse exultante testemunho ("ousadia" e "exultação") que são características do crente regenerado.

>Hb-3.7

VI. APLICAÇÃO E ADVERTÊNCIAS PESSOAIS Hb 3.7-4.13

a) O perigo da incredulidade (Hb 3.7-19)

Ver o Apêndice III, "As Passagens Admoestadoras". Esta advertência é reforçada pelo solene exemplo do fracasso dos israelitas, no deserto. A comparação entre Moisés e Jesus, dada nos vers. 1-6, é seguida por uma comparação entre a promessa e o povo sob a antiga aliança e sob a nova aliança. Tanto Moisés como Cristo mostraram-se fiéis até o fim (2). Porém, a grande maioria dos seguidores de Moisés foi infiel. Todos compartilharam dos grandes livramentos da Páscoa e do mar Vermelho; porém, mais tarde, endureceram seus corações contra Deus e pereceram no deserto. Cfr. #1Co

10.1-5. Isso provia uma eloqüente advertência àqueles judeus do primeiro século D. C. que, em Jesus, tinham visto o Cordeiro Pascal sacrificado e o poder de Deus manifestado em Sua ressurreição dentre os mortos. Certamente que isso não era alguma novidade para a maioria da nação não crer no fato. Igualmente, muitos dos israelitas sob a liderança de Moisés contemplaram as obras de Deus pelo espaço de **quarenta anos** (10), mas, não obstante isso, endureceram os seus corações. Assim é que, tendo chegado às próprias portas da Terra Prometida, falharam e não entraram. Semelhantemente, quando esta epístola foi escrita, cerca de quarenta anos possivelmente se tinham passado, desde a primeira proclamação da salvação efetuada pelo próprio Senhor. A origem divina do Evangelho tinha sido confirmada por meio de sinais exibidos àqueles hebreus (**#Hb 2.3-4**). Que eles temessem, portanto, a fim de que também não viessem a escandalizar-se do caminho de Deus e ficar aquém da consumação prometida (**#Hb 4.1**).

Essa exortação é introduzida em palavras citadas de **#Sl 95.7-11**, que são reputadas como proferidas pelo Espírito Santo, e dirigidas para **Hoje** (7), isto é, àqueles que agora são confrontados, nesta nova era de redenção, com a nova revelação dada pela voz de Deus, proferida em Cristo. Note-se a autoria divina implicada e o propósito cristão das Escrituras do Antigo Testamento. Tudo depende do modo como os homens ouvem a mensagem do Evangelho. O Evangelho não consiste de meras palavras, mas é o próprio Deus vivo que se apresenta aos homens para que eles decidam o que fazer com Ele. Cfr. **#Hb 4.12-13**. Recusar-se a dar-Lhe ouvidos é a mesma coisa que rejeitá-Lo (12).

>Hb-3.8

Provocação e tentação (8) são traduções dos nomes locativos hebraicos Meribá e Massá. Ver **#Nm 20.1-13**; **#Êx 17.1-7**. A instância da incredulidade de Israel, em Massá, ocorreu no primeiro ano de perambulações pelo deserto, e a instância em Meribá teve lugar no quadragésimo ano dessas perambulações. Isso evidencia que seu endurecimento de coração havia persistido desde o início até o fim daqueles quarenta anos. **Me tentaram** (9). Parece que "tentar" a Deus significa tentar verificar quão longe alguém pode prosseguir na desobediência contra Ele. Embora Deus, em Seu desprazer, os tivesse repreendido (10), exibindo perante seus olhos os próprios erros, continuaram mostrando total falta de entendimento do propósito do procedimento de Deus para com eles. Recusaram arrepender-se. Assim sendo, Deus solenemente declarou (11) que era impossível, para pessoas em tal condição desfrutar da herança prometida.

>Hb-3.12

Nos vers. 12-15 as palavras baseadas no #SI 95 são reputadas como indicação que "Hoje", enquanto ainda há oportunidade de dar-se ouvidos à voz de Deus no Evangelho (cfr. #2Co 6.2), há a possibilidade do indivíduo cair no mesmo perigo em que caíram os israelitas. Pois a Palavra de Deus produz uma reação inevitável; ou os homens respondem obedientemente, ou rejeitam-na teimosamente. As causas do fracasso, que deveriam ser evitadas, são, por um lado, **incredulidade** e infidelidade (12), e, por outro lado o próprio **engano do pecado**, mediante o qual os corações dos homens se endurecem contra Deus (13). A consequência prática de tal fracasso não é menor que a do "afastamento" (lit., "apostasia") do Deus vivo (12). A proteção contra isso é encontrada na exortação diária e mútua (13). Os crentes devem dirigir uns aos outros palavras de encorajamento, cada dia. Os muitos são responsáveis por cada qual; cada membro da comunidade cristã deveria cuidar para que nenhum indivíduo dentre seu número se torne infetado (ver 12). Pois a plena participação nas bênçãos messiânicas é concedida somente àqueles que são firmes em sua **confiança** (14), desde o princípio até o fim. A fé é a "confiança" ou "segurança" das coisas esperadas (#Hb 11.1). Ela deve ser mantida, com toda a intensidade de sua primeira manifestação (cfr. #Hb 3.6), e em face de demora, sofrimento e desapontamento temporário (cfr. #Hb 10.35-36). No vers. 14 note-se a antítese entre o **princípio** e o **fim**; cfr. #Hb 12.2, "o Autor e Consumador da fé, Jesus".

O solene significado do exemplo dos israelitas é reforçado mais ainda por uma série de perguntas. Aqueles que provocaram a Deus durante quarenta anos, no deserto, não foram outros senão aqueles que participaram do livramento da escravidão egípcia, um surpreendente anti-clímax. O motivo pelo qual foram lançados em juízo foi o pecado. A razão pela qual deixaram de entrar na Terra Prometida foi desobediência enraizada na incredulidade. A falta de fé, pois, ou seja, o **perverso** coração de **incredulidade** (12), é o óbvio e fatal perigo contra o qual nos devemos precaver.

Hb-4.1

b) Exortação para entrar no descanso (Hb 4.1-13)

Há um motivo urgente para que o indivíduo dê atenção à advertência visto que, por um lado, a promessa divina de entrada no descanso de Deus continua

de pé, e, por outro lado, o não abraçá-la pode resultar em uma perda impossível de ser remediada, uma perda permanente das melhores bênçãos de Deus. É possível falhar (1) ou ser "deixado para trás". O escritor novamente salienta que a companhia inteira dos cristãos deveriam estar precavidos a fim de que nenhum indivíduo sequer viesse a falhar. Cfr. #Hb 3.12-13; #Hb 12.15.

Essa promessa de entrada no descanso de Deus é oferecida novamente aos homens mediante a pregação do Evangelho de Cristo (2). É isso que outorga aos homens de "Hoje" a oportunidade de "ouvir Sua voz". Mas, conforme as Escrituras do Antigo Testamento deixam claro, quando os homens escutam a Palavra proferida por Deus, podem usufruir das bênçãos que Ele promete somente quando se tornam vitalmente unidos a ela por meio da resposta positiva da fé (2); ou, seguindo um texto alternativo nos manuscritos, se confiadamente se associarem com aqueles que a obedecem (2). Embora Deus tivesse jurado que os israelitas incrédulos não entrariam em Seu descanso, fica claro, pela presente experiência dos crentes cristãos, que Cristo trouxe esse descanso até o alcance de Seu povo. Pois aqueles que se tornaram crentes em realidade estão entrando nesse mesmo descanso (3).

>Hb-4.4

Esse descanso de Deus tem existido, para os homens dele participarem, desde que a criação do mundo terminou; **E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera** (4). Esse descanso não consiste de mera inatividade; a palavra descreve a satisfação e o repouso da realização bem sucedida. Outrossim, as palavras das Escrituras que falam sobre esse assunto (#Gn 2.2 e #Sl 95.11) devem ser consideradas como a própria palavra e o testemunho de Deus sobre a questão. Essas palavras demonstram, primeiramente, que o próprio Deus descansou. Em segundo lugar, ainda que por implicação, indicam que Seu propósito claro é que os homens também entrem e compartilhem de Seu descanso. Sua palavra a respeito garante a sua certeza; Deus nunca profere palavras vãs. Em terceiro lugar, somos informados que aqueles para quem a oportunidade foi oferecida pela primeira vez, no deserto, falharam por não tê-la abraçado, em vista de sua incredulidade, e assim foram, pela palavra do mesmo Deus, solenemente proibidos de toda esperança de admissão ao Seu descanso: **Não entrarão no meu descanso** (3-5). Semelhantemente vemos que a herança até à qual o povo foi liderado por Josué não pode ser o descanso prometido, pois muito tempo depois de Josué, nos dias de Davi, Deus fala sobre uma nova oportunidade (**Hoje**) dos homens ouvirem Sua voz e entrarem em Seu descanso.

>Hb-4.9

É claro, por conseguinte, que Deus tenciona que Seu povo compartilhe de Seu próprio "repouso sabático" (9, margem). Essa é a recompensa que o Senhor tem reservado para eles. Entrada nesse repouso significa a cessação das próprias obras, tal como Deus descansou da obra da criação no Seu sábado de descanso. Portanto, tal alvo, em sua plenitude, é algo que jaz além desta existência. Não obstante, aqueles que encontram salvação e vida nova em Cristo, começam a experimentá-lo desde agora e nesta vida ainda. Assim, conforme o escritor sagrado já havia dito (3), aqueles que dão o passo decisivo e se tornam crentes cristãos, estão entrando no descanso de Deus. Já começaram a desfrutar de uma bênção que ainda não está consumada. Sua possessão é ao mesmo tempo atual e futura. Portanto, todos nós precisamos exibir zelo e intenso esforço para continuarmos nessa caminhada (11), a fim de que nem um só dentre nós venha a cair pelo caminho, tornando-se semelhante aos israelitas, que caíram no deserto (cfr. a esposa de Ló), outro exemplo de desobediência incrédula, ainda que semelhante. É algo muito solene tornar-se alguém uma testemunha negativa da verdade das promessas de Deus ao deixar-se "cair" ou "ficar para trás". É muito melhor ser uma testemunha positiva e entrar no descanso. Aqueles que têm ouvido a voz de Deus inexoravelmente se tornam uma coisa ou outra.

>Hb-4.12

É conveniente, nesse caso, considerar o caráter da Palavra com a qual somos confrontados, a palavra das Escrituras e do Evangelho, caso tenhamos de apreciar plenamente a responsabilidade sob a qual somos postos ao ouvi-la. Pois essa Palavra é a Palavra de Deus (12). Ela participa dos atributos do próprio Deus. Ela é **viva** e plena de atividade e poder de realização. Nela o próprio Deus acha-se ativo, pelo que ela jamais deixa de produzir resultado: traz salvação ou julgamento. Ela penetra até o mais íntimo do ser do homem, como se fosse um bisturi dissecador, e força uma aberta e radical divisão e distinção entre as coisas que diferem na vida humana. Põe sob juízo os pensamentos e as idéias da mente e da vontade humanas. Ela é o "crítico" (gr. **kritikos**) (aqui traduzida como **apta para discernir**) pelo qual somos julgados. Confrontado por ela, o homem é confrontado por Deus, perante Quem nada pode ser ocultado. De fato a Palavra de Deus nos deixa cômicos de que todas as coisas estão descobertas e patentes, plenamente expostas ao olhar perscrutador de Deus. E é justamente a Ele, o Deus onde se originou essa

Palavra, que todos quantos ouvem-na (gr. **logos**) terão de finalmente dar uma resposta com sua própria palavra ou "prestação de contas" (gr. **logos**). **Patentes** (13). O termo grego significa "com a cabeça curvada para trás e o pescoço desnudo". Sugere a impossibilidade de ocultar o próprio rosto. Na prestação de contas final, todos deverão olhar para Deus e ser olhados por Ele, face a face.

>Hb-4.14

VII. CRISTO, NOSSO GRANDE SUMO SACERDOTE Hb 4.14-5.10

a) É declarado o tema principal da epístola (Hb 4.14-16)

Tendo, pois (as palavras são enfáticas) um **grande sumo sacerdote** (14), isto é, grande em Sua natureza essencial, pois Ele é ao mesmo tempo verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Temo-lo assim porque somos crentes. No cumprimento de Sua obra, como Sumo Sacerdote, Ele "penetrou os céus" e chegou até à presença do próprio Deus, onde atualmente se encontra entronizado. Note-se que essa entronização é implicada no vers. 16; ela é explicitamente declarada por diversas vezes (ver **#Hb 1.3-13**; **#Hb 8.1**; **#Hb 10.12**). Por causa de Sua humanidade e experiência terrena, Ele é capaz de apreciar com simpatia nossas limitações e provações humanas. Portanto, firmemo-nos à aberta confissão de fé nEle; e entremos no desfrutamento dos benefícios que Sua obra sacerdotal tem posto à nossa disposição. **Confiadamente** (16), isto é, com franca e aberta expressão de nossa fé e de nossa necessidade. Acheguemo-nos ao próprio trono de Deus, onde descobrimos que se trata de um trono de graça e de abundância divinas, onde sempre podemos encontrar compaixão ou misericórdia, em relação às nossas fraquezas ou pecados, e onde podemos descobrir graça que nos proporcione ajuda no tempo certo, isto é, ajuda apropriada para a necessidade do presente momento. **Nossas fraquezas** (15) são aquelas devidas à nossa existência de criaturas finitas, como, por exemplo, o cansaço, o evitar dores, etc. Essas são coisas que foram experimentadas pelo próprio Filho de Deus. **Mas sem pecado** (15) pode descrever ou o resultado de Suas tentações (isto é, Ele nunca caiu em pecado), ou uma diferença no modo como Ele foi tentado (isto é, não havia nEle natureza pecaminosa, nenhum impulso pecaminoso partindo do íntimo). **Acheguemo-nos** (16); a palavra grega, aqui, é o termo comumente empregado para a aproximação dos sacerdotes a Deus. Esse privilégio, anteriormente restrito a alguns poucos selecionados, agora se estende ao povo inteiro de

Deus. Além disso, não temos aqui um mero santuário simbólico, neste mundo, onde nos seja possível entrar fisicamente, mas temos aqui a entrada até à própria presença de Deus.

Hb-5.1

b) Qualificação e obra de nosso Senhor como o Sumo Sacerdote descrito (Hb 5.1-10)

Sumo Sacerdote é aquele que é nomeado para agir em prol dos homens naquilo que diz referência a Deus, especialmente para apresentar ofertas a Deus (1). O sumo sacerdote deve ser escolhido dentre os homens e ser capaz de, na qualidade de verdadeiro homem, simpatizar com as fraquezas humanas (2). (Essa qualificação já foi descrita como real a respeito de nosso Sumo Sacerdote cristão; ver [#Hb 2.18](#); [#Hb 4.15](#)). Além disso, ele não deve presumir em tomar sobre si mesmo tal ofício; deve ter sido chamado para tal tarefa por nomeação de Deus (4). Tudo isso (em ordem reversa) é declarado como cumprido na pessoa de Cristo, conforme o escritor sagrado considera Sua nomeação divina, Sua perfeita humanidade e conseqüente habilidade de simpatizar conosco, e Seus ofício e obra. Pois foi Deus Quem, ao ressuscitá-Lo de entre os mortos, reconheceu-O como Seu Filho (5) declarando abertamente a Sua nomeação para um sacerdócio eterno, segundo uma classificação diferente daquela de Aarão, a ordem de [Melquisedeque](#) (6). Ele também é perfeitamente capaz de simpatizar com os homens com sua vida na carne pois Ele mesmo, ainda que Deus Filho, aprendeu como homem, na experiência de Sua vida terrena, o pleno significado da submissão obediente à vontade de Deus, em face de extremo sofrimento humano e do poder da morte (7-8). Foi assim que Ele atingiu aquela perfeição humana que O qualificou para entrar em Sua obra (9). E foi quando assim se qualificou que Deus atribuiu a Ele, solenemente, o título a que fez jus, o título de Sumo Sacerdote conforme uma nova ordem de caráter eterno (10). E foi assim plenamente capacitado a agir que Ele se tornou a única causa suficiente de eterna salvação para todos aqueles que por Seu intermédio aprendem a ter uma reação semelhantemente confiante e obediente para com a vontade e o caminho de Deus para com os homens.

Os [pecados](#) (1) cobertos pelos sacrifícios oferecidos segundo a lei, eram pecados devidos à fraqueza humana, e não os pecados voluntários, feitos em desafio a Deus. Os sumos sacerdotes humanos eram capazes de demonstrar simpática compreensão para com tais erros porque, na qualidade de homens,

eles mesmos sofriam dessas fraquezas. Além disso, por motivo semelhante, era necessário que os sumos sacerdotes humanos oferecessem primeiramente sacrifícios por seus próprios pecados (3). O caso de Cristo, como é natural, é diferente no que concerne a este último ponto; pois Ele jamais foi maculado pelo pecado (#Hb 7.26). Não é por isso, porém, que Sua simpatia diminui. Não é preciso que alguém ceda à tentação para estar plenamente consciente de sua pressão sobre o homem natural. De fato, somente Aquele que resistiu à tentação até o fim sentiu seu peso total. Cfr. #Hb 2.18; #Hb 4.15.

As citações tiradas do Antigo Testamento, nos versículos 5 e 6, se baseiam em dois importantes salmos messiânicos (#Sl 2.6 e #Sl 110.4). Ver comentários sobre #Hb 1.5; #Hb 7.1 segs., e Apêndice II).

>Hb-5.7

Tendo oferecido... orações e súplicas (7). Cristo orou particularmente no jardim do Getsêmane, com ardentes e urgentes súplicas, para ser salvo da morte, isto é, livrado de seu poder (cfr. #Hb 2.14-15). Porém, ainda que sua natureza humana tivesse procurado evitar tal possibilidade (#Mt 26.38-39), Ele orou em espírito de reverente submissão e de obediência à vontade de Deus, como alguém preparado a aprender-tal era a **sua piedade** (7) -o fato que cada circunstância e experiência tinha seu próprio lugar no plano do Pai. E Sua oração foi ouvida; e, pela experiência de tal disciplina, Ele aprendeu pessoalmente o pleno significado da obediência humana, sendo assim aperfeiçoado em Seu caráter humano e em Sua idoneidade para ser a causa da salvação humana, uma salvação eterna em sua qualidade. Os homens podem desfrutar o total benefício de Sua obra salvadora somente se eles igualmente, forem batizados no mesmo espírito, e se tornem tais que a obediência ativa a Cristo seja sua prática contínua.

>Hb-5.11

VIII. EXORTAÇÃO AO PROGRESSO E À PERSISTÊNCIA Hb 5.11-6.20

Esta repreensão e exortação é originada pelo assunto abordado pelo escritor (assunto que só os maduros podem compreender perfeitamente), por sua consciência da condição espiritualmente atrasada de seus leitores, por seu reconhecimento sobre o propósito de Deus para com Seus filhos, e pela contemplação da única alternativa final, a saber, completa recaída e terrível

juízo. Pois aqueles que compartilham plenamente da oportunidade outorgada por Deus para receber Sua Palavra, para em seguida rejeitá-la consciente e deliberadamente, só podem esperar o juízo. É impossível fazer qualquer coisa mais para levar tal indivíduo ao arrependimento; abertamente se põem ao lado daqueles que crucificaram ao Filho de Deus. Aqui (#Hb 6.9) o escritor sagrado, alarmado por tais pensamentos, tem o cuidado de esclarecer imediatamente, em terna afeição por seus leitores, que a condição deles não era desesperadora. Suas vidas exibiam o fruto das boas obras. Porém, necessitavam ser despertados em vista do perigo da negligência, e precisavam aprender a incluir a devoção (semelhante àquela que tinham incluído em suas boas obras) na persistência em esperança confiante até o dia da plena posse (11-12). Além disso, o próprio Deus, a fim de remover das mentes humanas toda possibilidade de dúvida, prestou a garantia de Sua palavra certa mediante um juramento confirmador de pacto (17). E assim os homens, em suas relações com Deus, mediante a fé, têm dupla base de confiança-a palavra de Deus e o juramento de Deus, ambas as quais é impossível que sejam falsas (18). Finalmente, o próprio Jesus entrou, como precursor, no santuário dos santos, isto é, até à própria presença de Deus, tendo-se tornado o Sumo Sacerdote dos homens, segundo a nova ordem eterna de Melquisedeque. Por conseguinte, há toda razão e toda certeza para que o crente se esforce para progredir até à plena posse das promessas de Deus, firmando-se na esperança que nos foi apresentada, o que se torna realidade quando ele acompanha a Jesus, o precursor, até à própria presença de Deus.

a) Um apelo urgente para o prosseguimento até à maturidade espiritual (Hb 5.11-6.12)

As verdades concernentes ao sacerdócio de Cristo, segundo a ordem de Melquisedeque, requerem exposição muito detalhada (11). Tais verdades são **alimento sólido** (12-14), que só pode ser compreendido ou digerido pelos que já estão espiritualmente maduros. O assunto inteiro, portanto, era difícil de ser esclarecido para aqueles leitores particulares visto que, embora já fossem Cristãos há bastante tempo, se tinham tornado relaxados e atrasados em sua resposta à palavra dada por Deus. Note-se os termos **tardios em ouvir** (#Hb 5.11) e **indolentes** (#Hb 6.12); Os **oráculos de Deus** (#Hb 5.12) provavelmente são palavras que, neste contexto, significam o Evangelho, cujos rudimentos são indicados em #Hb 6.1-2. Essa mensagem e as Escrituras do Antigo Testamento são assim reputados ambos como declarações proferidas por Deus. Cfr. #Rm 3.1-2; #1Pe 1.23-25. Nos vers. 13 e 14, note-se o detalhado contraste entre os dois tipos ("adultos" e "bebês"), suas respectivas condições

("faculdades exercitadas" e "inexperiente"), e suas respectivas dietas ("alimento sólido" e "leite").

Hb-6.1

Os crentes que se encontram nessa condição atrasada e indolente têm a urgente necessidade de despertarem-se a fim de avançarem ativamente em direção à maturidade, em lugar de tentarem repetir o processo de colocar novamente os fundamentos, isto é, os **princípios elementares da doutrina de Cristo** (1). Note-se a natureza básica das ações e doutrinas mencionadas nos vers. 2 e 3. Elas representam os passos que se espera que o novo convertido dê, bem como as verdades essenciais que lhe compete crer. A única salvaguarda contra o escorregar para trás e cair é o prosseguir para a frente. Isso requer ação deliberada e decisiva. Não obstante, paradoxalmente, **deixemo-nos levar** (1) está igualmente num verbo em voz passiva (cfr. **#At 27.15-17; #2Pe 1.21**). "O pensamento não envolve primariamente algum esforço pessoal, e, sim, rendição pessoal a uma ativa influência. O poder está operando; temos apenas de nos rendermos ao mesmo" (B. F Westcott, **Hebrews**, pág. 145). Cfr. **#Ef 3.20; #Fp 2.13**. Desse modo, o escritor exorta seus leitores a responderem a essa influência externa, e, no vers. 3, falando a seu próprio respeito, e não sobre outros, expressa a decisão de assim agir.

>Hb-6.3

Há uma qualificação necessária e muito solene. Os homens só podem agir assim **se Deus permitir** (3). Algumas ações, pela própria constituição divina das coisas, são moralmente "impossíveis" (4). Se os homens participam da Igreja visível, compartilhando de todas as bênçãos do Evangelho, se (à semelhança daqueles, por ocasião do livramento às margens do Mar Vermelho, que mais tarde pereceram mediante a incredulidade, no deserto) têm realmente estado na companhia de pessoas que têm experimentado as poderosas operações do Espírito de Deus, e assim têm por si mesmos "provado" (5) de Seu caráter, e depois deliberadamente se afastam e rejeitam a Cristo, é impossível dar início novamente ao processo no caso dos tais, renovando-os para o arrependimento. Tal como no caso daqueles que falharam decisivamente, ou deliberadamente recusaram-se a responder positivamente à graça divina, nada mais resta para estes senão o julgamento. Cfr. **#1Co 10.1-5** e, especialmente, **#Lc 20.13-16**. As Escrituras ensinam consistentemente que as mesmas ações da graça divina, que põem ao alcance dos homens a salvação e a vida, igualmente estabelecem a condenação final daqueles que, após terem

compartilhado dessa revelação, rejeitam-na deliberadamente. Cfr. #2Co 2.15-16. Igualmente, é impossível, nos estágios iniciais, distinguir a diferença entre o trigo e o joio, ou entre a semente que se ressecará ou será sufocada e aquela que produzirá fruto para a vida eterna. Cfr. #1Co 10.12; #2Tm 2.18-19. O julgamento é determinado não pelo início, mas antes, pelo fim, isto é, pelo fruto (8). Eis porque o escritor sagrado tanto se preocupava que aqueles que tinham começado a experimentar a graça de Cristo, comprovassem a autenticidade de sua experiência prosseguindo até seu verdadeiro final. Cfr. #2Pe 1.5-11.

>Hb-6.4

Aqueles que uma vez foram iluminados (4). As palavras, uma vez sugerem certo aspecto absoluto e final, que indica algo feito de uma vez por todas, de tal modo que isso se torna necessariamente incapaz de repetição. Isso faz contraste com as palavras outra vez (6). Compare-se seu uso em #Hb 9.26,28; #Hb 10.2; #Hb 12.26-27. Aqueles que assim foram uma vez iluminados, nunca mais serão iguais àqueles que nunca receberam a luz. Caíram (6) significa não pecados grosseiros, mas antes, nada menos que apostasia deliberada, uma completa rejeição e execração à fé de Cristo. No que lhes diz respeito (isto é, para si mesmos), tais pessoas expulsam Cristo de suas próprias vidas, ou rejeitam Sua reivindicação de ser o Filho de Deus, por ação similar à daqueles que procuraram livrar-se dEle ao crucificá-Lo. Desse modo, expõem Cristo publicamente à vergonha. Ver também o Apêndice III, "As Passagens Admoestadoras".

>Hb-6.8

Após exibir tão solene quadro de condenação inevitável (8), o escritor se apressa, movido por verdadeira afeição (somente nesta altura da epístola ele chama de amados os seus leitores), a assegurar a seus leitores que estava convencido que eles não se encontravam nesse estado desesperador (9). Por conseguinte, alguns comentadores consideram o tipo descrito nos vers. 4-8 como hipotético e não como real. Pelos vers. 10-12 aprendemos o que indica verdadeira vida espiritual e o que é necessário para o pleno progresso espiritual, a saber, a diligência, ou zelo todo-absorvente, no trabalho... do amor (10), isto é, o ministrar aos irmãos crentes por amor ao nome do Pai, a "plena certeza da esperança" (11), na expectativa do cumprimento das promessas de Deus, bem como o persistente e paciente esperar da fé (12), até o dia em que nossa possessão seja realizada.

>Hb-6.13

b) Bases de confiança inspiradoras de constância (Hb 6.13-20)

As promessas de salvação feitas por Deus são ainda mais firmes por terem sido confirmadas por um juramento proferido pelo próprio Deus. Isso era verdade desde o princípio. Quando as promessas foram feitas a Abraão, Deus ao mesmo tempo jurou que as cumpriria (13-14). A confiança de Abraão na palavra de Deus capacitou o patriarca a suportar tudo pacientemente, até que a promessa se cumpriu. Pode-se aprender o significado da prestação de juramento pela prática de jurar que é comum entre os homens (16). O propósito do juramento é pôr fim a toda dúvida ou apreensão acerca de uma promessa e fazer calar todos quantos tentarem contradizer sua certeza. Sua veracidade e cumprimento certo, portanto, foram confirmados pelo mais solene dos compromissos. Isso comumente envolvia juramento pelo Todo-Poderoso. Quando os homens assim comprometem sua palavra um para o outro, virtualmente chamam a Deus para que sirva de mediador entre eles, como testemunha das promessas feitas (cfr. #Jz 11.10; #Rm 1.9) e para observar seu cumprimento (cfr. #Rt 1.17). Na qualidade de Alguém que é superior Ele é capaz de vingar-se se qualquer das partes contratadas deixar de cumprir sua palavra. Essa certeza da divina vingança torna o juramento de Deus como algo final como confirmação de promessas. A fim de tornar os homens duplamente certos acerca de Sua promessa, Deus condescendeu em usar esse método de prestação de juramento (17-18). Portanto, Ele se fez (visto não haver ninguém superior para quem fosse possível apelar) uma espécie de terceiro interessado ou mediador entre Si mesmo e os homens. Portanto, possuímos uma dupla base de confiança, em Deus, Aquele que promete e nos dá garantia em Sua palavra, e em Deus, Aquele que garante e nos confirma Sua promessa por meio de juramento. Conclui-se que não há possibilidade do indivíduo vir a ser enganado a respeito da promessa ou ficar desapontado a seu respeito.

>Hb-6.19

Temos por âncora (19) provê uma ilustração peculiarmente apropriada. Tratava-se de um símbolo reconhecido de esperança. Sugere a confiança de voltar-se para e apegar-se à confiança que se firmará e jamais falhará porque entra nas profundezas invisíveis, o santo dos santos. Além disso, essa corrente de pensamento traz de volta às mentes dos leitores a pessoa de **Jesus** e seu

ofício sumo-sacerdotal **segundo a ordem de Melquisedeque** (20), o grande tema acerca do qual o escritor já havia indicado grande desejo de expô-lo (**#Hb 5.10-11**). Jesus nos oferece nova esperança, visto haver entrado no santuário mais interno, não apenas a nosso favor (**por nós**), mas igualmente entrou como "precursor", abrindo o caminho para que O possamos seguir, para que desse modo chegássemos até à própria presença de Deus. Cfr. **#Hb 7.19** e **#Hb 10.19**. Semelhantemente, como uma âncora, Ele nos oferece uma certa e absoluta confiança, visto que Ele habita no mais íntimo santuário da presença de Deus, ou seja, ali permanece entronizado, em contraste com os sumos sacerdotes segundo a ordem levítica, que eram instalados no ofício para posteriormente serem removidos por motivo de falecimento. Por isso é que Ele se tornou **sumo sacerdote para sempre** (20). É justamente essa qualidade eterna que distingue a ordem sacerdotal de Melquisedeque da ordem levítica de Aarão.

Hb-7.1

IX. CARACTERÍSTICAS E EFICÁCIA DO SACERDÓCIO ETERNO DE CRISTO Hb 7.1-28

O escritor sagrado já havia asseverado que Jesus pode ser, para todos quantos O obedecem, o autor de uma eterna salvação, visto ter-se tornado, a favor deles, um Sumo Sacerdote para sempre "segundo a ordem de Melquisedeque" (ver **#Hb 5.6,9,10**). É a respeito desse novo e distintivo ofício e obra sacerdotais de Jesus, acerca do que ele tinha "muitas cousas que dizer" (**#Hb 5.11**), que ele agora se lançou a expor de modo completo. As próprias Escrituras do Antigo Testamento tanto provêem como autorizam o emprego dessa ilustração ou modelo, a saber, o sacerdócio de Melquisedeque após cuja ordem o Messias foi declarado sacerdote para sempre, mediante juramento divino (ver **#Gn 14.17-20**; **#Sl 110.4**). O escritor sagrado, pois, começa a expor justamente as implicações envolvidas nessas Escrituras e a significação desse modelo divinamente ordenado. Essa nova ordem de sacerdócio subentende e envolve diferença de e superioridade sobre a antiga ordem levítica superando-a. Acresce que a nova ordem (ainda que o sacerdócio levítico tenha falhado nesse ponto) tornou possível a realização da esperança da religião inteira, a saber, o livre acesso a Deus e a plena e completa salvação pessoal.

O registro no livro de Gênesis indica duas coisas acerca desse **Melquisedeque** -sua contínua permanência e sua grandeza. Sua contínua permanência é

indicada pelo silêncio, e sua grandeza é indicada positivamente por suas declarações. Isso quer dizer que tanto o que é declarado como o que é omitido nas Escrituras, é igualmente importante. É fato realmente notável que, no livro de Gênesis, nada seja dito sobre os antepassados de Melquisedeque; pois, no Antigo Testamento as genealogias se revestem de grande importância, particularmente no caso dos sacerdotes. Melquisedeque é simplesmente apresentado como um sacerdote por seu próprio direito, e não por motivo de descendência física. Semelhantemente, não são mencionados nem seu nascimento nem sua morte. Ele aparece uma única vez no registro sagrado como personalidade viva, e é deixado a habitar sozinho e "para sempre" nas mentes dos leitores como Melquisedeque, o sacerdote. Nada também é dito acerca de qualquer sucessor seu. Em tudo isso ele é feito, pelo próprio silêncio das Escrituras, parecer-se ao **Filho de Deus** (3; note-se o título divino, e contraste-se com o vers. 22), que apareceu uma vez só na história, mas que não conhece começo de dias nem fim de vida. Jesus é Sumo Sacerdote de conformidade com essa classe, único e "para sempre".

Além disso, o registro do livro de Gênesis deixa claro a grandeza de Melquisedeque. Pois não foi outro senão o próprio Abraão, o patriarca, que lhe deu o dízimo, ou décima parte, selecionando-o dentre o melhor dos despojos. E fez isso na hora de sua própria vitória, quando poderia ter reivindicado o primeiro lugar, não sendo segundo para quem quer que fosse na terra. Outrossim, Melquisedeque realmente abençoou a Abraão, o que prova que, por mais favorecido por Deus que fosse Abraão, Melquisedeque era ainda maior que ele. Por outro lado, Melquisedeque é maior que os sacerdotes levitas. Estes têm apenas um direito legal de receber dízimos da parte de seus iguais. Mas Abraão reconheceu que Melquisedeque tinha um direito inerente de ser considerado como seu superior. Além disso, "por assim dizer" (9), isto é, embora alguns julguem que tal conclusão seja um tanto incomum, é possível considerar que, naquilo que Abraão fez, também estava envolvido seu descendente Levi, o qual assim compartilhou no reconhecimento da grandeza e superioridade de Melquisedeque. Note-se que as Escrituras pintam-no como alguém que era ao mesmo tempo sacerdote e rei (1). A combinação desses dois ofícios deveria ser a característica distintiva do Messias. Cfr. **#Hb 8.1** e **#Zc 6.13**. Semelhantemente, os sentidos das palavras hebraicas sugerem que, na qualidade de "Melqui-sedeque" ele era **rei de paz** (2). Note-se, igualmente, o significado da ordem aqui salientada, primeiramente a justiça, e então a paz. Cfr. **#Hb 12.11**; **#Is 32.17**; **#Tg 3.17-18**.

Além disso, existe prova independente que esse sacerdócio segundo a classe de Melquisedeque, pertence a nosso Senhor, é radicalmente diferente do sacerdócio levítico, e muitíssimo superior ao mesmo. Pois existe uma passagem bíblica profética (#Sl 110.4) que ensina que o Messias seria um sacerdote divinamente nomeado de acordo com essa classificação de Melquisedeque. Essa indicação bíblica sobre a necessidade de uma nova ordem sacerdotal implica claramente em que a ordem levítica então existente havia fracassado, não atingindo seu fim tencionado ou verdadeira perfeição (11). Outrossim, o sacerdócio era algo tão fundamental na antiga aliança entre Deus e Seu Povo (a relação inteira era constituída na dependência a esse ministério), que qualquer alteração na ordem sacerdotal tornava necessária e envolvia a mudança da constituição inteira; isto é, implicava em nada menos que a implantação de uma nova aliança, realmente melhor que a primeira (12-22).

>Hb-7.13

Uma das características distintivas da nova ordem é então observada (13-14). Os sacerdotes da antiga ordem tinham de ser descendentes de Levi. Contudo sabemos, não apenas pela profecia bíblica, mas igualmente pelos fatos históricos concernentes a Jesus, que Aquele (assim é deixado subentendido pelo escritor sacro) a Quem aceitamos como Messias, agradou-se em ser membro de outra das tribos de Israel. Pois era do conhecimento público que Jesus procedeu de Judá (14), uma tribo que não possuía qualquer reivindicação à ordem de sacerdotes nomeada por Moisés. Note-se aqui a destacada descrição de Jesus como nosso Senhor (14). Isso corresponde, nesta passagem, ao pensamento que encontramos em #Sl 110.1, no qual Davi O chama de "meu Senhor".

Além disso, a base sobre a qual nosso Senhor tem o direito de ser Sacerdote, torna ainda mais óbvio que houve uma completa alteração na lei que governava o sacerdócio. Sob a antiga dispensação, as qualificações necessárias, tanto para que alguém fosse sacerdote como para que se desincumbisse das funções sacerdotais, eram todas físicas e externas, dependentes de conformidade com a lei (16). Tratava-se de questão primeiramente de pureza física, por meio dos rituais apropriados. Mas, sob a nova ordem de coisas, as qualificações necessárias de Cristo, para ser Sacerdote e completar com sucesso Sua obra sacerdotal, são essencialmente espirituais e internas. Dependem da posse pessoal de uma vida que não pode ser destruída (16), bem como da conseqüente aptidão para levar até o término

ou plena perfeição a Sua obra de salvar os homens. Essa diferença é deixada inquestionavelmente clara pela descrição do novo Sacerdote como Aquele que se levantou "à semelhança de Melquisedeque" (15). A característica distintiva do sacerdócio de Melquisedeque é que tal sacerdócio é **para sempre** (17). Aquele que deve ser Sacerdote dessa classe deve possuir uma vida que não somente nunca termina, mas também que nunca pode ser exterminada (16). Eis porque Ele é capaz de fazer o que nenhum sacerdote levita jamais pôde fazer. Jesus pode ao mesmo tempo apresentar os homens a Deus (19) e salvá-los até o limite extremo (25). Pois, a morte física de Jesus, como Homem, não significou a dissolução de Sua vida eterna como Deus. Ele entrou no Céu como Aquele que é vivo, e ali se encontra vivendo para todo o sempre. Em outras palavras, Sua vida indissolúvel possibilitou-O, em Sua morte humana e através dela, de continuar agindo e de entrar no céu, assim apresentando-se a Deus como o Cordeiro que foi morto. Além disso, isso tornou certo que, na presença de Deus, Ele agora permanece vivo para todo o sempre.

Acresce que tão solene introdução de um novo Sacerdote, por parte de Deus, por si mesma já é suficiente para cancelar a ordem antiga, provando que a mesma era tão somente temporária e provisória. Realmente, à luz do que Cristo fez agora, podemos perceber que a lei antiga era completamente impotente e inútil. Indiretamente, portanto, o escritor sagrado estava ensinando, àqueles seus leitores judeus, que deveriam reconhecer isso, na qualidade de crentes cristãos, não sendo tão insensatos a ponto de continuar confiando na antiga ordem judaica; pois essa ordem foi divinamente ultrapassada, pois o próprio Deus "introduziu" algo melhor, capaz de realizar aquilo que a antiga ordem estava impossibilitada de fazer, dando-nos pleno acesso até à presença de Deus.

Novamente, o novo sacerdócio é superior ao antigo visto ter sido constituído mediante um juramento de Deus. Isso é testemunho que a nova ordem sacerdotal é uma realização divina, que foi assim duplamente confirmada, isto é, pela palavra de Deus e pelo juramento de Deus (cfr. **#Hb 6.13-18**). Por conseguinte, a nova ordem não pode falhar, à semelhança da antiga. Acresce que, sendo assim divinamente instituído, tal sacerdócio é **para sempre** (21). Jamais chegará o dia quando esse Sacerdote deixará de existir ou quando Seu sacerdócio deixará de ser eficaz. O juramento divino implica em algo que é final, eterno, imutável. Portanto, Jesus, que assim nos foi concedido como o Sacerdote da nova aliança, serve-nos, ao mesmo tempo, de Aquele que garante o pacto novo, que é infinitamente melhor que o antigo (22). Note-se, que ambas as expressões **nos chegamos** (19) e **fiador** (22) provavelmente se

originam na mesma raiz grega. Jesus é Aquele que "assegura relações íntimas permanentes com Deus".

>Hb-7.23

Visto que esse Sacerdote continua para sempre, Seu sacerdócio nunca, como aconteceu ao sacerdócio levítico, passará para algum outro por motivo de Sua morte (23-24). Pois o Seu sacerdócio é intocável pela morte. É **imutável** (24). Ninguém jamais se aproximará de Deus, esperando que Jesus o salve, deixando-o de encontrar ali, permanentemente vivo e pronto para intervir a favor de sua causa. E, visto que Ele assim vive para sempre, a fim de funcionar como Mediador e Sacerdote a favor de Seu povo, também é capaz de levar a seu término completo a salvação de todos que desse modo se aproximam de Deus, confiando em Jesus. O tempo verbal presente dos verbos "salvar" e "se chegam" (25), bem pode sugerir uma experiência continuada resultante de uma prática constante. Ele é capaz de "continuar salvando" aqueles que "continuam se chegando", isto é, aqueles que assim se habituaram a aproximar-se de Deus.

>Hb-7.25

Os vers. 25-28 sumarizam o que o escritor sagrado vinha dizendo. Nosso Sumo Sacerdote cristão é proeminentemente grande. E somente Alguém grande tal como Ele estava apto para satisfazer nossa necessidade e garantir nossa completa salvação. Quanto ao Seu caráter (26), Ele é **santo** para Deus, e para os homens é **inculpável**, e em Si mesmo é **sem mácula**. Ele está livre de qualquer poluição que poderia incapacitá-lo para a obra de Seu ofício. No que tange à Sua esfera de operação, Ele foi feito superior e mais elevado que todos os homens pecaminosos, visto haver sido removido para o céu, onde se encontra exaltado a uma posição que envolve a mais alta dignidade possível-à mão direita de Deus. Em contraste com os sacerdotes levitas, Ele não necessita de oferecer sacrifícios repetidos pelo pecado. Caso isso lhe fosse necessário, Ele teria de oferecê-los **todos os dias** (27), pois o Seu trabalho sacerdotal prossegue diariamente. Porém, toda a oferta necessária pelos pecados Ele consumou **uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu** (27). Aqui temos um novo pensamento (ainda que o mesmo já tivesse sido sugerido), e que deve ser desenvolvido adiante na epístola. Na qualidade de Alguém cuja vida não foi dissolvida pela morte humana, Ele é capaz, como ninguém poderia fazer outro tanto, de ser ao mesmo tempo Sacerdote e Vítima; pois Ele a si mesmo se ofereceu.

Semelhantemente, o novo pacto é vastamente superior ao antigo. O antigo era uma lei que nomeava como sumos sacerdotes a homens fracos e incapazes de atingir o fim autêntico do ministério sacerdotal. A nova ordem, que substituiu a lei, foi constituída por um juramento feito pelo próprio Deus. Essa nova ordem nomeia como Sumo Sacerdote Alguém que é deidade, o verdadeiro Filho de Deus, Alguém que, por motivo de Sua encarnação, morte, ressurreição e ascensão, se tornou perfeita e permanentemente competente para desincumbir-se de Seu ofício **para sempre** (28), podendo **salvar totalmente**, a todos quantos **por ele se chegam a Deus** (25).

Hb-8.1

X. EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO SUMO-SACERDOTAL DE CRISTO Hb 8.1-6

Nesta altura o escritor sagrado chega à verdade culminante de tudo quanto tinha a dizer, a saber, que nós, os crentes cristãos (em contraste com os judeus da ordem do Antigo Testamento), possuímos um Sumo Sacerdote dessa classe única e proeminente: Alguém que em Si mesmo é a realidade, que corresponde e cumpre o padrão dado por Deus sobre o sacerdócio; Alguém cujo ministério, por conseguinte, é cumprido na esfera celestial e não na esfera terrena; Alguém cuja obra foi consumada pela entronização à mão direita de Deus; e Alguém que, por isso mesmo, é apto para cumprir um mais excelente ministério na qualidade de mediador de um novo e melhor pacto.

>Hb-8.2

É importante reconhecer esse fato, visto que Cristo se tornou **ministro do verdadeiro tabernáculo** (2), tendo entrado, em nosso lugar, não em algum santuário terreno, mas na própria presença de Deus, pois a esfera total de Seu ministério deve ser reputada como **nos céus** (1) e não **na terra** (4). Isso explica por que Ele é invisível e não consumou Sua obra, à semelhança do sumo sacerdote judaico, com cerimônias elaboradas, em algum tempo terreno grandioso e visível-uma verdade que cabia ser entendida pelos leitores judaicos da epístola. Os sacerdotes judaicos, que serviam sobre a terra, pertenciam a uma classe diferente, à qual Jesus jamais pertenceu. Além disso, a ordem do serviço daqueles, apesar de transmitida por Deus, não passava de uma cópia ou sombra da realidade celestial (5). O trabalho de Cristo era cumprir essa realidade celestial. Isso também explica por que foi necessário

que Ele morresse. Pois o padrão mostra que aquele que se aproximasse de Deus, como Sumo Sacerdote a favor dos homens, precisava ter algo que oferecer (3). Portanto, Cristo ofereceu-se a Si mesmo. Cfr. #Hb 7.27; #Hb 9.14; #Hb 10.10. Essa oferta foi totalmente realizada e consumada por meio de um só ato decisivo. No grego, o termo verbal aoristo do verbo *oferecer* (3), sugere um único ato consumado, e não uma atividade contínua. Portanto, Jesus, atualmente, nada está oferecendo. Com efeito, o fato que Sua oferta singular foi aceita como eternamente suficiente, é demonstrado pelo fato que Ele agora se encontra permanentemente entronizado no lugar de todo poder (cfr. #Hb 10.12-13), estando assim totalmente capacitado para salvar todos quantos por Seu intermédio se chegam a Deus. É justamente essa realização celeste e sua consumação bem sucedida, através de Sua entronização, que fizeram dEle o Mediador eficaz do maravilhoso novo pacto. Não admira, pois, que o escritor sagrado tenha descrito Seu ministério como muito diferente do sacerdócio levítico. Não admira, igualmente, que nossa possessão (*temos*) de um Sumo Sacerdote de tal espécie seja chamada de *o essencial das cousas que temos dito* (1), o cume da revelação e da redenção, a verdade coroadora de tudo.

Note-se cuidadosamente a distinção que o escritor sagrado faz entre as realidades celestes e sua cópia terrena ou representação figurada (2-5; cfr. #Hb 9.23-24; #Hb 10.1). Visto que Jesus pertencia à ordem celestial, e não àquela que estava *na terra* (4) Sua oferta de Si mesmo (ainda que tivesse morrido como Homem sobre a terra), só pode ser devidamente apreciada se compreendermos que ela foi efetuada em relação ao tabernáculo celestial, e que foi consumada no trono de Deus (cfr. #Hb 1.3; #Hb 10.12; #Hb 12.2). Compare-se o modo pelo qual os crentes cristãos, ainda que continuem vivendo sobre a terra, devem considerar-se pertencentes ao céu (ver #Hb 3.1; #Hb 12.22-23); e como são exortados a, acompanhando Jesus, entrarem nos céus e se aproximarem ousadamente até o trono da graça (ver. #Hb 4.14-16). A adoração dos crentes, à semelhança da obra sacerdotal de Cristo, não se verifica "na terra".

>Hb-8.7

XI. OS DOIS PACTOS Hb 8.7-13

A própria presença, no Antigo Testamento, da promessa de uma nova aliança, por si mesma é um testemunho que o primeiro pacto não era inteiramente satisfatório e livre de defeito. Essa promessa (citada no vers. 8) se encontra em

#Jr 31.31-34. O que ali é dito indica como o primeiro pacto falhou em vista dos israelitas não se terem mantido fiéis às suas condições. Tal pacto, ainda que genuíno e bom, era deficiente pelo fato de não prover qualquer garantia aos homens pecaminosos que eles continuassem em sua observância fiel. Portanto, Deus declarou Sua intenção de estabelecer uma nova aliança, mediante cujos termos ou **superiores promessas** (6), Ele mesmo resolveu corrigir essa deficiência e assegurar a realização de Seu propósito. Tal propósito era que um grupo de criaturas humanas seria destacado de entre os demais pecadores e levado até a comunhão Consigo mesmo, tornando-se Seu povo, a fim de deliciar-se em Sua companhia e cumprir a Sua vontade. A Deus compete garantir esse fim fazendo com que Sua lei se torne não mais uma imposição externa que só pode ser desobedecida pelos homens, e, sim, uma compulsão interna (10). Tal alteração deveria ser efetuada mediante a implantação do Espírito de obediência nos corações dos homens, a fim de que, à semelhança do Filho encarnado, pudessem eles dizer: "Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração" (**#Sl 40.8**). Tal intimidade de trato pessoal proporcionaria a cada indivíduo envolvido um conhecimento pessoal direto de Deus. Nenhuma classe intermediária privilegiada, quer de sacerdotes ou de profetas, seria necessária para ensinar tais homens acerca de Deus. Pois todos haveriam de conhecê-Lo diretamente (11). Conhecê-Lo e assim ser ensinados pessoalmente por Ele, seriam assim os sinais distintivos dos verdadeiros filhos de Deus. Cfr. **#Is 54.13**; **#Jo 6.45**. E tudo isso sucederia porque Deus, em Sua misericórdia para com eles (em lugar de julgá-los), haveria de eliminar de tal modo os seus pecados (cfr. **#Hb 9.28**) que se tornaria possível uma perfeita comunhão, sem obstáculos, entre eles e Si mesmo (12).

O ato básico da misericórdia divina, acima do qual tudo mais está edificado, portanto, é a obra sacerdotal da eliminação do pecado. O Sumo Sacerdote que realizou isso, e possibilitou aos homens o aproximar-se de Deus, tornou-se desse modo o **mediador** desse novo pacto (6). Essa própria promessa de uma **Nova aliança** (13) significa que, desde os dias de Jeremias, era necessário reconhecer que a primeira aliança já estava se tornando **envelhecido**; e essa descrição sobre algo que se torna antiquado e envelhecido significa que não lhe restava muito tempo até desaparecer. Dessa maneira, baseando-se nas próprias Escrituras judaicas do Antigo Testamento, o escritor sagrado provê a seus leitores uma decisiva indicação adicional de que o antigo pacto era tão somente temporário, e que a intenção divina sempre foi que o mesmo fosse ultrapassado pela nova aliança, assim deixando aquele de vigorar.

Hb-9.1

XII. DESCRIÇÃO DO MINISTÉRIO DO PRIMEIRO PACTO Hb 9.1-10

O primeiro pacto tinha seus regulamentos divinamente estabelecidos, como também um santuário para sua execução, o qual era de natureza **terrestre**. Havia um tabernáculo dividido em duas seções, cada qual rica e esplendorosamente mobilada com o necessário para o cumprimento das cerimônias rituais, dotada de símbolos da presença de Deus, de Suas passadas conexões com Seu povo, e de Sua vontade revelada para com suas vidas. Mas, no dizer do escritor sagrado, era impossível comentar detalhadamente nesse ponto sobre essas características (5). O ponto importante, sobre o qual devia ser concentrada a atenção, era como o culto divino promoveu o grande propósito de sua existência, a saber, capacitar os homens a se aproximarem de Deus.

>Hb-9.6

Essas ordenanças da primeira aliança permitiam que uma classe seleta-os sacerdotes-entrasse continuamente na seção mais externa do santuário, aqui chamada de **primeiro tabernáculo** (6). Na seção mais interna, porém, aqui chamada de **segundo tabernáculo** (7), e que era a seção mais sagrada, e onde estavam os querubins sobre a arca, simbolizando o lugar da habitação e da manifestação da glória do próprio Deus, o acesso era muito restrito. Somente um homem podia ali penetrar, o sumo sacerdote, apenas um dia em cada ano, e somente se ele levasse consigo o sangue derramado do sacrifício expiatório (7). Uma ordem de adoração, de tal modo arranjada pela orientação divina, servia de testemunho, dado pelo próprio Espírito de Deus, de que o caminho para todo o povo de Deus entrar livremente até à presença imediata de Deus, ainda não se tinha tornado manifesto (8), isto é, ainda não fora aberto. Note-se aqui o contraste entre o esplendor divinamente estabelecido na antiga ordem de adoração, tão precioso para os leitores judaicos do escritor sacro, com sua desapontadora ineficácia espiritual. A lei a nada conseguiu aperfeiçoar (**#Hb 7.19**). Não obstante, longe de ser vã, ela teve uma profunda significação espiritual. Pois, ao prover "figura do verdadeiro" (**#Hb 9.24**), ela predisse o caráter, a necessidade e os benefícios dos **bens já realizados** (11), quando apareceu o verdadeiro Sumo Sacerdote. **Um altar de ouro** (4); o fraseado, aqui (cfr. **#1Rs 6.22**), provavelmente significa não que esse altar fosse mantido no interior da segunda seção do santuário, mas antes, que ele estava

especialmente ligado ao ministério levado a efeito exteriormente, no dia da expiação. Ver [#Êx 30.1-10](#); [#Lv 16.12-13,18-20](#).

>Hb-9.9

O caráter limitado e provisório do primeiro pacto pode ser ainda uma vez demonstrado pela própria natureza de suas formalidades de culto. Pois assim os **dons** como os **sacrifícios** (9), ordenados para o mesmo, não possuíam qualquer poder moral para expurgar a contaminação moral do pecado, tornando os adoradores devidamente habilitados para se aproximarem de Deus e de Sua presença desfrutarem (isto é, seu alvo tencionado). Tudo quanto podiam fazer, na qualidade de **ordenanças da carne** (10), era dar, àqueles que se submetessem aos mesmos certa pureza externa ou física (ver 13), um estado formal ou ritual de "santidade" meramente cerimonial. Por conseguinte, tais dons e sacrifícios eram claramente temporários e provisórios, que serviriam a determinado propósito até chegar o tempo de serem superados pelas realidades cujo caráter deixavam entrever. São justamente esses **bens já realizados** (11) que agora foram postos à disposição de todos, para que pudessem desfrutá-los por meio da obra sumo-sacerdotal de Cristo. Pois as próprias cerimônias que exibiam figuradamente ou em **parábola** (9) aquilo que era necessário para tornar possível o acesso, também mostravam que, por enquanto, as barreiras ainda não tinham sido removidas, dando permissão a todo povo de penetrar no Santo Lugar (8). Enquanto os homens fossem mantidos à distância, por um véu e por uma seção externa colocados entre eles e o Santo Lugar, certamente que ainda não podiam gozar do acesso até à presença de Deus. Isso significava, portanto, que somente em virtude da remoção dessa ordem existente, pelo rompimento do véu e pela eliminação do tabernáculo mais exterior, é que o povo, que estava de fora, poderia aproximar-se até à presença de Deus. Portanto, o escritor sagrado estava sugerindo, a seus leitores judaicos, que a realização daquelas esperanças apontadas pela primeira aliança, tinha de envolver a completa abolição dessa antiga ordem. Conforme ele esclarece mais tarde, a respeito das duas espécies de sacrifício (ver [#Hb 10.9](#)), Deus aboliu o primeiro pacto ao estabelecer o segundo-o novo e vivo caminho até o Santo dos Santos (ver [#Hb 10.19-20](#)). O escritor, portanto, teve de preparar as mentes de seus leitores para essa conclusão extremamente radical, sugerindo anteriormente ([#Hb 8.13](#)) que, visto que o primeiro pacto tinha caducado, estava também prestes a desaparecer.

>Hb-9.11

XIII. CARACTERÍSTICAS DO SACRIFÍCIO DE CRISTO Hb 9.11-10.18

A seguir o escritor descreve as características distintivas do sacrifício de Cristo, bem como os grandes benefícios eternos que se tornaram nossos por meio do mesmo. Seguindo seu agora familiar método, ele ilustra e confirma essas verdades, primeiramente lançando mão tanto de comparação como de contraste, e em segundo lugar, referindo-se às cerimônias levíticas de culto e sacrifício, após o que, passa a citar e expor algumas das palavras proféticas, transmitidas por Deus, nas Escrituras do Antigo Testamento.

>Hb-9.12

Essas conseqüências são sumarizadas em poucas palavras. Primeiramente, ao oferecer-se a Si mesmo, Cristo entrou decisivamente, **uma vez por todas** (12; cfr. **#Hb 7.27**), até à presença de Deus, na qualidade de Sumo Sacerdote de homens pecaminosos. O alvo de todo ministério sacerdotal é garantir o acesso e a aceitação perante a presença de Deus; é restaurar e garantir a manutenção ininterrupta de comunhão imediata e sem obstáculos com Deus. Em segundo lugar, Cristo obteve **eterna redenção** (12). Ele efetuou uma obra de livramento que livrou permanentemente o povo de Deus de qualquer contaminação, de qualquer separação entre suas pessoas e Deus, e da inevitável condenação a que, doutro modo, estariam sujeitos por causa do pecado. Em terceiro lugar, mediante o derramamento de Seu sangue (isto é, em razão da inexaurível e permanente virtude de Seu sacrifício de Si mesmo, que não conhece repetição), Cristo é capaz de expurgar a consciência do poder paralisante da culpa, libertando os homens a fim de que sirvam ao Deus vivo (14). Desse modo Ele nos proporciona livramento ou remissão de nossos pecados, que doutra maneira nos impediriam de ter contacto com Deus, e então podemos agora servi-lo no santuário de Sua presença. Cfr. **#Hb 9.22-10.22**. Em quarto lugar, tais realizações significam que Ele é **o Mediador da nova aliança** (15), que é capaz de garantir, a todos aqueles que por Deus são chamados, a possessão real de herança eterna que Ele promete. Finalmente, esse resultado ainda é mais certo em vista de Sua morte haver assegurado o livramento da penalidade das transgressões sob o antigo pacto (15). Isso desimpede o terreno para uma nova obra da graça divina, solucionando plenamente as diferenças notáveis entre Deus e Seu povo. Apaga todos os pecados do passado. Igualmente significa que os homens de fé dos dias do Antigo Testamento, que através da lei não podiam encontrar perfeição ou realização autêntica de tudo quanto esperavam, e que contemplavam o dia do cumprimento de Deus como

ainda futuro, agora podem ser aperfeiçoados, passando a possuir a herança. Em outras palavras, a morte de Cristo foi retrospectiva em sua eficácia. Incluiu todos os pecados cometidos antes de Sua vinda. Cfr. #Hb 11.13,39,40; #Hb 12.23; #Mt 27.51-53; #Rm 3.25.

Disse Jesus a respeito de Sua morte: "... assim deve suceder" (#Mt 26.54). Todavia, a crucificação do Messias continuava sendo uma pedra de tropeço para os judeus. Estes necessitavam de muito esclarecimento se tivessem de perceber por que tal morte era necessária. Portanto, o escritor sagrado salienta aqui duas razões de sua necessidade. Primeiramente, isso foi requerido a fim de dedicar, instituir ou ratificar a nova aliança. Tal morte santificou ou consagrou solenemente a Pessoa que entrou no Pacto (no caso de Cristo Ele realmente o cumpriu) para que observasse seus termos, ao prometer obediência até à morte. Em segundo lugar, tal morte era necessária a fim de limpar ou purificar o povo que seria coberto pela aliança, garantindo-lhes o livramento ou remissão dos pecados que, não fora isso, os tornaria alienados ou afastados do lugar da presença de Deus. Pois, **sem derramamento de sangue não há remissão** (22). Portanto, em um sacrifício dessa espécie única e surpreendente, era necessária a morte do próprio Cristo a fim de ser assegurada uma melhor purificação (moral), e a fim de ser estabelecida uma melhor (e realmente eficaz) aliança.

>Hb-9.16

Nas referências que aqui encontramos quanto à necessidade da morte intervir em conexão com um testamento ou aliança (16), provavelmente se encontram combinadas duas ou três idéias diferentes. De conformidade com a prática antiga, os pactos eram selados por meio de sangue, pela introdução simbólica da morte do interessado ou interessados no pacto. Portanto, os vers. 16 e 17 falam sobre a necessidade da "intervenção" da morte, em vista de uma aliança só ter valor **no caso de mortos** (17), isto é, provavelmente por causa dos pedaços divididos das vítimas sacrificadas, entre os quais pedaços os pactuados passavam. Ver #Gn 15.7-21; #Jr 34.18-19. Isso proporcionava confirmação visível-um voto de fidelidade até à morte-e provavelmente era acompanhado pela oração que a vida do pactuado que falhasse fosse tirada, em penalidade contra o rompimento do pacto assim selado. Uma vez que fosse cometida transgressão contra tal obrigação pactuada, portanto, tornava-se necessária a morte por um segundo motivo, a saber, pagar a penalidade devida por tal fracasso. Portanto, o vers. 22 assevera que, sob a antiga lei, esse era o preço comum da redenção-e **sem derramamento de sangue não há remissão**.

Acresce ainda que, em vista da nova aliança de Deus falar de uma herança que incluía perdão total (ou seja, esquecimento por parte de Deus) dos pecados, era impossível que isso fosse posto à disposição dos homens enquanto a morte não houvesse ocorrido para efetuar a remissão dos pecados, isto é, "para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança" (15). Nessa conexão, por conseguinte, a nova aliança funciona tal qual um testamento (no grego, o termo aqui empregado tem o duplo sentido de "pacto" e "testamento"). Seus benefícios só se tornaram disponíveis para os envolvidos depois que a morte do benfeitor teve lugar, pois ele foi Quem dispôs o testamento. Pois Ele (isto é, Cristo) só poderia preparar o perdão de nossos pecados se morresse e igualmente pagasse a penalidade devida por nossos pecados.

Essa oferta de si mesmo a Deus, que Cristo efetuou de uma vez para sempre em Sua morte humana, é igualmente perfeita e final. Realizou, de modo pleno, a finalidade verdadeira de tal sacrifício. Portanto, não é possível haver sacrifício maior; como também nenhum outro é necessário. Conforme disse o próprio Jesus: "Está consumado". (#Jo 19.30). "Já não há oferta pelo pecado" (#Hb 10.18).

>Hb-9.24

1. POR ESSE ATO ELE ENTROU NO PRÓPRIO CÉU (#Hb 9.24) -Sua morte única realizou o que os sacrifícios da lei sugeriam apenas figuradamente. Pois os sumos sacerdotes levíticos entravam apenas em um santuário terreno, feito pelo homem. Mas, por intermédio de Sua morte, Cristo obteve entrada, a nosso favor (por nós), na qualidade de nosso Sumo Sacerdote, até à presença imediata de Deus (cfr. os vers. 11 e 12). Ali, Ele acha-se agora abertamente manifesto, perante a própria face de Deus como nosso representante, garantindo que seremos aceitos e que nossas orações serão respondidas quando até ali nos aproximarmos. É justamente porque Ele se encontra ali, a apoiar a nossa causa, que nos tem sido assegurada plena salvação-a todos quantos se chegarem a Deus por Seu intermédio. Cfr. #Hb 4.14-16; #Hb 7.25; #1Jo 2.1-2.

>Hb-9.25

2. ELE OFERECEU-SE A SI MESMO (#Hb 9.25-26) -Cfr. #Hb 7.27; #Hb 9.14. Sua oferta fez contraste com o ato do sumo sacerdote levítico, que entrava no Santo dos Santos com sangue alheio (25). O sumo sacerdote

levítico não tinha poder inerente de realizar esse ato como um sacrifício aceitável a Deus; isto é, ele não podia oferecer a si mesmo. Sua apresentação do sangue de um animal sacrificado, perante Deus, era em reconhecimento de fato que algo era necessário que ele não apenas não podia fazer por si mesmo, mas também que necessitava fosse feito a seu favor. Cristo, pois, superou duplamente os sumos sacerdotes levíticos. Não somente Ele não precisava de qualquer sangue alheio ser derramado a Seu favor, para dar-Lhe o direito de entrada (visto que era impecável); mas também apareceu decisivamente no terreno da história humana para eliminar o pecado de outros **pelo sacrifício de si mesmo** (26). Isso Ele foi capaz de fazer porque, sendo homem, apesar disso Ele era "sem mácula" (#Hb 9.14), e, sendo Deus, Ele pôde, na qualidade de **Espírito eterno** (#Hb 9.14), mediante o poder de Sua vida indissolúvel (#Hb 7.16), continuar agindo na morte, oferecendo o sacrifício de Sua vida humana ao Pai. Desse modo, Ele foi ao mesmo tempo Sacerdote e Vítima; ofereceu-se a Si mesmo a Deus.

3. ELE OFERECIU-SE A SI MESMO APENAS UMA VEZ, E DE UMA VEZ POR TODAS (#Hb 9.25-28) -Isso é provado pelo fato de Ele não ter aparecido nas épocas anteriores. Pois, conforme é muito importante reconhecer, Ele ofereceu-se a Si mesmo a Deus no terreno da história ao tornar-se Homem, oferecendo então Seu corpo humano para morrer a fim de carregar sobre Si os pecados de muitos. Somos salvos pelo sacrifício terreno de Sua carne e de Seu sangue. Por conseguinte, caso fossem necessárias ofertas freqüentes, semelhantes às repetições anuais do sacrifício do dia da expiação, teria sido necessário que Cristo se tivesse encarnado muitas vezes, a fim de padecer a morte por muitas vezes. Além disso, se uma oferta fosse eficaz apenas para um número limitado, tal como a geração então viva, **agora** (isto é, no primeiro século D.C.) já seria muito tarde para oferecer um sacrifício pelos pecados das gerações anteriores; e assim, teria sido necessário que, pouco depois da criação e da queda do homem, que tivesse início uma série de encarnações (26). Porém, nenhuma série semelhante ocorreu. Isso é prova objetiva que essa repetição não era necessária, e também é clara indicação que uma única encarnação e morte foram suficientes e finais para a história inteira-passada, presente e futura. Essa aparição única de Cristo no próprio "cumprimento dos tempos" (26) é tudo quanto é necessário para remover completamente os pecados do mundo inteiro através desse Seu único sacrifício de Sua única vida humana. Conforme Ele mesmo disse, Sua alma (ou vida humana) assim oferecida, foi suficiente para prover redenção para os muitos (#Mc 10.45).

Além disso, essa determinação final de destino eterno, por meio da ação decisiva de uma única vida e morte, na história humana, corresponde a tudo quanto foi revelado por Deus concernente o solene caráter responsável e as conseqüências eternas de toda vida humana neste mundo presente, e por tudo isso é confirmado. Pois todos os homens vivem e morrem apenas uma vez, sendo estabelecido seu julgamento eterno pelas ações praticadas nessa vida (27; cfr. #Ap 20.12-13). Semelhantemente, o aparecimento único de Cristo na história humana, e Sua única ação decisiva ao expiar o pecado, são suficientes para assegurar eterna redenção e a possessão de uma herança eterna (28). Não há necessidade de repetição. Qualquer idéia de que, quer na terra ou no céu, Ele deve repetir ou continuar Sua oferta é completamente errônea. A redenção é eterna, e foi conseguida finalmente, para sempre, não por alguma oferta que continua pela eternidade, mas por um só ato decisivo realizado na história.

4. PELO SACRIFÍCIO DE SI MESMO ELE REALMENTE ANULOU O PECADO (#Hb 9.26-10.4) -Isso era algo absolutamente impossível de ser realizado pelos sacrifícios levíticos. O propósito e a conseqüência de Seu sacrifício de Si mesmo, era a anulação do pecado, o seu cancelamento, o pô-lo inteiramente de lado (26b, grego; o antigo pacto foi semelhantemente "revogado"; ver #Hb 7.18; grego). Cristo foi oferecido a fim de tirar os pecados de muitos (28). Ele tomou a carga do pecado sobre Si mesmo, e a removeu. Por conseguinte, o pecado foi completamente aniquilado. Quando Ele aparecer pela segunda vez, fá-lo-á **sem pecado**, isto é, completamente livre de sua carga, como Alguém capaz de completar a salvação daqueles que nEle têm fixado suas esperanças (28b).

Hb-10.1

Em contraste com essa realidade substancial-a **imagem real das cousas** (10.1) - tudo quanto a antiga lei judaica tinha para oferecer era apenas uma **sombra**, ou representação esboçada, dos **bens** (ainda) **vindouros** (10.1). Seus sacrifícios, anualmente repetidos, não tinham o poder de efetuar um benefício permanente para aqueles que por intermédio dos mesmos se achegassem a Deus. Pelo contrário, a sua contínua repetição era, antes de tudo, uma prova de sua própria ineficácia para completar a obra de purificação e, em segundo lugar, um testemunho sobre o fato que aqueles que assim apelavam para os mesmos, não adquiriam, por seu uso, qualquer livramento autêntico do senso de culpa (1-2). Pois tais sacrifícios animais jamais têm o poder de remover **pecados** (4). Mas, o que eles não puderam fazer, Cristo fez eficazmente.

>Hb-10.5

5. SUA OFERTA CUMPRIU A VONTADE DE DEUS NO TOCANTE AO SACRIFÍCIO (#Hb 10.5-10) -Foi desse modo que Ele efetuou a santificação do povo de Deus. Em outras palavras, o ter Ele se oferecido a Si mesmo foi a realidade da qual os sacrifícios efetuados segundo a lei eram apenas a sombra. Por causa da ineficácia daqueles sacrifícios, havia um sentido importante (a respeito do qual as Escrituras do Antigo Testamento algo diziam) em que Deus não estava satisfeito com os mesmos, e não os desejava. Em seu próprio lugar, serviram a determinado propósito. Mas as mesmas Escrituras, que falavam do desagrado de Deus nesses sacrifícios, também indicavam que Deus tinha em mente um melhor sacrifício (6-9). Sua vontade, para com o sacrifício, seria cumprida quando certa Pessoa, na plena liberdade de livre arbítrio moral, qualificada para assim agir, haveria de devotar-se, em Sua vida humana, ao cumprimento da vontade de Deus, oferecendo Seu próprio corpo. Semelhantemente, as Escrituras proféticas ensinam que isso seria o que o Cristo de Deus haveria de escolher, vindo a este mundo em cumprimento do padrão e em obediência aos princípios estabelecidos nas Santas Escrituras. (O parêntese no vers. 7 significa "segundo a orientação das coisas ali escritas para meu aprendizado"). Além disso, o modo como a rejeição aos sacrifícios animais e como a Pessoa prometida para vir fazer a vontade de Deus precedem e seguem-se no mesmo Salmo (#Sl 40.6-8), indica claramente que o propósito de Deus era que o segundo tomasse o lugar do primeiro (8-9). Para os leitores originais do escritor sagrado isso significava outra vez que, na qualidade de judeus, Eles precisavam reconhecer que, em cumprimento da vontade de Deus, a ordem levítica tinha sido "removida" e abertamente superada por uma nova ordem, estabelecida pelo próprio Deus, na qual se encontra a plena e final realização de tudo que a ordem antiga prefigurava. Pois, pela oferta única que Cristo fez de Seu próprio corpo humano (10), o povo de Deus foi tornado eternamente apto para a presença de Deus e consagrado para o Seu serviço.

>Hb-10.11

6. EM CONSEQÜÊNCIA DE SEU SACRIFÍCIO CONSUMADO E ÚNICO, CRISTO ACHA-SE ENTRONIZADO, CERTO DE VITÓRIA COMPLETA (#Hb 10.11-14) -Há um notável contraste entre a presente posição de Cristo e Sua expectativa com a posição e a expectativa dos sacerdotes levitas. Eles continuavam aparecendo a fim de continuar oferecendo seus sacrifícios repetidos, mas sem qualquer esperança de que os mesmos pudessem **remover**

pecados (11). Mas Cristo já estava assentado, sinal que Sua obra de oferecimento estava terminada (12). E, mais ainda, Ele está entronizado no lugar de soberania e poder, à mão direita de Deus, tendo a plena certeza, baseada na própria palavra que o Pai Lhe dirigiu (ver #Sl 110; #Hb 1.13), que todos os Seus inimigos serão finalmente submetidos debaixo de Seus pés (13). Tudo isso em resultado de Seu sacrifício expiatório único e final, eterno em sua eficácia e que garantiu a perpétua continuação de boas relações com Deus (aperfeiçoou) por parte de todos aqueles que por essa oferta foram purificados do pecado e dedicados como povo de Deus (santificados).

>Hb-10.15

7. NÃO HÁ MAIS NECESSIDADE NEM LUGAR PARA QUALQUER OUTRA OFERTA PELO PECADO (#Hb 10.15-18) -Tal conclusão é aqui baseada sobre o testemunho que o Espírito Santo nos deu nas palavras de uma profecia que declara as bênçãos do novo pacto (ver #Jr 31.31-34). Pois sua promessa coroadora é a declaração feita pelo próprio Deus que, uma vez ratificado o novo pacto, Ele jamais tornaria a lembrar-se dos pecados de Seu povo (17). E, se os pecados têm sido assim tão completamente anulados que o próprio Deus não se lembra mais deles, segue-se obviamente que não há mais necessidade nem lugar para oferta adicional a fim de garantir sua remoção. Essa, portanto, é a prova conclusiva, da própria promessa do novo concerto de Deus, que o ato redentor de Cristo que estabeleceu a nova aliança é, por si mesmo, todo-suficiente e absolutamente final. Daqui por diante, não resta mais lugar para qualquer espécie de oferta pelo pecado, nem de que a única oferta pelo pecado, efetuada por Cristo, seja novamente apresentada a Deus. A reconciliação não tem de ser efetuada nem completada por qualquer oferta propiciatória extraordinária ou por qualquer memorial do sacrifício de Cristo; ela simplesmente precisa ser recebida, pela fé penitente, como um benefício já completo e posto à disposição do homem, benefício esse baseado na obra terminada de Cristo (ver #Rm 5.11).

>Hb-10.19

XIV. EXORTAÇÃO PRÁTICA Hb 10.19-39

a) Um apelo à firmeza na fé, na esperança e no amor (Hb 10.19-25)

Estes versículos sumarizam o apelo positivo da epístola inteira. Tal apelo se baseia (note-se o pois do vers. 19) no ensino doutrinário que já tinha sido

apresentado a respeito da eficácia absoluta do sacrifício único de Cristo, e de Sua permanente continuação no lugar de soberana capacidade como nosso Sumo Sacerdote. Trata-se de um apelo, primeiramente, para que se entre na presença consciente de Deus, mediante fé confiante e apropriadora. Aqui, o escritor reforça um apelo que já tinha feito em [#Hb 4.14-16](#), ao introduzir esses temas. Tal apelo é complementado por exortações para que o cristão seja firme na aberta confissão da esperança cristã e para que se mostre ativo para com seus irmãos na fé, mediante amor, comunhão e encorajamento mútuos. Esta breve e tríplice exortação é virtualmente expandida no restante da epístola. Os capítulos 11, 12 e 13 salientam, cada qual por sua vez, os mesmos três temas, a expressão da fé, a paciência da esperança, e o amor e as boas obras.

A nova possibilidade, aberta para todos os crentes, é o livre acesso à presença de Deus. Há um caminho que foi inaugurado para nós por Jesus, nosso precursor. Esse caminho é **novo**, isto é, não existia sob a antiga dispensação, e é **vivo** ou eficaz (20). O véu mediante o qual Jesus abriu esse caminho foi Sua carne humana. Pois quando Seu corpo foi partido, em morte sacrificial, o véu do templo simbólico foi rasgado de alto a baixo (20). Ver [#Mt 27.51-53](#); [#Cl 1.20-22](#). Portanto, podemos ter a alegre confiança de entrar até à presença de Deus, por meio do **sangue** (isto é, a morte, ou sacrifício realizado e eficaz) **de Jesus** (19). Note-se que aqui não diz: "com o sangue de Jesus". Os crentes não precisam mais procurar entrar mediante uma nova apresentação do sacrifício de Cristo. O caminho permanece aberto, sem obstáculos. Além disso, quando assim entrarmos no lugar da habitação de Deus e nos reunimos à companhia de Sua família, encontramos que possuímos o mesmo Jesus como nosso Sacerdote entronizado e sempre vivo, pronto para defender nossa causa e satisfazer cada uma de nossas necessidades (21; cfr. [#Hb 7.25](#); [#1Jo 2.1-2](#)). O que é requerido de todos quantos assim se aproximam é a sinceridade de propósito e a confiança absoluta de que aquilo que Cristo realizou é suficiente para tornar nossa aquela plena purificação, tanto interna como externa, que era simbolizada, sob as antigas cerimônias ritualísticas, pelo sangue aspergido e pelos corpos lavados de pouco (ver, por exemplo, [#Lv 8.6-23](#)). Em face de tentações para abandonar sua confiança, visto que algumas promessas permaneciam sem cumprimento, o escritor apela que seus leitores persistissem continuamente na franca confissão de sua esperança cristã (23), pois possuíam a infalível garantia da fidelidade dAquele que fez a promessa. Entre os crentes cristãos deveria haver também estímulo (no original, uma palavra inesperada, visto ser comumente usada com o mau sentido de irritação ou desavença; ver [#At 15.39](#)) às boas obras ativas, notando deliberadamente as

necessidades mútuas (24). Por conseguinte, não deveriam copiar o costume de alguns interrompendo sua freqüência às reuniões cristãs, mas antes, deveriam usar tais oportunidades visando ao encorajamento mútuo, especialmente à luz da consumação e julgamento que se aproximam (25).

>Hb-10.26

b) As conseqüências da rebelião deliberada (Hb 10.26-31)

O escritor sagrado via, para os que estavam na posição ocupada por si mesmo e por seus leitores, apenas duas possibilidades: ou corresponder plenamente, ou tornar-se rebelde deliberado. Tendo exortado seus leitores para que respondessem favoravelmente de todo coração (#Hb 10.19-25), agora ele considera, pelo menos hipoteticamente (essa talvez seja a força de **porque, se**), a única alternativa. Suponhamos que, persistentemente e por escolha deliberada, rejeitemos aquilo que foi trazido até nosso conhecimento e alcance; que mais nos restaria para desfrutar? A resposta solene é, primeiramente, que não haveria mais meio de apresentar expiação pelo pecado (26) e, em segundo lugar, que nada mais podemos esperar além da aterrorizante expectativa de julgamento, como objetos daquela ira divina que será exibida contra todos quantos se opõem a Deus (27). Pois mesmo sob o antigo pacto (#Dt 17.2-7) o homem que rejeitava as exigências da lei, em rebelião ativa (isto é, através da idolatria), sofria a extrema penalidade de morte, e isso sem a menor misericórdia (28). A nossa própria compreensão, pois, isso não significa que aquele que apostata do novo testamento deveria sofrer uma penalidade muito mais severa (29)? Consideremos, pois, a gravidade de sua ofensa. Ele pisou sob os pés a Pessoa dAquele que é e que foi confessado como Filho de Deus. Negou que exista alguma significação sagrada no sangue que serviu de selo da aliança, que o santificou ou separou para Deus. E tratou com orgulhosa insolência aquele Espírito que é o Autor da obra inteira da graça na experiência da qual ele compartilhou. As palavras proferidas por Deus (isto é, as Escrituras) não deixam claro, igualmente, o caráter do Senhor como de um Deus que executa juízo, e que certamente mostrará, por Seus julgamentos, quais são os que pertencem a Seu povo e quais são os traidores e rebeldes contra Si (30)? Poderia haver expectativa mais aterrorizante do que ter Deus como adversário, pronto para julgar (31)? Ver também o Apêndice III, "As Passagens Admoestadoras".

Pecado (26) certamente significa, nesta passagem, apostasia ou rebelião (cfr. #Is 1.2,29,30; #Hb 3.12-13; #2Pe 2.21). O tempo verbal presente indica

persistência contínua; o advérbio enfático, colocado em primeiro lugar, no texto grego, frisa que tal pecado é cometido **deliberadamente**. Não resta mais sacrifício pelos pecados (26); não apenas porque o sacrifício final foi rejeitado, mas igualmente porque tal pecado é imperdoável; não há provisão divina para sua remissão. **O Senhor julgará o seu povo** (30). A idéia do Antigo Testamento é que Deus executará julgamento por ou a favor de Seu povo. O significado, nesta passagem, é que Ele vindicará o legítimo removendo o falso. Cfr. **#Nm 16**, especialmente o vers. **#Nm 16.5**.

>Hb-10.32

c) Um encorajamento para prosseguimento na fé (Hb 10.32-39)

Tendo contemplado o aspecto pior, o escritor agora tem base para esperar o aspecto melhor, apelando que esse se realize na experiência de seus leitores. Se seus leitores fossem tentados a abandonar o Cristianismo visto que o mesmo os envolve em sofrimento e opróbrio, em lugar de proporcionar-lhes o imediato cumprimento de suas esperanças naturais, que encontrassem sua inspiração tanto no olhar para a frente como no olhar para trás. Que se relembassem de sua própria experiência passada com cristãos de que, a exposição pública ao opróbrio e à tribulação foi, desde o princípio, a porção daqueles que compartilham da iluminação do Cristianismo. Portanto, não se tratava de algum novo e inesperado desenvolvimento. Naquele tempo, sua própria atitude em face de tais provações, demonstrou que eles tinham compreendido perfeitamente que aquelas eram experiências das quais, como cristãos, tinham sido chamados a participar, e que qualquer dor física ou perda material poderia ser aceita com alegria, comparando-se isso a seu lucro celestial e eterno (32-34; cfr. **#2Co 4.16-18**). Que igualmente olhassem para o futuro e percebessem que sua alegre confiança cristã não havia sido erradamente focalizada. Ela inclui uma firme promessa de plena recompensa, pelo que de modo algum deve ser abandonada (35). Precisavam entender, porém, que na vontade de Deus há um período de espera, de trabalho e de provação, antes que o cumprimento esperado possa ser desfrutado (36). Tal cumprimento, entretanto, verificar-se-á em breve. Será consumado por ocasião do aparecimento dAquele **que vem** (37). Seu advento é certo; de modo algum Ele chegará atrasado. Para os que conhecem esses fatos, só pode haver duas atitudes possíveis: encontrar aceitação perante Deus e a vida, mantendo fé firme; ou retirar a própria confiança e cair no desagrado divino (38). Para nós, esta última alternativa é inconcebível. Não somos da espécie daqueles que abandonam a fé, o que resulta na sua própria destruição; mas somos da espécie

daqueles que prosseguem na confiança cristã, que continuam até atingirem o alvo, através do qual também verdadeiramente conservamos a alma (39).

>Hb-10.34

Não somente vos compadecesteis dos encarcerados (34). O manuscrito seguido por esta versão, tem mais possibilidade de estar correto, isto é, não há necessidade de referir-se ao escritor sagrado.

>Hb-10.37

Nos vers. 37 e 38 o escritor não afirma estar citando especificamente as Escrituras; mas obviamente encontramos aqui um uso livre de frases do Antigo Testamento. **Dentro de pouco tempo** (37) provavelmente é um eco de **#Is 26.20**. As outras sentenças se baseiam em **#Hb 2.3-4**. Ali, de conformidade com o texto hebraico, o que aparece é ou a visão ou o advento de Deus assim visualizado. A Septuaginta faz com que o sujeito da frase seja uma pessoa. Essa referência pessoal é tornada ainda mais definida, nesta passagem, pela adição, no texto grego, do artigo definido ao particípio. Ao usar a afirmação de **#Hb 2.4**, o escritor sagrado não apenas segue a Septuaginta, que apresenta uma declaração bem diferente do texto hebraico, mas também transpõe as duas sentenças. No grego encontramos **nenhum homem**; o sujeito de ambas as afirmações é a mesma pessoa, o que sugere que o verdadeiro crente pode apostatar. Mas, a segunda afirmação é apenas hipotética. A dupla resultante de afirmações assevera as alternativas claras: viver pela fé ou perecer pela apostasia. Pois, tal como perante Deus há justificação e vida mediante a fé, semelhantemente, se algum crente retirar-se deliberadamente da atitude da fé, só poderá encontrar o descontentamento divino e a perdição. Não admira, portanto, que o escritor tenha adicionado que nem ele mesmo nem seus leitores poderiam ter qualquer intenção de cometer tal suicídio espiritual.

Hb-11.1

XV. AS TRIUNFANTES REALIZAÇÕES DA FÉ Hb 11.1-40

Em **#Hb 10.38-39** o escritor enunciou o princípio da fé como modo de vida agradável a Deus, e expressou a resolução de persistir na fé até à plena posse das suas recompensas. Agora ele reforça isso através de muitas ilustrações bíblicas, mostrando que, desde o princípio e pela história adentro, a fé sempre tem sido, à vista de Deus, a grande condição indispensável, dotada

de digna realização e de constância esperançosa. A fé, declara ele, trata essencialmente de duas espécies de coisas, coisas futuras (ou **que se esperam**) e coisas **que se não vêm** (1). Ela está igualmente convicta sobre o futuro cumprimento da primeira espécie de coisas e sobre a realidade presente da segunda espécie de coisas. Sem tal atitude ativa de consciência e certeza no referente a Deus, **é impossível agradar a Deus** (6), e, de fato, é impossível ter quaisquer relações pessoais com Ele (isto é, se aproximarem de Deus). Pois o próprio ser de Deus é a suprema realidade invisível com a qual a fé tem de tratar; e Seu fiel cumprimento de Suas promessas (cfr. vers.

11) e Sua recompensa certa para aqueles que **o buscam** (6) são os grandes bens futuros pelos quais espera a fé. O primeiro requer **certeza** (gr. **elenchos**), a fé da atestação verificável e da convicção estabelecida; o outro requer **convicção** (gr. **hypostasis**, cujo possível sentido é "documento"), a fé de confiança firme e de firme expectativa (1). Foi por terem manifestado fé dessa espécie (2) que aqueles que viveram no passado viram aprovados por Deus suas vidas e sofrimentos, como dignos de serem registrados nas Escrituras. Foi por causa de sua fé que se reuniram à companhia das testemunhas de Deus (**#Hb 12.1**) ou "mártires" (grego). Pois Deus testemunhou a respeito deles (2,4,5), e assim continuam testemunhando a respeito dEle. A atividade de tal fé como a deles proveu algo para ser registrado, algo dotado de uma mensagem permanente para os homens; e continua a prover encorajamento e exemplos para os outros. Tal testemunho, portanto, sobrevive ao indivíduo que o deu; e, mediante o registro de seus feitos, sua fé continua a falar, mesmo depois de sua morte (4).

As muitas testemunhas do registro do Antigo Testamento são então repassadas em ordem cronológica e com algum detalhe. Mas em cada caso é posta ênfase sobre o fato que tinham consciência das realidades divinas invisíveis e sobre a certeza que tinham a respeito dos cumprimentos divinos vindouros, tanto em notável contraste com as aparências visíveis como com os acontecimentos naturais imediatos, que freqüentemente pareciam contradizer completamente a sua confiança (9,11,17,18). A grande certeza, firme e toda-suficiente, é o Deus vivo e Sua fiel realização. Assim é que, por exemplo, Moisés **permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível** (27); ele considerou os sofrimentos e os opróbrios terrenos como preferíveis ao desfrutamento das riquezas mundanas, visto que olhava para o infalível recebimento da preciosa recompensa de Deus (25-26). A experiência comum de todos aqueles peregrinos foi a de terem visto, à distância, as recompensas prometidas, que nunca usufruíram nesta existência (13). Não obstante, nunca retiraram sua fé nem voltaram para o mundo, que tinham deixado para trás, visto que

confiavam em um cumprimento que era celestial, e não em algum cumprimento terreno (14-16). Essas são as pessoas que Deus considera Suas, condescendendo em chamar-se de seu Deus.

A ênfase final recai sobre as recompensas além desta vida. É verdade que muitos atingiram o alvo da fé, nesta existência, em evidente triunfo (29-35a), e tais vitórias têm sido de todas as espécies-material, moral e espiritual. Contudo, as testemunhas mais notáveis da fé são os mártires (35-38), aqueles que, por causa da fé, suportaram grande sofrimento, aqueles que tiveram morte dolorosa e vergonhosa, por não quererem negar sua fé. Nesses a fé se manifestou vitoriosa em constância indômita, recusando-se a aceitar a libertação ao preço da transigência. Sua recompensa, que assim escolheram, está além da morte, numa **superior ressurreição** (35; isto é, melhor que a restauração à vida neste mundo, tal como foi outorgado aos filhos das mulheres de Sarepta e Suném). De fato, nenhum daqueles antigos heróis da fé, por mais dignos que sejam de seu lugar nas Escrituras, jamais desfrutou do cumprimento completo das promessas de Deus, visto que o Senhor, em Sua providência, havia ordenado que nós, crentes cristãos, deveríamos desfrutar privilégios maiores ainda, compartilhando desses com aqueles, na consumação (39-40).

Em **#Hb 11.1** a ordem das palavras no grego põe a ênfase sobre os objetos da fé, isto é, **cousas que se esperam e fatos que se não vêem**; e a inclusão de um substantivo (gr. **pragmata**) na segunda frase, torna explícito que essas coisas invisíveis são realidades, o que por si mesmo é prova ou **convicção** de sua existência. Tal fé é uma condição primária de conhecimento (3), particularmente conhecimento sobre o testemunho bíblico. É essencial para que se compreenda a origem do universo, segundo descrito em **#Gn 1**. É o fundamento de toda reflexão acertada sobre aquele **universo** que forma o palco e a cena da história humana (3). Pois é impossível prover explicação adequada para isso se simplesmente tirarmos conclusões por aquilo que pode ser observado pelos sentidos. É preciso que reconheçamos a existência anterior e independente do Deus vivo, bem como Sua atividade criadora, como a primeira causa do universo. Comparar a frase **pela palavra de Deus** com "Disse Deus", empregado por dez vezes em **#Gn 1**; cfr. também **#Sl 33.6**. Foi a fé mediante a qual Abel ofereceu seu sacrifício, que tornou este aceitável (4) como **mais excelente** que o de Caim. Abel reagiu mais apropriadamente à verdade sobre Deus, da qual tinha consciência. Foi por causa de sua fé, expressada por sua oferta, que foi reputado **justo**. E é por meio de sua fé que ele continua falando (isto é, mediante as páginas das Escrituras; note-se o

tempo verbal presente, **ainda fala**), testificando aos homens como se pode agradar a Deus. Note-se que, **por meio dela** são palavras que se referem à sua fé.

>Hb-11.5

Enoque (5) testifica sobre o fato que a fé ativa, no coração de um homem, nesta vida, agrada de tal modo a Deus que Ele finalmente concede ao verdadeiro crente escape da morte e um mais pleno desfrutamento de Sua própria presença e glória. Tais exemplos são suficientes para justificar a generalização do vers. 6, "Sem fé é impossível agradar a Deus". Pois, como pode alguém ter relações com Alguém que é invisível, e cujas principais recompensas aguardam além da vida presente, a não ser que creia tanto que Deus existe como que, sempre que um homem assim resolve dedicar-se a Deus de todo o coração, o Senhor nunca deixa de tornar-se seu galardoador, ou seja, aquele que recompensa à oração (cfr. **#Tg 4.8a**)?

>Hb-11.7

Noé (7) é um exemplo peculiarmente significativo para aqueles que têm o privilégio de ouvir o Evangelho. Movido pela reverência por uma palavra da parte de Deus, que falou sobre julgamento iminente e indicou o caminho da salvação, Noé agiu em obediência ao mandado divino, visto que cria que aquilo que Deus disse seria cumprido. Mediante tal fé ele não somente herdou aquela justiça que é presente de Deus aos crentes (note-se que está subentendido que esse é um pensamento familiar para os leitores da epístola; cfr. **#Rm 1.17**); também foi usado como testemunha e obreiro de Deus para a condenação de sua geração e para a salvação dos membros de sua família.

>Hb-11.8

Abraão (8) obedeceu à chamada divina de sair a fim de possuir uma herança, embora não soubesse para que terra estava indo, e muito menos, qual a aparência dessa terra. Sua fé foi, de modo marcante, uma evidência sobre o invisível e uma garantia sobre algo que seria desfrutado no futuro (cfr. vers. 1). Quando ele realmente entrou na terra da promessa divina (9) ali residiu tão somente como um recém-chegado, que vivia numa terra pertencente a outros. Aprendeu, igualmente, a habitar em tendas, como um homem que nunca tinha pousado certo. Seu filho e seu neto entraram na herança da mesma promessa divina, mas não viram seu cumprimento real mais que ele mesmo. Todavia,

essa experiência não o levou a desistir da fé. Pelo contrário, ele esperava um cumprimento sobrenatural, uma cidade permanente, edificada segundo o plano (note-se "arquiteto") e pela operação de Deus (10; cfr. #Hb 12.22-13.14). O triunfo da fé, na experiência de Sara (11) foi ainda mais notável não apenas porque durante muitos anos ela foi estéril (#Gn 11.30), porém, mais ainda, porque qualquer tal cumprimento era contrário à idade avançada a que ela já tinha chegado. Sua fé repousava sobre a palavra da promessa de Deus e sobre Sua ativa fidelidade no cumprimento de Sua palavra (cfr. #Rm 4.20-21). De um (12), de quem se originou tão vasta descendência, foi Abraão; ver #Gn 15.5; #Is 51.1-2; #Ez 33.24.

>Hb-11.13

Essa experiência de cumprimento adiado, nas vidas dos patriarcas (13-16) capacitaram-nos a triunfar eventualmente sobre a própria morte, mediante a fé. Pois aprenderam a olhar para além da morte, para um cumprimento mais lato que o de sua própria vida e experiência terrena. Assim, eles vieram a perceber que esta vida não é um fim em si mesmo, mas tão somente uma peregrinação (ver #Gn 23.4; #Gn 47.9) em direção a um alvo melhor (isto é, celestial), além desta vida. Foi com pessoas assim que Deus condescendeu em associar-se abertamente e ser conhecido como *seu Deus* (16); cfr. #Mc 12.26-27, e notar a referência semelhante, ali, à vida que vem após a morte.

A fé de Abraão foi testada mediante a exigência de que ele oferecesse Isaque, não porque ele fosse peculiarmente amado como único filho de Sara (*o seu unigênito*), mas, acima de tudo, porque a exigência parecia opor-se ao cumprimento, em Isaque, da promessa feita por Deus, e que Abraão já havia abraçado, isto é, que por meio dele a família de Abraão seria continuada e multiplicada (17-18). A fé de Abraão triunfou porque ele se recusou a ver incoerência ou infidelidade da parte de Deus. Ele cria que Deus poderia e certamente resolveria o problema. Nenhuma solução parecia possível a não ser que Deus devolvesse Isaque da morte, a fim de tornar-se pai de filhos. Portanto, Abraão reputou que isso era perfeitamente possível para Deus; sua fé assim triunfou novamente sobre a morte através da esperança da ressurreição (19). Tal fé transformou um caminho de trevas em uma estrada de esperança. *Figuradamente* (19), pode significar "como que", ou pode sugerir "como lição", isto é, uma lição pela qual Abraão aprendeu a espécie de ação que deveria esperar da parte de Deus como Seu modo de solucionar os problemas mais negros da vida (cfr. #Jo 8.56). Alguns pensam que a referência aqui é à

lição que já havia sido aprendida através do modo do nascimento de Isaque (cfr. vers. 12).

>Hb-11.20

Isaque (20) expressou sua fé na soberana providência de Deus ao aceitar, contrariamente à sua própria preferência natural e intenção, que Jacó ocupasse o primeiro lugar e Esaú o segundo na bênção (cfr. **#Gn 27.33**) e ao antecipar bênçãos sobre o futuro para seus descendentes. Semelhantemente, **Jacó** e **José** (21-22) olharam para além de suas mortes e anteciparam o **êxodo** (ou "saída") dos israelitas do Egito e seu retorno a Canaã (cfr. **#Gn 48.21**; **#Gn 50.24**). Jacó deu a José, e não a Rúben, o privilégio de primogênito, ou seja, uma dupla porção, dividida entre seus dois filhos. Jacó igualmente se mostrou consciente da realidade e da soberania de Deus pelo modo como, a despeito de sua idade e fraqueza, se prostrou em adoração, apoiado sobre seu **bordão** (conforme a Septuaginta) ou "cama" (conforme o hebraico) (**#Gn 47.31**). José à semelhança de Jacó movido pela consideração pelo firme propósito de Deus, se preocupou em não ser finalmente sepultado em meio às riquezas do Egito, e, sim, na terra da promessa divina. Ver **#Êx 13.19**; **#Js 24.32**.

>Hb-11.23

Os **pais** de Moisés (23) aparentemente viram algo em seu filho que os tornou certos de que o propósito de Deus era preservá-lo e usá-lo como Seu instrumento. E assim, em lugar de matar a criança, por receio a Faraó e à sua ordem, salvaram-no mediante a fé em Deus e em Sua providência cooperadora. O que Moisés se recusou a desfrutar (24) foi a posição principesca de filho da filha da casa real. E isso fez porque deliberadamente preferiu ser publicamente conhecido como um dos hebreus, os quais, segundo sua fé, não era uma raça escravizada, mas antes, **o povo de Deus** (25), isto é, um povo dotado de um destino divinamente ordenado. Inevitavelmente isso significava preferir compartilhar das aflições dos hebreus em lugar de, ao custo de apostatar do Deus dos hebreus, vir a desfrutar do imediato mas breve conforto e luxo da corte egípcia. Note-se, aqui, a significação que teve, para os leitores originais da epístola, a palavra **pecado** (cfr. **#Hb 10.26**) e a escolha de Moisés, que preferiu sofrer a cometer tal pecado. Portanto, considerando a recompensa final que a mão de Deus proporcionaria, ele reputou que sofrer opróbrio em tal causa seria um muito maior enriquecimento pessoal do que se viesse a tornar-se possuidor da riqueza dos egípcios, tão obviamente ao seu alcance. Tal opróbrio é **o opróbrio de Cristo** (26; cfr. **#Hb 13.13**) porque a

porção típica no mundo é esse opróbrio, primariamente no caso do ungido do Senhor ou Messias (#Sl 89.50-51; #Rm 15.3), mas também é, inevitavelmente, a porção de todos aqueles que se associam com Ele na qualidade de povo eleito de Deus (cfr. #1Pe 4.12-16). **Nem ficou amedrontado pela cólera do rei** (27). #Êx 2.14, parece contradizer isso; mas as duas passagens não são irreconciliáveis. Pois, embora Moisés sentisse alarme natural e a necessidade de fugir, sua consciência espiritual sobre Deus e sobre Seus propósitos relativos tanto aos israelitas como à própria vida de Moisés, tornou-o certo que a inimizade de Faraó jamais poderia prevalecer por permissão de Deus. Além disso, apesar de que as palavras **abandonou o Egito** podem referir-se à sua fuga para Midiã, é mais provável que elas se referem ao êxodo. Note-se que os dois motivos apresentados pelos quais Moisés escolheu o que preferiu, e persistiu nessa escolha, são sua consciência sobre o Invisível e sua confiante expectativa de recompensa futura (cfr. vers. 1).

A fé de Moisés ajudou o povo inteiro a responder às palavras de advertência e promessa proferidas por Deus. Inspirados por sua liderança, creram com antecedência na certeza de um julgamento divino iminente contra os primogênitos, bem como no abrigo suficiente, contra tal julgamento, proporcionado pela provisão divinamente apontada, isto é, **o derramamento do sangue**. Foi desse modo, mediante julgamento e salvação, que o Senhor demonstrou quais lhe pertenciam (cfr. #Êx 8.22). **O Mar Vermelho** (29) apresentava uma barreira naturalmente intransponível. Era impossível primeiramente conceber um caminho e então aproveitar-se dele senão **pela fé**. A tentativa feita pelo exército egípcio de "tentá-lo", não possuindo eles a confiança da fé no controle de Deus, resultou tão somente no terem perecido afogados.

>Hb-11.30

A maneira pela qual Jericó foi capturada é outro exemplo notável dessa obediência e constância da fé, a cuja prática o escritor sagrado queria exortar seus leitores (30). Os israelitas agiram, do princípio ao fim desse caso, confiando no invisível, e se mantiveram firmes até ser cumprido o tempo marcado por Deus (**sete dias**) na expectativa certa de Sua ação infalível; pelo que também não foram desapontados. **Raabe** (31) agiu impulsionada pelo reconhecimento do poder do Deus de Israel (isto é, coisas invisíveis) e da vitória vindoura certa de Seu povo (isto é, coisas futuras). Ver #Js 2.8-13. Sua resposta positiva é significativa porque ela, como mulher, como gentia e como pecadora evidente, reuniu-se ao grupo daqueles que foram salvos pela fé. Em

contraste com ela, os demais habitantes de Jericó são descritos como **desobedientes** (31), isto é, ativamente incrédulos.

>Hb-11.32

Forçado a fazer um sumário (32) o escritor sagrado passa a limitar-se à seleção de nomes típicos e de uma lista de realizações características e notáveis. Entre as últimas parece haver referências óbvias a Daniel (isto é, **fecharam bocas de leões**; cfr. **#Dn 6.23-23**) e aos três que foram lançados na fornalha de fogo (isto é, **extinguiram a violência do fogo**; cfr. **#Dn 3.25-28**). Mas, a despeito que muitos desses feitos, que se adaptam às outras frases usadas, possam ser encontrados no Antigo Testamento, parece possível que essa e a pesquisa subsequente (35-38) também incluem algumas referências tencionais aos feitos de judeus fiéis durante os séculos que mediaram entre os dois Testamentos, particularmente nos tempos dos macabeus. A realização suprema da fé é a vitória sobre a morte, por ocasião da ressurreição. Alguns experimentaram essa recompensa ainda nesta vida; seus mortos lhes foram restaurados (ver **#1Rs 17.17-24**; **#2Rs 4.17-37**). (Note-se que, nas Escrituras, as ressurreições de mortos registradas são, em sua maioria, para mulheres; cfr. **#Lc 7.11-17**; **#Jo 11.1-46**). Outros tiveram a fé de se manterem firmes em constância inflexível, ainda que externamente não recompensada, através de aprisionamentos e torturas, ou como fugitivos e exilados. Não aceitaram livramento terreno porque o mesmo só poderia ter sido desfrutado ao preço de renegarem a sua fé. Sua recompensa os aguarda em uma **superior** (isto é, celestial) **ressurreição**, na vida futura (35). **Dos quais o mundo não era digno** (38). Essa é a verdade real, ainda que paradoxal. O mundo de seus dias tratou-os como se dele não fossem dignos; mas, em realidade, o mundo não era digno de tais homens. É para os tais que Deus tem preparado uma cidade (16). O alvo para o qual se dirigiam todos aqueles heróis da fé, em esperança confiante, nunca conseguiram atingir (39). Pois Deus, em Sua providência (40), reservou **a nosso respeito** (isto é, crentes cristãos) a bênção coroadora e ordenou que aqueles não gozariam de sua consumação enquanto não fôssemos trazidos para dela compartilhar também. Note-se que fica aqui subentendido que os homens de fé, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento, são chamados para pertencer àquela companhia de salvos segundo o propósito de Deus (cfr. **#Hb 12.22-24**).

Hb-12.1

XVI. APLICAÇÃO PESSOAL: UM APELO PARA SERVIR A DEUS ACEITAVELMENTE Hb 12.1-29

Esta exortação é baseada primariamente sobre o supremo exemplo e a completa suficiência do próprio Jesus, na qualidade de autor e consumidor da fé (vers. 1-3); em segundo lugar, sobre o propósito positivo e o proveito das tribulações sob a providência de um amoroso Pai celestial (vers. 4-11); em terceiro lugar, sobre os perigos e o fracasso pior (e até mesmo fatal) a que se expõem os relaxados e descuidados (vers. 12-17); em quarto lugar, sobre os admiráveis privilégios da graça que são desfrutados sob a nova aliança, em comparação com as experiências daqueles que participaram da antiga aliança (vers. 18-24); e, finalmente, sobre a consumação iminente e inevitável das relações de Deus para com os homens (vers. 25-29).

a) O exemplo supremo de Jesus Cristo (Hb 12.1-3)

Tendo perscrutado as realizações dos heróis da fé do passado, o escritor sagrado confronta seus leitores com a inspiração e o desafio deixado pelo exemplo daqueles (1); que enfrentassem sua luta com concentração e constância similares. Acima de tudo, ele os exorta a encontrar encorajamento para enfrentar o opróbrio e a perseguição enchendo deliberadamente as suas mentes com pensamentos sobre Jesus e Sua triunfal realização (2-3). Que se fortalecessem contra o desânimo e o colapso lembrando o que Ele suportou e reconhecendo que, em face da vergonha e do sofrimento extremos da crucificação, Ele considerou como melhor a alegria da recompensa celestial que agora desfrutava permanentemente como Aquele que tinha sido entronizado à mão direita de Deus. Além disso, a maneira e o sucesso de Sua realização não apenas tornou possível seguirmos pela mesma vereda da fé, mas igualmente garante que Ele nos capacitará a completar aquilo que nos capacitou a começar. Desse modo, portanto, Ele é tanto o iniciador (**Autor**) como o terminador (**Consumador**) da nossa fé. Cfr. #Hb 2.10 (onde "Autor" é a mesma palavra no grego como aqui), #Hb 5.8-9; #Hb 7.25.

Tão grande nuvem de testemunhas (1). Apesar de que a idéia de uma multidão circundante de espectadores possa ser incluída, a referência primária é ao testemunho deles. São as testemunhas de Deus para conosco, os quais nos encorajam mediante o seu exemplo. **Pecado** (1-4), na mente deste escritor sagrado, parece freqüentemente significar um ato de apostasia. Aqui a tentação é desistir totalmente da corrida, uma tentação que constantemente lhes é apresentada aos olhos, a qual, por isso mesmo, precisava ser

decisivamente rejeitada e inflexivelmente resistida (cfr. #Hb 3.12-14; #Hb 10.26,38; #Hb 11.25). **Perseverança** (1); note-se a repetição da idéia de perseverança (vers. 2,3,7). **Jesus** (2). Note-se o significado do nome humano do Senhor, aqui desacompanhado de qualificativos (cfr. #Hb 2.9; #Hb 6.20; #Hb 7.22; #Hb 12.24; #Hb 13.12); foi Ele que pessoalmente manteve o conflito. A **oposição dos pecadores** (3) significa nada menos que a rejeição de Suas reivindicações devido a sua rebeldia desafiadora. Cfr. "é contra César" (#Jo 19.12).

>Hb-12.4

b) O propósito do sofrimento (Hb 12.4-11)

Diz o escritor que eles precisavam lembrar-se que seus sofrimentos nesta vida são leves, comparados com os de Jesus; a fidelidade ainda não tinha custado a qualquer deles a própria vida (4). Mais ainda, eles se tinham esquecido do ensinamento das Escrituras que esclarecem que na qualidade de Pai amoroso, Deus usa as provações que os homens têm de suportar em sua experiência terrena, para sua disciplina espiritual e educação como Seus filhos (5). A própria experiência dessas provações, por conseguinte, é prova prática de que Deus os estava tratando como Seus filhos (6-7); são aqueles que não passam por essas experiências que podem duvidar de sua posição de filhos na família de Deus (8). Reconhecidamente tais experiências são desagradáveis no momento. É importante, entretanto, reconhecer a mão invisível que as controla, e submeter-se reverentemente ao prazer do Pai, como os filhos freqüentemente fazem no tocante a seus pais terrenos (9). É igualmente importante reconhecer o propósito de Deus nessas provações, bem como o proveito conseqüente que, no fim, inquestionavelmente ganharão devido às mesmas. Esse fruto, divinamente tencionado, é nada menos que o crescimento na vida da retidão e da piedade práticas (1). Tais resultados se verificam apenas na experiência daqueles que, em fé responsiva e persistente, estão preparados para se submeterem ao Deus invisível, e ativamente cooperam permitindo que a disciplina faça sua obra, na esperança de um benefício digno do nome.

>Hb-12.5

A **correção** (5 e segs.); o termo grego, **paideia**, significa "educação", treinamento de uma criança, havendo aqui referência particular (como em #Pv 3.11-12) à disciplina e à repreensão. Note-se, no vers. 7, **É para disciplina que**

perseverais. Tal tradução segue um texto grego diferente em apenas uma letra do texto seguido por outras versões. É preferível quanto ao sentido, indicando por que motivo Deus permite que as provações sobrevenham aos homens e faz com que os homens as suportem. **Pai dos espíritos** (9); uma referência a Deus como Criador do espírito humano; contrastar com **pais segundo a carne**. O versículo implica em que os seres assim criados podem conhecer a verdadeira vida somente quando se submetem ao controle de Deus. **Por pouco tempo** (10). A disciplina aplicada por nossos pais terrenos tem seus limites. É administrada somente durante a infância; depende da incerteza do julgamento ou do temperamento dos homens. A disciplina divina é infinitamente superior; sempre é imposta tendo em vista o interesse dos homens crentes e seu alvo é torná-los compartilhantes da própria santidade de Deus.

>Hb-12.12

c) O perigo do fracasso (Hb 12.12-17)

Os leitores do escritor sagrado deveriam, portanto, rejeitar o desânimo e enfrentar a vida como crentes dotados de coragem e confiança (12). Pois, se assim não se ajudassem mutuamente para prosseguir, o perigo iminente que correriam é que alguém, que estivesse entretendo sua resposta positiva, poderia vir a abandonar completamente o caminho da fé (13). Por outro lado, deveriam esforçar-se, em sua comunhão, em promover a verdadeira santidade, bem como paz uns com os outros (14). Que todos estivessem vigilantes a fim de que nenhum dentre seu próprio número viesse não apenas a afastar-se do caminho da salvação graciosa de Deus, mas também viesse a tornar-se, por permissão dos demais, uma influência pervertedora a prejudicar a comunidade inteira (15). Pois essa espécie de fracasso precisa ser reconhecida como nada menos que profanação espiritual e apostasia. Significa agir à semelhança de Esaú e desistir vilmente da herança outorgada por Deus, em troca de algum ganho material trivial (16). Pior ainda, a história de Esaú demonstra que, uma vez assim rejeitada deliberadamente a herança dada por Deus, não pode mais haver oportunidade de reconquistá-la. O homem que age dessa maneira fica permanentemente condenado (17).

A plena significação dos vers. 12 e 13 é melhor apreciada se compararmos-os com **#Is 35.3**; **#Pv 4.25-27**; **#1Rs 18.21**. A comunidade inteira é exortada a progredir, a andar em uma vereda reta, e a evitar incoerências a fim de ajudar os que tropeçam a continuar a marcha (cfr. **#Rm 15.1-2**). **O que é manco** (13); provavelmente aqueles que hesitavam entre o Cristianismo e o Judaísmo. O

perigo que corriam é que viessem a abandonar a fé em Cristo, uma ação descrita no vers. 15 como **separando-se da graça de Deus. Atentando diligentemente por que ninguém seja faltoso** (15). O verbo aqui, no grego, significa "exercendo superintendência", ou seja, agindo como "bispos". Mas a referência aqui é à comunidade inteira, e não apenas a ministros especiais. Na congregação cristã os muitos deveriam cuidar e tratar do caso de cada um isoladamente. Cfr. **#Hb 3.12,13; #Hb 4.1; #Gl 6.1-2. Alguma raiz de amargura que... vos perturbe** (15). Cfr. **#Dt 29.18**, onde é usada fraseologia semelhante para descrever o homem que se volta do Senhor a fim de servir a outros deuses, isto é, o apóstata. Note-se, igualmente, que tal pessoa pode contaminar a congregação inteira. Cfr. a história de Acã; ver **#Js 6.18; #Js 7.25**. A insensatez de Esaú (16-17) terminou em desespero (cfr. Judas); era impossível alterar o que ele havia feito. Ele tinha feito sua escolha decisiva que fixou o seu destino. Além disso o seu caráter profano, ou falta de reverência pelas coisas de Deus, era tal que ele foi incapaz de arrependimento autêntico. Ele chorou pelo que havia perdido (a bênção), e não pelo pecado que tinha cometido.

>Hb-12.18

d) Contraste dos privilégios da antiga e da nova alianças (Hb 12.18-24)

Como cristãos haviam entrado, sob a nova aliança, no desfrute de coisas bem diferentes daquelas que haviam sido provadas, sob o antigo pacto, por aqueles que saíram do Egito. Aquelas coisas eram terrenas, visíveis, aterrorizantes e medonhas; mas estas, do novo pacto, são celestiais, invisíveis, todo-gloriosas e todo-graciosas. No deserto os israelitas estiveram realmente na presença de um monte tangível e de um fogo que efetivamente queimava. O local foi sombreado de nuvens, trevas espessas e violenta tempestade (18). Ouviram o som de uma trombeta e uma voz que proferia palavra(19). A experiência inteira foi tão aterrorizante que o povo rogou que a mesma cessasse (**#Êx 20.18-19**). Visto que até mesmo um animal que se aventurasse muito perto, tinha de ser apedrejado por motivo de sacrilégio, eles temeram por suas próprias vidas (20; ver **#Êx 19.12; #Dt 5.25**). Até o próprio Moisés foi avassalado de terror (21). Quão diferente é a experiência do aproximar-se de Deus, mediante a qual, na qualidade de cristãos, foram chamados a dela participar! Os crentes cristãos chegam até às realidades celestiais invisíveis, que correspondem aos meros tipos terrenos e realmente os cumprem. Chegam até ao verdadeiro monte e à verdadeira cidade de Deus, onde Deus

efetivamente habita; chegam até às hostes angelicais em festivo arraial (22); chegam até à congregação dos privilegiados dotados da herança celestial; chegam até o único todo-soberano Deus, que é Aquele que os vindica; chegam até aos espíritos dos justos (isto é, ou os santos do Antigo Testamento ou todos os crentes que já faleceram e partiram), cuja bênção já foi consumada (23); chegam até Jesus, o Mediador desse recentemente estabelecido (gr. *nea*, não *kaine*, conforme usualmente) pacto; e chegam até o sangue da aspersão, que fala da remissão de pecados, o qual faz contraste com o sangue de Abel, que clamou por vingança (#Gn 4.10), e assim (em contraste à voz no Sinai) lhes são oferecidas calorosa recepção e paz assegurada (24).

No grego, nenhum dos termos usados nas duas listas descritivas, que se encontram nesses versículos, é precedido pelo artigo definido. O escritor estava simplesmente descrevendo características distintivas das duas alianças. A palavra "monte" que aparece em algumas versões, no versículo 18, não ocorre nos melhores manuscritos gregos. A ênfase primária recai sobre o caráter total da revelação no Sinai como algo tangível (cfr. #1Jo 1.1), e não sobre sua localização particular em um monte. Por outro lado, visto que há um óbvio contraste inicial entre o monte Sinai e o monte Sião, a inserção da palavra "monte" (aqui foi inserido o termo *fogo*) é apropriada e não errônea. *E a incontáveis hostes de anjos* (22); a descrição "dezenas de milhares" ou "miríades" (grego) é comumente usada acerca dos anjos (cfr. #Dt 33.2; #Dn 7.10). *Universal assembléia* (23; gr. *panegyris*) significa "reunião festiva" e descreve os anjos; faz contraste com sua aterrorizante manifestação sobre o Sinai. *Primogênitos* (23) expressa a idéia de privilégio e herança, bênçãos essas que Esaú desprezou (16). Estando no plural, essa palavra descreve todos aqueles que pertencem à Igreja. São o grupo que possui direitos peculiares na Jerusalém celestial e cujos nomes, por conseguinte, estão arrolados no registro de seus cidadãos (cfr. #Lc 10.20; #Ap 21.27). Note-se que é até aquela *igreja*, a única verdadeira Igreja no céu, que aqueles crentes hebreus haviam chegado. A obra coroadora e inclusiva de Jesus (24), na qualidade de nosso grande Sumo Sacerdote entronizado no céu, é mediar no caso de todos aqueles que a Ele se aproximam, dando-lhes as bênçãos prometidas da aliança agora estabelecida e selada para sempre por Seu sangue derramado e aspergido. Cfr. #Hb 7.20-22; #Hb 8.6; #Hb 13.20-21.

>Hb-12.25

e) Todos devem tratar com Deus (Hb 12.25-29)

Que vigiassem, portanto, para que não buscassem (à semelhança dos que estiveram no Sinai) evitar de escutar Aquele que fala. (Note-se o tempo verbal presente; trata-se de uma revelação permanentemente presente). Pois é impossível deixar de tratar com Deus. Aqueles que tentaram evitar a manifestação terrena, no Sinai, descobriram que Sua voz literalmente sacudiu a terra. Os crentes cristãos, em contraste com isso, são confrontados por Alguém que lhes fala das regiões celestes, a desvendar as realidades finais. Note-se, entretanto, que, não importando a maneira como Ele fale, é sempre o mesmo Deus Quem fala do princípio ao fim (26; cfr. #Hb 1.1-2). Que entendessem, pois, que agora é muito mais impossível evitá-Lo e deixar de tratar com Ele. Pois, conforme Ele declarou na profecia (ver #Ag 2.6), em Cristo Deus levará Suas relações para com o universo até um único ato decisivo de julgamento, abalando finalmente tanto o céu como a terra. Cfr. #Mc 13.31; e note-se que é a Sua palavra que permanece, e não o universo; ver também #2Pe 3.7. Então deixará de existir esta presente ordem transitória, e a ordem eterna permanente ficará revelada para sempre. Nós, crentes, estamos destinados a compartilhar em um reino ou soberania que pertence a essa ordem eterna permanente (28; cfr. #Dn 2.44; #Dn 7.18-27). **Retenhamos a graça** (28). A franca gratidão a Deus deveria, portanto, constranger-nos (ou, seguindo outras versões, apropriemo-nos da graça tão abundantemente suprida) a servir a Deus de modo agradável à Sua vista. Na presença de tal Deus, e em face de tal expectativa, isso será feito com um real senso de falta de merecimento (cfr. #2Pe 3.9-14). Pois o Deus a Quem temos o privilégio de chamar "nosso Deus" é **fogo consumidor** (29; cfr. #Dt 4.24) tanto em Seu zelo pela santidade como em Seu zelo contra o pecado. Somente aqueles que assim seguem após a santidade sobreviverão em Seu julgamento, verão ao Senhor, e reinarão eternamente juntamente com Ele. Ver também o Apêndice III, "As Passagens Admoestadoras".

Hb-13.1

XVII. VÁRIAS EXORTAÇÕES ADICIONAIS (Hb 13.1-17)

O escritor sagrado agora adiciona (bem à moda de Paulo, cfr. #Rm 12.4-13) uma variedade de breves declarações que contêm agudas exortações práticas para que o crente viva digna vida cristã. Ele também inclui uma advertência contra o ensino ilusório prevalente, e lança um urgente desafio a seus leitores para que abandonem de uma vez por todas o Judaísmo e a Jerusalém que é terrena, a fim de encontrarem, no imutável Jesus Cristo e em Seu sacrifício

único, fora dos portões da cidade, tanto inevitável opróbrio terrestre como ganho celestial permanente.

Ele sabia que seus leitores se tinham mostrado ativos no passado, em simpatia e bondade para com seus irmãos na fé (ver #Hb 6.10; #Hb 10.33-34). Portanto, exorta-os aqui sobre a importância de manter tal amor prático entre os membros da fraternidade cristã (1). Esse deveria ser praticado não apenas em relação aos irmãos locais familiares, mas igualmente em relação a irmãos visitantes de outras localidades, um ministério que às vezes é recompensado por enriquecedoras surpresas, como sucedeu, por exemplo, nas experiências de Abraão e Ló (2; ver #Gn 18 e 19). Que se lembrassem particularmente dos encarcerados ou dos que estivessem sofrendo enfermidades físicas ou maus tratos; pois os crentes deveriam compartilhar das provações mútuas, reconhecendo que nesta vida todos estão igualmente sujeitos a sofrer aflições físicas (3). Que igualmente reconhecessem (visto que assim tinha sido ordenado por Deus) que nada de desonroso existe nas relações do matrimônio e que sua intimidade física, quando corretamente praticada, não produz qualquer contaminação. Mas aqueles que se ocupam de relações sexuais impróprias, quer sejam casados ou solteiros, descobrirão que Deus está contra eles em julgamento (4).

>Hb-13.5

Em relação às coisas materiais a atitude correta não é a cobiça, mas o contentamento, quando aprendemos a aproveitar o que temos, do que estar sempre a desejar mais. Essa atitude é possível porque ninguém enfrenta sozinho a vida. O Senhor prometeu a cada qual a Sua ajuda pessoal. Ele nunca deixará alguém ao abandono (5). Portanto, é possível enfrentar a vida com alegria, confessando-se abertamente que, tendo o Senhor ao lado, nada temos a temer e ninguém nos pode fazer mal (6). Esses dois versículos mostram de que modo podem ser citadas passagens do Antigo Testamento, e como os crentes podem usar suas palavras para dizerem à sua alma aquilo que Deus tem prometido, como se essa certeza lhes tivesse sido diretamente endereçada, pessoal e individualmente (ver #Dt 31.6; #Js 1.5), e também para confessarem sua confiança perante Deus e os homens (ver #Sl 118.6).

Que encontrassem inspiração para a constância na fé relembrando-se seus líderes cristãos anteriores, por meio de quem haviam sido instruídos na verdade de Deus e do Evangelho. Uma nova consideração sobre as vidas daqueles, e sobre a maneira como tais vidas terminaram, poderia ajudá-los a

copiar a fé dos mesmos (7). Pois Jesus Cristo, em Quem confiavam e a Quem seguiam, é o mesmo tanto hoje como então, e para sempre permanecera o mesmo. Ele é a grande todo-suficiente garantia da salvação, "o Autor e Consumador da fé" (8; cfr. #Hb 12.2).

>Hb-13.9

Por conseguinte, que vigiassem a respeito da influência pervertedora das doutrinas várias e estranhas que circulavam, particularmente o ensino que ninguém pode tornar-se apropriadamente firmado se não participasse de certo alimento especial, sagrado ou sacrificial (9). Tal ensino tem sido completamente condenado. É anti-bíblico quanto ao seu princípio. O modo conveniente do coração ser estabelecido é pela própria operação de Deus, **com graça**, e não porque o homem ingere determinado alimento. Outrossim, o valor professado de tais práticas é negado pela própria experiência. Aqueles que se têm devotado a tais coisas não obtiveram por elas qualquer proveito espiritual. Nosso altar cristão (para usar a linguagem familiar sugerida pelas figuras do Antigo Testamento; cfr. #Hb 10.19-22) não é tal que os adoradores (isto é, aqueles que servem no verdadeiro tabernáculo, cfr. #Hb 8.4-5) dele têm qualquer direito de comer (10). Mesmo no correspondente símbolo levítico do tabernáculo terreno, os corpos daqueles animais, cujo sangue era usado para fazer expiação pelo pecado ao ser trazido para o santuário mais interno, nunca eram comidos; eram queimados **fora do acampamento** (11). Portanto, foi assim que Jesus, como nosso grande Sumo Sacerdote, consumou a obra da salvação ou santificação do povo em cujo favor agiu: Ele sofreu **fora da porta** (12). Isso indica, figuradamente, que aqueles que querem apropriar-se dos benefícios de Sua obra não devem confiar na ingestão de carne sacrificial, nem devem apegar-se à Jerusalém terrena (13). Pelo contrário, devem estar preparados a sair fora do acampamento de Israel segundo a carne; a suportar o opróbrio envolvido no ato de associar-se com Aquele que, aos olhos judeus, foi rejeitado com razão por haver sido crucificado sob a maldição de Deus; a encontrar o que lhes bastava não em carnes, mas no vivo Senhor da graça; a descobrirem sua esperança não em qualquer cidade da atual ordem terrena, que terá de desaparecer, mas na autêntica cidade do Deus vivo, que é uma cidade da vindoura ordem celestial, ordem essa que permanecerá (14; cfr. #Hb 12.27). Doravante a adoração cristã prescinde de cidade santa terrestre, de templo especial visível, de casta sacerdotal. Ainda restam sacrifícios a ser oferecidos; porém compete-nos oferecê-los no tabernáculo celestial mediante Jesus, na qualidade de nosso grande Sumo Sacerdote (15). Tais sacrifícios, além disso, não são sacrifícios de animais, mas contínuas ofertas de louvor e

ação de graças a Deus (15; cfr. #Sl 50.14-23; #Os 14.2), juntamente com ministérios de bondade prática para com os homens (16; cfr. #Os 6.6).

>Hb-13.17

Portanto, em lugar de se permitirem deixar perverter por doutrinas estranhas, que seguissem, com confiança e submissão prontas, os ensinamentos de seus líderes (17). Pois estes precisam desincumbir-se de uma solene responsabilidade a favor daqueles, e disso terão de prestar contas. A liderança dos tais, pois, é digna de respeito. Não segui-los agora é tornar a tarefa dos líderes, naquele grande dia de prestação de contas, uma tarefa dolorosa e não cheia de júbilo. E também resultava em perda no tocante aos próprios liderados.

Os vers. 9 e 10 levantam questões de interpretação a respeito das quais as opiniões diferem radicalmente. Em contraste com a exposição dada acima, alguns pensam que a referência ao comer alimentos (9) fala sobre a distinção entre alimentos puros e impuros (cfr. #Rm 14.14-21; #1Co 8.4-13; #Cl 2.16; #1Tm 4.3-5). Mas, em tais casos, a santidade seria promovida pela devida abstinência de alimentos impuros; aqui a idéia parece antes girar em torno da sugestão enganosa que comer certos alimentos oferecidos em sacrifício trazem algum proveito espiritual. O altar cristão (10) é geralmente reconhecido como a cruz. Mas, visto que o Novo Testamento ensina que o sacrifício de Cristo é algo do qual os crentes participam espiritualmente (ver #Jo 6.53-56; #1Co 5.7-8; #1Co 10.16), muitos preferem a interpretação que diz que aquilo que os sacerdotes do tabernáculo judaico não podiam fazer, todos os crentes cristãos o podem, a saber, participar de sua oferta pelo pecado. Acresce que os detalhes sobre o ritual levítico (11) e sobre a crucificação de Cristo (12) implicam, figuradamente, em que é impossível participar assim de Cristo sem haver abandonado completamente o Judaísmo. **Mútua cooperação** (16; em gr. **koinonia**, isto é "comunhão") descreve o ato de compartilhar de outras coisas materiais. Em #Rm 15.26 o sentido da palavra é traduzido por "coleta"; cfr. #2Co 9.13.

>Hb-13.18

XVIII. MENSAGENS PESSOAIS E BÊNÇÃO FINAL Hb 13.18-25

Pela primeira vez o escritor sagrado fala sobre si mesmo, e isso na primeira pessoa do singular. Seu pedido de orações e sua profissão de integridade (18) subentendem a consciência que essa ação e atitude poderiam ser mal entendidas. Ele ansiava pessoal e particularmente por suas orações, a fim de que fosse capacitado a reunir-se a eles o mais breve possível (19). Isso parece implicar claramente em que, de algum modo, no passado, ele estivera em conexão íntima com eles. Sua bênção (20-21) é notável devido aos significativos detalhes e seu escopo compreensivo; o que torna a demonstrar o caráter paulino. Suas palavras focalizam os pensamentos de seus leitores nos feitos de Deus. Tanto para eles como para ele, aquilo que Deus tinha feito era o fundamento da certeza e da esperança. Portanto, a substância da oração do autor é aquilo que se podia esperar que Deus fizesse a favor deles. Deus tornou a trazer dentre os mortos a Jesus. (O prefixo grego, *ana*, em vez de dar a entender que Jesus uma vez mais foi devolvido à vida, parece dar a entender antes que Ele foi levantado-de baixo para cima -dentre os mortos). E Deus fez isso com Cristo não apenas pessoalmente, como Seu Filho, mas como o Líder de Seu povo (cfr. #Hb 2.10; #Hb 12.2), isto é, como o grande Pastor das ovelhas, e como nosso Senhor. Deus fez isso ao Senhor Jesus em relação e cumprimento do novo e eterno pacto obtido e ratificado por Sua morte ou sangue. Sua ressurreição, portanto, foi prova decisiva que o homem está reconciliado com Deus, ou seja, está capacitado a entrar na glória, e que Deus agora está ativamente a cumprir para Seu povo tudo quanto lhes é prometido na nova aliança (cfr. #Zc 9.11). Em outras palavras, Deus também trará os crentes, tal como fez Israel, que tinha Moisés como seu pastor, atravessar o mar Vermelho (ver #Is 63.11). Assim, o escritor sagrado ora a favor de seus leitores para que, mediante esse Jesus, reconhecido como o Cristo de Deus, possam conhecer a Deus, tanto pessoal como corporalmente como o Deus da paz, e possam conhecer a Sua operação em suas vidas e comunhão capacitando-os a cooperar plenamente na execução de Sua vontade. Vos aperfeiçoe (21); o verbo grego, *katartizo*, é muito sugestivo. Inclui as idéias de combinação harmoniosa (cfr. #Hb 10.24-25; #Hb 12.13-14), de suprimento do que está em falta (ver #1Ts 3.10), e de retificação do que está errado ou danificado (p. ex., essa palavra é traduzida como "corrigi-o" em #Gl 6.1, e como "consertando" em #Mc 1.19).

>Hb-13.22

O escritor sagrado afirma ter escrito com poucas palavras, isto é, considerando a vastidão dos temas tratados, aventurou-se a solicitar a atenção paciente de seus leitores (22). Ele lhes envia notícia da libertação de Timóteo (23); isso

nos provê outra indicação de possível ligação íntima com o apóstolo Paulo. Suas saudações especiais (24) a seus líderes e à comunidade cristã inteira sugerem que a epístola foi realmente enviada para um grupo limitado de crentes regulares. As saudações de **os da Itália** indicam claramente que o escritor estava na companhia de crentes italianos; porém, o fraseado não é suficientemente explícito para decidir se ele estava escrevendo para a Itália ou de algum lugar daquela região, ainda que ambas as possibilidades sejam possíveis. Finalmente (25), a simples e suficiente "despedida" cristã, de fato, sua garantia, se encontra na palavra **graça** e na garantia que ela está plenamente posta à disposição de todos.

A. M. STIBBS

APÊNDICE I-O NOVO PACTO

De conformidade com esta epístola, Deus tem para Seu povo um destino que é variegadamente apresentado. É descrito como salvação herdada (**#Hb 1.14-2.3**), como soberania sobre o mundo vindouro (**#Hb 2.5-10**), como participação na casa de Deus e com Seu Cristo (**#Hb 3.6-14**), como entrada no descanso de Deus (**#Hb 4.1-11**), como prosseguimento para a perfeição (**#Hb 6.1**), como herança das promessas (**#Hb 6.12; #Hb 10.36-11.13**), como a recepção da herança eterna (**#Hb 9.15**), como a conquista de almas (**#Hb 10.39**), como o atingir a pátria celestial e a cidade divinamente edificada (**#Hb 11.10,16; #Hb 12.22; #Hb 13.14**), como a recepção do reino que não pode ser abalado (**#Hb 12.28**). Esse destino lhes pertence simplesmente porque são Seu povo e porque Ele é (e não se envergonha de ser chamado tal, **#Hb 11.16**) seu Deus.

A fim de primeiramente estabelecer, e então preservar essa relação especial entre Si mesmos e aqueles a quem se compraz em chamar Seu povo, Deus não apenas deu Sua palavra de promessa, mas igualmente se comprometeu solenemente em pacto ratificado sob o reconhecido selo de sangue derramado. É nessa relação de aliança que agora Deus chama os homens para se compactuarem Consigo; é com isso imediatamente em vista que Ele os redime. Doravante, no caso daqueles que assim respondem favoravelmente, é de acordo com as promessas assim pactuadas que os homens têm relações com Deus, bem como obrigações para com Ele, e uma base firme de confiança nEle.

Embora existam dois pactos dessa espécie, neles há uma unidade e continuidade essenciais. O mesmo alvo final é contemplado em ambos. O segundo pacto foi introduzido somente porque o primeiro era ineficaz, e, de fato, sua intenção jamais deixou de ser uma antecipação provisória de melhores coisas vindouras. O segundo pacto superou o primeiro devido o fato de realizar completamente aquilo que ao primeiro era impossível conseguir. Visto que essa realização é eterna, o segundo pacto é o pacto eterno. Não há esperança de qualquer outra provisão de Deus além dessa. Um dos grandes propósitos do escritor dessa epístola é deixar claro esse ponto. O Cristianismo não apenas superou o Judaísmo; mas é também a última palavra de Deus aos homens.

O primeiro pacto falhou devido a duas razões. Por um lado, o povo que participou do mesmo não cumpriu suas condições; não permaneceram na aliança de Deus (#Hb 8.7-9). Por outro lado, suas instituições não tiveram a capacidade de proporcionar aos homens verdadeira libertação do pecado e conseqüente acesso à presença de Deus (#Hb 10.1-4). A própria ordem e ritual de seu tabernáculo testificavam que o caminho até o santo lugar ainda não havia sido feito manifesto (#Hb 9.8); seu tabernáculo serviu apenas de figura simbólica por algum tempo (#Hb 9.9). Na qualidade de pacto, era fraco e inútil (#Hb 7.18). Assim sendo, apesar de ter sido instaurado como ordem divinamente ordenada, as mesmas Escrituras que reconheciam sua origem divina também antecipavam, profeticamente, a provisão de algo melhor. A própria menção de um "novo" pacto já era testemunho suficiente que o primeiro pacto teria de ser anulado, e estava prestes a caducar (7.11-19; 8.1-13; 10.5-9).

O novo pacto é uma "superior aliança" instituída sobre "superiores promessas" (#Hb 8.6). É eficaz naquilo que o primeiro pacto não o era, visto que provê uma redenção autêntica das transgressões (#Hb 9.15), isto é, a remissão dos pecados (#Hb 10.15-18), assim tornando possível pleno e livre acesso à presença de Deus (#Hb 10.19-22). Além disso igualmente provê um Sumo-Sacerdote todo-competente, em vista de Seu sacrifício consumado de uma vez por todas e de Sua vida "indissolúvel" (#Hb 7.15-16), o qual não somente obteve entrada, para Si mesmo e para aqueles aos quais representa, até à presença de Deus, mas igualmente está para sempre assentado ao lado de Deus, no lugar de todo-poder (#Hb 1.13), capaz de completar até sua total perfeição a salvação de todos aqueles que O aceitam como Mediador entre Deus e eles mesmos (#Hb 7.25). O que Deus fez por Jesus Cristo, ao ressuscitá-Lo dentre os mortos e ao ordenar-Lhe que se assentasse à Sua

própria mão direita, na expectativa assegurada de triunfo completo (#Hb 10.12-13), serve de garantia e prova da vitória final de Seu povo. Pois Deus fez isso com Ele considerando-O nosso "grande Pastor das ovelhas"; e isso igualmente foi feito mediante o "sangue da eterna aliança" (#Hb 13.20). Por conseguinte, por meio desse pacto, selado pela morte de Cristo, há plena e final remissão de pecados, além da perfeição totalmente assegurada para todo o povo de Cristo (#Hb 10.8-18). Não há necessidade, e de fato não há possibilidade, de fracasso. Pois, sob esse novo pacto, Deus inscreve Sua lei nos corações daqueles com os quais entrou em relação de aliança (#Hb 8.10); e Ele mesmo continua operando a fim de aperfeiçoá-los em tudo quanto é bom para fazer a Sua vontade (#Hb 13.20-21).

A grande toda-suficiente garantia desse novo pacto se acha na pessoa e na obra de seu mediador e em sua garantia (#Hb 7.21-22; #Hb 8.6; #Hb 9.14-15). Seus benefícios são administrados por Alguém que está entronizado no alto, o qual nunca morre; "Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre" (#Hb 13.8). Portanto, o tema mais saliente ou "ponto principal" dessa epístola é declarar que nós, os crentes cristãos sob o novo pacto, "possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus" (#Hb 8.1).

A. M. STIBBS

APÊNDICE II-O SACERDÓCIO DE CRISTO

Nesta epístola o escritor liga com Cristo as idéias de "verdade" e "perfeição". O que noutros lugares é indicado apenas figuradamente, ou apenas parcialmente realizado, em Cristo se encontra efetiva e plenamente. Doravante, portanto, devemos não limitar nossa idéia cristã de sacerdócio àquilo que aprendemos pelo sacerdócio levítico. Embora este último tivesse prefigurado ou indicado simbolicamente muitos dos fundamentos essenciais de todo autêntico sacerdócio, existem outras características complementares e distintivas de sacerdócio legítimo que, tendo sido prefiguradas na totalidade da revelação do Antigo Testamento, foram prefiguradas não por Aarão, e, sim, por Melquisedeque. Essas características distintivas, que necessariamente pertencem às perfeições do sacerdócio de Cristo, devem ser apreciadas em contraste com o sacerdócio levítico, mais em termos de contraste do que mesmo de comparação.

Os sumos-sacerdotes levíticos eram homens fracos, pecaminosos e mortais, que necessitavam primeiramente de oferecer sacrifícios pelos seus próprios pecados, e que estavam incapacitados de continuar em seu ofício visto terem de ser inevitavelmente removidos pela morte (#Hb 7.23,27,28). Serviam em um santuário terreno, uma mera figura do verdadeiro (#Hb 8.4-5); #Hb 9.1,9,23,24). Seus sacrifícios eram sacrifícios de animais, que jamais podiam remover o pecado (#Hb 10.1-4); pelo que também, sob a antiga aliança, a cortina divisória que impedia os homens de penetrarem no Santo dos santos nunca foi rasgada nem tirada fora (#Hb 9.7-8). Os sacrifícios do dia da expiação davam a um homem só um acesso meramente temporário e simbólico até o santuário mais íntimo da presença de Deus, e isso apenas uma vez por ano; mas não outorgavam ao povo pleno e permanente acesso a Deus. Além disso, tais sacrifícios tinham de ser incessantemente repetidos (#Hb 10.11), mas serviam apenas como solene memória que algo restava ainda para ser feito de modo completo e final para que o pecado pudesse ser aniquilado (#Hb 10.1-3). Isso ensinava que "ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou" (#Hb 9.8).

Nosso Sumo-Sacerdote Cristão é "Jesus, o Filho de Deus" (#Hb 4.14). Seu sacerdócio é de ordem diferente, em vista da diferença na Pessoa do Sacerdote. Em primeiro lugar, Ele é o vero Deus do Deus verdadeiro (#Hb 1.3), capaz de, "pelo Espírito eterno" (#Hb 9.14), agir como deidade e fazer coisas que estão totalmente fora do poder de homens fracos. Por outro lado, Ele é verdadeiro Homem. Alguém que não somente participou genuinamente da natureza humana, mas que igualmente, através da experiência da provação e do sofrimento terrenos, atingiu a perfeição final em Sua humanidade, o que também O qualificou a ser, para Seus semelhantes humanos, o autor de uma salvação eterna (#Hb 2.9-10,14-18; #Hb 4.15; #Hb 5.7-9). Ele foi capaz de fazer aquilo que nenhum sumo-sacerdote levítico era capaz de ao menos tentar realizar. Porque, apesar de Homem, não tinha pecado próprio, e por isso mesmo não precisava de oferecer sacrifício por Seu próprio pecado. Acresce, ainda, que Ele estava em posição de oferecer Sua própria vida humana imaculada como oferta pelo pecado de outros, a saber, pelo pecado de homens pecaminosos. Sendo, como Deus, Espírito imortal, e agindo no poder de uma vida indissolúvel (#Hb 7.16), Ele foi capaz de, em Sua Pessoa única e em Suas duas naturezas, agir tanto como Sacerdote quanto como Vítima, foi capaz de oferecer-se a Deus deliberadamente, na experiência da morte de Sua natureza humana (#Hb 9.14), e foi capaz, na qualidade de Alguém que permanecia vivo após a morte, de reivindicar entrada até à própria presença de Deus, na qualidade de Sumo Sacerdote aos homens. Simbolicamente, quando ao assim

oferecer-se em Sua morte física e humana sobre a cruz (#Hb 10.10), o véu se rasgou de alto a baixo (ver #Mc 15.37-38; cfr. #Hb 10.19-20). Em realidade, quando na qualidade de Alguém que agiu no autêntico santuário celeste (#Hb 8.2; #Hb 9.11-12,24) e não no tabernáculo figurado (ou templo) sobre a terra (#Hb 8.4-5), Ele, "pelo seu próprio sangue" (#Hb 9.12), ou pelo ato de haver depositado Sua vida física e humana (cfr. novamente #Hb 10.19-20), ali entrou decisivamente, e de uma vez para sempre, até o verdadeiro Santo dos Santos, onde se apresentou "diante de Deus" (#Hb 9.24) a nosso favor. E, ao fazê-lo, foi imediatamente aceito, sendo aclamado como vitorioso e convidado a ocupar o trono à mão direita de Deus. E, adicionalmente, Deus selou Sua aceitação de Sua obra a favor de homens pecaminosos ao ressuscitá-Lo, em Sua humanidade, de entre os mortos (#Hb 13.20). Não obstante, provavelmente é muito significativo que a ressurreição de Cristo seja mencionada apenas uma vez nesta epístola, e isso bem no fim. Isso se deve ao fato que, na consideração sobre Sua oferta a Si mesmo, Ele é visto não como Alguém que ressuscitou ao terceiro dia e após mais quarenta dias ascendeu ao céu, mas como Alguém que agiu no tabernáculo celeste e imediatamente entrou até à presença de Deus.

A entronização no céu, dAquele que entrou por meio de Sua própria morte como nosso Sumo Sacerdote, é a prova e a garantia divinas de que Ele obteve, por seu ato único de sacrifício, a redenção eterna para nós (#Hb 1.3; #Hb 10.12-13; #Hb 12.2). Além disso, mediante essa ressurreição Ele foi abertamente declarado por Deus, não apenas através de Sua palavra, mas igualmente através de Seu juramento solene, como Sumo-Sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque (#Hb 5.9-10; #Hb 6.19-20; #Hb 7.21-22), o que significa, em outras palavras, que o Seu sacerdócio é real em poder por causa de Sua obra sacrificial consumada, e igualmente é perpétuo quanto à duração, por causa de Sua Pessoa divina. Pois Ele foi assentado de uma vez para sempre e imediatamente sobre o trono, e ali permanece, posto por Deus na posição de poder supremo, capaz de proporcionar dons aos homens (#Hb 4.14-16), e assegurado por Deus sobre a vitória final sobre todos os Seus adversários (#Hb 1.13).

Mediante tais realizações como Sumo Sacerdote, que em muito ultrapassem qualquer coisa realizada pela antiga ordem de sacerdotes levíticos, Ele é capaz de ocupar-se de um mais excelente ministério como mediador do novo pacto (#Hb 8.6), sob o qual os homens pecaminosos que se chegam a Ele, ou a Deus por Seu intermédio (#Hb 7.20-25), recebem a certeza da posse de perdão de pecados, conhecimento de Deus íntimo e pessoal, e a íntima e

transformadora revivificação do Espírito que neles vem habitar (#Hb 8.10-12). Assim sendo, Sua habilidade de proclamar absolvição e de assegurar a Seu povo que seus pecados foram realmente perdoados e esquecidos por Deus, por si mesma é prova que não é mais necessário oferta pelo pecado (#Hb 10.14-18). Na qualidade de Alguém que foi exaltado acima do céu, nosso Sumo-Sacerdote Cristão não tem necessidade de novamente oferecer-se a Deus, em Seu sangue ou sacrifício terreno (#Hb 7.26-28). Mas, na qualidade de Alguém que nunca morre, Ele está perpetuamente à mão direita de Deus, a fim de intervir a favor dos homens, a fim de falar em prol deles na presença do Pai (ou contra o adversário que pretende condená-los, #Rm 8.33-34) sempre que se aproximam do trono de Deus, assim garantindo a plena consumação da salvação dos mesmos (#Hb 7.25). Todos os que assim se aproximam de Deus podem estar certos que serão simpaticamente entendidos e devidamente auxiliados, visto que Ele está totalmente qualificado para desempenhar tal ministério de compaixão por Suas próprias experiências terrenas de sofrimento e provação (#Hb 2.17-18; #Hb 4.15-16; #Hb 5.2,7-8).

Por conseguinte, aqueles que O aceitam como seu Mediador, são assegurados, pela ordem real e eterna de Seu sacerdócio, que participam de uma salvação que (à semelhança de Sua Pessoa e obra como Sacerdote) é perfeita, final e eterna. Pois Seu sacrifício sem repetição outorga, a todos quantos nEle confiam, qualificação eterna para se aproximarem desimpedidamente da presença de Deus (#Hb 9.13-14; #Hb 10.10,14); e o término final da obra da salvação que neles foi iniciada lhes é assegurado pelo sangue do pacto eterno, pela ressurreição com que Deus ressuscitou nosso Senhor Jesus dentre os mortos (#Hb 13.20-21), e por Sua própria presença imorredoura, na qualidade de nosso Advogado à mão direita de Deus (#Hb 7.25).

A. M. STIBBS

APÊNDICE III-AS PASSAGENS ADMOESTADORAS

Ver #Hb 2.1-4; #Hb 3.7-4.1; #Hb 6.4-8; #Hb 10.26-31,38-39; #Hb 12.25-29. Na qualidade de judeus, aqueles cristãos hebreus estavam acostumados à idéia de uma sucessão de profetas e de uma continua repetição de sacrifícios pelo pecado. Precisavam tornar-se cônscios do caráter final e definitivo da revelação de Deus e da reconciliação a Deus outorgada aos homens através de Cristo. Visto que o Filho encarnado é a última palavra aos homens, e porque aos homens é oferecida em Cristo uma maravilhosa salvação, mediante a graça, aqueles que não Lhe dão ouvidos não podem esperar escapar do

vindouro julgamento de Deus. Nenhuma palavra adicional de intervenção salvadora pode ser esperada da parte de Deus. Além disso, visto que o sacrifício de Cristo de Si mesmo foi uma realização decisiva e definitiva, não há mais oferta pelo pecado (#Hb 10.18) quer feita por Cristo, no céu, quer feita pelos homens, sobre a terra. Nem também pode haver repetição do sacrifício único de Cristo (#Hb 9.25-28), nem Deus jamais introduzirá outro sacrifício qualquer (#Hb 10.26). Esse sacrifício único pelo pecado, levado a efeito de uma vez para sempre, é todo-suficiente para sempre, para todo o povo de Deus (#Hb 10.10-14).

O desfrutamento dos benefícios do sacrifício de Cristo pelos homens é, semelhantemente, "de uma vez para sempre" (#Hb 6.4); é decisivo, final e eterno. Por conseguinte (seguindo certa interpretação sobre essa passagem) qualquer indivíduo que tenha sido conscientemente confrontado com essa oferta da graça, e compartilhou pessoalmente das provas de sua origem, para em seguida rejeitar deliberadamente o Evangelho de Jesus como o Cristo (naturalmente sem ter verdadeiramente crido e sido regenerado) não pode ser semelhantemente levado, segunda vez, à oportunidade de arrependimento e fé. Ou, alternativamente (seguindo outra interpretação), aqueles que têm experimentado todas as bênçãos características da graça salvadora de Deus, por meio do sacrifício expiador de Cristo e da operação do Espírito em seus corações, e então se afastam de tudo, tentando viver como se tais coisas não fossem reais nem jamais tivesse acontecido, não podem ser levados de volta, segunda vez, à reação cristã inicial e decisiva de arrependimento e fé. O significado de #Hb 6.6 pode ser que a mera sugestão que Cristo virtualmente necessita ser novamente crucificado, para trazer de volta tal apóstata ou desviado até o lugar do arrependimento decisivo e da revivificação do Espírito, é sujeitar a Cristo e à eficácia de Seu sacrifício único a uma ignomínia pública. O processo inteiro é inconcebível. Tal renovação de iluminação e arrependimento, portanto, é absolutamente impossível, tal como quando muitos israelitas se afastaram de Deus, devido à incredulidade, foi impossível levá-los desde o deserto até segunda experiência da páscoa e da travessia do mar Vermelho, a fim de despertar ou renovar sua fé. Para tais apóstatas ou incrédulos não havia, e continua não havendo, outra expectativa além da do julgamento.

A espécie de fracasso que está aqui em jogo (para seguir determinada interpretação) é nada menos que um abandono consciente, deliberado e persistente do caminho cristão da salvação, um abandono que envolve nada menos que a apostasia do Deus vivo, rejeição da Palavra e testemunho

confirmado de Deus-Pai Filho e Espírito Santo-tratando o Filho de Deus como os judeus O trataram em Jerusalém, como Alguém que deveria ser renegado e crucificado, assim como que sujeitando-o publicamente à maldição do céu, negando a significação de aliança entre Deus e Seu sangue derramado, e insultando ao Espírito que, graciosamente, pleiteia junto aos homens para que reconheçam a Jesus como Senhor. Tais ações certamente são aquelas que nosso Senhor chamou de blasfêmia contra o Espírito Santo, que é um pecado eterno e jamais tem perdão (#Mc 3.28-29). Não obstante, era justamente a um pecado desse caráter que aqueles cristãos hebreus estavam expostos, já que estavam sendo tentados a retornar para onde estavam anteriormente, no Judaísmo (embora fazer isso fosse realmente impossível), quando teriam de repudiar publicamente a Jesus como Messias e Filho de Deus.

Entretanto, é possível (seguindo-se uma interpretação alternativa) que o escritor sagrado estivesse preocupado em deixar claro, a seus leitores inquestionavelmente crentes, que sua presente tendência de se tornarem preguiçosos, acomodando-se a meio caminho da imaginada possessão do que sua fé em Cristo já lhes tinha proporcionado, era uma ilusão fatal. O motivo é que, para aqueles que assim deram início ao caminho do discipulado cristão, as únicas possíveis alternativas são: prosseguir até à plena possessão da herança da fé, ou recuar desse movimento para a frente de Deus em suas vidas e assim cair sob Seu inevitável julgamento, à semelhança dos israelitas, que se tornaram objetos da indignação de Deus e foram prostrados no deserto, visto que não se tinham preparado, mediante a fé em Deus, para prosseguir até à Terra Prometida. Nesse caso, a espécie de fracasso aqui em foco, é o fracasso daqueles que, tendo sido levados pela graça a uma relação de aliança com Deus, falham completamente em considerar com a devida seriedade seus admiráveis privilégios e grandíssimas obrigações. Se aqueles que já tinham sido redimidos do Egito, que deixaram de obedecer à palavra de Deus sob o primeiro pacto sinaítico, foram removidos em julgamento de entre a companhia do povo de Deus, não é justo que aqueles que deixam de responder favoravelmente às exigências do novo pacto em Cristo, devem com justiça esperar um tratamento ainda mais severo e drástico? Pois enquanto que, na vida cristã, a disciplina de Deus, ainda que dolorosa, é proveitosa e deve ser acatada como prova que Ele nos trata como a filhos Seus, tendo em vista o nosso progresso na santidade, pode alguma coisa qualquer ser mais terrível, na vida de quem, mediante a graça de Deus já é filho de Deus, do que, em relação à sua conduta terrena subsequente, Deus tenha de tratar com ele mediante um julgamento incandescente e até mesmo fatal?

As questões teológicas aqui envolvidas são se aqueles que assim estão na possibilidade de apostatar ou cair sob o julgamento de Deus foram alguma vez regenerados, ou se qualquer homem, uma vez salvo, pode vir finalmente a perder-se. Em resposta a ambas as perguntas alguns dizem enfaticamente: "Não". Fazem comparação com os tipos mencionados em [#Mt 7.22-23](#); [#Mt 12.22-32](#). Argüem que a própria apostasia de tais indivíduos é prova que nunca foram regenerados. Mas outros afirmam que aqueles que são descritos em [#Hb 6.4-5](#) certamente devem ser regenerados; pois nenhuma descrição mais inequívoca sobre alguém regenerado poderia ser apresentada. Alguns, então, argüem que o julgamento conseqüente contra sua completa degeneração e esterilidade espiritual não envolve necessariamente a perda da eterna salvação. Estão, por exemplo, tão somente "perto da maldição" ([#Hb 6.8](#)). Cfr. [#1Co 3.15](#); [#1Co 5.5](#). Outros, ainda, supõem que essa sugestão que um indivíduo regenerado assim pode tornar-se apóstata e vir a finalmente perder-se, é realmente apenas hipotética e teórica. Até mesmo segundo o ponto de vista humano, isso é muito menos provável que o suicídio físico, e por isso deve ser considerado apenas como uma possibilidade remota; pois que, em realidade, olhando-se a questão do ponto de vista divino, mediante a graça tal possibilidade nunca pode tornar-se realidade. Ver [#Jo 10.28](#).

Todavia, os crentes cristãos e todos que compartilham do conhecimento da verdade, fariam bem em tratar com a devida seriedade essas solenes advertências. Não nos esqueçamos do que escreveu João Bunyan: "Então vi que há um caminho para o inferno, partindo dos próprios portões do céu, bem como partindo da Cidade da Destruição". Relembremo-nos igualmente, que o apóstolo Paulo temia que, de alguma maneira, após haver ele pregado a outros, e sido usado para conduzir outros a Cristo, ele mesmo viesse a ser "desqualificado" ([#1Co 9.27](#); o grego é, literalmente, "desaprovado", mas esta versão traduz admiravelmente bem o termo). Cfr. [#2Pe 2.20-21](#).

[A. M. STIBBS](#)

A EPÍSTOLA GERAL DE TIAGO

INTRODUÇÃO

I. AUTORIA

Há três pessoas com esse nome no Novo Testamento-Tiago, filho de Zebedeu; Tiago, filho de Alfeu; e Tiago, irmão de Jesus. Embora as Escrituras não sejam precisas sobre esta questão, a maioria dos eruditos concorda em identificar o autor desta epístola com Tiago, irmão de nosso Senhor. Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João, foi morto por Herodes (#At 12.2). Depois disso Pedro foi preso e, sendo solto milagrosamente, pediu que mandassem notícia a Tiago e aos irmãos (#At 12.17). Tiago, filho de Alfeu, só vem mencionado nas listas dos apóstolos, e é possível que em #Mc 15.40 a referência seja a ele. Não é muito plausível que uma pessoa que nos Evangelhos ocupa lugar tão obscuro viesse a escrever esta epístola que, tão evidentemente, procede de um homem de notável e forte personalidade, o qual obviamente ocupava posição de autoridade na Igreja.

Resta o Tiago, irmão de nosso Senhor; as referências que lhe são feitas em o Novo Testamento levam-nos a concluir que era homem de grande influência e distinção, especialmente na roda dos cristãos judeus. Nosso Senhor apareceu a um Tiago, depois da ressurreição (#1Co 15.7) e, se bem que não esteja declarado, parece seguro admitir que se trata do Tiago seu irmão. À luz de #Mt 13.55 e #Jo 7.5 podemos concluir que, fossem os últimos acontecimentos da vida de nosso Senhor, fosse Sua morte, ou essa aparição depois de ressurreto, algum desses fatos contribuiu para a conversão dele. Vem indicado como fazendo parte do grupo em Jerusalém que orava e aguardava "a promessa do Pai" (#At 1.14). Paulo, três anos depois de convertido, dirigiu-se a Jerusalém onde se avistou com Pedro, não vendo nenhum outro apóstolo, "salvo Tiago, irmão do Senhor" (#Gl 1.19). Na conferência havida em Jerusalém, onde se discutiu a questão da admissão de gentios na Igreja, o presbítero que presidiu foi Tiago. Depois de Pedro, Paulo e Barnabé haverem falado, ele resumiu toda a discussão e propôs uma decisão que foi aceita por toda a assembléia, redigindo-se uma carta cuja fraseologia tem alguns paralelos muito impressionantes com esta epístola (#At 15.6-29). Por ocasião de outra visita feita a Jerusalém, Paulo recebeu a destra de companhia da parte de Tiago, Cefas e João (#Gl 2.9). E indo a Jerusalém pela última vez, relatou seu trabalho a Tiago e aos presbíteros que com ele estavam (#At 21.18 e segs.).

Tiago, por conseguinte, ocupava uma posição de grande, se não suprema, autoridade na igreja mãe, em Jerusalém, presidindo as assembléias e pronunciando com autoridade a última palavra. O tom autoritário desta epístola condiz bem com a posição de primazia atribuída a ele.

DATA E DESÍGNIO

Nem a evidência interna nem a externa ajuda muito em determinar com precisão a data desta epístola. O conteúdo da mesma certamente parece indicar uma forma primitiva de organização cristã na Igreja. Mayor e outras autoridades apresentam argumentos na defesa de uma data muito afastada (cerca de 45 A. D.), baseados no fato de a epístola omitir qualquer referência ao Concílio de Jerusalém e à resolução que lá fora tomada. Por outro lado, Wordsworth, Farrar e Ewald defendem uma data mais avançada (cerca de 62 A. D.), fundamentados no fato de a epístola ter sido escrita por Tiago pouco antes de seu martírio, a fim de corrigir certas interpretações errôneas da doutrina de Paulo quanto à justificação pela fé. A data mais primitiva, de um modo geral, parece ser preferível. O propósito da epístola é demonstrar que a fé no Senhor Jesus Cristo deve ser aplicada a todas as experiências e relações dos discípulos cristãos. O que Tiago visa é fé em ação, daí sua ênfase marcante sobre o lugar das obras na vida cristã. Parece, do ensino desta epístola, que os judeus cristãos, aos quais ela se dirige, estavam em risco de considerar sem importância esta manifestação prática da fé.

Tg-1.1

I. INTRODUÇÃO Tg 1.1

Tiago. Quanto à sua identidade, ver a **Introdução. Servo**, isto é, "escravo". Parece que os apóstolos tinham prazer em se considerar assim. Cfr. **#Rm 1.1; #2Pe 1.1; #Ap 1.1. As doze tribos**; não aos judeus, como raça, mas aos judeus cristãos que, havendo sido postos diante do grande princípio da fé, necessitavam de instruções práticas sobre a arte de viver cristãmente. Empregando a palavra **doze**, ele não distingue necessariamente cada tribo de per si. É um termo coletivo que alude a todos aqueles que descendem de judeus. **Dispersão.** A carta dirige-se especialmente aos que viviam entre gentios, fora dos limites da Palestina.

>Tg-1.2

II. FÉ E PROVAÇÕES Tg 1.2-27

a) A atitude cristã em face do sofrimento (Tg 1.2-4)

Tentações (gr. **peirasmos**) significa provações com um propósito e efeito benéficos, ou sejam provações ou tentações divinamente permitidas ou enviadas. Em alguns contextos, entretanto (por ex. **#Lc 4.13**), usa-se a palavra para significar tentações do demônio. Veja-se também **#Tg 1.13-15**, onde a forma verbal **peirazo** emprega-se neste mesmo sentido. Os destinatários da epístola estavam passando por provações, como judeus crentes que haviam aceitado o Senhor Jesus Cristo na qualidade de Messias; Tiago exorta-os a que não se aflijam com tais provas, mas pelo contrário tenham o sofrimento e as perseguições como gozo. Eram prova de que eles eram filhos (**#Hb 12.6**; **#Sl 94.12**) e de ser a sua fé uma realidade. Tais tentações eram **várias** (gr. **poikilos**), isto é, "variegadas" ou "de muitas cores". A palavra refere-se à variedade das provações, antes que ao seu número. **A provação** (lit. "o processo de testar, provar") **de vossa fé produz perseverança** (3). Prova aí pode referir-se à pressão das circunstâncias, causada pela perseguição. Tiago queria que esses cristãos primitivos compreendessem que tal provação era uma oportunidade de ser provada a têmpera deles e um modo de discipliná-los na coragem e perseverança. Neste sentido, tal provação devia até ser acolhida com prazer (cfr. **#Rm 5.3**). **Paciência** (3-4), isto é, "perseverança", que capacita a pessoa a resistir ao aperto das circunstâncias externas. Essa graça da perseverança deve ter ampla liberdade, até completar sua obra, fazendo-nos **perfeitos e íntegros, em nada deficientes** (4). **Perfeitos** aí não quer dizer sem pecado, porém "maduros" ou "plenamente desenvolvidos". A palavra grega é **teleios**, que significa ter alcançado seu fim, ter ficado completo. Quando se refere a pessoas, indica primeiramente desenvolvimento físico; depois, em sentido ético, quer dizer pleno crescimento ou maturidade. **Íntegros** (gr. **holokleros**) significa completos em todas as partes, ou "em nada deficientes", como Tiago mesmo diz (cfr. **#1Ts 5.23**).

Alguns têm sugerido que tais expressões são tomadas de empréstimo aos sacrifícios da lei. A vítima era perfeita se era perfeitamente sadia, sem qualquer doença; era íntegra (inteira) se não lhe faltavam membros, se nada lhe era deficiente. O crente deve ser para com o Senhor o que Este exigia dos Seus sacrifícios. Deve ser inteiramente santificado ao Senhor dos exércitos.

>Tg-1.5

b) A necessidade de sabedoria (Tg 1.5-8)

As provações podem trazer muita perplexidade; precisamos de muita sabedoria, se temos de enfrentá-las vitoriosamente, ou, como no caso de Paulo, se temos de nos gloriar nas tribulações. Sabedoria significa, em geral, conhecer o melhor fim e os melhores meios de atingi-lo. Tiago tem em mente, em primeiro lugar, a compreensão eficaz dos modos de o crente agir. A sabedoria de cima torna-se necessária para apontar esses modos e dirigir a ação. Tal sabedoria se obtém por uma completa dependência de Deus, expressa na oração. Por conseguinte, se alguém é falho em sabedoria, **peça-a a Deus**, que é infinitamente sábio, e de Sua sabedoria dá **liberalmente e não lança em rosto** (5). Ele não nos repreende por nossa falta de sabedoria, porém do Seu tesouro ilimitado Se deleita em dar, segundo nossa necessidade. Note-se que a promessa se acompanha de certeza: **e lhe será dada. Liberalmente** (gr. **haplos**), isto é, simples, incondicional e generosamente, com mão larga. **Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando** (6). Dúvida, hesitação acerca de Deus, dependência de algo ou de alguém que não seja Deus, são realmente incredulidade. Não deve haver vacilação, nem discussão, nem indecisão no pedir; e não deve haver espírito dobre, a querer em parte seus próprios métodos e em parte os métodos de Deus. **Semelhante à onda do mar...** (6); isto é, num estado de contínua agitação, erguendo-se e abatendo-se entre a confiança em Deus e a incredulidade; mudando de idéia ou de direção; a mostrar instabilidade e falta de controle divino. Tal instabilidade é a marca do **homem de ânimo dobre** (8); gr. **dipsychos**, lit. "de duas almas", pessoa de afeições divididas e de vontade insubmissa, a querer abarcar os dois mundos. Tal pessoa não deve sonhar em obter resposta às suas orações. Uma condição de resposta a orações é ânimo singelo.

>Tg-1.9

c) Verdadeiras riquezas (Tg 1.9-12)

A pessoa pobre, de posição humilde, que aceita o evangelho, ergue-se por sua fé a um nível superior, e nisso pode encontrar mais um incentivo para perseverar contente (9). Por outro lado, o rico, que se tornou crente e aprendeu quais são os verdadeiros valores da vida, torna-se um alvo especial de perseguição e de várias provações, e com isso tem muito a perder (10). É trazido à **condição humilde** (9) de seus irmãos mais pobres e levado a aceitar o que, do ponto de vista do mundo, é uma posição humilhante, qual seja a de

fazer parte de uma irmandade de gente pobre. Deve então alegrar-se e aceitar isso como da mão d'Aquele que é Sabedoria infalível, uma vez que agora aprendeu a olhar as riquezas em sua verdadeira perspectiva. As riquezas temporais são transitórias, de curta duração como os canteiros de erva ou as flores das campinas sob o açoite dos vendavais e do sol escaldante, que as cresta e faz perecer a beleza de suas formas e cores (a formosura do seu aspecto). Assim, igualmente, o rico murchará em seus caminhos, isto é, em meio às suas preocupações mundanas. O rico, que se converteu, pode regozijar-se por haver-se livrado de tal destino e por possuir uma herança e uma coroa de vida (12) que não pode desvanecer-se. Sua humilhação aos olhos do mundo, portanto, não é realmente humilhação, mas é causa de profunda e duradoura alegria. O homem, seja de elevada, seja de humilde posição, que suporta a prova e não sucumbe a ela, é de fato bem-aventurado, pois quando for provado ("aprovado") receberá a coroa da vida (12). Depois da prova vem a recompensa. Passada a tentação, se o crente suportou a prova e ficou firme até ao fim, recebe a coroa de vencedor, coroa da vida. Esta não deve ser confundida com a vida eterna, que é dom gratuito de Deus a quantos crêem no Senhor Jesus Cristo. A coroa da vida é o prêmio especial oferecido aos que perseveram na fidelidade.

>Tg-1.13

d) Donde procedem as tentações (Tg 1.13-18)

Tiago aqui contrasta a desculpa, que a pessoa tentada apresenta, com a verdade a respeito da tentação; evidentemente refere a excitação para o mal, e não a prova do caráter a que acabou de aludir (vejam-se os vers. 3,4). **Ninguém.... diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta** (13). Alguns têm visto contradição entre estas palavras e declarações tais como as de #Hb 11.17 e #1Co 10.9. Nestes casos, porém, a tentação vem de fora, ao passo que Tiago se refere aí à tentação ou prova de dentro, que surge de paixões e apetites desgovernados. A fraqueza em ceder a tais desejos maus não pode ser excusada, lançando-se em Deus a responsabilidade dos mesmos (cfr. #1Co 10.13). A verdadeira procedência das tentações deve-se procurar não em Deus, mas no próprio homem. **Cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz** (14). A cobiça, quando alimentada no coração, produz o pecado; porque o que o homem pensa em seu coração, isso ele é. Quando se cede ao desejo da satisfação própria, daí irrompe a mazela mortal do pecado, que por sua vez produz o temível fruto da morte (cfr. #Rm 8.6). **O pecado, uma vez**

consumado ("plenamente desenvolvido, amadurecido") **gera a morte** (15), "O pecado, filho de desejo incontrolado, cresce e, por seu turno, dá à luz um filho, a morte" (Cam. Bible). A morte é o produto acabado, a "obra perfeita" (vers. 4) do pecado.

>Tg-1.17

Longe de ser Deus a origem das tentações, Ele é o autor e doador de todos os bens. E também o **Pai das luzes** (17), o Criador e Fonte última da luz física, intelectual e espiritual (cfr. **#1Jo 1.5**). NEle não pode haver **variação, nem sombra de mudança** (17). O sol e a lua variam. Podem ser eclipsados e deixarnos às escuras. Não é assim com Deus. Toda bênção que gozamos, devemos-la à Sua bondade infalível e à Sua graça e misericórdia inalteráveis. Além do mais, Ele deliberadamente quis fazer de nós Sua progênie escolhida. Foi de Seu querer que fôssemos gerados pela Palavra da verdade, a fim de sermos **como que primícias das suas criaturas** (18). Pode ser que Tiago estivesse pensando nos judeus cristãos, agora feitos novas criaturas em Cristo, como primeiros feixes, ou penhores, da grande colheita mundial dos remidos (cfr. **#Rm 16.5; #1Co 16.15**), Ou pode seu pensamento ser que os crentes são "a nata da criação" (gr. **aparche**), oferta de primícias a Deus, antecipando a redenção de todas as coisas, pela qual a criação espera (cfr. **#Rm 8.18-23**).

>Tg-1.19

e) Responsabilidade para com a Palavra (Tg 1.19-27)

Aparentemente havia alguns cristãos judeus que pensavam poder a vida cristã ser estimulada por meio de discussões, os quais gostavam mais de falar que de ouvir. Não raro suas falas degeneravam em debates coléricos, daí resultando muito rancor que nem recomendava a sã doutrina, nem promovia santidade de vida, nem produzia o fruto da justiça. Em vista do que foi declarado (veja-se o vers. 18), convém-nos ser **prontos para ouvir** e acatar a Palavra, tardios para dizer o que sentimos e, acima de tudo, tardios para nos irmos sob provocação, porque tal ira nunca Se coaduna com a justiça de Deus que O leva a tratar o pecado com imparcialidade (19-20). Além disso devemos despojarnos de **toda impureza e acúmulo de maldade** (21); toda inclinação para a impureza deve ser repelida (cfr. **#Cl 3.8-9**). A Palavra é semente que requer solo limpo onde possa medrar. "Assim extirpai toda a malícia, que cresce e prolifera em excesso, e preparai um solo de modéstia e humildade para a Palavra, a qual lança raízes no íntimo com força de salvar as vossas almas"

(Moff.). O ouvir, entretanto, é inútil, se não leva à prática de uma vida santa. Tendo sido feitos novas criaturas em Cristo, cumpre-nos andar em obediência à fé revelada nas Escrituras, porquanto é possível, por argumentos sofisticados, enveredar alguém num estado de segurança carnal, enganando-se a si mesmo (22). O mero ouvinte da Palavra é comparado **ao homem que contempla num espelho o seu rosto natural** (23). **Contemplar** aí sugere um olhar de relance, que deixa apenas uma impressão casual (24). A Palavra de Deus é, por assim dizer, um espelho da alma, que nos mostra o que realmente somos; se somente lhe relanceamos a vista e nenhum esforço fazemos para conformar com ela a nossa vida, a impressão logo se desfará. O mero ouvir a Palavra não leva a nenhum resultado permanente ou prático na vida do ouvinte (cfr. **#Rm 2.13**).

>Tg-1.25

Contudo, Tiago reconhece que a Palavra também é uma **lei**; o homem que olha para ela com cuidado não somente vê sua imagem real, mas igualmente o ideal e as possibilidades da vida cristã. Esse tal, se persiste no seu estudo, meditando na lei de Deus e pondo-a em prática na vida diária, será bem-aventurado em assim fazer (25). **A lei da liberdade** (25; cfr. **#Sl 19.7**; **#Rm 8.2**). A lei de Cristo traz liberdade e não consiste tanto em frear como em guiar e guardar a nova vida em Cristo. O verdadeiro crente deleita-se em realizar a vontade de Deus, "cujo serviço é perfeita liberdade". Mas, embora a lei seja "da liberdade", seus preceitos sem embargo exigem obediência. Requer que o homem, cuja religião seja real e não uma profissão vazia, refreie sua língua (26), isto é, subjogue o ímpeto de dar expressão à malícia, a críticas rancorosas e apressadas dos outros, e a discussões acrimoniosas já referidas antes. O termo grego **threskeia** significa religião no seu aspecto, formas e cerimônias exteriores. Tiago emprega de propósito a palavra, para estabelecer um contraste entre a religião vã e a verdadeira; esta se revela em obras tais como o frear da língua, o cuidar dos necessitados e guardar-se livre de espírito mundano (cfr. **#Mt 25.31-46**). Parece que na primitiva Igreja as viúvas eram alvo de cuidado especial (**#At 6.1**). Nas condições sociais então vigentes, a perda do esposo podia constituir-se severa **aflição**, que levava a muito sofrimento e tentação.

Tg-2.1

III. FÉ E SOCIABILIDADE Tg 2.1-13

No vers. 1 devemos adotar a redação "Tendes a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas?", sendo a inferência que, se assim fazemos, não somos realmente cristãos. Uma outra interpretação é que os crentes não devem permitir seja entravado seu progresso na vida cristã com uma indevida deferência aos ricos, e ao mesmo tempo uma falta de reconhecimento aos pobres.

Tiago figura um cidadão rico, muito bem vestido, cujas jóias e vestes deslumbrantes são indício de sua opulência, a penetrar numa **assembléia** cristã, não necessariamente uma sinagoga judaica, se bem que muitos ainda freqüentassem aqueles centros onde Moisés era lido e se davam instruções nas Escrituras. Ao mesmo tempo entra lá um pobre, com vestes amarrotadas, desbotadas e sujas (2). Era fácil os crentes mostrarem consideração indevida ao rico, convidando-o a ocupar lugar de honra, enquanto o irmão andrajoso era deixado de pé, ou lhe ofereciam um lugar no soalho para se sentar (3). Procedendo assim mostravam que faziam distinções antipáticas ("divididos em vossa mente"), e julgavam as pessoas com parcialidade (4), "Julgavam com maus pensamentos" baseados no princípio de que as vestes custosas de uma pessoa indicavam-na como companheira desejável" (Cent. Bible). Os juízes orientais caracterizavam-se por seu favoritismo. Perdia-se com isto todo senso de irmandade cristã, ignorando-se o exemplo do Senhor Jesus, visto como todos, ricos e pobres por igual são preciosos para Deus. Na sua presença em nada importam vestes magníficas ou esfarrapadas. Considerar as pessoas por essa forma era infringir diretamente a lei de Moisés (cfr. #Dt 1.17).

>Tg-2.5

Lembra-lhes então Tiago que Deus é especialmente gracioso para com os pobres. **Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino?** (5). É uma indagação surpreendente, afirmativa tanto quanto interrogativa. Embora pobres dos bens deste mundo, tinham fé em Cristo, a qual os tornava possuidores das mais primorosas bênçãos e davam-lhes direito ao reino dos céus. Eram essas, todavia, as pessoas a quem os destinatários da epístola estavam no perigo de desprezar, ao passo que cortejavam aos ricos. Não eram estes, os ricos, que se opunham ao evangelho e oprimiam os que o aceitavam, especialmente aqueles em circunstâncias menos felizes, e até os arrastavam aos tribunais, onde a administração da justiça estava miseravelmente corrompida? Perseguido os cristãos, os perseguidores tinham o costume de blasfemar do nome e do ensino de Cristo (6-7).

Tiago agora chega à conclusão a que se encaminhava o seu argumento. Se eles cumpriam a lei do reino, a lei régia, como apresentada em #Lv 19.18 (cfr. também #Mc 12.28-33; #Rm 13.8-10; #Gl 5.14), faziam bem. Mas, se se deixavam levar de respeitos humanos, cometiam pecado e eram argüidos pela lei como transgressores (9). O apóstolo então antecipa-se a uma possível objeção. Por que dar tanta importância a essa questão de aceitação de pessoas? E um agravo de pouca monta, que de certo não deve ser levado tão a sério. Rebate ele o argumento assinalando que toda a lei é quebrada pela transgressão de um só ponto. A lei régia é a lei soberana de Deus como um todo, e como um todo ela demanda cumprimento. Um dos testes da guarda dessa lei é nossa atitude para com nosso próximo. Existe uma lei superior ao código de Moisés. É a lei da liberdade em Cristo (veja-se #Tg 1.25), obediência espontânea do crente á vontade revelada de Deus. É por esta que seremos julgados. Daí pois "falai e procedei como devem os que esperam ser julgados pela Lei da liberdade. Porque quem não demonstra misericórdia será julgado sem misericórdia" (12-13 Wey.). Sob o governo divino colhemos o que semeamos, e com o juízo com que julgamos seremos julgados. No grande dia, embora a justiça submeta todo o mundo às últimas penalidades da lei, Deus fará que a misericórdia triunfe sobre o Juízo, levando à Sua glória os que, havendo sido perdoados estão prontos a perdoar e por Seu amor a mostrar misericórdia (cfr. #Mt 6.14; #Mt 25.31-46). Isto posto, passamos com naturalidade ao pensamento da seção seguinte.

>Tg-2.14

IV. FÉ E OBRAS Tg 2.14-26

Este parágrafo é o ponto crucial da epístola e contém declarações que têm dado lugar a infindáveis debates na Igreja. Foi este parágrafo que levou Martinho Lutero a proferir sua famosa crítica, quando chamou esta carta "epístola de palha". Mas a declaração do apóstolo em seu conjunto é eminentemente razoável. Procura ele mostrar a diferença que há entre uma fé viva e ativa, e a que existe apenas no nome. "Meus irmãos, qual é o proveito se alguém disser que tem fé, mas não apresenta obras? Pode, acaso, semelhante fé salva-lo?" (Moff.). Não há antagonismo aqui entre o ensino de Tiago e o de Paulo. Este ensina que a justificação diante de Deus não é nunca pelas obras da lei, mas pela fé em Cristo (#Rm 4.1-5.2). O apóstolo vê necessidade de frisar isto ao procurar orientar os que pensam que, pela guarda da lei, podem achar a salvação. Ao mesmo tempo ele daria todo seu apoio à

alegação de Tiago de que a fé que não se exterioriza na vida prática e na conduta, não passa de consumada zombaria, e que ninguém é justificado perante Deus que ao mesmo tempo não seja justificado praticamente perante os homens (ver #Tt 1.16; #Tt 3.7-8). A fé, sendo a raiz, deve naturalmente dar origem as obras, que são os frutos. Tiago precisa dar ênfase a este lado da questão, visto que a situação por ele enfrentada é quase oposta àquela de que Paulo trata nos primeiros capítulos de Romanos.

Para ilustrar o seu ponto, Tiago figura a conduta impiedosa de quem despede companheiros cristãos tiritantes de frio e famintos, dizendo-lhes apenas "Desejo que passeis bem; aquecrai-vos e alimentai-vos bem" (16, Wey.), e deixa de lhes prover às necessidades corporais. De que vale a fé que presencia tais sofrimentos e não se dispõe a acudir-lhes benevolamente? Tiago presidia a Igreja de Jerusalém que sofrera (e provavelmente naquela época ainda estava sofrendo) em consequência da fome predita por Ágabo (ver #At 11.28-30). Podia então falar de experiência própria. "Votos de Felicidade" é uma frase oca, a não ser que a pessoa que os formula concorra para isso (Plauto). De que servem meras palavras desacompanhadas da prática da misericórdia? Crença religiosa, mesmo que seja ortodoxa, que não resulta em ação, é morta, porque lhe falta poder. O mero assentimento a um dogma nenhum poder tem para justificar ou salvar (cfr. #Rm 2.13). "Ninguém é justificado pela fé, a menos que esta o faça justo".

>Tg-2.18

Tiago enfrenta agora uma possível objeção. Supõe o caso de alguém a argüir. **Tu tens fé e eu tenho obras: mostra-me essa tua fé, sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé** (18). Então declara, de modo prático, que a pretensão de ter fé, independente de obras de caridade ou misericórdia, é inteiramente vã; porque visto como a fé não pode ser discernida senão por seus efeitos (isto é, boas obras), segue-se que a pessoa cuja vida não produz boas obras presumivelmente não tem fé.

Diariamente, pela manhã e à tarde, os judeus piedosos recitavam o Shema, cujas palavras iniciais são, "Ouve, ó Israel, Jeová nosso Deus, Jeová é um". Este monoteísmo era um artigo fundamental do credo. Mas apenas assentir nele sem que daí resultassem obras, isso não levava ninguém acima do plano dos **demônios**, os quais também crêem no mesmo fato. A crença dos demônios evidentemente não tem valor; eles **estremecem** quando pensam em enfrentar o

Deus único em juízo. Tal fé, que pode ser descrita como simples crença intelectual, não é a fé que salva.

Tiago não leva para diante seu arrazoado, mas escarnece ligeiramente do **homem insensato**. O adjetivo no grego é **kenos**, que significa "vazio", sugerindo o devoto insensível, de cabeça oca, de uma religião de mero formalismo. E prossegue dando dois exemplos de justificação, tirados do Velho Testamento. Primeiro chama atenção para **nosso pai Abraão** (21; cfr. **#Gl 3.6-7**), que **foi justificado pelas obras**, quando, em inteiro devotamento e obediência incondicional à ordem de Deus, ofereceu Isaque (ver **#Gn 22**). Tiago e Paulo concordam que foi quando Abraão **creu em Deus**, que **isto lhe foi imputado para justiça** (**#Gn 15.6**), isto é, foi justificado pela fé perante Deus. Porém, quando pela fé ofereceu Isaque no altar, foi justificado pelas obras perante os homens, visto como demonstrou com isso a realidade de sua confiança em Deus. **Amigo de Deus** (23); foi esta a caracterização mais alta que já se fez de uma pessoa. Deus admitiu Abraão em Sua intimidade, nada lhe ocultando (**#Gn 18.17**), e sobre ele derramando as mais excelentes bênçãos. Evidencia-se deste exemplo que a fé de Abraão não foi mera crença na existência de Deus, e sim um princípio que o levou a confiar nas promessas divinas, a agir pela vontade de Deus, a amar e a obedecer a essa vontade. Suas obras justificaram-lhe a fé e provaram a genuinidade da mesma.

A segunda ilustração é **Raabe** (cfr. **#Js 2.1** e segs.; **#Hb 11.31**). A fé que ela tinha no Deus de Israel era de tal qualidade que se expressou em fazer ela o que pôde para proteger os Servos do Senhor.

>Tg-2.26

No vers. 26 Tiago conclui e sumariza todo o argumento. "A morte se patenteia pela ausência de atividade física e pela presença da corrupção; assim a fé, sem santidade prática, não mostra atividade e se corrompe" (Cent. Bible). Fé genuína resulta em boas obras. Estas não oferecem maior segurança à nossa posição perante Deus, porém são evidências da fé, pela qual alcançamos essa posição.

Tg-3.1

V. FÉ E O DOMÍNIO DA LÍNGUA Tg 3.1-12

Pela linguagem expressamos os nossos pensamentos e revelamos se o que nos domina é nossa própria vontade ou se é a obediência à vontade de Deus. Tiago inicia esta seção com um aviso "Não vos apresseis em ser mestres" (Moff.) Parecia haver uma ansiedade da parte de muitos para falar em público, enquanto falhavam em reconhecer que a qualificação fundamental do mestre é saber. Talvez também houvesse a tendência de confundir fluência de linguagem com erudição. Os mestres levam sobre si grande responsabilidade e serão julgados com especial rigor em virtude da influência exercida sobre os outros. Note-se o vers. 2 "Todos tropeçamos em muitas coisas". O verbo grego é **ptaio**, tropeçar ou escorregar (cfr. 2-10). O perigo do pretense mestre está no falar desenfreado, que leva a declarações irrefletidas e demonstrações de mau gênio. Tiago não diz que todo o mundo deliberadamente usa mal a língua, mas que esta é às vezes mal empregada por todas as pessoas, involuntariamente. Quem nunca é culpado de um deslize cometido com a língua, quem nunca profere uma palavra ociosa ou vã, esse é **perfeito** (2), isto é, plenamente instruído, bem equilibrado e bem aparelhado para aceitar a responsabilidade de ensinar a outros e de frear toda inclinação menos digna. A expressão **todo o corpo** pode-se aplicar à Igreja de Cristo, tanto quanto às paixões e apetites. Se esta interpretação for adotada aqui, significará que o homem plenamente instruído nas coisas de Deus está aparelhado para exercer o governo na Igreja de Cristo.

>Tg-3.3

O escritor reforça seu ensino acerca da língua disciplinada, empregando as ilustrações do cavalo e do freio (3), dos navios e respectivos lemes (4); do fogo e da selva (5-6), dos animais bravios (7-8) da fonte d'água (11), da árvore e seus frutos (12). No caso dos cavalos, são subjugados por freio e brida, tornando-se úteis ao homem, cuja força, em comparação, é pequena. Todo o corpo deles é dirigido pelo domínio da boca. Assim também os navios são dirigidos empregando-se os lemes, de tamanho relativamente pequeno, aliás a sorte dos navios depende dos lemes. Ambas estas figuras ilustram a grande influência exercida por uma coisa tão pequena, a língua.

No vers. 5b adote-se a redação da ARA, "Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!". Uma coisa diminuta como uma faísca pode ser a origem de tremenda conflagração, de resultados desastrosos, ilustrando assim os danos causados pela língua. **Mundo de iniquidade** (6); gr. **ho kosmos tes adikias**, " mundo de injustiças". A palavra grega **kosmos** primeiramente exprime ordem, e depois mundo, ou universo, como sistema ordenado; **adikia**

denota "falta de retidão", comumente traduzida por "iniquidade". Aqui, como em #Tg 1.27; #2Pe 1.4; #2Pe 2.20, "mundo" é isso "separado de Cristo e oposto a Ele; é a esfera em que a vida é puramente egoísta" (Cent. Bible). A língua, este mundo de maldade, está colocada entre nossos membros e mancha o corpo todo, visto como toda palavra má deixa sua impressão no caráter da pessoa, maculando-a. Põe em chamas a **carreira** ("roda") **da existência humana, como é posta ela mesma em chamas pelo inferno** (6). A língua descontrolada é posta em chamas pelo diabo, e o fogo propaga-se a todas as paixões inferiores da natureza humana.

Depois de falar nos estragos causados pela língua desgovernada, Tiago passa a tratar de sua fúria, usando a figura de animais selvagens. Enquanto o homem tem sido capaz de domar toda espécie de animal bravo, como feras, aves, répteis e peixes, **a língua ninguém pode domar** (8). Nada a subjuga, a não ser a graça de Deus. É um mal inquieto, que não se pode dominar ou governar, **carregado de veneno mortífero** (8; cfr. #Sl 140.3). Em toda esta descrição Tiago tem em mente, de modo particular, a língua do caluniador detrator murmurador e boateiro. Serpentes venenosas não oferecem maior perigo à vida do que tais pessoas à paz e à reputação alheia. Segue-se nos vers. 9-12 uma representação gráfica de outra característica da língua, a incoerência. A língua, que é capaz de louvar o Eterno Deus ou de Lhe manifestar a glória, também é capaz de pilhérias ofensivas ao próximo, feito à semelhança do mesmo Deus. Embora esta observação tenha aplicação geral, Tiago sem dúvida tinha em mente a atitude de judeus para com cristãos, ou mesmo cristãos judeus fanáticos para com gentios podiam erguer a voz em louvores altissonantes a Deus, e em bendizer-lhe o Nome, sendo igualmente prontos em vociferar terríveis imprecações contra os que não adoravam à maneira deles, mas que não obstante eram criaturas, da mesma forma que eles, feitas à mesma imagem de Deus. Veja-se a incoerência da bênção e da maldição, a procederem da mesma boca! Certamente isso não devia acontecer. Tiago chama atenção para a natureza, e pergunta se uma fonte lança de si ao mesmo tempo água doce e água salobra, figura muito natural na Palestina, onde não era difícil encontrar fontes de água salgada, outras sulfurosas e salobras. **Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas?** (12). A resposta é clara. Assim não pode a mesma fonte dar água salgada ou água doce. Se tal acontecesse, a água doce perderia sua qualidade característica ou se arruinaria com a água salobra. De igual modo, quando os mesmos lábios proferem louvores a Deus e maldições aos homens, os louvores se corrompem ou perdem seu valor. Como é incongruente tal maneira de proceder!

>Tg-3.13

VI. FÉ E SABEDORIA Tg 3.13-18

Depois de apresentar esses argumentos impressionantes, Tiago passa a uma pergunta-**Quem entre vós é sábio e entendido** gr. **epistemon**)? (13) "De acordo com Mayor, **epistemon** usa-se no grego clássico para indicar pessoa perita ou cientista, em oposição ao que não tem conhecimentos especiais ou adestramento" (Cent. Bibio). A pergunta faz-nos retroceder ao vers. 1. Tiago ainda está tratando daqueles que desejavam ser mestres na Igreja. Para os tais, a sabedoria deve sempre ser uma qualificação indispensável. Há uma distinção entre conhecimento e sabedoria. O sábio é aquele que tem fé, é submisso a Deus e ensinado por Ele. É possível alguém conhecer muita coisa e ter pouca sabedoria. É necessário que um mestre possua as duas coisas. Se somos ou não capazes de perceber notável diferença entre **sábio** e **dotado de conhecimentos**, isto é de pouca importância. O ponto prático que Tiago quer sublinhar é que todo aquele que se arroga uma superioridade que lhe dá direito de ensinar os outros, esse deve provar do modo prático e modestamente tal superioridade, por meio de seu bom procedimento entre seus companheiros cristãos. "A sabedoria tanto nos ensina fazer como falar" (Sêneca). A expressão **condigno proceder** (13) significa uma vida que manifesta verdadeira bondade.

Há entretanto uma sabedoria falsa ou espúria, simulada, que produz inveja e rivalidades. Onde tais sentimentos existem, não há lugar para ninguém se gloriar sobre outrem, baseado em privilégios superiores (14). Vê-se a falsidade de tal pretensão nos motejos amargos que tais pessoas proferem contra os que diferem das opiniões deles. Tal espécie de sabedoria não é dom divino, recebido nos termos de **#Tg 1.5-8. É terrena** (cfr. "a sabedoria do mundo", **#1Co 1.20**), inteiramente falha de iluminação espiritual. É natural ou **animal**. O grego é **psychikos**, termo que descreve o homem em Adão (isto é, "natural"), em contraste com **pneumatikos**, "espiritual". Daí limitar-se tal sabedoria à vida meramente física ou animal, sem relação com o divino. **É demoníaca**, isto é, de origem satânica, procedendo dos demônios, ou com eles se assemelhando. Sua fonte é a mesma que põe em chamas a carreira da existência humana (ver o vers. 6). "Onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão" (16); gr. **akatastasia**, isto é, desordem, distúrbio, tumulto; daí vem, como aqui, revolução ou anarquia.

>Tg-3.15

Em vivo contraste com essa falsa sabedoria está a verdadeira. Quanto à sua origem, é **lá do alto** (cfr. vers. 15). Sua natureza não é terrena, sensual, demoníaca; antes é sobrenatural tanto na origem como em sua natureza e suas conseqüências. Sua excelência é sétupla: pura pacífica, meiga, conciliadora, misericordiosa, de bons frutos, simples e sincera (cfr. **#Gl 5.22** e segs.; **#2Pe 1.5-9**). Tiago dirige a atenção para as características íntimas da pessoa sábia, visto como que é íntimo é de primeira importância **Pura** quer dizer livre de mancha ou contaminação seja qual for. Quem no seu íntimo não é moralmente puro não começou ainda a ser sábio. **Pacífica**, isto é, não dada a conflitos ou dissensões. Não pode haver paz real sem pureza ou retidão. Meiga, **tratável**, "docemente razoável", gentil. Gentileza aí não é tanto ternura ou meiguice, como é imparcialidade, contrastando com imoderação, exorbitância. "A mansidão de Cristo" é o padrão do crente, que o leva a submeter interesses pessoais a finalidades mais elevadas. **Indulgente**, isto é, fácil de se persuadir; conciliatória, pronta a ser dirigida (gr. **eupeithes**, pronta a obedecer; donde complacente). **Plena de misericórdia e de bons frutos**, isto é, sempre disposta a tomar a iniciativa de mostrar compaixão e oferecer perdão; produzindo bons frutos (obras); porque uma língua governada pela graça divina pode tornar-se forte influência para o bem. **Sem parcialidade**, isto é, não dada a contendas ou disputas acerca de honrarias. **Sem hipocrisia**, isto é, sincera, sem pretender ser o que não é, dizendo só aquilo em que se possa confiar (Moff. "retilíneo, sem rodeios"). **Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz** (18). Quem possui sabedoria semeia a boa semente que produz justiça, retidão. Semeia em paz, porque é pacificador. "A messe da justiça é semeada em paz por aqueles que fazem a paz".

Tg-4.1

VII. FÉ E CONTENDAS Tg 4.1-17

a) A origem das discórdias (Tg 4.1-6)

A seção precedente encerra-se mencionando a paz e a justiça. Ao invés dessa paz, no entanto, as pessoas a quem Tiago escrevia tinham **guerras e contendas** (1). As contendas (gr. **machoi**, "lutas") referem-se, neste caso, a disputas acerca de doutrina. Suas alterações e controvérsias causavam desordem nas reuniões, originando-se tal situação, em última análise, de paixões (prazeres) que **militavam nos membros deles** (gr. **strateuo** "guerrear", **stratos**, exército acampado). As paixões acampavam nos membros, possuíam-nos e dirigiam-

nos como se fora um exército de ocupação. Disputas nem sempre são causadas por circunstâncias exteriores; muitas vezes são o resultado de paixões íntimas. O termo **cobiças** (3) refere-se à satisfação do desejo de prazeres, no caso em foco o prazer de exercer poder sobre pessoas rivais, de humilhá-las. A ARA tem simplesmente "prazeres" (gr. **hedone** a satisfação de desejos pecaminosos).

>Tg-4.2

Cobiçais, e nada tendes (2). Cfr. os pecados do Davi (ver **#2Sm 11**) e Acabe (**#1Rs 21.2-4**). O desejo torna-se a paixão dominante da alma, mas o coração natural jamais se contenta ou satisfaz com nada que o mundo possa oferecer. **Matais e invejais, e nada podeis obter** (2). Todas as vossas lutas e contendias e todos os vossos esforços por satisfazer vossos desejos são de todo inúteis e acabam apenas infrutíferos e em insatisfação. A razão é **Nada tendes, porque nada pedis** (2). Não tendes feito de vossas necessidades o assunto de fervorosas orações. Deus tem abundantes provisões de Sua graça, disponíveis para os que pedem. Mas vós deixais de pedir e por isso não recebeis. E mesmo quando pedis, não recebeis porque o que vos leva a pedir são motivos errados (3). Vossas orações são egocêntricas, interessadas só com a satisfação dos vossos desejos, de modo que Deus, que é fiel, não pode conceder o que pedis. Não pedis bênçãos para os outros, nem mesmo para vós aqueles dons divinos que são maiores e melhores. Pedis somente para satisfazer os instintos inferiores de vossa natureza. Aí está a causa dessa agitação profana que produz confusão e luta.

>Tg-4.4

Adúlteros e adúlteras (4). Os melhores MSS trazem apenas "vós adúlteras", como se Deus quisesse acusar-nos de ser iguais a esposas infiéis. Tiago retrata nestes termos impressionantes a infidelidade da alma para com Deus. Mundanismo é adultério espiritual. **Mundo** (4) é a ordem de coisas que nos cerca, ou esse espírito que em nós é cego para o valor e a realidade das coisas espirituais. O mundano é governado pelos desejos da carne, ou pelas maneiras e costumes que o cercam, e recusa reconhecer o direito que Deus tem de governar. É claro, então, que o procedimento do mundo e seus objetivos estão fundamentalmente em desacordo com o caráter de Deus e Sua vontade revelada com relação aos Seus filhos. Há duas amizades, a de Deus e a do mundo. São incompatíveis e irreconciliáveis, e temos portanto de escolher para nós uma das duas. Note-se no vers. 4 a frase **aquele que quiser....** No

mundo espiritual a escolha que fizermos de amigos determinará quem será nosso inimigo. A pessoa que deseja ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus. "Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?" (#Am 3.3).

>Tg-4.5

O vers. 5 é algo obscuro. Westcott e outros, embora não dogmatizem, traduzem assim a primeira sentença, "Supondes que é em vão que a Escritura afirma?" o consideram a segunda parte do versículo como uma declaração independente, e não o objeto direto do verbo "afirma". Se for aceito este arranjo, não havendo razão para não o ser, Tiago pergunta se podemos imaginar que tantas admoestações contra o mundanismo no vers. 4 e através de toda a Escritura sejam frases vazias, sem sentido. A Escritura fala solenemente contra este mal e recusamos ouvir seus avisos em risco de nossas almas.

Quanto à segunda parte do versículo, variam as interpretações. O espírito que habita em nós é considerado por alguns como sendo o espírito do mal que, desde a queda, tem habitado e vem corrompendo o homem natural, e é a fonte de onde surge a inveja. Por outra parte, podemos aceitar a versão da ARA: "o Espírito que ele (Deus) fez habitar em nós anseia por nós com ciúme". Neste caso a alusão é à obra graciosa do Espírito Santo que é entristecido e agravado quando nos mostramos infiéis a Cristo e a Deus, que tão ricamente nos tem abençoado. Ele suspira por nós com um santo ciúme, desejando possuir-nos totalmente, visto como não pode satisfazer-se com o nosso coração dividido. Esta interpretação parece ser preferível à primeira. "O ciúme", embora ordinariamente considerado um mal, às vezes foi empregado para ilustrar a mais terna afeição (#2Co 11.2; #Gl 4.17-18)" (Cam. Bible).

>Tg-4.6

O espírito mundano deles tinha sido a causa fundamental de Deus negar-lhes o que pediram. Suplicaram e não receberam porque suplicaram mal, impropriamente. Ele porém nunca recusa Sua graça aos que pedem. Com efeito, pedir graça é recebê-la mais e mais (6). Em apoio de sua afirmação, Tiago cita #Pv 3.34 (LXX); cfr. #1Pe 5.5. O obstinado orgulho recusa entregar-se a Deus; sente-se suficiente em si mesmo para enfrentar a guerra moral, e não vê necessidade em se aproximar do trono da graça, como suplicante, confessando que os atrativos do mundo são muito fortes e que somente a graça divina pode neutralizá-los. Tal atitude não pode ter a

aceitação de Deus. Pelo contrário, Deus **resiste a ela**. A palavra grega **antitasso**, originalmente um termo militar significando dispor em ordem de batalha, usa-se na voz média para significar dispor-se contra. Deus resiste, deixando que os malfeitores renitentes sigam sua carreira determinada, com eventual retribuição. No entanto, aos que são bastante humildes para reconhecê-Lo, sabendo que são fracos e inclinados ao mal, Deus Se debita em lhes dar livremente de Sua graça.

>Tg-4.7

b) Submissão a Deus (Tg 4.7-10)

Havendo contrastado o soberbo com o humilde, e a atitude divina em resistir a um e em conceder Sua graça ao outro, Tiago prossegue apresentando o permanente segredo da vitória na guerra contra o mundanismo e o pecado. Consiste ele em duas atividades, sujeição a Deus e resistência ao diabo (7). Nisto estão combinadas perfeitamente as verdadeiras atividades da fé e das obras. Pela fé sujeitamo-nos a Deus numa entrega mais completa e mais profunda, e deixamos do combater contra Ele. No ato da sujeição preparamo-nos para o conflito com o maligno; e ao mesmo tempo nossos poderes de resistência se fortalecem o multiplicam. Veja-se também **#1Pe 5.8-9**.

Segue-se agora uma série de injunções práticas, que têm especial aplicação àqueles que procuram o caminho de Deus mais perfeitamente o que não mais combatem contra Ele. Devem **chegar-se a Deus**, e em fazê-lo, têm a certeza de que **Deus Se chegará** a eles (8). Deus nunca recusa ir ao encontro daqueles que sinceramente buscam Sua face. O caso aqui significa mais do que o aproximar-se de Deus pela oração. Quer dizer uma comunhão íntima, um andar com Ele, tal como no caso de Enoque. Contudo tal privilégio demanda adequada preparação. Daí, **purificais as mãos... limpai o coração** (8). A última injunção dirige-se principalmente aos que eram de ânimo dobre (veja-se **#Tg 1.8**), isto é, os que porfiavam por manter-se leais ao Senhor e ao mundo. Submetendo-se a Deus, Este devia ser tudo em todos (cfr. também **#Sl 24.3-4**). Mãos purificadas simbolizam nossas atividades; coração limpo representa a própria cidadela de nossa personalidade.

>Tg-4.9

Vem depois um convite ao arrependimento: **Afligi-vos, lamentai e chorai** (9). A lembrança do comprometimento anterior com o mundo frisava a

necessidade de profundo e verdadeiro arrependimento. O riso, a alegria impensada, egoística e voluptuosa do mundo, o divertimento dos insensatos, do que fala #Pv 10.23, devem ceder lugar ao **choro**, e o semblante carregado (gr. **katēpheia**, denotando o rosto deprimido, expressão de sofrimento) devo tomar o lugar do gozo. Cfr. #Lc 18.13. O verdadeiro penitente não se atreve "a levantar os olhos ao céu". Ao seu redor não há nada erguido enquanto o perdão e a graça do Deus o não levantam e o põem de pé. (10). Quando nos humilhamos e diante dEle ficamos contritos, Ele Se deleita em nos abrir os tesouros de Sua graça. Uma prática que veio depois, a qual parece prenunciada aqui, ora os pranteadores o penitentes se deitarem no chão e rolares no pó. Somente depois de perdoados ora que se levantavam; sacudiam de si a poeira e se vestiam com melhores roupas.

>Tg-4.11

c) É verberada a detração (Tg 4.11-12)

Falar mal dos outros, isto é, as pessoas atacarem-se umas às outras moralmente, é ofender a majestade da lei divina. O sentido geral do argumento é que falar contra um irmão é condená-lo, e condenar ou lavar sentença é ato privativo dos juízos. Esse andar atrás de faltas alheias, ou essa detração de irmãos implica que a lei é inadequada no seu julgamento. Além disso, a lei de Cristo proíbe julgar (#Mt 7.1 e segs.) e, conseqüentemente, fazer isso é quebrar a lei. O Legislador é o único verdadeiro e último Juiz; Ele é o único que tem poder de **salvar e fazer perecer** (12). Quem é que se atreve a usurpar o ofício e a prerrogativa do Juiz supremo, julgando o seu próximo? A verdadeira humildade inculca uma recusa deliberada de se assumir uma atitude de juiz sobre os outros, impondo antes uma posição de estrita obediência à lei.

>Tg-4.13

d) Planejar sem consultar a Deus (Tg 4.13-17)

Volta-se Tiago a outra forma de dar combate a Deus, a saber, o mundanismo no sentido de fazer planos para o futuro sem levar Deus em conta. Os negociantes judeus iriam aos centros comerciais da época, isto é, Antioquia, Alexandria, Damasco, Corinto, etc., e em cada uma dessas praças de comércio gastar tempo considerável. **Comprar, vender e lucrar** (13) são atividades legítimas (13); tornam-se porém corrompidas e imorais se desempenhadas sem qualquer referência a Deus e à Sua vontade, e sem consideração à

brevidade da vida (cfr. #Pv 27.1 e #Lc 12.16-21). **Não sabeis o que sucederá amanhã** (14). A vida é de todo em todo precária, e Deus não deixou ao alcance de nenhuma de Suas criaturas controlar o futuro por um momento que seja. Daí o absurdo de fazer cálculos à parte de Deus. Tiago não condena fazer planos para o futuro. Nosso Senhor manda que sejamos prudentes e previdentes. O que ele condena é planejar sem consideração a Deus, acrescentando uma pergunta incisiva para ilustrar o ponto. **Que é a vossa vida?** (14). A própria pergunta é uma reprimenda, porém a resposta é dura e inflexível. A vida humana, na melhor das hipóteses, vista à luz da eternidade, é apenas como **neblina, que aparece por instante e logo se dissipa**. O apóstolo relaciona a vida do homem com uma vontade mais elevada que a sua, e procura corrigir a falsa maneira de encarar as atividades humanas, lembrando a seus leitores que a vontade de Deus, é suprema e que os planos deles, quanto ao futuro, devem levar o timbre **Deo volente** (se Deus quiser). Eles todavia têm cometido a falta de exultar na sua suposta auto-suficiência, vangloriando-se, com efeito, de que podem viver independentemente de Deus. O homem que vive mais seguro é o que menos confiança tem em si mesmo. A verdadeira sabedoria e a verdadeira humildade conservam Deus continuamente em vista. O argumento encerra-se com uma aplicação impressionante. Diz o apóstolo, praticamente, "Mostrei-vos o que é direito fazer; todo fracasso de vossa parte em realizá-lo é, portanto, pecado" (17; Moff.). O perigo está em que, embora concordando com a verdade abstrata da brevidade da vida e da incerteza quanto ao futuro, prossigam praticamente como antes, fazendo planos para o futuro sem consideração à vontade de Deus. Tal atitude é da própria essência do pecado. Este consiste não só em fazer o mal, mas em deixar de fazer o bem que se conhece. Se não agimos na inteira dependência de Deus, pecamos. "Pecado é qualquer falta de conformidade com a vontade de Deus". Quando Ele faz conhecida a Sua vontade, é de nossa responsabilidade agir em conformidade com ela.

Tg-5.1

VIII. RIQUEZAS CORROMPIDAS Tg 5.1-6

Esta seção apresenta uma severa denúncia contra os ricos que têm granjeado prosperidade mediante opressão. Os tais são condenados, não por serem ricos, mas porque suas riquezas foram mal adquiridas, permanecendo sobre elas as marcas da corrupção. Tiago concita-os **a chorar e a lamentar por causa das desventuras que lhes sobrevirão**. Os orientais são muito efusivos na expressão de suas mágoas. Ouro, prata e vestuários (cfr. #Mt 6.19; #At 20.33) eram os

principais artigos de que se compunha a riqueza no Oriente. **Corruptas... comidas de traça.... enferrujadas** (2-3). Emprega-se ai o perfeito profético, em que se fala do futuro como se já tivesse ocorrido. "O destino inevitável da riqueza deles é referido como se já se tivesse realizado" (Cent. Bible). Apesar de todas as evidências externas de prosperidade e de brilhante sucesso, as vestes deles, aos olhos divinos, estavam comidas de traça; sua prata e seu ouro, em que confiavam, estavam corroídos; o seu deslustre testemunhava contra eles. Se estas palavras tiveram ou não seu cumprimento imediato nas desgraças que precederam a destruição de Jerusalém, permanece o princípio geral de que enfrentarão, um dia, inevitável retribuição os que parecem viver confiados em riquezas apodrecidas.

A principal oposição aos cristãos, naquela época, partia dos ricos. Vejam-se as notas sobre **#Tg 2.1-7**. Aqui o apóstolo passa a especificar outras razões de queixa e mostra como as riquezas deles se têm corrompido. Não somente cerravam suas entranhas de compaixão pelos pobres, mas os salários justos e legais, devidos aos trabalhadores que ceifavam seus campos, esses eram retidos por eles (4; cfr. **#Lv 19.13; #Dt 24.15; #Jr 22.13; #Ml 3.5**). Pintando assim o quadro da luta entre o capital e o trabalho, Tiago não hesita em acusar de fraude os opressores. E embora os gritos e apelos dos oprimidos encontrassem ouvidos moucos da parte dos opressores, **penetravam nos ouvidos do Senhor dos exércitos** (4). "Jeová Sabaote", Senhor das hostes, ou dos Exércitos é um freqüente designativo de Deus no Velho Testamento, e significa Sua onipotência pela qual governa o mundo, defende o Seu povo e castiga os ímpios. Ele não é um espectador indiferente (cfr. **#Êx 3.7-10**). Procedendo daquele modo, os ricos só faziam **acumular tesouros para os últimos dias** (3). Tiago sente em sua alma o iminente juízo a desabar sobre a Santa Cidade, quando os judeus mais ricos foram despojados de tudo, seguindo-se um reinado de terror, que prevaleceu onde quer que se achassem judeus. Todavia o caso sugere também que tais condições, aí descritas, prevalecerão grandemente ao chegar ao fim a presente dispensação.

>Tg-5.5

Ainda outra acusação lhes faz o apóstolo, qual seja a de viverem regaladamente, enquanto socialmente são cruéis. **Tendes engordado os vossos corações, como em dia de matança** (5). Tão absortos têm estado nos seus queridos regalos que se têm engordado, por assim dizer, inconscientes de sua própria condenação, como animais que se cevam para o matadouro. Simplesmente acumulam dinheiro para os saqueadores levarem, tornando-se

para estes uma presa mais rica devido ao tesouro amontoado. Isto porém não é tudo. Procedendo assim, têm **condenado e matado o justo** (6). Os pobres, a gente piedosa estava à mercê deles, e sem misericórdia era tratada. Tinham de viver de suas rendas magras; quem quer que destas os privasse era por Deus considerado assassino. "Mata a seu próximo quem o priva de seu meio de vida, e quem defrauda o assalariado de seu salário é um homicida". Os pobres nenhum meio tinham de remediar a situação, pelo que se sujeitavam a tais sofrimentos sem murmurar. O desamparo das vítimas agravava a culpa dos opressores.

>Tg-5.7

IX. RECOMENDA-SE PACIÊNCIA Tg 5.7-12

Pondo de parte os opressores e voltando-se para os oprimidos, o apóstolo faz um apelo cordial para que estes sejam pacientes até **a vinda do Senhor** (7). Deseja que a esta bendita esperança eles se apeguem. Será o tempo em que todas as injustiças serão corrigidas e toda opressão acabará. Os que padecem, devem aguardar esse dia, e nessa espera devem ser longânimos até para com os que os oprimem. Reforça este conselho à paciência com ilustração e doutrina. Devem nisso olhar o futuro. **O lavrador aguarda com paciência** (7). O agricultor lavra a terra, semeia a semente e através de todas as vicissitudes de clima, espera pacientemente a safra. **As primeiras e as últimas chuvas** (7), na Terra Santa, eram de importância decisiva para o lavrador, porque, Se faltassem ou se se atrasassem, a fome seria inevitável. Assim, os cristãos devem exercer paciência, fortalecendo e firmando seus corações com a convicção de que **a vinda do Senhor está próxima** (8). O fato de Se fazer referência clara e explícita, neste primitivo documento, à "bem-aventurada esperança" da Igreja, invalida o argumento de que foi uma idéia que os cristãos esposaram em época posterior, com o desenvolvimento da doutrina. Pelo contrário, foi essa uma crença mantida e alimentada desde o dia da ascensão, quando os anjos asseguraram aos discípulos que, perplexos, olhavam para o céu, "este Jesus... assim virá do modo como o vistes subir" (**#At 1.11**).

Um resultado prático dessa espera paciente será o desenvolvimento de um espírito de boa disposição e o livramento do pecado da murmuração, tanto quanto do espírito irritável e dado às críticas. Tal espírito provoca e merece castigo divino. Tiago está atento ao fato de que o juízo de Deus pede severas contas do comportamento dos crentes, tanto quanto dos opressores deles.

Demais disto, por que haverão de ser mal-humorados, irritáveis, rabugentos, se **o juiz está às portas** (9), pronto para julgar os opressores e socorrer os oprimidos? Como exemplo dos que tiveram de enfrentar sozinhos e sofrer o mal, o apóstolo lembra **os profetas, que falaram em nome do Senhor**. Refere-se, sem dúvida, principalmente aos profetas do Velho Testamento, todos os quais, quase sem exceção, sofreram perseguição. Mas os profetas na Igreja Cristã, de igual modo, tais como Paulo, Estêvão e Tiago, expuseram-se às mesmas provações dos seus predecessores. "Eis que temos por felizes aos que perseveraram firmes" (11; cfr. **#Mt 5.11**).

De uma alusão geral aos profetas, dados como exemplo de aflição e paciência, Tiago passa ao caso particular de Jó. A paciência deste interpreta-se à luz do propósito do Senhor. Foi mais do que uma resistência corajosa no sofrimento e ruína. Foi paciência que teve de ser exercida com relação aos três amigos que insistiam em afirmar que os infortúnios de Jó eram resultado de pecado secreto. A jubilosa conclusão a que esse patriarca chegou foi que **o Senhor é cheio de terna misericórdia** (11). Opresso além da medida, pôde dizer "Ele sabe o meu caminho; prove-me e sairei como o ouro" (**#Jó 23.10**). Foi isto certamente uma vitória da fé.

Excitados e sob irritação (cfr. vers. 9), estavam sempre tentados a perder o domínio da língua, pecado este contra o qual Tiago já escreveu claramente. Daí a exortação prática do vers. 12. Deviam contentar-se em falar com simplicidade e verdade, abstendo-se de emitir juramentos, fosse em nome do céu, fosse no da terra. Deviam ser tão verazes e corretos que uma palavra simples fosse bastante para ser acreditada.

>Tg-5.13

X. FÉ E ORAÇÃO Tg 5.13-20

Este parágrafo final da epístola contém uma de suas notas características. Desde o princípio Tiago vem insistindo na necessidade de orar e no valor da oração. Nenhuma filosofia de oração tem para oferecer, mas ele próprio cultivava o hábito de orar. Uma tradição a seu respeito diz terem-se calejado os seus joelhos, ficando como os de camelo, devido ao hábito constante de orar. Por conseguinte, seu conselho aos que sofrem é que **orem**, pois daí vem auxílio e conforto. Quanto aos que sentem alegria, aconselha-lhes que cantem louvores. A palavra **alegre** é no grego **euthymeos** (formada de **eu**, "bem", e **thymos**, "alma"), que significa forte sentimento, seja de emoção ou paixão. Se

alguém se sente assim, lembre-se de Deus em sua alegria e cante louvores. Oração e louvor devem ser os centros ao redor dos quais a vida se movimenta.

>Tg-5.14

Nos vers. 14-15 o apóstolo trata da função da oração ao lado do leito dos enfermos; estes versos têm dado lugar a muita controvérsia. A orientação que Tiago apresenta é importante, visto sua relação com a vida da Igreja Cristã. Entre os seus membros deve haver a amizade mais íntima possível e simpatia. Os presbíteros devem estar prontos para em todo o tempo servir a qualquer membro da igreja com oração, simpatia e conselho espiritual. Devem ser homens que possam elevar a Deus **oração de fé**, e que atendam chamados para visitar doentes e aflitos. Vem declarado como devem os presbíteros proceder na presença de enfermos. Devem orar sobre estes, **ungindo-os com óleo em nome do Senhor** (14). Aqui não há lugar algum para o rito romanista da extrema unção, o qual é administrado apenas aos moribundos. Os doze apóstolos, ao serem enviados, "curavam numerosos enfermos, unguendo-os com óleo" (#Mc 6.13). Parece ser este o outro único exemplo, no Novo Testamento, do emprego desse método. O óleo em si podia ter qualidades terapêuticas, e Deus podia abençoar os meios empregados com relação aos enfermos. Todavia Tiago diz que **a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará**. Nada indica que Tiago proibisse o uso de meios. O fato de Deus poder curar e algumas vezes cura mesmo sem o emprego de meios, não nos deve levar a pensar que recorrer à medicina é desonrá-Lo. O descrente usa a medicina sem oração; o crente pode usar a oração com a medicina, contudo ambos, afinal, dependerão de Deus. **Se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados** (15). A causa fundamental das enfermidades e sofrimentos é o pecado; Tiago aí parece sugerir que a doença faz parte do castigo divino pelos pecados cometidos. O fato de serem chamados os anciãos (gr. **presbyteroi**), os quais, sendo despertados e aparelhados pelo Espírito Santo, tendo eles, conforme o indica o nome, maturidade espiritual, eram designados a exercer cuidado espiritual e a supervisão da Igreja ao lado dos bispos ou supervisores (gr. **episkopoi**), implicaria em Si mesmo, até certo ponto, um reconhecimento de fracasso.

>Tg-5.16

Passa agora Tiago ao assunto das orações de uns pelos outros. **Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados** (16). Nenhuma justificativa há aqui da prática viciosa da confissão auricular.

A orientação aí se refere ao que foi dito antes. Quando os anciãos ungiam o doente, este provavelmente animava-se a confessar suas faltas a Deus em oração, a fim de que os circunstantes tivessem certeza do seu arrependimento, ou, talvez, para que tivessem alguma explicação das causas que deram lugar à enfermidade. Ou ainda, Tiago pode referir-se a pecados que têm ofendido ambas as partes e não a pecados que não têm relação com a vida de outrem. Neste caso a confissão seria o meio de procurar perdão mútuo, no espírito da recomendação de nosso Senhor em [#Mt 5.23-24](#). Confissão indiscriminada não é coisa que se deva fomentar: é tal como semear germes de doença no espírito e na vida dos outros. A maior coisa que podemos fazer pelo próximo está declarada nas palavras, [orai uns pelos outros](#) (16). "O escritor insiste no hábito da oração intercessória, para que, quando vier a doença, a cura se realize mais rapidamente, na ausência de impedimentos espirituais ao exercício dos poderes sobrenaturais, agindo por meios naturais" (Cam. Bible).

>Tg-5.17

Ilustrando a oração eficaz, Tiago se volta para o Velho Testamento. Lembra a seus leitores que Elias era [homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos](#) (17), e no entanto orou fervorosamente, primeiro para que não chovesse, e depois para que chovesse, sendo respondidas as duas orações ([#1Rs 17-18](#)). Elias soube usar o instrumento poderoso da oração eficaz. Pela oração ele se tornou o que foi, e exerceu o poder que manifestou. [Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo](#) (16); "a súplica do justo pode muito em seus efeitos", isto é, opera com tanta eficácia que dá lugar a grandes e benditos resultados. O homem que ora deve ser justo, isto é, deve estar em relações justas com Deus e o próximo. As palavras [fervorosa](#) e [eficaz](#) empregam-se para traduzir o vocábulo grego [energoumene](#). [Energieo](#) significa operar com eficácia, e aqui nenhuma referência tem à energia da oração. Para o justo a oração é dinâmica: é proveitosa, induz e persuade.

>Tg-5.19

A epístola termina abruptamente, não com uma palavra de despedida, mas com uma exortação. [Se algum entre vós se desviar da verdade](#) (19), isto é, da fé e obediência à verdade, é dever e privilégio do cristão procurar restaurá-lo. Quem o fizer, compreenda que [aquele que converte o pecador do seu caminho errado, salvará da morte a alma dele, e cobrirá multidão de pecados](#) (20). Embora não especifique a maneira de realizar isso, todo o contexto dá a entender que o método particular, na mente do escritor, de restaurar o pecador

é o da oração. Pela oração restaura-se o que erra, as almas se salvam da morte e se purificam do pecado. Quem se desvia de Cristo está em perigo de morte. Tiago queria que tais pessoas fossem trazidas de volta ao verdadeiro convívio de Cristo e à experiência do Seu perdão. "Aquele que recupera o que se extraviou da verdade, recupera a alma tanto quanto a pessoa, e cobre com o véu do amor uma multidão de pecados" (Williams, [Students' Commentary](#)). A fé operosa evidencia-se, não somente por uma vida devotada ao Senhor, como também se interessando pelo bem dos outros, particularmente pelos irmãos em Cristo.

[Andrew McNab](#)

AS EPÍSTOLAS GERAIS DE PEDRO

I PEDRO

INTRODUÇÃO

I. AUTORIA

Embora, de vez em quando, se ponha em dúvida a autoria desta epístola, aceita-se geralmente que se trata de um documento autêntico, da lavra do apóstolo Pedro, aquele mesmo Pedro que conhecemos através dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos. As dificuldades alegadas para se aceitar a autoria desse apóstolo baseiam-se na correção da linguagem e do estilo e na sua forma bastante idiomática, o que não podia ser obra de um pescador galileu, "iletrado e ignorante", para quem o grego era idioma estranho. Outra objeção que se faz funda-se na semelhança notável que certas partes desta epístola têm com algumas das epístolas de Paulo. Tais dificuldades se dissipam à vista de [#1Pe 5.12](#). O papel desempenhado por Silvano na redação desta carta não pode ser ignorado. Ele é mencionado em [#1Ts 1.1](#) e [#2Ts 1.1](#) como colaborador de Paulo e Timóteo na produção destas duas epístolas. O Silvano das epístolas é o mesmo Silas que se menciona nos Atos dos Apóstolos (veja-se [#At 15-18](#)). No primeiro século era costume generalizado empregarem-se escribas ou amanuenses na redação de documentos; os deveres e privilégios dessa classe de funcionários parecem ter sido consideráveis. Atuando na qualidade de amanuense, Silvano seria o responsável pelo teor literário, arranjo e estilo da epístola. As idéias foram de Pedro; a linguagem e o estilo foram contribuição de Silvano. A cooperação que este prestou a Paulo, na qualidade de amanuense, responde à objeção feita à autoria de Pedro, baseada essa objeção na semelhança dos pensamentos e expressões daquele apóstolo, como se vêem em alguns dos seus escritos.

Objeção mais séria está no seguinte argumento: se Pedro foi o autor da epístola que traz o seu nome, devia-se esperar maior número de referências aos fatos da vida terrena de nosso Senhor, visto como o autor gozou o privilégio de conviver intimamente com seu Mestre. (Este ponto é defendido tenazmente por Beare em seu comentário). Contudo, depois da ascensão e do Pentecostes, os apóstolos se dispunham mais a olhar o cumprimento futuro da gloriosa esperança da segunda vinda do seu Senhor do que olhar

retrospectivamente para os fatos de Sua vida terrena que culminaram na crucifixão.

Não temos dúvida em concluir que a epístola ora diante dos nossos olhos é obra de Pedro, portadora de sua autoridade e testemunho apostólicos, ao passo que a forma literária da mesma é da lavra de Silvano. Quem desejar um estudo amplo e satisfatório do assunto veja a obra [First Epistle of St. Peter](#), de Selwyn (Macmillan, 1946), Introdução, págs. 9-16, 27 e segs., e Essay II, págs. 363-466.

II. ONDE FOI ESCRITA

A vista da declaração de [#1Pe 5.13](#), deduz-se que a epístola foi escrita em "Babilônia". Nos tempos apostólicos conheciam-se duas cidades com este nome. Uma ficava no Egito, sendo provavelmente um posto militar do Império Romano, no local onde hoje é a cidade do Cairo. A Igreja Copta ainda é de parecer que essa é a Babilônia referida na epístola; todavia, não parece haver bom fundamento para essa idéia. A Babilônia do Eufrates é considerada por muitos como o lugar aí designado. Judeus, em número considerável, ainda moravam em Babilônia. Muito se tem escrito a favor e contra este parecer. Forte objeção a este ponto de vista vem do fato de que não existe notícia nem tradição de qualquer apóstolo ter estado na Mesopotâmia, salvo Tomé.

Uma terceira opinião é que o termo "Babilônia" aí se emprega como símbolo de Roma. Existe uma tradição, do segundo século, em abono desta idéia. Roma é chamada Babilônia em [#Ap 17](#) e 18, assim como em [#Ap 11.8](#). Jerusalém é denominada "Sodoma", sendo a idéia a seguinte: Jerusalém trazia então as marcas da impiedade relacionada com a Sodoma de [#Gn 18](#) e 19. Assim, na mente de Pedro, a Roma dos seus dias lembrava a antiga Babilônia em riqueza, luxúria e licenciosidade. Pode bem ser que empregasse o termo "Babilônia" em vez de Roma por uma medida de prudência, doutra sorte a carta, caindo por inadvertência nas mãos de algum funcionário romano, este ao ler o pós-escrito se ofenderia, o que não podia deixar de ser possível, e isto então desse lugar a duras conseqüências para os cristãos. A opinião de que o termo "Babilônia" usa-se aqui para significar Roma era aceita universalmente na era cristã primitiva e ainda hoje se tem como plausível.

III. DATA

Perseguições aos cristãos, na segunda metade do primeiro século, eram coisa tão comum que as palavras de Pedro podiam aplicar-se a qualquer década daquele período. Pouco aproveita, portanto, procurar deduzir de seus termos e de sua mensagem, com alguma exatidão, a data da epístola.

Porém, no cap. #1Pe 1.1, Pedro dirige-se aos seus leitores chamando-os "eleitos, forasteiros da Dispersão" nas regiões que menciona. O uso do termo "Dispersão" indica que os cristãos, a quem Pedro escrevia, davam valor à sua nacionalidade judaica e gozavam dos muitos privilégios que os funcionários do Império Romano tornaram extensivos aos judeus. O martírio de Tiago, irmão de nosso Senhor, ocorreu, segundo Josefo, em 62 A. D. e foi isto que tornou inevitável a separação entre o Cristianismo e o Judaísmo, abrindo caminho à tempestade de perseguições que tão cedo haveriam de ameaçar os cristãos. Dentro de dois anos, a partir da morte de Tiago, os privilégios até então gozados foram cassados aos cristãos, passando o Cristianismo a ser considerado ilegal. Historiadores romanos, como Tácito e Suetônio, deixam claro que em Roma, no ano 64 A. D., crescia a indisposição contra os cristãos. Foi fácil Nero encontrar apoio para as acusações que alardeou contra eles, especialmente a de serem incendiários. Ora, Pedro ensina claramente que aos cristãos cumpre estar sujeitos a toda ordenação humana por amor do Senhor e considerar as autoridades civis como divinamente designadas para governá-los (#1Pe 2.13-17). Tal exortação não seria feita depois, senão antes que a perseguição neroniana os alcançasse. Sendo assim, a carta deve ter sido escrita antes do verão de 64 A. D. Outrossim, parece mais que provável que referências como aquelas feitas à ressurreição (#1Pe 1.3-2.21) e à morte de Cristo como cordeiro sem defeito (#1Pe 1.19), indicavam a intenção de que a carta fosse lida nas cerimônias da páscoa, na Ásia, naqueles dias. Neste caso, a epístola teria sido escrita na segunda metade do ano 63 A.D., a tempo de ser recebida pelos destinatários na páscoa de 64 A. D., antes que a tempestade de perseguições de Nero caísse sobre eles.

IV. CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

Esta é essencialmente a epístola da esperança, esperança viva, fundada na ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. É portadora da certeza de uma herança gloriosa, descrita como incorruptível, incontaminada e imarcescível. Pedro coloca estes pensamentos, acerca da viva esperança e da herança gloriosa, no princípio de sua carta, para encorajar seus companheiros de fé com as consolações do evangelho, a fim de que permaneçam firmes no

dia da prova de fogo, suportando pacientemente seus sofrimentos e triunfando sobre as perseguições, aflições e tentações.

1Pe-1.1

I. SAUDAÇÃO 1Pe 1.1-2

Chamando a si mesmo pelo novo nome que Cristo lhe deu (cfr. #Mt 16.18), Pedro saúda seus leitores declarando seu ofício e autoridade de **apóstolo de Jesus Cristo** (1). Como Selwyn faz notar, Pedro escreveu na qualidade de apóstolo, com aquela autoridade apostólica de que tanto precisavam aqueles a quem se dirigia, em tempo de provação para eles, a prova de fogo que estava para chegar (ainda não havia chegado). O termo "apóstolo" significa pessoa comissionada ou delegada, e assim combina as idéias de autoridade, capacidade e garantia. A autoridade, porém, não é propriamente sua. Recebeu-a de Cristo, a quem deve sua chamada e perante quem afinal é responsável. Sua carta é dirigida aos **eleitos** (2), isto é, os chamados por Deus. O termo emprega-se nos LXX em referência ao povo escolhido de Deus, sendo que a eleição foi um fato que caracterizou a Israel em sua generalidade (cfr. #Dt 4.37; #Dt 7.6; #Dt 14.2). O mesmo pensamento passou para o Novo Testamento. No cap. #1Pe 2.9 os cristãos são declarados "raça eleita". A eleição depende inteiramente de Deus e não de alguma idoneidade ou ato especial da parte dos eleitos. No caso em apreço, os eleitos eram pessoas do vulgo, pertencentes em sua maioria à classe dos escravos.

Diz que o fundamento da eleição é a **presciência de Deus Pai** (2). O pensamento aí envolve a idéia de plano e propósito divinos, tendo em vista escolher e chamar. **Em santificação do Espírito** (2). A eleição ocorre sempre por meio de um agente e tem um desígnio. Santificação significa separar ou pôr à parte, do uso comum para o serviço de Deus. Isto é obra do Espírito Santo. A eleição do Pai na eternidade torna-se efetiva pela obra do Espírito Santo no tempo, o qual opera na alma, separando-a para Deus. O propósito da eleição, segundo declara, é **para a obediência** (2). A eleição envolve dever e obrigação, tanto quanto privilégio. A obediência é uma exigência divina e uma consequência inevitável da eleição. A **aspersão do sangue de Jesus Cristo** (2) diz respeito ao estabelecimento do novo concerto entre Deus e Seu povo pela morte de Cristo, e a ratificação dele pelo Seu sangue. Pedro aí faz alusão ao sacrifício do concerto de #Êx 24.

Mas não eram somente eleitos, eram também **forasteiros da Dispersão**, espalhados por toda a Ásia Menor ao norte da cordilheira do Tauro. "Dispersão" tornara-se um termo técnico para significar os judeus que se achavam espalhados pelo mundo, fora da Palestina. Aqui, entretanto, Pedro lhe dá aplicação mais ampla, referindo os cristãos, de modo geral, nas províncias nomeadas. Com toda probabilidade, as pessoas aí visadas eram em sua maioria gentios e escravos. São chamados "forasteiros" (peregrinos), termo que indica a transitoriedade da moradia deles. **Graça e paz vos sejam multiplicadas** (2). Ordinariamente a saudação grega era **charein** (veja-se **#At 15.23; #At 23.26; #Tg 1.1**). **Charis**, derivada da mesma raiz, veio em substituição e tornou-se um termo técnico do evangelho, sendo traduzida por "graça", e significando o favor gratuito, livre, não merecido, de Deus, Seu amor em ação, em Jesus Cristo, a favor dos pecadores. A saudação hebraica, tanto nos encontros como nas despedidas, era **shalom** ("paz"). É o que resulta da graça, e inclui reconciliação e descanso, embora estas idéias secundárias venham depois do sentido básico.

>1Pe-1.3

II. A GRANDE SALVAÇÃO 1Pe 1.3-12

O apóstolo começa sua carta de consolação com um ato de louvor. **Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo** (3). Era costume judaico começar as orações com louvor a Deus por Suas abundantes misericórdias. Pedro aqui tributa louvor ao Deus que Se revelou na Pessoa de Seu Filho Jesus Cristo. Ver também **#2Co 1.3** e **#Ef 1.3**. **Segundo a sua muita misericórdia** (3). O apóstolo quer lembrar aos seus leitores que toda bênção, e de modo especial a nova vida em Cristo, não lhes vem porque as mereçam, mas unicamente por causa da abundante misericórdia de Deus (cfr. **#Ef 2.4-6**: ver também **#Lm 3.22**). Novo nascimento (**#Jo 3.3-8**) é o título que se pode dar a todas as bênçãos que acompanham ou decorrem da grande salvação. Somos gerados de novo **para uma viva esperança** (3), isto é, esperança que jamais pode ser extinta. Note-se que é a **ressurreição de Jesus Cristo** (3) que nos faz nascer para a esperança, mesmo até no caso de Pedro, quando ele foi tirado do desespero que lhe sobreveio no julgamento e crucifixão de Jesus, desespero que se expressou na tríplice negação de seu Senhor. Quando ele soube que Cristo ressuscitara, infundiu-se-lhe uma viva esperança. A ressurreição é um dos pontos essenciais, indispensáveis, do evangelho. Sua importância vem enfatizada em **#1Co 15**, onde se vê que ela é parte integrante da poderosa obra salvadora de Deus, por meio da qual, somente, podemos nascer de novo.

Os que nascem de novo gozam de três grandes bênçãos, além da "viva esperança", que já foi referida. São elas uma **herança** (4), uma proteção (5) e uma salvação perfeita (5-9). Todo judeu, dos tempos do Velho Testamento, conhecia por experiência a bênção que uma herança podia proporcionar (cfr. **#Dt 15.4; #Dt 19.10**; cap. 24). No vers. 4 Pedro contrasta essa velha herança com a herança do cristão. A velha esteve sujeita a destruição pelos exércitos invasores, que lhes roubaram sua terra. A herança cristã é **incorruptível**. O apóstolo usa freqüentemente esta palavra (**#1Pe 1.18-23; #1Pe 3.4; #1Pe 5.4**). Veja-se também **#Lc 12.33. É sem mácula**. A herança terrena dos judeus por vezes veio a contaminar-se com o pecado de Israel. A do cristão está **reservada nos céus**, onde nada entra que possa contaminar (**#Ap 21.27**). **Não murcha**. Canaã muitas vezes estivera sujeita à devastação da mangra e dos ventos cálidos do Oriente, que freqüentemente traziam pragas de gafanhotos, assim como seca (**#2Cr 6.28; #Dt 28.22-24; #1Rs 8.37; #Am 4.9; #Ag 2.17**). A herança do cristão está fora do alcance da praga das variações. A palavra grega **reservada** é um termo militar (gr, **tereo**; "guardar") e sugere vigilância constante. Nenhum dano pode sobrevir à herança, porque está guardada em segurança, ou está conservada no céu, além do alcance dos poderes terrenos ou dos seus malefícios. Porém não somente a herança está guardada para os herdeiros; estes de igual modo estão guardados para a herança. Estão guardados **pelo poder de Deus** (5), que é muito mais forte do que a força dos perseguidores. Esta guarda divina opera na experiência do crente mediante a fé.

>1Pe-1.5

Salvação preparada para revelar-se no último tempo (5). A salvação não somente é uma bênção presente, por meio da qual recebemos perdão, justificação, santificação e outros dons divinos; atingirá sua plenitude somente quando formos apresentados sem defeito diante do trono, feitos semelhantes a Cristo, perfeitos sem falta de nada. Tal salvação, em seu sentido mais amplo, está preparada agora e aguarda sua manifestação **no último tempo** (cfr. **#1Jo 2.18; #Jd 18; #Jo 6.40**). A luz da natureza escatológica desta epístola, a frase em apreço pode ser considerada equivalente a "o fim de todas as coisas" (**#1Pe 4.7**).

O apóstolo passa a referir às provações que os cercavam. Mesmo no meio de tais provações e perseguições, eles podiam regozijar-se grandemente na posse segura da salvação. Esta parece ser a força do sentido do vocábulo **nisso** (6).

Melhor tradução talvez seja "portanto", isto é, em conclusão das considerações que acabam de ser feitas. Porque têm essa viva esperança, herança, salvaguarda e salvação perfeita é que podem alegrar-se grandemente, embora que **por breve tempo** estejam contristados por várias provações (6). Seus sofrimentos eram passageiros apenas e não eram para comparar com a glória que lhes pertencia em Cristo. Estavam **contristados** por causa da variedade, intensidade e freqüência de suas provações. Cumpre-lhes todavia lembrar que as provações têm um propósito e a fé não se tem por genuína enquanto não é provada pelo sofrimento. **A prova da vossa fé** (7). A palavra grega **dokimion** Hort traduz por "o que é aprovado como genuíno" em vossa fé. Refere àquilo que resta, depois de destruído o que é falso. Como o ouro é provado e purificado pelo fogo, assim é testada a fé. Somente o que suporta o teste é de genuína qualidade. Porém mesmo o ouro, depois de assim purificado, ainda pertence ao mundo das coisas perecíveis. A fé, por outro lado, purificada pelo sofrimento, ocupa seu lugar entre as coisas imperecíveis. Daí ser **muito mais preciosa** do que o ouro que, mesmo purificado, perece. **Na revelação de Jesus Cristo** (7). Toda a provação e sofrimento necessário ao processo de refinamento parecerão nada em comparação com o **louvor, a honra e a glória**, que serão a recompensa. **A quem, não havendo visto, amais** (8). Se bem que não tivessem tido o privilégio de ver e conhecer a Cristo em carne, como Pedro o tivera, apesar disso a fé triunfava sobre esta falta de conhecimento visual e assim podiam alegrar-se. O gozo deles era **indizível**, isto é, profundo demais para ser expresso por palavras, e já estava marcado com o esplendor do céu, onde eles iriam vê-Lo face a face (cfr. **#1Co 13.12**). Através das provações que sobre eles pesavam, ligavam-se pela fé a Cristo e assim eram capazes de alegrar-se no cuidado e livramento dEle. **Obtendo** (9) implica receber e apropriar-se, ou fazer seu. **O fim da vossa fé** (9) refere a realização e coroamento da confiança deles. Já sentiam um antegozo dessa perfeita salvação, que haveriam de gozar em sua plenitude logo mais. A grandeza e a glória desta salvação têm como apoio dois fatos. Primeiro, os escritores do Velho Testamento apontavam para ela; segundo, os anjos anelavam perscrutá-la.

>1Pe-1.10

Os profetas (10). Os homens do Velho Testamento olhavam para o tempo futuro, quando as promessas de Deus, que eles haviam recebido acerca da salvação do Seu povo, seriam cumpridas. Olhavam para o Messias que havia de vir redimir Seu povo Israel. **Os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada** (10). Hort cita **#At 11.23** e aplica as palavras aí à graça

demonstrada na admissão dos gentios na Igreja Cristã. Todavia, não parece haver motivo para essa limitação, e não seja antes a frase aplicável a todo o transbordamento da graça na vida e experiência cristã deles, de que a admissão dos mesmos na Igreja Cristã era apenas um exemplo. **Investigando atentamente qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava** (11). Nos tempos do Velho Testamento reconhecia-se que os profetas falavam sob a inspiração do Espírito (cfr. **#2Sm 2.32; #Is 61.1**), assim como na era cristã (**#2Pe 1.21**). Note-se que o Espírito Santo é chamado aqui "o Espírito de Cristo" (cfr. **#At 16.7; #Rm 8.9; #Gl 4.6; #Fp 1.19**). Estas passagens mostram que os escritores do Novo Testamento foram movidos pelo Espírito de Cristo, sendo interessante que o mesmo se diz do Espírito que inspirou os profetas do Velho Testamento (cfr. **#Hb 3.7; #Hb 9.8-10.15**). Ele veio glorificar a Cristo e falar dEle. Estivera nos profetas como o Espírito da revelação, comunicando verdades que eles não podiam prever ou descobrir por si, e como o Espírito de inspiração, propiciando ajuda espiritual na enunciação e declaração da verdade. Diz dos profetas que estes **investigaram atentamente**, isto é, nas Escrituras deles, a fim de acharem quando e em que condições o Messias viria. Fora-lhes revelado que Ele viria como o Servo Sofredor (cfr. **#Is 53**), porém que aos Seus sofrimentos seguir-se-iam Suas **glórias** ou "triumfos" (gr. **doxas**). A forma do plural corresponde a **sofrimentos**. A forma do singular **doxan** é empregada em **#1Pe 1.21**, onde a referência é à ressurreição, e em **#2Pe 1.17**, onde a glória aludida é a da transfiguração. O resultado dessa investigação intensa deles foi outra revelação de que no seu trabalho de profetas do Messias estavam servindo não à sua própria geração, mas àquela à qual Pedro agora se dirige. Note-se que os que lhes **pregaram o evangelho** (12) foram inspirados e capacitados a proclamar as boas novas pelo mesmo Espírito Santo que inspirou os profetas a escrever.

>1Pe-1.12

Coisas essas que anjos anelam perscrutar (12). Não só os profetas, como também os anjos estão ansiosos por compreender o mistério. "A palavra traduzida "perscrutar" ou atentar, embora possa significar simplesmente "inclinar-se para olhar" (cfr. **#Lc 24.12; #Jo 20.11**), muitas vezes sugere um olhar furtivo, sendo provável que o sentido aqui seja que os anjos querem com muito prazer espiar a bem-aventurança de nossa salvação, mas que realmente não podem fazê-lo porque ela está além da apreensão deles" (**First Epistle of Peter**, por C. E. B, Cranfield).

>1Pe-1.13

III. CONVITE À SANTIDADE 1Pe 1.13-2.10

a) Os remidos são chamados à obediência (1Pe 1.13-21)

Pedro passa agora às implicações práticas do que lhes acabou de dizer. Em vista das considerações atrás feitas, (por conseguinte) apela para eles no sentido de viverem santamente. Esta é a responsabilidade que pesa sobre eles agora, como cristãos. O supremo desígnio da redenção é santificar os homens.

Cingindo o vosso entendimento (13). É alusão á necessidade de prender as vestes soltas, que se usavam no Oriente, as quais tolham a liberdade dos movimentos. É um convite à atitude dos peregrinos. Note-se que o apóstolo refere os lombos da **mente** ou entendimento. Ele quer convidá-los a pensar vigorosamente, de modo a poderem compreender o que lhes está dizendo e serem capazes de exercer uma fé inteligente (cfr. #1Co 14.20 e #Ef 1.18). O temperamento do peregrino é sóbrio, moderado (cfr. também #1Pe 4.7-5.8). Embora intemperança no beber fosse para eles uma tentação premente, a exortação à **sobriedade** (13) significa mais do que absterem-se da embriaguez. Quer dizer seriedade e vivacidade de pensamento e conduta. Devem exercitar um conveniente domínio próprio e viver uma vida equilibrada e firme. Diante das dificuldades do caminho, o peregrino vai encontrar forças na **esperança** (13). Já lhes fez saber em que consiste essa esperança (3). Agora anima-os a olhar para a frente e antecipar a graça que lhes será trazida na revelação de Jesus Cristo (veja-se o vers. 10).

>1Pe-1.14

Como filhos da obediência (14). O convite para a santidade é necessariamente um convite para a obediência. Pedro emprega muito nesta epístola a palavra obediência (cfr. #1Pe 1.2-22; #1Pe 3.1,6; #1Pe 4.17). O primeiro dever do homem sempre foi obedecer a Deus, guardando-Lhe os mandamentos e fazendo-Lhe a vontade (#Lv 18.4-5). Cristo, em Seus ensinamentos, deu ênfase a isto constantemente. A obediência manifesta-se em a pessoa não se amoldar às paixões que tinha anteriormente na ("no tempo de") sua ignorância (14). A paixão (concupiscência) é inclinação natural que se torna bravia, vencendo toda resistência e impondo sua vontade imperiosa. As velhas concupiscências pagãs, de outrora ("o tempo de vossa ignorância", sugerindo que os destinatários da carta eram na maior parte gentios), continuavam a atraí-los

insidiosamente. Obedecendo a Cristo, livrar-se-iam dos ardis de tais paixões, se estivessem preparados a deixá-las para trás, evitando amoldar-se a elas.

>1Pe-1.15

Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós (15). Esta exortação vem reforçada por uma citação de Levítico (#Lv 11.44), livro este cuja palavra-chave é "santidade" (cfr. #Lv 19.2; #Lv 20.7,26). No Velho Testamento o sentido fundamental da palavra "santo" é separado, retirado do uso ordinário e posto à parte para uso sagrado. O pensamento latente na exortação parece ser que o Deus Santo os escolhera para serem povo Seu, portanto, devem igualmente ser santos, se querem gozar de Sua comunhão (cfr. a frase neo-testamentária "chamados para ser santos"). **Procedimento** (15); "vida". Tal santidade expressar-se-á na conduta externa. **Se invocais como Pai aquele que... julga** (17). O argumento é o seguinte: visto como afirmam que Deus é seu Pai, e O invocam assim em oração, devem respeitar Sua autoridade. Ele é Pai; é também Juiz, e Seu julgamento é imparcial, **sem acepção de pessoas** (17). Daí exorta o apóstolo a que **se portem com temor durante o tempo da peregrinação** deles-não mero temor do castigo do Juiz, mas temor de ofender ao Pai.

>1Pe-1.18

Todavia, o motivo mais sério e mais forte do temor é o fato da redenção. **Resgatados** (18); gr. **elythrothete**, significando libertos contra pagamento do preço do resgate. O substantivo **lytron** significa o preço pago; aqui não é dinheiro, mas o **sangue de Cristo** (19), que "veio dar Sua vida em resgate de muitos" (#Mt 20.28; #Mc 10.45; veja-se também #1Tm 2.6). O apóstolo provavelmente tinha em mente o livramento de Israel do cativo, quando referiu a libertação dos cristãos de sob a escravidão do pecado. Se assim foi, devia ele ter em mente o Cordeiro Pascoal, ao empregar a frase **como de cordeiro sem defeito e sem mácula** (19; ver #Êx 12.5). A referência a prata e ouro pode ser alusão à alforria de escravos. Qualquer escravo podia economizar dinheiro por ele ganho com vistas à compra de sua liberdade. Alguns daqueles a quem esta carta foi dirigida provavelmente esperavam fazer assim. Mas, enquanto prata e ouro podiam comprar essa liberdade, eram impotentes para efetuar a libertação do domínio do pecado. Nada menos que o sangue de Cristo, o Cordeiro de Deus, era suficiente para realizar isto. **Fútil procedimento** (18); isto é, tradicional maneira de vida, sem conteúdo, vazia; vida sem propósito ou direção.

>1Pe-1.20

Conhecido antes da fundação do mundo (20). A redenção foi uma parte do eterno propósito de Deus. Na plenitude do tempo Cristo Se manifestou para tirar o pecado pelo sacrifício de Si mesmo. Note-se como vem traduzido na ARA-"manifestado no fim dos tempos, por amor de vós". "Com estas palavras por amor de vós" o escritor focaliza para os leitores todo o conselho divino da redenção" (Selwyn). O evangelho é essencialmente pessoal. **Que, por meio dele, tendes fé em Deus** (21). Mediante Cristo nós cremos e por Ele também nos conservamos leais a Deus.

>1Pe-1.21

Como um sinal de estar satisfeito com a obra acabada de Cristo e de ser ela adequada à nossa redenção, Deus **o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória** (21). Hort vê estas palavras em correspondência com **#Is 52.13**. Deus é o autor divino da ressurreição (cfr. **#At 3.15; #At 4.10; #At 5.30; #At 10.40**). **De sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus** (21); isto é, este é o propósito que Deus teve em manifestar o Cristo (20). Note-se como a fé e a esperança estão intimamente entrelaçadas nesta epístola.

>1Pe-1.22

b) Necessidade de crescimento espiritual (1Pe 1.22-2.3)

Tendo purificado as vossas almas pela vossa obediência à verdade (22). Alguns comentadores vêm aqui uma referência ao batismo. Os novos convertidos submeteram-se à verdade do evangelho, foram batizados e, desse modo, purificados. Se, como tem sido sugerido, esta epístola era qual homilia batismal para ser lida pela páscoa, pode haver aí tal alusão (cfr. **#1Pe 3.21**). Porém as palavras **a verdade** podem aqui equivaler ao evangelho inteiro que, quando crido e obedecido, purifica a alma. Essa purificação manifestar-se-á no **amor fraternal não fingido** (22). Mera ostentação de amor seria uma negação da verdade. A prova prática de santidade de vida e de obediência à verdade é o amor aos outros (cfr. **#1Jo 4.7,11,20**). Esse amor deve ser ardente. A palavra grega é **ektenos**, significando tenso, esforçado, levado ao máximo. Deve também ser produto de um **coração puro**, porque somente quando o coração é puro podem os motivos ser puros.

>1Pe-1.23

No vers. 23 Pedro volta a referir o fato da regeneração deles (veja-se o vers. 3). A origem ou fonte sobrenatural do **novo nascimento** dos crentes é aqui a Palavra de Deus, que não é nenhum mero instrumento perecível, ou sacramento simbólico, que se perde com o uso, e daí corrutível, mas algo que vive pelo divino princípio da vida que transmite, donde ser incorrutível.

>1Pe-1.24

Em 1.24-25 temos uma citação de **#Is 40.6-8** que serve para contrastar a transitoriedade da vida humana e de tudo quanto é humano, embora gloriosos, com a Palavra de Deus sempre viva e eterna. **Toda carne é como a erva** e não pode resistir à devastação do tempo. Por outro lado, permanece a eterna verdade de Deus, a qual é viva e doadora de vida. São estas as boas novas de Jesus Cristo e de Sua obra redentora, que lhes têm sido declaradas por Seus arautos.

1Pe-2.1

Prossegue o apóstolo apresentando outros índices de vida santa e, assim fazendo, descreve os cristãos sob quatro figuras. São **crianças recém-nascidas** (2), que agora devem crescer na graça alimentando-se da Palavra de Deus. São **pedras vivas** (5) do templo celestial, do qual Cristo é a **pedra principal da esquina** (6). São **sacerdócio santo** (5; cfr. o vers. 9) para oferecerem sacrifícios espirituais. São o **povo de Deus** (10), o verdadeiro Israel, que traz os honrosos títulos aplicados no Velho Testamento ao Israel segundo a carne.

Portanto (1); esta conclusiva faz o pensamento retroceder aos que são "regenerados", e introduz alguns aspectos práticos da posição deles em Cristo e da vida que lhes cumpre viver. Devem despojar-se de toda **maldade**, palavra que compreende todo o mal do mundo pagão (Seiwyn), e **dolo** ou engano, e **hipocrisias**, isto é, a tentação de aderirem à Igreja levados por falsos motivos, e **invejas**, que são a ruína da obra religiosa, o que se evidenciou até entre os Doze (**#Lc 22.24** e segs.) e **toda sorte de maledicências**, fruto da inveja. Todos estes são pecados do espírito e conseqüentemente estorvam o progresso na santificação. Aqui se verbera o hábito de depreciar, menoscabar, antes que de caluniar abertamente. Tais coisas cumpre sejam abandonadas, como uma vestimenta que se põe de lado (cfr. **#Ef 4.22; #Cl 3.9; #2Co 4.2**). A renúncia ocupava muito lugar na vida e no ensino do primitivo Cristianismo.

Removendo-se os empecilhos, era razoável esperar progresso. Eles ainda eram apenas crianças em Cristo, de sorte que Pedro os exorta a que sejam quais recém-nascidos no desejo de alimento espiritual, necessário ao crescimento espiritual. Precisam **desejar ardentemente** nutrição espiritual, isto é, **o genuíno leite da palavra**; "leite espiritual sem dolo, não falsificado". A interpretação depende da tradução do termo **logikon**, que a ARA traduz por "espiritual". Alguns comentadores, adotando o significado de **logos** e seguindo a Versão Autorizada inglesa, vertem assim: "que dimana da Palavra de Deus". Hort e outros traduzem por "racional", "razoável", como em **#Rm 12.1**. Embora **logos** signifique "palavra", o adjetivo **logikos** nunca se emprega no sentido que lhe dá aqui a Versão Autorizada. Naturalmente é certo que a Palavra de Deus alimenta a alma, assim como o leite nutre o corpo, sendo que à vista dos últimos versículos do cap. 1 é possível inferir que esta seja de fato a analogia usada aqui por Pedro. **Se já tendes a experiência de que o Senhor é bondoso** (3), então naturalmente desejareis a nutrição espiritual mencionada e ao mesmo tempo vos desvencilhareis de todos os impedimentos já referidos. Este versículo baseia-se no **#Sl 34.8**.

>1Pe-2.4

c) A Igreja como templo espiritual (1Pe 2.4-10)

O apóstolo muda agora de assunto e passa a tratar da Igreja, o povo de Deus, o novo Israel. Cristo é a **pedra que vive** (4), tanto porque está vivo para sempre (**#Ap 1.18**), como porque é doador da vida (ver **#Jo 1.4**; **#Jo 11.25**; **#Jo 14.6**; **#Jo 20.31**). Os que se chegam a Ele tornam-se por sua vez pedras vivas, e sobre Ele, todos juntos, são edificados **casa espiritual** (5) ou templo. A palavra "casa" muitas vezes tem este sentido específico (por ex. **#Jo 2.17**).

Rejeitada, sim, pelos homens (4). A frase alude ao **#Sl 118.22**, citado no vers. 7. Pedro tem em mente a rejeição de nosso Senhor pelos anciãos e povo de Israel, o que resultou na Sua morte. **Preciosa** (4); a palavra grega **entimos** traduz-se regularmente por "estimado, honrado". Embora desonrado pelos homens, Cristo foi honrado por Deus (cfr. **#Fp 2.9** e segs.).

>1Pe-2.5

O adjetivo **zontes, vivos**, emprega-se no vers. 5 provavelmente para indicar o contraste entre o cristão, que é nascido de novo e recebeu nova vida e o pagão

que ainda está morto em transgressões e pecados, contraste igualmente entre a Igreja Cristã e os templos pagãos. As pedras vivas são edificadas em templo espiritual, sendo o próprio Jesus Cristo a pedra angular. A idéia de templo conduz naturalmente às idéias de sacerdócio e sacrifícios (5). Há um sacerdócio de todos os crentes; o sacrifício que eles oferecem não é de animais ou aves, mas é o sacrifício de si mesmos (cfr. [#Rm 12.1](#)). Tais sacrifícios porém não são aceitos por qualquer coisa que exista nos ofertantes ou nas ofertas. **São aceitáveis (agradáveis) a Deus** somente quando oferecidos por intermédio de Jesus Cristo, unidos ao Seu perfeito sacrifício, e oferecidos em Seu nome (cfr. [#Hb 13.15](#)).

>1Pe-2.6

Os vers. 6-8 contêm uma série de citações feitas do Velho Testamento, que frisam ou elucidam o que acabou de ser dito a respeito de Cristo, a Pedra. A primeira é de [#Is 28.16](#), com o acréscimo de uma nota sobre a palavra "preciosa" (7a). Note-se que Paulo fez a mesma citação em [#Rm 9.33-10.11](#). A segunda referência (7) é ao [#Sl 118.22](#), outra profecia messiânica favorita da primitiva Igreja, usada pelo próprio Senhor Jesus ([#Mt 21.42](#); [#At 4.11](#); [#Ef 2.20](#)). A terceira citação (8) é feita de [#Is 8.14](#) e foi também usada por Paulo em [#Rm 9.33](#). Note-se como a incredulidade (7) e a desobediência (8) estão inter-relacionadas, resultando em tropeço. Por sua atitude para com a Pedra é que os homens são julgados. Para o descrente que rejeita a Pedra, esta se torna rocha de ofensa e pedra de tropeço (cfr. [#1Co 1.18-25](#)). **Para os que também foram postos** (8). Isto igualmente é parte do propósito divino, pelo fato de ter sido previsto e ser inevitável. Tanto a missão como a obra redentora de Cristo, Sua rejeição, bem como os que O rejeitam foram incluídos no conselho e propósito de Deus (Hort), cfr. [#Rm 9.22-24](#).

>1Pe-2.9

No vers. 9 os títulos dados aos cristãos são tomados diretamente do modo como se descreve o povo de Deus no Velho Testamento (veja-se por ex. [#Êx 19.5](#); [#Is 43.21](#); ver também [#Ap 1.5-6](#)). Os crentes assumem tais títulos como o novo Israel, raça eleita, com direito a todos os privilégios, chamados para aceitar as responsabilidades de povo escolhido de Deus. Cumpre-lhes ser um **sacerdócio real** (cfr. [#Ap 1.6](#)). Os dois ofícios de rei e sacerdote eram zelosamente conservados um separado do outro em Israel (cfr. [#2Cr 26.16-21](#)), mas em Cristo eles dois se combinam. Cristo é sacerdote entronizado rei ([#Zc 6.13](#)) e todos quantos O seguem são reis e sacerdotes para Deus. Tudo

quanto o sacerdote era nos tempos do Velho Testamento, em sua relação com Deus e os homens, o cristão deve ser na sua coletividade e na sua vida individual. **Nação santa** é um termo expressivo das relações de aliança que existiam entre Deus e Israel (**#Êx 19.6**). Israel fracassou em guardar essas relações e temporariamente foi rejeitado; porém os que, sendo judeus ou gentios, têm aceitado Cristo, são constituídos em outra nação, obrigados a viver santamente. Além disso, Deus escolhera Israel para ser Sua propriedade peculiar, vindo daí ser **povo peculiar** ("povo propriedade exclusiva de Deus"). Esta figura é igualmente aplicada aos crentes em Cristo, os quais são povo especial de Deus. O vocábulo grego traduzido "povo" é **laos**, que nos LXX é um termo técnico para distinguir Israel de todos os outros povos. Entretanto, o privilégio cristão é exercido sempre em serviço. **A fim de proclamardes**, como arautos (cfr. **#1Co 11.26**). **As virtudes** ("excelências"). Refere-se aí não só o caráter de Deus como também Seus atos poderosos e nobres (cfr. **#Sl 40.2**). Aqui o apóstolo tem em mente, de modo particular, a redenção operada para nós pela morte e ressurreição de Cristo. Fomos chamado das trevas da natureza, do pecado, da ignorância e da incredulidade, e trazidos para a luz e a liberdade do evangelho. **Vós que antes não éreis povo, mas agora sois povo de Deus** (10). A referência é aos filhos de Gômer, Lo-Ruama e Lo-Ami (**#Os 1.6,8-9**), nomes que descrevem com propriedade Israel alienado de Deus, porém mais tarde reconciliado com Ele. Os termos "antes" e "agora" correspondem a "trevas" e "luz", anteriormente referidas. **#Os 2.23** que fala de Deus revogar Seu repúdio por Israel infiel, cumpriu-se em Cristo. Não apenas a Israel como também aos gentios foi concedida esta bênção.

>1Pe-2.11

IV. DEVERES CRISTÃOS 1Pe 2.11-3.12

a) O cidadão cristão (1Pe 2.11-17)

Havendo tratado dos privilégios especiais que lhes pertenciam como novo Israel, o apóstolo passa a esboçar alguns princípios que devem governar a vida deles como membros da comunidade de que agora fazem parte e em relação com ela. É significativo o modo como se lhes dirige. **Amados** é um vocativo comum no Novo Testamento, porém aqui é especialmente oportuno, visto como se deu ênfase à necessidade de amor fraternal em **#1Pe 1.22**, como uma das manifestações da santidade de vida a que eles foram chamados. **Estrangeiros** (11), "forasteiros", gr. **paroikos**, significando pessoa que, vivendo em país estranho, não tem, aí, direitos de cidadão. **Peregrinos**; gr.

parepidemos, pessoas que demoram temporariamente num lugar que não é sua terra. Se, como está implícito, a vida no país estrangeiro é de nível inferior ao da terra natal dos estrangeiros, estes não devem adotar os costumes desse país, porém lhes cumpre comportarem-se honrosamente e de tal modo que seja mantida a boa reputação de sua pátria. Negativamente, devem abster-se de concupiscências carnis, isto é, os desejos que se originam em a natureza corrompida do homem, assim como os relacionados com os apetites do corpo (cfr. #Gl 5.19-21). **Carnais** descreve o homem alienado de Deus, e inclui toda a natureza humana em seu estado de queda. São forças que **fazem guerra contra a alma** (gr. *psyche*). Este termo (alma) ocorre também em #1Pe 1.9,22; #1Pe 2.25; #1Pe 4.19 e indica o elemento superior da natureza do homem (cfr. #Rm 7.23; Tg. 4.1). Positivamente, devem manter **exemplar** o seu **procedimento entre os gentios** (12), recomendando-se ao julgamento moral dos homens, de modo que, mesmo que os não cristãos os caluniem, tais caluniadores sejam compelidos pela evidência da vida cristã, coerentemente vivida, a reconhecer o Deus dos cristãos e a glorificá-lo crendo nEle enquanto ainda visita o Seu povo. A significação exata do **dia da visitação** (12) é difícil de determinar. Em #Is 10.3 indica o dia quando Jeová aparecerá para fazer justiça aos oprimidos e punir os opressores. Aqui pode simplesmente querer dizer o dia em que Deus visitará Seu povo, a fim de livrá-lo dos perseguidores, ou o dia em que visitará os opressores em juízo. Veja-se também #Lc 19.44, onde o dia da visitação é identificado com a oferta de salvação a Israel, por Cristo. Devem manifestar este comportamento conveniente submetendo-se à autoridade civil, sendo súditos leais do imperador e obedecendo aos representantes deste. A nota dominante de toda esta seção é submissão ou subordinação (cfr. #1Pe 2.18; #1Pe 3.1). Dando ordens, Pedro parece preferir o imperativo aoristo ao presente, indicando mais a decisão definitiva de se submeterem do que o ato contínuo dessa submissão. A frase **toda a ordenação humana** (13) é difícil. O grego *anthropine(i) ktisei* literalmente é "criatura humana", ou criação. O sentido, portanto, pode ser, "Sujeitai-vos a todo homem por causa do Senhor", o que serve de introdução a toda esta seção que trata dos deveres dos cristãos nas várias relações da vida. A sujeição deve ser ato voluntário, a lembrar o exemplo de nosso Senhor, e deve ser praticado para honra do Seu nome. Por causa ou por amor de Cristo devem reconhecer e aceitar suas responsabilidades e obrigações de cidadania, em submissão aos direitos legítimos do Estado. Cumpre-lhes sujeitarem-se **ao rei, como supremo**, no caso deles, Nero, imperador romano, e aos seus representantes. A obrigação cristã não depende do caráter pessoal da autoridade, antes depende do ofício exercido e dos deveres de que essa autoridade está encarregada (cfr. #Rm 13.1-7). É da vontade de Deus que, procedendo correta e obedientemente

por essa forma, emudeçam (lit. "amordacem"; cfr. #Mc 1.25; #Mc 4.39; #Mt 22.34) os seus caluniadores (15). A acusação de rebelião contra César, que fizeram a nosso Senhor, parecia já atingir os seguidores dEste, e provavelmente partia de uma interpretação errônea da liberdade cristã que eles reivindicavam. Eram livres, porém sua liberdade era limitada e condicionada pelo fato de serem servos ou escravos de Cristo. O verdadeiro cristão ainda encontra sua perfeita liberdade no serviço do seu Senhor, idéia esta que repugna à ideologia totalitária.

Surge a questão: até onde o cristão está obrigado a obedecer às ordens das autoridades civis. Enquanto a obediência à lei civil não envolve desobediência a Deus, cumpre-nos submeter-nos por amor de Cristo. É concebível que um cristão demonstre maior lealdade ao Estado desobedecendo às suas imposições, por exemplo, quando tais imposições são claramente ilegais e contrárias ao ensino da Sagrada Escritura. #At 4.19-5.29 são passagens que orientam sem sombra de dúvida neste particular. A seção encerra-se com uma ordem quádrupla. **Honrai a todos** (veja-se o vers. 13, acima). **Amai aos irmãos** (cfr. #1Pe 1.22). **Temei a Deus. Honrai ao rei** (17). As duas últimas são uma adaptação de #Pv 24.21, "Teme ao Senhor, filho meu, e ao rei".

>1Pe-2.18

b) Servos e senhores (1Pe 2.18-25)

O pensamento que subjaz ainda é submissão. **Servos**, gr. **oiketai**, isto é, servos ou escravos domésticos, em contraste com **douloi**, que indica escravos empregados, por exemplo, em turmas de trabalho. **Com todo o temor** (18); não temor de represálias da parte dos seus senhores, mas reverente temor de Deus que deve levá-los como cristãos a prestar serviço fiel. A frase **por motivo de sua consciência para com Deus**, no verso seguinte, parece apoiar esta interpretação. A submissão não deve depender do merecimento, ou desmerecimento do senhor. Cumpre-lhes servir fielmente não só aos senhores **bons e cordatos**, como também aos obstinados e indóceis, gr. **skolios**, tortos ou corcundas, termo aqui empregado metaforicamente de torto moralmente ou perverso. **Porque isto é grato** ("aceitável") (19). Não há mérito em sofrer castigo que se merece em consequência de mau procedimento; mas sofrer castigo que não se merece é digno de elogio, porque com tal coisa Deus é glorificado (cfr. #Mt 5.46-48; #Lc 6.27-35). Os comentadores acham-se um tanto divididos sobre a interpretação da frase **por motivo de sua consciência para com Deus** (19). Calvino, Alford e Westcott, por exemplo, acham que

significa "por causa da consciência da presença e vontade de Deus". Por outra parte Bengel interpreta como significando "em razão da consciência de uma mente que pratica coisas boas e agradáveis a Deus, ainda que não agradem aos homens". Esta última parece preferível por ser mais conforme com o emprego que o Novo Testamento faz do termo "consciência". **Pois que glória há?** (20); gr. **Kleos**, significando crédito, boa fama, ou renome. **Esbofeteados**; gr. **kolaphizo**. É a mesma palavra empregada em **#Mc 14.65**.

>1Pe-2.21

Porquanto para isto mesmo fostes chamados (21). O sofrer mansa, submissa e pacientemente, sem o merecerem, é parte da alta vocação deles em Cristo. **Também Cristo sofreu em vosso lugar** (21). Pedro tem o cuidado de dar ênfase ao aspecto vicário do sofrimento de Cristo. Foi "em nosso lugar" (cfr. o vers. 24, abaixo). Por causa disto há uma obrigação agradecida de agir de modo semelhante ao de Cristo, até no meio dos sofrimentos. **Deixando-vos exemplo**; gr. **hypogrammos**, traslado, cópia ou decalque; a idéia é de reprodução das letras escritas no alto de um caderno de criança. **O qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca** (22; cfr. **#Is 53.9**). A impecabilidade de Cristo é essencial à Sua suficiência como Salvador, na obra sacrificial pelos pecadores, e é enfatizada não somente aqui como através de toda a narrativa do plano divino da redenção. Veja-se também **#Hb 7.26**. Lembra o cordeiro sem defeito e sem mácula, mencionado em **#1Pe 1.19**, acima. **Pois Ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje** (23), referência, sem dúvida ao que Ele padeceu durante Seu julgamento. Quanto ao silêncio de Cristo, cfr. **#Mc 14.61**; **#Mc 15.5**, e cfr. **#Is 53.7**. Às acusações malignas de Seus inimigos Seus lábios não deram resposta. Deixou com o Pai a tarefa de vindicá-Lo, visto como Seu juízo é justo e Seu veredicto inatacável (cfr. **#1Pe 1.17**, acima).

>1Pe-2.24

No vers. 24 o apóstolo torna a frisar a obra vicária de Cristo na cruz (cfr. **#Is 53.12**). Note-se a frase **nossos pecados**. Pedro já deixou claro que Cristo não cometeu pecado (22). Este aspecto da expiação é essencial à fé salvadora em Cristo. "O carregar nossos pecados significa sofrer o castigo deles em nosso lugar" (Cranfield, *ad loc.*). O propósito dos sofrimentos de Cristo está claramente enunciado. Cristo identificou-Se com os pecadores que somos, carregando nossos pecados para a cruz. Identificamo-nos pois com Ele em Sua morte, e doravante nos cumpre **viver para a justiça**, isto é, nossas vidas devem

estar relacionadas retamente com Deus e o próximo. **Chagas**; gr. **molopi**, contusões, ou feridas causadas por vergastadas. A palavra usa-se aí figuradamente do golpe do juízo divino vibrado em Cristo como nosso substituto na cruz. **Porque estáveis desgarrados como ovelhas** (26; cfr. **#Is 53.6**). Na vida passada eles se haviam transviado como ovelhas perdidas. Selwyn encontra um paralelo disto em **#Ez 34**, que se aplicaria tanto aos judeus decaídos da Dispersão como aos pagãos que foram trazidos às comunidades cristãs da Ásia Menor. Agora, porém, as ovelhas perdidas foram recambiadas ao aprisco, **convertendo-se no Pastor e Bispo de suas almas** (25). O Pastor alimenta e sustenta, procura, reúne no curral, conduz, protege de inimigos e encaminha aos verdes pastos (cfr. **#Jo 10.10**; **#Sl 23.1-4**; **#Is 40.11**). O Bispo (gr. **episkopos**, "supervisor") guia e dirige. Esta palavra empregava-se como título dos funcionários, que os atenienses enviavam para cuidar dos negócios dos estados vassalos ou dependentes. Aqui não se emprega em nenhum sentido técnico ou eclesiástico, mas apenas no sentido de supervisor. Mais tarde veio a usar-se como um dos títulos do ministério cristão.

1Pe-3.1

c) Maridos e esposas (1Pe 3.1-7)

Trata agora o apóstolo do dever dos cristãos na relação matrimonial. É provável tivesse em mente, de modo particular, as esposas cristãs de maridos pagãos, e os maridos cristãos de esposas pagãs, embora seu conselho não se restrinja necessariamente a estes casos. Pela ordem natural das coisas, o primeiro grupo, como classe, seria mais numeroso do que o segundo, devido à autoridade maior exercida pelos maridos. Quando uma esposa pagã se convertia, não podia contar que o marido a acompanhasse nessa decisão. Por outro lado, se era o marido que se convertia, era de todo provável que sua esposa aderisse à decisão dele. **Igualmente** (1). Assim como o espírito de Cristo devia manifestar-se nas relações sociais já mencionadas, igualmente deve fazer-se sentir na vida diária no lar. Note-se que Pedro tem em mente a relação conjugal, e não as relações que de modo geral existem entre homens e mulheres. Não há fundamento aqui para se argumentar em favor da inferioridade das mulheres em relação aos homens. A atitude que ele encarece não é apenas aquela convencional, de sujeição, vigorante em seus dias, mas é a expressão da prontidão cristã de subordinar-se uma pessoa às outras. Por tal manifestação de espírito semelhante ao de Cristo, por parte das esposas, é que os maridos, que **não obedecem à palavra**, são ganhos, **sem palavra alguma**,

pelo procedimento delas (1). Aqui "palavra" usa-se em dois sentidos diferentes. No primeiro caso, refere-se à Palavra de Deus, ou o Evangelho, enquanto que, no segundo caso, refere-se simplesmente ao uso ordinário da palavra. Os maridos que recusam obedecer à Palavra de Deus podem ser ganhos pelo procedimento digno e cristão de suas esposas, sem que estas precisem pronunciar uma só palavra, o que poderia até concorrer para endurecer o coração deles contra o evangelho. **Cheio de temor** (2); isto é, essa reverência que é um fator essencial da vida cristã. A submissão da esposa cristã ao seu marido tem uma finalidade evangelística -ganhá-lo à fé em Cristo. A verdadeira beleza da mulher não depende de enfeites, adereços ou exibição, mas depende do **atavio de um espírito manso e tranqüilo** (4; cfr. **#1Tm 2.9** e segs.). "Não a ostentação de atavios exteriores, mas a beleza interior do coração" (Selwyn).

O ouro e o aparato externo são corrutíveis e desaparecerão, porém o espírito manso e tranqüilo é muito precioso à vista de Deus. Bengel distingue entre mansidão e tranqüilidade, considerando a primeira como aquilo que não dá lugar a desassossego, ao passo que a segunda suporta com calma o desassossego causado por outros. **O homem interior do coração** (4). "A Escritura tem o coração como esfera de influência divina (**#Rm 2.15; #At 15.9**)... O coração, por situar-se no profundo do íntimo, contém o homem interior, ou oculto (**#1Pe 3.4**), o homem real. Representa o verdadeiro caráter, mas esconde-o" (J. Laidlaw em H. D. B.). **As santas mulheres** (5). A referência é às "mulheres que preeminentemente representaram a santidade da vocação de Israel, isto é, seus "santos"; cfr. **#Mt 27.52**" (Selwyn). Elas confiavam ou esperavam em Deus que lhes fosse dada a honra de ser mãe do Messias. **Chamando-lhe senhor** (6); veja-se **#Gn 18.1-15**. Da qual vós vos tornastes filhas (6). As esposas cristãs tornar-se-iam veras filhas de Sara pela semelhança espiritual. O vocábulo grego **tekna** usa-se metaforicamente para indicar afinidade espiritual. A significação da frase **e não temendo nenhum espanto** (6) parece obscura. A palavra grega **phobos** usa-se sempre nesta epístola no bom sentido de reverência ou respeito, exceto aqui e em **#1Pe 3.14**. A razão do temor (medo) podia ser a perseguição que seus maridos pagãos lhes moviam, os quais tentariam compeli-las a abandonar a fé; ou era uma exibição de mau gênio da parte deles. Talvez, como Cranfield sugere, medo ou terror deve tomar-se em sentido geral, de sorte que "temendo a Deus devem livrar-se de outros temores".

Pedro prossegue e agora exorta os maridos a cumprir seus deveres para com as esposas. Cumpre-lhes coabitar com elas **com discernimento** (7), isto é,

mostrando entendimento prático e tato em todas as relações da vida conjugal. **Dando honra à esposa** (7). Se compararmos **#1Pe 2.13,17** com este versículo, veremos que a palavra **honra** traz em si alguma idéia de sujeição. Assim deve o marido exercer um pouco de auto-subordinação, com referência à esposa. A mulher é aí chamada **parte mais frágil** porque é fisicamente mais débil, em alguns respeitos, que o homem. Não se trata aqui de inferioridade intelectual ou moral, embora que no mundo antigo fosse isto admitido. O homem é havido como parte mais forte no sentido de ser mais musculoso e de arcar com maiores responsabilidades no lar, visto como é ele quem sustenta a família (cfr. **#1Ts 4.4**). A razão de o marido honrar assim a sua esposa vem declarada na frase **por isso que sois juntamente herdeiros da mesma graça de vida** (7). O sentido pode ser este: visto como são ambos cristãos, partilham igualmente daquela vida eterna que a aceitação do evangelho traz. Pensam outros que, pelo fato de Pedro provavelmente se dirigir aqui aos maridos de esposas pagãs, refere-se ao poder de transmitir vida natural, trazendo outros seres humanos ao mundo. Por fim mais uma palavra. Falta de compreensão entre marido e mulher, egoísmo da parte de um ou de outro, ou qualquer coisa que provoque atritos no lar, certo que se farão sentir na vida espiritual, estorvando a vida de oração das pessoas em causa.

>1Pe-3.8

d) Vivendo juntos na comunidade cristã (1Pe 3.8-12)

Estes versos resumem toda a seção, introduzindo uma última consideração. O advérbio **finalmente** (8) serve para indicar a transição, dos deveres pormenorizados já esboçados na relação referida, para uma declaração geral dos elementos essenciais do caráter cristão. Os cristãos devem ser "todos de igual ânimo" (ou sentimento). As divisões na igreja ou na família não glorificam a Deus (cfr. **#Jo 17.21** e segs.; **#Rm 15.5** e seg.; **#1Co 1.10**; **#Fp 2.2**). **Compadecidos**; lit. "simpatizarem". A palavra significa sofrer com os outros. Pertencemos a um corpo em Cristo, daí a aplicação de **#1Co 12.26**. **Fraternalmente amigos** ("amando os irmãos"). O amor fraternal é o distintivo do cristão (**#Jo 13.35**) e o sinal de que passamos da morte para a vida (**#1Jo 3.14**; **#1Jo 4.20**). **Misericordiosos** ("de coração terno"). Há o perigo de se ficar insensível aos sofrimentos alheios. **Afáveis**; ARA "humildes". Gr. **tapeinophron**, "de espírito humilde". A humildade é um dos elementos essenciais do verdadeiro caráter cristão, e a ela os apóstolos muitas vezes se referem (cfr. **#1Pe 5.5**; **#Rm 12.16**; **#Tg 4.10**). O vers. 9 aplica ao crente o exemplo de nosso Senhor, apresentado em **#1Pe 2.23**. O termo ali traduzido

"ultrajar" é o mesmo "pagar mal por mal", aqui. Passa o apóstolo ao ensino que ele próprio recebeu de Cristo. Veja-se por ex. #Mt 5.44; #Lc 6.27 e segs. O autor encerra esta seção da epístola com uma paráfrase do #Sl 24, nos LXX. Com toda a probabilidade, a tradução, mais livre, e emenda do texto foi obra de Silvano. **Quem quer amar a vida** (10); não o prolongamento dela, sim sua qualidade. **E ver dias felizes** provavelmente se refere aos bens (por ex. a herança do vers. 9) reservados para eles (cfr. #1Pe 1.4). Tal pessoa deve abster-se da maledicência e de qualquer que seja o mal, entregando-se à prática do que é justo e verdadeiro. Cumpre-lhe ser incansável em buscar a paz (cfr. #Mt 5.9), lembrado de que Deus o vigia sempre para guiá-lo ou para lhe manifestar Sua aprovação ou desaprovação, e que Seus ouvidos estão atentos às orações dele por direção ou auxílio. Por outro lado **o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males** (12). Rosto do Senhor, aí, representa a manifestação da presença divina, posta aqui em oposição ao caminho dos ímpios.

>1Pe-3.13

V. SOFRIMENTOS E GLÓRIA 1Pe 3.13-4.19

a) Cristo nos ensina como enfrentar hostilidades e sofrimentos (1Pe 3.13-22)

A menção que faz dos malfeitores leva-o a outro pensamento, expresso numa interrogação retórica. **Zelosos** (13); gr. *zelotai*. Os "zelotes" eram membros de um partido intransigente, facção extremista dos fariseus, que se opunha tenazmente aos romanos. O termo traz a idéia de inteireza de coração e sinceridade de propósito; aqui o intuito de sua aplicação é claro. Contudo a proteção de Deus não os isenta de perseguições. **Mas ainda que venhais a sofrer** (14). O modo optativo grego, usado aqui e no vers. 17, considera uma contingência não atual e urgente, porém remota para alguns deles. Se sofrerem **por causa da justiça**, vejam nisso o cumprimento de #Mt 5.10. Não devem tomar-se de **terror**, pois isso é o que os inimigos querem (cfr. #Is 8.12 nos LXX), mas pelo contrário devem ter um reverente temor de Cristo, o que os capacitará a entronizá-Lo como Senhor em seus corações (15). **Responder** (15); gr. *apologia*, originalmente era uma alocução que os detentos faziam em sua própria defesa; mais tarde o termo foi dado aos tratados que se escreveram em defesa da fé cristã. Pedro dá a entender que os perseguidores os hostilizarão e caluniarão, criticando-lhes a fé, sendo necessário que, como convertidos que são, estejam bem alicerçados nas verdades fundamentais (cfr.

#1Pe 1.13), de modo a darem uma **razão** (gr. **logon peri**, "uma explicação racional") da **esperança** para a qual foram gerados de novo (#1Pe 1.3). **Mansidão** representa a atitude deles para com os inquiridores; **temor** ("reverência"), sua atitude para com Deus. Portando-se deste modo, terão ou manterão **boa consciência** (16), levando seus falsos acusadores a ficar envergonhados. Aqui Pedro volta ao pensamento de #1Pe 2.12. Quanto ao vers. 17, conferir #1Pe 2.20. **Também** (18), esta palavra relaciona nosso Senhor com aqueles que, de boa consciência, padecem por causa da retidão (justiça). Cristo está ao lado deles, compartilha desse padecimento, visto como foi também falsamente acusado, havendo **morrído pelos pecados**, que não eram Seus. Contudo, Ele não é só um exemplo. Sua cruz é em primeiro lugar uma expiação. Já se fez referência aos sofrimentos de Cristo (#1Pe 2.21 e segs.), mas lá a ênfase foi sobre Sua mansidão; aqui é sobre Seu triunfo. Igualmente aqui se diz que Sua paixão foi **vicária-o justo pelos injustos** (cfr. #Is 53.5) -e expiatória em sua eficácia-**pelos pecados**. Que Seu sacrifício foi completo vê-se da expressão **uma única vez** (cfr. #Rm 6.9 e segs.; #Hb 7.27; #Hb 9.12,26,28; #Hb 10.10). O propósito da morte de Cristo vem declarado com simplicidade. Pelo pecado estamos alienados de Deus, porém Cristo, mediante a expiação que fez, tornou possível nossa volta para o mesmo Deus. Nosso acesso à presença dEle depende unicamente dos méritos da obra de Cristo na cruz. **Morto na carne** refere-se provavelmente à morte violenta que padeceu, bem como fala da realidade da mesma. Todavia foi **vivificado no Espírito**. Não se trata do Espírito Santo, mas do espírito humano de Cristo, distinto do Seu corpo. Os vers. 19-22 apresentam numerosas dificuldades; comentadores têm oferecido muitas explicações. Selwyn cita, a propósito, excelente nota de Alford.

>1Pe-3.19

No qual, (isto é, no qual estado de espírito vivificado, após Sua morte física) **também foi e pregou aos espíritos em prisão** (19). As primeiras três palavras são no grego **en ho(i) kai**. Moffatt, seguindo Rendel Harris e secundado por Schultz, procura contornar a dificuldade traduzindo assim: "Foi no Espírito que Enoque também foi e pregou aos espíritos aprisionados". Há porém dificuldades textuais e outras que desautorizam esta interpretação. Parece perfeitamente claro que não Enoque, mas Cristo mesmo é que foi e pregou. À vista do contexto, a frase **espíritos em prisão** indica a geração que foi desobediente nos dias de Noé, enquanto as palavras "espíritos" e "prisão" referem sua presente condição de desencarnados, num lugar de juízo no mundo invisível (cfr. #2Pe 2.4-9). O ponto nevrálgico da passagem está em se

saber o que foi que Cristo lhes pregou. Embora o vocábulo grego **ekeryxen** - pregou-comumente venha seguido de seu complemento no Novo Testamento, algumas vezes vem desacompanhado dele, não parecendo haver boa razão para não se aceitar a interpretação que, de todas, se afigura a mais natural, a saber, que Cristo, morto na carne e vivificado no espírito, foi nesse estado espiritual e pregou àqueles espíritos que outrora tinham sido desobedientes; agora, entretanto se julga que a mensagem de Cristo encontrou possível receptividade da parte dos tais. (Selwyn é a favor da interpretação, não que Cristo lhes pregasse o evangelho, mas que lhes proclamasse estar próximo o fim do poder deles, como resultado de Sua vitória). Sobre a descida de Cristo ao Hades, veja-se **#At 2.27-31**; **#Rm 10.6-8**; **#Ef 4.8-10**).

>1Pe-3.20

A **longanimidade de Deus** aguardava nos dias de Noé (20); isto é, dando tempo a que se arrependessem. O homem, todavia, não fez caso dos direitos de Deus, recebendo por isso o golpe do juízo divino (**#Gn 6**; ver também **#2Pe 3.5-9**). Noé, sua esposa, três filhos com as respectivas mulheres (**oito almas**) obedeceram a Deus, entraram na arca e **foram salvos através da água**. O vocábulo grego **dia** pode-se considerar circunstancial tanto de lugar como de instrumento. Como Noé na arca passou seguro pelas águas do dilúvio, assim os batizados passam seguros pela água do batismo para a Igreja, e neste sentido **dia** indica circunstância de lugar. Ou (como Alford, Plumptre) a alusão ao batismo no vers. 21 requer **dia** como instrumental, isto é, como as águas do dilúvio levaram a arca em segurança, assim o batismo leva o cristão. A figura do batismo significa **não a remoção da imundícia da carne**, isto é, não a mera limpeza do corpo, **mas a indagação de uma boa consciência para com Deus**; melhor, "um penhor" a Deus, procedente de "uma consciência limpa", dado na promessa feita no batismo, de renúncia do mundo, da carne e do demônio. Quanto ao homem, o batismo é uma confissão de discipulado cristão; quanto a Deus, é um penhor de se viver de tal modo que a consciência se mantenha "pura diante dEle e dos homens" (**#At 24.16**). Isto é possível **por meio da ressurreição de Jesus Cristo** (21), a qual tanto é fundamento de retidão (justiça) como garantia de vitória. Cristo subiu **ao céu** e está em lugar de honra, à direita de Deus, subordinando-se a Ele toda a hierarquia celeste (22), Cfr. **#1Co 15.27**; **#Ef 1.22**; **#Fp 3.21**.

1Pe-4.1

b) Novo apelo à santidade de vida (1Pe 4.1-6)

Volta Pedro a ferir o principal assunto de #1Pe 3.14-18, depois do parêntese dos vers. #1Pe 3.19-22. Ora, em #1Pe 4.1, liga-se a #1Pe 3.18, trazendo os sofrimentos de Cristo uma vez mais à apreciação dos leitores. **Armai-vos também vós do mesmo pensamento** (1). A exortação aqui não é a mesma de Paulo em #Fp 2.5. A palavra grega **ennoia** significa "consideração", "conhecimento", "pensamento" ou "idéia". A frase, portanto, significa: " revesti-vos da armadura deste conhecimento". Note-se a redação que faz do vers. 2 o motivo da exortação. É para que " não mais vivais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus". O mesmo pensamento Paulo expõe em suas epístolas, onde vem desenvolvido mais amplamente. Veja-se especialmente #Rm 6, onde diz " assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus" (vers. 11), o que corresponde aqui à exortação de Pedro. **Aquele que sofreu na carne deixou o pecado** (1); esta sentença tem sido interpretada de vários modos. Alguns comentadores vêem aí apenas uma referência geral aos efeitos purificadores do sofrimento (cfr. #1Pe 1.6-7), o que, à vista do contexto, parece fora de propósito. Outros, dizendo que a referência ao sofrimento de Cristo na carne é alusão clara à Sua morte, interpretam a frase aqui neste sentido, dando-lhe a seguinte significação " fortalecei-vos com este pensamento, ao enfrentardes o martírio: a morte faz cessar a luta contra o pecado". Todavia o contexto, apelando fortemente para se deixar o pecado agora (isto é, durante " o tempo que vos resta na carne"), sugere que o pensamento de identificação agora com a morte de nosso Senhor está na mente de Pedro, acrescida talvez outra idéia de que os sofrimentos deles, presentes ou futuros, são um sinal dessa identificação. Sua vida passada (isto é, antes de se converterem) tinha sido suficientemente longa para se dedicarem à satisfação desses apetites, " fazendo o que os gentios gostam de fazer", em oposição à execução da vontade de Deus. Segue-se um catálogo desses desejos perversos (3). **Dissoluções**; gr. **aselgeia**, isto é, excessos, licenciosidade, desenfreamo; **concupiscências**; gr. **epithymias**, isto é, desejo veemente de qualquer espécie (veja-se nota sobre #1Pe 2.11); **borracheiras**, embriaguez habitual; **orgias**; gr. **komos**, provavelmente reuniões sociais para bebedeiras; **bebedices**, gr. **potos**. No grego clássico usava-se esta palavra para significar bebida, em oposição a comida, e não tinha implicações morais (veja-se Selwyn *in loc.*). Emprega-se como " festa" em #Gn 19.3, LXX. Tais festas podiam facilmente tornar-se ocasiões de excesso no beber. **Detestáveis idolatrias**, gr. **athemitos**, abomináveis, perversas; traduzida por " proibida" em #At 10.28. Bengel traduz por ações " pelas quais a sacratíssima lei de Deus é violada". Os três tempos perfeitos no grego (**decorrido, terdes executado, e tendo andado**) frisam que tais coisas eram já passadas para eles.

Se estas palavras foram dirigidas aos neo-batizados, sua propriedade seria evidente, porque o batismo na primitiva Igreja representava uma crise na vida do cristão e significava um decidido rompimento com a vida velha. Seus ex-camaradas pagãos não podiam compreender tal transformação na vida deles, e então injuriavam-nos, talvez num esforço por abafar os clamores de suas próprias consciências. Pedro já declarou que tais pessoas seriam envergonhadas (veja-se #1Pe 3.16); agora adverte que elas **prestarão contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos** (5). Seu julgamento é imparcial e inapelável.

Várias interpretações têm sido dadas ao vers. 6. Sustentam-se opiniões muito divergentes entre si, pelo que seria imprudente formular qualquer doutrina importante à base deste único versículo. A parte a conexão aparente com a declaração de #1Pe 3.19, parece haver pouca justificativa para, daí, se argumentar que o evangelho foi oferecido aos mortos como mortos, isto é, depois de haverem morrido. Provavelmente o sentido mais certo é que aqueles que hoje estão mortos ouviram a pregação do evangelho quando ainda vivos. Selwyn sugere que no vers. 5 o apóstolo tinha em mente membros da Igreja, do passado e do presente e os seus perseguidores, enquanto que no vers. 6 se refere só àqueles. Por causa de haverem confessado a Cristo, quando viviam, foram julgados e condenados pelos homens. A frase grega **Kata anthropous** significa "de acordo com os padrões dos homens". Ele não quer dizer que foram julgados como os homens o são, pois neste caso a frase seria **kata anthropon**. Deviam no entanto viver **segundo Deus** (gr. **kata theon**) **no espírito**. Viver no espírito é viver como Deus vive, isto é, eternamente.

>1Pe-4.7

c) Empregando os dons de Deus em benefício dos outros (1Pe 4.7-11)

Para que ninguém pense que o julgamento a que se refere está muito longe, passa a avisá-los e exortá-los. **Ora** (7), como para enfatizar a importância do assunto. **O fim de todas as coisas está próximo** (cfr. #Tg 5.8). No Novo Testamento a vinda do Senhor, que marcaria o fim da dispensação, cuidava-se que estava iminente; muito se aconselhava, então, quanto à maneira de viver com esse fim à vista. Pedro apresenta quatro linhas de conduta a serem observadas. Primeiro, **sede portanto criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações** (7). O termo grego **sophrouein** denota cabeça calma e espírito equilibrado, em contraste com **mania**, que é exacerbação. A oração é o grande

corretivo de uma visão superficial, limitada, da vida, e capacita-nos a olhar para além das circunstâncias do presente, e a conservar o fim em vista (cfr. #Mc 13.33). Segundo, **tende amor intenso uns para com os outros** (8). Vejam-se as notas sobre #1Pe 1.22 e #1Pe 3.8. A cláusula **porque o amor cobre multidão de pecados** é algo obscura. É possível que signifique o seguinte: se amardes ardentemente os irmãos, estareis prontos a perdoá-los sempre; ou, o amor de Deus cobre a multidão dos vossos pecados, de modo que levados por gratidão a Ele deveis amar intensamente (estrenuamente). A primeira hipótese parece preferível como interpretação. Quanto a "cobrir", veja-se #Sl 32.1. Terceiro, devem ser **mutuamente hospitaleiros sem murmuração** (9). Isto pode-se considerar quer como exortação, em vista da aproximação do fim, quer como meio de demonstrar amor intenso (cfr. #Mt 25.31-46; #Rm 12.13; #1Tm 3.2; #Hb 13.1 e segs.). Na primitiva Igreja os ministros eram itinerantes, tornando-se necessário que os mensageiros cristãos fossem recebidos nas casas e hospedados. Mas, mesmo assim, surgiam dificuldades. Alguns pregadores podiam abusar, tirando partido dos seus privilégios. Daí o apóstolo recomendar "sem murmuração". Em quarto lugar, deve haver mordomia generosa de todos os dons cristãos (10). Cada pessoa foi dotada com algum dom particular, da parte de Deus, e deve usá-lo como quem vai dar contas de sua mordomia. O exercício de qualquer aptidão especial em algum trabalho para a Igreja, em o nome do Senhor, devia ser considerado como um serviço a Ele prestado. Vários dons se mencionam de modo especial. Há o da pregação. **Fale de acordo com os oráculos de Deus** (11); isto é, como quem profere as palavras que Deus lhe comunicou. De igual modo, **se alguém serve, faça-o na força que Deus supre**. A palavra traduzida "supre" originalmente significava "dirigir um coro" no teatro; depois veio a significar "custear as despesas da exibição de um coro em festival público". Daí suprir, prover ou equipar, como se faz a um exército ou armada, e ordinariamente com o sentido de abundância. Veja-se Cranfield *in loc*. As provisões de Deus são vastas e ilimitadas. Tudo porém há de ser feito para a Sua glória. Tal é o verdadeiro motivo de toda a atividade na vida do cristão. Esta seção termina com uma doxologia. Cfr. #1Pe 5.11-14.

>1Pe-4.12

d) Apelo à paciência e à resignação (1Pe 4.12-19)

A carta volta a ferir seu tema original e fundamental, referente ao tempo de sofrimento que estava para vir ou já viera para a comunidade cristã da Ásia Menor. O apóstolo proferiu a doxologia e pode-se supor que sua intenção era

terminar a epístola nesse ponto. Eis porém que outros pensamentos lhe surgem e como que acha não haver dito o bastante sobre o grande e urgente assunto acerca do qual escreve. Começa outra vez com o mesmo vocativo empregado em #1Pe 2.11 -Amados (12). Não deviam estranhar que provações e perseguições viessem, antes deviam regozijar-se (13). Pela própria natureza do testemunho cristão, provações devem ser esperadas, visto como esse testemunho é uma repreensão ao espírito do mundo.

As provações que vão suportar se descrevem como fogo ardente (gr. *pyrosei*). *Pyrosis* significa queimadura, exposição ao fogo ou um teste pelo fogo. Pedro já referiu esse teste (#1Pe 1.6-7), o qual se ajusta ao sentido aqui. É pela tribulação e perseguição que se prova a realidade da fé. Principalmente, porém, deviam sentir-se confortados e encorajados pelo fato de serem coparticipantes dos sofrimentos de Cristo (cfr. #Cl 1.24). A palavra grega *kathō* significa "na medida em que" (veja-se a ARA). Alegrar-se com tais sofrimentos agora significará que, à aparição de Cristo na glória do Pai, eles rejubilarão, exultantes. Se pelo nome de Cristo são perseguidos, verdadeiramente abençoados são (#Mt 5.11). O Espírito da glória e de Deus (14); gr. *to tes doxes kai to tou theou pneuma*. Selwyn pensa que a expressão *to tes doxes* representa a Chequiná, o esplendor visível da glória da presença de Deus. "O Espírito Santo de Deus, que é glorioso e a fonte da glória, e cuja presença é o penhor da glória futura, repousa sobre Sua Igreja perseguida" (Veja-se Cranfield *in loc.*).

Naturalmente, quem por sua própria maldade ou loucura atrai sofrimentos para si, nenhum direito tem de reivindicar estas consolações. Isto posto, ninguém desonre a Cristo sofrendo por males voluntariamente cometidos. O fato de se fazer necessário este aviso lembra como era baixo o padrão moral do povo, com quem os primeiros mensageiros cristãos tiveram de tratar. O termo *malfeitor* (15) é de sentido amplo e inclui toda espécie de males. *Intrometidos em negócio alheio* (15). O zelo dos convertidos era proverbial e nem sempre eles tinham bastante habilidade no trato com outras pessoas. Era possível alguém atrair perseguição sobre si, interferindo sem necessidade em negócios dos outros. *Mas, se sofrer como cristão*, não se esqueça de que tal sofrimento nada tem de vergonhoso, e que a pessoa que se chama pelo nome de Cristo tem a responsabilidade de glorificar a Deus nos seus padecimentos. A palavra *cristão* encontra-se somente três vezes no Novo Testamento, aqui e em #At 11.26; #At 26.28. Era possível que ainda fosse um termo afrontoso, quando Pedro o empregou.

>1Pe-4.17

A ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada (17). Os tempos tormentosos que já batiam à porta da Igreja eram o começo do processo de prova e de joeiramento; não era ainda o fim. A idéia de que o juízo divino começa na Igreja é tirada do Velho Testamento (cfr. #Jr 25.29; #Ez 9.6). A casa de Deus representa aqui o povo de Deus, não apenas o templo. Se o julgamento é tão rigoroso para o povo de Deus, sua severidade para os incrédulos é indescritível (17-18; cfr. #Lc 23.31). Mas o cristão tem um segredo que o incrédulo não tem. Pode entregar-se às mãos de Deus em inteira confiança, ciente de que Ele não pode falhar.

1Pe-5.1

VI. VITÓRIA E SERVIÇO 1Pe 5.1-11

a) O ofício pastoral (1Pe 5.1-4)

Agora Pedro se dirige especificamente aos que têm responsabilidades especiais na Igreja. A prova ardente que sobrevirá à Igreja faz que se torne mais necessária ainda a fidelidade no ofício pastoral. O termo **anciãos** (1) aqui refere posição oficial que ocupavam na Igreja, e não a idade, como é o caso no vers. 5. Inclui os que exercem alguma espécie de função autorizada de pastor e levam sobre si a respectiva responsabilidade. A palavra realmente é "presbítero", dando-nos assim um vislumbre da organização simples da primitiva Igreja, copiada do sistema de vida das vilas, e dos costumes da sinagoga judaica. Já aludimos ao ministério itinerante; aqui temos outra evidência de pelo menos o começo de organização local. O termo "ancião" ou "presbítero" era permutável com "bispo" ou "supervisor". Note-se que Pedro não assume nenhuma superioridade eclesiástica, mas com profunda humildade nivela-se àqueles a quem está exortando. Era de fato uma **testemunha dos sofrimentos de Cristo** (1) e podia conservar distinta sua posição de apóstolo. Já falou da **glória que há de ser revelada** (1; veja-se #1Pe 4.13 e cfr. #Mt 19.28). Como em #1Pe 1.5, ele sabe que no presente experimenta bênçãos cuja plenitude ainda está no futuro. A obra dos anciãos é **alimentar o rebanho de Deus** (2), isto é, fazer todo o trabalho de pastor (cfr. #Jo 21.15-17; ver também #1Pe 2.25, acima). Note-se que o rebanho é de Deus, não do ancião; Deus não fica indiferente ao modo como Suas ovelhas são tratadas. As pessoas devem tomar esses deveres a seu cargo voluntariamente, até mesmo com avidez, porém não com vistas a lucro financeiro. Pedro aqui não faz objeção á

remuneração dos ministros ou ao salário dos obreiros. Adverte, sim, contra o pecado da cobiça, a caça ansiosa de rendimentos. Compare-se o vers. 3 com [#Mc 10.41-45](#). Devem evitar andar atrás de autoridade ou posição, pelas quais podiam cair no laço de ostentar altivez ou arrogância para com os membros da Igreja. Ao invés disso, pela santidade de suas vidas devem tornar-se **modelos do rebanho** (3). Todo o serviço deles deve deixar-se inspirar na perspectiva da vinda do Senhor e do galardão do serviço prestado. Os que fielmente exercerem o ofício de subpastores receberão o prêmio das mãos do Supremo Pastor, quando vier em glória.

A recompensa se diz **coroa imarcescível de glória** (4), outro exemplo da aversão de Pedro por tudo quanto fenece e se corrompe. Essa coroa não é emblema de realeza, e sim a grinalda com que se galardoavam os vencedores nos festivais gregos de atletismo (cfr. [#1Pe 1 Co 9.25](#); [2 Tm 4.8](#); [#Tg 1.12](#); [#Ap 2.10-3.11](#)). Quando Cristo vier, Sua glória se revelará (veja-se o vers. 1, acima). O prêmio do subpastor fiel e humilde é ser participante da glória e gozo do seu Senhor.

>1Pe-5.5

b) Apelo à humildade e confiança (1Pe 5.5-7)

Agora dirige-se aos **jovens**, gr. **neoterói**. O termo aqui provavelmente não quer dizer apenas mais novos em idade, senão também na fé e na experiência cristã. Como tais, é possível que fossem tentados a rebelar-se contra a autoridade dos anciãos mencionados no vers. 1. Recomenda-lhes Pedro que se sujeitem aos mais idosos, dentre os quais os anciãos da Igreja normalmente são escolhidos. Não está claro se o apóstolo está recomendando aos jovens que respeitem os mais velhos, ou se está exortando aos pastores mais moços que se submetam à autoridade dos presbíteros. Não adota a teoria de que a mocidade deve ser sufocada; diz apenas que os jovens mostrem deferência aos de idade avançada e à experiência destes.

Depois passa a uma aplicação geral do dever de humildade, que incumbe a todos os membros da Igreja, sem exceção. Devem "cingir-se" dela. A referência é ao pano ou toalha de linho usada pelos escravos; com uma dessas toalhas nosso Senhor cingiu-se para lavar os pés aos discípulos, ato que por si mesmo expressa o que o apóstolo recomenda aqui (veja-se [#Jo 13.4](#)). Deus resiste aos soberbos (cfr. [#Pv 16.5](#)). Os humildes, por outro lado, são recompensados com provisões da graça divina, cada vez mais abundantes.

Humilhai-vos, portanto (6; gr. *tapeinothete*); a palavra não significa só "humilhai-vos", como também "deixai-vos humilhar, aceitai vossas humilhações" (assim entende Selwyn). **A poderosa mão de Deus** (6) é figura que comumente se emprega no Velho Testamento para descrever a intervenção divina nos negócios humanos (cfr. **#Êx 3.20**; **#Êx 7.5**; **#Êx 15.6**; **#Dt 4.34**; **#Dt 9.29**). **Em tempo oportuno** (6); gr. *en kairo* (i). No grego clássico a frase significa "no tempo propício"; aqui quer dizer "a Seu tempo", isto é, na revelação de Jesus Cristo. Entrementes, são exortados a manifestar o espírito de verdadeira humildade para com Deus, lançando todas as suas ansiedades sobre Ele, sabendo com certeza que Deus cuida deles (7: cfr. **#Mt 6.26-32**; **#Lc 12.23-31**; veja-se também **#Sl 55.22**).

>1Pe-5.8

c) Exortação à vigilância e firmeza (1Pe 5.8-11)

Sede sóbrios (cfr. **#1Pe 1.13-4.7**) e **vigilantes** (8; cfr. **#Mc 13.33-37**; **#Mc 14.37** e segs.). O dever e a necessidade de vigiar, em obediência à ordem de nosso Senhor, devem ter-se gravado indelevelmente no coração de Pedro. Aqui recomenda sobriedade e vigilância por causa do **adversário**, gr. *antidikos*, em sentido legal acusador em julgamento, perante um juiz. **O diabo**; gr. *diabolos*, caluniador, acusador falso. Faz-se-lhe referência sob várias figuras, por exemplo adversário dos propósitos de Deus (**#Jo 12.31**; **#2Ts 2.8** e segs.; **#Ap 12.9** e segs.), pai da mentira (**#Jo 8.44**; **#At 5.3**; **#2Ts 2.10**; **#Ap 12.9**); e grande acusador ou caluniador (**#Ap 12.10**). Os títulos que Pedro lhe dá aqui expressam a hostilidade que o demônio move aos cristãos e à sua vida em Cristo, tanto quanto expressam os métodos de falsa acusação e calúnia que ele emprega. **Como leão que rug**e. Esta comparação vívida do demônio com o leão descreve a força e voracidade desse adversário. O fato de ser apresentado a andar em derredor denota sua ubiqüidade (cfr. **#Jó 1.7**). Com toda a probabilidade Pedro tinha em mente a perseguição e a tentação de vacilar de que ela se acompanhava. Só havia um meio de enfrentar o adversário assim disfarçado (cfr. **#Tg 4.7**). Uma oposição tal ao diabo requer forte determinação, daí precisar ser **firme** (9), isto é, inabalável (ante o seu esforço por aterrorizar) "na fé", isto é, fé em Deus, que é poderoso para livrar. Não devem imaginar que a igreja da Ásia Menor é a única que sofre perseguições. Há outras que estão cercadas do mesmo ambiente mundano e arrostam os mesmos sofrimentos. Resistindo a eles e lembrados desses fatos, provarão a suficiência da graça divina. O paralelismo entre **#1Pe 5.10** e segs. e **#1Ts 5.23** e segs., **#2Ts 2.13** e segs. e **#Hb 13.21** e segs. seria sinal de um autor comum,

ou leitura atenta de material comum, ou ambas as coisas. A influência e obra de Silvano podiam responder por isso. **O Deus de toda a graça**; Ele é o Autor e Fonte da graça suficiente para toda e qualquer necessidade; **que nos chamou à** (isto é, "para participarmos da") **sua eterna glória** (já mencionada nos vers. 1,4) **em Jesus Cristo** (10). Note-se como Pedro contrasta com a glória eterna os sofrimentos transitórios (cfr. **#2Co 4.17**). **Ele vos há de aperfeiçoar**. O grego **katartizo** significa tornar adequado ou completo; usa-se a propósito de remendar redes, em **#Mt 4.21** e **#Mc 1.19**, e se traduz por "restaurar" em **#Gl 6.1**. Não quer dizer necessariamente que o seu objeto tenha sido danificado, embora seja isto possível; antes significa dispor ou colocar em ordem exata. Cfr. **#Tg 1.4. Firmar**; gr. **sterizo**, significando tornar estável, cfr. o vers. 9, acima, onde vem o adjetivo **stereos**, "firme". **Fortificar**; gr. **sthenoo** não se encontra nos clássicos, mas **sthenein**, ser forte. Aqui provavelmente se refere à força necessária para se resistir ao diabo, a qual só Deus pode dar. Não se encontra nos melhores MSS, mas parece ter sido acrescentado provavelmente sob a influência de **#Cl 1.23**. Pedro termina aqui sua exortação com outra doxologia (cfr. **#1Pe 4.11** e **#1Pe 5.14**). Por assim dizer, ergue a voz para bendizer o Deus de toda a graça, o fiel Criador, que é capaz de realizar tudo quanto ficou delineado nas exortações.

>1Pe-5.12

VII. CONCLUSÃO 1Pe 5.12-14

Veja-se na **Introdução** uma nota sobre **Silvano** e **Babilônia**. Pedro declara aqui seu propósito em escrever esta epístola. Exortou e testificou acerca da **genuína graça de Deus**, na qual estavam firmes. A ARA traduz as quatro últimas palavras como outra exortação: "nela estai firmes". "A graça que haviam experimentado na conversão, na bem-aventurança e no progresso da vida cristã, não era uma coisa ilusória, como seriam tentados a supor em face de suas tribulações, mas era a genuína graça de Deus" (Bennett). Nessa graça deviam ficar firmes (cfr. "firmes na fé", no vers. 9, acima). **Meu filho Marcos** (13). Não parece haver dúvida que se trata do evangelista Marcos, o qual, segundo se reconhece, devia a Pedro muito do material apresentado no Evangelho que traz o seu nome. A tradição associa-o a Pedro, a partir do tempo em que Paulo pediu a Timóteo que lho levasse de volta a Roma (**#2Tm 4.11**). Papias diz que ele, Marcos, veio a ser o "intérprete" de Pedro, e nessa qualidade compôs o segundo Evangelho utilizando os fatos que recordava ter ouvido no ensino desse apóstolo. **Saudai-vos uns aos outros com ósculo de amor** (14). Veja-se também **#Rm 16.16**; **#1Co 16.20**; **#2Co 13.12**; **#1Ts 5.26**.

O ósculo ordinariamente fazia parte da cerimônia eucarística; e se, como alguns pensam, esta carta foi escrita para ser lida na celebração da Ceia do Senhor, na páscoa do ano 64 A. D., compreende-se de pronto o motivo desta exortação. O ósculo era sinal ou penhor de unidade e amor entre irmãos. Dava-se grande importância à necessidade de reconciliação entre pessoas desavindas, antes de se sentarem à Mesa do Senhor. O beijo era o sinal dessa reconciliação. O traidor Judas escolheu um beijo para com ele identificar nosso Senhor (#Mc 14.44), dando a entender que era comum os discípulos de Jesus se oscularem. Servia como sinal de afeto bem como de reconciliação (cfr. #Lc 15.20; ver também #Lc 7.45). Paz a todos vós que vos achais em Cristo (14); cfr. #1Pe 1.2. Só os que se acham em Cristo conhecem esta paz; todos eles podem conhecê-la. "Paz" foi a saudação do Senhor ressuscitado (#Lc 24.36; #Jo 20.19 e segs. 26).

II PEDRO

INTRODUÇÃO

I. AUTORIA

A questão da autoria de 2Pe é um dos problemas difíceis da crítica do Novo Testamento. Baseando-se na demora de sua aceitação definitiva como livro canônico e em certas características de fraseologia e estilo, alegam que esta epístola não foi escrita por Pedro. É diminuta a evidência externa em abono da autoria petrina. O primeiro escritor a fazer-lhe menção é Orígenes (cerca de 240 A. D.), que fala das duas Epístolas de Pedro e em certo lugar cita [#2Pe 1.4](#), dando-lhe a denominação de Escritura. Esta epístola não foi reconhecida como canônica até o Concílio de Cartago em 397. Eusébio, bispo de Samaria, tinha alguma dúvida a seu respeito e colocava-a entre os livros discutidos. Jerônimo, por sua vez, incluiu-a em sua Vulgata, se bem que com alguma hesitação, em vista de seu estilo diferir de 1 Pedro. Venceu esta dificuldade na suposição de que o apóstolo empregou dois diferentes amanuenses ou intérpretes. Outros eruditos como Agostinho, Epifânio, Rufino e Cirilo aceitaram-na como autêntica. Ao tempo da Reforma, Erasmo rejeitou-a, porém Lutero não alimentava dúvida quanto à sua genuinidade. Calvino vacilou um pouco em aceitá-la por causa de aparentes discrepâncias com 1 Pedro.

A opinião dos eruditos de hoje está muito dividida a respeito. Salmon, Zahn, Plummer e Bigg argumentam a favor da autoria petrina, enquanto Chase e Mayor, raciocinando com base na literatura antiga e na evidência interna da própria epístola, chegam à conclusão de que 2 Pedro não é um documento apostólico. No seu entender, não foi certamente escrita no primeiro século de nosso Senhor, mas provavelmente lá pelos meados do segundo; portanto, concluem, não foi Pedro quem a escreveu. Parece que, com tais alegações, poder-se-ia negar a autoria petrina, mas não se pode dar muita importância a argumento que se baseia em literatura antiga. Porquanto, como Salmon e sua escola fazem notar, Irineu, Justino Mártir, o "Pastor de Hermas", a "Didaquê" e Clemente de Roma, todos estavam familiarizados com a epístola e lhe fizeram alusões em seus escritos. Tal evidência em favor da autoria petrina vale tanto quanto a produzida por Chase e seus adeptos em contrário. A aceitação geral deste documento, depois de plenamente discutidas e pesadas suas evidências pelo Concílio de Cartago, é outro detalhe importante que deve ser levado em consideração.

Quando passamos a examinar a evidência interna de autoria, antes de outra coisa qualquer encontramos a declaração clara de #2Pe 1.1. O autor denomina-se Simão Pedro, declarando ser apóstolo de Jesus Cristo. Adiante, em #2Pe 3.1, afirma que já escreveu uma epístola àqueles a quem se está dirigindo agora. Outra vez, em #2Pe 1.16-18, declara que viu Jesus Cristo no monte da Transfiguração. Mostra também conhecer as Epístolas de Paulo (#2Pe 3.15 e segs.). Das citações que faz das Escrituras do Velho Testamento deduzimos que se trata de um judeu. Já é velho e espera em breve morrer (#2Pe 1.13 e segs.). Conhece bem a condição espiritual dos seus leitores (#2Pe 1.4,12; #2Pe 3.14,17), tem intimidade com eles, chamando-os "amados" (#2Pe 3.1,8,14,17).

Demais disto, se bem que sobre o fundamento de dessemelhança entre as duas epístolas no que tange ao estilo, dição e, até certo ponto, ao conteúdo de ambas, João Calvino e outros hesitaram em aceitá-la, não podemos ignorar o fato de que existe acentuada similaridade entre os dois escritos nesses particulares. Por exemplo, palavras e frases raramente encontradas em outros escritos são comuns a ambas as epístolas, como "precioso" (#1Pe 1.7-19; #2Pe 1.1); "virtudes" (#1Pe 2.9; #2Pe 1.3; esta encontrada alhures somente em #Fp 4.8); "supre" (#1Pe 4.11; #2Pe 1.3); "amor fraternal" (#1Pe 1.22; #2Pe 1.7); "observando" (#1Pe 2.12; #1Pe 3.2; #2Pe 1.16; em 1 Pedro está na forma verbal, e em 2 Pedro está na forma substantiva, "testemunhas oculares"); "sem defeito e sem mácula" (#1Pe 1.19; #2Pe 3.14). Além disso há uma similaridade de ensino que deve ser reconhecida. Notem-se, por exemplo, as referências ao "último tempo" (#1Pe 1.5; #1Pe 4.7; #2Pe 3.3,10); "profecia" (#1Pe 1.10-12; #2Pe 1.19 e segs., #2Pe 3.2); o dilúvio (#1Pe 3.20; #2Pe 2.5; #2Pe 3.6); e a liberdade cristã (#1Pe 2.16; #2Pe 2.19).

Outrossim, o escritor desta epístola usa palavras que são empregadas quase que exclusivamente por Pedro nos Atos dos Apóstolos. Seguem exemplos: "obtiveram" (#2Pe 1.1; #At 1.17); "piedade" (#2Pe 1.7; #At 3.12); "iníquas" (#2Pe 2.8; #At 2.23); "dia do Senhor" (#2Pe 3.10; #At 2.20); "salário de injustiça" (#2Pe 2.13-15; #At 1.18). Tudo isto seria uma indicação de que o orador em Atos é o escritor desta epístola.

Mais ainda: o escritor apela para certos fatos da vida de Pedro que são quase biográficos. Por exemplo, além do que afirma em #2Pe 1.16-18, diz "estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como... nosso Senhor Jesus Cristo me revelou" (#2Pe 1.14). Sem dúvida faz referência a #Jo 13.36; #Jo 21.18 e

segs. Indiretamente declara-se inspirado, sem o que é impossível haver verdadeira profecia (#2Pe 1.19-21) Do princípio ao fim seu testemunho é pessoal, enfático e direto; o teor desta carta assemelha-se muito à maneira clara como Pedro falou de si mesmo no Concílio de Jerusalém (#At 15).

Muito se tem discutido sobre a semelhança entre esta epístola e a de Judas, sendo que esta parece citar 2 Pedro. Seria avançar demais dizer que já está definitivamente resolvido qual das duas epístolas surgiu primeiro. Muitos escritores recentes ainda afirmam que a de Judas foi escrita primeiro, enquanto outros dizem que foi a de Pedro. Por exemplo, Zahn argumenta vigorosamente a favor de ser 1 Pedro mais antiga e que Judas faz citação dela. A diferença real entre as duas é a que existe entre vaticínio e realização. Pedro vaticina o advento dos falsos mestres (#2Pe 2.1); os principais verbos que emprega estão no futuro (cfr. #2Pe 2.1-3,12,13). Usa o presente ao descrever o caráter e o procedimento dos libertinos (#2Pe 2.17 e segs.), mas a presença e o ensino desastroso deles estão colocados no futuro (#2Pe 2.13-14). Judas, por seu lado, refere esses mesmos corruptores como já presentes no meio do povo de Deus e já realizando sua obra nefasta. Judas recomenda com instância a seus leitores que se lembrem das palavras que os apóstolos de Cristo falaram anteriormente, e passa a citar #2Pe 3.3 quase que nas mesmas palavras. Pedro escreve do que se está avizinando; Judas, do que já chegou e, fazendo isso, desenvolve o que Pedro escreveu. A cronologia igualmente dá prioridade a Pedro. Este morreu antes da queda de Jerusalém (70 A. D.), ao passo que a epístola de Judas, segundo se aceita geralmente, foi escrita depois desse acontecimento, provavelmente em 75-80 A. D. Isto é de alguma importância pelo fato de ficar assim evidenciado que Judas confirma 2 Pedro como documento apostólico e igualmente canônico, visto reconhecer Pedro como apóstolo, dotado do espírito profético.

II. OCASIÃO E DATA

Resumindo, vê-se de #2Pe 1.14 que a epístola foi escrita não muito antes do martírio desse apóstolo; a data, pois, seria mais ou menos 66 ou 67 A. D. Tivera notícias acerca da obra dos falsos mestres na Igreja e então exorta os cristãos a perseverarem na verdade, ainda que rodeados de erros e infidelidade. Adverte os falsos mestres sobre o crime que estão cometendo e o perigo que daí decorre, apontando para a segunda vinda do Senhor que para eles não seria ocasião de alegria, senão de juízo. Os cristãos, por outro lado, devem viver à luz dessa vinda; insta com eles para que se santifiquem e sejam

diligentes, ao mesmo tempo humildes, como convém aos que esperam pela aparição do Senhor Jesus.

2Pe-1.1

I. SAUDAÇÃO 2Pe 1.1-2

O apóstolo cumprimenta seus companheiros cristãos, mencionando primeiro seu nome antigo **Simão**, seguido do outro que o Senhor lhe deu, **Pedro**. Denomina-se **servo**, ou escravo, dando a entender que pertence de modo absoluto ao Senhor, a quem obedece, e **apóstolo de Jesus Cristo**. Apóstolo era literalmente aquele que era comissionado (veja-se **#1Pe 1.1**). Dirige-se aos leitores, não como em 1 Pedro a estrangeiros eleitos, mas como aqueles que, diz ele, **conosco obtiveram fé igualmente preciosa**. Sua fé é de igual quilate, donde ser "igualmente preciosa". Gr. **isotimon**, de igual valor, gozando da mesma honra (cfr. **#At 15.7-11**). A posse comum de uma fé preciosa é o laço que os une. Tal fé recebe-se independentemente de mérito do seu recipiente e unicamente na base da **justiça de Deus**. Veja-se **#Rm 3.20-26** onde este termo está plenamente explicado. A ARA sugere que a referência aqui é unicamente a Deus o Filho. No vers. 2 não há tal ambigüidade, parecendo melhor ver no vers. 1 também uma referência a Deus o Pai, tanto quanto a **nosso Salvador Jesus Cristo**. A saudação **Graça e paz vos sejam multiplicadas** (2) está vazada numa fórmula exclusiva de Pedro e Judas. Em 1 Pedro os crentes podem contar que Deus lhes multiplicará graça e paz nos seus sofrimentos. Assim, em 2 Pedro, podem igualmente estar certos de que receberão graça suficiente e abundância de paz para enfrentarem a apostasia que já começa a operar (veja-se **#1Pe 1.2**). Tais bênçãos, contudo, são concedidas mediante o conhecimento que tenham **de Deus de Jesus Cristo nosso Senhor**.

>2Pe-1.3

II. O PROGRESSO DOS CRISTÃOS 2Pe 1.3-21

Todas as coisas que conduzem à vida e à piedade (3). Deus é a fonte de todo o crescimento espiritual. A vida aí mencionada é a nova vida em Cristo e piedade é a expressão dessa vida espiritual. **O divino poder** é a fonte dos dons divinos que advêm pelo mesmo canal que traz a graça e a paz de **#2Pe 1.2**, a saber, **pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude**. Cfr. **#1Pe 2.9**. A "glória" de Cristo era a revelação que Ele fez do Pai (**#Jo 1.14**). Pensam alguns que a "virtude" de Cristo aí não

significa Sua excelência moral (seria desnecessário afirmar isso), antes quer dizer Sua suprema energia e poder. Ao fim de contas, parece preferível a interpretação que dá o termo como significando Sua suprema pureza e santidade, e considera "glória e virtude" em correspondência com "vida e piedade" da cláusula precedente, expressando ao mesmo tempo Seu "divino poder". A palavra **promessas** (4) é peculiar de 2 Pedro, ocorrendo aqui e em **#2Pe 3.13**, onde se refere aos "novos céus e nova terra, nos quais habita justiça". Um dos erros prevaletentes então era uma atitude de ceticismo para com a segunda vinda de nosso Senhor; refutá-lo foi uma das principais finalidades desta epístola. Pedro aqui aborda o assunto preliminarmente, declarando que os dons de Cristo relacionam-se com o futuro, tanto quanto com o presente. Suas promessas são **preciosas** porque não consistem em palavras vazias; são **mui grandes** porque apontam para a perfeição e consumação a que a nossa presente vida se está encaminhando. **Co-participantes da natureza divina** (4). O objetivo das promessas é trazer os homens de volta para Deus, é restaurar neles a imagem de Deus que se perdeu. Quanto à **corrupção das paixões que há no mundo** vejam-se **#Tg 1.14** e **#1Pe 2.11**.

Deus tem feito tudo quanto é necessário implantando a natureza divina, mas o cultivo da nova vida, assim recebida, deve ser providenciado por quem a recebeu, na dependência do poder do Espírito Santo. Donde exorta, o apóstolo, a que exerçam **toda a diligência e crescentem** (gr. **epichoregein**), isto é, que supram ou ministrem sempre mais. O sentido da palavra é prestar o serviço esperado em virtude da posição ocupada. **Associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento** (5). Cada qualidade é considerada uma espécie de solo ou atmosfera em que se nutre a qualidade seguinte. A palavra aqui traduzida conhecimento é **gnosis**, significando que é passível de desenvolvimento, não **epignosis**, como nos vers. 2 e 3, onde o sentido é conhecimento pleno. **Temperança** (6), isto é, domínio próprio (gr. **engkrateia**, o poder de o indivíduo conter-se). **Paciência**; isto é, perseverança. **Piedade** indica verdadeira reverência para com Deus (cfr. **#2Pe 1.3-3.11**). **Fraternidade** (7). Veja-se **#1Pe 1.22**. O verdadeiro distintivo do discípulo cristão é o amor recíproco (**#Jo 13.35**). A existência abundante **destas coisas**, as sete graças mencionadas, levam o crente a frutuosa atividade em Cristo. **Inativos** (8); isto é, "ociosos". Abundando tais graças, Cristo é conhecido mais e mais plenamente. Por outro lado, a ausência destas coisas é índice de cegueira espiritual (9). **Vendo só o que está perto**, de vista curta com relação às coisas celestiais, pelo hábito de fixar os olhos nas coisas do tempo e dos sentidos (cfr. **#2Co 4.18**). Um sinal de a pessoa ter chegado a tal estado é esquecer-se

da **purificação dos seus pecados de outrora**, isto é, o perdão e a purificação que marcaram o início da vida cristã.

>2Pe-1.10

No vers. 10 o apóstolo torna a exortar à diligência, por causa das solenes possibilidades indicadas nos vers. 8 e 9. **Procurai confirmar a vossa vocação e eleição**; cfr. **#1Pe 1.2**, onde o lado divino dessa eleição vem sublinhado. Aqui se dá ênfase à correspondência humana a essa divina vocação. A eleição divina realiza-se mediante a resposta do homem à revelação de Deus. O resultado dessa diligência vem a seguir. **Não tropeçareis em tempo algum** (10); cfr. **#Jd 24. Ser-vos-á amplamente suprida** (11). No vers. 5 disse-lhes o que deviam "acrescentar" (associar). Aqui lhes diz o que é que, se assim fizerem, lhes será ricamente suprido. Deus nada poupará no intuito de aperfeiçoar suas vidas e coroá-las de bênção.

As exortações dos vers. 3-11 são agora confirmadas nos vers. 12-18, com um apelo pessoal e uma consideração dos grandes e indiscutíveis fatos como vêm abonados pelo testemunho apostólico da Transfiguração e pela palavra profética. É claro que uma das idéias dominantes nesta passagem é a lembrança. Seus leitores conhecem a verdade, mas para que não a admitam como hipótese e assim ela deixe de exercer influência na vida deles, o apóstolo declara sua intenção de avivar-lhes a memória desses fatos, trazê-los **lembrados acerca destas coisas** (12) enquanto estiver **neste tabernáculo** (13). A palavra grega e **skēnoma**, "tenda", usada metaforicamente do corpo como a habitação da alma (cfr. **#2Co 5.1**). A palavra lembra a natureza frágil e temporária do corpo terreno. A comparação do corpo com uma tenda combina com o conceito geral da vida como peregrinação. Pedro fala de sua partida como o deixar, diz ele, **o meu tabernáculo** (14) e declara que Cristo lhe revelou "por qual gênero de morte ele glorificaria a Deus". É alusão ao vaticínio de nosso Senhor em **#Jo 21.18**. Note-se a tradução: "sabendo que depressa deixarei meu tabernáculo", isto é, o fato dar-se-ia de repente, sem aviso. Está solícito por que eles conservem a lembrança destas verdades depois de sua partida. **Partida** (15); gr. **exodos**, "saída", a mesma palavra empregada em a narrativa da Transfiguração (**#Lc 9.30** e segs.).

>2Pe-1.16

O apóstolo corrobora sua posição dando seu próprio testemunho acerca da Transfiguração de Cristo. Ele, assim como os outros apóstolos, não seguiam

fábulas engenhosamente inventadas (16); gr. *mythoi*, "mitos" (cfr. #1Tm 1.4; 4.7; #2Tm 4.4; #Tt 1.14). Alude às falsas acusações assacadas contra eles por seus perseguidores, a saber, de inventarem histórias deliberadamente, como meio de obter dinheiro e influência. Pedro assevera que não se ocupou de ficções, da imaginação humana, mas de fatos históricos quando lhes pregou o poder (cfr. #2Pe 1.3) e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (16), alusão ao segundo advento. Seu espírito retrocede ao passado, para o que testemunhou no monte da Transfiguração. Ele e os outros dois discípulos foram testemunhas oculares da Sua majestade (16). A Transfiguração é considerada aqui como uma antecipação, um penhor da glória a ser revelada "quando o Filho do homem vier em sua glória". Pedro, com Tiago e João, presenciou o testemunho do Pai acerca do Filho, prova esta do poder e autoridade da mensagem do evangelho. A voz procedeu da Glória Excelsa (17); gr. *megaloprepes*, de *megas*, grande, e *prepo*, adequada ou conveniente; donde majestosa, adequada a um grande homem. (Cfr. o testemunho em #Jo 1.14 "vimos a sua glória"). Segue-se a confirmação profética. O argumento é que a profecia vétero-testamentária concernente ao Messias ficou mais firme (19) com a confirmação da Transfiguração, juntamente com os fatos da vida terrena e ministério de Jesus. Essas Escrituras proféticas são como "candeia que brilha em lugar escuro" (19). As trevas mostram a necessidade que se tem da luz divina. No grego a palavra escuro é *auchmeros*, de *auchmos*, que significa secura produzida por excessivo calor; donde querer dizer seco, sombrio, escuro, "esquálido". A luz da Escritura revela a sujeira do pecado. Até que o dia clareie, e a estrela da alva nasça (19); é outra alusão à segunda vinda do Senhor (cfr. vers. 16). A estrela da alva aparece como precursora da aurora e é seguida da gloriosa aparição da plena luz do sol. Nesta conexão o Dr. W Griffith Thomas (*The Apostle Peter*) sugere que a frase em vossos corações deve ser separada destoutra até que... a estrela da alva nasça, ligando-se ela às palavras fazeis bem em atendê-la; de outro modo a implicação seria que os cristãos estavam naquele tempo em trevas, o que dá uma idéia errônea do que o apóstolo quer dizer.

>2Pe-1.20

O vers. 20 alude ao desvirtuamento da Escritura pelos falsos mestres considerados no cap. 2. Interpretação; gr. *epilyseos*, soltar, desenvolver, elucidar. Particular; gr. *idios*, lit. "seu próprio". É possível interpretar isto de dois modos. O pensamento pode ser semelhante ao de #1Pe 1.10-12; isto é, os escritores da Escritura não explicavam por si mesmos as palavras inspiradas (sopradas) por Deus, mas o verdadeiro sentido delas era-lhes revelado. Ou

pode a referência ser àqueles que receberam as profecias e têm em mente os falsos mestres que Pedro vai referir, os quais propagam suas próprias, particulares e falsas interpretações das Escrituras do Velho Testamento. Ninguém podia produzir uma profecia a seu talante, quando quisesse. A profecia vem da iluminação do Espírito Santo; o homem não pode compreendê-la ou interpretá-la independentemente do auxílio do mesmo Espírito Santo. Esta referência direta ao Espírito Santo é a única desta epístola. Pedro é muito claro relativamente à origem das Escrituras. A profecia foi-lhe entregue assim como é entregue a nós. Note-se a importância do termo grego **pheromenoi**, sendo "levado" ou "conduzido" pelo Espírito Santo. Paulo faz a importante declaração (**#2Tm 3.16**) de que toda Escritura é "dada por inspiração de Deus" e assim assevera a inspiração desses escritos. Aqui Pedro declara que homens santos de Deus foram movidos pelo Espírito Santo, afirmando assim a inspiração desses escritores. A figura por ele usada é muito vívida. Esses escritores foram levados pelo Espírito Santo, como navio a vela é levado pelo vento. Isto não obriga a concluir que foram instrumentos inconscientes ou meras máquinas; mas quer dizer enfaticamente um controle e um poder "dirigente" muito além do que a vontade humana ou a imaginação possa reivindicar para si. Temos aqui a base não somente da doutrina da inspiração das Escrituras, senão também de serem elas dignas de confiança, ou "infalíveis" (veja-se também **#1Pe 1.11** e segs.).

2Pe-2.1

III. FALSOS MESTRES 2Pe 2.1-22

Em volta deste capítulo tem-se travado a controvérsia denominada de Pedro-Judas (ver a **Introdução**). A semelhança entre os dois documentos é muitíssimo impressionante, cfr. especialmente **#2Pe 2.2,4,6,11,17**; **#Jd 4-18**. Sugere-se que os erros denunciados por ambos os escritores tiveram sua origem em Corinto; que a desordem se espalhava; que Pedro se alarmou e escreveu sua segunda epístola, mandando uma cópia a Judas com o aviso de que o perigo urgia; e que Judas imediatamente despachou uma carta idêntica às igrejas nas quais estava interessado pessoalmente. Comparem-se as notas aqui apresentadas com o comentário acerca de Judas.

a) Sinais dos falsos mestres (2Pe 2.1-3)

Começa este capítulo lembrando que na história de Israel muitos falsos mestres surgiram; cfr. **#1Rs 22**; **#Jr 23**; **#Ez 13**; **#Zc 13.4**, etc. Nosso Senhor

também advertiu contra falsos mestres; cfr. #Mt 7.15; #Mt 24.11 e segs. Pedro confirma agora tais advertências. Da parte final deste capítulo colhe-se que esses falsos mestres já haviam aparecido e estavam agindo na Igreja (vejam-se os vers. 9-19). A palavra **encobertamente** faz supor a presença de espião ou traidor. Cfr. #Gl 2.4 onde o grego **pareisaktos** se traduz na RV por "entremeteram-se secretamente". No mesmo verso **pareiserchomai** se traduz por "penetraram ocultamente". Em ambos os casos alude-se aos judaizantes introduzidos pelo partido da circuncisão, para subverterem a fé, cfr. também #Jd 4 onde **pareisiduo** sê traduz por "introduziram-se dissimuladamente". O sinal característico de tais falsos mestres é introduzirem **heresias destruidoras** (1); "seitas de perdição". O termo grego **hairesis** indica primeiramente "escolha"; daí aquilo que se escolhe, donde opinião, especialmente uma opinião obstinada, que conduz a divisão e a formação de seitas (cfr. #At 24.5). No Novo Testamento o termo "heresia" não implica opinião errônea somente, mas a adoção de falsos padrões de conduta. Uma heresia sempre é uma negação da obra e da autoridade de Cristo. **O Senhor que os resgatou** (gr. **despotes**) implica absoluto senhorio e domínio, pensamento este que o apóstolo frisa quando alude a "compra" ou resgate, tal como um senhor que compra um escravo (cfr. #1Pe 1.18; #1Co 6.20; #1Co 7.23). Note-se que Pedro não alimenta dúvida quanto ao resultado de tal procedimento.

Do resto desta epístola vê-se que a heresia em causa era o antigo antinomianismo, isto é, a doutrina de que sob a dispensação do evangelho a lei moral não mais obriga, visto como para a salvação é bastante a fé. **O caminho da verdade** será desacreditado aos olhos do mundo por causa da frouxidão moral permitida, pregada e praticada pelos falsos mestres e por aqueles que lhes caíram nas malhas, à força de suas **palavras fictícias** (3), gr. **plastois**, "moldados" (cfr. "plástico"), e pela **cobiça** (avareza) deles, ou ambição de lucro, com que exploravam os incautos. Sua condenação, porém, era certa. O juízo **não tarda** (3); sua **destruição não dorme**, esperando a hora aprazada.

Confirma-se isto com três ilustrações tiradas do Velho Testamento.

>2Pe-2.4

b) A certeza do juízo (2Pe 2.4-9)

1. A QUEDA DOS ANJOS (#2Pe 2.4) -**Se Deus não poupou os anjos que pecaram**. Vejam-se as notas sobre #Jd 6-8. Não há no Velho Testamento referência específica a uma queda de anjos, a não ser que #Gn 6.1-4 se

interprete neste sentido. Há contudo freqüentes alusões no livro de Enoque a tal queda, e descrições de sua natureza. Pode ser que tais alusões se derivem de uma interpretação da passagem do Gênesis, segundo a qual "os filhos de Deus" são anjos. Plummer sugere que os falsos mestres podiam ter feito uso desse livro de Enoque na doutrinação perversa que empreendiam, e que Pedro introduz aqui a referência como uma espécie de **argumentum ad hominem** contra eles. Então Judas, reconhecendo a alusão, perfilhou-a e esclareceu-a ainda mais. **Precipitou-os no inferno**; gr. **tartarosas**. "Tártaro" era o nome dado ao mais profundo abismo do mundo inferior, e era considerado como muito mais abaixo do Hades, apesar de algumas vezes o termo ter sido usado como sinônimo dele. **Entregou-os às cadeias da escuridão** (4). Certas autoridades oscilam de opinião entre esta tradução e a da ARA, "abismos de trevas"; isto é, sobre os termos gregos **seirais** e **seirois**. Provavelmente o termo "abismos" condiz mais com a idéia de Tártaro, que vem imediatamente antes. Em qualquer caso o sentido é óbvio. **Reservando-os para juízo**. No livro apocalíptico de Enoque 6-19, vem uma narrativa acerca dos anjos caídos e a relação dele, Enoque, para com tais anjos. As trevas foram-lhe mostradas e lá ele viu "os prisioneiros (os anjos) pendurados, reservados para o juízo eterno, e o aguardando".

>2Pe-2.5

2. O DILÚVIO (#2Pe 2.5) -**Noé** chama-se aí **pregador da justiça**. No Gênesis declara-se explicitamente que "Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus" (#Gn 6.9). **Noé a oitava pessoa**. É idiotismo grego equivalente a "Noé e mais sete pessoas" (veja-se a ARA).

>2Pe-2.6

3. A SUBVERSÃO DE SODOMA E GOMORRA (#2Pe 2.6-9) -Note-se o paralelismo com #Lc 17.26-29; veja-se #Jd 7. Nenhuma referência Judas faz ao livramento de Ló. É significativo o que Pedro diz deste. Tão justo era que sua alma se afligia diariamente com a vida dissoluta dos insubordinados que o cercavam (7). O vers. 9 é a apódose, ou segunda parte da sentença condicional, da qual os vers. 4-8 são a prótase, ou primeira parte. A sentença portanto é: "Ora, se Deus não poupou anjos... e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé... e reduziu a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra... e livrou o justo Ló... (então) **o Senhor sabe livrar da provação os piedosos**. Ele também sabe "reservar, sob castigo, os injustos" agora; não é apenas referência a castigo em alguma era futura. O verbo está na voz passiva, lit.

"sendo castigados". **Para o dia de juízo**; cfr. a expressão vétero-testamentária "dia de Jeová", o tempo em que Deus Se manifesta para vindicar a justiça. No Novo Testamento a expressão está associada à segunda vinda de Cristo para julgar o mundo. "Os ímpios já sofrem as conseqüências do seu pecado, mas a justa medida do seu castigo ser-lhes-á infligida logo mais" (Cent. Bible).

>2Pe-2.10

c) Outra vez os falsos mestres (2Pe 2.10-16)

Não há no grego nenhuma interrupção de sentido entre os vers. 9 e 10, embora o apóstolo pareça continuar a descrever mais amplamente os falsos mestres. Esses malvados admite-se que existem no meio dos que fizeram profissão de Cristianismo. Seu caráter é apresentado primeiro como licencioso e obstinado. São libertinos, carnavais, dados a imundas paixões; também afrontam a autoridade dos poderes civis, isto é, praticam suas abominações de um jeito a escaparem do alcance da letra da lei. O termo **governo**, ou dominação (gr. **kyriotes**), é empregado duas vezes por Paulo (**#Ef 1.21**; **#Cl 1.16**) e se traduz por domínio, "senhorio". Igualmente em **#Jd 8**. É possível referir-se a nosso Senhor, porque os falsos mestres desprezavam o Senhorio de Cristo, que era o tema central das mensagens apostólicas. "Atrevidos, obstinados, não receiam difamar as dignidades" (10). **Dignidades**; gr. **doxa**, isto é, uma aparência de respeitabilidade imponente, ou manifestação de glória; emprega-se a propósito dos poderes angélicos em virtude do seu estado, a exigir reconhecimento. O vers. 11 é obscuro e difícil. O procedimento audacioso dos falsos mestres é contrastado com o comportamento mais decente dos anjos que, ao enfrentarem o mal, não injuriam os seus oponentes. A interpretação torna-se mais clara à luz de **#Jd 9**.

>2Pe-2.12

Pedro detém-se a referir às características deles. São **brutos irracionais**, isto é, considera-os meros animais de nascença, **feitos para presa e destruição** (12). Como os animais caem em armadilhas, levados pela avidez de satisfazer seu apetite, assim a auto-satisfação trai esses falsos mestres para a ruína deles (veja-se a Cent. Bible). Todo o contexto dá a entender um abismo indescritível de degradação e infâmia. Não há linguagem bastante forte que exprima a condenação sarcástica do apóstolo. Adiante fala da temeridade deles. Falta-lhes qualificação espiritual e intelectual para o ofício de mestre que usurparam e por isso **falam mal daquilo em que são ignorantes**. Sua condenação, porém, é

certa. Na sua destruição também hão de ser destruídos (12). O idiotismo grego, mostrando ênfase com a repetição da mesma raiz tanto no substantivo como no verbo é conservado na ARA. Havendo feito mal aos outros, incorrerão na retribuição de ser igualmente alcançados pelo mal.

>2Pe-2.13

Prossegue e agora trata da sensualidade dos tais. Consideram como prazer a sua luxúria carnal em pleno dia (13). Via-se nisto o auge da auto-satisfação e do pecado (cfr. #At 2.15; #Rm 13.13-14; #1Ts 5.7). O grego *tryphe*, traduzido aqui "regalar-se é cognato da palavra *etriphe* de #Tg 5.5, que a ARA traduz "tendes vivido regaladamente". É, pois possível que "em pleno dia", gr. *en hemera* (i), signifique "num dia de juízo", isto é, numa grande crise da história da Igreja e do mundo. Tais homens também são hipócritas. Quais nódoas e deformidades, eles se regalam nas suas próprias mistificações, enquanto banqueteam junto convosco (13). Os MSS aqui e em #Jd 12 variam entre *apatais*, "mistificações", e *agapais*, "festas de amor" (banquetes). Esta última palavra é mais geralmente preferida. As festas de amor a princípio celebravam-se em conjunto com a Ceia do Senhor, mas depois ficaram separadas. Tais festas eram um testemunho de nova fraternidade, nas quais ricos e pobres se reuniam (ver #1Co 11.17-22). O sentido da passagem parece ser que esses falsos mestres, mesmo vivendo em pecado, não hesitavam em freqüentar as festas de amor dos cristãos, e delas fazendo até ocasião de deleite. A sensualidade dos tais refletia-se-lhes nos olhos, e eram incapazes de recuar ante o pecado da satisfação dos seus apetites carnis. O abismo do pecado deles sonda-se pela frase *engodando almas inconstantes* (14). Não apenas procuravam satisfação em horrível iniquidade, como também aliciavam cristãos fracos e jovens para os imitar. E assim, à ganância de lucro, já mencionada, acrescentavam essa devassidão. O caráter deles é resumido na palavra que o apóstolo ajunta, *filhos malditos* (cfr. "filho da perdição", #2Ts 2.3; "filhos da ira", #Ef 2.3): *abandonando o reto caminho, se extraviaram, seguindo pelo caminho de Balaão* (14-15; cfr. #Nm 22.23; #Nm 31.8,16). Balaão é retratado no Velho Testamento como pessoa que tinha verdadeiro impulso profético, havendo sido comissionado por Deus para transmitir Suas mensagens. Não obstante, permitiu que a ambição do lucro triunfasse sobre esse impulso para sua ruína final. Não podia haver nada melhor a que comparar o pecado particular desses falsos mestres e a condenação a que esse pecado os levava. Balaão permanece nas Escrituras como exemplo da pessoa que conhece o que é certo, mas deliberadamente faz o que é errado, expondo-se assim ao tremendo perigo de brincar com a consciência ou tentar, por assim

dizer, negociar com Deus, mas de tal jeito que os lucros da desobediência sejam colhidos sem que se Lhe desobedeça formalmente. Sua tentativa de forçar a vontade de Deus a conformar-se com seus próprios planos e objetivos, causou um desastre a Israel e a ele mesmo levou a um fim calamitoso e desonroso. Nas pegadas de Balaão e na direção de sua ruína os falsos mestres andavam ousadamente. Note-se a repetição do vers. 13, **amou o prêmio da injustiça**, para frisar o paralelismo entre os falsos mestres do Velho Testamento e os do Novo.

>2Pe-2.17

d) A influência dos falsos mestres (2Pe 2.17-19)

São **como fonte sem água** (17); isto é, vazios e sem real vitalidade. Como nuvens em tempestade, são instáveis e duvidosos (cfr. **#Ef 4.14**, "levados à volta por todo vento de doutrina"), isto é, não têm convicções firmadas em princípios. Sua ruína é predita outra vez. **A negridão das trevas** (17). Declara o apóstolo que o ensino desses hereges é pretensioso e desmoralizante. Consistem **palavras jactanciosas de vaidade** (18; Moff. "futilidades arrogantes"), expressão que traz as idéias de exagero, empáfia, fantasia e vacuidade. Tal ensino é desmoralizante pelo fato de encontrar como presas fáceis pessoas que **estavam prestes a fugir dos que andam no erro** (18) e, apelando às suas paixões latentes, seduzi-los para o caminho da satisfação sensual. A tragédia é que, embora esses falsos mestres proclamem liberdade na esfera do pensamento e da vida prática, abolição de restrições morais e a satisfação dos desejos naturais, estão realmente forjando grilhões para as suas vítimas. São dominados por seus próprios maus desejos e, conseqüentemente, estão em angustiada escravidão.

>2Pe-2.20

e) Decaindo da graça (2Pe 2.20-22)

Muito se tem discutido se estes versículos se referem aos falsos mestres ou aos por eles desencaminhados. De um modo geral, parece melhor considerar aplicáveis aos falsos mestres as particularidades do juízo aqui declaradas. Se a referência é a convertidos que foram enganados e traídos, por fraqueza e inexperiência, parece quase incrível que a ruína deles seja desesperadora. Por outra parte, parece apropriado o castigo reservado aos mestres que têm procedido assim, a despeito da verdade e da pureza. Tais homens não foram sempre hipócritas e pretensiosos. Mediante Jesus Cristo **conheceram** um dia o

caminho da justiça (21) e até enveredaram por ele, resultando escaparem das "contaminações do mundo" (20). Agora porém voltaram a ser engodados e enredados. Quanto ao sentido do vers. 21, veja-se **#Hb 6.4-6**; **#Hb 10.26-31,39**, e o Apêndice III a Hebreus que trata das passagens admonitórias dessa epístola. Existe algo não só decepcionante como em certo sentido repugnante nessa queda das culminâncias da experiência cristã para os abismos da degradação. É o que vem expresso em dois provérbios, o primeiro tirado de **#Pv 26.11**, e o segundo de origem desconhecida. O sentido desses provérbios é que os pecados a que os falsos mestres haviam tornado eram nojentos, e o fato de haverem caído neles mostrava que no íntimo, ainda eram maus. A natureza das tais pessoas, em que o pecado se entranhara tão profundamente, não havia sofrido mudança.

2Pe-3.1

IV. A ESPERANÇA DOS CRISTÃOS 2Pe 3.1-18

a) A promessa da vinda de nosso Senhor (2Pe 3.1-7)

O capítulo final da epístola começa referindo o propósito que o apóstolo teve em escrever, a saber, **despertar com lembranças a vossa mente esclarecida** (cfr. **#2Pe 1.12**), recordar-lhes o ensino dos profetas e dos apóstolos, especialmente os avisos de que nos últimos dias se levantariam homens que ridicularizariam a idéia da segunda vinda do Senhor, lá do céu. Alguns por engano têm pensado que o cap. **#2Pe 3.1** começava outra epístola, a qual editores não conhecidos juntaram à primeira e à segunda epístolas. Esse verso, realmente, reata o pensamento de **#2Pe 1.12-13**, e tem o intuito de frisar a explicação do aparecimento dos falsos mestres.

Em toda a perniciosa doutrinação deles havia um ponto que era desastroso de maneira especial, a saber, o ceticismo zombeteiro deles com referência à segunda vinda. A dúvida que lançavam sobre isto não apenas ia de encontro ao próprio fundamento do ensino apostólico, mas inevitavelmente produzia um efeito negativo na vida moral da comunidade cristã, incentivando um afrouxamento dos laços morais e uma auto-satisfação pecaminosa. Pedro encara a questão frontalmente, expõe a fraqueza dos argumentos apresentados pelos falsos mestres quanto a retardar o Senhor a Sua vinda e, colocando diante dos leitores o ponto de vista mais correto, exorta a uma maneira de vida conveniente àqueles que aguardam o Senhor lá dos céus. Desperta-lhes a "mente esclarecida" (cfr. **#1Co 5.8**; **#2Co 1.12**; **#2Co 2.17**; **#Fp 1.10**). O apóstolo dá testemunho da realidade da vida espiritual deles. Um antídoto

eficaz contra as falsas doutrinas é rememorar o ensino que se recebeu e nele permanecer. O apóstolo apela para as mesmas testemunhas já invocadas em #2Pe 1.16-21. Ao ensino apostólico, denominado **mandamento** (2), une uma referência à profecia do Velho Testamento, exortando-os a dar particular atenção a este ensino à luz dos perigos que os cercam. Estes perigos são três: escárnio, vida pervertida e ceticismo (3-4). Tal ceticismo escarnejava de uma expectativa profundamente acariciada, a saber, a volta iminente do Senhor. A realização dessa esperança não se verificara ainda, não parecendo haver resposta pronta à pergunta dos céticos, a argumentarem que **desde que os pais dormiram** a ordem natural não sofrera solução de continuidade. A referência pode ser aos progenitores de Israel, ou à primeira geração dos discípulos de Cristo que haviam morrido sem ver o advento que aguardavam (cfr. #1Ts 4.15). Para que a esperança deles não se tornasse em dúvida ou completo desespero, Pedro propõe um corretivo. Mostra a irrealidade e o deliberado pecado desse ceticismo. Eles têm obstinadamente desdenhado do ensino claro de #Gn 1, onde se regista a criação. A terra, os céus, a água foram feitos pelo **fiat** divino, **pela palavra de Deus** (5). Além disso, **o mundo, então existente, pereceu afogado em água** (6). Portanto, não era verdade que tudo tem continuado como desde o princípio. E passa a avisar aos escarnecedores que, como antes a água foi o instrumento de que Deus se serviu para destruir, assim agora o fogo só está aguardando o tempo por Deus marcado para fazer a mesma obra. Embora o Senhor tarde, seus juízos são certos e seus instrumentos estão prontos, à Sua disposição (cfr. #2Pe 2.3).

>2Pe-3.8

b) Explicação da demora (2Pe 3.8-10)

Tem sua razão de ser no caráter e no propósito de Deus. Deus não é limitado pelo tempo. Há uma diferença entre o método divino de calcular e o método humano. **Para com o Senhor, um dia é como mil anos** (8), dedução do #Sl 90.4 (LXX). "Mil anos aos teus olhos são como o dia de ontem". Na eternidade de Deus mil anos valem menos do que um dia da curta vida do homem. Esta pertence à ordem temporal e se assinala por divisão do tempo. A ordem eterna é diferente. A demora, pois, não é nenhum índice de indiferença. Qualquer aparente demora deve-se antes interpretar como oriunda de compaixão misericordiosa. O propósito de Deus é de amor e comiseração (9). Sua demora é mais uma oportunidade de salvação. Não é sinal de esquecimento de sua parte, senão que Ele se apraz em retardar a vinda. **O dia do Senhor virá**, todavia; isto é absolutamente certo (10). Sua longanimidade é contrabalançada por Sua justiça. Viril, subitamente, **como ladrão de noite**, quando os homens

estiverem despercebidos (cfr. #Mt 24.43; #1Ts 5.2). Daí a necessidade de vigilância constante e preparação. Nesse dia os céus passarão (cfr. #Mc 13.24; #Is 34.4) com estrepitoso estrondo (gr. rhoizedon). O substantivo rhoizos usa-se a propósito do zunido da flecha ou parece aludir ao rugido de um incêndio, ou provavelmente ao enrolamento dos céus como pergaminho (cfr. #Is 34.4). Os elementos (10); gr. stoicheia, ("corpos celestes", isto é, o sol, a lua e as estrelas) e isto oferece a interpretação com que todos em geral concordam.

>2Pe-3.11

c) Resultados práticos (2Pe 3.11-13)

Tão terrível perspectiva do fim da presente dispensação deve produzir poderoso efeito na vida e na conduta. O espírito do homem nada mais horrível pode conceber do que ser apanhado despercebido e sem preparo para essa visitação divina. Por outra parte isto, para o crente, deve ser um incentivo para viver santamente. No grego as palavras santo procedimento e piedade (11) estão no plural, significando "toda espécie de". Uma vida santa produzirá o efeito de fazer-nos aguardar e desejar ardentemente (apressando) a vinda do dia de Deus (12). Esta última expressão é incomum; é empregada para referir o tempo "por causa do qual" (ARA) deverão ocorrer estas convulsões físicas, que darto lugar aos novos céus e à nova terra, nos quais habita Justiça (13); isto é, a justiça residirá permanentemente aí. Segundo a sua promessa (13); cfr. #Is 65.17, e quanto ao seu cumprimento veja-se #Ap 21.1.

>2Pe-3.14

d) Exortações finais (2Pe 3.14-18)

Raciocina o apóstolo que o resultado lógico destes avisos e promessas deve ser um esforço ardoroso por uma vida santa. A atitude que convém à pessoa que aguarda a vinda do Senhor não é de ociosa antecipação nem de excitado temor, mas é de vigilância confiante e preparação. Diligência por ser achado por ele em paz (14), não a paz da quietude e silêncio, mas da harmonia e ausência de discórdia; isto é, cooperação sem atritos ou desavença prejudicial entre a vontade do homem e a de Deus. Sem mácula e irrepreensíveis (14); gr. aspiloi kai amometoi em contraste com os falsos mestres dos quais se diz serem spiloi kai momoi em #2Pe 2.13. Como sob o velho concerto as ofertas que se faziam a Deus deviam ser íntegras e sadias, assim a consagração dos cristãos a Deus deve ser isenta de qualquer mancha de sua parte. A longanimidade de nosso Senhor é salvação (15); Pedro reafirma o que já disse no vers. 9. Em vez de queixarem-se da aparente demora da volta do Senhor e

tê-la como descaso, devem considerar a coisa como uma oportunidade graciosamente concedida a eles de se arrependerem e de realizarem a salvação que Deus neles operou. **Como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu.** É impossível dizer com certeza a qual das cartas paulinas Pedro se refere, mas parece muito provável seja a Epístola aos Romanos. Diz que Paulo não é apenas companheiro cristão, mas um colega e irmão de apostolado, reconhecendo francamente sua inspiração e autoridade, **a sabedoria que lhe foi dada.** Desta forma ele tira a dúvida do espírito de seus leitores acerca de alguma discrepância entre a doutrinação e a atitude de Paulo e a sua concernente à segunda vinda. A apreciação já feita às epístolas de Paulo é também indicada. Pedro as associa às Escrituras do Velho Testamento, chamando-as assim Palavra de Deus. Já naquela época os **ignorantes e instáveis** começaram a **deturpar** (16); isto é, torcer ou esticar, como em aparelho de tortura, o ensino do apóstolo, da mesma forma como faziam às demais Escrituras, "Ignorantes" aqui significa, de fato, não adestrado no estudo das Escrituras.

O último aviso de Pedro é **acautelai-vos: não suceda, que descaias da vossa própria firmeza** (17). Foram fielmente avisados acerca dos perigos que os cercavam e da possibilidade de fracassarem diante dos mesmos. Os falsos mestres eram talentosos e influentes. Por isso, tanto mais era preciso que estivessem vigilantes, para não se deixarem levar por eles. Era muito natural que a última exortação do apóstolo fosse **crecei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo** (18). A graça é aquela de que Cristo é Doador. Ela os circunda e sustenta e é a própria atmosfera em que vivem. Permanecendo nela, devem continuar crescendo, porque é somente pelo crescimento constante que a possibilidade de cair pode ser eficazmente afastada (cfr. **#1Pe 2.2**). Contudo, cumpre-lhes também crescer no conhecimento do seu Senhor. Conhecimento de Deus implica experiência pessoal e companhia contínua, que são o segredo da firmeza e progresso do cristão.

A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno. Amém (18), forma de doxologia da qual **#Jd 25** é desenvolvimento e adaptação. "Como no dia eterno". A expressão, assim traduzida, é única. A despeito de todas as perplexidades, oposições e fracassos, os cristãos são exortados a louvar a Deus, atribuindo-Lhe glória tanto agora como no dia eterno, cujo raiar será precedido e anunciado pela vinda do Senhor.

ANDREW McNAB

AS EPÍSTOLAS DE JOÃO

I JOÃO: INTRODUÇÃO

As epístolas que trazem o nome de João são anônimas. A primeira não tem dedicatória nem assinatura. Há, porém, afinidades tão íntimas entre ela e o quarto Evangelho, no tocante ao estilo e à matéria versada, que a maioria dos eruditos concorda que os quatro escritos tiveram um só autor. Até mesmo os poucos que pensam diferentemente são constringidos a admitir que o escritor da primeira epístola deve ter sido alguém que recebeu forte influência do autor do Evangelho. Não há razão para se rejeitar a tradição de ter sido o apóstolo João, filho de Zebedeu, o autor dos quatro documentos.

Existe íntima ligação entre o Evangelho e a primeira epístola; com efeito, a epístola é de fato uma seqüência do Evangelho. Este traz a declaração específica de ter sido escrito "para que creiais ser Jesus o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (#Jo 20.31). A epístola foi escrita "a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus" (#1Jo 5.13). O Evangelho foi escrito para despertar fé para com Jesus Cristo, fé vivificante; a epístola, para justificar a certeza da posse dessa fé, e para instruir nas verdades da mesma.

A epístola foi escrita num tempo em que falsa doutrina, do tipo gnóstico, havia surgido e até levado alguns a se afastar da igreja (#1Jo 2.19). O gnosticismo assumia muitas formas, porém sua idéia fundamental parece que sempre foi a seguinte: a matéria é má, só o espírito é bom, porém pelo saber (gr. *gnosis*), de uma espécie só conhecida pelos iniciados, o espírito do homem pode libertar-se de sua prisão material e erguer-se para Deus. Onde tal sistema se associou ou se uniu ao Cristianismo, seguiram-se resultados sérios. Em primeiro lugar, negava a possibilidade de uma real encarnação, porque, sendo Deus bom, não lhe era possível que viesse a entrar em contacto com a matéria má; e isto, por sua vez, afastava a possibilidade da expiação, porque o Filho de Deus não podia ter sofrido na cruz. Outrossim, se a salvação vinha pelo saber, podia-se sustentar que era de todo sem valor uma vida correta, e as piores formas de gnosticismo acobertavam, com a capa do saber, nojentas licenciosidades. Esta epístola tem por finalidade, expressamente declarada, expor e refutar essas idéias errôneas. "João apresenta nesta epístola três sinais de um verdadeiro conhecimento a respeito de Deus e de comunhão com Ele, sem o que era falsa toda pretensão de se possuírem estes altos privilégios. Os três sinais são, primeiro, justiça de vida; segundo, amor fraternal; e terceiro, fé

em Jesus como Deus encarnado". Esses três temas surgem continuamente, aqui e ali, através da carta.

Esta epístola é orientada por dois grandes pensamentos acerca de Deus-Deus é luz (#1Jo 1.5) e Deus é amor (#1Jo 4.8-16). Deus é o sol do firmamento espiritual, a fonte de luz para o espírito, e de calor para o coração dos Seus filhos. Daí procede a responsabilidade que os filhos tem de viver de acordo com os elevadíssimos padrões morais e, como já notamos, isto é, enfatizado repetidamente (ver #1Jo 2.1-6; #1Jo 3.3,6,9; #1Jo 5.1-3). Entretanto, não encontramos aí nada parecido com admoestação ríspida; pelo contrário. o escritor dirige-se aos leitores com conhecimento íntimo deles, com solicitude paternal e interesse afetuoso-"Filhinhos", "Amados", "Filhinhos, ninguém vos engane", "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos".

1Jo-1.1

I. PRÓLOGO 1Jo 1.1-4

Estes versículos constituem, no grego, uma sentença altamente condensada e complicada, e não se apresenta sem dificuldades. Contudo, o seguinte parece ser o que importa.

A mensagem do Evangelho está resumida na frase significativa o **Verbo da vida** (1), sendo que o **Verbo** lembra Aquele que no princípio estava "com Deus" (#Jo 1.1), "fez-se carne" e armou a tenda de sua habitação entre os homens (#Jo 1.14); e **vida** lembra-nos que "nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens" (#Jo 1.4). Este Evangelho não era nenhuma inovação ou coisa recentemente inventada (era desde o princípio), nem se ocupava de alguma figura mitológica, como as formas vagas dos mistérios gregos, mas de uma Pessoa genuína e histórica, que fora **ouvida, vista** e até **apalpada** (1; cfr. #Lc 24.39; #Jo 20.20-24 e segs.). A mensagem do Evangelho não é uma teoria ou conto de fadas, mas o registo da vida e da presença entre os homens do Deus vivo, de forma tangível na pessoa de Seu Filho.

No inopinado parêntese com que começa o vers. 2, João apresenta sua justificativa para falar assim de Jesus Cristo, a saber, que ele fala de experiência própria. O que ele referiu (no seu Evangelho) não era "fábula engenhosamente inventada" (#2Pe 1.16), nem mesmo uma história ouvida contar de outros, mas um testemunho de primeira mão de benditos privilégios por ele mesmo gozados e por muitos outros que entraram em contacto íntimo

com Jesus Cristo durante os dias de Sua vida terrena. Eram notícias boas demais para eles guardarem para si só; precisavam **dar testemunho**.

A mensagem desse Evangelho fora proclamada aos que recebem agora a epístola, a fim de que possam gozar comunhão com aqueles que a proclamaram. Contudo, a cláusula **para que vós igualmente mantenhais comunhão conosco** (3) não só significa "a fim de que haja relações amistosas entre nós", mas "a fim de que participeis conosco de nossa relação com o Pai e o Filho". A idéia básica de comunhão (gr **koinonia**) é ter coisas em comum, é participação, parceria, sociedade, idéia esta muito conhecida no mundo dos negócios (cfr. **#Lc 5.10**). Especificamente a comunhão ou sociedade cristã é uma participação da vida comum em Cristo, mediante o Espírito Santo, e sugere-nos o dom de Deus. É sociedade **com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo** (3).

No vers. 4 o verbo **escrevemos** e seu sujeito **nós** são enfáticos no grego, frisando que a mensagem está redigida numa forma precisa e permanente, tendo sido escrita "por aqueles que tinham plena autoridade para fazê-lo" (Westcott). Na segunda cláusula não se tem certeza se devemos ler **vossa** alegria, ou "nossa alegria" (ARA), sendo que a evidência manuscrita é ligeiramente favorável a esta última forma (nossa). Leia-se de um ou de outro modo, isso não tem muita importância, como Brooke faz notar, "Na colheita espiritual, semeador e ceifeiro alegram-se juntos". O ponto essencial é que verdadeiro gozo vem somente da comunhão com Deus.

>1Jo-1.5

II. AS CONDIÇÕES DA COMUNHÃO COM DEUS 1Jo 1.5-2.6

Havendo esclarecido que o seu propósito em escrever é que seus leitores entrem em sociedade (comunhão), João agora passa a deduzir da natureza de Deus as condições dessa comunhão. **Deus é luz**, diz ele, **e não há nele treva nenhuma** (5; cfr. **#Sl 27.1**; **#Jo 1.4-9**). Este simbolismo dirige nossas mentes para o esplendor e a pureza de Deus, e para a iluminação a que nossas vidas se expõem. Nada se pode ocultar dEle (cfr. **#Sl 90.8**), e sendo luz, Ele exige que Seu povo **ande na luz** (7).

O escritor trata a seguir de três obstáculos à comunhão. Primeiro, é a alegação de estarmos em comunhão com Ele, enquanto andamos em trevas (6). Isto é mentira, porque, Deus sendo luz, não é possível estarmos em comunhão com

Ele e ao mesmo tempo estarmos em trevas. Luz e trevas são incompatíveis. Lembra-se-nos que o Cristianismo é essencialmente prático. No caso das pessoas descritas por João, a vida desmente as palavras. A frase **andarmos na luz** (7) provavelmente lembra as palavras de nosso Senhor em **#Jo 11.9-10**. À vista do vers. 5, podemos interpretar a cláusula **como ele está na luz** como expressiva da perfeição da comunhão do Filho com o Pai. Somente quando vivemos em acordo é que podemos dizer estarmos em comunhão uns com os outros (ver o vers. 3), passando João a frisar que purificação do pecado vem somente do **sangue de Jesus Cristo** (7). Esta última expressão quer dizer "a vida entregue na morte", e não simplesmente "a vida", como alguns comentadores alegam. **Purifica** está no presente contínuo e significa "vai purificando".

>1Jo-1.8

O segundo ensino falso impugnado é aquele que sustenta que **não temos pecado nenhum** (8). "Ter pecado" significa mais do que "pecar", e inclui a idéia do "princípio do qual os atos pecaminosos são as várias manifestações" (Brooke). Expressa a idéia de responsabilidade pelos pecados cometidos, a qual aparentemente era negada pelos mestres gnósticos, como fazem hoje em dia aqueles que dizem que o pecado é apenas uma doença, ou fraqueza, devida à hereditariedade, ao ambiente, à necessidade ou a coisas tais, de modo que é o destino do homem e portanto, não falta sua. Tais pessoas só fazem enganar-se a si mesmas. Contrariamente, **se confessarmos nossos pecados**, recebemos um perdão que procede da natureza de nosso Deus, visto ser Ele **fiel e justo** (9).

O terceiro erro consiste em dizer que **não temos cometido pecado** (10). Com efeito, essa pretensão à impecabilidade faz de Deus um mentiroso porquanto, fora de passagens específicas da Palavra de Deus, todo o modo de o Senhor tratar com o homem implica em este ser pecador que precisa de salvador. Negar isto é rejeitar a **palavra** de Deus.

1Jo-2.1

Contrariamente a tais ensinamentos, João apresenta a verdade. Considera o fato de os crentes não serem perfeitos, sem falta; todavia não considera isto como coisa em que se deva ter prazer, porque o seu propósito em escrever é **não pecarmos** (2.1). No entanto o pecado ocorre, e João passa a falar da provisão divina, que nos depara **um advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo: e ele é**

a propiciação pelos nossos pecados (1-2). A palavra traduzida **advogado** é **paráclitos**, empregada em outra parte do Novo Testamento somente em referência ao Espírito Santo (chamado outro "Paráclito" em **#Jo 14.16**). Sua significação essencial é de "alguém chamado para estar ao lado" de outrem, a fim de lhe prestar assistência. Era usada freqüentemente nos tribunais com relação a advogados de defesa, ou de outros chamados a dar assistência, como por exemplo dar depoimento. A idéia aqui é que Jesus defende pecadores. Temos duas indicações da maneira como Ele age em nosso favor: a primeira está em Ele ser chamado **o justo**, o que mostra que nosso livramento não vai de encontro à justiça, senão de acordo com ela. A segunda é ser Ele **a propiciação pelos nossos pecados**. Esta expressão lembra-nos o processo de fazer expiação, mediante a oferta do sacrifício, no Velho Testamento; lembra-nos também a ira de Deus contra toda espécie de mal, ira que tem de ser levada em conta no processo da salvação. Por Sua morte na cruz, Cristo fez perfeita expiação, pelo que não precisamos mais temer a ira de Deus. O próprio Filho de Deus, ao mesmo tempo argumento da defesa e Defensor, sacrifício e Sacerdote, deve impor-se nos desígnios de um Deus que é "fiel e justo" (**#1Jo 1.9**), isto é, fiel às Suas promessas e coerente consigo mesmo.

A seguir vem um teste pelo qual os homens podem saber se, a despeito de suas falhas, estão em relações ajustadas com Deus, andando em comunhão com Ele. O teste consiste em se verificar se guardam os Seus mandamentos ou não, porquanto é impossível conhecer realmente a Deus e tal conhecimento não influir na vida diária. E como Paulo diz: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (**#2Co 5.17**). Tanto isto é inevitável que a pessoa que diz conhecer a Deus, porém não Lhe guarda os mandamentos, é chamada **mentirosa** (4). Contrariamente, o amor de Deus é **aperfeiçoado**, isto é, está atingindo seu objetivo e fim, no homem que **guarda a Sua palavra** (5). **Permanece nele** (6). Temos aqui uma referência clara ao ensino de nosso Senhor, registrado por João no seu Evangelho (ver **#Jo 15.4-11**). A descrição de vida como um "andar" era expressão favorita de Paulo. O pensamento aqui se liga com **#1Jo 1.6-7**, acima. A vida cristã deve assinalar-se pela comunhão constante com Deus, o que tanto caracterizou a vida de nosso Senhor.

>1Jo-2.7

III. AMORES RIVAIS 1Jo 2.7-17

O mandamento de que se fala nos vers. 7 e 8 não está declarado, porém não pode haver dúvida que é o mandamento do amor cristão. Não se trata de uma novidade, mas de **um mandamento antigo, que tivestes desde o princípio** (7), sendo que **princípio** aí pode entender-se ou o princípio da fé cristã, ou a dádiva da lei sob Moisés, ou coisa ainda mais antiga. Não é fácil decidir, mas provavelmente a definição desse antigo mandamento como sendo "a palavra que ouvistes" leva-nos à primeira hipótese acima (cfr. **#Jo 13.34**). Outrossim, se estamos certos em ligar o vers. 6 a **#Jo 15**, isto pode ter levado João a recordar o modo como nosso Senhor repetiu o mandamento naquele discurso (ver **#Jo 15.12**). O mandamento é **novo** (8) no sentido de que deve continuamente relacionar-se à situação mutável dos seus objetos. O mundo marcha e as circunstâncias mudam, e assim o mandamento é sempre novo. Há sempre uma nova urgência, quanto ao antigo mandamento, relativamente àqueles por quem Cristo morreu.

Este mandamento, como Moffatt traduz, "é realizado nele e também em vós, porque as trevas vão passando e a verdadeira luz já brilha" (8). Cristo mesmo cumpriu o mandamento do amor, e infunde um amor igual em Seus seguidores, de sorte que a atitude de uma pessoa para com o seu irmão mostra se ela está andando na luz ou nas trevas. Se demonstra amor, anda com passo firme, porque o amor livra o seu coração de tudo quanto o levaria a tropeçar. Se demonstra ódio, diga o que disser, está na trilha errada que elevará à ruína, porque o ódio cega os olhos (9-11).

>1Jo-2.12

João tem um apelo a fazer, porém antes de fazê-lo reconhece a experiência cristã dos seus leitores. Os vers. 12-14 consistem em duas seqüências, cada qual com um apelo tríplice a **filhinhos**, a **pais** e a **jovens**.

Muitos têm revelado ingenuidade na definição destas três classes, e com relação à mudança do tempo do verbo, do presente "escrevo" para o pretérito "escrevi". É verdade que há certa propriedade na menção de qualidades, tais como conhecimento nos pais (os antigos na fé) e força nos jovens; mas, considerando que todas estas qualidades mencionadas são comuns a todos os crentes, é provavelmente melhor considerar a divisão como um recurso de estilo para dar maior ênfase, porque, como diz Dodd, "todos os crentes são (pela graça, não por natureza") filhinhos na inocência e na dependência do Pai celeste, jovens na força, e pais na experiência.

Esclarecendo assim que escreve àqueles cujos **pecados são perdoados** (12), que conhecem a Deus (13) e têm experiência da vitória sobre o mal (14), João passa a referir o grande amor rival, apelando para que **não amemos o mundo** (15). Dizendo **mundo** quer ele significar a sociedade humana separada de Cristo e aposta a Deus, porquanto tem em vista aqueles paixões subalternas, terrenas, que são incompatíveis com **o amor do Pai**. **A concupiscência da carne** (16) representa a satisfação dela em todas as suas formas; **a concupiscência dos olhos** sugere tudo quanto apela à vista, particularmente talvez não erremos em aplicar o termo a qualquer coisa superficial; a "soberba da vida" representa a vacuidade da auto-glorificação dos mundanos (cfr. os três fatores que levaram Eva a desobedecer a Deus, **#Gn 3.6**). Tais coisas revelam-nos a monstruosidade que resultou de ficar o mundo entregue a si mesmo. É uma aparência passageira, a caminho da ruína. **Aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente** (17).

>1Jo-2.18

IV. O CRISTÃO E O ANTICRISTO 1Jo 2.18-28

Filhinhos, já é a última hora (18). É possível que "última hora" signifique o último período antes do fim do mundo, ou a passagem da velha dispensação para o alvorecer da era cristã. Aqui, entretanto, o grego não traz artigo; devemos pois traduzir "uma última hora", com ênfase no caráter geral dos tempos, antes que com relação ao fim deles. A história humana avança por períodos de vagaroso desenvolvimento, até que atinja uma crise, uma era se encerre e comece outra, e os homens digam "não pode jamais acontecer isto outra vez". João está dizendo que chegou uma última hora assim. Prova-o o aparecimento não de um só, mas de **muitos anticristos** (18), sendo que o termo pode ser considerado como representando uma índole, um espírito dominante em muitas formas e pessoas. Westcott parece ter razão em pensar que anticristo é alguém que "assalta a Cristo propondo-se fazer ou preservar o que Ele fez, ao passo que O nega".

>1Jo-2.19

O vers. 19 é importante para a doutrina da Igreja. É claro que essa gente, aí referida, tinha pertencido à Igreja visível, havia satisfeito os requisitos externos de membros; mas, embora saíssem **de nosso meio**, podia dizer-se que **não eram dos nossos**. Isto nos adverte que se quisermos ser membros do Corpo de Cristo, é necessário que sejamos mais do que simples membros da

Igreja visível; e também que não devemos esperar seja a Igreja visível sempre composta só de verdadeiros crentes. Ela pode até abrigar anticristos no meio dos seus membros professos.

>1Jo-2.20

Vós possuís unção (20). Quanto às notas sobre este verso, veja-se o parágrafo seguinte. O erro central dos hereges, como notamos na **Introdução**, era negarem que **Jesus é Cristo** (22), isto é, recusarem reconhecer que no homem Jesus de Nazaré vemos o eterno Filho de Deus tomando sobre Si nossa natureza. De acordo com um ponto de vista gnóstico, comum, o Cristo divino veio sobre Jesus, em Seu batismo, e dEle se afastou antes da crucifixão. É uma negação destas, de ser Jesus o Cristo, o que João está combatendo. Considera isto a mentira fundamental, subversiva de toda a verdade. A pessoa que deliberadamente erra aqui, não merece confiança em mais nada. É tremenda coisa dizer isto, mas significa que é tão forte a prova de que, em Jesus de Nazaré, Deus e o homem estão indissolúvelmente unidos, que não merece a mínima confiança a pessoa que não aceita isto. É culpada de mentira radical, fundamental (cfr. **#Mc 11.27-33**). Demais disto, esta negação do Filho tem conseqüências em relação com o Pai (23), porque se Jesus não é o próprio Filho de Deus, então não é o amor de Deus o que vemos revelado em Sua vida e morte. Somente em recebê-IO é que nos tornamos filhos de Deus (cfr. **#Jo 1.12**); por conseqüência, se O rejeitamos, não somos membros da família celestial e não temos o direito de chamar Deus nosso Pai.

João vê duas salvaguardas: o dom do Espírito Santo (20-27) e a simples e original mensagem do Evangelho (24). O dom do Espírito é chamado **a unção que vem do Santo** (20), isto é, que vem do Senhor Jesus Cristo (**#Jo 16.7**). Os mais velhos manuscritos dizem "todos tendes conhecimento", ao invés de "vós conheceis todas as coisas". Uma das características dos gnósticos era pretenderem possuir um conhecimento secreto, privativo de um grupo seletivo. João diz que no Cristianismo não há tal grupo seletivo, porque Deus dá Seu Espírito Santo a todos os crentes, e todos eles têm conhecimento. Por conseguinte, embora haja um lugar próprio para os mestres cristãos (como o indica a própria epístola), é verdade que em última instância o crente é independente do homem e deve sua iluminação diretamente a Deus (27).

A outra salvaguarda é a simples mensagem do evangelho, **o que desde o princípio ouvistes** (24). Este evangelho não se presta a diletantismo intelectual ou espiritual; é uma simples mensagem que apela a uma vida disciplinada pela

fé. Talvez porque é tão simples, homens tais quais os mestres de heresias são sempre tentados a fantasiar e torná-la diferente do que é. Donde João instar solenemente com os seus leitores para que permitam esta mensagem **permanecer** neles (24) ou, o que dá no mesmo, permanecerem eles em Cristo (28). Só esta permanência pode nos dar confiança perante Ele.

>1Jo-2.29

V. FILHOS DE DEUS 1Jo 2.29-3.3

A divisão de capítulos não é feliz aqui, visto separar a expressão de admiração em **#1Jo 3.1** daquilo que lhe deu lugar, o ser nascido de Deus. Em **#1Jo 2.29** lembra-se-nos que **ele é justo**, e isto nos fornece um teste pelo qual podemos aferir os verdadeiros cristãos: "reconhecei que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele". Aqueles que mostram qualidades de caráter iguais às dEle provam que nasceram do céu. Dizendo isto, a maravilha e a graça desse fato arrebatam o apóstolo. "Vede!", diz ele, "vede que grande amor! Filhos de Deus! Haverá outra coisa que se lhe compare?" Ele emprega a palavra grega **tekna**, a qual chama atenção para a própria natureza do filho antes que para direitos e privilégios; em outras palavras, chama atenção para nosso novo nascimento antes que para a adoção. Note-se a adição da frase "e de fato somos tais". Não somente somos chamados filhos de Deus, mas de fato o somos. Tudo isto procede do amor admirável que Deus nos liberalizou, amor que vitaliza, que gera nova vida, concedendo aos homens algo da própria natureza de Deus, e deles fazendo membros de Sua família. Tamanho amor, e a vida que engendra, é algo que o mundo não compreende nos que são objetos dele, assim como não compreendeu ao próprio Salvador (cfr. **#Jo 1.10-11**).

1Jo-3.2

Tudo isto é maravilhosíssimo, mas do capítulo 3.2 vemos que ainda há mais. A interpretação exata deste versículo é difícil, mas a idéia geral é clara. A segunda parte do versículo pode ser compreendida de dois modos. Podemos ser havidos como semelhantes a Ele porque só os semelhantes a Ele podem vê-IO, ou talvez a idéia seja que a visão de Deus faz que os homens se Lhe assemelhem. Outrossim, não é bem claro se o versículo se refere ao Pai ou ao Filho, porém isto não importa muito porque quem vê o Filho também vê o Pai (**#Jo 12.45-14.9**). Há todavia uma coisa perfeitamente clara: é que grandes coisas estão reservadas para o crente, quando este O vir e for feito semelhante a Ele. Esta expectativa é um estímulo presente para o cristão se desvencilhar

de tudo quanto no coração e na vida não condiga com a perfeita pureza do Filho de Deus (3), de modo que assim como Ele não Se envergonha de chamar-nos Seus irmãos, nós não O envergonhemos nem sejamos envergonhados na Sua vinda (ver. #1Jo 2.28).

>1Jo-3.4

VI. FILHOS DE DEUS E FILHOS DO DIABO 1Jo 3.4-10

João sabia que os mestres heréticos (veja-se a **Introdução**) reagiriam à sua doutrina de "purificação" (3) inculcando a teoria perniciosa da suficiência da sabedoria e sua superioridade sobre a mera vida correta. Daí prossegue a demonstrar que os que pecam são filhos, não de Deus, mas **do diabo** (8), e começa frisando que "pecado é anarquia" (4), sendo que a construção grega implica serem idênticas as duas coisas. Anarquia aí não significa o estar sem lei, mas a afirmação da vontade individual contra a lei de Deus e em desafio a ela, a recusa de viver de acordo com os padrões revelados do que é correto e do que é errado.

>1Jo-3.5

Vemos de pronto quão estranha é tal atitude ao filho de Deus, quando nos lembramos do propósito que Jesus Cristo teve ao vir ao mundo, a saber, **tirar nossos pecados** (5), **destruir as obras do diabo** (8). O pecado, em todas as suas formas, é a própria antítese do reino de Deus, havendo uma oposição inconciliável entre Cristo e todo o mal. E com isto em mente que devemos compreender as declarações fortíssimas do vers. 6 e 9: **todo aquele que permanece nele não peca; não pode pecar porque é nascido de Deus**. Tais declarações não devem ser atenuadas. Existe uma incompatibilidade entre o pecado e a profissão cristã, e nunca devemos ser complacentes com ele, mesmo que se trate de pecado ocasional. Ao mesmo tempo cumpre notar que a força do presente contínuo no grego, nestes versículos, dá ênfase a uma atitude habitual. Assim, o vers. 6 pode ser parafraseado - "Todo aquele que permanece continuamente não vive pecando (por hábito); todo aquele que vive pecando não O viu, nem O conheceu". E semelhantemente no vers. 9, "Todo aquele que é nascido de Deus não vive habitualmente no pecado, porque o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus" (cfr. ARA). João não está pensando em termos de atos individuais de pecado (que exigiria o aoristo no grego), mas refere hábitos, e está dizendo em termos fortes que a vida que a pessoa leva revela a fonte em

que ela se abebera. Se é um renascido de cima, levará habitualmente a vida de uma pessoa nascida de novo, a despeito de deslizes. Se vive na prática constante do pecado, é do diabo, de sorte que erravam os falsos mestres em dizer que o pecado não tinha importância. Como uma vida reta foi a característica do Mestre, assim deve ela caracterizar o servo (7). Este versículo não quer dizer, naturalmente, que o crente é tão justo quanto o seu Senhor, assim como a declaração de ter o homem sido feito à imagem de Deus não quer dizer que ele seja igual a Cristo, de quem também se diz ser a imagem de Deus (#2Co 4.4; #Cl 1.15), como Agostinho frisou. E simplesmente uma maneira enfática de dizer que a vida serve de critério para julgamento; se somos de Cristo, seremos como Ele é.

>1Jo-3.11

VII. O AMOR FRATERNAL COMO TESTE DECISIVO DE JUSTIÇA 1Jo 3.11-24

As últimas palavras do vers. 10 sugerem uma conexão íntima entre a justiça e o amor fraternal; isto é reforçado na seção que segue, onde todo o dever cristão está resumido na obrigação do exercício do amor (11; cfr. #Rm 13.8). Há uma percepção psicológica aguda no vers. 12, onde vemos que o motivo de Caim assassinar Abel foi o contraste entre a sua vida má e a vida exemplar do seu irmão. A maldade sempre odeia a bondade, que a corrige, e conseqüente mente os crentes não se devem surpreender quando virem que o mundo os odeia (13). Mas se é característico do mundo odiar, é igualmente característico do cristão amar e, com efeito, é **por amarmos os irmãos** (14) que sabemos que somos realmente de Cristo. O homem em que falte este amor ainda está na morte do pecado, sendo de fato um homicida, porque o essencial para alguém ser assassino, pelo menos do ponto de vista divino, é a atitude íntima da qual os atos externos são apenas a expressão (15; cfr. #Mt 5.21 e segs.).

No vers. 16 devemos omitir **de Deus**, que só ocorre em MSS tardios; o sentido do versículo é bem exposto pela ARA: "Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a sua vida por nós". Porém quando chegamos a alcançar algo da grandeza do amor de Deus, alcançamos também que ele nos impõe obrigações e devemos estar prontos a dar nossa vida pelos outros. João, entretanto, é prático. Morrer pelos demais pode realmente nunca ser exigido, contudo haverá muitas vezes necessidade de pronto auxílio, ocasiões estas em que não as palavras, mas as obras (18) revelam a existência do amor fraternal.

>1Jo-3.19

Nos versículos seguintes há tranquilização para consciências sensíveis. O grego dos vers. 19 e 20 é difícil, tendo sido sugeridas várias traduções, porém a mais provável interpretação parece ser a seguinte. **Nisto** refere o que foi dito antes: sabemos que somos da verdade, porque o amor está sendo manifesto em nossa vida. Todavia se temos dúvidas sobre isto, **se o nosso coração nos acusa** (20), então seremos tranquilizados com a reflexão de que Deus é o Juiz, não nosso coração, e que Ele tem perfeito conhecimento de tudo. Os homens, em humildade, podem ver somente suas deficiências e portanto passam a experimentar dúvidas. Porém Deus, que dá o amor, leva em conta uma porção de atos de fraternidade, aos quais os homens não ousam dar valor (cfr. **#Mt 25.37-40**). Quando continua dizendo **se o coração não nos acusar** (21), João não está pensando naqueles que pretendem ser impecáveis, ou que são insensíveis ao pecado, mas está referindo "a ação de uma fé viva que conserva um senso real de comunhão com Deus" (Westcott). Se temos tal senso de paz, então temos **confiança para com Deus**. A palavra grega **parrhesia**, traduzida **confiança** ("ousadia"), deriva de duas palavras que significam "todo o falar", e assim denota primeiro uma liberdade, fluência de palavras, e depois a atitude de ousadia que dá lugar a esse falar.

>1Jo-3.22

Essa palavra, que lembra ousadia no falar, conduz naturalmente à idéia de oração, e então aprendemos que a guarda dos mandamentos é indispensável para que as orações sejam respondidas (22). Isto não quer dizer que Deus nunca responde a oração de um pecador, porque é claro que Ele às vezes faz isso; porém estamos outra vez diante do tempo presente contínuo. A medida que continuamos a orar, Deus continua a responder na proporção em que guardarmos o mandamento, sendo este imediatamente definido como crer **no nome** de Jesus Cristo (23). Para que as orações sejam continuamente respondidas, precisamos exercer fé, verdade esta em que a Escritura insiste muitas vezes. O capítulo finaliza com outro fundamento de segurança, a saber, o Espírito Santo que nos foi dado (24). Nossa segurança depende do que Deus tem feito por nós, e não dos nossos pequeninos esforços.

1Jo-4.1

VIII. O ESPÍRITO DA VERDADE E O ESPÍRITO DO ERRO 1Jo 4.1-6

A referência ao Espírito, no verso precedente, leva-nos à importante questão de como distinguir entre a verdade e o erro quando havia muitos que pretendiam ser inspirados. O problema não era novo, porque lemos de falsos profetas no Velho Testamento, e além disso Paulo achou necessário dar uma regra para se conhecer quando alguém falava pelo "Espírito de Deus" (#1Co 12.3). João agora adverte a seus leitores que **muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora** (1); por aí vemos que o problema se tornara urgente para eles. O fato de se dizer que **saíram** parece implicar que se tratava daqueles mencionados em #1Jo 2.19, que se haviam afastado, e o tempo perfeito do verbo grego indica que a atividade deles era contínua. Evidentemente haviam deixado a igreja e pretendiam que seus ensinamentos heréticos eram inspirados, de modo que os crentes estavam na obrigação de não aceitar, sem questionar, tudo quanto lhes dissessem homens que mantinham a posição de mestres e, sim, cumpria-lhes **provar os espíritos**. A pedra de toque, como vemos dos vers. 2 e 3, é a atitude que mantêm para com Jesus Cristo. Os falsos mestres negavam uma real encarnação (ver a **Introdução**), mas todo aquele que é inspirado por Deus **confessa que Jesus Cristo veio em carne** (2). A construção grega dá ênfase à Pessoa, antes que à proposição; isto é, o que ele quer dar a entender é a confissão de Jesus Cristo e Este vindo em carne, antes que a confissão de que Ele veio em carne. Assim é que, inversamente, o falso mestre é aquele que "não confessa Jesus Cristo" (3). Tal é a nota distintiva do anticristo (ver #1Jo 2.18).

>1Jo-4.5

Os tais empolgam o **mundo** (5), sendo que esta palavra não tem aí um sentido neutro, mas trata-se do mundo oposto às coisas de Deus (cfr. #1Jo 2.15). Os falsos profetas pertencem de fato ao mundo, de sorte que não é de admirar sejam aceitos por ele, ou que os verdadeiros mestres não sejam aceitos (6). Este fato fornece a João outro critério de discernimento entre a verdade e o erro. Note-se a expressão **vós sois de Deus** (4-6) e a certeza de vitória em ambos estes versículos. A falsidade pode ter força e ser pretensiosa, mas a verdade acaba por prevalecer.

>1Jo-4.7

IX. O AMOR DE DEUS 1Jo 4.7-21

Uma vez mais o escritor volta ao pensamento de que o cristão deve manifestar amor, e reforça-o com outra de suas declarações duplas, que lhe são características apresentando a verdade primeiro em sua forma positiva, **todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus** (7) e depois em sua forma negativa, **aquele que não ama não conhece a Deus** (8). Não pode haver dúvida de que o amor é da própria essência do caráter cristão, visto como **Deus é amor** (8). Eis uma declaração profunda (repetida no vers.

16) da natureza essencial de Deus, porque significa muito mais do que a frase "Deus ama", embora que esta seja verdadeira e importante. Implica que a natureza essencial de Deus é amor, e que, por conseguinte, tudo quanto Ele faz é feito em amor. Este amor **se manifestou** (9), sendo que o aoristo grego fixa a atenção nessa manifestação singular e decisiva, antes que na evidência contínua de Seu cuidado por Seus filhos. João está procurando esclarecer que o amor de Deus é algo que só se revelou em sua plenitude na cruz, e conseqüentemente repele com ênfase a idéia de o nosso mesquinho amor a Deus dar-nos o verdadeiro retrato do amor (10). Verdadeiro amor é somente aquele que Deus tem por nós, isto é, em enviar Seu Filho em **propiciação por nossos pecados**. Note-se o paradoxo retumbante deste versículo: Deus ama e ao mesmo tempo se ira, e Seu amor provê a propiciação que afasta de nós a Sua ira. "Longe de achar a menor oposição entre o amor e a propiciação, o apóstolo não pode dar a ninguém uma idéia do amor senão apontando para a referida propiciação" (James Denney).

>1Jo-4.11

Mas, se Deus é amor, Seus filhos devem ser semelhantes a Ele, e João tira a conclusão prática de que devem mostrar não amor a Deus, como se poderia supor, mas amor fraternal (11), o qual é a evidência da presença de Deus em nós, e do fato de Seu amor ser **aperfeiçoado em nós**, isto é, atingir seu alvo em nós (12; cfr. **#1Jo 2.5**). A permanência íntima do Espírito em nós está estreitamente relacionada com isto (13), porque, como Paulo lembra, o amor é o primeiro fruto do Espírito (**#Gl 5.22**). A declaração de que **ninguém jamais viu a Deus** (12): João cita-a do seu Evangelho (**#Jo 1.18**). O pensamento volta à consideração e é desenvolvido no vers. 20, adiante.

>1Jo-4.14

No vers. 14 os leitores são lembrados da experiência pessoal e do testemunho dos apóstolos, sendo o pronome **nós** enfático no grego. Mas daí ele prossegue

inevitavelmente para o **aquele que** do vers. 15, visto como todos os crentes conhecem a bendita experiência da habitação de Deus no seu íntimo. Deus é amor, e permanecer no amor é permanecer em Deus. Isto, naturalmente, deve ser compreendido no seu próprio contexto, porque João longe está de endossar a noção sentimental de que qualquer pessoa que tem afeição a outra, só por isso permanece em Deus. Pelo contrário, ele se ocupa do amor que brota de uma apreciação do amor revelado no Calvário. É este o amor aperfeiçoado em nós (17). Não se trata do nosso amor, mas do amor de Deus. Este é o amor que opera em nós e produz amor por outros. O resultado disto é aguardarmos sem temor o juízo vindouro (18). Aqui a **parrhesia** é vista de um ângulo diferente daquele do capítulo 3 (veja-se nota em torno de **#1Jo 3.21**). Lá ela procedeu da obediência; aqui é da aceitação toda cordial do amor de Deus, que produz em nós qualidades semelhantes às de Cristo. O **perfeito** (gr. **teleia**) **amor**, amor que atingiu seu fim (**telos**), lança fora o medo. Encara o mundo como Deus encara. Assim, **nós amamos porque ele nos amou primeiro** (19). A iniciativa do amor sempre é de Deus. Isto leva João, nos dois últimos versículos, de volta ao pensamento de que o cristão é uma pessoa que manifesta amor por outros. Se diz amar a Deus, porém odeia ao próximo, é **mentiroso** (20). Amor a Deus e ódio ao homem são duas coisas incompatíveis.

1Jo-5.1

X. AMOR, FÉ E VITÓRIA 1Jo 5.1-5

Esta breve parágrafo está cheio de pensamentos sobre, amor, fé e obediência, e oferece-nos um interessante comentário em torno do conceito paulino: "a fé atua pelo amor" (**#Gl 5.6**). Note-se outra vez a insistência sobre a encarnação, **Jesus é o Cristo** (1); só a pessoa cuja fé se alicerça nesta certeza se pode dizer nascida de Deus. Temos aqui, outrossim, uma reiteração da íntima conexão que existe entre o amor a Deus e o amor aos irmãos. Mas, enquanto, antes, o amor aos irmãos foi considerado como evidência de que existe amor a Deus aqui o fato de amarmos a Deus é que mostra ser uma realidade o nosso amor pelos irmãos (2). O amor a Deus é definido como observância dos Seus mandamentos, porque verdadeiro amor a Ele sempre se acompanha de obediência. Quando se diz que esses mandamentos não são penosos (3), a idéia não é que o serviço de Deus seja coisa fácil, porém que Seus mandamentos não são um fardo fatigante. O padrão que Ele apresenta aos Seus filhos é o mais elevado, porém Ele lhes dá Seu Espírito Santo, transforma-os por Seu amor, de modo que a guarda dos mandamentos, embora ainda difícil, não é tarefa opressiva. O mundo e suas atrações tentam

continuamente os filhos de Deus, mas **todo o que é nascido de Deus vence o mundo** (4). Esta declaração é feita do modo mais abstrato, "tudo o que", ao invés de "todo aquele que", e isto dá ênfase ao poder que procede de Deus, e não ao crente. Contudo este poder opera vitoriosamente apenas nos crentes, por isso segue-se imediatamente: **esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé**; o que vem repetido de forma diferente no vers. 5. Não quer dizer seja a fé um mérito humano, que vença por virtude própria. A fé há de ser necessariamente fé em Deus e, como Dodd observa, "Significa entregar-nos ao amor de Deus expresso em tudo quanto Jesus Cristo foi e fez".

>1Jo-5.6

XI. TESTEMUNHAS DA DIVINDADE DE JESUS CRISTO 1Jo 5.6-12

A maior parte do vers. 7, como constava no antigo texto de Almeida, fica entre parênteses na ARA, porque não foi escrito por João. Apareceu primeiro numa versão latina trezentos anos depois da morte desse apóstolo, e não figurava em nenhum manuscrito grego se não de mil anos depois. O que nele se declara é perfeitamente verdadeiro, porém não demanda atenção em qualquer esforço por se compreender o pensamento do apóstolo.

O vencedor na guerra contra o mundo da falsidade, hostilidade e impiedade já se acabou de dizer que é a pessoa que crê ser Jesus o Filho de Deus. Segue-se uma declaração concisa da completa identificação da divindade e da humanidade em Jesus de Nazaré. Possivelmente são visados aí os que ensinavam que o Cristo divino viera no Espírito sobre Jesus por ocasião do Seu batismo, e que se afastou dEle antes da crucificação. Os tais admitiriam uma vinda **por meio de água**, e não **por meio de sangue**. João entretanto não entende que o presenciar uma vida ideal traga vitória. Para isto foi essencial uma morte expiatória, donde acrescentar com ênfase **não somente com água, mas com a água e com o sangue** (6). Cita-se então o Espírito como testemunha; a construção grega faz compreender "Ele continuamente dá testemunho", e não leva a entender um acontecimento como, por exemplo, o Pentecostes. Confira-se a sentença **o Espírito é a verdade** com João **#Jo 16.13**.

>1Jo-5.8

O testemunho tríplice, mencionado no vers. 8, tem dado lugar a muita discussão, mas não parece haver razão para dar **à água** e ao **sangue** aqui um

sentido diferente daquele da seção que precede imediatamente. O pensamento, pois, é que o envio do Espírito e os fatos históricos do batismo e crucifixão do Senhor constituem um testemunho tríplice, da Pessoa de Cristo, que impressiona por sua unidade. Outros vêem referência aos dois sacramentos, mas, embora seja isto possível, deve-se todavia notar que a Ceia do Senhor em parte alguma é referida como "o sangue", e este, considerado com o vers. 6, indica que a interpretação dada acima é preferível. Uma vez que os três procedem de Deus, pode-se dizer que o testemunho é **testemunho de Deus** (9), o qual deve ser preferido ao que os homens dizem. Contudo os que crêem no Filho têm o testemunho em si (10); depositam sua confiança no Filho, e de sua própria experiência têm prova de Sua divindade. Contrariamente, os que não dão crédito a Deus, fazem-no mentiroso, porque por essa atitude em face da evidência fornecida pelos atos de Deus na história e pela experiência da Igreja, rejeitam "o testemunho que Deus dá acerca do seu Filho" (10).

>1Jo-5.11

No vers. 11 o **testemunho** estabelece a continuidade do pensamento. O escritor, portanto, leva esta seção a um final impressionante, resumindo o testemunho, dando-lhe caracteristicamente um aspecto positivo e outro negativo. Vida eterna é dom de Deus ao homem, e está intimamente associada ao Filho, estando realmente **no seu Filho** (11). Por consequência, ter o Filho é ter a vida, ao passo que não ter o Filho quer dizer inevitavelmente não ter a vida (12).

>1Jo-5.13

XII. CONCLUSÃO 1Jo 5.13-21

O propósito da epístola vem agora resumido numa simples sentença (13), de onde vemos a importância da certeza. Foi escrita "a fim de saberdes que tendes a vida eterna", aos que crêem "em o nome do Filho de Deus". Aproximando-se de Deus em oração, tais crentes têm uma liberdade de falar que é bem expressa na palavra grega **parrhesia** (veja-se #1Jo 3.21), uma **confiança** (14), uma certeza de que serão ouvidos. Deus ouve, e nós sabemos, diz João, que **obtemos** (note-se o tempo presente) **os pedidos que lhe temos feito** (15). Como outras grandes promessas de resposta à oração, esta se acompanha de uma condição: **se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade** (14). Em #Mc 11.24 insiste-se na oração da fé; em #Jo 14.14 ela deve ser em o nome de Jesus; em #Jo 15.7 fala-se da permanência em Cristo como

a condição; ao passo que em [#1Jo 3.22](#) a obediência é o requisito preliminar. Vários são os modos de expressá-lo, mas sempre o pensamento é que a oração não é uma tentativa de persuadir o Senhor Deus a fazer a nossa vontade; antes é uma atividade em que filhos confiantes se acercam de seu Pai celeste num esforço sincero de se ajustarem à vontade dEle. A oração é um meio de promover os propósitos justos de Deus, e não de satisfazer nossos desejos egoísticos.

Tendo deixado assente que a oração deve estar de acordo com a vontade de Deus, e que, sob esta condição, é ouvida e respondida, o escritor prossegue em mostrar como opera este princípio. Deve-se orar por um irmão que peque, porém que não seja esse [pecado para a morte](#), distinto daquele que o é. Nesta última expressão devemos omitir o artigo antes de pecado, porque parece denotar um estado, antes que um ato específico. Ao mesmo tempo, devemos ter em mente que João não diz que pecado é esse. É estranho, pois, que em face desta passagem muitos não se mostrem interessados no dever que ela inculca, isto é, o de orar pelo irmão que erra, mas se mostrem curiosos em saber que pecado é esse para morte, como se, caso o soubéssemos e evitássemos, os outros pecados não interessassem muito. Parecendo corrigir essa atitude, João prossegue, [Toda injustiça é pecado](#) (17). De fato, justamente porque toda injustiça deve ser evitada é que ele está insistindo na necessidade de orar contra ela. Não diz que pecado é esse para morte, mas muito provavelmente ele tem em mente a advertência de nosso Senhor acerca da blasfêmia contra o Espírito Santo (veja-se [#Lc 12.10](#)). O Novo Testamento ensina claramente que é possível avançar tanto na rebelião contra Deus e na rejeição de Seu Filho que a capacidade de arrependimento fique irrevogavelmente perdida (cfr. [#Hb 10.26-31](#); [#Hb 12.17](#), e veja-se o Apêndice III ao comentário de Hebreus).

>1Jo-5.18

A epístola termina com um tríplice [sabemos](#), chamando atenção para três gloriosas certezas da alma crente. No vers. 18 temos outro lembrete incisivo de que [todo aquele que todo nascido de Deus não vive em pecado](#) (ver nota sobre [#1Jo 3.6-9](#)), e isto é frisado na segunda metade do versículo, "aquele que foi gerado de Deus o guarda, e o maligno não lhe toca", aceitando-se a redação da ARA, porque a evidência dos MSS e da construção grega aí empregada parece indicar que João estava pensando no modo como Jesus Cristo cuida dos Seus e os protege dos assaltos do demônio.

O segundo membro da trilogia deve ser compreendido à luz do que acima ficou exposto. Há uma brecha ou separação entre o mundo e o povo de Deus, não se devendo fazer confusão entre os dois, como os mestres heréticos costumavam, quando diziam que os cristãos podiam viver segundo os padrões do mundo. **Sabemos que somos de Deus** (19), e isto significa a ruptura mais brusca que imaginar se possa com tudo quanto é mundano, porque "o mundo inteiro jaz no maligno" (ARA).

>1Jo-5.20

O terceiro **sabemos** introduz os fundamentos de nossa certeza, a saber, **o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento** (20). Outra vez notamos ênfase no fato da encarnação, tão característica desta epístola. Assim é que "reconhecemos o verdadeiro, e estamos no verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo". A palavra aí traduzida "verdadeiro" (**alethinos**) não tem o sentido comum desse termo (**alethes**), mas significa "genuíno", "fidedigno", cujo antônimo não é "falso", senão "imaginário", "irreal". Emprega-se de novo a palavra na expressão **Este é o verdadeiro Deus**, que nos dá a idéia de Deus como genuína ou propriamente existente, real, em contraste com o **ídolos** mencionados no verso seguinte. É possível compreender que se trata de Jesus Cristo, que acabou de ser referido, mas provavelmente significa, "Este Ser que temos descrito, que é amor, que enviou Seu Filho a ser a propiciação pelos nossos pecados, que nos dá o dom da vida eterna" -este Deus, e somente Ele, é real.

E assim chegamos à palavra final, **Filhinhos, guardai-vos dos ídolos**. Não há razão de pensar que os leitores de João corresse o perigo de se curvar às figuras de madeira e pedra; devemos entender por ídolos aí aquelas coisas que os homens colocam no lugar do verdadeiro Deus. Os falsos mestres daqueles dias apresentavam um conceito deturpado e irreal de Deus, o que com propriedade se podia qualificar de "ídolo". Esta exortação é sempre atual, porque há uma tendência constante para substituir a revelação do Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo pelos conceitos humanos acerca da divindade. No século vinte, assim como foi no primeiro, os filhos de Deus devem guardar-se de todo ídolo.

II E III JOÃO: INTRODUÇÃO

Estas epístolas, como 1 João, não trazem o nome do seu autor, que se apresenta simplesmente debaixo do nome de "presbítero". No estilo e na matéria que versa muito se assemelham à primeira epístola, de sorte que a maioria dos eruditos está convencida de que todas as três tiveram um mesmo autor. A segunda epístola parece ser endereçada a uma igreja (ver as notas), mas qual fosse exatamente não temos meios de saber. A terceira epístola é uma carta puramente particular a Gaio, amigo do presbítero. Ambas visam àqueles mestres que perambulavam de igreja em igreja-no que apresentam uma faceta da vida da primitiva Igreja, sendo que a segunda epístola recomenda com instância aos leitores que não recebam mestres heréticos; e a terceira se queixa de que um certo Diótrefes não tem dado acolhida aos irmãos. Quanto ao resto, há poucos indícios sobre que fatos lhe deram ocasião; tudo quanto podemos dizer é que a segunda epístola parece visar muita coisa idêntica à situação encarada na primeira, embora possivelmente noutra igreja. É provável que as três epístolas tenham sido escritas mais ou menos na mesma época (lá para os fins do primeiro século), em Éfeso, onde João viveu, endereçadas a várias partes da Ásia Menor.

2Jo-1.1

II JOÃO: COMENTÁRIO

O escritor da epístola denomina-se o Presbítero (ou Ancião), e dá a entender que os destinatários dela sabem quem ele é. Chama a esses destinatários **a senhora eleita e seus filhos** (#2Jo 1). O peso da evidência que decorre dos termos da carta (por exemplo o emprego do pronome **vós** nos últimos versículos, e a saudação de tua **irmã eleita**, no vers. #2Jo 13) sugere que não se trata de uma senhora e sua família, e sim que é a designação secreta de uma igreja e seus membros. A saudação, na qual o escritor associa-se a todos os que **conhecem a verdade** (#2Jo 1), começa, prossegue e finda com amor e verdade. Foi agradável a ele constatar que alguns dos filhos da senhora eleita andavam **na verdade** (#2Jo 4), segundo o mandamento, e continua, como na primeira epístola, a frisar o lugar do mandamento do amor (#2Jo 5-6; ver #1Jo 2.7-11), fazendo sobressair a conexão íntima entre a obediência e o amor. No vers. #2Jo 7 se diz que os enganadores "saíram pelo mundo fora", de modo que temos aí referida a mesma situação indicada em #1Jo 2.19, relacionando-se aqui outra vez o anticristo a uma recusa de reconhecer uma real encarnação. Os falsos mestres evidentemente falavam com orgulho de si mesmos como "adiantados" (o **todo aquele que ultrapassa** do vers. #2Jo 9 é, de acordo com uma redação melhor, "todo aquele que se adianta") e João assinala que é

possível alguém adiantar-se, ir além, desviar-se do Cristianismo. A salvaguarda contra isso é permanecer na **doutrina de Cristo** (#2Jo 9). O verdadeiro cristão não deve acolher os que não trazem essa doutrina (#2Jo 10), porque encorajá-los assim é partilhar da responsabilidade de suas obras más (#2Jo 11). Nesse ponto o escritor pára e deixa a consideração das demais coisas para quando os visitar e com eles conversar de viva voz.

3Jo-1.1

III JOÃO: COMENTÁRIO

É uma carta pessoal do Presbítero a seu querido amigo Gaio, a quem saúda calorosamente (1-2) e com quem se congratula por sua bem conhecida hospitalidade (5-6), depois de lhe mencionar o progresso espiritual (3-4).

>3Jo-1.5

Os vers. 5-8 dão-nos um vislumbre das praxes da Igreja primitiva. Não só apóstolos, mas simples irmãos igualmente andavam de igreja em igreja, recebendo hospedagem, quando eram enviados por irmãos seus (cfr. #Hb 13.2; #1Pe 4.9). Gaio é elogiado pela fidelidade com que oferecia hospedagem a tais visitantes, mesmo quando se tratava de irmãos estrangeiros (5). Tais irmãos ainda parecem estar em trânsito, pelo que o escritor insiste com Gaio que os ajude, quando aparecerem (6), visto recusarem receber auxílio dos pagãos (7). Pesa, portanto, uma obrigação sobre os crentes, de lhes prestarem auxílio, com o que se tornam **cooperadores da verdade** (8).

>3Jo-1.9

Contudo, nem todos respeitam esse dever cristão, destacando-se nisto Diótrefes, que parece ter exercido um cargo de autoridade. Esse homem resistiu a João, talvez suprimindo uma de suas cartas (9). certamente não fazendo caso de suas injunções, nada querendo com os irmãos (10). Não se diz que ele mantivesse idéias heréticas, mas simplesmente que era ambicioso de poder. João recomenda a Gaio com insistência que não imite esses maus exemplos (11). Adianta uma declaração doutrinária que lembra muito a primeira epístola (ver #1Jo 3.6). Depois louva um certo Demétrio (12) e, como na segunda epístola, termina a carta com saudações cordiais, na esperança de um breve encontro.

[R. J. Drummond](#)

[Leon Morris](#)

A EPÍSTOLA GERAL DE JUDAS

INTRODUÇÃO

O escritor desta curta epístola descreve-se como "Judas, servo de Jesus Cristo, e irmão de Tiago". No Novo Testamento, há vários homens com este nome. Entre os apóstolos aparecem dois, Judas Iscariotes, o traidor, e Judas Tadeu (#Lc 6.16; #At 1.13), "irmão de Tiago", segundo a ARC, e "filho de Tiago", segundo a ARA. O escritor desta epístola tem sido identificado por alguns com este Judas, um dos doze. A designação "irmão de Tiago" não é sustentável na lista dos apóstolos; deve ser "filho de Tiago" como na ARA. Além disso, a referência aos apóstolos nesta epístola dá a entender que o próprio escritor não era um deles.

Tem recebido grande apoio outra interpretação que identifica o autor com o Judas mencionado como um dos irmãos de Jesus (#Mt 13.55; #Mc 6.3). Durante a vida terrestre de Jesus, Seus irmãos não criam nEle (#Mt 12.46; #Mc 3.31; #Lc 8.19; #Jo 7.3-9). Entretanto, são encontrados entre os discípulos no início do livro dos Atos (#At 1.14), e Tiago tornou-se um dos líderes mais destacados da igreja em Jerusalém (#At 15.13-21.18; #Gl 2.9). E assim que muitos julgam que esta breve carta seja da autoria de Judas, o irmão menos conhecido de Jesus.

Nesta última hipótese, nada há na epístola que exclua a possibilidade de ela ter sido escrita no tempo da vida deste Judas, filho menor na família terrena de Jesus. As condições na igreja descritas na carta não são incompatíveis com as do fim do primeiro século, embora seja verdade que correspondem também à situação criada pelo gnosticismo no segundo século. 1Coríntos revela condições semelhantes àsquelas mencionadas nesta epístola geral, cujo teor dá a entender que o autor se sente perturbado por novidades que apenas começam a insinuar-se na igreja. Por estas razões, alguns que não aceitam a autoria de Judas, irmão de Jesus, dão como data da epístola o fim do século primeiro. Se o autor não foi realmente Judas, irmão do Senhor, nada se sabe a seu respeito, exceto o nome.

A epístola foi escrita em consequência de uma situação que se produziu no seio da igreja. Homens, sob a profissão do Cristianismo, estavam-se metendo em franca imoralidade "tornando a graça de Deus em luxúria". Outrossim, mostravam um baixo padrão moral em outros sentidos. Na teoria e na prática, estavam pervertendo a doutrina evangélica da graça. Ainda que a

carta não tenha destino certo indicado no texto, parece ter sido escrita a alguma comunidade desconhecida de cristãos, membros de uma igreja gentílica. Essa igreja sentiu certa influência pagã, conhecida pelo autor, e por conseguinte uma falsa interpretação da fé cristã estava espalhando-se. O autor manda uma missiva enérgica para combater esta influência nociva, que ameaça os leitores, e, ao mesmo tempo, ele procura animá-los a resistir-lhe. Para uma consideração da provável afinidade entre esta epístola e 2Pedro, ver a [Introdução](#) ao comentário sobre 2Pedro e a nota introdutória em [#2Pe 2](#).

Jd-1.1

I. SAUDAÇÃO INICIAL-Jd 1-2

Judas é uma forma do nome judaico Judá. **Servo**; isto é, escravo, "alguém à disposição de Jesus Cristo para Seu serviço" (Moffatt). A mesma palavra é usada por Paulo ([#Fp 1.1](#)), Tiago ([#Tg 1.1](#)) e Pedro ([#2Pe 1.1](#)), para descrever sua relação com Cristo. Se este Judas e este Tiago eram realmente irmãos da mesma família de Jesus, o termo se torna ainda mais sugestivo. **Irmão de Judas** (1): ver a Introdução a esta epístola.

Chamados (1); a palavra lembra que os cristãos foram convidados, e que aceitaram o convite do Evangelho. **Guardados em Jesus Cristo** (1). Serão conservados até o dia da vinda de Cristo, para poderem participar da Sua glória. Cfr. [#Rm 1.7](#); [#2Ts 1.10](#). Os três vocábulos "chamados", "amados" e "guardados", descrevem a genuína vida cristã, e salientam a diferença entre esta vida e a dos falsos irmãos, a respeito da qual Judas tem de escrever. **Misericórdia** (2; gr. **eleos**) denota a imerecida compaixão de Deus, que corresponde à saudação de "graça" nas epístolas de Paulo. Ambos os termos expressam a indevida bondade de Deus, que constitui o fundamento das Suas relações com o homem. **Paz**: saudação hebraica que, na plenitude do sentido cristão, é usada freqüentemente nas epístolas do Novo Testamento. **Amor**: refere-se aqui ao amor divino. Na saudação, Judas anela, para os leitores, uma experiência cada vez mais ampla da misericórdia, da paz e do amor de Deus.

>Jd-1.3

II. PROPÓSITO DA EPÍSTOLA-Jd 3-4

Judas desejava escrever um tratado a respeito da salvação em Cristo, mas o aparecimento de falsos irmãos na igreja levou-o a escrever uma defesa

veemente do padrão moral da fé cristã. Ver a nota na introdução a 2Pe e o comentário dado em [#2Pe 2](#).

Quando empregava (3); Judas principiou a cogitar uma carta ou tratado sobre "nossa comum salvação". Refere-se à salvação concedida tanto a ele e como judeu como a eles como gentios, salvação esta em que todos se interessavam profundamente. Mas a situação que surgira na igreja o compeliu a escrever imediatamente a fim de sará-la. **Batalhardes diligentemente** (3). Esta frase sintetiza o desafio positivo da carta. É freqüentemente citada como apelo para preservar a doutrina ortodoxa, "a fé que uma vez por todas foi entregue aos santos", isto é, todo o corpo do dogma cristão que deve ser defendido por credos, e por polêmicas teológicas. Entretanto, a fé ortodoxa, quando fielmente conservada, tem de produzir o fruto de uma vida consagrada. Portanto, o aspecto da fé cristã em que Judas se interessa mais nesta epístola, é o da vida moral como expressão daquela fé. A ameaça a ser combatida toca os princípios fundamentais de comportamento cristão. **A fé** (3) deve ser defendida não somente em assuntos doutrinários, mas também pela manutenção de uma vida coerente.

Note-se a força do termo **uma vez por todas** (gr. *hapax*). Judas segue o exemplo de Paulo em considerar o Evangelho imutável e completo, dado por Deus aos homens, para que eles possam, por sua vez, comunicá-lo a outros. Cfr. [#Gl 1.8-12](#); [#2Tm 1.13-2.2](#).

O vers. 4 descreve os falsos irmãos, cuja presença e influência na igreja motivaram Judas a escrever esta carta. Três acusações são feitas contra eles, e são citadas diversas vezes na carta. Primeiro, eram **homens ímpios** (cfr. vers. 15-18). Em segundo lugar, eram imorais. Transformaram a **graça de nosso Deus em libertinagem**. Segundo eles, a graça de Deus, Seu infinito perdão gratuito, permitiu que praticassem o mal, que abandonassem a moralidade, e que fizessem tudo isto em nome do Evangelho de Cristo.

Esta falsa representação da doutrina da graça é desmascarada por Paulo em [#Rm 6](#). Em terceiro lugar, eram dominados por um espírito de rebeldia contra autoridade (cfr. vers. 8-18). Note-se a tradução da ARA: "negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo". A ARC lê "negam a Deus", mas a palavra "Deus" não aparece nos manuscritos mais antigos, de modo que a frase toda se refere a Jesus Cristo. **Soberano e Senhor**: no original grego, **despotes**, um mestre absoluto, senhor de escravos, e **kyrios**, Senhor. A primeira palavra ocorre somente duas vezes no Novo Testamento; a outra, a

mais usada, é muito comum, sendo traduzida "Senhor" (ver #2Pe 2.1, n.). **Foram antecipadamente pronunciados para esta condenação.** A mesma palavra "antecipadamente" é usada por Paulo em #Rm 15.4, com referência às escrituras do Velho Testamento, e deve ser entendida aqui no mesmo sentido. Neste caso, Judas está pensando na condenação pronunciada contra os homens que vivem da mesma maneira dos falsos irmãos. Não quer dizer que estes homens foram "predestinados" ou "eleitos" para condenação, mas que a condenação que eles merecem foi prevista e profetizada desde os tempos antigos. As Escrituras conservam as narrativas que dão exemplo de condenação desta natureza, e pronunciam também suas advertências formais.

>Jd-1.5

III. TRÊS ADVERTÊNCIAS-Jd 5-7

Os exemplos citados são escolhidos devido a alguma correspondência entre eles e o caso dos falsos irmãos na igreja.

a) Julgamento dos israelitas infiéis (Jd 5)

Como a quem já uma vez soube isto, Moffatt, seguindo certas versões, transfere **uma vez** desta frase, colocando-a depois de "haver o Senhor salvo". Desta maneira, faz-se uma antítese natural depois da frase "destruiu depois os que não creram". **Soube isto** (ARC); melhor, **cientes de tudo** (ARA). Os leitores da epístola estavam a par de todas as coisas que Judas ia lembrar-lhes. Note-se o paralelismo entre as duas frases "a fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" e "embora já estejais cientes de tudo". As obras de Deus no Velho Testamento foram feitas de uma maneira tal, que se entrosam com o Evangelho agora revelado. O paralelo entre os israelitas infiéis e os falsos irmãos na igreja consiste nisto, que ambos se tinham identificado com o povo de Deus, para depois apostatarem.

>Jd-1.6

b) O Julgamento dos anjos caídos (Jd 6)

O vers. 6 é um dos mais difíceis da epístola. Claramente, a principal idéia, a do julgamento dos anjos caídos, adapta-se bem ao tema do autor. Compara-se a apostasia dos falsos irmãos que deixaram sua posição de fé cristã, à queda dos anjos. Torna-se patente que nem a posição do mais alto privilégio, uma

vez abandonada, fica incólume à ira divina. A principal dificuldade do vers. 6 consiste em saber se as declarações concernentes aos anjos, e às advertências citadas, se originam como os demais exemplos, do Velho Testamento ou de outra fonte.

A primeira observação a respeito dos anjos é que **não guardaram o seu estado original**. "Estado" é tradução do grego **arche**, que também significa "princípio". Pode significar também "principado", (ARC). Phillips (CIN) verte da maneira seguinte: "abandonando a sua esfera". Os anjos perderam não somente posição e privilégio, mas, mais ainda, acesso àquela esfera que Deus lhes designara para a sua habitação, dentro do Seu domínio. Em seguida, Judas declara que **deixaram sua própria habitação** (ARC). A frase descreve a sua ação em "abandonar o seu próprio domicílio" (ARA), não a sua expulsão. Uma interpretação sugere que descreve a descida dos anjos a terra (ver abaixo). Significa desobediência e revolta contra o governo de Deus, sem indicar a forma que a aludida revolta tomou.

A referência à queda dos anjos seria tirada do Velho Testamento, ou de outra fonte? Alguns citam **#Gn 6.1-4**, como uma possível fonte. O passo tem sido interpretado de diversas maneiras. Alguns comentaristas consideram-na a descrição de uma queda de anjos, que, descendo dos céus para a terra, caíram no pecado de cobiça. Outros não vêem nenhuma referência aos anjos, e interpretam o trecho como descrição da união consanguínea de duas raças humanas. Se esta última interpretação for aceita, o trecho em Gênesis não se relaciona com **#Jd 6**. Entretanto, o livro de Enoque faz alusão à queda de anjos, descendo para a terra, e caindo na degradação, e parece que Judas se refere àquele acontecimento. Outros mais pensam que a narrativa de Enoque deriva de **#Gn 6**. Uma possível razão porque Pedro e Judas citam tal obra é sugerida na nota em **#2Pe 2.4**.

>Jd-1.7

c) A Destruição de Sodoma e Gomorra (Jd 7)

O pecado destas cidades era dissolução (ver **#Gn 18-19**). Os falsos irmãos eram escravos da mesma transgressão. A destruição das cidades serviu de exemplo de julgamento, ao qual estes irmãos estavam também sujeitos. **Entregue à prostituição como aqueles**: "aqueles" são os anjos caídos, cujo pecado se assemelhava ao de Sodoma e Gomorra. A destruição das cidades

serviu de exemplo, e o fogo que as consumiu bem pode simbolizar o fogo eterno.

>Jd-1.8

IV. OS FALSOS IRMÃOS-Jd 8-16

Judas agora dirige sua atenção aos homens cuja presença na igreja o preocupa tanto, pois eles, a despeito de tantos exemplos e advertências, continuam a praticar o mesmo pecado. **Da mesma sorte** (8). Não obstante os exemplos de juízo, os falsos irmãos vivem da mesma maneira. Os maus costumes mais em relevo são a indulgência sensual e o espírito de rebeldia pessoal. **Quais sonhadores alucinados contaminam a carne** (8, ARA). A palavra "alucinados" foi acrescentada pelos tradutores; não há equivalente no grego. Chamar tais homens "sonhadores" pode indicar a maneira em que se entregaram aos pensamentos de pura fantasia e imaginação, que no caso deles seriam de caráter imundo. Suas imaginações, aliás, não se limitam ao pensamento, pois transformam-se em ações. **Contaminam a carne**. A frase implica que a carne em si, em sua existência real, não é impura. Torna-se corrompida pelo abuso. **Rejeitam governo** (8, ARA): governo- gr. *kyrlotes*. A palavra aparece apenas quatro vezes no Novo Testamento (ver **#Ef 1.21**; **#Cl 1.16**; e o passo paralelo em **#2Pe 2.10**). Significa "senhorio", no sentido abstrato. No sentido concreto, indica senhorio divino ou angélico, referindo-se usualmente à hierarquia celestial. Alguns comentaristas vêem aqui referência ao senhorio divino. Outros entendem um senhorio angélico. Cfr. Moffatt, "desprezam os poderes celestiais". Mas outros a interpretam como desprezo de autoridade e senhorio no sentido geral, a atitude de revolta contra autoridade como tal. **E vituperam dignidades** (8, ARC). Dignidades: tradução do grego, *doxas*, plural de *doxa*, glória. Assim significa literalmente "glórias". A ARA traduz assim: difamam autoridades superiores. Cfr. Phillips (CIN): "gracejam das glórias celestes". Muitos entendem a frase como referência aos seres angélicos da hierarquia celestial. Se esta interpretação do sentido de "governo" e "dignidade" está certa, não podemos explicar o pecado dos falsos irmãos referido por Judas. É improvável que os termos sejam usados das autoridades da igreja, embora desse bom sentido (ver nota, vers. 11). Qualquer que seja seu significado preciso, o verso sugere o espírito de agressividade e revolta, expressado em palavras violentas.

O comportamento desses homens falsos se manifesta em contraste marcante com o de Miguel, o arcanjo, guardião de Israel, que não usou palavras

exaltadas, nem mesmo contra o diabo. Miguel é mencionado em [#Dn 10.13-12.1](#), e em [#Ap 12.7](#). Entretanto, o Velho Testamento não faz referência nenhuma ao incidente citado por Judas. [#Dt 34.6](#) diz que Deus sepultou a Moisés. O local da sua morte é indicado como sendo nas proximidades de Pisga, na terra de Moabe, mas o lugar exato da sepultura é desconhecido. Seguindo evidência patrística, alguns procuram relacionar este trecho com um suposto apêndice ao livro intitulado [A Assunção de Moisés](#), obra judaica, que relata a disputa entre Miguel e Satanás sobre o corpo de Moisés após sua morte, e que termina com a triunfante assunção de Moisés aos céus. O diabo exigira o corpo de Moisés, visto que este matou um homem ([#Êx 2.11](#)). Miguel não podia tolerar a incriminação, contudo não acusou ao diabo de blasfêmia, mas disse simplesmente: [O Senhor te repreenda](#) (9).

Judas reafirma que os falsos irmãos são culpados de usar palavras insultantes, e acrescenta mais outra acusação, a qual se repete através da carta, a de imoralidade. Estes homens erram com respeito às coisas que conhecem, tanto como às que ignoram.

>Jd-1.10

[Estes, porém, quanto a tudo o que não entendem, difamam](#) (10). A acusação pode ser geral em escopo; "estão sempre prontos a troçar de tudo o que está além do conhecimento imediato" (Phillips, CIN). Neste caso, culpa-os de falta de entendimento espiritual. Por outro lado, a calúnia a que se entregam pode ser aquela já denunciada, "que vituperam as dignidades" (8). E neste caso, Judas quer dizer que tudo o que pertence àquele reino de seres gloriosos está além da sua compreensão. Se estão sem entendimento espiritual, pelo menos têm conhecimento instintivo da vida física, e mesmo naquele setor da vida revelam-se moralmente pervertidos. [Naturalmente](#) (10, ARC): "por instinto natural" (ARA). [Como animais irracionais](#); isto é, são como criaturas inferiores, sem razão: [brutos sem razão](#) (ARA). O substantivo "brutos" deve ser considerado com o verbo [compreendem](#) (por instinto), e não com se [corrompem](#). Os falsos irmãos possuem conhecimentos instintivos e naturais, como os animais, naquele nível de vida. Contudo, este mesmo conhecimento torna-se perverso, e corrompe-os.

Em seguida, são comparados aos tradicionais representantes do mal no Velho Testamento-Caim ([#Gn 4](#)), Balaão ([#Nm 22-24](#)), e Coré ([#Nm 16](#)), e as comparações indicam quais as ofensas cometidas. [Prosseguiram pelo caminho de Caim](#) (11). Isto não quer dizer que, como Caim, eram todos homicidas. Não

há nenhuma sugestão de que este tenha sido um dos seus pecados. Caim era sempre considerado como tipo de homem perverso e, por isso, os falsos irmãos são classificados com ele. **O engano do prêmio de Balaão** (11, ARC). Ver **#2Pe 2.15**, n. Quando a nação de Israel estava nas proximidades da terra de Moabe, no deserto, envolveu-se no culto idólatra dos moabitas e suas práticas imorais (ver. **#Nm 25**). Este deslize foi atribuído a Balaão, e pode ser **o erro de Balaão**, referido por Judas. É, portanto, mais uma alusão a imoralidade sexual permitida pelos falsos irmãos. O erro de Balaão abrange a idéia de qualquer desobediência à conhecida vontade de Deus, por amor de lucro material. **Pereceram na revolta de Coré** (11). Os falsos irmãos nutrem no seio um pecado que corresponde à rebelião de Coré, o grupo que se revoltou contra a autoridade de Moisés. Esta frase apóia talvez a interpretação de que o vers. 8 se refere à revolta contra a autoridade dos apóstolos na igreja.

Judas identifica os "falsos irmãos" com todos estes representantes do mal, e em seguida descreve-os lucidamente em termos metafóricos.

>Jd-1.12

A pontuação do vers. 12, tanto nos textos gregos como nas traduções, revela muita variação, e por conseguinte as frases podem ser apresentadas em diversas formas. No original grego, a palavra traduzida **sem temor** na ARC fica logo depois de **banqueteando-se convosco**. A ARA segue acertadamente esta ordem: **banqueteando-se juntos sem qualquer recato. São manchas em vossas festas de caridade** (ARC). "Festas de caridade", ou "festas de amor", traduz a palavra grega **agapai**, plural de **agape**, "amor". Na igreja primitiva, a palavra era usada tanto para "amor" como para "festa de amor". "Tomava-se esta refeição noturna acompanhada, ou seguida, pela eucaristia. Estas refeições em comum dos cristãos eram sagradas, pois expressavam a união dos crentes com Cristo, a Cabeça" (Souter).

Os falsos irmãos estavam tomando parte nestas festas de amor. A expressão "banqueteando-se convosco" pode indicar o simples fato que participavam na festa, sem serem genuínos membros da igreja; por outro lado, a expressão, que traduz uma palavra só do grego, pode significar "embriagando-se em vosso ambiente" (Moffatt). Houve, às vezes, desordens na festa de amor (cfr. **#1Co 11.21** e seg.), e os homens da laia, que Judas censura, seriam bem capazes de tal conduta. **Manchas** (ARC); gr. **spilades**. Possivelmente significa uma desfiguração física. A ARA traduz "rochas submersas", do variante do grego, **spilas**, rocha do mar, recife. Ambas as traduções servem bem: os falsos irmãos

desfiguravam a comunhão cristã, e ao mesmo tempo agiam como recifes traiçoeiros. Esta segunda figura aponta para seu caráter enganoso, e o perigo que constituíam para outros. **Apascentando-se a si mesmos sem temor** (ARC). Como já foi notado, as palavras "sem temor" devem seguir "banqueteando-se". Note-se a ARA, **pastores que a si mesmos se apascentam**. A frase relembra **#Ez 34.8**, "pastores que se apascentam a si mesmos". Os falsos irmãos eram falsos pastores, líderes enganosos, que se exaltaram como guias da igreja.

São nuvens sem água (12, ARC). O grego omite a palavra "são" (cfr. ARA). Sem o verbo, a lista de comparações torna-se mais notável. As comparações indicam o caráter enganoso e desprezível desses homens. Não trazem benefício a ninguém, como nuvens que não dão chuva. Às vezes, são como as negras nuvens que amedrontam, outras vezes como nuvens luzentes que enganam os que precisam da chuva. **Impelidas pelos ventos**; a frase sugere instabilidade de caráter (cfr. **#Ef 4.14**), e abrange talvez a idéia de ser levado para o juízo. **Árvores murchas, infrutíferas** (ARC). Melhor, como na ARA: "árvores em plena estação de frutos, destes desprovidas". Vê-se claramente evidência certa da sua natureza infrutífera. **Duplamente mortas**; com referência às árvores, o termo salienta o fato que nem na primavera haveria esperança de vida nova. Aplicando a frase aos falsos irmãos, Judas os condena por serem duas vezes mortas, no sentido espiritual: antes da sua profissão de fé, estavam mortos, e também na sua vida nominalmente cristã ainda estão. Sem a vivificação do Evangelho, estão de fato duas vezes mortas. **Desarraigadas**: esta palavra descreve o fim das árvores infrutíferas, e antecipa o julgamento futuro dos falsos mestres.

>Jd-1.13

Ondas bravias do mar que espumam as suas próprias sujidades (13, ARA). Os falsos irmãos, como o bravo mar, nunca têm paz, e como as encapeladas ondas que lançam espuma, plantas marinhas e destroços na superfície do oceano, estes homens espraíam-se em cousas vergonhosas (cfr. **#Is 57.20**). A sugestiva frase **estrelas errantes** representa a sua desobediência em abandonarem o caminho certo. Violaram as leis da natureza humana, e estão fora de órbita (cfr. vers. 6). Por conseguinte, deixaram de ser luzes, como estrelas, e tornaram-se trevas.

Tendo citado comparações entre os falsos irmãos e os mais notáveis representantes do mal no Velho Testamento, e tendo dado suas próprias

descrições impressionantes, Judas agora acrescenta a citação de uma profecia atribuída a **Enoque** (14), personagem mencionada na genealogia em **#Gn 5**. No entanto, não é citação do Velho Testamento. Trata-se de uma "profecia" na obra intitulada **O Livro de Enoque**, escrita no segundo e primeiro séculos A. C., e bem conhecida aos escritores e leitores do Novo Testamento. (Ver o Artigo Geral, **A Literatura Apócrifa e Apocalíptica**). Pertence à literatura apocalíptica daquele período, e contém uma mensagem messiânica, inclusive uma descrição do juízo a ser executado pelo Messias. É possível que Judas considerasse a profecia como referência direta a esses falsos irmãos que ele combate, pois estavam vivendo "nos últimos tempos" (18), quando o juízo descrito no livro estava próximo. Semelhantemente, a descrição dos **ímpios** (15) na profecia em apreço se aplica bem aos falsos irmãos, a suas práticas imorais e a suas palavras arrogantes, de modo que o trecho era muito apropriado em todos os sentidos. **Exercer juízo** (15); a frase não se refere à aplicação da pena, mas ao fato que todos os homens, bons e ímpios, serão levados perante o tribunal divino. O resto do verso tem em mira somente a sorte dos ímpios. **Condenar** (ARC), melhor, **fazer convictos** (ARA). Quer dizer, provar a culpa. Note-se a constante repetição da palavra **ímpio**. Cfr. vers. 4.

>Jd-1.16

No vers. 16, Judas dá alguns retoques ao retrato destes homens. São **murmuradores**, amargurados, de espírito mal satisfeito. **Queixosos**; sendo insatisfeitos, reclamam contra sua sorte e seu destino na vida. **Andando segundo as suas paixões**; esta frase pode referir os desejos normais, ou pode ser mais uma referência às paixões sensuais. É possível que Judas aproveite esta descrição dos falsos irmãos para compará-los com os israelitas que murmuraram no deserto (ver vers. 11). **Cuja boca vive propalando grandes arrogâncias**. Através desta epístola, Judas condena muitas vezes a linguagem arrogante dos adversários falsos. **São adutores de outros, por motivos interesseiros**. O último retoque no retrato revela a tendência neles de adular outros por interesse próprio.

>Jd-1.17

V. EXORTAÇÃO DIRIGIDA AOS VERDADEIROS CRISTÃOS- Jd 17-23

Tendo dado ampla descrição dos falsos irmãos, Judas agora procura orientar os genuínos membros da Igreja, quanto ao seu comportamento na presença de tais homens. Eles não deviam ficar confusos por causa da presença de pessoas falsas no seio da igreja, visto que os próprios apóstolos anteciparam esta situação (17-19). O seu dever consiste em conservar a fé e a pureza (20-21). Quando possível, devem procurar a recuperação moral e espiritual dos iludidos (22-23).

>Jd-1.18

Escarnecedores, andando segundo as suas ímpias paixões (18). As palavras da profecia se entrosam perfeitamente com a descrição dada dos falsos irmãos. Judas salienta sempre a linguagem desdenhosa e a imoralidade dessas pessoas. **São estes que promovem divisões**. O verbo grego **apodiorizo** significa "fazer distinção desfavorável" (Souter). Refere-se, não ao cisma eclesiástico, mas ao esnobismo social (cfr. vers. 16). **Sensuais**: gr. **psychikos**, adjetivo formado do substantivo **psyche**, que se define da maneira seguinte: "é o princípio da vida, e o fundamento da experiência emotiva, que anima o nosso corpo físico, em contraste com a vida espiritual" (Souter). O termo se usa para descrever a vida natural do homem sem a presença do Espírito de Deus. Compare-se a última frase do versículo: "que não tem o Espírito".

>Jd-1.20

Judas agora considera a maneira em que os verdadeiros membros da igreja devem conservar a pureza da fé cristã. **Vossa fé santíssima** (20); esta fé é o alicerce sobre o qual se deve construir a vida. Há dois aspectos desta fé. Primeiro, significa a fé pessoal dentro do coração, e também aponta para a fé cristã que professam, "a fé uma vez por todas entregue aos santos" (vers. 3). Esta **fé santa** exige que a vida construída sobre ela seja também santa. A chamada de **edificar-se** sobre esta fé sugere força e estabilidade de caráter, qualidades altamente desejáveis na vida do crente. A vida dos falsos irmãos oferece um notável contraste. Ver as metáforas de vers. 12-13.

>Jd-1.21

Orando no Espírito Santo. A oração é indispensável na vida cristã, e por meio dela o leitor poderá edificar sua vida espiritual. **Guardai-vos** (21). O termo sugere uma fortaleza, em que os crentes podem refugiar-se contra as forças maléficas de falsos irmãos. Há segurança **no amor de Deus** (21), e os crentes

devem comportar-se de tal maneira que Deus possa agir em amor e não em juízo. Devem pensar sempre na **vida eterna** (21). Esta ênfase na vida eterna servirá para manter o testemunho cristão aqui no mundo. **Misericórdia** é o fundamento da esperança do cristão, até o fim. A nossa aceitação final, como a inicial, depende, não dos nossos méritos, nem das nossas realizações, mas da misericórdia divina. A **vida eterna** se liga com a **misericórdia**, da qual é a consequência e fruto. Cfr. Phillips (CIN): "Esperai pacientemente pela misericórdia de Jesus Cristo, que vos levará à vida eterna". Note-se a quádrupla atividade da vida espiritual: edificação, oração, conservação e antecipação.

>Jd-1.22

Nos vers. 22 e 23, Judas dá algumas diretivas sobre o trato com os falsos irmãos. Embora tenha escrito severamente a respeito do seu caráter e conduta, Judas exorta os genuínos membros da igreja a cooperarem no trabalho de recuperação espiritual dos extraviados, onde possível. **Compadecei-vos de alguns que estão na dúvida** (22). O senso é claro na primeira frase, que exorta à compaixão e misericórdia. A segunda frase, que traduz uma palavra no grego, **diakrinomenous**, permite vários sentidos. A palavra é particípio do verbo **diakrino**, "separar", ou "discriminar". No grego do Textus Receptus, o particípio está no nominativo, e neste caso, os que distinguem ou discriminam são os próprios leitores da epístola. É necessário distinguir entre indivíduos, mostrando a alguns misericórdia e compaixão. Cfr. Phillips (CIN): tratá-los numa maneira diferente. Em outros manuscritos gregos, o particípio está no acusativo, e neste caso se refere ao estado dos que carecem de misericórdia. A ARC segue este texto, e traduz a frase **que estão duvidosos**. Outro significado da palavra **diakrino** é "duvidar", "titubear". Estes que vacilam apenas começam a duvidar, sem serem plenamente convencidos pelos argumentos dos falsos pastores. A frase pode incluir até alguns dos mestres errados, que começam a duvidar. Outra interpretação do particípio grego é "quando disputam". Quando os verdadeiros crentes discutem com os falsos irmãos, é preciso mostrar-lhes um espírito de compaixão. Devido à incerteza do texto original, todas as interpretações citadas são possíveis. Talvez a tradução da ARA seja a mais apropriada, pois os que estão na dúvida seriam os mais propensos a voltar à fé genuína. Nos textos gregos do vers. 23, existem variantes, como se vê por uma comparação da ARC e da ARA. **Em temor** (23); a idéia não é a de incutir medo nos extraviados, mas antes a expressão descreve a atitude daqueles que procuram recuperá-los. Devem sentir temor numa possível contaminação da sua fé. "Salvai-os, temendo o contacto pessoal

com eles" (Moffatt). **Arrebatando-os do fogo**; a frase parece lembrar **#Am 4.11** e **#Zc 3.2**. A figura sugere algo salvo dum incêndio no último momento. **Detestando até a roupa contaminada pela carne**. Cfr. **#Zc 3.2**, onde Josué, o Sumo Sacerdote, representante da nação, é descrito como "tição tirado do fogo". No mesmo passo, ele traja vestes sujas, que lhe são tiradas, a fim de revesti-lo de vestes novas. Parece que Judas lembrou-se deste passo quando escreveu da "roupa contaminada pela carne", símbolo do estado pecaminoso dos falsos irmãos. Quem sente compaixão para pecadores deve ao mesmo tempo sentir ódio ao pecado.

>Jd-1.24

VI. DOXOLOGIA FINAL-Jd 24-25

Os destinatários da carta, rodeados de cristãos extraviados, cuja presença e influência representam um perigo para sua vida espiritual, podem ser contagiados do mesmo mal, e, por esta razão, Judas ultima a epístola com a afirmação que Deus é poderoso para guardá-los de tropeços (24). **Poderoso... para vos apresentar**; literalmente, poderoso para vos colocar, pôr em pé. **Irrepreensíveis**; grego, **amomos**, sem mácula, incorruptos; o termo era usado dos animais oferecidos em sacrifício. A frase "vos guardar do tropeço" tem em mira a carreira cristã no mundo, enquanto a frase "para vos apresentar... irrepreensíveis" antecipa a segurança da alma no mundo vindouro, **diante da Sua glória**. **Com exultação**: o termo expressa gozo exuberante, a alegria de vitória, triunfo e sossego. O texto original do vers. 25 é incerto, e existem diversas variantes. **Antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos**. Nesta doxologia, Judas afirma a soberania, no passado, no presente e no futuro, do único Deus e Salvador e antecipa a **exultação** que há de ser experimentada por todos os que, finalmente, se encontrarão perante Sua gloriosa presença.

ROBERT ROBERTSON

O APOCALIPSE

INTRODUÇÃO

I. AUTORIA

O autor do Apocalipse designa-se simplesmente João. Embora residente na Ásia Menor (ou, antes, Ásia proconsular), ele era claramente um cristão hebreu como a linguagem e o estilo do livro revelam, e assumiu posição de influência entre as igrejas dessa região. Era natural, em vista da forte tradição de que João, o filho de Zebedeu, emigrou para Éfeso, que os escritores cristãos identificassem João, o apóstolo, com o vidente que escreveu o Apocalipse. O motivo mais ponderável para essa conclusão é, talvez, o fato que o profeta simplesmente se chama "João", como se não houvesse nenhum outro líder cristão nessa região com quem ele pudesse ser confundido. As muitas afinidades notáveis de pensamento e redação entre o Evangelho e o Apocalipse, quanto aos pormenores, também reclamam o reconhecimento de alguma ligação na autoria dos dois livros.

Por outro lado, a apresentação geral do pensamento e, ainda mais, do estilo e redação do Apocalipse divergem tão largamente do Evangelho, que uma autoria comum se torna problemática. O problema é ainda mais complicado pela opinião vigorosamente debatida por C. C. Torrey, de que o Apocalipse foi escrito em aramaico; desta forma, o grego incomum do livro se explica como sendo uma tradução muito literal. Se outro autor fez essa tradução, o argumento, quanto à diferença de estilo entre o Apocalipse e o Evangelho, cairia por terra ou, pelo menos, perderia sua principal força, porque ninguém pode assegurar que o quarto evangelista escreveu grego clássico.

Em vez de fazer arbitrária decisão sobre tão complicada matéria, é mais prudente admitir que não estamos atualmente em condições de afirmar ou negar que o profeta era o apóstolo do mesmo nome (ver [The New Bible Handbook](#), I. V. F., págs. 408 e segs.). Contudo, a autoria deste livro é de mínima importância em relação ao seu conteúdo; isto não prejudica, de nenhum modo, a interpretação do texto. Em todo caso, o livro pretende ser a "Revelação de Jesus Cristo que Deus lhe deu... e que Ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou a seu servo João" (1). O livro ganha o seu valor pela sua origem, não pela identificação do seu autor humano. O conteúdo do livro é consistente com essa origem divina.

II. DATA

Recentes escritores sobre o Apocalipse se inclinam à aceitação da tradição dos primeiros cristãos de que foi escrito pelos fins do reinado de Domiciano, i. e., cerca de 96 A. D. O livro reflete os princípios de uma crise de perseguição prestes a rebentar com toda a fúria sobre os cristãos da Ásia e, finalmente, sobre a igreja em toda a parte. João, um eminente líder cristão, já havia sido exilado, fato que parece indicar a determinação oficial de erradicar a Igreja, com raiz e ramos. Parece eminente o decreto obrigando o culto do Imperador. Isto concorda perfeitamente com as condições existentes na Ásia Menor durante a perseguição instigada no reinado de Domiciano.

Por outro lado, deve ser mencionado o fato que vários mestres de notabilidade preferem data mais recuada, ou no reinado de Nero (Lightfoot, Westcott, Hort), ou no outro reinado de Galba, 68 A. D. (assim Torrey). A opinião é baseada numa interpretação literal de [#Ap 11.1-2](#) e [#Ap 17.9-11](#). Sopesando as evidências, parece mais provável a data domicianiana, entretanto, não podemos insistir nela.

III. INTERPRETAÇÃO

Geralmente, os vários tipos de exposição do Apocalipse limitam-se a quatro. A concepção preterista vê as profecias como inteiramente relacionadas aos dias de João, sem nenhuma referência a épocas futuras. A interpretação histórica contempla as visões como a predição da história desde o tempo do escritor até o fim do mundo. A explicação futurista coloca a relevância das visões inteiramente no fim da época, afastando-as grandemente do tempo do profeta. A explanação poética considera ilegítimos todos os sistemas de interpretação rígidos. Segundo ela, o profeta simplesmente descreve, à maneira dos seus predicados de artista, o triunfo certo de Deus sobre todos os poderes do mal.

Autores liberais francamente endossam a escola preterista e repudiam os elementos de predição no livro; muitos, contudo, aceitam como válidos os princípios do governo moral de Deus, que se revelam no fundamento do ensino profético. Geralmente, os reformadores adotam o ponto de vista histórico. Identificam o poder coativo com a Roma papal. Rigidamente interpretado, este conceito parece ser contrário à analogia de todas as outras profecias da Bíblia. A exposição futurista era a dos primeiros séculos da Igreja

e goza de grande aceitação hoje entre os evangélicos. Em sua forma popular, contudo, está sujeita a sérias objeções, visto que o pano de fundo histórico do livro é quase inteiramente negligenciado. Na verdade, vulgarmente consta que João escreveu o Apocalipse, não para a sua própria época, mas para a Igreja do tempo final. Daí os seus proponentes fazem com que o livro preste informações e idéias tais como as de que o profeta jamais cogitou. Exageros desta espécie levam muitos leitores a avaliar o livro somente do ponto de vista estético, negando tivesse relação com uma situação específica qualquer.

Os símbolos, não obstante, significam alguma coisa. João foi mais do que poeta, apresentando em imagens indefinidas o triunfo de Deus sobre o mal. Ele escreveu para as igrejas a seus cuidados com uma situação prática em mira, a saber, o prospecto da adoração popular de César tornar-se em seus dias obrigatória para os cristãos. Ninguém que diz "Jesus é Senhor" pode também confessar "César é Senhor", esta última exigência ameaçou a própria existência de toda a Igreja de Deus. Com lúcida compreensão dos princípios envolvidos, João percebeu nitidamente o que seria a consumação lógica das tendências já em operação, a saber, a humanidade dividida para a obediência de Cristo ou do anticristo. No esboço da época de João, portanto, e nas cores do seu delineamento, ele descreveu a última grande crise do mundo, não meramente porque, de um ponto de vista psicológico, ele não pudesse fazer outra coisa, mas por causa da real correspondência entre a sua crise e a dos últimos dias. Como a Igreja era, então, alvo de uma devastadora perseguição de Roma, assim deveria nos últimos dias encontrar-se violentamente perseguida pelo poder mundial prevalescente. A vitória dessa grande luta será o advento de Cristo em glória, e com Ele o estabelecimento do reino de Deus em poder. João claramente contemplou o fim como próximo (#Ap 1.1-3), mas esta "antecipada perspectiva" não invalida as suas predições mais do que o fizeram aquelas dos profetas do Velho Testamento e de nosso Senhor, por ser isto característico de toda a profecia.

A exposição seguinte, então, procura interpretar as visões do livro como os leitores devem ter feito a quem elas foram primeiro endereçadas, reconhecendo, não obstante, que o seu próprio cumprimento aguarda o dia que não é conhecido nem de homem nem de anjo, mas que está ainda sob a divina autoridade (#At 1.6).

Ap-1.1

I. PRÓLOGO Ap 1.1-8

a) Títulos (Ap 1.1-3)

Aqui se apresentam a fonte do livro (1), a natureza do seu conteúdo (2) e os abençoados resultados para quem o tomar a sério (3).

O Apocalipse (1) é a descoberta de alguma coisa escondida, empregado aqui no sentido de "uma visão e a sua interpretação" (Charles). A última fonte desta revelação é o próprio Deus; Ele a deu a Jesus Cristo para o benefício da Igreja (seus servos); foi, portanto, enviada por intermédio de um anjo a João que, por sua vez, a transmitiu às "sete igrejas" (4) e, deste modo, a toda a Igreja de Deus. Relata as coisas que brevemente devem acontecer (1); "brevemente" exprime a atitude profética normal e é acentuada através do Novo Testamento (veja #Lc 18.8; #Rm 16.20; #1Co 7.29-31; #Tg 5.8; #1Pe 4.7; #Ap 1.3; #Ap 22.20).

Além disso, o Apocalipse define-se como a palavra de Deus, o testemunho de (dado por) Jesus Cristo, quanto a tudo o que (o vidente) viu. Em #Ap 1.9 e #Ap 20.4 se unem as primeiras duas frases para representar toda a verdade de Deus; aqui significa as palavras desta profecia (3).

Invoca-se a bênção sobre quem o lê; em voz alta, à congregação em assembléia e sobre os que ouvem e observam o que se ordena. São duas classes aqui e não três; os últimos dois participios se regem por um sujeito. Cfr. #Lc 11.28.

>Ap-1.4

b) Saudação (Ap 1.4-5a)

Às sete igrejas que estão na Ásia (4), isto é, na província romana daquele nome, são enumeradas no vers. 11. Quase não se deve duvidar de que elas representem também a Igreja em sua integralidade, como se vê na conclusão de cada uma das sete cartas, "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas". Aquele que é, e que era, e que há de vir (4) é um título para Deus, acentuando tanto a sua eternidade, como a sua relação vital à história. A última frase ("que há de vir", ao invés do esperado "que será") constitui não somente uma alusão cônica à segunda vinda de Cristo, mas dá a entender que o evento mais importante do futuro é aquele aparecimento que será também a vinda de Deus. Os sete espíritos que estão diante do seu trono (4) é

provavelmente uma designação do Espírito Santo. Pode ter-se originado no pensamento do vidente através da interpretação popular de [#Is 11.2-3](#) como sendo uma sétupla dotação espiritual do Messias ("os sete olhos do Senhor que discorrem por toda a terra", de [#Zc 4.10](#); ver [#Ap 4.5-6](#)) e a sua representação da Igreja universal pelas sete igrejas locais a que ele escreve em particular. Expositores modernos (e alguns antigos, v. g. Andreas e Aretas) freqüentemente interpretam os sete Espíritos como sendo seres angélicos, talvez os sete arcanjos da angelologia judaica e considerando o conceito como remontando, através da religião persa, ao culto babilônico do sol, lua e cinco planetas. Charles opina a favor desta interpretação (se bem que considere a sua presença aqui devido à interpolação), porque em [#Ap 3.1](#) os sete Espíritos de Deus parecem assemelhar-se às sete "estrelas" (que representam os anjos das igrejas). Porém, em parte nenhuma, é dito que esses Espíritos cultuem a Deus, ainda que todas as demais classes de seres angélicos sejam mencionadas como assim fazendo. A respeito de [#Ap 3.1](#), escreve Kiddle, "Quando reconhecemos que o "sete" em cada caso tem a idéia de unidade e integridade, ao invés de diversidade, de tal modo que devemos pensar dum só Espírito e de uma só Igreja, em vez dos sete Espíritos e das sete igrejas, então temos em vista uma possível solução... Os sete Espíritos e as sete estrelas desta forma significam o Espírito profético e o caráter celeste da Igreja, que o Espírito vivifica" ("Revelation", Moff. Comm., pág. 87).

Jesus é a [fiel testemunha](#) (5) não só com respeito a esta revelação, mas no que diz respeito a toda a verdade de Deus. Cfr. [#Jo 18.37](#). Ele é o [primogênito dos mortos](#) (5), no sentido de ser o primeiro a ressuscitar dos mortos e, deste modo, "as primícias dos que dormem" (ver [#Cl 1.18](#) e [#1Co 15.20](#)). João, porém, pode estar citando [#Sl 89.27-28](#). Nesta passagem o "primogênito" foi interpretado, pelos judeus, como referência ao Messias, no sentido de "soberano" (até mesmo Deus era às vezes chamado "primogênito"). Se este pensamento predomina na mente de João, então Jesus aqui é chamado "soberano dos mortos", um apto paralelo ao "príncipe dos reis da terra" (5), sendo ambos os títulos aplicáveis a Ele, em virtude de sua ressurreição.

c) Bênção (Ap 1.5-6)

[Àquele que nos ama, e em seu sangue nos libertou dos nossos pecados, e nos constitui reino, sacerdotes para o seu Deus.](#) Esta tradução da ARA é superior à da ARC. (A tradução "lavou" (ARC) em vez de "libertou" sente a influência de [#Ap 7.14](#)). É significativa a diferença no tempos dos verbos, o amor ("nos ama") sendo constante e a redenção ("libertou") uma vez para sempre. A

bênção toda remonta ao êxodo do Egito, o vers. 6, sendo citação de #Êx 19.6. Através do livramento realizado pela sua morte e ressurreição, Cristo já trouxe o seu povo do domínio do pecado e fez dele um reino que todos nós somos sacerdotes. Consideram alguns que o "reino" significa uma nação debaixo de um rei, mas, à vista de tais passagens como #Ap 5.10; #Ap 20.6; #Ap 22.5, parece provável que aqui significa uma nação de reis.

>Ap-1.7

d) O segundo advento (Ap 1.7-8)

O vers. 7 reproduz #Mt 24.30, exceto que são transpostas as cláusulas seguintes: "Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória". A declaração une duas escrituras do Velho Testamento. #Dn 7.13 e #Zc 12.10. O ponto correspondente na visão deste livro é #Ap 19.11-21. Como no término do livro, assim também aqui, o profeta registra sua aprovação ardente desta promessa com as palavras "sim, Amém".

Alfa e Ômega (8) a primeira e a última letras do alfabeto grego. É provável que a frase traduza para os leitores gregos um idiotismo hebraico pelo qual a primeira e última letras do alfabeto eram usadas para exprimir totalidade. Era dito, por exemplo, que Adão transgrediu a lei "de álefe a tau"; Abraão, pelo contrário, guardou a lei "de álefe a tau". Neste vers. 8 o sentido é que Deus é o Senhor de toda a história, seu princípio, seu fim e todo o seu decurso. Tal afirmação é necessária para os crentes num dia quando as potestades que há se opõem à Igreja. Podemos notar que essas palavras são atribuídas a Cristo em #Ap 22.13; os expositores mais antigos, às vezes, pensavam que fosse Ele quem fala aqui também, mas é patente que este conceito está errado; são palavras do "Senhor Deus" (ARA). O **Todo-Poderoso**, título este que João freqüentemente emprega e que os LXX de #Os 12.6 e #Am 9.5, traduzem "Senhor Deus dos Exércitos".

>Ap-1.9

II. VISÃO DO FILHO DO HOMEM Ap 1.9-20

A aflição e o reino em que João e os seus leitores participam como cristãos são uma experiência e possessão presentes, como também a paciência que

Jesus supre. Os três elementos nos são proporcionados por nossa união com Ele, mas o primeiro e o terceiro nos conduzem a uma apropriação mais completa do segundo, na consumação do mesmo. Comparar #Jo 16.33; #Rm 5.3; #2Tm 2.12. Alude-se à participação de João na aflição, quando se menciona o fato dele estar em Patmos **por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo** (9); estava lá em consequência da sua fidelidade ao evangelho, não em exílio voluntário, a fim de receber mais revelações. Cfr. #Ap 6.9. O fato que ele diz que "estava" (ou "se achava") em Patmos dará a entender que ele escreveu o livro depois de deixar a ilha?

>Ap-1.10

Eu fui arrebatado em espírito (10) significa que João caiu em estado de êxtase (lit. "achei-me no Espírito", ARA) e deste modo ocasiona a visão que se segue. Ocorreu **no dia do Senhor** (10), não, como entendem alguns "no dia do Senhor" no sentido escatológico, como se João tivesse sido transportado para viver naquele dia, mas "no dia consagrado ao Senhor", uma frase que se usava já no segundo século referindo-se ao domingo. O termo "o dia do Senhor", como Deissmann tem mostrado, é provavelmente a substituição desafiadora dos cristãos ao "dia do Imperador", que era celebrado ao menos mensalmente na Ásia Menor, se não semanalmente. Indicava originalmente o dia da elevação de Faraó ao trono do Egito, ou seu dia natalício; a idéia foi apropriada pelos imperadores romanos. Como memorial do dia da ressurreição de Cristo, e assim, da sua exaltação à soberania, o título "o dia do Senhor" é especialmente apropriado. **A grande voz, como de trombeta** (10) foi presumivelmente a do Filho do homem. É difícil não sentir que **sete igrejas** (11) foram escolhidas por causa da natureza sagrada daquele número. As sete que foram singularizadas, contudo, tiveram urna reivindicação especial para serem recipientes destas cartas, posto que elas se situavam nas estradas que uniam, em via circular, a província da Ásia. Outrossim, segundo Ramsay, estas cidades serviam de centros distribuidores dos sete distritos postais da região e desta forma seriam os melhores pontos para divulgarem as cartas às demais Igrejas na província. **Os sete castiçais de ouro** (12) (candeeiros, ARA), nos lembram o castiçal de ouro, com seus sete braços, ou hásteas, no santo lugar do tabernáculo e do templo (#Êx 25.31; #Zc 4.2). Com a destruição do templo, o castiçal foi transportado para um templo pagão em Roma. Naquilo em que os judeus falharam, as igrejas cristãs são chamadas para serem bem sucedidas, dando luz a um mundo em trevas. A frase **um semelhante ao Filho do homem** (13), ou "um semelhante a filho de homem" (ARA) recorda #Dn 7.13; dá a entender que esta Pessoa não é apenas um homem e lembra

indubitavelmente o uso deste título por nosso Senhor. (Não ocorre, porém, nas Epístolas). A descrição que se segue tira livremente de #Dn 10.5-6. O significado desta presença **no meio dos sete castiçais** (13), isto é, das igrejas, mal requer menção. O **vestido comprido** usado por Cristo (13) pode ser alusão às vestes talares (ARA) do sumo sacerdote; porém, há certa dúvida de que tal associação esteja em mente aqui, pois este vestido era usado também por qualquer pessoa de alta categoria. A descrição dos cabelos brancos é reminiscência estudada de #Dn 7.9, onde se descreve o "Ancião de dias". A aplicação a Cristo dos atributos de Deus é fenômeno constante deste livro. Comparar os **pés semelhantes a latão reluzente** (15) com #Dn 2.33-35. Swete pensa que as **muitas águas** (15) são o bramir do mar Egeu em torno de Patmos.

>Ap-1.16

Um quadro simbólico é dado no vers. 16, que nunca deve ser representado numa tela. As **estrelas** estão no poder de Cristo, a **espada** simboliza a sua autoridade e poder judiciais. **O sol** resplandecendo **na sua força**, relembra #Jz 5.31, mas também recorda a transfiguração (#Mt 17.2). Para o vers. 17, comparar #Dn 10.9; ver também #Js 5.14; #Is 6.5; #Ez 1.28. **Eu sou o primeiro e o último** (17; também em #Ap 2.8 e #Ap 22.13) se diz em relação a Jeová, em #Is 44.6 e #Is 48.12. Seu sentido é o mesmo do vers. 8. A frase **O que vivo e fui morto** salienta o contraste entre a vida eterna, inerente no Filho, e a morte abjeta que Ele sofreu. Aquela vida triunfou sobre a morte, conseqüentemente Ele diz: **vivo para todo o sempre**, este último predicado é atribuído ao pai em #Ap 4.9-10 e #Ap 10.6. A posse das **chaves da morte e do Hades** (18) foi adquirida pela Sua ressurreição e significa a conquista da morte.

>Ap-1.19

Uma divisão rudimentar do Apocalipse de João é fornecida no vers. 19. **As coisas que tens visto** constituem a visão dada naquele instante; **as que são** se relacionam ao estado existente nas igrejas e às cartas já preparadas para serem entregues; a frase, **as que depois destas hão de acontecer** refere-se às subseqüentes visões do livro. Isto não deve ser dado como prova de que tudo, sem exceção, nos caps. 4 a 22 refere-se ao tempo futuro, quando João escreveu e muito menos ao tempo do fim de todas as coisas. As sete estrelas e os sete castiçais da visão são agora interpretadas para João (20). Estes representam as igrejas, enquanto aquelas são mais equívocas. Parece estranho interpretar as sete estrelas como sendo sete "anjos", no sentido comum do

termo, nem que sejam anjos da guarda; pois seria supérfluo escrever-lhes por intermédio de João (vers. #Ap 2.1) e, de qualquer forma, o conteúdo das cartas se relaciona inteiramente com as próprias igrejas. Muitos expositores, portanto, mantêm que os anjos representam alguns dos oficiais das Igrejas, quer delegados, quer administradores.

Ainda que seja uma interpretação possível, é muito excepcional, na literatura apocalíptica, que os anjos simbolizem homens. Talvez seja preferível entendê-los como personificações da vida celeste, ou sobrenatural, das igrejas vistas em Cristo, de sorte que os anjos exteriorizem o caráter que as igrejas deviam realizar, do mesmo modo como os castiçais representam a vida terrestre das igrejas vista pelos homens.

Ap-2.1

III. AS CARTAS ÀS SETE IGREJAS Ap 2.1-3.2

É da opinião de alguns que estas cartas foram escritas antes do corpo principal do livro e foram enviadas separadamente às diferentes igrejas; mais tarde foram ampliadas e compiladas a fim de todas as igrejas tirarem proveito. A teoria não é impossível, porém é duvidosa, pois as cartas estão intimamente relacionadas com o início e o fim do livro; e, se eliminarem as passagens em apreço, o que restar constituirá mensagens bem abrutadas. Cada carta se endereça ao "anjo" da igreja e começa com uma descrição de Cristo, tirada da visão introdutória, tendo os pormenores que se mencionam especial relevância à igreja sob consideração. A designação de Cristo na carta aos Laodicenses constitui uma exceção, sendo uma reminiscência da saudação com que o Apocalipse começa. Semelhantemente, cada carta conclui com uma promessa no tocante a galardões a serem distribuídos no segundo advento; de modo geral, estas promessas têm uma especial aptidão para cada igreja individualmente-e é-lhes dada uma encarnação visionária nos capítulos finais do livro.

a) A carta à igreja em Éfeso (Ap 2.1-7)

Éfeso era a maior cidade da Ásia e o centro da administração romana daquela província. Tomou o título de "Guardião do Templo", originalmente em referência ao famoso templo de Ártemis, posteriormente, porém estende-se aos dois ou três templos devotados ao culto dos imperadores. Paulo fundou aqui a igreja que se tornou o centro para a evangelização do resto da província

e aqui residia o apóstolo João. A igreja em Éfeso, conseqüentemente, deve ter-se tornado a principal do leste, com a possível exceção de Antioquia. Kiddle sugere que esta carta foi colocada em primeiro lugar, não tanto pela importância da igreja, como pela advertência que lhe foi entregue. (Por semelhante razão, a carta aos Laodicenses foi colocada por último).

A designação de Cristo em vers. 1, tanto é um encorajamento como é uma advertência. As sete estrelas estão na sua mão (isto é, Ele mantém a vida espiritual delas), e a sua presença é coextensiva a todas as igrejas. Mas o poder que sustêm é também competente para a remoção judicial; assim o título prepara o ouvinte para o vers. 5. **Eu sei** (2) declara uma verdade de semelhante importância dupla. A frase encabeça cada uma das sete cartas, ora proporcionando conforto (**#Ap 2.9; #Ap 2.13**, etc.), ora envergonhando (**#Ap 3.1-15**). Aqui ela precede uma recomendação. As **obras** dos efésios são **trabalho** e **paciência** (2); aquela se manifesta nos esforços para vencer os falsos mestres (2), esta na resignação paciente frente à oposição, quer dos falsos apóstolos, quer de outras fontes (3). Os maus são aqueles que se chamam profetas e não o são. Comparar predições de Paulo em **#At 20.29-30; #1Tm 4.1-3**. É possível que os principais ofensores sejam os nicolaítas mencionados no vers. 6.

A falta dos efésios é talvez a perversão de sua principal virtude; sua oposição aos falsos irmãos os conduzia a repreensão e dissensão dentro da igreja, levando-as assim a deixar o seu primeiro amor. Isto interpretaria o "amor" a que se faz referência como sendo o amor fraternal. Pode, contudo, se referir ao amor a Deus; compare **#Tg 2.2-5**, visto que uma manifestação deste amor é impossível sem a outra, podemos talvez incluir ambas em nosso texto (cfr. **#Mc 12.30-31** com **#1Jo 4.20**). **Brevemente a ti virei** (5) significa que o Senhor "virá" numa visita de juízo. Ver também **#Ap 2.16**. Um exemplo da sua "vinda" em bênção se acha em **#Ap 3.20**. Tais afirmações de maneira nenhuma entram em choque com a verdade de sua vinda final, fato este que os teólogos não têm sempre reconhecido quando falam da "vinda" de Cristo ao crente e dos seus "adventos" na história, como se o reconhecimento desses aparecimentos secundários de algum modo invalidassem a verdade do aparecimento supremo.

Os nicolaítas eram julgados logo cedo como adeptos de Nicolau de Antioquia, um dos sete (**#At 6.5**). Deduzimos de **#Ap 2.14-15** que eles mantinham o mesmo erro que os balaamitas, a saber: ensinar a comer coisas sacrificadas aos ídolos e a adulterar. Foram estas as principais matérias condenadas por decreto

do concílio apostólico (#At 15.29). É notável que os nomes de Balaão e Nicolau são cognatos (Balaão-"Ele tem consumido o povo"; Nicolau-"Ele vence o povo"). Se este ensino foi tão energicamente repellido pelos efésios (vers. 2), concluímos que se espalhava muito. A injunção: **Quem tem ouvidos...** (7) repete-se em conexão com as promessas ao vencedor em todas as sete cartas. Está freqüentemente nos lábios do nosso Senhor através dos quatro Evangelhos (#Mt 13.9-43, etc.).

O **Espírito** é o Espírito Santo, se bem que o orador seja Cristo. Para semelhante fenômeno comparar #Rm 8.9-11 e #2Co 3.17. "Vencedor" retrata o cristão como fiel batalhador de Cristo, "membro da igreja militante, vitorioso, não obstante as circunstâncias" (Swete). Parece haver pouca justificativa em limitar o termo, como quereriam alguns, somente aos mártires, ainda que seja verdade que o vencedor só pode demonstrar sua vitória absoluta sendo fiel até a morte.

Comer da árvore da vida (7) é participar da plenitude da vida eterna; a árvore se encontra "no meio do paraíso de Deus", a Jerusalém celestial, que deverá manifestar-se na terra para o homem redimido (ver #Ap 21.10-22.2). As bênçãos da primeira criação, perdidas pelo homem, serão restauradas em escala ainda maior na "regeneração" (#Mt 19.28).

>Ap-2.8

b) A carta à igreja em Esmirna (Ap 2.8-11)

Esta cidade era uma das mais prósperas na Ásia Menor e tomou o nome de "Metrópole". Ali os judeus constituam uma colônia excepcionalmente numerosa e próspera; seu antagonismo à igreja cristã, aparece, não somente nesta carta, mas também na de Inácio aos esmirnenses. O título dado a Cristo (8) reaparece em #Ap 1.17. Esta igreja, prestes a ser severamente provada, necessitava lembrar que o seu Salvador era o Senhor da história e conquistador da morte (cfr. vers. 10).

Contrastar a condição dos cristãos em Esmirna com a riqueza material e a pobreza espiritual dos laodicenses (#Ap 3.17). A **blasfêmia** dos judeus (9) seria dirigida principalmente contra Jesus, mas eram capazes de blasfemar mesmo contra o Deus que eles confessavam. Os cristãos de Esmirna mais tarde relataram como os judeus se aliaram aos pagãos em reivindicarem a morte de Policarpo, Bispo de Esmirna, na base de sua oposição à religião

estatal. Desse modo, em vez de constituírem uma assembléia de Deus, eles haviam-se tornado **a sinagoga de Satanás** (9; ver também **#Ap 3.9**). Uma vez que se nega que os judeus tivessem o direito de manter o seu nome nacional, torna-se evidente que os cristãos se consideram os legítimos herdeiros de Abraão, como em **#Rm 2.28**.

>Ap-2.10

As coisas que esses crentes brevemente têm de sofrer podem ter relação com a oposição dos judeus. Tal aflição terá a duração de **dez dias** (10), isto é; um período abreviado. Às vezes acredita-se ser idêntico à "grande tribulação" de **#Ap 7.14**, mas parece mais provável ser alusão a uma perseguição local. O **diabo** ("caluniador") será então o agente utilizado para provar os cristãos; tal provação por meio de perseguição se distingue da que se menciona em **#Ap 3.10**, onde lemos da hora da tentação que deverá vir sobre o mundo inteiro, pois desta última os cristãos serão preservados (cfr. **#Ap 7.2-12.6**). **A coroa da vida** (10) alude-se à grinalda conferida ao vencedor nos jogos, "a coroa que consiste de vida". Swete lembra que a coroa não é diadema, mas o emblema de festividade, nesse caso a grinalda é um apto símbolo de vida, pois esta última tem que ser compreendida à luz das descrições finais do livro, uma vida de sagrado privilégio, gozo e de galardões distinguidos (**#1Co 9.25-27**). **A segunda morte** (11). Em **#Ap 21.8** define-se como "o lago que arde com fogo e enxofre". É uma frase rabínica; comparar o muito citado Targum de Jerusalém sobre **#Dt 33.6**, "Que viva Rúben nesta época e não morra a segunda morte de que morrem os injustos no mundo vindouro". Charles aptamente compara I Enoque 99.11, "Ai de vós que propagas o mal para o vosso próximo, pois perecereis em seol", conceito este que não implicava em aniquilamento, como torna claro I Enoque 109.3.

>Ap-2.12

c) A carta à igreja em Pérgamo (Ap 2.12-17)

Pérgamo era descrita por Aretas como "dada à idolatria mais do que toda a Ásia". Atrás da cidade situava-se uma colina, mais de 300 metros de altitude, coberta de templos pagãos. Entre eles o mais destacado de todos era o grande altar de Zeus, colocado sobre uma plataforma, esculpido na rocha, dominando a cidade. O culto ao imperador foi estabelecido ali primeiro que em Éfeso ou Esmirna, de sorte que posteriormente, Pérgamo se tornou o reconhecido centro do culto na Ásia. Daí dizia-se desta igreja, que habitava **onde está o trono de**

Satanás (13). Este fator explicava a causa das dificuldades peculiares dos cristãos de Pérgamo.

O título no vers. 12 tem eco em **#Ap 1.16** e antecipa **#Ap 2.16**. **A minha fé** (13) abrevia "fé em mim". A informação dada sobre o ensino de Balaão é tirada dos dois trechos, **#Nm 25.1-2** e **#Nm 31.16**. O cristão que correspondia a Balaão provavelmente desprezava a carne, e deste modo descontava a importância da pureza física, justificando suas ações talvez, pela perversão do ensino de Paulo (repudiado por este em **#Rm 3.8** e **#Rm 6.1**). "Permaneçamos no pecado, para que abunde a graça". O sentido de vers. 15 é ou, "Vós também tendes entre vós os nicolaítas, que vos ensinam assim como Balaão ensinava a Israel", ou "Vós também, como os efésios (6), tendes convosco os nicolaítas", sendo implícita a comparação com Balaão. Parece preferível aquele sentido. O vers. 16 apresenta a "vinda preliminar" de Cristo para o juízo se os pergamenses não se arrependem. Ver 2.5 n. A promessa ao vencedor (17) alude à corrente expectativa judaica de que desceria novamente do céu o maná quando se manifestasse o Messias. Ver II Baruque 29.8. Aqui o maná tipifica a vida espiritual, assim como "água da vida" e "fruto da árvore da vida" (**#Ap 22.17-19**). A promessa é especialmente apta para os que eram tentados a participar de festividades em que se comiam alimentos sacrificados aos ídolos. Abstendo-se dessas iguarias, os cristãos podiam antecipar um banquete mais farto no reino de Deus.

>Ap-2.17

A pedra branca (17) é de difícil interpretação devido aos diversos fins para os quais seixos foram empregados pelo mundo da antigüidade, cada um dos quais dava um excelente sentido simbólico. Assim uma pedra branca entregue por um júri significava ao réu sua absolvição, uma preta, culpabilidade. O seixo do vencedor outorgava-lhe ingresso a todas as festividades públicas. O **tessern hospitalis** estava em duas partes, inscritas com dois nomes cujos donos trocaram partes de maneira que cada pessoa tinha um convite aberto para a casa da outra. O Sumo Sacerdote levava doze pedras no seu peitoral inscritas com os nomes das doze tribos de Israel. Isto de modo nenhum exaure todas as possíveis interpretações. A nossa interpretação será em parte condicionada na nossa compreensão do **novo nome** escrito na pedra. Se o nome é de Cristo ou de Deus (cfr. **#Ap 3.12** e **#Ap 19.12**), então pode haver uma alusão ao conceito do poder inerente ao nome de Deus; o cristão participa do poder de Deus e apropria para si de um modo que nenhum outro o pode fazer. Se o nome é um novo nome conferido ao crente, então a alusão é ao hábito de

conferir novos nomes às pessoas que atingiram um novo estado, como Abraão e Jacó se tornaram Abraão e Israel; a pedra branca então significa o direito do vencedor de entrar no reino de Deus em um caráter todo próprio, moldado nele pela graça de Deus.

>Ap-2.18

d) A carta à igreja em Tiatira (Ap 2.18-29)

Tiatira era a menor das sete cidades. Não tinha nenhum templo devotado ao culto dos imperadores, de sorte que os cristãos não eram tão perturbados por aquele culto como as igrejas precedentes. O problema desta igreja centralizava-se nas situações comprometedoras criadas pelos interesses comerciais. Tiatira era uma cidade industrial, célebre pelos seus muitos grêmios comerciais. Era tão necessário unir-se a essas sociedades como é para o artesão hodierno, ser membro do seu determinado sindicato comercial; de outra forma, envolvia um ostracismo que tornaria quase impossível seu negócio. A dificuldade no caminho do cristão que se unia a tais grêmios era a necessidade de participar das periódicas refeições comuns quando se comia carne que fora dedicada à deidade pagã (talvez o padroeiro do seu grêmio). Pode-se entender que certos cristãos liberais não hesitariam em participar de tais festividades, alegando que "um ídolo não é nada" (#1Co 8.4). Logo, a desculpa podia achar-se pela licenciosidade em que muitas vezes estas refeições culminavam; e o próximo passo seria participar da devassidão geral. Isto era geralmente aconselhado pelos nicolaítas, e pode-se entender como isto encontrava fácil aceitação em Tiatira, onde a frase "negócio é negócio" seria bem aceita. O título provém de #Ap 1.14-15, Filho de Deus (18) sendo talvez sugerido por #Sl 2.7, uma vez que este salmo posteriormente é muito citado. Note-se que os olhos como chama de fogo antecipam o vers. 23, e os pés reluzentes, o vers. 27. Charles alega que as tuas obras (19) são definidas pelas qualidades que se seguem, "o teu amor, o teu serviço, a tua fé e a tua paciência" se esta interpretação é correta, é importante no esclarecimento do que o escritor quer significar com a expressão "julgado segundo as obras" (#Ap 20.12-14). A profetiza que propaga o ensino dos nicolaítas é simbolicamente chamada Jezabel, pois a rainha daquele nome tentou estabelecer um culto idólatra em lugar do culto a Jeová e ela mesma foi acusada de prostituição e feitiçaria (#2Rs 9.22). Note-se a inserção curiosa em alguns manuscritos de "tua mulher Jezabel" que implica ser o "anjo" da igreja, o seu administrador. No vers. 21 deduzimos que "Jezabel" anteriormente tinha sido advertida, sem resultado, ou por João ou por algum outro líder cristão. A

"cama" em que Jezabel seria prostrada corresponde à **grande tribulação** (22), de sorte que é uma cama de sofrimento que está em mente aqui. O idiotismo é hebraico e ocorre em 1Mac 1.5 e Judite 8.3. É possível que aqueles que **com ela adulteram** (22) devem ser distintos dos **seus filhos** (23), no sentido que aqueles foram suficientemente influenciados por Jezabel, a ponto de comprometerem a sua lealdade cristã, enquanto estes abraçaram inteiramente a sua doutrina; aqueles deveriam ser castigados, estes exterminados. Por tais juízos as igrejas reconhecerão que Cristo **sonda os rins e os corações** (23). No uso hebraico, os rins são a sede das emoções, enquanto o coração é a sede do intelecto. **As profundezas de Satanás** (24) podem ser uma alusão satírica à pretensão gnóstica de conhecer exclusivamente as profundezas de Deus. Tal sabedoria não é divina, mas satanicamente inspirada. De outra forma, reflete o ensino nicolaíta que o cristão deve participar afoitamente dos excessos do paganismo e demonstrar que é imunizado de sua poluição. Os cristãos que assim procederam gabaram-se do seu conhecimento das profundezas de Satanás e, assim, desdenharam os seus irmãos mais escrupulosos. Para **outra carga** comparar **#At 15.28-29**; os dois preceitos principais do concílio apostólico foram abstenção de coisas sacrificadas aos ídolos e ao adultério. O vencedor aqui se define como **o que guardar até ao fim as minhas obras** (26). Ele deverá receber uma delegação da autoridade de Cristo **sobre as nações** (26) e participar do seu triunfo sobre os povos rebeldes (27); esta função faz parte daquela autoridade e antecipa a vinda de Cristo para o juízo (**#Ap 19.11**) e não o reino milenário, propriamente dito (**#Ap 20.4-6**). O verbo traduzido "regerá" no vers. 27 deve ser "destruirá". A **estrela da manhã** (28) parece ser o próprio Cristo (como em **#Ap 22.16**); maior do que o privilégio de reinar por Cristo será o irrestrito gozo de plena comunhão com Ele.

Ap-3.1

e) A carta à igreja de Sardes (Ap 3.1-6)

Sardes era uma cidade de glória delustrada. Outrora tinha sido a capital do antigo reino da Lídia, mas entrou em ocaso, depois da conquista persa, até que Tibério a reconstruiu depois de um terremoto. A cidade era célebre por duas coisas: a sua indústria de tintura e lã, e a libertinagem. A igreja em Sardes parece refletir a história da cidade. Houve tempos quando tinha um nome para progresso espiritual, mas agora era sem vida (1); a libertinagem caracterizava tanto os cristãos como os pagãos, de sorte que ali havia poucas pessoas que não tinham **contaminado os seus vestidos** (4), isto é, manchado a sua profissão cristã. Consequentemente, ela foi censurada com uma severidade igualada

somente na carta aos laodicenses. O título reflete [#Ap 1.4](#) e [#Ap 1.16](#). Cristo se apresenta como o possuidor dos [sete espíritos](#), possivelmente para representar o Seu perfeito conhecimento dos feitos da igreja (veja vers. 6), se bem que isto possa sugerir os dons espirituais que ele deseja conferir-lhe em contraste ao estado desanimado da igreja. Para as [sete estrelas](#) (1) ver [#Ap 1.4](#); [#Ap 1.20](#). Note-se que embora alguns cristãos permaneçam fiéis ao seu Senhor (4), a igreja como tal é caracterizada como morta; por estarem nesta condição todos são tidos como responsáveis. Com a primeira parte do vers. 2, comparar [#Mt 24.42](#); com a segunda parte, comparar [#Dn 5.27](#). Os tempos dos verbos no vers. 3 são descomunalmente variados: "Lembra-te (presente), pois, do que tens recebido (perfeito) e ouvido (aoristo); e guarda-o (presente), e arrepende-te (aoristo). [E, se não vigiares](#) (3) relembra [#Mt 24.43-44](#) e se refere ao Advento final. Alguns estudiosos consideram que [#Ap 16.15](#) tem sido deslocado e deve ser inserido logo antes desta afirmação. É fato que a situação de [#Ap 16.15](#) no contexto atual é curiosa e fica melhor aqui, mas a deslocação do texto não passa de ser pura conjectura. [O seu nome](#) (5). Segundo certo uso da época o nome era sinônimo de "pessoa". É de supor que os cristãos contaminavam os seus vestidos acomodando-se aos costumes pagãos dos seus próximos. Aquele que mantinha o seu caráter e testemunho imaculados haveria de acompanhar a Cristo num vestuário de glória. [Andarão comigo](#) (5); Swete compara o convívio dos doze com Ele, nos dias do seu ministério terrestre. O vencedor recebe a dupla promessa deste privilégio. A literatura apocalíptica, contemporânea considerava o corpo da ressurreição como um vestuário de glória. A idéia é usada por Paulo (ver [#2Co 5.4](#)), e se revela neste livro também (ver [#Ap 4.4](#)). Porém [#Ap 7.13-14](#) e [#Ap 19.8](#) parecem salientar a pureza moral no uso deste símbolo, enquanto que, segundo Swete, o uso de branco às vezes denota festividade ([#Ec 9.8](#)) e vitória (2Mac 11.8). Parece que várias idéias se associam com este quadro; é bom aceitar e ao mesmo tempo reconhecer que o elemento ético predomina.

O riscar do [livro da vida](#) (5) recorda [#Êx 32.32](#), onde o livro mencionado é um registro dos cidadãos do reino teocrático, aqui trata-se do registro de reino eterno, como em [#Dn 12.1](#) e muitas passagens neotestamentárias (ver por exemplo, [#Lc 10.20](#); [#Fp 4.3](#); [#Hb 12.23](#)). Ver [#Ap 20.12,15](#), onde isto se explica. Para a confissão do vencedor, comparar [#Mt 10.32](#).

>Ap-3.7

f) A carta à igreja em Filadélfia (Ap 3.7-13)

Devido a freqüentes terremotos, a população de Filadélfia era pequena. A igreja parece ter sido numericamente fraca (ver vers. 8, "tendo pouca força"). Não há nenhuma alusão à perseguição das autoridades pagãs nem a heresias dentro da igreja; como em Esmirna, os judeus criavam um problema (9). Em contraste notável à carta que precede e à que se lhe segue, não há repreensão nem advertência do Senhor para esta igreja, mas apenas encômio e exortação. Os predicados **santo** e **verdadeiro** (7), aplicados aqui a Cristo, são usados em **#Ap 6.10** em referência a Deus, assim dando uma das muitas indicações neste livro de que os atributos de Deus são compartilhados por Cristo. Jesus é **verdadeiro** no sentido de "fiel a sua palavra". Isto se diz em conexão com a sua posse da **chave de Davi** (7), uma frase que recorda **#Ap 1.18**, mas que, na realidade, cita **#Is 22.22**; reivindica para Cristo o direito de ingressar ou fechar ao homem a cidade de Davi, a nova Jerusalém, o reino messiânico. A relevância deste poder se manifesta no trecho entre parênteses, vers. 8-9.

>Ap-3.9

Os judeus de Filadélfia não eram mais dignos do nome do que os seus compatriotas em Esmirna e, como estes, são designados a **sinagoga de Satanás** (9). Este versículo declara que um dia, presumivelmente ao estabelecer-se o reino messiânico, eles serão obrigados a reconhecer que estes cristãos desprezados são na realidade os companheiros do Filho do Homem, os herdeiros do reino de Deus. É claro que os judeus ainda negavam esta última reivindicação. "Vós cristãos", diziam eles, "sois excluídos do reino; é para nós, os judeus". "Assim não", declara o Senhor; "Eu sou fiel à minha promessa. Só eu tenho a chave do reino. Tenho posto diante do meu povo, uma porta aberta que ninguém pode fechar. Eles entrarão no reino, e a homenagem que vós, judeus, esperais receber dos gentios (**#Is 60.14**), vós tereis que prestar a eles". Esta interpretação coaduna afirmações aparentemente sem nexos e concorda com a promessa do vers. 12. A fidelidade desta fraca comunidade cristã (8) receberá a sua devida compensação. **A hora da tentação** ("provação"), de que o Senhor guardará estes cristãos, não se refere ao prazo em que os juízos de Deus cairão sobre a terra, mas às próprias tribulações. Cfr. **#Mc 14.35**, onde a "hora" representa os horrores da cruz e as circunstâncias concomitantes. A tribulação mencionada aqui se aplica **àqueles que habitam na terra** (10), a frase técnica neste livro para os descrentes do mundo (cfr. **#Ap 11.10**). Para uma representação pictórica desta promessa ver **#Ap 7.1-4**.

>Ap-3.12

O vencedor será na nova era **uma coluna no templo** (12); **#Ap 21.22** torna claro que não haverá outro templo na Jerusalém celeste senão Deus e o cordeiro. Esta promessa assegura nossa indissolúvel união com Deus para todo sempre. **Escreverei sobre ele o nome do meu Deus** (12). Caso esta frase se usar com a mesma metáfora a inscrição seria na coluna e não na testa do vencedor.

I Macabeus 19.26-48, relata como os feitos de Simão Macabeus foram inscritos sobre tábuas de bronze; estas foram fixadas "sobre colunas no monte de Sião", "dentro do recinto do santuário, num lugar conspícuo". Destarte foram conservados permanentemente os anais das façanhas de Simão. O motivo de orgulho do vencedor, contudo, não deverá ser nos seus feitos, mas antes no fato de que ele leva o nome do seu Deus, e da cidade de Deus, e o novo nome de Cristo; isto é; ele pertence a Deus e a Cristo revelado em glória (**#Ap 19.12**); é cidadão da nova Jerusalém, o eterno reino de Deus (**#Ap 21.2**).

>Ap-3.14

g) A carta à igreja em Laodicéia (Ap 3.14-22)

Laodicéia era situada à margem dum rio e ficava no entroncamento de três estradas que atravessavam a Ásia Menor. De modo natural, ela se tornou um grande centro comercial e administrativo. Três fatos que se conhecem acerca da cidade, lançam luz sobre esta carta: era um centro bancário de fabulosas reservas financeiras; as indústrias principais eram de tecidos e tapetes de lã; possuía também uma faculdade de medicina. A igreja não era acusada de imoralidade, nem de idolatria, nem tão pouco de franca apostasia (perseguição era desconhecida em Laodicéia). A terrível condenação que se pronunciava sobre ela era devido ao orgulho e auto-satisfação do elemento pagão dentro da igreja de sorte que sua comunhão com Cristo se enfraqueceu tragicamente. A severa descrição da sua condição espiritual (17) e a admoestação ao arrependimento (18), são apresentados em termos das três ocupações da cidade.

Na qualidade de o **Amém** (14) Jesus é a encarnação da verdade e fidelidade de Deus (ver **#Is 65.16**); o uso cristão do **Amém** acrescenta a idéia de que Ele é também cumpridor fiel dos propósitos declarados de Deus. Nesta designação achamos um contraste singular com a infidelidade dos laodicensens. Semelhantemente o título **o princípio da criação de Deus** (14) exalta a Cristo

como Criador acima das pequeninas criaturas orgulhosas que se gabam da sua auto-suficiência. No vers. 16, se encontra uma censura sem igual no Novo Testamento, como expressão do aborrecimento de Cristo. A referência prende-se ao último juízo (cfr. #Lc 13.25-28). Os vers. 17 e 18 formulam uma só afirmação: **Pois dizes: ... Aconselho-te que compres...** A pretensão dos laodicenses não é apenas que eles de nada carecem, mas que a sua riqueza, tanto moral como material se deve completamente aos seus próprios esforços. Revela-se a sua verdadeira condição de pobreza, apesar de possuir dinheiro; de nudez, a despeito da sua abundância de vestidos; de cegueira, embora haja nela muitos médicos. Esta igreja, portanto é a única de todas as sete, a ser chamada de miserável. O seu recurso é "comprar" (cfr. #Is 55.1) de Cristo o ouro fino de um espírito regenerado, de pureza de coração, que possa levá-la à glória da ressurreição (#Ap 7.13-14) e da graça pela qual possa apropriar as realidades espirituais (cfr. #1Co 3 e #2Co 4). A condição repugnante dos laodicenses não extinguiu o amor de Cristo para com eles; a escorchante censura não é senão a expressão do seu profundo afeto que os possa levar ao arrependimento. O gracioso convite que se segue dirige-se, não à igreja coletivamente (que exigiria "se ouvirdes" a minha voz, mas a cada membro individualmente. Cristo deseja participar com eles mesmo nas atividades mais comuns da vida. Coincidente com o alto privilégio que se oferece a estes cristãos quase apóstatas é a promessa que transcende às que foram aplicadas às outras igrejas. Assim como o crente pede a Cristo que compartilhe consigo tudo quanto tem vida transitória, de igual modo, o Senhor o convida, se ele permanecer até o fim, a compartilhar o trono dos séculos vindouros dado pelo Pai. O cumprimento da promessa do reino milenar é descrito em #Ap 20.4-6, e do reino eterno da nova Jerusalém em #Ap 22.5.

Ap-4.1

IV. A VISÃO DO CÉU Ap 4.1-5.14

A cena da visão de João muda da terra para o céu, até o capítulo 10. Dali em diante o palco muda freqüentemente. Nota-se que, enquanto a descrição do trono de Deus, cap. 4, não contém nenhuma referência a Cristo, no capítulo seguinte, Ele domina o quadro como o Cordeiro imolado de Deus. A respeito disto escreve Kiddle, "No cap. 4 a tese é a do Cristo Criador onipotente que reina em majestade num remoto céu, onde o homem é excluído. João descreve a Deus e o céu nos termos da velha dispensação. No cap. 5, muda-se o ponto focal do vidente, e com força dramática incomparável, ele pinta a sua visão do

Redentor, em que residem todas as esperanças da salvação do homem, todas as esperanças dum futuro reino de justiça" (Com. Moff., pág. 67).

A primeira voz que ouvi (1) é a de Cristo. Da mesma maneira em que o Senhor revelou a real condição de suas igrejas e a sua posição em relação a elas, assim agora Ele abre o céu à vista de João, e a Sua posição em relação a ela. Aquela foi a revelação das "coisas que são"; esta desvela, o que deve acontecer depois destas coisas (1; cfr. #Ap 1.19).

>Ap-4.2

O fato que João viu uma porta aberta no céu dá a entender que já estava em estado de êxtase; por conseguinte, a afirmação, imediatamente eu me achei no espírito (2), bem pode indicar um grau mais alto ainda de exaltação espiritual. O primeiro objeto que prendeu a atenção de João foi um trono (2). Este fato importante sugere que a primeira coisa a saber acerca do Céu é que Deus, que ali habita, exerce absoluta autoridade sobre o universo. O profeta não descreve a Deus; fala simplesmente de várias cores, tais como emanam somente de pedras preciosas, visíveis à luz duma nuvem policroma (3). Há dúvida quanto às pedras enumeradas por João, mas o tipo de pedra jaspe mais estimado era verde, e o sardônio vermelho. A palavra traduzida esmeralda se refere provavelmente ao quartzo vítreo incolor que, em forma de prisma, decompõe a luz em espectro. A grande finalidade do arco-íris é de ocultar a forma de Deus; contudo, é significativo que um arco-íris e não uma nuvem ordinária, desempenha este serviço, pois o arco-íris é sinal perpétuo da aliança de Deus pela qual Ele retém do homem na terra, sua ira (#Gn 9.13); o memorial da aliança no céu é, por conseguinte, nada menos do que a glória de Deus, que o oculta da vista dos anjos. Os vinte e quatro anciãos (4), ainda que subordinados às quatro criaturas viventes (Seres viventes, ARA), são mencionados primeiro, talvez com o propósito de não interromper a descrição de suas atividades. Julgando pela descrição dos anciãos, dada nas visões subsequentes, é claro que são seres angélicos, contudo não é impossível pensar deles como sendo os representantes celestiais do povo de Deus no duplo aspecto de sacerdotes e reis, e, neste caso, o número de vinte e quatro, que relembra as doze tribos e os doze apóstolos, simboliza adequadamente o povo messiânico de duas dispensações, como a Igreja sempre se agrada em reconhecer.

>Ap-4.5

Este conceito, contudo, deve ser distinto do que reconhece os anciãos como um símbolo do povo de Deus removido da terra e presente no céu. Para **os sete espíritos de Deus** (5), ver vers. 6. Não é dito que o **mar de vidro** (6) é um mar literal, mas que parece como tal "um como que mar de vidro". É a adaptação do conceito das águas acima do firmamento (**#Gn 1.7**; ver Enoque 3.3), mas aqui se introduz para realçar o quanto é remota a majestade de Deus. **Quatro animais** ("Quatro seres viventes") ficam **ao redor do trono** (6).

>Ap-4.7

A sua descrição deduz-se dos querubins da visão de Ezequiel (**#Ez 1**), porém consideravelmente modificada (7). As diferenças principais são que cada um dos querubins em Ezequiel tem quatro rostos, aqui eles só têm um. Aqueles possuem rodas cujas cambas eram "cheias de olhos ao redor", aqui os próprios seres viventes possuem os olhos. O culto contínuo a Deus rendido por eles pode muito bem representar a sujeição a Deus de toda a natureza. Os próprios judeus interpretavam desta maneira a visão de Ezequiel, considerando o homem como principal representante das criaturas, a águia, das aves, o leão, das bestas feras, e o boi, do gado, ou da criação. A simbolização antiga dos quatro ventos e das quatro principais constelações do zodíaco por estas quatro figuras, se conhecida por João, não serviria senão para fortalecer este conceito. O cântico dos querubins sugere que a certeza do futuro triunfo de Deus tem suas raízes na própria natureza de Deus; o Senhor, que é santo e onipotente, **há de vir** (8). A ação de graças dos seres viventes (9) inspirando a renúncia pelos vinte e quatro anciãos de suas coroas (10-11), não é o culto contínuo de vers. 8, porém adoração prestada em crises especiais. Ver, por ex., vers. 8 e 14; **#Ap 11.15-18**; **#Ap 19.4**. Os anciãos reconhecem que um só é digno de ter a preeminência na criação, e Ele é o criador (11). Ele quis a existência de todas as coisas. Ele tem o direito de lidar com elas em soberana liberdade. Toda a criação deverá reconhecer a sua sujeição a Ele e atribuir ao seu nome a **glória** e a **honra** e o **poder**.

Ap-6.1

V. OS SETE SELOS Ap 6.1-8.5

Muitos elementos complexos confluem para formar o panorama que o profeta agora descreve. A divisão de sete dos ais messiânicos podem ultimamente remontar à profecia de condenação de **#Lv 26** onde quatro vezes se afirma "Eu prosseguirei em castigar-vos sete vezes mais por causa dos vossos pecados"

(vers. 18,21,24,28). Se isso for assim, a adequação do testamento com os seus sete selos, para representar estes juízos, é um fator secundário, e não a causa da sétupla divisão. Outrossim, Charles tem ressaltado que o discurso escatológico do nosso Senhor contém os sete juízos enumerados por João; no Evangelho de Lucas (ver cap. 21) eles se encontram na mesma ordem, exceto que João coloca em último lugar os terremotos, devido à sua descrição coerente dos terremotos como o precursor imediato da consumação; ver [#Ap 8.5](#); [#Ap 11.13](#); [#Ap 16.18](#). Deste modo, com respeito ao conteúdo dos selos, o profeta tem seguido aparentemente o discurso de nosso Senhor; mas, para a forma da abertura dos primeiros quatro juízos, ele tem usado uma visão de Zacarias (a visão dos quatro carros e cavalos, que vão aos quatro cantos da terra, [#Zc 6](#)), adaptando o simbolismo para servir o seu propósito.

As palavras [Vem, e vê](#) (1) interpretam a chamada dos seres viventes como dirigida ao vidente. Mas as palavras "e vê" são um acréscimo posterior; a ordem é dirigida ao que está montado, que aparece ao abrir-se o selo. O mesmo se diz de vers. 3,5,7.

a) O primeiro selo (Ap 6.1-2)

Muitos intérpretes consideram o cavaleiro vencedor como sendo o Cristo, e comparam a visão ao Senhor que volta em [#Ap 19.11](#). Deve ser admitido, contudo, que a única coisa em comum nos dois retratos é o [cavalo branco](#), que é um símbolo de vitória. Outros mantêm que o cavaleiro representa o triunfo do evangelho, e citam [#Mc 13.10](#). Esta última sugestão é mais viável, mas, em vista da semelhança dos quatro cavaleiros, parece mais natural interpretar todos como retratando os últimos juízos. Este cavaleiro significa invasão, ou guerra de modo geral.

>Ap-6.3

b) O segundo selo (Ap 6.3-4)

O conflito criado pelo cavaleiro no [cavalo vermelho](#) (4) parece denotar tanto guerra civil como internacional. A repetição, desta maneira, do primeiro ai é a causa de alguns alegarem que o primeiro cavaleiro representa um específico império vitorioso (especialmente o parto), enquanto o segundo tem uma referência geral. Isto é possível, mas deve ser notado que ocorre a mesma repetição em cada relatório do discurso escatológico ([#Mt 24.6-7](#); [#Mc 13.7-5](#); [#Lc 21.9-10](#)).

>Ap-6.5

c) O terceiro selo (Ap 6.5-6)

O cavaleiro no **cavalo preto** denota fome. A balança em suas mãos sugere escassez de alimento. Os preços citados são proibitivos. O **dinheiro** (gr. **denarion**) era o salário de um dia de um operário (**#Mt 20.3**); uma medida de trigo (gr. **choenix**, cerca de um litro) seria o suficiente para a ração diária de um homem, porém não para a sua família. Trigo, portanto, seria inadquirível pelo pobre. **Três medidas de cevada** renderiam mais, mas, assim mesmo, ainda permaneceria uma subsistência esparsa com a possibilidade de fome em alguns casos. Por outro lado, **não danifiques o azeite e o vinho** pressupõe amplo abastecimento dos gêneros menos procurados. Poucos anos antes de escrever-se este livro (92 A. D.), uma falta aguda de cereais, junto com uma abundância de vinho no Império, levou Domiciano a decretar a restrição da vinicultura e o incremento da produção de cereais; o decreto criou um tal furor, que teve que ser abandonado. O texto pode ter em mente uma igual situação.

>Ap-6.7

d) O quarto selo (Ap 6.7-8)

Hades seguia-se, acompanhado da morte, uma lembrança que nem a morte física daria repouso aos pecadores; o mundo ífero e o juízo os aguardavam. Para as quatro pragas-espada, e fome, e peste (traduzida "morte" nos LXX), e feras da terra-ver **#Ez 14.12-21**.

>Ap-6.9

e) O quinto selo (Ap 6.9-11)

As almas dos mártires dizia-se estarem **debaixo do altar** (9), porque elas tinham sido "sacrificadas"; cfr. **#Fp 2.17, 2Tm 4.6** Esta posição era de honra, não humilhação. Charles cita Akiba como dizendo, "Quem estivesse enterrado na terra de Israel era o mesmo que estivesse enterrado debaixo do altar, e quem estivesse enterrado debaixo do altar era o mesmo que houvesse sido enterrado debaixo do trono da glória" (Aboth R. M. 26). Os mártires foram mortos **por amor da palavra de Deus, e por amor do testemunho** (dado por

Jesus; ver #Ap 12.17) que deram (9). O testemunho era o que eles haviam recebido, não dado. As vestes brancas dadas aos mártires (11) significam uma garantia da gloriosa imortalidade a ser concedida na primeira ressurreição (#Ap 20.4-6), com talvez uma sugestão que já era deles a vitória. Observa-se que este incidente forma parte integrante dos últimos juízos na terra, pois está satisfeita a oração por vingança (10) e, por conseguinte, apressado o fim; ver #Ap 8.1-5. Para a idéia que a vinda do dia de Deus aguarda o último mártir, comparar 2Ed 4.33-36.

>Ap-6.12

f) O sexto selo (Ap 6.12-17)

A descrição dos efeitos do sexto selo origina-se de numerosas Escrituras, inclusive os Evangelhos. O pensamento subjacente destas perturbações cósmicas é a impossibilidade que continuasse a vida sob tais circunstâncias; o fim está próximo, é vindo o grande dia da sua ira (17). Para o terremoto como um sinal do fim, cfr. #Ez 39.19; para o sol e a lua, #Jl 2.31; para a queda das estrelas e o retirar-se do céu, #Is 34.4; para o esconder-se nas rochas, #Is 2.10; para a petição aos montes, #Os 10.8; para o grande e insuportável dia da ira, #Jl 2.11. Estes sinais da consumação nos escritos escatológicos são por demais regulares para considerá-los figurativos. Contudo, que eles não devem ser considerados demasiadamente literais, parece evidente do quadro do céu que foge ante o trono celeste, no desfecho da era milenária (#Ap 20.11), e o implorar pelos homens que as montanhas, que já se moveram do seu lugar, caíssem sobre eles. Note-se aqui a sétupla classificação dos homens (15). A ira do Cordeiro revela o caráter de Cristo sugerido no fato de Ele possuir sete pontas (vers. 6), isto é, poder completo para estabelecer justiça e executar juízo (cfr. #Ap 6.10).

Ap-7.1

g) Um interlúdio entre o sexto e o sétimo selos (Ap 7.1-17)

Um interlúdio no progresso das visões é dado em cap. 7. Ele explica a posição dos cristãos durante a execução dos juízos que têm sido descritos. Primeiramente, uma olhada em retrospecto é dada, para mostrar como a Igreja está guardada dos males experimentados pelo mundo sem Deus, então uma olhada adiante habilita o vidente a relatar o cumprimento do ato divino da proteção; ele vê o povo de Deus triunfante no desfecho da grande tribulação,

vestido em esplendor e atribuindo à graça de Deus e ao Cordeiro a sua salvação (11). Parece haver pouca dúvida de que as duas companhias aqui vistas sejam essencialmente a mesma. Os cento e quarenta e quatro mil de cada tribo dos filhos de Israel (#Ap 7.4) simbolizam a Igreja toda no fim dos tempos; isto é deduzido de #Ap 7.3, pois os servos do nosso Deus na dispensação cristã só podem ser a Igreja. Outrossim, desde que as tribulações dos últimos dias são universais, toda a companhia do povo de Deus carece de sua proteção, não simplesmente uma seção dele (os judeus).

Depois destas coisas (1) marca uma nova divisão; não é uma nota de tempo em relação aos eventos da prévia visão, mas introduz uma nova compreensão de verdade pelo profeta. Pelo propósito desta visão, a terra é considerada como retangular, um anjo em pé a cada canto governando o vento destrutivo que sopra da sua direção. Nenhuma outra descrição é dada para relatar o que acontece quando os quatro anjos soltam os ventos da terra. Possivelmente João aqui reconta uma visão anterior que retratava a selagem do povo de Deus contra a destruição causada pelos quatro ventos nos últimos dias; o furor dos ventos representaria toda a manifestação de juízo simbolizado pelos selos, trombetas e taças. Para a idéia da selagem dos santos no tempo de perigo, comparar #Ez 9 144.000 simboliza "fixidez e completa inteireza, 12 x 12 tomado mil vezes" (Alford). Muitas vezes fazia-se referência a Israel como "as doze tribos", para denotar a nação inteira sem qualquer pensamento de suas partes constituintes (#At 26.7). A enumeração das tribos uma por uma serve para frisar a inteireza do número dos santos de Deus de quem Ele cuida durante a tribulação vindoura. Para a Igreja como o verdadeiro Israel, cfr. #Rm 2.28-29, Gl 3.29, 6.16; #Fp 3.3, Tg 1.1, 1Pe 1.1 com #Ap 2.9. É curiosa a ordem das tribos em mais de um sentido. Judá encabeça a lista, um procedimento desusado entre os judeus; aqui se deve ao fato de ela ser a tribo do Messias. Dã é omitida enquanto Manassés aparece, se bem que esta seja incluída em José. Irineu explicava isto como se devendo à antiga crença que o anticristo viria de Dã. A meia tribo de Manassés era então incluída para completar o número de doze. Buchanan Gray descobriu que se 7.5c-6 (isto é, Gade e Manassés) fossem colocados depois do vers. 8, a lista se conformaria à enumeração costumeira das tribos judaicas, pela qual elas são arranjadas de acordo com a descendência de suas mães: os filhos de Léia são de Judá a Zebulom; os filhos de Raquel, José e Benjamim; os filhos da serva de Léia, Gade e Aser; os filhos da serva de Raquel, Naftali e Dã (aqui substituído por Manassés). É possível, portanto, que o nosso texto originalmente tenha mantido esta ordem, porém sofrido uma alteração por um copiadador nos primeiros dias.

>Ap-7.9

Depois destas coisas (9) marca de novo mais uma seqüência lógica do que cronológica. O resultado da selagem dos seguidores fiéis de Cristo é a sua última vindicação na glória. Uma multidão (9); a Igreja é vista triunfante no céu. Vestidos brancos significam a glória da ressurreição, e palmas, vitória e alegria depois de guerra (cfr. Mac 11.8; Mac 13.51). Salvação ao nosso Deus... e ao Cordeiro (10) ecoa #Sl 3.8, "A salvação vem do Senhor"; ver também #Ap 19.1. Os vencedores aqui atribuem a Deus e ao Cordeiro a sua redenção; eles não desejam que "salvação" seja dada a Deus e ao Redentor. O Amém (12) das ordens angélicas endossa o louvor da multidão remida, enquanto eles, também, acrescentam as suas ações de graça.

>Ap-7.13

A resposta de João à pergunta do ancião (13) implica em "Eu também gostaria de saber". A grande tribulação (14) de que a multidão veio, não quer dizer uma designação geral de tribulação, que é o quinhão normal do cristão, mas tem referência específica à tribulação no desfecho desta era. Por outro lado, não há justificativa para a assunção comum de que a multidão consiste somente de mártires. A visão descreve a cena depois da cessação de tribulações; tem em mente, portanto, uma geração só de cristãos, a última. Contudo, a última parte da passagem parece referir-se à Igreja toda. A dificuldade se atenua se nós nos lembramos que o vidente profetiza um dia que para ele está quase no horizonte; ele não tem em mente épocas intervenientes. A última perseguição pode vir a qualquer momento. A Igreja ainda estava na sua segunda geração, e João não tinha razão para antecipar uma terceira. A glorificação da Noiva com o seu Senhor estava próxima. Ao seu modo de pensar, portanto, falar dos cristãos que vieram através da grande tribulação era denominar a maior parte da Igreja. Aqueles que já foram antes, tendo testemunhado uma boa confissão, seriam sem dúvida incluídos nesta multidão, mas era supérfluo mencioná-los. A Igreja da atualidade era o objeto em vista e ela preenche a tela de João. Para nós, quase dois milênios mais tarde, a Igreja é principalmente a Igreja triunfante no céu; é possível, portanto, aceitar literalmente o texto Estes são os que vieram de grande tribulação... e introduzir aí os nossos próprios nomes. Eles lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro é uma expressão simbólica, não para ser tomada literalmente, do perdão dos pecados pela fé no Cristo que morreu pelos homens. É possível traduzir, como o fazem alguns em #Ap 12.11, no

sangue do Cordeiro como "através do sangue do Cordeiro"; a lavagem e branqueamento das vestes, então, significa o vencer o pecado na vida, em virtude do poder da expiação de Cristo, um retrospecto em toda a luta da vida antes que no momento da conversão. Charles traduz a última parte de vers. 15: "Aquele que se assenta no trono fará com que a sua "chequiná" (glória) repouse sobre eles". A frase é singular. A "chequiná" (glória) era a manifestação da presença de Deus entre os homens, especialmente no tabernáculo e no templo em Jerusalém. Depois da peregrinação através do deserto, era de mui rara ocorrência em Israel; ao cristão é prometida como um privilégio constante. Os vers. 16 e 17 são uma afirmação tirada de **#Is 49.10** e **#Is 29.8**: Cristo dessedente o homem provendo nEle mesmo o antídoto à sua inquietude, a completa contraparte aos desejos não satisfeitos do homem.

Ap-8.1

h) O sétimo selo (Ap 8.1-5)

Silêncio no céu (1) ocorreu a fim de se ouvirem as orações dos santos. Há uma tradição judaica que "no quinto céu existem companhias de anjos de serviço que cantam louvores de noite, porém são silenciosos de dia por causa da glória de Israel", isto é, que os louvores de Israel sejam ouvidos. Em nosso texto, contudo, a ação de graças do céu aquietou-se para se ouvirem, não louvores, mas clamores por livramento dos cristãos sofrendores da terra. O aparecimento, a esta altura, dos sete arcanjos com sete trombetas (2) interrompe a seqüência da visão e, ao menos em pensamento, deverá ser considerado depois do vers. 5. **Incenso** oferecido com **as orações de todos os santos** (3) serve para torná-los aceitáveis perante Deus. Se orações humanas forem eficazes, elas terão que ser livres da mancha de egoísmo ou pecado. É de duvidar que apareçam dois altares neste versículo. O único altar no céu parece participar do caráter tanto do altar de ofertas queimadas, como do altar de incenso, que estava no santíssimo lugar. As orações dos santos são respondidas. O fogo que queimava o incenso é lançado à terra e se torna um meio de juízo. Seguem-se **vozes, e trovões, e relâmpagos e um terremoto** (5). Estes fenômenos revelam que está chegado o fim e o reino de Deus está estabelecido; ver **#Ap 11.19** (conseqüente à sétima trombeta) e **#Ap 16.18** (seguindo à sétima taça).

>Ap-8.6

VI. AS SETE TROMBETAS Ap 8.6-11.19

Como os sete selos caem em dois grupos de quatro e de três, assim as sete trombetas se dividem, as primeiras quatro tendo reminiscências distintas das pragas egípcias, na ocasião do êxodo. Em [#Ap 15.3](#), a segunda vinda é tacitamente comparada com o êxodo (os redimidos cantam o cântico de Moisés e do Cordeiro); assim, aqui essa redenção é proclamada por semelhantes pragas sobre os ímpios. Note-se, outrossim, que o uso escatológico da trombeta remonta ao soar da trombeta na ocasião da teofania no Sinal ([#Êx 19.13-20](#)). Para exemplos do uso da trombeta nesse último dia, ver [#Jl 2.1](#), [1Co 15.52](#), [1Ts 4.16](#).

>Ap-8.7

a) A primeira trombeta (Ap 8.7)

A primeira trombeta afeta um terço da terra; cfr. a praga de saraiva e fogo, em [#Êx 9.25](#). [Toda a erva verde foi queimada](#), isto é, na terça parte da terra afetada; os gafanhotos de [#Ap 9.4](#) são proibidos de danificar a erva da terra, que não existiria se este juízo fosse universal.

>Ap-8.8

b) A segunda trombeta (Ap 8.8-9)

A segunda trombeta afeta um terço do mar. Como o Nilo foi transformado em sangue, na primeira praga egípcia ([#Êx 7.20-21](#)), assim a terça parte do mar aqui.

>Ap-8.10

c) A terceira trombeta (Ap 8.10-11)

A terceira trombeta faz com que um terço da água doce se torne amarga, e assim continua a idéia da praga anterior; cfr. [#Ap 16.3-7](#). Desde que a estrela que caiu, ao soar da quinta trombeta ([#Ap 9.1](#)), é um ser angélico, é possível que [Absinto](#) (11) seja também um anjo. Para as águas amargas, comparar [#Jr 9.15](#); [#Jr 23.15](#).

>Ap-8.12

d) A quarta trombeta (Ap 8.12)

A quarta trombeta escurece a terça parte do céu. Em vez de "e a terça parte do dia não brilhasse, e semelhantemente a noite" (versão revista e corrigida), ler com a versão Boaírica, "não brilhasse a terça parte deles durante o dia e de igual modo durante a noite". Isto corresponde até certa medida à praga egípcia das trevas (#Êx 10.21-23).

>Ap-8.13

Ai (13) agora se repete três vezes pelo anjo, porque as últimas três pragas são particularmente penosas e se intitulam o primeiro, o segundo e o terceiro ais. Eles se dirigem **aos que habitam sobre a terra**, isto é, o mundo não cristão em distinção da Igreja.

Ap-9.1

e) A quinta trombeta (Ap 9.1-12)

A quinta trombeta introduz uma praga de gafanhotos demoníacos. O fato que a estrela vista por João jaz "caída na terra" não exige que seja um anjo "caído". O movimento é narrado simplesmente para mostrar que a "estrela" veio desde o céu até a terra para abrir o abismo, onde habitavam as hordas demoníacas. Nuvens **como o fumo de uma grande fornalha** (2) lembrariam os leitores de João dos vulcões que eles haviam visto, mas elas têm por finalidade antes deixar a impressão de uma nuvem de gafanhotos que avança (ver #Jl 2.10). A comparação destas hostes demoníacas aos gafanhotos remonta à visão de Joel, acima mencionada; onde é dito que os exércitos de gafanhotos têm a aparência de cavalos de guerra que correm à batalha, estrondeiam como carros, avançam como homens poderosos, escurecem os céus (#Jl 2.4-10) e têm presas como leões (#Jl 1.6). Além destas características, João declara que os gafanhotos têm poder para infligir a dor como **escorpiões** (3); ver também #Ap 9.10. Vers. 4 indica a razão por que os gafanhotos ferroam: eles são mandados não para danificar a vegetação, mas tão somente tais homens **que não têm em suas testas o sinal de Deus**. **Cinco meses** (5) é a extensão normal da vida dum gafanhoto (primavera e verão). Escorpiões infligem agonia, porém raramente matam aos homens. A semelhança entre a cabeça de um gafanhoto e a de um cavalo (7) era muitas vezes mencionada por escritores antigos. **O cabelo como o cabelo de mulheres** (8) se refere à sua antena comprida, dentes leoninos, à capacidade destruidora, **courças de ferro**, as suas escamas. As coroas

semelhantes ao ouro, e os rostos como eram rostos de homens (7), contudo frisam o fato que eles não são gafanhotos ordinários, mas sim, demônios. Daí o seu rei é **Abadom** (11), um nome que no Velho Testamento denota as profundezas do Seol e significa "destruição" (cfr. **#Jó 28.22**).

Se esta praga tem por finalidade simbolizar as dores da consciência ferida dos homens (como Swete crê), ou deverá ser tomada mais literalmente, é difícil dizer. É possível que, tanto neste aí, como no que se segue, João descreva o incômodo da humanidade por forças demoníacas reais; tal ponto de vista estaria de acordo com o ensino do Novo Testamento sobre demônios em geral.

>Ap-9.13

f) A sexta trombeta (Ap 9.13-21)

A sexta trombeta traz um exército demoníaco do Eufrates. Uma voz do **altar de ouro** inicia a praga (13), ligando-a, deste modo, aos clamores dos mártires no céu e às orações dos santos na terra (cfr. **#Ap 8.4-5**). **Os quatro anjos** (14) são ministros da ira. O rio Eufrates formava o "limite ideal" da terra de Israel (Driver, ver **#Gn 15.18**); além dele ficavam os grandes impérios da Babilônia e Assíria. Como exércitos vinham destes territórios incógnitos para devastar ao Israel desobediente da antiguidade, assim se levantariam cavalos mais pavorosos para punir o mundo sem Deus. Nada no programa de Deus é acidental. É fixo o momento preciso desta invasão, a saber, "numa hora definida de um dia definido, num mês definido, de um ano definido" (Charles). A inimaginável cifra de duas centenas de milhões (ver **#Sl 68.17**) sugere que toda esta descrição nos vers. 16-19 não se deve tomar literalmente demais. Os cavaleiros parecem ser de pouca monta; são os cavalos que apavoram e destroem. Correspondendo ao mortífero **fogo e fumo e enxofre** (17) que procede da boca dos cavalos, os cavaleiros têm couraças de vermelho fogueiro, azul fumegante e amarelo sulfúrico. Monstros desta qualidade não eram incógnitos à mitologia pagã; João, possivelmente de propósito, emprega tais termos para declarar que os artifícios desta multidão infernal excedem a descrição das mais apavorantes imaginações da superstição pagã, inclusive até os brutos do caos primevo. A praga deixa de produzir um efeito salutar no mundo que se opõe a Deus; os homens persistem ainda na idolatria, com seus males concomitantes e não acham nenhum lugar para o arrependimento (20-21).

Ap-10.1

g) Interlúdio entre a sexta e a sétima trombetas (Ap 10.1-11.14)

Assim como João inseriu um parêntese entre o sexto e o sétimo selos, assim ele faz entre a sexta e a sétima trombetas. O seu propósito neste interlúdio é acentuar a certa proximidade do fim (#Ap 10.1-7), a validade do seu ministério profético (#Ap 10.8-11), a segurança da Igreja (#Ap 11.1-2) e o poder do seu testemunho na era do anticristo (#Ap 11.3-13). Através desta seção, o vidente põe os escritos proféticos muito sob contribuição, tanto canônica como de outra forma, e reaplica-os com grande liberdade; é necessário levar isto em mente especialmente em se tratando de interpretar o cap. 11.

1. A PROXIMIDADE DO FIM (#Ap 10.1-7) -O anjo forte (1) é às vezes identificado com Cristo, mas não é provável que se fizesse referência a Ele como sendo um anjo; ver #Dn 12.7. O arco-íris em redor de sua cabeça pode ser devido radiância do seu rosto, que reluz através da nuvem que o circunda. Uma vez que a palavra hebraica para pé (*regel*) pode significar também perna, devemos talvez ler "suas pernas como colunas de fogo". Em vista do vers. 11, o *livrinho* (2) parece incluir o resto das visões deste livro. Os *sete trovões* (3) não foram proferidos pelo anjo, porque eles seguiram o seu clamor, mas provavelmente vieram de Deus ou de Cristo (como também o comando de vers. 4). Por uma razão que não nos é conhecida, é proibido a João revelar a mensagem dos trovões. Alguns comparam #2Co 12.4, porém, não adequadamente, porque a revelação mal podia ser maior do que a dos cap. 4 e 5. Kiddle sugere que foi uma revelação dada para a própria iluminação de João, mas que, para relatar, ele não pode digressionar, em vista da importância do resto da visão, um conceito que é tão viável quanto qualquer um outro até agora exposto. Para #Ap 10.5-7, cfr. #Dn 12.7. O anjo fica em pé na terra e no mar porque a sua mensagem é de importância universal. O peso de sua declaração é que *não haveria mais demora* (6). O propósito de Deus para a humanidade, revelado aos profetas, deverá ser agora cumprido; o *sétimo anjo* (7) está para fazer soar a sua trombeta e então virá o fim.

>Ap-10.8

2. A COMISSÃO DE JOÃO COMO PROFETA REAFIRMADA (#Ap 10.8-11) -Esta parte da visão relembra #Ez 2.9-3.3. Como no caso de Ezequiel, o comer o livro causou tanto doçura como amargura, um fenômeno devido, contudo, ao misto de bênçãos e ais a serem pronunciados do que à doçura de

proclamar obedientemente o que é amargo. A importância da passagem parece ser uma reafirmação da comissão profética de João.

Ap-11.1

3. A SEGURANÇA DA IGREJA (#Ap 11.1-2) -Neste breve oráculo, é medido o templo em Jerusalém, junto com os seus adoradores, para proteção em um período de tribulação (cfr. #Ez 40.3; #Am 7.7-9). O átrio exterior dos gentios e a própria cidade são deixados ao domínio de um opressor pagão, por três anos e meio. Alguns expositores têm interpretado isto como significando que a profecia foi escrita antes de 70 A. D., enquanto o templo ainda estava de pé. Mas é difícil harmonizar este ponto de vista com o livro como um todo, que se preocupa com o bem-estar da Igreja Cristã, e não a nação judaica. A visão de João pretende revelar a segurança espiritual da Igreja durante a era do domínio do anticristo. Segue-se que não devemos esperar poder alegorizar cada pormenor do retrato, mas estar contentes por entender o seu sentido geral. O templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram (1) encerram uma idéia, a Igreja (cfr. #1Co 3.16). Semelhantemente, o átrio que está fora do templo e a cidade santa (2) representam conjuntamente o mundo fora da Igreja. É uma afoita transformação, mas o vers. 8 sugere que a antiga "santa cidade" se tornou agora idêntica com a Sodoma pecaminosa, Egito, o opressor, e o império tirânico que guerreia contra o Messias. Para os quarenta e dois meses (2) cfr. #Ap 12.6 (mil duzentos e sessenta dias) e #Ap 12.14 (tempo, tempos, e a metade de um tempo), todas as expressões equivalentes aos três anos e meio do reino do anticristo. O mesmo cálculo aparece em #Dn 7.25-12.7, mas a sua exata significação ainda é obscura.

>Ap-11.3

4. A PROFECIA DAS DUAS TESTEMUNHAS (#Ap 11.3-14) -Isto envolve princípios semelhantes aos vers. 1-2. As duas testemunhas originalmente foram Moisés e Elias. Para o aparecimento esperado deste último, antes da vinda do Messias ver. #Ml 4.5. Era o pensamento de alguns que Moisés também tivesse sido trasladado ao céu e retornasse com Elias; Johanan ben Zakkai declarou que Deus dissesse a Moisés, "Se eu mandar o profeta Elias, vós ambos teríeis que vir juntos". Podia argumentar-se que João pretendia que a profecia fosse entendida literalmente; mas certas indicações no texto sugerem que a visão se refere à atividade missionária da Igreja toda. Diz-se que a besta fará guerra às duas testemunhas (7), uma frase curiosa em referência a dois indivíduos, mas aplica-se à Igreja em #Ap 13.7; homens do

mundo inteiro presenciam suas formas martirizadas e se regozijam na sua subjugação (9), um pensamento impossível, se estavam em mente dois indivíduos em Jerusalém; e as testemunhas são representadas por castiçais (4), uma figura aplicada à Igreja no cap. 1. A passagem, conseqüentemente, ilustra o testemunho poderoso da Igreja na era sob revista, por meio de uma expectativa judaica bem conhecida. O vers. 4 mostra por que há duas testemunhas, e não uma (Elias): João tem em mente a visão de Zacarias, das duas oliveiras, em pé de cada lado do castiçal de ouro (#Zc 4). As duas oliveiras lá representavam talvez Josué e Zorobabel, o castiçal, Israel. João faz com que o castiçal se torne em dois para o conformar com as duas oliveiras e declara que, tanto as oliveiras como os castiçais, significam a mesma coisa, a Igreja na sua capacidade profética. O castiçal já se virou em sete para representar as sete igrejas (#Ap 1.12; #Ap 2.1); é uma fácil transição fazê-los tornar-se em dois para corresponder aos dois profetas, se bem que aqui a Igreja toda é tipificada pelos castiçais, não uma parte dela. Saco (3) é usado pelas testemunhas por causa do grave caráter de sua mensagem. O poder extraordinário da Igreja é exposto, nos vers. 5 e 6, em termos reminiscentes de Moisés e Elias. O fogo destruidor recorda #2Rs 1.10; a capacidade para impedir chuva, #1Rs 17.1; o transformar água em sangue e o ferir a terra com pragas, #Êx 7. No vers. 7, nós temos a primeira menção da besta **que sobe do abismo**. Fala-se dela como se fosse bem conhecida, mas descrições mais completas dela ocorrem nos capítulos 13 e 17. Note-se a semelhança das palavras empregadas em #Ap 13.7 para descrever a guerra da besta contra a Igreja.

>Ap-11.8

A grande cidade (8) significa o que Bunyan representava como "A Feira da Vaidade" (Kiddle). Através do resto do livro, a frase é usada para cidade prostituta, Roma (#Ap 16.19; #Ap 17.18; #Ap 18.10), de maneira que com um notável golpe da pena João identifica Jerusalém com Sodoma, Egito e Roma e, tudo junto, com o mundo que rejeitou e crucificou o Filho de Deus. Judeu e gentio unem-se em procurar esmagar o testemunho das fiéis testemunhas de Cristo, assim como eles procuravam destruir o próprio Senhor (9). A denegação de deixar o corpo insepulto significa a maior profundeza de ignomínia a que o homem podia ser sujeito; ver #Sl 79.3 e o livro de Tobias. A Igreja é esmagada pelos seus inimigos por **três dias e meio** (11), correspondendo aos anos de seu testemunho, "um breve triunfo, de fato, mas longo bastante para dar a idéia de ser completo e final" (Swete). À conclusão dos três dias e meio, **o Espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles, e**

puseram-se sobre os seus pés. Esta é uma citação de **#Ez 37.10**, que se referia ao avivamento espiritual da nação de Israel. Possivelmente, portanto, esta ressurreição deva ser tomada figuradamente, significando uma revivificação tão tremenda, a ponto de infundir terror ao mundo; mas pode descrever o arrebatamento dos santos (cfr. **#1Ts 4.16-17**) e assim ser equivalente à primeira ressurreição (**#Ap 20.4-6**). Comparar o terremoto aqui (**#Ap 11.13**) com o que se encontra em **#Ap 6.12**. O número **sete mil** (13) indicaria adequadamente a décima parte da população de Jerusalém. Em fazer a cidade representar a cidade mundial da Feira da Vaidade, João não tinha necessidade de alterar o algarismo, pois sete mil podia ser interpretado para significar qualquer número considerável. Note-se que estes eventos evocaram alguma espécie de arrependimento da raça impenitente até agora.

>Ap-11.15

h) A sétima trombeta (Ap 11.15-19)

A sétima trombeta, como o sétimo selo, é seguida pelo advento do reino de Deus. Uma vez que o soar da sétima trombeta pretenda introduzir o terceiro ai (14), mas não se descreve nenhuma calamidade, evidente se torna que mais tarde devemos esperar mais elucidação quanto à matéria. Tal expansão provê-se em **#Ap 14.19-20** e cap. 18. Entrementes, grandes vozes proclamam, "Os reinos do mundo vieram a ser do nosso Senhor e do seu Cristo" (15), um reino conjunto que não deve conhecer fim; significa o reino milenário fundindo-se na bem-aventurança eterna da nova criação (20-22). O atributo costumeiro de Deus é abreviado de modo significante; jamais se diz que ele "há de vir", porque ele "tem vindo". **Tomaste o teu grande poder e reinaste** (17); o eterno reino tem começado ao se iniciar um novo exercício da soberania de Deus sobre o homem, uma soberania que em nenhum tempo da história tem sido abandonada, mas que, na sua sabedoria, tem sido voluntariamente limitada. O cântico de ação de graças (17-18) marca um ordenado progresso de pensamento que mais tarde se observa no livro: Deus tem começado o seu reino eterno, isto é, o reino milenário (**#Ap 20.4-6**); as nações se enraivecaram, levantando-se em rebelião (**#Ap 20.8-9**); a ira de Deus se manifestou em juízo (**#Ap 20.9**); os mortos foram julgados (**#Ap 20.10-15**); os santos galardoados na cidade de Deus (**#Ap 21**) e os pecadores destruídos no lago de fogo (**#Ap 20.15-21.8**).

>Ap-11.19

O templo no céu se abre para revelar a arca do concerto (19). A manifestação aos homens da arca neste ponto sugere que o alvo do concerto, que é a promessa do reino, está agora no ato de se cumprir. Relâmpagos, terremoto e saraiva etc., testificam que tem chegado a consumação (cfr. #Ap 8.5, 16.17-21).

Ap-12.1

VII. O FUNDO DO CONFLITO TERRESTRE Ap 12.1-14.20

Desde que as sete trombetas seguem os sete selos, é uma expectativa natural que as sete taças serão imediatamente derramadas, de sorte que a história das dores de parto do reino se possa completar. Em vez disto, entretanto, se intervém um parêntese comprido. É necessário revelar o verdadeiro caráter do conflito, que o Messias termina com o seu aparecimento antes que a própria derrocada possa ser apreciada e entendida. A luta em que os santos se envolvem não é simplesmente o esforço de uma comunidade religiosa menor para resistir às perseguições de um Império; isto não forma senão a plataforma de um conteúdo mais pavoroso, em que o adversário perene de Deus e do homem luta por todo o subterfúgio de política e paganismo para frustrar o propósito de Deus centralizado na sua Igreja. O "parêntese" entende-se assim ser o âmago do livro. Ele cobre o período messiânico inteiro, desde o nascimento de Cristo até a consumação.

a) A mulher e o seu filho (Ap 12.1-17)

Os gregos contavam uma história do nascimento de Apolo marcadamente paralela à dos vers. 1-6. Os egípcios semelhantemente relatavam o nascimento de Hórus; um fato é que a história, em formas modificadas, parece ter sido universalmente contada. Claramente, João tem empregado uma narrativa bem conhecida (primeiramente adaptada, aparentemente, por um judeu) tanto para ilustrar o seu próprio tema, como para tacitamente excluir todos os heróis de outras crenças da posição de Redentor universal. Tal emprego de fontes pagãs é semelhante ao uso das narrativas judaicas, tais como as dos capítulos 7 e 11; a mensagem que elas pretendem apresentar é, em ambos os casos, nem pagã nem judaica, mas cristã, de ponta a ponta. Para as nações pagãs do mundo antigo, a mulher grávida (#Ap 12.1-2) teria sido uma deusa coroada com as doze estrelas do zodíaco. O judeu teria visto nela o seu próprio povo, encabeçado pelos doze patriarcas. João mostra que ela não representa nenhum

destes, mas o verdadeiro povo crente de Deus, tanto da velha, como da nova dispensação, a comunidade messiânica.

>Ap-12.3

O dragão se identifica no vers. 9 com Satanás. Suas **sete cabeças e dez chifres** (3) revelam ser ele o anticristo do mundo espiritual, assim como o seu agente, "a besta" (**#Ap 13.1**) é o anticristo terrestre compartilhando de suas características. A figura foi usada em Daniel para descrever a natureza das quatro sucessivas potências mundiais da história. Em Daniel, as sete cabeças foram divididas entre as quatro bestas, enquanto aqui elas são retidas em uma concentração horrível do mal. Os dez chifres são semelhantemente tradicionais e na potência terrestre anticristã se aplicam aos dez reis (**#Dn 7.24; #Ap 17.12**). **E a sua cauda, levou após si a terça parte das estrelas do céu** (4) ecoa a vitória de Satanás sobre os poderes angélicos, mas, se João pretendia por este fenômeno qualquer coisa mais do que uma alusão ao grande poder do dragão, é difícil dizer. A afirmação do destino da criança (5; **#SI 2.9**) explica o desejo do dragão de devorá-la, pois as nações, ele as reconhecia como a sua legítima presa. Na sua referência original, o sentido seria que a criança foi arrebatada ao trono de Deus por segurança, enquanto ainda um infante; mas o "arrebato" é suficientemente semelhante à ascensão triunfante de Jesus, para tornar claro o seu real sentido neste contexto.

>Ap-12.6

O povo de Deus é seguro das artimanhas do diabo durante o período do reino de terror do anticristo (6). Isto está de acordo com o ensino de **#Ap 7.1-8; #Ap 11.1-2**; antecipa a queda de Satanás, descrita nos vers. 7-12, e é ampliado em 13-17. **A batalha no céu** (**#Ap 12.7-12**) pode significar uma tentativa para investir-se contra o refúgio da "Criança-redentora". Daí o protagonista celeste ser um arcanjo que dirige as hostes de Deus; é ele que ganha a vitória sobre o diabo e os seus seguidores demoníacos. A sua conquista traz **o reino de nosso Deus** (10; cfr. **#Dn 12.1-3**). Mas o acréscimo do vers. 11, por nosso profeta, transforma a cena toda. O meio real da conquista do dragão foi a obra redentora de Cristo; o seu povo compartilha essa vitória pelo seu testemunho ao poder salvador nas suas vidas. A conquista angélica torna-se mera figura para a vitória de Cristo e os seus santos. O início do reino de Deus através da redenção na cruz é um paralelo próximo ao ensino joanino e paulino de que a morte e a ressurreição do nosso Senhor foram a ocasião da derrota de Satanás e o estabelecimento da era do reino com todas as suas bênçãos concomitantes.

O Apocalipse, desta forma, não pode ser considerado, como se diga, totalmente livre de escatologia "concretizada". Charles tem solucionado, com bom êxito, uma dificuldade lingüística de há muito tempo, traduzindo no vers. 7 "Miguel e seus anjos tiveram que lutar com o dragão". Ver I. C. C. págs. 321-322.

>Ap-12.9

A **antiga serpente** (9) é aquela que tentou a Eva no Éden. **Diabo (diabolos)** é o equivalente grego do hebraico **Satan**, ambos significando "caluniador". O texto sugere que nunca Satanás pode cumprir a sua função de falsamente acusar os santos perante Deus. (Ver Jó 1, e **#Zc 3**), pois Cristo lhes tem assegurado o seu perdão e os reconciliado com Deus através da sua expiação. Consequentemente, o diabo concentra a sua capacidade como dragão, serpente e enganador.

>Ap-12.10

Reino (10) é talvez traduzido melhor aqui "soberania"; mas cfr. **#Cl 1.13-14**, onde o pensamento é muito semelhante; para o derribar de Satanás, cfr. **#Jo 12.31-33**. A redenção de Cristo é a causa principal da vitória dos santos (11); o seu testemunho testifica de sua eficácia nas suas vidas. No vers. 12 leia-se "ai da terra e do mar". A expressão corresponde à designação freqüente, de João, do mundo descrente como "os habitantes da terra" (**#Ap 11.10**; **#Ap 13.8**; etc.); Usa-se aqui em distinção da esfera celeste onde outrora habitava. **O pouco tempo** (12) define-se no vers. 14; o período do reino do anticristo é aqui visto como uma administração do diabo através daquele.

O dragão agora volta a sua atenção para a mulher, isto é, a Igreja, tendo falhado no caso do Senhor dela: cfr. **#Jo 15.20**. Para **#Ap 12.14**, ver vers. 6n. A mulher é nutrida mais "por causa da" do que "fora da vista da" serpente. No simbolismo que revela o ataque contra a mulher, a serpente é considerada como um monstro da água, inclusive a personificação do mar. Daí a mulher foge para refúgio no **deserto** (14), onde um monstro marítimo não pode ter lugar. Para não ser superada, a serpente manda após ela um dilúvio, mas a terra o traga, de maneira que não se faça mais nada por ele (15-16). O retrato bem ilustra a segurança espiritual dos crentes contra tudo que o diabo possa fazer em suas tentativas para destruí-los.

Ap-13.1

b) O anticristo e o seu profeta (Ap 13.1-18)

No vers. 1, tanto a evidência dos manuscritos, como o contexto, favorecem a seguinte tradução: "ele ficou em pé sobre a areia do mar". O dragão, tendo falhado, ele só em esmagar a Cristo e a Seu povo, chama ao seu lado um ajudador. A besta vem **subindo do mar** (1), dessarte mostrando o seu caráter como um monstro marítimo (como o dragão; ver notas sobre **#Ap 12.3,15-16** e cfr. **#Dn 7.3**), e demoníaco (de acordo com **#Ap 11.7**, o mar é equivalente ao abismo). A segunda besta, por outro lado, vem **subindo da terra** (11). Esta diferença corresponde à existente entre **behemote**, o monstro terrestre (**#Jó 40.15** e segs.) e o **leviatã**, o monstro marítimo (**#Jó 41**), criaturas que, nos livros proféticos, servem para tipificar as forças que se opõem a Deus (ver **#Is 27.1**; **#Is 51.9**; **#Ez 32.2**; etc.).

Os pormenores do monstro marítimo são tirados de **#Dn 7**. Aprendemos de **#Ap 17.5,9** que ele representa o poder de Roma, sendo as **sete cabeças** uma sucessão de imperadores, e os **dez chifres**, dez reis aliados (**#Ap 17.12**); os nomes de **blasfêmia** são os títulos divinos que se reclamam pelos soberanos romanos. As características de leopardo, urso e leão em **#Dn 7.4-6** foram compartilhadas entre os três primeiros impérios. Aqui elas se combinam em uma unidade terrível de poder e malícia, o leopardo significando crueldade e astúcia, o urso força, o leão, ferocidade. Uma das cabeças foi "ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada" (3). Evidentemente, a referência é à morte de um dos seus imperadores. Mas de quem é dito que a chaga mortal foi curada, o Imperador em apreço, ou o Império de que ele fazia parte? Gunkel acreditava neste último, pois um monstro, sofrendo da perda de uma de suas cabeças, tem ele mesmo recebido um golpe mortal; a referência histórica podia então ser ao assassinio de Júlio César, cuja morte perigou a segurança do Império (**uma de suas cabeças**, no grego-hebraico de João, podia significar a primeira das cabeças). A maioria dos expositores tendem a interpretar a cura da chaga mortal como da cabeça (imperador) em apreço, que, em seguida, é identificada com a besta, ela própria (como nos vers. 12,14 e 17). Isso podia significar que um dos imperadores se ergueria da morte e assumiria em si o caráter do império inspirado pelo diabo. Precisamente isso estava sendo alegado com respeito a Nero, ao tempo da confecção deste livro; pois, se bem que ele se suicidou em 68 A. D., era largamente crido que voltaria para conduzir as forças orientais contra Roma. Ver ainda sobre 17.8,11 e note-se **IXd** sobre o império anticristão.

>Ap-13.4

O mundo cultua tanto ao diabo como ao falso Cristo, que congrega em si as características do Império (4). A **boca para proferir grandes coisas** (5) é atribuída ao poder contra Deus, em **#Dn 7.8,20**. Para os **quarenta e dois meses**, comp. **#Ap 11.2; #Ap 12.14**. Durante este tempo, diz-se ser dado à besta autoridade **para continuar**, isto é, agir perversamente; cfr. **#Dn 8.12; #Dn 11.36**. Note-se que, ainda que o dragão desse à besta a sua autoridade sobre a terra, a verdadeira permissão para os seus blasfemos ditos e feitos, e até mesmo a duração do seu reino, vêm de Deus; ver também os vers. 7,10,14-15. Nunca é a soberania de Deus mais aparente do que durante o reino do anticristo. Cfr. o vers. 6 com **#2Ts 2.4** e o vers. 7 com **#Dn 7.21**. É incerta a referência das palavras **desde a fundação do mundo** (8); elas podem ser ligadas com a morte do Cordeiro ou com o escrito dos nomes dos santos no livro da vida. Ambos os sentidos são igualmente verdadeiros; para aquele, cfr. **#1Pe 1.19-20**, para este, **#Ef 1.4**. Resolve-se a dificuldade para quase todos quando se apela para **#Ap 17.8**, onde se emprega linguagem quase idêntica, ligando a frase com o escrito no livro. Porém a ordem das palavras é decididamente contra esta interpretação, a não ser que fosse a verdade que o livro assim como nós o temos é uma tradução do escrito original de João. No vers. 10, assegura-se à Igreja que justiça será aplicada aos opressores e assassinos da terra. Há, contudo, uma outra tradução que diz: "Se alguém é para o cativoiro, para o cativoiro vai: se alguém deve ser morto com a espada, com a espada será morto". Deste modo, muda-se inteiramente o sentido, exprimindo a resignação que os cristãos deverão adorar em face do possível encarceramento ou martírio. Isto concorda bem com **#Jr 15.2; #Jr 43.11**, e deve talvez ser preferido. Uma segunda besta vem acudir à primeira na qualidade de seu profeta. **Ela tem dois chifres semelhantes aos de um cordeiro** (11), simulando o caráter de Cristo, mas foram diabólicas as suas palavras; cfr. **#Mt 7.15**. Que a segunda besta **faz que a terra... adore a primeira, besta**, (12) parece indicar que esta figura representa o sacerdócio do culto ao Imperador. Mas chama-se "o falso profeta" (**#Ap 16.13; #Ap 19.20; #Ap 20.10**). Contudo, como a besta de sete cabeças e dez chifres significa o império anticristão encarnado num anticristo pessoal, é provável que este sacerdócio pagão se represente também numa cabeça suprema que dirige a sua obra diabólica. Tal interpretação está de acordo com as afirmações posteriores de que o falso profeta e o anticristo são lançados "vivos" no lago de fogo (**#Ap 19.20; #Ap 20.10**), pois, duvida-se que em tais contextos uma besta represente um indivíduo e a outra um corpo de pessoas. Essas passagens, de fato, podem sugerir que o falso profeta seja um ser demoníaco assim como o anticristo. Os sacerdotes pagãos tinham

pouca compunção em valer-se de truques, tal como a produção de fogo aparentemente do céu (13), e, por ventriloquismo, fazer falar um ídolo (15). É possível, contudo, que João signifique que os milagres feitos pelo falso profeta serão genuínos. É uma característica reconhecida da profecia cristã do anticristo; cfr. #Mc 13.22; #2Ts 2.9. A marca da besta (16) no povo não cristão é a contraparte do selo de Deus nos cristãos (#Ap 7.1-8); ambos servem para mostrar a fidelidade, quer a Deus, quer ao diabo. Se as duas designações pretendem denotar qualidades espirituais, bem como um meio para identificação externa, elas sugerem que caráter tende a excluir as influências que não estejam de acordo com ele-no caso de crentes, influências satânicas, no caso de descrentes, as operações graciosas do Espírito Santo. Um homem se torna mais e mais semelhante à imagem do seu mestre. O efeito imediato de receber a marca da besta consiste no ostracismo social daqueles que a recusam. Envolve nada menos do que a proclamação pelo Estado de guerra econômica contra a Igreja (17).

>Ap-13.18

A marca da besta reproduziu ou o seu nome, ou o número formado, juntando os valores numéricos representados pelas letras do seu nome (em grego e hebraico não existem nomes numerais separados, as letras do alfabeto têm que servir também a esta finalidade). Seiscentos e sessenta e seis é o número. As soluções deste enigma quase alcançam esse número. Gunkel e muitos outros insistem em que ele não representa o nome de um indivíduo; a frase é o **número de um homem** (18) significa simplesmente "é uma computação humana", em distinção de um cálculo sobrenatural (cfr. #Ap 21.17). Tais intérpretes freqüentemente consideram o número como um símbolo de ficar constantemente aquém da perfeição por parte do anticristo, posto que cada algarismo é um menos que sete; indica-se que os Oráculos Sibilinos (1.328) dizem que o número do nome de Jesus é 888, um além da perfeição. O próprio Gunkel não aceita esta sugestão, mas acha que o número serve para identificar o Imperador Romano com o monstro do caos, de que o retrato do dragão e da besta é tirado neste livro ("Caos Primordial" em hebraico dá 666). A idéia tem sido indevidamente reduzida ao mínimo no terreno em que os leitores de João mal podiam ter encontrado uma tal remota solução, posto que eles conheciam só o grego. Por conseguinte, o exegeta hodierno favorece antes a solução "Nero César", escrito defeituosamente em hebraico! Mas, se aquele seria ininteligível ao povo que fala grego, de igual modo seria este, se bem que "Nero César", transcrito em hebraico de uma grafia latina, dê o número alternativo 616, que se encontra em alguns manuscritos. A sugestão de

Clemente- "O reino latino", escrito em grego, é atraente; não só dá o 666, que se requer, mas "O reino italiano" dá o alternativo 616.

Estranho como pareça, não é impossível que todas as soluções acima estejam certas. É provável que, desde que João usou uma fonte hebraica neste capítulo, o número original foi hebraico, e o número não foi inventado por ele. Como ele conhecia o mito do caos, e era um hebreu, o nome **Tehom Qadmonah**, "Caos Primordial", não lhe seria impróprio. Outrossim, é sugerido em nossa interpretação de **#Ap 17.8,11** que o profeta fundiu os mitos do monstro do caos e Nero Redivivus, para formar o seu retrato do anticristo; os adversários da Igreja encarnaram tão perfeitamente o poder antigo do mal, que ambos poderiam ser descritos sob o mesmo sumário histórico, isto é, já foram e não são, e estão para subir do abismo e ir para a perdição. Um número, portanto, que denotasse esse princípio mau, tão bem como o império e o indivíduo em que ele deva ser encarnado, era, mais do que o coração podia desejar, uma perfeita representação de bruxaria ou arte diabólica.

Ap-14.1

c) Os 144.000 no monte Sião (Ap 14.1-5)

A finalidade desta e das visões que se seguem neste capítulo, é fortalecer os cristãos para as tribulações implicadas no relato que se segue do reinado do anticristo. A identidade dos 144.000 parece ser determinada por **#Ap 7.1-8** e **#Ap 5.9-10**. João mal representaria dois grupos diferentes por tal número tão extraordinário e obviamente simbólico, especialmente quando ele acrescenta que ambas as companhias têm a marca de Deus nas suas testas (**#Ap 7.3-4; #Ap 14.1**). A multidão se define como **aqueles que foram comprados da terra** (3), um eco da descrição de Igreja em **#Ap 5.9**. Outrossim, diz-se que eles estão sobre o monte Sião (1), isto é, a Jerusalém celestial da era milenária (**#Ap 21.9**); isto está também de conformidade com o cântico de ação de graças, em **#Ap 5.10**, mas representa um avanço sobre o prévio retrato dos 144.000, onde esta multidão está ainda sobre a terra (**#Ap 7.1-8**) e depois é vista no céu, ainda não incluída contudo, nos privilégios reais (**#Ap 7.9-17**). Nós, portanto, tomamos esta visão para retratar a Igreja possuindo a glória do advento de Cristo na era milenária. O tema do Cordeiro e da Jerusalém celestial encontrado neste capítulo expande-se em **#Ap 21.9**. O nome escrito nas testas dos cristãos (1) explica a natureza do "selo" mencionado em **#Ap 7.1-8**. As hostes angélicas cantaram "um novo cântico" (**#Ap 5.9**), mas somente os 144,000 podiam aprendê-lo (3); evidentemente, ele trata da

experiência de redenção, que somente pecadores salvos podiam conhecer. A nossa interpretação deste versículo é condicionada, na nossa identificação desta companhia, com a do cap. 7; é impossível, portanto, considerá-lo como enumerando homens solteiros somente. Parece melhor interpretar a linguagem do vers. 4 como simbólica, denotando a pureza espiritual de homens e mulheres que formam a noiva de Cristo (cfr. #2Co 11.2). Não são inaptos tais termos numa visão retratando a Igreja glorificada com o seu Senhor na Jerusalém celestial; ver #Ap 21.9. Se *aparche* for traduzida aqui *primícias* a última parte do versículo se relaciona com tais Escrituras, como #Tg 1.18; #2Ts 2.13 (onde se lê, em algumas versões, "Deus nos escolheu como primícias...", em vez de "Deus escolheu desde o princípio..."); porém, podia ser traduzida, pelo seu sentido usual dos LXX, "sacrifício"; porque tal pensamento é peculiarmente apropriado nesta profecia do testemunho, sofrimento, e martírio dos escolhidos de Cristo.

>Ap-14.6

d) O dia da ira (Ap 14.6-20)

A sucessão de breves oráculos nesta seção é unificada pelo uso de seis anjos, que anunciam o juízo e o executam. Igualmente com a visão anterior, entende-se fortalecer o nervo do cristão, uma visão sendo a retribuição do bem e outra, a retribuição de más obras.

1. O PRIMEIRO ANJO (#Ap 14.6-7) -Uma última advertência é dada aos homens descrentes. Todas as nações são convocadas ao arrependimento e ao culto de Deus. A mensagem chama-se um "eterno Evangelho", pois as eternas bênçãos das boas novas ainda permanecem para aqueles que atendem, este oráculo parece registrar o cumprimento final de #Mc 13.10.

>Ap-14.8

2. O SEGUNDO ANJO (#Ap 14.8) -A queda de "Babilônia" é relatada em maiores pormenores no cap. 18. Este nome simbólico de Roma aparece em #1Pe 5.13, os Oráculos Sibilinos 5.143, 159 e 2 Baruque 11.1.

>Ap-14.9

3. O TERCEIRO ANJO (#Ap 14.9-13) -Esta é uma advertência que forma um complemento à pregação do eterno evangelho nos vers. 6-7. Para o cálice não

misturado (não "diluído"), cfr. #Sl 75.8. Para o fogo e enxofre, cfr. #Is 34.8-10, que é reminescente de #Gn 19.24-25. A paciência dos santos (12) encontra um agulhão adicional na contemplação da terrível destruição dos adoradores da besta, assim como o saber que alguns deles serão chamados para o encarceramento e a morte dá um estímulo semelhante (#Ap 13.10). A bem-aventurança dos mortos que desde agora morrem no Senhor (13) serve à mesma finalidade; cristãos que encaram a possibilidade de sofrer por causa do nome sabem que eles repousarão na companhia do seu Senhor e receberão uma recompensa pela sua fidelidade,

>Ap-14.14

4. O QUARTO ANJO (#Ap 14.14-16) -É comum considerar estes versículos como descrevendo o arrebatamento da Igreja por Cristo na sua vinda, e os vers. 18-20 como o ajuntamento do mundo incrédulo para o juízo; é possível que seja esta a verdadeira interpretação da passagem, especialmente em vista do uso da frase **um semelhante ao Filho do homem** no vers. 14 (cfr. #Ap 1.13). Contudo, parece estranho que Cristo fosse orientado por um anjo para levar a efeito a sua obra salvadora. À sua descrição, também, falta o esplendor das visões do Senhor em #Ap 1.12 e #Ap 19.11. Parece melhor, por conseguinte, considerar a forma parecida a homem como um anjo, compartilhando algo da glória de Cristo como o "anjo forte" de #Ap 10.1. A colheita do trigo e das uvas então representa um ato todo-inclusivo de juízo, como em #Jl 3.13, em que se baseiam estas duas visões, Para a colheita da terra por instrumentalidade angélica, comparar #Mt 13.41-42.

>Ap-14.17

5. O QUINTO ANJO (#Ap 14.17) -Observa-se que o anjo que tem a foice aguda **saiu do templo**, assim como o fez o quarto anjo.

>Ap-14.18

6. O SEXTO ANJO (#Ap 14.18-20) -Este anjo que autoriza o vindimador a colher as uvas da vinha da terra **saiu do altar** e chama-se aquele que **tem poder sobre o fogo**, Isto se relaciona com #Ap 6.9-11; #Ap 8.1-5; #Ap 9.13; #Ap 16.7, e exemplifica mais uma vez a conexão entre o sacrifício dos santos de Deus e o advento do reino. O simbolismo do juízo messiânico (19-20), como o pisar do lagar, remonta a #Is 63.3. A cidade fora da qual o pisar do lagar

ocorre é presumivelmente a cidade universal, "A grande Babilônia" (ver #Ap 11.8; #Ap 18.2).

Ap-15.1

VIII. AS SETE TAÇAS Ap 15.1-16.21

Diz-se que as taças iniciam "pragas", que são as últimas, porque nelas é consumada a ira de Deus (1). Isto se relaciona, muitas vezes, com o fato que nenhuma descrição foi dada da sétima trombeta, ainda que trouxe o fim (#Ap 11.15); então, sugere-se que o conteúdo das taças consiste de eventos que se seguem ao soar da última trombeta. Isto é possível. Deve-se notar, contudo, que o conteúdo das sete taças é muito semelhante ao das sete trombetas; na maioria dos casos, a diferença parece estar na amplificação das pragas anteriores, nas sete trombetas. A segunda e terceira taças, por exemplo, parecem simplesmente revelar que têm aumentado em extensão as pragas da segunda e terceira trombetas. A quarta trombeta afeta o sol, de uma certa maneira, a quarta taça, em uma outra (#Ap 8.12; #Ap 16.8). A quinta e a sexta trombetas têm uma correspondência extraordinária com a quinta e a sexta taças (#Ap 9.1-21; #Ap 16.10-16). O terremoto, depois da sétima trombeta, parece ser o mesmo que se segue à sétima taça, somente que se descreve em mais detalhe (#Ap 11.19; #Ap 16.17). Desta maneira, as taças dão uma mais plena revelação do que já, se tinha revelado sob os juízos das trombetas, junto com certas novas características. Quanto aos vitoriosos junto ao mar de vidro (2), o seu cântico celebra a iminente conversão das nações que se segue à consumação dos "atos de justiça" de Deus (4); a visão, portanto, exulta nos efeitos das últimas pragas antes de anunciar a sua vinda; isto é proléptico e serve para sublinhar a afirmação do vers. 1, "nelas se cumpre a ira de Deus".

a) Visões introdutórias às taças (Ap 15.1-8)

Este capítulo consiste em duas visões separadas, aquela, retratando os confessores cristãos que emergiram triunfantemente da grande tribulação (2-4); esta, relatando o aparecimento, no templo celestial, de sete anjos trazendo as sete taças de pragas (5-8). O vers. 1 serve como título aos capítulos 15-16. Supre um equivalente pictórico da declaração profética mais formal, "A visão (ou peso) das últimas pragas". Os juízos são os **últimos**, em que eles culminam o que precedeu e incluem os últimos golpes contra a impiedade da geração inspirada pelo diabo.

>Ap-15.2

1. A PRIMEIRA VISÃO (#Ap 15.2-4) -O mar de vidro é **misturado com fogo**, por causa do juízo iminente. Os confessores têm desafiado **a besta**, recusando-se a adorar **a sua imagem** e abjurando a marca que é **o número do seu nome** (2). **O cântico de Moisés... e o cântico do Cordeiro** são um, recordando o cântico triunfante dos israelitas nas praias do Mar Vermelho (#Êx 15). O nome de Moisés é ligado com o de Cristo porque um livramento semelhante, ainda que muito maior, tem sido conseguido de um inimigo semelhante, se bem que muito maior. É comum nos profetas a comparação de redenção final com o êxodo (cfr. #Is 51.9-11). Cada linha do cântico é reminescente dos profetas e salmistas: **Grandes e maravilhosas são as tuas obras** (cfr. #Sl 111.2; #Sl 98.1; #Sl 139.14); **justos e verdadeiros são os teus caminhos** (cfr. #Sl 145.17; #Dt 32.4); **Rei dos Santos** (das nações ARA). **Quem te não temerá...?** (3-4; cfr. #Jr 10.7); **todas as nações virão** (4; cfr. #Sl 86.9); **os teus atos de justiça se fizeram manifestos** (cfr. #Is 26.9; #Sl 98.2). A aproximação e o culto das nações parecem antecipar a sua conversão no milênio.

>Ap-15.5

2. A SEGUNDA VISÃO (#Ap 16.5-8) -O tabernáculo se chamava "a tenda do testemunho" (#Nm 9.15), desde que a arca, contendo as tábuas da aliança, nele se guardavam. Uma vez que a arca mais tarde ficava no templo, o próprio templo às vezes se chamava o tabernáculo (#Sl 84.1-2; #Ez 41.1). Aqui, por conseguinte, a segunda cláusula deve ser traduzida "o templo, a saber, o tabernáculo do testemunho no céu, foi aberto". Ressalta que os juízos que estão para se executar são a expressão da justiça de Deus. Uma versão diz que os anjos estavam "vestidos de pedras preciosas, puras e resplandecentes", em vez de **linho puro e resplandecente**, como na Almeida. Porém as palavras gregas para "pedras" (*lithon*) e "linho" (*linon*) são muito semelhantes, de maneira que é difícil dizer qual é certa. Ver, contudo, #Ez 28.13. As taças de ouro, como os recipientes da ira de Deus, podem ter sido sugeridas pelo freqüente uso, no Velho Testamento, de "cálices", para denotar a medida de Deus de juízo sobre os pecadores (cfr. #Ap 14.9-10). **O templo encheu-se com o fumo da glória de Deus** (8). Para semelhantes ocasiões deste fenômeno no Velho Testamento, ver #Êx 40.35; #2Cr 7.2-3; #Is 6.4; #Ez 10.4; #Ez 44.4.

Ap-16.1

b) As sete taças descritas (Ap 16.1-21)

1. A PRIMEIRA TAÇA (#Ap 16.2) -A praga da primeira taça não tem contraparte naquelas das trombetas, porém, como muitas destas últimas, ela recorda as pragas do Egito (cfr. #Êx 9.10-11),

>Ap-16.3

2. A SEGUNDA TAÇA (#Ap 16.3) -Cfr. a primeira praga egípcia (cfr. #Êx 7.17 e segs.). Onde a segunda trombeta afetou uma terça parte do mar (#Ap 8.8), esta se estende através de todos os mares.

>Ap-16.4

3. A TERCEIRA TAÇA (#Ap 16.4-7) -A mesma praga egípcia está em mente. Cfr. a terceira trombeta (#Ap 8.10-11). Estar embriagado com sangue, no Velho Testamento, significa morte pela espada; cfr. #Is 49.26. O altar concorre neste juízo; cfr. #Ap 6.10 e #Ap 14.15-18.

>Ap-16.8

4. A QUARTA TAÇA (#Ap 16.8-9) -A quarta taça fica em contraste à quarta trombeta (#Ap 8.12), mas ver vers. 10-11.

>Ap-16.10

5. A QUINTA TAÇA (#Ap 16.10-11) -A quinta taça manda trevas ao império do anticristo; cfr. #Êx 10.21 e as trevas sobre a terça parte da terra, depois da quarta trombeta, Charles sugere que a dor excessiva desta praga deve-se aos gafanhotos demoníacos da quinta trombeta, cujo aparecimento, coincidindo com a fumaça do abismo, escureceu os céus. É que causou tormentos aos aderentes da besta (#Ap 9.1-6); tal interpretação estaria de acordo com a relação das trombetas e as taças esboçada na introdução aos capítulos 15-16.

>Ap-16.12

6. A SEXTA TAÇA (#Ap 16.12-16) -A sexta trombeta também afeta ao Eufrates (cfr. #Ap 9.13 e segs.), uma coisa que mal pode ser coincidente. Mas, enquanto a sexta trombeta traz para fora as hostes demoníacas, a sexta taça prepara para a invasão do império pelos reis do oriente (12; "do lado do nascimento do sol"). Estes últimas se descrevem mais pormenorizadamente

em #Ap 17.12-13; eles se põem à disposição do anticristo (#Ap 17.17), saqueiam a cidade meretriz e guerreiam contra o Cordeiro (#Ap 17.14). Cfr. o vers. 15 com #Ap 3.3. Se esta é a posição original deste versículo, a advertência não está sem finalidade (cfr. #Mt 24.43; #1Ts 5.2,4). Há sete bem-aventuranças neste livro: Cfr. #Ap 1.3; #Ap 14.13; #Ap 19.9; #Ap 20.6; #Ap 22.7,14. A significação de Armagedom (16) se desconhece. A tradução costumeira "Monte de Megido" mal pode estar certa, pois não há nenhum monte em Megido. Derivações conjecturais do hebraico (tal como *har migdo*, "o seu monte frutífero", isto é, Jerusalém) mal fazem sentido, uma vez que não sabiam o hebraico os leitores de João. É possível que nem João nem os seus amigos tenham tentado qualquer explanação do nome; foi usado, não tanto para designar um lugar, como uma ocasião, a saber, a última bem conhecida rebelião dos maus, que resulta no estabelecimento do reino de Deus.

>Ap-16.17

7. A SÉTIMA TAÇA (#Ap 16.17-21) -A sétima taça é despejada no ar (17), dando a noção de algo até mesmo mais portentoso do que o dano feito na "terra" (2) ou "mar" (3) ou "águas" (4) ou "sol" (8); ela significa o golpe final contra as forças do mal, tanto humanas como satânicas (#Ef 2.2). Daí a voz (de Deus?) proclama: *Está feito* (17), Cf r. "Está consumado" (#Jo 19.30) e ver #Ap 21.6. Nos vers. 18-19 dá-se, afinal, o significado dos relâmpagos, etc., que seguiram à sétima trombeta (#Ap 11.19) e ao sétimo selo (#Ap 8.5); eles conseguem a destruição da civilização anticristã. Através do terremoto (cfr. #Ap 6.12), a grande cidade foi dividida em três partes. Dá-se no vers. 20 a descrição hiperbólica da magnitude do terremoto. O tamanho das pedras de saraiva (21) condizem com as proporções espantosas desta última sacudidura dos céus e da terra (#Ag 2.21); um talento pesa cerca de 45 quilos. Os egípcios sobreviveram a uma praga de grandes pedriscos (#Êx 9.24), uma aliança, de exércitos perseguida por Josué foi desbaratada por eles em Bete-Horom (#Js 10.11), enquanto as hostes de Gogue deveriam aguardar uma sorte semelhante (#Ez 38.22); este evento eclipsa todas as tais descrições. Ele subjuga os homens, porém não os conduz ao arrependimento. Os últimos resultados destes acontecimentos são dados em maiores detalhes em capítulos 17-19.

Ap-17.1

IX. A QUEDA DE BABILÔNIA Ap 17.1-19.21

Estes três capítulos expandem as visões da sexta e sétima taças (#Ap 16.12-21), #Ap 17.1-19.10 tem que ver principalmente com a sorte do império (isto é, a sétima taça). O cap. 17 explica a situação que dá na destruição dos inimigos de Deus, com especial referência ao reino anticristão (18) e, ao mesmo tempo, lança luz sobre certas obscuridades no cap. 13.

a) A visão de Babilônia na sua glória (Ap 17.1-6)

As palavras do anjo a João poderiam formar um título adequado dos caps. 17 e 18: **A condenação da grande prostituta que está assentada, sobre muitas águas.** Como o cap. 17 descreve as circunstâncias da sua queda, a promessa na título não é realmente cumprida até o cap. 18. A cidade de Tiro é chamada meretriz, por Isaías (#Is 23.16-17), como também é Nínive por Naum (#Ap 3.4), enquanto a última parte do vers. 2 cita a descrição, por Jeremias, de Babilônia (#Jr 51.7), assim como esta cidade foi chamada pelo profeta como "tu que habitas sobre muitas águas" (#Jr 51.13). Do vers. 9 é claro que Roma está na mente de João. Nesta descrição, portanto, como na figura apocalíptica do vers. 3, ele ensina que este império inclui em si a maldade de todos os seus predecessores. A besta, que representa o império, retrata-se semelhantemente como o dragão (cfr. #Ap 12.3), mostrando com isso a sua afinidade com ele. O símbolo de uma mulher assentada sobre **uma besta cor de escarlate** (3) originalmente denotava uma unidade, a besta sendo a representação anterior, e a mulher a posterior, de um e o mesmo monstro caótico. Para João, contudo, forma um retrato adequado para ilustrar a relação entre a cidade capital e o Império. À primeira vista, parece estranho que no vers. 1 a prostituta **assenta-se sobre muitas águas**, enquanto que no vers. 3 ela habita num **deserto**. A explanação pode ser que João está recordando a profecia de Isaías contra Babilônia, o título de que é "Sentença contra o deserto do mar" (#Is 21.1); é digno de nota que os LXX omitem as últimas três palavras. A luxúria e a imundícia moral da cidade aqui se revelam vividamente, de novo com o auxílio da caracterização, de Jeremias, de Babilônia. A exibição do nome na testa da prostituta (5) provavelmente alude ao costume das meretrizes romanas que, semelhantemente, expunham seus nomes nas suas testas. O prefixo MISTÉRIO podia ser uma parte da inscrição; mas é mais provável que indique que o nome não devia ser tomado literalmente (cfr. #Ap 11.8, "a grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito"). Moffatt traduz "por meio de símbolo". O título serve para caracterizar cidade tirana como sendo da mesma natureza como aquela contra a qual os antigos profetas profetizavam tão veementemente; é a MÃE DAS MERETRIZES (ou devassidões, Vulg. e Primasius) E DAS ABOMINAÇÕES (isto é, IDOLATRIAS) DA TERRA (5).

Roma causou a ruína moral de todo o Império. A alusão no vers. 6 inclui não somente a perseguição Nerônica, como também o costume geral de levar para Roma todos os mártires para morrerem no anfiteatro.

>Ap-17.7

b) A visão explanada: a destruição da Babilônia (Ap 17.7-18)

A interpretação desta seção se torna difícil pela flutuação no simbolismo. Nos vers. 10 e 11, diz-se encarnar a besta num rei que uma vez viveu e que reaparece como o último imperador de uma sucessão ímpia; isto é, ele é um indivíduo. Contudo, é claro que os vers. 1-6 falam de uma cidade e de um império, não de um indivíduo ou até mesmo uma linha de soberanos (imperadores são apenas cabeças, não a besta toda). Com isto concordam os vers. 9 e 10, os sete montes denotando a cidade de Roma, a sede do império anticristão. Uma vez que é tradicional o uso da besta com sete cabeças e dez chifres para representar a potência universal sem Deus e perseguidora, é quase certo que João se serve de fontes anteriores em vez de compor algo inteiramente original (cfr. o cap. 12); isto pode explicar algo da ambigüidade. A maioria dos expositores interpretam o vers. 8 com o auxílio do vers. 11, e consideram que a passagem toda descreve um anticristo individual; a expressão *era, e já não é, mas que virá* no vers. 8, sente-se ser inteiramente explicável pelo mito do Nero ressuscitado, cujo retorno dos mortos para lutar contra Roma era largamente esperado quando este livro estava sendo escrito. Com esta expectativa os vers. 16 e 17 concordam admiravelmente.

Há, contudo, uma outra possível linha de interpretação. Admite-se unanimemente que os vers. 1-6 retratam um império, não um indivíduo. Se João utilizou algum escrito anterior em compilar os vers. 7-18, essa fonte também se referia à besta como o império. Por isso não é improvável que o profeta cristão tivesse particularmente em vista, o império. Se assim é, o vers. 8a deve-se explicar principalmente, não de Nero ressurreto, mas do império. De tais Escrituras, como *#Is 27.1; #Is 30.7; #Is 51.9-10*, é claro que os profetas do Velho Testamento aplicavam propositadamente o símbolo do "monstro caótico" às nações hostis a Israel, especialmente ao Egito, mas não somente àquela potência. Deus havia conquistado aquele monstro no princípio. Jaz dormente por enquanto (cfr. *#Is 30.7*) mas está, para se levantar de novo. A tal tempo, Deus o destruiria de uma vez para sempre. "A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição" (comp. *#Is 27.1*) assim descreve este monstro, esboçando a sua história. Uma solução razoável

parece ser que João aqui fundiu dois símbolos para dar a sua mensagem, o do monstro caótico e o de Nero Redivivus. A besta é o poder do mal, manifestando-se através da história nos impérios sem Deus, mas agora no Império Romano. Até agora, tem jazido mais ou menos dormente; em breve se levantará da sua inatividade e revelar-se-á num furor de impiedade, encarnando-se no Nero ressurreto. Com esta chave à passagem em mente, podemos atender aos seus detalhes.

A explanação dada pelo anjo (7) é uma continuação direta da visão anterior; diz quem a mulher e a besta representam. É de esperar, portanto, que a interpretação envolverá mais de que um membro da besta. **A besta foi, e já não é** (8); isto é, tinha antes uma existência como uma potência má e ímpia, mas que tem sido silenciada. Isaías chama o Egito de "Gabarola que nada faz" (**#Is 30.7**), isto é, o monstro caótico, feito inútil por Deus. A Roma é dado aqui um nome semelhante, ela **foi, e já não é, mas que há de vir**, isto é, brevemente está para subir do abismo e fará uma obra de horror como os faraós, os reis assírios e Antioco Epifânio de outrora. Contudo, irá para a perdição-o monstro caótico não pode triunfar sobre Deus, nem o pode Roma. Como o vers. 11 refere isto a Nero, que está para voltar à terra, podemos compreender que a plena posse por parte de Roma das características do monstro caótico só poderá, ser quando ele se encarnar no Nero que há de vir. Este rei demoníaco compartilha tão plenamente da natureza do poder do mal, que as suas histórias podem ser delineadas nos mesmos termos. Ele é a besta encarnada. Uma manifestação tão espantosa de poder sobrenatural faz que toda a terra se admire, salvo aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida. Dá-se uma dupla interpretação das sete cabeças a fim de identificar a besta além de qualquer dúvida. Roma era familiarmente conhecida como "a cidade sobre sete montes". A besta se localiza desta forma em Roma. Mas as cabeças representam reis. Qualquer que tenha sido o significado do número "sete" aos antigos escritores, para João era símbolo de inteireza; **cinco já caíram** (10) significa que a maioria já passou; o "um existe" refere-se ao soberano contemporâneo; outro imperador reinará, mas **quando vier, convém que dure um pouco de tempo** (10); a curta duração do seu reino se reforça pela consideração que "o tempo está próximo" (**#Ap 1.3**).

>Ap-17.8

Depois do último imperador humano, a besta revelar-se-á em toda a sua bestialidade. **A besta que viste foi e já não é** (8), é o poder perene do mal; manifestar-se-á como o oitavo rei, se bem que na realidade não o oitavo, pois

ele manifestar-se-á, na forma de um dos sete, isto é, Nero. No contexto dos vers. 9 e 10 parece que a afirmação "a besta... também é ele o oitavo rei" (11) deve significar que o império inteiro, ou antes o mau gênio que caracteriza o império, se encarna no oitavo rei. A ênfase está no império na sua inteireza. Não deve ser interpretado como "A besta, Nero, é um oitavo rei, além de um dos sete"; a cláusula descritiva "era, e já não é" denota o império monstro caótico em primeiro lugar, e Nero só secundariamente. Quando, contudo, se diz que a besta "subirá ao abismo", a ênfase está na pessoa que é a sua encarnação.

>Ap-17.12

Os dez reis aliados ao anticristo (12) podem ser governantes de estados satélites ou governadores de províncias. Bousset sugere, com menos probabilidade, que eles podem ser poderes demoníacos de uma natureza semelhante ao seu líder. Reconta-se imediatamente o destino final dos dez reis a fim de completar a sua descrição (14). Logicamente este versículo devia seguir 17 depois da narração da sua parte na destruição do império. Alguns comentadores, por conseguinte, o transferem para esse lugar. Mas apocaliptistas nem sempre seguem uma seqüência estritamente lógica. Este versículo realmente antecipa [#Ap 19.19](#) e segs.; se de um ponto de vista é supérfluo nesta visão, de outro a sua posição aqui é plenamente inteligível. O seu significado é, ou que eles, que estão com ele, chamados, e eleitos, e fiéis (14), compartilham desta conquista do anticristo e dos seus auxiliares, ou que eles, tão bem como o Cordeiro, triunfarão sobre o anticristo na sua vida moral (cfr. [#Ap 12.11](#)).

>Ap-17.15

Enquanto as águas de Babilônia foram literalmente em vista na profecia de Jeremias (ver nota no vers. 1), o profeta as considera como apropriadamente simbolizando os povos sobre os quais reinava Roma (15). O anticristo, com os seus aliados, ajudará na destruição de Roma, que, de outra forma, se faz pelo grande terremoto ([#Ap 16.19](#)). Ambos os meios de destruição são devidos à providência ativa de Deus. A linguagem do vers. 16 é tirada da descrição de Ezequiel do castigo de Israel ([#Ez 23.25-29](#)). Não se dá nenhuma explanação porque o imperador anticristão se vira contra a cidade anticristã. A história popular de Nero esperava que ele se erguesse somente para esmagar o império; contudo, este capítulo todo, e [#Ap 8.5](#), dá explicitamente por admitido que ele primeiro reinará sobre o império e, com o auxílio deste, se

enfurecerá contra as obras de Deus durante três anos e meio. Este procedimento bem ilustra o método de João de livremente adaptar as suas fontes a fim de entregar a mensagem que Deus lhe tem dado para a instrução dos seus santos. A mulher é Roma (18), a meretriz do mundo de então.

Ap-18.1

c) O lamento sobre Babilônia (Ap 18.1-24)

Este capítulo modela-se nos cânticos de vitória dos profetas do Velho Testamento sobre as nações hostis dos seus tempos. Tão rememorativo destes é ele, que se pode dizer que sumaria todos os oráculos proféticos sobre a destruição dos povos injustos. As profecias contra Babilônia (Is 13; 21; 47; Jr 1; 51) e Tiro (Ez 26-27) parecem ter estado especialmente na mente de João. Descreve-se a glória deste anjo (1) em palavras empregadas por Ezequiel na descrição da **chequiná** (glória de Deus) que voltava para o templo reestabelecido (#Ez 43.2). Para semelhantes quadros de resplendor angélico, cfr. #Ap 10.1 e #Ap 14.14. **Caiu, caiu a grande Babilônia** (2) é uma citação de #Is 21.9. Para o resto do versículo, cfr. #Is 13.21-22. Estritamente falando, este quadro é incompatível com #Ap 19.3; não é impossível que João misture propositadamente o seu simbolismo, esperando que os seus leitores exercitem cautela na interpretação. Comparar ambos os vers. com #Is 13.19-22. **Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição**; isto atribui a Roma a responsabilidade pela corrupção de toda a terra. Cfr. o vers. 4 com #Jr 51.6,45; #Is 52.11; também o vers. 5 com #Jr 51.9; e o vers. 6 com #Jr 16.18; #Jr 51.29; #Is 40.2. Dirige-se o clamor do vers. 6 aos exércitos vingadores do anticristo e os seus aliados? Ver #Ap 17.12-13,16-17. O juízo de Roma deverá ser em proporção à sua autoglorificação, devassidão e orgulho; cfr. #Is 47.7-9. É possível que no vers. 8 como em #Ap 6.8, **thanatos** deva ser traduzida "pestilência", em vez de **morte**. Podemos também traduzir **penthos** por "calamidade", em vez de **pranto**, assim fazendo as três pragas "pestilência e calamidade e fome". A destruição pelo fogo faz-se pelas hostes invasoras sob o anticristo; cfr. #Ap 17.16.

>Ap-18.9

A lamentação sobre Babilônia faz-se pelos reis da terra (9-10), os mercadores da terra (11-17a) e os proprietários de navios e marinheiros (17b-19). João aqui endivida-se particularmente ao cântico de destruição de Ezequiel sobre Tiro (#Ez 26-27). Note-se que **os reis da terra** (9) são aqueles mencionados em

#Ap 17.18, não aqueles em aliança com a besta (#Ap 17.16-17). Cfr. #Ez 26.16-17. A substância de cada lamentação é a mesma, a saber, **pois numa hora veio o seu juízo** (10; ver vers. 17,19).

>Ap-18.11

Com o vers. 11 cfr. a lista das nações mercantes que negociavam com Tiro (#Ez 27.12-24) e o seu pavor e medo (#Ez 27.35-36). Vers. 12-13 fornecem uma relação das mercadorias vendidas pelos mercadores a Roma. Cfr. as importações de Tiro (#Ez 27.12-24). **Madeira odorífera**, vinha da África setentrional e era especialmente usada na fabricação de mesas dispendiosas. **Marfim** era popular entre os romanos tanto para adorno para móveis como para ornamentos. **Cinamomo** é uma especiaria aromática, "amomo" era uma planta fragrante da Índia, usada na fabricação de caro unguento para os cabelos. **Carros** aqui são de um gênero especial (gr. *rhedai*), tendo quatro rodas e muitas vezes custosamente decorados. Duas palavras são usadas aqui para escravos: *sōmata*, "corpos", e *psychai anthrōpōn*, "algumas de homens", esta última frase ocorrendo em #Ez 27.13. Talvez João tenha empregado ambos os termos para exprimir a sua repugnância ante um sistema tão brutal, que esmagava tanto os corpos como as almas dos homens.

Swete observa que, enquanto os reis lamentam sobre Babilônia pela força que lhe partira (10), os mercadores se preocupam principalmente com a riqueza que esvanecera; assim também os marinheiros, no vers. 19.

>Ap-18.20

O apelo aos céus e à Igreja para regozijar-se sobre o juízo de Babilônia (20), formando um forte contraste à lamentação anterior, parece proceder do mesmo profeta. Se deverá ser assim ou não, #Ap 19.1-7 forma uma resposta adequada ao clamor. A ação simbólica do anjo (21-24) sugere-se por uma semelhante feita sobre Babilônia por Jeremias (#Jr 51.63-64). **Mousikōn**, traduzida **músicos** (22), deve ser traduzida "cantores" como em Test. Judá 23.2. A sentença relembra #Ez 26.13. As cláusulas que se seguem, descrevendo a cessação de artes, indústria, as alegrias do matrimônio e todos os meios de iluminação, reproduzem #Jr 25.10, porém, numa ordem diferente. **Os teus mercadores eram os grandes da terra** (23) foi primeiro dito por Isaías com relação a Tiro (#Is 23.8). Aduze-se como uma razão pelo juízo de Roma porque, julgando do vers. 3, os seus mercadores promulgaram a "devassidão" da cidade, e isso de pura ambição, e desta maneira eles mesmos se ligavam

com o vício luxurioso de Roma. Isaías já havia comentado as feitiçarias da original Babilônia (#Is 47.12), e Naum trouxe uma acusação semelhante contra Nínive, (#Na 3.4). As feitiçarias (23), contra as quais se investiva, podem ser tomadas no sentido literal de magia negra, porém mais provavelmente "a feitiçaria de vício alegre e luxurioso e as suas idolatrias concomitantes, pela qual o mundo era fascinado e desviado" ("Swete").

>Ap-18.24

Cfr. o vers. 24 com #Mt 23.35, onde o nosso Senhor acusa Jerusalém da mesma maneira. A afirmação de João se justifica não somente pelas perseguições ferozes que ele antecipava se ergueriam na grande tribulação, mas também pelo seu conceito de Roma como a encarnação do espírito do mal, que tem assaltado ao povo de Deus (ver notas sobre #Ap 17.7-18).

d) Notas sobre o império anticristão

Uma principal pergunta pede a consideração da leitura dos cap. 13, 17 e 18. Se Roma é o Império das visões de João, não são eles desacreditados, vendo que Roma subseqüentemente não foi destruída, mas se tornou um centro universal do Cristianismo? Não há, contudo, nenhuma dúvida de que Roma fosse, na realidade, a cidade meretriz das visões de João. O profeta faz tudo senão nomeá-la em #Ap 17.9,18 e pelo seu uso do nome místico Babilônia (ver 14.8 n.). Roma era, para João, o requinte do espírito ímpio manifesto nas eras mais antigas, porém, agora, em seu auge. Como tal, era o último Império sobre o qual o diabo dominaria. O aparecimento impendente de um anticristo pessoal, que encarnaria a sua maldade, seria um fenômeno de curta existência. João parece sugerir que cairiam brevemente os juízos messiânicos e o domínio de Roma cederia lugar ao reino milenário.

Antes de passar juízo nesta matéria, torna-se necessário recordar que o ponto de vista de João em nada difere do parecer de seus predecessores no ofício profético. Todos os profetas aguardavam derrota da nação opressora do seu dia, seguida pelo estabelecimento do reino de Deus. Isaías esperava que o livramento messiânico se seguisse ao juízo de Deus sobre a Assíria (ver Is 10-11), Habacuque, na destruição de Babilônia (#Hb 2.2-3), Jeremias, Isaías e Ezequiel, todos profetizavam o estabelecimento do reino depois do retorno dos judeus, sob Ciro (Jr 29-31; Is 49; 51; Ez 26). Ageu, escrevendo depois daquele retorno, predisse o advento do reino após o término do templo, que estava então no curso de reconstrução (#Ag 2), enquanto toda a visão de

Daniel colocou o término depois da derrota de Antíoco Epifânio. Semelhantemente no Novo Testamento, a segunda vinda de Cristo parece ser esperada no futuro não muito remoto (#Rm 13.11-12; #1Co 7.29-30; #Hb 10.37; #Tg 5.8; #1Pe 4.7; #1Jo 2.18; #Ap 1.3). Até mesmo o nosso Senhor coloca o seu ensino, com respeito ao segundo advento, lado a lado com as suas profecias concernentes à queda de Jerusalém (ver Mc 13).

Não era João exceção a esta regra. Foram-lhe dadas revelações da consumação da era. Elas não foram novas; estavam de acordo com a fé do resto da Igreja, ainda que formassem um avanço nela. Toda a Igreja esperava uma última rebelião sob um anticristo como o precursor do fim, e não tinha nenhuma dúvida quanto à conseqüência do conflito. Viu João que Roma já estava apresentando o papel de anticristo. Como a conseqüência destas tendências era precisamente a de que falavam os profetas anteriores, ele aplicava as suas visões à situação. Roma era a cidade meretriz, um imperador demoníaco seria o anticristo pessoal, e o sacerdócio do culto do imperador supriria o falso profeta. Estava preparado o palco para o fim e João descrevia o drama. Que o fim não chegou então, não invalida a essência da sua profecia, não mais do que os outros profetas de que temos falado. Os muitos anticristos desde o dia de João têm-se aproximado mais e mais do retrato dele e culminarão em um que calhará perfeitamente.

O que dizer do retrato que João fez do próprio anticristo? Muitos expositores entendem em um sentido literal a sua aparente reprodução da legenda de Nero. Deve-se notar, contudo, que João não tem empregado esta idéia isoladamente, mas tem-na fundido com a saga Tiamat. Esta última é usada em um sentido puramente alegórico, como é aparente pelo fato de o monstro representar o diabo, o Império e o anticristo pessoal, cada um por seu turno. Que João desse o mínimo crédito ao mito original da morte de Tiamat por Marduk é fora de questão, se bem que, com toda a certeza, ele seria sabedor do caso. Sua habilidade em transformar histórias populares, como um meio para proclamar o evangelho, vê-se na aplicação do mito do Redentor universal no cap. 12. De uma maneira semelhante, ele se serviu da legenda do retorno de Nero dos mortos como um excelente retrato do anticristo, porém sem nenhum intento de declarar a sua crença nela; ele simplesmente diz que o anticristo será um agente diabólico de uma ordem semelhante ao Nero da corrente expectativa.

Uma consideração que prova este ponto, para o presente escritor, pelo menos, é o conhecimento de João de uma profecia muito anterior, a respeito de alguém voltando dos mortos para tomar parte ativa no tempo do fim:

Malaquias havia dito que Elias viria antes do dia do Senhor (#MI 4.5). João deve ter sabido como o nosso Senhor aplicou esta profecia a João Batista; ele mesmo colocou-a em uso ainda mais largo aplicando-a à Igreja (#Ap 11). Era, por conseguinte, tanto simples como natural para ele representar o anticristo como trabalhado "no espírito e poder de Nero" (cfr. #Lc 1.17) por empregar a história de "Nero Redivivus" sem mais explanação; em vista do ensino acerca de "Elias Redivivus", não era necessária mais explanação.

Ap-19.1

e) Ação de graças pelo juízo de Babilônia (Ap 19.1-10)

Os hinos de louvor que trovejavam do céu se inspiram pela manifesta justiça de Deus na destruição do império anticristão, mas eles podem incidentalmente formar também uma resposta ao clamor exultante do profeta em #Ap 18.20. Isto encontra confirmação se considerarmos a primeira ação de graças como vinda da hoste angélica (cfr. #Ap 5.11-12); o amém responsivo; Aleluia (4) dá-se então pelos vinte e quatro anciãos e os quatro querubins, seguindo-se o ressoar dos louvores da Igreja (6-7); isto corresponde à seqüência no apelo de João para o regozijo da parte do "céu, e vós santos apóstolos e profetas" (#Ap 18.20). É um fenômeno constante deste livro contrapor a revelação dos justos juízos de Deus sobre os maus ao culto do céu e da humanidade redimida, sendo o tema de tal culto geralmente os juízos a que se refere: ver #Ap 7.9 depois dos selos; #Ap 11.15 depois das trombetas; #Ap 14.1 depois do assolamento do anticristo; #Ap 15.2 em antecipação das taças. A afirmação que Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao nosso Deus (1), vindo neste ponto, sugere que Deus tem manifestado estes atributos. O cântico, portanto, expande #Ap 7.10 e tem um sentido semelhante ao #Ap 12.10. Verdadeiros e justos são os seus juízos (2) foi dito junto ao altar depois de derramada a terceira taça (#Ap 16.7); cfr. também #Ap 15.3. Os dois grandes crimes da civilização prostituta eram a sua corrupção da terra e a morte dos cristãos.

>Ap-19.3

Se se considerarem o novo céu e a nova terra de #Ap 21.1 como uma criação completamente nova, a expressão para todo o sempre (3) tem que ser aqui limitada aos mil anos do milênio; as cinzas da cidade arruinada presumivelmente desaparecem com a velha terra. O emprego desta, e de frases semelhantes na literatura bíblica é muitas vezes muito frouxo (cfr.

especialmente os Salmos), mas, em tais passagens, como #Ap 4.9; #Ap 5.13; #Ap 11.15; #Ap 22.5, ela significa claramente a eternidade, presumivelmente tem este significado em #Ap 14.11. Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes endossam a ação de graças da hoste angélica (4; cfr. #Ap 5.14). Uma voz **que saiu do trono** pede à Igreja que se una a este serviço de ação de graças (5). Como os quatro seres viventes estão mais perto do trono, é provável ser um deles que clama, certamente não Cristo, que nunca diria **louvai o nosso Deus** (cfr. #Ap 3.12). A descrição daqueles que são invocados como **vós, os seus servos, e vós que o temeis, assim pequenos como grandes** (5) exclui a possibilidade que está em vista somente um seletivo corpo da Igreja, tal como os mártires. A "esposa do Cordeiro" é a Igreja toda, não uma seção dela. A primeira linha da ação de graças da Igreja deve ser traduzida "Aleluia: porque o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, tem começado a reinar" (6; cfr. #Ap 11.17). O símbolo de casamento, aplicado a Cristo e à Igreja, exprime a união íntima e indissolúvel de Cristo e o seu povo redimido. Diz-se que as bodas são **vindas** (7) a esta altura, no mesmo sentido em que se dizia ter caído Babilônia, em #Ap 14.8; isto é, está no ponto de se cumprir. A Igreja está preparada. Tão logo a besta e os seus exércitos sejam mortos, as "bodas" tomarão lugar, e a noiva começará a sua vida consumada na nova era (#Ap 20.4; #Ap 21.9). Para o símbolo da Igreja como a noiva de Cristo, cfr. #Mt 22.2; #Mt 25.1; #2Co 11.2; #Ef 5.23. Observe-se no vers. 8, que é provavelmente um comentário de João, em vez de uma parte do cântico, o balanço delicado entre a graça de Deus e a resposta humana; "foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente"; isto é, o vestido vem de Deus; mas o linho fino são os atos de justiça dos santos. Cfr. #Fp 2.12-13. Para as várias tonalidades de sentido sugeridas pelo simbolismo do vestido dos santos, cfr. #Ap 3.5; #Ap 6.11 n.

>Ap-19.9

Aqueles que são chamados (9), é-lhes atribuída a aceitação do convite, não como aqueles mencionados em #Mt 22.14. Os convivas e a noiva são um só; cfr. #Ap 22.9-10 onde a noiva também é a cidade santa. A declaração do anjo-**Estas são as verdadeiras palavras de Deus** -pode-se relacionar particularmente com as visões de #Ap 17.1 até este ponto, inclusive a certeza da vinda da ceia das bodas do Cordeiro, a que agora mesmo se fez alusão. Cfr. #Ap 21.6, que inclui o livro todo. O anjo recusa o culto de João por enumerar-se a si mesmo com o resto dos servos de Deus (10), Ver nota sobre #Ap 22.8-9. Tanto as hostes angélicas como a Igreja seguram bem o **testemunho de** (dado por) **Jesus**. Esse testemunho inclui tanto o testemunho histórico do Senhor, preservado pelos Evangelhos, como o que ele continua a dar pelo seu Espírito,

tais como as revelações deste livro. A cláusula explanatória que se segue significa, ou que o ensino de Cristo, tornado conhecido no passado e no presente, é o **espírito** ou essência (Moff. "fôlego") de profecia, ou que o Espírito Santo, que inspira a profecia, interpreta ao profeta o testemunho de Cristo, tanto o revelado como o não revelado. Aquela interpretação parece dar-se melhor com o contexto; esta concorda com **#Jo 15.26-27**.

>Ap-19.11

f) O juízo messiânico de Armagedom (Ap 19.11-21)

O nome **Fiel e Verdadeiro** (11) recorda **#Ap 3.14**. O resto do versículo parece ter em vista **#Is 11.3-5**. Cristo tem **muitos diademas** (12) porque Ele é REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES (16); cfr. 1Macabeus 11.13. O seu nome desconhecido (12) faz lembrar o nome secreto que Ele dará aos Seus depois deste evento (**#Ap 2.17** e especialmente **#Ap 3.12**). Em vista destas últimas duas referências, não é provável que todos os seres criados sejam excluídos de saber o Seu nome (como crê Swete). Bousset sugere que o fato do seu sigilismo pode ser ligado à crença popular que poder se prende ao conhecimento de um nome. Se o nome de Cristo leva consigo poder sobre toda a criação, então, atualmente, Ele é o único dono desse poder, só Ele sabe do Seu nome; mas quando Ele tiver conquistado os Seus inimigos na Sua vinda, Ele compartilhará a Sua autoridade com os Seus fiéis e, portanto, também o Seu nome. O fundo deste, conceito é reconhecidamente não-cristão, como João plenamente reconheceria; mas o sentido espiritual que ele pretende dar por esta interpretação acha reconhecimento através do Novo Testamento. É possível, portanto, que este seja o sentido. A veste do Senhor salpicada de sangue tem por finalidade lembrar o leitor **#Is 63.1-6**. Cristo é o vindimador celeste. Se a interpretação de Bousset de vers. 12 está correta, a identificação do Messias com a **Palavra de Deus** (13) não revela o segredo do nome desconhecido. A sua menção aqui alude, talvez, ao poder criador do Senhor, evocando para nós as associações do Velho Testamento da "Palavra" (cfr. também Sabedoria **#Ap 18.15**).

>Ap-19.14

Os exércitos no céu (14) certamente incluem companhias angélicas (cfr. **#Ap 12.7**; **#Ap 14.14-20**) e provavelmente santos ressurretos também (ver **#Ap 17.14** e nota sobre **#Ap 2.27**), se bem que a conquista dos santos, que se refere em **#Ap 17.14**, pode ser apenas a sua vitória espiritual sobre a besta. De

qualquer maneira, a conquista é conseguida principalmente, não pelas hostes seguidoras, mas pelo Cordeiro (cfr. vers. 15,21). Em vista de [#Ap 15.4](#); [#Ap 20.3](#), que sugerem a existência de nações no início do milênio, parece que só aqueles povos hostis a Cristo estão em mente nos vers. 15 e 19-21. Para a linguagem figurada que se emprega, comparar [#Ap 1.16](#); [#Is 11.4](#); [#Sl 2.9](#); [#Is 63.1-6](#).

>Ap-19.16

Swete pensa que o terceiro nome de Cristo (16) está "exposto na sua veste, onde cai sobre a coxa". Desde, contudo, que alguns manuscritos omitem a frase [no seu vestido](#) e enquanto outros omitem simplesmente e, é possível que estas palavras sejam uma nota marginal inserida para explicar o texto, e para mostrar como o nome podia ser visto na coxa do Senhor. Charles elucida da seguinte maneira: "O Vidente vê na visão o guerreiro divino e os seus cavaleiros celestiais-não hesitando, mas precipitando-se para baixo desde os céus e para a frente contra os exércitos cerrados da besta, do falso profeta e dos reis da terra, e, como eles prosseguem, as suas vestes ondeiam após si, e assim na coxa do líder revela-se o nome: "Rei dos reis e Senhor dos senhores". O convite do anjo às aves de rapina (17) é tirado da visão de Ezequiel, da conquista de Gogue e Magogue ([#Ez 29.17-20](#)). Deve ser observado, contudo, que o real assalto de Gogue e Magogue não toma lugar até ao fim do milênio ([#Ap 20.7-9](#)); isto concorda com a visão de Ezequiel que coloca o último ataque do mal depois do estabelecimento do reino messiânico. O retrato de uma festa para as aves de rapina, à alvorada do reino, pode ser uma alusão satírica à bem conhecida comparação do reino de Deus com um grande banquete; ver [#Is 25.6](#); [#Lc 14.15](#); [#Lc 22.30](#). Nenhuma descrição nos vers. 19-21 é dada da batalha, somente a disposição das hostes rivais. Não há evidentemente nenhuma luta verdadeira; o anticristo e o seu profeta [são lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre](#) (20), que arde com enxofre, e os seus exércitos mortos com a espada de Cristo (21). O [lago de fogo](#), enquanto tendo finalmente um sentido semelhante à Geena (Vale de Hinom, ver [#Jr 7.31](#)), é uma representação do inferno desenvolvida do conceito do abismo. Em 1Enoque 18.4 diz-se, "Eu vi lá algo semelhante a uma nuvem invisível; pois, em razão da sua profundidade, eu não podia ver além, e vi uma chama de fogo resplandecente... e eu perguntei a um dos santos anjos que estava comigo e lhe disse, "Que é esta coisa resplandecente? pois não é um céu, mas somente a chama de um fogo resplandecente, e a voz de choro e lágrimas e lamentação e de dor excruciante". E ele me disse, "Este lugar que tu vês, aqui são lançados os espíritos de pecadores e blasfemadores, e daqueles

que obram a iniquidade". Se João usa símbolos tirados deste círculo de idéias, é claro que ele não pode significar o aniquilamento daqueles que se lançam no lago; cfr. também #Ap 20.10. A destruição dos exércitos do anticristo pela espada que sai da boca de Cristo deve ser interpretada por #Ap 14.14-20, isto é, totalmente judicial; cfr. #Is 11.4. Conseqüentemente, tal interpretação, como a de Swete, que faz a matança ser o aniquilamento da inimizade contra Deus no homem (#Ef 2.16), e a "espada" ser a palavra de Deus, que salva ao homem (cfr. #Hb 4.12), de maneira que Armagedom é, na realidade, a conversão das nações, será mal recebida. O juízo aqui descrito parece acarretar a destruição física daqueles que são envolvidos, sendo seus espíritos presumivelmente despachados ao Hades.

X. O REINO CONSUMADO Ap 20.1-22.5

Agora que os juízos de Deus, descritos sob a figura de selos, taças e trombetas, têm sido completados (#Ap 15.1) e a cidade anticristã, o imperador e o falso profeta, têm sido destruídos (17-19), e Deus tem começado o seu reino (#Ap 19.6), e têm vindo as bodas do Cordeiro (#Ap 19.7), nós esperamos que afinal será manifesto o reino anunciado e esperado há tanto tempo. Não é enganada a nossa expectativa: o estabelecimento e a natureza deste reino formam o tema dos últimos capítulos deste livro.

Vemos que é um reino no tempo (#Ap 20.4-6) e na eternidade (#Ap 21.1-5). Tal era d interpretação normal de #Ap 20.1-22.5 pela Igreja primitiva e tal é a opinião geralmente aceita pela erudição moderna. Tem sido desafiado novamente nestes últimos anos, por expositores que preferem a linha de interpretação popularizada por Agostinho, que o milênio é a era atual da Igreja, e a primeira ressurreição o avivamento espiritual dos cristãos pelo Espírito Santo. Hendriksen, no seu livro *More Than Conquerors*, identifica o amarrar de Satanás (#Ap 20.1-3) com a sua expulsão do céu (#Ap 12.9), os mil anos do poder da Igreja (#Ap 20.4-6) com o tempo do seu testemunho triunfante (#Ap 11.2-6; #Ap 12.14), o ataque de Gogue e Magogue (#Ap 20.7-9) com a perseguição da Igreja pelo anticristo (#Ap 11.7; #Ap 13.7), a destruição que se segue desses exércitos (#Ap 20.9) com Armagedom (#Ap 16.14; #Ap 19.19-21), e o último juízo (#Ap 20.11-15) com o juízo messiânico (#Ap 14.14 e segs.).

Esta é uma reconstrução plausível e interessante das visões de João, mas o presente escritor sente que mal pode ser sustentada ante uma investigação cuidadosa. Em #Ap 12.9 Satanás é lançado do céu, onde não mais pode

exercitar a sua função de acusar os santos perante Deus, à terra, que lhe é daí por diante a sua esfera permitida de operações; #Ap 20.1-3 revela um avanço nesta situação, pois aí ele é tirado da terra, que ele não mais pode corromper, para o abismo, a habitação dos espíritos maus e a seção penal do Hades (#Ap 9.1; #Ap 11.7); em nenhum caso, é permissível confundir a terra com o abismo. A expulsão de Satanás do céu é seguida por uma atividade mais intensa da sua parte entre as nações (#Ap 12.12; #Ap 13.1), mas a sua prisão no abismo o torna inútil com respeito a eles (#Ap 20.3); enquanto o período anterior é caracterizado como "pouco tempo" (#Ap 12.12), o posterior dura mil anos. O juízo messiânico de #Ap 14.14, vindo, como vem, no fim do parêntese de capítulos 12-14, pode não ter contraparte específica entre as outras visões do livro, mas pode simplesmente retratar o fato do juízo de Cristo da terra no fim da era. Se fosse buscada uma visão correspondente, nós a identificaríamos provavelmente como Armagedom (cfr. #Ap 14.19-20 com #Ap 19.11-15,21); em qualquer caso, é um juízo no tempo do fim, enquanto #Ap 20.11 descreve o juízo de todas as gerações da história. Outrossim, parece ser esquecido que #Ap 20.1-3 é vitalmente ligado com #Ap 19.20-21; esta última conta o fim do anticristo e do falso profeta, e aquela continua sem uma quebra a narrar o que acontece àquele que os inspira; é uma coincidência, e aliás infeliz, que a divisão do capítulo ocorra em #Ap 19.21. Para a unidade desta má trindade nos eventos descritos em #Ap 19.19-20.3 ver #Ap 16.13-16. Como #Ap 19.11 expande a descrição anterior de Armagedom, assim completa o retrato por esboçar o fim de cada instigador da batalha. Nós concluimos, portanto, que uma tradução imparcial destas visões compele o reconhecimento duma doutrina do milênio no capítulo 20.

Decidir quais os limites da descrição do milênio é uma tarefa muito mais difícil. Com Kelly, Zahn e Charles (escritores de modos de pensamento muito diferente), o presente escritor inclina-se a acrescentar #Ap 21.9-22.5,14-15 a #Ap 20.1-10 como relacionado ao reino milenário, e isso pelas seguintes razões. Primeiro, #Ap 21.24-27 descreve a Jerusalém celestial em termos que pressupõem a continuação da existência terrestre; nações recebem bênçãos da cidade, reis trazem para ela a sua glória, aos imundos é negado acesso a ela. Isto pode ser um emprego de figuras terrestres para descrever realidades celestiais, mas parece mais natural interpretá-lo como retratando o reino terrestre de Deus, particularmente se se concede que esse reino é explicado no cap. 20. Em segundo lugar, as folhas da árvore da vida curam as nações (#Ap 22.2). Isto é compreensível quando aplicado ao milênio, mas estranhadamente dito da humanidade levantada existindo em condições celestiais. Em terceiro lugar, em conexão com a iminência do retorno de Cristo em glória (#Ap

22.10-13), uma bênção se pronuncia sobre aqueles que têm o direito de vir à árvore da vida e entrar na cidade (#Ap 22.14) e uma advertência dada que os praticantes do mal serão guardados fora da cidade (#Ap 22.15). Reconhecidamente isto podia descrever o bem e o mal no estado eterno, mas parece mais provável que os maus não têm parte no novo céu e na nova terra, mas são confinados ao "lago de fogo"; a afirmação torna-se muito mais viável se ela representa condições no milênio, e, portanto, se evita a confusão de símbolos criada pelo ponto de vista anterior.

De modo geral, portanto, parece melhor reconhecer #Ap 21.1-5 como descritivo da cidade de Deus no novo céu e na nova terra, mas #Ap 21.9-22.5 como retratando a cidade depois da sua descida à terra na era milenária. Nesse caso, #Ap 20.1-22.5 forma uma narrativa condensada e ininterrupta dos eventos desde a vinda do Senhor até a alvorada da era sempiterna, enquanto 21.9 é um retrospecto do reino de Deus na terra. Não é livre de dificuldades este ponto de vista, mas parece fazer justiça ao texto melhor do que a interpretação comum que reconhece #Ap 21.1-22.5 como se referindo inteiramente ao estado eterno.

Ap-20.1

a) O amarrar de Satanás (Ap 20.1-3)

Para o **abismo** cfr. #Ap 9.1; #Ap 11.7. Adumbra-se em #Is 24.21-23 o conceito de amarrar espíritos e aprisioná-los. A idéia desempenhou uma grande parte na literatura judaica posterior: ver especialmente Tobit 8.3; 1 Enoque 10.4,11,12; 88.1-3; Jubileus 23.29; Test Levi 18.12. Nestes livros não há nenhuma dúvida destas figuras serem usadas para denotar a restrição de alguém de certas atividades no mundo enquanto se deixa livre em outros respeito; significa uma remoção completa em relação a uma prisão, geralmente nas profundezas do submundo. Vers. 7, por conseguinte, fala da soltura de Satanás no fim dos mil anos como uma libertação **da sua prisão**. A duração do reino terrestre de Deus por mil anos aparece em outro lugar só em 2 Enoque 33, um livro de data muito incerta. Lá, dá-se a história do mundo como composto sete mil anos, os primeiros seis mil correspondendo aos seis dias da criação, o último mil formando um fac-símile do sábado. É possível que João tenha adotado a figura de mil anos para o reino de Deus na terra, antes para mostrar o seu caráter como o "repouso" de Deus para a humanidade do que como determinando a sua duração de tempo (cfr. #2Ts 1.7; #Hb 4.1;

#At 3.19-21). É um dos muitos casos, nesta porção do livro, das "últimas" coisas sendo feitas como as "primeiras" (Ep. Barnabé 6.13).

>Ap-20.4

b) O milênio (Ap 20.4-6)

Será observado que nenhuma descrição dá-se aqui das condições de vida no milênio, somente uma mera afirmação quanto à espécie de pessoas que nele exercem domínio. Provê-se em #Ap 21.9-22.5 uma caracterização da vida desta era. Os tronos (4) vistos por João recordam #Dn 7.9. Mas de quem se diz que assentaram-se sobre eles? A maioria dos exegetas os interpreta como a companhia que se nomeia imediatamente, a saber, as almas daqueles que foram degolados, assume-se então que as demais frases seguintes também denominam este corpo, de maneira que a alusão aos "que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos" denota os mártires somente. Esta exposição está correta só em parte, pois já vimos que participação no reino é prometida a todo cristão que vence (ver #Ap 2.26-28; #Ap 3.12,21), enquanto os vers. 9-10 declaram que a Igreja toda há de reinar na terra, e #Ap 19.7 se regozija que "vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa sua aprontou". É exegese curiosa que em #Ap 19.5-9 faz da esposa do Cordeiro os mártires somente, mas em #Ap 21.2 toda a Igreja. De maneira que parece melhor interpretar a cláusula **Eu vi tronos, e assentaram-se sobre eles** de "Cristo e seus assessores, os apóstolos" (#Mt 19.28) "e os santos" (#1Cr 6.3). A menção especial dos mártires, em vista do seu lugar neste livro, espera-se naturalmente (cfr. a sua posição em #Ap 6.9-11; #Ap 8.3-5; cfr. #Ap 9.13; #Ap 16.7) e é um pouquinho de encorajamento merecido. Desde que a afirmação **e viveram** (4) evidentemente significa "eles tornaram a viver", um termo figurativo para a ressurreição dos mortos, é provável que a expressão **os que não adoraram a besta...** também denota os mártires. Não é impossível, contudo, que esta última metade do versículo tenha em mente os vendedores que haviam escapado do martírio. assim como a frase "e viveram" incluía tanto a ressurreição dos mortos como a transformação dos santos vivos (cfr. #1Co 15.51-52). A primeira afirmação do vers. 5 mostra com toda a clareza desejada que a **primeira ressurreição** é uma ressurreição literal dos mortos, não um sinônimo para o novo nascimento, Um apocaliptista tem a liberdade para mudar as suas figuras livremente contanto que faça claro o seu sentido e nisto João tem bom êxito em grau notável. É um erro identificar o pensar apocalíptico com o caótico, como alguns escritores implicam; cada linha neste livro refuta tal noção. Reluta-se, portanto, em crer

que o profeta poderia falar tão confusamente de dois conceitos da ressurreição tão diferentes sem qualquer indicação da sua mudança de referência. Desde que **não tem poder a segunda morte** (6) sobre os participantes. da primeira ressurreição, podemos inferir que finalmente eles têm sido perdoados e não aparecem no último juízo; cfr. **#Jo 5.24**. Admite-se, contudo, que a inferência mencionada por último não seja de maneira nenhuma necessária. Que os cristãos serão **sacerdotes**, tão bem como reis no milênio, sugere que há, um mistério para, eles cumprirem naquela era entre os habitantes da terra, talvez com especial referência ao evangelismo.

>Ap-20.7

c) A última insurreição do mal (Ap 20.7-10)

Já foi indicado (na nota sobre **#Ap 19.17,19**) que João não é inovador em colocar o assalto final do mal depois do estabelecimento do reino de Deus na terra. Em fazer isto, ele apenas segue fielmente a profecia, em Ezequiel, da invasão da Terra Santa por Gogue e Magogue, depois do começo do reino messiânico Ez 38,39. (Uma seqüência semelhante de eventos dá-se nos oráculos Sibilinos (Livro III, 663-674), 2 Baruque 70.7 e o Apocalipse de Elias, do terceiro século; 2 Esdras 13.30-36 deve ser também comparado). A soltura de Satanás (7) está, de acordo com o comando de Deus; o abismo "se destranca" pelo anjo (cfr. vers. 1). Por este meio o profeta torna paralelo o divino oráculo a Gogue. "Hei de trazer-te contra a minha terra, para que as nações me conheçam a mim, quando eu me houver santificado em ti aos seus olhos, ó Gogue" **#Ez 38.16**. Na profecia de Ezequiel, Magogue parece ser tanto a terra de que Gogue veio (**#Ez 38.2**) como a nação (**#Ez 39.6**); é, portanto, possível que Gogue seja visto como o líder e Magogue, o seu povo, com quem se associam os povos de Meseque e Tubal (**#Ez 38.2**). Estas nações estavam provavelmente situadas em torno das partes a sueste do Mar Negro, uma área vaga e desconhecida no que diz respeito ao conhecimento dos hebreus. Outros aliados ao norte do Mar Negro são enumerados em **#Ez 38.6**, mas Persas. Etíopes e Africanos do leste são mencionados em **#Ez 38.5**, de maneira que João se sente justificado em usar os termos **Gogue e Magogue** (8) para denotar todos os membros da aliança hostil, descendo dos quatro cantos da terra. Diz-se que o seu número é **como a areia do mar**, mas podemos imaginar que João tinha em mente a passagem já citada de **#Ez 38.16**, que torna claro que uma proporção estritamente limitada da população da terra se envolve nesta última insurreição. **O arraial dos santos** (9) é presumivelmente a Jerusalém celestial. Um paralelo extraordinário a este retrato da destruição por

fogo de Gogue e Magogue ocorre em 2 Esdras 13.1-11, João, contudo, ainda está seguindo Ezequiel (#Ez 38.22), O diabo compartilha a sorte da besta e do falso profeta. Sugere que o falso profeta é realmente reconhecido como um indivíduo, e talvez tão demoníaco quanto os seus dois companheiros; ver #Ap 13.11-12; #Ap 16.13-14; #Ap 19.20. Porém há uma possibilidade em contrário; ver #Ap 20.14.

>Ap-20.11

d) O último juízo (Ap 20.11-15)

Se o fugir da terra e do céu da face de Deus é tomado em qualquer sentido literal como o precursor da nova terra, e do novo céu (cfr. #2Pe 3.10-13), então o espetáculo solitário do grande trono branco como a única realidade para a qual os homens podem olhar é verdadeiramente uma coisa pavorosa; cfr. 2 Esdras, 7.30-43. Mas a descrição pode ser puramente poética, para aumentar a grandeza terrível da cena. O juiz é o próprio Deus, mas cfr. #Ap 22.12. Dá-se por admitida a segunda ressurreição no vers. 12 e somente descrita indiretamente no vers. 13. Pode-se distinguir para menção o mar como receptáculo dos mortos, em vista do horror sentido pelo povo da antigüidade ao enterrarem os seus mortos no mar. Realça-se que todos serão ressurretos para o juízo, seja qual for a maneira da sua morte e seja onde for o seu sepultamento. O julgamento dos homens **pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras** (12) salienta a justiça, completa do procedimento. O retrato é tirado de #Dn 7.10, que pode refletir tanto o corrente procedimento no tribunal, como o hábito dos reis persas de registrar cada pormenor das suas províncias através de um sistema elaborado de espionagem. Deve-se notar que o livro da vida (12,15) tem um testemunho a dar independente do de outros livros. A respeito disto, Alford escreve: "Aqueles livros e o livro da vida davam testemunho independente do fato de os homens estarem ou não entre os salvos: aquele por inferência das obras registradas: e este em inscrição ou não inscrição do nome na relação. De maneira que os livros podiam ser abonadores para o livro da vida".

A morte e o inferno ("Hades") (14) representam o fato de morrer e a condição em que se entra depois da morte, isto é, a vida não ressurreta. Ambos os fenômenos são simbolicamente representados como tendo cessado ao serem aqueles lançados no **lago de fogo**. Para **Lago de fogo** (15) como o equivalente de Geena, ver nota sobre #Ap 19.20. O pensamento é o mesmo que "o fogo eterno" de #Mt 25.41, o reverso completo de "vida eterna" (#Mt 25.46). Pode,

por conseguinte, ser descrito como **a segunda morte** (14). Para um paralelo excelente cfr. 2 Baruque 86.4: "Vai agora... e instrui ao povo no que te for possível, para que eles aprendam a fim de não morrerem no último tempo, porém possam aprender a fim de viverem nos últimos tempos".

Ap-21.1

e) A nova criação (Ap 21.1-8)

A criação de **um novo céu e de uma nova terra** (1) ensina-se em **#Is 65.17; #Is 66.22**, e implica-se em **#Sl 102.25-26**; cfr. **#Mt 5.18; #Mc 13.31; #Lc 16.17; #2Pe 3.12**. Encontra menção freqüente nos apocalíptistas que, contudo levam ao extremo um pensamento indubitavelmente latente nesta doutrina, que a atual criação (ou pelo menos a sua atual forma) é suficiente ser a cena do reino de Deus aperfeiçoado e eterno. (Para uma afirmação excelente deste ponto de vista, ver 2 Baruque 44.8-12; 73.1-74.3). A afirmação que **o mar já não existe** tem em vista a corrente personificação do mar como a quinta essência do mal; seja o que for mais que se significa aqui, portanto, o sentimento principal é a exclusão do mal da nova ordem de vida. **A santa cidade** (2) descreve-se mais em 21.9, se bem que lá esteja em vista a sua manifestação na época milenária, enquanto aqui se mostra como o alvo final de uma humanidade redimida no estado eterno. A cidade é na realidade a Igreja, **adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido**; este aspecto da relação da Igreja com Cristo já tem sido revelado em **#Ap 19.7-9** (ver notas). Uma voz do trono proclama a unidade de Deus com o homem daí por diante. **O tabernáculo de Deus** (3) pode aqui referir-se não ao "tabernáculo no deserto", mas à glória **chequiná**; o equivalente grego **skene** tem um som semelhante ao **chequiná** em hebraico, e este último veio a ser usado regularmente como um dos termos alternativos para o nome de Deus; cfr. Pirke Aboth 3.3, "Quando dois se assentam e há entre eles palavras da Torá, a "Chequiná" repousa entre eles". Observem-se as variantes textuais na última cláusula deste versículo como verificado na atualizada. Cfr. vers. 4 e **#Ap 7.17; #1Co 15.54; #Is 35.10**. O pensamento dos vers. 4 e 5 aplica-se em **#2Co 5.17** à atual experiência dos cristãos, que já têm sido trasladados ao reino de Deus (**#Cl 1.13**) e prova os poderes da época por vir (**#Hb 6.5**). **Está cumprido** (6), ver nota sobre **#Ap 16.17**. Observe-se que Deus tanto é **Ômega** como **Alfa, o fim** tão bem como o começo; o seu caráter garante a verdade desta revelação e a certeza da consumação que ela apregoa. A promessa graciosa que se acrescenta (6) ecoa **#Is 55.1**. Uma final promessa encorajadora dá-se no vers. 7 ao cristão que permanece; **todas as coisas**, as bênçãos da santa cidade no milênio e na nova criação, serão a sua herança.

>Ap-21.8

Em contraste do vencedor que herda o reino estão aqueles que dele se excluem. Em primeiro lugar, são os **tímidos** (8) ou antes os pusilânimes, que, por medo dos homens negam a Cristo e cultuam ao anticristo (contrastar **#2Tm 1.7**, "Deus não nos deu o espírito de timidez"). Com estes se unem os **incrédulos** ou, talvez, "infiéis", incluindo tanto os cristãos renegados como os pagãos; cfr. **#Tt 1.15-16**. Os **abomináveis** assim se tornaram através do seu culto à besta; ver **#Ap 17.4-5**. O sentimento deste verso ecoa o ensino do Novo Testamento como um todo; cfr. por ex., **#Mt 25.41-43**; **#Lc 13.28**; **#Jo 3.36**; **#1Co 6.9-10**; **#Tg 5.1**; **#1Pe 4.17-18**; etc.

>Ap-21.9

f) A Jerusalém Celestial (Ap 21.9-22.5)

Para razões que sugerem que esta seção se refere à cidade de Deus na era milenária, em vez do estado eterno, ver introdução aos capítulos 20-22. A revelação da noiva tem sido antecipada em **#Ap 19.7-9**, onde se diz que ela se tem preparado para o seu marido. Aqui se cumpre a promessa, não, contudo, em termos de uma metáfora nupcial, mas sob a figura de uma cidade. (Para um paralelo estranhamente próximo a este procedimento, cfr. 2 Esdras 10.25-27). O vers. 10 é tão semelhante a **#Ez 40.2**, que devemos supor que João o tinha em mente. Pareceria, por conseguinte, que o profeta viu a cidade descer do céu sobre o monte onde ele estava. O céu vem à terra no reino de Deus. A luz da cidade compara-se a de **uma pedra de jaspe, como o cristal resplandecente** (11); isto é, tem uma glória como a do Criador, cuja aparência se diz ser como a de pedra de jaspe (**#Ap 4.3**).

>Ap-21.12

O **grande e alto muro** (12) serve o duplo propósito de guardar fora os que não têm parte nas bênçãos da cidade (**#Ap 21.27**; **#Ap 22.14-15**) e de garantir a segurança eterna dos seus habitantes. **As doze portas** são inscritas com **os nomes das doze tribos dos filhos de Israel** (12), isto é, o "Israel de Deus", a Igreja; ver notas sobre **#Ap 7.1-8**, 11.1-2. Por esta característica João alega que "através das igrejas, em toda a parte do mundo (aqui doze, porém, uma só, como nos cap. 1-3 elas eram sete, porém, uma só), jaz a entrada à cidade de Deus" (Kiddle).

>Ap-21.14

Os doze fundamentos (14) parecem não estar sobrepostos um no outro, mas formar uma cadeia contínua de várias espécies de pedra em torno do muro da cidade, dividida por suas doze portas. Os doze apóstolos correspondem às doze tribos do vers. 12 e, como estes, denotam o corpo na sua coletividade em vez dos membros individuais; não há, portanto, nenhuma necessidade para especular sobre se o nome de Paulo está incluído, ou não, nos "doze", e, se assim for, o nome de quem foi omitido; não se ergue a questão.

>Ap-21.16

A cidade estava situada, em quadrado (16); mal se torna necessário citar que os gregos consideravam o quadrado como símbolo de perfeição; é mais provável que se menciona este formato para recordar o santo dos santos no antigo templo, que também era um cubo (#1Rs 6.20); a cidade toda é um santuário para Deus e participa da santidade do antigo sacrário interior. Doze mil estádios (16) (gr. *stadioi*) representam 2.500 km, se bem que, para traduzi-lo em termos modernos, é roubar à medida o seu óbvio simbolismo-um múltiplo infinito de doze (note-se a proeminência do número doze nesta visão da glória da Igreja). O sentido deste grande algarismo ilumina-se pelo dito rabínico que Jerusalém seria aumentada até alcançar as portas de Damasco e exaltada "até alcançar o trono de Deus". A Nova Jerusalém se estende da terra ao céu e os une em um só. Cento e quarenta e quatro côvados (17) (cerca de setenta metros-72 jardas) novamente deriva a sua significação de ser o múltiplo perfeito de doze. Se foi aceitável a explanação anterior da grande altura da cidade, não há necessidade para realçar a disparidade evidentemente absurda entre a altura da cidade e a do muro; o muro é forte bastante para servir ao seu propósito, mas a cidade tem a função extraordinária de unir a terra e o céu. Há pouca dúvida de que, como no caso de suas dimensões, assim com a enumeração dos materiais da cidade, João usa, propositadamente a linguagem de símbolo; ele não está simplesmente descrevendo riqueza fantástica. Ele já disse que o lustre da cidade é como jaspe, a aparência de Deus (ver o vers. 11); ele agora declara que todo o muro é feito dele. O ouro puro pode aludir a tal pensamento como em #Ap 3.18. As doze pedras de fundamento do muro, a despeito de certas dessemelhanças em nossas traduções, parecem ser idênticas com as do peitoral do Sumo Sacerdote (#Êx 28.17-20). Com respeito a estas, tem sido estabelecido através de evidência tirada de Filo, Josefo, e monumentos egípcios e árabes, que cada uma destas

jóias representa um dos doze sinais do Zodíaco. Um exame da ordem das pedras preciosas do nosso texto dá o resultado assombroso que elas retratam o progresso do sol através dos doze sinais, mas em ordem contrária. Tal fenômeno não podia ser acidental. Dele Charles deduz que João aqui mostra que a cidade santa de suas visões não tem nada que ver com as correntes especulações pagãs acerca da cidade dos deuses. Esse pensamento acentua-se pela inscrição dos nomes das doze tribos nas portas da cidade e os dos apóstolos nos fundamentos da cidade. Numa cidade modelada no santíssimo lugar, não há necessidade de um templo (22); tudo é santo e Deus em toda a parte se adora. Cfr. #Jo 4.21. Com o vers. 23, cfr. o vers. 11; ver também #Is 60.19-20. Como nesta última passagem, condições terrestres estão claramente em vista. Enriquece-se o pensamento quando se recorda que os leitores originais conheceriam o conceito pagão de que são deuses o próprio sol e a lua; longe de serem deuses, desvanece a sua glória nativa ante o resplendor do Senhor Deus e do Cordeiro.

>Ap-21.24

Vers. 24-26 reproduzem a substância de #Is 60.3-11. Eles descrevem a relação entre a cidade de Deus e as nações da terra durante o milênio. Para todos que a desejarem, a comunhão entre o céu e a terra será ininterrupta nessa era.

Ainda existe na terra, mesmo quando Satanás não mais exerce a sua influência, a "contaminada" e "o que pratica abominação e mentira" (27). Para os tais há, como se fosse, "uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida" (#Gn 3.24). Com isto e os versos que se seguem cfr. #Ap 22.14-15.

Ap-22.1

O rio puro da água da vida (22.1), em vista de #Ap 7.17; #Ap 21.6; #Ap 22.17, denota um conceito puramente espiritual, "as fontes das águas da vida" vendo-se talvez, por assim dizer, como a origem deste puro rio. Nós nos lembramos que o Jardim de Éden tinha um rio (#Gn 2.10), e na visão de Ezequiel corria um rio do templo, possuindo propriedades naturais de cura (#Ez 47.8-11). A árvore da vida (2), dessemelhante em #Gn 2.9; #Gn 3.22, aqui, trata-se coletivamente; há árvores em cada lado do rio, dando uma fruta diferente para cada mês do ano e folhas com propriedades de cura. O quadro se tira de #Ez 47.7,12, no entanto, como no caso da água da vida, os poderes de cura das folhas tomam-se em sentido puramente espiritual. Através da

Igreja, os homens dessedentarão a sua sede espiritual no reino de Deus e receberão sustento espiritual, adquirindo cura deste modo para as feridas do pecado. Isto supre uma parte pictorial correspondente ao cântico profético de [#Ap 15.4](#).

>Ap-22.3

[Ali nunca mais haverá maldição](#) (3) pode simplesmente significar que coisa alguma impura ou abominável encontrará entrada na cidade santa ([#Ap 21.27](#)). No entanto, é mais provável que temos aqui um contraste propositado à maldição pronunciada no paraíso original, que trouxe calamidade para toda a criação ([#Gn 3.14-19](#)). Os efeitos dessa maldição têm sido completamente superados na Nova Jerusalém. O alvo da humanidade redimida é que [verão o seu rosto](#) (4). Tal visão acarretará a transformação dos que o vêem na mesma imagem ([#1Jo 3.2](#)). Para os nomes das suas testas, ver notas sobre [#Ap 3.12](#); [#Ap 19.12](#). No vers. 5 a afirmação absoluta é a melhor tradução, "Então já não haverá noite"; no entanto, é essencialmente correto: [E ali não haverá mais noite](#), pois, como em [#Ap 21.23](#), a cidade de Deus está em mente (ver nota sobre [#Ap 21.23](#)). Sente-se às vezes que a afirmação [e reinarão para toda o sempre](#) se contrapõe a "e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos" ([#Ap 20.4](#)), esta sendo temporal, aquela eterna. Isto pode ser correto, porém certamente não no sentido que a referência maior exclui a menor, como se o milênio tivesse terminado este tempo; cfr. a afirmação paralela com respeito ao governo de Deus em [#Ap 11.15](#), onde "ele reinará para todo o sempre" inclui o reino milenário.

>Ap-22.6

XI. EPÍLOGO Ap 22.6-21

Nesta conclusão, três temas encontram expressão proeminente: a autenticidade das visões narradas (vers. 6-7,16,18-19), a iminência da vinda de Cristo (vers. 6-7,10-12,20), e a necessidade de santidade em vista da consumação imminente (vers. 10-15). É impossível ter certeza, quanto à identificação dos que falam nos vários parágrafos. Vers. 6-7,16, parecem como palavras de Cristo, vers. 10-15, palavras do anjo, vers. 8-9,17-19,20b-21, acréscimos de João. Mas é possível uma grande quantidade de variação, especialmente se, como, pensam alguns, tem havido deslocamentos no texto subsequente à sua publicação. Em última análise, pouco importa; o que fala é finalmente Cristo, cujo mensageiro é o anjo (9), e cujas palavras João registra como profeta (10).

O que fala (6-7) parece ser o nosso Senhor. Suas **palavras**, como o seu caráter, **são fiéis e verdadeiras** (#Ap 3.14; #Ap 19.11). Ele **presto** vem: (7). Não há justificativa para traduzir o gr. **tachy** como "de repente"; tal interpretação faria sentido estranho ao vers. 6, "coisas que "de repente" (**en tachei**) hão de acontecer", uma impossível tradução em vista do ensino do livro. Ver mais a nota sobre #Ap 1.1. A inclusão dos vers. 8-9 por João não significa necessariamente que alguns dos seus leitores mais antigos praticavam o culto aos anjos, se bem que é verdade que a prática tinha um lugar entre os judeus (por ex. Test. #Dn 6.2; Test. Levi 5.5) e até entre cristãos (#Cl 2.18). A experiência de João é bastante natural e a sua narração aqui não precisa de outra explanação do que a sua real ocorrência e interesse intrínseco. Não é tanto uma polêmica contra o culto aos anjos como uma correção da sobreexaltação de todos os instrumentos de revelação; anjos e profetas e cristãos comuns todos se nivelam perante Deus.

>Ap-22.10

A injunção no vers. 10 é o reverso de #Dn 8.26; #Dn 12.4,9, e do que nós vemos em apocalipses judaicos de modo geral. Enquanto estes profetizavam de tempos (ostensivamente) remotos, a mensagem era de importância imediata (**o tempo está próximo**) e foi entregue em seu próprio nome. Há ironia nas palavras do vers. 11 no que se prende aos maus. Daniel dissera (#Dn 12.10) que nos últimos dias muitos seriam purificados pela experiência da tribulação, porém os ímpios procederiam impiamente; isto é, na última crise, os homens revelarão o seu verdadeiro caráter e se aliarão, ou ao lado de Deus, ou ao lado do diabo. Esse ensino acentua-se continuamente neste livro (#Ap 7.1-8; #Ap 11.1-2; #Ap 12.6; #Ap 13.1-14.5, etc.). Aqui recebe a sua final exposição. Desde que **o tempo está próximo**, o homem que insiste em se apegar ao mal nele continue; ele cedo enfrentará o seu juízo. Quanto aos justos e santos, que se guardem, para que não caiam com o erro dos maus; o seu Senhor cedo virá para a sua redenção e recompensa, Fazer desta afirmação uma doutrina da fixidez irremediável do homem nos últimos tempos, que, para João, estavam próximos, é insustentável, tanto do contexto como do ensino geral do livro (ver #Ap 22.17; #Ap 14.6-7; #Ap 15.4; #Ap 21.6-8). Cfr. vers. 12 e #Ap 11.18, #Is 40.10; #Rm 2.6. Também para o vers. 13, ver nota sobre #Ap 1.8.

>Ap-22.14

No vers. 14, nós temos a última bem-aventurança desta espécie no livro: "os que lavam as suas vestiduras" ou **que guardam os seus mandamentos** significa virtualmente "os que vencem"; ver **#Ap 6.11 n.**

>Ap-22.15

A conjunção do vers. 15 com este verso parece indicar que **o direito (a vir) à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas** -refere-se aos privilégios do reino do milênio; cfr. **#Ap 21.24** e **#Ap 22.2.**

O vers. 15 quase repete **#Ap 21.8.** Ver nota, sobre **#Ap 21.27.** Alhures nas escrituras, cães denotam aderentes ao culto pagão; cfr. **#Dt 23.18** (onde "cão" significa sodomita), **#Mt 15.26;** **#Fp 3.2** (onde "cães" significa os judaizantes turbulentos). Swete, por conseguinte, tende a identificá-los aqui com os abomináveis de **#Ap 21.8** (ver nota), Vers. 16 é uma outra atestação pelo Senhor da autenticidade da profecia; cfr. **#Ap 1.1;** **#Ap 22.6.** Cristo como **raiz e geração de Davi** cumpre **#Is 11.1.** Como **a resplandecente estrela da manhã,** Ele mesmo é o cumprimenta da sua promessa ao vencedor em **#Ap 2.28** (ver nota).

>Ap-22.17

Lido, naturalmente, o vers. 17, parece ensinar que o Espírito Santo, especialmente como o ativo nos profetas (**#Ap 19.10**), se une à, Igreja em clamar a Cristo para vir à, terra, segundo a sua promessa (7,12). O ouvinte da profecia deste livro, à proporção que se lê nas Igrejas, solicita-se a fazer outro tanto. O pecador penitente convida-se a participar com os santos do dom da vida eterna em Cristo. Alguns, contudo, interpretam todos os apelos para "vir" como dirigidos ao pecador.

>Ap-22.18

João tem sido criticado acerbamente por muitos pelo fato de concluir a sua profecia como a declaração contida nos vers. 18-19, que quase equivale a uma maldição. Certamente era uma precaução costumeira para os escritores antigos proteger as suas obras contra mutilação e interpolação, acrescentando tal anátema (Cfr. 1 Enoque 104.10-11, 2 Enoque 48.7-8, Carta de Aristeas 210-211). Swete, contudo, objeta a tal interpretação do sentido de João: "Se a advertência solene do presente versículo tivesse esta intenção, tem falhado redondamente; pois em nenhum outro livro do Novo Testamento é o texto tão

incerto como no Apocalipse. Porém, como o seu arquétipo em Deuteronômio (#Dt 4.2, 12.32), tem uma referência mais profunda; não é um mero **lapsus calami**, nenhum erro de juízo ou meramente falta intelectual que se condena, mas a premeditada falsificação ou má interpretação da mensagem divina. Não é a letra do Apocalipse, mas o seu espírito que se guarda tão zelosamente". Podemos assim, não inadequadamente, comparar a conclusão de Paulo em **#1Co 16.22**.

>Ap-22.20

A resposta de João à promessa de Cristo (20) corresponde à senha aramaica a que já se fez referência em **#1Co 16.22**, "Maranata", "O nosso Senhor vem". A bem-aventurança (21) lembra-nos que a profecia é, na realidade, uma carta, cujas lições devem ser pessoalmente apropriadas. Somente pela graça do Senhor Jesus Cristo pode essa vitória ser ganha, a qual terá a recompensa revelada neste livro. Não a recebamos em vão.

G. R. BEASLEY-MURRAY